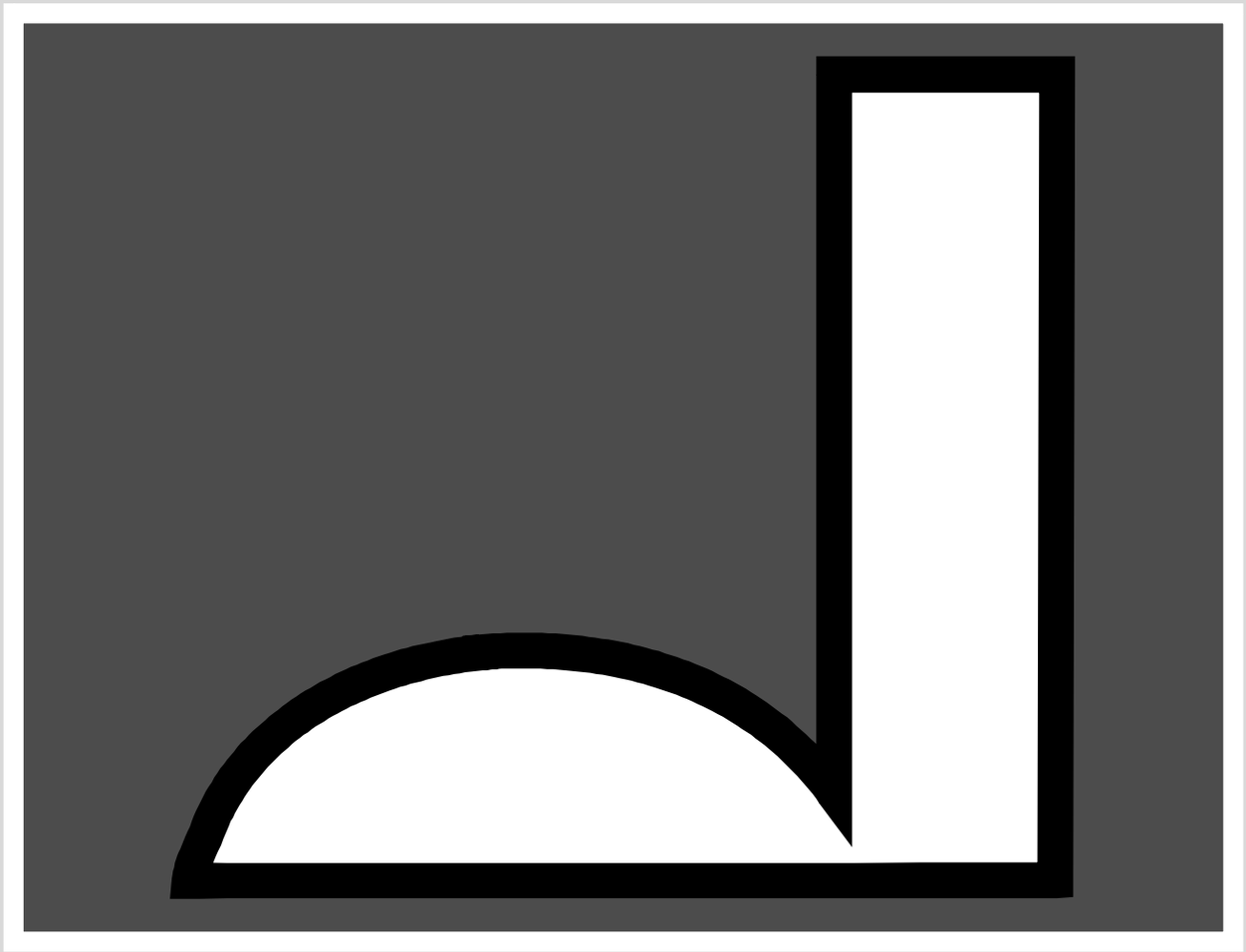
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO SENADO FEDERAL

ATAS E NOTAS TAQUIGRÁFICAS – CPMI DOS CORREIOS

Reuniões da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito criada pelo Requerimento Nº 3, de 2005-CN, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por Agentes Públicos nos Correios – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

(Reuniões da Comissão e das Sub-Relatorias: Plenário, Contratos, Fontes Financeiras, Fundos de Pensão, IRB e Normas de Combate à Corrupção)

VOLUME V/IX

ANO LXI - SUP. AO Nº 120 - TERÇA-FEIRA, 18 DE JULHO DE 2006 - BRASÍLIA-DF

MESA DO SENADO FEDERAL

Presidente Renan Calheiros – PMDB-AL **1º Vice-Presidente** Tião Viana – PT-AC **2º Vice-Presidente** Antero Paes de Barros – PSDB-MT **1º Secretário** Efraim Morais – PFL-PB **2º Secretário** João Alberto Souza – PMDB-MA	**3º Secretário** Paulo Octávio – PFL-DF **4º Secretário** Eduardo Siqueira Campos – PSDB-TO **Suplentes de Secretário** **1ª -** Serys Slhessarenko – PT-MT **2º -** Papaléo Paes – PSDB-AP **3º -** Alvaro Dias – PSDB-PR **4º -** Aelton Freitas – PL-MG

LIDERANÇAS

MAIORIA (PMDB) – 20	BLOCO DE APOIO AO GOVERNO (PT/PL/PSB)- 16	LIDERANÇA PARLAMENTAR DA MINORIA (PFL/PSDB) – 32
LÍDER **Ney Suassuna** VICE-LÍDERES Garibaldi Alves Filho Romero Jucá Gilberto Mestrinho (vago) Amir Lando Ramez Tebet (vago) **LÍDER DO PMDB – 20** **Ney Suassuna** VICE-LÍDERES DO PMDB Luiz Otávio Valdir Raupp (vago) (vago) Alberto Silva Wellington Salgado de Oliveira	**LÍDER** **Ideli Salvatti – PT** VICE-LÍDERES Sibá Machado – PT Antônio Carlos Valadares – PSB **LÍDER DO PT – 11** **Ideli Salvatti** VICE-LÍDERES DO PT Sibá Machado Ana Júlia Carepa Flávio Arns Roberto Saturnino **LÍDER DO PL – 3** **João Ribeiro** VICE-LÍDER DO PL Aelton Freitas **LÍDER DO PSB – 2** **Antônio Carlos Valadares** VICE-LÍDER DO PSB (vago)	**LÍDER** **Alvaro Dias – PSDB** VICE-LÍDERES (vago) Tasso Jereissati – PSDB César Borges – PFL Eduardo Azeredo – PSDB Rodolpho Tourinho – PFL Demóstenes Torres – PFL **LÍDER DO PFL – 16** **José Agripino** VICE-LÍDERES DO PFL Demóstenes Torres César Borges Rodolpho Tourinho Maria do Carmo Alves Romeu Tuma (vago) **LÍDER DO PSDB – 16** **Arthur Virgílio** VICE-LÍDERES DO PSDB Lúcia Vânia Leonel Pavan Flexa Ribeiro Papaléo Paes João Batista Motta
LÍDER DO PDT – 4 **Osmar Dias** VICE-LÍDER DO PDT (vago) **LÍDER DO PRB– 2** **Marcelo Crivella**	**LÍDER DO PTB – 5** **Mozarildo Cavalcanti** VICE-LÍDER DO PTB Sérgio Zambiasi **LÍDER DO P-SOL – 1** **Heloísa Helena**	**LÍDER DO GOVERNO** **Aloizio Mercadante – PT** VICE-LÍDERES DO GOVERNO Romero Jucá – PMDB Ideli Salvatti – PT (vago) (vago) Fernando Bezerra – PTB (vago)

EXPEDIENTE

Agaciel da Silva Maia Diretor-Geral do Senado Federal **Júlio Werner Pedrosa** Diretor da Secretaria Especial de Editoração e Publicações **José Farias Maranhão** Diretor da Subsecretaria Industrial	**Raimundo Carreiro Silva** Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal **Ronald Cavalcante Gonçalves** Diretor da Subsecretaria de Ata **Denise Ortega de Baere** Diretora da Subsecretaria de Taquigrafia

Impresso sob a responsabilidade da Presidência do Senado Federal. (Art. 48, nº 31, RISF)

ELABORADO PELA SUBSECRETARIA DE ATA DO SENADO FEDERAL

SENADO FEDERAL

SUMÁRIO

1 – ATAS E NOTAS TAQUIGRÁFICAS – CPMI DOS CORREIOS

1.1 – Plenário

1ª Reunião, em 09/06/2005 5
2ª Reunião, em 14/06/2005 19
3ª Reunião, em 21/06/2005 50
4ª Reunião, em 23/06/2005 209
5ª Reunião, em 28/06/2005 322
6ª Reunião, em 29/06/2005 470
7ª Reunião, em 30/06/2005 508
8ª Reunião, em 30/06/2005 543
9ª Reunião, em 05/07/2005 638
10ª Reunião, em 06/07/2005 802
11ª Reunião, em 07/07/2005 966
12ª Reunião, em 12/07/2005 1097
13ª Reunião, em 13/07/2005 1240
14ª Reunião, em 14/07/2005 1410
15ª Reunião, em 19/07/2005 1456
16ª Reunião, em 20/07/2005 1586
17ª Reunião, em 21/07/2005 1735
18ª Reunião, em 26/07/2005 1742
19ª Reunião, em 27/07/2005 1838
20ª Reunião, em 02/08/2005 1868
21ª Reunião, em 03/08/2005 1894
22ª Reunião, em 04/08/2005 2028
23ª Reunião, em 09/08/2005 2096
24ª Reunião, em 11/08/2005 2109
25ª Reunião, em 11/08/2005 2256
26ª Reunião, em 16/08/2005 2370
27ª Reunião, em 17/08/2005 2389
28ª Reunião, em 18/08/2005 2393
29ª Reunião, em 23/08/2005 2488
30ª Reunião, em 24/08/2005 2599
31ª Reunião, em 25/08/2005 2701
32ª Reunião, em 31/08/2005 2755
33ª Reunião, em 01/09/2005 2827
34ª Reunião, em 01/09/2005 2827
35ª Reunião, em 14/09/2005 2855
36ª Reunião, em 15/09/2005 3035
37ª Reunião, em 21/09/2005 3081
38ª Reunião, em 22/09/2005 3202
39ª Reunião, em 29/09/2005 3208
40ª Reunião, em 04/10/2005 3222
41ª Reunião, em 05/10/2005 3293
42ª Reunião, em 06/10/2005 3294
43ª Reunião, em 19/10/2005 3362
44ª Reunião, em 25/10/2005 3367
45ª Reunião, em 09/11/2005 3413
46ª Reunião, em 10/11/2005 3450
47ª Reunião, em 16/11/2005 3506
48ª Reunião, em 22/11/2005 3565
49ª Reunião, em 30/11/2005 3592
50ª Reunião, em 01/12/2005 3623
51ª Reunião, em 05/12/2005 3693
52ª Reunião, em 06/12/2005 3761
53ª Reunião, em 07/12/2005 3842
54ª Reunião, em 14/12/2005 3899
55ª Reunião, em 15/12/2005 3901
56ª Reunião, em 21/12/2005 3901
57ª Reunião, em 18/01/2006 3941
58ª Reunião, em 01/02/2006 3979
59ª Reunião, em 02/02/2006 4013
60ª Reunião, em 09/02/2006 4045
61ª Reunião, em 15/02/2006 4073
62ª Reunião, em 21/02/2006 4152
63ª Reunião, em 15/03/2006 4160
64ª Reunião, em 29/03/2006 4211
65ª Reunião, em 04/04/2006 4263

1.2 – Contratos

1ª Reunião, em 30/08/2005 4362
2ª Reunião, em 13/09/2005 4414
3ª Reunião, em 22/09/2005 4437
4ª Reunião, em 27/09/2005 4492
5ª Reunião, em 05/10/2005 4558
6ª Reunião, em 18/10/2005 4618
7ª Reunião, em 19/10/2005 4683
8ª Reunião, em 20/10/2005 4786
9ª Reunião, em 25/10/2005 4850
10ª Reunião, em 08/11/2005 4943
11ª Reunião, em 09/11/2005 4981

12ª Reunião, em 10/11/2005 5016
13ª Reunião, em 16/11/2005 5077
14ª Reunião, em 23/11/2005 5104
15ª Reunião, em 24/11/2005 5145
16ª Reunião, em 29/11/2005 5179
17ª Reunião, em 30/11/2005 5220
18ª Reunião, em 13/12/2005 5223
19ª Reunião, em 14/12/2005 5290
20ª Reunião, em 15/12/2005 5350
21ª Reunião, em 21/12/2005 5379
22ª Reunião, em 28/12/2005 5387
23ª Reunião, em 03/01/2006 5492
24ª Reunião, em 17/01/2006 5582
25ª Reunião, em 25/01/2006 5682
26ª Reunião, em 26/01/2006 5729
27ª Reunião, em 02/02/2006 5785
28ª Reunião, em 07/02/2006 5868
29ª Reunião, em 08/02/2006 5912
30ª Reunião, em 09/02/2006 5979
31ª Reunião, em 16/02/2006 6081
32ª Reunião, em 22/02/2006 6196
33ª Reunião, em 02/03/2006 6218
34ª Reunião, em 07/03/2006 6267
35ª Reunião, em 08/03/2006 6313
36ª Reunião, em 09/03/2006 6432
37ª Reunião, em 14/03/2006 6442
38ª Reunião, em 15/03/2006 6515
39ª Reunião, em 16/03/2006 6527

1.3 – Fontes Financeiras

1ª Reunião, em 13/09/2005 6566
2ª Reunião, em 20/09/2005 6621
3ª Reunião, em 27/09/2005 6633
4ª Reunião, em 04/10/2005 6707
5ª Reunião, em 06/10/2005 6742
6ª Reunião, em 11/10/2005 6774
7ª Reunião, em 18/10/2005 6841
8ª Reunião, em 16/11/2005 6851

1.4 – Fundos de Pensão

1ª Reunião, em 11/01/2006 6878
2ª Reunião, em 12/01/2006 6903
3ª Reunião, em 24/01/2006 6934
4ª Reunião, em 25/01/2006 6997
5ª Reunião, em 26/01/2006 7039
6ª Reunião, em 30/01/2006 7070
7ª Reunião, em 31/01/2006 7103
8ª Reunião, em 02/02/2006 7169
9ª Reunião, em 07/02/2006 7203
10ª Reunião, em 08/02/2006 7231
11ª Reunião, em 09/02/2006 7265
12ª Reunião, em 13/02/2006 7321
13ª Reunião, em 14/02/2006 7383
14ª Reunião, em 15/02/2006 7436
15ª Reunião, em 16/02/2006 7437
16ª Reunião, em 20/02/2006 7484
17ª Reunião, em 21/02/2006 7535
18ª Reunião, em 22/02/2006 7667
19ª Reunião, em 02/03/2006 7669
20ª Reunião, em 06/03/2006 7743
21ª Reunião, em 07/03/2006 7799
22ª Reunião, em 08/03/2006 7810
23ª Reunião, em 09/03/2006 7883
24ª Reunião, em 10/03/2006 7940

1.5 – IRB

1ª Reunião, em 06/10/2005 7981
2ª Reunião, em 15/12/2005 8003
3ª Reunião, em 10/01/2006 8012
4ª Reunião, em 11/01/2006 8026
5ª Reunião, em 02/03/2006 8059
6ª Reunião, em 14/03/2006 8082
7ª Reunião, em 14/03/2006 8106

1.6 – Normas de Combate à Corrupção

1ª Reunião, em 10/01/2006 8133
2ª Reunião, em 17/01/2006 8228
3ª Reunião, em 19/01/2006 8289
4ª Reunião, em 24/01/2006 8330
5ª Reunião, em 26/01/2006 8395
6ª Reunião, em 31/01/2006 8427
7ª Reunião, em 01/02/2006 8474
8ª Reunião, em 02/02/2006 8497
9ª Reunião, em 06/02/2006 8517
10ª Reunião, em 07/02/2006 8553
11ª Reunião, em 08/02/2006 8584
12ª Reunião, em 09/02/2006 8610
13ª Reunião, em 13/02/2006 8645
14ª Reunião, em 14/02/2006 8660
15ª Reunião, em 02/03/2006 8697
16ª Reunião, em 06/03/2006 8722
17ª Reunião, em 08/03/2006 8738
18ª Reunião, em 09/03/2006 8754
19ª Reunião, em 14/03/2006 8766
20ª Reunião, em 14/03/2006 8785
21ª Reunião, em 16/03/2006 8808
22ª Reunião, em 22/03/2006 8823

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA
DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS
DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN,
PARA INVESTIGAR AS CAUSAS
E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS
E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS
POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS
– EMPRESA BRASILEIRA
DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

Ata da 61ª Reunião, realizada em 15/02/2006.

Ao décimo quinto dia do mês de fevereiro do ano de dois mil e seis, às dezessete horas e trinta e dois minutos, na sala 02 da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Senador Delcídio Amaral e ainda com as presenças dos Senhores Senadores Álvaro Dias, Ideli Salvatti, Heloísa Helena, Aelton Freitas, Sibá Machado, Romeu Tuma, Valdir Raupp, Luiz Otávio, César Borges, Efraim Morais, Arthur Virgilio e Wellington Salgado; e dos Deputados Antônio Carlos Magalhães Neto, Carlos Abicalil, Osmar Serraglio, Eduardo Paes, Gustavo Fruet, Arnaldo Faria de Sá, Carlos Willian, Juíza Denise Frossard, Dr. Rosinha, Jamil Murad, José Eduardo Cardoso, Sílvio Torres, Antônio Carlos Pannunzio, Geraldo Thadeu, Ildeu Araújo, Asdrúbal Bentes e Murilo Zauith, reúne-se a COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Havendo numero regimental, o Senhor presidente declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se à oitiva do Senhor Dimas Fabiano Toledo (Ex-Diretor de Furnas). O presidente, Senador Delcídio Amaral começa a reunião fazendo um relato de que foi ameaçado, via carta, e demonstra sua decepção pelo acontecido. Todos os Senadores e Deputados, foram solidários ao Senador. A presidência, em atendimento a solicitação do Deputado Silvio Torres, determina à assessoria que providencie cópia do depoimento do ex-Deputado Roberto Jefferson prestado na Polícia Federal de Brasília, para os parlamentares presentes na reunião. Pede a palavra o Deputado Carlos Willian, e para uma questão de ordem, solicita a presidência que tome as cabíveis providências a respeito do depoente Benito Siciliano, que se comprometeu em assinar um termo disponibilizando seu sigilo e deixou a sessão sem assiná-lo. A presidência solicita a assessoria da comissão para que tome as providências cabíveis. Informa ainda estar de posse de cópias do depoimento do ex-Deputado Roberto Jefferson e pede a assessoria para que a disponibilize para todos os parlamentares em que aqui se encontram. A seguir registra que o depoente Dimas Fabiano Toledo, dispõe de recurso de Hábeas Corpus, que passa a ler em breves palavras, pois o mesmo fará seu depoimento como investigado. É solicitada a presença do depoente para fazer suas qualificações. Com a palavra, o Senhor Dimas Fabiano Toledo. Pela ordem, o Senador Arthur Virgilio pede a presidência para que antes dos esclarecimentos iniciais do depoente, que ele leia um dossiê completo relativo ao Senhor Dimas Fabiano Toledo. O presidente passa a palavra ao depoente para seus esclarecimentos, tendo o mesmo iniciado relatando sobre sua vida profissional. Pela ordem, o Deputado Arnaldo Faria de Sá, pede a presidência que providencie a cópia do depoimento do Senhor Dimas Fabiano Toledo. Cópia providenciada. A presidência passa a palavra ao relator, que questiona o depoente. A presidência passa a palavra aos seguintes parlamentares: Murilo Zauith, Antônio Carlos Magalhães Neto, Ideli Salvatti, Geraldo Thadeu, Arnaldo Faria de Sá, Jamil Murad, Eduardo Paes, José Eduardo Cardozo, Álvaro Dias, Eduardo Paes, Arthur Virgílio, Ideli Salvatti, Antônio Carlos Pannunzio, Jamil Murad, Mauricio Rands, Arthur Virgílio, Carlos William, Heloísa Helena, Gustavo Fruet, Geraldo Thadeu, Silvio Torres, Carlos Abicalil, Ideli Salvati, Arthur Virgílio, Tasso Gereissat, José Eduardo Cardoso. O depoente declara que assinará termo produzido pela Comissão disponibilizando seus sigilos bancário, fiscal e telefônico. Por fim, o Deputado José Eduardo Cardoso solicita à Presidência seja feita auditoria nos contratos Bauruense e Canal Energia. Ato contínuo, a palavra é passada aos deputados: Jamil Murad, Dr Rosinha, Antônio Carlos Mendes Thame, Jair Bolsonaro e Carlos Willian. Antes do término da reunião o depoente declara que não mais disponibilizará seus sigilos à Comissão por entender ser mais coerente que seja por intermédio de requerimento que discrimine sua abrangência. A Presidência informa que a Comissão se reunirá na próxima terça-feira, às 15h para reunião administrativa. Nada mais havendo a tratar o Presidente agradece e às zero horas e vinte minutos do dia dezesseis, encerra-se a presente reunião e, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente.

NOTA TAQUIGRÁFICA

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com as bênçãos de Deus, damos início a Sexagésima Primeira Reunião da Comissão Parla-

mentar Mista de Inquérito criada pelo Requerimento de número 3/2005 do Congresso Nacional. Para Investigar as Causas e Conseqüências de Denúncias e Atos Delituosos praticados por Agentes Públicos nos Correios, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Eu gostaria só de, só para esclarecer. O senhor Dimas Toledo já se encontra na ante-sala aqui da CPI e eu gostaria só de informar até para aproveitar a oportunidade de esclarecer, porque muitas pessoas me perguntaram e só para registrar. Eu tive um triste acontecimento que eu acho que já ocorreu também com outros Parlamentares aqui, e eu lembro da Senadora Heloísa, mais especificamente, mas eu tive a infelicidade hoje de passar por uma experiência muito ruim com a carta ameaçando a minha família e quero dizer a vocês rapidamente, até porque eu tenho uma vida absolutamente discreta, que eu estou tomando as providências devidas junto à Secretaria de Segurança do estado de Mato Grosso do Sul e também fui ao Ministro Márcio Thomaz Bastos que, de pronto, também já entrou em contato com o Dr. Paulo Lacerda para as ações devidas da Polícia Federal. Uma coisa lamentável, triste, não só pelo fato em si, mas pelo teor da carta. Uma coisa absolutamente abominável! Portanto, eu estou sendo ameaçado através das coisas mais importantes que eu tenho na minha vida, que é a minha mulher e as minhas filhas, mas não me intimidam não! E essa gracinha eu vou descobrir quem fez. Porque é triste e lamentável no Brasil do século XXI, com tudo aquilo que nós conquistamos, no que se refere a direitos individuais e no nosso próprio processo democrático, é lamentável, para não dizer bizarro e ridículo, o que aconteceu. Então, mais para título de esclarecimento, para que não haja dúvida, não responsabilizei ninguém, até porque a carta é feita sem tratar de qualquer assunto específico, ela fica restrita às ameaças, não é? E eu acho que, como homem público e que todos aqui somos, somos homens públicos e, portanto, a nossa vida está sempre, está sempre, vem sempre acompanhada de... E nós respondemos sistematicamente por todos os nossos atos e por aquilo que acontece, achei bem registrar isso para que também não haja dúvidas até porque aí começam a criar uma série de versões que não correspondem, que podem eventualmente não corresponder à realidade. A história, basicamente, é essa. E eu-- nós vamos iniciar os trabalhos.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Vamos--

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Pela ordem. Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Senador Arthur Virgílio.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Dizer de maneira bastante breve que V.Exa. merece toda a nossa solidariedade. Eu tenho certeza que falo em nome de todos os seus companheiros, adversários, colegas de Parlamento, colegas de Câmara e Congresso e Senado. E que V.Exa. entenda esta ameaça, que não se realizará, como uma medalha, como uma... Como na verdade um reconhecimento, até de quem não presta, ao trabalho correto que V.Exa., o Vice-Presidente e o ilustre Relator vão fazendo nesta Comissão Parlamentar de Inquérito. Portanto, na verdade e que sua família tenha orgulho. Tenha orgulho do trabalho honrado, correto e justo que V.Exa. vem processando na Comissão Parlamentar de Inquérito dos Correios e disse muito bem o Deputado Maurício Rands, não tenho dúvida alguma de que aqui não fala o líder do PSDB. Aqui fala um Senador, um congressista em nome de todos os partidos com assento neste Congresso.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Senador Arthur Virgílio. Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOISA HELENA (PSOL-AL): Eu também, Senador Arthur Virgílio. Eu queria dar a minha solidariedade a V.Exa. e à Maica, até porque a esposa de V.Exa. é uma pessoa que não se mete no mundo da política, é uma pessoa absolutamente tranqüila, uma pessoa distante desse mundo maldito de turbulências e infâmias. E acaba sendo a pessoa que é mais vítima de um processo como esse. Então a minha solidariedade. Eu sei a dor que dá, porque eu passei por uma situação semelhante, eu sei exatamente o quanto isso repercutiu de uma forma gravíssima em um dos meus filhos, de uma forma muito grave em um dos meus filhos. Porque são as velhas ameaças de sempre. "Que matam, esquartejam, violentam". Essas coisas mais tenebrosas que só pessoas pusilânimes, de almas pequenas são capazes de fazer uma coisa como essa. Então a minha solidariedade para V.Exa., Maica, para as meninas e que eu espero que as providências sejam tomadas. Nós vivenciamos uma situação na Casa, o Senador Arthur Virgílio, eu, vários outros Senadores solicitamos providências. Então as providências quando são tomadas para uns, elas de alguma forma minimizam o risco de que outros ficam expostos a uma dor tão grande como essa. Porque não é uma brincadeira, só. É muito fácil para quem está ouvindo, "mas foi só uma carta". Não é! Uma carta como essa, com os termos como foram colocados, eu sei exatamente o que é o significado disso para quem não está no mundo da política porque é muito fácil para a gente dizer: "Não vão nos intimidar". "Não vão nos ame-

drontar!" Mas para as nossas crianças que estão em Casa e para a sua esposa, a gente sabe exatamente o quanto marca profundamente a alma e o coração de uma pessoa. Portanto, a nossa solidariedade.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigada, Senadora Heloísa Helena.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Presidente--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputada Juíza Denise Frossard.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Presidente--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Depois Deputado Arnaldo, Deputado Murilo. Deputado Abicalil. Deputado Jamil, Deputado Silvio Torres. Senadora Ideli, hoje eleita por unanimidade a líder do PT no Senado Federal.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Sr. Presidente, eu vou num outro diapasão, até em razão da minha anterior trajetória profissional. É muito importante que o investigador deste fato chegue aos culpados. Porque o que leva o criminoso a ficar assanhado, é a impunidade. Porque agrega na mente dele que o crime compensa, "CustoXBenefício". Então é muito importante que cada um de nós exija do diretor da Polícia Federal o resultado desta apuração, o quanto antes. Este é um fato objetivo para tratar com o criminoso porque isto é um crime. Agora, por outro lado, se eu posso tranqüilizá-lo e aqui a minha palavra é nesse sentido, Presidente, é que está entregue o caso e está em boas mãos, eu acredito. Mas, por outro lado, a experiência que eu tenho nesta área me indica que geralmente estas ameaças não são, não são levadas a efeito. Geralmente, não ameaçam. Fazem. Fazem. Não mandam aviso. Esses que não mandam aviso é que são perigosos. De modo que a sua esposa se tranqüilize mais, suas filhas também e o senhor conte conosco a qualquer hora. Estamos aqui.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado, Deputada Juíza Denise Frossard. Deputado Arnaldo Faria de Sá.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, eu queria, ao mesmo tempo em que vamos hipotecar solidariedade total não só a V.Exa. como sua família também... [soa a campainha] dizer que também, como lembrou V.Exa., nós não nos preocupemos tanto com o teor da carta, mas nossos familiares lamentavelmente não têm essa mesma tranqüilidade e acabam ficando assustados. Por eles, certamente, nós temos que ter esse cuidado e essa cautela. Eu já a questão de uns 15 dias atrás, Sr. Presidente, recebi recado de alguém que disse que a serviço da ABIN estava me espionando. Não estou preocupado, pode me espionar, e lamento que agora não só apenas um membro da CPMI seja atingido, como tente atingir o Presidente da CPMI. Não se curve, Presidente, conte com o nosso apoio!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Arnaldo Faria de Sá. Obrigado pelas palavras, Deputado Murilo Zauith, Deputado Federal do meu estado, com muita honra.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): O que você está passando nesse momento, eu que conheço a sua trajetória como Parlamentar do nosso estado do Mato Grosso do Sul. Conheço sua família, a Maica, as suas filhas, a integridade, ações de vida que você tem e isso nos abala profundamente. Porque você aqui como Parlamentar está cumprindo uma missão. Você, representante do povo sul mato-grossense, foi indicado pelo seu partido para compor essa Comissão, presidi-la e faz isso com desenvoltura e com equilíbrio fazendo um trabalho pelo Brasil, para melhorar o nosso país. E tenho certeza que nós todos somos solidários e Mato Grosso do Sul, toda a classe política está ao seu lado nesse momento, porque o Mato Grosso do Sul tem uma imagem boa e tenho certeza que não é através de atos como esse, que estão tentando intimidá-lo. que eles vão ter sucesso. Conte com toda a bancada do Mato Grosso do Sul, conte com a população que eu tenho certeza que está são seu lado e está admirando o trabalho o que senhor está desenvolvendo aqui. Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado, Deputado Murilo, me envaidece muito o posicionamento de V.Exa. Passo a palavra para o Deputado Abicalil, depois Deputado Silvio Torres, depois Senadora Ideli, Deputado Jamil Murad e Deputado ACM Neto.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Meu caro Presidente Delcídio Amaral, Presidente dessa Comissão, eu não sou do Mato Grosso do Sul e sequer o conhecia antes do nosso exercício Parlamentar. Mas quero aqui expressar que o sentimento que nos toma nesse momento não é apenas de solidariedade absoluta com V.Exa., com sua esposa, suas filhas, mas é também o sentimento de indignação por reações de pessoas obtusas, de interesses que são ocultados e que tem enfrentado aqui nessa CPMI não apenas a disposição de todos a partir da condução que V.Exa. dá. De não deixar nada para "debaixo do tapete", de enfrentar os interesses que feridos, neste momento, tenham de pagar contas à nação e de que este fato, lamentável por um lado, mas por outro lado registrando a absoluta condução independente, autônoma que V.Exa. séria e honesta empresta a esta Comissão. Que

este fato nada mais é do que a confirmação do brio, da coragem, da determinação com que V.Exa. nos conduz mesmo nos momentos de maior conflitividade aqui dentro. E quero em particular, se tiver oportunidade, na visita que farei a Campo Grande na próxima sexta-feira, ter a oportunidade de saudá-lo e saudar cada uma das suas filhas e esposa, no sentido de dizer que não apenas o respeito que nós devemos a V.Exa. pertence a sua trajetória, como sem dúvida nenhuma deve ser partilhada e multiplicado entre elas também. Tenha não apenas a nossa solidariedade, mas a indignação e o apoio para que nada do que tenha sido aventado nesta carta fique sem a apuração devida e a responsabilização a quem compete. Que eu tenho certeza que não é de pequeno interesse, é de grande interesse. Mas o interesse em favor da nação é muito maior do que qualquer um que possa se ocultar no anonimato ou em ameaças que buscam nos atingir nos momentos mais agudos. Um grande abraço a V.Exa. e toda a sua família.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Abicalil. Muito obrigado pelas suas palavras. Deputado Silvio Torres.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Sr. Presidente, da mesma forma gostaria que V.Exa. registrasse que qualquer ameaça a V.Exa. ou a família de V.Exa. é uma ameaça sobre todos nós, que somos seus companheiros de CPI, solidários com V.Exa. não apenas na luta que V.Exa. empreende, mas solidários com V.Exa. como pessoa. Todos nós, pessoalmente, ou corporativamente estaremos ao seu lado nessa luta que V.Exa., o Deputado Osmar Serraglio também, outra pessoa como V.Exa., lutador, denodado e corajoso. Quero aproveitar essa questão de ordem, Sr. Presidente, para já encaminhar no sentido da nossa reunião próxima e dizer que o principal motivo da convocação do senhor Dimas Toledo foi o depoimento prestado pelo ex-Deputado Roberto Jefferson à Polícia Federal quando ele se acusou de ter recebido 75 mil reais de um esquema da tal lista de FURNAS. Por essa razão, Sr. Presidente, fui buscar elementos que pudesse nos ajudar nas investigações e constatei que a nossa CPI ainda não teve acesso a esse documento. Solicito então de V.Exa., que em caráter de urgência, requisite da Polícia Federal a cópia desse depoimento e se possível ainda hoje para que nós possamos usá-lo nesse depoimento.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu peço à Assessoria da CPI preparar ainda hoje para encaminhamento a solicitação do depoimento do Deputado Roberto Jefferson à Polícia Federal. Com a palavra o Deputado Jamil Murad.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Presidente Delcídio Amaral, nós queremos em nome do PC do B prestar a nossa solidariedade, o nosso apoio e demonstrar a nossa indignação perante a ameaça à sua vida e da vida da sua família. V.Exa. foi escolhido aqui como Presidente porque era detentor de qualidades, virtudes para conduzir essa importante CPI. Sabíamos que muitos problemas poderiam acontecer. Mas não estava no horizonte ameaça à vida. Nós, nesse momento, não podemos nos curvar. Em nome de uma sociedade brasileira mais civilizada, nós não podemos nos curvar à covardia, nós não podemos nos curvar ao Crime Organizado e essa ameaça que paira sobre V.Exa. e sua família é uma ameaça que paira sobre a sociedade brasileira. O seu futuro como Nação, como um povo que deseja ter, viver de maneira civilizada. Então, esse problema além de que, se atingisse só V.Exa. ou só a sua família já era um grande problema. E o Ministério da Justiça, as instituições deveriam tomar todas as providências para salvaguardar a sua vida e da sua família. Já seria uma missão extraordinária! Só que essa ameaça ela paira sobre o futuro da nação brasileira. O futuro da sociedade brasileira. Nós não nos curvaremos ao Crime Organizado. Nós não nos curvaremos aos covardes que buscam eliminar vidas para encobrir crimes. Portanto, o senhor tem o nosso apoio, a nossa solidariedade e conte conosco, em qualquer circunstância, para colocar esses que cometeram esse crime, para colocá-los nas mãos da Justiça para que paguem, para que não ameacem mais não só V.Exa. e sua família mas à sociedade brasileira. Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado Deputado Jamil Murad pelas palavras. Senadora Ideli e depois Deputado ACM Neto.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Presidente, eu quero publicizar a solidariedade irrestrita da bancada do Partido dos Trabalhadores. Hoje pela manhã quando... [soa a campainha]. Em nossa reunião de bancada fomos informados da carta, a indignação tomou conta de todos nós pelo carinho que temos, não é, à vossa pessoa, à Maica, às duas meninas maravilhosas, que vocês dois têm. E as providências que foram desencadeadas, em decorrência da ameaça e da carta, nos dão a certeza de que ter ocorrido, inclusive esta carta no dia de hoje, é um sinal efetivo de que o caminho adotado por esta CPI, o caminho sério e de responsabilidade, apesar de todo o embate, o combate, o acirramento das posturas políticas aqui adotadas pelos membros que compõem esta CPI, levam esta investigação e vão chegar a bom termo. Portanto, os que não querem que a investigação aconteça e chegue

a bom termo, talvez estejam utilizando num dia como hoje, que é um dia emblemático, estamos aí com toda a imprensa acompanhando com muita expectativa o que daqui vai sair ou não vai sair deste depoimento. mas ter acontecido no dia de hoje, eu acho, no dia de hoje e com a sua pessoa, com a sua família não é tão gratuito assim. Por isso, Sr. Presidente, eu quero aqui deixar esse registro da solidariedade, a certeza de que as autoridades que foram informadas tomarão todas as providências para dar a segurança que tanto a sua família, a Maica, as meninas, como o senhor que nos preside, possa ter a tranqüilidade para a gente dar encerramento às investigações que vêm sendo conduzidas por V.Exa. em tão bom termo. Então eu queria aqui deixar registrado a solidariedade, e dizer que em momentos conturbados como este, aqueles que não querem a apuração dos fatos se colocam nesta condição de cartinhas anônimas, de ameaças veladas, de recados pela rádio corredor, não é? "Olha, se for por aí nós vamos fazer tal coisa". "Se você continuar insistindo nesta linha então vai vir troco". Não é? Todos nós já passamos por isso e por isso que é muito importante a gente estar aqui hoje prestando a solidariedade mais irrestrita neste episódio que com certeza deve estar, não é, conturbando e perturbando a tranqüilidade do seu lar que é sagrado e que nós temos a obrigação de contribuir para que continue tranqüilo, preservado, com saúde e com o carinho que a gente sabe que reina na sua família.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigada Senadora Ideli pelas palavras de carinho e... Fico muito feliz. Deputado ACM Neto.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, eu quero ser bem breve. O Deputado Murilo falou aqui como conterrâneo seu e como um cidadão do Mato Grosso do Sul. Eu quero falar nesse momento pelo PFL. Para dizer que nós lhe rendemos nesse momento irrestrita solidariedade. E para lhe dizer também que qualquer ofensa diretamente à sua pessoa a qualquer um dos seus é também uma ofensa contra nós. O senhor tenha a certeza que além do amparo legal o senhor vai ter o amparo dos seus colegas de Parlamento que aprenderam a lhe admirar, a lhe respeitar e a serem conduzidos pelo senhor nesta CPMI. Nós não temos nenhuma dúvida, Presidente Delcídio, que essa tentativa é inócua, que ela é uma agressão ao Congresso Nacional e que ela terá que ser desvendada, terá que ser esclarecida. E conte conosco para que isso aconteça. Hoje e sempre.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado, questão de ordem.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Pode continuar, depois eu faço a minha questão de ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nobre Deputado José Eduardo Cardozo.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Sr. Presidente, eu faço minha as palavras dos meus colegas. Eu apenas gostaria de frisar que não há dúvida que, em diversos momentos dessa Comissão Parlamentar de Inquérito, parece que nós esbarramos com segmentos de Crime Organizado. O Crime Organizado ele tem por tática a intimidação, a desmoralização e inclusive, eventualmente, o suborno. São as táticas históricas do Crime Organizado. Evidentemente, Sr. Presidente, a ameaça que V.Exa. hoje recebe é uma ameaça que creio vem exatamente dentro dessa perspectiva. É a intimidação. No entanto, há que ficar claro, Presidente, senhores Deputados, que uma ameaça feita à um membro dessa Comissão Parlamentar de Inquérito é uma ameaça ao Parlamento brasileiro. Por mais divisões que nós tenhamos, partidárias, ideológicas e políticas, há questões que são maiores do que as nossas disputas e essa é uma delas. O poder do Parlamentar cumprir aquela sua missão constitucional de investigar. Portanto, saiba, Sr. Presidente, que temos aqui muitas divisões, mas que nesta questão, ao tocarem na prerrogativa de um Parlamentar, nós estaremos todos juntos doa a quem doer. A ameaça de V.Exa. é uma ameaça a cada de um nós. É uma ameaça que será rechaçada com a coragem daqueles que não se curvam. V.Exa. a tem e nós também a teremos. Pode ter certeza V.Exa., portanto, que mais do que nunca os membros dessa Comissão Parlamentar de Inquérito estarão unidos na busca da verdade e dos fatos. E aquele que pensar que as pessoas dessa CPI serão intimidadas de qualquer forma ou por atos desse tipo ou por tentativas de desmoralização, saibam que a resposta será cada vez mais a investigação corajosa e firme, porque a verdade é o nosso dever. Presidente, V.Exa., ao ser atacado, ao ser ameaçado dessa forma saiba que todos nós também nos sentimos ameaçados. Somos um só corpo nesse momento em defesa de V.Exa..

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado José Eduardo Cardozo. Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Sr. Presidente, primeiro eu gostaria de solidarizar-me com V.Exa. também, junto com todos os nossos colegas. E dizer a V.Exa. que a próprio Bíblia Sagrada diz que "quando o bem se levanta, o mal também se levanta". Agora, Sr. Presidente, a Bíblia fala que "quando o bem

se levanta, o mal também se levanta", mas o mal se levanta para cair e o bem continua. Então, uma pessoa como V.Exa. que está prestando um grande serviço a esta nação, Deus não vai permitir que o inimigo toque nem em V.Exa. e nem em sua família. Nós vamos estar orando e acredito também que o Brasil também vai estar orando por uma pessoa de bem como o senhor, que tão bem está trabalhando para apurar as denúncias e tirar várias pessoas corruptas deste país. E por falar em corrupção, Sr. Presidente, a minha questão de ordem é a seguinte, ontem na CPMI [soa a campainha], na Subrelatoria dos Fundos de Pensão, muito bem presidida pelo Deputado ACM Neto, nós tivemos a presença, a início até disse, de um dos maiores colarinhos brancos desse país. Que é o senhor Benito Siciliano, que foi diretor da REAL GRANDEZA. Onde eu apresentei uma *off-shore* Aragona (F) no Uruguai, onde ele é o beneficiário que comprou uma Casa de dois milhões de dólares no Rio de Janeiro. Casa não, uma cobertura. Posteriormente, Sr. Presidente, eu apresentei a conta Estanhore (F) no Margolis (F) em Nova Iorque e ele contestou todos os dois. Nós perguntamos a ele se por um acaso ele assinaria um documento autorizando a repatriar os recursos que foram surrupiados dos Fundos de Pensões do Brasil, se isso pudesse ser repatriado ao Brasil se fosse ele o beneficiário. E se acaso esse apartamento também fosse dele, isso também fosse transferido de novo para o patrimônio público. [soa a campainha]. Aí, Sr. Presidente, esse senhor Benito Siciliano, se comprometeu durante a sessão em assinar o documento, ele e o advogado desceram para a sala administrativa da CPMI e enquanto a Assessoria da CPMI preparava os documentos, simplesmente ele fugiu da CPMI. E não assinou o documento. Então eu gostaria que V.Exa. estudasse nos termos regimentais para que a Polícia Federal fosse buscar esse senhor Benito Siciliano. Para que ele pudesse estar aqui assinando este Têrmo de Compromisso, para que os dependentes do Fundo de Pensão pudessem ter de novo estes recursos. Eu sei que a assessoria da Casa já fez contato com o advogado e ele se compromete ai trazer. Mas isso não justifica dele ter fugido desta Casa e ter fugido desta CPMI! E duvido também que o advogado o faça! Então acredito que nós devemos dar um prazo para ele até segunda-feira e se ele não comparecer que a Polícia Federal vá e traga esse cidadão debaixo de Vara, pelo menos para ele honrar o compromisso e eu tenho certeza, nessas contas, Estanhore (F), no Margolis (F) em Nova Iorque nós vamos achar todos esses recursos desviados dos Fundos de Pensão. Muito obrigado, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado Deputado Carlos Willian. Nós vamos através da Secretaria tomar as providências devidas conforme solicitação de V.Exa. Deputado Geraldo Thadeu, depois Senador Tuma para que nós comecemos a nossa reunião. O nosso depoimento do senhor Dimas Toledo. Deputado Geraldo Thadeu.

DEPUTADO GERALDO THADEU (PPS-MG): Caro Presidente Delcídio Amaral, senhoras e senhores Parlamentares, e aqui no nosso nome, do PPS, nós queremos trazer aqui a nossa solidariedade. Em breves palavras, Sr. Presidente, da nossa confiança e da maneira que V.Exa. tem conduzido os trabalhos juntamente com o nosso Relator, Deputado Osmar Serraglio e Deputado Asdrubal Bentes. Essa Comissão, pode ter certeza, Senador Delcídio, todos nós somos atingidos por uma ameaça dessa. Mas eu gostaria de dizer que isso aí serve, é claro, tomando as devidas cautelas e cuidados, serve de estímulo para que nós possamos levar à frente os nossos trabalhos. E V.Exa. com toda a coragem, com toda a determinação que até agora tem conduzido os trabalhos aqui, é dizer para V.Exa.: "Vamos em frente!". Vamos chegar a uma conclusão que eu disse que essa CPMI nunca iria "terminar em pizza" e não vai terminar em pizza. Se a culpa de lá, as conseqüências não estão sendo aquelas que nós gostaríamos que fossem, a culpa não é dessa CPMI. O trabalho que essa CPMI realizou até agora, de resultados e de esclarecimento. E nós só esperamos que os trabalhos que a partir daqui sejam concluídos, também estejam no mesmo nível que a nossa CPMI. Por isso, Sr. Presidente, nossa solidariedade e vamos em frente com toda a coragem, com toda a determinação. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria só de informar o Deputado Silvio Torres e aos demais Parlamentares, nós vamos distribuir já a cópia do depoimento do ex-Deputado Roberto Jefferson à Polícia Federal. Já se encontra aqui na Mesa o depoimento e eu peço à Assessoria para reproduzir essa cópia, já foi reproduzido? Ok. Eu quero--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Esse aqui é do Dimas. Não é do Roberto, não. Esse testemunho é do Dimas.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu tenho um depoimento Roberto Jefferson Monteiro Francisco.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Mas o distribuído foi do Dimas.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Não, do... Do... O do senhor Dimas já foi distribuído também, Deputado Arnaldo. E agora está sendo distribuído o do Deputado Roberto Jefferson. Eu passo a palavra para o Senador Romeu Tuma.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Nem todos receberam aqui--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Senhor Presidente, pode distribuir os dois.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Então eu peço a assessoria técnica que distribua a cópia para todos os Parlamentares. O senhor Wanderley, doutor Wanderley está dizendo que já estão sendo tiradas as cópias necessárias e nós vamos distribuir a todos os Parlamentares. Senador Romeu Tuma com a palavra.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Presidente Delcídio, se V.Exa. permitir, não falaria como Parlamentar ou como Senador, mas como seu amigo. Que assim o considero desde os primeiros instantes... [soa a campainha] que o conheci, ainda fora desse Parlamento. Senador, por minha experiência, a Deputada também Juíza, Denise Frossard já se referiu a também experiência da profissão que ela exerceu. A ameaça [soa a campainha] anônima é própria dos covardes, Senadora Heloísa Helena. Daqueles que não têm a coragem de enfrentar aquilo que possa lhe trazer alguma clareza sobre as dúvidas que têm. Ao se aproximar, praticamente do Relatório final que o Senador Osmar Serraglio tanto está estudando e aprofundando, eu acredito que essas ameaças devem aumentar a sua intensidade. Porque os covardes não têm limite para a sua ação deletéria. Mas eu sei que V.Exa. não se atemoriza perante as ameaças. Mas eu sei, Senador, o que é a ameaça ser estendida à família do ameaçado. Esta realmente alcança a alma e o coração da pessoa que recebe essa ameaça. Então, V.Exa. tem praticamente uma coluna de ameaçados aqui dentro, que se refletem na pessoa de V.Exa. e do seu Relator. Nós todos seremos um escudo à disposição de V.Exa. permanentemente. De corpo e alma. Porque eu tenho certeza que jamais V.Exa. arredará o pé da linha de conduta e na busca da verdade e punir os responsáveis por tudo o que este país têm passado nos últimos tempos. Então que Deus o proteja, o abençoe e estaremos sempre ao seu lado na defesa da sua dignidade e na defesa física da sua família.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Amém, Presidente. Senador Romeu Tuma. Muito me honra as palavras. E o senhor sabe o afeto, a amizade e o carinho que tenho por V.Exa. E para encerrar, o Vice-Presidente, Deputado Asdrúbal Bentes e aí eu chamarei o senhor Dimas Toledo.

SR. VICE-PRESIDENTE DEP. ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Meu caro Presidente Delcídio, despiciendo dizer do apoio, do respeito, da amizade que os membros desta Mesa, o Relator e o Vice-Presidente têm por V.Exa. Depois de tantas manifestações de carinho e de apreço de todos os membros desta CPI, nós queremos apenas dizer que nós da Mesa ao invés de recebermos estas ameaças como intimidação, nós a recebemos como um estímulo para apurarmos mais profundamente e com maior seriedade e expurgarmos da vida pública nacional aqueles que há muito já deveriam ter sido expurgados. Mas uma incumbência me foi muito honrosa hoje, Sr. Presidente. Procuraram-me os servidores que assessoram esta CPMI tanto os que integram os quadros desta Casa quanto aqueles que vieram de outras repartições para que manifestasse também, em nome deles, o apoio irrestrito, a solidariedade incondicional a V.Exa. Um grande abraço e pode contar conosco, não vamos nos intimidar não.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado, meu caro Deputado Asdrubal Bentes. Pelas palavras, pelo carinho e pelo companheiro que V.Exa. é ao longo desses trabalhos todos que temos desenvolvido. Com a palavra o Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, eu, esse Parlamentar não o conhecia e os caminhos da vida permitiram essa convivência que, ao longo de mais de 7 meses, nos fez trabalhadores conjuntos na busca de um objetivo que não é nosso, é da sociedade. Eu quero dizer que é um privilégio, um orgulho muito grande estar nessa caminhada ao lado de alguém que pela sua expressão, porque não o fora, com certeza não seria ameaçado. Não se acreditasse na sua coragem, na sua vontade de efetivamente trazer à tona seja qual for a mazela, não estaria sendo ameaçado. E também compartilhando desse conhecimento familiar muito recente que tive, com a sua esposa Maica, eu quero dizer que me irmanizo nessa manifestação dos Parlamentares dizendo que isso talvez não serve de alimento, de incentivo, porque afinal se diz que é dos tropeços, das caminhadas e das dificuldades que nós nos temperamos e nos fortalecemos. E temos com certeza a proteção de alguém muito forte que é aquele que orienta a todos e que vai protegê-lo como a nós que, graças a Deus, acreditamos nesse tipo de Providência. Que nada disso se concretize e é com certeza o anseio de todos nós. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado, Deputado Osmar, pela amizade, pelo companheirismo, pela lealdade e pela confiança. E eu gostaria de registrar, antes de chamar o senhor Dimas Fabiano Toledo, que nós recebemos uma medida cautelar em *habeas corpus* de número 88020 do Ministro Sepúlveda Pertence. "Comunico a V.Exa. que nos termos da decisão cuja a cópia segue anexa o senhor Ministro Joaquim Barbosa, Relator, deferiu o

pedido de liminar para sem isentar o paciente do dever de comparecimento perante essa Comissão garantir o direito de manter-se em silêncio sobre questões que possam comprometer eventual defesa sobre o objeto das investigações do inquérito criminal 1835/2005, incurso na Superintendência Regional da Polícia Federal do Estado do Rio de Janeiro. Ademais, solicito-lhe informações sobre o alegado na petição cuja cópia acompanha este Ofício. O senhor Dimas Toledo fará um depoimento como investigado e eu peço à Assessoria da CPMI dos Correios que traga o senhor Dimas Toledo. Tendo dado início à nossa, ao depoimento do senhor Dimas Toledo e como isso vai ser questionado, ele está acompanhado do seu advogado. Deputado Arnaldo Faria de Sá sempre questiona. Doutor Rogério Marcolini, da Felipe Amodeo Advogados Associados. E eu passo a palavra de imediato.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, acho que tem mais um advogado aí.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Tudo bem, Arnaldo.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Doutora Isabela Dantas, também do mesmo escritório, Deputado Arnaldo Faria de Sá.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Obrigado, Presidente. Quem são seus advogados, Carlos Willian?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o senhor Dimas Toledo e eu gostaria... Primeiro seria importante, assim, mais uma descrição rápida do currículo, do histórico profissional e Vossa Senhoria tem o tempo suficiente para fazer uma exposição.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Sr. Presidente, pela ordem para uma preliminar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Senador Arthur Virgílio.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Antes de ouvir o senhor Dimas Toledo, depoente nesta Comissão Parlamentar de Inquérito, e levando em conta até o momento institucional que vivemos, até bem pouco, diante do fato familiar e público relatado por V.Exa., eu aproveitaria para chamar a Casa à seguinte atenção. É legítimo que venha o senhor Dimas depor, é legítimo que se investigue qualquer denúncia bem embasada. Eu não entro naquela história elitista do tipo: "Fulano de tal é um desqualificado, logo não poderia ter denunciado". Dou sempre aquele exemplo clássico de que foi o prostituto Polila (F) quem supostamente teria visto o assassinato de Alexandre Von Baumgarten. Mas o Relator Osmar Serraglio, que em algum momento disse que não achava relevante para esta CPMI, poderia ser para outro, mas para esta não o depoimento do senhor Toledo. E eu me comunicava com o meu ilustre adversário e prezado amigo, Deputado Maurício Rands, dizendo à Sua Exa que há momentos institucionais. O que taticamente é bom para alguém em determinado momento pode ser ruim pelas mesmas razões para outro alguém, do lado oposto, em momento seguinte. O senhor Dimas Toledo está aqui não porque haja um inquérito sobre FURNAS, eventualmente na Polícia Federal, mas porque se badalou muito sobre a existência de uma suposta lista assinada por Sua Senhoria e que envolveria 156 homens públicos do país. 156. Algo que se fosse grave estaria dando um escândalo, algo que tem mais do que o cheiro da falsidade, algo que vem da lavra de um cidadão, aí eu não quero desqualificá-lo por ele supostamente ser alguém de pouca qualificação. Mas alguém que eu faço questão de dizer quem é neste momento, antes de começarmos, porque uma pessoa como essa, levando em conta a tecnologia de informática que aí está, ele é capaz de forjar contra qualquer um, qualquer tipo de acusação, dando a ela foro de credibilidade e até carimbos cartoriais, que eu vou aqui resumir de maneira rápida para a Casa, com enorme serenidade quem é o tal autor da lista, famosa "lista de FURNAS". Senhor Nilton Monteiro. Ele é processado pela senhora Regina Alvarez por roubo e furto de veículo. Ele é processado por outra vítima, senhor Antônio Eustáquio Viana por estelionato e roubo de documentos. Ele é processado, ele, pela empresa SAN MARCO MINERAÇÃO, pela falsificação dos seguintes documentos: Representações firmadas pela empresa SAN MARCO DE MINERAÇÃO no Ministério Público de Minas Gerais, em Belo Horizonte contra ele. Cópia do depoimento do doutor Milton José Simões Baeta da Costa gerente jurídico da SAN MARCO MINERAÇÃO S.A. na delegacia especializada de falsificações e defraudações de Belo Horizonte. Ele aqui em determinado momento, o advogado Paulo Freitas ribeiro da SAN MARCO diz o seguinte: "Ocorre que senhor Nilton Monteiro nunca foi contratado, nunca recebeu procuração ou sequer teve qualquer autorização para intermediário ditas operações. Não poderia assim cobrar qualquer Comissão por trabalho que em verdade nunca implementou e para a qual nunca foi contratado". Então, o advogado traça aí a figura do chantagista, do extorsionista. Não contratado, falsifica um documento que supostamente o colocaria na condição de contratado para fazer negócios, intermediário para fazer negócios em nome dessa empresa SAN MARCO. Mais ainda, ele diz, ele inventa fantasiosamente a história de que ele teria um contrato de 500 mil reais. "A empresa deveria ao senhor Joaquim Engler para que auxiliasse a empresa noticiante a vencer a demanda

contra aJuizada pelo senhor Nilton Monteiro". Uma pessoa capaz de tudo. Aí tem outro dado que esse me chama a atenção e vai chamar a atenção da Casa, vai chamar a atenção da Casa. Diz aqui, em algum momento o senhor Paulo Freitas Ribeiro diz que ele havia uma enorme exigência de que ele apresentasse os originais. E com exceção de "Escola de Samba", quando se fala muito em "originalidade", "desfile de fantasia", nunca ouvi falar tanto em "cadê os originais? Cadê os originais?" E não aparecem os originais. E podem até aparecer os originais. Originais que podem falsificados, poderiam não ser e podem ser originais falsos, até porque se tem uma *xerox*, é porque tem um original! Se o original é falso vai gerar *xerox* fraudulentas. Se o original, porventura, fosse verdadeiro geraria xérox ou cópias igualmente verdadeiras e fidedignas. Mas é uma marca na vida dele de "cadê os originais"?! Ainda bem, muito bem, falando assim qualquer dia ele faz um recibo com o meu nome, mais um pouco ele e faz um com o meu nome. O senhor, outro caso que me parece muito com esse episódio. Vale ressaltar ainda que na mesma representação o senhor Paulo Freitas Ribeiro diz: "O senhor Nilton Monteiro junta cópia de declaração supostamente assinado pelo senhor Joaquim Engler Filho, advogado de Nilton, que se verdadeira fosse configuraria verdadeiro absurdo. Nessa falsa declaração o senhor Joaquim Engler Filho aparece se dirigindo, por escrito, ao Juiz da causa para combinar pagamentos de vantagem indevida, com vistas a que se decidisse a causa em favor da empresa noticiante. Essa declaração, por tudo que já restou narrado, é manifestamente falsa e de tão fantasiosa pela sua forma e conteúdo, é difícil crer que alguém pudesse emprestar qualquer credibilidade". Me parece que o que imputam ao nosso próximo depoente é precisamente o que questionava o advogado da SAN MARCO em relação ao senhor Nilton Monteiro. Muito Bank, ele perde a ação contra a SAN MARCO. Aí, aí ele frauda documento envolvendo o senhor Itamar Antônio da Silva, que viveu momentos torturantes pelo que conta a crônica das Minas Gerais. Falsifica assina e a logomarca dessa empresa SAN MARCO, conforme atesta o perito doutor Mauro Ricardi. Os documentos estão aqui, estão todos. Mais ainda, envia documentos para uma CPI da Assembléia Legislativa do Espírito Santo e termina processado por corrupção ativa, por determinação da CPI. Tráfico de influência, estelionato, falsidade ideológica, formação de quadrilha. Ainda, diz Ricardo Drummond da Rocha que ele é uma figura muito bem assessorada em matéria de informática. Daí tantas cópias. Mais ainda, a história se repete. Em determinado momento Ricardo Drummond da Rocha exige que o apelante exiba o original do documento de "folhas 112" e afirma: "Ele não possui". "E se o possuir a assinatura será inevitavelmente falsa". A não ser o que original, aí digo eu, seja montado em cima de uma assinatura verdadeira sugada, por exemplo, da Internet. Aí vamos mais, Sr. Presidente, eu não me alongarei. A vítima agora é Roberto da Cunha Vieira Filho. Ele falsificou nota promissória e passou a cobrar essa falsa dívida do senhor Roberto da Cunha Vieira Filho. Isso agora, em outubro de 2005. Então, muito bem, aí diz em algum momento o advogado já do senhor Vieira Filho; "A imagem da assinatura questionada apresenta discrepância em face dos pertinentes paradigmas: Sem embargo ainda, da presença de aparentes anormalidades no seu desenvolvimento cinético, que, no conjunto, não permitem admiti-la como autêntica". Muito bem, ele ainda, ele ainda, eu queria só lembrar que o advogado dele, Joaquim Engler Filho com o qual ele rompeu por razões pecuniárias e porque o advogado certamente não embarcou nesse lodaçal de fraudes. O advogado o processou pelas seguintes razões: "Falsificação de documentos, de recibo de pagamento feito por Nilton Monteiro a Joaquim Engler". "Correspondência de Joaquim Engler para o Juiz de Anchieta, Espírito Santo, Excelentíssimo senhor Doutor Sebastião Matos Mozine". "Correspondência do Juiz de Anchieta, Espírito Santo: Excelentíssimo senhor Doutor Sebastião Matos Mozine para Joaquim Engler". Ele escreveu falsamente do Juiz para o advogado! E do advogado para o Juiz! "Recibo de pagamento do Joaquim Engler para a SAN MARCO MINERAÇÃO". "Têrmo de Compromisso firmado entre Joaquim Engler e diversas autoridades do Estado do Espírito Santo". Outra vítima, Dra. Andréa Cássia Vieira Guerra. Ela o processa pela falsificação de contratos e Termo Aditivo de Cessão de Créditos e Transferência de Direitos. Ele falsificou os seguintes documentos: "Cópia de Contrato e Aditivo falsificados". "Cópia de queixa-crime apresentada pela doutora Andréa Guerra contra Nilton Monteiro na Delegacia de Falsificações e Defraudações de Belo Horizonte". E aqui algo que para mim é, para mim a V.Exa. agora, Sr. Presidente, falou de sua família eu não sou chegado a dramalhões, estou apenas querendo dizer que a perspicácia do Relator dizia que isso aqui talvez mereça ser examinado no foro próprio e não nesta lista. Duvido, duvido! E aqui eu estou cercado de figuras da maior consistência jurídica, eu duvido que alguém me diga que esta lista está sendo investigada na Polícia Federal! Pode estar sendo investigada FURNAS, pode estar sendo investigada qualquer coisa, mas a lista não, pela razão primária de que se ela insinua algo contra Parlamentares o foro próprio haveria de ser a Procuradoria Geral da República e, portanto, o Supremo Tribunal Fe-

deral. Então não é verdade que esta lista esteja sendo investigada em Polícia Federal nenhuma e essa face deve ser desmontada logo de início. Mas muito bem, se eu não tivesse qualquer outra razão, se eu pudesse rasgar esses documentos aqui, se eu pudesse a eles não dar o menor crédito, se eu pudesse com eles não me preocupar, eu diria algo que vai ao encontro do sentimento de V.Exa. agora, e que eu sei que representará bastante para todas as figuras conscientes de quaisquer partidos, de quaisquer latitudes ideológicas que freqüentam com seus mandatos legítimos esta Comissão. O senhor Nilton Monteiro usou o nome de seu falecido pai para receber aposentadoria do INSS. Era, sinceramente, Sr. Presidente, exatamente o que eu tinha a dizer.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Senador, é um bom falsificador e um grande estelionatário.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Sr. Presidente, só para colaborar um minuto, por favor. Lamentavelmente, estes casos estão ocorrendo no meu querido estado de Minas Gerais. E onde, Belo Horizonte é uma metrópole pequena, onde a gente toma conhecimento dos fatos. E todos esses antecedentes do senhor Nilton Monteiro, isso já é conhecido tanto no meio empresarial e político de todas as instâncias. Onde ele não é uma pessoa bem-vinda. E ainda mais, Sr. Presidente, eu gostaria de chamar a atenção para V.Exa. que é o Presidente dessa CPMI, ao Relator, que isto tudo está configurado em crime! Calúnia, difama e injúria onde buscou, terminando, Sr. Presidente, buscou 156 Parlamentares e eu não estou aqui fazendo a minha defesa porque o meu nome não está nessa lista! O meu nome não está nesta lista, é bom que se esclareça, mas nós não podemos deixar essa situação ficar enodando não somente essas 150 pessoas políticas, mas também a imagem do Congresso Nacional. Eu vou fazer uma proposição, Sr. Presidente. Primeiro, para que a Polícia Federal prenda esse cidadão! Que está injuriando 156 Parlamentares! Que já tem antecedentes criminais! Que já era para estar preso! E, além disso, Sr. Presidente, caro Relator Osmar Serraglio, eu gostaria que existe um Requerimento aprovando a convocação do senhor Nilton Monteiro que está em Belo Horizonte fazendo *lobby*, oferecendo recursos para Deputados trazerem aqui na CPMI, que diz que "tem muito o que falar". Isso também caberia uma prisão em flagrante! Agora, Sr. Presidente, caro Relator Osmar Serraglio, O que eu, o apelo que eu faço é que a Polícia Federal realmente investigue e prenda este cidadão! Para ele apresentar esta lista que ele falou que tem em mãos! Se ele fala que tem uma lista dessas em mãos, é porque ele tem que ser preso para apresentar! E nessa CPMI eu proponho os meus nobres colegas Senadores, Deputados, que não se fala mais nesse nome de Nilton Monteiro em trazer a essa CPMI, a não ser que ele seja preso, que ele apresente uma lista verdadeira, que a Polícia Federal faça um trabalho de pesquisa, faça um trabalho de perícia e realmente comprove se for verdade. Mas enquanto isso, Sr. Presidente, eu proponho que está sustado o nome desse cidadão!

SENADORA HELOISA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente, pela ordem. Iniciar, eu também, exatamente. Do mesmo jeito, é solicitar que seja iniciado porque depois tem Reunião Administrativa, tem marcação das datas em relação a quem vem depor, pelo amor de Deus, não é?!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra, o senhor Dimas Toledo.

SR. DIMAS TOLEDO: Alô. Excelentíssimo Sr. Presidente-- [soa a campainha]. Senador Delcídio Amaral, senhor Relator Osmar Serraglio, Deputado... Excelentíssimo senhor Vice-presidente da CPMI dos Correios, Deputado Asdrubal Bentes. Excelentíssimos senhores, senhoras Senadoras, Senadores, Excelentíssimos senhores Deputados, senhoras Deputadas, membros da imprensa. Eu nasci em Bocaina de Minas e desculpe a todos aqui presentes. Eu nasci em Bocaina de Minas, no sul de Minas Gerais. Onde saí com 10 anos deixando a casa de meus pais para estudar no colégio interno, posteriormente, morando em república de estudantes, tendo concluído em 1968 o curso de Engenharia Eletrotécnica na então Escola Federal de Engenharia de Itajubá, que prepara técnicos do mais alto nível do setor elétrico brasileiro. Em FURNAS ingressei diretamente na área de construção. Trabalhando no interior do país, assim permaneci em canteiro de obras, até 1987. Portanto, 20 anos, dos 37 anos dedicados à FURNAS. Mudei neste período de domicílio pelo menos 10 vezes, causando, inclusive, prejuízos na formação escolar dos meus filhos. Nos 17 anos seguintes, fui para o Escritório Central situado no Rio de Janeiro, onde ocupei os cargos de Superintendente de Engenharia, Superintendente de Construção e, finalmente, o cargo de Diretor de Planejamento de Engenharia de Construção por aproximadamente 10 anos. Participei direta ou indiretamente, junto com os meus companheiros de FURNAS, da construção de aproximadamente 18 mil quilômetros de linha de transmissão, 10 subestações de grande porte, 4 usinas hidroelétricas, uma usina termoelétrica e diversas obras complementares. Como um ponto alto de minha carreira técnica, destaco as décadas de 70 e 80, quando estive à frente de grande parte da construção do sistema de transmissão de trens públi-

cos. Responsável por transportar energia gerada por essa usina para a região Sudeste do país. O que na época representava cerca de 35% de toda a energia do Brasil, além de se constituir um maior sistema de transmissão do mundo. Não que fosse, destaco também no período de 1996 a 2002, já como Diretor, o trabalho feito sob a coordenação dos Presidentes da época para evitar cisão, a privatização de FURNAS que seria danosa ao país. Não que fôssemos contra a privatização, mas sim contra a forma idealizada. Na oportunidade, contamos com o apoio de diversos Parlamentares e políticos do país. É importante ressaltar que durante todos estes anos, com a adjudicação de administração de milhares de contratos e de grandes obras, com investimento de bilhões de reais, somos fiscalizados duas vezes pelo CGU, pelo menos 6 vezes ao ano pelo TCU, além de auditoria interna, externa e controle externos. Esse sistema de fiscalização trouxe como resultado, que nenhum dirigente de FURNAS foi condenado ou punido por improbidade administrativa. Tenho vivido momentos difíceis, desde a denúncia do Deputado Roberto Jefferson. Seguida de calúnias sucessivas, com conseqüentes sofrimentos para mim, para a minha família e meus amigos. Porém, isso jamais irá macular o orgulho e a honra que tenho junto com meus companheiros de trabalho, de ter ajudado o maior sistema elétrico do país que hoje é FURNAS Centrais Elétricas. Sou um homem simples e cultivo uma vida modesta. Moro há 25 anos no mesmo apartamento de 120 metros quadrados na Barra da Tijuca. Criei meus três filhos com conforto, mas sem qualquer extravagância. Como homem de obras não fui habituado a exposições em público, palestras e discursos. Tenho minhas limitações. Portanto, já, desde já, peço desculpas se não consegui me expressar de forma clara e adequada para atender os esclarecimentos solicitados. No tocante à "Lista de FURNAS", chamada, denominada "FURNAS", quero negar veementemente qualquer participação na sua elaboração. Trata-se de uma montagem ou uma falsificação cheia de não-conformidades que visam unicamente manchar o nome das pessoas e empresas ali citadas. Afirmo que nunca ajudei financeiramente com recurso de qualquer empresa ou de qualquer origem a nenhum Parlamentar ou pessoa, ou pessoas ali nominadas. Só quero me solidarizar, inclusive, solidarizar com todos os envolvidos e seus familiares pelo transtorno que esta farsa possa estar lhe causando. Gostaria também de explicar que eu pedi o *habeas-corpus*, evidentemente, depois de ter passado essas calúnias, ter a minha casa invadida, passar por diversas denúncias, sérios problemas, resolver usar do meu direito, mas não é a minha intenção de forma nenhuma deixar de atender, esclarecer essa CPI, em tudo que for possível. Obrigado.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, pela ordem. Podia pedir cópia, Sr. Presidente, pela ordem. Pedir cópia desse depoimento.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Será disponibilizada, Deputado Arnaldo Faria de Sá.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): E eu também quero comunicar que também está sendo distribuído mais um depoimento aqui do Deputado, do ex-Deputado Roberto Jefferson que me, é um mais amplo. Então será distribuído também aos Parlamentares. O Senador Tuma explica que é o depoimento anterior. E agora eu passo a palavra ao Relator, Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, senhores Parlamentares, senhor depoente. Em que pese, possamos ter qualquer juízo de valor em relação à conduta do senhor Nilton Monteiro, e mesmo a despeito da leitura que tivemos e do estudo que fizemos em relação à suas declarações junto à Polícia Federal e as suas, assim, qualifico, digo, em relação a Vossa Senhoria, senhor Dimas, nós precisaremos abstrair isso tudo a fim de que de alguma forma possamos investigar e essa é a nossa, é esse o nosso compromisso. De maneira, a eventualmente, trazer à tona segundo um juízo de dúvida que nos deve nortear sobre quem efetivamente fala a verdade e daí porque nos antecipamos a dizer que incidiremos em questões de alguma forma, superficialmente já manifestadas por Vossa Senhoria, mas que precisam ser aprofundadas. Porque nos diversos depoimentos, tanto nos de Vossa Senhoria quanto do Nilton Monteiro existem detalhes, circunstâncias, locais, fatos que nos surpreendem e nos surpreendem na medida em que Vossa Senhoria, salvo engano, num dos depoimentos na Polícia Federal, não sei se no primeiro ou no segundo, inclusive fez referência que sequer conhece o senhor Nilton Monteiro. Evidentemente, isso afasta muito do que se pode concluir como sendo subsistente, diante do emaranhado todo que nos é apresentado. Mas, eu parto do suposto de que Vossa Senhoria o conhece. E ainda que assim não o seja, nós precisaremos enfrentar as circunstâncias em que Vossa Senhoria eventualmente teria com ele em algumas oportunidades se encontrado ou pelo menos, já que não o conhece pelo menos identificado os locais. Porque outras pessoas podem tê-lo reconhecido nesses locais. Volto a dizer, são suposições. Não estou afirmando absolutamente nada. Vossa Senhoria

também sabe, fez referência aqui em realidade, está sendo investigado por dois fatos. Um é aquela primeira denúncia e nós nos afastamos porque entendíamos que não era a nossa competência e agora de alguma forma isso reflui. É aquela primeira manifestação do Deputado Roberto Jefferson a propósito de uma atualidade, em que ainda no ano passado Vossa Senhoria servia de intermediário de recursos que alimentavam partidos políticos, neste governo. E há o episódio esse, que é o mais candente e que envolve tantos políticos, e que nós vamos ter que de alguma forma, hoje, ao sairmos daqui termos uma convicção um pouquinho mais firmada diante dessas dúvidas todas que nos assaltam. Vossa Senhoria confirma que não conheceu o senhor Nilton Monteiro?

SR. DIMAS TOLEDO: Confirmo. Confirmo.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Em nenhum momento Vossa Senhoria teve contato com esse cidadão, ainda que identificado eventualmente, agora pelas circunstâncias da vida, reconhecendo como sendo aquele o cidadão Nilton Monteiro, que o teria encontrado em algum local?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu nunca me encontrei com essa pessoa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria atribui, e aí um juízo que talvez, enfim, Vossa Senhoria atribui a que, o que é que levou esse cidadão a divulgar uma lista que supostamente teria sido firmada por Vossa Senhoria?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não tenho menor idéia por que esse cidadão fez isso. A lista em si. Agora, teve um episódio com ele, anterior a isso, que foi que ele se interessou por um processo, de uma licitação com, uma parceria que FURNAS tinha formado com a empresa JP. Isto na época do "Apagão". E ele, esse processo por problemas únicos da empresa que não conseguiu o financiamento, ele não foi adiante e não foi contratado. E isto, no final de, no início, no início de 2003. O senhor Nilton (F), no início de 2004, mais ou menos fevereiro ou março, não me lembro, ele procurou, telefonou para FURNAS três ou quatro vezes, querendo falar comigo. Eu não atendi, não falei com ele porque eu estava ocupado. Não foi outro motivo. Ele num desses telefonemas ele ameaçou a minha secretária, dizendo "quem eu era?", "pessoa importante", que não o recebia e que ele iria, inclusive, que ele era membro do Partido Trabalhista, da Cúpula do Partido Trabalhista e que iria procurar o Presidente Lula e propor a minha demissão. O que eu mandei dizer a ele que ficasse à vontade. Um mês depois, aproximadamente, ele voltou a entrar em contato com a minha secretária dizendo que era um Procurador da empresa JP. A minha secretária me falou, passei, pedi o que meu assistente atendesse e encaminhasse ele para a Área Jurídica. Só que era o local--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Me permita. Arnaldo Partido Trabalhista.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: O depoente afirmou "Partido Trabalhista", que como nós não conhecemos nominalmente só Partido Trabalhista que eu indago. Foi Partido Trabalhista Brasileiro ou Partido dos Trabalhadores? É muito importante.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu disse PT.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Perfeito, obrigado.

SR. DIMAS TOLEDO: Ele se associou com petista que era membro do... Bom. Ele, eu encaminhei ele para o meu assistente, o meu assistente atendeu no telefone, explicou a ele que esse processo já estava encerrado há mais... Há algum tempo. Não por decisão minha, mas sim por decisão do Conselho Administrativo. Já não estava mais na minha área e estava no Jurídico. E "encaminhou ele" para a Área Jurídica. Ele esteve lá, conversou na Área Jurídica. O pessoal explicou a ele que realmente o processo já estava encerrado e depois vim ter a notícia dele já com essas denúncias que ele começou encaminhar contra mim.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Senhor Relator. Ele falou de JP, dá para descrever o que é JP?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): JP ENGENHARIA, teria condições de esclarecer em que atuava e qual era o conceito dessa empresa junto à FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: JP ENGENHARIA é uma empresa tradicional do mercado, como firma de coordenação de projetos de engenharia, não tinha trabalhado para FURNAS antes, mas é uma empresa conceituada no mercado.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Nessa oportunidade, ela tinha dificuldades em relação à algum contrato.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não que nós tivéssemos conhecimento. Ela entrou, na época, ela entrou para FURNAS com uma proposta.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não havia um projeto que ela havia elaborado e que FURNAS havia, estava resistindo e não obstante estivesse todo ele regular?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, espera aí, ela... O que ela... Ela entrou com uma proposta para fazer uma parceria com FURNAS, para construir uma, o combinado uma Usina Termoelétrica de Campos. Foi analisado por uma Comissão e depois autorizada pela Câmara de Gestão. Foi contratada para isto. E, a principal finalidade dela era fazer as contratações necessárias para

isso e inclusive executar o empreendimento. O que ela não conseguiu, porque não conseguiu recursos nem no Brasil e nem no exterior.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria teve oportunidade de ler os depoimentos prestados por Nilton Monteiro?--

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): A matriz dessa empresa onde é?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Onde se localiza essa empresa JP ENGENHARIA?

SR. DIMAS TOLEDO: São Paulo. Rapidamente.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Porque ele desce a detalhes relacionados à propriedades suas, à atividades suas, e já que Vossa Senhoria diz que leu, ainda que rapidamente, poderia dizer que supõe, a partir do que. ele disporia desses detalhes relacionados à Vossa Senhoria? Às suas atividades, eventualmente, extra-FURNAS, propriedades--

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, eu não tenho idéia onde que ele possa ter apanhado. Mas tem dados na Internet a meu respeito, tem dados... Eu tinha prestado depoimento no Ministério Público por problemas de contratos de mão-de-obra. É um problema que envolvia FURNAS. E já tinha, eu acho que na época não. Não sei aonde que ele pode ter apanhado esses dados.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria conhece a empresa BAURUENSE?

SR. DIMAS TOLEDO: Conheço.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Ela se dedica a quê?

SR. DIMAS TOLEDO: É uma empresa que trabalha, de construção e também fornece, exerce construção e fornece mão-de-obra. Ela tem duas atividades que eu conheço. Pode ser que ela tenha outras atividades paralelas aí de fazenda, eu não conheço. O que eu conheço dela é Prestadora de Mão-de-Obra e Construtora.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria tem conhecimento que Nilton Monteiro afirma que 20% dessa empresa pertenceria à sua pessoa?

SR. DIMAS TOLEDO: Não é verdade. Eu tenho conhecimento, mas não é verdade.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Uma quebra de sigilo eventual dessa empresa não evidenciaria absolutamente nenhuma transação nenhuma, nenhum vínculo de Vossa Senhoria com ela?

SR. DIMAS TOLEDO: Jamais.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Os filhos de Vossa Senhoria participam de alguma empresa que eventualmente tenham tido contratos com FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, essa pergunta me foi feita lá na Polícia Federal. Sim.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Quais seriam essas empresas?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu tenho uma, uma, eu quando eu fui a Polícia Federal eu tomei conhecimento dessa pergunta e procurei me informar, porque até eu não tinha noção dos detalhes. Eu tenho um filho que no final de 2004, ele entrou de sócio para o CANAL ENERGIA, com 22% no valor de seis mil e seiscentos e seis reais. E nesta época que ele entrou a empresa, já prestava serviço para FURNAS. Esse é o conhecimento que eu tenho.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Isso em relação ao filho?

SR. DIMAS TOLEDO: Ao filho.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E a filha?

SR. DIMAS TOLEDO: A filha tem uma empresa que, de eventos e de eventos e--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria teria como aproximadamente dizer que tipo de--

SR. DIMAS TOLEDO: Senhor Relator, eu tive, o senhor me desculpe, é uma empresa também de eventos e treinamento para o Setor Elétrico cujo objetivo é organizar Seminários. Eles organizaram dois Seminários do ENASE, Encontro Nacional de Agentes do Setor Elétrico, Seminário Anual promovido pelo grupo CANAL ENERGIA e em parceria com três Associações de Classe e participação das principais autoridades do Setor Elétrico nacional. Ela participou dessa empresa com 50%, no valor de cinco mil reais. A administração da sociedade fica exclusivamente a cargo do sócio-gerente. Do outro sócio dela. Quer dizer, ela também não tinha conhecimento, como o Gabriel também, quando entrou, não tinha conhecimento que prestavam serviços para FURNAS. E aquilo não é prestação de serviços, na realidade entre os patrocinadores que é o PASSO (F), CEMIG, ELETROBRÁS, ELETROPAULO, BRASCAN e outros. FURNAS também é uma das patrocinadoras. Não se trata de prestação de serviços.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Senhor Relator, qual é o nome dessa filha dele.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Oi.

SR. DIMAS TOLEDO: Fabiana Toledo.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Fabiana. Vossa Senhoria foi sócio de um Laticínio em Bocaina de Minas?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. Esse Laticínio tem 58 anos que era da minha família, do meu pai, quando ele faleceu, os filhos, nós os filhos deixamos com a minha mãe, do qual ela vive.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria alguma vez teve algum recibo relacionado a valores disponibilizados para políticos que tenham transitado por suas mãos?

SR. DIMAS TOLEDO: Por favor, quer repetir a pergunta?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria teve em alguma oportunidade pagamentos efetuados a políticos, documentados, recibos que tenham transitado pelas suas mãos?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, nunca vi nenhum documento ou recibo que tenha transitado pela minha mão.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria conhece o senhor Cláudio Mourão?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria conhece o doutor Felipe Amadeu? Amodeo?

SR. DIMAS TOLEDO: Felipe Amodeo era dono do escritório era dono, isso mesmo? O maior acionista, pelo menos, do escritório que foi contratado para fazer a minha defesa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Para fazer sua defesa a partir de?

SR. DIMAS TOLEDO: A partir que nós tivemos o problema da denúncia do Deputado Roberto Jefferson e começamos a ser convocados pela Polícia e pelo Ministério Público a depor.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria tem conhecimento que segundo consta em depoimento, esse advogado, hoje falecido, ele teria tido em mãos essa lista e esses recibos, os originais. Soube? Ouviu dizer? Consultou escritórios que, os que prosseguiram se eventualmente isso teria transitado pelo escritório?

SR. DIMAS TOLEDO: As conversas que eu tive com o pessoal do escritório, ele nunca viu também o Nilton, nunca teve nenhum documento dessa natureza na mão dele, nunca participou. Quer dizer, aproveitaram do fato dele ter falecido para poder imputar a ele essa...É uma forma que se tem de proceder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria ouviu falar que esses documentos teriam passado e na seqüência para Sandra Mara, ouviu falar? Tem noção de quem poderia ser essa Sandra Mara?

SR. DIMAS TOLEDO: Não tenho noção, ouvi falar apenas quando li nos documentos.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): O escritório não identifica. Não sabe?

SR. DIMAS TOLEDO: No escritório ninguém sabe quem é Sandra Mara.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria conhece o Carlos Braga, da BAURUENSE?

SR. DIMAS TOLEDO: Carlos Braga? Sim, conheci.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Nunca foi sócio dele em alguma empresa?

SR. DIMAS TOLEDO: O Carlos Braga conheci porque antes trabalhava na... Depois conheci o Deputado, afastou e conheci lá atrás.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria esteve alguma vez no restaurante MISTURA FINA na Lagoa, no Rio?

SR. DIMAS TOLEDO: Já, já estive no MISTURA FINA.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Freqüenta comumente?

SR. DIMAS TOLEDO: Já estive diversas vezes. Esse é um lugar que, é um local que é caminho de FURNAS para a minha residência e então era comum com amigos marcarem, ali, era comum com os amigos, não é? Marcar encontro ali no MISTURA FINA.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Nunca se encontrou nesse restaurante com alguém onde discutisse eventualmente recursos que pudessem ser disponibilizados a Parlamentares?

SR. DIMAS TOLEDO: Nunca, nunca tive esse tipo de conversa nesse restaurante.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Doutor Amodeo chegou a ser credor de Vossa Senhoria?

SR. DIMAS TOLEDO: Nem nesse restaurante e nem em outro lugar. Nunca tive esse tipo de conversa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Doutor Amadeo chegou a ser credor de Vossa Senhoria?

SR. DIMAS TOLEDO: Amadeo? Amodeo.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A título de?

SR. DIMAS TOLEDO: Nem credor, nem devedor, nada. Nunca tive relação comercial com o doutor Amodeo.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Com esse seu Procurador?

SR. DIMAS TOLEDO: O meu advogado?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Amodeo?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, nunca tive negócio com ele.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria procurou... O Deputado Roberto Jefferson, no seu depoimento, disse que algumas pessoas teriam lhe facilitado esse encontro e que Roberto Jefferson é que pretendia conversar com Vossa Senhoria. Quem seriam essas pessoas que o encaminharam a Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, olha, assim, isso foi em fevereiro quando começou a sair na imprensa notícia que o Deputado Jefferson teria, teria recebido oferta do meu cargo para ele e diversas pessoas que conversavam comigo, conversavam com ele, me passavam a notícia de que ele queria falar comigo, porque ele não me conhecia, não sabia qual era o meu currículo, não sabia a competência, não sabia o que eu significava para FURNAS. Mas eu, até prefiro não nomear nenhuma dessas pessoas porque, para não envolvê-las aí.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Quantas vezes Vossa Senhoria teve... Eu pergunto quantos, pode surpreender mas parece que muito pouco. O que Vossa Senhoria teve encontros com o Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Foi a única vez que eu estive com o Deputado Roberto Jefferson e a convite dele.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Uma única vez?

SR. DIMAS TOLEDO: Uma única vez.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E nesse encontro com Vossa Senhoria, segundo Vossa Senhoria relata--

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Quando foi esse encontro, é bom perguntar, Deputado Osmar?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Quando foi esse encontro, onde?

SR. DIMAS TOLEDO: Foi na residência dele, parece que na noite de 13 para 14 de abril.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Em Brasília?

SR. DIMAS TOLEDO: É. Brasília. Eu tinha ido a Goiânia num Seminário, de Grandes Barragens, no outro dia já ia estar em Brasília e aproveitei que tinha reunião, porque tem um Departamento de Obra subordinado a mim, tinha um escritório de FURNAS, tinha reuniões marcadas e aproveitei para agendar a reunião com ele que se deu em torno de dez e meia da noite, eu marquei para ir lá.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): O ano, não ficou claro.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): O ano?

SR. DIMAS TOLEDO: Quando?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): O ano desse encontro?

SR. DIMAS TOLEDO: Foi o ano passado.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): O ano passado? Nesse encontro Vossa Senhoria foi já ciente de que talvez o cargo de Vossa Senhoria estivesse à disposição de um partido político?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim, já fui ciente e fui lá unicamente porque... E só aceitei o convite dele para ir lá porque eu, à essa altura comecei a tomar notícia pela imprensa que ele iria levar uma outra pessoa de fora para trabalhar em FURNAS. E um funcionário, 37 anos da Casa, evidentemente, dei a minha vida por FURNAS, tudo o que eu fiz foi em função de FURNAS. Achei que era uma oportunidade de tentar convencê-lo de colocar um funcionário que fosse da Casa, até mesmo porque tradicionalmente esse cargo sempre foi exercido por funcionário da Casa. Eu não conhecia o Deputado, falei com alguns amigos que eram amigos dele, e que conversavam, procurei saber dele. Me disseram que se tratava de uma pessoa extremamente correta. E eu então me senti à vontade de aceitar o convite. E, se bem que esse tipo de convite começou a surgir final de fevereiro e só fui acertar isso só em 14, concordar com isso em 14 de abril, quando surgiu a oportunidade. Então fui a casa dele com esse, com o objetivo de que a substituição fosse feita por um funcionário da Casa. E ainda disse a ele, na conversa, que seria muito bom para ele uma vez que ele era Deputado do Rio de Janeiro, estar indicando alguém que fosse do Rio de Janeiro. Esse foi o objetivo da conversa. Principal.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E nessa seqüência dessa conversa não se estabeleceu alguma obrigação relacionada à sua condução.

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Quanto a partidos políticos?

SR. DIMAS TOLEDO: Nessa conversa, não me veio nenhuma proposta e eu fiz a ele apenas uma

exposição de como que era FURNAS, uma empresa bastante ética, com os funcionários todos de carreira muito sérios. Jamais naquela Casa eu tinha assistido alguém colocar sequer acrescer o preço "um tostão" para beneficiar qualquer político ou a quem quer que fosse. Falei do meu currículo, da minha vida, contei a ele que eu levava uma vida muito modesta, que morava na Barra da Tijuca, há bem mais de 20 anos, num apartamento de 120 metros quadrados. Do que ele me disse: "Eu também sou um político, mas também tenho uma vida modesta. Só tenho uma casa em Petrópolis e não fiz mais nada com política". Daí para frente a conversa gerou em torno da nossa obesidade, da operação dele, da ópera que ele cantava, mas este foi o assunto que ocorreu na conversa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria sabe que ele reiteradamente tem afirmado que, na ocasião houve um ajuste, e ele não atribui a que Vossa Senhoria fosse extrair esses recursos de FURNAS, mas dos fornecedores, dos prestadores de serviços. E que nesse ajuste dois partidos políticos receberiam um milhão e meio cada um, ele administraria 400, aliás, Vossa Senhoria administraria 400 e outros 600 iriam para alguns Parlamentares. Com certeza Vossa Senhoria leu isso, independentemente do depoimento dele também nas manifestações de quatro ou cinco meses atrás, onde ele inclusive identificou Parlamentares que seriam os beneficiados. Vossa Senhoria, nesse sentido, disse que ele faltou com a verdade?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim, ele faltou com a verdade e inclusive já vi esses números citados três vezes, pelo menos,de formas diferentes.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria poderia identificar como seriam esses números de formas diferentes?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu realmente não me lembro.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Porque eu até agora, aliás, eu sempre vi uma certa coincidência.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu posso até tentar me lembrar. [soa a campainha]

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Enquanto o seu advogado localiza, depois poderá esclarecer--

SR. DIMAS TOLEDO: Mas eu confirmo. Ele faltou com a verdade. Infelizmente.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria é aposentado de FURNAS. A partir da aposentadoria, quem o convocou para que prosseguisse essa, esse prosseguimento de Vossa Senhoria numa situação em que, normalmente, em mudança de governo os cargos são disponibilizados, são... Os titulares são remanejados, são trocados e Vossa Senhoria permaneceu. A que Vossa Senhoria atribui isso? Primeiro a sua... Quem o colocou no cargo de Diretor de Obras, enfim, nesse que exerceu. E segundo, como explica a sua permanência numa mudança de governo, como aconteceu?

SR. DIMAS TOLEDO: Bem, senhor Relator, eu estava em FURNAS como disse aqui já na minha exposição, o que tinha ocupado todos os cargos. No segundo ano do mandato do Presidente Fernando Henrique, vagou a minha Diretoria. O Presidente na época, então, pelo meu currículo, pelo trabalho que prestava à Casa me convidou para preencher o cargo de Diretor.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Quem era o Presidente?

SR. DIMAS TOLEDO: Era o Luís Laércio Luís Machado. Fui convidado por ele. Se teve alguma indicação política assim, não tenho conhecimento. Quando o Presidente Fernando Henrique saiu, eu recebi um telefonema do atual Presidente dizendo que a atual Ministra estava me convidando para permanecer no cargo. E eu atribuo isso, evidentemente, porque era um técnico, conhecia a Casa, conhecia todo o sistema FURNAS, tinha participado dessas obras todos que citei aqui, no início. Então imagino que o governo atual preferiu me manter no cargo por essas condições. Se teve pedido, se alguém falou, pelo menos eu não pedi a ninguém. Eu fui convidado a continuar, permanecendo no meu cargo.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): As informações, eu insisto nesse detalhe, porque as informações que o Deputado Roberto Jefferson deu em reiteradas oportunidades foram de que a ocupação de cargo por partidos políticos sempre tinha uma segunda intenção de captação de recursos. E fica essa dúvida sobre "como alguém que confessa que assim atuava" teria ajustado com Vossa Senhoria o prosseguimento no cargo, sem que o partido tivesse nenhum bônus. Teria o ônus de ser o responsável pela sua permanência sem que o partido, presidido pelo Deputado, tivesse uma, algum benefício, alguma razão de ser de sua permanência. Vossa Senhoria insiste que nessa... Que todas essas informações prestadas pelo ex-Deputado Roberto Jefferson são falsas?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, eu não digo que são falsas. Mas não é uma verdade.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Mas qual a diferença entre não ser verdade e ser falso?

SR. DIMAS TOLEDO: Veja bem, os cargos de Diretores do BANCO DO BRASIL, FURNAS e de todas essas empresas eu vejo aí que alguns deles, alguns

desses cargos são preenchidos por partidos políticos. Eu entendo que, na verdade, os partidos políticos têm interesse, não obrigatoriamente, têm interesse financeiro, de ter dinheiro ou de fazer política, fazer política com dinheiro, desviar recurso da empresa. Quer dizer, é uma forma de um partido implementar o seu programa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Evidente, o partido que é conduzido retamente. Mas no caso em que o próprio Presidente do partido afirma que a sua forma de conduzir era essa?

SR. DIMAS TOLEDO: Mas ele não me indicou. Ele indicou foi o outro.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Ele admitiu que Vossa Senhoria permanecesse. Apenas ele não encontrou--

SR. DIMAS TOLEDO: Ele depois.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não encontrou eco no Presidente da República que se opôs.

SR. DIMAS TOLEDO: Na conversa que eu apelei para o lado ético, inclusive, ele não me pediu nada. Diga-se de passagem, porque ouvi uma notícia no jornal aí, que ele teria me feito proposta. Não me fez proposta, não é verdade. E ele disse que "gostou de mim". Foi a expressão que ele usou: Gostei de você! E vou levar ao Presidente"--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Gordinho fofo. [risos]

SR. DIMAS TOLEDO: Proposta para você ser mantido no cargo. Isso que ele me disse.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): FURNAS-- [soa a campainha]

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): FURNAS disponibilizou recursos.

SR. DIMAS TOLEDO: Se bem que, veja bem, ele já tinha muitas informações minhas através das pessoas, de empresários, de políticos que o conheceram, que levaram o meu currículo para ele. Que se ele soubesse, inclusive, quem era eu, ele não teria nem concordado com a proposta de me tirar.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): FURNAS disponibilizou recursos para um programa executado em Minas Gerais chamado "Luz para Todos", alguma coisa assim?

SR. DIMAS TOLEDO: Senhor Relator, isso daí é até, eu disse para o jornal, eu imagino que foi até uma brincadeira. Todo mundo sabe que "Luz para Todos" é um programa do Governo Federal em parceria com os governos estaduais para levar luz de todo brasileiro através das empresas concessionárias. FURNAS é uma empresa de geração e transmissão, não se envolve com distribuição. FURNAS tem um pequeno papel aí, que foi dado pelo Ministério de Minas e Energia que era nomear, pedir a FURNAS, fiscalizasse o programa para que, verificasse o arraial de implantação. Esse papel o Presidente José Pedro puxou para ele, para uma equipe paralela, não colocou na estrutura--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria não participava dessa equipe paralela?

SR. DIMAS TOLEDO: Não tive, não entrava na estrutura de FURNAS. E também FURNAS nunca colocou um tostão para o programa em si. Esses recursos são da ELETROBRÁS, do Ministério.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A identificação, eventualmente a publicidade relacionada a esse programa quem que gerenciava?

SR. DIMAS TOLEDO: Não tenho a menor idéia. Se era o estado, se o Governo Federal, se era--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A informação que--

SR. DIMAS TOLEDO: Do que o senhor viu na imprensa que estava reclamando que o governador de Minas Gerais colocava "o menor". Mas isso não era com FURNAS, não tinha nada a ver com FURNAS isso.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E também nada com Vossa Senhoria.

SR. DIMAS TOLEDO: Muito menos comigo. Não era a meu ramo, não é a minha área, não tinha nada a ver com isso.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E nesse tempo Vossa Senhoria teve a oportunidade de identificar a quem isso incumbia? A quem isso procedeu? E, se isso era verdadeiro?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, nem me preocupei com isso porque a história já... A origem dela não é verdadeira. FURNAS não colocou dinheiro. Não tem nada a ver com o "Luz para Todos". Não é um problema de FURNAS.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): O Deputado também confessa que daquela lista pelo menos quanto a ele, os 75 mil ele teria recebido de Vossa Senhoria.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não é verdade.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria teve acesso à lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu só estive com o Deputado nessa ocasião o ano passado.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria teve acesso à lista, essa famosa "Lista de FURNAS"?

SR. DIMAS TOLEDO: Tive.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria, daqueles prestadores de serviços que ali estão elencados, Vossa Senhoria tem condições de afirmar que algum daqueles nomes que está ali não é prestador, não é fornecedor de FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, eu já no depoimento da Polícia Federal aí, eu citei quais são os prestadores de serviço de FURNAS.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Da forma como Vossa Senhoria se referiu na Polícia Federal não responde a essa questão. Eu queria identificar naquela lista, nós estamos atrás da sua consistência ou inconsistência, eventualmente, nela existentes. E uma das formas, eventualmente, é fazer esse confronto da lista dos fornecedores--

SR. DIMAS TOLEDO: Eu posso fazer isso agora, inclusive, se quiser passar uma cópia da lista. Não vejo--

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Senhor Relator, enquanto ele analisa o senhor permite? Saber dele se é fácil tomar conhecimento quais as empresas que fornecem para FURNAS. Se isso é público, se é fácil ter acesso? Porque se for fácil ter acesso, é fácil incluir também numa lista.

SR. DIMAS TOLEDO: No *site* de FURNAS aparece uma relação dos parceiros de FURNAS.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Mas o que Vossa Senhoria há de convir que pelo fato de estar sendo atribuída a autoria de um documento, com certeza deve ter tido minimamente a curiosidade de compulsá-lo e verificar as inverdades ali contidas. Nunca examinou essa lista para a partir disso dizer: "Olha, aqui há algo evidente". "Essa firma aqui nunca teve". Bão fez isso?

SR. DIMAS TOLEDO: Mas a lista é tão absurda de nomes, que colocar, por exemplo--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria fala absurda está dizendo que ali estão nomes que não têm relação comercial com FURNAS.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, lógico que não. Tem empresas aqui, que--.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Então nós gostaríamos que identificassem essas mais absurdas que assim considera.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu vou começar. JP ENGENHARIA, assinou contrato mas nunca trabalhou para FURNAS, porque não executou. TECNOSOLO lá no passado pode ter sido. VALE DO RIO DOCE--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): No passado--

SR. DIMAS TOLEDO: No passado que eu não me lembro.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Antes de 2002?

SR. DIMAS TOLEDO: Lá para trás. SAN MARCO MINERAÇÃO. Nunca vi trabalho de SAN MARCO MINERAÇÃO, em FURNAS--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Essa é uma informação muito importante, gostaria que V.Exa. prestasse bem atenção porque é relevante--

SR. DIMAS TOLEDO: É importante o seguinte. Eu não posso falar de FURNAS porque falar aqui, tem aqui se TUPY FUNDIÇÕES, eu não sei TUPY FUNDIÇÕES se vende cimento para FURNAS, eu estou falando de empresa que trabalham na minha área, evidentemente. Eu não conheço todas as empresas.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não precisa ser excludente exaustivo.

SR. DIMAS TOLEDO: Por exemplo--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Elenca aqueles que visivelmente --

SR. DIMAS TOLEDO: FERTECO MINERAÇÃO. Não sei quem é. A BELGO MINEIRA não sei se fornece, pode fornecer cabo. DNA PROPAGANDA, nunca trabalhou para FURNAS. BANCO RURAL, não sei. BANCO BRASCAN, nunca. SUL AMÉRICA... TURFA, não sei nem quem é. PREVI, PETRO, não trabalha para FURNAS; FINAMBRÁS CORRETORA, não sei quem é. MAGNESITA, MART. MAGNESITA, não sei, nunca trabalhou para FURNAS. CARIOCA ENGENHARIA, não me lembro de CARIOCA ENGENHARIA trabalhando para FURNAS. Conheço a empresa, mas não me lembro. LAFARGE se é isso, SCHULLER, não sei nem quem é. COELCE, segunda empresa de energia elétrica, CELPE DE ENERGIA ELÉTRICA. TUPY FUNDIÇÕES, nunca trabalhou para FURNAS. CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, não sei, nunca... Não é o tipo de empresa que preste serviço para FURNAS. MENDES JÚNIOR SIDERÚRGICA --.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A conclusão de Vossa Senhoria é que nesse essa lista é inverídica.

SR. DIMAS TOLEDO: Absurda! É totalmente absurda! ARACRUZ CELULOSE. MITSUBISHI... Não. MITSUBISHI inda pode ter feito alguma coisa pequena que eu não sei. Mas eu não me lembro... DERVENCCIVILSEN, não me lembro trabalhando para FURNAS. HOLCIM, MBR não sei quem é, CST. Uma série de empresas aqui que. GRUPO CAEMI, não sei quem é. LUCENT TECNOLOGIA, não sei quem é. É muita--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Tudo bem. Vossa Senhoria conhece o senhor Luiz Fernando Couto?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim, é o consultor jurídico da empresa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Alguma vez ele esteve com Vossa Senhoria no restaurante ALCAPARRA na praia do Flamengo?

SR. DIMAS TOLEDO: Nunca esteve e nunca nem agendo ou a tal reunião o que Nilton cita aí.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria alguma vez freqüentou esse restaurante?

SR. DIMAS TOLEDO: Estive lá umas duas vezes, Duas ou três vezes no ALCAPARRA.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Isso poderia ter acontecido em agosto de 2004.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não me lembro, Deputado, sinceramente. Eu preferia que alguém dissesse. Porque o Nilton tem mania de dizer as coisas mas não diz a data. Porque se ele dissesse a data, pelo menos, "fala agosto". Se ele afirmasse.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Agosto de 2004.

SR. DIMAS TOLEDO: Se dissesse tanto de agosto, se ele afirmasse a data-- [soa a campainha]

SR. DIMAS TOLEDO: Ele se afirmasse a data de agosto eu teria como ir na agenda e ver.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria percebe a dúvida que nós ficamos que ao mesmo tempo em que nós temos porque nos convencer de que essa lista é falsa, a gente sempre fica em dúvida porque como é que ele sabe dos restaurantes onde Vossa Senhoria freqüentava, numa cidade como o Rio de Janeiro. Faz coincidir esses encontros e identifica a sua presença no local. [soa a campainha]

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, pelas... Só pela exposição inicial aí, que eu também muitos dados eu não conhecia, ele é capaz de grandes armações. Então, provavelmente, ele procurou coletar essas informações com pessoas que trabalham em volta de mim ou que me conheciam de alguma forma, não é? Mas continuo reafirmando que eu vi pela primeira vez o retrato do senhor Nilton quando a Carta Capital publicou, eu queria saber quem era essa pessoa. Mas a Carta Capital publicou uma reportagem que incluía a foto. Estava a grande e eu vi. E é uma pessoa que me marcou tanto que eu falei: "Essa nunca eu vi na minha vida". Antes, eu passei, no início eu falei: "Encontro com tanta gente, posso ter encontrado". Quando eu vi tinha absoluta certeza de que nunca o tinha visto na minha vida.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria conhece o senhor Conrad?

SR. DIMAS TOLEDO: O senhor Conrad.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Da JP.

SR. DIMAS TOLEDO: Qual Conrad. O Reinaldo?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Tem alguma coisa com a JP ENGENHARIA?

SR. DIMAS TOLEDO: O senhor Reinaldo como Presidente da JP, sim. Conheço. Assinou contrato conosco. Eu o conheci uma vez, ele foi à FURNAS e uma outra vez eu cruzei com ele no Aeroporto.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria está se referindo a Conrad, da JP?

SR. DIMAS TOLEDO: Por favor?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria está se referindo a Conrad, da JP?

SR. DIMAS TOLEDO: Ao Conrad que eu conheço, Reinaldo Conrad.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): V.Exa. acabou de dizer que a JP não firmou contrato e agora falou que firmou contrato.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, disse que firmou contrato e não executou obra, não executou. Assinou contrato de parceria com FURNAS mas não saiu do papel. Não executou.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E seria esse, esse contrato não executado que o Nilton Monteiro estaria à sua procura para negociar.

SR. DIMAS TOLEDO: Exatamente, ele fala que-

-

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria chegou a alguma explicação da forma que pretendia? Quando ele foi procurar?

SR. DIMAS TOLEDO: Que pretendia, que ele cita é que ele queria restabelecer um contrato que já tinha sido cancelado pelo Conselho de Administração. Esse contrato já estava, já estava sob gerência da Consultoria Jurídica na Presidência. Já estava sendo em fase, já tinha entrado em fase de liquidação da caução. A empresa já tinha falido, FURNAS não podia restabelecer, a JP já tinha falido. O modelo de setor elétrico brasileiro já tinha mudado, onde FURNAS não podia mais ter aquele tipo de contrato. Aquela forma de con-

tratação não podia existir mais e ele fala então que o, que eu queria chantageá-lo para poder restabelecer um contrato que era impossível restabelecer.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria conheceu, sabe alguma coisa em relação a uma empresa chamada COMPUBRÁS (F)?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Essa empresa não prestou nenhum serviço a FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A ISOLUX?

SR. DIMAS TOLEDO: A ISOLUX eu conheço, não sei se chegou a ser parceira nossa em proposta, acho que não. É uma empresa de transmissão, mas também penso que não chegou a trabalhar para FURNAS. Mas conheço a empresa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Nesse período Vossa Senhoria estava executando alguma obra em Rezende? No Rio de Janeiro?

SR. DIMAS TOLEDO: Executando obra nesse período? Não.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Obra particular?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Casa ou apartamento?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não estava executando. Eu tinha construído 2001, 2002, casa. Mas nessa fase não estava construindo.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria, portanto, desconhece qualquer relação que possa existir entre a COMPOBRÁS e a JP?

SR. DIMAS TOLEDO: Desconheço qualquer relação. Até mesmo porque nesse tipo de parceria que foi feito, o contrato, a responsabilidade das contratações era da JP. A JP não era uma empreiteira de FURNAS, era uma parceira. E a responsabilidade de todas as contratações para a execução dos empreendimentos desse empreendimento, era dela. Então ela não tinha que submeter a FURNAS, o problema era dela.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria alguma vez encontrou com o ex-Ministro Anderson Adauto em algum restaurante no Rio de Janeiro?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. Não que eu me lembre.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Algum Diretor de FURNAS arrecadou dinheiro para algum partido político?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não tenho conhecimento. E penso que não. Porque o Relatório de FURNAS, a Sindicância Interna, Relatório de Auditoria mostra que de FURNAS não tem como fazer isso.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Em entrevista reproduzida em 9 de fevereiro agora de 2006, no *blog* do jornalista Josias de Souza, o ex-Deputado Roberto Jefferson teria afirmado, à propósito da Diretoria de Planejamento e Engenharia de FURNAS que: "Aquela Cadeira era forte demais para um só. Ela foi o principal motivo para o José Dirceu botar a ABIN no meu calcanhar." Uma outra entrevista em 10 de fevereiro de 2006, no O Estado de São Paulo, no jornal O Estado de São Paulo, o ex-Deputado declarou: "Veio a ordem do Palácio de sustar a posse e saiu a matéria da Veja para vetar a posse de Espirandel. É por isso que eu sempre disse que tinha o dedo da ABIN. Isso aconteceu em razão de o PT querer Caixa Único." O ex-Deputado dá a entender que o episódio envolvendo o senhor Maurício Marinho nos Correios teria sido articulado junto a ABIN, pois o então Ministro José Dirceu, aliás, pelo então Ministro José Dirceu para impedir a posse do Espirandel. Em substituição ao senhor na Diretoria de FURNAS. Aí eu pergunto, Vossa Senhoria teve algum relacionamento, encontrou-se alguma vez com o Ministro, ex-Ministro José Dirceu?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, nem pessoalmente e nem por telefone.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Alguma vez algum relacionamento, algum contato com a ABIN?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não conheço ninguém da ABIN. Pelo menos que eu saiba que seja, que a pessoa seja da ABIN.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria conhece o senhor Maurício Marinho?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não o conheço.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu volto a uma pergunta que fiz inicialmente. Vossa Senhoria atribui a que essa, por que essa orquestração de dois cidadãos. Um com as suspeitas levantadas, Nilton Monteiro. Mas em relação ao Deputado Roberto Jefferson. Os dois fazendo referências a esse tipo de conduta de Vossa Senhoria?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu, no caso do Deputado Roberto Jefferson, como ele mesmo narra nessa história aí, ele pensa, ou ele imagina que eu tenha ido realmente à Casa dele com esse propósito. Quer dizer,

ele não me conhece bem. As pessoas que me conhecem bem sabem perfeitamente que eu seria incapaz de participar de uma articulação desse tipo. E até mesmo, senhor Relator, e eu estava já na ocasião penso ano em sair de FURNAS. Até mesmo já achava que tinha cumprido em FURNAS uma bela missão. Então não tinha razão nenhuma para articular uma manobra desse tipo. Não sei conhecia as pessoas que eles estavam. Então imagino que ele por imaginar isso ele resolveu assimilar, não é. Então, fazer política com isso? Eu não entendo; Realmente não sei definir claramente, porque o Deputado Roberto Jefferson fez isso.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Como foi a saída de Vossa Senhoria de FURNAS? A que título se deu, quando foi?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu primeiro, quando surgiu o fato eu me afastei. Ao contrário do que a empresa denuncie, as pessoas falam. Não, eu pedi o afastamento para permitir uma-- uma Comissão de Sindicância a verificar o que estava sendo afirmado. Que na época que ele afirmava aí é que nós tínhamos apanhado dinheiro no caixa de FURNAS. [soa a campainha] Posteriormente, logo que terminou a Sindicância, em primeiro de agosto, eu me dirigi nessa carta que está aqui, que posso até passar para a Comissão, ao Presidente, eu pedindo a minha demissão. Porque achei, entendi que era a hora de sair e pronto.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vossa Senhoria fez referência a que FURNAS é submetida ao Tribunal de Contas, enfim, aos controles normais dos órgãos competentes. Mas há um, uma referência em algum local quanto a essa, ao fato de que FURNAS pertence ao grupo, ao complexo ELETROBRÁS. Mas que na verdade tem uma autonomia absoluta, tem uma gestão que não, a nada se vincula à ELETROBRÁS. Isso é verdadeiro?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não é bem assim. A ELETROBRÁS é a *holding*, não é? Então as diretrizes, projetos, orçamento de FURNAS passa via ELETROBRÁS para chegar até o Congresso para ser aprovado. A ELETROBRÁS sempre indica Conselheiros para FURNAS. Quer dizer, existe um vínculo constante também com a empresa ELETROBRÁS.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Aquela referência a um bilhão empregados por FURNAS para o "Luz para Todos" não é uma afirmação verdadeira?

SR. DIMAS TOLEDO: Um bilhão FURNAS não tinha nem para os seus próprios investimentos.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Parece que anualmente ele dispunha de um bilhão para investimento, só que nesse caso talvez seria todo ele, teria sido todo ele realizado num único só.

SR. DIMAS TOLEDO: E o investimento de FURNAS que já é da ordem de um bilhão e 200 mil, como ´q que ficaria, não é? E FURNAS não tem, como disse não tem nada a ver com com esse "Luz para Todos".

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Se tivesse, Minas Gerais todo sob energia elétrica.

SR. DIMAS TOLEDO: É verdade.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Estou quase concluindo, Sr. Presidente. Em que época aconteceram esses telefonemas à sua secretária?

SR. DIMAS TOLEDO: Foi em 2004. Fevereiro, março, por aí. Não me lembro a data exata.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E porque foram diversos. Vossa Senhoria.

SR. DIMAS TOLEDO: Foram três telefonemas, no máximo quatro telefonemas.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E o senhor Nilton terminou sendo atendido, muito embora não por Vossa Senhoria.

SR. DIMAS TOLEDO: Por telefone pelo meu assistente.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Mas pela empresa?

SR. DIMAS TOLEDO: E depois pelo Consultor Jurídico, pela empresa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): No seu depoimento, em algumas oportunidades, Vossa Senhoria também surpreende quando parece que toma conhecimento no decorrer do depoimento é que fica sabendo de dados, que relacionados à sociedades ou participação eventual de sua própria esposa. Estou tentando localizar. "Que neste momento, após contato telefônico com sua filha". É que é a filha. Depois, em seguida vem a esposa. Após contato telefônico com sua filha pode afirmar que a CTEE é uma empresa na qual ela tenha participação societária. Vossa Senhoria confirma que até o momento do depoimento desconhecia?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu desconhecia o nome da empresa, não sabia o nome da empresa e ele me perguntou pela empresa e depois perguntou pela minha filha. Aí que eu vi, liguei para a minha filha para ver se realmente havia essa coincidência. Ela disse: "Não, a minha empresa é essa que está aí". Mas realmente desconhecia.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E essa empresa de eventos que Vossa Senhoria fez referência.

SR. DIMAS TOLEDO: Essa empresa, é a própria.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E também no próprio depoimento, novamente acontece isso agora em relação à sua esposa. Que não tem conhecimento se a sua esposa, Maria Isabel Martins Toledo seja sócia da mencionada empresa, que é a D´ANGELO TOLEDO LTDA. Porque neste momento, dado ciência. Vossa Senhoria, quando estava depondo, a polícia permitia que Vossa Senhoria fosse contatando e respondendo?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, isso só aconteceu no caso da Fabiana.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E da esposa?

SR. DIMAS TOLEDO: Da esposa realmente essa loja, foi uma pequena loja que ela abriu de sócia com minha nora na cidade de Varginha e já tinha 3 anos que estava fechada a loja. Então eu não me lembrava nem o nome e nem a loja. O único motivo foi esse. Porque a minha nora havia mudado de cidade.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, por enquanto eu me dou por satisfeito.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Questão de ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Questão de ordem, Deputado Eduardo Paes.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Agradeço, só para passar às suas mãos, muito rapidamente, peço perdão dos meus pares. Quando esse documento, essa malfadada "Lista de FURNAS" começou a rodar pela Internet, o cidadão que divulgou o primeiro e-mail, ele colocava para dar veracidade à lista, ele divulgava um Relatório, uma perícia feita pelo senhor Ricardo Molina. E a perícia ela não tinha, ela não era clara. Quer dizer, para quem lesse com atenção ela era uma perícia absolutamente clara. Dizia que o documento não podia ser periciado se fosse falso ou verdadeiro, porque tratava-se de uma cópia. Como parece praxe pelo que expôs aqui o Senador Virgílio, desse "picareta", falsário, senhor Nilton Monteiro. Tamanho foi o constrangimento gerado por essa utilização da perícia do senhor Ricardo Molina, que chegou às minhas mãos, Sr. Presidente, um esclarecimento do Relatório do senhor Ricardo Molina, feito pelo próprio Ricardo Molina que, obviamente, deve ter se sentido constrangido pela má utilização da perícia realizada por ele. Então vou passar formalmente às mãos do Presidente e do Relator, alguns questionamentos feitos ao senhor Ricardo Molina e as explicações, e aí de forma muito clara que impedem a má utilização da perícia realizada por ele, mostrando muito claramente, enfim, que nós estamos lidando com uma análise, por enquanto, até que surja algo que possa ser periciado de verdade, nós estamos lidando com mais uma farsa desse--

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Não dá para V.Exa. ler o Relatório, pelo menos a conclusão.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): É um conjunto, eu vou, eu trouxe bastante cópias aqui, tomei esse cuidado para que todos possam ter acesso, inclusive os senhores Parlamentares e a própria imprensa, mas eu acho que me parece uma informação importante que mostra na verdade o próprio constrangimento do senhor Ricardo Molina da forma como foi utilizada a perícia realizada anteriormente por ele. Usaram a perícia como se fosse uma forma de "esquentar"a farsa. E aí ele se sentiu tão constrangido que respondeu um questionário mostrando por "A+B", para aqueles que têm menos clareza, mais dificuldade em entender as coisas como elas são, deixando bem claro como foi realizada essa perícia, o que no final ele conclui, Senador Tuma. Obviamente já li esse questionamento, de que é impossível dizer se a lista é verdadeira ou falsa porque trata-se de uma cópia. Portanto, não dá para fazer perícia. Ele aguarda, inclusive ele declara aqui que está aguardando há quatro meses o original prometido pelo senhor Nilton Monteiro. Que aí, no original, se poderia fazer uma perícia. Nos processos históricos, já do senhor Nilton Monteiro, tem uma série de cópias desmontadas depois de alguns meses. Mas eu vou encaminhar isso formalmente à Mesa e passarei aqui aos Parlamentares, cópias desse documento.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): V.Exa. encaminharia à Mesa e eu passo a palavra para o Deputado Murilo Zauith.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Obrigado Sr. Presidente. Senhor Dimas, eu acompanhei com atenção--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu peço ao controle do tempo, 10 minutos, por favor.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): E eu quero rememorar alguns fatos, aqui. Quando, quando o senhor Roberto Jefferson da Tribuna da Câmara denunciou que existia uma rede de corrupção comandada pelo senhor Marcos Valério no país. Ele que denunciou essa, ele que anunciou para o Brasil o senhor Marcos Valério. Depois, ele disse que quem comandava esse processo era o senhor José Dirceu. O ex-Deputado José Dirceu. E o ex-Deputado perdeu o cargo de Ministro e veio para a Casa e foi cassado. Depois ele disse que havia corrupção na Diretoria de FURNAS e os senhores pediram demissão do cargo. A partir daí, houve algum inquérito e como está esse inquérito, a

Polícia Federal está investigando, essa é a primeira denúncia do senhor Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, primeiro, nem todos pediram demissão. Eu após a Sindicância de FURNAS, pedi demissão.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): O senhor e o Presidente?

SR. DIMAS TOLEDO: Só eu. Os outros dois Diretores que estavam envolvidos na denúncia do Deputado Roberto Jefferson esperaram, esperaram inclusive acabar o Relatório da ERNST& YOUNG que também fez uma auditagem para ver se tinha alguma coisa de Caixa, alguma transferência de recursos de FURNAS e, acabando eles imaginavam que pudessem retornar à Casa. O que ocorreu é que houve mudanças políticas--

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Mas a Polícia Federal... Quero saber o seguinte: A Polícia Federal abriu algum inquérito com a denúncia?

SR. DIMAS TOLEDO: Abriu, abriu.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Tem andamento esse inquérito na Polícia Federal?

SR. DIMAS TOLEDO: Tem.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): O Ministério Público foi--

SR. DIMAS TOLEDO: Logo em agosto, logo em agosto nós fomos ouvido pela Polícia Federal.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): E tem um inquérito?

SR. DIMAS TOLEDO: Tem um inquérito em andamento.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Correndo na Polícia Federal.

SR. DIMAS TOLEDO: Tem.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Não foram indiciados pelo Ministério Público?

SR. DIMAS TOLEDO: Aliás é uma coisa. Estou aqui na condição de investigado, mas não temos nenhum indiciamento, não temos nada. Apenas estamos sendo ouvidos.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): E aí ele disse que havia uma distribuição de recursos em torno de 4 milhões que a Diretoria distribuía.

SR. DIMAS TOLEDO: Naquela oportunidade ele disse, parece que 3 e meio.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): 3 e meio?

SR. DIMAS TOLEDO: Um e um e meio que seria dividido. Naquela oportunidade.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Mas quando ele fez a denúncia do senhor Marcos Valério que deu origem à essa CPI e esse trabalho todo que a CPI vem desenvolvendo, quer dizer, ele deu, ele deu o caminho e está aí a CPI funcionando. O senhor acha que se abrir uma CPI em FURNAS também vai encontrar um rastro lá?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, essa semana pelo que eu tenho notícias. Estão lá, inclusive equipes da CGU, equipes diversas lá verificando as coisas. Eu quero dizer para o senhor que as contas nossas estão aprovadas 2001, 2002, 2003, 2004. Terminando--

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Está bom.

SR. DIMAS TOLEDO: A CGU vai pelo menos duas vezes por ano lá, 6 vezes por ano o TCU e nunca sequer tivemos qualquer constrangimento de ser punido por improbidade administrativa.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Por que o senhor vem encontrar com o Deputado Roberto Jefferson às 10 e meia da noite no apartamento dele aqui em Brasília? Por pedido de quem?

SR. DIMAS TOLEDO: Com pedido?

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Como o senhor vai encontrar um Deputado, o senhor vai ao apartamento dele, por quê?

SR. DIMAS TOLEDO: Não entendi a pergunta? Pode repetir, por favor.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): O senhor não disse que veio de Goiânia aqui?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu moro no Rio. Um dia antes eu tinha um Seminário em Goiânia. No dia seguinte que seria de 13 para 14, eu tinha reuniões em Brasília que terminavam às 10 e meia. Por isso o motivo de marcar com ele às 10h30.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Tudo bem, por que vem na casa, no apartamento de um Deputado? Passa por Brasília e vai ao encontro de um Deputado?

SR. DIMAS TOLEDO: Já expliquei, ué! Já expliquei!

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Por que não poderia ser no meu, no do outro? Que ligação, quem fez esse pedido para o senhor?

SR. DIMAS TOLEDO: Ninguém fez.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Um Deputado pede uma ligação, foi lá.

SR. DIMAS TOLEDO: Fui lá a convite dele.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Mas por quê?

SR. DIMAS TOLEDO: Me convidou porque ele tinha, segundo ele, o governo havia ofertado o meu cargo para ele.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Tinha ofertado o seu cargo para ele?

SR. DIMAS TOLEDO: O meu cargo para ele. E a imprensa inclusive noticiou naquela época.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): O senhor foi lá para dar uma satisfação para ele?

SR. DIMAS TOLEDO: Fui lá. Já expliquei, com o único objetivo, depois de ouvir muitas pessoas, com o único objetivo de ver se conseguia dele que permanecesse um funcionário da Casa.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): E quando ele falou isso para o senhor, o senhor Presidente não falou o que senhor ia perder o cargo, que o governo estava negociando o seu cargo não, teve nenhuma ligação de, do governo com o senhor para atender ele?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, existiu isso.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): O simples fato de chegar para o senhor falar que está requerendo o seu cargo, o senhor foi ao encontro dele?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não é bem assim. [soa a campainha]

SR. DIMAS TOLEDO: Não é bem assim.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Então explique.

SR. DIMAS TOLEDO: Já expliquei.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Se eu disser para o senhor "Estou pleiteando sua Diretoria". O senhor vem ao meu encontro conversar?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, veja bem, eu fui convidado por ele para conversar porque diversos amigos e a quem ele mesmo disse: "Olha, se eu soubesse o que Dimas tinha toda essa competência e cuidava tão bem de FURNAS, eu nem teria concordado com o Presidente com esse cargo". E me convidou para ir a Casa dele. E eu só aceitei depois de diversos convites, porque a minha intenção era que ele, eu fosse substituído por alguém de FURNAS, porque tradicionalmente esse cargo sempre foi usado por funcionários de FURNAS. Sempre foi, como ele-- um funcionário de FURNAS que era para o cargo.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): E quando começou esse, aparecer essa "Lista de Furnas", o senhor foi chantageado, ameaçado alguma vez?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Ninguém ligou para o senhor? Ninguém ameaçou?

SR. DIMAS TOLEDO: Quando apareceu a lista?

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Começou a aparecer essa lista?

SR. DIMAS TOLEDO: A lista não.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Algum momento foi chantageado, ameaçado?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): A partir do episódio do ex-Deputado Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Não? E quer dizer que essa lista o senhor foi surpreendido dela na imprensa?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu tomei conhecimento dessa lista em novembro, talvez outubro, final de novembro quando o jornalista da IstoÉ pediu para falar comigo e eu encaminhei para o contrário de advocacia e ele levaram lá o laudo do senhor Molina e levaram lá a lista e os nossos advogados os convenceu de que era a maior blefe, que era uma falsidade e eles até resolveram nem publicar o material.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): E aonde entra a ligação do senhor Nilton com o senhor no material dessa lista.

SR. DIMAS TOLEDO: Nenhum, não conheço o senhor Nilton.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Se vê não sabe quem é?

SR. DIMAS TOLEDO: Hoje eu consigo, vejo a revista, já vi em jornal. Hoje é até possível. Mas--

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Mas esse contato que anteriormente ele fez uma pressão, que ele queria representar uma firma e não teve um contato?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não teve contato, nunca agendou reunião comigo através de secretária, nem com Luiz Fernando e com ninguém. Nunca vi esse indivíduo.

DEPUTADO MURILO ZAUITH (PFL-MS): Está bom, Presidente, me dou por satisfeito. Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Murilo Zauith. Eu solicito ao Deputado Arnaldo Faria de Sá, em função... O segundo inscrito é V.Exa. e o terceiro escrito é o Deputado ACM Neto. Mas ele está dando continuidade aos trabalhos da Sub-relatoria dos Fundos de Pensão e eu pergunto, Deputado Arnaldo Faria de Sá, se é possível até em função dos trabalhos que estão se desenvolvendo na Sub-relatoria dos Fundos de Pensão, V.Exa. permite o que Deputado ACM fale antes de V.Exa..

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): A pedido de V.Exa., Excelência é pertinente e o pleito do Deputado ACM Neto merece atenção.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Arnaldo Faria de Sá. Com a palavra o Deputado ACM Neto, 10 minutos.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Presidente Delcídio, Deputado Osmar, agradeço a concessão do Deputado Arnaldo Faria de Sá. Senhor Dimas Toledo, prezados Parlamenta-

res. Inicialmente, eu gostaria de transmitir um recado para quem montou esta farsa. Não conseguiram tirar um minuto sequer o meu sono e muito menos abalar a minha disposição de continuar lutando com força e coragem para combater a corrupção no Brasil. Esse recado é importante porque assim como tantos outros Parlamentares, nós só podemos reagir de uma forma, diante desta farsa. Com indignação. Não aceitando e exigindo que tudo isso seja apurado até o fim. Mas, senhor Dimas, eu peço que, por favor, Senadora Ideli, como a senhora hoje foi eleita Líder, eu vou perdoar V.Exa. Mas senhor Dimas, o senhor afirmou aqui que não elaborou essa lista. Eu acredito o que senhor não elaborou essa lista. Mas penso que seria impossível que o senhor não desconfiasse ou não fizesse idéia de quem pode ter elaborado essa lista. Seria muito difícil que o senhor não imaginasse quem armou esta farsa. Então a minha primeira pergunta é justamente se o senhor desconfia, se o senhor já desconfiou, se o senhor se preocupou em desconfiar de quem é que pode ter elaborado esta farsa?

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, sendo sincero, eu não gostaria de ser leviano e fazer o mesmo que os nossos acusadores estão fazendo, não é. Eu realmente não tenho certeza e não gostaria de fazer nenhuma elucubração sobre isso.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): O senhor pode até não ter certeza, mas o senhor tem alguma desconfiança?

SR. DIMAS TOLEDO: Não tenho.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Não tem.

SR. DIMAS TOLEDO: Desconfiança tem o Nilton. Eu não posso afirmar coisa alguma.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Das duas uma, quem elaborou essa lista ou queria atingir uma pessoa, que era o senhor, ou queria atingir 156 homens públicos do Brasil. Acho que nas duas situações há crime configurado. Agora, é evidente que como lhe é atribuída a autoria da lista é inevitável que não passe pela cabeça do senhor quem é que pode ter formatado essa relação de supostas contribuições.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não passa. Eu até quero que a Polícia Federal realmente se dedique ao máximo, estou preocupado e empenho para descobrir quem é que fez isso, as pessoas que estejam envolvidas nisso.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Agora o senhor acha que foi feita para atingir ao senhor ou atingir aos 156 homens públicos que aparecem nessa lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu acredito que aos dois. A mim e aos 150 homens públicos. Não tem sentido se atingir só a mim.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Porque eu confesso a Vossa Senhoria e a todos os membros desta CPMI que uma velha sabedoria popular me ocorreu diante dessa lista. Aquela que vale para quando as pessoas querem desvirtuar a realidade e um conselheiro, sempre do mal, porque aquele que aconselha a mentir é um conselheiro do mal, ele diz o seguinte: "Olha, minta, mas minta pouco". Nesse caso, mentiram demais! E aí o que é que aconteceu? A mentira ficou tão descarada, desculpe o termo, mas é o único termo que me ocorre neste momento,, a mentira ficou estão deslavada que não conseguiu sequer conquistar a credibilidade de Parlamentares nesta Casa que inclusive não estão na lista, que compõem a base do governo, a base de apoio do Presidente da República e que não têm coragem de dizer que essa lista é verdadeira. Porque mentiram muito! Mas, enfim, o senhor disse aqui que conheceu o Deputado Roberto Jefferson no ano passado, portanto, em 2005. Correto?

SR. DIMAS TOLEDO: Correto.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Ok. O Deputado Roberto Jefferson afirmou categoricamente na Polícia Federal que recebeu em 2002, 75 mil reais das mãos de Vossa Senhoria. Muito bem, como pode o Deputado Roberto Jefferson ter recebido em 2002, 75 mil reais se ele pela primeira vez que esteve com o senhor foi no ano de 2005?

SR. DIMAS TOLEDO: Impossível, Deputado. Eu nunca estive com o Roberto Jefferson em 2002, nunca poderia ter levado dinheiro a ele, não é? Impossível. Isso não aconteceu.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Porque veja.

SR. DIMAS TOLEDO: Não é verdade.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Não me causaria surpresa que o Deputado Roberto Jefferson tivesse recebido mais esses recursos de forma irregular. Aliás, um dos motivos que levou à cassação do Deputado Roberto Jefferson foi justamente ter recebido recursos do Partido dos Trabalhadores, ter recebido recursos do Governo Federal de forma irregular. Esse foi um dos motivos que levou a cassação do Deputado Roberto Jefferson. Então, se ele aparecesse em qualquer instante dizendo que recebeu mais um real, 100 reais, 100 mil reais ou um milhão, não me causaria surpresa. Porém, como é que ele pode ter recebido 75 mil reais das mãos de alguém que ele só conheceu em 20005 e esse fato se reporta ao ano de 2002? É impossível.

SR. DIMAS TOLEDO: Impossível.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): É, é o que nós sempre imaginamos. Nessa lista não aparece nenhum Parlamentar e nenhum político do Partido dos Trabalhadores. O senhor acha que foi uma mera coincidência ou também lhe causou estranheza o fato de não aparecer nenhum político do PT nesta lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, eu não sei qual o critério que a pessoa que elaborou essa lista quis utilizar. Mas, evidente, estranho que isso não se envolve com a gente, evidente. Agora não sei qual o critério não. Apareceu inclusive pessoas que não eram candidatos como o meu próprio Conselheiro, que era Presidente do Conselho na época, o Ministro Gomide, apareceu aí como Deputado. Então tem outras pessoas aí. Tem gente que não era candidato, tem gente que não se elegeu e a lista aparece que só tem eleito também, não tem quem perde.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Supondo na mais absurda hipótese, que o senhor tivesse distribuído todos esses milhões que lhe são atribuídos, o senhor colocaria o nome do seu filho nessa lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Acho que não, Deputado. Seria um pai desnaturalizado se fizesse uma coisa dessas.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): E o nome do seu filho está na lista?

SR. DIMAS TOLEDO: O nome do meu filho está na lista.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Quando houve a mudança de governo, no ano de 2003 o senhor foi mantido no cargo, um cargo de confiança. Muito bem. Nós vimos aqui que o PT se preocupou em aparelhar a máquina pública. Foi voraz por ocupar espaços no governo. Mas, no entanto, manteve o senhor no cargo.

SR. DIMAS TOLEDO: É verdade.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): E o senhor hoje revelou uma coisa que pelo menos era do meu desconhecimento, que recebeu um telefonema do--

SR. DIMAS TOLEDO: Presidente de FURNAS.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Do Presidente?

SR. DIMAS TOLEDO: Me convidando para continuar no cargo a pedido da Ministra.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): A pedido da Ministra Dilma Rousseffff?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim senhor.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Que hoje é Ministra Chefe da Casa Civil? Portanto, a permanência do senhor passou pela concordância e pelo apoio do Partido dos Trabalhadores.

SR. DIMAS TOLEDO: Acredito que sim.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Porque senão a Ministra Dilma Rousseff que é do PT, que hoje é Ministra Chefe da Casa Civil não teria mandado o Presidente de FURNAS ligar para o senhor comunicando que o senhor estaria mantido no cargo.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, isso é ritual. Qualquer Diretor que vai ser indicado ele é convidado pelo Presidente através do... Não só eu fui convidado dessa forma, como os demais.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Mas só que o Presidente falou em nome da Ministra Dilma Rousseffff.

SR. DIMAS TOLEDO: Mas todos eles... Todos os Diretores que ele convidou, ele convidou em nome da Ministra.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Algum outro Diretor de FURNAS também foi mantido no cargo?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, só eu.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Só o senhor? Então todas as outras Diretorias foram mudadas e somente o senhor foi mantido com a mudança de governo?

SR. DIMAS TOLEDO: Mas eu já expliquei, pelas características técnicas da Diretoria. Unicamente por isso.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Muito bem, o que ocasionou isso, nesse momento não está em discussão o fato, concreto e objetivo é que houve uma mudança de governo, saiu do PSDB foi para o PT e o senhor se manteve no cargo. Muito bem.

SR. DIMAS TOLEDO: Mas eu não sou político, Deputado. Eu nunca mexi com política.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Eu acredito. Eu só insisto que o PT concordou com a manutenção do senhor no cargo. Então como é um cargo de confiança e, aliás, esse é um termo sempre que eles gostam de usar, como é um cargo de confiança e o senhor foi mantido num cargo de confiança no governo do PT, pressupõe que o PT naquele momento confiava no senhor para exercer o cargo na Diretoria de FURNAS. Eu não tenho--

SR. DIMAS TOLEDO: Provavelmente porque eu não era político, nunca fiz política e o PT então manteve pelas condições técnicas, isso que eu entendo.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, eu vou encerrar porque o meu tempo está acabando, mas eu quero aqui deixar patente uma coisa. Essa história não pode ficar sem solução. Não pode! Nós não podemos deixar nada em aberto! Nós não podemos deixar pairar nenhuma dúvida quanto à procedência ou não dessas denúncias. Não pode ser mais uma história que foi levantada e depois sepultada por não ter sido investigada e por não ter se chegado a conclusões objetivas! E eu digo isso porque a Polícia Federal está silente. Eu digo isso porque o Ministro da Justiça, doutor Márcio Thomaz bastos, até então não se pronunciou sobre o caso e nós estamos aqui simplesmente tratando de uma coisa que é uma farsa, uma farsa mal montada, uma farsa criada com a tentativa clara de inibir Parlamentares e políticos desta Casa, de querer generalizar uma prática que é hoje de domínio principal do Partido dos Trabalhadores. Que é a prática de disseminação da corrupção, sobretudo, da corrupção na política brasileira! E nós não podemos aceitar que não se chegue a uma conclusão clara! Eu quero que ao fim dessas investigações, o Ministério da Justiça se pronuncie sobre a autenticidade da lista, que se pronuncie sobre a veracidade do conteúdo da lista, que se pronuncie sobre o que aconteceu! Sabe por quê? Porque todos os homens de bem que constam dessa lista e que nesse momento se sentem injustiçados, o que mais querem é saber quem foi o responsável por essa farsa! Sabe por quê? Essa pessoa vai pagar na Justiça! Nós vamos processar quem fez isso! Porque mais uma vez no Brasil não podem haver insinuações sem que haja a punição devida por esse crime que foi cometido. Eu agradeço, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado, Deputado ACM Neto. Com a palavra o Deputado Arnaldo Faria de Sá e depois Senador Álvaro Dias.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem Senadora Ideli.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente, têm algumas questões que eu acho que poderiam esclarecer e contribuir com as questões que estão sendo feitas. A primeira delas eu quero ir na linha que o próprio ACM Neto colocou. Não pode pairar nenhuma dúvida a respeito do que nós estamos tratando aqui, não é? O Deputado ACM Neto colocou a questão de que a Polícia Federal está silente sobre, não é? Entendi como silenciosa, calada com relação a esta questão. Bom, nós soubemos que o senhor, a presidência da CPI e o Relator, Deputado Serraglio, estiveram em audiência com o Ministro Joaquim Barbosa, que está comandando dois inquéritos que, aliás, num deles, tem elementos já por informações que circulam, sem confirmação ainda, já estão razoavelmente avançados e que num destes inquéritos inclusive tem o motivo pelo qual o senhor Nilton Monteiro foi convocado a esta CPI. Porque o senhor Nilton Monteiro não foi convocado a esta CPI por causa desta questão que nós estamos tratando hoje. O senhor Nilton Monteiro foi convocado a esta CPI por causa de uma outra lista, não é, de 98, de um depoimento do senhor Cláudio Mourão, que houve inclusive contraditório entre o que ele afirmou aqui e que depois parece que o inquérito, a informação pelo menos que se tem é que a polícia deu como válida, não tendo sido montada nem falsificada a lista, nem e tal. Então, e além disso, além desta ida lá ao senhor Joaquim Barbosa que acho que poderia contribuir com a apuração, até obviamente o senhor Nilton Monteiro pode ter 500 processos e tal, mas a CPI aqui já ouviu gente condenada, julgada e tal, teve gente até que veio aqui de uniforme de presidiário, não é? Então eu acho que seria muito importante a gente poder ter as informações se estes dois inquéritos que foram solicitados ao Ministro Joaquim Barbosa vão vir ou não e quando que virão e a outra coisa é se a mesma providência que foi adotada com relação ao Ministro Joaquim Barbosa nestes dois inquéritos, se foi tomada pela, por quem está conduzindo a CPI, o Presidente, ou se não pensaram nisso, ou se não seria conveniente isto de manter o contato com quem está conduzindo o inquérito da Polícia Federal que foi aqui inclusive levantado como silente. Porque se queremos investigar, eu acho que poder ter os elementos do que já andou, como andou, por onde andou, eu acho que seria importante, tá. Da mesma forma como no início foi pedido cópia do depoimento do Jefferson, do Roberto Jefferson na Polícia Federal. Eu acho que são todos elementos que podem contribuir efetivamente para que a gente faça uma boa investigação desta questão, se a intenção é efetivamente investigar, não é. Até porque, eu--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senadora Ideli, só pediria a V.Exa..

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Vou concluir.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Concluir porque é-- V.Exa. já está, praticamente como se fosse já uma inserção, nós temos 24 inscritos.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, isso é uma descortesia com os inscritos.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Eu também acho.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): São duas solicitações pertinentes.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Questão de ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós responderemos--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): A resposta, não é?E para concluir, Presidente, se me permitirem, não é, se me permitirem concluir-- [soa a campainha]

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Posso terminar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria, Senadora, que V.Exa. concluísse, porque nós temos muitos inscritos.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Se não tiveram me aparteado, sem apartear eu já teria terminado. É que V.Exa. aproveitou o "pela ordem" e de certa maneira aprofundou um pouco a interpretação do "pela ordem".

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Fiz duas solicitações que eu considero pertinentes ao procedimento do que nós estamos aqui fazendo, até porque nós não poderíamos aguardar, não é, de forma diferente que qualquer depoente que aqui viesse, ainda mais nessa situação com *habeas corpus* que se pronunciasse se auto-incriminando, obviamente, que nós não iríamos aguardar nada, colocado nesses termos com relação ao senhor Dimas Toledo. Mas eu acho que se queremos investigar o mais importante é ver os procedimentos que tem petição como o fato.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Pela ordem, Sr. Presidente. Pela ordem! Por favor.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Se for um "pela ordem" igual da Senadora Ideli aí vai ser complicado.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Nós respeitamos Senador, nós respeitamos Senadora, eu sou um simples Deputado, mas eu acho que eu mereço também ser ouvido.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Aliás, um Deputado muito respeitado e querido aqui.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Muito obrigado, Sr. Presidente. Eu vejo o seguinte quando a Senadora Ideli fala do senhor Nilton Monteiro, esse homem que ela fala, talvez um homem respeitável, um bandido que foi colocada a ficha dele aqui e é levado em consideração. Agora fica sob dúvida a Polícia Federal e o Ministro Márcio Thomaz Bastos, de fazer essa onda que está fazendo aí de suspense. Por que não coloca as informações para a CPMI, aqui? É hora que a Polícia Federal e o Ministro tinham que colocar as coisas às claras para que não fiquem essas dúvidas aqui que colocando lama em cima de Parlamentares corretos e honestos dessa Casa.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Por isso é que eu pedi a--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): A fazer o inquérito, porque eu acho que é pertinente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Vou passar a palavra para o Deputado Arnaldo Faria de Sá. E só gostaria de registrar que tivemos uma reunião com o Ministro Joaquim Barbosa que tem trabalhado com o Ministério Público e que num prazo de 15 dias, no máximo, ele terá o resultado daqueles dois inquéritos, dois inquéritos que estão tramitando lá no STF e que foram inclusive motivo de requerimento do Senador Álvaro Dias e, evidentemente que esses inquéritos vão nos ajudar bastante no Relatório final. Com a palavra Deputado Arnaldo Faria de Sá, 10 minutos.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, obrigado pelo cumprimento do Regimento. Eu quero saber do Dimas quem é o seu padrinho?

SR. DIMAS TOLEDO: Padrinho de quê?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Padrinho político.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não tenho padrinho.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Não tem padrinho?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Você viu a Lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Vi a Lista.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Viu? Sr. Presidente, eu peço autorização, que entregue uma cópia da Lista que eu vou indagar do senhor Dimas. A Lista, numa das folhas, tem a seguinte observação. A Lista dele, de FURNAS. "Repasses destinados "não-contabilizados". Achou aí? Repasse destinados "não-contabilizados".

SR. DIMAS TOLEDO: Certo.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Essa expressão "não-contabilizados" surgiu no depoimento do senhor Delúbio Soares aqui. Portanto, surgiu em 2005. Como uma Lista de 2002 tem a expressão "não-contabilizados"?

SR. DIMAS TOLEDO: Não fui eu que fiz, Deputado, como é que eu vou saber? Eu não fiz a Lista, tem que perguntar para o Nilton ou alguém que fez.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Foi o Nilton que fez então?

SR. DIMAS TOLEDO: Alguém que fez, não fui eu que fiz.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Quem assina aqui--

SR. DIMAS TOLEDO: O Nilton que apareceu com a Lista, ele deve saber.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): A assinatura está do Dimas aqui.

SR. DIMAS TOLEDO: Não é minha. Essa assinatura não é minha.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Se não foi o Dimas que fez a Lista por que o Dimas buscou um HC no supremo antes de vir aqui?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu expliquei, Deputado, porque depois de passar por denúncia, o Deputado Roberto Jefferson, depois da minha casa ser invadida, traumatizando a minha família pela Polícia Federal, depois o senhor Nilton inventar tantas histórias, evidentemente, que eu achei no direito de me resguardar contra quaisquer surpresas desagradáveis.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Senhor Dimas, quantos diretores de FURNAS saíram junto com o senhor?

SR. DIMAS TOLEDO: Três.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Outros dois tiveram as suas casas invadidas pela Polícia Federal?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, só a minha.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Por que o senhor foi "rifado"?

SR. DIMAS TOLEDO: "Rifado" aonde?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): De FURNAS.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu pedi para sair.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Por que quando o senhor teve conhecimento de que o Roberto Jefferson ia indicar outro diretor o senhor procurou o Roberto Jefferson? Qual a sua intenção?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu já expliquei que eu fui convidado por ele e a minha intenção era unicamente convencê-lo de que não deveria levar, porque a imprensa vinha anunciando, outra pessoa de fora. Que ele usasse um funcionário da Casa porque o funcionário da Casa era um técnico que tradicionalmente sabia--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Qual foi o funcionário que o senhor sugeriu ao Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não sugeri nenhum funcionário. Eu sugeri que ele usasse um funcionário da Casa, de carreira. Não sugeri nenhum nome.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Por que o senhor disse que a JP não executou contrato, mas conhece as condições da JP?

SR. DIMAS TOLEDO: Porque eu disse o quê?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Que a JP não executou o contrato, mas conhece detalhes. Da JP?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu disse que a JP não executou contrato.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): O senhor disse isso que não executou.

SR. DIMAS TOLEDO: Não executou.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Por que conhece detalhes de algo que não foi executado?

SR. DIMAS TOLEDO: Que detalhes que o senhor disse que eu conheço?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Respondendo ao senhor Relator disse detalhes, dirigentes, detalhes pelos quais não foram concluídos. Por que o senhor conhece?

SR. DIMAS TOLEDO: Porque o contrato chegou a ser assinado.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): E não executou?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, expliquei isso, ela não executou. Ela não conseguiu os recursos financeiros necessários para isso.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Qual foi a outra empresa que não executou contratos com FURNAS o que senhor conheça.

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, já houve casos.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Qual?

SR. DIMAS TOLEDO: Já houve casos.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Cite casos.

SR. DIMAS TOLEDO: Cita um? Toshiba.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Toshiba é o mesmo caso da JP.

SR. DIMAS TOLEDO: Um pouco diferente.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): O senhor conhece Ademir Carnevale Guimarães?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim conheço.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Quem é?

SR. DIMAS TOLEDO: é o meu colega de turma. Uma pessoa que eu me formei, ele seguiu o seu caminho, eu segui o mesmo.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Está envolvido no caso da JP, não está?

SR. DIMAS TOLEDO: Ele trabalhava na JP.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): É seu amigo, está envolvido com a JP--

SR. DIMAS TOLEDO: Não disse que é meu amigo, é colega de turma, se formou comigo.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sabe de onde ele nasceu ou não?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. Não sei onde nasceu não.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Mas ele é mineiro como o senhor, não é?

SR. DIMAS TOLEDO: Ele... Não tenho idéia, acho assim, mas não sei. Estudamos na mesma cidade, nós estudamos juntos em Itajubá. Olha, isso daí, há 37 anos atrás, hein? Em 37 anos que eu estudei com o Ademir, o Ademir só veio aparecer em FURNAS, nos meus 37 anos de FURNAS, só veio prestar serviço 37 anos, 33 anos depois. Que encontrei com ele em FURNAS trazendo esse projeto junto com a JP. Trabalhando para a JP.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): E qual a ligação do senhor Ademir Carnevale com o senhor Nilton Monteiro?

SR. DIMAS TOLEDO: Desconheço. Desconheço.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Presidente, por favor. O senhor Nilton Monteiro. o senhor disse que ele era ligado ao Partido dos Trabalhadores. Quem lhe deu essa informação?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu disse que o senhor Nilton Monteiro--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Era ligado ao--

SR. DIMAS TOLEDO: Ele falou para a minha secretária.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Ele falou para a sua secretária?

SR. DIMAS TOLEDO: Para a minha secretária.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): O senhor lembra exatamente o que foi que ele falou para a sua secretária?

SR. DIMAS TOLEDO: Ele usou a palavra para dizer que fazia parte de algum núcleo do PT. Mas... E para ameaçar e dizer que iria ao Presidente Lula pedir a minha demissão porque eu não estava atendendo.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): E o senhor acha que ele tomou alguma atitude nesse sentido?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, eu li alguma coisa depois aí, na imprensa, nos autos que ele teria ido atrás de alguém no PT de Minas Gerais para providenciar isso, mas que eu conheço também foi após os fatos.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Por que o senhor Ademir Carnevale Guimarães (F) quando depôs na Polícia Federal disse o que senhor tem ligação com a BAURUENSE.

SR. DIMAS TOLEDO: Ele disse que eu tenho ligação com a BAURUENSE?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Ademir Carnevale Guimarães, depoimento na Polícia Federal 31 de janeiro de 2006.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu desconheço. Eu tenho ligação com a BAURUENSE. Ligação, mas trabalho, não é? Eles de um lado, como empreiteiro e eu como Diretor de FURNAS. Mas não tenho nenhuma outra relação. Não vi esse depoimento que o Ademir "sabe que eu tenho conhecimento com a BAURUENSE". Não vi isso.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): O que é a BAURUENSE?

SR. DIMAS TOLEDO: A BAURUENSE é uma empresa que presta serviço nas FURNAS de Contrato de Mão-de-Obra e de Prestação de Serviços, também.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Essa firma da sua filha de eventos--

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, só--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): À vontade.

SR. DIMAS TOLEDO: Pelo contrário, a afirmativa do Ademir aqui é que nunca, nunca ouviu falar que Dimas fosse sócio oculto da BAURUENSE, ao contrário.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Olha, o senhor disse que não sabia que ele tinha deposto na Federal agora achou o depoimento dele?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, estou dizendo. O advogado acabou de me dar.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): O senhor disse que "não sabia que ele tinha deposto" e agora pega o depoimento dele para me contestar!

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não disse isso.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Falou agora!

SR. DIMAS TOLEDO: Não, está enganado.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Muitos estão enganados.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não disse isso.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Muitos estão enganados. O senhor disse que a sua filha presta eventos para FURNAS! Quem indicou sua filha para prestar eventos para FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, eu realmente não tenho a menor idéia. Como eu disse, a minha filha nessa empresa que ela é uma das donas, ela, por contrato, ela não é a gestora da empresa. E é firma de patrocínio e não é serviço que ela presta. FURNAS

fez um patrocínio de um Seminário que foi organizado pela firma.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Na área elétrica?

SR. DIMAS TOLEDO: Ela não presta. Com todas as empresas, inclusive privadas, fez dois Seminários. Um no ano e o outro no outro ano. Foi o que essa empresa fez. A minha filha não é gestora e não fica lá na firma. A única coisa que ela faz é Consultoria, porque ela é especializada em Comercialização de Energia e isso é dirigido à Energia. Então ela prestou serviço de Consultoria à empresa, indicando as pessoas para montar o Seminário aqui--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Estranho, não é? Estranho. Quer dizer ela não é gestora, mas trabalha com empresa ligada à área elétrica, área de energia e o senhor é Diretor de FURNAS. Na abertura do seu procedimento, quando da sua manifestação, você disse que quando foi aquele evento da Privatização contou com o apoio e ajuda de diversos Parlamentares. Quais foram esses Parlamentares que ajudaram naquela época?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, eu disse que diversos Parlamentares nos ajudaram na época da... Sob o comando, então, dos Presidentes da época. Posso citar para o senhor alguns. Deputado Aécio--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Hoje governador.

SR. DIMAS TOLEDO: Hoje governador. Na época Deputado. Deputado Odel Brião (F)-- Deputado Janene, Deputado Wadão Gomes (F). Outros Deputados aí que à medida que for passando, eu vou me lembrar e vou dizer.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente--

SR. DIMAS TOLEDO: Vários Deputados, não foram poucos.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, eu só queria registrar uma estranheza que eu não posso concordar. A Polícia Federal teve tempo demais para ouvir o senhor Dimas Toledo. E ele só foi ouvido na última sexta-feira, depois que a CPMI já o tinha convocado e designado a data de hoje para aqui depor. É uma situação que eu não aceito, não concordo e acho que V.Exa. tem que tomar providências a esse respeito. Não é a primeira vez que isso acontece. A CPMI resolve chamar alguém e entre a data aprazada e a data da convocação, ele acaba sendo chamado para ir à Polícia Federal. Senhor Dimas não é o primeiro, eu acho que isso tem que tomar uma posição por parte da CPMI. Eu acho lamentável que V.Exa., que o Relator tome alguma providência e também sugerir ao Supremo Tribunal Federal que ele deva tomar ações em relação à Lista. Porque se a Lista envolve o nome de Parlamentares não é a Polícia Federal... Não é a Polícia Federal a competente para fazer essa apuração. Que pelo fato de ter... Quem tem que fazer a apuração é o Supremo Tribunal Federal. E nós sabemos que, lamentavelmente, o Ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, tem se utilizado da Polícia Federal para fazer jogo político. Então, que V.Exa. tome providências porque a apuração tem que ser no âmbito do Supremo Tribunal Federal. Não pode ser a Polícia Federal. Eventualmente, a Polícia Federal poderá fazer qualquer investigação a mando e a determinação do Supremo! E não por esponte (F) próprio de um delegado ou de uma autoridade da Polícia Federal. Eu lamento que a Polícia Federal não tenha se dado conta desse deslize, porque não é dela a competência de apurar qualquer fato relacionado que envolva um Parlamentar. Isso é competência exclusiva do Supremo Tribunal Federal. Então eu solicito ao Relator, Deputado Osmar Serraglio, solicito a V.Exa., Senador Delcídio Amaral que oficie ao Supremo Tribunal Federal a competência do Supremo e não da Polícia Federal. E lamentavelmente registrar essa postura da Polícia Federal, Sr. Presidente.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Pela ordem, Presidente. Eu estou com uma cópia do depoimento aqui na Polícia Federal do senhor Dimas Toledo, datada de 28 de julho de 2005. Eu estou com o documento aqui, não estou defendendo. Não estou defendendo.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): V.Exa. está com que depoimento, Deputado Jamil Murad?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: São dois depoimentos.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, talvez eu possa ajudar. O senhor Dimas só foi chamado-

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): A investigação começou antes.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): O senhor Dimas só foi chamado--

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): A investigação começou antes. 28 de julho de 2005.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): A tratar da Lista na última semana quando já havia sido convocado. Aliás, o que aconteceu exatamente com o senhor Duda Mendonça que na semana em que eu, o Deputado Osmar Serraglio, o Deputado Maurício Rands estávamos nos Estados Unidos, aí a Polícia Federal também chamou ele para tratar de questões relativas. Estou falando do Duda Mendonça, de questões

relativas à sua "continha" no exterior. É um joguinho interessante dos nossos--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pela ordem, Sr. Presidente, apenas pela verdade dos fatos. É evidente que esse inquérito relativo ao senhor Dimas já havia iniciado em 2005. É óbvio que se saem matérias na imprensa, eu acredito que a Polícia Federal tem o dever de chamar as pessoas para ouvir. E eu não vejo nisso, com a devida *venia* aos meus colegas, interferência do Ministério da Justiça em relação a essa questão. Acho injusto, que sem nenhuma prova se faça uma colocação desse tipo. Ou seja, se algo aprova que o Ministro Márcio Thomaz Bastos interferiu, determinou qualquer situação política, que se apresente. Mas até que efetivamente algo se coloque, da mesma forma que aqueles que estão aqui e dizem que a Lista é injusta e indevida porque há uma acusação leviana, terá legítima posição o Ministro Márcio Thomaz Bastos em dizer: "Estou sendo levianamente acusado". Até porque, é dever da Polícia Federal diante dessa circunstância obter esclarecimentos. Se a competência é efetivamente do Supremo Tribunal Federal, essa é uma discussão que também não passa pelo senhor Ministro da Justiça, até que ele seja dado formalmente conhecimento.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, pela ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Esse depoimento não tem nada a ver com a Lista.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu sei.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Debater o assunto da Presidência--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu acho que nós temos uma pauta, nós temos que preservar as inscrições, senão nós vamos começar daqui a pouco a debater as atribuições da Polícia Federal.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu só falei, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu entendo V.Exa..

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu só falei, Presidente. Em resposta e até me permita.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Mas acho que nós não devemos mais, Deputado José Eduardo Cardozo, nos estender nesse debate, acho que estão claras as posições aqui colocadas, mas nós temos que dar seqüência a ordem de inscrição.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu pediria a V.Exa. que com rigidez, colocações que, evidentemente, fujam ao objeto da argüição, sejam cortadas. Senão ensejarão o direito de resposta.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com certeza, absoluta. V.Exa. tem razão. Senador Álvaro Dias.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Sr. Presidente, senhores Senadores e Deputados, primeiramente dizer que nós estamos diante de uma inominável afronta à Instituição Parlamentar. Se a Lista que se discute aqui e se perde tanto tempo nessa discussão, fosse verdadeira, a afronta seria sem precedentes, porque nós estaríamos diante de um Congresso com uma dose excessiva de podridão. É claro que provocaria uma revolta e uma indignação ainda maior do que provoca uma Lista fraudada. Não deixa de ser também uma afronta a esta Instituição a apresentação de uma Lista absolutamente incorreta e mentirosa. É natural a indignação, principalmente, daqueles que são atingidos injustamente, que exijam do Ministro da Justiça uma pronta resposta sobre a legitimidade desse documento, porque para conferir legitimidade ou ilegitimidade, a Polícia Federal tem mecanismos suficientes e já houve o tempo necessário para que se conferisse, se chegasse a uma conclusão. Nós estamos diante de um fato inusitado, porque alguém que não têm currículo, mas tem prontuário, como esse Nilton Monteiro, e o Senador Arthur Virgílio revelou aqui uma parte apenas do seu prontuário, nos leva a esta situação de impasse, estabelecendo inclusive uma turbulência na relação entre os Poderes. Exatamente em função da ausência de agilidade nos procedimentos que se exige para um episódio dessa natureza. De qualquer sorte, nós temos que indagar ao depoente de hoje. O senhor Nilton Monteiro declarou à Polícia Federal que o senhor Dimas tinha grande interesse em permanecer na função, estava receoso de perdê-la e por isso elaborou a Lista para pressionar autoridades. A fim de permanecer na função. E de outro lado, e de outro lado, ele afirma que o senhor Dimas desejava muito falar com o ex-Deputado Roberto Jefferson, por saber que o Presidente Lula havia premiado o Deputado com esta função, que ele deveria indicar o ocupante desta função. Aí eu vejo pelo menos uma verdade do senhor Nilton Monteiro, eu tentei descobrir alguma, acabei descobrindo essa, não é? O senhor Dimas tinha realmente tinha interesse em falar com o Deputado. Tanto tinha que foi falar com ele. Eu indago apenas, mudando um pouco os números apresentados pelo Deputado Osmar Serraglio, eu vou insistir nessa questão porque o senhor pediu demissão de FURNAS exatamente em função desta denúncia do Roberto Jefferson. E ele a

fez em função desta conversa com o senhor na sua residência. Ele disse que três milhões de reais eram separados mensalmente, em FURNAS, para a distribuição. "Um milhão", ele diz, "vai para o PT Nacional pelas mãos do Delúbio Soares, Tesoureiro do partido". "Um milhão vai para o PT de Minas Gerais, pelas mãos do doutor Rodrigo Botelho Campos, Diretor de Administração, ex-dirigente da CUT em Minas Gerais". E "500 mil fica com a Diretoria de FURNAS". E, "500 mil repartidos entre um pequeno grupo de Deputados". Eu indago: Houve alguma conversa nesse sentido? O Deputado Roberto Jefferson, pelo menos perguntou ao senhor se esse fato era verdadeiro?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Ele não perguntou?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Em nenhum momento da conversa o senhor--

SR. DIMAS TOLEDO: Nenhum momento da conversa ele abordou, pediu, falou alguma coisa a respeito desse tipo de assunto.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): E essa história dele afirmar que recebeu 75 mil reais? Qual a razão disso?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, essa história não é verdadeira. Agora, isso daí pelo jeito o próprio Roberto Jefferson hoje numa declaração, hoje não. Dia 14 ele diz... Pela primeira vez ele diz assim: "Questionado sobre o motivo pelas quais teria acusado Henry, Jefferson disse que foi pela disputa de espaço político entre PP e PTB. Foi o que mais me deu problemas e cooptou Deputados do PTB para o PP". Ele disse que usou, o Pedro Henry é inocente. Quer dizer, parece que o Deputado Roberto Jefferson ele usa expediente, acha que para fazer política vale qualquer coisa.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): O senhor acha que ajudaria se ou a Polícia Federal, mais a Polícia Federal, porque a CPI está cuidando muito mais de outros assuntos do que de FURNAS. Fizesse uma acareação entre o senhor e o ex-Deputado Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Não sei.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Ou ajudaria? O senhor gostaria que isso ocorresse?

SR. DIMAS TOLEDO: Não evitaria, de forma alguma.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Mas o senhor gostaria, não ajudaria a esclarecer?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu estou à disposição, falar que ia gostar seria sádico. Mas estou à disposição dele para qualquer acareação desse tipo e a Justiça achar.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Fica a sugestão para a Polícia Federal.

SR. DIMAS TOLEDO: Enfrentar o Roberto Jefferson não é uma coisa tão fácil, não é?

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): O senhor processou o Nilton Monteiro pelas calúnias?

SR. DIMAS TOLEDO: Ainda não. Pelo seguinte motivo. Nós, os nossos advogados pediram tanto ao Supremo como a Polícia Federal cópia dos requerimentos. Dos depoimentos do Nilton Monteiro. Nós não tínhamos nenhuma acusação do senhor Nilton oficial. Nós não recebemos até hoje esses documentos oficiais. Eles, outras pessoas--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: A Polícia Federal não vaza nada.

SR. DIMAS TOLEDO: Hein?

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): A assinatura é sua?

SR. DIMAS TOLEDO: Chegar.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): É sua a assinatura no documento?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não assinei o documento.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): A assinatura é sua, ela foi transportada de algum outro papel para esse?

SR. DIMAS TOLEDO: Se foi montagem eu não sei.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): O senhor tem dificuldade de identificar se é sua ou não.

SR. DIMAS TOLEDO: Só perguntar "se a assinatura tem alguma aparência". Mas eu não assinei nenhum documento. Não é minha não, não pode ser minha porque eu nunca assinei. Então veja bem, é impossível ser minha.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Esta assinatura que está aqui, não é--

SR. DIMAS TOLEDO: Essa assinatura é uma assinatura parecida. Mas não tem nada a ver com a minha assinatura. Eu não assinei o documento, não tem sentido.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Mas a Polícia Federal já conferiu se é sua ou não?

SR. DIMAS TOLEDO: Espera, eu, ela perguntou se eu aceitava o teste grafotécnico.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Grafotécnico.

SR. DIMAS TOLEDO: Confontrei, já entreguei. Forneci todo o material para fazer a verificação.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Então o senhor já forneceu à Polícia Federal.

SR. DIMAS TOLEDO: Já, já forneci.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Mais uma razão para se exigir da Polícia Federal, do Ministro Thomaz Bastos um esclarecimento. A Polícia Federal já teve todas as condições, portanto, de conferir se a assinatura é verdadeira ou não. Eu acho que prestaria um serviço a-- a investigação política que se faz aqui até em nome da preservação desta Instituição que é fundamental para o regime democrático. Creio que mais uma vez a Oposição tem razão quando insiste num pronunciamento do Ministro Márcio Tomás Bastos. O senhor conhece o senhor Luiz Fernando Carseroni?

SR. DIMAS TOLEDO: Não conheço.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Que é de Minas Gerais, é do PT. Ele é um distribuidor dessa Lista.

SR. DIMAS TOLEDO: Não tenho conhecimento disso.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Disse ele que recebo dói Deputado Rogério Corrêa, do PT de Minas que é Vice-presidente, segundo Vice-presidente da Assembléia. E esse Rogério Corrêa disse que viu o original nas mãos do Nilton. Disse que o Nilton mostrou o original. Mas não lembra, não lembra da cor da suposta assinatura do senhor. Ele disse que não lembra da cor, mas disse que lembra que o documento era original e viu nas mãos do senhor Nilton Monteiro. O senhor foi consultado por esse Deputado Rogério Corrêa ou não?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Ele o procurou?

SR. DIMAS TOLEDO: Nunca.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Em algum momento?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não o conheço.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): O senhor conhece, conhecia teve contato com o senhor Delúbio Soares?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim, conheci Delúbio Soares.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): O senhor teve.

SR. DIMAS TOLEDO: Tive, no final do... No final do ano do 2002, com as eleições já estavam definidas, ele foi em FURNAS, ele foi por outras razões, Sindicato, alguma coisa, não me lembro. Pediu para passar na minha sala, foi na minha sala e queria saber o que era FURNAS, o que FURNAS fazia, o que não fazia. Conversamos, conheci.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): E não lhe pediu ajuda para--

SR. DIMAS TOLEDO: Nessa época tinha acabado a eleição.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Se nós fôssemos concluir por dedução, nós poderíamos concluir que essa Lista foi elaborada pelo Delúbio Soares em função desta expressão que ele celebrizou. Recursos "não-contabilizados". O senhor nunca suspeitou aqui.

SR. DIMAS TOLEDO: Não acredito.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Que possa ter sido.

SR. DIMAS TOLEDO: Não suspeito e não acredito porque nós tivemos uma conversa muito boa, não havia motivo para isso.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Porque a informação do senhor Luiz Fernando Carseroni de que o senhor teria prestado contas a um superior. Não sei que superior seria esse, não sei se--

SR. DIMAS TOLEDO: Evidentemente não prestei contas a ninguém, prestar contas de quê? Nunca praticou os atos que estão na Lista.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Bem, Sr. Presidente, o meu tempo se esgotou e eu não quero extrapolar, mas como aqui se pediu questão de ordem para fazer sugestões ou indagações, como fez a Senadora Ideli Salvatti, eu quero fazer um apelo à Mesa, ao Presidente, ao Relator, sobretudo, para que anuncie o mais breve possível o depoimento de Duda Mendonça. Esse depoimento é fundamental em função dos objetivos da investigação dessa CPI. O senhor Duda Mendonça esteve em depoimento importante, mas disse apenas a meia verdade. Precisa completar a sua obra. Se o seu depoimento já foi devastador com apenas meia verdade, nós ficamos a imaginar o que não será se ele contar a verdade por inteiro a esta CPI. E eu não... Não creio, Sr. Presidente, que seja necessário esperar por muito tempo as informações oriundas de Nova Iorque para a sua convocação. Após o carnaval, eu creio que um dos primeiros depoimentos deve ser o do senhor Duda Mendonça. Se até lá obtivermos essas informações de Nova Iorque, ótimo. Se essas informações não chegarem, porque não depende mais da CPMI, se elas não chegarem até lá que se convoque imediatamente o senhor Duda Mendonça porque há indagações importantes, independentemente, das informações de Nova Iorque.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Senador Álvaro Dias. Com a palavra o Deputado Eduardo Paes por cessão do Senador Jefferson Peres.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Sr. Presidente, senhoras e senhores Parlamentares, nós nos encontramos aqui numa situação absolutamente surreal. Eu quero dizer que fui um daqueles, senhor Dimas, apesar de não conhecê-lo, fui apresentado

hoje pelo senhor Carlos Abicalil, que fiz questão da sua presença aqui. Quero até lhe pedir desculpas por exigir sua presença aqui, desculpe, desculpe, desculpe. [risos]

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Fui apresentado pelo Deputado Carlos Willian, mil perdões, mil perdões, não foi trocadilho e nem tentativa de constranger o Deputado Abicalil. Mas eu quero até lhe dizer que essa situação aqui, em o que senhor tem que ser convocado é um pouco naquela lógica. Começa tem um boatozinho, tem uma Lista que algumas figuras, em geral, ligadas a partidos do governo, ao Partido dos Trabalhadores, começam a passar para a imprensa, dizer: "Olha, tem uma Lista por aí circulando que inclui o nome de diversos Parlamentares". Essa Lista está circulando na imprensa há uns 4, 5 meses. E aliás tem até que se destacar aqui o papel da imprensa que até o momento da declaração do Deputado Roberto Jefferson e até esse momento não, pelo menos, nenhum meio de comunicação de grande veiculação colocou, reproduziu essa Lista, listou os nomes dessa Lista. Mas, de repente, o senhor Roberto Jefferson vem, doutor Dimas e diz assim: "Ah, eu recebi mesmo!". E como o Deputado Roberto Jefferson até parece que foi tímido em tudo aquilo que ele disse, porque de verdade, muitas das coisas que ele disse se confirmaram, é natural até que se levante essa suspeita. Olha, "o Deputado Roberto Jefferson disse que recebeu". Eu confesso que acho estranho porque li no depoimento anterior do Deputado Roberto Jefferson, talvez ninguém até atentado para isso e aí o senhor, Vossa Senhoria não tenha também, mas no depoimento anterior o Deputado Roberto Jefferson disse que lhe conheceu tão somente em 2004, 2005, quando o senhor teve um encontro com ele. Se ele pegou o dinheiro em 2002 não sei como é que foi feito isso. E disse que pegou pessoalmente. Mas, enfim, como o Deputado Roberto Jefferson só disse a verdade, até agora... Ele disse que tinha Mensalão, tem Mensalão. Disse que tinha um "carequinha" que distribuía dinheiro. Tem carequinha distribuindo dinheiro! Disse que tinha um esquema de compra de voto, tem um esquema de compra de votos! Então eu confesso a Vossa Senhoria que me senti compelido e sei que a Lista é falsa o que meu nome está lá. Afirmo que ela é falsa porque o meu nome está lá! Mas me senti compelido a também lutar para que o senhor estivesse aqui. Mas é uma situação absolutamente surreal. Porque nós estamos discutindo aqui, doutor Dimas, em cima de algo que é um, que um falsário notório, conhecido, e eu confesso que demorei um pouco a me aprofundar nas questões do senhor Nilton Monteiro, mas é inacreditável, porque ele vem praticando essa estratégia, Deputado Rands, de Lista falsa, documento falso, procuração falsa, declaração falsa, recibo falso há anos. Ele inclusive foi indiciado por uma CPI no estado do Espírito Santo por isso! Por isso! E não é aqui se discutir, eu sempre defendi aqui, não é a distinta senhora freira de uma paróquia aqui de Brasília que vai entregar bandido. Claro que não, não sabe de nada! Quem sabe dessas coisas em geral é bandido. Mas não dá para a gente confiar numa Lista produzida por um sujeito, que vive de produzir Listas falsas. Então, Sr. Presidente, senhoras e senhores Parlamentares, é uma situação surreal, ser questionado: "Mas, Deputado, o seu nome consta da Lista". Sim, a Lista. "É original, não é original?". Tem uma cópia; "Pode autenticar, não pode autenticar?". Vem o Molina, faz uma perícia que diz: "Olha, pode ser verdadeira, como pode ser falsa". "Porque cópia não dá para periciar". E quero começar aqui falando sim, senhor Presidente, não das incoerências porque tem lá uma empresa que em 2002 tinha um nome. Vou dar o nome aqui é DP ENERGIA DE PORTUGAL. Quer dizer, até 2005 é DP ENERGIA DE PORTUGAL e se chamava DP ELETRICIDADE DE PORTUGAL. E como a Lista é de 2002, ela está com o nome de 2005, visionário! O fato do senhor incluir seu filho. Aliás, se seu filho, se de fato, tivesse incluído é masoquista, me desculpe, porque ele está ali atrás, eu encontrei com ele, sei que é um Deputado Estadual de Minas Gerais. Imagina! Quer dizer, o pai vai incriminar o próprio filho! São tantos absurdos nessa Lista, não bastasse o documento vir de um fraudador, não bastasse ser uma cópia que o original nunca aparece, repete uma forma de atuação do senhor Nilton Monteiro. Aliás, está aqui, estou olhando para o Deputado Bolsonaro, me desculpe citá-lo, Deputado Bolsonaro, mas o mínimo que V.Exa. falava do Presidente Fernando Henrique, é que o senhor era fuzilado e ele acreditava, tem lá mais uma incoerência absurda dessa Lista. Não bastasse a sua seriedade, o seu histórico, tudo o que senhor representa e que orgulha o Rio de Janeiro em ser Parlamentar. Mas eu quero dizer o seguinte, é inacreditável, Sr. Presidente, que nós estejamos nessa situação. Mas nós precisamos, porque eu acho que todos os Parlamentares estão sob suspeita. Isso é o Parlamento, infelizmente, do Mensalão. É de fato, a população tem razão de desconfiar de cada um de nós. Portanto, o Deputado ACM Neto quando diz: "Olha, eu exijo uma resposta!". Ele fala em nome daqueles Parlamentares que se sentem incomodados por constar numa Lista que fica circulando. Até porque a CUT, em 2002, não foi atingida por isso. Graças a Deus eu estava, era Secretário de Meio Ambiente do César Maia, lá no Rio de Janeiro e não votei nenhuma medida trabalhista aqui. Mas a CUT pegou algumas

medidas trabalhistas que foram votadas e distribuiu uma lista na eleição de 2002 e muitos Parlamentares corretos, vou citar o Deputado Márcio Fortes do PSDB do Rio de Janeiro, deixou de estar aqui, porque perdeu lá 10 mil votos com essa brincadeira. Portanto, queremos sim, respostas para essas coisas. E eu quero destacar aqui o papel da Polícia Federal. A Polícia Federal ela é a história que disse aqui o Deputado Arnaldo Faria de Sá, ela começou a investigar essa Lista. Essa história de Lista surgiu lá atrás, com a Polícia Federal. No depoimento desse senhor Nilton Monteiro, que senhor não teve acesso mas a "torcida do Flamengo" já teve. Se o senhor quiser depois a gente consegue uma cópia. E nesse depoimento o senhor Nilton Monteiro, tem um dia que ele vai, dia 5 de dezembro, ele sempre dá a Lista para alguém que já morreu. E, me desculpem aqui os colegas do escritório lá do Rio de Janeiro, desse advogado que faleceu, mas ele usa alguém que morreu, sempre encontra em local público, tem uma hora que ele passa para a tal da Sandra Mara. E a Sandra Mara, a Polícia Federal nunca foi atrás. Invadiram tua casa, mas a polícia, é igual o dinheiro de Cuba, exato. Então a senhora Sandra Mara ela não vai lá, não vão lá e não acham a senhora Sandra Mara. Você vai na Internet no *Google,* tem o endereço da Sandra Mara. Ninguém vai investigar a Sandra Mara. E sabe por que a Polícia Federal não dá resposta? A Polícia Federal não dá respostas porque ela sabe e não tem inquérito, porque ela sabe que não poderia estar investigando. O delegado que tiver investigando algo assim, envolvendo Parlamentares, Deputados, já são prerrogativas que a população chama de Privilégios Parlamentares, nós só poderíamos estar sendo investigados por determinação do Procurador Geral da República, que não deu essa determinação. Deveria dar, espero que dê, para que tenhamos uma resposta. Por isso que não se tem resposta e fica essa história: "Será que tem? Será que não tem?". "Será que ela existe? Será que ela não existe?". O senhor Nilton Monteiro, Sr. Presidente, senhor Relator, senhoras e senhores Parlamentares, o Senador Arthur Virgílio disse aqui diversos dos crimes, dos processos por que passa o senhor Nilton Monteiro. É inaceitável que essa Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga algo sério e aí eu quero dizer, Senador Delcídio disse isso a V.Exa. várias vezes, vou repetir aqui. Nós temos aqui todos os elementos para transformar isso aqui num grande conflito político. E V.Exa. vem conduzindo com maestria a Comissão nos momentos mais críticos em o que lado de cá, o meu lado da oposição exacerbou, V.Exa. controlou, no momento em o que governo exacerbou, V.Exa. controlou. Mas eu começo a perceber, Senador Arthur Virgílio, que nós estamos aqui numa situação, os ingredientes da tal da pizza começam a ser colocados. Porque quando se começa a discussão, agora virou uma Lista que é uma cópia que ninguém sabe de onde veio, "como é que é", que o falsário coloca, "essa" vira discussão da CPI, nós deixamos de tratar daquilo que é o que a CPI de fato está investigando. Não estou aqui dizendo, senhor Relator Osmar Serraglio, aqui, que as coisas que tenham elementos, não devam ser investigadas. Mas tem que ter o mínimo de elementos. Não é? Então, eu quero chamar a atenção, senhor Presidente, senhor Relator, senhoras e senhores Parlamentares. Nós, de fato, não vamos aceitar que essa brincadeira fique sem resposta. Nós vamos exigir do Procurador-Geral da República, a quem cabe isso, e tenho certeza da seriedade. Fiz aqui, inclusive, num determinado dia, uma certa, um certo desrespeito, cometi um certo desrespeito ao Procurador-Geral da República, a partir de manifestações dele em relação ao Relator, mas quero dizer que tenho muita expectativa no trabalho do Ministério Público nesse caso. A Polícia Federal confesso que eu, ando muito desacreditado, o Senador Delcídio contava a dificuldade que nós tínhamos aqui para encontrar as pessoas para intimar. Então eu... Infelizmente, fico muito desacreditado do trabalho da Polícia Federal. Mas eu quero dizer que nós não vamos poupar esforços para ter respostas dessa Lista, senhor Dimas. Não vamos poupar esforços. Mas nós vamos só tratar de mover as ações e os procedimentos necessários para mostrar o falsário que é esse tal do senhor Nilton Monteiro. Mas nós vamos descobrir com investigações, com trabalho, com esforço, com pedidos aos órgãos do Estado brasileiro, porque a Polícia Federal é um órgão do Estado brasileiro, o Ministério Público é um órgão do Estado brasileiro, para que nós possamos descobrir como é que esse cidadão conseguiu circular por aí. Quem é que fundamentou, quem é que deu força para esse cidadão que, segundo consta, não dispõe de tantos recursos para estar prestando depoimento um dia no Rio e dois dias depois em Brasília, outro dia lá em Minas, não dispõe de recursos para ficar por aí circulando... Quem é que são os atores que, de certa forma, financiaram, alimentaram essa farsa montada--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Eduardo Paes, concluindo.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Já concluo, Sr. Presidente. Por esse cidadão, senhor Nilton Monteiro. Eu não quero aqui fazer ilações. De fato, existe um Deputado Estadual em Minas Gerais do Partido dos Trabalhadores que a única pessoa no mundo que afirma já ter visto esses originais e tem um Secretário, um Assessor da Prefeitura de Belo Horizonte, do

Prefeito Fernando Pimentel, também filiado ao Partido dos Trabalhadores, que teria distribuído essa Lista pela Internet. Esses são, mas eu não quero aqui não, estou aqui nem de longe querendo acusar o Partido dos Trabalhadores de estar por trás disso. Existem indivíduos que podem, como em qualquer outro partido, perder um pouco a noção das coisas e começar por aí a tentar esquentar notícia. Mas o que eu posso afirmar aqui, Sr. Presidente, é que essas pessoas que alimentaram essa farsa, vão se arrepender de ter alimentado essa farsa. E acho por proteção ao Parlamento, falo isso como falei aqui em diversos casos, falo isso porque tem Parlamentares nessa Lista aqui--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Concluindo, Deputado Eduardo Paes.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): E tem Ministros do governo. Dois, Hélio Costa e Saraiva Felipe, dois Ministros do Governo estão nessa Lista. Nós precisamos, portanto, por proteção ao Parlamento ter essas respostas. Precisamos punir as pessoas que trabalharam com essa circunstância para impedir que isso se repita. Para impedir que pessoas que estejam num trabalho de investigação para punir, para apurar a verdade dos fatos e é isso que a CPI, está fazendo e essa CPI se destaca por isso, sejam constrangidos na sua ação, interrompidos no seu trabalho para ficar nessa discussão surreal que nós estamos aqui sob uma Lista que ninguém sabe, ninguém viu que está autenticado uma cópia. Não é difícil no Brasil reconhecer firma e autenticar cópia. Eu tive essa experiência essa semana. Alguns dos companheiros, colegas dessa CPI já viram isso. Não é difícil no Brasil reconhecer firma e autenticar documento. Não é difícil, e nós todos temos que botar a cabeça no lugar independente do debate político, da discussão e ter a frieza nesse momento sim de estarmos aqui investigando, apurando, isso é fundamental por mais constrangedor que possa ser a discussão surreal, mas acima de tudo e concluo, Sr. Presidente, não admitir que lá na frente, amanhã, depois de amanhã, qualquer tipo de ilação que se faça sobre qualquer Parlamentar e eu já vi muitas aqui ao longo desses trabalhos, possam ter essa procedência, possam ser debatidas, discutidas, difamando a vida de pessoas honestas. Às vezes, numa dessas, acaba pegando alguém que não mereça o respeito da população. Mas tem muita gente aí, tenho certeza, e posso falar por mim, que merece sim o respeito da população e que não vai recuar um milímetro sequer nas investigações dessa CPI--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Concluindo, Deputado Eduardo Paes.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Cada vez mais aprofundar essas investigações, cada vez mais buscar a verdade para que os "picaretas", sejam de que partidos eles forem, possam responder pelos crimes que cometem. É isso, senhor Presidente, agradeço a tolerância.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Senador Arthur Virgílio por cessão do Senador César Borges.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Muito bem, Sr. Presidente, eu na... Quando pedi a palavra "pela ordem", Sr. Presidente, eu tentei precisamente chamar a Casa, chamar esta fração da Casa que é essa Comissão Parlamentar de Inquérito para o bom senso e para a visão institucional. Muito bem, eu tenho apreço ímpar por esta figura, ela também ímpar e por isso apreço ímpar que é o Deputado José Eduardo Cardozo. E não estou aqui, portanto, para destratar o Ministro da Justiça. Mas por mim, tem sido feito sim um certo jogo de "deixar no ar", quando o que engrandeceria o Ministro teria sido, por exemplo, explicar que essa Lista não está sendo investigada na Polícia Federal. Porque esta Lista não pode ser investigada na Polícia Federal, teria que estar no âmbito da Procuradoria Geral da República. E teria que ser levado o caso para o Supremo Tribunal Federal. Isso seria uma atitude maiúscula que eu aplaudiria. Mas muito bem, agora essa história de Lista e o Deputado Eduardo Paes, eu passei para ele ainda pouco uma Lista, um documento que ele vai me passar agora, um documento muito pitoresco que colocaram por baixo da minha, encontrei, foi bater no meu gabinete. Mas muito bem, essa história de Lista, Sr. Presidente, isso é da maior, eu peço atenção porque é hora de acabar com essa brincadeira de uma vez! O senhor Nilton Monteiro que, estranhamente, está merecendo a atenção de algumas pessoas, não de todas, eu vejo um silêncio muito respeitoso da maioria dos representantes do PT nesta Casa, mas consegue ainda sensibilizar alguns, porque dá a impressão de que ele seria um sicário a fazer mal a supostos adversários e nem tudo é eleição, nem tudo é pequenez. Mas ele teria entregue no dia 24/11/2005 uma Lista na Polícia Federal. Ele afirmou ter a Lista com ele desde 7/6/2005. Apesar disso, ele encaminhou ao Ministério Público e à CPI cópia adulterando essa Lista original, eu tenho as duas aqui, e aí retirando 35 nome dos Partido dos Trabalhadores que constavam da Lista. Eu quero passar à CPI esta Lista porque para mim é loucura, eu não vou passar a acreditar num charlatão, num mau caráter. Para mim esse rapaz é mau caráter, mas é louco também, não sou nem um médico psiquiatra para ficar diagnosticando loucura de ninguém, mas para mim ele é louco. Sim, como ele é mau caráter eu digo: "Meu Deus, é um tipo de doido que eu não posso res-

peitar". Mas muito bem, então aqui está. Tem uma Lista com todo o aspecto de Lista de FURNAS, Caixa Alta, Caixa Alta e os nomes e as quantias. Enfim, não vou perder tempo aqui numerando os equívocos dele, que ele dizia que ele troca o nome do Marcelo Siqueira, colega dele de Diretoria por Marcelino Siqueira. Eu vou apenas dizer que tinha 35 nomes, Senadora Ideli. Eu queria pedir a V.Exa., encarecidamente, que em nome da sua respeitabilidade saia fora desse "rabo de foguete", mas saia. Saia porque não é bom, saia porque não é bom esse papel do "bate-pau", esse papel do "eu vou explicar de qualquer jeito, vou explicar por cima da razão." Aqui tem uma Lista que vem da mesma fonte, é bom verificar se não está na Polícia Federal, 35 nomes do PT retirados e sobram os outros. Eu tinha feito, aqui a gente faz o jogo político. Respeito o Deputado Rands, respeito o Deputado José Eduardo Cardozo, respeito a maioria esmagadora das pessoas do PT. Agora, esse escândalo do Mensalão não está aqui porque Dom Pedro II praticou corrupção. Está aqui porque neste governo se praticou corrupção! E se estão investigando outras coisas que façam! E eu dizia assim: "Meu Deus, uma Lista envolvendo alguém que supostamente ficou no governo do PT com o Delúbio à solta e não apareceu o nome do PT!". Essa Lista já está ruim por si só! Por si só! Mas aqui eu recebi hoje, hoje colocaram lá um gozador colocou na minha, gozador, às vezes foi o próprio Nilton, que colocou na minha Mesa, por baixo da minha... Minha secretária quando chegou lá encontrou esse documento, reconhecido, autenticado e tudo. Olhem só, Sr. Presidente, Ata de Reunião da Bancada do Governo. Ata de Reunião da Bancada do Governo, nesta cidade: "Reuniram-se às 20 horas do dia 14 de janeiro os seguintes representantes: Manoel Marcondes Aguiar, Paulo Pimenta, Madre Teresa, Afonso Nader, Bruce Wayne, Marisa Costa, Rui Barbosa, Ademir da Guia, Abicalil, Suzana Soares, Ideli Salvatti, Mônica Valente, Hélder Câmara, Clark Kent, Aldo Rebelo, Delcídio Amaral, Marisa Bastos, Manoel Almeida, Vítor Afonso. Depois de iniciadas as discussões acerca dos temas colocados em pauta, do mais alto interesse nacional, chegaram-se às seguintes conclusões: Primeira, a água excedente do estado da Califórnia deve ser imediatamente transferida para o Oriente Médio. Segunda, a área da Patagônia deve ser devolvida à África do Sul sem pagamento de qualquer tipo de multa pelo uso indevido por parte do Chile e Argentina. Terceiro, o Oceano Atlântico deve ter sua localização alterada para 1 km e meio a oeste. Quarta, todas as árvores de Araucária existentes do mundo devem ser arrancadas e plantadas em vales que não ultrapassem a medida de 50 centímetros de diâmetro. Quinta, a espécie aquática de peixes serrote deve ser terminantemente proibida de freqüentar o Oceano Pacífico. Quarta, a senhora Ideli manifestou a sua preocupação com o crescimento excessivo de vitórias-régias nas banheiras do Palácio da Alvorada, no que foi constestada pelo senhor senhor Abicalil que considerou o fenômeno muito comum nesta época do ano, pedindo a compreensão dos presentes para a situação desta espécie tão sofredora. Os presentes concordaram com uma nova reunião ser realizado durante os festejos juninos da Granja do Torto quando novos e relevantes assuntos poderão voltar a ser debatidos". Aí alguém assinou aqui e o Cartório reconheceu! Eu não sei se isso aqui é matéria para a CPI, mas parece mais de economia interna. Mas eu só estou dizendo é que ou nós somos capazes de ter atitudes institucionais ou nós vamos entrar, viver, nos livramos de uma ditadura militar, vamos agora nos submeter a ditadura das Listas. Eu faço uma, se o meu caráter falhar eu faço uma com o Presidente Lula. Agora se eu quiser. E ele responde fazendo outra comigo! Eu faço uma outra envolvendo a esposa dele e ele faz uma quarta envolvendo a minha esposa! É hora de nós todos termos uma coragem! Se alguém tem alguma coisa concreta contra o cidadão Dimas Toledo, a respeito de algum fato e do governo passado, envolvendo possível corrupção em FURNAS ou do governo presente envolvendo possível corrupção de FURNAS, que diga de maneira concreta. Mas que nós sejamos capazes com hombridade, os homens e com sentimento de sensibilidade as mulheres, de repudiarmos o que é uma brincadeira de mau-gosto de um chantagista que deveria estar na cadeia. Sob pena de darmos crédito a essa reunião absurda que quer alterar o curso do rio Amazonas! Não, é mais ambiciosa, Senadora Heloísa, a meta, desviar um quilômetro e meio para o oeste o Oceano Atlântico. E mais ainda, a excentricidade do Presidente da República está criando vitórias-régias nas banheiras do Palácio da Alvorada! Nós sabemos que isso é mentira. Mentira como eu quero acreditar que é mentirosa essa Lista dos 35 petistas. Não acredito em Nilton Monteiro, mentira como é mentirosa essa Lista. Ou nós somos capazes de tomar algumas atitudes institucionais ou nós vamos virar Câmara Municipal de Sucupira! Ou nós vamos virar algo menor do que o tamanho que se exige do Parlamento Brasileiro do Senado Federal. Ou nós vamos imaginar que aqui não se trata de investigar quem teve e quem não teve culpa, mas sim o seguinte, "eu preciso retaliar de algum jeito, sob pena de eu não dar satisfação ao meu eleitorado, ao meu chefe, ao meu líder", Ou seja quem for, seja quem for. Não é assim! Não é assim! Está na hora, portanto de olharmos se somos ou não somos capazes, mergulhando

nas nossas águas mais profundas e mais internas, de dar a resposta, a resposta nítida e clara que a Nação espera de nós. Ela não espera brincadeira de falsos culpados. Já teve um Deputado que entra no carro com o Valério e depois sai de lá com medo da cassação. Já teve tanta coisa desse tipo e depois o Deputado ficou num ponto de mais nem freqüentar CPI que era relatada pelo competente Deputado Ibrahim Abi-Ackel. Essa brincadeira, nós vimos isso, vamos repetir esse filme? Por que não dizem, com clareza que todos sabemos que esta Lista é falsa! E que se alguém tem alguma outra curiosidade ou algum dado que vá para cima do senhor Toledo com dados! Com clareza! Com coisas factíveis, indefensáveis! Porque eu volto a dizer, pode estar havendo inquérito na Polícia Federal, sobre FURNAS, não duvido que esteja havendo. Mas aposto que esta Lista não está sendo investigada! Aposto! A Polícia Federal não enlouqueceu. O Ministro Márcio Thomaz Bastos não pode ter negado tudo que estudou. Não enlouqueceu. A razão assiste a V.Exa., Deputado Arnaldo Faria de Sá, assiste a V.Exa. A razão assiste a V.Exa. Não estou entrando no mérito se houve, se não houve. Eu estou pedindo de todos nós uma decisão de caráter, porque esta Lista que é velha, da mesma lavra do senhor Nilton Monteiro, ela tem uma versão sem petista. É uma versão *light* e tem uma versão *hard* com 35 petistas. E eu digo mais, é possível se fazer qualquer coisa com a informática. Com *photoshop* é possível se colocar uma situação constrangedora, envolvendo "fulano" e a esposa do melhor amigo. É preciso nós, inclusive, discutirmos e isso é papel de um Congresso sério, qual é o tratamento jurídico que a gente vai dar para essas coisas novas que a tecnologia está criando de problemas. Ela que cria tantas soluções. Mas nós aqui temos um documento, que diz as coisas mais absurdas, inclusive, Clark Kent reunido junto com Bruce Wayne. Eu que pensei que lá em *Gothan City* eles eram inimigos. Eu pensei, estão aqui os dois reunidos numa mesma, num mesmo esforço de provocar absurdos numa falsa reunião da bancada do governo. É hora, Sr. Presidente, de uma definição muito clara e muito nítida, institucional! A favor de investigações sérias e culpados verdadeiros. E não a favor de pequenas implicâncias, que é pequeno quem as faz e ao mesmo tempo diminui o Congresso Nacional como um todo. Eu não acredito no senhor Monteiro não, vou passar a acreditar nele porque agora apareceu uma Lista com 35 petistas. Eu acredito que o senhor Delúbio delinqüiu, acredito o que senhor José Dirceu também, acredito que o senhor Sílvio Pereira delinqüiu. Agora não vou dizer das pessoas que estão aí, eu não conheço o histórico delas, nada a partir de uma leviandade a mais de um homem que me parece ter feito a primeira leviandade, talvez ainda no ventre materno. Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Senadora Ideli.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): O que traz o Senador Arthur Virgílio, neste momento, é algo que tem uma gravidade porque o seguinte. Se nada do que nós estamos fazendo aqui tem razão de ser em cima de uma Lista que agora aparece mais 35 nomes, e isto se dá por conta de depoimento ou situações criadas por uma figura que reiteradas vezes está sendo colocado aqui como *lobbista*, chantagista, escroque, já teve um dicionário inteiro de adjetivos, é de fundamental importância que nós investiguemos alguém que consegue produzir uma situação tão constrangedora como esta. No mínimo, está pessoa, se provocou isto tudo ela tem que ser investigada, ela tem que ser presa ou seja lá o que for, e interrogada. Agora esta mesma pessoa é bom a gente lembrar, Senador Arthur Virgílio, tem um requerimento aprovado para a sua convocação desde o dia 22 de agosto. Que não é este caso, eu já disse isso antes. Não é este caso, era outro caso. Era a questão lá da Lista de 98, lá dos 70. Que inclusive, não é. Então mais do que nunca eu não tenho nenhum problema com relação a investigar 250, 150 do PT, 150 de outros partidos. Agora, o que não pode é a gente não investigar. Não investigar, inclusive, se o senhor Nilton Monteiro é este criminoso como eu acho que até pode vir a ser. E ter provocado isto tudo. E na mesma linha da brincadeira, não é, que acho que o Senador Arthur Virgílio trouxe aqui, eu quero acrescentar um item naquela reunião do governo que não está datada, mas naquela reunião talvez pudesse ter a questão da gente pedir auditoria para a CNT SENSUS de dois meses atrás e que nós não pedimos. Então, eu só quero dizer que nós temos que tratar este assunto, se ele tem a gravidade de alguém que produziu um evento como este e que tem o crime de colocar um Congresso Nacional paralisado em cima de um depoimento que não tem qualquer embasamento, então quem produziu isso também precisa vir aqui na condição de réu, de investigado, para a gente poder definitivamente esclarecer. E se a Polícia Federal tem alguma informação, a informação que eu tenho é que o inquérito está conduzido pelo, pela Justiça Federal no Rio de Janeiro. Não é um inquérito só da Polícia Federal, é um inquérito da Justiça Federal. Então nada melhor que a gente possa trazer os elementos do que já se investigou. Os elementos do que já se investigou. Então é só isto que eu queria aqui colocar, porque da

forma muito brilhante, não é, e eloqüente com que o Senador Arthur Virgílio sempre trabalha os temas, eu acho que ele traz um tema importante, que é alguém estar cometendo um crime de levar todo um Congresso numa linha de investigação que não tem qualquer embasamento. Então vamos trazer e vamos investigar para poder punir, prender, ou seja lá o que for esta figura! Esta figura chamada Nilton Monteiro. Agora, não fazer a investigação também eu acho que não elimina uma série de dúvidas e agora eu já se passar a defender que não se investigue ou que se pare por aqui, vão querer dizer que seja por causa dos 35 nomes que eu nem sei se eu estou lá, até posso estar, não sei do que aqui foi apresentado dos temas que nós tratamos na liderança do governo.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Sr. Presidente. De uma maneira bem curta, eu posso dar uma explicação de por que na reunião desse grupo de dois meses atrás não fizeram nenhuma auditoria. Foi pela oposição do Homem-Aranha e do Batman. Eles não concordaram.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Deputado Pannunzio.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Sr. Presidente, senhor Relator, senhoras e senhores Congressistas. Eu começaria indagando ao Relator se o depoente, o senhor Dimas Fabiano Toledo tem aí com ele ou V.Exa. teria para passar às mãos dele a cópia, já que não existe original, a cópia identificada como página primeira dessas que são distribuídas ou que são disseminadas pelo *site* da Internet com Lista contendo explicações a respeito do que é a Lista e os eventuais beneficiários da Lista. [soa a campainha]

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Indago ao senhor Dimas Fabiano se ele tem em suas mãos essa cópia. Eu vou ler apenas o cabeçalho, Vossa Senhoria confirma. A relação, bom, primeiro tem uma logomarca FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS S.A. Está escrito página primeira, já uma relação com nomes, com nomes, ok? Começa com a logomarca, FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS S.A. Depois vem, a relação de recursos levantados e disponibilizados por intermédio de FURNAS CENTRAIS ELÉTRICAS S.A. entre colaboradores, tais, tais, tais, e direcionados aos coordenadores e responsáveis financeiros pelas campanhas dos candidatos a Presidência da República, governadores de Estado, ao Senado Federal, Deputados Federais, Estaduais, confere? Na cópia o que senhor tem em mãos? Está escrito isso.

SR. DIMAS TOLEDO: Ok, sim.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Muito bem. Depois menciona determinado candidato a Presidência da República que teria recebido um determinado valor, na seqüência menciona um determinado candidato a Governo do Estado que teria também recebido um determinado valor. Confere com o que o senhor está lendo.

SR. DIMAS TOLEDO: Está.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Muito bom. Depois, está escrito São Paulo, correto?

SR. DIMAS TOLEDO: Correto.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Aí eu peço a Vossa Senhoria, além de mencionar um candidato ao Senado Federal, que acompanhe. Está escrito: "Relação dos candidatos a Deputados Federais eleitos e seus respectivos repasses conforme as planilhas de recebimento e desembolsos apresentadas pelos seus Coordenadores de Campanha-São Paulo". Bateu com o que o senhor tem?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Muito bem, olha o terceiro nome dessa Lista de relação de candidatos. Qual é o nome o que senhor lê aí.

SR. DIMAS TOLEDO: Antônio Carlos Pannunzio.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): O senhor conhece este Deputado ou candidato?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Peço atenção e silêncio, Sr. Presidente. Alguma vez em sua vida o senhor teve algum contato com o candidato, então candidato mencionado aí?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): A Lista diz que o senhor repassou a esse candidato 150 mil reais.

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Diz ou não? Está escrito aí ou não.

SR. DIMAS TOLEDO: Da minha Lista está assim.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Está em branco?

SR. DIMAS TOLEDO: Está em branco.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Mas a cópia que eu tenho aqui em mãos mostra isso aí claro.

SR. DIMAS TOLEDO: Ok.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Perfeito?

SR. DIMAS TOLEDO: Perfeito.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): O senhor está vendo isso?

SR. DIMAS TOLEDO: Estou vendo.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Mais uma vez eu vou insistir. Alguma vez em sua vida o senhor teve algum contato com esse candidato reportado aqui? O senhor telefonou para ele, foi procurado por ele?

SR. DIMAS TOLEDO: Que eu me lembre não.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Lembra de ter escrito alguma coisa para ele.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não me lembro.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Não se lembra? Pois bem, este terceiro nome que está aí é este Parlamentar que vos fala agora.

SR. DIMAS TOLEDO: Não sabia.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Eu não conhecia o senhor e provavelmente o senhor não me conhecia.

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): O senhor confirma que não me conhecia.

SR. DIMAS TOLEDO: Confirmo.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Muito bem. Vamos seguir. Pois seguindo até o final da Lista tem um quadriculado, tem um local ressaltado escrito o seguinte. "Todos os valores discriminados foram repassados na totalidade para os senhores Antônio Carlos Pannunzio e menciona um outro ex-Deputado e destinados aos candidatos a Deputados Estaduais eleitos conforme planilha de desembolso apresentada por ambos". O senhor viu aí?

SR. DIMAS TOLEDO: Vi.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): O que o senhor tem a me dizer com relação a isso que está escrito aí.

SR. DIMAS TOLEDO: Não conheço.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Alguma.

SR. DIMAS TOLEDO: Não conheço essas pessoas.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Mas aqui diz que "entre os quais este Parlamentar apresentou uma relação de desembolso".

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não é verdade.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): De desembolso?

SR. DIMAS TOLEDO: Não é verdade.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Não é verdade o que? O que está escrito aqui?

SR. DIMAS TOLEDO: O que escrito aqui, nunca.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Então, foi apresentada alguma vez alguma relação de desembolso?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, nunca.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Nunca foi?

SR. DIMAS TOLEDO: Nunca foi.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Bom, a conclusão que se pode tirar é que o quê? Que essa Lista é o quê?

SR. DIMAS TOLEDO: Mentirosa, falsa.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Mentirosa e falsa?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Não obstante, ela tem uma tento cação em cartório e tem uma rubrico sozinha aqui no canto. Eu indago a Vossa Senhoria se essa rubrica seria sua?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não é minha. Nunca fiz.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): é parecida, pelo menos, com a sua?

SR. DIMAS TOLEDO: é simples de fazer, uma imitação fácil de fazer.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Pode ser uma tentativa.

SR. DIMAS TOLEDO: Pode ser uma tentativa de imitar a sua rubrica.

SR. DIMAS TOLEDO: Nunca assinei esse documento.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): O senhor atesta que isso aqui é falso?

SR. DIMAS TOLEDO: é falso.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Anoto nenhuma procedência?

SR. DIMAS TOLEDO: Nenhuma procedência.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): O senhor chegou a ver essa Lista antes deste momento que estou aqui mencionando?

SR. DIMAS TOLEDO: Chegou.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): O senhor a tirou de onde quando chegou a ver?

SR. DIMAS TOLEDO: Da Internet.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Da Internet? O senhor é capaz de lembrar o blog em que estava contida essa Lista na Internet, o *site* ou *blog*.

SR. DIMAS TOLEDO: Era alguma coisa *fresh*, um número lá, FURNAS. Não me lembro. *Fresh* qualquer coisa.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Eu ainda pergunto--

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não tirei da Internet porque eu não sou, eu não tenho nenhuma intimidade com computador, Está certo? Os meus funcionários me deram.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Ok, tudo bem. Existe um outro *blog*, "Amigos do Presidente Lula". O senhor conhece esse *blog*?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu vi uma vez.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Nesse *blog* há um l*ink* com outro *blog* "Escândalo Tucano de FURNAS", uma coisa desse tipo. O senhor chegou a ver?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não cheguei a ver.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Mas existe lá na Internet. Mas como tem aqui a autentiação e firma reconhecida, eu pergunto e afirmo, ao que consta foi reconhecida no Rio de Janeiro. Eu pergunto a Vossa Senhoria se Vossa Senhoria teria firma para ser reconhecida no Cartório em questão aqui?

SR. DIMAS TOLEDO: É possível, Deputado. Pelo seguinte. Os cartórios, FURNAS é que escolhe os Cartórios com quem a gente trabalha. Eu não tenho conhecimento de todos os Cartórios que FURNAS tem a firma. Passa lá o cartão, a gente assina lá em FURNAS, o pessoal leva. Mas--

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): O senhor pode até ter cartão.

SR. DIMAS TOLEDO: Posso ter.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Mas nega que a firma.

SR. DIMAS TOLEDO: O único Cartório que eu fui na minha vida fazer uma firma, foi na Barra da Tijuca. Então não conheço.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Perfeito. Bom, Sr. Presidente.

SR. DIMAS TOLEDO: O reconhecimento foi por semelhança, inclusive.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Sr. Presidente, senhor Relator, senhoras e senhores Congressistas. Eu chamo atenção agora para o que eu vou falar. [soa a campainha]

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): É bastante grave o que está acontecendo. Nós vimos aqui e eu acredito aqui na boa-fé, na integridade de todos que estão aqui nessa CPI. Até porque são Parlamentares conhecidos, são figuras respeitáveis do mundo político. Ouvi o veemente apelo, o veemente discurso do líder Arthur Virgílio. Acho que sensibilizou a todos pela forma como o nobre Senador se manifestou. Eu acabo de receber a informação que o Diretor Estadual do Partido dos Trabalhadores de São Paulo, peço bem atenção para isso! O Diretório Estadual do Partido dos Trabalhadores de São Paulo distribui no site oficial do partido, lá em São Paulo, a partir do dia 7 de fevereiro de 2006, no seu site www.pt-sp.org.br a Lista de FURNAS. Essa hipotética, essa Lista que o senhor, o senhor Dimas afirmou aqui ser falsa, ser irreal, nunca ter passado por FURNAS. Eu estou afirmando aqui que o Partido dos Trabalhadores em São Paulo vem cometendo um crime, porque sabe a Lista ser falsa, sabe a Lista ser falsa e vem colocando no seu site. Mais ainda, nesse site, senhor Relator, Sr. Presidente, fizeram um gráfico mostrando por partido, a distribuição de quanto foi para o partido que recebeu dessa famigerada Lista, tida como de FURNAS. E a fonte mencionada no site do PT é o site do PC do B. Peço bem atenção para isso! Esta aqui é uma Casa Parlamentar. Esta aqui, Sr. Presidente, senhor Relator, é uma Casa onde se pretende os partidos políticos tenham... O dissenso, sim, mas tenham o convívio harmônico e respeitável. Não há ninguém nesta Casa e o Deputado José Eduardo Cardozo, na última reunião administrativa que nós tivemos, atestou este detalhe, atestou este detalhe, não há ninguém que acredite que essa Lista possa ter o mínimo de realidade. Mesmo agora, quando o Senador Arthur Virgílio mostra que havia uma outra, havia uma outra com 35 nomes do Partido dos Trabalhadores que foi suprimida, que, aliás não está no site do PT nem no PC do B, nem nessa nós acreditamos. Então eu peço além das providências que já foram pedidas naquela reunião administrativa, que o Presidente encaminhe, por favor, à Procuradoria, enfim, a quem de direito, não sei se no Senado ou na Câmara, mas a quem de direito, ação concreta no sentido de bloquear os sites criminosos do Partido dos Trabalhadores de São Paulo e do PC do B que estão disseminando aleivosias, mentiras, calúnias, denegrindo gente honrada neste país. Era isso que eu tinha de dizer, Sr. Presidente. Agradeço a generosidade do tempo. Nada mais tenho a interrogar o senhor Dimas.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Uma questão de ordem, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Questão de ordem--

SENADORA HELOISA HELENA (PSOL-AL): Qual é o Artigo, para eu acompanhar. Qual é o artigo da questão de ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): O Artigo, Deputado Jamil Murad.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Esclarecendo-

SENADORA HELOISA HELENA (PSOL-AL): Não é artigo, então peça um "pela ordem". Vamos lá.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Sr. Presidente, o *site* do PC do B ele é não, é um "*site* do PC do B". Ele é de uma entidade, entidade que trabalha próximo do PC do B. E nós queríamos divulgar nesse instante um nota do Presidente Nacional Renato Rabello, do PC do B que eu estava aguardando chegar a minha vez para divulgar. Mas pela oportunidade do pronunciamento do Deputado Pannunzio, nós queríamos dar divulgação em dois minutos. "Com a seriedade e a responsabilidade que sempre pautaram sua atuação, o PC do B tem acompanhado os desdobrados das denúncias da Lista de FURNAS. A exemplo de outras acusações sem provas que têm contaminado o quadro político brasileiro com ataques levianos, o partido não dá guarida ao denuncismo vazio. Pelo contrário, reivindica que todas as denúncias sejam apuradas com rigor, sem ferir a honra das pessoas envolvidas ou condenar previamente inocentes. Nesse sentido, o PC do B apóia a decisão da Polícia Federal de averiguar, sem alarde ou juizes precipitados, a famosa Lista". Terminando, Sr. Presidente. "Para o nosso partido, o que está em jogo neste episódio, é a apuração rigorosa das denúncias. Sem julgamentos precipitados e irresponsáveis. Sem macular injustamente a imagem de pessoas públicas de renomada índole. Não pode haver também dois pesos e duas medidas, diante das denúncias que aparecem diariamente na mídia, muitas vezes sem provas e de forma totalmente irresponsável. Alarde contra uns e silêncio para outros. Só a apuração rigorosa poderá resultar na condenação de atos ilícitos e no respeito ao erário público". Então, esse esclarecimento político é importante porque eu estou aqui pasmo e eu estou respondendo por gerações de políticos que construíram o PC do B e outros que virão com mais qualidade do que esse Parlamentar. No entanto, o que importa é o conteúdo. É o compromisso político do nosso partido ao longo do tempo e o que tem pautado também a minha atuação dentro dessa CPI. Nunca levantei calúnia, tenho coragem de enfrentar qualquer situação difícil, porque assim é um compromisso com o nosso povo, não é? Doa a quem doer. No entanto, nós atuamos seja para defender um homem público de partido "A", "B" ou "C". Eu tenho levantado que, atingir os partidos políticos sem provas, de maneira leviana, caluniosa, é um desserviço à democracia. Então, eu acho que esse episódio também serve a isso. As investigações têm que ser feitas e nós não entramos nesse jogo. Era esse o esclarecimento.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Sr. Presidente, apenas usando o meu direito--

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): O que é noticiado no *site*, o que é noticiado no *site,* não é determinação da direção do PC do B.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Sr. Presidente, apenas isso. A pergunta que eu fiz aqui ao honrado Deputado Jamil, que é meu amigo particular, além de tudo, é o seguinte. Tiraram do *site* essa informação caluniosa ou não?. Porque eu não posso aceitar que exista um *site* que faça toda a divulgação do PC do B e o PC do B não tenha nenhum tipo de controle. E vou além, não sei do caso do PC do B, mas no caso do PT é o *site* oficial conforme consta inclusive de informação do órgão gestor da Internet no Brasil.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Deputado Maurício Rands.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Sr. Presidente, eu quero começar--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Depois o Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Lembrando que apesar de todo o talento do Senador Arthur Virgílio por quem tenho bastante admiração, ele também comete falhas, essa reunião pretensa da bancada do governo, para demonstrar uma facilidade que existe que é a autenticação de assinatura, ele traz uma Ata que não reconhece a assinatura. Apenas tem uma autenticação da cópia. Então eu quero dizer, Senador Arthur Virgílio, que nós todos estamos sujeitos a cometer equívocos e cometemos aqui nesta CPI. O primeiro foi o tratamento à presunção de inocência. A presunção de inocência que é um princípio fundamental para inspirar qualquer investigador. Essa CPI investigando, agora, parece vir a reconhecer que a presunção de inocência não pode ser seletiva. Eu não posso pressupor inocente até provem contrário apenas os meus aliados. Para que a investigação seja séria, agora eu vejo, pelos depoimentos aqui na nossa CPI começa-se a chegar o que deveria ser um ponto de partida. Por que é que eu digo isso, Presidente Delcídio? Porque muitas das afirmativas aqui, muitas indignadas, de dedo em riste, ao longo dos sete meses dessa CPI foram absolutamente míopes em relação à presunção de inocência. Porque naquele momento acusações que eram feitas, generalizações que eram feitas atingiam adversários de algum dos membros da CPI que integram a bancada de oposição no Con-

gresso Nacional. A CPI inteira, o Brasil inteiro lembra do episódio que foi um dos momentos menos felizes desta CPI, que é uma CPI séria e tem credibilidade, o episódio do interrogatório em São Paulo do doleiro Toninho da Barcelona. Uma pessoa condenada a 20 anos de reclusão, uma pessoa com um histórico que era um prontuário real, a este depoimento desta pessoa não foi dada a presunção de inocência. Pessoas honradas como o próprio Ministro da Justiça, pessoas que integravam a Igreja Católica em São Paulo, tiveram o princípio da presunção da inocência desrespeitado naquele momento. Então a minha primeira observação é que agora, quando surge uma investigação de denúncia de um esquema de arrecadação de recursos ilícitos em torno de FURNAS em 2002, é disso que se trata, agora, eu vejo antes tarde do que nunca, pronunciamentos de ilustres Parlamentares dessa CPI, por quem eu nutro a maior admiração, mas que cometeram o equívoco de naquele momento terem uma presunção de inocência seletiva. Porque naquele momento acusavam-se adversários políticos e aí o princípio da presunção da inocência, ao mínimo, foi relevado ao menos cabo. Nesse momento, agora eu quero manter a linha de coerência que com muito orgulho registro. A bancada do Partido dos Trabalhadores, a bancada dos partidos aliados que dão sustentação ao Presidente Lula aqui no Congresso Nacional procurou ter, Presidente, Relator Osmar Serraglio, desde o começo, uma linha de coerência, de respeitar o princípio da presunção da inocência e não permitir generalizações que foram concluídas precipitadamente ao longo destes trabalhos. E aí, Sr. Presidente, o que é que nós temos nesta investigação agora que trouxe o depoimento do senhor Dimas Toledo? Uma denúncia de um esquema de arrecadação em FURNAS que teria através da atuação do senhor Dimas Toledo, isso é que está sendo investigado, arrecadado recursos com empreiteiras e fornecedores e prestadores de serviços desta estatal FURNAS. E aí eu quero lembrar aos Deputados e Senadores membros dessa CPI que não se trata, nós não podemos fazer a confusão entre forma e conteúdo.

SUZANA ABAIXO

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Nós não podemos, como me lembrava o Ministro Ibrahim Abi Ackel, fazer com que uma lista que foi confeccionada tentando relatar um fato de 2002, por uma pessoa a quem falece credibilidade, nós não podemos fazer com que essa lista seja a mesma coisa do que a lista lá do Olímpio Mourão Filho, plano Cohen que em 1937 justificou uma mudança radical na política brasileira. Agora, ao reconhecer isso, e eu disse aqui na CPI que tinha as minhas dúvidas sobre a veracidade, sobre a autenticidade dessa lista, eu disse também que tinha também, Deputado Osmar Serraglio, muitos indícios ao nosso alcance. Ontem eu fui até duas horas da manhã lendo todos esses depoimentos que foram prestados pelo sr. Dimas Toledo, pelo sr. Nilton Monteiro. Não quero fazer aqui nenhum juízo de valor, não me cabe aqui estar fazendo juízo de valor moral, a *priori*, sobre quem quer que seja. A mim, como investigador, cabe, diante de um fato, qual é o fato? Uma investigação que foi instaurada na Polícia Federal e que veio aqui à CPMI sobre uma denúncia de um esquema de arrecadação ilícita em torno de FURNAS. Lista ou não lista, você pode chegar a uma conclusão da existência de um esquema de arrecadação independentemente de lista. Nós não podemos cair na armadilha, se queremos ser sérios, racionais na investigação, de achar que o que se trata é discutir se a lista é verdadeira ou não é verdadeira. Não é disso de que se trata. Daí porque está correta, no meu modo de entender, tecnicamente, do ponto de vista jurídico, a Polícia Federal quando ainda não declinou da sua competência investigativa por quê? Porque cabe à Polícia Federal sim apurar dados ou denúncias de corrupção numa empresa estatal. Não estou aceitando a tese da existência desse esquema, estou dizendo que é o que está sendo investigado. E a posteriori, depois das investigações eu quero fazer o meu juízo. Então, a Polícia Federal tem sim competência para investigar e nessa investigação, se ela vier encontrar culpa ou sentir a necessidade de investigar deputados mencionados em lista "a", ou lista "b", ou não mencionados em lista, aí ela tem que declinar da sua competência, comunicar o Supremo Tribunal Federal para que ele prossiga nas investigações. Mas, neste momento, achar que a Polícia Federal não deve investigar seria equivalente a querer abafar uma denúncia muito séria com indícios de um esquema de arrecadação que existiria em torno de FURNAS. Daí porque não se pode também, e é querer fazer espuma política, querer que o Ministro da Justiça, que tem tido uma conduta ilibada, a independência da Polícia Federal como órgão investigativo do Estado Brasileiro nunca foi tão preservada como na atual gestão do Ministro Márcio Thomaz Bastos e não pode, portanto, o Ministro Márcio Thomaz Bastos querer ser chamado para dizer se determinado documento que faz parte de uma investigação ou não, é verdadeiro ou falso. É querer forçar demais os fatos, sr. Presidente. Então, me parece que a CPI, agora, está chegando num ponto de equilíbrio, de respeitar a presunção de inocência. Infelizmente, a história da CPI, e ela está registrada, foi de uma presunção de inocência seletiva. Agora, o que nós não podemos deixar de fazer é que essa investigação seja feita pela Polícia Federal e na parte que toca à CPMI que ora está aqui reunida. E aí tem

que ter o contraditório. Porque se há uma acusação, há uma defesa. Se há uma versão, há uma contraversão. Eu não quero fazer um juízo, a *priori*, porque a versão ou a contraversão pode atingir aliado do meu partido ou não aliado, ou adversário da oposição. Como é o caso agora, nesse suposto esquema que seria articulado pelo depoente. Como o tempo é muito curto, eu tenho aqui algumas perguntas que partem deste pressuposto--

[soa a campainha]

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Que tem que ser estabelecido o contraditório. Eu queria só deixar uma indagação ao sr. Dimas Toledo, já que o tempo esgotou-se, que é para esclarecer uma afirmativa que é importante para o deslinde desta investigação. V.Sa. afirma que em momento nenhum teve contato com o sr. Nilton Monteiro, que está fazendo esta acusação contra V.Sa. V.Sa. diz que nem FURNAS, nem no Rio de Janeiro, Deputado Osmar Serraglio fez menção a um trecho de um dos depoimentos do Nilton Monteiro, foram quase dez, na Polícia Federal, em que o sr. Nilton Monteiro diz que num restaurante Alcaparras, no Flamengo, em agosto de 2004, estava numa reunião com Luiz Fernando Couto, advogado de FURNAS, que teria sido encaminhado por V.Sa. para conversar com o sr. Nilton Monteiro, a propósito daquele pleito lá da JP e que o senhor, depois de um telefonema, e é isso que eu queria indagar a V.Sa. e as investigações posteriores vão esclarecer esse dado que é importante para elucidar esse aspecto. Qual seja, o sr. Nilton Monteiro afirma que no RESTAURANTE ALCAPARRAS, nesta noite de uma sexta-feira de agosto de 2004, depois de um telefonema que teria sido trocado entre o sr. Luiz Fernando Couto e V.Sa., V.Sa., quinze minutos depois, chega ao recinto e teria sim conversado com ele, Nilton Monteiro. Então, a minha indagação é: Se eventualmente V.Sa. aceitar disponibilizar o sigilo telefônico para a CPI, ou a CPI resolver deliberar pela transferência do seu sigilo telefônico, V.Sa. continua afirmando que hora nenhuma falou com Luiz Fernando Couto em agosto de 2004 sobre um eventual, ou suposto encontro com o sr. Nilton Monteiro?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim, sem dúvida. Nunca, o Luiz Fernando nunca agendou essa reunião comigo e nem--

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): V.Sa. aceita disponibilizar o sigilo?

SR. DIMAS TOLEDO: Com certeza. À vontade e nem estive, nunca estive com o ele no ALCAPARRAS. Nunca estive com ele.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Assim como subseqüentemente em outros eventos que são relatados por esse senhor?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim, senhor.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Pronto, isso com a transferência do sigilo, evidentemente confirmará a afirmação de V.Exa. ou refutará. E nós, como investigadores, temos que ter a clareza de que é nossa missão investigar sim uma denúncia que hoje o Brasil inteiro quer resposta, que é de um suposto esquema de arrecadação de recursos para os aliados do então Governo Federal, em 2002, que teria sido liderado por V.Sa. Até aqueles que estão mencionados como supostos recebedores de um suposto esquema que está sendo investigado na sua existência, eles têm sim, também, o direito de ter esclarecida essa questão. O que não pode, e aí eu concluo, sr. Presidente, é nós simplesmente acharmos que há uma acusação, há uma investigação que não é de uma lista, é de um esquema que estaria sendo, não é, detectado de arrecadação de recursos em FURNAS. Essa, toda essa denúncia simplesmente propiciar uma conclusão porque o acusado, com todo o respeito a V.Sa., vem aqui e nega. O que V.Sa. disse aqui hoje à noite eu já sabia que ia ser dito porque eu já tinha lido o depoimento de V.Sa. na Polícia Federal, foi *ipsis literis* o que V.Sa. lá afirmou. Então, para a seriedade investigativa da CPI, é preciso que haja um mínimo de contraditório para que essa questão fique esclarecida. E ela está dentro do que tem sido objeto da nossa CPI porque ela pode apontar origem de recursos ilícitos para financiamento de campanhas políticas. Era isso, Presidente.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Pela ordem, Sr. Presidente. Pela ordem, Sr. Presidente. Pela ordem, Sr. Presidente.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Sr. Presidente.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): É porque chegou aqui às minhas mãos, sr. Presidente, chegou aqui às minhas mãos também um documento que eu acho até contesta um pouco as afirmações do... Do Deputado Maurício Rands em relação ao fato de que o documento apresentado pelo Senador Arthur Virgílio simplesmente está autenticado, que autenticar é fácil, reconhecer firma é difícil.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Não estou dizendo que é fácil. Não, não disse isso não, jamais. Olha, reconhecer uma firma em Cartório, eu sou advogado há trinta anos, Deputado Eduardo Paes, é a coisa mais fácil do mundo, quem tem vivência forense sabe disso--

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Olha, eu espero que seja. Eu espero que seja--

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Eu estou apenas brincando com o meu amigo Arthur Virgílio--

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Deputado Maurício--

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Porque ele, apesar do seu talento, cometeu uma falha porque nesse documento aqui apresentado não reconheceu a firma apenas autenticou a cópia--

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Deputado Maurício, eu espero que de fato seja--

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Sr. Presidente--

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Deputado Maurício, só para concluir, sr. Presidente. Eu espero que de forma seja fácil autenticar reconhecer firma porque senão nós podemos encerrar a CPI aqui agora, porque eu acabei de receber duas declarações assinadas por mim: "Declaro para os devidos fins que eu, Eduardo da Costa Paes, brasileiro, natural, casado, tal, assumo total responsabilidade sobre todo o esquema do mensalão instalado no governo Lula, desde a concepção, arrecadação e até a sua distribuição. Não há, portanto, qualquer ligação dos srs. Marcos Valério e Delúbio Soares com o esquema de distribuição para os parlamentares, ambos são inocentes. Ratifico que sou o mentor de todo o sistema de distribuição do mensalão". Assinado por mim, reconhecida a firma no Décimo Sexto Ofício de Notas no Rio de Janeiro, Vigésimo Sexto Ofício de Notas. Eu tenho cópias também, sr. Presidente--

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Pela ordem, sr. Presidente.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): -- Eu vou encaminhar essa cópia também, sr. Presidente. É óbvio que é inacreditável que se possa reconhecer firma assim de forma tão absurda. Aliás, eu acho que essa CPI, pena que o Deputado Onyx--

[pronunciamento fora do microfone]

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Eu não me lembro de ter assinado, o Márcio Thomaz Bastos vai ter que responder, é uma cópia.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pela ordem, sr. Presidente.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Não dá para dizer se é verdadeiro ou falso, não dá para atestar se foi assinada por mim ou não porque é uma cópia. Nós vamos ficar até o fim da CPI descobrindo. "Será que foi o Eduardo Paes o mentor do mensalão ou não?".

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pela ordem, sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado José Eduardo Cardozo--

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Invoco o Art. 14, citado que fui pelo meu prezado amigo Deputado Maurício Rands, sr. Presidente.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O Eduardo Paes anuncia, anuncia agora a ocorrência de um crime a essa CPI. Se alguém falsificou a assinatura dele e é reconhecido em Cartório isso é uma notícia crimes, tem que ser encaminhado imediatamente ao Ministério Público para a abertura de Inquérito Policial. Ou seja, não se trata agora mais de uma brincadeira, agora é um crime que é noticiado. Então, requeiro a V.Exa. a expedição de abertura de Inquérito Policial com a juntada da narrativa feita pelo Deputado Eduardo Paes para que se apure devidamente quem falsificou a assinatura do Deputado, bem como seja ouvido o Cartório que efetivamente reconheceu essa firma porque agora sim trata-se de notícia crimes.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Sr. Presidente.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Meu Deus! Vamos trazer o Cartório do homem de FURNAS aqui também! Por nossa senhora!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria, nós temos vários parlamentares inscritos, a palavra agora é do Deputado Carlos Willian. Senador Arthur Virgílio, invocando o artigo 14.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Ah, não, porque ele falou de mim, disse que era especialista em botânica, tinha nome de flor, vou pedir o artigo 14.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Eu vejo que só se afirma a inteligência e a competência do Deputado Maurício Rands. Mas, quando S.Exa. fala em presunção de inocência, eu quero invocar um Deputado tão valoroso quanto ele do Partido dos Trabalhadores, que é o Deputado Paulo Delgado, de Minas Gerais, que diz que o grande problema do PT, isso vem de longe, é que o PT, talvez até estivesse sendo vítima aqui ou acolá de uma injustiça, alguns membros e outros sendo justiçados pelo que fizeram de errado. Mas dizia Paulo Delgado que o PT nunca concedeu a presunção de inocência a ninguém. Ele era primeira instância, segunda e era--

[soa a campainha]

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): O Supremo Tribunal Federal dizendo quem prestava e quem não prestava nesse país. E foi assim que se formou uma certa mística que depois fatos outros vieram desmentir. Eu tenho certeza que o meu querido colega Maurício Rands não se referiu a mim porque nada na minha personalidade ou na minha conduta aponta para não presumir a inocência de alguém. Eu, por

outro lado, faço uma distinção muito grave entre esse cidadão que tem uma lista com trinta e cinco petistas, uma outra sem os petistas, tem uma assim, tem uma assado. Uma pessoa que já foi condenada uma porção de vezes, processado por todo mundo porque é useiro e vezeiro em falcatruar assinaturas, alguém que tem uma enorme vocação para delinqüir e outro que tem toda a vocação para delinqüir, que é o tal Barcelona. Eu não fui a favor da oitiva a ele, a oitiva dele, mas, supostamente, capaz de falar sobre evasão de divisas. Este é alguém que tem que ser em primeiro mão investigado como falsificador, como fraudador. O outro, supostamente teria ou não o que dizer não acrescentou muita coisa. Teria ou não o que dizer sobre evasão de divisas. Eu vejo situações diferentes em pessoas talvez com a personalidade parecida. Mas, muito bem, eu lamento muito porque se tinha uma pessoa no começo desse governo que eu tinha como interlocutor privilegiado era o Ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos. Não foi pouca vez que sentei, que almocei, que jantei, que tomei café--

[soa a campainha]

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Tentando o tempo inteiro manter com ele os diálogos que eu consigo manter com diversos segmentos do governo. Só o fato de estarmos discutindo aqui se ele agiu corretamente ou não já o diminui e é nesse sentido que eu faço a S.Exa. um apelo: Não permita a dubiedade, não permita a dubiedade. Vamos ser claros e vamos ter coragem de admitir com toda a inteireza que esta lista falsa, ela precisa ser desmontada. Até para se saber quem é o sr. Dimas Toledo. Por exemplo, o sr. Dimas Toledo, eu noto aqui, o sr. Dimas Toledo, se ele--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Arthur Virgílio, por favor, concluindo.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Eu concluo, sr. Presidente, eu vou ser bastante breve--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Existem vários inscritos.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Eu serei bastante breve. É porque é um assunto que mexe tanto com o equilíbrio desse Congresso nós temos que ter algumas definições. O primeiro chantageado é o filho dele, sr. Dimas Toledo, me perdoe, mas é um idiota. Não passa de um idiota. Se, por outro lado, ele é uma figura capaz de ser alçado à confiança de diversos governos para praticar a corrupção, aí é uma águia. Esse dilema é terrível. Não dá para tratá-lo como águia, quando interessa e tratá-lo como idiota, quando é, quando é o caso conveniente também. Por exemplo, presunção da inocência. Sr. Roberto Jefferson diz que fez, aconteceu, e disse algo que eu não falei, foi mencionado aqui pelo Senador Álvaro Dias, que eu não disse. Não fui à Tribuna, eu tenho sido ácido em relação ao Presidente da República, mas eu não acredito nessa história de que o sr. Toledo iria obter três ou quatro milhões de reais dividir entre PT, PTB e que iria dar uma parte para a Diretoria e outra parte para cooptar, para votar a favor do governo, um grupo de Deputados do meu partido, um grupo, que, aliás, coincidentemente ou não se evaporou, foi embora do meu partido. Nós éramos um peso pesado balofo, ficamos um peso leve, um peso médio musculoso--

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Sr. Presidente, eu gostaria--

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Sr. Presidente, eu concluo dizendo que eu não posso nunca acreditar que uma conversa como aquelas tenha passado na frente do Presidente da República. Não posso acreditar. Não posso acreditar, o Rands. Não posso acreditar. Não posso acreditar. Eu prefiro, nesse momento, dizer que eu não acredito. Dizer que não acredito que o Presidente da República tenha dito: "Olha, eu não quero o sr. Toledo, não porque eu não quero o roubo, mas eu não quero o seu Toledo porque eu não quero alguém que supostamente seria vinculado a um partido adversário meu". Ou seja, eu presumo a inocência sim e finalizo, sr. Presidente, dizendo o seguinte, e aí eu faço com muito bom humor com o meu querido amigo Maurício Rands: A pessoa que me mandou esse documento talvez fosse fã de história em quadrinhos, mas não era falsificador, então por isso que com certeza reconheceu só a autenticidade da cópia, ela deve ter original, certamente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra, o Deputado Carlos Willian, dez minutos.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Sr. Presidente, nobres colegas.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Dez minutos o cronômetro, por favor.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Eu estou perplexo com o que eu estou assistindo. Lamento os meus colegas de Parlamento e de CPMI, sr. Presidente. A convocação do sr. Dimas Toledo foi uma convocação política e tem que deixar isso bem claro, foi uma negociação de governo e de oposição. Eu sou da base do governo mas não posso dizer que sou governista. Apoio o governo que dá certo e naquilo que não, eu não acompanho. Eu não entendo porque aprovamos o sr. Dimas Toledo em contrapartida também aprovou-se a convocação do sr. Delúbio Soares. Não sei porque que o Delúbio Soares, para vim aqui, tem que aguardar chegar as contas do exterior. Duda, Duda. Mas para convocar o sr. Dimas

não há a necessidade de saber da autenticidade da lista e nem pouco da manifestação da Polícia Federal. Se não pode trazer o Ministro Márcio Tomás Bastos, que eu acho também que não deveria, por que é que não convocou o Delegado que está com o processo? Por que é que não nomeou três Deputados para ir lá ver como que anda o processo? Como eu sugiro que faça isso, assim como foi três membros aos Estados Unidos para verificar as contas do sr. Duda Mendonça? E ainda mais, sr. Presidente, aprendi na, minha época de Faculdade várias coisas e a convocação do sr. Dimas Toledo, que não estou aqui para defender o senhor, mas eu sou advogado, eu faço, sou membro do Congresso Nacional onde se faz as Leis, e as Leis têm que ser obedecidas principalmente por nós. Não tem fato consumado, não tem similitude, não tem nexo causal, não tem fato determinado com o senhor para estar presente aqui nessa CPMI. Não tem nada a ver com a CPMI dos CORREIOS. V.Exa. conseguiu, através de um habeas corpus, uma liminar para que ficasse calado no que pudesse te incriminar. Mas o senhor poderia ter entrado com o habeas corpus para não vir a esta CPMI, poderia ter feito isso igual outras pessoas já fizeram e conseguiu. E ainda hoje nós estamos vendo conversa, nós estamos vendo estórias. É estória de que apareceu uma ficha, é uma estória disso. Isso aqui é uma coisa séria, tem que ter seriedade. Eu acho que tem que dar mais importância quando eu chegar aqui e falar: "Sou um Deputado Federal eleito pelo Estado de Minas Gerais com cento e onze mil, quinhentos e setenta e dois votos" do que simplesmente eu chegar aqui e inventar uma estorinha, "acabei de ser eleito Presidente da Associação de Preservação e Conservação das Borboletas Azuis do Afeganistão". Eu não posso misturar uma coisa com a outra. Brincadeira é uma coisa, coisa séria é outra! O Senador Arthur Virgílio acaba de aparecer com um documento aqui que é a ata da reunião da bancada do governo, acrescenta mais uns nomes do PT, se não bastasse essa maldita lista que coloca de forma intransigente, de forma criminosa nome de parlamentares sérios que têm nesse Brasil tentando buscar a política de Minas Gerais. Que lamentavelmente, é uma lista de FURNAS cujo seu criador foi o grande Juscelino Kubitscheck de Oliveira. Tentam *inodar* este Parlamento. Vão dizer que foi o PT. Não acredito que o PT tenha nada a ver com esta lista. Isso aqui está comprovado que é um mau elemento porque teve os seus interesses contrariados por normas certas que causou e foi indeferido em FURNAS. Que talvez, se tivesse conseguido o contrato, aí sim seria uma irregularidade. Que se diz ser membro do Partido dos Trabalhadores, mas eu não sou do PT, mas eu sou de Minas Gerais e conheço a idoneidade dos membros do Partido dos Trabalhadores de Minas Gerais. E não acredito que ninguém iria abonar uma ficha--

[soa a campainha]

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): E não acredito, sr. Presidente, que ninguém do PT iria abonar uma ficha para um cidadão desse entrar para o PT. Aí, sr. Presidente, nós paramos para fazer uma reflexão na história. Disse aqui um Deputado que o seu nome já foi uma vez falsificado, um outro Deputado está querendo processá-lo. Veja só, me deram de presente uma vez uma certidão de casamento, que eu estava casando com Inis, que eu tinha tantos na conta da Suíça, não sei o que, veio num papel de Cartório, uma Escritura e do lado veio escreventes, vários amigos meus. E ainda veio escrito: Registrado no Cartório tal e etc. Vão me processar por isso? Foi uma brincadeira de uma colega minha que trabalhava no Cartório. Para registrar um documento de venda de carro o proprietário tem que ir no Cartório, mas quantas vezes a gente vê transferindo carros sem a pessoa ir no Cartório e sem ter assinatura naquele Cartório? Não tem que processar ninguém! O que tem que se fazer é prender esse mau elemento. Agora querem que a Polícia Federal, a respeitada Polícia Federal dê uma solução imediata a esta lista, sr. Presidente, que inclui o nome de 153, e dentro desses 56 são parlamentares dessa República, homens sérios. Não pode simplesmente dar uma decisão imediata nem tampouco monocrática, tem que ser um Delegado com seu Superintendente e também até o Ministro Thomaz Bastos porque ali tem pessoas que tem imunidade parlamentar. O que se tem que fazer é ir atrás dessa pessoa que *inodou* esses deputados, e eu falo com o senhor que eu não estou nessa lista, não sou do PT, porque dizem que é só quem é do PT que não está na lista. Eu não sou do PT, eu não sou nessa lista. Eu não estou em mensalão porque o partido que eu estava, na época das votações, era o PSC, não tinha nada a ver. As minhas votações que contrariam o governo foi votadas por mim nessa Casa. Não estou no mensalão e também tampouco estou nesta lista de FURNAS. Não conheço o sr. Dimas Tadeu. Conheço amigos do senhor, amigos dignos. Quero colocar aqui, sr. Dimas, a colocação de que o senhor levou um projeto para Minas Gerais para eletrificação rural. Em Minas Gerais, é para o senhor ver que eu não o conheço, tanto é que até o nome eu errei.--

[soa a campainha]

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Olha, sr. Dimas, Minas Gerais, se tivesse levado esse recurso estaria mais iluminada do que Paris. Eu espero ainda, e acredito que realmente vai se cumprir este programa do Presidente da República que já está em funcionamento. E, finalizando, sr. Presidente, não

vou nem ocupar todo o meu espaço. Se nós tivermos que responsabilizar o sr. Dimas, e aí eu volto no meu tempo de Faculdade, no tempo de estudo, o ônus, o ônus, todo mundo lembra disso, quem incrimina uma pessoa, e este é o princípio primordial do Direito, quem denuncia é que tem que apresentar, o ônus da denúncia cabe ao acusador. Portanto, se o sr. Dimas está aqui hoje, muito bem, foi bom que esclareceu de uma vez por todas que não existe essa lista. Querer similar o senhor para onde tem essa lista, quem fez essa lista seria a mesma coisa de termos que apresentar aqui agora o sr. Arthur Virgílio, nobre Senador dessa República, um dos senadores mais respeitados que jogaram este documento debaixo da mesa dele, debaixo da porta--

[soa a campainha]

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Se o sr. Dimas tiver que dar satisfação-

[soa a campainha]

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Desta lista de quem fez essa lista, como que funciona essa lista, o Senador Arthur Virgílio também vai ter que explicar quem é que fez essa lista, quem é que registrou ela em Cartório, de quem é este carimbo e etc. Mas nenhum dos dois tem que fazer isso porque o ônus da prova cabe a quem acusa. Então, sr. Dimas, não conheço o senhor, já disse, conheço amigos do senhor. O senhor é um funcionário de carreira de trinta e sete anos de FURNAS. Tenho certeza que não fez essa lista. Tenho a consciência tranqüila. Agora, lamento que o nosso glorioso estado de Minas Gerais, a quem eu tenho o orgulho de estar aqui representando neste Congresso Nacional vem sendo, várias vezes, denunciados por problemas políticos e de corrupção e agora por forjar essas listas. Eu estou aqui, não para defender o senhor como mineiro nem pouco posso defender em situação nenhuma, mas eu quero que a verdade prevaleça, mas não cabe ao senhor apresentar de quem é essa lista, cabe à Polícia Federal, cabe à Justiça fazer isso e cabe à Câmara dos Deputados em representar contra as pessoas que colocaram isso, essa lista no site. Porque através daí vai buscar a responsabilidade dessas pessoas. E mais uma vez, quero me solidarizar com todos os colegas parlamentares que estão nessa lista. Graças a Deus, meu nome não está! Mas da mesma forma que meu nome não está porque não recebi recursos nenhum, vários deputados, pessoas ilibadas desse, desse Parlamento também disseram que não estão nessa lista. Portanto, eu acho que nós temos que passar mais essa página da história. E esta CPMI tem que buscar os culpados, são as pessoas que chegaram aqui e confessaram, são os documentos que já estão aqui nessa CPMI fazendo montes e montes e não vai ter tempo para poder analisar. Nós temos é que buscar o fato determinado, nós temos que buscar é os corruptos que surrupiaram os cofres do governo e não em cima de uma lista apócrifa que apareceu e que agora chama a atenção de todo o povo nacional. Ou seja, se a lista for verdadeira, terminando, sr. Presidente, e aparecer essa lista, eu sou o primeiro a assinar uma CPI em relação a FURNAS para que a verdade prevaleça. Lamento meu tempo ter se esgotado. Eu não tenho tempo de questionar o senhor, mas eu acho que--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Carlos Willian--

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): -- Todo mundo já questionou o suficiente a já demonstrou a falsidade dessa lista.

[soa a campainha]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Carlos Willian. Com a palavra, a Senadora Heloísa Helena. Depois, Deputado Gustavo Fruet.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado Deputado Carlos Willian, com a palavra Senadora Heloísa Helena. Depois, Deputado Gustavo Fruet.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Sr. Presidente--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): E Deputado Geraldo Thadeu.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Eu já tinha até, essa hora da noite, depois de tantas listas eu já tinha solicitado que alguém fosse buscar a lista do Estado de São Paulo. Lista do Estado de São Paulo para ver quanta gente tem lá. Sr. Presidente e sr. Dimas, eu acompanhei com muita atenção, todo o debate de hoje do mesmo jeito que, cumprindo a minha obrigação, analisei os depoimentos de V.Sa., os depoimentos do sr. Nilton. Eu tenho dito, várias vezes, que eu não estou aqui no dilema da proteção do governo passado ou da proteção do atual governo. Para mim, se apresentar um requerimento que solicite uma acareação do sr. Nilton com V.Sa., eu voto favorável. Se for uma acareação do ex-deputado Roberto Jefferson com o Presidente Lula, ou com o ex-ministro José Dirceu, eu voto favorável também. Eu estou aqui para buscar ajudar humildemente, a ajudar no esclarecimento da verdade. Primeiro que é absolutamente natural e lógico para o procedimento investigatório dessa CPI a presença de V.Exa. Até porque V.Sa. está aqui não necessariamente pela lista, a lista acabou motivando, mas haviam denúncias de que haviam fraudes nos processos de instrução de licitações não apenas do CORREIO como de várias empresas públicas. Havia a

utilização de recursos de FURNAS. Havia a utilização de vários órgãos públicos para viabilizar os interesses de gangues partidárias, de personalidades políticas que votariam de acordo com as conveniências do governo. Agora, então, o Senador Álvaro já falou sobre as declarações do Deputado Roberto Jefferson, as listas que estão aparecendo. Agora, tem algo que eu não consigo, no debate PSDB e PT, eu não consigo identificar uma coisa. Eu, eu sou trabalhadora do setor público, eu sou servidora pública é quase que natural, quando você é do movimento sindical de determinados setores, certamente o Senador Delcídio, que sempre acompanhou o setor Elétrico, é muito normal que nós, que somos, quando estamos no movimento sindical, a gente quase que sabe tudo dos Diretores indicados pelo governo anterior. A gente fala mal, diz que o cara não presta, diz que é ladrão, muitas dessas coisas. Quem já participou do movimento sindical sabe disso. O que para mim é impressionante é que eu não consegui ajudar no meu esclarecimento dessa briga aqui, não é, entre representantes do governo passado e representantes do atual governo porque a lista, por mais que ela traga mais nomes relacionados ao PSDB e o PFL, a lista tem senadores da base do governo Lula, Ministros do governo Lula e ninguém fala sobre isso no Plenário. Então tem esse dilema do caso de amor mal resolvido entre o atual governo e o governo passado, cada um quer ser o que o outro foi no passado, é uma coisa impressionante. Agora, eu não consigo entender porque, pela lista, se ela verdadeira fosse, o senhor era, não tenho, não consigo fazer juízo de valor de V.Sa. antes da quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico, mas se ela lista fosse verdadeira, V.Exa. ou era, ou era o grande patrocinador de crimes contra a administração pública, fazia tráfico de influência, intermediação de interesse privado, exploração de prestígio, fraudava o processo de instrução das licitações, inventava uma especificação técnica para um bandido amigo de V.Exa. ganhar e V.Sa. ser remunerado com isso e distribuía dinheiro. Se era dinheiro para lista anterior ou para essa lista, V.Exa. era como se fosse, no governo passado, o grande articulador dos negócios sujos da coleta de dinheiro dos crimes patrocinados contra a administração pública. O que eu não consegui entender é como V.Exa. ficou no governo Lula até agosto. Realmente eu não consigo entender. Porque se V.Exa. era o homem que fazia a lista, se a lista pode ser considerada verídica por parlamentares do atual governo, os parlamentares do atual governo não conseguem explicar como V.Exa.., como V.Sa., é tudo a mesma porcaria, como V.Sa. continuou no governo Lula até agosto do ano passado e nem foi demitido conforme V.Sa. disse que pediu demissão. Eu realmente, eu não consigo. Às vezes eu fico pensando, será que é porque os representantes do governo Lula fizeram a indicação sabendo que ele tinha *know-how*? Ou seja, sabendo que ele já tinha os esquemas, os passos, os caminhos a serem seguidos para continuar fazer no atual governo o que fazia no governo passado. Pode escutar o seu advogado, não tem nenhum problema. Terminou? Entendeu? Então eu não consigo realmente, eu fiquei o tempo todo tentando, evidente que V.Sa. não vai dizer isso, porque ninguém é tolo de vir à uma Comissão Parlamentar de Inquérito e bater no peito dizendo que sou culpado, fazia crimes contra a administração pública no governo Fernando Henrique e fazia crimes contra a administração no governo Lula. Eu fico impressionada porque o Diretor administrativo, que inclusive está sendo citado, que é ex-dirigente da CUT, ele veio prestar um depoimento aqui, o que era dirigente administrativo, o Deputado Abicalil lembra disso, eu perguntei a ele que não era possível que ele que inclusive era o grande responsável por toda a análise de documentos que acabou depois indo à digitação, que ele não tivesse conhecimento de nada relacionado ao papel de V.Sa. em crimes contra a administração pública e em distribuição de propina. Realmente eu não consigo entender. O diretor administrativo, eu questionei dele porque, ora, se eu chego na administração pública é mais do que obrigatório para mim eu analisar os atos, não é, praticados pelo governo passado para que eu faça uma análise. Então, ou V.Sa. era honesto no governo passado e a lista é uma farsa, ou V.Sa. era desonesto no governo passado e até por isso o governo Lula o chamou de novo para continuar sendo desonesto e estabelecer o balcão de negócios sujos para distribuir com os parlamentares. Eu não consigo entender isso! Sinceramente, eu não consigo. Eu fico tentando--

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Senadora, só para ajudar a sua lógica, existe também a hipótese de o novo governo não ter conhecimento de fatos do passado, só para o seu raciocínio, só para lhe ajudar.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Mas o problema, mas a gente não tem o direito de fazer isso, sabe por quê? Não, mas a gente não pode, não sejamos, nós, não, na época do governo Fernando Henrique eu era do PT e V.Exa. também. Nós sabemos exatamente tudo o que nós batíamos de manhã, de tarde e de noite, sem nenhuma presunção de inocência em relação ao governo Fernando Henrique. E que, infelizmente, quem deu o atestado de moralidade pública ao governo Fernando Henrique foi o Lula. Não apenas recuperando para a ocupação de cargos públicos aqueles que nós combatíamos com veemên-

cia quando ocupavam espaços públicos do governo Fernando Henrique, todos esses, exatamente, todos iguais. Então eu, sinceramente, não sei nem como V.Sa. poderia ajudar. O senhor tinha alguma, teve algum procedimento investigatório, fora essa sindicância, no governo passado, no atual governo?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. O Senadora--

[soa a campainha]

SR. DIMAS TOLEDO: Eu prefiro ficar com a hipótese sua, viu? Que é verdade, de que eu não participei de nenhum esquema no governo passado e nem nesse esquema, e nem nesse governo, que é a hipótese verdadeira.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Me diga uma coisa, o senhor, de alguma forma, vamos supor que o senhor não fazia, não fraudava os processos de instrução do Edital de licitação e não fraudava licitação. O senhor tinha amigos, empresários, talvez fornecedores de FURNAS também que o senhor procurava para, de alguma forma, ajudar alguma personalidade política num processo eleitoral? Porque, que essa pessoa poderia depois declarar, nas contas dela, legalmente, o senhor já procurou alguém? Conversava com alguém sobre a ajuda a um amigo meu. Não quero dizer: Eu estou fraudando a licitação para você depois por ter ganho a licitação fraudada me dar dinheiro, porque isso seria propina. Mas o senhor já procurou algum empresário, algum setor que tivesse relação com o setor público ou não, para ajudar alguém que o senhor acreditava? Ou para intermediar a solicitação, um pedido de um Senador ou de um Deputado que esse empresário pudesse ajudar a essa pessoa na campanha eleitoral e ela depois declararia normalmente nas contas?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, Senadora. Eu nunca procurei nenhum empresário para pedir a ele ajudar alguém em campanha política.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Nenhuma pessoa da confiança de V.Sa.?

SR. DIMAS TOLEDO: Nem a meu filho.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Nem uma pessoa de confiança de V.Sa. também?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, nem pessoa de confiança minha. Nunca fiz isso, para fins eleitorais não, nunca.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Sim, mas pedia para outras coisas?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, para outras coisas, a senhora pergunta se eu poderia por exemplo--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não, que envolvesse recursos, não é?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, recursos nunca.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Nunca, nenhum dinheiro, absolutamente nada?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. Nunca pedi, nunca pedi nenhum empresário isso, para ajudar alguém em campanha política.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não tem mais nada não, Presidente, só pegar a lista de São Paulo para a gente começar a investigar. A lista telefônica de São Paulo.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra, o Deputado Gustavo Fruet. Depois, Deputado Geraldo Thadeu e depois.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não, é a lista telefônica de São Paulo, porque para quem gosta de investigar--

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Sr. Presidente, sr. Relator--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pega a lista telefônica de São Paulo que é dessa grossura e aí vai ter trabalhado *ad infinitum*.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Sr. Presidente, sr. Relator, sr. Dimas. São os excessos pendulares. A CPI está na reta final e agora tem um desafio: Toda a denúncia que chega deve ou não deve ser investigada? Se não se investiga, passa-se a impressão de que está acontecendo um acordo e aqui no sentido negativo. Se, se investiga, se abre mais uma frente ampla com relação as denúncias que já estão sendo apresentadas e com a pressão do prazo final. Então, na dúvida, vamos investigar até onde for possível e até o prazo final da CPMI. E esta, inclusive, é a sugestão do Relator. Nós estamos num momento agora que recai uma responsabilidade é uma expectativa muito grande com relação ao seu trabalho. Todos os sub-relatores, ou todos os parlamentares da CPMI querem colaborar, colaboraram e estarão colaborando, mas caberá ao Relator dar a linha política do relatório final. E a sugestão é um relatório com consistência, sem acordo. Quem for contra, que se manifeste, que se posicione de forma pública, não há meio termo mais nesta reta final. Porque, nesse caso, nós estamos diante de três situações. Primeiro, se procura investigar se esta lista é ou não verdadeira. E olha a ambigüidade, não se pode afirmar que a lista é verdadeira, mas também não se pode afirmar que a lista é falsa. Segundo, se o Dimas teve ou não teve participação em algum sistema de financiamento de campanha, quer seja legal, quer seja ilegal. E essa questão de financiamento de campanha, que não era o foco dessa CPMI, ajudou a gerar uma confusão com relação a linha de investigação dessa CPMI que é sobre tráfico de influência, corrupção, improbidade administrativa a partir da denúncia de Maurício Marinho e nos coloca nessa

situação de ter que investigar também financiamento ilegal de campanha. E a terceira possibilidade, a participação dos cargos de FURNAS e eventualmente do sr. Dimas Toledo, como bem lembrou a Senadora Heloísa Helena, foi mantido na função e até surpreendente que apesar de toda a qualificação técnica, porque foi a mudança mais, de maior ruptura que poderia ocorrer na política brasileira, com relação a esse esquema do mensalão. Daí a justificativa, Deputado Maurício, de trazer o Ministro da Justiça, não para constrangê-lo e sempre é uma questão sensível quando se fala na convocação do Ministro, especialmente pelo Ministro da Justiça. Até pela função dele, até pela formação e pela história dele, ele dificilmente vai cometer alguma falha aqui, pelo contrário, deve sair muito bem. Pode ser até um fecho de ouro para a CPMI, porque não é para investigar só a lista, mas muitas das investigações que não serão concluídas a tempo da CPMI ficarão a cargo de órgãos submetidos à administração do Ministério da Justiça. O caso típico é a conta do Duda Mendonça. Recebemos a informação de que o Promotor, em nove de novembro, cancelou a reunião com a CPMI porque foi avisado, pelo Consulado de Nova Iorque, a pedido de parlamentares da CPMI. Não adianta apurar a responsabilidade sobre isso agora. A questão que houve um atraso no acesso dessas informações à comissão. Até pergunto, depois ao Presidente, se já alguma resposta com relação a Corte de Nova Iorque, do Ministério da Justiça. Da mesma forma com relação as perícias que estão sendo realizadas pela Polícia Federal. Recentemente, com razão, o Relator defendeu a Receita Federal e a Polícia Federal. A nossa divergência não é de forma, os órgãos estão respondendo à CPMI, é de conteúdo. Porque até agora essas perícias e esses procedimentos não foram concluídos. Nós estamos discutindo a lista de FURNAS e nem temos ainda a análise se a lista do Marcos Valério é aquela. Se a relação apresentada pelo Delúbio é, efetivamente, aquela realizada. Porque, os dados que poderiam ajudar a comprovação foram recolhidos pela Polícia Federal e estão sendo submetidos a polícia, a perícia. Quer seja, equipamentos eletrônicos, quer seja a documentação, a CPMI ficou com o residual desse material e ainda continua nessa investigação. Da mesma forma, continuar as investigações com relação a conexão deste financiamento, particularmente, com relação a existência ou não do suposto empréstimo. Então é fundamental que, ao final da CPMI também, como não existe, no Brasil, instrumento que possa continuar acompanhando os resultados ou as determinações da comissão, que o Ministro da justiça possa vir aqui e também assumir, em público, pelo menos até o final desse período de governo, a responsabilidade pela continuidade das investigações e a continuidade das informações ao Congresso Nacional e à sociedade, aqueles que queiram ter interesse nessa informação. Na mesma forma, para evitar uma nova linha de atrito, uma das questões que diz respeito a nomeação do sr. Dimas merece esclarecimento. Para verificar até que ponto as declarações do Roberto Jefferson procedem ou não com relação alma contrapartida por vários diretores. Então a sugestão que transformemos uma eventual convocação em um pedido de informação ao governo ou à Ministra Dilma Russef, para esclarecer os critérios que justificaram a nomeação do sr. Dimas Toledo para que paire também dúvidas com relação aos critérios de nomeação dos diretores das estatais, e particularmente daqueles que estão sendo investigados nesse processo do chamado mensalão. Então, de forma objetiva, só para complementar, sr. Dimas, as informações que foram apresentadas, o senhor já disse que recebeu o contato do sr. Delúbio Soares. Eu pergunto, o senhor tem, ou teve relação com o sr. Silvio Pereira?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim, tive.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): De que natureza?

SR. DIMAS TOLEDO: O Silvio apareceu, o Silvio... Não sei se é doutor ou não, desculpa. Mas ele apareceu em FURNAS também no início do governo, já um pouco lá na frente, na fase de transição e o objetivo dele, como tinha ocupado interinamente a presidência no ano de 2002, final de ano, ele apareceu querendo saber dos cargos, perguntando todos os cargos. Perguntando como é que compunha a Diretoria, totalmente institucional as perguntas dele. Assim foi o meu primeiro conhecimento com ele.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Em razão do tempo, Presidente, eu vou deixar as perguntas, porque coincidentemente hoje eu pedi para a consultoria o levantamento na movimentação telefônica, se havia menção ao seu nome. E aparecem ligações do sr. Silvio Pereira, do senhor para o Silvio Pereira, ainda em janeiro de 2005 e até isso eu peço para o senhor explicar. E também com relação a explicar a sua relação com o sr. Rodrigo Botelho Campos, que segundo Roberto Jefferson, seria a pessoa encarregada de repassar para o PT, em Minas Gerais, declaração de Roberto Jefferson também, um milhão de reais. E também aparecem, não sei porque razão, porque não foi pedida a quebra do sigilo nem do senhor nem do seu Rodrigo, mas ligações telefônicas do senhor para o Rodrigo, que foi Diretor de Gestão Corporativa de FURNAS e foi do Comitê Gestor do Programa Nacional de Gestão Pública e Desburocratização nos meses de setembro, agosto e outubro de 2005. Também peço

para o senhor explicar. Só para consignar também, sr. Dimas, no depoimento que o senhor prestou à Polícia Federal houve uma menção a um relacionamento com trinta e dois políticos. Pergunto se em algum momento o senhor ajudou esses políticos a receberem algum tipo de financiamento? A quarta pergunta, o sr. Nilton Monteiro, já em entrevista a CBN de Vitória, recentemente, ele detalhou como teria recebido o documento do senhor. Ele disse que teria ocorrido após um almoço, quando se deslocaram até uma papelaria. O senhor tinha um CD e imprimiu quatro listas e o senhor teria as rubricado e entregue ao Nilton e na ocasião teria apresentado alguns recibos e ele teria ficado com alguns. Também, a sua manifestação sobre isso. E se alguma vez o senhor assinou algum documento em branco para o Nilton, ou para quem quer que seja, que eventualmente pudesse ter sido utilizado? E por fim, Presidente, só para reforçar a idéia da convocação do Ministro da Justiça, pelo momento político, entendendo toda a responsabilidade, a competência da Polícia Federal e não dele, na presidência do inquérito. Mas até agora só duas pessoas assumiram um papel de divulgação dessa lista, o sr. Luiz Fernando Carceroni e um Deputado Estadual, Rogério Côrrea que já mandou inclusive uma documentação para a CPMI com relação a um processo de improbidade administrativa que tramita na Justiça Estadual. Até para que se defina e se individualize a responsabilidade, ao final. Se essa lista não tiver procedência, há que se ter a responsabilização daqueles que aproveitam nesse momento.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, queria um aparte aqui ao Deputado Fruet, para dar uma informação, que o ex-presidente do PT da Bahia, o Deputado Estadual do PT, Emiliano José, também está divulgando esta lista no seu site. E o que é mais grave, repicando em dezenas e centenas de sites--

[soa a campainha]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: -- Dentro do estado.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Então, só para que, como também a CPMI estará encerrada neste momento. Então a sugestão, investigar tudo, ouvir todos até o final da CPMI, de forma alguma com o objetivo de criar novas frentes de disputa no sentido negativo. Só que nós estamos no excesso pendular. Se se investiga é o risco de existirem outras listas inclusive na campanha. Hoje já recebi mais duas listas no gabinete. Se não se investiga corre-se o risco de uma idéia negativa de um acordo. Então, são essas as sugestões. O pedido também de esclarecimento com relação a conta do Duda. E essas perguntas ao sr. Dimas. Obrigado.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu vou tentar responder todas, se eu não lembrar, Deputado, por favor, me recorde. Quanto a versão, uma das versões do sr. Nilton, de ter estado numa papelaria com ele, eu já respondi que nunca o vi. E não tenho, inclusive para esclarecer, menor intimidade com o computador. Se o senhor me pedir, souber de alguma pessoa que me viu algum dia entrar no computador e tirar um disquete e tirar uma cópia, o senhor me apresente porque isso eu nunca fiz. Quanto ao telefone do Silvio, quando eu conheci o Silvio, eu entrei, e fui convidado para continuar no governo, evidente que as pessoas com que, para exercer a função do meu cargo, as pessoas que eu estava habituada a ter relacionamento no governo essas pessoas saíram, abandonaram. Então, o Silvio foi uma das pessoas que mantivemos contatos, mesmo depois dessa primeira ida. Ele, inclusive, voltou a FURNAS outras vezes. Não foi só essa vez. E nós, inclusive, eu me lembro de alguns detalhes, de algumas dessas vezes, ele estava preocupado com obra social que tinha começado no governo anterior, na terra dele, onde ele seria homenageado. Inclusive convidou a mim e toda a Diretoria da empresa para ir em uma obra que não foi ele que pediu, mas já estava concluindo e nós não fomos. Depois disso, quando ele tinha qualquer problema de ordem institucional, sempre de ordem institucional, ele me ligava. E eu também tinha problema de ordem institucional, quando precisava trabalhar e não conhecia todo mundo do PT, precisava resolver alguns problemas também ligava ao Silvio. Mas nunca houve, entre nós, contatos de, sobre assuntos de empreiteira, assuntos de dinheiro, ou assunto de campanha, nunca se vinculou isso entre a gente. Inclusive, o senhor perguntou, no início, acho que a última vez que eu falei com ele foi no início de 2005 realmente. Foi por aí. Me lembro, inclusive, de ter ligado para ele, uma das coisas que eu perguntei foi isso: “é verdade que o governo está dando o meu cargo?”. Ele falou: “Oh, eu não tenho conhecimento disso”. Isso foi, eu me lembro, uma das últimas conversas que eu tive com o Silvio foi para perguntar isso. Agora, o Rodrigo. O Rodrigo, ele acabou ficando um companheiro de Diretoria, não ficamos amigos, não ficamos nada. Mas o escritório de advocacia inclusive que nos atende, ele é um escritório que atende a Diretoria de FURNAS, ele não atende a Dimas, não foi contratado para atender o Dimas, foi contratado para atender toda a Diretoria. Então, em alguns casos, tem [inaudível] A gente fala sobre essas reuniões. Ele liga para saber como está o acompanhamento. A gente mantém uma conversa mas conversas de caráter totalmente informal, não há nada na nossa relação condizente mais com o trabalho, e sim com o problema que nós vivemos e como

está caminhando, como estão caminhando as coisas, um contato dessa natureza.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra, o Deputado Geraldo Thadeu. Depois, Deputado Silvio Torres, Deputado Abicalil.

DEPUTADO GERALDO THADEU (PPS-MG): Sr. Presidente, senhores relatores, senhores e senhoras parlamentares. Sr. Presidente, às vezes a gente fica um pouco tenso aqui, acredito nessa CPMI, desde o início que nós estamos trabalhando aqui aprendi a conviver e admirar aqui os parlamentares que fazem parte dessa CPMI. Claro que hoje nós temos aqui lados partidários, posições e quando um ou outro é atingido é claro que as reações acontecem em defesa própria, claro. Mas eu, eu digo que, que vejam os trabalhos dessa CPMI com os resultados positivos. Essa CPMI, ela foi instalada para investigar os CORREIOS. Agora, dentro dos CORREIOS, quantos contratos irregulares e licitações, a questão da SKYMASTER, quantos fatos aconteceram, com uma coragem, sr. Presidente, acho que fica difícil falar aqui com--

[soa a campainha]

DEPUTADO GERALDO THADEU (PPS-MG): Quantos fatos aconteceram, encaminhamento inclusive pela relatoria que foram feitos à Mesa da Câmara, medidas corajosas aqui tomadas e que realmente, se não tiveram seqüência lá final--

[soa a campainha]

DEPUTADO GERALDO THADEU (PPS-MG): Dentro de uma, de uma eqüidade, a culpa não foi nossa, a culpa não foi nossa. Eu vejo que os resultados apareceram. Daqui saíram resultados. E ninguém vai dizer amanhã que essa CPMI terminou em pizza porque não terminou em pizza. Hoje nós estamos aí com essa questão dessa lista que está aqui. Essa lista, essa lista que apareceu. Mas essa CPMI, ela desvendou fatos concretos: Delúbio, Valério, o Silvio Pereira, o LAND ROVER, o "valerioduto". Foram fatos comprovados com depósitos bancários, com saques em boca de caixa de Banco, tudo isso foi comprovado. Agora, o que assusta um pouco é quando aparece esse tipo de lista e dessa maneira. E que aí cabe a Polícia Federal e ao Ministro da Justiça investigar. Eu considero, primeiro, como envolve a questão, vamos dizer, de partidos de situação, partido de oposição, o governo é situação, a oposição está fazendo o seu papel. Se eu fosse o Ministro Márcio Thomaz Bastos, eu me declararia incapaz de fazer as investigações quando o lado dele político é atingido e principalmente quando ele é chefe da Polícia Federal. Se nós perdermos a confiança na Polícia Federal, nas instituições, aí nós não temos mais solução para esse país. E é quando é justo colocar que quem teria que investigar seria o Supremo Tribunal. Na realidade, na realidade, o que nós estamos vendo aqui, eu fui atingido, foi provado mas eu tenho que atacar. Não é bem assim, não é bem assim. Eu acho que nós temos que investigar realmente--

DEPUTADO GERALDO THADEU (PPS-MG): -- Eu acho que nós temos que investigar realmente as denúncias com muita seriedade. Hoje nós aqui dessa comissão, sr. Presidente, nós colocamos, aliás, todo o sigilo bancário, telefônico, tudo nosso está à disposição. E vejo que seria uma maneira boa até porque tudo recai sobre o Congresso, sobre os deputados, senadores e o Congresso Nacional. Seria bom que todos, todos dessa Casa tivessem o seu sigilo colocado à disposição. E todos aqueles que tivessem suspeita também se quebrasse o sigilo. Embora venha aí as liminares, mandado de segurança, como Okamoto e outros mais. Então, na realidade, era hora de abrir tudo. Era hora de abrir tudo. Eu vejo, por exemplo, que esta questão de FURNAS, o sr. Dimas Toledo, se ele chega aqui, contesta a lista, que não é verdadeira, que ele não tem nada a ver com essa lista. Eu ouvi do Deputado Rogério Côrrea essa semana, que ele falou para mim, em Belo Horizonte, ele disse para mim que viu a lista original. Mas da onde que você viu a lista original? Na mão do Nilton Monteiro. Não tem credibilidade. Então, nós não podemos agora ficar jogando todo mundo numa vala comum não. Eu acho que quem não deve não teme. E o que é que nós escutamos lá fora? Não adianta, tudo o que nós fizemos aqui, que nós vamos escutar lá fora: "Vai acabar em pizza? Onde que estão os culpados?". Onde que estão, não basta ter, nós termos aqui desvendado o problema de todo o "valerioduto", mas se nós não tivermos aqui uma prova, por exemplo, cabal, nós vamos ficar como se tudo terminasse em pizza. Então é muito complexo, a gente, nós estamos aqui hoje e ouvindo cada, atentamente cada um, Senador Arthur Virgílio, a Senadora Ideli. Hoje a Senadora Heloísa, pela primeira vez, eu vi o desânimo na sua expressão. Eu vi o desânimo na expressão da Senadora Ideli hoje, Heloísa. Eu vi o desânimo de quem fala: "Eu não consigo mais". São duas guerreiras que a gente respeita muito, são duas guerreiras que a gente respeita muito. Mas, eu, eu digo que realmente, sr. Presidente, quando hoje, nesta sessão aqui, que V.Exa. coloca a ameaça que foi à sua pessoa e à sua família hoje recebeu, pode ter certeza, sr. Presidente, nós colocamos, juntamente com V.Exa. Como se fosse nós, a nossa família que tenha recebido as ameaças que vossa família recebeu. Mas será que tudo o que nós estamos fazendo aqui não vai valer nada? Será que tudo o que V.Exa.., o Relator Osmar Serraglio passaram não vai valer nada?. Então, na realidade, eu

acho que já é tempo realmente dessa CPMI concluir o seu relatório, citar quem tiver que citar, como foi feito até hoje com toda a coragem, sem medo. Indiciar, encaminhar o indiciamento de quem quer que seja. Porque, realmente, a população espera uma resposta dessa CPMI. E nós temos certeza que vai sair. Doa a quem doer. Doa a quem doer. Agora, fica para nós um exemplo muito grande. O que falta, nesta Casa, é a sua independência. Enquanto essa Casa não tiver--

[soa a campainha]

DEPUTADO GERALDO THADEU (PPS-MG): A sua independência, nós não vamos ter um país forte como nós queremos ter. Enquanto essa Casa procurar sob pressão de trabalhar, trabalhar, legislar, legislar, fabricar leis, leis e leis, e leis e esquecer a fiscalização e o controle do Estado, esses fatos vão continuar acontecendo. Mas, para isso, essa Casa precisa ter independência. Quem sabe um dia ainda vou ver que essa Casa adquiriu a sua independência. Aí sim, nós vamos ter uma democracia forte e um país forte. Muito obrigado, sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado Deputado Geraldo Thadeu. Com a palavra, o Deputado Silvio Torres. Depois, Deputado Abicalil, Senadora Ideli, Deputado Zé Eduardo Cardozo.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Sr. Presidente, sr. Relator, sr. Depoente. Também não vou me alongar nas considerações já feitas à fartura sobre a situação que nós estamos vivendo nessa CPI, sobre os riscos que essa CPI corre ao final, praticamente ao final do seu trabalho. E sobre as implicações que poderão advir se nós não soubermos nos conduzirmos, nos conduzir nesse final quando, conforme já foi anunciado pelo Presidente Delcídio, pelo próprio Relator Osmar Serraglio, que dentro de algumas semanas estaremos já caminhando para o relatório final. Acredito que o depoimento do sr. Dimas era realmente necessário. Necessário por várias circunstâncias mas, especialmente, porque caso ele não viesse nós não teríamos tido a oportunidade de estar ouvindo, questionando o sr. Dimas sobre fatos tão graves e que têm sido objeto de uma especulação e um oportunismo muito próprio de certos setores do PT especialmente, já veteranos nesse assunto porque em mil novecentos, aliás, em 2002 muitos dos deputados, ainda aqui na Câmara Federal exercendo o mandato se lembram de uma campanha difamatória, uma campanha infame, mentirosa e caluniosa que a CUT patrocinou por todo o nosso país. Com ênfase, especialmente nas localidades aonde os deputados de oposição, da situação na época tinham votos dizendo que numa certa votação sobre uma flexibilidade da CLT tais deputados, nominados, expostos à execração pública, teriam votado para terminar com o décimo-terceiro, com o auxílio maternidade, com tantas conquistas sociais que todos nós prezamos. Não nos surpreenderá, não nos surpreenderemos se isto estiver ocorrendo novamente, aqui já foi relatado como que a internet está sendo usada para divulgar essa mentira, essa infame lista que tal chamada lista de FURNAS. Não sei se o país amadureceu o suficiente para rejeitar esse tipo de política, eu espero que sim. Espero também que as parcelas responsáveis do Partido dos Trabalhadores disputem essa eleição dentro do espírito democrático, da lisura que a opinião pública brasileira, o eleitorado espera deles. Mas eu queria fazer aqui algumas considerações sobre o que já foi abordado, sr. Dimas, começando para relatar três, fazer três registros. O primeiro, não foi dito aqui sobre a sua, não foi perguntado sobre a sua relação com o escritório de advocacia chamado PORTELA E BARBOSA. Escritório este que o sr. Nilton Monteiro descreveu como intermediário para que o senhor pudesse chegar a determinadas autoridades de Minas Gerais, e assim poder manter o seu cargo. Essa, aliás, esse, aliás, foi o caminho descrito pelo seu Nilton Monteiro a respeito desse assunto. Queria o que senhor falasse se o senhor conhece esse escritório de advocacia?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, senhor, Deputado. Nunca estive lá, não conheço o advogado nem o escritório.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Nunca conheceu? Nunca teve nenhum contato com esse escritório?

SR. DIMAS TOLEDO: Nunca tive nenhum contato com esse escritório.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Já ouviu falar dele em Minas Gerais?

SR. DIMAS TOLEDO: Nem tinha ouvido falar. Ouvi falar a partir da nota que ele escreveu no jornal a semana passada.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Sim, anteriormente. O escritório que o representa, que o escritório assessor do seu Felipe Amodeo, ele já era um escritório que também prestava serviços à Diretoria de FURNAS ou o senhor o contratou depois que teve esses problemas?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, ele foi contratado por FURNAS porque ele já trabalhava para FURNAS. Já trabalhou para FURNAS em outros casos.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O senhor tinha se servido desse escritório em alguma outra ocasião?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu, particularmente, não.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Só, apenas como Diretor de FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, FURNAS, com suas causas, seus problemas lá.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Sim, o senhor como Diretor de FURNAS é que o contratou?

SR. DIMAS TOLEDO: Nunca tive problema para--

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Então é FURNAS quem está hoje--

SR. DIMAS TOLEDO: FURNAS é que está--

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Está patrocinando o pagamento do escritório--

SR. DIMAS TOLEDO: Não a mim, a toda a Diretoria, o contrato foi feito para defender todos os diretores de FURNAS.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O senhor tem algum outro diretor de FURNAS envolvido nesse, nesse processo que o escritório estaria defendendo?

SR. DIMAS TOLEDO: Tenho os outros dois, o Rodrigo Campos e o Cury.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Os dois diretores também estão sendo alvo de investigação da Polícia Federal, de inquérito na Polícia Federal?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Já foi perguntado aqui, rapidamente, pelo Deputado Eduardo Paes. Vou voltar a me referir a esse assunto. O senhor por duas ou três vezes disse que teve a sua casa invadida e a sua família exposta a um, a uma humilhação e, provavelmente, outras conseqüências. Queria que o senhor relatasse em que circunstâncias que isso ocorreu.

SR. DIMAS TOLEDO: O senhor quer a ocorrência em si?

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): É, quando isso ocorreu e como ocorreu?

SR. DIMAS TOLEDO: Ah, isso ocorreu em 14 de outubro, não é? Eu estava na minha, um pequeno, um sítio, uma fazenda, que chamam de fazenda, mas tem quinze alqueires em Bocaina de Minas. E acordei com a Polícia Federal entrando na casa, minha esposa, por sorte, tinha saído do, de manhã, mais cedo. Foram entrando e o Delegado disse: Acorda, sr. Dimas, nós precisamos dar uma olhada. E já acompanhado de dois empregados da casa para ir ver as coisas. Mas tem que registrar que no caso da minha fazenda, o tratamento foi, foi traumático, evidentemente, mas ele agiu de uma maneira correta e educada comigo, ele não cometeu nenhum absurdo. E, paralelamente, na hora, eu tomei conhecimento que eles estavam entrando na minha casa, no Rio de Janeiro. E lá, encontrava apenas a empregada, eles subiram com dois, dois funcionários da casa, do prédio que eu moro, como testemunha. Chegaram, encontraram a empregada e ficaram, mexeram em todas as coisas, tudo o que eles quiseram mexer. A minha filha tomou conhecimento, não me lembro como, foi para lá e aí sentou, chegou a tempo de dar uma olhada nas coisas que eles estavam apanhando, que eles estavam levando. E assinar, acho que não chegou a assinar, pelo menos acompanhar o fim da invasão.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): E o que é que é que levaram do senhor, tanto no seu sítio como na sua casa? O senhor sabe, podia descrever?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, levaram diversos documentos porque, documentos, levaram computador lá no Rio de Janeiro, o meu computador, o computador do meu filho. O meu computador eu só tinha fotografia, não tem nada porque eu não sei mexer com o computador. Então, levaram o computador do meu filho, com as coisas dele de faculdade, essas coisas. Algum disquete, fita e material inclusive grande parte já me restituíram. Nada que não lembro assim que tenha maior importância.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Alguma dessa documentação foi utilizada nos depoimentos que o senhor prestou à Polícia Federal ou qualquer outro?

SR. DIMAS TOLEDO: Até agora, não. Eu tinha, por exemplo, dois documentos relativos, que eles me perguntaram, mas não falaram nada desses documentos, que era relativo a empresa BAURUENSE. Um deles era um documento que a revista ÉPOCA, tinha publicado uma matéria dizendo que tinha crescido em FURNAS o faturamento da BAURUENSE. E o pessoal me mandou um levantamento mostrando que não, pelo contrário, estava diminuindo. E um outro levantamento que o pessoal falava, dizia que havia super faturamento, o pessoal me mandou uma nota que eu pedi--

[soa a campainha]

SR. DIMAS TOLEDO: -- Que não era da minha época, que a maioria já vinha reclamando desses contratos que dava prejuízo para ela, eu mandei levantar para ver o que ela tinha. Mostrei que ela tinha um lucro de 4, 5% nos contratos todos. E eu me lembro que principal que eles levaram foi isso.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O senhor teve notícia, vazou algum documento desses que foram levados do senhor?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, realmente não sei. Tinha documento da fábrica, relativo a fábrica de queijo da minha mãe, porque é uma planilha, TONINHO DO QUEIJO, notas do TONINHO DO QUEIJO.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Vazou para a imprensa, isso que eu queria perguntar?

Foi publicada alguma coisa para a empresa sobre documentos que levaram da sua casa?

SR. DIMAS TOLEDO: Não que não eu me lembre.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Eu vou ter que correr um pouco aqui porque o relógio corre contra mim.

SR. DIMAS TOLEDO: Pois, não.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Quando o senhor permaneceu no cargo, quando o senhor permaneceu os outros diretores foram todos substituídos?

SR. DIMAS TOLEDO: Quando eu permaneci no cargo sim, na mudança de governo sim.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O senhor sabe quem indicou os demais diretores?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não sei.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O senhor já os conhecia, já tinha visto alguma vez?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. Os que assumiram?

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Os que assumiram depois que o senhor ficou?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. Não conheci não.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O senhor sabe se eles foram indicados por alguém?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Não sabe dizer?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não sei dizer.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Quando o sr. Delúbio foi visitar FURNAS ele foi junto com o sr. Silvio Pereira?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Eles foram em ocasiões diferentes?

SR. DIMAS TOLEDO: Ocasiões diferentes.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Antes da posse do novo governo?

SR. DIMAS TOLEDO: O Delúbio com certeza, a primeira vez que ele foi lá, com certeza. O Silvio, eu já não tenho certeza se foi depois da posse ou pouco antes.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Eles foram, perguntaram as mesmas coisas para o senhor?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. O Silvio já foi depois do Delúbio, ou talvez até mandado pelo Delúbio, não me lembro, não sei. Mas as perguntas do Silvio eram relativas a organograma da empresa, quais cargos que tinham, era nessa linha. Não tinha, nesse primeiro encontro foi isso, isso que ele perguntou.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O senhor, quando menciona, no seu depoimento, e mencionou aqui também, o senhor disse que foi procurar o sr. Roberto Jefferson e isso, o senhor o fez através de indicações de pessoas que conheciam, foi isso, confirma?

SR. DIMAS TOLEDO: Foi, correto.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O senhor não conhecia o sr. Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Foi o sr. Delúbio que indicou?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Foi o sr. Silvio Pereira?

SR. DIMAS TOLEDO: Com certeza, não.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Não foi ninguém do atual governo.

SR. DIMAS TOLEDO: O pessoal do ramo empresarial, um deles aí que eu falava muito, do ramo político, não me lembro, mas não foram pessoas--

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): E quem informou o senhor então que o sr. Roberto Jefferson teria o espaço do cargo que o senhor ocupava?

SR. DIMAS TOLEDO: A imprensa. Primeiro, eu, estava noticiando, né? Esse fato. Inclusive, eu me lembro de algumas matérias. E depois eu confirmei com algumas pessoas, um deles, liguei perguntando: "é verdade isso?". "Sei lá, parece que é", mas não lembro quem foi.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Foram essas pessoas que deram o contato do sr. Marcos Vinícius para o senhor?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, foi um desses empresários que eu não me lembro quem.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Tá bom, sr. Presidente, eu vou encerrar a minha participação já tendo o meu tempo terminado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Silvio Torres. Com a palavra, Deputado Abicalil. Depois, Senadora Ideli, Deputado José Eduardo Cardozo, Deputado Jamil Murad.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Muito obrigado, sr. Presidente, sr. Relator, meu caro depoente, dr. Dimas Toledo, sua equipe de assistência jurídica que está presente. Eu acho que a reunião de hoje, sr. Presidente, ela cumpre parte das ponderações que fizemos na última quinta-feira sobre a conveniência ou não deste depoimento tão extemporâneo do ponto de vista processual do sr. Dimas Toledo. Falo isso porque tenho, na memória, muito claro que quando aprovamos aqui o requerimento de oitiva de minha proposição e

outros de sr. Nilton Monteiro, nada havia de memória em relação a uma lista de Dimas Toledo, com o timbre da empresa FURNAS. Bem ao contrário, segundo consta, essa lista teria sido criada no mês de novembro, e o sr. Nilton Monteiro foi convocado em agosto. Então é bom que a gente reconstitua um pouco a memória em função de não confundir as coisas e com mais humor ou menos humor, provocar tergiversações que buscam jogar mais nuvem e mais fumaça tanto na CPI quanto no seu resultado, como nas investigações propriamente ditas. A convocação do sr. Nilton Monteiro diz respeito a esta lista que foi trazida como novidade hoje, sr. Presidente. Dizendo que seria trinta e cinco petistas. Essa lista que foi trazida como novidade hoje foi aquela mesma que motivou a mentira do sr. Cláudio Mourão. E ela é assinada pelo sr. Cláudio Mourão, foi trazida hoje como se fosse novidade, meu caro Deputado Asdrubal Bentes. Ela, de fato, lista aqui trinta e cinco petistas e outros cem parlamentares candidatos etc. Daquele tempo, envolvidos na campanha de 98, do estado de Minas Gerais, do PSDB, que até a sua validade pode ter emprestado depois, como foi confirmado, a validade, a assinatura e etc., e a autenticidade à exoneração antecipada do ex-presidente do PSDB. Então, embora tenha se envolvido num bom humor é bom que a gente recoloque as coisas no seu lugar devido. Então a lista que foi trazida como novidade não tem novidade rigorosamente nenhuma. Ela é aquela de 1998 para a qual nós exigimos investigação nos lugares próprios. Quero reiterar que ponderamos aqui, sr. Dimas Toledo na última quinta-feira, e o líder do meu partido na Câmara, o Deputado Henrique Fontana o fez de maneira muito decente e honesta, a ponderação primeira de se essa CPI iria ou não investigar a empresa de FURNAS, porque, lamentavelmente, envolveram nesta lista a empresa e não apenas V.Sa. E houve o atabalhoamento, e é bom que se reconstitua a verdade, porque a imprensa divulga o contrário, porque quem mais insistiu em agendar para esta semana a sua vinda de maneira precipitada, absolutamente desprovida de sentido, como confessam aqui hoje diversos, não foi a bancada do PT. Eu quero deixar isso rigorosamente claro porque do lado de fora se divulga de outro modo. Se faz uma versão completamente diferente, como se houvessem barganhas e barganhas já antecipando final de CPI e isso não procede. Os mesmos que mais desconstituíram a lista foram os que mais insistiram na vossa presença aqui. Nós não sabemos, efetivamente, se essa lista tem origem em FURNAS, a princípio, eu, da minha parte, da minha bancada, nenhum de nós deu sobrevalor a esta lista, e achamos que ela deve ser investigada no foro próprio. Deputado Fruet muito bem expôs que se nós investigamos vamos estar errando e se nós não investigamos também estamos errando. A Polícia Federal, de igual modo, se investiga está errando e se não investiga está se omitindo. Então, neste cenário de confusão, meu caro Presidente, o que é oportuno no final de uma reunião como essa é que nós façamos um balanço do erro da sessão passada, da reunião passada. Faço isso com tranqüilidade. Do ponto de vista do agendamento. E V.Exa. Presidente e o Relator foram absolutamente corretos de, na sexta-feira dizerem quais deveriam ser os precedentes a esta vinda aqui. V.Exa. e o Relator inclusive disseram da impropriedade de se investigar essa lista dentro da CPMI dos CORREIOS. E eu quero dizer que tenho a mais absoluta concordância com as referências a que fizeram no final de semana em relação a isto. Posto que a conclusão que estamos chegando em maioria aqui é que, de fato, já na quinta e na sexta-feira muitos de nós tínhamos razão, inclusive V.Exa.., Presidente, e o Relator. Tenho convicção, sr. Dimas Toledo, que este assunto ainda vai lhe render bastante aborrecimento para adiante. Como de sorte ainda vai espalhar muita suspeição em "N" edições sucessivas de listas atribuídas a V.Sa. E quem sabe querendo intimidar ou querendo prejudicar a empresa e os empreendimentos que a empresa vem retomando nos últimos anos, como é o caso de FURNAS, fazer vínculos absolutamente despropositados. É interessante que aqueles que desconstituem hoje Nilton Monteiro, como é o caso do sr. Cláudio Mourão, que mentiu aqui na CPMI sobre uma pretensa procuração que ele diz não ter dado e depois foi confirmada que deu, é o mesmo que no Ministério Público Federal do Rio de Janeiro confirmou todas as afirmações do sr. Nilton Monteiro relativas a campanha de 98, que motivaram inclusive inquérito no Supremo Tribunal Federal. Eu não estou aqui advogando a favor do sr. Nilton Monteiro que, aliás, merece da minha parte, é verdade, Deputado Maurício Rands, presunção de inocência. Mas também a ficha que nós temos de referência não é das melhores em relação aos procedimentos anteriores. Porém, não podemos esquecer que o seu envolvimento em Minas Gerais provocou cassação do ex-presidente da Assembléia Legislativa. Não sei como é, do Espírito Santo, perdão, do Espírito Santo, me perdoem os mineiros, eu errei aqui e quero corrigir de imediato, de pronto, foi o Espírito Santo. Portanto há coisas nesse mundo oculto que, de fato, a primeiro juízo nós temos que ter o direito da presunção da inocência, mas ao mesmo tempo o dever de investigar com prudência, com serenidade, com seriedade. Sem fazer disso aqui um palco de espetáculo, do melhor humor que tenha, ou um palco bizarro de não esclarecer coisa alguma perante a população. Eu pergunto ao sr. Dimas Toledo:

O senhor tem sido processado por algum dos cento e cinqüenta e seis citados na pretensa lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Não que eu tenha conhecimento.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Nenhum deles lhe processou?

SR. DIMAS TOLEDO: Não que eu tenha conhecimento.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Há mais de cem empresas listadas lá na lista atribuída a V.Sa., alguma das empresas processou V.Sa. pela pretensa autoria da lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Não que eu tenha conhecimento.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Nenhuma das empresas o processa em relação a essa lista. Eu imaginava que na ficha corrida trazida aqui hoje sobre o sr. Nilton Monteiro tivesse mais trezentos processos contra ele, daqueles que são citados na lista, atribuída, porque ele é que levou à Polícia Federal, não é isto? Ele é que foi o malandro que está achacando, então eu imagino que deveria ser o primeiro alvo e não o Ministro Márcio Thomaz Bastos. Imagino que ele deveria ser o primeiro alvo, e V.Sa. Por tabela, para se defender da autoria pretensa daquela lista, das investigações que devem prosseguir. Por isso, sr. Presidente, sr. Relator, as ponderações de alguns parlamentares que hoje mantiveram serenidade aqui nesta reunião, demonstram que, felizmente, aquele furor que nós tínhamos no início dos trabalhos dessa CPMI em relação a ter sempre no adversário somente a vidraça, começa a ter hoje outro tipo de ponderação, tendo em vista os encaminhamentos que, de maneira serena, correta, responsável, V.Exa. conduz para a finalização dos nossos trabalhos. Deixando claro para quem nos assiste hoje como cidadãos e cidadãs que a finalização dos trabalhos da CPMI não significa o fim das apurações daquilo que em outras esferas se deverá processar. Não apenas no Ministério da Justiça que não faz processo nem inquérito algum. O Ministro tem o dever institucional e um vínculo com a Polícia Federal que não é subordinada, do ponto de vista da sua operação efetiva para investigar a qualquer Ministro. Ela tem suas tarefas constitucionais e deve cumpri-las qualquer que seja o titular da pasta do Ministério da Justiça. Há que se ponderar aqui que o Ministério Público Federal tem ações relativas--

[soa a campainha]

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): A dois inquéritos, apurando financiamento, parlamentares, etc. É preciso que nós tenhamos acesso a essa documentação se optarmos, sr. Presidente, por abrir mais este flanco aqui de investigação em torno desta pretensa lista. O que não é a minha opinião, quero deixar bastante claro. O Supremo Tribunal Federal tem suas competências naquilo que tange a quem tem foro específico, que na linguagem corrente se chama de foro privilegiado. A Polícia Federal também terá que cumprir, mas o Ministério da Fazenda e seus órgãos assessores de fiscalização tributária também terão muito o que fazer como, na relação institucional internacional o departamento de recuperação de ativos. O que eu quero afirmar é que nós não podemos viver aqui do medo do paradoxo, sr. Presidente. E a qualquer tipo de condução que vai canalizando a finalização desses trabalhos com decência, com seriedade e com profundidade fique um de nós chamando que isso parece tempero de pizza, cheiro de pizza, ingrediente de pizza. Olha, eu consigo, pode ser que eu não os conheça, porque não consigo cheirá-los aqui, não tenho tido essa sensibilidade para percebe-los aqui. Agora, quem está falando sobre esses cheiros, temperos e etc., é preciso que digam quais são, efetivamente, os motores, os moventes, os autores desta possível parceria para uma pizza final. Não é o que eu tenho visto, não é o que eu tenho testemunhado. O senhor conhece, sr. Dimas Toledo, apenas vou fazer uma lista rápida de algumas pessoas que pergunto se V.Sa. tem relação ou conhece. Sr. Mauro Ricardo?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, que eu me lembre.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Não conhece. Não foi uma indicação sua para COPASA em Minas Gerais?

SR. DIMAS TOLEDO: Mauro, não.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): O sr. Wilson Brumer?

SR. DIMAS TOLEDO: Wilson Brumer, não, não conheço.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Não. Secretário de Desenvolvimento Econômico.

SR. DIMAS TOLEDO: Não conheço.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Sr. Geraldo Santana?

SR. DIMAS TOLEDO: Não conheço.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Sr. Márcio Nunes?

SR. DIMAS TOLEDO: Conheço, trabalhou como Diretor Financeiro de FURNAS de 2001, 2002.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): 2001/2002, e hoje?

SR. DIMAS TOLEDO: Hoje está na COPASA.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Hoje ele está na COPASA. Esse V.Sa. conhece?

SR. DIMAS TOLEDO: Conheço.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): O senhor indicou algum desses nomes para ocupar cargos no governo de Minas Gerais?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Não. E uma última pergunta que é muito singela também. O senhor, porventura, nesse final de semana esteve com Ricardo Sérgio?

SR. DIMAS TOLEDO: Quem é Ricardo Sérgio?

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Muito obrigado.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Sr. Presidente, só para um esclarecimento, sr. Presidente. Só para um esclarecimento muito breve. O Deputado Abicalil faz referência ao fato de que os parlamentares não teriam tomado nenhuma providência para apurar essa questão da lista de FURNAS. É importante deixar claro aqui primeiro que há já uma série de iniciativas da Procuradoria Parlamentar da Câmara dos Deputados, várias delas aqui uma representação criminal à Procuradoria Geral da República, um ofício ao Ministro Márcio Thomaz Bastos já foi encaminhado, providências também foram solicitadas à Polícia Federal. Enfim, há uma série de medidas. Há também uma, um requerimento de vários parlamentares dirigidos à Mesa da Câmara para que a Mesa da Câmara informe isso. E a partir dessa informação da decisão da Mesa da Câmara, aí sim nós começaremos a tomar algumas iniciativas sob o ponto de vista da Justiça comum. Muito provavelmente, buscando aquilo que eu disse aqui, identificar não só o fraudador que todos nós já conhecemos, mas aqueles que alimentaram esse fraudador durante esse período. Só para ficar claro isso, que as iniciativas estão sendo tomadas respeitando o devido processo legal. Era isso e agradeço a paciência de V.Exa.., Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Eduardo Paes. Senadora Ideli. Dez minutos.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente, eu não farei nenhuma pergunta ao sr. Dimas Toledo. E não vou fazer nenhuma pergunta ao sr. Dimas Toledo porque reiteradas vezes, de público aqui na CPI e pela imprensa coloquei de forma categórica que se há o objetivo de investigar, se há objetivo de esclarecer, e se há o objetivo de tornar definitivo uma avaliação se existiu ou não existiu esquema de arrecadação indevido em FURNAS, com lista ou sem lista, porque a lista pode até ser só um mero detalhe. A lista pode até nem ser tão ou mais ou menos verdadeira, mas o esquema pode ter existido sim. Pode ter existido. Então assim, não farei as perguntas porque se há um objetivo sincero, efetivamente sincero de investigar, o processo está todo errado. O processo está absolutamente equivocado. A forma como foi montada, convocação aprovada quinta-feira se realiza a oitiva na quarta, três dias úteis depois. E uma convocação de quem acusa, acusa, por mais desqualificado que seja, e em termos de desqualificados aqui nós já ouvimos inúmeros, aprovada em 22 de agosto, esta não foi marcada. Procedimentos investigatórios em curso que poderiam estar municiando o nosso trabalho se fosse para investigar, não foram providenciados a tempo de nós podermos ter, em mãos, para daí sim fazer as perguntas. Então eu não tenho o que perguntar. Primeiro porque qualquer pergunta que eu faça ao sr. Dimas Toledo, eu não tenho base, eu não tenho amparo, eu não tenho documento, eu não tenho o contraditório. E mais, o sr. Dimas Toledo vem amparado por um habeas corpus que lhe reserva o direito de não falar nada que possa lhe incriminar, ou, e ninguém vai acreditar aqui que alguém, eu não tenho nenhuma presunção de culpa ou responsabilidade de nada do sr. Dimas Toledo. Presumo inocente até prova em contrário. Mas imaginar que alguém vai chegar numa CPI e levantar o bracinho e dizer: Eu, pecador, me confesso, fiz Caixa-2 e distribui dinheiro. Ninguém acredita que isto vai acontecer com nenhuma pessoa. Não estou dizendo isso, obviamente, do sr. Dimas Toledo. Apesar de, não é, nós termos sofrido várias vezes esta questão. Agora, Presidente, já que o assunto veio, vai fazer parte do relatório, não vai? Ou não vai? Ou esse depoimento, com toda esta pompa, entende, com toda a imprensa nacional aqui, não vai fazer parte do relatório? E vai fazer parte do relatório como o quê? Apenas com esta, esta sessão de hoje para produzir o resultado desta sessão de hoje? Ou nós vamos, agora sim, agora não tem jeito, se quiser ter seriedade do que vai para o relatório, tem que vim o inquérito lá de Minas. Até porque assim, com várias brincadeiras que foram feitas aqui, várias brincadeiras que tiveram como escopo desqualificar a forma como se constituem listas, como é que se autentica documento ou não. Teve até documento que já desapareceu. Porque depois da, não é, do questionamento do Deputado Eduardo Cardozo, já desapareceu um tal de documento que se configurava crime com falsificação aqui, não é? E quem trouxe, trouxe para tentar, com a brincadeira, buscar a desqualificação. E se trouxe, o pior, o pior, o pior, eu nem tinha ido ver a lista, mas quando o Deputado Abicalil me traz aqui que a lista entregue com os trinta e cinco nomes do PT que teriam sido subtraídos da lista de FURNAS, e a gente vai ver que o que está aqui é parte da lista de 98, do inquérito que está lá no Supremo com o Joaquim Barbosa aonde todas as informações que já vazaram, que já circularam dão conta de que esta lista aqui com a assinatura do

sr. Cláudio Mourão já tem perícia autenticando a assinatura e o documento. O documento. Que foi entregue, nada mais, nada menos pelo tal desqualificado Nilton Monteiro. Então, Presidente, eu quero, eu quero que a gente possa, já que trouxeram desta forma, subvertendo toda e qualquer rito processual como o mínimo de coerência, com o mínimo, entende, de rigor, se quer realmente processar a investigação, que a gente possa daí complementar. E tem que complementar com os documentos, tem que ter o inquérito 2280, aonde a perícia, inclusive que trouxeram para cá hoje como prova de que tinha sido subtraído da lista de FURNAS os trinta e cinco petistas. A perícia incluindo os trinta e cinco petistas é lá de 98, de Minas.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Senadora só um esclarecimento, Senadora. Só um esclarecimento.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pois não.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Segundo consta, essa lista trazida hoje é uma nova versão apresentada pelo sr. Nilton, mais uma versão.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Posso só dizer, é a mesma assinada pelo Cláudio Mourão.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Mas tem uma versão, tem uma versão que ele tem várias versões para os documentos dele.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Mas posso, dizer, Deputado Eduardo Paes, posso dizer? Esta ou outra, ou qualquer que seja, a perícia, a perícia está lá no inquérito 2280. Então tem que vim para cá. Até porque, veio desta forma hoje de novo, parte do que está lá e que a gente está com grande dificuldade, e quero dizer assim, eu tenho tranqüilidade nisso, porque o requerimento nem é meu, é do Senador Álvaro Dias, para trazer lá o inquérito, os dois que estão com o Joaquim Barbosa. Como é imprescindível trazer o processo de investigação da Polícia Federal. Já que começamos, agora nós temos que concluir. Entende? Está correto, o Deputado Abicalil quando disse que na sexta-feira as declarações tanto do Deputado Serraglio como da presidência, do Senador Delcídio era de que: Não vamos abrir um novo flanco. Não vamos, entende, nós estamos já chegando nos finalmente. Mas já que trouxemos, agora vai fazer o quê? Eu pergunto, não posso perguntar nem quero perguntar ao sr. Dimas Toledo, mas eu pergunto ao Deputado Serraglio: Como é que o senhor vai tratar no seu relatório, o que aconteceu hoje aqui se nós não, pelo menos, articularmos, trouxermos os demais elementos, principalmente o elemento do contraditório de alguém que tem convocação aprovada desde agosto, que já encaminhou, eu já disse ao Senador Delcídio, oficiou ao senhor, ao Presidente dessa CPI que quer depor, que quer depor. Como é que nós vamos, entende, responder a isto? Então, é apenas estas as ponderações que eu quero fazer nesse momento, sem fazer nenhuma pergunta. Encerrei o meu tempo.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Sr. Presidente--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente queria prestar um esclarecimento--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra, o Relator Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Só queria prestar um esclarecimento. Eu tenho ouvido muito essa história que temos esse nome aprovado desde agosto. Acontece que era uma investigação que o tempo todo eu insisti que não era nossa. Por isso que ele não foi ouvido desde agosto. É uma investigação que é alheia ao âmbito da nossa competência. Agora nos jogaram há uma semana para dentro, agora é outro raciocínio.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Sr. Presidente. Devo uma explicação ao Deputado Carlos Abicalil, que é bem, meu prezado Deputado-- [soa a campainha]

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): -- É bem esquemática, bem hierarquizada no tempo e no espaço. Esse documento que esse cidadão Nilton Monteiro alega ter recebido em 7/06/2005, ele vinha com os tais trinta e cinco nomes do PT, Partido dos Trabalhadores. Muito bem, ele pega uma lista sem os trinta e cinco nomes, ele sincopa a lista, e apresenta ao Ministério Público no dia 29/07/2005, a lista sincopada. Do mesmo modo, no dia 29/08, ele manda para a CPI, a lista sincopada. Qual é a novidade, meu caro Abicalil, meu caro Deputado Abicalil? É que ele apresentou apenas em 24 de novembro de 2005, para o departamento de Polícia Federal a lista com os trinta e cinco. Eu estou tentando mostrar, não houve, de minha parte, nenhuma vontade de: "Ah, fazer futrica" porque não estou aqui para isso. Mostrar apenas como essa pessoa é indigna de credibilidade. Só tento mostrar apenas isso. Em relação a eventual vinda dele--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Senador Arthur Virgílio--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Pela ordem, sr. Presidente--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): O sr. me permite só um segundinho?

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Com muito prazer, claro.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): A forma como V.Exa.., daquela forma veemente como o senhor sempre se expressa, o que foi veiculado e o entendimento que passou para todos os que estavam assistindo e para a imprensa é que o que o senhor apresentou era algo que tinha sido retirado, os trinta e cinco nomes do PT tinham sido retirados da lista em debate aqui que é a história, do Dimas aqui do Dimas Toledo, de FURNAS, já não sei mais se é "furnasduto", "dimasduto", o que é que a gente vai chamar isto aqui agora, não é? Mas é isto que, a maneira como o senhor apresentou o documento e se reportou--

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Já vou esclarecer a V.Exa.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Levou a este equívoco, e por isso que eu fui tão veemente dizendo que não correspondia, pegando carona no que falou o Deputado Abicalil. E mais, dizendo que se nós queremos a perícia da lista completa, imcompleta, seja lá, esta perícia já está feita no inquérito 2280, que agora, não tem mais como--

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Agradeço a V.Exa..--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Tem que vir para cá.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Agradeço a V.Exa. Agora, eu fico feliz que V.Exa. fica com saudade quando eu sou veemente.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Quando o senhor não fala, eu sinto--

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): V.Exa. gosta de mim veemente. Gosta veemente.

[pronunciamento fora do microfone]

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Mas eu fico já veemente, se precisar fico. Vamos lá! Então para mim pouco importa se essa lista é de FURNAS, se é de ELETRO não sei o que, se essa lista é da NASA, não me importa. Importa para mim que se trata de um fraudador, importa para mim que se trata de um fraudador, já estou veemente, que não deve ser utilizado por ninguém, e nem pelo PT, porque de repente vem os trinta e cinco do PT na lista dele. Ele fazendo, não importa que não seja FURNAS, mas lá vem ele com o pessoal do PT no meio, depois ele tira quando interessa a ele. Nós não podemos cair nessa esparrela. Foi o que eu disse, tentando criar a idéia de uma visão institucional nossa sobre a CPI. Por outro lado, em relação a vinda desse cidadão aqui, eu não me oponho de jeito algum a nada. Eu já disse qual é a posição da minha bancada, inclusive para o Presidente Delcídio Amaral. Ele viria, a depender de mim, se e quando a Polícia Federal dissesse que a lista é verdadeira, merece credibilidade. Aí ele teria que vir. Eu vejo o Relator assentindo, dizendo sim. Por outro lado, antes disso, eu brigaria para ter aqui a presença do Ministro da Justiça. O Ministro da Justiça deve vir para, como comandante da Polícia Federal, quando nada, para desmontar meus argumentos *palos* e dizer que eu estou equivocado. Eu não quero ouvir isso dos meus prezados e queridos juristas nos quais eu confio tanto e que fazem parte da base do governo com enorme honra para um governo que tem uma base como essa. Eu gostaria de ouvir do próprio Ministro. O silêncio não é uma boa figura, não é um bom companheiro para ele, o silêncio não é. Deveria dizer: Olha, até dizer, olha, o Senador Arthur Virgílio está falando tolice, e vem para cá e desmonta as minhas tolices. Ou então diz agora: "Vou esclarecer de uma vez". Ou chega aqui com o laudo: "A lista é verdadeira mesmo, são cento e cinqüenta e seis bandidos e ainda tem uma outra que tem trinta e cinco", demite todo mundo, demite o Ministro Hélio Costa, demite o Ministro Walfrido dos Mares Guia e faz e acontece. Essa lista é tão falsa que o Presidente da República seria um brutal negligente, ou ele teria que ter demitido o Ministro Hélio Costa e o Ministro Walfrido. Se ele não deu bola, e é tão falsa, só presidenciáveis tem dois lá, senadores tem um montes, Deputados tem um monte--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Governadores--

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Governadores tem quanto? Ela é tão falsa que ela não comove ninguém, ela não consegue comover a imprensa, ela não consegue ganhar a Manchete de jornal nenhum. Então nós estamos aqui, eu volto para o começo daquele meu discurso, sr. Presidente, nós temos a opção de declararmos falso um documento que é falso. Agora, agora tem--

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): [inaudível]

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Quem quer demitir, Deputado Rosinha? Não, Deputado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Arthur Virgílio, concluindo.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Mas não antes de dar golpe, não. Sem golpe não dá para demitir governador, demite governador na urna.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Pára com isso, seja sério!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós temos ainda cinco oradores inscritos.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Sem dúvida, sem dúvida. Isso sem nenhum apreço, sem nenhum apreço pelo meu prezado e querido

amigo, colega, Dr. Rosinha que é para mim uma flor de pessoa.

[risos]

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): E como rosa tem aculhos também.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Não tenha dúvida, senão não seria uma rosa de verdade. Eu acredito que V.Exa. é uma rosa de verdade, acabou. Não vamos discutir agora espinhos, enfim. Eu admiro rosa é a minha flor preferida, minha flor preferida.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Arthur Virgílio, concluindo, por favor.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Concluo, concluo. Presidente, então é isso, para mim tem uma hierarquia, virá sim. Eu estou espantado de a minha prezada Senadora insistir que é uma *priori*dade dela. Ela se elegeu líder do partido hoje no Senado. É uma *priori*dade. Eu estou entendendo que não fala por ela, está fala pelo partido, é uma *priori*dade trazer esse cidadão aqui. Eu entendo que se traz é porque acha que ele tem razão de vir aqui. Muito bem, que venha. Eu entendo que antes disso, é Márcio Thomaz Bastos para explicar da lista, pode vir acompanhado do dr. Lacerda, pode vim sozinho, falando pelos dois. Agora não consigo entender, eu, a Polícia Federal não ter ainda se manifestado, já que diz que está investigando, sobre a autenticidade da lista. Tantos dias, tantos meses, daqui a pouco faz um ano. Não se manifesta sobre a autenticidade da lista. Deveria ter se manifestado, sr. Presidente.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pela ordem, pela ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Deputado José Eduardo Cardozo que é o próximo orador.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Antes de começar a argüição, sr. Presidente, eu peço a pela ordem apenas para reforçar uma posição do nobre Relator e até em concordância parcial com o nobre Senador Arthur Virgílio. Eu acho que há um desvio de ótica nosso nessa sessão. Essa lista, sinceramente, não me, não me diz nada a *priori*. Essa lista em si, considerada isoladamente, ela nem poderia ser objeto de investigação dessa CPI. O ponto de intersecção, que é fato, que deve ser apurado por essa CPI, é o depoimento do Deputado Roberto Jefferson. Esse é o ponto de conexão e que se coloca dentro do plano de investigação da CPI. Se ao final vamos chegar numa lista ou não, isso é um problema do processo de investigação. Após o depoimento do Deputado Roberto Jefferson não se pode mais dizer que esse fato não possa ser investigado por essa CPI. Essa situação é equivalente ao IRB, é o que está subjacente no objeto dessa CPI. Então é este que é o norte, se me permite, nessa investigação. Essa lista, em si, hoje está servindo só para fazer confusão. Nós temos um depoimento sério. E olha, Presidente, eu não fui daqueles que reconheceu--

SENADOR TASSO JEREISSATI (PSDB-CE): Deputado José Eduardo, eu só queria que V.Exa. repetisse.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pois, não. Eu estou dizendo que a lista para mim, Senador, não tem a menor relevância nesse momento. Aliás, me parece, pelos nomes que são citados, que são dignos de credibilidade, algo que pode ser considerado como despiciendo. O ponto de partido da CPI, esse é o fato conexo é o depoimento do Deputado Roberto Jefferson. Porque ele chega a falar em depoimento na Polícia Federal que recebeu em 2002 quantias, do esquema de FURNAS, e houve uma negociação com o atual governo na obtenção de recursos. Então é este o ponto de conexão com a CPI. É um esquema de financiamento partidário que estaria, em tese, por trás dos CORREIOS, do IRB e agora de FURNAS. Esse é o ponto. E eu sou daqueles, Presidente, digo isso com clareza, porque eu não fui daqueles, e o Deputado Eduardo Paes se lembra, que deu veracidade absoluta às palavras do Deputado Roberto Jefferson, nem disse que ele mentia nem disse que ele falava sempre a verdade. Eu sempre falei: "Tem que ser investigado". Houve aqui quem nessa CPI que dissesse que tudo o que o Deputado Roberto Jefferson falava era verdade. Eu sempre contestei isso. Eu não quero dizer que o que ele diz agora é verdade, mas também não podemos pressupor que ele minta, nós temos que investigar. E agora está no objeto dessa CPI, nós temos que investigar. Ou seja, no limite das nossas possibilidades--

SENADOR TASSO JEREISSATI (PSDB-CE): V.Exa. me permite um aparte?

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pois não, Senador, com grande prazer.

SENADOR TASSO JEREISSATI (PSDB-CE): Eu gostaria de colocar que o que V.Exa. coloca é muito perigoso.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Por quê?

SENADOR TASSO JEREISSATI (PSDB-CE): Porque na última entrevista do Deputado Roberto Jefferson, e nos seus depoimentos, o que ele tem colocado sempre é afirmação de que o Presidente Lula conhecia todo esse esquema, o que coloca em questão pessoalmente o envolvimento do Presidente Lula--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Mas Senador, onde está o perigo?

SENADOR TASSO JEREISSATI (PSDB-CE): Em toda essa situação. O perigo--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Nós estamos aqui para investigar, não é porque ele fala alguma coisa do meu partido, do partido de V.Exa.., isso para mim não importa, Senador. Isso pouco me importa, o que importa é o seguinte...

SENADOR TASSO JEREISSATI (PSDB-CE): Eu gostaria que nós, nós inclusive fomos acusados, nós do PSDB, por constantemente não levarmos a questão do *impeachment* do Presidente Lula adiante. E, diante da afirmação de V.Exa.., V.Exa. praticamente nos obriga a colocar aqui nesta, nesta CPI, diante da afirmação que nós temos que investigar a fundo, como verdadeiro, pelo menos a princípio, tudo o que--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Claro, é o que temos feito.

SENADOR TASSO JEREISSATI (PSDB-CE): A questão do *impeachment* do Presidente Lula também.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Senador Tarso, me perdoe, apenas quero deixar claro a V.Exa.., eu talvez eu não tenha sido bem claro. Eu não disse aqui que tudo o que o Deputado Roberto Jefferson disse é verdade e também não disse que é mentira. Houve membros dessa CPI que a cada declaração do Roberto Jefferson dava as declarações dele um caráter de sacralidade absoluta. Eu questionei isso. Falava que o que Roberto Jefferson tinha declarado tinha que ser investigado. E digo agora, não importa se atinge o meu partido ou o seu. Não me importa. Nós queremos a verdade. E portanto nós não podemos, nesse momento, esquecer, a pretexto de uma lista, de ser um falsário quem fez, que não foi o falsário quem fez e ficarmos aqui debatendo isso, esquecemos que é um depoimento do mesmo denunciante que motivou essa CPI. E que deve ser tratado com a mesma seriedade que V.Exa.., que eu e que os membros da CPI trataram. Não para afirmar: "é certo". Não para afirmar: "Ah, é errado a *priori*". Mas como pauta de investigação. Se Roberto Jefferson afirma que recebeu dinheiro em 2002, se Roberto Jefferson afirma que teve uma negociação do atual governo para manter o sr. Dimas, isso tem que ser investigado. Porque estaria por trás os fatos conexos que evidentemente se colocam. Eu acho que quanto a isso, portanto, tudo aquilo que diz respeito a essa questão tem que ser investigada da mesma forma que nos CORREIOS o é, que no IRB o é. Não tenho a menor dúvida isso. Então esqueçamos um pouco a disputa em relação a lista. Lista, se houver, ela é o resultado final da investigação e não o início. Porque se nós começarmos pelo início, pela lista, nós vamos cair numa disputa que creio, não nos leva a nada--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Aliás, Deputado Cardozo, foi o que eu disse--

SENADOR TASSO JEREISSATI (PSDB-CE): V.Exa. permitir, eu estou 100% de acordo com a afirmação do Deputado Roberto Jefferson, é o que é o fundamental.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Aliás, temos tido muitos pontos-de-vista em comum, Senador, V.Exa. sabe disso.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Deputado, dentro da sua questão de ordem, o senhor permite um aparte?

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Só um minutinho--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu pediria aos parlamentares, nós temos cinco parlamentares inscritos ainda.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): O senhor permite pela ordem o último inscrito então, por gentileza.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): V.Exa.., então--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Argüição--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Farei uma reinscrição de V.Exa.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Mas é dentro desse assunto que está sendo debatido, o senhor permite rapidamente?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): V.Exa. falará como reinscrito.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Sr. Presidente--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra--

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Sr. Presidente, a partir de agora não tem mais ninguém--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Não, não haverá nenhuma interferência até em respeito aos parlamentares que esperaram até agora, Deputado José Eduardo Cardozo, Deputado Bolsonaro, Deputado Jamil Murad, Deputado Rosinha e Deputado Tammy, que esperaram até agora. Depois disso, somente falarão com reinscrição.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Faz favor.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado José Eduardo Cardozo.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP):sr. Presidente, dentro da linha que tracei gostaria de argüir o depoente a quem cumprimento e saúdo pela presença o seguinte. O senhor menciona que foi convidado pelo Deputado Roberto Jefferson a um encontro. Quem lhe transmitiu exatamente esse convite?

SR. DIMAS TOLEDO: Já disse, eu já disse inclusive aqui, que eu não me lembro da pessoa que exatamente me transmitiu--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Não creio--

SR. DIMAS TOLEDO: Diversas pessoas.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Não, V.Exa. no início do depoimento disse que não gostaria de revelar o nome.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, espera aí, eu disse que diversas pessoas que estiveram comigo e que estiveram com o Deputado Roberto Jefferson me trouxeram notícias que ele queria falar comigo.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Que pessoas?

SR. DIMAS TOLEDO: Diversas pessoas, contatos meu e dele.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Que pessoas?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu disse que não vou citar--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Então V.Exa. diga que se recusa, V.Exa. diga que se recusa.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não recuso. Eu não quero evitar de cometer uma, um engano e prejudicar alguém. Eu não quero fazer isso.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): V.Exa. não se lembra exatamente?

SR. DIMAS TOLEDO: Não me lembro exatamente quem é a pessoa, se eu lembrasse eu falava.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): A partir do momento que recebeu o convite o que vez V.Sa.?

SR. DIMAS TOLEDO: Essa pessoa me deu um telefone para ligar e agendar a reunião. Eu liguei--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): De quem era o telefone?

SR. DIMAS TOLEDO: O telefone era do genro do Roberto Jefferson.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Ou seja, foi uma pessoa só que lhe deu o telefone?

SR. DIMAS TOLEDO: Foi.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O senhor falou que várias pessoas.

SR. DIMAS TOLEDO: Não. Uma pessoa me deu o telefone do genro.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O senhor se lembra--

SR. DIMAS TOLEDO: E essas pessoas conversaram comigo falando para ir lá. Uma pessoa que me deu o telefone.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Quem lhe deu o telefone?

SR. DIMAS TOLEDO: Não me lembro, estou dizendo, foram diversas pessoas que eu conversei.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O senhor não se lembra--

SR. DIMAS TOLEDO: Não me lembro, realmente.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Lembra se é empresário, se era político?

SR. DIMAS TOLEDO: Não lembro.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O senhor consegue imaginar por que o Deputado Roberto Jefferson não ligou diretamente para o senhor?

SR. DIMAS TOLEDO: Talvez ele achou que fosse mais fácil mandar a pessoa que conversou com ele me convidar.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Mais fácil do que dar um telefonema e ligar para o Diretor da Estatal?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não o conhecia e nem ele conhecia ele.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): É que pelo depoimento do Deputado Roberto Jefferson, a situação parece um pouco diferente, parece que o senhor teria solicitado--

SR. DIMAS TOLEDO: Isso aí é discutível.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): É claro que é discutível. Na medida que V.Sa. não lembra quem pode testemunhar em seu favor dizendo foi uma solicitação dele, reforça-se a convicção de que foi o senhor que pediu a reunião. Se V.Sa. se lembrar quem foi que deu e não se omitir essa CPI poderá checar a informação.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu já disse que diversas pessoas me disseram que ele queria falar--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Se V.Sa. se lembrar quem é.

SR. DIMAS TOLEDO: Se lembrar eu falo, mas eu não me lembro. É muita coisa.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Claro, na medida-- um momentinho, se reforça a convicção clara de que talvez o Deputado Roberto Jefferson esteja falando a verdade. é muito difícil que alguém lhe dê o telefone e V.Exa. não lembre--

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não me lembro.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Me perdoe dizer. V.Sa., na reunião com o Roberto Jefferson, ele mencionou corrupção nos contratos de FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não só esse assunto.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Os senhores não conversaram sobre irregularidades?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, conversamos sobre FURNAS, ele perguntou como é que FURNAS funcionava. Eu expliquei o que é que era a empresa FURNAS, o que FURNAS fazia. Falei da seriedade de FURNAS, da ética que FURNAS tinha que FURNAS--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Veja, uma coisa me chamou a atenção no depoimento de V.Sa. na polícia--

SR. DIMAS TOLEDO: Hum-hum.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): V.Sa., na polícia declara que conversando com o Deputado Roberto Jefferson descreveu, ou falou dos sistemas de controle dos contratos.

SR. DIMAS TOLEDO: Sim.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Por que V.Sa. tocaria com um Deputado Federal num assunto de sistema de controle? Se a questão da corrupção não estava sendo discutida naquela reunião?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, porque ele estava perguntando o que era FURNAS, controle, estava dizendo o seguinte, você tem TCU, você tem CGU--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Isso é para todas as estatais.

SR. DIMAS TOLEDO: Tem auditoria externa, auditoria interna.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Por que esse assunto foi tratado?

SR. DIMAS TOLEDO: E que além disso, perguntando, conversando sobre FURNAS, ué?

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Sobre FURNAS? TCU para todas as estatais se aplica, CGU para todas as estatais se aplica--

SR. DIMAS TOLEDO: Eu disse a ele, estou dizendo, eu disse o que eu disse a ele--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Se V.Exa. me permitir, gostaria de terminar a pergunta e V.Exa. responderia a seguir, senão nós ficamos com palavras cruzadas.

SR. DIMAS TOLEDO: Desculpe.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): E, por que razão V.Sa. discutia com o Deputado Roberto Jefferson o sistema de controles de contratos? Se o assunto não era desvios de dinheiro em contratos?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não disse que discutia, eu disse que eu disse a ele, expliquei, dei uma explicação para ele do que era FURNAS. Como FURNAS funcionava, que a Casa era muito ética, disse mais, que a Casa inclusive é uma empresa que nunca ouvi falar que alguém colocasse um tostão sequer, numa concorrência para beneficiar quem quisesse.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): E por que V.Sa. dissertou sobre os sistemas de controle dos contratos de FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Porque eu disse antes que fui lá porque já tinha inclusive perguntado a diversas pessoas se o Deputado Roberto Jefferson era um cara correto. A notícia que me passaram que era um cara correto. Eu fui lá porque no meu entendimento era estar conversando com uma pessoa correta. Então eu estava expondo de pontos de correção. Esse era o assunto.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pontos de correção?

SR. DIMAS TOLEDO: Ser correto, da pessoa, de entendimento. Mostrar o valor de FURNAS pelo lado bom de FURNAS. Não mostrar--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Veja o que V.Sa. disse no seu depoimento. V.Sa. diz o seguinte: "Que na conversa com o Deputado Roberto Jefferson mostrou a seriedade como era desenvolvido o trabalho de FURNAS, demonstrando também como seriam os mecanismos de controle da empresa".

SR. DIMAS TOLEDO: Isso, falei para ele.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): De controle, por que o Deputado Roberto Jefferson-- é que eu estou falando--

SR. DIMAS TOLEDO: Desculpe.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): V.Sa. me permitir eu preciso concluir a pergunta para que V.Sa. responda. V.Sa. não precisa ficar tão ansioso, a resposta vem depois da pergunta.

SR. DIMAS TOLEDO: É...

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Por que o mecanismo de controle interessava ao Deputado Roberto Jefferson, não vejo lógica naquela conversa?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não disse que interessava a Roberto Jefferson, eu disse que eu disse para ele, eu falei, eu fiz uma explanação para ele de FURNAS e inclui na minha explanação esse assunto. Eu não disse que ele me perguntou isso.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O senhor falou de esponte próprio, por vontade própria?

SR. DIMAS TOLEDO: Falei, eu falei de vontade própria.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O Deputado Roberto Jefferson declarou de viva voz nessa CPI que a razão pela qual ele e outros todos partidos indicam cargos ou mantém cargos é para arrecadação de recursos para campanhas eleitorais. Ele falou isto. Ele disse que inclusive as razões pelas quais ele indicava pessoas era para arrecadar dinheiro para a campanha. Logo, se o Deputado Roberto Jefferson efetivamente manteve o senhor, e ele não mentiu à essa CPI, é porque ele via no senhor uma fonte arrecadadora para o partido dele ou para ele. Estou seguindo a lógica de Roberto Jefferson. E daí, nessa reunião o senhor ter discutido com Roberto Jefferson sistemas de controle de contratos da empresa, numa reunião em que V.Sa., em tese, alega que apenas queria convencê-lo de que nomeasse um funcionário de carreira para a empresa, é no mínimo estranho e V.Sa. há de convir comigo.

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, eu não discuto aqui o Deputado Roberto Jefferson sobre sistema de controle eu apenas discorri para ele sobre sistema de controle, não houve discussão. E o Deputado Roberto Jefferson hora nenhuma me mencionou que queria a empresa para fazer campanha ou coisa desse tipo. Ele não me disse isso em hora nenhuma.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): V.Sa. nega ser sócio da empresa BAURUENSE.

SR. DIMAS TOLEDO: Nego. Veemente.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O senhor tem algum parente seu que trabalha nessa empresa?

SR. DIMAS TOLEDO: Se eu tenho um parente meu que trabalha nessa empresa? Eu tenho uma filha que trabalha lá.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Sua filha trabalha na empresa BAURUENSE?

SR. DIMAS TOLEDO: Trabalha. O senhor quer saber os motivos que ela trabalha lá?

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Sim.

SR. DIMAS TOLEDO: Ela trabalha lá não é porque a BAURUENSE quisesse ou ela quisesse.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Foi contra a vontade dos dois que ela trabalha lá?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, aí precisamos entender isso claramente.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pois não.

SR. DIMAS TOLEDO: FURNAS, temos que voltar um pouco atrás para isso ficar bem claro. Desde que entrou no plano nacional de estatização começou a perder funcionários, foi perdendo, perdendo, diminuindo o seu quadro, digamos, de onze mil, desceu, foi para quatro mil e pouco. Para ser privatizada. No que FURNAS ficou com quatro mil empregados, não tinha como tocar aquela empresa, a empresa ia crescendo, sem, sem pessoal. Então foi se formando um quadro paralelo. Um quadro suplementar, digamos assim, um quadro suplementar que nós chamamos lá de mão-de-obra contratada. Bem, esse quadro suplementar chegou um certo momento que ele foi congelado, isso no início de 2003. A minha filha já trabalhava lá desde--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Lá onde?

SR. DIMAS TOLEDO: Em FURNAS, em mão-de-obra contratada, como mão-de-obra contratada desde 1999, se não me falha a memória. A ida dela para a BAURUENSE foi uma decisão da empresa, não dela. Quando terminou o contrato da BAURUENSE, foi feita uma licitação para ver quem oferecia uma melhor taxa.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Uma decisão da empresa?

SR. DIMAS TOLEDO: Perdão, o contrato que ela estava que era de outra empresa, quando terminou o contrato da empresa que ela estava, que era outra. A empresa fez nova licitação para ver quem é que oferecia melhores condições, ganhou o menor preço a BAURUENSE e todo esse quadro suplementar foi transferido para esses contratos e ela caiu na BAURUENSE. Não foi ela que escolheu.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Mas o senhor veja que curioso, o senhor tem uma filha que trabalha na BAURUENSE, o senhor tem um outro filho que trabalha na empresa CANAL ENERGIA.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, ele não trabalha na CANAL ENERGIA.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): É sócio.

[soa a campainha]

SR. DIMAS TOLEDO: Ele é sócio por enquanto.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): A sua filha tem uma empresa de eventos que presta serviços para FURNAS.

SR. DIMAS TOLEDO: Não presta serviço para FURNAS.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Não, foi patrocinadora.

SR. DIMAS TOLEDO: Patrocinou um evento para FURNAS--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O senhor acha ético que o senhor tenha um filho que é sócio de uma empresa que é fornecedora da empresa da qual o senhor é Diretor, que tem uma filha que trabalha na empresa BAURUENSE que mantém dois tipos de contratos com a empresa que o senhor dirige, um de mão-de-obra e outro de obras. E portanto não--

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não disse que eu dirijo esse contrato, Deputado.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Não, mantém um contrato com a empresa que o senhor dirige, não estou dizendo que dirige o contrato. Estou dizendo que mantém contratos de grande expressão com a empresa que o senhor dirige. O senhor considera isso ético, correto, normal?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não vejo nada de antiético perante a história que é. É preciso dizer para o senhor como a minha filha foi parar lá. A minha filha foi admitida na ELETROBRAS, pelo então Diretor Paulo Roberto Pinto, que queria formar um grupo para comercialização de energia na ELETROBRAS. Paulo Roberto, depois de um certo tempo, eu não me lembro que tempo, foi transferido para FURNAS como diretor de FURNAS. Levou com ele essa equipe que ele tinha montado no meio a minha filha. Chegando lá, como essa tarefa não era uma tarefa daquela diretoria, a Fabiana foi deslocada para a outra diretoria, que era a Diretoria de Comercialização de Energia. Portanto, eu não vejo nada de antiético uma vez que não fui eu que indiquei, não fui eu que levei e ela continua, já saí de lá desde agosto e ela continua lá, tanto pelos seus méritos próprios.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O que é que a EMPRESA CENTRO DE TREINAMENTO E ESTUDOS DE ENERGIA, CTEE?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, só para mim saber, CTE, essa empresa da Fabiana. Essa que eu lhe disse que--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Que empresa? Não, o senhor não chegou a mencionar a empresa, o senhor falou que ela era contratada da empresa--

SR. DIMAS TOLEDO: Não a CTE, é essa empresa que o senhor cita que era dono da empresa, 50%, cinco mil reais o capital dela, que patrocina eventos similares. É a própria empresa que o senhor citou--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): A CTEE, essa empresa de eventos?

SR. DIMAS TOLEDO: Isso.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Essa que é contratada para fazer eventos.

SR. DIMAS TOLEDO: Não é contratada.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Ela recebe patrocínio.

SR. DIMAS TOLEDO: Ela recebeu um patrocínio de FURNAS.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Só um patrocínio de FURNAS e--

SR. DIMAS TOLEDO: E é o seguinte--

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Essa empresa faz eventos para outras empresas fornecedoras de FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim. Fornecedoras?

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Sim.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, o similar que ela faz envolve as empresas de energia elétrica do setor. Eu citei aqui, inclusive, LIGHT, CEMIG, diversas empresas não tem nada a ver com fornecedor só grandes geradores de energia.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Os patrocinadores dos eventos que essa empresa organiza costumam ser contratados de FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não tem nenhum deles contratados por FURNAS, que eu saiba.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Que o senhor saiba, não?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Certo, qual a relação que o senhor tem com o sr. Ayrton Daré?

SR. DIMAS TOLEDO: É um empresário, dono da BAURUENSE e o relacionamento só de trabalho.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): O senhor recebe ele freqüentemente no seu gabinete?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não é freqüentemente no meu gabinete. Quando o serviço demanda ele vai lá procurar para saber se tem algum problema. Porque o senhor: Não tem só contrato de mão-de-obra e FURNAS, tem contrato de obras. Então quando ele tem problema de nível dele, ele se dirige ao meu, ao meu escritório e também quando eu preciso, eu chamo. Mas isso não são, não é coisa freqüente. O que, o que estabelece a freqüência aí é a demanda, a necessidade de FURNAS ou a necessidade dele. Não existe uma regra. Não existe um tempo, quantidade de vezes. Para o senhor ter uma idéia, desde 2005 eu saí na metade do ano, ele deve ter ido lá no máximo duas vezes.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Perfeito. Eu vou encerrar, sr. Presidente, meu tempo acabou, eu teria muito mais perguntas a fazer. Mas eu faço uma última questão a V.Sa. Tenho certe-

za que a V.Sa. é a pessoa mais interessada em provar que não tem nada a ver com esses fatos.

SR. DIMAS TOLEDO: Evidente.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): V.Sa. se disporia, voluntariamente, sugerir ou apresentar a possibilidade de quebra do seu sigilo bancário, telefônico e telemático a essa CPI?

SR. DIMAS TOLEDO: Não vejo o menor problema.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): V.Sa. se dispõe, se [inaudível].

SR. DIMAS TOLEDO: Não vejo o menor problema.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu requeiro, sr. Relator, que nós possamos então por vontade do próprio depoente coletar o termo que permita a quebra de sigilo uma vez que está caracterizado o fato conexo às investigações da CPI que autorizam esta medida. Então solicito do sr. Relator que se colete o termo. Por ora, solicito a V.Sa. que peça ao Tribunal de Contas da União uma auditoria nos contratos da BAURUENSE com a empresa FURNAS. Por ora, é o que eu requeiro, sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra, o Deputado Jamil Murad. Dez minutos.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Srs. Deputados, sr. Presidente. Depois de tantas horas, não é? São seis horas de espera, nós vamos falar um pouco sobre o assunto. O senhor era Diretor de obras de FURNAS no governo do Fernando Henrique Cardoso?

SR. DIMAS TOLEDO: Sim, a partir do segundo ano.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): A partir do segundo ano?

SR. DIMAS TOLEDO: Do primeiro mandato.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): O senhor conheceu o sr. Ricardo Sérgio do BANCO DO BRASIL?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. Nunca. Nem sei quem é Ricardo Sérgio.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): O senhor teve, disse que teve uma vez só com o Deputado Roberto Jefferson.

SR. DIMAS TOLEDO: Sem dúvida.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Por que, num primeiro encontro de homens públicos em vez de ser realizada uma reunião, era interesse público, por que foi escolhido um local tipo residência e às vinte duas e trinta?

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, eu já expliquei isso. Eu tinha uma reunião em Goiânia, no outro dia em Brasília eu tinha compromissos que iam terminar até às dez horas da noite, dez e meia. Então, eu disse: "Olha, eu só posso ir a partir das dez e meia".

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Mas--

SR. DIMAS TOLEDO: E o encontro ainda foi mais tarde do que isso, porque o Deputado não estava e só apareceu uma hora depois.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Mas FURNAS é uma das, é uma grande empresa de energia. O interesse público ali é enorme.

SR. DIMAS TOLEDO: Correto.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Não dá para ser tratado assim como se fosse um convescote na residência de outra pessoa às vinte duas e trinta, num primeiro encontro.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu estava falando com um Deputado que é o Presidente de um partido e eu--

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Não--

SR. DIMAS TOLEDO: Tinha informações dele que era uma pessoa correta, então não vejo nada de mais, qual é o problema de ir à casa...

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): O senhor acha, como Diretor da empresa--

[pronunciamento fora do microfone]

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Como Diretor da empresa, não é, o senhor não subestimou o valor dessa empresa para tratar de uma forma tão aligeirada, às vinte duas e trinta na casa do ex-deputado Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, Deputado--

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Quando as pessoas já estão se preparando para dormir.

SR. DIMAS TOLEDO: Foi a hora que eu pude, Deputado, foi a hora que eu pude, foi a hora que eu tive condição, foi o dia que eu tive condição.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Mas a empresa não mereceria a escolha de uma outra data, numerário melhor e num local público?

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, eu confesso honestamente que eu nunca me preocupei muito com esse tipo de, tratando com pessoas corretas. Se o senhor amanhã me convidar eu teria ido à sua casa ou em qualquer lugar.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): V.Sa. me deixa a indagar se nesses anos todos que dirigiu, foi Diretor do departamento tão importante, de uma empresa tão importante, se tratou convenientemente os negócios da empresa. De onde o senhor tirou setenta e cinco mil reais que deu para o ex-deputado Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu nunca. Estive com ele em 2002, nunca dei dinheiro para ele, Deputado.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Mas ele fala--

SR. DIMAS TOLEDO: Ele fala aqui, ele fala algumas coisas.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Ele fala que recebeu, foi na Polícia Federal e declarou que recebeu.

SR. DIMAS TOLEDO: Ele falou várias coisas... Mas eu acabei de citar aqui que ele falou de um colega seu e depois falou--

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Ele assinou que recebeu!

SR. DIMAS TOLEDO: Ele assinou, eu nunca, ele assinou? Eu não sei.

[pronunciamento fora do microfone]

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Não, eu estou falando aqui, Presidente, eu estou falando com o interrogado, eu quero a minha prerrogativa de Deputado, Deputado Bolsonaro vai ouvir, na hora que ele for falar. Não vai interferir aqui não.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): A palavra está absolutamente com V.Exa.., Deputado Jamil Murad.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Não vai intervir aqui não! Não vai interferir aqui não! Ele fala, o Roberto Jefferson dizia que ele não era sozinho.

SR. DIMAS TOLEDO: Que não era sozinho como?

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Nesse esquema de receber doação sua.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não posso falar por ele, Deputado, eu não tinha nenhum esquema com ele.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): De certa forma ele induziu--

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não tinha nenhum esquema de ele.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): A opinião pública e nós também, como parte da opinião pública, ele induziu que teria sido criado um "dimasduto".

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, eu repito, eu não conversei nenhum assunto com o Roberto Jefferson e o que ele disse na época foi que saiu do caixa de FURNAS, foi feito sindicância em FURNAS para isso, foi feita auditoria externa que comprovou que nada disso aconteceu. E essa conversa nunca existiu.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): O sr. Nilton Monteiro, em várias ocasiões ele foi à autoridades policiais declarou e assinou declarações que o comprometem. Então, eu gostaria de falar, de fazer a seguinte pergunta: Aceita uma acareação sua com o Nilton Monteiro?

SR. DIMAS TOLEDO: Lamentavelmente se é o que eu tinha que fazer eu faço. Eu gostaria--

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Eu vou solicitar, sr. Presidente.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu acarear, Deputado, com uma pessoa que eu nunca vi é uma coisa muito interessante.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Eu vou solicitar, Presidente, uma acareação do sr. Dimas Toledo com o sr. Nilton Monteiro. E a outra questão é que se o sr. Nilton Monteiro, de maneira insistente. Ele inclusive protocolou na comissão um pedido para ser ouvido. E nós, podemos ser acusados posteriormente, todos membros da CPI, de prevaricação, se nós não ouvirmos o que ele tem a dizer. Pode ser uma reunião fechada, e tal. Mas os parlamentares, em nome da sociedade pela qual nós respondemos aqui no congresso. Nós temos obrigação de ouvir um assunto tão sério. Não importa, às vezes tem crimes que no inquérito ter ouvido uma pessoa, uma pessoa que tem deficiência mental. Tem uma lesão e ela vai contar a história pode ter grande dificuldade de dizer, de escrever a realidade e tal, mas é ouvido no inquérito. E por que o sr. Nilton, Nilton Monteiro não está sendo ouvido nessa CPI? Eu acho que não, não se justifica. Aqui, num dos depoimentos, o sr. Nilton Monteiro diz o seguinte, "que Dimas contou que no desempenho de seu cargo em FURNAS era obrigado a administrar recursos a serem disponibilizados a políticos para financiar campanhas. Que esses recursos eram controlados"--

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Acareação do sr. Dimas Toledo com o Nilton Monteiro. E a outra questão é que se o sr. Nilton Monteiro, de maneira insistente, ele inclusive protocolou, na comissão, um pedido para ser ouvido. E nós podemos ser acusados, posteriormente, todos os membros da CPI, de prevaricação se nós não ouvirmos o que ele tem a dizer. Pode ser uma reunião fechada e tal, mas os parlamentares em nome da sociedade pela qual nós respondemos aqui no Congresso, nós temos obrigação de ouvir um assunto tão sério. Não importa. Às vezes, tem crimes que no inquérito é ouvido uma pessoa, uma pessoa que tem deficiência mental, tem uma lesão e ela vai contar a história. Pode ter grande dificuldade de dizer, de descrever a realidade e tal mas é ouvido no inquérito, e por que o sr. Nilton Monteiro não está sendo ouvido nessa CPI? Eu acho que não, não se justifica. Aqui, num dos depoimentos o sr. Nilton Monteiro diz o seguinte, que Dimas contou que no desempenho de seu cargo em FURNAS era obrigado a administrar recursos a serem disponibilizados a políticos para

financiar campanhas, que esses recursos eram controlados em um Fundo formado com valores obtidos junto às diversas empresas que mantinham contratos com FURNAS. E que Dimas Toledo afirmou, com todas as letras, que se os empresários não apresentassem recursos não haveria nenhuma chance de obter contratos em FURNAS. Isso, o que o senhor tem a dizer? Isso ele declarou e assinou?

SR. DIMAS TOLEDO: O..., Deputado, eu não conheci o Nilton, não poderia nem ter dito. Aliás, se o senhor prestasse atenção nesse depoimento, o senhor ia ver o seguinte que tanto o Nilton quanto o Deputado Roberto Jefferson disse que eu disse.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): O senhor está dizendo que o Deputado Roberto Jefferson--

SR. DIMAS TOLEDO: Ele disse.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): O Deputado Roberto Jefferson mentiu?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu estou dizendo que ele faltou com a verdade.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Não quero nem falar do Nilton, o senhor está dizendo--

SR. DIMAS TOLEDO: Que ele faltou com a verdade.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Que o Deputado Roberto Jefferson mentiu?

SR. DIMAS TOLEDO: Que ele faltou com a verdade. Os dois afirmam que eu disse, ele disse que eu disse, o Nilton disse que eu disse. O Nilton declaração como essa aí deu quatro diferentes, precisa ver os outros. E cada uma que ele faz a declaração ele diz que eu encontrei com ele e disse uma coisa.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Mas aqui vários líderes diziam que tudo o que o Roberto Jefferson falava era verdade. E o senhor está dizendo que ele mentiu, é isso?

SR. DIMAS TOLEDO: Nesse caso, eu estou dizendo para o senhor que ele faltou com a verdade. Eu nunca disse a ele isso.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Tá bem. Sr. Presidente, senhores Deputados. Já encerrando, não é, eu queria realçar.

[soa a campainha]

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Eu queria realçar aqui que são sete meses de trabalho. Nunca usei de suposições que pudesse comprometer a honra de qualquer pessoa e vou continuar tendo esse comportamento. Mas nós temos que fazer a investigação. Nós temos que fazer a investigação. Segunda coisa, eu acho que não pode ter dois pesos e duas medidas. A sociedade brasileira merece mais respeito. Aqui, nós vimos aqui o esquema que comprometia o esquema Marcos Valério é, SMP&B e DNA financiando campanha em 98, em Minas Gerais. Isso vai para baixo do tapete. Comenta-se pouco. Nós vimos essa situação aqui. Muito bem. Eu quero dizer o seguinte: O povo brasileiro merece mais respeito. Como homens públicos e o partido que for, situação ou oposição, hoje é situação, amanhã está fora do governo, é oposição, quem está fora pode entrar no governo. Mas não, ninguém tem o direito de, ao agir como Magistrado, ao agir como, como um agente público, em nome da sociedade. Porque aqui o sujeito é transitória a posição dele. Então, ele representa não só aqueles eleitores, não só aqueles que querem fazer oposição ou querem estar na situação. Ele representa a sociedade. Então, tem que ter mais respeito com esse povo, não pode ter comportamento para uns vale as coisas para outros não vale nada.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Concluindo, Deputado Jamil.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Para uns vale acusações levianas sem, sem provas e como nós vimos ao longo de meses e para outros: “Ah, não, isso é um crime, é um absurdo, é antidemocrático, isso é um instrumento que leva ao fascismo”. Eu acho que leva. Eu acho que leva. Mas, nós, eu conclamo que nós, até o fim dessa CPMI, já que não ocorreu isso antes, que ocorra daqui para frente, não é? Agir com serenidade, sem acusação, sem prévia condenação de ninguém, de ninguém. Eu acho que todos merecem respeito e investiga-se, chega a determinadas conclusões. A Justiça, de acordo com a Lei, prevê as punições se forem, se forem cabíveis as punições. Então, essa é a nossa opinião.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Concluindo, Deputado Jamil.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Concluindo. Essa é a solicitação que eu faço. Em nome do povo brasileiro, aquele coitado que tem esperança de que nossa ação, nosso trabalho possa lhe render algo melhor amanhã para ele tratar melhor a sua família. Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Jamil Murad. Com a palavra, o Deputado Dr. Rosinha, por dez minutos.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Sr. Dimas, o senhor esteve quantas vezes com o sr. Cláudio Mourão?

SR. DIMAS TOLEDO: Nunca. Nunca estive com ele na minha vida.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): O senhor não conhece o sr. Cláudio Mourão?

SR. DIMAS TOLEDO: Não conheço o sr. Cláudio Mourão.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Não tem relacionamento nenhum com ele?

SR. DIMAS TOLEDO: Nenhum.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): O Deputado José Eduardo perguntou para o senhor a respeito da empresa BAURUENSE e os relacionamentos. Eu pergunto ao senhor o seguinte, FURNAS, ou o senhor, individualmente, tinha algum relacionamento com o BANESTADO, BANCO DO ESTADO DO PARANÁ?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu, não. Nem FURNAS, se FURNAS tinha, não é a minha área, Deputado, a área financeira não era a minha área, eu não conheço. Mas eu nunca tive nenhum relacionamento com o BANESTADO. E acredito que FURNAS também não. Pode ter alguma coisa, realmente não sei dizer.

[soa a campainha]

SR. DIMAS TOLEDO: Agora, como, eu nunca tive relação nenhuma com o BANESTADO.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Eu fiz essa pergunta porque o sr. Ayrton Daré tem um filho que é piloto de carro, corria com patrocínio do BANESTADO e todo o, enfim houve uma ação judicial e que foi perdido e está sendo hoje processado todos os dirigentes do BANESTADO e fez parte da questão da CPI do BANESTADO essa questão. O senhor, o sr. Felipe Amadeo é o advogado do senhor?

SR. DIMAS TOLEDO: Ele era advogado do escritório contratado por FURNAS para defender toda a Diretoria de FURNAS.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Era o advogado?

SR. DIMAS TOLEDO: É porque ele faleceu.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Oi?

SR. DIMAS TOLEDO: Ele faleceu.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Ele tinha conhecimento de, essas questões de financiamento de campanha?

SR. DIMAS TOLEDO: Nenhuma.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Oi?

SR. DIMAS TOLEDO: Conhecimento disso?

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): É. De financiamentos de campanha, não estou dizendo dessa lista, se ele trabalhava, se ele militava com algum partido ou financiamento de campanha?

SR. DIMAS TOLEDO: Que eu saiba, não. O pessoal que trabalha com ele nunca disse isso, desse assunto. Eu nunca tive contato desse tipo com ele.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): O senhor tem algum amigo comum com o ex-deputado Roberto Jefferson?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu tenho, amigo não sei, eu tenho relacionamentos que tem relacionamento com Roberto Jefferson.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Amigo comum?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não digo amigo. Eu tenho relacionamento com pessoas que têm relacionamento com ele.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Quem?

SR. DIMAS TOLEDO: Diversas pessoas.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Nome de dois, três?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu sinto muito mas não vou, não vou dizer nome de pessoas que têm relacionamento comigo e com o Roberto Jefferson.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Então o senhor está com habeas corpus, o senhor pode negar-se a responder.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não vou expor as pessoas, Deputado.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Não é questão de expor as pessoas.

SR. DIMAS TOLEDO: Eu vou citar três, esquecer de quatro.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): A questão é que todo, toda a investigação que se faz quando há algum tipo, quando há algum tipo de investigação no campo político, o relacionamento pessoal e de amizade, ele tem seu referido peso. Por exemplo, o senhor foi indicado para FURNAS por quem?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu já disse isso aqui. Já fiz a minha exposição, que eu fui convidado, no segundo ano do mandato de Fernando Henrique, pelo Presidente da época, que o meu cargo tradicionalmente, ele sempre foi exercido por funcionários de carreira de FURNAS, o Presidente de FURNAS achou, na época, que eu estava em condição e me convidou.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): O Presidente da época, o Presidente de FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: De FURNAS, fui convidado por ele.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Quem indicou o senhor junto ao Presidente de FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: Não sei, eu não tenho noção se fui indicado. Fui convidado. Não pedi a ele, não pedi a ninguém para pedir para ele.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): O Presidente de FURNAS era cargo indicado que foi de fora ou era gente de carreira de FURNAS?

SR. DIMAS TOLEDO: O Presidente de FURNAS era gente também de carreira de FURNAS.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Também de carreira?

SR. DIMAS TOLEDO: De carreira.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Todos os--

SR. DIMAS TOLEDO: Esse Presidente que me indicou era um Presidente de carreira.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Quando foi isso?

SR. DIMAS TOLEDO: Isso foi no segundo ano do primeiro mandato de Fernando Henrique.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): O senhor conhece o sr. Gilberto Kassab?

SR. DIMAS TOLEDO: Gilberto Kassab? Não sei, Gilberto Kassab... Quem é Gilberto Kassab?

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Não, estou só perguntando se o senhor não conhece?

SR. DIMAS TOLEDO: Posso conhecer mas não me recordo. Quem é Gilberto Kassab?

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): É o vice do Prefeito José Serra. Por isso que eu fiz a pergunta.

SR. DIMAS TOLEDO: Desculpa.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): É que--

SR. DIMAS TOLEDO: Eu moro no Rio, Deputado, não conheço muitos políticos de São Paulo, entendeu?

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Não, eu fiz a pergunta porque, nas investigações, é necessário se perguntar. É que como houve uma dúvida aqui perguntando quem era, fui obrigado a dizer que é o vice do Prefeito José Serra.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, tudo bem.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Da capital de São Paulo.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Rosinha, concluindo, por favor.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Vou concluir, mas não passou o tempo ainda.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Não, passou, é que V.Exa. está muito concentrado.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Não foi cronometrado, ainda.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós controlamos aqui empiricamente.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): É que todo o debate. Empiricamente, aqui nessas horas da noite eu fico no empírico. O que ocorre é que desde que cheguei aqui tenho ouvido várias manifestações e algumas delas pode não ter tido a intenção, mas eu compreendi que às vezes ela pode ser agressiva, outras foram irônicas, não é? Mas a verdade é que tem que ser investigado o que hoje se coloca e tem que ser investigado partindo do patamar que o meu colega José Eduardo Cardozo define. E foi debatido muito o caráter do sr. Nilton Monteiro, não entro no mérito desse caráter. Agora, foi dito também que a instituição, o Congresso Nacional, tem que ser respeitado. Eu acho que tem que ser respeitado, tem que exigir as investigações, tem que investigar, mas também tem que se colocar no devido respeito. Porque hoje tem alguns momentos que não tem respeito nenhum. E digo isso, por exemplo, não me referindo a essa CPMI, mas a CPMI dos BINGOS, aonde virou a CPMI do fim do mundo, aonde não é investigado aquilo que se deve investigar. É lógico que vendo aquilo, todo e qualquer cidadão se sente no direito de fazer o que quer e o que não deveria ser feito. Então eu acho que essa lista, ou não lista, para que não paire dúvidas, essa investigação tem que ser tocada adiante, pé porque há nomes de personalidades nacionais, como José Serra, Geraldo Alckmin, que também querem ver limpado o seu nome nesse processo. Então, concluo, sr. Presidente, apesar de achar que o meu tempo passou muito rápido, dizendo que é importante aprofundar essa investigação mas que tudo deve ser feito num patamar de relacionamento um pouco distinto do que tem ocorrido em alguns segmentos desse Congresso, ou às vezes em alguns momentos dessa comissão.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Dr. Rosinha. Agora com a palavra o Deputado Mendes Thame. Depois, Deputado Bolsonaro e a reinscrição do Deputado Carlos Willian. E eu quero registrar que as reinscrições são dois minutos apenas.

SENADOR ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB-AM): Graças a Deus, Presidente.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Sr. Presidente--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado, Thame, com a palavra dez minutos.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): O espírito de torturador hoje não funcionará em solidariedade a V.Exa.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Excelência.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Sras. e senhores deputados, aqui foi colocado com propriedade que a lista de FURNAS que vem sendo hoje tratada aqui como um detalhe porque na realidade o que nós procuramos investigar se está ocorrendo, se ocorreu, se há risco de continuar ocorrendo desvio de recursos públicos, deturpamento de licitações, tráfico de influências, financiamento irregular de campanhas, Caixa-2, em suma todas essas irregularidades mostrando uma promiscuidade entre o setor

público e o privado e, principalmente, o financiamento irregular das campanhas políticas. Portanto, sob esse ponto de vista, concordo até que o Caixa-2 é um detalhe. Um detalhe incontornável que, portanto, tem que ser analisado, publicado e tudo aquilo que se referir a essa lista de FURNAS precisa ser trazido a esta, a esta comissão. Mas, a forma como esse episódio da lista vem sendo tratado faz com que deixe de ser um detalhe, passa a ser algo extremamente relevante a medida em que envolve mais de cem deputados dessa Casa. Envolve mais de 20% da composição desta Casa. Portanto, passa a ser algo extremamente relevante e que nos faz perguntar a quem interessa? E, na seqüência, há que se fazer uma divisão: A quem interessa a elaboração da lista? A quem interessa a divulgação da lista? Coisa que não ouvimos hoje aqui em nenhum momento se fazer essa distinção, como se fosse uma coisa só. Quando pode ter agentes interlocutores completamente diferentes. A quem interessa a elaboração da lista? Nesse sentido, hoje, o depoente pode ajudar muito. A quem interessa a divulgação da lista? Ora, nós temos aqui os mais ilustres representantes do PT, que pelas suas colocações já mostraram que não vão tomar nenhuma atitude de baixo nível. Acham que a lista é algo absolutamente secundário porque ela tem elementos que mostram que ela é inverídica. Portanto, não há essa dúvida se ela é verídica ou se ela é falsa, todos os indícios, os indícios são pressupostos que, no seu conjunto, unidos, dão um indicativo numa ou na outra direção, mostram que ela é falsa. Mas a sua divulgação está clara a quem interessa. No dia quinze de julho passado, o Presidente Lula foi o primeiro integrante do PT a dizer que o seu partido fazia Caixa-2. Dias antes da divulgação do Delúbio, quando ele gravou entrevista lá em Paris. Foi, portanto, o porta-voz, não há que se discutir portanto, se esse crime eleitoral do Caixa-2 foi cometido ou não pelo PT. O que nós estamos discutindo aqui é se essa operação engenhosamente montada pelo PT, de fazer um *downgrade*, o contrário de um *upgrade*, desqualificar o crime, tentar mostrar que destinar dez milhões de reais por contas secretas no exterior para pagar o Duda Mendonça é um mero Caixa-2. Desviar recursos do VISANET do BANCO DO BRASIL para irrigar a conta de políticos que vão apoiar as votações do PT também é um mero Caixa-2. Ora, isso é que, na nossa opinião, é muito mais do que corrupção eleitoral, são crimes que vem sendo aqui denunciados como crimes muitíssimo mais graves, mas há uma intenção. A primeira é de desqualificar os crimes. Em segundo, de dizer que não foram só os do PT e da base aliada que fizeram esse tipo de procedimento, todos, todos. Portanto, a divulgação dessa lista, mesmo que aqui negada pelos mais ilustres deputados do PT que fazem parte dessa Casa, na prática, não ocorre. Está nos sites do PT. E a divulgação de aquilo que se pressupõe falso, já é um crime. E nós temos que fazer essa distinção sobre a divulgação que interessa ao PT para tentar dizer que todos são iguais a eles, cometeram o mesmo tipo de delinqüência, que eles confessaram. E outra questão é quem elaborou a lista. E é dentro dessa linha que eu quero fazer as minhas perquirições ao depoente que hoje vem a esta comissão. A primeira é a seguinte: Pelo seu relacionamento lá na empresa tanto com o denunciante, que diz ter elaborado a lista com outras pessoas, na sua avaliação, em tese, sem citar nomes, não estou pedindo nome, a quem interessaria a elaboração dessa lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Eu já disse, Deputado, que eu, infelizmente, eu não vou afirmar uma coisa que eu não tenho certeza, entendeu? Eu não posso fazer esse tipo de afirmação. Eu não tenho.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): O senhor tem condições sem citar nome? O senhor sabe--

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não tenho.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Foram raras as perguntas que o senhor não respondeu.

SR. DIMAS TOLEDO: Não, mas essa pergunta eu já respondi inclusive, já foi feita, e eu disse no começo que não tenho aqui, não vou ser leviano de citar pessoas ou grupo de pessoas se eu não tenho certeza disso.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Não, eu não estou pedindo que o senhor cite o nome de nenhuma pessoa.

SR. DIMAS TOLEDO: Não vou ser injusto.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): A pergunta é diferente. A quem, em tese, com que interesse alguém elaboraria essa lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Olha, não consigo, o Nilton, poderia ser vingança, não sei. Qual o motivo porque uma pessoa faria uma lista dessa contra mim. Uma lista contra mim, como colocar os deputados, mas eu não consigo entender.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Quem tem interesse em divulgar essa lista, fazer a ilação de que teria interesse também em elaborá-la, já é um passo um pouco mais forte, algo que nós não nos aventuraríamos a dizer que teria sido uma lista elaborada pelo PT. Mas o senhor não tem nenhuma indicação de alguém que tivesse interesse em elaborar essa lista?

SR. DIMAS TOLEDO: Não. Nós estamos exatamente também tentando descobrir isso e até por outros processos.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Segunda pergunta. No depoimento prestado à Polícia Federal, o senhor mencionou ter relacionamento com trinta e dois políticos relacionados na lista, confere?

SR. DIMAS TOLEDO: Confere.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Desses trinta e dois, cuja relação o senhor deve ter aí à mão facilmente para ser consultada.

SR. DIMAS TOLEDO: Posso pedir aqui.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Quantos são de São Paulo?

SR. DIMAS TOLEDO: Deixa, eu tenho que olhar. Cadê a lista?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): é que o nosso vice-presidente Asdrubal levou a lista que era do Dimas.

[soa a campainha]

SR. DIMAS TOLEDO: Eu não tenho a lista aqui. Essa lista aqui não serve. Eu não tenho a lista aqui. Essa lista aqui é a lista do, não é a lista.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Do depoimento dele.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): É a versão de novembro.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): é essa aqui, essa aqui sim.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Se o senhor puder já ir citando quais são os de São Paulo.

SR. DIMAS TOLEDO: O senhor me perguntou quantos são.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Quantos, isso.

SR. DIMAS TOLEDO: De São Pulo... O senhor quer saber quem eu disse que eu conheço, não é isso?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Isso, quais que o senhor tem nos termos que o senhor usou lá, quais que o senhor tem algum relacionamento?

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Se tiver menos nomes de São Paulo é porque de fato a lista é falsa, hein!

[risos]

SR. DIMAS TOLEDO: Um, dois, três, quatro.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Quatro, de que partido são?--

SR. DIMAS TOLEDO: Deixa eu ver se tem mais gente aqui. O senhor já quer que eu decline nome? Partido?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Se possível, não há nada.

SR. DIMAS TOLEDO: Nós não falamos nome de ninguém até agora, sr. Deputado, o senhor acha que convém?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): O senhor vê alguma coisa escusa, algum relacionamento comprometedor.

SR. DIMAS TOLEDO: Declarei inclusive na Polícia Federal, os nomes estão na relação.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Os 32 estão na relação?

SR. DIMAS TOLEDO: Estão na relação.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Qual é o problema do senhor citar os quatro aqui?

SR. DIMAS TOLEDO: Não há a necessidade, se o senhor quer, tudo bem. Eu acho...

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Acho que não deveria expor os parlamentares.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Já há um depoimento feito, Deputado, na Polícia Federal, acho que isso atenderia.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Está muito bem, eu queria fazer uma última pergunta, na sua relação, consta um Deputado na sua relação de São Paulo com o nome de Antônio Carlos Mendes, o senhor conhece?

SR. DIMAS TOLEDO: Na minha relação?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Não é na sua relação, estou imaginando que o senhor, em nenhum momento reconheça que a relação seja sua, não é?

SR. DIMAS TOLEDO: Que eu conheça Antônio Carlos?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Não, na relação apresentada como sua, eu imagino, quando o senhor diz a minha relação não é uma relação elaborada pelo senhor.

SR. DIMAS TOLEDO: Sei.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Há um Deputado com o nome de Antônio Carlos Mendes, o senhor conhece? Já viu referência a esse Deputado?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, não conheço, nem sei quem é.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Consta aí da sua relação?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Não consta aí?

SR. DIMAS TOLEDO: Não estou vendo aqui, tem Antônio Carlos Pannunzio aqui. Aonde? Antônio Carlos Mendes, não conheço, não sei quem é.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Não conhece?

SR. DIMAS TOLEDO: Não.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Não conhece, o senhor não conhece. Ué, nem eu conheço porque eu imagino que seja referência do PSDB a mim, que sou Antônio Carlos Mendes Thame, conheço um grande advogado de São Paulo que chama-se Antônio Carlos Mendes, mas não é político. Eu imagino que não seja, portanto o senhor nunca ouviu falar em Antônio Carlos Mendes na sua vida?

SR. DIMAS TOLEDO: Não, infelizmente, mas gostaria de conhecê-lo até antes.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MENDES THAME (PSDB-SP): Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra, o Deputado Bolsonaro, dez minutos.

DEPUTADO JAIR BOLSONARO (PP-RJ): Sr. Presidente, primeiro agradecer a deferência, eu não sou integrante da CPI, mas eu não, eu estou tranqüilo e fico tranqüilo em falar que meu nome está nessa lista, apesar de ter sido um opositor ferrenho ao governo anterior. Até em 2000, eu acabei falando que o nosso querido Fernando Henrique Cardoso, talvez inspirado em seu avô, deveria ser fuzilado. Aconteceu, eu respondi a processo por causa disso aqui. E aqui a gente costuma dizer que nessa Casa aqui o governo não paga a conta adiantado de ninguém. Eu nunca votei com o Fernando Henrique, esperava que ia votar com o governo Lula, acabei não votando também nada. Mas primeiro, sr. Presidente, fazer uma correção sobre o Deputado Arthur Virgílio, que ele é uma pessoa do bem, meu colega de Câmara, que eu estimo. E como isso aqui está aí pelo Brasil afora, dizer que o episódio Newton Cruz, acusado de ter matado o jornalista Baumgart, em momento nenhum a defesa do general tentou desqualificar o seu acusador, o Polila, pela sua opção sexual. Sim, a defesa foi em cima do fato dele possuir, há mais de uma década, uma carteira de inválido, ele era interdito pela psiquiatria. E outro fato também, ilações nesse sentido, a partir do momento que ele foi submetido a todos os tribunais, inclusive o Tribunal de Júri e foi absolvido, nós, por questão de justiça, e pela nossa função aqui, não devemos citar mais este caso desta maneira como se o Newton Cruz fosse culpado por aquilo. Deputado Jereissati não estava aqui, não ouviu então o início aqui dos debates do caso do querido, meu prezado Senador Arthur Virgílio. Respondendo, Deputado Murad, quando ele fala em Justiça, a semana passada tivemos operação da Polícia Federal denominada cegonha, "Operação Cegonha", onde um dos detidos acabou aparecendo morto na cela da Polícia Federal e, no dia seguinte, o próprio policial federal declarou na mídia que não poderia, achou esquisito o suicídio dele porque ele, se ficasse em pé não conseguiria se enforcar. Agora, quando ele se refere, por exemplo, ao fato do jornalista Herzog, semelhantes, completamente semelhantes, ele foi assassinado pelos militares. Mas tudo bem. Sr. Presidente, o estrago já foi feito. Nós estamos aqui debatendo aqui, não sei o que estamos patinando. Eu sofri, Deputado Delcídio Amaral, eu admiro V.Exa.., conheço o seu povo, porque eu servi três anos em Nioaque, Mato Grosso do Sul, deixei excelentes amizades lá. Eu sofri em 2002. Aquelas listas na internet começaram nessa época. Este Deputado, durante a Copa do Mundo, não é, votaram para acabar com o décimo-terceiro, fundo de garantia, licença gestante e hora-extra. Não adiantava, não adiantava eu, na minha página da internet, responder a meus companheiros de caserna e civis também, que nenhum projeto foi votado naquele sentido porque o Projeto de Lei não podia mudar a Constituição. Mas o povo não dava bola para isso. Estava meu nome na lista. Não adiantava dizer até que muitos constitucionalistas diziam que o artigo sétimo da Constituição, onde estão capitulados os direitos, muitos acham que aquilo está nas cláusulas pétreas, só poderia ser mudado por uma nova Assembléia Nacional Constituinte, mas não adiantou isso daí. Eu tinha uma previsão de cento e quarenta mil votos, acabei tendo oitenta e nove mil votos no Rio de Janeiro. Militar ligava para mim e falava: "Eu não acredito nisso. Mas a minha empregada está aqui com a cópia da página da internet dizendo que você votou para isso daí". Não adiantava dizer que nenhum jornal do Brasil publicou aquilo. Nós pagamos um preço caríssimo. E o preço, prezado Senador, o teu partido ganhou aqui na Câmara. Acabou fazendo a maior bancada porque não votavam em mim, não votavam no PMDB, no PSDB, no PL, votavam no PT. "Agora é Lula!" Essa foi a máxima. Em cima de mentiras, lamentavelmente, como essa, o PT conseguiu a maior bancada. Eu não conheço, é difícil a gente falar que não conhece o sr. Dimas. Eu não me lembro de nunca ter apertado a tua mão nem nunca ter conversado com V.Sa., sei que V.Sa. tem parente em Rezende, onde a minha atual esposa é de lá, sei disso. Mas nunca tinha entrado em detalhes sobre a tua vida, até porque nós sabemos, prezado Dimas, quando alguém é indicado para uma Diretoria de uma

estatal por um partido político o preço é alto. Porque se paga com voto aqui, com o PP pagou alto, e vai pagar esse preço alto por ter votado pela reforma previdenciárias dos servidores públicos, porque se fez de aliados desde a primeira hora e o que vejo agora nessa lista? Na mesma época surge essa lista. Lamentavelmente, eu vejo meu nome lá com muita tristeza e nada eu fiz para merecer um centavo do governo Fernando Henrique Cardoso. Até no dia dois de janeiro, Deputado Eduardo Paes, de 2001, Fernando Henrique Cardoso, no "Bom dia Brasil", ocupou todo o "Bom dia Brasil" e falou que a Câmara devia dar um jeito em mim. Ou seja, claramente deu recado que podia ser cassado, por ter me inspirado em seu avô que pediu para fuzilar o D. Pedro, por ter falado que ele deveria ser fuzilado aqui no Brasil, pela sua conduta, pela maneira como ele privatizou muita coisa nesse país--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não era o meu avô, não.

DEPUTADO JAIR BOLSONARO (PP-RJ): Não, teu a avô era do bem. Então essa lista agora, até digo mais, né, dá tempo ainda. Eu acho que é para desmoralizar o Roberto Jefferson, por quê? Todo mundo conhece a voracidade do Roberto Jefferson. E ele está nessa pseudo lista recebendo menos do que todo mundo do PTB.

[risos]

DEPUTADO JAIR BOLSONARO (PP-RJ): Só setenta e cinco mil reais. Querem desmoralizar o Roberto Jefferson, com toda a certeza. Outra coisa, não adianta nós começarmos, Senador Delcídio, a desqualificar a lista, jamais, só se o prezado Dimas fosse um maluco para botar o nome do filho dele numa lista dessa. E sair com ela por aí, tentando chantagear alguém. Não adianta falar isso aí. O que vai lamentavelmente acontecer, é que essa lista, e a Polícia Federal, eu já sofri com a Polícia Federal quando era Capitão do Exército que as perícias do Exército deram um croquis que não era meu e a Polícia Federal disse que era meu. E uma nova perícia foi feita e usando os mesmos peritos, de uma perícia que o Exército havia dado, mas por pressão da época do Ministro do Exército na época, acabou dizendo que aquele croquis era meu. Eu já sofri com a Polícia Federal e sei que ela trabalha para o governo. Sei perfeitamente isso aí. Mas, dizer uma coisa, essas listas, essa lista, ela vai continuar caminhando, não interessa o que, a conclusão que nós viermos chegar aqui. Chega aqui o lobista, agora fala: "Eu estou arrependido, não é nada disso é uma chantagem". Não adianta, o tom que está ao conhecimento público, está na internet, até a FOLHA DE SÃO PAULO fez uma matéria importante nessa semana, dizendo que a internet pode não ganhar a eleição, mas parlamentar sem internet vai ser muito difícil ganhar a eleição. Então, nós sabemos o peso da internet. E o que pesa contra nós, qualquer coisa, se pintar uma relação, Deputado Eduardo Paes, de parlamentares *gays*, e o nosso nome tiver lá, vão acreditar nisso. Eu trabalho igual um desgraçado nessa Casa, não negócio meu voto com ninguém. Eu até digo que meu voto, e aquele outro negócio eu não negocio. Sou um maluco, seja quem for, não negocio. Meu partido é que me perturba quando voto contra lá, geralmente voto contra lá o que meu partido orienta, meu partido é da base do governo mas eu sou outra pessoa. Eu realmente faço com independência, com isenção aqui. Tenho conseguido evitar que meus colegas de caserna percam alguma coisa, com o apoio dos colegas aqui. Eu tenho uma credibilidade junto a meus companheiros quando falo alguma coisa em relação as Forças Armadas. Agora é triste a gente ser réu sem crime, Deputado Delcídio. Acho que nós aqui, pela nossa idade, devemos ter talvez levado uns tapas em nossos pais no passado, visando a nossa educação. E o tapa foi o que mais doeu, foi daquele que nós fomos acusados de não ter furtado aquela bala da dispensa. Aquele doeu. Os tapas para educar são bem-vindos. Então essas listas, o que vai acontecer? Eu entendo, Presidente, companheiro Serraglio, que vai ser a nossa desmoralização dessa Casa como um todo. Porque o que eu tenho ouvido dizer é que listas, igualzinha a de FURNAS, com todos, com a perícia, com o timbre de FURNAS etc. Vão aparecer com o nome de petistas, são tão falsas quanto essas. Mas essas listas vão rodar pela internet pelo Brasil todo. Listas, as mais variadas, vão aparecer, parlamentares que sofreram em 2002 não vão sofrer agora simplesmente dizendo que não receberam dinheiro de FURNAS. Então vai ser a nossa desmoralização o que está acontecendo.

[soa a campainha]

DEPUTADO JAIR BOLSONARO (PP-RJ): Vai ser a lista onde vai estar o Senador Delcídio recebendo de FURNAS, outros do PT recebendo dinheiro de FURNAS. Listas mentirosas, mas que vão pesar sobre nós. Até se prega até o voto nulo, dizendo que se 51% dos eleitores votarem nulo, a eleição vai ser anulada e aqueles que concorrerem a eleição não podem concorrer novamente. Não é verdade. Fiz uma consulta junto à assessoria da Câmara e nos respondeu que outra eleição terá sim, mas os candidatos que concorreram poderão concorrer de novo. Agora lamentavelmente, essa Casa aqui, eu acho que está fechando. Está fechando. Moralmente, nós estamos numa situação triste. E eu que já critiquei duramente, respondi oito processos de cassação aqui por falar. Por falar, Deputado Serraglio, por falar. Acho que eu posso falar a maior besteira do mundo no microfone

da Câmara e não posso ser processado por isso. Mas como as coisas vem acontecendo, como, pelo que tudo indica, no meu entender, tem dedo de petistas nessa história para tentar botar todo mundo no mesmo saco. Vai ser a desmoralização dessa Casa como um todo. Essa Casa está fechando, fechando. E até digo mais, se ela fosse no eixo Rio/São Paulo, talvez até organizassem um assalto a essa Casa. E nós, eu não vejo saída para isso, prezado Senador Delcídio Amaral. Eu não vejo saída para isso. Eu não estou mais preocupado com o meu nome nessa lista tendo recebido cinqüenta mil reais. Não estou preocupado com isso. A minha preocupação é com essa Casa e só Deus sabe o que vai acontecer. E acho que muita gente sabe o que se faz para implantar uma ditadura de verdade nesse país, de verdade nesse país. Não é de mentirinha que aconteceu com o Vargas ou durante o regime militar, de verdade. Porque esses, o núcleo duro que está por trás disso, se inspira em Cuba. E eu não tenho mais o que falar, prezado Senador. Apenas agradecer a oportunidade e dizer que não vejo saída para essa situação. Não vejo saída. Lamentavelmente. E, parece que todos nós sucumbiremos brevemente pelo total nojo que a população, lamentavelmente, vem dispensando a todos nós. E essas listas agora, de FURNAS, e outras com petistas de FURNAS, e de PETROBRAS, e de Deputados com opções sexuais e Deputados que devolveram, por exemplo, Senador Delcídio, me permite mais um minuto? O Deputado Vadão Gomes, do meu partido, que não posso criticar o PT, está acusado de ter recebido quatro milhões do "valerioduto". Acusado. E ele devolveu o dinheiro da sua, da convocação extraordinária agora. Está no site da GLOBO como Deputado ético. Porque devolveu o dinheiro. E eu estou na lista dos antiéticos porque não devolvi. Olha a que ponto nós chegamos. Não temos [inaudível] para mais nada. Olha a situação que a gente chega? É triste, é lamentável. Muito obrigado, Senador, obrigado, desculpem meus companheiros se eu falei algo que não deveria falar.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Questão de ordem, sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado, Deputado Bolsonaro. Agora, como último orador reinscrito, com dois minutos, Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Questão de ordem, sr. Presidente, artigo 65, parágrafo quarto e também o 14, parágrafo dois, que o representação partidária, que é o meu caso, que eu represento o PTC , em qualquer fase da sessão terá direito a cinco minutos se o senhor permitir, mas não preciso mais de três minutos.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Se somar o tempo que V.Exa. já falou já passou dos dez, dos quinze, dos vinte.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): É regimental. É regimental. Sr. Presidente, eu volto a repetir que estão voltando a falar sobre políticos de Minas Gerais retroagindo a 98, a lista inclusive de Senadores que não fazem parte do período de apuração dessa CPMI. É o caso, não vou falar o nome para não repetir esses nomes. Esta lista consta políticos idôneos, Deputados, volto a dizer, vou repetir, de Minas Gerais e do Brasil que não merecem o tratamento desta lista apócrifa. O fato determinado dessa CPMI está bem claro, "é Comissão Parlamentar Mista de Inquérito criado pelo requerimento número 3/2005 para investigar as causas e as conseqüências e denúncias de atos delituosos praticados por agentes públicos nos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE TELÉGRAFOS". Pois bem, sr. Presidente. Este fato desta lista não está dentro desta situação de que foi criado esta CPMI. Ela não tem este caso da lista de FURNAS não tem fato determinado, não tem nenhuma semelhança, não tem nada com isso. E aí, sr. Presidente, terminando, para não ultrapassar o prazo que V.Exa. me deu. Para esta CPMI, se for adentrar dentro dessa investigação que no final vai desaguar numa representação da Polícia Federal, que já está representada e, posteriormente, ao Ministério Público, que também já vai estar atuando, não vai adiantar nós perdermos tempo dentro dessa situação porque a Polícia Federal já está trabalhando e o Ministério Público trabalhando. E, além do mais, sr. Presidente, caro Relator, se essa CPMI quiser legitimidade e idoneidade, nós temos que dar como suspeito e impedidos os Deputados parlamentares que aparecem nessas listas e que estão fazendo parte dessa CPMI. Porque quem está sendo julgado não pode julgar. Aí, sr. Presidente, vem uma outra forma e eu encerro com a palavra e um pensamento de um Juiz norte-americano: "Eu prefiro mil vezes o incendiário que ateia fogo no meu celeiro à meia-noite do que uma língua malvada que trabalha contra a minha honra. Porque as perdas e os prejuízos do celeiro e do fogo mais dias, menos dias, eu vou recuperar. Agora, a língua malvada que atiraram contra a minha personalidade jamais conseguirei recuperar". E aí eu finalizo dizendo ao nobre depoente que eu não o conheço, não estou aqui para fazer a defesa, se essa CPMI terá que investigar esta

lista, igual foi proposto aqui, vai ter que ser aprovado aqui pelo Plenário dessa Casa. E V.Exa. inclusive, acho, no meu entendimento, não sou seu advogado, não tem a obrigação de assinar nenhum documento abrindo mão dos seus direitos fiscais, telefônicos, de correspondência nem nada porque isso é um direito constitucional. E se essa CPMI vier a apurar esse fato, aí sim, aprovado por esta, pela maioria do Colégio dessa CPMI, aí sim nós vamos fazer essa investigação. Mas primeiro nós temos que acertar com o Relator e com os membros dessa CPMI se nós vamos fazer e dar continuidade a essa investigação que vai desaguar na Polícia Federal e no Ministério Público que já está sendo feito. Muito obrigado, sr. Presidente.

SR. DIMAS TOLEDO: Deputado, eu não tenho oposição, por até uma orientação do meu advogado, da quebra do meu sigilo. Mas prefiro que seja feito por essa CPI, até para que tenha especificado o fato, objeto da investigação, que determina a medida e o período de sua abrangência--

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Muito obrigado, sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Uma vez, Deputado Carlos Willian, fechando essa, esse depoimento do, do sr. Dimas Toledo, eu quero só registrar aqui, rapidamente, eu continuo compactuando com o posicionamento do Deputado Osmar Serraglio como Relator, principalmente no que se refere a investigação de FURNAS. Repetindo, inclusive, o que o Deputado Abicalil aqui enfaticamente registrou. Acho que existe uma questão absolutamente fundamental que é a veracidade ou não de uma lista. Acho que esse é o ponto crucial. E, ao mesmo tempo, aquilo que efetivamente está sendo disponibilizado ou será disponibilizado a essa CPI até fruto de requerimentos apresentados e citados pela Senadora Ideli entre outros parlamentares também. Acho que esse é um instrumento que está associado com o trabalho que foi feito. Acho que, com relação ao posicionamento relativo a lista, nós, Deputado Serraglio e eu, nós vamos efetivamente, até em cima das teses que o Deputado José Eduardo Cardozo aqui apresentou, com relação a alguns depoimentos realizados em função dessa lista. Acho que é muito importante um posicionamento da Polícia Federal com relação a essa famosa lista. Isso é importante, até para deixar essas coisas muito claras e para que também a gente não fique tateando no escuro em cima de coisas que, muitas vezes, não tenham efetivamente validade. Eu acho que esse é o desafio. Eu quero deixar bem claro aqui, nós temos um prazo para concluir a CPI. Estamos perseguindo esse prazo que gira em torno de 15 a 20 de março, os relatórios, o relatório parcial, os relatórios estão sendo preparados pelas sub-relatorias e pelas auditorias. O prazo que foi dado é exatamente um prazo para possibilitar os parlamentares uma discussão franca, sincera do relatório, pedido de vistas, voto em separado, acho que esse é o objetivo. Nós temos uma, nós temos uma oportunidade ímpar de resgatar um dos instrumentos mais poderosos que o Congresso Nacional tem que é uma Comissão Parlamentar de Inquérito que, infelizmente, pelo menos as últimas, se desgastaram. Então o que se espera da CPI dos CORREIOS é que realmente nós apresentemos um relatório que não brigue com os fatos, um relatório isento, justo e onde essa CPI efetivamente assuma aquilo que efetivamente está comprovado, aquilo que efetivamente procede e tenha também a coragem de isentar pessoas que foram envolvidas ou que viram seus nomes listados ao longo desses escândalos e que nada têm a ver com muitas coisas que foram divulgadas. Acho que esse é o desafio. Na próxima semana eu quero registrar aqui que nós teremos uma reunião administrativa na terça-feira, às 15 horas e uma reunião onde o Deputado Osmar Serraglio está fazendo uma, verificando efetivamente aqueles requerimentos que ainda são importantes para a continuidade dos trabalhos e que não são muitos. É importante registrar que dos 1600, ou 17OO requerimentos, nós temos ainda, listados cerca de 15%, aproximadamente. E é exatamente como, Senador? 15 horas porque os parlamentares vão estar chegando, Senadora, possivelmente na terça-feira pela manhã.

[pronunciamento fora do microfone]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Mas aqui no Senado, a questão é a Câmara dos Deputados.

[pronunciamento fora do microfone]

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pela ordem, sr. Presidente, antes de V.Exa.., apenas brevemente tendo em vista até a legítima reconsideração no que se refere ao sigilo telefônico, bancário do depoente. A sub-relatoria de contratos apresentará esse requerimento na próxima reunião administrativa pedindo a quebra de sigilos com a devida fundamentação legal.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): E nada mais tendo a comentar, a sessão está encerrada, agradecendo a todos a presença.

Sessão encerrada a 0 hora e 20 minutos.

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA
DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS
DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN,
PARA INVESTIGAR AS CAUSAS
E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS
E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS
POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS
– EMPRESA BRASILEIRA
DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

Ata da 62ª Reunião, realizada em 21/02/2006.

Ao vigésimo primeiro dia do mês de fevereiro do ano de dois mil e seis, às quinze horas e trinta e dois minutos, na sala 02 da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Senador Delcídio Amaral e ainda com as presenças dos Senhores Senadores Álvaro Dias, Ideli Salvatti, Heloísa Helena, Aelton Freitas, Sibá Machado, Romeu Tuma, Valdir Raupp, Luiz Otávio, César Borges, Efraim Morais, Arthur Virgilio e Wellington Salgado e os Deputados Antônio Carlos Magalhães Neto, Carlos Abicalil, Osmar Serraglio, Eduardo Paes, Gustavo Fruet, Arnaldo Faria de Sá, Carlos Willian, Juíza Denise Frossard, Dr. Rosinha, Jamil Murad, José Eduardo Cardoso, Sílvio Torres, Antônio Carlos Pannunzio, Geraldo Thadeu, Ildeu Araújo, Asdrúbal Bentes, Murilo Zauith. Reúne-se a COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Havendo numero regimental, o Senhor presidente declara abertos os trabalhos e informa que a pauta da presente reunião destina-se à apreciação de Requerimentos, o Relator passa à leitura dos Requerimentos que serão apreciados. Pela ordem o Deputado Arnaldo Faria de Sá e o Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto sugerem a votação das quebras de sigilos. Pela ordem Deputado Carlos Willian, solicita retirada por consenso os requerimentos de Furnas, com a palavra o Deputado Pompeo de Mattos, Senador Álvaro Dias. Foram retirados os requerimentos: 1548, 1549, 1553, 1554, 1560. **Foram aprovados em votação simbólica os seguintes requerimentos: dos contratos: 1724, 1725, 1726, 1727 ,1728, 1729, 1730, 1731, 1732, 1773, 1774, 1775, 1776, *1799, 1809, 1810, 1811, 1812, 1813, 1818, dos fundos: 1528, 1542, 1564, *1748, 1799, 1801, 1802, 1815, 1817, (Carlos Willian 1748, 1749 , 1750, 1803 , 1804) 1781Visanet, 1820BB/Visanet, 1646.** Às dezesseis horas e cinqüenta e oito minutos é suspensa a reunião devendo retornar os trabalhos após a realização da Ordem do Dia no Senado. A reunião é reiniciada no dia seguinte às onze horas e trinta e um minutos e em seguida fica suspensa. Nada mais havendo a tratar, o Presidente agradece e às dezesseis horas e cinqüenta e dois minutos, encerra-se a presente reunião e, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente.

NOTA TAQUIGRÁFICA

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Com as bênçãos de Deus, havendo número regimental, declaro aberta a 62ª Reunião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada através do requerimento de nº 3 de 2005 no Congresso Nacional, para investigar as causas e conseqüências de denúncias de atos delituosos praticados por agentes públicos nos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS DE TELÉGRAFOS. A ata da reunião anterior encontra-se sobre a Mesa a qual coloco em votação propondo a dispensa da leitura. Os que aprovam permaneçam como estão. Aprovada. Esclareço que a pauta desta reunião destina-se a reunião administrativa. E eu quero passar a palavra ao Deputado Osmar Serraglio, aquilo que não depender de votação nominal, então eu pediria ao Relator Osmar Serraglio que já listasse para que nós simbolicamente votássemos. Com a palavra o Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, senhoras e senhores parlamentares, nós fizemos um... É bom a que gente esclareça, que nós fizemos uma pauta dos requerimentos em relação aos quais há uma certa concordância, inclusive, a premência de sua aprovação, tendo em vista a aproximação do término da nossa investigação, mas nós fizemos por assunto. Eu queria até saber como a gente poderia fazer para agilizar o fato de nós não termos... Eu sinalizei, a assessoria sinalizou aqueles que são de transferência de sigilo e não sinalizou exatamente aqueles que são de votação nominal.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Relator, o primeiro já é de quebra de sigilo, então, enquanto se vota o primeiro que é de quebra de sigilo, já vai se apurando o seguinte.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Se fosse assim, eu tenho a impressão que não vai ter quórum para votar agora já o nominal. Eu tenho receio de começar com a votação nominal...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu só pediria ao Deputado Osmar Serraglio que se limitasse àqueles que correspondem a votações simbólicas por uma razão: Nós não temos

quórum para votar as quebras de sigilo e o Senado está... A Ordem... Foi dada o início da Ordem do dia, agora.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Mas, Presidente, eu solicito a V.Exa. que, eventualmente, se nós não conseguirmos alcançar o quórum, que seja possível que V.Exa. suspenda a reunião para que cada um aqui desempenha a sua atividade, mas que nós retomemos um pouco mais tarde de quando todos estiverem liberados das suas obrigações em plenário porque realmente me preocupa muito se nós não votarmos algumas transferência de sigilo na dia de hoje, sob pena de não dar nem mais tempo dos dados chegarem aqui. Nós estamos a um mês da finalização da CPI praticamente e é fundamental que a gente aproveite o dia de hoje.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Se todas as lideranças estiverem de acordo, nós votaríamos aquilo que é votação simbólica--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Simbólica e consensual porque se tiver que ter votação de confronto aqui aí nós vamos ter que... Por exemplo, eu estou com dificuldade de trazer gente do plenário, o pessoal esta lá. Aliás, eu, como líder, já tinha que estar lá.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): A minha sugestão é que a votação simbólica, evidentemente, só vai se aplicar aos requerimentos consensuais. Com a palavra o Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, eu peço a atenção do plenário que tem a lista daqueles em relação ao quais nós concordamos e que me acompanhe pelo mapeamento. Eu vou anunciando aqueles que são simbólicos. Eu começo por 1711 a 1714, não são simbólicos. Portanto, vamos ao 1724, 1725, 1726, 1727, 1728, 1728, 1729, 1730, 1731, 1732. Na minha lista, uma observação, eu fui até o três e quatro. Eu recebi observações em relação ao 1733 e ao 1734. Com o indago do plenário, posso concluir na votação simbólica?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Até 32.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Deputado Osmar, V.Exa. poderia informar quem se opôs a essas duas convocações?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não está presente o Deputado Sílvio Torres... Porque se trata de reconvocação.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Vamos caminhar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Por favor, Deputado Osmar Serraglio.

DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu gostaria de dar uma explicação. Eu estava presente no depoimento lá de um funcionário dos CORREIOS e surgiram fatos novos. Foi quando o Deputado José Eduardo Cardozo aventou a possibilidade de convocar novamente porque, exatamente, vem desmentir as afirmativa do Sr. Hassan Gebrin no primeiro depoimento.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Prossigo, então, incluindo 1733, 1734. Depois, 1773, 1774, 1775, 1776.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): E o 1777?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não. Continuando, 1809.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Relator, então só para consignar. Por que não se vota a convocação do Ministro da Justiça?

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): [inaudível] Porque não tem... Nós vamos votar e...

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Deputado Osmar, V.Exa. pulou, por exemplo, o requerimento de número 1799.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Por isso que eu chamei a atenção, eu só estou arrolando os dos contratos. Depois, eu vou para os Fundos. Agora, só os contratos.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Porque V.Exa. não deixou isso muito claro.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Sr. Relator, Pela Ordem. O requerimento sobre o qual não há acordo é de minha autoria, de convocação do Sr. Ministro da Justiça. Se simplesmente, sumariamente se entende que não há acordo, então não dá para votar, nós tivemos um pedido para não votar também o 1733 e o 1734.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Por isso que eu solicitei naquela hora e ninguém se manifestou.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Eu gostaria de sugerir, se o Relator aceitar e o Deputado Pannunzio também, que nós tenhamos aqui todos um compromisso de, antes de votar as transferências de sigilo, votar esses requerimento de convocação que não tem consenso. Ou seja, não vamos deixar de votar hoje, só vamos deixar de votar agora.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Tudo bem, então do rol que eu elenquei, ficam suspensos o 1733 e 1734, e prossigo,

1809, 1810, 1811, 1812 e 1813. daí na seqüência, 1818. Com isso eu concluo dos contratos. Aí retomamos a lista em relação aos Fundos.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu quero colocar em votação os requerimentos.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Senador Delcídio, eu quero me opor. Eu acho que se é para a gente caminhar em uma linha de votar os requerimentos de convocação que tenham acordo, vamos votar todos juntos.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vamos lá. Fundos, 1528...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria só de fazer uma questionamento aos senhores parlamentares. Esses requerimentos que o Deputado Osmar Serraglio acaba de relatar há consenso?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Há.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Então, vamos lá. Fundos, 1528, 1542, 1548...

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Deputado Osmar, do 48 até...

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Até o 49.[risos]

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): V.Exa. pode excluir.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Como é que é?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): O 48 e o 49 não é preciso colocar para votar.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Então, anuncio a exclusão, a pedido...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): O 48 e o 49 é retirado da lista de requerimentos.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 53.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Mil?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 1553, 1554, 1560...

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Também não. V.Exa. pode tirar esses três.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Por que o ilustre parlamentar não me anunciou antes? 1553, 1554 e...

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): 60.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): E 60. Mantém o 1564.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Então, 1564.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Mas, por que estão retirando?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Porque ele é o Relator que propôs.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Eu explicaria. Nós apresentamos aqui uma série de nome de ex-dirigentes e dirigentes de Fundos de Pensão que, depois, no curso da investigação, se tornaram desnecessárias as vindas aqui. É por isso que a gente esta sugerindo a exclusão.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Eu só peço... Até para ficar... Não passar batido. Daqui apouco diz assim "colocou requerimento, firmou requerimento depois retira requerimento e não dá nenhuma explicação" fica um pouco curioso. Agora, dando uma explicação assim a gente compreende perfeitamente e faz necessário.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Prosseguindo, 1599...

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): 64 ficou...

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Ficou Incluído. O 1564, depois 1599, depois 1748.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Esse 99 tem quebra de sigilo. Esse 99 é quebra.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Deputado Osmar, eu acho que o Deputado Arnaldo está correto na interpretação. Agora, eu só queria chamar a atenção de V.Exa. porque V.Exa. disse publicamente que o Dr. Marcelo Sereno já está convocado CPMI e que, portanto, dependeria apenas do agendamento da presença dele.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu apenas solicito à assessoria que verifique porque eu realmente constatei hoje numa relação que eu dispunha o requerimento... Antes do número 500, lá em baixo, no início. A aprovação do Marcelo Sereno eu gostaria que fosse urgentemente informada à Mesa.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): E só para registrar que o 1746, que não tem acordo, que é o de convocação do Sr. Edmar Cid Ferreira, ficará para votação logo em seguida.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 1700 e... É quebra também.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): 1799.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 1799.

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Excelência havia afirmado sobre o 49, 50?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eles são quebra e eu pulei.

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Ah, ok.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Serão nominais. 1800, 1801, 1802, 1815.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Não, 15 não. Por que 15? Ah, é outra folha.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): O 1815 saiu fora naquela reunião lá de manhã.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Qual é o problema, Deputado Osmar? Eu queria justificar 1815 se for possível. Nós fizemos aqui o oitiva do Sr. Gildásio e do Sra. Fabiana. Nós vamos proceder a oitiva do Sr. Paulo Figueiredo cujo requerimento vai ser aprovado em seguida. Então, a idéia é que depois, como já existem opiniões completamente conflitantes, a gente possa promover essa acareação que, inclusive, seria a única acareação que a Sub-relatoria sugere como importante par elucidar problemas que aconteceram na fundação NÚCLEOS.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Você não pode falar em acareação enquanto um dos três que não foi convocado.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Mas, Deputado Arnaldo, nós convocaremos e marcaremos...

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu queria chamar a atenção para um detalhe muito importante. Nós estamos praticamente caminhando, talvez, a penúltima reunião administrativa. E penso eu que é uma obrigação minha chamar a atenção ao fato de que nós tínhamos certas obrigações que nós estamos procedendo e que elas não podem agora ficar na unanimidade. Gostaria que houvesse uma certa compreensão e concordância que só fosse aos casos extremos onde se evidenciasse situações inultrapassáveis em que nós dificultássemos. Nós vamos concluir a CPI sem certas linhas de investigação. 1815, estou concluindo se insistir...

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Eu faço... O Deputado Arnaldo já recebeu que o 1799-

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Está aprovado o 1799.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): --Ele vai ser votado antes, então não tem problema.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Exclui?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Não, pode... A sugestão que eu faço é incluir até porque há concordância do Deputado Arnaldo.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): O 1799 está sendo aprovado agora. Aprovado o 1799, depois pode aprovar o 1815.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Depois, pode aprovar o outro. É isso.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): O 1799 é uma quebra?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Já foi anunciado dentro dos consensuais que é a convocação do Sr. Paulo Figueiredo, depois de aprovar a convocação, pode aprovar a acareação que só será feita depois da convocação.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): O Neto entendeu o que eu falei.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 1817, embora aparente ser um problema de quebra, é o contrário, é a inversão, é o lacre. É a não utilização, então 1817. Isso em relação aos Fundos. Agora vamos em relação às furnas.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): O 15 ficou e o 17 ficou, é isso?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): O 15 ficou suspenso.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Não, não. Foi aprovado.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Aprovado? Vocês queriam que fosse aprovado depois da... Tá bom, 1815. A assessoria preste muito a atenção.

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Sr. Relator, Pela Ordem aqui. Eu peço a atenção de V.Exa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Pois não.

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): V.Exa. é uma mente muito ágil e eu não consigo acompanhar aqui na velocidade.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Só antes de V.Exa. se manifestar, eu queria confirmar, então 1815, e 1817.

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Nos requerimentos de 1760 até 1765, se trata de re-

quisição de informações. Se eu entendi, V.Exa. aprovou o de 1760.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 1760?

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): É. Correto? Informações da Procuraria Geral da República sobre investigações...

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não, ainda não. É agora que ele vai. Ainda não.

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Não foi ainda?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não.

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Nenhum desses, então? Tudo bem então.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Agora eu inicio o assunto furnas.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Pela Ordem, Sr. Presidente. Olha, eu já defendi essa idéia e inclusive depois, antes de votar os requerimentos sobre Fundos de Pensões, eu gostaria de clarear alguns requerimento que eu fiz e eu acho necessário entrar dentro dessa negociação. Só terminando...

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não há objeção, então não precisa nem ficar fundamentando.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Ok. É referente a furnas. A Polícia Federal já obteve da justiça a quebra do sigilo do Sr. Dimas Toledo. Furnas está sendo investigado pela Polícia Federal. Eu continuo defendendo a idéia de que nós não vamos ter tempo hábil e aqui também nós não vamos conseguir, Sr. Presidente, entrar em um bom senso, finalizando os trabalhos da CPMI em abrir uma nova etapa para fiscalização e para que nós possamos analisar furnas. Além do mais, Sr. Presidente, eu acho e entendo que não tem amparo legal porque a CPMI dos CORREIOS, ela foi proposta de acordo com o requerimento número três para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos CORREIOS. Inclusive, é de minha autoria o primeiro requerimento em relação a furnas, mas eu faço questão, Sr. Presidente, em não votá-lo. E nós já ouvimos aqui o Sr. Dimas Tadeu referente à lista. Então, eu acredito que todos os assuntos referentes à furnas, esta CPMI, além de não ter competência para poder investigar, ela não tem tempo hábil para isso. Portanto, se for por consenso, não tem o meu consenso para aprovar esses requerimentos referentes a furnas.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Se me permitir, Deputado Carlos Willian, é o seguinte. Existe alguns requerimentos relacionados a furnas que eles não são, eu até gostaria de anuncia-los, ainda que detalhadamente, eles não são relacionados a que nós investiguemos. O que nós estamos insistindo é colher das autoridades que receberam as denúncias que tipos de exame eles fizemos. Por exemplo, Polícia Federal, todos nos questionam por que nós não fazemos nada. Eu tenho dito que eu não faço nada porque até agora eu não tenho uma confirmação da Polícia Federal que aquela lista mereça fé. Então, o que eu estou fazendo? E nós conversamos isso várias vezes, eu acho até que em sessões precedentes. Nós queremos que a Polícia Federal, o Ministério Público, quem esteja investigando nos diga o que eles de fato têm. Então, são pedidos de informações que eles estão fazendo.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Presidente, eu acho que essa questão de furnas, só para fazer o contra-ponto, ainda que a CPI nós entre nas furnas, ela tem que ter uma leitura disso, até para não passar batido. Se não vai passar a impressão que a CPI investigava enquanto batia no PT e deixa de investigar quando não bate no PT. Passa-se essa impresso. Nenhuma é verdade e nenhum outro pode ser verdadeiro. Eu acho que é interessante o que diz o Deputado Osmar Serraglio exatamente em que busque esses dados, quer dizer, a Polícia Federal já tem algumas investigações? O que a polícia tem sobre isso? o que o Ministério Público tem? O que a corregedoria tem? Enfim. O que o Tribunal de Contas da União tem? Quer dizer, é importante buscar esses dados preliminares para ver se tem fundamento. Aí, a CPI vai fazer uma leitura se não a CPI passa batido e fica ruim.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pela Ordem, Sr. Presidente, dá para a gente continuar levantando o que é de consenso. O que não é de consenso já se levanta.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Osmar Serraglio, eu gostaria que V.Exa. objetivasse as votação para que nós encerremos...

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não é que eu não esteja objetivando. Eu estou apresentando.

[tumulto].

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu entendo que o encaminhamento dado... Aquilo que for consensual será votado simbolicamente, ponto.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Que fique muito claro também, eu venho chamado a atenção para isso, eu estou a uma reunião final e só votando consensuais, portanto eu vou ser obstruído em várias investigações que pode-

riam prosseguir. Então, eu registro. Tudo bem... Na medida em que eu não posso avançar em algumas investigações. 1668...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Meu querido Relator, predileto Relator Deputado Osmar Serraglio, onde estamos nessa discussão dos requerimento que, agora, eu confesso que estou meio perdido. Ah, grupo de furnas.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): É o que dá Presidente. Me obstruem aqui e eu acabo não terminando... Marcelo Sereno, foi aprovado o requerimento 310 de nove de agosto.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Muito obrigado, Deputado Osmar. Fica mais fácil agendar a vinda dele aqui.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A dificuldade, Sr. Presidente, que eu gostaria que fosse esclarecida, é que nós conversamos, conversamos, conversamos e, quando nós chegamos ao plenário, sempre tem alguém que objeta. E, evidentemente, termina criando um pouco de dificuldade. 1793 é uma quebra, 1814 é... 1800...

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): É quebra também, não pode. 1814 é quebra também.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Está fora também. Agora, vamos para Duda Mendonça.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Duda não pode.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Deixa eu ver se não são quebra. É quebra.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): 1572 é quebra. 17 é quebra também, 18 também é quebra.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 20 e 21 também. 20 e 21 e 816. Do Duda é tudo quebra. Vamos prosseguir. Agora, com a Receita Federal. Receita Federal, 1600...

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): É quebra. 1641 é quebra.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 1655 é quebra também, 56 é quebra também, e 57 é quebra também. BANCO POPULAR é quebra também. Minas Gerais, 1405 é quebra, 1696 é quebra, 1697 é quebra, 1779 é quebra também. Então, para o outro lado. FUNDACENTO, 1390 é quebra, 99 é quebra. Todos... quebra.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): 52 é quebra, 358 é quebra, 98 é quebra e 99 é quebra também.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): TELESP.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Quebra, quebra, quebra, tudo quebra também.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): VISANET 1781... 1781 da VISANET é oitiva. RURAL e BMG, 1722 são quebras.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Os dois são quebra.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 1397...

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): É o teu 20 que é convocação. 1820 é convocação.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 1820... Nesta lista não estava 1820 e observem que são os últimos que foram acrescentados-

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): É convocação.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): --o 1820 é de minha autuaria e eu esclareceu. Estou com a auditoria do que o BANCO DO BRASIL procedeu em relação ao fundo VISANET. E nós estamos chamando para prestar informações o Diretor de Varejo e o Diretor de Marketing sobre essa auditoria da VISANET, 1820 é especificamente sobre VISANET. Aqui ainda tem...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Osmar Serraglio, V.Exa. aqui sugeriu o requerimento e a Senadora Ideli está questionando, falando sobre os nomes e o período até para ficar uma coisa para clara para quem vai votar.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu solicito a cópia do requerimento que foi formulado, mas foram os diretores que assinaram a auditoria, especificamente, não é nem antes nem depois. É o Diretor de Varejo e de Marketing do BANCO DO BRASIL do período da auditoria.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Não são os auditores?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não. E dos auditores...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: [pronunciamento fora do microfone]

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Pois é, aí nós estamos pedindo a quebra do sigilo que está aí. Tudo bem. 1781 e 1820. Aqui, este do Deputado José Eduardo Cardozo também não está na lista porque foi na última hora, 1823. Sr. Presidente...

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): É aquele Juízo do Mato Grosso.

SENADOR ALVARO DIAS (PSDB-PR): Sr. Presidente, esse requerimento... Qual a razão da convocação deste Juiz que, depois, na semana passada, na comissão dos bingos, esteve uma tarde inteira na comissão dos bingos e a própria liderança do PT solicitou a interrupção da reunião.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Completamente... Aliás, fez um papel terrível, deplorável, nada a altura do Congresso Nacional.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Deputado Osmar Serraglio porque acho que há um equívoco aí no meio do caminho e se for... Aliás, eu entendo até que, em função do que aconteceu, isso deveria ter...

SENADOR ALVARO DIAS (PSDB-PR): O Senador Tião Viana chegou a pedir para encerrar a reunião no depoimento deste Juiz. Então, realmente não há nenhum razão para...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Então, por favor, esse requerimento está retirado. Retirado o requerimento.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): O último do IRB do Deputado Carlos Willian, 1646 que é para uma audiência pública. 1646... Aliás, nem está na lista aqui, Carlos Willian, o senhor aprovou isso não.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Está na lista sim.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Não está na lista não.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Foi retirado pela comissão.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Não foi retirado. Então, eu gostaria de recolocá-lo já que todo mundo tem ele aí em vista.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu só anuncio. Tenho a impressão que não há dificuldade, eu vou ler. É um convite da Sub-relatoria do IRB "solicito uma audiência pública, convidando o Sr. Presidente do IRB, o Sr. Presidente da SUSEP, o Sr. Presidenta FINASEP(F), o Sr. Presidente da FINACORE(F), um representante do Ministro da fazenda com via a se discutir o funcionamento das instituições ligadas a RESSEGUROS(F) DO BRASIL".

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): E por que não está na lista este requerimento?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Alguém tem problema? É uma audiência para formulação de normas. A rigor, deveria ser lá no Onyx. É só isso, Sr. Presidente, em relação aos...

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Pela Ordem, Sr. Presidente. Sr. Presidente, eu entrei em entendimento com o nobre Sub-Relator dos Fundos de Pensão e ele concordou que fosse incluído esses requerimentos que não são também votações nominais. É o 1748, 1749...

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): São quebras.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Não são não.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Não está aqui não.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): 1748. Está em todos.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Mas, eles estão em nossa lista.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Então, deixe-me ver. 1748... Porque não foi lido, 1749, 1750?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): É de quebra.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Qual que é de quebra?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Esses daí são de quebra.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Não são.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Lógico que são.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Qual que é de quebra?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Então lê o requerimento.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): "Cópia do inteiro teor do inquérito administrativo"...

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Então, é quebra.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Não. Inquérito administrativo não é quebra.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Mas, através do inquérito você vai ter acesso a dados sigilosos.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Tem que votar nominalmente esses três. Vamos votar o que a gente conhece o quórum lá.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Só que vão depender de votação...

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): 1803 e 1804?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): 1803 eu não coloquei e ninguém colocou porque trata de uma Estatal do Espírito

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): E ainda tem a Secretaria de Previdência Complementar.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Mas, é sobre serviço disponibilizado de energia elétrica do estado do Espírito Santos. E outro, também, a mesma coisa.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Sr. Presidente, deixa eu lhe dizer, deixa eu clarear isso, entrando em um entendimento com o Deputado ACM Neto.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, Pela Ordem. Eu acho que V.Exa. já podia votar já que está de acordo e depois discutir a questão do Carlos Willian.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu vou colocar em votação os requerimentos para depois responder aos questionamentos do Deputado Carlos Willian que, aí, o Relator Osmar Serraglio, de pronto, apresentará os argumentos. Eu gostaria de colocar em votação os requerimentos que o Deputado Osmar Serraglio...

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Pela Ordem, Sr. Presidente. Antes de colocar em votação os requerimento, eu quero fazer uma ponderação. Sem contar que os requerimentos de convocação, só nos requerimento de informações referentes ao caso furnas, eu tenho do 1760 ao 1765. São requerimento de informações junto a Procuradoria Geral República, junto a Corregedoria Geral da República, junto ao Departamento de Polícia Federal, ou seja, é coisa tranqüila. E aqui eu indago à V.Exa., ao Sr. Relator por que razão esses requerimentos não podem ser considerados consensuados?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): É um problema de discussão jurídica.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Não tem acordo.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não diria que é investigar ou não investigar. Aqui, a interpretação que está sendo dada é que são quebras e V.Exa. está sustentando que não é. Eles estão num consenso, só que é votação nominal.

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Teria que votar um a um desses aqui porque isso não é quebra, não é trazer ninguém aqui.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu colocarei em votação agora, única e exclusivamente, os requerimentos que o Deputado Osmar Serraglio acabou de enumerar de uma forma transparente, lúcida. Eu vou colocar em votação esses requerimentos. Quem estiver de acordo, os parlamentares que estiverem de acordo... O Deputado José Cardozo que apresentou sobre o requerimento do Juiz.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Não, não.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): De Autoria de V.Exa.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu estou investigando a autuaria da autuaria desse requerimento porque eu não coloquei como ele está.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Não é o requerimento de V.Exa?

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Pode ter até assinado, mas não foi o requerimento da Sub-relatoria...

[tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Deputado José Cardozo para nós votarmos os requerimentos.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Agradeço, Sr. Presidente. É apenas um apelo que eu faço que foram excluídos da convocação, particularmente, um requerimento que é o requerimento 1734 que, evidente, que se não houver consenso, eu não vou insistir porque... 1734... O Sr. Hassan Gebrin. Nós, nesta sessão, estamos pedindo uma nova convocação Sr. Hassan Gebrin e estou pedindo a quebra do sigilo, da transferência do sigilo. Se necessário for, eu posso perfeitamente expor aos senhores deputados, parlamentares o porquê disso. Na verdade, são três situações novas que pareceram. A primeira delas, uma situação relativa a uma acusação frontal contra o Diretor de Operações na época o Sr. Carlos augusto de Lima Sena, que existe uma acusação de ter recebido vinte mil dólares diretamente de uma das empresas do CORREIO AÉREO NOTURNO. Os indicadores que estão colocados não desautorizam, *a priori*, dizer que isso é uma leviandade. Portanto, tratando-se de uma diretor da época do Sr. Hassan Gebrin e por outras características de contratos assinados pelo presidente dos CORREIOS, torna-se imprescindível a quebra do sigilo e uma nova convocação dele. Além disso, nós temos o caso da POLITEC que sugeriram fatos novos que exigem uma ampliação da investigação. E, em terceiro lugar, uma outra empresa que apareceu agora, a BLOKWALT(F), colocou uma série de acusações frontais com uma certa dose de consistência. Essa é a razão pela qual, Sr. Presidente, Sub-relatoria, sem qualquer outra razão, pediu a convocação do Sr. Hassan Gebrin, do Sr. Egídio(F) Brianque(F) no 1734 e 1733, mas só a transferência do sigilo do senhor Hassan Gebrin que obviamente está colocado em um plano de certos indícios que exige um aprofundamento da investigação.

Então, faço um apelo, Sr. Deputado Pannunzio, se nós poderíamos votar essas duas situações.

ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Eu queria, Sr. Presidente... Me permita para estabelecer o contraditório. Eu não tenho nada contra a convocação do Sr. Gebrin, mas entendo que o Mauro Dutra da NOVADATA tem até hoje não...

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Ele já veio depor. Prestou depoimento na minha Sub-relatoria. Já prestou depoimento, um longo depoimento...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria de ponderar com V.Exas.

[tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Pannunzio, eu quero colocar em votação aqueles de consenso. E aqueles em que não há consenso nós votaremos em função do que acordamos aqui posteriormente até em função... A sugestão é fazer essa votação após a ordem do dia do Senado Federal dentro daquilo que combinamos. E V.Exa. chegou um pouco depois.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu estava exatamente fazendo um levantamento, Sr. Presidente. Eu não imaginei que não houvesse consenso nessa questão.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): E aquilo que...

[tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Mas, pelas informações, não há consenso e aí nós votaremos...

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu apenas pergunto se não há consenso mesmo.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Quem que se opõe?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): O Deputado Pannunzio não está colocando claramente que...

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Eu estou colocando claramente que, para acordar com esses, eu vou querer alguns outros. Eu posso, se for, e há concordância de V.Exa., poderemos depois na seqüência dessa etapa da reunião discutirmos esses e outros aspectos.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Vamos discutir o conjunto. Quero discutir o conjunto com V.Exa. V.Exa. e quem mais quiser.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Eu temo, Sr. Presidente...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu sugiro Deputado José Eduardo Cardozo... Eu vou colocar em votação aqueles requerimentos consensuais. Os parlamentares que estiverem de acordo permaneçam como estão. Aprovado os requerimentos. Nós vamos **suspender** a sessão por causa da ordem do dia no Senado e depois votaremos os demais requerimentos.

[por orientação do Sr. José Roberto A. Cruz, onde se lê "suspender" leia-se "encerrar". Portanto, sessão encerrada às 16h59.

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

Ata da 63ª Reunião, realizada em 15/03/2006.

Aos quinze dia do mês de março do ano de dois mil e seis, às dez horas e quarenta e sete minutos, na sala 02 da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Senador Delcídio Amaral e ainda com as presenças dos Senhores Senadores Heráclito Fortes, César Borges, Sérgio Guerra, Álvaro Dias, Ideli Salvatti, Aelton Freitas, Sibá Machado, Luiz Otávio, Valdir Raupp, Gilvam Borges, Jefferson Peres, Heloísa Helena, Efraim Morais, Romeu Tuma, Arthur Virgilio, Fátima Cleide, Ana Júlia Carepa, Garibaldi Alves Filho, Wellington Salgado e Sérgio Zambiase e os Deputados Carlos Abicalil, Jorge Bittar, Maurício Rands, Asdrúbal Bentes, Osmar Serraglio, Carlos Willian, Antônio Carlos Magalhães Neto, Onyx Lorenzoni, Eduardo Paes, Gustavo Fruet, Nelson Meurer, Arnaldo Faria de Sá, Inaldo Leitão, Juíza Denise Frossard, José Eduardo Cardoso, Jamil Murad, Murilo Zauith, Sílvio Torres, Antônio Carlos Pannunzio, Ildeu Araújo, Medeiros, Geraldo Thadeu e Dr. Rosinha e os parlamentares não membros Deputado Mauricio Quintella Leme, Deputado Colbert Martins, Senador Eduardo Suplicy, Deputado José Rocha, Deputado Mauro Nogueira e Deputado Vicente Chelotti, reúne-se a COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Havendo número regimental, o Senhor presidente declara abertos os trabalhos. A ata da reunião anterior está sobre a mesa e é colocada em votação, aprovada. O presidente informa que

a presente reunião destina-se a oitiva do senhor José Eduardo Cavalcanti de Mendonça. Pela ordem Senadora Heloísa Helena, Deputada Juíza Denise Frossard, Senador Álvaro Dias, Deputado Eduardo Paes, Senadora Ideli Salvatti, Senador Romeu Tuma, Deputado Carlos Willian, Deputado Faria de Sá, Deputado ACM Neto. O presidente declara que a sessão será em caráter fechado. Questão de ordem dos Deputados Eduardo Paes, ACM Neto, Gustavo Fruet e Senadora Heloísa Helena. O presidente informa que vai colocar em votação duas propostas para o andamento da sessão. Primeira proposta: Inicia-se a sessão em caráter aberto até certo momento e posteriormente torna-se de caráter fechado aos quatro parlamentares que já tiveram acesso aos documentos das autoridades norte-americanas. Segunda proposta: Inicia-se a sessão em caráter aberto até certo momento e posteriormente torna-se de caráter fechado a todos os parlamentares. O presidente coloca em votação as propostas. A primeira proposta recebeu dezessete votos e a segunda proposta recebeu nove votos, tornando-se portanto, vitoriosa a proposta de número um. O presidente convida o senhor José Eduardo Cavalcanti de Mendonça para compor a mesa, o mesmo vem acompanhado de seus advogados Frederico Crissiúma Figueiredo OAB/SP 182310 e Tales Castelo Branco OAB/SP 15318. O presidente comunica que recebeu um Habeas Corpus onde o depoente está respaldado, deste modo, não precisando responder as perguntas. A palavra é passada ao depoente que faz uma breve explanação. Pela ordem, Deputado Onyx Lorenzoni. A palavra é passada ao sub-relator que indaga algumas questões ao depoente. Questão de ordem do Deputado ACM Neto e da Senadora Heloísa Helena. Pela ordem de inscrição a palavra é passada à Senadora Heloísa Helena, Deputado Maurício Rands. Questão de ordem da Deputada Juíza Denise Frossard. O presidente passa a palavra ao relator que faz uma observação. A palavra é passada, pela ordem de inscrição, Deputado Onyx Lorenzoni, Deputado Carlos William, Deputado Gustavo Fruet, Senador Jefferson Peres, Deputado José Eduardo Cardoso, Senadora Heloísa Helena, Senador Álvaro Dias, Deputado Arnaldo Faria de Sá, Deputado Silvio Torres, Senador Wellington Salgado, Deputado Inaldo Leitão, Deputado Eduardo Paes e reinscrita Senadora Heloísa Helena. A palavra é passada ao relator que faz algumas considerações. O presidente suspende o depoimento em caráter aberto às dezesseis horas e seis minutos. Assim sendo, a reunião passa a ser em caráter secreto a partir desse horário. Nada mais havendo a tratar o Presidente agradece e às dezesseis horas e seis minutos do dia quinze de março de 2006, encerra-se a reunião em caráter aberto e, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente.

NOTA TAQUIGRÁFICA

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com as bênçãos de Deus, havendo número regimental declaro aberta a 63ª. reunião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada através de Requerimento de nº. 3 de 2005 do Congresso Nacional para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. As Atas das reuniões anteriores encontram-se sobre a Mesa, a qual coloco em votação, propondo a dispensa da leitura. Os que a aprovam permaneçam como estão. Aprovado.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Só para um questionamento, Presidente. Durante esses dias nós acabamos tomando conhecimento pela imprensa, e aí não foi pela Sub-Relatoria de vazamento ou assuntos diversos, de que estava estabelecido que essa Sessão seria uma Sessão secreta. Então, como eu tenho uma posição completamente distinta e divergente desse procedimento-- Eu sei, algumas pessoas com as quais eu conversei, o Senador Jefferson, A Deputada Denise, O Deputado Eduardo, Deputado César Borges, não sei os outros, mas não tem nenhum problema de-- Eu até respeito muito. Não se trata de ser portadora do sofrimento de claustrofobia, ou nem claustrofobia nem gostar desses ambientes que depois ficam esperando lá a fumaça branca ou cinza. Não se trata disso. Eu acho que é essencial para o procedimento investigatório que nós possamos fazer a Sessão aberta. Até porque existem dados que certamente, ao serem trabalhados, existem dados que estão sendo trabalhados no caso do publicitário Duda Mendonça, que tem uma característica de tão secreto, tão secreto, que até os Senadores e os Deputados, em sua maioria, não poderão ter acesso a eles em função do acordo que foi feito com a justiça americana. Então, o que o é objeto de investigação? Eu não tenho dúvida que não é apenas o que o está protegido sob sigilo. O Sr. Duda Mendonça já vem com habeas-corpus. Então, certamente esperamos que seja producente a investigação, mas, talvez, não tenha muita capacidade

de fazê-lo. Então, nesse sentido eu proponho a V.Exª. Primeiro questiono se isso já foi definido. Por que eu não vi nenhuma declaração pública de V.Exª., nem do Relator. Então, primeiro isso. Para ver se existe essa proposição, quem fez essa proposição que estava todo o tempo sendo apresentada na mídia como se fosse um fato, acordo não sei de quem nós não participamos e todas as explicações relacionadas ao procedimento dessa audiência do Sr. Duda Mendonça.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputada Juíza Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Há uma preocupação realmente porque há um acordo de mútua assistência com os Estados Unidos e que deve ser cumprido. Agora, eu indago de V.Exª., já sei que é essa a proposta porque tem parte dos dados que estão protegidos pelo sigilo americano e nós nos comprometemos, a nós foi transferido o sigilo. Então nós não podemos abrir sob pena de cometermos um crime. É isso em última análise. Vamos todos para o banco dos réus.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Então, além dos três irão também, porque se se comprometeram só para três, então se vai além dos três, então aí como é que vai ficar a definição disso Juíza Denise Frossard?

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Só complementar. Não. O sigilo, ele não é compromisso. O sigilo, ele existe e foi transferido.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Para três. Só isso. Não foi para Comissão.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, talvez eu possa...

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Espera aí. Deixa eu-- Posso completar?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Completando, Deputada Juíza Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Se o Presidente transfere a nós porque somos Deputados e ele não pode impedir que a gente tenha acesso, nós, tacitamente, nos comprometemos. Agora, minha pergunta não é essa, Sr. Presidente. A minha pergunta é se há possibilidade, e aí eu já coloco a questão, de nós fazermos a Sessão aberta acerca dos dados que não são sigilosos e aqueles que forem sigilosos nós nos comprometemos aqui como responsáveis que somos, Deputados, Congresso Nacional, a não perguntarmos sobre esses dados porque eles estão amparados pelo sigilo, goste ou não goste. A gente tem que quebrar o sigilo. A gente não pode espontaneamente dizer que não tem sigilo, porque tem sigilo. Agora, imposto por lei e pela justiça americana e a justiça brasileira. De modo que eu indago a V.Exª. se é possível a gente separar. Faríamos a primeira parte aberta porque quanto menos fechar, melhor, eu sei que essa é a sua opinião também, mas tem alguns problemas que impedem, se poderíamos fazer essa primeira parte aberta, nos comprometeríamos a não fazer qualquer pergunta quanto à parte sigilosa e depois, sim, fecharíamos a Sessão para que fosse cumprida a parte sigilosa. Muito obrigado, Sr. Presidente.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado. Pela ordem Senador Álvaro Dias.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Sr. Presidente, o Sr. Duda Mendonça prestou depoimento à Polícia Federal e não disse nada. E era uma Sessão fechada. Por isso ele foi indiciado. Foi indiciado, não pelo que disse. Foi indiciado por não dizer. Não tem sentido essa CPI realizar uma Sessão inteiramente fechada. Tem sentido, sim, a proposta da Deputada Juíza Denise Frossard. Nós realizamos a Sessão aberta, e se ao final, não ficarmos satisfeitos com o depoimento de Duda Mendonça, transformamos a Sessão em sigilosa. Aí sim, para que os quatro Parlamentares detentores das informações sigilosas possam utilizá-las no período de Sessão fechada. Eu creio que uma CPI não tem sentido se ela não propõe transparência. CPI existe para mostrar e não para esconder. Nós não podemos compactuar com a tentativa daqueles que querem esconder os fatos a pretexto de alguns dados sigilosos, realizar uma Sessão inteira sigilosa. É compactuar, inclusive, com decisões do Supremo Tribunal Federal que condenamos ao conceder habeas-corpus para que Depoentes permaneçam calados. Ao contrário de compactuarmos, devemos reagir.

Portanto, Sr. Presidente, é um apelo que formulo e certamente aqui a maioria é favorável a que se realize a Sessão aberta, até em respeito a aqueles que contribuem para que as investigações obtenham sucesso e não se decepcione a sociedade brasileira. A imprensa tem contribuído extraordinariamente com as investigações, e obviamente, tem o direito de acompanhar o desempenho do Sr. Duda Mendonça, pelo menos numa primeira parte do seu depoimento. Eu não acredito que ele venha aqui para dizer. Se viesse aqui para dizer não buscaria a proteção do habeas-corpus. Mas de qualquer forma temos que dar a oportunidade a ele de dizer, não apenas a essa Comissão, mas ao país. Portanto, Sr. Presidente, é nosso dever sim, realizar Sessão aberta e ao final, é evidente, para que os

dados sigilosos sejam utilizados, admita-se a Sessão sigilosa em parte.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Presidente. Pela ordem, Presidente. Só eu gostaria de solicitar, até porque outros Parlamentares fizeram, que os Deputados que tiveram acesso aos dados e que, portanto, trouxeram para si o chamado segredo, embora haja muita polêmica sobre o que é significado de segredo de justiça naquilo que significa crime, mas é uma outra polêmica, mas que pudéssemos ouvir os Parlamentares, até para ver o volume das informações, o tempo que seria necessário para a gente definir. Porque o problema é que o caráter do sigiloso acabará sendo dado de fato pelo conhecimento que só os Parlamentares que tiveram acesso aos dados puderam fazer. Então, talvez, se o Deputado Eduardo, que disse que poderia contribuir com o debate, pudesse fazer uma exposição também, facilitaria.

DEPUTADO EDUARDO PAES(PSDB-RJ): Sr. Presidente, pela ordem.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem Deputado Eduardo Paes e depois Senador Tuma e depois Senadora Ideli.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Talvez fosse interessante que nós prestássemos alguns esclarecimentos acerca desse acordo feito com as autoridades americanas. De fato, quando eu, o Deputado Osmar Serraglio e o Deputado Maurício Rands estivemos nos Estados Unidos, houve o entendimento e isso foi solicitado pelo promotor do Estado de Nova Iorque e também pelo COAF americano, que é o FINSEN, de que nós só poderíamos ter acesso a essas contas, que haveria uma necessidade, por parte da promotoria distrital de Nova Iorque, solicitar isso à Côrte Americana, se nós pudéssemos dar a garantia de que esse acesso seria restrito e cercado de cuidados.

Esses apelos foram feitos, nessa reunião, e logo que retornamos ao Brasil, aliás, na noite que retornamos ao Brasil houve uma informação do promotor de Estado de Nova Iorque de que haveria disposição deles em abrir as contas, ao acesso as contas que já estavam no Brasil aos membros da CPI, desde que nós limitássemos o acesso, desde que nós estabelecêssemos uma série de regras que evitassem vazamentos, principalmente daquilo que não tivesse relação nenhuma com o objeto da investigação. Dessa forma, nós, ao longo de duas semanas, e eu tratei dessa questão pessoalmente, V.Exª. sabe disso, Sr. Presidente, trocando inclusive, uma série de e-mails com a promotoria distrital de Nova Iorque, nós assumimos uma série de compromissos. E esses compromissos, e é importante que os demais membros da CPI saibam, se não fossem assumidos, nós não teríamos tido acesso às contas. Eles foram muito enfáticos em dizer que haveria a necessidade de se limitar esse acesso. Eu, inclusive, sugeri naquele momento que esse acesso fosse restrito ao Presidente e ao Relator da Comissão, o Presidente entendeu que os dois Relatores adjuntos também deveriam--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: V.Exª. permite um aparte?

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Só para concluir, Senador. Talvez esclareça. Deveriam constar desse acesso, essa foi uma decisão do Presidente. Portanto, o Presidente assinou uma resolução que foi encaminhada à promotoria distrital de Nova Iorque e essa resolução, basicamente, trata de três pontos. Primeiro. Define os Parlamentares que teriam acesso a essas contas. Segundo, estabelece uma série de regras para esse acesso. Por exemplo, os Parlamentares teriam que acessar essas contas aonde elas estavam: No DRCI ou no Ministério Público. E o terceiro e mais importante ponto e que me parece não estar claro para os demais Parlamentares dessa CPI e não está claro para a própria imprensa, para a imprensa e para a opinião pública, é o seguinte, Senador Jefferson Peres:

O acordo feito diz que todos aqueles elementos que constam dessas contas e que não tenham relação direta com o objeto da investigação não podem, em hipótese nenhuma, ser divulgados ou sequer constar do relatório final. É óbvio, é a proteção do sigilo, por exemplo, de pessoas que tenham negociado com algumas daquelas contas e que não tem nada a ver com a investigação que essa Comissão Parlamentar de Inquérito faz. É um cidadão americano que, por acaso, manteve uma relação bancária com uma daquelas contas e que não tem nada a ver com essa investigação. E óbvio que o sigilo desse cidadão deve ser protegido.

Agora, ficou muito claro também, inclusive isso consta da resolução assinada pelo Presidente no seu último item, de que tudo aquilo que tiver relação com o objeto da investigação, poderá constar do relatório final, ou seja, as informações relevantes para o processo investigatório que tenham relação vão estar abertas para o relatório final e poderão, em estando no relatório final, ser tornadas públicas. Agora, o que se passa nesse momento e aí eu quero já fazer aqui a proposta. Como nós ainda temos dúvidas sobre aquilo que tem relação com o objeto da investigação e por isso estamos aqui numa oitiva, por isso vamos argüir o Sr. Duda Mendonça, me parece que é prudente, até para que as relações entre as autoridades brasileiras e

americanas do futuro possam caminhar, que na parte em que nós tratarmos aqui das contas, especificamente, desse acesso que nós tivermos, até que nós tenhamos certeza de que há relação com o objeto, que esse trecho nós possamos fazer de forma sigilosa.

Agora, não me parece aceitável, cabível, concebível, que, por exemplo, as perguntas que a Senadora Heloísa Helena tenha a fazer ao Sr. Duda Mendonça, e ela não teve acesso a essas contas, tenham que ser sigilosas, porque ela não vai dizer nada aqui que seja sigiloso. Portanto eu faria, na linha que disse o Senador Álvaro Dias, na linha do que disse a Deputada Denise Frossard, eu faria uma primeira parte aberta com os Senhores Parlamentares podendo agüir livremente, e naquele momento em que nós formos tratar daquilo de que nós ainda não temos convicção, quando tivermos convicção, será tornado público no relatório, foi esse o entendimento. Aquilo que nós não tivermos convicção ainda, mas que nós tivemos acesso às informações pelo sigilo fornecido pelas autoridades americanas, aí sim, nós faríamos sigiloso.

Eu acho que, Sr. Presidente, isso é fundamental para a compreensão do acordo feito. Não há o menor problema. O Relator pode confirmar e o Deputado Maurício Rands também, por parte das autoridades americanas, repito, que aquilo que for objeto da investigação dessa CPI consta do relatório final, porque senão não seria nem interessante ou não serviria de nada ter acesso a essas contas se nós não pudéssemos, naquilo que a gente puder comprovar e dizer: Olha, tem que se investigar isso, tem que se avançar nessa investigação ou isso prova a culpa do Sr. Duda Mendonça. Portanto, Sr. Presidente, é essa sugestão que fica, que deixaria. Acho que nós podemos fazer um aparte aberto em que todos os Parlamentares devem ter questionamentos ao Sr. Duda Mendonça. Eu tenho questionamentos que não dizem respeito a acesso especial que nós tivemos por decisão de V.Exª., por parte desse acordo e uma outra parte em que isso que nós não temos convicção ainda, que de fato tem a ver com o objeto, nós faremos sigiloso.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem o Senador Tuma.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente, eu troquei, inverti com o Senador Tuma tendo em vista que eu sou Relatora na CCJ, estão me chamando, me intimando para relatar processos.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Perfeito, Senadora Ideli. Com a palavra a Senadora Ideli Salvatti.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Eu queria fazer uma ponderação que tive a oportunidade de fazer no plenário do Senado, na tarde de ontem, e fiz reflexão com a imprensa também. O que o nós vamos realizar hoje aqui poderá, dependendo de como for conduzido e do resultado do procedimento adotado nesta CPI, nós estamos correndo o risco de enterrar definitivamente a possibilidade de repasse de dados compartilhados entre as autoridades americanas e as autoridades brasileiras. Eu quero dizer isso porque tenho acúmulo vivenciado de duas CPIs que tiveram necessidade de compartilhar dados internacionais a partir dos acordos estabelecidos entre o Governo brasileiro e o Governo americano.

Todos sabem o quanto foi difícil convencer as autoridades americanas, depois dos vazamentos feitos na CPI do BANESTADO, em conceder este compartilhamento. Tanto que os Parlamentares que lá estiveram, salvo engano, foram filmados, fotografados, entende? Tiveram que assinar compromisso e conforme diz o Deputado Eduardo Paes, só teve o repasse das informações com os compromissos, porque senão não teríamos acesso. Não teríamos acesso. Como este compartilhamento, quem tem experiência acumulada também sabe, que não se esgota nestes primeiros dados fornecidos, porque contas no exterior são várias camadas, entende? Você abre o sigilo de uma, aí tem a decorrência dos depósitos em outra que tem que ir, tem que ir descamando, tem que ir descamando. Portanto, nós estamos no primeiro passo da quebra destes sigilos e vamos depender, para ter qualquer tipo de sucesso na investigação, que eu acho até que a CPI nem vai ter tempo de concluir, mas que, depois isso será repassado ao Ministério Público para dar continuidade, se nós pudermos ter a garantia de que as próximas camadas serão fornecidas, serão compartilhadas com as autoridades brasileiras.

Então, eu tenho o entendimento assim. Eu falei com a imprensa. Do meu ponto de vista, a discussão não deveria nem se é, claro, na hora que entram os dados, não é? Porque, obviamente, tem uma série de outras perguntas que podem ser feitas que não incidem sobre esta questão dos sigilos compromissados e não serem divulgados com as autoridades americanas. Agora, naquilo que diz respeito aos dados fornecidos em compromisso restrito e com todos os cuidados para que não tivesse vazamento, esta Sessão não devia ser nem reservada. Ela devia ser, do meu ponto de vista, restrito aos únicos Parlamentares que foram autorizados a receber os documentos, que são os quatro. O Presidente, o Relator e os dois Relatores Adjuntos. Porque eu quero entender o que é que vai acontecer? Vão ser perguntadas coisas com base nos dados que

só os quatro acessaram. Ao fazer as perguntas, todos nós, que vamos estar aqui, mesmo reservadamente, vamos estar ouvindo, vamos estar sabendo e aí que restrição tem isto? Qual é a garantia da restrição, efetivamente? Com quatro já tem reportagem nos jornais vazados já há dois dias. Com quatro. Com quatro já tem. Com quatro já tem.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Todas pela Polícia Federal.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Então, Sr. Presidente, eu não posso deixar de fazer estas ponderações e dizer que me preocupa muito, muito, muito. Até porque agora é o seguinte. Tem vazamento. Tinha quatro Parlamentares e eu estou falando de vazamento, já tem aqui insinuações de que podem ter sido por outras fontes, A, B ou C. Depois da Sessão com todos participando, aí eu quero ver quem é que vai se responsabilizar? Quem é que vai se responsabilizar? Porque, efetivamente, se vazar de novo, se vazar de novo nós poderemos estar encerrando definitivamente.

E eu quero dizer que é muito importante para as autoridades brasileiras poder compartilhar. Porque hoje nós estamos aqui numa investigação que tem a ver, entende? Que tem até um caráter, um viés político. Pode ter gente muito interessada em aproveitar este momento para fazer o embate, para fazer o combate, etc. e tal, mas isso é uma questão de Estado. Isto é uma questão de Estado. E nós poderemos ter necessidades, em momentos seguintes, em outro tipo de situação que nem tem viés, muitas vezes, partidário, como por exemplo, investigação de narcotráfico, investigação de crime organizado, de quadrilhas internacionais, aonde seja necessário compartilhar os dados e aí nós poderemos ter perdido esta oportunidade que o acordo nos dá de acessar os dados. Por isso, Sr. Presidente, eu não poderia deixar aqui de fazer estas ponderações e a minha convicção que dado restrito é dado restrito. Se foi autorizado ser repassado exclusivamente a quatro Parlamentares, eu tenho o entendimento que isso deveria ser respeitado e a gente não deveria ter ampliação de compartilhamento com mais Parlamentares.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Senador Tuma.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Sr. Presidente, Srs. Senadores e Senadoras. Presidente, eu raramente faço uso da palavra nesta Comissão, mas me vi na obrigação de fazê-lo até porque, já o Deputado Eduardo Paes fez alguns esclarecimentos que me trouxeram a esta CPI. Eu queria recordar que recentemente o Ministério Público usou documentos reservados fornecidos pela autoridade competente da Suíça, que é a Vice-Procuradora Geral da Suíça, doutora Maria, que é amiga, que trabalhávamos juntos em vários casos quando na Polícia Federal e na Interpol, me ligou apavorada porque teria que cancelar o acordo do Brasil com a Suíça, de fornecimento de dados, por uso público de informações reservadas que foram dados para a investigação. E eu liguei, falei com os promotores que fizeram uso, eles sanearam o processo, retiraram todas as informações, o que trouxe um prejuízo enorme, era um Governador, ex-Governador que estava sendo processado e foram obrigados a retirar esses dados porque não cuidaram de investigá-los e colocar no processo o resultado das investigações que fizeram com base nos dados. Eu acho que o Senador Eduardo Paes tem razão. Nós temos que nos acautelar profundamente porque, caso a promotoria americana chegue a conclusão de que foi usado indevidamente o documento que V.Exª. assinou como responsável, pelo menos foi o que o Eduardo relatou aqui, aliás, desculpa, Deputado Eduardo, V.Exª. relatou, nós temos que nos acautelar com isto. Eu acho que o depoimento fechado não vai trazer prejuízo as--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: As relativas contas, claro.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): --às relativas contas. E o Eduardo poderia fazer, posteriormente, Eduardo, por favor, Deputado, se for possível posteriormente, fazer uma reunião conosco esclarecendo os fatos que tragam dúvida aos outros Parlamentares.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Mas Senador,Senador, talvez V.Exª., desculpe, Presidente, mas talvez V.Exª. não tenha entendido o que eu disse. Eu disse é o seguinte: Na parte relativa às informações--

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Não, não. Eu entendi perfeitamente. Entendi perfeitamente.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): --Nesta parte e isso poderá, no acordo feito com a promotoria distrital de Nova Iorque, poderá, sim, naquilo que tiver relação com o objeto da investigação, poderá constar do relatório final. Naquilo que tiver relação. Então esse acordo foi feito, escrito, e tem uma série de troca de e-mails com a promotoria de Estado de Nova Iorque que garante. Não há esse problema--

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Aí eu estou dizendo *ad cautelam*. Quer dizer, o que o vai ser falado ou não falado dentro do acordo que o Deputado Eduardo fez a referência. Eu estou fazendo um relatório do que aconteceu. E como eu fui parte dele, quando houve a reclamação da Procuradoria da Suíça, eu fui, como Senador eu intervi para poder salvar o que o restou e poder dar continuidade ao Processo. Então, eu acho que era minha obrigação trazer ao conhecimento da

CPI fato anterior, que praticamente, casa com, sem prejuízo das propostas do Deputado Eduardo, que vai ser discutido pela maioria.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Sr. Presidente, pela ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Obrigado, Senador Tuma. Com a palavra Deputado Carlos Willian e depois finalizando, o Deputado Arnaldo e depois Deputado ACM Neto.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Sr. Presidente, em relação a esse assunto – tenho dois assuntos – em relação a esse assunto dos sigilos bancários vindos do exterior, obviamente nós temos que respeitar os acordos, principalmente tratados por V.Exª., pelo Deputado Osmar Serraglio e pelos colegas que foram ao exterior. Ocorre, Sr. Presidente, que mais importante do que isso é nós nos atermos para a falta de investigação que está ocorrendo dentro da CPMI que está ao nosso alcance. Por exemplo, nós deixamos de investigar alguns fatos que eu passo a relatar rapidamente com V.Exª. e sugiro que se esses dados não forem investigados, nós estaremos, inclusive, dentro de uma idéia de que existe, talvez, até uma proteção. Porque não é possível requerimentos desde outubro nessa CPMI ainda não serem votados. É o caso, por exemplo, das corretoras que foram pedido da ÁGORA, MAGLIANO, STOCK MÁXIMA, LINK e ARA INVESTIMENTOS.

Além disso, Sr. Presidente, o Sr. Benito Siciliano que esteve aqui nessa CPMI e que prometeu assinar a quebra espontaneamente, a quebra dos sigilos bancários dele de uma conta chamada MERRILL LYNCH em Nova Iorque, a conta denominada ESTANHORE [F] que tem milhões de reais desviados de Fundos de Pensão, nós não conseguimos quebrar a conta dele, o sigilo fiscal e bancário dele. Além disso, ele fugiu dessa Casa. Eu já cobrei de V.Exª., V.Exª. falou que ia tomar as providências. Até hoje nós não fomos atrás desse cidadão que fugiu dessa Casa. Não terminou o seu depoimento. Nós temos também, Sr. Presidente, atual Presidente, a conta do atual Presidente da CENTROS FUNDO DE PENSÃO no CREDIT SUISSE chamado conta freezer, cujo gerente é o Sr. Manuel, corregedor, corredor e que foi emitido uma ordem de bloqueio, inclusive, na Suíça que tem quinze milhões de reais. Quinze milhões de reais, Sr. Presidente. Só terminando. [soa a campainha]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Por favor eu peço silêncio para nós ouvirmos o Deputado Carlos Willian com as suas ponderações.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Conta...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Freezer, uma tremenda gelada.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Freezer, do Presidente, conta freezer. Está lá. Só que é um freezer, Sr. Presidente, cheio, porque tem quinze milhões de dólares **.** Sr. Presidente, a conta chamada Governador num--[soa a campainha]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Por favor, eu peço mais uma vez ao plenário, silêncio. O Deputado Carlos Willian está com a palavra.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): -- Sr. Presidente, a conta Governador no mesmo banco no CREDIT SUISSE pertencente ao Sr. Aureliano Chavez, ligado também a operações da CENTROS. A lista de aplicadores do OPPORTUNITY no exterior do Senhor Daniel Dantas que está no Ministério Público. Era só essa CPMI requerer. Se por um acaso o Ministério Público não quiser enviar, me enviaram sigilosamente esta lista do OPPORTUNITY. Eu tenho ela em mãos. As TEDs da corretora EURO para o PFL nas campanhas de 2004. A transferência da CORRETORA GUARANHUNS para o Senhor Carlos Eduardo Valente para campanhas do PFL do Rio de Janeiro. As contas que teriam recebido dinheiro de elaborações da PREVI que é, inclusive, o número das contas estão aqui. A corretora LINK, inclusive, foi a grande beneficiária--[soa a campainha]

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): --Sr. Presidente, a corretora LINK foi a grande beneficiária de uma operação denunciada na revista Época, que envolvia a PREVI e o Senhor Lúcio Funaro. Também foi pedido aqui a quebra do sigilo, todas essas pedido por mim e até hoje não foram atendidas. Há razões pelas quais foram investigadas corretoras que não são ligadas à BMF. Nós pedimos aqui a presença do representante da BMF e que não veio. Ele está sendo- - não sei se isso é uma premiação delatada, porque ele manda as informações e até hoje ele não veio aqui prestar essas informações. Finalizando, Sr. Presidente, nós temos que respeitar--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Premiação o quê? Premiação o quê?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): V.Exª. se referiu a uma delação premiada. [tumulto]

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Delatada. Eu mudei a expressão delatada porque ele está delatando as corretoras e não está vindo aqui prestar esclarecimento. É outra, é outra coisa, ele está delatando. Ele está delatando todo mundo. Ele manda documentos para a CPMI, ele manda informações, mas

as próprias corretoras deles, que estão envolvidas, não vêm aqui.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Premiação delatada.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Delatada. Ele está delatando.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Detalada.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Não é...é...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Premiação delatada.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): É. Ele delata e fica de fora. [soa a campainha] Dedo-duro.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Concluindo, Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Concluindo, Sr. Presidente, chama dedo-duro.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Que é a premiação delatada.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Delatada. Não pode confundir. Não pode confundir com o termo jurídico. Sr. Presidente, finalizando--[soa a campainha]

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): --Finalizando, Sr. Presidente, parece até que é motivo de riso, mas se essa CPMI não investigar essas contas no exterior, não chamar essas corretoras, o relatório vai estar comprometido porque, realmente, está tendo um grande protecionismo e eu não quero participar dele. Finalizando, Sr. Presidente, eu queria agradecer a V.Exª., ao Vice-Presidente Asdrubal Bentes, ao nobre Relator Osmar Serraglio, a todos os membros dessa CPMI, aos funcionários, nós encerramos o nosso relatório da sub-Relatoria do IRB, onde nós estamos pedindo aqui aproximadamente nove agentes públicos estão sendo solicitados que sejam enquadrado dentro do Código Penal. Foi um trabalho árduo, mas nós conseguimos finalizar. [soa a campainha]

Ontem nós tivemos uma grande audiência pública para finalizarmos os trabalhos com o Dr. Marcos de Barros Lisboa, que é Presidente do IRB, o Sr. Renê de Oliveira Garcia, que é o superintendente da SUSEP. O Senhor armando Virgílio dos Santos Júnior, que é o Presidente da FENACOR, o Sr. João Elízio, da FENASEG e o Dr. Otávio Damazio, secretário adjunto de política econômica.

Sr. Presidente, além desses indiciamentos que estão sendo pedidos, a única forma de acabar com a corrupção no IRB é a modificação da legislação. E essa legislação já está bastante adiantada no Congresso Nacional através da PLP 249 que já passou, inclusive, pelas Comissões sistemáticas da Casa. Portanto, diante de toda a concordância do mundo que rege o RESSEGUROS DO BRASIL, eu gostaria de pedir a V.Exª., no relatório final, para que nós déssemos a prioridade para tramitação dessa legislação. Eu agradeço a V.Exª., agradeço ao Diretor do Tribunal de Contas da União, Dr. Rodrigo de Caldas, ao secretário Sr. Jorge Ferreira, ao Analista do TCU, Dr. Diógenes Gomes e a todos os funcionários dessa Casa que colaboraram para o feitio e a entrega final e eu peço licença para entregar pessoalmente para V.Exª. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Carlos Willian, concluindo o seu relatório no prazo determinado. Com a palavra o Deputado Arnaldo Faria de Sá e depois, Deputado ACM. Nós vamos encaminhar os nossos trabalhos.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, essa reunião está entalada, hein? Precisamos começar logo.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Concordo com V.Exª.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): E na verdade eu só queria--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Aliás, essa reunião, ela está sendo, inclusive, ela está servindo como referência, porque nessa reunião estão surgindo neologismos que vão contribuir muito para a língua portuguesa.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Parabéns, Presidente. Sr. Presidente, eu só queria que V.Exª. desse conhecimento à Comissão dessa resolução porque a competência é de V.Exª., não há o que se discutir, mas que todos tivessem conhecimento da resolução e que V.Exª. começasse a reunião. A primeira parte sigilosa, a segunda aberta, ou a primeira aberta, mas começar a reunião porque nós ficamos aqui entalados e não resolvemos nada, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado Deputado Arnaldo Faria de Sá, sempre colaborando com os trabalhos da mesa. Deputado ACM Neto.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, para ser bem breve- [risos]. Sr. Presidente, eu acho que nós temos um problema prático que precisa ser resolvido. Afinal de contas, todos nós queremos ganhar tempo e de alguma forma ser objetivos nas indagações que serão feitas ao Sr. Duda Mendonça. Ocorre que se nós iniciarmos essa Sessão em caráter reservado e tivermos acesso às informações sigilosas relacionadas à movimentação financeira do Sr. Duda Mendonça no exterior, simplesmente depois, será impossível deixar de tratar os assuntos e as informações acerca dessas contas, de tal

forma que eu vejo que V.Exª. tem a possibilidade de determinar que o início dessa reunião seja público, que o início dessa reunião seja de caráter completamente aberto e permitindo que cada parlamentar possa se pronunciar, limitando o tempo. Porque também é importante deixar claro que para as investigações da CPMI, para o resultado que nós pretendemos, a Sessão reservada, eu acho que vai ser muito mais importante, muito mais produtiva.

Então, V.Exª. pode dar oportunidade para os Parlamentares inscritos se pronunciarem, fazerem suas indagações em caráter aberto, porém com limitação de tempo, com disciplina, e aí, a partir da definição que V.Exª. tomar dessa limitação, nós daremos seqüência a Sessão reservada onde os dados seriam tornados públicos. Eu queria dizer a Senadora Ideli Salvatti, que não está mais aqui, que é preciso partir da presunção de que os Parlamentares aqui são responsáveis e tem consciência do seu dever e, sobretudo, sabem da importância e das questões peculiares que envolvem essa autorização que foi dada pelas autoridades americanas. Então, não se pode partir da presunção de que Deputados e Senadores vão sair vazando as informações. De forma alguma. E também, outra coisa. Não existem Parlamentares de primeira e segunda classe. E eu sei que os Sub-Relatores que tiveram acesso, assim como o Relator, querem compartilhar das informações com toda a CPMI, até porque eu questiono a V.Exª.: esses dados vão ou não vão estar no relatório final? Eles vão ou não substanciar a colocação do Deputado Osmar Serraglio para identificar a responsabilidade do Sr. Duda Mendonça? Aquilo que ele disse é verdade ou disse é mentira? Então eu acho que V.Exª. tem a oportunidade de começar essa Sessão em caráter público, aberta, e logo depois, com limite, tem que ter limite e nós temos que ter consciência que não pode ser quinze minutos por parlamentar, vamos limitar, vamos diminuir esse tempo e logo depois a gente passa para uma Sessão em caráter reservado.

SR. DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sobre as coisas que são ainda nacionais e informações que não vieram do [inaudível] [37:42.1] e da promotoria distrital.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria de-- Eu recebi aqui um parecer da Consultoria Jurídica do Senado Federal assinado pelo Dr. Shalon Einstoss Granado, que, na sua conclusão diz que seria deveras recomendável a adoção de reunião secreta para inquirição do ora interrogado, sempre quando o assunto cogitado referisse às provas obtidas mediante o acordo internacional. Revela-se igual e fortemente aconselhável que os Srs. Parlamentares que integram esta Comissão estejam cientes de que, qualquer informação divulgada antes do relatório final e, portanto, indevidamente divulgada, poderá prejudicar o futuro de todas as Comissões Parlamentares de Inquérito que necessitem obter provas junto ao Governo dos Estados Unidos da América.

Em função disso, em função dos compromissos assumidos e da delicadeza do assunto, até porque isso foi incansavelmente discutido com os procuradores de Nova Iorque, o que me levou, inclusive, à assinatura de um acordo com a participação, também, do próprio Ministério da Justiça, nós faremos essa Sessão fechada , inclusive, com os cuidados necessários para que determinadas informações sejam, inclusive, com habilidade e com competência, que é peculiar ao Deputado Osmar Serraglio, absolutamente tratadas com a devida cautela. Eu não vou arriscar. Quero deixar muito claro a V.Exªs. Não há como dar um tratamento plural ou um tratamento flexível numa situação onde uma decisão mais heterodoxa ou uma decisão mais conservadora contribui para os nossos trabalhos.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente... [tumulto]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente eu peço que V.Exª. submeta ao plenário.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): A decisão da Mesa, a decisão que é da Mesa Diretora será por uma Sessão secreta.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente. [tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): E eu, como fiador do acordo com os procuradores, farei essa Sessão fechada. E quero responder também, como foi falado aqui que com quatro Parlamentares as informações vazaram, eu quero deixar muito claro aqui o seguinte: não vazou nenhuma informação dos quatro Parlamentares, até porque nós não tivemos e não temos nenhum dado aqui no Congresso Nacional. Zero. Nós, inclusive, algum tipo de pesquisa ou algum tipo de investigação ela, inclusive, é anotada sem que nós tenhamos condição de manipular diretamente aqui no Congresso, esses documentos. É que se criou uma prática por parte de algumas instituições. Não estou dizendo todas, mas algumas, que usam de um expediente, no mínimo ladino ou esperto. Quando encaminham um documento para a CPMI dos CORREIOS, eles imediatamente vazam, para que a CPMI dos CORREIOS assuma a responsabilidade pelo vazamento. Essa malandragem, para cima de mim não, violão. Porque isso já cansou e todo mundo sabe. Portanto, não foi vazamento daqui, não, essas matérias que foram veiculadas ultimamente, falando de contas no exterior, até porque nós não

temos nem condições, mesmo que quiséssemos não teríamos condição de fazer.

SENADOR JEFFERSON PERES (PDT-AM): Sr. Presidente.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Questão de ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Questão de ordem. Senador Álvaro Dias.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Sr. Presidente--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Perdão, Senador Jefferson Peres. Por favor, Senador Álvaro, eu cometi um equívoco. Senador Jefferson Peres.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Depois eu fico em segundo, então, Sr. Presidente.

SENADOR JEFFERSON PERES (PDT-AM): Sr. Presidente, um parecer de um Consultor do Senado é a opinião dele, e não é a minha, e que não é de muitos membros dessa Comissão. Não me parece que haja o menor risco, o menor risco de haver vazamento numa Sessão aberta se as perguntas forem formuladas por Senadores e Deputados como eu, que não tivemos acesso aos dados. Mas vamos perguntar, se a nossa pergunta for indiscreta e o Sr. Duda Mendonça respondesse, não tem nada a ver com sigilo. Qual é o risco? De forma que, d*ata vênia*, eu recorro da decisão de V.Exª. Para que deixe o que o plenário decida.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Questão de ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Questão de ordem Senador Álvaro Dias.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Sr. Presidente, há uma alternativa que me parece mais inteligente e de bom senso. A Sessão sigilosa, a meu ver, deve se dar só entre o Depoente e os quatro Parlamentares detentores das informações sigilosas. Ninguém assegura que qualquer parlamentar, principalmente tomado de indignação, não revele à imprensa as informações que obtiveram na Sessão sigilosa aqui nesta CPI. Então, se há risco de que informações sigilosas sejam reveladas, esse risco se constitui exatamente numa Sessão sigilosa com a presença de todos os Parlamentares. Eu não estou dizendo nenhuma calúnia relativamente a qualquer integrante desta CPI. Nós já temos precedentes. Reuniões sigilosas se tornaram abertas imediatamente após o seu encerramento no primeiro contato de parlamentar com a imprensa. Portanto, é impossível impedir que qualquer parlamentar transfira à imprensa informações obtidas em Sessão sigilosa. Se a responsabilidade do sigilo pesa sobre quatro Parlamentares, que a parte sigilosa dessa Sessão se dê apenas entre esses quatro Parlamentares. E que o restante, que eu possa fazer as minhas indagações que não são sigilosas, que a Senadora Heloísa Helena, o Senador Jefferson Peres, a Deputada Denise Frossard, o Deputado Eduardo Paes, todos nós possamos fazer as nossas indagações de forma aberta, transparente, oferecendo a nossa contribuição para que o país indignado possa ter esperança de que esta CPI está trabalhando com seriedade e com responsabilidade. Portanto, Sr. Presidente, a exemplo do que faz o Senador Jefferson Peres, também recorro da decisão de V.Exª.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, questão de ordem.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Art. 110 do regimento, Sr. Presidente.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Questão de ordem, art. 110, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Eduardo Paes... Deputado Gustavo Fruet.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Sr. Presidente, também com base no art. 403 do Regimento, com todo respeito à decisão de V.Exª., mas por analogia, toda vez que se tem uma medida restritiva, por exemplo, quebra de sigilo, submete-se à votação em plenário. Essa é uma decisão restritiva. Talvez seja a última Sessão a ser realizada por essa CPMI antes do relatório final. Dentro da precaução apresentada pelo Deputado Eduardo Paes com muita procedência, e pelo Senador Álvaro Dias, pela doutora Denise Frossard, podemos até, em caráter excepcional, aceitar que a parte referente a movimentação das contas no exterior fique restrita a uma Sessão secreta e talvez, de caráter mais restritivo ainda, aos quatro Parlamentares que tiveram acesso. Também com a minha objeção, mas para evitar qualquer dúvida, isso também a ser objeto de votação. Agora, não tem sentido a inscrição dos Parlamentares ficarem submetidas também à Sessão secreta. Então eu peço a V.Exª. a possibilidade de revisão da posição, ou, alternativamente, recorro ao plenário desta Comissão para que se vote.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, art. -- Questão de ordem.[tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Deputado Eduardo... Deputado ACM Neto.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): O art. 110 do regimento do Senado diz claramente o seguinte: As reuniões serão públicas salvo os casos expressos neste regimento ou quando

o deliberar a Comissão. Eu tenho o maior respeito pelo Dr. Shalon, Consultor Jurídico do Senado, que inclusive prestou um grande serviço a esta CPMI com a sua competência, com a sua qualificação e sua dedicação, apresentando todas as peças para, eventualmente contestar decisões do Supremo que precisassem sem revistas. Contudo, não é apenas com base num parecer do Consultor da Casa que V.Exª. pode determinar que essa Sessão seja reservada. Então, se V.Exª. analisar o art. 110, V.Exª. tem a prerrogativa de remeter ao plenário a decisão e que o plenário, cada um julgando da forma que achar conveniente, e é claro, com as suas responsabilidades, decida se a Sessão deve ser reservada ou não. A responsabilidade aqui é compartilhada, é coletiva, é de cada um de nós. Não é só do Presidente. É de todos nós. E nós estamos conscientes e muito conscientes disso, Sr. Presidente.

Então, eu peço a V.Exª. que à luz do art. 110, remeta ao plenário esta deliberação, até porque assim V.Exª. não ficará individualmente com a responsabilidade, tendo, inclusive já registrado que na opinião de V.Exª., a Sessão deveria ser reservada. E depois que se faça uma Sessão reservada para tratar dos dados sigilosos com a presença de todos os Parlamentares. Porque aqui não pode haver parlamentar de primeira e de segunda categoria. Nós vamos ter que julgar o relatório final. E para fazer o julgamento do relatório final é fundamental que disponhamos de todas as informações. Então não há como privar os Deputados e Senadores de ter acesso a esses dados. Então, Sr. Presidente, é um encaminhamento que faço.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente, também. [tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu vou suspender a Sessão por 5 minutos para que nós tenhamos condição de deliberar de uma maneira sensata e consensual a maneira como encaminharemos as nossas atividades ao longo do dia de hoje. A Sessão está suspensa por 5 minutos.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente. Mas eu acho um absurdo isso, Presidente, sinceramente. Eu acho um absurdo. Porque consensual, como? Qual o consensual que vai se estabelecer em relação-

Sessão suspensa às 11h35

Sessão reaberta às 12h09

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós estamos reabrindo os trabalhos de hoje e seguindo até as sugestões de muitos Parlamentares que se posicionaram com relação a essa questão, nós vamos colocar em votação a proposta do Senador Álvaro Dias, que foi muito claro. Fazer uma Sessão aberta e aquilo que for coberto pelo acordo, somente os quatro Parlamentares ouviriam o Sr. Duda Mendonça. Nós vamos colocar em votação--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): --Se essa proposta cair por terra, nós teremos uma Sessão aberta com todos os Parlamentares e uma Sessão fechada com todos os Parlamentares, com os riscos inerentes a uma acareação e um depoimento desse tipo. Então, nós vamos votar a proposta do Senador Álvaro Dias--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente. Pela ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): É só uma sugestão de encaminhamento porque eu entendo e até solicito ao próprio Senador Álvaro Dias que essa proposta pode ser desmembrada, até porque existem muitos Parlamentares que são favoráveis a que a primeira etapa seja toda aberta, entretanto, a segunda etapa, existem Parlamentares que defendem que haja participação apenas dos quatro Parlamentares que tiveram acesso ao documento e assinaram o protocolo e outros propõe que mais Parlamentares possam assistir à Sessão secreta. Então, dúvidas já não há sobre a segunda fase da Sessão. Então é só para que seja desmembrada a proposta. A primeira etapa--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós, a minha sugestão,vamos votar a proposta do Senador Álvaro Dias a partir da qual é um ou outro.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Sr. Presidente, pela ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Já que o posicionamento foi sempre a favor de uma postura em cima do regimento, calcado naquilo que já foi dito por vários Parlamentares, nós votaremos a proposta do Senador Álvaro Dias e em caso contrário permanece a outra.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente, pelo regimento não. Até porque pelo regimento isso não seria. Pelo regimento V.Exª. estabelecia o que houve de recursos. Os Parlamentares recursaram da decisão de V.Exª. que era toda a Sessão secreta. Portanto, V.Exª. tomou uma decisão. Houve um recurso de Parlamentares a que essa decisão fosse submetida ao plenário. Se V.Exª. já não mantém a sua proposição e assume a proposição do Senador Álvaro Dias, eu apresentarei uma outra proposição.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): A Mesa não assumirá na sua completa isenção. Colocará as propostas em votação.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente.[tumulto]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Questão de encaminhamento, proposta um, proposta dois. Proposta um...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: V.Exª. pode repetir a proposta dois.[soa a campainha]

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): A proposta dois eu vou apresentar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós vamos votar a proposta um do Senador--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Contra a proposta dois, Senador.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): --Do Senador Álvaro Dias que sugere que nós tenhamos uma Sessão aberta e depois uma Sessão fechada somente com os quatro Parlamentares--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, pela ordem.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente. [tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Selaram um acordo com as autoridades americanas.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, é sobre o andamento dos trabalhos.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): E a segunda alternativa. A segunda alternativa. A primeira parte da nossa Sessão aberta e a segunda parte fechada com a participação de todos os Parlamentares.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Isso é que está sendo votado.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Vamos votar, vamos votar, vamos votar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Em votação.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, me permite. [tumulto]

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Faz a chamada nominal, Sr. Presidente.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Sr. Presidente, pela ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Deputada Juíza Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Não há dúvida alguma que uma parte aberta todos concordam, vamos fazer as perguntas que a gente nem sabe se a gente vai estar satisfeito ou não e depois a gente vota o que há dúvida.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não, decidi logo, Deputada.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Não, Deputada nós vamos votar agora porque nós estamos com os trabalhos atrasados já em função dessa indefinição importante. Em função da responsabilidade com que nós estamos tratando esse tema, porque é um tema de país para país e nós temos uma responsabilidade naquilo que vamos votar, não só com relação a essa CPI, mas com relação aos outros trabalhos do Congresso Nacional que nos levem à investigação de corrupção em outros países e, especialmente, os Estados Unidos.

SENADOR JEFFERSON PERES (PDT-AM): Sr. Presidente, me permita cumprimentá-lo pela sua decisão de submeter essas duas questões a voto e fazer apenas uma ponderação. Para encerrar. A todos os Parlamentares aqui. Sr. Presidente há vinte Parlamentares aqui. Se houver uma Sessão secreta com 20 Parlamentares, os dados só ficarão sigilosos se 19 morrerem. [risos]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: V.Exª. tem toda a razão.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): E o último sair internado daqui! [risos]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Em votação. Senador Heráclito. Senador César Borges--

SENADOR SIBÁ MACHADO (PT-AC): E morrer antes da publicação, não é, Senador?

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): A dois.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): A um ou a dois? Quero deixar bem claro. Um é a proposta do Senador Álvaro Dias, aberta com-- Aberta naquilo que diz respeito às questões nacionais e restrita ao acordo com as autoridades americanas, aos quatro Parlamentares. E alternativa dois. Aberta nas questões nacionais e fechada com a participação de todos os Parlamentares. Então, em votação. Senador César Borges.

SENADOR CÉSAR BORGES (PFL-BA): Dois, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Demóstenes. Senador Sérgio Guerra. Senador Álvaro Dias. Senadora Ideli.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Um.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Aelton Freitas. Senador Sibá Machado.

SENADOR SIBÁ MACHADO (PT-AC): Presidente, aproveitando aqui a divergência--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Sibá.

SENADOR SIBÁ MACHADO (PT-AC): O PT vai se aliar ao PSDB na um.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Um. Senador Luiz Otávio. Senador Gilvan Borges. Senador Ney Suassuna. Senador Raupp. Senador Jefferson Peres. [risos] Conseguiu sintetizar da forma mais brilhante essa nossa discussão. Senador Fernando Bezerra. Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Dois. A proposta dois, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Dois. Senador Heráclito.

SENADOR HERÁCLITO FORTES (PFL-PI): Um.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Dois. Dois.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Gostei da convicção do Senador Heráclito nesse voto. [risos]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Efraim Moraes.

SENADOR HERÁCLITO FORTES (PFL-PI): Sr. Presidente. Sr. Presidente. A minha convicção é muito parecida com a de V.Exª. quando encarna o PT no corpo. [risos]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador José Jorge. Senador Tuma. Senador Tuma. Senador Arthur Virgílio. Senador Almeida Lima. Senador Saturnino. Senadora Fátima Cleide.

SENADORA FÁTIMA CLEIDE (PT-RO): Um, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senadora Fátima Cleide, um. Senadora... Não, aqui já fechou. Senador Garibaldi.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Presidente, o Saturnino foi trocado pela Ana Julia.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): É, mas aqui já fechou. Já tem os três aqui votados. Senador Garibaldi. Senador Leomar. Senador Camata. Senador Wellington. O único sobrevivente da bancada do PMDB com louvor. Um.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Voto no Senador Álvaro Dias.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito bem. Senador Juvêncio... Aliás, Senador Sérgio Zambiasi.

SENADOR SÉRGIO ZAMBIASI (PTB-RS): Um.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Um. Deputado Abi-calil. Bittar.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Voto na um, Presidente. Um.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Um, Deputado Bittar. Deputado Maurício Rands.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Proposta um do PSDB.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Proposta um. Deputado Asdrubal.

DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Um.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): O competente Vice-Presidente Asdrubal que tem sido muito importante no desenvolvimento dos trabalhos da CPMI dos CORREIOS. [Palmas] Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Um, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Em respeito aos quatro Parlamentares, eu voto na um, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Um. Deputado ACM.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Dois, Sr. Presidente. Claro.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Onyx.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Na oposição, dois.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Eduardo Paes.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): É que o PFL está sobrevivendo na oposição sozinho.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Eu estou na oposição, mas é um, com responsabilidade e respeito aos Parlamentares--.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Alto lá. Não faça isso, Álvaro. Alto lá. Faça isso não. Por que com sob seu enfoque e o meu é com responsabilidade também. [soa a campainha]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós estamos em votação.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): O que eu não admito é que façam qualquer tipo de gracejo relativamente à minha postura, não só nessa Comissão, como de um modo geral, na atividade pública. Eu sou oposição.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Então V.Exª. se dirija a quem fez o gracejo.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Exatamente, foi a quem fez o gracejo. Eu estou adotando uma postura de responsabilidade e de respeito aos que subscreveram o compromisso com autoridades norte-americanas. Nós estamos zelando pelo interesse da imagem do Congresso Nacional.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado Deputado Álvaro Dias-- Senador Álvaro Dias que tem tido uma postura exemplar aqui nos trabalhos da CPI e do Congresso Nacional.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Que todos os Parlamentares, Senadores e Deputados tenham também uma postura exemplar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Absolutamente, Senadora Heloísa Helena. Eu não duvido de nenhum parlamentar quanto a sua postura, a sua seriedade, o seu compromisso, não só com seus Estados mas com o Brasil. Deputado Eduardo Paes.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Um.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Gustavo Fruet.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Com todo o respeito à proposta, Sr. Presidente, mas voto dois.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Dois. Deputado Nélio Dias. Deputado Meurer.

DEPUTADO NELSON MEURER (PP-PR): Um, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Um. Deputado Arnaldo Faria de Sá.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Com todo o respeito e sinceridade, dois.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Dois, Deputado Arnaldo Faria de Sá. Deputado Inaldo Leitão. Deputado Inaldo Leitão, dois.

DEPUTADO INALDO LEITÃO(PL-PB): Dois, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputada Juíza Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): O Juíza me impõe um, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Vota um. Deputado Pompeo de Mattos. Deputado Rosinha. Deputado Zé Eduardo Cardozo. O incansável Deputado Zé Eduardo Cardozo. Deputado Paulo Pimenta. Deputado Ildeo Araújo.

DEPUTADO ILDEO ARAÚJO (PP-SP): Um, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Um. Deputado João Fontes. Então vamos aqui à contagem dos votos. Votos dois pela alternativa dois. Nove votos dois. Nove votos dois. Votos um. Votos um. Já encerrada a votação. Votos um.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Voto tucano/petista.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Dezessete votos um, nove votos alternativa dois. Fica considerada a proposta vitoriosa do Senador Álvaro Dias. Portanto, nós teremos uma Sessão aberta nas questões nacionais e aquilo que for relativo ao sigilo e tudo que se relaciona com o acordo feito com as autoridades americanas, nós faremos uma Sessão restrita aonde somente participarão os quatro Parlamentares, cujos nomes foram citados no acordo com os procuradores. Eu esclareço uma coisa óbvia: Que a pauta dessa reunião destina-se a oitiva do Sr. José Eduardo Cavalcanti de Mendonça ao qual eu convido para vir à Mesa Diretora e nós iniciarmos os nossos trabalhos. Peço a presença. Peço à assessoria providenciar a presença do Sr. José Eduardo Cavalcanti de Mendonça.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Questão de ordem. Sr. Presidente, uma questão de ordem enquanto isso? Vai participar os quatro Deputados. Agora, o Presidente e o Relator vão estar presentes?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Os quatro é: O Relator, os dois adjuntos e o Presidente.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Ok.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Gostaria de registrar. Recebemos um telex da-- Lamentável. [risos]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Lamentável. Telex. É brincadeira.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: É CPI dos CORREIOS.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: É a idade, é a idade.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: É CPI dos CORREIOS, telex.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu que faço um discurso de modernida-

de falando em telex. É lamentável. Não, mas aí agora descobri porque que está escrito telex aqui.[risos] Nós recebemos um fax do Supremo Tribunal Federal com relação a um habeas-corpus dado ao Sr. José Eduardo Mendonça de nº. 88228-5 do Distrito Federal cuja Relatora foi a Ministra Ellen Greice. Então nós recebemos aqui o fax e esse fax já, aliás, perdão, enviado pela Ministra Ellen Greice e o Ministro Relator, ministro Gilmar Mendes. Foi encaminhado pela Ministra Ellen Greice. Portanto, o Sr. Duda Mendonça vem respaldado por esse habeas-corpus aqui apresentado de nº. 88228. Também se encontra aqui à disposição de todos os Parlamentares da CPI, a documentação encaminhada ao Supremo Tribunal Federal pelos Advogados Thales Castello Branco e Frederico Criciúma de Figueiredo que estão aqui presentes já respondendo ao Deputado Arnaldo Faria de Sá com os seus registros na OAB, respectivamente de n.º 15318 e 182310 de São Paulo.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Obrigado, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): E eu passo a palavra ao Sr. José Eduardo Mendonça para fazer as considerações que considera pertinentes e depois passo a palavra ao Relator, Deputado Osmar Serraglio. Com a palavra o Sr. José Eduardo Mendonça.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Sr. Presidente, Sr. Relator, Srs. Membros da CPI. Eu queria primeiro e, antes de mais nada, pedir desculpas aos Senhores pela minha postura hoje que será diferente da de sete meses atrás. Há sete meses atrás eu compareci a esta CPI sem ser convocado, por espontânea vontade no intuito de colaborar. Respondi a todas as perguntas, abri meu coração e falei a verdade. De lá para cá tenho sido vítima de uma campanha difamatória de todos os níveis que tentam destruir uma imagem construída ao longo de 30 anos. Eu tenho 30 anos de profissão. Nunca tive a menor acusação. O menor deslize na minha forma de agir. Muitos dos Senhores aqui, inclusive, me conhecem. Então, o que eu tenho sofrido, o que as minhas empresas têm sofrido e o que a minha família tem sofrido eu não desejo a ninguém. E o que eu ganhei com isso? Nada. Eu desobedeci os meus Advogados. Vim. Falei a verdade. E, talvez, tenha sido a pessoa mais penalizada até hoje dessa CPI. Setores da imprensa não abrem mão de me hostilizar com coisas realmente absurdas.

A minha intenção, até ontem às duas da manhã, era vir para cá e responder às perguntas da mesma forma. Esse é o meu temperamento. E tem um ditado popular que diz que quem não deve não teme. E eu gosto muito das coisas francas e abertas e isso faz parte do meu temperamento. Mas ontem à noite, até as três da madrugada, os meus Advogados me convenceram a não falar, me provando por A mais B que eu falei uma vez e me dei mal e que qualquer coisa que eu dissesse iria comprometer a minha defesa. Eu queria lamentar isso, dizer aos Senhores que não vejam como uma desatenção ou qualquer ato de desrespeito a essa CPI. Não era, inclusive, a minha intenção, tenho certeza disso, eu me sinto muito mais confortável se eu pudesse responder por que tenho argumentos e respostas para qualquer tipo de pergunta, mas prometi aos meus Advogados e vou cumprir rigorosamente o que eles me pediram. É só isso. Muito obrigado.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Presidente, pela ordem. [TROCA DE PRESIDENTES. ASSUME O DEPUTADO VICE-PRESIDENTE ASDRUBAL BENTES COMO PRESIDENTE DA SESSÃO]

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Tem a palavra V.Exª. pela ordem, Deputado Onyx.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Sr. Presidente. Há muito tempo o Brasil se indigna com esta possibilidade que se abriu na Constituição, no Judiciário brasileiro, da proteção que é justa, de que o acusado não produza prova contra si próprio. E por inúmeras vezes esta CPMI, no início surpreendida, depois houve a normalidade da concessão de habeas-corpus que transformaram em habeas mentiras. Quando andamos nas ruas, a indignação da população brasileira é absoluta. Duda Mendonça hoje irá calar como determina o direito, faculta. Não irá se auto-incriminar. Agora, há uma questão relevante. No Brasil, lamentavelmente se pode mentir impunemente. Quero dizer que se Deus quiser e o Congresso Nacional se mobilizar, a partir do relatório, Deputado Osmar Serraglio, da Sub-Relatoria de normas de combate a corrupção, nós estaremos propondo a V.Exª., no documento que lhe será entregue sexta-feira, a criminalização do perjúrio, a criminalização do perjúrio. E por quê eu digo isso? Porque eu ouvi com atenção no momento em que veio aqui o Sr. Duda Mendonça da última vez. Muitos aqui julgaram que aqui se falou a verdade. Mas na nossa avaliação aqui se mentiu de maneira clara, se omitiu, se deu aqui argumentos para tentar desviar, inclusive, foco de investigação dessa CPMI--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Onix, vamos concluir, por favor?

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): --E eu concluo, Sr. Presidente, dizer que não é possível que no Brasil se possa mentir em CPI, em processo judicial, em inquérito, sem que nada aconteça. E há que se buscar uma forma de responsabilização pela

mentira. Porque isso é uma matriz do processo que vive hoje o Brasil de uma corrupção do setor público que rouba mais de 100 bilhões de reais de dinheiro público daqueles que mais precisam no Brasil.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Onyx, Deputado Onyx, a Presidência recebe a manifestação de V.Exª., mas quer deixar bem claro que não nos compete avaliar e julgar as decisões do Poder Judiciário. Temos que cumpri-las. É o que o vamos fazer. E antes de passar a palavra ao Sr. Relator eu queria logo, de antemão, solicitar encarecidamente aos Srs. Parlamentares que tratassem o Depoente com o respeito que é devido a qualquer cidadão. Que não vejam na sua posição adotada de não falar, nenhuma agressão ou desrespeito a este poder, mas, simplesmente, o uso da faculdade que a Lei lhe concede e que foi autorizado pelo Poder Judiciário. Em fazendo essas considerações, concedo a palavra ao Sr. Relator.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, Srªs. e Srs. Parlamentares, Sr. Investigado, Duda Mendonça, V.Exª. teve a oportunidade, como disse, de comparecer e o fez espontaneamente sob compromisso a despeito de não ter sido, à época, instado aqui a comparecer. Acaba de afirmar que tendo falado a verdade, de certo modo isso o teria prejudicado. Eu preciso, de qualquer forma, recuperar algumas informações que constaram do seu depoimento precedente. E quero informar ao plenário que essas questões--

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, o som, seria melhor que V.Exª., me desculpe Deputado Osmar, mas é porque--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Já solicitei a assessoria que providenciasse reparo.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): --Que essas questões iniciais, às vezes elas se aproximam, aparentemente, de informações que possam ter vindo daquelas fontes as quais nós estamos submetidos a determinados limites. Mas são informações que de alguma maneira já estão internalizadas. De forma que se por acaso, em alguma questão que eu formular houver a mínima possibilidade, eu até encareço dos companheiros que conhecem os detalhes que me advirtam e eu retirarei para que nós possamos progredir com a pergunta na etapa subseqüente, mas existem muitas questões que são de cunho nacional. E gostaria, Sr. Duda, que V.Sª. nos rememorasse em relação às campanhas políticas, pelo menos de 2000 para cá, que de alguma forma as suas empresas participaram, independentemente de partido político, independentemente de eventual regionalização. Resumindo a pergunta: As empresas de V.Sª.-- quais são e de quais campanhas políticas participaram a partir de 2000?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Sr. Relator. tenha certeza que não é a opção melhor para mim. Eu gostaria de responder, já disse, todas as perguntas. Mas o que eu tinha que falar sobre esse assunto eu já falei. E vou ser fiel à promessa que fiz ao meu Advogado de não responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Como V.Sª. . se reportou a que teria falado a verdade quando do primeiro depoimento e que eu considero efetivamente como dados confirmados, segundo V.Sª., na medida em que disse que falou a verdade, eu questiono: V.Sª. afirmou, quando aqui compareceu, que os recursos que estavam depositados na conta Dusseldorf naquele momento ainda não haviam sido movimentados, ou seja, todos eles integralmente ainda estavam na conta Dusseldorf. Afirmação de V.Sª. no depoimento anterior. V.Sª. alteraria essa afirmação?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu gostaria de mais uma vez lamentar, mas dizer que vou ser fiel ao meu Advogado. Eu não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Sr. Presidente, uma questão de ordem, Sr. Presidente, Sr. Relator. Eu queria ponderar aqui ao Depoente, Sr. Presidente, que a ordem do Supremo e o Direito, Presidente--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Qual é a ordem, eu quero que se ele vai fazer uma questão de ordem, eu quero saber qual é o art. regimental?

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS(PT-PE): art. 33.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não é. O art. 33 não diz isso. Não diz. Eu vou pedir pela ordem, também, Presidente. Já estou pedindo pela ordem.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS(PT-PE): A proteção que o Supremo Tribunal Federal dá ao Depoente é para não emitir respostas que venham em prejuízo da sua defesa. Eu queria requerer ao Presidente para indagar ao Depoente se a simples confirmação do seu depoimento, prestado no dia 11 de agosto de 2005, poderia ser interpretado como em prejuízo da defesa? Me parece que o que o Relator está indagando é se o Depoente confirma algumas das informações por ele mesmo trazidas aqui no dia 11 de agosto. Não me parece que isto está protegido pela ordem do Supremo.

É essa questão que eu coloco a V.Exª., Sr. Presidente, Deputado Asdrubal Bentes.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente, é sobre o andamento dos trabalhos.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Tem a palavra V.Exª., Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Eu solicito a V.Exª. que mantenha a palavra do Relator, depois a lista dos inscritos, até porque não temos nenhuma dúvida que aqui, o mais inocente, o mais besta não anda, voa. Portanto qualquer Senador, Parlamentar ou Publicitário ou os Advogados sabem exatamente o que é que está aqui ou alhures. Então mantém a palavra o Relator, vamos à lista dos inscritos e depois veremos qual o resultado dessa Comissão Parlamentar de Inquérito.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Senadora Heloísa Helena, com o respeito que V.Exª. sempre me mereceu e continua a me merecer, eu quero dizer que nós temos conduzido de forma democrática. De maneira que o que ele, o que o Deputado Maurício Rands me solicitou, requereu à Presidência, foi uma questão de ordem.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não foi, Presidente. É um pela ordem. Meu filho, não fale de 33.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu não posso, eu não posso, não tenho bola de cristal para saber se a fundamentação que ele alegou é procedente ou não, mas eu creio que vou decidir a questão de ordem, não há questão de ordem a decidir.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Está certo.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu, por isso, eu retorno a palavra ao Sr. Relator e solicito mais uma vez aos Parlamentares que nós queremos agilizar os trabalhos. E vamos evitar as discussões--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Está correto, V.Exª. Vamos se embora.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Histórias que não levam a nada.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Duda Mendonça, eu queria ponderar a V.Sª., assim como seus Procuradores, seus Advogados, que nós teremos, pelo menos esta Relatoria, a paciência necessária, nem que seja para que fiquemos num monólogo de uma hora, duas horas, três horas para que a sociedade perceba que nós não queremos ser palco de um cenário que nos entristece dele participar. De forma que se quiser insistir, primeiro vem a própria advertência processual que isso pode ser interpretado de forma detrimentosa a quem está depondo. E eu irei formular as perguntas, elas serão consignadas, o plenário vai tomar conhecimento e elas poderiam ser, imagino, esclarecidas a seu favor na medida em que são dúvidas que, por enquanto, estão carregadas negativamente e que elas poderiam ser positivadas a seu favor se elas fossem esclarecidas. V.Sª. também disse no depoimento, quando aqui compareceu, em 11 de agosto de 2005, que além daqueles recursos anunciados por V.Sª. que teria recebido entre 10 milhões e meio de dólares, nenhum outro recurso, de nenhuma outra proveniência teria sido carreado para a conta Dusseldorf. V.Sª. mantém a informação de que a conta Dusseldorf só contém recursos oriundos dessa negociação com Marcos Valério e que corresponderiam a pagamentos relativos ao Partido dos Trabalhadores?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Sr. Relator, mais uma vez eu lhe peço desculpa. Eu gostaria, sinceramente, de responder essa e todas as outras perguntas porque tenho argumentos para responder. Mas a primeira vez que estive aqui eu respondi e o resultado eu sei o que eu passei. Desta maneira, eu peço, mais uma vez, perdão, mas eu vou seguir o compromisso assumido por mim com meus Advogados de não responder, até porque como eu sou Publicitário e não Advogado, eu não sei qual é a pergunta que pode prejudicar a defesa ou não. Então eu estou a consultar a cada momento e a informação que tenho deles é que eu devo continuar me manter em silêncio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): V.Sª., talvez, para registro do plenário e da sociedade, quando aqui compareceu nos franqueou acesso aos seus assentos, aos seus documentos, à sua contabilidade. A CPI reiteradamente solicitou tais documentos de V.Sª., das suas empresas e nós temos os registros que isso consignam e nós não recebemos essa documentação. Evidentemente nós iremos solicitar as instâncias seguintes que judicialmente procedam, eventualmente, até a apreensão. O que não nos era dado enquanto instância político administrativa.

Eu falo isso porque V.Sª. mesmo, quando aqui depôs, informou que pelo menos o montante que recebeu em 2003, de sete milhões, quatro milhões, em torno de três milhões e oitocentos mil, teriam sido oficialmente recebidos. Em 2004, de vinte e cinco milhões, dez milhões teriam sido oficialmente recebidos. E, no entanto, no Banco de Dados que nós dispomos

da sua movimentação financeira, nós encontramos um montante que não chega a 20% desses valores como sendo valores recebidos efetivamente do Partido dos Trabalhadores. V.Sª. teria alguma informação a nos dar quanto a essa discrepância entre aquilo que disse no depoimento precedente quanto em que seriam valores oficialmente recebidos e aqueles cujos dados nos foram disponibilizados?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, eu lamento mais uma vez e consultei o meu Advogado, agora se eu não podia dar essa explicação que sinceramente gostaria, mas eu continuo mantendo o compromisso com ele porque foi ao longo de uma conversa e uma negociação muito grande até três horas da manhã. E como na minha primeira vez eu contrariei e meus Advogados eu só me ferrei, dessa vez eu vim disciplinadamente para obedecer a eles. [risos]

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Duda, V.Sª. também quando aqui depôs, disse que a única empresa que recebia recursos a partir de ações de marketing político seria a CEPI. V.Sª. conhece a empresa, ouviu falar da empresa PAMPULHA TRANSPORTES LTDA.?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: O Senhor me desculpe, eu não vou responder. Apesar de gostar muito.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Nos levantamentos que nós procedemos das origens e das saídas dos recursos enquanto dados obtidos através da quebra do sigilo bancário nós percebemos uma evolução financeira na sua movimentação financeira muito acentuada entre os anos 2003 e 2004. Passou de, na verdade, antes vinha numa progressão sem muita diferença que chamasse a atenção, porque em 2000 foram catorze milhões, 2001, dezenove, 2002, vinte e sete, agora 2003, cinqüenta e seis milhões, 2004, trezentos e cinqüenta e dois milhões. V.Sª. poderia dar alguma informação enquanto movimentação financeira das suas empresas, esse salto entre 2003, de cinqüenta e seis para trezentos e cinqüenta e dois milhões de reais?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: É...

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Teria alguma explicação a isso?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Teria muitas explicações, Senador. Mas infelizmente, eu vou seguir o compromisso até o final. Isso para mim é uma tortura, porque eu gostaria de falar, tenho o que falar e gostaria de falar muito, mas infelizmente eu assumi um compromisso com meu Advogado de que essa é a melhor forma de não prejudicar a minha defesa. E vou tentar. Eu sinceramente espero que os Senhores compreendam um pouco a difícil situação que eu me encontro. Eu repito que eu vim a primeira vez, não deixei uma pergunta sem resposta. E vai ter um momento novo na Justiça para eu voltar a esclarecer tudo isso. Mas nesse momento-- E não vejam nisso nenhum desrespeito, vejam nisso uma dificuldade, no meu temperamento eu tenho argumentos e tenho fatos para responder qualquer pergunta, mas até três da manhã eu assumi o compromisso, ele está aqui a me futucar e a me dizer não vai responder. Então eu não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Duda Mendonça, também no seu depoimento aqui perante a CPI, V.Sª. nos afirmou que a contabilidade das empresas que integram o seu grupo, ela, cada empresa tem a sua contabilidade absolutamente diferenciada e que não existe migração, trânsito, transferência de recursos de uma empresa para a outra. No Banco de Dados que nós dispomos, nos assentos, nos registros que nós conseguimos recolher, foi constatada a transferência de dois milhões e seiscentos mil reais da Duda Associados para a CEPI. Pergunto a V.Sª. e repito quando V.Sª. aqui compareceu e inicialmente disse que nos falou a verdade, nos afirmou que não havia migração de recursos entre as empresas. Nós constamos que a Duda Associados transferiu dois milhões e seiscentos para a CEPI. É uma constatação equivocada?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, o Depoente pelo menos poderia ouvir as perguntas.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não ouviu?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não. Acho que não. Ele estava conversando com o Advogado.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu ouvi a pergunta. Ouvi a pergunta. E lamento, mas a resposta é a mesma.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Quando V.Sª. também aqui compareceu, foi questionado sobre os pagamentos efetuados ao Senhor Favre e informou o período em que eles teriam iniciado, nós constatamos e que os pagamentos todos teriam sido efetuados apenas por uma das empresas das quais V.Sª. é sócio. Na verdade, nós localizamos os pagamentos efetuados normalmente pela CEPI, mas duas curiosidades: o primeiro pagamento foi efetuado pela Duda Mendonça, depois pela CEPI. V.Sª. teria alguma explicação a nos dar quanto a isso?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Desculpe, Senhor Relator, mas eu vou seguir fiel ao meu compromisso de não responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Pois não. Uma outra constatação que nós tivemos é que o Senhor Luís Favre, em outubro de 2004, embora tivesse pagamentos efetuados de uma certa linearidade, quando chegou em outubro de 2004, portanto, num período eleitoral, recebeu setenta e quatro mil reais, destoando desse histórico que vinha sendo mantido ao longo do tempo precedente. V.Sª. teria alguma informação a nos dar sobre a que título essa transferência se operou?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, mais uma vez, mas a resposta é a mesma.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Nós também constatamos, Sr. Duda Mendonça, que no dia 31 de maio de 2005, 31 de maio de 2005, V.Sª. transferiu recursos para a Central Sindical, para a CUT, em três operações diferenciadas, na verdade quatro. No mesmo dia. Com valores quebrados, mas que somados correspondem a duzentos e trinta e cinco mil e duzentos reais. Que tipo de atividade e a que título a Duda Mendonça Associados, em 2005, no dia 31 de maio realizou essa transferência de duzentos e trinta e cinco mil e duzentos reais para a CUT?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu vou dizer ao Senhor o seguinte: Todas essas perguntas vão ser respondidas num determinado momento. E, na verdade, eu não sei de onde saíram esses dados, mas eu posso... Bom. Eu não posso nada. Eu posso dizer que eu não vou responder a pergunta.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu prossigo insistentemente acreditando que ao longo do tempo nós consigamos que V.Sª. nos auxilie e à sociedade brasileira atente ao esforço que nós estamos tendo para que a nossa investigação se aperfeiçoe. Da mesma forma nós constatamos que a Duda Mendonça efetuou pagamento em 2005 à CGT. Na verdade em 2004, dezessete mil trezentos e oitenta e seis e no ano de 2005, vinte e quatro mil trezentos e noventa. V.Sª. poderia esclarecer a que título essas transferências ocorreram?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Senador, a sociedade brasileira--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Deputado, ainda.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, desculpe. [risos]

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Nosso candidato ao Senado.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Quem sabe ano que vem Senador? Eu quero dizer que a sociedade brasileira também é testemunha do massacre que eu venho sofrendo, por que eu vim a essa CPI espontaneamente e me coloquei à disposição para ajudar. Eu lamento de todo o coração, mas nesse momento eu cansei de apanhar. E o que eu estou fazendo é apenas seguir, contra a minha vontade, toda a orientação do meu Advogado que me garante que essa é a melhor solução para auxiliar a minha defesa. Que vai ter um momento de eu falar, seguramente, e aí eu vou falar e eu vou falar muito.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu só quero dizer que embora não me intitule representante da sociedade brasileira, embora de uma parte menor, eu prefiro, embora V.Sª. agora adote uma conduta diferenciada, eu prefiro a memória sua do tempo em que V.Sª. falou a verdade, ainda que eventualmente isso possa ocasionar algum detrimento, eu acho que cada um de nós responde pelos atos que pratica. E a sociedade quer que nós paguemos pelos nossos erros. Se a verdade nos prejudica, que nos prejudique, porque só assim nós, enquanto integrantes de uma engrenagem, sabemos que nós temos que ter uma conduta consentânea com aquilo que se espera e, portanto, volto a dizer: prefiro Duda Mendonça da verdade e não do silêncio.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Sr. Deputado. Sr. Deputado eu poderia, a palavra. Eu quero dizer ao Senhor o seguinte: É o mesmo Duda Mendonça. E se houve um equívoco da minha parte foi receber o dinheiro sem pagar o imposto. Imediatamente paguei o imposto devido. Paguei quatro milhões e trezentos, o equivalente a quatrocentos e trinta mil, durante dez anos. Paguei o imposto devido que foi todo o dinheiro da minha vida eu ganhei honestamente às custas do meu trabalho. Ninguém nunca vai provar o contrário. E no momento que falei naquela vez eu usei o que a lei me facultava e paguei o imposto. Então eu fui penalizado. A minha parte da culpa eu fui. E fui mais penalizado. Nas minhas empresas hoje, em virtude de tudo isso, eu já fui obrigado a demitir mais de cem pessoas. Então não imagina o Senhor o que eu tenho sido penalizado. E se adoto essa postura agora é porque eu estou convencido pelos meus Advogados de que essa é a melhor solução para a minha defesa.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu prefiro não altercar, me contenho no meu juízo de valor que prossegue sendo precedente. V.Sª. conhece as seguintes empresas CRIATIVA GRÁFICA E EDITORA LTDA.? Alguma vez alguma empresa de V.Sª. teve alguma transação, alguma operação comercial ou financeira com a CRIATIVA GRÁFICA E EDITORA LTDA.?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): V.Sª. entende que só dizer que conhece uma empresa, isso lhe seria prejudicial?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu não sei Senador, eu não sou Advogado e não sei o que pode ser prejudicial ou não, então eu sigo a orientação dos meus Advogados em não responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Só para dizer a V.Sª. que nós constatamos que a CRIATIVA recebeu de Duda Mendonça, da Duda Associados, três milhões e setecentos e poucos mil reais. E nós temos razões para fazer esse tipo de investigação por que na verdade existem transações que não estão no contexto do FINCEN nem da promotoria distrital de Nova Iorque e que essas empresas, de alguma forma, tiveram transações internacionais. V.Sª. conhece a empresa MAIS FILMES LTDA.?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A filha de V.Sª. teria alguma participação societária nessa empresa MAIS FILMES?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A MAIS FILMES recebeu dois milhões e seiscentos e poucos mil também. Terceira empresa. V.Sª. conhece a EDITORA GRÁFICOS BURTI LTDA.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Senador...ou Deputado.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): EDITORA GRÁFICOS BURTI. Recebeu da Duda Mendonça quatro milhões e seiscentos mil reais. Eu quero esclarecer a V.Sª., essas três empresas que têm seus nomes incluídos num relatório do Banco Central, de transferência de recursos para o exterior. E que são empresas, como se viu, com transações com a DUDA ASSOCIADOS. V.Sª. conhece a empresa NOV, N-O-V, NOV PATRIMONIAL LTDA.?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: A resposta, Deputado, é a mesma.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não sabe quem são os sócios? Qual o ramo da NOV PATRIMONIAL? Os dados que nós temos é que filhos de V.Sª. seriam integrantes dessa sociedade NOV PATRIMONIAL.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder. Deputado, eu queria que o Senhor, apenas uma coisa, por favor, eu tenho maior respeito pelo Senhor, inclusive pela sua vida pública e pela forma como o Senhor vem conduzindo isso. Eu só quero uma coisa, não veja nisso nenhum tipo de arrogância, não é do meu feitio, eu estou seguindo apenas um *script*, entendeu? Então não veja nisso, por favor--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sem problema. Da mesma forma V.Sª. encare o nosso--

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu vejo, o Senhor está cumprindo seu papel e eu cumprindo meu papel, entendeu? Não veja nisso, por favor, é a única coisa que eu peço.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E também eu só esclareço que não deixa de ser uma tática também de questionamento a insistência até o limite da resistência que de repente V. Sª.--

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: E eu estou, só não revelo é que é uma tática.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Mas eu nunca vi um negócio desse. Diz até a tática para o homem já se preparar. Estamos bem hoje.

[Risos]

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu estou admitindo que tem um limite.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Daqui a pouco V.Exª. vai perguntar se V.Sª. é baiano.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): A meu Deus do céu, o cabra saiu já a tomar guaraná ali. Realmente...

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Baiano quando empaca...

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Nós estamos nessa expectativa de que o Brasil inteiro está assistindo o Duda Mendonça que nós sempre apreciamos. Agora precisamos que esse apreço não se desfaça. Eu perguntei sobre a NOV PATRIMONIAL, Sr. Duda, porque, daí a pergunta também. Se V.Sª. poderia nos dizer qual o motivo da transferência da pessoa física Duda Mendonça para a NOV PATRIMONIAL, por que as informações são de que os integrantes da sociedade são seus filhos, transferiu cinco dias antes de V.Sª. comparecer a Polícia Federal, dois milhões e meio de reais. Primeira pergunta. Aliás, esse dado nós temos. Não preciso perguntar. A que título V.Sª. justifica essa transferência cinco dias antes do seu comparecimento à Polícia Federal de dois milhões e quinhentos mil reais da sua

conta pessoal, pessoa física, para a NOV PATRIMONIAL de seus filhos?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu vou começar até pular algumas para depois o pessoal ter mais inteligência no questionamento, quem sabe...

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Faça todas. O Senhor é quem conhece os dados.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Então vamos lá. V.Sª. conhece-- Eu estou pulando algumas, o que não significa que não tenha muitas. V.Sª. conhece o Sr. Marcelo Janvro Vivone(F)?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Da sua conta particular Duda Mendonça, foram transferidos quinhentos e dez mil seiscentos e noventa e nove reais à pessoa física do Sr. Marcelo Janvro Vivone(F). Que tipo de serviço, que tipo de operação teria acontecido que justificasse essas transferências?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Daqui a pouco V.Sª. ultrapassa a resistência dos seus Advogados. V.Sª. conhece a empresa SP TRAVEL AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): V.Sª. conhece a empresa PTR ADMINISTRAÇÃO E PARTICIPAÇÕES LTDA.?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu queria esclarecer em relação a três empresas, essa PTR, a WIN ASSESSORIA DE MARKETING LTDA., a GOUVEIA & EICHLER(F) LTDA., as três empresas foram beneficiadas com transferências de contas do GRUPO DUDA MENDONÇA. A PTR trezentos e noventa e cinco mil, a WIN um milhão e sessenta e dois mil e a GOUVEIA FISHER(F) [1:45:50.9] trezentos e setenta e cinco mil. O que chama atenção é que essas empresas, elas integram o relatório da Controladoria Geral da União que são empresas que teriam comprometimentos em licitações fraudulentas junto aos CORREIOS. Volto a dizer, V.Sª. teve transações comerciais que eu anunciei com essas empresas. V.Sª. conhece a PTR ADMINISTRAÇÃO E PARTICIPAÇÕES LTDA.?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, mais uma vez, Deputado, mas não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A WIN ASSESSORIA E MARKETING LTDA.?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, mas não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A GOUVEIA & EICHLER LTDA.?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, mas não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Há uma empresa, que as informações que nós tivemos, seria de sua filha. V.Sª. conhece a empresa MARIA BONITA FILMES LTDA.?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Teria alguma informação sobre alguma transação, alguma operação entre a empresa MARIA BONITA LTDA. e a DUDA MENDONÇA ASSOCIADOS ou a CEPI?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Na verdade, a sua empresa movimentou, só nos dois últimos anos, sete milhões de reais com essa empresa, da sua filha, MARIA BONITA FILMES. Não confirma esses valores?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Deputado.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Além da Dusseldorf que V.Sª. nos informou, possui alguma outra conta no exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Tem ciência se sua filha possui alguma conta nos Estados Unidos?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Deputado.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Suponho que V.Sª. tenha lido o noticiário que fez referência a uma tentativa de transferência de recursos, no exterior, a partir da sua filha Eduarda. A sua filha Eduarda efetuou alguma movimentação financeira do BANK OF AMERICA, em Miami?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Deputado.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): V.Sª. sabe quem é Leonildo José Ramad?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Luís de Oliveira?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Deputado.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSBB-SP): Sr. Relator, pela ordem. Eu acho que mesmo que o Depoente se recuse a responder, acho que V.Exª. poderia prestar alguns esclarecimentos a nós todos, pelo menos, minimamente sobre o que o Depoente se recusa a responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu tenho--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Nobre Deputado Silvio Torres. A palavra está com o Relator. O Relator tem o direito de formular a pergunta e posteriormente V.Exª. será chamado, se inscrito estiver.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu quero apenas esclarecer... [risos]

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu tenho procurado, eu tenho, Sr. Presidente, eu tenho procurado, na verdade, esclarecer, mas em homenagem ao Deputado Silvio...

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): agradeço, Sr. Presidente.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Olha, o Deputado Sílvio não vai responder. .

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Em homenagem ao Deputado Silvio, eu apenas quero dizer que pode perceber que em algumas ocasiões eu esclareço. Em outras não porque existem alguns dados que estão muito próximos do limite. E como esses nomes, são nomes aparentemente nacionais, eu os anunciei. Mas com cautela porque depois nós poderemos na seqüência prosseguir. V.Sª., Sr. Duda, teve algum contato, apoio, de algum Diretor ou empregado do BANCO RURAL para possibilitar as remessas de recursos para a conta Dusseldorf?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, eu posso conversar um pouco com os meus Advogados?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Pode. Suspenda por uns cinco minutos.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): A Sessão está suspensa por cinco minutos.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Um minuto. Posso? Só um minutinho.

Sessão suspensa às 13h13

Sessão reaberta às 13h15

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Estão reabertos os trabalhos. Com a palavra o Deputado Relator Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Duda Mendonça, eu indago se esse intervalo foi suficiente para que V.Sª. recuperasse o senso de que, como marqueteiro, deve estar percebendo que a sua imagem está ,salvo melhor juízo, ruindo. E que ela pode ser recuperada na medida em que efetivamente atuar como um profissional da comunicação e com isso recuperar o elo com a nossa sociedade e com essa CPI. A pergunta é: V.Sª. retornou com espírito de colaboração, lembrando a máxima do Chacrinha de quem não comunica se trumbica? [risos]

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Sr. Senador, eu acho que a minha imagem foi abalada, sem dúvida nenhuma, não pelas coisas que eu falei e não pelas coisas que eu fiz, mas seguramente por uma campanha odiosa de difamação que tenho sido vítima desde o começo do ano passado quando fui preso numa briga de galo. Então eu quero dizer ao Senhor que mais uma vez tentei, em respeito a V.Exª., em respeito a essa CPI, em respeito a mim mesmo porque as perguntas são absolutamente esdrúxulas, a convencer os meus Advogados a mudar de posição. Mas eles continuam na sua função, irredutíveis. Então não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu só queria antes, só uma consideração...

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado, ACM eu peço a consideração--

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Tem uma proposta que eu quero fazer ao Deputado Osmar, se ele permitir. Evidente que todos nós estamos aqui constrangidos com essa situação porque é completamente improdutiva a postura do Depoente. Eu proporia ao Presidente e ao Deputado Osmar que argüissem o Depoente e, se por acaso, nós transformássemos essa Sessão em uma Sessão reservada diferentemente do que foi deliberado pelo plenário, se o Depoente admitiria mudar de postura? Porque é evidente que nós temos esse poder de transformar a Sessão em reservada desde quando haja um compromisso do Depoente de colaborar com a CPMI enfrentando as questões, mantendo, é claro, a sua preservação pessoal ainda tendo a proteção do habeas-corpus, porém tendo uma postura diferente. Que é

o que eu acho que nós precisamos, nós estamos na última audiência pública da CPI, nós precisamos de informações, nós precisamos de verdade. Então eu faria esse apelo, inclusive, perguntando ao Sr. Duda Mendonça se por acaso nós fechássemos essa Sessão, ela deixasse de ser transmitida, se ficassem apenas os Parlamentares, se ele teria disposição de colaborar com a [inaudível 1:53:57.8] de V.Exª. e de todos nós.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Um momento, Senadora, por favor. Eu indago ao Depoente se aceita a proposta?

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não, mas eu quero contraditar a proposta, a não ser que, óbvio...

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Também, mais uma vez não posso--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Entendeu? Ele pode até dizer.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Mais uma vez, não posso adivinhar qual seria o objetivo do seu pela ordem. A Senhor a teria que dizer na hora para contraditar e aí V.Exª. teria.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): É não, Sr. Presidente, é por que--.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Com a palavra V.Exª.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Quando a pessoa pede pela ordem, diz o regimento que é para tratar sobre o andamento dos trabalhos, assim sendo, de pronto se concede, sabe V.Exª. e sabemos todos nós, para que o parlamentar fale sobre o andamento dos trabalhos. É só isso. Daqui a pouco, evidente que se o Depoente quiser dizer, tudo bem, vamos para a Sessão reservada, só que nós acabamos de aprovar que haverá uma reunião secreta. Sim, mas foi a decisão do plenário. Então vai propor ao plenário uma nova votação. Tudo bem. Sim, mas uma nova votação ao plenário se ele. Meu Deus. Senador, Deputado, o Senhor acha que objetivamente, tudo bem, pergunte a ele. Alguém acha que isso é possível?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Talvez, Senadora.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Que é isso?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Quero apoiar a Senadora Heloísa Helena.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu quero, Senadora, mais uma vez aceitar a ponderação de V.Exª. e fazer a indagação ao Sr. Duda Mendonça relativa à pergunta feita pelo Deputado ACM Neto. Se V.Sª., em transformando a Sessão em secreta, se V.Exª. estaria disposto a falar?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, com o respeito que eu tenho a V.Sª. e o carinho pelo fato de sermos dois baianos, eu quero dizer nesse momento eu sigo a orientação dos meus Advogados que dizem que não vou responder.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço a V.Sª. e retorno a palavra ao Relator.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: A intenção não é não colaborar. A intenção é colaborar. Mas, ao mesmo tempo, eu tenho um compromisso que eles acham que é o mais correto e o mais justo para a minha defesa. Eu não sou Advogado, não tenho condição de avaliar exatamente qual pergunta eu posso, qual eu não posso, tem muitas que eu já gostaria de estar respondendo, aliás, todas, mas está escrito aqui, o meu bordão, e eu não posso ficar sem Advogado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Com a palavra o Senhor Relator.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): De qualquer modo, Sr. Duda Mendonça, não só nós iremos prosseguir incansavelmente, quanto nós gostaríamos que eventualmente V.Sª. consultasse os seus Advogados, seus Procuradores, de forma a que, imagino, eles também, paulatinamente venham a se convencer de que isso tudo, esse teatro, de alguma forma, poderá lá à frente terminar prejudicando o próprio cliente. Mas uma afirmação de V.Sª., precedentemente ao questionamento de ordem do Deputado Antônio Carlos Magalhães Neto, me fez curioso. V.Sª. disse que a partir do ano passado vem sendo objeto de uma campanha ou de campanhas que lhe são prejudiciais. V.Sª. é uma pessoa que reputamos inteligente. Nós gostaríamos de saber se identificou, ou a que título é, o que V.Sª. vem percebendo, o que o aconteceu que V.Sª. qualifica como sendo vítima de campanha iniciada no ano passado?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu não vou responder. Deputado, o que eu quero me tentar é que, ao que eu soube, teriam duas sessões. Não é isso? Uma parte que será essa e uma parte que será privada.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E que ela seria imediatamente agora convertida se V.Exª. concordasse em falar.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu queria que na hora que for ser transformada, o Senhor me desse cinco minutos para eu tentar

ter uma reunião um pouco mais prolongada com meus Advogados. Está certo? Só isso que eu queria.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Pois não. Quando V.Sª. aqui prestou depoimento, disse que através do Delúbio Soares teria recebido três milhões e oitocentos mil reais em dinheiro. V.Sª. teria como nos esclarecer qual foi a destinação desse montante? Eu recuperaria a idéia do que V.Sª. expôs, que teria recebido quinze milhões e meio da campanha do PT, sendo que dez milhões e meio foram através da Dusseldorf, um milhão e quatrocentos através da sócia Zilmar e três milhões e oitocentos através do Delúbio Soares em dinheiro. A nossa indagação está restrita a esses últimos três milhões e oitocentos mil reais. V.Sª. poderia nos esclarecer a destinação que foi dada aos recursos recebidos em 2003 do Sr. Delúbio Soares no montante de aproximadamente três milhões e oitocentos mil reais?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Desculpe, Deputado, mas não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Quando V.Sª. nos prestou esclarecimentos na oitiva precedente, nos deu as datas em que teria sido iniciada a movimentação financeira na conta Dusseldorf e que ela teria sido concluída em agosto. V.Sª. confirma que a partir de agosto de 2003 não houve mais depósitos na conta Dusseldorf?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): V.Sª. instituiu, além da Dusseldorf, alguma outra empresa, conta, parece que V.Sª. já nos afirmou anteriormente que não, mas abriu alguma empresa sem ser essa *offshore* Dusseldorf, algum *trust* fora do Brasil?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Tem algum familiar que tenha alguma empresa ou alguma outra forma jurídica, trânsito, algo assemelhado, no exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): V.Sª. tem conhecimento de contas no exterior com beneficiários como Marcos Valério, Delúbio Soares?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): V.Sª. tem ou suas empresas tiveram transações com empresas no exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Quem são os integrantes, os componentes da sua família? V.Sª. é casado, primeira, segundas núpcias, com quem? Quais os filhos que tem? Poderia nos esclarecer?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado...[RISOS]

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não vai responder também?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu estou perguntando aos meus Advogados e eles dizem que qualquer coisa que eu responda, eu não sou Advogado, desculpa, eu não tenho a noção do que é, para mim, assim, eu não devo responder pergunta nenhuma desse tipo.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Mas não incrimina V.Sª. dizer o nome, porque isso seria era desacato.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Senadora...

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): O nome da sua esposa e dos filhos. É isso que ele está perguntando. Isso não é possível. Isso não complica as investigações, isso caracterizaria era desacato. Não pode. Não pode.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Senadora, o que acontece é que eu, assim-

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): O nome dos filhos...

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lógico. Mas, assim, o que eu quero dizer é o seguinte: Você tem uma conduta e que a conduta é responder ou não responder. É óbvio que o nome dos meus filhos é conhecido de todo mundo, é fácil de se verificar. Então não é uma resposta necessária, eles julgam por que é muito fácil verificar quem são meus filhos estão todos registrados. Eu não tenho filho fora do casamento, todos estão registrados oficialmente e a minha mulher, eu sou casado com ela. Então é muito fácil de verificar quem é minha mulher e quem são meus filhos. Então eles acham que eu não devo responder e eu estou seguindo a orientação dos meus Advogados que querem me proteger. Desculpe, sinceramente, lamento, mas não tenho outra postura a não ser repetir o bordão que não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, de qualquer modo quero registrar que nós iremos aprofundar a análise dessa conduta e se ela for eventualmente criminosa nós iremos tomar as providências cabíveis para que

ele eventualmente, até em obstrução da justiça, porque nós estamos atuando aqui como uma instância que tem poderes judiciais, segundo o preceito constitucional. Rita Moraes é sua esposa? Foi sua esposa?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sabe se ela tem conta no exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, tenho muitas questões, mas são muito relacionadas a transações no exterior e eu não quero avançar o sinal, até porque acho que se alguém deve preservar esse ajuste estabelecido com as autoridades americanas e com o objetivo de que nós mantenhamos essa interlocução tão proveitosa porque abriram-se canais diferentes, informações estão sendo obtidas, eu me reservo a prosseguir e, quanto a mim, na eventual reunião secreta e me dou por satisfeito.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço a V.Exª., Senhor Relator. E vamos, então, passar a palavra aos Parlamentares inscritos. Pela ordem de inscrição, Senadora Heloísa Helena. Tem o prazo de dez minutos.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Como certamente monólogo será, talvez, nem use o tempo que é necessário. Primeiro essa-- Acho que porque talvez poucas pessoas estejam até acompanhando a TV Senado. Pelo amor de Deus ninguém me ligue e nem mande e-mail dizendo eu estou vendo e você disse que eu não estava vendo. Não tem quem agüente isso.

Mas é absolutamente natural que as pessoas até desistam de fiscalizar os seus Parlamentares depois de um habeas-corpus, as pessoas já sabem exatamente o que está acontecendo. Essa Sessão, ela assim, ela tem um misto de desolação para alguns e de extrema euforia para outros, porque certamente muitos das ilustres e putrefatas Excelências do Senado, ou da Câmara ou do Palácio do Planalto ou de gangues partidárias estarão estourando o champanhe e comemorando muito o silêncio do Publicitário Duda Mendonça. Alguns, com certeza, poderão dizer, alguns poderão dizer: mas o Duda tem razão; ele já foi tão prejudicado mesmo. Ele já disse que foi prejudicado, a família sofre, alguns poderão dizer. Outros certamente dirão: que nada, ele fez um acordo para se resguardar de alguma forma, para ter alguma benevolência da justiça, enfrentar um gigante tão grande como esse fica difícil. Então algumas pessoas poderão até dizer isso.

Essa Sessão é assim. E aí talvez o nervoso, não vou entrar no belo debate entre as lágrimas de Heráclito e o riso de Demócrito, porque quem defendia as lágrimas de Heráclito devia, dizia que talvez quando a dor fosse tão grande, tão grande, lágrimas não sairia, talvez se risse porque aqui também a gente começou a gargalhar de um monte de coisa. Uma situação trágica como esta. Nós estamos praticamente numa das últimas sessões, a última da Comissão Parlamentar de Inquérito. E tem coisas *sui generis*.

Eu estava nesse instante, Senador César Borges, eu estava até olhando para o Advogado e achando que conhecia ele de algum lugar. Era impossível, eu imaginei, porque é um Advogado poderoso, eu jamais poderia. Acabei me lembrando de um fato da minha infância, Duda Mendonça, quando eu ia assistir um filme, eu assistia na brechinha da janela da casa de dona Élia que era uma mulher que tinha televisão, porque lá em casa não tinha televisão, a gente assistia um filme preto e branco de um vampiro muito poderoso que era o Christopher Lee. Mas o Advogado não era o vampiro, era o caçador de vampiro e a gente torcia por ele, era o Peter Cushing. Comecei a achar parecido. Depois é que eu descobri os nomes. Porque quando eu era pivetinha não. Eu só lembrei do fato. Eu lá, na beirinha da janela, a gente brigava com os meninos de tapa e os meninos batia a porta na janela da gente para a gente não assistir televisão porque era pobre, tinha que ficar do outro lado da calçada só para tentar ver o filminho em preto e branco.

E aí eu lembrei de uma história que eu repito sempre, de dona Helena, a Sra. minha mãe, que ela, costureira ela ia costurar na casa de pessoas de classe média alta, lá em Maceió. E aí a gente ficava num quartinho que tinha assim no quintal que é um lugarinho reservado para quem não pode passar da porta da cozinha. E a gente ficava lá num quartinho para ela costurar. E eu lembro, já disse isso uma vez, eu lembro que minha mãe, eu-- sobrou umas pedrinhas azuis lindas de um vestido que ela enfeitava de uma madame. Pense que pedrinhas azuis lindas e eu tinha achado no lixo de uma casa uma Susy que era uma boneca linda que toda menina queria ter, e eu achei no lixo uma Susy, peguei as pedrinhas azuis e enfeitei o vestidinho da minha Susy.

Pois dona Helena, Sra. minha mãe, me obrigou a tirar seis pedrinhas azuis do vestido Susy que eu tinha feito para minha boneca para ela colocar num saquinho minúsculo para devolver à tal da mulher que talvez a mulher nem se incomodasse de dar a uma criança as suas pedrinhas. Mas minha mãe me obrigou a tirar do vestidinho. E aí, eu fico pensando. O Senhor acha que

minha mãe me deu a orientação certa? Duda,acha que minha mãe me deu a orientação certa? [risos]

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): O Senhor daria uma informação como essa a um filho seu? Não. Essa informação, ela pode ser não ser relevante para os trabalhos de investigação do mesmo jeito que o silêncio de V.Exª. não é. E nem a orientação dos seus Advogados também não é. Então, já que nós estamos aqui, então V.Exª. é só responder se daria uma orientação como essa aos seus filhos?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Essa é uma coisa de foro íntimo da Senhora.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pronto, está certo. Então-- Não é. As lições de honestidade não são coisas de foro íntimo.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Dona, Heloísa Helena, com todo o respeito--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não. Eu só quero saber isso. Daria ou não? É só uma pergunta.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: --Que eu tenho a Senhora, com todo o respeito que eu tenho a Senhor a, eu também tive um pai que tinha características semelhantes e foi por isso que eu vim a primeira vez e abri meu coração.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): E é por isso eu estou falando isso, por que eu estou aqui com o depoimento de V.Sª. falando do seu pai, se emocionou aqui, disse que estava falando a verdade até para atender ao seu pai.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: E fui ridicularizado por muita gente.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Por quem? Por quem o Senhor foi ridicularizado?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu quero dizer à Senhora o seguinte: olha, eu, hoje vou seguir meu script. Eu não vou me emocionar. Eu não vou seguir meu script. Eu não vou responder. Desculpe. Eu tenho respeito pela Senhora, pela sua ação e eu lamento sinceramente, não veja isso como nenhum tipo de retaliação. Eu vejo a Senhora desempenhando o seu papel, está certo? Agora me permita compreender que nesse momento eu estou desempenhando o meu papel.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): O Senhor vai disponibilizar, vai tratar de temas, por exemplo, que não estão relacionados às quebras de sigilo, às quebras de sigilo das corretoras, à transferência de recurso, aos saques de recurso o Senhor está dizendo que não vai mais tratar sobre isso. O Senhor também não vai, vai disponibilizar para essa Comissão alguma resposta sobre o trabalho de V.Sª. como Publicitário, por exemplo, quais os partidos ou Estados que o Senhor desenvolveu trabalhos de publicidade e que se esses, como nós estamos investigando a possível transferência de recursos ilegal para pagamento de campanha eleitoral, V.Sª. vai poder disponibilizar a informação de quais partidos políticos ou personalidades com as quais o Senhor se relacionou politicamente, que de alguma forma tenham sido a fonte do recurso que V.Sª. encaminhou para o exterior ou para uma outra conta?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, Senadora, mas não vou responder.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Está bem. Sr. Presidente, Srs. Senadores, eu acho que essa CPI está num momento muito interessante. Eu não tenho dúvida do que pensa a sociedade de uma forma em geral. Claro que os amigos de alguns poderão pensar algumas coisas, até para proteger, porque só sabe da sua dor quem está sentindo. É até normal que aconteça isso, como acontece com qualquer um outro Depoente que aqui vem. Mas eu quero deixar mais uma vez registrado. E já disse várias vezes à Deputada Denise Frossard. Se cumpre decisão judicial, mas não necessariamente se respeita. Não necessariamente se respeita. Eu já disse aqui várias vezes que eu não respeito todas decisões judiciais. Não respeito. Eu não tenho dúvida da admiração que parte do povo brasileiro tem, uma admiração bela, uma admiração legítima por muitos representantes do Poder Judiciário que são capazes de atos de coragem [soa a campainha] pouco vistos na nossa história.

Mas nós sabemos também que muitas vezes o Poder Judiciário, nem vou analisar se é esse caso ou não, mas sabemos, muitas vezes como o Poder Judiciário age pautado na canalhice da promiscuidade com o mundo da política para impedir que fatos importantes possam realmente ser investigados e apresentados à sociedade. Então eu só espero, não tenho-- fé eu tenho sempre, fé em Deus e fé na luta do povo, mas não sei se a reunião secreta que acontecerá com os quatro Parlamentares, o Depoente e seus Advogados não sei se mais dados importantes poderá ter.

Eu até espero, se for possível, eu até espero, realmente torço muito para que na reunião secreta, embora o Publicitário Duda Mendonça, embora V.Sª. já tenha de alguma forma antecipado que não mais responderá, mas eu espero realmente que possa ser devidamente investigado e V.Exª., Senador Osmar Serraglio, não imagina para a sociedade de uma forma geral, é tudo a mesma porcaria e para nós Parlamentares é a mesma coisa também porque Senador, ou

Deputado, aliás, nós defendemos até unicameralismo. Mas eu quero deixar claro a responsabilidade que essa CPI tem. Não vai ser uma coisa qualquer, o clima que está criado na sociedade falando dos grandes acordões, das operações abafas, das promiscuidades do passado e do presente para impedir o aprofundamento das investigações. Não é uma coisa simples o que está acontecendo. Quem, pelo menos, anda um pouco na internet sabe como, só para terminar...

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Senadora, o tempo de V.Exª. está esgotado.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Até porque, Deputado Asdrúbal, como vai ter muita coisa ainda para ser respondida e questionada, só um instantinho para terminar. Quem acompanha o Poder Legislativo não tem uma coisa qualquer não, as pessoas tratam o Poder Legislativo até com a generalização perversa para quem não é bandido e V.Sª. sabe, V.Exª. sabe disso, quem não é bandido aqui sofre com a generalização perversa, mas a sociedade trata de covil, de bando, disso e daquilo outro que é uma coisa inimaginável. Eu, só como a Deputada Denise Frossard está aqui me pedindo um aparte eu não poderia deixar de dar um aparte a ela, embora saiba que é possível regimentalmente, não é tradição fazê-lo, mas eu dou aparte a nossa Deputada Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Senadora Heloísa Helena, a dificuldade do Depoente em prestar, em responder aqui e ele pode se recusar legalmente, esta é a lei, mas a dificuldade dele, para mim já está mais do que identificada, Senadora. É porque ele mentiu no depoimento anterior. Só por isso. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Bom, eu ouvi atentamente a manifestação da Senadora Heloísa Helena e ao referir-se ao Poder Legislativo, o tratou com uma palavra insultuosa.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Que a sociedade. Não, não, não. Que a sociedade dá.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Então, eu gostaria, eu determino a taquigrafia--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não, não, não. Não disse.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): --Que corte a palavra porcaria.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Eu nem falei isso. Eu falei algo pior. Não falei porcaria--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Olha Senadora Heloisa Helena, falou porcaria. Não vamos polemizar. Eu determino que seja retirada esta palavra insultuosa--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Mas eu não autorizo. Mas eu não... Mas eu estou recorrendo da decisão de V.Exª.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Recorra, recorra--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Eu estou dizendo o seguinte. Essa... O Senhor ... Eu não vou polemizar para não--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Palavra insultuosa. Quem não vai polemizar é esta Mesa. Agora, não posso admitir que esse poder seja insultado. E o faço com base no art. 19.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Eu disse foi que para a sociedade é a mesma coisa. Eu quero ver é que essa CPI cale a sociedade pelos fatos.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Não vou polemizar. Peço a V. Exa. Já esgotou o seu prazo.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não é isso. Eu só disse o que a sociedade disse.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Recorra na forma do regimento.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Eu disse que a sociedade trata o parlamento assim e assim sendo e assim sendo não vai, não vai impedir a sociedade de continuar dizendo que é porcaria. Não vai.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Concedo a palavra pela ordem de inscrição ao Deputado Maurício Rands.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Sr. Presidente...

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Isso é um absurdo.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Eu queria inicialmente indagar ao Depoente se quando inquirido por V.Exª. e pelo Relator ele disse que não iria oferecer respostas porque não tendo conhecimento jurídico não tinha condições, ele próprio, de avaliar aquelas respostas que podem prejudicá-lo e que, portanto, estão cobertas pela decisão do Supremo Tribunal Federal. Ao dizer isso, Senhor Depoente, V.Sª. está admitindo que existem respostas que prejudicam e são protegidas e que existem outras respostas que não prejudicam, não podem prejudicar a defesa e, portanto, não estão amparadas pelo direito ao silên-

cio. V.Sª. disse que reservava esse conhecimento aos seus Advogados.

Então, o que é que eu quero dizer aqui ao Depoente? Já que o Depoente admite que há respostas amparadas e respostas não amparadas pela decisão judicial, eu queria indagar ao Depoente se, para realmente cumprir a sua palavra, ele que quer colaborar, de que tem interesse em esclarecer todas essas questões, se V.Sª. concorda em que diante das nossas perguntas seja dado um tempo e aí eu não tenho problema de perder parte do meu tempo, que é curto, mas diante das perguntas que V.Sª. dialogue com seus Deputados para que eles façam essa classificação. Com os Deputados não. Desculpe. Muito obrigado Onyx e Deputada Denise Frossard. Com os seus Advogados para que os Advogados façam a classificação, já que o Senhor , em não tendo conhecimento jurídico, não sente condições técnicas de fazer a classificação, mas admite que ela existe. Então podemos, eu indago ao Depoente se podemos caminhar nesse sentido?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu quero dizer ao Senhor que já foi feita essa reflexão ontem até as três horas da manhã e a atuação que estou tendo é em consonância com os meus Advogados que estão aqui ao meu lado e a qualquer momento podem me chamar--

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): E eu indago também então a V.Sª. se o depoimento que V.Sª. deu no dia 25 de agosto de 2005 foi verdadeiro? Desculpe. 11 de agosto. Dia dos discursos jurídicos. Obrigado, Deputado Arnaldo. No dia 11 de agosto, dia dos discursos jurídicos, o depoimento de V.Sª. foi verdadeiro?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Porque ao que se admite, se o Senhor acha que o depoimento e afirma o que o depoimento foi verdadeiro, significa dizer que, se nós prosseguirmos esclarecendo aquele depoimento, V.Sª. não estaria se prejudicando. V.Sª. está consciente, portanto, que reconhecendo que existem respostas amparadas pelo Supremo Tribunal Federal e respostas que não são amparadas, como V.Sª. implicitamente já admitiu, V.Sª. pode ser, depois, ter sua conduta interpretada como obstrução judicial, obstrução a atividades da justiça. V.Sª. está consciente disso?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Segundo orientação de meus Advogados não pode e eu não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Fica um diálogo difícil, mas nós vamos prosseguir. Eu queria perguntar a V.Sª. se V.Sª. recebeu dinheiro no exterior de alguma outra campanha política, além daquela mencionada no depoimento do dia 11 de agosto de 2005?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Se V.Sª. recebeu dinheiro no exterior de alguma outra campanha realizada para algum político ou partido brasileiro?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, Deputado, ficar nessa retórica, ou ficar nesse refrão. Mas não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): V.Sª. acredita que na quebra de sigilo bancário no exterior, de Paulo Maluf, constará alguma transação relacionada ao Senhor e as suas empresas?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Existe alguma ligação entre as campanhas realizadas no Brasil e as contas no BANK BOSTON INTERNACIONAL?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): V. Sª., no depoimento de 11 de agosto, declarou que parte dos recursos recebidos pela campanha de 2002 foi recebida no exterior. Uma outra parte foi recebida aqui no Brasil. Dessa parte recebida aqui no Brasil, três milhões e oitocentos mil reais, segundo seu depoimento, teriam sido recebidos em espécie. Onde o Senhor depositou esses recursos? Qual a destinação que o Senhor deu a esses recursos?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): E sobre os recursos remetidos de um milhão e quatrocentos mil, recebidos pela Senhora Zilmar Fernandes também, segundo depoimento, em espécie. Esses recursos foram depositados aqui ou também foram remetidos, digamos, por dólar cabo, para o exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): O Senhor possuí algum familiar, sócio, preposto, colaborador ou alguma outra conta nos Estados Unidos ou em outro país?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): O Senhor, através do seu Advogado, declarou que parte dos recursos da conta Dusseldorf, aqui eu não estou entrando na análise das informações que dispomos sobre aquelas movimentações financeiras, mas o Senhor declarou, eu acompanhei pelos jornais, através

do seu Advogado, que os recursos teriam saído dessa conta Dusseldorf para pagamento de fornecedores no exterior. Eu pergunto. Uma agência de publicidade tem efetivamente, regularmente, contratos com fornecedores no exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Sua filha, como foi noticiado em alguns jornais, em algum momento tentou trazer recursos de alguma conta no exterior para o Brasil?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Além dos recursos enviados, aí uma das hipóteses é que esses recursos teriam sido enviados pelo Sr. Marcos Valério em pagamento da campanha, segundo a declaração de V.Sª. no depoimento, recursos enviados por doleiros, que outras fontes ainda abasteceram essa conta que o Senhor admite ter no exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): A Senhora Zilmar Fernandes e Eduarda Martins Mendonça Filho, segundo notícia, são, a segunda é sua filha, tinham contas no exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): O Senhor conhece as seguintes empresas: GEDEX Conhece essa empresa?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): EMPREENDIMENTOS BONIFÁCIO?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Sr. Presidente. Como nós vemos, existem muitas perguntas que são meros esclarecimentos do depoimento já prestado, que são perguntas que poderiam ser classificadas como sem qualquer prejuízo para a defesa. São perguntas, portanto, que não estão cobertas, que não estão amparadas pela decisão, pela jurisprudência que foi construída e o réu, ao meu ver, desrespeitando as normas jurídicas que regulam a matéria, insiste em não colaborar, em não responder. Volto a dizer. Existem perguntas cujas respostas não necessariamente incriminariam o réu, mas ajudariam a esclarecer o trabalho investigativo da CPMI que não se circunscreve à linha de investigação relativa às contas e aos serviços prestados pelo Depoente. Depoente poderia, sim, esclarecer muitas outras linhas de investigação que são perseguidas aqui pela CPI e a sua insistência em se recusar, supostamente amparado por uma medida judicial, equivale, no nosso modo de entender, Sr. Presidente, à obstrução da justiça, porque nem todas as perguntas que são levantadas pela CPMI dizem respeito à linha de investigação que influi no resultado ou nas conseqüências jurídicas do Depoente.

Existem muitas outras perguntas. Algumas daquelas já foram levantadas, outras podem ser levantadas pelos Deputados, Deputadas, Senadoras e Senadores para esclarecer o conjunto do objeto de investigação da CPMI. E esta recusa às respostas foge ao limite que está sendo amparado pela decisão judicial. Eu requeiro, portanto, que posteriormente a Mesa e a Comissão avaliem esta conduta, porque implica em obstrução de atividade da Justiça. Nem tudo, repito, está passível de trazer prejuízo ao investigado. [soa a campainha] Eu, portanto, devolvo a palavra a V.Exª., Sr. Presidente.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, eu gostaria de fazer um esclarecimento. Hoje, como eu não tenho como avaliar quais são as respostas que podem me incriminar ou não no futuro, eu não sou Advogado, por orientação dos meus Advogados eu não vou responder.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Eu volto a dizer ao Senhor Depoente que esta CPI, o plenário está preparado para lhe conferir um tempo diante de cada questão para que os Advogados façam o juízo sobre se a pergunta está amparada pela ordem judicial ou não. Nós estamos, acredito que estou interpretando aqui a posição de todos os membros e do Relator Osmar Serraglio, nós estamos preparados a lhe conferir este tempo para que V.Exª. possa fazer a consulta técnica aos seus causídicos.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu quero dizer ao Senhor que ontem até as três da manhã, exatamente essa coisa foi discutida. Os meus Advogados conhecem todo o processo, toda essa discussão foi feita. Eu lamento essa situação. Não é a que eu gostaria nem os Senhores gostariam. Eu acho que é constrangedora para todo mundo, mas segundo eles, é a forma que eu tenho de não prejudicar a minha defesa. Então eu peço desculpa aos Senhores--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): A Deputada...

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: --Mas essa é minha postura.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): A Deputada Juíza Denise Frossard me pede por um minuto a palavra e eu a concedo.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Sr. Presidente, apenas uma questão. As pessoas às vezes ficam confusas diante do que se passa aqui. Tem razão. Porque ele está amparado, ele não é obrigado a fazer prova contra ele e nós também não somos juízes dele. Ele vai responder perante o tribunal. Nós não somos juízes do Depoente. Ele aqui está depondo para esclarecer alguns fatos. É claro que o Senhor pode, eu estou convencida que o Senhor está desconfortável em responder a qualquer pergunta, porque o Senhor mentiu na primeira. É claro o que o Senhor não pode responder a tudo. Até o Senhor disse. Na primeira vez eu respondi, aqui mesmo, e me ferrei todo. Foi isso o que o Senhor disse.

Agora, o que acontece, Sr. Presidente, é o seguinte, nós não somos juízes dele e isso ele vai responder lá. A mentira eventual, prestada aqui, ela lá em juízo ela tem um efeito na dosimetria da pena. Se condenado, a pena é aumentada por uma questão de que o réu mostrou, lá na Justiça Criminal, uma personalidade distorcida, voltada à mentira, uma personalidade menor. Mas isso é lá para o juiz criminal, não é para nós. Nós aqui estamos investigando os fatos que dizem respeito a nós. Por isso é que a gente fica submetendo sempre como o Deputado Maurício Rands pacientemente... [risos] Desculpe. A Senadora Heloísa Helena também e todos aqui, o Relator foi incansável.

Mas ele está seguindo a orientação do Advogado dele até porque ele aqui mesmo disse: na primeira vez eu respondi e me ferrei todo. Isso é sintomático. Quando eu ouvi isso eu disse: não vai falar. É um direito dele. Agora para nós aqui, interessa que algumas vezes o Senhor fale. Agora, sei lá, se o réu mentisse para mim e eu descobrisse no final, pena não tinha, crime não tinha. Agora o pé no acelerador da dosimetria da pena ia lá no fundo, se era de seis a doze já começava de doze. É isso que tem.

Então a sociedade fique tranqüila porque há sim a valoração da mentira. O Depoente pode se calar. Agora, se ele mente para nós, não tem nenhuma, nenhuma conseqüência aqui, Sr. Presidente. É importante ficar claro porque pode passar para a sociedade que nós estamos de acordo com a impunidade. Não. Mas não nos cabe medir a mentira do Depoente. A mentira dele vai ser medida lá no processo criminal na dosimetria da pena, se for condenado e aí é um assunto do juízo criminal. Não é nosso.

É só essa coisa, Sr. Presidente. Senão passa para a sociedade a impressão de que nós estamos aqui agasalhando a impunidade. E não estamos. É a lei que é assim e nós não somos juízes de direito. Aqui nós estamos como Deputados Federais. Muito obrigado, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado Deputada Juíza, pedeme a palavra o Senhor Relator para um pequeno esclarecimento.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, na verdade eu quero fazer uma questão que me fugiu no momento, mas também não deixo de aproveitar a oportunidade para fazer uma consideração para o Sr. Duda Mendonça que tem se defendido a partir de um ajuste que procedeu com seus Advogados até às três da manhã de hoje. Evidentemente a sociedade é suficientemente inteligente para saber que é impossível um ajuste em torno de responder ou não responder a determinadas perguntas quando não se as conhece. Uma coisa é se dizer que não se deva responder a questões que possam, eventualmente, importar em auto-incriminação. Agora, às três da manhã decidir que não se deve responder sequer à composição familiar, eu não preciso reafirmar que a sociedade é inteligente para entender que é evidente o intuito de obstrução que está acontecendo.

Eu tenho uma pergunta muito objetiva, Sr. Duda com relação a movimentação financeira de V.Sª. em novembro de 2005. V.Sª., isto não está, quero esclarecer também, isso não é informação que adveio do compromisso com as autoridades americanas. Ao contrário. Isso está registrado em órgãos oficiais brasileiros. V.Sª. Procedeu, em novembro de 2005, duas operações de transferência de recursos, cada uma delas de um milhão de reais para o Banco Safra N Bank of New York?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Repito, duas informações cada uma de um milhão de dólares feitas ao Banco Safra nos Estados Unidos?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): É só isso, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado Senhor Relator Osmar Serraglio, pelo prazo de dez minutos concedo a palavra ao Deputado Onyx Lorenzoni.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): O Sr. Duda Mendonça afirma que não entende da legislação e que se vale dos seus Advogados. E diz que não é Advogado e por isso está tomando o posicionamento e a atitude que vem externando aqui. Agora, como capacidade de compreensão de fenômenos sociais, talvez o Sr. Duda Mendonça esteja entre os

dez brasileiros que tem melhor capacidade de apreensão, compreensão e ação sobre isso. Eu reconheço e tenho respeito pela carreira talentosa construída pelo Duda. Agora, se por um lado no interesse específico da atividade de defesa na busca de não haver nenhuma brecha que possa ainda agravar mais a situação de Duda Mendonça, acho que os seus Advogados o colocaram num dilema e talvez por isso que a conversa foi até as três da manhã e o dilema, Duda, era não agravar a circunstância ou ocorrer o risco de erodir a imagem que por 30 anos construístes.

E eu acho que tu deves ter muito claramente contigo de que é isto que está acontecendo. Tu tens informações, tu tens a segurança, segundo tu mesmo professa, de que podes contraditar a tudo que vem sendo acusado. E no interesse apenas de uma decisão de modos de operação jurídico eu vejo aqui uma escolha que, com todo o respeito, até fruto da admiração profissional que tenho se discordo dos métodos, se discordo de coisas que tomei conhecimento, mas tenho respeito pela imagem que construíste à custa de muito trabalho e muito talento, eu acho que tomaste o caminho equivocado, estás destruindo o mito Duda Mendonça.

Me senti no dever de poder fazer essa observação. Acho que os teus 30 anos de trabalho não merecem o que tu estás vivendo aqui, na minha opinião e na opinião de muitos que estão aqui, que têm respeito e admiração por ti de ver essa destruição voluntária de uma imagem que construíste ao longo de todos esses anos. A tua história, a tua família, o teu talento não merece o que está sendo feito aqui. E eu ainda aposto na possibilidade, penso e quero te levar a esse momento de reflexão de que talvez, ao longo do curso do dia de hoje, tu possas rever em algum sentido porque se tu tens como tu tens uma boa parte da verdade contigo, é isso que talvez possa manter de pé o que por trinta anos tu lutou para construir.

Não é o que tu tens hoje de bens patrimoniais que tu veio aqui defender no ano passado. Tu veio aqui defender no ano passado exatamente o que hoje está sendo destruído. A tua imagem, a percepção que a sociedade tem, a visão que as pessoas têm e tu veio aqui defender o legítimo talento que tu pode mostrar ao país, dentro e fora. Tu aqui dissestes. Ganhei todos os prêmios dentro e fora deste país, trabalhando duro, trabalhando honesto. Acho que valeria a pena pensar sobre isto, se vale a pena pagar este preço. Acho que na justiça, acho que do curso de um processo haveriam, através do talento reconhecido, Dr. Castello Branco, condições de enfrentar com outras armas que não de colocar-se nesta circunstância destruidora para aquilo que tu sabes que, tão zelosamente e com tanto esforço, tu construiu.

Aqui alguém que vê isso com tristeza e que gostaria de poder enfrentar de maneira franca e leal o debate que enfrentamos. Quero lembrar que te questionei, a ti e a Zilmar, que não acreditava de que aquele acordo de vinte e cinco milhões estava encerrado apenas nos nove milhões declarados pelo Partido dos Trabalhadores como efetivamente pago na campanha do Presidente. E nunca aceitei e o Brasil sabe que é verdade este não aceitar, de que aqueles valores que te foram repassados para as contas fora do Brasil, evidentemente, que foram para pagar campanha do Presidente Lula. E aí eu quero começar a te perguntar objetivamente. O PT usou as contas de Duda Mendonça para lavar dinheiro no exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Senador. Deputado.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): O fato de ter sido Publicitário da campanha do Presidente Lula foi determinante para efetivação dos contratos mantidos com o Governo?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): O Senhor acha que o Presidente Lula tem que ser reeleito?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Isso já é um avanço. Duda conhece Favre na campanha de reeleição do Presidente Menen na Argentina. Lá, segundo informações recebidas, há uma participação importante da CGT no financiamento dessa campanha. O Senhor recebeu o dinheiro da campanha do Presidente Menen no exterior, também como foi o caso da campanha do Presidente Lula?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Nos dados que a CPI já identificou, empresas que abasteceram e alimentaram a conta que o Senhor confessou que é a Dusseldorf, estão elas lá, o FINANCIAL CORPORATION, TRADE LINK BANK, RURAL INTERNATIONAL, CANTON BUSINESS, BANCO RURAL EUROPA e por aí afora. A pergunta é, TRADE LINK, BANCO RURAL EUROPA e RURAL INTERNATIONAL, grande parte dos depósitos na conta o que o Senhor recebeu via do esquema que o Senhor confessou aqui, do Marcos Valério, era o BANCO RURAL pagando a campanha do Presidente Lula?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): O Senhor disse aqui e aí uma boa parte da indignação de alguns Parlamentares, dentre os quais eu me incluo porque tinha para o Senhor os bons ouvidos com que a maioria dos Parlamentares dessa CPI, o próprio Brasil lhe recebera em agosto do ano passado, o Senhor disse aqui que o Senhor só tinha a conta Dusseldorf. O Senhor disse aqui que abriu a conta Dusseldorf a mando de Marcos Valério e os documentos comprovam que o Senhor não tem só a conta Dusseldorf. Estão aqui contas STUTTGART COMPANY, Rita Moraes, sua ex-mulher, Eduardo Frelha, um dos seus sócios lá no BANK BOSTON. Essas contas são novas. Identificadas. Nós temos também as contas que já estavam identificadas do Senhor, da Zilmar, da sua filha Eduarda, foi impedida, inclusive, de fazer uma operação, por conta que o Senhor estava naquela lista de observação feita pelo FINCEN lá nos Estados Unidos. A pergunta é: Por quê o Senhor, no depoimento de agosto, o Senhor mentiu a esta CPI dizendo que a conta Dusseldorf era a única conta que o Senhor tinha [soa a campainha] em toda a sua carreira profissional no exterior? Porque quê o Senhor ocultou tudo aquilo que hoje a CPI sabe que o DECRI recebeu, que inclusive, vazado não se sabe por quem, não foi à CPI, o jornal O Estado de São Paulo publicou ontem com absoluta clareza. Por que é que o Senhor veio aqui se dizendo de coração aberto?

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): O Senhor Relator quer fazer uma observação.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Só uma observaçãozinha. Só uma observação. Eu sei que a CPI não confirma e não ratifica essas informações que estão no jornal. Não posso falar nada--

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Não, eu não estou dizendo. Não. Eu procurei fazer a exceção, Sr. Relator, lembrando que isso é um material publicado pelo jornal O Estado de São Paulo dizendo com clareza que a CPI--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Que a CPI ainda não pode afirmar que tem duas contas.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Não tem esta informação, mas o fato que já está evidenciado é que a conta foi aberta antes [soa a campainha] do período em que o Sr. Duda disse que ela foi aberta e o maior reconhecimento de que houve a mentira aqui é de que ele se apressou em pagar, se apressou em pagar os tributos, porque desta forma ele se aproveitou de uma brecha da Lei aonde havendo recolhimento dos tributos ele evita o processo, mas eu quero lembrar que nós iremos mudar brevemente dois aspectos da lei. Primeiro. Uma futura situação desse tipo com o pagamento do tributo não livrará do crime fiscal e a operação que o Senhor cometeu e que estava permeada pelo crime fiscal, estará como antecedente para lavagem do dinheiro, o que seguramente lhe proporcionaria uma pena bastante elástica por conta de que a lei brasileira, a partir, provavelmente do próximo ano, será uma lei de terceira geração [soa a campainha] em relação a lavagem de dinheiro.

Então a pergunta é. Porque é que quando tu viestes aqui para defender a tua honra, a tua família, o teu patrimônio ético, moral, a tua imagem, a luta da tua vida, do jovem que tinha dificuldade e que atingiu os pontos mais altos que alguém podia fazer. Por quê naquele momento o Duda não falou toda a verdade e por que é, Duda, que tu está cometendo este suicídio de imagem com a atitude que tu estás tomando agora que eu lamento e eu com tristeza vou carregar comigo se tu mantiveres isto ao longo do dia de hoje? Eu estou vendo a destruição de um mito no Brasil. Eu acho que isso não é justo contigo, com a tua família e com a tua história? [soa a campainha]

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, essa é a tua visão. Não é a minha. O Senhor desempenha o seu papel, eu respeito. Eu desempenho o meu. Não vou responder.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Com a palavra o Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Sr. Presidente, caros colegas Parlamentares, Sr. Duda Mendonça. O que o Brasil está ouvindo e assistindo aqui é uma situação lamentável e melancólica. No último depoimento da CPMI nesta última oitiva não se vai tirar proveito nenhum das questões abordadas e nem das respostas dada pelo depoimento. Na verdade, nós escutamos aqui a manifestação dos colegas e nessas manifestações cada um tem seu ponto de vista, cada um tem a sua opinião, cada um tem o seu conceito e eu também tenho o meu. Primeiro, como cristão. Segundo, como Advogado. E terceiro, como parlamentar.

Primeiro como cristão, eu acho que não devemos tripudiar nenhum ser humano, principalmente na frente das câmaras de televisão, se fosse essa pessoa comprovadamente tudo aquilo que estão imputando. Mas nós só estamos na fase de investigação. E nós temos uma investigação na CPMI e depois nós temos uma na Justiça. Portanto, o Depoente estar aqui hoje com uma liminar que o Juiz que nós devemos respeitar...

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Ministro.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Ministro. Ministro é Juiz, está num cargo superior, mas ele é Juiz. É o juízo dele. Ao juízo dele, ele achou que tem que respeitar. Sr. Presidente, eu gostaria que o Senhor não me interrompesse a não ser pela forma regimental. Portanto, nós temos que respeitar uma decisão judicial. E se não fosse essa decisão judicial o Depoente também estaria amparado pelo Código Penal que ninguém é obrigado a fazer prova contra si mesmo. Poderia ficar calado. O que não se pode é tirar o direito das pessoas de se calar. Nós não podemos aqui fazer, de forma nenhuma, entender que isso é uma obstrução. Isto é um direito constitucional e penal que ele tem. E aí, Sr. Presidente, é uma questão de foro íntimo, ele respondeu o que acha e o que não acha. E não é dever nosso, de Deputados ou de membros dessa CPMI, achar que isto vai prejudicá-lo ou que aquilo não vai prejudicá-lo. É o foro íntimo dele, atendendo as recomendações do Advogado, é que vai decidir o que ele deve responder e o que ele não deve responder. Pois bem.

Várias perguntas foram formuladas e eu estou com elas e não acho que vou ter o prazer e o privilégio em tê-las respondida por que eu não sou diferente de nenhum membro aqui e também as minhas perguntas não são diferenciadas da que todos querem fazer. Eu só entendo que se alguém errou e se alguém está errado, se essa CPMI não conseguiu os dados suficientes para encaminhar ao Ministério Público, na Justiça vai ser mais fácil. Talvez sem o calor de uma platéia, sem as câmaras de televisão que vocês que estão aí agora nos assistindo, talvez a maioria gostaria que aqui fosse colocado o Depoente em situações difíceis, colocado em insinuações constrangedoras, mas não é o nosso objetivo. Mas a Justiça vai ser feita. Sr. Duda, se a Justiça dos homens não condená-lo e o Senhor tiver culpa, o Senhor pode ter certeza que a Justiça de Deus é infalível e ela vai pesar a mão. Diante disto eu faço uma pergunta ao Senhor . O Senhor acredita em Deus? [risos]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Se recuse a responder. O Fernando Henrique respondeu no passado e se ferrou.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu não sou candidato. Acredito sim. [risos]

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: E tenho certeza Deputado, tenho certeza que vou no final de tudo isso, no momento que a Justiça me permitir ser absolvido pela Justiça dos homens porque pela Justiça de Deus eu tenho absoluta certeza que hora nenhum ele me incriminou.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Está certo. Eu já me dou respondido e eu acredito que a partir dessa resposta do Senhor , que acredita em Deus, a metade dos seus problemas já vão estar resolvidos. Apenas mais uma pergunta. Nós vamos ter agora, uma oitiva somente com os quatro Deputados que foram ao exterior. Vai ser reservado. O Senhor vai responder os questionamentos ou o Senhor vai manter a mesma linha de defesa?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu vou começar, eu pedi antes cinco minutos para eu ter uma troca de conversa, uma troca de informações com meus Advogados.[soa a campainha] E vou lhe dizer que vai depender muito da conclusão que cheguem eles sobre esta decisão.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Sr. Presidente, me resta ainda algum tempo. Mas em respeito às legislações, às leis e que nós é que a fazemos nessa Casa, eu abro mão do restante do meu tempo.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Muito obrigado, Deputado Carlos Willian, que atingiu o foro íntimo do Duda Mendonça. Com a palavra o Deputado Gustavo Fruet.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Sr. Presidente, Senhor Relator, Sr. Duda, Srs. Advogados, também de forma objetiva, Sr. Relator, para consignar. Eu pergunto ao Sr. Duda, quantas vezes já esteve na Polícia federal prestando depoimento?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Quem é?

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): À sua esquerda.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Desculpe Deputado. Desculpe Deputado. Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): O Senhor foi indiciado pela Polícia Federal?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: É público isso. Mais uma vez desculpe, Deputado.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): O Senhor não vai responder?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): O Senhor prestou algum depoimento no Ministério Público da União?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Após a sua presença aqui, quando o Senhor fez a confissão, o Senhor esteve com o Presidente da República?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Após o depoimento o que o Senhor fez no mês de agosto aqui na CPMI?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, pelo amor de Deus, eu quero só uma coisa-- Não veja isso, não veja isso como nada de... sabe? Eu, a minha preocupação grande é que esta situação é delicada para os Senhores e para mim. Não veja isso, veja isso como uma estratégia de meu Advogado que eu cumpro à risca porque eu fui informado de que esta--

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Ao final vou fazer um comentário sobre isso, mas por isso que eu disse para consignar--.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não, mas é pessoal, então pois não, pois não.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): E com o Ministro da Justiça o Senhor esteve após esse período ou não?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Nos extratos bancários em posse da CPI, não há uma relação direta de entrada de recursos da campanha do PT para sua empresa de marketing político, a CEPI. Por quais contas o Senhor recebeu nas campanhas de 2002 a 2004?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Porque o Senhor recebeu? O Senhor confirma se recebeu depósito do Senhor, da empresa de uma corretora chamada STOKLOS AVENTIS(F) em maio de 2005?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): O Senhor tem alguma relação com o Senhor Lúcio Funaro?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): O Senhor ainda trabalha junto com o Sr. João Santana?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Foi o Senhor que apresentou e indicou o Sr. João Santana a fazer a campanha do Presidente da República à reeleição?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): O Senhor está fazendo a campanha da PETROBRÁS?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Os pagamentos feitos pelo Senhor Marcos Valério foram relativos a que campanhas eleitorais?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento Deputado, mais uma vez não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Dos recursos que o Senhor recebeu do Marcos Valério, o Senhor pode individualizar para que campanhas foram de forma direta ou indireta? Porque na-- quando o Senhor esteve aqui acabou gerando até uma manifestação muito contundente e aqui eu falo com respeito que não está aqui presente o Senador Aloízio Mercadante. E um dos desafios é separar o que o foi de gasto de campanha do Presidente Lula, das eleições estaduais. Em 2004 o que foi de gasto contabilizado e não contabilizado nas eleições municipais.

E veja como há uma inversão. O Senhor , naquela vez, veio na condição de testemunha. Hoje, na condição de investigado, até o Senhor se colocou nessa condição, mas ao não se estabelecer esse esclarecimento, se poderá estar comprometendo a imagem de algumas pessoas que, inclusive, vão disputar essa eleição como foi naquele dia que gerou uma indignação do Senador Aloízio Mercadante, então, até em benefício dessas pessoas, o Senhor pode individualizar para que campanhas o Senhor recebeu e trabalhou em 2002 e 2004?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Bom. Sr. Presidente, Sr. Relator. Efetivamente, significa falência do sistema de depoimentos à CPMI. Faço este registro porque, ao longo de todos os meses, se verificou uma absoluta falta de colaboração, não só de muitas testemunhas, mas de muitos investigados. É absolutamente compreensível a orientação dos Advogados sob o aspecto de natureza criminal, os desdobramentos de natureza criminal, mas o que se verifica é a não comunicação. E esse registro é necessário até porque hoje, uma das poucas informações prestadas pelo Sr. Duda diz respeito a Receita Federal. Nós temos, inclusive, tempo ainda de pedir à Receita comprovar se houve ou não esse pagamento, quando se deu o pagamento e se esse recurso foi ou não justificado. Mas hoje a CPI cumpre uma etapa importante no último depoimento, mas consignar que muitas investigações não serão concluídas, mas absoluta falência do sistema de depoimento. Porque, Sr. Duda, eu-- longe

de mim julgá-lo, a CPI é uma escola, um aprendizado para que todos dela participam, se verifique em alguns momentos até a vontade de fogueira da Santa Inquisição, algumas pessoas seguramente estariam imoladas num processo de tensão que chega a determinadas CPMIs, mas o Senhor que é da área de comunicação, realiza hoje justamente o contrário, a não comunicação e coloca em evidência e com muita relevância os dados apresentados no seu primeiro depoimento. Isso terá desdobramento no relatório.

As questões criminais, insisto, sejam de ordem fiscal, sejam de ordem de eventual crime contra o sistema financeiro, já são objeto de investigação por parte do Ministério Público, da Polícia Federal e poderão ter uma contribuição em algum dado relevante a ser apresentado para a CPMI. Isso o Senhor vai cuidar da sua defesa. Mas a CPI tem natureza política também. E sobre esse aspecto mostra a que ponto a ser lamentável, lamentado a que chegou a política brasileira num processo destrutivo, num processo em que prevalece a mentira, Bobbio afirma que a verdade é regra, a mentira é exceção. E nós estamos vendo o cinismo, a mentira, a não comunicação, a não colaboração como uma das marcas mais consistentes ao longo dessa investigação.

E há uma contradição, porque o Brasil que avança na democracia acaba tendo, nos instrumentos mais democráticos e importantes, que é uma Comissão Parlamentar de Inquérito, absoluta falta de colaboração e absoluta dificuldade em se poder ter acesso à verdade dos fatos. Isso é uma reflexão especialmente para os profissionais de direito. É uma reflexão especialmente para a Ordem dos Advogados do Brasil, para o Supremo Tribunal Federal a quem respeitamos por todas as decisões e por todas as liminares que estão sendo concedidas, mas é para deixar registrado para o futuro e daqueles que estão construindo e participando dessa história, que da nossa parte foi feito o possível e o impossível para se tentar fechar e ter a realidade dos fatos.

O Relator Osmar Serraglio, e aqui merece o respeito, antes até do seu relatório que vai, seguramente, ser objeto de discussão, também se empenhou ao máximo para ter acesso a todo o tipo de informação. Mas nós encontramos todo o tipo de dificuldade ao longo desses oito meses. Então, hoje como é última, provavelmente, é última reunião pública de depoimentos, deixar consignado e aqui insisto, de forma alguma no juízo de valor e nem cabe a mim, nem seria até uma pretensão assim fazê-lo, mas a falência do sistema e a absoluta falta de colaboração de muitos Depoentes e veja que V.Sª. se colocou na condição de investigado quando veio aqui, espontaneamente, na primeira vez apresentar-se como testemunha, fato que foi absolutamente relevante, fez uma confissão e a partir desse momento foi um divisor de águas no rumo das investigações da CPMI e não só na relação deste Governo com o financiamento de campanha, mas a relação desse Governo, particularmente com algumas agências de publicidade.

Então eu faço essa consideração entendendo e com todo o respeito, aqui sem nenhuma ironia ou nenhum cinismo, a posição que V.Sª. optou por adotar hoje e com base na orientação dos seus Advogados. Mas esse registro eu faço em defesa de todos aqueles que se dedicaram nesses meses a favor da investigação. E por fim, até com todo respeito ao Dr. Castello Branco, em que atuo, atuei, não, mas estudei na área criminal, mas apesar de não ter procuração do Presidente Fernando Henrique Cardoso, mas a história registra este erro e hoje novamente nós estamos vendo uma decisão que poderá ter impacto no futuro. Sob o aspecto profissional, quer dizer, a carreira de V.Exª. continua, agora, a imagem pública do Sr. Duda Mendonça, efetivamente, o tempo também irá julgar. Não nos cabe fazer isso. Mas seguramente um relatório com absoluta contundência com relação a todos os fatos que foram levantados e fica a possibilidade, ainda hoje, quer seja agora na Sessão aberta, ou posteriormente na Sessão reservada exclusiva de quatro Parlamentares, a oportunidade de um contraponto do Senhor com relação aos fatos que foram apresentados ao longo desses meses de investigação. É o registro, Sr. Presidente. Obrigado.[soa a campainha]

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, eu queria sinceramente, também sem ironia, como o Senhor colocou, lhe parabenizar pela forma equilibrada com o que o Senhor coloca suas críticas,[soa a campainha] e sobretudo sem prejulgar. Agora, eu lhe digo o seguinte, como fico eu, tem um comercial na televisão de um partido político que me bota como corrupto junto de outras pessoas. Eu já fui prejulgado, eu já fui condenado antes de ser julgado. Então, eu lamento o fato de não responder, mas queria deixar registrado a minha admiração pela forma equilibrada que o Senhor conseguiu e sobretudo por não me prejulgar. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Com a palavra Senador Jefferson Peres, pela ordem.

SENADOR JEFFERSON PERES (PDT-AM): Sr. Presidente, já participei de muitas CPIs. Eu já vi depoentes responderem algumas perguntas e outras não. Um depoente aceitar essa orientação de seus Advogados e não responder absolutamente nada, é a primeira vez que eu vejo. Eu, no lugar do depoente,

claro, os Advogados estão preocupados em receber seus honorários e em conseguir a sua absolvição lá nos tribunais. Mas eu, no lugar do depoente, estaria preocupado também com a minha imagem pública e com a dignidade pessoal. Parece que ele não está. Bom, isso é um direito dele.

A pergunta que eu faço, Sr. Presidente, é para quê continuar com esse espetáculo deprimente? Para quê continuar? O depoente não vai responder a nada. Na Sessão pública eu creio que não há mais nada a fazer. É dispensável o depoimento, o não depoimento dele. Não sei. Eu estava inscrito para argüir. Não vou mais fazê-lo. Não é? É uma ponderação que eu faço a V. Exª. consultando, talvez, o Plenário. Para quê continuar com isto? O papel do depoente é lamentabilíssimo. Eu me admiro é ele não ter essa autocrítica, mas é um direito dele. Agora, para a Comissão, por que continuar com isso, Sr. Presidente? Me permita a ponderação.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): A ponderação de V. Exª. é pertinente, mas eu não posso decidir de ofício.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, eu--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): De maneira que--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: -- Eu tenho uma sugestão a acrescentar à sugestão do Senador Jefferson Peres. Não faltam muitos. Talvez nós pudéssemos, Sr. Presidente, encaminhar para diminuir o tempo que cada Parlamentar tem direito e aí apressar a próxima reunião,à ela reservada, que eu acredito que ela possa ser até mais eficiente.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Sr. Presidente, o Senador Jefferson Peres disse tudo. Ele, o Sr. Duda Mendonça disse aqui que está cumprindo, a orientação do Advogado dele. Foi essa, não me cabe julgar a orientação do Advogado. Agora nós aqui estamos num caminhar absolutamente inócuo, desgastante, absolutamente desgastante e apenas o Fruet disse tudo aqui, que eu gostaria de dizer. Fica evidente. Ele confessou aqui que ele falou na primeira vez e se ferrou todo. Me ferrei todo. Foi o que ele disse. Então, ele não vai falar mais nada. Porque ele disse: Me ferrei todo. Quer dizer. Não tem nenhuma razão da gente ficar aqui perguntando. É um espetáculo lastimável, eu também não tenho mais nada a perguntar a ele, pode tirar meu nome da lista. Não vou perguntar nada. Porque não tem. Eu não vou ficar aqui fazendo perguntas.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Então, submeto.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Pela ordem, tem a palavra, V. Exª. Deputado José Eduardo Cardozo.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu, logo em que ficou clara a estratégia dos depoentes de não responder as questões, eu rapidamente fiz uma consulta às pessoas que estão aqui no Plenário, relativamente a possibilidade de nós fazermos uma questão de ordem no que se refere a exatamente seguir esta linha que foi colocada. E eu senti um dado. Em primeiro lugar, vários Parlamentares queriam que ficasse registrado o universo de perguntas que teriam que ser feitas, para fins de que a sociedade brasileira soubesse as perguntas e, evidentemente, soubesse o desejo de não responder. Em segundo lugar, alguns dos Parlamentares gostariam de utilizar o tempo para fazer ponderações ao depoente. Então, por esta razão foi que eu não levantei a questão de ordem naquele momento. A Senadora Heloísa Helena é testemunha disso.

Então eu pediria a V. Exª. o encaminhamento que faço, até para que não se contrarie eventuais inscritos que se ausentaram, claro, nesse momento, é que V. Exª. desse seqüência à lista, mas, talvez, com um tempo mais reduzido de intervenções Parlamentares. Eu acho que isso contemplaria aqueles Parlamentares que se inscreveram e se ausentaram provisoriamente e que manifestaram esse desejo.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Tem a palavra pela ordem Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Só por questão de isonomia, se os Parlamentares inscritos quiserem, porque eu não me sinto à vontade de ter usado 10 minutos, e um outro Parlamentar está falando, tem várias Comissões ao mesmo tempo funcionando. As duas Casas estão funcionando e de repente um Parlamentar chega e é comunicado que não tem 10 minutos, tem 5 ou 3. Então apenas que faça o apelo, a ponderação é absolutamente correta, se faz um apelo aos Parlamentares e certamente os Parlamentares aceitarão a redução do tempo ou não. Eu não me sinto à vontade, não acho que é legitimo se votar a modificação das regras agora, porque vários Parlamentares se inscreveram achando que podiam falar 10 minutos. Só nesse sentido.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Pela ordem, Sr. Presidente. Apenas rapidamente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Tem a palavra Senador pela ordem.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Rapidamente, Sr. Presidente, é claro que a indignação que assalta a todos nós diante desse espetáculo do silêncio nos levaria, é claro, a pedir o encerramento da reunião, mas eu creio que há uma outra ponderação a fazer. O silêncio compromete. A cada indagação não respondida há um comprometimento de quem é réu confesso, inclusive, já que declarou-se partícipe de atos ilícitos no seu primeiro depoimento à esta Comissão. Portanto, eu creio que as indagações registradas contribuem para o relatório final do Relator Deputado Osmar Serraglio. O silêncio não é sentença judicial de absolvição para ninguém. Ao contrário, é caminho para uma condenação de rigor maior.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Sr. Presidente, pela ordem.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Vejo que V. Exª. é adepto da filosofia popular de que quem cala consente.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Sr. Presidente, pela ordem.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Tem a palavra V. Exª. pela ordem.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Muito obrigado. Eu vejo que o Advogado do Sr. Duda Mendonça já tem o perfil de um bom Advogado. Está aqui concentrado, aquele jeitinho de Advogado. E todos nós aqui fazendo a pergunta para o Advogado, e o Sr. Duda não respondendo, eu acho que já municia o Advogado para futuras defesas. Eu entendo isso, por que essa pode ser uma grande estratégia. Eu acho isso. A posição de cada um é de cada um. Mas eu, por exemplo, se eu estivesse numa situação desconfortável e criado essa, por isso que eu acho que o Senhor é um grande Advogado, criou este problema todo e está ali só captando informações e eu vejo que o Sr. Duda anota a cada coisa, o auxiliar também anota, está montando uma grande defesa para o futuro em cima das perguntas que poderão vir. Eu acho isso, a única coisa que eu acho.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Bom, esta Presidência recebeu as sugestões, as acolheu, podem crer o que o meio mais democrático é chamar cada Parlamentar. Se ele entender que não deve inquirir, ele declina o tempo. E aqueles que o desejarem fazer, terão o direito de fazê-lo. Por isso eu vou continuar chamando pela ordem de inscrição o Deputado Arnaldo Faria de Sá. Eu quero dizer a V. Exª. que tenha--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Esperar o depoente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): --Um pouquinho de paciência para aguardar o depoente que já estará retornando.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Sr. Presidente, apenas requerer a V. Exª., como eu tenho que sair agora eu me recuso a perguntar. É só isso. Consignando.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Está consignada.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, com exceção do Senador Álvaro Dias, todos aqueles que insistiram nesse depoimento foram embora. Ficou só o Senador Álvaro Dias. Todos que queriam um depoimento diferente estão aqui. Quer dizer. Então na verdade aqueles que queriam o depoimento acabaram se ausentando. Então, na verdade, eu acho que querer culpar o depoente, querer culpar o seu Advogado, querer culpar a Mesa, na verdade a culpa está aqui dentro, até porque muitos saberiam que essa, sem dúvida nenhuma, seria a postura do Duda Mendonça, até porque já era conhecido desde antes do início da Sessão que ele tinha conseguido um HC do Supremo Tribunal Federal. E ele colocou inicialmente que quando ele esteve aqui em 11 de agosto, ele veio sem ser convocado, veio para colocar algumas situações que nós desconhecíamos. E naquele momento, parte da CPI ficou meio aturdida, porque poderia ter tomado alguma posição contra o Presidente e não tomou, quando foi acordar para a realidade, já tinha passado o tempo. Então ele trouxe munição importante para a CPI. A CPMI não soube utilizar e agora tenta colocar de forma diferente. Mas eu acho que não adianta ficarmos aqui criticando o Supremo Tribunal Federal, ficarmos criticando o depoente, porque na verdade muito do que aconteceu de errado é culpa nossa. E essa decisão de hoje, inclusive, eu corroboro que apenas o Deputado Álvaro Dias está aqui, ele que propôs essa situação e só ele ficou aqui. Eram 17, Senador Álvaro Dias, 16 mais ele. Eu quero saber do Duda Mendonça quem são seus Advogados?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Já foram apresentados. Estão aqui ao meu lado.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Eu gostaria que você declinasse.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Frederico Smith Figueiredo e Tales Castello Branco.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): E quem é seu Publicitário aqui agora?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Cumprindo ordem deles, pode, para mim eu não vou responder.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): É que como você é um grande Publicitário, e eu o reputo como tal, eu acho que na verdade você tinha que, além de estar com os Advogados, estar como Publicitário aqui. Porque você, como Publicitário, é um grande marketing político, disse a vários políticos o que deveriam dizer. Então está faltando agora um Duda Mendonça para o Duda Mendonça para dizer o que o Duda devia dizer, por que não vou responder, na verdade, pode até ter uma conotação de evasiva jurídica, mas você sabe, Duda, o grande e competente marqueteiro que é, que dessa não é a melhor posição. Então está faltando um Duda Mendonça para o Duda Mendonça aqui hoje, não está?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, lamento sinceramente. Eu não vou responder.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Mudou, é lamento sinceramente.(3:18:34)

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Quem que negociou com você a última Campanha Presidencial?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Você disse na abertura que foi penalizado. Porque você acha que foi penalizado?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, mas não vou responder.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Você disse também que já quitou a sua dívida com a Receita Federal. Essa quitação foi um ato espontâneo ou foi decorrente de alguma ação fiscal?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Você faria de novo a campanha Lulinha paz e amor?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Que campanha você não faria, Duda?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Então nós chegamos, Sr. Presidente, nesse depoimento, ao depoimento equivalente a Fome Zero. Nada mais a falar.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado Deputado Arnaldo. Concedo a palavra... Ao Senador Álvaro Dias.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Sr. Presidente, Senhores Parlamentares, é evidente que os brasileiros que acompanham uma reunião como essa, pela televisão, acham e têm razões para tal, que estamos com esse tipo de espetáculo desgastando a nossa própria imagem e a imagem da Instituição tão importante para o processo democrático, que é a Instituição Parlamentar. Acham, mais do que isso, afirmam taxativamente que nós somos humilhados pelo depoimento quando esse espetáculo ocorre. E que nós não deveríamos dar continuidade a esse procedimento. No entanto, eu volto a insistir. O silêncio do depoente compromete. O Relator está atento ao seu silêncio. O silêncio, muitas vezes, fala mais alto do que determinadas respostas inconsistentes. Quando há uma acusação e há o silêncio, há a concordância com a acusação. Portanto, além dessa questão, há a tentativa de obstrução dos trabalhos de investigação que tem que constar do relatório final. O depoente está obstruindo os trabalhos de investigação. Há pouco tempo um cidadão que depôs na CPI do futebol foi condenado a um ano e meio de prisão Exatamente por tentar obstruir os trabalhos de investigação. Agrava a situação criminal do depoente esse espetáculo do silêncio que está proporcionando ao Brasil, através desta Comissão Parlamentar de Inquérito. Como as indagações aqui se tornaram irrelevantes diante da postura do depoente, mais uma vez, queria considerar que o deferimento de um Requerimento de liminar para permanecer calado por Ministro do Supremo Tribunal Federal, atua exatamente na contramão da aspiração da população que deseja profundidade nas investigações e resposta eficiente às suas dúvidas, relativamente ao complexo esquema de corrupção arquitetado no Brasil nos últimos anos. E é por essa razão também que aproveito o ensejo para ressaltar que apresentei uma emenda, uma proposta de emenda à Constituição que, se aprovada, define que deferimento de liminar, nesses casos, só ouvindo o pleno do Supremo Tribunal Federal. Podem até questionar a jurisdicidade, enfim, eu não encontro nenhum vício de constitucionalidade ou jurisdicidade em matéria dessa natureza, mas podem apresentar razões de natureza técnica, de natureza prática, mas eu tenho certeza absoluta que as razões de natureza ética contribuem para o apoiamento a uma proposta dessa natureza. Os Ministros do Supremo devem compartilhar a responsabilidade ao deferir em liminar para que alguém permaneça calado ao depor em uma Comissão Parlamentar de Inquérito.

De outro, lado vale sim, Senadora Heloísa Helena, essa possibilidade que os Parlamentares têm de reafirmar a convicção para um juízo de valor final com indagações que são postas, mesmo diante do silêncio ensurdecedor, o silêncio ensurdecedor do depoimento. Por exemplo, o Sr. Duda Mendonça, no seu primeiro depoimento, declarou que o valor do pacote contratado

pelo PT foi da ordem de 25 milhões. O valor declarado ao TSE foi de 10 milhões 395 mil. Portanto, a diferença, ou seja, o caixa-dois, naquela campanha foi de 14 milhões, 605 mil reais. Um caixa-dois que beneficiou, principalmente, o Presidente Lula. E é claro, outros candidatos para os quais trabalhou Duda Mendonça como marqueteiro. Mas especialmente o Presidente Lula. Portanto, o mandato do Presidente Lula está contaminado pela corrupção eleitoral declarada pelo Sr. Duda Mendonça no seu primeiro depoimento e não há como isentá-lo no relatório final do Deputado Osmar Serraglio. O Presidente Lula terá que ser indiciado por esta CPI em razão das provas apresentadas, que são provas documentais e não apenas testemunhais, pelo Sr. Duda Mendonça no seu primeiro depoimento. É claro se o Sr. Duda Mendonça quiser contestar essas informações, a palavra é sua. Não contesta. Então, confirma. A CPI registra a confirmação--.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu não contesto e não contesto. Eu não vou responder.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Nós já esperávamos esse comportamento do depoente porque à Polícia Federal também não respondeu. Adotou a mesma estratégia de não responder e por isso foi indiciado. Foi indiciado pelo que não disse e não por ter dito algo. Este exemplo é claro que orienta também a CPI, o silêncio vai obviamente comprometer o depoente e agravar a sua situação no momento de discutirmos o relatório final desta Comissão. Eu teria outras tantas questões a indagar. Agradeço à Assessoria pelo trabalho realizado, mas é evidente que nós estaríamos aqui perdendo o nosso tempo, mas é bom colocar os dados. Pacote de 2002, 25 milhões. Já disse. Caixa-dois, 14 milhões 605 mil. 2003. Dívida de 2002, 11 milhões e 500 mil. Terceiro pacote com o PT, 7 milhões. Subtotal, 18 milhões, 500 mil. Pagamento em dinheiro pelo Delúbio Soares, 3 milhões, depósito no exterior, 10 milhões e meio. Pagamento em dinheiro Marcos Valério, um milhão 350 mil. Subtotal: 14 milhões, 850 mil. Saldo desta dívida de 2003 seriam 3 milhões, 650 mil. 2004. Dívida de 2003, 3 milhões, 650 mil. Quatro pacotes de 24 milhões de reais. Subtotal: 27 milhões, 650 mil reais. Pagamento oficial: 9 milhões, 349 mil reais. Saldo da dívida: 18 milhões 301 mil reais. Sr. Duda Mendonça tem tudo isso a receber, não é? O Senhor confirma?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Desculpe, Senador.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Não confirma e não desmente.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Eu vou evitar citar os nomes para os quais, de candidatos para os quais o Sr. Duda Mendonça trabalhou e por isso não vou relatar o que há de declaração junto ao TSE. O que foi declarado para comparar o que foi declarado e o que não foi declarado. Relativamente a 2002 nós já apresentamos as cifras, um caixa-dois superior a 14 milhões de reais que, repito, contamina de forma definitiva o mandato do Presidente Lula. Nós verificamos que na antevéspera do primeiro depoimento de Duda Mendonça à esta Comissão, houve uma movimentação financeira não explicada. Além daquela indagação do Deputado Osmar Serraglio, nós teríamos a indagar também sobre uma movimentação [soa a campainha] inexplicável nos dias que antecederam ao depoimento de Duda Mendonça. Como que se ele estivesse a prever alguma providência que pudesse significar o bloqueio dessas contas. Fez uma movimentação anterior prevenindo-se diante da eventualidade de providências dessa natureza que poderia a CPI adotar. O meu tempo se esgotou e em respeito aos demais colegas eu encerro, Sr. Presidente, apenas reafirmando que, ao final dos trabalhos desta CPI, o silêncio dos depoentes merecerá um capítulo especial.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado Senador Álvaro Dias. Deputado Silvio Torres tem V. Exª. a palavra pelo prazo de 10 minutos, ou de acordo com a sua proposta, cinco.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Está bom, Sr. Presidente. Vou tentar. Sr. Presidente, Senhor Relator, Senhor depoente. Senhor depoente Duda Mendonça prestou depoimento no dia 2 de fevereiro na Polícia Federal, em Salvador na Bahia. Tenho aqui a cópia do depoimento de V.Sª. em que, inquirido sobre diversas questões, o Senhor respondeu. Então é sobre esse depoimento que já é, faz parte dos autos do processo que V.Sª. responde, é que eu gostaria de fazer algumas perguntas. Eu acredito, Sr. Duda Mendonça, que o Senhor já tendo dito à Polícia Federal o que disse e assinado, não vejo qual a diferença que poderá ser estabelecida se o Senhor confirmar ou não para a CPI. Então, nesse sentido eu queria saber do Senhor se o Senhor conhece o Senhor Leonildo José Hamad ou Luís de Oliveira?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, Deputado, mas não vou responder.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Mas o Senhor já respondeu à Polícia Federal. Aqui na Polícia Federal o Senhor disse que não os conhece. O Senhor confirma seu depoimento?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, mas não vou responder.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Senhor confirma também o que o Senhor disse na Polícia Federal, que nunca ouviu falar do Senhor Jorge Luís Sanchez ou o Sr. Roberto Cristóvão(F)?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Mais uma vez, lamento, Sr. Deputado mas não vou responder.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Senhor confirma que nunca ouviu falar e desconhece quem seja o Senhor Richard Waterloo um conhecido do doleiro? Nunca ouviu falar dele?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Deputado.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Senhor acha que respondendo alguma coisa do que já disse à Polícia Federal pode acrescentar alguma dificuldade ao Senhor ou o seus Advogados o orientaram com relação a isso também?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Deputado.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O PT ainda deve 14 milhões para o Senhor ?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder. .

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Senhor não recebeu mais nenhum recurso do PT depois a última vez que o Senhor prestou depoimento aqui na CPI?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, Deputado, mas não vou responder.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Senhor assistiu o filme Entre atos, documentário entre atos?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, Deputado, não vou responder.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Não vai responder isso também?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Mas o Senhor acha que isso pode contribuir de alguma forma para a sua, para o seu processo?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não sei Deputado, eu não sou Advogado e estou cumprindo--

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Mas o Advogado do Senhor então o orientou para que não respondesse a nenhuma pergunta?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: A nenhuma que, de alguma forma, pudesse prejudicar o julgamento e não sou Advogado, não sei o que o pode ou que não pode. Não sei dos desdobramentos.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Estou perguntando ao Senhor , agora, se o Senhor acha que o Senhor responder que assistiu ao documentário ou não, pode comprometer, o Senhor acha que o Senhor está correndo risco tão alto assim, de ser condenado pela...

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não, Deputado. Eu apenas aceitei a estratégia dos meus Advogados, que eles vão me defender, que é essa estratégia.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): No filme documentário Entre Atos, que certamente o Senhor assistiu, do nosso cineasta João Moreira Sales, o Senhor comenta com o então candidato da Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sobre rinha de galo, contravenção que todos nós sabemos, já levou V.Sª. a ser preso. O Senhor disse na cena, o Senhor disse o seguinte: Que há uma cena que o Senhor comenta com o Presidente Lula que quem entenderia de batuque de rinha de galo é o Senhor, Duda, e não o candidato a Presidente. Isso sugere que o Presidente sabia das suas atividades ilícitas, no caso de rinha de galo. O Senhor comenta que o Senhor, o Senhor confirma que teve uma conversa com o Presidente Lula sobre isso?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Deputado.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Senhor nunca conversou com o Presidente Lula sobre a sua atividade, as suas preferências?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, Deputado, mas não vou responder.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Relator Osmar Serraglio perguntou a V.Sª. sobre a origem de 74 mil reais que o Senhor teria pago ao Senhor Luís Favre. O Senhor se recusou a responder. Eu queria fazer uma outra pergunta que não é da mesma natureza, porque não significa nada que o Senhor não possa confirmar. O Senhor contratou o Senhor Luís Favre para a sua empresa?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Deputado.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Senhor depôs aqui na CPI e disse que ele era contratado da sua empresa, recebia 20 mil reais por mês e que prestava serviços para o Senhor em atividades, inclusive, fora do país. O Senhor também não pode confirmar isso?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder, Deputado. Deputado, novamente eu peço que a sua compreensão. Na verdade eu estou desempenhando uma estratégia. Não há nada de pessoal, por favor...

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Senhor faça o que...

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Nem de desrespeito, nenhuma noção de desrespeito a sua pergunta, por favor.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Sr. Duda, o Senhor foi um homem que durante, senão a vida toda, mas na carreira profissional, lidou com emoções. Na sua atividade isso é uma necessidade, digamos assim. E sempre as suas campanhas políticas, especialmente, que nós conhecemos, o Senhor procurou passar à opinião pública, ao eleitorado de uma forma geral, que o seu candidato alimentava as emoções, mexia com as emoções dos eleitores. Isso o Senhor pode responder se é correto ou parte dele é correto. O Senhor gostava de lidar com essa...

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, lamento. Não vou responder.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Bom, isso o Senhor respondendo ou não, acho que quem o conhece já sabe, quem conhece suas campanhas. O Senhor abdicou da emoção? Pessoalmente? O Senhor veio aqui em agosto. O Senhor veio aqui em agosto e se mostrou um homem emocionado. O Senhor chorou. Não só o Senhor chorou como o Senhor provocou que Deputados do PT chorassem em Plenário, como foi fartamente noticiado pela imprensa. Hoje o Senhor volta totalmente, senão blindado de emoções, mas certamente sufocando as suas emoções. O Senhor acha que o Senhor, ao Senhor externar as suas emoções, a sua, as suas palavras, o Senhor ser o Senhor mesmo, o Senhor corre o risco de se ferrar como o Senhor disse?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, Deputado, mas não vou responder.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): O Senhor acha que o Senhor se ferrou em agosto quando depôs aqui?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Mas o Senhor já disse antes. O Senhor pode responder. Tudo bem. Bom, Sr. Presidente, eu também, ao terminar eu nem vou lamentar o que nós estamos vivendo hoje nessa CPI, mas o Deputado Gustavo Fruet o fez por nós. Eu acho que nós tivemos aqui, eu acho que mais de uma dezena de depoentes que vieram protegidos por habeas-corpus. Muitos deles polêmicos, com os quais essa CPI não concordou, mas eu acho que nenhum deles, Sr. Duda, nenhum deles chegou ao ponto que o Senhor chegou. Não houve nenhum depoente que viesse aqui, mesmo protegido por habeas-corpus, que se negasse tão radicalmente a responder qualquer pergunta. E eu não acho que o Senhor esteja mais implicado do que eles. Eu acho que veio gente já aqui presa, gente condenada, de passado comprometedor que [soa a campainha] mesmo assim não teve medo de suas respostas. Eu acho que o Senhor, legitimamente se protege, mas eu acho que certamente o seu Advogado pode livrá-lo de um processo maior. Mas não vai livrá-lo de tê-lo colocado, tê-lo emparceirado com pessoas que certamente tem uma história que não dignifica as pessoas. Eu acho que o Senhor não merecia isso.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu agradeço as palavras finais do Senhor, eu quero dizer que lamento essa situação toda. Agora, não tenho medo do julgamento. Eu acho que na hora que eu tiver um julgamento justo, isento, aí sim, eu vou poder ouvir, eu vou poder falar e vou poder apresentar minhas razões. Hoje, insisto, não era a minha vontade, mas por estratégia de meus Advogados, que isso seria melhor para minha defesa, eu prefiro não responder nenhuma pergunta. De qualquer forma, muito obrigado pela forma carinhosa e educada que o Senhor me tratou.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Terminei, Sr. Presidente.

[TROCA DE PRESIDENTES. RETORNO DO PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Deputado José Eduardo Cardozo. 10 minutos.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Inicialmente eu gostaria de saudar o depoente, o Duda Mendonça, cumprimentar a presença dos ilustres Advogados que o acompanham e dizer ao Sr. Duda Mendonça que todos nós temos virtudes e defeitos. É da natureza humana. Mas eu descobri uma virtude sua. V.Sª. sabe se cercar de brilhantes Advogados. Já na vez anterior se fez acompanhar do Dr. Pedro de Abreu Dallari, hoje do ilustre criminalista Tales Castello Branco, sem dúvida um dos maiores do Brasil e quando V. Sª., claro, traz Advogados, deve ouvi-los e eles têm uma preocupação natural e óbvia que eu teria se fosse o seu Advogado, que é, obviamente, primeiro saber todo o universo de acusações e imputações que se colocam contra V. Sª. para a partir daí formular a defesa. Com que objetivo? Objetivo de evitar uma sanção penal futura. Essa é a tarefa do Advogado e

com certeza os seus Advogados cumprem fielmente o seu trabalho. No entanto, eu gostaria de fazer uma ponderação de outro nível, não como Advogado. Embora, sabendo que o Senhor tem o total direito de fazer o que está fazendo. Embora reconhecendo que o habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal é correto perante a Constituição Federal. Mas não é nesse plano que eu gostaria de fazer nenhuma ponderação, mas é uma ponderação no sentido humano mesmo. Eu ouvia o Senhor e ficava me perguntando. O quê que é mais dolorido para um ser humano? A sanção de um tribunal ou a sanção da sociedade? A impressão que eu tenho e, claro, cada um de nós, talvez, dê uma resposta diferente para isso, é que a sanção do tribunal, ela é muito menos dolorida do que a sanção da sociedade. A reclusão que vem lá tipificada no Código Penal, talvez, ela nos traga menos dissabor do que aquela execração social. As Comissões Parlamentares de Inquérito, elas não existem para punir. Nós aqui não aplicamos sanções. Nós apenas investigamos e esse é o nosso papel e V. Sª. descreveu bem isso, na busca da verdade. E aí os tribunais, posteriormente, com base naquilo que nós investigarmos, tomarão as sanções. No entanto, um dos resultados que, talvez seja aquele que mais eficácia traz, de uma investigação Parlamentar é o conhecimento dos fatos pela sociedade. É a maneira com que a sociedade acompanha os fatos. V.Sª. disse que já foi condenado. Por quem? Não foi por um tribunal Judiciário. Não por aquele tribunal que o Dr. Tales traça uma estratégia para que V. Sª. não seja condenado. V. Sª., se é verdade o que diz, foi condenado por um tribunal da opinião pública.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não. Não disse isso.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): É que V. Sª. Disse: "Eu já fui condenado."

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não. O que o eu disse ao Senhor é o seguinte: Há um jornal da televisão que me coloca como condenado--.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Que induz.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: --Não pela opinião pública. Ao contrário, eu acho que a opinião pública brasileira está muito mais madura do que se pensa. Ela acompanha o noticiário, ela acompanha e tem suas próprias conclusões e ela sabe, nesse momento, que sou vítima de um processo político e sabe que a minha culpa eventualmente se eu tenho a receber, eu paguei o meu imposto. Então a sociedade me respeita. Muita gente conhece o meu passado de 30 anos, intocável. Sabe que todo o dinheiro que ganhei na minha vida foi legitimo, foi às custas do meu esforço e do meu trabalho. Então eu não tenho, tenha certeza, essa sensação. Ando pelas ruas, ando nos lugares e não tenho essa sensação.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu aproveito agora então esse diálogo que V. Sª. permite ter a honra de ter com V. Sª. e dizer o seguinte: Será que não é a hora, então? Não falo de estratégia criminal. Não falo de condenação nos tribunais. Falo com o cidadão Duda Mendonça. Será que não é a hora de V. Sª., nesse momento advogar sua própria causa perante esse outro tribunal que V. Sª. diz, não fui condenado, mas eu temo, Sr. Duda, temo, e eu sou, sempre fui um fã do Senhor como Publicitário. Eu temo que a partir do silêncio de hoje V. Sª. possa ser condenado por esse tribunal que V. Sª. até agora diz não foi. Eu temo. Nós já assistimos aqui outros depoimentos, não com esta situação, mas outros depoentes que em perguntas contundentes se reservaram pelo direito constitucional de não responder e nós decidimos que o peso da opinião pública sobre eles foi muito forte. Muito forte. O meu temor, Sr. Duda Mendonça, é que como eu que quero saber a verdade, não pelo papel institucional que tenho como Parlamentar, mas como cidadão, nesse momento fique frustrado. E eu sei que V. As., eu vejo isso o tempo inteiro, tenho ímpeto de falar, e o seu Advogado dirigente como, aliás, eu o faria se estivesse no lugar dele, sabendo desse seu ímpeto intervinha e digo:não fale e não fale, porque a estratégia dele é criminal. Mas será que vale a pena, nesse momento, pagar esse preço? Será que vale a pena nesse momento, eu falo com o homem Duda Mendonça, um homem emotivo, um homem que eu vi aqui querendo falar e vejo-o querendo falar, será que vale a pena pagar este preço perante a opinião pública? Qual é a pena que mais dói? É dos tribunais? Eu sei que V. Sª. fez um pacto com seu Advogado. Sei disso. Mas será que o pacto, nesse momento, não tem que ser com a sociedade brasileira? Será que o pacto, nesse momento, não é da verdade? Será que o pacto não é daqueles bilhões de brasileiros que acompanham, hoje, esse depoimento e querem poder julgar os seus homens públicos?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Esse pacto, Senador, eu tive desde o primeiro dia que cooperei e comecei a desempenhar minha campanha profissional. Nunca ninguém ouviu uma campanha, eu desafio quem diga uma campanha onde eu ataquei um adversário, onde eu fiz uma baixaria. Eu nunca fiz campanha do mal. Então a sociedade brasileira me conhece do mesmo modo que a maioria dos Senhores, aqui, me conhecem e muito bem. Eu sou um homem de caráter. Eu sou um homem íntegro. Eu

sou um homem direito. Apenas nesse momento eu, às vezes, por ser muito emocional, eu posso acabar prejudicando a minha defesa e é por isso que nesse momento eu sigo à risca a orientação do meu Advogado, que segundo o Senhor próprio disse, é um grande Advogado e eu espero com isso possa me levar a ser feita justiça.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Mas me permita. O Senhor, nesse momento, segue uma estratégia para evitar a sanção penal, mas eu temo, temo, e temo com sinceridade.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não, não sigo uma estratégia de evitar uma sanção penal. Eu sigo a estratégia de não dificultar a minha defesa. Esse foi o argumento.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Claro. Num processo criminal. Agora, perante a sociedade, eu vou, e o Senhor é um homem que já trabalhou com pessoas, aliás, o Senhor foi um mago em certos momentos, o Senhor recuperou a credibilidade de pessoas que nunca ninguém imaginava, poderia ser recuperada. Claro. Então se V. Sª. sabe tocar no coração das pessoas e sabe como nesse momento passional que a sociedade brasileira vive, esse silêncio será recebido.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: As pessoas sabem, Deputado, que na verdade é o que vende hoje jornal, é sensacionalismo. O Ronaldinho era um craque, era o fenômeno até o mês passado. Perde um pênalti, é porrada nele à toa. Eu acho que a opinião pública sabe. Me conhece. E vai ter um momento de eu falar. Seguramente vai ter.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Agora o Senhor sabe que talvez o melhor momento para que fosse colocado tudo em pratos limpos, para que o Brasil pudesse julgar os seus homens públicos, para que a sociedade brasileira pudesse, inclusive, em caráter imediato, saber em quem vota, em quem deve votar, em quem não deve, que V. Sª. falasse. Mais do que uma estratégia de autodefesa, que é legítima, que é justa e bem traçada, tecnicamente, há nesse momento outros valores em jogo que eu sei que V. Sª. tem. Que eu sei que V. Sª. respeita.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Se o Senhor fosse meu Advogado, o Senhor me aconselharia o quê nesse momento?

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Olha, eu ficaria dividido entre o Advogado e o político. Para preservá-lo de uma sanção penal eu faria o que o Dr. Thales Castello Branco está fazendo, mas como político eu diria: Abra o seu coração para a sociedade brasileira e a sociedade brasileira ,que é amorosa, saberá lhe entender porque o Senhor saberá falar ao coração da sociedade brasileira.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu não sou político, Deputado, não sou político--.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Não. Mas o Senhor é um homem que se comunica bem, a sua tarefa é essa. V. Sª. sempre se comunicou com o coração dos brasileiros e a única forma, não é verdade? E a única forma que V. Sª. tem de se comunicar com o coração dos brasileiros hoje é, sinceramente, permitir que os brasileiros saibam a verdade. Não há outra. Fechar, nesse momento, o coração do brasileiro significa... [soa a campainha] Digo ao Senhor , criar para o Senhor , talvez, uma imagem que o Senhor não mereça. É o apelo que eu faço a V. Sª.--

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, eu vou dizer uma coisa para o Senhor, sinceramente. Eu lido com televisão há muito tempo. Agora, eu acho que as pessoas sabem, ao contrário do que muitos dizem, reconhecer no silêncio, a verdade, muitas vezes. O povo é sábio. Acho que o povo brasileiro é sábio. Então eles vão reconhecer no meu silêncio, a minha verdade. Eu não tenho dúvida nenhuma.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Tenho muitas dúvidas disso, ilustre depoente, de que isso será assim. Pelo menos os precedentes anteriores nessa CPI não demonstram isso. Aqueles que aqui calaram, receberam, sim, a condenação do tribunal da opinião popular. Aqueles que ousaram falar a verdade, mesmo correndo riscos, aqueles acabaram tendo o reconhecimento da sociedade.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: As pessoas são diferentes, Deputado, eu não sou os que passaram por aqui, eu sou uma pessoa diferente.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): E aí eu faço uma última, uma única pergunta que eu quero fazer ao Senhor, por que sempre que eu vou perguntar eu sempre faço perguntas, é a primeira vez, aliás, a segunda vez nessa CPI em que eu não faço perguntas, mas eu faço uma. V. Sª. descarta definitivamente, durante a Sessão de hoje, definitivamente poder responder as perguntas desses Parlamentares?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, eu tenho uma só cara, uma só cara e uma só palavra. Tenha certeza que tudo que eu falei em todos os momentos veio do meu coração. Eu pedi permissão para, antes de passarmos para a outra Sessão, eu voltar a conversar com os meus Advogados. O que eu quero dizer é que vou tentar discutir com eles. Agora, vou seguir ao pé da letra a sua orientação.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Eu agradeço e vejo uma luz de esperança na última fala de V.Sª.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Obrigado pela forma carinhosa educada que o Senhor (?). Muito obrigado.

DEPUTADO JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT-SP): Obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Senador Wellington Salgado e depois, concluindo, na reinscrição, a Senadora Heloísa Helena.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Sr. Duda Mendonça, Senhores Senadores, Senhores Deputados presentes, eu realmente eu fiquei esperando para vir aqui na CPI e perguntar sobre a questão dos depósitos, já que V. Sª. fez campanha em outros países, se tinha uma regra que era uma conta única no exterior quando faria o contrato, de repente, com Argentina em dólar e depois depositaria naquela conta, também, de outras campanhas, se aqui no Brasil o Senhor também teria uma conta única para fazer os depósitos e todos os contratos que faria. Então, com isso poderia se debater melhor se realmente o dinheiro depositado, qual seria as origens depositadas na conta de V. Sª. Mas realmente com um Advogado que está ao lado do Senhor e olhando bem nos olhos dele como ele olha, eu já vi o que o Senhor vai seguir, inclusive, depois da conversa a mesma orientação do Advogado. Por que eu já vi que ele é firme, deve ter um contrato forte. O Senhor não vai quebrar o contrato com ele nem nada. Agora, tem uma coisa que eu... Eu tenho admiração pelo Senhor e respeito como grande profissional, por ser um homem emocional, eu acho que a emoção muitas vezes prejudica a gente, mas mostra realmente quem nós somos.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Obrigado.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Eu acho isso bonito. Agora tem uma coisa que, já que o Senhor não vai falar mais nada mesmo sobre o processo prejudicado. Agora tem uma coisa que eu não consegui entender e aqui eu não quero ser irônico não. Mas eu sempre acho que toda a pessoa, ela é fruto do meio que ela vive, fruto dos amigos que tem. Eu por exemplo, eu consegui ter grandes amigos que eu pratiquei basquete, é um esporte coletivo, então você sabe que você tem que ser solidário, passar a bola para o time vencer, nem sempre o melhor é o que vai decidir. Muitas vezes nós temos alguns políticos que vem de uma profissão que é muito solitária e às vezes tem uma certa dificuldade de fazer relacionamento. Mas o que eu não consegui, Sr. Duda e não vou querer ser irônico, mas entender a sua personalidade. Por quê? Porque quando o Senhor é adepto de rinha de galo, nenhum galo entra na rinha com habeas-corpus. O galo entra e ele vai morrer ou vai matar ou vai sair ferido. E quando o Senhor chorou da primeira vez eu falei: Pô, mas não é possível. O Duda chorou aqui, mas um galo quando está apanhando numa rinha que eu nunca vi, mas com certeza deve tomar aquelas... Ele deve olhar chorando para tirá-lo de lá. No entanto não sei se na rinha deixa o galo ir até o final. Então o que acontece, Sr. Duda? Eu peguei até, peguei agora, até liguei para um, o Senhor deve, não vou falar o nome, que se eu falo, depois eu vou prejudicar a pessoa, porque não tem um canal que me diz. Diz que um galo, quando ele está na rinha e corre, diz-se que o galo está tucado. Galo tucado é aquele que está na luta e corre. Eu acho que o Senhor hoje aqui entrou tucado.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Galo mutuca.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Galo o quê?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Galo mutuca.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Galo mutuca. Mas quando eu não entendo. Está tucado. Eu fico. Eu sinceramente, Senhor, eu vim aqui com uma admiração incrível pelo Senhor. Eu achei que o Senhor viria como na primeira vez, ia falar, mas também eu acho que o Senhor está certo com o seu Advogado, ser emocional, falou, seu Advogado não vai autorizar ao Senhor falar também na outra Sessão. Porque ele é frio. Até parece um pouco com o Michel Temer, meu Presidente.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Com o sogro.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Com o sogro? Estou dizendo, também na mesma linha. Homem frio. Não. ele é meio pareço com o Michel Temer, sim. Mas aí, Sr. Duda, é o que o nosso Deputado falou, o Senhor vai ser condenado pela opinião pública. Talvez o Senhor entenda mais de opinião pública do que eu. O Senhor sabe de sentimentos, sabe realmente se vão depois inocentar o Senhor ou não. Agora, eu vou até falar pouco, porque eu vou falar só os quatro minutos. Pela decepção. Agora te digo também. Eu conheço o ministro Gilmar. Quando ele deu uma liminar que qualquer ministro daria, que é uma liminar para que o Senhor não possa falar algo que possa ser usado na sua defesa. Não era para isso aqui que está acontecendo aqui. Eu tenho certeza que ele não deu uma liminar para isso que está acontecendo aqui. Eu tenho certeza que o Supremo não concorda com o que está acontecendo aqui. E isso que está acontecendo aqui pode prejudicar qualquer outro pedido de habeas-

corpus no Supremo porque essa cena que aconteceu aqui hoje, Sr. Advogado, o Senhor sabe que não era para tudo isso que aconteceu. O Senhor orientou o Duda para não falar nada. Eu concordo plenamente. Coisas que poderiam a prejudicar ele não teria que falar. Agora, ele não falou nada. Isso criou um problema sério, não para o Duda ou para talvez numa outra petição que o Senhor venha fazer no Supremo, mas para quem que queira vir numa outra CPI qualquer e pedir um habeas-corpus preventivo no Supremo. Não era para isso, Duda, eu tenho certeza absoluta. Você poderia ter conversado como você conversou aqui com o Deputado, uma conversa mostrando quem você é. Uma conversa de respeito da parte dele. Mas tinham outras perguntas respeitosamente colocadas pelos demais membros da CPI que V. Sª. poderia ter respondido e não chegaríamos a esse clima de velório que está aqui. Entendeu, Sr. Duda? Isso é que me, realmente, me deixou assim frustrado. Esperava algo, esperava adquirir um pouco da sua sabedoria, da sua discussão, definir pontos de vista, coisas que eu acredito, coisas que eu não acredito ou que viria a acreditar depois da sua exposição. Espero que algum dia possamos nos encontrar num outro local e eu possa realmente conhecê-lo melhor ou entender tudo que está acontecendo. Uma rinha de galo não porque eu não sou adepto, Deputado. Não sou adepto de rinha de galo. Talvez um leilão de gado, de alguma outra coisa, talvez, que eu gosto, poderemos nos encontrar. Espero que o seu Advogado continue nessa linha e que saiba defendê-lo corretamente. Entendeu? Porque eu acho que o Senhor ficou numa situação muito delicada, não com relação à justiça, porque a justiça só lê a página e aí interpreta caso a caso, mas quem está acompanhando toda a vida de V. Sª. vai sair, como, eu frustrado dessa CPI hoje. Lamento profundamente. Queria ter participado. Fiquei com inveja do que o Deputado conseguiu arrancar do Senhor, essa conversa que o Senhor teve com ele, morri de inveja porque ele conseguiu que o Senhor falasse um pouco mais, quase saiu também aqui com o Deputado, eu senti que o Senhor estava com uma vontade imensa de falar, eu até disse: Quase falou. E o parente do Michel Temer, pegou e falou com o Senhor e não deixou eu falar. Entendeu? Espero que tenhamos uma nova oportunidade. Só isso, Sr. Presidente.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Deputado, eu...

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Senador.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Desculpe.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Não. Não. Não tem problema.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu quero dizer ao Senhor o seguinte. Na verdade, o objetivo do meu Advogado foi o desempenho da sua função e, na verdade, me dar a proteção que ele acha prudente. Porque, por exemplo, da mesma forma que o Senhor colocou coisas absolutamente pertinentes, eu lhe perguntaria o que tem briga de galo haver com essa CPI?

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Não.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: No entanto, em alguns momentos a minha vida privada foi futucada. Eu fui acusado de coisas e a briga de galo. O Senhor, como eu disse, e eu não estou aqui para defender a briga de galo. Mas se eu tiver oportunidade de conversar um dia sobre isso, eu gostaria de levar... [risos]

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Talvez o Senhor entendesse um pouco mais.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Eu queria conhecer a outra parte, não essa parte.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Estou dizendo isso de uma forma respeitosa, o Senhor foi respeitoso comigo, eu não sei fazer ironia. O Senhor sabe, o meu estilo ou eu respeito ou eu brigo claramente. Eu não sou de levar desaforo para casa. Então, quando o Senhor faz as perguntas mais duras que forem possível, quando elas forem pertinente eu ouço com humildade e eu reconheço o meu erro. Agora, se vier com agressão, eu quase que não ouço, sabe, aí a minha vontade é de...

Então eu agradeço muito a forma educada com que o Senhor e com outros Deputados têm colocado no desempenho de sua função e é assim que eu estou aqui. Tenha certeza que eu também estou constrangido com esta situação. Eu espero que vá ter um momento onde eu possa abrir meu coração e falar e aí ser julgado, não de forma política, mas ser julgado de uma forma criteriosa, justa, com base em provas e aí, como disse o Deputado aqui, eu tenho certeza que eu vou me sair muito bem, pelo julgamento de Deus e pelo julgamento da justiça.

SENADOR WELLINGTON SALGADO (PMDB-MG): Pelo menos eu saio um pouco feliz de ter conseguido que o Senhor falasse um pouco mais, me sinto um pouco mais prestigiado.[soa a campainha]. Obrigado Sr. Presidente.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: É a forma como o Senhor colocou, a forma,

para mim a forma tem uma importância muito grande, sabe? A forma carinhosa que o Senhor colocou, mesmo colocando coisas duras eu não me senti ofendido. Eu me senti o Senhor no desempenho da sua função e eu não desempenho da minha. Quer dizer, agora, quando, sabe, me bloqueia um pouco, é talvez uma deficiência minha, mas como disse o Deputado, todo mundo tem qualidades e defeitos. E eu sem dúvida não sou uma exceção.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Senador, o único galo que apanha sem correr é o meu Atlético Mineiro.(4:00:28)

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Deputado Inaldo Leitão. 10 minutos.

DEPUTADO INALDO LEITÃO (PL-PB): Obrigado, Sr. Presidente. Sr. Presidente, Senhores e Senhoras Parlamentares, Sr. Duda Mendonça, Senhor Relator, Deputado Osmar Serraglio. Sr. Presidente, a minha intervenção é praticamente sem muito resultado positivo, tendo em vista a decisão do Sr. Duda Mendonça de não se manifestar, de não responder as perguntas que, eventualmente, nós faríamos aqui como fizemos e não foram respondidas, aliás, uma coisa que eu respeito, é um direito que ele tem de recorrer ao Judiciário e de se manter em silêncio aqui na CPI. É verdade que isso leva um prejuízo muito grande para a apuração dos fatos que são o verdadeiro objetivo desta Comissão Mista Parlamentar de Inquérito. Mas decisão judicial não se discute nesta hipótese, cabe-nos fazer o cumprimento dessa decisão do Supremo Tribunal Federal e respeitar o direito o que o Sr. Duda Mendonça tem de permanecer em silêncio. Mas uma coisa que me preocupou e é uma questão bastante pontual e bastante localizada, mas que teve uma grande repercussão na Paraíba, ainda hoje. Foi em relação a uma declaração que o Sr. Duda Mendonça fez na grande imprensa dizendo que aqui na Comissão Parlamentar de Inquérito muitos Parlamentares quis detonar os Parlamentares porque sabia que muitos estavam, de alguma forma, envolvidos no uso de caixa-dois e que muitos teriam o temor de que ele viesse aqui e que ele ia revelar e abrir o jogo em relação a esses Parlamentares. E na Paraíba, na eleição de 1998, o Sr. Duda Mendonça fez um contrato de publicidade, de marketing político com o PMDB e na época eu era do PMDB. E quando ele deu essa declaração, lá na Paraíba a repercussão em relação a quem era na época do PMDB é de que estaria envolvido com a utilização desse caixa-dois. Não só o Senador Zé Maranhão, que na época era candidato ao Governo, como o Governador Ney Suassuna, que hoje está no exercício do mandato. Então eu quero fazer essa declaração para deixar patente a minha exclusão completa de qualquer acerto, de ter participado desse acerto, desse contrato de publicidade feito do PMDB da Paraíba em 1998 e a empresa do Sr. Duda Mendonça.

Embora eu conheça, digamos, pormenores do acerto que foi feito na época com os que comandavam, os que dirigiam o PMDB, no caso Senadoras, Senadores do Maranhão e Ney Suassuna. Mas o que eu estranhei muito, recentemente, é que desse contrato que foi celebrado na Paraíba, no valor de mais de 2 milhões de reais, o PMDB declarou no Tribunal Regional Eleitoral despesa de publicidade com a empresa A2CM, dirigida pelo Sr. Duda Mendonça, no valor de 407 mil e 500 reais. E em seguida houve uma cobrança de uma nota promissória ao PMDB no valor de 2 milhões e 72 mil como restante do contrato e, para ser mais Exato: 2 milhões e 72 mil 666 reais e 50 centavos. A conta não foi paga pelo PMDB, essa promissória não foi resgatada pelo PMDB e ela está subscrita e eu tenho cópia dela, assim como tenho cópia do contrato também subscrita pelo Senador Ney Suassuna e o Senhor Robson Cury Viana que é suplente do Ney Suassuna. Como eles não honraram o compromisso, não pagaram essa dívida, Duda Mendonça, o Sr. Duda Mendonça ajuizou uma ação de execução forçada na Comarca de Salvador, invocando o pagamento desses 2 milhões, 72 mil, 666 reais e 50 centavos.

Quando surgiu o caso envolvendo essa suspeita de uso de caixa-dois da empresa de publicidade de Duda Mendonça, curiosamente surge no mesmo momento um acordo na comarca de Salvador, aliás, um acordo inusitado. Eu, como Advogado, nunca na minha vida ouvi falar que um credor pagasse para dispensar a conta cobrada. O Duda Mendonça tinha direito a um crédito de 2 milhões e 72 mil, 666 reais e 50 centavos. No acordo ele dispensou a dívida e pagou os honorários do Advogado no valor de 60 mil reais. Eu tenho, inclusive, esse acordo documentado, por escrito, tenho cópia do acordo, tenho cópia do contrato, tenho cópia da nota promissória. Então, qual é a suposição que nós fazemos imediatamente? Quando um credor abre mão da dívida, uma dívida num valor astronômico como esse de mais de 2 milhões de reais e ainda paga os honorários do Advogado. A suposição é de que houve um acordo de bastidores para a quitação dessa dívida, mas na aparência, na montagem do acordo o que aparece é a dispensa da dívida. Então, eu estranhei muito esse fato como qualquer um. Não precisa nem ser Advogado para estranhar esse tipo de transação judicial. O que um credor abre mão do seu crédito num valor expressivo, repito, superior a 2 milhões de reais e ainda assume os honorários do Advogado. Então eu faço essa declaração aqui, claro

que eu ia falar sobre outros assuntos, também relativos a caixa-dois no plano nacional, no plano regional, em outros Estados, mas como a discussão do Sr. Duda Mendonça é de não responder as essas perguntas, eu passo a limpo essa história da Paraíba dizendo que não tenho o menor temor de chegar aqui hoje e falar, inquirir e abordar o Sr. Duda Mendonça e ao mesmo tempo relatar para o Brasil e para a Paraíba esse fato estranho que aconteceu envolvendo o PMDB do meu Estado, especialmente os Senadores José Maranhão e Ney Suassuna. Só isso, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Inaldo Leitão. Com a palavra o Deputado Eduardo Paes.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Sr. Presidente, Senhoras e Senhores Parlamentares. Eu peço desculpas ao ilustre Vice-Presidente Asdrubal, na hora em que ele me chamou eu estava ausente. Queria cumprimentar a todos, cumprimentar ao depoente, primeira coisa é deixar muito claro, Sr. Duda, que eu até tendo a concordar com V. Sª. quando V. Sª. fala, faz referência a uma campanha de difamação até pessoal que fazem contra V. Sª. E eu confesso que o objeto dessa CPI, em momento algum e estou sendo muito sincero nisso que eu estou dizendo, é atingir a sua pessoa, sua família, pouco me interessa se a sua casa tem dois quartos, três quartos ou 20 quartos, isso é problema do Senhor. Nós estamos aqui na Comissão Parlamentar de Inquérito buscando investigar um esquema de corrupção que, infelizmente se comprovou ao longo desses últimos meses.

Eu acho que não existe brasileiro satisfeito com isso, mesmo nós, de oposição, que teremos aí todos os argumentos do mundo para usar nas eleições mostrando a farsa petista, a farsa que é o Presidente da República, mas nenhum de nós pode dizer: Olha, estamos satisfeitos. É bom saber que o Brasil, que aquilo que eventualmente representava a esperança se rende a uma coisa tão contundente como o esquema de corrupção montado. V. Sª. certamente já deve ter tido notícia pelos jornais, espero e não acredito que V. Sª. soubesse da origem desses recursos que lhe pagaram lá fora como V. Sª. mesmo afirmou, mas são recursos públicos, dinheiro do povo brasileiro, dinheiros do Banco do Brasil, numa operação feita com uma subsidiária do Banco do Brasil, a Visa Net, e, portanto, é dinheiro do povo direto sendo distribuído para amigos do partido do Presidente da República e do próprio Presidente da República. Portanto é isso, esse é o nosso foco. Não há aqui, Sr. Duda Mendonça, nenhuma intenção de atacá-lo pessoalmente, tenha isso como absoluta verdade. É uma pena, confesso que a sua primeira participação nessa CPI foi uma participação muito mais instrutiva para todos nós, não há dúvida disso e acho e repito, acho que V. Sª. tem o direito de permanecer calado para não se incriminar, mas é de fato uma pena que tenha que ser assim. Porque aí, Sr. Duda Mendonça, eu tenho que, feitas essas ressalvas eu tenho que aqui tratar de algumas questões que me parecem absolutamente perceptíveis aos olhos dos menos atentos.

Primeiro: O Senhor tinha um contrato direto com a Presidência da República, um contrato de publicidade. Em razão do desgaste da imagem de V. Sª., seja ela por uma campanha ou não campanha, mas me parece muito mais, enfim, levada a cabo em razão daquilo que V. Sª. praticou e daquilo que o partido... E aí eu quero dizer isso aqui também. Eu não quero, mas às vezes a gente fica aqui só culpando um dos lados, porque o outro lado teve alguém que pagou, teve alguém que foi lá no Banco do Brasil e na Visa Net e tomou dinheiro público. E essas pessoas têm nome, é o Senhor Delúbio Soares, companheiro, indicado pelo Presidente da República para assumir as funções de tesoureiro do partido. Portanto, o Senhor tinha um contrato com a Presidência da República em razão de uma cláusula contratual que dizia, salvo engano meu, fazia referência a essa questão de imagem, dava o direito desse contrato ser suspenso. E ele o foi. E me assusta, e me assustou apesar do desgaste de sua imagem, de fato V. Sª. deve saber isso melhor do que ninguém, V. Sª. conseguiu renovar o seu contrato com a PETROBRAS, segundo me consta faz, nesse momento, uma campanha de 36 milhões de reais, vai ser mais uma tentativa, Senadora Heloísa Helena, anote, do Presidente Lula daqui a pouco ele vai dizer que nunca se cavou tanto posto de petróleo desde o que o Brasil é Brasil. É o jeito dele. Isso aí, o Sr. Duda Mendonça, lamento informar, mas é um pouco por culpa do Senhor que ajudou o Presidente Lula a adotar esse estilo paz e amor e contando histórias por aí. Mas me impressiona que V. Sª., diante de tanto desgaste de sua imagem, diante de uma cláusula contratual que previa o cancelamento desse contrato em razão desse desgaste de imagem, conseguir renovar esse contrato e entrar em campanha como essa, parece que vão custar 36 milhões de reais na história da auto-suficiência do petróleo. V. Sª. poderia me responder por quê num caso se aplicou uma regra e no outro caso não? Ou já que no outro caso da PETROBRAS, tratando-se de uma estatal, o Senhor não teve o seu contrato suspenso, por que é que V. Sª. não recorre do cancelamento feito com outro contrato que V. Sª. tinha na Presidência da República? Senhor , doutor, deixa o...

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Lamento, Deputado, eu até lhe confesso que

às vezes fico me roendo, mas vamos manter firme a estratégia dos meus Advogados. Não vou responder.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Eu espero que. Eu quero lhe dizer que eu vinha, eu tive que dar uma saída e fiquei ouvindo um pouco o seu depoimento na televisão. E é uma estratégia muito competente essa de também dizer estou doido para falar, mas meu Advogado não me deixa falar. Parece até o Lula que está doido para falar, mas não sabia de nada. Sr. Duda Mendonça, o Sr. Presidente da República, todos sabemos, manteve relações muito próximas com V. Sª. o que é absolutamente normal e até aí não tem problema nenhum. V. Sª. era o marqueteiro da campanha do Presidente, é natural que se aproxime, isso tudo, essas são as besteiras que às vezes as pessoas ficam cobrando e que eu acho que não tem que ser cobrado. Nada mais natural que o Senhor, em sendo o marqueteiro, se aproximar do Presidente da República e não há nada mais natural que isso aconteça do lado dele também que os Senhores se identifiquem, aliás, acho que se identificaram muito. Mas, o Presidente Lula, ele afirma categoricamente que nada sabia, que nunca tinha ouvido falar de nada, que isso tudo passou sem que ele percebesse. Ele até dá um certo caráter de normalidade a esse processo todo que eu acho que é o grande legado trágico do Presidente Lula ao país, é que o primeiro mandatário da nação diz que essa picaretagem toda é muito normal. E não é não. E não é igual ir ao dentista e não cobrar nota, não. É bem diferente. É grave. Mas infelizmente ele está passando esse recado para a nação. Depois vamos reclamar que o brasileiro tem uma cultura ruim. O Presidente da República tinha ciência que o Senhor recebia recursos do exterior?

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Não vou responder a pergunta.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Sr. Presidente, eu fico aqui me imaginando que é claro que eu vou voltar depois da Sessão secreta a conversar com o Sr. Duda Mendonça e acho até que pode ser uma conversa que eventualmente venha a ser produtiva. O fato, Sr. Duda, e repito aqui não há por parte, pelo menos, dos Parlamentares aqui, eu não sei que inimigos o Senhor tem lá fora, que tipo de problema o Senhor tem lá fora, o nosso, para se ter uma campanha contra o Senhor. Eu quero dizer aqui que não faz parte dos Senhores Parlamentares aqui, nenhum de nós tratar de desmoralizar a V. Exª. Até porque eu acho e repito que o foco dessa CPI, no momento em que identifica crimes cometidos por V. Exª., por V. Sª., V. Sª. vai ter que pagar por esses crimes, responder judicialmente, seus Advogados aí estão, as investigações terão continuidade, inclusive aquelas de conta no exterior, mas no nosso foco é identificar aqueles que assumiram a responsabilidade de administrar o erário, de administrar as contas do país, de administrar o dinheiro da nação e que infelizmente se utilizaram desse poder, legitimado pelo voto, nessa campanha que V. Sª. conduziu de forma tão competente o famoso Lulinha paz e amor, que nos enganou a todos, não há dúvida, com promessas falsas, dizendo que ia resolver essa ou aquela questão, que ia mudar esse ou aquele quadro do Brasil e o que nós vemos que é um quadro absolutamente trágico. Mas deixar muito claro aqui, Sr. Presidente, que essa CPI vai ter sim, Senadora Heloísa Helena, que tratar de, no relatório final, tratar dessas contas do exterior do Sr. Duda Mendonça, de eventuais irregularidades cometidas nos contratos, mas nós não podemos perder de vista que o objeto principal dessa investigação e vamos, repito aqui, vamos tratar do Sr. Duda Mendonça que cometeu, pelo que nós já sabemos, uma série de crimes. Mas eu quero dizer que a outra parte cometeu crimes muito mais graves. E essa outra parte [soa a campainha] que pagou o Sr. Duda Mendonça no exterior, que fez caixa-dois de sua campanha, o Deputado Inaldo Leitão lembra aqui, de forma muito importante para essa Comissão, que haja um caso, inclusive, da agência do Sr. Duda Mendonça processando um Senador na Paraíba por que o caixa-dois não foi pago, portanto, me parecia uma prática comum.

Mas o mais grave, o mais grave é nós imaginarmos, Sr. Presidente, que não só o Presidente da República, na sua campanha, contratou o Sr. Duda Mendonça e uma série de números relatados pelo Relator aqui, mostravam essa falta de formalidade ou de respeito às leis da relação entre o Presidente da República e o Sr. Duda Mendonça, mas o fato é que nós aqui, Senhor Relator, temos que estar atentos, porque esses recursos públicos, esses recursos da população brasileira, foram aqueles que pagaram as contas que o Partido dos Trabalhadores devia ao Sr. Duda Mendonça. O Senhor devia ou foi assumindo essas dívidas durante o Governo. Portanto esse é o nosso foco. Esse é o foco da nossa investigação e é isso que nós temos que ter em vista ,que quem desviou recursos públicos foi o partido do Presidente da República, com agentes ligados ao Presidente da República e que saíram por aí distribuindo recursos públicos e isso é algo absolutamente inaceitável. Volto a conversar com V. Sª. no momento em que nós estivermos na Sessão secreta conversando um pouco sobre as contas no exterior. Agradeço, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra a última oradora inscrita, Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Sr. Presidente, Senhores Senadores, de fato eu vou fazer--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): V. Exª. pode falar em 10 minutos, apesar de ser uma reinscrição, até porque tivemos uma Sessão de poucas palavras.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): --Senador Delcidio--.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): A não ser na abertura dos nossos trabalhos onde nós conseguimos introduzir vários neologismos na língua portuguesa. Então V. Exª. será dada os 10 minutos também, como se fosse uma inscrição.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: V. Exª. está cometendo uma premiação delatada.(4:19:13)

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Senador Delcidio, eu nem vou usar. Mas sabe V. Exª., até pela delicada brincadeira que fez, sabe V. Exª. e certamente a sua esposa, nossa querida Maica que sofre três vezes, V. Exª. não sofre, quer dizer, sofre um pouco, quem sofre é a esposa e os filhos e as filhas, como os meus filhos ou os do Osmar, como de qualquer um outro aqui. Mas se V. Exª. der uma olhadinha nos telefonemas que já chegaram aqui para o 0800 do Senado no que está na caixa de mensagem, olhe como as pessoas caracterizam o Congresso Nacional porque ninguém tem direito, é de covil, de ladrão para baixo. Então, não é uma coisa qualquer isso. Porque vai para a gente. Bate em todos nós.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não dá nem para retirar não?(4:20:05)

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Bate em todos nós. Bate em todos nós. Porque não adianta. Não é retirar uma expressão de uma fala que retirará do coração e da mente das pessoas o que elas, as pessoas acham. Então é uma tarefa muito difícil para a gente, muito difícil, ainda mais numa última Sessão. Porque o que aconteceu hoje, milagrosamente eu estou mais na tese do Deputado Maurício do que na tese do Zé Eduardo. O que aconteceu hoje não é uma coisa simplória. Não é. A jurisprudência que se cria hoje em relação a qualquer um outro depoimento, não é uma coisa qualquer. Porque, não é porque alguém tem bilhões no exterior ou bons Advogados que podem fazer alguma coisa e o outro motorista que chega aqui para prestar depoimento e que vem com habeas-corpus também vai fazer diferente. Não é uma coisa simplória o que aconteceu hoje. O valor absoluto que foi dado ao habeas-corpus, o valor absoluto que foi dado ao habeas-corpus não é uma coisa qualquer. É algo muito grave, muito grave o que aconteceu hoje. Não. Se ele quiser ir, pode deixar--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): É só, o Sr. Duda Mendonça pede só um tempinho que ele--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não tem problema nenhum. Ele pode ir, eu vou continuar falando, não vou precisar esperar ele voltar, porque ele não vai falar mais nada. Está tudo bem. Não. Eu sou enfermeira, as questões fisiológicas eu preservo tanto que nem imagine.

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Eu não quero parecer um desrespeito a V. Exª.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não. Pode sair. Não tem nenhum problema. Eu espero que o povo brasileiro não se sinta desrespeitado com o seu silêncio. Nós, sinceramente nos sentimos. Não vou entrar no debate jurídico, nada. Mas não é uma coisa qualquer o que aconteceu aqui. Pode ir, não estou...

SR. JOSÉ EDUARDO CAVALCANTI DE MENDONÇA: Obrigado.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Eu hoje, o meu componente de maldade não está tanto porque era quase que fique aí para ouvir até o final, mas tudo bem, né, depois dos 30 anos os nossos esfíncteres não funcionam muito bem. [risos]

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pois bem. Mas Senador Delcidio, você sabe qual é a coisa mais importante que fica desse final? Tem o problema da jurisprudência, não é uma coisa qualquer. Não é uma coisa qualquer que vai acontecer daqui para frente nas outras Comissões Parlamentares de Inquérito. Não é. Mas o mais importante é que a gente tem que prestar um tributo a quem tem possibilidade de falar com a certeza e a consciência tranqüila que não produzirá provas contra si. Tem coisa mais maravilhosa do que essa? Senador Delcidio, você já imaginou o que é uma pobre mãe favelada, daquelas bem faveladas que vê o filho do vizinho ser assassinado e vai lá na delegacia e dizer, foi esse que assassinou. Tem coragem mais bela do que ela? Porque não tem conta no exterior. Não tem conta no interior, não tem Advogado famoso, nada. E a mulher tem a coragem de ir lá fazer, porque ali ela se sente comprometida com a justiça e ao sentir a dor da mãe vizinha ela ensina que, se no futuro o filho dela for assassinado covardemente, alguém ajude a desvendar os mistérios do assassinato.

Então a gente tem que prestar um tributo a quem pode falar. Porque se você faz a opção do silêncio para não produzir provas contra si é porque provas contra si poderão ser produzidas e, portanto, culpado tu és. Então eu faço, a falácia é isso mesmo, é a liberdade, por que o que o povo brasileiro está mandando, pri-

meiro porque tem gente, o depoente as vezes sorri, tem gente que ri de cinismo, tem gente que ri de desespero, tem gente que ri de consciência tranqüila, e tem gente que ri como eu falei aqui,a polêmica das lágrimas de Heráclito e do riso de Demócrito é porque padre Antônio Vieira dizia que o Demócrito sorria muito porque, talvez, a dor fosse tanta que o pranto e as lágrimas foram ressecados e ele simplesmente ria. Então, só para dizer isso. Prestar um tributo a quem é livre. A quem pode falar tendo a certeza que provas não produzirá contra si. E mais uma vez, porque para qualquer um aqui falar é fácil. Agora, para aquela moçada pobre, espalhada pelo Brasil que tem a ousadia de falar, quando covardia seria calar e quando cômodo e sedutor queria calar também, é esse, são para esses mesmos e para essas mulheres e homens que a gente tem que prestar o maior tributo. O tributo da liberdade e o tributo de falar. É só, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria de...

DEPUTADO INALDO LEITÃO (PL-PB): Sr. Presidente, pela ordem só para uma intervenção rapidíssima.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem Deputado Inaldo Leitão.

DEPUTADO INALDO LEITÃO (PL-PB): Essas informações que eu prestei aqui na CPI e que não foram nem sequer comentadas pelo Sr. Duda Mendonça, o seu silêncio eu vou ter como a confirmação do que eu disse. E estou encaminhando a V. Exª. e ao Relator essa documentação relativa as afirmações que eu fiz para que fique documentado aqui na Comissão e a Comissão possa fazer uso que achar conveniente dos documentos. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria, só encerrando esse depoimento aberto, até porque os quatro Parlamentares que fazem parte do... Que tiveram seus nomes incluídos naquele acordo com a procuradoria de Nova Iorque, nós faremos uma Sessão fechada logo após o encerramento dessa Sessão aberta, mas eu gostaria de... E essa foi uma decisão do Plenário, é importante registrar, foi uma decisão do Plenário. Eu gostaria só de, não abusando da paciência dos Senhores, ler aqui o habeas-corpus dado pelo Ministro Gilmar Mendes do Tribunal de Contas da União, do Supremo Tribunal Federal. Sr. Presidente, comunico a V. Exª. que, nos termos da decisão cuja cópia segue anexa, deferi a medida liminar nos termos em que requerida para que a CPMI dos CORREIOS defira-lhe o tratamento próprio à condição de acusado ou investigado, assegurando-se-lhe o direito de: 1. Não assinar termo de compromisso na qualidade de testemunha. 2. Permanecer calado em seu depoimento perante a CPMI dos CORREIOS sem que, por esse motivo específico, seja preso ou ameaçado de prisão. E determinei a expedição do salvo conduto nos termos do art. 191, §4º, do regime interno do Supremo Tribunal Federal, do Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal até decisão final do feito, tendo em vista grave risco de consumação de como constrangimento ilegal contra o ora paciente. Ressalvo, porém, que com relação aos fatos que não impliquem auto-incriminação, persiste a obrigação de o depoente prestar informações.

Ademais, solicito-lhe informações sobre o alegado na petição inicial e demais documentos cujas cópias acompanham esse ofício. Atenciosamente: Ministro Gilmar Mendes. É importante registrar esse parágrafo. Ressalvo, porém que com relação aos fatos que não impliquem auto-incriminação persiste a obrigação de o depoente prestar informações.

Eu gostaria de fazer um registro claro nesse sentido e a Senadora Heloísa Helena, como outros oradores inscritos assim o fizeram e com muita justeza, com muita, com muito bom senso, nós estamos abrindo um precedente muito perigoso para o trabalho de um poder fundamental para um país como o Brasil e para os outros países também no mundo que são as conseqüências que podem advir do que ocorreu hoje com relação a todas as outras atividades Parlamentares, especialmente ligadas a Comissões Parlamentares de Inquérito. É grave o precedente que aconteceu hoje, até porque, também essa frase da não, essa ressalva quanto a auto-incriminação é de extrema subjetividade também. Então, quando ocorrerem depoimentos nos quais os depoentes vierem orientados por Advogados e quando os Advogados vierem a orientar os depoentes de uma maneira absolutamente radical, como foi hoje, indubitavelmente, eu acho que nós teremos muitas dificuldades e esse assunto, não tenho dúvida nenhuma, vai ser amplamente debatido depois de todo esse período de desgastes, de discursos, de decisões do STF, de trabalhos às CPIs, eu acho que esse tema vai tomar muito tempo, não só da imprensa, dos Parlamentares porque o precedente que se abre é extremamente perigoso. Para o país, para a democracia e especialmente para o Poder Legislativo. Eu entendo, Duda, se você me permite lhe chamar assim, você veio aqui na primeira vez espontaneamente, nós compreendemos que em função de tudo aquilo que aconteceu a *posteriori* você se preparou para esse novo depoimento de outra maneira com Advogados, com habeas-corpus, com todos aqueles procedimentos que, naturalmente, acho que boa parte dos Parlamentares ou a totalidade dos Parlamentares da CPI dos CORREIOS, eles aguardavam isso. Não seria diferente. E sei que no

fundo do teu coração, você também, eu imagino o que você deve ter passado hoje para seguir rigidamente a estratégia adotada por seus Advogados. Nós, aqui na CPMI dos CORREIOS, ouvimos as mais diferenciadas pessoas possíveis e imagináveis. Esse aqui não é o primeiro habeas-corpus que vem aqui e é recebido pela CPI dos CORREIOS e também não será o último de outras CPIs também. Mas com todo o respeito que eu tenho pelos Advogados que o instruíram, eu jamais vi e procuro sempre não opinar com relação às coisas que acontecem aqui na CPI e até em função de presidir essa, a Comissão Parlamentar de Inquérito dos CORREIOS, mesmo aqueles casos mais condenáveis ou aquelas pessoas, talvez, que cometeram os equívocos mais ou os erros mais repugnantes assumiram um comportamento parecido.

Sei, Duda, em absoluto, que você, do fundo do teu coração não faria isso. Até porque você é um profissional, um profissional que já venceu grandes batalhas, que já prestou muitos serviços em várias campanhas e não só em várias campanhas, mas principalmente na sua atividade profissional, atendendo grandes clientes, empresas, também, que contrataram os seus serviços até pela tua qualificação. Mas eu não presenciei em nenhuma das oitivas uma orientação tão dura e tão drástica como essa orientação dada pelos seus Advogados. As conseqüências disso só o tempo vai dizer, porque eu ainda acredito no diálogo e acredito que, mesmo as pessoas que já chegaram aqui absolutamente condenadas, elas, orientadas pelos seus Advogados, conseguiram qualificar minimamente aquilo que era possível responder daquilo que efetivamente poderia levá-las a auto-incriminação. Então eu acho que o que aconteceu hoje aqui é sério.

Eu respeito a estratégia preparada pelos Advogados e espero que essa estratégia seja correta, duvido um pouco das suas conseqüências, até porque eu não tenho dúvida nenhuma, eu acho que toda a sociedade brasileira e quem acompanha os trabalhos aqui do Congresso Nacional, ninguém presenciou o que efetivamente ocorreu hoje, mas eu espero que também isso nos sirva de lição e isso nos abra um debate amplo com relação a essa, no que se refere a essa relação de Poder Judiciário, Poder Legislativo e, especialmente, a estratégia dos Advogados. Acho grave o que aconteceu. Nós entramos por um terreno absolutamente subjetivo e extremamente perigoso e isso pode nos levar à ilações, as mais complexas e as mais simplistas possíveis. Quando de uma hora para outra nós poderemos passar para as pessoas que quem tem o direito do silêncio é quem tem condição de contratar bons Advogados. E as pessoas que, infelizmente, não tem esse respaldo, eventualmente de um habeas-corpus, por mais procedente esse habeas-corpus venha ser, não conquistaram esse direito numa democracia que deve valer para todos. Portanto, eu acho que nós devemos refletir muito bem com o que aconteceu hoje. Eu espero que no depoimento sigiloso, talvez, as coisas fiquem um pouco mais claras, espero isso. Apesar de admitir que a estratégia dos Advogados é uma estratégia muito dura e não coerente, Duda, com aquilo que você pensa, tenho absoluta certeza disso, mas é claro que dentro dessa estratégia que considera uma ação a frente, ou seja, uma defesa mais ampla no futuro junto ao Judiciário ela, é claro que ela abre também precedentes até com relação ao próprio relatório da CPMI e com relação a interpretações que podem vir a ser dadas pelo Relator, ou pelos sub-Relatores ou por Parlamentares da CPI. Ou seja, ela pode momentaneamente ser uma estratégia, como algumas pessoas até registraram aqui, competente, mas ela também abre um espaço para que várias ilações comecem a tomar dimensão e isso é absolutamente natural num processo difícil. Então eu vou encerrar essa Sessão--.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente. Pela oportunidade ainda que não possa produzir efeitos neste depoimento eu acho que a CPMI devia pedir reconsideração desta decisão ao Ministro Gilmar Mendes, até para que no futuro nós possamos evitar situações como essa. Nesse caso, nada mais a fazer.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): É só um registro muito breve. É para dizer, sabem todos a alergia que eu tenho a alguns setores do Judiciário. Mas foi muito importante que V. Exª. pudesse ler, claro que alguns de nós já tínhamos lido, os que são da área de advocacia obrigatoriamente já sabem do que se trata, mas apenas para deixar claro que a atitude aqui tomada nada tem a ver, vamos para o campo da hermenêutica, mas não tem a ver com o procedimento que aqui aconteceu. Então, por isso que foi muito importante que V. Exª. pudesse ter feito a leitura do habeas-corpus.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Presidente, breve pela ordem pela palavra.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Gustavo Fruet. Pela palavra, eu já tinha ouvido pela ordem, questão de ordem, agora pela palavra é a primeira vez.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Foi a pressa de pedir a palavra e pela ordem, isso aí, pela ordem da palavra boa. Mas duas observações. Uma com relação a leitura eu desconhecia e acredito que quase todos desconheciam o texto desse habeas-corpus. Ele tem conseqüência. Merece algum procedimento por parte do Relator ou ainda hoje ou depois,no relatório. Vale a pena essa discussão. E por ser a última reunião, Presidente, antes do relatório, em complemento ao pedido formulado semana passada, eu solicitei hoje, através do Requerimento, para que V. Exª. determine a Polícia Federal ouvir o ex-Deputado Estadual Tony Garcia por uma entrevista dada a revista "Veja" dessa semana. Independente da discussão dessa linha de investigação e muito menos para provocar, nesse momento, uma discussão com eventual pedido de prorrogação. Mas para que a CPI, dentro do prazo, possa investigar as denúncias. Obrigado, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Relator Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, apenas para ratificar o que V. Exª. fez referência quanto ao habeas-corpus. Nós tínhamos lido o habeas-corpus, mas aí é que eu chamo atenção para uma frasezinha do Presidente quando ele alertou para a subjetividade da auto-incriminação.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): É difícil.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Há uma ressalva do sentido de que ele não deva omitir informações, salvo se isso possa auto-incriminar. Nós não temos como exigir que ele qualifique e explicite se ele se julga auto-incriminado por alguma eventual informação. Até mesmo naquela dos integrantes familiares. Quando eu fiz aquele questionamento eu discuti com o Deputado Asdrúbal, que também é jurista, e ele ratificou essa dúvida nossa. A pergunta nós poderemos formular, mas quem pode qualificar se auto-incrimina ou não é ele. De forma que nós precisamos realmente avançar para que nós não tenhamos habeas-corpus carregados com essa subjetividade, que nos impermite de fazer qualquer questionamento. Obrigado, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria então de encerrar essa Sessão e só lembrando uma frase do Deputado José Eduardo Cardozo e até um sentimento pessoal.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Pensei que fosse uma frase do Deputado Carlos Willian. (4:41:44)

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Entre a sociedade brasileira e a opinião pública e a estratégia de um bom Advogado, que me desculpem os Advogados do Sr. Duda Mendonça, eu prefiro ficar com a sociedade brasileira. A Sessão está encerrada. Aliás, a Sessão está suspensa para continuar, agora, fechada.

Sessão suspensa às 16h06

A partir das 16h19 a Sessão torna-se Fechada.

Sessão encerrada às17h24.

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

Ata da 64ª Reunião, realizada em 29/03/2006.

Aos vinte e nove dias do mês de março do ano de dois mil e seis, às treze e horas e dezenove minutos, na sala 02 da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Senador Delcídio Amaral e ainda com as presenças dos Senhores Senadores Heráclito Fortes, César Borges, Demóstenes Torres, Sérgio Guerra, Álvaro Dias, Ideli Salvatti, Aelton Freitas, Sibá Machado, Luiz Otávio, Valdir Raupp, Ney Suassuna, Heloísa Helena, Romeu Tuma e Wellington Salgado e dos Deputados Carlos Abicalil, Jorge Bittar, Maurício Rands, Asdrúbal Bentes, Osmar Serraglio, Carlos Willian, Antônio Carlos Magalhães Neto, Onyx Lorenzoni, Eduardo Paes, Gustavo Fruet, Nélio Dias, Nelson Meurer, Arnaldo Faria de Sá, Inaldo Leitão, Juíza Denise Frossard, Pompeo de Mattos, Dr. Rosinha, José Eduardo Cardoso, Jamil Murad, César Schirmer, Sílvio Torres, Antônio Carlos Pannunzio, Ildeu Araújo, Medeiros, Geraldo Thadeu e João Fontes, e dos parlamentares não membros Deputado Maurício Quintella Leme, Deputado Colbert Martins, Deputado João Magalhães, Deputada Luciana Genro, Deputada Professora Raquel Teixeira, Deputado Manoel Salviano, Deputado Benedito de Lira, Deputado Geraldo Rezende, Deputado Antônio Cambraia, Senador Eduardo Suplicy, Deputado José Rocha, Deputado Mauro Nogueira e Deputado Vicente Chelotti, reúne-se a COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Havendo núme-

ro regimental, o Senhor Presidente declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se à leitura do Relatório Final da CPMI. A leitura da ata da reunião anterior é dispensada e considerada aprovada. O Presidente esclarece que o Relatório Final é composto do Volume I e do Volume II, com vários Anexos e comunica que se fará a sua leitura sem abrir espaço para discussão, pois dará vistas coletivas do mesmo a todos os integrantes desta CPMI, até terça-feira da próxima semana, às 10h da manhã. Portanto não será aceito nenhum pedido de interrupção da leitura (aparte ou "Pela Ordem"). O Presidente comunica ainda que a discussão e votação do Relatório Final está marcada para terça-feira, dia quatro de abril de dois mil e seis, às dez horas. O Presidente informa que está sendo entregue aos parlamentares uma cópia física do Relatório e sendo disponibilizado um arquivo eletrônico em CD-ROM, incluindo todos os anexos. Acrescenta que o mesmo está também disponível na Internet, no site do Senado. Em seguida passa a palavra ao Relator. O Deputado Osmar Serraglio faz algumas considerações e inicia a leitura do Relatório Final. Após o término da leitura do relatório alguns parlamentares tecem comentários sobre o seu conteúdo e sobre os procedimentos que deverão ser observados para se proceder à sua discussão e apreciação. O Presidente informa que amanhã, dia trinta de março de 2006, serão estabelecidos os critérios e procedimentos que nortearão os trabalhos do dia quatro de abril, destacando que todos serão comunicados a respeito desses critérios. O Deputado Jorge Bittar levanta uma questão de ordem no sentido de que os Parlamentares estão fazendo considerações sobre o relatório, quando havia sido decidido no início da sessão que a pauta da presente reunião serviria unicamente para a leitura do relatório. O Vice-Presidente, na qualidade de Presidente da Mesa, acata a questão de ordem e declara encerrada a reunião às vinte e uma horas e doze minutos. Para constar, eu, ***Wanderley Rabelo da Silva***, Secretário da Comissão, lavro a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente.

NOTA TAQUIGRÁFICA

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Com as bênçãos de Deus, havendo número regimental, declaro aberta a 64ª Reunião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada através do Requerimento de nº 3/2005 do Congresso Nacional, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. A Ata da reunião anterior encontra-se sobre a Mesa, a qual coloco em votação, propondo a dispensa da leitura. Os que aprovam, permaneçam como estão. Aprovada. Esclareço que a pauta desta reunião destina-se à leitura do Relatório Final da CPMI dos CORREIOS, e gostaria de esclarecer algumas questões que julgo pertinentes para a condução dos nossos trabalhos.

Todos os Parlamentares da CPI estão tomando conhecimento do relatório agora. E é importante registrar que, na verdade, nós temos o volume 1, que tem dois tomos, tomo 1.2 e tomo 2.2. E depois o volume 2. Portanto, são três volumes, incluindo relatórios anexos e nós vamos, Senador César Borges, já distribuir o terceiro volume para deixar... O segundo e terceiro. É que eu tenho aqui, e V.Exªs. ainda não receberam. Perdão.

É importante registrar que o relatório apresentado não foi apreciado pelos Parlamentares da CPI. Porque ele foi concluído na noite de ontem e rodou no período da madrugada. Portanto, depois da leitura do relatório, nós não vamos fazer qualquer tipo de discussão. Nós vamos dar vistas coletivas até terça-feira da próxima semana, às 10h da manhã, para que todos os Parlamentares, V.Exªs. podem verificar que o texto é substantivo, além dos anexos. Espero que seja substantivo. E também contém anexos. Quero também registrar que aqueles volumes que nós também mandamos rodar, esses três volumes, para a imprensa, se nós não conseguirmos atender a todos os Jornalistas, nós estamos disponibilizando já na internet todo o texto na íntegra, para que os Jornalistas tenham o acesso necessário para fazer também as suas análises. Gostaria de registrar a V.Exªs. também, estão me informando aqui, que estará no *site* do Senado Federal, o texto, na sua íntegra.

É importante registrar também que hoje nós não vamos dar nenhum pela ordem, nós vamos entrar já diretamente na leitura do relatório pelo Deputado Osmar Serraglio. E é importante registrar que, em sendo esse relatório evidentemente elaborado pelo Deputado Osmar Serraglio, ele vai passar por análises e, evidentemente, que esse texto sofrerá ou poderá sofrer modificações que o próprio Regimento da CPI determina. E nós, na reunião de terça-feira, no início, às 10h da manhã, já estabeleceremos as regras todas de discussão e de votação.

Gostaria também de registrar a V.Exªs. que a CPI dos CORREIOS talvez foi a CPI mais acompanhada do Congresso Nacional, em toda a sua existência. Desde o início da CPI dos CORREIOS, muitas coisas aconteceram no País. No Congresso Nacional, no Poder Executivo, também no Poder Judiciário, em função de

todas as idiossincrasias ocorridas, muita coisa mudou, seja na substituição de dirigentes de empresas estatais, do Executivo, seja na instrução de processos parlamentares.

Portanto, nós hoje, mais do que nunca, começamos a escrever a história do País mais um evento ou um capítulo importante da história política do País e da história do Congresso Nacional. Por isso, eu volto a insistir que a CPMI dos CORREIOS, que sempre se pautou por enfrentamento político claro, aqui foram travados muitos debates. Mas ninguém pode negar os resultados já obtidos. Os resultados que serão apresentados pelo Deputado Osmar Serraglio. E os resultados que virão, fruto desse relatório, que depois será analisado pelo Congresso, será analisado pelo Ministério Público, pela Polícia Federal, enfim, e pela sociedade brasileira que efetivamente nós temos que prestar contas e espera que nós venhamos a apresentar um relatório importante para o País.

Se, ao longo dos últimos meses, nós fomos surpreendidos por essa "geléia geral", onde talvez o radicalismo da corporação fez com que nós desempenhássemos ou enfrentássemos situações insólitas, nós não podemos deixar que o radicalismo político venha a causar o mesmo estrago à imagem do Congresso Nacional que muitos acontecimentos, ocorridos nas últimas semanas, trouxeram. O não entendimento, ou melhor dizendo, o desentendimento só vai ajudar a impunidade, e eu acho que ninguém aqui na CPMI dos CORREIOS vai compactuar com a impunidade. Então, eu espero que nós tenhamos a lucidez necessária, nós tenhamos o equilíbrio e a serenidade necessários para votar o relatório. Isso é absolutamente fundamental.

O Congresso Nacional vem de efeitos desastrosos de CPIs, onde quem perdeu foi o País. E se nós não sairmos com um relatório dessa CPI, quem perde é o País, quem perde são os cidadãos, e eu não tenho dúvida nenhuma, que darão as suas respostas em outubro, mostrando o seu descontentamento e mostrando, acima de tudo, a sua frustração e a sua desilusão. Se não com todos, mas com alguns de nós. Infelizmente.

Então, nós temos um compromisso com a nação, e eu espero que Deus nos ilumine e nos guie nessa caminhada, para que nós venhamos a corresponder aos anseios que a sociedade brasileira espera de nós, Parlamentares que defendem suas posições ideológicas, defendem suas posições partidárias, defendem seus programas partidários, mas, acima de tudo, e independentemente dessas divergências, estão aqui para defender o Brasil. E por isso, eu espero que, com esse entendimento, nós tenhamos condição de produzir um relatório, que, volto a repetir, hoje é o do Deputado Osmar Serraglio, mas que, ao longo dos próximos dias, ele será discutido à exaustão por todos nós.

E na terça-feira, dentro daquilo que o Regimento proporciona, principalmente no que se refere a alterações de texto, nós faremos a discussão e votaremos isso, a partir das 10h da manhã.

Em função hoje da exposição, eu peço novamente a V.Exªs., que hoje eu não darei nenhum pela ordem, para a gente já começar os nossos trabalhos e não abrirei para discussão após a leitura do relatório, porque eu vou declarar vistas coletivas. E eu quero passar agora a palavra para o Deputado Osmar Serraglio, que vai começar a ler o relatório preparado para a Sessão de hoje.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, Srªs.. e Srs. Parlamentares, primeiro quero cumprimentar o Sr. Presidente por sua manifestação que, com certeza, nós todos subscrevemos. Quero, desde logo, agradecer aos Deputados, Sub-Relatores, que contribuíram com as suas opiniões, nem todas, necessariamente, acolhidas, mas, com certeza, muito próximos da totalidade, os Deputados Eduardo Paes, Maurício Rands, Carlos Willian, José Eduardo Cardozo, Gustavo Fruet, Onyx Lorenzoni e Antônio Carlos Magalhães Neto.

O trabalho que nós apresentamos, ele pode ser facilmente compreendido a partir do seu sumário. E, de alguma maneira, pela intensidade e pelas dificuldades evidentes, que tornam absolutamente inimaginável que se possa ler um relatório como este, nós iremos, muito rapidamente *en passant* fazer referência a algumas coisas que aqui estão postas, que, com certeza, elas mais fazem parte da necessidade de traduzir o que nós fizemos do que, de fato, objeto de um interesse maior.

Nós temos aqui aqueles pontos que naturalmente chamam atenção e fazem com que nós não só demonstremos ao País, mas, acima de tudo, exteriorizemos o porquê do nosso convencimento quanto ao enfoque dado. Então, num primeiro momento, nós apresentamos o que é uma CPI, o papel do Congresso, fazemos um balanço dos trabalhos da CPMI, os focos sobre os quais ela incidiu, iniciando pela espionagem, que foi o primeiro ponto que desencadeou essa CPI, [soa a campainha] e depois começamos pelos CORREIOS que, na verdade, se constituiu no ponto fulcral que ensejou o nosso trabalho.

Nos CORREIOS, nós analisamos alguns dos contratos, que são os mais relevantes, os de publicidade, o do transporte aéreo noturno, os contratos de informática, as franquias, o Correio Híbrido Postal.

Depois, os outros contratos, alguns que nós chegamos a selecionar, por terem algum cunho diferen-

ciado que merecesse a apresentação, e daí nós começamos a enfrentar a segunda situação com a qual nós nos deparamos, a partir da notícia da existência do Sr. Marcos Valério. Nós analisamos todo, o que se chama de Valerioduto, ou seja, toda a forma de sua atuação, o Mensalão, e aí nós recuperamos uma parte, e nós vamos esclarecer isso logo em seguida, que parte e por quê do relatório parcial que nós tínhamos apresentado.

Depois fazemos referência a outros contratos, que não são dos CORREIOS, mas do Marcos Valério. Fazemos referência a casos diferenciados, específicos, que são o episódio de Minas Gerais, o episódio Silvio Pereira, GDK, a movimentação de Duda Mendonça no exterior, FURNAS.

E esse material que me referi, faz parte do volume 1, que está dividido em dois tomos. Depois, no segundo volume, o Instituto de Resseguros do Brasil, o IRB, os Fundos de Pensão, os indiciamentos, as proposições legislativas. Essa é a estrutura que nós iremos apresentar.

Nós iniciamos com uma referência colhida na Bíblia, em Mateus, capítulo 10, versículo 26, em que Jesus diz o seguinte: "Não tenhais medo dos homens, pois nada há de encoberto que não venha a ser revelado, e nada há de escondido que não venha a ser conhecido".

Sr. Presidente, Srs. Parlamentares, o Congresso Nacional detentor do Poder Legislativo, tem a competência precípua de legislar. Ao lado dessa está outra que lhe é inerente e essencial para constituir sua natureza de poder autônomo, a fiscalização dos atos do Poder Executivo e de entes públicos ou privados que recebem recursos públicos. A competência fiscalizadora do Congresso Nacional é extensa, e essa extensão alcança todos os limites de sua competência legislativa. [soa a campainha] Vale dizer, o Congresso Nacional tem poder de fiscalizar todos os assuntos e temas a respeito dos quais está capacitado pela Constituição para legislar. As Comissões Parlamentares de Inquérito, CPIs, constituem um dos mais importantes instrumentos de que o Congresso Nacional dispõe para exercer sua competência constitucional. Não por acaso, é perceptível a qualquer observador atento, que o funcionamento de uma CPI, ao lado do manejo do instituto da Medida Provisória e do controle de constitucionalidade das leis, traduz uma das pedras de toque do modelo brasileiro de repartição funcional dos poderes entre o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. Uma Comissão-- [soa a campainha].

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Por favor, eu, primeiro, gostaria que aumentassem o volume aqui da Mesa, e pediria a todos os presentes que nós procurássemos manter silêncio, até porque a leitura vai ser extensa, e é importante que todos os Parlamentares e Jornalistas ouçam.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): --Sr. Presidente, uma Comissão de Inquérito, instituída no âmbito do Congresso Nacional, pode funcionar em uma só Casa. Uma CPI do Senado Federal ou da Câmara dos Deputados. Sendo assim, é formada nos termos do Regimento Interno de cada instituição Legislativa. Certas matérias, entretanto, por sua importância, amplitude, dimensão e complexidade, exigem a atenção de ambas as casas do Congresso Nacional. Nesse caso, forma-se uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, composta por Senadores e Deputados Federais.

A vida política brasileira tem demonstrado que, independentemente da vontade de quem ocupe os cargos de liderança no Poder Executivo [soa a campainha], no Congresso Nacional--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu pediria, por favor, silêncio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): A vida política brasileira tem demonstrado que, independentemente da vontade de quem ocupe os cargos de liderança no Poder Executivo, no Congresso Nacional e no Supremo Tribunal Federal, o funcionamento das Comissões Parlamentares de Inquérito, a edição de Medidas Provisórias e a discussão sobre a constitucionalidade das leis estão, rotineiramente, entre os temas políticos que mais suscitam controvérsias, pelo grande relevo dos assuntos que manejam, o que tem provocado crescente interesse da sociedade.

Diante disso, vemos que a plena afirmação do Congresso Nacional como um órgão autônomo de poder, somente ocorrerá quando dispusermos, no Legislativo, de todos os meios, instrumentos eu poderes necessários para que uma Comissão Parlamentar de Inquérito possa funcionar exitosamente e oferecer à sociedade os resultados que a sociedade espera.

A presente Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos CORREIOS é a expressão de um movimento político sério e grave a irromper na história recente do Brasil. Seu funcionamento é resultado de um entendimento entre lideranças políticas, responsáveis e equilibradas, que se têm articulado para, com o máximo de critério e a possível isenção, investigar fatos que, inequivocamente, desonraram e desonram a Administração Pública brasileira.

Em seguida, eu faço observações a propósito da natureza e objetivos de uma Comissão Parlamentar de Inquérito.

A CPMI dos CORREIOS. O semanário VEJA, em sua edição de nº 1905, de 18 de maio de 2005, publicou matéria intitulada "O homem chave do PTB", na qual são transcritos diálogos de que participava o Sr Maurício Marinho, então Diretor do Departamento de Contratação e Administração de Material da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, ECT.

Esses diálogos indicaram a ocorrência de atos de corrupção, ativa e passiva, no âmbito daquela empresa estatal e sugeriram [soa a campainha] diversos outros equívocos administrativos. Revelaram, ademais, informações a respeito de supostos procedimentos de troca de apoio político no Congresso Nacional por cargos e posições de mando em empresas estatais e diversos órgãos públicos da administração direta e indireta.

A partir dessa data, o então Deputado Federal Roberto Jefferson, Presidente Nacional do Partido Trabalhista Brasileiro, que fazia parte da base de apoio e sustentação do Governo no Congresso Nacional, passou a apontar, em inúmeras manifestações na mídia nacional, a existência de um complexo sistema de financiamento ilegal dessa base de apoio, seja em processos políticos ou eleitorais, seja fora deles.

Cunhou-se então o vocábulo Mensalão, para descrever esse esquema e apontar os que nele se envolveram, destacando a participação, sobretudo, de Parlamentares, Deputados Federais.

Esta CPMI aprovou, conjuntamente com a CPMI da compra de votos, ainda no ano passado, um relatório parcial específico a esse respeito. Os fatos descritos no relatório motivaram a instalação, no Conselho de Ética na Câmara dos Deputados, de diversos processos contra Deputados Federais. Em função desses processos, alguns Deputados Federais já renunciaram os seus mandatos, outros foram cassados, e outros têm os seus processos em andamento. A responsabilidade política pela condução de tais processos pertence hoje, exclusivamente, à Câmara dos Deputados.

Os trabalhos desta CPMI, a vigilância da mídia, a atenção da sociedade civil são, certamente, elementos ponderáveis que contribuíram para que o Parlamento brasileiro pudesse tomar algumas das duras e difíceis medidas que vem tomando no plano do decoro parlamentar e no âmbito de seu próprio processo de funcionamento, voltadas ao aprimoramento do Poder Legislativo, assim como buscando sua aproximação com a sociedade brasileira.

Esses esforços desenvolvidos e a realidade por eles exposta contribuíram também para que o Congresso Nacional decidisse promover mudanças na Legislação Eleitoral, voltadas à redução dos custos das campanhas e à sua moralização.

São alterações legislativas que, ainda quando limitadas, apontam no caminho do aperfeiçoamento institucional do Estado brasileiro. Do mesmo modo, as investigações desta CPMI, os citados procedimentos da Câmara dos Deputados e o próprio comportamento dos acusados contribuíram para provar, provas estas que serão reiteradas no presente relatório final, sem deixar margem a dúvidas, que os ilícitos, amplamente conhecidos sob o epíteto Mensalão, de fato existiram. E que sua denúncia, os processos instaurados que dela resultaram e, notadamente, a presente investigação, constituem uma contribuição fundamental do Congresso Nacional ao fortalecimento do Estado de Direito Democrático no Brasil.

A democracia política exige transparência. Não nos é dado elidir a verdade à sociedade brasileira. Quando tomamos conhecimento de fatos de interesse público, devemos transmitir essas informações a toda a cidadania, não sendo admissível que o agente político responsável, quem quer que seja, finja desconhecer fatos cujo conhecimento é inerente às atribuições e às responsabilidades do cargo que ocupa. Recordo a severa advertência do texto sagrado. "Se disseres eu não sabia, Aquele que sabe os corações perceberá; Aquele que atenta para as almas saberá, e retornará a cada qual segundo os seus procedimentos".

É inaceitável a atitude daqueles que em flagrante desrespeito à sociedade "lavam as mãos" diante dos absurdos dessa realidade brasileira. A improbidade administrativa, a malversação de recursos públicos, os desvios, a concussão, a corrupção, enfim, as diferentes formas de ilícito contra a administração pública, contra a sociedade brasileira, contra a democracia política. Esta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos CORREIOS tomou o caminho oposto e decidiu não "lavar as mãos". Reconhecemos que não nos é lícito silenciar diante de tantos delitos e tantas omissões delitivas. Quando sabemos, não nos é dado o direito [soa a campainha] de dissimular o conhecimento dos fatos.

Ao desenvolver os trabalhos desta CPMI, tratamos de atividades ocorridas no interior do Estado brasileiro. Trata-se de um Estado Democrático de Direito. Esse Estado é sujeito a princípios e normas que lhe regem na organização. Respeitar esses princípios e normas implica necessariamente fazer valer a moralidade, a publicidade, a legalidade e a transparência, enfim, os princípios e os valores que a sociedade brasileira e a Constituição da República nos impõem respeitar.

Na democracia, que aqui pretendemos prestigiar e fortalecer, ao cidadão é dado fazer tudo aquilo que a lei não proíbe. Ao Estado, aos agentes públicos, todos sabemos, mas deveríamos ter mais consciência disso,

somente é dado fazer aquilo que a lei expressamente autoriza. Esse princípio geral do Direito Público deve ser ressaltado, no presente momento histórico, para que todos os brasileiros possamos crescer no aprendizado, cada vez mais necessário, do que significa o regime democrático. [soa a campainha].

Os agentes públicos estão todos sujeitos a esses vetores que regem a Administração Pública. Entre eles, destacamos os princípios da legalidade e da moralidade a que se refere à Constituição do Brasil no art. 37, *caput*. O princípio da legalidade é basilar no regime democrático. Sua natureza e significado foram destacados por muitos autores que no Brasil prestaram contribuição inestimável, sobretudo, desde a vigência da Carta Política de 1988, a consolidação do Estado Democrático de Direito.

Queremos homenagear a todos esses brasileiros, na pessoa, e aqui eu rendo minha homenagem a meu orientador no Mestrado em Direito na PUC de São Paulo, queremos homenagear a todos esses brasileiros, na pessoa do Prof. Celso Antônio Bandeira de Mello, que em obra seminal a esse respeito ensina: "Para avaliar corretamente o princípio da legalidade e captar-lhe o sentido profundo, cumpre atentar para o fato de que ele é tradução jurídica de um propósito político. O de submeter os exercentes do poder, em concreto, o administrativo, a um quadro normativo que embargue favoritismos, perseguições ou desmandos. Pretende-se através da norma geral abstrata e, por isso mesmo, impessoal, a lei, editada, pois, pelo Poder Legislativo, que é o colégio representativo de todas as tendências, inclusive minoritárias, do corpo social, garantir que a atuação do Executivo nada mais seja, senão a concretização desta vontade geral. O princípio da legalidade contrapõe-se, portanto, e visceralmente, a quaisquer tendências de exacerbação personalista dos governantes. Opõe-se a todas as formas de poder autoritário, desde o absolutista contra o qual irrompeu até as manifestações caudilescas ou messiânicas típicas dos Países subdesenvolvidos. O princípio da legalidade é o antídoto natural do poder monocrático ou oligárquico, pois tem como raiz a idéia da soberania popular de exaltação da cidadania. Nesta última, se consagra a radical subversão do anterior esquema do poder, assentado na relação soberano-súdito-submisso". [soa a campainha].

Prosseguindo, Sr. Presidente. Instaura-se o princípio de que todo poder emana do povo, de tal sorte que os cidadãos é que são proclamados como os detentores do poder. Os governantes nada mais são, pois, que representantes da sociedade. Assim, o princípio da legalidade é o da completa submissão da administração às leis. Esta deve, tão somente, obedecê-las, cumpri-las, pô-las em prática. Daí que é a atividade de todos os seus agentes, [soa a campainha] desde que ele ocupa a cúspide, isto é, o Presidente da República, até o mais modesto dos servidores só podem ser ad dóceis(F), reverentes, obsequiosos cumpridores das disposições gerais fixadas pelo Poder Legislativo, pois esta é a posição que lhes compete no Direito brasileiro.

A defesa jurídico-política da moralidade administrativa tem merecido e, certamente merecerá a cada dia, um cuidado, um destaque e uma atenção maiores. Não se trata apenas de exigir de cada agente público, servidor público ou agente político expressões que atualizam as expressões de funcionário e autoridade, que se comporte com decoro, embora essa exigência em si traduza um conceito de essencial relevo e dignidade política, trata-se também de exigir dos administradores públicos o respeito à moralidade administrativa como condição essencial ao bom funcionamento do Estado.

Sem a moralidade administrativa, os recursos destinados à educação são desviados, e seguiremos um País de iletrados. Sem moralidade pública, os recursos destinados à saúde são malversados. E seguiremos um País doente. Sem moralidade nos Governos, os recursos destinados à Segurança Pública são corroídos pela corrupção. E seguiremos um País à mercê do crime.

Esses princípios constitucionais têm evidentemente expressão concreta no funcionamento do Congresso Nacional. Disse na jurisprudência dos nossos tribunais, nomeadamente o Supremo Tribunal Federal, que os Parlamentares estão obrigados a respeitar, nos procedimentos legislativos, o que se denominou chamar devido processo legislativo. Ora, tal como ocorre com o princípio geral que lhe informa o conteúdo, o devido processo legal, essencial a qualquer regime democrático, o devido processo legislativo, ao lado de determinar o respeito a regras e procedimentos, deve alcançar, necessariamente, uma dimensão material para contemplar a razoabilidade e a observância do decoro parlamentar, ou seja, ter um estatuto jurídico político mínimo dos congressistas, que consagre a preservação da dignidade política de um mandato ungido pela manifestação soberana da cidadania mediante o voto.

Esta Comissão Parlamentar de Inquérito dos CORREIOS toma a decisão política essencial de enfrentar, com firmeza, os problemas que encontramos no desenvolvimento de nossos trabalhos. Sem perseguições, sem desmandos, sem protecionismo nem favoritismos. A Comissão observa a lei, [soa a campainha] e nela verifica seus deveres e obrigações.

Esperamos que cada cidadão deste País possa identificar e compreender a dimensão dos esforços que aqui desenvolvemos. Trabalhamos com afinco, meses a fio, para que esta CPMI cumprisse com seus deveres e obrigações perante o povo brasileiro. Em seguida, me reporto ao papel fiscalizador do Congresso, ao inquérito parlamentar, seu histórico, sua evolução no nosso direito, e fazemos um balanço dos trabalhos da CPMI dos CORREIOS.

Desde a data de sua instauração, em junho de 2005, dia 09, a CPMI dos CORREIOS se dedicou à análise de um vasto conjunto de dados, documentos, depoimentos e fatos relacionados a seu propósito.

Para melhor organização dos trabalhos, e visando à mais ampla participação das diversas correntes políticas que compõem a CPMI, este Relator concordou em compartilhar a orientação da investigação, dividindo-a em linhas que correspondem às cinco Sub-Relatorias e às Relatorias Adjuntas.

Relatoria Adjunta – coordenação e sistematização do trabalho. Relatores Adjuntos: Deputados Eduardo Paes e Maurício Rands.

Sub-Relatoria de Movimentação Financeira: Deputado Gustavo Fruet; Sub-Relatoria de Contratos: Deputado José Eduardo Cardozo; Sub-Relatoria de Fundos de Pensão: Deputado Antônio Carlos Magalhães Neto; Sub-Relatoria de Normas de Combate à Corrupção: Deputado Onyx Lorenzoni; Sub-Relatoria do Instituto de Resseguros do Brasil, IRB: Deputado Carlos Willian.

Os trabalhos contaram com a participação de servidores do Senado Federal, da Câmara dos Deputados, do Tribunal de Contas da União, e órgãos da Administração Pública Federal como o Banco Central e o BANCO DO BRASIL. Posteriormente, houve o reforço de empresas de auditorias privadas, contratadas pela Presidência do Congresso Nacional. A equipe contou também com a colaboração da Polícia Federal, da Receita Federal e do Ministério Público Federal.

Parte das investigações foi realizada no e pelo Tribunal de Contas da União, em um ajuste estabelecido entre aquela Corte e esta CPMI. Ademais, as auditorias da Controladoria-Geral da União foram valiosas para a CPMI.

A CPMI dos CORREIOS debruçou-se sobre extensa base de dados, talvez a maior realizada em investigações desta natureza empreendidas pelo Congresso Nacional. Nesses nove meses, a base de dados dos sigilos bancários foi carregada com mais de 20 milhões de registros bancários e 33,8 milhões de registros telefônicos.

Os contratos dos CORREIOS e do BANCO DO BRASIL, com empresas na área de publicidade foram minuciosamente analisados. Mais de 68 mil contratos dessa modalidade foram integrados à base. A Sub-Relatoria de Fundos de Pensão teve à disposição informações sobre mais de 11,3 milhões de registros de operações financeiras fornecidos pela BOVESPA, 70 mil operações de *Swap* na Bolsa de Mercadorias & Futuros, a BM&F.

No Valerioduto, a movimentação financeira compreendida entre janeiro de 97 a agosto de 2005 totalizou cerca de dois bilhões de reais. O rastreamento de contas correntes e transferências financeiras evidenciou ramificações no exterior, como exemplifica a identificação da conta Dusseldorf, de propriedade do Publicitário Duda Mendonça.

Vale destacar o trabalho de filtragem de informações não padronizadas e incongruentes, provenientes de diversas fontes [soa a campainha] como os investigados, instituições financeiras e órgãos públicos. Registra-se que, não raro, dados, informações e documentos solicitados chegaram de forma incompleta e insuficiente, o que dificultou sobre maneira a análise, em especial os relativos às informações bancárias dos envolvidos.

Ressalta-se o labor desta CPMI em promover um cruzamento de informações aparentemente díspares, mas que, em análise detida com a ajuda de modernas ferramentas de pesquisa, mostram evidente correlação, como a proximidade das datas de repasse de recursos a políticos e as datas de votações importantes no Congresso Nacional.

A CPMI se empenhou em esclarecer as denúncias e suspeitas de irregularidades que motivaram sua criação. Houve um esforço coordenado dos membros da Comissão, revelado pelo total de 159 reuniões realizadas, convocadas pelo Plenário da Comissão, e pelas cinco Sub-Relatorias, como é apresentado no quadro: Plenário, 65; Sub-Relatoria dos Contratos, 39; de Movimentação Financeira, 8; do IRB, 7; Fundos de Pensão, 24; de Normas de Combate à Corrupção, 22.

A participação dos Parlamentares foi atuante, revelada pela apresentação de 1.602 requerimentos. E aí segue o quadro da exposição deles. E também uma exposição sobre a forma como eles foram apreciados pela CPMI.

Personagens importantes do episódio foram convocados a prestar esclarecimentos à Comissão, e à opinião pública, que, salvo raras oportunidades, pôde acompanhar o andamento dos depoimentos. No total, 233 oitivas foram realizadas no Plenário da Comissão e nas Sub-Relatorias [soa a campainha] da CPMI, que trouxeram pistas importantes para as investigações. Como exemplo, pode-se citar o depoimento do ex-Deputado Roberto Jefferson, que sustentou denún-

cias de repasse ilegal de recursos a Parlamentares, e o primeiro depoimento do Sr. Duda Mendonça, que admitiu ter prestado serviços de publicidade sem o devido registro contábil e fiscal, além de possuir conta no exterior.

Contudo, no entender desta CPMI, os depoimentos poderiam ser mais elucidativos, não fosse o subterfúgio utilizado por diversos investigados, como o absoluto silêncio do Publicitário Duda Mendonça em seu segundo depoimento à CPMI, e o empresário Marcos Valério Fernandes de Souza, que solicitaram, às vésperas de suas oitivas, a concessão de *habeas corpus* preventivo junto ao Supremo Tribunal Federal.

Esta CPI não questiona o direito constitucional de qualquer cidadão, investigado ou não, reclamar *habeas corpus* à Justiça, quando sentir que sua liberdade está em risco. No entanto, esse direito inalienável não pode servir como expediente para evitar que a verdade prevaleça nos depoimentos. A própria jurisprudência do Supremo é sólida no sentido de que a vedação à auto-incriminação não faculta ao depoente calar a verdade quando ela não prejudique sua linha de defesa. No entanto, sob a máscara distorcida da proteção constitucional, os depoentes desobrigaram-se a relatar a realidade dos fatos e recusaram-se sistematicamente a responder a muitos questionamentos, alegando o direito a não se auto-incriminar. Sobre esse aspecto, urge mudança e esclarecimento no entendimento jurídico da atuação da CPI, na legislação e no procedimento, que detalharemos no Capítulo 11 do presente relatório.

Cabe tecer comentários acerca do senso de oportunidade do Congresso Nacional em atuar diretamente na apuração das denúncias que se apresentaram à sociedade brasileira. A necessidade da criação desta CPI, que chega às suas conclusões finais neste relatório, foi ponto fulcral neste debate. Ainda que sob o calor dos acontecimentos, que continuam a surpreender a todos nesse ponto da história, é possível observar que as investigações e a apuração das denúncias eram urgentes e necessárias.

A CPI dos CORREIOS desencadeou um processo de depuração pública que, inegavelmente, catalisou a atenção da sociedade brasileira e da opinião pública e deu passos fundamentais para a elucidação de crimes e irregularidades administrativas.

As sindicâncias, auditorias e procedimentos administrativos instaurados e levados adiante em diversos órgãos da Administração Pública, em muitas oportunidades após a data da instauração da CPMI atestam a importância da atuação Parlamentar neste episódio. As conseqüências abrangeram não só os CORREIOS, a pedra fundamental das investigações, mas instituições como o BANCO DO BRASIL, a Secretaria de Comunicação da Presidência da República, Diretórios Nacionais, Estaduais Partidários e o próprio Congresso Nacional.

É importante ressalvar que as medidas tomadas por outras instituições, como os órgãos envolvidos e outros, encarregados de apurar os fatos ocorridos, notadamente o Tribunal de Contas da União, a Controladoria-Geral da República, o Polícia Federal, Receita Federal e o Ministério Público Federal, convergem na direção das investigações realizadas pela CPMI e vão ao encontro das conclusões apontadas neste é neste relatório.

É difícil precisar a magnitude desse processo, que continuará, permanentemente, a produzir resultados, mesmo depois de findos os trabalhos da CPMI dos CORREIOS.

Os reflexos na principal instituição investigada, os CORREIOS, são modelares nesse processo. O episódio envolvendo as denúncias desencadeou 24 processos de sindicância na estatal, dos quais, quatro foram concluídos com decisão administrativa. No dia 9 de junho de 2005, o Presidente dos CORREIOS deixou a instituição em companhia dos então Diretores do órgão. Três funcionários, entre eles Maurício Marinho, foram demitidos por justa causa em setembro. Outros 20 empregados ocupantes de função de confiança foram afastados, preventivamente, para que as investigações pudessem prosseguir com independência.

No período de maio de 2005 para cá, foram aplicadas multas no montante de trinta e um milhões, muitas envolvendo empresas investigadas pela CPMI, como a NOVADATA, a PRECISION e a COMAM. O contrato com a agência publicidade SMP&B foi rescindido unilateralmente pelos CORREIOS. Da mesma forma, a instituição cancelou contrato com a empresa PRECISION, multada em oitocentos e quarenta e nove mil reais, por atraso na entrega de produtos, havendo sido a empresa ainda impedida de participar de licitações pelo período de dois anos.

Ademais disso, diversas medidas administrativas, nos CORREIOS, foram tomadas, além das providências tradicionalmente cabíveis, como o encaminhamento das denúncias ao Ministério Público Federal e a publicação de edital de licitação para a contratação de novas agências de publicidade, o manual de licitação da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos passou por ampla revisão, com melhores definições de responsabilidades para os gestores, entre outras medidas administrativas, como é possível ver no quadro abaixo.

Outros órgãos da Administração Pública passaram por processo semelhante. O Presidente e os Di-

retores do IRB, por exemplo, também foram afastados, em junho, após a publicação das denúncias. O BANCO DO BRASIL concluiu auditoria no final de 2005, que apontou várias irregularidades no contrato firmado com a agência de publicidade DNA. O Fundo VISANET foi extinto e o BANCO DO BRASIL tomou outras providências, como a revisão das regras do processo licitatório. Da mesma forma, a ELETRONORTE, o Ministério do Trabalho, o Ministério dos Esportes e a Câmara dos Deputados tomaram providências.

A Receita Federal instaurou 95 procedimentos. Outras instituições, como o COAF e a Polícia Federal, também produziram trabalhos consonantes com as investigações da CPMI. Em documento oficial, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos admitiu a gravidade dos fatos descobertos pela CPMI e concordou em transferir as informações sobre sigilos bancários, nos Estados Unidos, de contas correntes relacionadas às investigações. A viagem encetada a Nova York e Washington, por Parlamentares da CPMI, já produziu resultados, e ainda descortinou para o futuro um amplo espectro de intercâmbio de esforços, valorizando o nosso Congresso Nacional.

Os quadros a seguir reúnem algumas das principais providências tomadas por outras instituições relacionadas às investigações da CPMI dos CORREIOS, informam as autoridades e funcionários públicos que foram afastados do cargo por conta das denúncias.

Em seguida, Sas. e Srs. Parlamentares, V.Exªs. têm a oportunidade de ver, em primeiro lugar, as providências tomadas pelos CORREIOS, pelo BANCO DO BRASIL, pela Receita Federal, pelo COAF.

Na seqüência, estão arroladas todas as autoridades afastadas ou que estão sendo processadas em decorrência do episódio.

E aí estão as instituições. Os CORREIOS, o BANCO DO BRASIL, a COBRA, Ministério da Fazenda, SECOM, IRB, ELETRONORTE, ABIN, Casa da Moeda, os Parlamentares, Assessores.

Ao longo desses nove meses, a CPI dos CORREIOS publicou três relatórios parciais, que condensaram os trabalhos até então realizados. O primeiro deles, apresentado em reunião conjunta com a CPMI da Compra de Votos, foi aprovado em 1º. de setembro de 2005, por unanimidade, nos Plenários de ambas as Comissões. No dia 15 de setembro de 2005, a Sub-Relatoria da DNA, SMP&B e Fontes Financeiras apresentou um relatório com o andamento parcial dos trabalhos realizados, seguido da Sub-Relatoria de Contratos, em 22 de novembro de 2005, com foco nas irregularidades apontadas na Rede Postal Noturna dos CORREIOS. Ainda, em 6 de dezembro do mesmo ano, a Sub-Relatoria dos Fundos de Pensão também apresentou um relatório parcial, com dados que havia apurado até então. Agora, os trabalhos são concluídos com o presente relatório, que reúne todos os trabalhos até aqui conduzidos.

Na seqüência, faço referência aos focos da investigação que estão elencados, e se pode perceber com facilidade, no sumário inicial a que me reportei. Depois, fazemos análise de tudo o que nós apuramos relativamente ao episódio da espionagem ocorrida e que terminou resultando na gravação que desencadeou a CPMI que ora se finda, e começo analisando os contratos dos CORREIOS, que são aqueles que, como eu disse, nós nos debruçamos com mais cuidado.

Eu quero pedir permissão aos ilustres Parlamentares, e eu fiz evidentemente um resumo dessa apreciação desses contratos, e passarei a lê-lo, não está disponível, depois eu poderei... Nós fizemos a partir da decisão de como é que nós procederíamos a apresentação, nós elaboramos essa síntese, mas que ela traduz exatamente o que está aqui contido. De qualquer modo, vai ser gravado e nós vamos disponibilizar.

Então eu começo pelos contratos dos CORREIOS. Da publicidade. Essa não está disponível, é um resumo que nós elaboramos agora pela manhã. Eu até solicito aos Assessores que providenciem, e também quero adiantar que é um resumo que eu também imagino que não o apresentarei como está, porque, apesar de resumido, ainda continua um pouquinho denso.

Publicidade e propaganda nos CORREIOS. Os contratos dos CORREIOS foram auditados. Primeiro uma consideração sobre todos eles, não só de publicidade, todos os contratos dos CORREIOS. Os contratos dos CORREIOS foram auditados pela Controladoria-Geral da União, Tribunal de Contas da União, e por essa CPMI, e usados os dados coletados nas transferências do sigilo bancário, fiscal e telefônico.

O Tribunal de Contas da União, no exercício de sua competência de auxiliar o Congresso Nacional na sua função de controle externo, realizou, em sintonia com a CPMI dos CORREIOS, auditorias nos CORREIOS, resultando em 51 processos que envolviam recursos da ordem de 5,7 bilhões de reais, os quais foram realizados por Analistas de controle externo, subdivididos [soa a campainha] em grupos especializados nas áreas de informática, transportes, propaganda e marketing e suprimentos de materiais, dos quais 25 apresentaram irregularidades graves.

As análises efetuadas abrangeram os exercícios de 2000 a 2005, dando-se ênfase aos três últimos exercícios, período que concentrava a maioria das denúncias veiculadas.

Nós fazemos mais à frente, não se é sei se talvez nesse resumo eu possa ter eventualmente suprimido,

mas é muito importante enquanto verificação do que nós apresentamos, é que a estruturação dos nossos trabalhos, ela poderia se realizar integralmente no recinto, no estabelecimento do Congresso, ou nós nos valermos, porque nós tivermos a boa vontade permanente do Tribunal de Contas, da Controladoria-Geral da União também e, portanto, nós teríamos a condição de nos valermos dos trabalhos que seriam realizados naqueles órgãos sob os auspícios e acompanhados pelos que comandavam a CPMI.

Portanto, muitas vezes, quando nós nos valemos dos relatórios do Tribunal de Contas, até se pode perceber quando se os lerem integralmente [soa a campainha] se verificará que na sua introdução já faz referência a isso, que é um trabalho que o Tribunal de Contas está fazendo no contexto geral de uma investigação, a pedido da CPMI. Portanto, é um trabalho conjunto e que nós não nos cansaremos de elogiar, dada a contribuição muito eficiente que adveio dessas repartições que integram o nosso sistema democrático de investigação.

Agora, CORREIOS Publicidade. A análise desta área está relacionada à concorrência nº 03/2003 que resultou na contratação das empresas de publicidade SMP&B Comunicação Ltda, GIOVANNI FCB S/A e LINK/BAGG Comunicação e Propaganda Ltda, no valor de setenta e dois milhões anuais, aditado para noventa milhões. O edital licitatório foi modificado pela SECOM. A principal modificação diz respeito ao patrimônio líquido exigido. Baixou de três milhões para 1,8 milhões. A SMP&B foi beneficiada pela alteração acima, pois apresentou, por ocasião da abertura dos envelopes, patrimônio líquido de dois milhões e oitocentos e sessenta e seis mil. Outra peculiaridade foi a ausência de Audiência Pública para o certame, contrariando a Lei de Licitações, que determina que sempre que o valor de um certame ultrapassar cento e cinqüenta milhões de reais, o processo licitatório será iniciado, obrigatoriamente, com Audiência Pública. No caso, por ser prorrogado por cinco anos, o contrato superava trezentos milhões de reais.

Aspectos documentais. As notas fiscais, não localizadas, dos anos de 2004 e de 2005, somaram cento e sessenta e nove mil reais. As planilhas de ações de veiculação apresentam como valores autorizados à SMP&B, vinte e nove milhões, este valor é superior aos valores registrados na base de dados de contratos, 5,8 milhões.

Permitam só um instante, porque eu acho que tem um resumo ainda maior.

Em 2004, foram emitidas faturas que totalizaram vinte e três milhões de reais. Por outro lado, o sigilo bancário demonstra que até dezembro de 2004 foram liquidados vinte e um milhões. Também peço permissão para arredondar, nos documentos estão detalhados. Ou seja, restava pendente de liquidação um montante de 1,9 milhões de reais. A contabilidade da SMP&B deveria representar um montante não liquidado em conta ativa a receber. Porém, com base nas informações contábeis disponibilizadas, [soa a campainha] o saldo pendente de liquidação é de sete milhões, divergente, portanto, dos cinco milhões.

O contrato firmado com os CORREIOS, determina que, caso a SMP&B desejasse utilizar o contrato como eventual caução ou utilização do contrato em qualquer operação financeira, deveria ser previamente submetido aos CORREIOS.

Em janeiro de 2004, foi firmado contrato de mútuo, entre o Banco BMG e a empresa GRAFITE Participações, que faz perto parte do Grupo Marcos Valério, no valor de 15,7 milhões, no qual, a GRAFITE pertence, como eu disse, ao grupo, e, a despeito de o contrato em permitir que se desse em garantia, o contrato foi dado em garantia.

Regras dos contratos de publicidade. As auditorias apontaram que houve recebimento de comissão pelas agências, sem a prestação de qualquer serviço. Tal fato foi constatado tanto pela SMP&B Comunicação e como LINK/BAGG Comunicação. O contrato exige das agências de propaganda o controle das regularidade legal das subcontratadas. No entanto, o trabalho investigativo mostrou que de 184 empresas contratadas, 66 estavam em situação irregular.

Constatou-se o procedimento de compra antecipada de mídia, com pagamento também antecipado. Trata-se da aquisição de espaços para veiculação de publicidade em televisão, jornais e revistas. Com isso, as agências receberam 1,2 milhões de reais, sem a prestação de, praticamente, nenhum serviço. Foram enumeradas várias ações promocionais patrocinadas pelos CORREIOS em que não restaram comprovados quaisquer atividades desenvolvidas pela agência que caracterizasse sua efetiva intermediação, o que justificaria o pagamento de honorários, no percentual de 5%.

Houve sobrepreço na aquisição de bens ou na prestação de serviços intermediados pelas agências de publicidade. Na análise da ação promocional do Fórum Social Mundial 2005, a Agência de Publicidade SMP&B contratou, junto à gráfica LASERCOR Produções Gráficas e Editora Ltda, a impressão de 10 mil unidades de *folders* e daí evidenciamos a diferença de preço em 40% quanto àquilo que a investigação apurou.

Enfim, eu prossigo detalhando as evidências constadas em relação ao aspecto de publicidade nos CORREIOS. E concluímos dizendo que o Tribunal de

Contas da União já está tomando providências e também nós procedemos alguns enquadramentos.

A etapa seguinte é da Rede Postal Noturna. Esse trabalho é um dos trabalhos mais aprofundados que nós desenvolvemos, na Sub-Relatoria do Deputado José Eduardo Cardozo, e que realmente surpreendeu. Esse eu me permitirei a fazer o detalhamento resumido também.

A Rede Postal Noturna é a base do sistema logístico de transporte utilizado pelos CORREIOS, que permite dar cumprimento às suas atividades, fazendo com que a entrega de correspondências e encomendas ocorra dentro dos prazos e padrões de qualidade fixados. Em virtude da operação dessa rede, objetos postados em qualquer capital podem ser entregues em outra, bem como, nas principais cidades do País, no prazo de um dia.

Inicialmente, a ECT utilizou-se dos transportes aéreos regulares. No entanto, na década de 90, o Tribunal de Contas da União, ao examinar a legalidade de tal procedimento, determinou aos CORREIOS que procedesse ao devido certame licitatório e, acatando isso, os CORREIOS deram início à licitação. As principais linhas aéreas utilizadas, dentro da logística de transporte, eram as Linhas "A" e "C". Eventualmente, a "F". As Linhas "A" e "C" foram operadas pela SKYMASTER, de junho de 2001 a abril de 2005. E a Linha "F" pela BETA, Brazilian Express Transportes, de julho de 2000 a abril de 2005.

No âmbito da rede postal, os trabalhos desta Comissão concentraram-se nos processos de contratação da BETA e da SKY, por estarem ambas envolvidas nas denúncias veiculadas. O conjunto de denúncias de irregularidades nas contratações do serviço, caracterizadas como fraude à licitação, superfaturamento de contratos, direcionamento de certames licitatórios, corrupção ativa e passiva e tráfico de influência, envolvendo dirigentes dos CORREIOS e da SKYMASTER e BETA, foi um dos motivadores da atuação desta Comissão. E às vezes nós fomos provocados exatamente em relação à profundidade em que nos debruçamos quanto à SKYMASTER e à BETA, nós queremos dizer que, em alguma que passagem, nós estamos solicitando que se prossiga com relação às outras, até porque nós não teríamos nenhuma razão específica, a não ser pelo só fato de que foi referida quando da manifestação do Deputado Roberto Jefferson, assim como Maurício Marinho. Portanto, nós começamos pela SKY, e ela foi tão densa, tão ampla, com tantas surpresas, que o eminente Deputado Cardozo não conseguia concluir. Concluiu a undécima hora.

A respeito das contratações, convém mencionar que, a partir de 2000, devido à situação de irregularidade fiscal em que se encontrava a VASP, que até então operava várias linhas da rede, a ECT foi forçada a realizar novas contratações. [soa a campainha] A análise dos documentos dados, acompanhada da incongruência dos depoimentos e de parte da contabilidade fornecida pelos envolvidos, mostra a ocorrência de uma série de irregularidades nas empresas BETA e SKYMASTER com o propósito de fraudar processos de contratação para prestação de serviços aos CORREIOS.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Sr. Presidente. Sr. Relator, o Senhor me desculpe interromper, Sr. Presidente, estão chegando os volumes que faltam. Eu acho que seria mais adequado distribuir aqui, para não tumultuar lá fora e o nosso Relator poderia interromper por uns dois minutos, para que nós pudéssemos estar tendo acesso. Eu queria sugerir a V.Exª, se for possível dessa forma.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Apoiada a sugestão. Dois minutos, e o Relator paraliza para distribuir esses volumes todos. E o que sobrar para a imprensa também. Não que a imprensa seja, mas nós temos que priorizar os Parlamentares, e aí também repassar para os Jornalistas e as Jornalistas. Somente dois minutos.

Sessão suspensa às 14h30.

Sessão reaberta às 14h36.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Os Jornalistas serão atendidos. Um pouquinho de paciência só, porque está um pouco conturbado aqui o ambiente. Eu quero, quando já estiver no *site* do Senado Federal, eu vou informar a todos também. já está? Então, estão me informando que já está na página. Portanto, também vai se ter acesso ao relatório via internet.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Presidente, Sr. Relator, Deputado Serraglio, nós estamos recebendo agora... Nós recebemos antes o tomo 1 do volume 1. Agora nós estamos recebendo o tomo 2 do volume 1 e o volume 2, é isso?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Exatamente. Mas, na verdade, são três volumes, volume 1 de 2, 2 de 2 e o volume 2.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Confundiu quase mais.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): São três volumes. Tomo 1 de 2 e tomo 2 de 2, e aí o volume 2.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Eu só pergunto. Então são três? Virá mais algum?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Não. Está encerrado.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Se completa com essas três partes.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Exatamente.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Só não consta essa parte que o Deputado Osmar Serraglio, que o Senhor está lendo não tem nesse--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Não. Mas esse é um resumo, porque se ele fosse ler, Deputado Pompeu, todo o texto, nós teríamos que ficar aqui dias e dias.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Eu só gostaria, Presidente, mesmo que seja o resumo, depois de lido, que nós tenhamos, ainda assim, este resumo.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Isso será distribuído *a posteriori*.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Muito obrigado.

[tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu quero também registrar a V.Exªs. que já está sendo encaminhado, pela Assessoria da CPMI, já os CDs, com todo o relatório. Nós já mandamos também produzir CDs e encaminhar aos Parlamentares. Nós estamos distribuindo isso também.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): A última página é a 1.828? Só para confirmar, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Por favor, pediria à Assessoria, que distribuísse aos Parlamentares. E não os Parlamentares fossem aí para apanhar seus respectivos volumes. Deputado Rosinha reclamando desse atendimento. Nós vamos ter um pouquinho de paciência, porque nós vamos distribuir aí os volumes necessários. E eu quero registrar que está no *site* do Senado Federal. Portanto, todos vão ter acesso via internet.

SENADORA HELOISA HELENA (PSOL-AL): Senador Delcídio, só para saber se nesses aqui estão todos os anexos, porque a impressão que eu tenho é que não estão todos os anexos aqui.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Agora, os anexos, Senadora Heloísa Helena, candidata do PSOL à Presidência da República.

SENADORA HELOISA HELENA (PSOL-AL): O seu voto eu sei que jamais terei. Tentarei o das duas filhas e de comadre Maica. Estou tentando. Então, quer dizer que talvez seja muito, mas, para nós analisarmos, é essencial, então que possa ser disponibilizado em CD.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): No CD já está a documentação completa. E os anexos estão todos prontos. Mas acho que o importante são esses três volumes, porque esse que trata do mérito das questões.

SENADORA HELOISA HELENA (PSOL-AL): Mas como nós vamos analisar para identificar as Emendas ou não, é importante que a gente tenha os anexos também.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Com certeza.

SENADORA HELOISA HELENA (PSOL-AL): Obrigada.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Se nós já resolvemos a situação aí dos volumes, nós vamos retomar aqui a leitura.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Presidente, já que não vai ter pela ordem depois, só para o Relator esclarecer, as Emendas eu, por exemplo, tenho Emendas para apresentar, nós vamos fazer como sugestão ao Relator ou apresentamos as Emendas por escrito, com os anexos que justificam as Emendas?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Serão encaminhadas ao Relator até o dia 4, como voto em separado. Por escrito.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Com os anexos que justificam a emenda?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Perfeitamente. Até o dia 4, Deputado Pompeo. E, registrando, Deputado Pompeo, como voto em separado. Eu gostaria de registrar também à imprensa, aos Parlamentares, os diagramas são em modelo A-3, alguns. Então, eles abrem. Às vezes aparecem uma página em branco, mas aí abrindo, é o diagrama de fluxo em A-3.

Ainda existem mais alguns Jornalistas e algumas Jornalistas ali solicitando. Por favor. Eu pediria, por favor, a prioridade são os Parlamentares. Por favor. Vamos lá, pessoal. Nós precisamos continuar, porque tem muita coisa ainda para ser lida. V.Exªs. terão muita coisa para ler nesse final de semana. Pessoal, já concluído, ou não? E há mais algumas vias aí para os Jornalistas? Nós temos muitas coisas, ainda temos muitas leituras a fazer.

Agora, eu só pediria a todos que se sentassem, por favor, para que nós continuemos a leitura do relatório. Concluído já, ou não? Eu vou retomar. Eu pediria aos Srs. Parlamentares um pouco de paciência em função da leitura. Eu sei que é cansativo, mas é da liturgia de funcionamento da CPI, Senador César Borges.

Quero lembrar que os relatórios já estão disponíveis no *site* do Senado Federal. O relatório. E os

parlamentares também estão recebendo os CDs com todo o material, incluindo os anexos. Já receberam nos respectivos gabinetes. Já estão sendo distribuídos já os CDs. Foram produzidos 70 CDs. Portanto, suficiente para atendimento de todos os Parlamentares. Não é CD pirata. É um CD devidamente autorizado pelo Relator, Deputado Osmar Serraglio.

Eu vou dar início, então, à nossa Sessão. Pediria, por favor, silêncio a todos. Com a palavra, o Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, Srªs.. e Srs. Parlamentares. Nós estávamos verificando a Rede Postal Noturna. E eu prossigo. A análise dos documentos, dados e informações colhidas pela CPMI, acompanhada da incongruência dos depoimentos e de parte da contabilidade fornecida pelos envolvidos mostra, inequivocamente, a ocorrência de uma série de irregularidades [soa a campainha] nas empresas BETA e SKYMASTER, com o propósito de fraudar processos de contratação para prestação de serviços nos CORREIOS.

Uma coleção de evidências revela a prática de conluio e acerto prévio entre as empresas referidas, com o objetivo de apoderar-se de contratos com a Administração Pública, contando com a participação de funcionários da estatal. O termo de compromisso firmado [soa a campainha] entre a SKY e a BETA, há apenas quatro dias da concorrência, sob a égide de um contrato de subcontratação de cunho operacional, revela-se um "acordo de cavalheiros" com o objetivo único de obstruir uma disputa franca no processo licitatório.

Compete-nos destacar que as irregularidades apresentadas neste relatório, no que tange ao universo examinado pela CPMI, consistem na atividade de espoliar o erário, desde o ano de 2000, [soa a campainha] o que revela que tal esquema fraudulento persistiu em diferentes diretorias e gestões administrativas.

As irregularidades explicitam, entre outras razões, pela estimativa de lucro dos fornecedores obtidas nos contratos firmados pelos CORREIOS, em patamares bem superiores ao nível considerado razoável no mercado, garantindo excelentes retornos aos dirigentes das empresas a custa de dinheiro público.

Pode-se observar a prática de enriquecimento ilícito, por parte dos sócios das empresas, conforme apresentado neste relatório, irregularidades que contaram com a participação dos dirigentes e membros da Comissão de Licitação, seja por meio de direcionamento dos editais, inserção de cláusulas ilegais, restritivas à participação de concorrentes em potencial, complacência na verificação de documentos fiscais apresentados, tolerância de normativos internos em desacordo com a legislação, manipulação dos critérios para definição dos preços de referência utilizados nos processos de contratação, apresentação de versões diferentes para o mesmo documento, contendo remissões a fatos futuros, indicando a montagem de processos [soa a campainha] *a posteriori*.

A cada uma dessas referências que eu fiz, há detalhadamente no relatório a razão de ser desta assertiva. A malversação foi lesiva aos cofres públicos, com prejuízos, em cálculos conservadores, estimados em reais cento e um milhões, no período compreendido entre 2000 e 2005, na operação das Linhas "A", [soa a campainha] "C" e "F". Por vários ângulos torna-se tem patente o superfaturamento dos contratos, revelado por exame cuidadoso das planilhas de custo das empresas contrastadas com os preços praticados ao longo do tempo. O faturamento global das duas empresas na operação dessas linhas, no período, foi na ordem de quinhentos e sessenta e dois milhões de reais. O superfaturamento verificado nos contratos da empresa foi de cerca de 21%, enquanto o da SKYMASTER chegou a 22%.

Nesse conjunto de irregularidades, há fortes indícios de participação também da VARIG LOG, já que esta, estranhamente, desistiu de mandado de segurança para assegurar seu direito de participação em certame licitatório, um dia após a sua apresentação à Justiça Federal. Certame esse que continha várias cláusulas ilegais restritivas à sua participação, conforme a decisão do Tribunal de Contas.

Em planilha de acertos mensais de contas, entre as empresas BETA e SKY, que mantinham contratos de subcontratação recíproca, é possível identificar rubricas de acertos com os CORREIOS e com a VARIG LOG, corroborando no sentido de que dirigentes dessas empresas recebiam pagamentos de vantagens indevidas. É de se notar também a enorme quantia de recursos remetidos para o exterior, para fins de pagamento de arrendamento de aeronaves pela SKYMASTER, em valores muito superiores ao preço cobrado no mercado por negócios e operações dessa natureza.

Esta CPMI suspeita de que essas operações tenham sido utilizadas para conferir o aspecto de legalidade às remessas dinheiro para o exterior, de procedência duvidosa. Há também sinais de contabilização fraudulenta de valores pagos pela SKYMASTER AIRLINES, o que indica má-fé no registro da contabilidade por parte de seus controladores.

Os desdobramentos recentes das investigações convergiram no sentido do que foi revelado por esta CPMI. Em 25 de maio, data da aprovação da CPMI, foram fechadas operações de câmbio para remessas

ao exterior de mais de 6,8 milhões de reais para a QUINTESSENTIAL e a FORCE FIELD LTD, empresas constituídas nas Ilhas Virgens Britânicas, em operações de arrendamento de aeronaves absolutamente atípicas. Há fortes indícios de que essas empresas são controladas pelos proprietários da SKYMASTER, que objetivam livrar seus recursos e bens das implicações penais da lei brasileira.

Os crimes e práticas descritos nesse relatório ferem os princípios da probidade administrativa, a Lei de Licitações e o Código Penal, entre outros.

As explicações apresentadas pelas empresas investigadas não resistem a um questionamento pormenorizado. [soa a campainha] Em diversas oportunidades, os envolvidos admitem as ilicitudes que cometeram, na vã tentativa de justificar o injustificável. Causa desconfiança, por exemplo, o expressivo volume de recursos, na ordem de trinta milhões de reais, de saques em espécie, realizados nas contas bancárias da SKYMASTER, atitude que, em regra, visa à ocultação dos reais beneficiários.

Do que foi possível apurar por esta Comissão, estamos procedendo, ao final, o rol dos que entendemos existam indícios suficientes para que se prossiga a averiguação de suas condutas. E, por fim, nós estamos recomendando aos CORREIOS algumas providências.

Na seqüência, nós analisamos contratos relativos à informática, e que as irregularidades constadas podem ser assim resumidas: Restrição à competitividade do certame licitatório. Volto a insistir, cada referência a que me reporto corresponde a um título que está detalhado no relatório. Repetindo, restrição à competitividade do certame licitatório, ausência de critérios objetivos para fixação de preços, superfaturamento de preços, direcionamento do certame licitatório, aceitação de proposta comercial em desacordo com o edital, intempestividade na aplicação de penalidades, concessão indevida de reequilíbrios financeiros, licitação global de serviços de impressão e acabamento, em conjunto com outros produtos e serviços, quando poderiam ser licitados separadamente, contratação de treinamento por inexigibilidade de licitação, sem a comprovação da inviabilidade de competição e sem justificativa de preço, aquisição de licenças de *software* e respectivo treinamento em um único certame, não absorção de conhecimentos técnicos quando da implementação da solução contratada, contratação em caráter emergencial de partes de solução sem restar configurada tal situação.

Em seguida, inicio com o exame do contrato relativo à solução integrada de informática, e uma das coisas que se aponta aí fundamentais e que não houve absorção da tecnologia e, portanto, ficamos cativos ou mesmo, na seqüência, ONE WORD, o contrato da PEOPLESOFT DO BRASIL também foi analisado.

Banco Postal, o assunto tem origem em denúncia anônima sobre irregularidades que teriam sido praticadas pelos CORREIOS no contrato firmado com o BRADESCO para a implantação do programa Banco Postal. O serviço financeiro postal especial, denominado Banco Postal, foi instituído em 2000. Os serviços seriam prestados por meio da rede de entendimento dos CORREIOS em todo território nacional, como correspondente de instituições bancárias, devendo ser concedida prioridade aos Municípios desassistidos de atendimento bancário. [soa a campainha]. Para efeito de implantação do BANCO POSTAL, deveriam ser consideradas apenas as agências próprias dos CORREIOS. Porém, as terceirizadas também foram incluídas, em 2004, com a anuência do Ministério das Comunicações. Das 5.299 agências constantes do contrato original, houve a substituição de cerca de 200, situadas em Municípios de menor porte, por outras 2.521 agências, a maioria delas franqueadas e terceirizadas e instaladas em cidades de médio e grande porte. Ou seja, [soa a campainha] a razão de ser da contratação, ou pelo menos uma delas, era atingir os pequenos Municípios. E houve uma substituição por aqueles onde houvesse maior possibilidade de proveito comercial. E, ainda assim, nessa inserção dessas mais 2.521, como contra prestação pela inclusão, o que totaliza quase 50% a mais, o BRADESCO deverá pagar sessenta milhões, sendo que pela outra metade, havia feito pagamento de duzentos e cinqüenta milhões, uma defasagem, para menos, a despeito do tempo.

Em seguida, examinamos, também informática, o consórcio ALFA, chamamos a atenção para um reequilíbrio que foi procedido, depois de ter sido contido durante muito tempo. Foi desengavetado e, repentinamente, assinado, no valor de cinco milhões e quinhentos mil reais.

Na seqüência, fazemos a análise do Endereço Eletrônico Permanente, do Seguro Postal, [soa a campainha] dos serviços de manutenção de equipamento da rede de atendimento.

Franquias. A partir de 15 de setembro de 90, os CORREIOS passaram a firmar contratos administrativos, sem licitação, com particulares interessados em operar agências postais, as franquias. Após a origem da rede franqueada, mesmo havendo sinalização do Tribunal de Contas da obrigação de licitar, ocorreu uma sobrevida desses contratos iniciais, conforme segue.

Em 98, através de uma Medida Provisória, também [soa a campainha] outra em 98, e finalmente, em 2002, através da Lei 10.577. O estudo que se fez

a respeito do assunto franquias permite concluir que houve uma omissão do Ministério das Comunicações, notadamente da Subsecretaria Serviços Postais, pois numa nunca foi fixado um limite de faturamento para impedir a migração do grande cliente para a rede franqueada.

Essa omissão redundou em migração de grandes clientes dos CORREIOS para as franqueadas. Os maiores clientes corporativos deixaram os CORREIOS, e passaram a ser atendidos pelas franqueadas. O então Diretor Comercial autorizou, excepcionalmente, o pagamento de comissionamento, com base na média histórica da época em que foram solicitadas as respectivos vinculações, 2002. Portanto, essas migrações ocorridas, de clientes corporativos, não observaram regra constante do manual de comercialização.

Diante da vultosa soma de recursos envolvida, foi solicitada a quebra dos sigilos bancários. É importante destacar que apenas a ACF Shopping, que é Agência de CORREIOS franqueada Shopping Tamboré, não obteve liminar, suspendendo a transferência dos sigilos bancário e fiscal. Portanto, analisados os sigilos somente de tal franquia. Foi identificado que existe uma interligação clara e fartamente comunicada da agência referida, com o Sr. Armando Ferreira da Cunha, também indiciado por esta CPMI. O sigilo bancário da agência revelou que três policiais sacaram, no período de 2000 a 2005, altas somas em dinheiro, totalizando sete milhões de reais. Foi possível aduzir que a movimentação de grandes somas de dinheiro ocorrida no shopping, na agência do shopping, associada às fraudes detectadas pelos CORREIOS e as ações comerciais, societárias, trabalhistas e de parentesco entre os agentes envolvidos, permite que se conclua, com certa margem de segurança, a existência de irregularidades, aquelas que nós elencamos no relatório.

Em seguida nós analisamos o Correio Híbrido Postal, nós adotamos a análise procedida pelo Tribunal de Contas da União, com a ressalva de que o Tribunal havia concedido liminar e depois suspendeu a liminar e, portanto, nós estávamos e continuamos a emprestar toda a nossa confiança nessa investigação que o Tribunal de Contas está promovendo. De igual modo, analisamos a AUTO TRACK, que é uma empresa de equipamentos de rastreamento de veículos, trata-se de um contrato antigo, firmado em 98, que, até hoje, não se submeteu esse sistema a nenhuma licitação.

A COMAM, todos sabem, é a formosa COMAM, que nós começamos a investigação por ela, e quando este Relator se surpreendeu com a diversidade de fornecimentos possíveis em Brasília, por uma empresa, que pode ir do parafuso a um avião. Quanto à COMAM, destaca-se dos seus fornecimentos, a aquisição de cofres. Contatou-se que o fornecimento do bem licitado não atendia às especificações. Eram 1.400, equipados com fechadura eletrônica de retardo. O contrato firmado era de quatro milhões e novecentos mil, houve muita reclamação por parte das diretorias. Estranhamente, as multas não operavam, não aconteciam e, ademais disso, a entrega não só não cumpria os prazos avençados, como também os equipamentos e os produtos não correspondiam àquilo que havia sido objeto da licitação procedida.

A licitação seguinte é de medicamentos, em que uma série de equívocos foram apontados, e que, em face disso, o Tribunal de Contas determinou a suspensão do certame.

Depois analisamos, continuamos com informática, a PRECISION Componentes Ltda, também entrega descompromissada com o contrato. A XEROX, valores absolutamente superfaturados, estranhamente não percebidos pelos CORREIOS, em valores elevadíssimo, praticamente 50% acima do valor de mercado.

Depois analisamos a construção, em Florianópolis, de uma sede dos CORREIOS, em que houve um acordo judicial não justificável, ou seja, quem procedeu acordo não atendeu às exigências necessárias para que pudesse solenizar aquele ato em Juízo, tendo havido, segundo levantamento do Tribunal de Contas e da CGU, um valor não justificável de nove milhões de reais.

Em seguida nós fazemos referências a algumas denúncias que precisam ser aprofundadas. Uma delas é aquela que o Senador Eduardo Suplicy aqui trouxe, relativamente a um fornecimento de um cidadão que, há muitos anos, se sente injustiçado, que é a empresa Metalúrgica GADOTTI MARTINS Carrinhos Industriais.

Depois, também nós elencamos as providências tomadas pelos CORREIOS nas suas sindicâncias.

Resumimos outros contratos públicos de Marcos Valério. Aqui nós temos o BANCO DO BRASIL. E eu me reporto ao contrato de publicidade. Em relação ao BANCO DO BRASIL, foram examinados os contratos de publicidade compreendidos entre 2000 e 2005, período em que o BANCO DO BRASIL manteve contrato com as agências GROTTERA, LOWE e DNA. Isso no período de 2000 a 2003. Depois, de 2003, com a DMAIS BRASIL, a DNA e a OGYLVI. O contrato, decorrente da concorrência, celebrado em 2000, com o BANCO DO BRASIL e a DNA, teve sua verba aumentada de oitenta e cinco para cento e dezoito milhões, o que representa 38%, e, portanto, ultrapassando o limite legal de 25%. [soa a campainha] Esse contrato de publicidade foi dado em garantia a sucessivas operações de empréstimos bancários efetuados pelas

empresas SMP&B e GRAFITE com o BANCO RURAL, a despeito da cláusula que isso impedia.

Indagado por esta CPMI a respeito do uso do contrato como garantia dos empréstimos, o BANCO DO BRASIL, por meio de seus Advogados, informa que o Banco não tem conhecimento das operações financeiras nas quais o contrato é garantidor.

Já o contrato decorrente da concorrência de 2003, a verba estimada, que era de cento e quarenta e dois milhões, passou para duzentos milhões de reais. Novamente se ultrapassou o teto legal de 25%.

No período de 2000 a 2005, foi destinada verba publicitária suportada pelos contratos e aditivos de setecentos e vinte milhões. Do total desse gasto em publicidade pelo BANCO DO BRASIL, 39,77 foi destinado à empresa DNA Propaganda.

Em seu depoimento, Henrique Pizzolato justificou, laconicamente, que o incremento nos gastos de publicidade estava relacionado ao acréscimo na base de clientes do Banco.

Outra impropriedade, que também contribuiu para a variação do valor do contrato, é o fato de a verba de publicidade ser vinculada a três contratos. Os preços finais de produtos de publicidade e afins não foram estipulados no contrato. Consta apenas o percentual de remuneração da agência resultante de honorários de 2% incidentes sobre os custos dos serviços realizados por terceiros, como serviços gráficos, pesquisas de mercado e opinião e, no tocante à veiculação, a remuneração fixada para a agência foi de 15%, de um total de 20% de desconto padrão da agência.

Verifica-se, portanto, que a lógica do modelo adotado não contribuiu para que a execução do contrato fosse feita de forma menos onerosa para a administração pública. Muito pelo contrário, quanto maior o custo dos serviços de terceiros, indicados pela própria contratada, maior seria seu ganho.

A possibilidade de subcontratar serviços de terceiros cria uma situação singular na qual as despesas da licitação são elevadas, ao passo que os custos da contratada são reduzidos e seus honorários elevados. Isso decorre do fato de a empresa não ser diretamente remunerada por seu trabalho de criação, mas apenas de forma indireta, mediante percentual incidente sobre serviços de terceiros, como a impressão de cartazes e *folders* e veiculação de anúncios etc.

A forma de remuneração estipulada reforça a propensão da contratada de repassar para terceiros o serviço que deveria ser por ela realizado. Na subcontratação normal, quem fatura os serviços é a própria contratada, que por eles responde. Não é o que ocorre no contrato em tela, uma vez que o executor do serviço estabelece vínculo direto com o anunciante e a contratada recebe seus honorários sobre os pagamentos efetuados ao executor. A faculdade de apresentar despesas de terceiros sem limitação quanto à natureza do serviço, torna mais vantajoso para a agência repassar o trabalho de execução das peças publicitárias para outras empresas. Pois, além de não ter custos, a agência ainda será remunerada em razão do trabalho de outro. E também o será, quando o trabalho executado pela subcontatada for veiculado ou impresso.

Ora, essa espécie peculiar de subcontratação significa, portanto, aumento injustificado de despesa para a contratante, que passa a pagar por serviços que antes somente seriam remunerados por honorários pactuados. Além disso, pagará honorários sobre esses mesmos serviços, antes da veiculação, o que também não ocorreria, se o trabalho fosse diretamente executado pela contratada, como previsto no contrato.

Essa modalidade *sui generis* de subcontratação decorre da falta de maior precisão do contrato quanto à natureza dos serviços a serem executados por terceiros, bem como, sobre aqueles que, necessariamente, deveriam ser executados pela contratada. Entende-se necessário registrar que a prática rotineira de repassar a execução de serviços típicos de publicidades a terceiros deve ser coibida legalmente, de modo a evitar que a contratada se torne uma mera e dispendiosa intermediária na realização dos serviços. Esclareço que, na proposta do Deputado Onyx Lorenzoni, isso foi tratado.

No que diz respeito às bonificações de volume, obtidas pelas agências de publicidade junto a fornecedores, que deveriam ter sido transferidas ao BANCO DO BRASIL por força do contrato, não foram repassadas. O Banco, entretanto, não tomou qualquer providência no sentido de evitar tal prejuízo.

Convém explicitar que o pagamento dos fornecedores subcontratados pelas agências de publicidade e propaganda é feito pela própria agência, que após receber do Banco o valor devido aos fornecedores, somados a seus honorários, os retém e repassa o restante a esses fornecedores.

A bonificação de volume é uma comissão recebida pelas agências dos fornecedores, mas que, em última análise, é efetivamente paga pelo Banco, uma vez que os preços praticados já incluem o valor dessa bonificação.

Para tanto, as agências emitem contra os fornecedores uma nota fiscal por serviços prestados a título de bônus ou bonificação de volume. As disposições contratuais obrigam que as bonificações de volume obtidos pelas agências sejam integralmente repassadas ao Banco.

O Tribunal de Contas da União entendeu que, por estar estipulado contratualmente, as bonificações teriam de ser devolvidas e os gestores do Banco deveriam ter adotado medidas com vistas a cumprir tal condição.

Nós chamamos atenção disso porque, na prática comercial normal, é diferente o tratamento. Acontece que aqui, especificamente, por se tratar de uma licitação, assunto relacionado a dinheiro público, cláusula do edital e cláusula do contrato determinavam que essas comissões deveriam ser recolhidas ao BANCO DO BRASIL. Daí porque o Tribunal de Contas da União insiste nesse detalhe, e inclusive estimou que, no período de 2000 a 2005, a cifra apropriada indevidamente pelas cinco empresas foi de mais de noventa e cinco milhões de reais.

Agora, o BANCO POPULAR. O BANCO POPULAR do Brasil tem sua publicidade realizada através de contrato firmado em 2003. Esse contrato, na verdade, é contrato do BANCO DO BRASIL. Sob esse guarda-chuva do BANCO DO BRASIL, tanto está a VISANET quanto o BANCO POPULAR. Porque nem a VISANET nem o BANCO POPULAR dispunham de contrato específico em relação às suas relações de publicidade. E o BANCO DO BRASIL dispunha de três agências.

Em seu depoimento, o Sr. Henrique Pizzolato informa que coube à Diretoria do BANCO POPULAR do Brasil a definição do *briefing* do que deveria ser produzido e dos valores a serem despendidos. Após essa definição, a Diretoria de Marketing do BANCO DO BRASIL repassaria às agências de publicidade.

Em depoimento a esta CPMI, o Presidente do BANCO POPULAR, Sr. Ivan Guimarães, afirmou que a escolha da DNA para executar a propaganda da BANCO POPULAR se deu com a participação dos vice-Presidentes do BANCO DO BRASIL e o Presidente. Além da auditoria interno, a controladoria e o pessoal de marketing e o jurídico do BANCO DO BRASIL, cerca de 20 pessoas, e que ele se absteve de votar.

Ainda quanto ao ex-Presidente do BANCO POPULAR, é importante registrar seu envolvimento no episódio da compra do apartamento da ex-mulher do ex-Ministro José Dirceu. Consta do depoimento de Rogério Lanza Tolentino, sócio de Marcos Valério, que por sugestão do Presidente do BANCO POPULAR, Ivan Guimarães, efetuou a compra do apartamento para a ex-esposa do Ministro.

A alegação utilizada pelo ex-Presidente do BANCO POPULAR era de que, apesar de ele não ter, naquele momento, condições de adquirir aquele apartamento, gostaria de que sua mãe residisse nele.

Voltando aos dados do BANCO POPULAR, seu balanço patrimonial demonstra que, em 2004, foram gastos com publicidade vinte e quatro milhões. E a concessão do microcrédito pelo BANCO POPULAR, que era a razão de ser do BANCO POPULAR, se deu através de vinte e um milhões. Esse foi o dado que chamou a atenção. A publicidade, vinte e quatro milhões, BANCO POPULAR investiu vinte e um milhões naquilo que constituía sua razão de ser.

Depois, é feita uma análise sobre constatações de irregularidades no BANCO POPULAR e, finalmente, na Câmara dos Deputados. Essa parte é uma parte que diz respeito também às empresas de Marcos Valério, e que essa é a razão pela qual nós investigamos. Quer dizer, não seriam objeto. Poder-se-ia dizer que, tem várias situações, nós somos questionados por que nós investigamos tal ou qual. Nós só investigamos quando elas estavam ligadas a alguma coisa dos CORREIOS, no caso, as empresas do Marcos Valério que prestaram serviços à Câmara.

Câmara dos Deputados. O padrão comum da atuação das empresas de Marcos Valério em relação aos órgãos de administração pública parece haver sido mantido, no tocante no contrato mantido com a Câmara dos Deputados. Foram analisadas as concorrências de 2001 e 2003. A primeira, teve como vencedora a empresa DENISON BRASIL PUBLICIDADE, em 2003, por meio da concorrência número tal, foi firmado o contrato entre a Câmara e a SMP&B Comunicação, para a qual foram repassados vinte e um milhões de reais, até julho de 2005.

Esse processo, no Tribunal de Contas, foi convertido em tomadas de conta especial, incidindo mais do que tudo, evidentemente, em relação à conduta do ex-Presidente da Câmara, o Deputado João Paulo Cunha.

Uma das coisas que mereceram destaque é que foram identificados pagamentos... Para que eu não trunque o raciocínio, eu vou recuperar um pouco... No Tribunal de Contas, nessa citação que é procedida em relação ao Presidente João Paulo Cunha, se está a solidariamente responsabilizar a SMP&B, tendo em vista, entre outras coisas, uma despesa de duzentos e cinqüenta e dois mil reais, cujo pagamento foi efetuado a uma empresa, a IFT Idéias Fatos e Textos, que era uma subcontratada da SMP&B, cujo titular estava umbilicalmente ligado ao Presidente da Casa.

Destaca-se que, em depoimento junto ao Conselho de Ética da Câmara, o Deputado João Paulo Cunha afirmou que o dono da empresa IFT, Sr. Luiz Antônio Aguiar da Costa Pinto, era seu Assessor de Imprensa. Então, uma empresa contratada pela SMP&B, na verdade, pertencia ao Assessor de Imprensa da Presidência da Câmara.

Foram identificados, além dos pagamentos àquela empresa, repasse para a SMP&B, para o Sr. Luiz Antônio Aguiar da Costa Pinto, via TED, em fevereiro de 2004, mais cinqüenta mil reais.

Depois, nós fazemos aqui uma alusão, consta no relatório, quanto ao recebimento da esposa do Presidente, e também à defesa que ele apresentou à CPI.

Bem, o resumo das irregularidades detectadas no contrato da Câmara é o seguinte: Contratação de serviços genéricos do tipo guarda-chuva, realização de serviços não previstos no objeto do contrato, incluindo a reforma do edifício da TV Câmara e a realização de pesquisa de opinião, realização de pesquisa de opinião contendo perguntas de interesse particular, desvinculadas da imagem da Câmara, contratação da IFT, que tem entre seus sócios um que é Assessor do Deputado Presidente, com fortes indícios de que o serviço não foi executado, embora tenha sido pago duzentos e cinqüenta e dois mil reais, inexistência de controle efetivo da veiculação dos anúncios, abrindo possibilidade para que haja pagamento de serviços não realizados, bem como o locupletamento da contratada, subcontratação total e conseqüente fuga ao processo licitatório, ou seja, venceu a licitação e não fez nada, passou tudo à terceira, até porque, passando à terceira, como nós vimos, ganhava duplamente, porque tinha direito a comissão sobre o valor, realização de despesa em valor superior ao orçado pela empresa contratada em sua proposta.

Bom, no Ministério de Esportes, eu vou me centrar no que foi detectado. Execução direta de parte do contrato naquilo que excedeu os créditos orçamentários, execução de serviços não previstos, realização de pagamentos sem a comprovação da execução dos serviços, pagamento de honorários à agência de publicidade sem a correspondente prestação de serviço, autorização para a realização de despesas com data posterior à da emissão da nota fiscal, direcionamento de patrocínios para entidades de Minas Gerais, subcontratação da empresa MULTI ACTION, que sabese faz parte do grupo Marcos Valério, ausência de cotações válidas de preços, exigidas contratualmente, falta de zelo na negociação de serviços de veiculação, pagamento de percentuais indevidos a título de honorários, contratação irregular de mão-de-obra e indícios de fraude na comprovação das despesas, realização de despesas com publicidade enaltecendo a figura do então Presidente e procedimento vedado pela Constituição.

Bom, cada item desses evidentemente tem sua razão de ser detalhado o porquê.

Na ELETRONORTE, o que se constatou? Recebimento de comissão pela agência em ações de patrocínio sem prestação de serviço, concessão de patrocínio sob a forma de veiculação, prática de sobrepreço na aquisição de bens no âmbito do contrato, realização de pagamentos relativos a eventos de confraternização de funcionários, classificados como serviços de produção gráfica, intermediação desnecessária da agência de publicidade na contratação de serviço.

Finalmente, Fundação Jorge Duprat, FUNDACENTRO. O TCU auditou o firmado entre a FUNDACENTRO e a SMP&B São Paulo Comunicação, essa SMP&B São Paulo acabou sendo extinta. Em despacho de novembro de 2005, após a análise das alegações de defesa dos responsáveis da FUNDACENTRO à época, o TCU concluiu pela irregularidade das contas da FUNDACENTRO e pela devolução de valores, em face das irregularidades constatadas.

Além disso, há dois processos de ação de improbidade administrativa tramitando na Justiça Federal de São Paulo. Entre as irregularidades tratadas, estão o desaparecimento dos documentos de habilitação, os documentos das propostas técnicas e comerciais das empresas que participaram da licitação e os documentos correspondentes às atas de julgamento.

Não obstante tais fatos, o Procurador da República de São Paulo registra que nenhuma providência de ordem disciplinar foi adotada para apurar as responsabilidades atinentes a essas ocorrências. A licitação cujo documentos desapareceram, é a Concorrência 03/96 vencida pelas empresas SMP&B São Paulo comunicação e a QUALITY Comunicação Ltda. O contrato assinado em abril de 97 vigorou até março de 99. Em junho de 97, o contrato foi modificado, passando a prever o pagamento de 10% de honorários sobre serviços que geram veiculação, hipótese não prevista no contrato e nem na licitação. Da mesma forma, a previsão orçamentária passou de nove para quinze milhões de reais. E, mesmo assim, os gastos com as empresas SMP&B e QUALITY foram de trinta e quatro milhões de reais.

O elenco de irregularidades encontradas vai desde fraude em documento fiscal, foram encontradas notas fiscais em que as vias fixas da gráfica estavam em nome de outro cliente, até o pagamento de serviços sem sua realização. Os pagamentos irregulares com valores atualizados até dezembro de 2005, eram na ordem de doze milhões.

O processo, no Tribunal de Contas da União, foi convertido em tomada de contas especial. Os responsáveis foram citados e tiveram suas defesas analisadas. E agora o processo aguarda julgamento de mérito.

Bom, nós vimos os contratos dos CORREIOS. Agora vamos começar a verificar, examinar, o Valerioduto.

As atividades de Marcos Valério, o Valerioduto. Introdução, página 480. O episódio de espionagem nos CORREIOS desencadeou uma série de acontecimentos que incitaram o Congresso Nacional a assumir um papel destacado na apuração das irregularidades que se mostravam à sociedade brasileira. Cabe rememorar a seqüência de fatos e denúncias que iniciaram o processo.

No dia 06 de junho de 2005, o então Deputado Roberto Jefferson, em meio às acusações de seu envolvimento com o esquema de corrupção flagrado com os CORREIOS, fez declarações à imprensa, que alteraram os rumos das investigações relacionadas ao caso.

Em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, o Deputado mencionou, pela primeira vez, à opinião pública, o conceito de Mensalão, que caracterizaria repasses periódicos de recursos ilícitos a Parlamentares e a partidos políticos.

Os repasses do Mensalão teriam sido realizados, em 2003 e 2004, pelo então Secretário de Finanças e Planejamento do Partido dos Trabalhadores, Delúbio Soares. E serviram para cooptação de políticos da base aliada do Governo, afirmava o então Deputado.

No dia seguinte, Delúbio Soares, acoimado pelas denúncias, convocou entrevista coletiva à imprensa e negou, peremptoriamente, as palavras de Jefferson. Ocorreu uma sucessão de desmentidos, contradições e confissões públicas de ilegalidades, que forçou o então Presidente Nacional do PT, José Genoíno, a abandonar o posto.

O que aconteceu em seguida é conhecido. O então Deputado Roberto Jefferson sustentou as denúncias em depoimento à Polícia Federal, ao Conselho de Ética da Câmara dos Deputados, a esta CPMI dos CORREIOS e à opinião pública, em várias entrevistas.

Aos poucos, detalhou, [soa a campainha] pormenorizadamente, o enredo dessa nociva prática de corrupção consagrada como Mensalão, que será descrita em detalhes neste relatório.

À época, o Deputado adimitiu a escassez de provas materiais, mas acusou a muitos, e citou um nome, que adiante mostrou ser o vértice do esquema. O Sr. Marcos Valério Fernandes de Souza, empresário do ramo de publicidade e proprietário das agências DNA Propaganda e SMP&B Comunicação, entre outras. Este, era o Marcos Valério que fazia os repasses financeiros sob os auspícios do Sr. Delúbio Soares.

A CPMI dos CORREIOS mergulhou em um universo inexplorado e centrou o seu foco nas ações desse personagem, até então obscuro no cenário político nacional. Descobriu no Sr. Marcos Valério um arquiteto de sofisticadas operações financeiras de distribuição de dinheiro a Parlamentares.

O empresário angariava recursos no setor público e privado, e os repassava, por meio de suas agências de publicidade, às pessoas indicadas por Delúbio Soares. Havia seduzido o Partido dos Trabalhadores com um mecanismo para arrecadar fundos, que já tinha sido oferecido a políticos de seu Estado durante a campanha eleitoral de 98, como se descobriria em seqüência.

O empresário Marcos Valério possuía uma relação umbilical com o partido do Governo e com autoridades públicas. Suas agências de publicidade possuíam contratos com a Administração Pública, incluindo os CORREIOS, nosso foco primordial de investigação, o BANCO DO BRASIL, a ELETRONORTE, o Ministério do Trabalho e o Ministério dos Esportes. Todos eles colecionaram irregularidades. Aliás, como acabamos de detalhar.

A partir de 2003, o esquema operado por Marcos Valério avolumou-se. O faturamento de suas agências de publicidade e sua movimentação financeira cresceram, simbioticamente, a necessidade cada vez maior do Partido dos Trabalhadores de utilizar seus serviços. Foi então, que se consolidou o que viríamos a conhecer como Valerioduto, palavra pela qual a operação foi batizada pela opinião pública. É precisamente o funcionamento desse Valerioduto que este capítulo revela. É evidente ainda, que há aspectos que necessitam de luz e as autoridades competentes hão de prosseguir na descoberta dos fatos. Nesse capítulo, contudo, há mais do que um ponto de partida, uma vez que as fontes, que demonstram as teses que aqui adotamos, são diversas.

Em seguida, nós historiamos aquela parte inicial. Eu vou omitir a comprovação, que está posta através dos depoimentos, e ler as considerações.

As evidências públicas do Valerioduto surgiram em momento próximo ao início dos trabalhos desta CPMI. Em 9 de junho, três dias após a entrevista do Deputado Roberto Jefferson ao Jornal Folha de São Paulo, da qual o então Presidente Nacional do PTB fez as primeiras referências públicas sobre o Mensalão, a CPMI dos CORREIOS inaugurou suas atividades.

Inicialmente, o objeto da CPMI dos CORREIOS era apenas investigar o caso de corrupção envolvendo o Chefe do Departamento de Contratação dos CORREIOS, Sr. Maurício Marinho, que nós relatamos, quando da arapongagem, inicialmente. Contudo, a ligação entre Roberto Jefferson e Maurício Marinho, personagem central daquele episódio, puxou um novo fio da história. Maurício Marinho, gravado em ato explícito de corrupção, citou o nome do Deputado Roberto Je-

fferson como organizador do esquema de corrupção. Mencionava isso ao interlocutor, a sua ligação com o então parlamentar.

Acuado, Jefferson alegou ter sido vítima de chantagem e negou participação no esquema. Foi neste ponto dos acontecimentos que os fatos tomaram outro rumo, [soa a campainha] no qual mostrou-se que muito havia de ser descoberto.

Roberto Jefferson não se limitou a defender-se de seu envolvimento no caso, revidou as denúncias disparando outras acusações, ao revelar um esquema de corrupção de Parlamentares, coordenado pela direção do Partido dos Trabalhadores, que seria o chamado Mensalão. De acordo com Jefferson, o articulador do esquema seria o Publicitário mineiro Marcos Valério Fernandes de Souza.

Em depoimento ao Conselho de Ética da Câmara, dia 14 de junho de 2005, o ex-Deputado descreveu Marcos Valério como o intermediador de repasses de dinheiro a Parlamentares e líderes de bancada da base governista, a mando da direção do PT. Descobriu-se, em seguida, que as agências de publicidade SMP&B Comunicação e DNA Propaganda, de propriedade de Marcos Valério, mantinham diversos contratos com a Administração Pública e tinham relacionamento com políticos e autoridades públicas. O BANCO DO BRASIL, a ELETRONORTE, o Ministério do Trabalho e os CORREIOS, centros de investigações daqui, todos eram contratantes dos serviços de Valério.

Naquele mesmo dia, a página eletrônica da revista Isto É Dinheiro, publicou entrevista com a ex-Secretária de Marcos Valério, Srª. Fernanda Karina Somaggio, na qual acusou o Publicitário de ter feito saques nas agências do BANCO RURAL às vésperas de sua viajem para Brasília. O dinheiro seria destinado a políticos e Parlamentares. A esta CPMI, posteriormente, Karina confirmou o teor de suas declarações, em depoimento julho de 2005. Naquela oportunidade, a depoente afirmou ter presenciado o evento que indicava o favorecimento à SMP&B Comunicação na licitação vencida para prestação de serviços aos CORREIOS. Segue-se o depoimento. Fernanda Karina ainda repassou à Polícia Federal sua agenda de recados, utilizada no período em que foi Secretária de Marcos Valério. O conteúdo da agenda foi entregue a esta CPMI. Diversas anotações de Karina correspondiam às suspeitas e confirmavam as informações que prestara. Os registros de saques em dinheiro coincidiam com as datas das viagens do empresário Marcos Valério a Brasília. Na agenda também consta a identificação de compras de passagens e pagamento de diárias de hotéis a ex-Procurador da Fazenda Nacional, Sr. Glênio Guedes.

Em depoimento à CPMI, o Publicitário afirmou ter estreita amizade com aquele Procurador, e admitiu que adquiriu passagens para ele. O Procurador era um dos dois membros do Conselho de recursos do sistema financeiro nacional que pode rever sanções e multas aplicadas pela área de fiscalização do Banco Central e da Comissão de Valores Imobiliários. A partir dessas e outras evidências, outras pessoas citadas pelo Deputado Roberto Jefferson, como o então Ministro das Comunicações, Miro Teixeira e a Deputada Raquel Teixeira, confirmaram seus relatos, conforme será visto no Capítulo 7.4.

Os principais acusados envolvidos, contudo, o Sr. Marcos Valério e Delúbio Soares, ainda tentaram negar as acusações. O Sr. Delúbio Soares prontificou-se a refutar as delações de Jefferson. Dois dias após a publicação da reportagem da Folha de São Paulo, na qual o Deputado Jefferson o classificara como um dos organizadores do esquema do Mensalão, o tesoureiro nacional do PT convocou entrevista coletiva à imprensa.

Naquela oportunidade, alegou estar sendo vítima de chantagem. O outro principal envolvido, Sr. Marcos Valério, levou duas semanas para se pronunciar. Quando o fez, também negou as acusações de Jefferson e os relatos da ex-Secretária Fernanda Karina. Em entrevista ao Jornal Nacional da TV Globo, que foi ao ar dia 23 de junho, Valério negou relações com o PT. Na mesma entrevista, como em seu depoimento à CPMI, o empresário admitiu ser amigo de Delúbio Soares, e por isso era visto com freqüência em sua companhia.

A cada afirmação que eu faço, observem, que há transcrição do texto de onde se colheu tal conclusão.

No dia 29 de junho, o empresário sustentou a mesma versão em depoimento à Polícia Federal. Novamente, observem que nós já estamos avançados no tempo da CPMI, e ainda a negativa total era reafirmada. No dia 29 de junho, o empresário sustentou a mesma versão em depoimento à Polícia Federal. Novamente negou ser responsável pela distribuição de dinheiro a Deputados da base do Governo. Em 8 de julho, o mesmo fez o Sr. Delúbio Soares, em depoimento à Polícia Federal. Ambos não fizeram referência à existência de empréstimos que, em versão posterior, iriam sustentar, sob força das evidências. Naquelas oportunidades, desmentiram a possibilidade de relação comercial entre eles e entre as entidades jurídicas que os representavam. No caso, as empresas de propriedade de Marcos Valério e o Partido dos Trabalhadores.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Peço vênia ao Relator apenas para comunicar a quem interessar possa que acabou de entrar na página do Senado o relatório na sua íntegra.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Certo. Portanto, está à disposição, não só dos Parlamentares, como de toda a população.

Em seqüência, novas matérias começaram a surgir. Em edição no dia 6 de julho de 2005, tornada pública dois dias antes, a revista Veja publicou reportagem, com documento de contrato de mútuo firmado no valor de 2,4 milhões, do dia 17 de fevereiro de 2003, entre o Partido dos Trabalhadores e o Banco BMG, no qual o Publicitário Marcos Valério assina como avalista e devedor solidário. Uma das parcelas foi paga pela SMP&B Comunicação. Os demais avalistas [soa a campainha] foram o Presidente do PT, à época, José Genoíno, e Delúbio Soares, e os detalhes dessa operação serão descritos no tópico seguinte. Premido pelos fatos, o Publicitário Marcos Valério depôs a esta CPMI no dia 6 de julho de 2005, e admitiu, pela primeira vez, que tinha negócios com o Partido dos Trabalhadores. É importante mencionar que Marcos Valério depôs sob condição de investigado, a partir de decisão do Supremo. O instituto permite ao depoente calar-se, sempre que suas palavras possam auto- incriminá-lo.

O depoente, contudo, naquela oportunidade, não fez menção a outros empréstimos, que viriam a público dias após seu depoimento, para novamente contradizê-lo. Em seu depoimento o empresário asseverou que aceitou o encargo unicamente para fazer um favor pessoal ao Sr. Delúbio Soares, como amigo. Sem levar em consideração vantagens ou mesmo o aspecto puramente comercial da transação. Não fez menção à existência de outro contrato de empréstimo [soa a campainha] naquela mesma instituição financeira. E a nenhum outro.

No dia seguinte, contudo, o Publicitário seria novamente contraditado por reportagem da revista Época, que em sua página eletrônica divulgou a existência de contrato de empréstimo tomado pelo PT no BANCO RURAL, em 14 de maio de 2003, no valor de três milhões de reais. Da mesma forma, no contrato apareceu supostos avalistas o então Presidente do PT, José Genuíno e o Tesoureiro Delúbio Soares, além do Publicitário Marcos Valério.

As denúncias se juntaram às anomalias e descobertas nos contratos de Valério com a Administração Pública, como o dos CORREIOS, relatado no capítulo anterior. Também havia uma série de irregularidades em outros contratos, como os firmados pelas agência de propaganda de propriedade dele com o BANCO DO BRASIL, o BANCO POPULAR e a ELETRONORTE, além da Fundação Jorge Duprat, a FUNDACENTRO e a Câmara dos Deputados.

Os senhores Marcos Valério e Delúbio Soares decidiram abandonar a estratégia de ignorar as evidências. Diante das pressões, adotaram outra linha de defesa. Assumiram os empréstimos que foram tomados por Marcos Valério, e repassados a pessoas indicadas pelo Partido dos Trabalhadores. Em 15 de julho, Marcos Valério publicou nota à imprensa para justificar as operações. No dia 16 de julho, em depoimento à Procuradoria-Geral da República, Delúbio assumiu que campanhas eleitorais do partido foram financiadas com recursos não contabilizados e não identificados à Justiça Eleitoral, o popular caixa 2. A partir dessa data, passou a sustentar esta versão, como em depoimento à CPMI dos CORREIOS, realizado também sob decisão liminar da Justiça, que preservou-lhe o direito de não responder perguntas que pudessem incriminá-lo. Delúbio justificou a contradição do que disse anteriormente para não prejudicar pessoas, aspas, "que estavam sendo acusadas indevidamente", sem querer nominá-las.

Vale mencionar ainda, que o montante de empréstimos, à época, girava em torno de trinta e nove milhões, bem inferior aos cinqüenta e cinco milhões que posteriormente terminou sendo admitido por Marcos Valério a esta CPMI e à opinião pública, diante dos documentos existentes. Os empréstimos foram adquiridos porque, segundo alegou o Secretário Delúbio Soares, Secretário de finanças, vários filiados foram candidatos e ficaram com dívidas não contabilizadas que estavam sendo cobradas por credores. Na oportunidade, pediram que o depoente resolvesse o problema. Segundo o depoente, no período em questão, as dívidas dos candidatos do PT e dos partidos da base aliada somavam vinte milhões. A solução seria a obtenção de empréstimos para saldar os compromissos. Foi quando estreitou relações com o Publicitário Marcos Valério. Delúbio admitiu que não tinha contrato formal de empréstimo com as agências de Marcos Valério. A vultosa quantia emprestada pelo Publicitário se baseou em um contrato de confiança, baseado na amizade entre ambos. Também admitiu que não havia pago nenhuma parcela ao encargo dos supostos empréstimos, adquiridos por Valério nos Bancos BMG e RURAL, por solicitação de Delúbio Soares.

Delúbio afirmou que se encontrava com o Publicitário regularmente, pelo menos uma vez por semana, e que informava a Marcos Valério, pessoalmente, a relação das pessoas que deveriam receber dinheiro. Na oportunidade, recusou-se a declinar qualquer nome de pessoa autorizada a receber numerário de Marcos Valério. Limitou-se a dizer que as investigações revelarão os nomes dessas pessoas. Delúbio alegou que os empréstimos não foram levados ao conhecimento

da executiva do PT, porque o dinheiro seria destinado ao pagamento de dívidas não contabilizadas.

Marcos Valério, no entanto, contradisse as palavras de Delúbio, em depoimento à CPI da Compra de Votos, em agosto de 2005. Segundo Valério, o Sr. Delúbio Soares lhe informou que a direção do PT estava ciente dos financiamentos e que o ex-Ministro-Chefe da Casa Civil, José Dirceu, havia autorizado o aval.

Além disso, causava estranheza que as instituições financeiras em que os supostos empréstimos foram contratados, os Bancos BMG e RURAL, tivessem sido tão coniventes. Afinal, os financiamentos não estavam sendo ressarcidos aos Bancos, conforme confessou Delúbio Soares. Contudo, havia outros interesses em questão para que concorressem na operação financeira dos cinqüenta e cinco milhões de reais. Embora fosse proprietário de agências de publicidade, Marcos Valério tinha conhecimento de negócios na área financeira. Havia trabalhado como Diretor Financeiro do AGRIMISA, Banco Agrícola de Minas Geraisn e prestado serviços ao Banco Central.

A proximidade com as diretorias do BANCO RURAL e do Banco BMG permitiu ao Publicitário falar em nome das instituições financeiras junto a autoridades públicas federais. Marcos Valério era tão próximo dos Diretores do BANCO RURAL que utilizava com freqüência um dos aviões de propriedade da instituição, como informou a própria Presidente Kátia Rabelo, em depoimento à CPMI. Essa relação permitia agir como facilitador dos interesses do BANCO RURAL junto ao Governo Federal, em especial junto ao então Ministro-Chefe da Casa Civil, José Dirceu, que coordenava as ações do Governo, conforme revelou a Srª. Kátia Rebelo, Presidente do BANCO RURAL, no dia 13 de setembro de 2005.

O Publicitário cultivava relação semelhante com Os Diretores do Banco BMG. Em depoimento à CPMI, no dia 20 de setembro, o Sr. Ricardo Guimarães, Presidente do BMG, contou que a ex-esposa do Ministro José Dirceu fora empregada no Banco por indicação do Sr. Marcos Valério. Em outro momento demonstrou como Marcos Valério tinha livre acesso ao alto escalão da República e intermediava encontros entre José Dirceu e a Diretoria do BMG.

As operações financeiras descritas, que apresentam inúmeras irregularidades, poderiam ter sido detectadas pela diretoria do BANCO RURAL e pelo próprio Banco Central. Esse deveria ter sido o procedimento, de acordo com o Superintendente do BANCO RURAL, Roberto Godinho. Em setembro de 2004 e agosto de 2004, o Banco passou por fiscalização do Banco Central. E daí ele descreve. "O computador mostrou que tem indícios". Aí os indícios têm que ser analisados pelo responsável, enfim, lembram do depoimento que ele prestou em que as coisas que foram descobertas não deveriam ser relatadas. Em outro momento do depoimento, o ex-Superintendente do BANCO RURAL se mostrou intrigado com o resultado da fiscalização do Banco Central.

Ainda em outra oportunidade, o Publicitário afirmou que Delúbio, a seu pedido, marcou reunião com ele e representantes do BANCO ESPÍRITO SANTO. Delúbio arranjava encontros com autoridades do Governo Federal para Marcos Valério. E aí segue-se a descrição disso.

Não era somente com os Bancos que o Publicitário intermediava encontros e negociações com o Governo Federal. Sua amizade com Delúbio também lhe permitiu que marcasse reunião com representantes do grupo OPPORTUNITY. O grupo era gestor, à época, da BRASIL TELECOM, que seria uma mas fontes financiadoras do Valerioduto, consoante descrevemos em seguida.

Em depoimento à CPMI dos CORREIOS, Marcos Valério admite que intermediou encontros entre Delúbio e o Sr. Carlos Rothemburg, do OPPORTUNITY. No dia 14 de julho, uma operação da Polícia Civil de Minas Gerais e do Ministério Público daquele Estado apreendeu notas fiscais e documentos da agência DNA Propaganda. Parte dos documentos estava queimada, e se encontrava na Casa de Marco Túlio Prata, conhecido como "Pratinha", na região de Contagem, Município da área metropolitana de Belo Horizonte. Prata é irmão do Contador Marco Aurélio Prata, que fazia a contabilidade das agências DNA Propaganda e SMP&B.

Diante dos acontecimentos, a CPMI, em requerimento aprovado em julho, solicitou ao Ministério Público Federal a prisão preventiva [soa a campainha] e a indisponibilidade dos bens de Marcos Valério. Baldadamente. Na oportunidade, a CPMI também aprovou a ampliação da transferência do sigilo bancário, fiscal e telefônico até 97, no intuito de evidenciar que nós não estávamos perseguindo situações políticas, que eventualmente estivessem centradas nessa administração.

Em agosto o Publicitário Marcos Valério decidiu entregar à Procuradoria da República e à Polícia Federal uma lista com 31 nomes que supostamente seriam os destinatários dos recursos emprestados ao PT. Soma dos repasses, 55,8 milhões. Esta lista foi repassada a esta CPMI, que utilizou como uma das referências primordiais para produzir as análises que constam neste Relatório. Valério também entregou a aparente contabilidade, seus documentos fiscais de suas agências, que mais à frente serão examinados.

Eu tenho agora, desse capítulo, uma síntese. A suposta origem dos recursos dos empréstimos. Nós vimos que Roberto Jefferson fez referência à existência de Marcos Valério, que seria quem estaria alimentando um sistema de propinas a Parlamentares. E a afirmação de Marcos Valério e de Delúbio era de que esses empréstimos, no montante de cinqüenta e cinco milhões, correspondiam a efetivos empréstimos concedidos ao Partido dos Trabalhadores. Esses empréstimos, em nome do PT, somaram 5,4 milhões, sendo 2,4 milhões no BMG e três milhões no BANCO RURAL. Em valores atualizados, 9,5 milhões. Esses são os empréstimos contraídos em nome do PT. Há os empréstimos contraídos em nome de Marcos Valério, que somaram vinte e seis milhões no BMG, atualizados, quarenta e nove milhões, e vinte e nove milhões no BANCO RURAL, atualizados, quarenta e nove milhões. Ficou confirmado o envolvimento do Sr. Marcos Valério com o PT, participando como avalista e negociador dos empréstimos tomados.

Verificou-se que os Bancos tiveram participação e colaboraram diretamente na concessão dos empréstimos que, de maneira geral, tiveram as seguintes ocorrências: Renovações sucessivas e excessivas, incorporação de juros ao principal renegociado, aceite de avalistas sem patrimônio suficiente para garantir o valor emprestado, descaso e despreocupação com a validade documental dos contratos, aceitação de garantias ilusórias e sem validade, como o contrato de publicidade sem autorização da ELETRONORTE, do BANCO DO BRASIL e dos CORREIOS, cumplicidade na renovações de crédito através de triangulação, para esconder renovações de crédito, como a concessão de empréstimo do BMG à GRAFITE, utilizado para pagar outro empréstimo tomado pela SMP&B no próprio BMG.

Com exceção do primeiro dos oito empréstimos, todos não foram liquidados, e estão em cobrança judicial, feita somente após a CPMI. Conclui-se que os Bancos, para tamanha liberalidade, possuíam outros interesses além dos juros sobre os valores emprestados.

Descaracterização da figura "empréstimos" entre o PT e Marcos Valério. Desmistificou-se que os repasses feitos pelas empresas do Sr. Marcos Valério aos beneficiários indicados tratavam-se de empréstimos entre o PT e a SMP&B. Pois os únicos três argumentos que sustentavam essa tese foram, irreparavelmente, rebatidos. Primeiro, sustentação oral feita pelo Marcos Valério e Delúbio Soares, comprovou-se que ambos faltaram com a verdade, por diversas vezes, em seus depoimentos. Inclusive negando até a existência de qualquer relacionamento financeiro entre as entidades que representavam, as empresas de Marcos Valério e PT. Registros dos repasses na contabilidade da SMP&B. Entre outras falhas apontadas, verificou-se que não havia qualquer contrato assinado entre as partes que sustentasse a contabilização, que só foi feita após a instalação da CPMI. Pois todos os balanços e balancetes anteriores não possuíam qualquer registro desses repasses. A contabilidade de Marcos Valério que nos chegou não consignava nenhum contrato de empréstimo. Depois, procedeu uma retificação, após a CPMI, e daí consignou essa existência.

Terceira. Carta assinada por Delúbio, na qualidade de avalista dos empréstimos contraídos por Marcos Valério. Mesmo sem o laudo pericial para contestar a data da emissão dessa carta, datada de 1º. de julho de 2004, verificou-se que não há qualquer menção de quais os contratos e valores a que ela quer dar garantia. Foi emitida pela pessoa física do Sr. Delúbio, que possui patrimônio de duzentos mil, aproximadamente. Portanto, não valendo como garantia, nem no aspecto jurídico e nem financeiro, para suportar os empréstimos de cinqüenta e cinco milhões.

O BACEN determinou aos Bancos BMG e RURAL a constituição de provisão para perdas pela totalidade do valor dos empréstimos concedidos, confirmando a baixa expectativa de serem pagos pelos devedores. [soa a campainha] Entretanto, no contexto preventivo contra fraudes e segurança do sistema financeiro, o papel do BACEN ficou a desejar, pela falta de uma atuação tempestiva em diagnosticar a fragilidade documental e dos limites de concessão de empréstimo, que é imprudência do BANCO BMG e BANCO RURAL.

Então, quais seriam as pretensões dos principais integrantes dessa operação triangulada entre o PT, Marcos Valério e os Bancos BMG e RURAL? O contexto era o seguinte: Para o Partido dos Trabalhadores, interesse em obter vultuosos recursos financeiros, interesse em alcançar meio de repassar recursos a beneficiários que não fosse através de suas próprias contas e a facilidade que possuía no acesso à gestão administrativa, econômica e política das empresas públicas.

E qual o contexto de Marcos Valério? Interesse em contratos de publicidade, visualiza a possibilidade de outros benefícios na intermediação de negociações entre entidades públicas e os Bancos, possui proximidade e acesso aos banqueiros do BMG e RURAL e também com os responsáveis pelo comando de entidades públicas Federai, possui disposição e meios de intermediar e repassar recursos ilegais.

E para os Bancos BMG e RURAL, qual o contexto? Possuem recursos para cessão em empréstimos, vislumbram possibilidade de outros benefícios na aproximação do Governo Federal através da intermediação

do Sr. Marcos Valério. Nesse contexto, o Sr. Marcos Valério é indicado e atua como facilitador na obtenção de recursos com os Bancos BMG e RURAL, sendo intermediador dos repasses aos beneficiários indicados por Delúbio, e na obtenção de acessos e vantagens entre os participantes do esquema denominado Valerioduto, que se traduz como um exemplo daquilo que se denomina tráfico de influência. No caso do Valerioduto, isso se comprova pelos benefícios concedidos a Marcos Valério, pelas vantagens do Banco BMG e RURAL e na solução das dificuldades do Partido dos Trabalhadores. Pois tal assédio, intermediação e influência encontram sustentação nos depoimentos dos dois principais envolvidos nesse esquema, Marcos Valério e Delúbio Soares, feitos à Polícia Federal, Ministério Público e a esta CPMI.

Benefícios dos Bancos BMG e RURAL e do Sr. Marcos Valério. Destaca-se que os Bancos BMG e RURAL eram sabedores da finalidade dos empréstimos por eles concedidos. Ainda conforme depoimento de Marcos Valério, foi sugestão do próprio RURAL o meio de fazer os pagamentos a beneficiários da lista de Marcos Valério, utilizando-se de cheques nominais da SMP&B, endossados no verso, para posterior saque como dinheiro. Também nesse ponto de nossa história, os objetivos do PT, que eram de obter recursos e meios de repassá-los, já tinham sido alcançados. Portanto, resta mencionar os benefícios alcançados pelos outros integrantes do esquema Valerioduto.

Benefícios ao BANCO RURAL. Possível favorecimento no âmbito de pareceres sobre recursos administrativos, em processos de fiscalização do Banco Central emitidos pelo Sr. Glênio Guedes, Procurador da Fazenda Nacional, afastado do cargo desde o início de julho, diante das denúncias da CPMI. Tal favorecimento também encontra sustentação no pagamento feito pela empresa de Marcos Valério, TOLENTINO e Melo Assessoria, ao pai de Glênio Guedes, de nome Ramon, no valor de 1,1 milhão de reais.

Concentração de aplicações financeiras. O BANCO RURAL teria sido beneficiado com o aumento do volume financeiro aplicado pelos Fundos de Pensão. Intermediação de negócios relativos à liquidação do BANCO MERCANTIL de Pernambuco e do BANCO ECONÔMICO pelo Banco Central, confirmado pelo depoimento do Sr. Marcos Valério, e também pelo Diretor do BACEN, quando de visita a esta CPMI.

Ainda conforme carta do BACEN, confirma-se que Marcos Valério visitou o BACEN, o Banco Central, por 17 vezes, em várias oportunidades, acompanhado pelos representantes do BANCO RURAL.

Benefícios ao BMG. Concentração de aplicações financeiras. O Banco BMG teria sido beneficiado com o aumento do volume financeiro aplicado pelos Fundos de Pensão. Facilidade na transação de venda, para a Caixa Econômica Federal, da carteira de crédito consignado dos aposentados do INSS. O Banco BMG teria sido favorecido na negociação de sua carteira de créditos consignados com Caixa Econômica, com base nas seguintes principais considerações feitas pelo Tribunal de Contas da União: Celeridade incomum com que a transação foi realizada, escolha do BMG em detrimento de outras 17 instituições financeiras que atuavam no mercado, fragilidade dos motivos alegados pela Caixa para não concretização da transação com outras instituições financeiras, pagamento de ágil à vista, e os objetivos almejados pela Caixa, de que foram utilizados para justificar a transação, não foram alcançados.

Conclusão: O fato dos trabalhos da investigação da CPMI não alcançarem e confirmarem todos os verdadeiros propósitos e interesses, que vão além dos ganhos financeiros, com exceção de créditos descritos acima, como também outros, não conhecidos até o momento ou que foram frustrados, diante da abertura das investigações da CPMI, não descaracteriza a existência formal dos empréstimos entre os Bancos BMG e RURAL com o Partido dos Trabalhadores e as empresas de Marcos Valério.

Mas, diante de tanta proximidade dos envolvidos, interesses comuns, negócios e benefícios concretizados, não é errado afirmar que tais empréstimos não seriam liquidados financeiramente pelo Sr. Marcos Valério, assim como benefícios oriundos de negócios entre suas empresas e as governamentais, comprovados por aumento substancial de contratos de publicidade com os CORREIOS e BANCO DO BRASIL, como também serviços contratados e não e entregues como, por exemplo, no caso da VISANET. E também com empresas privadas, como as referidas no relatório. Também repetindo situação anterior, é possível afirmar que, no futuro, os Bancos declinassem do propósito de receber os empréstimos, concluindo por perdas financeiras, já que havia, inclusive, recomendação do próprio Banco Central sinalizando para a classificação de risco "H". Também colabora com esta afirmação o precedente do empréstimo firmado em 98 entre o BANCO RURAL e a DNA em Minas Gerais, no valor de nove milhões, em que, em abril de 2003, numa ação de cobrança judicial, no valor de treze milhões de reais, a mesma foi extinta por acordo, com o pagamento de dois milhões.

O próximo. A verdadeira origem dos recursos. Bom, se nós estamos infirmando que os empréstimos efetivamente correspondam a numerário disponibilizado, pelo menos em parte, nós começamos a indi-

car quais seriam os valores que alimentariam esse sistema.

Começamos pela VISANET. A VISANET, companhia de meios de pagamento, é composta basicamente por instituições financeiras que se utilizam da bandeira VISA, dentre elas o BANCO DO BRASIL, empresa de capital misto controlado pela União, que participava com 31,9%. Em 2001, foi criado o Fundo VISANET. O regulamento prevê que os recursos do fundo são destinados à promoção, no Brasil, da marca VISA e do uso dos cartões com a bandeira VISA. E que cada acionista determinará sua utilização na proporção de sua participação no capital social da empresa. Ressalta-se que, no trabalho de auditoria interna do BANCO DO BRASIL, foi identificado o seguinte: Em maio e novembro de 2003, e em março e junho de 2004, houve antecipações sem especificar as ações de incentivo a serem realizados, que totalizaram setenta e três milhões de reais. Também consigna a auditoria do BANCO DO BRASIL, a ausência ou incompleteza de documentos que se destinavam a demonstrar a realização dos serviços. Em primeiro de setembro de 2005, a VISANET, em documento à CPMI, afirma: "Em resposta à solicitação de cópia dos contratos firmados entre a VISANET e sua subsidiária SERVNET e as empresas DNA e SMP&B, conforme amplamente divulgado na mídia, pertencentes ao Sr. Marcos Valério, esclarecemos que tanto a VISANET quanto a SERVINET não possuem nenhum contrato firmado com as referidas empresas. Os recursos alocados para as ações planejadas pelo BANCO DO BRASIL, na qualidade de emissor VISA, foram pagos pela VISANET aos respectivos fornecedores, contratados, cotados e negociados pelo próprio BANCO DO BRASIL, entre eles a DNA Propaganda. Como não há interferência direta da VISANET nessa contratação, não existem contratos formais firmados entre VISANET e SERVINET e a referida empresa". Portanto, fica evidente que o BANCO DO BRASIL, como acionista da VISANET, tem autonomia para utilização dos recursos provenientes do fundo, desde que sejam obedecidas regras que norteiam seu funcionamento. Sendo assim seus Diretores os responsáveis pela alocação desses recursos e pelas irregularidades apresentadas no presente relatório. Destaca-se que o fundo VISANET foi extinto no dia 23 de novembro de 2005, o que acentua a suspeita sobre o seu funcionamento.

Os repasses realizados pela VISANET. A partir das informações disponibilizadas à CPMI pela VISANET, apresentamos a seguir o resumo dos valores anuais destinados pelo Fundo dos acionistas. E aí vem um quadro, que V.Exas têm acesso a ele. Os recursos destinados ao BANCO DO BRASIL cresceram 78% entre 2001 e 2004, acompanhando a evolução da dotação orçamentária do Fundo.

Um ponto importante analisado pelo próprio BANCO DO BRASIL. Agências de propaganda indicadas pelo BANCO DO BRASIL. O BANCO DO BRASIL, como acionista da VISANET, é responsável por indicar quais as agências ou empresas que receberão os recursos do Fundo. No período, e aqui um texto extraído do laudo da auditoria do BANCO DO BRASIL. Em setembro e novembro de 2001 e em junho e outubro de 2002, houve antecipação de créditos para a realização de eventos específicos, num total de quarenta e oito milhões e tal. Contra apresentação dos documentos fiscais de emissão da agência de publicidade, no valor global de cada ação. Então, tem eventos específicos de cada ação. Em maio e novembro de 2003 e em março e junho de 2004, houve antecipações. Sem especificação das ações de incentivo a serem realizadas, que totalizaram setenta e três milhões. Contra apresentação de documentos fiscais, apenas do valor da antecipação. Como se vê, até 2002 havia antecipação, com os eventos especificados e com o valor global de cada ação. A partir de 2003, a antecipação passou a ocorrer sem a especificação da ação. Isso ocorreu por deliberação do BANCO DO BRASIL. E também, na mesma época, em maio de 2003, houve uma decisão no sentido de que daquelas empresas que prestavam serviços de publicidade ao BANCO DO BRASIL, apenas a DNA deveria prestar em relação aos assuntos afetos à VISANET.

Repasses realizados pela VISANET à DNA. Todos os desembolsos realizados pela VISANET são acompanhados de solicitação formal ao BANCO DO BRASIL. A seguir, são apresentados as solicitações. Tem um quadro dispondo. Saldo da operação entre a DNA e o Fundo VISANET. Na tentativa de obter o fechamento das contas entre a DNA e a VISANET, foram analisados os lançamentos contábeis e gerenciais apresentados por Marcos Valério. As cobranças realizadas pelo BANCO DO BRASIL e a resposta do Advogado da DNA, Dr. Paulo Sérgio.

Então, nós pegamos os lançamentos do Marcos Valério, as informações do BANCO DO BRASIL, e os dados apresentados na defesa de Marcos Valério.

A DNA, de acordo com os registros de sua contabilidade, quem sabe Direito Comercial sabe que lá há uma disposição, que diz que os registros contábeis são confissão do comerciante. Portanto, isso aqui é uma confissão da sua contabilidade. A DNA, de acordo com os registros de sua contabilidade apresenta em aberto junto ao BANCO DO BRASIL um saldo devedor de doze milhões de reais. O Advogado apresenta

dizendo que tem um saldo credor e que não sei o que. A contabilidade dele diz que tem doze milhões.

Falsificação de documentos. O regulamento do fundo de incentivo VISANET estabelece que os pagamentos a fornecedores devem estar suportados por documentos fiscais que os comprovem. Para atendimento às condições do regulamento, a DNA Propaganda emitiu as seguintes notas fiscais, para amparar os recebimentos, que todos aqui já conhecem. As notas fiscais de vinte e três milhões em 2003, seis milhões e pouco em 2003 e trinta e cinco milhões em 2004, foram consideradas falsas por um laudo de exame contábil do Instituto Nacional de Criminalística da Polícia Federal. A Polícia Federal, num laudo técnico, diz que as notas fiscais que foram apresentadas à VISANET nesses valores vinte e três, seis, e trinta e cinco milhões são notas falsas.

Que vantagens obteve Marcos Valério? A forma indiscriminada com que a Diretoria do BANCO DO BRASIL autorizou os adiantamentos à DNA possibilitou que o Sr. Marcos Valério os utilizasse conforme as suas necessidades. E auferisse vantagens. Vinte e três milhões numa ocasião, mais seis milhões em outra, trinta e cinco milhões em outra. Adiantados. Portanto, sem que houvesse necessidade imediata de apresentar a correspondente despesa. O que é que ele fez? Aplicou financeiramente. Há registros contábeis confirmando renda financeira de aplicação dos recursos da VISANET, da antecipação, documentados, de cinco milhões e seiscentos mil reais. Então, ele não recebeu apenas trinta e cinco milhões, recebeu trinta e cinco mais cinco, que corresponde à aplicação.

Adiantamentos dados em garantia de supostos empréstimos. Aqueles valores que ele recebeu serviam para aplicações que terminavam sendo empregadas como garantia de empréstimo. Isso se constou. Quando a DNA deu como garantia, numa operação bancária junto ao BANCO DO BRASIL, no valor de nove milhões e setecentos mil. Em seguida, nós apresentamos num gráfico a cronologia da identificação que nós procedemos em relação à alimentação do sistema Marcos Valério através de recursos da VISANET. No dia 19 de maio de 2003 há um adiantamento de vinte e três milhões da VISANET para a DNA. Um dia depois, o valor é aplicado pela VISANET no BANCO DO BRASIL. Dois dias depois, o empréstimo tomado no BANCO DO BRASIL com a garantia do recurso aplicado dois dias antes é quitado. Melhor esclarecendo. Um dia depois aplica o recurso no BANCO DO BRASIL, dois dias depois, obtém um empréstimo junto ao BANCO DO BRASIL e quatro dias depois liquida aquele empréstimo. Essa é uma operação.

A outra operação bancária, junto ao BMG: No dia 12 de março de 2004 há um adiantamento de trinta e cinco milhões pela VISANET. No mesmo dia, aplicação no BANCO DO BRASIL. 40 dias depois, transfere dez milhões para o BMG, e com estes recursos compra CDB. Quatro dias depois, a empresa TOLENTINO obtém empréstimo com a garantia daqueles CDBs. No mesmo dia, a TOLENTINO repassa os recursos para as empresas BÔNUS-BANVAL E 2S, que estão no sistema de alimentação do Valerioduto.

Depois nós constatamos, por exemplo, notas fiscais contabilizadas, que corresponderiam a prestação de serviços, mas que continuam em aberto, o que faz significar e interpretar que elas foram apresentadas para pagamento, mas que, na verdade, elas não foram pagas. Por que é que um credor de um serviço não cobra o seu serviço e isso se mantém contabilizado como crédito?

Quanto aos valores pendentes, que é um dos itens importantes. Afinal, o que é que há de descoberto a prestar contas pelo sistema Marcos Valério, a título de complementação do adiantamento que teve da VISANET? Conforme apresentado anteriormente, o saldo contabilizado do Marcos Valério é de doze milhões. O BANCO DO BRASIL apresentou dois valores como sendo os valores que o Banco tem a receber. É que no BANCO DO BRASIL, há um controle de sistema de marketing, e há outro controle do sistema contábil. No sistema de marketing, eles reconhecem, e houve uma nota emitida, a imprensa publicou, logo que esse fato veio à tona, o BANCO DO BRASIL reconheceu que havia nove milhões de reais pendentes. Mas, na auditoria que o BANCO DO BRASIL realizou, o BANCO DO BRASIL apurou que há vinte e três milhões de reais não comprovados. Vejam só, este valor ainda não é o total. Porque ele foi obtido numa análise de apenas cinqüenta e um milhões. Em um universo de setenta e três milhões, que são as relações comerciais das empresas de Marcos Valério com a VISANET, o BANCO DO BRASIL, a auditoria, com as limitações de documentação que dispunha, incidiu o seu enfoque nos cinqüenta e um. Dos cinqüenta e um, vinte e três milhões estão em aberto. Marcos Valério informa, através de seu Advogado que, na verdade, tem a ver três milhões. E nós fazemos uma demonstração cabal no relatório de que não subsiste essa sustentação.

Finalmente, nós fazemos um resumo das vantagens da DNA, provenientes da VISANET, que seriam os ganhos financeiros de cinco milhões e seiscentos mil, os lucros, porque ele tem contabilizado lá na dele como, uma parte ele qualifica como lucro, ele não há contrato nenhum, não há nada que diga qual a relação comercial que ele tem. E daí, ele qualifica a possível

remuneração dele, não há nada que diga a partir do que, como e quando, e qualifica seis milhões e pouco como sendo o lucro dele nesse serviço. Talvez fossem as comissões, mas que comissões?

Ao saldo devedor, que nós vimos na contabilidade dele, doze, na nossa, a partir de dados que nós admitimos para raciocínio, nós temos onze, mas não esqueçam que isso é um dado contábil. Uma coisa é você registrar na contabilidade. Nós chegamos a onze milhões. Mas a auditoria do BANCO DO BRASIL diz que tem vinte e três milhões. E aí não é problema contábil. Eles não têm o assento do terceirizado que prestou o serviço.

Nós ainda fazemos considerações nesse nosso trabalho ao *modus operandi*, ou seja, fizemos uma divisão no tempo, segmentando o tipo de conduta que o sistema Marcos Valério tinha, relativamente aos Bancos e relativamente aos destinatários.

Nesse sentido, nós inclusive apresentamos uma tabulação, toda ela sustentada em documentos e que evidenciam as fontes dos recursos, como eles transitavam de uma conta para a outra. Como havia uma conta que assegurava permanentemente recursos para que fossem sacados na medida em que necessitados numa "conta-mãe", a essas duas contas se chamou "conta-pulmão" e "conta-mãe", para entender como sendo alguém que oxigenava. A "conta-mãe" é que ficava efetuando os pagamentos dos destinatários, quando ela carecia de recursos, ela buscava na "conta-pulmão", que se alimentava no sistema desses empréstimos todos.

Nós identificamos, de certo modo nós já fizemos referência, e vou ser muito breve. A farsa contábil. Lembram que nós recolhemos dados relacionados à contabilidade, dados que serviram de base inclusive para as declarações de Imposto de Renda e que depois, na seqüência, quando as coisas se evidenciaram e precisavam de um esclarecimento, a contabilidade foi refeita.

Bom, vejam o que a Polícia Federal constatou, e consta de um laudo da Polícia Federal, em relação aos documentos fiscais das empresas do sistema Marcos Valério. Houve alteração nas AIDF, que são as ordens da Prefeitura para poder emitir notas fiscais. Para que alguém possa ter um talonário, ele precisa ter uma autorização da Prefeitura. Essas autorizações para confecção das notas fiscais foram adulteradas. Portanto, documentos oficiais adulterados. Com base nessas autorizações adulteradas, a SMP&B mandou imprimir 25 mil notas fiscais falsas. E a DNA mandou imprimir 55 mil notas falsas, totalizando 80 mil. Esse é um laudo da Polícia Federal.

Houve pedido de cancelamento de notas junto à Prefeitura, sendo que as mesmas foram utilizadas posteriormente. Quando não se utiliza um talão, encaminha-se à Prefeitura para se anular aquele talão. Notas que foram encaminhadas às Prefeituras como sendo inutilizadas foram, depois, utilizadas. Notas falsas emitidas sem o reconhecimento da Prefeitura, com carimbo e assinatura falsos da Prefeitura. Laudo da Polícia Federal.

A empresa DNA afirma ter utilizado notas canceladas as quais a Prefeitura afirma ter incinerado. Notas que foram encaminhadas para a Prefeitura e que ela terminou incinerando por inutilidade apareceram nos documentos da DNA. Várias destas notas foram utilizadas para dar suporte a recebimento de recursos de empresas como o BANCO DO BRASIL, ELETRONORTE e Ministério do Trabalho. Quando aquela Comissão de Parlamentares foi a Minas Gerais, e constatou a existência de notas, parte já incinerada e parte por ser queimada, dessas notas que se conseguiu recuperar que estavam semi-queimadas, muitas eram para o BANCO DO BRASIL, para o Ministério do Trabalho, para a ELETRONORTE.

Contabilidade viciosa, não representando adequadamente a situação patrimonial e financeira da pessoa jurídica. Contabilidade original representava menos da metade da movimentação que a empresa declarou na contabilidade retificadora. Tinha uma contabilidade, apresentou uma segunda, a segunda tem mais do que o dobro do que se continha na primeira.

Uma nota fiscal de doze milhões, da DNA para a ELETRONORTE, não estava registrada na contabilidade, e foi dada como garantia em empréstimo ao BMG. A polícia de Minas Gerais apreendeu mais de 10 mil notas fiscais da empresa DNA, na casa do irmão do Contador da empresa. E haviam indícios de muitas outras notas incineradas. E aqui há um rol de 10 mil notas que estavam sendo incineradas.

SENADOR EDUARDO SUPLICY (PT-SP): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Senador Suplicy.

SENADOR EDUARDO SUPLICY (PT-SP): Presidente, eu estou vendo aqui, nós dois, Senadores Demóstenes Torres e eu, e a campainha tocando, informando que Ordem do Dia está se iniciando e não gostaríamos de deixar o prezado Deputado Osmar Serraglio, agora chega Deputado Pompeu de Mattos, que eu estou emprestando o seu relatório, porque não consegui outro para ler, peguei emprestado, mas porque não gostaríamos de deixar o Relator lendo assim, porque temos a obrigação de ir ao Plenário, Sr. Pre-

sidente. Se for possível a suspensão breve enquanto nós voltamos--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): O Deputado Osmar Serraglio só conclui aí essa última etapa desse tópico que ele está tratando e aí nós suspenderíamos por alguns minutos. Vamos suspender por meia hora. Só concluindo então, Deputado Osmar Serraglio. Senador Suplicy, seria uma honra para contar com a presença de V.Exª aqui.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Até porque que nós o homenageamos com a referência ao seu sacrificado eleitor.

SENADOR EDUARDO SUPLICY (PT-SP): Mas se me permite, Senador Osmar Serraglio, seria brevíssimo. Mas eu observei aqui na página 761 a referência de minha indagação ao Sr. Roberto Jefferson, e observo que só pelo fato de eu perguntar "O Deputado José Dirceu, o Ministro José Dirceu saberia qual a destinação dos quatro milhões que ficaram com V.Exª.?" E daí ele diz: "Se ele sabe do dinheiro, é porque ele sabe da distribuição é útil". Agora, pela primeira vez, V.Exª. traz uma confissão pública do Deputado José Dirceu. Eu agradeço V.Exª. por essa informação. V.Exª. aqui há de convir que eu formulei uma pergunta e ele faz uma afirmação que não é a dedução do que eu havia perguntado. Só para registrar.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Mas eu gostaria que V.Exª. interpretasse bem o que está posto. O seu texto ali não está para colher... Ali está para dizer que sabia da distribuição. É o Roberto Jefferson para comprovar a distribuição, não em relação à sua frase alongada. O que importa para ali é um detalhe que não é seu. Ninguém está acolhendo a sua afirmação para dar como válida.

SENADOR EDUARDO SUPLICY (PT-SP): Eu só quero deixar isso bem claro. Muito obrigado. Meus cumprimentos pelo seu trabalho tão significativo para a história do Congresso e do Brasil.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Amém. Obrigado. Concluindo, eu fiz referência aqui que a polícia de Minas Gerais apreendeu 10 mil notas, 10.176, para ser mais preciso, que estavam sendo incineradas, depois nós verificamos que diversas outras contas contábeis foram manipuladas, para dar sustentação a uma conta que foi aberta na contabilidade a título de empréstimo ao PT, o registro de operação de mútuo entre o Marcos Valério, de forma distinta, entre a SMP&B e a DNA, diferente, deveriam ser coincidentes.

E existem lançamentos contábeis sem suporte documental. Por exemplo, aquele pagamento de lucros a acionistas, que não consta da declaração de Imposto de Renda.

Sr. Presidente, eu concluo, assim, a parte relativa à farsa contábil.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Presidente, só para dizer a V.Exª. que também, a Câmara dos Deputados, vamos ter votação nominal. E eu quero sugerir a V.Exª., então. V.Exª. falou em esperarmos meia hora, eu acho que, como lá vai ter votação nominal, provavelmente nós vamos precisar de um pouquinho mais de espaço, e eu quero sugerir a V.Exª., pelo menos, o intervalo de uma hora. Eu acho que dá o tempo suficiente para nós atendermos às necessidades das votações lá na Câmara e V.Exª. no Senado, e aí nós voltaríamos com tempo suficiente para ir noite adentro para concluir o relatório.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Nós suspenderemos por uma hora. São 17h, às 18h nós retornaríamos, para concluir a leitura do relatório. Suspendemos, então, a Sessão por uma hora.

Sessão suspensa às 16h55

Sessão reaberta às 18h12

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Vamos retomar a sessão de hoje, de leitura do relatório da CPI dos Correios. Com a palavra o Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Srªs. e Srs. Parlamentares, nós havíamos acabado de examinar o aspecto da fraude fiscal. Agora, nós vamos para farsa contábil.

Aliás, nós já vimos também à farsa contábil. O capítulo da síntese da movimentação financeira de Marcos Valério pode ser sintetizado no seguinte: Esse tópico tem por objetivo fornecer informações sobre as contas com sigilos bancários afastados e critérios de investigação utilizados na CPMI dos Correios. As investigações conduzidas por esta Comissão acerca das movimentações financeiras do empresário Marcos Valério, para apuração de denúncias envolvendo o nome do referido, foram baseadas nas diversas informações contidas no afastamento de sigilo bancário de todo o grupo de empresas ou pessoas ligadas ao investigado.

Buscou-se analisar todos os possíveis relacionamentos entre a movimentação financeira e outros documentos como: Declarações de renda, notas fiscais, depoimentos, sigilos telefônicos e contratos de publicidade. Para os exames supracitados foram utilizadas as informações disponibilizadas até a data de 18 de janeiro de 2006. Nesse dia a base eletrônica total das movimentações financeiras apresentava 12 milhões e

400 mil registros, destes 250.480 pertenciam ao Marcos Valério, ao sistema, ao Grupo Marcos Valério.

Estas iniciam-se com a data do primeiro movimento em janeiro de 97, e o último, em 30 de setembro de 2005. Salientamos que em 16 de março de 2006, portanto, agora mais, proximamente a base de dados apresentava 20 milhões de registros. Os resultados dos relacionamentos e estratificações de valores estão apresentados neste tópico que está dividido nos respectivos itens.

PRIMEIRO: COMPOSIÇÃO RESUMIDA DAS MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS.

Esse tópico é representado pelas estratificações e agrupações das movimentações financeiras, separadas por origens e destinos de recursos das empresas ligadas ao GRUPO ECONÔMICO MARCOS VALÉRIO.

SEGUNDO: A ANÁLISE CONCENTRAÇÃO DAS MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS ORIGENS POR BANCO.

O objetivo deste tópico é evidenciar quais os bancos que concentram os maiores montantes de movimentações dos investigados, e utilizamos como base as movimentações de origens de recurso que é similar em montante aos destinos dos recursos.

NO ITEM TRÊS: NA CONCENTRAÇÃO DAS MOVIMENTAÇÕES FINANCEIRAS POR TITULAR DE CONTA-CORRENTE DAS PESSOAS QUE COMPÕEM O GRUPO ECONÔMICO MARCOS VALÉRIO.

O objetivo deste tópico é deve evidenciar quais os titulares investigados que possuem os maiores montantes de movimentação e nos valemos também das movimentações de origens de recursos que é similar às de destinos de recursos.

FINALMENTE, NO ITEM QUATRO: RELAÇÃO DOS MAIORES DEPOSITANTES DAS ORIGENS DOS RECURSOS NAS EMPRESAS DO GRUPO ECONÔMICO MARCOS VALÉRIO.

É representado pela relação dos maiores depositantes das empresas que compõem o GRUPO ECONÔMICO MARCOS VALÉRIO. Esta demonstração que enfoca apenas a movimentação apontada na linha: Origens de recursos, pessoas jurídicas. No tópico seguinte nós apresentamos a relação dos maiores beneficiários das empresas que compõem o GRUPO ECONÔMICO MARCOS VALÉRIO.

Essa demonstração enfoca apenas a movimentação apontada nas linhas destinos dos recursos favorecidos, pessoas jurídicas e destinos dos recursos favorecidos pessoas físicas. O objetivo desse tópico é demonstrar os saques das contas pertencentes ao GRUPO ECONÔMICO MARCOS VALÉRIO, que tiveram como beneficiários as próprias empresas, isto porquê conforme o depoimento do próprio Marcos Valério os repasses de numerários eram feitos através de cheques endossados pelas próprias empresas.

Agora, a fraude fiscal. Com o objetivo de identificar e a analisar eventuais inconsistências entre as informações das pessoas físicas e jurídicas que compõem direta ou diretamente o chamado "Núcleo Marcos Valério", foram analisadas as informações disponibilizadas pela Secretaria de Receita Federal e pelas instituições financeiras em conseqüência do afastamento dos sigilos bancários e fiscal relativos aos exercícios de 2000 a 2004. Isso das pessoas físicas e jurídicas relacionadas a Marcos Valério.

ASPECTOS RELEVANTES IDENTIFICADOS.

Dentre as divergências identificadas e documentos analisados destacam-se de forma resumida: Diferença entre rendimentos informados pelas pessoas físicas e os informados pelas fontes pagadoras. Aumento patrimonial declarado maior do que o total de rendimentos auferidos pelo seu Marcos Valério e esposa.

Divergências entre a movimentação financeira informada pelos bancos e a decorrente da quebra do sigilo fiscal do Sr. Marcos Valério, Renilda Santiago, Cristiano de Melo e Paz, Simone Couto e das EMPRESAS DNA PROPAGANDA e SMP&B COMUNICAÇÃO e SMP&B DE SÃO PAULO e GRAFITE. Constatação de existência de autuação fiscal da EMPRESA DNA PROPAGANDA.

RELATÓRIO DO COAF.

Realização de 81 saques em espécie realizados no BANCO RURAL, pela empresa SMP&B e COMUNICAÇÃO no valor de 16 milhões de reais. Realização de 22 saques em espécie realizados no BANCO RURAL e no BANCO DO BRASIL pela empresa DNA PROPAGANDA, no valor de 04 milhões e 400 mil. A SMP&B e COMUNICAÇÃO movimentou recursos em espécie, no período de julho de 2003 a maio de 2005, na ordem de 21 milhões, sendo retirados em espécies 16 milhões.

A DNA PROPAGANDA apresentou no período de agosto de 2003 a setembro de 2004, movimentação de recursos em espécie saques, depósitos e provisionamento na ordem de 5,3 milhões.

RELATÓRIO DA RECEITA FEDERAL.

Os rendimentos que foram pagos a SMP&B E COMUNICAÇÃO, declarados por intermédio da DIRF, são inferiores à receita bruta declarada pela empresa, o que não caracteriza por esse critério indício de omissão de rendimentos.

Por outro lado, da análise dos pagamentos efetuados por intermédio do Sistema Integrado de Administração, SIAF, verifica-se que alguns pagamentos ali registrados em nome da SMP&B e COMUNICAÇÃO, superam os valores declarados na DIRF pelo órgão

público contratante e que se levados em consideração tais valores, caracterizam indícios de omissão de rendimentos. Verifica-se que os rendimentos que foram pagos à DNA declarados por intermédio da DIRF, são superiores à receita bruta declarada pela empresa, o que caracteriza por esse critério indício de omissão de rendimentos.

Por outro lado, da análise dos pagamentos efetuados por intermédio do SIAF, verifica-se também que alguns pagamentos ali registrados em nome da DNA superam os valores declarados em DIRF e que levados em consideração caracterizam o indício de omissão de rendimentos.

Eu vou desde já, relatar sobre o IRB. O IRB, que nós estamos fazendo? Nós estamos relatando uma situação específica da empresa Guaratinguetá, que foi levantada pelo Tribunal de Contas da União, em que houve um pagamento numa situação em que não havia o seguro firmado, muito embora fosse tradição da empresa sempre efetuar o pagamento a destempo.

O certo é que foi reconhecido que não havia, que não se obedeceu ao rito e as competências para que o acordo fosse estabelecido como foi em Juízo. Depois nós analisamos o favorecimento estabelecido dentro do IRB em relação a algumas corretoras, e finalmente fazemos considerações sobre – e isso é muito importante – sobre um investimento que o IRB procedeu no exterior.

Estima-se que a aplicação financeira é *euro notes*, num montante de 240 milhões realizado em 2002, na gestão do então Presidente Demóstenes Madureira Pinho Filho, tenha causado prejuízos ao IRB.

A idoneidade dessa transação já tinha sido objeto de denúncia anônima à Casa Civil da Presidência da República em 2002. O parâmetro escolhido para comparação a estimativa do prejuízo, está baseado no resultado da aplicação do mesmo montante em Fundo de Investimento do BANCO DO BRASIL.

Desta forma, caso a mesma aplicação tivesse sido feita na modalidade escolhida para a comparação a IRB teria tido um ganho financeiro na ordem de 438 milhões de dólares. Finalmente, em relação a INTERBRASIL, também nós relatamos o que nós conseguimos verificar e solicitamos o prosseguimento da investigação. Quando nós falamos das origens, nós queremos chamar a atenção em relação a origens de iniciativa privada, nós recebemos da BRASILTELECOM, os documentos que teriam sido produzidos e que corresponderiam àqueles pagamentos que nós noticiamos.

A BRASILTELECOM.

Com relação aos volumes de recurso repassados à própria representação entregue pela nova Administração da BRASILTELECOM, questiona o pagamento suportado pela nota fiscal 30.876, referente a subcontratação de serviços de veiculação de propaganda em rádio. Nota fiscal relacionada como falsa no laudo de criminalística da Polícia Federal, no montante de 823 mil. O que a gente quer chamar a atenção, é que na verdade, nós estamos tratando de liberação de recursos na ordem de 03 milhões e 400 mil reais, e aí não somos nós que afirmamos, graças à briga interna entre os componentes societários da TELECOM, nós terminamos não só tendo acesso às representações que eles procederam, como também nós solicitamos e para nossa surpresa, porque nós vínhamos encontrando dificuldades desse caso, nós recebemos e o que se fez para se proceder a esse pagamento é algo que é a prova cabal e que provavelmente, isso deva ter se sido repetido em outras circunstâncias em relação às quais nós não tivemos chance de chegar a esse tipo de documentação, porque neste caso tem começo meio e fim.

As notas que foram emitidas são notas graciosas, notas que não correspondem efetivamente à prestação de serviço. E como toda empresa, imaginem do porte da BRASILTELECOM, há um rito, há um procedimento para certas decisões. Nesse caso, desses recursos que nós estamos indicando como alimentadores do sistema Valerioduto, esses recursos não transitaram pelo rito normal, não há nenhum registro de quem tenha passado, autorizado. Tudo se decidiu através da então Presidente Carla Cico.

Portanto, o que está claro é que valendo-se do sistema de Marcos Valério, foram emitidas notas – aqui tem algumas que já foram qualificadas pela própria Receita Federal como notas falsas, pela Polícia Federal como notas falsas, notas que estão contabilizadas na BRASILTELECOM, só que essa Diretoria atual reconhece que são notas que não têm suporte fático enquanto prestação de serviço.

E, para que não aparentasse o inusitado de não se ter absolutamente nada, agora nesses dias, depois da representação que eles fizeram e onde eles discutem internamento os problemas de controle da sociedade, eles terminaram localizando o material. O material está aqui à disposição de quem quiser ver. É ridículo que tenham feito esses pagamentos 800 mil, um milhão de reais por pagamentos, que são coletas de dados que qualquer jornalista que está aqui tem condições de acessar na Internet e proceder essa compilação.

Então, é uma produção mascarada para dar a entender que houve uma prestação de serviço com valores altíssimos, mas que serviu de instrumento para que mais de 03 milhões de reais que nós localizamos,

nós localizamos esse ingresso desse dinheiro dentro do sistema Valerioduto e, agora, nós identificamos como é que a alimentação se procedeu. Ela se procedeu exatamente através de notas frias, sem a correspondia efetiva do que estava, daquilo a que deveria corresponder serviços que são noticiados.

Então aqui, são esses volumes. Para se ter uma noção há uma pesquisa em que eles fazem e relatam e que incide sobre problemas de transporte, de logística, de caminhões e que a BRASILTELECOM não tem absolutamente nada disso.

É como se eu advogado, alguém fosse fazer uma pesquisa para mim de médico, não tem nada, absolutamente nada a ver. Essa pesquisa que aqui está posta é uma pesquisa que destoa do ramo, da atividade, enfim, do que se poderia esperar de algo que servisse para a BRASILTELECOM.

São documentos que nós temos por caminhos legítimos, solicitamos pela via oficial e recebemos. E, quando nós lemos àquela dúvida sobre a efetividade da prestação dos serviços, nós solicitamos então, a produção que eles dispunham e foi aí que apareceu essa surpresa que para não só para nós, como para os próprios componentes da direção atual. Vamos para a etapa, uma das mais calientes.

746, o Mensalão, isso é me valendo das expressões de um carioca que se chama Eduardo Paes – Cadê o Volume II? Segundo volume. Aqui está 746. Aqui tem que ler:

MENSALÃO. Vamos, agora, ao Mensalão.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS. O MENSALÃO, UMA REALIDADE.

O episódio envolvendo o escândalo de corrupção nos Correios, trouxe a público uma expressão que deu ares novos a uma prática que carrega um triste significado político: O Mensalão. Localizada pelo ex-Deputado Roberto Jefferson, em junho de 2005, à sociedade era apresentada uma variante de corrupção da pior espécie, aquela em que a representatividade política é usurpada por interesses mesquinhos.

O recebimento de recursos para confiar um voto parlamentar, para trocar de legenda partidária, para vencer uma eleição a qualquer custo ou simplesmente para satisfazer aos interesses pessoais, é vender o espírito público.

É sabotar o regime democrático. É subverter a vontade popular. Aliás, em fevereiro antes, portanto, do estouro do escândalo do Mensalão, registrava a jornalista e cientista política Lúcia Hippólito – vejam, em fevereiro, antes do Mensalão. "Na Câmara dos Deputados, volta e meio circulam histórias sobre Deputados que teriam vendido votos por tantos mil reais. Ninguém conta a história até o fim. Ninguém apura direito. As coisas ficam por isso mesmo, mas vai se cristalizando a imagem do Congresso como um mercado persa. Onde tudo se compra e tudo se vende. Desde a semana passada, circulam boatos que vários Deputados teriam recebido dinheiro para engordar bancadas partidárias da Câmara. Por conta do troca-troca desenfreado que aconteceu nos primeiros dias do ano legislativo criou-se até a figura do Deputado pré-pago". Registrado meses antes coincidentemente, na época da migração: Pré-pago, Lúcia Hippólito.

Meses de investigação se passaram e a consciência da existência do Mensalão se impôs àqueles que deram de ombros, ou quiserem ignorar a verdade expressa pelos fatos.

Esse relatório é a narrativa desse enredo político em detalhes e mostra que o Mensalão foi uma realidade. A expressão obviamente para além da estreiteza conceitual tem caráter midiático, comunicacional, visa reclamar a atenção da sociedade. Concentra em uma só palavra ressoante, a idéia de uma prática ilícita de cooptação política contrária ao interesse público, financiada com dinheiro escuso de cofres públicos e privados. Sintetiza a degradação de um escambo imoral de favores, que teve membros importantes da classe política como protagonistas.

Faz-se necessário prontificar a bandeira empunhada por esta mesma Comissão Parlamentar de Inquérito em 02 de setembro do ano passado, em um momento no qual a sociedade brasileira se vê estarrecida pela seqüência de imoralidades e ilicitudes que se apresentavam. Em conjunto com a CPMI da Compra de Votos, esta CPMI publicou naquela data, um relatório parcial de suas atividades, aprovado por unanimidade no Plenário de ambas as Comissões.

A voz uníssona dos membros das Comissões retratou o convencimento de que era necessário responsabilizar àqueles que por suas condutas deletérias tanto macularam a classe política. Embora atônito com as imoralidades naquele momento, o texto daquele documento já trazia com propriedade o que entendia por Mensalão.

A parte de manobras diversionistas ou subterfúgios argumentativos para negar o que insofismável. Definiu-se o Mensalão como um esquema ilegal de financiamento, voltado ao aliciamento de Parlamentares e Partidos para a base do Governo no Congresso Nacional, o qual eventualmente comportaria o pagamento de subornos com alguma periodicidade. Para completar, sentenciava de maneira inconteste.

O que nos interessa a esse respeito, o que menos interessa a esse respeito é a periodicidade dos pagamentos. Alguns podem ter sido feitos mês a mês, outros com maior ou menor periodicidade.

O fato importante do qual não podemos nos afastar é o recebimento de vantagens indevidas. Fatos como o recebimento de vantagens foram sobejamente demonstras pelo relatório parcial das duas CPMIs, que gerou diversos processos no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados e a seguir no Plenário daquela Casa Legislativa. Julgou-se ali a possibilidade de quebra de decoro parlamentar praticada por integrantes do Congresso Nacional.

A esse respeito o relatório parcial reconheceu: "Sentimos-nos entretanto na obrigação de afirmar de maneira inequívoca, pois a gravidade do momento histórico exige que independente da ocorrência de delito comum para cujo julgamento – e observem, que já estava dizendo, ali nós não estávamos nos reportando a indiciamentos, porque eles ficaram para esta oportunidade – repito.

Sentimo-nos, entretanto, na obrigação de afirmar de maneira inequívoca, pois a gravidade do momento histórico exige que, independentemente da ocorrência de delito comum, para cujo julgamento a competência não é do Congresso Nacional, mas do Poder Judiciário. Existem elementos bastantes, que podem demonstrar que os desvios de condutas por parte de Deputados Federais indicam a quebra de decoro parlamentar, quando menos, pelo grave dano à imagem do Congresso Nacional pelo comprometimento da atividade política, pela lesão a democracia representativa, pelo menoscabo do Estado de Direito, enfim, por um amplo conjunto de crimes políticos, expressivos o bastante para justificar a abertura de processo de quebra de decoro parlamentar dos Congressistas que os praticaram. Em seguida, eu arrolo àqueles que nós encaminhamos à Câmara dos Deputados.

SEGUNDO PONTO. MENSALÃO NÃO É CAIXA DOIS.

Aquele relatório parcial enumerou com propriedade as razões pelas quais carecia de sustentação a justificativa engenhada pela justificativa do Valerioduto, de que se tratava de quitação de dívidas contraídas em campanhas políticas pregressas. Essas palavras valem ser rememoradas. De logo é preciso ser rememoradas: De logo é preciso registrar que a tese apresentada carece de provas materiais. Nove meses após a divulgação das primeiras denúncias pouquíssimos foram os que apresentaram comprovantes das dívidas supostamente honradas com dinheiro repassado pelo empresário Marcos Valério. Sem argumento para explicar o inexplicável, a defesa dos beneficiários foi à admissão de um crime para evitar a confissão de outros praticados, a não contabilização das despesas de campanha conhecida na sociedade como Caixa 2 e não a prática de corrupção.

Aliás, a tese do Caixa 2, só apareceu meses depois do início do escândalo e já então de forma orquestrada. Respondia assim, o texto do relatório parcial aos que se protegiam sob o manto do menor delito. Assim, se a legitimação do poder vem do povo através de procedimentos juridicamente regulados, não há legitimidade em mandato financiado com Caixa 2. Não se pode desvirtuar do sentido material da inclusão do termo democrático no novo Estado que surgiu em outubro de 1988.

De fato não respeita a democracia um processo eleitoral em que o poder econômico a despeito da imposição da sua força no processo político por meios legais tem influência ainda maior por vias escusas. Tem astúcia àqueles que se escudam na tese do Caixa 2, para justificar as ilegalidades cometidas. Como não há registro, é difícil identificar o paradeiro dos recursos, não por outra razão, o expediente do Caixa 2 é comumente utilizado por todos malfeitores, pois aparenta restringir-se ao crime fiscal do qual provem. Serve na realidade, para dissimular a verdadeira origem dos recursos ilícita que pode vir de corrupção ou outras atividades ilegais ocorridas na Administração Pública e privada.

Também salta aos olhos a temporalidade e os montantes dos repasses feitos, curiosamente em período regularmente compassado e em muitos casos em valores inteiros, como se verá nesse tópico do relatório. Também não é crível que despesas de campanhas assumidas em 2003, fossem quitadas apenas no ano seguinte com o dinheiro do Valerioduto, compassadamente quando se dispunha do dinheiro depositado no Banco. Despesas, aliás, de vários milhões de reais, mas não comprovadas. Ora, se confessadas e, portanto, assumida a culpa por sua realização, que conseqüência mais poderia vir da exibição dos comprovantes? Nenhuma. Então, por que não comprovar os pagamentos que são tantos? Não comprovar os pagamentos alegados, corresponde a se defender sem conduzir ao mínimo convencimento. Vale aqui a máxima latina "*Alegacio et num probacio, num alegacio*".

Dizer-se que foi efetuado o pagamento e negar a enunciação de qualquer prova, corresponde a não ter dito que o pagamento foi efetuado. Não se sai do âmbito da sintaxe para o mundo da semântica. São palavras, nada mais. Em verdade, é reduzir-se em demasia a inteligência dos brasileiros, imaginar que será bastante dizer que os milhões não foram distribuídos a Parlamentares, mas sim, corresponderiam à Caixa 2 de campanhas. Primeiro. Porque seriam pagamentos de campanhas não coeva. Em 2003, não houve eleições. O só fato de não ser coetânea reforça a sua não verossimilhança.

Segundo. Porque como assentado, por se tratarem de pagamentos ilícitos já confessados, nada acrescentaria em seara de punibilidade a exibição mínima de algum comprovante como insistentemente foi cobrado, por exemplo, na oitiva o ex-Deputado Valdemar Costa Neto. Incide aqui a inversão do ônus da prova, uma vez que já há um acervo conduzindo ao convencimento de que os pagamentos eram efetuados aos Parlamentares. Com efeito, se há comprovantes de saques para o Partido além de recebedores identificados confessados e testemunhas de tais pagamentos, diante da inexorabilidade do convencimento do Mensalão, será bastante dizer-se? "Não. Não recebi Mensalão. Paguei despesas de campanha". Evidente, que não. Minimamente, deveriam ser comprovados tais pagamentos. Afora isso, será bazófia.

Diante de um plexo de provas imagina-se que bastará afirmar-se que são valores não contabilizados, porque já estaria gerado o benefício da dúvida e da presunção de inocência. Ora! "Nada a declarar. Não se dei de nada". O único conhecedor é o senhor Delúbio. Ninguém assinou nada. Ninguém viu nada. 55 milhões correspondem a valores são "insignificantes", que a ninguém sucedeu imaginar que pudessem ter origem ilícita. Pretender isso é pretender impedir que alguém se deva convencer que os milhões gastos nas campanhas desceram de pára-quedas enviados pela providência divina, sim, porque afinal Deus é brasileiro.

Terceiro. Porque o fato de um e outro caso puder ter sido empregado em campanha eleitoral, não afasta a existência do Mensalão. No Valerioduto existem recursos para o Mensalão, para o Caixa 2, que pagou a Duda Mendonça, e ainda, para outros endereçamentos de difícil identificação, uma vez que se trata de movimentação de dinheiro em espécie. Ademais, quanto ao envolvimento de próceres do Governo Federal, há que considerar que o ato de corrupção envolve necessariamente duas partes, uma que recebe os dinheiros e procede de acordo com os entendimentos tratados.

Outra que fornece os dinheiros, interessado em que o agente público proceda de determinada maneira. Na espécie o que ressuma deste relatório é que Parlamentares receberam recursos oriundos de instituição e empresas, cujos dirigentes eram vinculados a integrantes do Poder Executivo, eram os agentes passivos da relação jurídica. Indaga-se: Quem era o agente ativo do outro lado? Quem era o corruptor?

A CPI DA COMPRA DE VOTOS.

Conforme relatado anteriormente esta CPMI começou os seus trabalhos com a finalidade de investigar o caso flagrante de corrupção envolvendo o Sr. Maurício Marinho, funcionário dos Correios. Este foi o fato determinado que motivou sua instalação. Contudo, uma série de acontecimentos levou à descoberta de outras irregularidades e de corrupção na Administração Pública, o que forçou a ampliação do escopo de investigações. Citado por Maurício Marinho, Jefferson denunciou um mecanismo de corrupção de Parlamentares, coordenado pelo Governo intitulado Mensalão.

Aos poucos outras testemunhas confirmaram as alegações de Jefferson, o que motivou esta CPMI a investigar também o caso. Foi neste período, por exemplo, que o nome do empresário Marcos Valério se colocou para a opinião pública. Esta CPMI não teve alternativa senão mergulhar nas investigações a despeito de forte resistência interna, sob a sustentação de não se tratar de assunto afeto a ela. As acusações e denúncias ganharam força. O Mensalão revelou-se um esquema de corrupção que envolvia diversas personalidades do cenário político.

A CPMI dos Correios avançava demais em seara pantanosa. Suponha-se retirar-lhe o ímpeto por a imaginar oposicionista. Foi então criada no dia 20 de julho a CPMI do Mensalão. Instalada para apurar as denúncias de recebimento de quaisquer vantagens patrimoniais e ou pecuniárias, indevidas por membros do Congresso Nacional com a finalidade de aprovar as matérias de interesse do Poder Executivo e as acusações do mesmo teor, nas deliberações da proposta da Emenda Constitucional número 1, de 95, que dispõe sobre a reeleição de mandatos executivos. O Mensalão passou a ser investigado pela CPMI específica, o que culminou no relatório conjunto divulgado em 1º de setembro de 2005.

Em conseqüência, a responsabilidade de aprofundar as apurações sobre o tema foi subtraída dessa CPMI e transferida a CPMI da Compra de Votos. A CPMI dos Correios naquela oportunidade voltou a apurar os demais focos investigativos definidos pelo Colegiado, deixando a CPMI da Compra de Votos as conclusões definitivas a respeito daquele tema. Posteriormente a CPMI da Compra de Votos terminou por encerrar seus trabalhos, sem a aprovação do relatório conclusivo.

Esta CPMI dos Correios se viu, então, em 16 de novembro de 2005, na contingência de revolver e aprofundar as provas que já dispunha sobre o envolvimento de Parlamentares, já que lhe estava vedada à produção de novas provas, eis que lhe refugia a competência, daí porquê, agora, retoma em parte o assunto. É oportuno registrar que, quando da criação da CPMI da Compra de Votos, como dispusesse a CPMI dos Correios de material consistente sobre corrupção que campeara, passou a ser pressionada a remetê-la a outra CPMI.

Julgando ser de seu dever encaminhar para a responsabilização dos envolvidos em recebimentos

comprometedores, esta CPMI elaborou parecer que culminou por ser subscrito, também pela CPMI da Compra de Votos resultando em votação unânime. Importante é registrar que com a criação da CPI da Compra de Votos, a ela foram remetidos todos os requerimentos que tramitavam na CPMI dos Correios e que diziam respeito à investigação da saída dos recursos. Criou-se uma regra de convivência, para não se confundir as competências.

À CPI da Compra de Votos incumbiria a investigação dos destinatários e, portanto, a quebra de sigilo de Parlamentares a ela passou a competir. Eu insisto, nisso por que vez por outra, eu vejo na imprensa dizer: "Por quê não quebrar o sigilo dos Parlamentares?" É preciso investigar o Direito. De igual forma, também no mais pôde CPI dos Correios aprofundar o exame da coincidência da migração partidária com a liberação dos recursos. Precisou limitar-se ao refinamento da análise das provas de que já dispunha. Relevante essa consignação para que se aquilate a razão por que não se pode atribuir a CPMI dos Correios, qualquer laivo de responsabilidade pela não identificação de eventuais condutas de Parlamentares. Isso não lhe cabia. Quando agora retomasse o assunto, é porque no relatório parcial, apenas se abordou o que corresponderia a Juízo de responsabilidade política e não de outra quadra.

O encaminhamento ao Ministério Público ficou para quando deste relatório final. É desta incumbência que ora se trata, até porque ninguém pretende, manuseando em repartições públicas, documentos comprometedores, deixar de lhe emprestar o devido encaminhamento e, como conseqüência, ser passível de responder por prevaricação. A divulgação pública do esquema.

As primeiras referências sobre o esquema do Mensalão vieram a público em setembro de 2004, em reportagem do Jornal do Brasil, intitulada "Miro denuncia propina no Congresso". Na reportagem divulgou-se – o que depois veio a ser confirmado – a denúncia de que o Governo teria montado um esquema de distribuição de verbas e cargos, para premiar Partidos da Bancada Governista fiéis ao Planalto. A denúncia teria sido feita por Parlamentares ao ex-Ministro das Comunicações Miro Teixeira, quando este ainda ocupava a Liderança do Governo na Câmara dos Deputados.

De acordo com a reportagem boatos sobre Mensalão corriam soltos nos corredores do Congresso. O texto se refere a um Deputado de PP, que não quis se identificar que teria reclamado: "Nunca ninguém veio me oferecer nada, mas existe. O caixa do Partido é um Deputado do Paraná, deve ser porque me acham com cara de bobo ou porque sou Parlamentar de primeiro mandato". O então Ministro das Comunicações, Miro Teixeira teria sido informado do assunto e comentado com um Procurador da República, também não identificado.

A época, a reportagem afirmava que a distribuição do Mensalão, feita até então em dinheiro vivo, teria sido substituída por algo mais sofisticado para evitar dores de cabeça aos envolvidos – vejam, na época se falava nas entrelinhas àquelas notícias implantadas, e coincidentemente, depois quando a quebra de sigilo aconteceu, percebe-se nitidamente que quem escreveu aquilo, naquela época lá atrás, estava bem informado porque de fato, deixou-se de sacar em dinheiro, e aí se introduziu o Sistema BÔNUS-BANVAL e Guaranhus. De fato, embora tenha sido publicada meses antes do Mensalão ser popularizado por denúncias do ex-Deputado Roberto Jefferson, o texto parecia relatar com fidelidade o que ocorria. Era justamente naquele momento que a obscura prática do Mensalão, o sistema de distribuição de recursos ilícitos a políticos e indicados a políticos estava se sofisticando como poderá ser visto na frente, quando nós vamos descrever o episódio BÔNUS-BANVAL.

Em seguida eu coloco a denúncia do Deputado Roberto Jefferson, onde nós colocamos a oitiva dele no Conselho de Ética. Aqui nós estamos fazendo a sustentação do porquê nós não convencemos de que existe o Mensalão. Então, nós temos as referências das diversas oportunidades em que o ex-Deputado Roberto Jefferson comentou sobre isso, inclusive levou-se a ciência de Presidente da República, de vários Ministros.

Depois nós temos o Deputado José Múcio dizendo que ele estava presente quando isso foi comunicado ao Presidente. O Deputado Arnaldo Faria de Sá confirmando que este assunto foi discutido no âmbito do PTB. O testemunho do Deputado Miro Teixeira. A denúncia da Deputada Raquel Teixeira e a participação de José Dirceu. Aqui quando nós tratamos da participação de José Dirceu, está a fundamentação do porquê é que nós o colocamos na lista dos indiciáveis, porque nós não indiciamos ninguém, dos possíveis indiciáveis. Eu apenas digo, que... Olha, eu me reporto ao relatório, a Comissão se reporta em relação a José Dirceu, noticiando situações em que tomou ciência do que acontecia. Roberto Jefferson, em diversas oportunidades em que ele foi ouvido. Renilda Maria Santiago Fernandes de Souza. Marcos Valério. Emerson Palmiere e também em oportunidades diferentes em que foi ouvido.

E finalmente, nós nos valemos da pesquisa que o Deputado Júlio Delgado procedeu e nós também fazemos referência a ele. Agora, vem um ponto mais crucial, que é o episódio do Presidente da República.

A ciência do Presidente Lula. Uma das questões mais recorrentes nessa CPI é a ciência que o Presidente Luís Inácio Lula da Silva tinha sobre o envolvimento dos Parlamentares com os ilícitos investigados. A imprensa tem arrolado ocasiões em que o fato teria sido a ele informado.

Esta CPMI, nos limites da constatação que lhe foi oportunizada recolheu prova testemunhal que incide sobre esse foco, consoante se atenta pelas informações seguintes provenientes de diversas fontes. Disse Roberto Jefferson em depoimento na CPI dos Correios em 30 de junho de 2005: "Mas o Mensalão não parou. Continuou esse Mensalão sem parar. A primeira reunião que pude despachar com o Presidente Lula foi em janeiro deste ano. Janeiro deste ano. Fui com o Ministro Walfrido Mares Guia do PTB. A nossa entrevista durou uma hora e o Ministro Walfrido Mares Guia, durante uma hora conversou economia, turismo com o Presidente. Eu ouvi em silêncio. Aí o Presidente bateu na minha perna e me disse: "Roberto e o PTB?". Eu digo: "Não está bem, não. Presidente, infelizmente tudo o que é tratado aqui não é cumprido. O Zé Dirceu não tem palavra. O que ele diz não cumpre. E eu tenho contra mim essa tentação do Mensalão, que é um negócio que está enfraquecendo o Senhor na Casa". Ele falou: "Mas que é Mensalão, Roberto?" – "Quando eu contei – eu sou homem vivido, tenho mais de 200 Júris feitos na vida. Tenho uma trajetória. Tenho 23 anos de mandato. A reação do Presidente, foi de facada nas costas: "O que é isso?" – Eu contei. As lágrimas desceram dos olhos dele. Ele levantou, me deu um abraço e me mandou embora.

O ex-Deputado Roberto Jefferson, relatou um segundo encontro com o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no qual tentou alertar novamente o que estava ocorrendo, nessa oportunidade esteve em companhia o Deputado José Múcio que confirmou o teor da conversa em depoimento ao Conselho de Ética da Câmara do Deputados, em 14 de junho de 2005". Deputado José Múcio: "Fui testemunha em março do segundo encontro, quando o Presidente Roberto Jefferson, disse ao Presidente da República em uma audiência que tivemos no início de março. Presidente, o senhor precisa ver essa questão do Mensalão, porque isso pode atrapalhar o seu governo".

Em depoimento do Deputado Aldo Rebelo, ao Conselho de Ética e Decoro Parlamentar da Câmara, em 13 de setembro de 2005, confirma-se o fato. O Deputado Júlio Delgado: "Quando V.Exª., ouviu falar em proposta de recebimento de dinheiro para apoiar o Governo pela primeira vez? Em que circunstâncias? Poderia dizer alguma coisa a respeito disso, para nós do Conselho de Ética, senhor Deputado?". Deputado Aldo Rebelo: "A primeira vez, Deputado Júlio Delgado, eu não ouvi. A primeira vez eu li. Foi uma matéria publicada no Jornal do Brasil, se não me engano no mês de setembro. E em seguida já no mês de março, ouvi, embora a reunião já estivesse no fim, já houvesse um clima de dispersão o Deputado Roberto Jefferson, fazer referência a essa questão em uma reunião com o Presidente Lula já no mês de março. Foi uma reunião... Participaram eu, o Líder Múcio, o Ministro Mares Guia, o Líder Chignaglia, Roberto Jefferson e o Presidente Lula. No final da reunião o Deputado Roberto levantou a questão de hipotético pagamento a Parlamentares. O Presidente Lula ouviu e pediu a mim e ao Líder Chignalia que investigássemos a denúncia. O Presidente solicitou ao então Ministro Aldo Rebelo, que tomasse providências".

Como é de sabença, não incide aqui responsabilidade objetiva do Chefe Maior da Nação, simplesmente por ocupar a cúspide da estrutura do Poder Executivo, o que significaria ser responsabilizado, independentemente de ciência ou não. Em sede de responsabilidade subjetiva, não parece que havia dificuldade, para que pudesse lobrigar a anormalidade com que a maioria Parlamentar se forjava. Contudo, não se tem qualquer fato que evidencia haver se omitido.

Em outras palavras, eu admito que o Presidente da República sabia, mas também reconheço que não tenho nada que me indique que ele tenha tomado providências.

PADRÕES DO MENSALÃO.

Quanto aos padrões do Mensalão, eu me... Se me permitirem eu solicitaria que nós nos valêssemos da memória, esse material foi apresentado no final do ano passado, e que na verdade, o que nós estamos procurando traduzir aqui, é a coincidência surpreendente, da movimentação financeira em relação a atos políticos, ou a migração partidária ou a determinadas votações. E nós procuramos nesse sentido, chamar a atenção para essas coincidências. Vocês perceberão ao final desse caderno onde isso está diagramado.

Agora, uma das circunstâncias que mais podem ser notadas é relacionada ao PL, ao Partido Liberal. Quem chamou a atenção à primeira vez a isso, foi o Deputado Júlio Rebecher e a ninguém tinha suscitado essa curiosidade, porque os valores eram valores quebrados para várias pessoas. Quando reuniu aqueles valores, se percebeu que há uma cadência que não há como recusar esse padrão. Vamos ver se eu localizo essa afirmação para facilitar. Eu tinha... Mas eu vou ler aqui. "Partido Progressista. Partido Trabalhista".

A PÁGINA 819. FLUXO DE RECURSOS E EVENTOS RELACIONADOS AO PARTIDO LIBERAL.

O diagrama subdivide-se em quatro partes e nele co-relacionamos na linha do tempo, eventos ocorridos no Congresso Nacional, ao fluxo de recursos destinado ao PL, por intermédio da empresa Garanhuns. Lembram, que os saques foram estancados e se passou a utilizar empresas corretoras, e elas efetuavam esse pagamento também em dinheiro. Observa-se que o fluxo de recursos de um modo geral, correlaciona-se temporalmente a ampliação da base de sustentação do Governo. Ingressos de Deputados no PL.

A APROVAÇÃO DE MATÉRIAS – Aqui é uma consideração geral ainda – a aprovação de matérias politicamente polêmicas e a supostos acertos de dívidas de campanha declarados pelos beneficiários. Logo no primeiro mês do atual Governo, percebe-se intensa migração de Parlamentares para o Partido Liberal. Entre 30 de janeiro e 1º de fevereiro, ou seja, em apenas três dias, houve nada menos do que 14 migrações para o PL. A seguir já no início do segundo mês do atual Governo, iniciam-se fluxos periódicos de recursos para o Partido Liberal via EMPRESA GUARANHUNS EMPREENDIMENTOS LTDA.

São exatamente 22 remessas semanais que se iniciam no mês de fevereiro de 2003, e se estendem até o final do mês de agosto de 2003. Observa-se uma regular distribuição de recursos próximos ao descrito pelo Deputado Roberto Jefferson, todavia numa periodicidade semanal.

Os diagramas demonstram tais fluxos claramente. Foram quatro parcelas semanais de 500 mil. Cinco parcelas semanais de 300 mil. Doze parcelas semanais de 200 mil, sendo uma delas de 237 mil e 500, e uma parcela de 100 mil. Todas distribuídas ao longo do tempo com precisão quase cirúrgica, perfazendo um total de 06 milhões de reais. Fica evidente, portanto, que o convencionado Mensalão, em que pese à precisão estilística do termo existiu em uma variante semanal. Os repasses regulares e periódicos ao Partido Liberal, serão analisados detalhadamente em tópico específico dessa sessão. Registre-se, por oportuno, que ainda durante o período de desembolsos, houve nove migrações para o Partido Liberal. Portanto, diante desses fatos, tem-se o entendimento de que nesse período o Mensalão atendeu um objetivo importante, a ampliação da base de apoio parlamentar do Governo. Naquele momento 23 migrações de Parlamentares ao PL foram constatadas no período de desembolso ao Partido Liberal.

O diagrama por sua vez, explicitou outro tipo de comportamento, nele pode-se observar a atuação dos principais operadores do Partido Liberal, o Sr. Jacinto de Souza Lamas, ex-Tesoureiro do Partido e o senhor José Luis Alves, Chefe de Gabinete do ex-Ministro Anderson Adalto, conhecidos por intermediarem a transferência de recursos. Em cinco meses amealharam cerca de 800 mil, nesse período em datas bastante aproximadas, senão coincidentes com as dos saques, ocorreram votações importantes no Congresso Nacional a exemplo da Reforma da Previdência, a Reforma Tributária e Aspectos Paralelos da Previdência. Resumindo. No período abrangido pelos quatro diagramas foram verificadas 26 migrações para o PL e quatro votações de matérias importantes.

Desse modo, corroborada está a tese de que das destinações dadas aos recursos amealhados para o Valerioduto, estavam presentes à ampliação da base de sustentação do Governo, via facilitação de migrações partidárias e a viabilização de aprovações de matéria do seu interesse. Nessa parte que nós estamos examinando, então, nós demonstramos as várias razões, fundamentos, argumentos, pelos quais nós entendemos que o Mensalão está comprovado.

Especificamos a metodologia de trabalho de que nos valemos. Os cruzamentos que procedemos. Descrevemos às saídas dos recursos através das empresas que serviram de instrumento para alimentação daqueles que já foram identificados, e de outros que estão por serem identificados que receberam recursos do sistema Marcos Valério. Depois, nós temos os casos específicos. Aqui, onde fala de outros contratos públicos de Marcos Valério, são aqueles que de certo modo eu antecipei na hora que eu falei dos contratos.

É só lembrar que eu falei do BANCO DO BRASIL, coligadas aqui, BANCO POPULAR DO BRASIL, nós já falamos. Já falamos do Jorge Duprat, Ministério do Esporte, Câmara dos Deputados, já falei. Agora, os casos específicos. No caso específico de Minas Gerais, o que nós tratamos é do episódio Eduardo Azeredo. Nós não investigamos o episódio. O que nós estamos fazendo é trazendo àquelas informações que nós colhemos a partir de base documental, e que de certo modo ela serviu de protótipo em relação à seqüência que nós observamos, agora em 2003.

Não entramos em detalhes maiores, apenas para que não se dissesse que nós eventualmente, por termos tomado conhecimento fossemos parciais, nós colocamos esse episódio. De qualquer modo, também, não haveria como não reconhecer e eu tenho convicção pessoal, registrei isso, que senão fora o episódio Marinho e Roberto Jefferson, esses empréstimos que estão pendentes, esses empréstimos seriam quitados, como foi aquele numa ação judicial de 13, 14 milhões de reais, quitados por dois milhões num acordo. Banco! Banco, abrindo mão de dez milhões de reais. Posso estar equivocado, mas tem linha de sustentação dizer que esses 55 milhões não seriam pagos, o que mais

uma vez comprovaria que não são recursos que devessem ser pagos.

Há um determinado momento em que eu faço esse questionamento. Eu até peso um pouco. Eu pergunto o seguinte: "Como é...?" Porque ou eu admito que o Delúbio Soares é um estelionatário ou eu preciso reconhecer que essa dívida do PT, ela não é verdadeira. Eu não consigo acomodar esse raciocino: Como é que um Partido está devendo 100 milhões? Está acionado. 100 milhões de reais! Ele deve mais 14 milhões para o Duda Mendonça. Ele deve mais 10 milhões para a COTEMINAS. Ele tem na contabilidade 40 milhões de dívida. Vai pagar como? Isso é um golpe que o Delúbio deu. Quem dá golpe é estelionatário. Ou tenho que admitir que havia uma saída, tinha que ter uma saída para tanta dívida, tanta gente aceitando esse montante 160, sei lá quantos milhões de reais devidos.

Eu pergunto, ainda hoje, eu tenho falado isso: Como é que se pretendia falar? O Delúbio confessa que deve 55 milhões, tudo bem. Como é que ele ia pagar? Foi promovido um evento que deu quantos mil? Não há linha de lógica. Não há linha de racionalidade, imaginar-se que se deva aceitar como verdadeiro, o montante de 169 milhões como devidos. Esse é o X da questão que nos leva a essas conclusões que nós apresentamos aqui.

DEPOIS NÓS TRATAMOS DO CASO SILVIO PEREIRA RELACIONADO A GDK.

Nós não investigamos a PETROBRAS. Não nos cabe investigar PETROBRAS. Mas nós investigamos um cidadão, que recebeu de uma empresa que é prestadora, então aí nós fizemos o link. E é o que aconteceu. O Tribunal de Contas procedeu ao levantamento à investigação e registra que há um prejuízo de 23 milhões de dólares na GDK, que é quem deu um Land Rover para o Silvio Pereira, isso está tudo registrado.

DEPOIS, HÁ O DUDA MENDONÇA. UM DOS ÚLTIMOS.

O Duda Mendonça, confirma a existência de recursos no Exterior. Nós reproduzimos diversas passagens, interrogatórios, depoimentos que isso evidenciam. A conta DÜSSELDORF que na verdade, não é uma conta, é uma empresa DÜSSELDORF que tem conta, ela é sediada nas Bahamas e a conta está no BANKBOSTON em Miami. Então, ele confessa que Marcos Valério pediu que ele abrisse conta no Exterior, que era o único caminho possível de o pagamento ser efetuado. Marcos Valério disse que não remeteu esse dinheiro. Campanhas do Partido dos Trabalhadores. Nós fazemos o fluxo de pagamentos efetuados ao Sr. Duda Mendonça. Segundo o depoimento prestado por Duda Mendonça, a partir de 2001 ele passou a trabalhar praticamente só para o PT. Antes disso, havia feito algumas campanhas regionais, sendo que em 99 e 2000, trabalhou para a Argentina. Em 2001 cobrou algo em torno de 590 mil para o Partido dos Trabalhadores pagos regularmente. Em 2002, foi feito um novo pacote com o PT. Nele estavam incluídas, além dos comerciais de televisão e dos programas regionais, às campanhas do Presidente Lula, do Deputado Genoíno, do Senador Mercadante e da Governadora Benedita. Tudo girou em terno de 25 milhões. Foram pagos regularmente 13,5 milhões. Restou uma dívida de 11, 5 milhões. Em 2003, foi feito um novo pacote com o PT de 07 milhões. Desse valor foram pagos regularmente 3 milhões.

Portanto, a dívida do PT em 2003, girava em torno de 15,5 milhões. Todo esse montante foi pago em 2003, sendo que parte dele foi amortizado no Exterior, conforme teremos oportunidade de ver mais adiante. Em 2004, novo pacote de 24 milhões foi fechado com o PT, tendo sido pagos 10 milhões. Restou, portanto, nova dívida de 14 milhões.

Em 2005, foi fechado novo contrato com o PT de 330 mil, ainda não pagos. Logo, a dívida atual do Partido dos Trabalhadores com o Sr. Duda Mendonça é da ordem de 14 milhões de reais. Aí nós descrevemos esses...

PRIMEIRA CONTRADIÇÃO. VAMOS LER.

Até o momento, portanto, podemos afirmar que havia uma dívida do PT de 15, 5 milhões em 2003; que essa dívida era originária de um saldo de pacote fechado para as campanhas do 2002, 11 milhões, mais uma parcela do pacote fechado 2003, 04 milhões; que essa dívida foi integralmente paga ao senhor Duda Mendonça durante o ano de 2003; que parte desse valor foi pago em espécie no Brasil, 05 milhões, e parte foi depositado em conta no Exterior, 10 milhões; que a origem dos recursos utilizados no pagamento ele desconhecia.

Resta saber, todavia, antes de analisarmos propriamente a movimentação bancária da conta DÜSSELDORF por ordem de quem teriam sido efetuados os depósitos no Exterior. Primeira contradição. Nesse ponto reside a primeira contradição. Conforme o depoimento prestado pelo Sr. Duda Mendonça, os depósitos na conta DÜSSELDORF eram providenciados pelo senhor Marcos Valério, senão vejamos – aí vem o Duda Mendonça, em várias oportunidades ele fala isso.

Depois, o seu Marcos Valério, no entanto, afirmava que os recursos haviam sido entregues a Srª. Zilmar F. Da Silveira, que providenciava as remessas para o Exterior, fato esse negado veementemente em seu depoimento, conforme observamos. Duda e Marcos Valério, fugindo da autoria da remessa.

Ademais, pelo depoimento prestado pelo seu Davi Rodrigues Alves, todo o numerário porque ele sacado no BANCO RURAL foi entregue na SMP&B COMUNICAÇÃO LTDA, conforme depreendemos dos textos a seguir. Aí vem que as fontes dos recursos que teriam sido remetidos seriam os saques procedidos por Davi Rodrigues.

Portanto, diante dos todos elementos até aqui apresentados, em prevalecendo à tese de que esses recursos foram pagos no Brasil, aspecto esse que será discutido a seguir, independentemente de terem sido transferidos ou compensados no Exterior, todos os fatos indicam que o Sr. Marcos Valério foi o verdadeiro ordenador desses depósitos. Resta-nos, agora, então verificar se os recursos depositados na conta DÜSSELDORF no BANKBOSTON, advieram de operações originadas no Brasil e, posteriormente, transferidas ou compensadas no Exterior, onde foram decorrentes de transferências de contas já existentes no Exterior.

SEGUNDA CONTRADIÇÃO.

Perceberemos pelos trechos dos depoimentos colacionados a seguir, que não havia indicação precisa da origem dos recursos recebidos por Duda Mendonça no Brasil ou no Exterior. Conforme mencionado anteriormente, havia uma dívida de 15 milhões de 2003, parte desse valor foi pago em dinheiro no Brasil, 05 milhões. E parte foi depositado no Exterior, 10 milhões. Do valor pago no Brasil, 1,4 milhões foram sacados do BANCO RURAL pela senhora Zilmar, 03 parcelas de 300 e outra de 200. E, 3,6 milhões foram entregues em dinheiro pelo Sr. Delúbio Soares.

Nos termos do depoimento prestado pela Srª. Zilmar, depreendeu-se que a parcela de 3,6 recebida pelo Sr. Delúbio Soares foi utilizada no Brasil. A mesma dúvida persistiu, quando perquirimos acerca da origem dos recursos depositados na conta DÜSSELDORF. Aí vem os depoimentos contraditórios e que não nos dão algo consistente, a propósito da origem dos recursos que foram lá depositados. Portanto, a exemplo da parcela paga no Brasil, restou nítida a dúvida acerca da origem dos recursos depositados na conta DÜSSELDORF.

Nesse último caso em específico, tal aspecto é de fundamental importância, pois foi conforme determinemos a origem desses recursos, se oriundos do Brasil ou se transferidos de contas já existentes no Exterior, as implicações jurídicas são bastante distintas.

Infelizmente, a CPMI dos Correios não conseguiu identificar no prazo do seu funcionamento tais origens e, portanto, responder o questionamento. Todavia, com a quebra dos sigilos da conta DÜSSELDORF bem como de algumas contas que a alimentaram, informações relevantes já foram ou serão obtidas com o decorrer das investigações a serem procedidas pelos órgãos competentes.

No item seguinte, fazemos trazemos algumas dessas informações, obtidas quando do término dos trabalhos da CPMI dos Correios. Movimentação bancária da conta DÜSSELDORF. Após as análises das movimentações bancárias da conta DÜSSELDORF extraímos as seguintes constatações.

Com base no processamento dos extratos da conta do BANKBOSTON em Miami, enviados pela Justiça Estadunidense, foi identificado um volume de depósito de 3 milhões e 642 mil dólares. A conta está em nome da empresa DÜSSELDORF COMPANY, sediada nas Bahamas e os documentos comprovam que o beneficiário é o Sr. Duda Mendonça. Os recursos foram creditados no período compreendido entre 12 de março de 2003 e 20 de junho de 2003. A soma de débitos no período entre junho e dezembro de 2003, resultou em um esvaziamento completo do saldo da conta. Sendo que a mesma foi encerrada em janeiro de 2004.

E o Duda quando compareceu na Comissão, disse que: "Não havia mexido no dinheiro". Ele recebeu e o dinheiro estava intacto lá, porque ele não sabia como movimentar. Repito. A soma de débitos no período de junho de 2003 a dezembro de 2003, resultou em um esvaziamento completo do saldo da conta, sendo que a mesma foi encerrada em janeiro de 2004, com o saldo restante de 175 dólares. Como depositantes da conta DÜSSELDORF foram identificadas 13 pessoas jurídica e uma física. Nove dessas pessoas jurídicas tiveram seu sigilo quebrado em função do pedido brasileiro à Justiça dos Estados Unidos. As saídas da conta DÜSSELDORF tiveram como destino 06 pessoas jurídicas dívidas em 09 contas diferentes. Parte dessas saídas constituem resíduos de taxas fins.

Anexo a esse capítulo seis diagramas esquematizam visualmente, sobre diversos ângulos o processo de crédito e débito na conta DÜSSELDORF. Um desses diagramas explicita a distribuição temporal individual das entradas – créditos – e outro evidencia a distribuição temporal individual das saídas – débitos. As variações da conta DÜSSELDORF que indicam pequenos depósitos resultantes de aplicações, podem ser visualizadas na tabela também anexa a esse capítulo. Algumas coisas chamaram a atenção nesse exame.

PRIMEIRO.

O valor informado no depoimento do senhor Duda Mendonça para os depósitos da conta DÜSSELDORF foi inferior em cerca de 400 mil dólares ao efetivamente constatado nos extratos. Aí quando essa notícia veio à tona houve uma contestação, dizendo que isso era problema de câmbio.

E aqui há uma demonstração dos técnicos que essa defesa, a partir do valor da moeda, não se sustenta. Persiste a não explicação de 400 mil dólares. Sem querer entrar no mérito de veracidade das informações contábeis apresentadas pelo seu senhor Marcos Valério, que todos sabemos carecem de confiança, às saídas financeiras do BANCO RURAL montaram em onze milhões de reais. Esse valor é praticamente o mesmo, que foi depositado na conta DÜSSELDORF quando convertido para reais.

Comportamento semelhante foi verificado a partir do mês de julho de 2003, e que foram constatados – espera tem uma linha, aqui... Um detalhe importante, por que se diz que Davi sacava e se depositava na conta de Miami. Foi feita uma demonstração e aqui diz, que isso ficou bastante evidente durante todo o mês de abril de 2003, em que se verificaram vários saques no BANCO RURAL em princípio efetuados pelo Sr. Davi Rodrigues Alves, sem os correspondentes depósitos na conta DÜSSELDORF no BANKBOSTON. Quem pegar os saques e as entradas, vai perceber que em um determinado momento essa alimentação estanca e os depois lá continuam acontecendo, o que dá a entender que existe uma outra fonte de alimentação da conta de Duda Mendonça.

Então, com essas dúvidas que nós levantamos, nós insistimos que haverá a necessidade de se fazer o prosseguimento dessa investigação quanto a Duda Mendonça. Aqui, nós enfatizamos o fato de que não há mais valores na conta. Depois, o TRADE LINK BANK foi o responsável pelo depósito de cerca de 1,14 milhões de dólares na conta de DÜSSELDORF. Todos nós conhecemos os vínculos que unem o BANCO RURAL e o TRADE LINK BANK.

Temos inclusive, informações, de que o BANCO RURAL é proprietário de contas naquela instituição financeira. Foi possível verificar ademais, que vários daqueles depósitos efetivados a partir de julho de 2003, tiveram origens em instituições ligadas ao BANCO RURAL, fato esse que reforça a tese de que à parte dos recursos utilizados para pagamento de Duda Mendonça, poderiam ter origens em recursos já existentes em contas no Exterior.

Depois, nós apontamos outras divergências entre o depoimento e os documentos, que segundo ele os depósitos foram efetuados até aquilo que eu fiz referência, até um determinado momento e, no entanto, as contas mostram que existem depósitos ainda posteriores àquela data. Outras situações a serem investigadas. Duda Mendonça disse que não possui outra conta no Exterior e que só abriu uma para DÜSSELDORF a pedido de Marcos Valério de Souza.

Todavia a existência de outras contas suas de sócios e de familiares, indicou que Duda Mendonça conhecia as operações no Exterior. O pagamento de fornecedores no Exterior mostrou que transações no Exterior foram executadas com freqüência. Mesmo não tendo realizado campanhas no Exterior, Duda Mendonça informou em seu depoimento que: "Só possuía conta da DÜSSELDORF", o que não corresponde às informações obtidas por intermédio da Inteligência Internacional. O material probatório mostrou que as operações com doleiros e a entrada e saída das contas, foram executadas de forma estruturada e serviram para dissimulação de origem e ocultação dos valores.

Devido às discrepâncias entre o que foi declarado e o que foi evidenciado no extrato pela quebra de sigilo, como foram recebidos mais recursos de Marcos Valério de Souza ou existe outra fonte de crédito para a conta DÜSSELDORF. Parte dos saques realizados na DÜSSELDORF alimentou contas ligadas a ele mesmo, indicando mais uma camada na ocultação dos valores do próprio BANKBOSTON INTERNACIONAL na Flórida e do BACKHAUS SUÍÇO. Os créditos declarados em seu depoimento e que não constavam do extrato DÜSSELDORF podem ter sido depositados em outras contas dele ou de suas ligações. O depoimento não indicou o destino de 03 milhões e 800 mil reais, recebidos em dinheiro de Delúbio Soares. Esse valor correspondeu com 99% de aproximação a 25% do montante total, 15,5 milhões pagos pela campanha.

A não indicação do destino e o montante do valor sugeriam o pagamento de Comissão sobre o total e levantaram a dúvida, se esse recurso realmente foi recebido. Após minuciosa análise dos documentos remetidos pelos Estados Unidos, depreendemos ainda as seguintes informações: Além da empresa DÜSSELDORF COMPANY, o senhor Duda Mendonça aparece como beneficiário da Empresa STUTTGART COMPANY LIMITED, sem número de conta identificado. Sua esposa Rita de Cássia Santos Moraes possui conta no Exterior. Seu sócio Eduardo de Mattos Freiha possui conta no Exterior. Diversos depósitos feitos pelas empresas DEAL FINANCIAL, GDK INTERNACIONAL(F), KANTON BUSINESS CORPORATION na conta DÜSSELDORF, foram destacados como transações suspeitas com vistas aos valores e operações com doleiros, donos das citadas empresas que possuem correspondência idêntica com os encontrados nos extratos da DÜSSELDORF. Sua filha Eduarda Mendonça Kempnes, tentou transferir recursos em novembro de 2005 de contas no Exterior para o Brasil, indicando ao Banco que não houvesse identificação da origem do dinheiro quando do crédito do País de destino. O RURAL INTERNACIONAL BANK e o RURAL SECURITY

INTERNACIONAL são titulares de contas no TRADE LINK BANK. Tais informações podem ser visualizadas em diagrama anexo a esse capítulo.

Depois, nós relatamos uma investigação procedida em FURNAS e a lista de FURNAS.

Em outubro de 2005 foi divulgada na Internet e veiculada pelos principais meios de comunicação, a notícia referente à existência de uma lista com nomes de Parlamentares que supostamente teriam recebido recursos da COMPANHIA FURNAS, conhecida como Lista de FURNAS.

Sua autoria supostamente foi atribuída ao ex-Diretor Engenheiro da EMPRESA ESTATAL FURNAS, Sr. Dimas Fabiano Toledo. Esses repasses não teriam sido contabilizados pelos Congressistas em suas declarações à Justiça Eleitoral, o que configuraria o chamado "Caixa 2". A lista foi entregue à Polícia Federal pelo Assessor Político Nilton Monteiro e, também, foi divulgada pelo Assessor da Prefeitura de Belo Horizonte Luiz Fernando Carceroni. Monteiro apresentou a Polícia Federal apenas uma cópia apócrifa, analisada em perícia pela Polícia Federal, relatada nesse relatório.

A lista de FURNAS apontava que os recursos viriam de empreiteiras, bancos, empresas estatais e prestadores de serviços, para um Fundo gerenciado pelo Sr. Dimas Fabiano Toledo, ex-Diretor dela. Seria composta por cópias tiradas de uma cópia reprográfica, supostamente autenticada em cartório em setembro de 2005, e cita o nome de 156 Parlamentares e 12 Partidos Políticos. O Sr. Nilton Monteiro não apresentou informações adicionais, embora tenha ameaçado divulgar novos documentos.

A despeito disto esta CPMI convocou o Sr. Dimas Toledo, para prestar esclarecimentos devido à denúncia envolvendo o seu nome. Em depoimento no dia 12 de fevereiro de 2006, sob *habeas corpus* concedido pelo Supremo, Dimas negou peremptoriamente a autoria da lista. Sob tema assemelhado, o ex-Deputado Roberto Jefferson havia mencionado a CPMI, um suposto esquema de repasses de recursos a Parlamentares por meio de FURNAS, que também seria coordenado por Dimas Toledo.

As declarações feitas por Roberto Jefferson não tinham relação direta com a lista de FURNAS, embora também significassem acusações de financiamento a Partidos Políticos, sem se especificar a operação efetivada. Ai, nós relatamos as ocasiões em que o Deputado Roberto Jefferson disse – que na atualidade – pelo menos no tempo em que ele se manifestou, FURNAS pagava a Parlamentares. Conquanto uma análise pericial especializada a Lista de FURNAS, à primeira vista apresenta claras inconsistências. Em primeiro lugar, a lista descrita como elaborada em 2002, foi autenticada em 2000... Também não... Eu quero ver o que nos... O Sr. Milton Monteiro, por sua vez, responde que... O Milton Monteiro é um cidadão que responde por vários processos, aqui estão elencados os processos.

Depois, há o laudo da Polícia Federal, que infirma a autenticidade. Depois, outras periciais foram apresentadas uma do Instituto Del Picchia e uma do Instituto Mauro Ricart Ramos com a confirmação da falsidade e, portanto, da indústria do documento. Essa CPMI foi continuamente provocada, sempre em caráter informal, por órgãos de imprensa a aprofundar investigações sobre a Lista de Furnas, não só por órgãos de imprensa, em homenagem a muitos Parlamentares, que queriam que nós investigássemos a Lista de FURNAS.

A esse respeito embora se mostrassem inconsistentes às denúncias apresentadas, convocamos o Sr. Dimas Toledo a prestar esclarecimentos sobre as denúncias envolvendo seu nome, para que não pairassem dúvidas sobre o caso. O Sr. Nilton Monteiro, que responde como réu em vários processos envolvendo falsificações de documentos e prática de estelionato, conforme relatado, nunca trouxe elementos consistentes à tona. Em nenhuma oportunidade, embora tenha feito ameaças verbais, apresentou comprovação de que os supostos Parlamentares teriam recebido de fato o dinheiro como alegaram. Instalada a apurar às incriminações a Polícia Federal também chamou o caso.

Em perícia descrita neste item do presente relatório, considerou que elementos plausíveis para assegurar a confiabilidade da nominada lista de FURNAS – está faltando uma expressão – que não há elementos plausíveis para assegurar a confiabilidade da nominada Lista de Furnas. Dadas às limitações da análise, já que o documento se referia a uma cópia de outra cópia repografada, o laudo apontou a possibilidade de montagem ou de um documento forjado dadas às incongruências e falhas apresentadas. Outros institutos periciais de credibilidade reconhecidos, como o Instituto Del Picchia e o Mário Ricart, laudos que já fiz referência.

Sendo assim, essa CPI entende não emprestar sua credibilidade a atitudes inconseqüentes e dar curso a uma denúncia leviana de que claramente revela maquinação de cunho político pré-concebido ou de qualquer outra ordem.

Só para esclarecer, quando nós começamos a CPI nós recebemos uma lista incriminava ou pelo menos indicava irregularidade de integrantes do Partido Progressista. Nós não demos valor por que não havia autenticidade. E nesse episódio, a toda vez que o Sr. Nilton Monteiro, fazia referência a que iria revelar nomes, aliás, que tinha documentos e recibos, nós mandávamos mensagens, inclusive através das entrevistas

dizendo: “Ele que nos traga um recibo que nós abrimos a investigação”.

Agora, a partir do nada, nós não teríamos como emprestar a confiança, a crença, à confiabilidade que tem a CPI dos Correios, a alguém que pretendesse minimizá-la, valendo-se de instrumentos como esse de industrializar, engenhar uma peça e jogar, para que nós passássemos a validá-la. Vamos para o último volume.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Relator. Sr. Presidente, Sr. Relator.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu fui sabotado aqui, brincadeira, eu estou falando no ar. [Risos]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Relator? Sr. Relator?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Oi.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Só me permite V.Exª., só levantar um ponto?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não é para levantar ponto a essa altura do campeonato, porque que a ninguém é dado--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não, é dúvida, é só uma questão de ordem para o bom andamento dos trabalhos. V.Exª., no relatório foi nas minúcias, os detalhes de forma bastante convincente, inclusive. Não posso dizer... Na síntese que V.Exªs. vêm lendo a todos nós, V.Exª. tem se aprofundado também bastante. Evidente que a capacidade de absorver informações nesse sistema de leitura, ela vai diminuindo à medida que às horas passam. Então, com base inclusive, no que diz o artigo 132 do Regimento Interno do Senado Federal, e o 57, inciso VI, do Regimento da Câmara dos Deputados, eu pergunto à V.Exª: Não seria possível ter uma síntese, agora, realmente sintética?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Eu vou terminar. Eu vou terminar.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Porque senão a gente vai aqui até a noite adentro.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Está bom.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não obstante o interesse que todos temos.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Esse livro todo está nessas duas páginas.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Muito bem.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Vamos? Então, vamos lá.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Eu só fico--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): O meu Presidente já me havia chamado a atenção, para que abreviasse. Eu solicitei que houvesse uma sintetização desse caderno, já estou de posse e apresento, e daí vamos para os finalmente.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Eu só fico com a preocupação, Deputado Osmar Serraglio, que chegue no fim e suprima a parte mais importante, que é a conclusão dessa síntese da síntese. Eu acho que nós que já nos agüentamos até agora, vamos agüentar mais uma meia hora, uma hora no máximo. No máximo uma hora, eu acho que nós temos condição de terminar. É importante que tenhamos esse relatório completo.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): O caderno seguinte é o último volume. O volume II, é tudo volume I, volume I.

Bom, esse tópico seguinte, salvo engano, já aborda os Fundos de Pensão. Quem observar o sumário dos Fundos de Pensão, vai perceber que há uma metodologia muito bem construída, e a apresentação desta estrutura de forma a conduzir a conclusões suportadas em cima de uma determinada raciocínio. Eu vou ler esse texto que é um resumo desta matéria.

Fatos divulgados pela imprensa que implicavam a existência de indícios de ilícitos nos Fundos de Pensão, bem como os depoimentos do Deputado Roberto Jefferson em 30 de junho de 2005, e do Sr. Henrique Pizzolato em 18 de agosto, levaram à CPMI dos Correios a partir de agosto do ano passado, a intensificar a busca de informações relacionados a esse tema. A Sub-Relatoria dos Fundos de Pensão, criada em 19 de outubro do ano passado, desenvolveu em bases estritamente técnicas investigações que visaram a quantificar os valores financeiros, perdidos pelas entidades de previdência em negociações cujas características fossem atípicas, em relação aos usualmente observadas em mercado.

Na condução dos seus trabalhos, a Sub-Relatoria dos Fundos de Pensão não poderia então prescindir do apoio de profissionais qualificados que vivessem o dia-a-dia do mercado, e que pudessem trazer suas experiências para a definição dos critérios e para o exame e análise dos dados.

Daí a constituição de uma força-tarefa, da qual fazia parte à empresa de auditoria contratada. A força-tarefa, foi formada por técnicos de autarquias e órgãos fiscalizadores, Tribunal de Contas da União, BANCO CENTRAL, Secretaria de Previdência Complementar-SPC, Comissão de Valores Mobiliários- CVM, pela CONSULTORIA DA HERMES IANK e também com contou com o forte apoio de entidades de intermediação e regulamentação do mercado, como a Bolsa de Mercadorias e Futuro BMF, e a Bolsa de Valores de São Paulo BOVESPA. Posteriormente, a Sub-Relatoria contou com o apoio da Consultoria Legislativa do

Senado Federal. Houve nada obstante, as reiteradas explicações, contestações de natureza técnica por parte dos investigados e da Base Parlamentar do Governo, que embora corretas em muitos casos, eram fora de questão. Propugnava-se que havendo rentabilidade atuarial para os fundos e sendo irrelevante o montante das operações sob suspeitas perante os respectivos patrimônios, os ilícitos descobertos seriam negligenciados. O foco da reação crítica mostrava-se equivocado. A Sub-Relatoria tinha por obrigação de ofício, apurar as transferências financeiras dos Fundos para terceiras partes, independentemente de estas transferências serem ou não financiadas com ganhos obtidos em outras negociações.

Esta Sub-Relatoria não tratou da solvência de entidades de previdência, mas de recursos repassados a outros em transações atípicas e recorrentes. Importou em suma, conhecer o quanto foi desviado, não o ganho líquido dos Fundos de Pensão. Para o desenvolvimento das investigações, foram levantadas informações por meio de transferências de sigilo bancário, fiscal e outros aprovadas pela CPMI, em relação a 14 Fundos de Pensão: CENTRUS, ELEKTROS, FUNCEF, GEAP, NUCLEOS, PETRUS, PORTUS, POSTALIS, PRECE, PREVI, REAL GRANDEZA, REFER, SERPROS e SISTEL, sendo que esse último SISTEL, foi desconsiderado, por não envolver participação de recursos públicos, bem como dos vários intermediários financeiros e participantes do mercado, que interagiram de forma suspeita com as entidades de Previdência. Em complemento, outros dados sobre transações de mercados e de práticas comerciais foram obtidos junto a Secretaria de Previdência Complementar, SPC, BANCO CENTRAL, SELIC, CÂMARA DE LIQUIDAÇÃO E CUSTÓDIA, CETIP e as Bolsas de Valores, BOVESPA e BMF.

Não menos importantes foram os relatórios de mercados elaborados pela Comissão de Valores Mobiliários, CVM e pelo Tribunal de Contas da União. Os mercados analisados foram:

Títulos públicos, assim classificadas por ser referir a papéis registrados na SELIC.

Títulos privados, àqueles registrados na SETIP, CDB, RDB, CVC, Debêntures.

Bolsa de Valores de São Paulo, BOVESPA, incluindo ações e opções.

Mercado futuro, com as transações realizadas na Bolsa de Mercadorias e BMF, focalizando as operações com derivativas.

Contratos de prestações de serviço.

Negociações imobiliárias. Foram ainda detalhadas às transações entre os fundos de Penha e os bancos BMG, RURAL e SANTOS, em virtude das conhecidas participações na matéria do Valerioduto, e dos motivos aparentemente fraudulentos, que conduziram à intervenção do Banco do Brasil neste último. Em complemento às informações coletadas das fontes primárias, foram utilizadas àquelas contidas nos relatórios da CVM e o BANCO CENTRAL, e ainda, as obtidas nos 66 depoimentos de investigados e testemunhas, consumados em 25 reuniões da Sub-Relatoria, entre os dias 11 de janeiro e 10 de março de 2006.

Como se pode perceber, a organização da Sub-Relatoria, esteve centrada na imparcialidade técnica e na isenção de valores políticos, para que interesses de qualquer ordem que não os da CPMI fossem elididos. A síntese dos principais problemas. Sob essa circunstância muito cedo a Sub-Relatoria concluiu que os procedimentos de mercado lesivos aos Fundos de Pensão apresentavam características homogêneas típicas de um processo organizado. Faziam parte deste quadro a recorrência de transações atípicas com um número reduzido e constante de intermediários. E ainda, a concentração dessas transações em certos períodos de tempo, associada a Fundos de Pensão específicos.

Concretamente detectou-se uma estrutura gerencial de coordenação de agentes operadores. Esses agentes eram constituídos por profissionais que trabalhavam para os Fundos de Pensão, bem como por intermediários financeiros, corretores e distribuidoras e não menos importantes, por empresas ou pessoas, a partir dos quais se processava a distribuição dos desvios. Na prática, as gerências de desvios – se assim se podem chamá-las – compunham um roteiro padrão de ação. Alocação de profissionais nos Fundos de Pensão, especialmente como Gerentes de Investimentos. Coordenação de distribuidoras ou corretoras para intermediarem às operações e procederam convenientemente os respectivos registros.

A articulação com empresas ou pessoas encarregadas do recebimento e da distribuição dos recursos desviados. E a utilização de Fundos de Pensão, em especial as carteiras próprias e os Fundos Exclusivos, gerenciados por terceiros, como fonte para o fluxo de desvios. O desvio de recursos de maneira estruturada, ter sido facilitado pela debilidade na governança dos sistemas de Fundos de Pensão, que reduz o risco das fraudes e fragiliza a credibilidade institucional.

A Sub-Relatoria identificou e classificou os seguintes e principais pontos que favorecem o surgimento dos ilícitos: Influência político-partidária. É freqüente conferir o tratamento político de cargo de confiança às Diretorias das Entidades de Previdência, vale dizer: Os depoimentos revelaram que, o mesmo fenômeno do

aparelhamento partidário que se observa nas estatais, ocorre também nos Fundos de Pensão.

SEGUNDO: DESQUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOS DIRETORES DOS FUNDOS.

A indicação de pessoas sem preparo para as Diretorias constitui uma oportunidade para implantação de experts, especialmente no âmbito das Gerências Financeiras bem como de terceirização da gestão de parte do patrimônio. Em ambos os casos, é facilitada a infiltração de pessoas ou empresas, que participam do sistema de desvios.

TERCEIRO: ROTATIVIDADE DO QUADRO TÉCNICO.

Na maioria dos Fundos não há cultura d estabilidade dos técnicos em especial dos gerentes. Esta rotatividade, embora seja ela própria um resultado da estrutura de corrupção, facilita a implantação de pessoas portadoras de interesses estranhos aos princípios da entidade de Previdência. Não surpreende, portanto, o fato de a Sub-Relatoria ter verificado, que a rotatividade é mais freqüente naqueles Fundos em que as perdas foram mais substantivas.

QUARTO: INSUFICIÊNCIA DE CONTROLES INTERNOS E COMPLIANCE.

Este ponto constitui a falha primordial para que o sistema de desvios de recursos tenha sustentação. A Sub-Relatoria constatou que a partir de 2000, os sistemas de controle interno têm melhorado, mas são ainda débeis. Entre outros fatores a desídia e a incompetência profissional podem ser para a maioria dos Fundos com graves perdas, responsabilizados por este defeito de governança, mas certamente à luz da conjunção dos fatos, não se deve descartar a intencionalidade do descontrole com indícios de coloração política.

QUINTO: INSUFICIÊNCIA DE FISCALIZAÇÃO E DE CONTROLE EXTERNOS.

Foi evidenciada pelos próprios resultados da investigação a reduzida à capacidade fiscalizadora da SPC. A CVM e o BANCO CENTRAL, embora órgãos também de fiscalização, estão voltados para a questão de risco sistêmico e de lavagem de dinheiro, e não especificamente para preservação dos recursos dos Fundos de Pensão. Outros elementos, como relacionamento com os intermediários financeiros, a falta de rigor no acompanhamento dos investimentos e a própria estrutura operacional do mercado financeiro, foram identificados como relevantes para a formação dos ilícitos.

Em suma, a fraca governança dos Fundos de Pensão e a reduzida capacidade da fiscalização interna e externa, formam a simbiose dos elementos que estimulam, pela baixa exposição dos fraudadores ao risco o surgimento dos sistemas de desvios de recursos. As questões dos indiciamentos e às proposições, estão formuladas no caderno que está disponibilizado aos Nobres Parlamentares.

O VOLUME II.

Estamos caminhando para o fim.

A etapa seguinte, esteve a cargo do Eminente Deputado aqui presente Onyx Lorenzoni, que como responsável pela Sub-Relatoria – está a página 127. A partir daí, a produção com as homenagens dessa Relatoria do Presidente, o nobre Deputado. Estão as proposições legislativas, em que elenca a série de oitivas que procedeu, as altas autoridades, os experts que trouxe, inclusive de âmbito internacional, que valorizaram sobremodo essa parte, que é uma das mais importantes da CPI.

Eu entendo que mais do que responsabilizar, e é claro, que nós queremos a responsabilização, mas o mais importante é evitar que os fatos acontecem, daí a importância da instrumentalização do Sistema Jurídico e da própria sociedade, a cultura. De forma que não reincidamos nisso, que nós hoje apresentamos e nos entristecemos, por sermos os investigadores que trazem a lume máculas que melhor forem não tivessem acontecido.

O Deputado faz um diagnóstico da corrupção, segundo os principais agentes de controle. Uma resenha das informações colhidas nas oitivas. A estrutura inadequada chama a atenção, a estrutura inadequada o controle da corrupção e da lavagem de dinheiro.

É bom que se diga que a cada ponto e a cada problema que aventa, constrói uma resposta, não é apenas uma hipótese. Apresenta com consistência na seqüência, as proposições. Estuda o problema do sigilo, que nós aqui nos defrontamos em tantas oportunidades. Briga contra a falta de transparência na coisa pública. Demonstra os entraves que existem nos diversos sistemas de controles de que dispomos.

Chama a atenção para o sentimento de impunidade e essa necessidade de que nós nos convençamos, que nós é que iremos construir uma moral diferenciada. Em seguida, apresenta a metodologia das alterações que pretende formular. Analisa o cenário estrutural posto. Escolhe e formula a sustentação daquilo que irá apresentar, que começa pelo Sistema Nacional de Combate – a grande inovação do Deputado Onyx – O Sistema Nacional de Combate à Corrupção, em que procura congregar os esforços nacionais, as diversas instituições públicas ou privadas, que possam contribuir para que efetivamente nós tenhamos resultados no combate à corrupção. Sugere uma Comissão Permanente Mista no Congresso de Combate à corrupção. Uma Comissão Permanente. Pretende a transformação

do COAF numa agência reguladora. Postula a redução dos cargos em comissão.

Aliás, preciso homenagear a nossa Deputada Juíza Denis Frossard, que insistentemente vem se manifestando, essa chaga que corresponde a esses caminhos de que se valem a estrutura de poder a estrutura partidária, para ir acomodando pessoas que como aqui foi demonstrado, acontece nos fundos de pensão, em que despreparados são postos em situações Delubianas, um cidadão que mexe com 160 milhões, e que aparentemente está longe de um complexo contábil. Sugere a criação de Varas Específicas, que com certeza, teriam mais condições pelo seu aprimoramento, pela sua cultura direcionada a um assunto para apresentar resultados. Formula daí, traduz isso tudo em postulações. Uma proposta de emenda à Constituição. Hoje, a proposta: Inclusão dos dirigentes de entidades da Administração Indireta entre os sujeitos passíveis de convocação pelo Senado, Câmara dos Deputados. Porque hoje não são convocáveis são convidados, está ampliando àqueles que necessariamente podem ser trazidos, se necessário sob a força, para que eles compareçam e prestem a sua contribuição ou esclareçam situações que nós precisamos.

Depois, a divulgação via Internet do currículo e agendas dos agentes políticos e ocupantes de cargos em comissão de livre nomeação e exoneração, para conferir mais transparência à Administração Pública. Conduz a uma sede constitucional situações relacionadas à improbidade administrativa. Preconiza a limitação das despesas com publicidade, que é um dos lugares onde mais o dinheiro público se esvai.

Colhe do eminente Deputado Antônio Carlos Magalhães, as sugestões relacionadas à fiscalização dos Fundos de Previdência Complementar. Disciplina e revisa a Lei de Lavagem de Dinheiro. Altera a Lei Improbidade Administrativa, de forma a acentuar a punição e ampliando os prazos prescricionais. Tipifica as condutas de afirmação falsa a partir do raciocínio que há direito calar, mas quando falar tem que falar a verdade. Redução da discricionariedade nas licitações.

Nós vimos naquela dos Correios, que aquilo que nós imputamos ao ex-Ministro Luis Gushiken, é exatamente ter alterado o sistema de forma a tornar subjetiva a escolha e, portanto, mais demais acariciar e o Deputado Onyx quer afunilar isso, afastar o máximo possível que a decisão numa escolha esteja ao livre arbítrio, de eventual ocupante de uma Comissão de Licitação. Pretende a ampliação do âmbito de aplicação do pregão eletrônico. Licitação por proposta mais vantajosa e melhoria dos instrumentos de controle. Enfim, avança nessa idéia de que nós precisamos de transparência e de objetividade. Afastar o máximo a intervenção pessoal, de quem eventualmente esteja decidindo sobre eventuais contratados. Inclusão de normas específicas relativas a serviços de publicidade na Lei de Licitações e contratos administrativos.

O que o se percebe é que a Lei de Licitações avançou muito, enquanto obras e serviço e compras e deixou muito de largada a publicidade e daí porquê, hoje a Administração Pública se vale desse segmento para obter as vantagens tortuosas, por vias tortuosas que eles obtêm. Institui o Programa de Incentivo a Revelações do Interesse Público. Nós tivemos aqui um canadense que fez uma palestra, inclusive aproveitou. Parabéns. Contribuir para com aqueles que informam as mazelas que ocorrem. Porque a partir disso, nós podemos fazer as correções. As indicações. De redução de valor limite do COAF em que as informações precisam ser prestadas, portanto, será mais fácil o controle das situações duvidosas no sistema financeiro. Apóia, quando nós falamos sobre o IRB. Eu não sei se está aqui, agora eu não tenho, mas quero reforçar a apresentação do Carlos William, no sentido que nós estamos isso aparece lá escrito é só verificar, nós estamos reforçando a idéia de que aquele projeto de lei, que tramita no sentido de abrir o leque do monopólio que nós apoiamos a proposta.

CONCLUSÕES.

Vêm às conclusões do combate enfim, a corrupção que o Deputado Onyx Lorenzoni formula. Eu vou ler a parte final em homenagem ao nobre Relator. Dizer que a corrupção no Brasil é traço cultural é outra lenda que não passa de uma desculpa, para não enfrentar o problema. A corrupção não é cultural, mas a continuar como estamos, corremos o risco de estabelecer uma cultura da corrupção, enquanto impunidade reinar a corrupção crescerá. É preciso que implantemos de imediato um sistema de combate à corrupção, para que as próximas gerações não tenham que pagar o alto preço que nós hoje pagamos, pelas décadas de omissão e desmando.

Quando nós falamos em décadas de omissão e desmando, eu lembro uma surrada frase, mas que ela é sempre permanente, de Rui Barbosa, há 100 anos "De tanto ver agigantar-se o poder nas mãos dos maus, o homem chega a ter vergonha de ser honesto", quer dizer é mais alongado, mas aqui estão as décadas de omissão. Esse foi o nosso foco na elaboração, e é nosso objetivo com a implantação do Sistema Nacional de Combate à Corrupção. Ressaltemos por fim, que algumas matérias não puderam dada à exigüidade de tempo serem analisadas no âmbito da Sub-Relatoria.

Não obstante, relacionamo-las para elaboração de estudos e proposições no âmbito da Comissão Permanente Mista de Combate à Corrupção, cuja criação

também sugerimos no presente relatório. São elas: Instituir mecanismo que possibilite a utilização de prova emprestada entre processos administrativos e judiciais. Discutir avaliar e limitar o for privilegiado. Estabelecer mecanismos para submeter os repasses de recursos públicos feitos a organizações não governamentais a processo licitatório. Abrir ao público acesso simplificado às informações do Sistema Integrado de Administração Financeira-SIAF. E criar regras de quarenta para servidores em licença sem vencimentos que ocupe cargos estratégicos. Muito bem. Vamos lá. Tem mais.

Estabelecer normas mais claras e subjetivas quanto à contratação temporária de excepcional interesse público, visando a sua redução a um mínimo necessário. Modificar a aplicabilidade do orçamento brasileiro que deixaria de ser autorizativo para tornar-se impositivo.Sr. Presidente, estamos no encaminhamento do encerramento. Durante todos esses meses de trabalho em que nos debruçamos com revigorada energia e entusiasmo, sobre os eventos que motivaram a instalação desta CPMI e diversos outros que surgiram naturalmente como resultado de nossos trabalhos, procuramos manter a clareza de que uma Comissão Parlamentar de Inquérito, por importante que seja não inaugura, nem tampouco encerra a história da investigação parlamentar no Brasil.

Em outras palavras, procuramos situar os nossos trabalhos com a necessária modéstia e visão da realidade com consciência do momento histórico porque passa o Brasil.Evitamos superestimar assim, a importância do labor que desenvolvíamos. Essa mesma consciência por outro lado nos obrigou a perceber desde o início que não estávamos diante de uma CPI comum.

Nossos trabalhos identificaram a partir do fio da meada que havia sido suscitado por um fato ocorrido nas EMPRESAS DE CORREIO E TELÉGRAFOS, todo um complexo de pessoas, empresas, entidades e instituições que compunham uma estrutura que viciava e vicia. A vida política brasileira corroendo Partidos e seus representantes, sobretudo no Congresso Nacional. Discutir o financiamento de campanhas eleitorais, e a política necessária à constituição e manutenção de uma base de apoio ao Governo Federal no Congresso, implica discutir discussões essenciais ao nosso sistema político. Podemos dizer sem falsa modéstia, que esta CPMI oferece a sociedade brasileira uma oportunidade da conhecer esse quadro. E embora a construção das saídas legais institucionais seja complexa e demande tempo e trabalho, temos claro que a possibilidade de um bom diagnóstico que buscamos proporcionar, é um passo essencial para a cura dessas doenças que historicamente afligem o Estado e a sociedade brasileira.

Esta CPMI foi peculiar também, pelo fato de que sua composição contribuiu para o adequado desenvolvimento de seus trabalhos. Com efeito nem o Governo e nem a oposição lograram fazer da CPI dos Correios o espaço privilegiado de manobras política ou político eleitorais. O equilíbrio das forças associado à responsabilidade cívica dos integrantes da Comissão, contribuiu de maneira decisiva para a seriedade empregada em todos os seus trabalhos, fato que não passou despercebido da nossa sociedade política e tampouco da sociedade civil além da mídia. A inexistência de uma maioria facciosa contribuiu para que todos nós designados para as tarefas da Comissão, tivéssemos melhores condições de honrar nossas atribuições sem ofender as partes envolvidas, respeitando os direitos individuais dos acusados e das testemunhas buscando simplesmente a verdade dos fatos por sobre as colorações partidárias que são um componente natural e mesmo essencial à disputa política que ocorre no Parlamento.

Aos Partidos Políticos, aos Parlamentares, à sociedade brasileira cabe a difícil tarefa de construir soluções legais, institucionais aos problemas que aqui apontamos. A maior parte desses problemas foi discutida com a necessária profundidade, entretanto em alguns outros a abordagem pode ter sido algo superficial, mas nunca ligeira e muito menos irresponsável. A difícil construção das saídas, talvez não seja a obra de uma só legislatura, nem certamente apenas do Congresso Nacional. A sociedade está convocada a dar a sua colaboração essencial dentro de alguns meses.

Já existem no Congresso diversas proposições legislativas sobre a reforma política, sobre financiamento de campanhas eleitorais, sobre fidelidade partidária, inclusive a respeito da disciplina do próprio funcionamento de Comissões Parlamentares de Inquérito. O que podemos afirmar com tranqüila segurança é que fora da democracia e da Constituição qualquer solução será frágil e transitória. Nosso País que sofreu tantas vezes sobre regimes autoritários de variada inspiração ideológica tem aprendido aos poucos a lição da democracia.

No regime democrático a solução dos problemas será lenta e difícil, mas virá. As soluções fáceis, na maioria das vezes, são os atalhos do autoritarismo e do salvacionismo. A democracia é o caminho, o único caminho. Talvez devamos dizer como Churchill que é o pior dos regimes, desde que situados todos os demais. E certamente, podemos afirmar pela letra de Tucídites, e pela voz de Péricles, o regime político que nós seguimos não inveja as leis de nossos vizinhos.

Ao contrário, servimos de modelos a alguns ao invés de imitá-los. Seu nome como tudo o que depen-

de não de uns poucos mas da maioria é democracia. Nela enquanto no tocante as leis todos são iguais para a solução de suas divergências privadas, quando se trata de escolher, se é preciso distinguir em qualquer setor não é o fato de pertencer a uma classe, mas o mérito que dá acesso aos postos mais onerosos. Inversamente a pobreza não é a razão para que alguém sendo capaz de prestar serviços à cidade seja impedido de fazê-lo pela obscuridade de sua condição, conquanto sejamos conscientes da superioridade do regime democrático, não podemos estimular expectativas desprovidas de compromissos com a realidade. É da natureza do regime democrático rejeitar soluções fáceis e ligeiras. Caminhar por atalhos é estranho a um propósito democrático sério e o consistente, por isso escolhemos o caminho mais difícil que é também o caminha adequado para conquistarmos uma democracia madura e sólida em seus fundamentos. Ao discutir em sua obra a Democracia na América, as qualidades intrínsecas no regime democrático, o estudo de caso que fazia o ciente social francês Alex de Tocqueville assinalou com propriedade: Os vícios e as fraquezas do Governo da democracia, se vêem sem dificuldade. São demonstrados por fatos patentes, ao passo que a sua influência salutar se exerce de maneira insensível e, por assim dizer, que oculta. Seus defeitos impressionam de saída, mas suas qualidades só se descobrem em longo prazo. O que aqui se diz do regime democrático pode ter sido, talvez com maior razão a respeito do Congresso Nacional expressão maior da democracia política.

Viceja em nosso País um certo preconceito contra o Congresso. Esse preconceito, reconheça-se, encontra às vezes respaldo na realidade, nos aspectos negativos de nosso funcionamento. Outros, entretanto, decorrem mais do desconhecimento da forma peculiar como funcionam os trabalhos legislativos. Reconheço que este relatório final excedeu em volume a própria expectativa que tínhamos.

Ocorre que buscamos ser fiéis ao propósito apontado em sua introdução de nada esconder à sociedade. Escusado a dizer que, se nos alongamos foi por que não tivemos alternativa que realizasse esse propósito. Nisso não inovamos. O Padre Antônio Vieira anos atrás, assim se escusasse: Perdoem, se me alongo é que não tive tempo de ser breve. Sr. Presidente, antes de fazer os encaminhamentos finais, encerro essa alocução dizendo o seguinte. Peço licença à V.Exª., por um momento, e aos Srs. E Srªs., integrantes dessa CPMI e a todos os brasileiros que atentam para esse relatório final para, fazer um depoimento pessoal que considero ser um dever cívico desse Relator.

Afinal poucas vezes a cidadania voltou seus os olhos para os trabalhos de uma Comissão do Congresso Nacional, como ocorre nesse momento. O Brasil vive com a presente CPMI mais um momento histórico, importante para o seu amadurecimento político. Outras CPIs, marcaram em passo reticente, circunstâncias desse amadurecimento e expressaram a contribuição que o Congresso Nacional pode e deve oferecer ao fortalecimento do regime democrático no Brasil, único caminho para enfrentar e resolver os problemas de nosso País e de nosso povo.

Em um outro momento o Brasil acreditou em um salvador da pátria. Pensou que um líder carismático perseguidor de servidores públicos ditos privilegiados, poderia ser o condutor de um processo de redenção nacional. Então, esse mesmo Congresso Nacional, demonstrando sua sensibilidade aos clamores da sociedade e sua identidade com interesse nacional exibiu o erro em que incorria. O indesejado, mas necessário processo de impeachment se impôs. Nesta outra página histórica, a ilusão de que a cidadania devesse ou pudesse delegar às atribuições indispensáveis. A redenção nacional a um agrupamento político determinado é destruída pela lógica imperativa dos fatos.

Nenhum grupo ideológico isoladamente irá redimir a sociedade brasileira. Temos convicção que de nós todos integrantes dessa CPMI dos Correios, nos orgulhamos de num átimo dessa grande nação termos contribuído para que escrevesse parcela de sua história em que embora revelando suas mazelas, reacendesse a esperança construída sobre a confiança de que existem, sim, pessoas responsáveis e sérias, tendo por norte a supremacia do interesse público, e que não se curvam ante os óbices de que se lhe foram antepostos, pelos que desacreditando na impunidade imaginaram que faríamos uma investigação improfícua. Não. Nós não riremos da honra nem zombaremos da honestidade. O País que merecemos que nosso filhos esperam de nós herdar é o que passamos a desenhar com essa virada de página, evidenciando o nosso o inconformismo com o malbarateamento dos suados recursos de nossa sofrida gente.

Ressaltamos na introdução desse relatório final e julgamos necessário repetir em seu momento final: Sem moralidade, administrativa os recursos destinados à educação são desviados e seguiremos um País de iletrados. Sem moralidade pública os recursos destinados à saúde são malversados e seguiremos um País doente. Sem moralidade nos governos os recursos destinados à segurança pública são corridos pela corrupção e seguiremos um País a mercê do crime. Amadurecemos com as dores da construção da democracia.

Agora podemos vislumbrar de nitidez que o caminho é uma só democracia política, instituições fortes e o fim da impunidade. Democracia política, instituições fortes e o fim da impunidade. Interessa-nos que todos os cidadãos tenham seus direitos constitucionais respeitados. Noutras palavras, interessa-nos que ninguém seja pela obscuridade de sua condição, impedido de oferecer sua contribuição à cidade, para usar feliz imagem de Tucídites, que Tucídites atribui a Péricles, um dos pais fundadores da democracia. Interessa-nos que quando ajam contra a lei todos sejam punidos, ainda quando alto funcionário ou Ministro de Estado.

Interessa-nos, repitamos, quantas vezes quanto for necessário, o fim da impunidade, às instituições fortes e a democracia política. Reiteramos uma outra vez, a nossa esperança de que cada cidadão e cada cidadã deste extraordinário País, perceberá a dimensão dos esforços que aqui a CPMI dos Correios e seus integrantes desenvolvemos. O nosso compromisso foi permanentemente o de respeitar a cidadania, os valores supremos da democracia e os interesses maiores do povo brasileiro.

Sr. Presidente, encerrada a minha manifestação encaminho algumas considerações. Começo informando que nos termos da solicitação do Sr. Jorge Antônio Der Rachid, Secretário da Receita Federal, ofício tal, esta CPMI encaminha junto com seu relatório final, às informações referentes ao sigilo bancário das pessoas físicas e jurídicas aqui mencionadas àquele ente público, para que proceda de posse desses dados nos termos legais às investigações cabíveis.

Esclareço por pertinente, que o relatório final da CPI dos Correios, contempla em seu texto, notas e informações resultantes de quebra de sigilo bancário e fiscal, formalmente aprovadas e judicialmente acatadas nos termos legais.

A íntegra dessas informações, entretanto, não faz parte dos anexos deste relatório conquanto tenham sido necessárias à formação de nossa convicção. Essas informações encontram-se na sala cofre da CPMI à disposição de todos os integrantes dessa Comissão e serão encaminhadas nos termos legais e na forma de estilo aos agentes político responsáveis. Encaminhamentos relatório final da CPMI dos Correios resultados dos nossos trabalhos, à Presidência do Senado Federal, à Presidência da Câmara dos Deputados, ao Diretor-Geral do Departamento de Polícia Federal e ao Ministro-Chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República.

Encaminhamos também na forma regimental, o presente relatório final ao Procurador Geral da República, Chefe do Ministério Público Federal, para que nos termos da Lei 10.001 de 2000, proceda a responsabilidade civil e criminal das pessoas aqui citadas ou indiciadas, diria, aqui sugeridas para indiciamento, porque nós não indiciamos.

Falo por um momento na primeira pessoa para ressaltar como Parlamentar, que foi honrado com a designação para o cargo de Relator, a súbita honra que foi participar deste momento de nossa vida Parlamentar.

Pude observar durante esses meses a dedicação de muitos Parlamentares, Senadores da República, Deputados Federais as atividades dessa Comissão. Registramos o nosso reconhecimento à contribuição de todos. Assim como todos aqueles que nós assessoraram integrantes do Senado, integrantes da Câmara, integrantes do Tribunal de Contas, da Corregedoria, da Controladoria Geral da União, do Banco Central, do Banco do Brasil, e me penitencio pelos que não lembro, mas enfim a todos, a Polícia Federal, a todos àqueles que nos auxiliaram nessa caminhada.

Agradeço a todos e a cada um dos colaboraram com os trabalhos dessa Comissão, são inúmeras pessoas e instituições. Impossível mencionar todas. Seríamos certamente injustos com alguns. Optamos, entretanto, por citar algumas, sem as quais não teríamos alcançado os resultamos a que chegamos. Agradeço como Relator-Geral, aos Relatores-Parciais, sem cujos trabalhos esse Relatório seria menos sólido, por faltar-lhe os detalhamentos essenciais à sua consistência.

E registro finalmente, o privilégio enorme que tive de conhecer uma pessoa excepcional, que tenho convicção terá uma história política muito bem escrita e que passei a ser um admirador, meu Presidente Delcídio. É um privilégio, se posso me dizer integrante do seu contexto de amizade pertencer a ele. E pode ter convicção de que na modéstia e na humildade desse Parlamentar, sempre ficará registrada de forma indelével, o momento que tive de compartilhar nesse esforço. E registro uma coisa importante. A imprensa reiteradamente fez referências a que eventualmente, o meu Presidente me solicitasse algumas coisas relacionadas a eventuais embates políticos que pudesse haver ante a especificidade de sua posição política, uma vez que é integrante de um Partido que é o Partido do Governo, que nós investigamos, que eu tenho certeza nós fizemos um bem para o PT.

Nós queremos ajudar o PT, que ele se recupere. Que ele expunja de seu contexto àqueles que maculam gente séria como o Presidente. E eu tive esse privilégio de trabalhar com V.Exª., e nunca me solicitou qualquer coisa que eu pudesse identificar como algo que fosse de tendência política.

Sempre a reta conduta e daí porque nós, talvez equivocadamente ao apresentarmos esses resultados,

somos humanos, mas no agimos nos limites da nossa capacidade, da nossa inteligência e, com certeza, ainda continuamos abertos a considerações, onde eventualmente possamos ter nos equivocado. E também quero dizer que o meu partícipe, do meu PMDB, Asdrubal Bentes, da mesma forma o Vice-Presidente, que eu já conhecia, diferentemente do nosso Presidente.

O Deputado Asdrubal que honra o Pará, que honra o PMDB, e que reiteradamente compartilhou das mesmas dificuldades desse Relator, que em muitas ocasiões efetivamente se defrontou com óbices, com empeços, que eu sempre atribuo a dificuldades, eu resisto em entender que alguém haja com má fé, quando se solicitam por exemplo, dados e informações. Quanto nós poderíamos ter avançado mais, se essa consciência que eu imagino nós estejamos semeando, estivesse implantada naqueles que devessem nos prestar informações lá no começo, quando elas vinham tão truncadas, tão cheias de vazios de vácuos, que nos impermitiam, está aqui o Deputado Gustavo Fruet de movimentação financeira, quanto tempo perdido!

Mas, enfim, penso que nós produzimos algo que minimamente, deve ajudar esse País a retomar o seu caminho. Muito obrigado.

[Palmas].

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Presidente, eu queria...

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Deputada Juíza Denise Frossard, e depois Deputado Gustavo Fruet. Deputada Juíza Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Sr. Presidente, ao final dos trabalhos evidentemente que acompanhei do início ao fim. E tenho a parabenizar aqui o Relator, nosso Relator Osmar Serraglio que num trabalho de fôlego extremamente, temas extremamente complicados, densos, não só em profundidade como extensão.

E foram produzidos aqui três volumes que o senhor com toda a sua sensibilidade, já de pronto disse: A vista está concedida. Mas Deputado Serraglio, para que nós possamos mergulhar nesse trabalho, de tanta profundidade e que tantas mãos contribuíram, como por exemplo, aqui o Deputado Eduardo Paes, que é do meu Estado, do Rio de Janeiro. Maurício Rands, que é do PT, nomes... Deputado Carlos Willian, de Minas Gerais, o Deputado Cardoso, o Deputado Gustavo Fruet, o Deputado Onyx num trabalho de fôlego com relação à corrupção.

O Deputado Antônio Carlos Magalhães Neto, tão jovem e já revelador de tanto talento, de modo que esse é um trabalho que vai ficar na história *ad perpertuam rei memoriam*. Eu parabenizo a V.Exª, mas também parabenizo o nosso Presidente, por ter conseguido atravessar esse mar proceloso, e certamente, com a ajuda desta santinha que V.Exª, tem aí ao lado, e que nos momentos cruciais V.Exª., abraçava e beijava a santinha, e certamente, ela nos ajudou a atravessar. Parabéns. Parabéns ao nosso Deputado Asdrubal Bentes, também o nosso Vice-Presidente. E atravessar esse momento o Sr. Presidente, foi algo quase que inédito nesta Casa. Quase que inédito.

De modo que terça-feira estarei aqui, certamente, para parabenizar ainda mais V.Exª. Trazendo talvez alguma outra... Algum tópico, talvez – não entenda como nenhuma – mas tem algumas considerações apenas em relação a minha passagem aqui. Algumas observações que não são nem complementares. São modestamente algum, um ou outro tópico a respeito de alguns assuntos que me são muito caros e que V.Exª., já anotou ai, que é a maneira como é constituído o Estado Brasileiro e que não adianta diminuir o número de cargos públicos, na máquina pública.

Sr. Presidente e Sr. Relator. O que nós temos que tirar é a caneta da mão do Executivo para nomear, porque aí é que esta a grande mazela desse estado. Pode diminuir o número de funcionários públicos, pode diminuir o que for. Mas se a caneta estiver na mão do Executivo, para nomear ao invés de ser a lei que dita a carreira pública funcional e profissional, aí nós não teremos avançado nada.

Parabéns, Sr. Relator. V.Exªs., não me surpreende. Parabéns, Sr. Presidente. Parabéns Sr. Vice-Presidente e aos nobres Sub-Relatores. Parabéns.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputada Juíza Denise Frossard. Meu caro, Deputado Gustavo Fruet. Fruet.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Obrigado, Presidente. É uma pergunta, sobre o procedimento, mas também a exemplo da Deputada Denise Frossard, quero desde já registrar, que será objeto inclusive da manifestação final quando da votação, do trabalho realizado por V.Exª., e pelo Relator. Já foi uma autoria chegar aqui. Já foi uma vitória a Presidência apresentar e ler o relatório. Será o coroamento, se conseguirmos votar e conseguirmos aprovar o relatório, mas de qualquer maneira se pode falar na missão cumprida. Foi um aprendizado conviver numa CPI.

Foi um aprendizado conviver numa CPI desta dimensão, com tantas contradições. Mas cumprimentar, porque se chegou ao final. Então, isso demonstra competência, capacidade e o saldo é extremamente positivo. Já é motivo de orgulho eu ter participado desse Congresso, ter participado sob o comando do Relator Osmar Serraglio, de V. Exª., desta Comissão junto com os demais Parlamentares.

A indagação, Presidente, é com relação ao procedimento de terça-feira, eu pergunto será permitido destaque para a votação em separado? Será permitida apresentação de emendas, até o dia da votação ou apresentação de sugestões para serem ou não acatadas pelo Relator, o que poderá ser objeto de discussão ou se será simplesmente, permitida a votação de favorável ou desfavorável com a apresentação de um voto separado, para registro de posição de cada Parlamentar.

Eu faço a pergunta, porque se nós deixarmos para essa definição na terça-feira, então, se estabelecer um prazo ainda, antes da votação, para que se possa apresentar essas emendas ou os destaques. É a manifestação.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Meu caro, Deputado Gustavo Fruet, eu quero agradecer as palavras. Nós amanhã nos reuniremos para ajustar de comum acordo com as lideranças todas os procedimentos a serem adotados na terça-feira. Concordo com o posicionamento de V.Exª., que nós precisamos definir isso amanhã, rapidamente, de tal maneira que terça-feira, nós comecemos a votação com todo o regimento muito bem estabelecido, para que nós não tenhamos nenhuma dúvida.

Então, amanhã nós comunicaremos formalmente a todos os Parlamentares da CPI, como é que nós vamos desenvolver os trabalhos na terça-feira e inclusive os encaminhamento de votos em separado por escrito, que já pode começar a partir do encerramento da sessão de hoje.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Sr. Presidente, eu faço uma observação. Há também a questão das emendas. Nós teremos que votar a emendas e teremos que ter prazo para conhecê-las e saber de pertinência ou não, e podem ser muitas emendas.

Nós teremos que ter... Apenas submeto a reflexão de V.Exª. Que teremos que ter prazo, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Deputado Asdrubal Bentes. Presidente.

DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputada Juíza Denise Frossard, o relatório de uma CPMI, não é uma proposição. Lógico, a partir daí que não sendo uma proposição, não há possibilidade de emendas poderá haver--

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Não haverá--

DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Poderá haver na forma regimental.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Sim.

DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Poderá haver destaques de determinados tópicos--

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Destaques, sim--

SR. VICE-PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Emendas, não.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Destaque. Desculpa, eu me equivoquei aqui. Já é o calor do combate. Destaques.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado, meu caro Deputado, Pompeo de Matos.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Senador Delcídio Amaral, eu quero cumprimentar V.Exª. Cumprimentar o Deputado Osmar Serraglio. E o nosso Vice-Presidente Deputado Asdrubal Bentes. E muito rapidamente senhor Presidente, primeiro cumprimentar o Relator pelo relatório que eu considero um relatório de fôlego.

Eu considero um relatório corajoso e extremamente equilibrado. Com essas três palavras, eu quero resumir o sentimento que eu tenho da amplitude, da abrangência, da profundidade do significado do relatório. Isso não quer dizer que não possamos aqui ou acolá, enfim, fazer alguns ajustes ou alguns aperfeiçoamento absolutamente, mas de forma geral, eu diria assim, não poderia vir melhor. Nenhum de nós faríamos melhor do que o relatório feito por V.Exª. O que nós pudermos contribuir, conte conosco que nós vamos contribuir.

Aliás, nesse aspecto, fazendo coro ao que os demais colegas estavam preocupados, senhor Presidente, quanto a eventual inclusão de um ou de outro fato, que eventualmente possa ter passado ao largo. Eu quero pedir vênia para escrever ao próprio Relator, que não seja uma emenda, aliás, até porque que não cabe emenda, quer dizer, nem seria destaque, porque não se destaca o que não tem, se eventualmente, um fato relevante não seja colocado.

Eu quero tomar essa liberdade de dizer que eu tenho algumas sugestões para oferecer ao Relator, para que o Relator inclua no seu próprio relatório e nós não teríamos nenhum óbice. Aliás, fatos claros que foram levantados na CPI, que eu me dediquei e que eu vi que acho dá para complementar para ficar de forma mais clara, mais objetiva, para que providências possam sem encaminhadas ao Ministério Público, enfim, à Procuradoria da República.

E para finalizar, Presidente, essa preocupação com a retirada de nomes. E eu quero deixar essa preocupação para V. Exª., para amanhã tomar uma posição, porque nós vimos em outras CPIs, eu participei de muitas CPIs. CPIs, assim pesadas carregadas,

por exemplo a CPI do Narcotráfico. Eu me lembro no final era um choro só, pedindo para fazer destaque "tira o meu nome. E tira o outro nome. Tira o de nome de mais não se de quem". Então, era uma coisa muito pesada.

Eu participei da CPMI, Comissão Parlamentar Mista do Roubo de Carga, que foi feita em conjunto, Câmara e Senado, também... O Senador Tuma, era o Presidente, também era um só choro só no final, "tira o meu nome, faz um destaque para tirar nome". Essa é, Sr. Presidente, a maior preocupação que nós deveremos ter amanhã, porque daí chega lá para votar um destaque para tirar o nome de um Deputado, para tirar o nome de um Senador, para tirar o nome de um Ministro, para tirar o nome de um Diretor de uma estatal.

Quer dizer, essa questão tem que estar bem clara, porque senão daqui a pouco nós vamos definhando. Quer dizer, um destaca para tirar o nome de um, outro destaca para tirar o nome de outro e daqui a pouco de tanto destaque vamos ficar sem nome. Quer dizer, ou daqui a pouco por conta da incongruência não avançamos, para termos um relatório, cabal, votado, aprovado, que eu tenho convicção que vai ser. Mas eu só faço essa ressalva Presidente, para ter esse cuidado.

Eu já vi isso acontecer e foi os motivos das nossas brigas, um pouco das nossas mazelas, um tanto dos nossos desentendimentos e uma falta de conclusão ao final. Essa questão destaque para tirar nomes, que nós tivéssemos uma posição, para de preferência não termos destaque para tirar nomes. Que nós pudéssemos sustentar cada um dos nomes que o Relator inteligentemente, de forma cabal, de forma objetiva, com conteúdo, com arrazoado, com fundamentação apresentou no seu relatório. Então, eu faço essa referência tão somente.

No mais, parabéns a V.Exª, e não poderia ter sido feito melhor que V.Exª fez. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Pompeu de Mattos. Com a palavra Deputado Onyx e depois Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Presidente, Relator e Vice-Presidente. Talvez eu tenha condição de lembrar, até pela forma como trabalhei ao longo dessa CPI, de como é que ela começou. E ela começou sobre a desconfiança do País sobre o comando dessa CPI. Havia sim, uma desconfiança quase absoluta em relação a que o comando dessa CPMI, fosse chapa branca. Fosse governista.

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos o Brasil foi conhecendo o perfil, o caráter e a forma como cada um dos membros dessa CPMI. Particularmente, eu quero fazer essa referência, eu meu sinto nessa obrigação até ética de fazer essa referência, de lembrar esse episódio. No caso de Presidente, do Relator e do Vice.

E, no momento em que esse relatório é apresentado, o Brasil confirma aquilo que aprendeu ao longo do desenvolvimento dos trabalhos dessa CPI, de que nós estávamos tratando com um Presidente, um Vice e um Relator de absoluta integridade moral, de qualidade e inteligência superior, e com o compromisso não com o Governo ou com seus Partidos, mas com o compromisso com o País.

O relatório que está apresentado hoje, ele conseguiu superar as expectativas. Ele se apresenta consistente, contundente e acima de tudo, ele aponta caminhos para que o Brasil possa ser diferente. Por essa razão Sr. Presidente Delcídio, eu quero reconhecer aqui a qualidade da condução de V.Exª, a firmeza, a sensibilidade e acima de tudo, o relevante serviço prestado ao Brasil na condução dessa CPMI.

Quero também reconhecer o trabalho extraordinário de suporte que deu à Mesa Diretora, o Deputado Asdrubal Bentes, equilibrado, firme na condução, e mesmo na divergência, com espírito público e com ética absolutamente inatacável.

E queria fazer uma referência toda especial ao Relator Osmar Serraglio, porque eu sei avaliar o que V.Exª., passou nas últimas semanas. As pressões, as expectativas e acima de tudo, as incertezas que todos nós convivíamos oposição, Governo, situação, opinião pública, imprensa. V.Exª., sofreu em alguns momentos, uma perseguição implacável de todos nós sem exceção. E no dia de hoje V.Exª. produziu um relatório que é a imagem e semelhança de V.Exª., como ser humano. Inteligente, sensível, correto ético, honesto e acima de tudo acreditando nos valores fundamentais, sobre os quais se assentam um Brasil Republicano e Democrático. Por essa razão, eu queria nesse momento externar ao comando desta CPMI, o reconhecimento. E o reconhecimento de alguém que em inúmeros momentos divergiu, mas nesse momento se vê no dever de reconhecer a qualidade e a importância do trabalho que acima de tudo, o compromisso superior com o Brasil.

Este relatório é um relatório para o País do presente e principalmente do futuro. Por essa razão eu queria deixar registrada aqui essas palavras de reconhecimento, de estímulo, em nome da Sociedade Brasileira de agradecimento. Obrigado.

SENADOR JEFFERSON PERES (PDT-AM): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, meu caro Deputado Onyx Lorenzoni pelas palavras. Eu passo a palavra

ao Deputado Carlos Willian, que já estava inscrito. Depois Deputado Mendes Thame, depois Deputado Pannunzio e depois Deputado Arnaldo Faria de Sá. Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Sr. Presidente, caro Sr. Vice-Presidente, caro Relator, depois desses longos meses de trabalho, ficou pronto. E esta etapa de leitura do relatório está concluído.

E este relatório foi bem, vamos dizer assim, começado pelo nobre Relator, a partir do momento em que o documento, ele menciona que é o relatório final da CPMI, e depois ele começa com um texto bíblico que eu faço questão de repetir: "Não tenhais medo dos homens, pois nada há de encoberto que não venha a ser revelado. E nada há de escondido que não venha a ser conhecido". Mateus capítulo 10, versículo 26. Caro Relator, essas sábias palavras foram proferidas há mais de 2006 anos atrás, e, no entanto, hoje ela permanece como uma verdade.

Os trabalhos aqui trago por V.Exª., colaborado com os sub-Relatores, nós temos certeza que é um trabalho de muita lisura por parte da V.Exª., com uma idoneidade a toda prova, com uma dedicação e acima de tudo de sacrifício, porque se nós voltarmos na memória, enquanto o Congresso ainda fazia um recesso, mesmo que fosse um recesso branco, nós estávamos aqui trabalhando, para que esse trabalho chegasse a este ponto.

Portanto, caro Relator, esta etapa está vencida. Acredito que nós vamos ter uma etapa mais difícil, talvez, de todos esses trabalhos, porque foi feito importo apuração e agora é a participação do Plenário, do ponto de vista de cada um Parlamentar e que eu tenho certeza que o relatório está bem elaborado. Mas existem no meu ponto de vista, algumas correções que precisam ser feitas e vai ser discutida amplamente pelo plenário dessa Casa, através dos termos regimentais.

E, finalmente, nós vamos poder apresentar para a sociedade brasileira um relatório final feito por V.Exª., mas com a participação de todos os Parlamentares que aqui compuseram esta CPMI. Eu tenho certeza que este vai ser um marco para a História do Brasil, e homens como V.Exª., caro Deputado Osmar Serraglio, digno Relator. Homens como V.Exª., Presidente Senador Delcídio Amaral. Homens como V.Exª., Deputado Asdrubal Bentes, Vice-Presidente, que fizeram parte da composição da Mesa Diretora desta CPMI, e que em momento nenhum se dobrou às pressões, e aos *lobbies* e as divergências dessa Casa, dando oportunidade democrática para que todos pudessem apresentar os seus pontos de vistas.

E eu particularmente, dou esse testemunho através do relatório onde eu tive a honra de ser o Sub-Relator da CPMI, que foi acatado por V.Exªs., em toda a íntegra e que agora será colocado à apreciação do Plenário. Vamos ter mais esta etapa de aprovação final, mas aproveito a oportunidade, nesse momento quase que solene de apresentação, porque às dificuldades para chegar essa conclusão foram muitas, mas queria deixar aqui registrado os meus cumprimentos e acima de tudo o meu reconhecimento pela dedicação, e até pelo sacrifício dessa Mesa Diretora. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Deputado Carlos Willian. E agora, Deputado Mendes Thame, o Deputado Pannunzio, e depois, Deputado Arnaldo Faria de Sá. Eu só queria pedir as V. Exªs, que como nós concordamos no início dos trabalhos que nós iríamos, tão logo fosse apresentado pedir vistas coletivas e concluir, eu só pediria para que... A gente entende até o momento --

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não é para discutir não, é só para cumprimentar V.Exªs., e o Relator.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): --Exatamente por isso Deputado --

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: É só para jogar um confetezinho--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): --Que a gente demos essa abertura, até porque é quase nós estamos, como disse o Deputado Gustavo Fruet, nós avançamos bastante. Só o fato de nós termos lido o relatório hoje foi um grande passo. Deputado Mendes Thame.

DEPUTADO MENDES THAME (PSDB-SP): Sr. Presidente, Sr. Relator, Sr. Vice-Presidente, senhores integrantes Srs. Sub-Relatores, Srs. Integrantes desta CPMI, o relatório apresentado pelo Deputado Osmar Serraglio direto, acurado, com acuidade e discernimento, escancara para todos nós e para o povo brasileiros algumas características, no mínimo quatro, que rapidamente, eu gostaria de enunciar sobre a grave crise ética em que está mergulhado o País. Duas delas inéditas. A primeira característica a facilidade com que dezenas de milhões de reais foram desviados do erário público, o que nos suscita a necessidade de melhorarmos a legislação, melhorarmos o arcabouço jurídico, para criar salvaguardas que protejam o erário público. Os recursos que deveriam ir para melhorar a vida dos trabalhadores e dos mais pobres.

Segundo, a dificuldade em se descobrir os responsáveis pelos atos de delinqüência. Senão fosse alguém do próprio esquema, um beneficiário do esque-

ma, o Deputado Jefferson, um beneficiário, portanto, um integrante do esquema da organização delituosa, nós estaríamos possivelmente, até hoje com aquela imagem do PT paz e amor, e não teríamos conhecimento dessa fase escabrosa, que essa CPMI hoje ajuda a revelar.

E a terceira característica inédita. É a primeira vez que vemos uma operação de tamanho porte, de um poder tentando comprar um outro poder. O Executivo tentando comprar o Legislativo, para ter aquele número de mínimo de votos que fizesse com que todos os projetos fossem aprovados goela abaixo dos Deputados, dos integrantes da Câmara, transformando Deputados, com esse pagamento antecipado do Mensalão em autômatos, em robôs, em mercenários, ou como disse o nosso Relator, em Deputados pré-pagos.

E uma última característica, que ficou muito claro no relatório, o papel, o deletério papel do aparelhamento do Estado na consecução dos atos delituosos. A presença sempre invariável de alguém ocupando um cargo de livre nomeação, para conseguir consumar o ato de delituoso. Alguém do Governo, alguém indicado, em qualquer uma dessas estruturas, seja uma estatal, seja um órgão do Governo, que permitiu com a sua participação nesse cargo de poder, que o ato delituoso se consumasse e com isso, fazendo com que corrupção se espraiasse de uma forma sistêmica e endêmica.

Tudo isso esse relatório Sr. Relator, eu quero cumprimentá-lo, nos suscita uma grande dúvida, uma pergunta, uma única pergunta que podemos fazê-la de duas formas. A primeira é: O que é que nós brasileiros queremos? E o que povo nós somos? Nós somos um povo que acha graça, que ri, que ri, que acha graça da esperteza dos corruptos? Ou somos um povo que exige tolerância zero no combate à corrupção? Ou fazendo a mesma pergunta de outra forma, nós vamos dar uma anistia generosa a todos esses, que usurparam o voto popular e que deram guarida, abrigo a esse esquema de corrupção tão grande que nós assusta tanto? Ou nós vamos fazer um esforço para banir da vida pública pessoas que tenham comprometimento com isso tudo que nós estamos vendo?

Quero cumprimentá-los, cumprimentar o Deputado Asdrubal, aos Vices-Relatores e a todos àqueles, que com o seu trabalho durante todos esses meses, estão dando uma excepcional contribuição para que nós tenhamos um País mais decente. Onde nós possamos dizer com orgulho, que vivemos num País governado com decência e dignidade.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente uma questão de ordem, por favor.

[troca de presidência]

SR. PRESIDENTE AD HOC SENADOR ASBRUBAL BENTES (PMDB-PA): Pois não, tem a palavra V.Exªs.,.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Eu estava atento aqui no início da sessão, inclusive tive oportunidade de me inscrever. E recebi a informação do Presidente, de que da Ordem do Dia de hoje, constaria apenas apresentação do relatório.

E constato para minha surpresa, constatado por que imaginei que já tivesse sido encerrada a sessão, vi através de TV Senado, que na verdade, está se fazendo debate sobre esse projeto, sem que isso tenha sido agendado. Não me parece correto, porque não me parece que haja isonomia, que haja equilíbrio diante de tamanha informalidade, tratando-se de matéria da maior seriedade. Ouvi aqui com atenção o Deputado falando, tecendo--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, não é uma questão de ordem que o Deputado--

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Eu estou fazendo uma questão de ordem.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não, não é questão de ordem V.Exª., V.Exª. está fazendo um discurso--

SR. PRESIDENTE AD HOC SENADOR ASBRUBAL BENTES (PMDB-PA): Dá licença.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Eu tenho todo o direito de falar. Eu estou fazendo uso da palavra.

SR. PRESIDENTE AD HOC SENADOR ASBRUBAL BENTES (PMDB-PA): Asseguro a palavra ao Deputado Bittar.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Vai querer me impedir de fazer uso da palavra?!

SR. PRESIDENTE AD HOC SENADOR ASBRUBAL BENTES (PMDB-PA): Formule a questão de ordem, por favor, Deputado.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): O que eu estou dizendo é isso. Há um relatório. Há divergências profundas com relação ao relatório apresentado, nós precisamos pautar uma sessão para discutir. Nós não podemos fazer a discussão através de subterfúgio!

SR. PRESIDENTE AD HOC SENADOR ASBRUBAL BENTES (PMDB-PA): Em virtude de ter se transformado esta parte final na discussão do projeto, cuja data está marcada para a próxima terça-feira, eu recebo a questão de ordem de V.Exª. e declaro encerrada a presença sessão.

Sessão encerrada às 21h12

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA
DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS
DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN,
PARA INVESTIGAR AS CAUSAS
E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS
E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS
POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS
– EMPRESA BRASILEIRA
DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

Ata da 65ª Reunião, realizada em 04/04/2006.

Aos quatro dias do mês de abril do ano de dois mil e seis, às dezenove horas e doze minutos, na sala 02 da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Senador Delcídio Amaral e ainda com as presenças dos Senhores Senadores Heráclito Fortes, César Borges, Demóstenes Torres, Sérgio Guerra, Álvaro Dias, Ideli Salvatti, Aelton Freitas, Sibá Machado, Luiz Otávio, Valdir Raupp, Ney Suassuna, Heloísa Helena, Romeu Tuma e Wellington Salgado e dos Deputados Carlos Abicalil, Jorge Bittar, Maurício Rands, Asdrúbal Bentes, Osmar Serraglio, Carlos Willian, Antônio Carlos Magalhães Neto, Onyx Lorenzoni, Eduardo Paes, Gustavo Fruet, Nélio Dias, Nelson Meurer, Arnaldo Faria de Sá, Inaldo Leitão, Juíza Denise Frossard, Pompeo de Mattos, Dr. Rosinha, José Eduardo Cardoso, Jamil Murad, César Schirmer, Sílvio Torres, Antônio Carlos Pannunzio, Ildeu Araújo, Medeiros, Geraldo Thadeu e João Fontes, e dos parlamentares não membros Deputado Maurício Quintella Leme, Deputado Colbert Martins, Deputado João Magalhães, Deputada Luciana Genro, Deputada Professora Raquel Teixeira, Deputado Manoel Salviano, Deputado Benedito de Lira, Deputado Geraldo Rezende, Deputado Antônio Cambraia, Senador Eduardo Suplicy, Deputado José Rocha, Deputado Mauro Nogueira e Deputado Vicente Chelotti, reúne-se a COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Havendo número regimental, a Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se à discussão e votação do Relatório Final da CPMI. A leitura da ata da reunião anterior é dispensada e considerada aprovada. A presidência esclarece que esta reunião destina-se a apreciação do Relatório Final e dos "votos em separados", entregues hoje, até às dez horas da manhã. Informa, ainda, que a votação do relatório será amanhã, dia cinco de abril, às dezesseis horas e que a presente reunião continuará seus trabalhos amanhã às 10 horas na qual será mantida a lista de inscrição que foi encerrada às 21h30. O senador Delcídio Amaral afirmou que será constituído um grupo de sistematização que vai ajudar o Deputado Osmar Serraglio a fechar o seu relatório, já lido formalmente em reunião da CPMI. Compõem o grupo os Deputados Maurício Rands e José Eduardo Cardozo, Antonio Carlos Magalhães Neto e Eduardo Paes. O presidente informa que, conforme acordo entre as lideranças, será dada prioridade à leitura do Voto em Separado nº 4, pelo Deputado Carlos Abicalil, que constitui um "substitutivo" ao relatório do Deputado Osmar Serráglio. O Senador Álvaro Dias registra sua insatisfação com a mudança de procedimentos adotados pela CPMI dos Correios após o que a Presidência concede a palavra aos Parlamentares Carlos Willian, ACM Neto, Álvaro Dias, José Agripino e Maurício Rands. Ato contínuo, o Deputado Carlos Abicalil inicia a leitura do voto em separado. Também assim, a palavra é concedida aos seguintes parlamentares: Heloísa Helena, Ideli Salvatti, Onyx Lorenzoni, Jorge Bittar, Carlos Willian, Ana Júlia Carepa, Pompeo de Mattos, Antônio Carlos Pannunzio, Gustavo Fruet e Sílvio Torres. Suspende-se a reunião à zero hora e dezoito minutos para que seja reiniciada no dia cinco de abril, às dez horas. Reinicia-se a reunião às dez horas e vinte e sete minutos do dia cinco de abril de dois mil e seis, sob Presidência do Deputado Asdrúbal Bentes. Em continuidade às discussões de ontem, pela ordem de inscrição, Deputados Eduardo Paes e Juíza Denise Frossard, Senador Jefferson Peres, Deputados ACM Neto, Carlos Abicalil, Arnaldo Faria de Sá, Jamil Murad e Nelson Meurer, Senador Romeu Tuma, Deputado Dr. Rosinha, Senador Sérgio Guerra, Senador César Borges, Deputado Pompeo de Mattos, Senadores Heráclito Fortes, Álvaro Dias, que reforça a necessidade de que o rito regimental para as CPIs seja respeitado. Senadora Ideli Salvatti pede a palavra pela ordem, para externar seu desejo de que sejam protocolados os destaques ao Relatório Final. Pela ordem os Deputados ACM Neto, Eduardo Paes. A Presidência pede à assessoria que receba os destaques como sugestão ao Relatório Final para que sejam remetidos ao Relator Deputado Osmar Serráglio e anuncia o encerramento da discussão do Relatório Final. O Presidente suspende a reunião às quinze horas e trinta e dois minutos, lembrando que a votação do Relatório Final será às dezessete horas. Reinicia-se a reunião às dezessete horas e quarenta e oito minutos sob a Presidência do Senador Delcídio Amaral que anuncia que a reunião será continuada com a votação do Relatório Final. A palavra é passada para o Relator, que discorre sobre as alterações no Relatório Final advindas dos Votos em Separado protocolados

na Secretaria da Comissão sob os números de 01 a 37 incluído o de número 13A somando, portanto, 38 Votos em Separado. Inicia-se a votação nominal e, ao serem chamados os Parlamentares do PMDB, o Senador Ney Suassuna registra que os votos dos seus liderados serão disponibilizados ao final do processo de votação. Neste momento a Presidência declara aprovado o Relatório do Deputado Osmar Serraglio com dezessete votos favoráveis e quatro votos contra. Encerra-se a reunião às dezoito horas e dezoito minutos. Para constar, eu, ***Wanderley Rabelo da Silva***, Secretário da Comissão, lavro a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente.

NOTA TAQUIGRÁFICA

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com as bênçãos de Deus, havendo número regimental, declaro abertos os trabalhos dispensando a leitura da Ata da reunião anterior, que é dada como aprovada. Para conhecimento de todos os presentes, essa presidência esclarece que essa reunião destina-se exclusivamente à discussão do Relatório e dos eventuais votos em separado. A votação da matéria fica adiada para amanhã, dia 05 de abril às 16 horas nesta mesma sala de reuniões do Senado Federal, impreterivelmente, votaremos amanhã.

A presidência esclarece ainda que no último dia 29 de março, tornou-se público o texto do Relatório de lavra do nobre Deputado Osmar Serraglio. Na ocasião, conforme determina o Regimento Interno, essa presidência concedeu vista coletiva até às dez horas de hoje, dia 4 de abril de 2006. O mesmo prazo foi acordado para o encaminhamento à Mesa dos eventuais votos em separado. Foram apresentados trinta e sete votos em separado, sendo que serão considerados os votos entregues à Mesa Diretora da CPI até às dez horas da manhã de hoje, conforme acordo preestabelecido. O teor dos eventuais votos em separado ao Relatório do Sr. Relator, prerrogativa expressa pelo art. 132, § 6º, inciso I do Regimento Interno do Senado Federal, deverá ser levado ao conhecimento da Comissão pelo seu autor e/ou autores no decorrer da discussão da matéria, seguindo a lista dos oradores inscritos. Portanto, os votos em separado serão apresentados quando da chamada dos oradores inscritos na seqüência aqui estabelecida na lista de inscrições. Eu quero também deixar registrado a V.Exªs. que como foi apresentado um voto em separado de um substitutivo ao Relatório do Deputado Osmar Serraglio, nós daremos prioridade de hoje, agora, na abertura da Sessão, ao Deputado Abicalil para que ele tenha uma hora para expor esse substitutivo prorrogável por mais trinta minutos, se for necessário. E a partir do momento que o Deputado Abicalil começar a relatar o substitutivo, fica franqueado aos Parlamentares o encaminhamento de votos em separado com relação ao substitutivo também. Isso, eu quero registrar, que foi fruto de uma negociação, de um diálogo com todas as lideranças parlamentares exatamente para dar celeridade ao processo de votação. Quero também registrar que amanhã, depois de lido o substitutivo pelo Deputado Abicalil, nós seguiremos a lista de inscrição dos oradores. E amanhã iniciaremos os nossos trabalhos às dez horas da manhã ainda em discussão, para às dezesseis horas, como disse inicialmente, fazer a votação do Relatório do Deputado Osmar Serraglio.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Senador Álvaro Dias.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Eu quero registrar a minha insatisfação em relação a esse procedimento. Não que V.Exª.. não tenha prerrogativas para adotá-lo, porque o Regimento não estabelece, rigorosamente, que em primeiro lugar deve se submeter o voto em separado primeiramente protocolado. Porque eu não vejo diferença, a não ser de natureza semântica, entre substitutivo e voto em separado, porque o voto em separado é um substitutivo, que mantém a essência do Relatório original e acrescenta sugestões que podem ou não ser acolhidas. Portanto, Sr. Presidente, eu imaginava que V.Exª.. fosse estabelecer como norma de conduta a ordem de chegada dos votos em separado. Mas eu estou apenas registrando a minha insatisfação em relação a essa decisão. Tenho notícia que isso é resultado de um entendimento do qual eu não participei e, por essa razão, estou registrando a minha insatisfação. Imaginava que lido o Relatório do Deputado Osmar Serraglio, como foi, ele pudesse ser submetido à discussão e à deliberação e, a seguir, conforme se estabelece sempre, é rotina de todas as CPIs, se colocasse em discussão os votos em separado.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): De qualquer forma é apenas o registro, não estou contestando a iniciativa de V.Exª.., mas eu me senti no dever de fazer o registro.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Senador Álvaro Dias. V.Exª.. sempre, quero registrar que nós conversamos um pouco antes dessa reunião, discutimos com alguns

Parlamentares esse procedimento, mas julgo, como foi fruto de um acordo, de uma negociação com Parlamentares dessa CPI, a intenção é fazer com que esse voto em separado seja lido por ser o mais extenso, apesar de nós concordarmos com V.Exª.. no aspecto de Regimento. Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): É só rapidamente porque senão a gente começa os "pela ordem". Mas é só porque como eu fiz parte da discussão e pelo respeito que eu tenho ao Senador Álvaro Dias, eu tenho só que retomar o que de fato foi discutido. Até porque, esse nem seria o momento da discussão dos votos em separado. Esse seria o momento de iniciar e terminar a discussão do Relatório. Quando nós--

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Perfeito, exatamente o que eu disse.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): --estamos abrindo esse precedente, como existe um substitutivo global, é por economia processual, para evitar que tudo isso só seria discutido na quinta-feira. Os meus votos em separado, o Senador Álvaro Dias, do mesmo jeito. Então, a única discussão que nós fizemos é porque como tem o substitutivo global, tem uma polêmica que é de conhecimento de todos, então que nós tenhamos conhecimento até para preparar, Senador Álvaro Dias, os nossos votos em separado, as nossas emendas ao substitutivo global que está sendo apresentado agora. Então, só para fazer essa observação.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Eu entendi, mas de qualquer forma o que eu relatei foi exatamente isso. Que hoje nós deveríamos discutir o Relatório do Deputado Osmar Serraglio e aí, se rejeitado o Relatório do Deputado Osmar Serraglio é que nós teríamos a leitura do substitutivo na ordem de chegada, na ordem de chegada. Esse é o procedimento que eu conheço em CPI.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Perfeito.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Está havendo uma alteração de procedimento, portanto eu mantenho o registro que fiz e proclamo a mesma insatisfação. O correto seria discutir e votar o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Se rejeitado, se aprovado o Relatório do Deputado Osmar Serraglio, o meu voto em separado, o da Senadora Heloísa Helena, de todos nós, e o substitutivo que será lido agora também estaria rejeitado. Portanto, nós estamos alterando os procedimentos que são adotados em Comissão Parlamentar de Inquérito. Portanto, nós vamos alterar esse procedimento. Houve um entendimento. Eu me submeto a esse entendimento, mas eu quero registrar que não concordaria com esse entendimento se fosse convocado a opinar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria, para só registrar, que esse entendimento buscou, evidentemente nós não poderíamos esperar que viesse um voto em separado por completo, global, com essa dimensão e é por isso que nós estamos dando um tratamento, fruto desse acordo, apesar de divergir dos procedimentos regimentais, mas o objetivo foi mais do que nunca, Senador Álvaro Dias, apesar da pertinência dos comentários de V.Exª.., é para economia processual. Essas foram as razões que nos levaram a, por acordo, mudar os procedimentos habituais das Comissões Parlamentares Mistas de Inquérito.

E eu, uma vez concluída essa fala inicial, gostaria de pedir desculpas a vários Parlamentares, Senador César Borges fez questão de registrar aqui que nós iríamos nos reunir às catorze, mas só começamos a reunião agora. É porque em função desse voto em separado global, Senador César Borges, nós tivemos que encaminhar rapidamente isso também para a gráfica, para distribuir esse material e distribuir todos os outros votos em separado. E foi essa a razão também que nos levou a delongar o início dessa Sessão de discussão.

Quero também registrar, que nós hoje, depois da leitura, uma hora, e se for necessário com mais trinta minutos adicionais, nós entramos na lista dos inscritos e se os inscritos tiverem voto em separado, quando da chamada, falarão também, explicarão os seus votos em separado. E é importante registrar que hoje nós vamos noite adentro e suspenderemos a Sessão para iniciar a Sessão novamente às dez horas da manhã, votando às dezesseis horas, impreterivelmente, o Relatório do Deputado Osmar Serraglio.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Pela ordem, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Pela ordem, Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Sr. Presidente, queria parabenizar V.Exª.. pela firmeza na condução dos trabalhos feita não somente hoje mas até o presente momento. Ocorre que a partir do momento que V.Exª.. permite 15 minutos para cada Parlamentar inscrito e os inscritos que tiverem voto separado dentro desses quinze minutos, eu acho que não é justo e também é anti-regimental. Mesmo porque os votos separados--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): [pronunciamento fora do microfone]

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Mesmo porque, nobre Presidente, a leitura dos votos em

separados, não existe determinação de tempo, porque de acordo com o Regimento é o tempo necessário do parlamentar fazer a sua leitura para que o Plenário tome conhecimento do teor do seu voto. Ou seja, o objeto e a sua justificativa. Portanto, eu gostaria que V.Exª.. separasse esse período de quinze minutos para cada Parlamentar e os que tiverem votos em separados para que os faça. Muito obrigado.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Presidente, Só para contrapor, Presidente. Eu compreendo a preocupação da Senadora Heloísa Helena e do Deputado Carlos Willian, mas se nós, Presidente, ficarmos aqui... Eu vejo aqui vários votos em separado, ficarmos lendo todos os votos em separado, nós teríamos, por hipótese, que admitir que o PT teria que ler também o seu substitutivo. Aí nós vamos ficar aqui três dias lendo, quando, na verdade, todos nós sabemos ler. Os votos em separado foram franqueados para todos nós, eu mesmo apresentei voto em separado e todos têm acesso ao voto que apresentei como têm acesso aos votos que apresentaram os outros demais colegas Parlamentares. O que é possível, e acho que é importante, é que quem exarou voto em separado dê uma explicação sobre o seu voto, isso assim. Agora, ele ler o voto eu acho perfeitamente desnecessário, pelo menos para mim. Porque eu vou ler o voto do colega. Não precisa o colega ler para mim. Agora, é interessante que o colega dê uma explicação sobre o voto que apresentou.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Pela ordem, Sr. Presidente.

[soa a campainha]

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES (PFL-BA): Presidente, eu pedi a palavra a V.Exª.. Não veio ainda "pela ordem".

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Eu também quero pela ordem, porque infelizmente--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado ACM Neto.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): O Deputado Pompeo de Mattos me atribuiu uma conceituação que eu não tenho. O que eu pedi, Deputado Pompeo de Mattos, foi só o seguinte. Inicia a discussão, hoje é para discutir, hoje não é para tratar de voto em separado, porque nós nem sabemos ainda qual o parecer que será amanhã, espero que seja do Deputado Osmar, pode não ser. Então as Emendas nós vamos votar na quinta-feira. Então, se alguém quiser já na sua discussão de 15 minutos introduzir o debate sobre as Emendas destacadas, faremos isso. Mas senão, não tem problema. Hoje é dia de discussão. O único precedente por economia processual conforme quer V.Exª.., quero eu, e todos aqui, é simplesmente, já que tem o substitutivo global, nós precisamos inclusive nos posicionar sobre as Emendas a serem apresentadas amanhã. É só isso. É uma única coisa. Depois é quinze minutos, quem quiser introduzir faz--

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Quem não quiser não faz.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): No que eu concordo com V.Exª..

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra o Deputado ACM Neto e a Mesa vai deliberar para encerrar essa discussão. As coisas estão muito claras, aqui foi colocado tudo de uma maneira muito objetiva e eu vou seguir o roteiro que eu acabei de ler para V.Exªs.. Deputado ACM.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Evidente que nós aqui estamos dispostos a contornar os mandamentos do Regimento Interno da Casa para encontrar um processo mais célere e racional de votação. V.Exª. já apresentou o encaminhamento da Mesa que foi muito bem interpretado pela Senadora Heloísa Helena, eu quero assinar embaixo tudo o que a Senadora disse. Nós estamos abrindo uma exceção tendo em vista a complexidade e a dimensão do substitutivo que foi apresentado pela base do Governo. Porque isso tornará o processo mais célere. É evidente que toda a discussão e votação primeiro tem que ocorrer sobre o voto principal que é do Relator, que é do Deputado Osmar Serraglio. Se esse voto for aprovado, todos os outros votos em separado estão prejudicados. Claro que se V.Exª. admitir a possibilidade de emendas e destaques, isso será analisado à parte e será votado. Agora, voto em separado não cabe, nesse momento, qualquer apresentação a menos que o autor, no seu prazo regimental de quinze minutos, inscrito que está para a discussão, queira fazer a sustentação do voto que apresentou.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Perfeito.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Não tem nenhum problema, não é excludente. Então que fique, para concluir, que fique pacífico o entendimento apresentado pela Senadora Heloísa Helena que, na minha opinião, traduz o encaminhamento que foi feito por V.Exª.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Quero registrar absoluta clareza com que a Senadora Heloísa Helena e o Deputado ACM Neto fizeram essa exposição. É absolutamente lógica. Nós temos, depois nós estamos abrindo uma exceção agora para o voto--

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): É bom, Sr. Presidente, que fique evidenciado que é uma exceção, isso não é regra em CPI no Congresso Nacional.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): É uma exceção--

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): É a primeira vez que isso ocorre.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Álvaro Dias--

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): E é bom ficar frisado também que o PSDB não participou desse entendimento, a menos que alguém tenha participado e eu não tive conhecimento disso.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Álvaro Dias, teve na presença do Deputado Juthai, líder do PSDB na Câmara e também do Deputado Eduardo Paes numa reunião que fizemos agora alguns minutos atrás.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Então, é por isso que o Deputado Eduardo Paes me informou, por telefone, que havia um expediente que tinha por objetivo colocar num plano secundário o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. E, sinceramente, a prioridade é o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Nós não podíamos, de forma alguma, abrir um precedente numa Comissão Parlamentar de Inquérito colocando o Regimento num segundo plano. Na verdade, o que se faz aqui é colocar o regimento em segundo plano em nome de um entendimento que possa facilitar a votação. Espero que facilite. Mas não quero, Sr. Presidente, que isso possa prevalecer como um precedente a orientar outras Comissões de Inquérito nesta Casa. [Soa a campainha]

SENADOR JOSÉ AGRIPINO (PFL-RN): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Senador Agripino.

SENADOR JOSÉ AGRIPINO (PFL-RN): Sr. Presidente, eu queria colocar aqui e peço a V.Exª. paciência. Eu vou ser muito rápido. Eu fiz hoje uma reunião na liderança do PFL, no Senado, reunindo Deputados e Senadores do PFL e do PSDB para sintonizar um ponto de vista. V.Exª. deve se lembrar de que na eleição de V.Exª. nós tivemos, por coincidência, o Senador César Borges se contraponto a sua indicação. A diferença foi pequena, V.Exª. ganhou contra o nosso voto. V.Exª. ganhou contra o nosso voto, indicou, pela delegação da maioria, o Relator Osmar Serraglio que começaram ambos a trabalhar sem a nossa confiança. Eu venho aqui para fazer a meia culpa e dizer que V.Exª., na visão do PFL, honrou a Presidência dessa Comissão. E que o Deputado Osmar Serraglio produziu um Relatório que se não é perfeito e acabado ele é respeitável. Na visão do PFL, e estou seguro do PSDB, é um Relatório que deve merecer o respeito da sociedade e, veja bem, nós que votamos contra V.Exª. e contra o Relator vamos votar a favor do Relatório e nós esperamos é que aqueles que votaram a favor de V.Exª. e do Relator votem a favor e não contra o Relatório do Relator. Isso é o que nós esperamos. Com uma consideração muito clara, muito clara. O Ministério Público, a quem vai ser endereçado este Relatório, vai tomar por base aquilo que está escrito e vai fazer as suas considerações. Não vai pegar ao pé da letra, se for por um acaso aprovado o Relatório diferente do Relatório do Relator, o Ministério Público pode não se ater. Ele vai se ater as evidências que durante nove meses aqui foram colocadas e que vão ser objeto de investigações, de condenações ou absolvições e quem vai estar em julgamento diante do julgamento do MP, do Ministério Público com o Relatório é o Congresso Nacional. Se nós agirmos mal agora nós ficaremos duplamente penalizados, porque o resultado dos trabalhos desta Comissão vai ser endereçado ao Ministério Público, que vai promover absolvições e condenações. De modo que eu quero dizer com essas palavras que nós vamos votar na íntegra o Relatório. Nós não barganhamos, por hipótese alguma, nem inclusões, nem exclusões. Nós queremos votar na íntegra como o Relatório está apresentado e garantimos o voto do PFL, estou seguro o voto do PSDB para que o Congresso recupere a sua imagem de credibilidade votando sim ao Relatório de Osmar Serraglio.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado, Senador Agripino Maia pelas palavras. Passo agora a palavra ao Deputado Abicalil.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Sr. Presidente, Sr. Vice-Presidente. Prezados membros desta Comissão Parlamentar de Inquérito, antes de proceder a leitura sintética do voto em separado que nós estamos apresentando, eu gostaria de ceder alguns minutos da minha intervenção inicial ao nosso coordenador de bancada, o Deputado Maurício Rands.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Sr. Presidente, Senhores e Senhoras membros da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Correios. Este voto em separado da bancada da base do governo no Congresso Nacional, ele visa, Sr. Presidente, trazer uma contribuição à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito no sentido de que tudo aquilo que foi objeto das investigações seja incluído no Relatório final. A preocupação hoje que move a nossa bancada é a preocupação de que nós tenhamos, apesar de todas exasperações políticas, as condições de equilíbrio para votar um Relatório único aqui na Comissão Parlamen-

tar Mista de Inquérito dos Correios. Foram dez meses de investigação. Nós registramos, ao participar desde o início das investigações que nós conseguimos, com todos os problemas, com todas as disputas políticas, apresentar um diagnóstico à sociedade brasileira dos defeitos de casos de corrupção existentes no relacionamento entre a administração pública, contratantes da administração pública e sistema político. Nós conseguimos aqui, Sr. Presidente, identificar mecanismos de corrupção e de financiamento irregular de campanha que há muito tempo vinha sendo praticado no estado brasileiro. Muitas das investigações aqui feitas já causaram modificações em direções partidárias, em empresas estatais, na composição da alta administração do país e nós, portanto, Sr. Presidente, todos nós, eu quero registrar que a minha bancada do Partido dos Trabalhadores teve o compromisso com a Nação, teve o compromisso com essa CPMI de não exitar diante de nenhuma linha de investigação mesmo quando aquela linha de investigação ia encontrar irregularidades que foram cometidas por aliados. Lamentavelmente, nem sempre este comportamento foi unânime em todas as bancadas aqui representadas. Muitas vezes, prevaleceu a intenção de utilizar as investigações para fazer disputas políticas que procurassem atingir a imagem apenas do Governo. E quando as linhas de investigação apontavam problemas com aliados ou com partidários desses setores de oposição, nem sempre o mesmo ânimo de investigação era revelado.

Nós estamos fazendo, Sr. Presidente, Sr. Vice-Presidente, Deputado Asdrubal Bentes, algumas complementações ao voto do Relator. Incorporamos, nesse voto em separado, que é um substitutivo global a grande parte da estrutura do voto do Relator Osmar Serraglio. Incorporamos grande parte dos seus textos que, por sua vez, tinham incorporado as contribuições das Sub-Relatorias específicas que também prestaram grande trabalho à nossa Comissão e ao Congresso Nacional.

Então, este voto em separado incorpora a estrutura básica do Relatório do Deputado Osmar Serraglio e faz complementações. Evidentemente que um trabalho desta envergadura, de dez meses de investigação, evidentemente que teria que trazer problemas. Isto não vem em deslustre ao trabalho do Relator. E a nossa intenção aqui, Sr. Presidente, é contribuir para aprimorar este Relatório. Nós fazemos complementações, por exemplo, na identificação da origem dos recursos que abasteceram o esquema do Marcos Valério, uma das primeiras linhas de investigação por nós perseguidas. Nós mostramos, por exemplo, que não está relatada na sua amplitude e na sua sistematicidade a origem do mecanismo do Marcos Valério, por exemplo, a origem em 1998, a mesma triangulação que foi feita em 2003. A CPI encontrou provas documentais e testemunhais à saciedade, mostrando que o mesmo mecanismo, agências, empréstimos, não execução plena de contratos públicos e privados, garantias de contratos públicos para estes empréstimos e financiamento ilícito de atividades políticas, este mecanismo que foi desenvolvido na campanha do PSDB e do PFL em 1998, em Minas Gerais, foi o mesmo mecanismo que foi depois praticado pelas agências do Sr. Marcos Valério e ex-dirigentes do partido da base do Governo. Então, nós desenvolvemos o relato dessas, desses achados da CPMI. Nós acrescentamos também, Sr. Presidente, dentro da percepção que temos de todos os fatos, porque o que nós queremos e vai ser apresentado pelo Deputado Carlos Abicalil é o relato dos fatos que foram comprovados. E nós estamos, portanto, chegando à conclusão que há uma pluralidade de fontes que abasteceram o esquema do Sr. Marcos Valério. Há fontes, no nosso entender, públicas e privadas. Há fontes as mais variadas e nós queremos contribuir para que o Relatório espelhe a veracidade de tudo aquilo que foi comprovado acrescentando, por exemplo, Sr. Presidente, na identificação dessa pluralidade de fontes, algumas empresas cuja contribuição ao esquema do Marcos Valério talvez não tenha tido a narrativa detalhada que precisa ter no Relatório final. E aí não vai nenhuma crítica ao Relator, vai a contribuição construtiva da bancada do Partido dos Trabalhadores para aprimorar, para complementar o Relatório que deve espelhar a realidade.

Por exemplo, empresas como a TELEMIG, como a AMAZÔNIA CELULAR, contribuíram, Sr. Presidente, só para exemplificar, entre 2000 e 2005, fizeram depósitos da ordem de 150 milhões de reais para as agências de publicidade. Nós, portanto, e aqui eu concluo a minha intervenção preliminar para ouvir o meu colega e o meu companheiro, Deputado Carlos Abicalil. Nós fazemos também retificações quando algumas das conclusões não correspondem aos fatos apurados. Por uma razão principal, Sr. Presidente Delcídio Amaral, um Relatório vai ser mais eficaz para o combate à corrupção no Brasil, para a punição das irregularidades muitas que encontramos nesses dez meses, se ele for consistente. Se as conclusões forem fundamentadas nos fatos Senador César Borges, nos fatos que foram identificados e comprovados, porque ilações frágeis levam à fragilidade do Relatório. Todos nós queremos que o Ministério Público dê andamento às conclusões a que chegamos nesses dez meses. Todos nós queremos que os demais órgãos de investigação do Estado Brasileiro recebam o resultado da CPMI dos Correios com credibilidade, com consistência, com abrangên-

cia, sem colocar nenhuma das linhas de investigação sem a conclusão a que chegou. E aquelas linhas a que ainda não chegamos a um resultado final, que nós apresentemos os resultados parciais como acontece, por exemplo, com o conteúdo daquela denúncia que surgiu sobre esquemas de arrecadação de recursos em Furnas, por exemplo. Existem uma série de linhas de investigação a que nós não chegamos a conclusão, mas devemos fazer a identificação ao Ministério Público e aos demais órgãos de investigação.

E finalizo saudando que esta CPMI tem também uma grande contribuição, além de indicar punições e complementações nas linhas de investigação, ela tem também uma grande contribuição que é um conjunto de propostas legislativas que visam a criar, por exemplo, o Sistema Brasileiro de Combate à Corrupção, que visam a criar aqui no Congresso Nacional Comissões Permanentes de controle da corrupção. Portanto, apresentando sugestões para que, no futuro, o Brasil não precise, de novo, ter uma CPMI para investigar denúncia de uma relação promíscua, ilícita entre a administração pública, setores privados e o sistema político. Então, o Deputado Carlos Abicalil, eu agradeço a gentileza de me ceder para a apresentação dessas linhas gerais e dos motivos que fazem com que nós apresentemos este voto em separado que é um substitutivo global que incorpora muitas das contribuições do Relator Osmar Serraglio, mas faz também complementações e, ao nosso modesto modo de entender, retificações em algumas conclusões que não encontravam fundamentações conclusivas nos fatos apurados. Eu agradeço Deputado Carlos Abicalil.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Meu caro Sr. Presidente, dando continuidade portanto nós queremos deixar claro que o fato de apresentar um voto separado não significa, em nenhum condição, a expressão de desconfiança seja à Mesa que conduziu os trabalhos e sequer a desconfiança ao trabalho do ilustre Relator, que dada a complexidade do tema, a extensão da investigação, as tensões que se moveram em torno desta investigação internas e externas ao funcionamento do Congresso, não apenas é um exercício legítimo a expressão da divergência como nós temos consciência de que não se tratou, em momento algum, além de não ter sido desconfiança, de qualquer trabalho-- [soa a campainha] Oculto, paralelo onde as divergências não tivessem sido expressadas ao longo do tempo em diversas oportunidades neste mesmo Plenário, onde os pontos principais de debate já não fossem de domínio público e de formação da opinião e onde, evidentemente, o exercício dessa Comissão Parlamentar de Inquérito, que por ser representativa da pluralidade política do Congresso Nacional também representa a pluralidade de pensamento sobre fatos, situações e ocorrências não devidamente comprovados e que portanto são sujeitos a interpretações múltiplas. Este exercício, portanto, significa nada mais nada menos do que o cumprimento do dever Parlamentar de expressar opinião, de manifestá-la pelo modo próprio que o Regimento permite que, neste caso, é o voto separado e reiterando aqui que muito deste voto separado, na sua estrutura, no seu texto, na sua concepção pertence a autoria de lavra do Deputado Osmar Serraglio. Evidentemente, alguns dos pontos que nós destacaremos nesse tempo exíguo, porém absolutamente legítimo na sua limitação, é o centro que poderíamos dizer assim dessas divergências que ao longo do tempo já fomos manifestando e que, de algum modo, foram sinalizadas como eixos principais pelo colega Deputado Maurício Rands.

Em maio de 2005, os meios de comunicação veicularam gravações nas quais aparece o Sr. Maurício Marinho, Chefe de Departamento dos Correios recebendo três mil reais supostamente em troca de favores administrativos. Nestas gravações, Marinho menciona que está agindo em nome do PTB e sob as ordens do Deputado Roberto Jefferson. O então Deputado rebate as informações de Maurício Marinho informando não ter conhecimento sobre aquelas denúncias de corrupção. Em maio de 2005 é instalada a CPMI dos Correios com o objetivo de investigar as causas e conseqüências de denúncias de atos delituosos praticados por agentes públicos dos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Considerando a magnitude dos gastos com publicidade no setor público e a revelação por esta CPMI das fragilidades no que concerne ao acompanhamento dessas ações, entendeu-se necessário, antes de iniciar a análise específica dos CORREIOS, uma reflexão sobre as normas existentes para tal área.

A regulamentação sobre a comunicação de governo do Poder Executivo Federal foi realizada por intermédio de Decretos e de Instruções Normativas, tendo como base a Legislação Federal que regulamenta a atividade e acessoriamente normas padrão de atividade publicitária acordadas por agentes de mercado. A atividade publicitária foi instituída no país por intermédio da Lei 4680, de junho de 65, que dispõe sobre o exercício da profissão de publicitário de agenciador de propaganda. Citamos aqui tal Legislação. Posteriormente, a atividade foi regulamentada por intermédio do Decreto 57690, de fevereiro do ano seguinte. A respeito dela, a relação comercial entre veículos, agências e anunciantes merece registro os seguintes dispositivos: O art. 14 – "O preço dos serviços prestados pelo veículo de divulgação será por este fixado

em tabela pública aplicável a todos os compradores em igualdade de condições incumbindo ao veículo respeitá-la e fazer com que seja respeitada por seus representantes. Veículo de divulgação ficará obrigado perante o anunciante a divulgar a matéria autorizada no espaço e no tempo contratado de acordo com as especificações estabelecidas não podendo o anunciante, em qualquer caso, pretender influir na liberdade de sua opinião". É interessante notar que a norma legal preocupa-se com o funcionamento equilibrado do mercado no qual não prevaleça o poder econômico. Neste sentido determina que as condições devem ser iguais para todos os anunciantes e que não deve haver pressão de natureza econômica para a obtenção de vantagem, ademais, impede que o anunciante queira influenciar na linha editorial do veículo em função de sua posição de comprador. Além disso, obriga a agência a esforçar-se por seu cliente com o fim de, para conseguir as melhores condições de eficiência e economia em suas ações de propaganda, como será descrito a seguir, as agências que atendem a empresa de CORREIOS não estão cumprindo esse mandamento legal fato que, por si só, já poderia demandar o cancelamento dos contratos.

A primeira norma de publicidade governamental que será analisada foi expedida pela assessoria de comunicação institucional, atual Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica da Presidência da República com o título de Instrução Normativa nº 1 de 93. Basicamente essa instrução determina a todos os entes da administração pública direta e indireta que realizem planejamento de suas ações de publicidade e promoção articuladas em um plano anual de comunicação. O plano deve ser apresentado a SECOM até o dia 30 de novembro do ano anterior ao da sua aplicação e deve ser compatível com a atuação do órgão bem como com a política de comunicação do Governo Federal. Estão aqui descritos os principais elementos necessários para a composição de um bom planejamento de comunicação, quais sejam: Ações detalhadas, metas a serem alcançadas, avaliação de resultados, clara identificação do público alvo, cronograma de ações circunstanciado, escolha adequada de meios, orçamento destinado as ações e aferição de resultado em relação a investimento realizado.

No mesmo dia, abril de 93, foi expedida a Instrução nº 2, em particular, essa norma versou sobre a necessidade de apresentação de *briefing* como pré-requisito para a aprovação de edital de licitação e de campanhas. O *briefing* é uma peça que traz todas as orientações necessárias às agências para que promovam a criação e organização de uma determinada ação de publicidade. A Instrução Normativa nº 3, de 31 de maio do mesmo ano, 1993, faz a classificação das atividades publicitárias. Tratam-se de definições de grande importância quando define como atividades de promoção o patrocínio, organização e a participação em feiras e eventos, ao mesmo tempo informa que tais ações não precisam ser realizadas com o concurso de agências de propaganda. Tais dispositivos são relevantes no contexto em análise, visto que os contratos celebrados permitem tais Subcontratações e que de fato a intermediação dessas ações têm sido constante ao longo da execução desses contratos. Cabe notar que a organização de eventos é hoje uma atividade com mercado pujante e que existem inúmeras empresas especificamente habilitadas para prestar serviços nessa modalidade. A Instrução nº 6 é de abril de 95 e retoma o mesmo tempo abordado-- [soa a campainha] Na instrução número 1/93, que trata do planejamento das ações de comunicação porém com mais detalhamento. A Instrução nº 7, de novembro de 95, versa sobre licitações e contratos de serviço de publicidade determina que o edital deve ser submetido a duas análises para a aprovação e está previsto no concurso de mais de uma agência para o mesmo ente da administração em *in verbis*. A entidade cujo plano anual de comunicação compreenda diferentemente, diferentes linhas de atuação e que disponha de recursos financeiros compatíveis dividirá esses recursos em mais de uma conta publicitária. A empresa de CORREIOS fez a contratação de três agências, no entanto, fugindo ao que permite a norma em análise, nota-se que a exceção aberta diz respeito a diferentes linhas de atuação e diferentes contas publicitárias.

No entanto, o que fez a empresa de CORREIOS foi meramente dividir a verba publicitária, o que fica claro quando se vê que diversas ações são repartidas entre as agências como, por exemplo, no caso de diversas ações antecipadas de mídia da EDITORA 3. Fica assim estabelecida a inobservância do texto legal. O Decreto nº 4799, de agosto de 2003, que dispõe sobre a comunicação de Governo do Poder Executivo divide as ações de comunicação em três grandes áreas que são: Imprensa, Relações Públicas e publicidade. A despeito dessa clara divisão de funções ou segmentação das ações que implicaria diferentes contratações, o contrato proposto pela empresa de CORREIOS incluía diversos outros serviços além daqueles de publicidade propriamente ditos. Conforme se vê, o objeto do contrato previa a possibilidade de contratação de serviços de publicidade de patrocínio, de assessoria de imprensa, de assessoria de Relações Públicas, de pesquisas, de planejamento e montagem de estandes em feiras e exposições, de organização de eventos. Assim que seja feita a ressalva de que alguma des-

sas atividades se constituíam em ações de apoio na execução das ações de publicidade, entendemos ser uma abertura imprópria. Em primeiro lugar, porque no formato do contratado se abrem possibilidades excessivas, como de fato já acontece, para a contratação de outros serviços distintos do objeto ideal desse contrato sem nenhuma correspondência com os esforços publicitários, o que por certo não seria de difícil justificativa dada a subjetividade envolvida nesse tipo de ação. Foram enumeradas várias ações promocionais patrocinadas pela empresa em que não restaram comprovadas quaisquer atividades desenvolvidas pela agência que caracterizasse sua efetiva intermediação, o que justificaria o pagamento de honorários em um percentual de 5%.

Serão arrolados a seguir achados apontados em outros processos já instruídos no Tribunal de Contas relativos aos mesmos contratos dos CORREIOS ora analisados. AGÊNCIA LINK, recebimento de comissão pela agência sem a prestação de qualquer serviço, sob a contratação do objeto do contrato sem justificativa. Recebimento de comissão pela agência sem a prestação de qualquer serviço, sob a contratação do objeto de contrato sem justificativa. Avançando sobre o volume 2, Sr. Presidente. O esquema Marcos Valério. O episódio de espionagem dos CORREIOS desencadeou uma série de acontecimentos que instaram o Congresso Nacional a assumir um papel destacado na apuração das irregularidades que se mostraram à sociedade brasileira. Cabe rememorar a seqüência de fatos e denúncias que iniciaram o processo. No dia 6 de junho de 2005, o então Deputado Roberto Jefferson, em meio as declarações à imprensa que alteraram os rumo das investigações relacionadas ao caso foi flagrado nos CORREIOS. Em entrevista ao jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Jefferson mencionou, pela primeira vez à opinião pública, o conceito de Mensalão que se traduziria em repasses periódicos de recursos ilícitos a Parlamentares e a partidos políticos. Os repasses teriam sido realizados em 2003 e 2004 pelo então Secretário de Finanças e Planejamento do PT, Delúbio Soares e serviram para a cooptação de políticos da base aliada do Governo, afirmava o então Deputado. No dia seguinte, o Sr. Delúbio, acoimado pelas denúncias convocou entrevista coletiva à imprensa e negou peremptoriamente as palavras de Jefferson. Ocorreu uma sucessão de desmentidos, contradições e confissões públicas de ilegalidades que forçou então o Presidente nacional do PT, José Genoíno, a abandonar o posto. O que aconteceu em seguida é conhecido. O então Deputado Jefferson sustentou as denúncias em depoimento à Polícia Federal, ao Conselho de Ética da Câmara, a esta CPMI e à opinião pública, aos poucos detalhou o enredo dessa nociva prática de corrupção consagrada no Mensalão, que será descrita em detalhes.

À época, o Deputado Jefferson admitiu escassez de provas materiais, mas acusou a muitos e citou um nome que adiante mostrou ser vértice daquele esquema, o Sr. Marcos Valério Fernandes de Souza empresário do ramo de publicidade e proprietário das agências DNA PROPAGANDA e SMP&B DE COMUNICAÇÃO. Este era o Marcos Valério que fazia os repasses financeiros sobre os auspícios do Sr. Delúbio Soares. A CPMI dos CORREIOS mergulhou em um universo inexplorado e centrou o seu foco nas ações desse personagem até então obscuro no cenário político nacional. Descobriu no Sr. Marcos Valério um arquiteto de sofisticadas operações financeiras e distribuição de dinheiro a Parlamentares. O empresário angariava recursos no setor público e privado e os repassava por meio de suas agências de publicidade às pessoas indicadas por Delúbio. Havia o publicitário seduzido o PT com o mecanismo para arrecadar fundos cuja gênese, como comprovou as investigações, se deu nas campanhas políticas de 97, mas se explicita com todas as suas características na campanha eleitoral de 98 para o Governo do Estado de Minas Gerais, no qual saiu derrotado o hoje Senador Eduardo Azeredo. O empresário Valério engendrou uma verdadeira teia de relações com membros de diversos partidos políticos, entre eles o partido do atual Governo e com autoridades públicas. Suas agências possuíam contratos com a administração pública incluindo os CORREIOS, nosso foco primordial de investigação, BANCO DO BRASIL, ELETRONORTE, o Ministério do Trabalho e o Ministério dos Esportes. São contratos firmados ao longo de diversos Governos, todos eles colecionaram irregularidades como ilustraremos a seguir. Existem vínculos entre o faturamento e a movimentação financeira de suas agências de publicidade, particularmente a SMP&B e DNA e a consolidação do que viríamos a conhecer como o esquema Marcos Valério, expressão pela qual se batizou o mecanismo de financiamento de determinadas campanhas políticas e é precisamente o funcionamento deste esquema que este capítulo pretende desvendar. Evidentemente, ainda há aspectos que necessitam de luz e as autoridades competentes hão de prosseguir na investigação dos fatos. A investigação conduzida pela CPI revelou extensa movimentação financeira das empresas e contas do Sr. Marcos Valério, familiares e sócios explicitando um esquema de financiamento de campanhas eleitorais que atendeu a diversos políticos de diversos partidos. Dois vetores orientaram os trabalhos dessa CPMI 1, o de não adentrar à seara estadual, tanto seriam os casos a investigar e outro, o de não deixar de inves-

tigar tudo que de alguma sorte estivesse relacionado ao que se denominou "esquema Marcos Valério". Daí porque, desde o primeiro momento assegurou-se que pela natureza e originalidade não se deixaria de enfrentar o ocorrido em Minas nas eleições estaduais de 98. Trata-se de um caso específico que merece análise pormenorizada, principalmente por envolver o publicitário Marcos Valério e suas empresas. E, neste sentido, pelas mesmas características das operações e por ser o mesmo empresário de publicidade o principal agente, podemos afirmar que a CPMI encontrou, durante suas investigações, a origem do esquema em Minas Gerais, terra do publicitário Valério, particularmente por suas atividades no ano de 97 na campanha do então Governador Eduardo Azeredo, do PSDB à reeleição, hoje Senador Eduardo Azeredo. Descobriu-se ali o DNA do esquema Marcos Valério. Há evidências que Marcos Valério manteve relacionamento constante e intenso com o Senador desde sua campanha a Governador de Minas Gerais em 98, embora a CPMI não tenha tido acesso aos sigilos telefônico de 97 a 99, pois as operadoras de telefonia somente guardam dados dos últimos cinco anos. Contudo, no período de junho de 2000 a março de 2003, ocorreram 135 ligações entre o Senador e Marcos Valério, Cristiano Paz e a SMP&B, conforme se comprova nos anexos deste Relatório. Além do Senador, seu irmão Álvaro Brandão de Azevedo que foi titular da SECOM de Minas durante a gestão do Senador manteve freqüentes contatos telefônicos com a SMP&B. Marcos Valério, indagado na CPMI da compra de votos pelo Senador Leonel Pavan, sobre o caso Minas, assim se manifestou: "O Sr. Cláudio Mourão tinha uma procuração assinada pelo Senador Eduardo Azeredo, o Sr. Cláudio Mourão, através do Sr. Clésio Andrade é quem me pediu o recurso. E o Senador, com todo o respeito e admiração que lhe tenho, é meu amigo pessoal, sabia do empréstimo".

Outro fato comprova, de modo específico a relação entre Marcos Valério e o Senador. Uma parte da dívida do Senador com Cláudio Mourão foi paga, conforme depoimento de Cláudio Mourão à Polícia Federal, por meio do cheque 7683, no valor de 700 mil reais, emitido pelo próprio Marcos Valério e por sua mulher, Renilda Santiago, em 18 de setembro de 2002, do Banco Rural de Belo Horizonte. Atesta-se, de maneira inequívoca a relação íntima, portanto entre ambos. Personagem principal do esquema montado por Valério, a Diretora Financeira, Simone Vasconcelos, ocupou o cargo de Diretoria da Secretaria de Relações Humanas e Administração no Governo de Minas na gestão do PSDB. Não por coincidência, ela deixou o cargo no final de 98, ao final do mandato do então Governador para trabalhar numa das agências de publicidade de Marcos Valério. Quando deixou o cargo, no Estado de Minas em dezembro de 98, Simone ocupava o cargo de Diretora 3, mais uma vez não por coincidência, o Secretário da pasta era Cláudio Mourão, que depois foi o Tesoureiro da campanha à reeleição de Azeredo. José Vicente Fonseca confirmou ter sido contratado em 98, pelo PSDB por meio do então tesoureiro Cláudio Mourão. Segundo esta versão, o objetivo do contrato seria alocar mão-de-obra para a campanha. Os repasses são a primeira evidência de um pagamento direto de Valério para a campanha do Senador, além de fornecedor, Fonseca também foi o doador da campanha tucana, disse ter contribuído oficialmente com registro na Justiça Eleitoral com cerca de 700 mil por meio da empresa CERTEC a mesma que foi contratada por Mourão, com recursos de Valério. Durante a campanha eleitoral daquele ano, a agência SMP&B DE COMUNICAÇÃO, contraiu dois empréstimos no BANCO RURAL de Minas Gerais que foram destinados a campanha do então candidato à reeleição. Fato este conhecido pelo de coordenador de campanha Sr. Cláudio Mourão em um deles, frise-se, desde logo, causou espécie que tenha sido quitado por valor bem inferior ao montante adquirido. Consta da documentação investigada por esta CPMI que o primeiro empréstimo foi do contrato de mútuo firmado em julho de 98 entre o BANCO RURAL e a SMP&B no valor de 2 milhões e 300 mil, tendo como devedores solidários Marcos Valério, Clésio Soares, Ramon Hollerbach, Cristiano Mello. De acordo com os termos do contrato, o empréstimo tinha como garantia uma nota promissória e deveria ter sido praga em 6 de agosto de 98. No dia 7 de agosto foi feita a renovação do contrato, também no mesmo valor, desta feita com vencimento em agosto de 98, data em que foi quitado.

Já de pronto cabe ressaltar a similaridade de procedimento que o Sr. Valério utilizará nas campanhas eleitorais de 2003/2004. O segundo empréstimo a considerar para entendimento da gênese do esquema Marcos Valério é o contrato de mútuo 6.2241.4, firmado em agosto de 98, entre o BANCO RURAL e desta vez a DNA PROPAGANDA no valor de 9 milhões, tendo como devedores solidários: Marcos Valério, Ramon Hollerbach Cardoso. Esse segundo empréstimo deveria ter sido pago em outubro de 98, o que não ocorreu. A dívida foi prorrogada três vezes. No ano seguinte, em 2000, o BANCO RURAL entrou com ação judicial de cobrança. Em 11 de abril de 2003 a ação foi extinta por acordo, a dívida que estava em 13,9 milhões, segundo cálculo judicial foi liquidada no referido acordo com o pagamento pela DNA de apenas 2 milhões de reais.

Diferentemente do que foi afirmado perante a CPMI, foi sim o contrato entre a SMP&B e a SECOM

de Minas que suportou o empréstimo desde a primeira hora, com efeito estava previsto no contrato de mútuo o aspecto fundamental para o real entendimento dos fatos. "A garantidora dá ao Banco neste ato em caução penhor em favor do BANCO RURAL-- [soa a campainha] Os créditos decorrentes do contrato de produção e veiculação de matéria publicitária, conforme Edital de Licitação 1/95 e seus aditamentos, firmado com o Estado de Minas Gerais através da Secretaria de Estado da Casa Civil e de Comunicação Social". Não obstante tais negociações, os dados de movimentação bancária mostram que o BANCO RURAL continuou pagando os serviços de publicidade efetuados pelas empresas de Valério por meio da SMP&B colocando assim em xeque o argumento de que se negociou com a contraprestação de serviços aquela dívida. A SMP&B recebeu 34 milhões no período de 2000 a junho de 2005. A referida negociação foi em abril de 2003, justamente o ano em que os repasses alcançaram a maior cifra, treze milhões de reais, conforme descrito abaixo. A movimentação financeira dos empréstimos tomada pela DNA no BANCO CIDADE evidencia que os recursos destinados em 98 àquele esquema, as dúvidas quanto ao esquema e sua origem deixaram de existir em razão de dois importantes documentos disponíveis na CPMI-- [soa a campainha] Uma correspondência da DNA dirigida a SECOM, solicitando a transferência de domicílio bancário para o BANCO RURAL da agência 9, Assembléia Belo Horizonte. Essa correspondência foi assinada pelo Sr. Eduardo Guedes, Secretário de Comunicação Social do Governo mineiro. E uma outra do BANCO RURAL destinada a SECOM informando que o contrato tinha sido em garantia do empréstimo. Todo esse debate envolvendo o atual candidato à reeleição está referenciado nas responsabilidades se suas ou do então tesoureiro da sua campanha, Cláudio Mourão. Cabe, embora, observar que tivesse como responsável pela campanha seu tesoureiro, a Lei 9504/97, já em vigor na época da disputa, diz que: "O candidato é o único responsável pela veracidade das informações financeiras de sua campanha". Contratos de Marcos Valério com os Governos de Minas Gerais e outros governos e com o Governo Federal no período de 98 a 2002. Contrato com a CEMIG, COMPANHIA ENERGÉTICA DE MINAS GERAIS, o Enduro da Independência, da mesma forma evidencia que a campanha, COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, COMIG, e a companhia de saneamento, COPASA, de Minas Gerais, repassaram três milhões de reais para a SMP&B que deveria organizar o enduro da independência em 98, com sérios indícios de superfaturamento e serviços não prestados. O Tribunal de Contas de Minas Gerais investigou a aplicação dos recursos da área de publicidade oriundas daquela companhia, COMIG, e da COPASA, que repassaram três milhões para a SMP&B a fim de organizar os eventos, tendo os referidos pagamentos ocorridos em agosto e setembro de 2003. O exame técnico constatou que a participação financeira do Governo no evento Enduro foi feito até 98, diretamente pela SECOM, por meio dos valores descritos. A cota patrocínio para esse evento no ano de 98 sofreu um aumento nominal da ordem de 1100% em relação ao exercício de 97. E de 5900% em relação aos exercícios de 95, em relação aos exercícios 95 e 96. Na data base de 28 de fevereiro de 2003 foi realizada a inspeção modular, análise de simulação econômico financeira como resultado da análise foi determinada e atendida a constituição da provisão de perda adicional de 301 mil reais em decorrência da reclassificação da operação da SMP&B para o nível de risco mais elevado. Refere-se aos contratos com a SMP&B e o banco de Minas Gerais, BMG. Portanto, determinou-se que as operações mantidas pelas empresas GRAFITE(F) e SMP&B que estavam classificadas no nível de risco E, fossem reclassificadas para o nível de risco H, o que representa 100% de provisão por expectativa de perda total.

Para o empréstimo Tolentino foi determinada a classificação de risco para o nível C. Assim foi ordenada uma provisão complementar de perda no valor de 17,7 milhões. Mais tarde, o risco para o nível H. De tudo o que se reclassificou fica patente a existência dos empréstimos, não sendo factível supor tratar-se de mecanismo para burlar ou obscurecer ações criminosas impetradas pelo PSDB ou pelo Partido dos Trabalhadores. Os empréstimos de fato ocorreram tanto lá quanto cá. Em fevereiro de 2005, o Banco Central realizou a fiscalização nas operações de crédito com data base 31/12/2004, da mesma forma. O Banco Central determinou que pela falta de liquidez das operações os empréstimos com a GRAFITE(F), SMP&B junto ao BANCO RURAL deveriam ser reclassificados para o nível de risco H, representando 100% da expectativa de perda da operação. Assim foi determinada uma provisão complementar da perda do valor total de 52,6 milhões. Também foi realizada a verificação especial incluindo a operação de crédito com o Partido dos Trabalhadores. O resultado da análise apontou a necessidade de reclassificação de risco para o nível H e, conseqüentemente, constituição de provisão de perda pela totalidade do saldo desse empréstimo no valor de 5,9 bilhões. Conforme aponta a verificação especial, as provisões determinadas aos bancos BMG e RURAL também consideram o eventual descumprimento das normas regulamentares que disciplinam a concessão de empréstimos como, por exemplo, garantias insufi-

cientes, renovações sucessivas e incapacidade de pagamento do devedor. Casos específicos das operações mobilizadas pelo Sr. Marcos Valério e seu esquema. VISANET, GRUPO OPORTUNITY, USIMINAS e COSIPA. No curso das investigações empreendidas pela CPMI, no que tange as movimentações financeiras do Sr. Marcos Valério e suas empresas, foram revelados um contingente expressivo de contratos e movimento bancário caracterizados pela atipicidade, seja em relação ao volume ou a forma de contabilização ou a falta dela, o que poderia ensejar a existência de delitos de natureza fiscal e penal. Não obstante, salvo uma grande engenharia criativa e forte dose de desejo de crer nos resultados da sua própria criatividade, poderiam ensejar a convicção de que tais movimentos seriam os indícios contundentes a revelar a origem dos recursos do esquema. Afastando de forma definitiva a hipótese dos empréstimos, situação esta que não apontaria para o melhor caminho seja o da investigação em si mesmo, que terá prosseguimento no âmbito do Ministério Público e da Polícia Federal, mas, sobretudo, para se chegar a verdade.

A seguir, são abordados alguns dos fatos que caracterizam a dita movimentação financeira. A companhia brasileira de meios de pagamento VISANET é uma empresa privada cuja participação societária é composta basicamente por instituições financeiras que utilizam a bandeira Visa, entre elas o BANCO DO BRASIL, empresa de capital misto controlada pela União que participava com 31,9% do capital em 31/12/2002. Em 2001 foi criado o fundo de incentivos VISANET mantido com recursos disponibilizados pela VISANET. O regulamento prevê que os recursos do fundo são destinados a promoção no Brasil da marca Visa e do uso dos cartões com a bandeira Visa e que cada acionista determinará a sua utilização na proporção de sua participação no capital social da empresa. O BANCO DO BRASIL, a responsável pela gestão de 31,9% dos recursos do fundo, cujo montante é definido anualmente pelo comitê gestor do próprio fundo VISANET, conforme fica explicitado nas correspondências enviadas a esta CPMI. Em novembro de 2005, a VISANET afirma que os recursos alocados para as ações planejadas pelo BANCO DO BRASIL foram pagos pela VISANET, conforme instruções do próprio Banco aos respectivos fornecedores indicados, escolhidos e contratados pelo próprio Banco responsável exclusivo pelas negociações com eles mantidas não havendo interferência da VISANET na contratação. Nota-se que o Banco, segunda informa o regulamento do fundo, poderia optar pela transferência dos recursos do fundo para ele próprio, o Banco, e assim realizar os pagamentos às agências publicitárias e os demais fornecedores ou indicar os fornecedores para que a própria VISANET providenciasse o pagamento. Sendo esta segunda a opção do BANCO DO BRASIL. O pagamento é providenciado pela própria VISANET. Todos os pagamentos da VISANET e SERV NET para a DNA PROPAGANDA foram realizados por instrução e sob responsabilidade do BANCO DO BRASIL conforme determinava o regulamento, com base em informações por ele prestadas relativas aos serviços e ao regulamento do fundo. As ações de marketing a serem desenvolvidas com o objeto de promover a aquisição e o uso dos cartões com bandeira VISA, conforme planos de marketing definidos pelo BANCO DO BRASIL. Não obstante, em que pese a informação prestada pela VISANET da análise do regulamento do fundo pode se depreender que a liberação dos recursos decorria da realização dos referidos eventos cabendo até mesmo não efetuar os reembolsos dos valores caso as formalidades comprobatórias não fossem cumpridas a contento. Resta saber, pois, que o gestor do fundo VISANET, a atuar de forma negligente ou de má-fé contra o cumprimento do seu próprio regulamento, fato este que somente poderá vir a ser esclarecido com a continuidade das investigações nas instâncias devidas. Note-se que o comitê gestor do fundo era composto por representantes dos sócios, que a maioria oriunda de empresas privadas.

Deve-se destacar que não é formalmente de competência da Diretoria do BANCO DO BRASIL a responsabilidade pela gestão dos recursos provenientes do fundo VISANET, o que pode ser caracterizado como uma deficiência regulamentar. Assim a responsabilidade deste relacionamento formal com a VISANET recaiu sobre a Diretoria de varejo ou de marketing face de se tratar de publicidade de um dos produtos do Banco, os quais tinha a referida responsabilidade formal. O BANCO DO BRASIL como acionista da VISANET, teria autonomia para indicar a utilização dos recursos do fundo limitado a aprovação da proposta de ação de incentivo e à fiscalização do comitê gestor. Assim sendo, seus diretores ligados ao episódio seriam responsáveis pela alocação desses recursos e pelas potenciais irregularidades referidas no presente Relatório. Assim, é imprescindível apurar estas responsabilidades no escopo de uma investigação aprofundada onde seja possível aferir os gastos efetivos e os produtos deles advindos para além das irregularidades formais, investigação esta que a CPMI não pode realizar com a minudência necessária, dados os seus próprios limites. Esclareça-se que a empresa VISANET é uma empresa privada com participação minoritária do BANCO DO BRASIL e que detém regulamentos próprios para o seu funcionamento conforme se pode depreender da transcrição de parte do regulamento do fundo de in-

centivo VISANET, apresentado mais adiante. Por sua vez, o BANCO DO BRASIL por ser uma sociedade de economia mista tem parte de seus recursos ou patrimônio a natureza pública a qual requer um tratamento diferenciado onde as responsabilidades dos seus dirigentes devem se harmonizar com os deveres dos responsáveis pela coisa pública. Não obstante as regras de gestão dos recursos do fundo VISANET obedeçam a parâmetros próprios, sendo inaplicáveis os procedimentos aos quais a administração interna do BB está adstrita, inclusive a observação de Lei de Licitações e Contratos de Administração Pública, sendo este um elemento a mais a complexificar a apuração dos fatos e das responsabilidades, mas que deve ser feita de forma imparcial e cuidadosa. A partir das informações disponibilizadas à CPMI pela VISANET, apresentamos o resumo dos valores anuais destinados pelo fundo de incentivo aos acionistas repasses de fundo ao incentivo VISANET e a seus acionistas de acordo com o orçamento anual aprovado pela VISANET. O comitê gestor aprovava anualmente o orçamento global para as ações de incentivo a bandeira VISA. Os acionistas apresentaram, para a aprovação anual, a proposta de ações de incentivo que se aprovado, executado os serviços e ainda tendo sido apresentados documentos fiscais, gerará os pagamentos aos fornecedores. O próprio BANCO DO BRASIL em seu contrato de publicidade firmado com a DNA na cláusula décima especifica: "A contratada entregará ao Banco comprovante de garantia na modalidade fiança básica no valor de 2 milhões, 840 mil de verba estimada no item 5.1 desse contrato, como forma de garantir a perfeita execução do seu objeto. A forma atípica de relacionamento comercial pode denotar irregularidades e até mesmo a caracterização delituosa". Não obstante é preciso reconhecer que tal situação se inicia desde 2001, portanto, no período anterior a atual gestão do Banco onde os controles eram ainda mais frágeis e que ao longo do ano de 2004, em decorrência do trabalho de auditoria do Banco e do posicionamento da Diretoria do mesmo, os critérios de fiscalização da aplicação dos recursos foram se aprimorando. Desta forma, se houve prática delituosa é necessário que se apure a responsabilidade pontual de cada diretor e dos membros do comitê gestor do fundo VISANET e do conselho de administração da empresa. O diretor de marketing da instituição assumiu a participação de outros diretores.

Em depoimento em 7 de dezembro de 2005, a esta CPMI, o Ex-Diretor de marketing do banco afirmou que recebeu ordens expressas do Ex-Secretário da SECOM para que assinasse a nota de autorização. É de responsabilidade desta CPMI revelar os fatos e concluir aquilo que os mesmos evidenciam. Neste caso específico não é possível responsavelmente atribuir veracidade ou crédito ao Sr. Pizolato quanto ao envolvimento do Ex-Ministro Gushiken ou ao Presidente do Banco por cumplicidade quanto a responsabilidade pelos repasses. Ressalte-se que o procedimento dos repasses às agências de publicidade já ocorriam antes mesmo da atual gestão sem qualquer contestação. O Ministro Gushiken, por sua vez, não detinha qualquer responsabilidade quanto as contas de publicidade das empresas para além da regulamentação geral de procedimentos que tem uma correlação direta com a estratégia governamental e não com as especificidades de cada conta em particular-- [soa a campainha] De igual forma não se poderia atribuir responsabilidade ao Presidente do Banco já que este não detinha qualquer linha de relação com o assunto caso fosse necessário qualquer autorização para tal este procedimento se deveria dar formalmente. O padrão de pagamentos realizados pela VISANET era adiantar os recursos a partir de notas fiscais emitidas pelas agências. Essa regra começou a ser modificada em 2004, com o aprimoramento dos controles internos por iniciativa da Diretoria do Banco em face aos apontamentos realizados pela auditoria interna como se depreende do Relatório interno anexo. Grupo USIMINAS e COSIPA. A usina siderúrgica de Minas Gerais, USIMINAS, tem por objetivo a exploração da indústria siderúrgica e correlata, visando a ampliação de seu ramo de atividade, a companhia mantém participação em empresas controladas, controladas em conjunto e coligadas diretas ou indiretas. Estratificamos as movimentações financeiras a crédito, origens DNA PROPAGANDA LTDA, SMP&B COMUNICAÇÃO, é MULTIACTION ENTRETENIMENTO LTDA bem como as informações disponíveis de contrato de prestação de serviços de publicidade para os anos de 2000 a 2005 das empresas contratantes USIMINAS MECÂNICA, USIMINAS SIDERÚRGICA, COMPANHIA SIDERÚRGICA PAULISTA, COSIPA, bem como notas fiscais disponibilizadas espontaneamente a esta CPMI pela USIMINAS e COSIPA. Confrontando estas estratificações não identificamos nenhum repasse que possa relacionar com o sistema Marcos Valério mesmo que pesem as palavras do Deputado Roberto Brant em resposta a notificação desta CPMI. A partir daqui, passamos a analisar da maneira como o Sr. Marcos Valério operava esquema por ele criado para financiamento de campanhas políticas que teve início em 1998. As movimentações financeiras das empresas e pessoas relacionadas ao empresário Marcos Valério, que são alvo de investigação da CPMI, conforme demonstrativo abaixo, são disponibilizadas através de dados eletrônicos fornecidas pelas instituições

financeiras por solicitação da Comissão. Todos esses dados alimentam uma base eletrônica que está disponibilizada para serem analisados através do programa informatizado de análise de dados denominado BO. A seguir, apresentamos os demonstrativos das participações nas empresas do Sr. Marcos Valério. Análise das operações em relação aos fundos. Operações dos Bancos BMG e BANCO RURAL, fundos de previdência complementar. Um dos questionamentos mais relevantes submetidos à apreciação da Sub-Relatoria dos Fundos de Pensão foi o de saber qual o volume de recursos dos Bancos BMG e RURAL teriam captado a partir de investimentos dos fundos de pensão e se tal captura tinha relação com repasses irregulares a partidos e a políticos.

Nesse sentido, buscamos analisar se os investimentos das fundações investigadas-- [soa a campainha] Eram atípicos ou estavam inseridas dentro de uma tendência de mercado. Para chegarmos a uma conclusão definitiva teríamos que ter parâmetros de referência como, por exemplo, um, como se comportaram o conjunto de investimentos de todas as fundações no BMG e no BANCO RURAL em setembro de 2004, onde haviam 67 fundações com aplicações em ambos os Bancos e 70 fundações com investimentos no BMG, como se comportaram o conjunto de investimentos das fundações investigadas nos demais bancos. Com relação ao primeiro parâmetro o estudo preparado pela secretaria de previdência complementar deixa claro conforme os gráficos demonstrativos que os investimentos seguiram tendências de mercado. Portanto, o simples fato das fundações aumentarem ou diminuírem investimentos nos Bancos BMG e RURAL não configuram prova de qualquer irregularidade. A esse respeito, nas aplicações dos fundos devem ser feitas análises específicas caso a caso não podendo se chegar somente a conclusões genéricas e sem consistência factual. Com relação ao parâmetro de análise das tendências de investimento dos Fundos de Pensão em todos os Bancos, a CPMI não possui dados suficientes nem mesmo condições técnicas para tanto. Haveríamos que ter quebrado o sigilo bancário e fiscal de todas as fundações em todos os Bancos. Portanto, torna-se inviável para o período de tempo determinado no funcionamento da CPI dos CORREIOS a delimitação temática da mesma. Esse nível de investigação haveria de ser realizado dentro de um processo investigativo e analítico específico do sistema Financeiro Nacional. E, principalmente, com a responsabilidade e cuidados necessários para não criarmos falsas instabilidades no mercado financeiro nacional. Contudo, é voz corrente no mercado que no ano de 2004 as fundações, de maneira geral, passaram a aplicar nos Bancos de pequeno e médio porte por razões do surgimento do crédito consignado. O que demonstra uma lógica de mercado para a ampliação de investimentos de todas, de todas as fundações não somente as doze investigadas nos Bancos BMG e RURAL. Em novembro de 2004, o Banco Central determinou a intervenção do Banco Santos. A partir desta medida, foi identificado um rombo de dois bilhões, duzentos e trinta e seis milhões, o que motivou a liquidação daquele Banco. Não há como afirmar que o episódio para o mercado financeiro foi ou não uma surpresa. Importantes investidores foram pegos de surpresa com aquela intervenção. Um rosário de matérias positivas foi publicado na imprensa nacional, principalmente no mês de outubro, chamando a atenção inclusive captações financeiras do Banco no exterior. A empresa de auditoria Trevisan, que passou a auditar as demonstrações financeiras do BANCO SANTOS a partir do primeiro semestre de 2004, em seu primeiro trabalho, registrou ressalva em seu parecer sobre os balanços apresentados pelo BANCO SANTOS. Essa empresa sucedeu a ERNEST YOUNG nos trabalhos de auditoria dos demonstrativos financeiros do BANCO SANTOS. Vale ressaltar que a crise ocorrida no mercado financeiro em 2002, altíssimas taxas de juros, tornaram os CDBs de bancos não interessantes para que os fundos investissem seus recursos em CDBs migrando para títulos de governo. Os dirigentes e ex-dirigentes destes fundos quase que de forma idêntica seguiram o fluxo de mercado, saíram dos investimentos em CDB em 2002, mercado não favorável, e retornaram em 2004, quando o mercado financeiro já estava estável. Tanto pela queda da taxa de juros em títulos públicos quanto pelos novos produtos financeiros. O quadro representa a composição das perdas de 238 milhões incorridas pelos Fundos de Pensão: REAL GRANDEZA, POSTALIS, CENTRUS, FUNCEF e NÚCLEOS. Registre-se que a SANTOS ASSET MANAGEMENT, empresa de gestão de recursos do GRUPO SANTOS, aproveitou-se de tais falhas para beneficiar as aplicações do Banco. A atuação dessa empresa à frente dos negócios das fundações gerava sérias dúvidas quanto a sua independência, já que a mesma era responsável por decidir quais ativos comprar, quais taxas ou preços seriam negociados. A inexistência de controles eficazes permitiu inclusive que a SANTOS ASSET MANAGEMENT, adquirisse títulos emitidos pelo próprio BANCO SANTOS em nome de fundações de seguridade. Registramos que nos autos da sentença do Juiz de Direito da Segunda Vara de Falências e Recuperações Judiciais o pedido de auto falência do BANCO SANTOS, processo Nº5 0652087 consta o seguinte: “Ainda, segundo a inicial, não bastasse esta atuação verificou-se em relação a sua administração durante a

tramitação de Inquérito, instaurado pelo BANCO CENTRAL DO BRASIL diversas práticas irregulares pelos ex-administradores e controladores, algumas delas com participação dos próprios devedores que acabaram por impedir exames e avaliação de investidores e analistas do mercado sobre a sua real situação financeira". Mais ainda: "Eram comuns operações que tinham por objetivo transferir ou desviar recursos para empresas não-financeiras ou cobrir ativos insubsistentes de exercícios anteriores". A lista de ratings da MOODY´S para o Brasil indica em primeiro de agosto de 2004, no rating na escala nacional longo prazo a reclassificação BAA2.BR e no rating na escala nacional de curto prazo a reclassificação BR3, ambas as classificações colocavam o BANCO SANTOS na categoria de grau médio de investimento. Reproduzimos abaixo a lista e as definições daquela escala. Para tentar honrar o compromisso do tempo que foi agendado inicialmente, saltamos a parte de indiciamentos e encaminhamentos, de sorte a que possa fluir a representação dos demais votos separados e inscrições conforme determinação da Mesa. Denúncia original nos CORREIOS. Indiciamentos e encaminhamentos. Os indiciamentos e encaminhamentos feitos adiante são o resultado de todo o trabalho até agora relatado.

Cabe observar também que a lista é extensa, porque a maioria dos agentes foi implicada como partícipe a teor do que estabelece o artigo 29 do Código Penal. A presente investigação parlamentar-- [soa a campainha] foi deflagrada pela gravação que registrou então o funcionário dos CORREIOS, o Sr. Maurício Marinho, recebendo propina de dois empresários e citando o Sr. Roberto Jefferson, à época Deputado Federal, como co-responsável por esquema de corrupção que havia naquela estatal. Revelaram as investigações dessa CPMI que o Sr. Roberto Jefferson logrou estabelecer uma rede de influências na administração dos CORREIOS baseada, sobretudo, na indicação política para a ocupação de cargos com vistas a captação de recursos para fins de financiamento eleitoral. Em seu depoimento nesta CPMI, o Sr. Roberto Jefferson confessou o cometimento de crime eleitoral e contra a ordem tributária ao admitir que recebera recursos para as campanhas eleitorais de seu partido e que não prestara contas à Justiça Eleitoral dos valores recebidos. Há indícios, e em alguns casos, provas robustas de que o esquema possivelmente engendrado pelo próprio Sr. Roberto Jefferson comprometeu a boa gestão da coisa pública resultando no cometimento de atos de improbidade administrativa, tráfico de influência, advocacia administrativa, corrupção ativa e passiva, formação de quadrilha, fraude a licitação, burla ao instituto do concurso público, entre outros.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado. Também agora a extensão, os mais 30 minutos adicionais para a exposição de V.Exa.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Agradeço a compreensão de V.Exa. Assim diante dos fatos e relatos colididos neste Relatório, ressurge a necessidade da adoção de providências com vistas a se ofertar à sociedade brasileira, e nesta esteira, às autoridades responsáveis pela continuidade das investigações e apurações de possíveis ilícitos, a formatação dos indiciamentos possíveis e os elementos, ainda que preliminares, para a formação de juízos de responsabilidades mais abalizados e fulcrados na apuração que se segue na seara da Polícia Judiciária e do Ministério Público. Com esse espírito e forte no desiderato que impulsiona o trabalho da Comissão, não se pode perder de vista, nesse momento, a importância de que os indiciamentos adiante, que estão propostos, estejam em perfeita consonância com o resultado das investigações realizadas e que apontem, de maneira inconteste tanto a materialidade dos ilícitos como a efetiva demonstração ou os indícios de autoria de modo a preservar não somente as pessoas eventualmente alcançadas, mas substancialmente de evitar o descrédito do árduo e sério trabalho desenvolvido por esta CPMI. De outro lado, naquelas situações em que as investigações e os elementos de convicção colhidos ainda não permitem, com a profundidade necessária, a formação de um juízo de valor acerca da verossimilhança dos ilícitos praticados e das respectivas responsabilidades, a Comissão reservar-se a, animada pela necessidade estrita de observância da Constituição Federal a encaminhar e sugerir o aprofundamento dos trabalhos de investigação pelas autoridades competentes. Aliás, essas são as orientações exaradas pelo Egrégio Supremo Tribunal Federal, conforme se divisa do seguinte pronunciamento: "O indiciamento de alguém por suposta prática delituosa somente se justificará se e quando houver indícios mínimos, que apoiados em base empírica idônea possibilitem atribuir-se ao mero suspeito a autoria do fato criminoso. Se é inquestionável que o ato de indiciamento não pressupõe a necessária existência de juízo de certeza quanto a autoria do fato, não é menos exato que este ato formal há de resultar, para legitimar-se, de um mínimo probatório que torne possível reconhecer que determinada pessoa teria praticado o ilícito penal. O indiciamento não pode nem deve constituir um ato de arbítrio do Estado, especialmente se considerarem as graves implicações morais e jurídicas que derivam da formal adoção no âmbito da investigação penal dessa medida de polí-

cia judiciária, qualquer que seja a condição social ou funcional do suspeito.

É inquestionável que o ato de indiciamento não pressupõe a necessária existência de um juízo de certeza quanto a autoria do fato, mas esse ato há de resultar, para legitimar-se, de um mínimo probatório que torne possível reconhecer que determinada pessoa teria praticado aquele ilícito". É por essa razão que o saudoso Júlio Fabbrini Mirabete, do Código de Processo Penal, ao versar sobre o tema de indiciamento formula acertadamente a seguinte advertência: "Indiciamento é a imputação a alguém no inquérito policial da prática de infração penal que está sendo apurada, embora a Lei não se refira expressamente ao indiciamento, menciona por várias vezes o indiciado, diante da colheita dos elementos que indicam ser uma pessoa autora do crime, a autoridade deve providenciar seu indiciamento não constituindo fato constrangimento ilegal, ao contrário, se não houver indícios razoáveis da autoria, mas mera suspeita isolada, não se justifica o indiciamento". Essa mesma percepção do tema é revelada por Fernando Capez, também em Curso de Processo Penal, "cujo magistério a propósito da efetivação do ato de indiciamento exige que este resulte da concreta convergência de sinais que atribuam a provável autoria do crime a determinado ou a determinados suspeitos". Também perfila igual entendimento em magistério extremamente preciso sobre o tema, ora em análise, o saudoso e eminente Professor Sérgio Marques de Moraes Pitombo: "O indiciar alguém, como parece claro, não há de surgir qual ato arbitrário da autoridade, mas legítimo. Não se funda também no uso do poder discricionário, visto que inexiste a possibilidade legal de escolher entre indiciar ou não indiciar. A questão situa-se na legalidade do ato. O suspeito sobre o qual se reuniu prova de autoria da infração tem de ser indiciado. Já aquele que contra si possui frágeis indícios ou outro meio de prova esgarçado não pode ser indiciado. Mantém-se ele como é, suspeito. A mera suspeita não vai além da conjectura fundada em entendimento desfavorável a despeito de alguém. As suspeitas, por si sós, não são mais que sombras, não possuem estrutura para dar corpo à prova de autoria". Cabe referir, finalmente, a expressiva lição de Silvia Helena Steiner no Indiciamento em Inquérito Policial como ato de Constrangimento Legal ou Ilegal. Hoje, Eminente Juíza do Tribunal Penal Internacional, instituído pelo Estatuto de Roma: "Levando-se em conta que a Constituição Federal centra o rol de direitos e garantias individuais no princípio da dignidade do ser humano, não temos dúvidas em apontar a ilegalidade do ato de indiciamento antes da definição da materialidade delitiva e antes que suficientes os indícios de sua autoria". Em suma, o indiciamento não pode nem deve constituir um ato de arbítrio do Estado especialmente se considerarem as graves implicações gerais e jurídicas que derivam da formal adoção no âmbito da investigação penal dessa medida. Qualquer que seja a condição social ou funcional do suspeito. Diante dos fatos e relatos coligidos neste Relatório propõe-se os indiciamentos abaixo relacionados e o encaminhamento ao Ministério Público das formas respectivas. Seguem-se, por temáticas, os itens em que os indiciamentos estão categorizados na forma da Lei e da Constituição e aqueles casos sobre os quais se recomendam o prosseguimento das investigações no Ministério Público como é da praxe a partir do Relatório desta Comissão Parlamentar de Inquérito. Durante todos esses meses de trabalho em que nos debruçamos com revigorada energia e entusiasmo sobre os eventos que motivaram a instalação desta CPMI e diversos outros que surgiram naturalmente como resultado dos nossos trabalhos, procuramos manter a clareza de que uma Comissão Parlamentar de Inquérito, por importante que seja, não inaugura nem tampouco encerra a história da investigação Parlamentar no Brasil. Em outras palavras, procuramos situar os nossos trabalhos com a necessária modéstia e visão de realidade com consciência do momento histórico porque passa o Brasil. Evitamos superestimar assim a importância do labor que desenvolvíamos.

Essa mesma consciência nos obrigou, por outro lado, a perceber desde o início que não estávamos diante de uma CPI comum. Nossos trabalhos identificaram, a partir do fio da meada que havia sido suscitado por um fato ocorrido na EMPRESA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, todo um complexo de pessoas, empresas, entidades e instituições que compunham um antigo esquema que vinha ocorrendo há quase dez anos, algumas das instituições públicas mais importantes do país. Discutir o financiamento das campanhas eleitorais e a política necessária à constituição e manutenção de uma base de apoio a governos, quaisquer que sejam no Congresso implica discutir questões essenciais ao nosso sistema político. Podemos dizer, sem falsa modéstia, que esta CPMI oferece à sociedade brasileira uma oportunidade de conhecer esse quadro e embora a construção das saídas legais e institucionais seja complexa e demande tempo e trabalho, temos claro que a possibilidade de um bom diagnóstico que buscamos proporcionar é um passo essencial para a cura dessas doenças que, historicamente, afligem o Estado e a sociedade brasileira. Esta CPMI foi peculiar também pelo fato de que sua composição contribuiu para adequar o desenvolvimento dos trabalhos. Nem o Governo nem a oposição lograram fazer da CPMI o

espaço privilegiado de manobras políticas ou político eleitorais. O equilíbrio das forças associado a responsabilidade cívica de todos os integrantes da Comissão contribuiu, de maneira decisiva, para a seriedade empregada em todos os seus trabalhos, fato que não passou despercebido da nossa sociedade política e tampouco da sociedade civil além da mídia. A inexistência de uma maioria facciosa contribuiu para que todos nós designados para as tarefas da Comissão tivéssemos melhores condições de honrar nossas atribuições sem ofender as partes envolvidas, respeitando os direitos individuais dos acusados e das testemunhas, dos investigados, buscando simplesmente a verdade dos fatos por sobre as colorações partidárias que são um componente natural e mesmo essencial à disputa política que ocorre no Parlamento. Aos partidos políticos, aos Parlamentares, à sociedade brasileira cabe a difícil tarefa de construir soluções legais, institucionais aos problemas que aqui apontamos. A maior parte desses problemas foi discutida com a necessária profundidade. Entretanto, em alguns outros a abordagem pode ter sido superficial, nunca ligeira, e muito menos irresponsável.

A difícil construção das saídas talvez não seja obra de uma só legislatura nem certamente apenas do Congresso Nacional. A sociedade está convocada a dar sua colaboração essencial dentro de alguns meses. Já existem, no Congresso, diversas proposições sobre a reforma política, sobre financiamento de campanhas, sobre fidelidade partidária inclusive a respeito da disciplina do próprio funcionamento de Comissões Parlamentares de Inquérito. O que podemos afirmar com tranqüila segurança é que fora da democracia e da Constituição qualquer solução é frágil e transitória. Nosso país que sofreu tantas vezes sob regimes autoritários de variada inspiração ideológica tem aprendido, aos poucos, a lição da democracia. No regime democrático a solução dos problemas, embora lenta e difícil, virá. As soluções fáceis, na maioria das vezes, são os atalhos do autoritarismo e do salvacionismo. A democracia é o caminho, o único caminho. Talvez devamos dizer com Churchill que o pior dos regimes desde que excetuados todos os demais é certamente que podemos afirmar pela letra de Tucídides e pela voz de Péricles: "O regime político que nós seguimos não inveja as leis de nossos vizinhos, ao contrário, servimos de modelo a alguns ao invés de imitá-los. Seu nome, como tudo o que depende não de uns poucos, mas da maioria é democracia. Nela, enquanto no tocante as Leis todos são iguais para a solução de suas divergências privadas, quando se trata de escolher se é preciso distinguir em qualquer setor, não é o fato de pertencer a uma classe, mas o mérito que dá acesso aos postos mais honrosos. Inversamente a pobreza não é a razão para que alguém, sendo capaz de prestar serviços à cidade, seja impedido de fazê-lo pela obscuridade de sua condição". Conquanto sejamos conscientes da superioridade do regime democrático, não podemos estimular expectativas desprovidas de compromisso com realidade e da natureza do regime democrático. Rejeitar soluções fáceis, ligeiras, caminhar por atalhos é estranho a um propósito democrático sério e consistente. Por isso, escolhemos o caminho difícil que é também o caminho adequado para conquistarmos uma democracia madura e sólida em seus fundamentos.

Reconheço que este Relatório final excedeu em volume a própria expectativa que tínhamos inicialmente a seu respeito. Ocorre que buscamos ser fiéis ao propósito apontado em sua introdução de nada esconder à sociedade. Escusado a dizer que se nos alongamos foi porque não tivemos alternativa que realiza-se esse propósito, nisso não inovamos, o Padre Antônio Vieira anos atrás assim se escusava: "Perdoe-me se me alongo, é que não tive tempo de ser breve". Sr. Presidente, Senhoras e Senhores congressistas, peço licença por um momento aos Senhores e Senhoras integrantes da CPMI, a todos os brasileiros que atentam para este Relatório final para fazer o depoimento de autoria do Deputado Osmar Serraglio, Relator, afinal poucas vezes a cidadania voltou seus olhos para os trabalhos de uma Comissão do Congresso Nacional como ocorre neste momento, no que temos absoluta convergência e reconhecemos a legitimidade desta declaração. "O Brasil vive com a presente CPMI mais um momento histórico importante para o seu amadurecimento político. Outras CPMIs marcaram em passado recente circunstancia desse amadurecimento e expressaram a contribuição que o Congresso Nacional pode e deve oferecer ao fortalecimento do regime democrático no Brasil, único caminho para enfrentar e resolver os problemas de nosso país e de nosso povo. Amadurecemos com as dores da construção da democracia, agora podemos vislumbrar com nitidez que o caminho é um só democracia política, instituições fortes e o fim da impunidade. Interessa-nos que todos os cidadãos tenham seus direitos constitucionais respeitados, noutras palavras, interessa-nos que ninguém seja pela obscuridade de sua condição, impedido de oferecer sua contribuição à cidade para usar a feliz imagem que Tucídides atribui a Péricles, um dos pais fundadores da democracia. Interessa-nos que quando ajam contra a lei todos seja punidos, ainda quanto alto funcionário da administração pública. Interessa-nos, repetimos quantas vezes for necessário, o fim da impunidade, as instituições fortes e a democracia política. Reiteramos uma vez mais a nossa esperança de que cada cidadão

e cada cidadã deste extraordinário país perceba a dimensão dos esforços que aqui desenvolvemos. Nosso compromisso foi e permanentemente o de respeitar a cidadania, os valores supremos da democracia e os interesses maiores do povo brasileiro. Por essa razão, Sr. Presidente, Sr. Relator, nobres pares, a exposição sintética que fizemos depois daqueles pontos e eixos fundamentais de manifestação deste voto separado, exercendo aquilo que regimentalmente era possível que era a apresentação de um voto até que o processo deliberativo se inicie para que a discussão fosse pautada com clareza e transparência naquilo que de fundo representa a divergência das opiniões e interpretações é que nos manifestamos de maneira absolutamente tranqüila e serena e volto aqui absolutamente respeitosa também na forma deste voto separado que pelo seu volume respeita a complexidade e o trabalho desenvolvido pelo Relator Osmar Serraglio. E como pode se depreender, inclusive da brevíssima exposição que fiz, muitos são os trechos, conteúdos, aportes que são do próprio texto relatado pelo Deputado Osmar Serraglio. E que, efetivamente, no nosso entendimento, ao poder expressar aqui de maneira sintética o voto separado dá substância a partir da qual se poderão orientar os processos subseqüentes de debate e de deliberação. Até porque, como na questão de ordem apresentada inicialmente pela Senadora Heloísa Helena, para se ter a apreciação dos destaques advindos deste processo de discussão é preciso antes saber sobre qual texto estaremos incidindo.

E, nesse sentido, o porte do voto que nós apresentamos absolutamente justifica o procedimento adotado em que pese o acordo político se sobrepor, neste momento, à rígida interpretação literal do regimento comum e do regimento do Senado Federal. O que por razões absolutamente voltadas a cumprir o nosso papel institucional e a exercer com transparência e legitimidade aquilo que a representação popular nos concedeu e o papel institucional desta CPMI, nós o faremos com a serenidade que nos caracterizou até este momento com a condução firme e segura do Sr. Presidente, do Sr. Vice-Presidente, com a participação e o valor inestimável do trabalho dos Sub-Relatores temáticos como também dos Relatores adjuntos. Por último, Sr. Presidente, reitero que não foi apenas o Partido dos Trabalhadores que apresentou o voto separado ao texto do Relator, entre os trinta e sete votos separados apresentados há partidos e proponentes que são da situação e da oposição. E por essa razão, acredito que nada mais fizemos senão o exercício Parlamentar para o qual fomos designados pelo voto popular, o cumprimento do direito de expressar o voto divergente e, ao mesmo tempo, a transparência com que nos pautamos em todos os momentos em que os pontos de vista, as interpretações, as atribuições de responsabilidade, as descrições de processos ou mesmo as indicações das influências, mediações ou esquemas que aqui foram apontados em testemunhos, documentos e relatos, efetivamente pudesse ser feito diante da sociedade brasileira. Sem paralelismos, sem ocultação, num debate claro, objetivo e aberto. Com esses propósitos, Sr. Presidente, é que eu, de maneira muito sincera, desejo que o prosseguimento dos trabalhos já ordenados no início desta reunião possa dar a sociedade brasileira o cumprimento daquilo que é nossa tarefa principal: Ter um Relatório conseqüente, consistente, justo, absolutamente comprometido com a verdade e que resulte na recuperação pública do papel das Comissões de Inquérito, que no particular desta CPMI fez inclusive o debate internacional para que o nosso papel constitucional fosse reconhecido pelas autoridades norte-americanas. Posto isso, Sr. Presidente, já de antemão saúdo V.Exª... pela condução dos trabalhos e pelos debates que, seguramente, pautarão a CPMI com o melhor resultado possível dadas as nossas contingências de tempo e as vicissitudes políticas que são naturais a esse processo. Muito obrigado.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Muito obrigado Deputado Abicalil e também agradeço a objetividade de V.Exª.. e quero também registrar o trabalho que V.Exª.. tem desenvolvido ao longo de toda essa CPMI. Trabalho sério, determinado de um Parlamentar focado que defende suas posições com lealdade, com determinação, com mais do que nunca espírito público. Então eu não poderia deixar de fazer esse registro em função do desempenho de V.Exª.. nessa CPMI. E eu gostaria de registrar que a partir de agora nós começamos efetivamente a discussão, nós começamos, já darei a palavra a V.Exª.., Deputado Arnaldo Faria de Sá, que a partir de agora começamos efetivamente a discussão do Relatório do Deputado Osmar Serraglio. A Senadora Heloísa Helena é a primeira inscrita e o último inscrito é o Senador Heráclito Fortes, porque a partir de agora, estão encerradas as inscrições. Portanto, quem não se inscreveu até agora não vai ter mais oportunidade de... São vinte e nove inscritos que vão não só falar ao longo da noite de hoje, mas também ao longo da manhã de amanhã a partir das dez horas da manhã até às dezesseis horas quando votaremos, impreterivelmente, o Relatório do Deputado Osmar Serraglio.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Arnaldo Faria de Sá, pela ordem.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, eu só queria que V.Exª.. informasse ao plenário, esse voto em separado nº 4, lido pelo Deputado Abicalil, ele autores: Senador Sibá Machado e outros. Deputado: Carlos Willian e outros. Eu gostaria, queria saber quem são esses outros.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós já, enquanto a Deputada Juíza Denise Frossard fala, nós já estamos levantando os nomes e já passaremos para V.Exª.., aliás para todo o plenário.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Obrigado, Presidente.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Sr. Presidente, é rápida a questão.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputada Juíza Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): É rápida a questão, apenas se vai prevalecer nessa votação a inscrição dos membros titulares em primeiro lugar e depois os suplentes?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Exatamente, os membros titulares em primeiro lugar, depois os membros suplentes.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Muito obrigada, Sr. Presidente.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, para uma dúvida. Sr. Presidente, V.Exª.. pretende imediatamente convocar o grupo de sistematização que ficou definido para procurar um entendimento dos textos, portanto nós começaríamos a nos reunir logo agora e se V.Exª.. der uma resposta afirmativa, eu gostaria imediatamente de solicitar ao Vice-Presidente, Deputado Asdrubal, que ficará na condução desses trabalhos, que considere que os Parlamentares que compõem este grupo de sistematização e que se inscreveram não estando presentes, assim que regressarem ou hoje à noite ou amanhã de manhã teriam respeitada a sua inscrição conforme a ordem constante dessa lista. Eu agradeço.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Com certeza essa é a proposta. Serão mantidas, será mantida a ordem de inscrição e concluindo--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, pela ordem. A informação que eu quero é antes da conclusão da reunião.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Como?

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): A informação que eu quero é antes da conclusão da reunião, porque é regimental a minha pergunta.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós não estamos concluindo a reunião, meu caro Deputado Arnaldo Faria de Sá, muito pelo contrário, nós estamos agora começando efetivamente a discussão, iniciando a discussão.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): V.Exª.. falou concluindo, eu....

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Não, concluindo é que eu iria só fazer uma... Aqui uma, um adendo a fala do Deputado ACM no sentido de que eu vou passar o comando dos trabalhos ao Vice-Presidente, o Deputado Asdrubal Bentes, exatamente para o grupo de sistematização se reunir agora ainda para dar continuidade aos trabalhos não só hoje como também amanhã.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): É que a minha pergunta é regimental, dependendo da resposta de V.Exª.. eu tenho uma questão de ordem a fazer.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Perfeitamente, Deputado Arnaldo Faria de Sá. Deputado Pannunzio.

DEPUTADO ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Sr. Presidente, eu queria aqui fazer um apelo a V.Exª.. e também a Deputada Denise Frossard, não sei se ela nos deixou já.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Não, está presente.

DEPUTADO ANTONIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Ah, está aqui. [Soa a campainha] Essa comissão estabeleceu uma tradição ao longo destes meses todos de não fazer diferenciação entre membro suplente e membro titular, até porque muitos titulares deram o sangue aqui para que esse Relatório ficasse pronto, que as oitivas todas fossem feitas, então que desse um tratamento homogêneo a todos aqueles que têm demonstrado seu apreço e a sua assiduidade nesta Comissão. O apelo que eu faço é apenas esse. Observar a ordem de inscrição, só isso.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Só uma só esclarecendo, Deputado Pannunzio, a pergunta da Deputada Juíza Denise Frossard é mais pelo processo de votação em que serão chamados primeiro os titulares e depois os suplentes, quanto a lógica nós encaminharemos como sempre o fizemos ao longo de todos os trabalhos.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Sr. Presidente, uma informação, Sr. Presidente. O Senhor pretende fazer ouvir quantos inscritos hoje ou até que horas? O Senhor vai estabelecer um horário?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Nós, em princípio, conduziremos o trabalho até a meia-noite. E depois, a partir de amanhã, às dez horas até às dezesseis.

SENADOR CÉSAR BORGES (PFL-BA): Sr. Presidente, apenas um esclarecimento, V.Exª.. falou da Comissão de Sistematização. Eu gostaria que V.Exª.. pudesse esclarecer melhor o trabalho dessa Comissão, ela está instituída por delegação de quem? Se ela tem legitimidade regimental para existir e como é que esse trabalho será apresentado aqui da Comissão de Sistematização. Eu acho que, porque eu estou acreditando, Senadora Heloísa Helena, que nós temos o Relatório do Deputado Osmar Serraglio que devemos olhar com toda a atenção que é o que está em discussão e posteriormente em votação. Então, peço a V.Exª.. uma explicação melhor sobre essa Comissão de Sistematização.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Força de expressão.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Digamos assim que foi um, quer dizer, é mais uma terminologia para explicar, para explicar uma situação que efetivamente, meu caro Senador César Borges--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Não tem explicação.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): É inexplicável. Portanto, eu gostaria de responder a V.Exª.. da seguinte maneira: Eu não vim aqui para explicar, eu vim aqui para confundir. [Risos]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Então--

SENADOR CÉSAR BORGES (PFL-BA): Esse é o papel da Comissão de Sistematização, confundir mais ainda, Sr. Presidente?

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): É não, não tem nada.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Dentro da objetividade que pode pautar os trabalhos, espero que esses Parlamentares não só venham a discutir determinados temas de fundamental importância para o Relatório do Deputado Osmar Serraglio como também tenham todas as condições de ajudar o encaminhamento da votação a partir das 16 horas de amanhã. É o que eu posso dizer a V.Exª.., Senador César Borges, sem entrar em--

SENADOR CÉSAR BORGES (PFL-BA): V.Exª.. poderia declinar o nome dos componentes da Comissão de Sistematização e os critérios de escolha?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Não, é um critério, na verdade foram alguns Parlamentares que ocuparam Sub-Relatorias ao longo dos trabalhos dessa CPMI dos CORREIOS.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Espero que tenha respondido adequadamente o Senador César Borges com bastante clareza--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Subjetiva, objetiva.

SENADOR CÉSAR BORGES (PFL-BA): A sua resposta me confundiu mais, Sr. Presidente.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, até para esclarecer um pouco o meu colega de partido, o Senador César Borges, na verdade o que se procura, Senador é fazer uma avaliação de quais são os coincidentes e os pontos divergentes de todos os votos separados apresentados com o texto do Deputado Osmar Serraglio. O critério me parece estar claro, foi o Presidente, o Relator e quatro Sub-Relatores que estariam mais afeitos a elaboração técnica do texto. Nós temos, é verdade, dois outros Sub-Relatores, mas cujo objeto de análise não está em discussão, não há divergência. Então, com o objetivo de tornar mais célere amanhã a apreciação dessas convergências e divergências é que foi instituída a Comissão de Sistematização. Eu espero que com isso tenha ajudado.

SENADOR CÉSAR BORGES (PFL-BA): Então ela só foi funcionar após a apreciação do voto do Relator Osmar Serraglio?

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Não, ela vai começar a funcionar desde já para preparar a votação. O objetivo é preparar a votação.

SENADOR CÉSAR BORGES (PFL-BA): Do Relatório ou ela vai se pronunciar após o Relatório?

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Não, Senador César Borges, ela não tem caráter oficial e ela necessariamente não tem que se pronunciar. O que nós vamos fazer é examinar o conteúdo de todos os votos em separado que foram apresentados e comparar com o voto do Deputado Osmar Serraglio para que amanhã, às 16 horas nós tenhamos condições de colocar o voto do Deputado Osmar Serraglio em apreciação para este Plenário e, logo em seguida, darmos continuidade à análise, se for o caso, daquilo que não for aprovado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria só de, para esclarecer essa questão definitivamente a intenção é porque foram apresentadas 37, 37 votos em separado sendo que um desses votos em separado, que são, que corres-

pondem a essa, ao relato apresentado pelo Deputado Abicalil, ele é extenso, evidentemente, até porque ele é um substitutivo. Então esse grupo onde, aqueles Sub-Relatores onde não existem divergências eles naturalmente não vão trabalhar nessa equipe, agora com relação aquelas Sub-Relatorias onde há divergência entre o Relatório do Deputado Osmar Serraglio e o substitutivo, aí eles, esse grupo irá ajudar o Deputado Osmar Serraglio a fazer uma avaliação detalhada de tudo isso exatamente com o intuito de ajudar o Deputado Osmar Serraglio a fazer a crítica à luz dos critérios que ele adotou no seu Relatório, desses votos em separado apresentados por um trabalho mais extenso e que foi lido agora pelo Deputado Abicalil.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Quem são os autores?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Os autores são: O Deputado Carlos Abicalil, a Senadora Eduque Salvatti, o Senador Gilvam Borges, o Deputado Maurício Rands, o Deputado Jamil Murad, o Deputado Jorge Bittar, o Senador Sibá Machado, a Senadora Ana Júlia, o Deputado Carlos Willian e o Senador Leomar Quintanilha.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Questão de ordem.

SENADOR HERÁCLITO FORTES (PFL-PI): Sr. Presidente.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, com base no art. 132, § oitavo, o voto do autor da proposição não será computado. Portanto, todos os autores não podem ter seu voto computado na hora da votação.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Sr. Presidente, para contraditar.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): É regimental.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Para contraditar, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Para contraditar, Deputado Abicalil. Para deixar muito claro isso porque--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Brincadeira tem hora.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Não é brincadeira não, está no regimento.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Abicalil com a palavra.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Sr. Presidente, evidentemente que nós teremos primeiro de saber para prosseguimento dos nossos trabalhos aqui qual será o posicionamento final do Relator tendo em vista o conjunto de votos separados que ele recebeu e que portanto ainda neste processo poderá ele próprio modificar o Relatório que apresentou, ele mesmo. É evidente que isto daí pode resultar inclusive em não se ter a necessidade de considerar voto por voto separado. Inclusive o voto separado substitutivo global. Portanto, a eventualidade de ter um autor de proposição só se dará caso o Relatório do Deputado Serraglio tenha sido derrotado. E neste caso, V.Exª.., como Presidente, terá de designar um Relator do vencedor. Este Relator--

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Vencido.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Relator do vencido.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Perdão, do vencido. O voto vencedor.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Mas o nome é Relator do vencido.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Este novo Relator ou Relatora que passa a ser o autor da proposição.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Claro.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Este sim estará submetido ao artigo a que fez referência o Deputado Arnaldo Faria de Sá é o argumento que temos para contraditar.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Esclarecendo-se, Deputado Abicalil, que o Relator do vencido não necessariamente tem que ser um Parlamentar que tenha assinado um voto em separado--

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Não necessariamente. Prerrogativa do Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): A escolha--

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Assim como... Do Presidente. Assim como também não tem que incorporar integralmente.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Claro.

SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): O que consta de nenhum dos votos.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Correto. Exatamente. É o Relator que deverá recolher aquilo que é--

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): O regimento é claro, o voto do autor da proposição não será computado, art. 132, § oitavo.

DEPUTADO MAURÍCIO RANDS (PT-PE): Deputado Arnaldo Faria de só, esse é só para Projeto de Lei não se aplica a Relatório de Comissão esse artigo. Nós já examinamos.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Mas o Relator vai ter o seu Relatório aprovado, com certeza.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Vai aprovar, o Osmar resolve tudo.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCÍDIO AMARAL (PT-MS): Eu passo a palavra a Senadora Heloísa Helena e peço aos membros do grupo de sistematização que se retirem durante algum tempo aqui do Plenário para uma reunião extraordinária. Cada orador terá quinze minutos, quinze minutos. Com a palavra a Senadora Heloísa Helena, quinze minutos.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Então volta ali o cronômetro. Por favor, eu vou começar quando tiver lá quinze minutos. Não, eu falo com um a menos. Não vou burlar não. Sr. Presidente, Senhores Senadores, eu acho que esse é um momento muito importante das nossas vidas pessoais e da nossa atividade Parlamentar. Foram muitos meses de muito trabalho, de desconfiança política, de exageros de todas as partes, foram muitos meses de quase exaustão física para a gente conseguir acompanhar todos os debates que estavam sendo feitos, porque não era apenas no plenário da Comissão, tinham debates que estavam sendo feitos ao mesmo tempo em duas Sub-Relatorias, numa Sub-Relatoria você identificava questões relacionadas a contratos e nos outros, você estava investigando cargas e outras coisas mais. Então, foi um momento muito difícil.

E como as denúncias de crimes contra a administração pública, elas acabaram se relacionando ao Governo que representa a cúpula palaciana do PT, isso criou um impacto na sociedade muito maior. Eu não tenho dúvida que o impacto dessas gravíssimas denúncias de corrupção, eles acabaram repercutindo mais no imaginário popular, desencantando mais mentes e corações porque estava relacionado a uma estrutura partidária, a uma liderança política que ao longo da sua história se reivindicou quase como o santuário dos ungidos pelos deuses da ética. E se criou, inclusive, Deputado Osmar Serraglio, se criou inclusive, dentro de setores da imprensa, de setores da sociedade, uma análise desonesta intelectualmente onde se passava a atribuir uma concepção leninista, gramichiana, da esquerda, a toda a patifaria política que estava sendo identificada. Começou-se inclusive, a reivindicar para culpar os envolvidos nos crimes contra a administração pública, reivindicar um conceito que, de fato, nunca foi reivindicado pela esquerda socialista e democrática que era "os fins justificam os meios".

E aí, toda a patifaria política, todos os crimes contra a administração pública, eles passaram a ser repetidos nos meios de comunicação, em setores da intelectualidade, em setores políticos como se fosse uma concepção da esquerda socialista, uma concepção leninista, gramichiana, trotskista quando, de fato, nada tinham a ver. Por mais que a esquerda socialista, ao longo da sua história, tenha feito um debate sobre a universalidade da ética, sempre se discutiu o que é a ética da guerra, a ética da paz, a ética do trabalho, a ética do capital. Nesse momento dúvida nenhuma havia no coração e nas mentes dos militantes da esquerda socialista democrática sobre o que de fato estava acontecendo.

E é exatamente por isso, exatamente por isso que tem uma passagem muito bonita que nunca foi necessariamente reivindicada pela esquerda socialista, que é a crítica da razão prática de Kant, tem uma passagem muito bonita que, em geral, as pessoas a conhecem e interpretam de forma equivocada, mas é uma passagem bela, bela que diz assim: "Duas coisas enchem a mente com uma admiração e reverência sempre nova e crescente, quanto mais freqüentemente, mais constantemente refletimos a seu respeito, o céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim. Alguns ousaram interpretar que essas duas coisas, elas estavam no mesmo nível e que influenciavam da mesma forma as pessoas, mas assim nunca foi de fato interpretado. A primeira visão de uma multidão incontável de mundos, aqueles acima de mim, por assim dizer, a minha importância como a criatura animal. A última, pelo contrário, eleva infinitamente o meu valor como de uma inteligência pela minha personalidade da qual a lei moral revela uma vida independente de toda a animalidade e até do mundo dos sentidos". E é essa discussão que, com certeza, me fará ser parte desse julgamento. Sabem todos que eu vou votar favorável ao Relatório apresentado pelo Deputado Osmar Serraglio, que eu aprendi a respeitar muito nos trabalhos dessa Comissão.

Certamente, o que foi identificado como possível para o Deputado Osmar Serraglio não é o que pode, necessariamente, ser identificado como possível para mim. Talvez ele até esteja coberto de razão e eu que não tenha entendido muito bem, mas como aquilo que eu estou referenciando no meu voto, eu apresentei vários votos em separados que apresentarei requerimentos de destaque para serem incorporados ou não, porque eu espero que o Relatório de V.Exª. seja aprovado e se não for, nós estaremos apresentando todas as outras emendas e votos para alterar o Relatório que está sendo apresentado como substitutivo global.

E aí, Senador César Borges, como eu sou cristã, eu sempre disse, ao longo da minha vida, que veja só uma coisa, o que é que pode movimentar alguém a julgar alguma coisa? Porque de fato nós estamos

aqui, não adianta buscar referências em códigos morais, religiosos, princípios filosóficos ou não, nós aqui estaremos julgando também como o cidadão comum julgaria. Por mais que nós estejamos referenciados no conhecimento da Legislação em vigor do país, no respeito à ordem jurídica vigente, o desafio que aqui está colocado é também representar aquilo que é o sentimento do cidadão comum, da cidadã comum, entende do trabalho dessa Comissão Parlamentar de Inquérito. Porque cidadão nenhum, mãe nenhuma brasileira, jovem nenhum brasileiro aceita, não aceita que uma jovem de dezoito anos seja encarcerada, rasgando a jurisprudência, a legislação em vigor do país porque roubou um vidrinho de margarina de três reais e vinte centavos e as pessoas que foram envolvidas em desvio de bilhões de dólares para os paraísos fiscais, milhões de reais transformando parlamentares em mercadorias parlamentares, nada disso ser identificado, nós não termos a ousadia de fazê-lo.

E aí nós teríamos que pensar como pensavam os velhos humanistas espanhóis que diziam que a mesma lei ao ser aplicada, ela tem que ser flexível para o fraco, firme para o forte e implacável para o quanto mais. Nem Jesus Cristo, sabe V. Exª., Senador Osmar Serraglio, ele não agiu da mesma forma diante do ladrão rico e do ladrão pobre, não agiu! Ao ladrão rico ele obrigou, para que o perdão ele pudesse ter, devolver quatro vezes o roubado que era o Zaqueu e ao ladrão pobre, o Dimas, que nada tinha a restituir a quem a pobreza, a miséria e o sofrimento levou a crucificar foi aquele que primeiro ele disse: "Estarás comigo hoje no reino de meu Pai". E o que nós temos que identificar, eu acho que em todo esse debate e aí eu estou com a maior tranqüilidade porque eu não estou nem a defender os crimes contra a administração pública patrocinados por integrantes, parlamentares, militantes, vinculados ao Governo passado nem ao atual Governo. Então, para mim se quer investigar mais, eu apresentei inclusive votos em separado sobre o Sr. Daniel Dantas, sobre a Lista de Furnas, sobre o ex-Governador Azeredo, não tem nenhum problema para mim incluir isso também e eu apresentei os votos em separado para isso. Agora, a pergunta que nós obrigatoriamente temos que fazer para cada um de nós é: Se aqui estivesse sendo analisado o Governo Fernando Henrique como quem hoje é situação estaria votando? Se aqui não fosse o Presidente Lula, fosse o Presidente Fernando Henrique, como estaria o PT e a base do Governo Lula votando? Se estivesse aqui sendo analisado o meu filho na empresa GAME CORP, como todos estariam votando? Isso é o que a gente tem que refletir. Nós iríamos analisar que estaríamos imputando a alguém prática criminosa com soluções ligeiras, ilações frágeis, considerando sombras, impondo constrangimento legal? Será que nós iríamos analisar assim? Se fosse algum outro adversário político, será que nós estaríamos analisando dessa forma?

E é por isso, Senador Serraglio, que para mim não tem nenhum problema de incorporar todas as apresentações que estão sendo feitas por nada, nenhum. Incorporarei todos porque os meus votos em separado contemplam isso também. Do mesmo jeito que eu não aceito, não aceito que o argumento que seja utilizado para indiciar o ex-Ministro José Dirceu, porque sabemos todos nós que isso aqui pode virar só impunidade porque não tem mais nada. Se nós temos inclusive, que apelar ao Supremo em relação à decisão que eles já estão tomando em maioria, que alguns ministros possam rever o seu voto, até porque a partir do momento que eles estão excluindo do enquadramento na Lei de Improbidade Administrativa os agentes políticos, muitos dos que nós estamos aqui enquadrando, estabelecendo mecanismos para serem indiciados, talvez já nem sejam de nada. Se vai sobrar apenas o crime de responsabilidade, muitos deles já não são mais ministros, já não estão mais nem enquadrados em crime de responsabilidade em absolutamente nada.

Então, será que é lúcido, racional, ético, respeitável com a sociedade, de uma forma em geral, nós apresentarmos um Relatório que nada diz? Será que é lógico, nós termos aprovado aqui, por unanimidade, um Relatório parcial que apontava o Mensalão? Nós apresentamos e aprovamos por unanimidade, por quê? Porque era uma tática? Era uma tática para aniquilar o processo de investimento do Mensalão aqui na CPI dos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS para que o Governo tivesse maioria para aniquilar a CPI do Mensalão e não quebrar sigilo bancário, fiscal e nem telefônico de ninguém?

Nós apresentamos, votamos um Relatório por unanimidade onde lá já deixava claro que a liberação de recursos estava absolutamente dentro do cronograma das votações estabelecidas como prioridade pelo Governo, reforma da previdência, a alteração do salário-mínimo que foi feito aqui no Senado, a blindagem do Presidente do BANCO CENTRAL, a reforma tributária, isso está absolutamente comprovado. Eu não posso aceitar querido Deputado Osmar Serraglio, que nós possamos estabelecer para futuro indiciamento do Ministro José Dirceu, isso que aqui está dito, não é eticamente concebível e muito menos crível que um parlamentar com tamanho poder de decisão e capacidade de articulação em seu partido e no Governo tenha permitido que o maior esquema de corrupção do sistema político, pelo sistema econômico, de que

o país tenha notícia, tenha sido idealizado e praticado por correligionários seus e pessoas do seu relacionamento sem que ele soubesse, controlasse e coibisse. Se isso vale para o ex-Ministro José Dirceu não é eticamente concebível e muito menos crível que não tenha a mesma validade no argumento para o Presidente da República, o Presidente Lula.

E digo isso com tranqüilidade porque se nós estivéssemos num Congresso sério, num Congresso que não atuasse com promiscuidade diante do Poder Executivo, de um Congresso que tivesse a autoridade moral perante a opinião pública e não um bando de desmoralizados que é como a sociedade nos vê, de uma forma em geral, o processo de crime de responsabilidade teria sido aberto, que se poderia culminar ou não com o afastamento do Presidente da República. E agora nós vamos tentar isso incluir por respeito à ordem jurídica vigente, não para fazer o golpismo do processo eleitoral, porque agora já não mais nos cabe esse papel. Agora o papel será desempenhado pela população que pode reeleger o Presidente, pode derrotar o Presidente ou não. Agora já não cabe, em função da promiscuidade do Congresso Nacional, da desmoralização do Congresso Nacional, da incapacidade do Congresso Nacional em fiscalizar os atos do Executivo. É por isso, do mesmo jeito em relação ao filho do Presidente da República. Eu não tenho dúvida, se o filho do Presidente da República estivesse envolvido com drogas, fazendo baderna pessoal, eu entenderia como se fosse com o meu filho, eu acalentaria ele e seria solidária como se fosse o meu filho. Mas o problema é que não é um problema pessoal, é um problema de articulação e de promiscuidade do privado com o público, é a intermediação do interesse privado, a exploração de prestígio, o tráfico de influência, a corrupção passiva e ativa diretamente utilizando a condição de filho do Presidente da República, utilizando a consultoria de alguém indicado pelo Presidente da República para o Conselho de ética da Presidência da República e usando o papel do BNDES, usando o papel dos fundos de pensão.

Então é inadmissível, porque eu tenho certeza, e eu acho que isso que nós temos que analisar, se fosse o meu filho que estivesse envolvido nesse mesmo processo como é que essa comissão agiria? Se fosse o Governo Fernando Henrique, o Presidente Fernando Henrique, como é que essa Comissão agiria? Mudemos de lado provisoriamente para melhor analisarmos o julgamento que vamos fazer.

Então, concluindo, Sr. Presidente, que eu sei que eu já ultrapassei meu tempo, eu espero que a gente tenha a condição exata de entender o papel que essa Comissão tem. Não é uma coisa qualquer. Ninguém aqui está por ato heróico pessoal, ninguém aqui está reivindicando moralidade maior ou menor se é que hierarquia existe em moralidade pública. Não estamos. Agora, se a gente quer aperfeiçoar a democracia representativa brasileira, fragilizada, desmoralizada que gera desencanto, dor e sofrimento da grande maioria da população brasileira, como é que nós vamos tratar dessa CPI? Eu, nem passa pela minha cabeça, Deputado Asdrúbal, eu espero que não passe pela cabeça de ninguém ousar, por mecanismos de obstaculização, mecanismos protelatórios, não votar nada. Eu prefiro, eu espero que isso nem passe pela cabeça de ninguém. Eu prefiro a disputa legítima, aberta, franca, em relação aos pareceres do que qualquer possibilidade dos esgotos, dos subterrâneos, da surdina, do jogo mais diverso possível para impedir a aprovação de um Relatório. É só, Presidente.

[mudança de presidência]

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço a V.Exª. e concedo a palavra s Senadora Ideli Salvatti, prazo de quinze minutos.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente, senhores membros da CPMI dos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Em primeiro lugar, acho de fundamental importância reportar a esta, neste momento um clima que perpassou a reunião que ocorreu na sala do Presidente do Congresso Nacional, na sala do Senador Renan Calheiros. Onde estávamos num número bastante significativo de parlamentares desta CPMI e lá a manifestação praticamente unânime de todos que estavam lá era no sentido, foi no sentido de que nem a sociedade vai entender nem vai admitir e nem nós, ou pelo menos a grande maioria de nós, vamos contribuir com a impunidade, seja a quem possa atingir o resultado deste trabalho de investigação de mais de dez meses, não é Deputado Serraglio? Por aí. E, portanto esta CPI terá Relatório aprovado.

Este é um compromisso explicitado, colocado, reafirmado e que eu tenho certeza absoluta moverá a maioria. Não são todos, mas a maioria dos membros desta CPMI se move pelo objetivo de ter o Relatório. Porque todos nós sabemos que nada poderá acontecer em termos de encaminhamento ao Ministério Público para subsidiar as investigações que o Ministério Público já faz ou que iniciará a partir dos documentos lá chegados para poder abrir processos judiciais que daí sim advirão às punições depois de transitado em julgado.

A outra questão levantada e acho que é importante também reafirmar, é que não interessa qualquer Relatório. Os que querem a punição sabem, eu não

sou advogada, posso falar, tem vários aqui nesta Comissão, mas eu posso falar com tranqüilidade, não tem coisa melhor para advogado faturar do que acusação mal feita, acusação sem provas consistentes, acusação feita de forma infundada, sem embasamento. Portanto, quem quiser encaminhar efetivamente punição terá que advogar trabalhar para que nós tenhamos o Relatório mais embasado possível em provas, em documentos e em fatos, ou seja, um Relatório que tenha mais provas e menos adjetivos. Porque adjetivos são, obviamente, situações que é a glória e o paraíso para todo e qualquer advogado que quer, rapidamente, ou de forma mais fácil, livrar os seus clientes. Por isso que nós temos que nos ater ao que é fundamental, as provas, aos fatos e aos documentos. Até porque, determinadas situações, Deputado Serraglio, eu sou obrigada até aqui a registrar, eu sei que foi uma coisa extrema, mas nós não podemos ter repetições, depois do trabalho da análise, debate, discussão, aprimoramento, comissão de sistematização, ou seja, lá o que for nós não podemos mais reproduzir manchetes como teve hoje do Correio Brasiliense, aonde CPI indicia até morto. E no caso, eu quero assim dizer que neste caso--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): V.Exª me permite? Está a Juíza aqui que pode testemunhar. O que não está no processo não está no mundo. Eu não posso saber se uma pessoa morreu. Alguém deveria ter, inclusive V.Exª, colocado o atestado de óbito e eu, evidentemente, teria excluído isso. Agora eu não posso ser sabedor de tudo o que possa ter acontecido.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): É que isto, Deputado, não vou eleger o Senhor de novo, Deputado Serraglio, quando aconteceu teve reportagens, teve falas, teve muitos comentários. Mas eu não quero trazer esse problema, eu apenas estou ilustrando que assim, do resultado desse trabalho nosso aqui, do debate do aprimoramento, trinta e tantos votos em separado e tal, é para aprimorar, é para a gente não ter um Relatório que, aonde aconteçam coisas deste porte. Porque algo deste porte é uma demonstração inequívoca de que o trabalho não foi bem feito, ele teve problemas, ele teve, não é? Falhas. E eu acho que a gente tem que trabalhar para ter o mínimo possível de falhas.

A outra questão que eu quero me reportar é o seguinte: Nós temos que nos ater ao essencial e não nos acessórios, apesar dos acessórios sempre serem também importantes. Quando eu falo essencial, todo o nosso trabalho tem que estar fundamentalmente voltado para os esquemas, os interesses, o grande jogo, o que perpassou. Porque assim, na CPI do Orçamento, dos Anões do Orçamento, teve gente cassada, gente indiciada, mas o importante da CPMI do Orçamento foi ter desmontado as relações entre votações do orçamento com as empreiteiras, é isso que, entende? Esta foi a grande questão. Esta foi à contribuição fundamental. Então, que é aquele nosso velho debate de chegar aos corruptores. Porque assim, quem levou, quem pegou, quem sacou, isso tudo é importante também, mas se a gente não focar no esquema, qual é o grande interesse que esteve em jogo nesse processo todo que nós investigamos, que nós trabalhamos, o que vai acontecer? Nós vamos mudar os personagens se o esquema não for desmontado, ele se recicla e ele vai continuar operando.

Por isso que eu achei muito interessante, entende? E essa foi uma das coisas que a gente já falou de cara e já tem inclusive sinalização, não é? Do Deputado Serraglio de absorver, mas eu não posso deixar aqui de relatar alguns esquemas que eu entendo que ainda não estão com o tratamento adequado. O primeiro deles é o esquema do BANCO OPPORTUNITY, Daniel Dantas. Porque, Deputado Serraglio, não é possível que a CPI produza um documento, a Ministra Ellen Grace, aonde neste documento para fazer lá o embasamento para a quebra, para a necessidade da quebra do sigilo, aonde a gente começa relatando as vinculações do Daniel Dantas com aquilo que nós estávamos investigando que começa no depoimento do Maurício Marinho, já lá no depoimento do Maurício Marinho já tinha a citação da BRASIL TELECOM, que essa empresa possui contratos com os CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS e tal. Teve telefonemas do Sr. Maurício Marinho para a sede da BRASIL TELECOM. Depois a gente cita questões, por exemplo, dos grandes depósitos nas contas, das empresas do Marcos Valério vindo exatamente das empresas controladas pelo Sr. Daniel Dantas, à época GRUPO OPPORTUNITY, TELEMIG CELULAR, AMAZÔNIA CELULAR da ordem de cento e cinqüenta e dois milhões. Depois a gente relata lá a história de que as empresas, faturas da DNA para as empresas lá do Marcos Valério foram queimadas, foram encontradas lá no município de Contagem sendo queimadas. Teve o contrato milionário que foi pego, bem na época que a gente estava iniciando, cinqüenta milhões. Aí depois tem lá, ligações telefônicas que apareceram com o Sr. Cristiano Paz, o CONSÓRCIO VOA. Assim, pelo menos tem umas dez incidências das relações na agenda da Karina Somaggio, as tentativas de intermediações.

E, depois, isto tudo, ou seja, este esquema, este esquema BANCO OPPORTUNITY, todos nós sabemos foi uma das principais guerras comerciais dos últimos anos. Teve incidência sim. Teve incidência sobre aquilo

que nós investigamos, então nós não podemos deixar de ter isto incluído no nosso Relatório com a importância e a relevância que nós fizemos ver ou tentamos fazer ver a Ministra Ellen Grace, para que ela quebrasse o sigilo do disco rígido do BANCO OPPORTUNITY. Eu não vou aqui reproduzir. Acho que foi até a Miriam Leitão que falou, entende? Que das dez maiores encrencas ou problemas do último período, o Sr. Daniel Dantas estava metido em onze.

Então, eu não vou repetir isso porque esta situação da questão do esquema, a gente poder enfrentar os esquemas, os grandes interesses, aquilo que move bilhões, como é o caso aqui, aqui são bilhões que esteve envolvido em toda esta atuação do Sr. Daniel Dantas e do BANCO OPPORTUNITY e com tanta incidência isso não ter um destaque. Eu queria, por mim teria que ter um capítulo específico porque isso demonstraria inequivocamente que esta CPI se preocupou com esquemas muito mais até do que com os acessórios. A outra coisa, eu, durante todo este período, eu sempre busquei não, às vezes não era possível e tal, nominar. Mas, o esquema Marcos Valério, esquema Marcos Valério é antigo, Deputado Serraglio, ele é antigo. Ele é amplo, ele está espalhado na máquina pública com uma amplitude e com uma antigüidade que não dá para fazer um corte de uma certa época é assim, de uma outra época é assado. Isto não é correto para quem quer desmontar esquema. E por isso que eu não gosto, evitei, sempre que foi possível eu evitei nominar Marcos Valério com o Senador Eduardo Azeredo. Porque eu disse isso milhões de vezes à imprensa: Não me interessa. Interessa-me o esquema Marcos Valério. E o esquema Marcos Valério, ele está colocado em várias operações com o Governo de Minas Gerais, com a Assembléia Legislativa de Minas Gerais, com Distrito Federal, Câmara Distrital aqui de Brasília, TERRACAP de Brasília, a SECOM e Saúde de Goiás, em várias prefeituras, no Governo Federal. Por exemplo, o contrato da DNA PROPAGANDA é desde 1994 com o Ministério do Trabalho. A SMP&B São Paulo, desde 1997, aliás, o BANCO DO BRASIL desde 1994, Ministério do Trabalho, SMP&B São Paulo, desde 1997. O Ministério dos Esportes, desde 2001, a ELETRONORTE, desde 2001 com a DNA. Então, Deputado Serraglio, não dá para dizer que este esquema, ele teve um jeito de funcionar durante um período e teve um outro jeito de funcionar no outro porque ele foi amplo, foi amplo, infelizmente, Deputado Serraglio. Ele foi amplo nestes quase dez anos. Ele teve ramificações em governos estaduais, em prefeituras e em ministérios do Governo Federal.

E a questão dos empréstimos, por exemplo, que num lugar do seu Relatório aparece entre aspas, em outro aparece sem aspas, eu queria até tentar entender, Deputado Serraglio. Porque assim, tem material que foi preparado pela assessoria, foi entregue para o Senhor e tal, muitos de nós pudemos acessar. Mas tem algumas coisas que me chamaram a atenção, porque a gente fala do empréstimo de 1998 e dos empréstimos de 2003 e 2004. Há um trecho do material que foi entregue ao Senhor que não está agora no Relatório, que diz assim: "Além desses empréstimos acima referenciados há, nesta CPMI, cópia de noventa e oito contratos de empréstimos de 1998 enviados pelo BANCO RURAL destinados às empresas de Marcos Valério ou a outras empresas e pessoas físicas que tiveram o seu aval no período de 1997 a 1999. Desde 1998 empréstimos, destes noventa e oito, três têm como avalistas o Sr. Marcos Valério, Clésio Andrade, que não se sabe se foram destinados ao "valerioduto" pois não houve a quebra de sigilo de empresas tomadoras". Isto desapareceu, não está no seu Relatório final. Eu quero dizer assim, mas é engraçado porque no anexo, que eu não sei qual é o número... [soa a campainha]

Tem a lista que apareceu dos sacadores destes empréstimos. Então não tem referência lá, tinha no que a assessoria preparou ao Senhor, não tem no texto do Relatório, mas o anexo com a lista, e eu quero dizer aqui, só para ter amplitude, eu vou ler aqui. Tem fundação dos Economiários Federais, FUNCEF, tem a Assembléia Legislativa de Minas Gerais, Secretaria de Estado e Planejamento, Imprensa Oficial do Estado de Minas, Ministério da Saúde, Câmara Municipal de Salinas, Fundação Cultural de Belo Horizonte, Companhia Habitacional de Minas Gerais, Polícia Militar do Estado, INSS, tem coisa aqui da Câmara dos Deputados, tem do Senado da República, Senado Federal, tem CEMIG, ou seja, é amplo, Deputado Serraglio, entende? E isto daqui são esses tais outros empréstimos que estavam, estão nos documentos foram encaminhados e depois saíram do texto, mas não saíram do anexo. Então, sabe? São coisas deste tipo.

Na questão das garantias, vou dar outro exemplo, nas garantias. Nós tínhamos também aqui neste material a questão das garantias, aliás, tinha aqui um quadrinho também dos contratos, dos empréstimos, data de tal Banco que também desapareceu, mas estava lá na coisa que foi preparada. Na questão das garantias aqui tem uma citação que depois desapareceu, há dois documentos bastante reveladores nesta CPI, um da DNA e outro do BANCO RURAL. O primeiro, uma correspondência dirigida a SECOM solicitando a transferência do domicílio bancário para o BANCO RURAL, agência 009 Assembléia Belo Horizonte, situado à rua tal, e conta empréstimo tal. Essa correspondência foi assinada pelo Sr. Eduardo Guedes Neto,

então Secretário de Comunicação Social do Governo mineiro. Segundo a uma correspondência do BANCO RURAL, a SECOM informando que o contrato havia sido dado em garantia de empréstimos. Isto estava no que a assessoria propôs mas não está mais. As cartas, as cartas--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Senadora, quero lembrar que nós temos trinta e três inscritos.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Tá, porque assim, eu estou trazendo elementos, Deputado Serraglio que é para contribuir. Porque as duas cartas, tanto a carta da DNA PROPAGANDA como o BANCO RURAL, ficaram aqui nos anexos. Deixa só terminar aqui. Com relação às fontes, as fontes que são fundamentais, é fundamental tanto descobrir quem é que abasteceu, quais foram às empresas etc e tal, porque aí a gente vai descobrir os interesses. Quem abastecia o "valerioduto", abasteceu o "valerioduto" nesses quase dez anos são os interesses para os quais o Sr. Marcos Valério, que não é publicitário, nada, ele é lobista gente, todo mundo sabe. Não precisamos aqui dizer, nós já falamos isso inúmeras vezes. Mas assim, outras fontes de Marcos Valério de 1997, 1998 e 1999, tinha a tabelinha, tinha a tabelinha, TELESP, FUNDACENTRO, Ministério do Trabalho, BANCO RURAL, BANCO DO BRASIL, TELEMIG, Secretaria da Fazenda, BANCO CIDADE, USIMINAS, CEMIG, BEMGE, Sindicato da Empresas de Transportes, ELMO CALÇADOS, COPASA, COMIG, GEAP, Consultora Meirelles Galvão, Prefeitura de Betim-

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Senadora, por favor, Senadora!

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Ou seja, está tudo aqui, mas não está lá. Então assim, se a gente quer desmontar o esquema Marcos Valério, Deputado Serraglio, o esquema Marcos Valério, financiadores, fontes, empréstimos, garantias, que aconteceu ao longo destes dez anos praticamente, ele tem que estar absolutamente configurado para que este esquema não se reproduza como aconteceu, infelizmente se reproduziu com um petista, se reproduziu com o petista, eu sou obrigada aqui, como tivemos a oportunidade de dizer, porque o esquema não foi derrubado. Então o esquema OPPORTUNITY/Daniel Dantas, esquema Marcos Valério é o central desta CPI, é aquilo que mais importa a gente detectar para que outros personagens não se utilizem mais. Este é o trabalho central, do meu ponto de vista, da CPI. Muito obrigado e desculpe.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Bom, eu gostaria--

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Antes de passar a palavra ao ilustre Relator, de solicitar aos ilustres parlamentares que cumpram religiosamente o tempo que lhes é destinado em respeito aos seus pares que estão inscritos. Volto a repetir, são trinta e três inscritos e nós pretendemos amanhã, às 16h00, iniciar a votação. Se nós não observarmos atentamente o tempo, nós não vamos concluir e poderemos correr o risco de não termos um Relatório votado e aprovado--

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): O que deporá contra todos nós.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Presidente. Deputado Pompeo de Mattos aqui, Presidente, do seu lado. Que V.Exª pudesse declinar a lista, pela ordem, de todos os que estão inscritos, de todos os que estão inscritos até para que cada um possa--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Pela ordem agora, Deputado Onyx, Deputado Jorge Bittar, Senadora Ana Júlia, Deputado Pompeo de Mattos, Senador Jefferson Peres e Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Muito obrigado, Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Concedo a palavra ao ilustre Relator.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, apenas algumas referências. Aquilo que se inseriu e que alguém inseriu por direcionamento de alguém, não sei quem, foi tentar interferir no Relatório do Relator com coisas que nós não investigamos. Eu registro, no meu Relatório, que nós não investigamos assuntos estaduais, portanto não adiantava nada alguém fazer busca externa ao meu conhecimento e imaginar que fosse colocar e me ludibriar e fazer com que eu apresentasse aquilo que buscaram, à minha revelia e à revelia da Comissão porque nós estabelecemos aqui que nós não investigaríamos assuntos estaduais. Isso eu registro aqui, que nós não investigamos assuntos estaduais.

Segundo ponto. Episódio Azeredo, em várias oportunidades eu coloco muito claramente, para mim houve uma reprodução, eu não escondo isso. O episódio Azeredo que aconteceu em Minas Gerais se reproduziu agora. Portanto, ninguém está fugindo dessa informa-

ção. O assunto OPPORTUNITY está aí. Nós procuramos por todas as formas obter, alcançar o acesso ao que eventualmente havia para que nós pudéssemos adentrar nesse assunto. Agora, eu posso escrever quanto queira em cima dessas coisas que estão sustentadas onde nós buscávamos abrir o caminho, só que aí eu seria acusado, como estou sendo acusado em outras coisas de ilações, ilações. Eu aceito? Aceito da Senadora, estou aberto a que me relate e que me dê conclusões, não só suspeita de um grande esquema. Tudo bem. Aceito, estou aberto como já anunciei que estou aberto a todos os que queiram contribuir, nada me recuso. Obrigado, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado, Deputado Osmar. Concedo a palavra ao Deputado Onyx, reiterando a recomendação quanto ao tempo.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Vou fazer todo o empenho para cumprir o tempo. Presidente, quero, nesse primeiro momento começar por aonde terminou a exposição da Senadora que me antecedeu. E acho que o raciocínio exposto, ele é na verdade um nervo exposto de toda essa crise, por que eu digo isso? Como é que termina a frase: O esquema Marcos Valério é um esquema que estava aí e o PT e os petistas, alguns petistas, não todos, faço sempre a referência, tem muita gente séria no PT, mas os petistas então se aproveitaram e junto com Marcos Valério roubaram. Mas, desde quando que quando tem um esquema de roubalheira, um Governo ético, correto, honesto. É obrigado a roubar? É obrigado a se enlamear? Não. O problema é e aqui tem parlamentares que estão dentro desta sala que conviveram com o Mensalão, Presidente. Corria solto por aí. E aqui dentro dessa sala ninguém meteu a mão no dinheiro porque todo mundo tem valores, conduta ética, moral e sabe do compromisso que tem com a sociedade brasileira. É esta lógica que me impressiona. Parece que o Governo Lula, o Partido dos Trabalhadores, volto a fazer exceção, não todos, mas a elite dirigente parece que não entendeu nada. Ou seja, a culpa é do esquema que existia. Se estava aí vamos roubar. E aí eu quero voltar Presidente, aonde é que foi a investigação do DNIT? Que aqui, em depoimento Roberto Jefferson apontou como uma das fontes financiadoras? Agora, quatrocentos e quarenta milhões emergenciais para fazer o quê? Pode ser caixa de campanha. Tem campanha esse ano. Aonde é que está a PETROBRAS? Que em setembro do ano passado nós aprovamos um Requerimento, fruto de um acordo para sentar aqui o Diretor de Operações da PETROBRAS e depois, oportunamente, poderia vir o Presidente porque houve aquele esquema aonde o Sr. Silvio Land Rover Pereira, nessa sala, reconheceu que havia ganhado um carro e ninguém vai dar um Land Rover, ninguém dá um carro caríssimo desses, Senadora Heloísa Helena, se não for para ganhar o que ganhou aquela empresa e que está provado hoje pelo Tribunal de Contas.

Portanto, nós estamos diante, Sr. Presidente, Sr. Relator, de um método, de uma sistematização. O que está claro diante da sociedade brasileira é de que para chegar ao poder e curioso, Sr. Relator, as oposições não tomaram nenhuma providência, não fizeram nada para que o Sr. Delúbio caísse, para que o Sr. Genuíno, quem de nós obrigou, Senador Sérgio Guerra ao irmão do Genuíno botar dinheiro na cueca? Quem de nós obrigou o Ministro Palocci a se relacionar, olha, me perdoe à palavra, mas ratos talvez seja ofensivo aos ratos. Alugaram uma casa de encontros, como disse a Senadora há algum tempo atrás, lençóis de cetim, não é Senadora? E convidados e convidadas especiais, quem obrigou o Ministro a ir na casa? E aí, quando a verdade vem, o Governo petista, os Ministros titulares e suplentes não aprenderam nada. E aí promoveram a maior violência que esse país já teve notícia desde o final da Revolução. E qual é a violência? Botar o pé na porta da honra e da dignidade de um trabalhador humilde. O que é que ele fez de errado? Ele não fez nada de errado. Ele foi sincero, verdadeiro e corajoso, atributos que faltam a esse Governo que enlameou o Brasil. Porque quando a gente sai daqui e vai pelo mundo, as pessoas não perguntam se aqui as crianças estão na escola, se o país está progredindo, elas nos cobram que o nosso país está no meio do maior escândalo de corrupção que já se ouviu falar na América Latina. Essa é a cobrança! Os organismos internacionais desclassificam o país e o que era isso, Sr. Presidente, Sr. Relator, que não um método que está claro na República de Ribeirão Preto, na questão de Campinas que o Prefeito Toninho, que a esposa dele teve que juntar cinqüenta mil assinaturas para o Presidente da República lhe receber e o Presidente não lhe recebeu, a mulher do companheiro assassinado. Para que e por que é que num país aonde o cidadão tem que temer o Governo porque o Governo é do Lula, os irmãos, a mulher, os filhos do companheiro Presidente, do homem que é seu coordenador da sua campanha e só não foi porque foi covardemente assassinado por que é que os irmãos têm que sair do Brasil? Por que é que ele tem que sair do Brasil? Ou nós também queremos que o Nildo saia do Brasil? É disso que nós estamos tratando. Desculpe. Não foi uma oportunidade, era um método, era um sistema que oportunizou a chegar no poder e tinha como objetivo ficar no poder.

E aí, eu não quero continuar nesta linha sem lembrar que aqui, Relator Osmar Serraglio, nós fa-

lamos num dado momento que o Marcos Valério era uma lavanderia ambulante, muita gente criticou, hoje ninguém duvida. Nós falamos aqui que havia uma quadrilha comandada pelos dois pró-homens do Governo Dirceu e Gushiken, ninguém no Brasil duvida disso. Nós dissemos aqui que teríamos que trabalhar vinte e cinco horas por dia para botar o Delúbio na cadeia e ninguém no Brasil discorda que um bom caminho para o Delúbio é ir para a cadeia. Portanto, nós temos, diante de nós, um esquema que esta CPMI desmascarou, o esquema está desnudo, a sociedade brasileira pode avaliar. Vai avaliar lá na urna.

Mas eu quero agora lembrar um outro aspecto, esse país tem sofrido muito com a corrupção, diz a FGV que são cem bilhões perdidos a cada ano, diz a Transparência Internacional que pode chegar duzentos bilhões perdidos nos ralos imensos da corrupção no Brasil. E aí eu me lembro da CPI do PC no Collor e lá, Sr. Presidente, Sr. Relator, eu encontro o BANCO RURAL afiançando a Operação Uruguai.

Eu me lembro na CPI dos Anões, na CPI dos Precatórios, na CPI do BANESTADO e agora na CPI dos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELEGRÁFOS... E o que é que atormenta o brasileiro? O que atormenta o Nildo? Atormenta a impunidade que graça no Brasil. Por que é mesmo que o Ministério Público Federal, Procurador de Justiça da República, Procurador Geral da República, Antônio Fernando, por que é mesmo que ele não fez a prisão preventiva do Marcos Valério quando nós aprovamos aqui? Por que é mesmo que nesse país a Suprema Corte dá "*habeas mentira*"? As pessoas vêm aqui, se valem do princípio constitucional importantíssimo que é o de defender o sigilo, a presunção da inocência. Mas evoluiu para a autorização para mentir.

Então hoje, no Brasil, a autoridade tem bom advogado, tem dinheiro, vai ao Supremo pega um papel e mente. E aí pai e mãe, em casa, ensina para filho o quê? "Filho, não pode mentir. Filho, tem que falar a verdade! Filho, não pode roubar!". E aí vem aqui o marqueteiro-mor, responsável por colocar no poder o homem que nada sabe e mente, e mente e mente e nada acontece. Por isso que há essa sensação no país de impunidade e há a necessidade, eu quero encaminhar na direção de uma parcela importante do Relatório, Osmar Serraglio, que é aquilo que nós estamos oferecendo ao país como o caminho para se enfrentar a impunidade e combater a corrupção. O grande problema que a história se repete, como já foi dito aqui, é porque no Brasil o Governo fiscaliza o Governo. Então vamos ver. O rol dos órgãos que cuidam da fiscalização e controle no Brasil. No âmbito do Poder Legislativo só tem o TCU, no âmbito do Poder Judiciário está lá, ou melhor, na área processual está lá o Ministério Público. Agora vamos ver o que está na mão do poderoso de plantão. Eu vou relacionar aqui: A CGU--

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Deputado Onyx. Deputado Onyx. Permita-me V.Exª só lhe dar uma informação que eu considero importante para V.Exª--

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Pois não.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): E para a Casa. Curiosamente nós temos que V.Exª fazendo esse Relatório importante, a Casa debatendo o Relatório final da CPI dos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS e a TV Câmara tira do ar a TV Câmara para fazer uma reportagem sobre o brasileiro no espaço. Quer dizer, manda para o espaço a CPMI dos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Só quero informar a V.Exª, lamentável.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Obrigado. Mas a TV Senado deve estar ao vivo. O que eu quero trazer, Presidente, é o fato de que no Brasil o aparato do Governo para se auto fiscalizar e ele está debaixo do poder do Presidente e dos ministros, está lá a CGU, a Receita Federal, a Polícia Federal, o DCRI, o BACEN, o COAF, a SPC, a CVM, a SUSEP, a Procuradoria da Fazenda Nacional, a Comissão de ética da auto-administração, ou seja, todo o aparato está do lado do Governo. Então quando tem gente do Governo, não estou dizendo que é todo o Governo, nem todo mundo do Governo Lula, quando tem gente no Governo que quer roubar tem a faca e o queijo na mão para se lambuzar, essa que é a verdade. Então, nós precisamos criar um mecanismo que o Brasil passe a ter um sistema de combate à corrupção que seja do Estado Brasileiro e o Poder Legislativo possa recuperar a sua mais importante função e a mais importante função nas modernas democracias do Poder Legislativo é fiscalizar os atos de Governo, Deputado Osmar Serraglio. Legislar já é hoje uma função menor porque o escamento legal está aí, são aperfeiçoamentos, são ajustes, mas, na verdade, o que precisa é poder fiscalizar efetivamente. E a idéia que nós estamos trazendo da criação do sistema nacional de combate à corrupção, Presidente, significaria, por força de lei, fazer o que hoje as ilhas ou feudos que existem na área de controle e fiscalização do Brasil não fazem, que é compartilhar informações, interagir, desenvolver uma cultura comum de combate à corrupção, que é essencial ao país. Por essa razão, nós queremos, acima de tudo, nesse momento, fazer um alerta à sociedade brasileira, aos meios de comunicação, às forças vivas, à OAB, às associações empresariais, às associações

comunitárias, à CNBB, às igrejas evangélicas do Brasil, tem que haver um grande mutirão no Brasil [soa a campainha], para dar suporte, Presidente Asdrúbal e Relator Osmar Serraglio, ao conjunto de propostas para enfrentar a corrupção no Brasil. Não é possível continuar com cultura específica lá da Receita Federal, tipo uma redinha de pegar borboleta ou do COAF na questão financeira que pega lá um bagrinho aqui, um bagrinho acolá, mas tubarão, ladrão de grande porte, assaltante de cofre público, tudo isso foge, não pega nada. Por isso que nós precisamos que tenha força o Relatório Osmar Serraglio, que tenha o reconhecimento da sociedade brasileira para que a gente dê um basta. Tudo isso tem que ter servido para estabelecer um divisor de águas. O Brasil era um até o episódio que nós vivemos e o Brasil, Presidente, terá que ser outro depois do episódio que nós vivemos.

Por sorte, quero concluir com isso em um minuto, Presidente, os partidos colocaram aqui o melhor dos seus talentos no Partido dos Trabalhadores, pessoas extraordinárias como o Deputado Abicalil, Deputado Bittar, Deputado Pompeo, Deputada Denise, Senadora Heloísa, Deputado Gustavo Fruet, trabalho extraordinário nessa CPMI, Deputado Silvio Torres, Deputado Pannunzio e outros que por aqui colaboraram. A nossa missão é continuar, a partir de amanhã, depois de aprovado o Relatório de Osmar Serraglio com a bandeira de enfrentar a corrupção no Brasil. Após o dia de amanhã, teremos que continuar firmes, Presidente, lutando para que as modificações que essa CPMI propõe possam se transformar em realidade. E eu concluo lembrando, Osmar Serraglio, o seguinte: Ladrões existem, a corrupção é a grande doença, o grande câncer do Estado moderno em todos os países. Vimos aqui com a participação dos canadenses, eles que eram um dos países no topo da relação dos menos corruptos do mundo enfrentar um gravíssimo caso de corrupção--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Termino.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): O tempo de V.Exª está esgotado.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): A Itália, meu querido Presidente, trinta segundos é suficiente, a Itália fez uma operação mãos limpas, várias pessoas morreram, milhares foram para a cadeia, mas a Itália hoje vive problemas muito similares ao que existiam há dez anos atrás. O combate à corrupção tem que ser sem trégua. É uma luta sem quartel, cotidiana da sociedade, do Parlamento e, acima de tudo, do homem e da mulher brasileira porque quem rouba dinheiro público rouba mais que dinheiro, rouba a vida, rouba sonhos e rouba esperança. E a nossa luta daqui para frente é fazer com que esses ladrões de sonho, ladrões de esperança e ladrões de vidas não mais tenham vez nem capacidade de poder chegar e tocar e roubar o Estado Brasileiro. O Brasil não merece isso e vai ser o nosso desafio, Deputado Asdrúbal Bentes, o Senhor que tão firmemente conduziu esta CPMI, unidos com a sociedade brasileira fazer com que o Brasil possa ser um grande exemplo de um país que viveu um péssimo momento, mas encontrou forças, encontrou mulheres e homens, Deputada Denise Frossard e Senadora Heloísa Helena, com força e energia, amor à Pátria e, acima de tudo, com amor por esse imenso país que merece uma representação política muito mais digna, muito mais ética e que possa, acima de tudo, honrar o voto que recebe. Obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço a V.Exª, Deputado Onyx. E concedo a palavra ao Deputado Jorge Bittar.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Sr. Presidente, senhoras e senhores parlamentares. Eu quero, em primeiro lugar, dizer que não me causa nenhuma estranheza que parlamentares da oposição, em relação ao atual Governo Federal, quer aqui nesta CPI, quer no Plenário de nossas duas Casas Legislativas, quer na sociedade, procurem explorar ao máximo, fatos reais e graves ocorridos em nosso Governo e que procurem também super dimensioná-los com acusações do tipo de que se trata do maior, do suposto maior escândalo de corrupção da história deste país.

Afinal de contas, como os argumentos em relação à qualidade do Governo são frágeis no sentido de que ao compararmos o atual Governo com o Governo anterior, por exemplo, está absolutamente claro que a situação do país melhorou e melhorou muito, quer no que diz respeito ao desempenho da economia, quer no que diz respeito à autonomia de nosso país no sistema econômico e financeiro internacional, os números estão aí à mostra, quer no que diz respeito às condições criadas para que a economia brasileira possa crescer de maneira consistente durante a próxima década ou até durante as próximas décadas, quer no que diz respeito às políticas sociais, à melhoria da distribuição de renda no país ou a situações específicas como a do salário-mínimo e etc.

Como não há como contestar essa realidade e que se trata de um Governo eficiente, de um Governo que governa para a maioria da sociedade brasileira, de um Governo que governa com seriedade que não é um Governo perfeito, tem suas imperfeições na Gestão, tem suas imperfeições até no que diz respeito à

questão ética também, afinal de contas, os problemas éticos são problemas crônicos do Estado Brasileiro como são problemas crônicos do Estado da imensa maioria dos países. E nós vivemos uma democracia nascente, porque afinal de contas, os governos militares encerraram-se formalmente em 1985, com o colégio eleitoral. Elegemos o primeiro Presidente da República em 1989. Nossa democracia é frágil. Merece que nós estejamos permanentemente alertas, estejamos permanentemente aperfeiçoando os mecanismos de controle para que possamos verdadeiramente combater a corrupção permanentemente em nosso país. Eu me orgulho de apoiar o atual Governo porque tenho absoluta convicção de que nenhum Governo se empenhou tanto em corrigir seus próprios erros como este Governo. Este Governo, afinal de contas, se abriu à investigação.

Se compararmos com alguns governos estaduais hoje vigentes que engavetam CPIs, que não permitem que denúncias sejam verdadeiramente apuradas, nenhum partido como o meu partido, do qual eu me orgulho, teve atitudes tão enérgicas com os seus, com aqueles que cometeram, que cometeram erros, expulsando pessoas do partido, renovando todas as direções partidárias.

Então, eu quero dizer, sim, que houve fatos graves cometidos por companheiros do meu partido, houve fatos graves que envolveram aspectos do Governo Lula, uns que dizem respeito a situações atuais, outras situações que na verdade perpassam os últimos anos e que são provenientes de problemas crônicos do Estado Brasileiro a partir da corrupção instalada no Estado Brasileiro como vou procurar comentar ao longo desses momentos que tenho para fazer comentários.

Eu quero dizer que sou engenheiro de formação, me considero um socialista, democrata, me sinto triste pelos fatos ocorridos, mas ao mesmo tempo me sinto revigorado pelo trabalho que fizemos e pelo empenho em corrigir, em corrigir os nossos erros. Foram meses de trabalho, dez meses de trabalho de nossa CPI. Em alguns momentos alguns exageros foram cometidos aqui ou ali, mas sem sombra de dúvida pudemos realizar um trabalho sério, um trabalho razoavelmente focalizado diferentemente da CPI dos Bingos que corretamente vem sendo denominada CPI do fim do mundo, que justificam até alguns discursos como esses que vimos aqui, em que se procuram fazer acusações a esmo. Também isso não me causa estranheza. Afinal de contas em todos os Governos de natureza razoavelmente democrática em nosso país, nos breves períodos democráticos de nossa história republicana a direita sempre agiu da mesma forma. Foi assim no período Vargas, foi assim no período JK tão bem retratado pela série agora da TV Globo. E foi assim no período João Goulart também. Quer dizer, incapazes que são de fazer críticas a Governos de natureza popular e democrático se voltam para a questão ética, para a banda de música, para as acusações generalizadas e para a sugestão de que possa se tratar de um grande mar de lama e etc. E tal.

Realizamos uma investigação seriíssima sobre os contratos dos Correios. Aqui quero elogiar, inclusive, o Sub-Relator José Eduardo Cardozo que realizou um trabalho competente que está espelhado no Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Tenho observações que aqui já foram apresentados por meus companheiros que me antecederam acerca da tese do famoso Mensalão. Acho, sim, estou absolutamente convencido e os fatos demonstram isso, de que houve transferência de recursos para Parlamentares e partidos. Não resta precisamente comprovado ainda embora se deva solicitar ao Ministério Público que procure aprofundar as investigações de que essas transferências a partidos e a Parlamentares tenham tido como contrapartida compromissos de voto com o Governo. Pode-se até se desenhar gráficos com supostas correlações, mas mesmo as correlações, mesmo que eventualmente possamos ter algumas correlações temporais sobre transferências de recursos e algumas votações ainda assim esses dados não são comprovação precisa e inequívoca de que esses compromissos possam ser estabelecidos. Quem estuda correlação matemática sabe disso. Correlação matemática em gráficos não significa necessariamente relação causal, uma relação de causa e conseqüência entre os fatos correlacionados. Ela é apenas uma sugestão, um indício de que esta correlação possa eventualmente existir. Estou convencido de que o Sr. Marcos Valério como aqui já foi dito também se trata de um lobista, não se trata de um publicitário. Alguém com alta especialidade no Mercado Financeiro e que utilizou dos seus conhecimentos do Mercado Financeiro para durante um longo período obter vantagens pessoais a partir de operações, sobretudo com o setor público. Pois não, Deputada Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): V.Exª. me permite um aparte, Deputado Bittar, só para complementar V.Exª. disse uma verdade aí. E ele próprio na única vez que aqui depôs, a única verdade que ele disse foi o seguinte: "Eu não sou publicitário".

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): É verdade, é verdade. Não se trata de um publicitário. Trata-se de um Operador Financeiro que utilizou seus conhecimentos no Mercado Financeiro e a sua esperteza para auferir vantagens. Assim ocorreu nesse período todo,

assim ocorreu no episódio. E acho importante recuperar a linha temporal de como isso ocorreu. São fatos graves e que precisam de fato serem correlacionados. A partir de 98, em Minas, foram lá empréstimos, tinham como garantias contratos de publicidade, há fatos correlacionados com esses que merecem ser investigados como o enduro da independência, recursos transferidos de empresa como a SEMIG, a COPASA lá em Minas à época e que guardam muita semelhança com toda essa estrutura e toda essa correlação estabelecida entre Marcos Valério e empresas do setor público.

Sobre o episódio VISANET, que é uma suposta fonte de abastecimento dos recursos de Marcos Valério. Eu sinceramente estudei profundamente o episódio VISANET. Para mim restam claras algumas questões. Primeiro lugar o sistema VISANET era um sistema de controle absolutamente frágil. E isso desde que foi criado lá em 2001, porque os recursos transferidos em 2001 e 2002 no Governo anterior ainda para a aplicação via BANCO DO BRASIL na agência chamada LOWE tem apenas como comprovante uma nota fiscal do valor global dessa transferência de 48 milhões de reais. Não há comprovação das ações de marketing de publicidades envolvidas em função daquilo, como também no atual Governo as comprovações são insuficientes como revela a auditoria, embora as comprovações sejam até mais detalhadas parcialmente do que, mas ainda assim incompletas verdadeiramente. Então, resta a informação clara de que os sistemas de controle eram absolutamente débeis, como provavelmente eram débeis o sistema de controle das transferências feitas para o Bradesco e o BANCO REAL que fazem parte também do sistema VISANET. Estudei o regimento do sistema VISANET e isso verdadeiramente revela uma absoluta fragilidade no controle. Mas não há comprovação clara e inequívoca de que recursos da VISANET tenham abastecido o sistema de transferência de recursos para os Parlamentares. Houve uma tentativa de exercício realizada por nosso, nosso Relator, mas não há comprovação, porque afinal de contas como se diz o dinheiro é um bem fungível. Se os recursos estavam na conta de Marcos Valério, se ele se utilizou desses recursos para dar garantias de empréstimos e isso e aquilo, não há comprovação clara de que ele possa ter se utilizado desse mecanismo apenas para abastecer. Mas assim claro, há a clara informação de que tanto lá em 2001 quanto agora que ele se utilizou do fato de que obteve adiantamento de recursos e adiantamento de recursos e ganhos no Mercado Financeiro como bom Operador Financeiro que ele é certamente auferiu ganhos com essas antecipações.

A meu ver Marcos Valério é um mega lobista que tinha interesses muito mais amplos no Estado Brasileiro do que simplesmente essas operações aqui. Para mim o episódio da tentativa de intermediação da compra do Banco Mercantil de Pernambuco, a tentativa de compra do espólio lá do Banco Econômico e coisas desse tipo talvez possam explicar melhor esses adiantamentos feitos na forma de empréstimos do que operações localizadas como, embora, repito, esteja de acordo que houve fatos graves ocorridos também nos controles da VISANET. Aliás, quero registrar que o BANCO DO BRASIL estabeleceu mecanismos de correção de todos esses controles absolutamente rigorosos. Atualmente isso é importante. Eu acho que valeu até por conta disso. O episódio Daniel Dantas acho que merece um tratamento melhor no Relatório, embora nosso Relator Osmar Serraglio tenha dito que não deseja apenas fazer ilações mas há, enfim, uma série de informações que merecem serem transferidas para o Ministério Público, informações acumuladas por essa CPI, até ele foi, as empresas controladas por Daniel Dantas à época foram as que realizaram maior volume de transferência para Marcos Valério, isso merece uma investigação por parte do Ministério Público. Eu penso que nós devemos sistematizar todas as informações disponíveis e transferi-las para o Ministério Público, porque isso me parece ser absolutamente correto.

Eu tenho muito pouco tempo, sobre os indiciamentos o que é natural há algumas imprecisões e a meu ver injustiças que eu vou transferir direto ao Sr. Relator. Tive oportunidade de comentar com ele já no episódio Guaratinguetá do IRB em que diretores, alguns diretores foram, enfim, indiciados e acabaram sendo, constando do Relatório como indiciados quando não tiveram participação direta no episódio e alguns fatos desse tipo e merecem até ser investigados pelo Ministério Público mas não há, a meu ver ainda fundamentação mais sólida para esses indiciamentos e eu vou me dirigir diretamente ao Sr. Relator.

Por fim eu gostaria de fazer alguns comentários sobre o item dos fundos. Eu acho que aí houve uma certa fragilidade na questão dos fundos, porque anunciamos supostas perdas de 700 milhões de reais do início, isso foi estampado nos jornais e não é o que está no Relatório final, porque as investigações demonstraram que aquelas supostas prejuízos depois transformados em perdas e ajustes negativos, são operações com derivativos que são proteção de outros investimentos feitos por essas instituições que não devem, devem ser tomadas como custos operacionais e não como perdas dessas instituições. É o mesmo que se dizer que alguém que tenha um contrato de seguro, para dar seguro de seu carro, que não tenha se utilizado daquele seguro porque não teve, não danificou seu carro durante o ano ou não teve seu carro furtado, que essa

pessoa tenha tido perda por ter contratado um seguro. Não, aquilo é um custo operacional para garantir a segurança do seu patrimônio, da mesma maneira que operações com mercado futuro, com derivativos são operações de proteção. Então tem que ser tomadas com muita cautela. Acho que ficou claro também que a compra de títulos feito por muitas fundações com BMG e Rural, foram operações claras e transparente, porque foram feitas por muitas fundações, sejam essas investigações, aliás, não ficou claro porque foram eleitas apenas essas fundações, viu, Sr. Relator, o Senhor fez menção, o Senhor fez menção que não se tratou de assuntos Estaduais. Mas no caso da, nem diz respeito a meu partido, a Governo de meu partido, digo, mas no caso da Fundação ligada à SEDAE é um caso tipicamente Estadual que merecia ser investigado pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, pelo Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro e não por esta CPI. Acho que foi na certa, na verdade, uma certa derivação, talvez, inadequada do nosso trabalho e que pode sugerir, pode sugerir algum interesse político apenas nessa investigação embora possam haver problemas sérios ali que mereçam investigação, mas nas instâncias apropriadas pelos órgãos apropriados. Constato que alguns temas ali tratados estão ainda tratados de forma insuficiente. É o caso da operação que envolveu a PREVI em Costa do Sauípe, quando há evidências de que houve ingerências políticas que a PREVI, na verdade, teve uma perda muito grande com aquela operação da Costa do Sauípe realizada na Bahia, por uma indução claramente política no Governo passado com investimentos que hoje significam algo corrigidos na faixa de 800 milhões de reais e que nem de longe tem perspectiva de assegurar retorno para aquela instituição.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Bittar o tempo de V.Exª....

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Meu tempo está encerrado. Apenas uma última informação. Quando falamos da necessidade de controle sobre Fundos de Pensão falamos com muita propriedade. Eu quero só registrar e de forma, de forma lamentável o Projeto de Lei de iniciativa do Governo Lula que foi aprovado, aliás, foi uma Medida Provisória aprovado na Câmara dos Deputados foi rejeitado, porque a oposição tem maioria no Senado, pela oposição do Senado que é o projeto que criaria a PREVIC. E eu acho que o nosso Relatório deveria sugerir que o Governo Lula reapresentasse, reapresentasse o projeto da PREVIC que é um organismo que amplia a capacidade da atual SPC, que aliás melhorou muito o seu trabalho no atual Governo, mas que nós tenhamos--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Como cria a PREVI? A PREVI já existe.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): PREVIC. PREVIC. Que é um organismo de controle e fiscalização dos Fundos de Pensão. Hoje existe a SPC por aquela Medida Provisória a SPC seria transformada na PREVIC, teria, ampliaria seu corpo fiscalizador, sua estrutura para fiscalizar instituições que lidam com patrimônios de que acumulados significam centenas de bilhões de reais. É isso, muito obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço a V.Exª. Indago ao Sr. Relator que quer se manifestar a respeito.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Só em relação ao problema do Rio de Janeiro, da PRECE, é porque nós investigamos os fundos públicos e eu sei que vai dizer que é estadual, mas em virtude de por via indireta nos cabe essa fiscalização por causa da SPC. Aí, porque terminou fazendo, incluindo na nossa investigação a PRECE.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Sr. Presidente, me permite um aparte ou pela ordem?

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Pela ordem tem a palavra V.Exª.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): É só dentro desse assunto para esclarecer e muito bem colocado pelo Deputado Bittar em referência ao Sub-Relatório que foi feito comigo junto com o Tribunal de Contas da União. Eu não sou o dono do mundo e acho que posso ter cometido erros em ter pedido indiciamento de alguém. E eu acabei de ouvi-lo e estou totalmente aberto a conversar e analisar melhores as provas mesmo que forem contra o tribunal da União e fazer este reparo, porque eu acho que nós--

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Legalmente V.Exª. não pode, Data Vênia.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Não, eu fazer o reparo que eu digo é em subscrever algum reparo que alguém fizer junto com um novo Relatório que poderá vir acontecer.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): V.Exª. me permite um aparte?

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Nós temos várias, Excelência. Nós temos vários... Regimental um Relatório que foi apresentado, vai apresentar supressão, essas coisas todas. Voto em separado. Então, ainda dá e é lógico dentro de um consenso--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado--

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Eu vou terminar. Então, tá, a informação que eu vou dar a V.Exª. é o seguinte, referente ao Fundo de Pensão,

a PRECE. Além de ser um fundo estadual ele também e isso é muito grave, eu chamo a presença de V.Exª. Excelência vou comunicar uma decisão--

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): V.Exª. é defensor da PRECE, pode deixar todo mundo sabe.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): E a senhora é uma acusadora da PRECE.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Claro, onde tem dinheiro público--

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Porque a senhora não prendeu quando a Senhora foi juíza? Devia ter prendido todo mundo na PRECE.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Deputado, se eu fosse juíza aqui agora, a algema já estava na mão, mas não sou.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Carlos Willian eu peço a V.Exª. que aguarde um momento.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Pois não, Sr. Presidente, obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Já que V.Exª. está inscrito e é o terceiro orador.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Muito obrigado, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Concedo a palavra à ilustre Senadora conterrânea Ana Júlia e permuta com a Deputada Denise Frossard que terá a palavra assegurada amanhã. Depois vem Pompeo de Mattos, Carlos Willian, Pannunzio e Fruet e Silvio Torres. Vamos ver se esgotamos todos os presentes para ganhar tempo amanhã. As manifestações, claro. [Risos]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Os presentes já estão esgotados.

SENADORA ANA JULIA CAREPA (PT-PA): O meu tempo está passando, Presidente. Vamos lá.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: O Delúbio já deu todos os presentes.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu determino que recomponha o tempo da Senadora Ana Julia para 15 minutos, por favor, que ela assume o compromisso de não ultrapassá-los.

SENADORA ANA JULIA CAREPA (PT-PA): Eu vou assumir o compromisso e por isso eu vou tentar ser o mais breve possível, apesar de que não é simples num Relatório de mais de mil páginas e um tema que nós nos debruçamos tantos meses. Eu não sou membro titular desta CPMI, sou membro suplente, mas em diversas vezes estive aqui dentro das possibilidades das nossas diversas tarefas aqui neste Congresso. Mas quero também deixar claro aqui e reiterar uma posição que não é só minha, é de toda a nossa bancada, mas é também de milhares de pessoas que nós representamos de que nós queremos que tenha Relatório. Nós queremos que esta CPMI tenha Relatório. E que tenha Relatório até porque nós não podemos, se nós não tivermos Relatório nós estaremos sendo coniventes com a impunidade e isso eu quero dizer que não é a nossa posição e principalmente a minha em particular. E, portanto, agora por outro lado uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito com tantos Relatórios e tantos Sub-Relatórios é natural até que aconteçam imprecisões. É natural que necessite de aperfeiçoamentos e eu quero dizer que esses aperfeiçoamentos eu espero que eles ocorram. E eu vou citar, eu vou tentar focar em pelo menos um dos Sub-Relatórios que eu acho que eu tive maior possibilidade de me debruçar sobre esse tema que foi estranhamente uma tentativa o tempo inteiro de tentar relacionar os Fundos de Pensão com um dos financiadores no caso do esquema Marcos Valério, através de uma operação que teria levado os fundos a investir mais no banco BMG e rural. Mas estranhamente este mesmo Relatório passa como se diria na gíria "passa batido", isenta completamente exatamente as empresa controladas pelo Banco Opportunity do Sr. Daniel Dantas. A TELEMIG AMAZÔNIA CELULAR que somava os maiores valores de recursos privados repassado para as empresas de comunicação do Sr. Marcos Valério. E estranhamente isso tudo sumiu, sumiu do Relatório. Simplesmente o Sr. Daniel Dantas veio aqui, tentou enganar a todos os membros dessa CPMI, portanto, tentou enganar a toda a sociedade, mentiu Deputada Denise, Juíza Denise Frossard, mentiu descaradamente e ele simplesmente nem é citado.

Então, já começa aqui um grande, uma grande falha. E, na verdade, se tentou, se escolheu a dedo alguns Fundos de Pensão, mas a tentativa era principalmente tentar criminalizar os maiores Fundos de Pensão que são entidades de Direito Privado, mas são ligadas a bancos públicos como PREVI, ligada ao BANCO DO BRASIL, FUNCEF ligada a Caixa Econômica e PETROS ligada à Petrobrás. E eu quero dizer que infelizmente o Relatório é eivado de erros. E eu quero aqui lamentar que se tenha pago, não sei nem se já se pagou tanto dinheiro por um amontoado de tabelas da empresa que se diz de consultoria Ernest & Young. Olha, se fosse eu não posso, eu sei que esse documento é sigiloso, mas eu quero só aqui folhear, é um monte de tabela, se é para colocar tabela para que se vai se pagar 3 milhões ou 5 milhões de reais? Bastava contratar algumas pessoas para reproduzir as tabelas. Talvez se gastasse 100 mil, 200 mil no máximo.

Reproduzir tabelas? Isso daqui é uma vergonha para uma empresa como a Ernest & Young que realmente parece que produziu essas tabelas, inclusive, porque eu fiz um requerimento ao Presidente do Senado, porque nós não conhecíamos até há poucos dias atrás esse Relatório aqui, que na verdade é uma reprodução de tabelas, nada mais do que isso.

Então, eu quero apenas aqui elencar algumas imprecisões absurdas que traz, primeiro eu acho que a Ernest & Young deveria ter se considerado, talvez, até suspeito de não ter aceitado o trabalho, porque ela foi auditora do Banco Santos e da TELEMIG, duas empresas, então, inclusive aqui está até tentando se indiciar pessoas por conta de operações com o Banco Santos. Quer dizer, é um absurdo isso. Mas eu vou começar com alguns erros aqui absurdos e que detalhes de datas e eu sei, porque fui vítima disso há pouco tempo atrás em uma outra CPI, são fundamentais, por exemplo, as datas das operações do Relatório da CPMI são diferentes do próprio Relatório da Ernest & Young, ela nesse monte de tabela pelo menos algumas são verdadeiras, outras nem tanto. Os títulos públicos com a corretora LAETA DTVM SA na tabela da página 1412 do Relatório da CPMI sobre as operações com a corretora LAETA são apontadas perda de 57 milhões 769 mil para a PETROS no ano de 2004, de acordo, isso é o que está colocado no Relatório. Só que o próprio, a própria reprodução das tabelas aqui da Ernest & Young para dar suporte técnico, diz que essa operação foi feita em 2002 e esses dados, inclusive foram confirmados pela PETROS. Essa adulteração ela tem um componente político que é tentar colocar uma perda de 57 milhões para a administração atual da PETROS quando foi feita na administração do Governo Fernando Henrique Cardoso, a administração da PETROS.

Então esse é um dos exemplos de erro crasso e que tem como conseqüência indiciar pessoas indevidas. Vou citar outros erros crassos aqui. Tentar, a tentativa, de forçar a barra, de tentar relacionar os investimentos dos Fundos de Pensão nos bancos BMG e Rural é completamente desprovida de qualquer análise técnica. Por isso que eu digo que esse Relatório da Ernest & Young não é nada, ele não faz uma análise, ele não escreve nada, ele só reproduz tabela. Ora, a auditoria é para reproduzir, para analisar dados e não para simplesmente fotocopiar. Fotocopiar não precisa pagar 3 milhões de reais. E aí o que está omitido, infelizmente, aí não se teve nem o suporte técnico de uma empresa como a Ernest & Young deveria é que, na verdade, não só os Fundos de Pensão Estatais, Federais, tiveram o movimento em direção aos bancos médios. Aconteceu nesse período uma operação agressiva, sim, até, digamos no termo agressividade financeira dos bancos médios à procura sim de investimentos. E não foram só os Fundos de Pensão que cresceram seus investimentos. Nossos Fundos de Pensão federal. Todos os Fundos de Pensão, os Fundos de Pensão privado, os Fundos de Pensão estaduais, todos. A curva de crescimento, inclusive, nos Fundos de Pensão privados é maior nos bancos médios e pequenos e, inclusive, no BMG e Rural.

Então isso é um movimento do mercado. Se há operação no mercado e tem mais, não aconteceu nenhuma perda, não aconteceu perda para os Fundos de Pensão. A PREVI ganhou nessas operações, não houve perda nenhuma, portanto, eu quero dizer que esse Relatório tenta construir algo que não tem nexo. Ele insiste nessa questão, mas infelizmente não tem nexo. A PREVI, por exemplo, ganhou um investimento remunerado 105% na proporção do CDI, 105%. Ou seja, ninguém perdeu, ou seja, investiram porque era importante, não, todo mundo investiu, porque houve esse movimento. Outro erro absurdo, na verdade, é a tentativa de se incriminar e até aqui eu cito está se propondo o indiciamento de um diretor da FUNCEF, veja bem, porque diz que houve uma perda de 10 milhões de reais com o investimento no Banco Santos. Ora, minha gente, eu quero aqui mostrar lista de *rating* da MODY para o Brasil. Aqui estranhamente tem a lista do *rating* em escala nacional a longo prazo e o *rating* na escala global... De escala global no mundo. Só que o investimento no Banco Santos era nacional e aqui, este *rating*, primeiro de agosto de 2004, dizia que o Banco Santos estava classificado numa classificação que o grau de investimento era grau médio, BAA-2, BR3. Eu sei que isso significa grau de investimento médio.

Então não tinha nenhum tipo na classificação que colocasse para os investidores que eles não deveriam investir no Banco Santos. Até porque, vejamos lá, 33 Fundos de Pensão perderam 370 milhões com a falência do Banco Santos, esse número é muito menor do que um bilhão perdido pelas mais de 1005 empresas que aplicaram na instituição e mais de um bilhão e 200 milhões das 577 Instituições Financeiras nacionais e estrangeiras que aplicaram também na instituição Banco Santos. Então, tentar indiciar uma pessoa, um diretor cujo investimento, inclusive, era terceirizado, não era feito diretamente, não tinha carteira própria da FUNCEF, num investimento que representava 0,06%, isso daqui, eu digo, são essas incorreções que nós não podemos permitir, porque nós estamos mexendo com a vida das pessoas. E não dá para indiciar o Demóstenes, diretor da FUNCEF, porque senão nós teríamos que indiciar tanta gente, será que todas as pessoas que investiram e perderam no Banco Santos são criminosas? E qual é a relação? Também não existe.

Então eu acho que ninguém... Aqui eu vou ler apenas um... A sentença do Juiz de Direito da segunda Vara de falências e recuperações judiciais. Consta sobre administração do Banco Santos o seguinte. "Diversas práticas irregulares pelos ex-administradores e controladores, algumas delas com participação dos próprios devedores que acabaram por impedir exames e avaliação de investidores e analistas de mercado sobre a sua real situação financeira". Então, ninguém poderia adivinhar a situação, até porque a própria Ernest & Young que era auditora não fez nenhum tipo de alerta em relação à dificuldade do Banco Santos. A própria Ernest & Young que era auditora. Quando mudou aí sim depois é que houve, mas já depois não foi dado conhecimento a tudo.

Então eu quero colocar que além de omitir a questão do Daniel Dantas, do Banco Opportunity, além de tentar se provar algo no mercado que absolutamente sem nenhuma consistência, além de se indiciar de forma indevida pessoas que não tem responsabilidade em perdas como essa do Banco Santos, eu quero dizer que ainda além de tudo exime e não manda investigar, por exemplo, investimentos feitos pelos Fundos de Pensão em administrações anteriores como, por exemplo, Costa do Sauípe. E estranhamente também a Ernest & Young ela não faz a correção dos números, do valor investido Deputado Pompeo de Mattos, V.Exª. que é do BANCO DO BRASIL, lá há tantos anos como eu sou e o valor agora. Na verdade, a perda beira os 900 milhões de reais em um único investimento, 900 milhões de reais. Então é um escândalo que não se peça no Relatório que se continuem as investigações das perdas feitas e investimentos mal feitos, os nossos Fundos de Pensão. Isso é meter a mão no dinheiro de trabalhador, de trabalhador dos Fundos de Pensão, não mandar investigar, aprofundar as investigações das perdas da FUNCEF na administração anterior. Isso é meter a mão no dinheiro do trabalhador, tentou-se ao contrário, as administrações atuais, e eu vou concluir, Sr. Presidente, estão e demonstraram aqui, demonstraram aqui com fatos e com números a melhoria e exatamente, inclusive, investimentos de forma mais segura. Portanto, eu fiz questão de falar sobre um ponto, era impossível falar de todos os pontos para mostrar a necessidade que nós temos de aperfeiçoar Relatórios e de não cometer injustiças aqui com quem não tem responsabilidades sobre erros cometidos como essa perda do Banco Santos e omissões como não indiciamento e não manter, e não indicar que se continue as investigações pelo Ministério Público das imensas perdas que os trabalhadores associados dos Fundos de Pensão tiveram em administrações bem recentes, anteriores, até 2002, mas que têm na verdade as suas conseqüências agora em quem está aposentado e quem ainda vai se aposentar, inclusive, a omissão do Sr. Daniel Dantas que é um conhecido criminoso nesse país.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado, Senadora Ana Júlia. E de pronto concedo a palavra ao Deputado do outro extremo do país Pompeo de Mattos.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Bem, quero cumprimentar o Deputado Asdrubal Bentes, nosso Vice-Presidente e em seu nome permita cumprimentar o Senador Delcídio Amaral e Deputado Osmar Serraglio. Dizer preliminarmente que eu não votei a favor do Deputado Osmar Serraglio para eleição de Relator e nem tão pouco votei Senador Delcídio Amaral quando ele foi escolhido nosso Presidente. Mas assim que a votação encerrou-se, eu cheguei, os cumprimentei e depositei a confiança que me parecia os dois mereciam em função das investigações que nós iríamos desencadear. E disse, aqueles que falavam que era chapa branca, são dois homens honrados, dignos e que estão preparados para a missão. E via no Deputado Osmar Serraglio a postura, para fazer um bom Relatório, até por sua função acadêmica, de mestre, de professor, enfim, de colega, de advogado. E hoje eu posso dizer aqui não votei a favor do Senador Delcidio e nem a favor do Deputado Osmar Serraglio, mas venho aqui para dizer que voto a favor do Relatório do Deputado Osmar Serraglio, porque é sério, profundo, corajoso, responsável, tecnicamente correto e politicamente equilibrado. É claro que não é perfeito, não temos essa pretensão, porque ele não é perfeito e nem nós somos, somos humanos como tal temos defeitos. Mas ele fez um Relatório que era possível neste momento. De tal sorte que nós não aceitamos em hipótese alguma meu partido, PDT, Presidente do meu partido, Dr. Carlos Lupe já nos comunicou, enfim, a nossa bancada, nós não aceitamos definhar o Relatório. Absolutamente falquejar esse Relatório, tirar nomes desse Relatório, desmontar. É claro que precisa aperfeiçoar? Nós vamos compreender a necessidade de alguns ajustes, de alguma perfeição. Mas a espinha dorsal do Relatório deve ser o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Esta é uma afirmação que eu entendo deva ser categoricamente posta para não deixar claro, não deixar absolutamente nenhuma dúvida e deixar absolutamente claro a nossa postura e o nosso posicionamento.

Faltam coisas a dizer no Relatório? Falta. Mas faltaram coisas a investigar também, muitas coisas nós não podemos aprofundar a investigação. É por conta que eu acho que eu vou morrer, vou dar meus olhos e não vou ver tudo, porque quanto mais nos aprofundar-

mos a investigação, mais coisa tem para contar e mais coisa vai aparecer. E eu quero me arvorar em afirmar aqui que ainda que nós não investiguemos, depois da CPI vai aparecer coisa. Aí um indicativo de que o Marcos Valério passada a CPI vai abrir a boca e que vem lá mais 50, 60 nomes importantes da política nacional, aliás, os nomes andam pipocando por aí, alguns até injustamente, então que tem fazer uma filtragem, um exame muito delicado, acurado para que possamos chegar a essas conclusões. Mas eu não tenho dúvida até quando o Relator não indiciou o Presidente Lula, não apontou o Presidente Lula, até aí ele acertou e olha que eu sou da oposição e poderia vir aqui e Dizer: "Não tem que apontar o Presidente Lula". Primeiro acerto o Relator, porque o Presidente Lula não foi investigado. Segundo que não foi chamado, terceiro porque não depôs. Então não há como indiciá-lo. Agora que ele tem responsabilidade política, tem. Eu não tenho dúvida que ele tenha responsabilidade política sobre tudo isso, não há como negar.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): V.Exª. me concede um aparte?

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Pois não.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS):O processo de... Eu não estou aqui entrando no mérito.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Sim.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Do Presidente. Mas um processo que investiga um Presidente da República, ele não é aqui neste inquérito parlamentar. Ele cabe no inquérito outro, sem entrar no mérito aqui se cabe ou não cabe. Então, quer dizer não caberia a nós em hipótese alguma e é bom que a sociedade entenda isso. Nós não fizemos, porque não podemos investigar o Presidente. Para se investigar o Presidente é preciso um rito próprio.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): E específico.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Específico pelo crime... [Manifestação inaudível].

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Agora isso aí nós vamos entrar numa outra questão, se me permite, Deputado Pompeo, não quero tomar seu tempo, mas já que estamos no finalzinho aqui, que é a questão também do indiciamento. Quer dizer, nós temos aqui um indiciamento que, na verdade, a sociedade precisa entender que não tem qualquer efeito prático.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): É o indiciamento político.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Por quê? Porque nós não temos meios e modos de investigar criminalmente aqui. Não temos instrumentos de investigação e por isso esse indiciamento que nós falamos e que o Deputado Serraglio fala, porque a lei diz que é isso, é meramente porque quem veio aqui veio porque é no sentido comum, porque tinha algum indício de que estava. Agora, aí a investigação criminal cabe ao Ministério Público e à Polícia Federal. Eles vão receber isso aí tudo. Podem pegar o que o nós mandamos e achar que não é nada disso ou pode pegar o que nós mandamos e achar que é muito mais.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Perfeito.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Desculpa Deputado Pompeo.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Absolutamente. Eu concordo com V.Exª. e aliás caminhamos no mesmo sentido um pouco pela experiência e talvez não tanto pela convivência aqui.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Desculpa o tempo.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Colaborou. Colaborou.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Muito obrigada.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Eu quero ampliar para dizer que nem por isso o Presidente Lula está livre da responsabilidade política. Não há como dizer, por exemplo, que o Presidente não sabia. Quer dizer, o porteiro sabia, o caseiro sabia, o jardineiro sabia. Como é que o Presidente não sabe? Então é claro que o Presidente sabe. Tem cara de leão, juba de leão, dente de leão, pata de leão, rabo de leão, urro do leão. O que é? Leão. Não é outro bicho. Então essas coisas tem que ficar claras aqui. [Manifestação inaudível].

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Tem a Leão e Leão no mês. Não por acaso. Então nós temos que deixar isso bem claro.

Bom, dando seqüência e dando conseqüência eu vejo aqui uma briga insólita pela autoria do Mensalão. Não mas era de antes ou é de agora. Tem razão quando diz que é de antes e tem razão quando diz que é de agora. Tem razão que começou pequeno e tem razão que o outro fez crescer. Um fez nascer e o outro adubou e põe adubo nisso. Eu acho que foi o adubo mais com a forma NPK da forma mais forte que tinha, porque cresceu, se enriqueceu, se robusto e aí deu frutos de tal maneira que esparramou, porque ele nasceu mineiro e se tornou brasileiro, foi parar lá no estrangeiro. [Risos]

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Não, se tornou porque se esparramou pelos Estados.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Deputado, o Senhor falou nasceu mineiro?

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): É.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Eu nasci mineiro.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Mas o Valerioduto começou lá. Nada de correlação. Mas a verdade é essa. Então é uma disputa insólita, tem razão que quando disse que começou lá, começou lá. É lamentável a razão que os dois tem, uma fez a coisa errada e o outro pior. Não sei qual o pior dos que fizeram o pior. Nós precisamos dizer isso muito claramente. E essa de dizer que não tinha Mensalão, tem. E o PT não gosta do Mensalão, porque o nome é feio. Quem deu foi o Roberto Jefferson. Mas pegou. Isso é que nem apelido de escola Deputada Denise Frossard. Quando tu não gosta do apelido aí que pega. Se o PT não quiser o apelido do Mensalão não vai desgrudar nunca mais. Vai ficar pegajoso igual aquele negócio de tamanco, gruda, Mensalão, mensaleiro, mensalidade. É uma coisa que ficou. E o Sr. Marcos Valério é símbolo de tudo isso, o carequinha. E o Relatório traduz isso, traduz com sabedoria--

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): V.Exª. concede outro aparte? Tem razão. O Deputado Pompeo de Mattos ele consegue trazer lá da terra dele umas frases que exprimem exatamente isso. Você sabe, Deputado, Pompeo que eu estava no show da Marília Pêra, Carmem Miranda, maravilhoso o show dela, estava num sábado lá e aí tinha um sujeito assim que era do bando da lua que cantava, e alguém tira a peruca dele, sai o carequinha, e a música dizia assim: "Tem Marcos Valério". Até isso. Até no show da Marília Pêra. Um musical.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Virou uma coisa popular.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Maravilhosa. Aliás eu recomendo.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Tem razão a Senadora que me antecedeu, a Ana Júlia, quando ela fala na PREVI. Eu sou da PREVI. Sou BANCO DO BRASIL, os Fundos de Pensões acho que nós podíamos ampliar um pouco. Podíamos ampliar. Acho que amanhã nós temos que... O Governo fez tudo para não investigar. E essa questão dos Fundos de Pensão não é de agora também. É de antes. Isso não dá nem mérito nem demérito. É roubalheira, é roubalheira, é de antes, de agora e vai ser depois. Vai continuar, porque é um esquema muito pesado, é muito grande, é muito dinheiro. Os funcionários do BANCO DO BRASIL foram logrados da Caixa Federal, da Petrobrás, enfim, os trabalhadores foram logrados. Nós temos que fazer o indicativo no sentido de aprofundar essa investigação não só na PREVI como também nos outros órgãos. E se fosse ampliar, até porque esse troço em que o PT se meteu, quem nunca comeu mel se lambuza. A gente diz lá no Rio Grande. E o PT nunca foi Governo, deram a moral de cueca, e a moral abaixou na cueca e foram ver na cueca se tinha moral e tinha dólar. Então era mais do que a moral, a moral estava era baixa, estava abaixo da cueca e estavam os dólares. E tanto que isso bateu forte ali na base do Governos que se nós olharmos, olha a relação, o Presidente do PT José Genoíno renunciou, o Presidente do PTB Roberto Jefferson foi cassado, o Presidente do PL Valdemar Costa Neto renunciou, o Presidente do PP Pedro Corrêa foi cassado, o líder do PMDB o Borba renunciou e, inclusive, bateu de revesgueio no PSDB, que deu lá no Eduardo Azeredo que renunciou também a Presidência do PSDB e veja a quantas andou, o quanto envolvimento, por isso que é importante, nós não podemos ficar sem o Relatório, nós temos que ter um Relatório amplo, profundo, abrangente, por isso é importante amanhã nós discutirmos, dialogarmos com firmeza, a espinha dorsal do Relatório do Deputado Osmar Serraglio está traçada, pode ser mais aqui, mais ali, mas o caminho é esse. Pode ser mais na direita, mais a esquerda, mais na beirada, mas a linha é essa. Nós não podemos fugir dessa responsabilidade, senão nós vamos ser trucidados lá fora. O povo não é bobo, quem comprar o povo por bobo devolve de madrugada, esse povo de bobo não tem nada, eles estão vendo, eles estão olhando. Eu sei que eles olham para nós aqui e cobram tudo de nós. Cobram tudo. Até o jeito de falar mais assim, mais assado, cobram e tem razão de cobrar, porque o povo é que paga a conta, o povo que está pagando essa conta.

Então, por exemplo, se nós quiséssemos ampliar eu fiz algumas sugestões e apresentei até como um voto em separado, a conexão Rio Grande do Sul que eu levantei aqui por umas informações eu disse que o PT do Rio Grande do Sul tinha buscado dinheiro do Marcos Valério e tinha passado em São Paulo e tinham sido preso em São Paulo no aeroporto. Eu não sabia. Tinham me dito um passarinho me assoprou e eu chutei. E o Marcos Valério disse: "Olha, se eles foram presos eu não sei. Sei que eles levaram o dinheiro". O Presidente do PT, diz que se lava na praça, com roupa, sem roupa, se tivessem pego o dinheiro. Passou uma semana, duas semanas, na terceira semana admitiram. Um milhão e 50 mil reais. Vieram buscar. Levaram o dinheiro via São Paulo de avião, 150 mil, foram pegos

no aeroporto, arrumaram um jeito de explicar o dinheiro, um outro passou com 50 mil na cueca e o outro veio buscar 900 mil em três ou quatro viagem de ônibus. O Marcos, tem o nome dos moços aqui, todos eles. Os integrantes próximos, os integrantes, Presidente do PT, Marcelino Piso, o Marcos Trindade e o Paulo Basoto, quer dizer, um mandava o outro cumpria, enfim, levaram dinheiro. E aí disseram que era caixa-dois. Por isso que o PT está muito firme no caixa-dois. E sabe o que aconteceu lá? Eles fizeram um acordo com o Ministério Público, fizeram um acordo com o Ministério Público e vão tão somente pagar uns trocos lá, cinco salários mínimos para uma entidade lá no Rio Grande do Sul, para o lar Santo Antônio dos excepcionais, cinco salários mínimos e vai ficar por isso mesmo. Serão leves, livres e soltos. Então é assim que o PT quer se escapar de tudo. Isso porque os colegas lá já escaparam e eu espero que a CPI os indicie como corrupção passiva. Aí eles não escapam. Como caixa-dois eles escaparam como os outros querem escapar.

Se nós quiséssemos aprofundar mais, eu deixei como sugestão ao Relator, além dessa questão da PREVI, nós temos lá no Rio Grande do Sul, outro fato, a FAURGS, o BANCO DO BRASIL, desde 2001, de antes do outro Governo, vinha fazendo pesquisa de satisfação de cliente de pessoa física, Pessoa Jurídica, posso falar, porque eu sou do banco, tenho todos os documentos. Apresentei à CPI. Requeri. A CPI buscou. O BANCO DO BRASIL trouxe. Agora o BANCO DO BRASIL foi excelente nesse aspecto. Trouxe os documentos, investigamos. Em cinco anos, quatro anos e pouco, cinco anos o BANCO DO BRASIL repassou mais de 5 milhões para a DNA para cumprir obrigações com a FAURGS de pesquisa. A DNA desses 5 milhões passou para a FAURGS 3 milhões, tenho comprovado. Aproximadamente 3 milhões. Tudo documentado os documentos, DOC, enfim, do BANCO DO BRASIL mandado lá para a FAURGS. Daí consultamos a FAURGS, intimamos a FAURGS, a FAURGS respondeu, sabe quanto ela admitiu receber? Um milhão e meio. Mas está ali os depósitos da conta da FAURGS e ela disse que não recebeu. E recebeu nós temos prova. Quer mais? Pior do que isso? Ela não só recebeu o dinheiro como ainda ela alega que não recebeu da DNA. Disse que não é da DNA. Mas está ali, dá para matar a cobra, mostrar o porrete e o coro do bicho estaqueado. Está ali não tem duvida. Está ali, recebeu o dinheiro, é documento, é papel, é autenticação bancária, é uma coisa expressiva. Só recebeu um milhão e meio admito. Mas recebeu três documentos, e disse que não recebeu da FAURGS, da DNA, da SMPB que recebeu do BANCO DO BRASIL, aí nós pedimos o contrato da FAURGS com o BANCO DO BRASIL, não tem contrato. Pedimos o contrato com a DNA e com a SMPB, não tem contrato. Então eles fizeram uma pesquisa de bigode, no fio do bigode, de boca o contrato, de 5 milhões.

Então, o Ministério Público tem que aprofundar esta relação. Outra questão nosso Relator o Dr. Ivan Guimarães do banco popular. Ele não foi apontado indiciamento. E acho que tem que apontar o Ivan Guimarães. O Ivan Guimarães esteve depondo aqui, só para a DNA ele passou 30 milhões, se alimentou do valerioduto, 30 milhões do banco popular num ano de propaganda, investiu 20, gastou 30 em propaganda em aviões de um Banco Popular, um banco de aviões. Já viu? Nos bagageiros do avião. Mas é um avião, hein? Bota avião nisso, ligeiro, muito ligeiro o baixinho, deu um prejuízo de 60 milhões num ano para o Banco Popular e ele é tão ligeiro, tão ligeiro que ele conseguiu sair desta façanha do prejuízo que deu e ganhou três empregos de conselheiro da Kathleen Webber(F), da Belgo Mineiro e da Bombril ganhando 36 mil por mês. Mas bota ligeiro. Esse ano ainda mais ou menos assim 80 por hora em terra lavada, serra acima, em dia de chuva de ré e de tamanco. Bota ligeiro. Bota ligeiro.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado, Pompeo.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Presidente, eu vou concluir. Peço sua generosidade. Fui aparteado generosamente contribuído, mas me dá um minuto para concluir. Então, Presidente, está é verdade e para deixar e colaborar ainda com V.Exª., Presidente, e o Relator, eu quero levantar um dado, um fato importante. Os Deputados foram indiciados aqueles que a CPI mandou o Relatório lá para o Conselho de Ética. É importante, Presidente, eu requerer isso, que a CPI incorpore nos seus anexos, nos seus mananciais, enfim, nos seus documentos os processos daqueles Deputados e tome como prova emprestado os depoimentos dos Deputados lá e que venha para cá, porque senão nós não vamos ficar aqui sem os depoimentos deles e os depoimentos foram dados e nós podemos emprestar provas no processo. E aí fica consubstanciado no processo essas provas. Isso aí é uma coisa muito importante e que juridicamente é necessário para garantir o procedimento. E para mim então concluir pela generosidade do Presidente e nós vamos ter amanhã quem sabe outra oportunidade de falar. Mas eu quero concluir dizendo assim, uma coisa que eu escrevi aqui rapidinho dizendo assim, e ao final, é um pouco rimado, mas não leve a mal. "O Senador Eduardo Azeredo começou, o PT adubou e o que era um esquema mineiro se esparramou pelos Estados brasileiros e pelo valerioduto lá se foi nosso dinheiro, para os paraísos fiscais para não voltarem nunca mais

lá dos bancos do estrangeiro. Eu digo, falo e não me calo, porque é preciso falar. E se alguém pensa em me amansar tira o cavalo da chuva. Lamento o choro da viúva e a morte do falecido, mas sinceramente o Presidente Lula nesta ficou perdido e o PT todo enrolado e o povão indignado. Quer mais do que explicação. Quer que devolvam a nação todo o dinheiro desviado". Esse é o meu apelo.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado Deputado Pompeo de Mattos. Solicito ao Deputado Osmar Serraglio que temporariamente acumule as funções de Relator e Presidente enquanto ouvimos o Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Pois não nobre Presidente Asdrubal, caro Relator Osmar, caros colegas, Deputados e Senhoras Senadoras, cara também Deputada Denise Frossard. Sr. Relator, o texto antes eu gostaria de só fazer uma brincadeira com o meu colega Pompeo de Mattos que sempre traz os assuntos sérios à essa CPMI, mas sempre deixando muito a vontade o seu pronunciamento que nem tudo que parece que é, é. Porque lá em Minas Gerais existe uma coisa que tem pé de porco, não é porco, rabo de porco não é porco, orelha de porco e não é porco, focinho de porco, mas não é porco e é uma feijoada. Então nem tudo que parece é, é. Mas isso não é nenhuma crítica.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): É porque misturaram o feijão nessa coisa.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Pois é. Então eu só estou querendo brincar com V.Exª., porque às vezes não se pode confundir conhaque de alcatrão com catraca de canhão. São coisas completamente diferentes. E voltando à responsabilidade que nós temos em referência a este Relatório, a ponderação que eu faço, nobre Relator, é que nós somos legisladores e como legisladores e fiscalizadores do Executivo nós temos que estar dando o exemplo e não podemos através de um Relatório da CPMI sair fora desta nossa consciência e tão pouco da nossa responsabilidade. Convenhamos que um Relatório desta natureza, desta magnitude, deste tamanho não pode estar perfeito, porque nenhuma obra é perfeita. Existe erros a reparar, existe fatos a consertar, mas mesmo depois que reparado e consertado não vai conseguir agradar a gregos e troianos. Mas que nós precisamos de dar uma solução à sociedade brasileira, nós precisamos. E nós temos que apresentar um Relatório. E o ideal é que seja um Relatório de V.Exª. com algumas correções. E me permite com todo o carinho e respeito que eu tenho por V.Exª., por um grande Parlamentar, mas também como um grande professor, de que foram muitas matérias. V.Exª. teve que se lançar por necessidade e eu sou testemunha do tanto que V.Exª. trabalhou nessa CPMI, teve que se lançar a ajuda das empresas contratadas para poder nos auxiliar. E essas empresas, talvez, até no âmbito em querer ajudá-lo e na velocidade que os fatos precisam pode ter induzido V.Exª. a erro. Mas não um erro que vamos acreditar não seja um erro voluntário, mas acredito que tenha levado principalmente em algumas considerações de texto e algumas situações que não foi clareado para V.Exª. Entre os vários assuntos que eu tenho pendente, eu vou me abster em falar somente em um assunto que é o Fundo de Pensões e que não admito a partir de hoje nenhum Parlamentar vier falar aqui nessa tribuna que eu estou defendendo A ou que eu estou defendendo B. E se acha que eu estou defendendo algum Fundo de Pensão é que faça uma representação no Conselho de Ética para poder verificar se o meu comportamento é legal ou se o meu comportamento é indigno. E gostaria, Sr. Presidente, caro Relator que está presidindo de não ser interrompido durante esse meu pronunciamento. E até mesmo a justiça e graças a Deus os legisladores que nesta Casa tiveram e que nos antecederam puderam fazer justiça de primeiro, segundo e terceiro Grau, porque as vezes um juiz monocrático não consegue vislumbrar dentro do processo todos os fatos de direito.

Portanto, existe a segunda instância e a terceira instância que já aí já não é um juiz singular, já é plural. Pois bem, Sr. Presidente e caro Relator. O texto que foi apresentado pelo laborioso e respeitado Deputado Osmar Serraglio já disse que há necessidade de fazer algumas correções e nós também acreditamos que essas correções tenham que ser depuradas, porque nela existem graves omissões, existem privilégios inaceitáveis, existe desrespeito a decisões judiciais. E não se nega que a investigação desenvolvida embora mereça reparos ela tem muito mais qualidades e não tenha dúvida disso, das qualidades que tem no texto. Mas o extenso arcabouço probatório produzido no curso dos últimos meses, com exceção salvaguardados pelo sigilo e por ordem judicial que não poderá ser aproveitadas, tem que ser tiradas deste Relatório, muito contribuirá para a punição daqueles que se envolveram em práticas ilícitas. A comunidade já está acompanhando e sabe claramente quem são as pessoas e quem são os corruptos desse país. O Ministério Público tem por obrigação que se não chegar nenhum documento, ele já tem conhecimento do fato e por obrigação tem que começar a fazer a investigação.

Portanto, a censura que se impõe em relação ao Relatório apresentado ele restringe-se às partes e se embrenha na descrição dos fatos e nas sugestões de indiciamento notadamente no capítulo destinados

aos Fundos de Pensão. Caro Relator, caro Presidente, quando a descrição dos fatos dos trechos do volume dois do Relatório da CPMI dos Correios, que fazem menção aos sigilos da PRECE, o Supremo Tribunal Federal, Sr. Relator, eu volto a repetir, o Supremo Tribunal Federal num mandato de segurança nº 25808 impetrado por esta entidade privada de Previdência Complementar determinou que esta CPMI, abre aspas, palavra do Ministro, "Se abstenha de utilizar ou divulgar a imprensa dados sigilosos da impetrante obtidos em razão da descoser da sua intimidade". A inclusão, Sr. Relator, de dados sigilosos da PRECE no Relatório, documento público lido em Sessão aberta na CPI dos Correios configura flagrante desrespeito à decisão judicial, conduta ressalte-se caracterizado em crime tipificado no art. 330 do Código Penal absolutamente também incompatível com o decoro Parlamentar. Sobre o ponto causa também perplexidade, Sr. Presidente, lembrar que na 10ª reunião da Sub-Relatoria de Fundos de Pensão conforme anunciou o próprio Sub-Relator Deputado Antônio Carlos Magalhães Neto, ele deliberou da seguinte forma e que nós temos aqui a cópia taquigráfica: "Está excluído também deste estudo a PRECE, porque a PRECE é um Fundo Estadual e também não podemos divulgar os seus dados sigilosos, porque está amparando em mandado judicial.

Contudo sem justificativa plausível a não ser por ordem política esta deliberação foi completamente ignorada ao contrário de outro teor igualzinho que beneficiou o Fundo de Pensão SYSTEL. Outra deficiência ululante, ululante e é bom que a imprensa depois não faça críticas dizendo que eu mudei as palavras, porque eu não mudei as palavras. Quando eu disse aqui delatação premiada eu não confundi com delação premiada. Delatação premiada foi um novo sentido que eu dei, uma nova palavra, porque pessoas de Fundo de Pensão que estão dedando e que estão delatando e como prêmio recebeu a não inclusão no Relatório e a não inclusão nas investigações. Portanto, não se pode confundir delação premiada com o termo que eu usei delatação premiada. Então agora eu uso outra deficiência ululante, ou seja, gritante na descrição dos fatos do Relatório. Diz com a vulneração de princípios constitucionais de grau superior. Não houve no curso das investigações levadas à cabo por essa CPMI possibilidade de contraditório acerca das fantasiosas cifras representativas de supostos prejuízos. Foi-me encaminhado a PRECE impetrou um mandato de segurança perante o Supremo Tribunal Federal afim de obter acesso aos cidades que estão norteando as imputações de hipóteses, perdas experimentadas pelas entidades de Previdência Complementar. A PRECE também entrou e protocolou nessa CPMI sem sucesso o pedido de acesso aos dados, querendo saber qual é a forma que estavam usando para poder chegar a estes Relatórios. Sr. Presidente, caro Relator, a ausência de contraditórios sobre esses regulamentos numéricos não passou impune. As contradições são flagrantes como pode citar a discrepância, os valores divulgados inicialmente como prejuízo da PRECE, muito aquém daqueles constatados no Relatório final que por sua vez não encontraram similitude com a realidade. Mais grave, entretanto, é a absoluta inexistência de critério para indicação de indiciamento como disse a nobre Senadora que me antecedeu. O Relator guiado por interesses subalternos escolheu quem quis para atirar aos leões, poupando enquanto ocupantes de posições igualitárias de alguns Fundos de Pensão privilegiadas, sem qualquer justificativa aceitável. Não houve menção para efeito de indiciamento a PETROS, a PREVI, a FUNCEF, a CHALSIN, a LINK e CRUZEIRO DO SUL. Embora tal qual as demais entidades de Previdência Pública Privado Complementares e Corretoras, o Relatório tenha imputado condutas suspeitas e não suficientemente demonstradas e comprovadas para todos igualmente.

Há de se estranhar a diferença de tratamento dado pelo Sub-Relator o caso, desculpe, ao Relator que agora é o autor do relato, a determinados Fundos de Pensão destacadamente a PETROS. Em uma única operação relatado da PETROS, teria havido uma suposta perda milionária num valor de 218 milhões de reais, que representa por si só um hipotético prejuízo muito superior a todas as fantasiosas perdas somadas e imputadas a outros planos. As supostas perdas da PETROS foram tratadas com desdém. Sabe-se lá por qual motivo e atendendo as quais, interesses políticos culminando na mera recomendação de uma mais profunda investigação. As da PRECE por seu turno foram enfatizadas com enorme destaque, o que resultou em draconiano indiciamento de seus dirigentes. Mesmo porque os dados não poderiam ser usados e divulgados à público. O caso LINK também chama atenção. Essa empresa Sr. Relator, Sr. Presidente, como descrito no Relatório, participou de uma operação *swap* com o BANCO DO BRASIL lucrando a quantia de 30 milhões de reais juntamente com um empresário que conforme apurado por essa CPMI no mesmo negócio ganhou a importância em torno de 600 reais. Surpreendentemente ao surgir indiciamentos o Relatório apenas se lembrou de citar o empresário que recebeu 600 mil, esquecendo de fazer menção, concluindo, Sr. Presidente... [Campainha] Ao menos para o aprofundamento das investigações da LINK, maior beneficiária da citação da operação de 30 milhões de reais.

Não há razão plausível para essa desigualdade e privilégio. Trata-se de odioso proselitismo que deve ser extirpado deste Relatório. Ora, por quê? Somente sugerir o indiciamento dos fundos de menor porte, cujas perdas aleatoriamente estimadas são significativamente inferiores àquelas experimentadas pela PETROS e de corretoras sem padrinho neste Relatório. Foram aventados supostos prejuízos hipotéticas condutas ilícitas que teriam sido praticados por todos os fundos e corretoras investigadas discriminalmente. Sr. Relator já termino. A falta de uma investigação completa por essa CPMI em relação aos Fundos de Pensão, como expressamente reconhecido no próprio Relatório Serraglio não prejudicou apenas conclusões a serem extraídas dos fatos descritos envolvendo PETROS e alguns outros protegidos. Uma leitura deste Relatório é reveladora. O prejuízo investigativo nessa parte se estende a todas as ilações possíveis, em relações a todos os investigados e não somente a um plêiade de projetos. Repetindo e não somente a um plêiade de projetos. Diante da dimensão do trabalho investigativo, do enorme número de pessoas envolvidos, da exigüidade de prazo para elaboração desse Relatório, da impossibilidade da conclusão das investigações, da contradição dos depoimentos, da natureza meramente iniciativa de prova produzida do grande volume de documentos e por fim terminando da complexidade das operações financeiras examinadas, não é curial nesta fase inicial das investigações que sejam definidas, responsabilizados e dirigentes sem que sejam sugeridas as tipificações para fins de indiciamento e de indivíduos cujos nomes não foram relacionados e investigados.

Deve-se lembrar, qualquer atividade investigativa, mais um minuto, Sr. Presidente, qualquer atividade investigativa se orienta por princípios constitucionais, dando a todos os investigados tratamento igualitário sem presunção de culpa em respeito ao enunciado do art. 11 da declaração universal dos direitos do homem que proclama: "Todo homem acusado de um ato delituoso tem o direito de ser presumido inocente, até que a sua culpabilidade tenha sido provado de acordo com a lei". Terminando, Sr. Presidente. Torna-se também em consideração também a repercussão que um indiciamento de natureza traz para as instituições e indivíduos se não há elementos probatórios suficientes, se a investigação não foi concluída satisfatoriamente em razão de obstáculos acima nominados, um indiciamento nessas circunstâncias muitas vezes interpretado pela opinião pública como uma condenação, configura flagrante precipitação. Os elementos probatórios colhidos nesse Relatório, contudo sugere necessidade de prosseguir nessas investigações. Acredito que tenha que se encaminhar ao Ministério Público, acredito como disse a nobre Deputada Juíza Frossard tem que prender e realmente tem que algemar. Mas depois de uma investigação, depois que realmente for concluído e depois que realmente houver a culpabilidade.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Deputado, pela ordem. Eu não falei nesse contexto.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Mas esta... Eu concordo com V.Exª., não estou descordando de V.Exª..

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RS): Aqui não temos poder algum de prender.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): É isso que eu vou concluir. E essa CPMI não tem esse poder. Portanto, o que o eu sugiro é que remeta todos os fatos ao Ministério Público e lá com certeza irá fazer a abertura do processo. Mas o que não pode é deixar nesta Casa de investigar os grandes para poder investigar os pequenos, ou seja, uma lei de Robinwood ao contrário. Muito obrigado.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Só para parafrasear. Já que ele me citou antes Presdiente e respeitosamente meu amigo--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Está invocando o art. 14?

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): É invocando o art. 14. Dizer que se nós não apresentarmos o Relatório na forma que o Deputado Osmar Serraglio apresentou a esta Casa, a esta Comissão e fizermos como o Deputado Carlos Willian está sugerindo, a população vai pedir que faça um Relatório incluindo, tirando os nomes dos outros incluindo os nossos. Vai vocês para o Ministério Público, porque a população está louca, não vai aceitar, não vai admitir, não vai compreender, nós vamos ser execrados publicamente e aí seria lamentável para nós todos. Eu jamais iria poder sair na rua, quanto mais me candidatar depois de um trabalho. Chegamos a lugar nenhum que não podemos apontar nada, indicar nada, encaminhar nada, a população diz assim: "Mas então o que estão fazendo? Para que servem? Para que prestam?" Seria uma decepção para nós todos. Embora eu sei que o Deputado Carlos Willian é um bom Deputado, excelente, mas estaremos nos matando, nos enforcando, é um suicídio e um sumicídio para nós. Eu não aceitarei isso em hipótese alguma. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço ao Deputado Carlos Willian, ao Deputado Pompeo de Mattos e indago ao Sr. Relator se deseja se manifestar a respeito do que falou o Deputado Carlos Willian.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, apenas para registrar a estranheza nossa, pela forma como o ilustre Deputado, até como Sub-Relator e que portanto alguém que tinha condições mais próximas de eventualmente nos indicar caminhos e agora o final, evidentemente, fica fácil se houver pedras aquilo que nós apesar de todos os esforços fizemos para que construíssemos alguma coisa. Mas eu estou aberto a receber manifestação fundamentada em relação a quem eventualmente devesse ser melhor investigado e, com certeza, nós inseriremos isso na nossa manifestação e remeteremos ao Ministério Público. Se eventualmente algum tratamento não isonômico possa ter acontecido, há uma instância que é mais avançada do que a nossa no percurso da investigação, porque está mais próxima da responsabilização e aí nós, deles nós imaginamos que se possa obter um resultado mais adequado diante das expectativas do nobre Deputado Carlos Willian. Nós fomos ao nosso limite com as dificuldades próprias de um trabalho técnico, nos penitenciarmos, mas ao mesmo tempo nos orgulhamos de até onde nós chegamos até na expressão do Deputado Pompeo que reforça essa idéia. Repito, é só me encaminhar que eu agrego e remeto ao Ministério Público.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço ao Sr. Relator.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Presidente, só respondendo ao nobre Relator. V.Exª. me desculpa nós não estamos jogando pedra. É só para colaborar e tanto mostrando essa colaboração nós apresentamos em voto separado estas propostas que nós acabamos de dizer. Muito obrigado, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado ao Sr. Relator, ao Deputado Carlos Willian também. E concedo a palavra pelo prazo de 15 minutos ao Deputado Antônio Carlos Pannunzio e dizendo que iremos ouvir ainda o Deputado Gustavo Fruet e o Deputado Silvio Torres para suspendermos a Sessão e reiniciarmos amanhã com mais 18 inscritos ainda. Então eu concedo a palavra por 15 minutos ao Deputado Antônio Carlos Pannunzio.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Sr. Presidente, Sr. Relator, Senhoras e Senhores Parlamentares. Sr. Presidente, antes de mais nada, eu queria dizer que eu não vivi ainda neste Congresso Nacional nenhuma situação tão kafkiana como esta que nós estamos vivenciando. Eu quero lembrar aqui e particularmente a quem nos vê e nos ouve aí pelo Brasil, pela TV Câmara, pela TV Senado, de que o Governo, o Presidente Lula da Silva tentaram de todas as formas possíveis impedir a instalação desta CPMI. Depois de instalada tentaram pressionar aí o seu, os Deputados da base, os simpatizantes que retirassem suas assinaturas.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): E, aliás, sumiram daqui. Não tem ninguém.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS PANNUNZIO (PSDB-SP): Sumiram. Eles não gostam de ouvir as coisas que lhe incomodam.

Então, essa história de dizer que todos queremos a verdade, queremos investigar, não é o que aconteceu e o povo brasileiro sabe disso. Mais ainda, Sr. Presidente, Sr. Relator. Já foi dito e eu vou repetir. Nós da oposição não escolhemos, não votamos no Presidente, no Vice-Presidente, não escolhemos o Relator, votamos contra. Entendemos que esta Casa tinha uma tradição que era a alternância entre a Presidência e a Relatoria, entre situação e oposição e isso não foi observado e nos sentimos atingidos. No entanto, agora com a leitura do Relatório pelo nobre Deputado Osmar Serraglio o que se constata? Constata-se que a base do Governo notadamente os integrantes do partido dito dos trabalhadores só tem críticas a fazer ao Relatório e apresenta, inclusive, um voto em separado para contestar o Relatório apresentado pelo Relator por eles eleito. E a oposição e aqui mais uma vez eu somo a minha voz àqueles que já se penitenciaram que no começo, não pelas pessoas que integram a Relatoria, ou a Presidência ou Vice-Presidência, mas simplesmente pela quebra de uma tradição a oposição é quem agora firma-se ao lado de V.Exª.s para fazer valer e aprovar o Relatório. Nem Kafka, não teria imaginado uma situação semelhante.

Mas vamos aí a uma síntese do que foi feito pelo nobre Deputado Osmar Serraglio. Primeiramente é muito importante conceituar, qual é a função de uma CPI. Isso foi feito. A CPI é investigar, desvendar esquemas ilícitos, mapear os problemas, sugerir sugestões, e como é o caso dessa aqui encaminhar as conclusões para o Ministério Público, para que se promova a responsabilidade civil e criminal, o Relator fez isso e eu posso dizer que esta CPI dos Correios, CPMI dos Correios obteve resultados relevantes, por quê? Concluiu pela existência de um esquema de desvio, de desvio de dinheiro, de recursos públicos para financiar Parlamentares da base aliada do Governo. E é o denominado Mensalão, não sei se quem deu esse nome foi o Roberto Jefferson, se foi ele mesmo ou se foi a própria mídia. Mas o nome caiu como uma luva de encomenda para esses atos que são praticados aqui.

Pois bem, a CPMI cumprindo aquilo que eu disse que era seu papel na definição, ela apresentou como sugestões para prevenir ilícitos a redução do número de cargos em Comissão no Poder Executivo, ou seja,

o desaparelhamento do Estado que foi vergonhosamente aparelhado como nunca se viu na história da República pelo Partido dos Trabalhadores. A criação de câmaras na Justiça Federal com competência especial para julgar crimes contra a administração pública e sugere ainda uma série de outras medidas como limitação de despesas com publicidade, melhorias e atualização nas leis de lavagem de dinheiro e outras mais. A CPI cumpriu a sua missão. Está de parabéns o Relator, está de parabéns o nosso Vice-Presidente Deputado Asdrubal Bentes e também o Senador Delcidio, o nosso Presidente. A primeira parte do Relatório apresentado, ela aponta gravíssimas irregularidades, mostra o Relator, nos mostra o Relator que em 25 de 51 contratos dos Correios num valor de 5,7 bilhões de reais, bilhões, eu repito, de reais, alguns que já vieram de diretorias que já haviam no Governo anterior, mas a imensa maioria deste Governo Lula da Silva, precisa dar o nome, diretores designados pelo Governo Lula da Silva, em todos eles há indícios. Todos eles há indícios. Em alguns nós temos provas robustas, inclusive, de que o esquema comprometeu a boa gestão da coisa pública.

Vamos aí a algumas das conclusões, o Mensalão. O Mensalão diz o Relator e eu assino embaixo, porque vou votar favoravelmente ao seu Relatório, aliás, todos nós do PSDB e como já foi dito, PFL, como já foi dito o PSOL e outros partidos, pelo menos outros Deputados que tem noção de sua responsabilidade, o Mensalão, entende que o Mensalão existiu e não pode ser confundido com caixa-dois, vamos deixar claramente as coisas separadas. O início dos repasses do chamado valerioduto ocorreu em 2003, mas não que não houve eleições, e se fosse caixa-dois para pagar dívida de campanha, o destinatário dos recursos teriam que comprovar os gastos com notas fiscais. O que não fizeram. Portanto essa história de caixa-dois ou resto de dívidas de campanhas passadas ou campanhas futuras como nós tivemos, inclusive, pelo menos um caso, não dá, não dá para aceitar.

Em algumas ocasiões os recursos do valerioduto serviram para pagar dívidas, aí sim de caixa-dois que foi o caso do Sr. Duda Mendonça. Mas mesmo nesse caso não se afasta a existência do Mensalão, não se afasta. Diversos depoimentos deixaram claro que o Executivo obteve a fidelidade para não dizer o acumpliciamento de Parlamentares à custa de repasses financeiros e legais, ou seja, compra de parlamentares, compra de consciências. Ficou muito claro. O Relator ainda teve habilidade de relatar, colocar os depoimentos todos aqui que demonstram que o Presidente Lula foi devidamente avisado sobre o Mensalão pelo Deputado Roberto Jefferson, pelo Ex-Ministro Miro Teixeira, pelo então líder do PTB, que estava com Roberto Jefferson também Deputado José Múcio. Então, várias personalidades avisaram o Presidente da República.

Então aqui eu fico em parte com alegação do Relator. O Relator é muito claro num parágrafo. Ele diz: "No campo da responsabilidade subjetiva não há como o Presidente da República afirmar que não sabia". E aqui eu guardo uma divergência com V.Exª. caro Relator Osmar Serraglio, se o Presidente sabia o porquê de não solicitar abertura de um processo de crime de responsabilidade para com o Presidente da República? Essa é uma divergência. Até entendo as pressões que V.Exª. sofreu, sentiu, suportou, tá certo, e que eventualmente não julgou conveniente chegar tão longe. Mas entendo que deveríamos ter ido além. V.Exª. com muita propriedade aponta o Ex-Deputado José Dirceu como o grande idealizador desse esquema de corrupção destinado a garantir uma base de apoio ao Governo na Câmara dos Deputados. V.Exª. pede o indiciamento do Ex-Deputado por prática de corrupção ativa, pede também, ou seja, faz, pede o indiciamento do Ex-Ministro Luís Gushiken acusado de tráfico de influência e também como não poderia deixar de ser do Ex-Presidente do PT José Genoíno, que citado no mínimo por falsidade ideológica. E o Relatório aponta com muita clareza, não é meramente a formação de gráficos como disse o Deputado Bittar que não permitem uma, um nexo causal entre o acontecido aqui nessa migração e o resultado das votações. Mas claramente V.Exª. mostra essa migração de Parlamentares da oposição para o partido trabalhista brasileiro e para o PL como evidentemente um dos indicativos da compra de apoio político.

Portanto, o esquema comprovado pela CPMI é nitidamente um esquema de cooptação de apoio político ilícito. E nessa cooptação antiética em que foram utilizadas operações de transações financeiras simuladas, ilegais e fraudulentas é que reside a gravidade dos fatos. V.Exª. usa de uma termologia, aliás, termologia agora é coisa que o PT está trazendo neologismos para a língua portuguesa. Caixa-dois passou a ser utilização de recursos não contabilizados e assim por diante. Começaram inventar uma série de neologismos para mitigar o efeito da sua ação desastrosa e criminosa. Mas V.Exª. usa uma expressão que foi criada, o valerioduto. E na sua avaliação muito bem sopesada, ponderada, os empréstimos feitos pelo Partido dos Trabalhadores no valor de 55 milhões de reais no Banco Rural e no BMG seriam ou foram, melhor dizendo, mera formalidade contábil financeira para a montagem do quê? Da farsa para mascarar a origem dos recursos. As fontes dos recursos do valerioduto foram sim os cofres públicos como fundo de recursos da VISANET gerido

pelo BANCO DO BRASIL e fontes privadas entre outras a Brasil TELECON e a USIMINAS. Com a relação a VISANET V.Exª. com muita propriedade coloca no Relatório que ela repassou mais de 80 milhões para a agência de publicidade DNA por intermédio do BANCO DO BRASIL. E mais ainda a CPI comprovou de que a empresa pagou o próximo a 10 milhões à agência no caso à DNA por serviços que nunca foram prestados. E o dinheiro foi depositado no Banco Rural e o BMG e depois posteriormente retirado sobre a forma de empréstimos e repassado ao Partido dos Trabalhadores. As conclusões são cristalinas, são claras.

No que se refere aos Fundos de Pensões e eu vi aqui a indignação do colega Carlos Willian que eu não consegui entender e quero inclusive repelir a insinuação feita, não sei se sobre V.Exª. ou sobre os Sub-Relatores que estariam sendo subservientes aí a fatores externos ou coisa semelhante, eu quero repelir de plano no que se refere a V.Exª. e no que se refere a todos os Sub-Relatores que agiram sempre com a maior dignidade. Não dá para aceitar não este tipo de insinuação, mas o que ficou caracterizado com relação aos Fundos de Pensão é que o esquema de intermediação de corretoras que prestavam serviço de operação financeira aos fundos, apresentavam regularmente e sistematicamente resultados negativos em prejuízo das entidades de previdência. Para entender esses resultados negativos meu caro Presidente, é preciso se aprofundar um pouco. Está claro que no compito final não foi negativo. E daí quando da oitiva aqui do pessoal dos Fundos de Pensões, eu ter recomendado a leitura de um livro que foi lançado recentemente por um jornalista que é a "Operação trindade". Quem lê aquele livro passa a entender claramente o que se passou no âmbito dos Fundos de Pensões. E com relação, para terminar meu caro Presidente, eu preciso ser breve aqui, eu não poderia deixar de mencionar, o Relatório cita e solicita ao Ministério Público que investigue o caso da Game Corp, ou seja, o contrato de publicidade dessa empresa Game Corp cujo proprietário é o Sr. Fábio Luís Lula da Silva, mais conhecido como Lulinha com a TELEMAR. Quem é a TELEMAR? Concessionária de serviços públicos. E o Relatório ressalta que esses repasses são suspeitos. E aqui mais uma vez eu me permito uma pequena divergência. O Relator deveria ter mencionado, é duro, mas deveria ter mencionado o nome de Fábio Luís Lula da Silva, porque é preciso sim que o Ministério Público amanhã se aprofunde nessas investigações e ele explique como é que uma empresa com 200 mil de capital a realizar movimenta em poucos meses, primeiro é vendido o passe das ações, 35% por 5 bilhões e meio e depois mais 5 bilhões e meio, ou seja, em poucos meses tem 11 milhões de reais na mão. É coisa que precisa ser bem explicado.

E V.Exª. termina muito bem com a solicitação de indiciamento e de todos aqueles que foram considerados altamente suspeitos, culpados, alguns com culpas claramente comprovadas, desde toda a cúpula do Partido dos Trabalhadores e incluindo aí o poderoso ex-chefe da Casa Civil, o Ministro José Dirceu, e... Também o Ex-Presidente José Genoíno do PT, o Secretário de comunicação do Governo outrora Ministro Luís Gushiken, enfim, todos, a todos ou para todos foi pedido o devido indiciamento. Pede também muito oportunamente o indiciamento para o Sr. Henrique Pizzolatto por crime de falsidade ideológica, lavagem de dinheiro e peculato e como não poderia deixar de ser, não podia deixar de lado o Sr. Duda Mendonça e sua sócia Zilmar Fernandes.

E finalmente, encerrando, Presidente, encerrando, o Relator teve sensibilidade embora não quisesse fazê-lo naquele momento, porque era um tema que não havia se aprofundado aqui e o tempo já finalizava para a CPI, permitiu a oitiva do Sr.Dimas Toledo do que se refere à lista de FURNAS. E foi muito oportuno que assim fosse feito, porque foi só dessa forma que as investigações pela Polícia Federal andaram e depois as perícias solicitadas aos órgãos técnicos comprovaram a falsidade total daquela lista. Portanto, Sr. Presidente, Sr. Relator, caríssimos colegas, eu tenho que terminar aqui mais uma vez cumprimentando V.Exª., aliás, V.Exª. s aí pelo Relatório apresentado e dizendo claramente, inclusive, aquilo foi dito aqui com muita firmeza pela Senadora Heloísa Helena. Não pensem aqueles que são simpatizantes ou apaziguados do Governo, pertencem ao mesmo partido do Governo que esta CPMI possa terminar sem Relatório ou então com um Relatório que não a atinja os objetivos dela. Um Relatório que busca justificar em eventuais falhas ocorridas ao longo da história do Brasil, em eventuais casos de corrupção pontual, toda a justificativa para essa corrupção instrumentalizada como política de Governo que é o que faz o Governo Lula da Silva. Obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado Deputado Pannunzio. Pelo que eu ouvi o Deputado Gustavo Fruet está diminuindo do tempo dele os 5 minutos adicionais do Deputado Pannunzio. E concedo a palavra ao Deputado Gustavo Fruet.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Até porque se o Deputado Pannunzio permitir eu sobrescrevo a integralidade da manifestação. Mas o Winston Churchill era correspondente de guerra e militar na Primeira Guerra, e ele ensinou que quando tiver que usar a palavra use a mais fácil. Entre as mais fáceis

a mais curta. E num momento desses a palavra mais fácil e mais curta para sintetizar é o sim. O voto sim ao Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Eu tive o privilégio e a manifestação de assinar em duas linhas uma pragmática e a outra em observação, mas o privilégio de ter participado ao longo dos meses, num determinado momento do Conselho de Ética e depois a CPMI. Foi um choque de realismo. O que tem de pior eu vi e estou convivendo e posso afirmar que nós teremos ainda a brutalização do processo eleitoral que se avizinha. Uma CPI, uma investigação no Conselho de Ética gera ódio, gera reação, gera revolta, algumas legítimas e compreensíveis. Mas outras demonstrando que a cultura política brasileira ainda tem muito que evoluir. Isso aqui não pode ser briga de quadrilha. A eleição não pode ser briga de quadrilha. E apesar das demonstrações de avanço na democracia brasileira nos últimos 16 anos, nós temos práticas que são absolutamente inaceitáveis no século 21. Isto vai se acentuar e faço isso até como um desabafo e como um alerta, porque esse processo promete ser um dos mais brutalizados da história recente do Brasil.

Mas conhecer um outro lado ainda muito positivo. Tive a oportunidade de participar por indicação do Deputado Osmar Serraglio como um dos Sub-Relatores, portanto, por uma questão até de honestidade as divergências que existiram e quando existiram foram apresentadas diretamente e pessoalmente ao Relator. E não seria jamais aceitável que nesse momento elas fossem de alguma maneira aqui manifestadas. Não se constrói um Relatório sem dor. Não se constrói um Relatório desta dimensão sem reação. E o foi saldo extremamente positivo, foi uma vitória como disse o Deputado Pannunzio instalar a CPI. Foi uma vitória prorrogar a CPI, foi uma vitória chegar ao Relatório final. E o desafio amanhã é votar o Relatório e se possível aprovar esse Relatório, até porque os procedimentos não estão claros para a votação de amanhã. Aberta a votação e esta é a primeira, a primeira reflexão o que se entende a votação do Relatório do Deputado Osmar Serraglio se eventualmente ele incorporar alguma sugestão antes do início a votação irá apresentá-la no seu Relatório. Aprovado o Relatório acabou. Se o Relatório do Deputado Osmar Serraglio não for aprovado aí sim nós vamos ter a definição de procedimentos. Então, também será uma vitória se conseguirmos chegar a esse processo de votação. E até nesse sentido pontualmente eu registro que recebi ainda hoje Relator e é bem provável como foi cópia que V.Exª. tenha recebido algumas correspondências que se for possível análise da consultoria até para constar amanhã. Uma do Sr. Einhart Jácome Paz, outra da Companhia de Fiação e Tecidos Guaratinguetá, uma outra recebido há pouco, falei com V.Exª., do Sr. Demóstenes Madureira de Pinho Filho com relação ao Instituto de Resseguros no Brasil. Uma outra em relação ao BANCO DO BRASIL e uma outra em relação aos funcionários da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Eu também coloco isso para sua avaliação, se for possível incorporar alguma dessas sugestões, sempre no objetivo de incluir, não no objetivo de exclusão.

E até por isso aproveito para fazer uma distinção que é importante para o Brasil do papel de investigação de determinados dirigentes. Mas as instituições em especial da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e do BANCO DO BRASIL. É necessário consignar o respeito a essas duas empresas que orgulham o Brasil, têm história e são importantes para o futuro da economia e desenvolvimento do nosso país. Nós não podemos comprometeram o papel dessas empresas com o volume das investigações que foram apresentadas. É importante consignar o respeito a essas instituições e separar a responsabilização de alguns dirigentes do papel dessas empresas. E de forma objetiva com relação ao Relatório nós temos além dessas sugestões o voto apresentado hoje pela bancada do PT. É importante registrar também que esse debate agora está sendo franco, aberto e transparente. Isto é necessário para que não haja dúvida de procedimentos. Só que o Relatório apresentado ele desconstrói na sua essência o Relatório apresentado pelo Deputado Osmar Serraglio. São alguns temas que são divergentes e que não há possibilidade de composição. Ou é um ou é outro. É a questão do repasse dos recursos vinculados ao voto, a questão da origem dos recursos em especial aos empréstimos do Marcos Valério e a utilização de contratos como do Fundo VISANET, o chamado Mensalão, a questão dos Fundos de Pensão e amanhã até será necessário da sua parte até o Deputado ACM Neto uma manifestação com relação às afirmações feitas hoje pelo Deputado Carlos Willian, que também atuou como Sub-Relator, muitas essas crianças poderiam ter sido apresentadas no momento de algumas reuniões que foram realizadas em caráter informal, para que não haja suspeita de procedimento em relação a qualquer um de nós. Nós estamos pisando no fio da navalha e não pode ter dúvida de procedimentos, senão compromete futuramente o trabalho que foi, que foi realizado.

Na questão dos indiciamentos não há meio termo. E até nessa questão do indiciamento a indicação ou não indicação por parte do Relatório não vincula o Ministério Público. A autora Denise Frossard já fez a observação de que mesmo nomes que não constem desse Relatório poderão ser objeto de denúncia. E mesmo os nomes que foram indiciados não vai gerar

vínculo. E aqui até foi uma das objeções que apresentava, porque determinados tipos que foram apresentados tem pena que já estão prescritas. Acaba sendo até inócuo. Mas eu entendo a força política e a responsabilidade do Relator de fazer esse indicativo, até pela incompreensão da CPI. Ela tem um sistema híbrido de polícia, Ministério Público, de Judiciário, ela tem poder de transferência de dados sigilosos, mas ela não prende, ela não tem sentença criminal. E essa é uma das vertentes de desdobramentos de uma CPI de natureza civil e criminal. Mas não é só isso. Agora, a responsabilidade será dada a Polícia Federal continuando as investigações que já foram iniciadas ou no inquérito do Mensalão ou a pedido da CPI e eu reitero e insisto nas perícias que não chegaram ao final do trabalho e quando apresentei a diferença agência não é de ordem formal. É no conteúdo, substância. A Receita tem colaborado muito com a CPMI. Só que há uma série de procedimentos fiscais que não foram concluídos, isso precisa prosseguir, precisa constar inclusive como manifestação. Mas mostrando também a falência do sistema preventivo de fiscalização no Brasil. Não como responsabilidade desse Governo, mas é uma oportunidade para darmos um salto de qualidade numa relação mais consistente de órgãos como a Receita, o Banco Central, Polícia Federal, Ministério Público, Tribunal de Contas e Congresso Nacional. Não se pode ter disputa de poder e não se pode ter um conflito quando existe uma causa maior em jogo. O que demonstrou essa CPI é que as instituições funcionam quando tem uma pessoa responsável que está cuidando lá da investigação ou determinada linha de atuação. Mas de qualquer maneira a nossa responsabilidade é de mandar o Relatório ao Ministério Público. Se não for aprovado nos resta mandar como fatos. E aqui o registro de confiança no Ministério Público Federal e no trabalho do Procurador-Geral Dr. Antônio Fernando. Ele foi muito criticado ao longo das investigações. É até compreensível, mas o Ministério Público tem uma natureza distinta de uma CPI. E até teve uma oportunidade de trabalhar em silêncio e sem a pressão que tem uma CPI. Para se votar uma convocação aqui é uma guerra, para se marcar convocação é outra guerra e no processo de investigação quando se perde duas, três semanas evidentemente que se deu oportunidade da defesa ou da investigação ser neutralizada.

O Ministério Público pôde trabalhar em silêncio, avançou muito. E há uma expectativa. E aqui uma feliz coincidência que pode ocorrer que ao encerramento dos trabalhos sejam apresentadas as primeiras denúncias de natureza criminal, não tem vinculação, mas poderá ser uma feliz coincidência. E com o voto de confiança no trabalho do Ministério Público.

E por fim de natureza política. Deputado Pannunzio já manifestou a posição do PSDB, é a posição oficial e até registro a ausência do Senador Arthur Virgílio. A mãe dele faleceu hoje, será enterrada amanhã, ele estaria aqui até para manifestar esta posição com relação ao papel do Presidente da República. Senadora Heloísa Helena muito já falou. Deputado Pannunzio manifesta o entendimento do PSDB, mas vejam a contradição no voto, inclusive, apresentado pelo PT. Responsabiliza-se o Senador Eduardo Azeredo dizendo que a veracidade pelas informações de custo de campanha é do candidato. Imagine se V.Exª. amanhã resolve aplicar este mesmo conceito ao Presidente Lula em relação às eleições de 2002 e 2004. Portanto se atuou com muita responsabilidade no Relatório. A disputa política é natural, é legítima e não se pode ter receio de sempre se associar isso como uma imagem negativa. Não é, é uma concepção positiva. Nós não somos magistrados. Não somos escoteiros. Nós estamos aqui representando grupos, representando posições divergentes, outros que nos julguem, mas aqui é uma relação efetiva de disputa, isso tem que ter uma concepção positiva, não como forma de diminuir o Relatório.

Então, Sr. Presidente. O objetivo da intervenção foi para agradecer a confiança do Relator Osmar Serraglio, cumprimentar a V.Exª., o Senador Delcidio pelo equilíbrio, pela capacidade de administrar tantas divergências de posição, pela confiança do PSDB, pelo privilégio de conviver com Parlamentares e Senadores como a Senadora Heloísa Helena, que já respeitava como um admirador lá do Paraná, mas hoje por ter compartilhado esse período aqui na CPMI. Mas sem dúvida isto foi um aprendizado. Eu espero que haja futuro, espero que sobreviva a brutalidade do jogo político que se avizinha principalmente no meu Estado. Há pessoas que não perderam a visão da tirania e a tirania na democracia ela é terrível, é injustificável e a tirania se manifestou agora na questão do caseiro como foi objeto de investigação desta CPMI. A utilização da força do Estado para investigar adversário, isso vai ser reproduzido nessa eleição e vai se reproduzir possivelmente em alguns Estados do nosso país, é muito grave, é muito triste. Eu faço política por convicção, por vocação, por paixão, é uma paixão lúcida. É um projeto de vida. Mas nesses últimos 10 meses a gente repensa se há futuro, se vale a pena estar num processo desse, não pelo horário, pela dedicação mas é um jogo desigual e isso tende a se reproduzir agora no processo eleitoral. Então, avaliando todos esses desafios, tendo a possibilidade de testemunhar a luta diária nos bastidores, no silêncio do corredor, da sala, na administração da equipe que não é brincadeira o

testemunho de respeito, de admiração e dizer que o saldo foi extremamente positivo. Se fazer política no Brasil talvez não valha a pena para alguns, mas valeu a pena participar desta CPI. Pela possibilidade de com todas as restrições, que não foram poucas, com todas as dificuldades, que não foram poucas e com toda a brutalidade do jogo, que também não foi pequena, se chegou no Relatório. E amanhã se tem a oportunidade de se votar este Relatório. Por isso que como Churchill o voto é sim. A palavra mais importante amanhã, mais simples e mais curta é o sim. Parabéns Presidente Asdrubal, Deputado Osmar Serraglio, Senadora Heloísa Helena, Deputado Silvio Torres, Deputado Pannunzio. Não é da natureza usar da palavra esse tipo de manifestação, mas sem dúvida foi um momento até para extravasar o que significou conviver com tamanha contradição e projetar isso para o futuro de cada um, no meu caso, da minha carreira, se prossegue ou não, mas especial é da democracia no Brasil. Parabéns.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradecemos a V.Exª. Deputado Gustavo Fruet as palavras carinhosas que servem de incentivo para continuarmos trabalhando da mesma maneira que o fizemos. Mas queria lhe prestar alguns esclarecimentos com relação às dúvidas de procedimentos para os trabalhos de amanhã. Nós teremos ainda 19 inscritos e a reunião começará às dez horas da manhã. Calculadamente 300 minutos só com os inscritos. A partir daí, concluídas as manifestações dos oradores inscritos a palavra será dada ao Relator para se manifestar. Naturalmente a esta altura ele já deve trazer se assim o desejar alguma inclusão ou exclusão ou modificação no voto para que possamos apreciar e votá-lo a seguir. Aprovado o Relatório, claro, aí, os destaques, etc. Se rejeitado aí, sim, entrará em discussão o substitutivo com os destaques que serão apresentados até amanhã. Estes são os esclarecimentos que eu deveria prestar a V.Exª. E passar a palavra ao paciente companheiro Deputado Silvio Torres como último orador desta noite.

DEPUTADO SILVIO TORRES (PSDB-SP): Sr. Presidente, Sr. Relator, acho que pacientes são aqueles que estão aguardando até agora que nós encerremos essa longa explanação, discussão. Na verdade, o início, que hoje foi o início da discussão desse Relatório tão importante, desse Relatório tão aguardado, tão debatido que a CPMI dos Correios apresenta. Queria começar dizendo ao nobre Relator Osmar Serraglio que eu tenho a convicção, que não é só minha, de que nós estamos participando de um dos momentos mais importantes da vida política brasileira. E a CPMI dos Correios foi, talvez, o fato mais relevante dessa crise política que nós estamos atravessando deste período de transição pelo qual o país passa e por tudo aquilo que nós estamos assistindo, por mais que a tendência seja a de nos deprimir, de desiludir, de decepcionar. Há que se destacar alguma coisa muito positiva Sr. Relator, Sr. Presidente, caros companheiros que permanecem aqui ainda.

Eu acho que nunca houve um acompanhamento por parte da opinião pública brasileira de um fato com tanta atenção, com tanto interesse como foi o acompanhamento das sessões da nossa CPI e dos seus desdobramentos. Eu ouço relatos diários e freqüentes de pessoas que estão nos assistindo a qualquer hora do dia, da noite, de gente que vem comentar o que nós falamos, comentar o que se discute nessa CPI, porque estão interessados em conhecer como nunca esteve o povo brasileiro interessado em conhecer a realidade política do país. Então, como já se conhece do antigo provérbio chinês, né, toda a crise ela é também uma ocasião de uma oportunidade, nós estamos vivendo a sua oportunidade única de conscientização política e especialmente no ano eleitoral, esse é um fato também importante de se destacar. Essas eleições de outubro, eleições gerais elas serão marcadas e profundamente marcadas pelos resultados de tudo aquilo que o país assistiu na discussão dos escândalos, na discussão da crise, na discussão das denúncias e mais ainda no comportamento dos atores, dos personagens. Eu ao dizer isso, Sr. Presidente, Sr. Relator, eu tenho quero antecipar como já fizeram os meus dois companheiros de partido, que o nosso partido o PSDB está comprometido com a votação desse Relatório do jeito que ele foi elaborado, porque nós acompanhamos durante todo esse tempo, nós acompanhamos o que foi a luta dessa CPI. E quero registrar que se teve alguma coisa que vale destacar na posição e na atitude do Governo do Presidente Lula, no Governo do PT, foi a coerência nas ações que ele teve durante todo o processo. Já foi lembrado aqui pelo Deputado Pannunzio e por outros. Começou na instalação da CPI. Quando a denúncia surgiu e quando a CPI se fez imperiosa a primeira ação do Governo foi tentar evitar que ela se instalasse, evitar usando daqueles métodos ditatoriais, antidemocráticos que já havia usado quando da votação das reformas que vitimaram aqui personagens tão importantes da política do PT, como é o caso da Senadora Heloísa Helena e fizeram e tiveram o mesmo procedimento. E por quê? Porque já previam a catástrofe que iria se abater sobre eles. Porque sabiam das culpas que eles tinham em cartório. V.Exª. Relator tem aqui uma frase lapidar. Jamais me esquecerei dela. Jesus Cristo em Mateus 10 versículo 26. “Não tenhais medo dos homens. Não há nada de encoberto que não venha a ser revelado. E nada há de escondido que não venha ser conhecido”.

Hoje nós devemos à CPI o conhecimento sobre o que representa a política brasileira. Nela o que representam este Governo e seus companheiros.

O Governo tentou evitar a instalação depois passou, pensou manipular a escolha do Presidente e do Relator. Achou que tinha manipulado, eu vou colocar alguém do PMDB que é da base governista e alguém do PT. Mais uma vez errou, caiu do cavalo. Quando não obteve sucesso nessas manobras ele quis convencer a opinião pública de que era uma mera disputa eleitoral, que era uma tentativa de desestabilizar um Governo popular de esquerda que estava fazendo profundas transformações na vida pública brasileira. Fez mais essa tentativa infrutífera. Durante todo tempo da CPI nós percebemos a mão do Governo querendo interferir nos depoimentos, na convocação de acusados e de testemunhas. Fez o que o pôde para dificultar esse trabalho. Tentou desqualificar a ação da imprensa que não tinha receio de ser investigativa e informativa. Com todo aquele aparato de propaganda e de força que tem à sua Secretaria de Comunicação tentou intimidar a imprensa, não conseguiu. Estimulou detratores da oposição, listas falsas e denúncias de encomenda. Foi conivente com a protelação da remessa de documentos à CPI com o objetivo de atrasar e boicotar os nossos trabalhos. Fez todos os esforços para impedir a prorrogação do trabalho na CPI. Novamente obrigando Parlamentares a retirarem assinaturas do pedido que nós encaminhamos. Quando tudo isso não funcionou foi buscar aliados no Supremo Tribunal Federal e tentou blindar os personagens mais perigosos capazes de entregar todos os esquemas. Ainda assim não deu certo e o Relatório elaborado pelo Deputado Osmar Serraglio agora apresentado sepulta de vez as esperanças do Governo e companheiros de se livrarem das acusações. Ao final de tudo ainda o Governo mantém coerência nos últimos atos ao apresentar esse Relatório alternativo negando como no início evidências incontestáveis de ter patrocinado e acobertado um vasto e inédito esquema de corrupção que estarreceu o país, chocou profundamente os brasileiros.

No entanto, Sr. Relator, trata-se de mais um lance de estratégia fracassada elocubrada por mentes em desespero diante de uma perspectiva eleitoral aterrorizante. Outros cadáveres de políticos e seus cúmplices se juntarão aos que ficaram pelo caminho deixando o rei solitário e nu vendo o fim do seu reinado imerso na lama que o Relatório de V.Exª. trouxe à tona. Um trabalho sério, honesto, fiel a tudo que foi revelado nas investigações promovidas por V.Exª., pelo Presidente Delcidio Amaral, pelo Vice-Presidente Asdrubal, pelos nossos Sub-Relatores e cito aqui o nosso Sub-Relator do partido Gustavo Fruet, pelos colaboradores dessa CPI, pessoas extremamente dedicadas. Quero deixar aqui registrado o apresso e a minha admiração pelo trabalho deles e a todos a convicção de que trabalharam pela justiça a nossa homenagem. Eu não tenho dúvida, Sr. Relator, de que o Relatório será aprovado, não tenho dúvida. Talvez por um, por dois, por três votos. Eu não sei quantos terão a coragem de publicamente perante as câmeras de televisão votar contra esse Relatório. Muitos que o fizerem não vão poder sair nas ruas, porque o povo, a opinião pública, a sociedade já aprovou o Relatório que V.Exª. elaborou, tenho certeza absoluta. Porque o povo quer e está com a verdade e quer a justiça que esse Relatório traz. O resto eu tenho certeza que vai para o lixo. O lixo de onde não devia ter saído. O lixo que essa CPI revolveu e expôs à opinião pública, o lixo de um Governo que felizmente para todos nós vai acabar e junto com ele eu tenho certeza, essas práticas serão exterminadas. Por isso Sr. Relator, essa é a última oportunidade provavelmente que estaremos usando a palavra, porque amanhã estará em votação já o Relatório. E não posso deixar de registrar nem vou me preocupar em comentar esse extenso Relatório. Aliás isso já vem sendo feito com muita competência pela imprensa e pelas pessoas que tem a incumbência e a responsabilidade de divulgá-lo. Eu acho que nós temos mais uma vez, repito, que nós temos todos nós que nos rejubilarmos de termos participado de um momento tão importante da vida política do país e de podermos estar à altura como eu tenho certeza que muitos de nós estivemos de viver esse momento como homens públicos. Parabéns.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Ao declarar suspensa esta reunião, marco o reinício dos trabalhos para amanhã às 10 horas neste mesmo local. Está suspensa a sessão. Uma boa noite a todos.

Sessão suspensa às 00h03 do dia 5/4/2006

Sessão reaberta às 10h27 de 5/4/2006

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Com as bênçãos de Deus, havendo número regimental, declaro reaberta a 65ª Reunião da CPMI, criada através do Requerimento nº 3/2005 do Congresso Nacional, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos CORREIOS, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Esclareço que a pauta desta reunião destina-se à continuação da discussão e, após o encerramento da discussão, à votação do Relatório Final desta CPMI. Sem maiores delongas, tendo em vista o acúmulo do trabalho que o Deputado Eduardo Paes está carregando nas costas, com reuniões na Comissão de Sistematização,

concedo a palavra ao Deputado Eduardo Paes, pelo prazo de 15 minutos.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Agradeço, Sr. Presidente, a sua gentileza e a gentileza da Deputada Denise Frossard, por me permitir, nesse momento, tecer alguns comentários, não só sobre o Relatório, mas sobre o momento que vivemos. Eu quero, antes de começar os meus comentários e a minha exposição, eu queria muito cumprimentar V.Exª. e, cumprimentando V.Exª., parabenizar a Mesa Diretora dos trabalhos dessa CPI.

Eu já fiz esse *mea culpa* aqui uma vez, mas gostaria de repeti-lo. No início desse processo todo, quando a base do Governo indicou o então Líder do PT no Senado Federal, Senador Delcídio Amaral, e um Deputado da base do Governo também, do PMDB, o Deputado Osmar Serraglio, para Relator dessa CPI, nós, de forma contundente, contestamos a indicação dessas figuras.

E o que se passou ao longo desses últimos dez meses nos faz acreditar muito no Brasil, Sr. Presidente, porque o Deputado Osmar Serraglio e o Senador Delcídio Amaral e V.Exª., quando assumiu a Vice-Presidência dessa comissão, conduziram os trabalhos com absoluta imparcialidade. Em nenhum momento puxaram a corda ou a sardinha para esse ou para aquele lado, para a oposição ou para o Governo. Permitiram que essa CPMI investigasse, permitiram que os requerimentos fossem votados, permitiram acesso aos documentos e talvez essa seja, na história brasileira, a Comissão Parlamentar de Inquérito mais transparente.

Porque nós temos também que destacar o trabalho que a imprensa e o papel que a imprensa desempenhou nesse processo todo, dado os avanços tecnológicos, na tecnologia de informação, nós vivemos aqui uma CPI *on-line*, em que tudo era discutido e tudo era levado a público desde o momento em que estava acontecendo, portanto, isso é algo bastante positivo, eu diria até, Deputado Asdrúbal, que os procedimentos de entendimento político mudaram a partir dessa CPI. Essa CPI ela é um marco na história até das relações políticas dentro do Parlamento.

E eu gostaria da começar falando do Relatório, mas começo falando um pouco da discussão que nós estamos vivendo nesse momento, para depois entrar nos meus comentários sobre o Relatório do Deputado Osmar Serraglio.

Primeiro, dizer que esse Relatório foi apresentado agora já há uma semana, portanto, a oportunidade para que aqueles mais céticos pudessem vasculhar, revirar, ler cada palavra, cada linha, cada assento utilizado no Relatório, e aqueles que pudessem e que, porventura, buscassem encontrar defeitos no Relatório, após uma semana, e era absolutamente aceitável que esses defeitos existissem, dada a magnitude da investigação, dada a complexidade do que se apurou ao longo desses últimos dez meses, o que o Relatório recebe, após uma semana, na minha opinião, é uma espécie de um prêmio pela sua complexidade, pela sua seriedade, pela imparcialidade do Relator.

Desde o final do ano passado, e aqui saúdo a chegada do meu Líder, Deputado Jutahy Magalhães, desde o final do ano passado, quando essa CPI caminhava para uma conclusão, o Partido dos Trabalhadores deixou muito clara a sua intenção. Anunciaram ali, após a apresentação contundente, firme e imparcial do Deputado Osmar Serraglio, que o objetivo do Partido dos Trabalhadores e de alguns partidos da base do Governo, não todos, quero registrar aqui o PMDB, como V.Exª. faz parte da base Governo, o Deputado Osmar Serraglio também faz, e não trabalham nessa direção, mas que eles iam fazer aquilo que já tinha-se visto numa CPI, que talvez tenha sido a pior CPI da história do Congresso, que foi a chamada CPI do BANESTADO, em que se apresentou um Relatório paralelo, ninguém votou nada, o impasse aconteceu e, depois de meses de investigação, aqueles que cometeram delitos, crimes saíram absolutamente impunes e sem responder pelos seus atos. Portanto, naquele momento, o Partido dos Trabalhadores sinalizou claramente que o objetivo era transformar essa Comissão Parlamentar de Inquérito numa CPI do BANESTADO ou, como a população gosta de chamar, em uma grande pizza.

Eu quero deixar muito clara essa posição aqui, Sr. Presidente, porque, não bastasse essa ameaça surgida no final do ano passado, sem sequer ter lido o Relatório, Parlamentares da base do Governo e do Partido dos Trabalhadores, muito especificamente, já antes da apresentação, repito, antes da apresentação do Relatório, já apontavam os defeitos que eles não tinham visto ainda no Relatório. Ou seja, é uma estratégia constante, Deputado Medeiros, do Partido dos Trabalhadores, de tentar fazer valer a versão deles, nem que seja para o público interno.

O que nós estamos vendo, nesse momento, é uma discussão que até, me parece, a tarde de ontem, uma discussão absolutamente histérica. Aliás, eu não consigo, Sr. Presidente, fugir das figuras de imagem aqui, mas me parece que queriam transferir a "dança solo da pizza" do Plenário da Câmara dos Deputados, para transformar aqui num balé completo, com direito a coreógrafo, com direito a cenografia, com direito a tudo que se quiser imaginar.

E nós temos, desde o início desse processo, deixado bem claro, o PSDB não participará de qual-

quer tentativa de transformar essa CPI naquilo a que população chama de pizza.

O partido dos Trabalhadores apresenta uma versão, que só pode ser para consumo interno, para aquele processo, que é peculiar ao Partido dos Trabalhadores, e para dizer: "Na verdade, nós cometemos crimes".

E aí, Sr. Presidente, eu ouvi a expressão mais surreal que eu já ouvi na minha vida, e não resisto a uma nova brincadeira: "Fomos seduzidos pelo Marcos Valério". Eles. Sr. Presidente, cada um se seduz, pelo, e aí não quero tratar isso como defeito físico, mas pela careca que quiser, eu fico com a Deputado Osmar Serraglio, eu me seduzo pelo Deputado Osmar Serraglio, porque, esse sim, é um homem sério e que merece ser seduzido e merece que todos nós assumamos aqui que estamos "seduzidos" pela seriedade do seu trabalho.

É inaceitável que um Relatório, depois de uma CPI de dez meses e, como disse aqui, absolutamente transparente, em que os fatos foram investigados, vieram a público, inclusive um fato envolvendo o meu partido, e aí eu quero deixar muito claro essa diferença aqui, o PT insiste na tese, que, aliás, é o argumento mais esdrúxulo que eu já ouvi na minha vida, dizer: "Olha, teve um delito cometido ali atrás e nós resolvemos incorporar esse delito, aprimorar e sofisticar e, por isso, não somos tão maus assim". Aliás, o Presidente da República deu esse sinal, quando disse muito claramente: "Todo mundo faz". Todo mundo faz, "uma ova", repito aqui o que disse o Senador Saturnino Braga, num determinado momento. Não é admissível que o mandatário número um da nação, Sr. Presidente, venha a público, venha na televisão dizer que é como se nós estivéssemos indo a um Dentista e, para pagar um preço mais barato, nós não pedimos a nota, é tudo Caixa 2, e como se Caixa 2 não fosse grave. E o pior é que não é Caixa 2.

Portanto, Sr. Presidente, aliás, se eu pudesse dizer que o pior legado que o Presidente Lula que, certamente, encerra, para a alegria do Brasil, as suas funções em dezembro desse ano, o pior legado do Presidente da República para esse é País é sob o ponto de vista cultural, porque ele deixa, saúdo aqui a presença do homem que sensibiliza os homens de bem desse País, Deputado Osmar Serraglio, mas o pior legado do Presidente Lula é transformar o delito, transformar o crime em algo absolutamente normal. Talvez o reflexo do que nós estejamos vendo no Plenário da Câmara dos Deputados, a origem disso tudo, é a posição do Presidente da República, imagina se o mandatário número um da nação, como disse aqui o meu Líder, Deputado Jutahy, banaliza o mal, porque é que os outros não vão banalizar o mal também?

Portanto, Sr. Presidente, é inadmissível que se tente agora através de uma estratégia de comunicação, que colou durante um tempo, mas é fato que a contundência, a firmeza e a substância do Relatório do Deputado Osmar Serraglio fez começar a ver os olhos da opinião pública que nós não estamos aqui falando da algo normal, não é como ir ao Dentista, e eu sugiro que os brasileiros não façam isso, apesar de terem todos os motivos, a partir do exemplo do Presidente da República, de fazê-lo, não é algo como se fosse ir ao Dentista ou como se fosse um crimezinho de sonegação, que é grave, que não pode ser aceito, mas como se estivesse tratando disso. Não, o que o Relatório do Deputado Osmar Serraglio, entre outras coisas, diz é, primeiro, que o Estado brasileiro precisa fortalecer os seus instrumentos de transparência, note bem, Deputado Asdrúbal, todas as outras CPIs que aconteceram nessa Casa, e eu não estava aqui acompanhá-las, o Deputado Juthay estava, basicamente vinham de escândalos do corrupção na administração direta – nos Ministérios.

O Governo passado, uma das várias boas heranças que deixou foi criar o SIAFI. o SIAFI permitiu total transparência no acompanhamento dos gastos e, portanto, os delinqüentes correram para as estatais. Repare bem, Sr. Presidente, Sr. Relator, como é fundamental que o Estado brasileiro desenvolva mecanismos também de transparência nas empresas estatais, e algumas propostas foram colocadas também Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Portanto, mostra essa falência do Estado brasileiro, em alguns aspectos, para fiscalizar, para controlar delitos que se cometem "a torto e a direito". E o Relatório do Deputado Osmar Serraglio, quando trata dos CORREIOS, mostra muito claramente isso, que delitos aconteceram agora nesse Governo e aconteceram no Governo anterior e, se nós não corrigirmos, acontecerão no próximo Governo, se Deus quiser, será um Governo do PSDB. Portanto, nós não podemos permitir, e temos dar total transparência à administração indireta, às empresas estatais.

Mas o ponto mais forte do Relatório do Deputado Osmar Serraglio, é quando trata do chamado esquema do Mensalão, que não era o objeto principal inicial dessa CPI, mas, por força das circunstâncias e das denúncias que foram surgindo, essa CPI se sentiu obrigada a investigar e desvendar esse esquema. Eu, às vezes, em diversas oportunidades, Deputado Jutahy, Deputada Denise, fui surpreendido pelas pessoas nas ruas, dizendo: "Mas vai terminar em pizza a CPI?" E eu sempre dizia, antes desse Relatório ser votado e provado, como será hoje, Deputado Osmar Serraglio, eu dizia: "Não há possibilidade da CPI terminar em pizza, ela já não terminou em pizza", primeiro

que, sob o ponto de vista concreto, e é bom que os companheiros do Partido dos Trabalhadores saibam disso, nós aprovamos aqui um requerimento que permitiu o compartilhamento de todos os documentos e todas as provas que nós identificamos ao longo desses dez meses. Portanto, o Tribunal de Contas, o Ministério Público, a Policial Federal, os órgãos do Estado brasileiro, que, por diversas vezes, o Partido dos Trabalhadores tentou aparelhar, os órgãos do Estado brasileiro, de fiscalização e de controle, já têm esses documentos, acesso a esses documentos, por decisão dessa Comissão Parlamentar de Inquérito. Portanto, não achem que transformar isso aqui numa CPI sem Relatório vai gerar resultados que eles imaginam, ou seja, não gerará conseqüências posteriores àqueles que cometeram os delitos.

Essa foi uma precaução que nós tomamos e que certamente a população pode ficar tranqüila e, não acho que vão conseguir, mas, mesmo que eles consigam derrubar o Relatório do Deputado Osmar Serraglio, vai ficar muito claro e os órgãos de fiscalização do Estado brasileiro vão receber esses documentos.

Mas o Deputado Osmar Serraglio, com brilhantismo, com imparcialidade, com competência e com fundamentação prova por "A mais B" que se montou uma figura, [soa a campainha] uma operação simulada, e como toda operação simulada, sob o ponto de vista contábil, sob o ponto de vista financeiro, sob o ponto de vista jurídico, ela até tem ali os elementos que poderiam nos levar a imaginar que, de fato, aconteceram, mas, através da figura dos empréstimos, o Tesoureiro do Partido do Presidente da República, aliás, diga-se de passagem, figura próxima ao Presidente da República, montou um dos maiores esquemas de corrupção já vistos na história do Brasil.

Trazendo recursos, esquentando esses recursos através dos empréstimos e, para nossa surpresa, Sr. Presidente, e não há como se negar isso, eu tinha visto já, Deputado Jutahy, em alguns filmes americanos, aquela história do sujeito, quando rouba, faz um determinado assalto e ele tem que ficar meses, anos sem gastar aquele dinheiro, porque as notas estão numeradas, eu nunca imaginei que esta CPI chegasse ao ponto de ter a capacidade, como teve o Relator, Deputado Osmar Serraglio, de acompanhar os recursos, como foram acompanhados os recursos no caso do BANCO DO BRASIL, o BANCO DO BRASIL é do povo brasileiro, o BANCO DO BRASIL é patrimônio nosso, o Partido dos Trabalhadores, que tantas vezes criticou a privatização, aliás, cá em entre nós, imaginem o Sr. Delúbio Soares e essa turma com as 27 TELES que existiam, com as 15 Diretorias que deviam ter em cada TELE dessas, o que é que essa turma não tinha aprontado.

Mas o Deputado Osmar Serraglio mostra que o que alimentou esse esquema de corrupção foram recursos públicos, recursos do povo brasileiro, não há como se negar, não há como se tapar, o dinheiro é seguido. É um esquema engenhoso e o Deputado Osmar Serraglio também, no seu Relatório, mostra a engenhosidade do esquema, aliás, não é engenhoso, a Deputada Denise Frossard, que conhece muito mais que qualquer um de nós aqui o crime, sabe e viu e percebeu, pelo Relatório do Deputado Osmar Serraglio, assim como todos nós percebemos, que se montou ali um esquema mafioso, criminoso, para tentar despistar os investigadores que poderiam futuramente, como nós estivemos investigando esse esquema montado e de repasse de recurso, não há como se negar, Sr. Presidente, e eu concluo, peço perdão a V.Exª. para que possa concluir, sei que meu tempo já se esgotou, não há como se negar, Sr. Presidente, que esses recursos foram utilizados, sim, para, eu diria que a história do Mensalão, os destinatários do Mensalão, as pessoas dizem: "Mas eram pagamento mensal?"; "Não". Às vezes, como disse o Deputado Osmar Serraglio, "Às vezes era uma Semanada", às vezes era até de 48 em 48 horas.

Mas isso era uma espécie cesta de ouro para que aqueles que não têm respeito a padrões éticos e morais e que vêm para esta Casa envergonhar essa Casa, e não são todos os Parlamentares, e é importante que a população saiba a diferença. Aliás, a "dança solo da pizza" ajudou para se saber quem é que está aqui querendo fazer pizza e quem não quer, o fato, Sr. Presidente, é que essa cesta atendia aqueles que não respeitam valores morais, éticos, e que não honram os seus mandatos, a ficarem mais calmos, a eventualmente votarem com Governo. E uma ova que isso sempre aconteceu.

Eu quero dizer, Deputado Juthay, que eu não era Parlamentar na Legislatura anterior a 1998. Eu quero dizer, Deputado Jutahy que durante muito tempo eu ouvi o Partido dos Trabalhadores acusando o ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso de ter comprado votos para reeleição. Montaram um CPI aqui, Deputado Osmar Serraglio. Era um CPI, depois de tanta luta para impedir que a CPI dos CORREIOS fosse instalada, porque era uma CPI para ameaçar. A CPI não era a CPI do Mensalão, era a CPI da compra de votos, e o que eles queriam provar era a compra de votos em 98. Portanto, tiveram toda a possibilidade de provar isso e, ao contrario do que o Relatório do Deputado Osmar Serraglio faz, não provaram absolu-

tamente nada. Continuaram na retórica e no discurso fácil e irresponsável.

E aí, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, para concluir, quero dizer que se tem uma prática que tem que ser esgotada na política brasileira, é essa prática, todos nós fazemos política, todos nós aqui queremos fazer valer as nossa teses, mas não é admissível e concluo, Sr. Presidente, não é admissível que através de ações fraudadas, de ações montados, como agora nós vemos corretamente no caso do caseiro Francenildo, não é possível que, através de ações fraudadas e montadas, se continue fazendo acusações nesse País. Houve um episódio nessa CPI que buscou constranger os Parlamentares que estavam aqui num processo de investigação, a chamada lista de FURNAS, pegaram um falsário e trouxeram esse falsário para cá e essa CPI conseguiu mostrar, pela seriedade do nosso trabalho, de que tratava-se de uma fraude, de mais uma mentira armada, como tantas mentiras que esse partido vem inventando ao longo dos anos.

Eu não tive problemas na minha eleição de 2002, Deputado Osmar Serraglio, mas se distribuiu por aí, já termino, Deputado Asdrúbal, se distribuíram e-mails por aí dizendo que Parlamentares estavam querendo acabar com as férias, com o 13º salário, com as garantias do trabalhador brasileiro. Mentira, mentira e mentira. E essas mentiras prevaleceram sempre.

O que se tenta agora, Deputado Osmar Serraglio, e eu não quero dizer aqui que eu não estou disposto a conversar, que eu não estou disposto, e V.Exª. é testemunha disso, desde a semana passada temos feito esse esforço, agora, não me venham aqui dizer que nós devemos conversar com alguém ou com pessoas que se deixam seduzir por marginais, eu não me deixarei seduzir por marginal, e não topo conversar nessas bases.

Concordo, e o PSDB entende que deve ser assim, porque aqui é o Parlamento, que nós devemos, sim, a partir de critérios técnicos, se há algo no seu Relatório que seja incoerente, que não esteja fundamentado, que se faça mudança. Eu tenho certeza que o Deputado Osmar Serraglio será a primeira pessoa a dizer, mas, depois de uma semana do Relatório-

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Eduardo.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Já concluo, Sr. Presidente. Não surgiu um argumento que seja, um argumento sequer, que possa mostrar qualquer incoerência, qualquer falta de fundamentação.

Portanto, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, eu tenho muito orgulho de ter participado dessa Comissão Parlamentar de Inquérito. A população brasileira pode ter orgulho de ter Parlamentares como os Parlamentares que compuseram a Mesa dessa Comissão Parlamentar de Inquérito, o Senador Delcídio, V.Exª., Deputado Asdrúbal, e pode ter muito orgulho de ter, e eu acompanhei muito de perto, e quero dar esse depoimento aqui, acompanhei muito de perto essa fortaleza ética que é o Deputado Osmar Serraglio, eu vi esse homem sendo pressionado de tudo que era forma e com esse jeito sereno, tranqüilo, que contrasta com a forma que esse Deputado aqui age e trabalha, com esse jeito sereno e tranqüilo, o Deputado Osmar Serraglio resistiu a todas as pressões, e elas não são poucas, porque essa CPI e o Relatório do Deputado Osmar Serraglio, infelizmente, e é infelizmente mesmo, eu não fico feliz, eu gostaria, sim, de ganhar as eleições do Presidente Lula nas urnas em outubro desse ano, não porque é um Governo de corruptos, mas porque é um Governo incompetente, porque não trouxe melhoras para o País e porque não fez nada daquilo que disse que ia fazer.

Esse era o verdadeiro motivo inicial por que a população devia tirar o Presidente Lula da Presidência da República nas eleições de outubro.

Mas V.Exª., Deputado Osmar Serraglio, essa é a posição do PSDB, V.Exª., com o seu trabalho, com a sua seriedade nos honra a todos. Eu quero dizer que para mim foi uma honra enorme, e digo isso em todos os lugares que vou, foi uma honra enorme poder trabalhar com V.Exª., primeiro, como membro da CPI, depois como Relator adjunto. Eu não sei se como Deputado de oposição ferrenha que sou a esse Governo, se eu teria a força, a coragem que V.Exª. teve ao escrever seu Relatório e ao bancar tudo aquilo que V.Exª. apurou, V.Exª. não colocou ali uma vírgula e algo que não tenha apurado, não fez uma ilação sequer, não permitiu. E eu acompanhei as várias ilações que existiam naquele Relatório, que V.Exª. disse: "Isso aqui não é aceitável, porque não está provado, não pode estar aqui dentro. Eu vi isso. Eu vi, em diversos momentos, acusações que se faziam, inclusive, ao Governo do Presidente Lula e que não estavam comprovadas e que V.Exª. não permitiu que constassem do Relatório.

Se eu pudesse fazer aqui um elogio à sua postura, talvez as pessoas não tenham lido com a competência necessária, ou com a capacidade necessária, até porque V.Exª. exagerou na rebuscada no português, eu confesso que tive que me socorrer com o dicionário, mas eu não tenho dúvida que, o Relatório inclusive deixa esse aspecto muito claro, todos nós sabíamos que Presidente da República sabia, e é uma pena que ele tivesse sabido disso por tanto tempo e tenha permitido que isso acontecesse. Mas eu percebo que, de fato, não há a menor tentativa da melhorar nada,

porque continuam querendo esconder aquilo que todo mundo sabe.

Portanto, eu votarei, Deputado Osmar Serraglio, a favor do seu Relatório, na íntegra, acompanharei a decisão de V.Exª., porque sei que estarei acompanhando um homem de bem, uma fortaleza moral, um homem corajoso e que nos a todos. V.Exª. é um exemplo de brasileiro. Muito obrigado, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Ao agradecer as palavras do eminente Deputado Eduardo Paes, esta Mesa se sente gratificada, porque, no início, era tido como chapa branca e, graças a Deus, o reconhecimento--

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): V.Exª. até usa um terno branco, com tranqüilidade, hoje.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): --É o símbolo da paz, que precisa reinar nesta Casa e no Brasil. Mas V.Exª. era um dos homens de oposição que não acreditavam na imparcialidade da Mesa, e hoje o reconhecimento de V.Exª., para nós, é muito gratificante, e temos certeza que este é o reconhecimento de toda a sociedade brasileira, da imparcialidade com que o Presidente o Vice e o Relator conduziram os trabalhos nesta Casa, e o farão até a votação final, hoje à tarde, se Deus quiser. Concedo a palavra ao ilustre Relator Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Apenas, Sr. Presidente, para dizer que ouço com muita emoção até, as palavras, vindo de alguém que eu imagino que a recíproca, pelo que eu ouvi, é verdadeira, porque eu também tenho essa admiração para com o seu trabalho. Eu posso testemunhar isso, porque, apesar de ser também de uma das alas, nós estamos aqui em situação e oposição, a seriedade com que operou, a responsabilidade que exteriorizou em todos os momentos, me faz compelido a registrar isso nos anais da Casa, que foi orgulho enorme ter trabalhado com a Deputado Eduardo Paes. Jovem, com um futuro pela frente, muito promissor, este País ainda vai escrever muito de suas páginas através, tenho certeza, dessa compulsão para o trabalho, essa intranqüilidade permanente, uma agilidade mental excepcional e, acima de tudo, um executivo e eu estimo que esse meu vaticínio se traduza com uma brevidade muito maior do que nós posamos imaginar. Torço por isso. Eduardo Paes, muito obrigado por sua manifestação.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Concedo a palavra à Deputada Juíza Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Sr. Presidente, se me permite, o Deputado Medeiros me disse que tem um compromisso logo a seguir--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): É que ele está em cima do compromisso e me pediu para ter--

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Ele saiu.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): --a complacência de aceitá-lo no retorno, aceitar o seu pronunciamento no retorno. E o faremos.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Da minha parte, não teria o menor problema, seria um prazer ceder a ele os minutos que ele precisaria para fazer a sua explanação. Então, Sr. Presidente, voltando o relógio ali--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Por favor, restituam o temo da nossa ilustre Juíza Deputada.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Sr. Presidente, Sr. Relator. Eu vou guardar a minha mensagem ao Relator para o final, e eu vou direto ao assunto, inicialmente.

O primeiro ponto a se ressaltar aqui é o sentimento da sociedade. Qual é o sentimento da sociedade, infelizmente, que nós temos? Qual é sentimento? De que isto aqui não deu em nada, é esse o sentimento. E não é bem assim. E isto porque, de certa forma, houve uma resistência contra o que vinha acontecendo no Governo. Houve a resistência. E essa resistência foi contra o sistema organizado, de corrupção, estava anotando aqui, Sr. Presidente, como instrumento de Governo. Essa resistência veio através desta CPI, e isto obriga os Governos, se quiserem governar com um mínimo de tranqüilidade, eles vão ter que agir, a partir da agora, de forma diferente. E por que é que eles vão ter que agir de forma diferente, Deputado Serraglio, meu Relator? Porque a sociedade tomou consciência dessa realidade aqui, através dessa CPI. Mas, por um exercício de raciocínio, vamos imaginar aqui que, por absurdo, que tudo isso tenha sido um fracasso, vamos por um exercício de raciocínio, eu diria que só a memória do povo já foi uma vitoriosa, só a memória que se tem disso já foi uma vitória.

Um outro ponto, nada desprezível, Deputado Serraglio, é que esta CPI deixou muito claro a forma como os Governos funcionam, com absoluto desprezo pela população. E a população vai saber cobrar isto? Esta é a pergunta. Mas a CPMI dos CORREIOS cumpriu o seu papel.

Houve um momento em que eu fiz aqui, e V.Exª. se lembra disso, um desabafo. Eu disse: "Isso está cheirando a pizza". Mas, ninguém entendeu o que eu

quis dizer. Eu estava dizendo: "Há um emparedamento, que pode levar a uma CPI insepulta, como o BANESTADO". Eu vou chegar lá.

Pois bem. Eu disse que havia esse risco de emparedamento. Por que é que eu disse isso? Porque a história das CPIs nos conduz a isso. É muito maior o número de emparedamentos do que o de aprovação de relatórios, e V.Exª. sabe disso.

A CPI foi chamada a investigar, a CPI dos CORREIOS, foi chamada a investigar, é uma investigação parlamentar, e investigou. Ela constatou que um partido político foi financiado de forma ilícita, ela verificou que há indícios da compra e venda de votos de Parlamentares por apoio político, ela investigou isso, ela tipificou, identificou alguns dos envolvidos, desenhou o esquema e chega ao seu final remetendo o que apurou ao Ministério Público para investigar criminalmente. É importante aqui ressaltar que as instituições públicas cumprem cada qual o seu papel, uma não pode invadir a seara da outra. Por isso é que quando aqui V.Exª. obedecendo a palavra da lei que foi uma palavra meio torta, a própria lei diz que cabe ao indiciamento, na verdade o que V.Exª. fez foi um enquadramento legal que não repercute imediatamente na esfera jurídica dos indiciados, quer dizer, quem chega aqui para depor é porque havia no sentido comum um indício para aqui estar, no sentido comum da palavra, não é sentido jurídico. O que eu quero dizer com isso é que nós fomos até onde podíamos ir, porque em relação ao Ministério Público e ao Judiciário este enquadramento que aqui se faz e que V.Exª. fez é um enquadramento provisório, por isso é que eu rebato eventuais críticas onde está o corruptor ativo e passivo porque não é essa a nossa função, é desenhar um indiciamento no sentido comum e mandar remeter para o Ministério Público, somente no âmbito judicial é que a tipificação legal que poderá até ser diferente daquela que nós vamos votar aqui, repercutirá na esfera jurídica daquelas pessoas. Então, Deputado Serraglio e meu relator é importante fazer isso para que a gente na seja levado a ficar aqui discutindo, achando meio dias às 14 horas, como dizem os franceses (francês). Não, não, isso é um indício no sentido como? Pois bem, eles foram enquadrados em razão do inquérito parlamentar, e V.Exª. fez bem isto. Agora, então eu diria, Sr. Relator, que aqui foi feito muito, mas eu digo que não foi feito tudo, mas foi feito muito. Ministros foram exonerados e aí eu vou chegar ao Presidente, Ministros foram caindo um a um, o Governo teve que mudar o seu comportamento, agora não foi feito tudo o que se poderia fazer e por que não fez tudo? Porque nós tivemos, eu diria, pelo menos, dois obstáculos, Senador. O primeiro foi o tempo que foi escasso para investigar casos, procedimentos e comportamentos que vem e nós reconhecemos aqui de longo tempo na nossa história, então o tempo foi escasso porque o tempo em que isso se faz é muito grande, é muito extenso. Segundo, foi a falta de compreensão de alguns partidos que a Comissão Parlamentar de Inquérito presta um serviço não aos partidos, mas ela presta um serviço não para eles, mas para a sociedade, e esta, Deputado Serraglio, foi a razão que apresentar algumas sugestões com a sua... Pedindo até Venha a V.Exª. que modifique o funcionamento da própria CPI por que? Porque não faz nenhum sentido que 32 integrantes de uma CPI ajam como se fossem 32 juízes investigadores, cada um investigando *de per si*, isto não funciona. Daí as minhas sugestões que apresentei a V.Exª. E outro foi quanto ao funcionamento do serviço público que permite que o executivo tenha uma caneta para nomear em cargos que são funções de governo, ele, no máximo, pode nomear alguns cargos para funções... Perdão para funções de estado, para funções de governo, não tem nenhuma razão dele nomear o Superintendente da Polícia Federal ou o Presidente da Caixa Econômica Federal, isso é da carreira. Agora e aí nós entramos na questão do Presidente Lula, o Presidente sabia? Ninguém de juízo perfeito pode duvidar que o Presidente sabia que esta coisa funcionava dessa maneira, ninguém de juízo perfeito pode olvidar isso, mas na balança da justiça o Presidente tem pesos a favor e contra, é de justiça isso. O que tem contra ele, ele foi eleito para não permitir que essas coisas acontecessem, e mesmo depois que elas acontecessem novamente. Pontos positivos, ele agiu prontamente quando exonerou em cada caso veio à tona a exceção de um que continua ao lado dele. Mas os demais casos ele agiu, ele exonerou. A pergunta que fica é, cabe investigar o Presidente com somatório dos novos fatos? Eu penso, pessoalmente, abstraindo o tempo, alguma coisa que sim, mas não é papel constitucional desta CPI, não é, e mais uma vez V.Exª. acertou ao mencionar e dizer não é papel constitucional dessa CPI e é bom frisar que não é mesmo. Mas vamos indagar, no momento em que ele está em primeiro lugar nas pesquisas e significa que a população o perdoou este seria um sentimento vitorioso, eu reconheço. Agora o pior sentimento seria se isto decorresse de uma percepção da sociedade de que é todo mundo igual, eu aqui extravaso o medo, o receio, resfria a minha fé que esta seja uma percepção. Agora, não adianta somente identificar os problemas e pedir punições para os culpados, é preciso ir além, e foi por isso, Deputado Serraglio aquelas sugestões de reverter a maneira como os partidos lidam com os governos e como os governos lidam com os partidos, porque se construiu no Brasil uma relação entre

governo e partidos onde a população não entra. Pois bem, a CPI, a CPI é um instrumento importantíssimo de investigação e que funciona mal e por isso é que eu fiz estas considerações a V.Exª. Agora é preciso que haja transparência, que a população saiba como os governos gastam o nosso dinheiro. Hoje, Deputado, nem nós mesmo os Parlamentares temos tanta facilidade assim de ver como o Governo gasta o dinheiro da população e nosso, não, não temos não. Agora, eu vou direto pelo tempo que me resta ao Relatório substitutivo que foi apresentado aqui. E aí Sr. Relator me permita algumas observações. É a proposta do Relatório substitutivo eu verifiquei ontem que os votos em separados aqui tinham duas, três folhas, quatro folhas, alguma coisa nesse sentido e me surpreendeu que tenha vindo um Relatório substitutivo como um voto em separado. Isto é uma piada, me perdoe, mas isto é uma piada. O Dallari, o Dalmo Dallari tem uma frase interessante quando ele diz: "Mais ética e menos circo". Este é o sentimento de todos nós, Deputado Serraglio, é desastroso para todos os brasileiros um partido que nasceu das aspirações éticas, do povo brasileiro e que se conduz dessa forma pela sua militância que por alguns vem aqui apresente uma piada dessa. O que eu posso dizer desse substitutivo é que ele é uma pauta musical de uma dança da pizza, é a pauta. Agora, o substitutivo desconhece o fato do Mensalão, que ele retire a PRECE e eu vou fazer um comentário em relação a ela daqui a pouquinho, se me permita Deputado e coloque na investigação estadual, ainda assim. Agora eu vou lhe dizer Deputado Serraglio, como eu me senti com esse instrumento que eles criaram para não permitir a votação do Relatório de V.Exª. porque foi este o objetivo. Escreveram um monte de coisas de qualquer maneira para ter um instrumento jurídico procrastinatório. Agora eu vou dizer, me permita, como Juíza como é que eu recebi um calhamaço desse ao apagar das luzes. [soa a campainha]. Permita-me, Sr. Presidente, para concluir já que cedi tantas as minhas vezes e está é a minha última fala, porque certamente eu não vou participar de nenhuma CPI mais.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Não acredito que seja a última fala. V.Exª. vai permanecer conosco por muito tempo ainda, se Deus quiser.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Então veja, Deputado Serraglio, quando eu Juíza recebi um calhamaço destes, eu primeiro não podia me manifestar, eu lia e mandava dar vista a parte contrária, o princípio da igualdade entre as partes e aí está o Jurista Asdrúbal Bentes, esse exímio operador do Direito, exímio, um homem que conhece e tem tradição dos Tribunais como V.Exª. Pois bem, eu dava vista à parte contrária, Deputado Asdrúbal, meu Presidente, e a parte contrária se manifestava e eu já tinha lido e raras foram as vezes que aquilo não se tratava de uma chicana processual, mas lá Deputado, lá Presidente, lá Relator, vocês que são operadores do Direito, sabem que ali a gente tinha um instrumento, o juiz tinha caneta e podia dizer, condeno aquela parte que se vale do processo como litigante de má-fé, é o que nos falta aqui. Se eu tivesse esse instrumento aqui eu já requeria, V.Exª., mas não temos como Juíza, Presidente, eu jamais hesitei em aplicar a pena da litigância de má-fé, para aquelas que se valiam do instrumento sagrado do processo para chicanas e aí, Sr. Presidente, já em procedimentos de pouso eu menciona a PRECE, me espantei Deputado Serraglio com a veemência com que o Senhor foi atacado aqui ontem pelo Deputado mineiro Carlos Willian que fez toda a sua defesa, usou todo o seu tempo para defender a PRECE e aí eu parei e pensei, meu Deus, como é possível, ele um Deputado por Minas, mineiro, não ter falado em algum momento do Valerioduto, mas ter falado da PRECE só e atacando V.Exª. com muita veemência, e eu confesso para o senhor e a PRECE, todo mundo sabe é o Fundo de Pensão da SEDAE do Rio de Janeiro.

Eu concordo que a PRECE deve ser investigada, talvez não por nós, Deputado Serraglio, mas lá pelo Ministério Público do Rio de Janeiro e fica aqui o alerta que o Ministério Público e a sugestão para que seja encaminhado ao Ministério Público do Rio de Janeiro. Pois bem, o Deputado Pompeo, inclusive, lembrou que este movimento Marcos Valério nasceu em Minas, mas o Deputado não se lembrou disso e atacou V.Exª. Então eu fui buscar no currículo dele para saber qual a preocupação dele com o Estado do Rio de Janeiro e com a PRECE. E aí meu Presidente Asdrúbal, eu tentei fazer uma aproximação do currículo dele com a PRECE e achei apenas um ponto, em 2002 ele foi conferencista no Seminário Ministros Labareda de Fogo na Igreja do Evangelho Quadrangular, eu só encontrei isso de ligação dele com a PRECE, só. Mas Sr. Presidente, Sr. Relator, algumas dúvidas que eu vou deixar aqui ao final e vou deixar como porta-voz, me intitulo como porta-voz do Senador Simon aqui, Pedro Simon, que eu ouvi ontem no plenário dizendo que ele não pôde vir, não pôde vir porque a liderança do partido dele não deixou. Por que calaram o Senador Simon? Por que não trazem o Senador Pedro Simon para cá? Por que calaram a voz desse grande brasileiro que está aqui há 24 anos? Por que calaram a voz do Senador Simon? Por que um Deputado de Minas, Carlos Willian um Deputado mineiro se preocupou tanto com a PRECE? E o que pretende o PT com este substitutivo? São perguntas que ficam e são perguntas que nós temos

que responder com sinceridade e com transparência e não com chicanas processuais.

Que pena, Deputado que eu não tenho aqui a litigância de má-fé. Sr. Presidente, Sr. Relator, o Senhor, vou me dirigir ao Sr. Relator, o Senhor foi a mais grata surpresa para alguns, mas não para mim, porque já o conhecia da Comissão de Constituição e Justiça, mas para alguns o Senhor foi a mais grata surpresa, para mim não, o senhor não me surpreende, mas o Senhor escreveu definitivamente o seu nome a ferro e a fogo com a sua calma, com a sua tranqüilidade, com a sua imparcialidade, o Senhor escreveu seu nome na história do Brasil como poucos Parlamentares escreveram. Eu ando pelas ruas, o Senhor não sabe como gostam do Senhor, como o respeitam. E o Senhor tem o respeito dos seus pares, Deputado Serraglio, o senhor é respeitado pelos seus pares, em primeiro lugar. Deputado Asdrúbal, V.Exª. mereceu o meu voto quando tivemos que substituir o vice-presidente. V.Exª. tem um pendor natural. V.Exª. preside como poucos. V.Exª. sabe presidir com naturalidade. Quero até conversar com o Senhor para saber se o Senhor era Presidente de Tribunal do Júri, que o Senhor também traz este equilíbrio de dar a cada um a oportunidade de concluir aqui e acolá. V.Exª. preside magistralmente. Fica aqui a sugestão de, quem sabe, vir a presidir o Congresso Nacional, seu partido é suficientemente robusto para um dia lhe indicar para a presidência do Congresso. V.Exª. preside maravilhosamente bem, com equilíbrio, com tranqüilidade, com sabedoria. V.Exª. conhece o Direito como poucos, conhece o regimento chama os dois por tu na sua linguagem estão escorreita lá no Pará, o Estado que melhor fala o português, não há erro de concordância naquela terra. Então, parabéns ao nosso Presidente Delcídio, é por isso que a CPI dos Correios vai permanecer assim, ela fez muito, Deputado Serraglio, não fez tudo, não fizemos tudo, mas fizemos muito e muito do que fizemos deve a sua posição, deve a posição dos dois presidentes que souberam, como poucos, conduzir esse trabalho. Deixo aqui as sugestões e espero que sirvam para alguma coisa. Muito obrigada, Deputado Serraglio e Deputado Asdrúbal.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Mais uma vez queremos agradecer as palavras benevolente da Juíza Deputada Denise Frossard e que, na realidade, nós na mesa diretora procuramos cumprir o nosso dever e honrar o compromisso assumido com os membros dessa Comissão, com o Congresso Nacional e com a sociedade brasileira.

E aproveito e passo a palavra então ao Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Apenas para dizer que um depoimento como de V.Exª. Deputada Juíza Denise Frossard é daqueles que a gente recolhe para guardar para a vida, vindo de alguém da sua posição de V.Exª., do conceito que tem interno e externamente. Com a seriedade com que conduz as suas coisas, os seus trabalhos, as suas proposições que como eu lhe disse até onde eu acompanhei já estão desde já acolhidas porque todas muito bem construídas. Só posso dizer muito obrigado pela manifestação e, com certeza, vai ficar indelevelmente marcada na memória dos nossos dias porque, de fato, nos sentimos valorizados pelo seu pronunciamento. Muito obrigado.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Quer dizer que já posso considerar acolhidas as minhas sugestões?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Com certeza.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Muito obrigada, Relator.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não pelo discurso, é bom que o pessoal saiba, é que ontem ela já havia me apresentado.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Apresentei o voto escrito.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Principalmente aquela história de serviçais os servidores do Governo e do Estado. Eu acho fundamental esta distinção ao se nomear, ou seja, aquelas carreiras de Estado, tudo bem que haja uma interferência, talvez um pouquinho mais ampla, mas a de Governo, convenhamos, tem que ser uma estrutura permanente, que sabe das coisas.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Ao inverso.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Exatamente.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Os de Estado permanente, e as de Governo são transitórias.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Não, talvez eu tenha interpretado equivocadamente, mas eu vou ter que reajustar no meu raciocino. Porque eu penso o seguinte que o Governo é onde as pessoas... Se nós trocarmos as pessoas de governo vai acontecer o que nós estamos testemunhando hoje, retiram verdadeiras memórias e verdadeiros conhecedores de tudo que se opera e se coloca alguém que não tenha, sequer, a habilidade de perceber em que repartição está. Eu me surpreendo

quando eu vou a alguns Ministérios com algumas pessoas que já está há dois anos lá e não...

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Excelência me permite apenas um ajuste aqui. É que todas essas funções seja do cartorário, seja da função dos Ministérios isso é função de Estado porque os governos passam e essas funções permanecem, assim como as funções cartorárias dos judiciários e etc e tal. A função de Governo é aquela que vai apesar assessorar aquele governo durante o tempo que aquele governo estiver ali, por isso é que são chamadas as funções de governo, mas não são de Estado, de Estado são todas as demais, as de governo são mínimas, são aqueles Ministros, são aqueles Secretários mais próximos, assessores do Presidente e o resto é a carreira que vai dizer quem vai chegar a Superintendente da Polícia Federal, que quem vai chegar a Diretor-Presidente dos Correios, quem vai chegar a Presidente da Caixa Econômica Federal. Isso é não cargo que os Governos indiquem, isso não tarefa de Governo porque essas funções permaneceram a despeito do governante de plantão. É só isso.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): E uma outra coisa que V.Exª. provocou e eu refleti, eu não sei como nós queremos sugerir em relação à conduta efetiva dos Parlamentares na investigação da CPPI.

Eu acho que tem uma coisa, eu não sei se nós nos equivocamos, eu terminei não aprofundando esse estudo, mas eu acho que se alguém é escolhido relator para investigar é preciso que ele tenha uma certa amplitude, uma certa liberdade de investigação. Não é possível que para eu ouvir uma pessoa que eu acho que é fundamental, eu dependa de manifestação do plenário, e o plenário na concorda. Mas que investigador sou eu? Que responsabilidade é essa que eu tenho de chegar a uma conclusão numa investigação se os instrumentos não me são dados. Eu não sei, eu acho que nessa construção de uma proposta em relação a como operar as próximas CPMIs é preciso que nós tenhamos uma certa, ainda que seja de homologação posterior, mas enfim, alguma coisa que o investigador possa ter e se ele extravasar, se ele extrapolar que se coloquem cerceios, mas depois, não se impedir que ele atue. Em muitas oportunidades, muitas coisas que eram necessárias que eu operasse, certos sigilos que fossem quebrados. Sigilo ainda talvez fosse algo mais exigente em matéria de necessidade efetiva do plenário. Mas para ouvir certas pessoas. Quer dizer, eu só tinha testemunhas que eu podia ouvir se elas transitassem numa briga interna que às vezes nós não nos entendíamos.

Acho que, como eu disse, eu gostei muito das propostas que V.Exª. formulou e elas estão sendo trabalhadas para que nós apresentemos algo mais concreto dentro daquelas propostas que nós formulamos também. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado, Deputado Osmar Serraglio. A Presidência quer prestar um esclarecimento aos senhores Parlamentares. Tanto quanto possível estamos mantendo a lista de inscrição de ontem, até porque as inscrições foram encerradas às 21h30. Então, eventualmente, o Deputado Arnaldo já estava aqui, mas na lista ele é após o Senador Jefferson Peres que aqui chegou. Eu queria apenas esclarecer para que não paire dúvida quantos a forma de conduzir. Nós estamos obedecendo a ordem de inscrição que foi feita ontem.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente nem um óbice, mesmo se tivesse... Antes do Senador Jefferson Peres, com prazer eu abriria mão para ouvi-lo.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Mas é meu dever esclarecer ao plenário para que não paire nenhuma dúvida. Portanto, concedo a palavra ao nosso querido Senador Jefferson Peres.

SENADOR JEFFERSON PERES (PDT-AM): Sr. Presidente, eminente Deputado Osmar Serraglio, me desculpe, mas eu pronuncio seu nome à italiana, Serraglio sem G mesmo. Eu quero cumprimentá-lo, antes de mais nada, Deputado Osmar Serraglio, não só pelo seu Relatório propriamente dito, mas pelo seu comportamento ao longo deste processo de investigação.

V.Exª. até me surpreendeu, eu lhe confesso V.Exª. de um Deputado da base governista que eu não o conhecia, mas vi como V.Exª. atravessando um terreno minado conseguiu manter a serenidade e a isenção tanto quanto possível. Como é que se pode exigir plena isenção num político que é por definição ser engajado? De forma que V.Exª. saiu engrandecido, sai engrandecido deste episódio da sua vida parlamentar, com certeza. Lamento que, segundo noticiário da imprensa nunca desmentido que V.Exª. tivesse sido pressionado, assediado; segundo a imprensa, por pedidos para fazer isto ou aquilo, incluir ou retirar nomes.

Deputado Osmar Serraglio, às vezes eu me sinto num mundo político uma espécie de extraterrestre deslocado no tempo e no espaço porque eu acho que eu devo ter um Código muito rígido, e como eu não quero ser o soldado do batalhão, único com passo certo, alguma coisa errada existe é comigo. Mas eu já participei de três Comissões Parlamentares de Inquérito, nunca abordei um relator para lhe pedir absolutamente

nada porque me parece isto antiético, impróprio, constrangedor para quem aborda e para o abordado. Eu sempre respeitei os relatores. O lugar para se contestar o Relatório, se modificar é aqui. É numa plenária de comissão à luz das câmeras de televisão perante a imprensa e o público aqui, está certo. Pode até investir duramente contra o seu Relatório, mas tentar influenciá-lo durante a elaboração, que me perdoem os que fizeram isso, mas não está correto, eu jamais fiz e nem farei.

Por outro lado me espanta também a disputa que parece dizem existir, em torno de algumas das conclusões do seu Relatório, por exemplo, Mensalão, Deputado Osmar Serraglio, o problema é semântico? O problema é desse neologismo cunhado pelo Roberto Jefferson. V.Exª. que tanto presa o idioma, usou até termos eruditos em seu Relatório como sabença cúspide, por exemplo de um português arcaico e eu o parabenizo por isso. Eu cultivo a língua e admiro muito quem faz isso, nosso idioma é tão estropiado, tão... Mas se fosse o caso de retirar a palavra Mensalão.

O que importa, Deputado Osmar Serraglio, eu estou apenas emitindo a minha opinião. É que houve suborno de Parlamentares. Para mim tanto faz que um parlamentar receba dez parcelas de 10 mil reais ou de uma vez 100 mil reais; se isto foi para lhe manter o apoio ao Governo, isto é suborno, a menos que os nossos costumes políticos estejam tão frouxos, tão esgarçados que ninguém estranhe que um parlamentar para apoiar o Governo peça, exija ou receba dinheiro. Porque o destino do dinheiro que ele recebeu, Deputado Osmar Serraglio me espanta também que esteja dizendo, isso foi para pagar dívida de campanha, tanto faz para mim, pelo menos que um parlamentar que recebe dinheiro ilícito tanto faz e para apoiar o Governo, tanto faz para mim que ele compre imóveis, casas, terrenos para aumentar o seu patrimônio imobiliário, tanto faz para mim que ele aplique no mercado financeiro e se transforme num rentista, ou para mandar para as Bahamas para uma conta secreta, ou para pagar contas de campanha, dívidas de campanha. Qual é a diferença eticamente?

Deputado Osmar Serraglio, eu não consigo vislumbrar, eu acho que eu sou um marciano neste mundo. É impressionante isso, então o Mensalão houve, o Mensalão houve, origem do Mensalão, de VISA NET, dinheiro público. Ainda que não houvesse dinheiro público, Deputado Osmar Serraglio, houve um processo indecoroso de suborno, de compra, de amaciamento de Parlamentares. Se a nação não se indigna com isso e se o Congresso não cassa esses Parlamentares então nós estamos realmente num período moralmente deplorável. Não sei se isto é apenas na classe política ou se é um reflexo de grande parte da sociedade brasileira que é leniente, sim com isto, essa que é a triste verdade.

Costumam muito bajular eleitores, eu não bajulo não, uma parte da sociedade, uma boa parte é corrupta também, talvez o Congresso até reflita grande parte da sociedade brasileira. O Código moral se afrouxou o que antes... É a banalização do mal, não é Juíza Deputada Denise Frossard. Então, eu vejo com espanto isso, a abordagem de V.Exª. durante a elaboração do seu parecer, a discussão se o Mensalão é condenável ou não é, tudo isso me espanta. De forma que V.Exª. está corretíssimo, me parece algo considerar isso indecoroso porque é. A única passagem do seu Relatório ou, pelo menos, uma das poucas, eu diria, com a qual eu realmente não concordo e faço isso aí assim com isenção, não está aqui o Senador de oposição, empenhado em atingir o Governo ou denegrir a imagem do Presidente da República, mas eu acho que por tudo que se apurou, quando nada pelo depoimento do ex-Deputado Roberto Jefferson com testemunhas de que por duas vezes alertou o Presidente da República da existência desses processos de suborno, não vou chamar mais Mensalão, até porque me parece de mal gosto, a palavra Mensalão soa como um palavrão para mim, de que o Presidente sábia e não tomou providência. A investigação, a suposta investigação perfunctória feita pelo então Ministro Aldo Rebelo. Existe Relatório dessa investigação, Deputados Osmar Serraglio?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Senador Jefferson Peres, o então Ministro se dirigiu à Presidência da Câmara e a Câmara apresentou uma investigação que já havia procedido. Foi, talvez, não suficiente, mas foi procedido.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): [inaudível]

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sim, o Aldo era Ministro, se dirigiu ao Presidente João Paulo que tinha a investigação que havia procedido.

SENADOR JEFFERSON PERES (PDT-AM): Uma investigação perfunctória que teria sido feito pela Câmara, obviamente que o Presidente da República não se empenhou em apurar isso, extra autos existem o depoimento do Governador Marconi Perillo de que também o alertou e quando nada houve o tratamento do Presidente da República fraternal com uma linguagem carinhosa, o nosso amigo Delúbio e outros; enfim, eu naquela passagem do seu Relatório, não estou lhe propondo nada, estou apenas dizendo, o reparo que faço ao seu Relatório num ponto importante. Em vez de dizer como V.Exª. diz, eu até trazia no bolso ontem isto. Em sede de responsabilidade subjetiva não

parece que havia dificuldade, ou seja, é um exercício verbal de dizer que ele tinha todas as condições para saber que era verdade, contudo não se tem qualquer fato, concluído, que evidencie haver se omitido. Eu teria dito, e claro isso é uma posição minha, eu teria dito de maneira diferente. Eu teria dito, conquanto não haja provas a evidência de que o Presidente da República sabia. Mas, enfim, me desculpe esta manifestação e parabéns pelo seu Relatório.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu indago ao Sr. Relator se quer fazer alguma manifestação?

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Apenas agradecer também a manifestação que são de pessoas tão ilustres que para um Deputado humilde do interior sempre são coisas que marcam vindo de um presidenciável. Eu me sinto muito orgulhoso de ouvir esses elogios.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu só queria informar ao Deputado Jamil Murad que pela lista de inscrição os titulares têm precedência. V.Exª. estava quase chegando na vez, aí veio o Senador Jefferson Peres que é titular, estava inscrito antes de V.Exª., o Deputado Carlos Abicalil estava inscrito antes de V.Exª. que é titular, o Deputado ACM Neto estava inscrito antes de V.Exª. é titular.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Eu tenho a paciência que a situação exige, mas gostaria depois de...

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): O Senhor é de oposição?

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Eu sou defensor das mudanças do Brasil com o nosso Presidente Lula.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): O mais governistas dos comunistas, e o mais comunista dos governistas.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Com a palavra o Deputado ACM Neto por 15 minutos.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Eu falo para o Deputado ACM Neto que ele está bem na oposição e quero vê-lo muitos e muitos anos nessa situação de oposição.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, nobre Relator, Srs. Parlamentares, Senador César Borges que compõe a mesa.

Eu queria, antes de mais nada, por dever e por obrigação prestar aqui uma homenagem ao Presidente desta Comissão Parlamentar de Inquérito Senador Delcídio e ao Relator Deputado Osmar Serraglio. Foram dez meses de uma convivência harmônica, foram dez meses de um debate político profundo, foram dez meses de um trabalho cívico realizados por uma comissão plural, uma comissão de diferentes, uma comissão marcada pelas desigualdades de ideologias de posições políticas, mas acima de tudo um trabalho pautado pelo equilíbrio, pelo discernimento e pela predominância do espírito público. O que falta a muitos políticos no Brasil é justamente exercitar de forma plena a sua capacidade de fazer aflorar o espírito público. Eu acho que isso não faltou nem ao Senador Delcídio, nem ao Deputado Osmar Serraglio que foram os garantidores principais da condução desse trabalho. E se nós chegamos hoje em condição de votar um Relatório e de concluir à CPI de uma forma eficiente e competente, temos, portanto, que render essas homenagens tantos ao Presidente como ao Relator desta Comissão.

Queria também ressaltar a dedicação de alguns Parlamentares que ao contrário do que foi dito no início desta CPMI não estavam preocupados com os holofotes. Ora, quem é que não gosta de publicamente se colocar, de defender as suas posições, se ser reconhecido pelo seu trabalho? Todos nos gostamos e acho que é bom que gostemos. Às vezes eu tenho medo daqueles que pretendem se esconder e não dos que gostam de aparecer. Porém, o que viu aqui foi um grupo de Parlamentares que assumiu, efetivamente, a responsabilidade que coube a cada um, e que mesmo quando esta CPMI deixou de ocupar os holofotes da imprensa, deixou de estar nas primeiras páginas dos jornais, continuaram trabalhando. Se dedicaram ao aprofundamento da investigação, fizeram um trabalho técnico notável e propiciaram, portanto, esse momento que é um momento coletivo e também é um momento, eu acho que de vitória desses todos que se empenharam e colaboraram com o Deputado Osmar Serraglio.

Existem algumas constatações que são inequívocas e que estão marcadas na história do Brasil. A primeira constatação é que a CPMI dos Correios se defrontou com o maior esquema de corrupção já montado na história desse país. Essa é uma primeira constatação inequívoca, e por mais que os governistas e por mais que os defensores do Presidente da República pretendam questionar e pretendam contestar essa afirmação me parece que está assentado na cabeça de cada brasileiro que, sem dúvida alguma, a CPMU dos Correios foi capaz de desvendar o maior esquema de corrupção da história do país. E na minha opinião essa CPMI já produziu resultados que podem equipará-la a qualquer outra que teve êxito na passado do Congresso Nacional, mesmo que nós não aprovássemos o Relatório que aprovaremos no dia de hoje, o resultado desta CPMI são inquestionáveis, foi pelo

trabalho da CPMI dos correios que nós desmontamos uma estrutura dominante de governo, os principais Ministros e Assessores do Presidente da República foram obrigados a deixar os seus postos. Nós desmontamos uma estrutura do principal partido político desse país, os principais dirigentes do PT foram obrigados a deixar os seus postos.

Nós desmontamos um esquema que alcançou o coração não apenas do Poder Executivo, mas também do Congresso Nacional e cumprimos com o nosso papel de aprovar um Relatório conjunto encaminhando nome dos deputados para que posteriormente a Câmara pudesse fazer o julgamento e o processamento de cada um deles. Então por si só, e por isso apenas nós já teríamos tido uma contribuição extremamente expressiva para o país, mas é claro que não adianta começar bem sem acabar bem e nós vamos acabar bem. A segunda constatação inquestionável é que o Mensalão existiu sim, foi uma terminologia identificada pelo Deputado Roberto Jefferson, mas que foi assimilada pela sociedade brasileira.

Por mais que o PT quisesse contestar a existência do Mensalão, a essa altura nenhum brasileiro inteligente, equilibrado e politicamente desprovido de paixão seria capaz de contestar a existência de Mensalão e o que o Deputado Osmar Serraglio com extrema isenção e independência faz é isso no seu Relatório, dizer: o Mensalão existiu. Ora, se o Mensalão existiu, se a corrupção no governo ela é inquestionável, uma outra afirmação me parece ser fundamental, de que as fontes que abasteceram o Valerioduto e que viabilizaram esse esquema de aliciamento de partidos e de Parlamentares foram fontes públicas. Existem alguns recursos privados sim, mas ainda sim os recursos privados que existem têm conexão direta com interesses públicos seja porque partiu de concessionárias de serviços públicos, sejam porque são empresas que mantém interesses claros, notórios e públicos com a Administração Pública. E fora isso mostrou-se os vícios nos contratos do Governo Federal, mostrou-se os vícios em vários atos jurídicos realizados para beneficiar a interesse econômicos de empresários e de grupos que estavam aliados ao Governo Federal. E mostrou-se recurso público como é o caso da VISA NET abastecendo o Valerioduto.

Muito bem. Dito isso eu deixo aqui um questionamento, ora, os principais Ministros comprometidos, os principais dirigentes do PT comprometidos, os dois mais próximos amigos do Presidente Sr. Roberto Teixeira e Paulo Okamoto comprometidos, seu filho, o Lulinha comprometido, seu irmão, o Vavá, comprometido, e somente o Presidente não sabia. Quer dizer que todas as pessoas que estavam ao seu redor, o seu Ministro chefe da Casa Civil, o seu Ministro da Fazenda, o seu Ministro Secretário de Comunicação, Presidente do partido, o tesoureiro do partido, o filho, o irmão, os amigos, todos comprometidos, seja pelo que foi investigado aqui ou pelo que foi apurado em outras CPIs e só o Presidente Lula não sabia. Será que ele é o maior inocente desta nação, Senador César Borges? Com certeza não.

E muitos nos perguntaram, mas porque então não propor o *impeachment* do Presidente? Porque nós, quando eu digo nós, eu não me refiro apenas a mim, mas aos milhões de brasileiros que votaram nele, como eu votei; que se frustraram com ele, como eu me frustrei; que se decepcionaram com ele, como eu me decepcionei; vão fazer o *impeachment* dele nas urnas. O Presidente Lula, o Governo e o PT, todos eles vão pagar o alto preço por tudo que nós colocamos para o Brasil nas urnas quando serão derrotados e aí vai se consumar o *impeachment* pela vontade majoritária do povo brasileiro.

Eu preciso fazer uma referência à matéria dos Fundos de Pensão. Eu quero agradecer ao Deputado Osmar e ao Senador Delcídio pela confiança que depositaram em mim, um Parlamentar de primeiro mandado que teve a incumbência de dirigir uma área extremamente técnica, complexa, árida. Eu não esperava que em quase seis meses de trabalho eu fosse aprender tanto quanto eu aprendi, acho que, inclusive, se passasse anos e anos nos bancos acadêmicos universitários não teria aprendido tanto quanto aprendi nesses 5, 6 meses de trabalho dirigindo a Sub-Relatoria dos Fundos de Pensão.

Fiz questão da apresentar um Relatório desprovido de adjetivações, desprovido de conotação política, um Relatório técnico, qualificado pela junção dos números dos dados analisados com o que foi identificado a partir da análise dos documentos dos órgãos reguladores; tudo isso casado com os depoimentos prestados em 24 sessões, muitas das quais eu dirigi sozinho, mas que foram extremamente produtivas para que nós pudéssemos chegar às conclusões que chegamos, que existam sim, problemas nos Fundos de Pensão, que ocorreram irregularidades, que houve desvio de recursos, que grupos empresariais se aproveitaram do dinheiro suado de aposentados e pensionistas deste país; e a partir dessa investigação produziu um Relatório que não é apenas revelador dos problemas, mas também é reflexivo e propositivo. Eu espero que sirva de marco e fiz questão de dizer isso a todos que estavam envolvidos na elaboração desse Relatório. Eu me sinto obrigado a revelar também que não teria sido capaz de fazer esse trabalho se não fosse o empenho, a dedicação e a abnegação de alguns técnicos

que assessoraram minha Sub-Relatoria. Primeiro faço referência à empresa que foi contratada a ERNEST YOUNG, nunca tinha trabalhado com essa empresa, não conhecia as pessoas dessa empresa.

Venho sendo questionado por alguns Parlamentares. E além da correção técnica eu quero dizer que foram pessoas que vestiram a camisa, que viraram noites, que passaram finais de semana extrapolando, inclusive, aquilo que era previsto no contrato para conseguir produzir o Relatório que nós produzimos. Quero agradecer inestimavelmente a participação da BM&F, a BOLSA DE MERCADORIAS & FUTUROS que, certamente, de todos os integrantes da Força Tarefa teve um destaque porque respondeu prontamente as nossas solicitações e participou como parceira da elaboração dos trabalhos.

Quero também agradecer a BOVESPA, quero agradecer a CVM, a Secretaria de Previdência Complementar. E aqui faço um parêntese, recebi essa semana o Dr. Odacir Reis que trouxe para o Sub-Relator seis sugestões de alteração ao texto, e eu com emendas que apresentei, incorporei as seis sugestões que me foram trazidas pelo Sr. Odacir Reis. Quero agradecer ao Tribunal de Contas da União ao Banco Central e ainda nominalmente aos nossos assessores que contribuíram para esse trabalho, ao Rafael que é Consultor do Senado, à Ana, ao Felipe, ao Roger, à Fabíola, ao Gustavo e a tantos que nos ajudaram na elaboração desse Relatório. Ao Paulo Eduardo, ao Paulo Roberto, à Glória, ao Garcia, ao Adilson e ao Álvaro. Dito isso, eu quero tecer quatro breves comentários sobre o trabalho paralelo que o PT fez na área de Fundos de Pensão.

O primeiro, a exclusão da PRECE. De todos os Fundos investigados a PRECE foi o que registrou o maior volume de problemas, as maiores irregularidades estavam concentradas na PRECE e, de repente, sem vergonha nenhuma o PT no trabalho paralelo corta a PRECE, e disse que a PRECE não merecia ser investigada porque simplesmente era um Fundo Estadual, mas, no entanto, os Deputados e Senadores do PT votaram a favor do requerimento de transferência de sigilo da PRECE. Votaram a favor dos requerimentos de convocação dos dirigentes da PRECE, muitos, inclusive, participaram das audiências da Sub-Relatoria quando ouvidos os diretores da PRECE e agora eliminam a PRECE. Foi um acordo com Garotinho, ponto, eu que estou dizendo. BMG RURAL. Foi feita uma pergunta à Sub-Relatoria.

Quanto que o BMG e o RURAL receberam dos Fundos de Pensão de 2000 a 2005? E foi isso que nós respondemos. Fiz algumas alterações. Eu peço um pouquinho só de paciência ao Deputado Arnaldo porque como Sub-Relator eu tenho que tecer esses comentários. Fiz algumas modificações do [soa a campainha] trabalho apresentado em fevereiro para o Relatório final, eliminei o gráfico comparativo da evolução ano a ano. Eliminei a soma horizontal. Incorporei os questionamentos e as colocações levantadas por vários Fundos de Pensão, aliás, todos que se pronunciaram. Fiz um trabalho isento, um trabalho que, sequer, constata conexões porque isso quem ler vai fazer, eu não preciso, todos são inteligentes, que, sequer, constata conexões políticas nessa área, e ainda assim houve uma leitura ao averso realizada pelo PT no trabalho que apresentou. Vejo no trabalho apresentado pelo PT uma proteção, uma proteção clara, incontestável dos três principais Fundos de Pensão, PREVI, PETROS e FUNCEF talvez pelas vinculações políticas dos dirigentes desses fundos mereceram um tratamento, Senador César Borges e Deputado Arnaldo extremamente cordial e diferenciado, foram inocentados. Eu fiz a diferença, reconheci que esses Fundos têm uma estrutura muito mais organizada, estão muitos menos vulneráveis às irregularidades primárias que se verificaram nos pequenos e médios Fundos, mas daí a dar um atestado de inocência nós não podemos fazer; daí a encobrir os problemas verificados nós não podemos admitir.

Eu respeitei o Deputado Osmar divergindo democraticamente da decisão dele de suprimir o nome do filho do Presidente no episódio da GAME CORP, eu não fiz nenhuma constatação, levantei discussões de natureza ética nesse episódio e me senti na obrigação de citar o filho do Presidente por quê? Porque esse episódio não teria se transformado num assunto de interesse nacional se não fosse o filho do Presidente. Não teria vindo à CPI e ao Congresso Nacional se não fosse o filho do Presidente, mas ainda a TELEMAR não teria comprado a GAME CORP pelos 5 milhões que comprou e não teria investidos os 10 milhões que investiu se não fosse o filho do Presidente. Mas eu respeito o Deputado Osmar, entendo as suas razões, entendo as suas preocupações, e apesar da divergência quero dizer que ele tinha o direito como Relator de fazer a supressão que fez.

Com relação aos indiciamentos, é o quarto ponto e já parto para a conclusão. Simplesmente os autores desse voto substitutivo eliminaram todos os indiciamentos, os 49 pedidos de indiciamento feitos pela Sub-Relatoria dos Fundos de Pensão foram cortados, eliminados, deletados. Isso é atitude de quem quer encobrir bandido, isso é atitude de quem quer passar a mão em dirigentes de Fundo de Pensão, em dono de Corretora e em empresário que flagrantemente lesa-

ram os aposentados e pensionistas brasileiros. [soa a campainha]

E eu quero, respeitando o minuto, não vou passar disso, eu quero apenas frisar que nesta reta final, Deputado Arnaldo, eu me senti no dever de manifestar uma posição nossa para que o diálogo ele fosse aberto, fiz isso da quarta-feira da semana passada até hoje, vamos tentar construir em conjunto um processo de votação que reflita um apoiamento majoritário. Espero que o PT e a base do governo entendam que esse Relatório que eles prepararam é uma peça artificial, uma peça de ficção cientifica, uma peça que se aprovada não poderia ser encaminhada para o Ministério Público, e sim para um cineasta para fazer um livro ou então para fazer um filme e, portanto, não vai ser aprovado, nós temos a maioria para ganhar. E Deputado Osmar nós vamos ganhar, e hoje nós vamos encerrar talvez um dos momentos mais importantes do Congresso Nacional, graças a V.Exª., ao Senador Delcídio e a toda essa CPMI [soa a campainha] porque nem que seja por um voto a gente ganha. Muito obrigado, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Eu quero conceder a palavra apesar de alguns questionamentos ao Deputado Carlos Abicalil porque ontem ele falou na condição de representante daqueles que apresentaram voto separado, e agora falará discutindo o Relatório.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Muito obrigado meu caro Presidente Arnaldo Faria de Sá, prezado Relator Osmar Serraglio por quem eu luto o máximo respeito e em função disso, inclusive, faço publicamente a expressão das divergências de opinião que possa ter o Deputado Osmar Serraglio sabe que da minha parte jamais qualquer pressão foi exercida sobre a redação do vosso texto. Agora desde muito tempo e em diversos aspectos nós temos divergências que se tornaram públicas e em função disso quero dizer que cumpro aqui a tarefa para a qual, primeiro, o povo do meu Estado Mato Grosso me delegou como representante do povo mato-grossense e em segundo lugar que meu Partido me delegou representante da bancada do PT nesta Comissão Parlamentar de Inquérito.

V.Exª. sabe o valor inestimável que tem o trabalho que conduziu, sabe também da complexidade desse trabalho e dos limites, sejam temporais, sejam materiais, sejam técnicos com os quais todos nós convivemos em que pese esta CPMI ter inaugurado a contratação de consultorias externas que ainda assim trouxeram elevada contribuição ao debate e ao texto final do Relatório, mas não o suficiente para que nós tivéssemos isentos de qualquer margem de erro de impropriedade ou de imprecisão. Quero, Sr. Presidente Asdrúbal Bentes dizer aqui que os discursos mais exaltados mencionam que a nossa apuração deu conta de esclarecer o maior esquema de corrupção jamais visto. Eu quero dizer que não compactuo com esta visão, os mesmos setores que falam dessa forma sobre 56 milhões de reais, dizem aqui, foi citado ontem à noite, que, segundo estimativas da Fundação Getúlio Vargas, o que se estima de perdas por prática de corrupção pública e privada em todas as esferas de Governo e de poder e nas relações comerciais e tributárias e fiscais, chega, Senador Quintanilha. Não é palavra minha não, foi citada ontem aqui pelo PFL. Cem bilhões de reais, segundo a Fundação Getúlio Vargas. Ou a duzentos bilhões de reais, segundo o Instituto Transparência Brasil. Não são palavras minhas.

Nós estamos falando, na nossa investigação, em torno do grupo Marcos Valério e de transferência a partidos políticos, que nós temos de apontar no tempo a sua origem e precisar inclusive o que significam os valores transferidos a cada tempo, que esses cinqüenta e seis milhões de reais, frente aos cem aventados por eles, com levantamentos e estimativas, ou cem bilhões ou duzentos bilhões, por outras estimativas, tem que guardar a proporcionalidade coerente com o discurso que se constituiu, sob pena, evidentemente, de estarmos aqui trabalhando apenas no palanque pré-eleitoral instalado desde o início dessa CPMI.

O Deputado Osmar Serraglio tem absoluta razão ao dizer das dificuldades típicas de estar numa investigação num ambiente político. Evidentemente que se estivéssemos numa investigação num ambiente administrativo ou policial, a ingerência política, as pressões dos interesses que cada qual dos setores aqui representa, não os submeteria, a cada oitiva ou sigilo, ter o voto parlamentar aqui. E constituir inclusive por voto nominal, no caso de sigilo, e nós entendemos os direitos de cidadania que estão na outra parte para perseguir este tipo de rito, daria efetivamente não só a celeridade talvez ao processo, como liberdade ao investigador, livre dessas pressões, mas, ao mesmo tempo, demonstra que a distinção do cenário político, que é a CPMI, frente a outros processos investigativos, poderá resultar efetivamente em situações diversas.

Terceira categoria que eu gostaria de trabalhar aqui. No caso do Caixa 2 de 98, as confissões do Sr. Cláudio Mourão levam ao estabelecimento de um Caixa 2, naquele caso, confessado, Sr. Serraglio, de mais de cem milhões de reais, na boca do Sr. Cláudio Mourão, no que tange àquilo que teria sido declarado frente ao que foi efetivamente gasto.

Nós identificamos, na movimentação de Marcos Valério, parte desses valores. Identificamos no BMG, na tomada de empréstimos com laranja, sem men-

cionar o nome do Partido e sem mencionar dirigente partidário, parte desse volume.

No caso de 2003, o Sr. Marcos Valério continua operando do mesmo modo. A distinção é que o PT, como dizem aqui os meus adversários, colocou sua marca digital, foi o Presidente do Partido que assinou o empréstimo e foi o Tesoureiro do Partido que assinou solidariamente.

Posteriormente, o Sr. Marcos Valério continua operando do mesmo modo, tomando empréstimo sem sustentação, renegociando, prolongando, apresentando títulos públicos como garantia, o que ele já fazia desde 1998. E que aqui, é bom que se registre, não se constituía como prática ilegal. Muitas são as empresas que prestam serviços ao poder público, de variadas naturezas que, ao se movimentarem frente a organizações financeiras, apresentam como garantia de parte dos seus negócios, os compromissos que tem a haver com o poder público.

Não é aí que reside o desvio da prática, reside no crime tributário, no crime fiscal, na influência exercida, na movimentação e no arranjo que ele consolidou. Estamos falando de um grupo de empresas. E eu não tenho qualquer ilusão de que seja o único que tenha essa prática apontada. Nós estamos olhando uma janela a partir desta organização do esquema Marcos Valério, que provavelmente, e já constamos aqui, repercutiu em administrações municipais, estaduais, envolvendo Assembléias Legislativas, envolvendo companhias estatais, como é o caso do Distrito Federal, a TERRACAP, está mencionada entre as principais fornecedoras de recursos ao Sr. Marcos Valério. E envolveu 12 partidos políticos. É importante que tenhamos isso como memória.

No caso do contrato com o BANCO DO BRASIL, é importante que nós apontemos aqui a cronologia deste esquema, meu caro Presidente Asdrubal Bentes, o contrato vem desde 1994. No caso da ELETRONORTE, vem desde 1997. No caso do Ministério do Trabalho, também desde 1997. É aqui que se situa aquelas intensas investigações que apontam fortíssimos indícios, e alguns dos quais apurados inclusive por medida administrativa, dentro da FUNDACENTRO. E do Ministério dos Esportes, também desde 1997.

Há, portanto, uma anterioridade que é importante que seja sinalizada aqui para aqueles que acham que foi criado, que foi montado, que um bando de quadrilha inaugurou no Estado brasileiro uma sorte de procedimentos que tinham sustentação ou que davam sustentação ao modelo de financiamento a partidos políticos e a políticos, a campanhas eleitorais, que tivesse sido engendrado, ou criado, pela atual administração.

Ato contínuo, eu não conheço, que a Polícia Federal tenha tido uma posição tão autônoma e institucional como assumiu no nosso Governo do Presidente Lula. Nós podemos talvez comparar às quatro dezenas pouquíssimas de "colarinho-branco" que, no período passado, tiveram processos e inquéritos na Polícia Federal levados a efeito e com êxito, inclusive com prisões, inclusive com apreensões de materiais. E podemos, a esta altura, meu caro Deputado Asdrubal Bentes, dizer que já supera em 2000 as pessoas que foram arroladas em inquéritos, presas, processadas e indiciadas, no período de 2003 para cá.

É importante situar que se é fato que houve, através de processos licitatórios nas três esferas de Governo, volto a dizer aqui, comprovadas por essa CPMI, desde 1997, nós não vimos para trás, mas desde 1997, comprovadas. Incidências de recursos que são também públicos nas movimentações financeiras do Sr. Marcos Valério, como o dinheiro é um bem intangível, como dizem os Juristas, é difícil ter o carimbo de dizer qual é o percentual no modelo, do que é dinheiro público e do que é dinheiro privado.

Mas, é importante que nós tenhamos clara a distinção das responsabilidades, razão pela qual incide para nós num problema que precisa ser melhor conceituado e observado no Relatório, a distinção destes segmentos.

Consta no Relatório do Deputado Serraglio, a relação dos maiores movimentadores de contas e contratos com o Sr. Marcos Valério. E lá nós temos, entre as empresas privadas, a TELEMIG, a VISANET e SERVINET, a AMOZÔNIA CELULAR, a USIMINAS, o GRUPO FIAT. Entre empresas públicas, nós temos sim, BANCO DO BRASIL, Secretaria de Fazenda do Distrito Federal, ELETRONORTE, CORREIOS, Secretaria de Fazenda de Minas Gerais, Assembléia Legislativa de Minas Gerais. O que aponta, portanto, um engendramento e uma rede de relações e influências do Sr. Marcos Valério, que vai bastante além da esfera de controle de um partido ou de um Governo, razão pela qual, Sr. Presidente e meu ilustre Relator, eu tenho convicção de que isso que nós estamos descrevendo aqui, e manifestamos no nosso voto como aspectos de divergência absolutamente relevantes e importantes para o tratamento que queremos, é evidente isso que nós apontamos tem como garantia da lisura do voto que apresentamos, de maneira pública, a razão de recuperar, não apenas para a CPMI, para nós mesmos, como membros desta Comissão Parlamentar de Inquérito, mas para o povo brasileiro, que, em relação às empresas do Sr. Marcos Valério, as providências deste Governo são muito anteriores à instalação da CPMI e muito anteriores a ao conjunto

das denúncias que foram apresentadas aqui. Por órgãos de responsabilidade executiva, como é o caso do Ministério da Fazenda.

A DNA Propaganda foi objeto de procedimento de fiscalização instaurado pela Receita Federal em março de 2003. E todos nós sabemos aqui que as suas irregularidades, por órgãos fiscais e tributários, já deviam ser conhecidas com anterioridade. O primeiro ato, Sr. Presidente, foi em março de 2003, sob este Governo, conduzido pelo Ministério da Fazenda. O segundo, encerrado este inquérito, este processo, em 30 de novembro do ano de 2004.

Ato contínuo, foi por essa iniciativa que pegaram os calendários de 98, 99, 2000, 2001 e 2002 de efeito fiscal, que recuperou para a Fazenda Nacional sessenta e três milhões e duzentos e cinqüenta e nove de desvios apurados, do ponto de vista fiscal, das empresas do Sr. Valério, anteriormente.

Isto, Sr. Presidente, Sr. Relator, não isenta evidentemente qualquer dirigente partidário das responsabilidades de ter se envolvido com este Senhor, com as suas empresas, com os contratos, mas deixa claro e a notório a distinção entre aquilo que alguns pretendem informar aqui, de maneira leviana, que se formava uma quadrilha no interior do Estado e aquilo que efetivamente foi processado por este tal Estado e por este Governo.

Nós não podemos, vou concluindo, Sr. Presidente, trilhar aqui um rumo onde as alternativas sejam banir da vida pública os empresários, porque sendo empresários, então não podem ter cargos públicos, nem eleitos, nem seus familiares. Ou, por outro lado, banir do mundo empresarial quem seja agente político ou familiar de agente político. O que querem fazer para cá, como uma operação absolutamente de pirotecnia e de pirataria, de dizer que uma [soa a campainha] operação comercial, empreendida por uma empresa telefônica privatizada, não no nosso Governo, que não é controlada pelas forças do nosso Governo, aplicar num investimento altamente retornável, reembolsável, lucrativo para a sua empresa, sem qualquer ingerência de qualquer agente público vinculado e este Governo, e dizer que isto tem por trás, como indício de crime, o fato de um dos empresários, de um dos criativos empresários apontados ali ser um jovem, e o crime deste jovem, ser filho do Presidente, meu caro Deputado Asdrubal, nós estamos aqui trilhando aquilo que eu disse que deve ser o caminho do absurdo. "Tem que banir da vida pública quem é empresário ou familiar. Ou tem que banir da vida empresarial quem é público ou político".

Não creio que essa seja a trajetória correta, nem para a democracia, nem para a diversidade necessária de representação que um Parlamento deva ter, como tampouco é conveniente para uma democracia que deve se pautar pela alternância dos grupos de poder.

Portanto, as expressões carregadas de preconceito ou aquelas que visam a trazer aqui no discurso comprovações que não foram efetivadas, influências que não foram praticadas, efetivamente, faz parte da disputa do espaço que esse Plenário tem, por ser próprio da disputa política. Mas, no momento que nós estamos incidindo sobre o Relatório, sobre aquilo que será matéria, que dará sustentação ao prosseguimento das investigações, à apuração e atribuição de responsabilidades, que vai ser entregue a outros órgãos do Estado, é absolutamente imperioso reconhecer, este Governo não obstaculizou qualquer tipo de investigação. Os órgãos que foram invocados para dar informações, aprestaram, e aprestaram em tempo, como reconheceu inclusive aqueles Sub-Relatores que são da oposição. E nesse particular, meu caro Presidente, a dinâmica empreendida por esta CPMI com Sub-Relatorias que foram distribuídas entre partidos da base aliada e partidos da oposição de maneira equilibrada, de maneira absolutamente respeitosa, fazendo com que a autonomia dos partidos pudesse indicar pra cada setor de interesse qual seria o seu representante, deixou claro que não apenas o Governo não obstaculizou como o bancada nossa, que se comportou aqui de maneira absolutamente correta, serena, nos procedimentos que foram apontados por esta CPMI e nos limites daquilo que é legitimo e daquilo que é mera disputa política representam já, para a sociedade brasileira, um compromisso de qualidade acima de todos os obstáculos que os Governos passados impuseram, de outras forças políticas, que jamais permitiram que não só a polícia atuasse de maneira republicana e autônoma como interferiram no sentido de que nenhuma CPI sequer, que envolvesse os Governos passados, pudessem ser instaladas no período em que governaram.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Abicalil, relembro a V.Exª. que o tempo está esgotado.

DEPUTADO CARLOS ABICALIL (PT-MT): Eu agradeço a sua lembrança e farei, evidentemente, a conclusão o mais breve que puder.

De sorte, Sr. Presidente, que o empenho que nós estamos tendo, nesses dias todos, de formular um voto em separado, que evidentemente não é de todo o perfeito, tendo em vista que o formulamos, não de maneira paralela, só depois de tomarmos conhecimento, na quarta-feira, de qual era o texto do Relator. Mais do que isso, aproveitando cerca de 70% ou 80% do texto que o próprio Relator formulou, mas não nos restava

alternativa regimental, a não ser a apresentação de um voto separado na forma que o fizemos.

E desejo que o diálogo que estamos exercendo, por orientação do Presidente do Congresso Nacional, desde ontem, com a participação de V.Exª., a participação do Relator Serraglio, do Presidente Delcídio, dos Sub-Relatores das diversas tendências de pensamento que temos neste Plenário, logre o êxito, de sorte que às 16h de hoje, ao abrir a nova reunião, nós tenhamos toda a condição de compreender qual é o posicionamento final do Relator que, neste momento, tem a autoridade para conduzir o seu Relatório, alterá-lo, mantê-lo nos textos que acha conveniente e alterá-lo naqueles que for convencido, convencido no argumento e não na pressão, o que é legítimo no Parlamento. E que nós tenhamos honrado o compromisso de cada um e cada uma aqui, que é não apenas representar o povo, ter compromisso com a verdade, como oferecer como resultado um Relatório que seja justo. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado, Deputado Abicalil. E a Presidência reconhece o esforço, a dedicação, a competência e, sobretudo, o equilíbrio de V.Exª. nos momentos difíceis em que as divergências e os ânimos muitas vezes se acirravam. Queremos agradecer a contribuição que deu para os trabalhos desta CPMI. Passo a palavra ao Deputado Arnaldo Faria de Sá.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sr. Presidente, Sr. Relator, Sras. e Srs. Parlamentares. Inicialmente, eu queria cumprimentar o Relator, Deputado Osmar Serraglio. Eu sou testemunha do empenho, da dedicação, da paciência – às vezes, parecia até um monge, todo mundo em cima, reclamando, blefando, pressionando, ele calmamente aguardava, anotava, esperava o momento. E tenho certeza que V.Exª. será reconhecido pela sociedade brasileira por este brilhante trabalho.

Eu tive uma oportunidade lá em São Paulo, de uma cerimônia de apoio à CPMI, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e vi, Deputado Osmar Serraglio, como V.Exª. foi recepcionado, mostrando que efetivamente há, por parte da sociedade, um reconhecimento dessa sua maneira de ser, da sua conduta, do ser que é cordato que é, mas sem perder a contundência da hora necessária. Eu acho que da CPMI como um todo, a pessoa que emerge como o símbolo da CPMI é o Deputado Osmar Serraglio. Era esse o registro que eu queria fazer. Tenho certeza que é um trabalho árduo, um trabalho difícil. Não é fácil conciliar vários sub-relatórios e fazer um novo Relatório, até porque o trabalho de V.Exª., como já foi citado aqui, nem sempre teve a colaboração e a participação de muitos que deveriam ter feito essa participação e essa colaboração, com as pessoas que participam da CPMI, e não participam para tentar ajudar, para tentar colaborar, para tentar apurar. Mas, estão aqui para tentar atrapalhar, complicar e impedir a consecução dos trabalhos.

É verdade, Deputado Osmar Serraglio, que a reunião de ontem à noite, no gabinete do Presidente do Senado, Senado Renan Calheiros, foi extremamente importante para que a gente possa conduzir um trabalho e concluir. Porque, se não concluirmos o trabalho, todos nós seremos atingidos. Não é só o Relator, não é só o Presidente, todos os membros da CPI, seja da oposição, seja do Governo ou seja neutro. Não importa. Todos serão atingidos. Portanto, é preciso que nós aprovemos este Relatório. E tenho certeza que aquilo que está sendo buscado será extremamente importante para que a gente tenha essa aprovação o mais rapidamente possível.

Eu queria apenas fazer um registro que eu acho importante. A instituição CORREIOS foi atingida. E lamentavelmente aquilo que se apurou aqui não foi apenas em relação aos CORREIOS, foi o conjunto das ações de Governo. E os funcionários dos CORREIOS, todos aqueles que trabalham nos CORREIOS acabaram tendo um desgaste que não deveriam ter. E era esse registro que eu queria fazer, ressalvando que aqueles que trabalham nos CORREIOS não podem ser atingidos pela CPMI dos CORREIOS. Que acabou tendo, porque politicamente tem um nome, é esse nome CPMI dos CORREIOS. Mas, aqueles que trabalham nos CORREIOS não podem ser atingidos e a gente vê, pelo próprio Relatório Final, que não há em relação aos funcionários dos CORREIOS uma punição, um foco que possa ser atingido.

Então, eu queria, nesse momento, desagravar todos aqueles que trabalham nos CORREIOS, que até o início da CPMI era considerada uma empresa padrão, uma empresa modelo para toda a instituição brasileira. E eu acho que, a partir da CPMI, o que nós temos que buscar novamente é esse mesmo padrão de imagem e de qualidade que tinham os CORREIOS brasileiros, que era uma instituição acima de qualquer suspeita. E lembrar de um detalhe que, politicamente, e é extremamente importante, foi a partir das denúncias do ex-Deputado Roberto Jefferson que nós tivemos toda essa celeuma, toda essa trama urdida, trazida a público e, a partir daí, sem dúvida nenhuma, nós passaremos esse país a limpo a partir dessa situação.

Já participei de várias outras CPIs. Não é esta CPMI a única da qual eu tenha tido uma participação. Várias. E todas elas têm dado a sua colaboração. Mas, tenho certeza que esta, a partir do Relatório do Depu-

tado Osmar Serraglio, sem dúvida nenhuma, dará uma colaboração muito maior.

Teremos a oportunidade, hoje, de votarmos o Relatório. Espero que possamos aprová-lo com unanimidade, sem ficar dizendo a que a culpa é "de Pedro, é de Paulo, é de Antônio ou é de João". Nós temos é que apurar. Apurar e, a partir daí, tentar verificar que realmente nós estamos vivendo um novo momento.

Me preocupo apenas, quando a gente diz que vive um novo momento, um episódio ocorrido ontem, quando a Polícia Federal foi à casa do ex-Ministro Antônio Palocci ouvi-lo num inquérito. Não se pode abrir essas exceções. Quando se abrem essas exceções, sem dúvida nenhuma, se mancha essa tal da imagem republicana. Quer dizer, o Ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, tentou por tantas e tantas vezes dizer que a sua postura era republicana. E ele é o responsável pela Polícia Federal. E, quando ele permite que um Delegado da Polícia Federal vá à casa de um ex-Ministro da Fazenda, abre um privilégio que não deve abrir. É lamentável que isso aconteça, nesse momento em que nós estamos vivendo a tentativa de conclusão dos trabalhos da CPMI. Eu queria deixar registrado que é extremamente preocupante esse privilégio que se deu ao Ministro Palocci.

Em relação à questão de Governo, eu só lembro de um outro detalhe. Eu já sou Parlamentar há bastante tempo, e na Reforma da Previdência do Governo FHC, nós levamos quatro anos para aprová-la. Ela iniciou-se no início de 95 e só terminou no último dia de 98. E eu não entendia o porquê, no atual Governo, em apenas um ano, nós conseguimos aprovar a Reforma da Previdência. Hoje se explica o porquê que foi a aprovada e ainda tenta-se contestar aquilo que o Relator Osmar Serraglio traz à luz dos fatos, dizendo que alguma coisa de estranha ocorreu na tramitação da Reforma da Previdência e como ela conseguiu ser aprovada em tão pouco tempo.

Hoje se entende porque ela conseguiu ser aprovada em tão pouco tempo, certamente deixando algumas dúvidas e certamente todos aqueles que estão vivenciando essa questão previdenciária sabem o que eu estou falando. É uma coisa totalmente estranha. E a própria PEC paralela, posteriormente, que só foi aprovada, porque, na mudança de Presidente da Câmara, assumiu-se um compromisso de aprovar a PEC paralela se não nem teria sido aprovado. E esse PEC paralela fez parte de toda essa questão que foi engendrada aí para se aprovar a Reforma da Previdência, de maneira suspeita, de maneira escabrosa e de maneira danosa a todos os trabalhadores brasileiros. E agora, esta CPMI vai mostrar por quê se aprovou aquela Reforma da Previdência em apenas um ano.

Está aí, Deputado Osmar Serraglio, quase que eu o chamo de Senador, eu acho que, certamente, seu estado lhe dará essa condição a partir do próximo pleito, porque, sem dúvida nenhuma, é alguma coisa que não dá para explicar, não dá para entender. Quem vivenciou todo aquele momento. E, portanto, eu tenho certeza que hoje, ao aprovarmos o Relatório do Deputado Osmar Serraglio, com as alterações que certamente serão feitas, nós estaremos dando um passo muito grande.

Me preocupava, que quando ontem na reunião, na mesa do Senador Renan Calheiros, se dizia de discutir hoje e votar amanhã. Porque, quinta-feira sabe-se o que acontecesse nesta Casa. Sabe-se que na segunda-feira é o prazo final da CPMI. Foi por isso que eu propugnei e lutei para que a gente começasse a votar hoje, começássemos a votar hoje às 16h e levar a votação até a madrugada, o tempo que for necessário para concluir esse trabalho. Porque o trabalho não concluído atingirá a todos, a todos nós, sem exceção. Quem participou no sentido de buscar a apuração. Quem participou no sentido de atrapalhar a apuração, todos serão atingidos. Não dá para você separar esses ou aqueles, na verdade, todos nós teremos prejuízo. E não importa dizer aqui dizer aqui quem é o culpado "A" ou quem é o culpado "B". Todos que têm culpa tem que ter a apuração. e a aí o Relatório vai seguir para o Ministério Público, vai seguir para a Polícia Federal, vai seguir para a Secretaria da Receita Federal. E todos aqueles que tiverem responsabilidade deverão assumir as suas parcelas de responsabilidades criminais, civis e tributárias. Porque tem responsabilidade que é criminal, tem responsabilidade que é civil, tem responsabilidade que é tributária. E cada qual, no seu foco de responsabilidade, deverá ter a sua punição e a sua responsabilização.

Eu quero cumprimentar, também não presente, mas quero cumprimentar o Senador Delcídio Amaral, Presidente da CPMI, o Vice-Presidente, Deputado Asdrubal Bentes, que teve a paciência durante muito tempo de poder substituir o Presidente Delcídio Amaral, dar continuidade a essa tentativa de conciliação, porque, se não fosse essa tentativa de conciliação, certamente nós teríamos muitas outras dificuldades.

E sei de várias pessoas que serão responsabilizadas, várias pessoas que serão atingidas. E, na verdade, mais atingida e menos atingida, essa gradação será definida pelo devido processo legal. Não será por nós aqui. O nosso papel foi político. O nosso papel político foi atingido, a nossa ação foi no sentido de que vários Ministros deixaram os seus cargos, vários Diretores deixaram os seus cargos, vários Presidentes de entidades deixaram os seus cargos.

Então, tudo aquilo que parecia uma bravata do Deputado Roberto Jefferson ficou provado que realmente existiu alguma coisa. Senão, nós não teríamos ficado dez meses aqui discutindo essas questões todas, na busca de alguma coisa que, sem dúvida nenhuma, se o Relatório do Deputado Osmar Serraglio não é o melhor Relatório do mundo, é o Relatório possível. É o Relatório possível, porque eu sou testemunha, lá na Secretaria da Comissão, de como era duro a posição do Relator, Deputado Osmar Serraglio. Eu chegava pedindo uma coisa e outro chegava pedindo outra, e eram coisas conflitantes. E o Deputado Osmar Serraglio tinha que ouvir os dois e tinha que tentar encontrar uma alternativa e caminhar no meio dessa pressão que ele recebeu. Agora, querer dizer que o Deputado Osmar Serraglio não foi pressionado é querer enganar a todos nós. Foi pressionado, sim. E muito pressionado. Não cedeu, porque é da sua condição de não ceder. Mas, que a pressão existiu, existiu. E eu lembro e sou testemunha, lamentavelmente, de ver qual foi a pressão que o Deputado Osmar Serraglio teve durante todo esse tempo e continuou durante todo o tempo com a sua calma, com a sua paciência, com a sua tranqüilidade, escutando, ouvindo "vou ver, vou estudar, ver se é possível, se não é possível". Muitas vezes ele sabia que não era possível, mas ele não dizia, de cara, que não era possível. Porque é da atividade política natural e, além da atividade de política natural, é da paciência do Relator, Deputado Osmar Serraglio. E essa paciência foi fundamental, Deputado Osmar Serraglio. Se não fosse isso, certamente, a nossa CPMI teria desandado há muito tempo. Porque V.Exª. muitas vezes ponderou, pediu, solicitou, encaminhou, conduziu para chegar até onde chegamos.

E, sem dúvida nenhuma, com respeito a todos os demais Parlamentares, Senadores e Deputados que participaram desta CPMI, que eu quero render as minhas homenagens àquele que é a marca da CPMI, que é o Deputado Osmar Serraglio. Foi o seu trabalho, sem dúvida nenhuma, que permitiu chegarmos até aqui onde chegarmos.

E logicamente, usando das condições regimentais, de cara, o meu apoio a seu Relatório é incondicional. Lógico a que gente tem que tomar cuidado, porque um Líder de um partido pode retirar um Parlamentar, pode substituir, pode trocar. E, num determinado momento, o que vale é a parte final da CPMI, é a conclusão desse trabalho, é quando se chega à parte final. E, tenho certeza que desta CPMI o que se leva é essa imagem da paciência do Deputado Osmar Serraglio como seu Relator, o apoio que ele teve de toda a Secretaria Geral, de todos aqueles que trabalharam na chamada "bat-caverna", a colaboração.

Quantas e quantas vezes eu incomodei o Wanderlei "pedindo isso, pedindo aquilo, quero saber como está isso como é que está aquilo, por que essa reunião não aconteceu, por que essa pessoa não foi intimada". Como se eles fossem culpados de tudo aquilo. Porque, na verdade, a culpa é nossa. Nós culpados, membros da CPMI, e acabamos, às vezes, transferindo as nossas culpas para os funcionários da CPMI. Mas, na verdade, é uma tentativa de transferência de responsabilidade. A culpa é nossa. Aquilo que não foi bem feito a culpa é nossa, Deputado Osmar Serraglio. Não adianta nós tentarmos achar ou procurar culpados, nós somos culpados daquilo que não conseguimos atingir, daquilo que não conseguimos chegar. Sem dúvida nenhuma, ficou demonstrado nessa CPMI que muitas pessoas, que sempre foram culpadas, que cujas culpas não lhes recaíam, a partir de agora lhes recairá. Vários Parlamentares, vários Líderes partidários são atingidos por esta CPMI, e citados nominalmente. E, a partir de agora, terão que ter mais responsabilidade. Governos, Parlamentares, Congresso, nós temos muito mais responsabilidade do que ficou apurado nesse Relatório.

O Relatório, logicamente, tem seus limites. E dentro desses limites nós estaremos aqui para apoiá-lo, e tenho certeza que será aprovado com grande folga hoje à tarde aqui. E a partir daí iremos fazer os ajustes que politicamente se reclamam e que serão possíveis nessa caminhada, porque não adianta aqui querer atingir Governos, [soa a campainha] pessoas, Parlamentares, Senadores e Deputados, o que importa é que a sociedade acredite nesse Relatório. E é fundamental que ela acredite no Relatório. Porque, sem a sociedade, nós não poderemos atingir os nossos objetivos.

E aqueles que, porventura, eventualmente escaparam, por falta de uma apuração, falta de uma investigação, falta de uma convocação, terá aí, em 1º de outubro a sua oportunidade de prestar contas à sociedade. E a sociedade, em 1º de outubro, será implacável. Porque muitos que aqui jogaram, certamente terão que prestar contas à sociedade. E irão prestar contas devidamente. Porque a sociedade está cobrando de nós Parlamentares uma ação mais contundente. E essa ação contundente, se não houve do conjunto dos Parlamentares, pelo menos, houve por parte de um Parlamentar.

É nesse Parlamentar que eu quero deixar personificado a minha colocação final, agradecendo o Deputado Asdrubal Bentes esta oportunidade. Eu queria cumprimentar um Deputado e, no cumprimento a esse Deputado, deixar marcado o trabalho desta CPMI. Deputado Osmar Serraglio, parabéns pelo seu trabalho.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado nobre e combativo Deputado Arnaldo Faria de Sá, nosso velho conhecido desde a Assembléia Nacional Constituinte e que, a cada ano que passa, claro, fica um melhor regimentalista e parece-me que cada vez mais combativo. Agradecemos a colaboração de V.Exª. e aproveito para passar a palavra ao nosso Relator, Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, Srs. Parlamentares, eu também quero registrar o meu agradecimento a essa manifestação que, vinda de um Parlamentar tão combativo, tão presente a todos os momentos nossos, questionador, vigilante, atuante como é o nosso amigo, Deputado Arnaldo Faria de Sá, eu recebo como uma homenagem que não é, com certeza, a mim, é ao conjunto de uma CPI composta de gente seriíssima, de pessoas altamente preparadas, altamente qualificadas, valorizadas politicamente e, excepcionalmente, eu que vim para o Relatório, assumi esse encargo, como Relator.

Mas, ouvir o que eu tenho tido a oportunidade de ouvir e vindo pessoas como o Deputado Arnaldo Faria de Sá, que tem tantos anos de vivência nesta Casa, me faz mais responsável ainda perante o meu futuro político. Porque eu não posso, evidentemente, diante de manifestações assim, vir a decepcioná-los. É um compromisso que mais e mais se arraiga em minha formação e em minha consciência de que valeu a pena na vida ser sério, valeu a pena também conduzir com a tranqüilidade, como se diz, mas, ao mesmo tempo, com a convicção que estava procedendo de forma convicta e correta, segundo a busca de uma verdade que, às vezes, machuca, magoa, dói, mas que é a verdade. Contra os fatos não há como se brigar. E nada melhor do que você apenas traduzir os fatos. E foi o que nós, juntos, fizemos. Fico reconhecido a V.Exª., Deputado Arnaldo.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu gostaria de comunicar que nós temos ainda 12 inscritos para participar da discussão da matéria. Como, no Plenário, eu só vejo três dos inscritos, eu peço à Assessoria que telefone para os Deputados e Senadores inscritos, que compareçam, porque, do contrário, regimentalmente, ao encerrar, ao ouvir os três Parlamentares aqui presentes, eu serei obrigado a encerrar a discussão. E aí não tem "nem choro nem vela", não daremos mais a palavra, a não ser, para o encaminhamento e a votação. De maneira que eu quero passar, então, a palavra ao Deputado Jamil Murad, por permuta com o Deputado José Eduardo Cardozo.

DEPUTADO JAMIL MURAD (PCdoB-SP): Presidente Asdrubal Bentes, Relator Deputado Osmar Serraglio, eu quero cumprimentá-los e dizer que nesses dez meses nós trabalhamos muito duro. O campo de batalha era esse, o principal campo de batalha onde estavam as forças conservadoras de um lado, procurando inviabilizar, de todas as formas, a trajetória das forças democráticas e progressistas em torno do Presidente Lula.

Atuamos, sem nunca utilizar de calúnias nem de vilanias. Não atuamos, como ouvi muitas vezes aqui, num verdadeiro concurso de frases de efeito, um verdadeiro campeonato de marqueteiros amadores. Eu acho que o Relatório reflete esse trabalho de dez meses, onde os conservadores desfilaram hipocritamente com a bandeira da ética. E procuravam incriminar não apenas as pessoas que cometeram graves erros, inclusive de corrupção. Mas, procuravam condenar para sempre a família inteira daqueles que sempre lutaram por um Brasil soberano e de progresso para o nosso povo.

Quem comandou essa batalha do lado da direita nada mais nada menos do que um ex-Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, que exigia sangue e que inclusive continua exigindo sangue. Que lamentou não ter feito o *impeachment* do Presidente.

Também, o Presidente de outro partido da direita, que declarou ser necessário acabar com essa raça por pelo menos trinta anos. Mas, se fossem mesmo guardiões da ética e não apenas manipuladores desse valor ético tão imprescindível para a sociedade brasileira, eles não teriam utilizado dois pesos e duas medidas.

Agora, Presidente Asdrubal, Deputado Osmar Serraglio, o Relatório tem um grande mérito. A CPMI vai ficar na história do Brasil por investigar profundamente o Governo Lula. E não encontrou nada que incriminasse o nosso Presidente da República. É um atestado de honestidade. É um atestado que honra o povo brasileiro e honra a nossa pátria.

O povo brasileiro viu o Presidente Lula, calmo, prometer e cumprir que iria tomar providências enérgicas, doa a quem doer. E cortou na carne, demitindo Ministros amigos e Ministros da mais alta importância para o seu Governo. É um exemplo de homem público e um exemplo de brasileiro.

Mas, o Relatório, não por vontade do nosso amigo, digno Relator Osmar Serraglio, não é por vontade dele, mas por essas forças da sociedade. Forças conservadoras, que querem retomar o poder, para retomar as privatizações do setor elétrico, para retomar cortes nos gastos sociais, para, como diz o Gustavo Franco, auxiliar do Governo Fernando Henrique, que hoje nos jornais ele diz isso. Ou o próprio ex-Presidente Fer-

nando Henrique, que fala que tem que ter uma nova Reforma da Previdência. Ninguém deve aposentar com menos de 65 anos.

Esse projeto conservador, esse projeto que destrói, que põe mais o povo em sofrimento, que foi rejeitado a sua continuidade, quando se elegeu o Presidente Lula. Esse projeto é o pano de fundo dessa grande batalha política. E essa batalha se refletiu no Relatório. Não porque nós, o Presidente Lula, o Governo Lula, as autoridades quisessem defender pessoas que tivessem cometido irregularidades. Não. Tanto é que foram demitidos, foram punidos. Mas o Relatório, por atuação dessas forças conservadoras, ficou distorcido, ele ficou faccioso, ele ficou unilateral e precisa ser corrigido, para que ele reflita o trabalho de todos os Parlamentares, e não apenas da vontade do comitê eleitoral do PSDB e PFL. Por esse clima criado pelo direita, representado pelo PSDB e PFL e, muitas vezes, com coadjuvantes. Se usaram dois pesos e duas medidas.

Em primeiro lugar, quando se trata da relação do Marcos Valério com o ex-Governador, ex-Presidente do PSDB, Eduardo Azeredo, o capítulo tem o seguinte título: "empréstimos de 1998, tracinho, Minas Gerais". Não aparece uma vez a palavra Marcos Valério, não aparece uma vez o nome das empresas SMP&B e DNA, não aparece uma vez que o Marcos Valério falou que pegou dinheiro do BANCO RURAL para entregar para a campanha do Governador de ex-Presidente do PSDB, Eduardo Azeredo. É ou não é dois pesos e duas medidas.

Quando é para tratar da relação Marcos Valério com Delúbio, aí é Valerioduto, aí é Delúbio, aí é quadrilha. Mas, quando é para tratar daquele que foi a origem da trambicagem...

Durante a CPMI, eu pedi para o BANCO CENTRAL cassar a autorização de funcionamento do BANCO RURAL. Porque é tanta trambicagem, que esse BANCO RURAL está metido de Governo a Governo, que não merece funcionar. Por muito menos, outras instituições financeiras perdem o direito de funcionar. Por que é que o BANCO RURAL continua assim.

Bom, quando foi para tratar de se ouvir o Nilton Monteiro, que dizia que tinha coisa dizer aqui na CPMI, ele não foi ouvido, porque se dizia que ele era um chantagista, um falsário. Mas, se ouviu aqui tantos chantagistas, tantos falsários, tantos indivíduos condenados pela justiça, como o Toninho da Barcelona e outros. A justiça, para ser feita, não significa que você vai ouvir um criminoso, se ele está dizendo que tem o que dizer.

Em terceiro lugar, a questão dos Fundos de Pensão. Por que não investigou as perdas da PREVI no investimento na Costa do Sauípe ou no Hospital Humberto Primo? Que motivação existiu se não o facciosismo, a unilateralidade? Ou seja, o que vale é atacar os inimigos e preservar os amigos. Para se fazer justiça, não pode ser dessa forma.

E eu vou no ponto mais importante desse momento. O Senhor Daniel Dantas. Por que ele não foi nem citado? Ele tem crimes comprovados. Há fortes suspeitas que ele esteja por trás de todo esse processo. Foi protegido na justiça através de liminares. Não estou questionando conceder a liminar, mas o protegeu. Foi protegido pelos partidos conservadores, que querem voltar ao poder, quando utiliza largamente a CPMI não para investigar, mas para desmoralizar o próprio Governo, para viabilizar a sua volta ao poder. Porque quando é crime de amigos, encobre-se, quando é crime do inimigo, repete-se à exaustão. Mas o Senhor Daniel Dantas é ligado ao processo de privatização das telecomunicações no Governo Fernando Henrique.

Um computador, em que estão lá todas as informações necessárias, que o precisa ter acesso a essas informações, eu, como Deputado, cansei de pedir. Fomos à hoje Presidente do Supremo Tribunal Federal, a Ministra Ellen Gracie, junto com a Senadora Ana Júlia, com o Deputado Maurício Rands e com a Senadora Ideli, nós fomos lá pedir para que fosse permitido termos acesso a essas informações muito importantes. Não conseguimos. Mas, o que é pior? Ele sai da CPI sem resultado, sem ser indiciado e isso, no meu entendimento, é inaceitável. Ele vai ficar fora do indiciamento? O Presidente desta CPMI, o Senador Delcídio Amaral, me falou quando foi lido o Relatório. Ele falou: "Jamil, que coisa, o Daniel Dantas não está citado". Ele tem crime de prática de influência, corrupção ativa, supressão de documentos, crime contra a ordem tributária, lavagem de dinheiro, crime de espionagem ilegal. Ele inclusive está condenado em outros Fóruns internacionais.

Nós detectamos na CPMI que a TELEMIG, a AMOZÔNIA CELULAR tinham negócios com as empresas do Marcos Valério e que diabo que esse homem... Ele está acima das leis? Acima de tudo? Acima da sociedade?

Então, eu acho que é importante também. Erros no indiciamento de pessoas com dados errados. Por exemplo, o ex-Ministro Gushiken, na página 1.358 do volume II, em 25 de abril de 2003, a PETRUS contratou a GLOBAL PREVI que foi empresa anterior do GUSHIKEN ASSOCIADOS. Diz assim: "Teve tráfico de influência". O Sr. José Valdir foi seu Diretor, ele foi nomeado Diretor da Secretaria de Previdência Complementar, que regula os Fundos de Pensão, ele foi nomeado durante o Governo Lula. Muito bem, mas ele tinha já saído, o José Valdir tinha saído da sociedade

dia 30 de outubro de 2002. E tinha saído e registrado na Junta Comercial de São Paulo, em 6 de dezembro de 2002.

Agora, o Sub-Relator, não sei, por exemplo, o Sub-Relator, às vezes, procura ver pelo em ovo quando é contra Fundos de Pensão. Muito bem, o Sub-Relator indica e o Relator aceitou como irregularidade.

Uma outra questão, Presidente Asdrubal Bentes, também em relação ao ex-Ministro Gushiken. Na página 1.359, no volume II, diz que a PETRUS teve um reajuste de 113% no seu contrato com a GLOBAL PREVI e a inflação tinha sido só de 13%. Muito bem, o contrato era duzentos e setenta, quando você aplica a 13% ela vai a trezentos e sete.

O que é que o [soa a campainha] o Sub-Relator e, posteriormente, o Relator fez. E aceitou. Ele somou os duzentos e setenta com o valor do novo contrato, que era trezentos e sete, e falou que o contrato foi de quinhentos e setenta e sete mil. Quer dizer, um erro grosseiro, um erro crasso, é um erro para dar impacto, apenas para condenar o ex-Ministro Gushiken.

Eu acho que o Relatório tem muitas questões importantes, retrata o trabalho realizado. Mas, existe unilateralidade, existe facciosismo, existe omissões, existe condenação, indiciamento de quem não merece porque não está aqui justificado o indiciamento. E eu acho que o Relatório não pode ser um instrumento que indicia morto ou esquece de indiciar vivaldino como Daniel Dantas. Eu acho que ele precisa ser corrigido.

E, terminando. Isso não retira os méritos do Deputado Osmar Serraglio. Jamais eu faria isso. Eu quero dizer que a luta entre aqueles que querem fazer o *impeachment* do Presidente Lula que inclusive, levanto isso, um ex-Ministro do Fernando Henrique Cardoso, Miguel Reale Júnior, estava lá em São Paulo, onde eu moro, na OAB, organizando o *impeachment* do Presidente Lula. O que é que essas forças políticas querem? Chegar ao poder evitando a participação do povo? Para isso vão ter que passar por acima do nosso cadáver. As forças conservadoras já prejudicaram muito o povo brasileiro. Já causaram muitas vítimas aqui ao povo brasileiro e ao nosso país que, com todo esse potencial, nunca conseguiu se desenvolver.

Por isso, Sr. Presidente, nós queríamos nesse momento dizer que essa grande luta política, que é o pano de fundo desta CPMI, vai continuar, mesmo acabando a CPMI. E eu conclamo, para encerrar, os patriotas que gostam do Brasil, civis e militares, religiosos, trabalhadores, donas de casa, juventude que anseia por um Brasil melhor, partidos progressistas, partidos patrióticos que desejam um Brasil melhor e um povo vivendo melhor. Nós vamos ouvir e ver, nesses seis meses próximos, todo o tipo de calúnia, de vilania, todo o tipo de acusações, inclusive, com proteção de certa imprensa. Porque quando é um crime cometido por forças conservadoras, ou não aparece ou aparece discretamente, e desaparece rapidamente do noticiário. Mas, o povo brasileiro, em primeiro lugar, não pode duvidar da covardia das elites brasileiras, e eles podem querer fazer o *impeachment* do Presidente, vamos estar em alerta.

Em segundo lugar, nós temos que tomar partido não é em favor desse ou daquele Líder, desse ou daquele partido, nós temos que defender o Brasil e o povo brasileiro. O progresso, um país soberano um país que se desenvolva para o seu povo viver melhor. E esse é o compromisso do PCdoB, o compromisso meu, como parlamentar de São Paulo.

Eu não gostaria de dizer aqui, mas eu tenho até obrigação de dizer, com discrição, mas com responsabilidade, sem medo das conseqüências, eu cumpri o meu compromisso sagrado de defender os mais altos interesses do povo brasileiro e de nosso país, às vezes, descontentando a imprensa, às vezes, descontentando amigos, que muitas vezes que eram induzidos pela mídia, mas o meu papel não é me intimidar com pressão. Esse momento é um momento onde as forças conservadores estão na ofensiva. Têm o apoio de boa parte da mídia, têm o apoio do Bush, do imperialismo, das forças conservadoras no mundo. E, para enfrentar, precisa de compromisso com o nosso povo, precisa compromisso com o Brasil. Não se confundir, porque, se se confundir, o povo brasileiro vai sofrer por muito tempo. Obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Nós é que agradecemos, Deputado Jamil Murad, e aprendemos a respeitá-lo pelas suas convicções, pela defesa intransigente de suas idéias e seus ideais. Daí porque agradecemos também a sua contribuição a esta Comissão, que hoje encerrará os trabalhos, com certeza, aprovando um Relatório, volto a dizer, que corresponderá aos anseios da sociedade brasileira. A seguir, passo a palavra ao Deputado Nelson Meurer.

DEPUTADO NELSON MEURER (PP-PR): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares. Eu primeiramente queria cumprimentar e parabenizar o nosso Presidente, Delcídio Amaral, o nosso Vice-Presidente, Asdrubal Bentes, e nosso Relator, Osmar Serraglio, e cumprimentar também os Parlamentares que participaram durante esses vários meses nesta CPMI, trabalhando muito, alguns com tempo integral, outros não muito efetivos, mas dando a sua colaboração importante para que, nesse dia, nós pudéssemos discutir esse Relatório importante, após muitos e muitos meses de investigação, de levantamento, para verificar

todas as irregularidades que houveram e que foram apresentadas e esta CPMI.

Eu queria, Sr. Presidente, apresentar aqui as razões que levaram o Partido Progressista a apresentar dois votos em separado, que levaram o número 2 e o número 29. São votos em separados que julgamos que, em alguns pontos do Relatório do nosso Deputado Osmar Serraglio, apresentaram alguns equívocos ou algumas colocações que há a necessidade de fazer a correção e colocar ali o que realmente aconteceu e o e que foi investigado durante todos esses meses aqui pela nossa CPMI.

O primeiro deles, apresentado pelo Partido Progressista, através dos seus Deputados, representantes desta Comissão, que são o Deputado Nelson Meurer, o Deputado Nélio Dias e o Deputado Ildeu Araújo, se trata do Partido Progressista, que ali, no transcorrer de todo esse tempo, foi colocado os valores através de Marcos Valério e foi feito o levantamento de quanto o Partido Progressista recebeu do Valerioduto no transcorrer de todo esse tempo.

E o Valério, por muitas colocações, ele falou que o Partido Progressista foi beneficiado com quatro milhões e cem. Num momento, ele falava isso. Num outro momento, a sua Assessora falava que foi um milhão e duzentos, não tendo aquela afirmação definitiva de quanto foi. Mas, no transcorrer de todas essas investigações foi constatado oficialmente, documentalmente, que o Partido Progressista recebeu setecentos mil reais do Partido dos Trabalhadores para transferir ao Advogado que estava trabalhando na causa do nosso ex-companheiro, ex-Deputado Federal Ronivon Santiago. Isso que foi colocado. E por ocasião da discussão, naquele momento, de uma reunião conjunta da CPMI do Mensalão e da CPMI dos CORREIOS, foi ali discutido essa matéria e foi colocado no Relatório que foi remetido ao Conselho de Ética, os Parlamentares, foi colocado ali numa correção que realmente aqui na CPMI dos CORREIOS, apesar do valor anunciado pelo Marcos Valério, foi apenas constatado oficialmente, documentalmente apenas setecentos mil reais. E isso não acontece no Relatório, Presidente, isso não acontece no Relatório, infelizmente, do nosso Deputado Osmar Serraglio. E por essa razão levou o nosso partido, através dos seus representantes nessa Comissão, a fazer esse voto em separado para que seja corrigido esses fatos ali. Não desmentindo, não fazendo alterações quanto ao Marcos Valério, mas apenas colocando aquilo que realmente aconteceu, e aquilo que realmente foi provado durante esses longo meses que estamos aqui investigando e analisando todas as denúncias aqui apresentadas. Por isso apresentamos este voto em separado que, no final da sua justificativa, nós colocamos o seguinte: "Em face das razões expostas, e da inconsistência das acusações que levaram a citar o nome – que também tem duas pessoas, que foi colocado o nome que não tem nada a ver com o Valerioduto – do nome da Srª. Estela Fernanda Rodrigues Lima Janene(F), e da Srª. Rosa Alice Valente, voto pela rejeição parcial do Relatório Final dessa Comissão Parlamentar Mista de Inquérito com vista a dar a exclusão de seus nomes no parecer. No que pertine ao Deputado José Janene, voto pela rejeição parcial para que seja corrigido o Relatório Final quanto à acusação de recebimento de suposto Mensalão considerando-se apenas a percepção pelo Partido Progressista, no valor de setecentos mil reais do Partido dos Trabalhadores, visando o pagamento de Advogados para a defesa do ex-Deputado Ronivon Santiago". Foi isso que foi constado, foi esse Relatório que foi levado e foi aprovado por ocasião daquela reunião em conjunta com a CPMI do Mensalão e dos CORREIOS e que foi remetido e que está lá no Conselho de Ética sendo analisado e sendo julgado, os Parlamentares do Partido Progressista que estão ainda em julgamento. E outro voto em separado, de nº 29, trata-se também de outro Parlamentar do Partido Progressista que é o Deputado Vadão Gomes.

O Deputado Vadão Gomes, através do Marcos Valério, falou que repassou pelo Vadão Gomes um valor no valor de três milhões e setecentos mil reais. Ora, esse valor uma hora o Marcos Valério falou que passou para o frigorífico de propriedade do Vadão Gomes, foi quebrado o sigilo e nada constatou lá desse valor ser depositado. Outra hora o Marcos Valério fala que repassou os recursos num hotel em São Paulo, na cidade de São Paulo, dá até a data e não sabe qual é o hotel que foi repassado esse recurso, e o Vadão Gomes comprovou que naqueles dias que o Marcos Valério falou que repassou o dinheiro no hotel, ele nem na cidade de São Paulo se encontrava, se encontrava em outras localidades, não sei de que Estado do nosso País. Então, ali nada foi provado. Haja vista que o próprio Relator, no Conselho de Ética Moroni Torgan, até agora não teve condições de fazer o seu Relatório, porque não conseguiu provar ainda, achar provas de que realmente esse repasse foi acontecido para o Vadão Gomes que não entendemos porquê. Porque o Vadão Gomes é o Presidente do Partido Progressista em São Paulo, e desde o início das eleições de 2004 foi contra o Partido dos Trabalhadores, o candidato até contra o Partido Progressista, que estava no segundo turno dando apoio à Marta Suplicy e o Vadão Gomes estava apoiando o Prefeito José Serra em São Paulo desde o primeiro turno, inclusive, fazendo alianças

em outros Municípios em São Paulo com o PSDB e o Partido dos Trabalhadores.

Não entendo como um partido ou um elemento do partido vá repassar dinheiro para o inimigo. Então, não está muito claro esse fato, não foi provado, e por essa razão que nós pedimos para que o Osmar Serraglio conste no seu Relatório de que a CPI dos CORREIOS, apesar do anúncio e da colocação do Marcos Valério, não foi encontrado nenhuma prova cabal, nenhuma prova documental de que tenha realmente havido aquele repasse para o Deputado Vadão Gomes. E por essa razão nós concluímos aqui no nosso voto o seguinte: "Por tudo isso, em razão da discrepância da afirmação do Sr. Marcos Valério, assim como pela prova produzida pelo Deputado Vadão Gomes de que não se encontrava na cidade de São Paulo nas datas em que Valério afirma que ele teria feito pagamentos pessoalmente, não resta a menor dúvida que não se pode imputar qualquer responsabilidade ao referido Deputado. Não havendo justa causa, sequer, para se recomendar a instalação de Inquérito Policial para apuração de tais fatos. Voto, portanto, pela rejeição parcial do Relatório Final com vista a que a verdade seja recomposta nos termos em que apresentado na presente manifestação".

Estes são os dois votos em separado, Presidente Asdrúbal, para que o nosso Relator possa analisar e constar no seu Relatório, nesse seu belo Relatório que ele apresentou, que possa corrigir esses fatos, esses equívocos que aconteceram e que realmente a nossa... E que coloque realmente o que foi apurado aqui, documentalmente, perante a CPMI dos CORREIOS. E no mais, eu quero cumprimentar o Partido Progressista. Vai analisar com muita responsabilidade a discussão à tarde do Relatório apresentado pelo Osmar Serraglio, analisando as mudanças e as correções que porventura ele venha colocar com o nosso atendimento e tudo, vamos analisar com muita responsabilidade e ouvir com muita atenção os argumentos do Partido dos Trabalhadores com o seu voto em separado, que também temos algumas colocações que não concordamos aqui no seu voto em separado. Vamos analisar bem e ver realmente qual a posição do Partido Progressista na votação com muita responsabilidade do Relatório, que seja mais justo e que seja mais importante para o esclarecimento de todos os fatos a todo o povo brasileiro. É isso que eu teria a colocar, e agradeço mais uma vez essa oportunidade e essa colocação que o Partido Progressista tem para colocar o seu pensamento, as suas colocações no Relatório do Deputado Osmar Serraglio.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Nelson Meurer, o voto em separado de V.Exª. e do partido de V.Exª. foi apresentado na forma regimental tempestivamente. Certamente o Relator, Deputado Osmar Serraglio, o levará na devida conta para no seu Relatório Final, apreciá-lo e submeter também à apreciação dos nossos doutos pares. Concedo a palavra ao Senador Romeu Tuma.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Presidente Asdrúbal, eu queria primeiro agradecer o grande Deputado Dr. Rosinha por ceder a sua vez em troca comigo, em razão de eu ter que sair rapidamente. Então não vou roubar mais do que cinco minutos de V.Exª., e assim fico com esse débito ao Deputado Rosinha. Mas Presidente Asdrúbal, duas coisas me trouxeram a esta CPI hoje. Primeiro, prestar minha homenagem ao Senador Delcídio, a V.Exª. que nesses últimos tempos tem usado mais a Presidência, praticamente dirigindo os trabalhos com equilíbrio, com tranqüilidade, o Senador Delcídio, e a segurança, a honorabilidade e a correção do trabalho do Deputado Osmar Serraglio. Eu queria testemunhar isto, que pelas ruas eu andei com Deputado Serraglio em São Paulo, ele foi ovacionado pela coragem, e pela dedicação, Juíza Frossard, em que ele tem se comportado. Pode cometer erro, qualquer um de nós na elaboração do Relatório e V.Exª. deve ter corrigido muitos relatórios que foram com erros. Até no enquadramento criminal. Eu sei que reclamaram que, em vez de concussão, colocaram corrupção. Mas isso não atrapalha a elaboração do relatório, porque o Ministério Público faz a correção no enquadramento. Se a Senhora dirigir ao povo e falar concussão. Eles vão falar: "O que é que é? É andar de ônibus, de bonde, o que é que é?" Corrupção todo mundo sabe, Deputado Asdrúbal. Todo mundo sabe o que é corrupção. Então, não há confusão no aspecto moral. Pode haver juridicamente se falando. Eu acho que isto é correto. Então, o Relatório, Senador, nós tomamos uma decisão, o PFL, eu vim comunicar isso, eu acho que outros membros do PFL, de aceitar integralmente todas as decisões do Deputado Osmar Serraglio e da Mesa. No início dessa CPI, por várias vezes, quando se discutia relatórios, gostaria que V.Exª. fosse testemunha, eu sempre dizia: Parecer do Relator. Ele é que vai decidir o que é útil ou não para as suas investigações.

A Deputada Denise é uma das mais assíduas com a Heloisa aqui. E são de briga, são de "pau", e nunca titubearam em apoiar o Relator. Então, Presidente, eu queria deixar registrado o que disse um analista político nos programas de televisão, ontem. Não me lembro qual e não quero me referir erradamente. Ele disse que a grande dificuldade, aqueles que querem mudar o Relatório tem que se acautelar. Porque o povo já aprovou o Relatório de Osmar Serraglio, já sabe o

que consta nele. O povo já sabe e se houver rejeição, praticamente é contra o povo, Deputada. Nós temos que respeitar a vontade popular, porque elas não deixaram de acompanhar dia e noite, todos os atos dessa Comissão que agiu com toda dignidade, com toda honestidade. A direção da Mesa nunca faltou com respeito a nenhum Parlamentar. Sempre abriu o microfone para dizer e rejeitar qualquer coisa. Ontem eu vi um pouco assustado algumas manifestações que me trouxeram um pouco de preocupação. Não vou citar, mas acredito que o Senador... Só chamo de Senador porque acho que o Senhor e ele poderia ser Senador nessa altura e a Denise Governadora. Quem sabe ela me chama de Secretário lá. Eu já estou pensando. [risos].

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Ou Vice-Governador.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): Mas Presidente, eu queria deixar os cumprimentos e a certeza que hoje, ao se votar, nós não teremos dificuldade em ter o Relatório correto aprovado, e que o Relatório, Dr. Rosinha, é uma peça informativa. Ela vai ao Ministério Público e pode até rejeitá-lo por inteiro. Tirar, colocar alguma coisa que eles estão trabalhando em cima. Não estão... O silêncio do Procurador-Geral é o silêncio que a gente tem que respeitar. Porque nenhuma vez ele foi para a televisão ou para rádio ou jornal dar informação. E todos nós sabemos que eles estão investigando Mensalão, não Mensalão, o que tiver, que trouxe esta angústia profunda à sociedade brasileira. Parabéns, e peço desculpas, e agradeço o Deputado Rosinha.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): V.Exª. não tem do que pedir desculpas. Nós temos que agradecer a experiência de V.Exª., como um dos policiais mais respeitados desse País e hoje como Senador. E que certamente muito contribuiu para o sucesso das investigações desta CPMI. Muito obrigado, Senador Tuma. Concedo a palavra ao Deputado Dr. Rosinha.

DEPUTADO DR. ROSINHA (PT-PR): Bom, Sr. Presidente, demais congressistas, eu tenho no último um ano e meio, ouvido algumas barbaridades, e ouvido muitas mentiras, e algumas delas muito repetida como mandava Goebbels, o principal Assessor de imprensa de Hitler. E uma dessas mentiras muito repetida que eu tenho ouvido é dizer que o PT e o Lula montou maior esquema de corrupção do País. Isso não é verdade. O País, o Brasil, historicamente, estruturalmente, sempre conviveu com a corrupção. E o Presidente Lula tem feito o possível para investigar tudo. Nunca a Polícia Federal atuou tanto, investigou tanto como no Governo Lula. E com a liberdade de investigar.

Eu lembro que no Governo Fernando Henrique Cardoso nós não fazíamos, eu era o Deputado Federal aqui, nós não fazíamos denúncia para o Polícia Federal porque era bobagem. Era fazer a denúncia e ser arquivada, principalmente se tivesse que investigar alguém do Governo. No atual Governo, com o Lula na Presidência, tem sido combatido com muita força, muita insistência a corrupção. O País, como eu disse, tem sofrido muito com a corrupção. Mas eu acho que hoje, eu sou funcionário público de carreira, e acredito que os funcionários públicos federais nunca viram tanto colega deles irem para a cadeia, como ontem também já foram alguns na operação paralelo no Rio de Janeiro. Portanto, a mentira repetida, essa eu tenho absoluta certeza, essa mentira, a de que o PT montou o maior esquema de corrupção, não sobreviverá, porque a história mostra o combate à corrupção.

A outra questão que eu tenho observado é que para aqueles que vivem, acompanham o processo político, podem observar que há um embate da direita. O PSDB e PFL, partidos que hoje se alinham ideologicamente à direita, tem tido uma postura que eu digo hipócrita. Condenam a corrupção, que nós temos que condenar, todos nós condenamos, mas esquecem a investigação dos grampos. Grampos em todas as áreas.

Eu lembro do grampo na Bahia, acusação ao Senador ACM, eu lembro do grampo do BNDES nos processos de privatização, que aliás nós do PT pedimos CPI, Fernando Henrique não deixou instalar. Eu lembro das CPIs de Alckmin, que cerca de 70 CPIs, a Senadora Ideli está me lembrando, 69, foram arquivadas, porque ele não permite investigação. Agora ele teve que pelo menos aceitar que a Srª. Lú, recebeu 400 vestidos em quatro anos, 100 vestidos por ano. Eu me pergunto o que faz um Presidente, um Governador ou um homem que toda semana a mulher chega em casa com um vestido novo, e ele não sabe de onde veio e nem perguntou por que é que está lá esse vestido. Quer dizer, podia comentar, "Que vestido bonito...". Mas são coisas que a questão da hipocrisia, eu chamo a atenção para isso, porque alguém prega uma moralidade que não executa na prática. Isso se chama hipocrisia. Isso tem ocorrido com esses grupos de direita, PFL e PSDB, e que procuram da mentira dizer que é verdade. E investigam só aquilo que interessa, e não investiga tudo que deve ser investigado, como, por exemplo, ao investigar os Fundos de Pensão, ignorar o que ocorreu em Sauípe, que foi mais de oitocentos milhões de prejuízos dado ao PREVI. E que o diga o Sr. Sérgio Ricardo que comandou um esquema de corrupção no Governo Fernando Henrique Cardoso, e nunca foi in-

vestigado pelo Congresso Nacional. O Ricardo Sérgio, digo eu, e não Sérgio Ricardo.

Os Fundos de Pensão, eu vi ontem e tenho visto no Relatório e leio o Relatório, alguns comentários que dizem: "Olha, nunca na Administração Pública... Que na Administração Pública o PT tem indicado muitos cargos de confiança". Quer dizer, todos os cargos de confiança que cabe ao Partido dos Trabalhadores indicar, e o Governo é do Lula, o Governo é do PT, claro que nós temos que indicar esses cargos de confiança. Ou nós vamos pedir para o PFL indicar, que é o que ele fazia no Governo dele e o PSDB fazia no governo dele. Os cargos de confiança têm que ser indicados por nós. Feito esses comentários, eu quero dizer que essa CPI ela tem que se conduzir e o Relatório, também, tem que se conduzir para isso, ele não se conduziu. O Relatório se não ficarmos atentos vai se conduzir para isso, está se conduzindo para a partidarização do processo de investigação. Nós temos que investigar e colocar no Relatório, tudo que foi investigado e tudo que tem que se continuar investigando.

Eu quero lembrar alguns exemplos, com a questão FUNDACENTRO e TELESP. Ambos ficaram *en passant* pelo Relatório, e agora sequer é recomendado a continuidade dessa investigação. Nós sabemos que o esquema montado por Marcos Valério, ele não é novo, ele vem de 1998. Ele perpassou todo esse período e agora está sendo investigado. Existe, ou existia empresas públicas e privadas que financiavam esse esquema. A TELESP, e a FUNDACENTRO estavam essas duas empresas... Aliás, uma empresa, que é a TELESP e a FUNDACENTRO que é uma fundação, não é uma empresa, no esquema de financiamento do Marcos Valério. E isso foi montado no Governo de Fernando Henrique Cardoso. Não foi montado no atual Governo, e nós condenamos aquilo que no atual Governo persistiu. Tanto é que nós do Partido dos Trabalhadores, queremos um Relatório imparcial, isento, e que todos aqueles que têm que ser continuidade na investigação indiciado, eles têm que ser indiciados e tem que continuar a investigação.

Ontem, eu lembrou quando a Senadora Ideli Salvatti lembrou que há falhas no Relatório. E citou uma falha assim a olhos vistos, que diz respeito ao indiciamento de um companheiro do PT que faleceu. E a resposta dada pelo nosso Relator é que não posso ser sabedor de tudo. Foi a resposta que ele deu. E ocorre que nós entendemos que não é possível ser sabedor de tudo. E vou chamar atenção de algo que está no Relatório, que se ele não está sabedor, ele tem que retirar também. O Relatório diz em seu volume I, item 6142, Edital de Licitação, página 78 está inscrito lá: "A primeira modificação diz respeito ao patrimônio líquido exigido. Baixou de três milhões para 1,8 milhões.

A SMP&B foi beneficiada pela alteração acima, pois apresentou por ocasião da abertura dos envelopes patrimônio líquido de dois milhões oitocentos e sessenta e seis mil". Esse texto diz respeito à questão da licitação da Caixa Econômica Federal aonde o Relator diz que baixou o patrimônio líquido exigido da empresa para participar da licitação com o objetivo de favorecer a SMP&B. O objetivo de ter baixado o patrimônio líquido, foi de dar o maior acesso ao maior número de concorrentes. Então, isso de reduzir patrimônio líquido não é uma questão ímpar ou singular desse processo. Ele existe em vários processos de licitação, porque obedece um princípio básico das licitações públicas que é de facilitar o acesso de maior número de concorrentes. E aí eu quero lembrar que em 2001, por exemplo, numa outra licitação, a Caixa Econômica Federal, naquela ocasião presidida por Emílio Carazzai, que ficou de 99 a 2002, ele também em 2001 baixou o patrimônio líquido de três milhões e trezentos mil, para um milhão e cem mil. Quer dizer, baixou muito mais do que o Edital feito pela Caixa Econômica, recentemente. Então, a justificativa era a mesma. No entanto, o nosso Relator coloca como isso um processo para indiciar o Gushiken, quando o Carazzai é ignorado e baixa o patrimônio líquido da Caixa Econômica. Essa é a imparcialidade que nós do PT queremos corrigir apresentamos também, várias Emendas e apresentamos também um voto substitutivo. Porque não dá para ter essa parcialidade. E eu quero abrir um parêntesis, Emílio Carazzai, até muito recentemente, ocupava uma das diretorias da revista Veja, que é também um dos locais aonde se passou mentir muito a respeito do PT e do nosso Governo. Mentiras essas que felizmente nós estamos provando tem pernas curtas. Emílio Carazzai estava lá a serviço do PSDB na revista Veja. A serviço de sisneros(F), que nós sabemos que empresário é esse da comunicação. Portanto, não há isenção da cobertura de alguns órgãos de imprensa como a revista Veja fez.

Outra questão que nós queremos e entendemos que é importante ser corrigido no Relatório, diz respeito ao esquema montado por Marcos Valério. Esse esquema ele vem do final da década de 90, iniciando em Minas Gerais, e que foi um esquema montado para favorecer o PSDB e o Governo mineiro da época, de Minas Gerais, hoje Senador Eduardo Azeredo concorrendo à eleição. Quer dizer, nós não podemos analisar os processos sem levar em consideração todo o que tem ocorrido. Então, o Relatório hoje no nosso entender do PT está incompleto. Por isso a proposta que fizemos. É parcial, por isso propomos corrigir. É

incompleto quando também não indicia Daniel Dantas. Daniel Dantas, um dos maiores agentes corruptores e corruptos do nosso País. É isento. Por que será? Será que ao pedir maior investigação, além daquelas que já vem sendo feita, ao pedir indiciamento de Daniel Dantas pode chegar ao Fernando Henrique Cardoso? É esse o medo que tem o Relator e o PSDB? É de continuar nessa investigação? Daniel Dantas tem que estar nesse Relatório.

É impossível ter um Relatório dessa CPI que ignora um dos principais agentes corruptores que tem hoje no País. Esse Relatório, o voto que nós apresentamos em separado, ele procura fazer essas correções. No que diz respeito ao esquema montado por Marcos Valério em Minas Gerais em 98, nós pedimos a inclusão disto como um processo histórico no Relatório. Ele não é algo que surgiu em 2003, como se quer fazer crer, ele surgiu anteriormente. O erro dos petistas da qual nós já reconhecemos, já pedimos desculpas, na qual nós concordamos em investigar na CPI, que investigou, na qual nós concordamos que deve persistir a investigação ou indiciamento daqueles que só foram os responsáveis, não pode isentar desse processo a raiz dele. Não pode ficar fora o começo dele, que é Minas Gerais com o PSDB, perpassando pela TELESP, perpassando pela FUNDACENTRO, continuando no ano 2000 através da Secretaria de Saúde do Estado de Goiás, aonde uma auditoria do Ministério da Saúde, identificou como se montou o esquema de publicidade da Secretaria de Saúde daquele Estado, que aliás o nosso Relator frisa no Relatório, que ele não quis se debruçar para investigar as [soa a campainha] questões estaduais, da qual podemos compreender que se abriria um leque enorme. Agora, a Secretaria de Estado de Saúde do Goiás, apesar de ser estadual, parte dos recursos financeiros foi da União no repasse direto de fundo a fundou, ou mesmo, às vezes, repasses de convênio, porque havia publicidade específica para algum programa específico.

Então nós do Partido dos Trabalhadores estamos construindo e com o objetivo de construir, e estamos abertos para que nós possamos fazer o debate do Relatório, construir uma peça única para vir ao Plenário, mas uma peça que seja completa, não seja uma peça com omissões, uma peça com parcialidade, uma peça com erros técnicos, como por exemplo indiciar um morto, está cometendo um erro inconcebível. Nós estamos a essa disposição. Como também estamos dispostos a fazer todo o debate político e ideológico que se avizinha no processo eleitoral. A única coisa é que nós não aceitamos o tipo de preconceito como demonstrado em setembro do ano passado, quando o Senador Bornhausen declara que quer se ver livre da raça por 30 anos, e essa raça ele se referia ao Partido dos Trabalhadores. Faremos um debate com toda tranqüilidade. E é lógico que uma frase como essa do Senador Bornhausen demonstra preconceito do mais profundo, porque no Partido dos Trabalhadores estão homens pobres, mulheres pobres, negros, negras, índios, mulher oprimidas, todos oprimidos ao longo da história, principalmente por esse tipo de pensamento demonstrado pelo Senador. Nós agiremos a isso, não aceitamos a isso, e lutaremos para aprovar um Relatório que seja o mais completo possível, que não isente nenhum corrupto de continuar a investigação ou da punição. Obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Dr. Rosinha, é o que todos esperamos, a aprovação de um Relatório que venha, repito, corresponder aos anseios da sociedade brasileira. Temos certeza que há falhas no Relatório, porque ele é produto do ser humano. Por isso mesmo passível de falhas. Mas o entendimento, o diálogo que fazem parte do jogo democrático certamente nos levarão a produzir a peça que todos nós alvejamos. Concedo a palavra ao Senador Sérgio Guerra.

SENADOR SÉRGIO GUERRA (PSDB-PE): Sr. Presidente, Srs. Senadores, Srªs. Senadoras, Srs. Deputados, a tentativa de desqualificação do Relatório do Deputado Osmar Serraglio é seguramente uma ação muito precária. Eu acompanhei e participei dessa CPI em vários momentos. Quando ela começou, fui daqueles que afirmou que Comissões Parlamentares de Inquérito, no plural, tinham extrema dificuldade para fazer investigações conseqüentes. Os meios à disposição do Congresso, do Poder Legislativo, são infinitamente inferiores aos meios que ficam à disposição do Poder Executivo. Meios técnicos, meios gerenciais, componentes de informação. O legislativo leva enorme desvantagem nesse quadro. Essa CPI eu propus desde o começo, se organizasse, se estruturasse, se distribuísse de forma racional. No primeiro momento não foi assim. Houve uma certa tempestade, um acúmulo de quebra de sigilos, de entrevistas, de inquéritos, de depoimentos, uma vontade enorme de trazer tudo para tudo ser examinado. Uma tentativa que absolutamente insensata de conduzir o processo foi essa de centrar fogo, e aí a idéia não... Não havia nenhuma preocupação, digamos, técnica de fazer isso. A preocupação era trazer o PSDB para o jogo. Ou para a denúncia. Nas eleições havidas em Minas Gerais há anos atrás. Eu sempre entendi que se era para examinar eleições, processos eleitorais, essa CPI não cumpriria o seu papel. Porque as eleições, o processo eleitoral está contaminado de irregularidades, e se fosse assim, não seria o caso de examinar apenas a campanha de Edu-

ardo Azeredo, há muitos anos atrás, mas de examinar campanhas mais recentes pelo Brasil inteiro que foram feitas aí com a contribuição de nenhum pobre. Nenhum militante histórico do PT, mas de gente absolutamente corrupta como Delúbio Soares e coisa semelhante a ele. De dinheiro que não teve origem na pobreza e nem no esforço do povo, mas no empresariado nacional mais permissivo. Nada a ver com os pobres, nada a ver com a luta histórica do PT, tudo a ver com a corrupção pura e simples. Se era para ir atrás do que aconteceu na campanha de Eduardo Azeredo, era para ir atrás do que aconteceu em muitas campanhas. Preciso fazer uma CPI das campanhas, para que essa questão fosse compreendida de maneira tranqüila. Mas ficou essa conversa de Azeredo para lá, Azeredo para cá, porque na verdade esse é o argumento que se tem para dizer que esse processo todo, todo esse mecanismo tem a contribuição do PSDB. Mais do que isso, alguns mais inteligentes falam na invenção do PSDB. PSDB não inventou nada. Não inventou o Marcos Valério. Como não inventou os "Marcos Valérios" que estão soltos por aí, como também solto está Marcos Valério. Nada disso.

Mas o fato é que, ao longo desse tempo todo, essa CPI cumpriu um papel. E eu falo dela no plural, não apenas os partidos que fazem oposição ao Governo, mas partidos do próprio Governo que lhe dão sustentação. Eles se comprometeram no processo de investigação como nunca houve no Congresso. Eu acompanhei algumas CPMIs. Nenhuma foi tão tranqüila do ponto de vista objetivo, tão estruturada do ponto de vista prático, tão isenta do ponto de vista político como essa CPMI. E não reconhecer isso é uma grave contribuição ao desprestígio das instituições. Quem questiona isso não tem verdadeiramente compromisso democrático. Está sendo parcial, precário, elementar e não está sendo democrático. Essa CPMI cumpriu um programa que tem começo, meio e fim. Teve um excelente Presidente e um excelente Relator. As primeiras manifestações do Relator não me tranqüilizaram. No começo da CPMI, achei que elas eram mais ou menos óbvias demais. Até falei sobre isso ao líder do meu partido, ao Presidente da Comissão, e a outros. Mas era o jeito dele. De fato, nos limites da ação de um Parlamentar, impossível fazer mais do que fez o Deputado Osmar Serraglio. A gente sabe como é a vida dos Parlamentares. Todos nós sabemos. Ele trabalhou de maneira segura, responsável, conseqüente, não se prestou ao jogo de ninguém, não defendeu ninguém, não protegeu ninguém. Manteve a sua absoluta e total tranqüilidade e compromisso com a matéria para qual foi indicado, de relatar esse assunto de forma responsável, de forma competente.

Eu andei pelo Brasil esse tempo todo e andei na minha região e no meu Estado em particular. Quero sugerir aos que vivem agora questionando o Relatório do Deputado Osmar o seguinte, que faça uma consulta à sociedade viva do Brasil. Que tantas e tantas vezes o PT chamou atenção que devia emergir na chamada sociedade civil, que façam uma consulta à sociedade civil e pergunte a ela se ela acredita na isenção e na responsabilidade do Relator Osmar Serraglio. Vão se surpreender, porque é um político, a sociedade normalmente não acredita neles. É um Deputado, os Deputados estão aí absolutamente desgastados, como o Poder Executivo, mas a ação do Deputado Osmar Serraglio, eu vi e ouvi de muitos. Muitos sem compromisso político, senão a maioria. É uma ação que a sociedade identifica como responsável e correta.

Então vê esse PT aí que de repente descobre a moralidade que esqueceu no Governo, os compromissos que no Governo não cumpriu, um partido que demitiu o Ministro da Fazenda e o principal homem do Governo, demitiu por quê? Por que eles foram embora, por que não estão aí? Não estão aí porque não tiveram a continuação de continuar onde estavam. Porque se comprometeram infelizmente com práticas que ninguém desejava fossem perpetuadas, garantidas e ampliadas. Não foi o PT que inventou a corrupção no Brasil. Mas não seria de esperar que o PT fizesse da corrupção um sistema, e fez. Quando o seu Presidente, o seu financeiro, o conjunto, o seu grande orientador se contaminou desse processo, meteu a mão nisso. Não, eu não vou fazer aqui a caricatura da cueca ou de coisa parecida. Eu pessoalmente acho que o Deputado José Genuíno é uma pessoa honesta. Já disse isso muitas vezes.

Mas o fato é que o PT como instituição está contaminado. Está bichado, como se diz na agricultora nordestina. Bichado por uma corrupção que ele não soube enfrentar. E ao invés de dar consistência ao esforço que fez aqui na Comissão, e fez, muitos dos companheiros trabalharam de forma isenta, se não todos, se não isenta de forma, eu diria, equilibrada, esses que trabalharam esse tempo todo aqui não podem chegar agora para descredenciar o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Estão agredindo os fatos, estão agredindo a opinião pública, estão agredindo o reconhecimento público, estão agredindo a própria ação do Congresso que se deu através dessa CPMI de forma verdadeiramente positiva. Nós tínhamos tudo para terminar essa CPMI numa grande confusão. Sem conclusão, no meio de um tumulto total. Não houve tumulto, não houve confusão. Há um Relatório, um Relatório que é uma peça. Eu não li completamente, mas li quase todo. É uma peça, um esforço grande, é um

trabalho bem feito, qualificado. Então não vamos chegar aqui hoje, para proteger um ou dois ou três, voltar com esse negócio de Eduardo Azeredo, procurar essa conversa toda, é querer não reconhecer o óbvio.

Essa CPMI tem uma conclusão. Não tem três. Não tem duas. A conclusão é o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Se me perguntasse se tem que negociar alguma coisa, eu diria que não. A sociedade, a não ser erros evidentes A sociedade aí fora não entenderá bem essa negociação de última hora. Se fosse eu, e eu sou conciliador, para dar uma palavra, eu não diria pela negociação. Se é um Relatório do PT sobre ele mesmo, não vale nada. Do que vale o Relatório do PT sobre ele mesmo, sobre o seu Governo? Não vale nada. Vale o Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito que nós formamos. E a Comissão Parlamentar que nós formamos, tem um Relatório, e apenas um, que é do Deputado Osmar Serraglio, que não é da oposição. Como essa crise nunca foi inventada pela oposição, não foi desenvolvida pela oposição, não tem nada a ver com as casas que alugaram em Brasília, nós não temos nada a ver com isso, com as cuecas de quem quer que seja. Tudo isso é invenção do PT, da sua base de Governo que está aí. Nós vamos respeitar o trabalho Parlamentar, vamos valorizar a ação que nós fizemos aqui, que outros até fizeram muito mais do que eu, e vamos aprovar o Relatório Osmar Serraglio. Pode não ser o Relatório dos meus sonhos, nem do sonho do PT, nem do sonho de quem quer que seja. Mas é o produto do esforço aqui do Congresso, que nunca foi tão bem sucedido como nessa Comissão.

Então eu queria... Eu não gosto de jogar palavras ao vento. Economizo muito as minhas possibilidade de falar. E estou falando hoje porque sinceramente essa é minha convicção. É um grande erro para a instituição, essa polêmica instalada agora de forma elementar, sobre o Relatório do Serraglio.

Essa questão de ficar levantando, porque tem um morto lá no Relatório, que um simples equívoco, um erro material sem relevância. Essa questão é o fundamento do que eu estou falando. Não é discussão séria. Não é uma discussão construtiva. É uma discussão parcial, setorial, sectária. Que não devia prevalecer aqui. Não estou julgando ninguém, não sou dono da verdade, mas tenho certeza, e estou muito mais com o olho na rua e com o sentimento da rua, do que com o sentimento aqui.

Tenho certeza que essa polemização, essa proposta de Relatório em separado do PDT sobre ele mesmo, a investigação que ele fez a si próprio, um partido que não reconheceu durante muitos anos, que tinha um tesoureiro um ladrão, que tinham como seu principal Ministro o articulador dessa peça toda, que foi o Deputado José Dirceu, que já foi cassado pelo Congresso. Democraticamente cassado. Então tudo isso não vale nada? Vale o relatório que o PT escreveu e que agora diz que é a verdade? Não tem autoridade, não tem legitimidade para esse Relatório. Relatório que tem legitimidade, o Relatório que tem conseqüência, que tem causa, caminho, conteúdo, é o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Essa é a minha opinião pessoal, e eu tenho certeza que agredir os fatos não é uma boa conduta, e os fatos são os que eu acabei de relacionar.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço Senador Sérgio Guerra pelas palavras. Agradeço também a sua contribuição para os trabalhos desta Comissão, e concedo a palavra ao Senador César Borges.

SENADOR CÉSAR BORGES (PFL-BA): Sr. Presidente, Sras. Senadoras, Srs. Senadores. Sr. Presidente, encaminhamos para o fim dessa Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. E, ao chegarmos neste momento, eu quero aqui nesta discussão do Relatório, apresentado pelo Deputado Osmar Serraglio, fazer um pouco de histórico. Dizer de que esta Comissão ela foi instalada graças o clamor da opinião pública brasileira. Porque se dependesse do Governo, se dependesse do Partido dos Trabalhadores, se dependesse do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, nós não teríamos CPIs Mista de Inquérito dos CORREIOS. Por quê? Porque o Governo pressionou o que pôde. Ameaçou o que pôde.

Os Parlamentares da sua base aliada, o Congresso Nacional, com interferência indevida para que a CPMI fosse instalada. Ela se deu a instalação em função desse clamor da opinião pública a partir das denúncias que começaram a circular, inclusive, pelas declarações do ex-Deputado Roberto Jefferson. Mas, nesse momento, nós temos que dizer claramente que o Governo e o Partido dos Trabalhadores em momento nenhum desejou qualquer Comissão Parlamentar, como não desejou a Comissão Parlamentar dos Bingos, como tenta desclassificar a Comissão Parlamentar de Inquérito dos Bingos, que é uma Comissão do Senado Federal, chamando de CPI do "Fim dos Mundos", não queria a dos CORREIOS. E aceitou porque foi inexorável. Havia já uma pressão muito grande da opinião pública. Instalamos a CPMI dos CORREIOS. E se dependesse do PT, nós estaríamos limitados aqui apenas aos CORREIOS. Não teríamos saído dos CORREIOS. Quantos discursos foram feitos aqui para limitar a abrangência dessa CPMI?

E diria, Sr. Presidente, que ao instalar, a tradição legislativa era de que seria a Presidência uma indicação das oposições. E nós procuramos manter essa

tradição. E os partidos de oposição me honraram com indicação, inclusive, para a Presidência. Mas o Partido dos Trabalhadores tinha um verdadeiro horror, fobia que a oposição pudesse comandar esses trabalhos. E trataram de, pela maioria que tinham dos membros dessa Comissão, tanto de Parlamentares do PT como também dos partidos aliados, da chamada base aliada do Governo, impor que queriam uma direção que fosse uma direção governista. E eu não tenho dúvida, Sr. Presidente, em afirmar que a intenção do Partido dos Trabalhadores era manipular os trabalhos desta Comissão. Foram procurar quase que pego a fórceps, o líder do PT no Senado Federal, o Senador Delcídio Amaral para disputar aqui pelo voto a eleição. Disputamos. O Senador Delcídio Amaral ganhou por um voto. Pois bem. Esperavam o PT manipular os trabalhos dessa Comissão. E, com certeza, o Relator foi escolhido a dedo também, que era o Deputado Osmar Serraglio. A Vice-Presidência coube à época o Senador Maguito Vilela, posteriormente V.Exª. o substituiu.

Então, nós da oposição achamos que o Governo estava escolhendo a chapa branca para conduzir os trabalhos aqui da Comissão. Hoje, Sr. Presidente, é necessário que nós possamos dizer de que o Presidente dessa Comissão, o Senador Delcídio Amaral, V.Exª., Vice-Presidente, e o Relator cumpriram as suas obrigações como Parlamentares perante a opinião pública brasileira. Porque tiveram isenção na condução dos trabalhos. A Presidência, por um lado, sempre procurando conciliar momentos difíceis, disputas árduas que travamos aqui nessa Comissão. Mas o Senador Delcídio levou a bom termo a sua missão.

E aí, Sr. Presidente, se destacou e merece esse registro, e um reparo que eu sempre fiz e não é de agora, lá no Plenário do Senado, como aqui nessa Comissão, do trabalho do Senador Osmar Serraglio. Um Relator tranqüilo, mantendo sempre a sua independência, recebendo pressões, que eu não tenho dúvida que recebeu durante todo o período, pressões indevidas, mas ele soube resistir. Fez o seu trabalho investigativo, procurou provas, ouviu atentamente os depoimentos, soube encaminhar aqui os requerimentos de todos, de governistas e de oposição, para serem aprovados. E o Deputado Osmar Serraglio que foi aquele escolhido pelo Governo, fez um excelente trabalho que merece hoje o reconhecimento de todos nós aqui da Comissão. E, sem sombra de dúvida, está merecendo o reconhecimento, também, da opinião pública brasileira. E o seu relato vai independer do que votemos hoje aqui, Sr. Presidente. Nós vamos votar para formalizar um relato do Deputado Osmar Serraglio, que deve, a meu ver, ser aprovado. Seria o melhor posicionamento do Governo e do PT. Mas, se não for aprovado, ele está aprovado na opinião pública brasileira. E merece todo o nosso aplauso. Porque veja V.Exª., Sr. Presidente, a contradição que estamos vivendo. Nós da oposição estamos hoje defendendo o Relatório do Deputado Osmar Serraglio escolhido a dedo pelo Governo. O que o Governo pode dizer é que o Deputado Osmar Serraglio não cumpriu o seu papel com o Governo, que o Governo esperava. Eu tenho certeza, nunca com o acordo do Deputado Osmar Serraglio.

Então, esse relato que está aí, é um relato que traduz aquilo que nós fizemos aqui ao longo de 10 meses. As oitivas, os documentos que foram coletados muitas vezes sem a colaboração que deveria existir de parte do Governo, das entidades governamentais, tipo BANCO DO BRASIL, Caixa Econômica Federal, Banco Central, COAF, que não colaboraram. Não colaboraram por orientação do Governo, para averiguações do que nós tínhamos aqui obrigação de averiguar. E veja V.Exª. como se estendeu essa questão. Nós quando começamos aqui era para ouvir o Sr. Marinho, que tinha recebido três mil reais. Posteriormente, Sr. Ex-Deputado Roberto Jefferson veio fazer suas denúncias, apareceu o Carequinha, e apareceu o Marcos Valério. E o Marcos Valério mentiu descaradamente para todos os membros dessa Comissão a primeira vez. Foi reconvocado o Sr. Marcos Valério e as coisas foram aparecendo. Mas veja V.Exª. que desde o primeiro momento o PT dizia: "Não há nada, não existe nada, nós estamos isentos".

E as coisas foram acontecendo. E o País tomou conhecimento do maior esquema de corrupção que se armou nesse País. O Valerioduto, recursos públicos e recursos privados, como ficou sobejamente demonstrado nessa Comissão de Maio do ano de 2005 até agora. E que está muito bem traduzido no relato do Deputado Osmar Serraglio. Quantas coisas fomos tomando conhecimento?

Agora, Sr. Presidente, o País inteiro tomou conhecimento. A Comissão chegou ao Sr. Luiz Gushiken. Aqui foi ouvido a Diretoria do BANCO DO BRASIL. Foi ouvido o Sr. Pizzolato, que reconheceu como o Sr. Luiz Gushiken, ex-Ministro, todo poderoso que controlava os Fundos de Pensão e toda essa publicidade que derrama tantos dinheiros, e aí V.Exª. há de convir que foi a partir dessa hipertrofia do setor de comunicação do Governo que apareceu o Valerioduto. Porque se no passado e em outros governos haviam os grandes empreiteiros, deixaram de existir. O PT inovou. Passou a captar recursos através das empresas de publicidade. Favorecendo essas empresas como ficou aqui demonstrado cabalmente as empresas do Sr. Marcos Valério, para que ele pudesse repassar o dinheiro. Agora, todo o País tomou conhecimento disso. Nós soubemos aqui,

ouvimos depoimento que o Ministro José Dirceu participava de reuniões na Casa Civil, da mesma forma o Ministro Gushiken influenciou no sentido de fazer com que os Fundos de Pensão pudessem beneficiar aqueles que ele desejava.

Mas ficou a grande pergunta para o País: "E o Presidente Lula, Sr. Presidente? O que sabia o Presidente Lula disso tudo?". Aí as versões foram várias. O Presidente dizia que era Caixa 2, chegou a reconhecer como uma prática normal do País e de forma inacreditável que o Caixa 2 era uma prática comum no nosso País, banalizou um crime no mínimo eleitoral. O Presidente se diz traído, mas de forma indefinida, não disse quem o traiu em momento nenhum, e a CPI cumpriu um papel importantíssimo tirando figuras que não poderiam compor nenhum Governo Federal, tipo o ex-Ministro José Dirceu, e que aqui ouvi tantos petistas dizer: "Não ataque um companheiro correto, leal, acima de qualquer suspeitas como o José Dirceu". Foi cassado, foi afastado, pretende voltar, o Supremo Tribunal não acatou essa pretensão. E fica a pergunta: E o Presidente Lula? O que sabia o Presidente Lula?

Hoje um artigo da Jornalista festejada Dora Kramer, diz o seguinte: "A resistência do Governo não tem se revelado uma boa conselheira dos governistas que deixam questões em aberto e depois se vêem confrontados com a incongruência dos próprios atos e palavras". Como a gente tem assistido isso nos últimos anos, Sr. Presidente. Agora recentemente à questão da quebra de sigilo do Francenildo, o caseiro. O Governo começa dizendo que não tem nada a ver com isso, depois cai o homem mais forte do Governo, o Ministro Palocci, com o autor. E eu tenho certeza, assim como essa questão do Valerioduto, que o Presidente conhecia também a questão da quebra de sigilo do Francenildo.

E diz mais Dora Kramer, se o Presidente Luis Inácio Lula da Silva sabia ou não sabia dos meios e métodos empregados pela direção do PT para financiar a máquina do partido, a formação da base do Governo na Câmara dos Deputados, e as eleições de petistas e partidos aliados, a respeito disso, Lula jamais foi claro. Apenas uma vez insinuou desconhecimento dizendo ter sido traído, usando o ambíguo recurso do sujeito indeterminado. É essa a situação, Sr. Presidente. Acho que o Relatório do Deputado Osmar Serraglio poderia ter avançado nessas investigações. Mas diz que o inimigo do bom é o ódio. Aí seria ótimo o Relatório. Mas acho que é um bom Relatório. E que por isso mesmo não merece essa tentativa de desqualificação do PT do Relatório do Deputado Osmar Serraglio. O PT, Sr. Presidente, chega a ser infantil na sua tentativa de desqualificar o Relatório, e tentar apresentar um Relatório paralelo, onde chega ao cúmulo de dizer, Sr. Presidente, eu retirei isso daqui do Relatório paralelo do PT. Diz que o Relator não apresenta provas que indiquem a existência do Mensalão. Utilizou-se o Relator de ilações, estranhezas, suspeitas para chegar a conclusões sem base em fatos. Isso não é verdade. Isso é uma injustiça muito grande, uma falta de respeito, uma desfaçatez com o Relatório e com todos dessa CPI que acompanharam *pari passu* tudo que nós fizemos aqui, e que esse trabalho levou a provas conclusivas, objetivas. Provas essas que deram base ao Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Mas diz mais o Relatório paralelo do Partido dos Trabalhadores. Não houve pagamentos para obter a aprovação de projeto de interesses do Governo, mas o repasse ilegal ele reconhece. Repita-se, para partidos.

Ora, Sr. Presidente, houve foi de tudo. Houve compra de consciências, houve repasse do dinheiro a Deputados, a líderes partidários. Veja que os nossos partidos perderam Presidentes e lideranças que eram os distribuidores dos recursos para o Mensalão. Tudo isso obra do Partido dos Trabalhadores. Por quê? O Sr. José Genuíno, Delúbio Soares, Sílvio Pereira, todos articulados pelo ex-Ministro José Dirceu, participaram disso. Isso ficou mais do que demonstrado aqui nessa Comissão. E aí, qual a justificativa do PT para tudo que aconteceu no seu Relatório paralelo que a imprensa já intitula de história da carochinha, que não ilude nem a menino pequeno. Havia um publicitário seduzindo o Partido dos Trabalhadores. Quer dizer, o PT foi seduzido com mecanismos para arrecadar fundos. Eles são todos sérios e honestos. Foi apenas seduzidos. E se deixaram levar pela sedução do carequinha Marcos Valério. E diz mais, cuja gênese como comprovaram as investigações, se deu nas campanhas políticas desde 1997. Aí vai procurar a gênese para diminuir a sua culpa. Nerval Pereira, hoje escreveu o seguinte, Sr. Presidente. É realmente interessante. Por essa versão que mais parece o conto da carochinha [soa a campainha] O Valerioduto foi a verdadeira herança maldita do PT. Que, em sua pureza virginal – agora não é mais virginal. Já foi desvirginado a pureza do PT – foi seduzido pelo lobista mineiro que ensinara os caminhos da corrupção aos representantes da elite conservadora. O pobre partido PT impotente diante de tal poder de sedução, entregou-se ao gigolô, e viu se desfazer sua pureza até então intocada".

Lamentavelmente, Sr. Presidente, essa é uma análise real e concreta do que nós estamos aqui assistindo. Por isso dessa discussão, eu quero trazer o meu apoio completo, total e irrestrito ao Relatório do Deputado Osmar Serraglio. E não estamos aqui criando condições nenhuma para tirar nomes de A, nomes de

B, botar aquilo, nada. É um resultado concreto, objetivo, muito próximo de tudo que nós assistimos, ouvimos, e pudemos presenciar ao longo desse último ano. O que deve ficar claro, Sr. Presidente, é de que nós não podemos aceitar que um Relatório paralelo diga que não houve relações entre Marcos Valério e o PT. Não houve saques milionários no BANCO RURAL para alimentar o Mensalão e o Valerioduto. Que não houve dólares na cueca de um Assessor do PT. Que não houve Land Rover dado ao Sr. Silvio Pereira, que não houve o uso da SEGURADORA INTERBRASIL para ajudar ao irmão do ex-Ministro Palocci. Que não houve recursos para Caixa 2 para pagar a campanha do Presidente em 2002, que foi aqui dito com toda clareza pelo publicitário-mor do Governo, o Sr. Duda Mendonça, que recebeu, inclusive, recursos no exterior. Que não houve ajuda de Marcos Valério e Ivan Guimarães à ex-mulher do Deputado José Dirceu. Que não houve interferência do núcleo duro do Governo nos Fundos de Pensão. E tantas outras coisas, Sr. Presidente. Por isso, o meu tempo já se esgota, eu quero ter certeza de que nós poderemos aprovar hoje aqui, Sr. Presidente. E com ampla maioria, eu espero. Se o PT fizesse o que no passado era muito exigido de pessoas ditas de esquerda, se fizesse uma análise interior e pudesse através dessa análise chegar ao reconhecimento público de como é que as coisas aconteceram, e não procurar se dissimular mais, porque a opinião pública vê como desfaçatez, vê como desrespeito essa tentativa vã do Partido dos Trabalhadores.

Então, eu espero, Sr. Presidente, e até com essa autocrítica que eu espero que o PT possa fazer, mas uma autocrítica sincera. Não aquela autocrítica pelo meio, aquela autocrítica apenas no sentido de, "não, isso eu reconheço", porque não tem mais como deixar de reconhecer que houve Caixa 2. Mas foi muito mais do que Caixa 2. Houve o Mensalão, sim, Sr. Presidente. Então, que o PT possa fazer sua autocrítica total, geral e irrestrita, e possa aqui hoje dar esse voto. Se não der, Sr. Presidente, a opinião publica brasileira vai dar esse voto em três de outubro. Mas eu tenho certeza, Sr. Presidente, que nós vamos aqui pela consciência dos Parlamentares que mesmo sob pressão vão reconhecer que é nosso dever, é nossa obrigação, aprovar esse Relatório que engrandece a toda a Comissão e em particular ao Relator Osmar Serraglio e a direção dessa Comissão que eu parabenizo no nome de V.Exª., Deputado Asdrúbal Bentes. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado, Senador. E pelo exposto por V.Exª., nós estamos diante de uma disputa de sedução por dois sedutores carecas.

[risos]

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Sr. Presidente, eu peço a V.Exª., pela ordem, se V.Exª. me concede dois minutos. Eu sei que nosso ilustre Senador Álvaro Dias está inscrito, mas eu peço a generosidade de V.Exª., me conceda dois minutos.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Antes de lhe conceder a palavra, pela ordem, eu quero alertar aos inscritos que não compareceram que tão logo falem os presentes, eu vou ter que encerrar a discussão e partir, então, para a votação a partir das 16h, de maneira que eu solicito mais uma vez à Assessoria que chame os inscritos para que compareçam, e logo mais não venham a dizer que nós cercemos o direito à palavra. Não é nada disso. É porque nós temos que cumprir o regimento. Então eu concedo a palavra, pela ordem, ao Deputado Pompeo de Mattos.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Sr. Presidente Asdrúbal Bentes, na verdade, eu pedi generosamente a palavra pela ordem a V.Exª., até porque eu já fui inscrito, me manifestei ontem à noite, sobre a posição que o PDT tem no sentido de reconhecer o Relatório do Deputado Osmar Serraglio como é o Relatório que buscou de forma corajosa, responsável, com a tecnicidade correta, enfim, com uma postura política equilibrada, procurou apresentar um Relatório, como disse, sério. E faço essa afirmação dizendo que não votei no Presidente Delcídio, não votei no Relator Osmar Serraglio, eu votei no Senador César Borges para ser o nosso Presidente, que aliás agora está me presidindo. Quem sabe o meu voto no fim das contas vai acabar valendo. Arrodeou, arrodeou, e ele conseguiu chegar... Sem o apoio da ideli Salvatti, mas ela é uma democrata, vai saber [soa a campainha] compreender esse momento. De tal maneira que, veja bem, não votei nem no Delcídio, e nem no Osmar Serraglio. Não eram os meus candidatos. Era V.Exª. meu candidato. Mas, mesmo assim, nós apresentamos um trabalho juntamente com o Relator e com o Presidente, trabalho forte na Comissão.

E hoje, eu dou a mão a palmatória e reconheço no Presidente o Senador digno à altura do momento que se requeria para o País em termos de perquirição, de investigação na CPI. E reconheço no Deputado Osmar Serraglio o Relator digno à altura do Relatório que fez. Relatório digno e capaz à altura do Relatório que apresentou.

Dessa sorte, quando ontem falei, eu não tinha às mãos o substitutivo do PT. E com todo respeito ao PT, afinal de contas eu votei no Lula uma vez, duas vezes, três vezes e tenho dito, sim, e não me arrependo. Até porque de arrependido o inferno está cheio, não adianta. O que a gente tem que fazer é se for o caso

não repetir. Se tiver errado. Mas a verdade é que quando eu falei ontem, eu não tinha lido o Relatório, aliás, ninguém tinha lido o Relatório. Nós tínhamos ouvido as explicações do PT e não lido o Relatório. Quando eu li o Relatório, Senador César Borges, eu fiquei impressionado. Porque na verdade não é um Relatório paralelo. Na verdade, não é um substitutivo. Na verdade é um anti-Relatório. Eu diria, o Relatório do Deputado Osmar Serraglio, é um míssil, esse é um antimíssil. É para fazer o contrário. É para dizer tudo o que foi dito, que não existe. Ora, como é que não vai existir? Quer dizer, nós não investigamos aqui e não foram apontados 19 processos contra 19 Deputados? Não houve aqui a renúncia do Presidente do PT? José Genuíno. Não houve aqui a renúncia do Presidente do PTB, e depois a cassação do Deputado Roberto Jefferson, do PL a renúncia, do Presidente do PL renunciou de Deputado Federal. O líder, o Borba, o líder do PMDB renunciou o mandato, aliás, o Presidente do PP, por conta do Mensalão, Pedro Corrêa foi cassado. Até mesmo no PFL respingou, porque a coisa começou antes, e é meio ilária essa discussão, se começou agora ou depois. Pode um ter começado, mas quem criou foi o outro. A mamadeira, todinho, leite condensado, com o apojo da vaca, porque cresceu, esparramou, espraiou pelo Brasil afora...

Então, essa realidade está posta muito claramente e não há absolutamente como negar. Então, quando eu vi o relatório dizendo assim: "Não tem Mensalão". Tem. Tinha. "Ah, mas Mensalão é meio feio". Eu sei que é feio, mas é como apelido. E apelido na escola pega. Ainda mais quando não quer o apelido. Quando não gosta aí é que vale. Quer dizer, é uma coisa que nem que nós venhamos dizer que não tinha, o povo já sabe que tinha. E não adianta. Já consolidou esta postura e esta posição. Quer dizer, dizer que não havia envolvimento de Ministro, não tem a CPI ir para outro caminho, o Relatório ir para outro caminho. A questão do Delúbio, do Silvio Pereira negar o Marcos Valério. Aliás, eu me impressiono como o Procurador da República não abriu, não pediu a prisão do Marcos Valério. Ele que fraudou provas. Ele que queimou provas. Ele que escondeu provas, ele que fraudou contabilidade, que fraudou notas, fraudou tudo. Quer dizer, como é que não tomaram essa atitude com o Marcos Valério. Me impressionou.

Mas, enfim, para eu não espichar a conversa, eu só quero dizer que sinceramente com todo o respeito ao PT, o PT tem excelentes Deputados, excelentes Senadores, o exemplo está aqui, a Senadora Ideli Salvatti, cada um dos Deputados dessa CPI, integrantes do PT, homens mulher honrados, dignos, com todos os predicados, mas com todo respeito, não aí não vai dar se formos aprovar um Relatório negativo. Um Relatório dizendo que não houve nada. Até acho que tem razão o PT quando diz: "Olha, tem que investigar mais uns, outros, e faltou alguns nomes". E realmente faltou alguns nomes. Eu mesmo pedi aqui a inclusão da FAURGS, que foi citado no Relatório, mas faltou alguns detalhes da citação da FAURGS. Eu mesmo aqui pedi a inclusão da conexão do Valerioduto lá do Rio Grande do Sul onde levaram um milhão e pouco de ônibus, de avião, aí na cueca. Levaram lá para o Rio Grande do Sul. Eu mesmo pedi aqui a inclusão do Presidente do BANCO POPULAR, o Ivan Guimarães que deu um prejuízo de trinta milhões do BANCO POPULAR. Aliás, gastou trinta milhões em propaganda e deu um prejuízo de sessenta milhões, e ganhou como prêmio trabalhar de conselheiro em três empresas representando a PREVI o BANCO DO BRASIL e o Governo. Ganhando trinta e oito mil por mês para ir em uma reunião por mês em cada empresa. Esse é o prêmio do Sr. Ivan Guimarães. Deu um prejuízo de sessenta milhões do Banco Popular, diga-se, no BANCO DO BRASIL, porque quem pagou a conta foi a mãe Joana, foi a viúva, foi o BANCO DO BRASIL. Me permite dizer, foi o meu BANCO DO BRASIL do qual sou funcionário. Acho que até faltou, e ontem eu vi a Senadora Ana Júlia falando da PREVI. Faltou aprofundar a questão da PREVI do BANCO DO BRASIL. O Ministério Público vai ter que fazer se nós não pudermos fazer, aprofundar. Mas vai ser aprofundado essa questão dos Fundos de Pensões, que ficou ainda pendurado.

Então, faltam algumas coisas. Agora, tirar, e eu concluo dizendo assim, tirar não há como. Não tem como tirar ninguém. Botar mais alguns, é possível. Agora, lascar, definhar, falquejar o Relatório não é possível, não tem como. E mais, a espinha dorsal do Relatório a ser aprovado tem que ser o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Afinal de contas, foi o próprio Governo que o colocou de Relator. E não é possível que nós vamos colocar um Relator, para ele fazer o Relatório e depois dizer que o Relatório do Relator não vale. Mas como é que valia o Relator antes? Nós vamos desautorizar o Relatório, e o pior, desautorizado por quem o colocou. É uma incongruência política. A sociedade de fora não aceita. Nós não podemos pagar esse mico. E aí quando eu falo eu falo por nós todos. Estamos todos no mesmo barco. Se der errado a CPI, vamos todos nos molhar, vamos todos nos afundar. Não passamos nessa travessia e ali na esquina do tempo, o povo vai dar um pouquinho de tempo ao tempo, para que com tempo tenha tempo e vai nos pegar no tempo certo. Estão marcado na palheta. Não botaram os nomes deles, nós vamos botar o de vocês. Fora. Vão nos congelar.

Por isso, Presidente, eu precisava fazer essa afirmação e dizer ao PT: Não é possível votar este Relatório do PT. Não dá para confrontar um com o outro. Até admito, sim, que se possa aproveitar alguns dados, alguns fatos importantes que o PT levantou no seu Relatório e incorporar ao Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Como quero que incorpore algumas das questões que levantei no voto em separado que apresentei e concluo dizendo: Uma, que considero fundamental além da inclusão do nome do Ivan Guimarães, além da aplicação da questão da FAURGS, DNA e BANCO DO BRASIL, essa relação não está clara. O BANCO DO BRASIL gastou cinco milhões em propaganda para pesquisa, pagou esses cinco milhões para a DNA, a DNA passou desses cinco só três para a FAURGS, e era para passar os cinco, porque a Comissão da DNA já estava separada. Passou só três. E a FAURGS, pasmem, diz que só recebeu mil e quinhentos. E está ali os comprovantes que ela recebeu os três. E ela diz não só que recebeu só mil e quinhentos, como diz que nem recebeu da DNA. Diz que recebeu do BANCO DO BRASIL. Então, é uma relação assim muito complexa, mas eu peço, Presidente, que seja incluído, como os Deputados que foram submetidos ao crivo da Comissão de Ética, por uma decisão desta Comissão que representou para a Comissão de Ética, como esses Deputados responderam lá e não aqui. Como foram ouvidos lá e não aqui. Aqui não há absolutamente nenhum encaminhamento de prova. Então, eu peço e pedir ao Relator e pedir publicamente que nós possamos buscar essas provas emprestadas da Comissão de Ética para incorporar no arquivo, no manancial de documentos dessa CPMI. Para servir de instrumento depois para análise quando for encaminhado o Relatório às autoridades competentes. É minha manifestação. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu lhe agradeço, nobre Deputado Pompeo de Mattos. E eu tenho aqui dois inscritos. É o Senador Heráclito Fortes e o Senador Álvaro Dias. Senador Heráclito Fortes poderia...

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Reincidir lá para o Pompeo que pediu dois minutos e falou 20. Não tem problema.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Mas, eu agradeço a generosidade do Senador Álvaro Dias.

SENADOR HERÁCLITO FORTES (PFL-PI): Eu agradeço ao Senador Álvaro Dias, sua gentileza e justificar o porquê. Eu tenho três horas com aquela presença, o Chefe da ABIN aqui no Congresso e eu estou convocado para participar da reunião. Mas Sr. Presidente, Senhoras e Senhores congressistas, nós não podemos conviver com esta vontade que tem o Partido dos Trabalhadores de que o brasileiro seja desmemoriado, sofra de amnésia. Se nós retroagirmos um pouco no tempo, nós vamos ver essa mesma sala repleta de Parlamentares, de Jornalistas, e de convidados assistindo aqui uma das disputas mais duras que tivemos na presente legislatura que era exatamente para a escolha do Relatório do Presidente da CPI dos CORREIOS. O que a oposição queria naquela época é que fosse cumprido um acordo, tradição nesta Casa. Mas não. O Governo soberano, absoluto, arrogante, prepotente, achou por bem descumprir o acordo e lançou os candidatos. Fomos derrotados. Por um voto, mas fomos derrotados. Nossa posição de derrotado não nos esmoreceu. Pelo contrário. E nem nos tornamos, em nenhum momento, adversários dos eleitos, porque passamos a dar a eles um crédito de confiança. Que, felizmente, souberam honrar. Naquele momento, os escolhidos eram escolhidos a dedo, e como as pessoas que melhor interpretariam e defenderiam o Governo. Só que no correr dos depoimentos, os fatos foram mostrando verdades que não restaram alternativas para homens como Serraglio e Delcídio Amaral.

Sr. Presidente, eu imagino a pressão, o tipo de pressão que esses homens receberam, principalmente o Delcídio. O nosso colega Senador do PT. O PT teve uma fraqueza de caráter terrível. Sabe que está no banco dos réus e quer companhia, e para isso luta desesperadamente. Quando comete seus erros vai procurar terceiros para assumir. Mas recentemente nós tivemos um episódio que ainda está acontecendo, o orçamento. O PT obstruiu o tempo todo. O Deputado Gilmar Machado disse diversas vezes que o Governo não tinha pressa, governaria com duodécimo, tinha sete bilhões para investimentos, e que a oposição que se danasse. Não tiveram o cuidado de ver as filigranas que representam adiamentos dessa natureza. E aí está agora o Presidente da República com seus bem treinados representantes nessa Casa, a tentar colocar a culpa na oposição. Mas o povo brasileiro é atento. A oposição é minoria nessa Casa. Maioria é o Governo. O mesmo ocorre nesta Comissão. Só que o Governo está distante da verdade. E é muito difícil você atrair aliados quando você não tem uma causa boa, uma causa limpa para a defesa. Daí porque, longe de fazer questionamentos, eu quero aproveitar esse espaço para me congratular com o Presidente, com o Relator Serraglio, com os Relatores setoriais e os Relatores adjuntos. Evidentemente que numa empreitada como essa, não sairá jamais o Relatório dos sonhos de ninguém, mas estou convencido de que está saindo e sairá um Relatório possível. O PT queria agora transformar em *Frankenstein* o Relatório do

Sr. Serraglio, é dar um tiro no pé. Mas daqueles tiros no pé que a bala é tão forte que resvala na cabeça e espatifa, nem Jim Jones, o louco das Guianas que promoveu o suicídio coletivo de fiéis incautos, cometerá uma chacina moral tão grande como essa proposta pelo Partido dos Trabalhadores. Estão querendo, uns dizem, hidratar. Eu já vou mais além. Estão querendo suprimir o Relatório. Só tem anjo. Daqui a pouco, Senador César Borges, vão invocar motivos para indiciar Delcídio Amaral e Osmar Serraglio. Nós ainda vamos ver isso, tamanha a irresponsabilidade e inconseqüência e a falta de compromisso com a verdade e com o País. Aliás, esse Relatório foi acompanhado pela base do Governo com lupa. Eu me lembro, Deputado Eduardo Paes, que companheiros que tinham acesso, que freqüentavam os arquivos da Comissão eram sistematicamente acusados. Colocados sob suspeita. Ninguém da oposição teve a tranqüilidade e a paz para fazer suas investigações. Só que quando você pega um volume de documentos como esses que chegaram, e não tem a verdade, você não chega a lugar nenhum. Elegesse 20 Emendas. É muito fácil. Encontrar boi de piranha, porque o que está se querendo aqui, e é uma tática usada pelo Partido dos Trabalhadores, é buscar boi de piranha. Bota o bichinho aqui para morrer na travessia do rio enquanto a apoiada passa de lado. Querem pegar três ou quatro magrinhos, e livrar os verdadeiros culpados para que continuem trabalhando impunemente nas suas vocações só revelada agora graças a essa CPI.

Todos os fatos aqui denunciados, Deputado Asdrúbal Bentes, no começo você via a indignação dos membros da CPI, que defendem o Governo. Aos poucos os fatos foram mostrando a verdade e derrubando, caindo a ficha de cada um deles. Um exemplo, inclusive, com a atuação aqui do Deputado ACM Neto, no caso do Land Rover, que foi desmentido até o momento em que chegou a esta Casa a documentação. O episódio do dólar na cueca. Simbolismo ímpar desse País. No carnaval passado, Senadora Ideli, nós tivemos marchinha do samba da cueca no Brasil inteiro. Inclusive, em alguns casos Senadores foram julgar o concursos e para surpresa, na hora de premiar, a marchinha da cueca foi a vencedora, criando constrangimento, inclusive, para Parlamentares da base do Governo.

Sr. Presidente, me diga uma coisa. Vamos admitir que o Governo use o seu rolo compressor, todo o seu poder de fascinação sobre os fracos, e aprove esse Relatório. O que o País vai dizer amanhã? Esconderam a verdade. Até porque todos os homens que trabalharam nele, o fizeram à luz do dia, na clareza dos atos, das investigações e das oitivas. Esse Relatório substituto, não. É o Relatório de calada da noite, de surpresa, de subterfúgios e de enganação. Advogado de porta de cadeia, chincanistas, ficam com inveja desta peça. Imagine a nação brasileira a conviver com a absolvição desse elenco de pessoas pedidas aqui. Eu concordo muito com o Deputado Pompeo, aliás, eu assisti ontem à noite e voltei a assistir agora quando de uma maneira muito clara diz: "É Mensalão, mesmo". Até porque os fatos estão aí, a aproximação do Sr. Marcos Valério com o Governo, se deu já no final da campanha do Sr. Lula. Os empréstimos tomados foram todos no ano seguinte, logo não foram para financiar campanha passada, mas para financiar campanha futura.

Meu caro Deputado Eduardo Paes, eu por diversas vezes no primeiro ano de Governo, nos primeiros meses, Senador César Borges é testemunha, eu dizia que se o PT continuasse naquela sua sofreguidão arrecadatória, ao final do atual Governo, era o partido mais rico do universo. E eu calculava a contribuição que cada militante dava ao fundo partidário, e mais as arrecadações feitas junto ao empresariado principalmente do Estado de São Paulo. Aliás, prática até então condenada pelo até então invicto e virgem, Partido dos Trabalhadores. Ao primeiro ano quem freqüentava as rodas do empresariado paulista só ouvia o incômodo dos líderes daquele setor se dizendo importunados com arrecadadores que iam até lá pedir contribuições posteriores para a campanha ou para o fundo partidário. Ora era para a sede. Cada dia era uma finalidade. Com uma diferença, Deputado Pompeo. O Sr. Collor tinha apenas o Sr. PC Farias. E não admitia concorrência. Nesse caso cinco apareceram. Imagine os que estão por aí por baixo que escaparam e a nossa lente limitada não teve condições de ter acesso. O PT saiu daquele período em que arrecadava embaixo de palanques, [soa a campainha] através da venda de adesivos e outras coisas mais, para promover os grandes shows nesse País, das duplas sertanejas, dos melhores cantores. Do fausto e da riqueza. E agora querer se dizer que não é Mensalão. Aliás, o Mensalão foi denunciado, porque quem até então era da base do Governo, o Deputado Roberto Jefferson, não vamos nos esquecer disso. E por esse episódio quatro ou cinco Presidentes de partido, líderes partidários tiveram que deixar a vida pública de uma maneira ou de outra. Não foi por recurso de campanha. Caixa 2, de campanha no Brasil que nós sabemos que existe, nunca condenou ninguém. É preciso que essa verdade seja dita. O que condenou foram os empréstimos feitos posterior ao pleito eleitoral. O PT escolhe suas vítimas, e agora vai com fúria em cima do Sr. Marcos Valério. E

u sempre tive muito cuidado aqui de não jogar o Sr. Marcos Valério às feras, porque ele é problema do PT. O PT descobriu nele um homem com compe-

tência, com capacidade de persuasão, e foi buscá-lo. Usou como fez a mesma coisa que o Real Madri faz. Não sabe fazer jogador, vai buscar no outro. Precisava de um arrecadador. Disse: "Olha, tem um lá em Minas que é muito bom. Traz para cá". E hoje admite, é claro, vira-lhe as costas, mas não sabe que prestou serviço a ele. O fato de querer ligá-lo a questões com Minas Gerais? Não. Ele é mineiro, a sua agência é mineira. Não é tão estranhado. O estranhável é que e até parece que sabiam da habilidade com que ele agia na questão na matéria, e tornaram-se amigos íntimo, amigo de infância do arrecadador. Querer fugir disso é querer achar que essa Nação é uma Nação esquecida, é uma Nação sem memória. Portanto, Sr. Presidente, o Brasil hoje inteiro está voltado para a Sessão que vai começar, quero crer que às 4h. Para decisão que serão tomadas. E nós não podemos permitir que essa Casa se acocore, optando pela conivência para colocar debaixo do tapete, sujeiras que precisam ser ainda esclarecidas. Tem muita coisa. O volume foi muito grande.

Aquelas viagens de Portugal, a questão do dinheiro de Cuba, nós temos muita coisa, Senador César Borges para ser esclarecida. Mas acho que, pelo menos, esse Relatório como está, com falhas, mas com mais acertos. Porque para mim ele tem uma grande vantagem. Ele é um Relatório honesto. Não é um Relatório tendencioso, não é um Relatório que pode se dizer que atendeu a interesses de "A" ou de "B". É um Relatório que procura relatar sob os olhos do seu Relator principal, o que viu aqui. E que julgou importante.

Eu discordava em determinado momento e depois me curvei à própria coerência de desagregá-lo das questões estaduais. Mas foi tomada de maneira geral. Não é um Relatório que tenha servido como quer este, com o objetivo de perseguir uns e absolver outros. De forma, Sr. Presidente, não vou fazer nenhum questionamento. Quem está questionando é a Nação. É a nação dessa questão é soberana. Nós somos aqui delegados dos brasileiros nessa decisão que vamos tomar. E ela aguarda de todos nós uma decisão que não envergonhe o País. Muito obrigado.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Muito obrigado, Senador Heráclito Fortes. E passo a palavra ao Senador Álvaro Dias.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Sr. Presidente, Srs. Parlamentares, eu venho propor a retomada das normas regimentais como orientação para a conclusão dos trabalhos desta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. Alguns procedimentos adotados desde ontem são inusitados. Nós jamais os vimos em qualquer CPI já realizada nesta Casa. Também não encontramos sustentação para determinados procedimentos no regimento que orienta os trabalhos de Comissão Parlamentar de Inquérito.

Eu proponho a retomada das normas regimentais exatamente para evitar que alguém possa invocar nulidade, Advogados regiamente remunerados para estudar e defender a causa de seus clientes eventualmente indiciados pela CPI, certamente buscarão indícios de desrespeito ao regimento para invocar a nulidade das conclusões oferecidas pela Comissão Parlamentar de Inquérito ao Ministério Público Federal. Eu faço referência à reunião iniciada ontem, e que prossegue hoje, em que um Relatório substitutivo teve prioridade para a sua leitura e discussão. Quando o regimento impunha que se colocasse em deliberação o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Ele, sim, é prioridade. Após a deliberação sobre o Relatório oficial é que se discute votos em separado. Aliás, Sr. Presidente, tenho informações de que Emendas estão sendo apresentadas, também, ao arrepio do regimento. São Emendas que evidentemente não podem ser acolhidas pela Mesa que dirige os trabalhos desta Comissão. Os votos em separados já apresentados, protocolados regimentalmente, sim, aguardam a deliberação sobre... Devem aguardar a deliberação prioritária do Relatório Osmar Serraglio e depois eventualmente se não ficarem prejudicados, serão submetidos à discussão e à deliberação.

Outro fato inusitado que não tive ainda a oportunidade de vivenciar foi a instituição de uma Comissão de Sistematização. Comissão de Sistematização. Depois que o Relatório foi lido pelo Sr. Relator, institui-se uma Comissão de Sistematização para discutir eventuais alterações ao Relatório do Deputado. Ora, Sr. Presidente, nós não podemos mistificar. Creio que... Eu só tenho elogios ao trabalho da Mesa que conduziu as investigações, o Senador Delcídio Amaral, Deputado Asdrúbal Bentes, o Relator Osmar Serraglio, todos os Sub-Relatores, se dedicaram, se empenharam com inteligência, com competência, mas não podemos, ao final, para dar satisfação à base aliada que quer, sim, desfigurar o Relatório apresentado pelo Deputado Osmar Serraglio, nós não podemos permitir a adoção de determinadas estratégias com o objetivo de alterar um Relatório que tem profundidades, que reflete a realidade da investigação. E como disse o Senador Heráclito Fortes, sobretudo é um Relatório honesto. Eu sei que não há aqui ninguém que suspeite da honestidade do Relator Osmar Serraglio, e eu que o conheço bem, por sermos do mesmo Estado, posso atestar a sua seriedade e a sua integridade, a sua dignidade e honradez, portanto, o seu Relatório é um Relatório fruto da sua convicção, sobretudo, e sustentado pelos valores da honestidade.

Sr. Presidente, nós não podemos oferecer, repito, aos Advogados dos eventuais indiciados, razões para alegar nulidade. Sr. Presidente, o que se pretende desfigurando o Relatório do Deputado Osmar Serraglio, é primeiramente blindar determinadas autoridades, protegê-las, impedir que sejam julgadas. Ora, é aquele procedimento que a população repudia, buscar punir os menores para proteger os maiores. Ou seja, as autoridades maiores ficam isentas, preservadas. Nós devemos agir diferente. A corda não pode arrebentar do lado mais fraco. Para fazer justiça, nós temos que atingir, sobretudo, os principais responsáveis. Aqueles que foram artífices de... Arquitetos desse sofisticado esquema de corrupção não podem ser excluídos num Relatório final sob pena de sermos todos condenados pela opinião pública do País que tem convicção arraigada nestes meses de investigação.

O Mensalão não existiu? Ora, o que existiu? O que temos são provas documentais, são indícios sérios e comprometedores, e são confissões. Aliás, esta tentativa de eliminar a hipótese de Mensalão, e de restringir todo o escândalo de corrupção à questão eleitoral teve início na tríplice entrevista organizada e concatenada entre o Presidente Lula, o Delúbio Soares, e o Marcos Valério. Já naquelas entrevistas, articulou-se esta versão: O escândalo deve ficar restrito à corrupção eleitoral. E procurou banalizar-se o Caixa 2 de campanha eleitoral. É o que pretende agora este Relatório substitutivo, eliminando a hipótese do Mensalão, que é o termo, a expressão cunhada para definir a relação de promiscuidade entre executivo e legislativo, e o que se deseja é exatamente eliminar esta hipótese do Mensalão, e substituí-la pela banalizada estratégia do Caixa 2 em campanha eleitoral.

Aliás, Sr. Presidente, uma das falhas da CPI foi não votar o Requerimento que pretendia requerer do Supremo Tribunal Federal, o inquérito sobre o Mensalão. Eu imagino que de posse descrito, o Relatório poderia se completar, certamente com maior clareza, relativamente à existência do Mensalão, embora esteja visível para muitos dos integrantes desta CPI, mas certamente as provas seriam ainda mais eficientes para o convencimento necessário, maior, abrangente. E certamente também nós teríamos outros nomes. Isto poderá provocar uma certa frustração entre os integrantes desta Comissão. Porque nós sabemos que o Ministério Público vai agir rapidamente. O Procurador-Geral da República, Antônio Fernando, pretende em pouco tempo inaugurar procedimentos mais objetivos em relação à corrupção que investigamos, independentemente do Relatório que possa ser aqui aprovado. Até porque esta missão a CPI cumpriu, estabelecendo interação com a sociedade, tendo como ponte a imprensa que atuou com muita eficiência, convocou o Ministério Público à responsabilidade, que agiu com muito mais entusiasmo, denodo e perspicácia, avançando além do que alcançamos em matéria de investigação, provavelmente. Portanto, ações penais já poderão ser inauguradas dentro de no mais tardar um mês, independentemente do Relatório desta Comissão Parlamentar de Inquérito. Mas é evidente que o trabalho desta Comissão não foi em vão também independentemente do seu Relatório. Porque os objetivos de uma Comissão Parlamentar de Inquérito foram plenamente alcançados, a meu ver, que é o de colocar o mal à luz, para que ele possa ser investigado com eficiência pela autoridade responsável pela investigação judiciária. Há Países como a França, por exemplo, que a CPI se instala e trabalha até que o Ministério Público instaure procedimentos.

A partir do momento em que o Ministério Público começa a atuar, a CPI se esgota. Ela encerra as suas atividades. Mesmo sem conclusão alguma, porque o objetivo de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, acima de tudo, é este. É de convocar autoridade responsável pela investigação. E esse objetivo foi plenamente alcançado pela Comissão Parlamentar de Inquérito que discutirá hoje o seu Relatório final. E, certamente, o trabalho da Polícia Federal, o trabalho do Ministério Público, ganhou proporções em função dessa pressão popular, que foi sobretudo estimulada pelos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito, trabalhos estes divulgados pela imprensa do País. É evidente que nós podemos discordar de determinados pontos do Relatório do Deputado Osmar Serraglio, mas não há como ignorar a importância deste Relatório. Não só em razão das nossas convicções pessoais, mas em razão, sobretudo, da convicção coletiva. A sociedade brasileira hoje não tem dúvida que existiu essa relação promíscua executivo/legislativo abrindo espaço para a corrupção, também, do setor empresarial privado. Que verificando as portas abertas da corrupção no setor público aproveitaram-se da oportunidade, também, para satisfazer os seus apetites de enriquecimento ilícito.

Portanto, nós podemos acrescentar, como propus. Porque, sinceramente, eu não vejo como não identificar a participação do Presidente Lula nesse esquema organizado de corrupção. Como ignorar a participação do Presidente Lula? Podemos discutir se foi uma participação no grau de corrupção ativa ou passiva, mas que houve participação, não há dúvida. Ainda ontem na CPI dos Bingos se revelou uma antiga sociedade do Presidente Lula com o Delúbio Soares, com José Dirceu, [soa a campainha] Com o Paulo Okamotto numa empresa em São Paulo, a TVT, a TV dos trabalhadores que obtinha recursos públicos de Prefeituras Municipais sem concorrência pública. Portanto, essa

conexão, esta relação estreitada de intimidade no plano da amizade, da militância política e até na atividade empresarial, essa relação do Presidente com estas figuras indiciadas no Relatório do Deputado Osmar Serraglio é indesmentível. Se existia essa relação tão estreitada, ela não se esgotou com a posse de Lula na Presidência da República. Ela prevaleceu nas ações de Governo, nas decisões políticas de Governo, na arquitetura desse projeto de poder de longo prazo, certamente a presença do líder maior do partido era indispensável. Foi indispensável. Nós relatamos no nosso voto em separado os momentos que destacam o conhecimento que o Presidente tinha das ações dos seus subalternos. Portanto, não há nem porque sustentar a tese da obrigação de saber. O Presidente tem obrigação de saber. Se não sabe, paga por não saber. Deve pagar por não saber. Mas a tese que eu sustento é que ele sabia. Ele sabia. E participava das decisões. Não cabe aqui destacar todos os momentos, quais foram as provas que testemunharam o fato do Presidente saber.

Cabe nesse momento destacar que com convicção pessoal e absoluta sinceridade, nós estamos procurando cumprir o nosso dever ao destacarmos que o Presidente da República tem que ser responsabilizado por atos praticados por seus subalternos com a sua conivência, cumplicidade e participação efetiva. Com base na Constituição do País, no Código Penal, na Lei de Improbidade Administrativa. O indiciamento e a recomendação à Câmara dos Deputados da apuração do crime de responsabilidade.

Se o Relatório Osmar Serraglio não for aprovado, nós debateremos esse voto em separado que apresenta esta proposição sem nenhuma pretensão de disputa política, sem nenhum interesse de natureza eleitoral. Mas única e exclusivamente com o desejo do cumprimento do dever. Entendo ser este o nosso dever. Responsabilizar os que são verdadeiramente responsáveis. Não há como isentar de responsabilidade exatamente os maiores responsáveis, que provocaram os escândalos de corrupção que assustaram o País. Se não agirmos desta forma, não teremos condições de erigirmos sobre os escombros provocados por esse escândalo de corrupção uma nova imagem para o Poder Público nacional. Estaremos alimentando essa crise de identidade do Estado brasileiro. Se nós não buscarmos desta forma, com todo o rigor que a sociedade exige nesse momento, utilizando-nos de todos os dispositivos legais, agir com a maior seriedade tentando alcançar exatamente os maiores responsáveis por tudo que ocorreu no nosso País até esse momento.

Portanto, Sr. Presidente, a nossa palavra é de esperança de que a partir das 16h, com o cumprimento do regimento, com a aplicação rigorosa do regimento, possamos deliberar e votar. Possamos votar o Relatório Osmar Serraglio e aprová-lo. Essa é a nossa expectativa. Sem concessões, sem alterações no que diz respeito à essência de um Relatório que desvendou os mistérios de todo esse esquema sofisticado de corrupção, apontando os corruptores e os corruptos, identificando a corrupção ativa e passiva, e identificando, inclusive, as fontes de recursos que abasteceram o chamado Valerioduto. Portanto, a nossa esperança é de que esse Relatório venha ser aprovado, mesmo que isso signifique prejuízo para os votos em separado apresentados.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Obrigado, Senador Álvaro Dias.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Tem a palavra V.Exª., pela ordem, Senadora Ideli.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Primeiro eu quero fazer aqui um registro com que aqui as notícias nem aconteceram e elas já são divulgadas. É impressionante nesta Casa como as coisas andam rapidamente. Mas o que me traz a pedir a palavra pela ordem, é por conta de um procedimento que eu quero aqui já deixar consignado que é um procedimento, em primeiro lugar, regimental, e em segundo lugar, que tem como objetivo central apenas uma certa precaução. Porque, apesar de determinadas observações realizadas pelo Senador Álvaro Dias, estranhando determinados procedimentos como não regimentais, tem uma série de procedimentos que, mesmo não estando contido no regimento, eles são naturalmente usuais numa Casa política. Numa Casa política existe colégio de líderes, numa Casa política tem reuniões, como nós realizamos ontem lá na sala do Presidente do Senado, com a participação da maior parte, quase dos membros da CPI, para se construir um entendimento, se estabelecer procedimentos, se estabelecer formas de agir para que o trabalho final da Casa, seja nas votações, na apreciação das matérias, possa fluir.

Todos nós sabemos que para se chegar a qualquer deliberação muitas reuniões acontecem. Nada disso tem ilegitimidade, desde que os procedimentos na hora das votações, das deliberações sigam as regras do regimento que é, digamos assim, a nossa lei, a nossa máxima.

Portanto, o que eu vou pedir aqui está embasado no regimento, e tem, como eu já quis deixar aqui registrado desde o início, apenas o caráter de uma certa precaução. Porque apesar de não estar no regimento,

não existe no regimento a figura da tal... Que assim que foi chamada, Comissão de Sistematização, que é nada mais, nada menos, do que a reunião de vem acontecendo já desde ontem, de alguns Parlamentares buscando encontrar adequações, textos que possam ser aprovados aqui nesta Comissão com voto aberto, público, seguindo as regras do regimento que nos permitam, em primeiro lugar: Ter Relatório votado e aprovado. Que foi o sentimento que passou por todos nós naquela reunião dos que estavam lá presente, esse é um sentimento absolutamente majoritário dos membros de CPI.

Em segundo lugar, não apenas ter um Relatório aprovado, ter o melhor Relatório possível, o Relatório que tenha o mínimo de problemas, inadequações, insuficiências, ou inconsistências, e também um Relatório que tenha o maior volume de provas documentais, provas que sejam substanciais para encaminhar os processos investigatórios do Ministério Público e também os processos judiciais que poderão advir das ações daí sim de indiciamento do Ministério Público. Até porque essa confusão de quem é que indicia, Deputado Asdrúbal, ela está muito colocada de forma, às vezes, até equivocadas, porque o indiciamento não é feito pela CPI. O indiciamento é uma sugestão que o Ministério Público depois de reavaliar tudo, é que fará tudo para a justiça. É o Ministério Público que vai abrir o inquérito--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Me permite apenas para contribuir. O meu entendimento, a rigor, nós deveríamos solicitar a extração de peças do processo e encaminhar ao Ministério Público para os procedimentos legais. Inclusive, eventuais indiciamentos. Fora disso eu acho que é extrapolar até o nosso poder.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Exatamente. E a outra questão, que eu acho que aí, sim, eu quero concordar com o Senador Álvaro Dias, nós devemos ter todo cuidado para que nenhum procedimento adotado possa invalidar provas. Porque existe já até uma certa jurisprudência firmada no Supremo, que determinadas formas de se encaminhar os inquéritos ou se obter as provas, é a maneira mais tranqüila de acabar com o processo. Então, eu tive, inclusive, a oportunidade de fazer este debate, fiz até uma solicitação ao Presidente da Casa, ao Senador Renan Calheiros, a respeito de um procedimento que eu considerei altamente arriscado, que foi cometido na CPI dos Bingos, aonde uma fita, segundo informações, que estava contida num processo resguardado por sigilo, sigilo processual, acabou sendo exposta ao vivo no inquérito da Srª. Isabel Bordini, e, portanto, aquela prova, aquela fita, aquela escuta telefônica, que estava acobertada pelo sigilo do inquérito, acabou tendo o sigilo quebrado. Portanto, é um elemento efetivamente para que possa ter o questionamento no processo judicial, se aquela prova pode continuar fazendo parte do processo. Portanto, acho que todo cuidado que nós devemos ter com relação às provas, e tal, é absolutamente pertinente e relevante.

Agora, o que é que correu na "rádio corredor" até antes de ser feito aqui? Tanto eu quanto a Senadora Ana Júlia e o Deputado Carlos Abicalil estamos apresentando uma série de destaques para votação. Se for necessário, e eu espero que não seja necessário votar nenhum, porque nós estamos participando e estamos confiantes que o grupo de pessoas que está trabalhando para se buscar encontrar um encaminhamento de votação, que nos permita ter a votação do melhor Relatório com maior volume de provas e provas adequadas para serem encaminhadas ao Ministério Público, mas regimentalmente nós temos o direito de, na prevenção, na precaução, apresentar o destaque. Por isso... E eu quero aqui utilizar o artigo do Regimento, o art. 312 do Regimento, que "O destaque de partes de qualquer proposição, bem como o de Emenda do grupo a que pertencer, pode ser concedido mediante deliberação do Plenário a requerimento de qualquer Senador – no caso este--

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): A Senhora me permite uma indagação?

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Eu posso só terminara a minha questão?

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Só para ficar claro, os destaques que a Senhora se refere ao destaques do texto do Deputado Osmar?

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Osmar Serraglio. Isso.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Quando a Senadora concluir, Sr. Presidente, eu peço a palavra para contraditar.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: O mesmo para mim, Sr. Presidente.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Então, Sr. Presidente, eu estou me baseando num artigo do Regimento Interno do Senado Federal, dada a omissão do regimento comum, e quero utilizar aqui, eu não vou utilizar o exemplo de mais nada. Eu vou usar o exemplo do Senador Álvaro Dias. Na CPMI da Terra. Eu vou usar as palavras dele. "Atendendo a uma solicitação da Senadora Heloísa Helena, ela disse o seguinte: 'Exatamente, até porque pode ter algum Parlamentar que não concorde com uma supressão e concorde com a outra'". Então, aí o Senador Álvaro Dias diz o seguinte:

"V.Exª. tem amparo regimental no art. 300. Eu vou ler o *caput* do art. 300. "Na votação serão obedecidas as seguintes normas. Um: Votar-se-á em primeiro lugar o projeto, ressalvados os destaques dele requeridos e as Emendas. Por isso vamos acatar a sua solicitação de votação em separado, uma por uma, das Emendas apresentadas". Aí o Sr. Presidente, o Max Roseman pede também fazer uso da palavra, e aí tem uma série de outras... Aí depois que o Sr. Max Roseman fala, e fala outra coisa, não tem a ver com o que eu estou propondo, o Senador Álvaro diz o seguinte: "Exato. O primeiro destaque a Senadora Heloísa Helena, o Senador Eduardo Suplicy, o Senador Valdir Raupp, solicitam destaque nos termos regimentais para a votação em separado do fragmento do voto, em separado, página 359, título da assistência técnica e jurídica..." Ou seja, cita qual é o trecho do Relatório, do Relator, estava sendo pedido destaque para a votação em separado pela Senadora Heloísa Helena, o Senador Eduardo Suplicy e o Senador Valdir Raupp.

Então, eu estou apenas aqui, Presidente, citando os artigos do regimento que amparam ao meu pedido de que seja protocolado os destaques. Nós queremos apenas que sejam protocolados. Não há aqui nenhuma intenção de utilizá-los, se eles não forem absolutamente e imprescindivelmente necessários de serem votados. Mas queremos ter o direito de poder fazer. Como o Senador Álvaro Dias permitiu a outros Parlamentares na CPMI que ele presidiu de votação em destaque de trechos do Relatório da época, que eu nem sei quem era o Relator... Deputado João Alfredo.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Deputado João Alfredo. Permite um aparte, Senadora. Só para destacar que aquele foi o procedimento adotado, que houve a votação do Relatório original que foi rejeitado, o relatório do Deputado João Alfredo foi designado, aí a Presidência designou o Relator para o vencido, e essas alterações foram propostas ao Relatório aprovado, já que apresentadas na forma de Emendas em tempo, e com base no artigo que fez referência a V.Exª., a Presidência as acolheu como Emendas ao voto do Senador... Aliás, Senador não, Deputado Abelardo Lupion, que relatou o voto vencido. Agora, relativamente a outras questões que suscitei, o regimento é claro. Fiz referência a essa Comissão de Sistematização, essa tentativa de acordo para alterar propostas e Relatório, etc. O art. 412 do Regimento, dos Princípios Gerais do Processo Legislativo. "Terceiro, impossibilidade de prevalência sob norma regimental de acordo de lideranças ou decisão de plenário ainda que unânime, tomadas ou não mediante voto". Portanto, o que prevalece mesmo é a norma regimental. Quarto--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Mas disso, Senador Álvaro Dias, não paira nenhuma dúvida. É claro. Os Parlamentares que estão lá conversando e que estão tentando apresentar algumas propostas aqui, nada do que eles estão deliberando lá vai suplantar o poder regimental que os 32 membros desta CPMI têm de obrigação.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): E esta norma aqui que é fundamental, e é por isso que procurei chamar atenção. A nulidade de qualquer decisão que contrarie norma regimental.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Mas V.Exª. concorda que este procedimento de ter conversações dentro do Parlamento isto é usual. Não é nada de novo. Não estaríamos inventando nenhuma roda, aqui.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): É claro que não é novo, é uma estratégia para ganhar tempo, para tentar encontrar saídas, mas nós não podemos permitir que isso seja repassado à opinião pública como um conchavo, como um "acordão" para o Relatório do Deputado Osmar Serraglio.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Senão, o Senhor estaria acusando até membros do seu partido, eles estão fazendo isso, porque eles estão lá. O Eduardo Paes está lá.

[risos]

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, Sr. Presidente...

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço a V.Exª., e para contraditar concedo a palavra ao Deputado ACM Neto.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Obrigado pela promoção. Primeiro é importante deixar muito claro que os membros desta Comissão de Sistematização, não estão buscando qualquer tipo de acordo para suprimir pontos que sejam essenciais desse texto. O que existe é um esforço conjunto do Relator principal, patrocinado pelo Presidente da CPI, com Sub-Relatores. Porque não são representantes de partido, não são representantes da base do governou da oposição, são Sub-Relatores. Quem participa dessa conversa é o Deputado Eduardo Paes, Sub-Relator Adjunto, Deputado Maurício Rands, Sub-Relator Adjunto, Deputado Cardoso, Sub-Relator de Contratos e eu que sou Sub-Relator de Fundos de Pensão. Porque é exatamente nesta matéria, ou nestas matérias onde existem pontos de divergência. Então, o objetivo é tentar construir um texto, não por concessões, não por entendimentos que impliquem em supressões, mas, sim, por entendimentos que traduzam melhor o sentimento coletivo e que permitam uma maioria folgada Comissão no apoio ao Relatório.

Não há nada, absolutamente nada, que possa prejudicar a essência. Aliás, até porque o Brasil já tem conhecimento dos fatos e não aceitaria que eles fossem modificados. Então, que isso fique claro.

Agora, com relação à questão levantada pela Senadora Ideli, eu acho que três pontos precisam ficar claros. Primeiro quero parabenizá-la que me parece que a bancada do PT vai admitindo de forma mais consistente, que não terá condições de sustentar o Relatório substitutivo que apresentou. E mostra uma disposição de confluir para a votação do texto do Deputado Osmar Serraglio como uma base. Muito bem. O Senador Delcídio Amaral, na semana passada, distribui para todos os Srs. Deputados e Senadores da CPI, titulares e suplentes, um documento onde ele prevê as regras do jogo. Ele como Presidente, que tem o dever e a obrigação de determinar quais serão os procedimentos, desde a apresentação do Relatório, passando pela sua discussão até a conclusão da sua votação, ele distribuiu esse documento Deputado Asdrúbal, para todos os Parlamentares.

Ontem, antes da leitura do sumário do substitutivo do Governo, realizada pelo Deputado Abicalil, nós tivemos a oportunidade de novamente tratar do assunto. Com intervenções muito pertinentes da Senadora Heloísa Helena, do Senador Álvaro Dias, e, sobretudo, com o entendimento pacificador do Presidente, Senador Delcídio Amaral. Está claro, o voto do Deputado Osmar Serraglio será colocado para apreciação da CPI, se aprovado, ele automaticamente prejudica todos os votos em separado que foram apresentados por Parlamentares. Se aprovado, a matéria encerra o nosso processo de trabalho. Caso ele seja rejeitado, caberá ao Presidente da Comissão designar um outro parlamentar, seja Deputado ou Senador, que tenha votado contra o texto para preparar o chamado voto do vencido, que depois, necessariamente, terá que ser submetido à apreciação da Comissão. Esse é o procedimento. O Senador Delcídio parte do princípio que o Relatório de uma CPI não é proposição, e não sendo proposição, a ele não cabem Emendas e, também, não cabem destaques. As Emendas são apenas sugestivas, e o Relator, o Deputado Osmar Serraglio, tem o poder discricionário e individual de analisar o contexto de cada Emenda e incorporá-la ou não ao texto. Porém, para submeter à votação, nós só temos um único documento, que é o voto do Deputado Osmar Serraglio. E apenas no caso de rejeição, é que teremos uma segunda votação do voto do vencido. Então, se a Senadora levanta essa possibilidade na condição de Emenda sugestiva, eu não me oponho. Mas o que não cabe são Emendas que depois eventualmente pudessem se transformar em destaques para votação em separado, porque nós não estamos admitindo a votação de destaques em separado.

É preciso que isso fique muito claro, porque as regras foram apresentadas pelo Presidente Delcídio, Senador do PT, foram distribuídas há mais de uma semana para conhecimento coletivo, e foram confirmadas ontem por este Plenário. Inclusive, Presidente Asdrúbal, na reunião com o Senador Renan Calheiros, Presidente do Congresso Nacional, isso também foi colocado. E não houve qualquer questionamento. Faria ainda à Mesa, para encerrar, mais uma indagação. Me é me parece que há um prazo, que era o prazo de 10h da manhã, do dia de ontem, para apresentação de Emendas sugestivas, e de votos em separado. Emendas sugestivas e votos em separado. Me parece que exaurido esse prazo, todos nós aqui não teríamos mais a possibilidade de apresentar, regimentalmente, votos em separado ou Emendas sugestivas. Claro, podemos ir ao Relator e dizer: "Deputado Osmar, o Senhor tem sensibilidade para avaliar isso aqui?" Não tem problema. Houve a definição de um limite máximo-

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado ACM, para concluir.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL-BA): Encerro. Houve a definição de um limite máximo que foi às 10h da manhã do dia de ontem. A partir do qual? A partir desse momento, estaríamos impossibilitados de fazer qualquer alteração. Eu coloco isso para contraditar a questão levantada pela Senadora e para deixar claro. E V.Exª. como Presidente, que depois do Senador Delcídio, caso esse assunto volte a ser questionado, terão que deliberar, espero eu, que à luz de procedimentos já acertados há mais tempo.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Eduardo Paes, é sobre a matéria?

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Sobre a matéria.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Concedo a palavra a V.Exª.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Sr. Presidente, primeiro, dar meu boa tarde à Senadora Ideli, dizer a ela que estive aqui esse tempo todo atento às suas palavras. De fato o esforço político que se resolveu chamar de Comissão de Sistematização, que não é uma designação formal, de fato esforço político existe, eu confesso que não tenho muitas expectativas em relação ao esforço político, porque não vejo... Se disse ontem, inclusive, na reunião com o Senador Renan Calheiros, que ou se dava de forma muito objetiva e que não desfigurasse o Relatório ou seria muito difícil esse entendimento. Não porque eu não queira,

mas porque parece que o Relator está muito convicto de tudo aquilo que ele escreveu. Aliás, disse hoje aqui na oportunidade que o Deputado Asdrúbal me abriu para que eu fizesse, participasse da discussão sobre o Relatório, disse que depois de uma semana não houve uma contestação que tenha sustentado acerca do Relatório. Portanto, se de fato mais delitos foram observados, eventualmente omitidos no Relatório, é fundamental que sejam incluídos. E se houve algum erro sob o ponto de vista técnico muito objetivo, é possível, sim, se fazer a modificação. Mas, além disso, eu deixo e quero deixar, Deputado Asdrúbal, muito claro, que a minha opinião será a opinião do Relator. Porque eu tenho convicção que o Relator manter-se-á firme diante de tantas pressões. E como eu percebi aí na fala da Senadora Ideli que acompanhei atentamente, uma certa prevenção, até percebendo que a opinião pública pressiona de forma tão contundente essa Casa e essa Comissão especialmente no sentido da aprovação do Relatório do Deputado Osmar Serraglio, portanto, me parece que já aqui há uma espécie de um ensaio de uma manobra regimental para se tentar, além de dizer no Relatório que a gente não diga o que viu, que finge que não viu que viu, que viu, que também não se respeite o regimento.

E tem uma coisa que tem que ficar clara aqui, Sr. Presidente, e aí eu já concluo. O Relatório, ele não é uma proposição legislativa. O art. 211 do Regimento Interno do Senado diz: "Consistem as proposições em proposta de Emenda à Constituição, Projetos, Requerimentos, Indicações, Pareceres e Emendas". Ou seja, o Relatório não é uma proposição Legislativa que permitiria a apresentação desses destaques. E diz mais ainda, Sr. Presidente, o art. 132, no capítulo 11 dos relatórios e pareceres diz o seguinte: "Lido o relatório, desde que a maioria se manifeste de acordo com o Relator, passará ele a constituir parecer". O § 6º desse art. 132, deixa muito claro. "Os membros da Comissão que não concordarem com o Relatório poderão dar voto em separado". Portanto, Sr. Presidente, eu torço para que de fato possamos hoje, como aconteceu lá atrás do primeiro Relatório parcial dessa Comissão, aprovado por unanimidade, inclusive, sem discussão, sem encaminhamento de voto, que nós possamos de certa forma legitimar o trabalho brilhante, consistente, forte, do Deputado Osmar Serraglio. Se isso não for possível, caso o Relatório do Deputado Osmar Serraglio seja aprovado, caberá sempre a possibilidade à Senadora Ideli Salvatti, a qualquer membro da base do Governo que discorde do que ali está inscrito, de apresentar voto em separado. Como de outra forma, se o Relatório for derrotado, além da designação de um novo Relator, como bem explicou o Deputado ACM Neto, caberá, por exemplo, a mim também apresentar voto em separado.

Portanto, é importante que fique claro que as regras foram estabelecidas pelo Senador Delcídio do PT, que tem agido com absoluta imparcialidade, há mais de uma semana. Portanto, não vamos começar aqui agora querer interpretar as coisas de forma absolutamente distintas. Senão, esse esforço que se faz de um entendimento que não significa um acordo, ou querer omitir ou retirar qualquer coisa, já começa a parecer que não há disposição, como aliás é uma desconfiança que eu tenho que dizer que eu guardo aqui no meu íntimo, não havia revelado, mas de que a base do Governo não está querendo entendimento, está querendo é dizer que o que a gente viu e que o povo viu, que na verdade nós não vimos. E o Relator viu, que ele já disse que viu e provou que viu. Muito obrigado, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Agradeço a V.Exª.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): A Senadora Ideli já me havia pedido a palavra. Agora eu pediria que fôssemos mais concisos, porque eu já estou habilitado a decidir.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente, eu queria fazer, na realidade, um encaminhamento. Porque eu acho que nós vamos poder deliberar sobre isto se houver o fato consumado. Qual é o fato consumado? Se houver necessidade de apreciação de qualquer destaque. Acho que diferentemente de alfinetadas, que possam ter sido feitas aí nas intervenções que me antecederam, eu quero dizer que eu tenho tranqüilidade de tomar todas as medidas e procedimentos adequados para que nós tenhamos o melhor Relatório votado por esta CPI. Portanto, ilações e insinuações a respeito de quem tem voto, de quem não tem voto. Voto a gente vê na hora que se vota. A não ser como acontece em determinadas situações que tem personalidades que viram Prefeitos, Governadores, sem ter tido voto. Isso acontece. Nós assistimos agora no dia 31 de março, vários que assumiram o segundo maior orçamento do País, o terceiro maior orçamento do País, outro Estado, sem ter recebido o voto. Mas é legítimo da democracia, era Vice ou... O titular saiu e o Vice assumiu. Tudo bem. Aqui vai ser no voto se for preciso ir a voto.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Ás vezes, o voto muda também por outros motivos.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado, a palavra está com a Senadora Ideli.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Então, assim, como essa história do voto não tem problema, se a gente tiver que ir a voto nós iremos, não tem problema. Nós estamos tentando aqui construir a votação do melhor Relatório. É isso que nós estamos tentando construir. E o nosso único pedido, eu não quero aqui abrir o debate a respeito se é ou não regimental apresentar destaque e se texto de Relatório, Parecer, Relatório de CPI é proposição ou não. Por quê? Eu terminei de ler o encaminhamento considerando Relatório de CPMI da Terra, foi considerada por nada mais, nada menos pelo Senador Álvaro Dias, que inclusive, me estranhou muito que ele respondeu apenas uma parte do que eu falei e saiu, deve ter algum compromisso urgente, mas ele enquanto presidiu a CPMI da Terra, ele adotou o reconhecimento do Relatório como proposição, portanto, passível de ser destacado partes do trecho, e ser votado destacado. Eu não quero nem gastar mais tempo, Deputado Asdrúbal, porque eu poderia fazer leitura de encaminhamentos deste mesmo modo de considerar Relatório de CPI como proposição votando destaque, feito pela Deputada Laura Carneiro, feito pelo Senador Ney Suassuna, feito pelo Senador Pedro Simon, feito por vários Parlamentares, em várias CPMIs. E aí, o que é que vale? Então foi tudo ilegal o que fizeram até agora, votando relatórios de CPI com pedido de destaque? Não, o meu pedido foi tão modesto. O meu pedido foi só assim... Protocola depois...

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Senadora já estou apto a receber e a decidir de maneira que por medida de economia processual, conclua, por favor. Ouvi atentamente.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Se o Senhor ainda me permite mais um minutinho. É porque é o seguinte: Lá na Câmara vocês têm uma pessoa que é referência em termos de Regimento da Câmara, que é o tão acionado Mozart(F). E aqui no Senado nós temos uma figura equivalente, que é o tão acionado Carrero. O Carrero foi quem nos subsidiou com toda a análise e a prática do Regimento Interno do Senado que é o que subsidia todas essas questões. Então até queria sugerir, se pairar qualquer dúvida, se for necessário depois, não agora, porque agora o pedido foi simples, foi apenas de protocolo se chame o Carrero--

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Senadora Ideli, por obséquio, deixe-me decidir.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pois não. Com todo prazer.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Com todo respeito ao Carreiro e ao Mozart(F), nós temos que manter a coerência com decisões anteriores. O que ficou definido pelo Presidente e pela Mesa é de que realmente o Relatório não se trata de uma proposição, daí porque inadmissíveis Emendas, destaques de Emendas. Mas o direito de Requerimento é constitucional. Art. 5°, se não me falha a memória, inciso 36, letra "a". eu não posso jamais indeferir o Requerimento de quem quer que seja. De maneira que vou receber de V.Exª. os pedidos não como destaques, mas como sugestões que eu entendo que é o que V.Exª. quer, para tentar aprimorar o texto naquilo que for necessário. E vou encaminhá-los ao Relator, para que os analise um por um, e aí decida na forma regimental.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Portanto, os Requerimentos estão protocolados.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu determino à Secretaria que protocole como sugestão e os encaminhe ao Relator Osmar Serraglio. Bom, encerrada a discussão. Não há mais oradores inscritos.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MC): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Concedo a palavra, pela ordem, ao Senador Carlos Willian. Deputado Carlos Willian. Quem sabe não é premonição?

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Pois é. Sempre gentil de V.Exª. Sr. Presidente, eu gostaria que V.Exª. requeresse à Assessoria Jurídica do Senado um parecer. Eu gostaria que V.Exª. requeresse, e de uma forma rápida, para que eu pudesse ter acesso para poder analisar os relatórios. Existem alguns dados sigilosos divulgados no Relatório, de que estão... Só um minutinho, Sr. Presidente. Estou com questão de ordem.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Deputado Carlos Willian, gostaria que V.Exª. formulasse a questão de ordem. Discutir a matéria não cabe mais. Daqui para frente é encaminhamento e votação.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): V.Exª. estava conversando com o Deputado Pompeo de Mattos e não prestou atenção no meu pedido.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Se tratando de questão de ordem, formule por favor, que nós vamos decidir.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): É isso que eu estou fazendo, Sr. Presidente. A primeira intervenção desde de manhã V.Exª... Não estou entendendo, nós representamos o mesmo partido, só porque V.Exª. é Vice-Presidente com muito respeito, muito trabalho. O que eu quero, Sr. Presidente, e eu não posso deixar de explicar, eu gostaria, existe para que eu pudesse fundamentar os meus trabalhos e os

meus votos, existe uma decisão, várias decisões do Supremo Tribunal Federal que proíbe a divulgação de fatos ou de dados dos sigilos no Relatório da CPMI. Eu tomei conhecimento que existe já um trabalho feito pela Assessoria Jurídica do Senado, onde que ele considera que o Relatório final pode ser divulgado esses dados sigilosos. Então, eu gostaria deste parecer, formulado pela Assessoria Jurídica, uma cópia para que a Secretaria providenciasse, se existe este documento, se existe esse estudo e que ele chegasse de forma mais rápida possível em nossas mãos.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Então, não existe questão de ordem a decidir. Recebi um Requerimento--

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Eu pedi pela ordem, Sr. Presidente, não foi questão de ordem.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Recebo como Requerimento e solicito à Assessoria que tome as providências para atender o Requerimento do ilustre Deputado Carlos Willian.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Pela ordem, Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Com a palavra V.Exª.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Na verdade eu quero tão somente fazer uma referência, aliás, à propósito do que disse o Deputado Carlos Willian. Relativamente há um Requerimento que esta Comissão votou no início, talvez um dos primeiros Requerimentos que a Comissão votou, já tentando anteceder a discussão daquilo que aconteceria ao final da CPI. Ante até a possibilidade da não existência do Relatório, ou que não chegássemos a um Relatório comum, ou que tivéssemos dois Relatórios sem que nenhum dos Relatórios fossem aprovados. Enfim, que houvesse essa celeuma, essa divergência que está efetivamente acontecendo. Aquele Requerimento dizia, e com a sua aprovação, se consumou o fato de que uma vez emitido um Relatório, este Relatório e qualquer outro Relatório paralelo ou substitutivo obrigatoriamente seria remetido às autoridades competentes, independentemente de aprovação, para conhecimento e providências das autoridades. Então, com isso, nós já preservamos lá, e no início as dúvidas que poderíamos ter no fim. Ou seja, o Relatório paralelo, o Relatório substitutivo, o Relatório original, ou do Relator ou de alguém que se arvore na condição, que seja apresentado, aprovado ou não, na forma que chegou, os documentos que a CPI disponibilizou, os sigilos que a CPI detêm, foram autorizados pela própria CPI que sejam disponibilizados para o Tribunal de Contas, disponibilizado pelo Ministério Público, para a Procuradoria-Geral da República, disponibilizado para o Poder Judiciário, para o Tribunal de Contas da União, enfim, para as mais diferentes... Para a Receita Federal, para as mais diferentes esferas para que eles possam ter acesso às informações e tomar as providências. Então, não tem nada o que esconder. Aliás, o Relatório é importante ser aprovado, sim, é importante ser aprovado. Mas ainda que não o seja, nem por isso aqueles ali apontados se escaparão de uma investigação mais profunda, de um indiciamento, enfim, da análise da sua responsabilidade penal e cível, sobre os atos que cometeram. Até porque tudo isso, queiramos ou não, vai parar no Ministério Público, no Tribunal de Contas da União, na Receita Federal, no Poder Judiciário, enfim, nas esferas competentes. Eu só queria deixar firmado que isso, Presidente, mostra – e para transparência pública – mostra que a CPI quando começou, ela tinha começo, meio e fim, e anteviu a possibilidade de um impasse no final, dizendo: "Olha, se houver impasse no final, não ficará no impasse, não ficará no arquivo morto, no arquivo do passado, no arquivo no museu. Não, será ainda assim encaminhado para as providências cabíveis, as autoridades competentes". Essa é a manifestação, Presidente. Muito obrigado.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Pela ordem, Presidente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Tem a palavra V.Exª. pela ordem, Deputado Carlos William.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Sr. Presidente, são exatamente 15h32 minutos, faltando, portanto, meia hora para iniciarmos a nossa próxima Sessão, e conforme o regimento, teria que estar disponível uma lista para inscrição. Eu gostaria de saber V.Exª. se vai ter inscrição ou se vai ser somente a leitura dos votos em separados.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Eu informe a V.Exª. que a discussão está encerrada. Então, não haverá mais inscrição para discussão da matéria. Haverá encaminhamento e, a critério da Presidência que reassumirá os trabalhos, no momento em que for reaberta a reunião, deverá ter cada partido ter um representante para fazer o encaminhamento e isso naturalmente quem vai decidir é o Presidente Delcídio. Ou o autor da sugestão ou o autor do voto em separado, naturalmente com o direito a ser contradito. Creio que respondi a indagação de V.Exª. Não haverá mais lista de inscrição.

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PTC-MG): Ok, Presidente. Sempre da forma competente.

SR. PRESIDENTE DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Bom, não havendo mais orado-

res inscritos, declaro suspensa a reunião, para reabrila às 17h, impreterivelmente, já para fins de votação, 17h. Quero deixar bem claro aos Srs. Parlamentares que não aceitaremos discussão da matéria, em hipótese alguma. Simplesmente discutiremos o encaminhamento de votação.

Sessão suspensa às 15h32

Sessão reaberta às 17h47

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Com as bênçãos de Deus, hoje mais do que nunca, havendo número regimental, declaro reaberta a 65ª Reunião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada através do requerimento de número 03 de 2005, do Congresso Nacional, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. Esclareço que a pauta desta reunião destina-se à votação do Relatório Final da CPMI dos CORREIOS.

Eu gostaria de registrar, o Relator Deputado Osmar Serraglio já está chegando, Senador Jefferson Peres, já está se aproximando. E eu gostaria de deixar muito claro à V.Exª e aproveitando também para solicitar aos membros da CPMI dos CORREIOS que se encontram ainda em seus gabinetes para que aqui compareçam, porque o processo de discussão foi encerrado e nós estamos aguardando o Deputado Osmar Serraglio para... [palmas] para que ele exponha alguns dos aperfeiçoamentos executados ao longo desses dois últimos dias.

E gostaria de registrar que em função da reunião que tivemos ontem com o Presidente do Senado Federal, Senador Renan Calheiros, nós hoje inclusive procuramos desenvolver um trabalho com o Deputado Osmar Serraglio e o os Sub-Relatores no sentido de acelerar a análise não só do relatório no aspecto conceitual, como também uma análise dos votos em separado apresentados. Definição essa estabelecida na semana passada e que seguiremos absolutamente à risca, porque foi resultado do consenso de toda a CPI. Não houve nenhuma observação contrária à sistemática adotada.

Eu quero passar agora a palavra ao Relator Deputado Osmar Serraglio.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Depois da fala do Deputado Osmar Serraglio, nós procederemos a votação.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Não permitiremos nenhuma questão de ordem, não permitiremos nenhuma... Votaremos agora o Relatório do Deputado Osmar Serraglio. Ele vai fazer uma exposição rápida e nos iniciaremos a votação.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, eu acho que eu não preciso fazer referência aos esforços que todos nós incitamos no sentido de construirmos um relatório conjunto desde que obedecida a estrutura que alicerçou a formatação que nós apresentamos e que, de certo modo, nós percebemos que havia uma forte acolhida no contexto da CPMI.

Nós recebemos muitos votos em separado. Eu confesso que alguns foram por demais alongados e nós pedimos até que fossem simplificados. Nós tivemos dificuldade, principalmente, preciso reconhecer, porque eu dediquei praticamente todo o meu tempo que era para a análise dos votos. [soa a campainha]. Eu terminei utilizando até há pouco com a proposta do Senador Sibá Machado e dos demais que com ele firmaram, que era um voto em separado indecifrável, enquanto o que é que estava diferente, o que não era divergente. Enfim, eu perdi mais de um dia por causa do voto, do qual eu ainda terminei recolhendo algumas coisas e que, para simplificar, eu vou anunciar as modificações que eu estou introduzindo. Eu gostaria que, eventualmente... Aqueles que eu terminei não considerando, eu sequer introduzi na minha lista. Aqueles que eu considerei são os que eu passo a apresentar.

Do Deputado Antônio Carlos Magalhães Neto, embora se tivesse ao longo do exame relacionado aos Fundos, ele tivesse deixado claro que não iria tratar da SISTEL por ser submetida a um regime diferenciado, há algumas passagens do Relatório que se referem à SISTEL. Está sendo excluído o que diz respeito à SISTEL.

Também do Deputado ACM Neto, altera uma redação para destacar que o Sr. Adacir Reis foi indicado para o cargo pelo Deputado Ricardo Berzoini e que tem laços com o Sr. Gushiken e com dirigentes de Fundos de Pensão. Do Deputado ACM Neto. Altera parágrafos para registrar que a Medida Provisória nº 233/2004, editada para fortalecer a fiscalização por parte da Secretaria Nacional de Previdência Complementar, perdeu sua validade.

Do Deputado ACM Neto, que altera parágrafo para registrar que o documento da SPC apresentado pela Senadora Ideli Salvatti foi fornecido em resposta a requerimento formulado pela Parlamentar.

Do Deputado ACM Neto. Acrescenta parágrafo para registrar que o quadro de auditores da SPC passou de 23 para 102 servidores, o que contribuiu para o desenvolvimento das atividades de supervisão.

Do ACM Neto, que suprime a parte final do parágrafo que informa que o Sr. José Valdir Gomes atuava na GLOBALPREV em 2003.

Também do Deputado ACM Neto, que... Bom, as folhas 1682 e 1688 incluem parágrafo no final do texto que remete o conteúdo das investigações às autoridades competentes.

Do Deputado Nelson Meurer, que esclarece que o Partido Progressista reconhece o recebimento de setecentos mil, de somente setecentos mil, que teria sido utilizado para pagamento do Advogado Paulo Goiás.

Da Deputada Juíza Denise Frossard, acolhendo sugestões de proposições relativas ao apoiamento do PLC 69/2003, outro ao Orçamento Impositivo e a identificação dos produtores e dos custos na exposição de peças publicitárias.

Do Deputado Alberto Fraga, que suprime parte do texto do enquadramento referente ao Sr. Marcos César de Cássio Lima, Diretor da QUALITY.

Meu, Deputado Osmar Serraglio, que retira o nome do Sr. Márcio Lacerda da lista de pessoas que sacaram recursos do Mensalão.

Deputado Osmar Serraglio, que retira o nome do Procurador da GUARATINGUETÁ da lista dos indiciados. É o advogado, aliás... Retira o nome... Eu acho que esse é outro, com calma. É. E também eu retiro, é simples, aqueles que efetuaram o pagamento do episódio GUARATINGUETÁ. Eu estou indiciando aqueles que fizeram o acordo. Aqueles que depois que havia o acordo judicial fizeram o pagamento, eu estou tirando, pelo menos encaminhando para uma melhor avaliação. E também retiro o nome de quem foi advogado. Portanto, ele agiu em nome de outrem. Também tiro o nome do atual Presidente dos CORREIOS e da Srª Sônia, Sr. Jânio Pohren e de Sônia Maria Guimarães, porque eles eram membros de uma Comissão de Licitação em que foi... O indiciamento que estava proposto é porque eles eram membros da licitação e receberam uma certidão e deveriam ter visto que ela era falsa, mas estava autenticada e tudo. Quer dizer, à primeira vista, não se tinha como perceber.

Também faço... Naquele episódio que eu relato, um contato importante do "put"(F), nós relatamos enquanto um momento do Tribunal de Contas. O Tribunal de Contas evoluiu, cassou a liminar, modificou o entendimento e nós continuamos dizendo a mesma coisa. Eu esclareço melhor esse episódio do "put"(F), inclusive me valendo do voto do PT.

Acrescento declarações do Sr. Demóstenes Madureira de Pinho Filho sobre a operação da EURONOTES. Apenas estou colocando dentro da defesa dele para não parecer que ele ficou sem nada esclarecendo a situação dele.

Excluo os nomes de dois que operavam em nome do BMG, mas que eram Procuradores. Portanto, agiam em nome de empresa.

Excluo os nomes de Edson Machado Monteiro e Luis Eduardo Franco de Abreu das listas daqueles que foram afastados em decorrência dos CORREIOS. Porque não foram afastados em decorrência, eles pediram para serem afastados.

No episódio VISANET, eu deixo bem claro que não é o Banco do Brasil, é a Diretoria de Marketing do Banco do Brasil que agiu equivocadamente.

Excluo o Sr. José Adelar Nunes da lista, por se falecido.

Em relação ao Sr. Cássio Casseb, que estava sendo indiciado por advocacia administrativa, 15 dias de... Eu sei que nós verificamos a pena, está prescrita.

Excluí o Diretor da... o Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida do relato em relação ao contrato de publicidade da Câmara porque o Tribunal de Contas excluiu. Nós não tínhamos esse dado, eu recebi esse dado onde o Tribunal consigna que ele não tem culpa.

Esclareço melhor o nome do ABN AMRO BANK, botando a denominação correta do Onyx Lorenzoni, incluo proposta formulada pela Polícia Federal.

Meu, ao *ad hoc* do Senador Sibá Machado e daqueles mais que apresentaram, o relato em relação ao GRUPO OPPORTUNITY.

No VISANET, eu esclareço que o Partido dos Trabalhadores contesta o fato de eu caracterizar como sendo de caráter público.

Do Pompeo de Mattos, adoto as informações relacionadas à DNA, do Marcos Valério, despesas feitas na Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Do BANCO POPULAR, eu peço... Adoto, do Pompeo de Mattos, prosseguimento da investigação em relação às despesas de publicidade do Sr. Ivan Guimarães. E solicito da Comissão de Ética a cópia de todos os processos relacionados aos Deputados que nós encaminhamos para que esse material nós possamos encaminhar junto ao Ministério Público.

Esclareço melhor a situação da Srª Silvana Coalho.

Da mesma forma, esclareço um texto que foi colocado em relação ao Senador Ney Suassuna no episódio da espionagem.

Esclareço melhor também a situação do Sr. Paulo César Bastos Castelo Branco na rede postal noturna.

Do Sr. Júlio Lopes, esclareço a vinculação existente entre José Carlos Batista, Wellington Corrêa e Mauro Vale com o BANCO CRUZEIRO DO SUL.

Adoto, em parte, e faço ajuste, porque tem os dois textos, o relato da USIMINAS formulado pelo voto do PT.

Excluo do relato relacionado ao episódio de Minas Gerais os dados que foram obtidos através... Que não foram obtidos... Quer dizer, nós nos valemos de dados que não nos permitiu, porque nós não quebramos o sigilo. E nisso, eu adoto os dados também do PT que se relacionam ao ODIN(F) BRASIL e também em relação ao Clésio Andrade, para deixar claro isso, para não ficar tumultuoso. Eu estou pegando o relato e os dados que nós colhemos do voto do PT.

Sr. Presidente, foi o que... no tempo que eu consegui, dar uma melhorada, acolhendo as--

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Sr. Presidente.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): sugestões que eu entendo construtivas que foram apresentadas.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Vamos proceder a votação.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): A votação, Deputado.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Sr. Presidente, pela ordem.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Nós estamos em votação.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Para uma questão de ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Não, eu fui muito claro com relação à questão de ordem, Deputado Bittar.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Nós temos o direito de receber por escrito as modificações. Não dá para uma leitura rápida acerca de temas tão importantes como esses!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Está em processo de votação.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Não, o Senhor não pode fazer isso.

[tumulto]

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): A sua postura, Sr. Presidente--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Está em processo de votação.

DEPUTADO ACM NETTO (PFL-BA): Estamos em processo de votação, Sr. Presidente.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): É absolutamente anti-regimental.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Está em processo de votação, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Vou começar.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Eu protesto. Protesto.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Está em processo de votação, Sr. Presidente.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): É um direito nosso e obrigação da Mesa dispor as alterações por escrito para que todos os Parlamentares possam votar conscientemente. É uma exigência que faço em função das normas regimentais vigentes nesta Casa.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Serão disponibilizadas as cópias todas com as alterações.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Antes da votação, agora!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Começaremos a votação.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Heráclito Fortes.

[tumulto]

SENADOR HERÁCLITO FORTES (PFL-PI): Sim.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): Sr. Presidente!

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Sr. Presidente, não pode ser assim, Sr. Presidente.

[tumulto]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Questão de ordem, art. 211.

DEPUTADO JORGE BITTAR (PT-RJ): O senhor não vai fazer isso, não!

[tumulto]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, art. 211!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): O Parlamentar que não se sentir à vontade tem todo o direito de votar posteriormente.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Muito bem.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Questão de ordem, Sr. Presidente.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Art. 211!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador César Borges.

[tumulto]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Art. 211!

ORADORA NÃO IDENTIFICADA: Não sei como os caras demoram assim para votar.

SENADOR CÉSAR BORGES (PFL-BA): Sim.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Vota sim.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, uma questão de ordem--

[tumulto]

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, nós estamos em processo de votação!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Demostenes Torres.

SENADOR DEMOSTENES TORRES (PFL-GO): Sim, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Sérgio Guerra. Senador Sérgio Guerra.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, não é correto o que o Senhor está fazendo.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, art. 211. Questão de ordem, Sr. Presidente.

[tumulto]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente. Sr. Presidente, a ditadura já acabou faz tempo, Sr. Presidente!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): O Parlamentar que não se sentir confortável em analisar, pode votar posteriormente. Sérgio Guerra. Senador Sérgio Guerra.

SENADOR SÉRGIO GUERRA (PSDB-PE): Sim.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente. Questão de ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Álvaro Dias.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Sim.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senadora Ideli.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente. Em primeiro lugar, em primeiro lugar, eu quero deixar aqui consignado--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Já está sendo distribuída a lista.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Em primeiro lugar, Sr. Presidente, é possível recompor...

[tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Bittar, por favor, Bittar. Sente-se. Por favor.

[tumulto]

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Presidente, estamos em processo de votação. V.Exª. pode dar continuidade à chamada dos Parlamentares.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Olha, eu vou usar das prerrogativas que o requerimento, que aqui o Regimento Comum e o Regimento do Senado determinam. Nós sempre conduzimos as nossas reuniões com extrema tranqüilidade e nós não vamos admitir que na votação do Relatório Final haja... Não, Deputado. Não...

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, nós estamos em processo de votação, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu vou continuar o processo de votação. Senadora Ideli Salvatti.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Sim ou não, Senadora?

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Não, Sr. Presidente. O Senhor vai me garantir o direito de falar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Não. Nós estamos em votação, Senadora.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): O Senhor vai me garantir o direito de falar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): O nosso processo é o processo de votação.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Vai me garantir--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Aelton Freitas.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Aelton Freitas.

SENADOR AELTON FREITAS (PL-MG): Não.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente, eu vou falar.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Sibá Machado.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Eu vou falar porque--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Sibá Machado.

SENADOR SIBÁ MACHADO (PT-AC): Consigne o meu voto "não", Presidente.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Desligue o microfone, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Luiz Otavio.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Luiz Otavio. Nós estamos em processo de votação, Senadora Ideli.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): Presidente, tem um dispositivo na Mesa que desliga o microfone.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Mas V.Exª. não votou.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Mas eu posso externar o meu voto, Sr. Presidente?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Então, por favor.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Eu posso externar o meu voto?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Pode externar o voto de V.Exª.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente, o voto pressupõe o Regimento desta Casa. Eu e mais vários Parlamentares apresentamos destaque de votação.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, vamos votar.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Portanto--

[tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Qualquer--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não cabe, Sr. Presidente. Essa discussão não cabe neste momento.

[tumulto]

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, estamos em processo de votação, Sr. Presidente.

[tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Questões... Senadora Ideli, questões dessa ordem nós conversamos após a votação.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Sr. Presidente, vamos dar continuidade. V.Exª. está--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Nós estamos no processo de votação.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Isso, exatamente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Luiz Otavio.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Sim ou não!

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Sr. Presidente, no art.--

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Não há questão de ordem, Sr. Presidente. Nós estamos em processo de votação!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Luiz Otavio.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Não está presente.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Próximo!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Valdir Raupp. Senador Valdir Raupp.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Estamos em processo de votação!

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, questão de ordem. Art. 308, Sr. Presidente!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Valdir Raupp.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Estamos em processo de votação. Não cabe questão de ordem!

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Nós estamos em processo de votação.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, Sr. Presidente. [soa a campainha]. Sr. Presidente, eu peço à V.Exª, Sr. Presidente, que deixe o PMDB para votar por último, que nós vamos aqui ainda em combinação. Como V.Exª disse que pode votar depois, a Bancada do PMDB vai segurar um pouquinho e nós vamos ver. Ta bom?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Jefferson Peres.

SENADOR JEFFERSON PERES (PDT-AM): Sim.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Fernando Bezerra. Senadora Heloísa Helena.

SENADORA HELOÍSA HELENA (PSOL-AL): Com o Relator, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Vamos agora aos Suplentes de Senador. Senador Saturnino. Senadora Fátima Cleide. Senadora Ana Júlia.

SENADORA ANA JÚLIA (PT-PR): Não.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Bom, completou. Senador Sérgio Zambiasi.

SENADOR ROMEU TUMA (PFL-SP): O PFL está completo, Senador? Presidente, o PFL está completo?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Vamos aos Deputados. Deputado Abicalil.

DEPUTADO ABICALIL (PT-MT): Não.

PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Bittar. Deputado Rands.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, o art. 408 do Regimento--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Nós estamos em votação, Deputado.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, encaminhamento--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Nós estamos em votação. Nós estamos em votação.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: O art. 211--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Asdrubal Bentes.

DEPUTADO ASDRUBAL BENTES (PMDB-PA): Com o Relator.

[palmas]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Osmar Serraglio.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sim, Sr. Presidente.

[palmas]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Carlos Willian. Deputado Carlos Willian. Deputado Willian.

[tumulto]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Carlos Willian. Nós estamos em votação.

[soa a campainha]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado--

[tumulto].

[Soa a campainha].

DEPUTADO CARLOS WILLIAN (PMDB-MG): Voto no final.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Vota no final. Deputado ACM Neto.

DEPUTADO ANTÔNIO CARLOS MAGAÇHÃES NETO (PFL-BA): Com o Relator, Sr. Presidente. Sim.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Onyx Lorenzoni.

DEPUTADO ONYX LORENZONI (PFL-RS): Com o Relator. Sim, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Eduardo Paes.

DEPUTADO EDUARDO PAES (PSDB-RJ): Sim, Sr. Presidente. Com o Relator.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Gustavo Fruet.

DEPUTADO GUSTAVO FRUET (PSDB-PR): Com o Relator, Presidente. Sim.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Nélio Dias. Deputado Nélio Dias. Deputado Nelson Meurer. Deputado Nelson Meurer. Deputado Arnaldo Faria de Sá.

DEPUTADO ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB-SP): Sim, Sr. Presidente.

[palmas]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Medeiros. Deputado Medeiros. Deputado Medeiros.

DEPUTADO MEDEIROS (PL-SP): Sim, Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Sim, Deputado Medeiros.

[palmas]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputada Juíza Denise Frossard.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Com o Relator, Sr. Presidente. Sim.

[palmas]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Deputado Pompeo de Mattos.

DEPUTADO POMPEO DE MATTOS (PDT-RS): Com o relatório corajoso do Relator, sim.

[palmas]

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Chamo agora a Bancada do PMDB. Senador Luiz Otavio. Senador Raupp. Senador Gilvam Borges. Senador Ney Suassuna.

SENADOR NEY SUASSUNA (PMDB-PB): Sr. Presidente, nós não queremos deixar de votar no relatório do Deputado Osmar. Mas gostaríamos que houvesse alguma negociação ainda para não parecer uma ditadura.

[tumulto]

SENADOR NEY SUASSUNA (PMDB-PB): Nós queremos apoiar o relatório. Achamos que o Relatório--

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): O Relatório já está aprovado.

SENADOR NEY SUASSUNA (PMDB-PB): Melhorias substanciais, mas queríamos fazer um apelo à V.Exª., que permitisse, para não parecer uma ditadura, que houvesse alguma negociação após a votação.

SENADOR ÁLVARO DIAS (PSDB-PR): É a ditadura do voto.

SENADOR NEY SUASSUNA (PMDB-PB): Nós vamos votar favoravelmente, sim.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Senador Ney Suassuna--

SENADOR NEY SUASSUNA (PMDB-PB): Nós vamos votar favoravelmente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Nós vamos--

SENADOR NEY SUASSUNA (PMDB-PB): Mas que houvesse o diálogo.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): O Relatório já foi aprovado.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Infelizmente, Senador, nós estamos em processo de votação. Independentemente dos votos que restam, o Relatório foi aprovado por dezessete votos.

[palmas]

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra, o Deputado--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Com a palavra, o Deputado Osmar Serraglio, com relação aos votos em separado.

SR. RELATOR DEPUTADO OSMAR SERRAGLIO (PMDB-PR): Sr. Presidente, os votos em separado, em relação aos quais eu tinha concordância, são aqueles que eu terminei já inserindo nessa votação, de forma que, em relação aos demais, como eu anunciei precedentemente, o meu parecer é contrário.

[palmas]

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: A gente não pode recorrer dessa votação arbitrária da maneira como foi feita?

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pela ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu gostaria de deixar bem claro. Foram dezessete votos a favor do Relatório.

DEPUTADA JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS-RJ): Presidente, eu quero--

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): E três, quatro votos "não".

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Questão de ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Quatro votos "não", contra o Relatório, e 17 votos "sim", a favor do Relatório.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Sr. Presidente, eu quero registrar--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pela ordem, Sr. Presidente.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Eu quero registrar--

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Agora é possível pelo menos o Senhor conceder a palavra?

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Eu mais uma vez pergunto aos Parlamentares do PMDB se votarão ou já se sentem satisfeitos com o resultado?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Questão de ordem, Presidente.

SENADORA IDELI SALVATTI (PT-SC): Pela ordem, Sr. Presidente.

SENADOR NEY SUASSUNA (PMDB-PB): Nós votaremos com o Relatório, sim, mas queríamos pedir mais uma vez que haja um certo debate.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): Está encerrada a Sessão.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Questão de ordem, Sr. Presidente.

SR. PRESIDENTE SENADOR DELCIDIO AMARAL (PT-MS): E concluídos os trabalhos da CPI.

Sessão encerrada às 18h18 do dia 05/04/2006

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA
DE INQUÉRITO, CRIADA AT RAVÉS
DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN,
PARA INVESTIGAR AS CAUSAS
E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS
E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS
POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS
– EMPRESA BRASILEIRA
DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

SUB-RELATORIA DE CONTRATOS

Ata da 1ª Reunião, realizada em 30 /08/2005.

Aos trinta dias do mês de agosto do ano de dois mil e cinco, às quinze horas e quinze minutos, na sala 02, da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Deputado José Eduardo Cardozo, Sub-Relator de Contratos, e ainda com as presenças dos Senhores Senadores Heráclito Fortes, César Borges, Sérgio Guerra, Álvaro Dias, Ideli Salvatti, Sibá Machado, Luiz Otávio, Valdir Raupp, Íris de Araújo, Jefferson Peres, Fernando Bezerra, Heloísa Helena e Romeu Tuma e dos Deputados Carlos Abicalil, Maurício Rands, Asdrúbal Bentes, Fernando Diniz, Onyx Lorenzoni, Nélio Dias, Nelson Meurer, Arnaldo Faria de Sá, Medeiros, Juíza Denise Frossard, Pompeo de Mattos, Henrique

Fontana, José Eduardo Cardozo, Jamil Murad, Murilo Zauith, Sílvio Torres, Ildeu Araújo, Geraldo Thadeu, João Fontes, Jorge Bittar, Eduardo Paes, Gustavo Fruet e Welinton Fagundes, reúne-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. A Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião é destinada à oitiva do Brigadeiro Venâncio Grossi. Também foi apresentado pelo Presidente documento encaminhado pela Empresa Skymaster Airlines LTDA., através de sua advogada, justificando as ausências dos senhores: Hugo César Gonçalves, João Marcos Pozzetti e Américo Proietti na presente audiência devido ao exíguo espaço de tempo de suas convocações e solicitando que seja marcada nova data para seus depoimentos. Fizeram uso da palavra à Senadora Heloísa Helena, os Deputados Onyx Lorenzoni, Juíza Denise Frossard, Sílvio Torres, Maurício Rands, Henrique Fontana, Asdrúbal Bentes, Pompeo de Mattos e José Eduardo Cardozo. Encerra-se a presente reunião às dezenove horas. E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Declaro aberta a 1º reunião da Sub-relatoria de Contratos, convocada na forma regimental.

A presente reunião tem por finalidade a oitiva de depoentes indicados por S. Exª, o Relator Osmar Serraglio, para que possam ser apreciados seus depoimentos por esta Sub-relatoria.

Está prevista a oitiva do Brigadeiro Venâncio Grossi, que teria início às 14h30min. Estamos um pouco atrasados. Logo depois, teríamos a oitiva das pessoas vinculadas à Skymaster, o Sr.João Marco Pozzetti, Américo Proetti e Hugo César Gonçalves.

Quero, preliminarmente, informar aos Srs. Deputados e aos Srs. Senadores que no dia de ontem eu recebi uma informação por parte da advogada da Skymaster no sentido de que os depoentes estariam impossibilitados de comparecer. Foi transmitido a ela que oficializasse o requerimento para que pudéssemos apreciá-lo. Até agora não havia chegado o requerimento, mas fui informado de que talvez já tenha chegado. Portanto, deixaremos em suspenso a confirmação dessa postulação da advogada dos convocados vinculados à Skymaster.

Também quero informar aos Srs. Deputados e Srs. Senadores que a reunião interna que estava convocada para as 13h30min foi cancelada em decorrência dos trabalhos que estavam se acumulando durante esse período. Por essa razão, designaremos uma outra data, talvez na quinta-feira, para que possamos fazer essa reunião administrativa da Sub-relatoria de Contratos.

Peço à Assessoria que faça entrar no recinto o nobre depoente, o Brigadeiro Venâncio Grossi.

Solicito à Assessoria da Comissão que traga até a Mesa o requerimento de convocação do depoente, Brigadeiro Venâncio Grossi, para que possamos previamente avaliar se ele prestará depoimento como testemunha ou como investigado por esta CPI. Se for prestar depoimento como testemunha, ele assinará o termo de compromisso na forma legal.

Assim, suspendo a reunião por apenas três minutos para que possamos ter o requerimento. Aí iniciarmos nossos trabalhos.

Está suspensa a presente reunião.

(Suspende-se a reunião às 14 horas e 58 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 15 horas e 12 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está reaberta a reunião.

A Assessoria acaba de me passar cópia do requerimento de convocação do nobre Brigadeiro Venâncio Grossi. O requerimento está subscrito pelos nobres Deputados Onyx Lorenzoni e Antonio Carlos Magalhães Neto. Pelos termos em que foi apresentado esse requerimento, o depoente prestará seu depoimento na condição de testemunha.

Portanto, peço ao depoente, por gentileza, que assine o termo de compromisso na forma legal e regimental.

Concedo a palavra, pela ordem, à nobre Senadora Heloisa Helena.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Deputado José Eduardo, eu sei que não está no âmbito da decisão de V. Exª, mas, enquanto o Brigadeiro assina o termo de compromisso, gostaria de deixar registrada a minha preocupação. Sei que essa é também a preocupação do Senador Jefferson Péres, da Deputada Juíza Denise Frossard; ou seja, refiro-me à reunião da Sub-relatatoria de segunda-feira. Assim, apelo para V. Exª e vou conversar também com o Relator, o Deputado Osmar Serraglio, com o Presidente da Comissão, no sentido de que possamos ouvir os empresários da

empresa Beta, numa reunião plenária, do mesmo jeito que fizemos com a Skymaster.

Hoje estamos ouvindo outras personalidades, supostamente envolvidas ou não no caso de crimes contra a administração pública. Faço um apelo no sentido de que possamos ouvir na reunião ordinária do plenário desta Comissão Parlamentar de Inquérito, até para garantir uma ampla participação de todos os Parlamentares, porque sendo marcadas junto com outras sub-relatorias, é sempre um problema. Ao mesmo tempo em que um Parlamentar quer ouvir, por exemplo, a Diretora-Presidente do Banco Rural, quer ouvir os empresários que deram 800 mil à campanha do Presidente Lula e ganharam um contrato de cem milhões nos Correios.

Então, é muito difícil que essa reunião seja marcada numa pequena reunião de sub-relatoria na segunda-feira à tarde. É um apelo que faço a V. Exª no sentido de compartilhar essa preocupação, que eu também farei, com o Relator geral da CPMI.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço a V. Exª e digo apenas o seguinte, não cabe a este sub-Relator a possibilidade efetiva de transferir aquilo que me foi designado. Apenas estou atendendo efetivamente às designações do sub-Relator. Mas me comprometo com V. Exª de transmitir a preocupação ao sub-Relator e ao Presidente da CPMI, justamente para que possamos diagnosticar quais os casos que devem ser encaminhados ao plenário e quais os casos que estarão submetidos a esta sub-Relatoria. Acho importante que V. Exª tenha colocado essa questão até para que possamos ter a melhor harmonização possível das convocações nesses casos.

Senador Jefferson Péres.

O SR. JEFFERSON PÉRES (PDT – AM) – Sr. Deputado, louvo a sua atitude, Deputado Eduardo Cardoso, porque a preocupação da Senadora Heloísa Helena é a minha também. Nenhuma suspeita quanto à idoneidade da Subcomissão, por favor, não me interpretem mal, mas o fato de ser numa segunda-feira, às 14h, pode criar – 14h de uma segunda-feira – a impressão de que se está querendo fazer algo sem o conhecimento amplo da população. É preciso ter cuidado quanto a isso. Que não pareça, o que eu sei que não é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço a V. Exª. Será uma questão que trataremos com o sub-Relator. Acredito que embora sejam reuniões de uma sub-Relatoria, é necessário garantir maior número de pessoas presentes, embora me adverte o nobre Deputado Abicalil, que vai fazer uso da palavra a seguir, de que isso teria sido uma decisão de Plenário. Portanto, passo... Se me permite, Senadora Heloísa Helena, vou passar a palavra ao Deputado Abicalil; a seguir à Deputada Denise Frossard, depois a V. Exª, apenas para esclarecimento do Deputado Abicalil.

Com a palavra o Deputado Carlos Abicalil.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Apenas para compreender. É a primeira experiência de oitivas simultâneas e a organização da oitiva simultânea foi deliberação aqui do Plenário.

Com relação à definição dos convocados, em plenário, o Presidente Delcídio, na última quinta-feira, apresentou quais seriam aqueles ouvidos em plenário conjunto, na próxima quarta-feira, manhã, na terça-feira da próxima semana e na quarta-feira, dia 14, de modo que isso ficou de conhecimento do Plenário: a fixação das agendas de plenário.

Em relação às agendas para as oitivas simultâneas, naquilo que está sendo chamado aqui de Subcomissões, porque havia requerimentos chamando de subgrupos, ou grupos de trabalhos, nomenclaturas distintas, essa proposição foi tomada entre os sub-Relatores e o Presidente, a partir das definições de dois núcleos de investigação, Correios e suas contratações, e no outro núcleo, a movimentação financeira do Sr. Marcos Valério, cada um desses núcleos coordenados na sub-Relatoria pelo Gustavo Fruet, em um caso, e pelo Deputado José Eduardo Cardoso, no outro caso.

A proposição de agenda percorreu os requerimentos que estiveram já com sua aprovação aqui, alguns há muito tempo, cuja definição encontrava um grau maduração respectiva no nível de investigação.

Se a definição é sobre a agenda da próxima segunda-feira, como apresentou aqui o Senador Jefferson Péres. E da sexta-feira...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Considere também, Deputado Carlos Abicalil, a minha preocupação...

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Pois não. Apenas para fazer aqui a explicação do que foi levado em conta para ser segunda e terça. Quarta-feira da próxima semana é feriado, 7 de setembro. Por essa razão é que a oitiva de plenário ficou na terça-feira, sendo ouvido, no plenário, se não estou enganando, o ex-Ministro Luiz Gushiken. É isso mesmo, na próxima terça-feira.

Tínhamos para resolver se faríamos a consecução da semana na quinta e na sexta ou na segunda-feira. A orientação dada, quero dizer aqui, pelo Presidente com os sub-Relatores, na noite de quinta-feira, foi que fizéssemos segunda e terça, e não terça e quinta, em função do feriado de quarta-feira.

Então, a excepcionalidade da próxima segunda-feira se deve a essa ocorrência do feriado e a decisão

de Plenário de ouvir o ex-Ministro Gushiken, na terça-feira. É o que me cabe explicar em relação à ocorrência de uma segunda-feira. Na semana que se sucede volta a ser terça, quarta e quinta.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a palavra a Deputada Denise Frossard.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, apenas gostaria de deixar consignado que a preocupação da Senadora Heloísa Helena e do Senador Jefferson Péres é igualmente a minha. Então, aqui poderíamos, talvez, envidar esforços para alterar essa oitiva, o que atenderia a todos. Está perfeitamente explicado, mas já aqui colocando que talvez fosse melhor para que não pairasse qualquer dúvida, pois não é bom o clima. Já chega o clima de fora, que está muito ruim, em termos da sociedade pressionando que há o cheiro daquilo que eu já disse aqui há 22 dias. De modo que talvez fosse melhor para salvar alguns currículos.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a palavra a Senadora Heloísa Helena.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Para que não pareça que um está falando hebraico e outro está falando outra coisa, então, é uma proposta, Deputado Abicalil, que foi muito concreta, no sentido de alterar do mesmo jeito que se acabou de ser alterada a da Diretora-Presidente do Banco Rural. Foi alterada sem consulta do Plenário. Foi alterada numa relação absolutamente legítima, sendo importante que seja discutida também com todos os Parlamentares.

Para mim, se quiser vir aqui trabalhar na quarta-feira, no feriado, não tem nenhum problema. É um problema grande por causa dos funcionários, dos servidores da Casa. Mas é uma proposta concreta no sentido de que seja alterada, porque tem um outro debate também. Acho que a Diretora-Presidente do Banco Rural acabará sendo ouvida no mesmo dia do ex-Ministro Luiz Gushiken. Então, isso é algo que fica muito difícil.

Um apelo que faço a V. Exªs, que estão assumindo sub-relatorias, é no sentido de podermos alterar, rediscutir essa agenda. Não é a metodologia. A metodologia foi aprovada. A agenda foi definida entre o Presidente e os sub-Relatores. Se existe um conflito com vários Parlamentares, que possamos rediscutir essa agenda. É uma proposta absolutamente concreta no sentido de que possamos redefinir essa agenda.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A proposta de V. Exª me parece bastante razoável, permita-me dizer, Senadora. Portanto, assumo o compromisso de, em dialogando com o Presidente Delcídio e com o Relator Osmar Serraglio, verificarmos da possibilidade de remarcarmos essa data. A ponderação é extremamente razoável. O ideal é que busquemos a harmonização de todos os Parlamentares. O objetivo é este.

E tem razão o Senador Jefferson Péres. Ou seja, quanto maior o número de Parlamentares que puderem estar presentes, melhor. Penso que isso enriquece profundamente o trabalho desta sub-Relatoria.

Pela ordem, a Deputada Denise Frossard.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, por exemplo, tenho interesse em ouvir a Srª Presidente do Banco Rural e, ao mesmo tempo, está na minha linha de investigação não só a Srª Presidente do Banco Rural, como também o ex-Ministro Gushiken, e não tenho o dom, não tenho ubíqua capacidade de estar nos dois lugares ao mesmo tempo. Então, reqüestro a V. Exª que envide os esforços necessários.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De fato, a ubiqüidade é um dom que nós, mortais, não temos.

Concedo a palavra, pela ordem, ao Deputado Carlos Abicalil.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Obrigado, meu caro Presidente, apenas para dizer que, da minha parte, não há qualquer tipo de resistência sobre alteração de datas, de oitivas, bem ao contrário disso, cumpri um acordo que foi proposto no conjunto dos sub-Relatores e do Presidente, se há problemas, em relação à próxima segunda-feira, de agendamento, eu me comprometo de, na quinta-feira, na reunião administrativa, propor uma outra solução. Pelo que entendi é a data e não aqueles que estão convocados que é o problema. E, ao mesmo tempo, propor uma relação de convocados para serem ouvidos em grupos menores e uma relação de convocados para plenário.

Por último, apenas um esclarecimento sobre a Presidente do Banco Rural, para que ela seja ouvida no dia 6, momento coincidente com decisão de Plenário de ouvir o ex-Ministro Gushiken, efetivamente teremos de tratar da confirmação ou não desta data na próxima quinta-feira também. De sorte que não haja essa concorrência, até porque, no caso da terça-feira, dia 6, foi deliberação de Plenário que a oitiva seria realizada em plenário com o ex-Ministro Gushiken. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pede-me a palavra, o nobre Vice-Presidente da Comissão. Evidente, caberia a V. Exª, estando presente, presidir esta reunião. Então indago a V. Exª se gostaria de assumir, porque, então, não teria eu que dar a palavra a V. Exª, que já a tomaria de pronto.

O SR. ASDRUBAL BENTES (PMDB – PA) – Sr. Presidente, nobres companheiros, quero dizer a V. Exªs que ouvi atentamente as ponderações dos dois Senadores e da Deputada Juíza Denise Frossard. E na reunião que terei ainda hoje com o Presidente Delcídio e o Relator Osmar Serraglio envidarei esforços no sentido de compatibilizarmos essas reivindicações.

Quanto a assumir a Presidência, nobre Relator, penso que está muito bem entregue a direção dos trabalhos a V. Exª e, com certeza, vai conduzir com a inteligência e a competência de sempre.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muito obrigado. O elogio vindo de V. Exª vale por dez.

Agradeço imensamente a V. Exª. Vou solicitar, como a minha função é de Sub-Relatoria, que o Deputado Abicalil, que é o coordenador dessas argüições, assuma a Presidência, e assumirei a posição de Sub-Relator dentro das funções normais desta Comissão.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Com a palavra, o Sub-Relator José Eduardo Cardozo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, gostaria de propor, como dinâmica nossa de trabalho, que o Sub-Relator fizesse uma breve introdução do depoimento, justamente para que os Srs. Deputados pudessem fazer uso da palavra com maior rapidez. Ao final, o Sub-Relator se reservará o direito de fazer as perguntas, porque acho que isso dá maior dinâmica à subcomissão, facilita os Srs. Parlamentares na agilidade de argüição, ao invés de eu fazer toda a bateria de perguntas originalmente.

Então farei a introdução inicial.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Com a palavra, pela ordem, o Deputado...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Como não houve inscrição, como vai...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há inscrição sim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quando cheguei não tinha...

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Há uma lista de inscrição...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou apenas fazer uma introdução protocolar do depoimento. E, a seguir, seguiremos a lista de inscrições, e falarei ao final.

Gostaria de indagar ao depoente que pudesse rapidamente declinar o seu nome, a sua profissão e um breve histórico de sua vida funcional.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Srs. Senadores, Srªs Senadoras, Srs. Deputados presentes, antes de mais nada, queria dizer ao senhor que estou aqui como cidadão brasileiro, motivado pelo mesmo desejo que a maioria do povo brasileiro, e indignado, como muitos dos senhores, pelo que o nosso País está passando. Estou aqui de peito aberto para, com os senhores, buscar dar as respostas para ajudá-los a chegarem a um destino que todos nós brasileiros esperamos. Portanto, V. Exªs podem contar comigo. E por isso que estou aqui. Tendo recebido essa comunicação ontem, propus-me de imediato a vir aqui para, como brasileiro, repito, ajudar todos os senhores a terminar o mais rápido possível essa dor que toda Nação brasileira sofre.

Meu nome é Venâncio Grossi, sou militar da reserva da Aeronáutica, Oficial General, aonde servi 43 anos, sendo que os últimos cinco no Departamento de Aviação Civil, inclusive preparando... Fui o responsável, na época, por preparar o projeto da Anac, que agora os senhores aprovaram, e acredito que será implementado em tão breve tempo.

Quando passei para a reserva, em 2003, por motivo de idade, tirei uma quarentena, impus-me uma quarentena porque eu tinha decidido não ficar parado em casa. Acho que enquanto raciocinando, enquanto podendo nos mover, devemos trabalhar, buscar ajudar, buscar concorrer e buscar a melhoria de todos, não só da nossa família, como do próprio País. Após isso, depois de sete meses, tive o prazer de ser convidado por duas empresas: uma, AGPT Transportes Logísticos*, e os Correios, um mês ou dois meses depois. Fui convidado pelo Dr. Dipp para assessorar, dar consultoria a uma comissão, a um grupo de trabalho que ele, segundo me informou à época, tinha como missão reavaliar a rede postal noturna e outros órgãos dos Correios. Porquanto, no relatório do Governo, na transição, um dos aspectos que ele me disse que tinha que ser revisto era a rede postal noturna.

Acredito que em detalhes entraremos mais tarde, mais para encurtar a minha fala vou dizer para os senhores que esta consultoria que prestei aos Correios, na elaboração de um plano de contas, gerou, no fim de um ano, uma receita, digo, os Correios deixaram de ter uma despesa de R$105 milhões. Acredito que a minha presença aqui tenha sido motivada por este trabalho e por esta redução que foi causada por esse grupo ao qual assessorei. Inclusive eu, quando fui convocado, achava que esta Comissão aqui também estivesse para ajudar ao Plenário a tirar dúvidas, mas vou ter que falar por eles, inclusive algumas coisas que acharia melhor que o Presidente da Comissão falasse. Mas estou disposto a falar tudo que os senhores precisarem saber acerca desse trabalho lá desenvolvido.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª disse que é militar da reserva. Em que ano passou para a reserva?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em 2003. Passei em fevereiro de 2003.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois de fevereiro de 2003, quais foram as atividades profissionais desenvolvidas por V. Sª?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Impus-me uma quarentena.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quanto tempo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sete, seis meses. Aí fui trabalhar num contrato com a AGPT para assessorá-los em helicópteros e em operação *off-shore* e na constituição de uma empresa de transporte aéreo que se chamaria Promodal. Portanto, quando fui trabalhar tanto na Promodal, desculpe-me, na AGPT, não existia a empresa Promodal Transportes Aéreos, como também não havia conflito de interesse em auxiliar os Correios, assessorando o grupo para criar um plano de contas que os Correios não tinham.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Exª, então,...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – V. Sª, por favor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão. É que o currículo de V. Sª é tão vistoso que até o título me traz equívocos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Obrigado, Excelência.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, então, eu diria a V. Sª que, especificamente, foi contratado pela GPT para prestar essa consultoria e, também, para auxiliar na formação da Promodal.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor. É o que está escrito: Promodal Transportes Aéreos.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Promodal Transportes Aéreos. E a consultoria que V. Sª prestou na formação da Promodal tinha que aspectos técnicos envolvidos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O aspecto técnico que eu assessorava ao grupo encarregado da empresa – porque eu não ia ao DAC e isso eu impus nas condições. Quando contratado, eu disse que não iria ao DAC por motivos éticos. Eu assessorava o grupo na elaboração dos FAR, dos RBH – Regulamento Brasileiro de Homologação. Quais eram os regulamentos que teriam que ser montados? Como montar o regulamento? Quais eram os pontos que teriam que ser tocados? A empresa – a parte física da empresa – como montar a empresa? Como conduzir a parte de engenharia? Como conduzir a parte de economia? Como teria que ser montada a parte de instrução? E, também, ele queria que eu o auxiliasse porque ele pretendia implantar uma empresa *off-shore* de helicópteros na operação que não se concretizou.

O SR. JOSÉ CARLOS ALELUIA (PFL – BA) – Só uma informação, Sr. Presidente. Eu percebo que o Relator tem dúvida quanto ao pronome de tratamento do Oficial General: é Excelência.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Acabo, então, de ter um aprendizado. Em todo o caso, eu acertei errando.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Mas estou aqui como cidadão brasileiro; Excelências são os senhores.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aliás, Sr. Presidente, poderemos propor que o Deputado José Carlos Aleluia fosse designado como o Chefe do Cerimonial desta Comissão.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Bom. Superada a questão do pronome de tratamento, passemos à continuidade da oitiva.

Com a palavra o Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Além desse trabalho que V. Exª prestou à GPT, V. Exª prestou que tipos de outros serviços – além desses – após ter ido para a reserva?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Aos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só aos Correios? Não houve...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nessa época, só aos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E posteriormente?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Posteriormente... Acabei de fazer um trabalho para a Abrate – Associação Brasileira de Transportes Terrestres, que foi uma avaliação de cenários para o crescimento da aviação civil.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve outros contratados?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Senhor?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve outros contratados, além deste, da Abrate?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A Abrate é a Associação Brasileira....

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, além da Abrate houve outros contratados?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Além da Abrate, estou prestes a ter um contrato com a Comissão-Geral de Estudos Estratégicos para ajudá-los a elaborar uma

política de integração regional usando-se o transporte aéreo – estou em vias de assinar esse contrato.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na contratação dos Correios, V. Sª foi contratado a que títulos: foi com licitação, sem licitação?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu não fui contratado com licitação porque eu fui como pessoa física. Eu fui convidado – por um telefonema – a comparecer aos Correios e tive uma entrevista com o Dr. Dipp, que me colocou aquela situação que eu disse no início – que pedia, face às informações que ele tinha tido de mim, porque, quando Diretor-Geral, ajudei os Correios no sentido de dirimir dúvidas técnicas, principalmente na área de edital. Eu criei um grupo no DAC para ajudar a equipe do Correios a, juntos, elaborarem um edital de concorrência para a rede postal noturna.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mesmo sendo contratado como pessoa física, de acordo com a lei, na ausência de licitação é necessário a configuração ou de caso de inexigibilidade ou de dispensa de licitação. V. Exª tem ciência do fundamento que ensejou a contratação direta?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor. Não tenho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muito bem.

Sr. Presidente, eu apenas fiz a introdução protocolar. Rogo, então, a V. Exª que passe à lista de inscrição e proponho a V. Exª que submeta ao Plenário o tempo de 10 minutos para cada uma das argüições.

O SR. GERALDO THADEU (PPS – MG) – Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Pois não, Deputado. V. Exª tem a palavra pela ordem, Deputado Geraldo Thadeu.

O SR. GERALDO THADEU (PPS – MG) – Sr. Presidente, eu tenho, aqui, um comunicado que considero importante – é breve, Senadora Heloísa Helena, mas é importante.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Não estou falando nada com V. Exª, por Nossa Senhora, não queira ter telepatia. Eu estou brigando ali na mesa com o Deputado José Eduardo Cardozo.

O SR. GERALDO THADEU (PPS – MG) – Eu entendo.

Sr. Presidente, Srs e Srªs Parlamentares, eu gostaria de ler aqui uma decisão do PPS, da Executiva Nacional:

Ouvida a Bancada Federal e Presidentes Estaduais, por unanimidade, assume o compromisso de representar, junto à Comissão de Ética da Câmara dos Deputados, contra os Parlamentares envolvidos no escândalo do "mensalão" e em processo de corrupção e que estejam relacionados em relatórios das Comissões Parlamentares de Inquérito, encaminhados às Mesas da Câmara e do Senado.

A decisão aprovada pela direção do PPS é mais um esforço do Partido para impedir um acordão no Congresso e, assim, evitar punição de Parlamentares denunciados, bem como as tentativas de obstaculizar e postergar as investigações e punições, como é desejo expresso do Presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, nos termos de sua entrevista ao jornal **Folha de S.Paulo**, desta terça-feira.

A Executiva do PPS repudia e se coloca frontalmente contra as declarações levianas, inconseqüentes do Deputado Severino Cavalcanti, incompatíveis com a posição que ele ocupa.

O PPS afirma à sociedade que vai lutar para a continuidade plena das investigações, para garantir as punições necessárias.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Muito obrigado, Deputado Geraldo Thadeu.

O depoente, General, deseja fazer uma...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – ...complementação de informação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela ordem, Sr. Presidente. Apenas uma... Há uma gestão da nobre Senadora Heloísa Helena, que, carinhosamente, pede a esta Mesa que o tempo não seja de dez minutos, mas de 15 minutos. Como não teremos o segundo depoimento, que acabo de receber a petição da Skymaster, creio que, se V. Exª me permitir e em especial deferência à Senadora, poderemos ter hoje 15 minutos, coisa que nem sempre será possível, quando tivermos mais de um depoente por tarde.

Portanto, acho que é perfeitamente possível, porque não haverá outro depoimento, darmos 15 minutos. Mas rogo que V. Exª não tome isso como um precedente, porque haverá tardes que teremos muitos depoimentos e os 15 minutos não poderão ser concedidos.

Reveja, portanto, a proposta, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Como eu imaginava, não haverá briga em relação à Mesa. Senadora, vou pedir apenas 30 segundos de paciência, que o Brigadeiro quer ainda fazer uma informação, que ele deixou de prestar...

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL –AL) – Claro.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – ...na sessão inicial.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Cinco segundos.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Pode ter o tempo que V. Exª achar necessário.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu estou prestes também a assinar um contrato.

Sr. Relator, para o senhor anotar, por favor. Eu estou prestes a assinar um contrato também com a Conut...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual o nome? Conut?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Conut.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ainda não assinado, mas V. Exª vai assinar.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Para prestar consultoria aeronáutica a eles.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicali. PT – MT) – Agradeço V. Exª.

Para a palavra da primeira oradora inscrita, Senadora Heloísa Helena, por até 15 minutos.

Tem a palavra V. Exª.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Deputado Abicalil, é evidente que não vou brigar com o Deputado José Eduardo, não por essa motivação, mas porque acabei de ser ameaçada por ele.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu ameacei a Senadora que suspenderei as aulas de piano que estão entabuladas com ela.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Sabe o que é, Senador Jefferson Péres? Uma pessoa boa, de bom coração, iluminado deu a mim um piano de presente. Eu não sei tocar piano, e o Deputado José Eduardo é um pianista, é uma pessoa que... Não, é verdade, sabe mesmo tocar piano.

O SR. JEFFERSON PÉRES (PDT – AM) – Vai ensinar V. Exª. Vai lhe dar aulas?

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Não, ele se predispôs a me dar algumas aulas e é evidente que eu exigi uma certa música, que é a única coisa que ainda dá herança socialista a ele, a Internacional Socialista. Então, só por isso...

O SR. JEFFERSON PÉRES (PDT – AM) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Olhe, Brigadeiro Venâncio, pode ficar à vontade, quando o senhor estiver disponível. Veja, tenha a certeza... Deputado Abicalil, o meu tempo, que eu acabei tentando brincar com o Deputado Zé Eduardo.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Será restituído o seu tempo.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Sabe V. Exª e todos nós, é uma coisa assim... Esse momento que todos estamos vivenciando é um momento muito difícil, eu sei que é momento difícil para V. Exª também, para a sua família. Tivemos inclusive acesso, não sei se foi exatamente sua filha, mas um *e-mail* que foi encaminhado para vários Parlamentares, inclusive uma correspondência que ela mandou para uma revista de grande circulação nacional, que encaminhou os dados.

Eu disse várias vezes que, evidentemente, temos a obrigação de encarar as pessoas que vêm prestar depoimentos aqui como inocentes até que os fatos e o procedimento investigatório mostrem o contrário. Então, tente racionar conosco: quais os elementos que temos para esse procedimento investigatório naquilo que se relaciona à participação de V. Exª? Imagine-se em nosso lugar. Veja exatamente o que está configurado no caso da Rede Postal Aérea Noturna – RPN. Primeiro, porque já estamos em situação muito difícil. O que está Comissão está investigando? Crimes contra a administração pública no gestor operacional dos Correios, que são as sete áreas.

Aqui, Brigadeiro Venâncio, já se viu de tudo. Das coisas mais abomináveis, putrefatas, tudo que a sociedade brasileira, que o povo brasileiro, que aquelas – que repito sempre – mulheres e homens de bem e de paz que querem continuar ensinando os seus filhos a não roubar, vêem com estado de náusea permanente.

Veja qual é o caso que trouxe V. Sª até aqui: havia um contrato – não apenas de gaveta, mas registrado em cartório – entre duas empresas aéreas, a Skymaster e a Beta, ou qualquer outro nome que a ela tivesse sido dado. Havia um contrato – e o contrato já foi inclusive disponibilizado no depoimento do senhor da Skymaster –, que dizia que qualquer licitação ganha pela Skymaster ou pela outra empresa, no caso da Beta, em qualquer contrato ganho por qualquer uma delas, cada uma teria 50% do valor.

O que aconteceu quando o senhor acabou indo pelos Correios como consultor? Aconteceu, supostamente, uma coisa que, em princípio, poderíamos achar muito importante: o trabalho de V. Sª junto aos Correios detectou um superfaturamento no contrato da Skymaster, superfaturamento esse que era um contrato, ainda na época do Governo Fernando Henrique, de R$9,2 milhões. Esse contrato, após o trabalho também feito com a consultoria de V. Sª, reduziu para R$4 milhões. Depois, eles conseguiram um novo termo e subiram esse contrato para R$5 milhões. Depois da saída do Ministro Miro Teixeira, o contrato voltou não para R$9,2 milhões, mas para R$9,6 milhões. Então, suponhamos que o trabalho de V. Sª foi importante porque detectou o superfaturamento na empresa, e essa empresa reduziu o contrato para R$4 milhões e, depois, voltou para R$9 milhões. Aí o senhor poderia

dizer "sim, mas o trabalho que fiz foi com a comissão" – e a constituição está sendo colocada para todas as pessoas. Não era só o senhor que, inclusive, deveria estar aqui, mas foi feito isso.

Como entra o outro lado da história? O que os empresários da Skymaster acabaram nos informando era que o contrato foi identificado como superfaturado para que fosse aberta uma nova licitação. Ao abrir a nova licitação, a empresa beneficiada foi justamente a empresa Beta, que também era dos empresários da Promodal, à qual, por sua vez, V. Sª prestava serviço. Inclusive, foi publicado na revista – não sei se verdade ou não – que as despesas de V. Sª num hotel de Brasília eram pagas pela Promodal, cujo empresário também é dono da Beta, que, por sua vez, ganhou um contrato de R$100 milhões, ao tempo em que deu R$800 mil à campanha do Presidente Lula.

Está entendendo, Brigadeiro Venâncio? Se o senhor se colocar em nosso lugar – e qualquer pessoa, obrigatoriamente, tem que ser considerada inocente – verá a nossa dificuldade em entender um caso como esse. Duas empresas tinham um contrato – já disponibilizado para a CPMI e do qual todos nós temos conhecimento – pelo qual era 50% para cada, independente de quem ganhasse a licitação. De repente, a empresa Beta, em vez de ter 50% dos R$95 milhões do contrato que a Skymaster teve, passou a ter, sozinha, um contrato de R$98 milhões para ela. O que torna toda essa história suspeita? Foi a empresa que deu R$800 mil à campanha do Presidente Lula e que, ao invés de dividir um contrato de 50% no contrato de R$92 milhões com a Skymaster, passou a ter, sozinha, o contrato.

No que o senhor precisa nos auxiliar? Primeiro, deixe claro – e sinta-se em nosso lugar – que não havia conflito de interesse. O senhor disse que não havia conflito de interesse porque o senhor prestava serviço a uma empresa que, por sua vez, não era ainda a empresa que objetivamente ganharia uma licitação na RPN, Rede Postal Aérea Noturna.

Segundo: quais elementos foram identificados por V. Exª e que acabaram influenciando no superfaturamento, identificando o superfaturamento, o que levou a uma nova licitação e que a empresa, em que um dos donos era também da empresa em que o senhor prestava assessoria, acabasse sendo beneficiada?

Ponha-se em nosso lugar e tente nos auxiliar nesse procedimento investigatório. Como disse V. Exª, é o que querem o senhor, a sua família, o povo brasileiro. Mais do que querer, é nossa obrigação fazer.

Gostaria que o senhor, de forma absolutamente detalhada – porque é precioso para o procedimento investigatório –, nos auxiliasse em relação a esse fato objetivo. (Pausa.)

Pode começar a falar.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Primeiro, essa relação Beta-GPT-Promodal não é do meu conhecimento. Fui contratado pela GPT para assessorá-la na constituição de uma empresa de transporte que se chamaria Promodal e para, como está no contrato, operações *offshores* com helicóptero. Por coincidência, fui chamado pelo Presidente dos Correios para dar essa consultoria. Por que aparece essa história na revista... Pode falar o nome da revista? Não gosto nem de falar porque estou com essa revista entalada. Revista Época. Quando estourou a situação de Skymaster, quando apareceu esse problema, o Sr. Luiz Otávio – ele diz que não deu a declaração –, segundo a revista, deu uma declaração. Fui procurado pelo repórter da revista: "O senhor foi citado como o homem da Promodal" – na época, nem existia Promodal, mas ele falou Promodal – "que estava nos Correios para facilitar a vida da Promodal". Perguntei: "O senhor está gravando?" Ele disse: "Não. Por quê? O senhor está com medo de gravar?" Eu disse: "Não. Não. Não. Eu quero que o senhor grave porque vou contar para o senhor. O senhor publique o que ele disse, mas vai publicar também o que eu vou dizer para dar o contraditório". Isso está em uma carta que mandei, depois, para essa revista e em que, por incrível que pareça – essa carta tem três folhas –, pinçaram, dois dias depois, algumas coisas. Passo às mãos de V. Exª.

Senadora Heloísa Helena, quando soube que vinha trabalhar em Brasília, na proposta que apresentei, disse: "Vou ficar em Brasília terça, quarta e quinta". Procurava um hotel. Conversei isso na GPT com o Presidente. Ele falou: "Olha, temos um convênio com o Blue Tree. Como você tem um contrato comigo, eu uso o nosso convênio, em que o preço é mais barato, e, depois, fazemos o encontro de contas". Senadora Heloísa Helena, foi isso o que fiz.

Senadora Heloísa Helena, esse senhor que pegou esse papel, de maneira que não me cabe avaliar nem fazer idéia de valores, mas, provavelmente, não muito ortodoxa, que deve ser a maneira como ele conduz a vida dele – estão até aparecendo aqui –, quis usar esse documento, que conseguiu de maneira transversa, para, contra os Correios, tentar eliminar a repactuação que os Correios fizeram depois de terminado o serviço junto... e também outras licitações que estavam vencendo e iriam ser refeitas, ele tentou na Justiça com duas ações – isso em 2003: uma em Brasília e outra em São Paulo. Nas duas ele obteve insucesso, porque o juiz viu "facciosismos", silogismos que estavam sendo usados como argumentos de meias-verdades

para querer justificar a não-repactuação e, conseqüentemente, a redução que, obrigatoriamente, teria que haver. Por que, Senadora Heloísa Helena? Quando eu fui trabalhar nos Correios, a missão era auxiliar esse grupo de trabalho. Esse grupo de trabalho eram técnicos excelentes do Correio: economistas muito bons, contadores excelentes, entretanto eles não conheciam a parte de aviação, a parte técnica de aviação. A primeira pergunta que eu fiz ao grupo: para que se possa fazer uma licitação, eu pressuponho que exista um preço básico; qual é o custo de referência-Correios que nós temos para fazer uma licitação? Descobrimos que não tínhamos esse custo de referência-Correios. Eu fui assistir a um pregão para saber como é que era, eu queria ver o pregão. E vi que a pregoeira ficava numa situação horrível, porquanto ela não tinha como se... nenhum dado de referência onde se basear para dizer se o preço mínimo era realmente mínimo. Então, nós começamos... E não só por isso, mas também o próprio diretor de operações dos Correios reconhece a necessidade deste plano de contas, porque os Correios não tinham. Vou mostrar para o senhor aqui um ofício que eu trouxe... O diretor, o chefe da equipe de coordenação, que era o diretor de operações, entrega ao consultor Venâncio Grossi um ofício onde no item *c* ele diz textualmente que precisariam ter um documento que pudesse ver qual seria o custo de mercado de cada segmento de linha da Rede Postal Noturna (RPN) executada e realizada por cada aeronave. Então, nós começamos a fazer o quê? Primeiro, vamos levantar quanto é que os Correios pagavam a tonelagem transportada. Como é que isso foi feito? Entramos no *site* do Departamento de Aviação Civil, neste *site* está publicada uma portaria chamada Portaria de Índice. Se eu estiver chateando os senhores com muita tecnicidade, me perguntem o que é.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Não, é essencial isso.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Esses índices são publicados anualmente, considerando-se a frota média do mercado e esses índices são tirados em cima de uma curva chamada "curva belga", que, apenas por uma questão de conhecimento, no passado, foi desenvolvida pelos belgas para ferrovia, mas que se usa em aviação. Esses índices são publicados e, baseado nesses índices, existe uma fórmula de como se chegar à tarifa: deixa-me acrescentar à senhora uma coisa: esses índices já incluem 12% de lucratividade. Então, como é que se montava a tarifa? Existia uma portaria que estava no *site* do DAC, portaria que também foi usada como meia-verdade dizendo que ela estava cancelada. É verdade que ela estava cancelada, mas não a metodologia de como ela ensinava, de montar uma tarifa; como se multiplicava o índice pelo valor em função, se era tarifa para passageiro ou era tarifa para carga. Isso gerou uma descoberta que nós começamos a ver – está aqui o primeiro relatório, por favor, Sr. Relator, o primeiro relatório que apresento ao Dr. Dipp, onde nós mostramos as disparidades de toda a rede. Senadora Heloísa Helena, não estamos falando da Skymaster; estamos falando de todas as empresas, que eram um total de 10, se não me engano. Eu quero ser claro, se a senhora tiver dúvida, me pergunte.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – É só porque tem um problema de tempo, Brigadeiro Venâncio. Aliás, nós já ultrapassamos o tempo. Mas acaba sendo essencial explicar isso.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Ele concluirá a resposta à Senadora.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se não conhecer o detalhamento, o juízo que a senhora está fazendo é validado.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, estou inscrito bem no final, se quiser usar parte do meu tempo para dar continuidade à resposta, que me parece fundamental, pode usar.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Deputado Pompeo, isso até pode ocorrer. Ele vai concluir a ponderação acerca deste ponto levantado pela Senadora Heloísa Helena e, em seguida, nós daremos continuidade à lista dos oradores que estão inscritos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Se quiser pode abater do meu tempo.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – V. Sª pode concluir, então.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Então, Senadora, conseguimos verificar o preço pago pelos Correios por quilômetro. Mas isso por si só já mostrava uma defasagem. E isso não era conclusivo. Nós precisávamos saber quanto custava cada segmento da Rede Postal Noturna realizada por cada tipo de equipamento. Então, começamos um trabalho para elaborar essa planilha para que essa planilha passasse a ser um fator de referência para a pregoeira saber qual era o valor de mercado que realmente aquela linha custaria para os Correios ou que deveria ser paga pelos Correios.

Senadora, a planilha é esta aqui, que levamos uns dois meses, e os dados que ela contém. O que é esta planilha? Esta planilha nada mais é do que coisa simples. Fomos ao *site* do Departamento de Aviação Civil, onde todas as empresas têm que cumprir as determinações ali previstas. E tem uma portaria que diz como é o plano de contas. Nós pegamos o plano de contas do DAC, pegamos como as empresas apresentavam os seus custos aos Correios, das maneiras

mais diversas – é difícil até de identificar cada item –, pegamos um trabalho realizado no passado que definia algumas coisas, mas não chegava ao complemento. Então, esta planilha – se o senhor quiser tirar xerox, pois é a única que tenho –, onde nós tínhamos a linha, o tipo de aeronave, consumo, e definíamos os custos diretos, os custos indiretos, despesas indiretas, o custo operacional, o faturamento, os impostos diretos sobre o faturamento, demonstrativo da lucratividade líquida, e os Correios, o grupo arbitrou que, além do índice, nós iríamos assumir como fator de lucratividade, em cima da lucratividade, até no máximo de 12%, dependendo do tipo de aeronave, do tamanho da aeronave. Como preenchemos isso? Isso aqui ficou indexado. Por que indexado? Combustível, aonde nós íamos buscar o combustível. Íamos buscar o combustível no *site* da ANP, onde estava o preço do JP1 e nós acrescentávamos 33%. Se a senhora tiver dúvida, eu paro para começar de novo, se não estiver me entendendo. Por favor, Senadora.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor exponha, porque ainda haverá muitos requerimentos na seqüência e é importante...

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Estou entendendo, tenha certeza, com toda a paciência do mundo, sabendo o valor de mercado das linhas, o plano de contas do DAC, os custos diretos, indiretos, o demonstrativo de faturamento, tudo. É claro que o Deputado Abicalil sabe que todos os outros vão perguntar ainda, mas é o seguinte: todos esses documentos o senhor vai inclusive nos encaminhar...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Estão aqui...

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Sim, mas é porque o senhor só tem essa cópia, e vamos ter que tirar cópia.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Já vamos providenciar a cópia.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Tudo bem. O senhor detectou que havia um superfaturamento? Foi isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Senadora Heloísa Helena, nós constatamos que havia preços muito acima, alguns na média e um até parece que abaixo. Então, isso dava condições à pregoeira de discutir os preços que fossem apresentados, inclusive sabendo se era preço muito abaixo de mercado, com receios até de que a empresa não viesse a executar os serviços.

Senadora, isso é muito técnico. Isso não ajuda A, B ou C. Especificamente, isso é para todo mundo, até porque, Senadora, como o Imposto de Renda ensina, criamos uma maneira, porque todas as empresas que fossem participar de licitações nos Correios deveriam preencher exatamente da mesma maneira esse plano de contas que idealizamos, e aqui estão as instruções de como preenchê-las. Então, isso tudo era indexado em razão de variações de alguns desses parâmetros que variam todos os preços.

O que a senhora especificamente quer saber, porque eu talvez não tenha atingido o seu objetivo?

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – A Senadora vai aguardar as outras inscrições.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – O senhor nos auxiliou muito, lógico, porque muitos daqui que acompanham planilhas de preços e as relações com as empresas públicas têm certa familiaridade com os dados. Nós que acompanhamos a área de transporte também percebemos isso, as variáveis, as questões diretas e indiretas. Mas o problema é que o senhor não respondeu à minha pergunta. O senhor está dizendo que fez um trabalho técnico.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu respondi, sim, Senadora. Sabe o que eu respondi? Eu disse que havia empresas que estavam muito acima e, no relatório, está dita qual é a empresa.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Então, o senhor deve dizer, porque o senhor está...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É a Skymaster.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Pronto.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Era a que mais se destacava na primeira abordagem.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Pronto. O senhor está dizendo que a Skymaster...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – ...se destacava das demais.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Certo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Inclusive, no relatório, fazemos uma comparação.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – São esses os dados essenciais para dizermos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Está escrito isso nesse relatório.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Meu caro Brigadeiro Venâncio,...

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Mas o senhor não nos entregou antes, entendeu Brigadeiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não me pediram.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Não há problema.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Então, vou-me reinscrever para que o Sr. Brigadeiro possa responder à minha pergunta, que, efetivamente, não foi respondida ainda. Certamente, se o senhor aqui estivesse, estaria também fazendo juízo de valor a

respeito de uma questão específica sobre o papel da Beta, sobre quais foram os mecanismos utilizados depois para que a Skymaster recuperasse o preço.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Senadora, V. Exª está reinscrita.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Estou reinscrita.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Evidentemente, se houver, na seqüência das inscrições de oradores, esclarecimentos que dêem aprofundamento e detalhamento àquilo que, legitimamente, a Senadora Heloísa Helena entende como não respondido, ao longo da oitiva, isso será possível de ser esclarecido.

Concedo a palavra...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E proponho-me a ficar aqui até meia-noite, duas horas da manhã, para mostrar como faço isso.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Eu também.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Reafirmo que vim a esta Comissão para ajudar como cidadão brasileiro.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Está tudo bem. Tenha certeza V. Exª de que me proponho a ficar aqui para ver o sol nascer.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Ficaremos todos.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Às cinco horas da manhã.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Comigo também.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Desde que possamos entender como entrou a Beta, a Promodal e outras coisas mais nesse processo e como houve recuperação de preços superfaturados, licitações fraudadas. É só isso que queremos entender.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Senadora, por favor, vamos dar seqüência aos trabalhos. O próximo orador inscrito presente é o Deputado Onyx Lorenzoni. Vamos, então, receber mais um documento.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A prova de que não existia Promodal Transportes Aéreos na época em que eu trabalhava nos Correios. Estão aqui as portarias de funcionamento jurídico e depois o contrato de...

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Mais um documento anexado ao conjunto de documentações de posse do Relator. Providenciaremos cópia dessa planilha e de todas as orientações para inscrição na concorrência pública.

O próximo orador inscrito presente é o Deputado Onyx Lorenzoni.

V. Exª dispõe de até quinze minutos.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Grossi, a empresa Skymaster foi contemplada, em maio de 2003, com a outorga de concessão para a prestação de serviços na área de transporte aéreo regular, nos termos da Portaria nº 474-GC5 do Comandante da Aeronáutica.

Pergunto a V. Sª: essa portaria foi elaborada na sua gestão como Diretor-Geral do DAC?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em 2003?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – 19 de maio de 2003.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se foi em 19 de maio, eu já não estava mais no DAC, mas o processo de transformá-la em regular – de não-regular para regular – deu-se na minha gestão, sim, senhor, provavelmente, porque isso demora... O senhor me disse qual foi a data?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – 19 de maio de 2003.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Essa transformação demora uns seis meses.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Eu tenho aqui a portaria...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – De funcionamento jurídico.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Concessão à empresa Skymaster Airlines.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Provavelmente, deve ter...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Luiz Carlos da Silva Bueno assinou.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pois é. É o atual comandante. Mas, provavelmente, este processo deva ter começado na minha gestão em 2002, porque uma transformação de uma empresa não regular para regular – porque a Skymaster era uma empresa não regular – deve ter demorado em média – e já era uma empresa bem constituída, não tinha problema nenhuma –, deve ter demorado uns seis meses, seis a sete meses.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Ok! A minuta dessa portaria ou a proposta de concessão a Skymaster foi elaborada no DAC então?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – No DAC, sim, senhor. Sempre é lá.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor tem conhecimento de que o Código Brasileiro de Aeronáutica, no art. 180, estabelece que "a exploração de serviços aéreos públicos depende sempre de prévia concessão quando se tratar de transporte aéreo regular". De igual modo, a Constituição Federal, no 175, determina ao poder público, incumbe a ele que, dire-

tamente ou sob o regime de concessão, mas sempre através de licitação, a prestação de serviços públicos – nesses compreendido o transporte aéreo regular, que foi objeto da concessão outorgada –, pergunto ao senhor: a concessão da Skymaster foi precedida ou não de prévia licitação?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado Onyx Lorenzoni, a Constituição diz isso, a Lei de Concessão de Transporte remete para o Código Brasileiro de Aeronáutica a concessão de empresa de transporte aéreo. E, quando a Constituição disse isso e foi criada a lei para regulamentar esse item da Constituição – se não me engano, foi até feita na época pelo Presidente Fernando Henrique, quando então Deputado –, essa lei de concessão de transporte, quando trata do transporte aéreo, remete para o Código Brasileiro de Aeronáutica. O Código Brasileiro de Aeronáutica, por sua vez, foi regulamentado por portaria do DAC.

Então, concessão de empresa de transporte aéreo não é feita licitação. É feito um tipo de trabalho em que ela passa por todas as áreas do DAC para, então, obter a concessão ou a autorização, se for não-regular. Não há nenhuma falha na quebra da estrutura jurídica disso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor tinha algum interesse nas operações aéreas da Skymaster?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Senhor, eu não tive nem tenho interesse em nenhuma empresa de transporte aéreo que, durante a minha gestão, foi criada. A Skymaster já existia. Ela se transformou em regular, mas ela já trabalhava como empresa de carga. Na minha gestão, foram constituídas 22 empresas entre de carga e de passageiros, tanto na área regional como na regular. E eu vou dizer para o senhor uma coisa: nunca tive interesse, nunca prejudiquei e nunca facilitei. Cumpri a lei e o que determinava e implementei uma política que achei certa porque criar empresa é gerar empregos.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E por que não houve a licitação?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Porque o Código Brasileiro do Ar dá essa facilidade ao Departamento de Aviação Civil de, quando a Lei de Concessões remete por Código, o Código, nesse ponto, sendo omisso, tem um parecer jurídico da Consultoria da Aeronáutica que diz que, nesse caso, não se aplica a concessão.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sim, mas a Constituição diz que sim.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A Constituição foi regulada pela lei. A lei não trata de transporte aéreo, remete para o Código. O Código, por sua vez, busca a Lei nº 8.666, que diz que é do Código. Aí houve uma regulamentação por parte da Consultoria dizendo que as concessões continuariam do jeito que sempre foram.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Mas esse estamento infraconstitucional, na verdade, fere de maneira frontal a Constituição.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso só se irá consertar com a ANAC. E quando eu tomei parte na elaboração do projeto da ANAC, essa questão está contemplado para evitar isso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Porque obviamente essa concessão teria...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Senão o senhor teria que parar. Sabe o que significa? O que o senhor querendo? Ah, desculpe.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Eu estou entendendo. O que estou querendo é que no meu País as autoridades governamentais, sejam elas quem forem, estejam elas em que situação estejam, cumpram a Constituição do meu País. Se a Constituição do meu País manda fazer licitação porque, afinal de contas, não a fazemos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Porque a lei que regulamenta...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor há de convir comigo que a legislação infra-constituiconal não pode chocar o espírito do legislador constitucional. Com isso, o senhor tem que concordar comigo. Não é possível que o senhor não aceite esse argumento.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado, eu concordo em gênero, número e grau.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Que bom.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E estamos na Casa em que isso tem que ser corrigido e acredito que tenha sido, no momento em que os senhores aprovaram a Anac isso acabou de ser corrigido.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Após o término da sua gestão à frente do DAC, o senhor foi contratado para prestar serviço de consultoria por quem? Quem é que efetivamente o contratou?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sete meses depois, a GPT – Transportes Logísticos e, um mês e meio, dois meses depois, fui chamado pelos Correios.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Quando é que o senhor foi chamado pelos Correios? Mais ou menos e quanto tempo durou isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Três meses. Em maio.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E qual era a natureza do seu contrato nos Correios, qual era o valor? Se o senhor participou antes de uma licitação?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Foi apenas um convite? Como é que funcionou isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não participei porque fui convidado como pessoa física pelo Sr. Dipp, em função de indicação, acredito eu, do Chefe de Gabinete dele, hoje Presidente dos Correios, tendo em vista o que, no passado, quando Diretor do DAC, eu tinha ajudado criando um grupo de trabalho no DAC para assessorar os Correios na época, o Dr. Egídio inclusive.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sim, mas o senhor não foi contratado em um cargo em comissão. O senhor foi contratado como consultor.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É verdade, sim, senhor.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E o trabalho abrangia...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Só e exclusivamente...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – ...o planejamento e estruturação da Rede Postal Noturna, é isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Assessorar o grupo de trabalho que apresentei uma portaria. Eu assessorava o grupo que era responsável para fazer isso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – A operação dessas linhas, que o senhor conheceu bem, né?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor. Conheci.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor não acha que elas são realizadas de forma regular, que a relação entre o custo dessas linhas, serviço prestado, há um equilíbrio, elas são... É bem formatado esse sistema na sua opinião? O senhor nos ajude, porque tem Presidente dos Correios que falou umas coisas aqui que quero confrontar com isso.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado Onyx Lorenzoni, durante o tempo em que fiquei lá, depois de realizado o trabalho, depois de criado aquele plano de contas que especifiquei para a nossa Senadora Heloísa Helena, eu estava certo, saí de lá convicto e com muita satisfação de ter feito esse trabalho, porque colocamos a gangorra equilibrada, não prejudicávamos nem as empresas, e os Correios pagavam o preço justo. Eu só posso falar do período em que lá estive.

A rede que o senhor me pergunta. A rede talvez merecesse uma reavaliação. Por quê? No estudo da demanda dessa rede, detectamos que o pico de carga máxima que ultrapassava trinta toneladas era, por incrível que pareça, de dois em dois anos, em outubro. Por quê? Eleições.

Então, na minha sugestão, que deixei escrita, era que dimensionássemos a rede para o previsto; não para a exceção, mas sim para a regra geral e, na exceção, era previsto. Se o senhor levantar o gráfico, isso era sistemático. Era, nessas épocas, contratar um extra para fazer o transporte que iria gerar a demanda.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – A minha pergunta para o senhor agora é bem objetiva, porque é uma coisa que me intriga.

Por que empresas do porte da Skymaster, da Beta e por aí afora seriam operacionalmente mais eficientes? Poderiam, eventualmente, ser mais baratas – não são, são muito mais caras – do que as companhias que já estão consolidadas no Brasil.

Quer dizer, a Varig, a Tam, a Vasp, no passado, não teriam a condição operacional de poder, inclusive, fazer uma equalização de seus custos muito mais racional, do que daqui a pouco a geração dessas empresas. Muitas delas têm aviões que queimam combustível desnecessário; não há modernização de frota; são empresas que têm essa operação apenas como seu ponto fundamental; elas não têm o compartilhamento com outras ações para reduzir os seus custos.

Nós temos indicativos aqui de que há a contratação de uma determinada carga, e, na verdade, ela voa com um terço dessa carga, e isso acaba trazendo efetivamente um resultado muito bom para a empresa, porque ela gasta menos pneu, gasta menos combustível.

Por que é que as grandes companhias brasileiras, que deveriam, na minha opinião, ter uma atenção até especial, porque isso poderia diluir os seus custos e favorecê-las, foram preteridas por essas "empresas" – acho que temos colocar aspas no termo empresas.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, não. Só empresas.

Senador...

Deputado. Senador é premonição.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Deputado. Pode ser.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado, eu garanto, eu concordo... Tudo o que senhor falou era tudo pelo que eu brigava no Departamento de Aviação Civil, por isso é que eu implementei uma política de criar empresa. Eu queria que criassem empresas aéreas, o máximo possível, principalmente de carga.

O senhor sabe por que, Deputado? Para mim os Correios são a melhor empresa que nós temos. Quando eu vejo os Correios sofrerem o que estão sofrendo, me choca e me dói, como brasileiro. O senhor sabe por quê? Repito. É porque, se nós tivermos alguma fatalidade neste País, o único sistema logístico com capacidade, com capilaridade de ir nos rincões mais remotos deste território são os Correios brasileiros. É uma estrutura que temos que preservar e proteger.

Mas eles dependem de empresas de cargas. Eles têm uns armazéns! Se os senhores visitassem, veriam que primor. Eu tenho um verdadeiro amor pelos Correios. Não é de agora não. Desde a época quando eu ainda estava no DAC e ajudei a criar a Rede Postal Noturna, em 1981, com a Transbrasil.

O senhor tem toda razão, mas, infelizmente, no Brasil, as nossas empresas cargueiras não são em número suficiente e com equipamentos adequados para atender isso que o senhor quer. E tem a lei, que o senhor muito preza e que nós todos devemos prezar e devemos manter.

Muitas das empresas grandes não podiam entrar na licitação, porque não tinham os documentos necessários que a 866 exige para licitar dentro da estrutura pública.

Agora vou voltar atrás ainda. O senhor disse... Vamos a 98. Eu voltava para o Departamento de Aviação Civil, assumindo o Subdepartamento de Planejamento. Qual não foi a minha surpresa que, naquela época, eu deparei com um aviso ministerial que dizia que só podia... Vou repetir. Em 1998, quando eu era Chefe do Subdepartamento de Planejamento do DAC, tinha um aviso ministerial, encaminhado ao Ministério das Comunicações e aos Correios, informando que só poderiam tomar parte nas licitações dos Correios quatro empresas: Varig, Transbrasil, Vasp e, se não me falha a memória, Riosul.

Pasmem os senhores, esse aviso criou uma reserva de mercado tão violenta, que essas empresas que o senhor disse por que não tomam parte hoje, elas ganhavam as licitações e sublocavam as linhas para essas empresas não-regulares, como Beta, TCB, Total, Trip, TAF, a preços muito menores.

Graças a Deus, eu consegui motivar o nosso Ministro para cancelar esse aviso, para aumentar o leque de empresas, para entrar nos Correios. Este foi um dos trabalhos que na época eu ajudei os Correios a fazer: aumentar o leque de empresas, para exatamente buscar o barateamento do custo do quilômetro transportado. Então, o senhor está vendo que o que o senhor está falando era o inverso.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Só quero deixar uma indagação a que o senhor pode responder no próximo tempo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A hora em que o senhor quiser, Deputado.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Algo que me intrigou muito – e concluo com isso, agradecendo ao Deputado Abicalil a paciência – é o fato de que a Skymaster, pego esse exemplo e outras empresas, elas acabaram oferecendo preços bastante abaixo do que era praticado anteriormente, e logo depois houve aditamentos brutais em que os preços hoje são absolutamente incríveis do ponto de vista do que quando foram contratados.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado Onix...

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Eles foram turbinados,

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado Onix Lorenzoni...

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Por que há essa prática?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado Onix Lorenzoni, eu ajudei o grupo, fomentei, fui atrás, criei, esse plano de contas está no computador para cada tipo de aeronave, está indexado. Para qualquer variação que ocorresse tanto no lessor, tanto no combustível, tanto nos índices salariais, corrigia-se o preço de referência-Correios. Isso ajudei e fomentei e ensinei a criar esse plano de contas, esse custo de referência sabe para quê? Para que nunca mais houvesse ou voltasse a acontecer o que encontrei lá. Agora...

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Mas voltou a acontecer, porque está turbinado.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Excelência, disso não posso falar mais.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – V. Exª não era o gestor dos Correios.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Muito obrigado, Deputado Onix Lorenzoni.

Antes de passar a palavra à próxima oradora inscrita, concedo a palavra ao Relator e faço o registro do recebimento de cópia do primeiro relatório da Rede Postal Noturna e Rodoviária da ECT e do segundo relatório também, que são conclusões do trabalho de consultoria que o Brigadeiro pôde subsidiar.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Que sugeriria que o senhor lesse.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Então, já estão à disposição da CPMI os dois relatórios.

Com a palavra, o Relator.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas para esclarecimento de um aspecto suscitado pelo Deputado Lorenzoni, relativo ao contrato que V. Exª fez com os Correios. Esse contrato foi formalizado?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Olha, vou dizer uma coisa para o senhor: eu entreguei todos os documentos para o Presidente dos Correios, que passou para o Dr. Jânio e que colocou o Dr. Virgílio para ser o responsável para a elaboração do mesmo. Já pedi cópia várias vezes e ainda não recebi cópia desse documento.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas V. Exª assinou um contrato?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Assinei todos os papéis para assinar o contrato, não consegui...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não chegou a assinar o contrato?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor. Entreguei todos os documentos...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Exª recebeu pagamentos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Recebi sim, senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Dos Correios, sim, senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem lhe fez os pagamentos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Quem me fez os pagamentos, por determinação do atual diretor de pessoal, Dr. Artur Virgílio, foi um senhor, professor Paulo Marques, da Universidade de Brasília, segundo ele.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, veja, se o senhor ia ser contratado pelos Correios, por que recebeu da Universidade de Brasília? Isso que para mim não...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso também pergunto ao senhor, porque os Correios assim determinaram, para mim eu recebi dos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, a sindicância que foi feita pelos Correios sugere que V. Exª recebeu, de fato, do Sr. Paulo Marcos – do Sr. Paulo Marcos, que não era nem da Fundação, era uma empresa subcontratada da Fundação de Brasília.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso eu nem sabia. O senhor me desculpe, mas isso não sabia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É exatamente isso.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Estou dizendo ao senhor exatamente o que aconteceu.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o total que o senhor recebeu, quanto foi?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Quarenta e cinco, conforme a proposta que apresentei.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sempre do Sr. Paulo Marcos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Ele me fez um pagamento, quando terminei o trabalho, em três vezes, quatro vezes.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exato, e a sindicância dos Correios revela que não localizou documentos referentes ao contrato, quer dizer, confirma o que V. Exª disse.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E o senhor não imagina como pedi esses contratos. Inclusive tenho fax aqui e mandei para os Correios, mandei inclusive dos próprios Correios... como é o nome disso?

Não, com aviso de receber... Antigamente a gente mandava...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – AR, Aviso de Recebimento.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Está faltando o nome, que coisa boba, parece até que estou ficando velho.

Mandava...telegrama. Telefone...

O SR. (Orador não identificado) – Isso é cabograma.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, não, mandava por telegrama com aviso de recebimento, por telefone.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. E, para concluir, apenas digo a V. Exª que essa sindicância conclui que o responsável pelo não-aperfeiçoamento contratual de V. Exª e esta confusão formal com o contrato teria sido o Sr. Maurício Marinho.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Só faltava essa!

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o que está dito na sindicância. Aqui está dito: "Em síntese, esta Comissão entende, pelos fatos apurados até o momento, que a não-contratação formal do Sr. Venâncio Grossi para a realização do serviço de consultoria efetivamente prestado para à ECT é de responsabilidade do empregado Maurício Marinho.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nem sei quem é esse senhor! Minha Nossa Senhora! Olha aí...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Exª conheceu o Sr. Maurício Marinho?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nem nunca vi esse senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Como nunca vi Delúbio, Valério, o Sr. Genoíno. Não conheço. Não estou fazendo juízo de valor deles. Estou dizendo que não os conheço. Não sei... Pelo amor de Deus, não me botem palavras na boca. Não conheço esses senhores. Estou deixando bem claro. Não conheço o Sr. Dirceu, o Deputado Dirceu, não conheço o Deputado Jefferson, não conheço o Deputado... Não tem mais nenhum Deputado? Mas tem o Sr. Valério, o Sr. Delúbio, o senhor... todos que por aqui... Não riam, por favor, porque estou dizendo isso com indignação. Por que estou dizendo isso com indignação, senhoras, aí

atrás, que riram? Porque cada vez que o nosso Osmar Serraglio perguntava para um desses senhores se conhecia o Venâncio Grossi era como uma punhalada nas minhas costas. O senhor não imagina o que aquilo me causava. Eu espero que nenhum dos senhores aqui presentes, nesta sala, Deputados, Senadores ou mesmo pessoas que estão aqui assistindo, porque essa audiência é pública, sofram inocentemente o que estou sofrendo e acredito que outros: ter o seu nome envolvido numa... situação como nós estamos vivendo. Não desejo a nenhum dos senhores, porque o senhor não sabe o que é o senhor produzir 43 anos de vida, chegar a oficial general da Força Aérea Brasileira, por méritos e por capacidade, no fim da minha vida, praticamente, fiz um trabalho de que muito me orgulho para uma empresa que muito admiro e que ajudei a ter R$105 milhões, de não perder R$105 milhões. Esses R$105 milhões envolvem os R$56 milhões e envolvem as repactuações que estavam andando e que nós seguramos. A ponto de o Dr. Dipp dizer para mim, quando terminei o trabalho: "Brigadeiro..." Ele me chamava de Dr. Grossi. "Dr. Grossi, se o senhor tivesse feito esse contrato em *sucess fee*, o senhor era um homem rico hoje". Eu falei: "Eu sei. Eu sei disso. Só que eu, como militar, recém-saído, com sete meses, não sei fazer preço e fiz um preço..." Agora, para mim o preço em si não era o principal, o principal era o trabalho. O principal era buscar atingir as metas que ele queria e que nós queríamos, para equilibrar aquela gangorra, para que nem as empresas fossem prejudicadas, nem o Correio pagasse o que não devia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Brigadeiro, apenas pergunto a V. Exª para concluir...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Desculpem essas ilações.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas para concluir e fechar esse módulo de indagações: então, V. Exª desconhecia que os pagamentos que lhe foram feitos foi por uma subcontratada da Fundação de Brasília?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Completamente. Professor... Eu tenho o hábito de guardar coisas. Tenho o hábito de guardar minhas agendas. Eu sempre guardo. Vou mostrar para o senhor uma coisa interessante aqui. Depois eu fui buscar, para saber como é que foi... Estou atrapalhando os senhores, desculpem. Mas eu vou achar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo contrário. V. Exª tem o tempo necessário.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Por favor, se o senhor não se incomodar...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, por favor. Leio.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O que está escrito embaixo, aí.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No dia 3?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Embaixo, na última quadrícula.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – "O Sr. Virgílio falou que eu deveria falar com o Professor Paulo Marcos, pagador da UnB". Então, V. Exª desconhecia as circunstâncias. Agradeço...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não inventei. Isso aqui estava escrito nos meus guardados. Fui buscar para saber. Está aqui. Eu não ia escrever isso agora. Pode até mandar verificar...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, perfeito. Não há nenhum problema. Da minha parte, estou absolutamente satisfeito.

Acredito, então, que a próxima a falar será a Deputada Juíza Denise Frossard. Com a autorização do Presidente, passo a palavra à nobre Deputada Juíza Denise Frossard.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, Brigadeiro Grossi, o Deputado José Eduardo Cardozo já fez parte das perguntas, mas eu queria esclarecer. Tenho só duas perguntas para fazer ao senhor.

O senhor foi contratado, então, para uma consultoria?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, um grupo de trabalho. Sim, senhora.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Um grupo de trabalho. É isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Para assessorar o grupo de trabalho. Atingir os objetivos previstos na portaria, e eu já entreguei uma cópia para o senhor.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Já está comigo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhora.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu já tenho aqui a portaria.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Exatamente.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor cobrou por esse trabalho um preço só, ou seja, o senhor não era remunerado mensalmente? O senhor tinha um...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu tinha combinado para receber mensalmente, mas tive imensas dificuldades.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor contratou com quem?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Contratei com os Correios. Entreguei uma carta...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Com os Correios? Não precisa mostrar, basta que o senhor me responda, por favor.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Está aqui o ofício que entreguei ao Dr. Dipp, que encaminhou ao Dr. Jânio, que, depois...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Quer dizer,o senhor foi procurado pelo Presidente dos Correios? É isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhora. Recebi, na minha casa, um comunicado. No início, até pensei que fosse brincadeira...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O Presidente Dipp?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhora.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor sabe de quem ele era indicado politicamente?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Ah, não. Aí a senhora está querendo demais.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não? Só se o senhor sabe ou não. A pergunta é objetiva.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhora. Eu não...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor não sabe? Não, é só perguntando...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Doutora, eu sou de uma área técnica, que nem a senhora, quando juíza. Era uma área técnica. Eu fui fazer um trabalho técnico...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu só estou perguntando, porque, como o senhor deixou, o senhor poderia ter ido para a área política.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhora.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – É uma pergunta normal apenas.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhora. Não sou filiado a nenhum Partido, não, senhora.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas poderia sê-lo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se Deus quiser, pode ser que um dia.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Agora, apenas uma pergunta. Então, o senhor recebeu quanto pela sua consultoria?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Quarenta e cinco mil reais.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Ao longo de quanto tempo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Quarenta e cinco mil dentro de 90 dias. O contrato é de 90 dias, conforme está ali apresentado.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Depois disso, o senhor se afastou dos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhora, sim, senhora.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Isso foi depositado na sua conta ou o senhor não sabe...?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhora. Pagaram-me em dinheiro...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Em dinheiro vivo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhora, e eu dei um recibo a eles.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor recebeu, portanto, em dinheiro vivo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhora. É verdade.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Das mãos de quem?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Desse Professor Paulo Marcos.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Que o senhor conhecia ou não?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu, não. Ele me foi indicado pelo Dr. Virgílio, que hoje é o diretor de pessoal.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Diretor de pessoal. Disse: receba dele. O senhor estranhou receber – não tem nada com o senhor – em dinheiro vivo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Claro, claro que eu estranhei. Sabe por que estranhei? Primeiro, eu tinha uma promessa de eu receber um contrato e um documento final...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor não assinou um contrato com eles?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Até hoje.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Até hoje.

Agora, Brigadeiro, uma outra questão: esteve aqui o Vice-Presidente da Skymaster. Eu tive uma surpresa, porque pensei que ele era o Presidente, e ele disse:"Não, eu sou o Vice, o Presidente representa a empresa". Deu-me a impressão de que ele era um sujeito que passeava pelos corredores numa atividade de *lobby*, que eu acho que até deve ser regulamentada, mas, enfim, não é. Eu achei engraçado que quem mandava era o Vice-Presidente.

Eu observo que o senhor tem um contrato. O senhor também prestava consultoria para a Promodal e a Beta?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhora. Eu não prestava consultoria para a Promodal. Eu prestava consultoria, como está no contrato que eu entreguei ao nosso Relator, para o Grupo GPT, que estava querendo criar uma empresa...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas eram os donos da Promodal e da Beta também? Eram sócios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhora. Da Beta, eu não sei, não, senhora. Da Promodal, eles estavam montando uma empresa aérea.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Pois não. É só isso. Muito obrigada.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Beta, eu não tenho nada com Beta. A não ser...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Obrigada, Sr. Relator. Já encerrei.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Agradeço, Deputada Juíza Denise Frossard.

O próximo inscrito é o nobre Deputado Murilo Zauith. (Pausa.)

Com a palavra, o nobre Senador César Borges. (Pausa.)

Com a palavra, o nobre Deputado Arnaldo Faria de Sá. (Pausa.)

Com a palavra, o nobre Deputado Silvio Torres. Tem a palavra o nobre Deputado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, Sr. Relator, Sr. Brigadeiro, ouvi também algumas perguntas que me interessavam ver esclarecidas, tenho algumas outras e algumas dúvidas que vou procurar dirimir com o senhor.

Eu começaria, perguntando, apenas para formar as minhas opiniões que vou depois emitir: funcionalmente o senhor teria de cumprir qual o prazo de quarentena?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sinceramente, não existia e não existe. Não sei se existe hoje, mas eu me impus cinco meses.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Cinco meses?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E não fui ao DAC. Quando eu dava consultoria para a GPT, uma das condições que impus foi "eu assessoro o grupo aqui, não vou lá".

E, aliás, isso o senhor pode perguntar, até hoje eu não vou por uma questão de ética. Eu dou assessoria: "isso é assim, assim". "Você vai lá?" Pode arranjar outro, que eu não vou. Não vou tratar no DAC de assuntos de terceiros. Isso eu me impus.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Certo. Agora, relembrando porque, não sei se me perdi um pouco na informação que o senhor deu, a primeira empresa em que o senhor foi trabalhar como consultor foi a...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A GPT. Grupo GPT, que estava montando uma...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Que o senhor disse que foi seis, sete meses depois? Eu anotei aqui...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor. Maio, junho, por aí.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E os Correios foram quando?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Dois meses depois, um mês e meio depois.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Porque eu tinha a informação, que chegou, na verdade, via imprensa, de que o senhor teria começado o seu contrato com os Correios em julho de 2003.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Com quem?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Com os Correios. O seu primeiro contrato teria sido em...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em julho. Daria uns seis meses.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, o senhor saiu em fevereiro, por isso estou meio perdido nesses prazos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – São cinco meses. Eu me impus cinco meses. Mais ou menos, quatro a cinco meses. Eu viajei, fiquei fora e só fui começar em maio mais ou menos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, mas então o senhor começou com os Correios antes da GPT?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, não. Depois. Depois da GPT.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, como foi em julho? É por isso que não estou entendendo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Então, eu comecei na GPT em maio. Eu tenho que ver... O contrato está ali, Deputado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu poderia dar uma olhada? Eu fui buscar e, no momento, não estava podendo pedir para o senhor. O senhor poderia me fornecer?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor pode ser direto, por favor? O que o senhor realmente...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu quero saber... O meu interesse é... Como os prazos estavam confundindo-me, o que eu queria saber é saber se o senhor teria começado num ou noutro primeiro.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu estava lá para prestar serviço, a mando de terceiros para... Sr. Deputado, com todo respeito que o senhor me deve...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, mas a conclusão está por conta do senhor.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu não sou safado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu, no momento, estou querendo saber se o senhor começou primeiro nos Correios ou na GPT.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Na GPT, sim, senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É isso que estou querendo entender. E, agora, a Promodal quando...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – GPT, senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, mas quando a Promodal se transformou em uma empresa? O senhor podia aguardar um pouco, porque às vezes... Eu sei que o senhor está um bastante ansioso em mostrar as suas...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu quero ajudar os senhores. O senhor encare isso como uma ajuda, por favor.

Está ali a portaria de funcionamento jurídico e depois a concessão no fim do ano.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É que uma empresa não se instala no mesmo momento.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ela necessita de um tempo antes...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É verdade.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Uma empresa desse tipo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É verdade. Ela não se instalou, ela só...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quando ela começou... O senhor começou a trabalhar na GPT para a instalação da Promodal?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É verdade.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Segundo o senhor mesmo, em maio.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O grupo que já estava trabalhando nesta empresa estava tendo problemas na parte formal. Eu fui lá ajudá-los a equacionar o problema, para que pudessem ter o funcionamento jurídico e depois, no fim do ano, a concessão.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, sem fazer nenhum juízo de valor – quero que fique bem tranqüilo quanto a isso –, o senhor trabalhou paralelamente na constituição da Promodal e nos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É verdade.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E a consultoria que o senhor disse que prestou nos Correios e que está provada, segundo o seu relatório, era para elaborar um plano de custos e ajudar os Correios a elaborarem, por decorrência disso, a concorrência que aconteceu em dezembro de 2003?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A ter um custo de referência, para poder saber na repactuação ou na licitação, e daí para frente, a intenção era eterna.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E a Promodal participou dessa concorrência?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu soube que ela foi desqualificada em dezembro.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas o senhor soube? O senhor não trabalhava mais lá?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, não. Já não estava mais com eles. Já tinha terminado. Já estava praticamente me desligando dele. Eu não tomei parte nessa preparação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor não orientou como ela deveria participar?

O SR. VENÂNCIO GROSSI –Não, nem podia orientar. Sabe por que, Senador?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não sou Senador, sou Deputado.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Desculpe-me, Deputado. Porque qualquer empresa, fosse até a minha, tinha que preencher aquele plano de contas ali. Qualquer empresa. Aquilo é cristalino e claro. Qualquer empresa. Não trabalhei para a Promodal. Qualquer empresa que entrasse com o equipamento A, B, C ou D teria que preencher o plano de contas e entregar nos Correios.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu sei. Mas o senhor trabalhava na...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Na elaboração da empresa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – ... na constituição da empresa?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É verdade. É verdade, sim, senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A empresa se preparava para tentar entrar em um mercado importante.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Também é verdade. O Correio era um mercado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E o senhor não foi nem consultado? Não trocou idéias? Não participou?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, claro que troquei idéias, sim, senhor. Agora, disse a ele que não entrasse, porque ele ia ser desqualificado, porque o

Cheta dele não estava completo. Cheta é Certificado de Homologação de Empresa de Transporte Aéreo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, ele foi desqualificado na proposta técnica? Nem chegou a participar?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nem participou. Eu já tinha avisado: se entrar, vai perder. E perdeu.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E o senhor se lembra do preço que deram para a concorrência?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não me lembro. Não me lembro e nem vi.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor disse que, na consultoria que prestou aos Correios – vou recuperar um pouco o que o Deputado José Eduardo Cardoso perguntou –, foi contratado, chamado pelo Sr. Ayrton Dipp, por meio de seu chefe de gabinete, o Sr. Jânio. O senhor só tratou com ele e enviou-lhe os papéis que havia solicitado para sua contratação. O senhor foi contratado como consultor. Não sei se é do seu conhecimento, mas um consultor, para ser contratado por uma fundação, por uma autarquia, precisa estar cadastrado. Não pode ser contratado, assim, sem que tenha um cadastro.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não era do meu conhecimento, não, senhor. Então, eles tinham que me inviabilizar.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Estou dizendo isso, porque acho que o senhor não foi contratado. Foi contratado de boca, para usar a expressão correta.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, eu entreguei os documentos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Tanto que o senhor não conseguiu receber por lá.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não consegui receber. Nem o meu contrato.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor não conseguiu. A sindicância instalada para apurar os fatos que haviam sido divulgados constatou que a fundação não conseguiu pagar-lhe, apesar de o Sr. Maurício Marinho – que o senhor disse que não conhece...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Disse e reafirmo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – ter quase agredido – segundo consta do relatório da comissão de sindicância – uma funcionária dos Correios, porque ela se recusou a assinar um relatório ou uma fatura que deveria incluir um Brigadeiro. Isso consta, na comissão de sindicância, de um relatório que há aqui.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado, eu teria acesso a esse relatório?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, o senhor vai ter.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor me conseguiria um?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, poderemos...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu agradeceria se o senhor me conseguisse um relatório desse.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Depois, certamente, o senhor terá.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Muito obrigado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E há mais uma informação. O senhor disse que recebeu do Sr. Paulo, da Simpi.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Professor Paulo Marcos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, de uma empresa que não era da fundação. Era um professor Paulo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu recebi do Professor Paulo Marcos, conforme mostrei ao Relator e conforme me mandou o Dr. Virgílio, que é hoje o atual diretor de pessoal.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Isso. Ele mandou o senhor...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Acredito que ele o conheça muito bem, porque me mandou receber dele.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Agora, esse Sr. Paulo declarou à mesma Comissão que não pagou ao senhor. O Sr. Paulo Marcos Batista de Oliveira, proprietário da empresa Simpi – Serviços on-line e Informações Ltda. Ele disse, em síntese, que – vou ler para o senhor: "Houve pedido verbal do Professor Sérgio, que era da fundação, para que pagasse ao Brigadeiro Venâncio Grossi. O valor era de R$45 mil, o qual seria ressarcido posteriormente em função da continuidade do contrato da ECT com a Fubra, que é a fundação. Apesar da insistência do professor Sérgio, não pagou nenhum valor ao consultor Venâncio Grossi e não soube dizer quem o pagou. Confirmou que recebeu ligação de pessoa se identificando como Brigadeiro Venâncio Grossi, perguntando-lhe quando seria o pagamento."

Então, eu estou lendo, para o senhor ver...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A mando do Dr. Virgílio. Agora, eu não sei se esse daí é o mesmo com quem eu falei. Aí é que está o problema.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sei, mas seria a pessoa que pagou o senhor?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E ele diz que não pagou o senhor, para o senhor ver como as histórias se complicam, não é?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso prova uma coisa, Deputado, que, para mim, eu estou aqui falando a verdade. Era muito mais fácil mentir. Agora mesmo. Se eu estou aqui falando, eu estou dizendo ao senhor a verdade. Não disse nada fora da verdade, até agora, e nem pretendo. Aliás, digo isso de passagem.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Por que o senhor não quis ser ouvido pela Comissão de Sindicância?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Ué, eu fui ouvido.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Aqui no relatório, diz que o senhor não quis ser ouvido.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Então, está aqui o papel, porque eu vou mostrar para o senhor, todos os documentos que eu entreguei. Sim, senhor! Fui ouvido, sim, senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas para esclarecer. O relatório de sindicância diz que V. Sª respondeu por escrito, mas se recusou a prestar depoimento.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É, porque o senhor não foi ouvido pessoalmente. Desculpe-me, não expliquei.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu falei para eles que eu não queria ir pessoalmente, porque eu ia fazer tudo por escrito. Depois, eu não tinha mais confiança em ninguém lá. A verdade é essa. Eu fazia: mande por escrito, e eu respondo por escrito.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Certo.

O senhor não conhecia, vou repetir, o senhor me desculpe se eu estou insistindo, como é que o senhor Maurício Marinho, o senhor não o conhecia. Ele era...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nunca tive contato com ele.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor sabe quem era o Sr. Maurício Marinho? Na época, ele era o coordenador da Universidade Correios, que era quem tinha o contrato com essa fundação que deveria ter pago ao senhor.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O Presidente dos Correios sabia disso. O atual Presidente, que era o chefe de gabinete, sabia disso. Eu tenho vários documentos que eles me deram, mostrando que eu trabalhei, de acordo com... Tenho aqui. Eu vou passar à mão do senhor. Eu estou estarrecido.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Brigadeiro, o senhor não precisa me passar nenhum documento, até porque eu tenho pouco tempo. O senhor, depois, vai ter o relatório à sua disposição.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor me faz esse favor?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, com certeza!

Eu queria ver com o senhor, checar um pouco essa afirmação do senhor de que, com o trabalho que o senhor desenvolveu nos Correios, economizou mais de 100 milhões...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Cento e cinco. Eu não, o grupo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O grupo que trabalhou com o senhor.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O grupo o qual eu assessorei.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor seria o consultor do grupo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E foi feita aqui uma análise sobre essa economia, e aqui há uma planilha que me foi enviada. Teria havido uma economia de renegociação com as empresas aéreas que, na época, prestavam serviços aos Correios, o valor da economia dessa renegociação foi uma redução anual de cerca de R$11 milhões de reais, um pouco mais do que isso. O senhor está de acordo? Na renegociação que foi feita com a Total, com a Beta, com a Variglog, com a Trip. Aqui têm os valores reduzidos e o valor renegociado após a operação.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu estou dando... Eu não tomei parte na renegociação. Eu não tomei parte na repactuação. Eu não tomei parte na licitação. As informações que eu estou passando para o senhor foram as informações que eu recebi do Dr. Dipp* e que constam, inclusive, de revistas. Está aqui. Por favor! O senhor não se incomodaria de entregar ao nosso Deputado? Eu estou repassando ao senhor o que eu escutei do Dr. Dipp, o que eu escutei do chefe de gabinete, o que eu escutei do grupo e que foi publicado em vários jornais.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não. Mas, então, eu estou passando uma informação que, talvez, o senhor ainda não tivesse.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não conhecia, não, senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, na renegociação daqueles contratos, a economia que se consta é que foram R$11.292.394,08, no processo de renegociação.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Excelência, seria interessante, talvez, uma sugestão, trazermos aqui o presidente do grupo que assessorei, Dr. Leliton. Ele talvez, ele foi quem, depois, repactuou, enquanto...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Como teve essa informação que o senhor disse que economizou 100 milhões ...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Está aí.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu estou só decodificando ela.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A economia feita na supressão de uma das linhas, que seria a linha BA-02, correspondeu a um gasto anual de R$ 1.144 milhão. Então, somando os dois chega perto de R$ 13 milhões.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso é por mês ou é por ano?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Por ano.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Me causa estranheza.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Faltaria para R$ 100 milhões uma quantia grande ainda. Qual foi essa economia, de onde surgiu o restante, o senhor se lembra, o senhor tem lembrança.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A economia que eu tinha conhecimento e tenho – o senhor pode tirar dados do relatório que eu entreguei – seria R$ 56 milhões da Skymaster, e mais os valores que seriam repactuados que não o foram. Isso somando o que deveria ser repactuado... Aliás, desculpe, repactuado não, muda a palavra. Os pedidos de recomposição de preços para uma manutenção do equilíbrio econômico financeiro dos contratos. Os pedidos que estavam em tramitação e que foram sustados até o término do trabalho mais as reduções que foram conseguidas no pregão, somavam R$ 105 milhões.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor acompanhou esse pregão?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A Skymaster ela ...

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Nobre Deputado Silvio Torres, peço para concluir, por favor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – ...é um assunto que precisa.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor não se incomodaria, deixe-me...

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – É porque temos uma ordem de inscritos e há uma critério...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A Skymaster diz que me viu lá não é isto?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Então, eu vou pedir apenas que o Deputado Silvio Torres conclua. Se o senhor tiver um pouquinho de paciência, o Deputado Silvio Torres está fazendo um questionamento ainda.Eu vou pedir que ele conclua o seu questionamento e o senhor faz a sua contestação no geral.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A grande economia que poderia passar próximo dos R$ 100 milhões foi realmente com a concorrência efetuada em dezembro, quando a Skymaster que antes tinha um preço de R$ 429 mil por tonelada, coisa desse tipo, saiu da concorrência com R$ 215 mil, ela foi quase a metade do preço. Isso significou R$ 57 milhões de economia.

Eu só estou recuperando um pouco porque acho que soltar valores assim, pode nos deixar confusos quanto à efetiva trajetória de todo esse trabalho que foi feito nos Correios, e que depois entramos em um outro período, que é o período em que a Skymaster ganhou a concorrência e acabou tendo um aumento de 16% logo depois. Enfim, eu teria mais questões, Sr. Presidente, mas efetivamente eu não posso fazer....

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor pode se reinscrever se for do vosso desejo, Sr. Deputado Silvio Torres...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu vou continuar.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Pois não, o senhor pode responder.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu vou responder a meia pergunta que o senhor acabou não conseguindo fazer.

A Skymaster declarou que me viu na sala do lado com uma porta aberta durante a repactuação, não a licitação, a repactuação. Não era isso que o senhor queria me perguntar? Não foi só a Skymaster que me viu não, me viu a Skymaster, me viu a Tripp, me viu a Total, me viu a Taf, me viu a Variglog, me viram todas as que estavam repactuando ou renegociando, por quê?

O Dr. Lélito me procurou por telefone e disse: "Grossi você teria condições de ficar em uma sala aqui do lado, caso na repactuação apareça um termo técnico que eu não consiga entender, vou lhe procurar. Foi isso que aconteceu.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas, o senhor estava acompanhando?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não acompanhando. Eu estava à disposição...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – De plantão,digamos assim, o senhor estava.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – **...** de plantão, é verdade, sim senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – De plantão o senhor estava.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Caso essa comissão que estava repactuando tivesse necessidade de algum termo técnico muito diferente...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, encerrando, encerrando mesmo, só para dizer para o nosso Brigadeiro que é importante que o senhor nos dê todas as informações, sem dúvida, que nós vamos ouvir a Skymaster, nós precisamos desse confronto.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Estou aqui para isso.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Muito obrigado Deputado Silvio Torres

Concedo a palavra ao nobre Deputado Maurício Rands. V. Exª dispõe de 15 minutos.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Sr. Presidente, Deputado da Vice-Presidente da Comissão Asdrúbal, Sr. Depoente, Srs. Parlamentares, eu começo indagando a V. Sª sobre a economia que esta sua consultoria trouxe à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

O senhor disse na sua resposta por escrito à Comissão de Sindicância que, por conta dessa consultoria, as renegociações que foram feitas trouxeram uma economia para os Correios de mais de cem milhões de reais. Qual é o período dessa economia, Brigadeiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Foi o ano de 2003.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Foi em 2003.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim senhor.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Então o período é de um ano.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Era sim senhor. Foi o que me disse o Dr. Dipp, foi o que me disse todo o grupo porque era o que deveria ter sido pago numa proposta que vinha sendo pedida pelas empresas para recompor o equilíbrio.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Então isso apenas foi informado ao senhor pelo ex-Presidente, Airton Dipp é isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso. E o grupo.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor não tem nenhuma planilha, nem nenhum elemento que aponte esse resultado de cem milhões?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, eu não vi não senhor. Se tivesse estava com uma cópia aqui.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – É só para deixar mais claro. O senhor não tem; pronto. Se o senhor puder, como o meu tempo é restrito, quero pedir a colaboração do senhor para responder objetivamente, sem...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não tenho.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Não é acusação. Estamos querendo é que o senhor esclareça a comissão. Não precisa o senhor ficar numa posição defensiva, reativa, fique tranqüilo...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, reativa não. Estou aqui para isso...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Inclusive em todas as minhas inquirições eu costumo respeitar muito todos os depoentes, independente do que ele tenha feito. Fique tranqüilo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Estou à sua disposição.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Eu tenho aqui um estudo dos contratos renegociados no segundo semestre de 2003. Em síntese, depois eu passo isso para o senhor, nós temos, tirando as linhas "a" e "c", segundo o exame desses contratos, renegociados, repito, no segundo semestre de 2003, que envolve a linha "b", "f", "h", "i", "k", "n", "z", "sp-4" "g" e "sp-3", com vinte e duas operações, por doze meses, uma economia de 11 milhões e 292 mil reais. Houve a supressão da linha BA-2, o senhor confirma isso não é? A supressão, a partir do estudo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não sei.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Não, não confirma, não tem problema.

BA-2. Com essa supressão houve também uma economia de 1 milhão, 144 mil.

E houve a economia da nova licitação das linhas "a" e "c", que já foram discutidas aqui em outros depoimentos, inclusive o do Sr. Luiz Augusto Gonçalves, que é o dirigente da Skymaster. Esses dirigentes vão ser ouvidos, iriam ser ouvidos hoje às 17 horas, e vão ser ouvidos em seguida.

Então, dá um total aqui de 57 milhões, mais onze milhões, mais um milhão, o que não chega a 100 milhões.

Depois eu vou deixar isso com o senhor. Nós não temos tempo, no meu período de inquirição, para esclarecer isso, para que o senhor esclareça e ajude a comissão a saber se realmente houve essa economia nisso.

Mas eu estou mais interessado no problema do superfaturamento. O senhor já disse que tinha sido contratado pelo Grupo GBT, que futuramente iria constituir uma empresa de transporte logísticos...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – De transporte aéreo.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – De transporte aéreo, que é a GBT Transportes Logísticos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, a empresa chamar-se-ia...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – GBT, pronto, para mim basta isso.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – ...Promodal Transportes Aéreos.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Sim, era do Grupo GBT, eu falei isso.

O senhor foi contratado pelo grupo GBT, que futuramente queria constituir uma empresa que chamar-se-ia Promodal. Disso nós estamos a par.

A primeira pergunta que eu quero fazer sobre esse tema, nós estamos muito interessados nesse tema dos superfaturamentos. O senhor já afirmou que detectou que alguns preços estavam sendo cobrados acima e o senhor citou aí já, nesse depoimento de hoje à tarde entre eles o da Skymaster.

O senhor aponta algum outro preço, de alguma outra empresa que estava sendo cobrado acima do normal?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Havia algumas outras que estavam um pouco acima do que o valor do índice multiplicado pelo quilômetro, tinha, sim senhor. Está no relatório. Agora o maior...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor lembraria além do Skymaster algum outro?

Eu sei que está no relatório, não precisa ver, eu vou ter tempo e vou examinar depois. Eu quero só se o senhor souber de memória, sim ou não.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu acho que a TCB, Beta, Tripp, tinha algumas que estavam...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Tripp, qual mais?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – De cabeça eu não tenho certeza.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Pronto, o senhor só se lembra da Tripp.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não me lembro da Tripp, eu teria que ler o relatório. Já fazem três anos.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Não precisa, eu vou ler. Eu estou aqui para estudar isso.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Tinha sim, tinha algumas, vou repetir, que estavam muito alto, algumas que estavam somente alto, algumas que estavam normal e tinha uma que não me lembro qual que estava até um pouco abaixo.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Ok. Eu quero saber agora, Sr. Grossi, houve renegociação de vários contratos. A informação que eu tenho é que apenas o contrato com a Skymaster, que era de R$429.987,00 por operação, não teve redução até o Pregão nº 106, de 2003. Aí, sim, houve uma redução dos R$429 mil por operação para os R$213 mil por operação, com as mesmas aeronaves. Algum outro contrato redundou em renegociação para baixo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sr. Deputado Maurício Rands, eu não tomei parte nessas renegociações e nem...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Não precisa o senhor ficar afetado, fique tranqüilo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, não...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Basta o senhor dizer: olha, eu não tomei parte, pronto.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É a minha maneira. Então, eu não quero dizer para o senhor...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Não se preocupe, relaxe, fique tranqüilo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, não, é minha maneira. Eu estou relaxado, é minha maneira de ser. Desculpe. É minha maneira.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O.k.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não tomei parte. Por isso é que eu sugeri ao nosso Presidente e ao Relator que seria interessante, para essas perguntas ficarem bem claras, trazerem aqui ou o grupo ou o presidente do grupo que renegociou isso.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – A Comissão saberá acatar ou não as sugestões. Obrigado.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Porque aí eu não tenho... Eu fico angustiado, porque eu não tenho resposta para dar para o senhor.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Fique tranqüilo, nós vamos investigar. A investigação não é feita somente pelas perguntas, mas também por esses estudos que fazemos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É claro, claro.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Nós nos debruçamos sobre os documentos na sala de documentos da CPI.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor, é claro. E estou à disposição a hora que os senhores me chamarem.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Quando houve essa redução dos R$429 mil para os R$213 mil, o senhor considerou exeqüível esse contrato reduzir de R$429 mil para R$213 mil?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Pelo conhecimento que o senhor tem, o senhor achava...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor achava que esse contrato era inexeqüível?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se eu fosse...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – É a opinião do senhor. Se o senhor tiver opinião, por favor diga.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Tenho, tenho opinião. Se eu fosse a pregoeira, eu faria constar na ata que o preço apresentado estava muito abaixo do nos-

so preço de referência e que, portanto, não poderia servir de subsídio para depois vir pedir repactuação ou acertos ou adiantamentos.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Ou seja, os aditivos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu faria constar da ata. Eu faria isso. É a minha opinião.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O que foi dito pelo Sr. Gonçalves, da Skymaster, é que ele veio aqui, apresentou uma proposta sabidamente inexeqüível, porque ele queria ocupar o espaço, senão uma outra empresa ganharia. Evidentemente ele não disse, mas ele contava com essa estratégia de utilizar algum tipo de influência, para, por meio dos termos aditivos de correção do equilíbrio econômico e financeiro do contrato, o que seria uma burla, chegar a um preço exeqüível.

Quer dizer que o senhor afirma aqui para nós, desta Comissão, que o senhor, pela sua experiência, julgou esse preço, de antemão, inexeqüível. É isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A minha opinião reafirmo: era abaixo do nosso valor que tínhamos naquele plano de contas. Quando eu soube, era muito abaixo.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Então, era inexeqüível.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor. Eu...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Esse plano de contas era o valor mínimo de exeqüibilidade do contrato.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Era prejuízo...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor acha que era inexeqüível?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Minha opinião: acho sim, senhor.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Vamos conversar um pouco agora sobre o Pregão nº 106, de 2003.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Esse aí eu não conheço.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor não tem informação, nem depois de tudo que se discutiu sobre o assunto?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Porque esse pregão de 2003 foi aquele mais competitivo. Não precisa o senhor ter conhecimento dos detalhes dele. Quero aqui seguir um raciocínio e vou indagar se estou correto nas minhas inferências.

O Pregão nº 103, de 2003, foi aquele que teve mais competitividade na história recente dos Correios. Ele teve, por exemplo, 20 rodadas de oferta. Teve como objeto as operações das linhas A e C da RPN – Rede Postal Noturna.

Estou aqui com algumas simulações em que eu queria a ajuda do senhor, Brigadeiro Grossi.

Nessa proposta feita pela Skymaster para esse Pregão nº 103, de 2003, que foi realizado em dezembro de 2003, com a capacidade de carga contratada de 170 toneladas, o preço vencedor foi de R$213 mil. A proposta apresentada pela Skymaster, o seu lance inicial – portanto, aquele lance em que ela reconhece margens mínimas de garantia de lucratividade – foi de R$300.154,00. Se nós utilizarmos os reajustes pelos índices que a Skymaster utiliza para indexar os seus custos, sejam os custos de combustível, com base naquela tabela de evolução do preço de querosene de aviação, que é o QAV1. Os preços de um outro item que compõe a proposta de apreciação, arrendamento, manutenção, revisão, seguro, corrigidos pelo dólar norte-americano. Se pegarmos um outro item da proposta, os demais custos e a remuneração que a empresa cobra e se fizermos simulações aplicando esses índices que a própria Skymaster apresenta sobre seus itens de custos das suas propostas, temos, Brigadeiro, por exemplo... e do jeito que podemos aplicar os índices para frente podemos aplicar para trás.

Estou tomando como preço mais realista aquele da competição de 2003 – o Pregão 106, de 2003. Certo? Se trouxermos, fizermos simulações com os índices utilizados pela própria Skymaster nos seus itens de custos constantes das suas propostas, teríamos, por exemplo, no Pregão 45, de 2001, que foi realizado em 17 de dezembro, o preço por operação, entre dezembro de 2001 e dezembro de 2002, R$369 mil.

O preço equivalente, a partir dessa operação que descrevi agora, pegando aquele preço de R$300 mil, trazendo para os índices e simulando retroativamente, o preço equivalente seria de R$271 mil. Nós teríamos um superfaturamento, por operação, neste ano de 2002...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor está falando de 2002?

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Estou fazendo um estudo aqui porque queria ouvir a sua opinião, pela sua *expertise*. Estou querendo extrair sua *expetise*. Então, R$369 mil menos R$271mil, que seria o preço equivalente, teríamos algo como R$97mil. Então, num ano, um superfaturamento de R$25 milhões.

No exercício de 2003, pela mesma operação, o preço dobrou e passou para R$429 mil, o que já é bastante estranho, porque não tem correção de equilíbrio econômico-financeiro de contrato com base na Lei nº 8.666 que tenha neste período alguma correção

de equilíbrio financeiro nessa proporção. Então, já é muito estranho, o senhor não acha?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Posso acrescentar?

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Por favor. Se o quiser entrar em detalhes, porque estou concluindo esta pergunta.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E não aumentou, porque todos os pedidos que estavam em tramitação foram frisados, até terminarmos o nosso trabalho. Isso não ia ser mais.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Isso aumentou em 2003.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em 2003.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Eles vinham trabalhando para aumentar.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Deputado Maurício Rands, apenas quero adverti-lo de que o relógio está com quatro minutos a mais e V. Exª já havia usado quatro minutos quando ele começou a operar. Então, V. Exª dispõe de 30 segundos ainda.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Então, vou ser bem objetivo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor entendeu, Deputado?

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Entendi.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se tivesse dado prosseguimento ao que estava para ser...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Certo. Era isso que foi abortado a partir da consultoria.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor. Isso aí é que vai dar aqueles 105 lá na frente.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Então, portanto, entre dezembro de 2002 e dezembro de 2003, a diferença de superfaturamento foi de R$51 milhões, superfaturamento de R$13 milhões. Nesses dois exercícios, R$39 milhões. Quando trazemos para o ano de 2004, que foi o Pregão nº 105, de 2004 – e o senhor já não estava mais dando consultoria eu sei disso, mas quero apenas...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Mas tinha deixado o trabalho lá.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Exatamente. O preço por operação foi de R$445 mil, o preço equivalente R$331 mil, o superfaturamento era de R$113 mil. Então, R$10 milhões de superfaturamento. A minha pergunta é: está certo esse raciocínio e o que o senhor tem a acrescentar para colaborar com a Comissão, porque estamos, nesta primeira inquirição, querendo ter dados mais completos sobre superfaturamentos que nós já constatamos ao examinar os contratos e os índices das propostas feitas nos pregões, sobretudo a partir do 103, de 2003, que foi aquele onde houve mais competição.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sugeriria ao senhor, para validar esse raciocínio, que acredito que esteja corretíssimo, pegue o trabalho que fizemos, que está todo indexado, jogue na planilha os valores, aí nós poderíamos fazer o *cross-check* e chegar a uma conclusão final.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Então, o senhor concorda que houve esse superfaturamento aqui?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se houve, não posso garantir ao senhor. Aparentemente, houve, não é?

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Última pergunta, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Pois não, para concluir, por favor.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Muito obrigado.

A quem o senhor atribui essa correção de preços da Skymaster, que tinham sido mergulhados para os 213 mil, quando anteriormente ela estava operando a 469 mil?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado Maurício Rands, infelizmente, eu teria que emitir uma opinião para a qual teria de ter muitos dados, a fim de que esta opinião fosse bem abalizada e não leviana.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Concedo a palavra ao Deputado Henrique Fontana.

V. Exª dispõe de até 15 minutos.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Obrigado, Sr. Presidente, Deputado Carlos Abicalil. Desejo igualmente cumprimentar o nosso Vice-Presidente, Deputado Asdrúbal Bentes. Quero cumprimentar o Brigadeiro Venâncio Grossi.

Talvez não ocupe os 15 minutos. Gostaria, em primeiro lugar, de proporcionar dois ou três minutos para que o senhor pudesse colocar-se de maneira a mais organizada possível – e não é fácil fazer uma síntese como essa – sobre um dos temas que, do meu ponto de vista, é central para esta CPI, com a qual estamos envolvidos.

Há um sentimento, cada vez mais claro para todos nós, de que um conjunto de contratos, ao longo dos últimos anos, e não apenas ao longo dos últimos dois anos, embutiam, dentro desses contratos, valores muito provavelmente – digo eu com os cuidados de quem está em processo de uma investigação – superfaturados. Ou seja, estava-se, ali, cobrando, por um serviço prestado aos Correios – e também a outras estruturas públicas,

mas, no nosso caso especificamente aqui, aos Correios –, um valor acima do razoável para compor os lucros de uma empresa que atua, terceirizando os serviços dos Correios, e os custos daquele trabalho.

Inclusive, pude ler trechos do depoimento do Sr. Maurício Marinho ao Ministério Público, que está em sigilo nesta Comissão, em que oferece indícios de superfaturamento em diversos contratos, que perduram, insisto, ao longo dos últimos anos. Ele descreve situações de um, dois, três, quatro, cinco anos, ou seja, que ultrapassam evidentemente o atual Governo.

Mas gostaria que o senhor me esclarecesse, da melhor maneira possível, o seguinte: quando o senhor fez essa consultoria aos Correios, quais os indícios e dados que o senhor encontrou de que contratos que estavam sendo feitos, até então, na rede postal noturna, estavam superfaturados.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se o senhor me permitir, não vou usar a palavra "superfaturado". Acho que devemos dar um crédito, até por uma questão de consciência, no sentido de que os valores cobrados à época o eram por falta de um valor de referência, que criaríamos depois.

Quando criamos um valor de referência e ao elaborá-lo, identificamos, como repito ao senhor, valores díspares. Pelo mesmo equipamento, fazendo rotas similares, cobravam-se preços distintos. Na época, quando eu assessorava o grupo, admitíamos que isso era por falta de um parâmetro, ou seja, de um custo de referência, tanto que, quando criamos o custo de referência, e a pregoeira passou a usá-lo, os Correios conseguiram atingir esses 105, que não são só os 105 direto na redução, mas também o que deixou de ser pago naqueles pedidos que já estavam tramitando para o equilíbrio econômico-financeiro.

Então, até esse momento, não posso admitir, com sinceridade, Deputado, a má-fé. Os Correios são uma empresa excelente. O pessoal dos Correios, até então, eu os respeitava como respeito muitos deles até hoje. Para mim, era a melhor empresa. O meu trabalho ali, não foi nem pelo que cobrei, mas pela grife do trabalho. Eu achava que faltavam uns parâmetros. Na hora que nós criamos os parâmetros e padronizamos...

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Brigadeiro, deixe-me interrompê-lo apenas um minuto para que o senhor volte para o foco.

Não estamos aqui fazendo o julgamento se este valor cobrado a maior foi, objetiva e conscientemente, construído para alimentar uma rede de corrupção ou não etc. A pergunta que lhe faço – e insisto que o senhor procure se concentrar nela: quando o senhor fez essa análise, carregando a sua experiência em planejamento e custos na área de aviação e assim por diante, o senhor detectou um conjunto de contratos cujos preços eram evidentemente superiores ao que deveriam ser. Por exemplo, baseado nesse reestudo feito no início de 2003, ou seja, no início do atual Governo, ele levou, por exemplo, uma empresa que tem sido um contrato-símbolo, conforme temos abordado aqui, que é a Skymaster, a reduzir o seu valor mensal de R$429 mil para R$213 mil. Ou seja: isso aqui ultrapassa os limites de uma falta de parâmetros, da racionalidade.

Então, a minha pergunta é bem objetiva: o senhor, com tudo o que analisou durante a sua consultoria, entende que, mais provavelmente, a Skymaster teve prejuízo ao ter um contrato de R$213 mil ou ela estava superfaturando, violentamente, ao fazer o mesmo serviço por R$429 mil?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A diferença é a resposta à sua pergunta, Deputado.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Qual é a sua avaliação como consultor e como pessoa experiente?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A minha avaliação é que ele estava cobrando muito além do que deveria cobrar de acordo com o preço de mercado que chegamos a montar.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Ou seja, o senhor contribui com esta Comissão Parlamentar de Investigação, corroborando a tese, que é aquela para a qual eu me inclino, de que a empresa Skymaster, ao longo dos anos que antecederam essa correção feita no ano de 2003, usufruía de um contrato superfaturado do ponto de vista dos preços que cobrava.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É o que demonstrava. Eu não posso garantir, mas que os valores eram muito altos é verdade. Isso está na matemática, está nos relatórios. Não tenho dúvidas. Concordo com o senhor.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Eu queria voltar a duas perguntas, Brigadeiro.

O senhor foi contratado também por um período, como já respondeu – e eu quero organizar a minha pergunta, mas não tenho precisão da data –, pela empresa GVT...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – GPT.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Sim; GPT, desculpe, que estava estruturando uma empresa também para concorrer em licitações como essa ou outras, que se chama Promodal. Quando e por quanto tempo o senhor foi contratado pela GPT?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O contrato era para um ano, mas eu não cheguei...

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Quando foi?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Foi... Eu tenho aqui. Eu entreguei cópia. Eu teria que ver a data. Foi antes dos Correios. Foi em maio, se não me engano.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Foi antes dos Correios.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Foi sim, senhor; um mês e meio antes.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – E que tipo de trabalho essa empresa GPT lhe pediu?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A GPT me pediu, como está nos contratos, dois tipos de trabalho: um, assessorá-la, dando consultoria ao grupo que estava montando a Promodal e que estava tendo dificuldades na elaboração dos manuais, na elaboração das instalações... Porque a montagem de uma empresa aérea, para o senhor ter uma idéia, não é só comprar o avião...

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Eu compreendi. Eu não quero um detalhamento porque o tempo não me permite.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E o segundo ponto se devia ao fato de que esse grupo estava se preparando para entrar no *off-shore*, operação de helicópteros na bacia de Campos. E nós ajudamos a fazer um estudo de viabilidade econômica disso...

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Na época, o grupo GPT não lhe falava da sua vontade de concorrer nos Correios por contratos dessa rede postal noturna?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado, ela nem precisava me falar, porque eu inferia que isso deveria ocorrer. E vou dizer mais ao senhor: quanto mais empresas nós tivermos para concorrerem nessa licitação, menor o preço que vamos conseguir. Como dei aquele exemplo de que, em 1998, só poderiam concorrer quatro e, no entanto, tínhamos doze empresas.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Durante o período em que o senhor foi consultor dos Correios, o senhor repassou algumas das informações do trabalho que o senhor fez junto aos Correios para a empresa GPT?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sr. Deputado, isso é antiético.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Por isso, eu lhe faço a pergunta. O senhor repassou algum documento, alguma informação?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Depois que o senhor passou a trabalhar na Consultoria dos Correios, não houve nenhum contato com a GPT?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor. Isso é antiético. Nem ensinei como fazia, nem eles tinham... Se eles entraram, é porque eles receberam dos Correios – se me permite – este modelo e a maneira de como preenchê-lo. Está aqui como se fosse...

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Receberam um edital normal de uma licitação de todos os processos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Normal. Onde estava o plano de contas e a maneira de preenchê-lo, mas não o valor de referência dos Correios, porque isso é antiético. Seria uma cretinice, uma barbárie da minha parte.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Eu quero fazer mais algumas poucas perguntas para o senhor, para compreender ainda uma questão da rede postal noturna.

Quando se faz este contrato com as empresas, no modelo que o senhor estudou, o volume de carga que a empresa vai carregar em uma viagem, por exemplo, não tem nenhuma relação com o preço? Pergunto de outra forma, se estou entendendo bem: a empresa dá o valor para fazer uma viagem independente se ela vai transportar dez ou vinte toneladas naquele avião, por exemplo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Aí é que está. Para esse planejamento, teríamos que ficar muito tempo sentados aqui para discutirmos. Esse plano aqui dá para as duas opções: ou o arrendamento do avião total, ou a licitação pela tonelagem oferecida. Aqui dá para o senhor tirar os dois valores.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – E os contratos que o senhor encontrou, quando estudou nos Correios, era por tonelagem cheia?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Por tonelagem.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Independente se iam cheios ou com metade da carga? Era pago integralmente sempre?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deixe-me dizer ao senhor: era por tonelagem e por *palet*, independente do tamanho da aeronave. É isso que o senhor quer saber. Ou melhor, independente da capacidade da aeronave. É isso?

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Isso.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É verdade.

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Era feito assim?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É. Para os maiores. Os menores não, porque...

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Nos estudos que o senhor fez, no período de consultoria aos Correios, o senhor encontrou algum indício de prova que pudesse sugerir, por exemplo, que empresas que venciam a licitação da rede postal noturna dos Correios vendiam a viagem, vamos chamar assim, do avião lotado, com tonelagem total – e os Correios pa-

gavam por isso, mesmo não utilizando, porque, enfim, há variações no volume de encomenda etc. –, e que alguma dessas empresas pudesse estar sublocando parte do avião que já estava contratado pelos Correios para outros serviços de interesse dessas empresas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Essa questão é difícil de responder ao senhor de pronto. Deixa eu lhe dizer. Quando os Correios contratavam a tonelagem total da aeronave - até onde eu pude depreender e ver -, os Correios fiscalizavam a utilização. Mesmo que os Correios não ocupassem toda a tonelagem, eles não deixavam botar mais nada lá dentro. Mas nos casos em que contratava tonelagem... vou dar um exemplo: um 707 leva 42 toneladas. Se naquelas linhas, os Correios contratavam 30 toneladas, 15 toneladas o dono...

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Podia contratar com outra empresa. É lógico. Podia vender para outra.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Esse que era um dos problemas que nós levantamos. Por isso é que os preços tinham de ser diferentes. Na hora em que o contrato havia um todo...

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Deixe-me fazer uma última pergunta, porque eu não quero perder a oportunidade de fazer ao senhor. Sendo os Correios uma empresa pública, e tendo nós, enquanto País, uma estrutura como a Força Aérea Brasileira, na sua avaliação seria mais barato e eficiente para os Correios montar uma estrutura própria em conjunto com o *expertise* e com a Força Aérea Brasileira, com seu conhecimento, ou tende a ser melhor negócio a contratação de empresas privadas terceirizando esse serviço?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu estava pedindo que alguém fizesse essa pergunta, Deputado. Sabe por quê?

O SR. HENRIQUE FONTANA (PT – RS) – Eu tive a mesma curiosidade que o senhor.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sabe por quê? Em 1999 ou em 2000, eu fui procurado pelo Dr. Paulo Egídio, porque ele queria criar uma empresa dos Correios e me chamou. Eu já era Diretor-Geral. Em 2000, eu era Diretor-Geral. E eu fui.

Por que ele me chamou? O Correio tinha contratado um estudo da Aeropostale francesa, a empresa postal francesa, que tem aviões próprios. E a Aeropostale elaborou um estudo para os Correios, considerando a malha dos correios brasileiros, a demanda de transporte de carga dos correios brasileiros. Considerando tudo isso, propunha aos Correios que criasse essa empresa; inclusive, a Aeropostale queria vender as aeronaves. Na realidade, o estudo maior da Aeropostale foi para passar para os Correios brasileiros oito ou seis 737 – 200, que não era o avião adequado, até por questões de motor, de custo e de ruído.

Eu falei para o Dr. Paulo Egídio: Dr. Paulo Egídio, criar estatal neste Governo onde se vende estatal é uma coisa um pouco difícil de eu dizer para o senhor fazer, até porque o que nós temos de criar é um sistema em que empresas privadas possam ser criadas para oferecer esse serviço, e os custos que os Correios iriam remunerá-las teriam de ser de acordo com a realidade de mercado, porque nós vamos criar mais uma estatal.

Eu disse mais a ele: se o senhor quiser criar uma estatal, o senhor tem até a estatal pronta na Constituição. Na Constituição Brasileira, há uma empresa aérea chamada Correio Aéreo Nacional. Era só pegar essa empresa e contratar, com a Força Aérea, pilotos e aeronaves. O Correio comprava as aeronaves e as colocava na Força Aérea; a Força Aérea daria os pilotos e o apoio de manutenção, e os Correios dariam o planejamento para distribuição – isso se nós quiséssemos criar outra estatal. Isso eu disse a ele.

Na minha opinião, eu acho que nós não devemos criar outra estatal. Nós temos de ter instrumento de controle efetivo, como esse simples que nós produzimos, para que fatos como estes que nós estamos aqui discutindo não venham a acontecer outra vez, até porque nós estamos falando de uma empresa, e a rede postal noturna são dez empresas ou nove. Eu os conheço todos. São administradores excelentes, pessoas honestas que não reclamaram.

Reparem! Por que somente uma empresa reclamou do trabalho e as outras não reclamaram? Porque, graças a Deus, os nossos empresários dançam conforme a música, porque, em princípio, eles são honestos. Para eles, é muito melhor haver regras claras e transparentes para poderem trabalhar com tranqüilidade e conforto.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Muito obrigado, Deputado Henrique Fontana.

Concedo a palavra ao Vice-Presidente, Deputado Asdrúbal Bentes, e, na seqüência, o próximo orador é o Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ASDRUBAL BENTES (PMDB – PA) – Com a devida vênia, Deputado Arnaldo Faria de Sá, devo dizer ao Brigadeiro Grossi que algo me chamou a atenção no seu depoimento: a declaração de que quatro grandes empresas constituíram uma reserva de mercado. Certo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Com certeza. É verdade.

O SR. ASDRUBAL BENTES (PMDB – PA) – E que sublocavam os serviços contratados para essas pequenas...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pequenas, não. Grandes.

O SR. ASDRUBAL BENTES (PMDB – PA) – Grandes também, que, por preço bem menor, faziam o trabalho. Então, é claro que havia superfaturamento. Concorda V. Sª?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – V. Exª está absolutamente certo, Deputado.

O SR. ASDRUBAL BENTES (PMDB – PA) – Pois bem...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Está absolutamente certo, Deputado.

O SR. ASDRUBAL BENTES (PMDB – PA) – Gostaria de indagar a V. Sª: desde quando e até quando houve essa reserva de mercado? V. Sª poderia me informar isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado, entrei em 1998, quando consegui acabar. Se não me falha a memória, o aviso era de 1996. E o que me deixou mais impressionado é como que nós, na Força Aérea, naquela época – e alguém induziu o Ministro a fazer esse aviso –, não só reservávamos o mercado para essas quatro, como estipulávamos o preço mínimo a ser cobrado.

O SR. ASDRUBAL BENTES (PMDB – PA) – Estou satisfeito. Reputo da maior relevância a declaração de V. Sª sobre a matéria.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso está mais do que comprovado. É só mandar buscar os avisos. V. Exª não imagina o trabalho que me deu!

O SR. ASDRUBAL BENTES (PMDB – PA) – Certamente, será um grande subsídio para o enquadramento dos responsáveis.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Mas, graças a Deus, o Ministro Lélio foi inteligente o suficiente para acabar com isso!

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Muito obrigado, Deputado Asdrubal.

Concedo a palavra ao Deputado Arnaldo Faria de Sá, que dispõe de até 15 minutos.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Obrigado, Sr. Presidente.

O Brigadeiro falou, nessa resposta, que reservava para quatro empresas...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em 1996 e 1998. É verdade.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quais empresas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Varig, Vasp, Transbrasil e Rio-Sul, se não me engano. Só as regulares poderiam fazer... Aliás, desculpe-me, foi a TAM. A Rio-Sul não! Cancele a Rio-Sul! Foi a TAM. O aviso determinava que só as empresas regulares podiam fazer serviços para os Correios. E estipulavam a tarifa mínima.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E dessas empresas regulares quais atualmente prestam serviço?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Acho que a TAM. A Varig está numa situação que não pode concorrer, porque não tem a documentação necessária para entrar em licitação pública. A Vasp acabou. A Transbrasil acabou. Só a TAM concorre com essas outras todas.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E, para substituir, quais foram as que entraram no lugar?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Todas as demais que já eram subcontratadas por essas na época, ou seja, abriu o mercado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quais são essas subcontratadas, Sr. Brigadeiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Na época?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na época ou agora.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Que eram subcontratadas?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Que eram subcontratadas e hoje são empresas...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – TRIP, Total, TAF, BETA, Via Brasil – acho que a Via Brasil não –, TCB, todas essas não-regulares que hoje operam para os Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que o senhor não falou Skymaster?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Como?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que o senhor não falou Skymaster?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A Skymaster devia estar também. Não tem nenhuma restrição nisso. Deveria estar também proibida e passou a ter liberdade.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E atualmente entra a Skymaster, a Beta? Qual mais está trabalhando?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – São doze. Tenho de ver, não sei de cabeça.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quero que o senhor veja.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Vejo sim, senhor, se eu tiver o documento aqui, senão depois...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se não o tiver, o senhor o encaminha posteriormente.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu me comprometo a achar isso. Calma! Em 30 segundos, eu devo achar.

Na época em que vim trabalhar dando essa consultoria, na época, eram as seguintes empresas: Total

Linhas Aéreas, Skymaster Ltda., Beta Brasília Express Transportes Aéreos, Varig Logística, TAF Linhas Aéreas, Pena Táxi Aéreo, Aerotáxi Abaeté e TAM Linhas Aéreas.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E atualmente quais são? O senhor sabe quais são?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não sei não, senhor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não conhece?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não sei. As que estiverem trabalhando, provavelmente devo conhecê-las.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor tem conhecimento se, em alguma dessas empresas que está operando na rede postal noturna, o proprietário não é brasileiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor, até porque não pode.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não pode?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não pode.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O Johannes é o quê?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não sei. Nunca olhei a nacionalidade dele. Mas, em princípio,...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ele é gringo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Espere um momento. Deixe-me responder ao senhor. Se ele é gringo, eu não sei. Quando ele montou a empresa...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Estou lhe afirmando: ele é gringo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se o senhor está afirmando, eu acredito. Não estou discutindo não. Acredito no senhor piamente. O que o senhor assinar, eu assino.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E pode um grego ter uma empresa que trabalhe na rede postal noturna?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor. Se o Departamento de Aviação Civil homologou, alguma coisa deve ter para que este Sr. Johannes, grego, possa estar lá. Ou ele é naturalizado, ou ele não é majoritário. A resposta... Porque, na Constituição da empresa...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ele é majoritário e não é naturalizado.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se isso aconteceu na empresa...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Está acontecendo!

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Ele não poderia ser. Porque o Código Brasileiro de Aeronáutica é claro como água.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Essa informação eu tenho. E tem uma outra empresa, que eu não confirmei, que diz que tem um chileno à testa dela. Uma dessas outras empresas.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – ABSA – Aerolineas Brasileiras.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Essa mesma.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Esta é uma empresa limitada.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas é um chileno e também faz operação. O senhor não foi consultor? O senhor não viu essas irregularidades?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso não é irregularidade não, senhor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não é irregularidade?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor. Enquanto não provar que é irregularidade, eu não posso afirmar. O senhor tem imunidade, pode afirmar. Eu não.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Espera um pouco. O senhor pode achar que não é irregularidade enquanto consultor dos Correios, mas, enquanto militar da Aeronáutica, o senhor sabe que é uma irregularidade.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – No DAC, isso nunca foi apontado. E olha que o pessoal lá é exigente. Deputado, o pessoal do DAC – eu os conheço há 20 anos! – é exigente demais. Alguma coisa legalmente...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Como se chama?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – ABSA – Aerolíneas Brasileiras.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Dá para o senhor soletrar essa palavra?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A-B-S-A. ABSA, toda em maiúsculo. Significa...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Essa é a chilena?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso é o que dizem... Mas ela não é chilena; é brasileira. E o senhor sabe por quê?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não. Ela foi constituída no Brasil, mas o sócio majoritário é um chileno, que não poderia estar operando rede postal noturna.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Poderia. Se estivesse contra a lei, não poderia nem ser empresa aérea,

nem ser dono de empresa. Não é só operar na RP não; não poderia nem ser dono de empresa aérea.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor é brigadeiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sou.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então, precisa avisar o pessoal da Aeronáutica.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor. Eles sabem. Alguma coisa... Agora, se o senhor tem alguma dúvida...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu não tenho... Eu estou afirmando...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu sei.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ...que o Johannes é grego, o da Beta. O chileno da ABSA, que eu nem sabia o nome – o senhor que disse o nome da empresa.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu sei. Eu posso sugerir ao senhor, a nossa Comissão aqui para fazer um ofício ao DAC para fazer uma sindicância a esse respeito.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Acho que deveríamos fazer isso, porque eu tenho a informação, Sr. Relator, de que a Beta, o dono dela...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Que é o órgão mais apropriado para fazer isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ...é um grego. E está afirmando agora, o Brigadeiro Grossi, que não pode ser estrangeiro...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nem dono de empresa.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Olha aí. E, agora, esta outra empresa, que eu nem sabia o nome, que ele está falando agora aí...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – ABSA.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A ABSA é de um chileno, também, e operando a rede postal noturna.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – V. Exª fará o requerimento?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não, V. Exª. pode autorizar.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Então, agradeço a oportunidade que me foi dada por V. Exª.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu posso subscrever com V. Exª.

Quando o senhor deixou a vida ativa militar da Aeronáutica?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Fevereiro de 2003.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E quando o senhor fez esse "servicinho" para os Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – "Servicinho", não. Foi um serviço enorme, Deputado. Foi um senhor serviço. Infelizmente, pelo que eu estou podendo depreender aqui, não deram continuidade. Foi em junho e julho, ou julho, agosto e setembro.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem o contratou para fazer este serviço para os Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Foi o Presidente dos Correios, Dr. Orlando Dipp.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Oficialmente?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor. Ele me chamou e me contratou. Pediu para que eu apresentasse o plano, eu apresentei a proposta...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então, por que na auditoria diz que Maurício Marinho solicitou ao declarante, Sérgio Barroso de Assis Fonseca, que efetuasse o pagamento de R$45 mil ao Brigadeiro Venâncio Grossi, pois o gabinete da Presidência estava lhe cobrando, uma vez que o Brigadeiro havia prestado serviços de consultoria à ECB.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Deputado Arnaldo Faria de Sá, até para poupá-lo, ele já respondeu duas vezes o mesmo conteúdo, Deputado.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor quer ouvir?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quero.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu não sabia nada disso, não senhor. Quem estava me pagando eram os Correios. E eu fui lá a mando do Dr. Virgílio, assessor da Presidência à época, para procurar o professor Paulo, da UnB, que me pagaria. Pronto.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Em que ano foi isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Quando eu prestei o serviço, em 2003.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Em 2003?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nós estamos em 2005.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na sua declaração de Imposto de Renda de 2004, como o senhor deu entrada nesse dinheiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu tive... Por erro deles, que não me entregarem o documento, eu tive

que... Eu já mandei fazer uma retificação disso. Porque eu esperei um ano... Quase seis meses cobrando e não me mandaram.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então, no seu Imposto de Renda de 2004, ano base 2003, esse dinheiro não entrou?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não; mas vai entrar, porque eu já mandei fazer esta retificação.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Vai entrar por causa dessa confusão toda. Do contrário, não entraria.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor. Não, senhor. Foi antes. Vai ser antes.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Vai ser antes, não; nós já estamos no epicentro da confusão. Então, é depois da confusão que o senhor vai corrigir a declaração...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Vou corrigir porque é um problema fiscal, e eu tenho que corrigir.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor vai corrigir agora?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Vou ter que corrigir. Já mandei corrigir, aliás.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E por que essa pessoa alega aqui, na sindicância, que não fez pagamento para o senhor?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Aí, meu Deputado, só ela pode responder isso, eu não sei. Aliás, quem tem que responder isso são os Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Paulo Marcos...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Quem tem que responder isso são os Correios, porque, se eu procurei esse senhor, procurei a mando do Dr. Virgílio, que hoje é o Diretor de Pessoal dos Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Paulo Marcos nega que tenha feito qualquer pagamento a Venâncio Grossi, isso é uma auditoria interna nos Correios.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deixa eu dizer uma coisa para o senhor: vim aqui falar a verdade.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Obrigado.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Era mais fácil para mim mentir. Não vou mentir para o senhor, não. Não vou mentir para ninguém. Nunca menti na minha vida. Fui receber desse senhor e dele cobrei, cobrei do Virgílio, cobrei de muita gente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Que Virgílio?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Que é o hoje Diretor de Pessoal dos Correios, que foi quem me mandou...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Virgílio Brilhante Sirimarco*?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É, sim, senhor. Que era o responsável para fazer toda a documentação do meu contrato.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor disse que ia falar a verdade, não ia falar mentira. Qual seria a mentira que o senhor poderia ter falado?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Dizer que não recebi; era o mais simples, concorda? E eu não ia fazer isso nunca.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não recebeu de quem?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Esse dinheiro.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Uai, se o senhor não recebeu... Vamos elaborar a tese absurda da mentira: o senhor não recebeu dinheiro, e o que o senhor ficou fazendo lá dentro dos Correios então?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pois é, seria um absurdo eu dizer isso e negar. O senhor está vendo como é um absurdo eu negar uma coisa dessa? Seria uma insensatez até.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Durante quanto tempo o senhor ficou lá dentro dos Correios fazendo esse trabalho?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Três meses, três meses e meio.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nesse período todo que o senhor entrava e saía nos Correios, na portaria, como era que o senhor era tratado?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu tinha uma tarjeta.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Essa tarjeta era oficial dos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor, dos Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Dos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor tem ela aí?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Tenho.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Faz favor, isso é um serviço para a Abin.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor. Está aqui a cópia xerox dela. Deixo toda a documentação...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quero que o Sr. Relator tome cuidado. Eu quero que o Relator veja. Estou estranhando seja um crachá

dos Correios para quem era contratado por empresa terceirizada, que não pagou, que diz que pagou, que não recebeu.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, o crachá é dos Correios, e o cargo, consultor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sim, mas ele acabou de negar que era contratado pelos Correios, foi contratado por uma empresa terceirizada, que alega que não pagou a ele. O relatório o senhor viu, não é, Sr. Relator?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, o depoimento dele é que ele foi contratado pelos Correios e que aí remeteram ele para receber de uma outra pessoa, e, pelo relatório da sindicância dos Correios, quem pagou foi uma empresa terceirizada da Fundação de Brasília.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O que o senhor está sabendo agora eu não sabia, estou sabendo agora com o senhor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Como você não sabia?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor, não sabia, não, senhor, porque quem me mandou receber foi o Dr. Virgílio. Mostrei aqui a agenda para ele, para o nosso Relator. Eu fui receber desse senhor a mando dos Correios, que à época o Dr. Virgílio... (falha na gravação)

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Porque, na verdade, a pessoa que poderia ser responsável por essa contratação nos Correios seria Maurício Marinho, e ele diz, na mesma sindicância, que não formalizou a contratação do Sr. Venâncio Grossi através do contrato ECT-FUB ou através de outro dispositivo previsto, em consonância com as normas da ECT. E a incumbência da formalização da contratação do Sr. Venâncio Grossi ficou sendo responsabilidade do Sr. Maurício Marinho, conforme declarações do Sr. Virgílio Brilhante, ex-José Roberto de Andrade Melo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor então chame-o aqui porque todo contrato – desculpe eu fazer isso...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Á vontade.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Todo o relacionamento administrativo que eu tive a respeito de contratos foi com o Dr. Virgílio, a mando do Dr. Jânio, que recebeu a minha documentação e entregou a ele para proceder tudo, tanto que era com ele que eu tratava e escrevi isso para os Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E qual a sua relação com o Dr. Paulo Marcos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nunca tinha visto antes na minha vida, porque quem me mandou a ele foi o Dr. Virgílio.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor nunca o tinha visto antes, mas o viu quando ele lhe pagou?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor, é verdade, claro.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Em quantas vezes ele pagou, e quais foram as parcelas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Três vezes, de dez, dez e quinze.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Foi em dinheiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Foi em dinheiro, sim. Eu dei o recibo a ele.

Baseado na premissa de que eu receberia, no final, o meu contrato e receberia a declaração final do que eu recebi para poder tomar as providências administrativas. Está escrito isso no documento que eu mandei para os Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor já disse, na última resposta ao Deputado Henrique Fontana, que acha que não deve ser criado uma estatal e eu até concordo com o senhor. Mas o senhor não acha que, por ter um grande envolvimento aéreo, a rede postal noturna devia ter uma ação mais efetiva da Aeronáutica ou da FAB nessas ações do Correio?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor quer a minha opinião?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A opinião de V. Sª.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Acho que isso não é missão da FAB. Acho que isso não é missão da Força Aérea Brasileira.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas é uma missão de Governo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É missão do Governo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se é missão do Governo, as Forças Amadas estão à disposição do Governo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se eu admitir, meu Deputado, a generalização desse seu raciocínio, fica difícil pensar em democracia.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O que tem a ver democracia com ação da FAB?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se as Forças Armadas têm que tomar conta de tudo, pelo que eu estou entendo... Ou então me desculpe que não entendi.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A rede postal noturna tem a movimentação aérea. Quem cuida da movimentação aérea não é a Aeronáutica?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O DAC cuidava...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas o DAC é da Aeronáutica.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O DAC cuidava da regulamentação, da fiscalização e de tudo que diz respeito ao que voa.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Meu tempo já terminou.

Mas eu acho que não deve cuidar apenas da fiscalização, deve cuidar da ação também, brigadeiro.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Respeito a sua opinião, Deputado, até porque V. Exª tem o direito de fazê-lo mais do que eu.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Muito obrigado Deputado Arnaldo Faria de Sá.

Concedo a palavra ao Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, Srs. Parlamentares, Brigadeiro Grossi, eu acompanhei com atenção e confesso que tinha uma curiosidade em ouvi-lo até por conta da sua qualificação técnica. Eu o tenho como alguém extremamente qualificado na área da aviação brasileira, até porque assumiu postos de comando da aviação e via de conseqüência sabe a logística, a técnica, enfim, sabe de todos os procedimentos.

Imagino que o senhor foi contratado nos Correios por conta dos conhecimentos que tinha.

Quando o senhor chegou nos Correios, encontrou uma empresa desorganizada em termos de logística, em termos de índices, em termos de parâmetros no que diz respeito a cálculos para estabelecer a contratação do transporte aéreo nacional. É isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Quando cheguei aos Correios, ao darmos consultoria ao grupo, esse grupo formado pelo Dr. Dipp, sentimos que faltava parâmetros para que o pregoeiro pudesse nele se basear para fazer licitações onde o Correio não fosse prejudicado e muito menos as empresas. Sentimos falta disso. Aliás, o próprio Correio ressentia-se disso porque no documento que entreguei ao nosso relator, o próprio diretor de operações me pedia como uma das minhas missões criar isto, este plano de contas.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Perfeito. O senhor criou esse plano de contas...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O grupo criou.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O grupo, através da sua orientação no seu conhecimento técnico, eles aproveitaram, no que o senhor tem conhecimento, esse plano técnico no período em que o senhor estava lá? Depois como é que ficou, continuaram aproveitando esse plano, desmontou-se o grupo? Os parâmetros, os índices, os valores não foram mais usados?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Excelência, pelo que eu estou depreendendo, pelo o que estou ouvindo aqui, parece que não.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Deixaram de usar aqueles parâmetros.

Pelos seus cálculos, o senhor disse que tinha empresas que, com base nos valores nos parâmetros que o senhor criou, tinham valores que o senhor prefere não dizer superfaturados, valores bem avaliados e valores subavaliados.

Então, empresas que estavam ganhando além da média para fazer um transporte e outras empresas, vamos dizer assim que estavam ganhando abaixo da média – uma empresa. Nesse perde e ganha foi feito um ajuste, quem ganhava menos passou a ganhar um pouquinho mais, e quem ganhou mais passou a ganhar muito menos. Nesse perde e ganha, qual é a economia, o que o Correio perdeu nesses cálculos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu vou repetir para o senhor o que eu disse e que foi contestado por alguns dos nossos ilustres Deputados. A informação que eu tinha, a informação que eu tive e o que eu ouvi também nos jornais como eu mandei distribuir até ali ao Deputado Silvio Torres, a redução na licitação de dezembro, somada ao que não foi dado, em função do que as empresas pediam como recomposição de custos e o que não foi dado e com a redução, somava cento e cinco milhões.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Então, cento e cinco milhões em que período?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – No ano de 2003.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Em um ano. O senhor tem isso como se fosse uma economia dos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, claro.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O Correio deixou de pagar R$105 milhões, em um ano, pelo mesmo serviço.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Esse é o cálculo.

E essa reclamação que a Sky fez... porque, desses R$ 105 milhões que o senhor relata aqui, quanto foi deduzida só da SKy?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Só da Sky eu ouvi dizer, porque eu não li, R$55 milhões, quase 50% do total.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Então, só a SKy teria reduzido em torno de 50% do total

que o Correio conseguiu economizar por conta dessa adequação em função desses critérios novos que o senhor estabeleceu. Mediante o conhecimento técnico o correio economizou R$ 105 milhões e desses R$ 5 bilhões, R$105 milhões foram economizados em função do ajuste que a Skymaster.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E com as demais empresas. Não era só a Skymaster, eram outras.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Mas os R$50 milhões, o senhor disse, só a Sky.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E cinqüenta com as outras.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS)– Quais são as outras empresas, o senhor pode nominar quais são elas. Ah, o senhor já nominou...então, não precisa repetir, mas são quatro ou cinco?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Tem umas oito, não é?

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sete ou oito empresas.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sete ou oito empresas.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Antes de vir para o correio o senhor relatou que veio trabalhar para a Promoldal.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – **N**ão, GPT.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – GPT para formar a Promoldal.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – GPT Transportes Aéreos, é verdade sim senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Era isso que eu quero dizer para o senhor. O senhor entrou na GPT para formar a Promodal.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E trabalhar na parte de *off-shore* de helicópteros para operação na plataforma.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Perfeito, aí, o senhor começou a formar a Promodal, a formatar ela no seu conhecimento do grupo de trabalho, imagino, aí o senhor chamado para os Correios e.....

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deixa eu repetir. Eu não era empregado da GPT, eu sou Consultor independente como pessoa física. Eu não tinha exclusividade para ninguém.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Perfeito. Aí nesse período foi chamado para o Correio. Ai o senhor largou a Promodal ou continuou na Promodal?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, eu continuei assessorando na formação da empresa. Eram coisas independente.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não era em negócios da empresa, mas na formatação da empresa...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Orientando os responsáveis pela formatação da empresa nos regulamentos, na montagem da compra da empresa, qual era o melhor avião, sobre equipamentos. Isso é que eu auxiliei o grupo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Seria uma espécie de consultor técnico?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso é o que eu fui, como fui no Correio.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não tinha nada haver com relação comercial?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – **N**ão senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E a Promodal nesse período, aí o senhor ingressou na GPT para formar a Promodal em que mês, foi em março que o senhor falou?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, março não, foi em maio, se eu não me engano.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Maio? E dali um mês e pouco nos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Um mês e pouco nos Correios, depois fui chamado pelos Correios, sim, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E ficou nos Correios três meses?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Três meses, três meses e pouquinho.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E quando a Promodal se formou efetivamente?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A Promodal teve... O senhor pode me emprestar a Portaria de formação da Promodal que está aí? Para eu dar uma informação precisa para o nosso Deputado.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não precisa ser dia exato.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É importante o dia, é importante.

O funcionamento jurídico, se não me falha a memória, foi dado pelo diretor-geral do DAC em julho ou agosto. Funcionamento jurídico significa o quê? É uma Portaria que autoriza a empresa, depois de ela cumprir umas preliminares, a tirar na junta comercial o CNPJ, registrar na junta comercial o contrato social, entrar na Cotac para importação de aeronaves e continuar a montagem da empresa para ser vistoriada depois pelo DAC. Isso, para a finalização, leva, no mínimo, seis meses. E ela se transformou em empresa de transporte aéreo no dia 19 de dezembro de 2003.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Quanto tempo fazia que o senhor estava fora dos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu saí em setembro, outubro.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Setembro, outubro?

E quando ela participou da primeira concorrência nos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em dezembro, logo depois que ela teve a... Só que ela teve a concessão, entrou, eu soube, como eu disse para o Deputado, e falei para ele: vai perder porque ainda não está completo o *shuttle* (?). E ele perdeu.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não estava...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não estava completa a certificação de homologação da empresa.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Então, aquela informação que correu, que noticiaram, inclusive em relação ao Presidente Dipp*, que teria beneficiado a Promodal...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso é um absurdo, isso é uma barbaridade.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS)– Não, eu quero esclarecer isso porque...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso é a mesma barbaridade que eu sofri, a mesma barbaridade que me deram.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Porque faço aqui uma leitura às avessas, vamos dizer assim.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso é a mesma coisa que me disseram que eu fui lá a mando da Promodal, para facilitar a vida da...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Pois é. Faço a leitura às avessas para tentar compreender o Presidente dos Correios, Aírton Dipp, que foi Deputado nesta Casa, a quem temos como de uma conduta ilibada e passou incólume por esta CPMI, exatamente por sua postura digna Ouvi aquela manifestação de imprensa e raciocinava: mas como ele teria sido beneficiado pela Promodal, se ele não beneficiou a Promodal, se, pelo contrário, foi penalizada, foi desclassificada, concorreu e perdeu na concorrência, não ganhou?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nem entrou na concorrência.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Aliás, ela foi desclassifica?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Antes da concorrência.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Foi desclassificada.

Agora me recordo. Não, acho que é importante isso, para que possamos compreender a verdade dos fatos, porque a missão da CPI não é fazer uma CPMI contra tudo e contra todos, de qualquer jeito, de qualquer forma, é a favor da verdade. E esse é o propósito que queremos, e o que está errado...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E é para isso que vim aqui...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – ...queremos que seja, obviamente, esclarecido em toda a sua plenitude.

Nesse período em que o senhor esteve nos Correios, o senhor entrou no meio do período onde o Presidente Dipp esteve?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Quer dizer, ele esteve um período, o senhor entrou no meio, e ele fez uma conclusão. Quando o senhor saiu, ele ficou mais dois meses nos Correios, o senhor conviveu, então, com ele um bom período. Qual a leitura que o senhor faz da gestão dele comparativamente com a gestão posterior à saída dele?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado, para eu poder fazer essa comparação, eu teria que ter vivido com o outro.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O passado?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Ou no futuro. Eu não vivi nem no passado nem no futuro. Se eu fizer essa comparação e disser que o Presidente Dipp era melhor que o A ou que o C, eu estarei fazendo uma leviandade com o senhor dando um parecer. O que eu posso dizer é do tempo em que trabalhei com o Presidente Dipp. Eu o vi, eu não o conhecia, como disse numa das cartas que mandei para um desses periódicos que publicou, nunca tive contato com o Presidente Dipp antes...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor foi recomendado tecnicamente?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pelo chefe de gabinete dele, que trabalhava já na área de operações no passado, quando eu era diretor, e que ajudei. Aquela história toda que eu contei aqui.

Eu vi no Presidente Dipp um homem predisposto a reduzir custo não só na RPN; eu o via predisposto a reduzir custo em todas as demais áreas dos Correios.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Outra questão colocada e que falam bastante é com relação à Beta, que ela teria sido beneficiada. Qual é a leitura que V. Sª faz disso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não acredito, porque aquela planilha é clara. Quem entrar ali com o custo acima vai ter que disputar com a pregoeira. Ela

só poderia ser beneficiada se a pregoeira quisesse. Da mesma maneira que o outro deu abaixo, se ela der acima, a pregoeira vai dizer: "Espera aí: os custos para essa linha, com essa aeronave, são esses". Não interessa o nome da empresa. Pode ser a empresa "a", "b", "c" ou "d". Nós fizemos exatamente para isso, para transformar esse processo em algo impessoal ao máximo.

Com relação ao que aconteceu depois, V. Exª me desculpe, mas não posso falar.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Perfeito. Não vou pedir para V. Sª dizer o que não sabe.

Com relação a essa planilha, que V. Sª chama de planilha técnica, custo de referência, preço, carga, avião, V. Sª disse que havia uma disparidade ali entre o custo de uma empresa e de outra empresa, com a mesma rota, com o mesmo avião. Depois, V. Sª fez uma referência e disse que, às vezes, os Correios contratavam um avião maior para uma carga menor e tinha de pagar o avião inteiro, embora a carga não fosse... Como é que funciona isso? V.Sª deixou isso no ar.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Desculpe-me. Eu disse que, nessa nova modalidade que criamos, hoje os Correios têm a possibilidade de contratar só carga, independentemente do tamanho da aeronave, ou contratar a aeronave toda. Isso vai depender do planejamento dos transportes dos Correios. Hoje ficou melhor para trabalhar para os Correios. Os Correios podem trabalhar só com carga ou com o avião todo. São preços distintos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Essa é a diferença.

Sr. Presidente, o meu tempo se esgota. Quero tão-somente agradecer aos colegas e a V. Exª e dizer que são importantes esses esclarecimentos para remontarmos essa questão dos Correios e explicar, tintim por tintim, o que aconteceu lá, para que possamos entender onde as coisas andaram e onde as coisas não andaram certas. Esse é o propósito desta CPMI, essa é a nossa missão efetiva e a minha contribuição.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Muito obrigado, Deputado Pompeo.

Nós havíamos tido duas reinscrições. A Senadora Heloisa está ausente, atendendo à chamada da Ordem do Dia do Senado, e o Deputado Sílvio Torres desistiu da reinscrição.

Concedo a palavra, para conclusão dos trabalhos de hoje, ao Sub-Relator, José Eduardo Cardozo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu deixei a minha argüição para o final para que eu pudesse tentar, dentro do possível, coletar as informações que faltam e tentar sistematizar alguns detalhes. Por isso, peço vênia a V. Sª, porque, eventualmente, terei derepisar algumas perguntas, para que possamos sistematizar todo o depoimento.

Eu gostaria, primeiro, que V. Sª descrevesse, com o conhecimento que tem, como funciona o processo para a obtenção da concessão de transporte aéreo regular de carga em mala postal. Quer dizer, para uma empresa conseguir isso, como é que funciona?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Qualquer grupo, qualquer empresa que queira criar uma empresa de transporte aéreo, seja ela regular, seja não-regular; seja ela de táxi aéreo, seja ela de empresas regionais, ela tem, primeiro, de chegar ao DAC com um pedido em que apresenta uma viabilidade econômica do projeto a que se propõe. Aprovado aquilo, começa a tramitar esse processo no Departamento de Aviação Civil, em todas as áreas, começando pela área econômica, jurídica, técnica. Concluída essa primeira fase, é dada ao requerente uma portaria de funcionamento jurídico. Para quê? Para que ele, com essa portaria de funcionamento jurídico, possa ir à Junta Comercial e fazer o quê? Primeiro, fazer uma busca prévia; aliás ,ele já tinha feito a busca prévia para poder entrar com a razão social no DAC. Registrar, porque a Junta Comercial só registra depois das autorização do DAC. Registrada a empresa, ele tira CNPJ, cadastra-se na Receita Federal, ou seja, ela passa a ter existência jurídica. Isso ainda não a transforma em empresa de transporte aéreo. Aí o que ela vai fazer? Vai começar a criar os manuais. Dependendo do tipo de empresa que ela vai querer ser, se é 121, 135, 95; cada uma tem um regulamento chamado Regulamento Brasileiro de Homologação Aeronáutica – RBHA. Ali diz tudo o que tem de ser feito. Então, se ela vai ser uma empresa, vamos dar um número, 121. Isso significa aeronaves grandes. Ela vai ter de qualificar o seu pessoal, ela vai ter de qualificar os seus mecânicos, há um número mínimo de mecânicos, independentemente do número de aeronaves, e de pilotos e co-pilotos. Tem de haver uma sede, tem de haver, na sede, os locais onde vai funcionar a engenharia,...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Atendidos todos os requisitos, qual é o passo seguinte?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O passo seguinte uma vistoria do Departamento de Aviação Civil em tudo isso. Terminada essa vistoria, se a empresa passou na vistoria, é feito um documento que é uma proposta ao Comandante da Aeronáutica, que é o homem que pode fazer a concessão por lei. Uma proposta de concessão de acordo com o contrato já padrão. E isso ...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí sai então a portaria. Há um número limite de empresas que podem prestar o serviço?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, tantas quantas aparecerem, desde que atendam aos requisitos legais?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Hoje o mercado está aberto. Graças a Deus.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Até quando foi fechado?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Até 1991, quando, depois da 5ª Conac, o Brasil começou a desregulamentar paulatinamente o mercado de transporte aéreo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, todas as empresas que atenderam aos requisitos obtiveram essa concessão.

V. Sª menciona que havia uma reserva de mercado para quatro empresas. Isso no ano de 90?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Entre 96 e 98.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Entre 96 e 98. V. Sª mencionou as quatro empresas, que eram: TAM, Varig, Vasp e Transbrasil. É isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se qualquer empresa poderia, como é que se conseguiu essa reserva de mercado?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deputado e Relator, não sei!

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque, pelo que o senhor descreve, as empresas menores eram subcontratadas dessas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Verdade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, elas poderiam perfeitamente atender aos requisitos e ter seu próprio credenciamento. No entanto se sujeitavam a ganhar menos e, efetivamente, repassavam o lucro a quem não prestava o serviço.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É no mínimo estranho que isso aconteça.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Concordo com o senhor.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Por isso que eu fui batalhar para acabar com isso, e, graças a Deus, consegui.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais foram as providências que V. Sª tomou para acabar com esse monopólio?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Na época, conversei com o Diretor-Geral Brigadeiro, um japonês, Kawanami, e, depois, fomos ao Ministro da Aeronáutica para cancelar o aviso dele.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse aviso era de quando?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Esse aviso era de 96, se não me engano.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse aviso que previa um preço mínimo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Era, sim senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que dizia esse aviso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Há, eu não me lembro, mas a gente pode achar esse aviso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª poderia localizá-lo para a CPMI?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Vou tentar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, era praticamente ele que fazia a reserva de mercado e ainda colocava um preço mínimo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª se lembra qual foi o Ministro que o assinou?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, não lembro, mas posso ver também.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª pode mandar também para esta Comissão?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Posso, posso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, aí houve...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não vou afirmar, porque eu tenho que ver.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor vai verificar com cuidado?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pode ter certeza.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posteriormente, esse aviso ministerial foi revogado. E aí?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Abriu-se...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, toda a contenção de reserva de mercado estava concentrada nesse aviso e, talvez, em outros atos anteriores. Ou não? É isso? Se V. Sª puder confirmar, por favor?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É, sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, depois dessa abertura, digamos, do mercado, houve uma queda dos preços ou não?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Na área de passageiros, podemos ver o que aconteceu e o que já está acontecendo; e, na área de carga, passamos a ter mais empresas cargueiras.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Portanto, passou a haver uma redução de preço pelo aumento da oferta.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pela competição.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Pela competição.

Qual foi a data exata que o senhor entrou no DAC e qual foi a data que o senhor saiu?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu entrei pela primeira vez no DAC em dezembro de 79. Depois, saí do DAC para outras atividades em 1984. Voltei para área de aviação civil na Sernai* em 1988.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – O senhor estava na ativa e, então, em 98 voltou?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não; em 88, voltei à Sernai. Saí em 90.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Saiu em?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em 90, se não me falha a memória. E, depois, retornei em 98. Assim, direto, dá quase 20 anos.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – E, depois, saiu novamente em 2003?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Fevereiro de 2003.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Fevereiro de 2003.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se V. Exª quiser, eu mando o meu currículo. Tem tudo isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Não, isso aqui já é suficiente, para precisarmos a evolução.

V. Sª começou a prestar serviços nos Correios – não vou nem falar da data da contratação, porque contrato formal não houve – quando, a data efetiva?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Junho. Deixe-me ver o ofício.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Junho de 93?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – De 2003.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Junho de 2003. V. Sª, efetivamente, terminou de prestar esse serviço?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Três meses depois ou dois meses e meio depois, eu acabei logo. Esse trabalho não foi muito grande, levou de dois meses e meio a três meses.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – A data que o senhor foi contratado pela GPT para criar, entre outras atividades, a Promodal* foi?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em maio de 2003.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Prestou serviços à GPT até quando, o senhor se lembra?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Até o início de 2004. Em 2005, eu cancelei. Ele já não ia mais sair para trabalhar na *off-shore*. E a GPT e Promodal já estavam prontas, não havia mais nada o que fazer lá.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – A sede da Promodal foi criada onde?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A sede da Promodal, na época, era num andar abaixo da GPT, nesse endereço aí, que me falha agora a memória.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Em Moema, São Paulo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Essa consultoria para a GPT implicava sua vinda a Brasília e permanência aqui?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, nada. Em Brasília, não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – A sua vinda para prestação de serviços aos Correios implicava vinda a Brasília?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A Brasília, mas com os Correios. Não tinha nada a ver com a GPT.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Os gastos com hospedagem que o senhor tinha, durante essa consultoria, como eram pagos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Era essa confusão toda que gerou, porque usaram para pegar o meu nome. Para pegar os documentos, porque eu utilizava o convênio que a GPT tinha com o Blue Tree.

Como eu tinha um contrato com eles, eu usava esse convênio para ter melhor preço no Blue Tree e depois fazia um acerto – acerto não, não gosto dessa palavra -, fazia um encontro de contas.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Essa palavra aqui também é perigosa, porque já foi usada muitas vezes.

Mas, efetivamente, era o senhor quem pagava e pedia reembolso ou era faturado para alguém?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Era faturado para a GPT.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Para a GPT.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Para a GPT e, no fim, o que eu tinha que receber eu fazia o ajuste com ele, fazia o encontro de contas.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Ou seja, as suas estaas no Hotel Blue Tree e as suas passagens aéreas eram pagas pela GPT?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em tese, é verdade, mas eu os pagava depois. Eu fazia o acerto de contas com eles.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Ou seja, a GPT pagava, porque o senhor aproveitava o convênio com o Hotel Blue Tree.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – A passagem quem pagava?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A passagem pagava eu, às vezes, eu tirava com ele. Entrava no pacote, porque eu tinha direito de tirar a passagem também.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Mas, na GPT, o senhor não vinha para Brasília?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – A minha questão é: quando o senhor vinha pelos Correios...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu vinha para o Blue Tree.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – O senhor vinha para o Blue Tree.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Exatamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – E, aí, então, a GPT era que pagava, por causa do convênio que havia com o Blue Tree?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Depois eu fazia um encontro de contas com ele.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – E as passagens?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – As passagens eu pagava ou eu tirava com eles. Eu tenho direito de tirar passagens pelo contrato.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – Mas essas passagens eram para o serviço dos Correios, e não da GPT.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não da GPT, mas depois eu pagava a eles; pagava também do meu dinheiro.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – RS) – O senhor tem comprovantes desses pagamentos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Deve estar na contabilidade deles.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No contrato, o senhor diz? Mas o senhor tem como provar que reembolsou a GPT por isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – No meu papel, não tem, mas eles devem ter.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eles devem ter os comprovantes?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Sim, senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pergunto a V. Exª com franqueza: o fato de o senhor estar prestando um serviço aos Correios, está formando a empresa Promodal, contratada pela GPT, e utilizar esse convênio e fazer esses pagamentos não trazia nenhum constrangimento?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, senhor. Não via nada anti-ético nisso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Porque GPT não trabalhava para os Correios. A Promodal não existia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ia existir.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Mas isso não implicava, na minha visão, que eu estava favorecendo de maneira nenhuma a Promodal, até porque o meu trabalho era essencialmente técnico. E era uma planilha; não era elaborar edital ou fazer pactuação ou definir preço de maneira nenhuma. Montamos uma planilha que era indexada. Qualquer um que viesse, se, amanhã, eu viesse a constituir uma empresa minha, eu teria de obedecer a essa mesma regra. E era cristalina como água. Não vi nenhum impedimento ético nisso. Não vi.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor recebeu R$45 mil pela consultoria que prestou aos Correios. Há uma discussão, porque quem ...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Para mim, quem pagou foram os Correios...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas, fisicamente, como o senhor recebia? Em cheque, em dinheiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em dinheiro. Pagou-me em dinheiro três vezes, quatro vezes.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor recebia em dinheiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em dinheiro.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foram parcelas de..

O SR. VENÂNCIO GROSSI – 10, 10, 10 e 15.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem lhe dava em dinheiro era...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O Professor Paulo Marcos...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Professor Paulo Marcos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Que, até hoje, descobri que é ...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que pagava me dinheiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Achei estranho, concordo com o senhor. Mas achei que era suprimento de fundos ou coisa desse tipo, para depois poder fazer o acerto final.

Presta atenção, quero que fique bem claro: eu estava tratando com gente honesta até prove em contrário. Não passava pela minha cabeça que eu estivesse tratando com alguém que fosse desonesto numa empresa daquele porte.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor declarou no Imposto de Renda essa sua consultoria?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em 2004, eu pedi o documento. Não me deram. Pedi mais vezes, não me deram.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor recebeu em 2003?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em 2003, mas eu ia fazer a declaração em 2004.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2004.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Aí o meu contador disse: "Quem é que paga"? No fim, eu já não conseguia falar com mais ninguém pelo telefone. "Qual é a fonte pagadora"? Pensei: temos de arrumar uma fonte pagadora.

Com isso, o tempo vai passando. Não fiz a declaração de 2004. Até que, no fim do ano, eu disse a ele: "Vamos ter de acertar isso, porque não é possível continuar dessa maneira. Cada vez que passar, vou ter mais prejuízo. Vou pagar uma fortuna daqui a pouco!

Então, mandei fazer um acerto chamado retificação, e é o que está sendo feito.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor recebia esse dinheiro, depositava em conta?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não. Não depositei, não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor guardava em casa?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Levei, gastei, paguei construção que estava fazendo, paguei várias coisas. Paguei algumas coisas desse acerto de contas com a GPT, de passagens, às vezes...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da GPT, quanto que o senhor efetivamente recebeu em dinheiro?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Recebi da GPT, em doze meses, R$1 mil, mas havia hora extra. Foram uns R$15 a R$20 mil.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse pagamento era em dinheiro também?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, em cheque.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor depositava nas suas respectivas contas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Exatamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando os Correios lhe procuraram, quem fez o contato?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Recebi um recado em casa que o Presidente dos Correios queria falar comigo. Achei estranho. No início, achei até que era brincadeira. Era realmente o Presidente dos Correios. E vim a Brasília, ele queria falar comigo. E, em Brasília, ele me disse que estava com uma obrigação, porque, na transição de governo, foi preparado um relatório. Nesse relatório, apontavam vários pontos que deveriam ser analisados com mais cautela. Um deles era a rede postal noturna. E que, entre várias pessoas que ele havia contratado, eu havia sido o melhor indicado, até porque já havia auxiliado os Correios quando Diretor-Geral.

Perguntei para ele o que ele queria. Ele disse: "Precisamos rever os valores da rede postal noturna". "Sim, senhor. Como?" "Vou criar um grupo de trabalho, e o senhor dá consultoria ao grupo de trabalho". "Sim, senhor. Está bem".

Fiz os preços e entreguei. Depois da conversa com ele, preparei todo esse ofício que mostrei ao senhor – o senhor tirou xerox, não tirou? Porque só tenho esse. O senhor me devolveu?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Acho que ele devolveu, senão, providenciamos. Fica tranqüilo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Entreguei a ele e ele mandou entregar ao Dr. Jânio. O Jânio chamou o Virgílio e falou: "Virgílio, você vai ficar encarregado". E entregou ao Dr. Virgílio. Daí para frente, toda essa parte administrativa, eu tratava com o Dr. Virgílio.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com quem que o senhor acertou o valor da consultoria?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Com o Dr. Jânio, nesse documento que entreguei a ele.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com o Dr. Jânio, que é o atual Presidente dos Correios?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Que é o atual Presidente dos Correios. E que chamou o Dr. Virgílio, que é o atual Diretor de Pessoal, para que providenciasse tudo.

Então, estou tratando com gente honesta. Não estou tratando com bandido não, senhor!

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, vou lhe pedir um auxílio, porque, evidentemente, a sua palavra tem peso; o seu currículo também tem. Mas seria muito importante para esta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito poder provar efetivamente de quem o senhor recebeu esse pagamento. Vou lhe dizer por quê, o senhor vai me entender. Na medida em que houve aqui afirmações pela imprensa de que o senhor seria contratado pela Promodal para fazer algum tipo de situação, é evidente que existiram insinuações de que o senhor receberia por esse serviço pela Promodal. E, portanto, que seria a Promodal que lhe pagaria as suas despesas, a viagem e o hotel. Como, na verdade, segundo sua versão, o senhor utilizou o convênio...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É verdade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, isso apenas reforçaria – não atacando a sua palavra – a suspeita de que poderia haver alguma coisa desse tipo.

De que forma poderíamos provar que o senhor recebeu realmente o dinheiro por uma consultoria dos Correios, que não têm nada a ver com a Promodal? Como é que podemos provar isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Na atual conjuntura, estou vendo que é a minha palavra contra a palavra de quem diz que não me pagou. O Dr. Virgílio sabe, falei com ele. O Dr. Virgílio sabe, foi ele que me mandou procurar esse senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Paulo. Agora, por que razão o Sr. Paulo Marcos disse que não pagou o senhor? Ele teria alguma razão para dizer isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – De jeito nenhum, acredito que não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor não teria nenhum documento, nenhuma...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O recibo eu dei a ele, porque eu esperava receber tudo no final. Estou tratando com gente honesta, até então, estava tratando com gente honesta. Para mim, era suplemento de fundo, como todas universidades podem ter.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O pagamento foi presenciado por alguma testemunha alguma vez?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não me lembro, não senhor. Acho que não. Não senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca foi, nenhum dos três pagamentos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não. Tinha uma pessoa no carro desse professor, mas não sei quem é.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse professor o senhor nunca tinha conhecido antes?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nunca tinha falado com ele, nunca vi.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi por indicação do Sr. Virgílio que o senhor o procurou?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Do Virgílio. Mostrei para o senhor a agenda. O senhor não viu?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece a empresa Ômini Soluções, Educação e Comunicação Ltda.?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nem nunca ouvi falar, estou ouvindo a primeira vez.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca recebeu nenhum pagamento dessa empresa?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Nenhum pagamento. Está aberta a minha conta. O senhor quer que eu assine aqui? Pode abrir tudo, mobiliário, tudo que o senhor quiser. Aliás, todo ano eu entregava a minha declaração de Imposto de Renda. Eu era obrigado. Está aberta.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Paulo Marques Batista de Oliveira é proprietário da empresa Simpi, Serviços on-line em Informações Ltda., que tem sede em Belo Horizonte e atua no ramo da tecnologia da informação.

O senhor sabia disso? Tinha algum contato com essa empresa?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não senhor, nunca vi essa empresa na minha vida.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca recebeu nenhum pagamento dessa empresa?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Dessa empresa, não senhor. Nem nunca me relacionei... Hoje já sei que relacionei, mas, na época, nem sabia quem era.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor arbitrou o valor de R$45 mil, com base em que critério o senhor fixou esse preço?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Hospedagem, transporte aéreo...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, incluía hospedagem, incluía tudo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Claro. Imposto de Renda e o meu pró-labore, inclusive passagem.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, esses R$45 mil eram um pacote que incluía tudo.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor sabe por quê? Interessava-me fazer o trabalho para os Correios porque era uma grife. Isso ia mostrar que uma coisa é o indivíduo estar na vida pública e a outra é ele exercer aquilo que ele sabe sozinho, lá fora.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos superar essa fase do seu contrato e vamos falar um pouquinho da questão do superfaturamento.

Eu vou pedir para o senhor ser bem didático, porque tenho dificuldade em entender números. O senhor pediu para eu ler essa tabela; eu olhei e já fiquei em pânico.

O senhor conseguiu uma grande redução de valores, em torno de 100 milhões.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não foi só eu, foi o grupo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O grupo. Didaticamente, falando com uma pessoa que não tem a menor compreensão de números, de aviões, de cargas, quais foram os pontos que o senhor atacou para conseguir essa redução? Bem didaticamente?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Vamos lá! O senhor tem tempo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todo do mundo. Como Relator, agora, eu não estou submetido a tempo. Hoje eu vou desforrar.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Quando eu cheguei, a primeira pergunta que fiz ao Grupo foi: "Qqual é o centro? A RPM deve ter um centro de custo". Eu achava que havia um centro de custo na RPM, até porque a RPM trabalha para os Correios, transportando malotes, Sedex. Então, o malote custa um valor no qual deve estar embutido o transporte aéreo, que se pressupõem teria pago à RPM; e a RPM, por sua vez, deveria ter uma contabilidade – eu estou pensando – em que ela teria débitos e créditos, mas não tinha. Tudo era uma coisa só.

Então, para começar, peguei o Brito – nós dois – e fizemos o seguinte – eu disse a ele: "Vamos pegar todas as linhas, vamos pegar todos os contratos em tonelagem, vamos ver quanto custa cada contrato para transportar aquela tonelagem, vamos ver qual é o índice aprovado pelo DAC e como montar uma tarifa de carga".

Quando começamos a fazer as contas, começamos a descobrir, baseados no índice e baseados na maneira de criar a tarifa, que começava a mostrar uma grande diferença em determinadas empresas ou em determinada empresa entre o que era pago e a tonelagem transportada de acordo com o contrato – o valor do quilômetro da tonelagem transportada. Com isso, levantamos todas as empresas.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, não era propriamente um superfaturamento de preço mas era, na verdade, uma situação em que se pagava como se se houvesse transportado mais do que efetivamente era transportado. É isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pagava-se mais a carga transportada do que deveria ter se pago.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, aparentemente, era mais transportada do que efetivamente era.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Era mais pago do que....

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era mais pago do que efetivamente transportado. Pagava-se pelo que não havia sido transportado.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pagava-se o que havia sido transportado. Porém, muito mais do que deveria ser pago.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso pelas planilhas.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Aí, nós chegamos à conclusão...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essas planilhas tinham sido montadas como, quer dizer, quem foi o responsável por essas planilhas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Essa que nós montamos?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. A que estava gerando irregularidades.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não tinha.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não tinha autoria?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não tinha planilha.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não tinha planilha?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O senhor me empresta aquele ofício que eu dei para o senhor?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O duro é eu achar, porque está uma bagunça aqui. Acho que é este aqui, não?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é? Depois nós vamos ver direitinho os documentos que o senhor me encaminhou. É esse aqui?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não. Essa é uma cópia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É esse aqui?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Posso ver? Não. Este é o relatório.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas tente me explicar enquanto a gente localiza o ofício.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O próprio diretor de operações dizia que, para poderem acompanhar os valores da rede postal, eles precisavam ter um trabalho que dimensionasse o valor de mercado de cada segmento da rede postal noturna. Então, eles não tinham. Como é que era apresentado? Cada empresa apresentava uma planilha de custo diferente da outra. Ficava dificílimo para se poder analisar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, essa planilha de custos, cada empresa apresentava a sua?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A sua. Por isso que nós padronizamos.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso não era checado?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não vou afirmar para o senhor que não era checado. Eu acredito que sim, que era chegado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E as planilhas das empresas tinham componentes de custos diferentes? Não harmônicos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não harmônicos. E a maneira de apresentar também era diferente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, não havia metodologia nenhuma de checagem uniformizada?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não. Exato. Por isso que nós criamos essa metodologia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí, o senhor criou essa metodologia?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O grupo criou essa metodologia. Eu auxiliei o grupo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa medida, evidentemente, implicou numa redução imediata de custos.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Essa medida começou a demonstrar que o que se estava pagando era muito mais do que o que se poderia pagar, admitindo-se uma lucratividade líquida mais 12%.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve reação das empresas por isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não houve. Só houve da Skymaster.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que fez o quê?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Primeiro, ela entrou na Justiça, tentando eliminar a nova licitação e a repactuação. Não conseguiu liminar nem em Brasília, nem em São Paulo. Então, ela foi para a repactuação e as demais foram para a licitação. As demais empresas aceitaram normalmente. Claro, negociaram, discutiram, porque esse documento... Se uma empresa... Isso não é obrigatório. Se uma empresa chegar e disser assim: "Não, o meu combustível eu pago mais caro", traga a nota fiscal da Petrobras ou da Esso e prove.

O valor do... Porque tudo que nós criamos foi valor de mercado. Então, pode ser que uns mais eficientes tivessem preços menores; outros, menos eficientes, preços maiores. Então, ele tinha que provar: Não, o valor do (?) do meu avião não é esse. Eu pago mais". Traga o contrato. Mostre.

Essas foram as reações e eu soube que a Skymaster não aceitava. As outras aceitaram.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí, então, houve essa operação de entrar com ações na Justiça, etc.

Essa medida por si só foi responsável pelos 100 milhões de economia? Só essa?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Só isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só a padronização das planilhas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Só isso. E saber quanto é que custava cada quilômetro, quanto é cada tonelagem transportada. Só isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posteriormente, houve uma licitação, não é?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É, em dezembro. Porque a licitação nos Correios, pelo que eu pude ver, era de seis em seis meses. O contrato é cinco anos, mas tinha licitação de seis em seis meses. Então, as empresas tinham...

O O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se puder falar mais próximo do microfone...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – As empresas que iam vencer em dezembro foram deixadas para licitação; outras para que já tinham sido feitas licitações antes, como foi o caso da Skymaster, foram chamadas para a repactuação. Não houve a repactuação, aí, se eu não me engano, aí eu tenho que... Por isso que eu pediria ao senhor que essa parte quem melhor pode explicar é o Leliton.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A razão exata pela qual não houve sucesso na renegociação com a Skymaster o senhor sabe dizer?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pois é, é isso que eu estou pedindo. Eu queria que o Leliton estivesse aqui. Ele que ninguém melhor... Porque eu não tomei parte nisso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não participou desse tipo de coisa?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não! Não, não, não. Por isso é que eu achei estranho faltar a presença do Leliton. O Leliton era o presidente do grupo. Ele que conduzia as negociações. Ele que conduzia... Era importante a presença dele aqui.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posteriormente, então, a Skymaster jogou um preço lá embaixo, não é?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É o que eu também soube. Eu também já não tomava... Eu também já não estava...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não estava mais lá, então o senhor não acompanhou esse episódio de a Skymaster jogar o preço lá embaixo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, eu já estava... isso eu já soube depois. Soube que o preço estava muito abaixo do preço de mercado que nós tínhamos ...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para o senhor ter uma idéia: a Skymaster praticava um preço de R$429.987,00 por operação. Isso passou a ser operado, no mês seguinte, pela mesma empresa Skymaster, ao vencer o Pregão 106, de 2003, ao preço de R$213 mil. Disse aqui...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se não me engano, estava abaixo do preço de mercado para esse tipo de aeronave, desse tamanho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eles jogaram o preço. Esses R$213 mil, a seu ver, estavam abaixou do preço de mercado?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se não me falha a memória. É só dar uma olhada no preço de...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Presidente da Skymaster, em depoimentos a esta Comissão, disse exatamente isso: que ele jogou o preço lá embaixo...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Isso eu soube. Eu soube, na época, que eles tinham dado um preço... porque eles estavam disputando com a VarigLog. Eu conheço o João Luís. O João Luís disse: "Esse cara é louco, eles ficaram loucos. Eles deram um preço que não pude acompanhar. Eles vão ter prejuízo!"

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, isso já estava patente à época, que o preço era inexeqüível?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Inexeqüível, sim, senhor, absoluta... Pelo que eu soube, sim, senhor. E, pelo valor que eu me lembrava, eram 230 e poucos, se não me falha a memória, o preço, vamos chamar, o preço-correio. Eles deram muito abaixo. O preço-correio era uma lucratividade de 10%. Se eles jogam o preço abaixo como jogaram, era prejuízo garantido.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais modelos de aeronaves que existem no País seriam compatíveis para atender à exigência dos Correios de 43 mil quilos, é isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Variam, dependendo da linha. Os Correios usam 707. O fulcro do problema está no tipo de qualidade que os Correios exigem e que, na minha opinião, não cumprem.

O senhor já ouviu falar em D mais um, D mais dois, D mais três?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Muito bem. O que é D mais um? Os Correios têm critérios de qualidade de que uma correspondência postada em Brasília, para ser entregue em Brasília, será entregue no dia seguinte. Se for entregue no Rio de Janeiro, será entregue no dia seguinte. Então, esses critérios de D mais um, D mais dois teriam de ser revistos e o Dr. Dipp queria revê-los. Se esses critérios de D mais um, e o senhor vai ler no meu relatório, fossem revistos, muitas cargas que hoje são transportadas na rede postal noturna, provavelmente, o seriam por via terrestre, porque fizemos um levantamento no mundo e descobrimos que os grandes países não têm D mais um. D mais dois é o mínimo, e, assim mesmo, para cidades.

Então, o que acontecia? Os Correios, ao manter o controle de qualidade D mais um... Eu até brincava com eles dizendo assim: "Isso não é verdade, porque se eu pegar uma carta registrada e entrar nos Correios com ela, ela não chega amanhã no Rio nem amarrada". E não chega mesmo, por causa da parte burocrática da carta. Pode tentar fazer. Faça uma carta registrada, mandando-a para sua casa em São Paulo. Então, têm que rever esses critérios. Isso é o fulcro, na minha opinião. O senhor está pedindo a minha opinião?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, a sua opinião.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Na minha opinião, primeiro, teriam que se rever esses critérios. Revistos esses critérios, veríamos qual seria a real tonelagem que os Correios deveriam transportar.

Ao analisar, eliminando o D mais um, o que se poderia transportar, acredito – na minha opinião, também – que essa rede postal noturna poderia ficar em cima de um 737-300 cargueiro, como o maior deles, e, para distribuição nas capilaridades, o FH-47, o ATR-42, o ATR-73, o Brasília e, dos menores, Bandeirantes e outros, que vão distribuindo, vão retaliando, vamos assim dizer.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As informações de V. Sª são muito importantes porque temos que analisar nesta CPMI se houve ou não a condução do procedimento licitatório para que certas empresas ganhassem, e uma das questões que se colocam é que a definição de certos tipos de aparelho dirigiu a licitação para algumas vencedoras. É nessa linha que eu lhe faço a pergunta.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É possível. Isso é possível acontecer, sim, senhor. Se eu criar uma linha... Eu sou técnico. Se o senhor disse: "Arrume uma linha aí para mim, para botar um 707", eu arrumo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, aí, conduz-se a licitação para isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Diminuiu-se o número de participantes.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De participantes. E, portanto, sabemos de antemão quem tem os aparelhos e marcam-se as cartas.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu não vou dizer para o senhor que isso aconteceu. Estou dizendo que isso é possível acontecer.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É possível. Então, aí, pergunto-lhe. Veja o seguinte: pegando uma exigência de 43 mil quilos de capacidade de carga e 18 posições de paletes.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É um DC-8.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É necessariamente um DC-8, não pode ser outro. Então, quando faço essas especificações, já estou marcando a carta para DC-8.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Provavelmente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que empresas têm DC-8? São muitas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não sei. Agora, de cabeça, não me lembro. Já é passado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster parece que tem.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A Skymaster tem, a Ápice acho que tinha.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Beta?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A Beta, não sei. Teria que ver, porque isso varia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, se eu exigir, por exemplo, duas aeronaves, estou marcando mais as cartas, ainda, porque a empresa teria que ter, de antemão, dois DC-8?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Quanto mais exigências eu criar na licitação... E isso o senhor sabe.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. É evidente. Mas com exigências desse tipo, por exemplo, fatalmente estou marcando a carta.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Está.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E se digo que preciso de duas aeronaves, uma que vai, outra que volta, etc, marquei mais ainda?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se realmente precisa, se realmente aquela tonelagem é necessária...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como posso saber se aquela tonelagem é necessária? Porque isso não pode ser discricionário, teria que haver estudo técnico.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não. Tem de ser uma auditoria técnica e têm que se rever os critérios de qualidade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo que o senhor presenciou no tempo em que trabalhou lá, esses dados eram manipulados?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não posso garantir isso para o senhor. Não posso. Não tenho informação tão precisa assim para lhe garantir isso, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mais ainda. Vamos imaginar... Achei curioso que o senhor citou logo o DC-8, quando eu li os dados.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Pelo tamanho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo próprio tamanho. Ou seja, nenhuma outra empresa conseguiria fazer isso sem esse aparelho?

O SR.VENÂNCIO GROSSI – DC-10.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que nenhuma deve ter.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não. A VarigLog tinha. MD-11, a VarigLog o tinha.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E seria economicamente viável?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se ela vendesse por tonelagem e não por avião, seria, porque ela teria disponibilidade para vender e levar produto dela.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, se não pudesse fazer isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se fosse o avião todo, aí não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí não. Então, quando exijo o avião todo com essas condições, marquei cartas para o DC-8 e, portanto, marquei as cartas da licitação?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É possível.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É possível.

Existem aeronaves mais modernas e de custos menores que possam atender a essas especificações?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Falar assim é muito difícil. Teríamos de fazer um estudo. Desculpe-me, Deputado, mas não posso dar essa afirmação para o senhor. Sou um técnico, preste atenção.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É claro. O senhor não pode sem uma consulta mais abalizada.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, é claro.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou-lhe fazer outra pergunta. Também não posso exigir que V. Exª tenha um *chip* de computador na cabeça, mas tenho que lhe fazer. Se V. Exª puder dar os dados, por favor, me dê. Qual o consumo médio de uma aeronave modelo DC-8 63F?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Depende do tipo de motor. Era uma das coisas que exigíamos quando ela dava consumo: "Traz a ordem técnica da aeronave". Quando nós padronizávamos o consumo na planilha, pegávamos um DC-8, com tipo de motor tal, CFM tal, e dizíamos que o consumo era tal, o nível tal. Quando ele dizia: "Não, a minha aeronave está mais velha e gasta mais", "Traga a ordem técnica e vamos ver se realmente é verdade".

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Então, aí, depende do tipo de motor?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Do tipo de motor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E há uma variação muito grande, portanto?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Varia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O DC-8 73F é a mesma coisa ou não?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Também. É diferente. Tem motor diferente. O 737-300 tem um motor diferente do 737-200.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o 707 também varia de acordo com o motor?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O 707 também varia. Depende do motor. Isso varia consumo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, isso talvez explique o seguinte: por meio do Ofício nº 186, de agosto de 2005, o DAC respondeu uma consulta formulada pelos Correios e apresentou quadro de valores de referência de custo médio da indústria operações cargueiras, informando uma grande variação de consumo das aeronaves. Essa variação seria decorrente do problema do motor?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Foi, inclusive, a razão pela qual ele, depois, me contesta isso em pedido. Ele me faz essa contestação. O DAC dá o valor médio de consumo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Daí o porquê da variação?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Claro, da variação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dependendo do motor do aparelho?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Por isso nós montamos a planilha. Aí, vai ter que especificar o tipo de avião, o tipo de consumo, tudo direitinho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Aeropostal, o senhor conhece?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – A Aeropostal era uma empresa francesa, que eu me lembre. Foi a que fez o trabalho para os Correios muito tempo atrás.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela obteve algum tipo de homologação junto ao DAC para esse tipo de serviço?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não me lembro, não, senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque ela participou do Pregão 45, de 2001, que a Skymaster venceu, e, segundo consta para esta CPMI, com preço bastante elevado. Foi uma licitação da modalidade pregão, em que ela fez alguns lances e desistiu. Portanto, não apresentou a documentação comprobatória da situação legal.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Essa situação, na minha concepção, era exatamente por falta desses parâmetros. A Pregoeira, quando recebia o preço menor e todos desistiam, ela ficava com o preço menor. Como ela ia discutir isso?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que nos chamou a atenção nisso é que, pelo que nos consta, a Aeropostal nunca obteve a homologação do DAC. Nunca obteve.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não estou me lembrando disso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No entanto, participou de um pregão.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não podia. Simplesmente, não podia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que é muito estranho, porque, efetivamente, pode ter servido, em tese, como uma aparência de competitividade em que as cartas já estavam previamente marcadas.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não podia. Não podia nem entrar na licitação. Tinha de ser desqualificada de início, de prima, de pronto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, pode ter sido uma licitação conduzida, em que uma empresa efetivamente, apenas, participou para fazer um simulacro de competitividade. De acordo?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – O primeiro pregão que eu vi era exatamente isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi esse pregão que o senhor viu? O senhor poderia dar mais elementos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não me lembro, não me lembro. Foi um deles.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E era exatamente uma simulação de competição?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Aparentemente. Para mim, sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para a sua opinião.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Para a minha opinião. Agora, não que a Pregoeira, coitada, tivesse... Ela não tinha... Foi aí que eu falei: "Pô, nós temos que dar a ela um instrumento para ela poder discutir".

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Pregoeira partia de um edital já preestabelecido que, possivelmente, marcasse as cartas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – E ela não sabia qual era o custo de mercado daquele preço. Era o menor preço: "Mas esse é o menor preço, mesmo? Ou é o preço muito acima do que poderia ser?" Foi por isso que nós partimos para esse trabalho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Qual a sensibilidade de consumo de combustível frente à variação do peso de carga transportada? Varia muito?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Dependendo da distância, varia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Varia e depende da distância?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a variação é grande?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – É grande, razoável, dependendo da distância e dependendo da altura.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela sua experiência, é possível dizer que é comum, no transporte aéreo de cargas, empresas concorrentes dividirem o serviço contratado junto ao setor público ou privado e fazer, então, um rateio dos ganhos?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não tenho essa experiência, não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca viu uma coisa dessas?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não posso garantir ao senhor. Não sei. Não. Desconheço. Isso eu desconheço.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. E as subcontratações são freqüentes?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Hoje em dia... Na época em que eu cheguei lá, ainda existia. Ainda existia. Uma das coisas que nós, na época do DAC, sugerimos, foi proibir subcontratação. É uma das coisas.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seria correta a proibição?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Claro, claro.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Beta, vamos falar, agora, um pouco da Beta. Como é que a empresa Beta ganhou uma licitação nos Correios, no período em que o senhor estava lá? Como é que foi?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não sei. Não, não estava lá. Quando a Beta... foi dezembro, né? Eu já não estava mais lá.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi. Os contratos da Beta...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Está analisado nos relatórios que eu deixei para o senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas naquela planilha toda?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, está naqueles relatórios: Relatório 1, Relatório 2, está ali. Está tudo analisado ali.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Os contratos da Beta estavam superfaturados, tinham problemas? O senhor lembra?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Eu acho que... Não me lembro, tenho que ler o relatório. Se eu ler o relatório, eu digo para o senhor. (Pausa.)

Não, não é esse não. São aqueles, grandes.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual? Esse aqui?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Veja se não estão ali.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Talvez estejam aqui. Depois, nós vamos

organizar isso tudo aqui, senão nós vamos enlouquecer. É esse? É esse aí?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Esse aqui é o primeiro, deixa eu ver.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse é o primeiro? Esse outro aqui, olha...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, o primeiro é este aqui. Aqui, o senhor vai ver como é que monta preço, está tudo aqui, escritinho, os índices, está tudo aqui. (Pausa.)

Por favor, repara só uma coisa, eu vou lhe mostrar. Estão aqui: o contrato da ECT e o valor baseado no DAC. Linha B2, eu não sei quem era essa linha aqui. Tem que ver qual é a Beta. Eu não me lembro. Nós fazíamos por linha: F1, F2. Eu não sei quais eram as linhas da Beta.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Não é esse aqui não?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – As empresas. Não, tem umas empresas relacionadas.

Não, não, não. Eu lhe dei... tem umas empresas... deixa eu ver: não. Das linhas... Porque eu não tenho, aqui, as linhas BS1 e BS2 quem é que estava fazendo. Nós analisamos por linha. Tem que ver aqui.

O senhor, se tivesse as linhas das empresas, quem era F1, na época, porque hoje já mudou tudo, tem que ser da época.

Eu lhe dei um ofício que tinha a relação das empresas. Eu até li para o Deputado. É um ofício do Dr. Dipp, do DAC. Duas folhas. (Pausa.)

Está aqui. Está no anexo.

BF1 e BF2. Então, vamos aqui na linha F1 e F2.

Quando começamos, no primeiro relatório, a analisar trecho 1, trecho 2 e trecho 3, o previsto no contrato do ECT, está aqui no relatório, era de, no trecho 1, 20.547; o valor previsto na fórmula do DAC, ou seja, usando o índice e a montagem, era 21.316. Por incrível que pareça, ela estava 43% a menos...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, a Beta estava sub-faturada. O que levaria uma empresa a trabalhar com sub-faturamento?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não sei. Sinceramente, não sei. Baseado nos documentos do DAC, o senhor repare, provavelmente ela vendia tonelada... Vou lhe dar a possível resposta, não sei se é esta. Estou lhe dando uma resposta técnica, possível. Ela provavelmente vendia tonelagem para os Correios a um preço e depois colocava mais carga de outrem com um preço maior. E aí ficava uma média...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Poderia ser a Skymaster? Ou não?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Num...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos imaginar que ela tivesse uma associação com a Skymaster, estou supondo...

O SR. VENÃNCIO GROSSI – Aí não posso garantir para o senhor porque não vi nos contratos isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas poderia, em tese...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Aliás, os contratos dos Correios admitiam sub-contratação, e pedimos para acabar...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas poderia haver uma acordo entre ela e a Skymaster para isso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Aí seria danado para eu dizer para o senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não poderia dizer?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, não sei.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, em tese, seria possível que houvesse um jogo nesse sentido?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Em tese, é possível. Deputado, por favor, eu não tenho imunidade. Eu não estou afirmando isso não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, fique tranqüilo. São deduções que temos. Porque havia um contrato entre a Skymaster e a Beta, não é? Já havia um contrato. Eles disponibilizaram esse contrato. Então, possivelmente terá feito um jogo nessa linha.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Ainda não vi, não, mas soube, porque ouvi na CPI.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas uma dúvida, sei que aí o senhor não estava mais prestando a consultoria, mas, durante o período em que essas medidas foram tomadas, tomando-se como paradigma o contrato da Skymaster, os valores foram reduzidos, não é? Posteriormente, voltaram a ser elevados. O senhor teve ciência dessa elevação e o que aconteceu?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não, não acompanhei mais, porque depois daquele meu problema de contrato fiquei com tanta raiva dos caras porque pedi e... já nem mais falava com eles.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, as razões pelas quais houve

uma nova elevação de custos depois da Skymaster o senhor não sabe?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Não sei. Isso quem tem que responder é o diretor de operações. São os responsáveis.

A senhora quer mais alguma coisa?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Peço que a Senadora Heloisa Helena fale, em nome dessa relatoria, como uma especial deferência à nobre Parlamentar.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Porque aqui temos que exercitar a onipresença – estamos votando no plenário e temos que vir para cá também -, e, até para agilizar, nem foram interrompidos os trabalhos dessa sub-relatoria. Mas o que queria, veja, Brigadeiro Venâncio, por que o senhor acha que está aqui? Só pela reportagem da Época?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Com certeza.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – O senhor está com a consciência absolutamente tranqüila, que quebrem sigilos...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Tranqüilo. Já disse aqui que podem abrir o que quiserem.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Como o senhor analisa essa modificação? O senhor, de alguma forma, na consultoria técnica para a que foi contratado, tinha absoluta convicção, do ponto de vista técnico, de que se, por um lado, havia uma subestimação de preço de algumas, mas havia um preço super-estimado, um superfaturamento de uma determinada empresa.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Era o que chegava a conclusão pelos números.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – O senhor ouviu falar alguma coisa? Como é... o senhor tinha muita convicção de que realmente havia superfaturamento em relação a algumas? O senhor tinha convicção técnica disso?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Tinha, sim, senhora.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Certo. Os relatórios o senhor apresentou e tal... Então, como é que o senhor analisa, assim, não seria necessariamente por inferência, mas do ponto de vista técnico, o que o senhor analisaria que poderia levar, em menos de quatro meses, ao mesmo contrato que era identificado como superfaturado – e era um superfaturamento muito grande... Não era um percentual qualquer que pudesse ser modificado com outros componentes da planilha de custos – não era –, porque não havia uma guerra ou algo que interferisse de tal forma, ou na carga tributária, ou no preço de combustível. Era impossível isso, porque era uma diferença muito grande: baixar de R$9,2 bilhões para R$4,5 milhões e depois ser elevado para R$9,6 milhões. Como essa é uma diferença muito grande, imagino que não haja componente de uma planilha que seja capaz de justificar isso. Porém, o senhor, como técnico, de alguma forma, analisaria esse aumento? Ouviu isso? Qual é o argumento para algo assim, mesmo o senhor não estando mais lá como contratado e prestando consultoria? Qual é o argumento que o senhor poderia vislumbrar de uma alteração tão grande como essa?

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Senadora, vou falar como técnico. Nós preparamos aquelas planilhas; todas elas estavam indexadas. Se, na indexação, com as variações possíveis que tivessem ocorrido, não se chegasse a esse valor, eu não sei como justificar para a senhora esse aumento. Não há justificativa, tecnicamente falando.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Mas é isso que importa. Com todo o conhecimento técnico, seria com base em dados técnicos, até em componentes externos...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Se eu não conseguisse jogar na minha planilha, nessa que nós elaboramos, onde estavam indexadas, todas as variações ocorridas...

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Já estavam lá, com todas as variações possíveis...

O SR. VENÂNCIO GROSSI – ...nesse período, e se, no final, não se chegasse a esse valor, eu não teria como justificar para a senhora o aumento.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Obrigada.

O SR. VENÂNCIO GROSSI – Estou satisfeito, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Carlos Abicalil. PT – MT) – Agradeço a presença do Brigadeiro, de todos os presentes, da imprensa que esteve aqui, e a boa vontade de contribuírem com esta CPMI e de esclarecerem os fatos à Comissão.

Desde já, aviso a todos que a reunião de amanhã será às 11horas e 30 minutos, com as oitivas dos Srs. José Carlos Batista, Enivaldo Quadrado, Breno Fischberg, Luiz Carlos Mazano, das empresas Guaranhuns e Bonus-Banval.

Muito obrigado.

Está encerrada a reunião de hoje.

(Encerra-se a reunião às 18 horas e 57 minutos.)

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA
DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS
DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN,
PARA INVESTIGAR AS CAUSAS
E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS
E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS
POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS
– EMPRESA BRASILEIRA
DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

Ata da 2ª Reunião, realizada em 13 /09/2005.

Aos treze dias do mês de setembro do ano de dois mil e cinco, às quinze horas e quarenta e três minutos, na sala 02, da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Deputado Asdrúbal Bentes, ainda com as presenças dos Senhores Deputados Carlos Abicalil, que funcionou como sub-relator, Jorge Bittar, Carlos William, Onyx Lorenzoni, Nélio Dias, Nelson Meurer, Medeiros, Juíza Denise Frossard, Pompeo de Mattos, José Eduardo Cardozo, Gervásio Oliveira, Sílvio Torres, Feu Rosa e João Fontes e dos Senadores César Borges, Ideli Salvatti, Aelton Freitas, Sibá Machado, Valdir Raupp, Íris de Araújo, Fernando Bezerra e Heloísa Helena, reúnem-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. A Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se às oitivas dos Senhores Américo Proietti da SKYMASTER e do Senhor Mauro Dutra da NOVA DATA. O Presidente comunica ao plenário a ausência do Senhor Américo Proietti que apresentou documento contendo o relatório médico de sua doença e pedindo dispensa da oitiva e também informa que irá se reunir com Presidência, Relatoria e Sub-relatoria para analisar o caso específico para a re-convocação ou não para o depoimento do senhor Américo Proietti, convidando para tomarem assento à mesa os senhores João Marcos Pozzetti e Hugo César Gonçalves uma vez que os depoimentos dos mesmos serão tomados em conjunto, informando ainda que o depoimento do senhor João Mauro Dutra ficará adiado para quinta-feira, às quatorze horas. Depois de informar que os depoentes assinaram os termos de compromisso e solicitou a identificação de cada um e passou a palavra inicialmente ao senhor João Pozzetti, que disse ser o Diretor Administrativo-financeiro da empresa *Skymaster Lines*, não fazendo qualquer esclarecimento inicial e colocando-se à disposição dos senhores parlamentares para perguntas a respeito da RPM e a seguir foi dada da mesma forma a palavra ao senhor Hugo César Gonçalves para sua identificação e esclarecimentos que julgassem convenientes, tendo o mesmo dito ser oficial da reserva da Força Aérea Brasileira e atualmente desempenha a função de Diretor-Técnico da *Skymaster Lines*, sendo assim responsável pela área operacional e pela área de manutenção da dita empresa, militando na viação a quarenta anos, tanto na área oficial como na aviação comercial. Em ato contínuo foi dada a palavra ao Deputado Carlos Abicalil que passou a inquirir os depoentes que estavam acompanhados do Dr. Carlos Vinícius de Araújo, OAB-SP nº 169.887, que se colocou a disposição para colaborar com a comissão no que diz respeito a matéria jurídica referente à empresa. Foi ainda informado que os sócios da empresa são Luís Otávio Gonçalves, João Marcos Pozzetti, Hugo César Gonçalves e Expresso Lucatti, existindo ainda mais um sócio de nome Euzer de Ávila Nascimento e que quem exerce o cargo de Diretor-comercial da empresa é o sr. Luís Gonçalves e que cada sócio tem uma tarefa específica na mesma. Foi explicado pelo depoente que as decisões das contratações da empresa, inclusive com os Correios, são administradas através de processos licitatórios que são decididos pelo conjunto dos sócios, existindo cada setor a ser administrado pelos mesmos, sendo dito ainda pelo sr. Hugo Gonçalves que o mesmo ainda acumula a Presidência da empresa e que o sr. Luís Otávio é seu irmão, que além dos Correios é cliente da empresa o Banco Central e que as linhas *Skymaster* operam se concentram nas cidades de Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Manaus, tendo também alguns com as empresas Itapemirim Cargas e EBX. A Presidência marca para exibição de documentos por parte dos depoentes para o dia trinta de setembro. Nada mais a declarar, é encerrada a presente reunião às dezessete horas e quarenta e sete minutos E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Declaro aberta a reunião da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito instituída para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios.

Esta reunião destina-se à oitiva dos Srs. João Marcos Pozzetti, Américo Proetti, Hugo César Gonçalves e Mauro Dutra.

Quero esclarecer que a Mesa recebeu um requerimento encaminhado pelo Sr. Américo Proetti em que faz juntada de um relatório médico segundo o qual ele foi acometido de grave acidente vascular encefálico e hemorrágico, sofreu quadro de ausência simples e episódios de esquecimento em junho de 2004, o que lhe gerou a prescrição médica para ingestão periódica de medicação específica. Ele pede a dispensa da oitiva.

Esta Mesa vai dispensá-lo hoje e vai reunir-se com a Presidência e com a Relatoria e Sub-Relatoria para analisar o caso específico, se ele será reconvidado ou não para o seu depoimento.

Convido a tomarem assento à mesa os Srs. João Marcos Pozzetti e Hugo César Gonçalves, já que os depoimentos vão ser tomados em conjunto.

Esclareço que o depoimento do Sr. João Mauro Dutra, que estava programado para as 17 horas, decidimos adiar para quinta-feira, às 14 horas.

Os depoentes já assinaram o Termo de Compromisso. Solicito, então, ao Sr. Relator que dê início aos trabalhos, antes solicitando a identificação de cada um dos depoentes.

Com a palavra o Sr. João Marcos Pozzetti para sua identificação e algum esclarecimento que ele queira prestar preliminarmente.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Boa-tarde, Excelências.

Meu nome é João Marcos Pozzetti. Sou diretor administrativo-financeiro da empresa Skymaster Lines e dispenso a apresentação de qualquer esclarecimento inicial.

Estou à disposição de V. Exªs para responder a qualquer dúvida e a todas as perguntas que vocês tiverem para fazer com respeito a essa questão da RPM.

O SR. PRESIDENTE (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – Da mesma forma, solicito ao Sr. Hugo César Gonçalves que proceda à sua identificação e preste alguns esclarecimentos que julgar convenientes.

O SR. HUGO CÉSAR GONÇALVES – Sr. Presidente, Sr. Relator, Srs. e Srªs Parlamentares, senhoras e senhores, meu nome completo é Hugo César Gonçalves, sou oficial da reserva da Força Aérea Brasileira, desempenho a função de diretor técnico da Skymaster Lines Ltda, portanto responsável pela área operacional e pela área de manutenção da empresa. Sou casado, resido em Brasília e milito na aviação há quarenta anos, contando o tempo de Força Aérea e de aviação comercial.

Obrigado, Sr. Presidente. É só.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Passo, então, a palavra ao Sr. Relator para a inquirição.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Sr. Presidente, prezados depoentes, nobres Colegas que estão presentes a esta reunião de oitiva, seria adequado, inclusive para manter o procedimento regular, que também fosse nominado o advogado que acompanha os depoentes, de sorte a constar dos registros da Relatoria.

O SR. PRESIDENTE (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – Com a palavra V. Sª.

O SR. CARLOS VINICIUS DE ARAÚJO – Boa-tarde, Sr. Presidente, boa tarde, Sr. Relator. Meu nome é Carlos Vinicius de Araújo, sou advogado, inscrito na OAB – São Paulo sob o nº 169 887. Também estou à disposição para o que puder colaborar com esta Comissão, no que diz respeito à matéria jurídica referente à empresa.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Muito obrigado, então, Dr. Carlos. Nós vamos proceder à oitiva simultânea, de sorte a que, entre os dois sócios que comparecem a esta reunião, objetivamente cada parte responde por seu turno, ainda que determinado questionamento possa ter complementações de resposta de qualquer dos dois. Ou, em entendendo, por acordo de ambos, que apenas um dos depoentes responda a determinada pergunta, também poderão fazê-lo.

Eu inicio perguntando: há quanto tempo os senhores são sócios da Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – Tanto eu quanto o Hugo César Gonçalves somos sócios da Skymaster desde a fundação da empresa.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor respondeu em relação a dois membros da sociedade. Em relação aos outros dois, constituíram a empresa originalmente ou foram posteriormente agregados ao quadro societário?

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – Não, a empresa foi constituída originalmente com todos esses sócios que hoje constam no contrato social.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Os mesmos sócios: Luiz Otávio Gonçalves, João Marcos Pozetti, Hugo César Gonçalves e Expresso Lucatti?

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Qual a participação percentual de cada uma dessas partes no quadro societário?

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – João Marcos Pozetti, 20%; Hugo César Gonçalves, também 20%; Luiz Otávio Gonçalves, também 20%; Expresso Lucatti, 30%; e mais um sócio, Euzer de Ávila Nascimento, com 10%.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Há um novo sócio, então, que não era do quadro originário?

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – Não, ele foi do quadro original. Depois, por problemas de trabalho e problemas pessoais, ele saiu e depois retornou para o quadro social.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Euzer...?

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – Euzer de Ávila Nascimento.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) –... de Ávila Nascimento.

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – Ele retornou aos quadros societários agora em março de 2005.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Muito recentemente então, março de 2005. O depoimento do Sr. Luiz Otávio Gonçalves foi ouvido logo no início dos trabalhos da CPMI, ocasião em que o Plenário achou por bem convocar os outros sócios da Skymaster, posto que ainda os dados relativos a contratações e à evolução da participação dessa empresa no Correio Postal noturno ainda eram muito incipientes de domínio da CPMI.

Àquela ocasião, o Sr. Luiz Gonçalves disse: "Eu não sou dono da Skymaster. Sou diretor comercial, com uma participação societária de 20%." Essa afirmação acaba de ser confirmada em parte: que ele participa com 20% da sociedade.

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – Exato.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E corresponde a ele o cargo de diretor comercial?

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Qual é o tipo de envolvimento e responsabilidade de cada um dos senhores, individualmente, nas contratações de serviços da Skymaster junto à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos? Eu aí, nesse caso, peço que cada um responda por sua parte.

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – Eu cuido da área administrativa e financeira da empresa, mas não tenho contato, não me envolvo na sistemática de contratação com a RPN. Essa sistemática de contratação é toda gerida pelo Sr. Luiz Otávio Gonçalves, que é o sócio que cuida da área comercial. Dentro da empresa, cada sócio cuida de um setor específico, para dividir as tarefas e tentar ser o mais eficiente possível.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Que tipo de decisão, então, cabe a V. Sª?

O SR. JOÃO MARCOS POZETTI – A minha decisão, em termos de relacionamento com os Correios, simplesmente é apurar os valores executados nas linhas, emitir as faturas e receber as faturas.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Como é que são decididas essas grandes contratações da empresa Skymaster? Tudo por conta apenas do Sr. Luiz Otávio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Veja bem,...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Porque a participação é bastante equilibrada, no quadro societário.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato. Não fica por conta dele. É que ele tem... Como dividimos as tarefas, não dá para cada sócio ficar atuando em todas as áreas. Então, o Hugo vai relatar a área dele, ele cuida especificamente da área operacional. Eu cuido da área administrativa financeira. O Luiz Otávio cuida da área comercial. Então, os aspectos comerciais, apesar de serem discutidos entre todos os sócios, a palavra final sempre cabe a ele, porque ele que está vivenciando o dia-a-dia dessas operações.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Em processos licitatórios, também?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em processos licitatórios, também.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Esse procedimento, na hora de bater o martelo, então, há algum tipo de reunião formal do conjunto de sócios, de sorte a se ter a decisão formalizada?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito. Nós discutimos os assuntos, chegamos a um consenso, mas, quando ele parte para definir, ele já tem a opinião formada de todos os sócios.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Há algum processo formal de registro desse processo decisório?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. É muito informal. Porque a empresa é basicamente gerida pelos sócios. Então, é mais informal.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Então, nada que tenha atas ou anotações ou uma instância decisória formalmente constituída?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não. Não temos esse procedimento na empresa, não.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Algum dos sócios – depois repetirei todas as perguntas ao outro depoente – tem capacidade de decidir sobre alguma questão absolutamente só? Em particular no que tange a licitações?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Só se for o dia-a-dia, a rotina, aí ele decide. Mas assuntos que envolvam elevados volumes de dinheiro ou decisões importantes, nós sempre nos reunimos para decidir.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Eu gostaria, então, agora, que o Sr. Hugo pudesse res-

ponder. Que tipo de decisão compete concretamente ao senhor?

O SR. HUGO CEZAR GONÇALVES – As decisões especificamente nas áreas técnicas de operações e manutenção. São as que, de modo geral, eu as tomo sem consulta dos demais diretores.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Aquisição de equipamentos, manutenção de equipamentos?

O SR. HUGO CEZAR GONÇALVES – Aquisição de itens de suprimento, sim. De equipamentos, não. A de equipamentos, como se resume em um volume elevado de dinheiro – todos os equipamentos de aviação são caros –, costumamos discutir isso em reunião societária.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Quando se conformam, por exemplo, planilhas de custo operacional, a participação de V. Sª é em que medida?

O SR. HUGO CEZAR GONÇALVES – Fornecer ao Luiz Otávio, que aqui compõe as planilhas de custo, os custos inerentes a manutenção, principalmente, e operação. Operação, nós temos o custo de treinamento de tripulação, temos o custo da tripulação em si, os custos inerentes à Infraero e a combustível. E manutenção são itens de suprimento.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Nesse caso, a competência, no interior da empresa, é de V. Sª?

O SR. HUGO CEZAR GONÇALVES – A competência nesses assuntos sim.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor tem poder de decidir alguma questão contratual isoladamente?

O SR. HUGO CEZAR GONÇALVES – Não, senhor. Como foi esclarecido pelo Sr. Pozzetti, eu não tenho esse poder de decidir individualmente uma decisão contratual.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – No que se refere às relações externas e contratuais, quem responde efetivamente pela empresa do ponto de vista de firmar contratos, representá-la em processos licitatórios? Qual dos membros do quadro societário realiza esse papel?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Assinar contratos que envolvem volumes é o Luiz Otávio. Essa parte de representar a empresa junto aos órgãos – Receita Federal, Receita Estadual –, a área fiscal, sou eu. Mas contratos é o Luiz Otávio que sempre representa e assina. A não ser quando ele está impossibilitado de comparecer em algum evento ou em alguma data para assinar um contrato. Aí eu o substituo normalmente, ou o Hugo substitui, aqui em Brasília.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E o instrumento utilizado para essa delegação é uma procuração ou o próprio...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Não existe uma formalidade, porque o contrato social nosso prevê três diretores. No caso, somos eu, o Hugo e o Luiz Otávio. Então, nós podemos representar a empresa na assinatura de qualquer contrato.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Pode-se afirmar que o Sr. Luiz Otávio tenha qualquer tipo de prevalência nas decisões que envolvam contratos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu não usaria o termo prevalência, mas ele está mais familiarizado. Então, ele tem, digamos assim, mais contato com as áreas e ele se sobrepõe aos outros no sentido de que ele conhece mais dos contratos do que nós, simplesmente por isso.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Há algum dos membros do quadro, representado por esses sócios, que ocupe a posição de presidência da empresa?

O SR. HUGO CEZAR GONÇALVES – Eu ocupo, Excelência.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – V. Sª, então, é presidente e, ao mesmo tempo, diretor técnico, acumula as duas funções no organograma da empresa?

O SR. HUGO CEZAR GONÇALVES – Sim, senhor, acumulo as duas funções.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Essa função, em algum tempo, foi ocupada por algum outro membro do quadro societário?

O SR. HUGO CEZAR GONÇALVES – Não, senhor. Desde o início da formação da nossa empresa, no processo de homologação junto ao DAC, fiquei encarregado desse processo, fiquei em São Paulo tratando do apoio necessário às nossas operações e era comum a maioria dos documentos enviados ao Departamento de Aviação Civil, à Infraero, necessitarem serem assinados pelo presidente da empresa. Então, combinamos nós que eu representaria a presidência da empresa, uma vez que o Luiz Otávio e o Pozzetti estavam em Manaus, onde é a nossa matriz, cuidando dos trâmites de transporte de carga, etc, com agentes de carga e outros afins.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O Sr. Luiz Otávio tem algum grau de parentesco com V. Sª?

O SR. HUGO CEZAR GONÇALVES – É meu irmão.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Qual é o percentual de participação de clientes privados com serviços da Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje, entre 60 e 65% de clientes privados.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Sessenta e cinco por cento de clientes privados. O senhor está se referindo ao movimento com o número de clientes ou o senhor está se referindo ao movimento financeiro?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ao movimento financeiro, ao faturamento, em si.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Sessenta e cinco por cento do faturamento, segundo a informação de V. Sª, advém de clientes privados?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E de clientes públicos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De clientes públicos, em torno de 40%, seria o saldo. Entre 35 e 40%.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Desses clientes públicos, além dos Correios, existem outros clientes públicos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Fazemos serviço também para o Banco Central.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Em outra esfera de administração, que não seja federal, existe algum outro cliente da Skymaster? Estadual, municipal, autarquia...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, porque o nosso transporte é basicamente com aeronaves de grande porte e, dificilmente, a gente consegue fornecer serviços, principalmente na área de Manaus, para o Governo estadual ou municipal. O volume de trabalho é muito restrito e não comporta um avião desse tipo, das aeronaves com que trabalhamos.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Esse percentual sofreu alguma variação? Percentual, que eu digo, é em relação a clientes públicos e privados. Nos últimos dois anos, houve uma variação muito substantiva em relação à participação do setor público e privado no faturamento da empresa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Houve. Em 2004, tivemos em torno de 70% de clientes privados e 30% de faturamento com clientes públicos.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E anteriormente a 2003?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Anteriormente a 2003, 2002, estava 50% a 50%.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) Consta na informação formal da DRE da Skymaster, em 31 de dezembro de 2003, que a participação do setor privado estaria em torno de 25%, bem distante dos 65% a que V. Sª fez referência.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sempre foi maior do que 25%.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Sempre foi maior. Os Senhores fazem o transporte de carga de maneira sistemática, ocasional, combinada com outro tipo de serviço de transporte aéreo ou é somente carga?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, o nosso trabalho é somente com carga aérea.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Quantas rotas os Senhores detêm do ponto de vista do transporte de carga? Tanto faz para a contratação pública, dos Correios e do Banco Central, quanto das rotas contratadas por iniciativa privada?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Assim, rotineiramente, nós temos essa linha dos Correios, que começa em Fortaleza e faz Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre e, depois, voltando: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Fortaleza. Além dessa rota, nós temos a rota de Manaus. Fazemos Manaus–São Paulo, normalmente um vôo por dia, mas, em situações emergenciais, fazemos até dois vôos por dia nessa rota de Manaus–São Paulo.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Mas essas rotas são exclusivamente as definidas pela Empresa de Correios e Telégrafos ou por outros clientes privados também?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Essa rota do Nordeste, como chamamos a de Fortaleza até Porto Alegre é a rota dos Correios, definida pelos Correios.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Sim. E São Paulo–Manaus?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – São Paulo–Manaus é rota própria nossa, com esses clientes particulares aí.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Desde quando a empresa presta serviços aos Correios?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Desde 2000.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Desde o ano de 2000. Anteriormente a esse período, que tipo de contratações a Skymaster possuía?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nós prestávamos serviço para o Banco Central, várias vezes...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Já antes de 2000?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Já antes de 2000. Nós tínhamos um contrato com a empresa Itapemirim Cargas; nós fazíamos dois vôos diários entre Manaus e São Paulo para a Itapemirim. Con-

tratamos serviço também com a companhia EBX, fazendo essa rota do Nordeste, distribuindo malotes de bancos e por aí afora, e uma outra empresa que não foi tão representativa, com volumes menores. Mas basicamente os contratos grandes nossos eram com a Itapemirim e a EBX.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Itapemirim e?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – EBX.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – MX?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – EBX.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – EBX.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É a empresa do Eike Batista.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – EBX. Ambas contratam transportes de cargas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ambas contratavam; hoje não contratam mais. A Itapemirim, ela...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Hoje, quais são os principais contratantes além do Banco Central e da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje, contratos fixos nós não temos. Nós temos os nossos clientes normais que trafegam no eixo São Paulo–Manaus.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Quem são? O senhor pode citar os maiores pelo menos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Os maiores são Videolar; Sonopress; basicamente a concentração de empresas de CDs do Pólo Industrial de Manaus; de telefones celulares, que seria a Nokia, a Samsung; e um volume menos expressivo de eletroeletrônicos, de Philips, de Philco, de empresas menores.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Esse setor de eletroeletrônicos, provavelmente mais vinculado à Zona Franca de Manaus, que participação tem no faturamento total da Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esse setor é que responde hoje pelos 60%, 65% de faturamento próprio nosso.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Como o senhor avalia a hipótese de a Skymaster perder o contrato com os Correios?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje?

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Qual seria o impacto para o funcionamento e a manutenção da empresa Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nós teríamos que reestruturar grande parte da empresa porque uma companhia aérea envolve, além do custo das aeronaves, um custo muito grande para estabelecer bases nos aeroportos. Então, não é chegar do dia para a noite e dizer: olha, está encerrado. Nós temos uma série de responsabilidades sociais e fiscais que vão pesar muito no nosso orçamento. Mas nós vivemos sem os Correios, sem dúvida nenhuma.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor considera que não haveria maiores impactos além dessa relação de 35% do faturamento atual?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, considero que não tenha.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Para efeitos logísticos, de utilização de equipamento, de redução de pessoal, de redução de aeronaves, isso não teria impacto imediato?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não vai trazer maiores impactos do que esse volume de 35% a 40%.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Se os senhores estivessem sob a iminência de perda de contrato dos Correios, suponhamos que por caducidade de processo licitatório, e se apresentasse em seguida uma nova licitação. Qual seria a estratégia fundamental para disputa dessa licitação de modo que ela fosse efetivamente buscada com sucesso pela empresa Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, o que se percebe hoje nos fornecedores que prestam serviços aos Correios é que a característica principal deles é que são empresas médias ou pequenas, como é o caso da Skymaster. Hoje nós não temos mais uma grande companhia aérea trabalhando para os Correios. Não temos Variglog; não temos Varig; não temos Transbrasil, que já era Vasp; nem TAM trabalhando mais para os Correios. Então, a característica não só da Skymaster como das outras prestadoras de serviços para os Correios é de ter uma estrutura menor, mais enxuta e, em função disso, ter custos menores. A nossa característica principal não é o custo total em si, menor, mas o custo fixo; nós temos um custo fixo menor que as grandes companhias, apesar de que o custo variável vai ser igual para todas. O querosene de aviação, hoje, é um fator relevante, representativo, que desequilibra qualquer equação financeira.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor estima que esse delta de variação entre os menores e os maiores concorrentes chegue a que percentual?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Olha, eu não sei o custo nem a lucratividade das grandes empresas. O que eu percebo é que elas se retiraram, não prestam

mais serviços aos Correios. Essa é a única constatação que faço, porque não tenho como comparar...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E como o senhor avalia a variação desses custos fixos, permanentes e indispensáveis entre a origem ou inicial dos serviços prestados aos Correios e a última licitação de que participaram? Essa evolução representou um delta positivo ou um delta negativo? Houve uma variação de custos fixos muito intensa, não houve...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em nosso caso, não houve uma variação de custos fixos muito intensa. Do lado das outras companhias, por exemplo, do que a gente conhece de Variglog, esta não quis mais prestar serviços para os Correios e entregou as linhas, porque não era mais interessante ela competir com os preços das outras companhias menores. Então, ela estabeleceu linhas próprias, quer dizer, voando para os seus próprios clientes, ela tem uma lucratividade muito maior do que voar para os Correios.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E o senhor não avalia que uma das estratégias para obter contratos, no início, é apresentar um custo fixo menor, ainda que isso possa representar riscos, em função de disputar depois aquele reequilíbrio de contrato, ou termos aditivos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Veja bem, o custo inicial do contrato é imutável. Isso está dentro da lei. Nós começamos com um preço e não podemos mexer nesse preço, a não ser que ocorram fatores imprevisíveis ou de conseqüências imprevisíveis para a companhia, como é o caso do aumento do preço do combustível ou de uma disparada do dólar. Então, os reequilíbrios que são concedidos dentro desses contratos dos Correios não são reequilíbrios para corrigir o preço inicial, mas, simplesmente, para corrigir efeitos de custos em cima... a partir do momento do início do contrato até aquela data.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E o senhor avalia que a evolução desses custos foi uma evolução que encareceu os custos, a partir do ano de 2001, ou que reduziu os custos, a partir do ano de 2001?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Os custos variáveis sofreram um impacto muito grande de 2001 para cá, porque o custo...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Impacto de crescimento ou impacto de redução?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De crescimento excepcional em relação aos outros custos. O ataque às Torres, o ataque terrorista, a invasão americana no Iraque elevaram o barril de petróleo de 28 dólares para 68 dólares, segundo a última cotação. E agora, com o Furacão Katrina, então nem se fala; quer dizer, são variações de preço incontroláveis. Por mais que nós, empresários, coloquemos em nossas planilhas de custo uma eventual variação no preço do combustível, a variação ocorrida nesse período superou qualquer previsão que qualquer economista pudesse ter.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Eu gostaria que V. Sª pudesse nos explicar por que razão, naquela rodada de lances do Pregão nº 106, do ano de 2003, a proposição da Skymaster baixava os preços das operações das linhas A e C, provavelmente correspondente ao Nordeste, ao que V. Sª fez referência, em cerca de 50% em relação ao que já estava contratado anteriormente. Se a evolução foi de acréscimo desses custos, por que razão nesses lances do Pregão houve uma redução tão assustadora?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Essa pergunta foi amplamente debatida pelo Luiz Otávio, quando ele prestou depoimento na Comissão. Isso foi mostrado por documentos, pelo Luiz Otávio, e foram entregues a esta Relatoria, no caso, o Deputado Serraglio, provando que, naquela licitação, houve um conluio de algumas empresas com o objetivo específico de tirar a Skymaster do certame licitatório. Houve uma grande movimentação sobre isso e fomos claramente prejudicados pelo conluio ocorrido entre as empresas que participaram daquele certame. E a Skymaster, naquela época assessora pelos advogados, pelo setor jurídico, chegamos à conclusão de que deveríamos permanecer no certame porque ele estava tão cheio de vícios e irregularidades que os advogados nos garantiram que conseguiríamos anular aquele pregão, diante dessas irregularidades. Resolvemos baixar o preço para continuar nos Correios porque desfazer toda essa estrutura que já tínhamos, em todas essas capitais do dia para noite ia ser um prejuízo muito grande para nós. Por isso, resolvemos correr o risco de baixar o preço nessas circunstâncias.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor considera que esse risco foi tal que poderiam ser preços absolutamente inexeqüíveis?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Poderíamos considerar preços inexeqüível se não tivéssemos cumprido o contrato. Mas cumprimos o contrato até o último dia da sua vigência.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Caso isso ocorresse, ocasionaria prejuízos à empresa, mas, ao mesmo tempo, garantiria a ela a obtenção de sucesso no certamente?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E a qualidade dos serviços?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Desde o primeiro dia em que a Skymaster, começou a pres-

tar serviços ao Correio, o nosso índice de eficiência tem variado entre 99% a 99,8% e, em alguns meses, a 100%. Então, em nenhum dia de operação da linha dos Correios, estando com preço melhor ou com preço considerado inexeqüível, nós não deixamos de prestar um bom serviço para os Correios.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E os senhores tiveram prejuízo com essa operação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tivemos um prejuízo muito grande nessa operação.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Esse prejuízo é verificado dentro dos documentos fiscais e contábeis da empresa.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Totalmente demonstrado e comprovado pelos nossos documentos.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor considera que, sem a contratação dos Correios, a Skymaster teria, provavelmente, aeronaves ociosas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Com certeza, teríamos aeronaves ociosas.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E o senhor considera que o mercado de transporte aéreo é tão amplo que pudesse ocupá-la num curto intervalo de tempo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Essa parte deveria ser com o Luiz Otávio, que tem maior contato com o mercado. Mas, em curto espaço de tempo, considero que não conseguiríamos absorver essas aeronaves em outros contratos. Levaríamos um tempo médio para poder substituir.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor considera que o preço desse Pregão de nº 106, de 2003, poderia ser atribuído como um preço justo para participação do processo licitatório?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Desculpe-me, Exª. Não entendi.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor, aqui, confirmou que para participar do certame do pregão nº 106 do ano de 2003, tendo em vista ao conluio que o senhor atribui ao concorrentes, fez um rebaixamento de preços de modo a participar do certame e obter êxito.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Na seqüência, o senhor afirma que, inclusive, expôs a empresa a operar no vermelho...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – ...em prejuízo. E que isso pode ser verificado pelos documentos fiscais, contábeis e tributários da própria empresa. O senhor considera que esse tipo de manifestação em processo licitatório, do montante que é, da seriedade e responsabilidade de lidar com a empresa como as dos Correios, o senhor acha que esta é uma ação justa? Estou perguntando tendo em vista o conceito de justiça do ponto de vista de pactuação de um processo que é público, que é aberto, e que definirá, seguramente, não apenas o êxito da empresa que presta serviço, como êxito diante do cidadão daquele que contrata uma empresa pública, nesse caso, a Empresa de Correios e Telégrafos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A contratação por um preço menor do que o do mercado, ela trouxe e traria prejuízos sérios à empresa. Prejuízos que foram calculados por todos os sócios. Nós resolvemos em conjunto correr o risco e assumir esse prejuízo, puxando lucratividade de outras operações da empresa para cobrir esse prejuízo. Do lado do setor público, considero que não houve prejuízo nem risco porque nós prestamos serviço a contento e não houve prejuízo para a atividade pública em si.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – A pergunta que fiz foi se o senhor considera justo esse tipo de procedimento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Por parte do Correio em contratar um preço menor, ou por parte da Skymaster em oferecer um preço...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Apresentaram um preço que, em realidade, era um preço fora da realidade objetiva, fora da condição de exeqüibilidade do que seria contratado.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Por parte do Correio, eu acredito que não foi um preço justo, porque a administração pública tem parâmetros, e ela deveria ter analisado que o preço seria inexeqüível e não poderia ser adjudicado.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Por essa razão a pregoeira inclusive interrompeu a rodada para questionar sobre isso. A pregoeira questionou os concorrentes em relação a isso.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente. E nós continuamos mantendo o preço.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Uma vez que a operação é realizada por uma pregoeira, exatamente por ser um leilão público.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Portanto, a pregoeira fez o questionamento em torno da exeqüibilidade do preço.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas cabia a ela adjudicar ou não, e ela adjudicou.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor acha que essa adjudicação não coloca em xeque os contratos anteriores e os seus valores?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, porque os contratos anteriores se constituíam em preços de mercado, preços praticados usualmente nas contratações e refletiam o custo efetivo das companhias aéreas.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Então esse preço era combinado nas licitações anteriores entre os concorrentes?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nenhum preço foi combinado nas licitações anteriores. Todos foram pregões públicos, onde participaram várias empresas.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor disse que, em 2003, outras empresas concorrentes fizeram conluio para rebaixar os preços e afastá-los da licitação.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – No processo anterior, não poderia ter ocorrido um conluio da mesma natureza, para cima, nos valores apresentados?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não ocorreu.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor está afirmando que não ocorreu, mas poderia ter ocorrido.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Estou afirmando que não ocorreu. Tudo é possível, mas não ocorreu. No nosso caso, nas licitações que participamos não ocorreu.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Qual é o instrumento de segurança nessa afirmação sua que possa afirmar para nós, aqui para a CPMI, que os processos anteriores foram descobertos de vícios, e esse processo último, de 2003, teria sido viciado? Qual é o elemento de segurança para que possamos fazer a distinção em termos do procedimento licitatório?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nós já apresentamos praticamente toda a documentação pertinente a esse processo de 2003 para essa Comissão. Lá, nós apontamos todos os vícios, fizemos uma representação no Ministério Público Federal. Nos processos anteriores, foram licitações às quais compareceram todas as empresas brasileiras que tinham condições de participar do certame, tanto em termos financeiros, econômicos, quanto em disponibilidade de aeronaves. Nesse último pregão, 106/2003, as empresas que participaram, algumas não tinham habilitação fiscal – nós apontamos isso no nosso recurso –, não tinham aeronave, e empresas que até nem tinham o Certificado de Homologação de Empresa de Transporte Aéreo homologado pelo DAC, que é a condição principal para a empresa participar de... para a empresa poder operar. Sem esse certificado, ela não pode nem comprar avião.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Qual é o certificado a que V. Sª se referiu?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Cheta, a gente chama de Cheta, que é o certificado de homologação.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Mas o Cheta só é exigível daqueles que estiverem habilitados e classificados no processo licitatório.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. O pregão tem esse problema. A empresa apresenta o preço, e depois vai apresentar a condição jurídica fiscal e financeira. É o inverso de uma concorrência normal. Na concorrência, você apresenta, a empresa tem que ser habilitada primeiro, para depois participar do preço.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Mas, nesse caso, não é.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nesse caso, não. No pregão, a empresa apresenta um preço...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Esse certificado só é exigível depois?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Só é exigível depois.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Agora, vamos voltar à formação do preço, particularmente àquilo que é apresentado como item de custo, que pode sofrer variações – V. Sª já fez referência a alguns –, particularmente o querosene de aviação. Confere?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – A variação da moeda estrangeira que indexa inclusive arrendamento de equipamentos, manutenção...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Peças.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Peças, revisão, seguro etc. O IGPM. É isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O IGPM já é uma medida de inflação interna...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Varia para incidir sobre os outros custos que a empresa tem para além desses específicos, que são diretamente vinculados à tarefa finalística de manutenção e operação dos equipamentos, particularmente das aeronaves.

Os senhores apresentaram, por ocasião do Pregão nº 106, de 2003, uma participação de combustível da ordem de 58% do preço dos custos, uma depreciação dos equipamentos, em manutenção, revisão e seguro, da ordem de 14%. Os demais custos, mais a remuneração de 27,63%. É essa a composição mesmo?

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Excelência, eu não me lembro agora porque essa planilha quem manuseia...

O SR. RELATOR (PT – MT) – Vossa senhoria não se lembra, mas estima que o combustível equivale a mais ou menos 60% da formação do preço?

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Correto. É essa a representação do combustível hoje no custo da...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – É essa a representação. Os outros 40% estariam entre depreciação, arrendamento, uso de equipamento, manutenção, revisão, seguro. É isso?

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Suponhamos que a Sky Master tenha tido um contrato com os Correios por cinco anos, que é o limite para a Administração Pública Federal. Um processo desses tem como tempo máximo 60 meses. Suponhamos então que a Skymaster tivesse seus contratos com os Correios reajustados regularmente por essa composição de preços que vossa senhoria confirmou.

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Correto

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Segundo os percentuais de referência em que combustível corresponde a mais ou menos 60% e os outros 40% aos demais custos, nós poderíamos dizer que a remuneração da empresa seria mantida em níveis adequados ao longo de cinco anos?

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Nesses contratos, os Correios exigem que nós apresentemos a planilha de custos em que evidencia-se a participação de cada insumo, de quanto é o combustível, de quanto é qualquer peça, etc. Toda vez que ocorrer uma variação imprevisível ou que cause danos irreparáveis em um desses insumos a própria lei prevê que se faça um reequilíbrio econômico-financeiro para que um lado não tenha um prejuízo irreparável e o outro se beneficie com isso.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Portanto, o senhor crê que essa modalidade de avaliação e de acompanhamento do processo de execução do contrato é seguro? É válido?

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Eu considero que sim.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor considera válido para observação ao longo dos 60 meses como limite de duração desse contrato.

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – O contrato não é bem de 60 meses; na realidade é de 12 meses

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – É de até cinco anos. O processo licitatório permite que a licitação seja realizada por até cinco anos.

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – É. Nós tivemos contratos que tinham vigência de seis meses apenas ou que tinham vigência de doze meses. Ao final dos 12 meses, tanto a empresa quanto os Correios manifestavam interesse de prorrogar por mais seis meses ou não. Então as partes se sentavam à mesa e decidiam se iriam prorrogar ou não e a que preço seria prorrogado esse contrato.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Inclusive com essas condições de se observarem as variações e a partir delas se procederem ajustes sucessivos.

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Exatamente. Fazer ajustes tanto em quantidades quanto em preços.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor considera que do ponto de vista de projeção entre a marca inicial do contrato e aquilo que é apontado como finalização do contrato essa é uma medida que pode garantir que o contrato seja exeqüível, que seja duradouro, que resulte tanto para a empresa que contrata quanto para a contratada no êxito do negócio?

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor acredita então que para o futuro essa é uma medida válida de comparação, de verificação, de avaliação dos contratos.

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Se é válido para o futuro, o senhor imagina que a aplicação desses mesmos contratos pode retroagir? Observadas as mesmas variações, os mesmos índices de composição de preços, e se para adiante eles são validados, eu também posso fazer uma retrospectiva a partir das mesmas variações?

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – É, obedecendo, claro, o peso de cada insumo sobre a planilha. Nós iniciamos o contrato com os Correios no ano de 2000, 2001, quando o peso do combustível representava 30% dos custos. Hoje ele representa 60%. Então é difícil pegarmos a situação de hoje e retroagir nessa mesma proporção; tem que fazer proporção inversa também porque este insumo combustível variou acima do dólar, acima de qualquer outro insumo da aviação. Ele foi o fator que desequilibrou a relação de custo-benefício.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Portanto ele deveria ter empurrado os preços para cima, do ponto de vista da nova contratação?

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Os preços, teoricamente, para cima.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Teoricamente. Mas não foi o que ocorreu no Pregão de número 106, do ano de 2003, partindo dos pressupostos que vossa senhoria indicou aqui.

O SR. JOSÉ MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Como vossa senhoria já revelou que havia uma estratégia de subfaturar no ano de 2003 – vamos supor que essa seja a tese verdadeira – em função de ter êxito no certame da concorrência, efetivamente, se eu considero esse subfaturamento como alguma coisa que a empresa propõe como exeqüível – vossa senhoria diz inclusive que prestou serviços com qualidade aos Correios honrando em até 100% aquilo que era previsto dentro do contrato.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor considera esse raciocínio correto?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esse raciocínio é correto. Considerando os pesos de cada insumo, considero correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Se esse raciocínio vale para o futuro e para o passado, o senhor poderia explicar de que maneira o contrato de dezembro de 2001, no valor de R$369.500,00, decorrente do Pregão nº 45, quando a oferta equivalente no Pregão nº 106, foi de apenas R$300.154,00 por operação? Ou seja, com dois anos de diferença, com a variação dos insumos, que – V. Sª mesmo já afirmou mais de uma vez aqui – teve uma variação avassaladora para maior, como o senhor pode explicar, então, que a empresa ofereceu para as mesmas linhas, nas mesmas condições, o preço, em vez de R$369 mil, de R$300.154,00 usando as mesmas...

O SR. (Orador não identificado) – Pela ordem.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – V. Sª não pode...

O SR. (Orador não identificado) – Só pela ordem. Ele vai ter oportunidade de fazer seu raciocínio. Só pela ordem. Eu gostaria de falar para o senhor que esse raciocínio que o senhor está querendo...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Isso o senhor vai dizer ao seu cliente, não a mim. V. Sª não pode se dirigir nem à Mesa nem ao Plenário.

O SR. (Orador não identificado) – Não, é só sobre o fato referente especificamente à licitação.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – V. Sª, então, deve recorrer aos depoentes para que eles falem. V. Sª não pode se pronunciar.

(Pausa.)

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, o raciocínio colocado tem que ser considerado em duas perspectivas. Nas licitações anteriores, eu apresentei uma planilha de preços em que eu remunerava todos os meus custos e tinha um lucro. Eu pagava os meus impostos e tinha um lucro. Nessa licitação, especificamente, em função de todos os fatos que levaram a esse conluio e a esse estrangulamento de preço, nós apresentamos uma planilha de custos demonstrando prejuízo nessa operação. Então, não dá para pegarmos essa planilha e querermos retroagir em cima das outras, porque nessa planilha, especificamente, nós apresentamos o prejuízo que estávamos tendo na operação da linha.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Os senhores apresentaram um prejuízo na operação da linha, mas, no conjunto, a empresa não era prejudicada, a empresa Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – No conjunto, a empresa Skymaster foi prejudicada, no ano de 2004, na execução desse contrato dos Correios.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Por essa razão, então, cresceu tanto a participação do setor privado como contratante da Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Isso é o que V. Sª pretende afirmar?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Agora, quero deixar bastante claro que estamos nos referindo aos preços iniciais de contratação...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato. Preços iniciais.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E que os contratos previam os reequilíbrios sucessivos...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E que, portanto, de parte da Skymaster, sob a égide do argumento do reequilíbrio, poderia haver, para adiante, a recomposição desses valores, já num processo de licitação decidido, em que, por diferenciação de preço, a Skymaster saiu vencedora.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto, mas...

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Correto. Então, esse raciocínio também me aponta que a apresentação inicial de um valor dessa natureza e com essa característica, em realidade, apenas aparentemente revelaria alguma perspectiva de prejuízo, porque, uma vez que se prevê a correção pelo reequilíbrio, alguns desses valores poderiam ser recuperados num processo posterior.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O objetivo da Skymaster, na apresentação desse preço, não foi recompor esse preço, porque a própria lei não permite recomposição.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Não, o objetivo foi ganhar a licitação. A recomposição vem depois, na execução.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, mas o enfoque que foi dado foi que nós conseguiríamos anular essa licitação, pelos vícios que ela apresentou. Esse foi o enfoque. Nós mergulhamos, sim, no preço, mas objetivando isto: a anulação dessa licitação pelos vícios que ela apresentou.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Então, o interesse da Skymaster não era prestar o serviço com aquilo que ela propôs, como preço e condições operacionais, mas era, posteriormente, cancelar ou anular o processo licitatório?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Se não fosse possível anular o processo, nós manteríamos a prestação de serviço.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Então, em realidade, o que fica bastante claro aqui é que esse processo indicou um vício de origem, e, em lugar de denunciar o vício de origem, a própria empresa, por razões de mercado, de concorrência etc, adotou aquilo que denuncia nas outras: como tendo sido um conluio entre as outras concorrentes para derrubar o preço e, em derrubando o preço, ganhar o processo licitatório. Então, a pergunta que faço é se esse tipo de conluio não envolveu também a própria Skymaster.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, a Skymaster denunciou esse conluio antes mesmo da licitação. Foi já colocado várias vezes pelo Luiz Otávio. Esse assunto foi levado para o Presidente dos Correios, foi levado para o Ministro das Comunicações à época e foi feita uma denúncia por escrito junto ao Ministério Público Federal, envolvendo todos esses ilícitos praticados nesse processo. Inclusive, no próprio processo de licitação, no recurso que nós fizemos do pregão, nós apontamos todos os ilícitos que antecederam o pregão e os ilícitos praticados durante a execução do pregão, tais como falta de aeronave, falta de Cheta, inabilitação de empresa por falta de pagamento de tributos e tudo o mais.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor conhece o Sr. Antonio Augusto Conceição Morato Leite Filho?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Conheço.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Quem é esse cidadão?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Antonio Augusto Morato Leite Filho é um dos empresários mais fortes do ramo de carga aérea, carga rodoviária e carga fluvial no eixo Manaus-São Paulo.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Ele é proprietário de alguma outra empresa concorrente na linha de transporte?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ele é proprietário da empresa Promodal Transportes Aéreos Ltda, da Promodal Logística e, se não me engano, da Tecnocargo, que executa a parte rodoviária.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Qual a relação entre a Promodal e a Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje, nenhuma. Ela simplesmente é uma cliente nossa. Nós embarcamos carga, quando ela tem carga e quando está muito pequeno o movimento dela.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Mas existiu. O senhor está dizendo que hoje, nenhuma. Mas, anteriormente, existiu algum tipo de acordo de operação entre Promodal e Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Existiu, sim, e nós já apresentamos toda a documentação. O Luiz Otávio apresentou toda a documentação do relacionamento envolvendo Skymaster e Promodal.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Qual era o relacionamento? Qual era a modalidade de acordo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nós fizemos... Inicialmente, nós pensávamos em fazer uma associação de negócios para o transporte de carga e, posteriormente, o Antônio Augusto prestaria serviço de intermediação comercial para a Skymaster. Esse é que era o relacionamento com a gente.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E qual era a pactuação entre movimentação financeira ou resultado financeiro entre uma e outra? Havia algum tipo de pactuação? Se uma operasse no vermelho, a outra contribuía para resolver o assunto? Não tinha?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, o acordo nosso já foi apresentado pelo Luiz Otávio quando do depoimento dele. De cabeça, agora, eu não me lembro quais eram as cláusulas que previam esse acordo.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Não havia um fundo de comércio entre ambas, de 50% para cada parte?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, era uma participação no fundo de comércio das empresas, nunca na composição societária delas.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Não, não é na composição societária, mas é no fundo de comércio. Portanto, mobilizaria recursos financeiros de um lado para outro.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Perfeitamente. Tão perfeito que esse fundo de comércio, criado em 2002, ainda existe?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Ele foi destratado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Foi feito um destrato dele porque, de fato, ele nunca existiu.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E quais foram os principais negócios operados durante a vigência desse fundo de comércio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nenhum negócio, porque, de fato, ele nunca existiu.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Nenhum negócio foi operado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, nós fizemos uma tentativa de nos aliarmos a um empresário forte do ramo de carga para fortalecer a empresa, ocupar as aeronaves, mas, de fato, ele nunca prestou esse serviço e não se concretizou.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E o senhor conhece o Sr. Ioannis Amerssonis?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Conheço.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Quem é esse cidadão?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ele é proprietário da empresa Beta.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Ele é proprietário ou controlador ou representante ou presidente da empresa Beta. O Sr. Augusto Conceição Morato e o Sr. Amerssonis eram proprietários de uma sociedade de fato – ambos, 50% para cada um –, que englobava diversas empresas, cerca de dez, entre elas a Promodal, que é do Sr. Morato, não é isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – A Beta, do Sr. Ioannis Amerssonis, e a IGPT. As empresas estavam registradas em nomes próprios das respectivas esposas e de terceiros. Em agosto de 2002, ambos decidiram encerrar essa sociedade, e o processo foi concluído em 2004. A Skymaster, o senhor já pôde indicar aqui, tinha um acordo de fundo de comércio com a Promodal.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E com a Beta, existe algum tipo de acordo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Existiu um acordo, sim, exatamente na distribuição das aeronaves. Assim como esse acordo que foi feito entre Varig e TAM para aproveitamento das aeronaves de passageiros, o setor aéreo de carga também faz esse tipo de acordo entre as empresas que operam as linhas. Eu tenho pouca carga hoje, então eu não voar com a minha aeronave. Então, eu embarco a minha carga na Beta. A Beta, amanhã, tem pouca carga, embarca na minha aeronave. Então, esse acordo não é um acordo usual só no mercado de passageiros, entre Varig e TAM, mas é também no mercado de transporte de carga aérea.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Esse acordo teve vigência na contratação de carga para os Correios?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Teve vigência na operação das aeronaves para atender os contratos dos Correios.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E esse tipo de acordo estava previsto já no processo licitatório original?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tanto o edital quanto o contrato dos Correios sempre previu a subcontratação de aeronaves de uma empresa para outra. Em todos os processos licitatórios dos Correios sempre foi permitida essa subcontratação.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Mesmo que ambas tivessem disputado o mesmo pregão?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mesmo que ambas tivessem disputado o mesmo pregão.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor conheceu o Sr. Hassan Gebrim?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Conheceu o Sr. Airton Dipp?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Pessoalmente não. Só por televisão, por contatos. Mas pessoalmente não.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor conhece a empresa Aeropostal?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A Aeropostal conheço.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Sabe quem é proprietário dela? Ou quem são seus proprietários?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, na época, eu sabia. Hoje, eu não sei se os proprietários continuam os mesmos. Realmente, eu não posso dizer hoje, porque eu me afastei; eles não estão no mercado atuando firme, e eu não sei realmente quem são os proprietários dela hoje.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – O senhor disse que já se afastou. Portanto, houve uma proximidade anterior...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Entre a Skymaster e a Aeropostal?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A Aeropostal já não opera mais tanto no transporte de carga, no mercado.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Não. O senhor disse: "Eu me afastei".

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. A Aeropostal se afastou.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Ah, a Aeropostal se afastou desse mercado...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Do mercado de transporte de carga.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Os senhores já tiveram contratos firmados entre a Aeropostal e a Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Foram contratados por ela?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Nunca foram contratados?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nunca.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Sr. Presidente, por ora, esta relatoria, atendendo inclusive ao respeito às inscrições dos demais Parlamentares presentes, encerraria a primeira parte da oitiva e, sob a Presidência de V. Exª, dá prosseguimento à oitiva.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Vamos dar prosseguimento, passando a palavra, pela ordem de inscrição, aos membros da Comissão.

Senadora Heloísa Helena. (Pausa.)

Deputado Pompeo de Mattos. (Pausa.)

Senadora Ideli Salvatti. (Pausa.)

Concedo a palavra ao Deputado Carlos Willian pelo prazo de 15 minutos.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Sr. João, quando esse novo sócio ingressou na Skymaster, saiu alguém para trocar de sociedade ou simplesmente ele ingressou na sociedade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O Sr. Luiz Otávio Gonçalves cedeu 10% de participação. Ele tinha 30% e cedeu 10% para esse novo sócio. Não houve saída de nenhum outro sócio.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – A frota da Skymaster é genuinamente própria ou a maioria é terceirizada?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Cem por cento *leasing*.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – O senhor disse que 65% dos trabalhos oferecidos são para empresas privadas e uns 35% para empresas públicas. Qual a diferença de preço cobrado em relação à empresa pública e em relação a empresa privada? Tem alguma diferença ou a taxa é a mesma, o peso é o mesmo e o volume é o mesmo? Ou seja, a composição de custo a ser cobrado é igual.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje, o mercado aeronáutico se baseia em cima de preço por hora de vôo. Nosso tipo de aeronave não comporta calcularmos preço por quilo, porque, normalmente, as nossas aeronaves são fretadas.

Hoje, a hora de vôo dos contratos nos Correios está em torno de R$23 mil por hora de vôo. Nos nossos negócios próprios, essa hora de vôo está em torno de R$25 mil.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – R$23 mil e R$ 25 mil? Diferente do peso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Diferente do peso, porque estou considerando nossa aeronave carregada. Quando eu faço contrato com o Correio, minha aeronave é fretada integralmente pelo Correio. Se o Correio embarcar 10 mil quilos ou embargar 35 mil – que é a capacidade da aeronave, em média – ele vai pagar o mesmo preço, porque é um fretamento da aeronave. Fora, no mercado, coloco meus 35 mil quilos e tenho um faturamento em torno de R$25 mil por hora de vôo.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – Se o peso da carga do Correio for pouco o senhor complementa com cargas de outros contratos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. A aeronave é exclusiva para o Correio.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – O senhor trabalha na área financeira. A empresa ou algum dos seus sócios tem conta ou dinheiro depositado no exterior?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, senhor.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – Nada?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nada.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – A Skymaster já patrocinou candidato ou partido político? Já financiou?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nunca patrocinou nem financiou partido ou candidato político.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – Político nenhum?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Nós, simplesmente, através dos sócios da Skymaster, contribuímos para campanhas eleitorais no Estado do Amazonas. Mas, patrocinar candidato, em nenhum momento, nenhum candidato.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – Patrocinou campanhas eleitorais no Amazonas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não patrocinamos campanhas eleitorais, contribuímos para campanhas eleitorais, mas não patrocinamos.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – Contribuiu?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Contribuímos.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – Isso na pessoa física dos sócios?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – Essas contribuições estão devidamente regularizadas e apontadas no Imposto de Renda?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Estão.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – O senhor lembra para qual partido político? Qual pessoa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Lembro. Foi para o Senador Arthur Virgílio Neto, do PSDB, com R$50 mil e para o candidato a Governador, Eduardo Braga, em torno de R$100 mil, R$130 mil no total.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – O senhor conhece o Sr. Francisco Marques Carioca?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. CARLOS WILLIAN (PSC – MG) – A Skymaster pagou a esse senhor – e o senhor como responsável pelo departamento financeiro – R$1 milhão em espécie de julho de 2000 a julho de 2001, sendo R$800 mil entre 24/11/2000 e 30/7/2001.

Temos aqui os demonstrativos feitos pelo Bradesco e pelo Banco Real. Em 19/4 foram pagos a ele R$104 mil; em 11/11/2004, R$100 mil; em 16/6, R$100 mil; em 27/4, R$100 mil; em 10/9/2002, R$100 mil; em 2/12/2000, R$90 mil; agora, recentemente, 21/5/2004, R$86 mil; 22/11/2004, R$82 mil e 22 de novembro, bem recente, R$80 mil, isso em *cash*. É o senhor que efetua os pagamentos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Isso aí pode ter sido... eu não me lembro agora do nome do funcionário que vai sacar. Provavelmente, Francisco Marques eu não me lembro se faz parte do nosso quadro de funcionários, eu posso averiguar e fornecer as informações; mas provavelmente tenha sido algum funcionário do setor financeiro que foi fazer o saque. Eu posso levantar e fornecer os dados corretos para o senhor.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Eu gostaria, Sr. Presidente, que ele encaminhasse as informações sobre o Sr. Francisco Marques, carioca, sobre os saques feitos de mais de R$1 milhão em *cash*, em boca de caixa, e o motivo disso. Como se trata de uma empresa, tudo tem que estar documentado. Solicito, então, de preferência, que nos encaminhe os documentos que comprovam esses pagamentos. Aliás, os senhores têm o costume de realizar saques de quantias altas na boca do caixa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, de quantias altas não. Nós temos pagamentos para funcionários em diversas localidades no Brasil. Então, normalmente se faz um saque e o depósito na conta deles.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – É, mas há valores bem expressivos. De 2000 a 2005, quase R$30 milhões foram sacados em boca de caixa.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, eu desconheço isso.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Desconhece?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Se o senhor puder me disponibilizar isso, eu vou levantar todos os dados e justifico para esta Comissão.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – No Bradesco, na conta 0320 – o senhor conhece?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Conheço.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Essa é a agência que mais movimenta.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – No dia 20/02, foi feito um saque de R$4 milhões.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – 20/02 de que ano?

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – 20/02/2002. Depois, em 2004, mês 1, R$3 milhões; em 25/09, R$3 milhões, e assim sucessivamente até 23/06/2003, também de R$2 milhões.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, isso aí, com certeza, foi distribuição de lucros para os sócios da empresa. Com certeza. Mas, pegando cada valor, cada movimentação, eu posso mandar a documentação que comprova isso e os lançamentos nos nossos livros diários, Imposto de Renda e tudo mais.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – O Sr. Luiz Otávio tem conta conjunta com a Skymaster no Bradesco. Como se faz essa separação de sócio, pessoa física, pessoa jurídica, que têm conta conjunta? Como o senhor consegue fazer essa administração das retiradas financeiras, notas fiscais, o que é de um, o que é de outro?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, acho que tem algum engano, porque nem o próprio banco admite esse tipo de conta. O Sr. Luiz Otávio não tem conta conjunta com a empresa, em hipótese nenhuma. Ele pode assinar em conjunto, com os outros administradores, a conta da empresa, o que é improvável também, porque não é ele que assina; sou eu que assino a movimentação financeira.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Há pagamentos e recebimentos de toda sorte em conta conjunta, alguns de interesse da Skymaster como, por

exemplo, recebimento de valores de Videolar, Sonopress – clientes da Skymaster –; pagamento da Shell, querosene de aviação, e outros que, em princípio, seriam de interesse também do Sr. Luiz Otávio. Essas são algumas informações que queremos esclarecer.

Nós sabemos que há uma grande integração da empresa Skymaster, particularmente na figura do Sr. Luiz Otávio, com a empresa do Sr. Antonio Augusto Conceição Morato Leite Filho. O senhor conhece o Sr. Antonio Augusto?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Conheço.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Qual é a relação dele com a empresa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje nenhuma.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Ele é sócio de empresas concorrentes: Beta, Promodal?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Pelas minhas informações, ele também não é mais sócio da empresa Beta; ele é sócio da empresa Promodal, mas da Beta, eu acredito que ele não é mais sócio.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Mas tinha um grande relacionamento com a Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tinha. Todas as companhias aéreas cargueiras se relacionam muito entre si, porque sempre uma precisa da outra.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Hoje esse relacionamento está deteriorado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Hoje nós continuamos com o relacionamento com a Beta, com todas as companhias.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – O senhor acha que existe um cartel?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Não existe um cartel.

O SR. CARLOS WILLIAN (PMDB – MG) – Sr. Presidente, estou satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Agradeço pelo poder de síntese na inquirição e concedo a palavra ao Deputado Silvio Torres.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, Srs. Depoentes, acho que efetivamente já foram feitas várias perguntas que eu também já havia relacionado para fazer, mas gostaria de aprofundar algumas já feitas e também de fazer outras perguntas novas.

Começaria recuperando um pouco...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Nobre Deputado, acabo de receber uma mensagem do Presidente do Senado, pedindo para suspender a reunião, pois já começou a Ordem do Dia daquela Casa.

Então, declaro suspensa a presente reunião até o encerramento da Ordem do Dia e solicito aos depoentes que permaneçam à vontade, sintam-se em casa.

(Suspende-se a reunião às 16 horas e 54 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 17 horas e 03 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Esgotada a Ordem do Dia no plenário do Senado, vamos recomeçar a reunião, convidando os depoentes a tomarem assento e, de pronto, passando a palavra ao Deputado Silvio Torres.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, espero não ser interrompido outra vez, espero que não tenha outra Ordem do Dia.

Mas eu queria, como eu estava dizendo, recuperar um pouco a história até para situar algumas dúvidas que ficaram no ar.

Em 2000, a empresa se constituiu da forma que é hoje. Aliás, apenas com aquela mudança de 10% que o Sr. Luiz Otávio cedeu para o... Ou ela já existia antes com essa mesma composição acionária?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, a empresa foi constituída em 1995 e começou a operar em 1997.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E com os Correios, só em 2000?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Só em 2000 com os Correios.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Até então qual era o faturamento da empresa? O senhor se lembra?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De cabeça, não. Mas era um faturamento semelhante, porque na aviação nós temos dois tipos de modalidade de fretamento de aeronave, que é o caso específico dos Correios: um fretamento em que nós fornecemos o avião, a tripulação e pagamos o seguro da aeronave; e outro, em que nós incluímos tudo isso e mais o combustível, as taxas aeroportuárias e o serviço de carga e descarga do avião. Então, no final, a margem de lucro é a mesma, mas o volume de faturamento oscila muito.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Oscila muito. Quando, em que mês de 2000 os senhores começaram a operar?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em janeiro de 2000 que nós começamos a operar com os Correios.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Pois é, estava vendo que no ano de 2000 vocês tinham de receitas extras R$39.519,00 – foi o que apresentaram no final de 2000. E os Correios representaram R$26 milhões, em 2000.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro de cabeça agora.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – No ano seguinte, as outras receitas representaram R$36 milhões, e os Correios pularam para R$99 milhões.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Isso em 2002.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em 2002.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E em 2003, V. Sª consegue se lembrar qual foi a percentagem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não consigo, desculpe-me.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor alegou aqui, quando respondeu ao Relator, que teria sido em torno de 60% ou coisa dessa natureza.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em 2003 eu acredito que foi 50% e 50%.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas os dados que temos aqui, inclusive informações do balanço que o senhor assinou, mostram que representou 75,28%; a Rede Postal Noturna, R$107 milhões, enquanto que as outras receitas, R$35 milhões.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E foi o senhor quem assinou o balanço, está aqui com a sua assinatura.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito. É que eu não estou lembrado de cabeça, ano a ano, qual foi esse faturamento.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, nesse ano de 2003, foi quando já estava em vigor o contrato que tinha sido objeto de uma licitação...Ok?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, é o contrato que foi assinado em dezembro de 2001.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor tinha dito que ele estava com os custos maiores do que antes, porque os senhores tiveram que reduzir o valor da oferta, porque houve uma concorrência em que havia um conluio de concorrentes contra a Skymaster.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O contrato que foi assinado em dezembro de 2001 vigorou até dezembro de 2003. Nesse contrato nós tínhamos lucratividade, sim. O contrato assinado em dezembro de 2003, que foi objeto do conluio – nosso argumento –, vigorou de dezembro de 2003 a dezembro de 2004.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Certo. Então, nesse contrato de dezembro de 2003 a 2004, o preço que inicialmente foi oferecido pela Skymaster foi de R$300 mil. Foi preço inicial.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato. Foi o preço inicial.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Esse era o preço que previa – isso já foi perguntado, mas estou revendo – a lucratividade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Aí, durante o pregão, ele foi até R$213 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E considerado pelos senhores como um preço que daria prejuízo operacional e...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Inclusive está nas nossas planilhas: um prejuízo em torno de R$75 mil por operação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Por que a Skymaster se recusou a abrir a sua planilha de preços antes desse pregão de 2003?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, em todos os certames licitatórios abrimos a planilha de preços, porque ela é um componente obrigatório na licitação. Nós abrimos a planilha em todos eles.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, se a planilha de preços era aberta, aquela de 2001, quando vocês tiveram um preço relativamente muito maior, por que, na licitação de 2003, quando o pregoeiro perguntou se estavam em condições de suportar aquele preço, vocês concordaram? Isso foi perguntado, não foi?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Foi perguntado, e nós concordamos em adjudicar o preço oferecido na licitação, porque acreditávamos...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mesmo tomando prejuízo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mesmo tomando prejuízo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Porque o senhor sabe que isso não é legal. O fato de o senhor assumir um preço com prejuízo pode ser considerado *dumping*

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pode ser considerado *dumping* se essa minha posição trouxer prejuízo para o serviço público, fato que não ocorreu. Nós cumprimos o contrato e absorvemos esse prejuízo até o fim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não. Isso seria depois que a operação se iniciasse. Mas, na hora do leilão, ninguém pode saber. Se o senhor reconhece que é um preço que dará prejuízo, não há como alguém saber se os serviços seriam prejudicados ou não. Concorda? Creio que o senhor não contrataria para trabalhar para a Skymaster alguém que apresentasse uma planilha de preços com prejuízo para o senhor. O senhor não teria confiança de que ela poderia suportar.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu, Skymaster, não contrataria.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E por que os Correios contrataram o senhor?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Foi uma decisão da pregoeira, ela achou por bem adjudicar. É um poder discricionário dos Correios em que não nos cabe interferir. Mas ela adjudicou. Inclusive a nossa idéia era de que ela não iria adjudicar, porque o preço era difícil de ser atingido.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O concorrente, que seria supostamente o concorrente, que estaria liderando o conluio, era a Promodal.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Inclusive chegou a contratar um consultor, que é o Brigadeiro Grossi, que depôs aqui recentemente e que teria sido contratado como consultor dos Correios e, ao mesmo tempo, prestava serviços à própria Promodal, segundo denúncias do diretor da empresa Skymaster.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – No Ministério Público Federal.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Os senhores acreditam que essa dupla atuação do Briagadeiro foi que causou esse prejuízo à Skymaster?

O SR. HUGO CÉSAR GONÇALVES – Excelência, o Brigadeiro Grossi prejudicou a nossa empresa porque ele assessorou uma comissão que foi criada especificamente para conduzir esse processo licitatório, com a argumentação que ele, como experiente na aviação, com dados completamente fora de qualquer propósito... Dados de consumo de combustível dos aviões que a gente opera, ele botou muito abaixo; ele empregou uma lei que ele mesmo tinha cancelado, revogado um tempo atrás. Então, tudo isso levou à idéia de um custo fictício para esse tipo de operação. Ele prejudicou na medida em que informou, que assessorou essa Comissão com esses dados, que, realmente, eu... Eu conheço o Brigadeiro Grossi, respeito S. Exª, agora, não sei de onde, francamente, ele tirou esse tipo de dado para informar para...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então o senhor acha que o Brigadeiro estava a serviço de um concorrente para tirar o serviço de vocês?

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Não, senhor, eu não acho. Eu só estou esclarecendo a V. Exª que ele forneceu dados inverídicos, de consumo, dados operacionais, que ele está acostumado inclusive ...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu quero entender o seguinte: os senhores fizeram uma acusação de que havia um conluio.

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Sim, senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O Brigadeiro foi contratado pelo concorrente e ao mesmo tempo pelos Correios.

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Perfeito.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor acha que ele não fazia parte desse conluio?

O senhor precisa definir o que é que o senhor acha acerca do Brigadeiro, senão uma parte da história se perde.

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Isso aí já foi debatido anteriormente com meu irmão, Luiz Otávio, e já entregou a representação que nós fizemos ao Ministério Público...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu não estava presente quando o seu irmão ...

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Desculpe, então.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Se o senhor pudesse repetir a sua opinião.

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Como eu diria, tecnicamente é possível, mas eu não posso afirmar. Isso aí está **sub judice**, está sendo avaliado pelo TCU, pela Procuradoria da República, de modo que ...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas quem era o conluio? Quem é que... Vocês fizeram uma acusação de conluio.

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Perfeito.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O Sr. João Marcos acabou de dizer. Então, quem é que fez esse conluio? Com que objetivo fizeram esse conluio? De onde esse conluio partiu?

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Esse conluio ficou evidenciado, Excelência, na medida em que todas as empresas que participaram do processo licitatório, uma vez que deveriam saber de nossa intenção de resgatar o contrato – o Sr. Pozzetti já esclareceu aqui, por orientação de nossos advogados –, o preço foi lá para baixo porque todas participaram até praticamente o último lance. A Varig participou até o penúltimo, e a Beta participou até o último lance, jogando o preço muito para baixo. Nós permanecemos, na intenção que essa concorrência não fosse promulgada. Nós tínhamos certeza que ela seria anulada, face inclusive aos lances que houve no pregão.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Qual era o cargo que o Brigadeiro Grossi tinha antes de se aposentar?

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Entre outras atribuições, a última antes de ele passar para a reserva remunerada, ele foi diretor geral do Departamento de Aviação Civil.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Como tal, ele tinha alguma ingerência nos negócios, na fiscalização do serviço que V. Sªs. prestavam aos Correios?

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Quando ele estava na ativa e na posição de presidente, sim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Tendo esse poder, ele não conhecia os custos que o senhor está dizendo que ele ...

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Por isso que me admirou a assessoria que ele prestou à comissão.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então o senhor está dizendo que ele prestou uma assessoria equivocada, com o único intuito de prejudicar a empresa de V. Sª?

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Eu não estou afirmando, Excelência. Eu estou dizendo ao senhor que S. Exª o Brigadeiro Grossi prestou uma assessoria à comissão que estava levantando os custos...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu sei, já entendi perfeitamente, só que o senhor não está querendo dizer o que ocorreu. O Brigadeiro era o encarregado do Departamento de Aviação Civil, portanto, cuidava de todos os custos, sabia todos os custos, tinha consciência do que implicava o serviço que vocês prestavam desde 2000, correto? (Pausa.)

E aí ele foi prestar uma consultoria aos Correios e mudou tudo o que ele sabia. Então só pode ter sido com o intuito de prejudicar, pago pelo concorrente. Acho que ou o senhor admite isso ou retira o que falou sobre conluio. O senhor tem duas alternativas, pode escolher qual delas daquilo que o senhor está querendo, mesmo que o seu advogado lhe aconselhe a não falar sobre isso, o senhor tem duas alternativas: ou não havia o conluio, ou havia e o Brigadeiro estava a serviço desse conluio. O senhor tem uma resposta?

O SR. HUGO CESAR GONÇALVES – Acho, Excelência, que as informações que poderia prestar a V. Exª prestei no sentido de o Brigadeiro, a assessoria do Brigadeiro me causou espanto, agora daí deduzir que estava à serviço do conluio ou não, prefiro não afirmar.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Prestando serviços para a iniciativa privada e para os Correios ao mesmo tempo, existe uma diferença de impostos, para pagamento de impostos no serviço dos Correios, diferença de custos tributários?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Diferença de impostos?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Custos tributários?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De impostos existe sim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quais são os impostos e as taxas que V. Sª deixa de recolher.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O próprio ICMS, basicamente o ICMS, os outros impostos não existe diferença, mas no ICMS quando eu forneço transporte para outras companhias fora tenho uma incidência de 4% de ICMS sobre o meu faturamento. Nos Correios não, não tenho incidência desse imposto.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É a única diferença tributária que existe?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É a única.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Por que os Correios não pagam impostos pelo transporte pelas cargas deles?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas não é só ICMS, eles têm outras vantagens. As cargas transportadas pelos Correios elas são fiscalizadas? Já que eles não pagam o ICMS sofrem algum tipo de fiscalização para saber se tem nota ou não tem nota. Quem se responsabiliza por isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Realmente não sabemos, não temos acesso a isso. Os Correios entregam a carga para nós na pista, só pegamos a carga e colocamos dentro do avião, chegamos ao destino, retiramos e entregamos dentro da pista também, não sei nem o que ele carrega lá dentro. Eu não tenho acesso a nada do que está sendo transportado e nem de quanto está sendo transportado lá.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – V. Exª pode se reinscrever, a não ser que o Deputado Bittar conceda...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Somos só nós dois, não vou demorar muito.

Gostaria de obter algumas informações. O senhor foi há pouco inquirido sobre os saques em dinheiro realizados em alguns bancos, o senhor declarou que os saques provavelmente de dividendos ou de lucros, correto?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Bom, no ano de 2000, os senhores participam de outras empresas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quais são as empresas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Uma empresa de logística de nome Skycargas, uma empresa de prestação de serviços no ramo de aviões, Skyavionics.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas os mesmos sócios participam dessas empresas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Os mesmos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Também são realizados saques para distribuição de dividendos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – As que dão lucro sim, com certeza.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – São empresas...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Rentáveis.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Rentáveis?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Rentáveis.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – No ano de 2000, o senhor se lembra de ter retirado alguma coisa da Skymaster? Qualquer um dos dois especificamente.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – No ano de 2000, com certeza, retiramos lucros da Skymaster sim. Só não sei precisar o valor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Que foi o primeiro ano, foi aquele que teve aquele salto de faturamento de 65 milhões para 135 milhões.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas nós já, regularmente, todo ano retiramos lucro da empresa, porque nós vivemos disso, inclusive.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – Tá, mas no ano de 2000 o Sr. Hugo também retirou?

O SR. HUGO CÉSAR GONÇALVES – Sim, senhor.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas não consta da declaração.

O SR. HUGO CÉSAR GONÇALVES – Consta, sim, senhor.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – O que nós temos aqui... Não, pelos dados que chegaram aqui da Receita Federal, o senhor não retirou. É zero.

O SR. HUGO CÉSAR GONÇALVES – Não, na verdade, o Pozzetti retira e faz... O senhor está se referindo ao saque no banco?

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, estou falando da retirada de dividendos, dos lucros.

O SR. HUGO CÉSAR GONÇALVES – Tenho que ver, mas, seguramente, se houve a retiradas de lucros a mim dirigidas...

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas o senhor não declarou, enquanto que o senhor... No ano de 2000, o Sr. Hugo não declarou nada e o Sr. João Marcos declarou R$95 mil. Foi exatamente o que a Skymaster declarou que pagou ao Sr. João Marcos. No ano de 2001, o senhor retirou?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Com certeza.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – Ambos retiraram.

O senhor se lembra quanto retirou?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não me lembro.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – Então vou lembrar-lhe: o senhor retirou R$550 mil. O senhor declarou retiradas de R$550 mil reais, mas a Skymaster declarou apenas R$176 mil. As outras empresas do senhor... Estou perguntando novamente porque vamos ter acesso aos outros dados de sigilo que estão aqui. Então, qualquer declaração diferente pode realmente criar uma dificuldade maior para os senhores.

Vou relatar, então, para lembrá-los. O Sr. João Marcos, em 2000, retirou R$95 mil e declarou que retirou, em 2001, R$550 mil, sendo que a Skymaster declarou R$176 mil. Em 2002, a Skymaster declarou que o senhor retirou R$308 mil e o senhor declarou R$2.6 milhões. No ano de 2003, a Skymaster declarou zero e o senhor declarou R$3.480 milhões. No ano de 2004, a Skymaster novamente declarou zero e o senhor declarou R$1.9 milhão.

O senhor tem essa lembrança?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, tenho. Essa retirada que eu declarei não foi lucros da Skymaster, mas lucro das outras empresas.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – Então são todas das outras empresas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Todas das outras empresas.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – E vale a mesma coisa para o Sr. Hugo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A mesma coisa.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – A mesma coisa, que nos anos de 2003 e 2004 a Skymaster não declarou nenhuma retirada, no entanto, o senhor declarou R$3.150 milhões e R$920 mil em 2004?

Se vocês são sócios igualmente, por que existe essa diferença?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nós somos sócios igualmente na Skymaster. Nas outras companhias as participações são diferentes.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor, então, tem mais participação do que o Sr. Hugo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não é que eu tenha mais participação. Nas outras companhias, o critério de distribuição de lucro é diferente do da Skymaster. Então, lá não é proporcional à quantidade de cotas que cada um tem na empresa, mas, sim,

ao desempenho e trabalho que cada um executa na empresa.

O SR. SÍLVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, vou deixar que os técnicos, depois, façam as prospecções necessárias, até para não atrasar o meu colega Jorge Bittar.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Muito obrigado.

Concedo a palavra ao ilustre Deputado Jorge Bittar.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Sr. Presidente, Srs. Parlamentares, senhores depoentes, na verdade, boa parte de minhas preocupações já foi objeto de algum grau de esclarecimento. Eu gostaria só de entender melhor, porque estou de posse de um estudo realizado sobre os processos licitatórios ocorridos desde 2000 com relação à Rede Postal Noturna, particularmente com relação às linha A e C, que são as linhas operadas pela Skymaster. Noto que, nas licitações realizadas... Em 2001 houve dispensa de licitação, em janeiro, pois houve uma licitação em dezembro de 2001, da qual participaram a Skymaster e a Aeropostal, que, diga-se de passagem, é uma empresa que, pelos registros nossos, nunca operou, nunca chegou a voar efetivamente. Depois houve, em dezembro de 2002, uma repactuação. Posteriormente, houve o contencioso, no início de 2003, com o novo Governo, quando se tentou uma renegociação dos contratos. Houve a negativa de renegociação e um pregão, no final de 2003, com a participação da Skymaster, da Varilog, da Promodal, da TCB e da Beta – da Beta, com certeza. Nesse pregão de dezembro de 2003, o preço inicial da proposta – não estou dizendo o preço final do pregão, quando houve uma licitação que os senhores classificaram predatória, em que os preços caíram abaixo dos custos, segundo declarações aqui realizadas pelo Sr. Gonçalves –, mas eu digo, para reforçar essa tese de que o preço era um preço razoável, porque todas as propostas iniciais dessa licitação oscilaram em torno de valores próximos. A TCB ofereceu R$289 mil; a Varilog ofereceu R$289.296,00; a Promodal, R$289.500,00; a Beta, R$290.585,00; e a Skymaster, R$300 mil, como proposta inicial. Depois, houve nova licitação, em dezembro de 2004, da qual participaram a Beta e a Skymaster.

Então, me parece absolutamente razoável que se leve em consideração, para se fazer um estudo comparativo, essa licitação de dezembro de 2003 porque foi a licitação mais ampla realizada. E me parece razoável que se tome o preço inicial porque ninguém oferece como preço inicial um preço abaixo dos seus custos. É razoável se pensar dessa maneira. Senão, na verdade, está-se praticando dumping efetivamente ou está se inviabilizando a operação de uma empresa. Até entendo, quer dizer, não acho justificável que, no limite, quando se chegou aos R$213 mil e tal se tenha fixado, enfim, com todas circunstâncias ocorridas. Mas uns R$300 mil me parece um preço razoável. Se se faz um estudo comparativo desse preço de R$300 mil com relação aos preços, evidentemente, com todos os fatores de correção próprios do preço do querosene, dos preços internacionais referenciados ao dólar, como o preço de *leasing*, de seguros e coisas desse tipo, como os demais preços corrigidos pelo IGPM, se se trabalha com uma planilha desse tipo, chega-se a diferenças de preço, em termos de superfaturamento, consideráveis.

É razoável se supor, Sr. João Marcos Pozzetti, que houve, por conta de licitações das quais participaram empresas que, como aqui já se mostrou, tinham contratos celebrados entre si, participavam da licitação e, ao mesmo tempo, tinham contratos firmados entre si – o caso da Beta e da Skymaster, o caso da Promodal, que está nisso, o caso da Aeropostal, que nunca voou, mas que, enfim... Então, na verdade, é razoável se imaginar que essas licitações anteriores não foram licitações, tal como seria razoável, e que nessa licitação de dezembro de 2003 houve, de fato, pela primeira vez, uma verdadeira competição, em que os valores iniciais foram valores bastante razoáveis.

Acho que vamos ter problemas. Vamos ter problemas porque me parece que esse estudo é bastante consistente e que, trabalhando esses valores corrigidos durante todo esse período de junho de 2001 até maio de 2005, dá uma diferença de valor de R$63 milhões, acumulados nesse período. Eu gostaria de ter a apreciação do senhor sobre as características desse estudo; enfim, a fundamentação dele. Se o senhor tem alguma contestação a esse tipo de análise que foi realizada.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, esse assunto já foi discutido amplamente e aqui foi apresentada documentação por parte do nosso sócio Luiz Otávio, quando ele depôs na outra Comissão.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Nesses termos não. Eu estive... Essa discussão sobre os R$63 milhões, valores precisos, não. Com certeza, isso não foi objeto de discussão. Trata-se de um estudo recente, a partir de auditoria realizada pelos órgãos competentes para tal.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, então, deixe-me explicar ao senhor o seguinte: o edital de licitação para se executar a linha da RPN é um edital público, aberto a todas as companhias brasileiras que tenham aeronaves disponíveis para executar aquele serviço. Então, se a Varig, por exemplo, não compareceu num

certame é porque ou ela estava utilizando a aeronave para outra rota ou porque não tinha aeronave...

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – O edital não poderia conter cláusulas restritivas, como, de fato, não conteve no passado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Poderia ter cláusulas restritivas, mas não ilegais.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Por supor que a Variglog era uma competidora dos Correios.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pode ser.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Havia cláusulas restritivas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – E o estudo demonstra isso. Quando essa cláusula restritiva foi retirada, em 2003, os preços de mercado se tornaram realistas, porque aí eram competidores realmente realizando um certame transparente, legítimo, etc.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, nós da Skymaster não temos ingerência nenhuma sobre as condições que os Correios acham mais convenientes colocar na contratação de seus serviços. Nós só participamos como todas as outras companhias participam do certame, de acordo com as condições estabelecidas por eles. Se os Correios colocaram uma restrição para a Varig, por exemplo, que era concorrente deles, não participar do certame, eu acho que essa pergunta tem que ser feita a eles, porque eu realmente não posso avaliar se o serviço que a Varig estava prestando para os Correios, para os Correios tomarem essa atitude, estava trazendo um dano, ao invés de um benefício para os Correios, realmente eu não tenho como avaliar isso. A Skymaster não tem como avaliar.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Então, gostaria de fazer apenas uma pergunta: o que levou os senhores a fazer uma proposta inicial... Veja bem, estou falando de proposta inicial, não estou falando de proposta final do certame.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Estou fala de proposta inicial muito inferior às propostas realizadas nos certames anteriores.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Uma carta. No finalzinho do nosso contrato, em 2003, a Varig apresentou uma proposta para os Correios para fazer a nossa linha por um preço menor. Então, nós já partimos do preço menor da Varig. Se não, não teríamos nem condição de participar do certame.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Mas como ninguém rasga nota de R$100,00, como dizemos no popular, é evidente que os senhores fizeram uma proposta que fosse uma proposta sustentável, do ponto de vista operacional, do ponto de vista da margem que os senhores devem ter na operação da sua empresa.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Com prejuízo, Excelência. E isso foi claro em todos os passos que nós demos nessa licitação.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – A proposta inicial dos senhores foi uma proposta com prejuízo? A proposta de R$300 mil é uma proposta com prejuízo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A proposta inicial, já com prejuízo.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Bom, é curioso que... Contestaram-se aqui os estudos realizados, a consultoria feita pelo Brigadeiro Venâncio Grossi, mas o preço referência do Brigadeiro Grossi foi de R$345 mil, e a proposta dos senhores foi de R$300 mil, inicial. Entendo que esse estudo tem bastante consistência. Evidentemente, teremos que obter também, enfim, o parecer, as informações da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Gostaria, também – penso que será extremamente conveniente –, que os senhores nos esclarecessem algo – apenas para precisar mais – que já foi objeto da intervenção do Deputado Carlos Willian. É que há uma relação muito grande de retirada de recursos em espécie que totalizam, nesse período de 2000 a 2005, R$30 milhões, tal como está aqui. Temos até uma relação bastante grande. O Deputado Carlos Willian atribuiu todas essas informações ao Sr. Francisco Marques Carioca, mas, na verdade, a informação do Sr. Francisco Marques Carioca diz respeito a alguns desses saques. Mas temos uma relação grande de saques que necessitarão de uma informação dos senhores, porque temos aqui saques de um milhão, novecentos e trinta e cinco, de um milhão e duzentos mil, em 2002, de trezentos mil, de duzentos mil, enfim. E o senhor sabe que empresas, em geral, não trabalham dessa forma, até porque não há segurança em se operar com retiradas em espécie. Para isso foi inventada a transferência eletrônica de dados, enfim, os DOCs. E temos, aliás, que nos orgulhar de termos um sistema financeiro dos mais bem equipados do mundo em termos tecnológicos. Então, considero que será fundamental que os senhores nos esclareçam detalhadamente quais foram as razões. Se o senhor tem alguma informação agora já sobre as razões disso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, eu não sei porque eu não tive acesso a essas informações, mas gostaria que a Comissão me disponibilizasse.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Com certeza.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Vou esclarecer, vou documentar e vou anexar cópia inclusive dos lançamentos contábeis, das cópias de cheques, tudo que for possível e necessário para que a Comissão se intere do que realmente foram esses saques.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Peço então ao sub-relator desse tema, contratos, que envie à empresa a relação detalhada desses saques todos para que a empresa possa nos informar, para que não cometamos também nenhuma injustiça. Nosso objetivo aqui é apenas e tão-somente o de esclarecer, porque não queremos deixar de punir culpados, mas também não queremos punir inocentes. Entendemos as razões de todos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Finalmente, para esclarecer também, é importante dizer, aqui está registrado, quando se disse que havia uma conta conjunta que envolvia o Sr. Luiz Otávio Gonçalves e a empresa Skymaster Air Lines Ltda.... Refiro-me à conta nº 419.590, do Bradesco, Agência Manaus, Agência EMP. Manaus U. Man., enfim, deve ser Manaus, de novo, o local, ou seja, uma agência do Bradesco, em Manaus, dessa conta, em que há transferências para essa conta, da qual, diz aqui: o primeiro titular é a Skymaster e o segundo titular Luiz Otávio Gonçalves. Talvez ele seja o procurador lá, enfim, mas veio dessa forma. Daí o fato de se ter dito que era uma conta conjunta. E para essa conta foram feitas várias transferências de recursos, aí não são saques, necessariamente, de recursos em valores redondos, de quatro milhões, três, dois, milhões, enfim, num montante considerável, que soma R$118 milhões, entre 2000 e 2005. Também com relação a esses dados, vamos solicitar a informação dos senhores.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, só mais um adendo: Essa conta que o senhor agora me identificou o número, essa conta é a conta da Skymaster mesmo. O Sr. Luiz Otávio, deve ter algum engano na informação, ele não tem conta conjunta com a Skymaster, é a conta específica da empresa, onde movimentamos, recebemos de clientes, fazemos pagamentos, mas ele não faz parte de conta conjunta.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – É que são realizadas transferências de outras contas da Skymaster, no Banco Real – digo até aqui quais foram: Banco Real e no Banco do Brasil -, para essa agência de Manaus, e chamou a atenção do pessoal, porque não são valores quebrados, são valores todos redondos, como lhe disse, dessa ordem de grandeza – quatro milhões, três milhões, dois milhões, redondos -, e que montam a esses valores. Temos aqui por ano também: nove milhões e pouco em 2000, dez milhões em 2001, trinta e dois milhões em 2002, quarenta, treze, até onze milhões realizados até agora, em 2005. Então, é essa a informação que gostaria de obter, para que pudéssemos as informações precisas dos senhores também.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Vou disponibilizar tudo.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral) – Agradeço a V. Exª, Deputado Bittar, e devolvo a palavra ao ilustre Relator para os questionamentos finais e eventuais considerações que queira fazer.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Meu caro Presidente, apenas para reiterar aqui alguns compromissos que vamos requerer dos depoentes de hoje, tendo em vista a sucessão do que foi apresentado ao longo da oitiva, como comprovações pendentes. A primeira delas é a confirmação da situação funcional do Sr. Francisco Marques, se ele é ou não funcionário da Skymaster, tendo em vista a série de saques em espécie atribuída ao ele.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Então, a primeira informação de compromisso terá que ser relativa a esta pessoa, Francisco Marques, a quem se atribuem diversos saques vultosos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – A segunda é a comprovação da distribuição de lucros da empresa Skymaster.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O.k.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – E, no caso específico de cada um dos seus sócios, tendo em vista que não é compatível o que foi declarado pela Skymaster entre os anos de 2000 e 2004 e aquilo que é declarado por cada um dos seus sócios, a atribuição de outras as fontes, ou seja, se outras empresas foram fontes dessa movimentação financeira a título de recebimento de lucros ou dividendos. Em relação a isso, o que nós precisaremos, para confirmar a compatibilidade daquilo que foi declarado por cada um dos sócios: Luiz Otávio, Hugo César, João Marcos e Américo – o Américo é o que está ausente hoje por razão de saúde –, é que V. Sªs enviem à CPMI as cópias dos contratos sociais dessas outras empresas, os estatutos respectivos, em que deve estar prevista a forma de transferência de dividendos ou lucros de cada uma dessas empresas especificamente. E, para cada um dos titulares, os comprovantes de pagamento desses dividendos entre os anos de 2000 e 2005.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Nós vamos solicitar, Sr. Presidente, que essas informações

estejam disponíveis à CPMI, tendo em vista que teremos um relatório parcial na próxima quinta-feira, e se pudesse estar...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Eu gostaria que V. Exª estabelecesse um prazo.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Nós vamos conceder, tendo em vista que hoje é dia 13 de setembro, um prazo para que nós possamos dispor desses dados até o dia 25 de setembro.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O.k. Sem problema. Com certeza, nós forneceremos isso com a maior rapidez.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Como são documentos absolutamente necessários à regularidade fiscal, seja das empresas, seja de cada um dos titulares, nós não cremos que haja alguma dificuldade adicional.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De acordo.

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Por ora, Sr. Presidente, a oitiva deixa para esta CPMI uma tarefa adicional, tendo em vista os preços praticados, a evolução que eles obtiveram e a reiterada afirmação do conluio empresarial em 2003 de uma determinada orientação para rebaixamento dos preços, o que nos induz a concluir que, nos períodos anteriores, houve exatamente o sentido inverso, de superfaturamento dos preços.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Relator, até para não perder a oportunidade, se o Presidente me permite, há o fato também de que, em 2001, quando houve as primeiras contratações dos depoentes, apenas duas empresas disputaram a licitação, a tomada de preços. E essas duas empresas são exatamente as que tinham entre si um acordo de 50%, de dividir a operação. Um acordo firmado quatro dias antes da licitação. Então, o conluio já vinha lá de trás. E depois o conluio virou contra o "conluiador".

O SR. RELATOR (Carlos Abicalil. PT – MT) – Pode ter sido o feitiço contra o feiticeiro, não é, Deputado? De todo modo, caberá à CPMI aprofundar-se nessa questão e, seguramente, as revelações feitas aqui, reiteradas ou não, nos levarão ao desafio de verificar o nível de responsabilidade dos participantes do processo licitatório bem como dos dirigentes dos Correios, em cada um dos períodos citados.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Indago aos Srs. Parlamentares se alguém ainda pretende fazer uso da palavra.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, gostaria apenas de confirmar se, na próxima quinta-feira, às 14 horas, ouviremos o Sr. Mauro Dutra, ou se isso foi mudado.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Por questões técnicas, Deputado, a fim de evitarmos coincidência com a reunião administrativa da Comissão, que será muito grande em virtude da apresentação de relatórios, e para que não haja mais um adiamento, marcaremos a reunião para ouvirmos o Sr. Mauro Dutra na próxima quinta-feira.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Está ok. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Agradecemos a presença dos depoentes e declaro encerrada a presente reunião.

(Levanta-se a reunião às 17 horas e 47 minutos.)

Ata da 3ª Reunião da Sub – Relatoria de Contratos, realizada em 22 /09/2005.

Aos vinte e dois dias do mês de setembro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas e cinqüenta e sete minutos, na sala 02, da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Deputado Asdrúbal Bentes, ainda com as presenças dos Senhores Deputados José Eduardo Cardozo, Sílvio Torres, Eduardo Paes, e as Senadoras Heloísa Helena e Ideli Salvatti. Reúnem-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. A Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se a oitiva do Senhor Maurício Madureira. Inicialmente foi dada a palavra ao depoente, que fez sua apresentação e logo a seguir o mesmo passou a ser inquirido pelo Sub-relator e pela ordem de inscrição inquiriram o depoente os Deputados Sílvio Torres e Eduardo Paes e as Senadoras Ideli Salvatti e Heloísa Helena, e a seguir o depoente foi rearguído pelo Sub-relator. A Presidência declara encerrada a presente reunião, às dezoito horas e trinta e oito minutos E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Sob a proteção de Deus, declaro aberta a terceira reunião da Sub-Relatoria DNA/SMP&B e fontes

financeiras da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada pelo Requerimento nº 3, de 2005, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

A pauta da reunião destina-se à oitiva do Sr. Maurício Madureira.

Convido-o para tomar assento à mesa para seus esclarecimentos.

Antes de passar a palavra ao Sr. Relator, solicito ao Sr. Maurício Madureira que faça a sua qualificação, preste os esclarecimentos que julgar convenientes e decline o nome do seu patrono, do seu advogado.

Com a palavra o Sr. Maurício Madureira.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Boa tarde, Sr. Presidente, Sr. Sub-Relator, Srªs e Srs. Senadores, Deputados e Deputadas.

O meu patrono é o Dr. Flávio de Pila, que se encontra aqui, a minha esquerda.

Eu gostaria de inicialmente informar que sou natural de Curitiba, Paraná. Com 14 anos morei na cidade de Londrina até os 18, quando então passei num concurso da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e vim para Brasília participar do curso de Administração Postal na Escola Superior de Administração Postal dos Correios.

Em 1980, terminei o curso e fui trabalhar na Diretoria Regional do Pará e Amapá. Trabalhei por dois anos e meio na cidade de Belém e depois por três anos e três meses na cidade de Santarém, na chefia da zona postal de Santarém.

Em 86, retornei para Curitiba, Paraná, para a Diretoria Regional também dos Correios, onde exerci uma série de funções gerenciais, retornando novamente ao Pará em 1991 e trabalhando até o ano de 1997.

Em 1998, fui transferido para Brasília, para a Administração Central dos Correios, onde exerci uma série de funções gerenciais e coordenando programas, sempre na área de operações dos Correios, quando, em 2003, assumi a função de Diretor de Operações dos Correios, no dia 26 de fevereiro até o dia 9 de junho de 2005.

Eu trouxe aqui um material que espero durante... Pelo menos o que tenho visto pela impressa e pelos relatórios que Controladoria-Geral da União tem feito com relação aos assuntos relacionados a minha área que eu atuava como diretor e coloco-me à disposição dos Srs. Parlamentares para os esclarecimentos que se julgarem necessários.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Prestados os esclarecimentos iniciais, concedo a palavra ao Sr. Sub-Relator.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, inicialmente cumprimento o nobre depoente, esclarecendo a V. Sª e ao nobre patrono que V. Sª depõe na condição de investigado e, portanto, se enquadra nessa condição para todos os fins de direito e regimentais.

Eu começaria preliminarmente introduzindo a argüição de V. Sª indagando se V. Sª é filiado a algum partido político e desde quando é.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não sou filiado, nunca fui filiado a nenhum partido político.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais os cargos... V. Sª fez uma breve discrição da sua vida funcional, mas para efeitos da administração pública vamos precisar um pouco datas e cargos. O senhor ingressa na vida pública como agente público em que cargo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em 1980, quando concluí o curso de administração postal no cargo de administrador postal em Brasília.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Administrador Postal, em Brasília?

Foi mediante concurso público?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi mediante concurso público feito em 1978. Dois anos de curso. Quando concluí, foi quando a empresa contratou e fui transferido pela Diretoria Regional do Pará e a Amapá.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então em 1980 V. Sª ingressa, por concurso público, como administrador postal.

Depois disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Depois disso fui transferido para a Diretoria Regional do Pará e Amapá.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Transferido para o Pará e Amapá em que ano?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – 1980.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Também no mesmo ano.

Quantos meses após o seu ingresso V. Sª foi transferido?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – No mesmo mês. Quando terminou o curso, nós tínhamos um processo de seleção: conforme a classificação do aluno, conforme as dependências que o Correio tinha em todo o Brasil para opção. E eu optei pelo Pará.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que V. Sª optou pelo Pará?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque para o Paraná só tinha uma vaga, e o primeiro colocado

da turma era paranaense. Meu interesse era retornar para minha terra.

Na minha opção de escolha, tínhamos quatro vagas para o Pará e eu tinha dois colegas que era muito amigos meus e, até porque era solteiro, por questão de até chegar num local que não conhecia e poder alugar um apartamento, um local para morar...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tinham colegas que também tinham passado no concurso e estavam lá?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Exatamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O nome deles, V. Sª recorda?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Recordo: Fábio Moreira e Jorge Arthur Vale Vasconcelos.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As outras vagas que V. Sª poderia escolher seriam em outros Estados?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso. Rio Grande do Norte, Rondônia, seriam outras opções.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então V. Sª é transferido para o Pará e exerce a função de administrador postal lá?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi a sua evolução funcional lá?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em abril de 1981, eu assumi a chefia da Seção de Controle da Gerência Financeira, na Diretoria Regional do Pará.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois de um ano V. Sª já assumiu a chefia?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É, praticamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse é um cargo de confiança?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Função de confiança.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como V. Sª foi indicado para esse cargo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi opção do Diretor Regional, na época.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Vilson Correia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Depois disso, em 1982, em novembro, fui transferido para Santarém para exercer a função de confiança de chefe da zona postal de Santarém. Era uma espécie de gerente regional das agências do baixo Amazonas.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer que V. Sª foi promovido?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A função era equivalente hierarquicamente à que eu ocupava de chefe de Seção de Controle, mas a responsabilidade era maior.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quem foi a decisão de que V. Sª fosse transferido?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Do diretor regional.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Também do Sr. Vilson?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em 1982 não era mais ele. Era o Sr. Sinésio Jorge Greve, que era o diretor regional.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sinésio.

Posteriormente a isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em janeiro de 1986 fui transferido, a pedido, para a Diretoria Regional do Paraná.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que V. Sª depois de tanto tempo no Pará pediu para ir ao Paraná?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque existia uma regra na empresa que, após cinco anos de efetivo exercício, principalmente dos administradores postais que iam para locais que não eram o seu local de origem – e a grande maioria era isso –, era dada a opção de escolha, caso tivesse interesse em ser transferido de optar. E eu resolvi voltar para perto da minha família.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª foi exercer que função no Paraná?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – No Paraná, por seis meses, fiquei na assessoria de planejamento, mas sem função, realizando trabalhos que eram passados no dia-a-dia.

Depois, em julho de 1986, assumi a função de confiança de chefe da Seção de Transporte Regional.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chefe?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Da Seção de Transporte Regional.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem escolheu V. Sª para essa função?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi também uma decisão do diretor regional?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Na época era o Sr. Ronis Ribeiro Laines.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Depois disso permaneci quatro anos nessa função. Em julho de 1990 fui transferido para Londrina, para ocupar a função de confiança de chefe da Região Operacional de Londrina.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quem foi a decisão?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Do Diretor Regional...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era o Sr. Ronis ainda?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Não era mais ele. Ele até faleceu. Estou tentando lembrar o nome dele. Não consigo me lembrar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Depois disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Fiquei por um ano e, em julho de 1991, fui convidado para retornar ao Pará para exercer a função de confiança de Gerente de Operações no Pará.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o convidou?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi o então Diretor Regional Waldemir Freire Cardoso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Waldemir?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Waldemir Freire Cardoso?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De onde o senhor conhecia o Sr. Waldemir?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Quando eu tinha trabalhado, na época anterior, no Pará, ele foi Gerente de Operações. Eu era chefe da Zona Postal de Santarém. Eu me reportava a ele na época.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor Waldemir tinha alguma vinculação partidária?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Olha, eu não sei, Deputado, informar se tinha. Eu sei que ele tinha relacionamento com Parlamentares. Agora, não sei se ele era filiado...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais eram os Parlamentares com quem o Sr. Waldemir tinha relação?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não consigo me lembrar, Deputado, porque faz muito tempo isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tinha relação com o Deputado Roberto Jefferson?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Olha, na época que eu trabalhei no Pará, nunca vi nenhuma citação ao Deputado Roberto Jefferson?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca soube que o Sr. Waldemir tinha relações com o Deputado Roberto Jefferson?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Na época em que eu trabalhei lá, nunca vi nem ouvi o Deputado lá, nem ouvi nenhum comentário com relação a isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E depois que saiu de lá?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu via, na época, estou me lembrando agora, ele tinha relacionamento com o Senador Jarbas Passarinho, com o Governador Jader Barbalho que, na época, era Governador do Estado, mas eu não sei o grau de...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, depois que o senhor saiu de lá, o senhor nunca soube se o Sr. Waldemir tinha relação com o Deputado Roberto Jefferson?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não posso afirmar. Agora, principalmente, depois de todas essas crises, a gente escuta alguma coisa a respeito, mas eu não, da minha parte eu não...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que o senhor ouviu a respeito?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Que havia algum relacionamento dele...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do Sr. Waldemir com o Roberto Jefferson?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa época não coincide um pouco com o período em que lá trabalhou o Sr. Maurício Marinho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Coincide.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, nessa época, o Sr. Maurício Marinho trabalhava lá?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Tem dois momentos: ele trabalhou na primeira fase em que eu estive lá – ele trabalhava, quando eu cheguei ele já trabalhava lá no Pará – e quando ele pediu demissão, em 1984, eu estava em Santarém, então, eu não acompanhei o processo. Só fiquei também sabendo que tinha havido uma sindicância e, ao final, ele tinha pedido demissão. Quando eu voltei, em 1991, ele não trabalhava na empresa. Ele tinha saído da empresa desde aquela época de 1984. Em 1993, nós tivemos uma reunião de coor-

denação onde ele foi apresentado que tinha retornado para a empresa mediante decisão judicial.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor chegou a travar contatos com o Sr. Maurício Marinho na época?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele ocupou um cargo de... Quando eu saí da Gerência de Operações em... acho que foi em maio de 1993, ele foi quem ocupou a função.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, quando o senhor saiu e foi para o Paraná...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não. Eu fui para uma outra área. Fui para a Assessoria de Planejamento.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está OK. Vamos continuar, então, a sua evolução até para que eu possa me localizar. Depois vamos voltar a esse foco. Então, em julho de 1991, o senhor retorna ao Pará a convite do Gerente de Operação, Sr. Waldemir. Depois disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Eu fui a convite dele. Ele era o Diretor Regional. Eu fui convidado para ser Gerente de Operação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para gerente de operação. Então, o Sr. Waldemir, Diretor Regional, convidou o senhor para retornar o Pará, em julho de 1991, tendo em vista as relações de conhecimento que ele já tinha com o senhor no período anterior que o senhor havia trabalhado no Pará?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso. Correto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois de julho de 1991?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Aí, em maio de 1993, eu saí da Gerência de Operações e assumi a chefia da Assessoria de Planejamento e Coordenação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chefia. Isso foi uma promoção?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É o mesmo nível gerencial.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o designou para essa função?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi o Diretor Waldemir Freire Cardoso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O próprio Waldemir?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu fiquei, de maio até janeiro de 1994, nessa função e depois disso eu fui designado Gerente de Transportes, também no Pará, pelo Diretor Waldemir Freire Cardoso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão. De maio de 93 a...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A janeiro de 1994.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o que aconteceu em janeiro de 1994?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu assumi a função de Gerente de Transportes?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso foi promoção?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. É o mesmo nível também.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o indicou?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi também o Waldemir.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Também o Waldemir?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em janeiro de 1998, eu sou transferido para Brasília, onde eu fui também, vim, fui convidado a vir para Brasília para assumir a chefia da Divisão de Gestão de Transporte de Superfície.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor trabalha, de janeiro de 1994 a janeiro de 1998, ainda sob o Sr. Waldemir?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor foi convidado, em janeiro de 1998, para que função?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Aqui em Brasília, na Administração Central, para Chefe da Divisão de Gestão do Transporte de Superfície.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chefe da Divisão de Transporte de Superfície?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o indicou para a função?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi o chefe do Departamento à época, o Dr. Alexandre Assunção Ribeiro, que me fez o convite.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Alexandre?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Assunção Ribeiro.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De onde conhecia o Sr. Alexandre Assunção Ribeiro?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu o conhecia de Brasília, porque, durante o tempo em que fui gerente de transporte, sempre tínhamos reuniões gerenciais aqui em Brasília e travávamos conhecimento com toda a equipe, todas as pessoas envolvidas com a área de transporte da empresa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Alexandre Ribeiro tinha relação com parlamentares e políticos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Não senhor, nunca vi.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca soube?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nem ouviu comentários?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nem ouvi comentários.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois de janeiro de 1998?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em janeiro de 1998, fiquei como chefe dessa divisão até o início de 2002, quando houve uma reestruturação na área, e mudei para a chefia da Divisão de Encaminhamento.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chefia da Divisão de Encaminhamento?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o sugeriu para essa função?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi o então chefe do Departamento Operacional de Cartas, José Garcia Mendes.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – José Garcia Mendes?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. José Garcia Mendes tinha alguma atividade, alguma relação com políticos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca soube de nada?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nunca soube de nada.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Depois disso, em fevereiro de 2003, fui nomeado Diretor de Operações dos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Logo no início do atual Governo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Exatamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o indicou para a função?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu tive um contato com o Deputado Pompeo de Mattos, do PDT. Assim que o Ministro Miro Teixeira assumiu a Pasta, eu tive o contato com ele, procurei-o por indicação de um amigo meu, e apresentei meu currículo e contei meu histórico na empresa. Perguntei se havia alguma possibilidade de eu ser indicado. Ele falou: olha, vou encaminhar ao Ministro para ele verificar. Com certeza tem outros nomes lá. Se houver possibilidade, ele pode indicá-lo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª já conhecia o Deputado Pompeo de Mattos de onde?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, eu não o conhecia. Um amigo meu que o irmão dele estudou com ele na faculdade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o amigo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Luís Scorsato.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Luís?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Luís Carlos Scorsato.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Carlos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Scorsato.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Scorsato?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Luís Carlos Scorsato é amigo do Deputado Pompeo de Mattos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, o irmão dele. O irmão do Luís Carlos é que estudou com o Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah! O irmão do Luís Carlos estudou com o Pompeo de Mattos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí então, através desse Luís Carlos Scorsato, o senhor marcou um encontro com o Deputado Pompeo de Mattos, que não o conhecia?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não me conhecia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí o senhor levou o currículo ao Deputado Pompeo de Mattos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, primeiro eu conversei com ele a respeito, não é? da questão da mudança de Governo, que eu tinha, como todo profissional da Casa, interesse de chegar a um cargo de maior expressão. E ele, então, pediu que eu encaminhasse um currículo para ele. Eu peguei, preparei o currículo e levei para ele. E fiquei aguardando.

No início de fevereiro, saiu a nomeação de toda a diretoria da empresa, menos do diretor de operações. Foi a única que não saiu. Ficou mantido o que era o diretor então..

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Era o Carlos Augusto Eli Macena. E eu fiquei sabendo também que tinham vários nomes com o Ministro Miro, que havia uma indefinição com relação à Diretoria de Operações. E amigos meus da empresa começaram a fazer contato com o Ministério, com a Casa Civil, também para ver, e a Casa Civil... Até porque começaram também a fazer algumas ilações, querendo desqualificar a minha pessoa...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem começou fazendo ilações?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Provavelmente pessoas que tinham interesse no cargo também.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E quais eram as ilações que faziam contra V. Sª?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não haviam especificado, só diziam que tinham um dossiê contra mim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso vinha de onde, essa idéia do dossiê? Vinha da Casa Civil, foi o que o senhor disse?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Procuraram a Casa Civil?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Exatamente. Colegas que fizeram contato, amigos de trabalho, não é? Me informaram que havia comentários de que estariam aguardando um dossiê contra mim. Fiquei obviamente aguardando essa questão e o pessoal...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso V. Sª já tinha sido indicado então?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, meu currículo já estava com o Ministro.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já tinha sido remetido ao Ministro Miro Teixeira?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso. Exatamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí houve comentários de que haveria um dossiê contra V. Sª?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem havia dito que havia um dossiê? V. Sª se lembra?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não lembro, Deputado, porque era o comentário que ouvíamos... Ah! Eu tenho um amigo, mas não dizia o nome, e disse que tem isso, que tem aquilo. A partir disso, as pessoas começaram, esses meus amigos, a avisar, porque gente do Brasil todo sabia. Sempre trabalhei em todos os estados. No tempo em que trabalhei na administração central viajava muito, sempre fiz um trabalho de campo muito grande. Por iniciativa própria, começaram a fazer abaixo-assinado para o Ministro Miro, de apoio ao meu nome para ocupar o cargo de diretor de operações. Isso deve ter, pela minha estimativa, na época, até me surpreendi, não esperava que houvesse tanta receptividade, mas foram mais de 2 mil assinaturas encaminhadas ao Ministro.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E essas pessoas que assinaram eram funcionários dos Correios?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Funcionários dos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí foi encaminhado ao Ministro Miro. Depois disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Aí, da primeira nomeação da diretora, duas semanas após, saiu a minha nomeação para diretor de operações dos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E V. Sª começou a exercer a função de diretor de operações desde fevereiro de 2003?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Até o dia 9 de junho de 2005, quando coloquei o cargo à disposição do Ministro.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, depois do dia 9 de junho de 2005, V. Sª exerce que função?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Administrador postal.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Voltou à situação de origem?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Voltei.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui, em Brasília?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Aqui, em Brasília.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos voltar àquela questão do Sr. Valdemir. Posteriormente à sua saída do Pará, o senhor continuou mantendo contato com o Sr. Valdemir?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Raramente, eu o encontrava em reunião da empresa, reunião nacional, mas não tive mais contato com ele.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Valdemir permanece até hoje no Pará, trabalhando?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, ao que me consta.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele não foi ao Rio de Janeiro trabalhar durante esse período?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando ele foi ao Rio de Janeiro trabalhar? V. Sª lembra?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não me lembro se foi em 2001 ou 2002. Acho que foi em 2001.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que função ele foi exercer no Rio de Janeiro? V. Sª sabe?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Diretor Regional.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Diretor Regional do Rio de Janeiro. Dois mil e um ou dois mil e dois, não é?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Acredito que seja 2001.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª saberia dizer por indicação de quem que ele foi trabalhar no Rio de Janeiro?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A informação que se ouve na empresa é de que foi pelo Deputado Roberto Jefferson, segundo informações.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disso, em 2001 e 2002, o Sr. Valdemir foi para onde? O senhor se lembra?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele retornou ao Pará.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E hoje está exercendo que função no Pará?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não sei, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª não sabe. No período em que ele estava no Rio de Janeiro, V. Sª conversava com ele?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não conversava com ele. Não teve nenhum contato com ele no período?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Recebemos aqui uma informação de que atualmente ele trabalha na Secretaria de Turismo da prefeitura de Belém, junto com o filho do Deputado Roberto Jefferson. V. Exª tem alguma informação a respeito disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. A última informação que tive foi de que ele estava na diretoria do Pará, mas eu não sabia o que ele estava fazendo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Maurício Marinho, depois do período em que ele estava trabalhando no Pará, em que ele pediu a demissão por força daquelas denúncias da sindicância, ele montou alguma empresa?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não conheço, Deputado, não tenho relacionamento de amizade nem intimidade com o Sr. Maurício Marinho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Exª nunca soube que ele montou uma empresa de transportes?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nunca soube.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª diz que quem o indicou, então, indiretamente para a função que exerce foi o Deputado Pompeo de Mattos. V. Sª teve alguma relação ou tem alguma relação com o Sr. Sílvio Pereira, Secretário-Geral do Partido dos Trabalhadores?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nenhuma.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª conhece o Sílvio Pereira?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Conheci num evento social, onde fui apresentado a ele.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que evento social?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi num jantar. Não lembro o nome do restaurante. Tinha várias pessoas e me levaram até ele para me apresentar como diretor dos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era jantar em homenagem a alguém?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, era um jantar comum, social.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi a única vez em que V. Sª viu o Sílvio Pereira?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A única vez em que encontrei o Sr. Sílvio Pereira.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso foi antes da sua nomeação como diretor ou foi posterior?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi posterior.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi posterior à sua nomeação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Três ou quatro meses depois que tinha assumido.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª conhece o Sr. Marcos Vinícius, genro do Deputado Roberto Jefferson?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, Excelência.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca o recebeu? Não o conhece?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nunca o recebi e não o conheço.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Deputado Roberto Jefferson, V. Sª já o recebeu alguma vez?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nenhuma vez.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Conhece pessoalmente?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, senhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca esteve com ele?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nunca estive com ele.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Durante o período em que V. Sª exerceu a diretoria dos Correios, mantinha contatos com algum Parlamentar, Senador ou Deputado Federal?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu recebia eventualmente pedidos de audiências de parlamentares.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas isso normal, mas o relacionamento que eu tinha às vezes o próprio Deputado Pompeu de Mattos, que ia lá visitar, porque os demais diretores eram do PDT do Rio Grande do Sul. Ele passava lá para me cumprimentar, mas nada assim de relacionamento, de ficar o tempo todo conversando não tinha.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente quais eram as suas atribuições? V. Sª era de operações da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, mas exatamente o que faz o diretor de operações? Quais são as atividades que ele comanda?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, ele comanda a área operacional dos Correios. Dentro da diretoria, têm cinco departamentos. Departamento operacional de cartas, que coordena todo o processo, a partir da postagem nas agências, até a distribuição, o tratamento e a distribuição, destinatários das mensagens; o departamento operacional de encomendas, que faz o mesmo tipo de atividade para encomendas, sedex, e PAC e encomenda normal; o departamento de encaminhamento e administração da frota que presta suporte na questão de recursos de transporte a esses departamentos; departamento de negócios e operações internacionais, que coordena todos os produtos e serviços da área internacional dos Correios; e o departamento de logística integrada, um departamento novo, tem cerca de dois anos e meio a três, que coordena um serviço novo que a empresa está desenvolvendo, que é o de logística integrada, prestando serviços a grandes operadores no País.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a interface que a diretoria de operações tem com a função que exercia o Sr. Maurício Marinho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Olha, a interface, o Sr. Maurício Marinho, o departamento dele é subordinado à diretoria de administração. Em nível de diretoria, o relacionamento que eu tinha era com o diretor de administração. Eu não me relacionava com o Sr. Maurício Marinho. Agora, nos departamentos no nível do departamento do Sr. Maurício Marinho, havia trocas de expedientes, encaminhamento, normalmente se pedia a questão de compras, por exemplo, equipamentos operacionais, o departamento operacional de cartas levantava junto às diretorias regionais a necessidade de equipamentos e encaminhava o pedido ao departamento de contratação, que era o do Sr. Maurício Marinho, para ele fazer a compra dos equipamentos, conforme a pauta estabelecida de fornecimento a todo o Brasil.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo, mas V. Sª não tinha um relacionamento mais freqüente funcional com o Sr. Maurício Marinho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando V. Sª o conheceu no Pará, naquele período, V. Sª tornou-se amigo dele?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não, não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas tinha contatos pessoais?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Relacionamento exclusivamente profissional. Sempre exclusivamente profissional.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exclusivamente profissional. Ele nunca o procurou para qualquer tipo de tratativa, negociação?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nenhuma.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Intercedeu para que V. Sª recebesse políticos ou tivesse...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, também não me fez nenhum tipo de pedido. O meu relacionamento, insisto, Deputado, era com o diretor de administração. Com o Sr. Maurício Marinho eu não lembro de ... eu me lembro de uma vez que eu fui na sala do diretor Antônio Osório e ele estava presente. Não tinha nenhum tipo de relacionamento, nunca telefonei a ele para vir à minha sala, conversar sobre qualquer assunto. Ele se relacionava com os meus departamentos, meu departamento: olha, estivemos lá com o departamento, a questão é essa, tem que fazer assim, então faça dessa maneira, dava a orientação, mas relacionamento com ele nenhum.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem eram seus assessores ou consultores diretos quando V. Sª exercia a função de diretor dos Correios?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, eu tinha quatro consultores agora no final e dez assessores. Eu não sei se lembro o nome de todos.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Poderia nominá-los?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Consultores é mais fácil, porque são quatro. Era o José Garcia Mendes, Paulo Onishe(?), Júlio Imoto... falta um, Ilves Caldas.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E os assessores?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Assessores eu tinha... deixa eu lembrar: José Alberto Brito, Jorge Eduardo Martins Rodrigues, Ângelo... não, Ângelo não era chefe de departamento.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esses assessores e consultores foram de livre escolha de V. Sª ou alguém sugeriu que V. Sª nomeasse essas pessoas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, fui eu quem escolheu, a maioria deles já era..., já estava na função.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, com todos, efetivamente, V. Sª tinha uma relação de conhecimento?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, conhecia todos eles.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Júlio Imoto fazia o quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele era consultor da diretoria de operações e ele tinha sob a coordenação dele a questão de orçamento da área de operações. E fazia, apoiava os departamentos da área nessa questão orçamentária.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi V. Sª que o escolheu?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. Ele já era assessor da diretoria quando assumi.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tinha algum tipo de relação política com alguém?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não conheço. Não sei.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos falar um pouquinho do Decan e Dirad. Quais eram os assuntos profissionais comuns que eram tratados entre a Decan e a Dirad?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Entre eles?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São duas unidades administrativas, quais os assuntos comuns que existiam entre eles?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O Decan é departamento de compras e administração de materiais...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim. E a Dirad?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A Dirad é diretoria de administração e o Decan é subordinado e se reporta à diretoria de administração.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nenhuma dessas unidades tinha uma interface diretamente com a sua diretoria, ou só o Dirad?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, interface, como o diretório de administração era no mesmo nível hierárquico do diretor de operações, tínhamos um relacionamento com todas as diretorias, Diretoria Financeira, Diretoria de Tecnologia, o mesmo tipo de relacionamento.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para que essa relatoria não monopolize demais, e nós possamos socializar, indago ao Deputado Silvio Torres ou ao Deputado Eduardo Paes se querem começar as suas argüições. Voltaria depois, tenho um bloco imenso de perguntas, e não quero cansá-los numa situação monocórdia infernal.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Agradeço. V. Exª não segue o exemplo do Deputado Osmar Serraglio.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se V. Exª falar isso, sinto-me na condição de segui-lo porque é um excelente Relator.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Relator, Sr. Presidente, queria também cumprimentar o Sr. Maurício. Queria fazer, inicialmente, a seguinte pergunta inicial ao senhor. O senhor foi um diretor, foi alçado à condição de diretor da Diretoria de Operações, conforme já informou ao Deputado José Eduardo Cardozo, indicado pelo Deputado Pompeo de Mattos. É isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É o que coloquei. Apresentei o currículo a ele.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Vamos simplificar a resposta.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Está certo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E são três diretorias, quatro diretorias básicas...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, são seis diretorias mais a presidência.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A Diretoria Comercial quem ocupava no tempo do senhor?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Quando assumi, manteve-se o mesmo diretor, Dr. Paulo Menecuti. Ele era Diretor de Tecnologia. Quando houve a mudança da diretoria, ele assumiu a Diretoria Comercial.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foi indicação de algum?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não sei lhe informar.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não sabe dizer?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não sei dizer.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A Diretoria de Tecnologia...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. Dr. Eduardo Medeiros.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Era indicação de qual partido político?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não conheço nenhuma indicação. O Dr. Eduardo inclusive citou aqui que ele não foi indicado por partido político. Não conheço.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Diretoria Financeira, indicação de qual partido político?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Olha, na época, em fevereiro de 2003, o Presidente da época, Dr. Airton Dipp, veio do Rio Grande do Sul com dois diretores, com o Diretor Financeiro e o Diretor de Administração. Os dois eram, pelo que me consta, filiados ao PDT.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então o PDT a essa altura tinha três indicações? O senhor, o Diretor Financeiro e o da Diretoria Administrativa?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O PMDB tinha alguma indicação?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não tenho conhecimento.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor não tem?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O Diretor-Presidente dos Correios, como o senhor sabe, é um ex-Deputado...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso é agora, estou pensando em fevereiro de 2003.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Posteriormente o senhor continuou com o diretor?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Continuei.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Continuou tendo, como... O novo Diretor Presidente dos Correios era uma indicação do PMDB.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. Isso agora em 2004.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – 2004. Estou falando do período que o senhor esteve à frente da Diretoria de Operações.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Correto.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quando o Sr. João Henrique foi presidente dos Correios foram mudados os diretores financeiros e administrativos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foram.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foram trocados?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foram trocados.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mais algum diretor?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Também o Dr. Paulo Menecuti, Diretor Comercial, foi substituído pelo Dr. Carlos Fioravante.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O PT tinha algum diretor indicado?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não tenho informação que tivesse indicado do PT, não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor, durante esse tempo todo, desculpa, mas é meio... o senhor convivendo no dia-a-dia com os diretores, certamente uma convivência harmoniosa, não era conflituosa, não havia nenhuma confidência, esse assunto era tabu?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, o diretor Eduardo Medeiros, que esteve aqui, que se dizia que eu e ele éramos indicados do PT, ele disse que não foi indicado pelo PT. Ele nunca comentou esse assunto comigo.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Desculpe-me interromper, mas o que ele disse aqui ouvimos, mas o comentário que se fazia naquele momento... Essas coisas são sempre comentadas. O senhor foi apresentar o seu currículo por algum motivo ao Deputado Pompeo de Mattos, é porque o senhor sabia que precisava de um político para lhe apadrinhar ali, que o critério era político, não é?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não lhe causa estranheza que o único técnico, enfim, que não teve nenhum padrinho tenha sido o Sr. Eduardo? O senhor não via nada lá, na época?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Concordo com a sua observação, o que digo é que não posso falar pelo diretor Eduardo. Se ele nunca me falou sobre isso, não posso agora dizer: não, foi, porque ouvi falar.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, ele nunca falou para o senhor e também nunca ouviu isso lá dentro?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nunca ouvi.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor foi demitido?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu? Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, porque a imprensa noticiou, na época, que o Presidente Lula teria demitido todos os diretores quando houve o caso do Sr. Marinho.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. O que aconteceu foi que colocamos o cargo à disposição para que fosse facilitado o trabalho de investigação. Somos funcionários de carreira da empresa. Fui exonerado a pedido do cargo de diretor e voltei para o meu cargo permanente de administrador postal.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então todos se auto-exoneraram? Todos os diretores que o Presidente Lula mandou exonerar?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Exatamente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor não se colocou à disposição por vontade própria.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Tivemos uma reunião, após essa reunião com o Presidente Lula, onde a diretoria resolveu, por livre e espontânea vontade, embora fruto de uma conversa com o Ministro, de colocar os cargos à disposição para facilitar os trabalhos de apuração que estavam sendo feitos na empresa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E logo em seguida os diretores auto-exonerados foram contratados como consultores?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não diria contratados. Esse é um processo que é previsto nas normas da empresa. Após sairmos da diretora – existem lá consultores que foram diretores já da empresa – fomos designados como consultores. Isso gerou um mal estar junto à imprensa, e a diretoria da empresa resolveu anular.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Todos aqueles que se auto-exoneraram foram designados como consultores?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, só os que eram de carreira. Só eu e o Eduardo Medeiros, que somos de carreira. Os demais não pertenciam aos quadros da empresa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E esses fizeram o quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eles saíram da empresa, afastaram-se da empresa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Bom, depois disso, a repercussão dessa notícia fez com que essa designação fosse anulada?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Fosse anulada.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A do Sr. Eduardo Medeiros também?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Também.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não permaneceu ninguém, então, como consultor.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ninguém como consultor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E é correta a informação de que o senhor, o último ato do senhor como diretor foi assinar com a empresa Taf Linhas Aéreas um aditivo de R$ 338 mil.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, excelência, assinei esse aditivo quando eu ainda era diretor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, estou dizendo um dos seus últimos atos como diretor.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não sei, porque ali na diretoria são muitos expedientes todo dia. Vi essa notícia pela imprensa. Achei estranha, porque eu ainda exercia a função de diretor quando assinei. Agora, não sei se foi o último, mas com certeza foi um dos últimos, porque já estava ...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor assinou algum outro aditivo, assim que o senhor se lembre ou o senhor não se lembra?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não me lembro.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor nem se lembrava desse daqui?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nem me lembrava desse.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Pois é. Então o senhor soube isso pela imprensa? Porque é uma quantia razoável que o senhor assinou.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Parecido com o Genoíno, soube alguma coisa pela imprensa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Estou apenas confirmando. O senhor, então, não sabia, não é?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Excelência, quero lhe dizer o seguinte...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor não se lembrava?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, exatamente. Na diretoria há uma infinidade de documentos que se assina no dia-a-dia. Sei que assinei o aditivo. Eu digo que fiquei assustado quando vi a menção de que eu tinha assinado após deixar de ser diretor, o que obviamente eu não poderia fazer porque eu nem estava mais lá.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, ela foi publicada no dia 9, o senhor trabalhou até o dia 8 como diretor.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, mas eu a assinei antes, não é? A publicação vai para o Diário Oficial da União.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, não estou contestando.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Certo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Há notícia também de que o bloco de aditivos assinados pela antiga diretoria, às vésperas de ser demitida, evidentemente já auto-exonerada, já com a decisão de se exonerar, nos valores de R$10 milhões, beneficiando as empresas Visa Transporte e Logística e Rodoviário União. Eram da sua área?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. Da minha área.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor se lembra de ter assinado esses aditivos nesse valor?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O valor eu não me lembro.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas dez milhões de reais!?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Estou achando...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor me desculpe. Trezentos e trinta e oito mil, até pode, assim, no limite da minha...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, eu quero lhe dizer o seguinte: esse processo de aditamento não é um ato em que se leva um documento, o diretor assina, está aditivado. Ele é um processo que vem desde um requerimento de uma empresa, passa por um setor técnico, que faz a análise, emite um parecer; vai para o setor jurídico, que emite também seu parecer; depois, vai para a reunião de diretoria, que poderá aprová-lo, para depois voltar. Aí o aditivo vai para a área jurídica, onde será chancelado; daí virá para a assinatura do diretor da área e do presidente. Então, esse é um processo que não se resolve em dois dias. Esse é um processo que chega a dois meses, três meses, às vezes, de demora. É um processo lento.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não. Estou de pleno acordo. Acho que é assim mesmo que era...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – ...deve continuar sendo.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É assim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Só que quem estaria demissionário, como o senhor, não assinaria um contrato desse às vésperas de estar saindo. Alguém solicitou ao senhor que assinasse esse contrato antes de o senhor sair, com medo de que esse aditivo depois tivesse algum problema?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Não. Não. Esse é o processo normal. Quando ele chegou para ser assinado, ele foi assinado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor se lembra quando ele chegou?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, eu não me lembro. Só vendo o processo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A sindicância instaurada constatou que foi assinada quando o senhor já estava demissionário.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É. Eu vou ter que ver então, Deputado, porque eu não consigo me recordar com detalhe de tudo, de todos os processos que passavam por ali. São muitos processos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas esse de dez milhões de reais, esse valor, essas duas empresas especificamente o senhor lidava com eles...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – As empresas têm contrato com os Correios...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Com as quais o senhor lidava, não é?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. É bem provável que eu tenha, é bem provável que eu tenha realmente assinado. Eu não estou colocando em dúvida isso. Eu só estou...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor não praticou nenhum ato ilegal assinando, estava dentro das suas funções.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Exatamente. Claro!

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Estamos querendo que o senhor nos diga por que o senhor resolveu assinar isso quando já estava saindo da empresa.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Certo. Eu assinei porque chegou às minhas mãos para assinar, eu ainda exercia o cargo de Diretor e era a minha função assinar. Não tinha motivo para deixar ali para ao próximo Diretor assinar ou não assinar. O ato já estava... A decisão já havia sido tomada pela Diretoria colegiada, a aprovação do aditivo. Ali, era uma mera formalidade da assinatura do termo aditivo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ou seja, o processo culminou na sua mesa, por coincidência, na véspera de o senhor sair da Direção dos Correios?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pode ser.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não é isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pode ser.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Acabou chegando lá na véspera.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É possível.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É comum ex-Diretores, ex-funcionários dos Correios, seja no cargo de direção ou em outros cargos, ao saírem dos Correios, trabalharem em empresas que prestam serviços aos Correios?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ah, Deputado, eu não sei lhe informar, porque eu tenho poucas pessoas que saíram dos Correios. Quem tem informação de funcionário dos Correios que saiu e foi trabalhar é um ex-Presidente, o Rocha Lima, que saiu e foi trabalhar na Vaspex, depois na Velog. Mas é um nome que eu me lembro assim que é... Mas não tenho conhecimento de quantidade, se isso é comum.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Antes de ser Diretor, o senhor trabalhava na área de transporte, segundo o senhor disse ao...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu sempre trabalhei nos Correios, desde 1978.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas na área de operações?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – De operações. Trabalhei rapidamente na área financeira, planejamento. Mas a maior parte da minha vida na empresa foi na área de operações.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Na área de operações.

O senhor trabalhou junto com o Sr. Jacques Lavoisier?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Junto com ele não. Eu era Gerente de Transportes no Pará quando ele era Chefe do Departamento de Transportes em Brasília, durante um tempo, até ele sair.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor era Gerente...?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu era Gerente de Transportes na Diretoria Regional do Pará.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Do Pará?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É. E ele era Chefe do Departamento de Transporte aqui, em Brasília. Havia um relacionamento técnico com ele.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sei. Depois, quando o senhor veio para Brasília, ele não estava mais nos Correios?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele já tinha saído da empresa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Tinha saído da empresa.

E ele? O senhor sabe para onde ele foi depois?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu sei. Ele é representante da TAF Linhas Aéreas.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Que foi a empresa que recebeu aditivo quando o senhor estava saindo.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. Essa mesma empresa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A mesma, não é? A TAF, que é Transporte Aéreo Fortaleza.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E ele continua lá?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, até quando eu estava como Diretor sim. Depois disso, eu não tive mais contato com ele.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu queria fazer menção agora à questão da Rede Postal Noturna. Vou conversar um pouco com o senhor sobre isso.

Bom, o senhor assumiu em fevereiro de 2003.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Certo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Nesse tempo, a Rede Postal Aérea Noturna estava sendo operada por duas ou três empresas – duas empresas: a Beta e a Skymaster.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Na Rede Postal Noturna são 11 ou 12 empresas.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Havia um contrato em vigor de algumas linhas – das linhas "a" e "c", especificamente – que estavam sendo operadas por essas....

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pela empresa Skymaster.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Skymaster. E a Beta?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A Beta fazia a linha "f". É uma outra linha de transporte aéreo da RPN.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu tenho aqui um gráfico que diz que em junho de 2001 – uma licitação na qual participaram a Beta e a Skymaster. Aliás, a Skymaster venceu; depois, em dezembro de 2001, houve um pregão; depois, um reajuste em dezembro de 2002, até chegar a dezembro de 2003, quando houve uma licitação. Aí, o senhor já era....

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu era o Diretor já.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, o senhor comandou esse processo de licitação em que, inclusive, o senhor era o Presidente da Comissão.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Eu não era o Presidente da Comissão.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Qual era a sua área? O senhor tinha alguma função na Comissão de Licitação?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Nenhuma. Nesse, ao qual o senhor está se referindo, não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Em dezembro de 2003?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em dezembro de 2003 eu não tinha função nenhuma na Comissão de Licitação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor decidia como Diretor, depois?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Como Diretor, depois.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor, antes, tinha funções em comissões de licitações, antes de ser Diretor?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, senhor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, o senhor nunca teve?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

Tive, depois, em 2004, numa concorrência na qual eu fui o Presidente da Comissão Especial de Licitação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Em 2004?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em 2004.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Nós vamos chegar em 2004, já está certo.

Quando o senhor entrou e assumiu a Diretoria de Operações, o senhor considerava que os preços operados pelas empresas que trabalhavam na Rede Postal Noturna eram superfaturados?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Olhe, Deputado: no mês de abril de 2003 – acho que não havia nem dois meses que eu tinha assumido a Diretoria –, eu designei um grupo de trabalho para fazer uma avaliação em todas as linhas da rede, para verificar o preço que estava sendo pago com relação ao preço de mercado. Enfim, avaliar se havia algum tipo de descolamento em relação a valores que estavam sendo pagos. Esse grupo foi eu que institui…

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas o senhor fez isto porque tinha tido uma denúncia de que havia….

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não… Em conversa com o então Presidente Airton Dipp, ele me recomendou... Na conversa que nós tivemos, ele disse: "Eu gostaria que tivesse uma avaliação sobre a Rede porque o Ministro me pediu para verificar essa questão da RPN porque é uma questão que me parece que a equipe de transição do Governo achou que os valores eram muito elevados.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, já havia uma informação anterior de que haveria um sobre preço?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não diria sobre o preço, mas que o custo estava muito alto. Então, era para fazer uma verificação. Foi, então, quando eu instituí esse grupo, que fez essa avaliação, apresentou um relatório. Eu apresentei um comunicado à Diretoria mostrando o resultado do trabalho.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Para fazer esse grupo, o senhor, então, convidou o Brigadeiro Grossi?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Nesse grupo, não. Esse grupo fez uma avaliação preliminar e apresentou que nós tínhamos algumas dificuldades técnicas que precisavam ser aperfeiçoadas pela empresa com relação a essa questão da RPN. Isso foi apresentado em maio. No mês de junho, foi instituído um outro grupo de trabalho pelo então Presidente Airton Dipp. Inclusive eu fui o coordenador-geral do grupo, com diversos técnicos, para fazer, aí, sim, uma nova revisão geral, buscando adequar a questão de carga, de preço e buscando, enfim, otimizar a malha de transporte aéreo que nós tínhamos disponível. Após essa época, em julho – em junho que se deu a implantação, o Brigadeiro Venâncio Grossi foi contratado para prestar consultoria ao trabalho desse grupo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foi o senhor quem o contratou?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Ele foi contratado pela Presidência da Empresa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A Presidência contratou?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas o Brigadeiro Grossi, quando esteve aqui, ele não apresentou esse contrato. O senhor sabe como ele foi contratado ou não?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Eu não sei como ele foi contratado. Inclusive, tem uma comissão de sindicância na empresa que está apurando essa questão.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor não sabe nem quem pagava a ele?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Foi como eu disse para o senhor: ele foi contratado pela Presidência. Foi o Presidente quem o apresentou para o grupo de trabalho; ele, como consultor, para auxiliar os trabalhos do grupo e ele se incorporou ao trabalho.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, Sr. Relator, eu queria até que o senhor anotasse a informação. O Brigadeiro Venâncio Grossi, quando esteve aqui, disse que teria sido contratado através de uma fundação: Fundação Universidade de Brasília e que essa fundação... e que ele teria sido pago por uma empresa de Belo Horizonte, que tinha contratos com a fundação. Contratos. E essa empresa de Belo Horizonte negou que tivesse feito qualquer pagamento a ele.

Agora, o que é grave – e aí eu quero saber do Sr. Maurício Madureira – é que o Brigadeiro Venâncio Grossi, quando foi contratado pela Presidência, como disse o senhor, ele já tinha um contrato com uma empresa chamada GPT, um contrato de consultoria, assinado no dia 1º de maio de 2003, ou seja, três meses antes. E, no contrato de consultoria, do qual temos uma cópia aqui, ele tinha um salário fixo e uma comissão sobre resultados, sobre o que ele conseguisse na concorrência que ocorreria em dezembro de 2003. Ou seja, os Correios contrataram um consultor que era lobista de uma empresa que participaria da concorrência que seria realizada em 2003, o que eu acho que é gravíssimo.

Eu queria perguntar se o senhor sabia disso.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não sabia. Como disse pra V. Exª, eu fui apresentado, assim como todo o grupo de trabalho, ao Brigadeiro na sala da presidência da empresa pelo então presidente Airton Dipp.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E o senhor era presidente dessa...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu era presidente do grupo de trabalho de avaliação...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Do grupo de trabalho...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Exatamente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E o Brigadeiro atuava permanentemente nesse grupo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. A partir de então, a partir da contratação dele, que foi apresentado pra nós, ele passou a trabalhar junto com o grupo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, ele encaminhava sugestões no sentido de administrar, digamos assim, a concorrência que ocorreria em 2003.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É... A concorrência, na verdade, foi um pregão que ocorreu, ele ocorreu porque houve um problema de negociação com uma determinada empresa aérea, né? Ou seja, nessa época que ele foi avaliar lá não se falava em fazer nenhum tipo de concorrência, nem de licitação, certo? Ela foi fruto durante o resultado do trabalho.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim. Mais um motivo ainda...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu concordo... Eu concordo...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mais um motivo pra nós estranharmos, né?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Concordo com V. Exª que é grave. Mas eu volto a lhe dizer: eu não tenho nenhum conhecimento desse fato, eu não conhecia esse Brigadeiro, a não ser pelas portarias que ele assinava enquanto foi Diretor-Geral do DAC de 2002 pra trás.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, o que me parece claro, Sr. Presidente, Sr. Relator, Deputado Eduardo Paes, é que a empresa Skymaster, que operava grande parte da Rede Postal Noturna, boa parte dela, estava destinada a ser destituída do serviço que prestava. Já veio uma informação anterior de que os preços estavam muito altos, então seria necessária a criação de uma comissão que estudasse tecnicamente a viabilidade de baixar esses custos. Contrata-se um consultor, ligado a uma outra empresa que tinha interesse na concorrência, e decide-se fazer uma nova concorrência em dezembro de 2003, que acabou sendo vencida pela própria Skymaster, que baixou os preços dela consideravelmente e também porque a empresa à qual o Brigadeiro prestava serviços foi desqualificada tecnicamente, não pôde sequer participar da abertura da proposta comercial. É assim? É correta essa...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Correta. Correta.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Agora, em 2004, a Skymaster, que ganhou essa concorrência saindo de uma oferta inicial de R$300 mil, pela unidade de referência da concorrência, acabou tendo... Esse preço acabou baixando no dia da concorrência, no pregão efetuado, para 213. Esse preço de 213, já em agosto de 2004, subiu pra 276... Aliás, em abril, já subiu pra 232; em agosto de 2004, para 276 e quando chegou em dezembro de 2004, esse preço foi de 445 mil.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi uma nova licitação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Uma nova licitação. Então, a empresa que era culpada de ter preços caros no início, num período de um ano e pouco, acabou recompondo todo aquele ganho que ela já tinha e passou a operar.

Então, eu acho que é muito evidente, é muito evidente essa relação altamente suspeita. Eu acho que a sindicância e o próprio trabalho que o TCU realizou, o Sr. Relator vai certamente anotar, eu acho que é muito grave isso que nós estamos tomando conhecimento.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu gostaria só de fazer um esclarecimento.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Pois não, o senhor está à vontade.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Todo esse processo dos reequilíbrios que a empresa Skymaster teve, a própria licitação de 2003 a que o senhor se refere, o processo de licitação, a decisão por não prorrogar o contrato foi do Presidente da empresa, que encaminhou uma CI, um documento interno para mim, determinando que não seria prorrogado o contrato, que era para fazer uma nova licitação, o processo...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quem era o Presidente?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Airton Langaro Dipp.

O processo de contratação, o termo de referência para essa licitação foi assinado pelo Presidente da empresa, ou seja, a Diretoria de Operações não participou desse processo. Nós participamos na fase de avaliação; depois, foi criado um novo grupo, que era o grupo de renegociação dos contratos com as empresas aéreas, do qual eu não participei, nem tive atuação nenhuma. Esse grupo foi o que concluiu pela não prorrogação do contrato da linha A e C.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Maurício, posteriormente, em abril, agosto e dezembro de 2004...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu vou chegar lá.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Aí o senhor participou?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, eu vou chegar lá.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Aí o senhor não recebeu ordens para fazer tudo isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não, em nenhum momento.

O que eu quero colocar é o seguinte: quando concluído o processo, o pregão em 2003, em abril de 2004 – em março na verdade, final do mês de março – a Skymaster pediu um reequilíbrio econômico-financeiro, como outras empresas também pediram, em virtude do aumento do combustível.

Esse processo foi encaminhado por um grupo de trabalho que fazia essas avaliações. Esse grupo fez a avaliação, foi ele que definiu ou pelo menos que indicou o valor que teria sido alterado em função do aumento do combustível exclusivamente. Esse processo foi para a diretoria da empresa, que aprovou. Não só da Skymaster, de outras empresas também. E quando foi em agosto – em agosto não –, foi em outubro de 2004, setembro, não me lembro bem, aconteceu o mesmo fato novamente.

Então, todos os processos, eles estão formatados. Nós estamos dando os esclarecimentos tanto para a CGU, quanto para os órgãos de controle que estão pedindo, apresentando todas essas informações para esclarecimento.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É, agora um outro fato importante, não sei, Sr. Relator? Em 2001, duas empresas participaram de uma licitação. Foram contratadas, a Beta e a Skymaster, que, por coincidência, tinham um acordo de operações firmado, público. Nós tivemos acesso, inclusive, ao relatório da sindicância que o TCU realizou. Isso foi em abril de 2001. Aí houve todas essas idas e vindas, mudaram diretores, Presidente, mudou o Governo, quando chegou em dezembro de 2004, duas empresas participaram: a Beta e a Skymaster. É bem revelador, não é, do procedimento, da cultura de administração, que, parece que se enraíza, que se enraizou na Administração Pública Federal, não apenas neste Governo, provavelmente veio um pouco de outros governos, mas que, certamente, demonstra que não houve sequer mudanças nessa prática. Até essas práticas se tornaram muito mais comprometedoras no atual Governo.

Sr. Presidente, eu também não quero prolongar, vou passar ao Deputado Eduardo Paes a continuidade.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Com a palavra, o nobre Deputado Eduardo Paes.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Agradeço a V. Exª.

Sr. Maurício, antes de algumas perguntas, infelizmente eu tenho que voltar um pouco a essa questão das nomeações, não que seja nenhum pecado as pessoas terem uma indicação política, porque isso é algo absolutamente natural, normal. Nós aqui não podemos nem, sob pena de, amanhã, enfrentarmos a mesma situação, estarmos aqui cobrando posturas que impeçam de, eventualmente, um quadro técnico, ligado a algum partido político da Base de apoio do Governo,

possa estar sendo indicado. Não é esse o nosso objetivo, nem essa é a crítica que queremos fazer. Faço questão de deixar isso muito gravado, falar muito de público isso, porque essa é uma prática absolutamente normal em países de Primeiro Mundo com democracias amadurecidas. O problema é outro. O problema é quando isso serve não para implantar um determinado tipo de política pública para esta ou para aquela área ou, no caso de uma estatal, até de uma visão da função daquela estatal, mas sim quando é utilizado como uma espécie de – expressão que já foi cunhada – fabriquinha para amealhar recursos para políticos a que se é ligado. Não estou querendo dizer que é caso de V. Sª, mas o fato é que para nós é importante. São coisas que são um pouco abandonadas.

Talvez audiência de V. Sª não seja das maiores, mas acho que é importante termos um pouco mais de liberdade para conversarmos um pouco sobre esses assuntos, para tentarmos entender o tema que abandonamos um pouco ao longo da CPI. E saiba V. Sª que são tantos os escândalos no Governo que acabam as questões menores ou que vieram anteriormente sendo esquecidas. Mas é interessante conhecer esse processo de partidarização dos Correios.

O senhor tinha pleno conhecimento? Como eram essas informações? Essas são informações públicas e, portanto, causa-me estranheza o fato de elas não serem colocadas ali. Que diretoria pertencia a que Partido, que área, que político? O senhor poderia fazer um pouco o perfil político dos Correios? Repito que o Deputado Pompeo de Mattos indicou V. Sª faz parte desta CPI e tem tido uma atuação excepcional sem que possamos fazer qualquer crítica e não vejo pecado nenhum nessa indicação. Mas eu gostaria de entender um pouco o quadro político da Empresa de Correios e Telégrafos e, para tal, eu gostaria que V. Sª discorresse um pouco sobre isso. Essa é uma leitura que V. Sª certamente tem. Até para que não cause nenhum tipo de desconfiança de que V. Sª não está querendo contar as coisas que sabe, talvez fosse importante dizer que o Presidente era assim e que o diretor era tal só para entendermos um pouco. O senhor poderia discorrer um pouco sobre isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O que sei, né? Como disse aqui, há pessoas com quem não tenho, não tive conhecimento, nunca perguntei e nunca me disseram quem tinha, se tinha. O que eu sabia, na época em que assumi, em 2003, era que o Presidente e dois diretores eram o PDT, filiados ao Partido inclusive, e nunca esconderam isso de ninguém. Era público. Era o Diretor de Administração, o Diretor-Financeiro e o Presidente Dipp. Quanto ao Dr. Paulo Menecutti, eu não sabia de filiação política dele. Ouvi falar, em um depoimento aqui, que ele é ligado ao PSDB. Ele nunca falou isso comigo, e eu também nunca perguntei.

Na minha função, como técnico da casa, sempre tive a preocupação – e até pela formação dentro da empresa – de cuidar dos assuntos operacionais da empresa. Não gosto de conversa de corredor, de coisinha de comentários de que "estão dizendo isso, estão dizendo aquilo". Quando as pessoas se manifestavam e faziam essas manifestações quanto a partidos políticos, como o Dr. Antônio Osório, que sempre disse, desde que chegou lá, "sou do PTB, sou filiado ao PTB". É uma questão. Quando a pessoa não fala, eu não costumo também... Eu mesmo não falava para ninguém que eu era ligado a A, B ou C, que eu tinha conhecimento com o Deputado Pompeo de Mattos. Mas as pessoas viam que ele ia lá cumprimentar os outros diretores que também eram do PDT, que passava na minha sala.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Pela ordem, Sr. Presidente. O senhor me permite?

O SR. PRESIDENTE (Asbrubal Bentes. PMDB – PA) – Senadora.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Sr. Presidente, eu não poderia deixar de vir aqui neste momento – são 16 horas – porque às 15:09 h, no *blog* do Noblat, foi colocado seguinte nota:

"Pegaram os tucanos. Neste exato momento, em um hotel de luxo da cidade de São Paulo, os Senadores Delcídio Amaral, Presidente da CPMI dos Correios, e Ideli Salvatti estão reunidos com um dos maiores empresários do país na área de construção e de informática. Receberam dele há pouco documentos que provariam uma falcatrua da ordem de US$100 milhões ocorrida em 99, na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Na época o Ministro das Comunicações era o mineiro Pimenta da Veiga e o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, ambos de líderes de expressão do PSDB. A falcatrua teve a ver com a construção e a compra de equipamentos para centros de distribuição dos Correios em vários Estados. Quem teve acesso aos documentos antes de eles serem entregues aos dois Senadores garantem que pegaram os tucanos.

Quero dizer que, em primeiro lugar, até gostaria de estar recebendo o dossiê e, em segundo lugar, até gostaria de ser poderosa a ponto de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – É um holograma da Ideli que está aqui.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Mas não posso deixar de registrar que esse tipo de procedimento, infelizmente, não contribuiu porque estou, há exata-

mente quarenta minutos, atendendo toda a imprensa brasileira com relação a essa questão. Não poderia deixar de fazer o registro...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Deputado Silvio Torres, por favor, dê um cutucão no ombro para ver se é de verdade.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Belisque. Belisque.

Só queria fazer o registro, Sr. Presidente, porque não consigo mais saber como vamos processar determinados tipos de procedimentos, como o dessa ordem.

O SR. PRESIDENTE (Asbrubal Bentes. PMDB – PA) – Lamento que V. Exª não tenha o dom da ubiqüidade e que, por isso, não possa estar onipresente.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Lamento mais ainda não ter o dossiê, Sr. Presidente.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Eu diria que essa coisa é impossível. A Senadora Ideli Salvatti, de uns tempos para cá, está adotando aquela postura ensinada a membros do PT por Duda Mendonça: Ideli Paz e Amor. Portanto, seria impossível ela estar...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não foi isso o que V. Exª disse da minha pessoa e da minha intervenção no dia de ontem.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – V. Exª, de vez em quando, tem umas recaídas.

O Senador Delcídio Amaral, Presidente desta CPMI, segundo consta no noticiário, está lá em uma disputa intensa com o Zeca do PT.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não! Não! Não! Não! Esqueci-me de dizer. Se o Deputado me permite, o Senador Delcídio Amaral realmente está em São Paulo. Quando saiu o *blog*, tentei falar com ele...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – É mais fácil ele estar lá para tucanar do que ir contra os tucanos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não! Não! Não! Ele, inclusive, não pôde atender o meu telefonema porque, neste momento, está gravando o programa do Serginho Groisman. Ele está em gravação. Ele nem pôde atender o meu telefonema porque está, neste momento, fazendo a gravação do programa do Serginho Groisman.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Portanto, não percam: no sábado à noite, quem sabe, ele estará anunciando esse grande escândalo.

Voltando – até me perdi –, creio que V. Sª já havia concluído sua exposição.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Já.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – O que parece para todos nós? Nada. Fico até constrangido, depois da negativa dela, de fazer qualquer crítica a este Governo. Nesse episódio do Maurício Marinho, parecenos que, primeiro, a estatal Correios foi loteada.

Aliás, vou lhe fazer uma pergunta antes. Recuperei o fio da meada. Houve uma troca de diretoria. Num determinado momento, houve um conflito político, o PDT saiu da Base do Governo, e houve toda essa troca de comando. Nem nesse momento, V. Sª percebeu, então, com tinha se composto o novo quadro político dentro da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nesse momento, sim. Veio assumir a empresa o Presidente João Henrique de Almeida Souza, ex-Deputado Federal do PMDB. E vieram mais três diretores: dois, em substituição aos dois do PDT que tinham saído, e o outro, em substituição ao Paulo Menecutti, que também saiu na mesma época.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Quem eram esses novos diretores?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Carlos Fioravanti, que assumiu a Diretoria Comercial.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Ligado ao?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – PMDB. O Robinson Koury, também do PMDB, que assumiu a Diretoria de Recursos Humanos; e o Ricardo Caddah, que também teria vindo pelo PMDB.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – No processo de licitação dos Correios, ficou claro para todos nós até o momento o seguinte: algumas licitações eram especiais e iam para o CEL – o CEL não é o céu, mas a Comissão Especial de Licitação –, da qual participavam todos os diretores. Estou correto?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Não?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, necessariamente. Na Comissão Especial de Licitação, havia uma equipe, um grupo. Normalmente, ou a licitação envolvia mais de uma área...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Valores maiores.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Exatamente. Maior complexidade no processo de licitação, criaram a Comissão Especial de Licitação.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Todas as outras licitações – tirando essas da Comissão Especial de Licitação – tinham que passar pela Secom em algum momento, pela Diretoria do Sr. Maurício Marinho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pela Dirad.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Pelo Departamento do Dr. Maurício Marinho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Ou na montagem do edital de licitação ou na execução...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Como é que é, Deputado?

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Cada diretoria fazia as licitações respectivas, da sua área?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Todas as licitações eram feitas pelo Decam. Uma diretoria só fazia licitação quando era uma Comissão Especial de Licitação.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Ou seja, o senhor diria que o Sr. Maurício Marinho, o Departamento dele, perpassava – vamos chamar aqui, não quero ofendê-lo, mas é a leitura que faço –, os feudos políticos definidos, ou seja, cada Diretoria era de um Partido – um do PMDB, outro do PDT, outro do PT –, e aí eram como feudos para cada Partido, talvez esse Departamento fosse um dos poucos que perpassasse todas essas Diretorias?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O Departamento dele concentrava todas as necessidades de compra e contratação de todas as Diretorias, era esse Departamento que recebia para fazer o processo.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Sr. Presidente, Sr. Relator, só para uma conclusão, que eu acho que esse é um assunto... Eu voltei aqui um pouco a esse assunto, porque eu acho que é uma coisa que todos nós, de certa forma, enfim, na quantidade de informações que se tem nesta CPMI, de certa forma abandonamos, mas é... Cada vez mais fica claro que, na verdade, o que levou a todo esse escândalo, para felicidade geral da Nação e para a infelicidade do Governo e de algumas pessoas pessoalmente, é o fato de que, na verdade, o que muito provavelmente aconteceu ali na Empresa de Correios e Telégrafos, e isso vai se confirmando também a partir dos documentos que podemos obter, é que determinado funcionário de um determinado departamento de determinada diretoria/feudo de um dos Partidos políticos, em algum momento ele conseguiu entrar no feudo alheio, que não lhe era destinado. No caso específico da negociação que se fazia quando o Sr. Maurício Marinho recebeu, usando palavras e expressões "jeffersonianas", aquela "peteca" de três mil reais, ele estava entrando em outra Diretoria que não pertencia ao seu feudo natural, ou ao seu bairro natural, ao seu quarteirão, que era a Diretoria de Administração. Isso é algo que cada vez fica mais claro e que temos que aprofundar para comprovar. Isso é algo absolutamente relevante, porque, cá entre nós, Sr. Relator, pode até colocar por terra a tese do próprio Deputado Roberto Jefferson para ter iniciado toda essa crise política, para felicidade geral da Nação, quando acusou a própria Abin, ou o próprio ex-Ministro José Dirceu de estar grampeando, de estar querendo criar aquela crise para pegar o Sr. Maurício Marinho e atacar o PTB, atacar o próprio Deputado Roberto Jefferson. Parece-me, desde o início, que isso era muito mais uma briga de gangue de quarteirão do que um esquema tão sofisticado como imaginou o Deputado Roberto Jefferson. Para todos nós, graças a Deus, ele imaginou dessa forma. O senhor foi Presidente da Comissão Especial de Licitação responsável lá pela Concorrência 006, de 2004, que licitou as novas linhas da rede postal noturna?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Correto.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Eu não sei se quando eu cheguei o Deputado José Eduardo Cardozo já havia feito a de V. Sª alguma dessas questões, mas o seguinte, vou formular aqui um raciocínio: esta nova malha da rede postal noturna foi implantada a partir de maio desse ano, após realização de um estudo e definição de melhores rotas e capacidade de carga. "Foram definidas três linhas para serem operadas por aeronaves que atendem as exigências de 43 toneladas e 18 posições de paletes, características de aeronaves modelos DC-8". Eu tenho que ler aqui porque eu não sou especialista na matéria, espero que aqueles que nos ouvem neste momento entendam. "Essas linhas são: linha 90601, Porto Alegre – São Paulo – Rio – Salvador – Fortaleza; linha 60901, Fortaleza – Salvador – Rio de Janeiro – São Paulo – Porto Alegre e a linha 50011, Recife – São Paulo – Salvador – Recife. Para as linhas 9601, Porto Alegre – São Paulo – Rio – Salvador – Fortaleza, e 6901, ao contrário, Fortaleza – Salvador – Rio de Janeiro – São Paulo – Porto Alegre, foi exigido que os licitantes apresentassem cotação para ambas as linhas, devendo, para tanto, dispor de duas aeronaves que atendessem às exigências. Só quem dispunha dessas duas aeronaves, DC-8, 63F, era a Skymaster. Para a linha 50011, foi exigida apenas uma aeronave. Da outra aeronave, modelo DC-8, 63F, só quem dispunha era a Beta, e aqui o Deputado Silvio Torres já esclareceu um pouco dessa relação entre a Skymaster e a Beta. E a Skymaster e a Beta disputaram sozinhas essas linhas e, obviamente, pelos motivos que expliquei aqui, venceram essa licitação.

Como V. Sª explica isso? Para nós parece ter havido direcionamento na definição e na contratação dessas três linhas. Portanto, gostaria que V. Sª, de alguma forma, me contestasse, fizesse comentários ao que disse.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em primeiro lugar, o edital de licitação e a empresa não exigem quantidade de aeronaves. Ela exige peso e quantidade de *pallets*. E a empresa que participa da licitação pode apresentar duas, três, quatro, cinco aeronaves, quantas ela quiser, desde que o peso e a quantidade de pallets esteja dentro do mínimo estabelecido pelos Correios.

Então, não definimos DC-8, DC-10, 707, nada. Isso quem apresenta é a empresa aérea no momento da licitação. Então, contesto essa afirmação que está no seu documento de que não havia essa questão.

Com relação a exigir que a mesma empresa apresentasse o trecho de ida da linha e o trecho de volta é porque se nós colocássemos separado e duas empresas ganhassem, obviamente teria que reposicionar a aeronave, retornando à sua origem, para no dia seguinte fazer a linha novamente. Já fizemos isso em outras vezes e não deu resultado bom para a empresa. Então se colocou não só para esse item como em outros itens também, o item 4 e o item 5, onde também era previsto que a empresa que apresentasse cotação para um item apresentasse para o outro, porque era a ida num trecho, a volta no outro, e que a mesma empresa fizesse o serviço.

Com relação também ao que o senhor citou de terem somente a Skymaster e a Beta participado. No item que a Beta ganhou, ela teve outra empresa que participou junto com ela, mas foi desclassificada por problema de documentação. Só no caso do item da Skymaster que somente ela apresentou proposta de preço.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – A informação que temos é de que só a Beta teria participado.

Agora V. Sª há de convir comigo que, quando se fazem certas exigências num mercado que não é tão amplo assim (43 toneladas, 18 posições de pallets), se direciona para um modelo de aeronave, V. Sª há de concordar comigo que, de certa forma, se sabe ou se tem uma idéia das empresas que podem atender a esse tipo de exigência.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. E várias empresas tinham. A própria Varig tinha aeronave.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Disponível para fazer este tipo de serviço?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Por que a Varig não participou desta licitação?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso eu não sei. O que vejo é o seguinte... Não, ela participou da licitação. Ela foi inabilitada.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – V. Sª acabou de dizer aqui que não, que ela estava sozinha.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Na Concorrência 6, eu falei aqui, a Skymaster...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Só para o senhor entender. Estou falando da Concorrência 6. De que a VarigLog disputava outras concorrências lá, eu não tenho dúvida; estou falando da Concorrência 6.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ela participou da Concorrência 6, mas foi inabilitada.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Não é verdade. A Skymaster estava sozinha.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, foi a VarigLog. Ela veio para a licitação. Ela foi inabilitada porque não tinha documentação nem aeronave suficientes para participar de todos os itens da proposta apresentada.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Portanto V. Sª confirma então que era fácil, a partir da existência de aeronave... Estou aqui só querendo fazer um exercício.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Está certo, Deputado, eu quero dizer que nós não exigimos aeronave.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Só para o senhor entender o exercício. O Deputado Sílvio Torres afirmou aqui em relação aos preços... V. Sª há de convir que podemos ser todos burros aqui em aviação, principalmente em rede postal noturna, apesar de voarmos muito, mas o que o senhor há de convir é que é muito esquisito, por exemplo, aquilo que disse aqui o Deputado Sílvio Torres: cancela-se porque o preço está alto; baixa o preço e daqui a pouco ele está mais alto ainda. Tudo isso gera alguma desconfiança. Portanto, V. Sª, na medida em que responde, confirma um pouco aquilo que imaginamos, e claro que estamos nos aprofundando para tal e as conclusões infelizmente não são satisfatórias, mas mostram que pode ter havido um direcionamento. Se a Varig não tinha, foi inabilitada, é justamente o que eu estava dizendo: quem só tinha era a Skymaster de um lado e a Beta do outro.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, Deputado. Se o senhor verificar o registro aeronáutico brasileiro, que é do DAC – eu fiz essa consulta no dia 27 de junho de 2005, mas ela não é muito diferente da que tinha na época da licitação, que foi no final de 2004 – verá: Aeronaves DC-8 existentes no Brasil: 12 aeronaves; em situação aeronavegável, ou seja, aeronaves habilitadas pelo DAC para operar existiam 4; aeronaves 707 existem 17 no país e dessas, 6 em condições normais para operar. Quer dizer, essas outras aeronaves que estão no país têm um problema de documentação, um problema de regulamentação junto ao DAC para não operar, mas existem no país em condições de serem viabilizadas para participar de uma licitação.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Ou seja, na hora em que se faz um processo de licitação desse – só para entender, desculpe a ignorância – na hora em que os senhores fazem um processo de licitação como esse, os senhores têm absoluta noção do que há de aeronave disponível no País?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O DAC disponibiliza essa informação pela Internet.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Para que os senhores possam...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Avaliar exatamente.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – E, a partir desses partir desses parâmetros, definir quais as aeronaves serão usadas.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É o que eu digo ao senhor, de qualquer forma, nós não definimos aeronave. Em nenhum momento, nenhum processo nosso define...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Mas as características, mais ou menos, balizam.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em 2003, naquele pregão em que caiu o preço da linha A e C, a VarigLog participou com duas aeronaves para fazer a linha, para cada trecho da linha, com dois 727, que compunham a quantidade de *pallets* e de peso que especificamos na licitação. Então, é perfeitamente regular. Pode-se fazer dois 727, um 737 e um 727. Daria para compor essa quantidade que foi solicitada pelos Correios. Então,...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Mas o normal é atender isso aqui. A empresa...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, aí é... como se diria...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – O senhor entendeu do setor; eu não entendo. Isso seria o normal.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pois é. Estou-lhe dizendo.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – O racional seria haver duas equipes voando, enfim, o piloto e o co-piloto.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas depende da estrutura de cada empresa.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Claro, claro.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O que eu quero lhe dizer é que não havia...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Mas o mais econômico, o mais racional, o ganho de escala, é que o sujeito tenha um avião; não vá com dois.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em tese, sim.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – A não ser que ele esteja, eventualmente, numa licitação para guardar mercado.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não. Não necessariamente isso, tanto que a Varig, com dois aviões, competiu com a Skymaster e com a Beta naquele pregão e desceu o preço bastante, com duas aeronaves, em cada trecho da linha, com dois 727, que, em tese, deveriam custar e custariam mais caro do que operar com um 707. Mas ela competiu em condições de igualdade.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Mas nós sabemos o que isso caracteriza. O senhor acha que a Varig estava fazendo isso de boazinha? Por amor à Pátria e ao serviço noturno dos Correios?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, eu sei o seguinte, Deputado,...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Se ela estava entrando com o preço mais baixo, provavelmente estava jogando o preço lá em baixo para depois – aliás um pouco pelas práticas que eles devem ter visto em relação à Skymaster –, lá na frente, buscar uma renegociação desses preços, é óbvio.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É uma dedução que V. Exª está fazendo.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Para que não fiquemos aqui em ilações, sob o ponto de vista racional, V. Sª há de concordar comigo que é mais racional e mais barato, uma aeronave, uma equipe, enfim.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É o que eu lhe digo: em tese, sim. O que os Correios fazem é buscar preço de mercado. Quando se vai ao mercado, o mercado responde conforme o momento em que está acontecendo e outras condições que tem; e não temos pleno domínio sobre essa questão.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Mudando um pouco de assunto, no dia 19 de junho deste ano, não sei se já foi feita essa pergunta – repito que cheguei há uns vinte minutos e o Relator já indagava de V. Sª, portanto eu talvez esteja sendo repetitivo –, mas, no dia 19 de junho deste ano, o jornal **O Dia** dá conta da interferência do senhor e do Chefe do Departamento de Encaminhamento e Administração da Frota (Denaf), Sr. Luiz Carlos Scorsatto, em favor da empresa Autotrac, que faz rastreamento de veículos, embora a gerência de transporte da Diretoria Regional do Rio de Janeiro fosse contra em razão da extrapolação do limite máximo de contratação – cinqüenta meses normais mais doze excepcionais – e o parecer da Consultoria Jurídica dos Correios fosse contrário à contratação. Autotrac, para quem não sabe, é uma dessas empresas que faz rastreamento de veículos.

Enfim, essa notícia foi publicada no jornal **O Dia**, no dia 19 de junho. Apesar dos dois pareceres contrários da Gerência de Transporte da Diretoria Regional do Rio e da Consultoria Jurídica dos Correios, esses contratos foram renovados. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu tenho a dizer que essa matéria publicada no jornal foi uma montagem. Usou-se um parecer jurídico de outro pro-

cesso que era de compra de equipamentos, em que foi feita uma consulta ao Departamento Jurídico com relação – já fazia um tempo isso – à possibilidade... se era juridicamente possível comprar os equipamentos de rastreamento por veículo por inexigibilidade de licitação. E o Departamento Jurídico se manifestou contrário. Esses aparelhos, no caso da reportagem, já tinham sido comprados em 1998 pela Diretoria Regional do Rio de Janeiro. O que se contratava, no momento, era o sinal. É como um aparelho de celular que precisa de uma operadora para fazer a comunicação, senão o aparelho não tem função nenhuma.

Esse processo... Existia um grupo de trabalho que estava reavaliando novas tecnologias que tinham surgido no mercado com comunicação via celular e estava em via de conclusão, e venceu o quinto ano do contrato. Então, houve uma consulta do Rio de Janeiro, e sugerimos que, antes de contratarem – para que nós tivéssemos uma unidade em termos de tecnologia a ser usada nessa área –, fosse aguardado o trabalho desse grupo. Isso foi encaminhado ao nosso Departamento Jurídico, que deu um parecer favorável a essa prorrogação.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Perfeito, eu tenho aqui o parecer do Departamento Jurídico e ele é muito claro. A nota jurídica está aqui: "Solicito os diretores de operações, por intermédio das CIs em referência, a ratificação do parecer que afirmou a possibilidade de contratação da empresa Autotrac Comércio & Representações". Então, esse é o parecer. E aí, na conclusão, eles falam, entre outras coisas: "Finalmente, pede *(Inaudível.)* os atestados apresentados com o fim de demonstrar a exclusividade da Autotrac para comercialização e distribuição do sistema Unisat, já estão com a sua validade vencida, sendo necessário, portanto, juntar certidões atualizadas, se houver". E então fala da necessidade de observar, enfim, algumas questões da necessidade de licitação.

Quer dizer, o parecer publicado na matéria é diferente desse parecer.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O parecer que foi publicado na matéria é um parecer referente a um processo de compra de equipamentos com o serviço, e esse caso do Rio de Janeiro era só da contratação do serviço para que o aparelho que já tinha sido comprado em 1998 pudesse continuar funcionando em 35 ou 34 veículos que nós temos no Rio de Janeiro.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Agora esse parecer aqui que eu li é o parecer verdadeiro?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, na verdade, o que o senhor está lendo é um parecer de um processo aqui de Brasília, e o que a matéria fez foi pegar este processo, este parecer daqui e mencionar como se isso tivesse a ver com o processo do Rio de Janeiro, e era diferente a sua finalidade, o seu objetivo. A empresa, inclusive, respondeu ao jornal... Os Correios responderam ao jornal, esclarecendo todos esses fatos, desde a época em que foi publicada esta matéria.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Perfeito. Sr. Presidente, dou-me por satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – Concedo a palavra à Senadora Heloísa Helena.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sr. Presidente, Srs., dois, três Deputados, para uma CPI andar, Deputado Asdrúbal Bentes, para não dar numa operação abafa, que não cheire a pizza, não cheire a lama, é essencial que haja controle da sociedade, fiscalização da sociedade, fiscalização dos meios de comunicação democráticos. E sentimos claramente que seria importante que todas as audiências – eu sei que não é responsabilidade nem de V. Exª, nem do Subrelator, Deputado José Eduardo, muito pelo contrário – fossem no plenário porque estaria todo mundo aqui. Estariam os Deputados, os Senadores. Todo o mundo estaria aqui porque imaginaria que podia ser transmitido para mais pessoas e que as pessoas estariam escutando. Eles, então, viriam para cá. Por isso que é ruim. Poderia agilizar os trabalhos; não necessariamente o faz e acaba, de alguma forma, impedindo a fiscalização e o controle da sociedade, porque, quando se está transmitindo e a população vendo – claro que a nossa querida TV Senado transmite – mas, neste momento, não pode fazê-lo em função de ter que ir mesmo para o plenário, porque regimentalmente tem que ir para o plenário, e é correto isso também. Mas o que acontece? A população acaba ficando sem os mecanismos necessários de controle, porque, se o Senador ou o Deputado estiver falando demais, o povo brasileiro tem um mecanismo: desligar o rádio ou a televisão. Mas, quando nem isso é possível fazer, fica muito difícil, porque todo mundo some e acabam ficando alguns poucos para tentar auxiliar o procedimento investigatório. (Risos.)

Eu estou rindo, porque as pessoas acabam não vendo. O Deputado Eduardo, o outro Eduardo, está ali brincando.

Dr. Maurício Madureira, eu nem preciso mais explicar por que surgiu esta Comissão Parlamentar de Inquérito. É evidente que, se a base de bajulação do Governo não tivesse operado com tanta infame e determinação, talvez muitos desses casos pudessem ter sido investigados nas Comissões de Fiscalização e Controle, tanto na Câmara como no Senado, porque muitas solicitações de abertura de procedimento

investigatório foram feitas nas duas Comissões, ou na Câmara e no Senado, mas se operou com tal ferocidade – não sei se também à custa do mensalão – que acabou impedindo, se agigantou o problema e acabamos por identificar a relação promíscua de gangs partidárias e empresários apaniguados da estrutura do Palácio do Planalto.

Quando uma personalidade vem aqui prestar depoimento, tenha certeza V. S.ª que todos nós ficamos entre duas coisas. Primeiro, querendo que ele diga toda a verdade e, segundo, também acreditando na inocência da pessoa que vem prestar o depoimento porque, de repente, pode ser realmente inocente.

O problema dessa questão do gestor operacional dos Correios é porque são muitas denúncias, Dr. Maurício, muitas denúncias. É uma infinidade de denúncias e, aí, não tem delírio persecutório ou perseguição de quem quer que seja que seja capaz de criar tantos detalhes, tantos indícios relevantes de crimes contra a administração pública.

Tudo aquilo que está no Código Penal, corrupção ativa e passiva, intermediação do interesse privado, tráfico de influência, exploração de prestígio tem artigo do Código Penal para todos os gostos e para todas as denúncias que são aqui apresentadas e, o que é mais grave: como qualquer procedimento, antes de ser iniciado, ele passava por um processo de instrução, não é isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – O processo de instrução deveria ser definido no âmbito de duas das sete áreas do gestor operacional dos Correios para começar a andar, antes mesmo de significar a reunião de diretoria, havia dois técnicos de cada uma das diretorias, havia a chamada responsabilidade solidária no gestor operacional dos Correios.

A gente primeiro pergunta: de todas essas denúncias, que não são mais apenas denúncias, de todos os indícios relevantes de crimes contra a administração pública, muitas irregularidades inclusive identificadas pelo Tribunal de Contas da União, identificadas e relatadas pelo Ministério Público ou no âmbito desta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, antes da área operacional, como há a gestão solidária, a responsabilidade solidária e como tudo era de fato discutido nas reuniões de diretoria que V. S.ª também participava, de tudo isso que V. S.ª teve a oportunidade de acompanhar, existe algum fato que o senhor como um técnico experiente possa nos auxiliar dizendo que nesse procedimento existe indício, existe eivo de inconstitucionalidade ou de improbidade administrativa em alguma área do gestor operacional dos Correios?

O senhor tem alguma informação que possa disponibilizar para a gente? O senhor identifica eivo de improbidade administrativa em algumas dessas áreas ou não? Ou o senhor acha que durante todo o tempo que por lá passou acompanhando, nas reuniões de diretoria, de alguma forma acompanhando os processos de instrução, de alguma forma ao estar na reunião de diretoria, todos esses passos que, como bem disse V. Sª, até o processo de instrução, até a abertura do edital, depois na execução contratual com seus aditivos, é evidente que são muitos passos, mas são documentos que são disponibilizados e técnicos experientes é evidente que podem, de alguma forma, ser enganados por um argumento técnico ou alguma coisa, ou não?

Então, de tudo isso que o senhor tem visto, o senhor acha que é denúncia vazia ou de alguns desses casos que estão sendo disponibilizados pelo jornalismo investigativo ou pelos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito existe algum desses casos que o senhor poderia apontar um indício de algum crime contra a administração pública ou improbidade ou algo que poderia ter sido aprimorado?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, Senadora, não conheço nenhum indício de crime praticado ali na empresa. Aliás, considero que a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos é uma referência mundial. Já estive, pelo menos, em dois congressos da União Postal Universal, e nunca tinha ido a congresso dessa natureza antes de ser diretor, e me impressionou o respeito que os demais membros da união de outros países têm pelos técnicos do Correios brasileiro.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Nós também.

Tenha certeza, Dr. Madureira, só para obstaculizar só um pouquinho, mas tem tempo e acaba tendo problema porque tem votação também no plenário.

Veja, não tenho dúvida sobre o que é o significado da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, tenho o maior respeito e consideração pelos trabalhadores do setor público que lá estão, lutarei com toda a minha capacidade de luta e de trabalho para impedir que esse antro de corrupção possa levar a algum discurso privatista a estrutura dos Correios. Quanto a isso não tenho dúvida.

O que eu quero que V. Sª possa nos disponibilizar é, objetivamente, isso: com toda a sua experiência, com todos os fatos que são apresentados, ou pelo jornalismo investigativo ou pelos Parlamentares, o senhor acha que não existe absolutamente nenhum indício, nada que pudesse ter sido aprimorado? Nada?

O senhor acha que tudo correu absolutamente nos marcos legais da ordem jurídica vigente no País?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É o que eu acho.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Veja, ponha-se no nosso lugar, Sr. Madureira. Imagine que ou estamos todos absolutamente numa viagem interplanetária...

O SR. (Orador não identificado) – Noturna.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sinceramente, eu não estou querendo brincar. É porque o senhor não imagina – eu sei que o senhor trabalha também – o quanto trabalhamos. Porque este Congresso Nacional, para quem é vagabundo, é o melhor dos mundos. Mas aqui tem pessoas... As pessoas que estão aqui, e outras que não estão aqui no momento, estão trabalhando, ajudando, tentando auxiliar o País.

Abriu-se uma comissão parlamentar de inquérito. A CPI, a comissão parlamentar de inquérito, é de fato o mais importante mecanismo que o Congresso Nacional tem para cumprir a sua tarefa nobre de fiscalizar os atos do Executivo. É algo tão importante uma CPI que os Constituintes entregaram, criaram, para que o Congresso pudesse viabilizar a tarefa de fiscalizar, um instrumento com poder de investigação próprio das autoridades judiciais. Ele pode quebrar sigilo bancário, fiscal e telefônico, trazer sob vara alguém para prestar depoimento. Imagine a importância de uma comissão parlamentar de inquérito.

Então quer dizer que o senhor não viu absolutamente nada? Porque, veja, existem documentos que estão aqui sendo avaliados. Tanto as auditorias feitas quanto os procedimentos investigatórios feitos pelo Tribunal de Contas da União e o rigoroso acompanhamento do Ministério Público Federal mostram, claramente, e os detalhes que são apresentados nos pareceres, nos relatórios desses procedimentos investigatórios ilícitos falam de ilícitos identificados no edital de concorrência. Havia fraude desde o processo de instrução.

São tantas coisas, tantos detalhes, em toda a área do gestor operacional dos Correios. Aumento de mais de 400%, superfaturamento do correio híbrido. Só no correio híbrido eles identificaram 525 irregularidades, em montante superior a 7 bilhões. Na malha viária, que era a área operacional de V. Sª, que é um negócio de mais de 340 milhões, existem denúncias.

Veja, denúncias de superfaturamento na Skymaster. Se o senhor estivesse no nosso lugar, veja se não acharia que é muita coisa suspeita. O contrato da Skymaster é um contrato em que foi identificado superfaturamento, vindo do Governo passado, do Governo Fernando Henrique. Aí o atual Governo, que estava a frente do gestor operacional dos Correios, identifica o superfaturamento, baixa o preço. Poucos meses depois, há duas recomposições de preço, e o preço vai além do que já era considerado, pelo atual Governo, como superfaturado.

Aí entra uma outra empresa, a Beta, da qual um dos sócios deu R$800 mil para a campanha do Presidente Lula. A Skymaster dava para o Fernando Henrique. A outra, não necessariamente para o Fernando Henrique, porque isso não foi identificado em nenhum lugar, mas para alguém do Governo passado. E a Beta estabelecia um montante a ser disponibilizado, 800 mil para a campanha do Lula, na época Promodal, mas era tudo a mesma coisa, porque eram os mesmos sócios, que operavam em setores distintos, e ganham um contrato de mais de 90 milhões.

Então, o senhor não acha, se o senhor estivesse no nosso lugar, o senhor não acha que eram questões suspeitas, suspeitíssimas, instrumentos, especificações técnicas que são colocadas no edital de licitação, e essas especificações técnicas acabam levando algumas empresas a desistirem de participar, como se fosse um procedimento dirigido? Se o senhor estivesse no nosso lugar, acompanhando de alguma forma, acharia que está tudo normal? Diga-me, Sr. Maurício Madureira.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Senadora, eu gostaria de falar o seguinte: todos esses processos da empresa – falo em relação aos órgãos de controle –, os relatórios da CGU estão apontando questões do ano de 2000 até 2005. Todo ano há equipes de auditoria dentro dos Correios, da CGU, do TCU, da Secretaria Federal de Controle, avaliando todos os processos. Se existe esse grau de irregularidade, por que só agora foi identificado? Segunda questão...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim, mas aí o problema não é só o agora...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Licença, Senadora, por favor...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Não, só para o senhor retomar. Só que não é o fato de estar sendo identificado agora. Não perguntei isso a V. Sª. Perguntei se V. Sª entende que houve eivo de irregularidade. Os senhores... Não sei se, até por estarem como diretores em áreas importantes e como a CGU ou qualquer outro órgão de controle... Imagino que, por exemplo, se vou administrar uma determinada pasta na Administração Pública – por exemplo, a minha área era de planejamento de serviços públicos –, é absolutamente natural que, ao administrar uma determinada área, eu possa ver os processos que vinham de outras administrações. Acho que é absolutamente natural.

Então, em algum momento, o senhor identificou procedimentos ilícitos vindos de 2000 e que o senhor alertou como parte da nova estrutura do gestor operacional dos Correios, mas, como o senhor mesmo disse que era até 2005, se o senhor analisa que tinha

alguma motivação política, tem todo direito de fazê-lo, como muitos outros têm também.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não é isso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Mas o que perguntei a V. Sª foi se, como técnico, como uma pessoa responsável por uma área que envolveu contratos vultosos, respondendo de forma solidária nessas sete áreas de gestão operacional, se o senhor viu alguma coisa que pudesse ser referente a contratos de 2000 ou que pudesse ser referente a contratos a partir de 2003 a 2005, quando o senhor esteve à frente da pasta, para que o senhor possa nos auxiliar como um técnico que lá esteve, auxiliar esta CPMI.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Senadora, vou repetir o que lhe disse. Acompanho e acompanhei, durante o tempo em que fui Diretor de Operações da empresa, processos que foram levados à reunião de diretorias, li os relatórios e não conheço nada de irregular, até porque ninguém faz nada sozinho. Todos os processos, como já foi explicado aqui por diversos dos depoentes, têm uma série de trâmites internos. Ou seja, para se fazer, digamos, um conluio, você teria que ter ali uma quantidade enorme de pessoas envolvidas nisso. Não tem como fazer isso, mesmo que se quisesse fazer. Então, ponho, digamos assim, a mão no fogo pelos trabalhos que saíram dali, com a maior lisura possível. Agora, estamos de frente de uma empresa. Apesar de ser uma empresa pública, ela é uma empresa e tem que tomar decisões. Temos nossa receita e 52% da receita dos Correios vem de serviços que, digamos, sejam exclusivos ou monopolizados nos outros 48% os Correios competem no mercado com outras empresas: empresas de transporte de carga, Vaspex, Velog e outras de encomendas também. Temos que ter, e esse serviço que os Correios prestam angariam recursos que viabilizam a prestação da sua função social nos 5.561 municípios deste País, onde está presente e atendendo a sociedade da melhor maneira possível. Por isso esse conceito que o próprio carteiro tem.

Meu levantamento, aqui, com relação aos órgãos de controle é porque, por exemplo, saiu uma auditoria do nosso departamento de auditoria que foi feita a pedido da Secretaria Federal de Controle. Em outubro de 2004 ficou pronto esse relatório, e até maio de 2005 a Secretaria Federal de Controle ficou com esse relatório lá. Quando saiu na **Veja** a matéria, eles vão lá para dentro e tudo vira um escândalo. Não tenho, e nem poderia ter, qualquer tipo de constrangimento a que se apure, e tem mesmo que ser apurado tudo. Isso é importante até para a própria empresa, esse trabalho que está sendo feito. Agora, eu não vi nada, não conheço nada que tenha sido feito ali em termos de irregularidade.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Então, quer dizer que o senhor está aqui dizendo – até porque todos os sigilos fiscais, bancários e telefônicos acabam sendo quebrados após as oitivas aqui – que tem... Porque é uma coisa tão grave, Sr. Maurício Madureira, e não é só grave porque está impactando a opinião pública, porque constrange as mulheres e homens de bem e de paz que querem continuar ensinando aos seus filhos que é proibido roubar. É porque é algo impactante, porque é como se as fraudes que lá estavam, juntamente com outras estruturas, não lá, tudo, a origem do dinheiro, a origem do dinheiro, o dinheiro que acabou pagando o "mensalão" ou qualquer um outro nome que seja dado a essa promiscuidade na relação Palácio do Planalto/Congresso Nacional.

A origem do dinheiro... Ora, pode ter uma área de investigação que possa apontar para até lavagem de dinheiro, dinheiro em espécie que corria de uma forma impressionante em Brasília, dinheiro que... De fato, já foi demonstrado que não houve empréstimos, operações nas instituições de crédito, não houve.

O que se pode levantar também como área de investigação é que os processos de licitação fraudados, os empresários que eram beneficiados acabavam pagando, compensando as gangues partidárias, que, por sua vez, encaminhavam os recursos da forma mais – tenha certeza, acho que o senhor deve ter acompanhado como era que se distribuía o dinheiro aqui –, da forma mais desprezível, "vomitável', abominável possível. Era uma coisa terrível como as coisas aconteciam aqui.

Mas, então, o que senhor está dizendo, e que será registrado neste depoimento, é que o senhor tem tranqüilidade, porque em nenhum momento, em nenhuma especificação técnica, em nenhum detalhe do procedimento licitatório ou dos aditivos na execução contratual, em nenhum momento, durante todo o tempo em que o senhor esteve numa área muito importante do gestor operacional dos Correios, e também analisando os processos antes de votá-los nas reuniões de diretoria e de outras áreas, em nenhum momento o senhor identificou absolutamente nenhum indício de irregularidade ou de procedimento que poderia ter sido feito e que beneficiaria financeiramente os Correios ou se lá estava colocado no edital de licitação "43 toneladas" e uma determinada empresa como a Varig Log, como estava aqui falando o Deputado Eduardo Paes, como ela tinha uma capacidade para mais de 70 toneladas, então acabava por operar com um vazio, já que não poderia utilizar para outras coisas – isso, se

fosse levado em conta, baratearia o custo – ou qualquer uma outra área.

Quer dizer que o senhor está aqui afirmando que em nenhum detalhe, absolutamente nada o senhor viu que pudesse significar um indício de crime contra a Administração Pública ou até uma irregularidade ou algo que, se fosse feito de outra forma, com outro mecanismo ou na licitação ou no aditivo contratual, poderia ser bom para a empresa pública, economizar para a empresa pública, o senhor está aqui afirmando que não viu absolutamente nada.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, Senadora, desconheço que tenha havido esse tipo de irregularidade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço, Senadora Heloísa Helena.

Retomo aqui a minha argüição, pedindo licença ao depoente, aos Deputados e à Senadora e aos outros que, eventualmente, compareçam e se inscrevam. Tenho uma grande quantidade de perguntas a fazer, algumas relevantes. Então, se me permite V. Sª, peço um pouco de paciência, mas o dever o exige.

Eu tinha argüido V. Sª sobre o Sr. Júlio Imoto. V. Sª disse que ele foi uma escolha exclusiva de V. Sª.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele é um técnico da empresa, já estava na Diretoria e eu o designei consultor da empresa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente, dentro das diversas atividades que a Diretoria de V. Sª exercia, qual era a atividade do Sr. Júlio Imoto?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele fazia essa gestão do orçamento da Diretoria, a distribuição para as aquisições de equipamentos operacionais, de veículos, basicamente dessas duas atividades.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele não mexia com licitações?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, ele não fazia licitações.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, ele não fazia, mas ele não atuava junto a licitações?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, ele fazia acompanhamento junto ao Departamento...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Temos depoimentos aqui falam que ele atuava na parte de licitações.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Em que sentido, Deputado?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No sentido de, enquanto consultor, atuar na parte de licitações.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Olha, ele não foi membro de nenhuma comissão.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não membro, mas exercia funções junto a atividades de procedimentos licitatórios. Tenho depoimentos prestados ao Ministério Público que afirmam isso.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele fazia acompanhamento junto ao Decan em relação....

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele era consultor da Diope coordenando o processo licitatório.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, negativo, coordenar ele não coordenava.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então qual era o papel que ele tinha junto a procedimentos licitatórios?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso que falei a V. Exª. Ele coordenava a questão do orçamento da área de operações. Cada diretoria de área tem o seu orçamento dividido pela própria diretoria da empresa. Então, no caso da Diretoria de Operações, era o gestor do orçamento de transportes de malas e malotes, do orçamento de compras e equipamentos operacionais e da compra de veículos.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o Sr. Julio Imoto foi escolha sua?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, como estou dizendo, era técnico da área como outros que foram movimentados.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ninguém lhe indicou?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ninguém lhe sugeriu o nome?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem certeza?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Absoluta.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque eu tenho aqui informações, mais que informações, depoimentos que dizem que quem lhe indicou foi o Sr. Maurício Marinho.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A mim não foi indicado pelo Sr. Maurício Marinho. Quando eu cheguei lá, ele era assessor da Diretoria. Eu já o conhecia do tempo que eu trabalhava no departamento.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois é, mas consta em depoimentos de pessoas que, nesse caso, não teriam, talvez, por que mentir que Julio Imoto foi indicado pelo Sr. Maurício Marinho.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não posso confirmar isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não pode confirmar. O Sr. Maurício Marinho virá aqui na próxima quarta-feira. O senhor tem certeza de que, se eu perguntar ao Sr. Maurício Marinho, ele negará que indicou para o senhor?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Absolutamente. Não tem como ele dizer diferentemente. Primeiro, porque ele não interferia na minha área. Como eu lhe disse anteriormente, eu não tinha relacionamento com o Sr. Mauricio Marinho. Então, não tem como ele ter indicado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois é, mas quem disse isso foi o Sr. Maurício Marinho. Ele, no Ministério Público, disse que indicou ao senhor. Tenho aqui: "que o depoente indicou o consultor da Diretoria de Operações Julio Imoto".

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não procede, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então mente, nesse caso, o Sr. Maurício Marinho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Com certeza.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a razão que ele teria para mentir nisso, talvez?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não sei.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabia que, certa vez, o Sr. Julio Imoto procurou a empresa chamada Precision para pedir R$350 mil de propina?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu vi isso pela imprensa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor viu pela imprensa. E o senhor se surpreendeu com isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Surpreendi-me, porque, dentro do que eu conheço de toda a minha equipe, não acredito que ele pudesse fazer isso. Agora, obviamente, teria que ser provado. Existe uma comissão de sindicância na empresa que também está apurando essa questão.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabia que o Sr. Maurício Marinho chegou a pedir para o Sr. Imoto que ele procurasse empresas para fazer arrecadação para auxílio de campanhas eleitorais?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não sabia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca soube? O senhor confiava no Sr. Imoto?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca soube que ele tinha essa ligação com o Sr. Maurício Marinho a ponto de lhe pedir para fazer uma arrecadação de propinas ou contribuições para campanhas eleitorais?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não tinha conhecimento.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o Sr. José Gerard Port-Pierre?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele era chefe do Departamento de Segurança Empresarial da Diretoria de Administração. Quando eu cheguei na diretoria, ele era consultor da Diretoria de Operações. Um tempo depois, não, mais de um ano depois ele foi transferido para a Diretoria de Administração para ocupar essa função de chefe do Departamento de Segurança.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece um cidadão que freqüentava lá chamado Haroldo, primo do Sr. Antônio Osório?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não conheci.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca conheceu essa pessoa?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca foi noticiado, então, que o Sr. Marinho pediu ao Sr. José Gerard e ao Sr. Imoto para providenciarem arrecadação junto a empresas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não acha muita coincidência o senhor conhecer o Sr. Marinho no Pará e, posteriormente, o senhor se encontrar com ele aqui... O senhor trabalhou no Pará com alguém ligado ao Deputado Roberto Jefferson. Posteriormente, o senhor vem para cá, trabalha com o Sr. Marinho. O Sr. Marinho disse que indicou um assessor seu que era encarregado, que foi solicitado por ele que arrecadasse dinheiro para campanhas eleitorais, e que, efetivamente, esse indivíduo, depois, procurou uma empresa, segundo o denunciado, para pedir R$350 mil tendo em vista uma operação nos Correios. O senhor não acha... É um conjunto de coincidências todas essas? Ou seja, pessoas que se conhecem no Pará, que vêm para cá, que trabalham com o Deputado Roberto Jefferson, Marinho que fala que falava em nome do Roberto Jefferson. O senhor acha que realmente é um conjunto de coincidências que o envolvem neste momento ou seria uma conclusão errada dizer que havia uma relação entre os senhores todos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, seria uma conclusão errada. Eu não tenho, nunca tive, como já lhe informei, Deputado, relacionamento de amizade ou qualquer outro com o Sr. Maurício Marinho. Nenhum, nenhum, nenhum. Aliás, tivemos até alguma divergência no passado, há muitos anos. Eu não gostava, digamos, do estilo dele, da forma de ele trabalhar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é o estilo dele?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Divergência pessoal, questão técnica dentro do próprio funcionamento da empresa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que sentido?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Questão de forma de administrar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele era um mau administrador?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, ele era diferente da forma como eu atuo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é a forma dele?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Vou citar um exemplo. Quando ele me substituiu na Gerência de Operações, ele fazia comentários para as pessoas lá que ele estava tendo de reorganizar toda a gerência porque eu a teria deixado em péssimas condições. Um comportamento que eu diria assim... Como eu poderia citar?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Antiético?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É, antiético. Bem lembrado, Deputado.

Realmente, não é uma pessoa que... Eu não tenho nada contra, não estou aqui para fazer nenhum tipo de acusação a ele, mas não é uma pessoa com quem, digamos, eu tivesse interesse ou prazer em trabalhar. Nunca trabalhei junto com ele. Mesmo aqui em Brasília, trabalhamos sempre em diretorias diferentes. No Rio de Janeiro, não trabalhei no Rio de Janeiro. No Pará, também trabalhamos em gerências diferentes.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Realmente, é um conjunto de coincidências, porque há uma longa narrativa que temos da investigação que mostra que o Sr. Júlio Imoto buscava realmente arrecadação de fundos para campanhas eleitorais. Inclusive, há uma solicitação feita pelo Sr. Marinho de que ele concentrasse atendimento na área de Pernambuco, porque o PTB tinha uma forte presença política em Pernambuco. Há uma série de empresas que são citadas. E o Júlio Imoto era seu assessor. V. Sª desconhecia, então, qualquer relação com o Sr. Marinho nesse plano?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Desconhecia.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como era operacionalizado o processo de aplicação de multas a empresas que descumpriam o contrato de fornecimento de bens e serviços? Como funcionava isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A gestão desse processo... Na questão de bens e serviços que não fossem serviços de transporte, a gestão administrativa é feita pelo Decan, que era o departamento do Sr. Maurício Marinho. O gestor operacional informava questões que poderiam ser consideradas relevantes para fins de aplicação ou não de multa. A decisão de aplicação é do gestor administrativo. No caso de transportes, em que a gestão dos contratos é da própria Diretoria de Operações, aí não, a própria Diretoria de Operações, o Departamento de Encaminhamento e Administração da Frota é que fazia aplicação de multas, descontos em fatura, tudo dentro da própria área. O Sr. Maurício Marinho não tinha nenhuma participação nem ingerência.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Empresa Precision era contratada pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pelo que me consta, ela foi contratada para fornecer selos, lacre.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que diretoria?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – De Administração.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª tem ciência se a Precision descumpriu alguma cláusula contratual?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não tenho detalhes, Deputado. O que eu sei é que essa empresa ganhou uma venda, se não me engano, de caixetas, não conseguiu cumprir o contrato e teve o contrato rescindido por inadimplência.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o Sr. Júlio Imoto tinha a ver com esse contrato?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Como eu lhe disse, ele acompanhava, junto ao Decan, os pedidos de equipamentos operacionais. No caso, o selo plástico não é considerado um equipamento, mas ele...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele acompanhava o pedido?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, o fornecimento, se já tinha sido encaminhado para a Diretoria Regional, se já tinha dada entrada no Almoxarifado. Ele fazia o acompanhamento informal junto ao gestor administrativo, no caso o Decan.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que um consultor da área de operações faz um acompanhamento informal dessa natureza?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque as diretorias regionais, quando está faltando equipamento, cobram da Diretoria de Operações.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A sua diretoria é que faria o acompanhamento lá?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, para informar para a Diretoria Regional: "Olha, já foi comprado, já está chegando em tal dia, conforme informação do Decan".

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então ele tinha uma interface com o Sr. Maurício Marinho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, mas isso, eu citei no início, quando eu falei.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas, então, é uma interface bastante acentuada de trabalho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu diria o seguinte: ele sempre trabalhou assim... Sempre, não, no tempo em que ele estava lá. O Sr. Maurício Marinho foi para o Decan em 2004. O trabalho do Júlio Imoto nessa questão orçamentária tinha a ver também com o acompanhamento desses fornecimentos em que era solicitada a compra para atender à atividade operacional.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma dúvida que eu tive. V. Sª foi indicado pelo PDT, pelo Deputado Pompeo de Mattos. Posteriormente, o Deputado Miro Teixeira deixou de ser Ministro. Como V. Sª conseguiu permanecer no cargo, uma vez que sabemos que hoje há um conjunto de indicações políticas. V. Sª foi mantido no cargo por indicação de alguém?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Quando houve a mudança, quando assumiu o novo Presidente – o Presidente João Henrique assumiu em março de 2004 –, eu me apresentei para ele, como todos os diretores que estavam lá, e deixei a minha questão, a questão da diretoria em aberto. Ele falou que ia conversar com o Ministro a respeito. Passado algum tempo, ele falou: "olha, você continua trabalhando aí. Não me parece que vai haver mudança na Diretoria de Operações". Mas não recebi nem fui informado de qualquer vinculação política para...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há informações prestadas ao Ministério Público e à Polícia de que V. Sª teria sido mantido no cargo por indicação do Partido dos Trabalhadores e do PMDB. V. Sª nega isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nego.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos falar um pouco das agências franqueadas. Como funciona uma agência dos Correios franqueada? V. Sª poderia dar uma rápida explicação para nós?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu vou explicar, Deputado, embora esse assunto seja da Diretoria Comercial, mas dentro do que eu conheço.

A agência franqueada foi um processo que iniciou na empresa no início dos anos 90, quando foi feito esse processo de abertura de agências franqueadas. Elas hoje operam mediante um decreto que foi aprovado no final do ano de 2002, que estendeu a autorização para prestação do serviço por até mais quatro ou cinco anos – eu não tenho certeza o tempo.

A área comercial trabalhava em um projeto de preparação de novas agências franqueadas. Ocorreram duas tentativas, mas elas não deram certo.

A unidade franqueada tem comissão pelo serviço que presta: a postagem de encomendas, a postagem de correspondência, a venda de selos, telegramas e todo os serviços postais que ela está autorizada a realizar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A sua Diretoria tinha algum tipo de atividade em relação às agências franqueadas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. A única atividade que nós tínhamos era a coleta de objetos pelas linhas de transporte nas agências para levar para o nosso centro de tratamento para dar encaminhamento aos objetos. Mas toda a gestão da agência franqueada a coordenação é da Diretoria Comercial.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em relação à supervisão de contratos, a sua Diretoria teria alguma coisa a fazer?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, nenhuma. Tudo da área comercial.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª conhece bem os Correios em Brasília. Até trabalhou aqui bastante tempo, etc. Relativamente a Brasília, Distrito Federal, V. Sª sabe quem são os donos das maiores agências franqueadas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, Excelência.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desconhece.

Tem idéia do volume de serviços demandados pelas franqueadas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Sei que é expressivo, mas não saberia...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seria em torno de R$2 bilhões por ano?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não pode, porque o faturamento da empresa para este ano, a receita total está em R$8 bilhões e... Seria superar até a própria...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que essa informação que a própria empresa nos forneceu: R$2 bilhões.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Doze bilhões?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dois bilhões.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu entendi R$12 bilhões. Dois bilhões é possível.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma dúvida que nós tivemos... V. Sª é uma pessoa que conhece bem os Correios. Por que grandes empresas migraram as suas correspondências para as franqueadas? Qual seria a lógica, porque migraram os correios da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos para as franqueadas? Há alguma razão para isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – As agências franqueadas, desde quando iniciaram os trabalhos nos Correios, quem veio operar com elas foram pessoas que, obviamente, trabalhavam no mercado, e a remuneração delas é compatível com o que elas vendem.

Obviamente, iniciou – e a gente percebeu isso em algumas diretorias regionais – um processo, digamos, de assédio junto aos clientes dos Correios, buscando migrar esses contratos para os Correios. Não foi essa a finalidade para a qual elas foram criadas. Mas que sabíamos ou pelo menos tivemos informação desse tipo de postura, nós tivemos.

Qual é a diferença que ela tem em relação ao Correio? Ela presta contas quinzenalmente daquilo que ela vende. Então, elas têm uma certa flexibilidade que os nossos contratos não têm para, digamos, dar um prazo de uma semana para a pessoa que fez a postagem poder pagar, em tempo de ela poder prestar contas para o Correio.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seriam as vantagens que talvez tenham feito as empresas migrarem para as franqueadas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É o que eu acredito.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As máquinas das franqueadas. Fui informado de que há dois tipos de máquinas: as mecânicas e as digitais. Parece que a digital é mais segura, mas boa parte das agências continua com a mecânica.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Correto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Inicialmente, quando a empresa, quando essa questão da tecnologia da digital passou a existir no mercado, a empresa tentou, o Correio tentou, praticamente, obrigar as franqueadas a utilizar. Houve uma reação bastante grande em relação a isso, porque o investimento não era pequeno. A própria tinta que essa impressora, que essa máquina digital utiliza é importada e de custo bastante elevado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No entanto, a digital não permite adulterações.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Correto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a mecânica admite.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Digamos que ela é quase cem por cento segura. Hoje em dia nada é cem por cento seguro.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu diria que a de franquear mecânica talvez seja quase cem por cento insegura.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ela é bastante vulnerável.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, existe uma maior possibilidade de fraudes na mecânica?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, correto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que a Diretoria do Correio nunca exigiu, com firmeza, que se implantasse a digital?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Chegamos a aprovar uma medida, inclusive, para facilitar o processo de incorporação dessas máquinas franqueadas. Tínhamos um estudo, que foi a área comercial que fez – e por isso pode explicar melhor a questão a V. Exª –, que demonstrava que, mesmo se o Correio desse a máquina ao franqueado ou cedesse sem custo nenhum, o retorno financeiro, em termos de dificuldade de evasão de receita ou de desvio de correspondência, seria bastante relevante e justificaria esse procedimento. Então, iniciou-se uma política dessa natureza pela área comercial. Agora, não sei como isso se encontra neste momento.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A informação que tenho é que não se encontra.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não foi implantado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que não foi implementado? Isso me chama muito a atenção. Quer dizer, o Correio sabe que pode haver evasão, existe avaliação da evasão, existe uma política traçada e, no entanto, a maior par-

te das agências continua com essa situação. Não lhe parece estranho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É, Deputado. Creio que o Diretor Comercial poderia explicar melhor.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em nível de Diretoria isso não foi tratado, a perspectiva de implementação?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Foi tratado, tanto que eu lhe disse que houve um relatório...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A decisão. Agora, em relação à implementação, não.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Compete ao gestor. No caso, à Diretoria Comercial. Como é ela que coordena a rede franqueada, ela que tem que fazer...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E nunca prestaram contas à Diretoria sobre a implementação desse projeto, apesar da deliberação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não me recordo de ter havido...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª tinha conhecimento da possibilidade de utilização fraudulenta de clones de máquinas de franquear roubadas, extraviadas e importadas ilegalmente pelas franqueadas? Tinha ciência disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Tivemos, uma vez, uma apresentação do nosso Departamento de Inspetoria, que faz esses acompanhamentos nas diretorias regionais, inspecionando as agências franqueadas e tudo mais, sobre uma série de problemas que estavam ocorrendo. Foi justamente quando foram tomadas essas medidas de substituição das máquinas e tudo mais.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nesse momento chegou a ser quantificado o valor das fraudes ou de quanto se perdia?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, porque a maior fraude seria nos objetos simples, que são as correspondências. Depois que o objeto já foi entregue ao destinatário, não há mais como fazer esse... Existiam estimativas, mas não havia um respaldo consistente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não havia uma avaliação mais precisa da evasão?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, havia uma estimativa. Estimávamos que estavam perdendo tantos milhões...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quantos milhões eram, mais ou menos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não me lembro, Deputado. Já faz um tempo...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas eram milhões?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Com certeza.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que causa espécie. A companhia dos Correios detecta que perde milhões, há uma deliberação de sua Diretoria de que algo deve ser implantado e nada se implementa?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Acredito que foi feita alguma coisa. Mas V. Exª está informando que...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem V. Sª informação de que essas franqueadas são controladas direta ou indiretamente por políticos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – No atual momento, não. Posso informar-lhe que, no momento em que foram criadas, no início da década de 90, circulava pela empresa que a maioria das franqueadas tinha sido concedida a parlamentares ou pessoas ligadas a parlamentares.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, não houve licitação na época?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Na época, não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era uma decisão discricionária e com boatos de que políticos, parlamentares em geral, recebiam essas franqueadas, essas que hoje, eventualmente, podem fazer fraudes com as máquinas mecânicas.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso. Correto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos falar um pouco da Rede Postal Noturna, que é mais diretamente ligada à sua Diretoria.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Agradeço.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu estava apenas aproveitando a sua experiência, o seu conhecimento, que é bastante acentuado, sobre a vida dos Correios.

Qual a participação do Decan e da Dirad na elaboração dos projetos básicos de bens e serviços referentes à área de atuação da diretoria de operações? Para as licitações, há a elaboração de projetos básicos. De acordo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É uma exigência da Lei da Lei nº 8.666.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Na questão de transportes, o projeto básico é elaborado pela Diretoria da Operações e o edital de licitação é elaborado, normalmente, pela pregoeira.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O projeto básico é elaborado pela Diretoria de Operações?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – No caso de transportes, sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No caso de transportes.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o edital é elaborado pela pregoeira.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O detalhamento técnico do projeto básico é feito por quem na diretoria de operações?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pelo Departamento de Encaminhamento e Administração da Frota.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Departamento de Encaminhamento.

Quem é o titular desse departamento?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Luiz Carlos Scorssato.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Luiz Carlos...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Scorssato.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o indicou para esse cargo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ninguém lhe pediu que o indicasse.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ninguém me pediu que o indicasse. Ele é técnico da casa, como eu. Nós já trabalhamos....

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É sabido que é na elaboração do projeto básico que se faz o detalhamento, inclusive de situações que podem implicar na condução da licitação. V. Sª tem ciência disso.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, portanto, imagino que a equipe que atua nesse departamento é da sua estrita confiança.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Com certeza.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, portanto, V. Sª poderia botar a mão no fogo por ela, na perspectiva da sua probidade.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Com certeza.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª soube de algum caso de alguma licitação que foi conduzida por detalhamento indevido do projeto básico?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, desconheço.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca soube.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quantas linhas são operadas na Rede Postal Noturna?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Atualmente, são, porque mudou, são 23.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São 23 linhas.

Qual a participação sua direta no edital do Pregão 106, de 2003, famoso?

Vamos lembrar: esse edital tinha qual objetivo? Esse pregão visava a quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Contratar as linhas A e C em virtude de eu ter recebido um documento da presidência da empresa, do presidente da empresa, informando que não seria prorrogado o contrato da linha A e C....

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ....que era da empresa Skymaster.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – ....que era da empresa Skymaster, que era para providenciar nova solicitação. Nós encaminhamos, então, o pedido ao Decan, para que montasse o edital.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, antes de sabermos a sua participação. Por que a negociação com a Skymaster não deu certo? Com todas as outras deu, mas com a Skymaster não deu.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, Deputado, essa negociação foi conduzida por um grupo de trabalho designado pelo Presidente. A única informação que tenho é que a Skymaster não teria concordado em negociar os preços com esse grupo de trabalho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o grupo de trabalho 245, de 2003.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, o 245 foi o grupo que antecedeu esse grupo de trabalho. É um outro grupo que foi criado depois desse com o objetivo de renegociar os contratos. Esse grupo primeiro fazia uma reavaliação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse fez o diagnóstico.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso. Exatamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o diagnóstico era de que havia um pagamento excessivo, indevido?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, o diagnóstico... Não, não, ele não diagnosticou isso. O que

ele diagnosticou é que poderiam ser feitos ajustes de carga contratada buscando uma economia na questão do pagamento de serviço da RPN.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, na verdade, esse ajuste, perdão, esse desajuste levava que as empresas recebessem um dinheiro que não era devido ou que os Correios pagassem mais do que era necessário.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não necessariamente, Deputado, porque o que os Correios faziam era o bloqueio de espaço na aeronave. Então aquilo que ultrapassava o que era bloqueado, a companhia aérea poderia levar outras cargas que ela conseguisse captar no mercado. Quando você fazia o ajuste para menos, então você permitia que ela pudesse levar mais. Então, na verdade, você reduzia o seu custo, mas não porque ela estivesse recebendo mais por aquilo, é porque, por algum motivo, determinadas linhas, e esse é o motivo técnico, tiveram uma queda em relação ao tráfico de objetos, de encomendas e de correspondência que geraram essa necessidade desse ajuste.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas veja só, há uma série de recomendações. E as recomendações desse grupo de trabalho mostram que realmente havia alguma situação descontrolada que, indevidamente, beneficiava empresas. Exatamente isso que leva a Corregedoria-Geral da União a afirmar que essas empresas recebiam a mais do que seria necessário pagá-las. Então, veja: recomendações do grupo de trabalho. Tonelagem contratada. A partir dos dados constantes do anexo 1, mais precisamente na capacidade de carga ajustada, seja negociado junto às companhias aéreas o ajuste da carga contratada trecho a trecho. Ou seja, esse ajuste era maior do que o necessário, logo, as empresas ganhavam a mais. Estou errado?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, Deputado, está errado, desculpe.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pelo seguinte, pelo que estou lhe falando, nós temos uma variação no nosso tráfico de objeto que é bastante freqüente. Final do ano, a nossa carga sobe significativamente. Quando vem janeiro, fevereiro e março, ela cai também significativamente. Então você tem oscilações durante o ano.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, mas veja, se o grupo de trabalho recomenda um conjunto de aperfeiçoamentos que reduziria os valores, me parece que alguém está ganhando indevidamente. Ou seja, não estou falando nem de ilegalidade ainda, estou falando de uma situação em que desajustes de controle levam a que as empresas ganhem mais do que deveriam ganhar.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas o grupo de trabalho foi criado justamente para fazer essa avaliação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro, mas não tenha dúvida! Ou seja, o que esse grupo de trabalho constatou é que as empresas estavam recebendo mais do que deveriam?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. A conclusão chegaria de outra forma, ou seja, que os Correios não precisavam ter aquela quantidade de carga bloqueada devido ao seu novo perfil de carga que foi detectado...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a situação anterior favorecia as empresas na medida em que não tinham tomado essa providência. Parece-me uma dedução óbvia. Quando alguém ganha, alguém perde; quando alguém perde, alguém ganha. O dinheiro não desaparece no ar.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É uma questão de visão, não é, Deputado?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, me parece que é uma questão até aritmética, porque, como o dinheiro não some no ar, se o dinheiro é pago por alguém, alguém recebe. Se alguém pagou mais do que devia, alguém ganha mais do que devia. Não me parece um raciocínio lógico?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Aparentemente, sim. Mas eu discordo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É possível que exista uma terceira via, mas eu não consigo perceber como alguém paga mais do necessita e aquele que recebe efetivamente não tem um ganho a mais naquilo que seja necessário.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É porque o nosso complexo logístico operacional está em permanente mutação, desde a questão das máquinas, que a Senadora Ideli Salvatti citou aqui...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aqui não é mudança de logística, me perdoe.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas estou dizendo o seguinte: a empresa vem em um processo de mudança permanente do seu processo logístico. Nós tínhamos 121 centros de tratamento, reduzimos para 61. Esse processo foi concluído em 2003.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas quando o senhor fala de supressão de linhas, não é mudança de logística.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É mudança de logística.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque você mudou o seu processo de tratamento dessas correspondências para fazer um encaminhamento ao seu destino final. Obviamente você vai ter determinadas linhas em que você não precisa mais daquele quantitativo e outras em que você precisa aumentar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E capacidade de carga ajustada também é logística?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Por causa dessa mudança do processo logístico. Se eu tenho cargas que eu levava para cinco centros de tratamento que eu possa concentrar só em dois, os meus pontos de origem mudam para cá. Eu não tenho mais os cincos deles. Eu acabei com três. Porque eu coloquei máquina de triagem automatizada para fazer todo esse processo mecanizado mais rapidamente do que se colocasse mais trabalhadores.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E com isso as empresas não passaram a ganhar menos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. Mas o que estou dizendo é que...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não passaram a ter menos lucro?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Que empresas?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As empresas que prestavam a prestar esses serviços, com essa mudança, não passaram a ter um lucro menor?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O senhor diz as empresas aéreas?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, correto, correto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Parece-me evidente que se eu faço um conjunto de ajustes poderiam ter sido feitos antes e as empresas ganham menos o lucro delas diminui.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com isso o senhor concorda?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Concordo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então a minha aritmética não está tão errada como parecia.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas a única questão é que o senhor fala que poderia ter sido feito antes. Não é? Esse é um processo integrado, então esse ajuste tem que ser feito permanentemente. Então, neste ano, nós fizemos até porque já existiam indícios de que...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que a Skymaster não aceitou? Por que todas as outras aceitaram, menos a Skymaster?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, eu não posso... Como eu lhe disse, eu não participei dessa negociação com as empresas.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas há informações de que V. Sª participou de uma negociação posterior ao pregão e que teria concordado em reajustar os preços baixos da Skymaster por meio de aditamentos.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não participei de nenhuma negociação desse tipo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há afirmações disso no Ministério Público.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – eu nego peremptoriamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª nega?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nego.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nega que tenha feito um acordo para reajustar os valores logo após o pregão?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Com certeza.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque essa é uma estratégia normal. Perdão, é anormal, dentro da normalidade, infelizmente, de improbidade que nós temos no Brasil.

Os licitantes entram com preços mais baixos e acertam. Ganham a licitação com preços subfaturados e depois, pedindo o reequilíbrio da equação econômico-financeira do contrato, acabam fazendo aditamentos que recolocam o contrato de maneira muito lucrativa. V. Sª nega que tenha havido um acordo desse tipo no caso da Skymaster?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nego.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apesar das informações prestadas ao Ministério Público?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Apesar das informações.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Voltamos, então, agora ao pregão 106, de 2003. Qual foi a sua participação nesse pregão? Na elaboração do edital, perdão?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O edital foi o padrão que a empresa já usava e foi encaminhado à área de licitação para processar a licitação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse edital foi definido como padrão por quem?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pela diretoria de operações, em conjunto com...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por V. Sª?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pela minha equipe, com certeza.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A partir de quando esse edital padrão foi definido como padrão?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele já vinha como padrão. Na verdade, a gente...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desde quando?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Desde quando eu estava na diretoria já existia um padrão, quando eu assumi a diretoria, em 2003.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas V. Sª mudou o padrão ou permaneceu o mesmo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Foram feitos ajustes que são feitos permanentemente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que tipo de ajuste? V. Sª lembra?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não lembro, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eram ajustes técnicos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Técnicos.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª lembra quais foram os ajustes? Os ajustes que V. Sª comandou ao definir esse padrão, quais foram especificamente, se é que V. Sª se lembra?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não teve um que eu comandei. O que houve foram situações que vão surgindo, até em forma da própria legislação, do próprio Departamento de Aviação Civil (DAC), que cria outros documentos que passam a ser exigíveis também no momento da licitação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na especificação dos serviços ou da habilitação foram feitas mudanças?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da exigência de aparelhos, por exemplo, ou das características do aparelho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, nós nunca exigimos aparelhos, já expliquei para o Deputado Eduardo Paes. Nós exigimos peso e quantidade de *pallets*, porque a carga paletizada para nós é imprescindível.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o peso por avião?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não existe unidade de avião. Podem ser dois, três, quatro. Nós temos linhas hoje que operam com três aeronaves, contratadas pelos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo. Então V. Exªs exigem peso e o que mais?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – E quantidade de *pallets*, no caso dessa malha principal que foi essa que depois...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Explica para um leigo o que é a quantidade de *pallets*.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – As aeronaves cargueiras têm os *pallets* em que é acomodada a carga. Existe inclusive...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é o *pallet*?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ele é uma bandeja de ferro ou de aço, que tem uma certa dimensão. Ela é estimada para ter uma cubagem ou um peso cúbico na faixa de 1.900kg por cada posição de *pallet*.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a quantidade de *pallets* varia de aparelho para aparelho ou não?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Varia de aparelho para aparelho, conforme o tamanho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há aparelhos que têm maior quantidade e outros que têm menos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Exatamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então se eu definir uma certa quantidade de *pallets* eu estou definindo o tipo de aparelho indiretamente?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não porque você pode fazer composição com a quantidade de aeronaves que tenham aquela quantidade de *pallets* que está sendo exigida.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas há certas aeronaves que não podem ter um certo número de *pallets*.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, mas ela pode operar com duas, como eu expliquei aqui, no caso da Varig.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeitamente. Agora, V. Sª há de concordar comigo que, dependendo do número que eu peça, uma empresa, para operar com duas aeronaves, pode ter

prejuízo. Ou seja, se eu exigir certo número de *pallets* específicos para atendimento, uma empresa pode ficar numa situação em que duas aeronaves seja economicamente não rentável ou tenha que jogar uma proposta lá em cima para efeito de ser compensada, uma vez que uma coisa é um vôo, outra coisa são dois vôos. Uma coisa é o custo de uma aeronave, outra coisa é o custo de duas. Logo, indiretamente, o número de *pallets* que eu coloco pode determinar a uma empresa ter sucesso ou insucesso numa licitação, dependendo do aparelho que ela tenha. Estou errado?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Está errado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque o número de *pallets* não é colocado aleatoriamente, ele é colocado de acordo com nossa demanda de carga que nós temos necessidade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso eu entendi.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É a necessidade que a empresa tem.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não estou questionando a necessidade da empresa, estou questionando o seguinte raciocínio: o número de *pallets* pode determinar o custo da proposta de uma empresa. Por exemplo: se eu tenho um avião que cabe número de *pallets* menor eu terei que, para atender uma exigência, ter dois aviões, portanto meu custo sobe. Se eventualmente eu tiver um número de *pallets* e que uma empresa tenha um avião maior, eu factualmente reduzo os custos para essa empresa e lhe dou mais condições de competitividade. Está errado meu raciocínio? Não estou discutindo a demanda.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, certo, Deputado, o que eu digo é que o mercado reage de maneira não tão lógica quanto seu raciocínio. Isso eu posso lhe provar pelo Pregão 106, em que a Varig Log entrou com duas aeronaves para cada trecho, competindo com as outras empresas com uma única aeronave.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me parece estranho é o seguinte: se eu tenho uma aeronave que pode comportar um número x de *pallets*, e uma outra empresa tem uma aeronave menor que não tem o número x de *pallets*, essa outra empresa, para entrar e atender a respectiva demanda, vai precisar de pelo menos duas aeronaves. Pode não tê-las ou, se tiver, terá maior custo. Parece-me então evidente, independente de discutir o mérito da demanda, que o número de *pallets* pode conduzir um resultado de uma licitação. Pode até ser uma conclusão justa e correta, mas pode conduzir. Esse é o raciocínio que faço. Ele é errado?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu diria que, da visão que V. Exª tem, não é um raciocínio errado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Depois nós temos que verificar se aquela demanda específica justificava o número de *pallets*.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Certo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, a partir do momento em que eu faço a definição do *pallet* eu posso estar conduzindo o resultado da licitação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não necessariamente, é o que eu lhe disse, porque nós temos disputas de empresas com duas aeronaves...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas posso estar facilitando a vida de algumas empresas ou prejudicando a de outras.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Se houver má intenção do administrador público...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se houver má intenção do administrador, perfeito. Essa é a questão.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Principalmente quando se tem a informação do que as empresas dispõem de aeronaves.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa definição de *pallets* vinha da Diretoria de V. Sª?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Correto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então voltamos aqui ao Pregão 106, de 2003. Esse pregão resultou no Contrato 12.405, de 26/12/2003, entre a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e a Skymaster com custo reduzido.

Como é que V. Sª explica que a Skymaster tenha apresentado preço tão lá embaixo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nós temos indicadores de custo que usamos como referência, e esse preço não tem aderência com nenhum dos indicadores que nós temos.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor fala que não tem aderência significa...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque esse preço, se fosse numa empresa que não a própria que operava o serviço, a possibilidade de que fosse considerado preço inexeqüível era muito grande. Como a própria empresa que prestava o serviço chegou a essa condição, não há como se levantar que ela não sabia como era a operação e não conhecia os custos da operação.

Obviamente, ela declarou na proposta dela que iria cobrir a diferença de rentabilidade com outro serviço da empresa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O preço era inexeqüível?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, é o que lhe estou informando. Nossos indicadores de referência... Temos um índice tarifário do próprio DAC que acompanhamos. Ele indicava um custo superior a R$450 mil por operação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi apresentado...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Duzentos e treze mil foi o resultado final.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, muito abaixo daquele...

O SR. –Muito abaixo do índice de referência.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E não houve nenhuma suspeita, à época, de que poderia ser um valor inexeqüível?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Olha, Deputado, é difícil essa suspeita. Na verdade, nós fizemos essa consideração, mas é difícil você considerar uma empresa que já vem prestando o serviço não saber quanto custa para fazer.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nem quando eu verifico que é uma redução brutal?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, foi verificado. Agora, como eu lhe disse, esse processo, embora tenha iniciado o pedido de licitação a partir do pedido da presidência, ele foi conduzido pela própria presidência da empresa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me causou espécie nesse caso é que a Lei nº 8.666 permite, no caso de um preço supostamente inexeqüível, a desclassificação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Correto. Digo para o senhor que essa é uma matéria bastante tortuosa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que não se tomou essa providência se era uma coisa assim pela metade do custo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É difícil. Quem apresentou o relatório na diretoria foi o presidente da empresa, que apresentou para homologação. Eu fiz esse tipo de consideração na hora da reunião da diretoria, dizendo que realmente eu estava de queixo caído com a possibilidade de ser executado esse serviço por esse preço.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o presidente da empresa disse o quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A mesma coisa que estou dizendo aqui. Era ele quem fazia. Se ele colocou esse preço...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Constou de Ata essa posição do presidente?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Esse foi o comentário que fizemos durante o momento da homologação do relatório.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja se estou enganado. A empresa Skymaster tinha um preço, recusa-se a fazer a negociação para reduzi-lo. A empresa abre uma nova licitação. Confessadamente, no depoimento que prestou aqui, fez propositalmente para jogar lá embaixo e impedir que outro entrasse naquilo que ela considerava sua reserva de mercado. Qualquer pessoa veria, pelo preço que ela praticava e pelos indicadores que os senhores tinham, que aquilo era obviamente uma fraude para impedir a situação de uma outra empresa tomar aquele espaço. No entanto, a diretoria dos Correios não propõe uma desclassificação da empresa por preço subfaturado e admite uma situação absolutamente estranha, que poderia lhe dar conseqüências gravíssimas no futuro, com uma contratação por preço inexeqüível. Não é estranho esse comportamento?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Como eu lhe disse, Deputado, essa questão foi considerada de forma informal, mas o entendimento era esse. Como era ela que vinha prestando o serviço, ela sabia os custos, tinha conhecimento dos custos que praticava.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tinha conhecimento; não quis baixar o preço; abaixa abruptamente mais tarde. É evidente que é uma estratégia. E o que me causa espécie é que pessoas experimentadas tenham pura e simplesmente se curvado a essa estratégia. E V. Sª disse que não houve depois nenhuma negociação com a Skymaster.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Com certeza.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é estranho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu diria que é uma fatalidade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aliás, nós temos visto muitas fatalidades nos Correios.

Veja agora, então, que curioso. Passados quatro meses e meio desse contrato, V. Exª deu parecer favorável para que fosse concedido um reajuste de preço de 8,85% para a linha A e de 8,73% para a linha C, com efeitos financeiros a partir de 1º de abril de 2004, o que alterou esse contrato para R$60.142.565,00.

Ou seja, quatro meses e meio depois, V. Sª concorda com o reajuste financeiro daquela licitação que tinha sido jogada lá embaixo, que estava com preço subfaturado, que os Correios não quiseram desclassificar, apesar de a Skymaster não ter feito o ajuste. Por que foi dado esse ajuste de preço que elevou tanto o valor do contrato só quatro meses depois?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque a empresa entrou com o pleito, assim como outras empresas prestadoras de serviço de transporte aéreo aos Correios, apresentou a sua argumentação...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual era a sua argumentação?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Aumento do querosene da aviação, desde a época da proposta até a data de 1º de abril. E o Departamento de Encaminhamento fez uma análise e encaminhou a um grupo de trabalho, subordinado à presidência da empresa, que fazia a análise de todos os pedidos de reequilíbrio e repactuação de contrato. O grupo de trabalho analisou, fez um parecer favorável. Esse processo foi encaminhado ao Departamento Jurídico para analisar a viabilidade jurídica, se era possível o atendimento. E, a partir disso, veio para a Diretora de Operações para ser apresentado à Diretoria da empresa para aprovação ou não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Passados mais sete meses, um outro reajuste foi concedido, e aí em percentuais maiores, 19,17% para a linha A, e 18,80% para a linha C, resultando na alteração do valor do contrato para R$64.385.454,00. Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pelo mesmo motivo, aumento do querosene da aviação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, esse mesmo reequilíbrio econômico-financeiro foi feito nas outras linhas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Todos os que foram pedidos foram analisados.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais foram os pedidos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não tenho de cabeça todos aqui.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois veja, parece-me o seguinte: o direito ao equilíbrio econômico-financeiro é um direito de qualquer contratado da Administração Pública; a Lei nº 8.666 assegura e a Constituição Federal também.

Parece-me estranho que, como o querosene é utilizado em todas as aeronaves, é evidente que todos os contratados sentem esse custo. Não é algo que é variável; é fixo. Por que empresas não pediram essa elevação e outras pediram?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não sei, Deputado, até porque também não vamos avisar, não é?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não vamos avisar, mas é impossível que o empresário que tenha um aumento de querosene pura e simplesmente não peça o reequilíbrio econômico-financeiro quando começa a ter prejuízo. E veja que é coisa elevada: 19% de reajuste, depois 8%. Quer dizer, em um ano, aproximadamente, estamos falando de um reajuste que beira praticamente um quarto do valor do contrato. O senhor percebe que é estranho que empresas não tenham pedido isso? O senhor não acha estranho? Eu acho. Por exemplo, forneço uma mercadoria, tenho direito a pedir elevação. O meu custo sobe assustadoramente, em quase 25%. Eu não percebo isso? Não vou pedir o reequilíbrio? Será que os donos dessas empresas aéreas cochilaram? Ou será que esse aqui que foi mais esperto?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas o senhor teve alguma informação com relação a empresas que não pediram?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estamos levantando. Parece-me que há algumas que não pediram no período.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não tenho certeza, por isso não posso confirmar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se todas não pediram... Porque me parece que há um certo desequilíbrio aqui em relação a outras situações de outras empresas. Teria algum fator específico para a Skymaster que justificasse esse reajuste e para outras não?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Toda a variação é em cima... Os serviços são planilhados, a avaliação é feita cima da planilha de custo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o combustível é custo fixo, vale para todos.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, mas tem diferença de aeronave para aeronave.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, as aeronaves da Skymaster talvez consumissem mais que as outras.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, eu teria que lhe informar caso a caso. A área técnica é que faz...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Tribunal de Contas já está analisando isso, e talvez os resultados não sejam muito agradáveis, pelo que já soube.

Vamos falar agora do pregão 105, de 2004. Esse pregão, que foi realizado entre a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e a Skymaster, teve um aumento

de quase 100% do contrato anterior. Das duas uma, ou o contrato anterior estava subfaturado ou este superfaturado. Se estava subfaturado o primeiro, a Empresa de Correios e Telégrafos deveria tê-lo desclassificado. Se estava superfaturado esse segundo, deveria ter desclassificado o segundo. Por que esse contrato foi mantido com 100% de elevação do anterior?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pelo seguinte: tínhamos iniciado em julho de 2004 uma audiência pública para contratação de uma nova malha de transporte aéreo, porque o sistema que estava em vigor tinha uma série de dificuldades. Tínhamos contratos com duração de seis meses, contratos de 12 meses, aplicação de multa diferente, a graduação em termos de atraso e de responsabilidades. Esse processo se iniciou, e as aberturas das propostas foram feitas em novembro de 2004. Estávamos reformatando toda a malha. Essa linha A e C já vinha obviamente demonstrando que era uma linha problemática pelas condições e fatos que aqui V. Exª já até narrou. Quando o contrato vencia dia 26 de dezembro de 2004, no início do mês de novembro o departamento encaminhou uma correspondência à Skymaster informando do vencimento do contrato e pedindo a aceitação da prorrogação do mesmo por mais 12 meses. E a empresa não aceitou a prorrogação do contrato. Ela disse que somente aceitaria prorrogar se fosse pago um valor de que eu não me lembro agora e não havia nenhuma justificativa técnica para chegar a esse valor.

Então, logo no mês de novembro o departamento pediu à Diretoria de Administração, ao Decan, que iniciasse um processo de licitação na modalidade de pregão, porque nós estávamos ainda em andamento com a Concorrência nº 006, que iria substituir essa linha A e C, e nós precisávamos que o contrato ainda transcorresse no máximo por mais seis meses, para que pudéssemos concluir a concorrência.

Esse era um contrato com duração de seis meses, com cláusula de aviso prévio de trinta dias, porque assim que se concluísse a Concorrência nº 006 seria dado aviso prévio à empresa para iniciar a nova malha em operação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que se fazia pregão e nesse caso foi feita concorrência?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque nós estávamos contratando uma malha. O pregão é adjudicado por item. A malha somente seria adjudicada se houvesse proposta de preço para todos os itens compatíveis.

Em 2001, a empresa fez uma concorrência...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não poderia fazer um pregão para a malha?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Somente se fosse para um operador.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí eles seriam vários. Não se poderia fazer...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Seriam vários operadores.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não se poderia fazer um pregão por itens, para cada uma das malhas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim. Então, é o que eu digo. No pregão por item, a cada item que o pregoeiro vai ele está adjudicando; ele já gerou – digamos – até o direito do contratado...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor acha que seria incompatível o pregão nesse caso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Nós consideramos o seguinte... Não. Eu não diria que incompatível, mas nós precisávamos, na verdade, ter o processo, ele todo... Como é que eu diria... A malha toda constituída em condições de iniciar a operação. Não dá para mudar duas ou três linhas; teriam que ser todas de uma única vez.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não dá para fazer isso por pregão?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, a avaliação que nós fizemos na época da licitação foi de que seria – digamos – melhor que fosse feito por meio de concorrência.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Por causa dessas condições que eu estou lhe trazendo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas as condições podem ser perfeitamente compatíveis. Não há nenhuma restrição na Lei nº 10.520, que trata do pregão, em relação a essa possibilidade, pelo que me consta.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, na...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sabe qual é a grande vantagem do pregão? Eu talvez não possa supor nada, mas o pregão torna mais difícil a condução da licitação. Sabe por quê? Porque o pregão, em primeiro lugar, tem a fase de habilitação posterior à classificação. Em segundo lugar, no pregão se admite a possibilidade, de acordo com as propostas que foram apresentadas dentro da faixa de variação, de haver uma competição com novos lances; e na concorrência não.

Ou seja, a possibilidade de se direcionar uma licitação na modalidade de concorrência é muito maior, porque não se abre depois para ter disputa.

Então, se eu for partir de uma idéia da possibilidade de superfaturamento, o pregão é sempre um risco, porque outras empresas, antes mesmo da balização, podem forçar a redução do preço. Na concorrência não, porque, como a habilitação vem antes e a proposta é apresentada previamente, quando se quer fazer algo superfaturado, deixa-se a possibilidade inalterável na proposta apresentada.

Em outras palavras, o pregão tem um mecanismo que força reduzir o preço e, portanto, torna difícil o superfaturamento. A concorrência não. Por isso me pareceu que nesse caso o pregão seria muito mais adequado.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, eu respondo para V. Exª que o resultado da concorrência provou que não houve superfaturamento.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas me chama a atenção por que concorrência nesse caso? Não há nenhuma razão técnica objetiva. Nenhuma!

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu queria dizer que nós fizemos uma discussão a respeito disso, inclusive...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, mas não é bem a impressão que eu tenho. Vamos verificar aqui a questão de superfaturamento, não superfaturamento, etc.

V. Sª é quem definiu os critérios do edital. Há alguns itens nesse edital, da concorrência, que realmente me chamam a atenção, pelo rigor e por reduzir a competitividade da licitação. Veja só. Se exigia a necessidade de as empresas possuírem aeronaves no País. Então, a empresa tinha que possuir aeronave. Logo, ela não podia ter nenhum compromisso de aquisição de uma outra aeronave mais moderna e mais eficiente.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sempre foi feito assim, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Por causa do DAC.

Em 2001, nós tivemos uma recomendação. Eu não era diretor na época, mas foi feito um processo licitatório e até na audiência pública algumas empresas levantaram essa questão de que se desse tempo poderia trazer aeronave de fora e tudo mais.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que reduziria custos para o próprio Correio, porque aeronaves mais modernas consomem menos.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso. O que foi feito? Foi dado um prazo de 120 dias para apresentar a aeronave, nessa concorrência de 2001.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O resultado da concorrência foi que ela foi revogada por preço excessivo. Ela ficou mais de 40% acima, ou seja, não houve nenhum tipo...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, não há nenhuma relação entre as coisas, perdoe-me. O fato de uma empresa poder comprar uma aeronave não significa que vá haver um superfaturamento da empresa. São contingências daquela licitação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Acontece o seguinte: para internar uma aeronave no país e para torná-la aeronavegável não existe um prazo definido. O próprio Departamento de Aviação Civil, sempre que tivemos contato com ele...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, aí é um problema do concorrente, não é nem dos Correios. O que não consigo entender é porque se colocar... Porque, veja, na medida em que coloco a necessidade de as empresas possuírem aeronaves, já crio uma condição de pré-direcionamento da licitação. O senhor quer ver? Veja o item B, o que quero chamar a atenção do senhor: exigência de uma única aeronave para transportar toda a carga diária e ser utilizada exclusivamente uma linha. Contradiz exatamente o que o senhor me disse agora há pouco.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Que linha é essa?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exigência de uma única aeronave para transportar toda a carga diária e ser utilizada exclusivamente uma linha. Por que essa exigência? O senhor mesmo não admitia, agora há pouco, que...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, eu desconheço.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o que tenho aqui.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O senhor pode me dizer qual é?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estou sem o item do edital, mas, os critérios definidos desse certame tinham essa exigência.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Negativo, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não tinha esse item?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não tinha esse item.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem certeza?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Absoluta.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos checar. Mas, V. Sª concorda que se item existir, o direcionamento está dado?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Que item?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se houver um item que diga que a exigência de uma única aeronave para transportar toda a carga diária e ser utilizada exclusivamente uma linha, se existir isso no edital, a suspeita de direcionamento é total?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Diria que seria... Não acredito nisso. Eu vi o edital, eu li o edital.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos falar em tese. Se esse edital tiver essa regra, V. Sª então admite que isso é uma característica clara de direcionamento.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Seria uma característica que – como poderia dizer? – diminuiria a competitividade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, de direcionamento.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Diminuiria a competitividade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, diminuir a competitividade, o senhor me desculpe, é direcionamento. Não vamos discutir semântica aqui. Mas, é evidente que é direcionamento. De acordo?

O SR. MAURICIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor acha que é possível reduzir a competitividade natural de uma licitação sem dirigir?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. O que estou lhe dizendo é que, mesmo com as exigências... Eu não acredito que isso esteja no edital. Mas está bom, eu concordo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Concorda. Uma outra exigência. A exigência da empresa possuir capital social cumulativo para cada linha. Qual é a lógica disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso é usado...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Regulamente para as contratações da empresa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ah, Deputado, eu não sei lhe informar porque...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja: se as linhas são variadas, exigir um capital social cumulativo significa reduzir o universo de competidores sem nenhuma justificativa. Não parece?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É, mas o capital social exigido, se o senhor verificar, é um capital bastante baixo. Não é um capital alto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas isso não justifica a regra.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É, mas eu diria que é uma regra que ela... Eu não diria um padrão, mas ela se encontra regularmente nos processos de concorrência, essa questão. Agora, eu não sei lhe explicar, tecnicamente isso, porque não foi alguma coisa que eu tenha feito.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja só, agora eu vou traduzir isso pelos dados que eu tenho. O senhor, por favor, me conteste, se eu estiver errado. Para os itens 4, 5 e 9 da licitação, foram exigidas aeronaves com capacidade de carga de 24 mil quilos. É isso, não é?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Vinte e quatro mil quilos.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vinte e quatro mil quilos. Sendo que apenas a Empresa Total possuía três aeronaves cargueiras desse porte. Veja só que interessante... Exigência dois: A exigência que cada linha fosse operada por uma só aeronave, com capacidade de carga muito maior que a necessária, só poderia ser atendida por poucas empresas. Por exemplo, a capacidade de carga de 43 mil quilos para os itens 1, 2 e 3 somente poderiam ser atendida por duas empresas, Skymaster e Beta, pois eram as únicas que possuíam aeronaves cargueiras com essa possibilidade de carga, dois DC-8 e um DC-8, respectivamente.

c) Os serviços poderiam ser prestados por mais de uma aeronave de capacidade menor, de acordo com a disponibilidade e conveniência da empresa.

d) O importante era que o transporte de carga fosse realizado de acordo com as especificações de níveis de serviços adequados, tempo, horário, local, integridade, etc. Ou seja, a aplicação desses itens conduziram a licitação para a Total, Skymaster e Beta.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu discordo de V.Exª.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque, como eu informei ao Deputado Eduardo Paes, o registro aeronáutico brasileiro, o número de aeronaves 727, que é uma aeronave que pega essa quantidade de carga,

tem 55 aeronaves no País, oito em condições de operação. Os 707, existem 17, seis aeronavegáveis, mas as outras aeronaves estão no Brasil. Os DC-8, existem 12, quatro aeronavegáveis. Então, o que quero dizer é o seguinte: nós temos a quantidade de aeronaves disponíveis bastante significativa. O que se tem eventualmente é alguma outra empresa que está com a aeronave que não está aeronavegável. Pelo DAC, por algum descumprimento de norma do regulamento do Código Brasileiro da Aeronáutica...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor me permite, mas isso não justifica.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O que não justifica, Deputado?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, foram exigidas às aeronaves capacidade de carga de 24 mil quilos, só a Total possuía três aeronaves cargueiras com essa condição, que são os B-727.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas eu estou dizendo: os 727, existem oito em condições normais. Não sei se é o B, porque 727, tem pelo menos três tipos diferentes.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o B.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Existem 55 internadas no País.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não o B-727.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O 727. Está no Registro Aeronáutico Brasileiro do DAC.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estão internadas no Brasil quantas em atividade?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Que estão aeronavegáveis, oito.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Oito aeronavegáveis. Quantas alocadas para empresas que transportam cargas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não sei informar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois é, aí que eu mato. É aí que eu mato.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não sei informar.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, o senhor partiu do dado de que eu tenho oito que podem navegar, elas podem estar para outros serviços.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pois é, mas aquela questão, também, que já foi levantada, quer dizer, não é uma única aeronave. A empresa aérea pode compor com mais de uma.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se eu lhe dissesse que só a Total possuía três aeronaves com esse porte? Na medida em que o senhor não permite que as empresas comprem novos aviões, o senhor marcou as cartas da licitação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, porque outras empresas podem entrar com mais de uma aeronave para compor os 24 mil quilos. Nós não especificamos tipo de aeronave nem quantidade de aeronave.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas quando o senhor define a quantidade, define as especificações, o senhor carimbou a licitação. Nós não concordamos com esse raciocínio anterior.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Negativo. Discordo, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi bem a razão da sua discordância. Se o senhor quiser explicitar, eu ouvirei tentando me demover da minha convicção. Gostaria que o senhor fosse convincente, mas, realmente... Por que não está marcando a licitação dessa caixa?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque a composição é de 24 mil quilos. Um 737, por exemplo, tem capacidade para 15 mil quilos. Se eu operar com um 737 e com mais uma aeronave para compor os 24, faltam nove toneladas. Um Fokker, por exemplo, é uma aeronave que poderia competir... Se bem que tem a questão de ser uma aeronave paletizada. Então, poderiam ser dois Boeing 737.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dois, além daquele?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Dois para compor os 24 mil quilos e a quantidade de palas que nós estamos exigindo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se nenhuma empresa tiver esses aparelhos no momento em que lanço a licitação, eu matei, porque ele não pode comprar novos. O senhor percebeu que é a combinação de dois itens? Posso... Pode utilizar avião tal, mas eu não posso comprar, eu tenho que ter no momento. E só havia aqueles no momento. Como não posso comprar, carimbei.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É a impressão que pode lhe passar, Deputado, mas não foi essa a intenção com que foi feito.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tenho certeza. O custo por quilo, por quilômetro, por tempo de vôo e por palete em cada trecho das vias A e C é extremamente diferente, por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A linha A e C não existem mais, o senhor está falando de quê...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas era muito diferente, por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, nós temos bloqueio de carga diferente em cada trecho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E isso justifica a diferença?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque o senhor pode ter um trecho aonde o bloqueio de carga é pequeno, e o custo, na verdade, o custo da aeronave é por hora voada. Então, quando você contrata um bloqueio menor, você acaba tendo um preço por quilo maior.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desculpe-me, não entendi, me explique, por gentileza.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O custo da aviação é por tempo de vôo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por tempo de vôo, mas não o quilo.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ahn?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não o quilo.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pois é, o quilo, ele era, no sistema antigo, bloqueado uma quantidade de peso e de espaço necessário conforme a nossa demanda. Então, o custo não se altera, o que altera é a possibilidade ou não de a empresa poder captar algum outro tipo de carga.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, a minha decisão – volto à questão que eu havia colocado – de bloquear a carga determina o preço.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Logo, se eu bloquear, dependendo de como eu bloqueio, eu favoreço a empresa. De acordo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, se quiser fazer coisa errada... Mas não era essa a intenção. Nós temos uma demanda de carga que já é gerada de Estado a Estado...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O problema é que o grupo de trabalho constatou que nesses bloqueios de carga havia problema e, portanto, se havia problema no bloqueio de carga constatado pelo grupo de trabalho, nós tínhamos a justificativa do porquê as empresas ganhavam bastante, indevidamente, porque tinham um recebimento indevido, e aí que o senhor me contestou quando eu usei esse raciocínio. O senhor falava que a minha aritmética não era a melhor aritmética.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu disse que a questão da visão final é que...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor veja: eu não consigo ter outra visão. Se o bloqueio interfere no custo, na medida em que se constata que eu tenho bloqueios de carga indevidos ou mal feitos, eu estou favorecendo o pagamento indevido para empresas que estão se locupletando do dinheiro público quando, na verdade, eu poderia ter feito um outro remanejamento e não fiz. Isso não tem a ver com logística, tem a ver efetivamente com eu, por descuido, por negligência ou por má-fé, ter favorecido uma empresa. O senhor percebe?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Percebo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, qual o motivo de o tempo de vôo das linhas A e C ter sido alterado ao longo dos anos, considerando que os trechos não foram alterados?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A que ano o senhor se refere, Deputado?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não tenho, mas houve alteração. Eu não tenho aqui, infelizmente estou com uma síntese, não tenho todos esses dados, talvez a Senadora Heloísa Helena tenha em mãos. O tempo de vôo das linhas A e C foi alterado ao longo dos anos. Os aparelhos eram os mesmos. Por que foram alterados, e qual alterou os custos ao longo dos anos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não posso informar, Deputado, porque não tenho informação a respeito desse assunto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O tempo de vôo aumentou. O tempo de vôo aumentou nas linhas A e C; ou seja, houve mudança no tempo de vôo. Haveria alguma razão para mudar o tempo de vôo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Para se mudar, tem que ter uma justificativa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois é, e, na verdade, houve alteração do tempo de vôo, por quê?

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Era por causa do fuso horário?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Fuso horário não muda tempo de vôo.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não sei, Senadora. Precisaria ver qual é o ano, porque sou diretor de 2003 a 2005, que eu fui. Esse contrato da Skymaster é desde 2001. Não sei qual foi o período em que isso aconteceu e qual foi a justificativa técnica. Eu precisava de mais detalhes para poder responder.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pedi para a Assessoria, o Flávio, ver se ele

localiza para mim, vou deixar pendente, porque este é um dos fatores que nos chamou muito a atenção: por que muda o tempo de vôo se os aparelhos são os mesmos, se a distância é a mesma? Tirando a hipótese que nós tivemos se no aumento da distância – o que não é real – o aparelho ser outro mais rápido, e não era, mudou por quê? E aí mudou o pagamento? E essa é uma situação que nos pareceu delicada.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não me lembro da minha época de nenhuma alteração dessa natureza, mas...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque, na verdade, a alteração do tempo de vôo implicou em um preço maior, implicou em aumento do combustível gasto, segundo a planilha apresentada pela Skymaster na licitação. O senhor percebe? Ou seja, de uma licitação para outra, mudou o tempo de vôo, portanto, mudou o gasto, mudou tudo, sem nenhuma justificativa.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu precisaria ver, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos ver se nós conseguimos pegar isso.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não tenho de cabeça essa informação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe que uma aeronave Douglas DC863, do tipo que a Skymaster possui, consome 8 mil litros por hora de vôo, uma quantidade muito superior ao consumo de uma aeronave equivalente mais moderna, do tipo Boeing 737/300, cujo consumo é de 3.100 litros, ou seja, menos da metade. O custo operacional não seria muito menor do que operação de aeronaves desse tipo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A aeronave 737 só transporta 15 toneladas. Então, para transportar a carga de um DC-8 seriam necessárias três aeronaves, o que elevaria o consumo para 9.300 litros.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não seria ideal deixar a possibilidade de as empresas adquirirem essas...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas é deixado na hora.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, quando o senhor fala que a empresa não pode adquirir aviões novos.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu digo que, quando da licitação, era permitido entrar com quantas aeronaves quisesse.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas quando o senhor fala que não é permitido adquirir bens novos, o senhor fechou as portas para que alguém comprasse um Boeing 737/300, e reduzisse custos.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, só pode operar aeronave no País a empresa que tem autorização do DAC.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor mesmo falou que havia um prazo, que foi feito uma licitação assim, etc.; ou seja, é possível. No entanto ao se amarrar, dizendo que a empresa tem que ter o aparelho, o senhor fechou a porta para uma renovação de frota, para uma redução de custos e, claro, abriu a porta para marcar essa licitação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não foi essa a intenção.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Existe uma diferença muito grande no volume de carga que vai para Manaus, que vai e que volta? Por quê? Se é que existe.

Transporto carga para Manaus, e aí tem a volta. Há diferença muito grande no volume de carga que vai e volta?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Tem uma diferença significativa.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não sei informar. Porque a demanda de mercado para Manaus é maior do que a que vem de Manaus para Brasília, no caso, que é a linha que faz esse trecho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi. Perdão. Minha deficiência em entender...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A carga gerada em todo o País destinada a Manaus é maior do que a carga gerada em Manaus destinada ao restante do País.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na ida ou na volta?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Na volta.

Eu tenho mais carga para levar para Manaus, para ser distribuído em Manaus, do que a carga que é postada em Manaus para ser distribuída nos outros Estados. Ou seja, a carga que vai para Manaus é maior do que a que vem de Manaus para Brasília e que, de Brasília, é distribuída, na nossa malha, para as outras regiões do País.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas Manaus não depende de itens de consumo que saem dos grandes centros e vão até lá?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não estou entendendo, então, a pergunta.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, a minha pergunta é: se existe uma

diferença muito grande no volume de carga que vai para Manaus e no que volta de Manaus. Tem uma diferença muito grande?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Tem diferença.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, vais mais na ida ou vai mais na volta?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Vai mais na ida e menos na volta.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, é o contrário: vai mais na ida.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Então, vai mais para Manaus, é o que estou dizendo, do que o que vem de Manaus.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, vai mais na ida.

Bom, é interessante para confrontar isso. Se é mais na ida do que na volta, por que o custo da ida é o mesmo da volta, se o componente da carga transportada é um componente de custo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque como lhe informei, o custo operacional da aeronave é o mesmo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas só paga por carga também, não paga?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu pago por carga...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então? Daí que eu não consigo entender.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas o custo é pelo... Como diria?

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É pelo vôo.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Exatamente. O custo é pelo vôo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas a carga não paga? Pelo que entendi do que o senhor me explicou há pouco, a carga paga; mais carga paga mais, menos carga paga menos. Não é isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não necessariamente.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então agora não entendi mais nada. Porque um dos componentes do custo é a carga; não é isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que tenho é que quando se fala pagamento para Manaus a ida e a volta é o mesmo preço. Se o senhor mesmo reconhece que na ida vai mais do que volta, por que paga o mesmo preço? Ou está pagando menos na ida, ou está pagando mais na volta. Por que acontece isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não podemos extinguir a prestação do serviço, mas, de qualquer forma, o custo da aeronave, para nós, o preço dela, é contabilizado em cima do custo de vôo. Se a empresa aérea, quando vem na licitação, se tem outras demandas de carga e consegue reduzir, nós ganhamos. Se ela não consegue reduzir, nós temos que pagar o custo operacional da aeronave.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não é isso. É que há um grande volume de carga quando vai e nenhum quando volta. Como é que o preço pode ser o mesmo? É isso que é impressionante nos dados que temos da diretoria de V. Sª. Como é que pode se vai abarrotado o avião na ida, volta, imagina-se com menos, como é que é o mesmo preço. O senhor percebe?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Percebo. É que estou procurando o valor aqui na minha planilha, não estou achando.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo.

Quer dizer, ou está-se pagando menos para a empresa, em um certo momento, o que duvido, pelo que nós estamos vendo, ou está-se pagando mais e sem nenhuma justificativa técnica. Não poderia substituir. Se V. Sª tiver alguma planilha, eu aguardo. Não há problema algum. Hoje estamos tranqüilos com relação ao tempo. (Pausa.)

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sr. Relator, eu não estou com o meu...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se V. Sª depois conseguir dar uma explicação para isso, porque é impossível explicar como um avião que vai cheio na ida e volta vazio, na volta paga o mesmo. Eu gostaria imensamente de uma explicação para isso. (Pausa.)

O nosso Presidente me pede licença para que possa fazer uma pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Eu não lembro quem depôs aqui e disse que tanto faz ter dez toneladas de carga como 43, o preço é o mesmo, porque o avião é fretado para os Correios. Então, o preço continua o mesmo tanto para o transporte de dez toneladas quanto de 43. É verdade isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – *(Inaudível.)* É o vôo. E a empresa teria prejuízo porque a capacidade, digamos, ociosa não pode preencher com nada, já que o vôo estava fretado para os Correios.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Aí, eu fico numa dúvida: há uma fiscalização dos Correios? Porque vocês entregam a carga no depósito da empresa que vai transportar, certo?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Nós entregamos na aeronave.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Na aeronave.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Hum, hum.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – E há uma fiscalização para saber se essa empresa não complementa o espaço vazio com outras cargas de outras empresas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A nossa equipe, ela... Em todos... Nós temos quatro terminais de carga principais, como denominamos: Guarulhos, Salvador, Galeão e Brasília. Em todos os demais, existe uma unidade operacional de menor estrutura, mas também com supervisores, com uma equipe que faz o acompanhamento. Eles têm a informação, a orientação a respeito de informar qualquer carregamento que não esteja autorizado pelos Correios.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – O senhor não acha que isso abre um leque muito grande para que o tal supervisor, fiscal, seja lá o que for, entre em conluio com a empresa e facilite a complementação da carga por outras empresas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Veja bem, a aeronave passa...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – E aí a empresa passa a ganhar duas vezes?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Existe equipe em vários aeroportos, dos Correios, para verificar essa questão. Não só essa questão, não é questão operacional. Então, eu não poderia falar assim por "achismo". Acho que, em tese, não é para acontecer. Agora, se acontecer, e se for identificado, é processo de apuração, de demissão.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Deputado José Eduardo Cardozo?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Senadora Heloísa Helena.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É porque o Deputado José Eduardo, já que estamos só nós três, então, estamos até pedindo licença ao Deputado José Eduardo.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Virou pingue-pongue, mas é bom assim.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É. Até para eu não me inscrever. É o seguinte: o Deputado José Eduardo já perguntou isso, sobre a questão da chamada, dos preços inexeqüíveis, porque é ruim para a Administração Pública. É risco para a Administração Pública. Se eu oferto um preço inexeqüível, ou seja, de antemão, já sei que pode estar havendo risco para a administração pública. Porque se sei que a empresa não poderia prestar um serviço a um determinado preço, de alguma forma estou assumindo um risco. Em nenhum momento, o senhor achou que, em alguma área, estava havendo a oferta de um preço inexeqüível, e até no pregão que ele falou, porque, no meio do pregão, acabou-se consultando a Skymaster e a Beta se eram capazes de ofertar o serviço àquele preço. Elas responderam que sim e, depois, acabaram mostrando que não, e aconteceram os aditivos contratuais. Em nenhum momento, o senhor percebeu isso, Dr. Madureira?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Senadora, o que acontece é que, em alguns momentos, o que verificamos na licitação é que existe aquela questão do preço de oportunidade. A empresa aérea, por outras questões operacionais dela, tem uma vantagem que outras empresas não teriam. Vou citar um exemplo: a TAM, numa licitação de 2002, eu não era diretor na época, ela tinha um vôo de passageiro de São Paulo para Campo Grande, Rio Preto, uma região ali, e tivemos um problema com a empresa que era contratada. Foi feito um pregão na época, e ela veio com um preço que era 30% inferior ao preço de referência. E foi chamada. A pregoeira... Não houve inclusive nem lance das demais empresas, a pregoeira chamou a empresa para ela confirmar. A TAM é uma empresa reconhecida, ela assinou o contrato. Três ou quatro meses depois, no mês de julho, a TAM anunciou um prejuízo operacional e cancelou a linha de passageiro. Então, ela usava o mesmo avião que levava a carga para o Correio, ia e voltava, levava passageiro, ia e voltava. Então, fazia essa compensação, e, obviamente, o custo fixo dela era um custo de oportunidade, porque ela tinha aquela concessão. De repente, por questão de enxugamento da empresa, devido a um problema de balanço, devido a prejuízo, ela cancelou o vôo de passageiro. Aí, o vôo de carga dela ficou insustentável, ela entrou com pedido para rescisão amigável do contrato...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Em qualquer caso, desculpe, Deputado José Eduardo Cardozo, de alguma forma, pela experiência na prestação do serviço anteriormente, de alguma forma – estou dizendo, por exemplo, nunca trabalhei no setor aéreo, mas na área de transportes urbanos, houve um tempo em que me dediquei a essa área de transportes urbanos, e, aí, você analisa a planilha de custos –, o órgão tem a capacidade de identificar. Claro que ele não vai dizer numa concorrência, num pregão, em qualquer canto: "Não, é a partir de tanto". Porque é evidente que, aí,

se assim fosse, ele não possibilitaria, sequer, que as empresas, de alguma forma, enxugassem seu custo para que a administração pública tivesse a prestação de um serviço num preço menor, é evidente. Mas do ponto de vista da análise da planilha, os senhores não achavam que aquele preço era inexeqüível e que isso representaria um risco para a administração?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A senhora está falando daquele Pregão 106?

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas fizemos essa análise. A questão que coloquei aqui foi a seguinte: a empresa que venceu com esse preço que sabíamos estava bem abaixo da referência era a mesma que prestava o serviço. Ou seja, ela afirmou que assumiria o risco, aliás, a responsabilidade de assinar o contrato...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Permita-me?

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim, a própria...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Prestar um serviço por um custo muito maior.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – De repente, ela baixou. E eu me lembro, socorra-me a Senadora, se eu estiver errado, que o representante da Skymaster foi enfático aqui ao dizer que havia denunciado à direção dos Correios um conluio contra ela para retirá-la da concorrência no transporte de carga. Reiterou essas denúncias, não houve resposta nenhuma, e ela, então, resolveu baixar os preços daquela forma, esperando que os Correios, vendo que seria inexeqüível, não adjudicasse o serviço. Surpreendentemente, os Correios adjudicaram, e ela alegou até que tinha um prejuízo de 73, 75 mil por vôo ou sei lá o quê, por mês. A verdade é que houve realmente o fato dessa queda de preço assustadora e, repentinamente, em quatro meses, o reajuste que triplicou o preço. Então...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não triplicou.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Ou duplicaram, sei lá o quê.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Porque, aí, alguém...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Mas, na realidade, passaram a ser maiores do que os praticados aos anteriores ao pregão.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É porque aí podia dizer até o seguinte: ora, mas os indexadores dos custos de transporte aéreo, em 2002, que poderiam estar até influenciado pelo processo eleitoral, aqueles riscos em relação à história do processo eleitoral, poderia até se supor que as alterações não aconteceram muito em 2002 e a empresa, supostamente, não levantou nenhum problema porque, vamos supor, já tivesse com o preço muito alto, superfaturado. Então, essas variações dos indicadores, em 2002, não poderiam, não teriam tido problema. E depois, nada?

Então, o senhor, assim, tanto nesse... Em nenhum outro o senhor achou que todas as ofertas, os preços não tinham nenhum componente inexeqüível que pudesse prejudicar a administração e que depois, quando isso foi retomado, em nenhum momento o senhor achou nada estranho, Dr. Madureira?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, Senadora, veja bem, eu achei estranho. A questão é que a própria planilha de custo que a empresa apresentou no pregão ela coloca lá prejuízo, déficit, e coloca "a ser absorvido pela Skymaster com outras operações comerciais dela."

Bom, é aquela coisa que eu digo, a questão da inexeqüibilidade é uma questão tortuosa, não é uma questão fácil de tornar um preço, dizer que um preço é inexeqüível.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É, porque a empresa pública estaria, de alguma forma, assumindo o risco, mesmo partindo... Olha, porque se a empresa compensaria o suposto déficit dessa operação com outras atividades, de alguma forma era preciso que todas essas outras atividades da prestação de serviço dessa empresa corressem muito bem para compensar esse déficit. E, mesmo assim, o senhor acha que era um procedimento normal? Que faziam isso normalmente?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não era normal. Normal, não era normal. Agora, o que eu digo para a senhora é que havia a necessidade de ser tomada uma decisão. O contrato estava encerrando dali mais alguns dias. Não tínhamos, digamos, desclassifica a proposta por inexeqüibilidade? Teríamos que ir para uma dispensa de licitação, porque não havia tempo de fazer um novo processo licitatório. E é uma questão tortuosa essa questão de preço, Senadora. Realmente, não é algo simples de esclarecer. Estamos lá, os técnicos que trabalham com isso, até há mais tempo do que eu, porque a minha especialidade não é transporte aéreo, mas, obviamente, conheço, porque participei de todos esses processos. Eles estão apresentando todos esses dados para a Controladoria, para o Tribunal de Contas da União, tentando obviamente mostrar e justificar a dificuldade que os Correios têm de atuar nessa questão. O transporte de RPM, só os Correios contratam no Brasil. Não existe uma outra

empresa que contrate uma operação logística dessa. Então, ele é um processo complexo, não é uma coisa simples. E nos submetemos às condições de mercado. Somos obrigados a isso, inclusive, não é?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Há uma diferença de custos praticados pelos Correios na rota de Manaus e o praticado pelas empresas da Zona Franca?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Se há uma diferença?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – De custos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não entendi a pergunta, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Sim, os Correios fazem a rota Manaus/São Paulo...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ela é uma rota maior. Ela faz Manaus/Brasília/São Paulo/ Galeão, Salvador/Fortaleza, ou melhor, fazia até ser extinta.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Tudo bem. Mas no trecho Manaus/São Paulo, os produtos da Zona Franca, os custos praticados para o frete, parece que são menores do que os praticados pelos Correios.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não tenho essa informação, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Não tem, não é?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem estou aqui com o quadro técnico dos horários de vôo. Se V. Sª pudesse me explicar. Veja só, olha, Skymaster, na linha "c" não varia. Na dispensa de licitação, está em março, linha "c", 9:34 os trajetos, não varia, vamos pegar o que varia, que é o que mais interessa. Veja só, trajetos: Fortaleza/Salvador/Rio de Janeiro/São Paulo/Brasília e Manaus, linha "a". Na dispensa de licitação, que começou em 2001, o tempo de vôo era 7h35min. Posteriormente, quando teve o Pregão 45/2001, caiu para 6h35min esses mesmos trajetos da Skymaster. Depois, no mesmo ano, no mesmo ano não, um ano depois, em 24 de dezembro de 2002, que aí já vai pegar o período que V. Sª...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não a licitação, mas na execução.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ah! Sim.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui tem a ver com a execução. O tempo de vôo subiu de 6h35min para 9h10min. Ou seja, quase três horas, um pouco menos de três horas a mais de projeto com consumo de combustível... Veja, no pregão 45, de 2001, o gasto de combustível era de cinqüenta e dois mil, seiscentos e sessenta e seis. Passou para setenta e três mil, quinhentos e trinta e três. Posteriormente, no pregão 106, de 2003, mantiveram-se as 9h10min com o mesmo gasto de combustível, setenta e três mil. Em todos os outros, manteve-se 9h10min. Ou seja, curiosamente, em 2001, esses mesmos trajetos eram feitos com 6 horas de vôo e depois passaram para 9 horas de vôo. O que aconteceu?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Como eu disse anteriormente, Deputado, eu não era diretor nessa época. Eu precisaria ver...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o Senhor era diretor na época em que foi feito o pregão 106, de 2003, e essa estimativa estava colocada lá.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, mas essa variação de 6,35 para 9,10 ocorreu em 2002, quando eu não era diretor. Eu precisaria ver, junto com a área técnica.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas isso não era checado na hora em que se fazia os editais ou que se pagava? Porque, é evidente, o tempo é histórico.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O tempo de vôo é considerado da seguinte maneira: calço a calço. Então, liberou o calço no aeroporto de Guarulhos, quando ele pousou aqui em Brasília, colocou no calço, esse tempo...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Logo, não há justificativa nenhuma para a variação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Tecnicamente, não. Teoricamente, não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que se poderia imaginar é que se fossem aeronaves mais modernas poderia até reduzir o tempo de vôo. Agora, aumentar em quase três horas...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, não posso lhe responder, pois não sei.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como as condições são as mesmas, não foi conhecido nenhum abalo sísmico que ampliasse as distâncias entre as cidades...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Às vezes tem alteração. Agora mesmo, está havendo uma alteração de aerovias. O DAC está alterando a distância entre os aviões. Isso altera tempo de vôo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso não altera tempo de vôo.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Altera. Até o avião voar mais alto.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quase três horas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não é esse caso. Estou apenas dizendo que existem alguns fatores que podem gerar alteração, mas esse caso eu vou ter de verificar, porque não é da minha época.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma elevação de quase três horas a mais. Portanto, talvez de pagamento indevido.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deve ter uma justificativa, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu espero, sinceramente, que sim.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu também.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Peço até que V. Sª apresente a justificativa, porque, até agora, a auditoria, o nosso trabalho técnico, os Srs. Deputados e os Srs. Senadores não encontraram. A alteração da malha da rede postal noturna, introduzida por V. Sª, conforme encaminhado pela Empresa de Correios e Telégrafos, incluiu um aumento de capacidade de contratar das linhas a e c para 172 mil quilos. Isso confere?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Quando foi isso, Deputado?

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve uma alteração de malha que foi feita por V. Sª.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Sim, mas as linhas a e c acabaram.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas, quando elas ainda existiam, foi feita uma alteração de malha em que houve uma elevação de 172 mil quilos. Confere?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não tenho essa informação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, mas houve, na gestão de V. Sª, segundo auditoria feita. No entanto, a taxa de ocupação tem sido de apenas 41,57% e 59,84%. Ou seja, houve uma elevação, mas a taxa de ocupação é baixíssima.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Estou entendendo a pergunta. Na verdade, é a concorrência 006 que fizemos, onde, a gente, observando orientações até de consultorias anteriores do que vinha sendo praticado pelas empresas aéreas, mudamos a forma não só de pagamento, tirando essa questão do preço por quilo e sim de hora voada, tempo de hora voada pelo tipo de aeronave, e exclusividade no uso da aeronave, em todos os trechos. O que gera, o porquê dessa malha? Ela foi criada, obviamente, em cima dos nossos trechos de maior demanda de carga para a definição das características de peso e de paletização que a gente precisa. Agora, temos um projeto novo, que foi aprovado pelo Ministro Eunício de Oliveira, que é o Projeto de Logística Integrada, onde a empresa tinha entre seus projetos a meta de investir maciçamente no transporte de carga, envolvido com esse processo de logística integrada. Ou seja, nós iríamos entrar, e pretendemos, o processo está em andamento na empresa, não estou acompanhando neste momento, mas entrar na questão dos eletroeletrônicos da Zona Franca de Manaus, em Fortaleza, enfim. Em todo o país já existiam contatos, inclusive com operadores, para agenciar transporte de outras cargas, que não as cargas postais, para complementar esse disponível que teríamos a partir do momento que optamos pela utilização de aeronave *full*.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu apenas... Aí é um raciocínio de um leigo, porque se elevo a capacitação da concorrência, coloco índices, elevei esses índices, e depois uso a menos no avião, eu superdimensionei; e se superdimensionei, estou dando pagamentos indevidos às empresas.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, se isso tivesse gerado aumento de custos, eu concordaria com V. Exª.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, na medida em que eu aumentei a capacidade contratada e tenho uma redução de uso, alguma coisa está errada, inclusive na perspectiva da própria licitação, porque posso ter colocado o quantitativo das exigências superiores aos que seriam necessários e conseqüentemente, então, ter induzido também a licitação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, Excelência. Não é nada disso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque é o que lhe coloquei. A definição da malha foi feita por um grupo de técnicos, inclusive envolvendo técnicos dos Correios de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, não só a administração central, como o próprio correio regional aqui do Aeroporto. E a formatação dela foi em cima dos trechos de maior demanda nossa de carga, para que a aeronave tivesse condições de atender. Onde não temos essa demanda de carga, justamente com esses serviços novos que foram criados, é que pretendíamos complementar.

Agora, mesmo fazendo essa exigência da aeronave *full*, os preços contratados foram mantidos, não houve alteração de preço para mais, ou seja, continuaremos – continuaremos não, porque a malha é uma nova malha, tem novos pontos, novas linhas de transportes. O custo dessa malha não ficou mais caro em

função dessa exigência de aeronave exclusiva para os Correios, porque os Correios, também, cansaram de carregar os outros nas costas. A Velog foi criada em cima dos Correios, cresceu em cima dos Correios; a Vaspex a mesma coisa. Todo mundo...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) **–** Mas V. Sª concorda comigo que se não fosse esse o critério, as empresas poderiam ter apresentado um preço mais baixo, porque seus vôos seriam compensados por outro tipo de transporte?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Essa questão, na verdade, na prática, se revelou negativa para os Correios, quando ela desenvolveu produtos concorrenciais ao nosso no mercado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) **–** Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque desenvolveu o que falei ao Senhor: a Velog, a Vaspex, todas cresceram em cima dos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) **–** Mas, não poderia se permitir outro tipo de situação qualquer, ou seja, em que não admitiria a dimensão concorrencial aos Correios, mas, poderia ter uma outra situação qualquer que permitisse o uso dos aparelhos?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, tivemos uma licitação – foi feita em 2001 ou 2002 – onde se fez uma exigência dessa questão com relação a produto concorrencial e o próprio Tribunal de Contas da União recomendou que houvesse uma representação de que não se fizesse esse tipo de exigência no processo de licitação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) **–** Realmente, ainda continuo achando estranho. Vamos continuar depois averiguando isso. Mas, realmente, exigir uma nave completa e ter efetivamente uma sub-utilização da aeronave, é óbvio que encarece a operação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, tínhamos, em janeiro de 2003... Pagávamos por dia na RPN um milhão quatrocentos e sessenta e sete mil reais. Tínhamos um disponível de 740 toneladas. Chegamos a ter, no mês de dezembro, em Guarulhos, 100 toneladas de cargas no chão, porque não cabiam nos aviões, na época de final de ano que é uma época de pico de demanda.

Após a concorrência, agora em maio de 2005, tivemos uma despesa de um milhão, quatrocentos e setenta mil reais. Movimentou 0,24%. Só que o disponível de carga hoje é de 1.200 toneladas. Quer dizer, na verdade, criamos a condição, a estrutura, para poder crescer no mercado de transporte de cargas, sem que isso representasse aumento de custo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) **–** Só que a taxa de ocupação é de 59% e 41,57%.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas, essa taxa de ocupação é em função da mudança do critério.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) **–** Sim, mas, seja como for, parece-me que há um superdimensionamento ou o critério que muda...

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas, o que adianta dimensionar uma aeronave? Por exemplo, em 2001 também o TCU recomendou que fizéssemos uma licitação e que contratássemos exclusivamente a aeronave de acordo com a demanda de carga; que não houvesse sobra disponível nas linhas que tinham identificado algum tipo de problema. Até tenho esse julgamento aqui do TCU.

A licitação de 2001 fez o quê? Aumentou linha por linha. Então, contrato aqui, por exemplo, Salvador-Fortaleza, tenho uma demanda aqui de 17 toneladas por dia. Então, exijo aqui 17 toneladas – vamos colocar 15 para ficar mais fácil – aí a empresa entra com um 737 que tem capacidade para 15 toneladas para fazer. Só que na volta, só tenho 3 toneladas. Aí o que se fez? Colocou-se uma linha também, só que com 3 toneladas. Coloca um avião aqui para levar 3 toneladas. O que as empresas fizeram; porque a licitação acabou sendo revogada por preço extensivo? Ela cobrou – porque eram itens separados, como também há o questionamento nessa concorrência 6, que foi pedida para fazer junto – cobrou-se o 737 indo de Salvador para Fortaleza e voltando a Salvador para reposicionar, para voar no dia seguinte no mesmo trecho.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí bastava colocar um item no edital que proibisse isso, uma nova licitação bastava colocar um item no edital que proibisse essa cobrança.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não, não é questão de proibir. É questão do preço que foi apresentado, inclusive com prazo de 120 dias para trazer avião.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O fato de uma licitação ter sido mal sucedida não quer dizer que a política que está por trás dela é mal sucedida, quer dizer que, às vezes, o edital é mal elaborado.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não sei, Deputado. A avaliação de V. Exª...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só umas questões finais para libertarmos o senhor daqui. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos foi deficitária operacionalmente na sua administração, tendo em vista que a sua despesa ope-

racional foi maior que a receita operacional. Por que desse déficit?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – A empresa deu lucro, mas tem entre os seus itens de lucratividade também as receitas oriundas de serviços financeiros, inclusive de aplicações financeiras.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estou falando de despesa e receita operacional e não de aplicações financeiras.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Vou chegar lá. Estou colocando que como um todo a empresa não deu prejuízo, mas a receita operacional não cobria a despesa operacional.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque a despesa era muito alta em relação à receita. Essa é a resposta, digamos, mais lógica.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, aí, até eu que sou leigo consegui entender.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas existe uma política da empresa de buscar essa questão do equilíbrio. Tínhamos alguns problemas com tarifas, digamos, com defasagem de aumento que o Governo Federal, o Ministério da Fazenda, por questões de política econômica, não autorizou a aplicação desses índices. Tínhamos serviços que estavam há três anos inclusive sem sofrer nenhum tipo de reajuste de preço ao público. E todas as medidas passaram a ser tomadas durante esse tempo. Eu não sei lhe informar como estamos hoje. Mas era uma meta constante buscar esse equilíbrio entre receita operacional e despesa operacional.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A conclusão que estamos chegando aqui até esse momento, gostaria que V. Sª comentasse isso, é que esse déficit operacional se deve a fraudes em relação às máquinas de franquear, já admitidas por V. Sª na primeira parte, sobrepreço de serviço e transporte aéreo, superdimensionamento de cargas com pagamento de serviços sem utilização. Ou seja, esses seriam fatores de desequilíbrio sobre o qual existe um efetivo déficit operacional nos Correios. Seria possível fazer essa afirmação?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Eu não faria essa afirmação.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque todos os nossos processos, e esse é um histórico da empresa, a participação, por exemplo, da despesa com transporte da empresa ao longo dos anos, tenho aqui uma planilha que demonstra bem isso, é só achar, a gente quando vem para cá arruma tudo bonitinho, chega aqui some tudo. Está aqui achei.

No ano de 2001, a empresa teve uma despesa com transporte de R$395 milhões, a RPM representou R$264 milhões. A despesa total da empresa foi de quatro bilhões, quinhentos e vinte e quatro milhões, representou 5,8% da despesa total da empresa com serviço de transporte. No ano de 2002, o percentual foi de 5,9%. No ano de 2003, manteve-se o mesmo 5,9%. No ano de 2004, baixou para 4,3%, e a estimativa agora em 2005 é de 4.5% em cima da despesa projetada da empresa. Ou seja, a tendência na questão do transporte é de redução, a empresa vem adotando medidas para buscar tirar a carga de transporte aéreo naquilo que é possível encaminhar via rodoviário. Existe um permanente estudo junto com as diretorias regionais buscando a otimização desses recursos.

E os preços que contratamos, estamos justificando ao TCU e à Controladoria-Geral da União, estão todos embasados em cima de indicadores de referência que temos, tanto no Departamento de Aviação Civil, no caso do transporte aéreo, como também de consultorias que a empresa contratou no passado, a Rolamberg, que nos indica com relação ao preço que estamos pagando está acima ou abaixo do que seria admissível pagar. Então diria que a postura da direção da empresa – tenho certeza de que essa postura vem sendo mantida – é sempre uma postura de buscar otimização de recursos. Agora eventuais problemas acontecem, como já discutimos aqui e outras questões pontuais. Mas ainda não... porque a RPM hoje ela é o básico do processo operacional de logística da empresa, é o grande diferencial em relação ao próprio mundo. O correio americano tem uma rede postal aérea noturna com uma única empresa dedicada exclusivamente para operar com o correio americano. Na França, a Air France fez uma composição com o correio francês e criou a Aeropostale, uma empresa que durante o dia transporta passageiro e à noite transporta carga postal. E todas as nossas demonstrações nesses congressos internacionais demonstram que os correios de outros mundos vêem com grande admiração o processo logístico de você levar uma encomenda, uma correspondência de Porto Alegre a Manaus, para ser entregue no dia seguinte, quando no próprio Japão, que é um conjunto de ilhas, eles não conseguem fazer com essa mesma qualidade de serviço que fazemos aqui no interior da Amazônia, enfim, em todos os rincões do País.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um rápido ping-pong, apenas com umas observações que a assessoria nos mandou aqui, ainda relativas a algumas questões que já vimos, mas um

rápido comentário seu. Veja só: Aquela concorrência, já tão debatida aqui, um dado que me pareceu interessante. Veja só: Linha 9.601, linha 60.901: foi exigido que os licitantes apresentassem cotação para ambas as linhas, devendo para tanto disporem de duas aeronaves para atenderem às exigências. Por que alguém tinha que apresentar cotação para as duas linhas? Qual a lógica técnica disso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Porque uma linha faz um trecho, não tenho aqui, acho que tenho o trecho dela. É um trecho de ida e outro trecho de volta. É a mesma coisa daquela outra que o senhor citou.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, está aqui: Linha 9.601 – Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Fortaleza. Linha 60.901 – Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É o sentido inverso, uma subindo e outra descendo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então tem que cotar as duas?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí é necessário ter duas aeronaves para essas duas linhas ou não?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. A aeronave é aquela questão, não definimos a quantidade. Obviamente que para fazer cada uma da linha teria que ter no mínimo uma aeronave para cada linha, conforme a quantidade de peso e...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então teriam que ter duas aeronaves para fazer essas duas linhas, apesar de ser ida e volta.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – No mínimo duas. Uma para cada linha, porque os horários são, como é que eu diria? São coincidentes.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se eu lhe dissesse que, pelas exigências feitas, só aeronaves DC-8 e 63-F é que podiam atender a isso e que, portanto, quem dispunha de duas aeronaves era a Skymaster, isso também foi coincidência?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Já relatei a V. Exª que não exigíamos quantidade de aeronaves. Falei aqui que o DAC tem... tem quatro DC-8.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é que exijo a cotação de duas linhas e são necessários dois aviões. Só quem tinha dois aviões era a Skymaster e o edital proibia a aquisição de novos aparelhos, impedindo a internalização de novos aparelhos, e o resultado é: vitória da Skymaster. Já para as linhas 50.000 e 11 foi exigida só uma aeronave. E a Beta é que tinha condições ganhar.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Deputado, a questão é que não exigimos quantidade de aeronave. Vou continuar insistindo, mesmo com a sua anotação aí de que exigimos. Não exigimos quantidade de aeronave, é peso e palete. Pode colocar duas, três.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim. Mas se tenho que ter uma aeronave para cada linha e exijo a cotação de duas linhas, **ipso facto**, tenho que ter duas aeronaves.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – No mínimo, mas pode ter quatro, seis, oito, dez.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Acontece que ninguém tinha quatro, cinco, seis, quem tinha duas, ninguém tinha mais, era a Skymaster. Logo, se eu exigir uma e uma, que dá dois, só uma tem dois, quem ganhou a licitação? Skymaster.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – O senhor está concluindo que só podia ser usado um tipo de aeronave, e isso não exigimos, um único tipo de aeronave.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas pelas especificações é uma outra condição.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas não concordo.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Então, agora, para terminarmos esse nosso ping-pong aqui, selecionei só aqui uma outra...

Pode falar agora, enquanto localizo aqui.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É só porque queria depois, Sr. Madureira, que o senhor pudesse disponibilizar todos os fatos que o senhor lembra em relação ao contrato com a Beta. Porque V. Sª teve conhecimento que foi denunciado que havia um conluio na administração pública com a empresa, que de alguma forma prejudicou a Skymaster, que acabou por não prejudicar depois porque ela recompôs os preços. Não sabemos se através do argumento da chantagem ou de qualquer alguma outra coisa que tenha acontecido. Mas todos os detalhes – claro que após responder o Deputado Carlos Eduardo – que o senhor possa lembrar em relação à Beta, que pode ir desde a redefinição da nova malha da rede postal, ao contrato de consultoria, tudo que o senhor puder lembrar que se relacione à empresa Beta, até diante da denúncia que foi feita, tanto pelo jornalismo investigativo como pelos próprios empresários da Skymater, depois de responder ao Deputado José Eduardo, só para que eu não me inscreva novamente com o Deputado Asdrúbal. Desculpe, Zé.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Só para... Eu tenho aqui também o comentário de assessores técnicos relativamente a

sua resposta. Quando eu falei das duas linhas, dos dois aviões, olha o que a Assessoria Técnica responde.

"Argumentação no sentido que a licitante poderia cotar mais aeronaves menores para executar o serviço não merece prosperar, pois ficaria inviável economicamente."

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É aquela questão que eu coloquei no Pregão 106, que a VarigLog veio com duas aeronaves e disputou contra as outras empresas com uma única aeronave. E ela disputou em condições de igualdade.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Mas na medida que eu exijo uma para ir e outra para voltar, se disser que posso pegar aeronaves menores, além do DC-8, é óbvio que eu inviabilizo economicamente o preço.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não necessariamente, Deputado. É o que eu coloco, isso é a questão da oportunidade. Essa questão nós não temos como medir. O mercado é que responde aos Correios.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu tenho dificuldade de entender como é que uma empresa que tem um avião pode ter custo maior do que a que trabalha com dois. Sinceramente, aritmeticamente eu não consigo entender.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Mas é possível, Deputado.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, é possível ter dois aviões operando numa linha mais barato do que tendo um só!

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Ou pelo menos igual.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo menos igual. Então já reduzi bastante a competitividade. Mais barato não. Ou seja, pelo menos o Senhor já me garantiu o empate da licitação.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – (Risos.) V. Exª não é fácil, hein!

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – (Risos.) Veja aqui. "De igual modo, o argumento de que o edital não exigia DC-8 e naquele instante poderia cotar aeronaves de menor porte também não merece prosperar haja vista exclusividade do fretamento da aeronave para ECT, sem possibilidade de se transportar carga própria, inviabilizando também economicamente a proposta.

Então, o Senhor veja. Se eu superestimei as cargas, exigi DC-8, tem uma ociosidade no próprio DC-8, eu não posso transportar carga própria, fechei um avião, matei, tem que ser Skymater a vitoriosa.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Não. Não concordo, não.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não? Tá bom.

Então, agora, apenas me valendo da sua experiência. Porque há uma situação que me chamou atenção também aqui, dentro de anotações feitas pela, pela Consultoria, mas aí não tem a ver com o seu período porque é de 2001. Quando foi feita aquela dispensa de licitação, em 2001, para a Skymaster, ela começou a operar imediatamente a linha, coisa que nós vemos que é um pouco atípico, porque sempre que termina uma licitação há um prazo que a empresa pede, de alguns meses até, para conseguir se adaptar para operar. Não lhe parece suspeito que uma empresa tenha uma dispensa de licitação e imediatamente comece operar como ela já estive se preparado antes da contratação para isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, Deputado, como o Senhor mesmo falou, eu não estava lá na época. Não posso emitir esse juízo de valor sem saber, sem conhecer...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor acharia normal se isso acontecesse na sua gestão?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Isso seria possível. Depende de empresa para empresa, não é? Tem empresa que com certeza se não tivesse nenhum conhecimento ou nenhum estrutura naquele trecho que ela foi contratada, ela teria que contratar pessoal, contratar equipamento de solo para fazer o descarregamento, carregamento dela. Isso demandaria, obviamente, um prazo. Agora, se a empresa já opera no trecho em que está sendo contratada, ela pode ter já toda essa estrutura montada.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas isso é exatamente o inverso. Quando ela começou a operar ela não precisou de tempo.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Pois é, logística.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois, mais tarde, precisou. Não é estranho?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É. Eu diria o seguinte: eu não sei como ela estava, como ela era no momento da dispensa. Por isso que eu realmente tenho...

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo que eu me lembro a Skymaster era apenas uma subcontratada de algumas empresas. Pelo menos eu me lembro do depoimento da Skymaster em que ele diz isso, até o momento em que houve a dispensa de licitação e começou a operar diretamente. Mais tarde quando vence a licitação, ela pede um tempo para começar a operar naquela nova dimensão.

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – É, eu não tenho mais informações.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Então, da minha parte, Sr. Presidente, eu estou satisfeitos com as perguntas. Apenas quero fazer alguns requerimentos ao final. Se V. Exª... Não sei se faço agora, Senadora.

A SRA. HELOÍSA HELENA **(P-SOL – AL) – Não. Tudo... Os detalhes que eu... Todos os detalhes que o Senhor tenha condições objetivas de lembrar sobre o contrato com a Beta.**

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Bom, o que eu sei, o que conheço sobre a Beta é que tinha ela um contrato, de quando eu assumi a Diretoria, na Linha F, que é uma linha que ia de Porto Alegre a Salvador/Recife, ia e voltava. Não tenho e não tive maior relacionamento com a empresa. O relacionamento das empresas era normalmente com o próprio Departamento. Lembro-me de que ela participou também do processo de renegociação de preço do contrato dela em outubro, setembro de 2003. Ela foi uma que baixou o preço na negociação. O preço que ela prestava o serviço mediante os ajustes que foram feitos. E em 2004, ela continuou prestando esse mesmo serviço até que na concorrência, quando nós fizemos a nova licitação da malha, ela passou a operar outras cidades que ela não operava antes conosco. Que é essa rota de Manaus, por exemplo.

Agora, eu não sei que tipo de detalhes que a Senadora exatamente quer.

A SRA. HELOÍSA HELENA(P-SOL – AL) – Não. Nenhum... Veja, foi denunciado publicamente que havia um conluio, que houve uma articulação, inclusive dentro da estrutura dos Correios, para beneficiar a empresa. É lógico que o senhor não era uma pessoa qualquer na administração; era uma pessoa muito importante, um diretor de uma área muito importante. E o senhor está aqui nos dizendo que, conforme a sua avaliação, a redefinição da malha em absolutamente nada tirou da redefinição de preços. O senhor acha e atesta que, em todos os procedimentos no gestor operacional dos Correios, na área em que o senhor atuava, que não houve absolutamente nada de anormal ou que pudesse apontar para a improbidade – nada em relação a essa empresa? É isso?

O SR. MAURÍCIO MADUREIRA – Atesto.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Está bem.

Sr. Presidente, o Deputado Pompeo de Mattos acabou nos ligando para solicitar que fosse registrado que a participação dele na indicação foi como a de vários outros do PDT, porque, como o Ministro e o Presidente eram do PDT, ele assinou junto com vários Deputados do PDT e, portanto, não significaria nenhuma intermediação de interesse político, nenhuma vinculação política específica na definição do cargo.

É só para deixar isso registrado porque o Deputado Pompeo de Mattos não pôde estar aqui presente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – E, conseqüentemente, não estaria incluído dentro daquilo que a senhora considera gangues partidárias.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Exatamente isso, a não ser que o senhor ache que sim.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Não. Eu nunca falei em gangue partidária aqui.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Não, mas eu falo em gangues partidárias – e muitas –, até porque as gangues partidárias que atuavam nos Correios….

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Mas não se aborreça, porque eu estou dizendo que V. Exª excluiu o Deputado.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Não. Eu sei, flor. E até quando eu falo das gangues partidárias, eu não generalizo nem para todos os dirigentes do PT, nem para todos os dirigentes ou militantes do PMDB, nem para todos os dirigentes ou militantes do PTB, que eram as três que – evidentemente, isso já está absolutamente demonstrado – se transformaram em três articulações de gangues partidárias atuando no gestor operacional dos Correios. Eu jamais poderia generalizar, porque seria algo absolutamente perverso.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Nobre Sr. Relator.

O SR. SUB-RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, eu encerrei a argüição.

Agradeço ao depoente pela presença e pela paciência com que respondeu às perguntas e ao Sr. Advogado que o acompanhou. E solicito à Assessoria que prepare requerimento para ser apreciado na próxima reunião administrativa, quando esta Sub-Relatoria requerirá a quebra do sigilo bancário, fiscal e telemático do Sr. Maurício Madureira, em face das auditorias apresentadas e dos depoimentos coletados.

Também peço que prepare requerimento para convocação, para depor perante esta Sub-Relatoria, do consultor Júlio Imoto, nos termos e com fundamento no depoimento prestado pelo Sr. Maurício Marinho ao Ministério Público.

São os requerimentos que pretendo apresentar, Sr. Presidente.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Tem a palavra V. Exª.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Deputado Asdrubal, como será V. Exª mesmo quem acabará nos auxiliando nos detalhamentos, nas reuniões administrativas, no que se relaciona especialmente à Sub-Relatoria – a que algumas pessoas podem não dar a ela a importância devida, mas que tem muita importância, e por isso que é muito importante até o que V. Exª assumiu hoje de manhã, de forma correta, para agilizar –, creio que seria importante colocar em votação, na próxima reunião administrativa, as quebras de sigilo bancário, fiscal e telefônico de outros diretores que já prestaram depoimentos, dos presidentes dos Correios que já prestaram depoimento, porque isso acabou não sendo votado.

Hoje não é possível, porque não há **quorum**, o que não diz respeito à responsabilidade de V. Exª, mas à irresponsabilidade de Senadores e Deputados que aqui não estavam. Mas gostaria que V. Exª anotasse, para a próxima reunião administrativa, a votação dos requerimentos que tratam da quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico dos presidentes e diretores que já prestaram depoimentos antes do Dr. Maurício Madureira.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Recolho a recomendação de V. Exª, mas devo adiantar-lhe que ficou ajustado que, na reunião extraordinária de quarta-feira, às 9 horas, será apreciado apenas o que seria hoje. Agora, na de quinta, nós já poderemos colocar.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Na de quinta. Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Agradeço a presença dos Srs. Parlamentares, do depoente, do seu advogado, dos assessores, da imprensa e a todos um bom final de semana.

(Levanta-se a reunião às 18 horas e 38 minutos.)

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA
DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS
DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN,
PARA INVESTIGAR AS CAUSAS
E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS
E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS
POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS
– EMPRESA BRASILEIRA
DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

SUB-RELATORIA DE CONTRATOS

Ata da 4ª Reunião, realizada em 27 /09/2005.

Aos vinte e sete dias do mês de setembro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas e quarenta e seis minutos, na sala 02, da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Deputado José Eduardo Cardozo, e ainda com as presenças dos Senhores Deputados Carlos Abicalil, Asdrúbal Bentes, Osmar Serraglio, Antônio Carlos Magalhães Neto, Onyx Lorenzonni, Eduardo Paes, Nélio Dias, Nelson Meurer, Arnaldo Faria de Sá, Juíza Denise Frossard, Pompeo de Mattos e Dr. Rosinha e dos Senhores Senadores Heráclito Fortes, César Borges, Álvaro Dias, Valdir Raupp, Íris de Araújo, Jefferson Peres e Heloísa Helena, reúne-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. A Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se às oitivas dos Senhores Ioannis Amerssonis, Michel Abud Atiê Junior e Antônio Augusto Leite Filho. Inicialmente, assumiu a relatoria o Deputado Osmar Serraglio e, posteriormente, o Deputado Arnaldo Faria de Sá. Os depoentes foram questionados pelos relatores e pelos Deputados José Eduardo Cardozo, Deputado Dr. Rosinha e Senador Heráclito Fortes. O Senhor Ioannis Amerssonis entregou à Comissão cópia dos seguintes documentos: "Contrato de Representação e Novos Negócios", "Instrumento Particular de Contrato de Prestação de Serviços", "Termo de Subcontratação de Serviços de Transporte de Carga Aérea", "Instrumento Particular de Promessa de Permuta de Participações Societárias", "Dissolução de Sociedades de Fato e Outras Avencas" e "Frota Área Nacional Cargueira". Nada mais a declarar, é encerrada a presente reunião às vinte horas e trinta e oito minutos E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Declaro aberta a quarta reunião da Sub-Relatoria de Contratos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada pelo Requerimento nº 3, de 2005, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Esclareço às Srªs e aos Srs. Deputados, às Srªs e Srs. Senadores, bem como aos demais presentes, que a pauta da reunião de hoje se destina à oitiva dos

Srs. Ioannis Amerssonis, Michel Abud Atie Junior e Antônio Augusto Leite Filho.

Convido para tomar assento – o que já foi feito – aqui à Mesa o Sr. Ioannis Amerssonis para esclarecimentos.

De início, quero também registrar a presença do doutor advogado Sérgio Rosenthal, que representa neste momento o Sr. Ioannis, que será ouvido por esta Comissão como testemunha, fixando-se, portanto, este entendimento para todos os fins legais e regimentais.

O Sr. Ioannis Amerssonis já assinou o termo de compromisso, que ficará então juntado aos autos desta Comissão Parlamentar de Inquérito para todas as finalidades de direito.

Passo a seguir a palavra a S. Exª, o Sr. Relator, Osmar Serraglio, para que inicie a argüição nesta tarde.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Parlamentares, Sr. Ioannis, nós gostaríamos que V. Sª iniciasse procedendo a sua qualificação e também, logo em seguida, fizesse um histórico simplificado das empresas das quais V. Sª participou ou juridicamente, portanto por meio de documentos firmados, ou por sociedades de fato em que posteriormente teria procedido à dissolução. Em outras palavras: um resumo inicial para que nós pudéssemos a partir disso formular o nosso questionamento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem a palavra o depoente.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Exmº Sr. Presidente, Exmº Sr. Relator, senhores presentes, Deputados e Senadores, meu nome é Ioannis Amerssonis, sou sócio-quotista da empresa Beta (Brazilian Express Transportes Aéreos), e exerço as minhas atividades profissionais como empresário há mais de quinze anos. Sou proprietário de um grupo de logística, um grupo que agrega empresas de logística. Gostaria de esclarecer a todos aqui que a Beta tem sido citada pelas revistas e pela própria CPMI como empresa que cometeu irregularidades e empresa que, enfim... Eu gostaria de esclarecer que sou sócio-proprietário da Beta, mas, durante um período de tempo, entre 1997 e 2002, a Beta foi administrada por um outro administrador, o Sr. Antônio Augusto, que também deverá depor aqui, e, após 2002, eu assumi a administração da empresa e, a partir daí, também todas as responsabilidades por essa administração.

Eu queria esclarecer também que os contratos que foram assinados pela Beta e juntamente com a Skymaster, na ocasião foram assinados, eu tive ciência da assinatura desses contratos pelo Sr. Antônio Augusto, e, de fato, ele me deu ciência, e não vi nenhum tipo de irregularidade nesses contratos. Mas, de qualquer forma, eu estou aqui para esclarecer qualquer dúvida, qualquer argüição que possa ser feita. Não sei se isso é suficiente para...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Essas empresas que vou nominar, à medida que eu enuncie, V. Sª vai se manifestando sobre ter sido de alguma sócio delas e se elas ainda operam.

Costa do Sol Operadora Aeroportuária?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não. Não sócio e nunca fui.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – GPT Participações e Empreendimentos Comerciais Ltda?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não sou sócio do GPT.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mercosul Warrant e Logística?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não sou sócio dessa empresa.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Planave Navegação da Amazônia?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não sou sócio dessa empresa.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Promodal da Amazônia Armazéns Gerais?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não sou sócio.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Promodal Logística e Transportes?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – No momento atual não sou sócio. Fui sócio até 2002 dessa empresa. O contrato de separação total foi feito em agosto 2002.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – O inicio se deu quando?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Desde de 1997.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Promodal Transportes aéreos?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não sou sócio. Mas durante um ano, participei com 50% das cotas dessa empresa.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Tecnocargo Transportes da Amazônia?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não sou sócio.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Tecnocargo Transportes.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Transmac Transporte Intermodal?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não sou sócio.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Zena Servis Logística e Transportes?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – A Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A Beta sou sócio cotista.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – De 1997 a 2002 foi administrador inclusive.

O senhor é cotista da Beta desde quando?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sou sócio-cotista da Beta desde 1995.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Até atualmente? Inclusive V. Sª é diretor?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim. E sou sócio-cotista, na verdade. A Beta é uma empresa profissionalizada, ela tem uma gestão profissional.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas a direção final é sua?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – A Brazilian Express Transportes Ltda?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, é empresa de minha propriedade.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – A Brazilian Express Logisitica?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também é empresa de minha propriedade.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – A Pró-Logística Transportes e Distribuição?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também é empresa de minha propriedade.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não houve um determinado momento em que essas empresas formavam um conglomerado, uma sociedade de fato de V. Sª junto com o Antonio Augusto?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Exatamente, até 2002 elas formavam um conglomerado. Algumas empresas eram de minha propriedade e outras empresas eram de propriedade do Sr. Antônio Augusto. Fizemos uma sociedade de fato, porém não de direito.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – A partir de quando essa sociedade de fato?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A partir de 1997.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Até?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Até 2002.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Portanto, quando V. Sª anteriormente fez referência a que não seria sócio, não seria sócio juridicamente, mas de fato era sócio?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu era sócio juridicamente, não de fato.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não, dessas outras: GPT, Mercosul, Planave...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim. Exatamente não sou juridicamente, mas sou de fato; era de fato.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Qual a linha societária, a participação? Quem mais era sócio de V. Sª nessas empresas? Era só o Antonio Augusto, ou tinha mais?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Havia outros sócios minoritários, mas na verdade éramos só eu e o Antonio Augusto, com 50% cada um, meio a meio.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Como funcionava esse conglomerado? Quem administrava isso nesse período de 1997 a 2002?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – O administrador geral de todo esse conglomerado era o Sr. Antonio Augusto; ele administrava tudo.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Até o final?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Até 2002. A partir de 2002, eu assumi as minhas empresas, ele ficou com as empresas dele, e cada seguiu seu rumo.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quando V. Sª disse que assumiu as suas empresas está falando das três Betas, Brazilian, Brazilian, Brazilian e a Pró-Logística?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Exato.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Nesse intervalo em que havia uma sociedade de fato, que tipo de relações havia entre essas empresas e a Empresa Correios.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Bom, na verdade, a única empresa que tinha qualquer relação com os Correios era a Beta, que, na ocasião, era administrada pelo Antônio Augusto. Ele que estabeleceu essa relação com os Correios.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Especificamente sobre a Beta, V. Sª teria condições de descrever todo o relacionamento que teve com os Correios desde a primeira participação em licitação, primeiro contrato, a seqüência toda de relação com os Correios?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Posso, sim, Excelência. Só vou ter um pouco de dificuldade com relação ao período anterior a 2002, porque, na verdade, eu não participava das licitações nem da elaboração das propostas. Enfim, nesse período, eu cuidava de uma outra empresa do grupo chamada Pró-Logística.

Então, eu fui desenvolver as operações logísticas e também de encomendas expressas. É por isso que eu estava afastado. A partir de 2002, eu posso esclarecer qualquer fato.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Poderia historiar a partir de 2002?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Pois não. Bom, a partir de 2002, na verdade, não ocorreu nada de excepcional a não ser a administração do contrato da linha que havia sido conquistada, na época, pelo Sr. Antônio Augusto. Então, o que nós fazíamos... Na verdade, a minha relação com os Correios, a partir de 2002, era no sentido de, primeiro, a primeira visita que eu fiz aos Correios foi no sentido de conhecê-los e para que eles me conhecessem também, para que eu estabelecesse um contato direto com eles. Depois eu ia, raras vezes, para solicitar os reequilíbrios econômicos. Então, além da minha equipe técnica, além do Presidente da minha empresa, eu também ia fazer visitas no sentido de reivindicar os reequilíbrios econômicos por razões até que eu acredito que sejam de conhecimento, porque...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quem atendia V. Sª nesses encontros?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Perdão, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quem atendia V. Sª para discutir reequilíbrios?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Bem, eu me relacionava com o Diretor. Eu estive algumas vezes com o diretor de operações...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Que era?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Era o Sr. Maurício Madureira e com o Sr. João Henrique.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Que era o Presidente?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – João Henrique de Souza que era o Presidente, exatamente.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Que postulações de reequilíbrio V. Sª lembra que fez e que tiveram sucesso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Excelência, que tiveram sucesso, a rigor, nenhuma. Mas nós fizemos várias postulações de reequilíbrio, porque, depois do evento de 11 de setembro e da própria Guerra do Iraque, ocorreram aumentos sucessivos do petróleo e, conseqüentemente, aumentos sucessivos do querosene de aviação. Isso não se refletiu no diesel e na gasolina, mas o querosene de aviação era reajustado quinzenalmente. Aliás, ele é reajustado até hoje. O último aumento que teve foi de 12,8% e o anterior foi de 8%. Antes disso, enfim, só neste ano, ele acumulou 40% de aumento. E ao longo do contrato que nós tínhamos, o querosene de aviação aumentou em mais de 200%. Então, essa seqüência de aumento nos fazia periodicamente reivindicar aumentos, os reequilíbrios econômicos, que não eram dados de acordo com o nosso requerimento. Eles eram dados de acordo com aquilo que eles apuravam internamente e aquilo que eles achavam que poderiam dar.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não havia uma fórmula contratual que determinasse como se procederia?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, havia, sim, Excelência. Mas é que isso era feito quase unilateralmente.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Essa periodicidade quinzenal só foi possível a partir do evento de 11 de setembro ou antes também era esse o período?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não. Antes não era assim a periodicidade. Antes o combustível aumentava anualmente.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – V. Sª tem conhecimento de, na planilha, o que significaria a participação desse item?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Mais de 50%, Excelência. Hoje representa mais de 60%. Naquela ocasião era mais de 50%.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – O combustível?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Como?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – O combustível?

A Beta transporta cargas desde quando?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ela transporta cargas desde 1995. A Beta atua fortemente no eixo São Paulo–Manaus–São Paulo. Existe um pólo industrial muito forte de cargas em Manaus, e nós transportamos insumos de São Paulo para Manaus e trazemos produtos acabados de Manaus para São Paulo. Armazenamos aqui em São Paulo e fazemos a distribuição depois para todo o País.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – O Sr. Michel Abud Atie não foi diretor da Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, ele hoje é o presidente executivo da Beta.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Desde quando?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Desde 2002.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – V. Sª disse que lhe cabe administração desde 2002.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Excelência, a Beta é uma empresa que, na verdade, faz parte de uma *holding*, e essa *holding* é uma empresa profissio-

nalizada. Então, o Sr. Michel Atie é o presidente executivo do grupo e tem abaixo dele os diretores, cada um deles dentro da sua área.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Ele é presidente enquanto profissional, não é um cotista?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ele é um profissional. Eu dei sociedade para o Sr. Michel, eu dei 10% a partir de 2002.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Antes ele já atuava na empresa?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, ele era diretor financeiro antes.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – A Beta só presta serviços aos Correios ou para alguma outra empresa pública?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, empresa publica só aos correios. Agora a Beta presta serviço a... Nós temos mais de mil clientes no portifólio da empresa.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – No universo da receita da Beta qual é o percentual que os Correios...?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Hoje é menos de 30%.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Qual o percentual médio de remuneração do transporte aéreo de carga, percentual sobre a receita arrecadada?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Perdoe-me, Excelência, não entendi.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Qual o porcentual médio de remuneração, de lucro, do transporte aéreo de carga?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – O desejável, que nós buscamos sempre, é 15% de resultado operacional, para que, no fim, descontado Imposto de Renda e outras despesas financeiras, sobre em torno de 8%.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Atualmente a Beta presta serviço só na linha F? Quer dizer, agora ela foi substituída pela 5011 e 69011?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Exato. São essas duas linhas.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Que aeronaves vocês entregaram desde o primeiro momento da Beta prestando serviços aos Correios.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – No primeiro momento, antes da licitação de 2004, foram aeronaves do Boing 707. São aeronaves que têm capacidade de 13 palites e levam 35 toneladas de carga.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E depois?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A partir de 2004, as aeronaves de 13 palites não atenderam a determinadas linhas, por exemplo, essa que nós pegamos. que é São Paulo–Salvador–Recife, Recife–Salvador–São Paulo. O trecho São Paulo–Salvador é um trecho que os Correios embarcam diariamente18 palites e sobra ainda carga no chão. Na verdade, eles embarcam de alguma outra forma, eu penso. Os outros trechos são de 13 palites, em média. Mas a aeronave é toda, integral dos Correios, que podem utilizar a capacidade total da aeronave.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Eu tenho a impressão que V. Sª já teria respondido e eu não me lembro se eu anotei. Qual é a participação do contrato dos Correios no universo da receita da Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS –30%.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – V. Sª acompanhou o pregão 106, de 2003? De 2002, V. Sª é um dos diretores.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, eu não acompanhei, Excelencia.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quem acompanhou isso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Quem acompanhou foi o Michael.

De 2003, perdão, Excelência, só para recordar. Esse é o pregão em que foram licitadas as linhas A e C da Skymaster, é isso?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – É isso.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ok, então foi o Michel que acompanhou esse pregão. Eu acompanhei a distância, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Tomou conhecimento então dos fatos?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim. Tomei conhecimento de todos os fatos.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Lembra qual foi a proposta da Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Proposta final?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Inicial.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Inicial, foi R$290 mil, se não me engano.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Isso. E a final?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A final foi R$213 ou R$214.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Foram R$214; R$213 foi da Sky.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Foi da Sky.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – V. Sª entende que, quando a sua empresa ofereceu esse preço de R$214, ele era possível de ser sustentado?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Excelência, aqui cabe uma explicação técnica, não é? Na verdade, se fosse sustentado só pelos Correios, não era possível. Mas nós tínhamos, como operador logístico, encomendas, nós tínhamos todo o distrito da Zona Franca de Manaus, com muita carga, clientes, contratos de outros clientes, que, seguramente, acrescentariam receita suficiente para manter essa operação.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – E daí V. Sª teria condições de nos dizer, pelo menos enquanto um corte efetuado em relação à linha, qual seria a perspectiva em relação a déficit, superávit, percentual?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Excelência, não havia perspectiva de déficit nessa linha. No preço que nós chegamos, chegamos no limite em que tínhamos outros contratos, que eram executados por outras aeronaves. Então, o que nós iríamos fazer era tirar esses contratos das outras aeronaves e colocá-los nos vôos dos Correios, para poder sustentar essa operação.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Esse mesmo raciocínio é aplicável à Sky?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu acho que não, Excelência, porque a Sky é uma companhia aérea, ela não é um operador logístico. Então, eles tinham mais dificuldade de ter cargas de outros clientes para colocar. Poderiam até fazê-lo ao longo de um período em que eles desenvolvessem a atividade. Acredito que eles não tivessem...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Sabe que, num determinado momento, o pregão foi suspenso e as empresas foram questionadas sobre se os preços que estavam oferecendo eram exeqüíveis. Soube disso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Soube sim, Excelência. Soube depois.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Na sua visão, o que consideraria exeqüível na situação da Sky? Imagine que V. Sª fosse o Diretor e não tivesse todo esse instrumental logístico e estaria limitado ao suporte da Sky.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – É difícil dizer. Eu poderia chutar um número, Excelência, para tentar ajudar aqui na apuração dos fatos. Mas eu acredito que até uns R$270, R$280 mil. Não saberia, sinceramente. Cada empresa tem a sua base, não sei qual é o custo fixo deles.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – A Sky e a Beta tinham um ajuste?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Tinham um acordo, sim, que foi realizado...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Desde quando?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, foi feito um contrato de sublocação de aeronaves em 2000. Disso tomei conhecimento posteriormente também.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Mas, nessa época, V. Sª era sócio da Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu era sócio, sim. Era sócio cotista da Beta, mas só não a administrava nesse período. E esse contrato de sublocação realizado entre a Skymaster e a Beta foi realizado na verdade para proteger a empresa que ganhou a licitação. Eu explico o que ocorre. Estava sendo licitada uma linha que começava em Recife e terminava em Porto Alegre, e um outro avião faria Porto Alegre/Recife. Então, uma aeronave saía de Recife para Porto Alegre e outra de Porto Alegre para Recife, parando em São Paulo e Salvador.

Acontece que você precisa de duas aeronaves em período integral para fazer essas linhas. Se desse uma pane numa dessas aeronaves, seguramente você teria problemas com o contrato, de cumprimento de contrato, e teria problemas também com relação às multas, que são... enfim, a multa corresponde exatamente ao valor do contrato. Então, se o contrato é de R$100 mil, a multa é de R$100 mil. Inclusive, Excelência, se não tivéssemos feito esse acordo na ocasião – que achei que o Sr. Antonio Augusto fez muito bem, protegeu a nossa empresa –, seis meses depois de adjudicada a linha, seis meses de iniciada a operação, tivemos um problema no trem de pouso de uma das aeronaves, que ficou parada quase 20 dias. Então, teríamos 20 dias de multa consecutiva se não tivesse uma aeronave de *backup* para fazer isso. Por que foi feito nessa modalidade? Porque não encontramos outra forma; não foi encontrada, na época, uma outra forma para se fazer isso. Eu também não teria idéia diferente de como fazer isso, porque se pode fazer um contrato e dizer: olha, você deixa a sua aeronave à minha disposição. Quando quebrar a minha, vou usar a sua aeronave. Economicamente, é inviável isso. Foi feito nessa modalidade para permitir que não se ficasse sem o *backup* e permitir que se tivesse, na verdade, a possibilidade de ter um avião à disposição.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Não lhe parece que, para quem está procedendo a uma licitação, o fato de as duas empresas que estão fazendo a proposta terem garantida a prestação de 50% para cada uma, isso exterioriza uma burla à licitação? De qualquer modo, as duas estavam ganhando.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Excelência, a intenção, em momento algum, foi essa. Posso lhe garantir.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – E qual era a razão?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A razão era proteger. Primeiro, nós tínhamos de ter uma aeronave. Não é exigido por edital que se tenha uma aeronave *backup*, mas a responsabilidade exige. Você tem de ter a responsabilidade de ter uma aeronave *backup* porque, se a aeronave parar, a empresa quebra. Então, o fato de ter sido feito isso era para assegurar a continuidade administrativa e financeira da empresa. Não houve nenhuma intenção de burlar. Tanto não houve que isso foi de conhecimento dos Correios, que tomaram conhecimento desse contrato...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Previamente?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Previamente.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Acho que não, porque vocês fizeram quatro dias antes.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Desculpe, Excelência, não sei se previamente ou se na época em que foi adjudicado. Sinceramente, não saberia responder, mas foi dado conhecimento aos Correios desse contrato e também foi registrado em cartório. Não havia nenhuma intenção de se fazer nada por baixo do pano, nada irregular.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – Naquela ocasião, a Beta queria, e formulou a proposta, a R$236 mil. Ao final, a Sky ficou por R$157 mil. A pergunta é...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Perdão, Excelência, eu não...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – A proposta da Beta era de R$236 mil. Quem ganhou foi a Sky, que, na verdade, não tenho aqui, mas ela fez uma proposta um pouco maior do que R$157 mil. Houve um ajuste e pegou o serviço a R$157 mil. A pergunta é: como é que a Beta participa de uma licitação onde se imagina que tenha procurado o seu preço ideal em R$236 mil. Aí, sagrando-se vencedora a Sky, a R$157, a Beta faz metade dessa linha ou uma linha e a outra, que são a A e a C, mas uma das linhas a esse preço. Não sei se me fiz entender. Se o preço da Beta era de R$236 mil, imagine a visão que temos em relação ao contrato que depois terminou sendo realizado por R$157. Salta à vista um superfaturamento tentado.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Essa linha, que linha é? A e C?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – A e C, em 2001.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – O preço da Beta era R$236 mil?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PA) – O preço da Beta era R$236; a Sky pediu, acho, R$159, R$160, que estava mais ou menos no parâmetro estabelecido como aceitável pelos Correios, porque eles haviam procedido a uma pesquisa de mercado. No fim, ainda negociaram com a Sky, que reduziu a R$157; e a Beta, que queria R$236, fez por R$157. Como estavam ajustadas, quatro dias antes, em ganhe quem ganhar, vamos ganhar a metade, qual a explicação que podemos extrair disso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Excelência, é estranho para mim. Na verdade, eu não tive conhecimento do preço; eu não me lembro desses preços, mas não houve nenhum tipo de conluio ou qualquer outra..., o que possa parecer, no sentido de burlar ou de tentar prejudicar os Correios. Preciso me certificar exatamente quais foram as propostas que foram colocadas na época, mas até, se houvesse, porque o meu entendimento disso é que a Beta e a Skymaster fizeram um acordo operacional, mas comercialmente elas não tiveram nenhum tipo de acordo. Comercialmente, cada uma entrava com a sua proposta. Quem ganhar ganhou a proposta. Depois, quem ganhasse ficaria o comprometimento de...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas como uma empresa entra numa licitação em que ela desconhece o preço da outra e diz que vai fazer o mesmo preço? Percebe o que eu estou dizendo? Eu e o Deputado Eduardo vamos entrar numa transação, num negócio. Aí ele dá o preço que ele quiser e eu dou o preço que eu acho razoável. Ele entra com metade, com 40% do meu preço e eu digo o seguinte, tudo bem, eu suporto e vou pela metade. É difícil, comercialmente, extrair uma informação que não seja um conluio.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu não saberia responder isso.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E nessa época em que a Beta operou a esse preço da Sky, foi um preço exeqüível?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, essa linha da Sky foi... Ela operou... Nós operamos conjuntamente, ou seja, nosso avião era colocado à disposição como *backup* de dezembro até meados de 2002, quando resolvemos que cada um iria cuidar das suas operações. Foi nesse período também que eu acabei desfazendo a sociedade com o Antonio Augusto e aí, como o contrato...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Houve algum desentendimento?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – É, o acordo com a Sky foi feito por ele. Então, nós achamos por bem que, como o acordo foi feito por ele, não havia mais necessidade de continuar. E, nesse momento, nós já tínhamos aeronaves, nos adquirimos aeronaves de *backup*, nós tínhamos aeronaves que não estavam aeronavegáveis, que nós mandamos fazer o cheque dessas aeronaves. A mesma coisa aconteceu com a Skymaster. Então, na verdade, eu até não tenho conhecimento desses preços. Estou estranhando os preços, porque...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas pode crer que são informações fidedignas, documentadas.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Porque o preço que foi dado na época, na primeira licitação da linha A e C, Excelência, não se tinha conhecimento de como era a linha, como operava essa linha, não se tinha também um volume de cargas que pudesse sustentar o volume de cargas adicionais. Então, isso foi se criando ao longo do tempo. E os preços realmente se alteraram. Houve uma... Na segunda licitação, de que participamos, já tínhamos uma musculatura melhor para participar dessa linha, mas eu entendo que o preço de R$236, que foi dado pela Beta, era um preço exeqüível na época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Relator, eu vou pedir vênia, porque realmente essa argüição que o Relator fez me chamou muito a atenção. Eu não consegui também captar com interesse a resposta. Vou pegar os dados aqui que vou sistematizar. É uma dispensa de licitação. Portanto, Dispensa de Licitação nº 2, de 2001, que foi realizada em 26 de junho de 2001. Foram cotadas duas empresas para ver quem dava o melhor preço para dispensa. Aí, a Beta cotou o preço de R$236 mil.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Que linha?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Linha A e C. Dispensa de Licitação nº 2, de 2001. A Beta apresentou o preço de 236 mil.

No mesmo dia da contratação da Skymaster, que ofereceu um preço melhor do que a Beta, a Beta foi subcontratada pela Skymaster pelo valor de 157 mil. Então, das duas uma: ou o senhor fez um contrato para perder dinheiro com 157 ou fez uma cotação muito elevada para perder na dispensa. É essa a dúvida, não é, Sr. Relator? Não consigo ver uma explicação razoável. Como é que alguém entra para ganhar um contrato integral por 236 e depois é subcontratado por 157? A não ser um entendimento das duas empresas.

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Na verdade, não houve entendimento. Eu não participei disso, Excelência. Como falei, não participei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E os números, V. Sª explicaria como?

O SR. IOANIS AMERSSONIS – O que me deixa em dúvida é que a diferença é muito grande. Se houvesse um acordo entre as duas, uma não ia dar 236 e a outra, 157, quase R$100 mil reais a menos. Iria dar um preço mais próximo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exato. É isso que nos chama a atenção e que nos dá um indicador de que haveria um conluio entre as duas empresas. Porque, tirando que V. Sª nos dê uma explicação razoável para isso, a impressão que fica ou a quase certeza que fica, sem a explicação, é que havia um conluio.

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Olha, eu não saberia responder. Não havia conluio. Isso é certeza absoluta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, se me permite o Relator, por que é que há outros indícios aqui de conluio? O Relator pegou magistralmente aqui na argüição do Pregão 106, de 2003. Eu queria repisar uma questão. Veja só este Pregão 106, de 2003, também para as linhas A e C: o lance inicial da Beta foi de R$290.585,00; o último lance foi R$214 mil. A Skymaster ganhou por R$10,00 a mais que os senhores. O preço de R$214 mil era exeqüível? Que o senhor ofertou.

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Como expliquei aqui, na verdade, além da carga dos Correios, tínhamos carga de outros clientes, que, somando as receitas de outros clientes com a dos Correios, poderíamos, seguramente, executar essa linha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aqui já não se colocava a exigência de um avião exclusivo?

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Não, não era avião exclusivo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster, quando chegou a R$213 mil, não era abusivo? Era um preço justo?

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Olha, eu não sei, não conheço as planilhas da Skymaster. Não sei qual é o custo dela.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É porque chama a atenção os senhores terem jogado a toalha por R$10,00 de diferença. Só por isso. Dez reais não é uma quantia substantiva, vale o preço de um sanduíche numa lanchonete média, e os senhores perderam um pregão por um sanduíche.

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Esse pregão foi caindo, eu não estava lá, mas ele foi caindo de R$10,00 em R$10,00, eu acho. Então, até chegar nesses 200... Porque não éramos só nós; éramos nós, a

Skymaster e a Varig Log. A Varig chegou a R$216, se não me engano.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, o lance inicial da Skymaster foi R$300 mil.

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Da Skymaster, sim. Mas, eu digo, além de nós, tinha mais um.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, o senhor chegou no seu limite.

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Cheguei no meu limite.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não dá para baixar mais, mas era um preço em que o senhor conseguia ter lucro?

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Eu diria que era exeqüível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exeqüível. E também para a Skymaster era exeqüível?

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Logo chego à conclusão, porque, antes, o preço que a Skymaster fazia era R$429 mil. Se o preço de R$213.990 da Skymaster era exeqüível, havia um superfaturamento aberrante na Skymaster. O senhor concorda comigo?

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Bem, eu disse que o preço da Skymaster era exeqüível, mas eu não conheço a estrutura de cargas da Skymaster. Era exeqüível para a Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas veja, o senhor há de concordar comigo com o seguinte: se R$213 mil está na margem do exeqüível, R$429 mil...

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Pressupõe que sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...superfaturamento. A impressão de V. Sª é que há superfaturamento? Queria que falasse no microfone.

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Sim, pressupõe que sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, pressupõe que havia superfaturamento.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Terminei não vendo se V. Sª fez referência a se o preço reportado lá, de R$236 mil, que terminou fazendo por R$157 mil, enfim, houve algum período em que a prestação de serviços pela Beta, enquanto subcontratada, era deficitário?

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Sim. Houve um período, sim.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E por que prosseguiram prestando?

O SR. IOANIS AMERSSONIS – Excelência, temos um contrato e temos que honrar o contrato, não é? Então, muitas vezes tiramos receita de outras atividades para cobrir um contrato. Então, o contrato oscila, uma hora é deficitário, outra hora é superavitário. Então, principalmente, quando... Lembro-me, em março de 2003, os combustíveis subiram numa pancada só 25%. Aí, foi uma situação...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Em que época?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Março de 2003.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não. Nós estamos antes ainda de 2003, no período inicial. Esse a que o Deputado Cardozo fez referência, a dispensa de licitação, R$236 para R$157, e começaram alterando. No começo das operações da Beta com a Sky, a operação foi satisfatória?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – As operações, sim, porque, quando faltava o avião de uma entrava o da outra na operação.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Eu não falo operação enquanto logística, a rentabilidade.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Como rentabilidade, sim. No preço que foi dado, era satisfatório sim.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – A Promodal, a Sky e a Beta, em um determinado período, formaram uma *holding*.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Perdão, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Estavam juntas e formaram...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não. Na verdade, a Promodal e a Beta, nós tínhamos um conglomerado de empresas, como eu expliquei no início das operações. Então, o Sr. Antônio Augusto administrava a Promodal, administrava a Beta e eu estava afastado.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Eu queria mais adequadamente em relação ao Fundo de Comércio que criaram em 2002. O que sabe informar sobre isso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Em 2002? Perdão, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – É. Um Fundo de Comércio criado em 2002.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Fundo de Comércio?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – É.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não tenho conhecimento, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Entre... Deixa-me ver aqui.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Em 2002, não havia nenhum tipo de relação. Pelo menos...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Essa sociedade de fato, V. Sª disse que ela terminou em 2002?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Terminou em 2002.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Que relação havia mais propriamente entre a Beta e a Promodal?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Perdão, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Entre a Beta e a Promodal...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Em que situações elas operaram sob a mesma direção?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Bem, a Promodal era a maior embarcadora de cargas do País e atuava fortemente na rota Manaus também. Tinha vários contratos com várias empresas, e era necessária a carga da Promodal para fazer as operações da Beta. Porque, na verdade, a relação da Promodal com a Beta era de cliente. Nós tínhamos uma complementariedade de atividades. Eu tinha os aviões e ele tinha as cargas. Então, nós fizemos uma associação.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Retroagindo nessa, desde o primeiro momento em que foram convidados por meio de dispensa de licitação e depois nas licitações realizadas, V. Sª teria condições de nos informar que empresas teriam condições de naquelas oportunidades co-participar da disputa?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Naquela oportunidade... Isso em 2000, Excelência?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Em 2001.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Em 2001 e 2000, tinham várias empresas que tinham condições de participar...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Foi em 2000 também, se me permite.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim. Tinha, por exemplo, a Varig tinha condições de participar; a Vasp não, porque a Vasp foi desclassificada por problemas de CND, de... Tinha a TCB, na época em que ela operava; tinha a Total, enfim, várias empresas com aeronaves que eu me lembro agora, Excelência. Estou tentando puxar pela memória para ajudar... Mas várias empresas e que, na verdade, acabaram participando. A Beta e a Skymater nunca participaram sozinhas.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Estou tentando localizar, mas sei que a Sky considerou que, nesse pregão em que ela chegou ao limite, estaria havendo um conluio entre as outras participantes com o objetivo de fazer com que ela fosse excluída. E daí que foram reduzindo, reduzindo até a situação deficitária.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – É. Eu poderia tentar explicar um pouco para esclarecer esse fato, porque esse fato é...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Já me localizei aqui, já vou ler para senhor. A Skymaster, em depoimento a esta CPMI, em que teriam participado da licitação a Varig e a TCB e a Transportes Charters dos Brasil, teriam baixado, artificialmente, os preços do Pregão – o 106, de 2003 –, com a finalidade única e exclusiva de excluir a Skymaster da operação da Rede Postal Noturna. Isso é verdadeiro ou falso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Isso é falso, Excelência. Na verdade, tanto a Varig quanto a Beta – como a Beta era um conglomerado logístico e tinha cargas de outros clientes e não só dos Correios e como o avião não era exclusivo dos Correios, a Beta poderia complementar essa aeronave. A mesma situação se referia à Varig, porque a Varig também tinha operações de encomendas expressas e também complementaria, ou seja, ela utilizaria parte da aeronave para os Correios e parte da aeronave para carga de outros clientes. É por isso que os preços são exeqüíveis.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Qual a relação que existe entre a Beta... Isso aqui, de certo modo, V. Sª respondeu.

Em agosto de 2002, foi firmado um instrumento que chamaram de Contrato de Representação em Novos Negócios. Nesse contrato, falava-se na captação possível de novos negócios e, em uma determinada passagem, davam a entender que esse ajuste permaneceria enquanto a estrutura decisória dos Correios permanecesse a mesma. O que faz supor é que as pessoas que estavam participando desse ajuste só assim estavam porque alguém desses tinha uma ligação específica e privilegiada em relação à direção dos Correios. Essa cláusula constou do Contrato de Representação em Novos Negócios. O que V. Sª diz sobre isso?

O SR. IOANNS AMERSSONIS – Excelência, na verdade, não fui eu que fiz esse contrato, inclusive eu não sei do que se trata. Em agosto de 2002, eu não tinha nenhum tipo de relação com a Skymaster e também já não era mais sócio da Promodal.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Sabe dizer se o Morato tinha algum prestígio diferenciado junto aos Correios?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Alguma aproximação maior com algum diretor?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Que eu saiba, não.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Sr. Presidente, enquanto o Deputado Arnaldo Faria de Sá, eventualmente, procede a algum questionamento, vou prosseguir na minha análise para ver o que ficou ainda para ser questionado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a palavra o nobre Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, Sr. Relator, Sr. Depoente, quero saber qual é o nome de seu Advogado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já foi declarado: Dr. Sérgio Rossental.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual a nacionalidade do Dr. Ioannis?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu sou brasileiro naturalizado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então, qual a sua naturalidade?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu sou grego.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quando ocorreu a sua naturalização?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ocorreu em 1995, quando eu adquiri a Beta.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu não entendi essa ligação: quando adquiriu a Beta e a naturalização. É isso que quero entender.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ocorre o seguinte: para ser proprietário de uma companhia aérea, tem que ser brasileiro – pelo menos 80% do capital tem que ser brasileiro. Então, eu me naturalizei para poder ser proprietário da companhia aérea.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quer dizer, se não tivesse a intenção de comprar companhia aérea, então não teria sido naturalizado?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Perdão, Excelência.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se não tivesse a intenção de comprar a companhia aérea não, teria sido naturalizado?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não. Teria, sim. Já estava na minha... Eu tinha em mente essa naturalização. V. Exª pode observar pelo meu sotaque que eu sou mais brasileiro do que grego.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sim, mas é sua a afirmação de que se naturalizou, para poder adquirir a companhia; por essa razão a minha pergunta.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, essa é a verdade na época, mas eu tinha intenção de me naturalizar, Excelência.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quantas aeronaves a Beta tem?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Hoje ela tem cinco.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E qual a associação, a sociedade ou a parceria que existe com a Skymaster?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Nenhuma. Hoje, nenhuma.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas anteriormente?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, a Beta tinha uma sociedade, era uma sociedade, de fato, anterior. E ela era administrada na época... até 2002, foi administrada pelo Sr. Antonio Augusto, e ele firmou uma parceria com a Skymaster nesse período, e, depois de 2002, quando assumi a Beta, essa parceria, em função de esse acordo ter sido firmado por ele, deixou de existir.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor assumiu a Beta totalmente em 2002?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, eu assumi administrativamente. Ela sempre foi minha. No papel sempre foi minha, mas eu assumi administrativamente em 2002.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual o lapso de tempo entre a propriedade total e a assunção da administração?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Cinco anos. De 1997 a 2002.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – De 1997 a 2002 era proprietário?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Era administrada pelo Antonio Augusto.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E, a partir de 2002, a administração passou a ser totalmente sua?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, passou a ser integralmente minha.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A elaboração da sociedade, da empresa Beta já foi moldada com essa idéia de fazer o transporte para os Correios?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, a concessão da Beta é para transporte de cargas e malas postais. Então, quando ela foi concebida, quando foi... não foi com essa intenção. A intenção estava focada no eixo São Paulo–Manaus–São Paulo.

Então, como Manaus é um distrito industrial, e nós, tanto eu quanto Antonio Augusto, na época trabalhávamos...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E hoje a operação que a Beta faz é concorrente da Skymaster?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Hoje, totalmente concorrente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Concorrente?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Concorrente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Há disputa natural ou disputa predatória?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, não. Disputa natural, dentro da responsabilidade.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual o trecho da rede postal que é explorado pela Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Hoje... é que houve uma mudança, no ano passado houve uma licitação... não sei se V. Exª tem conhecimento.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) –Tenho.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ah, Ok. Hoje a Beta explora a rota Recife–Salvador–São Paulo e São Paulo–Salvador–Recife, e uma outra aeronave faz a rota Manaus: Manaus–Brasília–São Paulo e São Paulo–Brasília–Manaus.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quando uma aeronave faz essa operação, ela é exclusivamente para os Correios ou pode ter carga complementar?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, não, hoje é exclusivamente dos Correios. Toda disponível para os Correios hoje.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E, se não utilizar a carga toda, como é feito isso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Bem, aí já não é um problema nosso isso. Isso é um problema do próprio Correio. Na verdade, nas nossas linhas, eles utilizam todo o disponível.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas, se não utilizar o disponível, paga?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, na verdade paga pela linha, não pelo disponível nem pela carga.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ela paga pela linha. Usou ou não usou, ela paga pela linha?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, ela paga pela linha, se ela usa ou não usa.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Agora, poderá eventualmente – não estou afirmando que ocorre isso – a Beta, sabendo que não vai utilizar aquela carga toda disponível, ceder para terceiros o espaço ou negociar ou qualquer coisa nesse sentido?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não pode, Excelência. Isso é proibido pelo contrato.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É proibido pelo contrato?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Esse espaço é de gerenciamento exclusivo dos Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Relator, a informação do Sr. Ioannis é preponderante. Ele diz que, mesmo que o Correio não use, paga e impede que seja utilizado por terceiros. Quer dizer, é uma coisa meio complicada. Eu tinha essa informação, mas não a afirmação. A afirmação dele é extremamente grave. Quer dizer, o Correio paga...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Com exclusividade. Mas é uma cláusula que foi introduzida mais recentemente. Na época, Sr. Ioannis, inicialmente não havia essa...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não era assim.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – V. Sª entende que essa é uma cláusula na esteira da pergunta do eminente Deputado Arnaldo Faria de Sá? V. Sª entende qual é a razão de alguém, na diretoria de uma empresa pública, inserir essa cláusula no contrato? Haveria alguma justificativa plausível? Ela é interessante ou prejudicial?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, eu entendo que isso é extremamente interessante para os Correios. Isso permite que os Correios cresçam e permite também que eles possam...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas isso não eleva o custo também?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, não eleva, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Na medida em que deseja exclusividade?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não eleva, Excelência. O custo apurado pela operação, porque alguns fatores contribuem para a elaboração do custo. Um deles é a rota – qual é a rota que os Correios querem –, o outro são os horários de vôo. Tem outro fator: quantidade de carga, e o outro fator...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas, se há exclusividade, qual é o problema do horário, dos horários?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, o horário de vôo? Sim, ele é importante para nós, porque... questão do preço pode ser: se o horário coincide com a nossa malha, então tenho condições de fazer um aproveitamento melhor das minhas aeronaves.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas ela não é exclusiva?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, ela é exclusiva, mas eu tenho as próprias aeronaves, fazendo... São cinco aeronaves que a Beta tem, sendo que duas operam para os Correios, as outras três operam para o resto do mercado. Então, essas duas dos Correios, se eu puder fazer coincidir com os horários das minhas aeronaves, consigo dar uma redução melhor para os Correios. Agora, se eu não conseguir isso, aí vou ter de colocar uma aeronave exclusiva e uma aeronave de *backup*, para poder executar as linhas.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E essas aeronaves que a Beta tem são próprias, *leasing*? Qual o tipo de operação?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, essas aeronaves são financiadas. Elas são próprias, mas financiadas, ou diretamente pelo proprietário, ou, então, por financiamento bancário.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Como apenas são cinco aeronaves, dá para o senhor definir qual é a de financiamento próprio, qual que é a de financiamento bancário?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ok. As três aeronaves Boeing 707 foram financiamento direto com o proprietário. Então, ao longo dos dez anos, nós financiamos essas aeronaves. E as aeronaves DC-8 são financiadas por banco, via bancária.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Pode informar qual é o banco?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – É o Eximbank.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eximbank.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Sr. Presidente, vou prosseguir.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Prossiga, Sr. Relator.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – V. Sª tem ciência de que, numa determinada licitação, na verdade, no Pregão 45/2001, houve a participação da Aeropostal? Já ouviu falar na Aeropostal?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, eu ouvi falar da Aeropostal, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quem seriam os proprietários da Aeropostal?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – O atual proprietário... Eu não tinha muito contato com essa empresa, Excelência, mas sei que o atual proprietário, inclusive, administrou a minha empresa.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quem é?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – O Sr. Roberto Kfouri.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Ou seja, na época, em 2000, 2001...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Em 2001, exatamente.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Ele era sócio da Aeropostal?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Em... Não, não me consta... Não sei precisar. Excelência. Eu sei que ele...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas essa informação que V. Sª tem em relação a Roberto Kfouri com a Aeropostal corresponde a que período?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Da Aeropostal... A informação que tenho corresponde ao período de 2002.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Ou seja, ele teria adquirido a Aeropostal de algum outro?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ele... Enquanto ele administrava a minha empresa, não era sócio-proprietário da Aeropostal.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quando V. Sª diz "enquanto ele administrava a sua empresa", qual é a empresa? A Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A Beta. A Beta. Ele administrava como diretor operacional, diretor-geral da Beta.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Na verdade, o que está muito claro nessa investigação é que esse Roberto teria participado, teria criado essa Aeropostal, que jamais obteve licença de ninguém, do DAC, requisito necessário para participar da licitação, portanto uma empresa, enquanto aspecto licitatório, fantasma, sem registro. Há a Sky, a Aeropostal, que participou e cujo proprietário nunca a registrou e é hoje o seu diretor, e a Beta. Há a contratada, a subcontratada e o futuro diretor das empresas. Fica difícil, na nossa investigação, não chegar à conclusão de que há um grupo montado que partilha os serviços dos Correios e que vai estabelecendo os preços, segundo a possibilidade de participar de uma licitação estilo Linha F. A Beta ganhou sozinha a Linha F, não foi?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A Linha F? Não. Houve outras empresas participaram.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não. Ela não teve concorrente na Linha F.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Teve.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Teve?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Que eu saiba, teve.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Com a Sky, que era...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A Varig Log participou também.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Com o fato de a Sky estar participando, vocês estabeleceram, como tinham as aeronaves, que um ficaria com uma linha e o outro ficaria com a outra e que depois trabalhariam juntos. Esse detalhe que V. Sª fala, sobre a necessidade de ter um *backup* – não sei se essa é a expressão –, a garantia de um segundo avião, a Sky hoje tem um avião sobressalente?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ela tem. Ela tem, sim, só que é de propriedade dela. Assim como nós temos. Hoje, nós temos cinco aeronaves, Excelência. Dessas cinco aeronaves, duas voam para o mercado em geral, e as outras três ficam à disposição dos Correios. Ou seja, duas voando e uma de *backup*, porque é muito comum a quebra das aeronaves. Não são aeronaves zero quilômetro. Inclusive, são aeronaves que gastam um pouco mais de combustível, mas infelizmente aeronaves novas custam muito, Excelência. Custa acima de US$30 milhões uma aeronave nova, e não temos condições de financiar uma aeronave desse tipo. Elas são um pouco mais econômicas e, teoricamente, poderiam baixar o preço no que diz respeito ao combustível, mas haveria o custo financeiro, que acabaria também onerando. Então, operamos com aeronaves relativamente geriátricas, porém com bastante credibilidade, porque essas aeronaves fazem os Cheques C periodicamente, de acordo com os requisitos do DAC. Cada Cheque C de uma aeronave dessa demora o mínimo de 60 e vai até 180 dias, dependendo da gravidade dos problemas que são encontrados. Então, ficamos, na melhor das hipóteses, 60 dias sem uma aeronave ou até 180 dias sem uma aeronave. Não é possível trabalhar sem *backup* nesse caso.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Que ligações existem entre Hélio José Ribeiro e a Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Perdão, Excelência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Que tipo de relação existe entre Hélio José Ribeiro e a Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Nenhuma relação. Não sei quem é.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas V. Sª o conhece?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Hélio José Ribeiro?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Aeropostal.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Talvez seja o antigo dono da Aeropostal. Ouvi falar dele sim, Excelência. Eu o conheço, sim.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Antes de o Roberto Kfouri integrar a direção profissional da Beta, V. Sª nos assegura que não houve nenhuma relação comercial com ele?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Com o Roberto Kfouri, não. Nenhuma. Ele foi convidado para auxiliar. Na verdade, o Antônio Augusto o convidou e me deu ciência de que iria convidá-lo, para auxiliar na gestão da empresa Beta, porque ele tinha algum conhecimento dessa empresa de aviação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Roberto Kfouri não foi Diretor-Executivo da Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Foi.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que período?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Em 2002.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não. Ele foi até 2002, até junho ou agosto de 2001.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, ele chegou a assinar contratos de aditamento pela Beta?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu acredito que sim, Excelência. Acredito que sim, porque ele foi diretor-geral na época.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Dessas pessoas, com quem V. Sª teve audiência ou negociou alguma coisa nos Correios: Hassan Gebrin, Presidente.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, não tive.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Humberto Eustáquio César Motta, Presidente.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Humberto Motta… Estive com ele uma vez.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – De 2002 a 2003?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Estive com ele uma vez só.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Paulo Roberto Menicucci?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Desculpe-me. Paulo Roberto?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Menicucci.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não conheço.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Diretor de Tecnologia?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não sei quem é.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Cláudio Melo Colaço?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não sei quem é.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Afrânio Rodrigues Júnior?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não sei.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Roberval Borges Corrêa?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Também não conheço.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Carlos Augusto de Lima Sena.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Conheço. Era o antigo Diretor de Operações dos Correios.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Tratou algo com ele?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A rigor, não, Excelência, porque, quando assumi a Beta, só fui me apresentar a ele, mas foi uma apresentação só. Não tratei com ele nenhum assunto com relação a reequilíbrio econômico.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Gerson da Silva Melo?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não conheço.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Com quem V. Sª tratava os reequilíbrios?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Bem posterior a isso, com o Sr. Madureira.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E com o Presidente.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Com o novo Diretor de Operações. E falei também com o Dr... Perdoe-me, falei o nome dele agora, mas me fugiu...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – João Henrique?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – João Henrique de Souza.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Última pergunta: num primeiro momento em que V. Sª participava conjuntamente com a Sky, havia aquele estabelecimento de ajuste de subcontratação. Depois, em determinado período, os Correios proibiram a subcontratação. Teria sido em virtude disso que as empresas passaram a se afastar, a Sky da...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Perdão. Coibiu a subcontratação?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – É.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Acho que em virtude da Lei nº 8.666, que acabou tirando...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas a Lei nº 8.666 já existia lá de trás.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, mas depois parece que houve alguma recomendação do TCU. Não me lembro agora, Excelência. Não consigo, não sei se é por lei, mas houve alguma recomendação para proibir subcontratação. Não sei se alguém pode ajudar nisso. Mas realmente eu não...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Pode ir fazendo suas perguntas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estava curioso com a figura do Sr. Roberto Kfouri, que foi Diretor Executivo da Beta.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim. Até 2001.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. Até 2001. E a Empresa Aeropostal pertencia a ele?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não. Que eu tivesse conhecimento, nesse período, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Temos a informação de que a Aeropostal pertencia a ele. E era uma empresa curiosa, porque não estava registrada no DAC.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Veja só: a empresa Aeropostal... Sei que ele... Porque ele concorreu comigo depois. Ele saiu da minha empresa, adquiriu a empresa Aeropostal...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou-lhe dizer que ele concorreu com o senhor, quando era diretor da sua empresa. A Aeropostal foi criada em 2000. O Sr. Roberto Kfouri era um dos sócios. Em setembro de 2001...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Setembro de 2001?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Setembro de 2001, ele não trabalhava mais comigo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Aeropostal foi criada em 2000. Em setembro de 2001. Só que ele assinou um Termo Aditivo, firmado com os Correios, em setembro de 2001. O Sr. Roberto Kfouri assinou um termo contratual para sua empresa, já sendo dono da Aeropostal.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Em setembro de 2001, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É verdade. E ele participou do Pregão 45, de

2001, com a Aeropostal. E a Aeropostal não podia participar. Então, veja: um diretor da sua empresa adquire outra empresa aérea, que não é registrada no DAC, participa do pregão. Como a habilitação ao pregão é posterior à classificação, ninguém ficava sabendo que ele não seria habilitado, o que nos dá uma suspeita de que havia um conluio nesse pregão. O senhor percebe? Seu diretor participava, não fazia um jogo. Estou errado nessa avaliação?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Excelência, as datas não estão coincidindo. Em setembro de 2001...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele assina o Termo Aditivo ao Contrato nº 10.498, de 2001, firmado com os Correios, em 13/9/2001, como Diretor Executivo da Beta. Em 13 de setembro de 2001. Foi o mesmo período em que ele adquiriu a Aeropostal.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu posso assegurar que ele não era mais Diretor Executivo da Beta nesse período. Eu pessoalmente entreguei a destituição dele antes disso, em junho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí ele adquiriu a Aeropostal, que não era registrada no DAC, que não tinha condições de disputar e entrou no pregão. Não é interessante?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu não saberia responder isso, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está certo. Uma coisa que me chamou a atenção, logo nas primeiras perguntas do Sr. Relator, é que o senhor tinha uma sociedade de fato com o Sr. Antônio Augusto.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é verdade? Então, a Promodal Transportes Aéreos pertencia ao Sr. Antônio Augusto, mas o senhor era sócio de fato?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma série de empresas que os senhores tinham juntos, não é?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, a Beta era sua, mas ele era sócio de fato.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que os senhores faziam sociedade de fato? Qual era a lógica?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, nós estávamos caminhando, na verdade, para uma sociedade de direito. Então, é mais ou menos como juntar trapos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que normalmente, sim...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Antes de efetivar o...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que no caso do concubinato, eu entendo: como o concubinato evolui para o casamento. São as paixões da vida. Agora, no caso empresarial, essa relação de fato para depois evoluir para essa de direito é totalmente atípica, inclusive com negócios de grande vulto. Isso me dá a impressão de que os senhores não queriam mostrar que eram sócios e atuavam com as empresas isoladamente. Não é uma impressão que o senhor teria? Duas empresas concorrentes, os dois são donos das duas. Por que não oficializam? Havia algum papel assinado entre os senhores?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, na verdade, não, Excelência. Havia uma relação de confiança muito forte entre os dois. Eu confiava muito no Antônio Augusto, ele era um empresário...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, se é uma relação de confiança, por que os senhores não botavam no papel?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Nós estávamos caminhando para isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, eu estou achando que aquela questão da naturalização deve...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, porque ele já era dono da Beta. Ele já era dono da Beta, ou seja, a Promodal pertencia ao Sr. Antônio Augusto, e a Beta pertencia ao Sr. Ioannis. Mas os dois eram donos das duas, não botavam no papel e disputavam licitações.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, a Promodal não disputava licitações com a Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Naquele momento não disputava licitações?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Naquele momento, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Havia algum...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Mesmo porque a Promodal não tinha companhia aérea.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não tinha companhia aérea?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A Promodal passou a constituir companhia aérea em dois mil e...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Promodal Transportes Aéreos Ltda...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Foi em 2001, mas ela só competiu depois que nós separamos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só competiu depois que vocês se separaram?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Depois que nos separamos. Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que é que não botavam isso no papel? Porque a Promodal também podia ser subcontratada.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – OK. Nós estávamos caminhando para isso; chegamos a assinar um acordo de sociedade de fato para transformar em sociedade de direito, constituir uma *holding* e colocar todas as empresas debaixo da *holding*. Nós tivemos uma divergência com relação ao comando das empresas: 50 a 50 é complicado o comando. Essa divergência durou aproximadamente seis meses, essa negociação, até que nós concluímos: "Ioannis, vá para seu lado, eu vou para o meu", nós separamos amigavelmente, sem nenhum problema e... Não deu certo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o Sr. Antônio Augusto, que era seu sócio de fato, também tinha uma relação próxima com a Skymaster.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Tinha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tinha uma relação próxima.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Próxima... Tinha uma relação...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mais que próxima, era um quase casamento e mais que um concubinato, porque ele tinha...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, a relação dele com a Skymaster, como expliquei aqui, era uma relação... Ele fez aquele acordo com a Skymaster, o acordo a que V. Exª está-se referindo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. Em 15 de abril de 2002.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – É. No sentido de proteger a empresa no futuro, na participação de uma linha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, o contrato que ele fez com a Skymaster em 15 de abril de 2002 dizia o seguinte: que tudo aquilo em que eles tivessem negócios novos, era 50% para cada um.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, mas esse contrato eu não... Isso ocorreu depois da separação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois do fim da sociedade. Então, qual era o contrato que ele tinha antes? Era para proteger como? Era aquela...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, foi feito... ele me deu ciência, "vou fazer isso, que é para proteger, porque nós precisamos de um *backup*". Eu falei: "Está perfeito. Tem que fazer mesmo, senão não dá nem para participar."

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas veja aqui: há um período que é curioso: de abril a agosto de 2002, o Sr. Antônio Augusto Morato Leite participava de duas sociedades de fato, digamos assim, e tinha 50% dos novos negócios que a Skymaster obtivesse e tinha uma só de fato com o senhor nas empresas Beta e Promodal. Ou seja, havia uma *holding* de fato, vejam que curioso. O Sr. Antônio Augusto era o cabeça da *holding* da relação com a Skymaster e com o senhor, e, como a Skymaster também disputava licitações com a Beta, a *holding* de fato operava em disputas e licitações. O que me chamou a atenção é exatamente a combinação de preços, um perde por R$10,00 para o outro, o senhor percebe? O senhor não acha que dá margem à suspeita de um conluio entre essas três empresas nessas licitações? É a impressão que tenho. Se o senhor me pudesse demonstrar que não existe isso, eu ficaria muito satisfeito e feliz. Agora, da forma como está, toda a impressão é a de que vocês operavam em conjunto.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Excelência, houve, na verdade, este acordo, de que tomei conhecimento, entre Antônio Augusto e a Skymaster, no sentido de proteger a Beta de uma eventual pane de aeronave e de evitar que ela não tivesse um avião de *backup* para colocar nos Correios.

Isso transcorreu até 2002, quando rompi a sociedade com Antônio Augusto. Quando rompi a sociedade com ele – ele foi para o lado dele, e eu fui para o meu lado –, ele se aproximou, de uma forma, da Skymaster e fez aquele contrato que V. Exª tem em mãos e de que não tenho conhecimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas há um período comum, porque nós temos pelo menos alguns meses de uma *holding*.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim. Esses meses de uma *holding* eram os meses de discussão e separação, porque você não separa de um dia para o outro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Será que o senhor não brigou com o Sr. Antônio Augusto porque ele estava se aproximando da Skymaster, e aí começou a haver uma confusão?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não foi isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não foi isso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não. Eu briguei com ele – briguei no bom sentido – por divergências...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A dissolução do concubinato.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Exatamente. Por divergências na gestão da empresa. Eu queria sempre uma gestão profissionalizada, como fiz nas minhas empresas. Eu queria ir para um conselho, convidei o Antônio Augusto para ir para o conselho, infelizmente ele sempre foi presidente do grupo, sempre foi o administrador do grupo, e isso não o deixou numa situação confortável, e nós acabamos rompendo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor poderia fornecer a esta CPMI uma cópia do documento...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Da dissolução?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não da dissolução, do que fez a sociedade de fato dos senhores. O senhor poderia fornecer uma cópia?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Posso encaminhar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A dissolução nós temos? Então, esse primeiro contrato nós não temos.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ok, eu posso encaminhar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor pudesse fornecer-nos...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, nós acabamos nem registrando esse contrato; nós assinamos, mas não registramos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deputado Rosinha.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Sr. Ioannis, em 2000 a empresa Beta venceu a Concorrência nº 10 para operar a linha F – em julho de 2000, disputando com a Skymaster, quatro dias após ter firmado termo de compromisso de subcontratação ao preço de R$193.940,00. O senhor se lembra desses fatos?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, Excelência – eu estava até explicando para o Exmº Relator –, não tive conhecimento desses fatos da forma como eles estão relatados. De 1997 a 2002, a empresa era administrada pelo Antônio Augusto. Então, tudo que foi feito com relação aos contratos com a Skymaster foi feito por ele. Talvez ele possa explicar melhor com relação a isso.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Então, vou pedir uma opinião para o senhor, depois faço a pergunta a ele.

A subcontratação ao preço de R$193.940,00 por operação diária. Esse preço foi mantido – isso era em julho de 2000 – até abril de 2005, quando foi repactuado no valor de R$283.772,75 – olhe o longo período. Uma empresa suportaria um período tão longo assim, sem nenhuma correção, se imaginarmos que o combustível subiu 190,26%?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, esse contrato... O senhor está falando do contrato da linha F?

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Isso.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, ele foi repactuado sim, Excelência. De 2000 a 2005, nós recebemos 46% de repactuação.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Recebeu...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Ao longo desse período, 46% de repactuação, divididos em vários...

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Isso, 46,32% ao longo do período todo.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, 46% ao longo dos cinco anos.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Isso, 46,32%.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Posso atestar que não atendeu à necessidade.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – O combustível foi 190,2%?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Exato.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – O IGPM, 84,46%?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Exato.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – A empresa trabalhou com prejuízo nesse período?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, ela trabalhou com dificuldades, mas... A aeronave era utilizada parcialmente pelos Correios e parcialmente pela nossa empresa. Então, nós fazíamos... nós colocávamos carga dos nossos clientes também, para poder suportar esses repactuamentos abaixo dos limites.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – A impressão que se tem é a de que aquele contrato inicial estava superfaturado. Essa é a impressão que se tem, porque suportar... O menor índice de inflação foi o dólar americano, de 41,43. Todos os outros índices foram elevados. Ou será que eram benesses para os Correios? Era um presente?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, Excelência. Quando você forma o preço, você leva em consideração todos os fatores, inclusive a possibilidade de aproveitar os disponíveis de carga. Então, eu não... Eu posso assegurar a V. Exª que, nesse período, o que houve, na verdade, foi a redução da remuneração da empresa. No que diz respeito ao contrato dos

Correios, a empresa perdeu significativamente a sua remuneração.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Já foi dito e também verificado que a Beta e a Skymaster dividiam seus contratos em 50% cada uma e que seus lances no pregão, 106, de 2003, foram muito próximos.

Nós poderíamos admitir que, ao menos no período de 2000 a 2003, para operações das linhas RPN, os custos da Beta e da Skymaster foram semelhantes?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu não saberia afirmar se os custos da Beta e da Skymaster eram semelhantes. Nós tínhamos um diferencial com relação a isso. Nós tínhamos um mercado de cargas e de encomendas que colocávamos nesses vôos e que acrescentava, que nos dava uma receita que permitia realizar esses vôos com os preços que nós oferecemos.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – O Brigadeiro Venâncio Grossi prestava serviço à Promodal?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Pelo que eu tenho conhecimento, sim, Excelência, em função da reportagem que eu li, mas eu não conheço o Brigadeiro Venâncio Grossi.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Só em função da reportagem?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Só em função da reportagem. Eu não o conheço, embora tenha sido sócio, de fato, da Promodal nesse período. A partir de 2002, eu não tive mais conhecimento do que aconteceu com ela.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Mas no período em que era sócio, o senhor...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Isso foi anterior a 2002.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Mas o senhor não tem conhecimento se ele prestava serviço?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, ele não prestava serviço nesse período, que eu saiba.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – No período em que o senhor era sócio, ele não prestava serviço?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Depois disso, o senhor não sabe se ele prestava serviço?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Depois disso, eu não sei. Vim a tomar conhecimento pela revista.

O SR. DR. ROSINHA (PT – PR) – Por hora é isso, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, vou-me valer um pouquinho da sua experiência empresarial, que é muita, e do conhecimento que o senhor tem das partes envolvidas aqui.

Há um momento em que a Skymaster firma um contrato com o Sr. Antônio Augusto, que já não era mais o seu sócio de fato. Esse contrato, para mim, é bastante curioso. Eu nunca tinha visto, realmente, um contrato assim – e olha que eu lido muito com contratos.

Nesse contrato, que se chama Contrato de Representação em Novos Negócios, ele, que é dono da Promodal, portanto concorrente da Skymaster e do senhor, diz que, dos novos negócios que conseguisse nos Correios, perdão, que a Skymaster conseguisse nos Correios, ele teria direito a 50%. Há uma cláusula nesse contrato que me chamou muito a atenção. A cláusula diz o seguinte: "Caso haja mudança na atual estrutura decisória dos Correios, esse contrato deverá ser rediscutido em todas as suas cláusulas", o que mostra que haveria algum tipo de vinculação do Sr. Morato com a estrutura decisória dos Correios, porque, se não tivesse essa estrutura decisória vinculada a ele, fatalmente ele não teria por que ter 50% dos negócios do outro, além de causar espécie que uma empresa, efetivamente, contrate o presidente do seu concorrente, dando-lhe uma participação de 50% dos lucros.

Então, a impressão que me dá é a de que todos estavam muito bem, ou seja, o senhor estava muito bem com o Sr. Moratoseu, etc, então a Skymaster tinha uma boa relação com o Sr. Antônio Augusto. Então, havia muito bem. Inclusive, seu diretor financeiro foi ser dono da aeroespacial, estavam todos bem. Aí, de repente, houve um estremecimento na relação do senhor com o Sr. Antônio Augusto. O Sr. Antônio Augusto, então, forma contrato com o Brigadeiro Grossi, inclusive para constituir estudos da Promodal, não é isso? Foi um pouco antes, talvez, isso.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – A Promodal Transportes Aéreos foi constituída antes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi constituída antes. Então, constituiu antes, etc. Então, era mais uma concorrente no mercado e, aí, a Promodal perde a concorrência em que ela disputa para a Skymaster, ela não ganha, e, subitamente, há um contrato de participação. Não dá a impressão de que existiu um cartel aqui? Ou seja, um cartel que, a partir de um certo momento, começou a ser desfeito com uma briga em que ficou, de um lado, Beta x Skymaster e Promodal?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, Excelência, não há cartel, mesmo porque eu não vejo onde os Correios foram prejudicados nisso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No preço? O senhor mesmo me reconheceu que havia um caso evidente de superfaturamento da Skymaster, na sua opinião.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, eu não disse. Eu só...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma pergunta minha.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu só pressuponho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pressupõe. Então, se pressupõe, até que seja desfeita a pressuposição, vamos supor. Então, o senhor mesmo reconhece que se pressupõe o superfaturamento quando uma empresa faz um lance inicial de R$290 mil e o preço que ela operava era R$429 mil.

A versão que a Skymaster dá é de que ela e o senhor forçaram para baixar o preço no pregão, para manter a reserva de mercado. O senhor contradiz isso, dizendo que o preço era exeqüível.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Da minha parte, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, então, na sua versão, a Skymaster está mentindo quando diz que o senhor forçou a barra também no preço junto com ele.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu não sei exatamente o que eles falaram, Excelência, mas isso não é verdade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, eles dizem o seguinte: que o preço de 429 mil era justo.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Mas ele disse que a Beta forçou?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele chega, mais ou menos, a sugerir isso, porque, afinal de contas, o senhor ficava com R$10,00, só, de diferença deles.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, Excelência, esse foi... Eu diria que foi um pregão pau a pau. Foi assim. Nós entramos lá para...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, vamos e venhamos. Das duas, uma: ou os senhores colocaram um preço inexeqüível, ou o preço de 490 mil era exeqüível demais. Evidentemente, o senhor fala: "Não, o preço era razoável. Eu só não avancei mais porque não podia. Esse era o preço justo". Bom, se era o preço justo, então é claro que a Skymaster superfaturava. É evidente, então, depois vamos avaliar tudo isso, parece claro que há sempre um jogo de empresas na linha de obter um preço acima daquele que é de mercado e evidente hipótese de conluio.

Por exemplo, nós temos, aqui, alguns indicadores de que existiram licitações conduzidas, e que as licitações eram conduzidas pelas definições técnicas dos aparelhos que podiam operar. O próprio Sr. Madureira, que foi diretor de operações, depondo nesta Comissão, não teve condições de explicar certas situações, pelo menos no meu modo de entender, como por que se exigiam certos aviões. Então, me parece claro que eram licitações conduzidas, as empresas se entendiam muito bem até haver uma cizânia, claro.

Portanto, havia um entendimento entre as empresas, havia o entendimento das empresas nas licitações, tudo era perfeito. Só não era perfeito porque, efetivamente, havia uma lesão clara à legalidade, à moralidade, do ponto de vista de superfaturamento em alguns casos.

Eu estou totalmente errado nessa minha suposição?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, e o *backup* de uma empresa era feito por outra.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o *backup* também. Aliás, com acordo prévio.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, isso era feito porque nem a Skymaster, nem a Beta tinham frota suficiente para isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas e essa irmandade, está certo? Como é que o senhor me explica isso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não é irmandade. Veja só, Excelência: os Correios operavam essas linhas com três companhias aéreas, basicamente: Vasp, Varig e Transbrasil. Foi aí que surgiram as empresas suplementares. E as empresas suplementares vieram a suprir uma demanda dos Correios que não estava sendo atendida pelas companhias aéreas regulares, na época. Então, por que a ...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, permite-me um aparte?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na verdade, essas empresas regulares – a Vasp, a Transbrasil e a Varig – estavam com problemas de CND e não podiam mais continuar participando.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Exatamente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Aí que surgiram as empresas paralelas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Surgiram essas outras. Isso ficou claro, também, em alguns depoimentos.

Surgiram, então, essas empresas auxiliares, que tomaram conta do mercado, numa situação aparente de entendimento, até 2002, quando há um certo litígio.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Com isso eu não posso concordar, Excelência. Isso aí... O entendimento é no sentido operacional, mas comercial, jamais. As propostas eram distintas, cada um dava sua proposta comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas as licitações bastante orientadas para o mesmo grupo ganhar...?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Veja só, nos Correios, como é feita a licitação? Leva-se em consideração a quantidade de carga, levam-se em consideração os horários, levam-se em consideração as multas e levam-se em consideração as rotas. Então, retira-se o edital e faz-se uma análise e você compõe a planilha...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ficou claro no depoimento do Sr. Madureira que algumas das exigências conduziam para que certos aviões específicos fossem utilizados e, ao se marcar essas situações, é claro que se marcava para certas empresas que tinham aqueles aviões.

Como se vedada no edital a aquisição de aviões novos, então nem poderia haver o compromisso de uma empresa adquirir novos aviões. Em síntese, quem tinha aviões participava, quem não tinha não participava. Como quem tinha eram os mesmos, os mesmos ganhavam. Isso existia realmente?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, não existia.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, a própria questão financeira da Transbrasil começa a ter problemas quando deixa de ter os Correios. Na seqüência, vem a Vasp, e é a mesma coisa, deixa de ter os Correios e passa a ter problema. E a Varig, finalmente, também passa a ter problemas quando deixa de atender os Correios. Os Correios é a mina de ouro dos transportes aéreos.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – V. Ex.ª tem razão. Se me permite, posso falar?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, por favor.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Na verdade, o problema é que o transporte aéreo é uma atividade extremamente complexa, tanto é que poucas empresas se atrevem a trazer aviões, porque, para isso, é necessário cumprir algumas etapas. Se forem aeronaves novas, tem que encomendar Boeing e essa encomenda pode demorar de doze a vinte e quatro meses para ela construir o avião e te fornecer.

Se você vai para o mercado buscar aeronaves velhas, aeronaves mais antigas, usadas, primeiro você verifica qual é a aeronave que você pode homologar e, aí, vai buscar essa aeronave no mercado. O processo de compra de uma aeronave velha não demora menos que um ano. Então, é por isso que você não consegue, não adianta você entrar em uma licitação sem que você tenha o *backup,* porque vai demorar mais de um ano. É o que aconteceu conosco. Depois, tivemos condições de colocar as nossas aeronaves em condições de vôo e, aí, é que partimos para a carreira solo, por assim dizer.

Então, não há nenhum tipo de conluio, não há nenhum tipo de intenção de lesar os Correios. Muito pelo contrário, a Beta não participa disso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deixe-me fazer uma pergunta para o senhor.

No período de 2000/2003, Beta e Skymaster tinham os mesmos custos?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – É tão difícil dizer... porque a estrutura da Beta é completamente diferente. Nós somos operador logístico e temos uma estrutura de custos totalmente diferente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, veja, só podem ter custos muito próximos. Por que digo isso? Vamos lá.

Em 21 de setembro de 2000, quatro dias antes da data marcada para a entrega das propostas da Concorrência 10, de 2000, que foi no dia 25 de julho de 2000, as empresas Beta e a Skymaster firmaram um contrato, já mencionado pelo senhor, para que fossem divididos no percentual de 50% para cada um os contratos obtidos nos Correios.

Se eu faço um ajuste para dividir 50% dos contratos com uma remuneração única é evidente que meus custos são muito próximos, senão ninguém faz um contrato desses. Em junho de 2001, foi a vez de a Skymaster vencer a disputa para as linhas AIC. Apenas duas empresas, Beta e Skymaster, responderam à consulta dos Correios, Dispensa de Licitação nº 02, de 2001. Novamente houve divisão dos contratos. Posteriormente, em 24 de dezembro de 2001, na mesma data da assinatura do contrato derivado do Pregão nº 45/2001, vencido pela Skymaster foi firmado termo de subcontratação de serviços entre a Beta e a Skymaster, ocasião em que a Skymaster transferiu 50% do contrato para a Beta. Quer dizer, há sempre uma associação pelo mesmo valor. Logo, os custos são iguais ou muito próximos.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Os custos operacionais nas primeiras linhas podem ser parecidos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Podem ser parecidos.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Porque as aeronaves consomem basicamente a mesma coisa. Os pilotos têm salários muito próximos; não sei onde é que eles fazem seguros, mas o *leasing* das aeronaves também...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, em princípio, os custos são muito próximos?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu acredito que sejam parecidos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São muito parecidos?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, Excelência. Agora, isso não significa que houve aqui um acordo para burlar os Correios nem para fazer...Na verdade, não haveria outra forma de participar se não fosse da forma como nós fizemos. Caso contrário, não tínhamos... Na época, nenhuma empresa estava habilitada a participar disso.

Por que os Correios recorreram...?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Porque os Correios estavam nas mãos de vocês.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, isso não é verdade, os Correios não estão na mão de ninguém. Mas quem tem avião pode participar. Por que nós participamos? Por que nós estivemos? Porque a Vasp...

O SR. (Orador não identificado) – Quer participar.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não. Foi constatado que ela estava com CMDs falsas e o TCU exigiu que eles rompessem o contrato com a Vasp e aí eles nos chamaram. Nós estávamos fazendo as nossas rotas, São Paulo–Manaus–São Paulo, tranqüilos, sem problema, só que, nesse momento, os Correios precisavam de alguém para executar a linha. Nós tínhamos que largar...

O SR. (Orador não identificado) – A Transbrasil já estava fora também.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Como?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A Transbrasil já estava fora também?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Estava fora também.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então os Correios não tinham alternativa, tinham que cair nas mãos Beta ou da Skymaster.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu não tenho culpa, Exª. Nós colocamos as aeronaves à disposição dos Correios, para atendê-los. E mais, eu tenho certeza que eles podem atestar isso, os Correios implementaram os serviços nobres depois que iniciamos a operação, porque a nossa filosofia – eu sempre fui de transporte aéreo – é executar serviços cumprindo regularidade e pontualidade de vôos. E, para isso, você tem que ter *backup*.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se o senhor foi de serviço de transporte aéreo antes da Beta, qual era a atividade?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Bom, eu trabalhei na Vasp durante 10 anos, em transporte aéreo de carga.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu preciso fazer apenas algumas perguntas técnicas ao senhor, que é para avaliação posterior nossa. Perdoe-me, mas isso aqui é importante para algumas avaliações que estamos fazendo.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Esteja a vontade, Exª.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é o nível de remuneração considerado mais adequado para o transporte aéreo de carga e para a Rede Postal Noturna? Qual é o nível de remuneração adequado?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Eu considero 15% o nível de remuneração justo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quinze por cento?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Quinze por cento, antes do Imposto de Renda.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é o percentual médio de remuneração da Rede Postal Noturna?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Exª, é de 15%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se a Beta perdesse...

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Estou falando atualmente. Antigamente, em função dos combustíveis, isso ia para menos alguma coisa por cento, para mais oito, mais cinco, isso oscilava muito. Hoje não, os contratos hoje são mais lineares.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) Se a Beta perdesse o contrato com os Correios, linha F, que é operado em 2000 a abril de 2005, e linhas 50.011, 69.011, operada a partir de maio de 2005, qual seria o impacto para a empresa? O nível de faturamento seria mantido ou não? Cairia quanto por cento?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Impacto nenhum, Exª. Nós teríamos onde voar com essas aeronaves.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então não perderiam nada?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Suponha que os senhores tenham contrato com os Correios por 5 anos, suponha que a Beta tivesse seus contratos com os Correios reajustados regularmente pelos índices adotados para a Rede Postal Noturna, IGP-M, dólar e preço de querosene de avia-

ção, com variação no período aplicada integralmente, segundo os percentuais de referência.

Poderíamos dizer que a remuneração da empresa seria mantida em níveis adequados por toda a duração do contrato?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Se forem... Dentro das regras da atual licitação, dos atuais contratos, sim, Exª. Se não houver mudanças de regra, é um contrato interessante.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma coisa que também nos chamou a atenção na concorrência 10/2000, que eu tinha esquecido de perguntar ao senhor.

A Beta venceu a concorrência 10/2000 para operar em AF, disputou com a Skymaster, isso quatro dias após ter firmado com ela o termo de compromisso de subcontratação, ao preço de 193.940 por operação de área.

Foi a pergunta que o Dr. Rosinha fez. Posteriormente houve índices de reajuste bastante acentuados. Eu não consigo entender. Os senhores perderam dinheiro realmente nesse contrato, ao longo do tempo?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Em alguns períodos, sim; em outros nós ganhamos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que o senhor não foi à Justiça? Porque o senhor sabe que o equilíbrio econômico financeiro é uma garantia constitucional, e qualquer contratado que se sente lesado vai à Justiça e pede a recomposição, ou então pede a rescisão do contrato. Por que não foi feito isso?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Antes de ir à Justiça, temos de esgotar todas as possibilidades de reaver esses equilíbrios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor já esgotou?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim. Já esgotei e agora eu ainda vou fazer mais uma tentativa. E se não conseguir, só me resta a Justiça.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Considerando que já faz um bom tempo, me causa espécie, pelo menos na minha vida de advogado que sou, que uma empresa demore tanto para entrar na Justiça...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Pela oportunidade. Se não tivesse a CPMI, já teria ido para a Justiça?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Independe de CPMI.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Estou dizendo a você: se não tivesse a CPMI, já teria ido à Justiça.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Isso independe de CPI. É uma questão de que o contrato reza re-equilíbrios econômicos, de acordo... Os re-equilíbrios econômicos foram todos comprovados por planilhas de custo, todos eles foram comprovados. Então, não foram dados. Em algumas ocasiões, os Correios reconheceram que os nossos pleitos eram de fato – me fugiu a palavra agora – pertinentes; no entanto, posso até citar: a empresa pediu 29%, nós reconhecemos 21%, porém só demos 10%. E é verdade, foi isso que aconteceu ao longo do contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, isso realmente me chama a atenção. Nunca vi uma empresa ser tão tranqüila com perda de dinheiro quando tem um direito assegurado: nem indo à Justiça, os pedidos indeferidos. O que leva a nossa suspeita, permita-me dizer, que esse contrato original, como disse o Dr. Rosinha, estava superfaturado.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, não estava, Excelência. Ele estava com o preço justo, houve períodos em que nós perdemos, houve períodos em que nós ganhamos, mas não conseguimos sensibilizar. Os Correios são subjugados ao TCU. O TCU tem que aprovar essa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, se o senhor vai à Justiça, o senhor poderia até conseguir uma antecipação de tutela, alguma coisa que lhe permitisse evitar um prejuízo tão forte.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Sim, estou preparando.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas faz tempo, não é?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Excelência, é uma questão de... Naquele momento, eu achava que não era oportuno fazer isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê? Temia alguma perseguição?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Não, não. Não é isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – É uma questão de esgotar todas as possibilidades de fazer um acordo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas foram esgotadas. Na medida em que o senhor pediu o reequilíbrio e foi indeferido, não vai se voltar mais atrás administrativamente, não há mais acordo.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Tentei até o fim do ano passado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, veja: quando o pedido é indeferido, não há mais retorno, está preclusa a questão.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – De qualquer forma, tentamos, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não teria mais o que tentar, porque não se volta atrás.

O SR. IOANNIS AMERSSONIS – Bem, agora vamos entrar na Justiça realmente, para requerer isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo.

Indago ao Deputado Rosinha se tem mais alguma pergunta.

Então, agradeço imensamente ao depoente e ao Dr. Rosenthal pela presença, e suspendo a presente reunião por dez minutos, para que possamos então retomar a seguir as oitivas.

Agradecemos ao depoente.

(Suspende-se a reunião às 16 horas e 28 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 17 horas e 33 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Declaro reaberta a reunião dessa Sub-Relatoria de Licitações e Contratos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito criada através do Requerimento nº 3, de 2005, para investigar as causas e conseqüências de denúncias de atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Passaremos, agora, conforme já anunciado na primeira parte desta reunião, a oitiva do Sr. Michel Abud Atiê Júnior, para seus esclarecimentos preliminares.

Informo às Srªs e aos Srs. Deputados e às Srªs e aos Srs. Senadores que o Sr. Michel Abud Atiê Júnior comparece na condição de testemunha e já assinou o termo de compromisso, nos termos do art. 203 do Código de Processo Penal.

Na oportunidade, ele se faz acompanhar também do advogado, Dr. Sérgio Rosenthal, que prestará os serviços advocatícios ao depoente ao longo dessa reunião.

Com a palavra S. Exª, o Relator designado para esse trabalho, Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Michel, por que o advogado seu e o do Dr. Ioannis é o mesmo?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – É por uma questão mais prática nossa. Com o mesmo advogado, não precisaríamos contratar dois, somos da mesma empresa.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ele é advogado da empresa de vocês?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, ele é advogado contratado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O que o senhor pode informar a esta Comissão sobre a sociedade de fato que existia entre o Sr. Ioannis e o Sr. Antonio Augusto?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Bom, essa sociedade pelo o que eu sei, pelo o que eu vivenciei, é uma sociedade que tinha empresas no conglomerado do Sr. Antonio Augusto e do Sr. Ioannis. Essa sociedade funcionava de forma a ter colaboração no nível de operações logísticas e complementação de carga.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E quando essa sociedade de fato foi constituída?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Essa sociedade de fato nunca foi constituída; ela sempre foi uma sociedade de fato, ela nunca foi efetivamente constituída.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E quem decidia sobre os negócios que eram comuns às duas empresas?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Quem decidia... Houve dois períodos. Eu entrei na empresa em 1999, só posso falar dessa ocasião em diante.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Daí para frente.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Em 1999 até o momento que o Sr. Antonio Augusto administrou, era o Sr. Antonio. Isso foi em meados de 2002.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mesmo sendo uma sociedade de fato, parece que existia um pré-contrato, um acordo de ações. Não existia?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, que eu tenha conhecimento, não, Excelência, não tenho conhecimento de que... Havia um contrato judicial, alguma coisa legal sobre esse termo. O que existia realmente era uma sociedade de fato.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E qual era o critério de divisão entre as atividades de uma empresa e de outra?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – As atividades do Sr. Antonio Augusto eram relacionadas às atividades do transporte rodoviário, agenciamento de carga, e do Sr. Ioannis, basicamente, era atividade da companhia aérea.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Tenho aqui uma relação de empresas que faziam parte dessa tal sociedade de fato: Costa Sol Operadora Aeroportuária; GPT Participações e Empreendimentos Comerciais; Mercosul Warrant Logística; Planave

– Navegação da Amazônia; Promodal da Amazônia Armazéns Gerais; Promodal Logística e Transportes; Promodal Transportes Aéreos; Tecnocargo Transporte da Amazônia; Tecnocargo Transportes; Transmark Transporte Intermodal; Zenaservice Logística e Transporte. Essas todas, Antonio Augusto e Brasília Express, a Beta, Brasília Express Transportes, Brasília Express Logística e Transportes, Prologíslitica Transportes, do Ioannis. É essa relação de que o senhor tem conhecimento?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Essa relação que tenho conhecimento sim, Excelência. Essas empresas tinham sociedades diferentes.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E qual a razão pela qual houve a separação dessa chamada sociedade de fato?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Bom, a razão, vamos dizer, da separação da administração foi basicamente filosófica, de trabalho, o Sr. Ioannis queria profissionalizar a empresa e queria realmente voltar a administrar a empresa e o Sr. Antonio Augusto entendeu que ele deveria administrar o conjunto de empresas, então ...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor é sócio ou empregado e diretor do Ioannis?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sou o Presidente do Grupo e sou também, a partir do final de 2004, também sócio minoritário.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E antes de 2004?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Depois da cisão, depois dessa separação da administração do Sr. Antonio Augusto, assumi a Presidência da Beta.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Antes de ser Presidente, o senhor era empregado do Ioannis?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Era empregado do Sr. Antonio Augusto.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Do Ioannis, o senhor nunca foi empregado?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, a subordinação era ao Sr. Antonio Augusto.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor era empregado do Antonio Augusto?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Empregado do Sr. Antonio Augusto como Diretor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sim, se empregado do Sr. Antonio Augusto, o senhor, de fato, era também empregado do Ioannis.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – De uma certa forma, sim, Excelência, porque quem comandava o Grupo até 2002 era o Sr. Antonio Augusto e eu me subordinava a ele.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na verdade, eu fiz essa colocação porque o senhor foi convocado como sócio, mas o senhor está demonstrando uma subordinação nas respostas. Então por isso acabei concluindo que o senhor era empregado de fato também do Ioannis como era empregado real do Antonio Augusto.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim, porque a sociedade, se olhar sob esse tema, sim. O que digo é o seguinte: a subordinação era ao Sr. Antonio Augusto até 2002, evidentemente que o Sr. Ioannis, tendo participação da Beta, seria, seria, teoricamente, também subordinado ao Sr. Ioannis, embora quem administrasse as empresas era o Sr. Antonio Augusto. Não sei se deixei claro, Excelência.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Deixou claro. Independente da condição de diretor ou de empregado, desde quando há o seu envolvimento com o transporte aéreo?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Desculpe não ouvi, Excelência.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Independentemente da condição de diretor ou de funcionário, desde quando está envolvido com transporte aéreo de carga?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu trabalho basicamente há 15 anos nesse mercado, em empresas multinacionais, onde eu dirigia também a parte de logística, envolvendo – vamos dizer – do lado oposto...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Antes da Beta e da...

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Antes da Beta.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ...e da Skymaster, qual a empresa aérea de transporte de cargas em que o senhor trabalhou?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não no transporte aéreo diretamente. Eu digo o seguinte: na indústria, existe a operação logística. Então, essa operação logística que é feita na indústria, eu coordenava.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Em que empresa?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A DIU é uma delas, a Fortilit é outra. Enfim, há várias outras em que eu dirigi a parte de logística também.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem dirige atualmente a empresa? É o senhor?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Antes, quem a dirigia?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Antes, era o Sr. Antônio Augusto.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na empresa que hoje é dirigida pelo senhor, quanto os Correios representa nos negócios?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Aproximadamente 28% a 30%.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E qual o percentual médio de remuneração de transporte aéreo de carga?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A remuneração média… O senhor diz a rentabilidade?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Isso.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Para ser sincero, a gente deveria pegar o momento em que estamos falando, porque, com as oscilações de preço de combustível, é difícil determinar qual é a rentabilidade atual ou do mês passado ou do mês retrasado, em função dos aumentos de combustível.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E a média?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, é difícil dizer. Eu diria algo em torno de 10% a 15%.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual o nível de remuneração considerado mais adequado para o transporte aéreo de carga?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Seguramente, pelos valores, um pouco acima de 15%.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E, para o RP, é a mesma coisa, ou há diferença?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Para a Linha, nós entendemos que deveria ser por volta disto, de 15%, de 17%.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se a Beta perdesse contrato com a Linha F, qual seria o impacto para a empresa?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A participação hoje da Rede Postal Noturna dentro da Beta é relativamente pequena. Evidentemente, para a empresa poderia ter algumas conseqüências, sim. Teria impacto, sim, senhor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O que é a Linha F?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A Linha F... A rota, o senhor diz?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A Linha F é a rota que faz Recife, Salvador, Guarulhos e o retorno dela.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não tem em Porto Alegre?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não. Essa Linha F – anteriormente, antes do início de maio deste ano, era chamada Linha F – fazia o percurso até Porto Alegre.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Aí houve uma subdivisão?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Então, teve uma alteração..

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – F1 e F2.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – É. E o que acontece é que ela não vai mais até Porto Alegre. Foi reduzida essa linha, que só pára em São Paulo, Então, é São Paulo, Salvador e Recife.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E a Linha 50.011?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Essa faz Manaus, Brasília, São Paulo e o retorno dela.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que o senhor acha que houve essa cisão entre o Ioannis e o Antônio Augusto?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, entendo o seguinte: acho que é uma forma de administrar. Tem várias formas de administrar um negócio. Existe a forma patronal, existe a forma mais – vamos dizer – profissionalizada. A forma que o Sr. Ioannis entendeu naquele momento, que ele queria retomar os negócios, era uma forma profissional, e o Sr. Antônio entendia que ele deveria comandar todas as operações. Foi só um conflito de interesses, porque os profissionais são diferentes, a forma de condução é diferente...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem é mais profissional, o Antônio ou o Ioannis?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu não posso julgar assim, Excelência, pelo seguinte: acho que todo mundo está certo. Existem empresas no Brasil em que o patronal é o grande sinônimo de sucesso numa organização. Por outro lado, uma empresa profissional nem sempre... Eu tenho minha opinião, mas não gostaria de... Isso é muito pessoal. Não posso dizer que o Sr. Antônio Augusto não é profissional nem o Sr. Ioannis...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se o senhor não tivesse opinião, eu não lhe iria forçar. Mas, já que o senhor tem opinião, qual é a sua opinião?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sem dúvida nenhuma, sempre trabalhei de forma profissional. Então, esse é o mecanismo com que sempre trabalhei.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Considerando o termo de compromisso de subcontratação entre a Beta e a Skymaster para a divisão de

50% dos serviços contratados na abertura da Concorrência 010/2000, da qual participaram apenas essas duas empresas na disputa da Linha F, dá para admitir que houve um acordo firmado entre essas empresas para obter esse preço?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – O senhor se refere às Linhas...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – À Linha F.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – À Linha F do passado?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Do passado, de 2000.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A esse contrato de subcontratação, Excelência?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Esse contrato de subcontratação foi uma forma que o Sr. Antônio Augusto depois... Embora eu não tenha feito esse contrato, tomei conhecimento dele, o Sr. Antônio me falou dele. Eu entendo, pelo que o Sr. Antônio colocou na época, que era bastante razoável a forma como ele estava fazendo, porque era uma forma de assegurar que a companhia tivesse um *backup* para fazer essa Linha. Era exatamente um acordo operacional para suportar essa operação que iria ser feita na contratação dos Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O que os senhores chamam de *backup*?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – *Backup* é uma aeronave que pode estar disponível no momento oportuno. Uma aeronave está sujeita a diversos imprevistos etc, mesmo porque uma aeronave também tem um sistema de manutenção em que ela fica de três a quatro meses em manutenção.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Os senhores utilizavam *backup* de uma empresa para outra? Era um acordo de cavalheiros? Como era essa história?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Era um acordo operacional. A Skymaster, evidentemente, voava nas linhas da Beta, porque não dava para a gente fazer um acordo em que ela ficasse com um avião não disponível, sem voar por um ano. Isso, na aviação, é impossível. Então, ela utilizava e voava, sempre que possível, nas linhas da Beta.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então, podemos considerar que, como o Antônio Augusto participava das duas sociedades de fato, detendo 50% de participação de cada uma delas – uma formada pela Skymaster; outra, com o Sr. Ioannis –, havia uma *holding* informal entre a Beta, a Promodal e a Skymaster?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não. Pelo que eu sei, o Sr. Antônio Augusto nunca participou da Skymaster. Disso, eu não tenho o menor conhecimento. Acho que essa informação não é verdadeira, Excelência. Nunca participou disso, pelo que tenho conhecimento. Sou capaz de afirmar...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual a relação da Beta, em particular do Sr. Antônio Augusto, com a Skymaster?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Da Beta com a Skymaster, houve simplesmente esse acordo, pelo que eu entendo. Ele é que tratava desse assunto com a Skymaster. Ele tratou dessa subcontratação. Esse era o relacionamento que existia.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Antes da Skymaster e da Beta, quem dominava esse mercado eram as empresas tradicionais, a Transbrasil, a Vasp, a Varig.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Exato.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que essas empresas deixaram de fazer a exploração desse mercado?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A Transbrasil teve problemas financeiros sérios e deixou de fazer. A Vasp teve problema de documentação e também foi retirada dos Correios. Essa foi a oportunidade também que a gente encontrou de participar dessas linhas aí. Então, ela participou basicamente por problemas financeiros e problemas documentais.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor conhece o Sr. Roberto Kfouri?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Conheço, sim, senhor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem é ele?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Ele foi Diretor-Geral da Beta. Quando entrei no grupo, ele tinha essa função. Saiu em meados de 2001, como Diretor-Geral da Beta.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Hoje, ele não tem nenhuma ligação?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não entendi. Desculpe-me.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Hoje, ele não tem nenhuma ligação com a Beta?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nenhuma.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O que tem a ver a Empresa Aeropostal com a Beta ou com a Skymaster?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu não tenho nenhuma informação da Aeropostal, Excelência, nenhuma, nenhuma. Não tenho informação nenhuma.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas a Aeropostal participou de alguns pregões em que participaram a Beta e a Skymaster.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, eu não lembro, não lembro. A Aeropostal, eu sei que era uma empresa que não tinha nem aviões. Isso eu sei de mercado...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Uma empresa de aviação que não tinha aviões?!

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não tinha. Ela só tinha concessão.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ela tinha concessão?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Só tinha concessão.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sem ter aviões?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sem ter aviões.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor conhece o Brigadeiro...

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Isso eu não estou afirmando. Estou dizendo pelo eu sei.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Estou estranhando uma empresa aérea ter concessão e não ter aviões.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – É que primeiro se inicia...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quase eu falo que é uma empresa fantasma.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, não. É que primeiro se inicia a concessão, para depois se adquirir o avião. Existe uma ordem lógica nisso. Primeiro, não se compra um avião, para depois se ter a concessão. Primeiro, se tem a concessão. É por uma questão lógica. Eu não sei se ele está buscando...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas ele montou essa empresa quando ainda trabalhava na Beta.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Que eu tenha conhecimento, não, Excelência.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O nosso Presidente vai ter oportunidade de demonstrar isso para o senhor. É uma tese que ele defende, e eu não quero invadir a seara dele.

Para encerrar, o senhor conhece o Brigadeiro Venâncio Grossi?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, o depoente está à sua disposição.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, eu gostaria de fazer algumas perguntas ao senhor.

Só para precisar, o senhor entrou em que ano na Beta?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Em 1999.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que função?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Consultor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor já tinha trabalhado no setor antes?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – No setor de logística ou aéreo?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aéreo.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor entrou como consultor de logística?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, na verdade, o grupo passava por um momento de dificuldade financeira. Um grande cliente era uma grande empresa de eletrônicos que havia pedido concordata. E o grupo dirigido pelo Sr. Antônio Augusto passava por um momento difícil financeiro. Eu fui contratado para tentar ajudar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Consultor financeiro?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Financeiro. Depois, no ano seguinte, eu passei a ser diretor da...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Diretor de que área?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Administrativo-financeiro, e eu ocupei essa função até meados de 2002, exatamente até o momento em que o Sr. Antônio Augusto deixou de administrar a empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois, o senhor virou Presidente da empresa?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor foi contratado como consultor, quem o indicou para trabalhar? Ou o senhor já tinha relações...

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – O Sr. Ioannis Amerssonis.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi o Sr. Ioannis. O senhor não conhecia o Sr. Augusto?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o Sr. Ioannis o indicou? Ele o conhecia de onde?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Na verdade, eu trabalhava numa empresa de eletrônicos, e o Sr. Ioannis me vendeu ou vendia operações logísticas. É o que acabei de mencionar anteriormente: eu cuidava de operações logísticas em indústria. Então, daí vem a minha experiência em operações logísticas. Eu acabei conhecendo o Sr. Ioannis, e ele me apresentou ao Sr. Antônio, para exatamente ajudar nessa parte financeira.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor, de certa forma, passou a ter uma relação de amizade com o Sr. Ioannis e depois com o Sr. Augusto, tanto que o senhor ficou como Presidente, quando o Sr. Ioannis sai.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, hoje o senhor pode se considerar amigo dos dois ou não?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim. Eu não tenho nenhum... Sou amigo... Não tenho problema com nenhum dos dois.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que eles mantinham uma sociedade de fato? Essa é uma questão que não ficou clara para mim no depoimento; eu não consegui entender.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, é o seguinte: o agenciamento de carga ele capta cargas no mercado, mas ele não tem a operação de transporte desse veículo. Então, o Sr. Ioannis tinha uma companhia aérea, e o Sr. Antônio Augusto tinha uma grande agenciadora de carga, que necessitava de uma companhia aérea para transportar. Então, essa combinação de operações resultava num desenvolvimento de negócios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas essa combinação de operações se resolve em contratos de prestação de serviços, em parcerias, não em sociedades.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim, mas é...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que eles faziam em uma sociedade de fato e não faziam uma sociedade de direito?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Isso estava sendo discutido inclusive em 2001, exatamente para se fazer uma sociedade legal, não uma sociedade de fato. Tem que fazer uma união. A discussão exatamente era essa antes do momento de separação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é estanho que, em negócios desse porte, empresários mantenham uma relação de fato, sem formalizar as coisas. Causa-me espécie isso.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Existe um ganho dos dois lados, Excelência: um, se não tiver aeronave, não consegue viabilizar a operação; o outro, se não tem carga, não consegue viabilizar o outro. Então, existe uma sinergia, um ganho para ambos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a relação do Sr. Antônio Augusto com a Skymaster?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – O que vi de relação entre o Sr. Antônio Augusto com a Skymaster era uma relação desse acordo que foi feito. Enfim, vi poucas vezes a Skymaster relacionando-se com o Sr. Antônio Augusto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas tinham uma relação estreita?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não diria estreita, Excelência. Não era uma relação de cooperação comercial. Existia...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Havia uma relação de comércio.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Comercial, desculpe-me. Operacional, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Operacional, sim.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Operacional, sim, como, de fato, existe, Excelência, em toda companhia aérea. Existe uma colaboração que transcende as outras atividades no mercado brasileiro. Companhia aérea é tida como uma empresa colaborativa, nesse aspecto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No caso, bastante colaborativa, porque elas tinham uma relação muito próxima.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sempre têm.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Kfouri saiu da empresa por quê?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Saiu da empresa, exatamente porque... Entendo que o Sr. Ioannis entendeu que ele não deveria mais administrar a empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele foi demitido?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Ele foi... Acho que fizeram um acordo com ele, pelo que me lembro, na época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Lembra-se dos termos do acordo?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, não me lembro. Não me lembro, porque não participei desse acordo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o substituiu depois?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Temporariamente, foi um diretor que havia na companhia aérea, da área comercial. Depois, logo em seguida, houve o processo de separação da administração do Sr. Antônio Augusto, quando assumi a presidência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É natural que uma empresa que presta serviços para uma estatal mantenha contatos com os dirigentes da estatal. Quem é que mantinha contatos, em nome da Beta, com a diretoria dos Correios?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Vamos separar. De 2000 até 2002, o Sr. Antônio Augusto se encarregava de fazer as tratativas do Correio com relação aos reajustes etc. Depois de meados de 2002, depois da separação, o Sr. Ioannis e, algumas vezes, eu fazemos esse relacionamento com o Correio – é muito pouco, mas a gente faz.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E com quem era, nos Correios, exatamente?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Com quem fazemos o contato?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Fiz contato, por exemplo, uma vez com o Sr. Airton Dipp, exatamente para reivindicar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com o Presidente?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Com o Presidente, Dr. Airton Dipp, para reivindicar e reclamar dos reajustes nos contratos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Antônio Augusto é uma pessoa bem-vista pela diretoria dos Correios. Com quais pessoas ele mantinha relações de amizade?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não sei se relação de amizade, Excelência. Se não me engano, ele falava com a área de operações dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a área de operações?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – De operações.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com que diretores ele mantinha contato?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não me lembro agora quem era o diretor de operações.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Madureira?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não. Foi antes do Madureira. Se não me engano, foi o Sr. Senna.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Carlos Senna?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tinha uma relação de amizade próxima com o Sr. Carlos Senna?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não. Entendo que ele ia, também, reivindicar alguns direitos do contrato do Correio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, do ponto de vista da relação com políticos, com quem o Sr. Augusto matinha contato?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, honestamente, não sei informar. Nunca vi o Sr. Antônio Augusto se relacionando com políticos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Beta não fez contribuições de campanha?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nunca.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca fez?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nunca fez. Nenhum centavo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nenhum centavo?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nenhum centavo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o Sr. Ioannis tinha contato com alguns políticos?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Também não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As pessoas físicas deles fizeram contribuições a campanhas eleitorais?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – O Sr. Ioannis?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nunca.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o Sr. Augusto?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sobre o Sr. Augusto, eu li uma matéria que saiu na revista que foi feito através das empresas dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois que ele se desligou da Beta?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Depois que ele se desligou da Beta, três, quatro meses depois.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor era um consultor da área financeira?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, obviamente, o senhor acompanhava a questão do equilíbrio econômico-financeiro dos contratos.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, obviamente, conhece bem licitação.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não tanto, mas conheço razoavelmente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Razoavelmente. Bem, algumas coisas nos surpreenderam aqui relativamente à questão do equilíbrio econômico-financeiro do contrato. Temos um caso aqui que até registramos, que foi o da Concorrência 10/2000 para operar a Linha F em julho de 2000. Isso foi disputado com a Skymaster. Antes, havia sido firmado um termo de compromisso de subcontratação, quatro dias antes da licitação, ao preço de 193.940, por operação diária. E, com os reequilíbrios contratuais, isso acabou alcançando 283.772, ou seja, variou 46,32% o contrato entre julho de 2000 e abril de 2005. No entanto, o combustível subiu 190,26%; o dólar americano, 41,43%; e o IGMP, 84,46%, que são os componentes da cláusula de reajuste. Como é que se explica que a Beta teria aceitado essa situação pacificamente, tomando prejuízo dos contratos? Será que era prejuízo realmente?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, poucas vezes vim a Brasília. Eu acho que eu não vim a Brasília... Se eu falar que eu fui duzentas vezes a Manaus, seguramente isso é verdadeiro. Vim a Brasília umas sete vezes. Numa delas, fui, com veemência, falar com o Dr. Airton Dipp que o meu pessoal não conseguia esses reajustes de equilíbrio econômico. Eu vim pessoalmente falar com ele e reclamar que a diretoria de operações não estava atendendo aos pleitos da Beta, e isso estava causando uns problemas seriíssimos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso foi quando?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, eu não sei precisar, mas foi provavelmente em 2003, alguma coisa assim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E os pedidos foram indeferidos?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não foi só esse, porque nós já tínhamos protocolado inúmeros pedidos de revisão dos reequilíbrios econômicos e não tínhamos sido atendidos. Então, vim falar com o Dr. Airton Dipp exatamente por causa dessa situação. Então, cansamos de protocolar, e, na minha impaciência, vim falar com o Presidente dos Correios na época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí o que aconteceu?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Também não foi resolvida essa situação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quanto era o prejuízo? O senhor sabe avaliar?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sei. Na época, eram 9,5 milhões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que período?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, não sei precisar, mas existe protocolada nos Correios essa pauta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que a Beta nunca foi para a Justiça pleitear isso? É uma das coisas que me chama atenção: alguém tomar prejuízo num contrato, ser lesado e não ir à Justiça. Por quê?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, é uma questão acho que de forma de administração. Eu entendo que, assim como um empregado não deve entrar na Justiça contra uma empresa e continuar empregado, eu acho que a gente, prestando serviço para os Correios, não deveria ter uma ação contra os Correios. A gente deveria esgotar os mecanismos administrativos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mesmo que o contrato lhe trouxesse um prejuízo astronômico?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nós não dissemos que não vamos entrar contra os Correios. Isso não é verdadeiro. Nós dissemos o seguinte: todos os mecanismos possíveis e imaginários... O Sr. Ioannis esteve aqui, eu estive aqui, é difícil de eu sair de São Paulo, eu estive aqui exatamente em função disso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pretende parar de prestar serviço para os Correios?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, mas eu....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que o senhor vai entrar com uma ação contra os Correios, se o senhor vai continuar sendo contratado?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu acho, eu entendo o seguinte: o último mecanismo, e não o primeiro, deve ser uma ação judicial. Acho que tudo deve ser esgotado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, a partir do momento em que foi indeferido o pedido de revisão, morreu. Ou seja, não há outro mecanismo. Não há como o senhor pedir a revisão do pedido de revisão.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, na verdade, ele nunca foi indeferido, não foi pronunciado a respeito, porque os protocolos que estão lá nunca foram respondidos, e essa foi a grande reivindicação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca houve indeferimento formal?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nunca houve. Nunca houve.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu também gostaria de saber, Excelência. Até hoje eu não sei por quê. A diferença que o senhor está citando, nós temos um quadro que reflete exatamente essa variação, em que o combustível aumentou 210% – é um pouquinho mais que isto –, e o contrato foi reajustado...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No mesmo período, a Skymaster teve deferido o pedido de revisão, não teve?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Ah, eu não sei precisar, mas, com certeza, os contratos são reajustados, pelo que eu entendo. Mas eu não sei dizer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que é que a Skymaster teria tido, e os senhores não?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, eu não sei dizer. Eu não sei dizer. Eu não tenho a menor idéia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há pouco, o Sr. Ioannis Amerssonis reconheceu que existiria uma pré-suposição – vou ser fiel ao que ele falou – de que o preço de R$429.987,00, cobrado pela Skymaster no ano de 2003, estaria superfaturado. Ele deu essa resposta a partir de uma pergunta que fiz acerca da licitação que se seguiu, e, evidentemente, houve uma redução brutal de preços. Eu perguntei a ele: "O preço era exeqüível?". Ele disse: "Era". Indaguei eu: "Então, significa que os R$429 mil estavam superfaturados".

V. Sª compartilha desse entendimento de que haveria um superfaturamento desse valor de R$429.987,00, cobrado pela Skymaster?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Bom, eu tenho informação de que era alguma coisa em torno de quatrocentos e poucos mil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eram R$429.987,00.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, eu não posso dizer se ele é superfaturado ou não. Isso eu não posso assegurar. Cada companhia tem uma estratégia diferente, tem um comportamento de custo um pouco diferente, tem uma estrutura um pouco diferente, embora os custos sejam os mesmos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso foi um pouco negado pelo Sr. Ioannis. Quando eu perguntei sobre os custos, ele disse que deviam ser custos semelhantes. A pergunta que fiz era: "Se os senhores dividiam 50% dos contratos e dos acordos, quem divide contratos normalmente é porque tem o mesmo custo". E ele falou: "Não, os custos, presumo, devem ser aproximados".

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – É, eu acho que eu realmente não me expliquei bem e peço desculpas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – É o seguinte: nessa operação especificamente da Linha A e C, que operava a Skymaster, ela permitia uma complementação de carga adicional. Essa complementação de carga adicional estrategicamente para a Beta tem uma outra conotação, porque nós somos uma empresa logística. Então, além de angariar essa carga, que era possível colocar complementando essa carga na aeronave, nós poderíamos ter uma segunda estratégia, que era exatamente fazer outras operações com esses clientes que embarcariam ali: por exemplo, transporte rodoviário; por exemplo, armazenagem; por exemplo, distribuição, e assim por diante.

Então, o nosso entendimento, sendo operador logístico, e não simplesmente uma transportadora aérea: a situação de custeio fica diferente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor acha que essa situação justificaria uma diferença de preço de R$213.990,00 por operação e apenas a bagatela de R$429.987,00? Só isso justificaria mais que o dobro praticamente da diferença?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Há de se considerar o seguinte, Excelência: um grande valor agregado nessa linha, e é facilmente comprovado, era o espaço disponível nessa rota. Então, se se multiplicarem os valores possíveis de serem alcançados na complementação com cargas de terceiros, o senhor vai chegar à conclusão de que o valor é significativo, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não alterou... Veja, ela operava com R$429 mil. Na licitação apresentada nos mesmos termos, ela propôs R$213.990,00, e os senhores, R$214 mil – perderam por R$10,00. Essa diferença, descul-

pe-me, não se pode explicar por esse detalhe, sendo um contrato vazado nos mesmos termos.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, o nosso objetivo, se não me falha a memória, nessa licitação, o nosso objetivo, como preço justo, era duzentos e noventa reais, duzentos e noventa e poucos reais, se não me falha a memória. O preço aonde a gente podia chegar exatamente na complementação com essa carga adicional seria até R$214 mil, aonde nós chegamos.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, só estou numa dúvida: o Ioannis disse que não podia ter carga de terceiro, que era carga só do Correio, e, agora, o Sr. Michel está falando que pode ter carga adicional. Alguma coisa não está batendo.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nessa linha, com certeza, Excelência, essa aeronave permitia uma quantidade grande de espaço disponível. Ele pode estar se referindo à nova licitação, à atual, que está em vigor a partir de maio, ela não permite 1kg, nada de adicional.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A nova é que não permite?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A nova não permite.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Antes permitia?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Com certeza, ele deve ter falado isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É isso que, perdoe-me, não se justifica. A empresa operava, a Skymaster, com um valor de 429 mil. Começa uma licitação. Ela apresenta, ou chega a uma proposta de 213 mil 990, nas mesmas condições operacionais. Das duas uma: ou os 213 mil são inexeqüíveis ou os 429 eram superfaturados. Não há meio termo. Perdão, mas eu não consigo entender essa explicação, porque, se o contrato é o mesmo, as condições são as mesmas, o senhor pode colocar os requisitos que o senhor quiser, mas efetivamente o preço não se justifica.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu entendo, Excelência. Eu estou querendo ajudar, mas, veja só: o que a Skymaster...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ajudar a quem?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Ajudar esta Comissão, desculpe.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Quero ajudar, o que eu puder contribuir, esclarecer.

Eu entendo o seguinte: eu só posso dizer com relação à minha empresa, do que eu posso fazer. O que a Skymaster faz, ela não é uma empresa igual à nossa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster disse que subfaturou esse valor, dando a entender, portanto, que os senhores também estavam subfaturando, que é para não permitir que outras empresas entrassem nesse espaço.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A razão pela qual nós entramos na licitação e baixamos o valor até 214 mil era por uma razão estratégica, eu diria, bastante significativa, porque a gente estaria desenvolvendo o mercado...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vocês entraram com 290. O senhor mesmo falou, o preço justo era 290. Era 429 o preço da Skymaster.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Mas todo mundo entrou nessa faixa, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De 290.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Por volta disso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Logo, 429 estava superfaturado.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Depende do tipo da...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do quê?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu não sei explicar, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu acho difícil explicar, realmente. Realmente, é difícil explicar.

Mas aí é que vem, então, a situação. Veja só: só que, nesse período em que a Skymaster cobrava 490, os senhores tinham aquele contrato de parceria em que operavam 50% do contrato deles. Ora, se o preço justo dos senhores era 290 e os senhores operavam com 50% deles, os senhores, indiscutivelmente, ganharam muito mais dinheiro do que mereciam.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, só para esclarecer: essa operação de parceria operacional que foi realizada com a Skymaster durou poucos meses, três, quatro meses, eu não me recordo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não importa, mas foram três, quatro meses em que os senhores ganharam um bom dinheiro a mais.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, porque isso era feito por operação, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Se nós colocássemos avião...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja: preço justo: 290. Preço cobrado do povo brasileiro: 429. O senhor tinha aqui, quando o senhor operava, uma fatia considerável de dinheiro a mais.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Isso se colocado carga, Excelência. Se não colocar carga nessa linha, essa linha não é tão rentável quanto se imagina.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, veja: o senhor mesmo considera as cargas e tudo e fala que o preço justo era 290. A Skymaster cobrava 429. O senhor, quando ela cobrava 429, tinha um acordo de serviço de 50% com ela; logo, o senhor recebia no pagamento de 429.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Logo, o senhor recebia muito a mais do que efetivamente o senhor merecia.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor recebia um preço injusto. Se 290 era o preço justo, 429 é um preço injusto. Eu estou trabalhando com seu raciocínio.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Isso, Excelência, se o complemento da carga também fizesse parte desse pacote.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, olha aqui, o Deputado Arnaldo Faria de Sá me chama a atenção: o contrato dos senhores, 25/07/2000, vigorou até abril de 2005. Não foram só três meses.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, mas o senhor está falando do contrato da Linha F. Aquele lá é Linha F e o que o senhor está lendo aqui é Linha A e C.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É? E da Linha F foram três, quatro meses?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Aquele lá é Linha...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, três, quatro meses, então...

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim, mas essa operação do complemento de carga não era da Beta. Então, é o seguinte: a grande vantagem que se tinha é que metade do avião era o complemento de carga e esse complemento de carga não tinha participação nenhuma...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois bem, mas no novo contrato continuaria a ser, porque só mudou mais tarde o avião exclusivo.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim, isso sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Logo, quando o senhor apresenta o preço de 290 mil era com complemento de carga.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim, sem dúvida.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, se era com complemento de carga os 290 mil, R$429.987,00, com complemento de carga, era dinheiro a mais.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, deixa eu esclarecer uma coisa: os 429 não tinha complemento de carga. O complemento de carga seria 429, mais alguma coisa; os 290 seria 290, mais alguma coisa. Se eu praticasse 290, mais o complemento de carga, seria um valor maior.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E 429, mais complemento de carga, é um valor maior.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Mas a linha não era minha. Eu não poderia colocar carga numa linha que não era minha. Eu não ganhava sobre isso. Eu só ganhava sobre a linha. Desculpa, só deixa eu insistir um pouquinho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor ganhava 429 pela linha.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Pela linha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o que lhe proibia de colocar carga a mais?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Porque a linha não era nossa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, veja: na medida em que aquele que subcontrata o senhor podia fazer, o senhor poderia fazer também.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim, mas não era...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não complementou carga nesse período? Se nós fizermos uma auditoria...

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu não me recordo agora, Excelência. Não recordo porque essa linha...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o seu argumento é retórico. O senhor me garante que nesse período não foi feito...

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, não, não garanto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o seu raciocínio cai por terra.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não garanto, mas também posso dizer o seguinte: não havia o desenvolvimento, porque para fazer o complemento de carga há necessidade de se fazer um desenvolvimento de região. Você tem que colocar distribuidores etc. e tal naquela região, e não havia esse desenvolvimento. Então, pode ter tido carga, mas não relevante. Por isso que não posso dizer que não teve. Pode ter tido, mas não relevante.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Acho que estou com uma dificuldade de entender terrível, porque o senhor justifica todo o seu raciocínio dizendo que havia complemento de carga. Quando eu lhe pergunto: Houve complemento? Se eu fizer uma auditoria lá amanhã, porque vou mandar fazer, se tinha ou não tinha complemento de carga, o senhor fala: "Não sei". Então, esse argumento não procede.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, pode ter, mas não de forma representativa, Excelência. Essa é a diferença. Se nós tivéssemos essa linha no nosso nome, nós iríamos desenvolver...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí o senhor devolveria dinheiro.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não. O preço era diferente, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desculpa a brincadeira. Está parecendo aquele carro velho desconjuntado que as peças não batem, não fecham. O quebra-cabeça da equação, da explicação, realmente não fecha. O senhor me desculpe, mas realmente está difícil de entender tecnicamente isso.

A assessoria me informa aqui que a subcontratação da Beta pela Skymaster iniciou-se em 26 de junho de 2001, quando da primeira contratação da Skymaster pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, e durou até dezembro de 2003.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, isso não é verdade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foi que iniciou a subcontratação?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – A subcontratação iniciou com a operação dos Correios, por volta do mês de abril de 2002, e não dezembro de 2003. Essa informação está equivocada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Durou até dezembro de 2003.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não durou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Durou até quando?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Até abril de 2002.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, foi de junho de 2001 a abril de 2002.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não são só três meses. Olha aqui: preço da Skymaster para as linhas A e C, de junho a dezembro de 2001, 314; e de dezembro a 2001 a dezembro de 2002, 369. Muito tempo depois, o senhor entra com 290 e disse, nesta Comissão, que era o preço justo. Percebe? Ou seja, o senhor operou com um superfaturamento indiscutível, a menos que o senhor tenha uma explicação técnica.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, nós não operamos com os Correios. Nós operamos em cooperação com a Skymaster, o que é diferente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em cooperação com a Skymaster, onde, indiscutivelmente, pelos seus custos e pelo seu preço justo há um superfaturamento naquilo que o senhor recebia, um lucro muito acima dos 15%, que é tido como ideal, segundo declaração do Dr. Ioannis. Ou seja, o Dr. Ioannis, ao ser perguntado sobre a taxa de remuneração ideal, ele falou em torno de 15%. Isso aqui está muito acima dos 15%. É isso que nós podemos chamar de superfaturamento.

A partir de dezembro de 2003, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos não mais permitiu a subcontratação. Então, foi a partir de dezembro de 2003 que não foi mais permitida a subcontratação, e as duas empresas não puderam mais dividir os serviços de operação das linhas A e C.

A Beta operou a linha F desde meados de 2000 até abril de 2005. Será que elas continuam podendo operar em subcontratação até abril de 2005 ou houve algum termo aditivo ao longo do período de contratação restringindo a subcontratação?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve nenhum...

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nenhum.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como funcionava com a aeronave auxiliar, o *backup*, não tinha?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Depois que não houve mais essa cooperação, Excelência?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, como é que fazia?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nós tínhamos condições, nós adquirimos outras aeronaves e isso permitiu que não precisássemos mais de outra companhia aérea para ter como *backup*.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi. O senhor tinha outras aeronaves?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim, nós compramos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foram adquiridas essas aeronaves?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, não sei precisar agora. Precisaria...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sabe, veja o que estou pensando, ajude-me a pensar, estou pensando em voz alta: a impressão que tenho é que essa subcontratação não era necessária, porque os senhores já tinham essas aeronaves na época. A partir do momento em que passou a ser proibida, os senhores ficaram normais. Essa subcontratação era uma divisão de mercado, um acordo. Os senhores entravam juntos na licitação, acordados quanto ao preço, dividiam pela metade. Cartel típico. Podiam perfeitamente operar sem a subcontratação, porque já tinham os aparelhos necessários para isso, tanto que, quando cessa a subcontratação, isso não inviabiliza a operação de ninguém. Estou enganado nessa afirmação?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, para se ter uma idéia, é o seguinte: nós – não sei precisar aqui o ano, talvez tenha sido 2001 –, embora tivesse um tratado de cooperação com a Skymaster, nós tínhamos que socorrer por uma outra companhia aérea, porque o nosso avião também quebrou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual era?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – TCB. Nós operamos durante seis meses com uma outra companhia aérea porque nós não tínhamos aviões disponíveis.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a subcontratação, mesmo à época, era dispensável. Os senhores poderiam trabalhar com uma outra companhia, como normalmente se faz.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Poderia ser qualquer uma outra.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí que chama a atenção os senhores terem feito um contrato de subcontratação...

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Desde que a mesma aeronave.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) –... uma parceria, quatro dias antes da licitação. Ou seja, é uma divisão de reserva de mercado, quatro dias antes de uma licitação, quando o senhor poderia perfeitamente não ter feito isso e ter operado com outra empresa, sem que necessitasse de um outro aparelho?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim, sem dúvida nenhuma. Só que, evidentemente, ninguém vai deixar uma aeronave em *stand-by* por um ano; vai querer operar e vai querer realmente receber por isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro! Então, por isso, quando mais tarde não se permite a subcontratação, isso não afeta em nada a empresa. Havia outros mecanismos. O que causa espécie... olha que eu mexo há muito tempo com licitação e nunca vi empresas colocarem no papel um acordo prévio e divisão do dividendo do resultado de uma licitação, inclusive registrado em cartório. É a primeira vez. Isso é justificado como uma questão operacional que era impossível de ser suplantada. Mas o senhor mesmo mostra que era possível superar essa questão operacional com a contratação de outras empresas; e, mais tarde, quando isso é proibido, também com a situação da aquisição de aeronaves. Ou seja, isso na verdade não era algo necessário para a operação, era um acordo de partilha da licitação.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, veja só, Excelência, essa empresa que forneceu a aeronave não tinha o número de *pallets* suficiente. Ela atendeu uma rota de Manaus e nunca a rota dos Correios. Então, no Brasil, o que tinha de operação possível de fazer com aviões compatíveis com a licitação, a única empresa possível de se fazer isso era a Skymaster. Por essa razão foi feita com a Skymaster. A TCB tinha um avião de *pallets* menor, limitado a... e não atendia às necessidades dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, quando precisou, o senhor usou?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Para Manaus–São Paulo, que era uma rota comercial e não rota dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foi que o senhor adquiriu os aviões que lhe permitiram se libertar desse contrato de subcontratação?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Na verdade, houve um conjunto de aeronaves que não estavam aeronavegáveis na empresa e a compra da aeronave. Foi a combinação dos dois.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foi?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – As aeronaves foram colocadas, que eu me lembro, basicamente, diria assim, em condições de aeronavegabilidade, em 2002.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Antes disso, não tinha?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não tinha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, não há nenhum registro de vôo dessas aeronaves?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Nenhum, nenhum, inclusive uma que o senhor pode anotar, BRI, ficou um ano e pouco parada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, elas estavam paradas?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Estava literalmente parada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que era necessário para que elas pudessem voar.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Fazer o *check*, fazer a manutenção.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, coisa simples?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, não é simples, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não era necessário dar 50% para uma outra empresa se o senhor tinha uma aeronave parada.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Ela ficou um ano parada, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Por problemas de manutenção.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era só fazer a manutenção. E, considerando que o senhor tinha um preço bem razoável, era fácil fazer essa manutenção, como o senhor fez depois. Já tinha a aeronave, percebe?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, ficou um ano fazendo manutenção. Não é que o problema seja resolvido...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não eram essas aeronaves que eram condição exigida para o senhor entrar na estação ?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não. Não eram essas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não eram essas?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, não eram. As que eram necessárias foram entradas...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, ele falou de BRI. O que é BRI?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – BRI é a sigla de uma aeronave nossa. É o prefixo da aeronave.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É o prefixo da aeronave?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me causa espécie é que o senhor prefere dar 50% do seu contrato para um concorrente ao invés de fazer a manutenção de um aparelho que o senhor tem.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – É pelas multas, Excelência. As multas que tem o contrato do Correio, a multa que se tem no Correio é equivalente ao não cumprimento da rota. Então, a remuneração do Correio é o valor que temos que pagar se não for feita a linha. Então, é um valor absurdo. Temos que pagar para trabalhar. Então, se não tiver...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa agora eu não entendi, de novo.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Se o valor da linha é 200...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor entra em uma licitação, o senhor faz o preço, diz que o preço justo era esse, aí o senhor tem um avião parado, prefere dar 50% para o concorrente que disputou a licitação com o senhor, porque o senhor teria prejuízo se operasse o contrato sozinho que o senhor ganhou no preço?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Não, se não houvesse um *backup*, e uma aeronave quebrasse, nós teríamos como multa o valor da linha diária...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor tinha o *backup* parado no seu hangar.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Mas o tempo de manutenção dessa aeronave, pelo estágio em que ela estava, era um ano. Esse é o problema.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, depois, o senhor fez isso quando foi necessário.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Quando foi feito isso, nós exatamente terminamos o contrato de colaboração.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2002 era um ano, mas em 2001 não era.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, eu mencionei no início que a empresa passava por dificuldades financeiras; como eu disse, não tinha também recursos para fazer a manutenção daquela aeronave.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para fazer a manutenção do avião. Mas isso era em 1999. Passaram dois anos.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A partir daí a empresa começou a operar, já estava com saúde financeira. Ou seja, tinha condições de fazer uma mera manutenção de um aparelho.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Excelência, é fácil de comprovar isso. Essa aeronave ficou parada um ano, com certeza absoluta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que ela ficou parada um ano, não tenho dúvida, até porque era mais barato talvez para o senhor não mantê-la voando já que não tinha serviço, já que o senhor tinha partilhado o serviço dos Correios com uma outra empresa antes da licitação, licitação que o senhor disputou junto com ela.

É estranho que tenham feito um contrato quatro dias antes de uma licitação, disputaram a licitação dividindo: quem ganhasse ficava com 50%. Ou seja, houve um acordo prévio à licitação de que qualquer uma das duas que ganhasse – e só uma das duas podia ganhar, pelas especificações do edital – ficaria com 50%. Ou seja, houve um acordo: "vamos planejar o preço para não nos matarmos". Aliás, essa é uma prática que infelizmente existe. É que eu nunca vi colocada no papel, é a primeira vez. Eu falo o seguinte: "quem ganhar fica com 50%"; mas, como havia uma desconfiança, resolveram colocar no papel isso, porque não há nenhuma justificativa para duas empresas concorrentes, havendo um avião parado, em condições, fazerem um acordo de partilha de 50% dos serviços de uma contratação que vão disputar.

O senhor me dizer que não combinaram o preço de comum acordo, me parece algo que... Eu concordo que aquela senhora já faleceu, a Velhinha de Taubaté, mas ela teria dificuldade, ela própria, em acreditar. Perdoe-me a brincadeira, mas é difícil acreditar nisso.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Mas isso que o Sr. Antônio Augusto colocou é, tecnicamente, Excelência, isso está previsto em lei pelo que sei, subcontratação. Isso foi enviado aos Correios, que tinha conhecimento, porque, muito mais do que simplesmente fazer um contrato desse, ele foi encaminhado aos Correios, pelo que sei, porque nenhum agente do aeroporto vai colocar a carga do Correio em uma aeronave que não é aquela que ganhou a licitação. Então, o Correio tinha conhecimento disso também. Então, não foi um contrato...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tinha conhecimento do acordo prévio?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Sim, ele teve...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem tinha conhecimento desse acordo prévio?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu sei que foi enviado para os Correios...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Formalmente? Quem recebeu?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu não sei precisar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem condições de nos informar previamente o protocolo de quem recebeu isso?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu não sei dizer; mas, na época...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na empresa tem esse registro de quem recebeu?

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – Eu preciso dar uma olhada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, peço ao senhor que, por gentileza, forneça a esta Comissão Parlamentar de Inquérito a cópia de quem recebeu esse pacto pré-nupcial entre os dois concorrentes da empresa que iriam disputar a licitação quatro dias depois, porque queremos saber qual foi a autoridade que foi ciente desse pacto e assim mesmo silenciou diante daquilo que acontecia.

O SR. MICHEL ABUD ATIÊ JÚNIOR – O.k.!

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deputado Arnaldo Faria de Sá, mais alguma questão?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nada mais, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não havendo mais inscritos, agradeço imensamente a presença de V.Sª e do Dr. Advogado pela paciência com que agüentaram a argüição nesta tarde. Estão dispensados.

Suspendo a reunião por cinco minutos, para que possamos ouvir o próximo depoente.

(Suspende-se a reunião às 18 horas e 30 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 18 horas e 35 minutos.)

O SR. PRESIDENTE – Declaro reaberta a presente reunião.

Passaremos, então, para a última oitiva desta Subcomissão de Licitação e Contratos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada através do Requerimento nº 3, de 2005, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Prestará agora seu depoimento o Dr. Antônio Augusto Conceição Morato Leite Filho. Esclareço aos Srs. Deputados e Deputadas e aos Srs. Senadores e

Senadoras que o Sr. Antônio Augusto Conceição Morato Leite Filho depõe na condição de testemunha e já assinou o termo de compromisso, na forma do art. 203 do Código de Processo Penal Brasileiro.

Agradeço a presença do ilustre depoente, que se faz, nesta oportunidade, acompanhar pelo Advogado Dr. Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari.

Concedo a palavra ao Relator designado, Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Antônio, o senhor é sócio da Beta?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇAO MORATO LEITE FILHO – Se eu tiver um segundinho. Meu nome é Antônio Augusto, sou da atividade de logística. Minha atividade principal é no Amazonas. Há 32 anos estou no transporte. E, desde 1986, atendo o Amazonas no transporte de seus produtos, na área de logística.

Para lhe responder a pergunta, Deputado, rapidamente vou lhe dizer que a primeira empresa que foi criada no Amazonas foi a Promodal, que é uma agência de carga aérea devidamente constituída, que é um serviço auxiliar da aviação civil, onde nós fomos atendidos por várias empresas, como a Beta – desculpe, a Beta foi depois –, a Varig, inicialmente, a Transbrasil e a Vasp, isso em 1986 até o ano de 1999, onde criamos a Tecnocargo. Em 1986, iniciamos com a Promodal. Só perdi um pouquinho o fio da meada das datas. O senhor me perdoe, Sr. Deputado, Excelência. E criamos uma outra empresa para atender a Amazônia, que é do seu transporte normativo, que foi a Tecnocargo, uma empresa de transporte rodofluvial, em 19... agora vou falar a data certa, 1991. É o transporte por carretas, por balsa; e, depois, Belém, e de Belém até São Paulo por rodovia.

Muito bem! Chegamos até a data de 1995, para responder a pergunta do Deputado. Em 1995, já tínhamos 1.200 carretas, foi quando assinamos um contrato com uma empresa, então a maior indústrias de televisores da Amazônia, que era a Sharp. Adquirimos a Sharp Transportes, na época, e, portanto, ficamos com uma frota muito grande.

Então, a nossa principal atividade, na época, já em logística, era o transporte rodofluvial. E a Promodal, que foi o nascimento da nossa empresa, porque eu já havia trabalhado 13 anos em uma outra empresa de transporte. Em 1995, então, já estávamos com essa frota, atendendo quase todas as indústrias do Amazonas. O Amazonas, aqueles que conhecem sabem que existe o pólo industrial, e o pólo industrial do Amazonas hoje fatura... o PIB do Amazonas é em torno de US$13 bilhões, e mais para o mercado interno.

Então, há necessidade, por não haver acesso rodoviário, que é uma das brigas – no bom sentido – que luto, uma das lutas que tenho para que chegue uma rodovia até o Amazonas. Não falo politicamente, falo a nível de logística. E, em 1995, então, tivemos um problema também na aviação, que foi o desinteresse das companhias aéreas – naquela oportunidade, a Varig, a Vasp e a Transbrasil – em trazer mais cargueiros, Deputado, para o Brasil. E, nessa época, o Sr. Ioannis, um grande amigo, um bom amigo meu, que eu sei que ele já esteve aqui, ele trabalhava na Vasp e, por uma fusão de interesses, vamos dizer assim, criou-se a Beta, para atender o mercado de Manaus. Então, em 95, ela foi criada, com um Boeing 707, para atender o mercado de Manaus. Para que os senhores tenham uma idéia, Manaus tem uma freqüência de, mais ou menos, três, quatro vôos, depende da época, da sazonalidade dele, de três a quatro vôos/dia, vôos cargueiros.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor... O que é a Costa Sol?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇAO MORATO LEITE FILHO – Desculpa?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Costa do Sol Operadora Aeroportuária.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇAO MORATO LEITE FILHO – Ah! A Costa do Sol é... Puxa! O senhor me lembrou agora de uma atividade que eu... Costa do Sol foi um interesse que nós tivemos, eu, Antônio Augusto, no aeroporto de Cabo Frio. Ele iria ser privatizado, e participamos da privatização, mas depois isso não teve futuro.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E a GPT?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇAO MORATO LEITE FILHO – A GPT – exatamente o que eu estava explicando ao senhor, Sr. Deputado, Excelência –. a GPT é o Grupo Promodal Tecnocargo. É o meu negócio, de onde eu venho. Eu não sei o entendimento dos senhores, mas a logística é, na indústria, em torno de 5% do custo das indústrias. Então, é um setor que tem uma representatividade. Então, nesse caso, o GPT, ele nasceu da Promodal Tecnocargo, uma agência de carga aérea e uma empresa de transporte rodofluvial, que sempre foi a minha maior empresa, o meu maior negócio. E, depois, com o não interesse das companhias brasileiras, os senhores sabem que o problema da soberania – problema no bom sentido também –, o respeito à soberania, há possibilidade de apenas o ingresso de capital estrangeiro de 20% no transporte aéreo, seja de passageiros, seja de carga. Então, não havia o interesse das três únicas em colocar aviões no Brasil, cargueiros. Então, foi o que aconteceu: nós, juntos com o Sr. Ioannis, já vindo para o nosso meio,

vamos dizer assim, ele criou a Beta e trouxe um avião cargueiro, o 707, que eu até me lembro do prefixo, que era o BRI, que eu não me esqueço disso.

Então, esse avião nos atendeu exatamente, à Promodal, quase que exclusivamente, até quase 2000... Não, perdão, até 98, quando a Beta – que não se chamava Beta, ela chamava-se Brasair –, ela teve um problema...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Como se chamava?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇAO MORATO LEITE FILHO – Brasair, Bras-air. Esse é o primeiro nome da empresa. Em 1998, ela, por dificuldades até financeiras, na época, da Beta – a Brasair, na época –, ela não teve condições de continuar voando, e o DAC, então, propôs... Ela parou três ou quatro meses. E ela retornou como Beta – Brasília Express Transportes Aéreos. Aí que eu passei a administrar.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E a Mercosul Warrenty Logística?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇAO MORATO LEITE FILHO – A Mercosul Warrenty Logística. O.k.! Essa é também um projeto do Amazonas, diferentemente de Cabo Frio, do aeroporto de Cabo Frio. É uma empresa de logística, ou seja, um armazém geral instalado em Brasília – hoje, chama-se Silogística, instalado em Brasília. As mercadorias são transportadas de Manaus até Brasília, portanto mais próximo ao consumo – o maior consumo no Brasil: Sul-Sudeste, né? –, e, daí, elas são armazenadas e são posteriormente distribuídas. Ou seja, é produzida em Manaus, transferidas são as mercadorias para Brasília, na Mercosul Warrenty Logística, que chama-se Silogística hoje, e, de lá, é atendido o Brasil todo. Hoje, o maior cliente dessa empresa Silogística, da qual até pouco tempo eu tive participação, é a Sony, indústria eletrônica.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E a Planave Navegação da Amazônia?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok; então são várias empresas. A Planave é uma empresa de distribuição... E é muito importante a pergunta que o senhor está fazendo, Deputado, como todas, mas a Planave é uma empresa que faz a distribuição do transporte, a distribuição final em São Paulo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E a Transmaq?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – A Transmaq, como disse ao senhor, é a Sharp Transporte – Transmaq Line.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E a Zena Service Logística e Transportes?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Zena Service é uma empresa que foi criada para atender na logística a Moto Honda do Brasil, para fazer a distribuição de motocicletas em algumas regiões do Brasil.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Essas empresas todas, mais a Promodal e a Tecnocargo, formam as empresas sob sua gerência. Juntamente com a Beta, que é do Sr. Ioannis, acabaram tendo uma sociedade de fato. Que sociedade foi essa?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Em Manaus – e volto a Manaus para tentar explicar melhor ao senhor –, temos um movimento muito grande de carga: são todos os televisores, todos os videocassetes – e hoje não são mais videocassetes, mas os CD *players* –, mais de um milhão de motocicletas produzidas no Amazonas, até mais que isso por ano. Então é um mercado muito grande. Ok? É a esse mercado que eu atendo. Então é um grupo de logística. E nós fomos criando, à medida que o mundo foi se modernizando, o operador logístico; e o operador logístico, que é o meu caso, atende a quase todas as atividades, da embalagem de mercadorias à entrega final, dependendo da necessidade do cliente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, por que foi feita uma sociedade de fato entre os senhores e não foi feita uma sociedade de direito?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok, o senhor diz então do Sr. Ioannis?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso; do senhor com o Sr. Ioannis.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Como eu lhe disse, conheço o Sr. Ioannis há muitos anos, há mais de vinte anos. Tenho com ele um relacionamento muito bom. É uma pessoa exemplar. O aéreo era uma atividade dele. Então, ele criou essa empresa, mas com uma grande vantagem: ele tinha um grande cliente, a Promodal, a minha empresa, que atendia – e atende – a quase todas as indústrias do Amazonas no transporte aéreo.

Então foi feita essa sociedade de fato, que passei a gerenciar com mais assiduidade quando ela passou a se chamar Beta, e não quando Brasair. Quando ainda era Brasair, o Sr. Ioannis teve atividade ainda. Muito bem. Então, passei a administrar tudo. O cliente, no transporte – e é muito importante eu tentar dizer isso para os senhores com toda a modéstia e com todo o carinho: –, entende a pessoa Antônio Augusto que atende a sua empresa. Então, é por isso que sou conhecido. Assim, tínhamos que ter – e temos –, hoje não mais dessa maneira, como fornecedores nossos várias

empresas: a Varig, a própria Skymaster, a Beta; todas são fornecedores da nossa empresa para a distribuição e o transporte das mercadorias, seja por avião, por caminhão, do Amazonas para todo o Brasil.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Antônio Augusto, entre o primeiro e segundo turno da eleição de 2002, o senhor fez uma contribuição oficial à campanha presidencial. Por que fez essa doação e de maneira substancial? Tinha algum objetivo de conseguir alguma compensação, algum espaço nesse tipo de ação que tinha as suas empresas?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Excelência, isso foi na eleição de 2002 para Presidência da República e para outros cargos políticos. Muito bem. A minha colocação é muito simples: eu sou conselheiro da nossa associação, a chamada ANTC, que é a Associação Nacional das Empresas de Transporte Rodoviário de Cargas; portanto é um segmento que hoje tem mais de seis mil associados e que são todos os caminhões que os senhores conhecem e estão vendo no Brasil. Sou também diretor nomeado, em São Paulo, da Associação Comercial, presidida pelo Sr. Guilherme Afif Domingos. No caso, fui eleito.

Então, não tenho atividade política, tanto que nunca me filiei a partido político nenhum; nunca militei, nada disso.

Tenho, portanto, um número grande de clientes, podemos chamar até de amigos, que são empresas privadas da Amazônia, empresas multinacionais – seus presidentes e tudo mais –, e já tínhamos a convicção de uma luta nossa que é a construção de uma estrada chamada BR-163.

Rapidamente explico para V. Exªs: hoje, em Manaus, para se escoar as cargas até o Sul, você tem que fazer o transporte por balsa, de Manaus até Belém; e, a partir de Belém, você faz por rodovia. Então são dez, onze dias mais ou menos que demora esse transporte ponto a ponto. São cinco dias e meio de navegação fluvial, em balsas, e mais três, quatro dias por rodovia, via Belém. Por Porto Velho existe a possibilidade também de se fazer esse transporte. Ocorre que, via Porto Velho, o rio Madeira é um rio de calado mais complicado; então, pela seca e pela chuva, ele não tem seis meses, praticamente, de boa navegabilidade. No caso da criação da Cuiabá/Santarém, um sonho nosso, de muitos anos, nós faríamos o transporte... O correto seria fazer a BR-319, que ligaria Manaus a Porto Velho; porém, no caso, existem problemas ambientais, que acabei não mexendo muito com isso por não ter condições.

Mas a Cuiabá/Santarém – para responder a pergunta do Deputado – são quase 800 quilômetros de estrada. Formamos um consórcio de interessados, interessados grandes – o pessoal da soja, o pessoal do Amazonas, todas as indústrias –, e, sendo a estrada construída, diminuiríamos – e vamos diminuir, pois já agora, no final deste ano, será feito o edital – em três dias o movimento, o transporte, o *transit time* – como falamos – de Manaus até São Paulo. A economia é muito grande. Essa é minha ligação política.

Já no projeto político do Sr. Ciro Gomes, isso antes, quando as pesquisas... Isso para que V. Exª entenda que eu não tenho partido, mas apenas a minha atividade. Naquela oportunidade, víamos que havia no projeto melhoria de infra-estrutura, de aeroportos; de forma que tínhamos interesses. Depois, as pesquisas foram para outro lado, e meus colegas do Amazonas – vamos chamar assim –, colegas e clientes, num jantar que tivemos na casa de um empresário... E disse isso à revista **Época** – aliás, a revista **Época**, numa entrevista que dei, a única que dei até hoje, ela disse que eu tenho a *expertise* do transporte, ela traduziu, por erro, como "esperto". Não; é *expertise. Expertise* é profissionalismo. Eu sou do ramo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Só para ficar registrado: o que é ex*pertise*?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – *Expertise* é você ter habilidade, o conhecimento da sua atividade; é você ser especialista na sua atividade, e não esperto. Não é o caso. Às vezes tenho até que ser esperto para poder sobreviver; às vezes temos que ter habilidade comercial.

Então, nesse jantar, pela primeira vez, eu tive oportunidade de conhecer o candidato à Presidência da República, na época. E achei que era bastante coerente tudo o que dizia. Dias depois, nosso grupo de pessoas, de empresários, na época, que foram convidados, falaram: "É bom, vamos por esse caminho e tal; mesmo dentro do meu conservadorismo todo". Depois, tive a oportunidade, na TAM, um dia – e isso eu queria que ficasse registrado – de conhecer o Sr. Delúbio; ele estava lá na TAM. Nesse dia, o próprio presidente da TAM me chamou e disse que eu estava tentando fazer com que os Foker 100 se transformassem em cargueiros e não parassem. Então esse era o motivo de eu lá estar, fora ele ser meu fornecedor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O Delúbio já operava antes?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. Eu não sei, Deputado. Eu só coloco o nome dele, porque foi a vez em que eu o conheci e que eu tive, então, a intenção de contribuir. E falei para o meu diretor financeiro à época. Nós fizemos a contribuição em dinheiro, em cheque, em TED, em DOC, enfim, normal, com recibo, tudo direitinho, de

R$500 mil reais, pela Promodal, que é, vamos dizer, o segmento aéreo; e R$300 mil pela Tecnocargo, que é o segmento rodoviário. Foi o que fizemos sem visão de futuro alguma, a não ser aeroportos, estradas, infra-estrutura. Porque para mim se...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem negociou o valor dessa doação? Quem negociou com o senhor o valor da doação?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O valor da negociação. Não houve negociação do valor. Houve negociação, Deputado, no sentido de saber "se o senhor quer contribuir". E, no jantar, já havia uma convicção de cada um. E era o que eu podia fazer na época – está certo? A minha empresa não era pequena. Não queria ser o primeiro colaborador, mas também não fui o terceiro, não, Deputado. Pode ter certeza.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor já estava pensando nas PPPs?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. No caso, especificamente, das PPPs, não. Mas, no caso específico da BR-163, ela não vai ser uma PPP; ela vai ser uma privatização. É o que eu acredito que vá ocorrer. Acredito. Está certo? No caso, eu não vou participar dessa atividade. Para mim interessa só estrada. Graças a Deus, junto com o Governo do Amazonas e o Governo do Mato Grosso, o Sr. Blairo, foi para frente. Meio ambiente...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nessa contribuição de campanha, houve participação só de suas empresas ou terceiros também colaboraram por seu intermédio?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Deputado, é uma pergunta boa. Aí vai o espírito do empresário. Lógico que eu pedi para que outras empresas do meu segmento de transporte rodoviário me apoiassem, mas sempre há que ter o primeiro – e eu fui o primeiro. Depois uns me deram desconto em transporte com a transportadora deles. Pouca coisa. Na verdade, praticamente foi a minha empresa contribuiu totalmente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Voltando ao motivo principal da sua convocação, pergunto: por que houve a briga com o Ioannis?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Veja que uma das primeiras coisas que eu fiz questão de colocar foi a minha amizade por ele, cujos filhos vi nascendo, assim como ele viu os meus.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Estou falando da briga comercial.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, não, não. Pessoal, jamais. Quanto à comercial, Deputado, eu digo ao senhor exatamente o que aconteceu: os interesses do Sr. Ioannis em fazer vôos para Miami, interesses em fazer outras rotas de transporte aéreo que não eram iguais aos meus. O meu interesse é fazer Manaus/São Paulo/Manaus – nem Correios. Tanto que a minha empresa, Promodal, nunca teve um contrato público – nenhum. Só a Beta que teve; e a Beta foi chamada, Deputado, dia 10 de janeiro de 2000, porque parou a VASP por causa da falta de um documento, uma CND – Certidão Negativa de Débito com o INSS...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sim; Certidão Negativa de Débito.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – E eu administrando a Beta, Manaus/São Paulo/Manaus, todos os dias. E ligaram dizendo: "queremos um avião". Dia 11 tinha que pôr o avião. Certo? Tenho o nome de todo mundo que chamou. Por isso que os Correios aconteceram na nossa história.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor disse que essa operação com os Correios foi casual, que o senhor não...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi casual.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ...que o senhor nem concorda com isso.

Por que o senhor tem essa visão crítica dos contratos com os Correios?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu tenho, Deputado, e vou lhe explicar o porquê. Os meus clientes são Manaus. Então, com a Beta, a Skymaster ou seja quem for atendendo os Correios, Manaus ficaria sem avião. Eu trouxe aqui para os senhores a frota cargueira brasileira, e faço a entrega aqui para o senhor. É só, desculpem o termo, "pau velho" mesmo; só 707. Nós não temos uma frota cargueira. Entende? Então, na verdade, o que os Correios... Os Correios, com a parada da VASP, e, um ano depois, da Transbrasil – e a VASP pelos motivos que eu disse ao senhor –, os Correios sofreram um *downgrade*; não deu um *upgrade*, porque parou de voar com o Boeing 767, que hoje são esses dois que os senhores estão vendo que estão parados aqui. Está certo? E não sei se volto a voar. A Varig atendia, não atendeu mais; a Vasp não atendeu mais.

Então, na verdade, os Correios se salvaram dessas empresas. Eu não estou invertendo; estou falando a verdade.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Uma pergunta de leigo: a partir do momento que a Vasp parou de operar a rede postal, ela entrou em con-

dição negativa comercial. A Transbrasil, quando parou de operar a rede postal, foi para a insolvência.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi para a insolvência. Perfeito.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Essas empresas, sem os Correios, não viveriam, então? Essas empresas não vivem sem os Correios?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não; eu acho que hoje, no **status** de 2000, que foi quando chamaram a Beta, ela vivia normalmente transportando com a Promodal e com outras empresas do Amazonas. A Skymaster, talvez a mesma coisa. Talvez eles não tivessem o crescimento que eles tiveram sem os contratos dos Correios, e eu lhe digo o porquê. Porque os Correios têm uma freqüência de 22 vôos por mês, e é um contrato de cinco anos, com correção semestral etc.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem ganhou mais dinheiro em concorrência: a Skymaster ou a Beta?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Essa é uma pergunta difícil. A Beta, como tem mais atividade em outros segmentos, portanto, está mais sujeita a sazonalidades, a governo – não negativamente – a mercado externo, ao problema da China ou seja lá onde for. Muito bem; ela está mais sujeita a intempéries. Eu acho que a Skymaster ficou mais focada, ou seja, ligada a um percentual maior de transporte para os Correios do que a Beta. Essa é a minha resposta.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que esse contrato por baixo do pano entre Skymaster e Beta, com divisão de contratos?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Então, Deputado, eu gostaria muito de falar sobre isso rapidamente. Fui eu que acompanhei isso, porque eu administrava, não posso negar isso porque fui eu...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor é o culpado?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É; eu posso ser o culpado. Estou tentando chegar na história. Os Correios não tinham muita alternativa; nem a própria Skymaster, nem a própria Beta tinham alternativas se uma não fizesse um contrato com a outra – operacional, não para que a licitação fosse ganha por "a", "b" ou "c", tanto que esse contrato foi registrado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Uma era o *back-up* da outra.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Tinha que ser. E foi assim que foi feito. E não esquecendo de uma coisa Deputado que...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Os Correios sabiam disso?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sabiam. A subcontratação era permitida até 2002. Depois eu não atuei mais nos Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que era permitida e depois não foi mais permitida?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Porque as empresas já se encorparam. Então, por exemplo: nós temos a Trip. Eu não estou acusando ninguém, mas nós temos uma realidade. A Trip ganhou uma licitação nos Correios, de três ou quatro anos, transportando com o avião da Total. Então, lógico que os Correios sabiam que a Trip era companhia de passageiros e a Total era de cargueiros – agora ela é de passageiros. E isso era totalmente permitido. No caso da Beta e da Sky – e eu administrando a Beta –, eu não tinha como fazer; do contrário, não tinha como voar. Não tinha como voar. Eram as linhas-tronco, porque parou a Vasp e parou a Transbrasil. Não tem como não fazer isso. Eu trouxe a frota aqui para os senhores verem que não tem jeito: se parar um avião, a multa é muito grande.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor diz que as aeronaves que têm feito esses serviços são aeronaves muito antigas, quer dizer: aeronaves que podem fazer transporte de cargas, mas não de passageiros, por causa do risco. É isso?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. Não. Ai não há problema. Até o meu Advogado, o Dr. Pedro, disse-me que um colega dele, outro dia, teve a honra de ver que um DC-3 foi adquirido por um colecionador, para voar normalmente e autorizado pelo DAC. Só não tinha tripulante.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas eu tInha a informação de que um avião desse pode voar com cargas, mas pode voar com passageiros.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso mesmo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quer dizer: não haveria exposição de risco. Mas o avião não voa sozinho; voa com a tripulação.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Voa com a tripulação.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E a tripulação não está sujeita a risco?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Está, mas o avião é muito bom. Há um outro problema: o ruído – estágio 1, estágio 2, estágio 3. O estágio 1 é o primeiro, do 707, que tinha

um barulho muito grande. Até aqui em Brasília temos o problema do ratão-do-banhado, que, se não se proibisse o estágio 2, que é, vamos dizer assim, um abafador, que é o estágio 2 do 707 – vou falar do 707 –, ele não poderia voar, porque senão o ratão-do-banhado não sobreviveria. Muito bem. Agora, o estágio 3 são desses aviões que têm a turbina CFM turbofan, cujo ruído é menor – não é zero. No mundo inteiro não se pode mais voar um 707 estágio 2; não se pode pousar em qualquer lugar. E não por razões de segurança, mas por problema de ruído e até por sua antiguidade. Mas não há proibição por qualidade. Essa é a pergunta do senhor, não é?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Com quem o senhor tinha bom trânsito na direção dos Correios? A informação que nós temos é que o senhor é uma pessoa de trânsito bom com o pessoal dos Correios.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Deputado, isso eu gostaria de esclarecer. Saiu na revista **Época** uma série de coisas, e é muito ruim para mim isso. Estou tentando mostrar aos senhores quem sou eu na verdade. Então, eu tento dizer isso: do PIB mundial, 5% é logística; é uma conta grande. Eu sou um dos do Brasil que está nesse meio. Então, tenho um bom relacionamento. Isso não quer dizer que eu tenha negócios, muitas vezes, por dar presentes, como saiu na revista. Sou eu que ganho presentes; eu que ganho vinho, mas dos empresários.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Fazem *lobby* com o senhor então?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, muitas vezes, quando precisam de mim... As empresas privadas, quando precisam de mim... No fim do ano, no Natal, eu recebo lá uma caixinha de vinho, direitinho, porque senão pára. É a luta pelo espaço no avião e a luta por carreta, para trazer os televisores, os videocassetes etc. Mas isso não quer dizer nada de anormal, não é?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Que vinho o senhor prefere?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu sou tomador de cerveja, Deputado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor conhece o Roberto Kfury?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Conheço sim. O Kfury trabalhou muitos anos lá na Philips; trabalhou depois na Beta. Foi nessa gestão, de 1995 a 1997, 1998, mais ou menos, que ele trabalhou na Beta como administrador, operador comigo, como o Sr. Michel também trabalhou sob a minha administração.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – No período em que ele trabalhou na Beta, ele já estava montando uma empresa dele, a Aeropostal. O que o senhor sabe disso?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Da Aeropostal eu poderia dizer... Eu falei em *downgrade* dos Correios, mas era um *upgrade.* A Aeropostal era um projeto muito bonito, feito por uma empresa chamada Evergreen, uma empresa americana, que também tem o problema desses 20% de capital. A Evergreen tem dez 747-200 cargueiros; 80 helicópteros. Ela opera para a CIA; ela faz todas as guerras; e tinha dez DC-9 cargueiros. E não estava usando.

Muito bem. A idéia da Aeropostal... O próprio nome Aeropostal tem tudo a ver com os Correios, não é? Então, o projeto era muito bonito, porque era trazer uma frota de turbofan, que eram os DC-10, os 747, para atender os Correios. Só que, no finalizinho, um consultor, antes do Brigadeiro Grossi, fez um projeto muito bonito, mas ele errou numa coisa: o tamanho do *pallet,* Deputado. O *pallet* do DC-9 ele é um ponto menor do que o do P1, que é usado para todos os aviões. Então, não tinha como operar.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual a sua relação com o Brigadeiro Grossi?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O Brigadeiro Grossi eu o chamo de "senhor". Eu chamo muitas pessoas de "senhor", mas ele também de senhor. Tenho um respeito muito grande por ele. É um militar de quarenta e poucos anos na ativa. Foi oito ou nove anos Diretor do DAC, onde o conheci, por intermédio do Sr. Hélio, da Helivia, que me apresentou.

Muito bem. É injusto o que estão falando do Brigadeiro. Ele trouxe economia para os Correios; ele, pelo seu jeito militar, é de pouca conversa e bem duro. Mas a minha relação é essa. Tanto que, quando ia ao DAC, pela Beta ou pela Promodal Transportes Aéreos, que foi a empresa que constitui – trouxe uma aeronave –, era difícil falar com ele.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por aquele período em que ele prestou assessoria aos Correios, quem pagou? Foi a Promodal?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso é importante responder aos Senhores. Tínhamos um contrato com ele – e vou, inclusive, pedir ao meu advogado que encaminhe aos senhores – de consultoria para fazer a Promodal, que seria...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se me permite, Sr. Presidente, queria requisitar cópia desse contrato de que o depoente está citando.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É um contrato de consultoria. Eu faria simplesmente o seguinte: ele só me ajudaria, porque, até 2003, ele não pôde, ele era diretor-geral do DAC. Então, ele não podia atender ninguém. Ele saiu do DAC e foi atender algumas empresas, inclusive a minha. O que me liga a ele é, de novo, tudo na transparência, o hotel, se fosse para esconder, eu não iria pagar o hotel para ele e depois ele abater da conta. Ele esteve comigo depois que depôs na CPMI e pediu que eu mostrasse o balanço das contas, o desconto dele. Estou emitindo a ele.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu gostaria que V. Exª confirmasse se esse é o contrato.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sem dúvida, é esse mesmo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual foi a vantagem para os Correios com essa assessoria do Brigadeiro Grossi?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Vou lhe dar uma explicação do meu jeito de ver, operacional. Como eu lhe disse, os Correios, para economizar, precisam mudar a frota, porque uma frota que atende aos Correios hoje, não vou corrigir o mundo, mas é uma sugestão minha, se eu puder falar isso: tem de ser uma frota de aeronaves com turbinas diferentes, que economizam 30% do que é hoje consumido pelos aviões que servem aos Correios. Não dá para fazer no mesmo momento, mas o Brigadeiro fez a comparação do que era anteriormente com Vasp, Varig, Transbrasil, que era 33% para cada uma, e foi negociar com cada companhia, pelo que sei. Não só a Skymaster – e o Sr. Luiz Otávio falou que estavam pressionando ele –, ele abaixou o preço na Beta, abaixou em todo mundo porque o combustível de aviação aumentou quase 1000% a partir de 2000. Então, não tem jeito isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor já explicou a razão da "cisão" com o Ioannis. Porém, já havia uma grande integração entre a Skymaster e a Promodal, Antonio Augusto Conceição Morato Leite Filho. Por que essa relação entre a Skymaster e a Promodal se deteriorou?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – As empresas, crescendo, começam a ter o seu mundo: a Beta indo para o seu caminho; a Skymaster indo para o seu caminho. Não se esqueçam do meu mercado de Manaus. Quando digo o meu mercado, não sou dono de nada, é simplesmente onde tenho o maior faturamento.

Então, vejo que há uma tendência a ir para outros mercados, só que Manaus paga um frete bom também. Isso é o que nos une, nos faz competidores. A Varig compete também da mesma maneira, igualmente, com aviões já maiores, MD-11. É isso, Deputado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Para encerrar, está arrependido de alguma coisa?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. Tive dois problemas na minha vida empresarial – e não diria que o da Brasília Beta foi o terceiro. Um foi a Sharp, quando ela realmente parou de operar, que foi entre o ano de 1999 e 2000. Eu tinha um contrato de cinco anos com a Sharp. Continuei transportando e não recebendo. Então, as minhas contas foram se apertando. O Sr. Michel conviveu bastante comigo nessa época. O segundo foi quando tivemos um roubo de carga, no dia 12 de março de 2004, de celulares, no valor de quase R$8 milhões. É o tipo de roubo que os Senhores vêem na televisão sempre. Tivemos de pagar. Essa é a única coisa de que me arrependo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Tinha seguro?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O seguro, na hora, é como seguro de carro, Deputado. Não estou falando mal das seguradoras, pelo amor de Deus, quando se vai fazer o seguro do carro, eles te atendem muito bem, mas, quando é para pagar indenização, não atendem ao telefone. O meu caso foi assim, eu estou com uma ação na Justiça contra eles – o meu cliente, no caso, mais prejudicado, quem eu tive de pagar durante meses até remunerá-lo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O transporte da rede postal noturna é seguro?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O transporte da rede postal noturna tem seguro. A convenção de Varsóvia obriga, até na mala que a gente transporta, a pagar indenização, 1/3 do dólar por quilo, algo assim, que muitas vezes não bate, mas os produtos que os Correios transportam não são valiosos por valor agregado; eles são valiosos por serem documentos, serem coisas importantes. Essa é a diferença.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muito obrigado.

Posso então fazer algumas perguntas ao senhor?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Pois não, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou retomar aqui algumas questões que já foram citadas, mas para tentar um esclarecimento maior. Fica claro que o senhor mantinha com o Sr. Ioannis uma sociedade de fato que envolvia várias empresas, cerca de quinze empresas.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Isso, não sei se quinze, mas é mais ou menos isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Costa do Sol Operadora Portuária, GPT, Mercosul Warrant, Planave, Promodal da Amazônia, Promodal Logística, Promodal Transportes Aéreos, Tecnocargo, Tecnocargo Transporte, Transmax, Zenasevice, Brasília Express Transportes, Brasília Express Transportes Ltda., Brasília Express Logística, Pró-logística Transportes.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Certo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em torno de quinze empresas. Por que os senhores nunca formalizaram isso? Quer dizer, inclusive o Sr. Ioannis chegou a, metaforicamente, dizer que essa era uma relação semelhante a um concubinato que não chegou ao casamento. Não é? Considerando a quantidade de interesses envolvidos, ao fato de não ser uma relação amorosa, mas empresarial, por que os senhores não formalizaram isso?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok, Sr. Presidente. Eu lhe digo, eu lhe respondo da seguinte maneira: amizade e respeito muito grande entre o Sr. Ioannis e a minha pessoa. Tentamos formalizar, vamos dizer assim, uma administração conjunta, uma sociedade maior. Ele foi meu sócio na Promodal com 30%, invertidamente. Então, o que eu digo é que, na verdade, eu faria com ele, mas o princípio de administração dele, não estou dizendo que seja errado ou certo, mas o meu princípio de administração de transporte é o de arregaçar as mangas e tocar o negócio. Não é outro, entendeu, Sr. Deputado?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Ainda me soa um pouco estranho a razão pela qual os senhores nunca fundiram. Quer dizer, houve um contrato inicial em que os senhores iam caminhar para uma fusão?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu pedi ao Sr. Ioannis que pudesse encaminhar uma cópia desse contrato à CPMI.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pediria o mesmo, também, a V. Sª.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Enviarei, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, mas vamos prosseguir. Uma coisa que chamou a atenção dessa comissão foi o Pregão 106, de 2003, "a" e "c".

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO — Ok.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Beta perdeu esse pregão para a Skymaster por R$10. O lance inicial da Beta foi de R$290.585,79. O resultado final foi a Beta apresentando R$214 mil, perdendo para R$213.990,00 mil para a Skymaster. Esse preço de 214 mil oferecido pela Beta era justo ou foi subfaturado?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Sobre a resposta de subfaturamento e superfaturamento eu tenho um entendimento, não sei se isso pode ajudar. Vou tentar lhe explicar sobre esse pregão que o senhor está dizendo. Na realidade, eu tomei conhecimento que o TCU, ou seja, que fizeram relatórios de superfaturamentos e até de prejuízo das empresas. Eu acho que valeria a pena se verificar o problema do combustível, que é o querosene da aviação, que, diferentemente da nossa gasolina e do nosso *diesel,* que eu uso muito também, ele muda tudo. Então, por exemplo, tivemos agora o barril, que passou de US$48 para US$60. O querosene aumenta quinzenalmente e não há aumento nos Correios. Agora há uma cláusula de aumento, mas demora um tempo para acontecer. Isso deveria ser melhor, não estou dizendo que está errado. Já que se apontou, tem que se aprofundar, mas o querosene representa 70% do consumo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Entendi. Mas esse preço, R$214.000,00, era um preço bom? Dava para trabalhar sem prejuízo?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O senhor me faria a gentileza de me informar a data desse pregão?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse pregão foi realizado em 2003, não tenho exatamente a data.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Qual foi a época, mais ou menos? Em dezembro?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em dezembro.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Dezembro de 2003.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O primeiro lance da Beta foi R$290.585,00. Foi reduzindo no pregão, chegou a R$214.000,00 e parou. Houve o lance subseqüente, da Skymaster, e levou para R$213.990,00.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu acredito que dava para realizar, sim senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por R$214.000,00, dava?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Acredito que sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque a Skymaster disse que subfaturou o preço para tentar ocupar espaço, sugerindo, então, que os senhores estivessem juntos.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O que se chamou de conluio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nega que tenha havido esse conluio.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Digo a V. Exª, senhor Deputado, que...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Terei que suspender a reunião por cinco minutos apenas.

(Suspende-se a reunião às 19 horas e 19 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 19 horas e 23 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Reabro a reunião, com minhas desculpas ao depoente e ao Deputado Arnaldo Faria de Sá.

Veja que, nesse pregão nº 106, de 2003, o lance foi de R$290.000,00 e chegou a R$214.000,00. O senhor considerava ser um preço justo e, portanto, não haveria um conluio?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. Penso que, se existe uma empresa no intermédio da Beta e da Skymaster que poderia ter um sentimento de perda ou algo assim, seria a Varig. Mas a Varig é uma empresa muito grande, ela participou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas dava para operar com R$214.000,00?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Com aqueles aviões, acredito que sim, depende do preço do querosene na época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Isso me leva a uma outra conclusão. A Skymaster, até esta concorrência, operava ao preço de R$429.987,00. Perguntei ao senhor Johanes se, R$213.000,00 ou R$214.000,00, era um preço razoável da operação. Se operar por R$429.000,00 não era um superfaturamento? O que o senhor tem a me responder sobre isto?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Do que eu conheço de contrato dos Correios, no caso administrando o Beta, é um contrato que se inicia desequilibrado. É um contrato de cinco anos, com revisão operacional semestral e com revisão de preços. Como contrato de aluguel, a cada 12 meses. Acredito que é dessa maneira. Por isso que havia sempre...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele se inicia desequilibrado? Como assim?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Vou tentar lhe explicar isso. É por isso que, às vezes, o preço é mais alto quando é ofertado à concorrência, porque o senhor não sabe qual é o preço do combustível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O preço é mais alto quando? Não entendi.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. O proponente, quem está fazendo a proposta, não o Correio, no caso. A Petrobrás resolveu a questão das plataformas de uma outra maneira, que vou lhe explicar. O querosene de aviação sobe a cada quinze dias, então o cidadão não pode aumentar o preço. Portanto, ele entra com pedido de desequilíbrio econômico e o que acontece? Por isso é que digo que ele nasce desequilibrado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então o contrato começa num preço justo...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí o senhor vai pedindo...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí é o inverso. A Skymaster operava com R$429...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É, penso que estava num valor muito alto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E caiu para R$214.000,00. O senhor avalia que haveria um superfaturamento aí?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. Um intermédio de preço aí dos R$200...Porque existe o item, Sr. Presidente, da competição entre eles. Mas é uma diferença grande.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É uma diferença de mais que o dobro. A

Skymaster operava com R$429.000,00 e saiu como resultado da licitação R$214.000,00.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Vou dar minha opinião, não como uma pessoa da área da aviação. No caso da Skymaster, vendo todos os fatos que tenho visto recentemente, com os depoimentos e tudo mais, penso que, se ele perdesse a linha, seja pelos R$213.000,00, ou seja pelo que for, o tamanho do prejuízo seria muito maior.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É óbvio que ele, operando por R$429.000,00 e caindo para R$213.000,00, perde. A minha dúvida, que é praticamente uma certeza, é a de que há um superfaturamento nesses R$429.000,00. É evidente.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É. E depois, por isso, acho que houve a consultoria, a disputa. Volto a dizer para o senhor, Sr. Presidente. O que aconteceu foi que os Correios sofreram uma revolução na rede postal nacional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Não acredito. Não há dúvida da revolução. Saio de um contrato de quatrocentos e vinte e nove para duzentos e quatorze...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Muita diferença.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...pela própria empresa que operava. É um desnível muito grande, não é?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É, é o dobro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o dobro.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É o dobro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor poderia afirmar que há superfaturamento nos quatrocentos e vinte e nove ou teria alguma razão técnica – o senhor poderia me apontar? – que justificasse os quatrocentos e vinte e nove?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. Eu acho que o que não justificaria seria os duzentos e treze, invertidamente. Eu vou lhe explicar o porquê. Porque para uma empresa como a Beta, por ter outros faturamentos, seria até possível fazer. Para a Skymaster, eu não sei se seria a mesma coisa. O que eu quero dizer é que os quatrocentos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para a Beta seria possível?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu acredito que, para a Beta, mais, porque ela tem outras atividades de transporte, mas não seria negócio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí nós temos um problema. Porque os senhores tinham um contrato com a Skymaster de partilha de 50% desses contratos.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, os senhores, com esse preço de quatrocentos e vinte e nove mil, receberam 50% do trabalho. Logo ganharam, então, muito acima que deveriam ter ganhado.

O SR.ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É. Ok. Bem colocado. Então, na realidade, concordo plenamente com o senhor, e está certinho: quatrocentos é um valor muito alto. Eu concordo e acho que a sua colocação está muito correta. Tanto que houve a contratação de um consultor, de outros e dos próprios Diretores dos Correios para uma reavaliação. Muito bem. Essa é a colocação que fica, e depois houve uma diferença muito grande.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Evidente.

O Sr. Ioannis falou que a faixa de remuneração ideal é de 15% do valor do contrato. Na medida que o senhor operava também por quatrocentos e vinte e nove mil, senhor ganhou muito acima daquilo que deveria ganhar, em tese, num contrato razoável.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É, é. Eu concordo. Acho que isso é um negócio que tem que ser avaliado, não esquecendo, Presidente, de avaliar a realidade do combustível, do querosene de aviação. Muita mudança...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o querosene não desce de preço, ele sobe.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Não. Só sobe de preço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exato. E aí caiu de quatrocentos e vinte e nove para duzentos e treze.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sem dúvida. Sem dúvida. O que corrobora com o Brigadeiro, o trabalho que ele fez, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos falar da dispensa de licitação nº 2, de 2001. Foi uma dispensa de licitação realizada em 26 de junho de 2001, em que foram consultadas duas companhias aéreas para operação das linhas A e C. A Beta apresentou o preço de duzentos e trinta e sei mil

por operação de cada linha e pediu o prazo de dez dias para o início das operações. Ganhou a Skymaster.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No entanto, a Skymaster ganhou e subcontratou a Beta por cento e cinqüenta e sete mil reais.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Subcontratou?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Subcontratou.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Quer dizer, os 50% da linha...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o preço de cento e cinqüenta e sete mil atendiam os interesses operacionais empresarias dos senhores – senão, os senhores não teriam feito a subcontratação –, por que ofertaram o valor de duzentos e trinta e seis mil, perdendo com isso o contrato?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – A Beta ofertou? A Beta ofertou?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ofertou duzentos e trinta e sei mil.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É. Eu acredito que era o valor pelo qual ela tinha interesse em fazer o transporte.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas fechou o contrato por cento e cinqüenta e sete depois.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É. Ok. Então, veja bem, tem o contrato da linha A e C e o contrato da linha D e F. São...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, esse é o contrato da linha A e C.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – São quatro linhas: A e C, D e F. Então, A e C de que o senhor está falando e D e F, que é a litorânea, que desce de Recife...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Essa é A e C.

O SR.ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sim, mas, vamos dizer assim, o acordo operacional feito entre Skymaster e Beta previa todas as linhas. Então, numa ganhava mais e noutra ganhava menos. Eu imagino, eu posso lhe responder com a maior clareza, Sr. Presidente, detalhadamente por que cento e cinqüenta e sete e não duzentos e treze, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque me chamou muita atenção a diferença. Alguém perdeu uma – não foi uma licitação –cotação. Foi feita para fazer a dispensa.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O senhor está dizendo de 2001, Sr. Presidente?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, 2001. Junho de 2001.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Dois mil e um (2001) foi quando houve uma emergência mesmo, que foi a emergência da parada da Transbrasil. E aí houve um contrato emergencial, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão. Não ouvi a última parte.

O SR. ANTONIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Não. Não. Vou dizer ao senhor, vou repetir ao senhor: o de 2001, pelo que a minha memória traz, foi quando a Transbrasil parou, Sr. Presidente. Ela parou. Foi como o problema da Vasp também. Eu não estou falando mal de empresa nenhuma, mas parou. Então, aí foi meio emergência. A Varig atendeu e, depois, houve um pregão, tudo meio emergencial, os Correios não podem parar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aqui foi uma dispensa de licitação.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vocês passaram o preço de 236 e, depois, os senhores foram subcontratados por 157.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Mas, depois, houve uma licitação, porque foi emergencial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois, houve. Nós vamos falar dela aqui. Agora, havia aquele contrato de partilha de 50% das operações.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que nos leva a crer que os custos operacionais da Beta eram muito próximos aos da Skymaster, porque os senhores faziam uma partilha.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Inclusive, eram aviões semelhantes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É exato isto: os custos operacionais são semelhantes?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Em relação aos custos operacionais do 707, as diferenças são pequenas entre a Beta, a Total, a Skymaster, ou seja, quem for, porque

tem a tripulação, o *leasing* do avião e há o consumo do combustível, que é a mesma turbina. Então, não tem muita variação dos custos operacionais – a não ser custo fixo, que uma pode ter mais que a outra ou menos do que a outra, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É. O que mostra, então, quando voltamos àquela licitação dos 429 mil, que o valor era excessivo para as duas empresas porque o custo operacional era praticamente o mesmo.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É. Deve ter uma justificativa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, uma outra coisa que me chamou muita atenção: esse contrato que foi celebrado entre a Skymaster e a Beta, compartilhando os resultados dos negócios firmados com os Correios, foi firmado quatro dias antes da licitação que foi feita inclusive registrada em Cartório. E eu lhe digo sinceramente: na minha vida, eu mexi muito com licitação, mas eu nunca vi duas empresas, antes de entrarem antes da licitação, dizerem que vão partilhar o resultado de um procedimento que elas disputam.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Caso ganhassem, só teria um jeito de elas participarem, Sr. Presidente, que seria com esse entendimento porque eles não tinham...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor poderia fazer um consórcio.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok. Foi mais ou menos um consórcio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não porque os senhores estavam disputando. Veja: uma coisa é um consórcio – em que eu entro com apenas uma proposta, pelo consórcio, e formo a unidade operacional. Os senhores fizeram – até brinquei – um pacto pré-nupcial e, nesse pacto pré-nupcial, entraram em uma disputa de preço em que partilhariam o resultado em 50%, ganhasse quem ganhasse.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Mas não havia somente as duas empresas participando da licitação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, evidentemente, embora não tivesse, é óbvio que houve uma combinação prévia dos preços.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Com certeza, porque não tinha como fazer. Os preços são comuns. A linha do Correio precisa ser atendida – um avião vai, o outro volta e tem que ter um em stand by ou de backup: caso contrário, pára o Sedex.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, quando os senhores fizeram esse contrato, os senhores combinaram o preço da licitação, a proposta que cada um iria fazer?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Os custos eram mais ou menos os mesmos. A idéia de preço é como o senhor está me perguntando, elas não são muito diferentes, porque o avião é igual.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas os senhores chegaram a dizer: "Não, eu ofereço um tanto de proposta e a outra empresa tanto?".

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu acredito que... A Beta, nesta época, quando foi feito, já operava emergencialmente para os Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a palavra o Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A Senadora Heloísa Helena não pode ficar aqui e solicitou que eu fizesse uma pergunta. Neste momento, eu sou encaminhador da pergunta. Ela quer saber por que a sua empresa resolveu fazer a doação para a campanha do Presidente Lula?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu, então, vou lhe responder, Deputado: no caso específico da minha empresa... Tenho, então, uma empresa de logística, onde tenho alguns negócios, principalmente no transporte rodoviário, como disse ao senhor, e não só no transporte aéreo. Então, íamos – e acho que nem erramos se fizemos a doação especificamente para o PT que foi o ganhador – fazer a doação, Sr. Deputado. Até vimos o projeto do candidato do PPS, que era mais ou menos condizente com o nosso interesse – posso chamar de interesse, mas não era interesse econômico.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual é o nome do candidato?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Era o Ciro Gomes, na época. Ele estava em cima nas pesquisas. Eu, então, tenho a minha associação, NTC, e tenho a Associação. ABTC, de cargas aéreas. Então, tínhamos interesses – vamos esquecer o aéreo, vamos falar do rodoviário. Uma estrada, essa BR-163, que ela diminua em três dias... São 5 mil carretas por mês de produtos que saem de Manaus. Carretas, fora os aviões.

A economia é muito grande, é gigantesca. É gigantesca. O progresso da região. Então é isso mesmo, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu quero me penitenciar. Eu não havia notado a presença ilustre do Senador Heráclito Fortes, que estava escondido atrás da bancada e que evidentemente me pede a possibilidade de fazer a sua argüição. Interrompo a minha com o máximo prazer para ouvir o nobre Senador Heráclito Fortes.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Sr. Presidente, em primeiro lugar, eu quero confessar que vim em socorro a V. Exª.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço imensamente a V. Exª.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Vim ver um depoimento como esse, porque eu acho que é importante. Não acredito em corrupção generalizada nesse setor, mas falhas, falta de fiscalização, uma série de coisas, facilidade em concorrência por vários motivos. Primeiro, por ser uma área em que pouca gente quer entrar. Eu queria fazer uma pergunta, até para entender: quais eram as linhas em que a Beta atuava?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu vou dizer exatamente para o senhor. Em 2000, quando ela foi chamada emergencialmente porque parou a Vasp – uma certidão negativa, como eu disse, de débitos – foi no dia 10 de janeiro, e ela fez uma linha chamada linha I, São Paulo/Goiânia/Cuiabá, acho – não me recordo exatamente, mas uma linha curta. O avião, inclusive, era errado para aquela linha: um avião muito grande para fazer uma linha de pouca tonelagem. Aí adaptaram para que ela fizesse a linha correta, que é a linha-tronco, com avião de 40 toneladas, que o caso do 707. Então ela começou a fazer a linha D e F.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – 707. Quais as cidades?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – A tonelagem?

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Não, as cidades que atendia?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ah, eu digo pro senhor: Recife, Salvador, São Paulo, Porto Alegre. Ida e volta. Linha D e F. Convencionou-se chamar depois só linha F.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Ela, algum período, fez Teresina?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Teresina, nunca, nunca.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Quem fazia Teresina?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Teresina, se eu não me engano, Senador, era a Taff.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Não, não, não. Bem antes. Em 2000 era uma empresa que usava 707.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Era a Transbrasil, então.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Não. Também não. Era uma empresa.... Pensava que fosse a Beta, mas não importa.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Não, não, não, Teresina não foi.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – A Skymaster funcionava onde?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – A Skymaster fazia, então , a linha A e C, que era Manaus/Brasília/São Paulo/Rio de Janeiro/Salvador/Fortaleza. Ida e volta. Todo dia.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Qual era o tipo de aeronave que vocês usavam?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – 707. Boeing 707.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Quantos aviões vocês possuíam?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Então, eu trouxe aqui, Senador, a frota ano a ano, brasileira, de cargueiros. Está aqui.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Sei. Não, mas da Beta.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Da Beta era 707.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Quantos aviões?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Dois. Começou com um avião e, vamos dizer, quando ela esteve nos Correios a primeira vez que foi em 2000, ela tinha dois aviões. Dois Boeing 707 cargueiros.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Sr. Presidente, ele não tem culpa de disputar o mercado, mas veja as facilidades. Agora, há pouco, o nosso depoente disse que, pra cada rota, era preciso ter um avião indo outro voltando e um terceiro de sobressalente. Ele tem um indo e voltando, cadê o reserva?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não tinha. Não tinha.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Uma facilidade dada, uma liberalidade dada.

O senhor não tem culpa disso, não. O senhor entrou no mercado, não estou culpando o senhor exatamente por isso. A irresponsabilidade é dos Correios. A irresponsabilidade é dos Correios e Telégrafos.

Se o senhor examinar a Skymaster, vai ver... quantos aviões tinha a Skymaster?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Aqui. Está tudo aqui. A Skymaster em 2000 tinha dois aviões, dois Boeing 707.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – E aí, Sr. Presidente, vamos ser bem práticos, não vamos tentar enganar ao Brasil. Não é governo passado, não é governo atual, nem será governo futuro essa estrutura. Essa é uma coisa que precisa ser passado a limpo. O que se fez aí e o que se faz é um crime. Esses aviões 707 DC8 não voam mais em lugar nenhum do mundo.

Presidente, eu tentei lembrar aqui qual foi a empresa que fazia esse vôo para Teresina e não consegui, mas eu estou sendo ouvido pelo Brasil inteiro, inclusive pelos teresinenses. Esse Boeing 707 usa uma pista inadequada, porque as turbinas são largas, elas ultrapassam o limite, em termos de largura, da pista, e a manobra feita deixou a nossa pista em petição de miséria.

Fiz um pronunciamento, ainda era Deputado Federal, fiz um pronunciamento na Câmara, alertando, meu caro Deputado Arnaldo Faria de Sá, para o perigo que se estava correndo.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Senador...

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – A cidade entrava em pânico e, por azar, uma das vezes, uma carenagem de um motor caiu sobre as casas...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Em Salvador, duas vezes já. Não em cima da cidade de Salvador. Ao decolar.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Então, Sr. Presidente, eu acho que esta CPMI... Nós temos que ser humildes, porque o que está para trás muito pouca coisa vamos conseguir. Agora nós temos que tomar alguns cuidados. Qual é a tonelagem de um Boeing? Quantos quilos?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Esse Boeing 707, 40 toneladas.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Quarenta toneladas.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É o peso, é o *payload* dele, que vai de calha dentro dele.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Decolava em Teresina e descia com aproximadamente duas, três toneladas, quando muito.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso mesmo.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – É uma brincadeira. Os Correios pagando... A tonelagem mínima, qual era a tonelagem mínima?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, era 40 o máximo. O mínimo, o mínimo...

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Não importa.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não importa.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Quer dizer, nós estamos pagando, o Brasil pagando 40 toneladas ... É uma brincadeira.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Senador, eu queria fazer... Um fato recente, que foi a semana passada, sem tomar o tempo dos senhores, que foi o avião que desceu nos Estados Unidos, sem o trem de pouso da bequilha. Foi a Jet Blue. Isso mesmo. Um Blue Jet, um Airbus. Uma vez, no caso, foi o único incidente que a Beta teve – então a administração foi até razoável – que não abriu também o trem da bequilha. Isso foi às três horas da manhã. É problema, mas eu não vejo... Eu vejo inadequação como senhor falou, exatamente.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Abra os jornais, a expectativa que se cria em torno dessa CPMI é tão grande, e aí você divide a responsabilidade entre o órgão gestor das concorrências e o empresário. O empresário está lutando para sobreviver, atrás do ganha-pão. Isso o submete também a contratos que não se sabe o que está escrito, não se sabe o que tem por trás disso. As pressões que recebe, a ajuda dos caixas 2 e por aí afora, que nós não temos aqui a menor condição de conseguir provar, a não ser que, de repente, haja uma boa vontade de alguém que diga.

Agora, não é possível mais o nosso País conviver com esse tipo de coisa. Nós tínhamos aqui, durante algum período, aquele vôo noturno em que se fazia um balanceamento entre o transporte postal e o transporte de passageiros, vendendo passagens...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Eram vôos em que se utilizava o horário dos aviões em desuso, madrugada adentro e que fez o Correio brasileiro o mais eficiente do mundo, durante três anos ganhou prêmio.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi isso mesmo.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Depois, até há três anos atrás, quando eu pedia o acompanhamento desse *ranking*, o Correio continuou ficando sempre entre os dez, entre os cinco.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Mas acabamos o vôo postal noturno, quebramos empresas brasileiras.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Certo? E hoje estamos permitindo, sem essa possibilidade, Deputado Arnaldo Faria de Sá, essa guerra tarifária, que também quebra empresa, porque, naquela época, você subsidiava. A empresa cobrava barato a passagem, mas ganhava na carga. Aí, hoje você vê a empresa...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É uma receita adicional na ...A carga no porão do avião.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – ...vê empresa vendendo passagem por R$ 1,00, por R$ 10,00, criando uma guerra de mercado predatória, e o Governo fecha os olhos para isso.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – E as companhias aéreas, salvo as mais recentes, não estão em boas condições. É notório isso. Não é nem no mundo.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Isso num País, Presidente Eduardo Cardozo, em que o transporte para nós é fundamental. Nós temos hoje, pela nossa dimensão continental e pelo crescimento que esse País vem atravessando, cada dia mais, necessidade de aperfeiçoamento do nosso transporte aéreo. E o que se vê aqui é uma brincadeira!

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É, precisa remodelar...

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – É preciso haver uma... Acho que este Congresso, esta Comissão pode dar o grande passo, de criar regras para o futuro, não permitindo que fatos dessa natureza aconteçam. Aliás o Governo tem muita culpa nisso. Os Governos. Eu estou falando Governo, Deputado Arnaldo, eu não estou falando do atual, não, eu estou me referindo principalmente à área de arrecadação.

Há seis meses, fui Relator do PIS/Cofins e no Pis/Cofins havia um dispositivo pelo qual se reduzia para zero, acabava, a tarifa para a importação de peças para aviação e para a compra de aeronave. Tive uma discussão com um funcionário da Receita Federal porque ele me abordou achando que aquele dispositivo iria beneficiar os jatinhos do Bradesco. A discussão foi grande, e eu até disse "quem tem que se preocupar com os jatinhos do Bradesco é o senhor porque o Bradesco hoje está financiando, como faz em todo Governo, o Partido do Governo. Não estou preocupado com isso. Talvez o senhor não saiba que eu seja na aviação o vôo da misericórdia". O cara que salva vida no Nordeste, no Sul, que transporta alimento, o que tem seu aviãozinho individual e que faz isso é o pastor protestante que vai e que...

V. Sª talvez nem saiba dessa modificação. Na época, Deputado Eduardo Cardozo, houve um acordo, o Congresso Nacional aprovou e a Receita Federal, por meio de um decreto, modificou a lei. Uma brincadeira! Com isso, haveria uma repetição, no Brasil, do que houve na Itália. A maior frota de aviação executiva da Europa era da Itália, que fez uma brincadeira parecida, e os aviões italianos todos viraram pó. Continuaram sendo italianos, mas voando com bandeiras de outros países.

Pois bem, depois de muita discussão, o interlocutor me disse que ia resolver e passou para o segundo ponto. Perguntou: "E os helicópteros dos ricos de São Paulo?" Eu lhe disse: "V. Sª mais uma vez vem com esse seu complexo de inferioridade. Para cada helicóptero que decola, você tem cerca de dez ou doze empregos gerados. Temos uma empresa que fabrica helicóptero no interior de Minas que é hoje a segunda do mundo. Não se preocupe com rico. Cada rico que decola em um helicóptero e paga imposto – porque não tem como fugir dele – emprega de oito a dez pobres". Então, é preciso mudar um pouco essa mentalidade.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO LEITE FILHO – Senador, sem querer interrompê-lo e já o interrompendo, fazemos o Embraer, que pode ser avião cargueiro. Pode haver um financiamento para o próprio Correios fazer.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – O que acontece com os aviões cargueiros? São vendidos mais baratos para fora do que se compra no Brasil.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO LEITE FILHO – Ok.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – O avião da Embraer para ser vendido lá fora é mais barato do que aqui.

Tenho muita confiança no relatório que V. Exª vai fazer e acho que vai dar uma grande colaboração, principalmente quando alertar o Governo para essas falhas e, acima de tudo, mostrar que tudo isso tem jeito se levado a sério, desde que seja levado a sério.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço ao Senador Heráclito Fortes. Como sempre são bem-vindas as judiciosas e pertinentes ponderações de V. Exª. Aliás, como de hábito.

Vou retomar, se me permite, aquela questão que está me atormentando para entender aquilo com que brincamos ao chamar de pacto pré-nupcial entre a Beta e a Skymaster. Então, quatro dias antes da Concorrência 10/2000, os senhores fizeram este pacto dizendo que quem ganhasse dividiria...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO LEITE FILHO – Inclusive registrado em cartório.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Inclusive registrado em cartório. Exatamente.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO LEITE FILHO – De notas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À vista da natureza e das circunstâncias que estão colocadas, parece-me que os senhores devem ter trocados informações sobre as propostas que ambas as empresas apresentariam na licitação.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO LEITE FILHO – Não quero afirmar isso porque fica caracterizado um acordo, mas, operacionalmente, o avião era o mesmo – era um 707, o único que eles tinham –, o custo era o mesmo. Só havia um jeito, como o Senador disse, de atender aos Correios: era com *back up*, tendo um avião a mais porque, senão, parava o Sedex no Brasil, o transporte da Rede Postal Noturna. Por isso, houve esse acordo operacional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E quanto à apresentação das propostas de preço?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO LEITE FILHO – Quanto à apresentação das propostas, eu poderia responder até invertidamente, Sr. Presidente. Na verdade, por que um contrato registrado? Eram competidoras a Skymaster e a Beta. Então, não havia muita confiança.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Os dirigentes dos Correios responsáveis por esse acordo – vamos admitir – entre cavalheiros sabiam das limitações que vocês tinham de frota e das condições?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Tanto que permitia a subcontratação. Ela era permitida. Há empresas que fazem transporte, há tempos – hoje não –, que usam outros aviões e outras empresas, subcontratam.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Está vendo, Deputado Arnaldo Faria de Sá, como as coisas acontecem?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas exatamente dentro da linha colocada pelo Senador Heráclito Fortes, o que não ficou claro para mim é como os senhores chegaram aos preços das respectivas empresas.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Por custo mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por custo?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É. A Beta já tinha uma experiência nos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E houve uma combinação prévia dos preços ou não?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não houve pregão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma concorrência.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não foi uma licitação de envelope lacrado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. Isso.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Exatamente. Então, na hora, entrega-se o envelope lacrado. O pregão é um pouco diferente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No pregão, o primeiro envelope é lacrado e depois é em aberto.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso. Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na concorrência, é lacrado. Houve um prévio entendimento em relação aos envelopes lacrados que iam ser apresentados ou não?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sr. Presidente, não quero afirmar que houve, mas quem tinha mais condições de atender e já estava atendendo o órgão público, o ECT, era a Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era a Beta?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Era a Beta. Então, a preferência poderia ser a Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí, então, houve uma combinação prévia?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não digo "combinação". Combinação é uma palavra forte.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Qual era o valor de cada contrato anual?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu digo para o senhor, Senador: um contrato desse de R$100 mil por linha, por dia – são 22 vôos por mês –, estamos falando de R$2,2 milhões vezes doze meses, são R$24 milhões.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Por ano?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Por ano. Com uma linha dessa que o Sr. Presidente acabou de dizer.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Cada avião desses, vocês os adquiriam no *leasing*. Mas o preço dele, no mercado internacional, era em torno de US$1 milhão a US$1,5 milhão. Imagine, Sr. Presidente, que coisa boa! Que loteria! (Risos.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, estou muito intrigado...

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Na outra encarnação, eu acho que fui piloto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com certeza.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Senador, não esqueça o custo do combustível, que é de 70%.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Setenta por cento para o avião não vale nada.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não vale nada! Concordo com o senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que eu estava exatamente tentando entender é o seguinte: como a Beta já operava, então as empresas previamente concluíram que a preferência era da Beta.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não era só, Sr. Presidente – voltando a essa data –, ganhar um edital, uma concorrência. Tinha-se de ter uma estrutura para atender também. Uma das coisas mais importantes para ter estrutura, Sr. Presidente, era o fato de ter crédito, por exemplo, na BR porque também só há duas fornecedoras de combustível: a BR e a Shell. Há mais que duas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A própria Skymaster reconhecia que a Beta tem uma preferência nessa licitação.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Com certeza. Com certeza.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Sr. Presidente, só para finalizar. Quando havia pane num desses aviões, nas rotas mais próximas, eles eram substituídos por caminhões.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sem dúvida.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Qual era o percentual dessas substituições?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Respondo isso direitinho para o senhor, Senador. Isso se chama...

(Falha no som.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há um problema técnico.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não há problema.

Para os Correios – para quem entende dos Correios, que não é bem o meu caso porque sou transportador de carga –, até 500 quilômetros, pode-se usar o caminhão, que é dez vezes mais barato, para transportar seus produtos à noite.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Sr. depoente, há uma empresa que não é a sua – e não vou entregar qual é – que, em um contrato desses – em virtude a privilégio que teve das rotas –, fazia 70% das entregas em carga, em via terrestre, e ganhava por via aérea.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Aí não dá!

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – A frota cresceu e é uma das maiores do Brasil hoje.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sr. Senador, eu faço o transporte de quase todos os celulares do Brasil. Eu entrego quase todos os celulares. E celular não tem valor agregado. Tanto o é que houve um roubo tremendo aí. É assim mesmo. Além de ter caminhão à noite, tem de ter segurança à noite. Então, é como o senhor falou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas retomando, para concluir: na Concorrência 10, de 2000, havia da própria Skymaster o reconhecimento de que a Beta teria uma preferência.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não tenho dúvida disso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De certa forma, isso se confirmou porque apenas essas duas empresas participaram dessa concorrência.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Dessa, foram só as duas?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só as duas. Por que foram somente as duas?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Vou tentar responder rapidamente. Quando a Vasp parou e depois a Transbrasil, não tinha mais companhia aérea no Brasil.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E a Varig Log?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – A Varig Log não existia ainda. Existia a Varig, que já fazia algumas linhas. Então, não tinha alternativa. É um mercado pequenininho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aqui é em 2000.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – 2000. A Varig Log passou a existir – Varig Log; a Varig cargas, sem dúvida – acho que foi em 2002 que nasceu a Varig Log. Então, não tinha es-

trutura. Para nós foi emergencial também. Se eu contar para os senhores que, nos primeiros três meses, Sr. Senador, vi que o senhor entende de aviação, os três primeiros vôos que nós fizemos de 707 desceram em pista desse tamanhinho, sabe quantas turbinas nós queimamos? Em três meses, três turbinas. Mandamos uma carta para o Presidente dos Correios na época, o do PSDB, eu não me lembro, perdão, não me lembro o nome dele agora, mandamos uma carta pedindo ressarcimento, porque foi emergencial, e as turbinas pifam, desculpe, elas param de operar, estouram no sábado e no domingo, né? Isso é que é o pior.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – É verdade que, em alguns desses casos, as companhias aéreas tentavam fazer o seguro de vida – viu, Sr. Deputado Arnaldo Faria de Sá? – de seus pilotos, e eram proibidos, a legislação não permitia, tendo em vista a idade dos aviões?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É, eu acho que aí eles têm que fazer, todo comandante de companhia aérea, Sr. Senador, ele tem que fazer uma... tirar, vamos dizer assim, a carteirinha de novo, né? Quer dizer, para aviões.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Não, não, não é isso, não.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Seguros o senhor está dizendo?

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – Companhia de seguros, seguro de vida, seguro da tripulação, as companhias aéreas se negavam a fazer, tendo em vista a idade e a condição dos aviões.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É, como o caso era mais o 707 DC-8, eu acho que o risco era maior mesmo e conseqüentemente...

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – O senhor entendeu bem, não é, Sr. Presidente? As companhias e os Correios homologavam a concorrência. As companhias se negavam, as companhias de seguro se negavam a fazer seguro de vida dos pilotos e da tripulação por conta da idade e das condições dos aviões.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É. Os aviões são de 1968, 1970.

O SR. HERÁCLITO FORTES (PFL – PI) – É verdade, é verdade. Alguns você entra como passageiro e chega como sobrevivente.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, apenas eu agradeço mais uma vez a sempre pertinente observação do Senador Heráclito Fortes e... Bem, vamos então tentar fechar essa questão. Quer dizer, então, na concorrência em 2000, se reconhecia uma preferência da Beta...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É, por ter combustível, e tudo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por ter combustível e tudo, e aí então, evidentemente, ela acabou ganhando a licitação.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Positivo. Eu não sei se foram só duas que participaram.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, a informação que eu tenho é que são apenas as duas.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Está bom. Eu não tenho certeza disso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, uma outra coisa que nos chamou a atenção é que nessa Concorrência 10 de 2000, a mesma concorrência, havia uma situação curiosa, porque o preço original do contrato em que a Beta...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Desse que foi feita a licitação?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. Foi de R$193.940,00.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Tá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, ao final, com os reequilíbrios econômico-financeiros, chegou a R$283.772,00.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Certo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Havendo uma variação de 46,32% do contrato. No entanto, no período, o combustível aumentou 190%, o dólar americano, 41,43% e o IGP, 84%, ou seja, muito acima do que foi obtido com o reequilíbrio econômico-financeiro.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – OK.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me leva a crer que os senhores ou perderam dinheiro no contrato ou o contrato estava muito acima do valor. Como é que o senhor explicaria essa situação?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu não queria ser... acho que há órgãos que podem explicar melhor do que eu, mas eu digo para o senhor o seguinte, Sr. Presidente, que

na verdade a própria adaptação dessas companhias de aviões... Perdão...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pode continuar, que eu estou ouvindo.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, eu aguardo os senhores. (Pausa.)

Posso falar? Na realidade, essas aeronaves, a adaptação delas, que para rota elas eram adaptadas para a rota Manaus – São Paulo – Manaus, eram rotas de 3 horas e 50, 3 horas e meia, mais ou menos isso, um pouso e uma decolagem, um pouso e uma decolagem. Quando começaram a fazer Correios, começaram a fazer cinco pousos na linha, pousos de estágio mais curto. Então, você tem cada pouso e cada decolagem mais custo e menos custo. Eu não estou... Estou tentando verificar o porquê disso. Muito bem. Depois houve a adaptação. Então, adaptou-se o Landau velho, o 707 – está certo? –, adaptou-se à necessidade do órgão público. OK. E tudo foi melhorando, você começa sem saber, por uma emergência, e deixando clara a emergência, até correspondências foram escritas, que eram emergência mesmo, depois houve adaptação de preços. Se foi no começo, Sr. Presidente, é bem possível. Depois, no ínterim, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o senhor não teve então uma perda neste contrato?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. Acho que não houve perda, houve uma adaptação. Vou explicar o que imagino como adaptação. Quando saiu para fazer as linhas, você saiu com perda de turbina, com tripulação em quantidade pequena, depois você foi adaptando e foi remodelando o seu custo, que são as variáveis de custo. Fora combustível e fora *leasing*, etc.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui há uma pequena divergência do seu depoimento com o depoimento do Sr. Ioannis, porque ele diz que houve uma perda, que quer entrar na Justiça inclusive para recuperar esse dinheiro. Como o senhor avalia isso?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Acho que a perda, do mesmo jeito que se o órgão público perdeu, tem que ir atrás do valor com certeza. Da mesma maneira, se houve uma perda, houve, tenho certeza porque me lembro disso, de R$1.400.000,00 no começo dos contratos dos Correios, em janeiro de 2000, quando quebraram as turbinas e houve uma correspondência aos Correios, que, nem sabendo que era emergencialmente, não atenderam a nossa solicitação. Muito pelo contrário, nos impuseram multas, e não foi adequado. É como o Senador disse, somos fornecedores e o fornecedor tem que ser tratado como fornecedor. Dá para atender? Dá. Se não dá, não se penaliza desta maneira. Agora, se o Sr. Ioannis vai entrar com uma ação de perdas, e ele acha que a conta é assim, eu não posso discordar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tinha uma relação boa com a Skymaster.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sem dúvida, e tenho até hoje. Eles me atendem até hoje.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, embora sendo concorrentes, havia uma relação cordial entre as empresas.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Meu fornecedor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posteriormente o senhor deixa a Beta?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi. Exatamente isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há um período meio comum, o senhor faz um contrato. Que contrato é esse?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi exatamente, é o que comprova tudo que estou dizendo ao senhor. A parceria com a Beta foi até 30 de agosto de 2002, quando houve a cisão oficial. E, para não deixarmos de atender aos nossos clientes do Amazonas, fizemos esse contrato de parceria com a Skymaster, que era muito melhor para a Skymaster do que para mim, porque a Skymaster tinha o cliente que sou eu.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que é um contrato de representação em novos negócios, é esse?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Representação em novos negócios e garantia de vôos que logicamente ela me atenderia. Deixava de ter um fornecedor que não parou de me atender, que era a Beta, mas deixava de ter esse fornecedor com quase que exclusividade e passava a ter um outro com regularidade. E novos negócios são... não o dos Correios, o dos Correios eu tinha uma boa relação operacional. Eu atendia o dia-a-dia operacional de aviação. Depois que eu parei com a Beta, eu fui para a Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu tenho aqui uma cópia do contrato em mãos. A cláusula 2 do contrato diz o seguinte:

"Os serviços de representação comercial da Skymaster, objeto do presente contrato, envolve atividade de acompanhamento perante os diversos setores da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, daqui

em diante denominada Correios, da consecução do contrato número tal, linhas assim, que a Skymaster foi denominada vencedora. O Antônio se compromete a utilizar os melhores recursos e técnicas para execução do serviço, bem como respeitar todas as normas e regulamentos relativos, direta ou indiretamente aos mesmos. Caso haja mudança na atual estrutura e decisões dos Correios, este contrato deverá ser rediscutido em todas as suas cláusulas, visando a sua adequação às novas estruturas."

Chamou-me a atenção porque a Skymaster contrata um concorrente para acompanhar o seu contrato com os Correios. O que o senhor fazia nesse acompanhamento?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É o que eu disse ao senhor. Na verdade, eu nunca fui concorrente da Skymaster. Nós fomos a GPT, a Promodal. A Beta e a Skymaster nos Correios eram até parceiras, mas concorrentes. O que aconteceu? Nós paramos, fizemos a cisão com a Brasil Express, com a Beta, e aí nós nos calçamos na Skymaster, foi um contrato de negócios com a Skymaster. Mas que acabou não vingando, porque depois a Varig ficou com a minha conta. Não ficou nem com a Beta nem com a Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas a Skymaster assumiu com o senhor o compromisso de pagar 50% dos lucros auferidos sobre o valor da diferença de faturamento verificados na execução dos contratos dos Correios. Aquilo que o senhor conseguisse a mais nos Correios ...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Mas era de contrato de empresa privada. Ou seja, se a gente pegasse mais um contrato no Amazonas, era dividido o lucro. Dos Correios eu não teria como.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o contrato fala isso. Remodelação e pagamento. "A Skymaster pagará ao Antônio, o senhor, 50% dos lucros líquidos auferidos sobre o valor da diferença de faturamento verificada na execução do contrato com os Correios., previsto na Cláusula nº 22, em relação ao contrato oriundo do Edital BCT/NR operado pela empresa Beta, Brazilian Express, também com os Correios, na execução da linha "F", etc.

Esses lucros foram apurados mediante aplicação [nesse caso, há uma série de situações].

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – "A Skymaster pagará também ao Sr. Antônio 50% dos lucros líquidos auferidos sobre o faturamento e verificada a execução dos novos negócios previstos na Cláusula nº 23."

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok. Está certo. Aí são os novos negócios: os privados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o senhor recebia nos Correios e sobre negócios que efetivamente fossem dados. "Os pagamentos desses lucros serão efetuados até três dias úteis após o recebimento das faturas dos Correios."

Por que o senhor é contratado para acompanhar coisa nos Correios?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Tento.. Tudo tem a sua antiguidade e a sua realidade na época. Na época, o mercado de Manaus – a gente sempre volta ao mercado de Manaus – tem uma carência de carga São Paulo – Manaus. Você leva para lá os componentes e o comércio, as cargas de comércio – estou falando do avião, mas também no rodoviário ocorre a mesma coisa – e volta, em épocas, com supervolumes de cargas. Então, o que acontecia? Para mim, era muito interessante que eu completasse os vôos e que a Beta, a Skymaster, no caso – perdão –, desse mais espaço para mim. Assim, eu auferia lucros. Não tenho outra explicação, porque eu tinha relacionamento com os Correios, estava lá dentro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que tinha um bom relacionamento nos Correios?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Mais operacional. Pessoalmente, Sr. Presidente, se eu fui duas ou três vezes aos Correios, foi muito, mas eu tinha o dia-a-dia da operação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi também a seguinte regra: "Caso haja mudança na atual estrutura de decisão dos Correios, esse contrato deverá ser rediscutido em todas as suas cláusulas, visando à sua adequação às novas estruturas, inclusive ser rescindido se for o caso." Ou seja, se mudar quem decide nos Correios, rescinde-se o contrato.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Excelência, quando você fica... Como eu disse no começo, estou só contando o meu lado da história. Então, no meu lado da história, quando você tem um cliente como a Philco ou seja lá quem for, você convive com ele todo dia, porque o transporte é todo dia. Então, não é todo dia que dá problema, está certo? Mas com os Correios era a mesma coisa. Tinha de voar o avião. Então, eu convivia com esse pessoal dos Correios sábado e domingo por telefone. Isso pode

ser, logicamente, verificado nas minhas ligações, porque tinha de operar, não podia parar de operar; avião não pode parar. Então, é essa a boa relação que eu tenho, só isso, mais nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me espantou foi o seguinte: por que, se mudasse quem decide nos Correios...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Governamental. Por exemplo, a minha relação, até então, como Beta, era diretamente ligada à gestão na época da administração. Por exemplo, o atual Presidente dos Correios era a pessoa que decidia a carga em janeiro de 2000 – o atual Presidente dos Correios que substituiu os outros. Isso era assim. Então, a relação existia, mas era uma relação comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O atual Presidente dos Correios era Diretor na época?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O Sr. Jânio, atual Presidente dos Correios, não era Diretor; ele era um assessor da área operacional dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que ano?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Em 2000, certeza absoluta. Eu até o conheço, e depois ele foi para outra área.

É isso, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Citarei as suas obrigações: defender os interesses da Skymaster perante os Correios.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok. Por esse fato, por eu realmente ter uma boa convivência operacional, por transportar todo dia. Obrigação de não deixar parar o avião, obrigação de não ter multa, obrigação de transferir a carga no horário certo; só operacional e comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – "Manter a Skymaster informada sobre o andamento de todos os detalhes em relação à evolução e ao acompanhamento dos contratos."

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – "Responsabilizar-se, integral e exclusivamente, pelos clientes que captar."

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – No caso, os Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor não captava para a Promodal?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – A Promodal não era uma companhia aérea. Ela se tornou companhia aérea, Sr. Presidente – Promodal Transportes Aéreos –, em 2003. Os senhores não me perguntaram, mas eu ia dizer aos senhores que a Promodal trouxe o primeiro avião cargueiro turbina fan – 30% de economia. Só que eu digo ao senhor: o que aconteceu? Eu trouxe o meu avião, aluguei para a VarigLog, voou três, quatro meses e pifou. A turbina custava um milhão e poucos de reais, de dólares, perdão, e aí eu não tive como... O mercado fechou as portas para mim. Foi essa a realidade. Então, eu tomei a decisão que foi única de continuar sendo apenas operador logístico, usando terceiros.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora o senhor chegou a disputar com a Promodal uma licitação?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Uma licitação que foi essa de... Mas eu fui desclassificado logo de cara.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas quem ganhou foi a Skymaster.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Quem ganhou foi esse do... da redução de preço. Mas eu fui desclassificado logo no começo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, o senhor foi inabilitado, se não me falha a memória.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi. Desclassificado por... é... é... por apresentação da planilha errada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exato.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi isso. Não só a minha empresa, como também...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No caso, o Brigadeiro Grossi foi contratado pelo senhor para poder aparelhar a Promodal, para poder operar com empresa de carga postal, não era?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Positivo. O Brigadeiro não me atendia no DAC, porque no DAC ele tinha aquela quarentena e tal, tal, tal. Mas o que ele me deu de orientação com relação a avião, foi essa a consultoria que ele fez para mim. Inclusive ele fazia a negociação, porque ele sempre foi quem representou o Brasil nas ligações do Brasil com outros países de aviação civil. Ele me trouxe a Cargolux, que é uma grande companhia aérea de Luxemburgo, para parceira nossa. Então, esses foram os assuntos que nós tivemos com o Brigadeiro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse seu contrato de representação e novos negócios com a Skymaster venceu quando?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi muito rápido, Sr. Presidente. Logo depois... Como disse ao senhor, a conta da Promodal é até maior que a dos Correios, e eu explico por quê. Porque seu volume é muito grande. Então, depois a Varig fez uma proposta com aviões melhores e ficou. Depois voltou para a Skymaster, então é mercado. Depois a Beta continua atendendo a gente; todos atendem a gente normalmente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto tempo? Foi firmado em 21 de agosto de 2002 até quando mais ou menos?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não demorou dois, três meses. Eu não tive mais tempo que isso, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dois, três meses?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É, não foi... quase nem subsistiu.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que não foi renovado o contrato?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Porque continuamos operando. Aí operação normal. Então, a Promodal, o GPT, e as suas empresas podiam escoar a carga na Skymaster como cliente normal, com uma tarifa melhor logicamente, por quê? Porque a quantidade é maior da Promodal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, foi praticamente então no final de 2002?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi isso mesmo. O senhor pode verificar que foi quando terminamos com a Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi aí então que o senhor resolveu equipar a Promodal para atuar como empresa aérea?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi em... Olha, Sr. Presidente, foi aí... eu demorei um ano para tornar... tirar o Cheta, que é o Certificado de Habilitação de Empresa de Transporte Aéreo, regular cargueira. Diferentemente da Skymaster...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual o nome desse documento?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Cheta. É a abreviação de Certificado de Habilitação de Empresa de Transporte Aéreo regular de cargas. É um contrato com o Governo. É uma concessão, diferentemente do que é Skymaster e a Beta, que são empresas auxiliares do transporte aéreo, com uma homologação normal, tudo direitinho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas depois o senhor chega a fazer um outro contrato com a Skymaster, não é isso?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Já fiz... Eu fiz, sim, vários contratos. Queria comprar o meu avião e depois queria olhar a turbina.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não, não. É um contrato em que praticamente o senhor cria um fundo com a Skymaster? Aqui está o desfazimento do contrato. Eu vou pegar aqui. Vou achar para o senhor aqui. Quer dizer, havia esse primeiro contrato, que foi esse dos negócios. Aí, depois, o senhor fez um outro contrato com a Skymaster?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Deve ser de espaço. O de extrato...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O de extrato está aqui. Contrato de permuta, participação de cotas da empresa Skymaster.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Exatamente. Então, isso foi antes. Isso foi antes. Havia o interesse de uma sociedade. Não aconteceu. Aí houve o contrato comercial

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor entrou no dia 15? Esse contrato foi assinado no dia 15 de abril de 2002.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Então. Exatamente. Era o interesse societário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Primeiro, o senhor fez esse...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Societário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí desfez.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Extrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí fez o contrato só comercial?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Só comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E depois disso então... Porque o senhor contratou o Brigadeiro Grossi em maio de 2003?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Maio de 2003.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, quatro ou cinco meses depois

que venceu o seu contrato com a Skymaster de representação?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Bem depois, bem depois. O... o... o extrato...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, veja aqui. O senhor falou que durou uns três dias aproximadamente?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Mais ou menos isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se o contrato foi firmado em Manaus em 21 de agosto de 2002.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi mais ou menos até novembro, por aí. Então, passados uns cinco ou seis meses, o contrato do Brigadeiro Grossi.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O Brigadeiro não tem muito a ver com o contrato. A contratação dos serviços de consultoria do Brigadeiro é para exatamente...Nós negociamos com a GE Capital, a maior empresa de aviões que nos fez o leasing de uma aerovane DC-871 com quatro turbinas, CFM. Trouxemos, voamos, voamos com a Varig, para a Varig...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas era para fazer a Promodal uma empresa...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Era para fazer a Promodal uma empresa com aviões modernos, 30% de economia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Brigadeiro Grossi teria um percentual de 2% sobre o contrato anual entre as empresas Promodal e a Cargolux Ltda.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso. A Cargolux era outra empresa. A Cargolux é uma empresa de Luxemburgo que tem, se não me engano, vinte aerovanes 747 e quatrocentos cargueiros. Esse é um contrato de transporte da Europa, de cargas, para o Brasil. Não é a minha atividade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, o Brigadeiro Grossi, nesse período em que era contratado pelo senhor, também é contratado como consultor dos Correios, justamente para rever essa situação de irregularidades ou de gastos excessivos na parte dos correios aéreos.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ok, é isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É uma coisa estranha, porque ninguém sabe direito que contrato é esse porque é um contrato em que não há formalização entre a consultoria. Ele ostentava inclusive um crachá de consultor, mas não há nenhum contrato. Ele disse que recebia por uma fundação que era contratada dos Correios e a fundação nega.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – A Fundação Universidade dos Correios, né?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso e lá se nega. O que ele disse que pagava, nega que tenha recebido. Ele diz que recebe em dinheiro, razão pela qual não podíamos comprovar e as faturas de hospedagem dele eram emitidas para a Promodal o que indica que ele vinha trabalhar para os Correios.

Diz ele que era um acordo com o senhor apenas para que ele tivesse desconto no hotel Blue Tree, se não me falha a memória, ou coisa parecida.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Como outros. O comandante de aviação, todo dia, ele tem que estar em algum lugar para fazer...Vence o horário dele, as doze horas, o regulamenta que ele chama e tem que dormir em algum local do Brasil. Então se tinha convênios com...Sempre cito o exemplo do Hotel Tropical em Manaus em que uma diária custa duzentos e cinqüenta, trezentos reais. Para nós, Promodal, é cinqüenta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, a Skymaster se diz muito prejudicada por aquilo tudo tanto é que, após se concluem os estudos do grupo de trabalho que foi, em que atuou o Brigadeiro Grossi, todas as empresas fazem uma rediscussão dos seus contratos e a Skymaster se recusa a fazer a rediscussão e aí se abre uma nova licitação em que há aquele subfaturametno acusado na Skymaster que seria, na verdade, ou é um subfaturamento ou é um superfaturamento anterior.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É verdade. Sr. Presidente, o que digo para o senhor é o seguinte: o Brigadeiro, o contrato dele com os Correios não tomei conhecimento, não vi.

Tenho certeza absoluta do que vou dizer ao senhor. O Brigadeiro é uma pessoa de total, de índole irrepreensível, a meu modo de, Antônio Augusto, ver. Então, eu o conheço, o conheci atuando no DAC por muitos anos. Então, se ele trouxe alguma coisa para a Nação brasileira foi economia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não tenho dúvida, os resultados são evidentes, mas o senhor sabia que o Brigadeiro dava

consultoria para os Correios no período em que tentava formar a sua empresa aérea.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sabia, sabia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não sentiu...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desconfortável pelo fato de o senhor querer montar uma empresa aérea e o seu consultor também dar consultoria para os Correios?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Acho que ele não dava só para nós consultoria.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dava para outras empresas também?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Acredito que sim. O meu contrato, o senhor pode verificar, como o dos Correios, não é full-time. É um contrato por um serviço especifico.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, me parece claro que, embora o senhor convivesse muito bem com a Skymaster, a partir de um momento vocês passaram a não conviver tão bem.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É a relação comercial, Sr. Presidente, é assim. Ela é muito...Por exemplo, hoje qual é o status da Promodal, do GPT? Eu vou com a Beta, com a Skymaster e com a TAM e com a Gol, porão. TAM e Gol são porão de avião que eles chamam. Então, pode ser que amanhã um brigue com o outro e muda o perfil de negociação de fornecedor. Está claro?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foi que houve esse estremecimento com a Skymaster? O senhor sabe localizar temporalmente?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Nessa época mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nessa época? Qual seria? O senhor precisa para mim, mês, ano, aproximadamente?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu me recordo, o senhor vai ver aqui, Sr. Presidente, que tem uma empresa que nasceu e morreu no Brasil, chamada Brasmex. Ela está em 2003. Trouxe um DC-10, excelente negócio, excelente avião. Um DC-10, *turbofan*. E foi exatamente o que aconteceu. Não vou falar correlatamente ao que estou falando da Skymaster, mas estou respondendo à sua pergunta.

Na verdade, a Brasmex veio para o mercado, a Promodal encheu ela de combustível, todo dia na conta da Promodal, encheu ela de carga, e depois ela quis voar sozinha. Ela quis pegar os meus clientes, os meus contratos privados. Não dos Correios, privados.

Quando eu tirei o combustível, certo, o cliente tinha contrato, como eu tenho contrato com alguns clientes. Então, o exemplo comercial é esse. Você tem a relação boa hoje... Eu pergunto ao senhor, eu hoje sou atendido, tenho que atender... São 5 milhões de televisores que saem do Amazonas, celulares, e tal. Eu não posso ficar sujeito a um problema qualquer do proprietário da empresa "X". Eu tenho que atender o mercado no Amazonas. Como a estrada, a BR-63. Tem que fazer, se não fizer não há progresso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, há uma situação particularmente curiosa, sobre a qual perguntei também anteriormente, que é o período que vai de abril a agosto de 2002. O senhor participava de duas sociedades de fato, o senhor tinha 50% da participação da relação...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Interesse só.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...com a Skymaster e tinha também a sociedade de fato com o Sr. Ioannis, na Beta.

O que até me fez fazer uma brincadeira: que isso era uma *holding*, de fato, porque o senhor tinha sociedade com os dois principais concorrentes, na época.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Explique-me um pouquinho essa situação, como o senhor operava com os dois concorrentes, sendo assim, digamos, o cabeça da *holding*, de fato.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu tento explicar para o senhor assim. Quando o senhor me chama... Eu não ouvi o depoimento dele, mas ele esteve aqui, que trabalhava para nós. Quando houve o, vamos chamar de estremecimento, entre a minha pessoa...

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. Com o Sr. Ioannis também, com o senhor e com a Beta – vamos chamar de Beta –, não foi no dia 30 de agosto de 2002. Ele começou... Isso foi só a assinatura final.

Mas ele começou no final de 2001 para 2002, as idéias não batendo, aí quisemos montar um conselho, aí sim, fazer o casamento. E, nesse ínterim, eu também sou atendido pela Skymaster. Então, sempre houve interesse com as duas. Eu só não fiquei sócio da Skymaster. Pode ter contrato e distrato. Não ficamos sócios. Sócios aí é quotas, mesmo, diferente da... É

de fato, não de direito. Só o fornecedor. Com a Beta a relação já era maior.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Efetivamente, essa *holding*, o fato de o senhor manter essas relações, naquele momento, tão estreitas com a Skymaster, foi um dos fatores da desavença que o senhor teve com o Sr. Michel? Com o Sr. Michel, não, com o Sr. Ioannis?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É, pode ser isso mesmo. É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Confirma que foi.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Confirmo sim. Manaus, eu tenho 86 para cá, então eu tenho uma relação forte, não é, Sr. Presidente, com as indústrias.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com as indústrias. Certo.

Também aqui, veja. De fato mostra-se bem a parceria entre a Skymaster e a Beta. Em 21/07/2000, foi feita aquela concorrência que já discutirmos. Depois, em junho de 2001, a Skymaster venceu a disputa pelas Linhas A e C; só duas disputaram, Beta e Skymaster.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi, foi. Quando a Transbrasil parou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. Aí houve divisão dos contratos também. Depois, dia 24/12/2001, mesma data da assinatura do contrato derivado do pregão 45, de 2001, vencido pela Skymaster, foi firmado o termo de subcontratação de serviço entre a Beta e a Skymaster. Na ocasião, a Skymaster também transferiu 50% de contrato para a Beta.

Quer dizer, aí vinha mais ou menos nivelado, aí houve depois a desavença, o que o levou a ficar mais do lado da Skymaster e não da Beta.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sim, e depois eu continuei minha vida com Varig e com outros.

Mas eu me recordo de um fato importante que seria bom acrescentar, Sr. Presidente, quando a Skymaster ganhou a Linha 2001, A e C, que parou a Transbrasil.

Quem na verdade ganhou, seria bom verificar nos Correios, foi a Varig. Ela que na verdade... Os Correios contrataram a Varig para substituir a Skymaster, desculpe, a Transbrasil. Perdão. Só que a Varig não conseguiu atender, porque ela tinha um DC10 – são dois aviões, um para ir e outro para voltar, ao mesmo tempo. Ela teve uma inadimplência operacional. Então, ela ficou descaracterizada para essa licitação, não tinha como atender. Estou dizendo ao senhor que falta infra-estrutura de aviação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Após esse rompimento com a Beta, quando o senhor fica do lado da Skymaster, quanto o senhor recebeu em dinheiro pelos serviços prestados à Skymaster?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, a Skymaster nunca me pagou em dinheiro, ela pagava em redução de tarifa. A Skymaster que o senhor está dizendo?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster. Aquele contrato que o senhor firmou...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Então, as tarifas, por exemplo, ele tinha a tarifa dele e o lucro dele, e como eu tinha um movimento...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele reduzia a tarifa para o senhor. O senhor sabe totalizar qual foi o ganho que o senhor teve com esse contrato?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ah, acredito que aumentei minha rentabilidade, mas não...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não sabe nem precisar mais ou menos os seus ganhos?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, precisa ver quanto eu paguei para a Skymaster, porque eu pagava para ela para usar o avião dela, com uma tarifa menor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pagou a menos. O senhor não sabe precisar quanto?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Posso levantar para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor pudesse levantar, agradeceríamos imensamente.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O senhor me dê o período que faço isso imediatamente – viu, Sr. Presidente?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bom, nas suas relações com os Correios, que eram boas, o senhor tinha relação melhor com o Sr. Hassan Gebrim, com o Sr. Airton Dipp, ou com o Sr. João Henrique de Almeida?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, eu não conhecia. Conheci só o Sr. Dipp realmente, como apresento, mas só em um evento, e mais ninguém. O Sr. Hassan...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E com o Diretor de Operações dos Correios, o Sr. Madureira?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O Sr. Madureira também não, eu o conheci, mas já não é, vamos chamar, da minha gestão, administração. Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. O senhor tinha relação, então, com o antecessor do Sr. Madureira?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sim, com o Sr. Sena, com o Sr. Jânio. Com o Sr. Jânio, sempre tive. Era quase todo dia que nos falávamos pelo fato operacional. Todo dia que digo, não era assim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, claro. E o Sr. Roberto Kfouri? O senhor já respondeu ao Deputado Arnaldo Faria de Sá, mas eu queria porque uma coisa nos chamou a atenção. O Sr. Roberto Kfouri foi diretor da Beta...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi, foi sim, por uns quatro, três anos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...aí saiu e foi formar a Aeropostal, que o senhor mesmo disse que tinha uma relação com a Evergreen, americana.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Americana?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Americana, é de Oregon.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E curiosamente a Aeropostal nunca foi registrada no DAC.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso, isso mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, no entanto, entrou na disputa de um pregão...

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso – o senhor está vendo?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...mesmo sem ter a possibilidade. Como o senhor explica isso?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Explico, então. Eu não tinha nada com a Aeropostal, então aí que é a explicação de tudo. Quer dizer, o cidadão entra com um contrato social na Junta Comercial na época, não hoje: estou constituindo uma companhia aérea – como o Senador disse e é verdade mesmo. Aí ele participa, compra o pregão, o edital, compra e participa. Porque a exigência de ter avião não era. Exigia ter um contrato com alguém.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, veja: o pregão tem as fases invertidas, porque, numa concorrência, primeiro vem a habilitação, em que se examina as condições do participante e depois as propostas. No pregão, é o inverso: primeiro, examina-se as propostas e depois vai ver quem tinha.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Certo, essa foi a licitação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que parece estranho é uma empresa que não tem registro no DAC, não tem avião, não tem nada participar de um pregão. O senhor acha que ele participou desse pregão com que intuito: era prejudicar alguém, ou beneficiar alguém? Porque, obviamente, ganhar não era.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, eu tenho certeza absoluta... Que época foi, Sr. Presidente? Desculpe-me. Qual foi a licitação? Foi aquela de 2001 ou de 2003?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É acredito que sim. Pregão 45, de 2001.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – De 2001, muito bem. Então, a Aeropostal nem era do Sr. Roberto Kfouri, o senhor pode verificar que não era do Sr. Roberto Kfouri. Depois ficou valendo mais você ter uma companhia aérea, vamos dizer assim, um Cheta, que é o Certificado de Homologação...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Parece que, quando ele concorreu, era.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, não era, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele saiu da Beta em setembro de 2001. Em dezembro de 2001, a empresa dele concorreu com a Beta e a Skymaster.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – mas eu tenho, olha, também se o senhor me permitir, vou verificar direitinho as datas. Mas ele trabalhou na Beta, e bastante. Depois que ele saiu da Beta, aí ele foi para outra, não só essa empresa. Ele é um homem do mercado aéreo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A informação que temos é que, quando ele trabalhava na Beta, ele já tinha participação na Aeropostal.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, não, não, não. Olha, certeza disso, não acredito que seja assim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Olha, o Sr. Roberto Kfouri entrou como sócio da Beta em setembro de 2001.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Da Aeropostal?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão. A Aeropostal foi criada em 2000 e tem seu sócio Roberto Kfouri desde setembro de 2001.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Então, contradigo o que eu disse. Se ele participou, então já como dono.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o qual é ligado à empresa Beta. Ele assinou, por exemplo, um contrato em 13 de setembro de 2001.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Mas ele não tinha nada com a Beta e com a Aeropostal ao mesmo tempo. A Aeropostal era um projeto muito bonito...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Evidentemente, ele não entrou nessa licitação para ganhar?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não ganharia nunca.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não poderia ganhar. Então, entrou nessa licitação para quê?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso é que estou querendo explicar para o senhor. Ele ou qualquer outra empresa. Um caso que o senhor poderia verificar é a Trip. Ficou três anos nos Correios e era subcontratada da Total. O senhor Roberto Kfouri poderia repassar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ele não tinha nem registro no DAC. Ele não poderia ganhar.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não tinha. Ele entrou, com certeza. Ele tinha contrato.O DAC tem duas fases.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A informação que temos é de que ele não tinha.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Isso também não lhe afirmo. Primeiro você tem que pegar o carimbo do DAC para formar uma empresa, pois há um carimbo para contrato social. O DAC verifica se, juridicamente, está tudo certo e lhe dá uma homologação para comprar ou alugar avião, depois constituir piloto e depois tirar o Cheta e poder voar. Isso demora mais ou menos um ano.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me chama atenção nessa licitação, inclusive argüi o senhor Maurício Madureira sobre isso, se não me falha a memória, é que aqui tínhamos uma situação bastante curiosa...

O SR. (Orador não identificado) – Sr. Presidente, a assessoria está informando que nessa licitação já tinha que ter o Cheta.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. Se ele não tivesse, respondo ao senhor e a assessoria, ele não poderia voar, mas, para participar, em 2001, é quase certeza, porque era permitida a subcontratação. Já existia o Cheta. No começo, não exigia.

O SR. (Orador não identificado) – A informação é que exigia.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Ela não ganharia nunca, mas o senhor pode verificar que foi nessa que mudou, porque antes não era exigido o Cheta. Isso era um problema mais sério.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor veja que participaram três empresas dessa concorrência: a Skymaster, a Beta e esta, que não poderia ganhar nunca. Sabemos que, na época, pelo o que o senhor mesmo disse, a Skymaster e a Beta tinham um excelente entendimento, ou seja, na verdade, não houve uma disputa efetiva.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não. A Aeropostal não ganharia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Entrou para fazer figuração.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não ganharia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso não é uma simulação de concorrência?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como a Beta e a Skymaster se entendiam bem, botou-se uma terceira, o ex-diretor da Beta, para dizer que havia uma disputa.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Sr. Presidente, por que o cidadão iria participar de um negócio que não iria ganhar?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa é minha dúvida.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – E precisaria ter "x" participantes. Não poderia ter um só? Por exemplo, houve uma licitação agora nos Correios, na região do pregão. Foi

o último, se não me engano, foi no ano passado, em 2004...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas quando tem um só, sempre fica muito chato. O mais comum é as empresas combinarem antes e rechearem com uma aparência de competição.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Mas será que não teve mais nenhum participante nessa época?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não teve.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – A Varig...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Inclusive, foi uma licitação que teve aquele valor muito acima do mercado, que depois abaixou.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Quem ganhou foi a Beta ou a Skymaster?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster. E depois teve aquele superfaturamento todo.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Estou entendendo a colocação do senhor. O que digo é que não há por que haver um interesse em participar. Isso está mais caracterizado em 2004, quando não participei de licitação nenhuma, onde só pode concorrer um por uma linha, por condições operacionais. Como o senhor acabou de dizer, tem que ter o Cheta e o avião. Aí caracteriza mais. Esse fato não tinha jeito, Sr. Presidente. Parou a Vasp, parou a Transbrasil, não tinha avião no Brasil e não dá para trazer avião para o Brasil. O senhor não tem como trazer avião para o Brasil, porque tem que passar pela fiscalização do DAC, tem que ser empresa brasileira, e digo que é um *downgrade* mesmo, depois tem que ter uma solução.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para concluir, quando estava na Beta, considerando as 15 empresas que o senhor tinha com o senhor Johannes, o senhor deu contribuições eleitorais?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Fiz essa que o senhor tem conhecimento. Só em Manaus e mais nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em Manaus?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Em Manaus, para o Governo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para o candidato a Governador. Quem era?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O Governador Eduardo Braga. Tudo com recibo, tudo direitinho. Com mais ninguém.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor só fez, depois que saiu da Beta, essa contribuição de 800 mil reais?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Só.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa contribuição foi para a campanha do Presidente Lula?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Do PT. Do Presidente Lula.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor contribuiu com candidatos proporcionais?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Candidatos?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Proporcionais. Deputados.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, eu contribuí, não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só foi essa a contribuição, apenas e tãosomente?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Só, só, isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi feita via o Sr. Delúbio?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Foi o meu diretor. Eu fechei o negócio, vou contribuir, está certo? Num dia só, a única vez que encontrei com o senhor...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor encontrou o Sr. Delúbio na TAM?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – É. Foi ocasionalmente, mesmo que estava ...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Naquele momento o senhor: falou eu vou contribuir. Como é que foi?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Eu já tinha a intenção.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já tinha a intenção?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Já tinha a intenção, já tinha participado de dois jantares, já tinha acompanhado todos os projetos do Partido, tudo direitinho, já sabia da necessidade que a gente tinha de evolução da nossa organização, do nosso setor e não foi no dia eu participei. Não. Um dia eu iria contribuir, quando tivesse caixa para isso, inclusive, e, como era caixa 1, não tinha outro jeito, e assim que seria. Então foi o que a gente fez.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Naquele dia mesmo o senhor formalizou a contribuição?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Não, foi, se não me engano foram dois dias depois ...do dia em entrou o dinheiro, porque já estava na véspera da ....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi com o recibo eleitoral?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – ... recibo que eu trouxe.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor esteve apenas, com a Direção do Partido do Trabalhadores, contato apenas com o Sr. Delúbio Soares?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Só com o Sr. Delúbio. Só.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve contato como Sr. Sílvio Pereira?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –O Sr. Sílvio Pereira conheci posteriormente num jantar também, mas também só.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Jantar do quê?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –Eu me lembro, muito bem, direitinho. Parece que sou o homem dos jantares, mas não sou não, é que .. aí mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todos nós jantamos.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Exatamente, fui convidado apenas. Estava o Ministro, estava...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que Ministro?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – O Ministro da Casa Civil, na época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – José Dirceu?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO –É. E o Sr. Sílvio Pereira. Estava, vamos dizer assim, o setor do Governo aquele, como vários empresários...nada. Não houve nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Jantar na época da campanha?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Depois, uns quatro, cinco meses depois, Sua Excelência já no ano de 2003, não é? ou 2004? Dois mil e três.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em algum momento o senhor conversou com o Ministro José Dirceu, com o Sílvio Pereira sobre negócios do Governo?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Algum outro dirigente do PT com quem o senhor tenha tido contato?

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Não, não, só conheci o Sr. Delúbio nessa vez, o Sr. Sílvio Pereira, não, não tenho, não, eu não, nada mais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Deputado Arnaldo faria de Sá, alguma questão mais?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Presidente, agradeço a atenção e estou à disposição.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)) – Agradeço sinceramente o depoente.

O SR. ANTÔNIO AUGUSTO CONCEIÇÃO MORATO LEITE FILHO – Muito obrigado. Estou à disposição.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Peço desculpas pelo alongar das indagações, mas são necessárias para o esclarecimento dos fatos.

Então nada mais havendo a tratar na presente reunião, na forma regimental, declaro-a encerrada, devendo apenas e tão-somente – e peço á Assessoria que o prepare – o requerimento para submeter na reunião administrativa de convocação para oitiva, desta Sub-relatoria, o Sr. Roberto Kfouri, para que possamos então, na quinta-feira, submeter à apreciação do Plenário desta Comissão a convocação desse futuro depoente.

Nada mais havendo a tratar, o agradecimento sincero ao nosso Relator **ad hoc** do dia de hoje, o nobre Deputado Arnaldo Faria de Sá, ao depoente, ao advogado depoente, declaro encerrados os presentes trabalhos.

(Levanta-se a reunião às 20 horas e 38 minutos.)

Ata da 5ª Reunião da Sub -relatoria de Contratos, realizada em 04/10/2005 e 05 /10/2005.

Aos cinco vinte e dois dias do mês de setembro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas e cinqüenta e sete minutos, na sala 02, da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência do Deputado Arnaldo Faria de Sá, e na Sub-Relatoria de contratos o Deputado José Eduardo Cardoso, funcionou como relator, ainda com as presenças dos Senhores Deputados Carlos Abicalil, Asdrúbal Bentes, Osmar Serraglio,

Antônio Carlos Magalhães Neto, Onyx Lorenzoni, Nelson Meurer, Arnaldo Faria de Sá, Pompeo de Mattos e Jamil Murad e os Senadores Wellington Salgado e Ideli Salvatti. Reúnem-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, A Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se as oitivas do Senhor Marcos Antônio Vieira da Silva e da Senhora Juliana Azeredo Duarte**.** Inicialmente foi dada a palavra ao depoente o Senhor Marcos Antônio Vieira da Silva, que fez sua qualificação e logo a seguir o mesmo passou a ser indagado pelo Sub-relator, pela ordem Senador Wellington Salgado e os Deputados Onyx Lorenzoni, Pompeo de Mattos, é passada a presidência ao Deputado Pompeo de Mattos que em seguida passa presidir o Deputado Asdrúbal Bentes, é suspensa a reunião às dezessete horas e trinta minutos, é reaberta a reunião às dezessete horas e trinta e um minutos*,* iniciando a argüição pelo Deputado Onyx Lorenzoni, em seguida é dado à palavra ao Senador Wellington Salgado, Deputados Arnaldo Faria de Sá, Jamil Murad, Pompeo de Mattos. Encerrada a argüição do primeiro depoente, é convidado a sentar-se à mesa a segunda depoente Senhora Juliana Azeredo Duarte, que após suas declarações é inquirida pelo sub-relator e em seguida pelo Deputado Arnaldo Faria de Sá que, uma vez presidindo os trabalhos, dá como encerrada a presente reunião às dezoito horas e cinqüenta e seis minutos E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – Declaro aberta a 5ª reunião da Sub-relatoria Contratos da CPI Mista criada através do Requerimento nº 3, de 2005, do Congresso Nacional para investigar as causas e conseqüências de denúncias de atos delituosos praticados por agentes públicos dos Correios, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Esta reunião se destina à oitiva dos Srs. Marcos Antônio Vieira da Silva e Juliana Azeredo Duarte. Convido-os para tomar assento à mesa.

Concedo a palavra ao Sr. Relator.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, durante a sessão administrativa de hoje tivemos um entendimento prévio a partir das oitivas dessas testemunhas. Por essa razão, Sr. Presidente, esta relatoria, de acordo com os membros desta Comissão, irá requerer a suspensão dos presentes trabalhos, para que, dentro desse acordo, possamos retomar as atividades amanhã às 14h.

Nessa linha, portanto, solicito a V. Exª que suspenda a sessão e intime os nobres depoentes à continuidade da sessão de hoje para amanhã, razão pela qual o prazo regimental não se faz necessário relativamente a convocações ou interregnos, pois será a mesma sessão aberta hoje.

Assim sendo, retomaremos os trabalhos amanhã, às 14h, dando continuidade a esta sessão.

É o requerimento que faço a V. Exª.

O SR. PRESIDENTE (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – Antes de deferir o requerimento de V. Exª, concedo a palavra ao ilustre Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu já havia formulado uma questão de ordem na reunião da Comissão Plena, que discordava das convocações feitas pela Presidência da Comissão, *ad referendum* do Plenário, de que não tinha sido previamente convocado.

Logicamente, restava-me razão sobeja ao amparo regimental, motivo pelo qual concordo com a proposta do Sr. Relator no sentido de que não seja realizada a reunião no dia de hoje, até porque a convocação que os traz aqui ainda não tinha sido referendada pelo Plenário. A partir de hoje, final da manhã e começo da tarde, houve o referendo à convocação. Então, concordo que, numa outra oportunidade, realize-se essa Reunião.

O SR. PRESIDENTE (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – Concedo a palavra ao Deputado Onyx Lorenzoni.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sr. Presidente Asdrúbal Bentes, Sr. Relator José Eduardo Cardozo, quero saudar o bom senso e o respeito aos princípios regimentais desta Casa. Não haverá prejuízos nos trabalhos desta Comissão. Quero reconhecer a sensibilidade que a Mesa Diretora dos trabalhos teve em relação a uma premissa fundamental, porque temos de nos pautar exatamente pelo que determina o Regimento.

Quando tentamos, às vezes até por economicidade ou praticidade, superar o Regimento, colocamo-nos numa situação muito difícil, porque perdemos um instrumento importantíssimo para dirimir as dúvidas e estabelecer um princípio fundamental do equilíbrio e

do bom senso, ora demonstrado pela Mesa dos Trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – Nobre Deputado Onyx Lorenzoni, embora houvesse amparo regimental e legal, como demonstrado pelo Presidente Delcídio Amaral, o bom senso prevalece sempre na direção dos trabalhos por parte desta Mesa. Atendendo aos apelos do ilustre Deputado Arnaldo Faria de Sá,

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, quero fazer apenas uma retificação. Não havia amparo regimental não. Ele pode fazer agenda a bel-prazer da Mesa.

O SR. PRESIDENTE (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – *Ad referendum*.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB –SP) – A convocação tem de ser do Plenário, e este não havia decidido a convocação. A prerrogativa é nossa.

O SR. PRESIDENTE (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – Bem, não vamos ficar discutindo o "sexo dos anjos", uma vez que já acordamos no sentido de que os ilustres depoentes deverão voltar amanhã às 14h.

Desde já os declaro intimados, pedindo à Secretaria que adotem as providências de rotina para a hospedagem dos depoentes, solicitando que compareçam amanhã, às 14h, para a oitiva. Peço desculpas a V. Sª, pois sabemos que se encontra enferma, mas deu uma demonstração de colaboração, vindo aqui amanhã. Desde já, agradecemos. Então, encaminho à Secretaria para as providências de rotina.

Não havendo mais quem queira manifestar-se, declaro encerrada a presente reunião, marcando outra para amanhã, às 14h, no mesmo local.

(Levanta-se a reunião às 15h07min.)

(continuação)

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Quinta Reunião da Sub-Relatoria da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito criada pelo Requerimento nº 3, de 2005, CN, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Convido a tomar assento à mesa, Marcos Antonio Vieira da Silva.

Já está sobre a mesa o Termo de Compromisso do Sr. Marcos Antonio Vieira da Silva. O depoente compromete-se, nos termos do art. 203, do Código de Processo Penal, sob as penas da lei, dizer a verdade no que souber e no que lhe for perguntado, não sendo obrigado a depor contra si próprio nos termos do art. 5º, LXIII, da Constituição Federal.

Com a palavra o Sr. Relator Deputado José Eduardo Cardozo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Inicialmente, cumprimento o depoente, Sr. Marcos Antonio Vieira da Silva. Agradeço a presença e a disposição de estar aqui, inclusive com o contratempo de ontem não poder ter sido colhido o seu depoimento. Apenas registro que o depoente comparece desacompanhado de advogado nesta oportunidade.

Sr. Marcos Antonio, o senhor quer fazer algumas explanação antecipadamente? O senhor tem direto.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA **– Acho que podemos começar.**

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu pediria, se V. Sª permitisse, se pudesse fazer uma breve exposição da sua vida funcional.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sou funcionário dos Correios desde 1978, quando prestei um concurso público para assumir o cargo de Administrador Postal. Fiz dois anos a Escola Superior de Administração Postal, formando-me no final de 1979, e comecei a trabalhar na empresa no começo de1980. Assumi várias posições. Permaneci em Brasília até 1988, no Departamento de Operações, e, no mesmo ano, pedi transferência para a Diretoria Regional de São Paulo. Fiquei até 1994 nos Correios. Assumi diversas funções, desde assessoria do Diretor Regional, Gerente da Área de Encomendas e várias outras funções menores.

Em 1994, pedi demissão da empresa por iniciativa própria, fui montar o meu negócio, mas não na atividade na qual me formei, que era toda na área de logística dos Correios. Em 1997, reingressei na atividade por meios de concorrentes dos Correios, trabalhei na Vaspex, trabalhei com consultoria no Banco Real durante dois anos. Abri uma empresa própria de motoboy. Em 2001, por intermédio de um novo concurso público, já como economista, não mais como administrador postal, reingressei na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Logo que voltei para a empresa, assumi a gerência do escritório de marketing, negócios e marketing direto em São Paulo. Seis meses depois, fui promovido a coordenador de negócios na mesma diretoria e, no início de 2003, mais precisamente no dia 25 de março de 2003, fui escolhido para se o novo Diretor Regional dos Correios em São Paulo, onde estou até hoje.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor começou, então, como Diretor Regional... Só para precisar o ano.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Em março de 2003.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Março de 2003. E permanece até hoje?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª foi indicado para esse cago por alguma injunção política?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Houve sim... Todo cargo desse nível tem ingerência política, e eu fui indicado pelo PT de São Paulo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muito bem. Alguém especificamente do PT de São Paulo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Posso contar a estória de como aconteceu essa indicação?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não sou filiado do PT. De 2002 para 2003, quando o PT conseguiu a Presidência da República, começamos a ouvir especulações com relação a quem ia assumir a empresa, especialmente a Diretoria Regional. E, naquelas especulações, cogitou-se colocarem pessoas externas ao quadro da empresa para assumir a diretoria, coisa que o manual de pessoal não admitia. Eu, por iniciativa própria, moro na cidade de Osasco. Tenho uma sobrinha que é Secretária do atual Prefeito Emídio Pereira de Souza. Procurei o Deputado para conversar com ele, para mostrar o que era os Correios, qual era a estrutura dos Correios. Não o conhecia até então. A minha idéia era justamente esta: procurar mostrar como a estrutura funcionava, como eram assumidas as funções de confiança dentro dos Correios. Comecei a manter um relacionamento com o Deputado Emídio naquela época. Isso foi no final de 2002 já, depois da eleição do Presidente Lula. Aí, as tratativas: mudou a Presidência dos Correios, começaram a mudar as diretorias regionais e houve uma intensa disputa pelo cargo de Diretor Regional de São Paulo, da qual eu não participei como pleiteante dessa função. Por não haver um entendimento, na época, de quem ocuparia – havia três correntes que estavam disputando essa diretoria –, eu apareci como quarta opção por falta de entendimento entre as partes. Foi assim que eu...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Falta de entendimento entre as partes? Seria quem?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É. Tinham três pessoas, três correntes partidárias: uma querendo manter o diretor que estava lá; outra querendo colocar uma segunda pessoa; chegou até a haver a designação de um diretor regional que acabou não assumindo por ingerências sindicais e uma série de coisas. Então, como não houve entendimento, numa reunião, numa segunda-feira, definiram por um quarto nome. Aí, eu fui colocado como opção pelo Deputado Emídio e acabei assumindo a Diretoria dos Correios...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, a sugestão para sua nomeação foi do Deputado Emídio de Souza, hoje Prefeito de Osasco?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Exatamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, os contratos administrativos com as franqueadas começaram a ser firmados a partir de 15 de setembro de 1990. Para minha surpresa, esses contratos foram firmados sem licitação. Por que digo para minha surpresa? Porque, embora em 1990 ainda não estivesse em vigor a Lei de Licitações, a Lei nº 8.666, que é de 1993, a Constituição Federal de 1988 já estava em vigor. A Constituição Federal, expressamente no art. 37, XXI, diz que a licitação é obrigatória. Pergunto a V. Sª: por que não foram feitas licitações na época? V. Sª tem informações sobre isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Como eu havia colocado, em 1988, eu tinha me transferido para a Diretoria Regional de São Paulo, na qual, na época em que começou o processo de franquias, eu era assessor do então diretor regional. Conheço muito pouco porque não atuava nessa área. Eu era mais ligado à área de operações, a parte que cuida da logística dos Correios. Então, eu não sei exatamente o trâmite da construção do sistema de franquias e como foi feita essa distribuição na época da... Com certeza, tenho conhecimento, claro, por ter participado de um processo na época – eu estava na empresa e é claro que ouvimos falar das coisas –, mas, em 1989, em agosto ou setembro, quando foi criado o sistema de franquias, eu não sei qual foi o critério que foi adotado para concessão. Lembro muito bem que, na época, era um negócio novo, ninguém conhecia. Acabamos vinculando essas franquias a prestadores de serviços já existentes, tipo papelaria e... Até empresa de material de construção, na época, pleiteou a aquisição de uma ACF ou a conquista de uma agência franqueada e obteve essa aquisição. Uma casa de apostas do Jóquei Clube de São Paulo também tinha a concessão da franquia de Correios. Isso foi no começo, bem no início. Os nossos assistentes comerciais saíam à rua, oferecendo a franquia para quem quisesse abrir um negócio com os Correios, em parceria. No momento seguinte do processo, até porque o negócio cresceu e vimos que não havia compatibilidade, o que aconteceu? Em comum acordo com a rede, naquela época, obrigamos que o negócio passasse a ser exclusivo

somente de Correios. Hoje, assim, o é. Mas, como foi feito esse processo, a construção e a forma como foi feita a distribuição, eu desconheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época, o senhor chegou a ouvir que as indicações para essas franquias eram, na verdade, feitas por via política ou que, praticamente, alguns políticos detinham essas franquias?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Deputado, sinceramente, se eu falar que eu conhecia esse tipo de coisa, eu estou mentindo. Eu não conheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor chegou a conhecer a ACF Rochdale, em São Paulo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Conheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela teve alguns indícios de fraude, não é verdade?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– O senhor pode descrever, mais ou menos, o que aconteceu na época?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Olha, não é uma única fraude na ACF Rochdale, porque, se não me engano, até hoje, ela funciona mediante uma liminar. Então, por meio de um processo administrativo – aqui, faço um parêntese para dizer que todo o processo é contra a franquia –, a gente tem todo um ritual, eu faço uma instrução por intermédio da nossa gerência de inspeção. Existe um relatório preliminar que é passado ao conhecimento da agência franqueada para que ela se defenda. E, após a defesa, é produzido, aí, sim, um relatório final, que é passado para conhecimento do diretor regional. Posteriormente, o que eu faço? Submeto-o a duas áreas: à área de atendimento propriamente dita, para ver a relação comercial como se processa, e à área jurídica. Após o parecer da minha assessoria jurídica é que eu tomo uma deliberação com relação ao procedimento administrativo a ser adotado com aquela franquia.

No caso da ACF Rochdale, quando eu assumi a diretoria, eu posso estar enganado, mas ela já estava funcionando mediante uma liminar conseguida na Justiça. Posteriormente a isso, aí sim, a gente teve mais um processo ou dois contra essa mesma franqueada; aí, por fraude, por indícios de fraude, em máquina de franquia. Foi um novo processo, esse processo está em andamento. Quer dizer, já tem um processo que foi deliberado pelo descredenciamento – e ela está funcionando sob liminar – e existe um novo processo em que a tendência é caminhar pela mesma seqüência, ou seja, para o descredenciamento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, nesse processo que apura as fraudes da Rochdale, da ACF Rochdale, o senhor faz uma afirmação que me pareceu interessante, diz V. Sª o seguinte em seu texto, em seu relatório: "Restringir a alteração da composição societária não impede que os mesmos proprietários venham a adquirir uma outra ACF por meio de pessoas de confiança. Não há como saber se as pessoas que atendem aos requisitos para se tornarem sócios de uma franqueada estão atuando como 'laranjas' de outros".

É freqüente essa questão dos "laranjas"?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O que eu quis dizer aí é que não é impossível uma pessoa, por meio de outras – não é? –, entrar na participação societária, desde que cumpra o nosso regimento interno, tenha nível superior, preparo, tenha assumido um outro negócio, se apresentar como sócia e, de repente, estar...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, por exemplo, vamos imaginar que eu, um deputado, consiga uma franquia. Eu posso não aparecer como dono da franquia e posso ter um "laranja" operando essa franquia e talvez aí seja difícil detectar. Seria isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É exatamente isso. Eu não tenho como dizer, eu não tenho máquina de detectar "laranja". Então se coloca uma pessoa lá... Se coloca uma pessoa...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nem de espremer...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Pois é. Se coloca uma pessoa lá competente, com uma empresa que se mostra regular junto ao Fisco... Ao se pedir que uma empresa se apresente como responsável para tocar a franquia, ela tem de estar com a CND em dia, com os tributos recolhidos e com todas as certidões. Então, apresentou isso aí, apresentou pessoas habilitadas a assumir a franquia, eu não posso dizer que ele vai ser o número um da franquia ou se ele está a mando de alguém para fazer isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a decisão é totalmente discricionária para conceder a franquia?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não entendi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A decisão para se conceder a franquia é totalmente discricionária?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. Na verdade, desde 1994, em função de um parecer

do TCU, não existem franquias novas. As franquias que operam hoje são as que foram concedidas até aquela data, em 1993 para 1994. Então, eram 1.700 naquela época, hoje são 1.460 mais ou menos...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São as mesmas.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – São as mesmas. O que há é uma transferência de titularidade. Ou seja, quem quiser ingressar no sistema de franquias dos Correios hoje tem de adquirir uma agência já existente. Aí sim eu faço a análise da documentação que é apresentada para saber se essa pessoa e a empresa que ela apresenta como operadora da franquia está habilitada...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí há poder de veto ou não na transferência.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, com certeza. Várias vezes já aconteceu de a gente vetar nomes, se a pessoa não tem escolaridade, não tem, vamos dizer... acontece, por exemplo, em alguns casos, que o Imposto de Renda da pessoa não é compatível teoricamente com o valor da franquia que estaria adquirindo. Isso é rejeitado por nós...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, a rejeição não se dá por critérios políticos, só critérios objetivos.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com certeza, não. É técnico.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, na origem, a concessão foi totalmente discricionária?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não houve critério dessa ordem. O critério foi o mesmo, para se estabelecer quem ia operar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas havendo duas pessoas que quisessem uma mesma franquia, a decisão tinha algum critério objetivo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não posso dizer, porque não participei do processo de escolha.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Quando um proprietário de uma ACF comete uma irregularidade qual é a penalidade que se deve dar a ela?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Vai desde uma advertência por escrito a uma multa pecuniária de 10% e, no caso da falta ser muito grave, até o descredenciamento da agência.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª vislumbra, em uma eventual hipótese de aperfeiçoamento de legislação, como poderíamos evitar que um proprietário descredenciado pudesse assumir a direção de outra franqueada? Que regra poderíamos ter para evitar que isso acontecesse?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Hoje em dia, nas transferências que a gente tem feito, o processo manual de comercialização e de atendimento dos Correios, atualmente, permite que a gente faça transferências de titularidade até em agências que têm problemas de processos administrativos, onde chegamos à conclusão de que houve algum tipo de delito. A gente permite essa transferência antes do descredenciamento, até porque não nós interessa fechar a agência. O ponto comercial tem que existir e atender a população. Então, há permissão para que se transfira a titularidade antes do descredenciamento final.

A gente tem colocado, em temos de autorização, para que esse fato ocorra, que ao antigo permissionário fique vedado o ingresso em qualquer outra sociedade para que não volte a fazer parte do sistema. É uma cláusula que temos inserido nos acordos que temos feito ultimamente, até para evitar o retorno dessas pessoas que quebraram a regra de confidencialidade e de credibilidade que deve haver entre as partes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª tem notícia ou ciência, direta ou indireta, sobre se existem realmente muitos laranjas donos das ACFs?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não posso afirmar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas boatos existem?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A gente ouve, mas afirmar que tenha...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Afirmar não pode.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Até porque meu contato com donos de franqueadas, quando há algum contato, dá-se em eventos corporativos da associação. É um franqueado que, por algum motivo, perde uma audiência e a gente acaba recebendo. Mas conhecer agências franqueadas, como operam no dia-a-dia faço, o faço por meio de minha equipe técnica, por meio de auditagens constantes. Não tenho conhecimento de quem é. Tenho, lá na diretoria, se não me engano, duzentas e onze agências franqueadas. É impossível conhecer. Não conheço minhas próprias agências, que são mais cento e setenta. Quanto mais as franqueadas, cuja prioridade não é essa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se V. Sª tivesse que pensar em tese. V. Sª vê alguma incompatibilidade para a realização de licitação, no futuro, para que esses contratos tenham uma escolha objetiva daqueles que vão ser beneficiados?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Gostaria de fazer um aparte. O sistema de franquia dos Correios, desde que foi implantado, da evolução até os momentos atuais, possui uma história bem-sucedida de parceira público-privada. A empresa não colocou um centavo para montar essas agências. Hoje, agregaram muito valor ao processo, em termos de atendimento ao nosso cliente, à fidelização. Agora, o critério lá atrás, de repente, não foi o mais correto, na medida em que as oportunidades deveriam ser iguais para todos, em termos de escolha. Não tenho a menor dúvida de que, hoje, temos que estabelecer uma regra clara, até no sentido de, eventualmente, ampliarmos a rede franqueada, porém com critérios técnicos objetivos e claros e com igualdade de condição de ingresso no sistema. Defendo essa questão com certeza.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nesse processo da Rochdale, V. Sª faz uma afirmação. V. Sª disse: "A ACF Rochdale continuará operando com suas máquinas mecânicas e eletrônicas, o que é um fator de risco para a ECT, posto que a gerência de inspeção continua constatando a não-contabilização de selos estampados". Explique-nos como funciona essa fraude.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Posso?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Trouxe aqui uns envelopes para ficar mais claro o que é selo estampado. De repente, fica a dúvida sobre o que é. Provavelmente, vamos falar de contrato FAC lá na frente. Na verdade, o selo estampado, o que a gente chama de selo estampado, é essa chancela que é colocada no envelope. É obrigatoriamente passada em uma máquina, quer seja mecânica, eletrônica ou, no caso desta aqui, digital. Isso é o selo estampado para a gente. Ou a gente cola aquele selinho e carimba, para inutilizar, para não permitir a reutilização do selo, ou passa pela máquina.

No caso da ACF Rochdale, o que a gente colocou lá, até para embasar o nosso parecer... Se não me engano, hoje já está funcionando com máquinas digitais. Na negociação que a gente fez, no relato aí...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, a maior parte não usa máquina digital, pela informação que nós temos. Não é verdade?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não é verdade. A nossa diretoria, lá em São Paulo, é a maior diretoria dos Correios no Brasil e representa hoje cerca de 47% da arrecadação dos Correios no Brasil. O processo de marca de franquia – depois, se pudermos expor melhor –, principalmente dessas digitais, é meio longo, mas não é verdade que essas máquinas estejam sendo subutilizadas lá em São Paulo, porque a gente adotou, a partir de setembro de 2003, com a portaria do Ministério das Comunicações obrigando que, até o final de 2004, toda a rede, inclusive a própria, estivesse funcionando com máquinas digitais, o que garantiria maior segurança ao processo. A gente fez todo um processo para implantação dessas máquinas e deu prioridade, lá em São Paulo, para as agências franqueadas. Hoje, tenho algo em torno de 60%, 65% de todo o volume de máquina de franquia passando em máquinas digitais na minha diretoria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, ainda temos cerca de 35% operando sem máquina digital em São Paulo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tem. E se o senhor me perguntar por que não colocamos, é porque não tenho mais máquina para colocar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No Brasil, o senhor tem uma comparação Estado de São Paulo com...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Em termos de participação?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É. Em termos de participação.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O Estado de São Paulo tem duas diretorias: a diretoria de São Paulo metropolitana, que pega a área metropolitana e litoral o sul, e o resto do Estado, a diretoria do interior. Eu tenho os dados aqui. Depois, se o senhor quiser, eu os passo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não. Digo comparativo dentro do Brasil. O índice de colocação de máquinas digitais no restante do Brasil, o senhor tem idéia se alcança um percentual igual?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Olha, a grande, vamos dizer, diretoria, em termos de franqueada também, vamos dizer, acho que duzentas maiores franqueadas do Brasil, 150 seguramente estão em São Paulo. Então, o movimento não tem a mesma proporção até porque não justifica. As máquinas que os Correios adquiriram em 2001 são máquinas de grande porte físico até, não diria tecnicamente porque é uma outra discussão, mas elas são impactantes até no espaço físico da agência. É muito grande, e a maioria das agências, se a gente for ver, inclusive as franqueadas, não comporta uma máquina daquele tamanho para efeito de... não tem a... elas vão ficar ociosas no processo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, me explica como é que funciona a fraude nas máquinas não-digitais.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Bom, o que eu queria deixar bem claro também é que a gente tem indícios de fraude, não tem fraudes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui já foi comentado que é uma prática constante, inclusive com estimativas de fraudes dessas máquinas.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então, são indícios, não são fraudes comprovadas. Eu tenho aqui uma relação. Na minha gestão, são vinte e dois processos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, aqui no caso da Rochdale o senhor fala que continua constatando a não-contabilização de selos estampados. Então, havia uma fraude.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, na verdade, como é feito esse controle nosso e a gente intensificou no início da nossa gestão? Na verdade, existe uma contabilização diária, que nos é passada por cada franqueada, do que ela passou em máquinas ou do que ela processou durante o dia em termos de faturamento. Eu faço uma checagem física nos centros de tratamento, vamos dizer, da quantidade e bato esses valores. Então, fica constatado – por isso a abertura dos processos – que, em determinando momento o físico não bate com o financeiro. E aí a gente inicia um processo para apurar o porquê disso. O primeiro passo é fazer uma checagem, em termos de laudo técnico, em cima da máquina da franquia. E a gente pode ver que, na maioria dos casos aqui, não existe indício de violação do lacre na máquina de franquia. Então, como é que tem a diferença? Existe toda uma seqüência de procedimentos para a tentar chegar a alguma lugar. Que existe a diferença entre o contabilizado e o físico, existe. Só que o primeiro passo para provar a fraude seria dizer que houve, vamos dizer, a violação do lacre da máquina de franquia, que dá possibilidade de mexer nos cabeçotes e de repente mudar os contadores. Se o lacre não foi rompido, a princípio, não houve fraude. E por que a diferença? Aí, a gente tem outros mecanismos de levantamento de informações, eu tenho que ir junto a clientes buscar informação. Por isso também os processos serem longos, extensos, porque a gente muitas vezes não consegue cruzar informação e chegar a ...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, se há essa diferença, é um indicador muito forte de fraude, porque não teria justificativa, imagino.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu tenho indícios, volto a frisar. Tanto é que tenho vinte e dois processos abertos na minha gestão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a fraude que o senhor imagina pode ser feita como? Com adulteração da máquina, ou existiria alguma outra forma de fraude?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – No caso dos Correios, posso dizer que o estou tratando fisicamente, esses objetos que passam na máquina não são contabilizados na mesma proporção. Então, e estou tratando dez objetos e estou recebendo por quatro ou cinco. Aí eu vou ver se há fraude ou se não há fraude, pelo menos aparente, tecnicamente não comprovada. Tenho que partir para outros cruzamentos, para ver se consigo comprovar que houve dolo ou não. Pode ser um engano, um erro contábil, uma escrituração errônea, erro de contagem meu. Existe uma série de possibilidades a partir daí.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, em princípio, a não contabilização de selos pode ocorrer, em tese, pela adulteração da máquina, em tese falando?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Em tese sim, mas, até agora, não comprovamos como isso acontece.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito, mas, em tese, poderia ocorrer?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu teria de ter o laudo técnico de uma empresa credenciada dizendo que a máquina foi fraudada. Isso eu não tenho, nunca tive.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca teve?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Só para completar. V. Sª procedeu ao exame da máquina. E se estiver sendo utilizada outra máquina? Se há clone de máquina? Alguma vez vocês verificaram? Eu tenho um excesso de material transitando, cuja parte excedente, evidentemente, não passou por aquela máquina. Alguma vez vocês puseram a perícia em cima para ver como é autenticado? A Polícia Federal, já que os cofres federais estão sofrendo as conseqüências, já entrou nesse tipo de investigação?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Já. Nós temos uma delegacia da Polícia Federal que investiga exclusivamente crimes postais, que funciona até dentro de um prédio nosso, na Alameda Norte, em vários desses processos. Todo processo que inicio, encaminho ao Ministério Público para conhecimento e à Polícia Federal. Então, alguns deles, quando a gente termina o processo tem a obrigação de informar qual foi a minha conclusão. "Olha, encerrei o processo, arquivei porque não ficou provado o dolo", resolvemos

o problema. Ou, então, "encerrei com um des-credenciamento porque entendemos que houve dolo". E, da gestão de 2003 até agora, se não me engano, foram seis agências franqueadas fechadas por problemas diversos: falta de CND, falta de documentação, cheque que voltou sem fundo por várias vezes, coisas do tipo. Inclusive, uma delas por clone no cabeçote da máquina de franquia. Esse processo está na Polícia Federal, está correndo, sei que as pessoas já foram indiciadas, chamadas a depor. Então, o trâmite é esse.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Nesse caso, trata-se de uma franquia de grande porte? Esse do clone?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, a de grande porte foi fechada e o processo continua correndo já no Ministério Público e na Polícia Federal.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quando V. Sª detecta que está havendo um excesso, está com a prova na mão de um flagrante de crime?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, em termos de que está tendo diferença.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E, pelo que se está percebendo, o procedimento é dos Correios, limitado à parte técnica nessa verificação. Ou seja, vai ser um processo administrativo, onde vão dizer que houve um excesso. Depois vão dizer, na defesa, que não. O que quero dizer é que, pelo que tenho visto, parece que há uma coisa meio endêmica, reiteradamente acontecendo. Parece que só fizeram por amostragem. Por essa amostragem que fizeram teria condições de ampliar isso? O que significaria isso, na verdade?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então, vamos tentar contextualizar até para mostrar que não é um processo endêmico e também não é uma amostragem, vamos dizer, uma minoria que foi detectada. Se não me engano, eu já estava de volta aos Correios em abril de 2001. A diretoria anterior dos Correios criou um grupo de supervisão e fazia as checagens, como direi, esporádicas, não programadas em agências franqueadas com relação à contagem de carga, à verificação desse material. Nós, logo que assumimos isso, a gente intensificou essa equipe de supervisão. Inclusive, nas maiores franqueadas, hoje, dos Correios no País, tenho gente minha trabalhando lá dentro, fiscalizando toda a postagem. Então, tenho gente fixa, hoje, dentro de franqueada, tenho uma equipe volante que roda em todas elas, periodicamente, em função do tamanho da franqueada. As maiores, é claro, têm uma freqüência maior de supervisão; as menores num volume menor, porque o número é limitado, são 28 pessoas. Recentemente, há dois meses, recebi uma autorização para contratar mais 48 técnicos, para aumentar esse grupo de supervisão. Paralelamente, iniciamos iniciou o processo de colocação das máquinas digitais em substituição às máquinas mecânicas, principalmente. E por que as mecânicas, primeiramente? Nós tínhamos equipamentos que eram concessões dos Correios, os Correios que autorizavam a franqueada a funcionar com aquele equipamento, tínhamos máquinas com 40 anos de uso. Nesse período, muita coisa evoluiu e, certamente, máquinas com 40 anos de uso são mais vulneráveis a fraude do que as eletrônicas e, mais recentemente, as digitais. Então, hoje, na diretoria, em torno de 60 a 65% de todo o movimento de máquinas de franquias – nas franquiadas – já está passando em máquinas digitais. Estamos fazendo gestões junto a empresas no sentido de intensificar esse controle.

Então, hoje, temos um controle efetivo sobre as agentes franquiadas, algumas até permanente, e o que fizemos foi intensificar isso aí, e deixar bem claro que, na maioria delas, nunca constatamos absolutamente nada. São parceiros dos correios, são captadores de serviços que ajudam a fidelizar os clientes.

Então, os processos que estão abertos estão aqui demonstrados e, em várias outras, fizemos essa fiscalização diuturnamente, porque temos centros trabalhando 24 horas. As agências, na medida em que entregam as cargas para os correios, são fiscalizadas. Então, o que temos é isso. A rede é séria, tem muita gente séria trabalhando nesta rede, mas, infelizmente, em alguns casos, temos a dúvida que o que tecnicamente não foi comprovado que houve o dolo, mas o processo está em andamento e estamos recuperando valores que não foram contabilizados.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quantos processos existem sobre a direção de V. Sª em tramitação. Em relação a ilícitos cometidos por franqueados?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu tenho relacionado aqui 22.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Todos eles instaurados a partir da sua presidência.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tem alguns, como é o caso, vamos dizer, da Riochdale, como foi citado, ela já vinha funcionando mediante uma mediante uma liminar, são processos que perpassaram de uma administração para outra mas boa parte deles na nossa administração.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – O que V. Sª lembra assim que mais o impressionou em uma situação dessas de irregularidades. De todos esses processos quais são os mais graves que V. Sª lembra?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O que chama mais atenção é o valor da diferença. Em alguns casos é muito pequena.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não, mas o histórico todo. Qual a agência, o que foi constatado, quem constatou, que providencias foram tomadas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Bom a constatação é a partir da detecção de que o financeiro informado não bate com o físico. Fazemos isso rotineiramente nos centros de tratamento. Nós temos, lá em São Paulo, algo em torno de quatro ou cinco e cada um deles eu tenho uma equipe fixa que recepciona cargas coletadas nas agências franqueadas e faz aleatoriamente a escolha de uma delas para fazer a contabilização. Depois eu checo com quem ela informou. A partir do momento em que é constatada a diferença, eu bloqueio essa carga no centro de tratamento e convoco o franqueado para fazer uma conferência junto comigo, até para validar o que eu fiz em termos de procedimento. Isso aqui é o que realmente foi mandado? É. Então, você vai explicar por que deu a diferença na contabilização. Aí é o início de todo o processo.

Então, todo o processo começa dessa forma a partir da constatação...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Qual dentre esses casos que V. Sª lembra, porque V. Sª, praticamente, está descrevendo abstratamente. Eu quero o caso concreto, aconteceu isso, a empresa tal e nós...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu tenho vários casos aqui Deputado que...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas relate para que possamos conhecer.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu vou pegar o primeiro da lista aqui, por exemplo,...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não**,** eu quero os mais graves e não pela ordem da lista, aqui por exemplo.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não tenho os números de cabeça e quase todos eles...

Vou pegar, por exemplo, a CF Luiz Góes. Mais ou menos há dois anos ela foi vitima de uma denúncia da Câmara Municipal de São Paulo de uma irregularidade que teria alcançado 18 milhões de reais. Correspondências que não teriam passado por lá, mas os recibos teriam sido emitidos. Esse número foi colocado na Imprensa claramente. E todo mundo estranhou o valor. Fizemos o processo apuratório dentro da Casa. Cheques da Câmara Municipal foram depositados na conta particular do dono da franquia. Ela foi advertida e encerramos o processo dentro dos Correios, porque não houve condições de cruzar informação com os dados da Câmara Municipal, pois não nos foi fornecida para saber se realmente houve irregularidade na postagem ou não. O processo se encerrou. Esse chamou a atenção por quê? Porque a mídia toda comentou. E era um número relativamente grande e, no final das contas, eu acabei aplicando uma advertência, se não me engano, uma multa, por conta de ela ter depositado cheques nominais que estavam direcionados à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos na Conta particular do franqueado lá na época. Então, ele foi advertido por conta disso, mas não houve o processo de descredenciamento porque não ficou provada a fraude com relação às postagens da Câmara Municipal de São Paulo.

Aí o que fizemos a partir desse momento? A pedido do Presidente da Câmara Municipal de São Paulo e com entendimento que a gente teve na época instalamos um posto avançado dos Correios dentro da Câmara Municipal. Toda a postagem hoje é feita diretamente com os Correios, não mais a intermediação do franqueado que estava prestando serviço até então. Então, foi a forma que vimos, pelo menos dali para frente, de não termos nenhum tipo de dúvida com relação ao processo.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – V. Sª trouxe à baila uma situação que não é o que nós estamos questionando. Aí é um problema da Câmara e utilização de dinheiro da Câmara, não é isso. Quero um caso concreto em que os Correios constataram, está aqui todo o material que nos encaminharam e que chamou fulano, e o que ele disse.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Normalmente, a declaração é de que não houve fraude.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – V, Sª parece estar com receio de dizer um caso concreto...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Deputado, eu não posso dizer de um negócio do qual não tenho provas concretas de que houve o dolo.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas V. Sª tem que relatar o que aconteceu na direção. V. Sª não vai dizer se alguém é culpado ou não. Vai nos relatar a situação concreta.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Que sabe o que aconteceu. Numa situação tal, nós constatamos isso, chamamos, o que foi esclarecido é isso e as providências que foram tomadas foram tais ou quais.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então, vamos pegar um caso qualquer aqui.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – O mais grave.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Todos são graves, porque todos dão margem a descredenciamento.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas aqueles que mais chamaram atenção pelo disparate do abuso da...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – As fraudes são mais ou menos parecidos, Deputado. Porque se pegar aqui Atalaia, Campo Grande, Celestino Bourroul, Clínicas, Engenho Novo, Grajaú, Jardim Miriam, Jurema, Laranjeiras, Miguel Stéfano, Nossa Senhora das Vitórias, Nova Gerte, Riochdale Santo Estevão, Vila Anastácio, Vila Dirce, Vital Brasil, Washington Luís, são franqueadas de São Paulo. Todas, num determinado momento, o processo foi exatamente o mesmo, constatamos a irregularidade.

O que nós fizemos? Apreendemos o cabeçote da máquina de franquia e mandamos para um laudo técnico, para saber se aquilo lá foi ou não violado. Em 100% dos casos nos volta a informação de que, em nenhum deles, foi constatada a fraude, no cabeçote nem na violação do lacre. Aí, eu parto para uma outra linha de condução das investigações. Eu vou procurar cruzar as informações dos recibos dados aos clientes atendidos pelas franquias com o contabilizado. E aí sim tentamos embasar a condução do processo em cima das informações novas que nos chegam, porque pela máquina não consigo concluir. Eu nunca consegui.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – A máquina autentica?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A máquina, na verdade, faz a estampa no objeto, como é essa aqui, e o contador....

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Como não houve fraude no cabeçote, a pergunta é: foi feita em algum caso perícia daquelas autenticações?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, em todos os casos.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E o que identificou?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É daquela máquina e o lacre, que permitiria, eventualmente, se mexer no contador que registra... Porque ela recebe um crédito para ir passando as correspondências, então, um cabeçote corre de um lado dizendo quantas correspondências passaram e outro corre ao contrário dizendo quantos reais ele ainda tem para disponibilizar ali. A perícia diz que aquilo lá não foi mexido, não foi rompido o lacre, então, conseqüência, não houve mexida nos cabeçotes.

Então, o que, para mim, seria muito fácil constatar uma irregularidade se eu detecto que houve diferença entre uma coisa e outra, eu vou lá, peço para um técnico fazer um laudo da máquina e ele me constata que houve a ruptura do lacre, que permitiria mexer no cabeçote, eu, simplesmente, mandaria isso aí para a polícia, o dolo está consignado, e descredenciaria a CF. Não é isso que acontece, porque em todos os casos a técnica mostra que o lacre, que impede o acesso aos cabeçotes, não foi mexido. Aí eu tenho que conduzir o processo numa outra linha de investigação.

Tem diferença, o cara disse que não mexeu no lacre, e como é que você me prova? Ah, foi engano. Engano não pode, vou buscar outras informações. Aí eu vou procurar os clientes que a CF atende para poder cruzar informações de quanto ele entregou para a CF, quanto ela emitiu de recibo para ele. Isso é um trabalho extremamente difícil, porque estou tratando com milhares de clientes. E no caso de postagens à vista não temos um vínculo contratual com todos os clientes. Então, fica difícil eu ir atrás de cada um deles e saber qual a relação que ele mantém com o franqueado.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas, nesse caso, em que é detectada uma situação dessa, dá para delimitar aqueles que foram os usuários daquele dia e que estão com esse excesso.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, exatamente em cima das correspondências que eu bloqueio para fazer a contagem, a gente vai elencar os clientes que fizeram a postagem naquele dia e procurar fazer um contato diretamente com o cliente, para saber o que ele postou, o que ele entregou para a franqueada. É toda uma linha investigativa. É complicado, porque nem todo mundo quer colaborar, nem todo mundo passa a informação correta, e a gente fica sem possibilidade de constituir uma prova que dê cabo à nossa constatação de que houve algum dolo no processo.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E, no controle de comportamento da produção da franqueada, não tem como verificar...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O que a gente tem feito de imediato...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – ...uma mudança, uma oscilação?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim. Nós fazemos... Temos claro... Até porque tenho de constatar o que foi registrado em termos de movimento, pagar comissão no final do mês para as franqueadas. A gente tem de ter todo um controle de prestação de

contas. Quinzenalmente, as franquias prestam conta para gente, e a gente repassa a comissão devida.

Então, a gente tem um acompanhamento e consegue, dentro de uma inteligência interna nossa, verificar se houve uma oscilação muito grande, para mais ou para menos, no faturamento de determinada franqueada. Então, é comum, por exemplo, um cliente migrar de uma franqueada para outra, sair dos Correios e ir para uma franqueada ou vice-versa, sair da franqueada e ser atendido diretamente pelos Correios. Isso mostra que há uma oscilação.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Essa expressão sua de que é comum alguém sair dos Correios para uma franqueada, o que explicaria isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Alguma agregação de valor que os Correios hoje não têm condições de fazer: por exemplo, uma coleta. Se eu tiver de coletar um cliente, eu cobro – eu Correios. A franqueada, dentro da sua estratégia comercial, pode oferecer isso aí gratuitamente.

Armazenagem de material até a data da postagem. A gente imagina que existam milhares de clientes dos Correios, e, se eu pegar aquele cliente que tem dois ou três mil objetos e tiver de arrumar uma prateleira para armazenar um objeto dele para postar daqui a dez dias e estabelecer um controle em cima disso, isso, para mim, é inviável, porque não tenho área suficiente para atender todo mundo e teria de investir para fazer isso. A franqueada, dentro da estrutura que ela montou, consegue atender esses pequenos clientes, de maneira bastante adequada, e fidelizá-los junto aos Correios, até clientes que poderiam estar procurando a concorrência para isso.

Então, eu falei de coleta, eu falei de armazenagem. A preparação da carga para ser entregue aos Correios também é algo que elas agregaram ao processo, em termos de valor.

Eu, como usuário do serviço, se alguém me oferece uma série de vantagens para que eu fidelize a postagem junto com ele, na verdade, vai ganhar em cima da comissão da postagem dos Correios, e esses valores que ela agregou, em alguns casos ela pode cobrar ou não. Mas isso é uma coisa transparente para nós, não existe nenhuma irregularidade nisso aí. É apenas uma prestação de serviço, é uma agregação de valor a mais, coisa que eu, com a minha estrutura, não tenho condição de fazer, principalmente para os pequenos clientes. Estou falando de coisa muito pequena. A gente trata de volumes de grandes usuários dos Correios, de 30 a 40 milhões de objetos por mês, e estou falando de 3 mil ou 4 mil objetos, o que para a gente é muito pouco.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Então, vamos falar das grandes migrações.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Grandes migrações? Isso não existe.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Bancos. Está documentado o Unibanco, o Banco Real,o Banco Itaú.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A gente tem processos. Banco Real, Banco Itaú – conheço esse processo –, Banespa... Há um outro lá. É o Real, o Itaú, o Banespa e o Unibanco. Bradesco não; pelo menos não está no processo que foi passado para gente. Bradesco é todo atendido pelos Correios desde meados do ano passado. Eu, inclusive, fui vítima de uma denúncia na AGU ou na CGU de que eu estaria entrando em contato com grandes clientes para tirar clientes de ACF. Essa é uma denúncia que tenho guardado lá. A vontade foi do cliente, e a gente tem que deixar claro que a vontade é sempre do cliente. O cliente manifesta interesse em trabalhar com A, B ou C. Tenho que analisar, dentro dessa solicitação, o que é interessante para a empresa também.

Então, no caso desses quatro clientes que foram citados, existe todo um histórico em cima disso aí. Até 2001... Volto a mostrar os objetos aqui. Tenho esta chancela aqui, está escrito FAC aqui. Acho que todo mundo que recebe extrato em casa, recebe este FAC aqui. FAC, diferentemente da máquina de franquia, o objeto é o mesmo: isto é carta, isto é carta. Só que essa modalidade de postagem permite que a gente receba grandes quantidades de objetos sem que precise passar na máquina, e o contrato é direto com os Correios. Porém, o que a gente tem que entender é o seguinte: num determinado momento, antes de ter o contrato assinado com os Correios, em alguns casos, que eram esses que estão citados, eles eram atendidos pelas franquias, e os objetos passavam, sim, na máquina de franquear.

No momento em que a empresa... Vou contar uma historinha rápida aqui: antigamente o FAC só era permitido para objeto datagrama, que era aquele bem fininho – eram objetos de até 10 gramas; depois, foi autorizado até 20. E só era aquele tipo de objeto. Em 2001, a formatação desse serviço dos Correios mudou, e passei a admitir dentro do serviço todo tipo de correspondência. Então, esses extratos que a gente recebe – por exemplo, envelope que tem encarte, que tem até 500 gramas –, passei a admitir a partir de 2001.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Sr. Relator, permita-me aproveitar a oportunidade.

O senhor disse "passei a admitir". Quer dizer que pode ser uma atitude só da sua Regional?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, isso é procedente de Correio. Não é da minha Regional. Estou falando da minha, porque esses clientes estão na minha Regional sob minha jurisdição. São clientes...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – S. Exª está perguntando se era uma conduta nacional ou se eram providências suas, lá de São Paulo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não. Não tomo nenhuma atitude individualizada. Eu sigo os manuais da empresa, que valem para a organização, em todos os Estados, em todas as diretorias regionais.

Então, o que aconteceu num primeiro momento? Eu tinha esse objeto que tinha um contrato com os Correios, mas era só este tipo de objeto pequeninho aqui. No momento seguinte, passei a admitir esses outros. Esses outros, a grande maioria deles, estavam em ACF. Já era prestado o serviço pela agência franqueada. Não estava nos Correios. Ele não ia à agência dos Correios e eu ficava passando milhões de correspondências. Não, eram agências franqueadas, que, naquela linha de que falei, de fidelização do cliente, coletavam, triavam, passavam na máquina e entregavam no Correio, do jeito que o Correio pede. Então, esses objetos já estavam lá.

Em 2001, o Correio fez essa mudança no contrato, permitindo, inclusive, que vinculasse contrato FAC em ACF. Até então, não era permitido. Só quem podia fazer isso até julho de 2001 eram os Correios. A partir de julho de 2001, com a mudança da formatação, as agências franqueadas passaram também a poder vincular esse tipo de contrato e a operar esse tipo de contrato.

O que aconteceu? As agências que atendiam esses clientes aqui obviamente pediram que vinculassem esses contratos nas suas respectivas agências. E o que aconteceu é que, em alguns casos, esse contrato demorou a ser consignado com o Correio, e, num determinado momento, já em 2002, por deliberação unilateral dos Correios, a gente resolveu não mais permitir essa vinculação. Porém, o manual de comercialização e de atendimento da empresa nunca foi alterado, proibindo essa prática. Foi uma deliberação nossa, até por conta de que, em final de 2002, estava previsto o término dos contratos de franquia empresarial.

Então, antevendo a possibilidade de não-continuidade de a rede funcionar, a gente se antecipou, foi aos clientes e disse: "Olha, existe uma possibilidade, caso o Congresso Nacional não renove os contratos de franquia, que foram feitos em novembro de 2002, caso não haja essa renovação, elas vão sumir do mapa. E aí quem vai prestar o serviço para vocês? Obviamente, eles vão ter que recorrer para a gente". A gente se antecipou a isso e não permitiu, em alguns casos, a vinculação.

Recentemente, em final de 2002, foi feita uma nova validação, por mais cinco anos, dos contratos de franquia. O Congresso aprovou isso aí. E a gente, no restabelecimento de uma ordem, de uma seqüência e até de uma ética nos negócios, permitiu que se vinculassem esses contratos que estavam aí na prateleira, na geladeira. E, numa deliberação, com a qual a gente, vamos dizer, concordou, a média histórica – é uma outra figura que está sendo colocada aí – retroagiu à época em que a gente tinha proibido. O cliente era atendido pela ACF, a gente proibiu que ele fizesse a vinculação. Durante algum tempo, ele ficou direto com a gente, e a gente deliberou que agora voltaria... Não é que voltaria. Restabelecemos a situação anterior à época em que a gente proibiu essa vinculação. Por isso, o retrocesso da média histórica; por isso, a vinculação. E não são todos os clientes. São apenas aqueles que já tinham histórico de relacionamento com as franqueadas.

Em outros casos – tipo o Nossa Caixa em São Paulo, a Telefônica e várias Teles –, o contrato era direto com o Correio. E, com certeza, ninguém vai permitir que esses contratos migrem para a rede, assim deliberadamente, só para dizer que migraram. Esses têm, vamos dizer, uma justificativa, um argumento, para poderem estar vinculados.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Há quantas franquias em São Paulo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Duzentas e onze.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – No Brasil todo, o senhor sabe quantas são?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – São 1.467. Se não me engano, são 1.467.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Todas as franquias são dispensáveis? Se, de uma hora para outra, for determinado o encerramento, os Correios podem assumir tudo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Aí é uma opinião particular minha.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – É isso que eu quero.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não pode. Hoje a rede franqueada fideliza clientes, principalmente os de pequeno porte. E, na grande a maioria dos casos, são clientes que poderiam estar na concorrência dos Correios, e, por essa fidelização, por todo esse trabalho agregado que elas fazem, conseguimos mantê-los dentro da casa.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Qual a relação dos franqueados com a direção dos Correios de São Paulo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A relação?

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – É.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Olha, eu, particularmente, tenho uma boa relação com a Associação dos Franqueados. Conheço praticamente todos os seus dirigentes. É uma relação comercial, vamos dizer, de boa vizinhança. Eu tenho... A rede me é útil, a rede é necessária, a rede produz, e tenho metas comerciais a atingir. A rede me ajuda.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – A sua relação com os Correios se deu a partir da assunção da Diretoria, ou já havia anteriormente outra relação?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com a rede franqueada?

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Não, com os Correios.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu, como disse no início da exposição, sou funcionário dos Correios desde 1978.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Em cargo de direção ou não?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. Exerci várias funções dentro da empresa. Fiquei fora durante sete anos. Pedi demissão em 1994. Tentei meu negócio particular fora da empresa.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Voltou?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Voltei em 2001, através de um novo concurso público, e aí, vamos dizer, assumi a função...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – A imagem que a opinião pública tinha dos Correios era uma imagem positiva. Os Correios eram, em qualquer pesquisa de avaliação, um dos itens de ponta, como os Bombeiros. Essa crise abalou a imagem dos Correios?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A gente fez pesquisa logo depois do acontecimento que gerou todo esse movimento. A gente teve um pouquinho, sim, de credibilidade... Os formadores de opinião... É claro que o Correio está na mídia de forma bastante negativa, e isso, para a gente, que gosta da empresa e é funcionário de carreira, é muito ruim e dói muito, porque a gente sabe que nem tudo é bandalheira dentro do Correio, nem tudo está errado lá dentro. É muito chato a gente ouvir a toda hora que existe uma quadrilha lá dentro do Correio, que existem esquemas. Muita coisa... Eu tenho certeza de que, principalmente nessa área de licitação, o ritual da Lei nº 8.666 é seguido à risca. Então, fica muito chato a gente, toda hora, estar na mídia de forma negativa, como se tudo que a gente fizesse lá dentro estivesse errado.

A imagem que hoje a gente leva lá fora, a imagem que o Correio passa é a do carteiro. É o carteiro que está todo dia visitando os 40 milhões de domicílios que existem neste País. É a única empresa do Governo Federal que está presente em todos os Municípios neste País.

A imagem fica meio arranhada. A gente ouviu muita brincadeira, muita chacota, no começo? Ouviu. Tivemos de agüentar a gozação, mas chega uma hora em que precisamos separar o joio do trigo. E pesquisas mostraram que a credibilidade foi de alguma forma afetada? Foi sim, mas muito pouco.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Pode ser recuperada?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não tenho dúvida de que todo mundo está recebendo a sua cartinha em casa, direitinho, nos prazos. A gente passou por um processo paredista recentemente. Em dois dias, a gente tinha recuperado todo o atraso desse movimento. Quer dizer, os processos continuam funcionando normalmente. A gente tem toda uma estrutura logística. É o maior operador logístico do País; é o maior empregador do País. Não tem por que a população se sentir de alguma forma traída pelos Correios, porque a gente continua prestando o serviço que a Constituição diz que a gente tem de fazer, que é universalizar serviços.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Os Correios precisam de uma CPI interna?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não diria, Deputado.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não ouvi se V. Sª explicou pelo menos o que entenderia por isto, se isto concretamente houvesse: o que é clonar a máquina?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Clonar a máquina, como eu falei, tem um único caso, desde que estou dentro do Correio. Fiquei um tempo fora. A gente sempre ouviu falar em clonagem de máquinas. Factualmente falando, eu tenho um único caso, e a gente tomou todas as providências cabíveis. A agência que teve esse fato, onde ocorreu esse fato, foi descredenciada. O processo foi para o Ministério Público. Está no âmbito da Polícia Federal, se não me engano em São Paulo, e foi fechada. É o único caso que eu tenho notícia de que, vamos dizer, falaram, a gente pegou, deu seqüência e terminou...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas eu posso inferir que, naqueles casos em que V. Sª não identificou como apareceu aquela produção superior àquela máquina, que poderia haver uma máquina clonada?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Acho muito difícil.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Por quê?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Porque o clone, vamos dizer, eu teria que ter uma máquina exatamente com a perfeição do cabeçote. É um equipamento interno da máquina. Teria que ser um negócio muito perfeito; e os nossos controles de alguma forma poderiam pegar isso na constatação física. Nessa que nós pegamos, por exemplo, ficava muito claro, em alguns casos, que o quatro de uma máquina era diferente do quatro da outra. A bandeira do Brasil da estampa...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas também, convenhamos, é primariedade.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É, mas na época a gente...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quem mexe com muito dinheiro pode perfeitamente fazer algo muito assemelhado.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, mas aí eu acho que eu tenho os meus mecanismos. E na medida em que se implementou a supervisão e se está intensificando a supervisão, a tendência de isso acontecer é muito pequena, ou reduzida ao extremo, na medida em que eu coloco máquina digital e não se ouve falar em fraude em máquina digital, em cabeçote. Não existe isso. Supervisão, aumentando a supervisão, colocando mais pessoas em campo para de repente onde não há máquina fecharmos o circuito. Quer dizer, todas as providências para coibir, eventualmente, fraudes no sistema – no que diz respeito à nossa gestão – nós temos adotado.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Ainda em cima da última pergunta. Se V. Sª dispõe de um material que pode ser fraudado, a pergunta é – eu ainda não tive acesso aos processos, porque nós iremos solicitar a cópia desses processos que estão tramitando: existe perícia técnica da Polícia Federal, por envolver dinheiro federal, em cima dessas identificações? E todas elas dizendo: sim, essas identificações saíram dessa máquina? Em todos os casos em que evidentemente houve essa produção inexplicável diante dessa máquina que seria a controladora, a Polícia Federal fez essa perícia?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não é a Polícia Federal que faz. Ela é comunicada da irregularidade e quem faz são empresas técnicas que mexem com esse tipo de...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas por que não a Polícia Federal, se está fraudando dinheiro federal?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Ela é comunicada. Ela pode também requisitar essa perícia. Agora, eu não sei se ela tem condição técnica de fazer essa perícia. Eu desconheço essa possibilidade.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Tem, ainda mais de São Paulo. Mas a pergunta é a seguinte: então, não há?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. Ela é comunicada. Se ela requisita para fazer, eu não tenho como dizer.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – V. Sª se lembra de alguma perícia para dizer, até para seu conhecimento: não, realmente não é essa a solução; não é que eles estejam clonando, nem nada. É porque a Polícia Federal, com todos os instrumentais de que dispõe, afirmou categoricamente que isso aqui que eu aprendi passou pela máquina.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não lembro, sinceramente, Deputado, de nenhum caso de laudo da Polícia Federal dando atestado de idoneidade. Ou seja, não lembro de ter sido feito.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Eu não sei como é o procedimento interno, mas como diretor não lhe parece que estando de posse de um objeto criminoso, teria que encaminhar à Polícia Federal para instaurar processo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu tenho uma delegacia exclusiva para crimes postais que, inclusive, funciona dentro de prédio dos Correios.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E V. Sª, nesses casos em que houve essa produção inexplicável dessa possibilidade de fraude, encaminhou a essa delegacia especializada?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Veja bem, a carga que transita nos Correios é uma carga bastante perene, porque o cliente, quando posta algo nos Correios, está mandando um boleto de cobrança, um extrato. Então, eu tenho que fazer isso num menor prazo de tempo possível, sob pena de prejudicar o usuário que contratou o serviço.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas V. Sª pode entrar em contato com alguém para que eles substituam...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mas a gente entra em contato.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E diz que precisa dos originais para uma perícia.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Ah, é muita coisa, Deputado.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não, ninguém precisa pegar tudo. Pegar por amostragem, para tirar a limpo. Eu estou ficando em dúvida, me perdoe. Eu estou achando que não fizeram nenhuma perícia numa situação como essa, para mostrar: esses documentos aqui, que nós tivemos aqui, evidentemente indicam que há fraude, e eu não levei à Polícia Federal. Não tem uma polícia técnica, não tenho ninguém mais apurado para fazer isso. Deixa e vai para um processo administrativo e está aí. Até agora...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Todas as máquinas, Deputado...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – ... nenhum dinheiro recuperado.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, eu tenho dinheiro recuperado, sim. Inclusive nessa que foi clonada a máquina eu recuperei o valor.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Nesses processos que estão aqui anotados, a informação que tem aqui documentada é de que tem mais de nove milhões, algo assim.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A informação existe em função do valor que, inicialmente, foi apurado. Em vários deles, eu já recuperei. Eu tenho um aqui, que eu já falei o nome para o senhor, por exemplo, Nova Jert, Processo nº 0323 de 2002, que não é da minha época, mas que foi encerrado na minha época. A gente recuperou R$1,4 milhão aos cofres públicos...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Relacionados a essa possibilidade, especificamente, de produção inexplicável?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Nesse caso específico da Nova Jert, eu não tenho lembrança exatamente, mas não foi fraude de máquina de franquia. Foi contabilização de carga que entrou, mas não foi contabilizada.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Lembra de algum caso de fraude de máquina de franquia em que houve reembolso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Lembro. Esse caso de clonagem, a gente recuperou o dinheiro que foi registrado.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Então, ficou confessada a clonagem?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Ficou claro o crime. Tanto é que a gente descredenciou...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Qual é a agência? O senhor pode declinar a agência?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, a agência Silva Bueno.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E ela prossegue trabalhando, produzindo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não. Eu a descredenciei. Ela está fechada. Não existe mais essa agência.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Então, esse é o único caso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. Na minha gestão, eu descredenciei seis agências franqueadas.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E eram de expressão?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Todas em São Paulo são de relativa expressão.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Numa escala de uma a dez, as maiores são dez, que expressão teriam essas cassadas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu posso passar um outro dado para o senhor ter uma idéia de tamanho?

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não, eu queria saber alguma grande franquia que tivesse sido cassada.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Essa franquia que eu falei da Silva Bueno era a quarta maior franquia do País, na época.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E foi cassada por fraude na...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Era a quarta do País e de São Paulo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Era a quarta de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – E era a quarta do País também?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É. Essa eu me lembro...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E foi em virtude deste tipo de fraude?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim. Ela não existe mais, a agência está fechada, o processo está no Ministério Público e na Polícia Federal para apurar... Porque eu, como Correios, não sou polícia, não é? Não tenho o poder de mandar prender...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – E nesse caso específico, que providências foram tomadas que realmente deram resultado? Por que nesse caso deu resultado e nos outros não se consegue identificar?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Porque nesse particular a gente conseguiu detectar aqui. Estava muito evidente a clonagem.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Estava gritante?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Estava gritante.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Até esses casos de letras e tudo, que saltavam aos olhos?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Isso, exatamente. Esses nós pegamos, tiramos cópia, requisitamos a sobrecarta, isso aqui é a sobrecarta, e alguns usuários para manter a prova em poder da empresa. Então, ficou muito clara a fraude ali, o dolo. O responsável está respondendo um processo na Justiça até hoje.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Bom, de qualquer modo, fica o meu registro de que eu, efetivamente, estranho ter a prova à mão, e a Polícia não participar disso, nessa averiguação, nessa investigação.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu gostaria de deixar registrado que a Polícia participa de todas as fases do processo.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Mas é imediatamente...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Imediatamente ela é comunicada. Se ela não faz o papel dela, eu não posso fazer nada.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Então, necessariamente, teremos que ter algumas perícias lá.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – As perícias são feitas, Deputado. Toda máquina é periciada. A Polícia Federal...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não é máquina... Eu falo de material produzido...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O material é este aqui. Eu posso tirar cópia, guardar cópia do material...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não, V. Sª tem lá, à mão...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu posso solicitar a sobrecarta, como a gente faz em alguns casos...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – V. Sª tem lá à mão uma produção que excede e lhe causou estranheza, tanto é que houve esses processos.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mas o grande problema não é o excesso de correspondência, é a falta de contabilização dela. Correspondência, eu sei que está lá. Eu contei e eu dou o curso normal, até para não prejudicar o cliente dos Correios. Vamos supor que, nos trâmites normais, a Polícia demoraria uma semana para fazer isso aí, e não sei quem mais... O cliente está sendo prejudicado. Existe um boleto de cobrança, existe uma propaganda de um evento que ele está divulgando... Então, eu não posso impedir o curso do objeto. Eu faço um registro disso aqui...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Não. Isso eu já contestei dizendo que V. Sª, tendo um produto criminoso à mão, pode, sim, chegar pelo menos a alguns clientes e dizer: "Por favor, eu quero ficar com isso aqui, porque vou submeter à Polícia Federal. Faz favor, me emita um outro porque este aqui vai ficar retido". Não é caso seu, não é da empresa, mas é a nossa...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu estou falando em, de repente, quebra de sigilo. Não me interessa o conteúdo disso aqui. Me interessa o que foi registrado em termo de valor.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Ninguém está falando em quebra de sigilo.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, mas se eu estou requisitando o conteúdo... O conteúdo não me interessa.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Perdoe-me. V. Sª está com um documento à mão, um envelope fechado, que não sabe qual é o conteúdo, mas julga que seja criminoso por não ter passado pela máquina e tal. Aí V. Sª acha que não pode fazer nada, porque, senão, vai quebrar o sigilo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Deputado, o senhor não entendeu. Tenho feito. Eu abro o processo, eu requisito a sobrecarta, que é suficiente para manter esse objeto sob o meu...

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Alguma vez V. Sª já ficou com os originais?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Fiquei, claro.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Com os originais. Então, nesse caso, V. Sª prejudicou?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Pegando o raciocínio seu anterior, de que, se for...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O meu carteiro vai lá entregar essa correspondência para o senhor, e eu peço gentilmente que o senhor me ceda a sobrecarta; o senhor fica com o conteúdo, e eu fico com o envelope. Isso me basta.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Tá. E, nesses casos, V. Sª não lembra de nenhuma perícia realizada que tivesse comprovado?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – À exceção dessa da Silva Bueno, não.

O SR. RELATOR (Osmar Serraglio. PMDB – PR) – Quem faz a perícia?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – São empresas credenciadas pelos próprios Correios.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Mas essa perícia que o Relator está citando não substitui a perícia criminal da Polícia Federal, não, né?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É isso que não sei se há, vamos dizer... Eu gostaria de levantar até a informação, porque não sou, vamos dizer, *expert* na área de inspeção, essas coisas. De repente, a gente pode acrescentar algum dado novo na seqüência.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Sobre a questão do Maluf, um perito está dando um parecer que não tem validade, só vai ter validade na hora em que a Justiça definir um perito. Essa...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...que a perícia seja feita por empresas credenciadas. Que empresas são essas credenciadas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – São empresas que fazem a... São oficinas credenciadas para fazer o...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para fazer o credenciamento, basta eu atender a certos requisitos mínimos de habilitação.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, existe todo um critério técnico para credenciamento, tanto a área de engenharia dos Correios, como da área de inspetoria, área...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é estranho, porque, na verdade, aí é um crime, está certo? O correto seria que as autoridades policiais fizessem a perícia, e não uma empresa privada que evidentemente não sei a que tipo de influência está sujeita quando faz.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Até posso concordar, mas não é atribuição minha fazer essa perícia, é da Polícia Federal; se ela não faz ou se faz e eu não estou com essa informação, eu gostaria de levantar essa informação melhor.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nada nos garante que uma empresa privada dessa não tenha relação com o próprio fraqueado.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não duvido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Percebe? Ou seja... Prosseguindo aqui: quanto tempo demora um processo administrativo para apuração de fraude em ACF?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Olha, tenho processos, tenho um caso em particular aqui que está correndo há três anos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que demora tanto um processo para a apuração disso? Porque, objetivamente, é a perícia. De que mais se precisa?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O ritual do processo administrativo, eu tenho que, vamos dizer, fazer toda a instrução desse processo, levantar informações para, vamos dizer, estabelecer realmente se houve um ato, vamos dizer, falho da franqueada. Sobre esse processo, por lei, ele toma conhecimento desse relatório preliminar, é passado para a defesa, é dado o direito de defesa, volta, a área de inspetoria conclui o seu relatório com base na defesa do franqueado; isso pode demorar dez dias como alguns meses, mas o rito é esse. A partir de...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que, na verdade, o processo administrativo é um processo, especialmente num caso como esse em que a prova testemunhal não tem grande significado, ele é basicamente a prova pericial.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu acho que vai muito da dificuldade...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Você dá direito de defesa à parte, quer dizer, e demora três anos sem solução?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, esse é um caso; não vou dizer que é regra, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas qual é a regra? Quanto tempo demora em média?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Algo em torno de oito meses, um ano, no máximo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há vários processos já concluídos?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Alguns, sim, tanto é que eu descredenciei seis ACFs lá em São Paulo; tem já muita coisa no Ministério Público.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quantos foram concluídos sem descredenciamento?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não tenho esse número, mas tem também casos desse tipo aí que a gente, vamos dizer, identifica que não houve dolo, que houve uma falha técnica na con-

dução do processo; e a gente, de repente, nem aplicou sanção nenhuma porque não foi necessário, mas não tenho esse número de cabeça.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – O senhor falou que já descredenciou seis. Além dessa da Silva Bueno, quais foram as outras?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – De cabeça assim, não sei se vou lembrar as seis, mas a ACF Brasilândia – a ACF Brasilândia fica no bairro da Brasilândia; Comandante Sampaio, em Osasco; Domingos de Morais; Santa Rita.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Onde é Santa Rita?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Santa Rita, se não me engano, ficava ali, no Brás; me fugiram as outras duas, ta? Vou lembrar daqui a pouco.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – E quando lembrar o senhor informa, por favor.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Está bom.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma pergunta: o senhor chegou a ajuizar várias ações contra as ACFs para a cobrança de débitos. Não é verdade? Qual é a razão desses débitos?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O senhor poderia ser mais específico?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor aqui apresenta uma relação, tenho aqui um anexo de ações que o senhor apresenta por cobrança de débitos de ACFs e ex-ACFs. Imagino que é em decorrência dessas fraudes.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Veja bem, o sistema de franquia dos Correios existe desde 1989. No auge do sistema de franquias, os Correios, inclusive, chegaram a ser o maior franqueador do País, com 1.700 agências.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estou aqui com o relatório apresentado de V. Sª e aqui, num certo item, V. Sª diz o seguinte: "Por outro lado, a restrição à alteração da composição societária, aliada ao seu descredenciamento e conseqüente fechamento, acarreta várias situações indesejáveis a ECT, a saber: grande possibilidade de perda definitiva dos valores devidos pelo franqueado, posto que, com o encerramento, o quadro anexo um apresenta as ações ajuizadas desta DR contra as ACFs, ex-ACFs para cobrança de débito. Nenhum valor foi recuperado até o momento".

Qual é a razão desse débito?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Como estava falando, o sistema de franquia existe desde 1989, chegou-se ao número de 1.700 agências franqueadas e, hoje, estamos com 1.460 e alguma coisa. Essas 250 que saíram da rede, boa parte delas foi por problema de fraude e não na minha gestão. Desde que existe a franquia há esse problema.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A fraude é sempre nessa situação?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não posso assegurar qual motivo desses processos antigos. Penso que nesse relatório há os motivos. Poderia lembrar de um outro caso. Lembro de um caso que foi uma fraude até grande, postagem de IPVA lá em São Paulo, a ACF/Barra Funda. Ela foi fechada.

Até hoje o processo está na justiça e a gente não recuperou ...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Barra Funda o senhor não falou. Então essa é outra?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não. Não é Barra Funda. Isso já foi fechada bem antes; nem estava no Correio nessa época.

O que queria dizer que na maioria dos casos, quando se fecha uma franquia com uma pendência judicial, o valor que deu margem ao processo dificilmente é recuperado. Tenho "n" casos relacionados, onde são mais de R$40 milhões, que não vamos recuperar. Porque o franqueado sumiu, o débito é impagável e vai por aí. Mas são coisas que aconteceram ao longo do relacionamento Correio franqueado.

Esse relatório deu margem, Deputado, a mudança de procedimento aonde sugerimos que não chegasse às vias de fato, que seria o descredenciamento. O processo chegou na linha do descredenciamento: fecho a ACF e vamos brigar na Justiça. Demos margem a que, num passo antes do descredenciamento, ele pudesse falar o português claro; passar o negócio para uma outra pessoa jurídica que pudesse dar continuidade ao sistema, desde que – a condição fundamental para que eu autorizasse a transferência de titularidade antes do fechamento do ponto comercial – ele voltasse aos cofres públicos o valor da nossa pendência.

Então, quer dizer, estou protegendo os Correios duas vezes: primeiro, mantendo um ponto comercial aberto. Porque se fecho o ponto comercial, tenho que prestar o serviço público naquela região, assim, vou ter que abrir uma agência, vou ter que alugar um imóvel, vou ter que fazer reforma, colocar equipamento e, principalmente, conseguir recursos humanos para poder funcionar a agência.

Mantendo o ponto funcionando, evito toda essa despesa para o Erário. E o detalhe mais importante é que antes de eu fazer essa mudança, não faço essa mudança se ele não recolher aos cofres públicos o valor da pendência que foi registrado. Então, para mim, no

nosso parecer lá da Diretoria, é uma forma inteligente de recuperar o valor. Detalhe: o simples fato de eu estar recuperando esse valor e mantendo o ponto aberto não quer dizer que estou arquivando o processo, não. Esse processo tem seqüência desde configurado o dolo, tem seqüência junto ao Ministério Público e junto à Polícia Federal. A pessoa física que era responsável pela agência na época do delito vai ter que continuar respondendo o processo. Não fechei o ponto comercial e recuperei aos cofres público o valor.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja aqui, processos administrativos em andamentos: são 14 unidades com processo administrativo em andamento e um prejuízo da ordem de R$2,517 milhões, só nesses 14 detectados e apurados.

Quer dizer, enquanto esse processo administrativo demora todo esse tempo, essas franquias continuam funcionando normalmente, possivelmente continuando a fraudar.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Normalmente sob minha supervisão, porque aí onde tem processo tem gente minha fixa lá dentro, máquina digital implantada e todo controle para que, eventualmente, ele não cometa a mesma falha novamente até que se encerre o processo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Relativamente aos processos judiciais há um total aqui de R$9 milhões a receber, 20 franqueados. Essas são todas oriundas de irregularidades?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com certeza. Se está na Justiça é porque alguma coisa... Não lembro exatamente o que está no relatório aí.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O relatório está aqui. O senhor pode observar.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Posso olhar?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor. Por favor.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Algumas das que estão aqui, inclusive, eu citei aqui. Por exemplo: Santa Rita já está descredenciada, Barra funda está descredenciada, a Sabrina é uma delas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor veja que são muito poucas as descredenciadas. Se nós estamos com uma ação na Justiça para receber quase R$9 milhões, por que todas elas continuam funcionando? É muito estranho.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, eu não acho muito pouco e eu já falei aqui que a rede é uma rede séria, comprometida. Nós temos 1.467 agências...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, vou fazer um cálculo numérico. Dessas 20 que têm ações judiciais, quantas foram descredenciadas?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Dessas aqui?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Desculpe, Deputado. Tem algumas aqui que não são da minha época e eu não lembro pelo nome.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Que eu lembre aqui: Jamaris não existe mais; Jaçanã, se eu não me engano, não existe mais; Santa Rita, Barra Funda, Ponta da Praia e Sabrina não existem mais. Que eu lembre...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor veja, o processo na Justiça é para receber o dinheiro, o que não se confunde com o descredenciamento, que é medida administrativa.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Algumas delas, Deputado, estão funcionando sob liminar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem alguma que conseguiu liminar para funcionar? Tem alguma que conseguiu liminar para continuar funcionando?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tem, tem. A Rochdale é um caso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, é um caso de liminar.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, eu tenho outros. Laranjeiras é um caso...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me espanta é o seguinte: nós temos ações... Há duas situações aqui descritas: temos os processos judiciais de cobrança e temos os processos administrativos de apuração. No caso dos processos administrativos, temos aqui 14 e um prejuízo da ordem de R$2,517 milhões, que têm um tempo médio de um ano ou mais, alguns casos chegam a dois anos, para se apurar se houve a fraude, e a empresa continua funcionando. Nesses que estão na Justiça, obviamente já foi apurada a fraude, claro.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Aí, então, existe uma decisão definitiva.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas administrativamente o senhor pode cancelar.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não posso, porque eu estou, vamos dizer, arbitrando que ele tem culpa no cartório e, de repente, não tem.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão, perdão. Não. Administrativamente... A pena de descredenciamento é administrativa, não é judicial.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. A maioria delas, acho que, com certeza, quase todas elas foram descredenciadas. Eles entram com recurso e continuam funcionando.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Recurso administrativo?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Em alguns casos, sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que não tem efeito suspensivo. Aliás, o recurso administrativo, em geral, não tem efeito... O que está me espantando objetivamente é como existem funcionando empresas que praticaram fraudes que são crimes...

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Deputado, não ficou provado ainda. Estou no processo, em apuração.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Espere um pouquinho. Dessas que o senhor entrou na Justiça ficou provado, senão o senhor não entraria na Justiça.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com certeza.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, eu estou falando... Não estou falando das 15 que efetivamente o senhor está apurando. Estou falando das 20 que foram para a Justiça. Essas foram apuradas a fraude.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu precisaria dar uma olhada com calma no relatório, porque eu não lembro exatamente a motivação desse relatório. Isso aí são documentos que a gente manda regularmente para cá...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Olha, é isso que realmente me espanta, sinceramente falando: temos aqui um relatório, até vou mencionar com mais precisão, o senhor assina esse relatório em 5 de julho de 2004...

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Ok.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Encaminhamos em anexo processo acima referenciado o qual apurou irregularidades cometidas pela ACF Rochdale, ao longo do ano de 2003. Então, a propósito disso, o senhor faz uma análise das situações verificadas. Aí, junta a esse quadro o Anexo 3, que contem as últimas ACFs que foram descredenciadas e fechadas por irregularidades administrativas. No Anexo 2, têm-se aquelas que estão em apuração e, no Anexo 1, aquelas cujo processos de cobrança estão sendo efetivados.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então, não estão na Justiça ainda. A informação não está correta.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Processo de cobrança judicial...

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Judicial é... Quer dizer, não foi terminado o processo em alguns casos desse aí. Outros já foram.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está na Justiça.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A cobrança aí é no sentido de a gente reaver os valores, não é?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Perdão, é processo de cobrança judicial.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu gostaria... Desculpe, um ano atrás, o senhor vai me desculpar, é muita coisa. Gostaria de ler com calma...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo menos é o que nós entendemos aqui.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu vou ter tempo para ler agora ou o senhor quer continuar?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor, fique à vontade.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É muita coisa.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – O senhor tem todo o tempo para esclarecer.

(Pausa.)

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Sr. Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Pois não.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Como vai funcionar? Estou-me sentindo muito sozinho aqui.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Logo depois que o Relator terminar de fazer as suas colocações, V. Exª está inscrito para ser um dos próximos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas tem mais... Devem estar na outra CPI, porque há uma acareação.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Mas acho que, pela ordem de inscrição, os que o antecedem aqui não estão. Portanto, V. Exª será o primitivo.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – É porque tenho que relatar uma medida provisória; por isso estou um pouco preocupado e queria fazer as perguntas.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Lá seria provisório; aqui, é definitivo.

Podemos retomar, Sr. Marcos?

Sr. Relator, o depoente está em condições de responder às suas indagações a respeito do relatório anterior.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por gentileza, se V. Sª pudesse esclarecer exatamente essas ações, eu agradeceria.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Esse relatório foi feito por nós em junho de 2004...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Para embasar a nossa proposição de que, antes de fechar qualquer franqueada, a gente procurasse, dentro de um entendimento, poder permitir a transferência da titularidade com a recuperação dos débitos que foram registrados e, posteriormente, encaminhar o processo ao Ministério Público, à Polícia Federal, para apurar responsabilidade civil por parte dos donos. Essa foi a motivação do relatório.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – E, no embasamento desse relatório, citamos alguns casos que dariam consistência a essa nossa propositura. Por exemplo, o caso da Rochdale, que motivou isso aí. Ela foi descredenciada na gestão anterior e, através de uma liminar, continua funcionando até hoje. Essa liminar não foi julgada. Está lá, cometeu irregularidades. O Correio detectou que houve fraude. Ela voltou a cometer uma nova irregularidade na seqüência, abrimos um novo processo. No entanto, com base na liminar, ela sustenta o negócio.

No Anexo 1 há demandas judiciais e cobranças de débitos em aberto.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que são decorrentes de irregularidades?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Que são decorrentes, mas estão... Peguei um caso que é o da Agência Paes de Barros. Essa agência continua funcionando. Eu não gostaria de entrar em detalhes, Deputado, primeiro porque não é da minha época...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É claro.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Conheço superficialmente o caso. Mas existe até um empenho, na Caixa Econômica Federal, de umas esmeraldas, se não me engano, que teriam sido dadas para pagamento do débito, para tentar saldar irregularidade que aconteceu há muito tempo. Esse montante que está lá não cobre hoje o tamanho do rombo que seria aquilo ali.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí está a minha dúvida, ou seja, se já há um processo judicial, por que essas franquias não foram descredenciadas administrativamente?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Porque a Justiça assim não o permitiu.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todas estão com liminar?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Estou cumprindo a ordem judicial de não fechar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, todas as que estão em funcionamento estão com liminar?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu me lembro do caso da Paes de Barros. Como falei para o senhor, são 211 franquias na minha diretoria, e cada uma com um nome diferente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, nesse caso aqui, existem algumas que, não tendo liminar, estão funcionando, apesar de haver ação na Justiça?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não posso afirmar com segurança. Sei que algumas eu já fechei. O processo até já encerrou, de 2004 para cá. As quatro últimas ali, se não me engano, já estão fechadas. Caso a caso, acho que seria interessante, até para não ficar dúvida, que a gente desse um histórico para vocês, para não ficar parecendo que os Correios estão infringindo a lei. Se a franquia está funcionando, depois de ter sido descredenciada, é porque conseguiu uma liminar na Justiça, e nós estamos cumprindo a ordem judicial.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É exatamente essa a razão da minha pergunta, porque seria absolutamente, a meu ver, absurdo que uma franquia continuasse funcionando regularmente, após haver a conclusão do processo e uma ação na Justiça, se não houver uma decisão liminar que permita isso.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Há uns casos que lembro superficialmente. O problema não é nem financeiro, é problema administrativo de documentação. Por conta disso, alguém entrou na Justiça, e a demanda continua. Isso não quer dizer

que causou despesa para o Erário ou coisa parecida. Alguns casos como esse.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou solicitar à nossa Assessoria que faça um requerimento, solicitando o detalhamento dessas franquias, relativo a se elas têm liminar ou não, por que estão funcionando, por que não foram descredenciadas, para que possamos ter uma ilustração definitiva desse aspecto.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Para a gente também é interessante que não haja dúvidas sobre isso.

Há ainda o Anexo II, as que nós já fechamos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Anexo II é sobre as que foram fechadas.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O Anexo III se refere a processos em andamento. Acho que o que causa mais dúvida é se há liminar ou não, processo encerrado que está ali. O relatório já tem certa idade, então há coisas que estão desatualizadas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhores fazem essa auditoria, digamos assim, por amostragem, ou é uma coisa permanente, ou é a partir de denúncias recebidas, que se faz uma inspeção?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, a Gerência de Inspeção dos Correios tem um cronograma de visitas em todas as unidades, quer agências, quer unidades de tratamento, periodicamente. Regulamente, é feita essa inspeção.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, quanto à verificação de fraudes eventuais, elas são qualificadas...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Aí são demandas extraordinárias, que, quando detectadas, fazemos um...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só quando há denúncias?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não é por motivo de denúncia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há amostragem?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Detectamos na supervisão normal que fazemos. Eu tenho controle em diversas etapas do processo. Então, aparecendo algum indício de irregularidade, acabamos instaurando um processo administrativo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que ainda 35% continuam com máquinas mecânicas, se existe essa possibilidade de fraude? O senhor respondeu a essa pergunta: eu não tenho máquinas digitais. Por que não tem? Consta que foi feito um plano da diretoria dos Correios para a substituição geral das máquinas mecânicas. Isso foi informado aqui pelo Diretor de Operações. Mas isso não foi implementado. Qual a razão?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu tenho esse histórico aqui. Depois, se quiser, passo ao senhor também. De 2000 para 2001, os Correios detectaram a necessidade de aumentar o controle em cima das máquinas de franquia. A diretoria da empresa, em Brasília, resolveu abrir uma licitação internacional, e foram compradas 1.500 máquinas modelo Galaxy, da Pitney Bowes. Essas máquinas foram entregues... Digitais. Essas máquinas, por conta do processo de funcionamento delas, com certeza aumentariam esse controle. Como eu disse, o parque de máquinas, principalmente o mecânico, era bastante antigo, com mais de quarenta anos de uso. A maioria de nós aqui não tem essa idade, e as máquinas continuam funcionando. Existe, inclusive, uma portaria do Ministério das Comunicações determinando que toda a rede própria e franqueada tenha máquinas digitais. O que aconteceu a partir daí? As máquinas foram recebidas no final de 2001 e em 2002. Em 2002, eu já comentei o fato aqui, existia a possibilidade, no final de 2002, de que as agências franqueadas tivessem as suas atividades encerradas por conta de que o decreto que amparava o funcionamento iria se expirar. Em final de 2002, foi prorrogado por mais cinco anos. Só que, nesse ínterim, a empresa decidiu que essas 1.500 máquinas teriam que – vamos dizer – ser usadas de alguma forma. O material foi comprado inicialmente para ser instalado nas agências franqueadas. E detalhe: essas 1.500 não seriam suficientes para ser colocadas em toda a rede. Se eu partir do pressuposto de que tenho quase 1.500 franquias, uma máquina em cada franquia não seria, vamos dizer, plausível. Não teria lógica. Eu tenho ACF que fatura R$15 mil por mês e tenho ACF que fatura R$4 ou R$5 milhões por mês. Então, nessa que fatura R$4 ou R$5 milhões por mês, tenho que ter um número maior de máquinas, até para levantar um serviço.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Só para ter uma leitura clara. Foram compradas 1.500 digitais?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mil e quinhentas digitais.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E quantas mecânicas já existem atuando em atividade no Brasil?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não tenho esse número de cabeça, mas são...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Aproximadamente...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não tenho. Desculpe, mas...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sim, mas é mais de...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tem eletrônica também.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Não, não. Só as mecânicas. Então, as mecânicas e eletrônicas, todas juntas. Quanto dá o parque de máquinas total das franqueadas, enfim, de todas dos Correios?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu vou citar um número, pode ser. Mas não é o número correto. Eu não tenho essa afirmação.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Aproxima-se de cinco mil, pouco para mais, pouco para menos?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Se eu levar em consideração que há 12 mil agências e, em uma parte delas, máquinas, mais de uma até... A Agência Central de São Paulo, se não me engano, tem 20 e tantas máquinas. Não mais as mecânicas. Mas, na época das máquinas, tinha até mais: 40 máquinas. Então, vou falar um número aqui, vou chutar. Eu não tenho esse número, mas pode ser alguma coisa nessa ordem.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O equivale a dizer – e esta é a minha preocupação – que 1.500 máquinas é muito pouco diante da necessidade que tem...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Para a rede franqueada, eu diria até que não, porque tenho que ter um controle efetivo basicamente nas maiores agências. Isso lá em São Paulo a gente fez. As 200 maiores, acredito que 150 seguramente estão lá em São Paulo, e, na maioria delas, tenho as máquinas já colocadas. Só que, num momento anterior, até por conta dessa indefinição se iria ser prorrogado o contrato de franquia ou não, a empresa deliberou pela instalação das máquinas, até para a gente validar. Tinha prazo para instalação das máquinas, perda de garantia, essas coisas todas; a gente resolveu instalar na rede própria.

E hoje, qual é a dificuldade que tenho? Por conta do contrato, não posso mais tirar essa máquina da rede própria, porque ela tem uma chancela, uma matrícula e força de contrato e manutenção também, e pegar essa máquina, que, em alguns casos, está ociosa na rede própria e transferi-la, por exemplo, para uma agência franqueada, onde ela seria mais efetivamente usada e eu teria mais, vamos dizer, controle, entendeu? Então, em alguns casos... Os 35% foram por isso. Eu esgotei a minha capacidade de instalação em cima do número que eu tinha e não consegui, vamos dizer, prosseguir com o processo, enquanto a empresa não comprar novas máquinas ou homologar outras, para que a rede franqueada própria possa adquirir isso aí. Não há necessidade de o Correio comprar e fornecer para a rede.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há casos de uma pessoa ter mais de uma franquia?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu conheço alguns casos em que a gente tem informação de que ele tem mais de uma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que isso acontece?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Porque o contrato assim o permite. Ele pode ter até duas franquias.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, por que uma pessoa consegue obter mais de uma franquia?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na época em que foi instaurado o processo – vamos dizer – de franquia do Correio, era permitido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós fizemos uma rápida investigação aqui na CPMI e pegamos apenas as franquias com maior faturamento anual. São 200 ACFs pesquisadas. Foram identificadas 18 pessoas que foram agraciadas com duas agências franqueadas cada uma. Ou seja, entre os 200 maiores, 18 pessoas têm mais de uma agência franqueada, o que me parece, em primeiro lugar, extremamente suspeito de que isso possa ter implicado certo direcionamento e beneficiamento de certas pessoas.

Considerando o que o senhor mesmo diz, que existe a possibilidade de esses proprietários, em alguns casos, serem laranjas – o senhor não afirma isso, mas que existe essa possibilidade –, nós podemos ter efetivamente algumas pessoas com grande poder nessas franqueadas. Pode chegar a um milhão por mês, dois milhões, três milhões por mês.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E só para emendar: dessas 200, a maioria delas está em São Paulo também?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A maior parte em São Paulo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – A maior parte em São Paulo, que é onde o senhor atuava...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Onde eu atuo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Atua?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Claro. Eu sou diretor.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E tem conhecimento. Não, na época, não é?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, veja bem: eu falei que... Gente, vou repetir novamente: fui funcionário da empresa até 1994 e não trabalhava especificamente nessa área. Sempre fui ligado à área de operações. Voltei, através de concurso público, em 2001. Em 2001 é que eu passei a atuar mais diretamente na área comercial.

Então, o que foi feito de 1989 até 2001 eu desconheço, como foi distribuído, qual foi a regra, qual foi o critério, porque não fui eu que conduzi esse processo. Hoje eu tenho conhecimento, claro, estou interagindo com essa turma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só para se ter uma idéia – até a assessoria me alerta aqui para esse quadro. É onde temos as agências repetidas, a receita e a comissão que recebem.

Então, veja, têm o mesmo proprietário, uma das pessoas, a ACF Cidade Ademar e a Santa Catarina. A receita anual dessa ACF é de 77 milhões e a comissão anual é de 5 milhões e 856 mil.

Temos aqui, portanto, grandes receitas, com mais de uma pessoa recebendo. Isso realmente nos chama muito a atenção e acho que exigirá uma atenção especial desta Comissão Parlamentar de Inquérito, para verificar, realmente, quem são, por que isso acontece e o que está por trás dessa situação.

O senhor teria algum comentário mais sobre isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tenho, claro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não, por favor.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O senhor citou uma aí que é a Cidade Ademar e a Santa Catarina. São duas ACFs que estão em nome da mesma pessoa. Tenho, claro, conhecimento disso. Um detalhe: no processo da, vamos dizer...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aliás, são os mesmos sócios, se o senhor me permitir, Alexandre Gonçalves Nigro, Rogério Gonçalves Nigro e Eduardo Ribeiro. Os mesmos três têm as duas ACFs.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Ok.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente, parece que são dois irmãos, ou parentes, pelo menos.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É. O que eu queria acrescentar é o seguinte: nesse processo, ao longo desses 15 ou 16 anos de relacionamento com a rede franqueada, na agregação de valor que algumas delas fizeram... Ou melhor, algumas delas fizeram uma agregação de valor que deu margem até a esse faturamento relativamente alto, não é? O senhor colocou aí 77 milhões. Elas acabaram agregando um valor que seria oferecer aos clientes atendidos por elas a impressão dos seus objetos. Então, muitas delas investiram, com recursos próprios, e criaram gráficas, que a gente chama de *print centers*, para justamente produzir esses objetos em maior quantidade. Então, normalmente, quem demanda esse tipo de serviço são as instituições financeiras, os grandes bancos, operadoras de cartão de crédito. Enfim, esse é o público alvo dessas grandes ACFs que agregaram esse valor. Quer dizer, não tem nada a ver com os Correios, tá? Eles montaram lá um outro negócio, chamado gráfica, e captaram clientes no mercado para produzir os seus objetos. Nada mais justo que elas brigassem para que a postagem desses objetos que elas já estavam produzindo fosse feita pelas agências que elas tinham. Daí a grande quantidade de objetos em algumas delas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não me preocupa nem o valor. O valor, sim, me preocupa em outra dimensão. Mas me preocupa o fato de as mesmas pessoas serem donas de duas franquias.

E ainda com uma outra característica. Veja só: em algumas franquias dessas grandes, também, veja aqui a ACF Itaberaba e a ACF Borba Gato, que têm proprietários idênticos, a receita é bem menor, é 15 milhões por ano, mas a comissão é de 2 milhões e 845 mil.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu também gostaria de fazer uma... Eu tenho aqui os dados, posso passar para o senhor. O comissionamento do sistema de franquias dos Correios, não sei se é do conhecimento de vocês, me parece, e aí vou advogar a causa da empresa, bastante inteligente, na medida em que, quanto mais se fatura, menos se comissionam as franqueadas.

O SR. (Orador não identificado) – O percentual é menor.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então, até um... O percentual é menor. Então, até, se não me engano, R$400 mil em valores de remuneração, a comissão varia de 40%, para as que ganham menos, até 10%, para as que ganham mais. A partir de R$400 mil, se comissiona em 10%, e esse é o limite. Então, quanto mais elas estiverem faturando, menos elas vão ser comissionadas, porque aí estou agregando o valor em termos de escala, essa coisa toda.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Entendi. Mas o senhor vai observar: nessas duas ACFs, por exemplo, não existe máquina digital.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Quais ACFs?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As ACFs Itaberaba e Borba Gato. Aliás, na maior parte... Com exceção de uma, duas, três...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu tenho máquinas instaladas, das 211 agências, se não me engano, em 65.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas nessas, especificamente, que têm os mesmos proprietários, veja, as ACFs Itaberaba e Borba Gato não têm, nenhuma das duas, a digital. Na ACF Rádio Center e na ACF Parque Rio Branco, que também têm os mesmos proprietários, não tem nenhuma digital.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Essa é Brasília, não é São Paulo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas estamos cruzando aqui. E outras aqui.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, Deputado, veja bem: qual foi o critério para colocar a máquina digital?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa era a minha pergunta.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então, estou me antecipando à pergunta.

Qual foi o critério? Procuramos colocar as máquinas onde o volume de relacionamento com a gente é maior. Então, por exemplo: se eu pegar a maior agência dos Correios hoje, se não me engano, lá, não tenho o número de cabeça, mas parece que são 12 máquinas digitais. A Cidade Ademar e a Santa Catarina, com certeza, devem ter outro tanto parecido. Então, a gente começou das maiores em relação às menores. A Borba Gato e, provavelmente, a Itaberaba, por não terem processo administrativo nenhum ao longo do tempo do nosso relacionamento que obrigassem a gente a colocar uma máquina digital e por não estarem entre as elencadas num primeiro plano para colocar as máquinas que eu tinha à disposição, elas não foram contempladas. Mas tenho, hoje, seguramente, 65% da receita de máquina de franquia da diretoria passando em máquina digital. Não quer dizer que... É isso que eu queria mostrar com comissionamento. Hoje, temos na rede – esse é um dado que não está muito atualizado, é de 2003 –, mas 92% das ACFs têm um comissionamento até 20%, acima de 20%. Isso significa que o faturamento delas é pequeno. Porque, quanto menor o faturamento, maior o comissionamento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Se me fosse perguntado o que seria o ideal para a rede, seria que eu estivesse pagando 10% para todo mundo, porque se, do trabalho que elas executam, eu pago 10% para elas, sinal que elas estão arrecadando muito e eu transfiro 10% desse trabalho que elas fazem em termos de remuneração. O ideal seria: quanto menos eu pagar de comissão, melhor. E a regra é trabalhar dessa forma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou ler um texto que a nossa assessoria fez para, depois, podermos sintetizar algumas perguntas a respeito. A assessoria diz o seguinte:

"Preocupada com o desempenho operacional dos últimos anos e com a fidelidade dos clientes corporativos, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos firmou Acordo de Ações Comerciais, em 01/11/2004, com a Associação Brasileira de Empresas Prestadoras de Serviços Postais".

O senhor tem ciência desse acordo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Empresa Brasileira...?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Empresa Brasileira fez com a Associação Brasileira de Empresas Prestadoras de Serviços Postais um acordo comercial.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A associação dos franqueados, não é?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. Tal acordo visou, basicamente, promover a necessária recuperação dos resultados da empresa estatal. Por quê? Porque havia vários clientes que haviam migrado para as franqueadas. Nesse intento...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não é isso. Migrado para a concorrência.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para a concorrência.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Franqueada não é concorrente. O senhor falou que tinham migrado para a concorrência. Franqueado é parceiro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, pois não. Falei para a concorrência.

Então, nesse intento, assumiu vários compromissos com as agências de correios franqueadas, entre os quais cita-se o que tenta preservar a manutenção de clientes já atendidos por cada parte. Ou seja, nesse acordo, tentou se manter os clientes das franqueadas com as franqueadas e os Correios com os Correios. Quer dizer, tentou-se fazer uma harmonização disso.

Segundo a própria Abrapost, o faturamento proveniente dos clientes estratégicos representa mais de 40% de toda a receita operacional da ECT. A Abrapost

afirmou ainda que a receita dos 20 maiores clientes do exercício de 2004 representou 22,1% da receita operacional total da ECT. Nos 20 maiores clientes do exercício do 2004, estão incluídos o Banco Itaú, Unibanco, Real e Santander. Todavia, foi autorizada, excepcionalmente, a migração desses clientes dos Correios para algumas poucas ACFs em 2005. Ou seja, embora tenha havido esse acordo, em 01/11/2004, de manutenção dos clientes de cada lado, houve uma autorização para que alguns clientes deixassem os Correios e fossem para as ACFs em 2005. Por quê?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Primeiro, o termo não é "deixassem" e eles não migraram totalmente para as ACFs. Bom, vamos começar pelo acordo.

O acordo visava o quê? Dar instrumentos para que a rede franqueada pudesse atuar de forma mais agressiva no mercado e buscar clientes que estavam na concorrência. E a gente tem números provando que isso aí realmente aconteceu. Dei fôlego para a rede poder ir atrás de novos clientes. E nesse acordo previa-se inclusive a não-migração. É o que chamamos lá nos Correios de pescar no aquário: o cliente está com os Correios, o cara vai lá e coloca dentro da ACF. Esse acordo era para que essa regra fosse estabelecida, porque o cara não vai aumentar o faturamento dele – o cara não, desculpe, a ACF –, a ACF não vai aumentar o faturamento dela buscando cliente que já está dentro da casa. A idéia foi que, através desse mecanismo de incentivo no comissionamento para alguns produtos, a rede pudesse ir ao mercado e trazer clientes que estavam na concorrência para dentro dos Correios. Essa era a idéia fundamental.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Isso no acordo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – No acordo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, em 2005...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Vou chegar lá, porque o histórico é esse.

Esse acordo foi firmado com essa motivação. Deixar bem claro que hoje algo em torno de 50%, 48% de toda a receita da empresa advém de serviços concorrenciais. Temos o amparo do monopólio ou da reserva do mercado para carta, cartão postal e correspondência acoplada, mas não temos para encomenda, não temos para o *marketing* direto, e esse incentivo foi dado justamente para que buscássemos esses clientes que utilizam desses serviços de encomenda e *marketing* direto e que, vamos dizer, estavam com a concorrência. O primeiro motivador desse incentivo foi esse.

Nos casos específicos dos clientes citados – Itaú, Real, Unibanco e Santander – volto, mais uma vez, a 2002, porque... Vamos colocar 2001, para vocês entenderem bem o porquê dessa vinculação, o que é média histórica. Quando mostrei aqueles objetos para vocês, aquele pequenininho, o FAC, os Correios tinham essa modalidade de serviço só para esse tipo de objeto e não para permitiam que esse tipo de contrato fosse celebrado pela rede franqueada.

Em 2001, o que aconteceu? Mudamos a regra do jogo. Permitimos que qualquer tipo de objeto pudesse ser postado nessa modalidade. Ela traz vantagens financeiras para quem usa esse contrato. Tem desconto por volume, por entrega da carga de forma diferenciada, de tal forma que me facilita algumas etapas no processo logístico dos Correios. Em 2001, quando foi permitida essa colocação desse tipo de objeto na rede, os que não estavam inseridos aqui, os objetos maiores, que não podiam ser inseridos nessa modalidade, a maioria deles estava em agências franqueadas, era postada em máquina de franquia. O movimento permitiu que eles migrassem para esse contrato.

Agora, na relação comercial, naquela época, em 12 de julho de 2001, permiti, a partir desse momento, que esse tipo de contrato fosse vinculado na rede franqueada.

O que aconteceu de imediato com dois clientes que lembro bem: Itaú e Bradesco? Eles não quiserem nem saber o que era. Migraram para a nova modalidade de serviço, porque trazia vantagens econômicas – são os dois maiores clientes da diretoria de São Paulo – e pediram vinculação em agências franqueadas. E o manual, desde aquela época, permite isso, a vinculação em agência franqueada. E nós, na diretoria, vinculamos os contratos. Agora me perguntam: eles já postavam com vocês, já tinham um nível de relacionamento com esse objetinho aqui que era o FAC antigo. Ele tem, hoje – vamos exemplificar bem, os números não são exatos, mas só para ter uma idéia –, ele tem dez milhões de correspondências. Cinco se enquadravam nessa modalidade e cinco não. Esse aqui estava em máquina de franquia e esse em contrato. Quando juntou tudo, ele passou a ter dez milhões de correspondências no contrato. Cinco eram advindas de máquina de franquia e cinco estavam diretamente pelos Correios. E eu autorizei a vinculação. Aí surgiu a pergunta dentro da empresa, lebre que levantamos na época: "Vem cá. Mas esse montante de correspondência já estava diretamente com os Correios. Por que vou pagar comissão em cima desse montante que já estava com os Correios?" Aí criou-se a figura da média histórica.

O que é a média histórica? No dia em que ele pede a vinculação... O cliente, é sempre o cliente que pede a vinculação e nunca a franqueada. A franqueada concorda com a vinculação do contrato na agência dela, mas o pedido é sempre feito pelo cliente dos Correios. Ele pede que esse contrato seja vinculado na rede franqueada. Pego essa parte, que já estava comigo, estabeleço a média histórica dos últimos seis meses de relacionamento comigo... "Olha, desses dez milhões de objetos, cinco já estavam comigo. Só vou pagar comissão em cima do exceder esses cinco. Então, vou pagar comissão só em cima de cinco milhões".

Acho que deu para entender, não é?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deu.

Agora algumas dúvidas bem pontuais. Se havia um acordo de preservação dos clientes, por que autorizar a migração? Porque, inexoravelmente, os Correios perdem receita.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu diria que pago menos comissão para as franqueadas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, pelo menos os estudos que temos do Tribunal de Contas da União aqui nos mostram...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tenho esse relatório também, até por que ajudei a produzir. Depois vou entregar um arrazoado que fiz mostrando que não perco dinheiro com isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Tribunal de Contas...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Foi feita uma rubrica só e, em cima dessa rubrica, foi tirada a conclusão de que transfiro dez milhões para essa franqueada, com esse movimento. Provo que coloco treze milhões no caixa da empresa, além dos dez que transfiro para a franqueada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê? Veja, não consigo entender...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então vamos lá...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor tem um cliente, deixa de atendê-lo, ele é atendido pela franqueada, franqueada para a qual há uma comissão que ela arrecada, pelo menos na cabeça de um leigo, o senhor deixa de ficar com esse dinheiro que está indo para a franqueada.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então vamos voltar lá para 2002 quando foi permitido, porque eu queria estabelecer o relacionamento que existia tanto com os Correios quanto com a rede franqueada. Os dois relacionamentos existiam. Concorda?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Em 2001, esses dois clientes que falei, tanto Itaú quanto Bradesco, de imediato pediram vinculação. Unibanco, Santander e Real, que são os outros três relacionados, apesar de ter esses dois relacionamentos e, no caso, o Santander não tinha mais esse relacionamento com os Correios, tudo estava com o franqueado, esses clientes demoraram na negociação com os Correios para firmar o novo contrato FAC.

O Santander tenho de cabeça porque participei de muita negociação com o Santander. Foi no dia 1º de julho de 2002, um ano depois. Quer dizer, demorou muito a negociação desses três clientes.

E nesse período, 2002, como já falei aqui anteriormente, existia a possibilidade de a rede franqueada não continuar existindo, e aí sai a campo com minha equipe comercial para oferecer o serviço tirando da rede franqueada porque ela não iria existir mais, mas a rede continuou existindo. Passou no Congresso, vocês aprovaram aqui a continuidade por mais de 5 anos, e a rede continuou existindo. Ora, o que fizemos com esses quatro clientes que estão relacionados no relatório do TCU? Foi apenas restabelecer um relacionamento ético que existia na época, porque eu tirei os clientes da franqueada, parte desses clientes eu tirei o faturamento deles, não deixei vinculado contrato por conta de que os contratos de franquia deixariam de existir, e nessa nova política comercial, por insistência sempre do cliente dos Correios, que é atendido também pela franqueada...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se tivesse ficado com os Correios teria sido melhor, em termos financeiros.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, mas o que estou afirmando aqui é que, em um movimento unilateral, eu retirei esse cliente de dentro da franqueada. Lá atrás eles poderia reclamar também que você está usando de argumentos e regras próprias que não valem para a rede.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não reclamaram.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Reclamaram. Claro!

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a vantagem deles de ficar com a franqueada?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Do cliente?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Volto a frisar...

O SR. (Orador não identificado) – Desconto.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, desconto não.

A maioria dos clientes é atendida através dos *print centers*, que foram montados por ela. O Unibanco sei que produz parte da carga dele com *print centers*, gráfica de dados variáveis que produz esse tipo de objeto, produz com uma gráfica que é vinculda a uma ACF. O Real faz isso. O Santander não. O Itaú não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer quem tem a franquia também tem o *print center*.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – São outros negócios independentes. Estou dizendo que agregaram valor ao processo. Então nada impede dele abrir uma gráfica e prestar serviço para esses clientes que são comuns da franqueada e dos correios. Só que eles executam uma etapa do serviço que não tenho hoje... Não tenho gráfica. Não faço. Tinha que contratar uma gráfica...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, isso me leva a crer o seguinte: quando foi feita, em 2001, essa migração, digamos assim, obviamente foi aí então que essas empresas optaram por agregar esse valor então...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. Esses *print centers* já existiam por algum tempo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já existiam.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não foi em 2001 que fizeram esse movimento de criar gráficas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se eu pego um cliente como o Banco Itaú, por exemplo, e ele vai contratar os meus serviços gráficos, a dimensão da minha empresa altera completamente.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – No caso particular do Itaú, ele mesmo produz os objetos, só o acabamento é feito pelas ACFs. Não sei se deu para entender.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Entendi.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O Itaú tem máquina lá, um parque gráfico. Ele produz.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não importa. Tenho uma ACF, tenho lá a minha pequena gráfica anexa, de repente, um cliente como o Bradesco, como o Itaú entra, a minha gráfica, que poderia ser uma gráfica pequena, transforma-se em um parque gráfico, talvez, tendo em vista o volume de impresso que tem que ser feito.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não tenha dúvida que o investimento em equipamentos para se fazer isso aí é muito grande. Conheço todos os *print centers* lá em São Paulo que trabalha para os grandes clientes...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E não seria possível os Correios fazerem um tipo de entendimento com esses *print centers*?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Temos um projeto, que inclusive está também sob avaliação dos diversos órgão de auditoria, TCU, CGU, a própria CPMI, que é o projeto do Correio Híbrido Postal.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na verdade, o Correio Híbrido Postal é uma solução parecida com isso aí.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E não teria sido melhor evitar a migração com a implantação do Correio Híbrido ou alguma solução alternativa onde os Correios não perdessem dinheiro?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não digo que os Correios estejam perdendo dinheiro. A solução do Correio Híbrido vem sendo tentada, vamos dizer...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para mim, insisto, isso ainda não ficou claro. Independente da dimensão ética de o senhor ter tirado lateralmente, não ter tirado etc., me parece evidente que quando o senhor permite a migração de clientes, por razões éticas, justificáveis ou não, mas falando estritamente do ponto de vista econômico, quando o senhor permite a migração de empresas para as franqueadas, é óbvio que os Correios perdem e ganha a franqueada.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É, sob essa ótica pura e...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só deixa eu agregar até para... Sob essa ótica puramente econômica o senhor concorda comigo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tenho alguns cálculos aqui que mostram que eu também ganhei dinheiro – eu, Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É isso que eu não consigo entender como é que os Correios, deixando clientes para a franqueada, que evidentemente ganham uma comissão nisso, os Correios ganham? Eu não consigo entender.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Veja bem. Não falei que permitimos a migração dos clientes estratégicos para as franqueadas, está? O que

nós restabelecemos foi uma lógica que lá trás rompemos unilateralmente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não estou discutindo a lógica.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Somente para esses quatro clientes. Não para os demais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Perfeito. Mas, veja...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Porque não existia esse relacionamento antes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas veja, são apenas quatro clientes, mas não são quatro clientes, são superclientes.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – São clientes estratégicos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Itaú, Unibanco, Real e Santander.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, não estou discutindo a dimensão ética, se o senhor tirou unilateralmente ou não tirou. Isso é uma outra questão. O que eu não consigo entender é como esses quatros clientes migram dos Correios e vão para as franqueadas e com isso os Correios têm ganho econômico. Não estou falando de ganho ético, ganho operacional. Ganho econômico. Isso eu não consigo entender.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – No primeiro momento, defendi a ética no relacionamento. Se lá trás eu tirei unilateralmente, eu devolvi agora. Está? É isso que eu defendi num primeiro momento.

Estou perdendo dinheiro? Se analisarmos pura e simplesmente a rubrica comissão paga a franqueado, claro que eu estou perdendo dinheiro. Pois se eu tinha uma postagem nos Correios e transfiro parte disso aí, considerando uma média histórica à época em que foi retirado, vamos dizer, de forma truculenta até esse cliente da franqueada, estou restabelecendo àquela época a média histórica, claro que estou transferindo divisas para o franqueado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sem dúvida.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Só que tem um levantamento que eu fiz aqui, posso deixar com o senhor também, que prova o seguinte: no período anterior à vinculação, eu tinha lá um faturamento com esses contratos FAC desses quatro clientes. Eu fiz uma análise também no período posterior. Seis meses antes e seis meses depois, ou sete antes, seis depois, na história desse relacionamento. Nesse período, para esses quatro clientes, o faturamento mensal desses quatro contratos na modalidade de FAC aumentou em R$3.700 milhões.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas isso, com certeza, não é por causa da transferência para franqueado.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Vamos concluir. Gostaria de colocar o meu raciocínio para mostrar que o dinheiro entrou no caixa da empresa, sim. Então, vamos lá.

Nesse período, mensalmente, esses quatro clientes, em média, faturaram, todos eles juntos, R$3.700 milhões. Repassei para as quatro ou cinco franquias que estão vinculadas a esse contrato, que nós permitimos a vinculação, restabelecendo o nosso relacionamento ético lá de trás, repassei R$931 mil por mês, que, multiplicado por onze, dá os R$10 milhões que constou no relatório do TCU. São R$10 milhões que vou repassar de comissão. Se eu multiplicar os R$3.700 milhões a mais que eu coloquei, vou ter R$37 milhões, R$40 milhões. Coloquei R$40 milhões no caixa da empresa, repassei R$10 milhões para as franqueadas.

Tem um outro detalhe. Bom, mas isso aí migrou! Essa carga não apareceu do nada, não é? Porque se entrou no contrato FAC é porque mais objetos foram postados nesse contrato.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro!

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – De onde saíram esses objetos? Provavelmente da máquina de franquia, não é? Da agência que postava à vista. Não apareceu do nada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou de uma elevação de demanda dos clientes.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Pode ser.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o que eu quero dizer é o seguinte.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. Então, ótimo que tenha sido isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que eu quero dizer é que... Não há dúvida que o senhor ganhou mais.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, não foi a passagem para o franqueado que determinou isso. Mas foi uma utilização maior dos Correios...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Pode ter sido. É uma das conclusões mais rápidas que eu tiro. Saiu daqui e foi para lá. Não foi isso que aconteceu. É isso que eu gostaria de mostrar.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Vou fazer invertido. Vou fazer invertido o que o nosso Relator está falando e que me parece claro e que não está conseguindo transparecer.

Na verdade, se os Correios não perderam, ele então deixou de ganhar. Ele poderia...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro!

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Essa é a questão. Mata a charada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Lógico.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Quer dizer, ele ganhou mais, mas, se tivesse mantido o **status quo**, ganharia mais ainda.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com certeza.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Ganhou mais porque houve o aumento da demanda. Quer dizer, havendo aumento da demanda entrou mais dinheiro no caixa. Mas se os Correios tivessem ele mesmo administrado, gerenciado, enfim, não tivesse passado para a franquia, ele, Correios, teria ganhado muito mais.

Então, os Correios não perderam, mas deixou de ganhar. Que no jargão econômico deixar de ganhar, hoje, é perder.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Deixe só eu analisar. O que eu passei de comissão para a franqueada, e não analisar o todo, realmente, de ganhar R$10 milhões.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Então, não tomou prejuízo.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Os Correios não tomaram prejuízo, mas deixou de ganhar R$10 milhões. Aí é questão de semântica. Para mim é o jeito diferente de dizer a mesma coisa. Quer dizer, deixei de ganhar, mas não tive prejuízo. Agora, se eu deixei de ganhar, como deixei de ganhar não é um prejuízo? É um prejuízo, sim, para a minha estrutura.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Ratifico o que falei anteriormente: que nós restabelecemos um relacionamento comercial que foi interrompido unilateralmente lá atrás – ok? – e que esse movimento colocou, independente de como nós analisemos essa semântica – eu não perdi R$10 milhões; ganhei mais R$14 milhões, porque o faturamento aumentou. Provo com números isso aí.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que o senhor aumentou, não tenho dúvida, óbvio. O que eu não consigo ver é o nexo da transferência do cliente com o aumento desse volume de receita.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O **Manual de Comercialização e Atendimento dos Correios** não proíbe ou transferi e eu restabeleci uma lógica lá atrás – ética para os negócios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, perfeito, ou seja, a lógica não foi econômica. O senhor está afirmando que a causa foi uma causa ética, porque o senhor havia tirado esses clientes dos franqueados e resolveu recolocá-los.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Agora, Deputado, o senhor há de convir que ela não foi econômica, mas produziu resultados econômicos para ambos os lados – para mim e para eles.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, o que eu quero ponderar ao senhor e o seguinte: na verdade, a razão foi ética. O resultado econômico obtido – a maior – não foi determinado em si pela transferência. Há outras causas. Logo, embora o senhor tenha tido uma elevação econômica, isto não quer dizer que tem havido um ganho com essa decisão. Ao contrário. Talvez tenha ocorrido uma situação não de perda, mas que se deixou de ganhar aquilo que poderia ganhar.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Agora, um detalhe que eu gostaria de frisar também, porque acho que não falei nisto aí: todo objeto postado nos contratos na modalidade de FAC tem um efetivo controle. Então, tenho interesse e muito em que, praticamente, todos os objetos que entrem na ECT sejam mediante essa modalidade. Então, se migrou da máquina de franquia – por exemplo, o FAC – o meu controle, com certeza, aumentou e o comissionamento que eu pago também diminuiu. Quer dizer, essas franquias ganharam menos e eu estou pagando menos comissão com um controle muito maior. Este movimento para nós, então, é coerente. A única coisa que se discute é se essa ética que nós tentamos prevalecer é ou não correta.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Agora, apenas dentro desse contesto, se V. Sª me permitir, algumas perguntas bem pontuais para, a seguir, passar para os Deputados – eu não quero monopolizar – e, depois, eu vou retornar à argüição.

Neste caso, foi feito algum estudo de viabilidade econômica para autorizar essas migrações? Foi só a dimensão ética?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na verdade, por manual, eu teria que embasar isto.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas houve algum estudo de viabilidade econômica disto?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. Qualquer estudo que eu faço para migrar, por exemplo, para um Contrato FAC, nessas condições que foram feitas, com certeza, vou chegar à conclusão de que não é vantagem migrar para a rede franqueada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então, o que prevaleceu, neste particular para esses quatro clientes, no entender da Diretoria Regional, foi recuperar o relacionamento que tinha olá atrás e que nós rompemos unilateralmente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A seu ver, o **Manual de Comercialização e Atendimento**, neste caso, foi totalmente respeitado, em todas as migrações ocorridas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – À exceção de se colocar a média histórica, à época em que foi solicitado, pela primeira vez, pelos clientes que nós mencionamos, todo o Manual foi seguido À risca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A única exceção foi a questão da média histórica.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Foi a média histórica que foi retroagida para a época em que nós retiramos, de forma brusca, o cliente da CF e não permitiu a vinculação que era permitida na época.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que, exatamente, foi utilizada esta média histórica?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A média histórica faz parte daquilo que eu falei. Eu já tinha um relacionamento anterior – que era comigo – e para não permitir que se pagasse comissão em cima de um negócio que não era feito para as franqueadas, nós criamos da figura da média histórica. Então, só é pago comissão em cima do que exceder o que já era postado diretamente com a gente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, foi exatamente para que o acréscimo fosse absorvido fora dessa situação?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não entendi a pergunta.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na medida em que o senhor fez em cima da média histórica o pagamento dos comissionados, foi especificamente para ter uma situação de remuneração em cima do histórico e não a partir do que viesse a mais?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. A remuneração é a partir do que viesse a mais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do que viesse a mais?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Está agregando valor ao contrato.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, se não tivesse sido utilizada a média histórica e como houve um aumento de faturamento, os Correios teriam ganho mais?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Vou raciocinar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque o senhor me disse o seguinte: assim que houve a mudança.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Lá em 2001.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Agora, em 2005.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Agora, em 2005, é um caso particular, Deputado. É isto que estou falando. De qualquer ótica que nós pegarmos... caixa da empresa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor decide resgatar a dimensão ética, em 2005, e passa a essas empresas... se não fosse utilizada a média histórica, evidentemente, os Correios ganhariam mais. Pela lógica que o senhor usou.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tudo bem. Vamos pegar a situação, vamos supor que não existisse aquele relacionamento lá atrás. Hoje, se eu pegar o Manual de Comercialização e Atendimento do Correio e me vem aqui o Itaú, ou o Real, ou o Unibanco ou o Santander e me pede para vincular o contrato numa agência franqueada, eu posso vincular tranqüilamente. Mas aí o senhor vai me dizer: "Mas você vai pagar um negócio que já estava com você? Você vai transferir?" Não. Eu estou dizendo que eu vou vincular. E aí eu vou estabelecer o quê? Vou estabelecer a média histórica a partir de hoje. Então, quanto é que o Itaú gasta comigo mensalmente, R$15 milhões?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí eu não entendi. Aí o senhor volta e calcula.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – R$15 milhões é o faturamento dele. O mês que vem eu vinculei o contrato, o Itaú vem e me fatura 16 milhões nessa conta. Eu vou pagar comissão em cima de um único milhão e não em cima dos 16.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu estou usando o seu raciocínio. O senhor nos

informou que assim que houve a vinculação a partir de 2005, houve um acréscimo no faturamento.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim. Houve.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na medida em que foi utilizada a média histórica e não o faturamento que foi acrescido naquele período, então está claro para mim que a utilização da média histórica em 2005 baixou a remuneração dos Correios. De acordo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A média histórica... ela... essa retroagiu. Aquilo que eu falei: se não tivesse aquele contato anterior...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja o seguinte: se nas migrações de 2005, o senhor não tivesse utilizado a média histórica, os Correios ganhariam mais justamente porque houve elevação do faturamento.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Deputado, eu sou obrigado a usar a média histórica. Eu não posso abrir mão...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, pelo manual de comercialização, não.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Claro que sou. O cliente vem e me pede a vinculação, ele trabalha com o Correio e pede vinculação numa agência franqueada, o que é que eu faço? Eu faço lá os estudos, autorizo a vinculação, porém com a figura da média histórica. Ou seja, o que ele faturava anteriormente comigo, eu não vou pagar em cima daquele montante, eu não vou pagar comissão. Então, a média histórica é para preservar o relacionamento existente entre cliente e Correios. Eu só vou pagar em cima do excesso que houve em cima desse faturamento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Olha, esses dados que eu estou mencionando, Deputado, só para concluir, eles foram registrados pelo Tribunal de Contas da União, não são, especificamente, por mim.

O SR. – Depois eu posso dar uma contribuição e...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. E será com certeza de grande valia. Se tivesse sido utilizada a média histórica dos meses de abril e maio de 2005, o valor de referência seria 4,362 milhões.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Para quem?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O valor de referência utilizado com base na cobrança.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mas qual cliente?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui... qual cliente? Está aqui: Banespa.

E, no caso do Banespa, foi usado zero. O senhor percebe?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Percebo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a base de cálculo... na medida em que foi colocada a base histórica de 2002, há uma diferença de valor de referência de R$4 milhões. E isso acontece em todos. Olha, veja aqui...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Deputado, ...Unibanco, Itaú e o Real vão ter o mesmo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor me permitir... ABN Amro Real – valor de referência: R$4,270 milhões, caiu pra R$2,092 milhões. Tudo isso foi diagnosticado pela auditoria do Tribunal de Contas. Por isso que eu perguntava em cima desses dados.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não estou negando isso aí. Isso é verdade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja aqui. Unibanco – o valor de referência era 7 milhões. Unibanco. Ficou 3 milhões.

Então, evidentemente, como o senhor mesmo disse que o Manual de Comercialização e Atendimento não previa a utilização desta média de 2002 – não previa...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Exatamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele não previa. Isso foi uma inovação. Quando o senhor, ao resgatar por razões éticas os clientes, autoriza a migração para as franqueadas, ao fazer isto, valendo-se desta média histórica de 2002, há uma perda brutal para os Correios.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, mas eu estou justificando em função do relacionamento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Até porque, se V. Sª concordar comigo, esta referência – o próprio Tribunal de Contas da União chega a falar isto – esta média histórica é artificial. Por que 2002?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Excepcionalmente 2002, porque lá eu arranquei – arranquei é o termo – o cliente da franqueada e eu restabeleci o relacionamento, a ética nos negócios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que não a média histórica do período antecedente imediato? Por que voltar a 2002?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Porque foi lá que o cliente Itaú, Real, Unibanco e... qual o outro? Acho que o Banespa...foi lá que ele pediu incialmente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se V. Sª observar comigo que, a partir de 2005, eleva o faturamento, como V. Sª reconhece, é exatamente aí que tem a perda. Ou seja, não há...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, Deputado, a perda... já afirmei que o número de 10 milhões que o TCU coloca é correto. Se a gente não levar em consideração esse relacionamento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, o que nos é questionado pelo Tribunal de Contas da União – e é esse o questionamento que eu faço a V. Sª a partir do que foi levantado – é o seguinte:

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu estou explicando que a ética nos negócios nos levou a ...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A ética, ou seja, a retirada dos clientes devolvendo em 2005, porém devolve numa situação de média histórica que não é a prevista no **Manual de Comercialização e Atendimento**, em que se faz um histórico de 2002, em que há uma perda significativa para os Correios. É isso que está sendo questionado na auditoria do Tribunal de Contas da União.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – E eu estou explicando que eu estou de boa-fé, de bom senso, porque, lá atrás, quando o cliente me pediu, pela primeira vez, que vinculasse o contrato FAC lá, eu não autorizei, por uma regra unilateral implantada por nós.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não vê nisso um beneficiamento das franqueadas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. De jeito nenhum.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se elas estão ganhando mais dinheiro do que poderiam, com outra média ...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Aí, não, aí o senhor está... Essa inferência é automática. Se eu pego só rubrica, a comissão que eu passei para as franqueadas, o TCU, a reportagem que saiu na revista está correta. O Correio deu R$10 milhões para as franqueadas. Eu estou explicando por que que eu voltei. Apenas nesses casos específicos, isso não vale para os outros milhares de clientes do Correio. Nesses quatro, eu tenho argumento para fazer esse movimento. Porque lá atrás, eu arranquei o cliente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu vou concluir só a minha exposição, assim nesse aspecto, tentando fazer uma síntese, aí depois o Deputado Onix, eu volto depois com outras questões. Mas o que que me parece estranho? Vamos lá. Essas franqueadas foram todas, nós já vimos, obtendo esses contratos sem licitação.

Segundo, há suspeitas de que existem franqueados – suspeitas não, há constatações – que têm mais de duas agências, detectamos 18 num universo de 200, das que tem maior...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mais de duas, não. Duas, não?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, que tem duas, perdão. Duas, num universo... Duas agências, num universo...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Num universo de duzentas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Das duzentas mais rentáveis, ou seja, pessoas que têm efetivamente um potencial econômico forte na mão.

Terceiro: há suspeitas – isso já foi dito várias vezes na CPMI, não pelo senhor –, mas várias suspeitas, que existem pessoas com influência política por trás dessas franquias.

Quarto: está dito que boa parte dessas franquias possui laranjas, controlando essas pessoas.

Cinco: é feito, em 2001, um protocolo de entendimento entre os Correios e as franquias, para que cada um conserve os seus clientes.

Sexto: o senhor, diante da iminência de que cessasse as franquias, retira alguns clientes...lá atrás. Depois eticamente se sente no dever de devolver os clientes. Só que, ao fazer isso, o faz com uma média histórica de 2002, que é uma média histórica que não está prevista no Manual de Operações e que, evidentemente, implica uma perda para os Correios, não só efetivamente dos clientes em si, mas como também do ganho que efetivamente os Correios teriam, dando um acréscimo obviamente de remuneração para as franqueadas que receberam isso.

Aí a minha pergunta: o senhor não acha que, mesmo assim, houve uma situação questionável diante de todo esse contexto que eu expus?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Bom, as franquias foram dadas lá atrás, eu já expliquei que eu não participei do processo. Se tem duas franquias com o mesmo franqueado, isso é permitido pela regra que foi criada lá atrás. Então, também eu não participei disso aí.

O restabelecimento da ética na relação que a gente...depois da assinatura do convênio com a Abra-

post, em novembro de 2004, permitiu que a gente, vamos dizer, fosse com mais... Que eles fossem com mais força ao mercado para trazer receitas, permitiu também que a gente restabelecesse..., nesse período todo, de 2002 até 2005, os clientes – esses quatros aí – sempre insistiram na vinculação dos seus contratos em franquias, porque elas agregam valor ao processo, como eu já disse aqui também. A gente entendeu, dentro do bom senso e da ética, que, se eu retirei lá atrás de forma abrupta, unilateral, eu poderia, sim, restabelecer, voltando à média histórica lá atrás.

Claro que isso aí implicou, vamos dizer, uma diminuição do meu faturamento, em termos do que eu repassei uma comissão para eles. Agora, mostrei também que, nesse período, até não foi diretamente por conta dessa iniciativa nossa que o faturamento desses quatro clientes aumentou, e o que eu estou repassando para os franqueados é menor do que eles estão pagando.

Então, quer dizer, a única coisa que eu questiono aí é se a nossa ética, o nosso bom senso, está correto ou não. Eu estou trabalhando em cima disso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, essa dimensão ética, nem é aqui o foro adequado para debatê-la.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Claro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu tenho algumas divergências em relação a isso. Entre o Estado podendo ter um ganho e o Poder Público podendo ter um ganho em relação a clientes que são preferenciais e estratégicos e entre o senhor ter tirado certos clientes, depois devolvê-los, inclusive numa situação de cálculo que prejudica efetivamente os Correios, conforme demonstrado pelo TCU, eu sinceramente optaria pela ética dos cofres públicos.

Mas é evidente que a ética passa por uma dimensão subjetiva, a questão posterior do âmbito...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Gostaria até de poder...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ... da legalidade e moralidade, nós vamos posteriormente apreciando.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Que o senhor me desse até oportunidade depois a gente discutir...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não. Com o máximo prazer.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – ... tudo que diz respeito a isso. De repente não nesse fórum.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu como uma pessoa que tem uma dimensão ética que avalia os cofres públicos, numa situação de preponderância sobre o mundo privado, sinceramente eu não considero ético que o Poder Público perca dinheiro e tenhamos um enriquecimento do mundo privado, inclusive numa definição de quantificação que não consta do Manual e, obviamente, foi colocada numa situação que acho que traz prejuízo aos cofres públicos. Mas, obviamente, essa é uma dimensão subjetiva que vamos debater posteriormente.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O senhor me permite um aparte?

Também não acho justo que a gente, como gestor desse processo, como franqueador, usemos de regras unilaterais para, vamos dizer, prejudicar a relação comercial.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São as regras do jogo. Um franqueado que entra sabe que está submetido às normas unilaterais.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não posso mudar as regras do jogo da noite para o dia e achar que isso é normal, Deputado. Desculpe-me.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aliás, é uma característica do Direito Administrativo como um todo. Os contratos podem ser modificados unilateralmente. Aliás, isso já está consagrado historicamente, sem que efetivamente as coisas não possam ser feitas assim.

Mas essa é uma discussão que vamos fazer em que cada um de nós tem direito de ter sua avaliação diferenciada.

Não quero monopolizar. Terei mais perguntas, mas o Deputado Onyx Lorenzoni e outros querem fazer perguntas. Gostaria que V. Exª permitisse que eles fizessem as perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Pompeo de Mattos. PDT – RS) – O próximo inscrito é o Deputado Onyx Lorenzoni.

Só queria dizer, até para não deixar passar em branco ao nosso depoente, que o curioso nessa questão da ética é que, entre o público e privado, ficam com o privado. A ética foi a favor do privado, quando o senhor representava o público e não o privado. Se fosse seu, pessoal, particular e o senhor tivesse unilateralmente retirado do outro até era ético que entre particulares se entendessem e eticamente correspondessem, mas o senhor não estava cedendo daquilo que é seu, mas daquilo que é público. Então, é uma ética invertida, é uma ética equivocada.

Por outro aspecto, o senhor devolveu numa média histórica, com juros e correção monetária, porque acabou se beneficiando em função de ser a média histórica. É claro que, há cinco ou seis meses, o faturamento era um. Agora, se devolvesse para o privado

com o último mês, se tivesse sido calculado com base no último mês e não pela média história, pareceria algo mais razoável. Ainda assim, ele sairia ganhando porque, nos próximos meses, haveria acréscimo. Mas não, retroagiu e o Poder Público ou os Correios acabaram perdendo e perdendo bastante.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Discordo.

O SR. PRESIDENTE (Pompeo de Mattos. PDT – RS) – Deputado Onyx Lorenzoni.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Eu queria questionar. Acho que, além dos aspectos que envolvem os Correios, essa questão das franquias é muito mais uma discussão ideológica do que uma discussão negocial. Quando falamos das grandes franquias – que são grandes porque tiveram competência de carrear clientes – nos esquecemos dos milhares e milhares de franquias que estão prestando serviços e que muitas têm imensas dificuldades de fechar as contas no final do mês. De há muito que a tese das franquias nos Correios, a uma força muito grande no sentido de acabar com as franquias. O que eu acho um equívoco como cliente. Acho que aquilo que a sociedade puder fazer em parceria com o setor público serve inclusive de referência de qualidade para o setor público.

Nesse conceito, quando analisamos um processo em que pessoas foram convidadas a fazer investimentos, a tomar risco, porque não podemos esquecer de que toda essa força laboral que está dentro das franquias não está no lombo dos Correios. Não são os Correios que assinam a carteira de serviço dessas pessoas, não são os Correios que pagam as leis sociais. Quem paga é os franqueados.

É claro que aqui não é fórum para discutir isso, mas é importante que fique consignado que o princípio que norteou o franqueamento é correto, embora possamos discutir como ele foi feito. Na minha ótica deveria ter sido feito por licitação e tal, como devem ser feitas as coisas no setor público, mas não quero retirar desse debate o pano de fundo que está por trás dele, e o pano de fundo que está por trás é "vamos pegar dois ou três bois de piranha e vamos acabar com o franqueamento no Brasil". Quero ver quem vai resolver o problema dos milhares que estão prestando serviço e os milhões que se servem dos milhares que estão lá, onde não há nem cálculo econômico, muitas vezes, para justificar os Correios colocar agência lá. É bom pensarmos sobre isso. É uma barbada fazer o cálculo com base em quatro, cinco, seis, dez grandes exceções.

O cálculo ético, correto e adequado – há ética na matemática econômica – é aquele que estabelece sustentabilidade do sistema e não aquele em que apenas um ganha e os outros perdem.

Portanto, eu não defendo que o privado para o altar e muito menos que o Estado vá para o altar. Aliás, o fracasso da sociedade brasileira se deve à sacralização do Estado no Brasil. Desde que a Coroa portuguesa veio para cá, o indivíduo vale nada. Isso só serviu, até hoje, para grupos corporativos ganharem dinheiro e benefício à custa dos milhões que mendigam e morrem de fome no Brasil.

Temos de ir com calma para não poluir uma discussão técnica com uma discussão política, ideológica e doutrinária. Eu topo fazer as duas. Quero dar essa salvaguarda porque tenho posição favorável ao franqueamento. Se há equívocos no A, no B ou no C, vamos corrigi-los e punir quem tem de punir, mas não desmanchar um conjunto de brasileiros iguais a nós que estão trabalhando com dignidade, com respeito e diante das normas de uma empresa que tem – e temos de ter cuidado com isto – uma das maiores referências de correção, pontualidade e respeitabilidade na sociedade brasileira. Temos de ter cuidado.

Faço essa colocação para lhe fazer uma pergunta: se lhe fosse lícito ou lhe fosse dada a oportunidade de fazer parte de um grupo de trabalho que poderia acabar com as franquias no Brasil, o senhor acabaria ou manteria?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não acabaria. Já respondi a essa pergunta aqui.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Desculpe-me, mas eu estava em outro compromisso e não pude ouvi-lo.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Gostaria de reafirmar esse ponto. Corroborando com a sua colocação, hoje, na rede, temos 97,6% – dados um pouco desatualizados, mas perto disso, 95% da rede – faturando menos de R$120 mil brutos por mês.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Isso é importante!

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Corrobora muito com essa sua afirmação de que...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Noventa e sete por cento faturam menos de R$120 mil.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – R$120 mil. Tenho 36 franquias que faturam acima desse valor. Corrobora muito com aquilo que também já afirmei aqui: estamos tentando implementar as PPPs há muito tempo, e, nos Correios, em que pese a construção de essa parceria ter sido feita de forma eventualmente equivocada, como colocou o TCU, temos um grande exemplo de Parceria Público-Privada de sucesso, porque os Correios não colocaram um centavo, todo o investimento foi do franqueado, todos

os encargos, os 20 mil empregos gerados – mais ou menos isso – hoje no País são por conta deles. Temos de levar em consideração outro fato: os Correios atuam hoje em todos os Municípios brasileiros. Esse dado não é correto na medida em que pode ser até maior do que vou falar: 80% das agências dos Correios que operam no Brasil operam no vermelho. Então, vem um operador privado, com uma parceria que, volto a insistir – não concordei com o Deputado na medida em que estou transferindo do público para o privado –, não concordo com isso. Acho que, na medida em que existe uma concessão, eles são parceiros e operam em nome dos Correios lá na frente. Se a formatação, se a distribuição das franquias foi incorreta, não cabe a mim questionar isso. O órgão competente para isso foi o TCU. Essa formatação tem de ser mudada por meio de um decreto, de uma nova configuração.

Mas volto a insistir: eu não acabaria com o sistema de franquia. Muito pelo contrário, eu tenho de reforçar as medidas legislativas no sentido de dar uma formatação para que esses prestadores de serviços que investiram no negócio não se sintam, a cada cinco anos, obrigados a ter de vir ao Congresso e renovar seu contrato de franquia, ou acaba de vez – e aí o Estado que arque com o ônus de assumir 1.500 lojas de um dia para o outro, e, com certeza, o nosso Orçamento não comporta isso aí –, ou estabelecemos realmente, dentro de uma formatação aceitável por todos os Poderes, em que, vamos dizer, se trabalhe tranqüilo e cada um ganhe seu dinheiro dentro daquilo que é ético, que é respeitável, dentro da lei. E o que eu tenho defendido em minha administração lá em São Paulo desde que assumi é isto, a ética nos negócios. Passa também pelo relacionamento com os franqueados, que são grandes parceiros, e colocam boa parte dos recursos que a minha diretoria aufere. Hoje, volto a frisar, sou 47% da receita operacional da empresa e devo parte desse faturamento a eles. Pago comissionamento. Vou deixar esse documento com vocês, se for o caso aqui, que diz o perfil da rede no Brasil...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Já requisito cópia, Sr. Presidente.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – E, vamos dizer, entendo que esse relacionamento tem de ser o mais harmonioso possível. Eu não estou concorrendo com eles. Temos de trabalhar em harmonia para buscar o que está na concorrência. Eu assumi a diretoria com 37% de faturamento da empresa. Hoje, estamos com 46% para 47%, em alguns meses até 48%. Quer dizer, aumentei 10 pontos percentuais a minha participação na receita operacional da empresa, e isso ocorreu com base em procedimentos não éticos; não foi, vamos dizer, não vendo o Erário, porque, se há uma coisa que eu gostaria de reafirmar – e volto a afirmar aqui: eu amo a empresa em que eu trabalho. Eu tenho honra de trabalhar nos Correios, e é muito ruim para a gente, é muito chato estar toda hora na mídia, dizendo que tem uma quadrilha atuando dentro dos Correios, que tem um bando de ladrões, que tudo o que se faz lá dentro é irregular. Dá vontade de chorar, porque a gente é funcionário de carreira... Eu não estou aqui para fazer demagogia, e os números mostram isso: na minha administração lá em São Paulo, eu aumentei em 10 pontos percentuais a arrecadação da empresa. Sou o responsável pelo superávit da empresa; fechei em R$1,6 bilhão o ano passado, de superávit na diretoria regional de São Paulo, e a empresa, depois do cômputo geral, fechou em 317. Ou seja, eu banco o resto do País todinho. Eu não, não é? Eu estou falando "eu" é a diretoria regional. Não é o Marcos, mas a equipe do Marcos.

Então, é isso que eu gostaria de deixar bem claro. Temo-nos pautado muito pela ética, e a ética passa por um bom relacionamento com os nossos parceiros. E franqueado é parceiro, não é inimigo, não é concorrente.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Volto um pouco a esta questão de quando foram retirados esses quatro clientes maiores: só para eu entender, eles foram retirados unilateralmente em 2002?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Alguns em final de 2001, comecinho de 2002, outros durante... Na verdade, o Real e o Unibanco não chegaram a ser retirados, não é? Não permitimos a vinculação, e os clientes nem fizeram o movimento de migrar correspondência por FAC. Então, eles continuaram usando contrato antigo e o tempo inteiro nos cobrando a vinculação, porque eles queriam migrar correspondências da máquina de franquia para o contrato FAC – para eles era interessante financeiramente –, mas queriam que as ACFs que os atendiam até então, durante anos, pudessem receber o comissionamento pela pré-postagem desses objetos. E nós não permitimos, volto a insistir. Lá atrás, unilateralmente, nós não permitimos.

E o que eu fiz agora, pedindo à diretoria comercial dos Correios que aprovasse de forma excepcional, foi, sim, voltar a média histórica à época do pedido, para restabelecer o relacionamento comercial com o franqueado, ou com os franqueados, e principalmente com o nosso cliente estratégico, que sustenta essa empresa. Então, o ato para mim é ético. Se entendem que não seja, que eu estou dando dinheiro público para privado, aí...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Não, a pergunta é: nesse cálculo, o senhor volta até 2002

e afere o que era antes e o que é agora? Como foi a aferição desse...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na verdade, é o seguinte: o manual de comercialização e atendimento dos Correios, que é o que baliza esses relacionamentos – vínculos e contrato –, permite que um cliente como o Real, por exemplo, peça vinculação de seu contrato numa agência franqueada.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – OK, isso aí eu entendi.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Então, a partir do momento em que ele pediu a vinculação, eu faço uma análise e vinculo o contrato; porém, como ele tinha um relacionamento anterior comigo, ele já postava dentro de um contrato que foi cancelado e...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – ... e aberto um novo.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – ... estabeleceu-se um novo, aqueles objetos que já eram postados com os Correios entram num cálculo para estabelecer uma média histórica. Média histórica é isto: o cliente já tinha...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sim, mas são 12 meses, 24...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Seis meses a partir do pedido do cliente, para trás. É isso que determina a regra, porque ele não vai...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – A regra dos Correios. Quero trazer um dado da minha vivência. Trabalhei muitos anos com distribuição e com áreas de representação e comissionamento, e nós éramos obrigados, no caso de pessoa física, a recuar, na composição da média, até 36 meses.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É que, no caso dos Correios, a gente entende que seis meses é adequado. Qualquer um desses grandes clientes estratégicos não muda a base de relacionamento com a gente de um mês para o outro significativamente.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E o ganho do novo contrato do franqueado é acima do patamar médio dos últimos seis meses?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na verdade, quando estabeleço essa média dos últimos seis meses, é para assegurar que, a partir daquele momento, pegando um exemplo prático hipotético ...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Pode fazer teoricamente que não tem problema.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É para ficar mais claro.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Senador, já prorrogamos bastante o prazo de V. Exªs.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – É que o Deputado José Eduardo Cardozo inquiriu por mais de horas, por duas e pouco.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Três horas.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Mas isso é usual entre os Relatores, inclusive V. Exª está acostumado, inclusive com o Deputado Osmar...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Estou há três horas esperando. Tenho mais algumas perguntas rápidas.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não acabei de responder essa última, não é?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Indago ao Plenário, se concedo, porque ...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Só mais cinco minutos. Não precisaria de mais. Acho que contribui para os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Não posso ser injusto com os demais. Se V. Exªs concordarem, tenho o maior prazer.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Cinco minutos, não mais.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sr. Presidente, posso terminar o raciocínio, só para ficar claro?

Então, hoje, o cliente está comigo, ele fatura R$10 milhões, e há mais R$10milhões que ele pode ir direto com o franqueado. Quando estabeleço a média histórica e passo a vincular ao contrato – esses R$10 milhões são meus, Correios -, só que o contrato, no mês que vem, vai ser faturado em R$20 milhões, eu só vou pagar a comissão em cima dos R$10 milhões que excederam os meus R$10 milhões. Essa é a média histórica, para preservar o relacionamento anterior direto comigo.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Então, na verdade, é aquela história, que é uma discussão também de perfil ideológico, quando os Estados faziam o acerto para a traçar investimentos com ICM futuro. Ou seja, se havia uma média de arrecadação do ICM, só havia o benefício sobre o ICM adicional.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Exato. A média histórica é mais ou menos a mesma lógica.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – É a mesma lógica. Quer dizer, se não houvesse o interesse do franqueado e do cliente em ampliar, seja por lojística, seja por ocupação, sejam quais forem as razões...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Se ele não agregasse um único centavo a esses R$10 milhões que já eram meus, eu não pagava um centavo de comissão.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Se fossem os R$10 milhões, os Correios não pagavam um centavo. Entendi.

É importante deixar registrado para que haja a compreensão do que estamos fazendo. Vou perguntar bem rápido, porque o meu tempo é curto. Aí o senhor procure ser bem sintético.

O Sr. Maurício Marinho, que deu origem a toda essa celeuma dentro dos Correios, fez declarações, envolvendo as franqueadas, e vou transcrever uma declaração e, em seguida, faço um conjunto de questões objetivas.

Ele afirma que o valor estimado para sonegação de receita nos Correios é um intervalo entre R$4,5 milhões e R$9 milhões mensais. As estimativas são de que a sonegação poderia chegar a mais de R$1 bilhão por ano. E afirma ainda que o faturamento oficial de todas agências franqueadas gira em torno de R$2 bilhões, dos quais R$600 milhões pertencem às franqueadas, a título de comissão devida pela ECT. Ele fala a verdade, o Marinho?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu acho que ele fala muita coisa sem embasamento.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Certo.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O faturamento das franqueadas eu acho que gira em torno de dois bilhões/ano – faturamento bruto. O comissionamento gira em torno de R$500 milhões, R$600 milhões, em função da regra que é contratual. Ninguém inventou nada aí. Agora, ele inferir que existem aí esses números de evasão de receita, ele não tem base alguma para dizer isso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Ele também falou que nas agências onde há máquinas digitais, estas têm como objetivo registrar o que entra e o que sai em termos de objetos postais. E diz que há fraudes por não controle nas agências franqueadas. A respeito dessas declarações, eu lhe pergunto se não há, de fato, controle dos objetos postados nas agências franqueadas ou há controle?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Hoje, existem três tipos de máquina: mecânica, eletrônica e digital. Obviamente, entre as mecânicas – eu já tive oportunidade de discorrer sobre o assunto – algumas têm mais tempo de vida que nós, mais de 40 anos de uso. Quer dizer, são mecanismos que já estão saturados e ultrapassados. Então, resolvemos, por determinação da diretoria da empresa, transformar o parque de mecânico e eletrônico para digital. Só que não conseguimos fazer o movimento completo ainda, porque são muitas agências, e não há equipamentos suficientes.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Essas grandes estão digitalizadas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Em São Paulo, sim.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – As que estão... As grandes... Essas...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Das 200 maiores franquias dos Correios, seguramente, 150 estão em São Paulo. E, em 65 delas, eu implantei máquina digital.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Então, essas maiores estão digitalizadas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – As maiores, sim.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Então, o controle...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O controle é efetivo, e eu tenho controle – vamos dizer – individual: pessoas que ficam dentro da franquia – nas maiores pelo menos eu tenho presencial – checam todo o trâmite de máquina, de movimentação de carga nessas agências. Então, lá em São Paulo, de dois, três anos para cá, intensificamos os controles para evitar esse tipo de – vamos dizer – afirmativa de que existia fraude na rede. Se existia – vamos dizer –, nós coibimos, com aumento de supervisão.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Com as máquinas digitais, não há condição de ter fraude?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Olha, até agora, não temos nenhum histórico de que essas máquinas são fraudáveis, não é?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E por que – a última pergunta, faltando 27 segundos – o Sr. Maurício Marinho fez essas declarações tão graves? Há algum interesse por trás disso? O que o senhor pode identificar sobre isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não posso afirmar nada, primeiro, porque eu não tinha relacionamento direto com ele. Ele era da administração, não é? Tínhamos pouca convivência. E não sei o que o motivou a – vamos dizer – fazer essa inferência na área comercial e dizer que existia esse...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Ele conhecia a operação do sistema de franqueamento?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Olha, eu não vou assegurar com certeza, porque, apesar de ele ter 28 anos de casa e eu também ter 28 anos de casa, eu entrei quase um ano depois que ele. Ele trabalhava em diretoria diferente, e tivemos algum contato agora. Não sei se ele chegou a atuar em área

comercial, em outras diretorias em que ele trabalhou. Parece que no Rio de Janeiro, sim. Mas eu não tenho dados para informar se ele conhecia esse processo.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Deputado Onyx Lorenzoni, agradeço a V. Exª pela participação.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sou em quem agradeço penhoradamente ao Presidente pela gentileza e paciência para com este Parlamentar.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Estou sendo informado de que está havendo votação nominal. Portanto, vou suspender a reunião por 15 minutos, para que possamos votar. Então, voltaremos aqui. O próximo inscrito é o Deputado Arnaldo Faria de Sá.

(Suspende-se a reunião às 17 horas e 30 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 17 horas e 31 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Convoco o Deputado Arnaldo Faria de Sá para presidir a reunião, e o Senador Wellington Salgado fará as suas indagações.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Muito obrigado pelo carinho. É uma oportunidade única de ter aqui o Diretor dos Correios, e realmente há algumas perguntas que gostaria de fazer, porque eu não entendo bem desta matéria e tenho interesse nela. Quase todas também o senhor já respondeu, a questão das Galaxies 500, que são as máquinas, são 1.500; a da franquia; o que é média histórica, uma dúvida que eu tinha.

Agora, eu não vi até agora o seguinte: a grande polêmica é por que os Correios escolheram 2000 como o ano para calcular a média histórica? Para não haver o raciocínio de que deram prejuízo os Correios, pergunto se o faturamento dos Correios aumentou de 2000 para cá? Aumentou dentro de uma média histórica de crescimento da economia ou aumentou além disso?

Se a equipe trabalhou bem, deu um resultado melhor? O senhor falou para mim que os Correios faturam aí perto de R$2 bilhões. Quanto foi que o senhor falou? Só de São Paulo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O meu lucro operacional no ano passado foi de R$1,6 bilhão.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – E faturou quanto?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A empresa, no geral, deu um lucro operacional de R$317 milhões.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – O senhor, então, tampou o resto do buraco. É isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com certeza. A Diretoria de São Paulo é a que mais arrecada no País.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – São Paulo sempre com muito dinheiro, não tem jeito. Diga-me como foi o crescimento...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Muito dinheiro e muito trabalho, não é, Senador?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com certeza.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Está bom, com todo o respeito. Trabalho e dinheiro, claro.

O senhor cresceu bem o faturamento? Como foi isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu posso ler os números de 2000 para cá?

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Isso, isso.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Faturamento da ECT em 2000. Vou arredondar: R$3,8 bilhões em 2000; R$5 bilhões, em 2001; R$6 bilhões em 2002; R$6,5 bilhões em 2003; R$7,6 bilhões em 2004. E, até agora, até julho, R$4,8 bilhões.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Então, isso quer dizer o seguinte: estamos aqui discutindo que essa diretoria deu um prejuízo aos Correios de R$10 milhões, segundo o TCU. E o senhor demonstra que obteve um crescimento, de 2000 para cá, de R$2 bilhões para R$7 bilhões, não é isso?

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – De 2002.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – De 2000, porque eu quero a data base, que foi a data que ele colocou para a média histórica.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Em 2000, ele não era o diretor. Ele só é diretor a partir de 2003.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – E esse faturamento que eu li foi o faturamento total da empresa. Se quiser eu dou o meu também.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Está bom. Em 2003, de quanto foi o faturamento?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Foi de R$6,5 bilhões.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – De quanto foi em 2004?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – De R$7,6 bilhões.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Então, o senhor cresceu R$1,1 bilhão?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – R$1,1 bilhão na empresa como um todo.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Na empresa como um todo, o senhor cresceu R$1,1 bilhão?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Isso.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Então, essa mesma diretoria que fez um crescimento de R$1,1 bilhão deu um prejuízo de R$10 milhões nos Correios? Foi isso o que o TCU disse?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, na verdade eu não dei prejuízo. É semântica, não é?

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – É o que o TCU diz. A sua interpretação já ouvi.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu transferi R$10 milhões para a rede franqueada indevidamente. Indevidamente, não...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – R$10 milhões, mas, mesmo assim, essa mesma diretoria que está sob fiscalização aumentou em R$1 bilhão o faturamento?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não transferi, a empresa transferiu.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Os Correios, a diretoria que estava acima, essa mesma que tinha aquele senhor que pegou o dinheiro. Todo mundo imagina uma cena corrupta perfeita: você pega o dinheiro e não olha e bota no bolso. Todo mundo imagina ver um corrupto...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Essa é corrupta, a outra é legal.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Aquele cidadão que criou tudo isso que está acontecendo aí com R$3 mil.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, sim.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Ou seja, cresceu, aumentou o faturamento muito...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na diretoria regional, particularmente, foi de R$2,8 bilhões, em 2003, para R$3,4 bilhões, em 2004.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Ou seja, discutem-se R$10 milhões quando os senhores aumentaram o faturamento em mais de R$1 bilhão.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – As épocas são diferentes. Eu teria de analisar o dado atual, porque esses R$10 milhões são alguma coisa que vai acontecer até o final deste ano.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Estou entendendo. Já entendi, mas estou dizendo neste ponto agora, neste momento em que estamos discutindo. Quer dizer, demonstrou que houve um bom rendimento.

Faço outra pergunta: os grandes postadores, que são os bancos, porque recebemos nosso extrato em casa, recebemos tudo em casa, porque há o que o senhor chamou de F...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – FAC, Franqueamento Autorizado de Cartas.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Eu, por exemplo, antes de ser Senador, tinha uma empresa, e de repente apareciam uns *motoboys* que entregavam essas correspondências rapidamente. Com certeza – não sei se é legal ou não –, competiam com os Correios, porque entregavam direto.

Quando há esses grandes postadores, como Bradesco, Itaú, que são bancos, não se pode disponibilizar um carro para pegar esse material e postar, porque isso é recurso, e o senhor não tem dinheiro, nem autorização para mandar um carro pegar. É isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É, em alguns casos eu teria que, vamos dizer, cobrar essa coleta. Posso fazer, mas teria de cobrar.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Teria que cobrar dele. E o franqueado faz sem isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O franqueado, em alguns casos, faz esse movimento sem cobrar.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Coloca no faturamento dele.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Isso não está em nenhum documento. Estou afirmando até por relacionamento pessoal que tenho com alguns; a gente sabe que isso acontece.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Existe a necessidade de esses grandes postadores precisarem desses transportes que você não pode dar e o franqueado pode dar? Existe uma demanda de mercado, com base na qual eles ligavam para você, reclamando que precisavam disso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Já houve consultas nesse sentido. Hoje, por exemplo, lá em São Paulo, para o Bradesco, em particular, faço esse movimento, eu, Correios.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – E por que você não faz para o Itaú, só faz para o Bradesco? O Bradesco é o meu banco, gosto do Bradesco. Mas por que você só faz para o Bradesco?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É como sempre tenho reafirmado aqui. A demanda inicial tem que ser do cliente. Então, se o cliente não pede determinadas coisas, não posso fazer. E cobro por isso. Então, de repente, na relação que ele tem com outros prestadores de serviços, em alguns casos até com as franqueadas, esse valor não aparece na planilha, não é cobrado. Mas é uma prerrogativa que eles têm em função do relacionamento.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – E, nessa demanda de mercado pela qualidade, pela melhor prestação de serviços que os bancos precisam passar para o cliente, inclusive as exigências de mandar extrato mensal, que a legislação manda, quer dizer, você foi obrigado a passar isso, de alguma maneira, para os franqueados, para poder prestar um serviço melhor?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na verdade, é uma agregação de valor que eles construíram ao longo do relacionamento. Com os grandes clientes, isso não acontece muito no varejo, porque as demandas deles são muito grandes. Hoje, por exemplo, tenho caminhões meus coletando cargas, direto nas gráficas que produzem o serviço desses grandes clientes, porque o volume justifica.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Com licença, caminhões seus. Você fala caminhões dos Correios, não é?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Correios.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Não é seu.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não, não sou transportador. Sou funcionário, recebo o meu mensalão todo mês no holerite.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Deixe-me fazer uma outra pergunta.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Seu salário é R$30 mil?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, senhor, é R$11.036,00, com o aumento deve ter ido para um pouquinho mais.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – O que você chamou – eu estava ouvindo aqui, desde o início – de impressão que fazem com prestação de serviço, existe alguma empresa especializada em fazer esse tipo de serviço?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Desculpe, qual serviço?

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – O de impressão.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Ah, sim. Temos gráficas hoje especializadas em atender a esses grandes clientes. O volume de papel é muito grande.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Qual é a maior gráfica que atende a esses clientes?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Olha, conheço a Xerox, por exemplo, que tem um grande Print Center lá em São Paulo; a Interprint, ali no começo da Rodovia Anchieta; a Print Laser, no Tamboré; a BMK, na Lapa.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Essas "print" são todas formadas por máquinas da Xerox?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não. Tem máquina IBM...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Há outras máquinas também?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tem também.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – E a Xerox tem quantos por cento desse mercado?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não sei. Vamos dizer, aí é maquinário, não conheço. Pode até ter uma outra terceira ou quarta empresa que forneça maquinário...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Você falou em Correio Híbrido.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – O Correio Híbrido daria prejuízo para essas gráficas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Olha, na verdade, eu não diria que daria prejuízo. A licitação já foi feita, nós já...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Não, não. Não estou falando em licitação. Estou dizendo o seguinte: operacionalmente, pelo que aprendi de correio híbrido, por exemplo, o que se imprime aqui, coloca-se no avião e vai-se entregar em outro local, vai-se direto para lá, imprime-se lá ou entrega-se lá de alguma maneira. É isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Isso, exatamente.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Então, quando fizer isso... Isso já é feito em outros países do mundo? Como está o nosso correio comparado com os do mundo inteiro? Como ele está situado?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Em termos de qualidade, o correio brasileiro não fica devendo para nenhum correio do mundo, e, em termos de comparação, poderíamos dizer que ele é o quarto, quinto correio do mundo em termos de qualidade e efetividade.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – E esses quatro que estão à frente dele, ou esses três que estão à frente, já têm o correio híbrido implantado?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sei que tem na Itália, nos Estados Unidos, na Austrália, na França...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Japão?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Japão, com certeza.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Mas tem isso que vocês chamam de correio híbrido já implantado?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O correio brasileiro, nesse particular do correio híbrido, está atrasado em relação a outros correios de primeiro mundo.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – O correio híbrido não é uma invenção brasileira?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não inventamos a roda nesse particular. É uma coisa que já existe lá fora, é uma idéia não vou dizer que copiada, mas é uma agregação de valor ao processo. É aquilo que foi dito: de repente, deixo de imprimir tudo num local e tenho que transportar fisicamente para o Brasil inteiro e passo a imprimir em locais o mais próximo possível da distribuição.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Ou seja, vai-se diminuir transporte aéreo, impressão aqui, tudo isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Impressão, não, porque ela vai continuar sendo impressa lá na frente, mas vai diminuir toda a logística de transporte, com certeza. E agrega-se o valor, porque posso encurtar prazos...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Você continua com o mesmo preço, faturando mais para os Correios, dando uma maior margem de resultado?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com certeza, esses clientes vão ter um contrato direto com os Correios, e não tenho dúvida de que vai ser bom para eles e para nós. Porque não imagino uma solução que seja mais cara do que é hoje.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Alguma vez a diretoria nacional o procurou para pedir para fazer algo fora do regulamento ou do manual dos Correios?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Ou seja, o modelo que sempre existiu nos Correios, durante o período da gestão dessa diretoria que caiu inteira, sempre foi do mesmo jeito: seguindo o manual?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na verdade, se houvesse esse tipo de pedido para mim, eu não aceitaria.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Não, mas sei que você não aceitaria. Eu estou dizendo, perguntando o seguinte: houve em algum momento esse tipo de coisa?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, porque...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Você teve alguma vez, recebeu um telefonema, com aquele cidadão que recebeu aquele dinheiro, não?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O Maurício Marinho?

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – É, o Maurício Marinho.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não era da mesma área, e o relacionamento...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Ele fez algum pedido para algum franqueado, a pedido de algum diretor, para passar cartas que são postadas no Correio para algum franqueado?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não tenho conhecimento.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Você recebeu alguma ordem da diretoria de cima para tirar serviços, já que você tinha informação de grandes para passar para franqueado?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Como um diretor que está lá em

cima poderia ganhar dinheiro de alguma maneira com franqueado?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Aí...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Porque a todo momento estou vendo na imprensa que, de alguma maneira, levaram dinheiro. Você falou para mim que subiu o faturamento em R$1 bilhão e o TCU diz que você deu um prejuízo de R$10 milhões até hoje, porque ainda não terminou o ano. Diz: "...a diretoria que estava levava dinheiro de alguma maneira em cima de franqueados, passando cartas de grandes postadores para franqueados". Quer dizer que isso não aconteceu?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A grande forma, por exemplo, de a gente fazer transferência legal de recursos para a rede franqueada é através do aumento do movimento de faturamento dessas franqueadas. Então a política comercial que foi adotada em final de 2004 deu incentivos para que a rede buscasse mais clientes que estavam na concorrência e trouxessem para dentro dos Correios. Então é uma transferência legal. Relacionamento informal, desconheço.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Vou fazer a última pergunta, porque o Presidente me concedeu esse carinho especial.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PDT – SP) – À vontade; tem três minutos seus ainda.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Muito obrigado, Sr. Presidente.

É a última pergunta, vou insistir nisso. Existiu algum memorando da ex-diretoria dos Correios, que caiu inteira, para São Paulo, que representa 45% do faturamento – é a informação que você deu – para que se tivesse transferência de pessoas que postavam para franqueado? A todo momento, é falado isso na Comissão. É falado que, de alguma maneira, houve um trânsito de informação passando para os franqueados de grandes postadores. Isso não aconteceu?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, à exceção daqueles quatro casos, que já tivemos oportunidade de relatar.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – São bancos?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – São aqueles quatro bancos, que a gente fez um movimento retroagindo a média histórica...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Então, por que todo dia a imprensa fala, alguns componentes desta Comissão falam que ouve uma transferência de dinheiro dos Correios, essa questão que foi levantada aqui, da média histórica em 2000, esses R$2 milhões que o TCU, ou seja, a diretoria aumentou em pouco mais de R$1 bilhão o faturamento e o TCU disse que deram um prejuízo de R$10 milhões até hoje, e que isso está estimado até dezembro?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Bom, é um opinião particular minha. Acho até injusto que a coisa aconteça dessa forma. O Sr. Maurício Marinho, que todos viram cometer um ato delituoso, é ouvido e tem credibilidade. Em nenhum momento, foram ouvir o Diretor Regional de São Paulo, a imprensa não deu o mesmo espaço. Quer dizer, estou afirmando aqui, eu aumentei a produtividade da minha diretoria em dez pontos percentuais em dois anos e meio. Estou fazendo uma gestão baseada na ética do negócio, aumento o faturamento da empresa, sou responsável pelo superávit da empresa, em nenhum momento, o Diretor Regional de São Paulo foi procurado. Notícia boa parece que não vende. E vem aqui um cara que não tem credibilidade nenhuma, fala um monte de inverdades, como isso que foi colocado agora há pouco pelo Deputado Onyx Lorenzoni, e vira verdade. E a gente lá dentro vira quadrilha. É isso com que tenho me debatido. Estamos muito chateados dentro da empresa porque somos quase 109 mil funcionários e não merecemos esse tipo de tratamento pela imprensa e até pelo Congresso.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Para mim, aqui, da sua exposição, Sr. Marcos, só vi uma coisa que deveria estar melhor escorado, mas assim mesmo vocês produziram: a questão da média histórica. Vocês deveriam ter tido um parecer, alguma coisa da Procuradoria de algum lugar. Isso te deixou vulnerável nessa questão muito bem levantada pelo Secretário. Agora, vocês precisam esclarecer. Eu queira, Sr. Presidente, que ficasse bem claro isso porque hoje eu fiquei aqui desde o início da sua exposição e eu estava aqui sozinho, onde não tinha ninguém que acusa todo mundo aqui. Fiquei um pouco triste. E foi bem, você respondeu bem, mostrou segurança.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Obrigado.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Acho que a questão que eu achei um embasamento fraco você falar que foi pela ética que tomou aquela decisão teria que ter um parecer de algum órgão do Correio. Acho que está vulnerável nesse ponto.

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, mas houve... não foi uma iniciativa particular minha.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Mas você tem um parecer? Você

tem um parecer que podia voltar a média histórica para 2000?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu fiz essa proposição a Brasília...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Não... Sou muito objetivo. Você tem um parecer?

O SR. MARCO ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Foi com base nesse relacionamento anterior que eu embasei o meu pedido.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Você tem um parecer? Você não tem um parecer?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu tenho autorização para fazer, em função da minha solicitação.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Você teve autorização de cima para fazer?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim, claro.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Mas não tinha um parecer?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu não vi o parecer, se foi feito para aprovação ou alguma coisa... Eu recebi um documento, autorizando-me a fazer o movimento.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Está bom.

Sr. Secretário, Sr. Presidente, obrigado pela atenção.

Fico um pouco triste de ter ficado aqui sozinho muito tempo. Também, hoje tivemos várias reuniões de CPIs, com vários acontecimentos importantes.

Acho que você se colocou muito bem, mas continuo falando que o único ponto foi o que o Secretário debateu bastante nessa questão da média histórica. Porém, fico chateado de vê-lo aumentar o faturamento dos Correios em R$1 bilhão, e o TCU dar o parecer de que você - ou a diretoria que estava - está dando um prejuízo de R$10 milhões. É um absurdo! Queria eu, na minha empresa, um diretor que me desse um prejuízo em R$10 milhões e que aumentasse o meu faturamento em R$1 bilhão, que nem tenho.

Está-se crucificando todo mundo por uma rapinagem nojenta, que é aquele – eu lembro – "lance" de pegar o dinheiro, nem olhar ele e de botá-lo no bolso, olhando-se para o outro lado. Quando se imagina um corrupto, é assim. Foi a cena clássica que o cidadão fez. Aí todo mundo cai, ninguém defende ninguém, vira uma Torre de Babel. Depois, é tudo isso que aconteceu no Brasil.

Muito obrigado pelo carinho e pela atenção, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Agradeço a V. Exª, ilustre Senador Wellington Salgado de Oliveira.

Passo a palavra ao Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, Sr. Relator, Marco Antonio Vieira da Silva, qual a outra área dos Correios, em São Paulo, que tem dado resultado positivo, além dessa franqueada?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A franqueada é parte da nossa força comercial. Então, tenho assistentes comerciais, gerentes de contas especiais, contratos de logística integrada, que são operados diretamente pelos Correios. A rede franqueada é parte da força comercial.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Tirando-se a rede franqueada, qual outro setor dos Correios de São Paulo dá resultado econômico para a empresa?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A diretoria de São Paulo é superavitária em mais de... O R/D é mais de 200%. Então, praticamente... Praticamente, não, tudo que fazemos em São Paulo tem resultado positivo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na área das franqueadas, os problemas já foram localizados em quase dois anos e meio da sua administração. Qual foi o problema na ACF Atalaia?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A ACF Atalaia foi problema, vamos dizer, de incompatibilidade dos dados financeiros com os dados físicos. Aquilo que precisamos. Fizemos uma checagem física do material entregue naquele dia, que não bateu com a informação financeira que nos foi fornecida. Deu diferença – para menor, é claro. Ele postou R$10 mil financeiramente, e eu tinha R$15 mil, por exemplo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A ACF Campo Grande?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mesmo problema.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A ACF Celestino Bourrol?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mesmo problema.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A ACF Engenheiro Novo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mesmo problema.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A ACF Grajaú?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O caso da ACF Grajaú é um pouquinho diferente. Já não era da minha gestão, foi antes da minha gestão. Ela atendia um cliente de grande porte e estava cobrando tarifa inferior à praticada pelos Correios, na apuração que foi feita. Aí, no esclarecimento que deu, ela tinha uma empresa *courrier*, trabalhando em parceria com ela. Quem captava o serviço era essa *courrier*, e o que ela não entregava passava para ela. Só que quem emitia fatura do total de serviço captado era ela. Então, não batia a contabilidade do que era colocado nos Correios fisicamente com o dado que ia para o cliente. Daí, fizemos todo um processo, que ainda não se encerrou, de apuração dessas diferenças e estamos negociando a recuperação do débito auferido.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Jardim Miriam?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Jardim Miriam, encerramos o processo, e não houve dolo. Nem advertência, ela recebeu.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Jurema?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Essa, se não me engano, até descredenciamos. Estava funcionando sob liminar. Tem um débito pendente, e estamos negociando. O processo não está encerrado ainda.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Laranjeiras?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Parecido com as demais: fraude em máquina de franquia, transferência de titularidade sem autorização dos Correios e captação de serviços em outras praças, trazendo para São Paulo para postar lá, com preço diferenciado. É mais de um caso envolvendo essa ACF.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Luís Góis?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Essa é a da Câmara Municipal de São Paulo. Em 2003, no início da Legislatura, foi identificado lá um faturamento muito grande com essa ACF, e não houve, vamos dizer, a contrapartida, ou desconfiou-se de que havia algum problema nas entregas, nas postagens feitas. Só que a gente internamente encerrou o processo, no que diz respeito ao âmbito da ECT, sem que houvesse a possibilidade de cruzar os dados dos objetos que a Câmara entregou para ele, porque não nos foi fornecido.

Então, não houve conclusão de que havia dolo porque nós não tínhamos a informação do interessado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Geograficamente, Câmara Municipal no centro e a ACF Luiz Góes, a distância é muito grande.

Isso não é uma inconsistência?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Se a gente for analisar sem conhecer o processo franquia, com certeza sim, até porque eu tenho do outro lado da rua da Câmara Municipal uma ACF, é a Maria Paula, se não me engano.

Por que não trabalha com aquela e resolveu trabalhar com a outra? No processo de captação dos clientes, existem vamos dizer fatores que são imponderáveis: amizade, relacionamento, algum benefício extra de coleta, manuseio, armazenagem que foi agregado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Geograficamente, o senhor conhece esses dois pontos: Câmara Municipal e ACF Luiz Góes?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Conheço. Eu tenho casos piores. O cara sai de uma cidade e vai coletar em outra, por conta da vantagem econômica que ele aufere nisso aí.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual é esse exemplo pior que o senhor está falando?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Há vários.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Cite um.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Posso pegar qualquer agência da grande São Paulo, ele atravessa fronteira e coleta clientes na cidade de São Paulo e vice-versa.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E não o é permitido isso?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É permitido. Não há nenhum inconveniente nisso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E por que no caso da ACF Luiz Góes foi aberto um processo?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na época, pelo que eu lembro, desconfiou-se de que o faturamento estaria acima do que ela estava entregando de objetos para ele faturar ou franquear.

Então, o relacionamento não estava claro. Eram emitidos cheques em favor da ACF e desconfiava-se de que não estava sendo entregue vamos dizer correspondência no mesmo volume.

Esse foi o mote de que...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E essa desconfiança da Câmara se configurou ou ficou...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – No meu relatório de sindicância, não. Só que eu não

pude concluir no sentido de detectar algum tipo de informação porque eu não sei, a Câmara não informou para a Diretoria Regional dos Correios o quanto ela entregou de correspondência para esse franqueado. Então, eu não pude fechar o circuito. Ela disse que disse que tinha falhas, mas não disse quanto.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Espero um pouco. A Câmara disse que houve falhas, mas não disse quanto ela utilizou para configurar a falha?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Exatamente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Coisa meio estranha aí, não é?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com certeza. Na hora de fechar o circuito a gente não pode concluir porque não tinha a informação.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Miguel Stéfano.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Se não me engano, foi diferença de contabilização também, mas foi esclarecido. Nesse caso, parece que a gente encerrou o processo dias atrás inocentando a ACF.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Nossa Senhora das Vitórias.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É problema de diferença na contabilização do físico com o faturado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Rochdale.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Essa aí tem vários casos. Quando eu assumi a diretoria já estava funcionando sob medida liminar. Ela já tinha sido descredenciada e conseguiu continuar funcionando através de uma medida liminar. Posteriormente, a gente pegou fraude também na contabilização.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Santo Estevão.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mesmo problema...A Santo Estevão, não. Tem a Nossa Senhora das Vitórias, que a gente pegou a fraude. E a Santo Estevão, por ser do mesmo proprietário, a gente fez uma...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Contaminou.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Contaminou. Exato. Mas também está em andamento o processo. Não posso afirmar que há problema lá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O mesmo proprietário pode ter mais de uma ACF?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Pelo no nosso regulamento interno até duas.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Duas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Alguém tem mais de duas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não conheço, se tiver...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Desconfia.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não. Não desconfio. Se tiver tem outra pessoa levando o negócio que não...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – "Laranja"?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O nome pode ser esse aí, mas não conheço casos em que o cara tem mais de duas. Oficialmente, não existe.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Vila Anastácio.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Problema de contabilização também. Já foi resolvido, inclusive com a recuperação dos valores auferidos.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF de Vila Dirce.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O processo está em andamento e o problema é o mesmo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Vital Brasil.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mesmo problema.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ACF Washington Luiz.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O mesmo problema.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Apesar de vários problemas serem citados e vários terem sido resolvidos, vários serem resolvidos, são imprescindível para os Correios as ACFs?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Penso que sim, porque temos uma rede de mais de 1.400 lojas. A grande maioria dessas lojas trabalha de forma honesta, dentro da ótica que entendemos que seja a da prestação de um serviço por um franqueado, atendendo basicamente varejo e pequenos clientes de Correios que, vamos dizer não demandariam atendimento especial por parte da estrutura própria da empresa. Exemplifico: é um cliente que posta dois ou três mil objetos por mês. Não tenho condição de dar um tratamento diferenciado a ele, mas as ACFs, com certeza, dão.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Os Correios teriam condição de assumir todas as ACFs e de torná-las agências próprias?

O SR. MARCOS ANTONIO VEIRA DA SILVA – Não.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nem as mais rentáveis?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Muito menos. Veja bem, vamos separar: as rentáveis normalmente trabalham clientes de contrato. Então, o perfil da rede que consideramos ideal é aquela que atende o público em geral. Temos por obrigação, pela Constituição, universalizar serviços postais. O grande franqueado, sua receita não advém do varejo, mas de contratos que são formalmente estabelecidos com os Correios. E pago comissão por estarem vinculados àquela agência. Então, se eu assumir as grandes, resolvo o problema? Não é por aí.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E aquelas ACFs pequenas, de extrema periferia, como se sustentam?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O comissionamento de agência de correio franqueada varia de 40% para aquelas que faturam até um determinado valor. Na medida em que esse faturamento vai crescendo, vai diminuindo de 40% até chegar a 10%. Então, até R$400 mil existe essa escala decrescente. A partir de R$400 mil, podem ser R$10 milhões, o comissionamento é fixo em 10%.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então, a remuneração das ACFs é variável, não é fixa?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É variável em função do volume que nos entrega mensalmente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Essa é uma tabela nacional ou regional?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Uma tabela nacional. Funciona no Brasil inteiro.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor poderia fazer remessa dessa tabela para a CPMI, para que possamos...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Está aqui comigo. Se o senhor quiser, passo-lhe às mãos.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Gostaria que o senhor entregasse ao Presidente. Não era do conhecimento pleno desta Comissão que havia preços variáveis de remuneração das ACFs. Agora, essa informação é extremamente relevante e poderá corroborar os nossos serviços, para termos uma nova avaliação a respeito das agências franqueadas.

A Comissão entendia que essas agências franqueadas tinham uma única forma de remuneração. Agora, Marcos Antonio da Silva, Diretor-Geral de São Paulo, está informando que a remuneração é variável. Esse percentual é estabelecido por quem, Sr. diretor?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Essa é uma regra que foi estabelecida já desde o início do processo de franquias. Ele foi evoluindo e se aprimorando. Inicialmente, quando... É uma lembrança; não tenho certeza dos fatos nem da época. Quando se iniciou, o sistema de franquias começou com uma remuneração fixa. Depois, verificou-se que não era viável, que dava prejuízos, que eles não conseguiam sustentar o negócio. Aí, foi aprimorando até chegar a esse...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então, na verdade, as agências franqueadas de periferia, que têm um menor faturamento, têm uma compensação por uma maior remuneração percentual?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Para o senhor ter uma idéia, para até R$8 mil pago 40% de Comissão, ou seja, R$3.200.00. Hoje, no Brasil, das 1.500 franquias, algo em torno de 250 está nessa faixa. Ou seja, elas faturam R$8 mil bruto por mês, e repasso 40% desse valor para elas sustentarem o negócio. O senhor há de convir que são R$3.500,00. Se eu tiver que alugar um imóvel, contratar três, quatro pessoas, fazer todo um processo de coleta e um sistema de transporte, essa quantia não sustenta o negócio. Normalmente, essas agências são familiares, essas menores. Quer dizer, o cara investiu todo o dinheiro que tinha nesse negócio. E temos o perfil, faixa por faixa, de quantos franqueados existem.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual a jurisdição da sua diretoria?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Área metropolitana do Estado de São Paulo e mais o litoral sul, indo até a divisa com o Paraná.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então, São Paulo tem duas diretorias regionais?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim. Essa, e o resto do Estado fica com a diretoria do interior.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Onde é a sede da diretoria do interior?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A sede da diretoria do interior fica em Bauru.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Tem alguma subordinação a diretoria de Bauru à sua diretoria?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Nenhuma. Somos independentes.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Depois de algum tempo na diretoria regional, qual é o erro que precisa ser corrigido nas franqueadas?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O grande erro não é nem para ser corrigido nas franqueadas. O grande erro é a gente definir a regra do jogo claramente. Então, na medida em que o TCU, lá em 1993, disse que o processo de concessão de franquias era irregular e que estabelecia um prazo para que a empresa e o Ministério das Comunicações estabelecessem regras claras de convivência, até hoje, passados mais de dez anos, não conseguimos uma formatação que acomodasse a situação no sentido de que todos os participantes se sentissem satisfeitos. Acho que a gente precisa é de regulamentação, é de tranqüilidade para trabalhar, porque a cada período de...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor tem uma idéia mínima de regulamentação que o senhor poderia oferecer à Comissão por estar vivenciando o problema?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Olha, a gente em 2002, 2003, fez uma tentativa de colocar um processo licitatório no mercado que se mostrou frustrado, tanto é que a gente interrompeu esse processo. Então a empresa está por lançar uma nova formatação, e o que a gente gostaria é que as atuais franqueadas se enxergassem dentro dessa nova rotina. Mas eu não estou fazendo parte do grupo de trabalho que está formatando isso aí. Então, não tenho detalhes.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor tem idéia...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eu defendo esse posicionamento.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor tem idéia do que deve ser minimamente regulamentado para poder acertar essa questão dos franqueados?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sim.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor poderia remeter para a Comissão a sua sugestão?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Posso, com certeza. Só que teria que preparar algum material, porque não tenho disponível.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não tem pressa, até porque isso vai fazer parte de um relatório final. Então eu queria, propositivamente, pegar subsídios de alguém que vive o dia a dia, conhece a questão dos Correios e também a inter-relação com os franqueados. O Tribunal de Contas da União tem alguns questionamentos, e para resolver esses questionamentos tem que ter o amparo legal, e é isso que quero sugerir.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O senhor me permite um aparte?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – À vontade.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O perfil da atual rede franqueada dos Correios, que são 1.483 – eu estava falava de 67, mas algo perto de 83, pelo número que tenho aqui – o perfil é ideal que a gente entende, porque está atendendo ao pequeno cliente de varejo na região onde ele atua e aos clientes de contrato, que, vamos dizer, não teria volume para ter um relacionamento formal com os Correios, e a rede atende muito bem a essa clientela. Então, a gente teria que ajustar algumas coisas em relação ao que é hoje e definir claramente a regra do jogo, para evitar esse tipo de questionamento, por que vincula, por que não vincula, média histórica para cá, média histórica pára lá, uma hora pode, outra hora não pode. Os Correios, apesar de eu fazer parte dessa instituição, mudam a regra do jogo constantemente da noite para o dia e isso dificulta, inclusive, o nosso relacionamento comercial com o mercado, porque hoje vale uma coisa, amanhã não vale mais, depois volta a valer, isso é ruim para todo mundo, para o mercado, para a gente, para os nossos parceiros comerciais, porque temos que ter regra clara, só isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, agradeço. Eu queria cumprimentar o Diretor dos Correios, nem parece que foi indicado por alguém do PT .

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Esta Mesa agradece a participação de V. Exª e concede a palavra ao Deputado Jamil Murad, do PCdoB.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Eu queria cumprimentar o Presidente Asdrubal e o depoente aqui, o Marco Antonio, e fazer algumas perguntas e alguns comentários.

Dessas 1.468 empresas franqueadas, quantas empresas pegam esses contratos maiores, esses contratos mais polpudos?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Quantas têm contratos vinculados a elas?

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Contrato de trabalho dos Correios, é grande o número de empresas, de franquias que têm esses grandes contratos?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, não é.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Quantas são mais ou menos?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tenho um número aqui que as grandes franquias, a gente considera grandes franquias, são 36, faturam

mais de R$1 milhão por mês. Então, normalmente os grandes clientes, até por terem um faturamento maior, normalmente estão vinculados a essas 36. Isso no Brasil inteiro, não só na nossa diretoria, mas a grande maioria na nossa diretoria.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – No Brasil todo, então, são em torno de 36 franquias que faturam...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Que faturam mais de R$1 milhão

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – ...que tem um faturamento mais alto?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Isso.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Queria saber se é o mesmo critério de remuneração, em caso de correspondência em máquinas de franquia ou nos contratos FAC?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não é diferente. O objeto, quando é postado em máquina de franquia, o pagamento é à vista teoricamente, e a comissão varia de 40% até 10%, dependendo do faturamento mensal. Por exemplo, um objeto de R$0,85, que é uma carta comercial: na franquia, a comissão da ACF normalmente é em média 22% no País, hoje. Em média, ela fica com 22% do valor. Em um contrato FAC, cujo faturamento é diferenciado, há uma série de critérios de que seria desnecessário falar. É mais barato. A postagem dele é um pouco mais barata, em torno de 20% mais barata do que a carta comercial. E a comissão, quando vinculada a esse contrato em uma franqueada, é limitada a 5%. Então, ela posta 80 e recebe até 22%, e aqui ela posta 64 e 65 em média e recebe apenas 5% disso.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Ouvi a exposição e também as perguntas feitas por outros colegas, Deputado Arnaldo, Deputado, Onyx, Deputado José Eduardo, e gostaria de colocar uma opinião. Os Correios são uma grande empresa. No passado, às vezes receber uma carta demorava três dias, e houve um aprimoramento desse trabalho.

O Poder Público encontrou essa forma de franquia e conseguiu capilarizar o serviço dos Correios até em pequenos povoados ou, nas metrópoles, em bairros periféricos, de tal forma que recebemos uma correspondência em 24 horas. Há serviços dos Correios que permitem que se entregue uma correspondência até no mesmo dia.

Então, queria aproveitar esta oportunidade, para dizer que a empresa Correios não pode desaparecer, ser desmontada, porque presta, ao longo de mais de um século, um grande serviço à população brasileira. É um serviço indispensável, de integração nacional, de relação. Uma pessoa, por um custo pequeno, consegue comunicar-se com os parentes, mandar ou receber um documento. Quanto ficaria isso? Quer dizer, é um serviço mais seguro.

Em vez de a pessoa pegar ônibus, metrô, táxi e ir ao local onde há os Correios, a empresa estatal, que não poderia abrir pontos de atendimento de maneira mais generalizada, encontrou essa formula de franquia. O pequeno e o microempresário, muitas vezes, Deputado Onyx, acabam fazendo um negócio familiar. Juntam-se o esposo, a esposa, o filho e o cunhado, arrumam recurso para abrir uma franquia e prestam serviço.

A estatal deve tirar tudo que pode da franquia, para ter lucro máximo? Mas aí a franquia morre; o parceiro morre. A filosofia é como atender bem a sociedade. Encontrou-se, então, essa fórmula mista, em que a empresa estatal, importante, bem organizada, antiga, aprimora-se ao longo do tempo e capilariza, nas periferias, nos locais distantes do País, os serviços de correio.

Então, não dá para defender o ponto de vista de que o Correio tem de tirar o lucro máximo para si, deixando, se possível, a franquia no vermelho. Se ele deixar a franquia no vermelho, ele mata o parceiro dele.

Então, ele vai voltar à situação anterior, que não tinha franquia. Não é mesmo?

Bom, isso é diferente da situação de haver irregularidades, como foi colocado aqui por perguntas de outros Deputados. Isso deve ser combatido, deve ser corrigido, deve ser punido. Se há irregularidades, nós não podemos permitir que haja irregularidade, porque isso acabaria matando a empresa e a sociedade ficaria sem esse serviço indispensável. Então, é necessário combater as irregularidades, aprimorar o sistema, ter um marco regulatório em que as franquias também possam ter a segurança de que vão trabalhar e sobreviver, mas são obrigadas também a prestar aquele serviço de boa qualidade com um padrão mínimo indispensável de serviço público, olhando o interesse do usuário, o interesse da população.

Bom, então, fico preocupado porque, muitas vezes, o ataque à Empresa de Correios é para privatizá-la. Eu defendo que a Empresa de Correios seja empresa do Governo, do Estado, porque ela é fundamental para a integração nacional etc.

Então, é dentro desse espírito, não é ideológico, mas é político, entendendo o papel de uma grande empresa como essa. E a CPMI, como já foi colocado por outros colegas Deputados, ela começou por aí e tal. Temos que corrigir o que está errado. Suponho que medidas já tenham sido tomadas pela administração da empresa. Não é possível que, depois de quatro ou

cinco meses de CPMI, as pessoas não vão tomar providencias. Tem também o Tribunal de Contas fiscalizando, outros órgãos fiscalizando, de tal forma que possamos usar esse trabalho nosso no sentido de defender o fortalecimento de instituições sérias que defendam o interesse público, que sirvam a nossa população de maneira mais adequada, mais eficiente.

Então, era essa observação.

Presidente Onyx, eu estava querendo propor... Foi aprovado o Requerimento nº 1.027, do Relator Osmar Serraglio, para convocar a Drª Emili Yamashita, que é Presidente da Associação Brasileira das Franquias. Então, que ela também venha dar o ponto de vista dela, das dificuldades dessas instituições que são parceiras da Empresa de Correios. Os diretores dos Correios já vieram, já colocaram, está aqui um diretor regional dos Correios... Mas que haja também a possibilidade do representante da franquia, que, muitas vezes, esses contratos, essas franquias especiais com contratos especiais freqüentemente não vivenciam o problema dessas 1.468 franquias pequenas e médias, que são empresas familiares e que vivem com as suas dificuldades. Quais são as suas sugestões para aprimoramento, como disse o Deputado Arnaldo Faria de Sá? Quer dizer, acho que seria um serviço que estaríamos prestando a nossa sociedade aproveitando este momento que estamos aqui ouvindo o Dr. Marcos Antonio.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Onyx Lorenzoni. PFL – RS) – Agradecemos a participação e a posição do Deputado Jamil Murad. Vamos tomar providencias para a aceleração do depoimento da Srª Emili Yamashita, para trazer o lado desses pequenos franqueados para o debate desta Comissão.

Concedo a palavra ao nobre Deputado Pompeo de Mattos, pelo tempo regimental.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, Srs. Deputados, primeiro eu quero fazer uma consideração aqui, Sr. Presidente, que considero importante.

O Presidente da nossa CPMI, Senador Delcídio Amaral, decidiu no sentido de contratar auditoria externa privada para auxiliar os trabalhos do Parlamento, especialmente desta CPMI e dos seus Parlamentares, no exame de documentos, de laudos, de pareceres de tribunais, documentos de transações comerciais, transações bancárias, especialmente esses negócios envolvendo bancos, financeiras, envolvendo *offshores*, empresas que fazem negociações com dólar, os doleiros, exemplo a Bônus-Banval, com os fundos de pensão, que é uma negociação extremamente complexa, e essas aplicações financeiras.

Quero ponderar, Sr. Presidente, é que a contratação de empresas privadas para fazerem esse exame, que entendo necessário – precisamos desse apoio técnico, nós, os políticos, sabemos de tudo um pouco, mas de um pouco não sabemos tudo –, e, nesse aspecto, nessa particularidade há que se buscar um assessoramento. Mas vejo, por outro lado, e quero deixar essa preocupação externada aqui na CPMI, de buscar assessoria externa privada. Daqui a pouco são dados extremamente relevantes, dados extremamente importantes, mais do que isso, alguns deles sigilosos, que, chegando ao conhecimento de alguns interessados no mercado, poderão fazer uso dessas informações para se beneficiarem, com grandes benefícios econômicos. Daqui a pouco poderemos estar criando uma situação extremamente constrangedora para a CPMI.

Quero aqui fazer essa advertência muito claramente aos membros da CPMI, ao Presidente da CPMI, à imprensa, à sociedade brasileira, porque essas auditorias externas privadas vão ter acesso a essa documentação toda, documentação sigilosa, documentação que precisamos preservar, até por que quem tiver posse dessas informações poderá ser alguém privilegiado em negócios, em atividades lucrativas e rentáveis, e criar, inclusive, constrangimento para a CPMI.

Proponho, Sr. Presidente e colegas Parlamentares, que a Comissão requisite auditores fiscais da Fazenda Pública Federal, auditores da Receita Federal. Temos funcionários públicos exatamente com essa qualificação, que poderão guardar sigilo, até por que eles não têm outro interesse, não têm atividade comercial. A sua atividade é pública. Eles poderiam prestar esse serviço de assessoramento qualificado, interno, sigiloso, com as mesmas credenciais que uma auditoria privada poderia oferecer e sem os riscos de vazamento ou de uma empresa privada vir a se beneficiar das informações privilegiadas a que teve acesso, e sabemos quão delicado é o mundo dos negócios, especialmente os negócios das ações.

Por isso, aproveito a presença do Deputado Arnaldo Faria de Sá para fazer essa ponderação, muito clara, Deputado Arnaldo Faria de Sá. Contratação de empresas privadas, de auditorias privadas, para ter acesso a informações privilegiadas da CPMI e que depois poderão ser vazadas, poderão ser usadas e poderão chegar aí no mundo comercial e a CPMI sofrer um grande constrangimento e alguns enriquecerem em função dessas informações.

Então, sugiro ao Presidente, ao Relator, aos colegas Parlamentares, que requisitem, dentro da estrutura do Estado, auditores fiscais da Fazenda Pública para fazerem essas auditorias, para fazerem esse acompanhamento, essa assessoria, para dissecarem,

para aprofundarem a leitura desses documentos e auxiliar a CPMI. Faço essa advertência até para que lá na frente não tenhamos que lamentar, chorar o leite derramado.

O SR. PRESIDENTE (Onyx Lorenzoni. PFL – RS) – Está registrado, Sr. Deputado. Vamos encaminhar à Presidência e ao Relator.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Muito obrigado, Deputado Onyx Lorenzoni.

Quero, especificamente ao nosso depoente, dizer que, pelo que depreendi das suas informações, a questão das ACFs, das franquias, há uma série de questões que precisamos esclarecer. É verdade e quero aqui fazer essa afirmação que entendo necessária. Não sou contra a franquia. Aliás, muito pelo contrário, acho que a franquia deu capilaridade aos Correios, permitindo que o correio brasileiro estivesse em mais lugares ao mesmo tempo, dando melhor atendimento, qualificando o atendimento ao usuário dos Correios.

Além desse aspecto, entendo que há economia, porque, na medida em que os Correios oferecem as franquias, ele ganha com as franquias e economiza em estrutura, mão-de-obra, na questão de gasto com a Previdência Social, com empregados e uma série de questões, sem deixar de gerar o emprego na franquia.

Então, sou a favor da franquia. Conseqüentemente, as críticas e os reparos que estamos fazendo em relação às franquias não são no sentido de fenestrá-las, de destruí-las, de não as querer mais. Muito pelo contrário, são no sentido de aperfeiçoá-las para que elas continuem existindo, funcionem e dêem um resultado muito maior.

Neste sentido, o que podemos depreender nessa questão das franquias é que, primeiro, há um equívoco no encaminhamento. Não há uma regra clara para ter acesso às franquias. Aliás, pergunto-me sempre: "Quero uma franquia dos Correios. O que eu faço?" Pergunto isso: "Quero uma franquia dos Correios. O que faço?"

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Posso responder?

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sim.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Hoje não existe a abertura de novas franquias. Então, quem quiser entrar na rede tem que comprar uma agência já existente de algum franqueado.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Aí a franquia virou um negócio lá fora.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Virou, com certeza.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E sabemos que há mais espaço para mais franquias. E as que tiveram antes? QI, não é? Quem chegou às franquias dos Correios foi por QI. Não é quociente de inteligência, mas "quem indica". Quem indicou, teve um padrinho, um apaniguado, levou. Então, já começou o processo errado aí.

Ato contínuo, as franquias têm um defeito: elas não são perenes. Não há garantia da própria lei que concede a franquia. Então, está lá o negócio, e ele procura fazer tudo o que pode porque daqui a pouco terminam as franquias. Precisamos dar estabilidade às franquias. Elas existem, estão aí, e temos que dar estabilidade para essas franquias, mal ou bem. Quem sabe, vamos refazer todo o processo, mas temos que dar estabilidade. Não é possível uma franquia valer por cinco anos. Franquia tem que ser maior, para dar segurança ao negócio que se estabelece. Então, precisamos deixar bem claro isso, até para que o franqueado não fique à mercê do constrangimento, da propina. "Eu lhe tiro a franquia e para renovar não vai ser mais assim". "Se não me ajudar aqui, eu não te ajudo lá". É todo um processo que conhecemos muito bem.

Outro aspecto: essas trocas de favores, que o senhor, como dirigente, acabou fazendo. Pode dizer que é manual. Mas, para mim, é uma troca de favor. A franquia ia vencer o prazo e o que o senhor fez? Os Correios negociaram e retomaram muitos clientes da franquia. Depois a franquia renovou o prazo, esses clientes quiseram voltar para franquia e os Correios perderam, saíram perdendo. Porque, se tivessem devolvido para a franquia este cliente e feito no cálculo um abatimento sobre o maior valor mensal, e não a média, os Correios sairiam ganhando, ou perdendo menos, porque sabe-se que, ao se buscar a média histórica, lá para trás os negócios eram menores e agora estão se ampliando cada vez mais.

Tomo um exemplo: alguém que gastou num mês R$4milhões com a franquia, um cliente que gastou com os Correios R$4 milhões. Ele foi devolvido para a franquia pegando a média histórica, que deu R$3milhões. Só aí os Correios perderam R$1 milhão. Nos meses seguinte, daí a 6, 7 ou 8 meses, esse faturamento desse mesmo cliente que saiu dos Correios para a franquia passou para R$5milhões, o que é bem provável. Ou seja, os Correios deixaram de ganhar dois. Deixaram de ganhar o faturamento sobre dois milhões. Então, pode dizer que deixou de receber, é verdade. Isso é prejuízo. Quando deixamos de ganhar, no mundo dos negócios, começa-se a tomar prego.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O faturamento é sempre dos Correios. Não deixamos de ganhar nada. O que estou fazendo é pagando uma

comissão para o franqueado. Então, vamos deixar bem claro que o Correio não perdeu o faturamento, muito pelo contrário. E o entendimento correto da média histórica não é para diminuir média. Um cliente como o Bradesco, o Itaú, qualquer cliente dos Correios, há uma base de clientes com que todo mês ele se corresponde. Então, a média histórica é de faturamento nos últimos seis meses, e essa média é para estabelecermos o grau desse relacionamento. Ela não varia significativamente de um ano para outro. Posso mostrar o faturamento de cada um desses clientes nos últimos dez anos, transformar isso em porte de carta, e o senhor verá que crescerá em função do crescimento da base do cliente, não em termo de faturamento. Então, a média histórica, lá de trás, muitas vezes é até menor lá atrás do que é hoje e vice-versa.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Isso é o que o senhor está argumentando, mas não é o que o Tribunal...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É conhecimento de causa de 28 anos numa empresa...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Mas não é o que o Tribunal de Contas apontou.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Mas eu estou questionando essa colocação.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O Tribunal de Contas juntou números, dados.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Estão dizendo que transferi R$10 milhões para os franqueados. Eu não transferi, apenas recuperei o relacionamento ético lá de trás e usei os critérios do Manual de Comercialização e Atendimento.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor pode ter usado o manual, o senhor pode ter recuperado a relação ética com o credenciado...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O franqueado.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – ... o franqueado.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – E com o cliente que solicitou...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Mas o Correio deixou de receber 10 milhões. Isso é matemática, número. O Correio deixou de receber 10 milhões.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – E colocou outros 14 no caixa. Isso eu provo também, e vocês não levam isso em consideração.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Colocou e colocaria....

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não sei, Deputado, se colocaria.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Colocou e colocaria...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Uma relação comercial forte propicia que negócios que estejam no concorrente venham para dentro da casa.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Mas não é concorrente. O Correio não tem concorrente.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Tem concorrente, sim, senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Na área de encomendas, na área de *marketing* direto, e esses clientes usam *marketing* direto também. Então, quer dizer, não existe essa relação que o senhor está colocando que não temos concorrentes. Cinqüenta por cento da receita operacional dos Correios hoje advêm de serviços concorrenciais. Esse franqueado, estando estimulado e o cliente bem atendido, ele migra a coisa da concorrência para dentro dos Correios. Então, a gente não está analisando o todo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Nas franquias não chega a esses números.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Chega, sim, Senhor.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Até o Tribunal de Contas apontou bem aqui.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Desculpe, mas chega, Deputado. Nesse contrato em particular, é pontual, e em outros relacionamentos que existem e que não são considerados. Acho que nesse contrato, em particular, pode ser que ele tenha concluído com base numa única rubrica que eu transferi R$10 milhões para o franqueado.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não, numa única rubrica não tem.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – É, a única rubrica, a FAC. E no relacionamento? E na máquina de franquia, que aumentou dessas agências franqueadas ou, pelo contrário, não diminuiu na mesma proporção?

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Vou lhe dar um crédito e um débito. O senhor não falou no crédito que o senhor tem, mas vou lhe dar um crédito, mesmo que o senhor não tenha falado. Na medida em que o Correio transferiu esse cliente para lá, o Correio deixou de gastar para atender esse cliente, que atender esse cliente significa um gasto, desprender mão-de-obra, estrutura. Então, há uma economia do Correio na medida em que transferiu para lá. Agora, há um prejuízo do Correio na medida em que deixou de arrecadar esse dinheiro.

O senhor assinou um termo de acordo operacional?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Foi assinado lá no trâmite do processo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Só o senhor assinou?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Participam da consecução desse ato as gerências de atendimento, comercial, área de operações.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor sabe que a responsabilidade é solidária, né? Sendo apontado pelo Tribunal de Contas, será apurado, a CPMI vai apontar e, havendo prejuízo, terá que ser...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Volto a insistir que...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não, não vou entrar...

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O senhor está insistindo nesse ponto, vou insistir na ética do relacionamento.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Tudo bem, estou falando em números. Acho a ética entre o público e o privado, fico com o público, e o senhor ficou com o privado.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sou público, acima de tudo porque dependo da minha empresa, tá? Eu não transferi recursos...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Então, vou lhe dar um exemplo, já que o senhor insiste. Esse acordo de devolver cliente para franqueada foi feito no Rio de Janeiro também?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O termo não é devolver, o termo é restabelecer o relacionamento comercial, que sempre existiu, inclusive antes...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Foi feito no Rio de Janeiro?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – No Rio de Janeiro, recentemente, houve um pedido do cliente Unibanco para que vinculássemos três agências franqueadas ao contrato.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E daí?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Daí que, atendendo ao **Manual de Comercialização e Atendimento**, dentro das regras estabelecidas, nós, da Diretoria Regional de São Paulo, porque o cliente...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não, estou lhe perguntando do Rio de Janeiro.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, o senhor está querendo saber do Rio de Janeiro.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor não sabe?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Sei, claro que sei. O cliente era o Fininvest, que foi comprado pelo conglomerado Unibanco, que é atendido pela Diretoria Regional de São Paulo Metropolitana. Porém, as correspondências do agora Fininvest, que são do Unibanco, continuam sendo postadas, em parte, no Rio de Janeiro, e o cliente Unibanco, que é atendido pela minha diretoria solicitou à minha diretoria a vinculação do contrato. Isso é completamente normal.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E foi feito?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Foi feito.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E qual é a posição da Diretoria do Rio de Janeiro?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Eles foram contra.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Pois, é. É isso que eu quero dizer para o senhor. A Diretoria do Rio de janeiro se posicionou contra.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não quer dizer que eles estejam certos. Eles estão contrariando o manual. Eles não foram contra a vinculação; e Eles foram contra a vinculação sem o estabelecimento da média histórica para um cliente que não existia mais. Fininvest não existe mais. É Unibanco.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Existe a conseqüência.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, aí o senhor está inferindo. Eu estou dizendo o que é, a realidade. A regra dentro dos Correios é essa.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – A regra não pode ser cega.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não, existe um manual, e eu tenho de seguir o manual.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não, mas alguém sucedeu a Fininvest.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O Unibanco.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Então, é isso que estou dizendo.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – O que eu quero dizer é o seguinte: os Correios mudam a regra do jogo da noite para o dia e essas coisas são dúbias, tanto é que duas diretorias do porte da Diretoria de São Paulo Metropolitana e Rio de Janeiro não concordam com a interpretação do manual.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Deputado Pompeo de Mattos, quero alertá-lo que o tempo de V. Exª expirou e que está havendo uma nova votação nominal. De maneira que vamos concluir.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Dê-me dois minutos para concluir.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Com todo o prazer.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Muito obrigado.

Eu só quero reforçar essa questão da Fininvest no Rio de Janeiro. Lá eles não aceitaram. A Diretoria foi contrária.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não quer dizer que eles estejam corretos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não estou dizendo que eles estão errados. Só que no caso dele não há apontamento nenhum e no seu caso há um apontamento do Tribunal e um cálculo de um prejuízo que depois, no fim, será apurado. Vamos ver lá no fim o que vai ocorrer. Eu vejo que os Correios perderam algo nisso tudo.

Eu faço uma última pergunta. Felizmente, não tem votação nominal. Eu quero concluir dizendo assim: o senhor defende que todos os grandes clientes migrem dos Correios para os franqueados?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não.

Se todos os grandes clientes nessas condições pedissem para voltar, porque muitos deles tomaram para si, o senhor concordaria?

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Primeiro que a gente só está voltando só os que tinham relacionamento. Os que não tinham não tem por que vincular e não tem por que eles pedirem. Se não existia relacionamento lá atrás, eu não vou restabelecer nada, eu não vou devolver, como foi dito aqui, o cliente para o franqueado, porque ele não era atendido pelo franqueado. Então, quando o senhor me pergunta se eu sou a favor, eu não sou a favor. Eu apenas fui a favor nesses quatro casos em particular porque existia um relacionamento lá atrás e eu, unilateralmente, rompi esse relacionamento. Então, dentro da minha ética, dentro da minha lógica, e dentro dos preceitos que eu sempre aprendi do meu pai e da minha mãe, eu estou restabelecendo a justiça. Agora, se o senhor entende que há uma transferência do erário para o privado, aí vamos colocar aí a coisa do jeito que deve ser. Eu apenas concordei com esses quatro porque já existia relacionamento anterior. Novos clientes que nunca tiveram histórico de relacionamento com qualquer franqueada não têm por que vincular em agência franqueada.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Perfeito.

Eu só queria dizer, para encerrar, Sr. Presidente, que, obviamente, a CPMI vai fazer a leitura final de toda a situação com base no parecer do Tribunal de Contas, que aponta prejuízos que os Correios tomaram em função disso aí. Eles vão fazer esse balanço, essas constatações. Aí os documentos vão falar mais do que a palavra. Não podemos ficar aqui na convicção nem na opinião. Tem de ver na prática. Os números terão de falar. Se os números falarem, eu, hoje, **a priori**, à primeira vista, vejo que os Correios tomaram um prejuízo. Agora, vamos ver adiante, na sua defesa, o que pode aparecer.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – A minha diretoria passou de 37% da receita operacional da empresa para 47% em dois anos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O que não significa que não possa ter feito, em determinado momento, um ou outro mal negócio.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Com certeza.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Porque, às vezes, é como eu falo de banco. Eu digo que há três empresas no Brasil que dão lucro: a primeira é o banco bem cuidado. Não há nenhuma que dê mais lucro do que banco bem cuidado, porque o negócio é bom. Não é o bancário e nem o banqueiro, é o negócio que é bom. A segunda empresa é banco mal cuidado. Ou seja, não é preciso nem cuidar direito, porque dá lucro igual, porque o terceiro negócio lucrativo é banco quebrado. Se o colono quebra, vende a terra; se o comerciante quebra, vende o negócio dele, o lixo, e vai morar de aluguel. Agora, se o banco quebra, o Governo coloca a mão na cueca do povo e inteira o que falta, e o banqueiro sai feliz da vida. Então, quando o negócio é bom, não é nem preciso ser bom negociante, que dá lucro igual. Agora, temos de examinar a coisa na sua plenitude e amplitude.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Agradeço ao nobre Deputado Pompeo de Mattos e esta Presidência agradece a V. Sª, Sr. Marcos Antonio, pelo comparecimento e pela colaboração. E quer alertá-lo de que V. Sª poderá ser reconvocado, se houver necessidade.

O SR. MARCOS ANTONIO VIEIRA DA SILVA – Estarei sempre à disposição da Comissão e dos senhores.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Solicito à Secretaria que faça ingressar ao recinto a Srtª Juliana Azeredo Duarte. (Pausa.)

Srtª Juliana Azeredo Duarte, V. Sª prestou compromisso, nos termos do art.203, do Código de Processo Penal, comprometendo-se a dizer a verdade,

sob as penas da lei, no que souber e que lhe for perguntado.

Sinta-se à vontade e quero solicitar a V. Sª que declare o nome de seu advogado.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Márcio.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Nome completo, por favor.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Márcio Antônio Marcondes Pereira.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Feito isso, gostaria que V. Sª fizesse a qualificação. Dissesse nome, identidade, CPF, endereço; e prestasse alguns esclarecimentos que julgasse conveniente fazer.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Juliana Azeredo Duarte. RG: 26131738-6; CPF: 325683038-24; solteira; moro em São Paulo; avenida Celso Garcia, nº 1.424; sou empresária.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – De que ramo?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não estou mais nos Correios. Franqueada dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – V. Sª tem mais algum esclarecimento a prestar?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – É que tenho uns documentos que eu posso anexar no processo, pois fiquei só um mês na franqueada, o ano passado, e foi devolvida para os antigos sócios. Que está aqui o contrato...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – É o que eles dizem que foi restabelecido, não é?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Isso. E foi devolvida para os antigos sócios e eu não tenho...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Então, eu passo às mãos do Sr. Relator a documentação apresentada por V. Sª, para que faça o exame da documentação e conseqüentemente a apreciação. E passo também a palavra a V. Exª, nobre Relator, para que proceda às indagações à depoente.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Juliana, quanto tempo você ficou nessa agência franqueada?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Mais ou menos um mês. Foi de abril a maio do ano passado.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Qual é essa agência franqueada?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – A Teng.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Onde fica?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – No shopping Tamboré, em Alphaville. Tamboré...

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Você ficou quanto tempo na sociedade?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Mais ou menos, um mês.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – E por que você foi chamada como responsável desta ACF?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não sei. Eu só tinha 1% da cota. Eu não sei porque veio a convocação a mim.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – E quem são as outras pessoas que fazem parte dessa franqueada?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – No caso da sociedade, seria meu pai, só que foi devolvida para o Sr. João Leite Neto.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Seu pai participava da sociedade?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Sim.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Qual é o nome dele?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ernesto Duarte.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – E quem é Valéria Amaral Gianordoli?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – É a esposa do Sr. João Leite Neto.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Ela tem percentual... Qual percentual que ela tem?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Nessa sociedade, agora, que consta eu e meu pai, ela não tem nenhum. Meu pai estava com 99% das cotas.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – E, agora, você saiu e seu pai também saiu?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Saiu, também. A gente tinha pego por causa de dívidas, do valor das dívidas, mas as dívidas eram muitas e a gente acabou devolvendo a sociedade.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Você conhece a composição da nova sociedade?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Pelo que eu sei, é o João Leite Neto, que era o antigo sócio...

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Voltou para o antigo?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Voltou para o antigo, que tinha pego a base da dívida, só que a gente viu que não daria pra cobrir, então, devolvemos.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Dívida do quê?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Tem dívida tributária... Tributária não, da Receita Federal, de Bancos e funcionários.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Você sabe qual o valor total dessa dívida? Você tem algum documento, alguma coisa que informe qual é...

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – O valor eu não tenho. Eu não sei informar. Mas, pelo... quando eu estava lá, estava era em torno dos 400 mil ou mais.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Eu vou passar a Relatoria para o Deputado José Eduardo Cardozo.

O **SR. RELATOR** (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço, Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Deputado José Eduardo Cardozo, a Juliana informa que ela só ficou um mês nesta franqueada e que ela não tem nada a informar à esta Comissão. De forma que devolvo a palavra à V. Exª.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora só ficou um mês como franqueada?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi o período que ficou franqueada?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Foi de abril a maio. Finalzinho de abril e começo de maio. Acho que não chegou há um mês.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Antes, quem era o franqueado?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Seria meu pai e a Valéria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Valéria quem é?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Valéria é uma antiga sócia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E houve uma transferência da titularidade, então?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, depois que a senhora deixou, quem assumiu?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Voltou para os antigos sócios. Para a Valéria, seria o João Leite Neto.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É uma situação... Por que isso aconteceu?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Assim, tinham dívidas com empregados, bancos, que estavam devendo muito dinheiro e, por problemas pessoais, ofereceram pelo valor da dívida a franquia. E a gente pegou, só que a gente viu que não ia dar conta de pagar essa dívida e devolvemos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Espere um pouquinho. O seu pai, junto com a Valéria, uma outra sócia, tinha a franquia.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Isso. Meu pai era cotista nessa franquia e ela...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era cotista...

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Era cotista e ela tinha a maior parte.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A maior parte era da dona Valéria?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Era da dona Valéria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí, posteriormente, durante o período de um mês, passaram para o seu nome. A senhora adquiriu essa...

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Passaram para o meu pai. E, meu pai, para me pôr no quadro societário como cotista...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi. Passaram para o seu pai, como?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Eles ofereceram, se meu pai não queria...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eles quem?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – A Valéria e o marido dela.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, espera um pouquinho. A Valéria e o marido dela eram os franqueados originais?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não. Os franqueados eram meu pai e a Valéria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seu pai e a Valéria.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Aí, ela ofereceu para o meu pai e meu pai, para completar a sociedade, me colocou junto com ele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, então saiu a Valéria...

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Saiu a Valéria e meu pai ficou com os 99% dela e, eu, com a parte do meu pai.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo. Você pagou alguma coisa por isso ou o seu pai pagou alguma coisa por isso?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ele pegou o que tinha dívidas com os Correios. Ele assumiu a dívida pela franquia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, é a franquia mais lucrativa de todas. A senhora tem idéia de qual a lucratividade dessa franquia?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É a CF Shopping Tamboré.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A receita é de R$144 milhões, e a comissão/ano é de R$12,26 milhões. Ou seja, é uma receita de R$1 milhão praticamente por mês, e tinha dívidas? Com o quê?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Tinha. Tinha dívida com a Receita Federal, com empregados, com bancos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E de quanto era a dívida?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Eu não sei números exatos, mas deve estar em torno de R$400 mil ou mais. Eu só sei de uma parte, que é com a Receita Federal.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seu pai tinha essa dinheiro para pagar essa dívida?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não. A gente achou que poderia, com o Correio, bancar as dívidas, mas, por causa do FAC, perdemos clientes para o Correio grande.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois de um mês, devolveu?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Com um mês, mais ou menos, devolvemos para os antigos sócios, porque não tinha mais como pagar a dívida.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora assumiu em um mês e, no mesmo período, percebeu que não tinha como pagar a dívida?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – É, porque não tinha movimento em caixa que desse para cobrir o meu pai. O grande volume não ...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A dívida total é de R$400 mil?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não. Tinha mais coisas. Eu só sei uma parte do valor, que é o da Receita Federal, que está mais ou menos nisso. Não é um valor exato.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – O FAC aconteceu quando você entrou?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Foi.

O SR. RELATOR (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – O que é o FAC?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não sei explicar, porque não freqüentava lá a agência. Eu era cotista. Não conheço a agência. Não sei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O seu pai conhece a D. Valéria de onde?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – São amigos há tempos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Amigos há tempos.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O seu pai mantém relações com pessoas da área política?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não que eu saiba.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Dona Valéria mantém?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não sei informar para o senhor.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora nunca soube se ele ou a Dona Valéria mantêm contatos com alguém da área política?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não. Não fiquei adentro das coisas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O nome dela é Valéria ...?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Só sei olhando.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora não sabe o nome inteiro?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O nome do seu pai inteiro?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ernesto Duarte.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ernesto Duarte. Olha, vou confessar que tenho uma série de perguntas para fazer à senhora, mas, visivelmente, a senhora não domina a área do negócio.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não. Eu não freqüentava.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, é no mínimo uma operação estranha. A senhora há de concordar comigo que uma pessoa ... O seu pai tem patrimônio?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Temos uma casa simples.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual o valor da casa?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ah, eu já não sei informar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a profissão do seu pai?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – É empresário.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tem essa franquia.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Teria essa franquia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tem outros negócios?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – A gente tem uma loja pequena.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Loja pequena. Onde fica?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Fica no Belém, na zona leste de São Paulo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele vende o quê?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Artigos para festa e chocolate.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Artigo para festa e chocolate. A senhora mora junto com o seu pai.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Moro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a renda familiar?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ah, não sei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mais ou menos? Mais que R$10 mil? Menos que R$10 mil?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Acho que menos que R$10 mil.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Menos que R$10 mil por mês. O que está parecendo-me estranho é uma empresa desse porte, que tem uma receita de R$144 milhões, cuja participação do seu pai é de 1%, passa, em um mês, 99% das cotas para a senhora ...

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não. Eu só tenho 1%.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, mas, num período, passou para o seu pai e para a senhora, não é isso?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o seu pai assume, com a idéia de que, ao assumir uma franquia dessa, pagaria uma dívida. Visivelmente, é uma franquia altamente rentável e, um mês depois, devolve para a antiga dona.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Eu acho que foi questão de números, porque a gente não tinha um grande volume assim. Quando se bateu o olho nos volumes, foi devolvido. A gente não tinha controle.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ela aceitou que vocês devolvessem assim?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Foi por causa da amizade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Concorda comigo, então, que não foi muita amiga, quando permitiu que vocês assumissem uma coisa que não teriam condições de pagar. No entanto, foi curiosamente foi amiga, quando retornou um mês depois.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Aí eu já não sei informar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A sensação que me está dando, com franqueza, é que há alguém por trás dessa transação, porque estamos trabalhando, o tempo inteiro, com as hipóteses de que pessoas que detêm o controle das franquias sejam pessoas vinculadas à área política que receberam esses benefícios. A sensação que nos está dando – aliás, é uma expressão que pode até ter um uso meio pejorativo – é a de que há "laranjas", ou seja, aquela pessoa que não é a proprietária é que assume o papel de ser proprietária, quando, na verdade, não o é. A senhora está dando-me exatamente essa impressão. Estou enganado?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não. Como eu não freqüentava, não sei o que responder.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O seu pai daria mais esclarecimentos sobre esse assunto?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não sei. Provavelmente sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) O seu pai é sócio dessa franquia desde quando?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ele pegou em 2000, só que ele era cotista de 1%.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tinha 1%; e a dona Valéria, 99%.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a atividade da dona Valéria? A senhora sabe?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não sei. No momento, não me recordo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora ia à empresa?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mesmo no período em que tinha a propriedade da empresa?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não. Não cheguei a ir.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora conhece a empresa.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Por fora.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só de fora. Nunca entrou?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não. Só passei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O seu pai fica na empresa?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ficava.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ficava na empresa?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ficava.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em qual período que ele ficava?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não me lembro. Não sei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que função ele exercia na empresa?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ele ficava de dia, mas não sei o que ele fazia ao certo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele trabalhava só lá e na loja.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele ficava mais tempo na loja ou na franquia?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Ele não ficava muito em nenhum dos dois.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tem outra atividade, outra profissão?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Você não sabe dizer como é que ele conheceu dona Valéria?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Não sei, porque eu era pequena.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, vou requerer à assessoria a convocação obviamente da D. Valéria e do Sr. Ernesto Duarte, uma vez que a senhora visivelmente foi proprietária da empresa somente por um mês e desconhece todos os aspectos. Essa convocação se dá justamente, porque a sua presença aqui nos reforça a convicção de que pode existir alguém mais influente por trás disso. Não podemos fazer essa afirmação, neste momento, pelo seu depoimento, mas, considerando o que foi dito no depoimento anterior, considerando que essas franquias foram dadas sem licitação, considerando que a franquia de que V. Sª foi dona é a mais rentável, dando um lucro da ordem de mais R$1 milhão por mês, enfim, considerando todos esses aspectos e a falta objetiva de patrimônio, de lastro, para que V. Sª pudesse ingressar numa parceria como essa, isso apenas reforça a suspeição desta Comissão Parlamentar de Inquérito de que há algumas coisas a esclarecer por trás disso.

Então, Sr. Presidente, peço à assessoria que submeta, na próxima reunião administrativa, a convocação, para ser ouvida por esta Sub-relatoria, da Srª Valéria – teríamos que pegar o nome, mas acredito que não haverá dificuldades.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Valéria Amaral Gianordoli.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, a convocação da Srª Valéria Amaral Giarnodoli e do Sr. Ernesto Duarte será submetida, então, na nossa próxima reunião administrativa. Após a oitiva dessas duas pessoas, analisaremos a necessidade, pelo depoimento, do pedido de quebra de sigilo financeiro, bancário e telefônico, mas, em princípio, fica apenas requerida de imediato esta convocação.

Sr. Presidente, é o que esta Relatoria teria a argüir.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Juliana, por que você está usando muleta? O que aconteceu com você?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Eu caí da escada e passei por duas cirurgias no tornozelo.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Caiu da escada onde?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Na minha casa.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Quanto tempo faz?

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Tem cinco meses.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Está dura a recuperação.

A SRA. JULIANA AZEREDO DUARTE – Sim.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Sr. Relator, na reunião administrativa de ontem, reclamei do Presidente desta CPMI, Senador Delcídio Amaral, que tinha marcado esta reunião, inclusive para ontem, sem ter tido o devido cuidado. Ele disse que teria feito a convocação **ad referendum** do Plenário. Insurgi-me contra aquilo. V. Exª vê que eu tenho razão: convocou inadvertidamente uma pessoa que não devia estar convocada – que é a Juliana – para o dia de hoje.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Embora não soubéssemos disso, mas, ao que se refere ao aspecto regimental, V. Exª tem sempre razão.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Agradeço a atenção de V. Exª, para que possamos encerrar os nossos trabalhos e agradecer à pre-

sença da Juliana, pedindo desculpas pelo episódio de ontem, em que ela teve de aguardar aqui até hoje.

Está encerrada a reunião.

(Levanta-se a reunião às 18 horas e 56 minutos.)

Ata da 6ª Reunião da Sub -relatoria de Contratos, realizada em 18 /10/2005.

Aos dezoito dias do mês de outubro do ano de dois mil e cinco, às quinze horas, na sala 02, da Ala Senador Nilo Coelho, sob a Presidência da Sub-Relatoria de contratos o Deputado José Eduardo Cardozo, ainda com as presenças dos Senhores Deputados Arnaldo Faria de Sá, Antônio Carlos Magalhães Neto, Carlos Abicalil, Asdrúbal Bentes, Jamil Murad, Pompeo de Mattos, Juíza Denise Frossard, Geraldo Thadeu e os Senadores Álvaro Dias, Romeu Tuma, Jefferson Peres, Heloísa Helena, Aelton Freitas, Luíz Otávio e Íris de Araújo. Reúnem-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, A Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se às oitivas dos Senhores Hélio Rotemberg (Alpha), Fernando Leite de Godoy (ex-assessor da ECT) e Mauro Farias Dutra (Sócio da Nova Data). O Presidente suspende a sessão às dezesseis horas e reinicia às dezesseis horas e vinte minutos, convidando a comparecer à mesa o segundo depoente o Senhor Fernando Leite de Godoy. O Presidente resolve suspender a sessão às dezessete horas e vinte e quatro minutos. Às dezoito horas é reaberta a reunião. Nada mais a declarar, é encerrada a presente reunião às vinte e uma horas e nove minutos E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Havendo número legal, declaro aberta a 6ª reunião da Sub-relatoria de Contratos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada pelo Requerimento nº 3, de 2005, do Congresso Nacional, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos dos Correios – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Esclareço às Srªs Parlamentares e aos Srs. Parlamentares que a pauta da presente é destinada à oitiva dos Srs. Hélio Rotemberg, Fernando Leite de Godoy e Mauro Farias Dutra.

Está aqui, já convidado para tomar assento a esta mesa, o Sr. Hélio Rotemberg, para os seus esclarecimentos.

Assim sendo, uma vez que me incumbe, hoje, presidir e atuar como Relator, começo, então, a argüição com a introdução preliminar, para que, a seguir, possamos ouvir as argüições dos demais Parlamentares.

Inicialmente, agradeço a presença de V. Sª a esta reunião e começo a indagar, então, a V. Sª se gostaria de fazer uma explanação preliminar sobre os fatos que, evidentemente, motivam a sua convocação.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Eu só gostaria de fazer uma pequena apresentação de quem somos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Exmºs. Senadores, Exmºs. Deputados, senhoras e senhores, o Grupo Positivo existe há 33 anos, tem a sua sede em Curitiba, conta com quatro mil funcionários, sendo 100% do seu capital brasileiro. Atua em três áreas: educacional, gráfica editorial e informática. Na área educacional é líder de uma rede de mais de duas mil escolas privadas em todo o Brasil, no Japão e nos Estados Unidos. Essas escolas adotam a metodologia de ensino positivo e atendem a mais de 500 mil alunos. Em Curitiba, são 10 mil alunos em escolas próprias e 10 mil alunos no UnicenP – Centro Universitário Positivo, em 26 cursos de graduação, entre eles Medicina, Odontologia e Direito.

Na área gráfica editorial, possui uma das maiores gráficas do País que edita e imprima livros didáticos e paradidáticos e o dicionário **Aurélio**.

Na área de informática, a Positiva Informática – empresa que dirijo – possui 1.200 colaboradores e atua há 16 anos no mercado. Hoje, é a maior fabricante de computadores do País, tendo suplantada multinacionais como a Dell, HP e IBM. Mais de 70% das nossas vendas são feitas para grandes varejistas – para as Casas Bahia, Ponto Frio, Magazine Luiza, Colombo e Fnac. Produzimos, hoje, cerca de 35 mil computadores por mês. Também, desenvolvemos *software* educacionais com uma equipe de 160 pessoas, a maior equipe de desenvolvimento sócio-educacional da América Latina.

Um dos nossos produtos – Eblocks – para ensino de inglês como segunda língua, exportado, hoje, até para os Estados Unidos, acaba de receber o título de melhor produto da categoria *software* educacional do mundo, título concedido pela ONU, através de um

prêmio chamado WSA – Word Summit Award – disputando com mais de mil projetos de 168 países. Vamos receber o prêmio, agora, na Tunísia.

Feita esta breve introdução, coloco-me à disposição para responder às perguntas desta Comissão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço a V Sª.

O Grupo Positivo é formado por quais empresas?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – O Grupo Positivo tem várias empresas, do ponto de vista legal, mas tem as escolas, a mantenedora do Centro Universitário; a Positiva Informática, que atua na área de informática e a Gráfica Editora Positiva, chamada Posigraf.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem algum tipo de relação com a empresa Alpha?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – No ano 2002, nós recebemos um Edital do chamado Banco Postal dos Correios. Era um Edital para informatizar 8.222 computadores, impressoras, *kits*, em mais de 2.300 agências dos Correios. Olhamos o edital e julgamos que ele era maior do que a nossa capacidade de atender. Era um projeto extremamente complexo. Eu acho que este tenha sido, também, o pensamento da Empresa Novadata e nós resolvemos, então, em julho de 2002, formar um consórcio para participarmos dessa licitação. A Novadata assumiu a posição de líder desse consórcio por estar em Brasília e por ter a maior parte da ações desse consórcio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual o nome desse consórcio?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Consórcio Alpha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Consórcio Alpha.

Como era a composição desse Consórcio?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – O objeto de cada uma das empresas era o mesmo a ser fornecido, só que a Novadata ficou com 50,32% e nós ficamos com o restante – 49,62%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe precisar a época... foi a única vez que a Novadata e a Alpha atuaram em consórcio?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – A única vez em que o Positivo e a Novadata atuaram em consórcio foi nesse Projeto do Correio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi a única vez. E o senhor se recorda, exatamente, da data da abertura da licitação e o objeto?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Sim. Eu tenho aqui anotado. Na realidade, de cabeça eu não saberia. Foi no dia – só um minutinho. Desculpe-me. Eu esqueci de anotar isso neste resumo. Foi em julho de 2002.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em julho de 2002 era uma concorrência, não é isto?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – A data da concorrência. O consórcio data de poucos dias antes da concorrência – no pregão em que participaram....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, foi um pregão e não uma concorrência?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Foi um pregão. Participaram cinco empresas desse pregão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT –SP) – O senhor se recorda quais foram as empresas que participaram do pregão?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Unisys, Procomp, IBM...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT-SP) – Unisys, Procomp, IBM...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – E o Itautec e o Consórcio Alpha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Itautec e o Consórcio Alpha.

O objeto do pregão era o senhor sabe precisar com exatidão?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Era o fornecimento de 8.222 *kits* formados de computadores, impressoras, leitores de código de barra para 2.350 agências dos Correios em todo o Brasil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O valor estimado do contrato?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – O valor do contrato foi de R$90.989.312,00 – esse valor chegou-se após 21 lances, enquanto a nossa entrada no pregão foi com R$93.353.000,00 e o segundo colocado tinha R$109.261,00, ou seja, nós é que forçamos a baixa do preço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem foi vitorioso?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – O Consórcio Alpha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O preço final, então, apenas para que nós possamos....

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – R$90.989.312,00.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No pregão, a disputa para a redução dos valores, apresentadas as primeiras propostas para as cinco empresas, quais foram as empresas que reapresentaram novas propostas?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – A Procomp e o Consórcio Alpha que foram até o final nos últimos lances;

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas a Procomp e o Consórcio Alpha?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem idéia por que as demais empresas não prosseguiram?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Elas tinham preços muito superiores ao nosso. A IBM, por exemplo, estava com 130 milhões e a Itautec com 125 milhões e Unisys, que era o segundo preço, com 109 milhões. Não deve ter conseguido chegar no nosso preço de 93, que era o lance inicial e a Procomp que estava com 113 e veio para a briga e, depois de 21 lances bastante disputados, nós ganhamos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Encerrada a fase da apresentação das propostas e dado o resultado da classificação, segue-se a fase de habilitação do pregão. A documentação do Consórcio Alpha estava em ordem e foi regularmente habilitada?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Totalmente em ordem. Foi habilitada e assinamos o contrato em agosto de 2002.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma vez assinado o contrato em agosto de 2002, V. Sª poderia descrever com foi a execução do contrato?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Nós fornecemos os bens relativo ao contrato de setembro a novembro de 2002.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dentro do prazo contratual?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Dentro do prazo contratual – rigidamente dentro do prazo contratual – e, depois, ficamos dando manutenção nesse parque pelos 24 meses seguintes à entrega.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, de setembro a novembro de 2002, houve a entrega da totalidade dos equipamentos adquiridos e, depois, houve a prestação de serviços técnicos por 24 meses?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isto, como previa o Edital.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ao longo da execução do contrato houve aditamentos?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Houve.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais foram?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Houve um aditamento de 25% do contrato, permitido por lei: 22 milhões e 747....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi o aditamento da elevação do quantitativo do objeto do contrato?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isto. Em 25%, no dia 4 de junho de 2003.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quantos *kits* mais foram entregues?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Foram 25% dos 8222.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT-SP) – Mas isto de valor. O senhor não sabe precisar o valor.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – De valor. Eu não sei exatamente...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque o aditamento é sempre o valor equivalente, equalizado.

Depois, houve outros aditamentos?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Houve o aditamento – não quantitativo – do reequilíbrio econômico do contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foi?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Ele se deu... O reequilíbrio econômico-financeiro do contrato foi um longo processo. Na realidade, nós entramos com pedido... Convém esclarecer este ponto que é interessante: quando nós entramos na licitação em julho de 2002, o dólar estava na casa de R$2,86. Quando nós fizemos o fornecimento, o dólar médio do período foi R$3,57, com picos de R$3,99, na época da eleição do novo Governo, quando houve...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve a oscilação.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Aquela oscilação enorme do dólar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No momento em que os senhores entraram, o dólar estava baixo?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – R$2,86 exatamente no dia do pregão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – E o dólar médio do período de fornecimento foi R$3,57, chegando até R$3,99.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi isso o que motivou o pedido de reequilíbrio econômico-financeiro?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Nós pedimos um reequilíbrio econômico-financeiro. Entramos com esse pedido em outubro de 2002, durante o fornecimento, alegando, o que todos sabem, essa imprevisibilidade da subida do dólar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os equipamentos fornecidos pelo consórcio têm muitos componentes importados?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Sessenta e um por cento dos componentes eram importados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De que país?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Da Ásia, dos Estados Unidos, de vários países, desde *chips* até equipamentos inteiros.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, seria sobre esse 61% que a alta do dólar influenciou e houve o desequilíbrio econômico-financeiro?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Sobre os 61%, nós entramos com o pedido de reequilíbrio. Entramos com o pedido de 18,64% de aumento no contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dezoito?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – 18,64%. O Consórcio Alpha entrou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como foi a tramitação desse pedido?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Nós pedimos, então, R$16.987.000,00. Em 20/11/2002, houve um parecer favorável dos Correios, de uma comissão nomeada pela diretoria.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foi a comissão?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – A diretoria da época já não lembro mais. Desculpe-me, mas houve muitas mudanças, nessa época, de presidência e diretoria.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas qual foi a data?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – A data precisa foi no dia 20/11/2002.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 20/11/2002?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Houve um parecer favorável, mas nos concedendo não os R$16 milhões pedidos, mas nos concedendo R$11.172.000,00. Nessa época, mudou a diretoria novamente dos Correios, antes de nos pagar. A nova diretoria, que assumiu em novembro...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O fundamento para a concessão dos R$11 milhões foi a alta do dólar?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Foi a alta do dólar. Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posteriormente?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Assumiu uma nova diretoria, nomeou uma nova comissão. E essa nova comissão referendou o parecer anterior, dos R$11.172.000,00.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Referendou?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Daí esperávamos, então, receber. Quem conduzia todo o processo de tentativa de recebimento era a Novadata, que estava em Brasília e que era a líder do consórcio. Tínhamos a franca esperança – já que estávamos tendo prejuízo no contrato – de receber isso. Só que daí mudou de novo a diretoria dos Correios em março de 2003. Não recebemos. E ela pediu um novo parecer de uma nova comissão. E a nova comissão demorou 21 meses para dar o parecer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vinte e um meses?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – É. Estranhamente, não havia parecer. Esse foi o motivo que nos fez retardar até a entrada na Justiça para receber esse reequilíbrio. Não havia nenhum posicionamento negativo nem positivo quanto ao reequilíbrio. Em agosto... não, desculpe-me, em novembro de 2004, houve a resposta favorável, baixando o valor para R$5.517.000,00. Esse valor foi, então, nos pago em dezembro de 2004.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Cinco milhões...?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – R$5.517 milhões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi a justificativa dessa redução?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Cálculos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sempre em cima do dólar?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Sempre em cima do dólar. Daí o consórcio entrou com pedido de reconsideração desse valor já em dezembro de 2004 e foi formalmente negado agora, em agosto de 2005. Pela primeira vez, tivemos uma negativa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi negado?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – O pedido de reconsideração do valor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em agosto de 2005?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Em agosto de 2005, o que nos leva, provavelmente, a entrar na Justiça para tentar receber a diferença.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu fiz a introdução do depoimento. Pode continuar, Senador?

Então, prossigo eu: por que – e V. Sª pode explicar bem – o edital de licitação colocava *kits*? Ou seja, por que não se optou, em princípio, por compras que não fossem reunidos aparelhos em *kits*? Eu vou lhe explicar o porquê e V. Sª pode, talvez, explicar melhor.

Uma das colocações que foram feitas aqui ao longo dos trabalhos é que uma das formas de condução da licitação era exatamente a realização de licitação por *kits*, porque na medida que você viesse a comprar isoladamente os produtos, isso ampliaria a competitividade. Ao se reunir em *kits*, você reduziria o universo de empresas e, conseqüentemente, poderia marcar as cartas para licitação. Eu queria que V. Sª, se possível, comentasse essa questão.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Eu não sei justificar o porquê o Correio efetivamente fez isso, mas eu se estivesse no lugar de quem licitou, eu faria o mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Porque era uma licitação que não era simplesmente fornecimento de um computador ou de uma impressora ou da leitora de códigos de barras, eram nove equipamentos diferentes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais eram os equipamentos?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Posso pegar aqui?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Eram 8.222 microcomputadores; 8.222 impressoras autenticadoras; 8.222 leitores CMC-7; 8.222 leitores de código de barra; 8.222 teclado PIN; 8.222 balanças de correspondência; 4.199 balanças menores, de 30 quilos; 1.200 balanças de 50 quilos; 2.353 impressoras lasers; 4.324 impressoras de código de barra; e tudo isso com *software* que fizesse esses equipamentos todos funcionar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso não poderia ter sido comprado de forma isolada?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Poderia, mas daí você teria que ter uma empresa que faria a integração de tudo isso, que seria muito mais complicado. A responsabilidade fica a cargo da empresa fornecedora que essas coisas são compatíveis entre si. É muito complexo esse objeto. Talvez tenha sido um dos processos mais complicado que a gente já tenha participado, fazer com que o teclado PIN funcione com o leitor de código de barras.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que dialogassem os equipamentos.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se eu, por exemplo, fizer – e aí vai uma pergunta técnica – as especificações dos aparelhos numa compra isolada de tal maneira que eles possam dialogar sem dificuldades, isso é possível ou não? Ou seja, na descrição do objeto no edital eu descrevo de tal forma todos esses equipamentos de forma separada que garanta o diálogo entre eles.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Eu acho que seria possível, mas a possibilidade de erro seria muito maior que uma compra única. Tenho a impressão, não saberia afirmar.

Tenho impressão que eu... Os bancos privados normalmente compram soluções também. Não compram de um fornecedor isso e de outro fornecedor aquilo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa era outra pergunta que eu iria fazer. No mercado é usual? No mercado privado é usual a compra de *kits*?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Nesse tipo de *kit* sim. Talvez um ou outro equipamento daqui pudesse ser separado, mas os equipamentos de entrada de dados, por exemplo, são muitos complexos para serem separados. Têm que ter o mesmo *software* básico ou *firmware* dele tem que ser o mesmo para que eles dialoguem entre si.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que no caso foi feito consórcio entre o Positivo e a Novadata?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Porque era... A nossa capacidade na época era menor do que a complexidade desse projeto. Existia um prazo de entrega muito pequeno que nos impedia de... Se tivesse seis meses para entregar, por exemplo, talvez a gente tivesse ido sozinho, mas tinha 60 dias para entregar todos os objetos. Era muita coisa, a gente resolveu se reunir, porque eram duas empresas que não tinham porte para participar. Tanto é que, se olharmos todos os outros participantes da licitação, são todas empresas, exceto a Itautec que tinha na época um porte muito maior do que o nosso, são multinacionais especializadas na área.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Agora, quer dizer, V. Sª justifica a possibilidade da compra dos *kits* justamente por essa compatibili-

zação que talvez isso implicasse em facilidade operacionais.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, o preço do pregão foi definido apenas pelo preço dos produtos, não pela assistência técnica, ou foi?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Foi. Tinha um percentual do contrato que se referia à assistência técnica.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, fazia parte do todo o percentual de assistência técnica.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Sim. Assistência técnica por 24 meses.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou dizer por que pergunto isso. Porque uma das acusações que se apresenta é a acusação de que havia um superfaturamento exatamente na parte da assistência técnica, que seria um preço excessivamente colocado, o que, obviamente, então, seria uma situação completamente irregular. Ou seja, o preço estaria mais baixo na parte dos equipamentos, mas haveria uma assistência técnica caríssima.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Eu estranho a afirmação, porque o edital previa o máximo de 10% para assistência técnica: 90% para os produtos e 10% para a assistência técnica. Então, ele era fixado qual era o máximo... E, mesmo assim, esse máximo, de 10%, não era suficiente para cobrir os custos da assistência técnica nos 24 meses, tanto é que a gente jogou parte do preço da assistência técnica nos produtos, para poder...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A informação que o Sr. Maurício Marinho nos deu, semanas atrás, pelas quais nós o estamos ouvindo – não só a nós, mas o Ministério Público – é que, no caso do Consórcio Alpha, ao ser vencido o contrato, houve uma licitação, e venceu a Scopus, que pertence ao Grupo Bradesco. E que a Scopus, nessa licitação, ofereceu, pelo serviço de manutenção, preço inferior em até 30% àqueles que eram cobrados à assistência técnica dos *kits*.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – O que aconteceu foi o seguinte... Isso não se refere ao contrato do Banco Postal. O que está sendo discutido aí é que nós assinamos um contrato emergencial, por 60 dias...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, há um outro contrato... Que não tem a ver com esse...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Do mesmo objeto, do mesmo objeto...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dos *kits*, mesmo...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Dos *kits*...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, vamos especificar isso...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – O Correio abriu uma licitação em fevereiro deste ano...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos só remontar, historicamente, então, para que possamos localizar. Houve esse pregão que o senhor mencionou...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que foi de julho de 2002. Não é isso?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E que participaram as cinco empresas. Ganhou o Consórcio Alpha.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De valor, aproximadamente, de R$90 milhões.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo? Bem, posteriormente a isso, os senhores continuaram prestando esses serviços por 24 meses.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, após terem entregue, em três meses, o produto, esses serviços foram prestados – a assistência técnica – com o valor que havia se definido na proposta.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, depois disso, informa o Sr. Maurício Marinho, que, encerrado o contrato, foi aberta uma nova licitação...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Antes de encerrar o contrato, o Correio abriu uma licitação para serviços de manutenção desse parque do Banco Postal, não só vendido pelo Consórcio Alpha, como vendido por outras empresas que, também, compunham esse projeto chamado Banco Postal. Ele abriu esse processo licitatório – e não sei por que –, não foi concluído a tempo, e nos pediu...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, durante a vigência do contrato que o senhor tinha a assistência técnica foi aberta essa licitação?...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que era, também, para prestar serviços de

manutenção, não só nos equipamentos dos senhores, mas em outros também...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso também...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Nós, inclusive, participamos desse...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, por que precisaria desse serviço de manutenção, se os senhores já estavam prestando serviços?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não. A partir do momento que acabasse o nosso contrato. Nosso contrato era por 24 meses.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah... Então, foi aberta a licitação só para a assistência técnica...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – É. Para após os 24 meses de garantia dos equipamentos que nós estávamos prestando.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Perfeito...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – E o que que aconteceu? Nós até participamos, agora já não mais Consórcio Alpha, aí é a empresa Positivo, que já tinha condições de participar. Participamos desse processo licitatório, mas o Correio não conseguiu... A alegação, na época, foi que houve muitos recursos no processo (nove empresas estavam participando disso) e ele não conseguiu concluir o processo licitatório a tempo do nosso final de contrato.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não. Ao processo licitatório...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Pós 24 meses...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Da assistência técnica.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. (Orador não identificado) – Nove empresas participaram...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Nove empresas participaram... Houve uma licitação aberta para que, depois do vencimento da garantia dos 24 meses, prestasse a assistência técnica. Essa licitação parece que foi tumultuada. Nós participamos, inclusive, dela. O Correio não conseguiu renovar o seu contrato. Não conseguiu porque.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa era só para o serviço de manutenção...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso. Não conseguiu assinar o contrato com a empresa vencedora dessa outra licitação a tempo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi a empresa, o senhor lembra?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – A maioria dos lotes foi vencida pela Scopus, e um lote foi vencido pela Bematech.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores não ganharam nem um...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não. Nós ficamos em sextos e sétimos preços na...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Talvez, por conhecer a complexidade do serviço, entramos com um preço adequado, e os outros não sabiam quão complexo era o serviço. Então, por não ter conseguido concluir, chamou o Consórcio Alpha para um contrato emergencial de 60 dias.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A razão pela qual os senhores foram chamados para um contrato de emergência qual foi? Seria o fato de já estarem prestando serviços?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não haver um outro contrato... Para que o Banco Postal não parasse. As máquinas não podem parar. Tem de nos chamar, diariamente, para que dar manutenção.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª acredita que o fato de os senhores terem sido chamados, se prende ao fato de já estarem prestando esse serviço?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Por já estarmos prestando serviço...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não. Senadora Heloísa Helena, por favor.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Mas, ainda, o senhor disse há pouco... Desculpe, porque, como somos poucos, hoje... Ainda estava sob a vigência do contrato inicial de 24 meses, não estava?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Sim. Mas ele iria acabar...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim, então... Mas, ainda na vigência do contrato, todos vo-

cês participaram de um novo processo que era para a assistência técnica.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Processo esse que teve nove empresas...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – E que houve recursos e tal.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso. Isso...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – O senhor lembra, mais ou menos, em qual mês isso? Porque vocês ganharam um novo contrato emergencial de 60 dias e já tinha extinto o dos 24 meses?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Posso lhe precisar...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Tá...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Deixa eu me achar aqui. Eu tenho essas datas precisas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Fique tranqüilo. Hoje, nós estamos com pouca gente aqui... Dá bastante tempo para todos.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – A abertura das propostas se deu no dia 02 de fevereiro de 2005.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Em 02 de fevereiro...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – A abertura para a assistência técnica?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Para a assistência técnica.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – E o contrato de vocês estava vencendo, vencido... Estava como, o de 24 meses?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – O nosso contrato vencia, porque eram vários lotes...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Certo, certo...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Então, não tem uma data precisa. Mas nós assinamos esse contrato de prestação de serviço de manutenção corretiva, esse contrato emergencial – chamado pelo Correio de Contrato Emergencial – no dia 15 de março de 2005... Em 17 de março, desculpe.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Zé, eu posso perguntar uma coisa?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor, Senadora, à vontade.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É porque, quando esse contrato inicial, de 24 meses, ele era blocado 24 meses ou não?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Ele era um contrato que os 24 meses passavam a contar do último termo de aceitação... Tá?

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Certo. Então, partindo do último termo de aceitação, quando vencia o contrato?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Provavelmente, eu não tenho a data aqui, mas um dia antes desse contrato emergencial. Eu posso lhe precisar. Eu não tenho essa data, mas deve alguma coisa... Deve ser no começo de março.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Assim está bom, se puder, eu lhe agradeço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu agradeço a Senadora Heloísa Helena. Então, foi feito esse contrato emergencial por 60 dias.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O preço praticado nesse contrato era semelhante ao preço de assistência técnica do contrato anterior, ou havia uma elevação ou diminuição?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Ele foi um preço feito a partir do orçamento feito para esses 60 dias. Ele era maior do que o preço contido no contrato anterior, mas há de se perceber que era um contrato muito curto, que se teve de comprar peças para esse contrato, e ele era só por 60 dias. E foi renovado, inclusive, por mais 60 dias. E esse valor era R$1,034 milhão e a nossa parte era R$420 mil por mês.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse contrato foi executado ao longo de 60 dias. Ao longo de 60 dias, se abriu nova licitação? Se revogou a anterior? Como ficou?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não. Continuava em curso aquela.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah... Aquela continuava em curso aquela.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Continuava em curso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Só não tinha sido finalizada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só não tinha sido... E, aí, então, concluiu aquela licitação.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Concluiu. E, a partir daquilo, acabou...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o vencedor daquela licitação foi a Scopus...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Foi a Scopus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, consta que o valor da Scopus teve um preço inferior em até 30% daqueles que vinham sendo cobrados pelos senhores...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não é 30%, é 10% abaixo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dez por cento abaixo...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – E o objeto é completamente diferente. O objeto da Scopus era um contrato de 48 meses, o nosso objeto era um contrato de 60 dias – dois meses. Então, nós tivemos de comprar umas peças para 60 dias. Não é comparável uma coisa, um objeto com o outro. Tanto é que, se observar, o nosso preço na licitação era realmente muito maior que o da Scopus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, V. Sª atribui esse preço elevado ao fato de ser um contrato de prazo mais reduzido.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, em relação ao contrato anterior, ele também seria mais elevado por força disso?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Por força disso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, comparando o primeiro contrato, de 24 meses, com o contrato da Scopus, houve redução ou equivalência?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – O contrato da Scopus é muito maior do que o nosso dos primeiros 24 meses.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não em quantitativo, mas em valor?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Em valores.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele é maior do que aquele?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Ele é maior. Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, se eu, obviamente, lhe perguntasse se o contrato que V. Sª manteve, durante 24 meses, teria um superfaturamento na parcela Assistência Técnica, obviamente V. Sª negaria isso, argumentando que o contrato seria inferior?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Sim, sem dúvida. Sem dúvida. E, além disso, foi um pregão extremamente disputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem notícia de que, de alguma maneira, a Novadata possa ter tido algum tipo de relação privilegiada com os Correios, por força de algum tipo de influência política ou de amizades que o Grupo Novadata, ou o seu presidente, tenha com pessoas do Governo Federal?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Desconheço qualquer vantagem. Tanto é que ficamos esperando 21 meses esse parecer. Imaginava que, pelas amizades dela, a gente conseguisse muito antes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, efetivamente, então, relativamente à questão do equilíbrio econômico e financeiro, em algum momento alguém pediu ou insinuou algum tipo de propina para que V. Sªs tivessem que obter o equilíbrio financeiro?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Imagino que não. Imagino que não, mas quem conduziu todas as negociações com os Correios foi a líder do consórcio, a Novadata.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para, também, a Novadata, quem conduzia isso? Era o Sr. Mauro Dutra?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não sei quem na Novadata. Imagino que não seja o Dr. Mauro, mas não tenho conhecimento específico de quem, efetivamente, conduziu a negociação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, na verdade, os senhores tinham pleiteado um reequilíbrio econômico-financeiro, por força da elevação do dólar, da ordem de R$18 milhões?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – R$16 milhões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De R$16 milhões. E obtiveram R$5 milhões.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª avalia, então, que teve prejuízo nesse contrato?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Tivemos prejuízo nesse contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da ordem de quanto?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Desses R$11 milhões. Se levarmos em consideração o que esperávamos ganhar quando fizemos o preço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E pretendem ir à Justiça, agora, receber essa diferença?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Agora que recebemos a negativa, devemos ir à Justiça.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ao que V. Sª atribui essa demora tão grande para que fosse deferido, ou indeferido, esse pedido de reequilíbrio econômico-financeiro? Porque, tradicionalmente, é uma coisa que, claro, exige uma instrução administrativa, mas não demora tanto.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Sinceramente, não sei. Há os desmandos da coisa pública. Não sei o que aconteceu, mas é extremamente danoso para nós e sempre tínhamos as notícias, por parte da Novadata: "Não, agora vai. Agora, vai dar certo". E, por isso, também não entramos na Justiça antes. A nossa paciência já tinha-se esgotado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, porque também causa espécie o fato de os senhores não terem entrado na Justiça.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Mas não tínhamos nenhuma declaração de que iriam nos pagar, nem de que não nos iriam pagar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas para forçar uma decisão, talvez.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – E brigar com o cliente a gente sempre evita. É nosso cliente que

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, talvez, para forçar uma decisão.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Pode ser, pode ser. Talvez tenha sido uma decisão errada ter esperado tanto – ter esperado tanto e ter recebido R$5 milhões. Cinco milhões, no total. Nossa parte foi R$2 milhões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Senhora Senadora Heloísa Helena?

Senadora Heloísa Helena com a palavra.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Dr. Hélio Rotemberg, veja, nós temos um problema grande nas Comissões Parlamentares de Inquérito. Eu digo sempre, todas as vezes que vamos participar de qualquer procedimento investigatório, que a gente, claro, tem a obrigação de partir do pressuposto de que nem todos os que estão sentados para prestar depoimento são envolvidos com crimes contra a Administração Pública, estão fazendo tráfico de influência e intermediação de interesse privado. E, para a gente, é sempre muito difícil, porque, em muitos momentos, personalidades que aqui estão prestam depoimentos supostamente coerentes, sob o ponto de vista das datas, dos dados, da complexidade técnica que está sendo apresentada, e, depois, quando se quebra sigilo bancário, fiscal e telefônico, quando se faz auditoria nos contratos, quando se ouvem outras personalidades igualmente partes do procedimento investigatório que nós estamos analisando, as coisas mudam completamente. E, às vezes, quando eles voltam, passam a falar exatamente o contrário do que falaram no primeiro depoimento que aqui prestaram.

Então, é sempre muito difícil conduzir tendo a tranqüilidade que é obrigação nossa, até em função dessas vivências e experiências anteriores em Comissões Parlamentares de Inquérito, ou em qualquer outro procedimento investigatório nas Comissões de Fiscalização e Controle.

O senhor está aqui para prestar depoimento em função não apenas de denúncias, mas de indícios relevantes de crimes contra a administração pública no chamado contrato Alfha que, como V. Sª explicou, tinha 49% do contrato – o que não é pouco, não é uma participação pequena. É bastante razoável. Mesmo partindo do pressuposto de que a Novadata poderia ter uma estrutura maior, mais competitiva, mas é quase igual.

Então, partamos do pressuposto de que a Novadata acabou ficando com um percentual maior porque estava em Brasília e talvez tivesse mecanismos mais apropriados e ágeis para ficar monitorando os contratos, as licitações. Partamos do pressuposto de que isso é verdade. Só que, o que nós temos visto até agora, no trabalho desta CPMI, é que houve uma distribuição do gestor operacional dos Correios, das sete áreas que compõem o gestor operacional dos Correios, para verdadeiras gangues partidárias, que, por sua vez, fraudavam o processo de instrução de um edital de licitação, a licitação, agindo em conluio com empresários, protegidos da estrutura palaciana, que, por sua vez, baixavam por demais o preço para conseguir ganhar a licitação e, depois, eram recompensados com o reequilíbrio econômico-financeiro dos contratos com os aditivos contratuais.

Esses senhores empresários, vitoriosos em processos licitatórios e execução contratual fraudados, pagavam as gangues partidárias, que, por sua vez, eram uma das fontes da água suja do mensalão, ou qualquer outro nome que seja dado a esse esquema de corrupção. Um dos depoimentos que acabou gerando uma polêmica pública maior, foi justamente o do Dr. Marinho. Ele, não apenas no primeiro depoimento que deu nesta Casa, mas no termo de declarações que deu ao Ministério Público Federal, na Procuradoria da República do Distrito Federal, fez uma apresentação muito mais contundente, com mais elementos, com mais documentos apresentados para, de alguma forma, dar veracidade à tese que ele tinha levantado de que havia indícios relevantes de crimes contra a administração pública também no contrato em que V. Sª acabou sendo beneficiado, o contrato Novadata/Positivo.

Os sigilos bancário, fiscal e telefônico, tanto de V. Sª como do Sr. Mauro Dutra, da Novadata, obrigatoriamente serão quebrados, tantos os individuais como os das empresas também. Então, como é que o senhor explica?

Tudo bem! O senhor disse, ainda respondendo ao Deputado José Eduardo, Sub-Relator, que quem conduzia todas as relações técnicas ou políticas, ou

qualquer nome que a ela seja dada, era a Novadata; que o senhor não lembrava, ao certo, quem era o responsável. E toda a polêmica acabou indo para os meios de comunicação também em função das relações de amizade, das relações políticas do Sr. Mauro Dutra com o Presidente da República. É claro que todos nós sabemos que o Sr. Mauro Dutra tem, também, uma relação de parceria com uma das pessoas mais sérias deste País, que é Dom Mauro Morelli, em um projeto que ele defende e que ele acha que é extremamente conseqüente. Mas esse fato acabou sendo, em todos os momentos apresentados, um mecanismo que possibilitou que os senhores ganhassem uma licitação que tinha sido fraudada desde o processo de instrução.

Então, veja como é difícil a nossa situação, porque eu sempre parto do pressuposto de que todos podem ser inocentes e que a verdade acaba aparecendo. Se a auditoria contratada pelo Senado esconder, alguma outra auditoria poderá ser feita, ou pelo Tribunal de Contas da União, ou pelo Ministério Público, e, mais cedo ou mais tarde, havendo elementos que possibilitem a caracterização de tráfico de influência, intermediação de interesse privado, exploração de prestígio, corrupção ativa e passiva, tudo aquilo que o Código Penal diz que, ao se fazê-lo, dá cadeia – embora no nosso País não dê –, objetivamente, nós vamos acabar descobrindo, embora o manto da impunidade esteja cada vez maior no Congresso Nacional. A operação "abafa" que está sendo montada de forma sofisticada, desprezível, pulveriza as investigações e impossibilita o trabalho dos Parlamentares, do jornalismo investigativo ou até o acompanhamento das mulheres e homens de bem e de paz que, como eu repito sempre, querem continuar ensinando a seus filhos que é proibido roubar e, por isso, não podem aceitar a impunidade.

É nesse cenário político, é nessa caracterização que o senhor vem prestar depoimentos. Então, eu queria saber se o senhor não se lembra de algum fato, de algum dado. Alguém poderia dizer assim: "Mas não está vendo que ele não vai dizer? Se ele soubesse de algo que significasse indício relevante de crime contra a administração pública, ele jamais diria, não é?" Mas, mesmo assim, nós perguntamos.

O senhor, vendo as outras empresas que estavam concorrendo, identificando, até – porque o senhor trabalha na área, portanto é um conhecedor inclusive da capacidade técnica, econômica e política das outras empresas também -, achava que o procedimento licitatório de que foram vencedores estava absolutamente dentro do marco da legalidade, sob a égide da legalidade? O senhor, analisando as outras empresas que concorreram, o preço, as conseqüências posteriores à licitação vitoriosa, os aditivos contratuais, a assistência técnica com que vocês também competiram, achou que o procedimento em que o senhor era parte como contrato, como o consórcio Alfha, foi absolutamente dentro dos padrões objetivos, concretos, com todos os elementos técnicos, econômicos, e que a possibilidade era de que vocês realmente ganhassem?.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Senadora, me remete a sua fala ao dia do pregão, em que nós ganhamos essa licitação. Talvez tenha sido um dos momentos mais nervosos da minha vida e mais felizes, após ter vencido. Era uma licitação muito grande para o nosso tamanho.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Dr. Hélio, o senhor pode fazer só uma coisa, já que o senhor vai-se lembrar deste dia? O senhor pode, inclusive, lembrar quais as conversas e quais os contatos nos 10 dias anteriores ao pregão e no pregão, mesmo? Eu acho que esse detalhamento é muito importante.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Nossos contatos... Não tivemos contato com os Correios, só através das perguntas oficiais; tivemos várias reuniões com a Novadata, isso sim, tentando arquitetar o consórcio. No dia do pregão, eu estava de férias, estava num hotel em Pernambuco, com minha família, num *resort*, e passei o dia dando lances das pessoas me ligando do Positivo, dizendo: "Vão baixar, faça a conta por aqui, faça a conta por ali, liga para a Novadata, vê o que baixa lá, o que baixa aqui.". Depois de 21 lances, que demoraram mais de 10 horas, nós ganhamos o pregão.

Eu tenho absoluta convicção, absoluta convicção de que não há qualquer...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Quer dizer que o fato de V. Sª estar no hotel com a família não era porque estava tranqüilo em relação ao resultado, não. Era porque...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não, estava por coincidência, nessa época lá, e estavam-me consultando sobre os lances a serem dados.

Tenho absoluta convicção de que o processo foi absolutamente à prova de qualquer fraude – o processo licitatório que nos deu a vitória. Tenho a mais absoluta convicção. Foi um processo muito disputado, entramos de surpresa no pregão, ninguém esperava que o nosso consórcio entrasse, as grandes empresas achavam que ia ficar para uma das grandes. Quando nós entramos, foi a grande surpresa, tanto é que nosso lance inicial foi de 93 milhões e o lance inicial do segundo colocado, que era a Unisys, era de 109 milhões. Daí, imaginamos que nem íamos conseguir dar lance, tão baixa era a nossa proposta. Daí, deram um lance e nós fomos baixando até os 90 milhões. Foi um processo bastante disputado, bastante disputado. E, daí, tivemos a ingrata notícia, a ingrata novidade da subida

do dólar, abruptamente, durante a eleição do Lula, que todos viram que aconteceu no último semestre, com picos de até 3,99, praticamente 4, que era justamente o momento em que a gente estava entregando todos os equipamentos. E, por isso, pedimos o reequilíbrio econômico-financeiro do contrato, todo pautado em documentos, todo pautado em notas fiscais que comprovavam o reajuste desses componentes.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Quer dizer que em nenhum momento antes da, digamos, exarcebação fétida dessa história toda, o senhor não tinha ouvido falar absolutamente nada?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Absolutamente nada.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Nenhuma relação política, nenhuma relação de nenhum empresário ou de nenhuma personalidade política, nada, absolutamente nada, nem com o Governo passado, nem com o atual Governo?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Absolutamente nada. Tínhamos os Correios como um exemplo dos processos licitatórios que fazíamos. Participamos de outros pregões dos Correios, ganhamos um, perdemos vários, todos muito disputados e abertos a várias empresas. Então, não tínhamos nenhuma desconfiança de absolutamente nada.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É só, Presidente. De qualquer jeito, vai ter que ser aprovado, então, o requerimento tanto de minha autoria, como o de V. Exª, com a quebra de sigilo, para a reunião administrativa, porque não pode ser feito nesta. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, agradeço.

Senador Alvaro Dias com a palavra.

O SR. ALVARO DIAS (PSDB – PR) – Prezado Deputado José Eduardo Cardozo, eu vou ter que me retirar para uma reunião na Presidência do Senado, para tratar da Medida Provisória do Bem, então eu vou só fazer uma consideração, não vou fazer indagações. Creio que eu devo fazer algumas considerações por uma questão de justiça, de convicção pessoal e de honestidade relativamente aos fatos.

Uma CPI, é evidente, pode ser o caminho para a condenação. Ela pode reunir elementos para que o julgamento no Judiciário venha a condenar pessoas por ilicitudes praticadas, mas ela pode ser, também, um atestado de boa conduta, quando aqueles que por aqui passam comprovam a lisura dos procedimentos adotados. E, evidentemente, nós não estamos na etapa de fazer qualquer juízo de valor relativamente àqueles que aqui se apresentam.

Eu quero apenas destacar o conceito do grupo Positivo, que conheço, do meu Estado, do Estado do Paraná, a sua importância não só econômica, mas também cultural, no campo da educação e, evidentemente, social. Quero, sobretudo, destacar a reputação do grupo Positivo no nosso Estado.

Não há, em toda a sua história, qualquer eiva de suspeição em relação ao comportamento empresarial adotado pelo grupo. Este depoimento eu gostaria de prestar aqui, evidentemente sem nenhum propósito de interferir no eventual julgamento que esta Comissão possa fazer, porque o fará, certamente, em função dos fatos que estão sendo investigados. Evidentemente, se esse Consórcio Alfha der motivo a qualquer prejuízo ao Estado brasileiro, esta Comissão terá que revelar, já que a isenção deve ser a sua marca ao final dos seus trabalhos. Eu fico sempre com a esperança e a expectativa de que, realmente, relativamente ao grupo Positivo, nada possa-se encontrar.

Desta forma, Sr. Deputado José Eduardo Cardozo, eu não farei nenhuma indagação, mas, evidentemente, eu imagino que um Governo sério só beneficia empresas conceituadas e competentes. O que deseja uma empresa de conceito, de competência, é exatamente que o Governo seja sério. Ela só tem a ganhar quando o Governo é sério, e o nosso alvo principal aqui é exatamente o poder público, que é o grande corruptor. Há, evidentemente, empresários e empresas que se aproveitam quando as portas se escancaram para a corrupção. Devem também ser condenados. Mas especialmente a nossa busca deve ser dos corruptores e o Poder Executivo, nesse escândalo de corrupção, é o grande corruptor. É por isso que se discute tanto e que a imprensa cobra tanto, com justificada razão. O que se pretende é a identificação dos responsáveis pela arquitetura e operacionalização desse esquema de corrupção e, evidentemente, o que se pretende é a identificação da origem dos recursos utilizados nesse esquema de corrupção. É por isso que o Sr. Hélio Rotemberg está aqui, prestando seu depoimento, porque, evidentemente, ninguém pode estar excluído de uma investigação que pretende ser séria e apontar, realmente, os verdadeiros culpados. Da minha parte, eu tenho a convicção de que, neste caso, há, certamente, a conduta empresarial adequada e, obviamente, isso ficará a critério da CPMI ao final de seus trabalhos e, principalmente, do relatório competente que certamente teremos, desse extraordinário Parlamentar paulista que é o Deputado José Eduardo Cardozo. Nós teremos, aí sim, a plena convicção dos procedimentos adotados. É o nosso desejo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço as palavras do Senador Alvaro Dias.

Retomo ainda as questões dessa Sub-Relatoria.

O senhor tem ciência se o Sr. Maurício Marinho ou se o Sr. Antônio Osório Menezes de alguma forma interferiram nesse processo relativo ao reequilíbrio econômico-financeiro?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não tenho idéia. Parece que o Dr. Antônio Osório era o diretor administrativo e deve ter participado dos pareceres ou do trâmite legal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há uma coisa que nos chamou a atenção aqui na CPMI: é que, em junho de 2002, a Novadata encaminhou uma carta à Empresa de Correios e Telégrafos afirmando que havia obtido informações de que o pedido de reequilíbrio seria indeferido.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Em junho de 2002?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em junho de 2002. Só que a informação estava colocada num relatório interno do grupo de trabalho, coordenado pela Srª Tânia Regina Munari. O que nos espantou é como que a Novadata teve essa informação. V. Sª saberia dizer? Antes da divulgação do resultado, como é que eles saberiam que seria indeferido?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não tenho idéia. Eu só estranho a data: junho de 2002, que foi antes do processo licitatório.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, é a data que consta aqui, pelo menos da...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Mas desconheço qualquer...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qualquer informação nesse sentido?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Qualquer informação sobre isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, não deve ser 2002, não é? Deve ter sido na data em que o senhor pediu o reequilíbrio, que foi...

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Foi em outubro de 2002.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deve ser junho de 2003, talvez, alguma coisa assim. Vamos checar essa data.

Uma outra coisa nos chamou a atenção também, e essa talvez V. Sª tenha condições melhor de responder em conjunto com o próximo depoente da Novadata.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Pois não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Segundo as observações feitas pela auditoria econômica do TCU que está em fase de elaboração, de fato o pedido de reequilíbrio econômico-financeiro feito por V. Sª se prendeu à idéia da variação do dólar, imprevista em 2002. No entanto, segundo os dados de referência adotados pela auditoria, em julho de 2002 já existiam vários indicativos de mercado que previam a instabilidade do dólar, isso por força da proximidade das eleições presidenciais e pela subida nas pesquisas do candidato Lula, que era visto por alguns economistas como, talvez, propiciador de alguma oscilação no campo do mercado.

Os nossos auditores econômicos manifestaram uma certa surpresa do porquê de o consórcio trabalhar com essa idéia de não variação do dólar, quando já o mercado tinha conhecimento da possibilidade dessa variação. V. Exª saberia informar o porquê disso?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Veja, não é que nós não trabalhamos com a possibilidade de variação. Nós trabalhamos com uma possibilidade de variação, mas menor do que a variação que efetivamente ocorreu. Nós não pedimos a variação dos 2,86 aos 3,57. Acontece que nós imaginávamos, sei lá, de 2,86, eu não me lembro na época, que variasse até três, até 3,05, mas jamais indo até 3,99. Essa era a imprevisibilidade: a subida tão grande. E não há como se proteger dessa alta de qualquer outra maneira. E o instituto do equilíbrio econômico-financeiro de contrato, que existe na Lei 8.666 e que existiu também no contrato entre o consórcio e os Correios, era explicitado no contrato justamente para se tirarem do preço as expectativas de alta de impostos ou qualquer coisa. Por isso é que existe o instrumento do equilíbrio econômico-financeiro do contrato, para justamente as coisas não previstas serem abordadas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma questão também que chamou a atenção da auditoria se coloca no seguinte sentido: que revistas de informática do período de julho a dezembro de 2002 registram que computadores com configuração semelhante à oferecida pelo consórcio não sofreram elevação no período. Por que é que empresas pequenas, como a PC Línea, por exemplo – foi feita a amostragem –, conseguiram manter os preços de seus computadores e empresas grandes, como essas que integram o Consórcio Alfha não teriam conseguido? Isso chama a atenção.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Essa afirmação me causa surpresa. Todos os preços sobem de acordo com o dólar. Todo o mercado de informática é dolarizado, não há o que se esconder. Quando cai o dólar, cai o preço; quando sobe o dólar, sobe o preço. Não

há a mínima dúvida quanto a isso. E eu teria vários argumentos e vários gráficos para apresentar, mostrando a alta do preço do computador nesse período. Sem dúvida alguma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, os dados obtidos pela auditoria econômica mostram, por exemplo, que a empresa PC Linea não teve variação. Por quê?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Eu desconheço a empresa PC Linea. Não saberia dizer por quê.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eles dizem que pequenas empresas que têm a configuração semelhante à de vocês não teriam tido variação. Haveria alguma razão para justificar isso?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Eu não conheço a estrutura de preços da PC Linea, mas eu tenho absoluta convicção de que qualquer empresa séria do mercado – não estou com isso dizendo que a PC Linea não seja séria, não a conheço –, todas as empresas sérias do mercado, multinacionais, nacionais, todas que recolhem seus impostos e tributos, certamente tiveram seus preços majorados nesse período.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, o senhor gostaria de fazer mais algum acréscimo? Porque creio que as relações relativas mais à administração interna do equilíbrio econômico-financeiro tenham sido mais tratadas pela Novadata, pelo que V. Sª já falou. V. Sª ficava mais a distância, uma vez que era a empresa líder do consórcio.

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Isso. Apoiando a estratégia. Não entrando na negociação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, portanto, eu deixarei questões de maior especificação do equilíbrio econômico-financeiro para serem feitas ao Sr. Mauro Dutra, da Novadata. V. Sª teria algum comentário a mais, adicional, para fazer?

O SR. HÉLIO ROTEMBERG – Não tenho mais nada a acrescentar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, esta Sub-Relatoria agradece imensamente a presença de V. Sª, pela contribuição prestada aos trabalhos. Nós suspenderemos a reunião por três minutos e, em seguir, teremos a continuidade com o novo depoimento.

(Suspende-se a reunião às 16 horas.)

(Reabre-se a reunião às 16 horas e 22 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Reaberta a reunião desta Sub-Relatoria da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito criada pelo Requerimento nº 03, de 2005.

Nós passaremos, agora, à oitiva do Sr. Fernando Leite de Godoy. Esclareço aos Srs. Parlamentares e a todos os presentes que o Sr. Fernando Leite de Godoy irá prestar o seu depoimento na condição de testemunha.

Já assinado o termo, agradeço a presença de V. Sª e passo, de imediato, a palavra para que o próprio depoente, se quiser, dela faça uso para expor, em rápidas palavras, sua visão sobre os fatos que, obviamente, o levaram a estar aqui presente, na Comissão Parlamentar Mista de Inquérito. Se assim o desejar.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Se o senhor permitir, prefiro colocar-me à disposição do senhor para qualquer esclarecimento.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Declinando do uso da palavra preliminar, passo então à argüição.

Eu começaria inicialmente pegando alguns dados básicos da vida funcional de V. Sª. Quando V. Sª ingressou nos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ingressei nos Correios por meio de concurso, em 1978, para fazer um curso de administração.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para que cargo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Fiz um curso de administração postal, terminei esse curso e fui contratado em 1/1/80.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas houve um concurso público?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Houve um concurso público; passei no concurso, fiz o curso de administração postal e fui contratado pelos Correios em 1/1/80.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a função?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Administrador postal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Administrador postal.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Na realidade, foi um concurso ao longo de dois anos, porque prestava prova e, se fosse reprovado, ia embora. Então, na realidade, foi um concurso...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois o senhor foi lotado onde como administrador postal?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Trabalhei, inicialmente, na Diretoria Regional de Brasília, na gerência financeira.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o gerente?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Na época, João Batista.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Diretor regional?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Diretor, na época, não me recordo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor trabalhou de 78 até quando na Diretoria Regional de Brasília?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu trabalhei de 1980 até mil novecentos e oitenta...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, o senhor começou em 1978 trabalhando na regional.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, eu fui aluno de um curso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 78.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – E fui contratado em 1980.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Até quando?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Trabalhei na Diretoria Regional de Brasília de 1980 a 1986.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seis anos.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso. Passei um ano na Diretoria Regional de Florianópolis.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um ano em Florianópolis.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – E voltei para a Diretoria Regional de Brasília.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor foi para Florianópolis?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Fui acompanhar a família, minha esposa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A sua esposa tinha sido removida para lá?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não, a família dela é de lá, e eu resolvi...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pediu remoção?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu pedi remoção para lá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi aceita?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foi aceita e voltei para cá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o diretor de Florianópolis na época? O senhor lembra?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Na época, era Fernando Caldeira. E aí passei lá um ano e voltei para trabalhar na Diretoria Regional de Brasília.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A função que o senhor exercia em Florianópolis qual era?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nenhuma, era só o cargo de administrador postal. Só o cargo de administrador postal, sem função nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só o cargo, o senhor trabalhava então como administrador postal.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Sem função nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Na Diretoria Regional de Brasília, eu exerci o cargo de inspetor regional e gerente de operações durante esse período inicial que passei na Diretoria Regional de Brasília.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí o senhor retornou então em 87?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Retornei em 89.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos só resgatar: o senhor trabalhou de 80 a que ano?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A 88.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De 80 a 88, o senhor trabalhou em Brasília; em 88, o senhor foi para Florianópolis?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso, e voltei em 89.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Voltou em 89?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para exercer que função?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Aqui eu exerci a função inicial de assessor de planejamento da Diretoria Regional de Brasília.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o diretor?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Jorge Eduardo Martins Rodrigues.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi a primeira função de confiança que o senhor ocupou?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, o primeiro cargo de função de confiança que eu exerci foi, no início, na Diretoria de Brasília, em 1980, como chefe de sessão de controle, era uma sessão de controle da área financeira.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem que o indicou naquela época para esse cargo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O gerente financeiro. Existia o diretor, o gerente financeiro e depois o...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E para assessor de planejamento, em 89, quem o indicou?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foi o próprio diretor, Diretor Jorge Eduardo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Jorge Eduardo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto tempo o senhor exerceu a função de assessor de planejamento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu devo ter exercido mais ou menos dois anos. Após essa função, se não me engano...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Prossiga, por favor.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – ... fui ser diretor regional adjunto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que ano?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso, se não me engano, foi em 1990.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor foi nomeado para esse cargo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Quem me indicou foi o Presidente da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o Presidente da empresa?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Rocha Lima.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve alguma interferência política nessa indicação?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nenhuma?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois de 90?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Fiquei nesse cargo até 1993 que passei para ser diretor regional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o Presidente na época?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Em Brasília, o Presidente ... Antonio...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor foi nomeado para esse cargo? Alguém o indicou?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foi o Presidente também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E quem era o Presidente? O senhor não lembra?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Antônio Corrêa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT –SP) – Depois de 93...?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Fiquei nesse cargo até 2002, como Diretor Regional de Brasília.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Depois disso, passei um ano como Administrador de Brasília.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Quer dizer, o senhor foi rebaixado de função?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não fui rebaixado, fui requisitado ao GDF.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso foi de 2002 até quando?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Até 31 de dezembro de 2002.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Obviamente, a sua requisição para o GDF teve alguma participação política de alguém. Quem foi?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Indicação do PFL.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Indicação do PFL?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Particularmente quem do PFL o indicou?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foi a Executiva como um todo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Executiva Nacional?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, regional. Executiva Regional do PFL do Distrito Federal

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Depois disso, mais ou menos no mês de abril de 2003, voltei aos Correios para ser Assessor Executivo do Diretor de Recursos Humanos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em abril de 2003 voltou aos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Assessor...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Executivo do Diretor de Recursos Humanos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o indicou para essa função?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Antônio Osório.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Antônio Osório?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Depois, quando ele foi para a Diretoria de Administração – isso em julho de 2004 –, eu o acompanhei, ele me convidou e eu fui.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a sua função?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Assessor Executivo da Diretoria de Administração.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor é subordinado do Sr. Maurício Marinho?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, de Antônio Osório.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do Antônio Osório?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Até 16 de maio, com o afastamento do Diretor Antônio Osório, eu também pedi para sair junto, porque Assessor Executivo é um cargo de confiança do Diretor. Então, eu saí junto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. E hoje o senhor está trabalhando onde?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Como administrador postal, na Universidade dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Universidade dos Correios. O senhor é filiado a algum partido político?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – PTB.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desde quando?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Se eu não me engano, mês de maio de 2004.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Maio de 2004?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso, isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Antes disso, o senhor era filiado a algum Partido?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – PFL.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor era filiado ao PFL desde quando?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desde 1995, se eu não me engano, viu Deputado? Se eu não engano, desde 1995.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Saiu quando do PFL?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foi no mês de abril.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De 2004?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Abril ou maio mesmo de 2004.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor saiu do PFL e ingressou nas fileiras do PTB?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu estava um pouco insatisfeito com o Partido.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desentendimento interno, e o Antônio Osório me convidou para entrar no PTB; entrei e já estava na função de assessor executivo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor ocupou no PFL algum cargo em Diretório?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu era membro da Executiva do PFL.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Executiva...?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Regional.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Sr. Presidente, só um esclarecimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a palavra o Deputado Eduardo Paes.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Entrei aqui e fiquei absolutamente constrangido pela ausência de Parlamentares. Mas, creio que esse esclarecimento vale a pena a dar. Está tendo depoimento do Doleiro Alberto Yussef numa das outras Subcomissões e uma série de Parlamentares, a maioria dos Parlamentares da Comissão está lá. Eu estava naquela Sub-Relatoria

até agora. A maioria está lá. Sei que V. Exª sabe disso, mas, principalmente para o público externo, não é desinteresse dos Parlamentares, ressalto que há três reuniões acontecendo paralelamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São três reuniões ao mesmo tempo.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Só para esclarecer, dado o constrangimento que fiquei quando entrei aqui.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço imensamente ao Deputado Eduardo Paes. É um esclarecimento importante. Nós sabemos, os jornalistas sabem, mas, com certeza, a população brasileira, que acompanha todos os trabalhos, não saberia desse fato. Agradeço a V. Exª pela informação.

Quando V. Sª entra no PTB, passou a ocupar algum cargo de direção?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Passei a ocupar o cargo na oportunidade surgida na executiva regional também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na Executiva regional?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E permaneceu nela ou galgou algum outro posto?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não. Permaneci nela. Hoje não tenho mais função nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor se filiou, já imediatamente foi na executiva nacional?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, imediatamente não, numa oportunidade na frente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais as relações que o senhor tem com o ex-Deputado Roberto Jefferson.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Quanto às relações, não posso considerar amigo. Conheço-o e tenho um bom relacionamento com ele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desde quando?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Uns quatro anos, mais ou menos atrás.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor conheceu o Deputado Roberto Jéferson?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele me pediu para colocar um estagiário nos Correios. Primeira relação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor ocupava que cargo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Se não me engano, era diretor regional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não trabalhava ainda com o Sr. Antônio Osório?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, ele o procurou.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É, como outros Parlamentares também procuraram, pedindo colocação de estagiário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor colocou o estagiário a pedido dele?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Coloquei de forma legal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é esse estagiário?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não lembro. Isso aí não tem condição.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A partir daí, que contato o senhor manteve com ele?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Esporádico. Não teve grande contato, não. Encontrava às vezes no Congresso. São coisas circunstanciais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor conheceu o Deputado Roberto Jefferson, já conhecia o Sr. Antônio Osório?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Conheci o Sr. Antônio Osório numa posse, na posse da Legislatura 2003, aqui na Câmara dos Deputados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não tinha tido nenhum contato antes?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, nenhum.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que o senhor o conheceu?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Aqui, conversando com ele a respeito do aspecto de partidos. Naquela época eu já externei a minha vontade de sair do PFL e disse que trabalhava nos Correios, deixei um cartão com ele. Trabalhava no GDF e era funcionário dos Correios. Tinha sido diretor regional durante alguns anos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posteriormente a isso, o senhor continuou mantendo contato como Sr. Antônio Osório?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não. Ele assumiu a diretoria de Recursos Humanos e me convidou para trabalhar com ele, já que ele não conhecia ninguém dentro dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que relações mantinha o Sr. Antônio Osório com o Sr. Roberto Jefferson?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Relativamente próximas, até porque ...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor fala em relativamente próximas... Eram amigos?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Considero que sim, considero que sim. Os dois eram da Executiva Nacional e parece que se conheciam desde 95; foram Parlamentares juntos. Essa é a informação que eu tenho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor conheceu o Sr. Maurício Marinho?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O Maurício Marinho, a primeira relação mais próxima que eu tive com ele foi no ano, se eu não me engano, viu, Deputado, 2002. Maurício Marinho era chefe de departamento de treinamento aqui na divisão central, eu era diretor regional dos Correios. Alguma informação técnica dele para a diretoria regional, ou vice-versa, foi o primeiro contato profissional que eu tive com ele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi em 2002?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Foi em 2000, se eu não me engano em 2000. Ele era chefe de departamento de treinamento dos Correios, na época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E esse contato que o senhor teve com ele foi a propósito do quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Era assunto técnico, rotina na área técnica. Foi um contato muito curto mesmo, foi o primeiro contato que eu tive com o Maurício Marinho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posteriormente, o senhor chegou a ficar amigo do Maurício Marinho?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca foi amigo do Maurício Marinho?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabia que tipo de relação o senhor Maurício Marinho mantinha com o Deputado Roberto Jefferson?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A meu ver, nenhuma; muito, muito pequena. Eu até diria que, no meu ponto de vista, era quase zero. No meu ponto de vista.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque nunca vi nenhum relacionamento, nenhum comentário do Marinho que tinha falado com o Roberto Jefferson ou recebido algum telefonema. Com certeza, se o Roberto Jefferson ligasse ao Marinho o Marinho falaria para mim ou falaria para outras pessoas também. É a minha dedução.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que se o Roberto Jefferson ligasse para o Marinho ele falaria para o senhor? Se o senhor não tinha uma relação tão próxima com ele...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque seria uma forma de ele mostrar até poder, essa é a minha interpretação, ou outros parlamentares.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ou outros Parlamentares. Por exemplo, ele esteve com outro Parlamentar e falou que outro Parlamentar ligou para ele. Eu preferiria não citar o nome do outro Parlamentar, se o senhor autorizar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que ele citou acerca desse Parlamentar? Quando ele mencionou que um outro Deputado havia ligado para ele, o que ele mencionou a respeito?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Mencionou que havia recebido uma ligação do Parlamentar a respeito de um assunto do qual não me recordo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Havia alguma relação com situação de influência dentro dos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a relação do Sr. Maurício Marinho com o Sr. Antônio Osório?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Era uma relação técnica; do meu ponto de vista, até bem próxima, porque o Marinho exerceu uma função de confiança dentro da Diretoria. Eu não diria que eram amigos, mas, tecnicamente, existia alguma confiança. Amigos, não. Eu não diria que fossem amigos não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como ficou depois sua relação com Antônio Osório?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A minha relação com Antônio Osório, praticamente, a mesma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eram amigos?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu não considero amigos. Tinha e continuo tendo um bom relacionamento com ele. Porque amigos para mim é uma

palavra muito forte. Eu tinha um bom relacionamento com ele, até porque, pela força do cargo exercido, hoje eu também continuo com um bom relacionamento com o Antônio Osório.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor e o Sr. Antônio Osório tinham muitos contatos com fornecedores dos Correios. Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Sinceramente, meu ponto de vista, pela posição que ele ocupava, deveria ter mais. No meu ponto de vista, ele recebia muito pouco fornecedor. No meu ponto de vista.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Recebia poucos fornecedores, não sei por que. Ele realmente recebia poucos fornecedores lá e, sempre que podia, ele me chamava para presenciar as conversas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece uma empresa chamada Politec?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Conheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que ela produz?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ela tem um contrato com os Correios de digitalização de CPF.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Digitalização de CPF?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só isso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Que eu saiba, sim. É o serviço que eu tenho na cabeça.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve contato com o pessoal da Politec?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Tive.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Tive. O diretor comercial me procurou e pediu que eu marcasse até um contato com eles, porque nós éramos gestores administrativos, porque ele tinha recebido a denúncia de que a Politec estava terceirizando o serviço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Diretor Comercial dos Correios quem era?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O Sr. Fioravante. Ex-Diretor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele foi informado.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele falou assim: "Olha, recebi uma denúncia de que a Politec estava terceirizando os serviços. Aí, eu gostaria de saber se está ou não está". Eu marquei um contato logo em seguida com o Presidente da Politec e fomos lá falar com ele. Tanto eu quanto o Diretor Comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o Sr. Mauro, que tem uma participação na Politec?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Se for o Mauro que eu estou pensando, ele até prestou serviços nos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é, Mauro o quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O sobrenome eu não sei, mas se for esse, eu também desconheço que ele tenha qualquer participação na Politec.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há um Mauro que é funcionário da Politec?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Há um Mauro que é funcionário da Politec e já foi funcionário dos Correios. Se for esse, eu não sei o nome dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que função ele prestava nos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele já foi assessor do Presidente, se não me engano.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De que Presidente?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Hassan Gebrin.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi assessor do Hassan Gebrin?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois, posteriormente, veio trabalhar na Politec?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei se foi prontamente trabalhar na Politec. Desses detalhes eu não sei. Sei que hoje, se não me engano, ele trabalha na Politec.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Hassan Gebrin tem ainda interesse nas áreas comerciais dos Correios ou não?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deputado, não tenho dados para afirmar se tem ou não tem. Não tenho esse dado, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Vamos voltar à Politec. O Sr. Mauro trabalha na Politc. O senhor chegou a ter contatos com ele tratando de questões relativas à Politec?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele já me procurou uma vez, por meio de telefone, se não

me engano, para ver o encaminhamento de um processo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que processo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Se não me engano, de um reequilíbrio. Eu informei a situação em que estava o processo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era sua função acompanhar?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Ele perguntou como estava o processo e eu informei de forma legal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que ele procurou o senhor e não o Sr. Maurício Marinho, por exemplo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O motivo é porque, na época em que ele era assessor do Presidente, eu, diretor regional, já conversávamos, ele me conhecia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele conhecia também o Sr. Maurício Marinho, conhecia o Sr. Osório.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A mim muito mais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Por causa do relacionamento; eu, diretor regional, e ele, assessor do Presidente, há coisa de três anos. Então, o Antônio Osório, ele não conhecia, com certeza, e Maurício Marinho, provavelmente, ele também não conhecia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não conhecia.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Provavelmente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele procurou o senhor e falou o quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele pediu para saber como estava o andamento do processo a respeito...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De reequilíbrio econômico financeiro.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Exato. E informei onde estava.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E como é que estava a situação?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Exatamente onde estava, não sei, se estava na jurídica; mas dei informação para ele sim, prestei informação onde esse processo estava. Somente isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, em algum momento, solicitou a agilização desses termos aditivos da Politec.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Em nenhum momento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca pediu?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque temos depoimentos aqui que dizem que tanto o senhor como o Sr. Antônio Osório tinham contatos e que pediram exatamente a agilização desse...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É mentira.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É mentira.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor só se limitou a dar informações sobre isso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Informação. Somente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mais nada?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Mais nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não havia um contrato com a Politec que envolvia a construção de salas-cofre?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desconheço inteiramente salas-cofre. Desconheço inteiramente salas-cofre. Não sei nem o que é sala-cofre, Deputado, para ser sincero com o senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não sabe o que é uma sala-cofre?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Imagino que é uma sala que é um cofre, embora nos Correios as coisas sejam um pouco diferentes, mas imagino que seja assim.

Qual é a relação do Sr. Carlos Eduardo Fioravante com a Politec?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desconheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Temos uma denúncia e depoimentos que dizem que houve uma negociação entre a Politec e o Sr. Carlos Eduardo Fioravante em relação a esse reequilíbrio que o senhor mencionou e que teria sido feito

um acerto financeiro para que esse reequilíbrio saísse. O senhor desconhece esse assunto?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nesse dia em que ele foi, pelo menos nesse dia, fui com o Diretor Carlos Fioravante lá. Não se tratou desse assunto. Eu estava com o Dr. Carlos Fioravante nesse momento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, foram o senhor...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – E o Fioravante.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...e o Carlos Fioravante à Politec.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Fomos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tratar do quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso que eu falei para o senhor, para ver se ela realmente estava terceirizando ou não. A conversa foi em torno da terceirização ou não, daquela denúncia que ele havia recebido anteriormente, terceirizando o serviço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a função que o Sr. Fioravante exercia naquele momento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desse contrato, ele era gestor operacional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas qual era a área?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Área comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele era diretor, não era?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Diretor comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele era diretor comercial.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A diretoria comercial era a gestora operacional do contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O diretor comercial era o gestor operacional do contrato?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Do contrato. Era.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas por que não a parte administrativa fazia a gestão operacional?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, a administrativa era a gestora administrativa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o que significa gestão operacional?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A operacional trata do produto que o contrato gera; tem um contrato dos Correios com...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, normalmente, os contratos de administração têm um responsável pelo acompanhamento dele.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Comercial, produto comercial. Porque isso aí, se não me engano, Deputado...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E qual era esse contrato?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Esse contrato é o da digitação de CPF.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que a diretoria comercial acompanhava a digitação de CPFs?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque isso é um produto dos Correios. CPF, que falei...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, todos os contratos...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – CPF é um produto dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todos os contratos são acompanhados pela diretoria comercial, quando é um produto dos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Que eu saiba, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todos?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Que eu saiba, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, o que o senhor tinha de fazer lá, se o senhor não pertencia à Diretoria que era comandada pela Diretoria Comercial? Veja, se isso era uma função da Diretoria Comercial, e o senhor trabalhava na Diretoria Administrativa, por que razão, o Sr. Fioravante foi acompanhado do senhor lá?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A nossa Diretoria era a gestora administrativa. Por isso eu o acompanhei lá. Esse foi o motivo por que acompanhei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a diferença entre o gestor administrativo e o gestor operacional de um contrato?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O gestor operacional cuida mais próximo do produto, e a parte administrativa é mais próximo do contrato, da renovação. Entendeu?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na medida em que se estava cuidando de

uma irregularidade do contrato que seria a terceirização, a Diretoria Administrativa, então, pela lógica que o senhor desenvolve, não teria nada a fazer lá?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu fui com ele lá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor foi com ele lá?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele me convidou para ir lá. Eu fui com ele lá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, o senhor é amigo do Diretor Comercial?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu me relaciono bem com ele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não parece estranho, em primeiro lugar, que Diretor de uma empresa estatal vá à sede de um fornecedor, quando, em tese, deveria ser o inverso? No entanto, o Diretor Comercial, que era o gestor operacional do contrato, convida o assessor de uma outra Diretoria, que não tinha absolutamente nada, objetivamente nada a ver com o problema da terceirização, pela sua afirmação, a acompanhá-lo para fazer uma inspeção do contrato, se o senhor inspecionar o contrato?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não fui inspecionar o contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o que os senhores foram fazer lá?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Fomos saber se ela estava terceirizando ou não....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor foi perguntar para ele se ele estava terceirizando?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Conhecer. É, ele foi lá conhecer a empresa, e ver se estava ou não terceirizando.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o que os senhores viram lá para saber se estavam terceirizando?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele conversou com o Diretor da empresa, e ele demonstrou que não estava terceirizando. Ele mostrou, por meio de conversa, mostrou os dados, que não estava terceirizando.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que os senhores não intimaram, como habitualmente se faz a Administração Pública, a empresa para lá comparecer, dando esclarecimentos formais?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Esclarecimentos quem tem que dar é o Diretor Comercial. Ele não desceu a detalhes. Ele só falou isso para mim "Vamos lá que tem essa denúncia e eu gostaria de saber ou não. Eu gostaria que você fosse comigo." E eu fui com ele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele colocou algum relatório no papel? Nada? Foi tudo informal?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foi tudo informal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, ele recebe uma denúncia de que há uma terceirização, vai até a empresa, chama para ir junto um assessor de uma outra Diretoria, para que lá vá com ele; e apenas olha essa terceirização, conclui pela documentação apresentada de que não há terceirização, e vai embora?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto tempo depois saiu o reequilíbrio econômico-financeiro?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei, mas, o motivo não foi reequilíbrio financeiro. Foi um aditivo ao contrato de 25%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, não entendi. Houve também um....

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Um aditivo de 25% do contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores conversaram sobre esse aditivo naquele dia?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Onde?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No dia em que estiveram na Politec, conversaram sobre esse aditamento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Conversamos a respeito da terceirização ou não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E sobre o aditamento, os senhores conversaram?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não me recordo. Não me recordo desse detalhe.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse contrato, qual era? Era um contrato de digitalização?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Digitalização.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ia se aditar 25% o objeto?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque esse contrato já estava terminando – se não me

engano, ele estava terminando - a capacidade dele e tinha muito serviço a ser feito ainda. Então, para continuar fazendo a demanda, para atender a demanda, precisava aditar 25%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem havia pedido esse aditamento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso, provavelmente, o Departamento Técnico.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Departamento Técnico.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O Departamento Técnico, que era da área comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E faria solicitação, então, à Diretoria Administrativa.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da qual o senhor era assessor.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Exatamente. Mas esse Departamento Técnico, se não me engano, fez o pedido para aditar esse contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí, então, a parte administrativa que ia cuidar do aditamento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor, que era da parte administrativa, vai à empresa e não se lembra se cuida desse assunto?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não. Nós fomos para lá a pedido do Diretor Comercial para verificar a terceirização, se estava terceirizando ou não. Esse foi o convite do Diretor Comercial. Eu fui com ele lá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É porque há informações, mais do que informações, há depoimentos, que dizem que a sua ida lá não foi para isso, mas foi para justamente fazer uma acerto relativamente a esses aditamentos e ao aditivo de equilíbrio econômico-financeiro; e que, na verdade, o senhor e o Sr. Fioravante foram negociar vantagens financeiras relativamente a esse acordo.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deputado, eu não fiz acerto nenhum com a Politec... e nem o diretor Fioravante, com certeza absoluta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor há de convir comigo que é, no mínimo, estranho uma ida dos senhores à empresa para fazer uma inspeção de terceirização no momento em que se discutiam os aditamentos. E, logo depois, esses aditamentos foram deferidos.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu fui lá a convite do diretor-comercial, Deputado, e não pedi a ninguém dentro da organização para beneficiar a empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca pressionou o Sr. Maurício Marinho para acelerar o aditamento desses contratos?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nega isso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nego.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque ele afirma peremptoriamente isso: que o senhor pressionava, justamente a partir de um contato que teve com o Sr. Antônio Osório, e com esse Mauro, da Politec, que era ligado ao Sr. Hassan, que trabalhava nesta empresa, que o senhor depois foi visitar, etc., que havia um interesse nesse aditamento.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu não pressionei Maurício Maurinho para acelerar nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor soube de algum tipo de "privilegiamento" que a Politec também teve numa licitação para aquisição dessas casas, dessas salas-cofres?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca soube disso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Hassan Gebrin tinha relação com a Politec?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desconheço. Se tinha ou não tinha, não tenho essa informação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Hassan Gebrin tinha alguma vinculação partidária?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desconheço também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desconhece? O Sr. Mauro, que era assessor do Hassan Gebrin e que depois é seu amigo...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não. Não é meu amigo não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ele o conhecia bem, tanto que o procurou para tratar do caso do preço da Politec.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Conhecer bem não é amigo. Eu não considero conhecer bem amigo. Ele me conhecia por contatos profissionais que já mantivemos dentro da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse Mauro era amigo do Hassan...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não sabe?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei, não posso afirmar isso também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não sabe se ele mantinha relações com o Hassan Gebrin?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O que eu sei é que o Hassan Gebrin o convidou para ser assessor dele; isso ocorreu, mas não tenho informação sobre o grau de amizade, não tenho essa informação. Se eu falar que é amigo ou não, estarei sendo leviano, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como assessor do Sr. Osório, exatamente qual era a sua atividade?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A minha atividade era cuidar da parte administrativa..

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que aspectos administrativos?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – ...e burocrática desde que não fossem coisas não-rotineiras. A parte rotineira, a parte administrativa eu cuidava. Havia, dentro da diretoria, não só o departamento de contratação, mas outros departamentos também. E eu cuidava da parte administrativa e burocrática.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o que o senhor tinha a ver com licitações?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não mexia, nem cuidava...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Contratos?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, nenhum.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não mexia?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aditamentos?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Eu vou, se o senhor permitir...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor, eu gostaria.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – ...eu entrego para o senhor o documento que vai mostrar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ótimo. Eu gostaria.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – ...o que o assessor executivo faz.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me chamou um pouco a atenção é por que uma pessoa que foi assessor da presidência da empresa, que, portanto, conhece bem a empresa, procura um assessor de uma diretoria que não mexe com contratos para ter informação dos aditamentos. Isso realmente não bate.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Mas, por eu trabalhar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E curiosamente é a pessoa ligada à empresa que depois o senhor vai visitar, junto com o diretor, sem ter razão para fazer essa visita.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu vou explicar ao senhor...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – ...porque, dentro da diretoria administrativa, eu tinha condição de informar isso para ele. E, como o senhor disse, entre Maurício Marinho e Antônio Osório, ele me conhecia mais do que os dois.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, se era uma questão de buscar informações oficiais, por que não se dirigiu ao órgão certo e procurou justamente uma pessoa que não mexia com o assunto, pessoa que depois vai à empresa, a convite de um outro diretor comercial, para tratar de um assunto que não era da sua área?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Pelo telefone, não é oficial, Deputado. Ele ligou para mim. O Mauro ligou para mim e pediu; perguntou como estava a situação do processo, e eu informei para ele onde estava, em que pé estava.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Parece-me, continuo achando estranho que ele procure alguém que não seja do setor, que não é seu amigo, mas apenas um conhecido, para informar algo a que não tem acesso.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não. Eu não era do setor, mas eu trabalhava na diretoria administrativa. Eu tinha condição de verificar onde estava o processo, como eu verifiquei e informei para ele.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ótimo.

Vamos mudar um pouquinho da Politec. Relativamente à questão da Canon...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Da quê?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Canon, aquela empresa.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não conheço nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca ouviu falar de uma empresa Canon?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Já ouvi, mas não conheço, dentro dos Correios, nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que teve toda uma disputa dentro da sua diretoria?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não conheço. Não me inteirei do assunto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que o Sr. Marcos Vinícius esteve mantendo contatos...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não conheço o assunto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nega que tenha tido qualquer participação nesse caso da Canon?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Totalmente. Nem conheço o assunto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor falava freqüentemente com o Deputado Roberto Jefferson?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nem por telefone?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Falei por telefone umas três ou quatro vezes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dezenove ligações.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É, mas para mim, foram três quatro vezes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas foram dezenove ligações consumadas, num total de 26 minutos. Por que o senhor omitiu essas ligações?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, para mim...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Omitiu? O senhor falou três ou quatro. Foram dezenove.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Para mim, eram três ou quatro...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Puxa, de três ou quatro para dezenove...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Esse é o número que eu tenho na cabeça: três ou quatro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas foram dezenove ligações. Veja que curioso: foram dezenove ligações do Roberto Jefferson para o senhor, e o senhor fez nove ligações para o Roberto Jefferson, ou seja, os senhores falaram 28 vezes.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É possível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que falaram?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É possível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que falaram, falaram, porque isso consta da quebra do sigilo telefônico. Que é possível, não. É verdadeiro. É mais que possível. O senhor disse, no começo da argüição, que não o conhecia bem, tinha uma relação... e falaram 28 vezes?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não, não. Amigo, não sou amigo. Não sou amigo dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o que falavam por telefone?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Assuntos na área política. E ele me pediu também a transferência de um funcionário na ADR do Rio de Janeiro, bem como também a tentativa de nomeação para uma função de um funcionário na ADR do Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era esse funcionário?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não tenho informação; não tenho nome não, não tenho o nome dele não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele pediu que esse funcionário do Rio fosse transferido...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Exato.

Outro detalhe: eu não recebia só a ligação do Deputado Roberto Jefferson; recebi de diversos parlamentares, pedindo transferência...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pediam o quê ao senhor?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Transferência de funcionários. Muitos pediam para receber algumas empresas, para demonstrar o produto. Eventualmente, eu recebia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, nas suas atribuições, não estaria esta de remoção de funcionários, pelo que o senhor me entregou agora. Por que o Deputado Roberto Jeffer-

son, tendo tanto contato com a diretoria dos Correios, pede um assessor...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu vou mostrar para o senhor aqui um documento...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não, por favor.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Esses pedidos de transferência de funcionários diversos parlamentares faziam. Vou mostrar um documento para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas faziam para o senhor?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Muitas vezes, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê, se o senhor não mexia com isso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desconhecimento da organização.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas conheciam o senhor?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nem sempre. Eu vou mostrar um documento para o senhor. O senhor deixa eu mostrar um documento para o senhor?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não, com grande prazer.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Obrigado, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço imensamente. Mas eu quero, enquanto o senhor procura o documento, uma vez que, evidentemente, o som não atrapalha os seus movimentos, indagar por que alguém que não o conhece pede para o senhor uma remoção de funcionários e não pede ao diretor da área ou não pede ao presidente? (Pausa.)

Fique à vontade.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu só gostaria de não mencionar o nome do Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu acho que, a partir do momento em que esses documentos vão ser entregues à CPMI, serão mencionados.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Veja bem: 13 de abril de 2005, ao diretor-administrativo Antônio Osório. Às vezes, apareciam muitas cartas assim. Cumprimentando-o cordialmente, ele pede a transferência da Srª Camila Maciel Duarte, matrícula tal. A funcionária dessa empresa está lotada na Agência Visconde de Pirajá, número tal, Ipanema, Rio de Janeiro, e deseja sua transferência ...

O SR PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi dirigido a quem o requerimento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ao Antônio Osório, no dia 13 de abril, Deputado do PSDB do Rio de Janeiro. Aí, no mesmo dia 13 de abril, ele manda uma carta ao Dr. Fernando Godoy.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que, no mesmo dia em que pede ao diretor, pede ao senhor também?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tinha algum tipo de influência especial?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Esse Deputado, inclusive, eu até o admiro. É um parlamentar atuante, admiro-o, nunca o tinha visto antes, nunca recebi um telefonema dele, desconheço-o, desconhecia antes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, há alguma coisa irregular nessa solicitação?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nada irregular, nada irregular, inclusive nada irregular. Mas, esse pedido de transferência de funcionário, nomeação de funcionário, apresentar firma, era uma rotina.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, por que o Deputado Roberto Jefferson faz ao senhor e não por ofício, como faz o Deputado que não sei, pois V. Sª não menciona.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Em seguida, responderei ao senhor. Deixe-me concluir o meu pensamento: então, essa situação ocorria de montão, em que pese não existir nada de errado. Até admiro a atuação desse Deputado, mas nunca telefonei para ele, nem recebi um telefonema dele. Mas, ele mandou a carta para mim. Ele está pedindo uma transferência de um funcionário...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, se o senhor não tinha um contato amiúde com o Deputado Roberto Jefferson, como o senhor justifica essa quantidade grande de ligações entre o senhor e ele pelo celular?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deputado...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, ele tinha o seu celular.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Sim, claro.

O SR PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor tinha o dele?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Tinha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores não eram do mesmo órgão partidário?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não era da executiva nacional do PTB? Por que falavam tanto?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deputado, sinceramente, em dois anos, 19 ligações eu considero até pouco. Eu considero muito pouco, em dois anos, 19 ligações. Só isso? Considero pouco.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que considera pouco?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso é uma opinião minha. Considero 19 ligações muito pouco, durante dois anos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, eu nunca liguei para o senhor. Não acusou nada lá. Qual a relação especial que o senhor tinha com Roberto Jefferson para considerar pouco o número de 28 ligações?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu tinha um relacionamento com ele não de amizade, como falei ao senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas conversaram 28 vezes por telefone.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Em dois anos, considero até pouco.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso que acho estranho. Como é que alguém que não tem relação de amizade com alguém, registra-se que falaram 28 vezes, e o senhor considera que é pouco.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Considero. Porque, se fosse mais amigo... O senhor veja quantas ligações o Deputado Roberto Jefferson teve com o Dr. Antônio Osório. Não precisa dizer, mas, veja quantas teve.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ele era amigo do Antônio Osório.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso é o que quero dizer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o que espanta é que não eram ligações para telefones fixos, mas, de celular para celular, o que francamente mostra um certo conhecimento. Ou seja, o senhor não dá seu celular para todas as pessoas, nem está na lista.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Mas, veja bem: eu não disse que não conhecia Roberto Jefferson. Eu conheço Roberto Jefferson.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, o senhor disse que não tinha uma relação próxima.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Amigo não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A minha dúvida é sobre o que tratavam. Remoção de funcionários?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Também. As situações partidárias também; políticas, também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, que situações partidárias se os senhores não eram nem do mesmo órgão?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Como que não?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor era da executiva do Distrito Federal; ele é da executiva nacional.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – E o senhor acha que a executiva nacional não influencia na executiva regional? O senhor acha isso?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Deputado Roberto Jefferson, então, operava diretamente com o senhor?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, estou falando da parte técnica. O senhor acha que o partido nacional, qualquer que seja, não influencia no regional?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E com Maurício Marinho, o senhor falava sempre?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Todo dia. Quase que todo dia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todo dia? Inclusive ao telefone?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Claro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele era um subordinado; tinha relação técnica comigo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele não era seu subordinado, não! Ele era subordinado ao seu chefe.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, ele era subordinado ao Osório.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não do senhor. O senhor era um assessor.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu realmente, não só com o Maurício Marinho, mas com todos os chefes de departamento. Eu falava quase todos os dias com todos os chefes de departamento, não apenas com Maurício Marinho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Inclusive pelo celular do Sr. Maurício Marinho.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É claro! E com outros chefes de departamento também. Mas, deixe-me entregar esse documento ao senhor, por favor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não, por favor.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Então, ele me pediu na carta para o Antônio Osório a transferência, mesmo o Antônio Osório sendo diretor administrativo. E me pede também – faz uma carta no mesmo dia 13 de abril de 2005...

Veio através desse comunicado...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi por que o senhor está insistindo tanto nesse caso, porque não há nenhuma irregularidade.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não, não. No fato de eu ter ligado para o Roberto Jefferson, e também vice-versa, não há irregularidade nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não estou dizendo que há irregularidade. Estou perguntando por que havia as ligações.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Por que estou insistindo? É para mostrar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E com o Marcos Vinícius, o senhor tinha ligações freqüentes? O senhor sabe quem é Marcos Vinícius?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Acho que é o genro do Roberto Jefferson.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o genro. O senhor tinha ligações freqüentes com ele?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele já até falou comigo umas duas ou três vezes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo telefone?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Pelo telefone, já ligou para mim também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Várias vezes?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Várias vezes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tratava o quê? Pelo celular também?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ligou, ligou pelo menos umas três vezes pelo celular.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do que ele tratava?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele fez um pedido de patrocínio uma vez...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Patrocínio para quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – De um contrato na área esportiva, e também me apresentou o Carlinhos Pró-Menor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Carlinhos?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Carlinhos Pró-Menor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é Carlinhos Pró-Menor?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É uma... parece que desenvolve uma atividade no Rio de Janeiro na área de menores abandonados. Ele pediu que o recebesse, que eu o atendesse, e eu fiz isso e o atendi e recebi; apresentou para mim o programa. Mas deixe-me passar esse documento para o senhor. Por favor, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu agradeço.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Quero mostrar isso que o senhor perguntou. Não tem irregularidade nenhuma, mas quero mostrar que vários faziam a mesma coisa. Então, ele pede para mim também: "venho através desta, encaminhar cópia de *(Incompreensível.)* do Antônio Osório, solicitando transferência da funcionária, se é de sua valiosa atenção".

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor quer me passar o documento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Vou passar. Então, aqui, quero mostrar o seguinte... Quero mostrar com isso é que eu atendia a todos os parlamentares, independente de partido.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor fazia uma espécie de assessoria parlamentar?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Deixe-me concluir. O senhor não está deixando eu concluir.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Obrigado, Deputado.

Todos que me procuravam lá, fossem parlamentares, funcionários, empresas, eu atendia, sim, e procurava fazer o máximo pelo pedido, desde que fosse certo.

Por isso, quero entregar esse documento para o senhor, para mostrar que eu atendia a todos de forma indiscriminada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deixe-me concluir aqui.

Esse Deputado era do PSDB, e eu não o conhecia. Fiz um documento para o diretor regional do Rio de Janeiro. "Solicito ver a possibilidade de efetuar transferência da Srª Camila, da agência tal para tal". O assunto foi atendido, e ela ainda recebeu uma função de confiança. Quero mostrar, com isso, que eu atendia a todos os que me procuravam lá. Todos. E não fiz nada de errado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se houvesse irregularidade, estaríamos...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não tem irregularidade nenhuma. Não tem.

É até um Deputado que admiro a atuação dele, particularmente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que outras empresas o senhor visitou como assessor da diretoria administrativa?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Só visitei uma empresa junto com toda a diretoria, uma que alugou um imóvel para abrigar o CD Oeste, Centro de Distribuição Oeste. Não fui só eu; fui com toda a diretoria lá também, para conhecer o empreendimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor não foi a mais nenhuma outra empresa?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Que eu me lembre não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com o Sr. Antônio Osório, nunca visitou nenhuma empresa?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Jamais?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve alguma atuação na questão do reequilíbrio econômico-financeiro do Consórcio Alpha, formado pelas empresas Positivo e Nova Data?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Também prestei informação a respeito de como estava andando essa situação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Prestou informação para quem?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Para o Sr. Rondon, da Nova Data.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o Sr. Rondon?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Trabalha na Nova Data.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, se o senhor não mexia com os aditamentos, por que, agora, mais de uma pessoa procura o senhor para dar essas informações? O primeiro o senhor justificou que era uma pessoa que o conhecia. O Sr. Rondon procurou o senhor por quê, se o senhor não mexia com aditamentos, não mexia com licitação, não mexia com contratos?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele já esteve com o Dr. Antônio Osório e me procurou por intermédio do Dr. Antônio Osório. O Dr. Osório não estava e ele me procurou, e eu informei para ele como estava a situação do reequilíbrio. Informei, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E qual era? O senhor lembra qual era a situação dos...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não estou lembrado especificamente qual era não, nem onde estava. Perguntou onde estava, o que vão fazer. Eu não recordo exatamente onde estava; se estava no jurídico, se estava na comissão de análises – não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Arthur Wascheck, o senhor conhece?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, nunca vi.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Fortuna o senhor conhece?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não conheço. Só de vista, uma vez no elevador. Conheci no elevador.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca conversou com ele?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nem ligou para ele?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não.

Nessas transferências que foram colocadas, os Correios têm algum critério objetivo para transferência de funcionários?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Em princípio, ele precisa ter dois anos na mesma localidade... Não, um ano na mesma localidade ou até dois anos de empresa, uma coisa assim. Tem critério, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor explica aquela cena do Maurício Marinho pegando aquele dinheiro e falando que tinha relações...que havia um verdadeiro esquema formado? Evidentemente, depois, há uma suspeição de que o senhor e o Sr. Osório formavam esse esquema de captação de recursos nos Correios. Como o senhor explica aquela situação do Sr. Maurício Marinho?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desconheço qualquer esquema de captação de recursos dentro da diretoria. Nunca – eu sou filiado ao PTB até hoje – e nunca ninguém do PTB, nem de outros partidos, conversou a esse respeito comigo. Nunca ninguém tratou desse esquema comigo. Eu desconheço essa situação dentro dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Deputado Roberto Jefferson, sentado até nesse mesmo lugar em que V. Sª está, disse que é uma prática usual dos partidos políticos brasileiros nomearem pessoas filiadas aos partidos justamente para pegarem recursos para suas respectivas campanhas eleitorais. Ele foi indagado por esta CPI, se, ao indicar cargos, tinha essa intenção. Ele disse que sim.

Em algum momento, o senhor acha que o Deputado Roberto Jefferson, então, mentiu quando, obviamente, tendo influência política nos Correios, tendo pessoas da sua relação partidária nos Correios, ele não os pressionava para obtenção de recursos para campanhas eleitorais?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Para mim, eu nunca recebi pressão de ninguém, nem do Antônio Osório para isso, e não presenciei nem uma conversa nesse sentido.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pressionou o Sr. Maurício Marinho para se filiar ao PTB?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca pressionou?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, quando ele afirma isso era mentira dele?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que ele mente nesse caso? Qual a razão de ele estar mentindo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não pressionei Maurício Marinho para se filiar a partido nenhum.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe se aquele Sr. Hassan Gebrin e o Sr. Mauro de Tal viajavam freqüentemente para São Paulo justamente para fazer acertos financeiros? O senhor ouviu alguma vez falar alguma coisa sobre isso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu desconheço, Deputado. Eu desconheço. Eu desconheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca soube de propina alguma arrecadada nos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desconheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desconhece.

Nos caso dos Correios Aéreos, em algum momento, o senhor ouviu falar de superfaturamento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Através do jornal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na época em que o senhor trabalhava lá, o senhor nunca ouviu também?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É... O quê?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na época em que o senhor trabalhava lá, o senhor nunca ouviu falar sobre isso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, só através de jornal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe se o Partido dos Trabalhadores tinha algum tipo de acordo com o PTB, de natureza financeira?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desconheço. Nunca participei, nem escutei nenhuma reunião nesse sentido.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O diretor Antônio Osório, alguma vez, relatou para o senhor que o PT não estava honrando com o acordo financeiro para o PTB?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E que a pressão dos candidatos sobre o Deputado Federal Roberto Jefferson era grande?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em algum momento, o diretor Antônio Osório contou que o Sr. Emerson Palmieri iria até São Paulo tratar com o Sr. Delúbio Soares das parcelas vencidas e não pagas pelo Partido dos Trabalhadores?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desconheço isso, Deputado, também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é Júlio Imoto?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Júlio Imoto é um consultor da área comercial... não, da área operacional. Ou era ou é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele mexia com licitações?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não conheço, não sei o que ele fazia na área de operações não. Desconheço o que ele fazia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas na área administrativa ele tinha alguma presença em licitações, em...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ele nunca conversou comigo assunto nenhum.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca conversou?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Comigo não, só bom dia, boa tarde.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe quem indicou o Sr. Maurício Marinho para trabalhar nos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Quem o indicou para trabalhar nos Correios?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na diretoria, na função que ele exerceu?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Se não me engano, foi o Deputado José Chaves – se não me engano.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor tomou contato com isso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Hum?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que o senhor tomou contato com essa informação?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O próprio Maurício Marinho falou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Maurício Marinho falou para o senhor?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Numa conversa, falou isso, se não engano. Se não me engano, foi o próprio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor foi transferido junto com Antônio Osório da área de recursos humanos para a área de administração?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu não fui transferido junto com Antônio Osório. Antônio Osório foi primeiro. Passou lá respondendo pela diretoria de administração desde fevereiro. Depois, ele foi transferido para ela e me convidou para seguir com ele. E eu segui com ele.

E outra coisa: em relação a isso, quero mostrar outro documento. O senhor permite?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro, com grande prazer.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Aí está dizendo que Maurício Marinho foi depois, não é isso?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi. Como?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Aí está dizendo que Maurício Marinho foi depois.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí onde que o senhor diz?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nesse documento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que documento é esse?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Esse documento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse documento é um documento sigiloso da Comissão Parlamentar de Inquérito.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desculpe, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve acesso a esse documento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desculpe, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora eu faço uma pergunta formal: o senhor teve acesso a esse documento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A esse documento, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, como é que o senhor sabia o que tinha nesse documento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Desculpe, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, quero registrar que o senhor falou que, nesse documento, estava dito alguma coisa. Esse é um documento sigiloso prestado num depoimento no Ministério Público. O senhor teve acesso a esse depoimento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A empresa toda conheceu esse documento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A empresa? Como?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que o senhor conheceu esse documento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Me deram uma cópia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem lhe deu?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Dentro da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem lhe deu dentro da empresa?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Dentro da empresa, um funcionário dentro da empresa me entregou esse documento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor está depondo como testemunha e é obrigado legalmente a informar o nome, nos termos da lei, sob pena da qualificação de crime de falso testemunho, sob pena, inclusive, de prisão em flagrante.

Quem é o funcionário que lhe deu esse documento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deixe-me lembrar, Deputado, como que eu apanhei esse documento agora.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Lembro que V. Sª está depondo sob as penas da lei e que a omissão qualifica crime passível de prisão em flagrante.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Estou tentando lembrar quem me deu esse documento. Deputado, me dê um tempo, que eu vou informar para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Peço que lembre.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu vou informar ao senhor, mas não foi exatamente esse documento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não lhe mostrei esse documento. V. Sª disse que nesse documento está dito alguma coisa.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ah, desculpe, mas não foi nesse documento, foi um semelhante a esse.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª disse nesse documento.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu peço desculpas, mas não foi nesse, porque não conheço esse.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem foi que lhe entregou esse documento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não foi esse documento. Foi outro documento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi o documento que lhe foi entregue?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foi um que não estava nem assinado. Esse que eu recebi não estava nem assinado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quem o senhor recebeu?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Estou tentando me lembrar, Deputado, de quem eu recebi. Espere um minutinho só, que eu vou...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu aguardo. (Pausa.)

Em que situação lhe foi entregue o documento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não lembro, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi a situação?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não lembro, Deputado. Estou tentando lembrar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu gostaria que o senhor puxasse pela memória para que não houvesse a configuração delituosa em relação à qual já lhe chamei a atenção. Eu não gostaria de tomar uma medida que não seria do meu agrado. O senhor está acompanhado de advogado?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não estou.

É um documento sem assinatura, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que era esse documento que o senhor disse que recebeu?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Era um documento do Ministério Público em branco.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era um depoimento do Ministério Público em branco?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei se era do Ministério Público. Tinha as folhas, mas em branco.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tinha esse timbre do Ministério Público?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não tinha, estava em branco.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas como o senhor sabia que era do Ministério Público se estava em branco?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque falaram que era dele. Agora estou tentando me lembrar como consegui esse...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É um depoimento? O que era?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Era um tipo de depoimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quem?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deixa eu tentar lembrar aqui, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós temos tempo, a questão é delicada.

Suspensa a reunião por cinco minutos.

Solicito a presença da consultoria jurídica, por favor.

(Suspende-se a reunião às 17 horas e 24 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 18 horas e 01 minuto.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Reaberta a reunião, eu gostaria de informar ao depoente que, no momento em que suspendemos a reunião, o depoente havia mencionado que, no documento que eu lia, estava escrito alguma coisa. Eu indaguei ao depoente como ele tinha tido acesso ao depoimento, uma vez que se trata de um depoimento prestado junto ao Ministério Público Federal sob segredo de Justiça. O depoente falou que toda empresa o tinha e, portanto, eu perguntei a ele quem havia entregado a ele esse depoimento. Ele não me informou quem tinha entregue o documento nem as circunstâncias da entrega. Eu o adverti de que, caso ele se omitisse, uma vez depondo na condição de testemunha, ele poderia ter a sua prisão em flagrante decretada. Suspendi a reunião para que ele pudesse meditar a respeito e, relembrando os fatos, pudesse nos dar a resposta que não qualificasse eventual crime de falso testemunho tipificado na legislação em vigor. Retomo, então, a reunião, com a advertência feita ao depoente para que ele diga o que sabe.

Considerando que este depoimento é um depoimento sigiloso, considerando que V. Sª me disse que toda empresa tinha este depoimento, a pergunta é: quem lhe entregou este depoimento?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, antes da resposta, eu gostaria de uma informação. Gostaria de saber se o depoente está acompanhado de algum advogado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu já havia argüido sobre isso, e ele respondeu que não está acompanhado de advogado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Obrigado, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor, a resposta.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu gostaria de, inicialmente, pedir desculpas ao senhor, porque o documento a que me referi não é esse que o senhor tem. Eu tive acesso foi ao primeiro depoimento do Marinho no Ministério Público, que é público, não é sigiloso. Eu não tive acesso a nenhum depoimento sigiloso. O depoimento a que eu tive acesso foi o primeiro depoimento, do mês de maio e do mês de junho, ao Ministério Público.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, quando se referiu ao depoimento a que teve acesso, se referiu ao depoimento que eu lia.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Mas eu me enganei, Deputado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o que V. Sª disse que estava escrito nesse depoimento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não lembro, Deputado. Tive acesso, na realidade, foi ao primeiro depoimento do Marinho ao Ministério Público, não-sigiloso. Ao sigiloso eu não tive acesso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª falou que era um depoimento sem assinatura.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que depoimento sem assinatura era esse?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Era o primeiro depoimento ao Ministério Público.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O primeiro depoimento tinha assinatura.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Mas o que eu conheci foi sem assinatura se não me engano.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem lhe entregou esse depoimento sem assinatura?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu peguei esse depoimento com o próprio advogado do Marinho – o primeiro, não o confidencial, pelo amor de Deus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pegou o depoimento com o advogado do Maurício Marinho?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O primeiro, não o confidencial. O confidencial eu não conheço. Eu conheço o público.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor pegou o depoimento com o advogado do Sr. Maurício Marinho?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu procurei conhecer todos os depoimentos para acompanhar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se era um depoimento público, por que o senhor procurou o advogado do depoente?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque eu teria um acesso mais fácil a meu ver.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhecia o advogado do Maurício Marinho de onde?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu conheci o advogado do Maurício Marinho na Polícia Federal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Quando prestamos depoimento pela primeira vez na Polícia Federal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor estava junto com Maurício Marinho?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, mas eu conheci o advogado dele lá, na Polícia Federal, na saída.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí o senhor procurou o advogado do Maurício Marinho para ter acesso ao depoimento de Maurício Marinho por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque seria mais fácil, do meu ponto de vista, para conhecer todos os depoimentos; estou acompanhando todos os depoimentos. Agora, quero frisar ao senhor que não foi o confidencial, não tenho condições de ter acesso ao confidencial, foi ao primeiro depoimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor se referiu que havia, neste depoimento, alguma coisa que estava dita, o que era?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu me confundi, Deputado. Era no primeiro depoimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que era?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu não lembro, Deputado, eu não lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que era que o senhor disse que estaria neste depoimento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei, Deputado. Foi engano da minha parte. Eu pensei que fosse em relação ao primeiro depoimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual era a idéia, o conteúdo, que o senhor achava que deveria estar neste depoimento? No primeiro depoimento, que o senhor disse que pegou, qual era a idéia, em relação a que objeto?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não me recordo, Deputado. Eu me enrolei. Sinceramente, não me recordo. Em relação... Eu tenho o primeiro depoimento, o segundo eu não tenho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Partindo do pressuposto de que era o primeiro depoimento, que trecho do primeiro depoimento V. Sª disse que estaria aqui escrito?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não me recordo, Deputado. Eu fiquei preocupado em identificar o depoimento; realmente, não é o segundo depoimento. Não tive acesso ao depoimento confidencial, Deputado. Por favor, acredite!

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Faço uma consulta aos Srs. Deputados. A meu ver, em face da resposta dada, fica impossibilitada a prisão por crime de falso testemunho, porque foi dada a resposta e não há omissão, em que pese, a resposta não ter, a meu juízo, a credibilidade necessária. Creio, a propósito, que isso nos levará, de imediato, a solicitar a abertura de inquérito policial para promover a apuração do ocorrido, seja a eventual divulgação desse documento seja a configuração do crime de falso testemunho. Para que não exista aqui nenhum abuso de direito da nossa parte, tendo havido a resposta – em que pese eu, pessoalmente, não estar convencido dela –, não podemos, creio eu, decretar a prisão em flagrante.

Gostaria de ouvir a nobre Juíza Denise Frossard e, em seguida, o Deputado Arnaldo Faria de Sá.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, estou sem voz.

Não estava aqui no momento, mas, realmente, a posição de V. Exª de afastar o flagrante é corretíssima. Se há dúvida, que se investigue.

Só isso. Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a palavra, o Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, entendo que a posição de V. Exª é correta, apóio a sua decisão: a apuração é necessária, porque um dos órgãos de imprensa, antes que tivéssemos conhecimento, divulgou cópia desse relatório sigiloso ao Ministério Público sem assinatura, como lembrou V. Exª. Então, a apuração se faz necessária em toda a sua amplitude. Logicamente que o fato de a testemunha estar sem advogado, nesta hora, mostra a sua fragilidade – uma testemunha aqui sem a presença de um representante da OAB. Acho que a própria OAB tem de tomar conhecimento disso, e a nossa CPI tem que ter à sua disposição um advogado dativo para esses casos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, eu não assisti à manifestação dele, mas a notícia correu a Casa. Eu estava na sessão plenária e vim para me inteirar do acontecido.

A partir das informações que colhi e, agora, da manifestação de V. Exª, quero, primeiro, parabenizá-lo pela decisão correta, sábia, equilibrada. Aliás, a decisão de V. Exª foi corroborada pela Deputada Juíza Denise Frossard, que, não por acaso, foi juíza e tem uma boa vivência.

Eu me socorro um pouco do conhecimento jurídico que acumulei durante os anos em que advoguei para dizer algo que considero relevante. Eu conversava com o depoente no intervalo. Ocorre, Presidente, que realmente há dois depoimentos: um que é público e um que é sigiloso. Do que é público, todos tomaram conhecimento e o que é sigiloso todos buscaram conhecer, a tal ponto que eu arrisco dizer que esse documento, que deveria ser sigiloso, não é mais sigiloso. Vi, aqui por cima, cópias aos montes... Acredito que há vinte dias, um mês atrás, vi várias cópias, eu mesmo tenho cópia desse depoimento tido e havido como sigiloso, mas que foi repartido entre todos os Parlamentares. Esse fato não dá a segurança de que esse documento não possa ter chegado às mãos de um e de outro. Os interessados foram buscar tomar conhecimento dele, o que não é, absolutamente, nenhum crime, já que alguém franqueou esse documento.

É bom que o depoente faça uma reflexão sobre isto, Presidente: apesar de ser sigiloso, ele pode até ter tomado conhecimento do depoimento. Eu acho que esse sigilo foi quebrado, há mais de um mês foi quebrado e, obviamente, as partes interessadas, ávidas por saber desse depoimento, devem ter ido atrás dele, devem ter buscado tomar conhecimento desse depoimento.

Acredito que o depoente realmente tenha tomado conhecimento do depoimento e, a persistirem as afirmações dele, faz-se necessário investigar sob a égide do falso testemunho. Não há o flagrante, mas o que ele está falando não é verdade.

Eu, em uma primeira análise, tenho convicção de que ele tomou conhecimento desse documento, tomou conhecimento tanto do primeiro quanto do segundo. Ele não cometeu nenhum crime ao tomar conhecimento de um documento sigiloso, até porque chegou às mãos dele porque se esparramou por aí. Agora, é sim, crime de falso testemunho ele negar que tenha conhecimento desse depoimento quando ele já demonstrou, antes, conhecer o documento: há partes do documento que ele sabe de cor e salteado, tanto que ele, sem ler o documento, disse o que estava nele escrito. Por quê? Porque já havia lido e, com certeza até, decorado esse documento.

Sr. Presidente, ao encerrar, eu queria apelar para a generosidade da Presidência no sentido de franquear ao depoente a possibilidade de ele se retratar. É possível...

O SR. (Orador não identificado) – Já o fez.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não, ele não fez.

É possível ele se retratar dizendo que tomou conhecimento do primeiro depoimento, que era público, e que tomou conhecimento do segundo depoimento, que não era público, mas que lhe chegou às mãos até porque ele se esparramou por aí, o que não é, absolutamente, um crime. O que ele não pode é mentir para a CPMI. Ele tem que ser claro no que diz, até porque ele sabe bem o que é verdade e o que não é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deputado ACM Neto.

O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL – BA) – Sr. Presidente, eu acho que todos nós aqui só temos um caminho, que é o de acompanhar a decisão de V. Exª, até porque, de todos, era o único que estava presente no momento do ato e, efetivamente, reúne todas as condições para aplicar bem o Direito.

Tendo preliminarmente manifestado a minha concordância com a decisão do Deputado Cardozo, gostaria de dizer que, se nós procurássemos ser rigorosíssimos e seguir ao pé da letra aquilo que está estabelecido na legislação, não teríamos outra alternativa a não ser dar voz de prisão ao depoente. Porém, como tem sido hábito desta CPMI analisar esses casos com mais flexibilidade, o que acho até uma decisão equilibrada e justa, é evidente que não podemos dar voz de prisão ao Sr. Fernando, até porque outros aqui passaram, incorreram certamente no crime de falso testemunho, mas, por ocuparem posições talvez muito mais destacadas – eu até diria que por serem "peixes grandes, tubarões" – e por estarem acompanhados de grandes advogados, acabaram não tendo o tratamento devido.

Sr. Presidente, concordo com V. Exª. Estamos apenas repetindo um hábito que tem sido da CPMI: o de não aplicar, com rigor e ao pé da letra, aquilo que determina a legislação em casos como este.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço as palavras do Deputado ACM Neto. A seguir, darei a palavra à Deputada Juíza Denise Frossard.

Gostaria apenas de esclarecer, com precisão, a compreensão que foi colocada. O depoente não está

depondo como investigado e, portanto, está submetido ao crime de falso testemunho.

O SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES NETO (PFL – BA) – Deputado Cardozo, eu sei. Faço essa referência porque hoje, por exemplo, eu acompanhava o depoimento do presidente do Citigroup, na CPMI da Compra de Votos, e o ouvi mentir, vi mentiras ficarem expostas ao conhecimento público. Se fosse para levar ao pé da letra, era para se dar voz de prisão a ele. Como era de se esperar, ele estava acompanhado de grandes advogados e vinha protegido até por defesas políticas que eu classificaria de inexplicáveis e, por isso, ninguém daria voz de prisão a ele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Gostaria apenas de esclarecer que o crime de falso testemunho se configura, de plano, quando a testemunha omite uma resposta ou quando efetivamente há evidência total, imediata e absoluta de que ele mente. No caso do depoente, de início, houve omissão: ele não falava quem havia entregado o depoimento. Posteriormente, ele deu uma resposta, que não me convenceu pessoalmente, mas deu uma resposta. Ou seja, a hipótese de omissão caiu por terra. Como a tese dele, embora não me convença, precisaria de prova para uma eventual condenação, estaria descaracterizado o flagrante. Essa foi a posição que fundamentou a nossa visão, até para que não houvesse cerceamento. Sei que V. Exª acompanha.

Concedo a palavra à Deputada Juíza Denise Frossard.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, a decisão de V. Exª foi a mais ponderada, mas, diante das considerações que estamos ouvindo, quero fazer um reparo. Algo me incomodou: dizerem que algum crime passou batido aqui, que algum crime em flagrante passou batido, sem ter sido dada voz de prisão. Eu acredito que isso não aconteceu.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Também acho que não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Até porque nós estaríamos prevaricando.

É claro que nós não temos o direito nem o poder de prender em flagrante delito. Não o temos! Nós só temos o poder que nos dá o art. 301 do Código de Processo Penal, que diz que qualquer do povo pode – e a polícia deve – prender em flagrante delito. A CPI não tem esse poder especial, tem o poder de qualquer cidadão, mas somos cidadãos parlamentares e teríamos esse dever – quase dever – de prender.

Fiquei incomodada com isso, porque, se houvesse alguém cometendo crime aqui, eu representaria a V. Exª ou a quem estivesse na Presidência, mas não houve. Não houve. Pelo menos, nas vezes em que aqui estive, os que porventura mentiram – e como mentiram! – o fizeram porque, lá fora, tinham meio Código Penal na cabeça.

É muito difícil caracterizar o crime de falso para efeito de flagrante delito. De modo que achei a decisão de V. Exª absolutamente correta: na dúvida se havia ou não o flagrante, investigue-se.

Vou discordar um pouquinho do caro colega e amigo Deputado Arnaldo – a voz já está indo embora – porque acredito que não seria necessária a presença de um advogado, já que não está sendo dada voz de prisão. Ele vai responder a uma sindicância, a um inquérito e lá é que ele deverá providenciar...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu disse "na hipótese de ele precisar de um advogado". Na hipótese de ser dada prisão em flagrante, ele precisaria de um advogado. Foi isso que eu falei.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Ah, bom.

Então é isso, Sr. Presidente. Entendo não ter havido aqui nenhum fato que tenha ensejado uma prisão e que tenhamos deixado passar não. Pelo menos, quando eu aqui estive, eu não vi isso. Em relação aos que eu vi, não é porque estavam com medalhões não, é porque estavam amparados pelo direito de se calarem que não foram presos. Às vezes, os falastrões confundem o direito de se calar com o de mentir. Pior para eles, porque na hora em que forem responder um processo verão as conseqüências dessa atitude. Eu dizia sempre para os meus réus: "O senhor tem o direito de se calar. Se o senhor falar, eu vou pressupor que o senhor está dizendo a verdade. Se o senhor não disser a verdade e for condenado, eu vou interpretar isso como uma personalidade distorcida, embora eu não possa processá-lo pela mentira". De forma, Sr. Presidente, que acompanho totalmente a decisão de V. Exª.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, muito rapidamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Vou pedir e, quem sabe, até ser inoportuno...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Exª nunca é inoportuno.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Eu não quero deixar que isso passe sem que eu faça um comentário. O Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto fez uma consideração importante, grave, e que nos deixa um pouco na defensiva. Eu não quero ficar na defensiva. Embora S. Exª tenha razão sob alguns aspectos, não a tem sob outros. É verdade: muitos vieram aqui e mentiram, mentiras deslavadas e descabidas, mentiras que envergonham familiares e amigos

deles – até o advogado ficava vermelho ao lado deles. Acontece que eles eram réus, eram indiciados. Nenhum réu, nenhum indiciado é obrigado a dizer algo contra si. Então, obviamente, mentem em seu favor, para fazer sua própria defesa, e não há nenhuma punibilidade, não há aí nenhum crime. Então, os que vieram aqui e mentiram o fizeram em sua defesa, o que é permitido, até porque, depois, eles vão ser julgados. No julgamento, a sua palavra vai ser avaliada, vai ser medida, enfim, vai ser analisada.

Agora quanto à testemunha: essa não pode mentir. Testemunha jura dizer a verdade, enfim, faz compromisso de honra e é suscetível, então, a ser enquadrada em crime de falso testemunho. O indiciado, o réu, não é suscetível ao falso testemunho.

Falo isso apenas para o nosso entendimento e para o consumo público, a fim de não passar a impressão de que alguns vieram aqui e, porque tinham bons advogados, puderam mentir ou de que vieram aqui e, porque tinham um *habeas corpus*, puderam mentir. Eles poderiam mentir sem *habeas corpus*, eles poderiam mentir sem advogados. Eles mentiriam e sairiam daqui livres, porque eram réus, eram indiciados, eram investigados, eram acusados. Como tal, em sua defesa, eles podiam mentir. Não quer dizer que essa mentira vai prosperar, que essa mentira vai colar. Depois, vai ser avaliada a mentira num contexto mais amplo. Testemunha, porém, não pode mentir, essa é a diferença. Agiu bem o Presidente ao dar esse encaminhamento.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço a V. Exª.

Passo a Presidência ao Vice-Presidente.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Como Sub-Relator, solicito à Assessoria, em primeiro lugar, que elabore ofício dirigido ao Ministério Público Federal, juntando cópia desse depoimento e da reunião de hoje, propondo a abertura de inquérito policial para apurar eventuais delitos no campo do falso testemunho e também no de subtração de documento, com base no art. 337 do Código Penal, tendo em vista as informações prestadas pelo depoente a esta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito.

Também solicito à Assessoria que elabore requerimento desta Sub-Relatoria para que seja submetida à próxima reunião administrativa a quebra dos sigilos telefônico, telemático, bancário e fiscal do depoente, uma vez que, terminado este depoimento – e já tenho condições de afirmá-lo –, esta Sub-Relatoria acredita que pode começar a qualificar o depoente não mais como testemunha, mas como investigado. Portanto, até que a CPMI decida isso, ele é testemunha. A partir do momento em que a CPMI decidir por esse requerimento, ele será transformado em investigado, razão pela qual queremos, efetivamente, a quebra do sigilo telefônico do depoente, incluindo, claro, o sigilo do dia de hoje.

Faço uma pergunta final a V. Sª. Segundo informações que nos foram dadas, V. Sª esteve recentemente procurando uma agenda nos Correios. V. Sª trouxe a agenda que pegou nos Correios recentemente, num sábado?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deputado, eu gostaria só de esclarecer: essa agenda não era minha, eram anotações que a secretária fazia das ligações...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Que secretária?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – A secretária do Diretor de Administração, que ela atendia...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O Sr. Antônio Osório.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso. Ela atendia a mim também, ela anotava os telefonemas que recebia e eu não atendia e aqueles telefonemas também que eu pedia que ela fizesse. Era uma anotação, não era agenda.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Quando o senhor foi à Diretoria dos Correios ou ao seu local de trabalho pegar essas anotações?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, eu não peguei essas anotações. Essas anotações, eu não peguei. Essas anotações desapareceram. Eu pedi para reconstituir as ligações todas, todas as ligações que foram feitas e recebidas por mim. Elas estão aqui, gostaria de entregar para o senhor.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Essas anotações, até onde sabemos, estão desaparecidas.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – V. Sª não está de posse delas?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Deputado, só para perguntar uma coisa.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Senadora Heloísa Helena.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Dr. Fernando, o senhor esteve nos Correios no sábado?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Estive.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – O senhor fez exatamente o quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu despachei alguns documentos...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim. Quais?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ah, não estou lembrado. Era da área, coisas rotineiras. Dei encaminhamento a alguns documentos. Peguei também pertences pessoais, porque eu tomei conhecimento da reportagem...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Mas o senhor lembra a hora em que chegou, a hora em que saiu, exatamente quais os passos? Só...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O dia em que esteve lá...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Exatamente.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu estive...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – O detalhe. Acaba sendo precioso para nossas informações o detalhamento: como chegou, a hora em que chegou, com quem falou, se demorou.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu realmente tenho aqui todas as anotações. Eu cheguei às 8h15....

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Que dia foi isso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – No sábado, dia 14.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Dia 14 de? Para precisar.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – 14 de maio.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Foram duas vezes?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foram duas vezes. Estive duas vezes...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Então, pediria que o senhor fizesse um exercício de memória para nos ajudar e detalhasse exatamente seus passos. Faça um esforço para nos auxiliar, não é, Deputado José Eduardo Cardozo?

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Claro.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Um detalhamento: como chegou, com quem falou, quanto tempo demorou, o que tentou despachar. Esses detalhes acabam sendo preciosos para nós.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu estive lá duas vezes. Despachei uma série de documentos para os departamentos envolvidos. Comecei a recolher algumas coisas pessoais – levei para minha casa –, porque, se o diretor saísse, eu iria sair junto, como o fiz.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Quais? Só para que saibamos.

Deputado José Eduardo Cardozo, estou até atrapalhando V. Exª...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – V. Exª nunca atrapalha também, Senadora Heloísa Helena.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Pode até parecer meio esquisito, mas é que o detalhamento acaba sendo importante. Se o senhor puder buscar na memória o que pegou: uma pasta, foi um porta-retrato...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Também, também.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – O que foi que pegou como objeto pessoal, com quem falou, se ligou para alguém, se recebeu alguma ligação, se falou com alguém, o que encaminhou, para quem.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Esse detalhe, realmente, Senadora, eu não tenho, porque encaminhei uma série de documentos. Nesse dia, eu tenho certeza que eu liguei para a minha casa, liguei o computador e consultei a Internet. E, realmente, à tarde, eu fui lá para acabar de recolher meus pertences e levei para a minha casa. Agenda, não! Anotação da secretária, não! E o que eu fiz? Eu pedi para reconstituir as ligações que estariam na possível anotação. E, inclusive, está aqui, e gostaria até de passar para o Deputado. Por favor!

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Agradeço!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Aqui, Senadora. Por favor, Deputado!

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Claro, por favor!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – O modelo das anotações era este aqui.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Certo. E essas anotações estão onde?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não, não sei! Não encontramos a agenda com essas anotações. Então eu pedi para reconstituir as ligações feitas. Elas estão aqui, nos últimos 15 dias.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Mas é porque têm as ligações e tem o assunto também. Geralmente no assunto você não põe nada?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não tem assunto. Esta anotação não tem assunto.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Este é o modelo, sim.

Vamos só precisar, então, um pouquinho. O senhor esteve nos Correios, no dia 14 de maio, sábado. A que horas o senhor falou? Oito da manhã?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Entre 8h15 e 8h20. Mais ou menos essa hora.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Dia 14 de maio, foi o dia que saiu a matéria da Revista **Veja**.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso, foi. É verdade.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Por que o senhor esteve na sede dos Correios, no dia que saiu a matéria, para pegar papéis e documentos.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque se o diretor saísse, eu ia sair junto, como saí junto.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Mas o senhor acha que era tranqüilo ir no sábado pegar aquela documentação?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu fui diversas vezes, no sábado, no edifício sede. Não foi a primeira vez.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Mas dessa vez, o senhor foi pegar pertences pessoais. Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque eu ia embora.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Já tinha visto a revista?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Já! Não, através da... Eu recebi... Às sete horas da manhã, um colega meu ligou para mim, informando.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Mas aí, veja como fica difícil a nossa situação: o senhor podia ir muitas vezes no sábado. Eu também venho no sábado trabalhar. Mas a dúvida que somos obrigados a ter é justamente por isto, é porque o senhor foi informado que tinha a revista e, nesse dia, foi lá buscar pertences.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso! Senadora, eu estou sendo franco com a senhora. Não estou...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Em adendo à ponderação feita pela Senadora Heloísa Helena, o que ocorre é que, posteriormente a isso, esses telefonemas e essas anotações desapareceram. A agenda desapareceu.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Sim, sim. Mas eu pedi para reconstituir. Justamente isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas, se desapareceu, como foi reconstituído?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Pelo, pelo, pelo... Aquele era um telefone, o ramal. Então, através do tronco, eu pedi para reconstituir todas as ligações recebidas.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Pode, pode reconstituir.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foi, está aqui. Aqui está o documento que eu gostaria de mostrar para o senhor.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O que eu lhe peço é o seguinte: quais foram os pertences e documentos que o senhor retirou aquele dia?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ah, foram pertences pessoais, contas pagas e a pagar.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Por que o senhor não podia esperar até segunda-feira para fazer o mesmo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque, porque eu iria, como saí, na segunda-feira.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Mas se o senhor ia sair na segunda-feira... Normalmente, as pessoas saem e pegam suas coisas depois. Elas não vão, no final de semana antes, pegar as coisas e depois saírem.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu não sabia que ia acontecer naquela segunda-feira.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Mas o que poderia acontecer que impediria o senhor de pegar os seus pertences pessoais nos Correios e exigir que o senhor entrasse na diretoria e pegasse?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Nada, Deputado!

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Por que, então, o senhor fez isso? O senhor concorda que não há lógica alguma para esse comportamento?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É, depende!

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Qual é a lógica?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu sou uma pessoa que tenho uma personalidade muito... Eu sou ansioso. Então isso faz parte da ansiedade pessoal.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Eu também, Dr. Fernando!

Deixe-me só perguntar um negocinho aqui, Deputado.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Em atenção à ansiedade da Senadora!

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É, eu também. Agora, veja como fica difícil de não ficarmos ansiosos. Sai a matéria, o senhor é comunicado da matéria, vai aos Correios. O senhor avisou alguém que estava indo aos Correios? Fez alguma ligação ou avisou ao Dr. Osório? Avisou alguém que estava indo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não, não!

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Ninguém?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Nem sabia! No domingo, participou de alguma reunião ou foi informado de alguma reunião que estava havendo?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não participei de reunião nenhuma domingo.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Fica tão difícil, Dr. Fernando! É tão difícil para nós, tenha certeza!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Mas, no domingo, não participei de reunião nenhuma.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – É, mas estou dizendo: é tão difícil. Fica algum registro quando o senhor ia lá no sábado?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deveria ficar. Eu fui lá diversas vezes aos sábados.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim, mas estou dizendo o seguinte: o problema é que, esse sábado que o senhor foi, não estava entre os sábados que, normalmente, qualquer um funcionário parlamentar pode estar trabalhando.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É verdade, é verdade!

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Então a motivação de o senhor ter ido, por mais que tenha sido ansiedade, fica muito difícil, tenha certeza – se o senhor estivesse no nosso lugar também –, de acreditar, porque, se há uma matéria, uma denúncia grave e o senhor vai aos Correios, fica muito difícil que alguém possa acreditar que o senhor não estava indo lá para obstaculizar investigação, destruir prova, pegar alguma prova, impedir o acesso delas. Entende, Dr. Fernando!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu até concordo com o que a senhora está falando, mas não existiu isso. Concordo com o que a senhora está falando.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Consta que o senhor, nesse dia, pegou, inclusive, documentos ou papéis na mesa da secretária e do Dr. Antônio Osório. Isso confirma?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor não pegou nada na mesa da secretária?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Foi só na sua mesa.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não peguei nada.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Exclusivamente na sua mesa.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Exatamente.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Avisou alguém que estava indo, antes ou depois de ter ido?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Acho que não! Pelo que eu me recorde, não!

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor, no período em que estava nos Correios, ligou para alguém?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Liguei.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Para quem?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Para minha casa.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Só para a sua casa?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Se eu não me engano, sim.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Do telefone celular.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Se eu não me engano, sim. Se eu não me engano, sim.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor não ligou para mais ninguém?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu não tenho certeza. Eu não lembro. Eu não tenho condição.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor não lembra.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não lembro, sinceramente.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor, quando saiu de lá, foi para onde? O senhor lembra?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Eu lembro que eu fui em casa almoçar. A única coisa que eu lembro foi isso.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Não, o senhor saiu antes da hora do almoço. Bem antes!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Saí antes e fui em casa almoçar.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Bem antes. E o senhor foi direto para a sua casa ou o senhor passou em algum lugar antes?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não lembro. Não lembro.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor estava de carro?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Hum?

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor estava de carro?!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Estava. Meu carro.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Com que carro?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É... a placa... é um Picasso placa, não estou lembrado.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Sem problemas. Isso não é problema.

O senhor lembra que horas que o senhor saiu da sede dos Correios naquele dia?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Se eu não me engano, às 16 horas.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Mas, então, o senhor foi almoçar e voltou.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Voltei, votei tipo 15 horas, por aí.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Voltou para fazer o quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Para continuar a pegar as coisas.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Mas era muito pertence pessoal! Não era, não, Dr. Fernando?! (Risos.)

Menino, desculpe-me, mas é porque... Veja, se ponha aqui.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu concordo com a senhora.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Porque o senhor chegou tão cedo! E não podemos nem rir, porque tenha certeza que, quando rimos, Sr. Fernando, o senhor não imagina, é porque agora está transmitindo o plenário, e ninguém está vendo, o quanto o povo brasileiro fica indignado conosco. Porque é um esquema de corrupção tão gigantesco que, às vezes, até num momento como este em que rimos, quase que num misto de ansiedade com desespero, que fica até difícil. Mas se ponha aqui. O senhor chega cedo, depois de uma denúncia muito grave, o senhor não avisou ao seu chefe, não avisou a ninguém com quem tivesse relação política, ligou apenas para casa e passou, praticamente, todo o dia lá. Então... Porque, quando é só pertence pessoal, fica mais fácil de localizarmos. Até na minha sala. A minha sala é cheia de miniaturazinha, porque, a cada Estado que vou, as pessoas me dão uma lembrancinha. Mas documento é diferente. É muito difícil, Dr. Fernando!

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Veja, só para reconstituir, com exatidão, o seu itinerário no dia. O senhor chegou por volta das 8 da manhã nos Correios...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Oito e quinze.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Oito e quinze da manhã. E ficou lá até que horas?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu não sei que horas eu saí para almoçar. Eu só sei que eu voltei em torno das quinze e alguma coisa. E saí às 16 horas.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor não sabe exatamente que horas saiu...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – E foi direto para casa?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Foi. Que eu saiba, sim. Não tenho certeza, mas, que eu saiba, sim.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Aí foi almoçar. O senhor não lembra de ter passado em lugar algum antes disso.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não lembro.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Não lembra. Aí, o senhor foi almoçar e retornou às quinze.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Às quinze.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – E ficou lá até que horas?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Até umas dezesseis e pouco, se não me engano.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Até dezesseis e pouco. E, depois, foi para onde?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não lembro.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Não lembra.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não lembro.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Nesse período da tarde, o senhor ligou para alguém também, quando estava nos Correios, entre as 15 e 16 horas?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não lembro, Deputado, não lembro!

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Está certo!

Deputado Arnaldo Faria de Sá!

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor está ansioso? Está? O senhor está ansioso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei nem como... Estou um pouco, sim!

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Há algumas coisas que não batem. O senhor lembra, com exatidão, que chegou às 8h15, mas o senhor não sabe a hora que saiu.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não, eu lembro com exatidão, porque eu tenho a informação aqui por escrito, por causa disso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas se o senhor tem a essa informação escrita, o senhor não tem as outras informações também!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, eu tenho aqui também. Se o senhor quiser ver...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então eu quero! É lógico!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu passo para o senhor aqui.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não, eu quero é que você fale, não quero que você passe para mim.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, mas eu tenho que consultar aqui.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então consulte!

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Ele voltou, na segunda, para os Correios?

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor voltou, na segunda-feira, para os Correios?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Voltou.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Voltei, tinha que trabalhar.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Quantos dias o senhor trabalhou depois disso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – No mesmo local.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – E por que você não deixou para pegar na segunda seus pertences pessoais, se o senhor ia voltar na segunda?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Mas eu não sabia!

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Homem!

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Espere um pouquinho, responda-me. Dê-me os dados que você vai pegar aí. Pode pegar!

É, ele tem a entrada e a saída dos Correios.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Por que o senhor providenciou essa planilha?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu pedi para verificar isso.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu pedi para verificar isto: as datas... Eu pedi essa planilha, por quê? Eu entrei diversas vezes no edifício sede e não anotaram a minha entrada. Então, você veja, desculpe, o senhor veja, Deputado, que têm várias rasuras nessa planilha.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Há rasuras!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Tem. Inclusive o meu carro está com a placa trocada.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – É, eu estou vendo que há rasuras, realmente, no seu documento de carro.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso. E a minha placa trocada. O senhor pode olhar aí.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Inclusive a rasura que existe, existe na placa do carro e no destino, no andar.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É. E outra coisa, outro detalhe: quatro carros entrando no mesmo horário, o que me causou certa estranheza.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Quem trabalhava no 17º andar?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – E no 6º?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – No 6º? Não sei.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Quatro carros, no sábado de manhã...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Têm vários carros entrando lá. Eu estou dizendo que, no mesmo horário que eu entrei, entraram quatro carros.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Deputado José Eduardo, Há as placas de tudo. Porque já é bom fazer um requerimento, até para fazer isso.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Há as placas do carro, mas o que chama atenção e que quero registrar as Srªs e aos Srs. Deputados e Senadores é que há uma rasura na placa do carro onde está a do Sr. Fernando e no andar.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Por isso que eu pedi esse documento.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Fernando, quem é Gláucio da Cunha Rocha?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não conheço.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E por que ele também tem um Picasso.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não sei.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ué, mas é estranho!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Ué, como vou saber disso, Deputado! Desculpa, mas eu não sei.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – No mesmo dia, dois carros Picasso.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Mas eu não sei!

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Mas isso vai ser achado. A placa dos carros... Isso vai ser achado!

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O gozado é que os dois Picassos entram no mesmo horário.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Pois é, têm quatro carros entrando lá. Por isso que eu pedi essa planilha.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não, mas você percebeu? Dois Picassos, no mesmo horário? É muito Picasso junto, aqui, meu!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Senador, eu não escutei, desculpe.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Não, desculpe, Deputado Arnaldo. Veja, por isso que o senhor pediu, como? O senhor soube?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não, não, não.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Como é que o senhor disse isso, porque, por exemplo, se eu...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Espera aí, deixe-me contar uma história para a senhora.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Conte a história, em detalhes, porque...

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu, eu, eu... A minha questão é a seguinte: eu entrei diversas vezes no edifício sede, no sábado.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Outras vezes, com certeza, entrei outras vezes, no sábado, para trabalhar.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – E eles não identificaram a minha entrada. Por quê? Porque eu conhecia a pessoa da portaria. Então a senhora veja bem a situação: quando só constataram essa, eu pedi a planilha, e aí têm essas situações com quatro carros entrando no mesmo horário, rasuras.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor tem a planilha do período da tarde?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Deixe-me ver aqui. Normalmente tem, Deputado.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Por favor!

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem é José Wanderlei?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Oi?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem é José Wanderlei?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não conheço, Deputado.

Está aqui, Deputado.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Agradeço.

O senhor tem a planilha de outros dias?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Só pedi especificamente estas para analisar como foi feita a anotação.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Porque eu estranhei as vezes que eu entrei no edifício sede não terem sido registradas, e ter registrado essa vez. Então, peguei para analisar.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor tem cópia do requerimento que solicitou à sua família?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Tenho.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Deixe-me ver!

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Aqui.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim, mas, Deputado José Eduardo! Deputado José Eduardo!

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Pois não!

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Só para... enquanto V. Exª está...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Pois não, Senadora, fique à vontade!

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Não, veja... Porque o senhor tinha dito que fez um requerimento solicitando um registro das outras vezes, não é? O senhor disse também que não registravam porque o conheciam.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Perfeito.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Então era natural que, nesse sábado também, não registrassem.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Perfeito.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – E por que registraram?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Deputado José Eduardo, sabe o que é?

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Pois não!

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Veja, ele tinha dito anteriormente que não havia registro nos outros sábados porque quem estava na portaria o conhecia. Pode até ser. Só que por que motivo eles registraram apenas nesse sábado?

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – É uma pergunta boa. Por quê?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não sei. Eu achei estranho. Não sei.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim, mas o senhor não foi lá pegar?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Fui. Trabalhar e pegar meus pertences pessoais.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Uma pergunta também ao senhor.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Aí, eu estranhei.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Nesse requerimento que o senhor faz pedindo essa documentação o senhor fala "peço a gentileza de verificar também a minha entrada, através das placas dos carros", dá a placa, "e Meriva".

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Isso.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor voltou com outro carro?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, é que minha família tem dois carros. E, com certeza, uma vez eu fui com o Meriva...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – E o Picasso qual é?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não, um minutinho só. Obrigado!

Com certeza, em um sábado, fui trabalhar com o Meriva.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Está aqui o Citroën e o Meriva. E o Picasso?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Também. Eu pedi os dois, eu pedi das duas placas.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Agora, o seu pedido é: "Solicito que informe, urgente, os sábados que estive no edifício sede ao longo dos anos 2003, 2004 e 2005". O senhor só tem esse?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Sim. Não entendi, Deputado.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor pediu aqui, neste requerimento, que mandassem cópia para o senhor dos sábados em que esteve ao longo dos anos 2003, 2004, 2005.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Perfeito!

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor tem os outros sábados em que o senhor esteve?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não, eles não constataram. Só esse aí.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Pois é. E não vamos deixar sobrar para o porteiro.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Pois é, e é essa a pergunta, Sr. Presidente, que se impõe. Ele passa a impressão de que esteve lá em vários sábados, durante vários meses, durante vários anos. E o que se denota aí é que só esteve nesse sábado. Em nenhum outro sábado, em nenhum outro mês, em nenhum outro ano, ele esteve lá. E, se esteve, não foi anotado. Eu duvido que o edifício sede vá receber alguém sem anotar. Ainda mais na garagem do edifício sede.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor tem alguma explicação para isso? Por que só nesse sábado anotaram?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu, Deputado, com certeza, estive, outras vezes, no sábado, no edifício sede. Absoluta certeza! Não estou mentindo, Deputado! Eu acredito que não tenha sido anotado porque o porteiro me conhece. E todas as vezes que estive no edifício sede, alguém abriu a porta da sede para mim. Por isso que eu pedi essa planilha.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – E, curiosamente, só nesse dia o porteiro não o conheceu.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Pois é, por isso que eu achei... A minha pergunta é a mesma. Por isso que essa planilha, eu estranhei essa planilha, com rasuras, quatro carros entrando no mesmo horário. Eu achei estranho isso também.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, Sr. Presidente, solicito a V. Exª que mande fazer uma perícia nestas planilhas aqui, porque há alguma coisa que não está batendo. Ele fala na placa de um carro, aqui tem dois carros Picasso, com placas diferentes. Não bate com as placas do carro dele e esta planilha está rasurada. Eu acho que tem que fazer uma perícia.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Vou solicitar à assessoria que prepare a requisição

do documento original a fim de que possamos solicitar uma perícia, para, inclusive, verificarmos o que foi rasurado nesse documento.

O depoente me passa às mãos um outro documento, de 18 de julho de 2005. Com referência à Carta nº 86, de 2005, e o termo de declaração de Washington Santana: "Contesto com veemência. Afirmo que, no dia 14 de maio de 2005, quando fui abordado na entrada da garagem norte, do edifício EBCT, não me perguntaram a respeito do número da minha matrícula. Em hipótese alguma dei informação falsa. Registro outros dados que considero muito estranhos analisando o controle de acesso – diz o supracitado: a) entrada de quatro carros no mesmo horário, 8h35, sendo que quando eu estava sendo identificado, não tinha nenhum outro carro aguardando a realização do meu procedimento; b) a placa anotada do meu carro é falsa; c) a matrícula anotada é falsa; d) o órgão de destino está errado, não mencionei que iria ao Desad; e) diversas rasuras dos itens que se referem a este funcionário; f) uma das planilhas é assinada por Donaldo e não por Washington; g) por que anotaram o meu nome todo se para a maior parte das pessoas sou conhecido como Fernando Godoy?

Acrescento que tenho certeza de que o vigilante Washington estava na entrada da garagem em outros finais de semana que estive no edifício sede."

O senhor está contestando um termo de declaração de Washington Santana. Que termo de declaração é este?

Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Eu estou achando que ele está se enrolando sozinho. Eu nunca vi alguém vir à CPMI e trazer documento para se enrolar, ele está cada vez se enrolando mais. Agora se enrolou com o porteiro. Primeiro se enrolou com o depoimento, que não se achou no depoimento. Agora, se enrola com o porteiro, daqui a pouco com o protocolo. Agora se enrolou com o telefone, se enrolou com o sábado. O senhor vai se enrolando sozinho, de graça.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Eu estou sendo sincero, Deputado.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Eu nunca vi, nunca tinha visto.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Passa o depoente às minhas mãos um termo de declaração do Sr. Washington Santana. O declarante supra qualificado, indaga a respeito de anotações incorretas, em formulário padrão de controle de acesso à garagem norte, edifício sede EBCT, no dia 14 de maio de 2005, com inversão de nomes e placas dos veículos do Sr. Fernando Leite de Godoy com os dados do Sr. Gláucio da Cunha Rocha, bem como anotação da matrícula existente, como sendo do Sr. Fernando Leite de Godoy.

Declarou de livre e espontânea vontade que: "abordei primeiro o Sr. Godoy, anotei a placa do carro e a matrícula que ele me informou. Ao chegar o outro veículo pertencente ao Sr. Gláucio, abordei-o normalmente, só que escrevi o nome do Sr. Gláucio na linha que deveria ser do Sr. Godoy. Isso gerou esse erro de dados no formulário". Perguntado pelo Sr. Adão Rodrigues de Morais sobre o porquê da repetição das matrículas para ambos os condutores, declarou: "a matrícula do Sr. Gláucio estava anotada por mim no campo certo, porém quando o veículo entrou no prédio, quis pará-lo para corrigir, mas não deu tempo. Daí tentei consertar, mas não sabia a matrícula dele. Rasurei com a mesma matrícula que estava no campo acima, com o número que ele, Godoy, havia me passado". Perguntado ainda pelo Sr. José Clóvis se havia percebido que as placas dos veículos estavam anotadas invertidas, declarou que: "não percebi essa inversão".

Temos agora mais um mistério a esclarecer.

Relativamente a papéis que o senhor retirou nesse sábado, V. Sª sabe se retirou algum?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Papel, não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Nenhum papel?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Só documentos pessoais de pagamento.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Documentos pessoais de pagamento.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – É.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Nada relativo aos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Com certeza, não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Nada relativo aos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Documentos dos Correios em hipótese alguma. Os documentos que existiam eu despachei.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que voltou a segunda vez à tarde, então?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Para apanhar o resto dos meus pertences. De manhã, praticamente, eu...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Fale no microfone.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Para pegar o resto dos meus pertences.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor disse que não pegou nenhum documento.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, documento não peguei mesmo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Nem os sigilosos? Aqueles o senhor não pegou?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não tenho documento sigiloso, Deputado.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Lá nos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não, não. Eu não tenho, eu não tinha.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não pegou nenhum documento, nem o sigiloso, aqueles que estavam bem guardados? Nada?

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Bem, o senhor tem mais algum documento que gostaria de entregar a esta Comissão?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Não. (Pausa.)

Indago das Srªs e Srs. Senadores, das Srªs e Srs. Deputados, se desejam fazer mais alguma argüição?

Concedo a palavra ao Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu queria saber se V. Sª pode nos entregar algum documento que esteja nessa pasta e que pode servir à CPMI? Estou vendo um monte de documentos ali, com o time dos Correios.

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – São documentos pessoais.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Pessoais? Foram aqueles que V. Sª retirou dos Correios?

O SR. FERNANDO LEITE DE GODOY – Não. Deputado, eu não retirei documento nenhum.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Indago dos Srs. Parlamentares se há mais alguma pergunta?

Declaro encerrado este depoimento.

Agradeço a presença do depoente. Se necessário for, V. Sª será novamente convocado a prestar depoimento nesta Comissão Parlamentar de Inquérito.

Suspendo a reunião por cinco minutos, para que possamos ouvir o último depoimento deste dia.

(Suspende-se a reunião às 18 horas e 53 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 19 horas e 15 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Declaro reaberta a reunião.

Solicito à assessoria que introduza nesta sala o Sr. Mauro Farias Dutra. (Pausa.)

Sr. Mauro Dutra, V. Sª comparece a esta Sub-Relatoria na condição de testemunha. Já assinou o termo de compromisso e quero alertá-lo para o compromisso que prestou. V. Sª tem toda a liberdade de até não responder, mas não poderá faltar com a verdade.

Passo a palavra a V. Sª, para que faça a sua qualificação e, a seguir, preste alguns esclarecimentos que julgar necessário. Indago de V. Sª se se faz acompanhar de advogado.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não estou.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Tem a palavra V. Sª, para fazer a sua qualificação e prestar os esclarecimentos iniciais.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Exmº Coordenador desta Sub-Comissão, Deputado José Eduardo Cardozo, Senadora Heloísa Helena, demais Parlamentares, senhoras e senhores, inicialmente, gostaria de me apresentar. Sou empresário aqui em Brasília há mais de 25 anos. Sou engenheiro, formado pela UnB. Fiz um curso de mestrado em Finanças, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Anacomp. Iniciei, mas não conclui, um mestrado em Economia, aqui na UnB.

Entre as minhas atividades, tenho um conjunto de trabalhos na área social, de movimentos sociais, há mais de trinta anos. Gostaria de destacar, talvez, o primeiro envolvimento que tive como diretor-tesoureiro – na época do regime militar – do Centro Brasil Democrático, quando lutávamos pela restauração da democracia, do Estado de direito, pelo funcionamento pleno do Congresso e pela anistia também.

A partir disso – era ainda o Governo Figueiredo –, nesses últimos trinta anos, desenvolvi um longo trabalho nessa área, com destaque no Governo Itamar Franco, quando fui um dos conselheiros do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), além de Secretário Executivo, quando tive o privilégio e a oportunidade de, com o D. Mauro Morelli, que presidia o conselho, desenvolver um trabalho muito profícuo. Gostaria de lembrar que, na época, eu já era empresário, e como todos os conselheiros, D. Mauro inclusive, executávamos um trabalho não-remunerado, que desenvolvíamos com muito gosto e com muito prazer. Depois disso, militei em organizações sociais de vários tipos.

Na área empresarial, sou sócio majoritário da Novadata e Presidente do Conselho de Administração. Também nessa área tive vários cargos e funções, como ter sido, aqui em Brasília, um dos vice-presidentes da Federação das Indústrias do Distrito Federal, por dois mandatos, por seis anos, coordenando a área de interesse social. Um dos trabalhos foi a distribuição

de uma sopa para a população carente. Eram 30 mil sopas, todos os dias da semana, exceto sábados, domingos e feriados. Isso ocorreu há quase vinte anos, e eu tive um contanto muito grande com a questão da segurança alimentar.

Falando um pouco sobre a Novadata. A Novadata é uma fabricante de micros, *notebooks* e servidores. Agora em outubro, completou 26 anos. É uma empresa 100% nacional, aqui de Brasília. Temos já o certificado ISO-9001 desde 1992. Acho que foi a primeira empresa do Centro-Oeste e a primeira da área de informática a obter esse certificado, que é um certificado de qualidade, hoje um pouco mais comum. Temos também o certificado ISO-14000, que atesta a sua correção com os procedimentos ambientais; e temos o SAE-8000, que é um certificado de responsabilidade social, que assegura que você tem um comportamento ético com todos os públicos que você está envolvido, como funcionários, fornecedores, clientes e demais *stakeholders.*

Em 2004, no último ano em que foi aferido, a Novadata foi a segunda maior fabricante de micro de computadores do País; a primeira foi uma multinacional, HP e nós fomos o segundo.

Somos a maior empresa nacional na área de microinformática que não está ligada a nenhum grande grupo, é uma empresa independente. Somos conhecidos e respeitados no mercado pela lealdade com que participamos de todos os certames licitatórios e pela competitividade que temos, devido aos nossos preços. Somos uma empresa nacional média, enxuta e que disputa basicamente com grandes empresas multinacionais e empresas maiores.

Falarei um pouco de como é o mercado de informática, e isso é importante para que se tenha um entendimento especificamente do caso dos Correios. Basicamente 80% do mercado é atendido – quando digo mercado estou falando do mercado formal, mercado não pirata – por oito empresas. São quatro multinacionais: IBM, HP, Procomp Diebold – a Procomp é uma empresa nacional que foi comprada por uma empresa americana, a Diebold, agora é uma empresa americana – e a Dell. A Dell é o maior fabricante – não é no Brasil – mas é o maior fabricante mundial de micro computadores. Tem uma empresa Joint-Venture, que é a Semp Toshiba, que é uma joint-venture da Semp Nacional com a Toshiba japonesa, e três empresas nacionais, além da Nova Data, Itautec e a Positivo, do grupo Positivo que me antecedeu.

Em 1990, antes do Governo Collor, existia uma reserva de mercado para empresas nacionais. Quando essa reserva foi extinta – e isso foi feito de uma forma muito abrupta –, basicamente as empresas nacionais foram dizimadas: ou fecharam, ou faliram, ou foram compradas por um preço vil pelas empresas multinacionais, que entraram de uma forma muito agressiva no mercado, inclusive, fazendo *dumping* de preços. Nessa ocasião, a Novadata tomou como estratégia focar no mercado o Governo. E por que isso? Porque no mercado corporativo e no mercado varejo as pessoas e as corporações estavam ávidas por comprar marcas conhecidas no mundo inteiro, como a IBM, Dell, na época, a Compac, que existia e foi absorvida depois. Então, para você vender um equipamento nacional de um fabricante pequeno e desconhecido, você tinha de fazer um desconto muito grande no seu preço. Como o microcomputador é uma *commodity*, ou seja, produto de grande produção com margens pequenas, entendemos, e creio que de uma forma acertada, que o nicho que deveria ser buscado era o mercado Governo, porque, se você apresenta o melhor preço, as melhores condições, a marca não afeta a decisão de compra.

Fizemos isso, sobrevivemos, temos até orgulho disso, e iniciamos um processo de crescimento contínuo. Em 2002, mais recentemente, entendemos que já tínhamos porte suficiente para sair do mercado Governo e entrar no mercado privado, basicamente o mercado corporativo e o mercado varejo, ou seja, supermercados, lojas de departamentos, que compram o nosso produto. E isso foi responsável, sobretudo a entrada no mercado privado, por um grande crescimento que a empresa teve nos últimos três anos.

E, aqui, é a primeira citação que faço das incorreções que foram publicadas sobre o nosso grande crescimento que a Novadata teve no Governo Lula. Vou dar números, são números de balanço, números oficiais.

Em 2002, a Novadata vendeu, faturou para o Governo, e, quando digo Governo, estou falando dos governos Federal, Estadual e Municipal, aproximadamente R$170 milhões. Esse número é exatamente o mesmo que vendemos na média de 2003/2004. Digo média porque, em 2003, foi um pouco menos do que R$170 milhões, e, em 2004, foi um pouco maior. Isso por que algumas concorrências que ocorreriam em 2003 passaram, por uma série de razões, para 2004. Mas, tirando a média dos dois anos, nosso faturamento é praticamente idêntico. Aliás, se colocarmos algum tipo de inflação, é um pouquinho menor até. O grande crescimento que tivemos, ao contrário do que foi largamente noticiado, foi no mercado corporativo, porque não atuávamos no mercado privado e tivemos um crescimento bastante expressivo.

Outro ponto sobre o qual eu gostaria de falar, que também foi muito citado, é de um possível privilégio que a Novadata poderia ter tido pelo fato de eu ser

amigo do Presidente Lula. Quero colocar o seguinte: a Novadata tem 26 anos, o Governo Lula tem, agora, três anos. Sempre tive posições políticas muito claras, meu posicionamento político sempre foi muito definido, muito marcado, e, da mesma forma como eu não fui, em nenhum momento, privilegiado pelas posições que tenho neste Governo, eu também queria dizer que nunca fui discriminado em nenhum outro Governo, apesar de ter tido posições políticas muito definidas. Não o fui no Governo Fernando Henrique Cardoso, não fui em outro Governo, não fui, sequer, nos Governos militares, onde eu tinha minha posição política definida. Da mesma forma como não fui prejudicado, também não fui beneficiado neste Governo.

Centrando e colocando o foco nas vendas para a Empresa de Correios e Telégrafos, vou citar os números, e tudo o que vou falar é muito factual. Preparamos um dossiê que está sendo distribuído, tenho aqui na mesa, e tudo o que vou dizer está comprovado e documentado, é fácil checar, inclusive com detalhes. Se quiser aprofundar a licitação, os lances, como foi feito o reequilíbrio, todas essas questões estão bastante documentadas no dossiê que está sendo distribuído.

O nosso faturamento para a Empresa de Correios e Telégrafos, em 2002 – ou seja, último ano do Governo Fernando Henrique Cardoso – foi de R$63,7 milhões. Em 2003, primeiro ano do Governo Lula, caiu para R$10,3 milhões; em 2004, para R$4,3 milhões; e, em 2005, para R$2,2 milhões. Aí estou falando tudo, inclusive eventuais aditivos que ocorreram.

Outra coisa que foi noticiada com muita ênfase foi o posicionamento de que, na Empresa de Correios e Telégrafos, a Novadata ganhava todas. Esses números também são oficiais, inclusive do último ano, e estão disponíveis no *site* dos Correios e também estão neste relatório. Nos anos de 2003 e 2004, de um total de produtos que a Novadata disputa e fabrica – estamos falando basicamente de serviços, microcomputadores, servidores e *notebooks* –, a Empresa de Correios comprou R$260 milhões. Nós vendemos 5% desse total. Essa é uma fatia de mercado bastante inferior à que nós temos em outros órgãos do Governo, inclusive aqui no Senado. Eu estava na sala de espera e vi que todos os computadores do Senado são da Novadata. Essa fatia de 5% que tivemos, nos dois primeiros anos do Governo Lula, na Empresa de Correios e Telégrafos, é bastante inferior à média que temos em qualquer órgão da Administração Pública. Ou seja, se entrarmos aleatoriamente nos ministérios, é muito provável que 20% – a nossa fatia é 20% a 22% – sejam computadores da Novadata. Nos Correios, em 2003 e 2004, esse número foi 5% a despeito de, em 2004, como eu já disse, termos sido o segundo maior fabricante de computadores do País e líderes na venda de computadores para o Governo.

A empresa que mais vendeu aos Correios, nesse período, foi a Hewlett Packard, que vendeu R$110 milhões. A segunda empresa que mais vendeu foi a Scopus, empresa do Bradesco, que vendeu R$52 milhões. Daí segue: nós vendemos, sem aditivos, R$13 milhões para os Correios.

Das concorrências que nós disputamos, algumas fomos impedidos de disputar, outras disputamos e perdemos e três ganhamos um pedaço. Todas foram com pregão presidencial, com intensa participação de empresas conhecidas – vou ler os nomes – e com disputa de preços. Explicando um pouco o que é o pregão: é um leilão reverso, ou seja, as empresas habilitadas vão dando lances até que o menor lance ganha a concorrência.

Na primeira de que participamos, participaram sete concorrentes – sempre com pregão: além da Novadata, Itautec, Procomp Diebold, Comercial Star, Semp Toshiba, Amazon e a HP. De um total de R$10 milhões – são vários itens –, a Novadata ganhou R$8 milhões.

Da segunda concorrência, já em 2004, participaram também sete concorrentes também com pregão: Novadata, Positivo, Procomp, Tetralak, Itautec, Metrocom e HP. De um total de aproximadamente R$50 milhões, a Novadata ganhou R$3 milhões. As outras empresas ganharam os outros lances.

Da terceira concorrência, também pregão, participaram seis empresas: além da Novadata, ATP, Procomp, Positivo, Itautec e novamente a HP. De um total de R$33 milhões, a Novadata ganhou R$1,5 milhão.

Estou falando isso porque foi construída uma história, um pressuposto de que a Novadata teve privilégios dentro dos Correios e que nós ganhávamos praticamente a maior parte das licitações, e isso talvez se devesse ao fato de uma possível amizade entre eu e o Presidente Lula.

O que estou mostrando é que nós tivemos um desempenho, nos últimos dois anos nos Correios, bastante ruim, não só nas licitações que nós ganhamos, mas também – posso citar mais na frente, seguramente serei perguntado – no reequilíbrio econômico financeiro do nosso contrato.

E a segunda acusação que sofremos foi uma carta anônima entregue para o Senador Fernando Bezerra, o que é sério, porque, além de um Senador nesta Casa, S. Exª é Líder do Governo no Senado. É uma carta anônima de uma página muito malfeita, com erros, que não tem nenhuma informação consistente. Ela inclusive está no dossiê. E basicamente somos acusados, numa carta anônima, de que iríamos ganhar

uma concorrência que não ocorreu, e não ocorreu até hoje. Essa carta anônima, com esse tipo de argumentação, talvez até valesse ler, porque a carta é tão fraca. Mas essa carta foi motivo de uma chamada na capa de **Veja**, com três páginas, deu Jornal Nacional, Boris Casoy, e depois repercutiu em todos os jornais de grande circulação na imprensa. Aí já é uma verdade construída, de que a Novadata, pelas facilidades que ela tem na Empresa de Correios e Telégrafos, estava preparando uma licitação em que ela seria vencedora e dizia qual era o preço inclusive que íamos ganhar a licitação. Isso é o que está na carta anônima. E créditos foram dados, foi dado esse tipo de notícia. De qualquer forma, a carta está no dossiê que foi entregue.

Finalmente, eu gostaria de citar mais três exemplos porque a Novadata não é privilegiada nos Correios. Além de tudo isso que eu já falei, ou seja, na maior concorrência que houve em produtos que nós fabricamos, ou seja, servidores, que foi esta concorrência que a HP ganhou, foi exigido um item, um atestado que chama TPC, que só as multinacionais têm. Hoje a Itautec já tem também, mas na época só as multinacionais tinham. Então só as multinacionais entraram uma concorrência de R$110 milhões, e nós temos produtos para disputar. Nós entendemos que esse certificado é absolutamente desnecessário. Entramos com recurso, não foi acatado, não participamos da licitação e provavelmente teríamos disputado com uma chance muito grande de vitória. Essa foi a maior compra que os Correios fizeram na área de microinformática.

A segunda maior compra que foi feita foi exatamente a manutenção, que foi uma concorrência vencida pela Scopus, que é uma empresa 100% Bradesco. Foi uma licitação de manutenção do chamado Banco Postal. Aí eu queria falar um pouco. Sei que o Hélio, que me antecedeu e é o diretor da Positivo, também explicou um pouco o que era o Banco Postal, mas o Banco Postal foi o maior projeto que já fizemos na Empresa de Correios e Telégrafos. Basicamente o Banco Postal é a transformação das agências dos Correios em um correspondente bancário. Esse correspondente bancário, o *hardware* foi instalado, é objeto da licitação, que vencemos em consórcio, chamado Consórcio Alfha, com a empresa Positivo – nós vencemos essa licitação com a empresa Positivo –, que é a instalação e a transformação de 2.750 agências dos Correios em correspondentes bancários.

Isso é um projeto importante porque essas agências, em sua boa parte, estão localizadas em locais ermos, remotos, onde não existe agência de Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica, não existe loteria esportiva, ou seja, o único contato dessa população com o sistema financeiro se dá por meio dessas agências dos Correios. Foi uma licitação que participamos e ganhamos com um projeto difícil, um projeto complicado, porque você tem que instalar isso tudo num prazo muito curto. Isso tem de ser instalado fora do expediente do funcionamento da agência, ou seja, depois do expediente das 18 horas ou das 20 horas, ou nos finais de semana. A agência pára, instalam-se os equipamentos e, na manhã seguinte ou na segunda-feira, o sistema precisa estar todo funcionando.

Nós fizemos esse projeto, instalamos. O projeto foi um sucesso absoluto, funciona perfeitamente. Demos manutenção durante dezoito meses e depois houve uma licitação feita para dar continuidade à manutenção por mais quatro anos. E nós fomos impedidos de participar, ou melhor, fomos desclassificados porque não apresentamos um documento. Ou melhor, apresentamos o documento em nome de um terceirizado nosso. Esse documento, que nós entendemos ser apenas um erro formal – recorremos, mas não foi aceito –, deveria dizer o seguinte: o candidato à licitação conhecia a base instalada. Ora, a maior parte ou pelo menos metade dessa base instalada nós fizemos. Nós fizemos o produto, instalamos e dávamos a manutenção, mas fomos impedidos de participar numa licitação de R$50 milhões, que foi a segunda maior na área de microinformática dos Correios no Governo Lula, por causa desse erro formal.

O terceiro ponto, tentando mostrar claramente que a nossa relação com os Correios passa longe de qualquer privilégio, foi a participação – que nós não participamos – do maior negócio – não falo da área de microinformática – que está acontecendo na Empresa de Correios e Telégrafos: o Correio Híbrido.

O Correio Híbrido é um projeto muito grande – eu estou falando muito grande mesmo! – de R$4 bilhões, num período de quatro ou cinco anos. Um projeto de quatro bilhões! Eu não estou falando mais em milhões, mas em bilhões de reais. Esse projeto, cuja licitação teve um vencedor que está em discussão ainda, foi de um consórcio. Mas nós não participamos de nenhum dos consórcios. Apesar de nós termos o consórcio, que tem vários fabricantes, equipamentos e coisas, mas tem também fabricantes de servidores e computadores. Apesar de nós sermos um dos maiores fabricantes de computadores do País, não entramos em nenhum desses consórcios, que foi o grande negócio que aconteceu na Empresa de Correios e Telégrafos.

Eu poderia me estender com outros exemplos, mas acho que o meu tempo de vinte minutos está esgotado. Eu me coloco à disposição dos senhores para tentar responder a qualquer pergunta.

A SRA. HELOISA HELENA (PSOL – AL) – Se tiver algum fato relevante a declarar ou alguma consideração a fazer pode falar por mais tempo.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Senadora, agradeço, mas estou pronto para as respostas. Muito obrigado.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (Asdrúbal Bentes. PMDB – PA) – Agradeço a V. Sª pelas considerações iniciais e passo a palavra ao ilustre Relator José Eduardo Cardozo.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Sr. Presidente, eu inicialmente cumprimento o depoente.

Gostaria apenas de fazer uma breve introdução protocolar e me reservar para falar depois – se ela assim entender – da Senadora Heloísa Helena, que creio eu deve ter um grande conjunto de indagações. Eu apenas quero precisar alguns aspectos da fala inicial do depoente, sem prejuízo de depois voltar a fazer as perguntas que sobrarem, a partir da argüição da Senadora Heloísa Helena.

Bem, inicialmente a minha pergunta é: V. Sª disse que a Novadata foi criada há cerca de 26 anos. Há quanto tempo a Novadata comercializa com o Poder Público?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Há quase vinte anos, Deputado, seguramente. E depois, em 1992, nós passamos a ficar focados e quase exclusivamente comercializando somente com o Poder Público.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – A partir de quanto tempo da empresa, ou mais ou menos em que período de tempo esse foco foi concentrado no Poder Público?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Basicamente a partir de 1992,1993.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – 1992. E, a partir de 1992, V. Sª teria condições de descrever a evolução patrimonial dos ganhos da empresa com esses contratos? Ela vem em ascensão, em decréscimo?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – A empresa vem experimentando uma ascensão permanente. Eu diria que quase permanente. Evidentemente, existem alguns anos nos quais isso não ocorreu, como foi o caso de 2003, um ano em que nós diminuímos o faturamento, mas, pegando uma linha, é sempre de ascensão, sempre de crescimento de faturamento.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Quais são os órgãos públicos com quem a Novadata mantém relações comerciais, por meio de licitações, de contratações diretas?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Bom, eu tenho aqui uma listagem dos nossos principais clientes. Se V. Exª me permitir...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Está aqui no dossiê?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Está no dossiê.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Eu quero registrar que eu recebi – e está à disposição dos Srs. Parlamentares – um dossiê encaminhado pelo depoente. Eu não tive oportunidade de lê-lo, porque o recebi agora, mas tem todo um conjunto de documentações e exposições relativas aos fatos.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Isso, mas eu poderia resumi-lo?

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Rapidamente, em linhas gerais?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Sim, hoje, obviamente isso, não existe um principal cliente. Isso varia ao longo dos anos, ou seja, porque, quando você ganha... Por exemplo, os Correios, em 2002, foram um dos clientes mais importantes, hoje eles não são mais. Então, isso varia. Nós não temos clientes cativos. Depende de você ganhar ou não uma licitação. A Novadata, como qualquer empresa, entra em licitações, ganha algumas e perde outras, mas, hoje, ou melhor, nos últimos dois anos, o maior cliente foi a Caixa Econômica Federal, o segundo maior cliente foi a Petrobras e o terceiro maior cliente foi a Nossa Caixa, do Estado de São Paulo, ou seja, a Nossa Caixa do Governo do Estado de São Paulo.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Comparativamente, nos últimos períodos do Governo, vamos pegar os últimos dez anos, nas relações que V. Sª teve com o Governo Federal, chegou até fazer alguma menção, mas eu gostaria que precisasse em detalhe.

No governo anterior, nos oito anos, comparativamente com o atual Governo, houve acréscimo ou decréscimo? Peço a V. Sª que precise com exatidão isso, para efeito de avaliação desta Comissão.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Eu tenho dificuldade de fazer isso de memória, Deputado José Eduardo Cardozo, mas eu posso dizer o seguinte: em 2002, nós tivemos um crescimento muito grande; 2002, 2003 e 2004, se nós tirarmos uma média, o faturamento é de aproximadamente R$170 milhões, ou seja...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Mas o início do crescimento foi em 2002?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, o início... Não, a Novadata começou uma empresa muito pequena. Ela começou do zero. Então, ela apresenta um crescimento, inclusive antes de focar no mercado do Governo, ela apresenta um crescimento consistente, quer dizer, oscila, mas é um crescimento consistente.

Eu poderia – isso não está no relatório, Deputado –, mas eu poderia, com muito prazer...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Seria interessante se V. Sª pudesse passar...

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – O senhor pede dos últimos oito anos?

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Isso, dos últimos oito anos. Uma evolução dessa participação.

Qual o papel que os contratos firmados com os Correios têm no faturamento global da Novadata?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Esse documento eu tenho aqui, não está no dossiê. Eu tenho o faturamento da Novadata nos Correios nos últimos seis anos. Se o senhor me permitir...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Por favor, se V Sª...

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Se V. Exª me permitir...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Gostaria.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Em 1999, o volume de negócio foi R$5,4 milhões; em 2000...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Esses valores estão atualizados pela mesma base?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – É bruto?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, esses valores é real corrente.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Ok. Em 1999, R$5 milhões?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – R$5,4 milhões; em 2000, R$4,2 milhões; em 2001, R$4,7 milhões; em 2002, tivemos um grande salto, que passou para R$63 milhões, que foi esse projeto do Banco Postal...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Que foi para?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Em 2002, R$63,7 milhões. Em 2003, R$10 milhões; em 2004, R$6 milhões; em 2005, R$2 milhões. Aí, eu estou colocando... Isso é faturamento. Não é vendas.

E eu quero destacar que esse salto que nós tivemos em 2002, que foi essa licitação muito importante, expressiva que nós tivemos, que é o Banco Postal, eu queria dizer o seguinte: isso foi... É uma coisa que eu tenho muito orgulho, porque é um projeto difícil e desafiador, e nós disputamos essa licitação com quatro grandes empresas: três multinacionais, as multinacionais clássicas e, nesse caso teve a Unisys também, e a Itautec. E nós juntamos duas empresas médias, a Positivo e a Novadata, isso era previsto no edital, e fizemos um consórcio. O que é interessante nessa licitação é que, como isso também foi um pregão presencial, o menor preço, o primeiro lance, o preço de abertura – isso está no dossiê –, foi de aproximadamente R$110 milhões, e o consórcio Alfha entrou com um preço de R$93. Eu diria até que foi um preço surpreendendo as grandes empresas. Eram duas empresas nacionais médias que se uniram em consórcio, permitido pelo edital, e reduziram o preço.

O segundo colocado, que era a Unisys, ela não acompanhou, ela não foi, ela não correu atrás no edital. E a Procomp, que é uma multinacional, e que tem uma especialização grande em automação bancária ela foi à licitação, ou seja, ela deu um lance. Foi um leilão vencido com 21 lances, o preço acabou fechando próximo de R$90 milhões, até que a Procomp desistiu.

O que quero dizer com isso é que muito provavelmente se essas duas empresas nacionais não tivessem se unido num consórcio, muito provavelmente a Unisys que não deu lance, não teria dado também, e esse preço teria sido fechado, eu diria, seguramente em mais de R$100 milhões e provavelmente muito próximo de R$110 milhões, porque o segundo colocado não deu lances no leilão, muito provavelmente teria dado um ou outro e não teria baixado tanto.

O que por si só mostra que essa licitação, primeiro que foi disputada com preço baixo e segundo que isso, ao contrário do que vem sendo dito, causou provavelmente uma economia de mais de R$20 milhões para a empresa de Correios e Telégrafos, isso é mais do que tudo que faturamos nesses, praticamente, últimos três anos. Por isso, esse salto que ocorreu em 2002 desse faturamento.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Esse salto que ocorre em 2003, do faturamento, decorre das licitações de 2002 ou de licitações do ano de 2003?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, em 2003 foram R$10 milhões.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Em 2002?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Sessenta e três e setecentos.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Ah, eu tinha anotado errado. Perdão. Quer dizer, 2002, R$63 e, 2003, R$10 milhões?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Dez milhões.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Perfeito. Relativamente a essa licitação, a esse pregão, em que foi vencedor o consórcio Alfha, composto pela Positivo e pela Novadata, por que a Novadata disputou nesse caso em consórcio?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Porque não tínhamos porte, não tínhamos volume e isso inclui porte, fábrica, capacidade fabril, capacidade de manutenção, capacidade de capital de giro, não tínhamos tamanho para disputar essa licitação. Como era permitido consórcio, juntamos as duas empresas e, com isso, tivemos tamanho, porque eram R$60 milhões faturados, não são todos os R$60 milhões do Banco Postal, mas a maior parte dele o é. Isso num prazo muito curto, um prazo de quatro meses, mais ou menos. Então isso demanda uma quantidade, um esforço muito grande, a empresa parou praticamente para atender esse edital. E se ele fosse o dobro do tamanho, não poderíamos participar, não tínhamos tamanho para fazer isso. Por isso, essa é a razão do consórcio.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Uma das referências feitas à licitação nesta Comissão foi de que ela teria uma redução de competitividade pelo fato de o objeto descrito envolver um *kit* de equipamento, e se afirma que, se fosse feita uma licitação de forma separada para cada equipamento, isso ampliaria a competitividade e, portanto, o preço poderia ser mais baixo. Como é que V. Sª comentaria essa acusação?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Deputado, em parte isso é verdade. A palavra k*it*, eu usaria a palavra sistema, mas embora tenha sido usado *kit*, porque esse sistema era composto de computadores, impressoras, leitoras CMC7, balanças de precisão, leitoras de código de barra, em suma, era a transformação de um computador num sistema que transformava um caixa num correspondente bancário. Evidentemente, se esses itens fossem comprados, parece-me que eram oito itens, se eles fossem comprados individualmente, é bastante provável que houvesse, sim, uma redução de preço. O problema é quem junta isso tudo, quem dá manutenção e, se alguma quebrar, quem é o responsável. Por isso – e isso é normal –, eu diria que seguramente essa economia criaria um problema tão grande, lidar com oito fornecedores, que essa possível redução de preços criaria um complicador tão grande, além do mais essa manutenção tem de ser feita em 2.750 pontos diferentes, cidades diferentes, com oito empresas diferentes fazendo. Dá um problema na balança. O outro alega que é o *software*, que é a pesagem, que é o computador, que é a impressora. Por isso é que normalmente, e isso é praxe, não é feito assim. Porque seria, sobretudo num projeto com esse alcance social, com essa importância e já com a complexidade que ele tem, com o único fabricante já é um processo extremamente complexo de ser feito, se fosse ser partilhado, eu diria que quase impossível o gerenciamento, embora, sim, pudesse ter uma pequena economia de valores.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – As compras feitas pela iniciativa privada são feitas através desses *kits* ou quando a iniciativa compra sistemas como esses compra com itens separados?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, um sistema como esse tem uma centena de fornecedores. Só o computador é comprado, compra o monitor de um...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Por exemplo, quando um banco quer comprar um sistema como esse, ele compra por itens separados ou compra um *kit*?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, os bancos privados compram sistemas. Aliás, isso é o que a Procomp faz. Normalmente, ela vende o sistema inteiro. Em alguns casos, não só, Deputado José Eduardo Cardozo, é comprado o sistema inteiro, como é comprado o sistema inteiro com a manutenção, com a operação. A Procomp, por exemplo, no sistema privado, faz inclusive transporte de valores. Nos caixas automáticos, ela faz a prestação de serviços, porque não é só a manutenção, transporte de valores e uma série de outros serviços associados. Isso, na iniciativa privada, é feito dessa forma.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Uma das afirmações feitas pelo Sr. Maurício Marinho em depoimento é a de que haveria um superfaturamento nesse contrato firmado pelo Consórcio Alfha relativamente ao serviço de assessoramento técnico prestado ao longo de 24 meses. Pelo que apuramos, teve uma primeira licitação, em que houve o fornecimento dos equipamentos nos primeiros meses, se não me falha a memória três meses, um contrato de 24 meses, sendo que nesse contrato havia o serviço de assistência técnica. Ao final desse contrato, foi aberta uma licitação com o objetivo de se contratar essa assistência técnica também para outros equipamentos. Como não foi possível concluir essa licitação, houve uma contratação de emergência do próprio Consórcio Alfha, durante 60 dias, para que prestasse esse serviço nesse período. Sendo que depois uma outra empresa ganhou a licitação. E, segundo se fala, especialmente esse segundo contrato tinha uma elevação substantiva de valor, o que, segundo o Sr. Maurício Marinho, implicava num superfaturamento. Como é que o senhor explicaria esse valor maior desse segundo contrato, em comparação com o contrato que foi licitado posteriormente e vencido por outra empresa?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Bom, essa é mais uma desinformação do Sr. Marinho. Vou explicar: a licitação que ganhamos em consórcio é uma licitação, como eu disse, de fabricação, instalação e

manutenção por 18 meses, não por 24, Deputado, por 18 meses. Findos os 18 meses, foi feita uma licitação para ser dada continuidade à manutenção após os 18 meses por mais quatro anos. E participamos. Essa foi a licitação de que fomos impedidos de participar, o que considero um erro formal, e que a empresa vencedora foi a Scopus. Então, houve um atraso por parte dos Correios e eles não conseguiram, por problema do departamento jurídico, não sei exatamente qual foi o problema, e eles não conseguiram fazer a licitação e ela atrasou, aliás, ela atrasou, Deputado, mais do que dois meses; atrasou quatro meses, porque houve um primeiro aditivo de dois meses, os Correios aditaram por dois meses e depois não conseguiram e aditaram por mais dois. Ou seja, eles fizeram no mínimo prazo possível e não conseguiram. Então foram obrigados a aditar por mais dois meses.

Então, o que ocorreu? Durante esses dois meses, mais dois meses, os Correios nos pediram um preço. Só nós podíamos, só nós – quando digo, nós, o Consórcio – poderíamos dar manutenção porque estávamos fazendo a manutenção. E demos o preço, aproximadamente, se não me falha a memória, um milhão por mês era o preço que foi colocado. E depois houve a licitação, de que participaram quinze empresas. Nessa licitação, a vencedora foi a Scopus, que ganhou com um preço inferior, e isso também está no dossiê, não de 30% inferior ao que demos por esse contrato emergencial, mais de 10% inferior ao contrato emergencial que demos. Então, o pseudosuperfaturamento não seria de 30, seria de 10. E por que a Scopus conseguiu um preço 10% menor do que nós? Bom, têm várias razões. Eu vou citar algumas. Bom, a primeira coisa é que a Novadata é um fabricante de computadores. Nós não somos especializados, ao contrário da Scopus, que é uma empresa especializada em manutenção; para dar manutenção no parque Bradesco, é especializada em manutenção.

Nosso foco é a fabricação, inclusive porque nós terceirizamos parte dos nossos serviços. Nós temos trezentos terceirizados espalhados pelo Brasil inteiro. Da mesma forma como, provavelmente se a Volkswagem entrar numa licitação de manutenção com uma revenda autorizada, ela não vai ter preço para competir com a revenda, que é especializada em fazer manutenção de veículos. A Volkswagem é especializada na produção de veículos, embora ela dê garantia também.

Bom, o segundo fato é o seguinte: participaram quinze empresas e nós fomos impedidos. Cinco foram glosadas, mas me parece que participaram oito ou dez empresas. E o Consórcio Alfha, pelo menos a Novadata, apresentou o segundo menor preço. Ou seja, ela só foi batida em preço, quer dizer, o preço que nós cobramos por esse contrato emergencial foi menor do que sete outros preços. Ele só perdeu para a Scopus. E aí eu posso, se eu estou entrando no terreno da especulação, quase que assegurar por que isso aconteceu. Isso aconteceu porque quem opera o Banco Postal é o Bradesco. E esse banco, o Banco Postal, com quase três mil agências, é importante para o Bradesco. Ou seja, o Bradesco, praticamente sem investimentos, ganhou isso em concorrência. Mas praticamente sem investimentos ele adicionou três mil agências ao seu parque de agências. E como ele tem uma empresa, que é a Scopus, especializada em fazer manutenção em computadores, muito provavelmente, por uma questão estratégica, ele deve ter dito para a Scopus: olha, você vai ganhar essa licitação e não é para ganhar dinheiro. É porque isso é estratégico para a gente. Porque seria uma catástrofe se esses equipamentos que estavam sendo bem atendidos pelo Consórcio Alfha caíssem na mão de uma empresa que porventura não conseguisse dar essa manutenção. Então, o Bradesco assegurou que o domínio desse banco postal ficasse dentro de casa. O que é perfeitamente lícito; foi um bom negócio para os Correios. O que teria sido muito grave, aí sim, é que se esses quatro meses tentassem ser economizados e ser feita uma licitação de uma forma atabalhoada e uma empresa desqualificada ganhar essa licitação. Aí, sim, eu considero que seria uma questão séria; não esse pequeno gasto de 10% por quatro meses a mais. Inclusive que o preço não estava superfaturado, foi um preço justo porque nós ganhamos de sete outros participantes.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Bem, Sr. Presidente, para não monopolizar, eu tenho uma série de outras perguntas, mas eu solicitaria que V. Exª, em deferência à requerente do depoimento de hoje, Senadora Heloísa Helena, passasse a palavra para ela.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Passo a palavra à Senadora Heloísa Helena.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Até porque somos tão poucos nas Subrelatorias que, com certeza, conseguimos trabalhar até de forma democrática.

Dr. Mauro Dutra, existem dois fatos que acabaram trazendo V. Sª a essa discussão que, como o senhor mesmo disse no início do seu depoimento, são as relações políticas mantidas com o PT e com o Presidente Lula, o que o senhor não fez nenhuma questão de esconder. Claro que eu também tive oportunidade, até no depoimento anterior, de dizer que o senhor também tem relação e é respeitado por uma pessoa que todos nós respeitamos muito, que é Dom Mauro Morelli. E que, é evidente, vamos ficar muito enfureci-

dos se acabarmos por descobrir ou num procedimento investigatório aqui ou em qualquer lugar que V. Sª também traiu a confiança de um homem muito digno como D. Mauro Morelli.

O senhor acabou vindo prestar depoimento aqui porque não é um fato simplório o que está acontecendo, e eu sei que o senhor e qualquer pessoa com o mínimo de bom senso sabe que não se abre uma Comissão Parlamentar de Inquérito à toa. Não é por uma bobagem. Não é por uma bobagem, não é por uma publicação feita por uma revista, independentemente de ela se comportar, se reivindicar de direita, de centro ou de esquerda, ou ser oposição ou sustentação do Governo.

Hoje, existem mais de 600 contratos só no gestor operacional dos Correios. Nas sete áreas do gestor operacional dos Correios, mais de 600 contratos estão sendo auditados ou pela Controladoria, ou pelo Tribunal de Contas, ou em procedimentos investigatórios diversos.

Durante mais de dois anos, tentaram instalar procedimentos investigatórios no âmbito das Comissões de Fiscalização e Controle ou do Senado ou da Câmara, relacionados também a contratos, ou de que já havia denúncias ou indícios relevantes de crimes contra a administração pública. E a base de Governo montou de tal forma uma operação sofisticada mas fraudulenta e desprezível para impedir que acabou ficando de tal forma descontrolada e a CPI acabou sendo instalada.

Até agora, mais de 600 contratos estão sendo analisados só do gestor operacional dos Correios. Dos 100 contratos que já foram até agora mais analisados, tem-se uma média de praticamente 40% de irregularidades. Então, eles estão identificando responsabilidades, os eventuais prejuízos ao interesse público, se houve tráfico de influência, exploração de prestígio, intermediação de interesse privado, corrupção ativa e passiva. Os que estão relacionados ao Consórcio Alfha ou à Novadata ainda não foram concluídos.

Então, tem os procedimentos investigatórios que estão sendo analisados por outros órgãos e tem o procedimento investigatório que está sendo analisado por uma CPI, que, como sabem todos, é o único mecanismo, de fato, que possibilita que o Congresso cumpra sua tarefa nobre de fiscalizar os atos do Executivo. É a única, porque nenhum outro procedimento investigatório quebra sigilo. Nenhum outro procedimento de investigatório traz para si o poder de investigação própria das autoridades judiciais, só uma Comissão Parlamentar de Inquérito.

É evidente que o dado que acabou indo à opinião pública primeiro, além das informações apresentadas pelo Sr. Marinho, que, claro, como o senhor entregou o dossiê agora, vamos, tenha certeza, analisar com lupa, cada um deles. E com lupa também os procedimentos investigatórios que estão sendo feitos em outros órgãos públicos.

E aí tudo isso que estava sendo analisado, que acabou tendo uma grande repercussão numa revista, não foi só isso. A partir do momento em que o líder o Governo e, portanto, pessoas muito inteligentes consideraram como fato, como verdade, uma carta, por mais que tenha sido carta anônima, por mais que muito mal escrita, por mais que até desprezível, mas ela foi apresentada como verdade e gerou, inclusive, uma turbulência dentro da base do Governo. Ela foi apresentada pelo líder do Governo no Congresso Nacional. E, além da carta, ele apresentou detalhes do tráfico de influência, de gangues partidárias, da promiscuidade com empresários supostamente protegidos pelo Palácio do Planalto.

Não foi só a carta. A carta desencadeou várias outras informações, inclusive prestadas pelo próprio Líder do Governo, e que ele relatou as relações que tinha com personalidades do PT, com o Sr. Sílvio Pereira, quem era que indicava qual cargo, as brigas que estavam acontecendo dentro do gestor operacional dos Correios pela Diretoria de Tecnologia, onde, supostamente, o lugar seria do PTB, mas, por um conluio entre o PT e o PMDB, as cúpulas palacianas dos dois partidos deixaram de fora o PTB. Então, não são pequenos fatos, até porque eles passaram a ser verbalizados por pessoas importantes, inteligentes, que começaram a dar detalhes de operações que supostamente estavam sendo viabilizadas e aí entra também o Consórcio Alfha.

A respeito de muitos desses detalhes o Deputado José Eduardo já fez perguntas. E o que o Sr. Maurício Marinho, e não apenas ele, mas o procedimento investigatório que está sendo feito por outras auditorias mostram – e aí vou centrar as minhas perguntas em relação ao chamado equilíbrio econômico-financeiro do contrato. Até então os senhores ganharam a licitação, como o senhor disse, de computadores e periféricos para a chamada solução integrada da rede de atendimento. Claro que se comparar com o Correio híbrido é pequeno, mas, em se tratando de dinheiro público, é sempre muita coisa, porque são milhões num contrato e os outros são bilhões, mas se eventual prejuízo para o interesse público ou para os cofres públicos ou se houve crimes contra a administração pública é igualmente relevante.

Em outubro de 2002, os senhores solicitaram o reequilíbrio econômico-financeiro em 18%; em outubro de 2002, os senhores Solicitaram 18% do contrato. Em

dezembro de 2004, foi concedido o reequilíbrio em 6%, totalizando cerca de R$5,5 milhões. O argumento da empresa, e inclusive o dirigente da empresa Positivo também disse isso, foi de que havia projetado o dólar a R$2,86 no período e que esse chegou ao valor de R$3,69 na época da solicitação.

Então, vou centralizar minhas perguntas em relação a esse processo do reequilíbrio econômico-financeiro do contrato. No processo de reequilíbrio econômico-financeiro, há alguma participação do Sr. Maurício Marinho ou do Sr. Antônio Osório de Menezes? Alguma participação, algum contato, alguma relação dos senhores com eles?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Senadora, esse processo de reequilíbrio econômico-financeiro é um instrumento previsto na lei e previsto explicitamente nesse contrato. A primeira coisa para entender isso é que essa palavra reequilíbrio fica parecendo uma coisa quase que feia, mas isso é feito no intuito de proteger as duas partes, proteger o contratante e o contratado, porque quando você fica assegurado, um contratante, um contratado, de que se houver algum fator que modifique de alguma forma imprevista os seus preços e você pode recorrer e receber isso, você não embute isso nos seus custos. Essa é uma tentativa de proteger também quem contrata, baixando o preço ao mínimo possível.

Esse procedimento foi pedido em outubro de 2002, portanto ainda na gestão Fernando Henrique, com outra diretoria, quando estávamos entregando os equipamentos. Por que pedimos? Pedimos exatamente porque houve essa alta do dólar, essa alta que ninguém esperava e o dólar chegou a bater, na entrega do quarto lote, foram quatro lotes, mais de R$3,80, quando o dólar da proposta era R$2,87.

Então, quando estávamos entregando dissemos para os Correios que não conseguiríamos entregar dessa forma e eles disseram, essa diretoria, para entrar com um pedido de reequilíbrio que vamos conceder. Nós fizemos um pedido, e o número me parece que era esse que V. Exª deu, de 18%, que dava R$17 milhões para as duas empresas. E esse grupo de trabalho, de técnicos, de uma diretoria anterior, concedeu 12%, que são aproximadamente R$11 milhões. Isso foi aprovado. Ocorre que houve uma mudança de diretoria, por uma razão que eu não entendo, mas no final do Governo Fernando Henrique a diretoria, a Presidência dos Correios foi mudada e ficou pouco mais do que três meses. Esse outro Presidente, essa outra diretoria, não quis pagar e nomeou uma segunda comissão para analisar o que a outra comissão havia feito. Essa segunda comissão analisou e ratificou integralmente os valores, exatamente o mesmo valor. Falou: as contas estão certas.

Quando isso iria ser pago, no começo de 2003, houve uma outra troca, e aí já uma diretoria indicada pelo novo Governo, que disse: nós não vamos pagar. Poderia ter feito o pagamento, já havia tido duas comissões ratificando isso. E introduziu uma terceira comissão para verificar as contas.

Quero dizer que isso não é simplesmente uma variação do dólar, não. Temos de mostrar e apresentar no processo as guias de importação; alguns itens considerados que não são afetados pela variação do dólar ficam fora, como, por exemplo, balança, balança fica fora. Isso vai reduzindo sensivelmente o valor. Só para dar um exemplo, Senadora, tivemos, em 1999, o TCU como cliente nosso. Isso não está no dossiê, mas tenho esse contrato de reequilíbrio aqui. O TCU era nosso cliente. Em 1999, como V. Exª sabe, houve uma desvalorização grande do real, em que ele quase subiu 70% num período muito curto. Nós estávamos entregando ali computadores para o Tribunal de Contas da União. Nós entramos com um pedido de reequilíbrio econômico-financeiro. Ele não só foi aprovado como o valor pago na época foi de 38% do valor do objeto do contrato original.

Indo à sua pergunta, os primeiros dois grupos de trabalho que analisaram entenderam que esse reequilíbrio deveria ser da ordem de R$11 milhões. Num período de... A terceira diretoria dos Correios – e num primeiro momento não fazia parte o Sr. Maurício Marinho – entendeu, por um critério com que não concordamos, que esse valor estava errado e que deveria ser baixado para R$5,5 milhões – o número que a senhora deu –, que corresponde basicamente a 6% do valor do contrato. Nós recebemos esse dinheiro – demorou quase dois anos –, metade do que entediamos, nós e as outras duas comissões de duas diretorias anteriores, como devido. Está calculado. Nós recorremos, recebemos o dinheiro e entramos imediatamente com recurso para receber a outra parte. Nessa primeira parte que foi paga, não tem, o Sr. Maurício Marinho não participa, porque ele não era ainda, não tinha essa função, era uma outra pessoa, que era o gerente do Decam, de que não me recordo o nome, que acompanhou esse processo. Mas, no pagamento dos primeiros R$5,5 milhões, não tem a participação do Maurício Marinho.

Nós entramos, então, com recurso, contestando valores e foi constituído um outro grupo de trabalho. Desse, sim, o Sr. Maurício Marinho participou. Ele não teve uma conclusão, até porque em maio deste ano aconteceu esse episódio de recebimento de propina, que foi gravado, e esse processo parou. Mas, nesse

segundo, sim, o Maurício Marinho tinha participação. E o diretor Antônio Osório também tinha participação, participado do processo, pelo simples fato de que o local para entrar com o pedido de reequilíbrio econômico-financeiro era a diretoria administrativa, não tem outro local. Esse é o local por onde o processo tem de entrar. E mais do que isso, Senador, ele tem de entrar e ser acompanhado, discutido, porque, obviamente, os produtos já tinham sido entregues. Então, há sempre um processo de protelação.

Por essa razão, creio, que, no Governo Fernando Henrique, nas diretorias anteriores, isso foi analisado em dois meses e, nessa diretoria nova, passou dois anos para ser analisado, quase dois anos, e recebemos só a metade do valor que consideramos devido.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Bom, formalmente é assim.

Vou só pegar mais alguns detalhezinhos e voltar mais um pouco. É verdade que o reequilíbrio econômico-financeiro é um mecanismo que pode inclusive proteger o interesse público, até porque, se a empresa não consegue prestar o serviço, cria um problema também para o contratante.

Do mesmo jeito, o reequilíbrio econômico financeiro também pode ser um mecanismo de conluio. O empresário que ganha uma licitação fraudada faz um acordo no processo licitatório, põe um preço lá embaixo e depois, na execução contratual, acordado, através dos aditivos, recompõe o preço. Isso, em tese, porque, do mesmo jeito em que há uma tese, há a outra também.

Mas vou voltar um pouquinho, para junho de 2002, ainda no Governo Fernando Henrique. A Novadata encaminhou a carta à Empresa de Correios e Telégrafos, afirmando que havia obtido informações de que o pedido de reequilíbrio seria indeferido. Essa informação constava de um relatório interno, de um grupo de trabalho, Relatório nº 170/2003, que era então coordenado pela Srª Tânia Regina Munari.

Quem passou essa informação à Novadata? Porque, até então, nos dados que estão sendo analisados pela auditoria, não era público que o pedido de reequilíbrio seria indeferido. Mas os senhores tiveram conhecimento como?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Senadora Heloísa Helena, eu me perdi um pouco. Seguramente, tem um erro de data. Em junho de 2002, a licitação não tinha nem ocorrido ainda.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Não, em 2003, porque era um grupo. O grupo de trabalho é o 170/2003.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Então, junho de 2003. Nessa ocasião, isso foi... Esse processo, Senadora, foi discutido de uma forma muito transparente dentro dos Correios. Eu posso ter um pouco mais de detalhes, mas isso foi feito através de uma reunião pública. Foi informado, porque isso... esses pedidos eram feitos, esse acompanhamento era feito pelo nosso pessoal e,de uma forma, eram grupos de trabalho de vários departamentos... Então, houve,sim,um período em que houve o indeferimento do pedido, apesar de ter sido aprovado duas vezes. Antes de esse indeferimento ser formalizado, nos foi dado, digamos assim, o direito de defesa. Ele reuniu... Não lembro quem era, essa Tânia eu não conheço.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Deixe-me voltar um pouquinho, Dr. Mauro. Veja só: a licitação que vocês ganharam, ainda na época do Governo Fernando Henrique, tem um problema em relação à solicitação que os senhores fizeram do sobrestamento do processo. Não foi isso? (Pausa.)

Porque a informação que temos é a seguinte: como os senhores estavam de posse da informação do indeferimento do reequilíbrio, pediram um sobrestamento do processo e com o objetivo – inclusive foi informado – de anexar mais documentos que pudessem embasar o pleito. Foi isso? Os senhores não pediram suspensão? Quando tiveram conhecimento, o senhor não lembra como, acha que as nossas informações é que eram... que as informações eram internas, eram sigilosas. As informações do grupo de trabalho eram sigilosas. O senhor nos informa que não, que estavam sendo discutidas abertamente.

Tendo a informação ou por via direta ou indireta, passemos para a segunda fase. Os senhores solicitaram sobrestamento do processo para anexar mais documentos, não é isso?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Quero crer que sim, Senadora.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Então, os senhores retomaram o processo já no dia em que o Sr. Antônio Osório assumiu a Diretoria de Administração. Por que a Novadata passou tanto tempo para retomar um processo que era de seu interesse? E por que o fez exatamente no dia em que o Sr. Antônio Osório tomou posse? E o que é mais delicado é que a correspondência na qual os senhores solicitam a retomada das discussões acerca do reequilíbrio econômico-financeiro já é endereçada ao Sr. Antônio Osório, em 18 de maio de 2004; há um carimbo de recebimento desse dia, só que a reunião de Diretoria, aprovando o nome do Sr. Antônio Osório, de fato só ocorreu em uma reunião de diretoria dois dias após o recebimento dessa correspondência.

Como a Novadata teve conhecimento de que o Sr. Antônio Osório seria o novo Diretor, a empresa,

de alguma forma, chegou a conversar com ele, anteriormente, sobre a questão de reequilíbrio. Tudo bem, a correspondência, já que era o Sr. Gabriel o diretor anterior, a correspondência poderia ser endereçada a ele. Mas vamos supor que houvesse informações sigilosas ou não, comentários entre personalidades políticas de que ele seria o indicado: por que esse procedimento? Os senhores tinham conversado antes? Parece-nos estranho que, se era algo de tanto interesse o reequilíbrio econômico financeiro, por que a demora de retomar o processo? Inclusive, a auditoria, ao contrário do que o senhor disse, mesmo transcorrido um ano depois de solicitado o processo, no qual os senhores alegavam que iam anexar novos documentos, segundo as informações da auditoria que já está sendo feita, a Novadata apenas apresentou planilhas internas, mostrando o custo inicial dos componentes em dólar, a variação do preço da moeda americana e não apresentou documentos que, inclusive, conforme o senhor há pouco dizia, eram importantes, documentos comprobatórios com a variação real dos custos, tais como notas fiscais de informação e de importação. Isso também não tinha sido apresentado. Então, por que a volta do interesse da empresa em anexar documentos, em retomar o processo com o Sr. Antônio Osório? Havia alguma discussão anterior, alguma relação política que possibilitasse que a empresa criasse a expectativa de que, assim sendo, teria mais chances de fazer o reequilíbrio econômico-financeiro?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Muito bem, Senadora. O importante é o seguinte: nós nunca deixamos de pleitear esse equilíbrio econômico-financeiro em nenhum momento. Esse assunto ficou pendente na ata da reunião da diretoria da Novadata. Em todas as reuniões, nós discutimos isso. Tínhamos um grupo de pessoas trabalhando para que isso acontecesse.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim, mas, na relação com os Correios, não?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Na relação com os Correios, sim, também. Em julho, parece-me, no meio de 2003, um dos argumentos utilizados – e nós entendemos como improcedente – para não conceder o reequilíbrio é que nós fornecemos equipamentos semelhantes para os Correios com um desconto de preço, um desconto de preço que foi exatamente o aditivo ao contrato do Banco Postal.

Então, os Correios entenderam o seguinte, Senadora: se o dólar estava mais ou menos no mesmo patamar, até um pouquinho acima, como poderíamos entregar equipamentos novos em julho com preço, inclusive, reduzido. A gente não precisava do reequilíbrio. A primeira questão é que esse argumento não procede não só pela lógica de uma empresa, como também do ponto de vista técnico. Vou dizer, pela lógica de uma empresa, o seguinte: a Novadata existe, Senadora, para ganhar dinheiro, para dar lucro. Então, se nós entendemos que, numa determinada circunstância, quero vender um equipamento por um determinado valor, e é um direito meu, não é da alçada dos Correios saber se estou ganhando muito dinheiro ou pouco. Isso é um problema interno nosso. A empresa está lá para dar, apresentar resultados. Mas não vou sequer usar esse argumento, vou usar outro. Porque, o reequilíbrio concedido, quando foi calculado, nesse que foi aprovado de R$11 milhões, que corresponde a 12%, os Correios não deram o equilíbrio do preço da proposta até o preço do dólar dos vários contratos de entrega; eles não fizeram isso, não: colocaram o dólar a R$3,10, porque entenderam que até R$3,10 era o que o Banco Central, na época da proposta, estava projetando o dólar futuro.

Então, ele estava dizendo o seguinte: até R$3,10, vocês não ganham nada; o que passar de R$3,10, vocês começam a ter direito ao reequilíbrio. Ora, de fato, nós fizemos isso. As empresas, quando cotam os seus produtos, entram na bolsa de futuro, no Banco Central e vêem qual é a cotação do dólar futuro. E nós fizemos isso, como todas as empresas que são sérias fazem.

Então, esse reequilíbrio que estamos pleiteando – já recorremos na Justiça para recebê-lo, porque entendemos que é devido; já entramos na Justiça, porque entendemos que se esgotou a cota de negociação administrativa com os Correios –, entramos com o dólar do que excedeu R$3,10. E o dólar, em julho, estava abaixo de R$3,10, embora estivesse um pouquinho acima de R$2,87. Essa é a razão técnica; entendemos que os cálculos estavam errados. Mas nós reproduzimos todo o processo novamente, absolutamente todo – com guias de importação, com os nossos cálculos –, para justificar o pedido. Em nenhum momento, ficamos parados.

Agora, não tenho... e V. Exª citou no depoimento do Líder do Governo, preciso me remeter a isso também. Eu não tenho... Quero declarar que não conheço o Sr. Antônio Osório, não tenho nenhuma relação com ele, não tenho nenhuma influência na nomeação, nunca estive com ele antes, da mesma forma como não tive nenhuma influência. E isso está colocado na carta anônima, na indicação do Diretor de Tecnologia Eduardo Medeiros, que era o Diretor de Tecnologia supostamente indicado pelo Sr. Sílvio Pereira, que também não conheço. Nunca estive com ele, até porque, Senadora, não operamos assim.

A Novadata participa de uma concorrência toda semana. Toda semana, temos concorrência em que estamos entrando. Não é o nosso estilo. Quando falei

na minha apresentação anterior, a Novadata é conhecida por uma empresa agressiva em preços, que age de uma forma leal. Isso não é fato, quer dizer, não é fato, não: não tem documentação. Mas essa é a imagem que nós temos. Esse pedido foi sempre feito; em nenhum momento, nós abrimos mão dele.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Os senhores discutiam, anteriormente à entrada do Sr. Antônio Osório, diretamente com o Diretor de Administração ou com o Decan, antes de ser o Sr. Marinho?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Nós discutíamos com os dois. A gente discutia... Quem era o Decan, na época, não recordo, mas o Diretor de Administração era o Sr. Fadel, se não me falha a memória, e nós discutíamos com ele, com o gerente do Decan e com quem a gente pudesse, porque entendemos que o nosso pleito é legítimo. Em nenhum momento, abrimos mão disso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sr. Mauro Dutra, em toda a documentação que está sendo analisada no contrato, nessa questão específica do reequilíbrio, o que se identifica é o seguinte: até então, todas as correspondências eram enviadas ao chefe do Decan, que, na época, era o Sr. Adauto Tameirão, que fazia todas as análises e os encaminhamentos que eram necessários. Depois da posse do Sr. Antônio Osório, é estranho que a correspondência... É como se formalmente se estivesse reabrindo a negociação. O senhor diz que, durante todo o tempo, não houve paralisia da empresa em relação à recomposição de preços e, portanto, ao reequilíbrio econômico-financeiro. Os senhores estavam, todo o tempo, trabalhando nisso.

Entretanto, segundo a análise que está sendo feita, inclusive pelo Tribunal de Contas da União, pelos órgãos que estão trabalhando nesse procedimento investigatório específico, em que nós estamos também, é como se tivesse claramente havido uma paralisia das relações da empresa quanto à recomposição, retomada com a indicação do Sr. Antônio Osório; e como se, de fato, todas as tratativas, em vez de estarem sendo feitas, como anteriormente, com o Decan, passassem a ser feitas diretamente com o Sr. Antônio Osório. Então, em todos os documentos que estão sendo analisados, todas as datas dos documentos passam a ser as tratativas todas com o Sr. Antônio Osório. E elas só voltam para o Decan, com a posse do Sr. Maurício Marinho nesse departamento. Inclusive, o Sr. Antônio Osório passa até as pequenas tramitações internas... E são muitos detalhes de documentos – como questionamentos da direção jurídica, as respostas também –, que passam a ser feitos diretamente a eles.

Era o senhor diretamente que fazia essas tratativas ou havia outra pessoa nomeada pela empresa para fazê-lo?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Vou tentar responder a todas as suas perguntas. Primeiro, não entendi, porque, num primeiro momento, V. Exª diz que, na diretoria, quando Fadel era o diretor, entrávamos em contato direto com o Decan, e não com o diretor. Depois, se entendi, a senhora falou o contrário?

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Não.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Ou não entendi direito?

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – No caso do Fadel, o senhor já nem se comunicou com ele. Ainda, antes de ser o Sr. Antônio Osório, o senhor se correspondia diretamente com o Decan, e era o Tameirão. Com a entrada do Sr. Antônio Osório, os documentos passaram a ser encaminhados para ele, antes mesmo de ele ser designado, e o senhor acabou esquecendo de responder. Por que as novas tratativas passaram a ser encaminhadas diretamente? O senhor teve alguma informação? Acompanhou na imprensa? Já se tratava disso dentro da estrutura dos Correios? Porque o senhor encaminha as novas documentações; inclusive, o carimbo de recebimento, que está nos contratos que estão sendo analisados, foi feito em 18 de maio, antes mesmo de a diretoria fazer a indicação formal. Então, o que está sendo analisado até agora mostra isto: que as tratativas, que até então eram feitas diretamente, não no Departamento de Administração, vão ao Departamento de Administração...

O senhor quer solicitar alguma informação?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, V. Exª, por favor continue. Depois, vou querer sim, porque há detalhes que não sei.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim.

E voltam a ser tratadas já com o Sr. Marinho. Então, como foi isso? Não havia nenhum contato com o Sr. Antônio Osório, nenhuma informação, absolutamente nada que possibilitasse à empresa, digamos, achar que tratava, de forma mais adequada ou confiável, com o Sr. Antônio Osório? Absolutamente nada?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Vamos lá. Não tenho esse detalhe de termos encaminhado uma carta para o Dr. Osório, dois dias antes de ele tomar posse.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sim. Solicitando a retomada das discussões. Nos documentos analisados até agora, Sr. Mauro Dutra, ao contrário do que o senhor afirma, ou seja, que não houve suspensão das tratativas, das discussões sobre o reequilí-

brio econômico-financeiro, o que vem sendo analisado até agora pelos muitos técnicos que estão sendo parte desse procedimento investigatório é que era até... eles tratam como se fosse até suspeito. Como era algo de tanto interesse da empresa, e ela só retoma as discussões com a indicação do Sr. Antônio Osório? O senhor nos dá a informação que não, que, em todo o tempo, os senhores estavam tratando disso, tentando fazer essa retomada de preço. Então, só para voltar a essa questão específica do Sr. Antônio Osório.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Há várias perguntas, Senadora. A primeira delas é a seguinte: desconheço essa carta datada com dois dias de antecedência, mas, de fato, nos Correios, os diretores são conhecidos com bastante antecedência. Eu preciso averiguar isso. Por exemplo, o Diretor de Tecnologia: estava anunciado, há muito tempo, quem seria; esse nome estava indicado inclusive na imprensa – sai na imprensa. Mas esse não é um ponto central. O ponto central, que acho que a senhora quer colocar, é o seguinte: volto a reafirmar que, em nenhum momento, abrimos mão do que entendemos seja o nosso direito ao reequilíbrio econômico-financeiro. Agora, o que ocorre, Senadora, é o seguinte: o fato de encaminhar uma correspondência para um diretor ou para um chefe de departamento... Isso quem determina é a empresa, o cliente, são os Correios. Provavelmente, o que aconteceu é que um diretor queria tratar isso, e outro delegou isso ao seu subordinado. Nós mandamos a carta para quem nos é indicado enviá-la. O que é fundamental nisso tudo é que, por esse processo, Senadora, passaram quatro diretores administrativos. Vamos imaginar qual é a pior hipótese, que é a que estou imaginando: dois diretores administrativos... Aliás, mais que diretores administrativos – um diretor administrativo, comissão de um diretor administrativo, porque entra pela Diretoria Administrativa. Dois deles aprovaram o nosso reequilíbrio. Aí vem um terceiro... Depois o Rondon, que está aqui, pode-me socorrer com algum dado sobre datas. Vamos imaginar que um terceiro tenha visto... não tenha entendido ou não tenha concordado com o reequilíbrio econômico-financeiro. Aí ele delega para um subordinado, pelo que entendi, para a coisa não andar. De acordo com nosso interesse, nós queríamos que ela andasse na melhor velocidade possível.

Portanto, Senadora, é perfeitamente lícito e razoável supor que, mudando o diretor administrativo e financeiro ou diretor administrativo, não é financeiro, e nós não temos nenhuma ingerência nisso, não optamos... Se há um diretor que não fez o processo andar, dois outros aprovaram, vem um quarto diretor, que a gente tenha muita expectativa de que ele vai entender o nosso pleito justo; seria quase normal isso. Em quatro diretores, um entendeu que não era devido ou protelou isso...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Ou não.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Mas três entenderam que era devido. É natural que, quando mude o diretor... da mesma forma como nós não tínhamos nenhum relacionamento especial com os outros dois diretores administrativos e as equipes que aprovaram esse mesmo reequilíbrio, é o mesmo ponto. Nós não entendemos que isso seja uma coisa subjetiva. Isso é objetivo. São números.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Os senhores, em uma nota de esclarecimento, em 22 de junho deste ano, apresentaram a seguinte assertiva: "Não há, em todo o processo, nenhuma participação do Sr. Maurício Marinho, que não tinha poder de decisão sobre o processo. Não há, em nenhum documento do pedido de reequilíbrio do contrato, uma única assinatura do Sr. Marinho".

O senhor confirma isso? De fato há.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Confirmo isso que está na nota, até porque o Sr. Marinho não tinha assumido ainda. Por isso estávamos tratando com outro Decan. O reequilíbrio foi concedido pelo antecessor do Marinho.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Mas os senhores solicitaram, quando já era ele, mais 6%!

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Depois solicitamos a outra metade que nós entendíamos como devida, metade essa que não recebemos. Entramos na Justiça para receber.

Senadora, eu trouxe um diretor da Novadata exatamente na tentativa de, da forma mais transparente, mais clara, poder responder a essas perguntas. Se o Presidente permitir, parece-me que ele tem algumas respostas para algumas das indagações que V. Exª fez.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – O nosso interesse é esclarecer. Não vejo, salvo melhor juízo da ilustre Senadora, nenhum empecilho nisso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Nenhum, até porque, se não houver coerência entre as informações prestadas e os procedimentos investigatórios, eles acabarão revelando-se de qualquer jeito. Por mim, não há nenhum problema, se o senhor entender que tem alguma informação preciosa para disponibilizar.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Solicito a V. Sª que tome assento à mesa.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Dr. Mauro Dutra, enquanto ele vem, o senhor, como em-

presário do setor... Os técnicos que estão fazendo a análise passaram também a analisar a variação de preços de computadores com configuração semelhante ao dos senhores. Eles insistem em relatar, no procedimento investigatório que está sendo feito, que outras empresas que trabalham com computadores com configuração semelhante, mesmo com aquelas variações, não sofreram variação com a elevação de preço no período. Inclusive, eles citam algumas empresas – não vale a pena citá-las aqui – consideradas menores e, portanto, supostamente, com menor poder de negociação com fornecedores, que ficaram com preços menores. O senhor está absolutamente... Todas as informações, as planilhas, o senhor acha que, em nenhuma planilha interna, em todos os documentos que foram apresentados pela Novadata – os documentos comprobatórios de variação real de custo de preço, as notas fiscais de importação... O senhor está absolutamente tranqüilo de que a reivindicação feita era absolutamente correta, tecnicamente, legalmente, economicamente?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Senadora, estou absolutamente tranqüilo de que a reivindicação que foi feita é uma reivindicação correta. Não entramos na Justiça antes e esgotamos todas as possibilidades de recursos administrativos –, porque, até como V. Exª bem sabe, a Justiça é muito mais lenta do que qualquer um desses processos.

Agora, posso dizer à senhora o seguinte: os nossos preços, que foram apresentados, são absolutamente competitivos, ou seja, baixos. E é impossível para uma empresa – quando falo em empresa menor, é preciso tomar cuidado, pois estou falando do mercado formal, do mercado não-pirata. Mas, posso assegurar a V. Exª que é impossível, com as margens de preços que se tem, na nossa área de microinformática, com essa variação do dólar, uma empresa não, não... conseguir manter os mesmos preços. Isso é impossível ser feito.

O que ocorre, o que pode ter ocorrido – e aí tem uma confusão – é que é tão complicado pedir esse reequilíbrio, é tanto papel, tanta burocracia, tanta coisa, que nós mesmos e alguns clientes, desse mesmo período em que o montante era menor, não solicitamos o reequilíbrio econômico-financeiro, porque, digamos assim, o custo administrativo, o envolvimento de todo mundo é tão alto, que não compensa. A Novadata mesmo, com outros clientes, o Governo – aliás, no mercado privado é muito mais fácil, porque tem uma cláusula que diz que, se o dólar variar mais do que 5%, a gente senta e revê o preço, para cima ou para baixo, 5% ou 10%. E assim, ponto, é só isso. Deu 10%, senta e resolve o preço, ou para cima ou para baixo.

Agora, na área pública, isso é tão difícil de ser feito, que a própria Novadata... O único pedido de reequilíbrio econômico-financeiro que fizemos foi no caso dos Correios, porque era o maior contrato que tínhamos nesse período. Infelizmente, coincidiu exatamente quando a candidatura Lula se confirmou como vitoriosa: o mercado enlouqueceu, e o dólar foi para parâmetros absolutamente imprevistos. Qualquer empresa séria, que pague seus impostos, tem que fazer isso. Uma empresa menor é possível que, numa venda pequena, não o tenha feito, porque o custo administrativo disso, do acompanhamento de advogado – do nosso próprio pessoal, que, em vez de estar vendendo, está acompanhando isso e visitando o cliente de uma forma que não muito produtiva, porque é uma coisa de empurrar processo... É possível que essa empresa pequena que está sendo citada não tenha feito isso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – O senhor sabe que, após o depoimento, vamos aprovar – não hoje, na reunião administrativa – um requerimento, como se faz em todos os procedimentos, de quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico, não apenas da empresa de V. Sª, mas do chamado Consórcio Alpha. Inclusive, o empresário que prestou depoimento anteriormente, também, da empresa Positivo.

Então, o senhor está aqui afirmando para esta Comissão que está absolutamente tranqüilo, que não houve tráfico de influência, que não houve intermediação de interesse privado, nem exploração de prestígio. O senhor está afirmando para esta Comissão que não se relacionou com o Sr. Antônio Osório, com o Sr. Marinho, no sentido de intermediar, de alguma forma, objetivos não limpos, que não estivessem sob a égide da legalidade? É isso que o senhor está dizendo? Porque será quebrado o sigilo bancário, fiscal e telefônico do Consórcio, de vários empresários, e objetivamente também já foi quebrado desses outros senhores. E as relações na quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico, os cruzamentos de dados, todos esses estão aqui sendo feitos.

O senhor está-nos dizendo que não existe e não quer prestar nenhuma outra informação – e é evidente que não vamos precisar dizer o que é informação relevante porque sabe V. Sª o que estamos a investigar. O senhor não tem nenhuma informação que entenda importante para prestar a esta Comissão e que possa dar margem a uma interpretação ou suposição relacionada a crime contra a Administração Pública. É isso?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Exatamente isso, Senadora. Estou procurando dar todas as respostas às suas perguntas. Aliás, eu nunca estive com Marinho. Não conheço. Se estiver na sala, provavelmente, não sei reconhecer. Agora, obviamente, as pessoas –

meia dúzia, oito ou dez pessoas – se relacionam com clientes – aliás, são pagos para fazer isso – na área de cobrança, na área de manutenção, na área de venda, na área de proposta, na área de recurso, na área de acompanhamento de processos. Obviamente, existe um conjunto de pessoas da Novadata que se relacionaram com os Correios até porque afirmei aqui que, no ano de 2002, a Empresa de Correios e Telégrafos foi um dos nossos clientes mais importantes. Então, obviamente, há uma relação com...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Apenas solicito a V. Sª que depois disponibilize para o Presidente e para o Sub-Relator os nomes das pessoas, suas respectivas funções, números de telefones também – para auxiliar o trabalho do Sub-Relator –, de todas as pessoas que representavam a Novadata e que atuaram no gestor operacional dos Correios em relação às tratativas do reequilíbrio econômico-financeiro.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Perfeitamente, Senadora.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Solicito à Senadora...

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Desculpe-me, não sei o nome de V. Sª.

O SR. PEDRO RONDON – Pedro Rondon.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – O senhor entenda que haja algum dado relevante para nos apresentar.

O SR. PEDRO RONDON – Só quero ajudar o Mauro em duas questões que a senhora colocou. A primeira delas, que a senhora colocou, é como nós soubemos do possível indeferimento do reequilíbrio. Nas tratativas do reequilíbrio, junto com o Dr. Gabriel Fadel – tratativas insistentes em que estávamos insistindo por uma resposta –, ficou combinado com o Dr. Fadel que, na hora em que essa comissão, que tinha sido criada e que estava trabalhando sob sigilo, tivesse o resultado da avaliação, nos seria dado o direito de, eventualmente, ver o resultado disso e acrescentar informações que pudesse justificar. Isso foi extremamente importante. Por quê? Porque, quando nós tivemos o contato oficial, na sala do Dr. Fadel, com a comissão que analisava o processo e soubemos as razões que estavam levando ao indeferimento do reequilíbrio, imediatamente, entramos com pedido de sobrestamento do processo, junto ao Dr. Fadel, para anexar informações adicionais ao processo que pudessem elucidar e mostrar que tínhamos razão. É, mais ou menos, assim: quando um processo é julgado por um juiz, o que interessa é o que está no processo. Se há fatos que aconteceram, mas que não estão no processo, tivemos oportunidade de trazer novas informações ao processo, que puderam elucidar isso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Na interpretação de V. Sª, quanto tempo demorou esse sobrestamento? O senhor lembra?

O SR. PEDRO RONDON – A senhora tem as datas corretas na carta. Entre a carta e a juntada de novos documentos, a senhora tem precisa, mas é só coisa de alguns meses.

A segunda coisa que eu queria dizer para a senhora é como as tratativas foram passadas para o Dr. Osório. Quando caiu a Diretoria do Dr. Dipp e, conseqüentemente, os diretores ligados a ele foram afastados – que era o Fadel, que era o Diretor Financeiro –, o Dr. Osório, que era, na época, Diretor de Recursos Humanos assumiu, interinamente, a Diretoria Administrativa.Isso pode ser checado pela Comissão. A partir daí, passamos a tratar com o Dr. Osório porque foi exatamente nessa transição em que aconteceu o sobrestamento e essa juntada de documentos. Nessa época, nesse dia em que entramos com a juntada de documentos, o Dr. Osório era Diretor de Recursos Humanos, respondendo interinamente pela Diretoria de Administração. Então, isso responde às duas questões que a senhora colocou.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Quer dizer, que os senhores já vinham tratando com ele antes?

O SR. PEDRO RONDON – O tempo todo, Senadora. Era um processo complicado, era um processo de muito debate, juntada de informações, comprovações, e esse processo foi feito junto à Dirad, que é a Diretoria Administrativa.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Apenas uma questão: então o senhor está aqui, as informações que os senhores estão prestando é que, ao contrário do que vem sendo apurado até agora nos procedimentos investigatórios no Tribunal de Contas ou nesta CPI, não houve uma, digamos, paralisação das tratativas e que os senhores estavam todo tempo apresentando documentos; os senhores estão dizendo isso, porque nós vamos identificar. Se documentos eram apresentados, planilhas eram apresentadas, notas fiscais eram apresentadas, isso são notas fiscais apresentadas, assinadas o recebimento, e isso acaba se identificando. Então o senhor está dizendo que, ao contrário do que os técnicos e auditoria apurou até agora, que é o estranhamento de sobrestamento praticamente de um ano de algo que era considerado relevante pela empresa e que só volta a ser negociado com a indicação do Sr. Antônio Osório, e o senhor está dizendo que não houve isso, que continuava a apresentação de documentos, as discussões estavam sendo apresentadas permanentemente?

O SR. PEDRO RONDON – Não, a rigor, nós fizemos a juntada de documento de uma vez só. Quando nós pedimos a retomada do processo – e isso está no processo – é uma correspondência longa com uma série de justificativas que eram necessárias e documentos que eram anexados...

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Sim, e, durante esse período, os senhores faziam o quê? Contatos formais, mas não com documentos?

O SR. PEDRO RONDON – É provável. Algumas reuniões para se discutir como é que a gente ia apresentar isso é provável. Isso foi feito constantemente, ou seja, era um processo de negociação em que isso foi feito constantemente. Juntamos os documentos, juntamos todas as informações necessárias, e a mesma comissão voltou atrás naquele parecer negativo e deu um parecer favorável, e aí aconteceu isso que o Mauro colocou que, inexplicavelmente, diminuíram o valor pela metade.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Obrigado, Senadora Heloisa Helena.

Indago ao Deputado Arnaldo Faria de Sá se quer inquirir. Com a palavra V. Exª, Deputado Arnaldo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, eu só queria uma informação: essa pessoa que respondeu pelo Sr. Mauro Dutra quem que é?

O SR. PEDRO RONDON – Sou eu.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Que é você eu sei. Quem respondeu por ele, isso é que quero saber.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – V. Exª não estava aqui, e consultamos o plenário que ele precisava de alguns dados de que ele não dispunha, e ele se identificou e, com a permissão do Plenário...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não, quero saber quem é, não sei que é.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – ...ele prestou as informações que a Senadora desejava receber. Sr. Pedro Rondon.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ele é diretor da Novadata?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Sim, ele é diretor da empresa, ele trabalha mais próximo e ele tem detalhes que eu não tenho, por isso eu pedi que ele viesse aqui e, com o consentimento da mesa, ele veio prestar esclarecimentos adicionais.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É só isso que eu queria saber, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Alguma outra indagação?

Retorno a palavra ao Relator, Deputado José Eduardo Cardozo. V. Exª está com a palavra.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Praticamente a Senadora Heloisa Helena exauriu boa parte ou a quase a totalidade das perguntas que eu tinha a fazer; restam apenas algumas outras perguntas adicionais, e peço vênia se eventualmente eu for repetitivo é porque não captei algum aspecto.

Segundo informações que nós temos, o principal motivo que levou a gestão do Dirad a pedir a reavaliação dos pedidos foi o fato de a Novadata ter cotado, em maio de 2003, equipamentos, em média, 11% mais baratos que em julho de 2002. Como é que V. Sª explicaria que essa redução, em julho de 2002, que efetivamente não se verificou – perdão, julho de 2002 a maio de 2003 – o que prova que não sofreram redução de julho de 2002 a dezembro de 2002. Por que isso?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Porque, Deputado, os equipamentos não são iguais. Eles tiveram uma modificação, isso foi feito... Aliás, essa pergunta pode ser vista de duas maneiras: uma delas é a seguinte: um aditivo contratual normalmente ele é feito pelo mesmo preço do contrato anterior. O fato de nós termos sido pressionados pelos Correios para fazer uma redução nos preços, mostra também, de uma outra forma, que nós não temos nenhum tipo de favorecimento ou canal especial, como foi aventado dentro dos Correios.

Mas o que foi colocado – os Correios argumentaram – é que como eles não tinham o orçamento todo – algo assim – precisavam de um pouco mais de equipamentos. Nós fizemos uma modificação nos equipamentos. Isso é relativamente comum, porque fazendo uma modificação normalmente o preço dos componentes sofre. Dependendo do ponto da curva em que estão, segundo a idade dos equipamentos, podem sofrer, sim, uma redução de preços. Isso foi feito e nós modificamos os equipamentos, basicamente sem ferir a performance do produto, e conseguimos, com isso, fazer uma redução do preço, atendendo à solicitação dos Correios.

Esse preço nós poderíamos, se houvesse qualquer tipo de facilidade, vender pelo preço anterior e embolsar essa diferença, dado o avanço tecnológico. Isso não foi feito.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Há algo que me espanta e eu perguntei inclusive para o proprietário do Positivo. Por que demorou tanto essa apreciação do reequilíbrio econômico e financeiro? Concordo. Houve mudanças, novas comissões. Mas há um intervalo imenso em que, efetivamente, nada se decidiu. Não é usual isso no mundo administrativo, embora demorem as situações de reequilíbrio. Mas é um tempo imenso!

A que V. Sª atribui essa demora tão grande para deferimento PIB do equilíbrio econômico e financeiro?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Deputado José Eduardo Cardozo, eu atribuo ao fato de nós não termos poder de pressão.

No primeiro pedido de reequilíbrio, que foi em outubro, quem precisava da nova data eram os Correios. Tinha um banco postal com contrato fechado com o Bradesco; com prazos rígidos e multas altas. Inclusive, os Correios, em relação ao Bradesco, precisavam desesperadamente desse sistema. Então nós entramos com pedido de reequilíbrio, porque senão não poderíamos entregar e não teríamos feito uma promessa verbal que depois se confirmou na prática. Eles fizeram uma análise rápida disso.

Nós tínhamos um poder de pressão porque estávamos entregando. Nós poderíamos segurar a entrega. Na segunda parte, quando os equipamentos estavam entregues e nós não tínhamos poder de pressão de qualquer tipo, porque os equipamentos estavam entregues e não tinham nenhum tipo de acesso privilegiado como está sendo aventado, a demora caiu na velocidade e deixou de ser prioridade para os Correios. Essa é a única forma para a qual eu posso atentar. E isso, obviamente, não atende aos nossos interesses.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Algo que me chama a atenção é por que a Novadata não entrou na licitação do Correio Híbrido. Se era um negócio de tão vastas dimensões como V. Sª descreveu e a Novadata era uma empresa que efetivamente poderia participar de um dos componentes do procedimento, por que ela não entrou nessa licitação?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Porque essa licitação dos Correios Híbridos tem um líder que é o do consórcio. São empresas privadas que se unem. Nós não tínhamos acesso a nenhum desses líderes, eles procuraram outras empresas privadas.

Aliás, na realidade acabou havendo somente um consórcio, porque os outros ou desistiram, ou foram impugnados. Então, na realidade, nessa grande licitação houve somente uma empresa apresentando o lance. E nós não tínhamos nenhum contato. São empresas privadas que têm os seus fornecedores.

Obviamente, e quis ressaltar isso porque se nós tivéssemos algum tipo de canal privilegiado, poderíamos ter conseguido entrar, penetrar num desses consórcios exatamente por ter um canal privilegiado. Isso não ocorreu.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Nessa licitação consta que apenas houve um único participante. Mas há informações que chegaram a esta CPMI – houve depoimentos nessa linha – de que se tentou formar um consórcio em que a empresa líder seria a Cobra, se não me falha a memória. V. Sª tem notícia disso?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Deputado, notícia eu tenho. Talvez não tenha a informação absolutamente precisa. Houve, de fato, esse consórcio com a Cobra liderando e por alguma razão que eu não sei a Cobra desistiu do processo e de participar da licitação pouco tempo antes de ocorrer.

Essa informação eu estou dando com ressalvas, mas é a que eu tenho. É somente uma informação.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Era a informação que nós tínhamos e, inclusive, surpreendeu-me. Por que uma empresa estatal na véspera da licitação desistiria da participação, de certa forma talvez inviabilizando outras participações na disputa? E há uma vitória, então, de apenas um único participante na licitação. Essa é uma das questões que nós estamos apurando. V. Sª tem alguma informação a mais sobre isso?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, Deputado. Infelizmente não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Perfeito. Durante o período em que V. Sª tentava obter o deferimento do pedido do reequilíbrio econômico-financeiro, houve alguma insinuação, sugestão ou pedido de propina para que isso fosse deferido?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, Deputado. Nunca houve.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Nunca houve. Da minha parte, Sr. Presidente, eu completo uma vez que a Senadora Heloísa Helena exauriu...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, eu posso completar algumas indagações? Qual a sua amizade com o Presidente Lula?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Eu conheço o Presidente Lula desde que ele foi Deputado constituinte aqui, em 86, 89, eu o conheci e, depois, tivemos alguns contatos sociais e depois esse relacionamento foi estreitado um pouco porque eu vinha me dedicando, já com bastante ênfase, à questão da segurança alimentar, à questão da fome, e participei de algumas reuniões em que ele estava presente. Na época, ele já era interessado nessa questão, e eu tive oportunidade de participar de uma série de reuniões. Isso, estreitamos ali conhecimentos, mas já há 15 anos eu o conheço.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quantas reuniões, mais ou menos, você participou depois que o Presidente Lula já estava no exercício do poder?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Depois que o Presidente Lula assumiu a Presidência, eu estive com ele em duas ocasiões. Quando digo que estive com ele, isso inclui contatos telefônicos, inclui... Eu nunca liguei para ele, não tive nenhum outro tipo de contato. Estive com ele em duas ocasiões.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Num contato com o Governo do GDF, tem alguma licitação que foi colocada em dúvida com a Novadata. Em que período foi isso e por que isso aconteceu?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Deputado, eu não tenho conhecimento disso, até porque a Novadata não participa. Tomou uma decisão interna, ela não participa de nenhuma concorrência no GDF. Eu diria que há oito anos ela não participa de nenhuma...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ela não entrou na concorrência em negócio de convênio de contrato, de curso, alguma coisa, não teve?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, Deputado, não teve. Com a Novadata, não teve não. Novadata não tem nenhum relacionamento com o GDF já há muitos anos, desde o Governo Roriz.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E nessa sua ação de combate à fome, qual foi a efetiva participação sua ou da Novadata?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Da Novadata, nenhuma. Eu, como pessoa física, participei já de dezenas ou, pelo menos, de uma dezena de conselhos, de diretorias, de criação de ONGs e eu participei de inúmeras delas. Em especial, acho que o senhor está perguntando em relação à Ágora?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Isso.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – A Ágora não tem nenhuma relação com a Novadata, até porque a Novadata tem outros sócios...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas tem relação consigo?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Tem. Eu sou, eu alternei a presidência do...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E essa ONG com o GDF, qual foi o problema que teve?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Ela prestou serviços para o GDF, prestou serviços para o Estado de São Paulo. Ela teve um problema na contabilidade dela de notas inidôneas. Isso foi detectado. Eu desconhecia. Isso foi... Nós estamos tratando dessa questão.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E quem deu vazão a essas notas inidôneas? Já detectou qual foi o motivo e qual a conseqüência dessa ação posterior?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Bom, quando eu tomei conhecimento disso... Eu quero observar que eu sou Presidente do Conselho da Ágora. Obviamente, é uma função não-remunerada, eu não participo do dia-a-dia dela, não assino cheques, não tenho funções executivas. A Ágora é uma ONG que já existe há mais de dez anos, tem um conjunto de realizações que foram feitas. Quando eu tomei conhecimento...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E qual foi o Governo do GDF que teve esse problema com a Ágora?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Teve no Governo Roriz e no Governo Cristovam.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Primeiro o Governo Cristovam e depois o Roriz ou vice-versa?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não. Acho que foi vice-versa. Primeiro, Roriz; depois, Cristovam. E tão logo, Deputado, quando eu tomei conhecimento disso, eu afastei as pessoas que estavam... O conselho se reuniu, as pessoas foram afastadas. Eu contratei uma auditoria para ver a extensão do problema, até onde esse problema iria. Depositei numa conta-corrente o montante, que era, mais ou menos, R$800 mil, de notas que estavam sob suspeição e iniciamos um processo, que é um processo longo, de... Eu me antecipando, o que a auditoria concluiu nesse processo é que, embora não tenha havido nenhum desvio de dinheiro e todos os contratos foram – isso ninguém questiona – de fato executados, existiam procedimentos contábeis que eram efetivamente muito graves na contabilidade da Ágora. A partir disso, a Ágora praticamente parou com as suas atividades todas, nós fizemos esse balanço e estamos tomando um conjunto de providências em todos os órgãos para sanar esse problema.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Tem inquérito policial em relação a essas notas inidôneas?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Sim.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Foi apurado quem foi a pessoa responsável pela utilização ou pela emissão das mesmas?

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Não, o processo não está nesse ponto, mas a Ágora tinha os seus coordenadores, os seus executores, e eles são os responsáveis por isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, eu queria requerer que a Comissão tivesse acesso a essa documentação dessas notas inidôneas que o Sr. Mauro disse que não tem nada a ver com ele, mas reconhece que tenham sido inidôneas.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Indago a V. Sª se tem condições de repassar a esta Comissão as notas.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Deputado, eu só queria fazer uma correção. Em nenhum momento eu disse que não tenho nada a ver com isso, muito pelo contrário. Logo este problema foi detectado, eu assumi integralmente a responsabilidade, sou responsável por isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não é responsável pela emissão da nota nem pela ação.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Eu chamei o problema a mim e sou absolutamente responsável...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quando eu digo que você não é, não teriam sido emitidas pela sua pessoa. Foram utilizados na contabilidade da Ágora, mas não são de sua responsabilidade. É isso que eu quis dizer.

O SR. MAURO FARIAS DUTRA – Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Devolvo a palavra ao Relator.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Sr. Presidente, estou satisfeito com o depoimento.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Não havendo mais quem queira indagar, agradeço a V. Sª, Sr. Mauro Dutra, pela participação firme e segura.

Esclareço que se houver necessidade V. Sª poderá ser convidado a comparecer novamente a esta Comissão.

Nada mais havendo a tratar, está encerrada esta reunião.

(Levanta-se a reunião às 21 horas e 09 minutos.)

Ata da 7ª Reunião da Sub -relatoria de Contratos, realizada em 19 /10/2005.

Aos dezenove dias do mês de outubro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas e trinta e três minutos, na sala sete, da Ala Senador Alexandre Costa, sob a Presidência da Sub-Relatoria de contratos o Deputado José Eduardo Cardozo, ainda com as presenças dos Senhores Deputados Arnaldo Faria de Sá, Carlos Abicalil, Asdrúbal Bentes, Eduardo Paes, Jamil Murad, Juíza Denise Frossard, Maurício Rands, Gustavo Fruet, Jorge Bittar, Carlos William, Onyx Lorenzoni, Sílvio Torres e dos Senadores Delcídio Amaral, Ideli Salvatti, Álvaro Dias, Romeu Tuma, Heloísa Helena, Ana Júlia Carepa, César Borges, Eduardo Suplicy, Sérgio Guerra, Sibá Machado, Arthur Virgílio e Wellington Salgado, como não membros, os seguintes parlamentares: Alberto Goldman, Tasso Jereissati, Zulaiê Cobra, Rodrigo Maia, Lúcia Vânia, Júlio Redecker e Jutahy Júnior. Reúne-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, A Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se as oitivas dos Senhores Cláudio Roberto Mourão da Silveira (Contrato – Marcos Valério) e Carlos Eduardo Fioravanti da Costa (Ex-Diretor da ECT). O Deputado Maurício Rands mostra cópia de um documento assinado pelo depoente passando uma Procuração em nome de Nilton Antônio Monteiro. O depoente reconhece sua assinatura, porém diz que o tal documento foi uma montagem e que existem vários processos de falsificação contra o Senhor Nilton Antônio Monteiro. A Presidência requer seja feita através da Polícia Federal uma perícia técnica no referido documento. O Presidente suspende a sessão às dezoito horas e trinta e seis minutos por quinze minutos. O Presidente recomeça a reunião às dezenove horas e três minutos, convidando a comparecer à mesa o segundo depoente o Senhor Carlos Eduardo Fioravanti da Costa. O Senador Eduardo Suplicy explicita a resolução tomada pela bancada dos doze (12) Senadores do PT, que a partir das eleições de dois mil e seis, todos os candidatos para cargos Legislativo e Executivo, deverão registrar na rede mundial de computadores (internet) diariamente, as receitas, identificando as suas fontes, e as despesas efetuadas às campanhas eleitorais, e de não utilizar recursos não contabilizados ou de caixa dois. Nada mais a declarar, é encerrada a presente reunião às vinte e duas horas e onze minutos E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Declaro aberta a 7ª reunião da Sub-Relatoria de Contratos, da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito criada através do Requerimento nº 3 de 2005 para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Esclareço que a pauta da presente reunião, na forma da convocação regularmente feita, se destina à oitiva dos Srs. Cláudio Roberto Mourão da Silveira e Carlos Eduardo Fioravante da Costa.

Convido o primeiro depoente, o Sr. Cláudio Roberto Mourão da Silveira, para tomar assento à mesa, onde então terá oportunidade de prestar seus esclarecimentos, de acordo com as argüições e questionamentos feitos pelos Srs. Parlamentares.

Quero salientar que o Sr. Cláudio Roberto Mourão da Silveira vem prestar depoimento nesta Comissão na condição de testemunha, tendo já, na forma regimental e legal, assinado o termo de compromisso. Também apresenta nesta oportunidade instrumento particular de mandato em que outorga procuração ao Dr. Otávio Junqueira Caetano, OAB nº 69114, Minas Gerais, que acompanhará na condição de advogado o depoente nesta tarde.

Meu cumprimento sincero ao depoente e ao advogado que o acompanha.

Passo a presidência ao Sr. Vice-Presidente desta Comissão para que conduza os trabalhos, passando eu a assumir as funções naturais da Sub-Relatoria.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Concedo a palavra ao depoente para que faça sua qualificação e preste os esclarecimentos que achar convenientes, lembrando que, na condição de testemunha, deverá falar a verdade, sob as penas da lei.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Sou nascido em Belo Horizonte, tenho 61 anos, sou administrador. Comecei a trabalhar cedo, em 1960. Trabalhei durante 23 anos na iniciativa privada. Em 1983, trabalhava numa multinacional alemã – era gerente de recursos humanos dessa empresa – quando fui convidado por um amigo de infância, então Deputado, para ser seu Secretário Adjunto na Secretaria de Administração de Minas Gerais, no Governo Tancredo Neves. Nessa oportunidade, então, assumi esse cargo, me desliguei dessa empresa onde trabalhava. E, naquele época, a Prodemge, que é uma empresa de processamento de dados do Estado de Minas Gerais, uma empresa subordinada à Secretaria de Administração, era presidida então pelo Sr. Eduardo Azeredo. Nesses quatro anos que estive no Governo Tancredo Neves e Governo Hélio Garcia – cheguei até a ser secretário de Hélio Garcia em 1985 –, poderia dizer que era chefe de Eduardo Azeredo, porque tratava Eduardo Azeredo dos assuntos da Prodemge comigo.

O meu Secretário, em 1986, se desligou para se candidatar e eu me desliguei do Estado e voltei à iniciativa privada.

Em 1988, fui convidado por essa mesma pessoa para trabalhar na coordenação da campanha do Sr. Pimenta da Veiga à Prefeitura de Belo Horizonte. Fui fundador do PSDB, e fui para essa campanha do Pimenta da Veiga na qualidade de coordenador de administração, que era a minha área de atuação. Não tive nenhuma atividade em finanças na campanha de Pimenta da Veiga.

O Vice de Pimenta da Veiga era Eduardo Azeredo. Nós ganhamos a eleição em 1989. Eduardo Azeredo foi Vice-Prefeito de Belo Horizonte e Presidente da empresa de informática do Município e me convidou para ser seu Diretor Administrativo e Financeiro. Fui o Diretor Administrativo e Financeiro da Prodabel durante um ano. Quando ele saiu para a Prefeitura – o Pimenta se desligou para se candidatar –, ele me convidou para ser seu Secretário de Administração na Prefeitura de Belo Horizonte, e lá fiquei até dezembro de 1992. O PSDB perdeu a eleição, Eduardo Azeredo veio para o Serpro e eu voltei para a iniciativa privada. Fui trabalhar numa multinacional japonesa.

Em 1994, Eduardo Azeredo lançou-se candidato ao Governo de Minas e me convidou para trabalhar na sua campanha, cujo coordenador-geral era o Sr. Walfrido Mares Guia. Também não tive atividade financeira nessa campanha, minha atividade era administrativa. Nós ganhamos a eleição e ele me convidou para ser Secretário de Recursos Humanos e Administração de Minas Gerais. Fiquei na Secretaria durante os quatro anos, e me desliguei, me exonerei em 30 de junho para ir trabalhar na campanha de Eduardo Azeredo ao Governo do Estado.

Essa campanha, quando começou, comecei a ter dificuldade de recursos. Não tinha dinheiro, e a campanha já é um dano. Eu comecei... Não era minha atribuição a captação de recursos, mas comecei a fazê-lo devido à dificuldade. Procurei diversas pessoas em Belo Horizonte do meu relacionamento. Considerando que sou nascido e criado em Belo Horizonte, conheço todo mundo naquela cidade. Procurei diversas pessoas do meu relacionamento. Se a nossa prestação de contas for analisada, a prestação de contas oficial, verificar-se-á que uma infinidade de pessoas físicas do meu relacionamento pessoal doaram para a campanha pequenas quantias.

Uma das pessoas que eu procurei, dentre várias, foi o Sr. Marcos Valério, que já era meu conhecido. O Marcos Valério, num primeiro momento, conseguiu emprestado para mim... Eu disse para ele que eu tinha uma dificuldade circunstancial, momentânea, precisava de um dinheiro, e que teria doação oficial em seguida. Ele conseguiu, então, um primeiro empréstimo no Banco Rural. Foi no Banco Rural e me arrumou R$2 milhões. Uma ação única e exclusiva dele. Não tive nenhuma ação com esse assunto de Banco Rural. Ao fim de quinze dias, eu devolvi para ele R$1 milhão e fiquei devendo R$1 milhão.

Mais lá na frente, já quase no segundo turno, faltava dinheiro, mas tinha a promessa de dinheiro oficial,

promessa de doações, e voltei a recorrer a Marcos Valério, quando ele, então, conseguiu um novo empréstimo. Só depois até de concluído eu fiquei sabendo que era um empréstimo. Não tive nenhuma participação nesse empréstimo. Ele me emprestou R$9 milhões.

Eu gostaria de retroagir um pouco para dizer o seguinte: num primeiro momento, eu próprio adquiri, em meu nome pessoal, todos os carros dessa campanha, porque não tinha, naquele momento, doador, e o primeiro pleito que se tem numa campanha política é veículo. Então, adquiri em meu próprio nome – eu não tinha dinheiro, mas tinha crédito – todos os carros da campanha. Importava isso em R$1,6 milhão, que seriam pagos até março do ano seguinte.

Bom, a campanha foi desenrolando e, desses R$9 milhões, R$1,8 milhão – já foi anunciado aí, já está público – foram enviados não para Deputados. Ressalto que 45% desse dinheiro foi mandado, no primeiro turno, para pessoas que apoiavam a nossa campanha. É preciso lembrar que o Estado de Minas Gerais tem 585 mil quilômetros quadrados. É maior que a França, tem 856 Municípios. É o maior Estado em número de Municípios do Brasil. Então, uma campanha de Governador é uma campanha que tem gente trabalhando em todo ponto do Estado.

Então, num primeiro momento, o enfoque era para pessoas que estavam trabalhando em coordenação de campanha. Os 55% foram mandados, no segundo turno, para Deputados que faziam parte da coligação mas que estavam trabalhando para a nossa campanha. A campanha de Deputado já tinha sido encerrada. E sempre havia aquela promessa, de quem coordenava – eu não era o coordenador-geral da campanha –, de que nós teríamos doações oficiais. Tanto isso é verdade que eu não me paguei. Eu podia ter resolvido o meu problema, sempre vivi do meu salário. Não me paguei na expectativa de que teria ainda uma doação que cobriria não só o meu dinheiro como também o dinheiro que eu fiquei devendo ao Marcos Valério.

E eu gostaria de dizer que Marcos Valério nunca tinha visto Eduardo Azeredo na vida dele...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Solicito a segurança, para acalmar os ânimos aí atrás.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Gostaria de dizer que Marcos Valério não conhecia Eduardo Azeredo. Emprestou esse dinheiro porque eu era... Notoriamente sabido em Belo Horizonte, a Secretaria de Administração e de Recursos Humanos do Estado de Minas Gerais é a Secretaria mais importante. Eduardo Azeredo é analista de sistemas, é um Governador que deu um enfoque técnico para a Secretaria, e eu fui um Secretário que tive toda a autonomia nessa Secretaria. Como disse, Minas Gerais é um Estado com essa extensão territorial, com esse número de Municípios, com uma Secretaria que precisava ter um enfoque – tinha, até então – legalista, de modernidade de gestão. Assumiu a folha de pagamento, que era elaborada pela Secretaria da Fazenda. E eu fui um Secretário que tive total autonomia e pude fazer muita coisa pela autonomia que tive à frente da Secretaria.

Então, era tido e havido como um Secretário da ligação pessoal do Governador, porque fui para lá não porque era amigo dele – era também –, mas era porque tinha uma história técnica para ir para a Secretaria. Então, era notório em Belo Horizonte que eu era um homem da confiança de Eduardo Azeredo, razão pela qual eu penso que Marcos Valério veio comigo nesse empréstimo e tinha certeza que iria recebê-lo, e também via que até eu próprio tinha crédito para receber.

Quando acabou a campanha, eu devia a Marcos Valério R$10 milhões e não R$9 milhões – R$1 milhão do primeiro empréstimo, e mais R$9 milhões. A campanha devia a mim mesmo mais de R$1,6 milhão. Acabou a campanha, o Eduardo Azeredo – durante a campanha, não falei com ele nenhuma vez, a não ser uma pelo telefone – fez política e era ainda o Governador. Acabou a campanha, eu o procurei para colocar o problema, ainda na expectativa de ter uma doação oficial para cobrir aqueles custos. Também não objetivei fazer caixa dois. O fato de não ter vindo dinheiro e ser um empréstimo e eu não pagar, aquilo acabou tendo que ficar no caixa dois, porque venceu o prazo eleitoral. Quando procurei o Eduardo, ele se negou a aceitar o caixa dois e recusou aceitar isso como legal, não quis pagar, razão pela qual eu tentei ainda algum tempo receber o meu dinheiro. Virei companheiro de infortúnio de Marcos Valério, passei os dois anos, de 98... dois não, quatro anos, ao lado dele, tentando receber isso de forma amigável. Não consegui receber. Isso complicou a minha vida totalmente, porque durante muito tempo eu tentei receber, eu tentei pagar, e o valor era muito alto para quem vive de salário. Não consegui pagar, piorei a minha situação. Até que, numa determinada altura, caminhei para uma atividade que tinha uma expectativa de ganhar um bom dinheiro. Diminuí um pouco esse ritmo, mas essa coisa não deu certo. Eu resolvi entrar com um processo no Supremo Tribunal Federal para cobrar – uma ação de perdas e danos –, porque eu demonstrei... eu procurava demonstrar que eu tinha uma situação de credibilidade antes da campanha: eu não tinha dinheiro, mas tinha crédito e não tinha dívidas; e, depois da campanha, perdi meu crédito, minha família toda perdeu, devo a muitas pessoas e a situação mudou completamente.

Então, a minha ação objetivava restaurar isso. É uma ação de perdas e danos. Acontece que a minha ação foi retirada antes desses acontecimentos, ela foi retirada em junho. E eu retirei a ação porque ela foi colocada, de forma inadequada, no Supremo Tribunal Federal. O advogado encaminhou para o Supremo Tribunal Federal, e o Ministro Gilmar Mendes disse que lá não era o foro. Ele recorreu disso. Eu procurei o apoio de alguns outros amigos advogados, como esta que está ao meu lado, que me orientou o seguinte: "Não é lá o foro; você vai perder essa ação". Eu retirei a ação por causa disso. Mas quero receber o dinheiro que me devem. Vou continuar tentando receber. Esse dinheiro me faz falta. Agora, qual é a forma, onde eu vou entrar, como eu vou entrar, isso é uma coisa que ainda vou decidir, porque esse assunto da CPI atropelou e eu tive que paralisar e me concentrar um pouco mais nisso.

Então, era isso que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. Estou à disposição.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Concedo a palavra ao ilustre Relator, José Eduardo Cardozo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Inicialmente, como tenho feito, Sr. Presidente, em todas as atividades da CPMI em que sou o Relator, gostaria de fazer uma introdução preliminar ao depoimento, com alguns dados elementares, e também deferir aos Srs. Deputados, Deputadas e aos Srs. Senadores e Senadoras a possibilidade de fazerem argüição e, a qualquer momento, ao final, retornar com outras perguntas que podem revelar um maior aprofundamento, se necessário, do depoimento.

V. Sª falou, sinteticamente, da sua evolução funcional junto ao mundo público. Disse também que é filiado ao PSDB desde a sua fundação. Obviamente, essas são perguntas de praxe que fazemos e eu não tenho por que fazê-las mais.

Começo indagando de V. Sª, e vou explicar o porquê disso: nós temos uma investigação nesta Comissão Parlamentar de Inquérito com o objetivo de exatamente saber a existência de recursos ilícitos oriundos dos Correios e de outras estatais. No centro dessa apuração está o Sr. Marcos Valério, que V. Sª já disse que conhece. A análise das contas, do fluxo de dinheiro que abasteceu as empresa do Sr. Valério, seja no que se refere à questão da causa da arrecadação, seja no que se refere à destinação, é uma das preocupações centrais desta Comissão Parlamentar de Inquérito. Por isso, o **modus operandi** dele, seja atual, seja em outros momentos, é importante com essa dimensão. É com esse objetivo que quero obviamente precisar esta indagação, na perspectiva de metodologicamente construirmos o **modus operandi** da atuação do Sr. Marcos Valério. Desde quando V. Sª o conhece?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Do princípio da década de noventa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Conheceu como?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A família dele e ele, nós torcemos para o mesmo clube, o América Futebol Clube.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O América?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Somos companheiros lá de futebol, de arquibancada. E a torcida não é tão grande assim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando V. Sª o conheceu, ele já tinha a empresa SMP&B e a DNA, ou não?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não tinha relação de amizade com o Marcos Valério. Quando eu o conheci, ele trabalhava no Bemge. E era um conhecimento superficial.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, posteriormente, o senhor tem um aprofundamento de relação de amizade com ele ou não?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Eu passei a ter mais relacionamento com o Sr. Marcos Valério... Porque eu até nem fui procurar na SPM&B o Marcos Valério. Eu fui procurar mais o Cristiano, que eu tinha mais contato. Aí estive com o Marcos Valério, que nem sabia que ele era da SPM&B na época, porque, em sendo Secretário de Administração, nenhum contato profissional eu tinha com agência de publicidade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Cristiano Paz, o senhor conheceu quando?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ah! Cristiano Paz, há muitos anos. Desde criança, porque ele era meu vizinho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, eu posso supor que o senhor é amigo...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não tenho amizade. Ele é um pouco mais novo do que eu, e é sabido que quando há uma diferença de quatro, cinco anos, você não tem amizade. Lembro dele lá do bairro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Durante o período em que V. Sª manteve cargos nas administrações estaduais e municipais, as empresas do Sr. Cristiano Paz e do Sr. Marcos Valério mantinham algum tipo de contratação, de prestação de serviço de publicidade ou outro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Com a minha Secretaria?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com o ente em que o senhor trabalhava. Ou seja, com o Município ou com o Estado.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Com o Estado de Minas Gerais, sim. Com a Prefeitura, eu acho que não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª se recorda em que período, com o Estado de Minas Gerais?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ah! Sempre. O Estado de Minas Gerais sempre teve. A SMP&B é uma agência que trabalhou lá atrás, na campanha desse amigo que era Deputado e que me levou para o Governo. Essa agência fez a publicidade dele. Não existia Marcos Valério. Isso foi em 1994. E eles já trabalhavam para o governo. O que posso afirmar, com certeza, é que, nos dois governos do Hélio Garcia, eles trabalharam. Não sei se no governo Newton Cardoso...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, no período que V. Sª o procurou para que ele pudesse auxiliar financeiramente...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Perdão; em 1994 não; em 1984.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É; eu até estava estranhando exatamente isso.

No período em que V. Sª o procurou para que pudesse fazer eventuais doações de campanha à candidatura majoritária que V. Sª cuidava na época, eles mantinham contratos com a administração estadual?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Até não o procurei para fazer ele próprio doação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se V. Sª pudesse esclarecer, V. Sª o procurou em que termos e para quê?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Procurei-o para dizer que tinha dificuldades e para que ele me lembrasse alguns nomes, porque eles têm muitos clientes, que eu pudesse procurar. Então, o primeiro contato foi esse. Até aquela oportunidade, culturalmente, não era muito usual agência de publicidade fazer doação para campanha. Então o procurei por isso.

Mas gostaria de falar uma coisa também. Ao final da campanha, o Marcos Valério estava do meu lado e me disse que ele tinha grandes créditos para receber do governo de Minas Gerais, do período de 1998, e que não recebeu. Aliás, nenhuma agência recebeu. Ficou um saldo devedor muito grande. E tentei de todas as formas ajudá-lo, porque estava devedor dele nesse empréstimo de 9 milhões, que pelo menos ele pudesse receber o trabalho que prestou durante 1998. Nem isso ele recebeu. Ele foi receber isso no governo Itamar Franco.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando V. Sª procurou o Sr. Cristiano Paz, V. Sª o fez com o intuito de que ele pudesse lhe apresentar empresários que eventualmente pudessem contribuir na campanha?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Para me lembrar nomes, porque com certeza a maioria dos empresários lá em Belo Horizonte eu próprio conheço. Foi mais no sentido de trocar uma idéia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ele o ajudou a fazer isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Passou-me para o Marcos Valério.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí passou para Marcos Valério?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Passou-me para o Marcos Valério. E, com o Marcos Valério, foi pronto atendimento: arrumou-me empréstimo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele disse a V. Sª que estaria emprestando o dinheiro da empresa dele? O que ele descreveu a V. Sª?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele fez um empréstimo em nome da empresa dele, na data; disse-me que estava fazendo isso e que precisava... Eu estava pegando um empréstimo e disse a ele que iria pagar em quinze dias...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse empréstimo foi documentado ou não?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Tenho até o extrato do empréstimo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas houve um instrumento contratual?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu não sei como é que foi a forma. Ele foi lá no banco e pegou o empréstimo e me passou.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele disse a V. Sª que iria ao banco obter um empréstimo? Ele disse isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É, e me deu um extrato depois para comprovar que pegou o empréstimo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então ele disse a V. Sª que iria pegar um empréstimo bancário?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Falou. E me deu depois o extrato para docu-

mentar que realmente ele fez um empréstimo e que eu estaria devedor disso. Só que, no final de quinze dias, a promessa de doação que eu tinha só veio a metade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse empréstimo foi era de R$2 milhões?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi R$2 milhões. O bruto foi um pouco maior. Ele me deu R$2 milhões. Ao final de quinze dias, eu só paguei a ele R$1 milhão. E fiquei devendo R$1 milhão, e esse R$1 milhão não foi pago.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª tem a demonstração contábil do pagamento desse R$1 milhão?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Na campanha?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não; quando V. Sª pagou a ele R$1 milhão, pagou como? Com cheque pessoal?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Paguei com dinheiro vivo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse dinheiro que V. Sª obteve era da campanha eleitoral?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Era da campanha eleitoral.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, V. Sª operava, se me permite então dizer, com um caixa 2, onde arrecadou esse dinheiro e pagou esse dinheiro para esse empréstimo. É isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não; esse dinheiro já tinha entrado, da campanha.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Oficialmente?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, o dele; não oficialmente. Aí eu acertei essa contabilidade quinze dias depois. Eu tinha recebido um dinheiro dele por fora. Paguei contas e não peguei nota.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, esse dinheiro que V. Sª pagou – R$1 milhão – tinha entrado também na campanha como?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, aí oficializei o dele, que já tinha entrado lá, só que com outro doador.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah! O senhor designou um outro doador?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu, na verdade, recebi um cheque, esse foi o nominal; as pessoas a quem eu havia pago...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu pediria, se pudesse, Sr. Presidente... Eu mesmo estou com dificuldade de me ouvir aqui nas perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Deve ser falta de espaço. Realmente a área é pequena.

Peço a compreensão de todos no sentido de observarem silêncio.

As jornalistas poderão ter preferência para sentar aí ao lado dos Parlamentares, enquanto não houver parlamentar.

Agora, mais uma vez, pediria a compreensão para manterem silêncio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem; então, retomando, se me permite o depoente: V. Sª recebeu o primeiro empréstimo de R$2 milhões e contabilizou mais tarde esse empréstimo como se fosse um outro...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Quando eu recebi um milhão... Eu peguei um milhão ou dois milhões e paguei A, B, C ou D.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Depois, quando chegou o dinheiro oficial, como eu já tinha pago, peguei as notas. Entendeu? Aí eu oficializei esse R$1 milhão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sinceramente eu não tendi. Se V. Sª puder mais detalhado.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Eu acertei a contabilidade só, depois.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas o senhor fez a contabilidade oficial, como o senhor está dizendo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor deu entrada como se fosse um outro doador.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu recebi um cheque depois, de doação, de R$1 milhão. Eu não lembro os detalhes, mas é isso aí. Em linhas gerais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Claro.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Recebi um cheque de R$1 milhão. Entrei na conta da campanha, mas eu já havia pago fornecedores com o dinheiro por fora.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, havia outras fontes de arrecadação de dinheiro por fora.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Foi com esse dinheiro do Marcos Valério. Com esse R$1 milhão do Marcos Valério eu paguei A, B, C e D...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – ...e depois eles me deram a nota e eu acertei a contabilidade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, aí, quando o senhor pegou R$1 milhão para pagar o Marcos Valério, esse dinheiro que o senhor pegou também veio de contribuições não contabilizadas?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não; contribuição oficial.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Oficial?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Contribuição oficial. Eu peguei esse dinheiro e internei esse dinheiro na campanha, acertei a contabilidade, devolvi para ele R$1 milhão e fiquei devendo R$1 milhão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o senhor pegou... E como é que o senhor deu essa saída contábil? O senhor não deu...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não; evidentemente, durante um período aí, que acabou prevalecendo até o fim, eu tive uma contabilidade paralela: o caixa 2.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. Perfeito.

Depois desse empréstimo houve um outro empréstimo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Houve um outro empréstimo, de R$9 milhões.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim; nove milhões. Como é que foi obtido esse empréstimo? O senhor solicitou mais dinheiro a ele? Como é que foi a situação?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A partir do momento que ele colocou R$2 milhões na campanha e só recebeu R$1 milhão, ele passou a viver dentro do meu comitê dia e noite. Ele trabalhou na campanha ao meu lado direto; ele me ajudou demais na campanha e queria receber.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele ajudou como? Como publicitário ou ajudando na arrecadação?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Não é em arrecadação, não. Na arrecadação já bastava o que ele tinha dado. Ele me ajudou com contatos. Até tentou algumas arrecadações também, do ponto de vista oficial. Lembro dele ter ido a alguns lugares comigo, mas ele passou a ser uma pessoa muito ativa na campanha. E quando chegou lá na frente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se me permite precisar, essa atividade dele era em que ramo de atuação?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Todo tipo. Você está precisando de carro hoje? Quer o meu carro? Como é que está a situação? Você recebeu ou não recebeu? Quem vem ou quem não vem? Olha, Fulano pode ajudar nisso ou pode ajudar naquilo. Tem um Beltrano aqui que pode ser um doador da campanha. Vamos lá! Foi esse tipo de ajuda.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Mas essa parte...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi uma pessoa solidária na campanha.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito; mas nessa parte de arrecadação mesmo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não de arrecadação. Ele não me arrumou um centavo além desse outro empréstimo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Pois bem...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nem oficial, nem por fora; todas as doações oficiais que tiveram...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas vamos ao empréstimo de R$9 milhões.

Ele obteve também junto a que banco esse empréstimo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Rural.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Rural. E esse dinheiro foi repassado ao senhor diretamente também numa contabilidade paralela?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse primeiro empréstimo e esse segundo empréstimo tiveram que garantias?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele que me disse que deu de garantia os créditos que ele tinha a receber no Governo de Minas Gerais – que por sinal não recebeu –, o que piorou a situação dele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, as garantias eram os créditos que ele tinha a receber do Governo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Que ele tinha. É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tanto no primeiro empréstimo como no segundo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. No primeiro eu não sei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O primeiro o senhor não sabe.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O primeiro eu não sei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o pagamento desse segundo empréstimo, como é que foi feito? Se é que foi feito!?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Também não sei. Eu não sei como é que ele... Vi isso aí em notícia pela imprensa. Eu não sei. Nunca ouvi nada do Marcos Valério como ele havia pagado isso. Eu sei que ele ficou um bom tempo devendo esse dinheiro e me cobrando.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqueles carros que o senhor havia comprado com.... Esse dinheiro... O senhor comprou os carros em nome próprio, mas os recursos para aquisição vieram de onde? Vieram desses empréstimos ou não?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Vieram do Banco Volkswagem.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do Banco Volkswagem, que V. Sª teria comprado em nome próprio.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu devo ao Banco Volkswagem até hoje.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, V. Sª tirou o empréstimo em nome próprio...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Em nome próprio no Banco Volkswagem.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...e comprou os carros.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Comprei parcelado. É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª fez isso com autorização de algum escalão superior da campanha ou foi uma decisão própria?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ninguém.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ninguém.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Minha decisão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sua decisão?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Própria. É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, tanto o candidato como o vice, como os respectivos partidos não sabiam disso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não sabiam?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nem suspeitavam que era essa a forma?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Nunca souberam, só depois que acabou a campanha.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só depois.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu procurei a pessoa que eu espera fosse me doar os carros e ele me disse que não iria doar porque achava que a nossa campanha não iria ter dinheiro. Aí ele me disse: "Você acha que vai ter dinheiro?" Falei: "Tenho certeza!" Ele respondeu: "Então, compra em seu nome que eu posso até te ajudar, mas como seu amigo eu te diria para não comprar". Mas, aí, eu comprei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, para isso, obteve um empréstimo do Banco Volkswagem e adquiriu. Acabou não pagando esse empréstimo até hoje.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Paguei muita coisa, mas ainda devo muito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A forma de pagamento foi com os seus recursos pessoais?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A forma de pagamento foi a seguinte: durante algum tempo eu fiquei só pagando juros, pagando juros e piorando a minha situação pessoal. Tive algumas ajudas, inclusive do Marcos Valério. Um dia, eu pedi a ele que me emprestasse – e isto já está noticiado também – porque, na verdade...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foi isto?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não sei precisar o mês, mas foi em 2001. Eu precisava pagar o banco e até tinha um temor de ser um depositário infiel, porque esses carros já haviam sido vendidos e precisava pagar. Ele me arrumou um empréstimo no banco – aliás, arrumou, não. Ele conseguiu que o banco me emprestasse.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual era o banco?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Rural.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Rural também...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Mas eu era correntista do Banco Rural desde 1986.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele e um outro amigo de Belo Horizonte foram meus avalistas em um empréstimo que pretendia pagar – tinha, também a expectativa de outros recebimentos –, mas eu não paguei. Ele acabou pagando. Agora, nessa altura em que ele me avalizou nesse empréstimo, eu já estava em rota de colisão total com Eduardo Azeredo e com o PSDB de uma forma geral. Ele me ajudou única e exclusivamente por amizade. Eu não poderia ser nada interessante para o Marcos Valério naquele momento. Ele correu mais um risco.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para esse empréstimo que o senhor obteve em 2001, o que foi dado em garantia?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Aval.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seu, pessoal?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O empréstimo foi em meu nome.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi em seu nome mas que outras garantias foram dadas? Foi só...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não tinha nenhuma garantia para dar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quanto foi esse empréstimo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Duzentos mil. E quem avalizou foi o Marcos Valério. Parece que toda a sociedade lá avalizou: o Ramon, o Cristiano e mais um amigo que tinha boa conta no Banco e que também me avalizou.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Marcos Valério, em depoimento prestado a esta CPMI, disse que dificilmente um agência de publicidade sobrevive se não se aproxima do meio político. Foi textual a afirmação dele, até para que pudesse obter contraprestações. De certa forma, sugeriu, então, que fez isto com o atual Governo. Quando ele se aproximou de V. Sª – ou V. Sª se aproximou dele – estava implícito algum tipo de relação de vantagens?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Explícito, não. Implícito, talvez, na cabeça dele, sim; é claro, não é? Mas eu não fiz nenhum acerto até porque eu não poderia fazer. Eu não tinha poder para isso; a minha Secretaria não tinha nenhuma gestão sobre a área de comunicação. Contudo, a afirmativa dele de que agência de publicidade vive muito em função do Governo é verdadeira.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Srª Simone Vasconcelos, depondo a esta CPMI, disse que V. Sª foi responsável pelo fato dela trabalhar na SMP&B, pois V. Sª a apresentou para Marcos Valério, uma vez que, inclusive, ela já havia trabalhado junto com V. Sª em outras funções da administração. Isto é real, é verdadeiro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É verdadeiro. Eu cheguei na Secretaria em 1995. A Simone era uma funcionária pública com 20 anos de casa. Eu a nomeei Superintendente da área de Cargos, Carreiras e Remuneração do Estado de Minas Gerais. Ela foi uma moça muito competente. Ajudou-me muito na Secretaria, e, quando começou a campanha, ela manifestou o desejo de trabalhar na campanha. Eu a levei e ela trabalhou na área de pessoal. Nós perdemos a eleição e ela não quis voltar para o Governo, apesar de ser funcionária pública efetiva. Pediu licença sem vencimentos e, depois de alguns meses, ela, um dia, procurando-me no Escritório, disse o seguinte: "Eu não agüento mais ficar em casa. Você não tem algum lugar para me arrumar um emprego não? Indique-me algum lugar". Eu falei com ela: "Eu estou indo, agora, na sala de um amigo meu. Vou encontrar com ele agora. Vamos até lá". E era o Marcos Valério. Chegamos à sala do Marcos Valério e falei: "Marcos Valério, você conhece muita gente, você tem empresa..." Apresentei a Simone e, por uma coincidência terrível, ele tinha, naquele momento, uma possibilidade na empresa dele, na área administrativa. Isto foi em 2001 ou 2002. Eu não estou certo da data. Admitiu a Simone e, a partir daí, ela se desenvolveu lá dentro e foi acabar caindo em área financeira.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor Marcos Valério tinha forte influência no Banco Rural?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele tinha um ótimo relacionamento com o ex-presidente do Banco Rural – relacionamento pessoal. Mas também não sei maiores detalhes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pergunto isso porque me chama atenção um aspecto: V. Sª recebeu também do Banco Rural um empréstimo de R$200 mil, em 2001. Aquele empréstimo que havia sido feito anteriormente, que foi de 8,350 milhões, firmado em 98, que é fruto também de um empréstimo entre a DNA e o Banco Rural, só foi acertado, do ponto de vista do pagamento, segundo

consta, em 11 de abril de 2003. Segundo consta, o saldo devedor, à época, já era de 13,9 milhões. Em 11 de abril de 2001, ele foi liquidado, mas com o pagamento só de 2 milhões pelo Marcos Valério, sendo assumido um serviço de publicidade na diferença em relação à DNA.

Ou seja, quando V. Sª obteve o empréstimo em 2001, esse saldo ainda estava em aberto, e isso me causa alguma espécie. Quer dizer, por que o Banco Rural, diante, digamos assim, de um tombo que tinha tomado àquela época, empresta a V. Sª mais R$200 mil, quando aquela situação estava ainda pendente?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Na verdade, ele emprestou para o Marcos Valério, porque a minha conta não justificava pegar R$200 mil lá definitivamente. Eu não tinha recursos para pegar R$200 mil emprestados. O que na verdade funcionou para eu receber R$200 mil foi o aval do Marcos Valério e do Bruno, que era...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que, efetivamente...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Agora, quanto a essa relação do banco com o Marcos Valério, não tenho nenhuma informação adicional para dar, até porque fui ao Banco Rural poucas vezes, principalmente na direção do banco.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor soube dessa ação judicial movida pela DNA – perdão –, pelo Banco Rural contra a DNA?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, em 2002, eu achei que estava sendo um incômodo para todo mundo, principalmente para o Marcos Valério. Resolvi me afastar. Fui levar minha vida.

Entrei num projeto que julgava que ia... Aliás, era muito interessante, e ele não prosperou. Fiquei dois, três anos afastado completamente de todo mundo e vivi só esse assunto que eu estava trabalhando, que era um projeto na área de Internet.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo. Isso que nos chama muito a atenção, porque, tendo ele mantido uma boa relação com o Banco Rural, inclusive obtendo posteriormente empréstimos por solicitação do Sr. Delúbio, ele tinha uma pendência de muitos milhões de reais durante esse período todo. Ou seja, por que um banco continuaria dando empréstimo – deu ao senhor, como deu mais tarde ao Delúbio –, quando essa situação estava pendente? É, no mínimo, estranho.

O senhor teria alguma compreensão sobre esse fato?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não posso falar nada disso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O senhor conhece o Sr. Bruno Bedinelli?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Conheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o Sr. Bruno Bedinelli e qual é seu relacionamento com ele, por favor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Bruno Bedinelli é dono de uma construtora em Belo Horizonte – aliás, é até oriunda de Juiz de Fora. Eu conheço o Sr. Bruno Bedinelli, como conheço muita gente em Belo Horizonte, e a relação com ele é uma relação social. Não tenho maior relação, assim, de intimidade, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As investigações realizadas por esta Comissão Parlamentar de Inquérito detectaram um empréstimo de R$220 mil, obtidos pelo Sr. Bruno Bedinelli, junto ao Banco Rural; empréstimo esse avalizado pelo Sr. Cristiano Paz, pelo Marcos Valério e pelo Sr. Ramon.

O senhor tem idéia desse empréstimo? Teve notícia disso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi o meu empréstimo que o senhor está dizendo?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, porque, veja: é um empréstimo...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, ele foi meu aval; e foi meu aval...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Bruno Bedinelli?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, ele foi o seu avalista?!

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi meu avalista.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, eu não sabia disso! Então, vamos precisar.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele foi o meu avalista. Eu sou devedor dele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, vamos precisar: o empréstimo que o Marcos Valério conseguiu foi para o senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi para mim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o avalista foi o seu Bruno Bedinelli...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – E o Marcos Valério. Fui o emitente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, perfeito! Então, o Bruno Bedinelli deu esse

aval ao senhor pela relação de amizade que tem com o senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Até foi mais por conta do Marcos Valério mesmo. Ele me conhecia, tinha uma boa relação. Eu não tinha intimidade para pedir a ele um empréstimo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o Bedinelli é dono de uma construtora.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É dono de uma construtora.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a construtora, o senhor sabe?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Diedro Construtora.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Triedro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Diedro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Diedro.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não tinha intimidade, apesar de conhecê-lo, para pedir a ele um aval. Quando fui lá com o Marcos Valério falar da minha dificuldade, ele me avalizou e pediu ao Bruno que me avalizasse.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor chegou a ter conhecimento de uma dívida que a SMP&B teve com o banco Credireal?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E que ensejou um parecer do Ministério Público, dizendo que havia sido dada uma propriedade, uma fazenda subavaliada?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. O meu contato com a SMP&B ficou circunscrita...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, superavaliada, superestimada.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – ...ficou circunscrito à campanha e, depois, aos problemas que gerei para mim mesmo e para o Marcos Valério.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a sua relação com o Sr. Clésio Andrade?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nenhuma. De relacionamento, o Sr. Clésio Andrade foi Vice-Governador na chapa do Eduardo. Eu tive um contato com ele uma vez na campanha. Eu o procurei de início para pedir a ele para arrumar recursos para a campanha. Ele saiu desse assunto, falou que não era com ele, que era candidato a Vice e que não tinha essa possibilidade. Ele me indicou nomes de pessoas que eu já conhecia e, inclusive, indicou também até o nome do Marcos Valério. E, durante a campanha, da mesma forma que o Eduardo, eu não tive nenhum contato com o Sr. Clésio Andrade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece o Sr. Nilton Antônio Monteiro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Conheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Esse cidadão, em outubro do ano passado, me foi apresentado por um amigo, dizendo que ele tinha dificuldades. Ele se dizia dono de 50% de um espólio de uns terrenos na Barra da Tijuca; se dizia dono de uma ilha em Cabo Frio; se dizia detentor de uma ação milionária contra a Samarco Mineração; se dizia detentor de um percentual de 50% de uma ação milionária de um cidadão chamado Paiva Ribeiro contra o Banco do Brasil.

Ele precisava de apoio jurídico, porque ele estava sendo roubado pelos advogados que já tinham passado na mão dele, e precisava de uma construtora para ser parceira dele na Barra da Tijuca. Eu o apresentei a dois escritórios amigos lá – um continuou, e o outro saiu – e apresentei uma construtora que tem uma grande obra na Barra da Tijuca, chamada Aterpa, para caminhar com ele nisso aí.

Esse cidadão, então, ficou do meu lado a partir de outubro. Quando ele viu que eu ia entrar com uma ação contra Eduardo Azeredo e Clésio Andrade – eu resolvi entrar com ação contra os dois –, ele começou a querer intermediar isso aí com o objetivo de obter recursos. Esse cidadão ficou dentro da minha casa durante seis meses, dia e noite, esperando essa ajuda que eu me dispus a fazer para ele.

Eu disse para ele o seguinte: "Eu não vou fazer nenhuma linha de negociação que possa cheirar a achaque. Eu acho que sou devedor desse crédito que tenho aí e vou entrar com uma ação de perdas e danos". Ele ficou insistente nisso. Eu toquei meu barco e não o ouvi. Durante esse período, várias vezes, ele veio com a conversa de que "tem fulano", que "quer me dar tantos milhões por isso e por aquilo", e eu não o ouvi. O que aconteceu? Ele montou uma história – depois, fiquei sabendo quem é ele –, ele não conhece ninguém do PSDB; ele falou em nomes do PSDB que nunca o viram; ele não é de Belo Horizonte, não conhece ninguém na cidade; não esteve com ninguém, não ajudou nada em campanha de 94, nem 98; não tem um centavo dele em nada disso aí. Ele montou uma história que, num primeiro momento, eu sabia o

objetivo; num segundo, não sei por quê – até parece que ele não ganhou dinheiro!

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No Ministério Público do Rio de Janeiro, o Sr. Nilton apresentou uma série de documentos que, segundo ele, teriam sido entregues pelo senhor a ele. Isso é verdade?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Claro que não. Não entreguei documento nenhum para ele de nada, nem para ninguém.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, até para não monopolizar, fiz a introdução do depoimento com os aspectos essenciais e me reservo o direito de fazer outras questões depois.

Peço que passe, então, aos demais Parlamentares, justamente para que possamos ter uma dinâmica melhor na argüição.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Pela ordem de inscrição, concedo a palavra ao Deputado Maurício Rands.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Sr. Presidente, Sr. Relator, Srªs e Srs. Parlamentares, senhor depoente, V. Sª está aqui para esclarecer mecanismos utilizados em uma campanha de 1998, evidentemente sem prejuízo de outros esclarecimentos. Estamos muito interessados justamente em saber os mecanismos de financiamento das campanhas nas quais o senhor tomou parte. O Brasil inteiro sabe que as campanhas, no Brasil, infelizmente, têm feito largo uso do caixa dois e que os elementos, documentos e depoimentos outros nos levam a ter elementos para convocá-lo para que o senhor esclareça alguns desses mecanismos de financiamentos com os quais o senhor esteve envolvido.

Então, começo perguntando quais as campanhas de que o senhor participou ativamente na área de arrecadação de recursos.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Noventa e oito. Só na de 98, do PSDB e do PFL, em Minas Gerais.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Eu queria explorar um pouco mais sobre o Nilton Monteiro, já foi uma linha iniciada pelo Relator, Deputado José Eduardo Cardozo, perguntando sobre os documentos. Então, em depoimento no Ministério Público, o Sr. Nilton Monteiro apresentou vários documentos. Segundo ele, foram entregues pelo senhor, e aí eu gostaria de saber qual a origem desses documentos.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não sei que documento ele entregou no Ministério Público.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Constando o nome de beneficiários, comprova movimentação financeira, recebendo DOCs, que foram recursos transferidos para essas pessoas envolvidas ou candidatas na campanha da qual o senhor era tesoureiro.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Sr. Nilton Monteiro não recebeu nenhum documento meu. Eu estou reafirmando: não sei que documento. Se foram esses que saíram...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Ele tem uma procuração, ele tem uma procuração de V. Sª para representá-lo junto aos titulares daquela campanha?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Se ele tem alguma procuração minha, posso afirmar aqui que é falsificada. Aliás, ele é um cidadão processado pela Samarco Mineração por falsificação de documentos. Ele é useiro e vezeiro em fazer isso. Eu estou afirmando, porque ele hoje responde processo por isso. E se ele tem alguma procuração minha, apresentou alguma, eu posso afirmar que é falsificada. Eu nunca dei procuração nenhuma para o Sr. Nilton Monteiro, eu nunca dei documento nenhum para o Sr. Nilton Monteiro.

Esse cidadão tentou de todas as formas, com tudo quanto é conversa possível, obter de mim autoridade ou autonomia para ele, em meu nome, negociar com pessoas do PT e de outros Partidos benefícios por informação. Eu disse para ele: "Ô, Nilton, não vou nessa linha; eu não estou buscando dinheiro, quero retomar uma situação que eu tinha inicialmente...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Dívidas que o senhor assumiu, o senhor falou, no valor de 1 milhão e 600 mil, não é isso? Então, o senhor está afirmando aqui para a CPMI...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É, porque depois virou... Eu fiquei devendo mais de um milhão e seiscentos.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Mais de um milhão e seiscentos. Quanto o senhor ficou devendo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu hoje devo R$3 milhões.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Sim, pelas correções e pelos juros incidentes sobre aquela dívida.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, é porque eu fui tentando pagar isso e fui me complicando.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Isso. Então, o senhor tem essa dívida de R$3 e poucos milhões, que se originou daquela campanha.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – E o senhor está afirmando aqui à CPMI que hora nenhuma pro-

curou o Sr. Nilton Monteiro para que ele lhe ajudasse a receber parte dessa dívida.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Hora nenhuma?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. O Sr. Nilton Monteiro – vou voltar a falar – ficou freqüentando a minha casa durante seis meses, almoçando e jantando todo o santo dia na minha casa, precisando da minha ajuda. Tenho 50 mil testemunhas, em Belo Horizonte, disso. Eu o levei para todo lado lá. Ele, num determinado momento, vislumbrou a possibilidade de ganhar dinheiro. Aí eu conheci quem é o cidadão Nilton Monteiro.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Eu queria saber um pouco mais sobre esta ação que o senhor propôs perante o Supremo Tribunal Federal. Agora, o senhor acaba de afirmar que a desistência desta ação deveu-se a uma nova avaliação sobre o fórum competente. A ação foi proposta no Supremo, tratava-se de um dos réus ocupando o cargo de Governo do Estado e, portanto, seu advogado inicialmente achou que o fórum era o Supremo. Tratando-se de matéria criminal, a competência é do Superior Tribunal de Justiça; tratando-se de matéria cível, trata-se de competência do juiz.

Só que esta explicação para a retirada da ação deixa alguma dúvida para a CPMI por conta de que os seus advogados, em algum momento – quero saber o porquê disso –, disseram que solicitaram, requereram a desistência da ação por conta de que as testemunhas estavam se negando a depor. O senhor confirma essa explicação inicial de alguns de seus advogados?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, nem tinha conhecimento dessa informação.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Mas isso foi divulgado pela imprensa. Então, o senhor nega que houve essa versão...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu pediria ao senhor, a V. Exª que por gentileza...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – ... que a explicação inicial, que saiu na imprensa, foi a de que a desistência da ação no Supremo não teria se dado pela questão de nova avaliação sobre a competência, mas, sim, por conta de que testemunhas estariam com dificuldade para depor.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, foi única e exclusivamente porque o foro é inadequado.

Há outro detalhe que vou acrescentar aqui – é uma suposição, é uma hipótese: esse advogado meu deu a mão para esse Nilton Monteiro, e acho que até envolvido por ele. Acredito que Nilton Monteiro tenha dito a ele que tinha possibilidade, pelo relacionamento dele, de obter grandes ganhos e, com isso, o advogado ganharia. Por que estou dizendo isso? Porque esta ação era para ter entrado em novembro de 2004. Ele ficou 5 meses dizendo para mim que a ação tinha entrado. Depois, descobri que não entrou. Depois, entrou. Na relação de credores, ele botou Nilton Monteiro como um credor meu de R$600 mil – e eu não devo um centavo para esse Nilton Monteiro. Colocou algo a mais na ação, que eu até entendo que seja estratégia, porque não foi com a minha autorização...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Então, o senhor admite que o advogado poderia ter dito que o motivo da desistência teria sido a não-possibilidade de comparecimento das testemunhas. O senhor apenas admite a hipótese por conta de ter tido conflito.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não tenho conhecimento de que ele tenha dito isso, porque, quando tirei a causa, eu tirei em concordância com ele. Eu tirei a causa porque o foro lá não é o Supremo Tribunal. Depois, tive a informação de que esta ação não prosperaria lá e, também, se acontecesse da forma como ela estava formulada, eu também não teria nenhuma chance.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – E sobre o desentranhamento?

Chamo a atenção da Comissão para o fato de que, em junho, quando começaram essas denúncias sobre os mecanismos de financiamento de atividade política por parte do Sr. Marcos Valério, a partir daí, esta ação, que é titularizada por V. Sª, fez protocolar no Supremo Tribunal Federal uma série de requerimentos pedindo o desentranhamento de documentos que estavam instruindo a petição inicial.

Por que o senhor procurou desentranhar esses documentos, que efetivamente foram desentranhados por despacho do Ministro Gilmar Mendes?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A ação eu retirei antes de qualquer movimento.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Não, estou falando agora da desistência. A desistência foi no dia 3 ou no dia 2, quando, coincidentemente, teve aqui – uma outra pergunta que eu queria fazer – o depoimento do então candidato naquelas eleições.

Mas a pergunta primeira – depois eu chego a essa – é: qual o motivo de V. Sª ter requerido o desentranhamento dos documentos naquela ação no Supremo Tribunal Federal?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu recebi uma orientação jurídica para fazer isso.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – De quem?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Do meu advogado.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Sim, qual era a fundamentação para retirar esses documentos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não sou advogado, talvez ele mesmo pudesse responder.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Então, eu queria requerer, Sr. Presidente, que a CPMI notificasse o depoente para que ele apresente esses documentos que foram desentranhados na ação aqui, à CPMI, para que a gente possa ter todos os esclarecimentos sobre o fato.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu tenho aqui.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – V. Sª se incomodaria de passar para o Presidente, por gentileza?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Por favor, passe às mãos do Relator.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Muito obrigado.

Prosseguindo, aquela pergunta que já anunciei.

Para nós, soa como uma coincidência a data da protocolização da petição de desistência e o depoimento do então candidato aqui na CPMI.

Eu queria perguntar a V. Sª o porquê dessa coincidência.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Qual candidato?

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O candidato majoritário, Senador Eduardo Azeredo, que era candidato e era réu na ação.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu entrei com esse pedido lá, se não estou enganado, em 23 de junho.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – E o deferimento foi no dia seguinte do depoimento. O senhor não vê nenhuma coincidência nisso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu nem sei essa data.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor entrou com uma ação cobrando uma indenização por prejuízo e dívidas, tanto morais quanto materiais, no valor total de 20 milhões, foi isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Os 20 milhões era o valor da campanha. A campanha custou 20 milhões.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – E o senhor mantém isso? Porque a campanha escriturada no TRE é de algo em torno 8,5 milhões. E o senhor, na ação, afirma que o custo total da campanha foi de 20 milhões.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A campanha custou 20 milhões, porque foram os 8,5 milhões do TRE, um milhão inicial do Marcos Valério, mais os nove milhões e mais o meu um e seiscentos; dá 20 milhões e 100.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Ou seja, recursos que o senhor afirma que não foram escriturадas naquela campanha coordenada por V. Sª?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não foram escrituradas essa diferença de 20 milhões e 100 para 8,5 milhões e expliquei até aqui porque não foram. Eu tinha uma expectativa de recebimento de dinheiro oficial que não se concretizou. E, depois, acabou que isso não foi aceito.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Indago de V. S: como o senhor estava cobrando uma dívida dos candidatos e, depois, desistiu da ação, se o senhor acha legítima a suposição de que o senhor teve a satisfação do seu objeto ao requerer desistência da ação. Porque não tenho conhecimento de que o senhor propôs a ação no foro competente. Ou o senhor propôs?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não propus, mas vou buscar o caminho ainda. Eu não propus porque, logo em seguida, começou esse assunto...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Já estamos no mês de outubro, quem requereu em junho já poderia ter proposto, se fosse um problema apenas de foro. Então, fica a hipótese que estou querendo esclarecer. É meu papel, como membro da CPMI, tentar elucidar se o senhor já obteve a satisfação do objeto colimado com aquela ação.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, é claro que não. Isso é só hipótese mesmo, Sr. Deputado. E está muito fácil comprovar isso. Eu tenho credores que são pessoas conhecidas em Belo Horizonte. A minha ficha está no processo. Basta verificar se eu paguei alguém e analisar a minha própria vida.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor não pagou, mas também não teve a satisfação do crédito que estava perseguindo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, mas eu vou continuar com isso. Também

é evidente que, com esse assunto de CPMI, a partir do momento que o meu nome veio à baila, não dá para pensar em outra questão que não seja isso.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Sim, mas o senhor está sendo evidentemente, suponho, cobrado pelos seus credores e retirou uma ação que visava aos recursos para pagar-lhes em junho.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Minha situação piorou.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Estamos em outubro, e o senhor ainda não tomou nenhuma providência para receber os recursos com os quais poderá satisfazer os seus credores.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Deixe-me falar um negócio: minha situação piorou, porque meus credores acham também que eu ganhei.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – E o senhor não tomou nenhuma providência para pagar-lhes.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ainda não, mas vou tomar. Eu não poderia tomar...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor permaneceu só sendo cobrado entre junho e outubro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu estou, a partir dessa data, só vivendo esse assunto da CPMI. A imprensa toda está me procurando em Belo Horizonte.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor há de convir que todos esses assuntos são correlatos. Evidentemente, como o senhor falou, aumenta a pressão dos credores e era de se supor que aumentasse a disposição de V. Sª de procurar receber os créditos a que faz jus para satisfazer os credores. Estou errado?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, mas eu vou procurar, vou tentar isso.

Também, essa cobrança, neste momento, não é a mais adequada, porque cheira a chantagem.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor sabe que o Ministério Público, evidentemente, propõe uma ação civil pública, em razão das pessoas que foram candidatos à eleição da qual o senhor foi o tesoureiro, afirmando que R$3 milhões foram repassados via SMP&B do Sr. Marcos Valério para o patrocínio daquele evento – o Enduro – e que teria havido também um repasse de R$1,5 milhão da Comig – Companhia Mineradora de Minas Gerais – e de mais R$1,5 milhão da Copasa – Companhia de Saneamento de Minas Gerais.

Quanto a esses recursos de R$3 milhões – R$1,5 milhão de cada um –, o senhor sabe a utilização que eles tiveram nessas campanhas? Eles foram escriturados? Foram utilizados como caixa dois? Esses recursos vieram dessas empresas via SMP&B?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não tem nenhum recurso desse na campanha. Isso está fácil de ver, porque, em briga com o PSDB, falei, na minha ação, que a campanha custou R$20 milhões – e está comprovado onde estão os R$20 milhões: R$10 milhões do Marcos Valério, R$8,5 milhões mais R$1,6 milhão. Eu não tenho nenhum conhecimento desse assunto.

Agora, na minha ação, o advogado inclui isso como uma estratégia, porque, nesse momento, há uma ação que se desenrola, como o senhor disse, no Supremo Tribunal Federal contra Eduardo e contra Clésio, razão pela qual entrei contra o Clésio. Eu não deveria entrar com uma ação contra ele, porque não tenho vínculo nenhum com ele – ele não era do PSDB, eu não o conhecia e entendo que quem me devia era Eduardo Azeredo –, mas foi uma questão estratégica. Ele citou esse assunto do Enduro como uma estratégia de comportamento, porque eu não posso afirmar nada sobre Enduro, eu não sei nada disso.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor está dizendo que ele usou como estratégia uma versão que não era verdadeira, e o senhor, como autor da ação, utilizava-se do trabalho do advogado e nada fez. O senhor só discordou da versão agora.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu não ... Na verdade, quando ele mandou a ação, eu nem vi qual foi a linha de ação dele, não.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Fica sempre a dúvida, porque é difícil que uma pessoa, numa ação importante como essa, constitua advogado e nem sequer leia as petições que o advogado faz em seu nome. Advogado não age em próprio nome; advogado age em nome do seu constituinte.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu já disse aqui que ele inclui algo na ação de que eu discordo frontalmente. Essa foi uma das razões que me levaram a destituí-lo também.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Algum tempo depois, não é?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Algum tempo depois, porque só algum tempo depois que eu tive conhecimento do teor da ação. Eu tenho duas...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Registro a demora das respostas do senhor, a demora das ações que o senhor toma.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu tenho duas petições: uma que eu vi primeiro e outra que eu vi depois.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Fica sempre a impressão de que essas estratégias são definidas posteriormente, ao sabor dos acontecimentos da crise.

A última pergunta, Sr. Presidente, é a seguinte: o senhor não acha que é muita coincidência que, no dia 21 de outubro, tenha sido feita a transferência da Cemig para a SMP&B de 1,6 milhão e, no dia seguinte, haja a distribuição de recursos para as pessoas que tomavam parte naquela campanha, inclusive como candidatos? O que o senhor tem a dizer sobre isso? Foi o senhor quem autorizou esse repasse um dia depois de a SMP&B ter recebido 1,6 milhão da Cemig?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Saí do Governo no dia 30 de junho de 1998.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Eu estou falando de atividade na campanha. O senhor era tesoureiro da campanha.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Sim. Fui para a campanha. Essa campanha não tinha nada a ver com o Governo. Eu não tive contato com ninguém de Governo durante a campanha, não tenho conhecimento desse repasse de Cemig para a SMP&B, não tinha gestão junto à a SMP&B.

Todos aqui são políticos, sabem...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Mas o senhor sabe que a campanha recebeu esses recursos no dia seguinte?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Deputado, o tempo de V. Exª expirou.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não sei. Eu sei que...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – O senhor, como tesoureiro, nega que conhecia isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu tenho as datas dos repasses que eu fiz para essas pessoas. Eu tenho as datas.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – E o senhor sabe que coincide com o dia 21?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não sabia. Estou sabendo agora.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Deputado, em respeito ao...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Eu me reinscrevo, Sr. Presidente. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Concedida a reinscrição.

Com a palavra o Sr. Relator.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas como complementação e maior precisão, tendo em vista essa linha de complementação e argüição feita pelo Deputado Maurício Rands.

Quando houve a decisão do Ministro Relator desse processo, citado pelo Deputado Maurício Rands, os advogados de V. Sª opuseram embargos declaratórios, que é um recurso que se opõe quando a decisão é omissa. E eles dizem o seguinte: "Ora, se o presente feito possui liame de conexão com o processo – Petição nº 3.067, de natureza criminal –, a competência é originária do Supremo Tribunal Federal". E foi por isso que teria sido distribuída ao Supremo, ou seja, os seus advogados revelam um conhecimento daquela outra ação relativamente ao indulto da independência, que é o processo criminal. V. Sª tinha ciência disso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu tinha ciência da outra ação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tinha ciência?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Tinha.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, na petição inicial – então, peço apenas que V. Sª refute isso, para que fique claro à CPMI –, há uma afirmação no texto que diz o seguinte: V. Sª diz que adquiriu os carros perante uma locadora e, aí, a afirmação é feita em nome de V. Sª. Aliás, é de se ressaltar que todas as dívidas realizadas foram feitas em benefício dos réus e com o consentimento destes. Ou seja, V. Sª afirma que os réus da ação sabiam, então, daquela aquisição feita em seu nome pelos cargos. Isso é verdadeiro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu não sabia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não sabia?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Com a presença do ilustre Presidente Delcídio Amaral, devolvo a Presidência ao titular.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Sr. Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT –- MS) – Pela ordem, Senador Arthur Virgílio.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – V. Exª poderia dizer-me em que lugar estou inscrito?

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – A relação dos oradores, por favor. (Pausa.)

Em terceiro. Bom, na seqüência, Senador Sibá Machado, Deputado Carlos Abicalil, Deputado Edu-

ardo Paes, Senador Arthur Virgílio, Deputado Silvio Torres.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Portanto, em que lugar estou?

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Sexto.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – É, em CPI, eu apanho sempre! Não adianta chegar cedo.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Deputado Jorge Bittar, Senadora Heloísa Helena, Senadora Ana Júlia Carepa... Deputado Onyx Lorenzoni.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Não falei como Líder, não.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Concedo a palavra ao Senador Sibá Machado. (Pausa.)

Não estando presente, com a palavra, por 15 minutos, o Deputado Carlos Abicalil.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Sr. Presidente, meu caro depoente, Sub-Relator, Vice-Presidente, demais Parlamentares presentes, evidentemente que um depoimento como o de V. Sª, Sr. Cláudio Mourão, dá a nós, de algum modo, a expectativa de fazer registro de direitos autorais sobre um modelo de financiamento de campanha.

Evidentemente que esse modelo, inaugurado até agora no conhecimento da CPMI por um procedimento que, em 1998, o senhor procurou descrever aqui, inclusive com expectativa de receita para a campanha que não se confirmou, provavelmente promessa de doadores que, ao fazer o desenho da campanha, tinha um nível de compromisso e, depois, no desenrolar da campanha, não efetivaram esse nível de compromisso, segundo V. Sª... A iniciativa de V. Sª, como Coordenador de campanha, em assumir o ônus individualmente não declarados à campanha, não revelados ao titular da campanha majoritária, e em torno da coordenação de um comitê que é de uma coligação... Salvo engano, havia uma composição política para essa candidatura, e o comitê pertencia ao conjunto da coligação – assim determina a lei –, e que envolvia para além do Partido de V. Sª, à época, o PSDB: o PFL, o PTB e o PP.

É correta essa informação?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não me lembro se o PP fazia parte, mas PFL e PTB, com certeza.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – A coordenação era do conjunto de partidos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A coordenação era totalmente do PSDB. O comitê financeiro era todo do PSDB.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Todo do PSDB.

Mas era em nome da coligação?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não; em nome de Eduardo Azeredo.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Em nome do candidato?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A campanha era em nome de Eduardo Azeredo.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Então, era o comitê do titular da campanha majoritária.

Nesse procedimento, V. Sª também mencionou, no depoimento inicial, que 45% dos recursos oriundos do empréstimo, se não estou enganado...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – De um milhão e oitocentos.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Do primeiro um milhão e oitocentos.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Daquele um milhão e oitocentos que foram repassados para pessoas físicas, para Deputados.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Para apoiadores, no primeiro turno.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Apoiadores, no primeiro turno.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – E V. Sª, depois, mencionou que houve uma outra parcela em segundo turno.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Isso.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Também remetido a políticos, animadores, coordenadores etc. V. S.ª declarou, na contabilidade, todas essas remessas?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, porque o recurso oriundo para essa remessa foi o recurso do Marcos Valério.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Há pouco V. Sª, ao responder ao Deputado Maurício Rands, mencionou que há a lista de datas e destinatários. Gostaria que V. S.ª pudesse dispor, como dispôs há pouco, dos documentos desentranhados na ação do Supremo Tribunal Federal, a lista desses destinatários e datas dos repasses respectivos, até porque também esse é um outro fator copiado do modelo Marcos Valério no ano de 2003/2004, envolvendo um outro conjunto de partidos que são destinatários – pessoas físicas –, nem sempre são políticos, nem sempre estavam no exercício de mandato e, nem sempre candidatos pelo que V. S.ª informou. Corresponde?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A maioria não era candidatos principalmente

no primeiro turno, mas estavam todos envolvidos com a campanha, e foi durante o período da campanha.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – E receberam como pessoa física ou receberam institucionalmente?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Receberam como pessoa física.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Receberam como pessoa física?

V. Sª não tem noção se declararam ou não ao fisco o recebimento desses recursos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – E eles eram entregues de que maneira? Ao portador?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, foram entregues por Doc.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Doc. Tudo transferência bancária?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Transferência bancária.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – E, lá, na ponta do caixa, o sacador...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Caiu na conta dele.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Caiu na conta dele e ele poderia sacar, ou transferir, ou fazer o pagamento de despesas diretas não contabilizadas.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É verdade.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Aí, houve um desvio do modelo original. Houve aqui no modelo 2003/2004, particularmente em Brasília, a imposição de que os sacadores tivessem de tirar o dinheiro em espécie e fazer pagamentos em espécie. Aí, o direito autoral foi se perdendo seguramente em uma outra variável importante.

V. Sª disse que não se referiu ao Sr. Clésio Andrade durante a campanha. Foi isso mesmo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Qual era a condição do Sr. Clésio Andrade na campanha?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Sr. Clésio Andrade era o candidato a Vice-Governador.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – E, por ser o comitê integralmente formado pelo PSDB, então não tinha participação do Sr. Clésio?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – E eu não tinha nenhum contato e nem conhecia o Sr. Clésio. A minha ligação, como já disse, era com o Eduardo Azeredo. Eu falei com o Clésio Andrade uma vez durante a campanha.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Sobre a DNA?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu o procurei, logo no começo, em julho, devido a dificuldades, para saber se ele poderia viabilizar recursos para a campanha.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – E, aí, quem viabilizou foi o empréstimo da DNA Propaganda?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, em um primeiro momento, não.

O Sr. Clésio disse-me o seguinte – palavras dele –: "Vocês é que estão no Governo, e eu quem tenho que arrumar dinheiro? Não tenho nada com isso". E o máximo que ele fez foi indicar-me algumas pessoas em Belo Horizonte, que eu já conhecia; não precisava dessa indicação. Foi esse o contato que tive com ele durante a campanha.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – E a indicação do Sr. Marcos Valério foi só no clube?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – E depois, uma segunda vez, a sócia do Sr. Duda Mendonça, Zilmar Fernandes, falou-me que "gostaria de conhecer o candidato a Vice; nunca o vi. Você poderia me apresentar?"

Aí eu a apresentei; marquei um encontro e apresentei a Zilmar para ele.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – O senhor apresentou a Zilmar, porque o Duda Mendonça fazia parte de propaganda e *marketing?*

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Duda Mendonça, a agência de publicidade da campanha era do Sr. Duda Mendonça.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Mais uma coincidência do direito de autoria. Duda Mendonça, Zilmar, também são personagens desta CPMI depois do ano de 2003.

Os pagamentos feitos ao Sr. Duda Mendonça foram integralmente declarados?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Não foram declarados?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. O Sr. Duda Mendonça recebeu em torno de R$4,5 milhões, eu não lembro, mas aí deve ter recebido, oficialmente, em torno de R$700 mil.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – De R$4,5 milhões, devem ter sido declarados...?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Setecentos mil reais.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – E recebeu todo em moeda nacional?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Porque eu paguei o Sr. Duda Mendonça com esse dinheiro do Marcos Valério.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – O senhor pagou com o dinheiro do Marcos Valério?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Que era um dinheiro...

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Não declarado.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não contabilizado.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Não contabilizado.

Bom, a contabilidade reflete hoje. (Risos.)

A senhora está vendo, Senadora? Por isso o direito autoral é importante para compreendermos de que maneira o modelo funciona. E sem fazer aqui esculacho público de qualquer personalidade ou pessoa, interessa à CPMI e aos membros que estão efetivamente engajados no esclarecimento dos fatos e na correção daquilo que deva ser o financiamento de Partidos em campanha eleitoral, exatamente não esculachar personalidades ou Partidos, mas percorrer os rumos de correção daquilo que se revelou como desvio e que, felizmente, veio a aparecer, agora, nas costas de um Partido, de um Governo, mas que efetivamente é uma prática anterior, como o senhor está confirmando aqui, diante da CPMI.

Nós estávamos mencionando o envolvimento da DNA Propaganda. O primeiro dos empréstimos foi feito pela DNA.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O senhor me permite? Eu nunca tive contato lá na DNA.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – O senhor teve com o Sr. Clésio, mas não com a DNA.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nem com o Sr. Clésio. Tive na SMP&B.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Sim.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Que depois eu entendi como era. A SMP&B é dona de 50% da DNA. Mas o meu contato era todo na SMP&B, até porque a DNA era outra diretoria, que eu não tive nenhum contato na campanha.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Pois é. A DNA, naquela época, estava em crise financeira, de acordo com o depoimento, aqui, na CPMI, de um dos seus sócios, que é o Sr. Cristiano Melo Paz. Ele disse que atravessava uma condição de crise financeira, etc.

O senhor pode explicar por que, então, a DNA, em plena crise financeira, lança mão de um empréstimo para financiar uma campanha eleitoral? O senhor tem idéia do que moveu a DNA a entrar num procedimento dessa natureza?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não posso fazer nenhuma afirmativa a esse respeito. Mas eu vou emitir um juízo pessoal, é uma hipótese, é um pensamento meu. É claro que ninguém dá dinheiro para uma campanha porque ele é o melhor, é o mais bonito. Todo mundo, evidentemente, que financia campanha política tem interesses depois, ou tem negócios com o Governo. Isso é uma coisa óbvia em toda campanha.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – O senhor considera isso óbvio?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu acho que, pela experiência que eu tenho em campanha, ninguém financia campanha se não tiver negócios com o Governo. Isso é lógico.

O Sr. Marcos Valério nunca me pediu nada em troca por esses empréstimos. Mas penso que ele sabia que não teria espaço no Governo se o outro ganhasse. Ele já tinha contas no Governo do PSDB e nos governos anteriores. Ele apostou na campanha do Eduardo, e apostou alto, e perdeu.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – E o senhor acredita que esse tipo de procedimento, com o entendimento que V. Sª tinha da administração pública, porque V. Sª, até 30 de junho, era Secretário da Administração?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Secretário da Administração.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – O senhor acredita que esse é um entendimento absolutamente, como vou dizer, universalizado, generalizado em torno de financiadores de campanha?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Acho isso.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – O senhor não considera que isso seja para, depois, o exercício do tráfico de influência?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu não estou dizendo que alguém tenha que ser beneficiado. Evidentemente, já foi dito aqui...

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Quem diz isso são os vossos parceiros do PSDB, aqui.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O quê?

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Aqui na CPMI, por diversas vezes, a interpretação que se dá para interesses de financiadores de campanha é de tráfico de influência posterior, em governos. Eviden-

temente quando as campanhas são vitoriosas. Se as campanhas não são vitoriosas, não é assim.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não conheço nenhum grande doador de campanha que não tenha negócios com o governo. Nunca vi.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Então V. Sª reitera o pensamento expressado...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Essas doações, tive muita doação na nossa campanha lá, muitas de pessoas completamente desinteressadas. Mas de quanto são essas doações? São de valores menores. Uma empresa que doa R$9 milhões para uma campanha evidentemente que está pensando em ter negócio na frente.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Essa empresa era?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Todas que dão um valor desses, e o Marcos Valério, com certeza, devia estar pensando nisso. Só que saiu na campanha nossa, nem o crédito que ele tinha no PSDB, ele recebeu.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Nem o crédito, nem depois os contratos que V. Sª disse que ele tinha créditos a receber de contratos.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Governo ficou devendo R$16 milhões às agências de publicidade, e ele tinha um grande percentual aí nesse meio. E eu, de todas as formas, tentei que ele recebesse isso para poder ser ressarcido do dinheiro que eu coloquei na campanha.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Então, em linguagem popular, ele tomou um cano da campanha e tomou outro cano do Governo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É verdade.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Em função da alteração provavelmente da vitória do candidato adversário.

Agora, como é que o senhor pode explicar que com tantos canos consecutivos o modelo tenha sido perene, quer dizer, se transportado para 2000, se transportado para 2002, se transportado para 2003, 2204. Que imagem o senhor tem dessa perenidade do mesmo modelo, tão fracassado pelas leituras mais simples que fazemos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu só posso falar do que eu vivi, que foi até 1998, e dois anos, ou três anos para frente que ele continuou sem receber. O que aconteceu agora eu não posso fazer nenhum juízo de valor, porque eu não vivia. Essa realidade do Marcos Valério, atual, eu não posso falar nada, porque eu não conheço; conheço de ver falar na imprensa. Então, seria uma temeridade eu fazer qualquer afirmativa disso.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – V. Sª menciona que só conheceu o Sr. Nilton Monteiro no ano de 2001.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Dois mil e quatro.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Dois mil e quatro.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Dois mil e quatro. Foi ontem.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Foi no ano passado. Agora, na relação de dívidas, apresentada no seu processo, ação de reparação de danos, no Supremo Tribunal Federal, consta o Sr. Nilton Monteiro com uma das dívidas listadas, de mais de R$ 1 milhão.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. O Sr. Nilton Monteiro, foi listado aí que devo a ele R$ 600 mil. Não devo ao Sr. Nilton Monteiro um centavo.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Está lá, escrito nos autos.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu sei. Infelizmente, o meu advogado entrou em conluio com esse Nilton Monteiro.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Ah, foi o interesse do advogado com o Sr. Nilton...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Com o Sr. Nilton Monteiro.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Que fez com que ele aparecesse na ação que o senhor move por reparação de danos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele que enfiou o Sr. Nilton Monteiro como um credor meu. Eu afirmo, peremptoriamente: eu não devo um centavo. Aliás, o Sr. Nilton Monteiro não tem R$0,50 para emprestar para ninguém. Esse cidadão comeu às minhas custas seis meses; ele não tem um centavo no bolso.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Mas por que o senhor afirma que ele foi sustentado durante seis meses por V. Sª?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Porque ele ia a minha casa todos os dias almoçar e jantar.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Isso de 2004 para cá?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Depois que ele já sabia..., porque ele não sabia ainda que ele estava na ação de V. Sª , que é de 2005?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, ele queria, de toda a forma, intermediar. Ele se dizia, pelo fato de ter vivido uma CPI no Espírito Santo, ele se dizia grande conhecedor dos políticos, tem acesso a todo mundo, todo mundo tem medo dele: "Me entrega esses documentos que você tem". Ele não tem documento nenhum não!

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Veja V. Sª: então ele almoçou durante seis meses na sua casa e teve como sobremesa a inclusão como credor das dívidas de V. Sª?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não é isso não. Deixe eu... Ele me procurou para ajudá-o com o pretenso, com o processo que ele efetivamente tem, que se dizia dono, e ele não é dono de nada, depois eu conclui, ele é o intermediário. Eu arrumei para ele, em Belo Horizonte, esse meu advogado, arrumei para ele, em Belo Horizonte, uma construtora para mexer com o assunto que ele tem na Barra da Tijuca. Num primeiro momento, achei que ele realmente era um cara que tinha muitas perspectivas de negócio, estava prejudicado, não tinha dinheiro, e nós fomos andando até juntos. E ele, o tempo inteiro, querendo intermediar negociação de problema meu. Eu falei para ele: "Isso é problema meu, eu não vou partir para uma negociação, eu já fiz isso três anos ou quatro anos ou cinco anos. Eu vou entrar com um processo".

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Agora V. Sª desistiu da ação. Qual é o próximo passo?

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Concluindo, Deputado.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu vou trocar idéia com meu advogado para ver qual é a melhor forma de eu receber isso e de quem devo cobrar. Com certeza, por orientação dele, não era no Supremo Tribunal Federal.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Agradeço-lhe.

Presidente, quero reiterar aqui o pedido de que a lista que o Sr. Cláudio Mourão diz que tem das datas de repasses e nominatas dos destinatários dos recursos de primeiro e de segundo turno, que não foram declaradas à Justiça Eleitoral, possa ser de conhecimento desta CPMI, porque ela, seguramente, ilustra parte do modelo a que, já no caso 2003/2004, esta CPMI teve acesso, e que, inclusive, resultou no processo contra 13 Deputados Federais no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Sr. Deputado, eu gostaria só de reiterar que, nessa lista aqui, todas as pessoas receberam, por Doc, e ela já correu aí.

O SR. CARLOS ABICALIL (PT – MT) – Aqui, a gente não quer documento que corre. A gente quer documento que chega com a devida procedência, e com o registro da procedência, ter autenticidade para valer para um processo de investigação que seja correto e dentro dos limites que a Constituição prevê. Muito obrigado.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Mas o que correu aqui foram os Docs.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Concedo a palavra, o Deputado Eduardo Paes, por 15 minutos.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Parlamentares, vou fazer perguntas bastante objetivas ao nobre Depoente, para depois fazer alguns comentários sobre a reunião de hoje.

Talvez as respostas que V. Sª nos der ajudem a elucidar o que é uma tentativa de colocar em dúvida algumas questões e de confundir um pouco as coisas.

V. Sª pode explicitar, de forma objetiva, em que datas foram feitas esses dois empréstimos, o primeiro e o segundo empréstimo do Sr. Marcos Valério, no caso da campanha em Minas Gerais, em 1998?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Com data positiva, eu só posso falar o primeiro.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – O mês?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O segundo, eu não lembro. O primeiro foi no dia 28 de julho.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Durante o processo eleitoral?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Totalmente durante. O segundo, foi no final de setembro.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Durante o processo eleitoral?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Durante o processo eleitoral.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Não sei se o senhor tem bom registro de datas. Eu pediria, Sr. Presidente, porque não consigo me ouvir aqui, o senhor tem bom registro de datas, não sei, mas o senhor se recorda de alguma campanha no dia 25, em fevereiro de 2003, alguma campanha eleitoral acontecendo no Brasil?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Nesta mesma data, o Sr. Marcos Valério fez um empréstimo junto ao BMG para o Partido dos Trabalhadores, para o Sr. Delúbio Soares, de R$12 milhões. O senhor se

recorda de alguma campanha eleitoral em setembro de 2003, no Brasil, sendo realizada? Nessa mesma data, o Sr. Marcos Valério fez para o Sr. Delúbio Soares um empréstimo de R$9.975.400,00 no Banco Rural. O senhor se recorda de alguma campanha eleitoral em janeiro de 2004, sendo realizada no Brasil?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Nessa mesma data, o Sr. Marcos Valério fez um empréstimo no Banco BMG no valor de R$15.728.300,00 para o Sr. Delúbio Soares e para o PT. O senhor se recorda de alguma campanha eleitoral em abril de 2004 sendo realizada no Brasil?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – NesTa mesma data, o Sr. Marcos Valério fez um empréstimo de R$10 milhões para o PT e para o Delúbio Soares.

Vou lhe fazer aqui uma outra pergunta. Repito: os dois empréstimos que o senhor disse que fez foram dentro do período eleitoral.

O senhor pretendia pagar esse empréstimo em que prazo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Dentro da campanha.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Dentro da campanha. De que forma o senhor pretendia pagar esse empréstimo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Através de doação oficial.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Quero lembrar que, na história que estamos investigando nesta Comissão Parlamentar de Inquérito, o Sr. Delúbio Soares, Tesoureiro do Partido dos Trabalhadores, se recusou a responder a essa pergunta. Quando e como pretendia pagar os empréstimos do Sr. Marcos Valério, uma vez que todos foram feitos fora do período eleitoral?

O senhor era Secretário do atual Senador Eduardo Azeredo, então Governador do Estado. Qual era a sua secretaria?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Recursos humanos e administração.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – O senhor era um Secretário forte, poderoso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Sim. A Secretaria era forte e poderosa.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – O senhor, em algum momento, repassou, durante o Governo do Sr. Eduardo Azeredo, recursos para Parlamentares da Assembléia Legislativa de Minas Gerais para que votassem favoravelmente ao Governo do Senador Eduardo Azeredo, então Governador Eduardo Azeredo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nunca. A Secretaria de Recursos Humanos e Administração, se o senhor me permite um aparte, ela é... Minas Gerais tem 500 mil funcionários públicos.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – O senhor já explicou um pouco...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Pois é. Mas é porque é uma Secretaria que você tem que ficar lá por conta dela dia e noite.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Perfeito. Mas o senhor,em algum momento,soube de repasses para Parlamentares da Assembléia Legislativa de Minas Gerais ou para Partidos, ou tentativa de incharem Partidos, para que a base de sustentação do então Governador Eduardo Azeredo fosse ampliada, em Minas Gerais?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – O senhor não tem notícia de nada disso, nem fez, nem teve nenhum procedimento?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Nunca.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Só para esclarecer a diferença, o Sr. Delúbio Soares, ao longo do período e dois anos e meio do Governo Lula – algumas diferenças desse modelo – arrecadou todos aqueles empréstimos citados aqui e distribuiu entre Parlamentares aqui.

Pergunto-lhe: o senhor, em algum momento, utilizou-se de recursos, quando Secretário, em Minas Gerais, para financiar ou pagar honorários de advogados, enquanto Secretário em Minas Gerais, do PSDB, advogados que tenham defendido o Partido, o PSDB, em algum caso de crime contra Prefeitos deste Partido em Minas Gerais?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Só para a sua informação, esses recursos, emprestados pelo Sr. Delúbio Soares – para diferenciar os modelos – serviram também para pagar o Sr. Aristides Junqueira, os honorários de advogado que ele recebeu por defender o Partido dos Trabalhadores naquele ainda misterioso caso de Santo André, quando foi assassinado o Prefeito Celso Daniel, com pessoas muito próximas ao Presidente da República envolvidas.

Indago se V. Exª pagou, em algum momento, durante o Governo do Senador, do então Governador Eduardo Azeredo, com recursos feitos por meio de empréstimos, ou recursos públicos, o publicitário para

fazer peças publicitárias para o Partido do Governador Eduardo Azeredo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Informo também que essa é uma diferença entre o modelo. O Sr. Duda Mendonça aqui esteve e recebeu recursos não relativos a sua campanha, mas recursos no exterior para serviços prestados ao Partido do Presidente da República no ano de 2003.

V. Sª, em algum momento, pagou alguma dessas figuras, durante o Governo do Senador Eduardo Azeredo, então Governador de Minas Gerais, com recursos no exterior?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Só para a sua informação e para estabelecer diferenças de modelo, já foi identificado que o Sr. Duda Mendonça recebeu os seus recursos no exterior.

Uma outra pergunta que eu gostaria de lhe fazer: o senhor sabe se as agências do Sr. Marcos Valério já detinham contratos com o Governo de Minas Gerais antes do Governo de Eduardo Azeredo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Sei. Com certeza, desde 1984.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Desde 1984. Em que ano começou o Governo de Eduardo Azeredo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Em 1995.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Esses contratos, das agências do Sr. Marcos Valério, foram ampliados no Governo do Sr. Eduardo Azeredo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Que eu saiba, não. Não tenho informação precisa sobre isso, não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Informo ao senhor que, por meio de uma licitação, em que três dos cinco membros da Comissão eram ligados e indicados pelo então Ministro da Secretária de Comunicação da Presidência da República, Sr. Gushiken, o Sr. Marcos Valério, no Governo do Presidente Lula, ganhou dois novos contratos, além de uma série de aditivos dos contratos que já existiam no Governo anterior. Não preciso falar que, na execução desses contratos, foram constatados uma série de superfaturamentos e fraudes ainda não totalmente identificadas, mas já várias delas comprovadas.

O Deputado Paulo Pimenta surgiu, aqui, em determinado dia, com uma lista deste cidadão, Sr. Nilton, o senhor teve acesso a esta lista, tem conhecimento desta lista?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – "Emergiu de dentro de uma viatura – como lembra aqui o Senador Arthur Virgílio – com o Sr. Marcos Valério, numa madrugada aqui na Câmara dos Deputados".

O senhor lembra dessa...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu acompanhei essa notícia pela imprensa; assisti à reunião aqui, e, desta lista, eu não tenho conhecimento nenhum dela...

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – V. Sª seria a origem daquela lista; V. Sª não tem conhecimento daquela lista?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nenhum.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – V. Sª, em algum momento, ganhou algum carro, ao longo da campanha do Senador Eduardo Azeredo, então candidato à reeleição em Minas Gerais?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – V. Sª ganhou algum carro importado?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Um Land Rover? Deu um Land Rover a alguém? Ganhou um Land Rover?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. (Orador não identificado) – V. Sª usa dólares na cueca?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – Sr. Presidente, fiz, aqui, de forma breve – vou caminhar para algumas conclusões –, algumas comparações entre essa confusão que pretende o Partido dos Trabalhadores – e com tristeza digo isso –, chefiado pelo Presidente da República, em criar uma enorme confusão nestas investigações, primeiro, como se isso tudo fosse caixa dois de campanha eleitoral; segundo, como se caixa dois de campanha eleitoral fosse algo absolutamente aceitável pela sociedade brasileira. Aliás, chega ao cúmulo de comparar o caixa dois de campanha eleitoral – que não é o que eles fizeram, porque isso não foi em época de campanha eleitoral, como acabei de demonstrar – com se isso fosse como ir ao dentista e pagar mais barato, porque o dentista não emitiu nota. O que o senhor está fazendo aqui Sr. Mourão? Talvez, o senhor esteja sendo um instrumento, e vítima, utilizando-se, sim, de um problema que se repete

em diversas situações na política brasileira; está aqui sendo um instrumento para que o Partido dos Trabalhadores tende convencer a sociedade que apesar de se tratar de um crime, sim, mas não é um crime tão grave, porque todos nós políticos o cometemos. O que tenta o Partido dos Trabalhadores neste momento, Senadora Heloísa Helena, é passar a impressão de que a sociedade brasileira faz assim o tempo todo.

Eu diria que o Governo Lula vai deixar uma série de legados terríveis para este País. Mas poucos me parecem tão graves e tão profundos na cultura brasileira como esse legado de que a corrupção é algo absolutamente normal.

Temos uma outra diferença entre a situação que se passou em 1998, de caixa dois efetivo, em que não se conseguiu pagar empréstimos contraídos durante o processo eleitoral, ao contrário do que se teve ali atrás quando não se conseguiu e nem se pagaria empréstimos contraídos e não contraídos, essa é que é verdade – em breve, os elementos concretos para isso já estarão mencionados pelo Sub-Relator, Deputado Gustavo Fruet – para alimentar uma espécie de caixinha-faz-tudo para o Governo do Presidente da República.

Um outra grande diferença, Sr. Mourão, é que V. Sª estabeleceu, a partir desse momento, um conflito com o então Governador Eduardo Azeredo, hoje Senador. O incrível desse momento – e uma grande diferença – é que nem o Sr. Delúbio Soares, nem os Parlamentares do Partido dos Trabalhadores que participaram dessa rede de corrupção e de roubo montada no Governo Lula, nem um deles se acanham em permanecer como "amigos" do Presidente da República. O Sr. Delúbio Soares, dizem as más bocas por aí, que só será expulso do PT quando passar para a terceira idade. Aí, sim, o Sr. Berzoini vai tomar uma atitude contra ele. Até lá não. Até lá, ele continua como membro do Partido dos Trabalhadores, livre, leve e solto, fazendo churrasco, comemorando seu aniversário, com o respaldo do Presidente da República. Imaginem se o Palácio do Planalto queria que esses Parlamentares, Deputado Abicalil, Deputado Maurício Rands, fossem renunciar, quando o próprio Presidente da República, o mandatário número um da Nação, não tem a responsabilidade de dizer e afirmar que o que aconteceu e o que estamos investigando é gravíssimo, é crime, é corrupção, é tráfico de influência, é formação de quadrilha, e isso não se pode admitir no País. E o primeiro mandatário da Nação não tem o direito de sair por aí afirmando que isso é algo absolutamente normal. Por isso é que o Sr. Delúbio Soares acha que isso vai-se transformar em piada de salão.

Quero dizer que V. Sª passa por este constrangimento, revelando detalhes de uma campanha eleitoral com problemas de fato – e o PSDB nunca se negou a dizer que essa era uma campanha eleitoral em que uma série de problemas acontecera –, mas o importante é que fique claro aqui que esse episódio deu-se durante o processo eleitoral. Acho que o fórum adequado para se discutirem campanhas eleitorais... Não queremos deixar de discutir campanhas eleitorais nem financiamentos de caixa 2 de campanhas eleitorais.

Mas me parece, Sr. Mourão, Presidente Delcídio Amaral, que se nós trouxermos para esta CPMI toda a discussão sobre todas as campanhas eleitorais passadas lá atrás e mais recentes nos Estados vamos desviar o foco da Comissão.

Quero até propor e faço de público sem autorização do meu Líder Alberto Goldman, aqui ao meu lado, o nosso Líder Arthur Virgílio. Acho, Senadora Heloísa Helena, que devíamos ter aqui, sim, a CPI das campanhas eleitorais; convocaríamos aqui todos os tesoureiros e identificarmos que crime é esse que se comete com tanta constância no Brasil.

Mas, não podemos confundir uma investigação de um processo de corrupção durante dois anos e meio de Governo, ou o PT está aqui querendo inventar a corrupção cessante. Conheço o lucro cessante, a corrupção cessante eu não conheço.

O Sr. Marcos Valério faz negócio na campanha, que supostamente ele teria retorno no Governo do Eduardo Azeredo. Mas, para azar do PT, o Eduardo Azeredo perdeu aquela eleição.

Portanto, se ele tinha armado um grande esquema para depois se locupletar e roubar muito no Governo Eduardo Azeredo, infelizmente eles não puderam completar a transação. É a corrupção cessante, porque o Sr. Eduardo Azeredo não ganhou as eleições. O incrível é o Governo Lula que, apesar de não ter tido a colaboração desse cidadão Marcos Valério durante a campanha, logo depois abraça a sua causa e o carrega como grande amigo do Governo.

Sr. Presidente, é fundamental que essa linha divisória, como disse aqui o Deputado Abicalil, que esse direito de autoria fique claro. O que nós vemos em 1998, em Minas Gerais, é caso de caixa 2 de campanha não declarado, que o Senador Eduardo Azeredo não tinha conhecimento, mas de fato aconteceu, e que não deixa de ter a sua gravidade. Mas, não vamos aqui confundir isso com essa rede de corrupção que se estabeleceu ao longo do Governo do Presidente Lula, comprando parlamentares, servindo como uma caixa de faz-tudo, que não foi o caso que se passa aqui.

Portanto, era esse o registro que eu queria deixar aqui claro, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Concedo a palavra o Senador Arthur Virgílio.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Muito bem, Sr. Presidente, cumprimento o depoente e o seu ilustre advogado, V. Exª, o ilustre Relator Deputado José Eduardo Cardozo, o Vice-Presidente da Comissão, o ilustre representante do Estado do Pará e as senhoras e o senhores parlamentares.

Faço algumas perguntas a V. Exª, depois teço algumas considerações e apresento à Mesa uma sugestão e solicito algumas providências.

V. Sª em algum momento prestou algum tipo de ajuda a algum outro partido que não os já citados, PSDB e PFL.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Originariamente, eu era do PMDB, mas trabalhei no Governo do PMDB, de Tancredo Neves e de Hélio Garcia. Quando o PSDB foi fundado, eu me filiei. Em 2002, em função desses problemas, eu me desfiliei do PSDB; não tenho partido político.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Então, não chegou a ajudar nenhum outro partido?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, nenhum desses. PMDB e PSDB.

O SR. ARTHUR VIRGILIO (PSDB – AM) – O senhor sabe quem era o Presidente do Diretório Nacional do PSDB, o seu ex-partido em 1998.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – O senhor sabe quem era o Secretário-Geral do PSDB, seu ex-partido em 1998?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Era eu. Eu era, portanto, menos notório do que o Sr. Silvio Pereira.

O senhor sabe quem era o tesoureiro do PSDB?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu nunca soube.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – E eu não me lembro mais também.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – E, aliás, eu nunca fui tesoureiro do PSDB, eu fui tesoureiro da campanha.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Eu esqueci também. Eu esqueci também o tesoureiro nacional do PSDB; não lembro. Deve ter sido inoperante, porque eu não me lembro dele.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nunca conheci nenhum.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – V. Sª se lembra ou pode dizer se o PSDB nacional avalizou algum empréstimo visando a solver as questões da campanha.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nunca.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – E o PSDB, o tesoureiro local também não.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Também, não.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Então, aí Deputado Eduardo Paes, V. Exª já traçou com brilhantismo uma porção de diferenças e eu não vou redundar, nada de redundar. Nessa história, vou dizer que abundar prejudicará. Portanto, vou aproveitar o meu tempo para não abundar e, portanto, não prejudicar. E não há trocadilho nenhum com a situação em que vive o País. Vamos ser bem francos.

Quero fazer um depoimento honesto, porque eu soube das suas divergências com o Senador Eduardo Azeredo, tão fartamente citado aqui. V. Sª fez um depoimento honesto, veio disposto a contar e fala com franqueza, com simplicidade, aparentando mesmo muita vontade de se explicar de uma maneira altaneira. Não veio protegido por **habeas corpus**, não veio escondido em "não sei". Enfim, há gente aqui que no plebiscito votará "sim"; outros votarão "não", e tem gente que diz que vai votar "não sei" – já é a prática das CPIs.

Muito bem. Uma diferença essencial que o Deputado Eduardo Paes aqui não arrolou é que o esquema do Sr. Valério com este Governo foi pós. Foi algo pós, algo que começou a render frutos após. Então, não vingou, já foi desmontado, e essa é a tal história do modelo. O ilustre Deputado que nos honra com a sua presença disse muito bem que é fundamental checarmos a procedência dos documentos. Claro, até porque houve um que não checou, andou com o seu mandato e não sei se não anda com o seu mandato a perigo, porque não checou, aquele que emergiu, de repente, lá do carro do Sr. Abicalil, como uma lista apócrifa. Muito bem. Desculpe, o Deputado Abicalil foi aquele que disse que tem que checar a procedência. Quero elogiar o Deputado Abicalil. O que emergiu do carro foi outro. Foi bom porque aproveito para elogiar uma figura tão admirável.

Mas, na verdade, tenho outra dúvida. Não vejo que tenha havido o cano. E o Deputado mesmo disse: Tomou o cano. Que bom que tomou. Ainda bem que tomou, porque eu não acredito em cano na outra hipótese, acredito na operação *back to back*, aquela que coloca US$10 milhões lá fora e aqui avaliza com garantia de qualquer um, de dois Zé Ninguém: Zé Ninguém nº 1, Zé Ninguém nº 2 e Zé Ninguém nº 3... Avaliza porque

lá fora já está quitada a dívida. É a famosa operação *back to back*, muito conhecida do Coaf.

Eu acredito nisso. Duda Mendonça disse isso, o que bate bastante com o depoimento do Sr. Marcos Valério aqui. E olhe que um era de vastíssima cabeleira, pelo que me recordo, e o outro de inequívoca calvície.

Muito bem. Se eu quisesse me reportar a Nilmário Miranda, ilustre colega meu e atual Ministro, ele declarou ter gasto... Eduardo Azeredo, supostamente, pelo que eu vi, gastou vinte milhões, houve caixa dois na sua campanha, ele diz que não sabe. V. Exª, com uma coragem enorme, disse que ele não sabia, nem o vice Clésio também. Agora, Nilmário conseguiu o milagre de fazer uma campanha com R$500 mil para Governador.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Na campanha de 98... As outras duas campanhas nossas foi de oito milhões e meio; a do Governador Itamar Franco, 2,5 milhões e a do Patrus Ananias, 650 mil.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – 150?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Seiscentos e cinqüenta.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Esbanjou! Olha, se o Nilmário, anos depois, gastou só quinhentos mil, esbanjou. Mão aberta o Patrus, hein? Mão aberta, hein? Não deve ter havido caixa dois na campanha dele nem caixa nove. Mão aberta; é uma coisa impressionante.

Sinceridade aí não vai matar ninguém, porque está sobrando. Falta de sinceridade não vai matar ninguém.

Muito bem. Na verdade, nada desculpa, Sr. Presidente, o que já houve, os fatos já produzidos, os cassados, os "renunciados", estou inventando uma palavra, os renunciáveis, os que podiam ter renunciado, os demitidos da campanha do Governo Lula, os que poderão ainda ser punidos ao longo dos acontecimentos que estão transcorrendo. Nada vai apagar tudo isso. Esse quadro que já produziu todos esses efeitos. Não dá para se dizer: Não é nada, é meramente caixa dois, porque se é assim eu faço uma pergunta muito simples: Por que então essa injustiça toda, Senadora Heloísa, com o Ministro José Dirceu? Por que não reentronizá-lo na cadeira de Chefe da Casa Civil da Presidência da República, se ele, coitadinho, está sendo tão injustiçado, se não houve nada, se foi apenas um episódio corriqueiro, um episódio folclórico, como disse o Presidente do PT José Berzoini? Se não é folclórico então é porque há toda uma falácia montada para justificar algo que não pode ser respondido por falácia.

Portanto, estou muito satisfeito com o caso, e vejo aqui, na verdade, que o Deputado Eduardo Paes foi brilhante e não teve tempo para ser completo. Eu não serei completo e com certeza não fui brilhante, mas eu vou, Senador Heloísa Helena, propor algo que complementa as deficiências do depoimento do Deputado Eduardo Paes e os meus.

Entendo, Sr. Presidente, e V. Exª até já disse que é assim, com a experiência que tenho alguma de parlamento, que esta CPMI não esgotará o seu prazo no que se imagina. É bom avisarmos a todos os interessados na matéria que os que querem porque querem prorrogar os trabalhos da CPMI serão satisfeitos não porque querem, mas porque o prazo será prorrogado. É o meu entendimento. Aqueles que imaginam que é melhor acabar logo porque senão vai ter mais mico a pagar, esses também vão ter que enfrentar a realidade porque a CPMI será inevitavelmente prorrogada – não tenho dúvida. Fala aqui a pouca experiência que eu possa ter armazenado ao longo de uma vida pública.

Sendo assim, entendo que esse assunto palpitante, o do caixa dois de campanha, que é crime mesmo, que deve ser analisado como tal, que tem que ser investigado, que não deve ser misturado com a rapina, com o roubo de dinheiro público, com a rapinagem de dinheiro público, porque senão começamos a passar a idéia de que estamos jogando uma cortina de fumaça para não se ir ao essencial.

Entendo, Sr. Presidente, e aqui já vai a sugestão bem concreta, é impressionante como estou ou perdendo o pouco dom que tinha de falar ou estou ficando sucinto, porque estou quase dizendo tudo e ainda faltam 6 minutos. Alguma coisa está mudando em mim e não sei se é para melhor. Ontem, no discurso, o Presidente Tasso Jereissati me deu a palavra – já começaram a rir imaginando que iria tomar o jantar inteiro – e falei em 30 segundos. Os outros todos que me gozaram falaram por três, quadro ou cinco minutos. Acho que estou aprendendo a arte de ser sucinto.

Entendo que devemos, Sr. Presidente, criar uma sub-relatoria para não misturar mais assuntos. Não sei se o brilhante, estimado e respeitado Deputado José Eduardo Cardozo deveria ser o sub-relator a cuidar do assunto, nem sei se seria o outro sub-relator ou algum dos sub-relatores que aqui estão, começando pelo também brilhante, respeitado e estimado Deputado Gustavo Fruet. Tenho a impressão de que deveria se cuidar de uma sub-relatoria específica para isso. A gente não mistura as farinhas, como dizem os caboclos no meu Estado. Lá eles dizem assim: quando o marido separa da mulher, apartou as farinhas, quando junta, juntou as farinhas. Enfim, não se misturam as farinhas neste caso.

Estou propondo, primeiro, a criação da sub-relatoria para cuidar só disso, porque não ficamos só no Sr. Cláudio Mourão, desvendamos, de uma vez por todas, esse mistério desse tal caixa dois de campanha. Já vimos que o Presidente Itamar, que é uma figura que estimo, gastou menos que o Eduardo Azeredo e tem uma celeuma de que o Eduardo Azeredo gastou 20 e erradamente a campanha dele não declarou os 20 e sim nove, o que não é pouco. Mas se não declarou 20, deveria ter declaro 20. Esse é um fato.

O outro deve ter gasto 650 porque é imaculado, porque é protegido por uma aura divina e deve ter gasto só 650 mesmo. O esbanjador do Patrus deve ter gasto só aquilo mesmo porque, afinal de contas, são os detentores da sinceridade toda e ninguém tem como disputar com eles o primado da ética, o monopólio da pureza, da bondade, das qualidades boas que assistem aos príncipes; são pessoas que tem tudo de bom do príncipe menos a maldade, ou seja, Maquiavel pela metade.

Estou aproveitando porque estou estimulado com esse requerimento e estou apresentando requerimentos convocando os tesoureiros das campanhas do PT no Paraná, Sr. Antônio Sonda; o Sr. Antônio Costa, correspondente a ele na Paraíba; o Sr. Elias Leal no Pará. Todos foram citados por Marcos Valério ou por Duda Mendonça. No caso do Duda Mendonça foi gravíssimo porque envolvia essa questão do dólar, do *back to back*, essa coisa do dinheiro para cá e para acolá. O Sr. Carlos Magno, de Minas Gerais. Vamos saber se tinha gente esbanjadora ou se era econômica. De repente, descobriram uma fórmula baratinha de fazer campanha e podemos aprender com eles. Dizer que gastaram menos do que eu gastei para Senador, ou eu sou na verdade um esbanjador ou são, aqui para nós, reedições do Tartuffe de Molière, aquela figura clássica da hipocrisia política que não pode permanecer impune aos olhos da Nação brasileira.

Temos aqui a Srª Vanilda Aparecida, para não se dizer que há discriminação, que não se está tratando da condição feminina, tesoureira de Goiás. Voltando para os homens: Erivelton Costa, Rio de Janeiro; Wilson César, da Bahia; temos o Sr. Danilo de Camargo, São Paulo; o Sr. Antônio Mota Filho, Ceará. Ainda agora ouvi o Senador Tasso Jereissati fazendo um desabafo. No Ceará teve dinheiro duplamente sujo, porque teve o dinheiro sujo do caixa dois, o dinheiro do transporte ilegal e o na cueca. Imagine o cuidado com que esse dinheiro foi pinçado pela Polícia Federal, sem nenhum pagamento a mais a título de insalubridade. Temos aqui Santa Catarina, o Sr. Adelar José Nunes; Distrito Federal, o Sr. Enimar, ou Srª Enimar, não sei, Enimar Pereira da Silva.

Portanto, Sr. Presidente, entendo que foi válida este reunião, foi muito boa, está sendo produtiva, producente, está mostrando a necessidade de investirmos a sério na investigação dos caixas dois de campanha, está nos mostrando que é preciso se desvendar isso, só que não misturando os assuntos.

A sugestão que faço é a de uma sub-relatoria para cuidar só disso, senão caímos na esparrela de que todo esse esquema, que pouco tem a ver com caixa dois a meu ver, envolvendo esse Governo, se resumiria a caixa dois. Queria então que esses eventos de caixa dois fossem examinados, numa sub-relatoria própria. Já alertando, pelo bom senso que eu possa ter, que não vai se extinguir o prazo desta CPMI, até porque...

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB – CE) – Senador Arthur Virgílio.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Tenho trinta segundos, cinqüenta, mas não consegui ser sucinto.

O SR. TASSO JEREISSATI (PSDB – CE) – Senador, tem um amigo meu espírita que recebeu ontem PC, que recebeu caixa dois e queria agora receber o perdão, porque fez caixa dois.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Olha o que o Senador Tasso Jereissati está dizendo: que um amigo espírita dele recebeu o Sr. PC Farias, nada menos que o Sr. PC Farias. O PC está pedindo anistia, porque ele só fez caixa dois. Veja que coisa, anistia é uma coisa bonita, é o perdão mútuo, é o perdão recíproco, e esquecer o passado. Esqueço que ele me fez mal...

O SR. ROMEU TUMA (PFL – SP) – Mas só o Presidente pode oferecer anistia.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Só o Presidente? Olhe, quando essas coisas de mediunidade entram, Senador Romeu Tuma, não sei se temos toda a força e todo o mérito para discutir.

O fato é que não consegui cumprir a palavra no sentido de ser sucinto, mas ficou aqui uma sugestão bem objetiva: não podemos mesmo deixar de investigar a fundo essa questão de caixa dois de campanha, para que possamos fazer um trabalho completo. Agora, alertando que o trabalho será incompleto, sim, se cairmos nessa esparrela brutal, e essa esparrela tem que ser repudiada pela imprensa, pelas pessoas de boa-fé de todos os partidos, governistas ou não, tentando mostrar que uma coisa é o caixa dois que é reprovável, outra coisa é, mais do que o de caixa dois, a rapina, a corrupção, o desvio sistêmico do dinheiro público visando a se perpetuar um determinado grupo no poder.

Passo às mãos de V. Exª, Sr. Presidente, os requerimentos.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Senador Arthur Virgílio, encaminharemos na reunião administrativa que faremos do pleno da CPMI na próxima semana, terça-feira, a partir das 11 horas.

Com a palavra a Senadora Ideli Salvatti, por quinze minutos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Sr. Presidente, não quero entrar na lógica dos discursos aqui, até porque já tive oportunidade, inúmeras vezes, de dizer que temos de fazer um processo investigativo bastante profundo e que, seja qual for o procedimento que não tenha legalidade, qualquer ilegalidade, principalmente qualquer coisa que tenha situação vinculada à corrupção, não tem prazo de validade. Se não tem corrupção cessante, também não tem corrupção que prescreve. Então, vamos trabalhar em cima do que precisamos efetivamente investigar.

A vinda do Sr. Cláudio Mourão a esta CPMI é uma oportunidade de podermos checar algumas formas de funcionamento do esquema do Sr. Marcos Valério. Acho que esse é o motivo central e fundamental da sua vinda aqui.

Nesta situação de investigar a maneira de operar do sistema Marcos Valério, tem algo que não convence, não se explica e ainda não se justifica. Não conseguimos ainda decodificar o sistema empréstimo. E é muito importante poder aproveitar a vinda do Sr. Cláudio Mourão para entender os empréstimos que aconteceram antes para tentarmos entender, minimamente, os empréstimos de agora. Até porque, nos empréstimos que aconteceram antes, teve começo, meio e fim. Se é que teve fim também. Quero entender o fim dos empréstimos que aconteceram.

A primeira questão que eu queria perguntar ao Sr. Mourão: como é que o senhor explica um empréstimo feito em 1998 que só é pago – entre aspas – "em 2003" por um valor absolutamente insignificante frente ao débito, porque, quando teve o acordo judicial, era 14 milhões aproximadamente o que estava de prejuízo, estava lá, executado, e foi pago apenas 2 milhões. Nós já fizemos essa pergunta para inúmeros. Já fizemos essa pergunta para a Srª Kátia, que é Presidente do Banco Rural; já fizemos para o Sr. Tolentino, que, aliás, era uma figura estranhíssima, porque ele era advogado do Rural e das empresas do Marcos Valério. Ele intermediou sendo advogado das duas partes. E talvez o senhor, agora, possa nos dar uma informação: como é que se conclui esse esquema do empréstimo, que, efetivamente, quero dizer, não se pagou.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Srª Senadora, a senhora vai me desculpar, mas eu não posso dar nenhuma informação disso: por que ele não pagou o banco, ficou esse tempo todo, por que não foi executado. Se a própria Presidente do Banco veio aqui... Porque quem poderia falar disso é só o banco. Eu não tive nenhum envolvimento com esse empréstimo, não pedi ao banco, não participei de nada, nada desse assunto do Marcos Valério...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E nem na distribuição do recurso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Só recebi um dinheiro.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor recebeu o dinheiro...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Recebi o dinheiro, não fui ao banco, não tinha nem poder para isso. Não tive participação nenhuma, nenhuma, nenhuma nisso aí. Isso é uma relação única e exclusiva Marcos Valério, SMP&B e Banco Rural. Se esse pessoal não pôde explicar, muito menos eu.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor não teve...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nada, nada, nada.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não acompanhou, até porque essa questão do empréstimo poderia ter alguma ressonância na questão que o senhor estava cobrando. Inclusive, o senhor adentrou com uma ação no Supremo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu fiquei com uma dívida com o Marcos Valério, uma dívida moral com Marcos Valério, porque ele emprestou esse dinheiro por uma relação comigo e por saber que eu tinha uma relação forte com o Sr. Governador. Por isso.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Bom, em relação aos empréstimos ainda, o senhor falou aqui, me surpreendeu, porque não tínhamos conhecimento de que houve um empréstimo de 1 milhão.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Dois milhões no dia 28 de julho.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – 28 de julho de?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – De 98.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – De 98.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – 28 de julho.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Esse empréstimo para mim foi novidade. É um empréstimo feito por quem?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Por ele mesmo.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Pelo Marcos Valério?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Pela SMP&B.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – SMP&B?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E esse dinheiro também foi repassado ao senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele me deu R$2 milhões e não me falou que era empréstimo. Depois me apresentou um extrato dele, que eu tenho aqui, mostrando que foi um título que ele descontou, me deu; eu devolvi para ele, quinze dias depois, 1 milhão.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – 1 milhão?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A minha promessa era devolver os 2. Devolvi 1.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E o senhor não sabe também como é que se concluiu esse empréstimo de 2?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nesse período lá, a informação que ele me passou é que ele foi lá no banco, pagou 1, e renovou esse empréstimo com mais 1. Na verdade, eu fiquei devendo ao Sr. Marcos Valério 10 milhões.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – 10 milhões. Esse...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Esse 1, provavelmente, ele liquidou no decorrer... Eu não sei como, mas ele deve ter liquidado.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor não sabe como?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É, não sei, porque a senhora está dizendo que ficou lá o nove, virou 14. Isso também eu não tenho conhecimento. Ouvi agora.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É, porque de 98 até 2003...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não sei se esse 1 está no meio ou se ele pagou. Eu não sei. Eu sei é que eu fiquei devendo a ele 1 milhão.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E onde é que entra a história do doleiro, do Bacha, que o senhor citou ali no seu depoimento? Quem é o Bacha? Há uma dívida com uma instituição financeira.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Bacha é um doleiro conhecido em Belo Horizonte. Eu não tive contato algum com o Bacha, não. Pode ser o Marcos Valério.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Mas é que está na sua ação.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O que ele está falando de Bacha aí? Nem sei.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Eu não estou aqui com a ação nas mãos. Depois vou localizar para poder...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Bacha é um doleiro conhecido em Belo Horizonte.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Está bem. Eu vou voltar depois para essa pergunta. Eu pedi para assessoria, para poder questioná-lo melhor sobre isso.

Ainda sobre a questão dos empréstimos. Quando foram quebrados os sigilos bancários das empresas do Sr. Marcos Valério, nos causou bastante estranheza que apareceram empréstimos que aqui já foram apelidados de extemporâneos. Porque causam espécie empréstimos extemporâneos realizados para o PT. Mas houve também empréstimos extemporâneos para o senhor, para o Bedinelli e para o Luiz Otávio Valadares. O Luiz Otávio Valadares é o Ziza. É isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É isso.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É o Ziza. Por que aconteceram esses empréstimos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Deixa eu dizer uma coisa...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Porque tem um de 2001; de 2000, no caso do senhor; depois, no caso do Ziza Valadares há o de 2002, de 2003. No caso do Bedinelli, temos 2003, 2004. Também todos fora de campanha.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu posso falar do meu empréstimo. O Bedinelli nunca fez parte de governo, de nada. Ele não tem nada a ver com o Governo e, muito menos, com o PSDB.

Do empréstimo de Ziza, eu não posso falar nada, porque eu nem sei dele. Eu posso falar do meu. Em 2002, eu não era nada, não fazia parte do Governo. Eu era rompido com o PSDB, devendo, com problemas mil, e o Marcos Valério fez isso única e exclusivamente por amizade. Eu falei aqui no início que eu conheço o Marcos Valério há muito tempo. Ele era uma pessoa da minha relação em Belo Horizonte. Não só ele, como o Cristiano Paz. Ramón, eu conhecia. O Cristiano Paz eu conheço desde criança.

Então, depois da campanha, eu virei companheiro de infortúnio de Marcos Valério. Marcos Valério ficou com crédito para receber junto ao Governo; devendo ao banco, sem contrato, porque o Governo que ganhou a eleição não deu a ele. Ele não tinha. Ele perdeu todos

os contratos no Governo, numa situação de dificuldade. Eu, então, estava junto dele naquele momento. Quando foi em 2002, eu pedi um empréstimo no Banco Rural, e não tinha lastro para conseguir um empréstimo de R$200 mil. Eu não tinha. Ele se ofereceu e me ajudou; e me avalizou nesse empréstimo; ele e o Bruno Bendinelli, que é uma pessoa do meu relacionamento, mas não o suficiente para eu pedir um aval. Quem pediu até o aval foi o Marcos Valério. Eu não paguei isso. Não tive dinheiro para pagar.

A partir daí, confesso que fiquei envergonhado com essa situação e me afastei um pouco de Marcos Valério e o reencontrei agora. Quando aconteceu esse problema com ele, por uma relação de amizade, eu liguei para ele e me coloquei à disposição para se ele precisasse de alguma coisa, porque ele foi uma pessoa que me ajudou muito em um período de muita dificuldade. E também me sentia muito devedor de ter deixado ele nessa situação concreta, com essa dívida no banco de R$9 milhões, porque, com certeza, ele fez por mim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Senadora Ideli Salvatti, é apenas para sugerir a V. Exª. Está aqui, a fls. 21 do processo, quando se fala de dívidas de valores nominais, bancos e instituições financeiras, há um débito em aberto para o Sr. Bacha, que seria o doleiro, da ordem de R$10 mil.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Esse é um empréstimo pessoal meu. Fui lá, troquei um cheque com ele, e não paguei. Ele é também uma pessoa do meu relacionamento, em Belo Horizonte.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – No caso do Sr. Ziza Valadares, desses empréstimos dele de final de...porque o Ziza foi o amigo que o levou...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Ziza é meu amigo há 55 anos. Nós somos amigos de criança. Foi ele que...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor faz uma referência de que foi ele que levou...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi ele que me levou para a política.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – ...à nomeação no Governo de Tancredo Neves. Porque no empréstimo do final do ano, ele ainda estava na Presidência da Companhia Brasileira de Trens Urbanos, no Governo Federal, e, depois, agora, ele tem cargo no Governo do Estado. O senhor não sabe o motivo deste, apesar de toda essa amizade, o senhor não sabe nos explicar por que esses empréstimos feitos também de forma extemporânea.

Com relação ao Sr. Rogério Tolentino, qual é a sua relação com ele?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É pouca relação. Conheço o Rogério, evidentemente, da SMP&B, do tempo em que convivi com Marcos Valério. Nesse período, fiquei conhecendo o Rogério.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não foi no período em que ele foi juiz no TRE e julgou ações...

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – ... relacionadas às campanhas de Minas?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não? Foi posterior a isso?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Posterior a isso.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – No período em que ele já estava como sócio?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu conheci o Rogério em 1998. Quando começou a campanha... Rogério Tolentino é uma pessoa que anda com Marcos Valério em tempo integral.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Ele já era juiz nessa época. Foi exatamente o período em que ele foi juiz.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não sei. Eu o conheci na SMP&B. Eu nem sabia que ele tinha sido juiz.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Nem sabia que ele tinha sido juiz?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Sabia que ele tinha sido juiz do Tribunal de Justiça Desportiva.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Creio que outra questão que tem a ver com o que nós estamos investigando pode ter correlação...para entendermos.

Antes, faço um registro. Dá a impressão de que o Sr. Marcos Valério ficou a ver navios depois de 1998, o que não é verdade, porque o Sr. Marcos Valério tinha contratos com o Governo Federal. O mais antigo é com o Banco do Brasil, que pegava o primeiro governo de Fernando Henrique – Eletronorte e Ministério do Trabalho.

Então, a situação de Marcos Valério, mesmo tendo a situação de Minas, não era de tanta penúria. É isso?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A senhora me permite um aparte?

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Pois não.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não sei. Do Marcos Valério, eu não sei o que ele conseguiu em Governo Federal. O certo é

que eu, sendo do PSDB, sendo amigo e da confiança absoluta de Eduardo Azeredo há 20 anos, fiquei a ver navios.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Bom, o senhor falou que houve um pagamento por fora, para a campanha...para os gastos Duda Mendonça.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Sim.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É isso? Teve uma parte que foi contabilizada e outra parte não, que é algo assemelhado com o que nós temos agora também. Tem uma parte contabilizada e uma parte que o depoimento do Duda diz que recebeu, exigindo-se que fosse feito inclusive no exterior.

Como foi feito o pagamento do não-contabilizado para o Sr. Duda Mendonça?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Com dinheiro vivo.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Dinheiro vivo?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) –Entregue pessoalmente a ele?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Entregue pessoalmente à Zilmar.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – À Zilmar.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Por quem? Pelo senhor?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Por alguém da campanha. Porque não foi pago tudo de uma vez, não. Foi pago parcelado. O Marcos Valério pode ter pagado alguma coisa. Eu não lembro. Ele pode ter pagado alguma coisa diretamente. Eu não lembro o detalhe, porque nós o pagamos de forma parcelada. Foi no decorrer da campanha.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não houve pagamento, nesse procedimento, no exterior?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Porque, na quebra dos sigilos das contas do Sr. Duda Mendonça, aparecem pagamentos feitos no exterior da época bem anterior, de campanhas eleitorais do Sr. Paulo Maluf.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Nosso, sem chance. Não houve.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Foi *cash* e foi ao vivo e feito de forma...

Quando foi a última vez em que o senhor se encontrou com o Sr. Marcos Valério?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu me encontrei com o Marcos Valério quando saiu esse assunto dele aqui na CPMI e foi para a imprensa. Eu o visitei no escritório dele.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor o visitou no escritório dele. Em que data foi isso?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ah, não sei precisar. Quando é que apareceu? Foi julho, não é?

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Abril, não é?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É. Foi logo que saiu esse assunto da CPMI. Eu liguei para ele e o procurei. Conversei com ele no escritório dele.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor teve algum encontro com o Sr. Marcos Valério no mês de julho, na sede da Tolentino e Melo?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Tive.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Teve?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Tive.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Quem mais participou desse encontro?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Esse cidadão chamado Nilton Monteiro estava comigo e foi até o escritório do Marcos Valério. Ele nunca viu o Marcos Valério na vida dele. Ele esperou na ante-sala, eu entrei e conversei com o Marcos Valério de forma reservada. Ele não participou disso. Ele só foi ao escritório.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Deixe-me entender. Então, ele acompanhou o senhor...

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele estava comigo.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Ele estava com o senhor.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu liguei para o Marcos Valério e falei: Marcos Valério, olha, se precisar de alguma coisa eu estou à sua disposição. Ele falou: "Eu estou precisando falar com você, vem aqui". Aí, eu não estava longe do escritório do Rogério. Eu fui ao escritório. Esse Nilton estava comigo. Subiu. Esperou na ante-sala, conversando com uma outra pessoa, e eu conversei com o Marcos Valério e Rogério um pouco – depois o Rogério saiu – na sala dele.

O Nilton Monteiro apenas foi apresentado. Marcos Valério, Nilton Monteiro. Só isso.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É porque...

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Daí ele montou uma história mentirosa.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Eu estou me baseando no depoimento...

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Mentira!

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Eu estou me baseando no depoimento que ele prestou e que o senhor vem desmentindo.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu sei.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Senadora Ideli, concluindo.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Já vou concluir.

No depoimento, ele coloca na pessoa do senhor várias declarações, inclusive ameaças de que teria documentos de outras campanhas, de São Paulo e tal. Isso eu queria que o senhor confirmasse, porque está no depoimento dele.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Que eu tinha documentos?

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É. O senhor disse isso ao Marcos Valério.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Definitivamente, tem sete anos que luto com dificuldade, decorrente dessa campanha. Se eu quisesse fazer esse tipo de ação, já teria feito. Nunca pretendi fazer isso; nunca guardei documento. Guardei documento da campanha durante um período, e nem tenho mais, pelo fato de querer preservar a nossa própria campanha, porque aparecem cobradores e tal. Nunca guardei documento.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Até aproveitando a presença do Senador Delcídio Amaral, que preside a reunião, no depoimento aparece também alguma interpelação do Sr. Marcos Valério, se teria algo que pudesse aliviar ou não trazer... – porque havia todo um movimento para não trazer a mulher. O Marcos Valério não queria, de jeito nenhum, que a Renilda viesse depor. E houve, em algum momento, alguma interpelação? Sabia de alguma forma de pressionar ou interceder junto ao Senador Delcídio para que a Renilda não viesse depor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não tive. Estava afastado do Sr. Marcos Valério há três anos. Eu o procurei, num esquema de solidariedade, porque nessa hora todos se afastam, e como ele foi uma pessoa que me ajudou, eu o procurei. Foi um contato rápido, e depois nos afastamos novamente.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Essa reunião que o senhor fez com Marcos Valério...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Fiz até mais de uma.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Senadora Ideli Salvatti, concluindo.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Teve um caráter de solidariedade e não teve nada a ver com os procedimentos que viriam do assunto...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, foi só solidariedade, porque o assunto que estava em pauta foi antes de explodir isso.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E a presença do Nilton foi só coincidência que se deu?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Coincidência.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Na declaração, há uma outra questão que também considero relevante. E, se houver a quebra de sigilos, isso poderá confirmado ou não. Por isso, quero perguntar com muita delicadeza essa questão.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Senadora Ideli Salvatti, o tempo se esgotou já por três minutos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É a última pergunta, apenas. No depoimento do Sr. Nilton, ele encerra o depoimento, que está assinado inclusive pelo procurador da República, dizendo que, durante o depoimento, ele recebeu um telefonema do senhor ameaçando-o.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É provável que tenha ligado para ele mesmo, porque o que ele fez foi revoltante. É um sujeito que aproveitou de uma situação, viveu dentro da minha casa e tentou ganhar dinheiro em cima de um assunto desse. Pode ter sido. Pode ter sido que, num momento de raiva, eu tenha ligado para ele, sim.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – No depoimento, ele colocou assim: que o senhor telefonou ameaçando-o no sentido de...

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – E ele merecia isso mesmo, só que a raiva já passou.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – "...vou te pegar, acabar com a sua vida e vou te arrebentar...". É isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Pode ter sido. Já passou a raiva. Falei com ele na hora, mas o que ele merece é isso.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Então, é isso. Pois não, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Concedo a palavra ao Deputado Jorge Bittar, por 15 minutos.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Parlamentares, senhor depoente, sinceramente, não posso deixar, antes de dirigir algumas perguntas ao depoente, Sr. Cláudio Mourão, fazer alguns comentários. A despeito...

O SR. ASDRUBAL BENTES (PMDB – PA) – Sr. Presidente, Deputado Bittar, estou sendo informado de que está havendo votação nominal na Câmara. Então, gostaria de comunicar...

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Deputado Jorge Bittar, por favor, sei que alguns Deputados terão de votar, mas, vamos dar seqüência aos trabalhos, porque temos mais uma oitiva ainda a fazer. E aí os Deputados vão-se alternando.

Deputado Jorge Bittar.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – De início, farei alguns comentários que considero bastante oportunos. Houve, evidentemente, como era de se esperar, uma intervenção política de alguns parlamentares, fazendo um esforço muito grande para, de um lado, dizer que foi um mero descuido o que aconteceu em 1998 e no período subseqüente daquela campanha eleitoral, daquilo que aconteceu em 2003, 2004, no plano do Governo Federal.

Quando se trata de falar de Delúbio Soares, menciona-se a palavra mensalão e corrupção. Quando se trata de falar do Sr. Cláudio Mourão ou da campanha de 1998, em Minas Gerais, fala-se de alguns problemas de contabilidade, da existência de um caixa dois de campanha.

Então, quer dizer, no caso do PT, é corrupção e mensalão; no caso do PSDB, são meros problemas de contabilidade. Afinal de contas, R$20 milhões. O que são R$20 milhões? Nada! Absolutamente nada, não é? Em 1998. Corrijam-se os números de 1998 para cá. É verdade... Haja cueca para transportar isso aí. Certamente, foi com carro forte isso, não é, Senador? Acho que V, Exª tem razão, efetivamente.

Quero chamar a atenção que, da mesma maneira... Quer dizer, tanto no início do atual Governo, por intermédio do tesoureiro do PT, quanto naquele período, recorreu-se a contratos. Não é isso? Contratos de empréstimos. Deram-se como garantia, posteriormente, desses contratos de empréstimos contratos de publicidade com o governo estadual. Alguns dirão: "Ah, mas o Senador Eduardo Azeredo havia perdido a campanha. Então, na verdade, não faz sentido isso". Mas, é sempre bom lembrar, que no plano do Governo Federal, a SMP&B e a DNA, foram, generosamente, contempladas com contratos de publicidade no Banco do Brasil, nos Correios e no Ministério do Trabalho. Será que, por acaso, pelo seu mérito, por ter participado de licitações transparentes? Pode ser que sim, mas a verdade dos fatos é que as duas situações se parecem.

As duas situações são gêmeas, verdadeiramente, no que diz respeito a isso. Mais grave ainda é constatar que, no início de 2003, procede-se à liquidação desses contratos, com R$2 milhões, e uma suposta prestação de serviço de R$8 milhões que ninguém nunca viu e, certamente, nunca verá por parte da SMP&B ao Banco Rural.

Além disso, há uma controvérsia sobre diversas outras fontes de recursos que, supostamente, financiaram a campanha de 98. Há uma ação do Ministério Público acerca dos recursos para o enduro, questão já sobejamente conhecida e que monta a R$3 milhões. Há discussões sobre recursos da Cemig e de outras empresas estaduais, como a Comig e a Copasa, que passaram pelas agências do Sr. Marcos Valério e irrigaram campanhas eleitorais. Então, a mim não interessa saber quais foram as pessoas que, em campanha eleitoral em Minas, receberam os recursos. E muitos, provavelmente, receberam ingenuamente esses recursos, achando que estavam recebendo contribuições sérias para poderem tocar suas campanhas para deputado, enfim. Como, aliás, acontece, generalizadamente, em nosso País.

Mas, interessa sim, para a gente, caracterizar que a estrutura, o esquema... Aqui um Deputado tentou dizer que não tem nada a ver: "lá foi caixa dois, aqui foi fora de campanha federal". Não, as coisas se propagaram ao longo do tempo. Temos de ser sinceros e reconhecer que houve problemas sérios lá e houve problemas aqui também, e eles se parecem muito. E conhecer esses mecanismos é fundamental para que possamos matar e derrotar esses mecanismos e evitar que eles voltem a ocorrer – essa promiscuidade entre o público e o privado, que é altamente condenada.

Muitos, como eu, defendem o financiamento público de campanha; outros não. Mas, seja com financiamento público ou com financiamento privado de campanha, é preciso que haja controle, é preciso que haja separação entre o público e o privado e é preciso que se abandone o discurso simples, o discurso demagógico, o discurso apenas de agressão.

Eu lhe digo, Sr. Cláudio Mourão: poucos governos e poucos partidos se submeteram, até hoje, a uma devassa dessa ordem de grandeza que está sendo praticada contra o Governo do Presidente Lula. Ou nós vamos achar que naquela época se apuraram as histórias que corriam aí, que envolviam o Sr. Ricardo Sérgio de Oliveira? Ou nós vamos esquecer que naquela época não se apurou devidamente o episódio do estímulo eleitoral à aprovação da emenda, o estímulo do voto, vamos chamar assim, que alguns chamam

de compra de voto, para que o Sr. Fernando Henrique pudesse ter o direito a ser candidato à reeleição? Esses são fatos reais da história deste País que estão documentados fartamente pela nossa imprensa.

Então, não me venham alguns parlamentares aqui querer vestir em seus partidos e em si mesmos a veste de puros, de perfeitos e de apenas descuidados na contabilidade eleitoral, e querer imputar ao PT, à sua direção, ao Presidente da República, aos seus parlamentares, a imagem, a figura dos vilões das histórias, dos mega corruptos, daqueles que desvirtuaram completamente a República neste País. Não é verdade isso. Houve fatos graves, e nós, do PT, assumimos isso. Houve fatos graves, e nós queremos identificar e punir os responsáveis. Mas houve gente que, ingenuamente, recebeu recursos para caixa dois de campanha – acho que todos sabem disso – e que possivelmente vão ao Plenário e vão ser cassados, quando outros que receberam recursos de campanha não serão devidamente punidos em virtude do mesmo tipo de prática, e em volumes, provavelmente, muito superiores a esses que estão aqui.

Então, não adianta querer chamar tesoureiro do PT, daqui ou de lá.

Nós podemos chamar. Se for para chamar, vamos chamar de todo os partidos, porque todos estão metidos nessa história de caixa dois, Sr. Cláudio Mourão! Vamos deixar de ser farsantes aqui! Não foi o PT quem pautou a vinda aqui do senhor. Havia um requerimento lá atrás. Não foi o PT quem agendou a vinda do senhor aqui.

Por alguma razão o Sr. Relator, o Deputado Osmar Serraglio, o Presidente da CPMI, Senador Delcídio Amaral, acharam que seria conveniente para que houvesse equilíbrio, investigação seria, transparência que o senhor aqui comparecesse.

Então, na verdade, esse tipo de retaliação pequena, de pessoas que respeito... Há Senadores aqui e Parlamentares que respeito. Muitas vezes defendi e defendo, Senador, uma aliança estratégica entre o PT e o PSDB, mas não vamos nos tratar dessa maneira, porque não vamos aceitar acusações desse tipo. A nós não interessa ficar espicaçando, mas nos interessa, sim, apurar a verdade dos fatos, trabalhar com seriedade, com transparência, punir eventuais desvios, porque nós somos um Partido sério e achamos que outros partidos também são sérios neste País, mas o que não vale é nos desqualificar.

Mudamos nossa direção, vamos punir o Sr. Delúbio Soares, vamos punir outros que cometeram desvios; estamos, publicamente, pedindo desculpas à sociedade, mas acho que o Presidente Lula tem razão, sim, quando diz que há exagero nessas coisas: execram-se publicamente pessoas que apenas receberam R$20 mil, R$100 mil, R$200 mil para campanhas eleitorais; prática que é errada, que é irregular, que não deve repetir-se, mas que, lamentavelmente, é generalizada neste País.

Então, ressalto esses aspectos que, a meu ver, são essenciais nesse processo.

E fico muito feliz que o senhor, de coração aberto, tenha vindo aqui e dito: "Olha, foram R$20 milhões, sim".

Assim como o Delúbio veio aqui e falou: "Peguei R$55 milhões, e distribuímos esses milhões de reais para campanhas no Brasil inteiro", verdadeiramente.

Gostaria apenas de perguntar ao senhor algumas questões que me parecem importantes. No processo que o senhor moveu contra o Senador Azeredo e que, posteriormente, retirou, desistiu da ação, consta o Sr. Nilton Monteiro como um dos credores – só para eu entender, até acho que o senhor já se referiu a isso, mas não ficou claro para mim – cerca de um milhão e cinco reais, uma coisa desse tipo.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu, R$625 mil.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Não, está aqui: R$1 milhão.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, R$625 mil.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Não, está aqui na página... Dívidas valores nominais, Nilton Antonio Monteiro. Ah, sim! R$625 mil; e acumulado um milhão e cinco... Isso aqui acumulado é o corrigido?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, acumulado aí deve ser a soma de todos.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Ah, o senhor tem razão. Aqui é o acumulado. Eu pensei que o acumulado era o corrigido. Não é.

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Vou reiterar isso aqui.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Esses R$ 625 mil se referem a quê?

O SR. CLAÚDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Isso aqui não existe. Eu falei aqui anteriormente: eu só posso entender que esse meu advogado – porque tive conhecimento disso aqui depois. Tenho uma outra petição, que para mim era essa; ela foi mudada. Eu não devo um centavo para ao Sr. Nilton Monteiro, ele não tem recursos para emprestar R$0,50 centavos para ninguém. Não devo nada para ele, isso foi colocado aqui. Essas outras pessoas aqui são verdadeiras. Tenho mil testemunhas lá que conviveram comigo e com o Sr. Nilton Monteiro. Não devo nada para ele. Imagino que ele, numa determinada altura

– quem apresentou ele para o advogado fui eu... Penso que ele falou para o advogado o seguinte – isso é uma hipótese, mas como eu penso, vou falar –: "Olha, doutor fulano de tal, você deixa eu negociar isso aqui que eu vou ganhar muito dinheiro. O Cláudio está com a cabeça quente, quer brigar, não sei o quê... Eu consigo ganhar um dinheiro com esse negócio aqui. Vou negociar". Eu resisti a isso e fui para a ação. Fui para a ação, e ele continuou insistindo nisso. Ele continuou insistindo nessa hipótese de negociar, de procurar pessoas, o que eu não permiti.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Consta que o senhor teria dado uma procuração ao Sr. Nilton Monteiro. É o que ele tem afirmado.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Se ele tem alguma procuração minha, é falsificada.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – É o que ele tem afirmado. É falsificada. O senhor nega?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu nego peremptoriamente. Eu não dei a ele. Ele tem processo de falsificação movido pela Samarco contra ele. Ele falsificou uma carta do advogado, uma do juiz, falsificou recibo. Isso é o que a Samarco reclama dele. Então, se ele tem alguma procuração minha, se ele apresentou em algum lugar, é falsificada. Eu nunca dei a ele.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Quer dizer que as relações de convivência entre o senhor e o Sr. Nilton Monteiro eram estabelecidas a partir de um contrato verbal, ou seja, ambos lutavam para que o senhor pudesse receber os créditos.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Eu nunca passei isso para ele, não. Ele queria isso. Ele queria isto: que eu permitisse que ele negociasse para mim, intermediasse essa negociação. Eu não quis isso. Quando eu entrei com a ação, e ele viu que eu estava irredutível nesse caminho, ele montou essa história, que é estapafúrdia. Ele nunca viu o Eduardo Azeredo na vida dele. Ele cita o nome do Secretário da Fazenda João Heraldo, que é diretor do Banco Rural. Ele nunca viu o João Heraldo. Ele não conhece ninguém. Ele não é de Belo Horizonte. Ele nunca participou de campanha alguma em Belo Horizonte. Ninguém conhece esse cidadão lá, não.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – De qualquer forma, o Sr. Nilton Monteiro teve acesso a documentos...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nenhum documento...

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Ele se refere a transferências bancárias e coisas desse tipo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nenhum documento.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – O dossiê que ele tem distribuído tem xerox de várias coisas, inclusive de textos manuscritos que o Sr. Walfrido Mares Guia reconheceu.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Esse documento rodou na imprensa toda; está para todo lado.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Isso.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não sei onde ele arrumou isso.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – O senhor não sabe qual é a origem disso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu mesmo não tinha esse documento.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Sim. Perfeito.

Por fim, Sr. Cláudio Mourão, o senhor disse que os empréstimos realizados por meio do Sr. Marcos Valério serviram para cumprir alguns compromissos de campanha, dentre eles o pagamento do Sr. Duda Mendonça. Foi isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Exatamente.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Esse pagamento foi feito em espécie?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Em espécie. Uma parte foi oficial. Uma parte, não me lembro o valor...

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Pequena. O senhor falou, ao todo, em R$400 mil.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, R$700 mil, R$750 mil. Não tenho certeza desse número, mas foi um pedaço pequeno, não é?

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – E o restante?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O restante em dinheiro vivo.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Em dinheiro brasileiro, em real?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É. Dinheiro brasileiro. Real. Só mexi com real lá.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Só mexeu com reais.

Agradeço ao senhor.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Com a palavra a Senadora Heloísa Helena.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Não. Eu vou permutar, porque eu estou gostando tanto de ver essa... V. Exª pode permutar, porque estou ouvindo

esse amor mal resolvido entre o PT e o PSDB. E quero ouvir mais antes de fazer meus questionamentos. Se V. Exª puder permutar, prefiro.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Concedo a palavra ao Deputado Onyx Lorenzoni. (Pausa.)

Concedo a palavra ao Senador Sérgio Guerra.

Chamarei os suplentes, e não serão feitas mais inscrições. Depois, vou chamar os três suplentes: Deputado Silvio Torres, Senadora Ana Júlia Carepa e Deputado Jamil Murad. E encerrarei a reunião, porque teremos mais uma oitiva hoje.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sr. Presidente, pedi permuta.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – V. Exª é titular. Falará depois do Senador Sérgio Guerra.

O SR. SÉRGIO GUERRA (PSDB – PE) – Por que falará depois? Preferia que falasse antes.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – É porque a Senadora Heloísa Helena quer absorver toda a competência de V. Exª para fechar os titulares num *gran finale*.

Com a palavra o Senador Sérgio Guerra.

O SR. SÉRGIO GUERRA (PSDB – PE) – Sr. Presidente, queria dizer algumas palavras e fazer alguns comentários e perguntas.

Desde que esta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito começou a trabalhar, há em desenvolvimento dois grandes esforços.

Alguém muito inspirado, não sei de onde – do céu seguramente não veio! –, orientou o PT da seguinte maneira: para a gente sair dessa confusão, a gente tem que dizer que tudo isso é obra do Delúbio. E o Delúbio, o rapaz, assumiu uma proporção gigantesca. Nunca no Brasil uma pessoa tão insignificante foi tão representativa. Impossível imaginar um cara com a desimportância dele que pudesse mobilizar recursos na dimensão das que ele mobilizou. Fez o diabo esse tal de Delúbio: influiu nas campanhas do Brasil inteiro, arrumou dinheiro emprestado no Banco Rural – e olha que o PT não deve ser um bom risco para nenhum Banco. Partidos de uma maneira geral não são bons riscos para Bancos. Porém, ele arrumou lá um bocado de dinheiro, muito dinheiro.

Depois disso, ficou mais ou menos claro... Não foi difícil chegar àqueles que receberam contribuições. Eu até concordo com o Deputado Jorge Bittar que alguém recebeu esse recurso sem saber da natureza dele ou da forma criminosa como foi estruturado, até acredito nisso, porém o fato é que não foi difícil chegar àqueles que lá na ponta receberam essa contribuição. Seguramente não sabemos de todos, mas alguns apareceram, e estão aí para serem cassados ou não serem cassados.

Nesse conjunto há uma personalidade emblemática, que é a do Deputado José Dirceu. É evidente que o Deputado José Dirceu não é apenas um Deputado, o que já é muita coisa. Ele é o Líder de um grande Partido.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. SÉRGIO GUERRA (PSDB – PE) – Não. É falso.

Já que o Presidente Lula não manda no PT, como ele afirma todos os dias, se não manda ele, quem manda é o Deputado José Dirceu. Mandou muito mais antes. Agora manda menos. A própria eleição interna no PT demonstrou que as forças que têm capacidade de indignação ainda cresceram em relação àquelas que se acomodaram a uma coabitação que não honra o PT nem àqueles que prestigiam essa coabitação. O País não acreditou nisso. Ninguém acredita que o Delúbio fez tudo e ninguém soube de nada.

O segundo componente dessa ação foi pesquisado em Minas Gerais. De repente, alguém descobriu que, em 1998, em uma campanha disputada em Minas Gerais, o Marcos Valério andou por lá, até porque ele é mineiro... Difícil é ele andar no Piauí, em Pernambuco. O Delúbio andou, o Marcos Valério não. Aliás, andou também. Descobri uma série de telefonemas, a CPMI recebeu... Muitos telefonemas ele disparou para lá.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. SÉRGIO GUERRA (PSDB – PE) – O Delúbio.

O SR. (Orador não identificado) – O Delúbio andou no Ceará

O SR. SÉRGIO GUERRA (PSDB – PE) – O Delúbio não, o Marcos Valério também andou ligando para lá.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. SÉRGIO GUERRA (PSDB – PE) – Mas o Delúbio andava por todo o canto, o Marcos Valério nem tanto.

Mas o fato é que descobriram lá esse negócio da eleição do Azeredo, e todo Petista sabe que ele é um cara decente. Todo Deputado, todo Senador aqui sabe que é uma pessoa decente. Todo eleitor de Minas Gerais, aliado ou não dele, que o apóia ou não apóia, o reconhece como uma pessoa decente. Mas levantaram lá essa confusão em cima do que aconteceu em 1988. O que se deu nesse instante? Qual era o argumento para ir atrás disso? O argumento para ir atrás disso é que tinha o Marcos Valério ou porque

tinha recursos dessa origem, recursos encontrados nesse componente que originou a CPMI. Esses recursos não foram apenas usados em Minas Gerais. Esses recursos foram usados em dezenas e dezenas de eleições brasileiras.

Quando o Senador Arthur Virgílio estabelece aqui a decisão de convocar ou propõe a convocação de pessoas para prestar depoimento aqui, esclarecer caixa 2, ele está relacionando aquelas pessoas que foram citadas pelo Marcos Valério como tendo usado recursos que têm origem nessa formação de capital de financiamento que se deu a partir do Banco Rural e de outras operações feitas por lá. Não é uma convocação arbitrária. Não é uma convocação irrelevante. Não é uma convocação irresponsável. É consistente com a convocação que traz aqui hoje o Dr. Cláudio Roberto Mourão da Silveira. A CPMI – acho que o Presidente conhece isso muito bem –, em determinado momento, pensou da seguinte maneira: irregularidades em eleições estaduais e municipais, financiamento de campanha é coisa mal-resolvida no Brasil. Mas nós não vamos transformar esta CPMI na CPI das campanhas eleitorais. Se fizéssemos isso, não teríamos CPI alguma. Não haveria método e capacidade operacional para fazer uma CPI assim. Por que investigar apenas Minas Gerais? Por que não investigar o Rio de Janeiro do Deputado Bittar? Ou Pernambuco do Prefeito João Paulo? Enfim, por que não investigar qualquer Estado que tenha aqui relacionada a contribuição do esquema para financiamentos eleitorais? Por que não investigar isso também? Seria seguramente uma manobra pensada, refletida, de querer levar para a opinião pública a convicção de que tudo é a mesma coisa, de que as coisas são exatamente iguais. Como o Presidente da República afirma que essas coisas são pecados veniais, que está tudo direito, que é só uma irregularidadezinha...Se tudo é permitido, se o Presidente da República diz isso, o que se pode esperar de qualquer parlamentar do Partido dos Trabalhadores? Se o Líder deles, o principal Líder do País, faz uma afirmação dessas, o que se pode esperar? O Presidente da República não é tão brilhante nessa questão de financiamento de campanhas como é na questão da aftosa, por exemplo, em que é patente a sua incapacidade em tratar do assunto. Nesse assunto, ele tem extrema habilidade. Desde o primeiro momento, fez um discurso sistemático e pouco sincero. Desde o primeiro momento, não enfrentou o assunto. Falou de traidores e colocou os traidores, na sala dele, na semana passada, para dizer que eles não eram traidores; eram apenas companheiros equivocados.

Isso não tem pé nem cabeça. O País está assistindo a tudo isso e vai perceber tudo com clareza progressiva. Onde está a responsabilidade do PT e dos que estão indignados aqui com o que aconteceu em Minas Gerais? Por que não assumem agora, neste momento, uma mudança na lei eleitoral, para evitar que a próxima eleição não reproduza as mesmas distorções da eleição anterior, para evitar campanhas milionárias que não têm como serem financiadas senão de forma ilegal? Não há esforço político algum a respeito. Existe uma acomodação. Faz três meses que o Partido dele está envolvido numa eleição interna, cujo resultado é comprometedor para o Partido. Há também um discurso que, a cada dia, é menos sincero e que está sendo repetido, mais uma vez, pelo Deputado Bittar e por outros que falaram aqui. Eu simpatizo com eles e os respeito, mas eles estão profundamente equivocados.

Eu não tenho o que perguntar ao senhor. Eu não vim aqui para fiscalizar campanha eleitoral de ninguém. Eu vim aqui para saber quem foi que operou muita coisa aqui neste País. Temos de saber da cumplicidade do PT com as empresas de resíduos sólidos, por exemplo, ou com as empresas que têm concessão para transporte urbano. O que temos de saber é como uma pessoa que não tinha a menor relevância é capaz de mobilizar bilhões e bilhões de reais. Como é que um partido brasileiro e dos trabalhadores tem conta lá fora, conta ilegal? Por que não explicam isso? Há uma falta completa, total, de sinceridade! Por que não assumem rigorosamente a sua culpa? “Somos culpados! Fizemos uma grande, uma enorme trapalhada!” No mínimo, uma enorme trapalhada!

Eu não ouvi todo o seu depoimento. Ouvi apenas alguns trechos dele, mas eu conheço Minas Gerais, conheço Eduardo Azeredo, conheço o Governador de Minas Gerais, conheço a política de Minas Gerais. Ela não está contaminada como muitas outras. Dizer que lá não tem problema de financiamento de campanha... É claro que tem, como há em todo canto. Mas não tem esquema parecido, nem de longe parecido com esse, de um camarada que saiu daqui e, de repente, opera, no Brasil inteiro, bilhões de reais! Eu conheço gente que o procurava para resolver questões na Petrobras e em todas as instituições deste País. O Marcos Valério já estava começando a resolver também. Então, por que essa conversa de dizer que José Dirceu não sabia de nada? Eu tive, durante muito tempo, respeito pelo Deputado José Dirceu, até simpatia por ele, mas ele não tem a menor coragem. Essa história de dizer que ele tem coragem não é verdade. Se tivesse coragem, ele assumiria sua posição e a defendia com o argumento que bem entendesse, mas não ficaria nessa política de dizer que não sabia de nada, que estava lá sentado como se, ao redor dele, nada acontecesse.

Essa é uma situação completa. Vamos chegar ao final. Vamos concluir essa investigação. O principal o povo já fez. O povo já fez, o povo já deu ao PT a redução que ele merece. O que não fez ainda, o que o povo merece que o PT faça foi o próprio PT, que não pode sucumbir e nem deve, mas que tem que ter convicção para se reformar mesmo, para se refundar, para voltar às suas origens, para se libertar dos Delúbios que eles ainda não conseguiram tirar do Partido ou dessa maioria. Como é o nome da facção deles lá, que manda no Partido e faz o que bem entende? Não fará mais agora, porque a Oposição cresceu lá.

Essa é a situação em que nós estamos. Vamos ter uma ação construtiva e chegar a um resultado. Tenho confiança na condução do Presidente da Comissão, no Relator da Comissão e tenho confiança em todos nós, porque é preciso ter responsabilidade e não ficarmos mais nessa política de dispersão, de tirar o foco do fato para querer iludir a quem não mais pode e nem será iludido.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Com a palavra Senadora Heloísa Helena, por quinze minutos.

Só para resumir, porque temos mais uma oitiva ainda, os próximos oradores e não vou mais inscrever ninguém, a não ser o Relator, é claro. Deputado Silvio Torres, depois da Senadora Heloísa Helena, Senadora Ana Júlia, Deputado Jamil Murad.

Com a palavra a Senadora Heloísa Helena.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Sr. Presidente, Srs. Parlamentares e convidados, brincava há pouco o Senador Delcídio dizendo que eu estava deixando para o final, para o *gran finale*. Nem animo objetivamente tenho, primeiro porque estou com uma dor de cabeça muito grande. Esse debate...

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Peço que ajustem o cronômetro, por favor.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Milagrosamente, seria a única vez na vida que V. Exª deixaria que o relógio conspirasse a meu favor, compadre Delcídio. Aliás, eu só o trato bem por causa de Dª Maica. (Risos.)

Esta tarde é mais uma daquelas em que a população que ainda resiste em acompanhar os trabalhos, porque, como é neste horário, horário que regimentalmente não se está transmitindo, nem a Câmara e nem o Senado, porque regimentalmente tem que transmitir o plenário mesmo. A população brasileira, cada vez mais recuada no controle e na fiscalização das CPIs, porque a manobra instalada pelo Governo, com sua respectiva base bajulatória, foi uma manobra muito inteligente, sofisticada, claro que desprezível, vomitável, mas muito inteligente, a partir do momento em que o Governo e a sua base bajulatória instalou a pulverização do procedimento investigatório... Portanto, a pulverização significa várias comissões parlamentares funcionando ao mesmo tempo, assuntos assemelhados, sub-relatorias funcionando ao mesmo tempo. Então, a pulverização das investigações, que supostamente poderiam ser interessantes para, ao descentralizar, objetivar as investigações, acaba de fato não sendo. Ela dificulta o acompanhamento e a fiscalização até dos meios de comunicação, dificulta o acompanhamento e fiscalização dos Parlamentares que não querem abafar, porque o Parlamentar, para acompanhar duas sub-relatorias ao mesmo tempo ou que acontecem outras CPIs, como a onipresença não foi tarefa dada para ninguém ainda, dom ou atributo, ele acaba tendo que, muitas vezes, à noite, tem que pegar – olha que coisa horrorosa, que mal gosto, se não fosse obrigação constitucional fazê-lo – tem que pegar o CD, o que foi gravado em outra sub-relatoria para escutar, ou no carro, ou à noite, em casa, para tentar depois pegar as notas taquigráficas, e vai tentando acompanhar o que está acontecendo. E isso dificulta a fiscalização e o controle da população, porque há o cansaço da população também, o que é absolutamente natural. Portanto, as mulheres e homens de bem e de paz que, independente de convicções ideológicas, querem continuar ensinando aos seus filhos que é proibido roubar, ficam com dificuldades de acompanhar os trabalhos. A imprensa tem dificuldades também. A mecânica da vida, como dizia Fernando Pessoa, acaba trazendo outros fatos relevantes e novos que acabam também, de um lado, obstaculizando, de forma proposital, as investigações e, do outro, o cansaço mesmo, a vida, que impede o desenrolar do processo.

E o que é mais grave é quando acontecem essas reuniões, em que claramente fica essa disputa PT e PSDB. Às vezes, algumas pessoas dizem que brinco, porque é como se fosse um caso de amor mal resolvido: cada um quer ser o que o outro foi no passado. E, aí, com esse tipo de coisa não dá para a gente brincar – a gente pode até tentar fazê-lo, mas não dá – porque ele acaba gerando algo que é muito grave, que é aquilo que a grande, brilhante, Hanna Arendt dizia, que era a banalização do mal.

Primeiro, todo mundo começa a achar que é natural. Caixa dois é natural. Não, caixa dois todo mundo faz. Faz uma ova, porque eu não fiz caixa dois. Aliás, era até bom, porque agora, já que tem a lista do Senador Arthur Virgílio, tem que trazer quem foi tesoureira da campanha nacional na época que fui candidata a Senadora, que sempre achei que era uma mulher de bem. Graças a Deus! Na minha época, não era o Delúbio e, graças a Deus, que o PT impediu que eu fos-

se candidata em 2002, porque eu não queria dividir o palanque com a banda podre da política de Alagoas e que hoje é tratada como amor primeiro pelo Governo Lula. Se não, eu estava também frita, porque estavam dizendo que estavam pagando campanha de 2002. Então, talvez fosse até interessante esse tipo de coisa, e para valer porque a impressão que a gente tem é que não é para valer, a impressão que a gente tem é assim: não, como do PT veio, aí tem que trazer do PSDB, já que trouxe um do PSDB, então tem que trazer todos do PT. Aí, daqui a pouco, aparece um requerimento do PT dizendo que tem que trazer todos do PSDB e do PFL, e do PMDB e por aí vai. E, para completar, muitos dos que eram da base de bajulação do Fernando Henrique hoje são da base de bajulação do Lula. É uma coisa impressionante! Muitos, ao invés de serem obrigados a devolver o que roubavam nos governos anteriores, foram devolvidos aos cargos para continuar a roubar. Imaginem!

É uma coisa muito difícil para que a população entenda. E já tem gente dizendo assim: Não, mas caixa dois é natural, porque o cidadão comum faz. Quando ele vai para o médico e não pede um recibo, então ele está... Veja que sem-vergonhice! Porque um fica justificando a corrupção do passado para justificar a sua própria corrupção. E o que é doloroso, quando o PT faz, e aí não é o PT todo, é a cúpula palaciana do partido e o Governo Lula, quando faz, é muito grave, porque acabou... Quando reivindica os fatos do Governo Fernando Henrique, é mais grave ainda, porque o Governo Lula e a cúpula palaciana do PT não fizeram nada no governo para identificar o que tenho certeza que houve, que eram os crimes contra a Administração Pública, por exemplo, na época da privatização. Não fez nada! O Governo Lula não abriu uma única auditoria, um único procedimento investigatório: não fez nada. Aí, na hora que precisa justificar a roubalheira, a corrupção das gangues partidárias do Governo Lula e do próprio PT, eles começa a falar Ricardo Sérgio, compra de voto na reeleição e o pior é porque o cabra que aparece lá, o Deputado que era o suposto que estava lá na compra de voto, hoje é da Base do Lula. Imaginem!

Aí começa a reivindicar o passado. Aí vai dizer: Ah, Pero Vaz de Caminha fez tráfico de influência! É verdade. Veja que situação nós estamos. Pero Vaz de Caminha, quando encaminhou a carta, para D. Manoel, ele já estava pedindo um trambiquezinho, pedindo tráfico de influência para que o genro dele, que batia em padre e roubava igreja, estava cumprindo pena em São Tomé, na África, ele já, junto com as belezas da Terra de Vera Cruz, foi pedindo que desse uma concessãozinha para o genro dele voltar.

Agora, a gente não pode justificar Pero Vaz de Caminha, Fernando Henrique com qualquer outro Governo para justificar a roubalheira e o gigantesco esquema de corrupção que foi montado pelo atual Governo e pela cúpula palaciana do PT, articulado com outros Partidos, que, inclusive, eram da Base do Fernando Henrique. Então, tratar a banalização como algo normal, como algo natural é algo muito grave. Não fica bem para uma Casa Legislativa como esta. Não fica bem especialmente, Senador Delcídio, Senador José Eduardo, para quem militou na esquerda. Isso fica muito feio para a gente ficar justificando no passado. Fica muito feio! Fica muito esquisito! Não é, não é natural. Não é natural aqui dizer, então, o Ministro José Dirceu que era o chefão e não sei o quê. Você já imaginou o que é isso, José Eduardo? O Ministro José Dirceu, o Deputado José Dirceu que, para toda esquerda sempre foi uma referência, o maior quadro partidário? O mais brilhante quadro partidário que o PT produziu foi o Ministro José Dirceu vai ser cassado agora. E vai ser cassado por quê? Porque articulou, um procedimento que todo mundo sabe que o Presidente Lula sabia. Um militante de base simples, esse pode questionar, esse pode dizer por inocência, mas quem foi militante do PT, dirigente do Partido, Parlamentar do Partido!? A não ser que queira mentir de forma desavergonhada, porque é parte do balcão de negócios sujos. Mas todo mundo sabe que seria impossível o Ministro José Dirceu fazer qualquer ato sem o conhecimento, autorização e participação do Presidente Lula e da cúpula palaciana do PT. Seria impossível que isso fosse feito, né? Por isso que é muito ruim o debate como vai sendo tratado. E é por isso que eu vou ficar cobrando. E aí é bom trazer de todos os Estados e de todos os Partidos, se vai ser uma sub-relatoria, para evitar esse tipo de jogo. Esse jogo não tem mais quem agüente. Esse jogo entre o PT e o PSDB ninguém agüenta. Das cúpulas palacianas dos respectivos Partidos do palácio do passado ou do palácio do presente ninguém agüenta mais esse jogo, de cada um ficar justificando a corrupção do passado para justificar a corrupção do presente. Não tem quem agüente mais isso. A sociedade não agüenta mais isso.

Há um esquema de corrupção que foi montado. Se o Governo passado montou igual esquema de corrupção, como eu sempre achei, como eu sempre denunciei, vamos abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito específica sobre isso. Vamos abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito. É essencial que isso seja feito também, para desvendar os mistérios sujos do passado.

Agora, a grande preocupação que nós temos e que a população tem, de uma forma em geral, é a pre-

ocupação de um ficar vinculando ao outro para abafar o crime que foi cometido, porque foi o que aconteceu no Banestado também. Foi o que aconteceu na CPMI do Banestado. Muita gente ficou sabendo disso, dizia-se assim: não, são as notas que saem na imprensa e que ninguém desmente. Não. Vamos arranjar alguma, um doleiro do PSDB, um tesoureiro do PSDB, porque, se a gente fizer isso com os governos passados, aí salva a gangue instalada pela cúpula palaciana do PT e dos partidos da base de bajulação do Governo Lula. Então, isso não leva a absolutamente nada.

Eu não sei nem o que perguntar. O que perguntar? Porque o Sr. tem que dizer aqui para amenizar os ânimos, V. Sª tem que dizer assim: Ah, o PSDB roubou, o PSDB fez isso, porque senão não acalma. Aí vai ter que vir outro tesoureiro. Tem que vir outro doleiro, porque senão não tem jeito. Não tem! Porque aquele instituto do capital financeiro, o Daniel Dantas, toda aquela gentalha que sempre a gente caracterizou como gentalha tem as patas dentro do Governo Lula. Uma pata no Governo passado e uma pata no atual Governo. Fica, então, realmente muito difícil nós termos tranqüilidade e serenidade em agüentar esse tipo de debate, que não leva a absolutamente nada. É um jogando a culpa e a responsabilidade do passado daquilo que tem igualmente responsabilidade.

Não é justo o que a culpa palaciana do PT está fazendo. Não é justo com aqueles que dedicaram as suas vidas para ajudarem a construir o Partido. Não é justo com a esperança do povo brasileiro, que dedicou toda a esperança que tinha para eleger o Presidente Lula. Não é justo o que está sendo feito, essa sem-vergonhisse. Essa operação abafa, claramente, o que está sendo montado e só não vê quem não quer, uma operação abafa sofisticada, mas igualmente desprezível, detalhes absolutamente distintos. A confiança na impunidade, que é gigantesca. Em quatro dias – fico impressionada como é que não gera indignação – em quatro dias, se montou um balcão de negócios sujos no Congresso Nacional por causa de eleição de Presidente. Em quatro dias, distribuíram-se um 1 bilhão e 500 milhões. E tudo isso é visto com absolutamente naturalidade.

Aí, usa-se o que o Governo Fernando Henrique fazia para justificar o que o atual Governo faz: ao invés de estabelecer mecanismos para punir aqueles que fizeram no Governo passado – usam isto para fazer no presente. Aí, diz: "Não, não tem mensalão. Tem outro nome." Qual é o nome? É semestrão? O Congresso Nacional se transformou – e já era, mas agora pirou porque os novos, com aura de melhores e mais dignos e que mostraram que de dignos nada tinham – numa prateleira de mercadoria parlamentar. Olha que coisa suja e nojentinha para a democracia representativa! Imaginem!

Os Ministros vêm aqui – e o que esse Governo Fernando Henrique fazia? Condenam o Governo Fernando Henrique. Não pode justificar e fazer agora. Aí, os Ministros vêm para cá e, aí, os Parlamentares vão passando e são etiquetados. Um recebe a promessa de não ser cassado; o outro, outra etiqueta: recebe liberação de emenda; outro, outra etiqueta: recebe distribuição de cargos, prestígio e poder. Já pensou que situação deprimente, que situação lastimável?!

Infelizmente, eu não tenho nem pergunta para fazer. Eu acho que já fui auto-explicativa. Eu não tenho dúvida de que houve problemas gravíssimos no Governo Fernando Henrique. Não tenho dúvida. Infelizmente, o Governo Lula, por omissão, cumplicidade ou covardia entregou o atestado de moralidade pública a quem não tinha o direito e nem autoridade moral para fazê-lo, mas deu porque não abriu nada. Não abriu um procedimento investigatório, não fez nada, absolutamente nada e reivindica a corrupção do passado para justificar a sua corrupção do presente. E isso não é honesto, isso não é sério, isso não é ético fazer.

Eu, então, vou cobrar para que venham todos os tesoureiros – de preferência todos, de todos os Estados. Se quiserem, dos últimos 10 ou 20 anos, o que quer que seja, porque não tem quem agüente essa conversa fiada aqui todos os dias. Em todas as reuniões, é isto: o caso de amor mal resolvido, para não dizer uma coisa mais desprezível e mais deplorável, que é essa briga. Cada um fica justificando o que o outro fez no passado. Para justificar a sua corrupção e a sua bandalheira diz que o outro roubou também, mas nada fez para apontar o roubo do outro. Então, fica só o protesto, Sr. Presidente – só, absolutamente, o protesto.

Espero que todos os dados sejam investigados, que o Dr. Cláudio encaminhe todos os dados que possam comprometer mais ainda o PSDB. É bom que isso aconteça porque diminui... É bom que aconteça para investigar, e não para um acobertar o outro porque isso começa a ficar muito suspeito. É como se um ficasse levantando problemas do outro para todo mundo acabar abafando e não dar em absolutamente nada.

É só, Exmº Sr. Presidente Delcídio Amaral.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Muito obrigado, Senadora Heloísa Helena. E hoje, milagrosamente... aliás, V. Exª é sempre precisa: termina quando zera o cronômetro. V. Exª terminou com 22 segundos ainda.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Em homenagem a Dª. Maica, sua Excelentíssima esposa,

porque, se fosse em relação a V. Exª, eu iria falar mais para provocar e chatear.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – E o problema, Senadora, é que eu não consigo controlar. V. Exª fala mesmo, não é?

Obrigado, Senadora Heloísa Helena.

Com a palavra o Deputado Silvio Torres, por 15 minutos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, Sr. Depoente, Sr. Sub-Relator, o primeiro registro que quero fazer é que, apesar da queda das audiências da CPMI, apesar do interesse aparentemente menor e apesar das afirmações precipitadas que estamos ouvindo aqui e ali sobre os resultados do nosso trabalho, é importante registrar os avanços. Um deles ocorreu hoje de manhã, quando, durante mais de três horas, a CPMI dos Correios se reuniu com a Receita Federal, com a Polícia Federal, com o Ministério Público Federal, que já estava participando. Avançamos no entendimento de um trabalho conjunto que, tenho absoluta certeza, vai acelerar, e muito, os nossos trabalhos. Teremos em breve relatórios parciais que vão permitir indiciamentos e o anúncio de fatos importantíssimos das nossas investigações.

Quero deixar isso registrado, o trabalho de V. Exª, dos Relatores, porque temos lidado nesses dias todos, principalmente nas últimas semanas com uma carga de críticas sobre as CPIs, como se os resultados devessem ser sempre iluminados pelos holofotes e trazendo fatos eletrizantes. O trabalho exige muito mais de nós, especialmente paciência, tolerância e perseverança.

Quero aproveitar, então, a presença do Dr. Cláudio Mourão, tão insistentemente reclamada pelos governistas, para ajudarmos o nosso Sub-Relator a elaborar o seu sub-relatório sem dúvidas, sem suspeitas, porque penso que são as suspeitas deixadas no ar que acabam promovendo essas dúvidas sobre o nosso trabalho.

Vou retomar algumas das suas observações para poder esclarecer e tentar ajudar o nosso Sub-Relator.

Sobre o empréstimo de R$2 milhões feito pelo Sr. Marcos Valério, segundo o senhor, a seu pedido, no dia 28 de julho de 1998, se não me engano, quando o senhor disse que já tinha dívidas a pagar e não tinha recursos e que recorreu, entre outros, a ele. O senhor alegou que foi pago R$1 milhão 15 dias depois e que ainda ficou devendo R$1 milhão.

Esse empréstimo, que parece que o senhor tem registrada uma cópia...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Tenho um extrato.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O extrato. Foi feito por quanto tempo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Dele?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É. Qual era o prazo do empréstimo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não sei qual era o prazo. Eu acredito que ele tenha descontado um título por um prazo muito curto, porque, na época, ele me disse que precisava pagar isso e que precisava contar com o dinheiro na data que eu falei, 15 dias. E contava com isso. Quando chegou no final de 15 dias, isso não se concretizou. Aí ele fez um outro empréstimo, ou renovou, eu não sei detalhes. O que eu tenho aqui é o extrato dele mostrando que, no dia 28, houve um título que ele descontou. Estou falando título, porque consta "líquido empréstimo mútuo": R$2.278.796,36 – e ele me deu R$2 milhões.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O Sr. Clésio Andrade ainda pertencia à empresa do Sr. Marcos Valério? Ainda era sócio do Sr. Marcos Valério?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu não sei. Na época, eu fui direto ao seu Marcos Valério, eu o conhecia. Por informação do Sr. Marcos Valério – porque eu não tenho contato com o Sr. Clésio Andrade; não tinha antes, não tive durante e não tenho depois –, o Sr. Clésio Andrade tinha sido sócio dele e que, naquela oportunidade, não o era.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Já tinha se desligado?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Já tinha se desligado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Já tinha se desligado.

E o Senador Azeredo, Governador na época, sabia desse primeiro empréstimo do senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Desse primeiro empréstimo? Não, não sabia de nada. Isso aqui foi tudo iniciativa minha.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sabia do segundo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Também não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Também não sabia.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – E nem das doações.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Nem das doações. O senhor também não o informava?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, até porque eu também, com o Azeredo, não encontrei com ele nenhuma vez durante a campanha. Agora, eu falei muito aqui da minha relação

anterior com ele, para mostrar que, antes, ele deu a mim autonomia e confiança numa coisa muito mais importante que a campanha, que é a secretaria. Então, tínhamos uma relação de amizade que permitiu a ele fazer isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E ele também, certamente, então, nessa mesma linha, não sabia da participação do Sr. Marcos Valério na campanha junto com o senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele nem conhecia o Sr. Marcos Valério.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não conhecia.

A quem o senhor se reportava para decidir sobre gastos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu tinha um coordenador-geral na campanha.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É, mas o senhor se reportava ao Sr. Clésio... Ou o Sr. Clésio Andrade também não participou?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, o Sr. Clésio Andrade também não participou da campanha.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Alguém do PTB? O Sr. Walfrido?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Sr. Walfrido, esporadicamente, também participou muito pouco.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, o senhor tomava decisões individualmente?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Algumas vezes, eu procurei Walfrido, mas ele também estava envolvido na campanha dele para Deputado Federal e se afastou da campanha, diferentemente de 1994, quando ele foi candidato a Vice e coordenador-geral da campanha.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, havia alguém do PTB e do PFL com que o senhor discutia determinados procedimentos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não. Eu discuti com o Walfrido não por ser do PTB, mas por ser do poder. Ele era o Vice-Governador. Com o PFL, eu não discuti com ninguém.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Uma dúvida: para os carros que o senhor disse que comprou com seu dinheiro, o senhor fez um empréstimo para pagar em março de 1999.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foi isso? Fiquei com uma dúvida: o que o senhor fez com os carros depois da campanha?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Com muitos eu paguei dívida da própria campanha. A credores da campanha eu paguei com os carros. Outros eu vendi.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor, então, não se reembolsou com esse dinheiro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não me reembolsei. Eu devo à Volkswagem até hoje.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas o senhor não se reembolsou com a venda dos carros? É isso o que perguntei.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quando o senhor informou, então, ao Governador Azeredo sobre as dívidas – que o senhor disse que ele não sabia sobre empréstimo –, ele disse ao senhor que não tinha como pagar esse dinheiro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele falou que não tinha nada com isso, porque eu não devia ter feito isso, não devia ter apanhado empréstimo com Marcos Valério, não devia ter colocado meu nome e que não tinha a mínima possibilidade de pagar isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor comunicou isso ao Sr. Marcos Valério?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Comuniquei.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Qual foi a reação do Sr. Marcos Valério?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A reação dele foi de revolta até durante um tempo. Mas ele não tinha acesso ao Azeredo. E, a partir daí, eu procurei, várias vezes, o Azeredo junto de Marcos Valério, e tentamos resolver isso de forma... Eu tentei durante muito tempo, até meados de 2002, e depois desisti. Vi que não teria... Já estava um negócio desgastante. Como eu tive uma perspectiva de negócio que me dava uma possibilidade de ter ganhos, eu falei: "Vou largar isso para lá". Como isso não se concretizou e deu errado, eu entrei com a ação. Até porque é dívida impagável.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foi nesse período em que o Sr. Nilton Monteiro se aproximou do senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Sr. Nilton Monteiro se aproximou de mim em outubro de 2004.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Outubro de 2004?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Como foi que ele chegou ao senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu tenho um amigo que é Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Construção Pesada, em Belo Horizonte, e que é amigo dele. Ele me falou: "Olha, Nilton Monteiro é um amigo, que está precisando de contatos jurídicos aqui em Belo Horizonte". Por isso, ele se aproximou de mim e começou até a propor negócio. Mas os negócios dele são todos fantasiosos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Nessa época, já era público que o senhor tinha se afastado do Sr. Eduardo Azeredo, que o senhor tinha rompido com o Partido?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Já. Já.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E o Sr. Nilton Monteiro lhe fez propostas de dinheiro para fazer denúncias, com ou sem documento, contra o PSDB ou o Sr. Eduardo Azeredo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Permanentemente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ele fez propostas?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Várias, várias, várias, várias.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Falou em valores?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Falou em valores. Tudo fantasia.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quais valores ele chegou a mencionar para o senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele falou valores de toda sorte, de toda espécie, que ele poderia negociar, intermediar, mas não é...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Em troca de o senhor fazer denúncias, apresentar documentos ou qualquer coisa?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Em troca de eu permitir que ele procurasse sei lá quem em meu nome com o intuito de dar informações. Isso antes de acontecer esse problema de CPI. De fazer ameaça a terceiros, sei lá quem. Não sei qual seria o caminho dele, porque eu refutei sempre isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas ele disse ao senhor quais pessoas ou partidos se interessariam pela sua adesão à tese dele?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Não. Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor tem idéia se era alguém do PT ou alguém de outro Partido?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. O que ele fala não é crível. Então, seria uma irresponsabilidade minha falar porque é da boca dele, da cabeça dele. Hoje, eu conheço quem é esse cidadão.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor conhece o Sr. Delúbio Soares?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Conheceu?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor conhece alguém do PT Nacional ou estadual?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Do estadual, eu conheço todos. Conheço muita gente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O Marcos Valério continuou tendo com o senhor uma relação até porque vocês estavam, como o senhor disse, na mesma situação de infortúnio.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Até 2002. De 2002 para frente, eu nunca mais vi Marcos Valério, vi Eduardo Azeredo, vi ninguém. Eu me afastei.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Lembraram aqui o Deputado Maurício Rands e a Senadora Ideli Salvatti também sobre como uma dívida de R$9 milhões, que depois se transformou em 13, só foi acertada com o Banco Rural em abril de 2003, e foram pagos apenas dois milhões. Isso foi dito, ou foi levantado, como se significasse um procedimento igual aos empréstimos que o PT realizou: é estabelecer que o modelo seguia o mesmo.

Agora, é do meu entendimento, e eu queria registrar, que esse acerto, até pela data que aconteceu, em abril de 2003, seguia a linha do empréstimo que já tinha sido feito em fevereiro de 2003 e que depois se tornaria, na continuidade, em julho, em maio, e que daria uns 55 milhões do PT, dos empréstimos do PT. Quer dizer, ao contrário de ter sido alguma coisa que tivesse relação com o passado, esses 13 milhões na verdade faziam parte do esquema de 2003, que deveriam, Sr. Presidente, Sr. Relator, ser somados aos 55 milhões que o Marcos Valério... A conta é de 68, e não de 55. Então, Deputado Maurício – não sei se aqui se encontra –, eu acho que a lógica não é dizer que havia sido acertado em 1998, que o empréstimo jamais seria pago. Acho que a lógica é dizer que, efetivamente,

o Sr. Marcos Valério levaria o cano, tomaria o calote, porque confiou em alguma coisa que não aconteceu, que era na eleição, onde ele acharia que poderia ganhar alguma vantagem, e isso depois acabou sendo incorporado do acerto que ele veio a fazer com o Sr. Delúbio e com todo o esquema do PT.

Eu queria, Sr. Presidente, deixar encerrada a minha participação com essa declaração. Eu quero dizer que, a exemplo do que já foi dito por alguns dos meus companheiros do Partido, não estamos buscando modelo, nenhum modelo, para se estabelecer que estão todos no mesmo nível de crítica, no mesmo nível de corrupção. O que temos que buscar é quem é que foi responsável por ter mergulhado os partidos políticos coligados ao Governo, o próprio Governo e o PT, nesse mar de lama que, infelizmente, envergonha o nosso País.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Com a palavra a Senadora Ana Júlia Carepa. (Pausa.)

Com a palavra o Deputado Jamil Murad. (Pausa.)

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Sr. Presidente, pela ordem. Se S. Exª me permitir...

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Pela ordem, Deputado...

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Deputado Jamil, se V. Exª me permitir, serei breve. Eu queria solicitar a V. Exª, Presidente, que indagasse... Está chegando aqui às minhas mãos uma cópia de um instrumento particular de procuração outorgada pelo Sr. Cláudio Mourão. Eu quero indagar se V. Exª praticou esse ato, constituindo como procurador o Sr. Nilton Antônio Monteiro.

Na minha inquirição, eu já tinha indagado ao depoente se ele teria contratado ou se teria outorgado algum mandato ao Sr. Nilton Monteiro para tentar receber a dívida que ele alega ter com a campanha de 1998, por ele coordenada. E aí eu queria passar às mãos de V. Exª, Presidente, solicitando que V. Exª indagasse ao depoente se esta assinatura aposta aqui nesta procuração, que é de 11 de novembro de 2004 e "é reconhecida esta firma pelo 2º Tabelionato de Notas de Belo Horizonte", eu tive o cuidado de verificar alguns documentos xerocopiados da ação no Supremo Tribunal Federal e não percebo muita diferença na assinatura de uma outra declaração que está aqui às folhas 15 daqueles autos no Supremo Tribunal Federal, que foram objeto da petição de desistência. Então, eu vou passar às mãos de V. Exª. Peço a alguém aqui da Comissão que entregue ao Presidente, para que, se o Presidente deferir o meu requerimento, faça a indagação ao depoente sobre essa procuração, cujo mandato foi negado pelo depoente durante as respostas à minha inquirição.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Nós vamos passar o documento para o Sr. Cláudio Mourão, até para que ele tome conhecimento desse documento. V. Sª fez alguns registros ao longo do depoimento sobre esta questão, mas eu gostaria de passar a palavra para V. Sª.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu reitero tudo que eu falei. Eu não assinei nada.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Por favor, antes de ver. Peço que dê uma olhada no documento antes.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Essa assinatura é minha. Esse cidadão teve acesso a minha assinatura, e explico porque teve. E hoje entendo, porque tudo dele é pensando na frente, eu tenho essa prova, ele tem uma ação contra a Samarco, e um dia me deu, falou assim: essa é uma ação milionária, trinta milhões, como você me ajudou nessa ação aqui, me indicou um grande advogado, eu vou te dar um pedaço da ação. Eu não pedi isso não. Ele me deu, e pegou a minha assinatura, num contrato. Fez um contrato, eu tenho cópia dele. Ele é um falsificador conhecido, tem ação de mais de uma pessoa em Belo Horizonte contra ele por falsificação de assinatura de documento, e vou enumerar.

O primeiro advogado dele na CPI do Espírito Santo, de nome Joaquim Engler, ele falsificou a assinatura do juiz, a assinatura do advogado, e a assinatura do diretor da Samarco. Ele tem processo da Samarco por falsificação, e reitero aqui, eu nunca dei essa procuração para este cidadão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, apenas para que fique então registrado: V. Sª afirma que este documento é falso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Afirmo. É falso.

O SR. MAURÍCIO RANDS (PT – PE) – Mas afirma que a assinatura foi aposta por V. Sª. Não já com o texto previamente impresso.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Essa assinatura é minha assinatura. Isso aqui é uma montagem.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas para esclarecer, V. Sª diz que a assinatura é sua, mas que o documento nunca foi assinado por V. Sª.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nunca assinei, isso é uma montagem.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esta Relatoria irá requerer, Deputado Maurício Rands, a perícia desse documento, na forma legal, para que se possa então atestar a veracidade da afirmação do depoente, para todos os fins de direito.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O original dessa... Não tem original isso aí?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não temos o original, mas evidentemente deve estar em algum lugar ou no processo. Seja como for, vamos verificar da possibilidade de se fazer a perícia com base nessa documentação, para se constatar se houve montagem ou não, considerando que V. Sª depõe na condição de testemunha perante esta Comissão.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, para fazer uma perícia grafotécnica, precisa coletar as lotações grafotécnicas da testemunha, senão não é possível fazer.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A assinatura ali é minha. Eu ponho em dúvida este documento. Isso pode ser uma montagem. É uma cópia xerox.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu queria sugerir, Sr. Presidente, que também se buscasse o registro dos processos aos quais se referiu o Dr. Cláudio.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Isso tudo aqui é processo desse cidadão e muitos deles por falsificação de documentos.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Tomaremos as providências devidas, inclusive para periciar, por intermédio de técnicos da polícia federal, a documentação entregue.

Encerrando os oradores inscritos, convido o Deputado Jamil Murad.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Sr. Presidente, Srs. Deputados, eu queria iniciar aqui solicitando ao depoente uma confirmação que o senhor retirou uma ação no Supremo Tribunal Federal contra o ex-Governador Eduardo Azeredo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Retirei.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Por que retirou?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Primeiro preciso reiterar a data que retirei. Foi antes de tudo isso que acontece aqui, foi em junho.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Foi mais ou menos quando começou esta CPMI?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – A CPMI começou em junho.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, a data foi antes disso aqui. Não tinha acontecido nada disso. Eu retirei...

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Mas a CPMI começou em julho.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, mas foi antes de qualquer assunto desse...

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Tudo bem. Mas retirou?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Retirei.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Por que retirou?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Porque o foro foi inadequado.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Tudo bem. Vou passar para a pergunta seguinte.

O senhor entrou com uma ação no foro adequado, já que o seu advogado falou que o anterior era inadequado?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ainda não. Eu vou continuar cobrando a minha dívida, mas ainda não sei qual é a forma.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Mas era um ressarcimento importante. O senhor tinha altos interesses que o levaram a entrar com uma ação contra uma pessoa de sua amizade, que lhe deu a Secretaria de Estado e toda a autonomia. Por que retirou, por foro inadequado, e não tomou nenhuma outra providência?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu demorei sete anos para entrar com essa causa. Ela pode esperar mais um pouquinho. Eu demorei sete anos.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Farei outra pergunta. O senhor e o seu advogado não pensaram que poderia haver outra interpretação? O senhor foi induzido, por algum motivo particular, a retirar a ação e não entrar com essa ação em outro foro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu retirei a ação antes de qualquer discussão que tenha vindo à tona.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Eu estou perguntando se o senhor e o seu advogado não trocaram idéias. Por exemplo, há uma ação contra uma pessoa. O senhor retirou essa ação e não tomou outra providência. Uma das interpretações é que algum acerto não publicado houve.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Mas não houve, não. E vou continuar cobrando.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Necessitávamos de provas de que não houve. Vamos acreditar somente na sua palavra?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A minha vida está pública: o que eu tenho, o que eu não tenho, a quem eu devo.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – O senhor concorda que dá para pensar em outra interpretação?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Que pode haver pode, claro, mas eu não estou...

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Era isso.

Onde os seus filhos trabalham atualmente?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu tenho uma pequena empresa de segurança eletrônica, da qual eu vivo, com os meus filhos, que, nesse período, também sempre trabalharam comigo. Posso discorrer um pouco sobre isso?

A partir de 2002... Depois que eu saí do Governo, eu montei uma empresa de distribuição de alimentos, sem botar um centavo. O meu maior credor, hoje, chama-se Sandro Mabel, que nem me conhece. Eu fui distribuidor dos biscoitos Mabel em Belo Horizonte e fiquei, durante um tempo, na ilusão de que ia receber esse dinheiro para obter um capital de giro, até que, em determinada altura, não foi possível continuar com isso e parei. Nesse período, meus filhos trabalhavam comigo. A partir daí, entrei num projeto. Eu vi, por incrível que pareça, que os Correios tinham um grande projeto de inclusão digital.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Sei.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Chamado inclusão digital.

Eu estava com a idéia de criar um *site*. Eu tinha, aliás, um amigo que tinha um *site* de anúncios e classificados, um portal de anúncios e classificados e achei que esse portal de anúncios e classificados, com aquele conteúdo, seria interessante para o projeto dos Correios que era ter um computador em cada agência do Brasil, em 2002, disponibilizado para a população...

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – O senhor pode acelerar um pouco, porque o meu tempo está passando?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Então, eu fiz um contrato com os Correios. Contratei os Correios para disponibilizar meu conteúdo no *site* dos Correios. Também trabalharam comigo. Porém, quanto a esse projeto, os Correios não implantaram os computadores e essa transação não deu certo. Hoje, tenho uma pequena empresa de segurança eletrônica, mas não posso aparecer no contrato, porque há restrições. Meus filhos trabalham comigo.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – O senhor abriria o seu sigilo bancário, fiscal e telefônico?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – À vontade. Pode fazer isso antes, durante, depois, agora, o tempo inteiro.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – De 1998 para cá?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Antes de 1998 também.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – E o de seus filhos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Perfeitamente. Meus filhos estão na mesma situação em que me encontro. Todos sofreram as conseqüências disso.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – O senhor está com uma viagem programada para o exterior?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – De jeito nenhum. Estou com meu passaporte vencido.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Nós temos a informação de que o senhor está com uma viagem programada para o exterior?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Isso é mentira. Meu passaporte está... Isso aí é fácil saber. Meu passaporte está vencido há muito tempo.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Eu peço, Presidente, que a Comissão envie ao Ministério da Justiça para recolher o passaporte do Sr. Cláudio Mourão, pela importância dele nesse processo...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, não pode recolher o documento. Não pode recolher o documento.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Deputado Jamil Murad, nós inclusive fizemos uma avaliação ao longo dos trabalhos da CPI e nem nos piores momentos por que este País passou, quando a democracia desapareceu no Brasil, nem nesses momentos, houve a cassação desse direito de retirada de passaportes ou outras providências ou retenções no que se refere a documentos pessoais. O que a CPMI pode fazer é simplesmente requisitar ao Ministério da Justiça as informações relativas a esse passaporte, que é uma decisão equilibrada e que não fere, de maneira nenhuma, os direitos individuais.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Então, peço essas providências a V. Exª.

O senhor comprou 1,6 milhão de carro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não comprei. Eu assumi uma dívida. Eu não botei um centavo.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Ninguém perguntou quem doou esse carro ou quem emprestou ou quem vendeu esses carros para o senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, quem me vendeu os carros... Foi financiado. Eu não paguei nada. Eu não paguei. Eu só fiquei devendo só.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Não, mas, numa campanha, surge uma quantidade imensa de carros, quem pôs esses carros à sua disposição?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ninguém perguntou, não.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Ninguém perguntou?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – *(Incompreensível.)* recebeu o carro.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Porque qualquer família de trabalhador, se o filho chega com uma roupa nova, uma moto ou alguma coisa que está fora do alcance dele, logo os pais, os irmãos lhe perguntam: "Como é que você conseguiu isso?"

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Se alguém me perguntasse de onde teriam vindo esses carros, não teria tido a resposta, porque teria sido de algum doador.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Marcos Valério pegava dinheiro do Banco Rural para emprestar para a campanha, segundo a sua opinião, o seu testemunho. Foi isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Foi isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Quando esta CPMI estava em andamento, pelo seu relato, o senhor achou que era uma reprise de um filme que o senhor já tinha vivido? O Sr. Marcos Valério pega o dinheiro, o Banco Rural que empresta. É a pergunta que eu faço.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A relação...

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Que sensação o senhor teve?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A relação que eu sei é a minha com o Marcos Valério. Eu não poderia...

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Sim, mas que sensação o senhor teve?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu, na verdade, não tive nenhuma porque eu não sei. Ouvi notícia pela imprensa. Eu não sabia detalhe nenhum da operação Marcos Valério, Delúbio, PT. Eu não quero emitir nenhum juízo de valor disso, porque não conheço essa realidade. Conheço da minha lá. Só posso falar dela.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – O senhor passou uma procuração para o Sr. Nilton Monteiro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não passei procuração para Nilton Monteiro.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Ou está **sub judice**?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É falsificada. Esse Nilton Monteiro não tem qualificação para me representar em nada, nunca teve e essa consciência eu sempre tive.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Mas ele conviveu...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Conviveu, eu ajudando a ele, mas eu não precisava da ajuda dele para intermediar contato político, porque eu passei 20 anos na política. Sou nascido e criado em Belo Horizonte. Ele é um cidadão estranho lá. Ninguém o conhece na cidade.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – O senhor conhece o Sr. Daniel Dantas?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. JAMIL MURAD (PCdoB – SP) – Ainda hoje, eu fui, junto com as Senadoras Ideli Salvatti e Ana Júlia Carepa e o Deputado Maurício Rands, para quebrar o sigilo ou para transferência do sigilo do computador do Sr. Daniel Dantas que está nas mãos da Polícia Federal, mas é um homem, um banqueiro tão poderoso e parece que tem uma blindagem que ninguém consegue investigá-lo. Ele já foi condenado no exterior em vários países, mas aqui ele comete crimes e ninguém consegue investigá-lo.

Presidente Delcidio, falamos com a Ministra Helen Gracie e ela solicitou ao Presidente desta Comissão e da outra que também fez o mesmo requerimento para que enviássemos detalhes do que queremos e, por intermédio da sua pessoa, do Presidente da Comissão, porque desta vez precisamos chegar, precisamos quebrar essa blindagem que existe em torno do Sr. Daniel Dantas. Muita coisa vai aparecer.

Eu queria dizer que respeito muito a sua terra. Quando fala em Minas Gerais, lembro de Tiradentes. O amor que Tiradentes tinha pelo Brasil, a defesa da nossa soberania, da nossa independência e fico preocupado.

Aqui já teve gente pedindo – Parlamentares, Senadores – cassação de registro de partido político.

Eu acho que os partidos políticos têm a sua importância. O Brasil não vai ter futuro sem partido político. Este é o instrumento da luta política para dirigir o País e eu acho que temos o dever de investigar, o dever de buscar a verdade, mas nós não podemos usar o nosso mandato, o nosso instrumento, a nossa CPMI para qualquer coisa como se fosse um bombril que serve para mil e uma utilidades. Se um quer detonar o concorrente no Estado dele, o outro quer detonar o outro concorrente no Município dele, etc.

Então, eu acho que o senhor prestou informações importantes. Da minha boca não sai calúnia, não sai desmoralização de partidos políticos, não sai desmoralização de lideranças políticas. Eu tenho um dever assumido com meu povo que tento, de maneira altiva, de cabeça erguida, como demonstrei ao ir atrás de quebrar a blindagem do Sr. Daniel Dantas, que é um homem todo-poderoso, ara servir o meu País, para servir...

Vou travar a luta política nas urnas, nas ruas, no debate, nos argumentos e mostrar que tenho um programa melhor, uma proposta melhor, etc. Eu acho que nesse caminho podemos ajudar o nosso Brasil e um homem da sua terra, de quem me orgulho de ser compatriota e que se chama Tiradentes.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Temos somente dois reinscritos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Sr. Presidente, estava faltando a presença do Deputado Arnaldo.

Todos estávamos assim... ansiosos pela intervenção dele.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quero lembrar, Sr. Presidente, que temos outro depoente aguardando. Se os reinscritos pudessem abrir mão.

O SR. PRESIDENTE (Delcidio Amaral. PT – MS) – Eu gostaria de perguntar aos dois reinscritos se confirmam a reinscrição ou não, porque temos mais uma oitiva a ser realizada. (Pausa.)

Então, pelo jeito, a única que confirma a inscrição é a Senadora Ideli Salvatti.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Eu também.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Senadora Heloísa, V. Exª encerrou antecipadamente a participação, mereceu nossos elogios.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Mas é porque quando agrado algumas pessoas, fico tentando desagradar depois. Então, V. Exª me inscreva.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Então, três minutos para a Senadora Ideli Salvatti, três minutos para a Senadora Heloísa Helena, e vamos encerrar a reunião, porque nós... Depois eu passo a palavra para o Relator, que, sei, é muito objetivo e fará rapidamente as perguntas ao depoente.

Com a palavra a Senadora Ideli, por três minutos.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, o Relator é o primeiro inscrito, ele tem precedência sobre...

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Ao Relator cabe tudo aqui nesta CPMI. O Relator iniciou as perguntas e, com justa razão, vai fazer algumas perguntas adicionais, fruto até do que ele, atentamente, ouviu no depoimento do Sr. Cláudio Mourão.

Com a palavra a Senadora Ideli Salvatti, por três minutos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Espero nem usar os três minutos, Sr. Presidente. Quem é o Sr. Carlos Henrique Martins Teixeira?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Meu advogado.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Seu advogado. Esse que...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. O primeiro.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O primeiro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E qual é... Ele era advogado também do Nilton?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu que apresentei o Nilton para ele.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Então o Carlos Henrique Martins Teixeira foi advogado do senhor e do Nilton? Ainda é do Nilton?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ainda é do Nilton.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Ainda é do Nilton. E o senhor o retirou da ação?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Retirei.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Por conta...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Por várias. Eu já até nominei aqui. Primeiro, falou que tinha entrado a ação, não entrou. Depois, falou que estava conversando com "a" ou com "b" e não estava. Depois entrou de forma inadequada. Depois estava passando informação para esse Nilson Monteiro. Depois colocou que eu devo ao Nilton Monteiro no processo. Por isso eu o destituí.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Paulo Vasconcelos.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Paulo Vasconcelos trabalha no Governo de Minas hoje e trabalhou no Governo do Eduardo Azeredo também. Foi Secretário Adjunto de Comunicação.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Alguma ligação com o senhor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Com as empresas do Marcos Valério?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Que eu saiba, não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Na época que eu estava no Governo, ele era Secretário Adjunto de Comunicação. Ele é um homem da área de comunicação. Hoje, acho que trabalha no Governo também nessa área. Não tem um cargo de secretário ou de secretário adjunto, mas eu creio que ele trabalha no Governo, hoje.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor tem conhecimento de que ele foi sócio da DNA?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Não tenho essa informação. Não tenho esse conhecimento.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não sabe?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E que ele tem trajetória em empresas de publicidade?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu sei que ele tem uma vida na publicidade.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Uma empresa chamada Dezoito Vitória?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não sei.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor não sabe?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não sei.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Então está bom.

Sr. Presidente, eram só essas as perguntas. Viu como fui rápida?

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Muito obrigado, Senadora.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Espero que o senhor elogie agora, também.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Muito obrigado pela objetividade, Senadora Ideli Salvatti.

Com a palavra a Senadora Heloísa Helena, por três minutos.

O cronômetro, por favor. Três minutos.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Desculpe. É o Onyx que vai falar?

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Não, o Deputado Onyx, infelizmente, não estava presente quando foi chamado, sei que em outras atividades...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Não, não pode não.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Não, de maneira nenhuma, acho que não seria, Deputado Onyx,...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Nem sempre eu sou muito dama.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Nós ouvimos V. Exª sempre na CPMI dos Correios, portanto vamos encerrar com a Senadora Heloísa Helena e, depois, com o Relator.

Senadora Heloísa Helena, três minutos.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Dr. Cláudio, na última conversa que o senhor teve com o Sr. Marcos Valério – o senhor inclusive disse, aqui na CPMI, que o senhor tinha estado com ele, não negou que tivesse ido até lá –, e, certamente, algumas conversas, nesse momento... Não foi apenas uma visita, imagino, para discutir, ou para solidariedade, ou para qualquer uma outra coisa que pode ser feita.

Se o senhor pode disponibilizar o conteúdo dessa conversa. Nada que seja íntimo, pessoal, familiar, angústias pessoais ou familiares, mas aquilo que pode ser importante para este procedimento investigatório. Por quê? Entre o que nós analisamos até agora – tem muitas CPIs, muitas Sub-Relatorias –, nesta Comissão Parlamentar de Inquérito, nós analisamos o que é chamado gestor operacional dos Correios. E ficou caracterizado, em todos os momentos, para quem é sério e quer realmente investigar, um conluio no gestor operacional dos Correios, entre gangues partidárias, empresários protegidos do Palácio do Planalto e várias outras supostas fontes da água podre que movia o moinho do mensalão ou qualquer outra denominação do esquema de corrupção montado. Ora debatiam-se as várias fontes da origem do dinheiro, ora discutiam-se as aplicações financeiras dos fundos de pensão que supostamente compensavam os contratos artificialmente montados, ora fazia-se a lavagem de dinheiro, imagino, sujo, que se trocava com doleiro, mandando-

o para o exterior e aí pagava dívida de campanha ou reintroduzia o dinheiro no País, ora compensavam os empresários que ganhavam licitações fraudadas.

Ainda tem muito a investigar porque ainda não se conseguiu quebrar o sigilo bancário, fiscal e telefônico dos beneficiários iniciais daquela operação fraudulenta, dos que recebiam dinheiro do Sr. Marcos Valério. Não se quebrou o sigilo bancário, fiscal e telefônico, um erro da CPMI do Mensalão – a partir do momento em que a CPMI dos Correios disponibilizou para eles é uma responsabilidade da CPMI do Mensalão –, dos beneficiários finais, até para que o povo brasileiro pudesse saber, além dos 13 ou 18 Deputados e Senadores que podem ter sido beneficiados pelos beneficiários primeiros do esquema.

E há muitas coisas, coisas impressionantes, como os depósitos feitos na conta do Sr. Marcos Valério. Um funcionário, coitado, que ganhava R$1 mil, conseguiu depositar R$731 mil. Imaginem! Uma funcionária do Banco do Brasil, coitada, colocou nas contas de Marcos Valério R$1,9 milhão. Outro que era sócio de uma empresa da qual, coincidentemente, o Ministro Walfrido também era sócio, conseguiu depositar R$507 mil. É muito dinheiro!

Em algum momento, o Sr. Marcos Valério comentou com V. Exª – pode ser do passado, do futuro, não tem problema, o que for importante para que esta CPMI possa aprofundar o procedimento investigatório – sobre a fonte de recurso? Porque há muitas coisas – só para concluir, Senador Delcídio – que são apresentadas. O debate sobre os contratos já ficou meio de difícil de se acreditar, porque banco pode até fazer "pilantropia", mas caridade e filantropia dificilmente faz. Então, o Sr. Márco Valério, em algum momento, disponibilizou para V. Sª informações que sejam relevantes ou do passado ou do presente em relação ao grande esquema de corrupção que foi montado? Pode passar por financiamento de campanha do passado ou do presente ou dos esquemas montados, gangs partidárias, empresários protegidos pelo Palácio Planalto. Alguma informação que o senhor possa disponibilizar para esse procedimento investigatório da CPMI?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Senadora, nesse período de 1999 a 2002, convivi muito com Marcos Valério, freqüentei a casa dele, ele freqüentou a minha. Nós tínhamos os mesmos problemas. Ele tinha muita dificuldade nesse período, porque ficou com problemas. Eu, a partir de 2002, afastei-me completamente, tinha três anos que eu via Marcos Valério, nem via, apesar de estar dentro da mesma cidade.

Eu liguei para ele e a conversa foi fundamentalmente em cima de aspectos emocionais, família, essa coisa toda. Ele só me fez um comentário,que depois reiterou aqui, que realmente havia feito – ele não se abriu –, que tinha feito um empréstimo de 50 milhões para o PT, não entrou em mais detalhe nenhum comigo. A conversa foi só isso.

A SRA. HELOÍSA HELENA (P-SOL – AL) – Para concluir, Senador Delcídio, veja em que situação fica esta Comissão Parlamentar de Inquérito. Se o Sr. Marcos Valério estava numa situação difícil, em função de débitos com o Governo ou com outro partido, mesmo assim, veja a dificuldade, se ele estava numa situação difícil no passado, certamente ou garantias do passado ou garantias do presente eram tantas na relação promíscua com o Governo, que ele ainda entrou num problema maior. Se ele vinha com problemas financeiros do passado, como bem disse o senhor, da relação até 2002...

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Senadora Heloisa Helena, conclua, por favor.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Só para fazer um parênteses. Durante o Governo do Itamar Franco, ele estava sendo muito fiscalizado: o Tribunal de Contas, o Imposto de Renda.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Mas é por isso que estou dizendo que a situação é mais difícil ainda. Com problemas financeiros do passado, com débitos que ele perdeu de vista, com a fiscalização e, mesmo assim, ele ainda entrou em uma coisa dessas. Imaginem, era preciso ter muita garantia! Ele, em nenhum momento, disse nada a V. Sª?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Muito obrigado, Senadora Heloisa Helena.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Sr. Presidente, pela ordem. Indago a V. Exª se deu alguma orientação à Bancada do PFL para que não participasse da interpelação do depoente? É estranho, pois eles sempre estão presentes e atuantes aqui na CPMI e estão absolutamente ausentes.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Meu caro Deputado Bittar, aqui o único que não manda em ninguém sou eu.

O SR. JORGE BITTAR (PT – RJ) – Quero apenas registrar essa minha estranheza de que os "leões tenham virado gatinhos".

A SRA. HELOISA HELENA (P-SOL – AL) – Mas eles devem estar achando lindo porque só explode do lado do PT e do PSDB.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Gostaria de registrar, antes de passar a palavra para

o Relator, que o Senador Antonio Carlos Magalhães, Presidente em exercício da Comissão dos Bingos, convida para oitiva do Sr. Sílvio Pereira, amanhã, às 11 horas, no plenário da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania, os membros da CPMI dos Correios. Quer dizer, para quem tiver interesse em participar, estou formalizando o convite.

Quero também registrar que, na quinta-feira, faremos a reunião administrativa da CPMI dos Correios. Em vez de fazê-la amanhã, nós a faremos na terça-feira, às 11 horas, até porque os sub-relatores farão uma apresentação das suas atividades, com seus cronogramas de entrega de relatórios parciais.

Cumpre destacar que será feita uma apresentação sobre os trabalhos das auditorias, especialmente a auditoria dos Fundos de Pensão. Nesse caso, nós aprovaremos os requerimentos necessários para o desenvolvimento dessas atividades.

A reunião administrativa da CPMI dos Correios será terça-feira, ás 11 horas, portanto suspenderemos a reunião de amanhã. O restante da agenda será definido amanhã, em uma reunião interna, com os Sub-relatores, o Relator e este Presidente e Vice-Presidente que vos fala.

Passo a palavra para o Relator, Deputado do PT de São Paulo, José Eduardo Cardozo para a conclusão dos trabalhos, até porque temos mais uma oitiva no dia de hoje.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço, Sr. Presidente. Lembro que amanhã, à tarde, teremos também uma oitiva da sub-relatoria de contratos.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Um ato falho do Presidente corrigido em tempo pelo Relator, que as sub-relatorias funcionam normalmente. Nós só não teremos reunião do Plenário da CPMI, a reunião administrativa que estava programada para amanhã em função de terça-feira.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, como havia dito no início, fiz uma introdução preliminar e teria outras perguntas caso não fossem exauridas pelos Srs. Deputados. Portanto, com a devida vênia do Sr. Presidente e dos Srs. Deputados, gostaria de prosseguir com as questões.

Pergunto ao depoente: na primeira parte da argüição, mencionei que os advogados de V. Sª, no processo do Supremo Tribunal Federal, haviam manifestado o conhecimento daquela ação relativa ao enduro. V. Sª disse que também sabia do enduro. V. Sª, de forma mais ou menos sintética, pode descrever o que aconteceu naquele episódio do enduro?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não; eu não sei do episódio do enduro, eu sei da ação. Quando do episódio do enduro, eu já estava fora do Governo, envolvido na campanha. Então, não sei. Agora, depois eu vi, lá na frente, entrando na Internet, que havia um processo contra Eduardo Azeredo e Clésio Andrade a respeito de enduro e vi que, na minha ação, eu poderia fazer alguma vinculação para ter sucesso na minha ação. Eu não sei nada do enduro, não posso afirmar nada do enduro. Isso foi uma estratégia do advogado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se V. Sª me permite, na petição inicial da ação proposta, há uma menção explícita que eu gostaria que V. Sª comentasse. Se diz o seguinte na ação – o advogado de V. Sª, em seu nome, por procuração:

"A verdade é que o segundo réu [esclareço que o segundo réu é o Sr. Clésio Andrade], então sócio-proprietário da SMP&B Publicidade, juntamente com Marcos Valério F. Souza, utilizou-se de valores obtidos em evento, enduro, promovido pela referida sociedade, cuja origem seja devidamente documentada no decorrer da instrução desse feito em seu benefício, enviando valores que deveriam ter sido alocados na campanha para terceiros políticos outros, obtendo então com tal atitude importante cargo no Partido, deixando ao autor [na época o cargo era do PFL, imagino, que era membro do Partido à época] somente as dívidas."

O que V. Sª sabe a esse respeito? Ele utilizou o dinheiro do enduro para o envio de campanha de terceiros?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu não posso fazer nenhuma afirmativa sobre o enduro. Marcos Valério passou o dinheiro para mim do empréstimo. Eu não posso fazer nada do enduro. Esse assunto do enduro foi todo tirado da ação em que a Procuradoria Federal fala sobre o enduro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, os seus advogados tomaram conhecimento...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Pegaram a ação, porque na ação fala isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...e colocaram isso.

O senhor teve conhecimento de repasse da Cemig para a SMP&B em 1998?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não soube de nenhum repasse.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não soube de nenhum repasse.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece o Sr. Carlos Eloy?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Conheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem foi o senhor Carlos Eloy?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Carlos Elói foi o coordenador geral da campanha e, antes disso, foi Presidente da Cemig.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o Presidente da Cemig, Sr. Carlos Eloy, era coordenador da campanha...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Coordenador geral da campanha e disse que saiu da Cemig.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não sabe se ele autorizou o repasse da Cemig para o Sr. Marcos Valério naquele período?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não sei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca soube de nenhuma situação...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nunca soube.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, segundo informações que nós temos, no dia 21 de outubro de 1998, a Cemig depositou para a SMP&B R$1,67 milhão. No dia 22 de outubro, portanto um dia depois, a quase totalidade desses recursos foram depósitos, por meio de DOCs, nas contas de candidatos naquela campanha eleitoral.

V. Sª autorizou esses repasses? Note aqui a conexão importante. Muito se discutiu aqui sobre modelos...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Os repasses...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, se houver alguma relação entre os repasses feitos pela Cemig e a SMP&B e pagamentos para eventuais candidatos, nós estaríamos indo à origem desse dinheiro repassado e teríamos de ter uma noção dessa situação.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A SMP&B comunicou que já tinha o dinheiro disponível do empréstimo. Eu repassei os nomes. Os DOCs foram emitidos pela SMP&B, não fui eu quem fez os DOCs. Os DOCs eram da SMP&B para Fulano de Tal, para Beltrano. Eu não tive nenhuma participação, a não ser de indicação dos nomes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o fato de ter sido apenas um dia depois de o repasse ter sido feito pela Cemig...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não tinha essa informação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi uma mera coincidência?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não tenho...Nem sabia que tinha tido... Isso é da contabilidade interna da SMP&B. Eu não tinha conhecimento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Algumas daquelas pessoas que receberam esses recursos declaram ter recebido mais do que efetivamente consta da relação. Exemplo, o Deputado estadual Chico Rafael, do PMDB. Ele declara ter recebido R$90 mil, e não R$45 mil, conforme o informado.

O senhor sabe explicar, de alguma maneira, se houve alguma situação que levasse a esse subfaturamento, digamos assim?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Da campanha, não. Ele pode ter recebido de alguém, mas da campanha, não, porque todo dinheiro da campanha passava na minha mão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que ele declara que recebeu do Sr. Marcos Valério R$90 mil e não R$45 mil, como consta da lista.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Isso não está contabilizado na minha campanha. Se Marcos Valério passou para ele alguma coisa, eu não posso fazer nenhuma afirmativa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Relator, eu poderia fazer um aparte?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Os candidatos que receberam na época, receberam por meio de depósitos. Eles tinham como saber de onde vinham os recursos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Tinham porque sabiam que era da campanha, mas o DOC ficou claro que era da SMP&B.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O Banco do Brasil, nos extratos que mandava, não informava. Só creditava na conta dos próprios candidatos. Ou seja, não tinham como saber se quem autorizava era o SMP&B ou se...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Isso é fato.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Como é que eles iam saber?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Na verdade, recebi essas informações, sobre a quem deveria mandar, da coordenação geral da campanha. Eu não tinha atividade política. “Mande dinheiro para Fulano, Sicrano, Beltrano.” É possível quando a gente recebe.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É só para deixar claro, Sr. Relator, que quem recebia não tinha como saber de onde veio. Se veio de Marcos Valério, se veio...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Semelhante a alguns casos que hoje nos vimos de pessoas que pegavam lá e recebiam também.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Pode até ser semelhante, mas é bom que se deixe claro que não era o Marcos Valério que acusava.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estamos vendo exatamente o paralelismo do **modus operandi.** É parecido.

V. Sª conhece a empresa Grafar Editora Gráfica?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, a Cemig justifica o destino de R$1,6 milhão, que há pouco mencionei, apresentando notas dessa empresa. V. Sª não tem idéia disso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nunca tive nenhum contato com essa empresa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª conhece o Sr. Cleuber Gilberto Miranda?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª sabia que ele chegou a declarar ao jornal **Folha de S.Paulo** que, embora tivesse 99% das ações dessa empresa, teria emprestado o nome a outro, portanto, que seria um laranja?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª conhece o Sr. Cleiton Melo Almeida?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Conheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o Sr. Cleiton Melo Almeida?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Sr. Cleiton Melo Almeida conheci em outubro de 1994. É um cidadão que já teve uma gráfica, anteriormente, mas nunca tive qualquer contato com ele antes de 1994.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tem alguma relação com a Grafar?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele tinha uma gráfica. Pode ser essa. Não sei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Parece-me que seria essa gráfica que teria fornecido para justificar o pagamento da Cemig.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não sei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª desconhece isso?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Desconheço totalmente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, existe uma suspeita de que essa gráfica teria sido aberta exatamente para fazer essa...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – O Sr. Cleiton... Eu convivo com ele a partir de 1994. Ele tem uma história de gráfica desde o pai, mais de 40 anos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é especificamente essa gráfica?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não sei se é Grafar, não sei o nome.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tinha um laranja. Era esse Sr. Gilberto Miranda, que fez a declaração. Há suspeita de que essas notas teriam sido justamente emitidas para fazer essa operação da Cemig com pagamento ao Sr. Marcos Valério. Um dia depois o dinheiro é remetido aos candidatos.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Se a Grafar é do Sr. Cleiton, ele tem 40 anos de vida gráfica em Belo Horizonte.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª conhece a empresa A Tempo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Conheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De onde, por favor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi minha.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª foi o proprietário da A Tempo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Fui proprietário da A Tempo até novembro de 1994.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª pode fala no microfone, por favor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Fui proprietário da A Tempo até novembro de 1994.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Conhece a empresa Sertec?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Conheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quem é a empresa?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Essa empresa já quebrou, em Belo Horizonte.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o proprietário?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA– José Vicente Fonseca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – José Vicente Fonseca. Que papel tinha na campanha de Eduardo Azeredo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi um grande doador para a campanha. Entrou com R$500 mil aproximadamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas essa empresas fazia o quê?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Essa é uma empresa da área de conservação e limpeza.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele assumiu que esse segmento doou R$500 mil para a campanha, oficialmente.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Oficialmente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Adservis?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A Adservis, hoje, é desse mesmo cidadão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quem?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Dessa mesma pessoa. Do Sr. José Vicente Fonseca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Faz o quê?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A mesma coisa. Essas empresas dele são assim: fecha uma, abre outra.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Abre uma e fecha outra?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É próprio desse segmento, não é?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. A A Tempo chegou a contribuir para a campanha de Eduardo Azeredo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Sobre a A Tempo posso falar um pouquinho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É o seguinte: trabalhei em um empresa privada chamada Manes Mandêmani. Um dia, tinha saído de lá e não estava trabalhando. Tinha acabado de sair da prefeitura. Eles me perguntaram se eu não queria ter uma empresa para contratar os temporários que havia nessa empresa. Então, criei essa empresa chamada A Tempo. Tinha um sócio de nome Antônio Carlos. Logo em seguida, fui trabalhar em outro lugar. Essa empresa só trabalhava para a iniciativa privada. Ficou por conta única e exclusivamente do Antônio Carlos.

Em novembro de 1994 – e não ganhava dinheiro nenhum, o faturamento era muito pequeno –, com a vitória na eleição, eu sabia que ia ocupar um cargo no Estado e saí de fato e de direito da empresa.

E o Antônio Carlos, lá na frente, acabou vendendo essa empresa para esse dono da Ciatec, e eu já estava fora disso.

Se A Tempo foi doadora da campanha, até pode ter sido porque ela já pertencia a outra pessoa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A A Tempo fez contribuição para a campanha do Eduardo Azeredo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Pode ser eu não me lembro porque a A Tempo, na época da campanha de 1994 não, em 1998, pode ter feito, porque esse José Vicente era o dono da A Tempo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, se fez, fez contabilizado ou no Caixa Dois?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Fez contabilizado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se não foi contabilizado é porque não fez.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Porque não fez.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Sertec e a Adservis é a mesma coisa.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Na Ad Servis na época não era a mesma coisa. Hoje é a mesma coisa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Sertec fez contribuição?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – A Sertec fez contribuição.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Sertec foi uma das maiores contribuintes.

O senhor ou alguém, algum familiar seu chegou a receber algum tipo de pagamento do Sr. Clésio Andrade, depósito, vantagem, doação, alguma coisa?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou da CNT?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Também não**.**

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Onde trabalham os seus filhos?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Os meus filhos trabalham comigo. Eu tenho uma pequena empresa de segurança, eles trabalham lá.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não prestam nenhum tipo de serviço ao Sr. Clésio Andrade ou a nenhuma empresa?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Cemig, a Comig, a Copasa e a Credireal contribuíram para o Caixa Dois daquela campanha?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não contribuíram, nem pode.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E oficialmente contribuíram ou não?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nem através das pessoas.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Deputado Jamil Murad fez uma questão que eu gostaria de repetir, porque há um conjunto de coincidências que revelam uma situação curiosa. Obviamente, não se descarta a hipótese de coincidência. O senhor retirou a ação no dia em que o candidato majoritário, apoiado por V. Sª, esteve na CPMI. O senhor não sabia que ele viria, não houve nenhum contato, nenhum encontro.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi antes que eu tirei. Eu tirei no dia 21 de junho, com certeza ele veio aqui depois.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A petição foi antes, mas a homologação da desistência foi exatamente no mesmo dia, dia em que foi dada a desistência...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu pedi no dia 21 de junho, não tinha nada haver.

O SR. ALBERTO GOLDMAN (PSDB – SP) – Quem homologa é o juiz.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem homologa é o Juiz, mas há casos em que não se pode retirar a ação. Por exemplo, se já houve a citação do réu, Deputado Goldman, você não pode retirar mais a ação.

O SR. ALBERTO GOLDMAN (PSDB – SP) – Ele pode explicar.

O SR. OTÁVIO JUNQUEIRA CAETANO – O senhor me permite?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não, por favor.

O SR. OTÁVIO JUNQUEIRA CAETANO – O advogado Carlos Henrique entrou com um pedido de desistência, e o Ministro Relator Gilmar Mendes relatou que ele não tinha poderes para isso. De fato não havia procuração com esse poder específico. Eu entrei no processo com a procuração específica para desistir e retirar os documentos. Por isso V. Exª está dizendo da coincidência porque foi depois. O pedido que ele fez, do ponto técnico-jurídico, não podia ser deferido, então o Ministro falou: "O advogado não tem poderes para isso. Conserta a procuração".

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está sendo lembrado aqui que, na verdade, quando o ex-Deputado Roberto Jefferson menciona o Sr. Marcos Valério foi no dia 6 de junho.

O senhor conhece o Sr. Paulo Menecuti?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Conheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De onde o senhor conhece o Sr. Paulo Menecuti?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ele é militante do PSDB de longa data.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele exerce ou exerceu função junto à diretoria dos Correios. De alguma forma, ele auxiliou a campanha eleitoral da época?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, nenhuma participação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Pimenta da Veiga, de alguma forma, auxiliou aquela campanha financeiramente?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Era candidato a Deputado, se não estou enganado, em 1998.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Na relação de créditos que o senhor apresenta no processo, há um crédito, acho que de R$8 mil, eu checo aqui agora, em favor da Dona Simone Vasconcellos. Por que ela era credora?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Porque eu pedi a ela emprestado R$8 mil.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Dona Simone emprestou dinheiro ...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Ela era uma pessoa do meu relacionamento pessoal, trabalhou comigo oito anos. Fui eu que a apresentei para o Marcos Valério. O marido dela trabalhou

comigo. Então, tinha uma relação de amizade, e tenho. Eu pedi a ela R$8 mil emprestados, pessoalmente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, a pessoa física pediu o empréstimo?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está certo. E esse empréstimo foi pago?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não foi pago?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não paguei ninguém. Não recebi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O empréstimo que o senhor obteve, pessoalmente, como o senhor mesmo declinou, de R$200 mil, foi pago pelo Sr. Marcos Valério?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi. Não sei em que proporção, ele e o outro avalista, ambos pagaram.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, ajudou o senhor a obter o empréstimo, houve o aval daquele empresário que o senhor mencionou, sugerido por ele próprio, o senhor não pagou e ele que pagou aqueles R$200 mil reais ao Banco Rural?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Foi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe a data desse pagamento?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Não sei a data.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele nunca lhe cobrou esse valor?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não. Sabia que eu não tinha como pagar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E efetivamente nunca lhe pressionou para que houvesse o pagamento?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Nunca. Como a maioria desses credores aí. Um ou outro é que...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está bem. Eu estou satisfeito, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MS) – Nós não temos mais nenhum Parlamentar inscrito. Vou encerrar a presente oitiva, vamos dar agora um intervalo de quinze minutos e voltaremos com a próxima oitiva.

Muito obrigado.

(Suspende-se a reunião às 18 horas e 37 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 19 horas e 03 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Está reaberta a reunião, para a oitiva do Sr. Carlos Eduardo Fioravante da Costa.

Solicito à Secretaria que o faça adentrar e tomar assento à Mesa. (Pausa.)

Sr. Carlos Eduardo Fioravante da Costa, V. Sª presta depoimento nesta Comissão na condição de testemunha. Por isso, já prestou seu termo de compromisso.

Quero alertar a V. Sª que, nos termos do art. 203, do Código de Processo Penal, V. Sª se compromete a dizer a verdade, sob as penas da lei, no que souber e lhe for perguntado, claro, não sendo obrigado a depor contra si próprio. Quando achar que algo pode incriminá-lo, V. Sª pode, simplesmente, não responder. Mas quero alertá-lo de que o princípio é que a sua resposta representa a verdade.

Gostaria que V. Sª fizesse a sua qualificação e prestasse os esclarecimentos iniciais que julgasse conveniente.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Perfeitamente, Sr. Presidente, Sr. Relator, Srªs e Srs. Parlamentares, meu nome é Carlos Eduardo Fioravante. Sou formado em Economia e Administração de Empresas, sou professor universitário, e fui indicado para a Diretoria dos Correios, pela unanimidade da Bancada federal do PMDB de Minas Gerais.

Tenho comigo essa indicação, onde constam essas assinaturas e também a do então Senador Hélio Costa, hoje Ministro, de quem tenho a honra de ser o segundo suplente. Está aqui a indicação dos seis Deputados Federais de Minas Gerais e a do Senador Hélio Costa. Essa indicação foi feita ao Ministro das Comunicações, Deputado Eunício Oliveira, que tomou as providências para que eu fosse indicado para a Diretoria dos Correios.

Não vou entrar em questões, ainda, muito detalhadas, pelo adiantado da hora, mas gostaria de fazer algumas considerações rápidas a respeito do que é a diretoria comercial dessa empresa. Sei que V. Exª e o Relator, principalmente, já estão *experts* em Correios, conhecem isso muito bem, mas quero dizer a V. Exªs o seguinte: eu, particularmente, quando fui para essa diretoria, a minha preocupação, o meu foco básico foi sempre receita dos Correios e *market share*, no sentido de tentar dar um pouco mais de profissionalismo a esta diretoria. E encontrei nos Correios excelentes funcionários e essa preocupação se dá em função de que, em 2004, os Correios faturaram algo – desculpem-me talvez a imprecisão dos números – em torno de

R$7,5 bilhões e cerca de 90% a 92% desses recursos provêm do trabalho da diretoria comercial.

Se V. Exª considerar que é com esses recursos que os Correios financiam o seu orçamento de custeio e de investimentos e o Governo Federal não coloca nenhum dinheiro nos Correios, ao contrário, ao final do ano, como sócio majoritário, tem uma participação nos lucros dos Correios, que até 2003 era de 25% e, em 2004, passou para 50%, os senhores ter a dimensão do que é a responsabilidade da diretoria comercial.

Então, toda a ação proposta, toda a estratégia proposta na área comercial foi com esse fulcro principal, ou seja, o de aumentar receita, de manter a fidelidade dos nossos clientes, de manter a nossa participação de *market share*.

Uma outra questão que também sei que V. Exªs sabem – e peço desculpas pela reiteração de alguns pontos básicos – mas, algumas pessoas têm a idéia de que o monopólio..., os Correios têm em sua receita 52%, basicamente, oriundos do que chamamos de reserva de mercado, que são monopólios de cartas e telegramas, e os outros 48% de mercado concorrencial. Quero dizer que essa reserva de mercado que existe de direito, mas, de fato, existe cada vez menos, porque o número de empresas que concorrem com os Correios neste segmento são empresas muito atuantes nas grandes capitais, o que requer da diretoria comercial um entendimento de como o mercado se organiza hoje, como esses atores atuam, no sentido de que possa propor ações comerciais concorrentes. Já foi o tempo em que os Correios ditavam o mercado postal. Hoje, os Correios têm que vir a reboque desse mercado, porque o mercado tem hoje um número de participantes muito ativos e competentes. E hoje somos uma empresa que vivemos no seguinte dilema. Lembro-me de que V. Exª Sr. Relator, na oitiva do Dr. Madureira, se não me engano, tive o cuidade de ver, V. Exª dizia, no final, que os Correios talvez tivessem uma receita operacional equivalente à sua despesa por três questões básicas, e V. Exª colocou algumas questões de rede postal noturna. Tenho a impressão de que carregamos um *over head* muito pesado pelo fato de, estando, por obrigação constitucional, presente em todos os Municípios do Brasil, eu, sem erro, diria a V. Exª que em entre 70% a 80% desses Municípios nós atuamos com prejuízo. É uma obrigação constitucional, é um programa evidentemente de inclusão social, mas não temos as benesses das empresas particulares que podem escolher agir nas capitais, onde esse mercado é altamente rentável, onde esse mercado se mostra propício à sua ação econômica.

Portanto, essas são algumas pequenas considerações que queria deixar como pano de fundo para a reflexão que fizermos aqui no sentido de reiterar que é com essas circunstâncias que a área comercial, cada vez mais daqui para frente, precisa tratar, sempre com a preocupação – e aí vou pedir o auxílio da Deputada Juíza Denise Frossard – de que existe uma ADPC – Argüição de Descumprimento de Preceito Constitucional –, no Supremo, sobre o monopólio.

Existem algumas questões que são colocadas de maneira complementar, como, por exemplo, o trabalho da OMC em relação ao correio brasileiro no sentido de que possamos privatizar esse setor. Existe essa ação. Existe uma série de concorrências em relação ao que seria monopólio nosso. Estou querendo dizer que isso requer que a área comercial esteja atenta a esse tipo de coisa, tenha as melhores práticas comerciais possíveis, evidentemente observando todos os limites que a administração pública impõe.

Encerro essas minhas considerações iniciais, dizendo a V. Exªs que realmente a nossa preocupação é esta: garantir receita, garantir *market share* e garantir aos Correios que possam ter as ferramentas tecnológicas mais adequadas e mais contemporâneas, no sentido de enfrentar essa concorrência, que está longe de ser uma concorrência monopolizada.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Com a palavra o Relator, Deputado José Eduardo Cardozo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Inicialmente, os meus cumprimentos ao depoente.

Eu gostaria que, preliminarmente, V. Sª fizesse uma rápida digressão sobre a sua vida funcional, que cargos públicos ocupou, em que épocas.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Sr. Relator, comecei a minha vida como estagiário do antigo Instituto Brasileiro do Café. Isso há tempos idos. Já tenho 53 anos. De forma que, de lá, fui economista da Financiadora de Estudos e Projetos – Finep, por volta de 1980. Posso estar errando a data, não esperava ter de fazer esse currículo.

De lá, fui vice-presidente da Companhia Estadual de Habitação do Rio de Janeiro. Fui Superintendente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi vice-presidente de onde?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Da Cehab – Companhia Estadual de Habitação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso em que ano? Em que governo?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Foi no primeiro Governo Brizola.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Primeiro Governo Brizola.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Depois, fui Superintendente do antigo IAPAS, no Rio de Janeiro, antes que houvesse a fusão da Previdência. Recordo a V. Exª que a Previdência se estruturava em IAPAS, INAMPS e INPS.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na vice-presidência da Cehab, V. Exª foi indicado por alguém da área política?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Fui convidado pelo Secretário de habitação, que era o então Deputado Carlos Alberto Oliveira, o Caó. Não sei se V. Exª teve oportunidade de conhecê-lo. Meu amigo, ele que me indicou, ele me convidou a ir para lá. Aliás, minto, antes disso, esqueci, era da Assessoria da Presidência do BNH, no tempo do Dr. José Lopes Oliveira.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Indicado por alguém da área política?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não, convidado para assessorar o presidente e, por conta disso, fui para a vice-presidência da Cehab, no sentido exatamente de fazer intercâmbio entre um Governo de Oposição que entrava, que era o governo Brizola, e o Banco Nacional da Habitação. Depois, estive como Superintendente de Previdência no Rio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na época, indicado por alguém como Superintendente do IAPAS?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Na época, o Ministro era o Waldir Pires, hoje da CGU. Mas eu fui convidado. Depois, tive vários Ministros lá, o Rafael de Almeida Magalhães foi Ministro também nessa época.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a indicação de V. Sª para esse cargo veio de quem?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – A minha indicação nessa época, eu nunca tive, a minha indicação política foi essa agora. Eu conhecia, por exemplo, na época da Previdência, o Professor Acássio, que era amigo particular e conterrâneo do Dr. Waldir, e me convidou para ir para lá para trabalhar com ele na Cehab. No IAPAS, foi uma continuidade; já que o grupo político era o mesmo, fui convidado para ir para lá.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O grupo político qual era?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Era esse pessoal, quer dizer, não era um grupo político do qual participava. Era o Professor Acássio, Waldir Pires, que foi Ministro também da Previdência, o senhor deve se lembrar disso. Depois fiquei dez anos fora, como professor. Aí, comecei minha atividade política em Minas Gerais, fui convidado. Trabalho num grupo universitário que estava abrindo, estávamos iniciando um campus universitário em Uberlândia. Eu já conhecia o Deputado Raul Belém, o falecido Deputado Raul Belém, meu querido amigo, e o reencontrei em Uberlândia, começamos a trabalhar politicamente. Filiei-me ao PMDB...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há uma instituição de ensino em Uberlândia?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Universidade do Triângulo, a Unitri, hoje Unitri. Depois, enfim, trabalho com eles até hoje. E fui para os Correios nessa indicação que V. Exª tem em mãos. Esta, sim, participando de um grupo político.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas para informar aos Srs. Deputados que o depoente me entrega em mão uma carta dirigida, em 17 de março de 2004, ao Deputado Eunício de Oliveira, dizendo que a bancada do PMDB de Minas Gerais e o Congresso Nacional vêm, pela unanimidade de seus membros infra-assinados, indicar o nome de Carlos Eduardo Fioravanti Costa para o cargo de diretor-comercial da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Assinam: Senador Hélio Costa, Deputado Saraiva Felipe, Deputado Mauro Lopes, Deputado Fernando Diniz, Deputado João Magalhães, Deputado Marcello Siqueira, Deputada Rose de Freitas e Deputado Silas Brasileiro. É o documento que me foi entregue e será, obviamente, juntado aqui aos autos. V. Sª foi filiado ou é filiado a algum partido político?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Sou filiado ao PMDB, em Araguari, Minas Gerais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Filiado em que data?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu fui filiado em 2001.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ocupou ou ocupa algum cargo de direção partidária?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi candidato alguma vez?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas só na eleição...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Ah, sim. Fui candidato como segundo suplente do Senador Hélio Costa...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nessa última eleição.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Nessa última eleição, perfeitamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Bem, começo, então, agora já a parte mais direta do depoimento, sem prejuízo de fazer uma rápida introdução e depois voltar para que eu possa permitir às Srªs e aos Srs. Deputados e às Srªs e aos Srs. Senadores uma argüição mais dinâmica. Os Correios começaram a firmar, desde 15 de setembro de 1990, os contratos administrativos com particulares para operar agências postais, as chamadas franquias. Esses contratos foram firmados sem licitação. O senhor tem ciência do porquê foram firmados dessa maneira? E se, eventualmente, teve ciência, embora assumindo apenas, posteriormente, a sua função nos Correios, houve algum critério de indicação política para essas franquias?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Sr. Relator, como eu disse a V. Exª, eu fui assumir realmente em maio de 2004. Portanto, até onde eu sei, esse estudo para estabelecimento da rede franqueada começou em 89 e se estendeu até meados de 93. Nós chegamos a ter 1.700 franqueados nesse início, segundo eu sei. Hoje temos 1.400 e poucos porque alguns deles foram descredenciados ao longo desse tempo por motivos variados, mas não tenho como dizer a V. Exª por que os Correios não fizeram isso por licitação pública. Sei, sim, tenho esse histórico aqui, sei que V. Exª também o tem, já é de conhecimento desta Comissão, mas sei que, em 94, o Tribunal de Contas da União, através da Decisão nº 601, passou a exigir licitação para contratação de novas franquias. De lá para cá... Aliás, em 94 fez isso. Em 94 também, um pouco depois, através da Decisão nº 721, autoriza a conclusão, veja V. Exª, dos processos que estavam em andamento. Quer dizer, e aí entendo que o TCU achou que era importante. Eles foram feitos sem ser por licitação, mas o TCU autoriza a conclusão desses processos, autoriza as alterações de composição societária de franquias implantadas e autoriza mudança de endereços de franquias. De lá para cá, tenho certeza absoluta, porque, embora tenha ficado só lá um ano, saí muito recentemente, esse prazo de tempo foi muito grande, os Correios, evidentemente, não concederam mais nenhuma franquia. Elas continuaram funcionando por duas decisões do Congresso. Tiveram, inicialmente, a sua vigência prorrogada pela Lei nº 9.648, até 2002, e, posteriormente, até 2007, decisão deste Congresso, que devo dizer, particularmente, graças a Deus, assim foi feito, porque não vejo os Correios, hoje, trabalhando sem a rede franqueada. Evidentemente, isso precisa de uma série de ajustes. Nós mesmos pensávamos em propor um novo modelo, trazer ao Congresso esse novo modelo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não querendo cortar V. Sª, o senhor teve alguma informação de que foram indicações políticas essas franquias?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Indicação, eu vou dizer a V. Exª, dentro daquele compromisso que o Presidente me fez, ouvi falar isso muitas vezes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ouviu falar muitas vezes?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Muitas vezes, nos Correios, que isso pode ter acontecido. Sinceramente, eu entrei doze anos depois.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma das coisas que se fala muito, e isso constou, inclusive, de um relato que já, já menciono a V. Sª, é que existem laranjas nessas franquias, ou seja, os verdadeiros proprietários das franquias não aparecem e algumas pessoas são apenas prepostos formais e aí aparecem como proprietários. É real isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu não posso dizer isso a V. Exª, com honestidade, porque eu não tenho conhecimento de causa sobre... É como disse V. Exª, nós chamamos, nos Correios, o que a gente ouve de rádio-corredor. Esse é mais um argumento que se usa. Mas, realmente, não tenho a menor idéia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, em um processo administrativo dos Correios que apurava a fraude na ACF de Rochdale, o Sr. Marco Antônio Vieira da Silva, Diretor Regional de São Paulo, afirmou textualmente em um relatório sobre essa matéria: "Não há como saber se pessoas que atendam os requisitos para se tornarem sócios de uma franqueada estão atuando como laranjas de outros." O senhor tem ciência dessa afirmação?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – De que não é possível ter ciência?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Sr. Relator, acho que realmente ele deve ter toda a razão, porque, veja bem, isso é resolvido em nível regional. Existe uma série de requisitos para

que uma pessoa possa ser um franqueado. Cumprindo esses requisitos, não vejo como um diretor regional possa fazer uma investigação sobre a vida de alguém, ou relação, para saber se se trata de um preposto ou não. Realmente, não tenho a menor idéia, porque isso inclusive afeta a Diretoria Regional.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu pediria que o senhor me comentasse uma situação que vivenciamos aqui na CPMI, que nos surpreendeu. Nós intimamos para prestar depoimento a Srª Juliana Azeredo Duarte, que consta como uma das proprietárias da maior ACF do Brasil, que é a ACF do Shopping Tamboré. Ela foi ouvida aqui na CPMI e fez algumas observações que nos deixaram um pouco pasmos. Primeiro, que ela nunca tinha entrado na agência Shopping Tamboré. Segundo, que ela, na verdade, tinha uma renda mensal com o seu pai, que seria o proprietário, juntamente com uma outra pessoa, de aproximadamente R$10 mil por mês. Considerando que essa ACF, lá no Shopping Tamboré, em São Paulo, tem o faturamento anual de R$144 milhões 543 mil 266, parece estranho que realmente essa pessoa realmente seja a verdadeira proprietária. Aí eu pergunto, a área comercial dos correios tem ciência efetiva da capacidade financeira dos donos das ACFs? Existe algum controle sobre isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Existe um controle que é feito pela nossa Inspetoria. Ou seja, para que a pessoa seja franqueada, existe todo, como eu disse a V. Exª, um procedimento. A pessoa tem de preencher alguns requisitos que são, digamos assim, elencados pelas nossas áreas internas. Existe a área de inspetoria. E acho que, preenchendo esses requisitos, eu não posso dizer, porque isso não é tratado na Diretoria, em Brasília. Isso é tratado na Regional. Mas a inspetoria normalmente é o órgão que realmente, digamos assim, visita rotineiramente, em cada regional, as franqueadas. Agora, sobre esse processo especificamente, eu quero crer que ele deve ter cumprido os rituais dos Correios. Não vejo como. Acho que é um caso da nossa Inspetoria. O que eu imagino? Aqui, V. Exª vai me permitir dizer o seguinte. Eu estou achando que seja assim, porque não é afeto a minha Diretoria especificamente, embora o franqueado o seja, o processo de titulação de um franqueado obedece a um rito normal. Uma vez cumprido esse rito, não ficamos verificando toda vez se ele é o atual dono ou não.

Eu, normalmente, como disse a V. Exª no começo das minhas palavras, estou muito focado em receita, em *market share*, em dar um tratamento comercial que garanta aos Correios a receita de que realmente precisa para o seu custeio, para o seu investimento. Agora, se V. Exª me coloca uma questão como essa, posso dizer o seguinte. Também acho que isso é algo que deva ser investigado. Não sei. Quer dizer, a minha Diretoria não se pronuncia sobre esse aspecto.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me chamou a atenção é como é que, em tese, os Correios podem celebrar negócios tão vultosos como esse, porque, por exemplo, no caso dessa franquia são milhões, mais de uma centena de milhões de reais por ano, sem que se tenha uma visão da capacitação econômica daquele que vai assumir o negócio. Nas próprias licitações em geral, pede-se uma demonstração da saúde financeira da empresa, para verificar se ela tem lastro, suporte, para arcar com o negócio. E, neste caso aqui, temos uma pessoa física que possui uma renda diminuta em uma agência de milhões. E com algumas características. Por exemplo, o contrato feito com o ACF Shopping Tamboré diz o seguinte: "A administração da sociedade será exercida exclusivamente pelo sócio Ernesto Duarte", que era o pai dessa pessoa que veio aqui depor. E diz: "O administrador terá direito a uma retirada mensal a título de **pro labore** a ser fixado anualmente." No entanto, quando argüida aqui, a depoente disse que não sabia; que recebia absolutamente nada da empresa.

Portanto, é uma situação bastante curiosa. Quer dizer, o contrato fala em **pro labore**. Você tem um sócio administrador e, de repente, não aparece nada. E nos chamou a atenção que essa mesma ACF, que foi aqui examinada preliminarmente pela Comissão Parlamentar de Inquérito, tem um procurador, o Sr. João Leite da Silva Neto, que foi candidato a Deputado Estadual no ano de 2002. O senhor acha que existiria, além da procuração, alguma eventual ligação do Sr. João Leite Neto, que foi candidato a Deputado Estadual em 2002, com essa ACF Shopping Tamboré?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu quero dizer que eu desconheço esse... eu estou sabendo por V. Exª neste momento que essa situação pertence a esse senhor. Eu quero dizer o seguinte: a saúde financeira... e V. Exª colocou com muita pertinência. Nós acompanhamos a saúde financeira dessa empresa pela sua quitação quinzenal e pelo seu volume de faturamento para com os Correios. Quer dizer, eu não tenho... Nós, da área comercial, o nosso parâmetro é basicamente o seguinte: como tem sido a *performance* da receita dessa franqueada; como tem sido a prestação de contas dela com os Correios; se ela tem pago em dia; qual é o seu histórico. Até onde eu sei, a Tamboré é uma franquia que não é recente. Ela é antiga. Nunca mostrou problemas de pagamento com os Correios. Então, em não analisando a transferência da titularidade, eu não posso admitir que al-

guém que esteja assumindo agora não possa ter... e aí V. Exª diz que sim, mas eu não posso admitir, **a priori**, que não possa ter o perfil administrativo, dado que nós nunca tivemos problemas financeiros, pelo menos na minha gestão, com essa franqueada. Ela sempre se mostrou quites com aquilo que são os Correios e sempre mostrou um crescimento da sua receita, que é o que nos interessa.

Então, V. Exª coloca essas questões; menciona um cidadão que foi candidato a Deputado. Eu entendo a construção do raciocínio de V. Exª, que é no sentido de saber até onde os políticos podem estar envolvidos com isso. Devo dizer que se se envolveram, foi até 1993, porque, de lá para cá, não houve concessão de novas franquias. É o que eu posso dizer a V. Exª.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma outra coisa que também indago a V. Sª é se sabia o senhor, no exercício das suas funções, que mais de uma pessoa, ou que várias pessoas foram agraciadas com mais de uma franquia? Ou seja, há pessoas que têm mais de uma franquia. A diretoria dos Correios sabia disso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Sabia e até onde eu sei, procurei saber, foi permitido que uma pessoa tivesse até duas franquias.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós temos um total de dezoito pessoas que têm duas agências franqueadas cada uma. Por que isso? Por que se permitiu isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Deputado, eu volto... eu venho aqui, quer dizer, com a maior vontade de responder a todas as perguntas que V. Exª coloca. Mas, evidentemente, essa pergunta é uma pergunta... porque foram critérios estabelecidos realmente há muito tempo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não há uma apropriação dessa situação.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Exatamente. Eu não tenho como. Quais foram os argumentos que permitiram isso em 92, em 90. Eu não tenho a menor idéia. Eu sei que essa regra existe. Até onde eu sei, V. Exª coloca dezoito pessoas com duas franquias. Isso é possível nas normas dos Correios. O que não seria possível é se, em vez de dezoito pessoas com uma, fosse uma pessoa com três. Isso eu acho que não há.

Agora, se V. Exª me perguntar por que duas, eu não sei dizer por que duas. Eu tenho um modelo, que eu estava construindo nos Correios, bastante diferente desse da rede terceirizada e queria, inclusive, trazer ao Congresso para ser discutido com V. Exªs. Mas, enfim, não estou mais nos Correios e essa proposta fica agora com o cidadão que deixou lá o trabalho para ser examinado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Numa acareação realizada recentemente pela Comissão Parlamentar de Inquérito dos Bingos, o advogado Rogério Buratti, que era um dos acareados, afirmou que o Presidente da Empresa Multinacional GTech, Sr. Antônio Carlos Lino da Rocha, é dono de agências franqueadas. O senhor tem alguma ciência sobre essa situação?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Excelência, os franqueados que conheço eu os conheci num encontro que nós fizemos com a rede franqueada duas vezes enquanto eu estive lá. Para V. Exª ter idéia de como é esse relacionamento com os franqueados, como foi tenso até agora e nós procuramos "destensionar" no nosso período, em dezesseis anos nunca se fez um encontro com a rede franqueada. Enquanto eu estive lá, procuramos fazer dois encontros desse, dado que eles representam hoje um terço da nossa receita. Representam dois bilhões e duzentos milhões, mais ou menos, de receita. Então, evidentemente, eu tenho de tratar um parceiro desse, um franqueador, com o maior cuidado, com o maior carinho, com o maior respeito. Ou não se franqueia ou, em se franqueando, trata-se o franqueado comercialmente da forma mais adequada.

Então, eu conheço os franqueados que foram a esses encontros. Por exemplo, conheço muito o Dr. João Mário, que é o Presidente da Associação. Conheço a Drª Emily. Aliás, o Deputado Arnaldo Faria de Sá recomendou que ela viesse aqui, e eu acho muito importante que os franqueados possam vir aqui para dar um depoimento a V. Exª do que é o relacionamento deles com os Correios e como isso tem acontecido na história. E eles talvez muito melhor do que eu, porque participaram daquele início. Eles saberão responder a essa pergunta, por que esses critérios. Enfim, acho que é muito importante a vinda deles aqui, não só de grandes franqueados, mas como os representantes da Associação. Acho importante que venham, porque poderão elucidar isso de maneira muito mais clara.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, não quero monopolizar, tenho muitas perguntas a fazer, mas acho que poderíamos... Se V. Exªs quiserem, continuo... Então, vamos adiante.

A rede franqueada, no exercício de 2005 – então, estamos adentrando já na sua época –, atuou fortemente no mercado de franqueamento autorizado de carta. Esse serviço faz parte do monopólio garantido aos Correios, portanto, esses clientes teriam de exe-

cutar tais serviços postais com a empresa, não sendo necessário um agente interveniente no processo.

Segundo a nossa Assessoria relata, na realidade o que ocorreu foi uma verdadeira cooptação de clientes da empresa pelas ACFs. Foi verdade isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Quando me referi, Excelência, àquele relacionamento, a verdade é que a cultura de franquia que os Correios têm é muito amadora. Eu diria a V. Exª que existe uma certa resistência dos Correios às franquias, e hoje existe muito menos, na medida em que a maioria daquelas pessoas que estão lá fez escola de administração postal e tem os Correios como alguma coisa sua. E entender que o franqueado é um elemento de captação, de facilitação de conquista dos nossos clientes foi muito difícil para esse grupo entender.

Hoje, essa situação é muito mais clara. Houve, sim, migração de receita de ambas as partes. Houve os Correios tirando receita do franqueado e houve o franqueado indo em cima de clientes que eram da nossa rede própria. Ou seja, tínhamos uma situação surrealista, porque tínhamos a rede própria competindo com a rede terceirizada da própria empresa. Isso, evidentemente, não agrega nada, porque estamos falando de transferência de receita e em nada interessa para nós isso.

O fato é que, em determinados momentos, o franqueado pode prestar, em determinadas situações, alguns serviços que os Correios não têm condição de prestar, pelo menos gratuitamente. Isso torna o produto muito mais atrativo. Então, isso realmente houve, até porque de ambas as partes, e tenho certeza de que no decorrer desse depoimento poderemos deixar isso muito claro, houve ações de ambos os lados predatórias. E isso em nada, não vi, conheço franquia, a teoria da franquia razoavelmente e não vejo como você pode estabelecer uma franquia e ter nela um concorrente; e o franqueado também não ter a mínima confiança na política de franquia da qual ele participa.

Então, isso houve, sim. Os Correios precisam mudar isso, e está mudando isso. E essa proposta de remodelagem da rede passa também por aí.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma coisa que me chamou a atenção nos estudos feitos pelo Tribunal de Contas da União é que, com essa migração, tivemos realmente uma situação de perda substantiva para os Correios. Quer dizer, embora V. Sª tenha dito que houve aí uma compensação, registra-se uma perda brutal para os Correios, pelo menos é o que a auditoria levanta.

Apenas para que V. Sª tenha noção, aqui há um levantamento, por exemplo, daquilo que aconteceu na cidade de São Paulo e também em outras cidades do País. Então, temos aqui várias ACFs, em que houve migração do Banco Itaú, do Unibanco, do Banco ABN Amro Real, do Banco Santander, então, uma migração bastante forte. E isso implicou uma elevação de gastos com o comissionamento dos Correios da ordem de R$4,937.893 milhões, por essa auditoria. Aparentemente, essa migração não tinha razão de ser, pelo menos na detecção que foi feita pela auditoria do TCU. Por que os Correios resolveram abrir mão dessa receita e com claro beneficiamento específico de algumas agências, de algumas franqueadas?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Vou pedir a V. Exª um tempinho um pouco maior para fazer um histórico, porque acho que colocaremos essa questão com mais clareza.

Os Correios, em 2001, quando reformularam seu FAC, autorizaram a rede franqueada para que trabalhasse com determinados clientes em condições especiais. E isso se dá em relação ao volume. Então, em 2001, o que os Correios fizeram? Começaram a permitir a vinculação e criaram a figura da média histórica. O que é a média histórica? Temos um franqueado, onde tínhamos os seguintes serviços: SEED, máquina de franquear, onde pagamos aquela tabela "a", que V. Exª já deve conhecer, que varia de 10% a 40%, inversamente proporcional ao faturamento. Para que isso? Para permitir que os pequenos franqueados no interior deste País, lá no Nordeste e tal, possam, faturando 40%, prestar um serviço minimamente digno; e, nos grandes centros, quanto mais fatura, menor é a comissão.

Os Correios chegaram para o franqueado e basicamente – desculpem-me a maneira didática, eu sei que V. Exª também é professor e entenderá isso – diz o seguinte: "Olha, eu tenho aqui um cliente que tem 10 mil objetos. Desses 10 mil objetos, cinco mil foram coletados por trabalho dos Correios e cinco mil foram trazidos pelo senhor franqueado. Eu não vou pagar comissão. Na hora que nós formos fazer um contato único de FAC, esse contrato vai ter 10 mil objetos. Eu só vou pagar comissão sobre cinco mil, porque o resto já era trabalho meu. Eu vou pagar sobre trabalho que você, franqueado, trouxe para a minha rede". Fizemos o contrato FAC em 2001. E, durante muito tempo, pagamos comissão ao franqueado sobre esse valor. Qual é o objetivo da média histórica? É fazer exatamente o que V. Exª disse: não transfira para os Correios, para o franqueado, um benefício sobre uma comissão que teria sido trabalho dos Correios. Mas, em compensação, respeite também aquilo que já foi pago e foi trazido por trabalho do franqueado. Esse é o respeito a uma relação comercial que a média histórica, sabiamente, estabeleceu. Então, isso ocorreu em 2001, 2002.

Em 2002, os Correios resolveram, unilateralmente – eu não estava em 2003, pois entrei em 2004 –, não pagar mais isso. Decidiram que todos eram clientes deles. "O faturamento é meu, mesmo você tendo trazido esse seu faturamento para nós, eu não pago mais".

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que se decidiu isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não sei, Excelência. O que quero dizer é o seguinte: quando se decidiu isso, a Telemar abandonou os Correios. Nós tivemos um enorme trabalho para trazer a Telemar de volta. Vou mostrar depois o exemplo do Ministério da Saúde, que acho que é muito eloqüente para a apreciação de V. Exª e para mim, principalmente, como Diretor Comercial, porque foi perda de receita, porque o cliente saiu.

Mas, enfim, os Correios fizeram isso unilateralmente e criaram dois impasses para nós. Quais são os atores desse cenário? Os atores desse cenário são os franqueados; o cliente que, para nós, é o mais importante de tudo, são os clientes coorporativos, que faturam muito; e nós. Criaram-se dois problemas. Vamos começar pelo franqueado. V. Exª, se tiver a oportunidade de conversar com os franqueados vai ver que, nessa época, eles pensaram até em entrar com uma ação contra os Correios. Quando nós – V. Exª é professor de Direito e saberá com bastante clareza – suspendemos esse serviço, nós, em 2001, havíamos induzido ao franqueado que trabalhasse... O FAC, para ser atendido, tem um pré-trabalho daqueles objetos. Então, o franqueado oferecia manuseio, armazenagem, coleta e impressão de dados. Isso tornava o produto muito atrativo. Na hora em que a gente cancela isso, eu tenho um problema com o franqueado, e o franqueado chega para mim e diz o seguinte: "Você me fez investir nisso. Você reconheceu que isso era meu e você, agora, não reconhece mais e não paga mais a comissão devida". Esse foi o problema que se deu com o franqueado.

Quanto ao problema com o cliente, esse diz o seguinte: "Olha, tudo bem, Correios. Você agora substitua, a seu custo, por seu ônus, o serviço que o franqueado me dá, que é o de coleta, que é o de impressão, que é o de armazenamento". E os Correios não têm como fazer isso. Primeiro, porque não têm impressora; segundo, têm coleta, mas não podem dá-la de graça, eles cobram; e, terceiro, que manuseio e armazenagem, se os Correios quisessem, fazer, teriam que contratar gente e, portanto, teriam que investir nisso a um custo muito grande, já comparável com o custo que se paga a comissão. Depois, mesmo se eles quisessem e tivessem direito, o Dest não deixaria. O Departamento de Coordenação e Controle das Despesas Estatais não deixa que se contrate gente para esse tipo de coisa assim. Os Correios não podem contratar à vontade. Então, o cliente chega para nós e diz o seguinte: "Olha, eu tenho, na minha porta, várias empresas que me oferecem o serviço 40% menor que o seu. Se você me tira o que o franqueado me dá, eu não tenho como ficar aqui". Por isso, a Telemar saiu. Isso não é de agora.

Eu tenho cartas aqui, que V. Exª deve ter também, escritas pelos franqueados para nós, dizendo da sua preocupação em relação... Há carta aqui, por exemplo, do Unibanco; do Banco Real. Nós temos cartas de vários clientes dizendo exatamente isso. Vou, rapidamente, achar para a V. Exª. As cartas diziam exatamente: ou nós substituiríamos aquilo que o franqueado dava... O que o franqueado faz? Ele sacrifica parte do seu lucro e oferece em função do volume. Por isso, os grandes clientes começaram a reclamar de nós; e por isso nós tivemos, forçosamente, pelo risco de ter uma perda de receita, que retornar à posição anterior, ou seja, rever a decisão de não vincular a tornar a vincular, porque, para nós, é altamente positivo.

Vou me antecipar, mas V. Exª fez uma afirmação que, se fosse verdade, seria extremamente preocupante. Mas tenho aqui o faturamento das quatro maiores franqueadas que fazem parte, por exemplo, desse contexto. Está aqui, por exemplo, a Anchieta, a Carlos Gomes, Cidade Ademar e Shopping Tamboré. Separei os períodos de janeiro a maio de 2004 – eu não estava lá – e de janeiro a maio de 2005. Devo dizer a V. Exª, por exemplo, quanto à ACF Anchieta, o seu faturamento em média R$5,28 milhões/mês, de janeiro a maio de 2004. De janeiro a maio de 2005, ela passou de R$5 milhões para R$8,16 milhões – faturamento bruto.

A comissão, para essa franqueada, era, em janeiro de 2004, de 11,18%. Portanto, R$671 mil de R$6 milhões. Em janeiro de 2005, ela foi para 5,52% e nós pagamos, nesse mês, R$631 mil. Ou seja, pagamos menos em valores reais sobre um faturamento que foi 40% maior. Então, dizer que houve uma perda... É que a análise comercial dessas coisas não é uma análise linear. Existe uma série de coisas. Vou dar um exemplo a V. Exª para efeito de raciocínio... Deixa só eu terminar os outro dados.

Na ACF Carlos Gomes, passou de R$970 mil para R$3,9 milhões; a comissão caiu em média de 14,25% para 5,30%.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aumentou quantitativamente.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – A receita bruta passou de R$980 mil para R$3,9 milhões. Isso é receita bruta, mas o que eu pago a ele caiu de 14% para 5,30%

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas quantitativamente?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Quantitativamente foi de R$152 mil para R$200 mil.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então subiu quantitativamente.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – E quanto os Correios ganharam nisso? Os Correios ganharam de R$900 mil para R$3 milhões.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não estou polemizando em cima disso, dos percentuais. O que estou dizendo é que, pelo relatório da auditoria da União, os Correios, com essa operação, passaram a pagar mais de comissionamento R$10 milhões. Houve uma perda para os Correios.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – V. Exª tem toda razão.

Mas quero dizer o seguinte, vou fazer um raciocínio bem simples: alguém oferece uma redução de preço, vamos dizer uma loja oferece para vender mais e ter o faturamento muito maior. Se não fosse a redução, não venderia mais.

Quero dizer a V. Exª o seguinte: não me importo em pagar nominalmente mais para os franqueados, desde que percentualmente eu esteja pagando menos e o que esteja entrando no meu cofre seja muito mais do que entrava antes de pagar franquia.

Por exemplo, há o caso do Ministério da Saúde. Vou dar o exemplo que está aqui na minha frente: o Ministério da Saúde, em 2000, começou a ser trabalhado por um franqueado; esse franqueado levou a receita de R$2 milhões para R$11 milhões. Em 2003, cancelou-se o contrato. Essa receita caiu de R$11,1 milhões para R$2,8 milhões. Sobre R$2,8 milhões, não pago nada, não transfiro nada; sobre R$11,1 milhões, eu pagava R$1,5 milhão e ficava com R$9,5 milhões. Evidentemente, eu prefiro pagar R$1,1 milhão e ficar com R$9,5 milhões do que não pagar nada e ficar com R$2,8 milhões.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foram autorizadas essas migrações, houve um estudo financeiro que demonstrava claramente em que caso a migração seria recomendável ou não?

Veja, o senhor diz que a migração determinou uma elevação, obviamente, de demanda, portanto, de receita.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Sem dúvida alguma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não sabemos até agora se realmente foi a migração que determinou ou existiram outros fatores que podem ter implicado nessa elevação. Há algum estudo econômico, individualizado que demonstrou que, em alguns casos, a migração era rentável para os Correios e em outros casos não?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – A priori, na área comercial, esse estudo prévio torna imponderável a certeza **a priori**; ninguém erraria comercialmente se isso fosse possível. O que sabemos de informação, e V. Exª tem razão quando pergunta, é o seguinte: se eu não tenho objetos que o franqueado possa receber, o que o franqueado faz? Ele pega determinados objetos e, em vez de colocar no contrato FAC, sobre o qual ele não está ganhando nada, coloca isso como Seed, passa para máquina de franquear, porque a comissão dele é mais do que o dobro quando recebe por FAC. Veja V. Exª que, no Seed, a comissão é 14%, 13%; no FAC, é de 5%, além de, com relação ao FAC, termos um controle muito maior. Ele coloca lá. Por isso, V. Exª vai examinar que houve uma migração de receita de máquina de franquear para o contrato FAC, o que para nós é muito bom.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vejo aí um problema de análise, porque, como o FAC passou a ser mais controlado, talvez o que existisse antes fosse mera evasão daquilo que deveria ter sido controlado e não uma efetiva elevação da demanda.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Mas o número não é só de receita; são objetos. Objetos que passam...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sabemos que existem fraudes nas franqueadas...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Ah, sim, Excelência.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, se os contratos FAC permitiram um controle maior, talvez a elevação de demanda tenha se dado pelo controle maior e não efetivamente porque a migração favoreceu a utilização.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu entendo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, se fosse implantado um controle na situação anterior, a quantificação teria sido dada, e os Correios não teriam perdido.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu faria duas ponderações. Não existia falta de controle na situação anterior. Nas grandes franqueadas, onde está a maioria da nossa receita, temos máquinas digitalizadas há algum tempo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No Estado de São Paulo, apenas 60% da rede têm.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Setenta por cento do total da rede e 90% da receita.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não. O dado da receita não parece muito positivo, porque pode haver uma evasão tão grande nas outras que não têm que, efetivamente, a situação não ficaria boa. O que eu quero ponderar a V. Sª é que quase 40%, 35% do Estado de São Paulo, que estamos pegando como exemplo, ainda não tinham efetivamente as máquinas digitais.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Do número de franqueados. Agora, o relatório que nós temos de São Paulo é que esses 35% não representam 30% da receita.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, talvez... O que estou questionando é que, como obviamente a máquina digital implica uma obtenção maior de receita, porque implica menos evasão, esse percentual não é bom para esse cálculo; ou seja, pode ser que os 35%, se fossem digitalizados, teriam um crescimento muito maior no percentual de receita.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Pode ser, se V. Exª achar que isso se verifica como verdade. A inspetoria tem atuado em São Paulo com muita firmeza. O que tem sido detectado tem sido punido. O que eu quero voltar a dizer a V. Exª...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa questão da firmeza não nos pareceu muito clara nos depoimentos anteriores, se V. Exª nos permite dizer. O próprio diretor que o antecedeu, acho que foi o Sr. Madureira, chega a falar de uma evasão imensa de recursos – foge-me agora o número –, por força da não adoção das máquinas digitais. Disse também que a Diretoria dos Correios tinha essa percepção, mas, infelizmente, por uma série de razões, não teve oportunidade de implantar.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não. Segundo eu soube, a diretoria anterior comprou um número grande de máquinas de franquear digitais de um tipo só, que, pelo seu tamanho e pelo seu porte, tiveram de ser colocadas nos grandes franqueados, principalmente em São Paulo, na nossa rede própria, porque não são compatíveis com as instalações dos franqueados menores.

Mas veja V. Exª que nós, na minha época, já tínhamos mandado fazer um levantamento para ter quatro ou cinco tipos de máquinas de franquear que pudessem ser adaptáveis aos quatro ou cinco tipos de franqueados que temos em tamanho para que possamos fazer isso.

Quanto ao número de receita, volto a dizer a V. Exª o seguinte: gostaria de que V. Exª levasse esse dado em consideração, porque esse é o dado financeiro de que o diretor comercial trata. Nós tivemos um aumento de receita nessas franquias específicas da ordem de 40% a 50% em todas, com percentual de pagamento de comissão sempre muito menor. Se V. Exª disser o seguinte: "Você pagou um pouco mais?" Eu paguei um pouco mais ao franqueado, mas o que entrou, por conta dessa ação, de dinheiro para os cofres dos Correios foi muito maior. É muito maior do que a situação anterior.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que eu estou questionando, se V. Exª me permite...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Sem dúvida.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...é que não existe uma demonstração clara de que a causa dessa elevação seja a migração. Pode ser aumento do controle, pode ser uma série de situações novas. Ou seja, não há uma demonstração técnica – os Correios parece que não têm isso – de que a migração elevou a demanda; ou seja, a causa da elevação não é necessariamente a migração. Podem ser outros mecanismos como, por exemplo, o controle. É essa a questão que estamos fazendo.

Há um dado que nos chama a atenção. Eu gostaria de ouvi-lo. No dia 1º de novembro de 2004, preocupado até com o desempenho operacional dos últimos anos e com a fidelidade dos seus clientes, a Abrapost, Associação Brasileira de Empresas Prestadoras de Serviços Postais, firmou um acordo com os Correios com a preocupação de recuperar os resultados da empresa estatal. Naquela oportunidade, foi firmado um compromisso em que se viu o seguinte: que as partes, Correios e as empresas, deverão respeitar e preservar a manutenção de clientes já atendidos pela outra parte acordante em face desses, não agindo ou se omitindo de qualquer forma com o propósito de obter a execução de respectivos contratos. Ou seja, houve um pacto, uma disputa de clientela. Isso foi feito em 1º de novembro de 2004. O que chama a atenção é que, depois disso, foi deferida, sem estudos técnicos, pelo menos que nós saibamos, uma série de migrações que, segundo o Tribunal de Contas da União, implica uma perda efetiva de numerário de R$10 milhões para os Correios. Por que essas migrações foram feitas nessas condições, sem estudo técnico, quando havia um acordo de não disputa de mercado entre a Abraport e os Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – É. Então eu vou começar respondendo. Quando Vossa Excelência diz que há um pacto, é porque, se houve um pacto, havia a situação anterior de beligerância. Portanto, houve um pacto.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a pacificação a partir daí?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – A partir daí. A questão desses franqueamentos específicos é uma questão, a meu ver, excepcional. Por quê? Porque ele já fora autorizado em 2001. O franqueamento, via rede terceirizada, é sempre um pedido do cliente. Não é uma iniciativa nossa e, muito menos, do franqueado. O franqueado, inclusive, pode não aceitar. Por quê? Eu vou dizer agora, responder à V. Exª em uma outra...

Bom, deixe-me antes terminar os questionamentos de V. Exª.

Tem um dado aqui interessante. V. Exª, o TCU, enfim, alguém diz que está havendo migração para a rede de franqueados, os franqueados estão ganhando mais e que isso não se dá em função de um ganho do Correio. Eu vejo o seguinte: nós temos uma parceria, e eu não me importo com o que meu parceiro ganha, desde que eu ganhe mais do que ele. O que parece um crime é a rede franqueada ganhar, mesmo que o Correio ganhe. Eu, sinceramente, não penso assim, Deputado. Eu acho que o franqueado é um instrumento comercial. Ele tem que ganhar, por isso a franquia, e não vejo que esteja havendo um maior faturamento do franqueado sem que haja um faturamento substancialmente maior por parte do Correio nessa ação específica.

Veja, V. Exª, um dado interessante. Em 2003, a receita dos franqueados foi R$1,800 bilhão. Nós pagamos R$493, e isso representou 27%. Em 2004, foi R$2,300, pagamos R$581, caiu de 27 para 25%. E, nos primeiros meses de 2005, ela foi de R$1,300 milhão até maio, nós pagamos 254, e ela caiu para 22. Então, veja, nos três anos, ela caiu de 27 para 25 para 22. Isso é incompatível com a afirmação de que há uma transferência para os franqueados. Os franqueados... Nós estamos pagando cada vez, percentualmente, menos, ou seja...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas quantitativamente mais. Se você tem uma elevação da demanda, que eu não sei exatamente a causa, pode ser o controle, o senhor, fatalmente, tem uma elevação, uma diminuição percentual, mas um ganho maior para o franqueado. E, portanto, um desembolso maior dos Correios. Ou seja, o percentual é perverso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu acho que...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu me lembro de uma brincadeira, se V. Exª me permite...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Com o maior prazer.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando um médico, atendendo um paciente que tinha febre, ele pediu para colocar os pés do paciente no refrigerador, porque aí a temperatura média ficaria equilibrada e resolveria o problema. O percentual, sempre trabalhando nesta linha, tem esse problema. Eu posso ter uma redução brutal de percentual, e o franqueado ganhar muito mais e o Correio ganhar ou pagar muito mais.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Olha, eu tenho maior prazer de estar aqui com V. Exª, como Relator, porque admiro muito a dialética e o poder que, como advogado, V. Exª tem de construir o seu raciocínio....

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muito obrigado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Mas eu quero dizer à V. Exª o seguinte: embora tudo isso seja possível, é muito estranho, também, que, logo após a adoção dessa veiculação – e só por esse motivo –, a receita tenha aumentado e o percentual caído...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na medida em que o senhor implantou um novo sistema de controle...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Mas o controle já tinha sido implantado há muito tempo. Tem um novo sistema colocado aí, Deputado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor falou, no caso de ter sido feito isso, aumentava os controles. Foi a palavra de V. Srª.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Isso, no FAC em 2001.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu estou falando dos dados do início de 2005, comparados à...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve nenhuma mudança de controle?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Nada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Absolutamente, nada?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Nada! O controle é sempre feito pela Inspetoria, muito assiduamente, na minha opinião. Isso é uma função das diretorias regionais. Os relatórios que nós recebemos da Inspetoria são: visitamos tantas franquias neste mês, fechamos tantas, temos esses processos, abrimos tantos processos... Isso é o que a gente recebe.

Agora, veja V. Exª: se num determinado momento, nós tomamos uma ação e, como a gente diz em economia, **ceteris paribus**, mantidas as outras variáveis iguais, se houve um aumento de receita, é natural que se suponha que o aumento de receita tenha derivado daquela medida específica. Por quê? As medidas de controle a que V. Exª alude, elas sempre foram as mesmas, foram adequadas igualmente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí, agora, uma pergunta que se encaixa aqui. Por que, em certos casos, se admitiu a migração e em outros casos não, se não havia um estudo uniforme, era uma percepção, que o senhor mesmo disse, do que deveria ser? Porque há certos casos em que não houve autorização para a migração e, em outros casos, houve.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu acho... Neste não... Eu posso dizer na minha gestão. Nesse caso houve, porque neste caso – eu me lembro que o Dr. Marco Vieira esteve aqui –, ele falou sobre a questão da ética e V. Exª, usou esta palavra e falou em ética dos cofres públicos e tal... Eu quero dizer à V. Exª o seguinte...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma divergência valorativa, axiológica.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Pois é, exatamente. Então, o que eu quero dizer à V. Exª é o seguinte: nós tínhamos reconhecido, em 2001, nesses casos específicos, a vinculação e tínhamos pago comissões a ela. Depois, unilateralmente, rompemos, e, depois, pela perda de clientes e pela estagnação da receita, nós entendemos que a medida comercial fosse voltar a vincular nesses casos que já tinham uma decisão anterior de vinculação. Veja bem, a veiculação na rede franqueada não é proibida. Ela deve ser examinada em relação à sua adequabilidade ou momento comercial.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já que não houve um estudo técnico, prévio, mostrando ganhos e perdas, por que em certos casos foi deferida a migração e em outros casos não foi deferida?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Porque nesses casos os clientes, especificamente, através dessas cartas que estão aqui, desses pedidos, reiteraram aos Correios, ao ponto de chegarem a dizer o seguinte: ou você oferece o que o franqueado oferecia, o que a sua rede terceirizada oferecia e torna esse produto atrativo para nós, ou nós não temos condição de continuar com essa...Assim como fez o Ministério da Saúde. Imagine V. Exª, o Ministério da Saúde deveria ter um compromisso com os Correios mais íntimo, porque é Governo, mas mudou rapidamente, drasticamente, de um ano para outro! Imagine V. Exª se isso tivesse acontecido com esses grandes clientes! Nós não estávamos falando em R$10 milhões em um ano. Nós estávamos falando em R$200 milhões, em um ano. Aí talvez eu não estivesse aqui respondendo sobre esse assunto, porque no Governo há uma situação...Eu sinto isso. V. Exª vai me permitir este desabafo: se você tiver prejuízo de acordo com as normas, não haverá problema algum. Se você tiver lucro com alguma criatividade, você poderá ter que responder por alguma ação sua de criatividade, por exercer um expertise para o qual você foi indicado para aquele cargo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No mundo privado, isso é perfeito, mas no mundo público não.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Pois é. Mas nós não...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O mundo público se pauta por outros critérios que não o lucro e entre os quais isonomia.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – E respeitando todos esses critérios, sem dúvida alguma. Eu volto a dizer a V. Exª que o meu objetivo maior sempre foi, respeitando isso, o lucro dos Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que nos surpreende e surpreendeu também o Tribunal de Contas da União com relação a essa matéria? Foram autorizadas migrações de bancos importantes. É claro, quando foi autorizada a migração, isso favoreceu alguns franqueados que passaram a atender. No entanto, houve caso de indeferimento. Cito o exemplo do Finivest do Rio de Janeiro. Esse cliente pleiteou a migração e ela não foi permitida. Curiosamente, nesse parecer emitido pelo gerente comercial da Diretoria Comercial do Rio de Janeiro, Sr. Gilberto de Almeida Trentin, ele frisa,no final, o seguinte: Diante do exposto, solicitamos que se mantenha, sob pena de abrirmos uma exceção perigosa para outros casos posteriores, principalmente com o objetivo de coibir esse tipo de prática que não traduz resultados positivos para a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Ou seja, no Rio de Janeiro, se firma a posição de que essa prática não é boa. No entanto, em São Paulo e

outros Estados, se autoriza, com claro beneficiamento de algumas franqueadas.

Vou concluir meu raciocínio. Espero que V. Sª...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Refute.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A primeira argüição que fiz foi se havia influência política nas franquias. É possível que sim, porque foram feitas sem licitação. Há indicadores até de que possa haver. Depois de que existem "laranjas" nessas franquias. Posteriormente, nós temos algumas franquias autorizadas e outras não, sem um estudo técnico que as anteceda. Por exemplo, nós tivemos em São Paulo franquias que tiveram ganhos impressionantes com essa autorização. Eu até vou mostrar-lhe aqui: dentre os vinte maiores clientes de 2004 estão o Banco Itaú, o Unibanco, o Real e o Santander. Eles tiveram autorizada a sua respectiva migração. Algumas franqueadas, como a de cidade de Adhemar, em São Paulo, tiveram um ganho brutal, do ponto de vista desse privilegiamento. No entanto, essa do Rio de Janeiro não teve, recebeu um indeferimento, com a argumentação de que seria um precedente grave e que isso traria prejuízos à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Isso nos leva a supor, diante da falta de um estudo técnico....Isso foi cobrado, na reunião anterior, pelo Senador Wellington. O que justifica isso? Por que em alguns casos a resposta é sim e em outros é não? Sabendo-se que pode haver influência política por trás disso, esse é o nosso temor; ou seja, que o critério tenha sido político para beneficiamento do certas franqueadas. Quem, evidentemente, não tinha um bom pedido por trás, teve o seu pedido indeferido.

Como V. Sª avaliaria essa situação?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Eu avaliaria isso, primeiro, dizendo a V. Exª o seguinte: no caso da Fininvest o pedido foi feito, porque, se não me engano, o Unibanco ou o Itaú adquiriu e pediu tratamento idêntico. Acontece o seguinte, por que o diretor do Rio... Eu não discordo dele nesse caso. Veja bem, esse caso nunca foi vinculado à rede franqueada anteriormente. Era trabalho só dos Correios. Por que eu vou transferir para o franqueado isso? Naqueles contratos anteriores induzimos o franqueado a investir, têm receitas, têm objetos trazidos que fazem parte hoje do nosso ativo, que são objetos trazidos pela rede franqueada. Então, veja bem, V. Exª, peço atenção para esse aspecto. No caso da Fininvest não tinha havido vinculação, o trabalho é só dos Correios, e nesse caso o diretor também está defendendo a receita do Estado dele. Ele não quer que isso passe ao Unibanco, porque isso vai para São Paulo, a receita vai para o DR de São Paulo. Então, é uma questão de defender a sua região, a sua região administrativa, ele não pensa nos Correios como um todo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas V. Srª poderia ter coibido esse regionalismo.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, eu acho, eu não coibiria porque nunca teve no franqueado anteriormente, diferentemente dos outros, que já tiveram em franqueados, e tinham objetos no contrato anterior que pertenciam aos franqueados. Isso é o que quero que V. Exª entenda. Isso foi o que o Dr. Marco Antonio disse, talvez usando termo inadequado de uma questão de ética. O que ele disse foi o seguinte: o senhor tinha uma receita comigo, o franqueado tinha, eu, em determinado momento, disse que não é mais dele, é minha. E agora, veja, V. Exª...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Passados quatro anos, eu resolvo devolver sem nenhum estudo técnico. Em alguns casos.

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Não, não, antes de dizer o estudo técnico, eu volto a dizer a V. Exª o seguinte: primeiro o cliente me diz o seguinte: você, Correios, tinha esse serviço para comigo e permitiu a vinculação; por permitir essa vinculação, os franqueados me dão [vou dizer de novo] coleta, manuseio, impressão; ou você me dá isso, substituindo quando você tira o franqueado ou eu vou para a concorrência. Então antes de ter o estudo que signifique o aumento de receita, tem que ter cuidado de não perder o cliente e depois estar amargando um prejuízo muito grande de evasão de receita. Isso é fundamental! Isso não sou eu quem está dizendo a V. Exª. O Marco Antonio recebeu durante um ou dois anos essa pressão, elas foram ratificadas em cartas, a mim, pessoalmente, em Brasília. Estou dizendo a V. Exª que a Telemar chegou a sair dos Correios e voltar posteriormente.

O senhor está falando de um prejuízo de dez milhões num ano, 900 por mês e tal. Só no Ministério da Saúde são oito milhões por ano, e ninguém fala nada. Ninguém reclama que estamos tendo um prejuízo, porque a gente tirou o franqueado e a receita caiu de 11 para dois. Eu não pago nada sobre dois, pagava sobre 11 e tinha 9,5. Tenho agora uma receita, um prejuízo que beira 90 e ninguém reclama, porque ele foi feito de acordo com a norma, mas o prejuízo é igual. Isso é *market share*. Para recuperar isso agora, Exª, é muito difícil. Se esse movimento acontece com os grandes clientes, para trazê-los de volta, primeiro a perda de receita é enorme... Isso aconteceu com a Telemar, não é uma presunção. Antes de aumento de receita, temos que preservar, fidelizar o cliente. Se ele tinha esses serviços dado pela rede franqueada, é no

normal que, se os Correios não permite mais a franquia, ele, Correios, preste serviços. Se eu não posso prestar, é natural que vincule de novo, porque senão o produto não é atrativo. E aí vem a questão da média histórica, antecipo-me, até uma colocação de V. Exª, é o seguinte, ...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se V. Sª permitir, eu vou entrar depois especificamente na média histórica. Quero permitir aos Srs. Deputados porque eu tenho um bloco de ...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Estamos com uma dúvida aqui, eu e a Deputada Denise. Quem é o concorrente que colocava em perigo? Quais são os concorrentes que colocam em perigo...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Deputado, a Abraed tem mais de três mil empresas registradas de *motos-boys*, empresas pequenas, ainda têm a Fedex, ainda tem uma série de empresas. Então, isso aí... Veja bem, esses mesmos concorrentes são esses concorrentes contra os quais o nosso departamento jurídico entra com várias ações. Por exemplo, no Nordeste tem uma empresa chamada Fatecs, se não me engano, no Sergipe e tal, ela está pegando quase todo o mercado dos Correios e naquilo que deveria ser monopólio nosso. Entramos com uma ação liminar, ganhamos no...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – No caso do Ministério da Saúde, qual o...

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – São os mesmos concorrentes. Em Brasília, existem várias empresas de *motos-boys*. Em São Paulo, segundo eu soube, terra do Deputado, tem mais de 250 mil *motos-boys* trabalhando para essas empresas. Então isso existe.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas em Brasília tem esse poder?

O SR. CLÁUDIO ROBERTO MOURÃO DA SILVEIRA – Tem, em Brasília, todos os grandes centros, Deputado... Como não sou do Departamento Jurídico, eu posso dizer o seguinte: isso existe, existem ações contra essas empresas, a Fatecs, chegamos a ganhar no Tribunal Regional Federal e ela conseguiu depois cassar. Nós estamos nessa briga há quatro anos com eles. Temos uma decisão favorável ao nosso favor, eles reverteram novamente, continuam agindo, continuam transportando cartas e telegramas, que é monopólio nosso. Várias empresas concessionárias de serviço público também contratam esses concorrentes. E digo mais a V. Exª, existem grandes organismos públicos que fazem licitação para contratação do que seria monopólio. Temos que ir a esse órgão e dizer o seguinte: "Olha, isso que o senhor está licitando é monopólio, o senhor não pode fazer isso." E não estou dizendo empresas estatais pequenas, não. Estou dizendo empresas estatais grandes. Se V. Exª for ao jurídico dos Correios e pedir isso, vai ver o número de ações que temos contra essas empresas. Então, quando eu disse, V. Exª ainda não tinha chegado, mas eu repito, com o maior prazer, esse mercado, esse monopólio existe de direito, porque, de fato, ele não existe, cada vez é menor.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Exatamente, então o monopólio está sendo quebrado na...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ele está sendo peitado na marra.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Na marra.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Na marra, V. Exª não tenha dúvida. Isso eu disse ao Deputado, nas minhas exposições iniciais, e ele fez assim um semblante, talvez porque eu estivesse falando desse assunto.

Mas, V. Exª veja bem, o monopólio vem sendo contestado por essas empresas. Os grandes paises capitalistas, através da OMC, fazem pressão para que o Brasil privatize o seu setor postal. Temos argüição de monopólio no Supremo. Temos uma série de indicativos, e o Correio passou por um processo em 2002 e quase foi privatizado. Houve esse movimento.

Não sou contra privatização, acho que é um estudo de caso. Mas acho que nos Correios, particularmente, é totalmente inadequado. Porque se o senhor for em São Paulo ou em uma dessas empresas aqui em Brasília e quiser postar uma carta daqui para Belo Horizonte ele faz, mas se o senhor quiser para o interior do Amazonas ele manda botar no Correio, porque ele não vai entregar. Eles só querem trabalhar onde está o filé.

E o Correio, como tem que trabalhar em todos os lugares, traz esse *overhead* de custo para os seus produtos. Por isso tem preços bem mais acima da média. Se não houver a conivência com a rede terceirizada, para que ela dentro da sua margem ofereça serviços, a gente não como competir – não tem como.

E digo mais a V. Exª, se por acaso quebrarem o monopólio, o Correio quebra em quatro meses. O Correio não agüenta ter que estar em todos os Municípios do Brasil, 80% deles com prejuízo, e ter que ser uma empresa competitiva e dar lucro. Não agüenta. Digo ao senhor com todas as letras. E todo mundo no Correio sabe disso.

Essa parceria comercial tem que visar receita, porque temos um custo altíssimo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não agüenta, na sua opinião, por causa da concorrência ou na agüenta por causa de um relatório, pelos fatos

que esse relatório levanta? Ou seja, que a administração dos Correios é...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – V. Exª há de entender que a gente lê com a leitura que a gente quer fazer. Eu procuro a que seja a mais isenta possível. Mas digo a V. Exª, na minha gestão, por exemplo, no tempo em que eu estive lá, nós aumentamos a receita em 17%. Se V. Exª tirar desse valor 8%, que foi reajuste de tarifa, crescemos 9% real. Enquanto o País cresceu nesse período 1,8%. Então, acho que nós tivemos uma *performance* comercial muito grande.

Se V. Exª perguntar: eu acho que o Correio ter equilíbrio entre receita e despesa já é um grande negócio. Por quê? Porque o custo social que a gente tem de estar presente nesses Municípios todos, com Banco Postal, com uma série de coisas, promovendo inclusão social, é muitíssimo grande.

Então, eu acho que se se privatizar vai acontecer como aconteceu, por exemplo, na Argentina, se privatizou e se voltou atrás depois, porque o capital não vai para esses lugares. O capital só vai para onde tem atividade econômica, onde possa ter lucro.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Deputado Silvio, gostaria que V. Exª aguardasse a oportunidade, pela ordem de inscrição...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A ordem...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu vou pedir, Sr. Presidente, que monopolize...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Que eu possa encerrar a minha participação rapidamente.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A Deputada Denise está na frente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu vou pedir para o Sr. Presidente...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, eu aguardo. Não há problema.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Então, eu agradeço a compreensão de V. Exª, porque o sempre combativo Deputado Arnaldo Faria de Sá já gesticulava dali, por ser ele o segundo inscrito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu voltarei, então, gradativamente para não monopolizar.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu estou errado, Presidente?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Em absoluto, é um direito seu. V. Exª nunca erra, Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se não for eu o inscrito, eu fico quieto.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Concedo a palavra ao Deputado Maurício Rands. (Ausente.)

Ao Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quanto tempo o depoente trabalhou nos Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Trabalhei nos Correios durante 13 meses, Deputado. A rigor, eu fui nomeado no dia 28 de abril, comecei trabalhar em maio e fiquei até final de maio de 2005, 13 meses.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E por que em tão pouco tempo você ficou tão envolvido com a questão Correio?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Por quê? Porque eu era diretor de uma diretoria comercial responsável por trazer para o Correio 95% da sua receita para bancar custeio e investimentos. Ou seja, dos 7,5 bilhões, 7,2 entram. Então, você tem que realmente vestir a camisa, senão...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A proporção entre o tempo que o senhor trabalhou no Correio e o seu envolvimento é muito grande. Antes de trabalhar no Correio tinha alguma perspectiva?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não tinha a menor idéia do que era Correios. Volto a dizer, Exª, o fato de ser economista, administrador e professor me ajudou muito no sentido de conhecer a empresa, que tem excelentes técnicos, e eu trabalhava arduamente nos Correios, como todo diretor trabalha. Hoje conheço os Correios razoavelmente bem. Mas a questão comercial conheço muito bem, até porque para isso é que eu estava lá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Solicito que seja marcado o tempo, descontados os dois minutos, ou seja, treze minutos.

Quem te indicou para os Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu ainda não tinha tido o prazer da presença de V. Exª, tenho uma indicação aqui, foi a unanimidade da bancada federal do PMDB de Minas, os seis Deputados, mais o Senador Hélio Costa, de quem tenho a honra de ser o segundo suplente. A indicação está aqui.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não há necessidade.

Quando, na resposta ao Deputado José Eduardo Cardozo, V. Exª falou na fidelização do cliente para com os Correios, qual é a sua preocupação?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A minha preocupação é que essa concorrência, cada vez mais competente, cada vez mais acintosa, comece a nos tomar clientes, como tem acontecido. A minha preocupação é essa, a minha preocupação é fidelizar o cliente, porque se eu tenho 52% da minha receita oriunda de um monopólio que eu já eu disse que de direito existe, mas de fato é cada vez mais peitado, e o resto, os outros 48%, vêm de um segmento concorrencial, se eu não for competitivo, eu não vendo, eu não faturo. A fidelização garante as duas coisas.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nesse desrespeito ao monopólio, o que a empresa faz?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A empresa entra com ações diuturnamente contra esse tipo de coisas. Temos uma capacidade física em relação ao nosso jurídico, mas devo dizer que em todo o Brasil não há uma diretoria regional que não tenha uma ação contra uma empresa que esteja quebrando ou tentando quebrar o monopólio, efetivamente quebrando há muitos anos. E temos ganho na justiça. E vai liminar, e vai outra ação e vai não sei o quê. Por exemplo, a Fatex, que é um caso típico, os Correios conhecem muito claramente, quem pedir aos Correios esse tipo de caso verá. A gente está há quatro anos tentando resolver isso, já ganhamos inclusive e eles revertem.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Espera voltar para os Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, não espero voltar para o serviço público jamais.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por quê?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Porque a gente trabalhar em serviço público acontece o seguinte: Eu disse uma frase aqui: Eu venho de empresa privada. O que fiz nos Correios, eu tinha uma coisa comigo, vou trabalhar nos Correios como se fosse uma empresa minha, vou fazer o seguinte, vou fazer o melhor por essa empresa para ter o melhor de receita. Só que o serviço público admite que você tenha prejuízo dentro das normas. Se você tiver lucro com criatividade, respeitando a questão das normas, mas com alguma criatividade comercial, você pode se ver em problemas, mesmo que você traga lucros. Então isso não me interessa mais.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Em hipótese nenhuma o serviço público?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Em hipótese nenhuma.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E se tiver que assumir um mandato de Senador?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Acho que o País perde muito, porque sai o Senador Welligton Salgado e entro eu, e o País perde com isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor assumiria?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Evidentemente é uma honra. Imagine V. Exª poder estar do lado, dizer que em algum momento, mesmo como suplente, pude me ombrear a V. Exª, a Deputada Denise Frossard, ao Deputado José Cardozo, acho que seria muito honroso para mim, mas quero dizer a V. Exª que prefiro voltar para minha universidade, para a sala de aula, porque a gente sente uma certa decepção. Desculpe-me aqui um pouco o desabafo, sinto-me mais ou menos, estava numa estrada de quatro pistas, na da direita, a 80 por hora, com cinto de segurança, o cara saiu da outra pista, avançou, capotou, bateu em mim e estou envolvido nesse acidente. E as pessoas dizem o seguinte, quer dizer, o Deputado José Cardozo, V. Exª, com a maior seriedade, vamos dizer assim, com o maior estado de propósitos, tem que explorar uma possibilidade que para mim é muito incômoda, o seguinte: Olha você deu lucro, mas será que esse lucro não deu porque os controles não eram feitos e foram feitos? Quer dizer, não há um crédito do que você possa fazer, há sempre um descrédito em relação ao que se consegue, mesmo que seja positivo o resultado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Naquela linha da indicação política, logicamente outros diretores dos Correios também foram indicados politicamente, essa excessiva política não prejudicou os Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu diria a V. Exª o seguinte: Desde que o indicado tenha *expertise* para o que ele vai ser indicado, acho que não. Porque eu diria a V. Exª dois aspectos...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É que alguns têm *expertise* e outros, esperteza, não é?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Pois é, é verdade. Então acho o seguinte: Se me indicassem, por exemplo, para a Diretoria de Tecnologia, digo a V. Exª que não aceitaria. Por quê? Porque não entendo nada de tecnologia. Agora, se me indicassem para a Financeira, Comercial, Administrativa, eu conheço.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas eu queria, na verdade, é descer um pouco. Se aqui nas diretorias dos Correios há essas indicações políticas, os franqueados têm interferência política?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Na diretoria, nos franqueados?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nos franqueados tem interferência política?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – S. Exª, o Deputado José Cardozo, perguntou isso para mim. Eu devo dizer o seguinte, como as franquias se encerraram, a concessão dessas franquias, em 92, 93, eu entrei em 2004, eu ouço dizer que sim, mas eu, com pureza d'alma, não posso dizer a V. Exª que sim, porque isso...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Independente do ouvi dizer, você acha que hoje há interferência política nos franqueados?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu acho que não. Eu acho que não.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E por que você faz essa afirmação?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Porque eu estive o tempo todo lá e não tive a menor influência política. Ao contrário, eu tive, nós temos é... um caso de um político de Brasília, o Deputado Gim...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Gim Argel.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA –.Gim Argelo que teve um pleito que foi negado. Ele queria a fidelização, a vinculação da Celg, porque a Celg ia para o Correio. Mas como esse trabalho tinha sido todo feito pelo Correio, o Deputado entendeu que não é possível eu vincular. Por que eu vou vincular a ele um trabalho nosso?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nessa tal fidelização que o Deputado Relator, Deputado José Eduardo Cardozo, cobrou na devolução para os franqueados de clientes que estavam inicialmente com os próprios franqueados, foram para o Correio...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Exatamente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – ...e voltaram para os franqueados, qual foi a política utilizada?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A política utilizada, primeiro, foi: atender ao pedido desses clientes que tinham perdido...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ah! O cliente que pediu?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É o cliente que pede. Não é o Correio que vai chegar lá e entregar. O cliente chega para o Correio e diz o seguinte: Olha, você me...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E era documentado esse pedido ou era verbal?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não. Está aqui. As cartas todas estão aqui.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Era documentado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não. E tem mais, têm alguns deles que exigem que a vinculação seja feita pela média histórica da época. E aí tem uma questão que depois... Eu vou respeitar o que S. Exª o Deputado Relator pediu, disse que vai entrar nessa questão da média histórica um pouquinho mais a frente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Têm laranjas nos franqueados?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu também não sei dizer a V. Exª Eu ouvi dizer também, mas se tem é impossível da gente saber, não é? Se a CPMI, se essas CPIs todas não conseguem os laranjas e os bancos, imagine o Correio saber se alguém é laranja de alguém. E nem é a minha preocupação. Eu lhe digo com a maior sinceridade. Desde que o franqueado tenha uma boa *performance* e pague a comissão dos Correios em dia e esteja colaborando para que os Correios tenham *market share*, preço e competitividade, eu acho que a questão de laranja ou não é uma questão da inspetoria. A minha questão é examinar se ele está cumprindo os compromissos comerciais com os Correios adequadamente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É o Correio que paga comissão ao franqueado ou o franqueado que paga comissão ao Correio?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Quando é Fac o controle é nosso, a iniciativa é nossa. Quando são produtos oriundos de Seed ou de máquina de franquear ele pega essa receita, o Correio vai lá, verifica e paga a comissão dele.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – São as duas condições então.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – As duas condições. Por isso que o Fac é muito interessante para a gente. Porque no Fac nós somos parte ativa. Nós temos o controle.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Essa confusão toda tem prejudicado a imagem, o resultado da ação dos Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Olha, vou dizer a V. Exª : Eu acredito que sim. Foi feita uma pesquisa, eu já não estava mais, eu devo dizer a V. Exª o seguinte: enquanto eu estive lá, nós fizemos uma pesquisa que para o meu espan-

to e até para uma certa decepção de minha parte, o Correio vinha em primeiro lugar, na frente da família e da Igreja, não é? Graças a Deus, em 2004, o Correio ficou em segundo, atrás da família. Mas eu acredito que possa ter arranhado sim. Pouco, porque os produtos continuam chegando em dia, as cartas continuam chegando em dia, a eficiência é a mesma.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É aí que eu queria discutir contigo. Não sei o que está acontecendo, mas um caso concreto que aconteceu comigo, um Sedex dirigido a mim, postado em São Paulo no dia 30 de setembro, Sedex, não é postagem comum, chegou aqui em Brasília no dia 6.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Hum.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sedex postado em São Paulo no dia 30 chegou aqui em Brasília no dia 6 de outubro.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É possível que isso tenha acontecido. Eu vou dar a V. Exª duas explicações. Não sei se foi, primeiro, no período da greve no Correio. O Correio esteve em greve e isso atrapalhou realmente a entrega, porque, principalmente em São Paulo onde a greve é muito mais intensa, V. Exª sabe disso porque o seu Estado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Já tinha acabado a greve.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Pois é. Mas a greve tem ainda alguns efeitos porque tem acúmulo de carga que fica lá, que você tem que ir com o tempo... A greve precisa mais ou menos de cinco a sete dias para voltar porque o volume é muito grande que fica acumulado.

A segunda coisa é a seguinte. O Correio entrega trinta milhões de objetos por dia, se ele tiver aí uma perda aí de 1%, de meio, ... Vamos dizer, se extraviar 1%, extraviam trezentos mil objetos por dia, o que é uma perda muito pequena em termos, mas são trezentas mil pessoas reclamando. Ninguém vai falar dos vinte e nove milhões e setecentos que receberam em dia. Se uma delas for o Deputado Arnaldo Faria de Sá é muito pior. Mas eu quero dizer a V. Exª que trezentos mil em trinta milhões não é nada. Isso pode acontecer e acontece porque ninguém entrega 100%.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Dependendo da importância do documento é muito.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É muito – é demais.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É sua diretoria que é responsável pelos franqueados?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É a minha Diretoria.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É por isto que o Presidente da Associação dos Franqueados é de Minas?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu acho... O Dr. João Magro, ele, como todo homem que é acompanhado de uma mulher, ele é comandado pela sua Vice-Presidente que é a Drª Emile – e se imagina que é realmente quem comanda a Abrapost O Dr. João Magro é da maior seriedade e da maior competência, mas quando um homem e uma mulher andam juntos, normalmente a voz feminina soa mais alto. Foi por isto que eu achei – e disse, aqui, ao nobre Relator – que a sugestão de V. Exª em trazer os franqueados aqui é da maior oportunidade porque eles poderão, com muito mais propriedade que eu, responder questões de por que cabem dois, por que foi franqueado fulano de tal, se tem influência política? Porque eles sabem disto. Eles estavam àquela época. Eles conseguiram aquelas franquias àquela época. Eles são de uma associação.

Então, eu acho que ela, vindo aqui, – ela é uma pessoa seriíssima – poderá dar essas respostas com muito mais propriedade do que eu.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não era do seu tempo, mas o senhor deve ter tomado conhecimento de que, quando estava para vencer o período de autorização dos franqueados, houve um Projeto de Lei na Legislatura passada, aqui, nesta Casa, que quase não foi aprovado – foi aprovado na undécima hora – e surgiram notícias escusas a respeito daquela aprovação. Por que sempre tem essa história de coisas escusas quando se trata de franqueado?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Excelência, eu diria a V. Exª o seguinte: primeiro, eu farei um comentário que eu já fiz anteriormente: graças a Deus que o Congresso prorrogou porque não dá para o Correio ficar sem franqueado hoje. Mas, outro dia – eu não sei se foi o Deputado do PDT do Rio Grande do Sul.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Pompeo de Mattos.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Pompeo de Mattos. Ele disse, aparteando o Dr. Madureira, o seguinte: "Não era melhor o Correio prestar esse serviço do que ter...?"

Eu, então, faço rapidamente um cálculo para V. Exª pensar: os franqueados empregam 20.000 pessoas na área de atendimento – nós temos atendimento, tratamento, transporte e entrega. O atendimento é 30% do nosso custo. Eles empregam 20.000 pessoas. Um empregado custa para o Correio 3.2, enquanto numa empresa ele custa duas vezes mais, no Correio ele

custa 3.2 porque tem um plano de saúde altamente vantajoso e uma série de vantagens.

Na área de atendimento, um funcionário desse custaria, com encargos e tudo, R$2.500,00 pelo salário base. Muito bem, R$2.500,00 vezes 20.000 dá R$50.000.000,00 por mês; vezes um ano, dá R$600.000.000,00 só de salário e encargo. Nós pagamos de comissão a todos os franqueados 580. Isto só em salário. Agora, veja V. Exª se nós colocarmos material, enfim, transportes, prédios, imóveis, equipamentos.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Pouco antes do *affair* que deu todo esse problema, tinha em tramitação uma grande concorrência envolvendo banco postal, Correios, Correio Híbrido, grandes concorrências que acabaram se consumando. Interessava a alguém que essas concorrências não ocorressem?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – V. Exª faz uma pergunta que eu acho que é a mais importante – é o assunto que o Correio tem hoje que se chama Correio Híbrido Postal. V. Exª toca num ponto crucial. E V. Exª quando fala em interesses que poderiam estar por trás disso... Eu não quero aqui mencionar nomes porque acho que essas pessoas que defendem essa questão defendem corretamente seus interesses comerciais. Então, não tenho a dizer a dizer. Mas quero dizer o seguinte...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Fique à vontade.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A tecnologia de banco postal é uma tecnologia dominada pelos correios do mundo inteiro há mais de dez anos. A União Postal Universal, através de carta que eu tenho aqui para deixar para V. Exªs., recomenda que o Brasil adote a tecnologia que nós chamamos de correio, mas chama-se GPDD – Gestão da Produção Descentralizada de Documentos, que é feita, portanto, pelos grandes correios do mundo.

Se nós fizermos isso, quais são os interesses contrariados? Primeiro, aqueles poucos e grandes *prints,* em São Paulo, que hoje imprimem para Unibanco, Real, Telemar e essas todas. A impressão... Porque, o que é que é o correio híbrido? V. Exª sabe, mas vai me permitir num segundo resumir. Nós recolhemos fisicamente – ou seja, os bancos mandam esse negócio para esses *prints*, eles imprimem tudo isso, nós recolhemos fisicamente, tratamos, botamos no nosso avião, mandamos para os vários Estados, vai para o nosso centro, distribuídos e tal.

Com o correio híbrido, nós vamos receber isso eletronicamente, vamos tratar e vamos imprimir no local de entrega. Então veja V. Exª os ganhos que existem de economicidade, segurança, perda... Esse sedex que V. Exª perdeu, certamente a chance de ele perder-se seria muito menor. Todas essas vantagens.

Então, uma primeira perda seria daquelas empresas que têm hoje interesse nessa impressão e casualmente essas mesmas empresas estão também fazendo correio híbrido delas, particular, para oferecer ao mercado. Elas não querem participar do processo de licitação dos Correios. Elas querem que o processo não ocorra, e o Correio, Excelência, não pode ficar sem essa ferramenta. Que se licite de novo, que o Tribunal de Contas tenha todas as informações pertinentes ao caso, que se esmiúce isso até os maiores detalhes. Não tenha dúvida disso. Mas o fato é o seguinte: eu, como então diretor e como cidadão, estou convencido de que tolher o Correio dessa ferramenta é torná-lo incompetente do ponto de vista comercial, porque isso vai ser oferecido pelo setor privado e o Correio vai ser engolido se não tiver a mesma condição de competição.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor perdeu o cargo, mas o Hélio virou ministro e Wellington virou senador.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – O senhor vê que o lucro foi grande, não é?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Obrigado, Deputado Arnaldo.

Vamos prosseguir. Senador Sibá Machado. (Pausa.) Ausente.

Senador Abicalil (Pausa.) Ausente.

Deputada Juíza Denise Frossard com a palavra.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, Sr. Relator, Sr. Depoente, Sr. Carlos Fioravanti, uma das minhas preocupações na minha vida inteira, principalmente agora, é com o duto que alimenta as campanhas eleitorais a partir de decisões administrativas de pessoas que vão para os cargos públicos indicadas por políticos e que vão exatamente com este objetivo. O Brasil é muito propício a isso porque é um país que tem 19.202 cargos na administração direta federal, quando na Inglaterra, nós sabemos que são 120; na França, 450; nos Estados Unidos, 745 e outros exemplos... Quer dizer, há exemplos piores, como Bangladesh... sim, se quisermos comparar, que hoje teria em torno de um milhão de cargos públicos e é o país percebido como o mais corrupto.

A minha outra preocupação, que tem a mesma raiz, tem a ver com as franquias dos Correios e para ouvi-lo sobre elas é que pedi a sua presença aqui nesta CPMI. Esteja certo o senhor de que nada, absolutamente nada além disto me motivou. Porque se motivasse eu diria, como é bem do meu estilo.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Conheço V. Exª.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu faço esse registro porque algumas semanas atrás, o Ministro Hélio Costa, com quem eu não travo relações pessoais e menos ainda políticas, fez questão de me telefonar para falar sobre o senhor. Eu considerei essa atitude como de defesa prévia do senhor, atitude que acredito desnecessária, a não ser que o Sr. Ministro tenha preocupações que vão além das que eu tenho aqui. Eu quis consignar isso para que fique nos **Anais** com a transparência, a clareza e a maneira direta com a qual sempre agi. Mas isso o tempo ou o depoimento do senhor poderá dizer. É disso que resultam algumas dúvidas iniciais.

Portanto, vou a algumas perguntas. O senhor disse a uma pergunta do Relator que o senhor filiou-se ao PMDB em 2001. Minha pergunta é: há quanto tempo o senhor é filiado ao PMDB e milita no PMDB de Minas Gerais? Há quanto tempo o senhor é eleitor em Minas Gerais?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Posso responder agora ou a senhora prefere fazer todas as perguntas?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor pode ir respondendo?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Inicialmente, se V. Exª me permite, gostaria de fazer também um registro: estou em Minas há praticamente dez anos – porque a universidade foi para lá, e fomos abrir o **campus** em Uberlândia –, mas sou carioca e conheço muito bem V. Exª na sua atuação como magistrada. Todos nós fluminenses a conhecemos. Não há necessidade... A não ser quem não tenha convivido com V. Exª pode não conhecer sua característica, a convocação feita por V. Exª. Tenho essa convocação comigo e vou guardá-la porque foi feita nos termos mais adequados e elogiosos possíveis. Peço só um favor a V. Exª: já que V. Exª – o Ministro Hélio Costa é uma pessoa da maior integridade e V. Exª achou que o telefonema dele pudesse ter sido feito a meu pedido... Eu tive várias pessoas...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não. Não. Eu não disse isso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ah, desculpe-me.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Absolutamente não. Eu disse apenas que eu entendi como uma defesa prévia.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas não foi a meu pedido. Inclusive, quando eu soube disso...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não. Não. Não. Eu não estou dizendo isso nem me passou isso pela cabeça.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Perfeito. Perfeito. Desculpe-me. Desculpe-me.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Como ele me ligou e me disse: "Não temos relações pessoais. Não temos relações políticas. Nunca havia falado com ele antes". Ele não ligou para falar a respeito dele. Se eu tivesse convocado ele, eu não teria nenhum...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu jamais...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Deixe-me só completar, por favor. Eu não teria nenhum espanto. Mas, como ele ligou para falar sobre o senhor, em prol do senhor, eu entendi como uma defesa prévia do senhor, que eu entendi desnecessária...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sem dúvida. E é.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E dependerá apenas do que o senhor irá me dizer.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – V. Exª há de confirmar que eu jamais procurei V. Exª.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Nunca. Nunca o vi antes.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Pois é. Há mais: daqui a pouco, se o Senador Arthur Virgílio nos der a honra da sua presença... Há, mais ou menos, um mês – porque tenho amizade com...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sabe por que...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Rapidamente. Só quero dizer o seguinte...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Espere aí.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu pedi ao Senador...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Um momento, Sr. Fioravante. Eu tenho um tempo.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Desculpe.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Em prol da disciplina e como eu não posso entrar no tempo dos meus colegas...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Solicito ao depoente também que seja mais objetivo exatamente para permitir aos Parlamentares maior tempo.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Perfeito.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Minha pergunta é apenas: há tempo o senhor é filiado ao PMDB e milita no PMDB de Minas Gerais? O senhor já disse que é filiado desde 2001.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Antes, fui filiado ao PFL.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Há quanto tempo o senhor é eleitor em Minas?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Desde 99.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor é eleitor em Minas...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Desde 1999.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – 1999.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Fui filiado inicialmente ao PFL.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – De Minas?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É. Junto com o Deputado Raul Belém. Depois, mudamos para o PMDB em 2001; 2000 ou 2001. Posso estar equivocado, mas tenho impressão de que foi em 2001.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Já que o Senador respondeu que o senhor é eleitor em Minas desde 1999...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Nós fizemos a filiação no mesmo dia.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – ...eu vou fazer uma pergunta. O Senador, portanto, o Senador que disse que o senhor é filiado em Minas desde 1999, que o senhor é eleitor em Minas, é o primeiro suplente do Senador Hélio Costa.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, você. V. Ex.ª, perdão.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Está havendo uma confusão aqui.

Pois bem, vou fazer de novo a pergunta. O Senador Wellington Salgado de Oliveira é o primeiro suplente do Senador Hélio Costa. Está no exercício do mandato neste momento. Eu pergunto: quem efetivamente foi o responsável pela escolha do nome do senhor para compor a chapa? O Senador Wellington, o Ministro Hélio Costa ou nenhum dos dois?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – O Ministro Hélio Costa.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Foi ele quem lhe escolheu?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Foi ele quem me convidou porque nós tínhamos...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, quem lhe indicou para compor...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A chapa? Foi convite do Senador. A mim e ao Wellington.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Agora a minha perplexidade porque ele me disse ao telefone que não havia indicado o senhor.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Para quê?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu não sabia. Para compor a chapa.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Como é que eu posso compor uma chapa se não for indicado por quem é o titular?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não sei. Só estou dizendo. Uma das coisas que ele me disse é o seguinte: "a senhora sempre diz que ele é meu segundo suplente". Eu disse " e não é, Senador?". Ele disse "mas eu não o indiquei".

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, não teria sido...para os Correios? Não, quero dizer a V. Ex.ª acho que é muito mais provável dizer isso. O Senador Hélio Costa só concordou em assinar a minha indicação para o Correio depois que a bancada...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, não. Estou dizendo a chapa.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, a chapa, não, Deputada, acho que houve um engano porque o convite foi dele, só pode ser dele e ninguém impinge ao Senador um suplente.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Bom, vamos continuar então.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Perfeito.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – É a sua palavra contra a do Ministro.

É verdade que o senhor, até o início da campanha eleitoral que sagrou vencedor o Ministro Hélio Costa, tinha residência no Rio de Janeiro? O senhor chegou a prestar serviço às universidades Salgado de Oliveira?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Prestei e presto. Voltei porque a universidade tem campus em Belo Horizonte, em Uberlândia, em Juiz de fora, em Recife, em Goiânia, no Rio, em Araguari. Eu estou lá...Eu fui para lá não foi por questões políticas. Eu fui para lá pelo trabalho na universidade

e, aí, reencontrei o Raul. Começamos a trabalhar politicamente junto e aí...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Pois não. Está respondido.

Uma outra pergunta que faço é se o senhor teve alguma participação direta ou indireta na assinatura do aditivo que fez os Correios com a empresa Contax do grupo Telemar? Foi um aditivo feito para o reequilibrio econômico-financeiro do contrato que rendeu à empresa três milhões de reais? Houve alguma participação do ex-diretor Antônio Osório na aprovação do novo contrato?

Objetivamente, porque nunca ultrapassei meu prazo e não gostaria de fazê-lo.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Vou tentar.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Então, eu vou por etapas. O senhor teve alguma participação direta ou indireta na assinatura do aditivo que fez os Correios com a empresa Contax do grupo Telemar?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sim.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Esse aditivo foi feito para reequilíbrio econômico-financeiro do contrato que rendeu à empresa três milhões de reais?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sim.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Houve alguma participação do ex-diretor Antonio Osório na aprovação do novo contrato? E, se houve, que tipo?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Tem que haver porque a diretoria administrativa é sempre a gestora administrativa de todos os contratos. Então, forçosamente, a diretoria...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Qual foi a participação dele?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Como gestor administrativo pedir à diretoria nossa porque é um *call center*, se trata de um *call center*, se o serviço era bem prestado, era prestado em dia. Se nós concordávamos com a renovação nos moldes que o grupo de trabalho propunha.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Foi essa a única participação?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Foi.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor conheceu Garretano?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Muito.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Foi o senhor a pessoa responsável pela indicação de Garretano para a Divisão de Qualidade de Materiais em substituição ao funcionário João Carlos Adauto Tameirão?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Esse é um cargo da diretoria de administração.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, eu só quero saber se o senhor foi responsável pela indicação, em 1999.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu sugeri o nome dele ao Dr. Osório.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor conhece o João Carlos Adalto Tameirão?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – João Carlos Adalto? Conheço o Adalto. Não sabia que era João Carlos, conheço sim. Trabalha na diretoria de tecnologia.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Qual o interesse do senhor na empresa Policard?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Meu?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – É.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Nenhum.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Que motivos teve o senhor para solicitar ao diretor de administração que não efetuasse licitações para substituir a Policard?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Nunca ouvi isso.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não houve?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não. São contratos da área de administração de consignação de materiais que deveriam ser entregues pela administração a vendas.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – A pergunta é tão-somente...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor solicitou ou não? Que motivos o senhor teve?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor nega?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Lógico.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O depoente está sob o compromisso de dizer a verdade?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Está depondo como testemunha, portanto em caso de omissão ou de eventual inverdade dita esta...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Qual é a formação do depoente?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Economista.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Economista e administrador.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não é advogado?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Então, se V. Exª me permite, diz a lei: É crime fazer afirmação ou calar a verdade, como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, policial ou administrativo ou em juízo arbitral, cuja pena é de um a três anos de reclusão e multa. Este é o artigo que eu falei, **ipsis literis**, de tanto que falei na minha vida. Mas, tome isso apenas porque o senhor não é advogado, e eu tenho o dever de dizer. Por isso que perguntei se o senhor era advogado. Como não é, o senhor não tem obrigação de conhecer, é apenas neste sentido.

Então, o senhor não tinha contato algum com a empresa Politec?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Politec?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Policard.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não. A Policard era uma empresa cujos interesses se davam na área de administração.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Só se o senhor não tinha nenhum contato com pessoas desta área?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Com ela houve assinatura de aditivos contratuais?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Que eu participasse, não, porque não era com a minha área.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Quanto a esta parte, estou satisfeita.

Vou passar ligeiramente pela questão das franquias. E eu digo ligeiramente porque o jogo de xadrez que fez o Relator é perfeito e eu teria pouca coisa a acrescentar. E percebo que V. Exª ainda virá a perguntar mais. Mas vou minimamente, portanto, nesta área. Percebo que V. Exª está absolutamente mapeado dentro da questão, e eu estava aqui absolutamente fascinada com o seu raciocínio de inquiridor.

No campo das franquias, Sr. Fioravanti, eu devo dizer-lhe que tenho ciência de que o senhor solicitou para exame preliminar o relatório feito pelo Tribunal de Contas sobre as franquias. E o relatório, como foi aqui muito bem colocado pelo Relator, comprova um crescimento vertiginoso nos lucros das franquias, a partir de uma decisão sua. Por conta de sua decisão, as franquias incorporam, passaram a incorporar em seu resultado quase cinco milhões de reais com projeção para mais de 10 milhões. Isso já foi dito aqui, estou apenas esquentando as turbinas. A decisão de autorizar a migração de clientes de grande porte para algumas franqueadas com a autorização de operar serviços especiais, refiro-me ao FAC, que na verdade somente os Correios poderiam operar, deveriam operar... Quero saber do senhor que critérios o senhor utilizou para autorizar na migração? Teve algum? Se teve pelo menos um?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Teve vários critérios.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – A sua decisão nasceu de quê? Do nada? De alguma coisa? Quem lhe sugeriu a medida? Alguém lhe sugeriu? Essa é apenas rapidamente, singelamente.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Perfeitamente. A primeira questão é o seguinte: esses franqueados – primeiro, não é proibido vincular em franqueados em franqueados perante os clientes. O Mancat permite esse tipo de coisa, desde que...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, a pergunta é: que critérios o senhor utilizou para autorizar a migração? Essa é a primeira.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – O primeiro é a preservação da receita do Correio e propiciar ao grande cliente os serviços de manuseio, coleta, armazenamento e impressão que lhes eram oferecidos desde 2001 quando o Correio, lá atrás, autorizou essa vinculação e os serviços passaram a ser fornecidos.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas, não havia estudos de viabilidade econômica?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – O outro critério era o seguinte: os clientes pediram para que voltássemos a essa situação...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Os clientes pediram?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Pediram. Então, tem aqui as cartas.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Quer dizer, o monopólio é estatal? Os clientes pediram?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Pediram.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Pois não. Quem lhe sugeriu a medida?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – A diretoria de São Paulo.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Quem?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – O diretor de São Paulo, Dr. Marcos.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Dr. Marco Antônio? É curioso, porque eu não estava neste momento, mas as perguntas do Senador Salgado de Oliveira...

O SR WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, não estou citando o senhor; estou citando as perguntas que o senhor fez, que está nos autos. Respondendo a perguntas feitas pelo – perdão – pelo Relator, não é pelo senhor – tem razão – pelo Relator José Eduardo Cardozo... Eu lhe confundi com o Relator, o que, diga-se de passagem, para o senhor me sentiria honrada. Mas, no final, o senhor também perguntou – por isso que me equivoquei aqui, mas, no final, o senhor perguntou. E há uma pergunta do senhor..., o senhor Marcos Antônio Vieira, há uma pergunta do Senador sim. O Senador Wellington Salgado perguntou: "Você teve autorização de cima para fazer?" O Sr. Marcos Antônio disse: "Sim, claro." O Sr. Wellington Salgado de Oliveira: "Mas, não tinha um parecer?" Corretamente o Senador perguntou. O Sr. Marcos Antônio responde: "Eu não vi o parecer, se foi feito para aprovação alguma coisa. Eu recebi um documento, autorizando-me a fazer um movimento" (fls. 46/47) e vejo que foi o senhor quem autorizou. Autorizou e diz que não, que não recebeu nenhuma...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Está aqui o pedido do Sr. Marcos, assinado por ele e mandado para nós, em Brasília.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Relator, poderia alguém me fornecer o documento?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Se V. Exª quiser, quando terminar, deixo todos eles aqui.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, quero examinar agora, porque não tenho esse documento aqui. O que tenho aqui...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – E atrás, Excelência, tem as cartas dos clientes pedindo isso.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não vou me referir aos clientes pedindo isso, porque é um absurdo. Onde está o pedido do Sr. Marcos Antônio Vieira? O senhor pode me indicar?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Tem outra carta igual a dele aqui.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Então, o Sr. Marcos Antônio estava sob compromisso? Essa é a questão. É preciso... Banco Itaú celebrou o contrato e tal. O cliente solicita vinculação... Não, isso aqui não está determinando... Em face das solicitações, V. Sª encaminhou o processo... Isto aqui não pede nada. Desculpe-me, mas não pede nada. O que acontece é que tenho aqui, assunto, vinculação de contrato em ACFs, Banco Itaú e Unibanco. Eu tenho essa carta aqui dele. Mas isso não é um pedido dele. Ele não está lhe pedindo. Eu não vi o parecer, disse ele, se foi feito para aprovação ou alguma coisa. Eu recebi um documento autorizando-me a fazer o movimento. O documento foi o do senhor.

Pois bem, a minha pergunta é: quem lhe sugeriu a medida? V. Sª está dizendo que foi ele. Ele disse que não sugeriu.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Veja bem, o que ele relata aqui? Ele relata uma situação comercial, relata o histórico dela...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, o senhor está equivocado. A minha pergunta é objetiva: quem lhe sugeriu essa medida de migrar? Eu não estou falando...Ele relata alguma coisa com relação à situação das franquias, com relação aos clientes, mas a medida que o senhor tomou foi sugerida por quem? A medida, objetivamente. O senhor é um economista e disse que gosta das coisas bem objetivas.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Ele, inclusive, prestou depoimento aqui. Não sei se o Relator pode me auxiliar neste minuto, mas eu ouvi o depoimento dele e ele defendeu a medida e disse que a defendia até o final. Ele disse isso a mim.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Ele disse isso ao senhor?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – É lógico. Ele disse não só a mim. Ele disse aqui nesta Comissão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo – PT – SP) – Na CPMI, ele disse que as razões que levaram a essa migração seriam razões de natureza ética, porque havia sido tirado...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, as razões de natureza ética... Eu vi isso aqui

também. Ele disse, em resposta a V. Exª, o seguinte: "Foi apenas restabelecer um relacionamento ético que existia na época", o que é uma arrematada tolice, perdoe-me. Que ética pública é essa de um monopólio? Isso porque é um monopólio estatal. Que ética é essa do monopólio? Eu li isto aqui e fiquei estarrecida, Sr. Presidente.

A medida que o senhor tomou foi sugerida então por ele?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Por ele.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Ele aqui, no final, diz que não, a uma resposta do Senador Wellington Salgado de Oliveira. Eu vou repetir. "Você tem um parecer que podia voltar à média histórica de 2000?" É 2002, na verdade, houve um equívoco. "Eu fiz essa proposição a Brasília". Sr. Wellington Salgado de Oliveira: "Não, sou muito objetivo. Você tem um parecer." Sr. Marco Antonio Vieira da Silva: "Foi com base nesse relacionamento anterior que eu embasei o meu pedido." O Senador Salgado de Oliveira: "Você teve autorização de cima para fazer?" Marcos Antonio: "Sim, claro." Senador Wellington Salgado de Oliveira: "Mas não tinha um parecer?" O Sr. Marcos Antônio: "Eu não vi o parecer." Se foi feito para aprovação ou alguma coisa, eu recebi um documento autorizando-me a fazer o movimento.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Deputada, quero comunicar a V. Exª que seu tempo já foi excedido em mais de cinco minutos.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu me reinscrevo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Vou ceder-lhe meu tempo.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Disciplinadamente, eu me reinscrevo, Sr. Presidente.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE **(Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Nós temos a maior alegria e o prazer em ouvi-la; porém, em respeito aos companheiros...**

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu me reinscrevo, Sr. Presidente. V. Exª tem absoluta razão. Eu agradeço ao caro colega, mas V. Exª tem absoluta razão. Eu nunca ultrapassei o meu tempo, por isso pedi ao depoente que fosse bem objetivo, como ele indicou que seria, mas agradeço a V. Exª. Nunca excedi meu tempo nesta CPMI e me reinscrevo para fazer as duas outras perguntas.

Muito obrigada, Sr. Presidente, aqui penhoradamente obrigada ao meu caríssimo colega Deputado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sr. Presidente, eu queria, rapidamente fazer só uma colocação?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PTB – RJ) – Eu já não estou inquirindo, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – No momento da reinscrição, V. Sª terá a oportunidade.

Com palavra o Deputado Silvio Torres.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, Sr. Relator, Sr. Depoente, eu vou ser muito rápido. A Deputada Denise Frossard tem muito mais a contribuir nesse interrogatório. Queria falar um pouco também sobre a questão dos franqueados, que é uma questão que eu vinha, de alguma forma, acompanhando antes. Eu tenho poucas perguntas. A primeira delas é a seguinte: o senhor, quando tomou essa decisão, o senhor discutiu essa decisão com os demais diretores dos Correios aqui?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sem dúvida, e devo dizer a V. Exª que com a diretoria regional de São Paulo muito intensamente, porque essa não foi uma decisão assim tomada em cima da perna. Os departamentos negociais, comerciais de São Paulo estudaram isso profundamente e quando a Deputada Denise perguntou: quem sugeriu, ela na leitura do depoimento ela disse que o Marcos sugeriu a Brasília. Então, embora isso possa não estar claro aqui, no depoimento S. Exª leu: "Sugeri a esta medida a Brasília." Sugeri. É verdade, ele sugeriu essa medida a Brasília sim, isso foi discutido muito claramente, porque esses grandes clientes estavam para deixar os Correios.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Tá, mas a minha pergunta é se o senhor discutiu com os outros diretores.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sem dúvida.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP)– E com o Presidente?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sem dúvida.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E a decisão foi unânime dentro da diretoria dos Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Em vista das... quer dizer, isso não precisa ir para a diretoria, a verdade é essa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas então não foi uma decisão de diretoria colegiada? Eu estou perguntando.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, não, não foi.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então foi uma decisão sua com o Presidente?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – E com o diretor de São Paulo, movido por aqueles argumentos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, o Diretor de São Paulo eu vi que mandou ao senhor uma correspondência, historiando os fatos sem manifestar uma posição. Acabei de ler aqui, sem manifestar uma posição.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Depois no depoimento dele disse que sugeriu.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, não estou falando em depoimento, ...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Porque para mim ele sugeriu e confirmou que sugeriu.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Esse é um documento oficial.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Certo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O depoimento.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não é oficial?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, no depoimento ele está dizendo o que ele não disse o documento.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Certo. E confirmando o que eu disse, que foi sugestão dele.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Exatamente.

O senhor não enfrentou resistências internas da corporação quando tomou a decisão.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Na minha diretoria todos os técnicos achavam que era um movimento que tinha sido feito anteriormente, tinha sido vantajoso ...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Para relembrar. Vinha desde 2001, a decisão o senhor teve de retroagir uma situação de vigência de quatro anos. Isso foi feito sem nenhuma resistência, apenas com as sugestões do diretor de São Paulo?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A questão do comercial, Exª, é tratada da seguinte forma, se tem uma relação com o seu cliente, de fidelidade, você cria uma situação, em 2001, de vinculação, depois unilateralmente você suspende essa vinculação e, na suspensão, retira uma série de benefícios que a rede terceirizada dá ao cliente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor quer dizer que essa decisão não afetava nenhum outro setor dos Correios, ainda mais, o senhor está dizendo que em 2001 essa decisão também teria sido unilateral? Apenas a diretoria comercial teria tomado?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não posso dizer a V. Exª. Posso dizer a V. Exª que...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Vamos ter, depois de amanhã, aliás, na próxima terça-feira, o depoimento do Presidente da época, em 2001...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Perfeito, então ele poderá dizer os motivos que o levaram a vincular naquela época.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim. Mas eu estou dizendo ao senhor o seguinte: o senhor está dizendo que essa decisão é individual da sua diretoria. Ela não afetou. Se ninguém reagiu significa que ela não afetaria ninguém, era uma decisão que cabia apenas autonomamente à sua diretoria?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim. Porque? Ela não influenciava? Vou repetir a pergunta. Essa decisão não influenciava, não tinha conseqüência em nenhuma outra área dos Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ela tem conseqüências mais para o próprio Correio, porque, se se não vincula, e os clientes saem, você perde receita.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Isso eu já entendi. Eu não sei se estou sendo claro.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu realmente não estou conseguindo entender.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – No momento em que o senhor decide retroagir uma situação de quatro anos atrás, uma ordem vigente, estou perguntando ao senhor se não houve resistência de nenhuma outra área corporativa.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não; até hoje não houve.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E a sua decisão também não afetava nem a área da diretoria administrativa, nem a de operações? Entendeu agora?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Entendi perfeitamente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não afetava?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, era puramente comercial.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Uma outra questão sobre franqueadas seria sobre o regulamento dos Correios - não sei se isso é chamado de regulamento, mas o que estabelece o comportamento de cada uma. Segundo o regulamento, nenhuma pessoa

pode ter mais do que duas franqueadas - nem pessoa, nem empresa. Muito bem, isso já foi perguntado, o senhor não tem condições de saber, ou pelo menos disse que não tem como saber se havia laranjas desrespeitando essa determinação; agora, paralelamente, foram criados os postos de coleta; existem os postos de coleta de correspondências?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Existem.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É uma outra figura, que não é franqueada?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, é do próprio Correio.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ele que coloca dentro de empresas?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sempre que funcionam é o Correio que faz?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ele pode estar, eventualmente, numa loja franqueada, porque o cliente, quando entra numa loja do Correio, não sabe se é franqueada ou se é rede própria. É o Correio. E ali tem que ter todos os serviços que o Correio oferece, inclusive os postos de coleta. Mas são todos dos Correios.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – São todos dos Correios? Quer dizer que nenhum particular pode ter um posto de coleta?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ele tem na sua agência, mas pertence...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, fora da agência; estou dizendo fora, fora do seu local.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Essa é uma pergunta tão...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Que não chega a ser uma FAC. Eu tenho esse conjunto de prédios, há grandes empresas, onde várias pessoas trabalham.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu posso dizer a V. Exª que esses postos são do Correio.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – São todos eles do Correio?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – São todos do Correio.

Um franqueado, se tivesse algum posto lá para coleta desse tipo de correspondência, que não é grande volume, não vejo por que.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, ele pode usar isso para levar para a franqueada.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ótimo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É isso que eu estou dizendo.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sim, mas eu não sei, sinceramente. Acho que são todos do Correio.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quer dizer, não existe essa figura?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não existe. É uma coisa tão...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Porque eu, particularmente, conheço uma que funciona num prédio onde eu tenho escritório em São Paulo, que é de particular. E não há nenhuma agência franqueada lá.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas, entre os serviços gratuitos que o franqueado oferece e que o Correio não faz, um deles é a coleta, mas só para grandes volumes.

O senhor está dizendo uma coleta que não seja para um FAC de grande cliente? Porque o grande cliente, quando tem um FAC, ele tem que preparar todos os objetos. Isso significa manuseio, armazenamento, por conta dele. Na hora que o franqueado dá isso, o franqueado dá um grande benefício, coisa que o Correio não pode dar.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Muito bem, eu vou finalizando com a seguinte pergunta: o senhor foi indicado pelo PMDB?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Certo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Havia outros diretores indicados por partidos políticos?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Havia.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor pode dizer quais eram os partidos?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Pois não, Dr. Antônio Osório, pelo PTB; o Dr. Robson Cury, pelo PMDB. Por partidos políticos, acho que só. Acho que o Dr. Cadah era indicação...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Da área de tecnologia?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ele veio aqui e disse que era uma indicação técnica. Mais do que ele, eu não posso dizer.

O Madureira também disse. Quer dizer, eu não vou responder por eles, porque eles já vieram aqui e disseram isso. Esses dois, tenho certeza, porque um é do meu partido, e o outro é o Dr. Antonio Osório, que esse eu tenho certeza.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Os diretores nos Estados eram indicações políticas?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Diretor de Estado, obrigatoriamente, é um

funcionário de carreira. Não pode ser de fora. E eu não posso dizer a V. Exª....

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, ele pode ser de carreira, mas pode ser indicação.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu posso dizer a V. Exª que não vi nenhuma nomeação que tivesse, como eu tenho, uma indicação escrita política. Não vi.

Como essa indicação é nomeação do Presidente, eu não posso dizer a V. Exª.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O Sr. Marco Antonio é uma indicação política?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não sei. O Dr. Marco Antonio esteve aqui...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ele é uma indicação do PT de São Paulo?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Do PT de São Paulo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Está O.K. Era só isso.

Obrigado.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Sr. Presidente, pela ordem, pois fui citado várias vezes. Eu vim assistir o depoente e acabei sendo citado aqui.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Tem V. Exª a palavra, pela ordem, nobre Senador.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Rapidamente, não é muito.

A única coisa que eu queria deixar claro é que, naquele momento em que estávamos ouvindo aquele cidadão de São Paulo, que eu nem sei o nome, não tenho conhecimento - Marco Antonio -, houve uma pergunta feita pelo nosso Relator que ficou marcada, que ficou na minha cabeça: "Você sempre seguiu as normas dos Correios?" - porque parece que existe um Manual dos Correios; ele existe?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mancat.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Como é o nome?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Manual de Comercialização e Atendimento.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Ele disse que sim, que está tudo previsto naquele Manual. Eu nem conheço o Manual. Por isso é que eu pedi essas perguntas. Se ele está seguindo as normas que já existem em um antigo, desde que foi criado... eu fiz essas perguntas. Mas, a Juíza Deputada Denise Frossard consegue pegar bem as frases. Mas estava naquele contexto de que ele seguiu todas as regras do Manual. Eu estava naquele dia sozinho, quando V. Exª estava entrevistando, e eu estava somente assistindo, como estou aqui, agora. E, de repente, sou citado aí.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Deputada Juíza Denise Frossard, pelo prazo de três minutos, tem V. Exª a palavra.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Só tenho duas perguntas, Sr. Presidente. E eu não fiz citação ao Senador. Eu li as perguntas que ele fez aqui. Não estou citando. Eu li as perguntas que ele fez. Isso não é citação. Isso é trazer ao processo um documento que é do processo.

Sr. Carlos Fioravante, tenho mais duas perguntas apenas para o senhor. A sua Diretoria não opinava sobre as transferências de titularidade?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A minha Diretoria, em Brasília, não. A transferência de titularidade...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – A sua Diretoria, a Diretoria Comercial, não opinava?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não. Isso é do âmbito das regionais.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Então, não opinava?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não opinava. Agora, posso dizer a V. Exª, porque não gosto de me omitir em nada, eu sou a favor da...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – De novo, eu tenho somente três minutos.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu só queria enriquecer a resposta e dizer à senhora que sou a favor da transferência.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não: opinava ou não opinava?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não opinava. É só isso.

Em um relatório anterior sobre as franquias, centrada na questão das máquinas de franquear, o Tribunal de Contas da União demonstra que houve negligência da sua área, com relação a uma série de processos de fraudes que estavam parados na Diretoria dos Correios; a minha pergunta é: é isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não é?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, porque quem apura fraude não é a Diretoria Comercial. É a Inspetoria.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas o senhor requisitou?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A Inspetoria toma as providências todas. Ele não precisa...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, não, não. O problema é: eles estavam parados; o senhor tem que provocar.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não tem que provocar.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Se é da sua área, o senhor tem de dar conhecimento de quem tem fraudes.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Excelência, poderia haver...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Veja, o senhor pediu todos os documentos, pois tenho ciência disso - o senhor requereu todos os documentos -, e os analisou. Portanto, o senhor sabe do que estou falando.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sim, quero dizer o seguinte. Não poderia haver negligência se não havia obrigação minha. A obrigação de...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – De comunicar.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, a obrigação, a iniciativa, a obrigação de fazer a inspeção em todas as franqueadas em relação à máquina de franquear - inclusive o Presidente do grupo é o Inspetor-Geral dos Correios -, isso é da inspetoria. A Diretoria Comercial não se mete nisso. Essa não é uma tarefa da Diretoria Comercial. A Inspetoria é criada para isso. Um dos deveres dela é visitar, e o faz sistematicamente. Eles têm um plano de inspeção que envolve os franqueados.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas essa parte que estava parada na sua área, o senhor tem alguma coisa a dizer sobre isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, não é isso.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, não é isso, porque essa parte não fica parada comigo em Brasília. Ela fica nas regionais.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Obrigada, Sr. Fioravante.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Foi um prazer.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Obrigada, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Devolvo a palavra ao Sr. Relator.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seguirei um pouco na mesma linha dos meus ilustres e queridos amigos antecessores, no seguinte sentido: surpreende-me um pouco - isso é uma surpresa que tenho e sei que o Tribunal de contas, de certa forma, tem - a absoluta informalidade que marcou a tramitação dessas transferências. Tenho aqui mais ou menos como funcionou esse expediente. Há uma correspondência encaminhada pelo cliente interessado; isso é endossado pelo Superintendente de São Paulo, e, sem que nenhum estudo técnico efetivo, avaliação de perdas e ganhos seja feita, isso é deferido.

Se isso é possível no mundo privado, no mundo público, essa falta de transparência de estudos ou aquilo que nós tecnicamente chamamos de falta de motivação da decisão, explicitação das razões da decisão, de orientação técnica da decisão, nos parece muito complicado.

No caso, era perfeitamente possível se fazer um estudo técnico que demonstrasse o ganho ou a perda. Da mesma forma, a decisão do Rio foi mencionada sem um estudo técnico, sem uma demonstração, o que me pareceu de um arbítrio profundo. Por que não foi feito um estudo técnico demonstrador, que até eliminasse certas dúvidas?

Por exemplo, o Tribunal de Contas da União mostra que uma das grandes beneficiadas é a ACF da cidade de Ademar, que quase dobrou o seu comissionamento. E é curiosamente uma ACF que tem os mesmos sócios de uma outra ACF. Ou seja, é um daqueles casos que mencionei dos dezoito, em que os proprietários foram agraciados com mais de uma franquia. Então, na ACF cidade Ademar, por exemplo, os proprietários são os mesmos da ACF de Santa Catarina.

E veja como foi beneficiada a ACF cidade Ademar: ela foi beneficiada com as migrações, porque realizou as FACs de quatro bancos, sendo a única que faz pelo Banco Santander. Ou seja, essa ACF foi enormemente beneficiada, o que nos traz uma forte preocupação, diante daquela situação da influência política de prepostos, etc., de como um mesmo grupo de pessoas é beneficiado por uma decisão honesta, sem que tenhamos um estudo técnico, uma demonstração, etc. E, em outros casos, houve indeferimento. Não há explicitação efetiva.

Por que foi feito dessa forma?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu devo dizer a V. Exª que, primeiro, não é uma coisa feita no "chutômetro". A gente teria que ter muita sorte para fazer o que fez no "chutômetro" e ter o resultado que a gente teve.

Evidentemente que V. Exª vai examinar e, se for a Diretoria de São Paulo, vai ver que esse assunto foi frontalmente examinado pelas áreas comerciais da Diretoria de São Paulo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Formalmente, eu não tenho...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas eu quero dizer a V. Exª que, entre outras coisas, por exemplo, que justifiquem e que o TCU não é obrigado a conhecer, o fato é o seguinte - eu já disse a V. Exª e vou repetir: por que, primeiro, a cidade Ademar, que é um dado que V. Exª diz? O franqueado... Depois dessa decisão de franqueamento, o faturamento subiu da média de R$3,78 milhões para R$10,94 milhões.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí nós vamos voltar às causas do acréscimo. Talvez não...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas eu quero dizer a V. Exª o seguinte, só para terminar aqui: e o percentual de pagamento de média caiu de dez para cinco.

A Diretoria Comercial se prende muito nesses dados, Deputado. Nós não estamos querendo saber quem era o sócio, se o sócio era o mesmo de outro... Eu quero dizer a V. Exª o seguinte: que, com esse movimento, vários objetos que estavam em CETs, que estavam em máquinas de franquear, que nós sabíamos que estavam, porque, não podendo ser vinculado, o franqueado não vai levar isso para a FAC... Nós sabemos disso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor me permite? Custa-me acreditar, em se tratando de bancos, que o fato de eu ter uma vinculação leve a um acréscimo tão alto assim, porque o banco não tem outra alternativa a não ser usar os Correios.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas acontece o seguinte, veja bem...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja: o que o banco manda pelos Correios? É o extrato, é a situação...É sempre pelos Correios, não há *motoboy*, não há...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Me desculpe, não é só isso. Ele manda muitos produtos concorrenciais, como mala direta...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele usa outra alternativa que não seja os Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Pode usar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não usa, ou seja, não usava antes e não usou depois. Esse acréscimo não se deve a isso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A Telemar usou. A Telemar deixou o Correio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não estou falando da Telemar. A Telemar tem uma característica de atuação completamente diferente dos bancos. Bancos trabalham com situações que evidentemente são... Eu não consigo visualizar um *motoboy* entregando extratos. Que concorrente entrega extratos? Eu não vejo.

Ou seja, esse acréscimo, para mim, dificilmente se justifica, com a devida vênia, pelo fato da vinculação. Alguma coisa há que temos de pesquisar. Agora, não há lógica. Passou a operar, e cresce o volume de extratos que se manda? O que aconteceu? Eu não sei.

O que me parece pouco plausível é que, sem um estudo do aumento dessa demanda, sem um compromisso e uma avaliação prévia, se deferisse isso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas o senhor não nega o resultado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nego. Como causa, sim. O senhor está falando de resultado quantitativo. Perdoe-me a brincadeira, mas o índio achava que, quando ele batia o tambor, chovia e que havia um nexo causal. Eu não sei se, nesse caso, o senhor não está batendo o tambor, e o resultado é a chuva. Eu não sei, pois o nexo causal não está provado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – O único fato... Veja bem, nós temos um exame histórico de 14, 16 meses, nós tínhamos um controle feito de maneira idêntica, tudo de maneira... O único fato diferente foi estratégia comercial de vinculação para trazer...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas considerando que os bancos não têm outra demanda que não seja essa, e não têm nenhuma situação concorrencial que a levantasse, onde é que...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eles têm... Primeiro, os bancos têm uma grande receita em concorrenciais. Não é verdade, primeiro... Se V. Exª...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No quê?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – De mala direta. O senhor recebe várias coisas em casa que os bancos entregam em mala direta.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelos Correios sempre.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sim, mas pode ir para a concorrência, pode ir por Sedex, por qualquer uma dessas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca recebi extratos pelo Sedex.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Porque nunca deixamos ir para lá, graças a Deus.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Logo, não foi a migração...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Os Correios são um monopólio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como ela não tinha ido antes, não foi o acréscimo decorrente da vinculação...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Foi. Esse é o raciocínio de quem vê árvore e não vê a floresta, perdoe-me, V. Exª. Por quê?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não estou vendo nem a árvore nem a floresta. Eu não estou vendo... Qual foi o concorrente seu que foi atingido por essa decisão?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Qual?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dos bancos.

Quem perdeu?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não. Quem perderia seria os Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Quem perdeu?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não perdeu, porque eles ficaram fidelizados conosco. O Correio não perdeu, mas, se V. Exª pensa que os bancos, que várias vezes estiveram conosco, dizendo o seguinte: seu preço está muito alto...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Os Correios tiraram de quem? É isso que nós queremos saber.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem perdeu objetivamente demanda...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Os Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se houve aumento da demanda para os Correios, alguém perdeu, ou, então, houve criação de demanda.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não. O que estava em máquina de franquear em Sedex foi para a FAC. O Correio ganhou. Em vez de pagar 11%, 12%, paga 5%. O Correio ganhou, porque o franqueado não estava botando isso em FAC.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A minha pergunta é a seguinte: os bancos não operavam com nenhum concorrente seu antes. Logo, essa vinculação para as franqueadas não implicou que nenhuma empresa privada que disputava com os Correios perdesse demanda. Logo, o acréscimo da demanda não se deveu à vinculação. Eu não consigo ver esse nexo lógico.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É porque V. Exª não teve oportunidade de sentar-se com diretor de qualquer banco desses que lhe dissesse o seguinte: "Os seus preços estão muito altos. Você, quando tirou o serviço de manuseio, coleta, impressão e tal, você está nos deixando numa situação de preço de custo altamente exagerado".

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é porque se vinculou o Santander, na cidade Ademar, que vai mudar a política de comunicação do banco com seus clientes no Brasil inteiro. Ela é padrão, ela é uniforme. Não vai mandar mais carta por causa disso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Deputado, eu digo...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Além do quê, os bancos cobram isso dos clientes. Eles não assumem esse custo para eles.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – O que eu estou dizendo a V. Exª...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem algum estudo que demonstre a ligação causal, não numérica – numérica, como eu disse, pode ser o tambor e a chuva –, que mostre o porquê que clientes perderam, que demandas passaram a ser gestadas por essa decisão? Isso não tem nada. Não há nenhum estudo nesse sentido. O senhor tomou uma decisão, com a devida vênia, às cegas.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu discordo de V. Exª, porque o fato de formalizar alguma coisa nesse sentido não quer dizer que não tenham sido feitas várias reuniões...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Existem atas dessas reuniões?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Em São Paulo, deve haver, porque as reuniões foram todas sugeridas por São Paulo. E ele diz aqui que...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele alegou que foram razões éticas apenas.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, não. Ele diz razões éticas por um outro motivo. O que ele quis dizer foi o seguinte: a razão ética foi em relação à média histórica retroagir.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a devolução também.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, mas a média histórica retroagir. Eu vou explicar a V. Exª por quê.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso nós vamos chegar já, já, mas ele falou que o retorno se deveu por razões éticas. Ele explica a ética...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Estava resgatando o papel.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente. Por quê?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não porque havia benefícios...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não precisa. Eu vou dizer por quê. No momento em que o Correio, em 2001, autoriza a vinculação, os franqueados se preparam e se estruturam para prestar determinados serviços que tornam o processo atrativo, e, um ano depois, a gente, unilateralmente, apropria-se da receita, que veio para nós pelo franqueado... Eu digo o seguinte: o senhor trouxe essa receita para o Correio, e agora ela não é mais sua. Essa receita agora é minha, e eu não pago mais comissão como venho pagando há um ano. Então, eu quero dizer o seguinte...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Era dele.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Era dele.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Era dos Correios.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, mas era dele. Os 5% eram dele, Deputada, porque o Correio fez um contrato de FAC onde pagavam... Por que é média histórica? É para definir o que é do Correio e o que é do franqueado. Quando o franqueado... E o Correio pagou sobre essa comissão muito tempo, porque reconheceu que esse era um trabalho dele.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E esses franqueados perderam, passaram quatro anos tendo prejuízo com...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, foi de 2002 até agora.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Então, quando os senhores chamarem aqui, eles ensejaram uma ação jurídica de perdas e danos e de lucros cessantes, porque foram induzidos pelo Correio a investir. Aquele trabalho daqueles objetos vieram para o nosso tráfego por trabalho deles. E eu acho que o Correio, na minha opinião, apropriou-se do trabalho deles na hora em que disse o seguinte...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Agora, o senhor está dando as verdadeiras razões...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas, eu disse isso antes.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não foi por que os bancos estavam reclamando, porque os bancos não perderam um centavo.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas é tudo junto, Deputado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Porque eles cobram de mim, do senhor, de qualquer um de nós quando eles remetem, seja pelos Correios, seja...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu peço que o Relator me confirme. Eu já tinha dito isso antes de V. Exª chegar.

Quero dizer a V. Exª o seguinte: o que há é uma série de fatores. Primeiro, o cliente pedindo. Por quê? Nós, ao tirarmos a rede franqueada, tiramos dele a possibilidade desses serviços, que barateiam muito para ele e que nós não podemos dar. Esse é o argumento do cliente, dizendo para mim o seguinte - para nós, Correios, e para São Paulo, especificamente, reiterado nas cartas que aqui estão... Se V. Exª quiser, eu posso ler até uma delas, que fala em prejuízos de R$2,3 milhões no ano se ele tiver que fazer aquilo...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não aceitamos isso. O senhor vai me desculpar, mas o senhor não acreditou que os bancos estavam tomando prejuízo de 2 milhões.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu não posso...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não foi por isso. O senhor não ficou com pena dos bancos também, não é?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não é isso, Sr. Deputado. Isso colocado nesses termos não é assim. Não posso dizer para o meu cliente que ele está mentindo. Ele é um grande cliente meu. Se ele alega, sei que os franqueados prestavam aqueles serviços.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, ele não tem alternativa de migração para nenhuma... Pelo tipo de perfil que o banco tem, ele não tem alternativa a não ser os Correios. É isso que quero ponderar ao senhor, ou seja, ele não tinha como migrar para nada. O que me causa espanto...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu discordo disso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Telemar é possível.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A Telemar é tão grande quanto qualquer banco desses em termos de...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, mas a operação é outra. A Telemar é uma companhia que não manda extrato...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Como ele migraria, por exemplo, como o senhor imagina um banco migrando...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mandando extratos para a sua casa...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Como é que o senhor imagina isso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu teria que entrar com uma ação contra isso, se ele contratasse o Fedex, por exemplo, para fazer esse serviço para eles ou qualquer outra empresa dessas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Fedex para entregar extratos na casa das pessoas?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É um exemplo. É lógico. Deputado...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Tem um custo altíssimo.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, muito menor do que o nosso, Deputada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Primeiro que o Fedex não teria estrutura para isso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, estou dando esse exemplo, mas eu posso dizer que cem grandes empresas em São Paulo podem decidir assim: "Os extratos em São Paulo vou entregar por essas empresas". E entregam. Não tenha dúvida disso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe que operacionalmente seria impossível, até porque, se não fosse, os bancos já teriam migrado antes.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Deputado, esse risco não dá para correr, porque esse risco a gente só vai...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Correu-se em 2002, e não aconteceu nada.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Como não?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Algum banco deixou de trabalhar com os Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas agora deixariam, porque eles estão tentando, desde lá, através dessas cartas... Eles, em nenhum momento, ficaram calados. E diziam o seguinte: "Olha, está bem, vamos continuar com vocês. Vocês são mais caros que...".

Eles vão mudar. O risco de mudar... O problema é o seguinte: a gente só vê isso depois do prejuízo feito. Essa sua tese, para ser comprovada, eu tinha que estar de frente a um prejuízo de R$700 milhões para dizer: o senhor tem razão. Eu não correria esse risco.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Eu queria saber de um estudo prévio da sua decisão que demonstrasse exatamente por que isso foi feito, e esse estudo não existe.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – V. Exª diz que não há formalização disso. Eu digo a V. Exª, e se V. Exª realmente quiser ir a São Paulo para ver o quanto esse assunto foi debatido entre os três atores: cliente, Correio e eles...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No mundo público...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas, por favor, me responda uma coisa: porque, ao invés de simplesmente devolver, os Correios não se preocuparam em fazer melhor o serviço?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ah, o senhor sabe quanto custa para nós fazer esse serviço? Já dei um exemplo aqui, mas, vou dar um exemplo para o senhor de novo: os franqueados, em tese – porque não posso fazer esse serviço para um ou outro cliente; tenho que fazer para todos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, a questão era só o custo?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É lógico. Veja bem, vou dar o número a V. Exª.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não havia outra reclamação que não fosse o custo por parte dos bancos?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É lógico. Eles querem um preço menor, eles querem custos menores.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, a questão era só...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É só lucro; é redução de custos. Eles, várias vezes, sentaram comigo e disseram o seguinte: "Olha, o meu custo postal com você está altíssimo. Ou você restabelece os serviços que o franqueado me dá, ou você está fora". E eu sei que estou fora de mercado, porque a gente conhece. Temos vários departamentos que estudam o mercado, estudam para onde o mercado está indo, quem são os nossos concorrentes. Na minha

área, embora o Deputado tenha dito aqui que a coisa foi feita meio na base do tambor, quero dizer...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, informalmente. Não falei tambor. Falei informalmente.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Quero dizer a V. Exª que temos vários departamentos, em Brasília e em outros lugares, que estudam o mercado em cada lugar, inclusive com ...

Então, o que os bancos dizem para a gente é o seguinte: "Ao banco interessa redução de custo". Se não sou competitivo, ele não vai continuar comigo; ele chegou no limite daquela possibilidade. E digo mais a V. Exª: não tenho dúvida de que parte desse tráfego, que agora entra, estava sendo usado, em muitas regionais, em empresas concorrentes nossas. Não tenha dúvida disso. É que não posso dizer uma coisa dessas aqui, porque não vou provar, pois são clientes meus. Mas não tenha dúvida V. Exª de que, se um grande banco desses tem em Minas alguém que faça essa operação, para a cidade de Belo Horizonte ou cidades ali por perto, por um preço 40% menor, ele vai fazer. Por isso é que se explicam esses números.

É muito mais plausível entender assim, do que entender que foi falta de controle, porque controle sempre houve. E estamos discutindo sobre um quadro altamente positivo numericamente para o Correio. Não estamos discutindo aqui, apontando sobre um quadro negativo. Estamos discutindo sobre um quadro que trouxe para os Correios resultado financeiro excelente.

Estou aqui para mostrar os franqueados todos, e especialmente esses quatro dos quais estamos falando. Aumentamos a receita e sobre ela pagamos um percentual cada vez menor, ou seja, está ficando nos cofres dos Correios a diferença. Se V. Exª quiser ler que é por falta de controle, digo o seguinte: o controle sempre houve e sempre foi o mesmo. Quero dizer a V. Exª o seguinte: evidentemente que isso foi por conta disso, porque a gente sabe que foi por conta disso. Agora, a ausência de um documento formal que possa...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O que estamos insistindo com o senhor - acho que o senhor percebeu que existe aqui uma teimosia da nossa parte - é que não entra na cabeça da gente dizer que os Correios, com o monopólio dos serviços postais, cedam às exigências dos bancos, que não perdem um centavo com nada. Pelo contrário, eles cobram... Se você diminui os custos dos bancos, eles vão continuar ganhando mais, porque vão cobrar a mesma coisa dos seus clientes. Então, eu acho que foi muito rápido o recuo.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Veja bem, a questão comercial, a decisão pode parecer, aos olhos de V. Exª, rápida. O processo de discussão delas, no Correio, foi bastante longo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pena que não formalizado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas isso não quer dizer que o entendimento não tenha sido correto. Eu quero dizer mais a V. Exª: o resultado é esse. Quero dizer mais: os bancos, esse monopólio que V. Exª diz que existe, eu disse-lhe que há três mil empresas na Abraed, e temos centenas de ações contra elas. Isso é um fato. Não é uma suposição. A concorrência existe.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Carlos Eduardo, ganharam os bancos, ganharam as franqueadas, ganharam os Correios.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ótimo!

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quem perdeu? Nós não conseguimos saber quem perdeu.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas não é preciso ninguém perder, Excelência. Acontece o seguinte: perdeu a concorrência.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que concorrência é essa que perdeu?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu vou dizer a V. Exª, e aí estarei falando de grandes clientes dos Correios, e não sou mais de lá. Pode ter certeza V. Exª de que, em vários lugares desses, perderam essas empresas que pegavam de São Paulo para entregar em São Paulo.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor está dizendo que perderam os *motoboys*?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Perderam as empresas que usam os *motoboys*.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Banco nunca entregou nada por *motoboy*! Aquilo que se entrega nas casas das pessoas, com segurança etc, *motoboy*?!

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Nós fazíamos o trabalho para isso...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Extratos, talões de cheques, cartões de crédito...?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, isso não. Mas mala direta, aqueles 48% da nossa receita que vem do concorrencial, eu tenho um dado para mostrar para V. Exªs que é o do Ministério da Saúde. Não sei se V. Exªs estavam aqui presentes e se chegaram a ouvir este exemplo: nós tínhamos um franqueado trabalhando no Ministério da Saúde desde 2000. Ele levou de R$2 milhões, em 2000, para R$11 milhões, em 2003. Em 2003, nós proibimos isso. Só

os Correios trabalham. A receita, Deputado, caiu de R$11 milhões para R$2,3 milhões, em 2004. Eu não pago nada sobre os R$2,3 milhões. Sobre os R$11,1 milhões, eu pagava R$1,5 milhão e ficava com R$9,6 milhões. Hoje, eu não pago nada sobre os R$2,3 milhões e fico com...

Eu quero dizer que, sobre esse prejuízo, que é quase igual a esse no ano, ninguém fala nada. É por isso que eu disse a V. Exª e disse ao Deputado Arnaldo Faria de Sá que não adianta você dar números positivos em serviço público, porque o que se procura é o seguinte: se der lucro, com formalismo, dentro das regras... Se der prejuízo, está ótimo, ninguém o questiona. Se você se expõe, se você tem uma atitude comercial que mostra resultados, questiona-se se os resultados foram em função da sua ação ou se alguém bateu o tambor e deu certo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Permita-me então uma pergunta: se a sua lógica for correta, não seria bom para os Correios que todos os grandes clientes migrassem para as franquias?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sem dúvida, seria bom.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que não feito isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Porque existe, nos Correios, uma grande resistência. E digo mais...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que indeferiram no Rio de Janeiro?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Porque esse não tinha vinculação anterior com o franqueado. A ética que o Marcos falou é a seguinte: nesses contratos já foi do franqueado...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas essa é uma questão econômica! Se é bom para os Correios, deixa seguir.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas o nosso modelo novo é permitir ao franqueado fazer tudo. Sabe por quê? Porque aquilo que eu pago a ele é muito menos do que aquilo que eu tenho que investir para prestar o serviço, Deputado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, não seriam todos os clientes grandes que favoreceriam os Correios se migrassem?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Aqueles que tivessem a possibilidade de prestar impressão, coleta, armazenamento e manuseio e nos dessem, através da rede terceirizada, condições favoráveis de competitividade, eu sou a favor de que todas as situações...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso foi examinado em cada um desses casos?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sem dúvida.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Onde está esse estudo?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – O estudo formal deve estar em São Paulo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não há, porque eu perguntei ao Sr. Marco Antonio. Não há nenhum parecer. Eu perguntei, e é nesse trecho lido pela Deputada Denise Frossard que ele disse que não há nenhum parecer. Ele só argumentou naquilo que se referia à questão ética. Ele não indicou esse parecer. Ele deixa claro, inclusive nas perguntas do nobre Senador Wellington, que não há esse parecer.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não há discussão em termos disso. V. Exª está me dizendo que o mesmo parecer que a excelentíssima Deputada Juíza Frossard leu... Ele disse o seguinte: "Ele sugeriu a mim [porque depois ela me ajudou dizendo que ele sugeriu a mim] uma coisa..." Sem que ele tivesse feito o menor estudo? V. Exª acha que ele sugeriu sem que tivesse pelo menos discutido exaustivamente...?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por razões éticas.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, ele disse que não fez nada formal.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas não escreveu.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, não, não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não quis escrever.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Está bem, mas, evidentemente, examinou, sugeriu, como diz em seu depoimento, sugeriu isso comigo, discutiu em Brasília...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu vou ler as falas do Marco Antonio.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não. V. Sª tem fé pública. Não precisa ler.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, mas eu posso me enganar.

Ele disse o seguinte: o Sr. Marco Antonio Vieira da Silva, perguntado pelo Senador Wellington: "Eu não vi o parecer".

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Aliás, V. Exª não tem fé pública.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se foi feito parecer de alguma coisa, eu recebi um documento, autorizando-me a fazer o movimento. Ou seja, não há estudo técnico.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Sr. Relator, só uma questão. Eu acho que são pessoas inteligentes, está tudo muito bem colocado, o Fioravante está se defendendo muito bem. Eu só queria saber o seguinte: esse troço todo tem um regulamento que dá poder para o diretor administrativo decidir? Existe, no Regulamento dos Correios...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se V. Exª me permitir, eu quero falar exatamente sobre isso agora.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Mas é estão me citando toda hora, deixe-me ter uma chancezinha.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não... (Risos.)

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Somente uma chancezinha. Pequenininha.

Eu quero dizer o seguinte: eu acho que no Poder Público – e se eu estiver errado a Juíza Denise Frossard me corrija –, mas eu acho que tudo é regulado por um manualzinho – digamos assim. Pelo menos, eu, quando fui para o Senado...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – Pela lei e pelos princípios de administração pública.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Sim. Mas eu, por exemplo, quando vim para o Senado, a primeira coisa que peguei para ler foi o Regimento. Eu vou ler como funciona...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Permita-me pegar o documento.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Isso eu queria saber. Se todos que estão aí obedeceram ao manualzinho dos Correios?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se V. Exª me permite, Senador, é a pergunta que eu quero fazer. Há um manual, que é o Manual de Comercialização e Atendimento, que rege esses casos. Ele foi atendido em todas essas situações?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Ele foi atendido no que se refere à veiculação, que ele permite. Por isso o Marcos diz que atendeu ao manual completamente, porque ele permite essa vinculação. Nós poderíamos estar aqui até dizendo o seguinte: a vinculação deu prejuízo, mas que ela é possível, é. Eu digo que ela é possível e deu lucro. É. V. Exª... O número... Como dizia o Dr. Ulysses, nada mais eloqüente do que o fato. E o fato são esses números aqui que eu posso mostrar a V. Exª. V. Exª pode dizer que o fato não é esse; que a causa é outra. Eu digo a V. Exª que a única condição que mudou nesse tempo todo foi essa política.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não foi respeitado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – O manual foi respeitado com relação ao Marcos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em tudo?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Onde ele não foi?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Ele é omisso na questão da média histórica.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão. Ele não era omisso. Eu vou ler a V. Exª.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Sabe por que eu acho, antes de V. Exª ler? Ele não vê questão...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – Ele falava da média dos últimos seis meses.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão, mas ele não era omisso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Mas ele não fala em questões excepcionais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Fala.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Ele não fala, por exemplo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Fala claramente.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Ele não fala...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – Eu estudei minuciosamente. Fala sim.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Excelência, ele não diz o seguinte...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu vou ler a V. Exª.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Deixe-me somente colocar para V. Exª poder previamente entender o que eu penso. Nós estamos em um caso em que nós rompemos um contrato unilateralmente e nos apossamos de uma receita gerada pelo franqueado. A média histórica existe para isso. Agora, deixe-me dizer algo em relação à média histórica a V. Exª, Deputado, porque V. Exª percebe muito rápido: se

eu fizer uma média histórica nos últimos seis meses, olha... Eu peço...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós vamos ver uma média histórica já, já.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Mas isso aqui é a única exceção.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu estou falando do Regulamento.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – É a única exceção.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, vamos lá.

Regulamento. Manual de Comercialização e Atendimento.

Item nº 321 – Contrato FAC: "A Comissão da ACF será calculada com base no valor-referência de cada contrato, conforme as instruções seguintes:"

"a) Obter as faturas referentes dos últimos seis meses de operação normal do Contrato FAC, com vinculação exclusiva e unidade própria da ECT. Caso o contrato tenha menos de seis meses de operação normal, utilizar a quantidade de meses disponíveis".

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Perfeito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não foi feito isso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Está.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pegou uma média histórica totalmente arbitrária que não estava colocada aqui.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – É isso que eu quero mostrar a V. Exª.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o manual não foi respeitado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu quero dizer a V. Exª o porquê. A média histórica... Qual é o conceito da média histórica? Separar o que é dos Correios e, por conseqüência, separar o que é do franqueado. Entendeu? Veja bem, se nós temos um contrato... Eu vou fazer um FAC com V. Exª. Porque nesse caso isso somente se dá no FAC. Na hora em que nós permitimos, em 2001, o FAC ao cliente... Para isso eu peço muita atenção de V. Exª, porque é fundamental e é o que embasou a nossa decisão.

Eu digo o seguinte: V. Exª... Franqueado, nós vamos levar para esse contrato dez mil objetos. Cinco foram trazidos por mim e cinco foram trazidos pelo senhor. Eu vou fazer a média histórica porque não vou pagar sobre os cinco que foram frutos do meu trabalho, porque eu os trouxe. Mas vou pagar sobre o que o senhor está trazendo para esse contrato FAC. A média histórica existe para isso. E dali para adiante se paga uma comissão sobre o que o franqueado trouxe. Não é verdade? Esse é o fato. A média histórica existe para isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas nesse caso não havia... O franqueado estava fora nesse caso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não, não, ele... Durante o ano de 2001 ele estava dentro e nós pagamos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas foram recuperar a média de 2001?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Espere. É isso o que eu quero dizer a V. Exª. É isso que eu quero explicar a V. Exª.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que a média de 2001 e não dos seis meses anteriores?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Porque é isso o que eu vou explicar e V. Exª vai entender rapidamente.

Então, na hora em que eu fiz isso eu disse ao franqueado que o que ele trouxe com o esforço do trabalho dele eu iria respeitar, pela nossa relação comercial; e paguei comissão durante o período. Em 2002, eu disse o seguinte – os Correios disseram o seguinte –: Não pago mais comissão sobre isso; o que você trouxe é agora meu. É uma apropriação, a meu ver, indevida do trabalho de um parceiro que colaborou.

Quando eu cheguei agora, em 2004 – deixe-me terminar que o senhor vai entender –, eu tive de escolher uma média histórica, ou fazê-la. Por que eu estou fazendo de novo a vinculação? Qual o objetivo? Proporcionar ao meu cliente especial aqueles serviços que o franqueado dá e não posso oferecer gratuitamente. Por isso que eu estou fazendo isso. Muito bem. Se eu escolher uma média histórica dos últimos seis meses...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quanto seria?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Zero. Porque se eu disse que tudo que era dele é meu agora, eu não tenho sobre o que dar. Então, eu vou dizer para ele o seguinte: Olha, eu vou pagar... Você vai fazer a coleta para mim, vai fazer o manuseio, você vai fazer a impressão, você vai fazer o armazenamento e eu não vou te pagar nada. Sabe por que, Excelência? Porque se eu disse que o que era dele, em 2002, e passou a ser meu, qual é o número de objetos que ele tem dele agora? Zero. Qual é a média histórica dele...?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Tinha algum parâmetro?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não tinha.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Por quê? Não podia pegar de outra, de outra...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – De outra época. A época...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – ...de outra FAC na mesma época?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não tinha. Porque, veja bem V. Exª – e é isso que eu quero mostrar a V. Exª.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só uma colocação. No momento, veja bem, em que o senhor coloca que ele poderia ter usado outra época, a essência da decisão dele é a mesma que a do senhor.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim. Falando da mesma época...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não. O número varia completamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim. Sim.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Deputado, deixe eu... Deputado!

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não é verdade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando ele diz assim: por que não pegou outra época?

O SR. (Orador não identificado) – A essência da decisão é outra.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Senador. Eu peço a V. Exª...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é. Não é, porque os números alteram brutalmente.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Sim, mas veja bem...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os números alteram brutalmente segundo o TCU, e eu vou falar sobre isso.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Deputado, eu quero dizer a V. Exª o seguinte, veja bem: eu tenho duas opções... (Pausa.) Eu tenho duas opções: ou eu faço a média histórica atual, e aí eu estou dizendo a ele o seguinte: esse contrato hoje tem dez mil objetos. Eu sei que desses dez mil, cinco foram trazidos por você lá em 2001. Está certo? Faz parte disso aí e é verdade, tanto... E mais, o acréscimo de contrato que você trouxe em 2000 e 2002 eu também não pago mais. É tudo meu agora. Então, se eu for fazer uma média histórica atual, o que tem de objeto do franqueado sobre o qual eu possa pagar comissão? Zero. Não tem sentido fazer média histórica agora, Deputado. Eu estaria ratificando aquela apropriação indébita que eu fiz em 2002. Por isso que nós voltamos à época daquela vinculação, porque pelo menos aí tinham objetos que eram fruto do trabalho dele mesmo. Eu só estou respeitando o trabalho dele. Mais nada. É isso que eu estou querendo mostrar a V. Exªs e que até agora não tive...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Carlos Eduardo, qual foi... O senhor tem conhecimento dos detalhes que embasaram a decisão de 2002?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não. Eu entrei... De... De... De cancelamento?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – De retirada.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não tenho a menor idéia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu acho um absurdo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor sabe se eles já não tiveram alguma compensação que justificasse o que o senhor disse que é uma apropriação indébita?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu acho...

O SR. SILVIO TORRES **(PSDB – SP) – Nós precisávamos... O senhor está fazendo um juízo de valor.**

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu, eu posso... Não. Não. Eu posso dizer o seguinte: nos meus contratos com os franqueados, eles sempre reclamaram muito disso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, eles reclamaram. Qualquer um de nós reclamaria quando teve... Mas precisaria saber...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Exatamente. Porque se o senhor faz um trabalho para mim, eu combino pagar uma comissão a V. Exª e, depois, me aproprio do seu trabalho e não pago nada, unilateralmente!?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Permite?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – Sr. Presidente, apenas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É só um dado, apenas para informar sobre a questão de V. Exª. Eu tenho aqui o quadro construído pelo Tribunal de Contas da União que pega a média dos seis meses de 2002, comparativamente àquilo que seria feito se tivesse sido seguido o manual.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – Do manual, de acordo com o manual.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A diferença, Senador Wellington, é a seguinte:

Banco Itaú, média determinada pelo Manual de Comercialização e Atendimento: 12 milhões, 285 mil, 517. Média de seis meses de 2002: 7 milhões e 988. Criou-se com esta fórmula um excedente artificial de 4 milhões, 297 mil.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – Quatro milhões e muita coisa.

O SR. (Orador não identificado) – Posso fazer uma observação?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se tivesse sido seguido o Manual de Comercialização e Atendimento, evidentemente a comissão que seria paga seria infinitamente menor.

O Unibanco: 7 milhões, 1.243, 78 mil. Média de seis meses: 3 milhões;

Banco Real: 4 milhões, 270. Média de seis meses: 2 milhões.

E chamo atenção para o Santander. Média do Santander: 4 milhões, 362. Média dos seis meses: Zero?!

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – De 2002. Exato.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Zero. Portanto...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Porque não estava lá.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque não estava lá.

Santander: 4 milhões, 362,09. Ou seja, isto trouxe um prejuízo. O não se seguir o Manual trouxe um prejuízo óbvio, que é retratado pelo Tribunal de Contas da União, onde a decisão foi tomada sem seguir-se o Manual, sem justificativa técnica, com uma situação de excedente artificial criada e que, obviamente, implicaram em ganhos dobrados para aqueles que receberam esses clientes.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Excelência, eu posso fazer uma observação?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – O senhor faz uma leitura linear, objetiva e clara. Agora, eu quero dizer o seguinte: por que essa média é tão maior? Porque estão incorporados nessa média os objetos que eram dele, que eu paguei e ele diz que eu não pago mais. É isso que muda. Eu quero dizer...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – Mas...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Se a senhora quiser eu posso voltar a 2001 e explicar.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – Não. Não. É porque, veja, quando nós estamos no serviço público, nós temos que ter no serviço público os registros de todos os atos e de preferência com os pareceres técnicos, porque nós não podemos tomar decisões no serviço público sem fundamentação. Quer dizer, onde é que está isso? Esse negócio que foi feito, que foi compensado, isso o senhor teria? Desculpa, é que eu estou...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sem dúvida.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Está parecendo que eu estou falando assim, meio..., é porque estou com um problema vocal e às vezes eu tenho que falar mais alto.

Teria tido algum documento que fizesse essa ... a compensação na área pública é um negócio complicado, não tem ...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Quero dizer a V. Exª o seguinte: tem primeiro um fato claro, a meu ver, quero dizer a V. Exª o seguinte: ...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – No serviço público tem que ter os documentos.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Certo. Tem, tem porque qualquer o primeiro documento? O contrato FAC, em 2001, com a rede franqueada diz o seguinte: que nesse total desses objetos, Exª, pagamos sobre os que vieram para cá com o trabalho da rede franqueada. Quando o Deputado coloca essa diferença de média é exatamente porque aqueles, a média histórica atual não respeita aquele valor que foi trazido por eles, sobre o qual foi pago comissão, nós reconhecemos, por isso é que é muito maior, porque se ... veja bem, se V. Exª traz cinco mil documentos, eu trago cinco, temos dez, se eu digo ... então a média histórica são cinco. Se eu digo agora que os seus cinco não valem mais, a média histórica é o dobro, porque eu incorporei o seu para mim. Então não tem média histórica. Eu não estou respeitando o trabalho, não estou respeitando o acordo comercial, eu não estou respeitando nada. Por isso que é o dobro.

Entendeu Deputada? É isso que eu quero mostrar a V. Exª. Na hora em que a gente rompe um contrato unilateralmente, e diz o seguinte: fulano, você trouxe isso, eu paguei comissão durante o ano, mas agora eu não pago mais. Aí o senhor vai fazer a média histórica atual, eu estou incorporando tudo o que ele trouxe

como meu e aí não tem nada para ele. É tudo meu. Ai, a média histórica é distorcida dessa forma.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Carlos, um aparte aqui.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Isso já... isso eu não paguei para ele, eu disse que sobre isso eu não pagava nada, sobre os cinco mil dele eu não pagava nada, eu só pagava sobre o trabalho gerado por ele. E num determinado momento eu disse que sobre isso eu não pagava mais, por isso que a média histórica não é mais cinco, são dez. Por isso que eu disse à senhora, se a gente fizesse a média histórica atual, dos últimos seis meses, o franqueado não tem direito a nada. É lógico.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Carlos, o senhor já... deixa eu só fazer uma outra pergunta simples. O senhor estava aqui, do outro lado do Estado, estava negociando com entidades privadas, eu não estou dizendo que devemos passar por cima de qualquer direito ou qualquer... não é isso o que eu estou dizendo. Agora, eu estou dizendo, eu quero perguntar o seguinte ao senhor: se o senhor tivesse proposto a eles que seguiria o manual do jeito que o manual mandasse, o senhor acha que eles não aceitariam a proposta de recuperar?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Essa é uma boa pergunta para fazer ao franqueado que vem aqui. Vai vir um grande franqueado aqui. Pergunte a ele, Deputado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu estou perguntando ao senhor.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE – Eles me disseram que não, lógico que não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ah, eles disseram que não aceitariam?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Lógico que não. Não há vinculação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eles prefeririam ficar sem...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sabe por quê? Veja bem, Eu vou...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Como eles iriam resolver o problema?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Exatamente, como nós iríamos resolver o problema, se eu digo para ele o seguinte: a sua meta histórica é zero, não lhe devo nada, agora, a partir de agora você faça impressão de dados variáveis, faça a coleta, faça o armazenamento, faça manuseio e eu não lhe pago nada, porque eu não tenho como lhe pagar, porque a média histórica é zero.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E envia a correspondência, enfim, como?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – O custo é muito maior. Como é que iríamos fazer, se eles não querem fazer?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sim, vai enviar através de quem se não for dos Correios?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ai a senhora está dizendo para eu chegar ao meu cliente e dizer: pague 40% a mais e se vira, eu não vou abaixar o preço, não vou te dar as vantagens que eu já dei anteriormente pela rede franqueada. O cliente não vai aceitar isso de mim. Veja bem, eu queria falar sobre uma diferença: o mundo empresarial entende franquia como franquia mesmo, como parceira, ele sabe que eu tenho uma rede terceirizada que pode prestar esses serviços, ele sabe que eu ganho 95% disso e ele não entende, porque, tendo dado a ele isso num determinado momento, eu não posso dar mais agora. E vou impingir a ele por causa de um monopólio um preço 40% acima de mercado. O cliente não entende e não aceita isso. V. Exªs precisariam ter uma experiência comercial desse tipo para poder...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas pelo que vi das franquias, e pelo que me lembro pelos estudos na época da faculdade, foi a única franquia em que o franqueado determina as condições. Foi aqui nos Correios que eu vi.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu posso dizer a V. Exª que ...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu não estou entrando no mérito de que isso é absolutamente ilegal. Não estou entrando no mérito. Admitindo-se que fosse legal, e não é, é a única franquia em que o franqueado determina.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Eu não devo estar percebendo, porque veja bem, quem fez o modelo de franqueamento há 10, 15 anos foram os Correios, foram os Correios que determinaram como seria a forma de pagamento, o serviço que tinha de ser feito e tal. Quero mostrar a V. Exª o seguinte: ainda bem que o mercado muda e quem trabalha a área comercial, porque vou dizer a V. Exª, não basta...

Se a senhora pensa, se nós pensarmos que se põe um funcionário, ele lê um manual e vai ganhar o mercado, então põe qualquer um que faz o manual. Não é assim. Tem que ter sensibilidade, tem que entender para onde caminha o mercado. Sabe por quê? Nos formatamos uma rede para trabalhar em várias...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas regras são regras..

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas não foram quebradas as regras.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foram, o manual foi desrespeitado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não ele é omisso em relação. Nesse caso,...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele não é omisso, ele não abre exceção, é diferente. Quando eu crio uma regra e não abro exceção não quer dizer que a lei é omissa. Quero dizer que há uma regra que tem que ser seguida.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Deputado, quero dizer a V. Ex.ª o seguinte: essa situação foi criada...Veja bem, se o Correio não tivesse quebrado unilateralmente... Deputado, quero colocar uma questão que acho que fica claro. Se o Correio não tivesse quebrado esse contrato unilateralmente, nós estaríamos pagando comissões a ele até hoje corretamente e ele prestando serviços. Entendeu o que quero dizer? Quer dizer, quebramos unilateralmente o contrato...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem fez esse manual?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ah, isso deve ter sido o Correio há muitos anos atrás.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aprovado pela diretoria?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É. Imagino.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, qualquer situação excepcional teria que ser submetida à diretoria como um todo e não poderia ter sido decidida por um diretor comum.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Por isso que perguntei se tinha sido discutido por uma diretoria plena.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas o manual não prevê uma situação onde o Correio quebra unilateralmente uma excepcionalidade dessa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor, respondendo a uma pergunta do Deputado José Eduardo Cardozo, disse que isso é tão vantajoso para os Correios, segundo o Deputado, que poderia fazer com todos. Por que não faz com todos? O senhor disse que há resistências.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Quem disse?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor disse.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, eu disse o seguinte...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Por que não fez com todos?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Porque nem todos os franqueados têm condição de oferecer esse serviço. Só grandes franqueados em grandes centros. Não adianta fazer isso, por exemplo, com todo o respeito, em Óbidos porque... não tem volume.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, é só São Paulo...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Só São Paulo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – ...e aqueles clientes.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Isso. Só esses justificam o volume. Não adianta fazer isso com o cliente de quinhentos objetos. Não tem razão de ser, é antieconômico. Isso tem que ter um patamar mínimo de economicidade.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor chegou a fazer um estudo sobre as outras para saber se elas poderiam também trazer...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o INSS também não recebeu essa mesma vantagem?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Porque o INSS trabalha para a gente e não paga há mais de um ano e não precisa disso. Ele não paga.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja o seguinte, olhe o que eles estão dizendo aqui. Os maiores clientes dos Correios. Quem fala isso é a Abrapost que diz o seguinte:

A ECT dispõe de um quadro de mais de quatro dezenas de gerências de contas especiais responsáveis cada um deles por grande cliente corporativo estratégico, cujas operações são efetuadas em sua quase totalidade pela estatal diretamente sem a intermediação operacional, comercial de nenhuma agência franqueada.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – É verdade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele apresenta a relação dos vinte maiores clientes onde dos vinte maiores clientes estão os quatro que migraram que tinham, portanto, todo o seu trabalho desenvolvido praticamente pelos Correios, o que mostra que não tinha uma concorrência, o que mostra portanto que, pelo porte desses clientes, era impossível criar-se uma concorrência em que eles migrassem.

Portanto, mostra efetivamente que essa migração não foi uma disputa de mercado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Deputado, essa migração não se deu agora. Essa migração se deu em 2001. A perda das vantagens da migração, por rompimento unilateral, está sendo enfrentada agora, com um retorno.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu estou falando o retorno. Esse documento da Abrapost é de agora, ou seja, não havia nenhuma disputa de mercado que obrigasse o senhor fazer a migração para segurar o cliente. A própria Abrapost está dizendo isso porque todo o trabalho desses clientes estratégicos era feito com os Correios.

É impossível para um cliente estratégico ter uma outra empresa que fizesse isso. Está claro.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – A Telemar teve durante muito tempo. A saúde tem agora.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Telemar, em primeiro lugar, não estava colocada aqui.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas agora está.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em segundo lugar, é bem diferente a atuação de uma prestadora de serviços públicos com a Telemar do que bancos.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não é não, Deputado. Para nós é igual. Os extratos são os mesmos, o fato de...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O documento da Abrapost foi assinado pelo senhor inclusive.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não, o que foi assinado por mim foi o acordo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O acordo que faz parte.

O SR CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Lógico, lógico.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor reconhece isso.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Folhas 27, Sr. Relator.

O SR CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Mas, veja bem, Excelência, o acordo é feito para segmento concorrencial, é só para encomendas.

Eu posso falar sobre esse acordo aqui muito rapidamente e, aliás, é a adoção de uma estratégia comercial altamente meritória e vantajosa. Por quê? Vínhamos observando, nos últimos anos e nos últimos meses, uma perda no tráfego dos Correios de produtos concorrenciais. Isso está dito também no acordo se V. Exª quiser ver, ou seja, nos segmentos de encomendas, mala direta, vínhamos perdendo a todo ano.

O que nós detectamos embora não haja o tal estudo formal. O que investimos com a Abrapost e com a nossa rede o seguinte: esse segmento é atendido basicamente por franqueado. Por quê? O Correio não sai atrás do cliente para fazer uma mala direta, para fazer uma encomenda expressa, não sai para vender Sedex. Ou o cliente vai ao Correio, ou o franqueado sai. Então, combinamos com o franqueado o seguinte: eu te pago, hoje, 5%, vou te pagar a tabela "A", que é de 10 a 40. Vou fazer durante seis meses, vou monitorar isso mês a mês para saber o resultado e vamos estabelecer uma meta de deixar que a queda de receita se estabilize e recuperemos 50 milhões, isso de novembro a abril. Recuperamos desses 50 milhões, Exªs, 38 milhões. E se tirarmos o mês de novembro e incluir dezembro e for até maio chegamos aos 50 milhões. O que fizemos? Evitamos uma queda de receita acentuada, estabelecemos um patamar a partir desse patamar passamos a ter um marketing já novo, novos clientes, novos objetos, conseguimos 50 milhões.

A senhora vai dizer o seguinte – Desses 50 milhões você pagou 10 milhões para os franqueados.

Paguei sim. Vinha perdendo 30, passei a ganhar 45. Isso foi tão vantajoso que a diretoria reiterou esse acordo por mais seis meses. A rede franqueada sabe disso.

Se V. Exª chegar e dizer: Bom, você pagava 5% e passou pagar a tabela "A".

É verdade.

E quanto o Correio passou a ganhar com isso em termos de segmento de mercado e objetos que vieram para cá? Qual foi o lucro que a gente teve? Porque parece que franqueado dar lucro é pecado. Ele é meu sócio, ele ganha 5% em FAC e tabela "A" no que ele trouxer para nós. Se eu estiver dando mais para ele, certamente estou colocando muito mais para o Correio, não tenha dúvida disso. O que não posso é transferir receita minha para ele. Isso nunca aconteceu, os números, pelo menos, não mostram isso. Mostram que cada vez que eu paguei mais o franqueado o Correio sempre ganhou mais que ele. Porque ou é 5% em FAC ou é tabela "A" nos outros produtos.

Se eu tinha um faturamento de 200, pagava vinte; passei a pagar 40, por quê? Porque meu faturamento foi de 200 para 400.

Aí o senhor diz o seguinte: – Mas o senhor dobrou a comissão dos franqueados?

Dobrei: Faturava 200, pagava 10%, pagava 20; agora eu pago 40, mas ganho 400. Não há como o franqueado ganhar e o Correio não ganhar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há uma coisa que eu preciso entender, talvez meu desconhecimento da operação, essa questão da média aritmética, média histórica do período, ela é feita apenas para fins de remuneração do comissionamento, portanto só interessa aos Correios e ao comissionado?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Se você vai vincular um contrato desse novo, vamos supor que V. Exª seja um franqueado. Eu digo a V. Exª o seguinte: – O senhor tem aqui nesse seu contrato sede, nesse seu contrato de máquina de franquear, cinco mil objetos. O senhor vai passar tudo isso para o contrato FAC, não vou lhe pagar mais 10%, 12%, vou lhe pagar 5%, são seus objetos. Depois de um ano, eu digo o seguinte: não é mais seu, é meu.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa média histórica importa alguma coisa ao banco cliente?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Importa ao Correio no sentido que ele não quer remunerar o franqueado sobre aquilo que é trabalho dele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Importa ao Correio e importa ao franqueado, não ao cliente?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque o cliente se mete nessa história?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Porque o cliente sabe se não fizer a média histórica o franqueado não pode prestar o serviço e ele tem interesse é no serviço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor não pensa na hipótese de existir um conluio entre o gerente do banco que pede e a franqueada?

Veja, é estranhíssimo o pedido do Santander, me perdoem, ele diz o seguinte...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Era onde eu queria chegar. Veja, V. Exª, preste atenção nisso porque é muito interessante.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Santander diz o seguinte: "Pela presente, vimos dar continuidade ao processo de contratação do serviço FAC (...) Reestruturação interna ocorrida na nossa instituição implicaram entre outras situações num processo de negociação e contratação da ACF Cidade Ademar, empresa que já nos prestava serviços. Assim sendo solicitamos providencias dessa empresa para o encaminhamento do processo de vinculação do da ACF Cidade Ademar, no nosso contrato FAC, considerando-se as médias históricas que o contrato fazia jus no momento da sua assinatura".

Por que interessa para o Santander dizer como é que o indivíduo vai ser remunerado?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu também perguntei isso e fiz essa pergunta ao meu pessoal e digo porque.

Porque se não for assim o franqueado não presta serviço, se a média histórica for zero...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas isso é um problema do Correio e do franqueado. Não é do Santander.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Eu sei, mas quero mostrar a V. Exª que não estou dando direito a ele de dizer isso, mas estou explicando porque ele diz.

Porque ele procura seu franqueado e diz o seguinte: – Me faz aqui o manuseio, você tinha gente aqui pagando o manuseio?

O franqueado chega para ele e diz o seguinte: – O Correio me paga mais sobre esse assunto, não posso fazer isso par você. Porque aqueles objetos que eu trouxe para cá, que eram seus, o Correio diz que não é mais meu, é dele, ele não paga nada. Então não tenho lastro financeiro para prestar o serviço.

V. Exª sabe, como professor que é, que a cada prestação de serviço corresponde a uma comissão qualquer.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, me permita, quem assina esse pedido é o gerente, portanto é o gerente interessado nisso. Aí você tem o gerente-geral, que deve ter obviamente, seguido a orientação, e aí o senhor tem o superintendente adjunto, quer dizer, é um escalão mais inferior, parte do gerente, evidentemente.

Imagina o seguinte um grande cliente, que talvez tenha franquias, que tenha depósitos, fala assim: – Gerente, me quebra o galho aqui, faz isso, pede isso para migrar, para me dar uma grana e eu lhe dou depois um adjutório.

Fazem isso, entram na forma de remuneração, inclusive considerando que pode haver até influencia política local, com políticos que podem ter controle dessas ACFs, e aí, me perdoe, o conluio está armado. O senhor defere para o Santander Banespa a média histórica pedida pelo cliente. Ou seja, me perdoe, não passou pela sua cabeça que pode haver um conluio nisso? Ou seja, uma situação onde o gerente local tem interesse com o franqueado e o Correio perde com isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – O senhor está dizendo o seguinte: eu vou chegar para o meu cliente, que fatura comigo 100 milhões por ano, e vou dizer o seguinte: olha, você está num conluio aqui com o camarada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, o senhor não vai dizer, o senhor vai não deferir.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Se eu não indeferir, ele não tem o serviço. Se ele não tiver o serviço...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele não tinha como migrar.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Tem como migrar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor mesmo reconheceu naquele outro documento.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Ele vai para onde?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Ele vai para concorrência.

O SR. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Qual?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Então, V. Exªs precisam conhecer o quadro de concorrências.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Os *motoboys*?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Toda a concorrência que existe.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A agência da Cidade Ademar vai mudar o perfil da atuação e vai contratar motoboys?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não, ele não vai fazer empresa que são concorrentes, por exemplo, as empresas de...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Isso, é um custo absurdo para essas empresas. Eu quando vi a fraude no Correio, perguntei o seguinte: mas para que se indicam políticos para lá? Será que as cartas não estão sendo entregues? Será que os telegramas...Quer dizer, não tem razão de ser.

Eu recebo as minhas cartas, todo mundo recebe. O banco entrega. O banco não quer nem pensar nisso. Ele vai ver o custo e ponto final. E quem paga sou eu. Quer dizer, ele não está nem aí para o que eu pago. Eu que vá reclamar, e ele diz: então, a senhora não receba. Ele não tem a menor preocupação com isso, e é um monopólio.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Fora o fato de que, em qualquer pesquisa que se realize neste País sobre índice de confiabilidade das instituições, os Correios têm estado em primeiro lugar.

Então, quanto custa isso? Quanto vale isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – As ponderações de V. Exªs levam à seguinte negação dos fatos. Primeiro, os clientes não estão nos pressionando por preços menores, o que não é verdade. Estão nos pressionando diariamente por preços menores.

Então, o cliente vai... Não vai. O cliente procura o Correio e pede redução de custo a todo tempo.

Segundo, os senhores estão dizendo que não existe uma concorrência. Então, é importante ir no Correio e ver quantos processos nós temos. Como exemplo, a Fatex.

O senhor sabe que as empresas concessionárias de serviço público estão todas com essa concorrente nossa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, por que o Santander não foi para toda a rede franqueada de uma vez, foi só a cidade de Ademar?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não sei, isso é uma decisão do banco, eu não tenho idéia, Deputado. O senhor está me pedindo para fazer um juízo de valor.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se era bom para os Correios, o senhor podia ter entrado diretamente em contato com a direção do Santander e falar o seguinte: olha toda a cidade de São Paulo, já que vocês têm agência na cidade de São Paulo inteira, vamos fazer tudo pela rede franqueada. Por que o senhor não fez isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Porque não sou eu que trato disso. Quem trata disso é a Diretoria...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor traça a política geral.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não, traço só de política...E por mim, a minha proposta é que se faça. Está lá escrito. A minha proposta é que se faça.

Mas eu quero dizer mais ao senhor, gostaria que todo franqueado faturasse muito para eu pagar para ele só 10%.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, uma última pergunta: se é tão bom, tão claro, tão cristalino, por que a atual diretoria suspendeu esse procedimento?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não suspendeu.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Suspendeu, está aqui.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – O procedimento de quê?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está revendo todos esses procedimentos, está analisando.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Mas eu posso dizer a V. Exª o seguinte: se a diretoria dos Correios atualmente rever isso, vai ser um dado importante para V. Exª, vai ser por dois motivos. Primeiro, por medo dessa situação atual, dessa pressão que aí sendo feita, e vai amargar um grande prejuízo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está aqui, 16 de setembro de 2005, assinado pelo Sr. José Carlos dos Santos Benia, chefe do DRAT. Após fazer algumas ponderações, cita essas situações e diz: "(...) Finalmente, a título de esclarecimento, informo que, na presente gestão da ECT, foi adotada a decisão no sentido de suspender novas vinculações de contratos (...)"

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Novas vinculações.

O SR. (Orador não identificado) – Qual é página aí, Sub-relator?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Trinta e nove.

"(...) Finalmente a título de esclarecimento, informo que, na presente gestão da ECT, foi adotada no sentido de suspender novas vinculações de contratos de clientes corporativos estratégicos, até 120 dias, prazo em que deverão ser reavaliadas todas as condições e critérios estabelecidos que vinham orientando a definição de tais vinculações."

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Perfeitamente.

Então, o que ele diz ai, Deputado, se o senhor me permite? Novas vinculações. Essas que já tinham vinculações...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vai reavaliar tudo que já vinha sendo feito.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Está perfeito, mas quero dizer que não está revendo o que está feito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está dizendo que o passo seguinte, evidentemente, é desfazer o que foi feito. Aí, criaremos contradição absoluta em que vamos rever a orientação e manter o passado errado.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Não, porque o passado errado foi gerado por um erro do Correio de romper unilateralmente um contrato. Isso que quero dizer a V. Exª.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele não está das franquia. Está falando dos critérios das vinculações.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Está ótimo. Eu também acho que deve ser tudo revisto. Deve ser muito mais amplo. Não tenha dúvida disso. Não acho que deve ser fechado assim, não.

É o único lugar onde franquia... É a mesma coisa que a gente tivesse um franqueado do McDonald's e dissesse o seguinte: o senhor é o meu franqueado do McDonald's, mas BigMac e este cliente aqui o senhor não pode vender, porque este cliente só eu que vendo, e BigMac e CocaCola e *sundae* você não vende. Isso é um absurdo. A franquia existe como instrumento comercial, quanto mais ela faturar mais eu ganho. Não há sentido em limitar franquia. Não há sentido nisso. Tragam um *expert* em franquias aqui e vejam isso, se há algum sentido em limitar franquia. Na minha opinião, o franqueado deve ter toda a liberdade de captar clientes para os Correios, porque é sobre isso, quanto mais ele captar menos eu pago para ele, de 40 a 10. Segundo, se for FAC, eu pago 5, eu não tenho capacidade operacional, comercial, de estar em todo o Brasil, em todos os clientes, não tenho essa capacidade. O Correio não tem capacidade de se expandir, a não ser via rede de franqueados, os senhores podem ter certeza disso.

Então, o que quero dizer é o seguinte. Da minha opinião, o franqueado dos Correios deveria agir como um franqueado age no setor privado, representando o seu franqueador naquilo que ele possa fazer de todo o serviço da área comercial para trazer para o seu franqueador o máximo de resultado possível, e não limitá-lo. Acho o seguinte, já que é para limitar, não faz franquia. Para que franquia? Ou franquia com todo direito ou então não franquia. Agora, franquear podendo isso e não podendo aquilo é bobagem, está errado. O Correio tem vários erros. Um outro erro que posso dizer a V. Exª é o seguinte: o Correio tem uma rede franqueada que é de franqueados e permissionários. Os permissionários, todo mundo já sabe, inclusive os próprios permissionários, que é um modelo equivocado, tem que mudar. O que é o permissionário? Alguém que tinha uma papelaria, uma farmácia e botou ali também um correiozinho junto, a gente permitiu isso. Não tem mais razão de ser, não vende nada. Eles hoje são menos de 1% do nosso faturamento. Ou eles se transformam em franquias ou extingue a rede, porque tem alguns permissionários que conhecem. Então esse é um modelo equivocado. O modelo de franquia nossa é equivocado. Ele foi feito de maneira irregular no seu início, eu não entro nesse mérito, mas ele é equivo-

cado porque não tem sentido limitar franquia, porque franquia é ganho. E se você limita ganho, você está indo contra os preceitos econômicos de tudo. Não tem sentido isso, senhores. Eu me bato no Correio, quando V. Exª pergunta para mim: o franqueado deve ser o quê? O franqueado deve agir igual a nós em todos os sentidos, complementarmente. Ele deve poder, dentro da margem dele, fazer os serviços que eu não posso fazer, porque não posso aumentar efetivo, não posso contratar gente porque o déficit não deixa. Eu não tenho *print*, eu não posso fazer uma série de coisas que os meus concorrentes podem fazer, e eu só posso fazer se usar uma rede franqueada.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Sr. Carlos Fioravanti, só uma pergunta. Há quanto tempo existe esta CPMI que está em funcionamento, Sr. Sub-Relator?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há 4 meses.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Toda essa confusão, com os pontos de vista bem defendidos, que todos aqui são inteligentes e tudo mais, esse negócio todo aí continua em vigor?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Acabei de falar agora que foram suspensos.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVERIA (PMDB – MG) – Foi suspenso quando?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Acabei de ler agora. Em setembro.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – Deputado, desculpe-me, foi suspenso...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...as novas concessões e estão sendo reavaliadas as...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Não é isso que estou perguntando.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTI DA COSTA – E espero que esse novo caminho vá para...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Esse sistema de remuneração continua até hoje?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Acredito que sim.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Então quero saber o seguinte: todo mundo que continua nesse sistema até hoje, se existe uma fraude, está todo mundo metido, porque o sistema continua remunerando do mesmo jeito até hoje.

Há quatro meses que existe a CPMI dos Correios. Se já existe há quatro meses, se estamos aqui discutindo e esse sistema continua a remunerar do mesmo jeito, tem que chamar toda a diretoria que está lá para vir depor aqui. Concorda comigo?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, a atual diretoria tomou uma decisão de reavaliar os critérios.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Mas eu quero saber o seguinte: nos últimos quatro meses, continua esse sistema que está sendo questionado?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em setembro, acabei de ler.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Não, não é essa a pergunta. Toda essa contaria toda, de que vai, que volta, está em vigência?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, está havendo a remuneração. Foram suspensas as novas vinculações e está-se reavaliando os critérios utilizados.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Mas não parou. Não voltou, por exemplo, essa tal de média histórica?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, porque está-se estudando.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Então continua em vigor tudo isso que seria uma grande fraude?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não há novas vinculações, Deputado. Eu quero dizer o seguinte: eu espero que esse reexame leve – ao contrário do que pode parecer: o cancelamento dessas – à permissão de que isso seja uma regra geral, porque os Correios só ganham com isso. Podem ter certeza disso. Não importa o quanto o franqueado ganha. O que importa é quanto os Correios ganham com a ação do franqueado. Para isso ele franqueou. Senão, não tem razão, não tem nexo econômico, financeiro franquear. Vamos franquear pela metade? Então, eu sou a favor – estou dizendo aqui a V. Exª – que se revejam esses critérios sim, que toda vez em que... Veja bem, Deputado, em que condições que eu sou a favor dessas vinculações o mais flexível possível. Toda vez que o franqueado puder prestar serviços que os Correios não podem. E com esses serviços traga objetos que estão na concorrência. Eu sou a favor disso. Agora, quanto mais a gente ampliar isso, melhor para mim, na minha opinião. Não posso achar que o franqueamento tem que ser meio-franqueamento. Isso é um contra-senso de quem conhece franquia. E essa resistência existe nos Correios porque, nos Correios, tem muita gente que resiste à franquia. Por eles, não teria franquia. Muita gente que foi formada na escola de administração postal resiste... Quando V. Exªs

chamarem os franqueados aqui, vão entender o espírito nesses últimos dez anos. Eles vão fazer grandes queixas dos Correios e têm muita razão. Uma queixa é essa: os Correios pegam os meus objetos, põem no contrato, depois viram donos deles e não me pagam mais nada. E o meu trabalho que eu trouxe para cá? Eu não estou aqui para defender franqueado não. Eu defendo sempre o franqueado, desde que a sua ação seja benéfica e proveitosa para os Correios. Isso defendo sempre. Fora disso, eu não defendo. E os números que eu tenho para mostrar são bons, os números da nossa...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Muito obrigado. Sr. Presidente, creio que chegamos à exaustão dos debates...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, só duas perguntas até porque não tenho mais, perguntas bem singelas, se o depoente puder responder objetivamente. O responsável maior pela decisão das migrações é V. Sª?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – O responsável maior e único pela volta à média histórica de 2001 sou eu.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E para os casos específicos...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – As franquias é uma decisão da diretoria de São Paulo, sugerida a mim, como leu a Deputada...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele pede autorização a V. Sª, ou seja...

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Segundo a Deputada, ele não pediu autorização. Ele sugere a mim. E eu entendo que os argumentos dele junto com os clientes...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem decide pela migração e pela média histórica é V. Sª.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Pela migração, não preciso decidir, porque o manual permite e a diretoria pode fazer pela vinculação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que diretoria?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – De São Paulo. Isso está no manual. A vinculação na área...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o superintendente não pede autorização ao senhor?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Porque ele quer discutir conosco se os argumentos dele procedem. Ele quer um respaldo da...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, eu diria o seguinte, que, pela média aritmética, o responsável é V. Sª.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Sou eu.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E pela decisão da migração é o superintendente de São Paulo e V. Sª.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Todos nós.

Agora eu quero dizer a V. Exª o seguinte, e isso eu quero deixar bastante claro: a média histórica, a pretensão de achar que a média histórica aplicada atualmente teria senso, ela é um contra-senso, porque, se ela existe para definir o que é dos Correios e o que é do franqueado e se eu me apropriei, durante esse tempo, do que era do franqueado, como é que vou fazer a média histórica? É tudo meu.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí a concepção é que, como é monopólio, eu não acho que o senhor se apropriou de nada do franqueado. O que houve foi uma mudança de política e um retorno a uma outra política. Não havia nenhum direito adquirido do franqueado a que tivesse aquela situação. Foi uma decisão política de retornar.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Deputado, peço a V. Exª que olhe...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Eu sou a favor que páre, amanhã, o sistema de remuneração e vamos analisar durante cinco meses. Se deu prejuízo ou lucro, aí vamos ver. Agora eu quero ver parar...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O TCU já examinou.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Mas parou?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso vai constar do relatório da CPMI.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Mas continua funcionando...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas vai constar do relatório ao final da CPMI, Senador... Não adianta nós... Se vocês quiserem, podem fazer um relatório parcial, já enfocando, tomando providências.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Não. Eu queria saber o seguinte: os Correios suspenderam esse sistema de remuneração?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, veja, se V. Exª faz essa ponderação...

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Não, não, não. Não faço ponderação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...posso elaborar, em caráter emergencial, um relatório, submeter a votos e tomar as medidas imediatas.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Não, não. Quero saber o seguinte: se há... Não. (Risos.)

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Aliás, Sr. Sub-Relator, seria ótimo. É uma ótima sugestão. Comprometo-me a auxiliá-lo nisso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, acho que poderíamos a partir da colocação do Senador Wellington Salgado de Oliveira, poderíamos elaborar um relatório parcial, propondo, de imediato, as medidas de suspensão de atividades de âmbito criminal e civil que possam parecer a essa Comissão razoável.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Aqui é o seguinte. Veja bem, Sr. Secretário, vamos com calma, nós já estamos cansados no final da noite...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas a argumentação de V. Exª é correta.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Não, mas não vamos empurrar tudo. Eu estou dizendo o seguinte: se essa discussão, que é toda pertinente, todo mundo tem base para discutir, a única coisa que me bateu na cabeça foi o seguinte: se está tudo errado, por que continua quatro meses do mesmo jeito? Só existem duas razões para continuar: primeiro, se cortar, vai ser ruim para os Correios; segundo, se cortar, vai ser ruim para os franqueados; terceiro, se cortar, os franqueados vão entrar com uma ação na justiça pedindo a remuneração. Quer dizer, é só isso que eu queria entender. Qual é a solução...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Acho que, na medida em que não houve nenhuma medida, vamos tomá-la nós.

O SR. WELLINGTON SALGADO DE OLIVEIRA (PMDB – MG) – Isso aí é uma carta branca... A CPMI tem esse...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Acho que podemos elaborar um relatório parcial...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu me comprometo a auxiliar V. Exª nesse mister.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A sugestão é bem-vinda.

A última pergunta que faço a V. Sª é a seguinte: o departamento jurídico ou a assessoria jurídica, em algum momento, examinou essas questões?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Ela sempre examina.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em todas as migrações, houve parecer do jurídico, autorizando as migrações e autorizando a média aritmética?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não há necessidade, porque, uma vez que o Mancat prevê a possibilidade de migrar, o juiz não tem por que..

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas a minha pergunta é se houve exame ou não, e não se havia necessidade.

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não sei, sinceramente, porque, se houve exame, não precisava ser no jurídico de Brasília, poderia ser no jurídico de São Paulo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O jurídico de Brasília não examinou?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Creio que não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A média aritmética o jurídico examinou? (Pausa.)

A proposta de V. Sª de legalidade, em face da decisão do Manual, houve uma manifestação da sua assessoria jurídica sobre isso?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve?

O SR. CARLOS EDUARDO FIORAVANTE DA COSTA – Acho que não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estou satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Nós não poderíamos perder a oportunidade de ouvi-lo, Senador Suplicy.

O SR. EDUARDO SUPLICY (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, eu queria apenas dar uma informação. Primeiro, quero cumprimentar V. Exª, Deputado Asdrubal Bentes, o Deputado José Eduardo Martins Cardozo, nosso Relator, e os Parlamentares Silvio, Denise, Wellington, que até agora, 22h10, permanecem trabalhando. Acho importante a disposição do Sr. Carlos Eduardo Fioravante da Costa de aqui prestar esclarecimentos, mas gostaria de dar uma informação a esta Subcomissão, que vem realizando trabalho tão significativo dentro da CPMI dos Correios.

O conjunto das CPIs, Sr. Presidente, levou todos nós a ter uma enorme preocupação. E a Bancada do PT no Senado, os doze Senadores, acabam de tomar uma resolução que eu gostaria de aqui expor muito brevemente. Os doze Senadores estão propondo à nova Direção Nacional, à Direção Nacional do PT que assume sábado próximo, que o Partido dos Trabalhadores e todos os seus candidatos que disputarão cargos nas eleições de 2006 e seguintes, tanto para o Legislativo quanto para o Executivo, assumamos o compromisso de registrar diariamente, na Internet, a rede mundial de computadores, as receitas, identificando as suas fontes, e as despesas relacionadas às campanhas eleitorais, e de não utilizarmos recursos não contabilizados ou de caixa dois.

Avaliei que seria importante registrar essa resolução, que é uma sugestão dos doze Senadores, à luz de tudo o que temos observado. Inclusive da resolução já aprovada pelo Senado Federal que agora está sendo examinada pela Câmara dos Deputados.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – A Mesa agradece a comunicação de V. Exª, mas já demonstra uma preocupação com os petistas que habitam os ermos da Amazônia, onde não há nem energia elétrica. Como vão registrar na Internet?

O SR. EDUARDO SUPLICY (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há uma possibilidade, Sr. Presidente. Inclusive, na legislação aprovada no Senado - e agradeço a sua observação -, está que, quando não se puder registrar na Internet, haverá algum meio a ser utilizado para essa finalidade. Portanto, o registro será feito pela forma possível, até que lá, no interior da Amazônia, também possa ser utilizada a rede mundial.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – De certa forma, eis a colaboração de um amazônida, embora não petista, para o Partido dos Trabalhadores.

O SR. EDUARDO SUPLICY (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi muito positiva, obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Eu gostaria de agradecer ao Carlos Eduardo Fioravante, pela sua presença, pelos esclarecimentos, aos Srs. Parlamentares, assessores, à imprensa, e dar por encerrada a presente reunião.

(Levanta-se a reunião às 22 horas e 12 minutos.)

Ata da 8ª Reunião da Sub – Relatoria de Contratos, realizada em 20 /10/2005.

Aos vinte dias do mês de outubro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas e cinqüenta minutos, na sala 07, da Ala Senador Alexandre Costa, sob a Presidência da Sub-Relatoria de contratos o Deputado José Eduardo Cardozo, ainda com as presenças dos Senhores Deputados: Jorge Bittar, Maurício Rands, Asdrúbal Bentes, Antônio Carlos Magalhães Neto, Eduardo Paes, Arnaldo Faria de Sá, Pompeo de Mattos, Dr. Rosinha, Sílvio Torres e dos Senadores Romeu Tuma, Heloísa Helena, Arthur Virgílio, Ideli Salvatti. Reúne-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, A Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se as oitivas dos Senhores Hassam Gebrin (Ex-Presidente da ECT) e Paulo Nei Almeida (Representante legal da Empresa Espaço Aberto Ltda). Inicialmente foi dada a palavra ao Senhor Paulo Nei Almeida como primeiro depoente, o que faz sua apresentação e logo em seguida o Sub-relator passa a Presidência ao Vice-Presidente da Comissão dos Correios, Deputado Asdrúbal Bentes, que após a declaração do depoente, é inquirido pelo Sub-relator, que autorizou o advogado do inquirido, Dr. Carlos Alberto de Araújo Gomes, a fazer explanações sobre o assunto, em seguida usa da palavra o Deputado Onyx Lorenzoni, Senadora Ideli Salvatti, como reinscrito, volta a indagar o Deputado Onyx Lorenzoni, fazendo breves perguntas o Deputado Silvio Torres, o Sub-relator volta a inquirir o depoente. O Presidente suspende a reunião pelo prazo de cinco minutos, às quatorze horas e treze minutos. É reiniciada a reunião às dezesseis horas e trinta e um minutos, convidando a comparecer à mesa o segundo depoente o Senhor Hassam Gebrin**,** que uma vez fazendo suas qualificações é inquirido pelo Sub-relator. Às dezessete horas e dezoito minutos é suspensa a sessão devido à fase de votação na sessão plenária da Câmara dos Deputados. Retorna aos trabalhos às dezoito horas, na Presidência, o Sub-relator, que inicia a inquirição com a Senadora Ideli Salvatti, que requer junto aos cartórios de Brasília, fazer levantamento dos imóveis em nome da família do depoente, em seguida prossegue a inquirição com o Deputado Sílvio Torres, após as perguntas feitas pelo Deputado Silvio Torres é passada a palavra ao Sub-relator para inquirição, que após, é passada a palavra ao Senador Arthur Virgílio, retornando ao Sub-relator, para as considerações finais, quando mencionou a relação de nomes para confecção de requerimentos para próxima reunião administrativa, os nomes são: Mauro Castro Lucas de Souza, Gilson de Carvalho, Carlos Augusto de Lima Sena, sócios da empresa Jacoment. Valdenir Freire Cardoso. Pautas das audiências realizadas na

gestão em que o depoente Senhor Hassam Gebrin exercia o cargo de Diretor na Empresa dos Correios e Telégrafos e gerencie junto ao Tribunal de Contas da União, conclusão auditoria realizada na licitação da empresa Politec. Nada mais a declarar, é encerrada a presente reunião às vinte horas e trinta e cinco minutos E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

Notas Taquigráficas

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Declaro aberta a oitava reunião da Subrelatoria de Contratos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada através do Requerimento nº 3 de 2005, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

De início, informo aos Srs. Parlamentares presentes que as atas das reuniões encontram-se sobre a mesa. Coloco-as em votação, propondo, se todos assim concordarem, a dispensa das respectivas leituras. (Pausa.)

As Srªs e os Srs. Parlamentares que as aprovarem queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Estão aprovadas as atas.

A presente reunião é destinada à oitiva de dois depoentes, do Sr. Paulo Nei Almeida, representante legal da Empresa Espaço Aberto Ltda., e o Sr. Hassan Gebrim, ex-presidente da Empresa de Correios e Telégrafos.

Convido o Sr. Paulo Nei Almeida para que tome assento junto a nós, à mesa, para que possamos iniciar a oitiva. (Pausa.)

De início, agradeço ao Sr. Paulo Nei Almeida, representante da Construtora Espaço Aberto, pelo comparecimento. E gostaria de informar ao Sr. Paulo Nei Almeida que, na forma legal, ele irá prestar o seu depoimento a esta Subrelatoria na condição de testemunha. Portanto, acaba de assinar o termo de compromisso, na forma regimental, submetendo-se às penas da lei pelas declarações.

Indago se V. Sª se faz acompanhar de advogado; e, se faz, por gentileza, que decline o nome e a inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Carlos Alberto de Araújo Gomes, inscrição na OAB de Santa Catarina nº 13567.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Feito o registro, passo, de imediato, a Presidência ao nosso Vice-Presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito, quando então assumirei a condição de subrelator.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Assumo a Presidência dos trabalhos e devolvo a palavra ao ilustre relator.

Antes, porém, solicito ao depoente que proceda à sua qualificação e preste os esclarecimentos inicias que achar conveniente, informando-o de que depõe como testemunha, e, nesse caso, deverá dizer a verdade, podendo, se assim o desejar, não responder. Mas, quando responder, a sua resposta será considerada como verdade, sob pena dos rigores da lei.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Bem, o meu nome já foi... É Paulo Nei Almeida, sou proprietário da Construtora Espaço Aberto, Florianópolis, Santa Catarina. A nossa empresa tem 25 anos. Eu fundei. Estamos sempre em Santa Catarina, sempre em Florianópolis e sempre no mesmo endereço.

Fizemos algumas obras, bastante. Trabalhamos com a iniciativa privada, com obras de construção civil, prédios, incorporações, e algumas obras públicas. Também trabalhamos com loteamento.

Estou aqui para prestar esclarecimento sobre obras dos Correios.

É isso o que tinha a dizer.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Gostaríamos que V. Sª desse nome, endereço, telefone, qualificação.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Meu nome é Paulo Nei Almeida; eu sou arquiteto; eu moro em Florianópolis, na Rua João Carvalho nº 40. A Empresa é Construtora Espaço Aberto, está na Avenida Trompowsky, 165, Florianópolis também. O meu telefone... É isso que o senhor vai precisar? Não? É só isso.

Então, minhas qualificações são estas: sou arquiteto, empresário e toco a Espaço Aberto.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Não deseja prestar nenhum esclarecimento inicial?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Esclarecimento sobre a obra, doutor?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Sobre a matéria que V. Sª achar conveniente.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Pois não. Então, tá.

Nós ganhamos a obra dos... as obras dos Correios. Ela foi licitada em 2000. Em 2001, assinamos um contrato com a ECT por R$21 milhões. Nós ficamos com o preço de 11% abaixo do preço orçado pelos Correios. Essa obra era para fazer em doze meses, devido à necessidade que o Correio tinha em colocar uma máquina, que é uma máquina importante que estavam sendo adquiridas para colocar em várias cidades do

País. Nós começamos as obras e encontramos algumas dificuldades. Já no estaqueamento, nós, quando fomos fazer o projeto que nos era entregue, essas estacas pré-moldadas não podiam ser colocadas. Nós tivemos que achar outra solução, que foi a estaca escavada, que, por acaso, Santa Catarina não faz. E aí isso demandou algum tempo. Então, começaram a existir alguns atrasos na obra. Esses atrasos que existiam na obra, todos eles, o Correio ficou consciente, tanto é que nos deu esses prazos. E nós fomos tocando a obra e encontramos algumas divergências em projetos. E essas divergências foram nos levando a não concordar com muitas coisas que estavam colocadas no projeto do Correio. E o Correio começou a alegar que estávamos atrasando a obra. Nós colocamos que esses atrasos de obra demandavam, de 32 pontos, 32 divergências que existiam nos projetos e que nós não poderíamos fazer a obra naquele tempo se essas coisas, se esses projetos, se essas diferenças não fossem resolvidas. Aí começaram as discussões com o Correio. O Correio mandou uma multa. Nós defendemos – isso tudo administrativamente. Aí o Correio insistiu em mandar outra. O Correio dizia que nós estávamos atrasando a obra, e nós dizíamos que estávamos atrasando por culpa do Correio, porque eles não nos entregavam os projetos devidos e necessários para nós conseguirmos concluir essas obras. Foi até que chegamos a... Não conseguimos chegar a bom termo, e o Correio rescindiu a obra unilateralmente. O Correio nos deu 48 horas para sairmos da obra. Nós estávamos com 200 operários e muitos contratos feitos. Aí, entramos na Justiça para preservar nossos direitos. Primeiro, para pedir uma perícia judicial, porque nós achávamos que tínhamos razão – como achamos que temos –, e entramos na Justiça pedindo uma perícia judicial para mostrar quem tinha culpa e por que do atraso da obra. Essa perícia foi concedida. E aí surgiram várias ações que foram desenrolando, inclusive ações de perdas e danos. Isso ficou assim em juízo durante dois anos. O Correio estabeleceu algumas... O Correio tentou executar essas multas, que eram em torno de... as multas davam R$2 milhões. Nós conseguimos cancelar, suspender todas as multas, e também o Correio mandou executar a caução, que a caução era em torno de R$2,5 milhões. Então, dava R$5 milhões. Também foi suspensa pelo juízo. Depois do desenrolar de dois anos, com as ações, que acho que tivemos sucesso porque nós não pagamos e suspendemos todas as multas, conseguimos anular essa perícia que nós tínhamos pedido – o juiz anulou, desculpa –, porque a perícia não estava dizendo a realidade da obra, não tinha sido medida a obra. A medição tinha vindo igual à medição dos Correios. Então, a Justiça Federal, que é em Florianópolis, mas a jurisdição é Porto Alegre – ia sempre a Porto Alegre –, ela resolveu parar e mandar abrir outra perícia. Foi nesse tempo que o meu advogado me procurou e disse que o Correio queriam sentar e conversar com a gente, porque a obra estava parada há muito tempo – já estava há dois anos paralisada –, estava deteriorando e que eles achavam que não estavam ganhando. E pediu se a gente faria...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – O senhor, por favor...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – O advogado poderá participar para...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Então, tá! Não precisa. Eu falo para o senhor.

Aí os advogados conversaram, pediram um prazo na Justiça para fazer um acordo dentro da Justiça. Esse acordo começou a se desenvolver. A única coisa que nós pedimos, que eu pedi, foi que fosse feito em Florianópolis. Por que em Florianópolis? Porque eu acho que as obras têm que ser feitas nos locais de origem, lá é que os engenheiros conhecem, lá não haveria problema de errar estaca. Então, todas as reuniões foram feitas na sede do Correio em Florianópolis, com todos os nossos engenheiros e com os engenheiros do Correio. Na primeira reunião, o Correio chegou e trouxe para nós que nos daria R$4 milhões para nós sairmos da obra. Não precisava mais fazer. Dava R$4 milhões... O que era? Não é que dava R$4 milhões. O que era esse valor? Esse valor simplesmente eram as medições que nós tínhamos feito e não recebido, os materiais que estavam deteriorados na obra e que não tinham sido pagos e a última medição não feita, mas que nós tínhamos feito. Então, são valores de dinheiro levantado, porque o nosso pedido era R$9 milhões. Eu não aceitei, até contra os meus advogados. Por quê? Florianópolis é uma cidade pequena, nós estamos lá há vinte e cinco anos, nós construímos muitas obras na cidade – eu até, depois, vou deixar aqui com o senhor um portfólio da nossa empresa, para o senhor ver que é uma empresa familiar, e as obras que nós fizemos –, e que uma obra desse porte, sendo a maior obra construída em Santa Catarina, nós não poderíamos tirar a nossa placa e deixar uma outra empresa colocar a placa deles lá. Então, eu disse: "Não, não aceito, não quero, apesar de ser muito bom esse dinheiro", que é um dinheiro que eu ia ganhar pelo que já tinha feito, "eu quero continuar a obra". Aí, isso, o Correio disse que não era possível, porque não tinha como continuar a obra, que tinha que ser um acordo, que tinha que ser pago, e eles teriam que licitar, ou licitar novamente ou chamar o segundo, não sei como.

Eu sei que as coisas foram andando e, depois de cinco meses, nós fechamos esse acordo em juízo. O acordo que nós fechamos em juízo foi o seguinte... Vou frisar aqui que esse acordo foi muito bom para mim pela credibilidade, não pela "economicibilidade". Por quê? Porque eu poderia ter ganho esse dinheiro e pronto. Não, nós fechamos um acordo concordando em pagar a multa que tinha sido suspensa, mas eu concordei em pagar. Segundo, nós concordamos que todo esse prejuízo que tinha havido nesses dois anos de obra estragada, nós fazíamos. Nós também falamos que nós não teríamos mais dinheiro nenhum de entrada. Nós só receberíamos dinheiro conforme as medições fossem feitas. E nós tínhamos um ano para terminar a obra.

Nós pedimos que a obra ficasse com o mesmo desconto que tínhamos dado na proposta, o qual... 11.69%. Quando nós participamos dessa licitação, participaram várias empresas, empresas de vários locais, e a gente deu um desconto de 11.69%. E eu queria que continuasse esse mesmo desconto. Por quê? Porque esse acordo foi feito depois de quatro anos e duraria mais uns cinco anos. Então, foi-se à PINI – PINI é uma revista de renome nacional na construção civil, que cota – e, dentro da PINI, chegamos a esses valores, 11.69% abaixo. Com isso, nós concordamos, fizemos esse acordo em juízo, o juiz homologou – eu tenho aqui esse acordo, foi por sentença –, e nós tocamos a obra. Prometemos entregar a obra em doze meses. Estamos com o cronograma em dia. Agora, este mês, ele está um pouco atrasado, até em motivo dessas notícias, desses acontecimentos, mas está muito pouco atrasada, está em dia. E ficamos de entregar a obra em dezembro. E é o que nós queremos fazer. Estou aqui para dizer isso e responder às perguntas de todos vocês.

Eu tenho aqui, doutor, para lhe entregar, se eu puder, não sei se é a minha vez ainda... Posso?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Pode. Pode, sim.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu queria lhe entregar, então, o acordo que foi feito em juízo, está todo aqui, que inclusive foi protocolado no Tribunal de Contas da União. E quero lhe entregar a sentença judicial que foi homologada em juízo, que está aqui também. Vou deixar com o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Vou passar às mãos do Sr. Relator.

V. Sª já concluiu?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Sim. É só isso. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE(Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Passo a palavra ao nobre Relator.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Inicialmente, os meus cumprimentos ao nobre depoente e ao advogado que o acompanha.

Quero salientar que, evidentemente, a presença de V. Sª nesta Subrelatoria, hoje, se prende exatamente a esse contrato que citou, contrato esse firmado entre a Construtora Espaço Aberto Ltda e os Correios para a construção do Centro Operacional e Administrativo de Florianópolis, o COA. Na verdade, a presença de V. Sª aqui se deve justamente a uma auditoria feita pelo Tribunal de Contas da União. Indago se V. Sª tem ciência dessa auditoria.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Tenho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem? Basicamente, essa auditoria revela o seguinte. O histórico já foi narrado por V. Sª. O contrato, após licitação, foi assinado em 2001, contrato nº 5, de 2001. A partir daí, houve uma série de atritos – segundo registros do Tribunal de Contas da União, e V. Sª, de certa forma, também os narra – entre a construtora e os Correios, razão pela qual a obra ficou suspensa ou paralisada por dois anos, aproximadamente dois anos. Em meados de 2004, a ECT e a Espaço Aberto fizeram um acordo, acordo esse que, inclusive, foi levado em ação judicial à homologação do Juiz de Direito. Agora, é sabido que o Juiz de Direito, quando homologa acordos, ele não aprecia o mérito do acordo, apenas os aspectos formais. Uma vez que há a transação, há acordo entre as partes. Exatamente valendo-se disso, o Tribunal de Contas da União foi examinar o mérito do acordo e, no mérito do acordo, que, obviamente, não foi apreciado pelo Juiz de Direito, concluiu que existiam irregularidades colocadas. É nessa perspectiva, das irregularidades noticiadas pelo Tribunal de Contas da União, que venho fazer a argüição a V. Sª.

Segundo o Tribunal de Contas da União, os itens mais importantes do acordo são os itens 5 e 6. No item 5, ficou ajustado o pagamento de R$28.472.849,96, que corresponde "ao Orçamento atualizado em setembro de 2004, o qual será corrigido pelo INCC até a data da homologação judicial do acordo, mantendo-se a relação de custos inicialmente pactuada, estando inclusos nesse valor os custos relativos à modernização tecnológica".

O item 5, segundo o Tribunal de Contas, coloca uma série de quantitativos que não respeita efetivamente os preços unitários licitados e contratados, fazendo uma verdadeira repactuação do ajuste, segundo o Tribunal de Contas, em clara ofensa com a Lei nº 8.666, de 1993, porque, na verdade, segundo sugere o Tribunal de Contas da União, a pretexto de se fazer um acordo em relação às demandas que estavam colocadas, o que foi feito foi um verdadeiro aditamento

contratual, sem as formalidades legais e fora dos parâmetros da 8.666, de 1993. Ou seja – aqui diz o Tribunal de Contas da União: "O item 5 do acordo, relativo a quantitativos licitados, simplesmente desconsidera os preços unitários licitados e contratados, e os repactua a níveis alegadamente de mercado em setembro de 2004". Ou seja, foi um aditamento que, de certa forma, teve embutido o re-equilíbrio econômico-financeiro, numa situação que, obviamente, não poderia ser feita nesses termos.

Segundo detecta o Tribunal de Contas da União, esse acordo, da forma em que foi feito, esse aditivo foi claramente lesivo ao patrimônio dos Correios. Registra-se, então, que houve uma lesão de R$6.433.598,17. Ou seja, que, nessa repactuação, foi acrescido esse valor, sem nenhuma base legal, a R$16.922.000,00, que seria o valor contratual devido para essa repactuação. O que V. Sª, tendo ciência dessa auditoria, pode dizer a respeito disso?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Nós... nós... nós... nós respondemos essa auditoria ao Tribunal de Contas da União, nós mostramos ao Tribunal de Contas da União que nós fizemos um acordo, um acordo em juízo, e que nós estávamos simplesmente pleiteando preço de mercado. E mais, nós mostramos que estávamos com preços 11,69 abaixo do preço de mercado e queríamos manter a mesma relação, 11,69. Tanto é... Esse acordo não foi vantajoso para a gente, como já lhe falei, porque nós tivemos de assumir algumas coisas na obra que não estão aí. O quantitativo da obra mudou. Isso, nós mandamos ao Tribunal de Contas, e o Tribunal de Contas já analisou, e aí mandou... Vou-lhe ler depois o que disse o Ministro-Relator sobre isso, tenho aqui o parecer.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Nós colocamos ao Tribunal de Contas que nós queríamos simplesmente manter a relação pactuada no início do contrato e que nós também estávamos discutindo algumas divergências que tínhamos com o Correio. Por exemplo, vou lhe dar uma: o Correio tem oito elevadores novos no Correio, sendo que alguns elevadores são elevadores de carga. O que nós entendemos por elevador de carga? Nós orçamos elevador de carga, elevador para carregar cargas. Bem, o Correio entendia que elevador de carga é elevador de passageiro e carga, na especificação deles, então o elevador feito pela SUR ou qualquer uma dessas outras, com o preço três vezes mais caro que o elevador desses que a gente tem aqui. Por quê? Porque você tem que pegar um elevador de linha de montagem normal, que é só feito para essas grandes empresas, e você tem que transformá-lo em elevador de carga, porque passageiros vão junto, carregando essas cargas.

Então, só para o senhor ter uma idéia – isso está tudo no Tribunal de Contas, nós apresentamos –, nós tínhamos comprado na Artame, em Santa Catarina, esses elevadores de carga, que funcionavam perfeitamente, estavam lá – pagamos R$80 mil –, e esses elevadores que o Correio queriam são R$600 mil. Então, isso foi demonstrado, esse item "elevador" foi mostrado, que nós... Por quê? Porque nós discutimos e divergimos das especificações de projeto. Esse foi um dos motivos que nos levaram à rescisão contratual.

Bem, entregamos todas essas argumentações ao Tribunal de Contas, refazimentos que tivemos que fazer. Toda obra, nós fizemos todos os refazimentos. Por exemplo, a obra ficou parada dois anos, a impermeabilização ficou perdida, a cobertura foi estragada, a grama subiu. Vocês sabem o que é uma obra dois anos abandonada que não está pronta. Então, foi isso o que aconteceu: nós assumimos o refazimento. E mostramos isso ao Tribunal. O que o Ministro Relator... E outra coisa, os quantitativos da obra, tem uma coisa que eu tinha esquecido, os quantitativos da obra, nesses R$6 milhões que o Tribunal colocou na primeira, essa é a primeira das respostas deles, eles não tinham levado em conta que os quantitativos eram para um ano de obra. Então, a engenharia, a segurança, os monta-cargas e todo o custo operacional da obra eram para doze meses, estavam sendo divididos em doze; agora, passaram a ser de cinco anos. Então, o nosso engenheiro, que tínhamos contratado para um ano de serviço, tivemos que pagar cinco anos. Então, esses quantitativos alteram, o que foi provado, em um milhão – que temos documentos mostrando. Eles alteraram esse cronograma de obra. E tinham erros de quantitativos.

Vou mostrar mais uma coisa a vocês. Tínhamos que tocar essa obra, porque ela era feita em um ano. Quando nós estávamos discutindo com o Correio, ele dizia: tem que fazer, tem que fazer, e nós fazíamos. Então, colocamos todas as luminárias Philips. Essas luminárias foram todas... estragaram, por quê? Porque o vidro que o Correio tinha colocado em seu projeto era um vidro de seis e oito milímetros. Os painéis são muito grandes, essa obra é uma obra muito grande, é uma obra que vai ser a sede do Correio também em Santa Catarina. Além da sede, toda a operação e sede é feita lá. Esses vidros, que tinham oito e seis milímetros, passaram a ter quatorze e dezesseis milímetros. Então, colocamos as luminárias, e essas luminárias que colocamos foram todas perdidas, e nós assumimos. Trocamos duas mil e quinhentas luminárias a um preço de quase R$700 mil, que também colocamos

ao Tribunal de Contas. Isso fez parte do acordo que a Justiça olhou, caro Deputado, e aí...

Eu tenho também o segundo parecer. Quando apresentamos essa defesa sobre esse relatório, o Tribunal de Contas da União disse que... Eu posso ler esse pedaço?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Posso? Então, eu vou ler aqui o que foi dito.

"Se a ECT e a empresa contratada conseguirem evidenciar que os valores contidos no novo orçamento reflitam efetivamente os preços de mercado à época da celebração do acordo, entendo que não subsistirão irregularidades em relação aos preços pactuados."

Isso ele disse.

"No entanto, o ônus de demonstrar que os preços dos itens remanescentes subiram além da variação do INCC" – índice do contrato que tínhamos feito à época – "era da contratada frente à ECT e, nesse momento, da própria ECT, que aceitou a repactuação."

Então, o Ministro pediu, no segundo relatório, para nós apresentarmos, que apresentamos semana passada – até pensei que hoje já estaria resolvido, mas não veio para os senhores –, apresentamos que, pela PINI, que é a revista da construção civil, deu 15 e pouco por cento. O nosso preço está abaixo de mercado, abaixo da PINI. E mais, fiz algumas relações de obras, Sr. Deputado, porque a gente tem que relacionar. Como é que uma coisa está cara ou barata? Temos que pegar coisas iguais e ver se está caro ou se está barato. O que nós fizemos? Pegamos o Tribunal de Justiça de Santa Catarina, que é uma obra que está se arrastando lá em Santa Catarina há mais ou menos seis anos. Faz muito tempo que está se arrastando essa obra em Santa Catarina. Por quê? Uma empresa ganhou, não conseguiu fazer; outra empresa ganhou e está em dificuldade. Essa obra, que é uma obra similar ao Correio, mas mais simples, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina, ela está 11,94 acima do preço da nossa obra. É uma relação.

Outra coisa: agora, Santa Catarina vai passar a ter a sede da Justiça Federal, que não tinha. Era Porto Alegre. Eu participei dessa concorrência e eu perdi. O edifício-sede da Justiça Federal, em Florianópolis, está 14,53 acima do nosso preço pactuado.

E mais: aí eu fui ao Correio – peço desculpa, mas eu tinha que ir –, fui ao Correio para pegar obras iguais, similares. E nós chegamos aqui, porque a obra de Porto Alegre custou 58% mais cara do que a nossa. Eu tenho esse dado, está no Tribunal de Contas. Isso também está na Justiça, que nós colocamos. Fomos ao Correio de Curitiba, área similar, parecida; mesmo projeto, parecido. Estão 36% acima da nossa obra. Aí nós pegamos uma obra de Santo Amaro. A obra de Santo Amaro está 0,34% acima, pouca coisa.

Então, nós queremos dizer que todas as obras do Correio, com essa repactuação feita, que o senhor colocou, que eu não entendo assim, mas... ela ainda continua sendo a obra mais barata feita, similar, no Correio. E de Santa Catarina também é bem mais barata.

É isso que eu tinha de dizer aos senhores.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas algumas perguntas pontuais ainda relativamente a essa matéria. Ou seja, o que V. Sª argumenta é que o reajuste não poderia ter sido feito só pelo INCC, uma vez que teria havido um desequilíbrio econômico-financeiro do contrato, que implicaria uma atualização do preço original da proposta. Seria isso?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Diante dessa situação que V. Sª registra, V. Sª teria encaminhado também já ao Tribunal de Contas da União essa demonstração de que o equilíbrio econômico-financeiro estaria mantido nessa repactuação. É isso?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Isso, encaminhamos agora.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Bem, há notícia de que teria havido uma situação, talvez irregular, numa situação anterior, que é essa da penitenciária, mas já vou falar sobre ela.

Esse acordo judicial foi feito em que ação? Houve uma ação judicial proposta por quem? Como é que foi essa situação?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – O acordo judicial...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi feito em que ação judicial? Talvez o doutor advogado possa esclarecer melhor.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu não sei...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Especial defesa do advogado.

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Na verdade, foram seis ações...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seis ações! Propostas por quem?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – ...sendo cinco ações propostas pela construtora e uma pela ECT.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual o objeto dessas ações, doutor?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Aí está, a primeira foi uma cautelar de antecipação de prova, a perícia judicial. Em seguida, entramos com uma ação ordinária anulatória das multas, das multas moratórias, multas por atraso de cronograma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O.k.!

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Em seguida, entramos com uma ação também ordinária de anulação do ato de rescisão. Nós dividimos as duas para não ficar um volume muito grande de documento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque chegou a ser aberto um procedimento administrativo para a rescisão do contrato por inadimplência, pelos Correios, é isso? Os Correios abriram um processo para rescindir o contrato administrativo?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Não, o Correio simplesmente rescindiu o contrato.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas um procedimento administrativo para rescindir, e chegou a rescindir.

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Rescindiu. No dia 4 de dezembro, nós recebemos... a Espaço Aberto recebeu a notificação da rescisão contratual, unilateral. Rescindido, deu o prazo de dez dias para que ele retirasse o material e estava desapossado da obra.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a terceira ação foi proposta para anular essa decisão?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Essa decisão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – E mais uma ação indenizatória de perdas e danos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Porque o Correio havia retido a última medição, que foi em outubro. De outubro a dezembro, não tinha havido medição alguma. Havia outros serviços feitos e não medidos. E o mais importante é que se queria ter um retrato da obra, exatamente o que foi feito, para que se pudesse ter a garantia do direito da contratada de provar que estava fazendo, sim, a obra dentro dos projetos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – E a causa do atraso não era dela.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a ação que foi proposta pelos Correios?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Foi uma ação de cobrança, porque, quando o Correio notificou do ato rescisório, imediatamente ele entrou com uma ação para cobrar as multas decorrentes do ato rescisório. Era multa de rescisão, multa por culpa da rescisão, que era 10% do valor do contrato, e, mais ainda, a execução da garantia do contrato, que era 8%.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em algum momento anterior à propositura da ação, a empresa havia solicitado o reequilíbrio econômico-financeiro do contrato?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Sim, havia sido indeferido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na oportunidade do indeferimento, chegou a haver alguma demanda judicial?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, nessa ação de perdas e danos estaria embutido no pedido a indenizatória relativamente a esse reequilíbrio?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Também.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

A transação feita pelas partes abarcou as cinco ações?

O SR. CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO GOMES – Todas as SEIS ações, inclusive a ação... Tenho aqui: no ato do acordo, estão discriminadas todas as ações, que tiveram, cada uma delas, uma sentença individual.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Voltando agora ao depoente, se me permite, gostaria que V. Sª fizesse um rápido comentário sobre essa questão,porque ela não está sob exame desta CPMI, que não tem competência para investigar esse fato. Mas como isso foi relacionado como uma situação pregressa, de reincidência da empresa, gostaria de um comentário de V. Sª a respeito. Nós não temos poderes para investigar isso, porque foge à alçada e ao objeto constitucional desta CPMI.

A Relatoria, neste momento, passa a ler o § 34 da auditoria feita pelo Tribunal de Contas da União, que diz o seguinte:

"Deve-se salientar que tal empresa [a empresa comandada por V. Sª] é reincidente na mesma irregularidade. Conforme o processo TC nº 650259/19971 e

Decisão nº 869/1998 (TCU – Plenário), a mesma empresa foi contratada para a construção da penitenciária da região metropolitana de Florianópolis, e o mesmo fato ocorreu: acréscimo do valor contratual muito acima dos índices permitidos, ao se inserir ilegalmente no contrato o valor de R$5,746,449,81 milhões, a preços de março de 1995. Ou seja, se não fosse a atuação do Tribunal, mais de R$15 milhões, a preços de 2005, correção pelo INCC, teriam sido pagos indevidamente à referida empresa."

Pediria a V. Sª que fizesse um rápido comentário sobre essa situação.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Ganhamos essa obra em novembro de 1993. Nós assinamos o contrato em 95. Foi uma obra que era ainda no tempo do cruzeiro. Aí mudou para o real. Quando houve a mudança de cruzeiro para real, chamaram-nos para assinar o contrato, depois de dois anos. O Secretário à época, Dr. Péricles Prado, Secretário de Justiça, mandou fazer um estudo sobre a mudança de cruzeiro para real. Nesse estudo, havia um indexador, um índice que baixava... Eu disse que só faria se não baixasse esse índice, porque isso ia pegar o meu negócio em tantos milhões de cruzeiros para baixar para tantos reais. Eu disse que não faria a obra. Ele mandou orçar pelos órgãos do Estado, porque era uma obra estadual. Nós assinamos o contrato.

O Tribunal de Contas fez uma diligência e disse que nós estávamos com majoração de preços. Nós não concordamos. Começamos a conversar com o Estado e chegamos à seguinte conclusão: como era um projeto de trinta anos atrás, aqueles projetos que o Depen fazia, nós faríamos por aquele preço que eles queriam desde que nós alterássemos o projeto e colocássemos a pré-moldado. Não diminuiríamos tamanho, espessura, haveria segurança máxima, a obra está feita, por acaso, abri na página da obra, está aqui... É uma pequena cidade de duas mil pessoas. Foram mudados todos os projetos. Por isso, nós fizemos pelo preço que tinha sido contratado.

O Tribunal de Contas acompanhou essa obra do começo ao fim. Todas as medições foram acompanhadas pelo Tribunal de Contas. Eu estou por acaso aqui com o acórdão em que o Tribunal julgou a obra legal.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª poderia declinar o número?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – O número é 1750/2003. O TCU julgou legal a obra. Há um comentário que não devia fazer, mas vou fazer; ou seja, as penitenciárias eram feitas – e hoje estão sendo mudadas – em sistema antigo. A nossa penitenciária foi comparada com outra penitenciaria igual e eles fizeram a R$1.740,00 o metro. Isso está no despacho do Ministro. A nossa foi feita a R$1.023,00 o metro, com essas alterações.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com quem V. Sª negociou esse acordo, homologado em juízo, extinguindo cinco processos da parte dos Correios? Quem foram os agentes responsáveis por essa negociação?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eles foram sempre feitos em juízo; foram feitos em Santa Catarina, nos Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas com quem foi negociado nos Correios para que se chegasse nesse acordo?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Lá foi com os Diretores dos Correios locais; são várias pessoas. E...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Saberia V. Sª declinar os nomes?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu sei. Tem uma pessoa de Brasília foi para lá, que é o Dr. Tormim, engenheiro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Dr. Tormim, que é engenheiro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tormim, engenheiro.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Engenheiro daqui que foi lá negociar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Tem o Diretor Amorim, que é Diretor Regional dos Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Amorim.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Sim; e aí tem toda Diretoria Regional dos Correios. Na realidade, eu só queria lhe dizer, até para...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas para precisar: a negociação de que época a que época?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não. Foi feita lá nos Correios, mas é que normalmente eu não ia; iam todos nossos engenheiros e os engenheiros deles.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas de que data a que data foi feita a negociação, por favor?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Elas levaram cinco meses.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas de que data a que data?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – De agosto a dezembro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agosto a dezembro de...?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – De 2004.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 2004.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Vencendo os contratos em dezembro e fizemos...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem; evidentemente, eu gostaria de fazer uma rápida ponderação sobre o seguinte aspecto. A opinião desta Sub-relatoria é idêntica a do Ministro Ubiratan Aguiar. Em confirmando as ações propostas declinadas pelo Dr. Advogado, seria perfeitamente possível haver uma acordo judicial nos termos propostos, uma vez que fazia parte da petição inicial da ação indenizatória a questão do equilíbrio econômico-financeiro.

Evidentemente, o Dr. Juiz de Direito não apreciou o mérito nem poderia fazê-lo, razão pela qual extinguiu o processo sem julgamento de mérito, por ser uma homologação judicial.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não. Com julgamento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com julgamento de mérito, perfeito. É que na verdade o Juiz...

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – É que na verdade, V. Exª me permite?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – Ao analisar o acordo, evidentemente que não se cobraria do juízo a prova...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Análise da...

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – ...a demonstração dos quantitativos, mas do procedimento, sim...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sem dúvida.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – ...da sistemática, sim...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sem dúvida.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – ...da legalidade, sim, porque foram todos documentos entregues, evidentemente ao juiz.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que, na verdade, tratando-se de um litígio entre partes no mundo privado, o Juiz de Direito não vai examinar o mérito da composição de preços; ele vai verificar os aspectos extrínsecos à transação e vai decretar a extinção do processo, com julgamento de mérito, nos termos do Código de Processo Civil, o que, obviamente, permite a investigação para verificar se houve lesividade ou não. É esta a razão pela qual o Tribunal de Contas está se colocando.

Dentro desse contexto, concordo com o Ministro Ubiratan: se eventualmente a empresa demonstrar ou só se os Correios demonstrarem a esta Comissão Parlamentar de Inquérito que os valores ajustados acima dos índices que foram fixados tendiam a fazer a repactuação nos termos de manter equilíbrio econômico-financeiro, na forma apresentada na proposta da licitação, o acordo terá sido rigorosamente lícito. Por óbvio, se não demonstrado, haverá suspeição levantada na auditoria feita pelo Tribunal de Contas da União.

Então, solicito ao Depoente que, se possível, encaminhe a esta Comissão Parlamentar de Inquérito o mesmo demonstrativo que encaminhou ao Tribunal de Contas, para que nós possamos fazer essa análise. Em havendo a conclusão de que realmente estão justificados os valores apresentados e que o equilíbrio econômico-financeiro do contrato está mantido, esta Relatoria não poderá dar outro parecer a não ser pela legalidade do contrato. Mas, óbvio, isso fica sob condição da apresentação dessa demonstração.

Passo, então, Sr. Presidente, a palavra aos demais Depoentes, ainda porque, da parte desta Relatoria, tudo dependerá dessa documentação a ser apresentada.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Agradeço a V. Exª e concedo a palavra ao primeiro inscrito, Deputado Onyx Lorenzoni.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – A sua empresa está construindo o prédio dos Correios ali na BR-101, em São José, não é? (Pausa.)

Houve um reajuste aditivo nessa construção. Qual o valor e qual a percentagem sobre o valor original?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Deputado, os valores dos aditivos foram mais do que um; foram vários os aditivos feitos. V. Exª está pedindo o último?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – É.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – O do acordo?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O do acordo.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – O do acordo foi de 4 milhões... Posso? Ele foi feito com R$4.596.856,77 – este foi o...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Quanto é sobre o valor original esses 4 milhões?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – O total dos acordos feitos resultam em mais de 18% sobre o total do contrato, o contrato da obra toda.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – De quanto era o contrato original?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Inicialmente, 21 milhões, Deputado.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Vinte e um milhões – e os aditamentos e reajustes a esse contrato são na ordem de quantos milhões?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu tenho um documento – se eu puder olhar no documento dos Correios aqui...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Não tem problema...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Está aquí: R$5.477.462,05 – cinco milhões.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E o contrato total?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – O total?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL-RS) – Sim, agora, ficou de quanto?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Corrigidos, não é, Deputado? Eu não sei o valor exato. São 28 milhões para terminar a obra e mais 10 milhões, corrigidos, que eu tinha recebido até à época. Aqui dá em torno de 53 – eu não sei exatamente. Eu terei que olhar o documento.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Claro.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – O acordo judicial foi feito em cima, exclusivamente, dos serviços remanescentes da obra. Então, o acordo judicial foi de 28 milhões para terminar a obra. Desses 28 milhões, estão incluídos, de acordo com o próprio texto do acordo, 5,477 milhões, que são os aditivos que faltam fazer. Agora, teria que fazer... Se V. Exª quer, hoje, o preço total do acordo, aí nós teríamos que fazer a conta cujos elementos nós não trouxemos, que é quanto vai sair a obra, não é? Eu tenho, aqui, inclusive...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Porque o questionamento que o TCU diz respeito, justamente, a um volume de recursos agregado ao contrato original que, no entendimento do Tribunal, é indevido. Na ótica do Tribunal há um processo de superfaturamento.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu posso discordar do senhor?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Por favor...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – O Tribunal não diz isto; o Tribunal diz que nós alteramos 6 milhões a mais do que o índice INCC. Este foi a primeiro. No segundo Relatório, ele disse que, se nós provássemos que esses 6 milhões são de mercado, ele se posicionaria no sentido de que, aí, o preço não foi majorado. Nós temos que provar que é de mercado e que estamos com o preço na mesma proporção, Deputado. Se nós tínhamos 11%, nós temos que ficar em 11%. Ele quer que nós fiquemos nos mesmos 11% abaixo para não prejudicar empresas que tinham dado propostas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o Depoente me permite...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Pois não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...só para fixar os valores pedidos pelo Deputado Onyx Lorenzoni. A discussão é a seguinte: no acordo judicial que foi feito, houve uma parcela excedente de cerca de 6 milhões que foi acima da correção do INCC, que é apresentada pelo Depoente como um reequilíbrio econômico-financeiro, e o Tribunal de Contas contesta. O Ministro do TCU pede que ele junte a prova de que houve realmente a necessidade desse reequilíbrio para justificar os 6 milhões. Foi esta prova que eu solicitei a ele.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sim, mas o indício original – o senhor tem todo o direito de contestar – era de superfaturamento. O senhor tem o direito de contestar, e, se eu estivesse na sua condição, faria a mesma coisa. Só que o que eu disse é aquilo que a gente recebeu.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu sei, mas, se eu puder voltar a falar... Posso?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Pois não. Claro.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Deputado, é que eles falam que houve um sobrepreço porque mesmo...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL-RS) – Ok. Então, vamos para sobrepreço.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Isto não importa, Deputado. É que, Sr. Deputado – e é isto que eu quero dizer para o senhor – mesmo que tivesse sido os 6 milhões na obra, ela estaria ainda abaixo de todas as outras obras, mas eu sei que o senhor tem razão no que fala.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Houve apoio de lideranças políticas para que houvesse esse acordo com os Correios?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não porque foram feitos sempre em juízo, e eu estava com várias ações. Então, era feito dentro da Justiça e nós conversamos lá.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor lembra quem eram as outras empresas que concorreram com senhor e que ficaram em segundo e em terceiro lugar? O senhor lembra o nome das empresas?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Algumas, não é.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – As que ficaram abaixo.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Perto?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Perto do senhor.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu não sei assim... Se eu puder procurar um pouquinho, eu vou achar aqui. Acho que eu tenho.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Tudo bem. Vamos lá.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – O senhor vai me pedindo e eu vou olhando aqui.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Está bem. Uma outra pergunta: o que eu recebi aqui é algo que vem lá de Florianópolis.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Certo.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Lá corre a história – são várias versões – sobre afirmações do senhor de que o senhor contribuiu com dinheiro para políticos em troca de apoio para esse negócio com os Correios. Isso é, pelas informações que recebi, conhecido em Florianópolis.

A pergunta que lhe faço é: o senhor confirma que havia dito que teria contribuído com políticos para que esses negócios com os Correios pudessem acontecer?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Houve intermediação nisso?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não. Eu até vou lhe dizer...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Eu acho que é uma oportunidade para o senhor esclarecer. Isso é algo que, lá em Florianópolis, segundo eu recebi as informações, é voz corrente.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – O senhor disse uma coisa que é verdade: eu sou conhecido em Florianópolis.

Florianópolis é uma cidade de duzentos mil habitantes; uma cidade pequena. Então, eu sou bem conhecido, até porque minha empresa tem vinte e cinco anos, Deputado. Então, o senhor há de convir que eu sou conhecido. E que as pessoas falam de pessoas que são conhecidas podem falar; agora, eu fiz o acordo na Justiça. Eu tenho muitos amigos, de diversos partidos. E eu não sei... Eu não precisei também, Deputado... O meu acordo, quando o senhor for analisar pelo Tribunal de Contas o senhor vai ver, não foi um acordo tão vantajoso. Eu volto a lhe dizer o que eu fiz. Eu poderia ganhar, Deputado – eu não, a nossa empresa, porque eu sou o maior acionista –, 4 milhões, que os Correios foram me oferecer lá para nós sairmos. Podia ganhar 4 milhões sem fazer mais nada num acordo.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E por que ele queria que o senhor saísse?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Os Correios queriam que eu saísse porque achavam que daí tocavam a obra mais fácil. Eu sairia das ações, por um acordo. Eu deixaria as ações. Um acordo judicial. Eu pararia e sairia, e os Correios poderiam tocar a obra ou fazer outra licitação, ou tocar com quem eles quisessem.

Eu não concordei. Por quê? O senhor mesmo é do Rio Grande, eu sei, perto de Santa Catarina, deve conhecer Florianópolis...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Muito bem.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – ...deve saber o tamanho de nossa cidade. Então, o senhor deve saber que onde é a obra; é na BR...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Conheço bem.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – ...como é que eu vou tirar minha placa de lá e colocar outra, por exemplo, vamos dar um nome qualquer: Cassol? Não posso mais, Deputado. Eu não podia. Então eu tinha que fazer essa obra. Por isso que, no final, Deputado – e sei que esse processo não acaba aqui, porque o Congresso vai chegar ao fim –, vocês vão ver que nessa obra eu não vou ter lucro, vou ter até um pouquinho de prejuízo. Porém, para o tamanho de nossa empresa, que não é essas coisas, e para o tamanho da obra, nós tínhamos que terminá-la.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Quando foi feita a tentativa de afastá-lo da obra? Em que ano foi feito isso?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não, não... Afastar da obra, o senhor está dizendo...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sim, afastar, porque não iam lhe dar 4 milhões? Quando é que ele...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não, não; não foi afastar da obra. Foi num acordo, Deputado. Não foi afastar da obra. Quando nós paramos... Quando o nosso advogado disse que o advogado do Correio procurou, depois de dois anos de demanda judicial, dizendo que a perícia tinha sido anulada e que ia haver uma nova perícia para nós sabermos realmente a quanto nós estávamos, que é que nós tínhamos para apurar e que a Justiça Federal talvez fosse dar sentença...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor constrói, o senhor ganha a licitação no ano de?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Essa?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Essa. É a obra. Quando é que o senhor ganhou essa licitação?

O SR. ´PAULO NEI ALMEIDA – Em 2001.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Em 2001. E aí o senhor constrói até quando?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – 2002.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Aí ela pára?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Pára.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Fim de 2002? Início de 2002?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Final.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Final de 2002. E aí, quando é que resolve o problema?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Em 2004. Dois anos depois.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E o que desejava a empresa dos Correios era retirar a sua empresa do processo?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não, não; não é isso. É que o Correio rescindiu o contrato comigo. O Correio nos deu quarenta e oito horas pra sair. Fechou. Vocês saem. Nós saímos. Vocês não entram mais aqui. Passaram o cadeado. Peguem seus...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Qual era a razão desse procedimento?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Foi porque o Correio alegava que nós estávamos lentos na obra. Certo? Nós estávamos lentos. E nós alegávamos, Deputado, que nós estávamos lentos porque os projetos que o Correio nos fornecia não estavam corretos. Não dava pra tocar a obra com mais rapidez. Então a gente tinha uma divergência com eles. Foi essa a nossa briga.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E ao longo de 2003 e 2004, o senhor foi procurado para algum processo de intermediação, de apoio, de ajuda?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não, não; não fui porque foram sempre na Justiça, então depende...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Na Justiça foi o final.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não, não; sempre, Deputado. Começou em 2002.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Estou perguntando porque essa é a minha obrigação, mesmo que seja desconfortável.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Claro.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Porque o que se tem de informações é que essa circunstância em que o senhor vive – e é por isso que o senhor está aqui –, ou seja, o senhor representa uma empresa, onde existem suspeitas, indícios de que tenha havido algum tipo de intermediação para que se procedesse a esse ajuste final e que permitisse a retomada da obra. E o que corre no seu Estado é que isso ocorreu, porque, supostamente, o senhor teria apoiado financeiramente a quem fez a intermediação.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Deputado, eu posso lhe responder até fazendo uma pergunta?

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Claro, claro.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Se eu tivesse perdido alguma dessas ações, eu teria feito acordo? Não; eu estou lhe pedindo...

Porque veja o senhor: eu só fiz um acordo... Eu estou tentando... Verdade, nós sofremos muito com isso. Por isso que eu quero lhe dizer...

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Não, mas eu acho que é a oportunidade aqui para o senhor esclarecer.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu estou tentando esclarecer assim. O Correio, então...

Vou começar do começo. O Correio rescindiu a obra com a gente e lacrou e disse: vocês têm 48 horas para sair da obra.

Deu. Aí, começaram-se as ações. O Correio, daí... Nós pedimos para fazer um levantamento, porque nós discordávamos das medições do Correio e diríamos que não era culpa nossa. Bem, o Correio começou a colocar... Não, mas o Correio começou...

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Não, desculpe; estou falando com o Presidente.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não, mas é que eu gostaria de esclarecer isso, porque para mim...

O Correio colocou as ações e mandou executar as multas de dois milhões para nós pagarmos e mais a caução-garantia, que eram os 5% e mais dois milhões. Cinco milhões. Inclusive eu estava até nervoso, falando com o pessoal; o que nós vamos dar de garantia, porque estão executando?

Nós fizemos acordo, Deputado, quando nós conseguimos anular tudo isso, suspender tudo isso, e mais, Deputado, quando nós conseguimos anular a perícia, que nós vimos que não estava correta. Aí nós fomos procurados, nosso advogado, pelo Correio, para fazer um acordo. Então, o senhor vê que o meu advogado dizia assim – ele não quer que fale: calma, que eles vão te procurar. Calma, que eles vão te procurar, porque nós estamos ganhando. E foi o que aconteceu. E eu não nego para o senhor: eu sempre quis fazer essa obra. Eu quero, eu quero terminar. Para mim, é importante. O senhor vai passar lá, vai ver essa obra. E se o senhor passar, vai ver como está boa. Para nós, é orgulho, sabe? Aqui é uma cidade grande. Lá, em Santa Catarina, a Espaço Aberto, tocaram ela da obra do Correio. Para nós, isso é o fim. Então, nós tínhamos que terminar essa obra. Então, para nós, era uma obrigação terminar essa obra e nós sabíamos também, Deputado, que como estava na Justiça, e a gente para chegar a esse ponto com o Correio não foi uma coisa muito amistosa no começo, a engenharia brigou muito, porque os dois lados estavam defendendo

seus interesses, nós precisávamos ter êxito na Justiça. Nós tínhamos que ter razão.

Quando nós passamos a ter razão, nós conseguimos voltar a obra. Aí, Deputado, se tem comentários, é porque realmente nós ganhamos. Quero dizer ao senhor que nós ganhamos. Eu me sinto assim confortável para dizer que nós ganhamos e nós procuramos, Deputado, a Justiça para ganhar. E a Justiça, Deputado, deu, por um acordo, aquilo que achava de direito. E agora nós estamos no Tribunal – e o senhor vê, assim, até o meu conforto para falar com o senhor – é que, no Tribunal, pela revista PINI, já chegaram a 18%. Nossa obra está abaixo. O próprio Tribunal chegou a isso. Então, eu fico muito confortável em falar isso.

Eu gostaria que depois do Tribunal que chegasse ao senhor, e nós estamos, então, assim, tranqüilos. Eu estou discutindo, Deputado, uma obra com preço baixo.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Eu compreendo e eu gostaria de fazer ao senhor... Eu fiz uma pergunta, que o senhor ficou de consultar e me dar a resposta.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu vou lhe dar depois, se eu não puder.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Quem é a segunda e a terceira colocada da concorrência? Quem são as empresas que chegaram em segundo e terceiro lugar.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – Não tem essa informação.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Ah, não tem a informação, mas depois o senhor faz...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Vou entregar para o senhor.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor faz chegar.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu entrego.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Eu sou obrigado a fazer uma pergunta: o senhor recentemente andou comprando espaços em painéis?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Nunca, nunca comprei.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Não?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor não tem nenhuma operação de publicidade...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não existe isso.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – ...feita com painéis?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não, não existe.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Não?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu quero até que... Eu lhe confirmo que não comprei e não sei disso, não.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Está bem. Eu agradeço ao depoente e fiquei rigorosamente no tempo, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Aliás, quero cumprimentá-lo, porque é muito raro que isso aconteça.

Concedo a palavra à Senadora Ideli Salvatti.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Sr. Presidente, quero fazer apenas algumas questões.

Primeiro, quero deixar registrado – e posso até estar equivocada –, mas, talvez, as instalações dos Correios em Florianópolis sejam o maior prédio público, atualmente, em construção no nosso Estado. Portanto, é uma obra de repercussão em Santa Catarina. Efetivamente, ela ficou parada aproximadamente dois anos. É essa a informação?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – É.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – De que data a que data?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Ficou parada do final de 2002 até o final de 2004.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – 2002 até 2004. Quando ocorreu a licitação?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Ocorreu em 2000, Senadora.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Em 2000?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não. Foi em 1999. Nós começamos em 2000. Foi bem no finalzinho.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – 1999/2000?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – É.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Quanto tempo dura uma licitação desse porte entre o edital, a apresentação das propostas, etc?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Normalmente, é de 45 dias o prazo de uma concorrência, quando lança no jornal. Depois, vem o prazo. Eles costumam dizer que se, em 90 dias, não houver recursos que possam protelar...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Judiciais.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Ou mesmo administrativos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Se não houver recursos judiciais. Não tenho aqui em mãos a documentação do Tribunal de Contas da União, mas tenho os da Controladoria-Geral da República, em que há questionamentos a respeito do valor, do que foi acrescido no acordo judicial e questionamentos. A chegada dos documentos que o Sub-Relator, Depu-

tado José Eduardo Cardozo, já está pedindo poderão elucidar não só as questões que estão no Relatório Parcial nº 4 da Controladoria, como também do Tribunal de Contas da União.

Deputado José Eduardo Cardozo, se é ou não possível termos um parâmetro. Fico imaginando assim: a empresa estava construindo, parou, ficou parada dois anos, deteriorou, teve modificações no próprio andamento. Isso teve um aditivo, um custo e tal. Se não houvesse o acordo judicial e tivesse de ser feita nova licitação – começar tudo da estaca zero –, quanto seria acrescentado? Para poder até se fazer uma avaliação sobre se o acordo judicial foi tão lesivo ou não aos cofres públicos, também precisaríamos de um parâmetro do que custaria, em termos de mais tempo parada, uma nova licitação para sabermos se efetivamente a coisa foi tão prejudicial assim ou não. Não sei se temos condições de pedir a algum órgão técnico esses dados. Seria um dado relevante tendo em vista que a obra efetivamente ficou parada durante dois anos. Era visível sua deterioração até porque o prédio está na principal artéria que cruza a cidade, que é exatamente a BR-101. Peço ao Sub-Relator que isso seja providenciado.

Quanto à rescisão, o senhor já falou. Eu ia perguntar sobre as ações judiciais, mas já foi colocado. Também tinha a pergunta a respeito de onde foi feito o acordo. Foi feito em Santa Catarina e acompanhado pela direção. Foi, posteriormente, homologado pela direção nacional dos Correios o que foi acordado no Estado?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Primeiro, foi feito o acordo em juízo. É mandado a Brasília. O Presidente tem de concordar, mandar para lá, para levar a juízo. Foi isso o que fizemos. Em juízo, eles terminam, fazem acordo, fazem a sentença. O Dr. Gomes pode falar. Eu queria colocar mais uma coisa: meus advogados sempre foram contra esse acordo. Eles diziam que eu tinha de ter pego o dinheiro. Eu não quis. Eu não estaria aqui hoje, Deputado. (Risos.) Mas tudo bem!

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Então, por que o senhor insistiu tanto?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Porque, como a senhora sabe, Senadora, Florianópolis não é São Paulo, não é Brasília. Florianópolis é pequena. Nossa cidade está crescendo um pouco agora, mas, no meio, há 200 mil habitantes ou nem isso. Tenho 25 anos de empresa, eu que fundei, eu estou no mesmo lugar, no mesmo local, sou eu a mesma pessoa, estou este tempo todo lá. Aí, me tiram uma obra...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Aliás, me parece que o senhor é uma pessoa teimosa. Aqui está a minha segunda pergunta, que estava aqui na minha lista, e até parece teimosia. A pergunta que eu tinha aqui era: sabe-se que a empresa foi desabilitada no certame...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Foi.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – ...retornando por força de uma liminar judicial. E sabe-se também que o motivo da inabilitação foi justamente a respeito da qualificação técnica. Não se poderia dizer, então, que a empresa se dispôs a construir uma obra para a qual não se achava suficientemente habilitada?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Senadora, em Florianópolis, nós temos, assim, uma imensidão de obras feitas. Nós temos umas 30 obras desta do Correio somadas, perde, nós temos 50, e muitas obras públicas. Então, nós nos achamos aptos a fazer. Quando nós fomos inabilitados nessa obra, nós fomos porque diziam que a empresa tinha que ter, numa obra só, esse montante, e nós não concordamos. Fomos à Justiça – e ganhamos na Justiça também em Porto Alegre – dizendo que tínhamos qualificação técnica e financeira para fazer essa obra. E nós conseguimos ganhar a obra.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Deixa eu só entender: uma obra desse porte vale a pena fazer, mesmo que financeiramente não seja tão compensador? Então é disso que o senhor está tentando me convencer?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Senadora, hoje eu posso participar, terminando essa obra – já terminei o hospital penitenciário – de qualquer obra no Brasil. Então, a senhora vê que isso me dá uma corrida. Uma vez eu...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Isso lhe dá um *upgrade* no seu portfólio, não é isso? O senhor fica mais...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – É isso. A senhora sabe, por exemplo, que todo o mundo que chegou aqui... é difícil chegar a Deputado, chegar a Senador. Poxa, a gente também quer crescer. Então, como é que eu faço? Se eu não brigar, como é que eu ia crescer? Se eu sempre fizesse obrinhas pequenas, eu nunca ia conseguir fazer uma grande. Então, eu brigo muito pela engenharia catarinense. Eu sou muito conhecido por isso. Lá, realmente, Senadora, sou, assim, uma pessoa que as pessoas... Mas elas até acham que a gente tem razão. Santa Catarina tem que entrar no mapa do Brasil – e hoje está – da construção civil.

Então, nós estamos fazendo algumas obras e eu achava que eu tinha qualificação para fazer. E, quando a obra parou, estava com 50% feita. Então, eu acho que não acharam, assim... Ela estava bem-feita, só tinha problema de atraso. Então, Senadora, eu não sei, eu

acho que a gente tem que tentar fazer, tem que tentar crescer, né? Nossa empresa quer crescer.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Eu quero só terminar na mesma linha que o Deputado Onyx foi. Houve intermediação político-partidária, teve intermediação de alguém para obter o acordo judicial?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Senadora, não houve de ninguém, porque foi na Justiça, e nós não precisamos pedir para ninguém. E porque, como eu disse para o Deputado, eu volto a repetir para a senhora: o Correio só nos procurou quando se sentiu – eu sei que depois vai falar o presidente do Correio aqui – perdido, porque o Correio sabia que nós estávamos ganhando.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Aliás, já tinham ganhado a habilitação, não é?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Tinha, tínhamos ganhado todas. E outra coisa: o Correio, quando rescindiu o contrato com a gente, ele não fez só isso. Ele nos proibiu de licitar também. Então, tínhamos que entrar na Justiça e conseguir mostrar que tínhamos capacidade de continuar trabalhando. Ele nos suspendeu da licitação. Nós estamos tocando uma obra do Correio, mas não foi assim, a gente teve várias dificuldades, as brigas foram muito homéricas, e nós não tínhamos apoio de ninguém, mas acreditávamos muito que a Justiça ia nos dar razão. Tanto é que, se nós tivéssemos algum tipo de medo, não pediríamos uma perícia judicial. Quando nós pedimos uma perícia judicial, sabíamos que nós tínhamos razão. E por isso que nós lutamos com essa força toda.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Houve...

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Desculpa, Senadora, eu vou voltar a frisar: o pessoal dizia, assim, que a gente era um pouco corajoso demais para fazer isso, sabe? Porque todo o mundo fala que de cabeça de juiz ninguém sabe, mas nós conseguimos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Então, só para concluir, porque o Deputado Onyx não é de Santa Catarina, ele não reside em Florianópolis, ele não sabe o quanto de fofoca tem naquela cidade. Então, aquilo que ele fala é muita fofoca circulando mesmo, atingindo várias pessoas, inclusive com coisas absurdas. Eu, por exemplo, fui citada por ser vizinha, por ter o meu escritório vizinho da sede da Espaço Aberto. Isso apareceu em notinha de jornal. Como apareceram diversas outras insinuações que nós respondemos à altura lá no Estado, e, se tiver novamente que ser levantado, responderemos a todas à altura. A Espaço Aberto ou o senhor contribui com campanhas eleitorais? Já contribuiu? Contribuiu recentemente?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não, eu contribuí, Senadora, de maneira muito modesta, uma ou duas vezes com alguns partidos, mas legalmente foram declarados todos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Legalmente declarados. O senhor pode, por favor, encaminhar depois a esta CPMI as contribuições que a Espaço Aberto ou o senhor fizeram nas últimas campanhas eleitorais?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Pois não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Era isso, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Reinscrito, concedo a palavra ao Deputado Onyx Lorenzoni, por três minutos.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Eu quero ressaltar ao senhor que eu acho que essa obstinação é uma característica importante para qualquer pessoa que faça qualquer empreendimento. Nisto o senhor tem o meu respeito e até a minha admiração. Eu tenho características semelhantes às suas quando defendo uma causa. Mas há um fato que vou ter que pontuar, porque é evidente que não posso permitir que isso passe batido. Eu havia lhe feito um questionamento sobre se, em algum momento, houve intermediação de alguma forma. O senhor me disse: "olha, isso foi um acordo judicial". E na explicação que o senhor há pouco acabou de dar ficou muito claro que houve, previamente ao acordo judicial, um acordo com a Direção dos Correios. Foi o senhor quem falou, não fui eu. O senhor falou que o acordo feito em Santa Catarina veio a Brasília, ou a São Paulo, Rio, onde for, para ser homologado pela diretoria da empresa para depois ser firmado na Justiça, o que ocorreria se o senhor fizesse com qualquer prestador de serviço para sua empresa. O seu advogado faria uma negociação e um acordo e teria que submeter ao senhor, ter a sua concordância para que ele pudesse levar em juízo.

É por isso que quero chamar a atenção para este fato de que houve todo um procedimento entre os processos judiciais, a discussão dos contratos, houve uma discussão e um ajuste feito entre o senhor e os Correios, originalmente em Santa Catarina, depois referendado pela Direção Nacional dos Correios, mas houve um momento onde houve conversação.

Por isso, volto a lhe perguntar: ao longo do trâmite desse processo houve, em algum momento, intermediação política? E o senhor, em algum momento, teve que colaborar com estes intermediários para que este acordo por final fosse firmado? Porque nós tratamos aqui de problemas de tráfico de influência, de corrupção ativa e corrupção passiva dentro dos Correios, de alguns que tiveram a intermediação política clara – temos vários casos que analisamos aqui. O senhor só está aqui porque é aquela velha máxima de onde há

muita fumaça as pessoas acham que há fogo. Quando lhe fiz o questionamento, o senhor jogou água dizendo que o acordo foi judicial, mas quando o senhor detalha a explicação à Senadora Ideli fica claro para todos nós que houve um espaço para que a intermediação acontecesse. Não estou afirmando que aconteceu, estou apenas dizendo que houve o espaço para que isso acontecesse. Quero lhe perguntar mais uma vez: isto aconteceu? Em algum momento o senhor foi instado ou teve que colaborar, contribuir com meios – não necessariamente dinheiro, pode ser coisas quantificáveis – para que esta operação acontecesse?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Deputado, não. Quando eu disse que houve tratativas com as pessoas dos Correios, são normais. O juiz abriu, Deputado, trinta dias para nós e os Correios sentarmos e conversarmos, porque é um acordo. O que você quer? O que você não quer? Então, veja bem, estou dizendo que nós e os Correios conversamos. Os engenheiros dos Correios e os nossos engenheiros conversaram bastante, exaustivamente.

Não falei sobre um dado aqui, Deputado, senão vão pensar: "O cara é tão bonzinho". Mas não é. Vou falar lhe falar. Os Correios depois pegaram a PINI. Isso vai estar provado quando o senhor receber, porque eu sei que o senhor vai receber tudo. Os Correios pegaram e fizeram um levantamento pela PINI. Eles acharam que, como é uma obra grande, eu podia negociar com eles para tirarem 10%. Então, não tiraram apenas os 11%. Eles tiraram 10% e depois mais 11%. Eu disse que houve negociações exaustivas com as pessoas dos Correios, exaustivas mesmo. Meus engenheiros brigando, ligavam e diziam: "Paulo, não dá". Deputado, foi isso que aconteceu.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Concluirei, Sr. Presidente, abusando da paciência, para que o Sr. Paulo também compreenda o que estamos fazendo aqui.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Claro.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Em outros episódios nos Correios, vieram pessoas aqui e disseram que houve a intermediação. Vieram pessoas aqui e apontaram possíveis intermediários. Há suspeitas, há indícios. Por isso, era forçoso. No momento em que se reconhece que houve um espaço negocial a que o senhor mesmo se refere como uma negociação dura, às vezes, em muitas circunstâncias – não estou afirmando que se trata do seu caso –, criam-se as dificuldades para se vender facilidades. O que eu estava perguntando é se, em algum momento, o senhor teve de pagar a fatura do acordo feito. É isso, é só essa a pergunta que eu fiz.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O.k.!

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Meus advogados que são caros, Deputado.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Essa é uma despesa que o senhor tinha de ter. Estou perguntando se o senhor teve um custo três.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – É o custo da intermediação, que, aliás, pelas análises que fizemos aqui, em muitas situações nos Correios, na minha opinião, já está mais do que comprovado.

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não. Se eu ainda puder falar um pouco sobre o assunto, Deputado. O senhor pode analisar o nosso preço, Sr. Presidente, para essa obra que farei questão de que vocês levantem e estudem – senhores e senhoras, desculpem-me, não estou acostumado. Eu até gostaria de que, depois, levantassem o preço da nossa obra, Sr. Presidente, fizessem um comparativo e vissem qual é o preço.

Não quero, mas vou até elogiar um pouco a engenharia catarinense. Nós conseguimos construir barato, Deputado, e vou dizer por que consegui dar esse desconto. Nós estamos no local. Nós não construímos obras fora de Santa Catarina. Nós achamos que as obras têm de ser feitas por pessoas locais. Por quê? O senhor sabe que toda obra grande tem 4,5% de administração, por isso o senhor nunca me viu construindo no Rio Grande. Eu teria de ir lá, levar engenheiro, alugar. Eu construo na minha cidade. Na minha cidade, meu engenheiro está ali, meu escritório está ali e lá eu tenho preço. Lá eu tenho bastante crédito, há muito tempo. Então, nós realmente achávamos e achamos que tínhamos direito, mas tínhamos sido – não queria acusar os Correios – prejudicados pelos Correios. Nós não éramos amigos do Correio. É isso que eu queria que o senhor entendesse. O Correio simplesmente... Se fosse feito o que eles queriam, nós tínhamos fechado. Graças a Deus, conseguimos dar a volta, só que agora estamos esperando para ver se acabamos a obra ou não. É isso que estamos esperando.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Agradeço ao Deputado Onyx Lorenzoni, mas antes dizendo a V. Exª que não abuse da nossa paciência, porque não há nenhuma catilina.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, peço a palavra.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Com a palavra V. Exª.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, com a devida vênia de V. Exª, como se percebeu, eu cheguei agora pois, infelizmente, não pude vir antes. Eu queria fazer apenas uma indagação que me motivou a vir a esta Comissão na continuidade daquilo

que já feito. Não sei se já fizeram esta pergunta, mas eu gostaria apenas que o senhor repetisse. Em relação à sua empresa, seja nos Estados em que atua, mas especialmente em Santa Catarina, que me parece ser o centro do seu negócio, o senhor tem registrada alguma doação em campanhas políticas ou para partidos políticos ou para políticos na sua contabilidade?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu já informei isso, Deputado. Fiz duas doações legais pequenas que foram contabilizadas e que serão entregues...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor não se lembra de quais são?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Posso lembrar, mas é para dizer?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor poderia fazer esse obséquio de declarar?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Eu tenho um primo que foi candidato ao Senado pelo PV. Foi derrotado, eu doei. Eu também doei ao partido do PFL uma pequena quantia. Foram só os partidos que doei.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foram doações legais e registradas?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Legais e registradas aos partidos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foram as únicas? O senhor tem as de 2002 e 2004?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – É, são as que eu tenho.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E também no corrente ano? Teve alguma doação?

O SR. PAULO NEI ALMEIDA – Não, não. Só essas que foram registradas.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, está bom, Sr. Presidente. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) **–** Com a palavra o Sr. Relator para a inquirição final.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, vou declinar de qualquer inquirição. Apenas quero repetir a ponderação, com mais precisão, daquilo que havia sido a posição da sub-relatoria, que fica mantida após a argüição feita pelos Srs. Deputados e Senadores, Deputadas e Senadoras.

É direito de qualquer contratado por ente público, nos chamados contratos administrativos, o chamado equilíbrio econômico-financeiro. É uma garantia dada pela Constituição no art. 37, XXI e pela Lei 8.666.

Evidentemente, se a administração não concede essa repactuação, tem a parte direito de entrar na justiça e pleiteá-la. Diz o depoente que assim foi feito. Foram quatro ações que buscavam anular as multas e buscavam também efetivamente uma indenização a ser obtida junto aos Correios.

Nessas ações, houve uma transação entre as partes, homologada pelo juiz de direito, com a subseqüente extinção com o julgamento do mérito das cinco ações. O Tribunal de Contas da União questiona o valor, dizendo que há uma repactuação indevida de seis milhões de reais. Posteriormente, em apreciação, o Ministro do Tribunal de Contas da União informou que, se provado que efetivamente havia o desequilíbrio econômico-financeiro e que esses valores se justificavam, a transação teria sido legal. A opinião da sub-relatoria é idêntica ao do Ministro do Tribunal de Contas da União. Se, eventualmente, a empresa ou os Correios demonstrarem que efetivamente se justifica essa parcela maior dos seis milhões de reais a título de reequilíbrio econômico-financeiro, evidentemente, a legalidade terá sido respeitada, e não haverá nenhuma lesividade aos cofres públicos. Porém, caso não demonstrada essa situação, por óbvio, haverá lesividade ao patrimônio público e haverá, efetivamente, quebra de princípios básicos que regem a matéria.

Nesse sentido, solicito aos depoentes, de imediato, na forma em que já havia solicitado, mas agora peço formalmente que o façam. O envio da cópia das petições iniciais das quatro ações propostas pelos senhores para a confirmação que fazia parte do objeto desta ação o pedido de indenização englobando o equilíbrio econômico-financeiro. Segundo a demonstração efetiva dos valores de repactuação que justificassem o equilíbrio econômico-financeiro na conformidade do equilíbrio apresentado pela proposta original e, terceiro, a pedido, como feito, da Senadora Ideli Salvatti, cópia das contribuições eleitorais feitas pela empresa.

Pediria que V. S.ªs encaminhassem a esta Comissão, o mais rapidamente possível, para que já pudéssemos fazer a conclusão final desta Comissão acerca se existem providências a serem tomadas ou não em relação ao contrato em questão. Eu pedi também a comprovação eleitoral das doações.

O Dr. Advogado quer fazer uso da palavra?

Peço que fale ao microfone, ligando-o.

Está verde, pode falar.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – Apenas para esclarecer, nobre Deputado, que, na ação de perdas e danos, os pedidos evidentemente se referiam tanto aos danos emergentes quanto aos lucros cessantes, e o pedido de repactuação do contrato, explícito, evidentemente não tenho. Ele faz parte do conjunto dos pedidos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Pediria que V. S.ª mandasse também o pedido de repactuação econômico-financeiro que tenha sido indeferido.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – Na parte administrativa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na parte administrativa que, obviamente, se associará a essa ação.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – Que está nos autos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E que é anterior a essa ação.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – E que é, evidentemente, parte dos autos para reforçar a argumentação que foi feita.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, não tendo sido objeto de discriminação explícita no pedido da petição inicial, peço a V. S.ª que, por gentileza, encaminhe o pedido de repactuaçao do equilíbrio econômico-financeiro apresentado anteriormente com o respectivo indeferimento dos Correios se V. S.ª tiver a cópia. Se não tiver, nós obteremos.

O SR. CARLOS ALBERTO ARAÚJO GOMES – Exatamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se não tiver a cópia, não há problema. Peço somente o pedido da empresa para que possamos fazer a análise devida.

Estou satisfeito, Sr. Presidente, porque, se provado isso, não haverá nenhuma irregularidade no contrato.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Agradecemos, Sr. Paulo Nei Almeida pelo seu comparecimento, pelos esclarecimentos e também pela presença de seu ilustre patrono.

Declaro encerrada a presente oitiva e suspensa a reunião pelo prazo de cinco minutos.

(Suspende-se a reunião às 16 horas e 10 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 16 horas e 31 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Declaro reaberta a reunião. Solicito a Assessoria que conduza o Sr. Hassan Gebrim ao recinto. (Pausa.)

Ao cumprimentá-lo, Sr. Hassan Gebrim, queremos alertá-lo que V. Sª comparece a esta Comissão na condição de testemunha e, como tal, firmou termo de compromisso pelo qual se compromete a dizer a verdade. De maneira que toda e qualquer resposta dada por V. Sª será tida como verdadeira sob pena de responder na forma da lei. Poderá V. Sª, se o desejar, omitir-se à resposta, mas, no caso de dá-la, será considerada como verdade.

Ao iniciar os trabalhos, solicito a V. Sª que faça a sua qualificação e preste alguns esclarecimentos que julgar convenientes.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sr. Presidente, eu gostaria de poder ler um pronunciamento, se for possível. Eu já havia conversado com o Relator a respeito.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Com a concordância do Relator e dos ilustre Deputados.

O SR. HASSAN GEBRIM – Acho importante para colocar determinadas posições.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – A seguir, V. Sª passará ás mãos do Relator.

O SR. HASSAN GEBRIM – Já passo uma cópia antecipadamente.

Sou engenheiro elétrico, formado pela Universidade de Brasília, iniciei a minha vida profissional em 1970, na Telebrasília, onde trabalhei por 28 anos. No período de 1993/1999, tive a honra de exercer a Presidência daquela empresa. De 1999 a 2000, fui diretor da Brasilcap, com sede no Rio de Janeiro. Em julho de 2000, convidado pelo então Ministro Pimenta da Veiga, assumi a Presidência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Aceitei o convite com um misto de desafio profissional e dúvida sobre como seria o futuro de um serviço público muito bem avaliado pela população, mas fortemente impactado pelas novas tecnologias de comunicação.

Um questionamento lógico para um engenheiro de formação e profissional da área de telecomunicações tomou conta das minhas preocupações: que futuro poderia haver para as cartas num mundo com tanta tecnologia? O que e como fazer para que os Correios continuassem a ter sucesso nos próximos dez a quinze anos? Logo nas primeiras alegações, pude perceber a complexidade dos seus processos, a dimensão econômica e social dos seus serviços e a potencialidade dos Correios como um dos maiores empreendimentos do Brasil.

A ECT era uma empresa com uma atuação importante para a sociedade brasileira, tendo sido por muito tempo modelo de prestação de serviços públicos. Nas duas primeiras semanas, após exaustivas reuniões com representantes de todas as áreas da empresa, ficaram ressaltados dois grandes problemas. Primeiro, uma grande defasagem tecnológica nos seus processos de produção e de atendimento à população. Segundo, um ultrapassado e inadequado modelo de gestão. Felizmente, a empresa possuía um quadro de profissionais altamente qualificados, que conhecia as deficiências organizacionais e já vinha discutindo internamente caminhos adequados para solucioná-las. Nesse contexto, percebi que o meu papel seria o de

indutor da mudança, um líder capaz de conduzir a transformação da organização, colocando-a em um novo e superior patamar de qualidade. Minha visão delineava uma empresa de Correios moderna, eficiente, rentável, uma verdadeira referência mundial.

A partir desse diagnóstico, foi possível estabelecer os principais objetivos que norteariam a minha ação:

1. Estruturar um novo modelo de negócios para a ECT de forma a ampliar a sua atuação como agente de prestação de serviços postais convencionais e avançados e abrir novos horizontes voltados para os serviços bancários de inclusão digital e de comércio eletrônico.

2. Implantar sistemas de informação capazes de automatizar os procedimentos administrativos, comerciais, financeiros e operacionais da ECT. Com isso, buscava dar transparência e faculdade de auditoria a todos os atos de seus dirigentes e gestores. Pretendia, assim, combater os desperdícios na utilização de recursos, prover maior segurança ao patrimônio de informações estratégicas da empresa, controlar o fluxo de caixa das agências e padronizar os processos em todas as unidades da organização.

3. Modernizar os processos de gestão, definindo com maior clareza os focos prioritários e a responsabilidade dos gestores em cada nível de atuação.

Foram concebidos e implementados inúmeros projetos nos cerca de dois anos em que estive no comando dessa fantástica empresa. Para garantir o envolvimento de toda a organização e a boa e correta execução de tais projetos, adotei como estratégia a formação de diversos grupos de trabalho. O primeiro era grupos de estudo, que seria responsável pela busca da melhor solução para enfrentar o problema diagnosticado, além da especificação e da elaboração do projeto básico – era composto por um coordenador e por integrantes pertencentes a diversas áreas relacionadas com o projeto.

O segundo era grupo de licitação, responsável pela especificação dos requisitos para a contratação das soluções necessárias e a elaboração do edital, com base no trabalho desenvolvido pelo grupo de estudos – era composto por um coordenador, com membros de todas as áreas envolvidas no projeto.

O terceiro era um grupo de acompanhamento da implantação, responsável pelo desenvolvimento do projeto e sua integração na estrutura e organização da empresa – era composto por um coordenador e integrantes das diversas áreas ligadas ao projeto.

Eu gostaria de passar ao Presidente um modelo desse procedimento. Este é um exemplo disso. Acho que é importante apresentar isso, para mostrar como foi a dinâmica estabelecida na empresa para desenvolver os projetos definidos.

Este é um dos projetos, o Centro de Atendimento aos Clientes.

Havia na ECT cerca de duzentos centros espalhados pelo Brasil para atendimento telefônico aos clientes, para acolher informações e prestar informações gerais. Esses centros atuavam de modo despadronizado e com recursos duplicados. Eram perto de 1.500 atendentes que trabalhavam no horário comercial de segunda a sexta. Para resolver a situação, foi implantada a Central de Atendimento aos Clientes, funcionando 24 horas por dia, sete dias por semana, com atendimento padronizado, que trouxe uma redução de custos de 70%.

Um outro programa desenvolvido: o Progama e-Post. Esse programa englobava todos os esforços da empresa com relação a prestação de serviços pela Internet. Ele estava subdividido em vários projetos como Shopping Virtual dos Correios, que disponibilizaria infra-estrutura para o pequeno e médio empresário operar com comércio eletrônico; segundo: Endereço Eletrônico Permanente, que forneceria conta de e-mail gratuita para população menos favorecida; terceiro: o Terminal Público de Acesso a Internet, que garantiria a esse mesmo público a chamada inclusão digital; ainda quatro: o Serviço de Identificação Digital para transações na Internet.

Quero destacar que, naquele momento, essas iniciativas colocavam os Correios brasileiros na vanguarda desses sistemas no mundo. Infelizmente, por questões de descontinuidade na gestão administrativa da empresa, a ECT, pelas informações de que disponho, ainda luta para implementar alguns deles. Hoje, os Correios da Alemanha e do Canadá e alguns outros já possuem pleno domínio de tais assuntos e operam esses serviços.

O Programa Correio Híbrido. Essa iniciativa visava estabelecer a ponte entre os serviços convencionais de comunicação e o ambiente digital. Tal solução, já adotada em alguns Correios como França e Itália, implicaria em ganhos superlativos para a empresa na redução de custos com transporte, em especial o aéreo. Ganhariam também os principais clientes como bancos, empresas financeiras, concessionários de serviços públicos e o próprio Estado como usuário de serviços postais.

As organizações enviariam diretamente dos seus bancos de dados mensagens digitais para os Correios, que fariam impressão nas pontas, perto do endereço de entrega.

O resultado final seria agilidade, precisão e redução de custos. Infelizmente, esse projeto modernizador

na forma da prestação de serviços dos Correios ainda não foi implantado integralmente. A primeira fase do projeto foi implementada para o serviço de telegrama. Com isso, os preços para o usuário foram reduzidos em cerca de 40%. No Brasil, não se tarifam mais telegramas por número de palavras, e sim por página.

Máquinas de franquear. A ECT possuía um antigo, obsoleto e frágil parque de máquinas de franquear, com cerca de 7.500 máquinas mecânicas, elétricas e eletrônicas, em sua maioria com mais de 40 anos de uso.

Essa situação possibilitava fraudes que causavam expressivas perdas para os Correios. Adotei uma medida radical: a proibição de novas ativações desses modelos de máquinas. Contratei a aquisição de 1.500 máquinas digitais imunes às práticas irregulares identificadas. Tais máquinas digitais são gerenciadas pelo Centro de Controle Nacional de Cargas, que permite, em qualquer parte do fluxo postal, identificar se o objeto foi franqueado corretamente ou não.

Centro de dados e rede corporativa. Quando eu assumi, havia em funcionamento 24 centros de processamento de dados na ECT. A contratação de uma rede de dados corporativa com abrangência nacional e a estruturação de dois centros de processamento de dados em substituição aos 24 existentes constituíram-se nos pilares da infra-estrutura desse novo modelo de tecnologia. Esses dois centros, um em Brasília e outro em São Paulo, passaram a integrar mais de seis mil pontos de atendimento em todo o Brasil, constituindo a maior rede corporativa de dados em funcionamento à época no País. A rede de dados proporcionou a interligação de todas as agências, unidades administrativas dos Correios, agilizando o trâmite seguro de informações financeiras, de controle e de gestão.

Sistema integrado de gestão. Havia um mundo de sistemas regionais diferentes que tratavam, entre outros, da folha de pagamentos, do controle de contratos e do sistema de pagamento de fornecedores. Esses sistemas operavam desintegrados e eram suscetíveis a manipulações. Acarretavam altos custos para a empresa decorridos de manutenções, inovações e superposição de esforços. Foi iniciada na minha administração a implantação de um sistema de gestão promovendo a integração e a racionalidade dos processos financeiros, administrativos, de gestão de pessoal, de controle operacional etc.

Há mais outros dois, mas vou saltar para entrar em outro tema, mais dois projetos importantes foram desenvolvidos na minha gestão: um deles, a automação de agências. Entendo que foi uma das mais importantes da minha gestão, porque, naquela ocasião, os Correios operavam nas suas agências e só muito tempo depois, muitas vezes até meses, que tinham conhecimento real do que havia acontecido na agência. Só se sabia o que tinha sido comercializado depois de algum tempo. A automação das agências trouxe a possibilidade de que isso fosse feito automaticamente, *on-line*. Hoje os Correios têm pleno controle de tudo que acontece em suas agências. A outra iniciativa minha foi a do Banco Postal. Eu acho que ela foi percebida pela sociedade brasileira, porque era um grande projeto que tinha um alcance muito grande, chegava a atingir uma população de quase 45 milhões de pessoas no Brasil, que não tinham acesso a serviços bancários.

Esse projeto, na verdade, rendeu aos Correios, só com taxa de acesso, R$200 milhões, além das remuneração pelas operações realizadas e a participação ainda em todos os montantes de recursos arrecadados pelo Banco associado. Além disso, ele chegou a 1.600 Municípios que não tinham como ter uma atividade econômica local. As pessoas tinham de se deslocar para outros municípios para poder fazer alguma operação bancária de qualquer ordem.

Eu gostaria de destacar os principais problemas que identifiquei e enfrentei. Na verdade, a ECT era constituída de 25 empresas. Vinte e quatro diretorias regionais e uma administração central, que atuavam de modo concorrente entre si, sem uma clara separação de funções; pior ainda, com níveis de delegação não condizentes com as práticas da gestão moderna de qualidade. Adotei medidas centralizadora de controle como a vinculação nacional das áreas de inspeção jurídica, que passaram a responder diretamente à administração central. Procedi da mesma forma em relação aos processos de pagamento. Todas essas medidas há muito se faziam sentir como indispensáveis dentro da Instituição. Além disso, visavam a atender recomendações contidas em relatórios do TCU. É importante destacar que substituí todos os diretores regionais por profissionais da Casa de comprovada competência gerencial. A grande maioria dos diretores ocupava tais cargos há muitos anos, alguns até há 14 anos. Outros, por problemas de deficiência administrativa. O resultado foi a melhoria efetiva do desempenho operacional e administrativo da empresa.

Conclui um grande estudo de reforma estrutural dos Correios que foi, inclusive, aprovado pelo Conselho de Administração da Empresa para implantação em setembro de 2002, fato que infelizmente não ocorreu. A motivação foi a de que eu saí em agosto daquele ano.

O fulcro da reforma consistia na redução de níveis hierárquicos na mudança completa do modo de atuação da administração central e na eliminação das estruturas regionais, como ainda hoje são concebidas.

Tinha como fundo a descentralização das ações e a centralização das normas e controles. Era tornar a ECT uma verdadeira corporação, acabando com suas facções departamentais.

Passo às mãos do Relator alguns documentos que comprovam o que acabei de dizer, inclusive a questão da centralização jurídica na administração central. Cada diretoria regional tinha um jurídico, que não seguia uma orientação única. A Empresa não tinha uma orientação única.

O segundo problema: atuação inadequada das agências franqueadas. As agências franqueadas eram constantemente relacionadas a irregularidades na prestação de contas de seus serviços, agindo contra os interesses da Empresa. Tais irregularidades, em geral, estavam associadas ao uso de máquinas de franquear, um equipamento fundamental para controlar as receitas geradas por essas agências terceirizadas.

Para enfrentar esse problema de um modo definitivo, iniciamos a substituição desse modelo ultrapassado de terceirização no atendimento por outro mais moderno, por intermédio de concessão pública e por licitação.

Implantamos certa de 300 novas lojas com atuação padronizada, segundo os interesses da ECT, com pleno controle e remuneração adequada ao tipo de negócio explorado pelo concessionário, muito inferior ao custo absurdo das lojas franqueadas.

Parece-me um ponto importante. Assisti a um pedaço, ontem, dos trabalhos da Comissão. Não sei se seria interessante deixar para depois... Vamos continuar. Sr. Relator, gostaria de passar à mão de V. Exªs esses dados.

O terceiro problema que detectei foi a Rede Postal Aérea Noturna (RPN). Para que a ECT pudesse cumprir com as suas obrigações estatutárias em virtude dos padrões de prazos estabelecidos para a entrega dos objetos a ela confiados e considerando ainda as dimensões continentais do País, tornava-se imperiosa a utilização de transporte aéreo de cargas em horários definidos pela Empresa, de forma a garantir o otimização das etapas que compõem o fluxo de carga. Para tanto, a ECT conta com uma malha contratada de transporte aéreo e de carga denominada Rede Postal Aérea Noturna. Historicamente, a criação e implantação da RPN ocorreu em 1974 e se constitui, até hoje, um marco indelével no processo de consolidação e estruturação dos Correios.

Minha experiência na área de telecomunicações permitiu-me estabelecer uma comparação entre a importância da RPN para a prestação dos serviços de Correios e a do sistema de transmissão para a prestação dos serviços de telecomunicações.

A Rede Postal Noturna é a espinha dorsal de todo o Sistema Postal Brasileiro; sem ela os Correios não funcionam. No entanto, a fragilidade e vulnerabilidade dos Correios em relação a esses segmentos prestadores de serviço foi um aspecto que me inquietou desde o início.

Em 22 de setembro de 2000, portanto pouco mais de dois meses depois de ter assumido, instituiu um grupo de estudos visando a implantar novo modelo operacional para a RPN, uma comissão especial de licitação objetivando... perdão! Em 13 de dezembro de 2000, após a conclusão dos estudos, institui uma comissão especial de licitação objetivando a realização do processo licitatório, a fim de contratar o serviço de transporte aéreo de carga postal. Isso foi feito de acordo com modelo proposto pelos grupo de estudos anterior. Em síntese, o novo modelo substitui as longas linhas que se conectavam na cidade de São Paulo, por quatro *hubs* descentralizados nas cidades do Rio de Janeiro, Brasília, Salvador e São Paulo. Foi realizada, então, a concorrência 02/2001, da qual participaram 18 empresas. Infelizmente, tive que revogar essa concorrência em função dos preços excessivos ofertados.

Assim, o novo modelo, que modificava completamente a arquitetura da RPN, não pôde ser implementado, uma vez que o mercado não respondeu positivamente às expectativas dos Correios. Em conseqüência, foi necessário retomar os estudos realizados e buscar outras soluções.

O modelo tecnológico. Como visto anteriormente, esse era um dos pontos mais atrasados na Empresa, que contava com 24 CPDs, funcionando de modo independente e de forma não-padronizada, com centenas de programas regionais em deficiência e perdas de recursos. Foram implantados dois sistemas nacionais de processamento de dados utilizando a mais moderna tecnologia de segurança de processamento e armazenamento de informações.

Sr. Presidente, gostaria de fazer referência agora – já estou quase no final – a alguns pontos que considero importantes: os resultados obtidos no meu período de gestão.

Com relação aos investimentos de 2000 a 2002, já considerandos os compromissos advindos de anos anteriores, a Empresa investiu mais de R$1,1 bilhão. A média anual subiu de R$250 milhões/ano para R$360 milhões/ano. O lucro, no período de 2000 a 2002, atingiu a cifra de R$1,1 bilhão. Particularmente no ano de 2001, aconteceu o maior resultado financeiro da história da Empresa: R$507 milhões. A receita da Empresa de 2000 a 2002 cresceu de R$4 milhões para R$6 milhões, um acréscimo de 50% em apenas dois anos. O volume de objetos entregue pelos Correios evoluiu

de 8,8 bilhões para quase 10 bilhões em 2002, um acréscimo de 15%.

Empregos diretos. O número de postos de trabalhos cresceu de 82 mil para 98 mil, isso representou um acréscimo de cerca de 20%.

A produtividade. No período de 2000 a 2002, a receita por empregado, que era de R$48 mil/ano passou para R$60 mil/ano, um incremento de 25%.

Reconhecimento público. A ECT, em 2001, recebeu o Prêmio Maiores & Melhores da revista **Exame** como a empresa melhor prestadora de serviços públicos, fato que atesta os excelentes resultados econômicos e gerenciais alcançados.

A duplicação do capital social. Nós conseguimos duplicar o capital social de R$590 milhões para um R$1,2 bilhão, uma das marcas mais significativas do desempenho econômico da empresa.

Srªs e Srs. Parlamentares, nunca na minha vida profissional transigi com a ética, com a moralidade e com a legalidade no trato da coisa pública. Estas são as crenças e valores que pautam a minha ação.

Estabeleci como norma na ECT que qualquer informação suspeita ou sugestão de que pudesse estar ocorrendo uma irregularidade na Empresa seria motivo suficiente para abrir imediatamente uma sindicância. No período em que presidi os Correios, cerca de 40 procedimentos, entre sindicâncias e processos administrativos, foram instaurados, sendo que vários foram encaminhados ao Ministério Público. Resultaram desses processos várias penalidades e punições, inclusive demissões. Os casos mais emblemáticos foram aqueles instaurados no Pará, no Rio de Janeiro e na Bahia. O resultado foi a demissão de diretores regionais.

Dentro do processo de melhorar o desempenho gerencial da ECT, iniciei, como já mencionado, a substituição de todos os diretores regionais. Utilizando os critérios estabelecidos nas normas da Empresa, escolhi, dentre os profissionais dos Correios, aqueles que detinham um melhor desempenho, uma comprovada experiência gerencial.

Para a Regional do Rio de Janeiro, indiquei para exercer a função o então Diretor Regional do Pará, o Sr. Waldemir Freire Cardoso, em 14 de fevereiro de 2001. Na mesma oportunidade, também designei o Diretor-Adjunto que transferi da Regional de Santa Catarina. Em abril de 2001, pouco tempo após ter tomado posse no cargo, o Diretor da Regional do Rio de Janeiro, o Sr. Waldemir, solicitou à presidência da ECT a liberação de quatro profissionais da Empresa para serem seus auxiliares diretos, com a argumentação de que aquilo era indispensável ao êxito do seu trabalho. Entre eles, estava o Sr. Maurício Marinho.

Poucos meses depois, por relato do Diretor-Adjunto do Rio de Janeiro, fui informado que os trabalhos na Regional, o especial desempenho da equipe montada pelo Diretor Regional, não estavam ocorrendo conforme as orientações e padrões de atuação da Empresa. Em seguida, recebi informações sobre problemas na gestão do Sr. Waldemir quando era Diretor da Regional do Pará. Alguns dias depois, recebi uma correspondência interna do Sr. Waldemir solicitando a dispensa do Diretor-Adjunto. Instaurei sindicâncias para apurar os fatos relatados, tanto os ocorridos na Regional do Rio de Janeiro como na Regional do Pará. Preliminarmente, destituí da função o Sr. Waldemir Cardoso e seus coordenadores, inclusive o Sr. Maurício Marinho, transferindo-os para suas unidades de origem, ou seja, Pará e Brasília.

Os relatórios de ambas as comissões foram contundentes ao apontar inúmeras irregularidades ocorridas durantes as administrações do Sr. Waldemir. De imediato, determinei a demissão sem justa causa, mas por causa justa do Sr. Waldemir e dos auxiliares cujos nomes foram apontados nos relatórios das sindicâncias. O Sr. Maurício Marinho não foi demitido porque não havia nos processos, pelo menos até aquele momento, a citação de seu nome.

Quero deixar claro que só tomei conhecimento de alguns fatos ocorridos com o Sr. Maurício Marinho em outras épocas nos Correios depois que eu saí de lá e quando vieram à tona esses fatos que estão sendo vistos pela Comissão.

Sr. Presidente, Srªs e Srs. Parlamentares, tenho orgulho de estar presente nesta CPMI para prestar todas as informações necessárias a um melhor esclarecimento da sociedade brasileira, assim como tenho orgulho da minha carreira profissional como servidor público, construída ao longo de mais de 30 anos. Com a consciência tranqüila e muita humildade, coloco-me à disposição de V. Exªs para responder a todas as perguntas que forem formuladas e que estejam ao meu alcance responder.

Muito obrigado.

Gostaria de passar à mão do Sr. Relator a lista das relações de sindicância feita nos Correios, em particular a do Rio de Janeiro, onde mostram todas as irregularidades cometidas pelo Sr. Waldemir, outra no Rio de Janeiro feita após esta, onde foram demitidas sete pessoas por irregularidades na área de engenharia e a da Regional do Pará. Qualquer outra que for necessária...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Sr. Gebrim, mais algum esclarecimento ou informação?

O SR. HASSAN GEBRIM – No momento não. Aguardo as perguntas, para que eu possa contribuir com os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Concedo a palavra ao Relator, Deputado José Eduardo Cardozo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, primeiramente, transmito os meus cumprimentos ao ex-Presidente Gebrim. E, para facilitar os trabalhos desta Subcomissão, vou apenas fazer umas três ou quatro perguntas iniciais, porque sei que alguns Parlamentares tem várias perguntas, alguns com compromissos marcados e que terão que se ausentar. Na medida em que for possível, vou intervindo, reservando-me para, no final, fazer as perguntas que faltarem.

Começo com uma rápida introdução, sem prejuízo de, ao final, retomar para uma argüição mais substantiva.

Inicialmente, gostaria que V. Sª me desse algumas informações. O senhor foi Presidente da Telebrasília, em 1970.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, comecei a trabalhar em 1970. Logo que me formei na UnB já tinha feito estágio e naquela época era Cotelb e não Telebrasília. Em março de 1971, fui contratado e ocupei diversos cargos gerenciais até chegar à Presidência, em 1993.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 1993 a 1999, exerceu a Presidência?

O SR. HASSAN GEBRIM – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve alguma indicação política para que o senhor exercesse essa função na Telebrasília?

O SR. HASSAN GEBRIM – Houve. Quem me indicou, quem me convidou, na verdade, foi o Ministro Maurício Corrêa, à época, Ministro da Justiça do Governo Itamar Franco. A indicação foi exclusiva dele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posteriormente, o senhor foi diretor da Brasilcap, de 1999 a 2000, com sede no Rio de Janeiro. De quem foi a indicação para esse cargo?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não houve indicação. Na verdade, tão logo a privatização do sistema de telecomunicações ocorreu, recebi um convite da Brasil Telecom para continuar como assessor especial da presidência da *holding.* Eu não me interessei, achava que não tinha sentido, depois de tantos anos de empresa pública, aquele sentimento de empresa pública e tudo o mais, continuar em uma empresa privada. Depois de ter sido presidente de uma empresa pública, achei que não era conveniente. Agradeci. Coincidentemente, uma pessoa que era diretor-financeiro na Telebrasília foi indicado para ser presidente das empresas que compõem as empresas do Banco do Brasil no Rio de Janeiro: Brasilcap, Aliança da Bahia... São quatro as empresas que o Banco do Brasil tem participação em associação a empresas privadas. Então, aquele diretor-financeiro da empresa mandou-me perguntar, por um amigo, se eu não iria trabalhar com ele. Até perguntei: "Por que ele não fala comigo diretamente?" Ele falou que ele ficou com vergonha, que ele tinha medo de eu dizer "não". Falei: "Não, eu vou sim". Inclusive, fui, aceitei sem perguntar à minha mulher, foi um ato assim... Eu não queria realmente ficar na Brasil Telecom. Então, quem me convidou foi o José Maria Monteiro, que era o diretor-financeiro da Telebrasília, foi durante um tempo diretor-financeiro, acho que durante dois anos aproximadamente.

Então, foi esse o convite que recebi. Não houve nenhum convite político, nem nada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posteriormente, em julho de 2000, o senhor foi convidado assumir a presidência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Houve uma indicação política?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não houve nenhuma indicação política. Eu estava no Rio de Janeiro. Há alguns dias desta data, havia me encontrado com o Ministro Pimenta da Veiga, a quem conheço de muito tempo, e ele me perguntou: "O que você anda fazendo da vida?" "Estou no Rio de Janeiro, estou lá trabalhando, pretendo ficar até o final do ano e vou voltar; não fico mais que o final do ano", porque minha família tinha ficado aqui. Conversamos assim rapidamente, cinco minutos. E, para surpresa minha, numa quinta-feira, me telefona a secretária dele dizendo para eu pegar o avião urgente para vir a Brasília. Lembro-me disso porque saí correndo para o aeroporto, peguei o avião das duas, cheguei aqui às 5 horas, entrei na sala dele, e ele falou assim: "Você está querendo voltar a Brasília? Quer ser presidente dos Correios?" Eu me assustei. Evidentemente vim de lá pensando o que poderia ser. Tinha que ser uma coisa nesse sentido, mas não imaginava realmente que fosse os Correios. Pensei particularmente que seria alguma secretaria, alguma coisa desse tipo.

Então, o convite que recebi foi diretamente do Ministro Pimenta da Veiga. Não houve nenhuma indicação política, não considerando que o convite dele tenha sido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem alguma filiação partidária?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não tenho nenhuma. Já tive simpatia pelo PDSB.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas nunca foi filiado?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca fui...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas tinha simpatia pelo PSDB.

O SR. HASSAN GEBRIM – E vou lhe dizer por quê. Quando o PSDB foi criado, ele defendia uma tese que me é muito simpática, que acho que é a solução para muitos problemas do Brasil, que é a questão do parlamentarismo. E quando veio depois a reeleição e o parlamentarismo ficou no papel, realmente perdi a simpatia pelo PSDB. Mas tenho simpatia por muitos membros do PSDB, como também tenho simpatia por muitos membros de outros partidos. Então, simpatia partidária, hoje, digo ao senhor com toda a tranqüilidade, não tenho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve alguma atuação em campanhas eleitorais?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, nenhuma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca?

O SR. HASSAN GEBRIM – A única coisa que, se é que se pode chamar, é que na verdade, quando estava, isso já foi depois das eleições, as eleições já tinham transcorrido. Eu estava na presidência da Telebrasília já desde 1993, pouco tempo, evidentemente estava fazendo um trabalho que em dois anos não se faz um trabalho completo, mas foi depois das eleições, conversei com alguns membros do PSDB, lembro-me em particular, acho que foi com Egídio Bianche, mostrando para ele o que a Telebrasília poderia oferecer como condições de infra-estrutura para o Governo Federal, porque a Telebrasília realmente era uma empresa de ponta. Modéstia à parte, nós sempre tivemos aqui o que havia de mais moderno na área de comunicações. E tínhamos já, naquela época, rede de fibras óticas instaladas pela cidade toda, já tínhamos experiência com o Governo estadual já de "linkar" todas as escolas do GDF com fibra ótica para transmissão de aulas. Foi o único contato que tive, mas realmente em colaborar, em nenhum momento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nem em campanhas proporcionais e nem majoritárias?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, em algum momento, auxiliou a arrecadação de fundos eleitorais para alguém?

O SR. HASSAN GEBRIM – De jeito nenhum, nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a sua relação com o ex-Ministro Sérgio Motta?

O SR. HASSAN GEBRIM – A minha relação com o Ministro Sérgio Motta era de um presidente de uma empresa com um ministro. O meu contato maior era sempre com o Presidente da Telebrás. Eu tive alguns contatos...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era ele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Era o Fernando Xavier. Eu tive alguns contatos com o Ministro Sérgio Motta, inclusive porque, naquela época, nós... Primeiro, ele fazia reuniões com todos os presidentes para discutir a questão da privatização, e eu, em particular, tirando essas reuniões, estive com ele duas vezes porque eu estava num processo de digitalização do sistema de telefonia celular, que, para mim, era fundamental fazer a digitalização antes que entrasse a empresa privada concorrente, porque, senão, a empresa – e era minha responsabilidade defender os interesses da empresa –, ela sairia perdendo. E eu fui duas vezes e, nas duas vezes, eu discuti com ele essa questão de que precisava liberar, porque era ele quem autorizava a Telebrasília a poder fazer a contratação da digitalização da rede de telefonia pública.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor tinha uma relação de amizade com ele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não tinha não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor conheceu o ex-Ministro Pimenta da Veiga?

O SR. HASSAN GEBRIM – O Ministro Pimenta da Veiga, primeiro, a minha mulher é, na verdade, quem é amiga do Ministro Pimenta da Veiga. Minha mulher, o pai dela também era Deputado Federal e ele foi um dos que lideraram a mudança para Brasília.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era?

O SR. HASSAN GEBRIM – Rui Ramos, do Rio Grande do Sul, PTB, Rio Grande do Sul. E, naquela época, o pai dela foi o líder da mudancista, acho que era esse termo que usavam, e o pai do Ministro Pimenta da Veiga também era Deputado naquela época. E eles estudavam no mesmo colégio aqui em Brasília. Ela era muito amiga do irmão do Ministro Pimenta da Veiga que faleceu. E eu conheci o Ministro Pimenta da Veiga por intermédio dela, mas, assim, em encontros...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui em Brasília?

O SR. HASSAN GEBRIM – Aqui em Brasília, onde ela encontrava com ele. Ela tinha muita amizade,

chamava de Joãozinho, mas eu não tinha essa relação. Eu ficava sempre um passo atrás, mas conhecia o Ministro. Quem tinha, realmente, uma relação mais próxima, afetiva, era a minha mulher. Hoje, eu tenho uma boa relação com o Ministro, depois de alguns anos de convivência profissional e tudo mais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No momento em que o senhor foi indicado para Presidente dos Correios, o senhor já tinha uma relação próxima com ele ou não?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não tinha uma relação próxima.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não tinha?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Como hoje, não. Era uma relação na distância, mantida, como lhe expliquei, da minha mulher ter uma proximidade maior.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A que o senhor atribui o Ministro Pimenta da Veiga ter escolhido o senhor para Presidente dos Correios numa condição assim meio de surpresa?

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, eu vou lhe dizer uma coisa: eu sempre me fiz essa pergunta e não tive a resposta. Sempre fiz a mim essa pergunta e nunca tive a resposta.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque é um cargo muito disputado.

O SR. HASSAN GEBRIM – É verdade. Eu tinha sido Presidente da Telebrasília, e ele era Ministro. Ele me conhecia daí. Quer dizer, conhecia o trabalho do Presidente da Telebrasília. Tinha essa relação que eu estou lhe dizendo de uma proximidade por intermédio da minha esposa. Outro fato, não sei, pelo fato... Eu já não estava mais na Telebrasília, mas tinha, vamos chamar assim, um vínculo com o PSDB, um vínculo político pelo fato de ter sido Presidente da empresa no período do primeiro mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Então, eu mesmo me pergunto isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Presidente da empresa...

O SR. HASSAN GEBRIM – Da Telebrasília, à época da Presidência, do primeiro mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso. Então, eu não sei lhe responder, com toda a sinceridade. Eu me faço essa pergunta também.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve alguma participação ativa na privatização da Telebrasília?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nenhuma. Pelo contrário, eu, ideologicamente, sempre fui contra.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sempre foi contra...

O SR. HASSAN GEBRIM – O que não contava, evidentemente, que eu era Presidente de uma empresa e era um profissional, porque eu sempre entendi que empresa pública pode ser eficiente também, desde que bem administrada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem atuações no mundo privado? É empresário, consultor?

O SR. HASSAN GEBRIM – Hoje.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Hoje sim?

O SR. HASSAN GEBRIM – Depois de um ano em casa. Eu realmente fiquei mais de um ano, fiquei um pouco machucado pela forma como eu saí dos Correios. Eu saí seis meses antes do que eu previa sair. Fiquei um ano em casa. Aí tinha que fazer alguma coisa. Abri uma empresa que é um pouco mais ampla...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é o nome?

O SR. HASSAN GEBRIM – HD Participações.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – HD...

O SR. HASSAN GEBRIM – HD: Hassan, que é o meu nome, Denise, que é a minha filha. Eu coloquei a minha filha como participante, 5%, porque eu quero estimulá-la a começar a fazer alguma coisa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – HD...

O SR. HASSAN GEBRIM – Consultoria e Participações. Então, o que eu fiz até hoje: eu construí um prediozinho numa cidade satélite aqui, em Brasília, e estou fazendo uma consultoria, que terminei este mês, mas não pretendo continuar na área de consultoria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que área o senhor presta consultoria?

O SR. HASSAN GEBRIM – Na área de telecomunicações.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Telecomunicações?

O SR. HASSAN GEBRIM – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seus principais clientes quais são?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, só tem um.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é?

O SR. HASSAN GEBRIM – Alcatel, a única.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Antes disso, teve alguma empresa?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca teve?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Prestou consultoria a alguma empresa como pessoa física?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Durante o período em que o senhor esteve presidindo os Correios, havia um assessor chamado Mauro?

O SR. HASSAN GEBRIM – Mauro? Tinha.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é o nome completo dele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Mauro Castro. Eu não me lembro do nome completo, mas era Mauro Castro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual era a função dele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Olha, o Mauro, quando assumi, e dentro do que eu coloquei no meu pronunciamento, um dos pontos críticos que identifiquei nos Correios era a questão da tecnologia da informação. Primeiro, cada diretoria era uma diretoria que olhava para o seu umbigo. Não era uma empresa; não era uma corporação. Então, os projetos da área financeira eram projetos da área financeira; os projetos da área técnica eram da área técnica; os da tecnológica eram da tecnologia. E eu senti que a empresa estava atrasada, porque há dez anos não fazia nenhum investimento, nenhum desenvolvimento na área de tecnologia da informação. E eu não estava satisfeito com as pessoas que estavam lá.

Tinha uma empresa que dava consultoria lá; tinha pessoas dessa empresa que trabalhavam dentro dos Correios, e eu eliminei isso de imediato.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Prossiga, por favor.

O SR. HASSAN GEBRIM – Então, havia inclusive empresas ou pessoas de empresas de consultoria que ficavam lá dentro dos Correios. Eu eliminei isso e comecei a procurar uma pessoa que pudesse servir aos meus propósitos. Quais propósitos? Os projetos que viriam seriam todos projetos corporativos. Os que eu elenquei aí seriam todos corporativos. Não havia como obter sucesso na implementação deles, se não houvesse uma visão macro, uma visão de cima, uma visão em que as áreas todas tivessem a mesma equivalência no tratamento dos projetos. Pensei primeiro e falei: Quem eu vou buscar?

Lembrei-me da Telebrasília; e me lembrei de que ela tinha sido privatizada. Não podia buscar ninguém. Conversei com algumas pessoas no Serpro e elas me indicaram essa pessoa que eu não conhecia, o Mauro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Mauro Castro.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não conhecia. O Mauro...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o indicou?

O SR. HASSAN GEBRIM – Quem o indicou?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É.

O SR. HASSAN GEBRIM – Olha, foi uma pessoa do Serpro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem seria?

O SR. HASSAN GEBRIM – Na verdade, foram mais de duas pessoas, porque havia lá o Presidente do Serpro na ocasião e o meu cunhado que tinha sido Presidente do Serpro. Isso foi em um churrasco, em uma conversa que eu comecei a contar os meus problemas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é o nome do seu cunhado?

O SR. HASSAN GEBRIM – Dilson.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Gilson?

O SR. HASSAN GEBRIM – Dilson de Carvalho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dilson de Carvalho.

O SR. HASSAN GEBRIM – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele foi Presidente do Serpro em que época?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ah, há mais de dez anos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está certo.

O SR. HASSAN GEBRIM – Acho que em 1990. Tem bastante tempo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. HASSAN GEBRIM – E eles me falaram: – Olha, tem uma pessoa que já foi Diretor de Tecnologia do STF; já foi Diretor de Tecnologia do STJ; hoje é Diretor de Tecnologia do Palácio do Planalto. Por que você não liga para a Casa Civil e tenta levá-lo?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Mauro Castro, então, era o Diretor de Tecnologia do Palácio do Planalto?

O SR. HASSAN GEBRIM – Do Palácio do Planalto.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Durante qual período? No Governo Fernando Henrique?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi. Eu o convidei... foi em 2000, uns dois, três meses depois que cheguei, isso, não é? Isso aconteceu uns dois, três meses... Então, liguei para o Palácio do Planalto, falei com a Casa Civil, em particular o Geane.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o Geane?

O SR. HASSAN GEBRIM – Era o Sub-Chefe da Casa Civil, o Silvano Gianini. O Silvano Gianini. Falei com o Silvano, porque o Silvano tinha sido, acho, que Presidente do Serpro também, ou Diretor, pelo menos. O Silvano relutou muito. Eu peguei e expliquei para o Silvano a minha dificuldade. Se eu não tivesse uma pessoa de gabarito, que fosse isenta das brigas internas dos Correios, eu não conseguiria ter sucesso no meu planejamento. E ele acabou cedendo o Mauro, que foi uma grande ajuda. E quero dizer é um profissional corretíssimo. E, se fosse possível, eu gostaria que fosse feito um contato com ele, para que se conhecesse essa pessoa. Eu já ouvi comentários aqui a respeito dele. O Mauro é uma pessoa íntegra; é uma pessoa altamente qualificada; é uma pessoa que – vou repetir – eu particularmente botaria a mão no fogo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É possível até que não só façamos contato, mas talvez requeiramos a oitiva dele nesta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito.

O SR. HASSAN GEBRIM – Seria um favor que fariam a ele, na minha opinião.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Mauro Castro, ele tem alguma atuação na iniciativa privada?

O SR. HASSAN GEBRIM – Hoje ele tem.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Hoje ele tem. Na época, ele não tinha?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, nenhuma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Hoje, qual é a atuação dele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Hoje ele está trabalhando na Politec.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na Politec.

O SR. HASSAN GEBRIM – É. É uma grande empresa de Brasília.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Politec trabalha em quê especificamente?

O SR. HASSAN GEBRIM – Na área de prestação de serviço de informática.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele é dono da Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, de jeito nenhum.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É empregado da Politec.

O SR. HASSAN GEBRIM – O Mauro, depois que eu saí dos Correios, eu saí em agosto, ele ficou até o final do período de cessão dele nos Correios. Depois, voltou para o Serpro. Ele chegou a voltar para o Serpro. E algum tempo depois – eu me lembro disso – já fazia uns seis ou sete meses que eu tinha saído, ele me procurou dizendo que estava recebendo um convite para ir para a iniciativa privada e perguntando o que eu achava. E eu me lembro de que eu disse claramente para ele: – Mauro, você não tem perfil para a iniciativa privada. Se você está querendo ir, peça uma licença para o Serpro e vá fazer uma tentativa na iniciativa privada.

Mas ele não seguiu o meu conselho. Ele pediu demissão e foi trabalhar na Politec. Era um empregado ali.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Durante o período em que o senhor era Presidente dos Correios, a Politec era contratada dos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ela ganhou uma licitação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ganhou uma licitação?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ganhou uma licitação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Relativa a quê?

O SR. HASSAN GEBRIM – Que eu me lembre, ela ganhou um dos segmentos do Correio Híbrido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um dos segmentos do Correio Híbrido?

O SR. HASSAN GEBRIM – É, porque o Correio Híbrido era um projeto em três etapas. Ela ganhou uma etapa dele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era só esse contrato?

O SR. HASSAN GEBRIM – Que eu me lembro, era. Que eu me lembro, era.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Algumas empresas de informática que o senhor recorda prestaram serviços à Telebrasília e aos Correios quando o senhor era... Eram as mesmas empresas, não?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Politec chegou a prestar à Telebrasília?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Não. Eu nem conhecia a Politec. Eu conheci a Politec recentemente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Na época em que o senhor era Presidente dos Correios, o senhor conhecia a Politec.

O SR. HASSAN GEBRIM – Exato. Foi recentemente. Eu digo recentemente nesse sentido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro! Ou seja, o senhor não se recorda de nenhuma empresa que tenha prestado serviço aos Correios, a Telebrasília...

O SR. HASSAN GEBRIM – Nenhuma. Não, nenhuma. A Politec eu lhe garanto que não. Nenhuma. Nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, eu não vou monopolizar. Eu aviso aos Srs. Deputados que há votação nominal na Câmara dos Deputados neste momento. Então, se o senhor me permitir, eu vou suspender. Como são poucos, somente há uma Senadora presente, sempre assídua, a Senadora Ideli Salvatti. Para que não a deixemos abandonada e solitária nesta reunião, eu vou suspender a reunião por cinco minutos, para que os Srs. Deputados possam... Sete minutos. Sete minutos e meio, então. Sete minutos e meio, então, para que nós possamos ir e voltar a tempo.

Está suspensa a reunião.

(Suspende-se a reunião às 17 horas e 17 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 18 horas.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Reaberta a presente reunião, esta Sub-Relatoria voltará, conforme já declinado, a argüir mais tarde o depoente.

Começo, então, a chamar os Parlamentares que se inscreveram, de modo a que, evidentemente, estando em processo de votação na Câmara, os Deputados ausentes não sejam prejudicados se forem chamados e, evidentemente, aqui não estiverem.

Com a palavra o Deputado Onyx Lorenzoni. (Pausa.)

Momentaneamente ausente.

Com a palavra S. Exª a Senadora Ideli Salvatti. Tem V. Exª quinze minutos para a argüição. Peço que o tempo seja marcado.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Sr. Presidente, no depoimento do Sr. Maurício Marinho junto ao Ministério Público, o Sr. Maurício Marinho, às fls26 e 27, declara que despachava com Antônio Osório diariamente, às vezes na presença de Fernando Godoy. E diz que os grandes projetos da Empresa de Correios e Telégrafos envolvendo os valores mais relevantes tiveram início nos anos de 2001 e 2002 e que nessa época os grandes mentores desses projetos foram Hassan Gebrim, tendo como assessor especial Mauro de Tal, que agora já conseguimos identificar e seria Mauro Castro, não é? Que hoje, inclusive, é um dos sócios da própria Politec. Na declaração do Maurício Marinho, ele já coloca essa ligação do Sr. Mauro com a Politec.

Eu estou lendo aqui a declaração do Marinho e me referindo às questões que já foram identificadas. Ainda na declaração do Sr. Maurício Marinho, ele diz que Hassan Gebrim centralizou todos os grandes projetos, excluindo os próprios diretores da assinatura. E declara as ligações do Sr. Hassan Gebrim com o PSDB, mais especificamente com Pimenta da Veiga e Sérgio Mota. Que foram feitos inúmeros "acertos", na época da gestação dos grandes projetos, que eram centralizados no gabinete do Sr. Hassan Gebrim.

Ainda um pouco mais para frente, o Sr. Maurício diz que, dessas tratativas, na época do Sr. Hassan Gebrim, firmava até contratos com as empresas vencedoras e que os contratos eram entre o Sr. Hassan Gebrim e as empresas vencedoras; que na época do Hassan Gebrim os acertos eram centralizados nele, no diretor-presidente; que o depoente Maurício sabe dizer que uma filha de Hassan Gebrim, além do próprio, adquiriram inúmeros imóveis em decorrência da sua gestão. Que o depoente sabe indicar uma imobiliária na Octogonal de nome José Alencar, salvo engano, na qual constam várias escrituras em nome de Hassan Gebrim e de sua filha.

E ele segue aqui com mais uma porção de declarações. Quero fazer uma porção de perguntas em cima dessas declarações do Sr. Maurício Marinho. Quais os grandes contratos assinados durante o período da sua gestão nos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Senadora, naquele meu pronunciamento, discorri os projetos. Realmente eram projetos muito importantes, eram projetos todos de ordem corporativa. O processo...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor confirma, então, que os Correios sofreram uma profunda reestruturação durante sua gestão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não tenha dúvida. E eu não me sentiria orgulhoso se não tivesse tido. Como lhe disse, os Correios estavam defasados tecnologicamente, pelo menos, em 10 anos, em relação a qualquer empresa. Não tinha nenhum projeto em andamento. Agora, a minha sorte foi que isso já estava maduro lá dentro – coloquei isso no pronunciamento. Tive a facilidade de encontrar as coisas já estudadas e fui o líder dessa mudança. E digo com o maior orgulho: os Correios hoje não são os Correios de cinco anos atrás e pena que eles não são os de dez anos à frente que eles deveriam estar, porque alguns projetos não foram implementados.

Então, não eram meus projetos. Não inventei os projetos; os projetos já estavam definidos em estudos internos e o que fiz foi realizá-los.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Nas declarações de Maurício Marinho, ele fala de acertos e contratos firmados entre o senhor e essas empresas vencedoras. Acertos ou contratos. Existia algo dessa forma como está sendo...

O SR. HASSAN GEBRIM – Senadora, vou lhe dizer uma coisa: a minha vida toda, de 30 anos de profissional, as minhas relações com os fornecedores sempre foram estritamente profissionais. Isso, se a senhora quiser, a senhora pode – do meu tempo de Telebrasília – procurar todos os grandes fornecedores da área de telecomunicações. Hoje tenho uma excelente relação com todos eles, porque sempre fui muito ético, muito imparcial no tratamento com fornecedores. Nunca tive acerto nenhum com nenhum deles. Isso posso dizer e posso invocar testemunho de quantos a senhora quiser que tiveram relação comigo em todo esse meu período profissional.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Em relação aos imóveis. O senhor pode se comprometer a nos entregar a relação dos imóveis que estão em seu nome e de sua filha, na última década?

O SR. HASSAN GEBRIM – Vou entregar agora para a senhora. Trouxe aqui o meu imposto de renda, o da minha esposa e o da minha filha. Trouxe o meu imposto de renda dos últimos seis anos – acho que é satisfatório. Se for preciso mais para trás, posso trazer também. Mas estão aqui meus impostos de renda. Esses são os meus, de 1999 até 2004; o da minha esposa e o da minha filha. Tudo que tenho está declarado aí. Mais do que isso: coincidentemente tenho um documento aqui que foi uma ação que entrei contra a **Carta Capital**, por uma notícia mentirosa que ela publicou e não quis corrigir – pelo menos até agora não corrigiu – e aqui tem todas as cópias, todas as escrituras...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Sr. Presidente, gostaria de aproveitar, depois vou apresentar oficialmente, o requerimento para que possamos oficializar junto aos cartórios de Brasília o levantamento também dos imóveis em nome do Sr. Hassan Gebrim e da sua filha.

A Politec foi contratada durante a sua gestão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Qual foi o objetivo da contratação?

O SR. HASSAN GEBRIM – Tínhamos um projeto que era o Correio Híbrido, e o Correio Híbrido eram três etapas do projeto. E a segunda etapa era o Correio Híbrido Reverso e eles ganharam a concorrência que houve.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Quem é o proprietário da Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – São três sócios. Eu não tenho nenhuma relação com eles, a não ser social, e encontro duas a três vezes fora... E depois que eu saí dos Correios. Eu não sei o nome de todos eles, não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Mauro, o senhor já declinou. Mauro foi seu assessor, o Sr. Mauro Castro.

O SR. HASSAN GEBRIM – Mauro... Foi meu assessor... Eu o requisitei lá do Palácio do Planalto. Foi meu assessor...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Ele trabalhava com quem no Palácio do Planalto?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ele era Diretor de Tecnologia do Palácio do Planalto; como ele foi Diretor de Tecnologia do Supremo; como ele foi Diretor de Tecnologia do STJ. É uma pessoa extremamente capacitada e gabaritada.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Funcionário de carreira. Ele não era...

O SR. HASSAN GEBRIM – Ele era de carreira do Serpro.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Do Serpro.

O SR. HASSAN GEBRIM – Do Serpro.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E, aí, depois de sair do Correio é que ele foi para a Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Depois que ele saiu do Correio, não. Depois que ele saiu do próprio Serpro. Ele voltou ao Serpro; se demitiu do Serpro e foi trabalhar na Politec.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – No depoimento do... O senhor tem algum parente próximo lá na Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não. No depoimento do Sr. Marinho...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Depende do que a senhora chama parente próximo. Eu tenho o meu concunhado que trabalha lá.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Quem?

O SR. HASSAN GEBRIM – Concunhado.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Concunhado. Como é o nome dele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Dilson de Carvalho.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Gilson de Carvalho.

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi Presidente do Serpro, também, há mais de 10, 15 anos. É uma pessoa extremamente capacitada também...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Na declaração do Sr. Maurício Marinho, ele se refere ao Sr. Elias, que ia freqüentemente aos Correios.

O SR. HASSAN GEBRIM – Desconheço completamente quem é Elias.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Sr. Elias, Presidente da Politec.

O SR. HASSAN GEBRIM – Desconheço completamente.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor não conhece? Nunca se encontrou com ele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca vi. Eu acho que ele está enganado...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – No depoimento do Sr. Maurício Marinho, também ele diz, nas páginas 78/79, que a sala-cofre, dentro da Politec, foi construída com dinheiro dos Correios...

O SR. HASSAN GEBRIM – Desconheço isso. O contrato inicial... Eu estou achando que está havendo uma confusão, porque o contrato inicial previa que toda infra-estrutura seria executada pela contratada. Pela contratada. Toda infra-estrutura. Porque esse era um projeto, como todos os do Correio, era um projeto de risco. Era quase o que hoje está se tentando fazer de parcerias público-privadas, onde o investimento é do contratado, e ele corre o risco. Ele vai ganhar em cima dos negócios que forem obtidos. Então, eu tenho a impressão de que há algum erro nisso aí. Seria bom ver junto... No contrato, especificamente...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – No contrato da Politec.

O SR. HASSAN GEBRIM – Do Correio/IBRO e Reverso. Seria interessante a gente ver isso.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Deputado Eduardo Cardozo, nós já tivemos depoimentos de pessoas ligadas à Politec? Não. Mas vamos ter de confrontar, né?

O SR. HASSAN GEBRIM – Existe um engano aí, porque toda infra-estrutura era de responsabilidade da contratada.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Durante a sua gestão, houve algum tipo de patrocínio para empresas do ex-Senador Luís Estevão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca... Não sei... Peraí... É complicado dizer essa resposta, porque são tantas empresas que eu possa ter feito algum de alguma empresa... Então, que eu saiba, não; que eu me lembre, não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Que o senhor lembre, não.

O SR. HASSAN GEBRIM – De empresas do Luís Estevão?

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Bom, mas nós podemos, inclusive, verificar não é, Deputado Eduardo Cardoso, os patrocínios realizados durante o período da gestão do senhor...

O SR. HASSAN GEBRIM – E, se houve – não estou dizendo que houve – foi dentro dos trâmites legais que ocorrem dentro da área técnica da Assessoria de Comunicação.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Quando... O senhor substituiu Egídio Bianchi na Presidência dos Correios.

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O Egídio, quando foi demitido, expôs uma série de irregularidades que estariam ocorrendo nos Correios, por pressão do então Ministro Pimenta da Veiga. Em sua gestão, o então Ministro das Comunicações continua a fazer esse tipo de pressão? Algum político tentava influenciar nos contratos e na gestão dos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Em hipótese alguma. Primeiro, eu não admitiria. Segundo...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Mas o senhor tomou conhecimento das irregularidades que o senhor Egídio Bianchi anunciou na sua demissão.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Ele teve uma controvérsia com o Ministro Pimenta da Veiga.

O SR. HASSAN GEBRIM – Desconheço completamente esse assunto.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor foi substituir o Egídio, nomeado pelo Pimenta da Veiga.

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi. Foi...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Por relações...

O SR. HASSAN GEBRIM – Se havia algum problema entre eles, eu desconheço.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Por relações que o senhor explicitou e até que o senhor não entende muito bem.

O SR. HASSAN GEBRIM – O que eu disse agora é que eu me pergunto por que Pimenta da Veiga me escolheu Presidente dos Correios. Eu não tinha uma relação com ele que justificasse essa escolha.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor não considera estranho...

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não considero estranho. Eu sou um profissional. Eu sou um profissional...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Um sai conflitado... Um sai conflitado, porque sai por um conflito que tinha, inclusive de condução, de controvérsia. E, aí, o senhor que não tinha...

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu sou um profissional. Eu sou um profissional de 30 anos. Eu acho que sou um profissional de sucesso, meu trabalho na Telebrasília comprova isso.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor encontrou algum tipo das irregularidades ou ilegalidades denunciadas pelo Sr. Egídio Bianchi?

O SR. HASSAN GEBRIM – Desconheço quais são.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Mas foi pública essa controvérsia. Aí o senhor nem se preocupou em verificar se o que ele estava levantando tinha alguma validade?

O SR. HASSAN GEBRIM – Senadora, me desculpe, eu não sei o que ele levantou. Não disse que não fui atrás do que ele levantou. Disse que desconheço o que ele levantou.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Então vamos lá, uma das denúncias do Egídio Bianchi foi sobre o destino das verbas publicitárias dos Correios. Segundo ele havia uma pressão do Ministro Pimenta da Veiga sobre o direcionamento da verba.

O SR. HASSAN GEBRIM – Comigo nunca houve.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Quais eram as empresas de publicidade contratada na sua gestão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Na minha gestão – fiz uma licitação logo que entrei – foram três: a Olgie Standard, a Giacometti e a Fisher. Depois de um período, não renovei o contrato com a Fisher. Mas eram essas três.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – A revista **Carta Capital** divulgou que "o Presidente da Empresa era Hassan Gebrim, ligado aos grupos políticos do Governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz/PMDB e do então Senador e atual Deputado José Roberto Arruda, PFL/DF; a indicação havia sido avalizada pelo então Ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga".

O senhor conhece o Deputado José Roberto Arruda? Qual é a sua relação com ele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Minha relação com ele é nenhuma. Mas conheço.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É nenhuma?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nenhuma. É zero.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não tem procedência essa vinculação?

O SR. HASSAN GEBRIM – Absolutamente.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E com o Governador Joaquim Roriz?

O SR. HASSAN GEBRIM – Também não tenho nenhuma.

Senadora, inclusive quero aproveitar aqui, porque mandei, tão logo surgiu essa notícia na Carta Capital, e-mail para todos os membros da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito; mandei para outros Parlamentares também, porque ela é absolutamente mentirosa, a começar pelo fato de que naquela época eu não era Presidente dos Correios. Quando citada aquela situação toda ali, eu não era Presidente dos Correios. Aquele fato ocorreu em 1999 – a própria matéria diz – e eu assumi os Correios em julho de 2000. Então é toda mentirosa, toda absolutamente mentirosa.

Entrei na Justiça contra a revista...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O senhor está dizendo que não procede. Então a sua vinculação mesmo não é com Arruda nem com Joaquim Roriz. A indicação é do Pimenta da Veiga, do PSBD.

Foi durante a sua gestão que ocorreu a concorrência internacional de nº 16.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sobre?

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Para movimentação de carga, questão dos equipamentos para o transporte de triagem.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não é essa da reportagem?

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não sei.

O SR. HASSAN GEBRIM – Se é essa da reportagem, estou dizendo que não. Foi antes de eu chegar aos Correios.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Vou ler aqui que está num trecho de reportagem que eu tenho:

"Em breve, um novo escândalo deve explodir na CPMI dos Correios. A concorrência 16, 25, 26, 27 de 2000, ocorrida durante a gestão de Hassan Gerbrim..."

O SR. HASSAN GEBRIM – Essa é a matéria da **Carta Capital**?

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Aqui não tenho como da **Carta Capital**.

O SR. HASSAN GEBRIM – Porque, se for essa da **Carta Capital**, estou lhe dizendo que mandei um e-mail para **Carta Capital** pedindo... É essa mesmo, está aqui: Concorrência 016/99. Data da ata de reunião da comissão: 19/04/00.

Cheguei nos Correios 19/07/00, ou 14/07/00. É por isso que estou acionando a revista.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Posteriormente? O senhor está acionando a revista porque o senhor não esteve... Mas o senhor tomou conhecimento da situação ocorrida nessa licitação?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Tomei conhecimento com essa matéria. Só com essa matéria.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Só com a reportagem. Mas a execução do contrato não se deu,

porque a licitação foi vencida por duas empresas: a Siemens e a Alston. E Alston não cumpriu o contrato. Ela não executou. E a execução foi durante a sua gestão.

O SR. HASSAN GEBRIM – Aí eu não saberia lhe dizer, Senadora.

V. Exª está dizendo o quê? Que não foi executado o contrato?

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É. Essa é a informação que nós temos, que não foi...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não saberia lhe informar com certeza, porque esses contratos internacionais eram vinculados a financiamentos, a uma série de condições. Sinceramente, como saí em julho, não me lembro. Não sei. Teria de pesquisar nos Correios.

A SRA. IDELI SALVATI (PT – SC) – A Alston não cumpriu. Depois houve uma compra que foi parar na mão da Cegelec.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sinceramente, V. Exª teria de consultar os Correios, porque não tenho a mínima idéia...

A SRA. IDELI SALVATI (PT – SC) – Nenhuma dessas informações é...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

A SRA. IDELI SALVATI (PT – SC) – No caso desse contrato, dessa licitação, apresentaram-se quatro empresas: a Alston e o Consórcio Siemens, que acabaram sendo as duas empresas vitoriosas, a Mannesman Dematic e a Brockveld equipamentos. A Mannesman e a Brockveld foram inabilitadas, desclassificadas. A Mannesman entrou com um recurso, acabou perdendo e a Brockveld acabou não entrando com recurso, tendo em vista que tanto a Alston quanto a Siemens ofereceram contratos de gaveta.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu vi na reportagem.

A SRA. IDELI SALVATI (PT – SC) – Inclusive, tenho a cópia dos contratos que depois saíram nas reportagens. O senhor não tomou conhecimento de nada disso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, porque...

A SRA. IDELI SALVATI (PT – SC) – E a execução do contrato com irregularidades e as dificuldades que teve...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. A execução, não me recordo, não me lembro de dados, é de tal ordem operacional...

A SRA. IDELI SALVATI (PT – SC) – Era uma licitação de um procedimento bastante relevante para...

O SR. HASSAN GEBRIM – ...é de tal ordem operacional que eu acho que melhor seria fazer uma consulta aos Correios com relação à execução desses contratos.

A SRA. IDELI SALVATI (PT – SC) – Sr. Presidente, Deputado Eduardo, reinscrevo-me para permitir, inclusive, que o Deputado Silvio Marques, que tem um vôo, possa fazer suas perguntas.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Teria muito prazer em ser Silvio Marques, mas sou Silvio Torres.

A SRA. IDELI SALVATI (PT – SC) – Silvio Torres. Desculpe-me. Há um Silvio famoso...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É o promotor que está investigando muitas coisas em São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seguiremos a ordem de inscrição, como eu disse anteriormente. Os Deputados que não estão aqui – estamos em votação na Câmara – não terão prejuízo se chegarem ainda... Não perderão a sua vez. Está inscrito o Deputado Jorge Bittar, mas S. Exª está ausente.

Concedo a palavra ao Deputado Silvio Torres.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quero apenas informar que a Ordem do Dia já foi encerrada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, foi, mas muitos estavam retidos no Plenário naqueles conciliábulos normais do Parlamento.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, aproveito a presença do nosso Presidente Delcídio Amaral para fazer uma reivindicação. As Subcomissões e Sub-Relatorias têm-se reunido com muita freqüência. Com maior freqüência, inclusive, do que as reuniões que realizamos, chamadas de reuniões gerais. Quando realizamos as reuniões gerais, as Subcomissões não estão reunidas. Na sala principal da CPMI, estão as instalações necessárias para que possamos desenvolver nossos trabalhos. A sala fica vazia e nós temos, às vezes, de nos submeter, submeter aos depoentes e a todo o público a uma situação de desconforto maior. Ontem, por exemplo, passamos horas aqui, saímos daqui depois das 22 horas. Sugiro a V. Exª – espero contar com o apoio da Senadora e do próprio Deputado José Eduardo – que voltemos a fazer nossas reuniões... centralizemos o nosso trabalho naquela sala. Creio que não haveria prejuízo algum.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. PT – MT) – Deputado Silvio Torres, o problema é que há várias sub-relatorias trabalhando: Sub-relatoria dos Contratos, Sub-relatoria do IRB, Sub-relatoria de Movimentação Financeira e agora Sub-relatoria dos Fundos de Pensão. Então, não vamos ter condição de sincronizar todas oitivas das sub-relatorias. Por isso estamos usando as salas das comissões permanentes do Senado. Farei uma avaliação sobre isso. Na próxima reunião, eu responderei.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Talvez devamos estabelecer um rodízio, porque o Deputado José Eduardo Cardozo está sempre nesta sala. Parece que não tem tido muita...

A SRA. IDELI SALVATI (PT – SC) – De vez em quando ele fica lá.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pediria que voltasse o tempo do Deputado Silvio Torres à origem.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Talvez não gaste todo o tempo.

Começaria perguntando ao depoente a razão pela qual ele disse que saiu da Presidência dos Correios antes do tempo que previa. Eu não entendi muito bem qual foi...

O SR. HASSAN GEBRIM – Na verdade, o mandato não tem uma duração, mas a minha expectativa é que o meu mandato terminasse junto com o do Governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso e terminou antes. Eu saí no começo de agosto.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A que V. Sª atribui esse corte?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não tenho condições de atribuir isso a nada.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Na seqüência, depois que V. Sª saiu, quem o substituiu?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi Humberto Mota.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Humberto Mota o substituiu até o final do mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas não houve nenhuma explicação para a sua saída?

O SR. CARLOS HASSNAN GEBRIN – Na verdade, o Ministro Pimenta da Veiga comentou comigo que havia sido por motivos políticos, mas eu não entrei em detalhes, porque isso não era relevante para mim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu queria saber se houve alguma questão administrativa que tivesse motivado a sua saída.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, nenhuma. Com certeza, não. Absolutamente, não. O Ministro Pimenta da Veiga me deixou claro que eram motivações políticas, era o momento político das eleições. Deve ser alguma coisa relacionada a isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. Sª leu o depoimento do Sr. Marinho?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – ...depoimento prestado ao Ministério Público Federal?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – ...e com o qual ele fez um acordo para a delação premiada?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Agora é que a Senadora leu alguns trechos ali.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. Sª não tem conhecimento do teor do depoimento dele e das acusações que ele lhe faz?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, eu queria consultar V. Exª para saber se este depoimento é sigiloso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele é sigiloso. Foi prestado ao Ministério Público, numa situação em que havia a possibilidade de delação premiada. Portanto, ele está sob sigilo, em que pese o fato de alguns jornais terem divulgado trechos dele. Mas, do ponto de vista formal, ele é sigiloso.

O SR. HASSAN GEBRIM – Mas me permita, Sr. Relator-Presidente, dizer que como a Senadora Ideli fez ali a leitura, eu gostaria de ter conhecimento disso. Já que ele fez uma série de ilações a meu respeito e algumas absurdas, pelo que vi, como a de que a minha filha tem lotes. Tem. Qual o problema disso? Eu gostaria de ter acesso a isso porque eu tenho que tomar uma providência em relação a esse assunto, como eu tomei no caso da Casa Capital.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sugiro a V. Sª que peça isso formalmente.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Até porque, Dr. Hassan, eu só utilizei trechos aqui, porque o vazamento em termos de documento, mesmo em termos de documentos sigilosos, em nossa CPMI, é realmente... V. Sª tem todo o direito de receber isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sugiro a ele que peça isso formalmente, para que possamos ouvir a Consultoria Jurídica acerca da matéria.

O SR. HASSAN GEBRIM – O que eu tinha lido nos jornais é que ele tinha comentários que eu centralizava os projetos. É verdade. Se eu não centralizasse os Correios não andariam. Os Correios eram uma empresa esfacelada. Eram vinte e cinco empresas. Não havia uma empresa. Os projetos só andaram porque eu centralizei o controle. Toda semana, eu fazia reuniões para saber como os projetos estavam andando. O processo de aquisição foi muito mais centralizado do que era antes. Como eu coloquei no início, Sr. Relator, eu formei grupos diferentes para fazer estudos, para fazer licitações e para acompanhar a implantação. Eu, na verdade, descentralizei a participação. Antes era tudo centralizado num órgão só. Então eu descentralizei. Eu centralizei o controle. Se eu não tivesse feito

isso, não teria tido o sucesso que foi obtido, em dois anos, tanta coisa aconteceu nos Correios.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. Sª disse que, quando tomou posse, uma das mudanças que fez foi a troca dos diretores regionais?

O SR. HASSAN GEBRIM – Essa não foi a primeira medida minha. A minha primeira medida administrativa foi centralizar a subordinação dos advogados e dos inspetores na administração central.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, eu queria saber se essa foi uma das medidas.

O SR.HASSAN GEBRIM – Foi, começar a trocar diretores.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. S ª trocou todos os diretores?

O SR. HASSAN GEBRIM – Até o final da minha gestão, eu troquei todos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Qual foi o critério que V. Sª utilizou?

O SR. HASSAN GEBRIM – Primeiro, aqueles que tinham muitos anos no mesmo lugar foram os primeiros. Isso porque havia diretores com quatorze anos na mesma direção. Do meu ponto de vista, eles já tinham criado teia no cérebro. Não é possível ser diretor quatorze anos no mesmo lugar! Isso começou pelo Amazonas. Eu me lembro claramente disso. Depois foi São Paulo, depois foi Bahia. Os critérios foram esses e outros critérios também. No Rio de Janeiro, havia uma absoluta incapacidade gerencial do diretor, havia uma guerra. Então, vários motivos. O primeiro...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas o senhor trocou ou remanejou?

O SR. HASSAN GEBRIM – Alguns remanejados, a maioria trocados.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A maioria foi de pessoas destituídas e o senhor substituiu por novos?

O SR. HASSAN GEBRIM – A maioria, a grande parte, 90%, eu lhe diria, foram substituídos.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E foi uma decisão do senhor?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor decidiu isso sem nenhuma interferência, sem nenhuma influência política nem de Brasília nem dos Estados?

O SR. HASSAN GEBRIM – Sem nenhuma interferência. Eu não olhava de que partido...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor tinha liberdade para isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Tinha liberdade para isso. O Ministro Pimenta da Veiga me disse que, inclusive, não queria politizar a administração dos Correios. Ele achou que eu faria isso, mas eu não fiz isso, não faria, e não olhava, na indicação, nunca perguntei a nenhum deles de que partido era. Não me interessava isso. O que me interessava é que era feita uma análise dentro da empresa pelo setor de inspetoria e por uns assessores que conheci e passei a ter confiança.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quanto tempo o senhor demorou nesse processo, porque, uma substituição de... Quantos foram trocados? Vinte e sete?

O SR. HASSAN GEBRIM – Vinte e três. Dois anos. Comecei...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foi a longo dos dois anos em que o senhor permaneceu como presidente?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi ao longo de dois anos, não foram todos ao mesmo tempo. No primeiro ano, foram 7 ou 8. No segundo, 7 ou 8...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E, em todo esse tempo, o senhor nunca sofreu pressão política para...

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca. Algumas vezes recebia reclamação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas não foram determinantes nas suas decisões?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Recebia reclamação não por quem eu estava colocando, mas por quem eu estava tirando, mas não fazia diferença.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Hassan, quando o senhor decidiu levar o diretor do Pará para o Rio de Janeiro, o senhor o fez acreditando que ele poderia ter um desempenho melhor?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi. Eu tinha recém-realizado com o Ministro Pimenta da Veiga aquela viagem que ele fez de Cuiabá/Santarém. Eu fui com ele naquela viagem e, lá, conheci o Diretor-Regional do Pará, que me pareceu um cara extremamente positivo, atuante, tudo o mais. Eu estava num processo de fazer mudanças e o Rio de Janeiro estava com um problema sério.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Entendi. Aí o senhor, então, o transferiu, mas, depois, infelizmente, o senhor já disse, não se configurou a sua expectativa.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Eu cometi o erro, mas tive a coragem de corrigir o erro.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E qual foi a participação do Sr. Marinho nesse processo da sua, digamos assim, decepção com as mudanças que fez no Rio de Janeiro?

O SR. HASSAN GEBRIM – O diretor indicado solicitou a liberação de quatro auxiliares. Evidentemente, eu já os conhecia antes para nominá-los. Eu não dei atenção aos nomes na ocasião. Depois da auditoria,

quando foi concluída... Aliás, foi uma inspeção especial que pedi, li o relatório, pedi à C.I, onde ele tinha solicitado os quatro, e chequei uma coisa com a outra. Não constavam alguns nomes no relatório da inspeção especial, que constavam no documento onde ele me pedia a cessão. Só constava de um, na verdade. E estranhei, chamei o pessoal e disse: "mas se ele pede quatro e vão os quatro, acontece tudo que está acontecendo, não é possível que só apareça o nome de um deles. Vamos demitir todos". A minha intenção foi essa, de demitir todos. Aí ponderaram comigo que não apareceu na relação, não apareceu na sindicância. Acabei concordando e demiti da empresa o diretor, o Valdemir, e o Paulo, o Maurício, não me lembro. Os outros não foram demitidos; foram afastados, ficaram... Foi aí que vi pela primeira, realmente, o nome do Marinho, porque, quando chequei...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ele era um dos diretores?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ele era um dos que tinham ido como coordenador.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E algumas das pessoas que foram acompanhando o diretor do Pará, além do Sr. Marinho, algum deles esteve envolvido nessas denúncias recentes dos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nessas denúncias? Teve o Marinho.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Além do Sr. Marinho.

O SR. HASSAN GEBRIM – Além do Sr. Marinho? Eu não saberia precisar, Deputado.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor não notou essa...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não notei. Apareceu o nome do Valdemir, logo identifiquei que ele estava aqui na Câmara, no gabinete do Deputado Roberto Jefferson. Estava cedido pelos Correios no gabinete do Deputado Roberto Jefferson.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, o Sr. Valdemir, quando foi demitido da diretoria no Rio, continuou no Rio de Janeiro?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, ele foi demitido da empresa. Depois, ele voltou. Esse é um problema complicado, porque...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ele voltou por decisão judicial.É isso o que o senhor vai dizer?

O SR. HASSAN GEBRIM – Exatamente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Aí, depois, ele voltou a pertencer aos quadros dos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi requisitado pela Câmara, veio para o gabinete do Deputado. Isso eu li. A Senadora Ideli tem esses dados e ela os leu, inclusive, numa comissão. Eu tenho esse relatório, mas não trouxe comigo esses dados. Mas ele voltou à empresa...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Que irregularidade o Sr. Marinho teria cometido para motivar a sua inclusão na sindicância?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não houve inclusão do Marinho na sindicância. Houve uma sindicância no Rio de Janeiro...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim, o Sr. Marinho trabalhava lá como coordenador...

O SR. HASSAN GEBRIM – Trabalhava lá, mas o nome dele não apareceu...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então ele não tinha nada a ver?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, foi por isso que ele não foi demitido, não apareceu na...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ele não foi demitido?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, ele foi afastado do cargo só. Ele foi afastado da função que ele exercia...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, mas é isso que eu estou querendo saber.

O SR. HASSAN GEBRIM – Mas não foi demitido da empresa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ele sofreu uma sanção.

O SR. HASSAN GEBRIM – Evidentemente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ele continuou no Rio de Janeiro ainda, trabalhando...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, ele estava aqui...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Voltou...

O SR. HASSAN GEBRIM – Voltou para Brasília.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor atribuiria a isso o fato de ele ter incluído o senhor em 50% das denúncias?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não tenho dúvida disso, não há outra razão. Primeiro, que ele não me conhece nem eu não o conheço; ele nunca trabalhou próximo a mim. Então, eu, quando relatei essa questão, quis induzir exatamente a isso, porque, para mim, só pode ser uma vingança, porque ficou claro e evidente no relatório que está aqui com o relator que estava se formando uma quadrilha no Rio de Janeiro. Estava se formando uma quadrilha no Rio de Janeiro, eu não tenho dúvida disso. E o líder dessa quadrilha era o Waldemir – ele não era o chefe, ele era o líder da quadrilha. Eu não tenho dúvida disso. E a minha inferência, a minha avaliação é que isso é uma retaliação, porque ele soube...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor está se referindo ao Rio de Janeiro?

O SR. HASSAN GEBRIM – É, ele soube...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Na época, quando o senhor era presidente, o senhor disse que se estaria formando uma quadrilha na diretoria dos Correios do Rio de Janeiro?

O SR. HASSAN GEBRIM – É, exatamente. E eu ia demitir o Marinho, ele sabe que eu queria demiti-lo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu vou voltar a fazer uma pergunta ao senhor que eu já fiz.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sim.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O senhor indicou o diretor do Rio de Janeiro sem nenhuma influência política?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – De nenhum partido político?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O Sr. Roberto Jefferson não teve nada a ver com essa...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não. O Roberto Jefferson me ligou quando eu o demiti – eu lhe disse que alguns ligavam quando da demissão. E ele me ligou quando eu o demiti, queria saber por que eu o havia demitido. E eu disse que estava disposto a explicar a ele, marcamos uma ida aos Correios – ele iria aos Correios no dia seguinte. Não foi e nunca mais houve nenhum contato, nenhuma referência a isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E, na seqüência, o Sr. Waldemir acabou sendo requisitado para o gabinete do Deputado Roberto Jefferson?

O SR. HASSAN GEBRIM – Depois que ele voltou, depois da demissão...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E depois acabou se envolvendo em alguns fatos ocorridos nos Correios. Ele foi citado como...

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, a ordem cronológica: ele saiu do Pará, foi para o Rio de Janeiro...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, eu já entendi.

O SR. HASSAN GEBRIM – Do Rio, ele voltou para o Pará; foi demitido da empresa em 2002. Depois que eu sai, ele voltou para a empresa por uma decisão judicial e, depois de voltar para a empresa, ele foi requisitado pela Câmara para prestar serviços no gabinete do Deputado Roberto Jefferson.

Depois desses eventos todos, parece que ele já saiu e, agora, está cedido à Prefeitura do Pará. São as informações que eu tenho.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Muito bem.

Eu gostaria de retomar um assunto que ontem discutimos aqui exaustivamente – eu, o Deputado Cardozo e a Deputada Juíza Denise Frossard. O senhor certamente assistiu a essa discussão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Assisti ao final, peguei exatamente aquele pedaço.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Trata-se da questão das franqueadas. O nosso interesse era, e é ainda, tentar entender o que houve, o que pôde motivar, seja do ponto de vista econômico ou administrativo, o resgate, digamos assim, para aquelas franqueadas que, em 2001, teriam perdido uma parte dos seus clientes, dos seus fregueses e, depois, passado um período de três ou quatro anos, se recuperado. Nós passamos aqui um longo tempo, mas eu, certamente, não me convenci e creio que o Relator também não se convenceu. O depoimento de V. Sª seria muito importante, seriam importantes todos os detalhes que o senhor puder dar para nos ajudar a entender.

Começando: o senhor tem conhecimento dos fatos que motivaram os Correios, em 2001, a transferir aqueles grandes clientes de volta para os Correios? Quais fatos, no decorrer do tempo, poderiam ter motivado a volta?

O SR. HASSAN GEBRIM – A segunda parte da pergunta eu não tenho como responder, mas a primeira, evidentemente, eu tenho.

Como eu coloquei no meu pronunciamento, esse foi um assunto que me chamou a atenção, que era muito importante. Por quê? Primeiro, porque ele é a segunda maior despesa dos Correios – a primeira é pessoal, a segunda são os franqueados e a terceira é a rede postal. Então, evidentemente, era um assunto muito importante.

Segundo: dois meses depois que eu cheguei aos Correios, eu levei um susto quando um assessor entrou na sala e me disse que iriam ser fechadas, alguns dias depois, 190 franquias em Minas Gerais. Eu me assustei com aquilo. Como é que vai fechar? Eu desconhecia completamente esse assunto. E tinha uma decisão da Justiça de Minas mandando fechar. Eu fui atrás e tomei conhecimento exatamente do que era franquia. Aí, veio à tona a questão da irregularidade, da forma como foram instaladas e tudo mais. Eu, evidentemente, não poderia deixar que elas fossem fechadas. Corri para a Justiça, consegui sustar a liminar, e elas foram mantidas.

Então, me aprofundando, vi que havia um parecer do Tribunal de Contas da União condenando aquela modalidade. E havia um prazo para que os Correios providenciassem a substituição daquelas franquias, havia um prazo estabelecido.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – As de Minas Gerais?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, todas.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Todas as franquias do País?

O SR. HASSAN GEBRIM – Tem uma decisão do Tribunal de Contas sobre isso.

Então, nós começamos a trabalhar – pena que passei já para o relator os dados – de imediato, começamos a trabalhar, porque o TCU amarrou a coisa de tal forma que tudo tinha que passar por ele – sabiamente ele fez isso.

Começamos a trabalhar num modelo dentro da ótica do TCU e conseguimos. Aí, o Ministério aprovou uma portaria autorizando. O TCU aprovou o nosso modelo, que era de terceirização. Chegamos a colocar para licitar mais de 2200 novas agências comerciais dentro desse modelo aprovado pelo TCU.

Por quê? Voltando um pouco atrás: além da questão irregular...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O TCU considerava irregular o modelo de franquias?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, a forma como elas foram dadas, como elas foram destinadas, porque elas não passaram por um processo de licitação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Exatamente, ele queria que se retornasse. Então, essa foi a razão que determinou a retirada daqueles clientes e a sua volta para os Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, esse é o outro lado.

Muito bem, essa questão foi para resolver a questão da legalidade. Ou seja, tínhamos que substituir as franqueadas por outras lojas dentro da lei. E foi o que nós fizemos. Aprovamos isso no TCU. O Ministério emitiu uma portaria e nós trabalhamos para criar uma nova rede de agências, que é o objeto original no varejo.

Aí é que eu entro na segunda parte da sua questão. Os franqueados...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Dentro daqueles padrões que...

O SR. HASSAN GEBRIM – A intenção, quando foram criados os franqueados, era ampliar a rede de atendimento, era ampliar a rede de atendimento, mas no varejo. Era para ampliar a rede de atendimento no varejo, chegar mais perto da população. Os franqueados viraram grandes comerciantes, agiam no atacado.

Os Correios estavam repassando para os franqueados, ou repassam, em média, de 8% a quase 10% de todo o seu faturamento. Um levantamento do que foi repassado para os franqueados de 98 a 2002 dá conta de mais de US$1 bilhão. Nenhuma empresa, em sã consciência, repassa US$1 bilhão para ninguém sem necessidade. Não digo que foi irregular. Não foi, porque havia o contrato, mas sem necessidade. Por que sem necessidade? Porque os Correios poderiam fazer aquele trabalho junto aos grandes clientes.

E eu determinei: vamos pegar de volta os grandes clientes, porque os franqueados não são para isso, eles foram criados para atender no varejo, mas eles se transformaram.

Então, é essa a razão da verdade. O dinheiro e as máquinas de franquear, que foram compradas na minha gestão, foram para acabar com fraude. A fraude era grande.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quando o senhor tomou essa decisão, qual foi a reação dessas franqueadas que tinham...

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi muito forte.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – De que forma isso aconteceu?

O SR. HASSAN GEBRIM – A reação?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sim. De que forma foi a reação?

O SR. HASSAN GEBRIM – Primeiro, muita pressão política, vários Parlamentares foram conversar comigo. Eu os recebia, evidentemente, explicava as razões, os motivos.

Segundo, e isso foi o pior de tudo na minha opinião: o Ministério, já na gestão do Juarez Quadros, emitiu uma instrução normativa que, na minha opinião – e eu fiz... Se o Relator me permite... Eu respondi ao Ministro mostrando o prejuízo que estava sendo causado aos Correios e à população brasileira por causa da instrução normativa que eles tinham publicado, que era absolutamente voltada para atender os interesses dos franqueados. Eu não tenho dúvida nenhuma disso. Vou dizer, com a vênia de todos os Parlamentares aqui, que o Congresso também tem culpa nisso, porque a Câmara renovou, em 98, por mais quatro anos, a validade dos contratos; e renovou, agora no final de 2002, por mais quatro anos. Esse é um assunto, na minha opinião – perdoem-me a ênfase –, que tem de ser resolvido.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. Sª recebeu pressão ou pedido dos bancos...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – ...que foram transferidos?

O SR. HASSAN GEBRIM – Banco, não.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. Sª recebeu alguma reclamação dos bancos no sentido de que, depois que isso passou para os Correios de volta, eles estavam sendo mal-atendidos, que seria muito caro...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, pelo contrário, o serviço melhorou muito.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. Sª deve ter assistido ontem, aqui, ao depoimento do ex-Diretor Comercial dos Correios, que disse que um dos motivos teria sido o fato de os clientes não estarem satisfeitos. Ele, inclusive, apresentou aqui algumas cartas encaminhadas.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não gostaria de polemizar. Digo apenas o seguinte: na minha época, não. Quer dizer, na minha época, quando eu estava à frente dos Correios, todos os grandes clientes estavam absolutamente satisfeitos, porque a qualidade do serviço tinha melhorado. Se depois isso piorou e eles reclamaram, eu não sei, não posso lhe dizer.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Esse serviço representava prejuízo para os Correios na época?

O SR. HASSAN GEBRIM – Qual?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Esse serviço que as franqueadas retomaram?

O SR. HASSAN GEBRIM – Prejuízo em que sentido? Eu não entendi a sua pergunta.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Prejuízos, os Correios tinham custos muito caros para prestar esse...

O SR. HASSAN GEBRIM – De jeito nenhum. A estrutura dos Correios está pronta, está disponível. O que nós, com isso, fizemos...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Os Correios tinham condições de competir com concorrência?

O SR. HASSAN GEBRIM – Os Correios não têm que competir com concorrência, porque, na verdade, o serviço é dos Correios. O que houve foi uma delegação para o que se chama franqueados...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas a concorrência não é dos franqueados. Existem concorrentes dos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – É claro que tem.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quais são?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nos serviços? Tem a Varig Log, a FedEx, a DHL...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Estou perguntando especificamente para esses grandes clientes que foram retransferidos de volta.

O SR. HASSAN GEBRIM – Ah, sim, perdão: não, só os franqueados.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Ou seja, se os Correios não fizessem aquele serviço, ninguém mais poderia fazê-lo?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, só os franqueados.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Acho que o Sub-Relator se lembra bem da nossa insistência nesse ponto ontem.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu estou insistindo – essa é a minha opinião e não vou mudá-la – é que os Correios tinham condições, como tiveram e mostraram, quando retomaram os clientes, de prestar o serviço, e não repassar aos franqueados uma participação. Não tem sentido ficar passando, todos os anos, R$400 milhões, R$500 milhões, sem necessidade. Não irregularmente, não estou falando de irregularidades. Os Correios tiveram, em 2001, R$500 milhões de lucro. Poderiam ter tido R$600 milhões de lucro ou até mais que isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O diretor da regional de São Paulo na época é o mesmo até hoje?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não sei.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. Sª sabe o nome dele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Da minha época? Da minha época era...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O Sr.Marcos?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, Marcos não. Marcos era coordenador de *marketing*.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Quando foi retomado, o diretor, que provavelmente é o atual – também não sei dizer isso –, segundo o ex-Diretor Comercial, foi ele quem sugeriu, quem indicou a volta das franqueadas ao serviço dos grandes clientes de São Paulo especialmente. Foi alegado que foi uma questão ética, porque os franqueados tinham tomado um grande prejuízo em razão dos investimentos que fizeram e, por isso, eles teriam que ser, digamos assim, indenizados. O senhor concorda com isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – De forma nenhuma.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Havia investimentos?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nos franqueados?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É.

O SR. HASSAN GEBRIM – As máquinas de franquear são um investimento, infra-estrutura... Mas o que eu quero lhe colocar nesse caso, Deputado, é que o negócio é dos Correios. Eu falei isso claramente numa reunião que em dois parlamentares acompanharam os representantes. Eu fui claro, taxativo, duro ao dizer que o negócio era dos Correios. O negócio não é dos franqueados, eles têm que seguir a regra dos Correios. Se os Correios não estiverem satisfeitos, que cancelem

os contratos. E era para partir nesse direção mesmo. Só que não podia, antes de partir para isso, ampliar a rede. E foi por isso que nós colocamos 2300 licitações nas ruas: para ampliar a rede de atendimento.

Colocar franqueado para cliente corporativo é tirar dinheiro dos Correios. Quem tem investimento são os Correios, quem investe em tecnologia são os Correios. Eles é que têm um grande investimento, e eles têm que ter o retorno desse investimento. Não tem sentido repassar, todos os anos, quatrocentos, quinhentos milhões. Não tem sentido. Pode-se passar cem para os pequenos, para o varejo, para aquele que está num supermercado ou num *shopping* onde o cidadão vai e coloca a carta dele. Agora, ir no Itaú, ir no Bradesco ou ir nesses bancos pegar aquele pacote de coisa, carregar e entregar para os Correios fazerem o resto do trabalho e ganhar não sei quanto? Sou absolutamente contra isso. Estou sendo absolutamente franco. Trabalhei muito para isso, trabalhei muito, foi um desgaste grande.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, Sr. Presidente...

O SR. HASSAN GEBRIM – Mas acho que valeu o desgaste. Só pelo fato de estar repercutindo hoje, acho que valeu a pena o desgaste.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Vou encerrar para passar para o nosso Relator, que, talvez, termine esse assunto. Antes, porém, eu queria que o senhor confirmasse duas coisas.

A primeira delas: nenhum cliente fez qualquer reclamação, indiretamente ou pessoalmente depois?

O SR. HASSAN GEBRIM – Para mim, nunca. E a informação que eu tenho do Diretor Comercial é que, ao contrário, o serviço melhorou.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – A segunda: a não ser, conforme o senhor disse, algumas manifestações de políticos, não houve, dentro da diretoria, também nenhuma...

O SR. HASSAN GEBRIM – Da diretoria da empresa?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – É.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, havia uma questão fechada nisso aí. Todos os gerentes, quando nós começamos a aumentar a fiscalização... Porque nós fizemos três ações simultâneas. Uma foi colocar agentes fiscalizando, porque, como nós não tínhamos instrumentos mecânicos ainda – as máquinas de franquear não tinham chegado –, fizemos aumentar a fiscalização. A segunda: foram as máquinas franqueadas que, quando chegaram, começaram a ser instaladas. E, terceira, foi tirar esses clientes. Então, a empresa estava... Não acreditava numa coisa que era sonho dela. Então, quanto à questão que o senhor colocou do diretor de São Paulo: me parece ser o contrário. Quer dizer,...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não, é exatamente a outra pergunta que eu faria.

O SR. HASSAN GEBRIM – O conhecimento que eu tinha – geral, evidentemente, eu não sei a opinião de cada um em particular –, a minha visão geral é que o diretor de São Paulo naquela época estava entusiasmado com isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Hassan, a minha outra pergunta é a seguinte: uma decisão dessa natureza – de retornar ao **status** anterior – poderia ter sido tomada apenas por uma diretoria comercial numa gestão dos Correios? O senhor acha possível que apenas uma diretoria pudesse tomar uma decisão dessa, sem parecer de viabilidade econômica, sem parecer jurídico e sem que fosse uma decisão colegiada?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu diria ao senhor o seguinte: na minha gestão, não. Só posso responder dessa forma.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas, dentro do Estatuto dos Correios, é possível isso? A minha pergunta é sobre as normas e o estatuto que regem os Correios. É possível?

O SR. HASSAN GEBRIM – Sinceramente, não sei lhe responder, mas me parece que é um assunto de muita importância, de muito significado para os Correios. Acho difícil. Eu lhe digo: na minha gestão, não. Do ponto de vista estritamente legal, eu não me lembro, eu não posso lhe dizer se tem algum dispositivo que desobrigasse ou obrigasse o diretor a levar essa decisão à consideração de outras instâncias na empresa. Eu não posso lhe afirmar isso, porque pode ser que tenha e pode ser que não tenha. Eu não me lembro.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Está bom. Eu vou então...

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não me lembro, mas, pela expressão do assunto, acho difícil, mas não sei se teria, legalmente, uma abertura para uma área, sozinha, tomar uma decisão como essa. Não sei.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, sugiro ao nosso Sub-Relator que, por favor, confirme se era possível, obedecendo o estatuto dos Correios, uma decisão dessa natureza.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Agradeço ao Deputado Silvio Torres e concedo a palavra ao Relator.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aproveitando a seqüência do Deputado Silvio Torres, eu gostaria de pegar também essa questão

das franqueadas para, depois, seguirmos outros módulos de argüição.

Houve um momento em que a rede franqueada atendia grandes clientes, mas depois isso passou para a alçada dos Correios. Parece-me que essa data foi 2002, portanto, talvez, durante a gestão de V. Sª.

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi na minha gestão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que foi esse processo?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi uma decisão interna nossa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. HASSAN GEBRIM – Porque os custos repassados aos franqueados eram muito altos, muito significativos, e nós tínhamos condições de realizar aquela tarefa. Tão simples quanto isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve algum estudo, escrito, para isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ah, deve ter um estudo sim, mas eu lhe digo o seguinte: dispensaria estudos. Houve estudos no seguinte sentido, isto eu posso lhe afirmar: do que nós precisamos dispor para prestar o serviço? Isso houve. Neste sentido, Sr. Relator, houve: de que forma deveríamos nos adequar – aquilo não estava sendo feito – para que pudéssemos fazê-lo? Então, por exemplo: alocar um ou dois carros. Isto, com certeza, foi feito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, quando houve a absorção desses clientes pela estrutura central dos Correios, o senhor considera que essa operação foi um êxito?

O SR. HASSAN GEBRIM – Com certeza. E será a qualquer momento que os Correios resolvam fazê-lo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve redução de demanda? Permaneceu no mesmo nível?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, mesma coisa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No depoimento de ontem do Diretor Comercial dos Correios, que decidiu, em maio de 2005, pelo retorno de quatro bancos para a rede franqueada, foi argumentado que esse retorno implicou uma substantiva elevação da demanda e, portanto, em ganhos para os Correios. O senhor vê alguma razão para que tenha havido essa elevação de demanda?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não posso responder em cima de coisas que eu não conheço, não é? Mas, se eu fosse responder, sem nenhuma informação...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela sua experiência.

O SR. HASSAN GEBRIM – ...eu diria que é o contrário. Se fosse aumentar a demanda, seria no sentido contrário, ou seja, quando os Correios assumiram, porque, com certeza – não há dúvida quanto a isso, o relatório dos Correios mostra –, havia fraudes na postagem, no franqueamento de objetos. Então, a lógica seria que fosse o contrário, não é? Mas eu não estou fazendo uma afirmação. Eu estou fazendo uma avaliação, uma ilação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma das questões que foi tocada também é que havia um manual dos Correios que orientava essa questão das franqueadas e que, quando os contratos eram firmados, a regra era que a base de cálculo, para fins da remuneração, fosse a dos últimos seis meses. Foi desenvolvida uma média aritmética para o cálculo disso que era de 2002.

O SR. HASSAN GEBRIM – Desconheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª tem alguma…

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, desconheço. Posso estar errado, mas o que havia quanto à forma de remuneração era uma tabela que ia de 5 a 40% inversamente proporcional ao faturamento das franqueadas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim. É que, posteriormente...

O SR. HASSAN GEBRIM – Então não foi na minha época.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, talvez, tenha sido posterior. V. Sª conhece esse manual?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, desconheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Então, agora, partindo para outros campos de indagação.

O senhor já declarou aqui que eram três as empresas de publicidade que prestavam serviços para os Correios. Peço apenas que repita os seus nomes. Uma era Olgie? É isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. É que a Olgie é a dona da Standard. Acho que é a mesma – Olgie ou Standard. A Fisher e a... Eu falei aqui agora...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Giacometti.

O SR. HASSAN GEBRIM – A Giacometti.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As três foram contratadas por licitação?

O SR. HASSAN GEBRIM – Licitação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O senhor conhece a empresa Giacometti? Conhece a empresa e os proprietários dela?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, conheço o diretor que a representava aqui em Brasília.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o diretor?

O SR. HASSAN GEBRIM – Acho que era Marcelo... Desculpe-me a falha, mas era Marcelo alguma-coisa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Marcelo alguma-coisa.

O SR. HASSAN GEBRIM – Ele vai ficar chateado comigo porque ele ia várias vezes lá.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê? Ele é seu amigo?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, ele ia várias vezes como diretor. Ele freqüentava lá, visitava-me, tudo isso. Discutíamos campanha juntos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores tratavam de algum assunto... Havia uma diretoria específica para isso. Quem era o seu diretor à época?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não havia diretoria, havia uma Assessoria de Comunicação Social que era subordinada ao presidente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o assessor?

O SR. HASSAN GEBRIM – Era a Glória... Vou ficar mal com todo mundo dos Correios daqui há pouco!

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Glória...

O SR. HASSAN GEBRIM – Glória.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bom, era a Glória.

O SR. HASSAN GEBRIM – Glória.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E essas decisões, portanto, da área de publicidade, relativas a campanhas ou orientações, eram tomadas pelo senhor?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não... Evidentemente que a decisão final era minha, mas havia um grupo dentro da Assessoria de Comunicação Social que discutia e tudo mais e, num determinado momento, sentavam comigo. Eu fazia questão disso pra ver a peça, ver o que estava sendo proposto. Cada um pensa de um jeito, mas, como eu era o responsável pela empresa, aquilo tinha que estar de acordo com um sentimento meu, vamos colocar assim. Então, algumas campanhas passavam, né?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro.

O SR. HASSAN GEBRIM – Mas isso era estudado na área técnica, discutido na área técnica até chegar o momento em que era apresentado e sempre num grupo muito grande: oito, nove, dez pessoas, entre as quais estavam presentes também os representantes das empresas de publicidade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor lembra o período da contratação da Jacometti? De que ano a que ano aproximadamente?

O SR. HASSAN GEBRIM – O mesmo das outras

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi logo no final de 2000.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Final de 2000 até...

O SR. HASSAN GEBRIM – O contrato era de um ano renovável por mais um ano.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, foi 2000 a 2002?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, eu devo ter assinado esse contrato em dezembro de 2000.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dezembro de 2000...

O SR. HASSAN GEBRIM – Deve ter sido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deve ter ido, então...

O SR. HASSAN GEBRIM – Devo ter renovado em dezembro de 2001.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, depois, em dezembro de 2002?

O SR. HASSAN GEBRIM – É, deve ter sido isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O senhor chegou a ir alguma vez à sede da Jacometti?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca foi?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca fui, mas à da Standard fui.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – à da Standard o senhor foi?

O SR. HASSAN GEBRIM – Fui.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que foi fazer lá?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foram apresentar um produto pra gente. Na época do lançamento do... Nós estávamos trabalhando na reformulação da Internet, e eles chegaram a fazer uma proposta, um estudo. Como eu ia a São Paulo por outro motivo, fui lá, e

eles fizeram essa apresentação. Só isso. Uma única vez por essa motivação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece ou conheceu as empresas DNA e SMP&B no período em que o senhor era presidente dos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, eu ouvia falar delas, mas, pessoalmente, contato nenhum.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca teve?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nenhum.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor só tinha ouvido falar, mas nunca teve contato?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve contato com o Sr. Cristiano Paz?

O SR. HASSAN GEBRIM – Cristiano Paz? Uma vez.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foi?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ele foi aos Correios uma vez – e deve estar registrado isso lá – na época em que eu estava... Eu não iria renovar o contrato com a Fisher e, por algum motivo, ele soube e queria saber... Eu falei: "Olha, não vou fazer licitação agora não, vou ficar com duas empresas". Foi isso. Realmente não renovei o contrato com a Fisher.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o Cristiano Paz foi procurá-lo a que título?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ele deve ter sabido no mercado...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela Fisher?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Ele foi me procurar dizendo que estava sabendo que a Fisher não estaria mais e queria saber como é que ia ficar a situação daquele contrato dos Correios, porque eram três empresas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas por quê?

O SR. HASSAN GEBRIM – Deve ser coisa de mercado deles, não sei. Talvez ele tivesse interesse...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas estava em nome de que empresa na época? O senhor lembra?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não. Foi em seu nome pessoal. Foi...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tinha interesse em ficar com o contrato dos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ele não entrou nesse detalhe comigo. Possivelmente, a conversa foi essa: "Vocês vão fazer outra licitação?" Eu falei: "Vamos fazer outra licitação".

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca o tinha recebido antes?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando ele pediu audiência, obviamente, ele se identificou, disse que queria conversar com o senhor por alguma razão, em nome de alguma empresa...

O SR. HASSAN GEBRIM – Olha, Deputado, não sei lhe afirmar, porque nem sempre as pessoas que iam lá...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele marcou uma audiência com o senhor e indagou...

O SR. HASSAN GEBRIM – Olha, eu recebia todo mundo. Todo mundo que marcou audiência comigo eu recebi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele indagou como é que ficaria o contrato da Fisher?

O SR. HASSAN GEBRIM – Que ouviu dizer que ia ser cancelado e tudo mais. Eu falei: "É verdade, mas não vou fazer outra licitação".

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso aconteceu?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não fazer?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso.

O SR. HASSAN GEBRIM – Aconteceu não fazer.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, na verdade, a Fisher foi descontratada a partir de um certo momento?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não foi renovado o contrato com ela.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a carga publicitária da Fisher foi absorvida pelas outras duas?

O SR. HASSAN GEBRIM – Exatamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conheceu o Sr. Marcos Valério?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca na vida.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca.

O senhor tinha ciência de que a empresa Giacometti tinha a sua sede, aqui em Brasília, na mesma

sala em que a empresa do Sr. Marcos Valério também tinha?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não tinha conhecimento disso, mas ouvi, um dia, nessas discussões de... Alguma coisa que foi discutida na Comissão, e eu estava vendo televisão...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi uma argüição que eu fiz ao Sr. Marcos Valério...

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu ouvi isso aí. Surpreendi-me, porque realmente eu ouvi isso...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu pergunto ao Sr. Marcos Valério, especificamente, se ele conhecia a empresa Giacometti e Associados. Ele disse: Conheço, sim, senhor.

– Que empresa é essa?

– É de São Paulo, responde ele.

Eu pergunto se ela prestava serviço para os Correios. Ele disse:

– Sim, prestava serviço para os Correios.

Pergunto eu em que período. Ele responde:

– No período, se não me engano, do segundo mandato.

Pergunto eu:

– Segundo mandato de quem?

Diz ele:

– Segundo mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

Pergunto eu:

– Ela tinha sede aqui em Brasília?

Diz ele:

– Sim, tinha sede em Brasília.

Pergunto eu:

– Onde era?

Responde ele:

– Era no mesmo prédio em que eu também tinha minha sede em Brasília.

Pergunto eu:

–Tinha sede no mesmo prédio que o senhor tinha em Brasília? Era no mesmo local? Numa sala, não?

Diz ele:

– Sim, nós dividíamos o aluguel.

Então, pergunto eu:

– Ah, então o senhor dividia aluguel com a empresa Giacometti e Associados no período em que ela prestava serviço para os Correios, e o Ministro, então, era o Sr. Pimenta da Veiga, imagino?

Ele responde:

– Sim, com certeza.

Digo eu:

– Perfeito.

Ou seja, então, na mesma sala, ele dividia o aluguel, o que, aliás, causou-me espécie na época.

O SR. HASSAN GEBRIM – Causou-me também, quando eu ouvi isso pela televisão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tinha ciência de que, em 2001, a empresa Giacometti fez um pagamento para a SMP&B no valor de R$377.895,00?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, absolutamente não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chamou a atenção o porquê de uma empresa de publicidade, que tem a mesma sede do Sr. Marcos Valério, então contratada dos Correios, fazer uma transferência de quase R$400 mil para essa empresa. Isso nos chamou muita atenção, e, particularmente, ainda, outros aspectos que circundam essa situação. V. Sª não teve ciência disso em hipótese nenhuma?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, nunca, nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Soube se, em algum momento, a Giacometti subcontratou a empresa de publicidade?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, nunca ouvi falar. Nunca ouvi falar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece o Sr. Otávio Capdeville?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, nunca ouvi falar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca ouviu falar do Sr. Otávio Capdeville?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós temos informação de que o Sr. Otávio Capdeville trabalhava simultaneamente para a Giacometti e para a empresa do Sr. Marcos Valério, a SMP&B, à época. O senhor nunca teve ciência disso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu nunca ouvi falar. Nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor ia freqüentemente a São Paulo quando era Presidente dos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a razão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Várias, várias, desde reuniões gerenciais, passando por eventos, alguns eventos que aconteciam. Por exemplo, fizemos o lançamento do escritório de *marketing*; é um evento, e vários outros, e visitar clientes também. Eu colocava-me na posição de vendedor também dos Correios, eu ia a clientes buscar negócios, como fui a Curitiba também, fui a Santa Catarina. Então, era um papel que eu desempenhava nesse sentido. Agora, para São Paulo viajei muito mais do que para qualquer outro lugar. Evidentemente, as razão são óbvias.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor ia acompanhado do seu assessor Mauro Castro?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca viajou comigo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca viajou com o senhor para São Paulo?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca. Nunca viajou comigo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época, quando o senhor ia a São Paulo, o senhor teve reuniões nas dependências de um cartório?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca.

O SR. HASSAN GEBRIM – Cartório?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui constam depoimentos com essa informação, essa é a razão da pergunta.

O SR. HASSAN GEBRIM – Gostaria que essa pessoa provasse isso, desse o endereço, porque seria ótimo isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A informação que consta é a seguinte: que eram comuns as viagens do senhor e do seu assessor especial, Mauro, para operacionalizar acertos; que as viagens para São Paulo eram praticamente semanais; que havia uma base operacional vinculada a um cartório na cidade de São Paulo só para viabilizar os encontros com empresários para efetivação de acertos.

O SR. HASSAN GEBRIM – Bom, a primeira parte é fácil de ser constatada, não é? Só pedir aos Correios as viagens que eu fiz e as viagens que o Mauro fez e ver se havia coincidência entre elas, não é? Com relação ao cartório, o que eu posso colocar? É um absurdo completo.

Eu ia a São Paulo e, quase sempre, voltava no mesmo dia. Quando ficava, dormia no hotel, jantava no hotel, nem saía.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos falar um pouco da empresa Politec.

O SR. HASSAN GEBRIM – Vamos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Politec foi contratada, segundo o senhor, para o Correio híbrido. Não é isso? O senhor lembra exatamente... Foi só esse contrato?

O SR. HASSAN GEBRIM – Que eu lembro foi só esse.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor lembra exatamente o que fazia a Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nesse contrato?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso.

O SR. HASSAN GEBRIM – O Correio Híbrido, na verdade, é um grande projeto dos Correios em que ele tenta associar a parte física e a parte digital. O objetivo desse Correio Híbrido Reverso é captar documentos físicos, digitalizá-los e arquivá-los digitalmente. Por exemplo, o Detran quer fazer o arquivo digital de todos os papéis que ele tem. Ele entrega para os Correios. Os Correios digitalizam aquilo e arquivam; e, quando precisa transmitir para algum lugar, transmite. Basicamente, esse é o Correio Híbrido Reverso. É uma mistura do mundo físico com o mundo digital.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual era exatamente o encargo da Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Qualquer empresa poderia fazer isso, na verdade. Você precisa de um grupo de digitadores, sistemas de arquivamento e de guarda.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que reúne as atividades da Politec exatamente?

O SR. HASSAN GEBRIM – Politec é informática. Politec hoje é a maior empresa do Brasil, para surpresa de muita gente. Ela está hoje na China, no Japão, nos Estados Unidos. Explodiu a Politec aí.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece o Hélio Santos de Oliveira?

O SR. HASSAN GEBRIM – Pode ser um dos sócios da Politec.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É um dos sócios da Politec. O senhor já teve contatos com ele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Já. Duas ou três vezes, mas socialmente, depois que eu saí dos Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Parece-me que o senhor não lembrava exatamente os donos da Politec.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não lembro. O senhor sabe por quê?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. HASSAN GEBRIM – Um deles...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esclareço que, quando eu lhe perguntei, o senhor não lembrava.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não lembro, mas o senhor falou agora Hélio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim. Sim. Pois não.

O SR. HASSAN GEBRIM – Um morou na minha quadra, na 304, desde criança. Conheço muito o irmão dele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é?

O SR. HASSAN GEBRIM – Alarcão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Alarcão? Não seria o Carlos Alberto Barros de Castro?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não?

O SR. HASSAN GEBRIM – O senhor só tem dois nomes aí?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São os nomes que tenho, mas vamos levantar com mais detalhes. Vamos chamá-los para depor.

O SR. HASSAN GEBRIM – São três sócios. Que eu saiba, sócios são três.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São três sócios?

O SR. HASSAN GEBRIM – São três sócios. Que eu saiba, são sócios. Mas estou dizendo o seguinte: não me lembro dos nomes porque meu contato foi muito pequeno.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A assessoria me informa que há um terceiro sócio chamado Alarcão. Esse morava perto do senhor?

O SR. HASSAN GEBRIM – Morava perto de mim, na 304. Conheço-o de garoto, mas depois perdemos contato, nunca nos vimos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conheceu ele onde? Como "de garoto"? Desde pequeno?

O SR. HASSAN GEBRIM – Na 304 Sul, aqui em Brasília. Nós morávamos na mesma quadra.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas quando o senhor conheceu o Sr. Alarcão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Conheci o Sr. Alarcão recentemente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi.

O SR. HASSAN GEBRIM – O Sr. Alarcão conheci recentemente. O Alarcão criança conheci há muito tempo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah! Quando o senhor conheceu o Alarcãozinho? Quando o senhor conheceu o Alarcão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Recentemente, num churrasco, um almoço a que eu fui.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso eu entendi. O senhor conheceu esse Alarcão quando? Quando era pequeno? Não entendi. O senhor pode precisar?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu lhe disse, Deputado, o seguinte: profissionalmente, os três sócios...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos lá. Os três sócios: Hélio Santos Oliveira, Carlos Alberto e Alarcão.

O SR. HASSAN GEBRIM – Os três sócios da Politec...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual o nome inteiro do Alarcão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não lembro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não. Pois não.

O SR. HASSAN GEBRIM – Os três sócios da Politec sei quem são. Já duas vezes, em churrascos, estive...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com eles?

O SR. HASSAN GEBRIM – No mesmo ambiente deles. Não tenho nenhuma relação de amizade, nenhuma relação de proximidade, mas já estive com eles em ambientes sociais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor conheceu esse sócio, a pessoa Alarcão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Conheci ele como criança entre 1960 e 1970.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Onde?

O SR. HASSAN GEBRIM – Era vizinho meu na quadra onde eu morava, aqui em Brasília.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui em Brasília?

O SR. HASSAN GEBRIM – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele era seu vizinho desde 1960. E o senhor era amigo dele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Nunca fui amigo. Jogava futebol junto, pelada junto, mas não era amigo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, desde então, mantém contatos com ele?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca tive mais contato. Estou lhe dizendo que, na verdade, o Alarcão é uma pessoa que, quando era jovem, com meus 18 a 19 anos, eu o conheci porque morávamos próximos. Só isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor retoma contatos com ele quando?

O SR. HASSAN GEBRIM – Agora, recentemente, depois desses...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor fala "agora, recentemente", o senhor poderia precisar?

O SR. HASSAN GEBRIM – Depois que eu saí dos Correios, dois anos atrás.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois que o senhor saiu dos Correios?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Durante o período em que a Politec era contratada dos Correios na sua gestão, o senhor não teve nenhum contato com o Sr. Alarcão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Com nenhum deles.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eles não visitavam os Correios freqüentemente?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Nunca.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nenhum deles?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nenhum deles. Deve ser fácil obter esse registro nos Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eles nunca foram falar com o senhor? Nem lhe telefonaram?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca.

O SR. HASSAN GEBRIM – Nenhuma vez.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O seu assessor principal, o Mauro, sai da empresa e vai trabalhar na Politec. O senhor sabe como ele foi trabalhar lá?

O SR. HASSAN GEBRIM – Como ele foi trabalhar lá?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exato.

O SR. HASSAN GEBRIM – Como eu lhe disse, ele resolveu pedir demissão do Serpro, né? Depois que ele saiu dos Correios, ele voltou ao Serpro, pediu demissão, foi convidado pela Politec para trabalhar. É o que eu sei sobre isso. Como...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não teve nenhuma interferência nisso, não recomendou que ele fosse contratado?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não. Pelo contrário, é minha opinião que ele não devia ir. Porque eu acho que ele não tem o perfil para trabalhar em empresa privada, apesar de ser extremamente competente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor chegou a mencionar o Sr. Gilson de Carvalho, seu concunhado, que também trabalha na Politec.

O SR. HASSAN GEBRIM – Há muitos anos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como ele foi trabalhar na Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ah, tenho que perguntar a ele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há muitos anos?

O SR. HASSAN GEBRIM – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há quantos anos mais ou menos?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ah, tenho que perguntar a ele. Aí, realmente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O seu concunhado já trabalhava na Politec à época em que o senhor era presidente?

O SR. HASSAN GEBRIM – Trabalhava já antes disso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já antes disso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Já antes disso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que ele fazia na Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ah, eu não sei. Era um superintendente de alguma área lá.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque ele foi presidente do Serpro, pelo que o senhor mencionou.

O SR. HASSAN GEBRIM – Há muitos anos atrás. Há mais de 15 anos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí ele sai do Serpro...

O SR. HASSAN GEBRIM – Ah, não sei. Aí, Deputado, eu preferia que, realmente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele próprio esclarecesse.

O SR. HASSAN GEBRIM – Se for o caso, porque...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, mas vamos ter que ouvi-lo, com certeza. Então, especificamente, então, o senhor não sabe exatamente dizer...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que ele faz exatamente na Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ele é um gerente. Agora o que ele faz, do ponto de vista funcional, não sei lhe dizer. Não chego a esses detalhes...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais as relações do Sr. Gilson de Carvalho com o Sr. Pimenta da Veiga?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nenhuma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nenhuma?

O SR. HASSAN GEBRIM – Com certeza.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não conhece? Porque a esposa do Sr. Pimenta da Veiga é amiga da sua esposa, pelo que o senhor havia mencionado. Então, imaginei que pudesse haver alguma relação.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Que eu saiba, não tem nenhuma relação. Que eu saiba.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que o senhor saiba, não tem nenhuma relação.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época em que a Politec era contratada dos Correios, houve aditamentos contratuais dessa empresa?

O SR. HASSAN GEBRIM – Na minha época, com certeza, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve?

O SR. HASSAN GEBRIM – Na minha época, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem certeza disso? Que não houve nenhum tipo de aditamento contratual, de elevação de quantitativos...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, que eu saiba, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De revisão contratual?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Porque, inclusive, esse contrato, quando saí, não tinha nem ainda sido operacionalizado – eu não tenho certeza dessa informação, mas penso que ele não tinha sido operacionalizado; quer dizer, funcionado ainda.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Mauro tinha, à época em que trabalhava com o senhor, algum tipo de competência ou de atuação funcional junto ao contrato da Politec, considerando que o Sr. Mauro também era da área?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não. A atividade do Mauro, para deixar bem claro... Ele, na verdade, era a pessoa responsável por compatibilizar as diversas peças do projeto para que encaixassem e o projeto funcionasse. Nesse caso particular, não havia o que fazer nesse sentido, porque toda a infra-estrutura seria construída pelo fornecedor. Nesse caso desse contrato, o investimento da empresa não havia. Havia investimento do contratado. Então, não haveria razão para isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele teve algum ato ou fazia algum tipo de acompanhamento desse contrato da Politec enquanto ele era seu assessor?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não saberia dizer, mas eu acho que não. Não haveria razão para isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se teve, não haveria razão para isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. O Mauro fazia coordenação para que os projetos se integrassem, né?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Consta que o Sr. Mauro, já como emissário da Politec, ao longo do ano passado, procurou agentes dos Correios na perspectiva de cuidar de um termo de reequilíbrio de preço e aditivo de 25% e prorrogação do prazo contratual referentes ao contrato de Correio Híbrido Inverso.

O SR. HASSAN GEBRIM – Reverso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Reverso, perdão. É que está "inverso", mas é "reverso". O senhor tem alguma noção disso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De que o Sr. Mauro começou a fazer gestões...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Junto ao Correio para isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, que é uma pessoa que fez uma afirmação ética bem forte, acha, do ponto de vista ético, natural que uma pessoa que tenha sido assessor da presidência dos Correios vá trabalhar para um contratado que efetivamente à época já o era quando ele era assessor; e, depois, faça gestões, hoje em nome dessa empresa junto ao órgão em que efetivamente ele teve, durante muito tempo, uma certa influência na área que ele domina?

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, eu particularmente, quando saí dos Correios, tomei uma decisão de me afastar durante algum tempo. Mas tenho uma condição financeira diferenciada da do Mauro. Eu sou aposentado, tenho um rendimento bastante bom, eu e minha esposa; então, eu poderia me dar ao luxo de ficar algum tempo sem trabalhar. O Mauro, que eu saiba, a fonte de recursos dele é só o trabalho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ele deve ter optado bem, porque ele pediu demissão do Serpro para isso. Ou seja, é raro uma pessoa abrir mão de uma coisa estável para ir para uma...

O SR. HASSAN GEBRIM – O senhor está perguntando se eu acho ético?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não faria. Mas também não acho que, no caso particular dele... Pelo que o conheço, ele é uma pessoa séria; o senhor vai conhecê-lo. Se ele o fez, não foi por uma intenção nesse sentido. É uma pessoa extremamente capaz, estava cansado do Serpro, não tinha mais espaço no Serpro, isso ele me falou várias vezes. Não acho que ele o fez levando em consideração esse aspecto. É muito difícil que eu responda. Eu não faria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não faria isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há afirmações de que o senhor ainda hoje teria uma forte influência, mesmo após a sua saída, no setor da área de tecnologia dos Correios. Isso não é verdade?

O SR. HASSAN GEBRIM – É mentira. Depois que saí dos Correios, por exemplo, eu liguei uma única vez para o Eduardo Medeiros, que assumiu como diretor, e ele estava na Presidência, para brigar com ele sobre um assunto pessoal. Eu nunca tive, eu me afastei completamente dos Correios. Se for ver, eu devo ter ligado para lá quatro ou cinco vezes para secretárias, para resolver assuntos particulares de banco, alguma coisa assim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece o Sr. Paulo Roberto Menicucci?

O SR. HASSAN GEBRIM – Conheço, ele foi diretor lá.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De que área?

O SR. HASSAN GEBRIM – Ele foi diretor de tecnologia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Paulo Roberto Menicucci mantém algum tipo de relação com essa empresa que o senhor mencionou, a Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, acho que não. Não tenho nenhuma informação nesse sentido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, à época, ele teria o dever funcional de manter essa relação?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não passava pela área de tecnologia a área de atuação da Politec?

O SR. HASSAN GEBRIM – Os projetos tinham muita tecnologia, mas não necessariamente eram da área de tecnologia. Esse projeto era um projeto comercial. O objetivo, a finalidade dele era comercial. Isso foi uma das coisas que mudei nos Correios. Antes, tudo era tecnologia, a tecnologia tomava conta de tudo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o Sr. Paulo Menicucci, depois, mudou de função. Ele passou a ser diretor comercial de 2003 a 2004. Ou seja, depois da sua saída?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu saí em agosto de 2002.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, depois disso, o Sr. Paulo Menicucci vai justamente para área de diretoria comercial. Ou seja, a área em que esse contato da Politec tinha uma interface.

O SR. HASSAN GEBRIM – Bom, aí não posso responder nada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Paulo Menicucci, o senhor o conheceu bem. Ele tinha alguma relação próxima como Sr. Pimenta da Veiga?

O SR. HASSAN GEBRIM – Primeiro, Deputado, **data venia,** eu não o conheci bem. Ele foi diretor nos Correios, e o meu conhecimento com relação a ele era o de reuniões de diretoria. Segundo, ele tinha sido secretário de radiodifusão, ou alguma coisa, no Ministério das Comunicações.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o Ministro à época?

O SR. HASSAN GEBRIM – Era o Ministro Pimenta da Veiga. É o que eu sei, não tenho mais nenhuma informação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe quem havia indicado o Sr. Paulo Menicucci para ser diretor de tecnologia?

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi o Ministro Pimenta da Veiga.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chamou-me um pouco a atenção o Sr. Paulo Roberto Menicucci ter permanecido nos Correios de 2003 a 2004, por força das mudanças políticas que aconteceram no período. O senhor saberia explicar por que ele permanece, uma vez que ele é uma pessoa ligada a uma força política até oposicionista ao atual governo?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não posso, porque não sei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor mantém contato com o Sr. Paulo Roberto Menicucci?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem ciência de algum tipo de relação do Sr. Paulo Roberto Menicucci com a empresa Giacometti?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com o Sr. Marcos Valério? Com a DNA?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Eu não tenho conhecimento nenhum das atividades do Menicucci.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque ele seria um dos beneficiados de depósitos do Sr. Marcos Valério.

O SR. HASSAN GEBRIM – As nossas relações eram absolutamente profissionais durante as reuniões de Diretoria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele foi um dos sacadores, se não me falha a memória, à época do Sr. Marcos Valério.

O SR. HASSAN GEBRIM – Desconheço.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu queria entender isso. É um ponto que eu não entendi. Esse é um dos mistérios que temos de esclarecer.

Para variar um pouco de assunto e mudar de ares, saindo da questão relativa à Politec, farei a seguinte pergunta: o senhor conhece o Antônio Augusto Conceição Morato Leite Filho, proprietário da empresa Beta?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nunca o vi, nunca ouvi falar dele, nunca falei com ele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece o Sr. Luiz Otávio Gonçalves?

O SR. HASSAN GEBRIM – Também não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Hugo César Gonçalves?

O SR. HASSAN GEBRIM – Também não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – João Marcos Pozetti?

O SR. HASSAN GEBRIM – Também não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Américo Proietti?

O SR. HASSAN GEBRIM – Também não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece a empresa Skymaster?

O SR. HASSAN GEBRIM – Já ouvi falar. Trabalha para os Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ela era contratada na época em que o senhor era Presidente.

O SR. HASSAN GEBRIM – Foi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Especificamente, quem era, durante a sua gestão, responsável pelo Correio Aéreo Noturno?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não existe um responsável pelo Correio Aéreo Noturno. Há uma área que é a Diretoria de Operações.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem comandava essa área?

O SR. HASSAN GEBRIM – A Diretoria de Operações.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem comandava essa área na sua época?

O SR. HASSAN GEBRIM – O Diretor de Operações era Carlos Sena.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Carlos Sena.

O SR. HASSAN GEBRIM – Diretor de Operações.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As auditorias feitas pelo Tribunal de Contas da União mostram graves irregularidades nesse setor, tanto no atual Governo como no Governo anterior, inclusive acusando um superfaturamento muito forte de certos contratos com irregularidades muito pesadas. O senhor tem alguma informação acerca desse assunto que possa contribuir?

O SR. HASSAN GEBRIM – Informação... Eu tenho uma posição com relação a isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ótimo.

O SR. HASSAN GEBRIM – Primeiro, eu discordo completamente de que tenha havido irregularidades em qualquer processo com relação a...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor chegou a examinar os processos ou pediu que alguém os examinasse?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu tenho alguma coisa, porque esse assunto me preocupa muito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor, eu gostaria muito.

O SR. HASSAN GEBRIM – Desde que apareceu, esse assunto me preocupou.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ótimo.

O SR. HASSAN GEBRIM – Para organizarmos um pouco, tenho cópia de uma resposta formal que foi dada pelos Correios ao Sr. Jorge Hage Sobrinho – é uma resposta a um relatório da Corregedoria – e tenho aqui alguns outros assuntos. Há algum ponto específico?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor puder falar tudo o que sabe sobre

possíveis irregularidades no Correio Aéreo – são tantas as apontadas –, isso nos auxiliaria muito.

O SR. HASSAN GEBRIM – Irregularidades, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a devida vênia, quem fala isso não sou eu, mas a auditoria do Tribunal de Contas da União e da Corregedoria.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sim, mas os Correios estão respondendo à auditoria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Infelizmente, posso assegurar-lhe que estão respondendo, mas até o momento não satisfatoriamente, uma vez que a situação me parece quase comprovada. O que o senhor pode dizer a respeito?

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, esse é um ponto sobre o qual vou fazer uma explanação, e eu gostaria de que servisse também como ponto de reflexão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ótimo.

O SR. HASSAN GEBRIM – Para que não haja uma posição preestabelecida. Eu tenho sentido que, em relação a esse assunto, já existe uma posição preestabelecida, em razão, principalmente, do relatório da Corregedoria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não, do TCU.

O SR. HASSAN GEBRIM – E, depois, do relatório do TCU também. Eu li o relatório do TCU e percebi que há alguns pontos ali que merecem realmente uma avaliação mais adequada.

O que posso dizer em linhas gerais? Como eu lhe disse, há um fato importante. Eu disse, no meu pronunciamento, que a RPN era um ponto importante.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É verdade.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu comparava, no caso, as telecomunicações ao sistema de transmissão. Sem a RPN, os Correios não funcionavam. Mas eu disse também que era um ponto extremamente vulnerável na minha visão, porque havia uma dependência...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pode falar mais próximo do microfone, por gentileza.

O SR. HASSAN GEBRIM – Havia uma dependência dos Correios de um setor extremamente frágil, que é o setor aéreo. Quando eu cheguei lá, por exemplo, a Vasp tinha sido eliminada por problemas legais. A Interbrazil tinha parado de operar ou estava parando de operar naquela época. Então, é um sistema muito frágil. E, fazendo a comparação com o sistema de telecomunicações, raciocino o seguinte: nenhuma empresa de telecomunicações cede a sua espinha dorsal, que é o sistema de transmissão, para terceiros. Aquilo é dela. Mas Correios não poderiam ter uma companhia aérea, pelo menos nos moldes, em função de legislação e tudo o mais. E logo que eu cheguei – eu cheguei lá em agosto, não é? –, já em 25 de setembro, eu constituí um grupo de trabalho com o objetivo de implantar um novo modelo de operação da rede postal noturna.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem integrava esse grupo?

O SR. HASSAN GEBRIM – Carlos Augusto de Lima Sena, Jânio César Luiz Pohren, Jorge Eduardo Martins Rodrigues, José Garcia Mendes, Gilmar Andrade Leopace, e tinham grupos, executivos, Oscar da Costa... Eram várias pessoas. Eram mais de dez. Várias pessoas, todas da área de Operações.

Feito o estudo, eu depois designei uma comissão de licitação para contratar essa nova RPM, que mudava completamente em relação à primeira. Acabava com as grandes linhas, aquelas linhas AIC, que são base dessa polêmica toda aí, elas acabavam. A mudança fundamental é que tudo ia transcorrer em cima de quatro grandes *hubs* centralizadores: São Paulo, Brasília, Rio e Salvador. E as outras linhas seriam secundárias. E havia uma série de condições adicionais colocadas, como redução do tempo de atraso, uma série de coisas. E a solicitação foi feita. Então, o senhor vê mais ou menos cronologicamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. HASSAN GEBRIM – Então, em dezembro, eu fiz o processo de licitação, mandei abrir o processo de licitação. Quando chegou em maio, mais ou menos, estourou a questão da Varig Log, porque a Varig Log, sistematicamente, diariamente, estava causando prejuízo aos Correios, deixando carga no chão e atrasando vôos, tudo o mais. Então, nós rescindimos o contrato com a Varig Log e fizemos uma dispensa de licitação, e uma contratação por emergência, onde nós convidamos oito empresas e...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Permita-me? Vou ler apenas um trechinho, a respeito do qual eu gostaria que o senhor comentasse certas coisas. Veja só. Este é o relatório da nossa assessoria, feito com base nas auditorias.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As linhas A e C da antiga malha Rede Postal Noturna – RPN...

O SR. HASSAN GEBRIM – Hum, hum..

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...eram executadas até 14 de abril de 2001, pela empresa Interbrasil.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que foi citada pelo senhor.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando teve seu contrato rescindido.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os Correios passaram 28 dias encaminhando a carga relativa a essas linhas, por meio da Viação Aérea Comercial – VAC.

O SR. HASSAN GEBRIM – Que é um desastre.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Somente em oito de maio de 2001, foi firmado um novo contrato para operação dessas linhas com a Varig Log, vencedora da Dispensa de Licitação nº 1, de 2000. Após 48 dias operando essas linhas, a Empresa de Correios e Telégrafos rescindiu o contrato firmado com a Varig Log, por problema de desempenho operacional insatisfatório. Em seguida, os Correios realizaram em apenas 24 horas – isso também nos chamou a atenção o prazo exíguo – a Dispensa de Licitação nº 2, de 2001, para contratação de transportadora aérea para essas linhas.

O SR. HASSAN GEBRIM – Hum, hum.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O processo foi realizado do dia 25 para o dia 26 – portanto, em um dia apenas se fez um processo que habitualmente, em qualquer estatal, não é tão rápido assim – "quando as empresas consultadas deveriam apresentar suas propostas até às 12 horas do dia 26.

Portanto, houve um rompimento de contrato e num dia pediu-se que, com rapidez, as empresas, até às 12 horas do outro dia, apresentassem, o que obviamente quem conhece licitação ou contratação pública sabe que dificulta imensamente no contrato de grande porte o oferecimento dessas propostas.

Foi aí, então, contratada a empresa Skymaster, que iniciou a operação naquele mesmo dia, 26 de junho, à noite, sendo que sua proposta foi enviada por via fax, às 16 horas e 56 minutos .

O SR. HASSAN GEBRIM – Hum,hum.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nos chama muita atenção que, se foi feita uma consulta para as empresas durante um dia e a proposta à empresa Skymaster chegou às 4 horas e 56 minutos, essa empresa, naquela noite, conseguisse fazer a operação, considerando-se que o transporte aéreo é realmente sofisticado, o que nos levou à suspeita – e não só a nós – de que já houvesse, de certa forma, o entendimento prévio entre os Correios e a Skymaster para que a dispensa de licitação fosse efetuada e ele estivesse em condições operacionais de fazê-lo. É errada esta nossa suposição?

O SR. HASSAN GEBRIM – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. HASSAN GEBRIM – Por duas razões. Primeiro, era uma emergência e, numa situação dessas, onde você tem carga para transportar, você não pode esperar um processo que demore dias. Segundo, não foi a primeira e única vez que isso aconteceu. Exatamente o que o senhor está falando de pedir propostas num dia e começar a operar no outro é uma rotina dentro dos Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com empresas aéreas?

O SR. HASSAN GEBRIM – Com empresas aéreas, porque a questão da empresa aérea, Deputado, ou a pessoa tem um avião disponível ou não tem avião disponível.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora eu vou lhe fazer uma observação. Esse foi o primeiro contrato que a Skymaster teve com os Correios.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, ela nunca tinha operado com os Correios antes?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que eu posso ter absoluta certeza de que uma empresa nova pode, em quatro horas, conseguir fazer uma operação desse porte?

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, deixe-me dizer-lhe uma coisa: eu não sou especialista nisso aí, mas, depois dessa coisa toda, comecei a buscar informações. A Skymaster já operava como subcontratada de alguma outra empresa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente. A Skymaster não tinha contrato com os Correios...

O SR. HASSAN GEBRIM – A informação que obtive é que ela operava... Eu procurei saber...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) –... era subcontratada de outras e aí, à época, por alguma razão, foi feita uma contratação direta o que me chama a atenção é uma proposta...

O SR. HASSAN GEBRIM – Um dia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, é menos que um dia. A proposta foi en-

viada por via fax às 16 horas e 56 minutos, a dispensa foi feita em 24 horas, mas, às 16 horas e 56 minutos, ela mandou a proposta, foi aceita, feita a contratação, ela já estava em condições de operar à noite.

O SR. HASSAN GEBRIM – O senhor tem razão em achar estranho...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu nunca vi isso na minha vida.

O SR. HASSAN GEBRIM – O senhor tem razão em achar estranho, porque eu também acharia. Agora, isso aí é quase que um procedimento usual nos Correios. Essa informação que obtive do Diretor de Operações: vários casos similares aconteceram de se pedir um dia para a operação começar no outro dia e acontece, porque, ou a empresa tem o avião disponível ou não tem. Se ela não tem, ela não pode prestar, mas se ele tem ela pode prestar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja uma situação curiosa. O que é recomendável é que, embora...

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – Deputado, me permite, me permite.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – A verdade também...Temos que levar em consideração o seguinte: o fulcro de tudo isso aí é se foi dada alguma vantagem, algum benefício à Skymaster. Em uma dispensa de licitação por emergência, a lei permite que se contrate diretamente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Me perdoe, mas não é bem assim. Embora a lei permite a contratação...

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – É, é...E nós não fizemos contratação. Nós mandamos convite para oito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas V. Sª me permite, a Lei 8.666, de 1993, trata da questão da dispensa de licitação no art. 24, inciso IV, e trata do procedimento da dispensa no art. 26. O art. 26 é muito claro quando diz que a dispensa de licitação tem que ser feita através de um procedimento em que se justifique a razão da escolha, o valor, tem que haver uma ratificação por autoridade superior...

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – É verdade. Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...e deixa absolutamente claro, portanto, que embora exista uma liberdade de contratação, ela tem que ser pautada por critérios isonômicos, até porque o princípio da isonomia tem natureza constitucional. Por conseguinte, quando se vai contratar por emergência, evidentemente tem que se atentar para a emergência, mas há que se fazer uma consulta com tempo para que todas as empresas, obviamente, possam apresentar as suas propostas em um prazo razoável.

No caso, não foi uma falência, não foi uma quebra. O contrato com a Varig Log foi rescindido após quarenta e oito dias, ou seja, se rescinde imediatamente e se contrata com emergência mais que imediatamente. Portanto, a minha questão é: por que foi feita tão rapidamente uma contratação sem a possibilidade de uma consulta, como recomenda o art. 26 da Lei 8.666, de 1993, que devesse ser feito com toda, diria, conhecimento, valoração de mercado e situações? Era uma empresa que não havia sido ainda contratada diretamente pelos Correios. Era uma subcontratada e, de repente, eu rompo o contrato com a Varig Log e, em vinte e quatro horas, em pouquíssimo prazo contrato a Skymaster.

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – Deputado, mas foram convites para oito empresas. Não foi só ela que apresentou proposta.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas com prazo de menos de vinte e quatro horas. Uma empresa que não estivesse preparada para saber as condições não teria condições de fazer...

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – Várias apresentaram proposta. Não foi só ela.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quantas apresentaram proposta?

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – Acho que foram quatro?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais foram?

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – Acho... Não me lembro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A empresa Beta apresentou proposta?

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – Não me lembro. Detalhes eu não tenho, mas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que fica claro também é que havia um conluio entre essas empresas, em vários momentos. Por exemplo, a Skymaster mantinha um contrato com outra empresa de dividendos e lucros e subcontratações. Portanto, essa é uma das acusações feitas no relatório do TCU, de que havia um conluio entre essas empresas.

Logo, evidentemente, a obtenção de quatro propostas não descaracteriza a situação.

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – Deputado, com relação a essa situação do conluio, se me permite, é o seguinte: o administrador não pode resolver em cima do que ele não sabe. Eu lhe digo com toda tranqüilidade...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por isso, ele tem que tomar cautelas e consultar com vagar.

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – ...eu digo. Se houvesse qualquer sinalização de um conluio entre elas, como hoje parece que havia, eu não teria assinado o contrato com nenhuma das duas e teria tomado outra providência. Agora, eu não posso realmente tomar uma providência em cima de fato que não sei.

No caso da dispensa de licitação, ela era mandatória. Há mais de quarenta e tantos dias a Varig Log prestava péssimos serviços, e tínhamos que mudar aquela situação.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, esse...

O SR. CARLOS HASSAN GEBRIM – E, inclusive, eu trouxe aqui o relatório porque aqui tem uma explicação sobre os preços. Não sei se o senhor vai tratar disso. Eu tenho aqui algumas informações a respeito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou ler um trecho para o senhor. Aí, talvez, há um equivoco da sua parte.

A própria Varig Log, que havia ganho a Dispensa de Licitação nº 001, de 2001, ao ser comunicada da rescisão contratual informou que, a Varig Log: "há pouco menos de dois meses, a Varig Log assumiu as duas mais importantes linhas da RPN sob condições extremamente adversas. A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, ECT, deparou-se com a incapacidade de uma contratada honrar um compromisso, enquanto que, para a Varig Log, iniciar uma operação complexa em menos de vinte e quatro horas representou pesado sacrifício.

Ou seja, mesmo para uma empresa que já possuía a logística instalada, iniciar uma nova operação mostrou-se complicado a ponto de a ECT rescindir o contrato por baixo desempenho. Ou seja, o fato de ter desfazer com a Varig Log em menos de vinte e quatro horas trouxe problemas para a Varig Log porque já tinha logística instalada.

Logo – isso aqui é o relatório da assessoria – salta aos olhos a impossibilidade material de se buscar num mercado limitado, como o aéreo, outra empresa que assumisse esse compromisso no prazo de 24 horas.

Essa afirmativa é corroborada tanto pelo número de respostas – apenas duas – apresentadas à ECT, num universo de 8 empresas consultadas. Ou seja, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos consultou 8 empresas nesse prazo, só duas responderam. Com solicitação de prazo apresentada por uma das empresas que respondeu, a Beta. Então, veja que uma das que responderam, a Beta, pediu prazo, haja vista a necessidade de tempo para "montar uma estrutura confiável em todas as localidades".

Isso implica montar equipe terrestre e aérea, além de equipamentos para embarque e desembarque de paletes na quantidade compatível com a carga que foi solicitada, associada a um prazo mínimo de permanência da aeronave no solo. Atender a tais exigências não seria possível em 24 horas, a não ser que a empresa já tivesse sido comunicada acerca da possível contratação.

Ou seja, os senhores consultaram 8 empresas, só duas responderam, e uma pediu prazo. De certa forma, se o senhor me permite, a conclusão parece óbvia.

O que o senhor teria a dizer sobre isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – O que eu posso dizer, Deputado, é que eu não concordo com o senhor de que possa ter havido intenção deliberada...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se só 8 foram consultadas, uma pediu prazo e uma ficou, e a própria Varig Log mostra que ela teve dificuldade e, por isso, o contrato foi mal desempenhado. O senhor receber uma proposta às 16 horas e operar à noite...

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, a Varig Log, no início, prestou bons serviços. Ela foi deteriorando à medida que o tempo foi passando. Ela, no início, prestou...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foram só dois meses.

O SR. HASSAN GEBRIM – Sim, mas ela foi deteriorando ao longo do tempo. No começo, nas primeiras semanas, ela apresentou um bom desempenho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é o que a própria Varig Log diz. Ela falou que iniciar em menos de 24 horas representou um pesado sacrifício.

O SR. HASSAN GEBRIM – O que a Varig Log diz é uma coisa, e os relatórios da empresa mostram... Eu não tenho aqui, mas eu vi gráficos mostrando que as primeiras semanas do desempenho da Varig Log foram boas. Ela foi deteriorando ao longo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja...

O SR. HASSAN GEBRIM – Agora, eu não vou justificar aqui, Deputado, por favor, essa questão da Skymaster. O que eu vou defender é que foi um processo, na minha visão, absolutamente legal. Não admito que tenha havido favorecimento, porque as pessoas que lidaram com isso são pessoas sérias. Não posso admitir que haja favorecimento. A questão de um dia para o outro não é o único caso que aconteceu lá, várias

outras situações aconteceram e as empresas responderam, uma ou outra. Não concordo que tenha havido superfaturamento, porque eu vou mostrar aqui.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No superfaturamento nós entraremos já, já.

Veja o último parágrafo aqui que eu gostaria que o senhor comentasse.

Convém lembrar que a ECT expediu, no dia 25 de junho de 2001, correspondência a 8 companhias aéreas, solicitando a apresentação de proposta econômica para operação das referidas linhas A e C, a serem entregues até as 12 horas do dia seguinte, 26/06/01. Admitindo-se que a ECT tenha processado as informações e assinado o Contrato nº 10.721, de 2001, em apenas uma hora, restariam à companhia aérea vencedora menos de 6 horas para providenciar toda a infra-estrutura necessária, já que a operação das linhas teria início naquele mesmo dia, 26 de junho de 2001, às 19 e 50, em Fortaleza, Ceará, linha A, e 17 e 45, em Manaus.

Ou seja, fica muito difícil imaginar que a empresa Skymaster já não tivesse com tudo montado antes da consulta às outras empresas. Se me permite...

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu só posso fazer uma colocação. Com certeza, os Correios terão que responder a isso. Eles devem explicar esses fatos. O que eu não posso...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, os Correios não conseguem explicar.

O SR. HASSAN GEBRIM – O que eu não posso aceitar, na verdade, é uma suposição, e aí realmente é difícil para mim, uma suposição de que possa ter havido favorecimento a uma empresa na minha gestão, porque isso foge completamente à minha postura.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui não existe, da nossa parte, pelo menos até este momento, nenhuma acusação frontal a V. Sª. É que foi V. Sª que disse que esses contratos foram rigorosamente regulares,...

O SR. HASSAN GEBRIM – Na minha opinião, sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...e, portanto, os atestava, e eu estou, a meu ver, demonstrando, de uma forma difícil de ser refutada, que uma empresa que foi consultada com menos de 24 horas pudesse organizar todo um transporte aéreo, segundo o próprio Tribunal de Contas da União revela.

E como V. Sª endossou isso, obviamente...

O SR. HASSAN GEBRIM – O que estou endossando, Deputado, é que em outras situações ocorreu isso. Eu só estou endossando isso. O que eu estou endossando é que, em outros processos de dispensa de licitação por emergência, esses fatos aconteceram também, ou seja,...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nessa dimensão, ao que consta, segundo o TCU, não.

O SR. HASSAN GEBRIM – Bom, então, seria interessante perguntar...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja que foram só... os senhores consultaram...

O SR. HASSAN GEBRIM – A informação que tenho do Diretor de Operações, ontem ele me disse...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem?

O SR. HASSAN GEBRIM – O ex-Diretor de Operações, ele me deixou claramente: essa situação não é inusitada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era? Nome.

O SR. HASSAN GEBRIM – O que era Diretor na época, o Carlos Alberto? Sena.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor conversou com ele sobre isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Conversei, conversei sobre isso. E ele me disse textualmente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Teremos que ouvi-lo também.

O SR. HASSAN GEBRIM – Vamos ouvi-lo. Ele me disse textualmente que esse não era um caso isolado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, não é a opinião dos técnicos do TCU. E vou ser sincero com o senhor: nunca vi na minha vida de advogado público algo parecido, vou dizer como testemunho pessoal. Um contrato desse porte, em que foram consultadas oito empresas, duas respondem, uma pede prazo para que se inicie, em horas, uma operação desse porte de correio aéreo em Fortaleza e em Manaus. Sinceramente, nunca vi algo parecido. Mas aí vai talvez meu noviciado na área. O TCU também nunca viu.

Isso, objetivamente – não estou lhe fazendo nenhuma acusação nem poderia fazê-lo, não sou leviano – parece demonstrar uma condução clara em relação à Skymaster. Objetivamente falando. Não estou tirando nenhuma ilação.

O SR. HASSAN GEBRIM – Prefiro aguardar a resposta dos Correios a repeito desses itens aí.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Nesse caso ainda: o senhor desconhece se houve alguma negociação prévia com a Skymaster?

O SR. HASSAN GEBRIM – Completamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desconhece?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não só desconheço como duvido que tenha havido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No dia 26 de junho de 2001, o Sr. Luiz Otávio Gonçalves, Diretor Comercial da Skymaster, então no dia 26 de junho, fez quatro ligações para o Sr. Roberto Kfouri, Diretor Executivo da empresa Beta, com quem a Skymaster tinha contrato para divisão de serviços. No processo de contratação, Dispensa de Licitação nº 22, de 2001, somente apresentaram propostas essas duas empresas.

O senhor acha natural então que o Diretor Comercial da Skymaster conversasse ou fizesse essa ligação entre os dois?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não sei lhe responder se acharia natural ou não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Falando agora um pouquinho do superfaturamento. Em relatório já produzido por esta CPMI, foi constatado superfaturamento em três contratos firmados pelos Correios com a empresa Skymaster, para operação das linhas A e C. Os dois primeiros foram firmados na sua gestão: em junho de 2001, em dezembro de 2001; o último foi firmado no atual Governo, em 2003.

O senhor teria alguma coisa a comentar sobre essa questão do superfaturamento?

O SR. HASSAN GEBRIM – Tenho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. HASSAN GEBRIM – Tenho. O primeiro comentário meu é que não concordo que tenha havido superfaturamento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Gostaríamos muito de ouvi-lo sobre o assunto, por favor.

O SR. HASSAN GEBRIM – Tenho aqui o relatório, no qual os Correios responderam à Corregedoria. Todas as licitações que os Correios fazem, na parte da rede postal, eles têm um preço de referência, que é obtido por um modelo desenvolvido por uma consultoria feita pelos Correios à Aeropostale, em 1999. E eles usam esse modelo como definidor do preço de referência para as licitações.

Então, nesse caso particular da licitação, tenho os dados aqui, o custo por operação, não estando incluída a margem de lucro das linhas A e C com o uso do Boeing 707, cargueiro, segundo Roland Berger, que foi quem desenvolveu o modelo para a Aeropostale, daria R$343.935,00.

Há um outro fator de comparação, a portaria do DAC, também de 2001, daria um valor de R$422.571,00. O preço ofertado pela Skymaster foi de R$390.000,00 e o valor negociado foi de R$369.500,00 por operação.

Então, se compararmos com o preço de referência da Roland Berger, vemos que existe uma diferença de R$343.000,00 para R$369.000,00, só que no valor de referência da Roland Berger não consta a margem de lucro e, sim, custo da operação.

Então, não pode ter havido superfaturamento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O preço de referência quem dá?

O SR. HASSAN GEBRIM – A Aeropostale fez uma...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso é contestado nesse caso pela auditoria do TCU. Segundo a auditoria do TCU, os Correios, neste caso, utilizaram como preço de referência para a segunda contratação, em dezembro de 2001, que foi o Pregão nº 45, de 2001, o valor pelo qual foi contratada a Skymaster em junho de 2001. Ou seja, segundo consta dos documentos...

O SR. HASSAN GEBRIM – Duvido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é o que consta da auditoria do TCU.

O SR. HASSAN GEBRIM – Mas o relatório do TCU vai ser constado em algum momento. Quando lhe digo duvido é porque...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Permita-se só dizer, o preço de referência utilizado era o mesmo praticado no contrato anterior, ou seja, os dados estão aqui. O preço de referência do Pregão nº 45, de 2001 foi de R$370.000,00, enquanto a Skymaster foi contratada por R$369.500,00. Ou seja, veja, a Skymaster, nessa situação duvidosa que eu mencionei ao senhor – pelo menos duvidosa para mim – relativa à contratação direta, foi contratada por R$369.500,00. O preço de referência utilizado no Pregão nº 45, de 2001, foi R$370.000,00. Logo, concluem naturalmente que não foi a Aeropostale quem deu? O preço de referência desse pregão foi efetivamente obtido pelo preço em exercício da Skymaster nessa dispensa de licitação, que, efetivamente, não *(Incompreensível.)* para mim com grande segurança da correção dela.

A auditoria constata que os Correios utilizaram como preço de referência, para a segunda contratação, em dezembro de 2001, Pregão nº 45, de 2001, o valor pelo qual foi contratada a Skymaster, que foi R$369.500,00, o preço de referência, R$370 mil.

A pergunta que se coloca é a seguinte: se não seria temerário utilizar-se como preço de referência um preço utilizado por uma contratada em um processo

de dispensa de licitação, sob a alegação de emergência. Ou seja, é exatamente isso que espantou os auditores. Ao invés de utilizar esse preço de referência, da Aeropostale, como que o senhor disse, utilizou-se exatamente do contrato cuja proposta foi feita em menos de 24 horas.

O SR. HASSAN GEBRIM – Só posso dizer ao senhor que acho esquisito isso; estou apostando que existe um equívoco, porque o procedimento... Vou deixar esse relatório com o senhor.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse relatório, de quem é?

O SR. HASSAN GEBRIM – Esse relatório é a resposta que os Correios deram à Controladoria-Geral da União. Vou deixar com o senhor e todas as referências aqui tomam por base essa consultoria...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que, nesse caso, tirando a hipótese de os auditores terem errado nos valores, os valores são precisos. A Skymaster foi contratada por R$369.500,00, o preço de referência do pregão foi R$370mil. Portanto, tirando a hipótese de haver uma grande coincidência entre o preço de referência entre a Aeropostale e o preço ofertado pela Skymaster, parece evidente que o preço obtido foi esse.

O SR. HASSAN GEBRIM – Então...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que nos chama muito a atenção também – esses são outros aspectos – é que todos os editais de licitação fazem certas especificações de paletes, especificações das aeronaves, que, claramente, orientam as licitações para certos vencedores. Ou seja, o senhor sabe, como uma pessoa que atuou muito tempo na área pública, que é na identificação do objeto que muitas vezes se orienta uma vitória. Esses indícios foram levantados também pela auditoria.

Eu próprio e outros Parlamentares, como Deputado Eduardo Paes, aqui presente, tivemos oportunidade de argüir o Presidente da Skymaster ou o Presidente de outras, e nenhum, pelo menos a meu ver, conseguiu explicar de forma satisfatória isso.

O próprio Presidente de uma das empresas, exatamente uma pessoa contratada para fazer gestões junto aos Correios para a Skymaster – aliás um contrato, que se permite dizer, estranho... Houve uma contratação, se o senhor me permite, e isso foi objeto de uma argüição aqui do Sr. Augusto, em que ele foi contratado justamente para conseguir negócios para a Skymaster. Dizia o contrato que se houvesse mudança da diretoria dos Correios, ele poderia terminar o contrato. Uma coisa estranhíssima esse contrato que foi juntado e que ele próprio reconheceu a validade.

Então se o senhor concordar comigo, por isso estou fazendo essa argüição, porque o senhor disse que estava atestando com segurança que esses contratos foram em ordem. Nós temos a situação da primeira contratação da Skymaster, depois temos o preço de referência da Skymaster usado em um pregão em que há discussão sobre isso, inclusive de uma forma de possível condução da licitação. Posteriormente, os próprios Correios constatam que há um superfaturamento. Então, o senhor veja...

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu não conheço esse relatório.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É por isso que estou querendo lhe informar, porque o senhor está atestando, cravando que está tudo em ordem, e não é a impressão que até o momento temos, embora gostaríamos imensamente que V. Sª ou outros nos explicassem que não é nada disso que estamos vendo. Porque toda a confluência de informações vai para uma situação muito grave nessa área do correio aéreo. Veja: posteriormente a Skymaster ser contratada nesse pregão, ou seja, ela que tinha feito a dispensa de licitação, e com base nela foi feito o preço de referência, ela ganha o pregão etc., possivelmente já como orientação de condução de edital dirigido, aí se diz: no entanto, dez meses após conceder esse reajuste que a própria ECT dizia ser abaixo do devido, foi constatado pelos próprios Correios, em outubro de 2003, que o preço contratado, 429, estava superfaturado, razão pela qual houve nova licitação para o serviço. Quem venceu? A mesma empresa, Skymaster, com um preço de operação por 213. Houve uma clara situação de superfaturamento. O Presidente da Skymaster, ao vir aqui, disse que jogou o preço lá embaixo, que era justamente para poder bloquear a situação de mercado, embora todos os demais concorrentes mostrassem que poderiam perfeitamente executar isso por um preço inferior.

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, eu lhe diria o seguinte, em síntese e em função da minha experiência na área pública: eu entendo superfaturamento no sentido de que, quando se pode comprar alguma coisa por 10, se compra por 20. Então o que estou apostando aqui é que o modelo de referência contratado pelos Correios por uma consultoria estrangeira tenha alguma validade para balizamento. Se isso não for verdade, então, todo o resto deixa de ser verdade. A minha aposta é de que o preço de referência que os Correios adotam, baseados nessa consultoria estrangeira respeitada, tenha credibilidade. Se for desmontada a credibilidade do preço de referência, tudo está desfeito. Agora, quero dizer ao senhor também mais duas coisas. Primeiro: cada licitação é uma licitação,

cada licitação tem suas circunstâncias. Por que a Skymaster, numa determinada licitação, três anos depois, mergulhou o preço ou baixou o preço? Não posso fazer nenhum raciocínio...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma das ilações possíveis seria que o preço anterior estaria superfaturado.

O SR. HASSAN GEBRIM – Se ele estivesse diferente do preço de referência, concordo com o senhor. Então, a minha premissa, Deputado...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, é que houve aditamentos também.

O SR. HASSAN GEBRIM – Aditamentos?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, senhor.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, na minha época.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos precisar depois as responsabilidades, mas houve uma série de aditamentos...

O SR. HASSAN GEBRIM – De quê?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...nos contratos de linhas aéreas. Eu não saberia, agora, neste momento, precisar as datas e se estavam sob sua gestão, mas esses preços foram efetivamente...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, na minha época, não.

Deputado, só para encerrar...

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na sua época não houve aditamento?

O SR. HASSAN GEBRIM – Que eu lembre, acho que não. Não sei, não vou jurar, não, mas acho que não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A primeira repactuação foi em dezembro de 2002.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu já não estava lá.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não estava lá, mas houve uma repactuação de 16,37. Imediatamente depois, mostra-se a situação desequilibrada pelo gráfico obtido.

O SR. HASSAN GEBRIM – Tudo bem, mas só insistindo neste ponto: o preço de referência, na minha visão, é balizador de toda uma verdade ou não. Se esse preço de referência não servir para nada, está tudo errado. Então, eu parto da premissa...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, se estiver certa a informação que lhe dou neste momento, V. Sª concorda que haverá suspeições sobre esse contrato?

O SR. HASSAN GEBRIM – Se?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se a informação que eu lhe dei nesse momento...

O SR. HASSAN GEBRIM – Qual delas?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A do preço de referência. Se ela estiver correta, V. Sª mesmo concordaria que esses contratos estão sob grave suspeição?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Se o preço de referência estiver correto?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Se o preço de referência do pregão foi feito com base no preço praticado naquela dispensa de licitação, se isso realmente ocorreu como estou lhe informando, e V. Exª diz que talvez não tenha ocorrido...

O SR. HASSAN GEBRIM – Com um adendo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se a minha informação é correta, eu lhe pergunto: então, esses contratos estão sob suspeição?

O SR. HASSAN GEBRIM – Com um adendo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é?

O SR. HASSAN GEBRIM – Compará-lo com o preço de referência.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. Vamos imaginar que exista uma dissonância nisso. Se houver, V. Sª concordaria, então, que os contratos estão sob suspeita?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu preferia analisar novamente a questão antes de concordar **a priori**, mas seu raciocínio tem lógica, Deputado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. É que estou seguindo a sua linha de raciocínio. O senhor disse: se o preço de referência não for, então...

O SR. HASSAN GEBRIM – Tem lógica. O senhor é advogado, eu sou engenheiro. Ambos temos base na lógica.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O advogado nem sempre se baseia tanto na lógica.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu queria só fazer mais uma colocação com respeito a isso, Deputado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. HASSAN GEBRIM – Olhada a ordem cronológica, quando eu fiz a portaria, constituindo o grupo de trabalho para remodelar a RPN, depois a licitação, que, por infelicidade, veio a ser revogada porque os

preços estavam excessivos – esse é um dado importante que eu queria lhe fornecer...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. HASSAN GEBRIM – ...se tudo tivesse dado certo, não teria tido o pregão, esse pregão que estamos discutindo. Não teria havido o pregão que estamos discutindo se o processo licitatório que estava em andamento tivesse tido bom resultado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. HASSAN GEBRIM – Porque ele só foi feito porque essa licitação não chegou a bom termo, porque os preços estavam excessivos. Eu quero lhe mostrar isso também. Se houvesse má-fé qualquer interna, por que não adotar os preços dessa licitação que houve quando os preços estavam acima?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sinceramente, eu não entendi o seu argumento. Por gentileza, seria importante que nós pudéssemos entender.

O SR. HASSAN GEBRIM – Em 2000, eu fiz uma comissão de licitação para licitar o novo modelo de RPN, em que se acabavam com essas linhas grandes. Não havia mais linhas A e C. Eu tenho até um desenho aqui, se for o caso. Então, não haveria mais as linhas A e C; haveria outro tipo de configuração. Está ok?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. HASSAN GEBRIM – Nesse intervalo até a licitação ser feita, surgiu o problema da Varig Log, e nós contratamos por emergência, por 60 dias, acreditando que a licitação, essa grande, a nova RPN ficaria pronta, está ok?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. HASSAN GEBRIM – Depois, renovamos por mais 60 dias, acreditando que isso ficaria pronto. A licitação ficou pronta, mas nós não pudemos contratar porque os preços estavam acima dos preços de referência. Eu tenho esses dados aqui só para lhe mostrar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. HASSAN GEBRIM – Então essa licitação substituiria toda a rede existente. Seria uma nova rede postal. Então os preços que foram ofertados, Deputado, estão aí bem acima dos preços de referência. Essa licitação foi revogada, e, por essa licitação ter sido revogada...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela foi revogada quando? Só para que nós possamos...

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu tenho a data aqui...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vinte e um de agosto de 2001.

O SR. HASSAN GEBRIM – Por isso tivemos de fazer o pregão. Aquele pregão não era para ter ocorrido. Não era para ter existido o pregão, porque essa licitação resolveria todo o problema. Era remodelar completamente a linha. Eu não fiquei satisfeito com isso e fiz outra portaria para que se revisse onde tinham acontecido os erros e nós chegamos a discutir...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa é a concorrência 006... Não...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Foi a 002. Infelizmente ela foi revogada. Agora o importante também é que eu fiz outra portaria, Deputado,...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. HASSAN GEBRIM – ...para que se revissem e se verificassem quais foram os equívocos cometidos nessa e discutimos a possibilidade de fazer *leasing* de avião para a gente ter o domínio dessas linhas. Seria uma modificação desse modelo. Aí eu saí.

A minha opinião hoje é que a única segurança que os Correios têm de não ficarem vulneráveis e fragilizados é terem o controle das aeronaves. E o *leasing* seria a solução, contratando a operação desses aviões. Para mim, é a solução definitiva. Espero que um dia cheguem nela.

O senhor quer ficar com esses documentos também?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu gostaria imensamente, embora eu creia que já tenhamos esses dados. Mas é importante confrontar. (Pausa.)

Aqui, olhe, há também um comentário importante de ser visto.

"Como foi dito anteriormente, apenas duas empresas apresentaram propostas comerciais para a operação das linhas no âmbito da Dispensa de Licitação nº 02, de 2001, as empresas Skymaster e Beta. Uma outra empresa, AeroExpress Táxi Aéreo Ltda., respondeu à ECT que, em face do curto espaço de tempo, não teria condições de apresentar proposta até as 12h, razão pela qual solicitava autorização para apresentar a proposta até as 17h.

Nos autos relativos ao processo de contratação, não foi identificada resposta da ECT."

Ou seja, foi negado que a empresa pudesse apresentar até as 17h a proposta.

"A proposta da Skymaster foi de 167.300 e a da Beta, aquela empresa que tinha suspeição de atuar

"casada" com a Skymaster, 236.000 para operação de cada linha.

Após as negociações com os Correios, a Skymaster concordou em reduzir a sua proposta inicial para 157.000 por operação de cada linha, o que perfazia o total de 314.000 por operação diária das 02 linhas A e C. Já a estimativa da ECT é de 155.000 por operação de cada linha.

Há que se registrar, neste instante, que tanto o preço de estimativa dos Correios, como o preço ofertado pela Skymaster subiram significativamente no período de um mês e meio, já que por ocasião do Processo de Dispensa de Licitação nº 001/2001, de 8 de maio de 2001, quando foi contratada a empresa Varig Log, o preço ofertado por aquela empresa era de R$119 mil, enquanto a estimativa da ECT era de R$117 mil."

Ou seja, nesse intervalo de um mês, um mês e meio, subiu.

"Dessa forma, podem-se registrar idênticos percentuais de acréscimo na proposta da Skymaster e na estimativa da ECT, da ordem de 31,93%, sendo que no atual período o dólar americano variou apenas 4,74%; o combustível, 26,21%, e o IGPM, 1,85%, sendo esses os indexadores utilizados para a atualização das parcelasde planilha."

Ou seja, comparativamente com o contrato da Varig Log, considerando-se a variação do dólar, a variação dos combustíveis, os preços já praticados pela Skymaster indicavam uma elevação sem explicação.

Se for correta a tese de que isso foi utilizado como preço de referência **a posteriori** a coisa se agrava ainda mais.

O SR. HASSAN GEBRIM – O que posso colocar mais para o senhor com relação a isso é que não dá para comparar os preços da Skymaster com a Varig Log. São duas situações completamente diferentes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. HASSAN GEBRIM – Porque a Varig Log usava o avião para transporte de sua mercadoria também; ela compartilhava.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas nessa época era compartilhado também. Não havia exclusividade, pelo que me consta.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não. Na Skymaster?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na primeira contratação. Só depois de um certo momento é que existe a...

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, não, não. Em hipótese nenhuma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A assessoria confirma.

O SR. HASSAN GEBRIM – Então nossas informações são divergentes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A partir apenas de um certo momento...

O SR. HASSAN GEBRIM – São divergentes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª me permite?

O SR. HASSAN GEBRIM – Claro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nessa primeira contratação... Isso foi objeto inclusive de argüição, se não me falhe a memória. Nessa primeira contratação, as aeronaves eram compartilhadas. Só a partir de uma certa...

O SR. HASSAN GEBRIM – Da Skymaster?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da Skymaster.

O SR. HASSAN GEBRIM – Creio que está errada essa informação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Infelizmente, creio que...

O SR. HASSAN GEBRIM – Posso estar errado. A informação que tenho é de fonte diferente da que o senhor tem. Então creio que...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A nossa vem de documentos. Não há uma fonte. Não é oral. Isso foi examinado pela auditoria. Perguntei sobre o compartilhamento. Nessa época...

O SR. HASSAN GEBRIM – Olha, eu...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, a única razão para o preço ser diferente era essa do compartilhamento. Se não houver...

O SR. HASSAN GEBRIM – Duas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é a outra?

O SR. HASSAN GEBRIM – Primeiro o compartilhamento, que evidentemente não dá para comparar. Aliás, nesse documento...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é a outra razão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Nesse documento está escrito, Sr. Relator.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é a outra razão?

O SR. HASSAN GEBRIM – A outra é que me parece que houve um aumento de carga também.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, isso não influenciaria nada.

O SR. HASSAN GEBRIM – Claro que influencia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja.

O SR. HASSAN GEBRIM – O senhor poderia emprestar-me aquele outro documento, aquela da...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estou falando do contrato da Varig Log 24 horas para a outra. Não há previsão de elevação de carga. Não estamos falando da concorrência. Talvez aí o senhor esteja um pouco enganado. Estou falando da dispensa de licitação em que o preço ofertado implicou uma elevação aparentemente sem explicação, relativamente ao que a Varig Log fazia. É aquele que foi rescindido de emergência. Não há elevação de carga.

O SR. HASSAN GEBRIM – Vou tentar achar aqui a questão da substituição. Fala, nesse documento...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A exclusividade...

O SR. HASSAN GEBRIM – Mas são coisas diferentes. Estou dizendo que lá na época da Varig Log, essa usava um avião em que transportava sua carga...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas a Skymaster também poderia fazê-lo.

O SR. HASSAN GEBRIM – Poderia. Mas são coisas diferentes. Havia bloqueio de volume de carga. Vamos supor que o avião tolerasse 100 toneladas. Os Correios contratavam 90 e sobravam 10 para ela usar, o que é diferente. Tem uma diferença aí.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, veja, isso não altera absolutamente nada no seguinte sentido...

O SR. HASSAN GEBRIM – Altera.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não sou especialista nesse campo e não vou ficar discutindo com o senhor.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estamos falando de uma política... Não estou conseguindo ouvir-me, Sr. Presidente. Estou com dificuldade de me ouvir. Se V. Exª pudesse pedir silêncio ao Plenário.

(O Sr. Presidente faz soar a campanhia)

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço.

Estou querendo ponderar que não há, substantivamente, variações das regras contratuais entre o contrato da Varig Log e da Skymaster. No entanto, o da Skymaster, considerando-se a variação do preço do dólar e do combustível, está com um preço muito acima daquele que era da Varig Log. Ou seja, o preço da dispensa da licitação foi acima injustificadamente – segundo o Tribunal de Contas da União – daquele que vinha sendo praticado. Pode ter servido – e na minha opinião serviu, mas V. Sª contesta isso – como preço de referência para licitação posterior. Ou seja, aí começa a nascer o superfaturamento da Skymaster.

O SR. HASSAN GEBRIM – Espero, com sinceridade, que o senhor esteja errado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Também gostaria imensamente de estar errado.

O SR. HASSAN GEBRIM – Espero, porque não são as informações que tenho, evidentemente. Seria uma surpresa muito grande, principalmente em função do que está neste relatório aqui, que repetidamente fala na Consultoria Roland Berger. Em todas as situações aqui, o senhor vai ver isso, fala-se na Consultoria Roland Berger como preço de referencia. Em todos aqui.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor há de concordar que a auditoria do Tribunal de Contas da União – salvo engano dos auditores – pega o preço de referência que vinha sendo praticado pela Skymaster. Ou seja, não há nenhuma outra indicação de que tenha sido uma consultoria que tenha feito isso. Aliás o preço é praticamente idêntico.

O SR. HASSAN GEBRIM – Estou tentando achar aqui, mais vai ser difícil essa questão de que o avião da Skymaster era só para os Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, se V. Sª depois tiver condições de auxiliar esta Comissão poderá nos dar por escrito, mas esses são os dados que a auditoria do TCU constatou e que, até demonstração oposta, nós teremos que nos guiar por ela.

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, primeiro eu estou repassando a resposta dos Correios ao relatório da corregedoria.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu estou lhe dizendo que a auditoria fez **in locu** pegando material.

O SR. HASSAN GEBRIM – O que eu quero lhe dizer também é que eu sei que os Correios também estão fazendo resposta ao TCU.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, me parece que essa resposta já foi considerada neste relatório.

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, senhor, me desculpe, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor sabe?

O SR. HASSAN GEBRIM – Porque nesta semana eu me dediquei a conversar com pessoas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor tem conhecimento do relatório do TCU?

O SR. HASSAN GEBRIM – Do TCU? Eu conversei ontem com pessoas dos Correios e pedi informações a eles.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem conhecimento disto, deste relatório do TCU ?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, eu não li o relatório, mas eu sei que existe um relatório do TCU que os Correios estão respondendo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas o que eu estou lhe dizendo é que este relatório, ao que sei, já considerou essas informações.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu posso estar enganado, não é? A gente, quando está distante da informação, pode estar enganado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos ver isso. (Pausa.)

É verdade. Me recorda aqui a assessoria que o Sr. Morato, da Beta, em depoimento prestado a esta CPMI informou que o seu preço ofertado de 214 mil no Pregão nº105, de 2003, era viável. Ou seja, o dono da Beta confirma...

O SR. HASSAN GEBRIM – Viável, e depois, logo em seguida, ele aumentou. Não é isso?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não. O que disputou disse que o preço era viável. Portanto, a Skymaster, ao apresentar a proposta, quando ela diz que subfaturou, tinha um preço viável, segundo o Sr. Morato, da Beta. É a impressão também que nós temos, ou seja, houve uma diminuição brutal de preço naquela estação chegando à realidade; depois, posteriormente, o atual Governo retornou, é verdade, mas nós já tínhamos um superfaturamento anterior.

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, só para encerrar a minha parte.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu vou insistir em que a referência com base na consultoria, no modelo obtido na consultoria, se verdadeiro, ele dá sustentação a todos os preços de referência dos Correios. Então a minha tese é essa porque eu digo, eu desconhecia, eu aprendi isso agora...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posso lhe assegurar com franqueza: primeiro, que a informação que temos do TCU é de que os preços de referência não foram da consultoria; segundo, que todos os indicadores mostram que houve superfaturamento; terceiro, que o preço colocado na licitação posterior em que houve redução teve redução substantiva e, segundo concorrentes e a avaliação do próprio TCU, era um preço razoável; quarto, que depois houve uma nova elevação com o diagnóstico de superfaturamento. Esse é o conjunto probatório que temos até o momento.

O SR. HASSAN GEBRIM – Ok.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São tantos papéis aqui que eu não estou achando o último papel.

Uma informação que esta Relatoria tem é relativa a possível causa da demissão de V. Sª dos Correios.

Por que V. Sª foi demitido?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu respondi ao Deputado Sílvio Torres...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim. Eu gostaria de ouvir novamente.

O SR. HASSAN GEBRIM – ...que eu não tenho realmente os motivos. O que mais pode se aproximar de uma informação foi a que o Ministro Pimenta da Veiga me deu, que havia sido por motivação política. Eu não gostaria de fazer ilação a respeito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Em 31 de julho de 2002, a empresa de Correios e Telégrafos encaminhou ofício assinado pelo senhor à Secretaria de Serviços Postais do Ministério das Comunicações, criticando a expedição de normativo daquela Secretaria a respeito de novas regras sobre franquias, especificamente sobre agências de Correios.

O SR. HASSAN GEBRIM – Está com o senhor. Já lhe entreguei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É aquela que o senhor entregou. Isso pode ter sido a razão da sua demissão?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu acho que pode ter tido alguma coisa...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Relacionada a isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – É aquilo, suposição, você pode fazer todas. Eu só não faço uma: que foi por incompetência ou desonestidade. As outras, eu faço qualquer uma.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em decorrência das apurações feitas aqui, há sérias suspeitas de que existe influência política por traz da concessão de franquia dos Correios. O senhor tem alguma informação sobre isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Bom, eu não estava lá na época das concessões das franquias.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que foram feitas sem licitação. Mas o senhor tem informações sobre isso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Não, o que eu posso dizer, com toda a sinceridade, é que muitas vezes os

franqueados vinham acompanhados de alguns Parlamentares, mas isso não significa necessariamente o que o senhor está dizendo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pode declinar os Parlamentares?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu preferiria não. Porque depois eu esqueço de algum, fica ruim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor poderia fornecer a lista para nós?

O SR. HASSAN GEBRIM – Deputado, eu proporia o seguinte: Os Correios têm a lista de todos os que recebi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito, nós pediríamos a sua lista...

O SR. HASSAN GEBRIM – O senhor sabe é que alguns...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu entendo. Até porque o senhor não quer ser injusto, porque alguém pode ter ido com a maior boa-fé acompanhar alguém e o senhor não quer expor publicamente. Eu entendo perfeitamente.

O SR. HASSAN GEBRIM – É exatamente essa questão. É que tenho certeza que alguns foram para acompanhar e outros podem ter ido não só para acompanhar. Então prefiro não...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu entendo perfeitamente.

Sr. Presidente, eu indago se algum dos Srs. Parlamentares presentes quer fazer uso da palavra?

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – O ilustre Senador Arthur Virgílio, que passa a freqüentar assiduamente esta Subcomissão certamente vai encerrar os trabalhos com o seu proverbial brilhantismo.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Se formos para a economia, eu não sou assíduo. É aquela história da melancia: eu não comi nada; o outro comeu a melancia inteira. E a estatística diz que comemos metade cada um. Ou seja, a minha média está muito fraca. Eu freqüento muito pouco a CPMI.

Mas começo, Sr. Presidente, depois de ter ouvido essa competente inquirição feita pelo Deputado José Eduardo Cardozo, tomando a liberdade de explicar, eu que fui Líder do Governo passado, Ministro do Governo passado, as razões dessa demissão. E faço isso com um sentido muito direto. O Dr. Gebrim foi demitido por razões políticas, para abrir espaço para um indicado do PMDB, o Sr. Humberto Mota, ex-Presidente da Associação Comercial do Estado do Rio de Janeiro. Ele foi muito leal ao Governo passado até esse momento, quando ele falou pouco, mas disseram a ele: Olha, estamos precisando do seu cargo por razões políticas. Ele então foi para casa. Foi isso? Foi exatamente isso.

Eu lhe digo que o senhor, a meu ver, passou muito bem pelo teste de se expor à competência do Deputado José Eduardo Cardozo. Bem diferente da passagem por esta Casa dos dirigentes nomeados pelo Governo do PT, pelo Governo do Presidente Lula. O senhor não chegou aqui munido de **habeas corpus**, não chegou junto com algum advogado, com aqueles segredinhos. Alguns chegavam com advogado. Houve um, espero que minha mulher não ouça isso... E, eu lamento, quando aquela primeira leva acabou, que eu deixei de ver uma moça linda que ficava por trás. E eu dizia: Meu Deus, será que não contratam mais essa... Dizem que muito competente. A primeira turma era Silvinho, era a mesma fonte que pagava; era Silvinho, era Delúbio, sempre tinha um cabra feio do lado e uma moça linda por trás. Mas alguém pagava o mesmo advogado, ou eles escolheram isso também como companheiros, enfim, mas isso é uma outra história. Estou confiando na não-audiência da TV Senado.

Veja como é a história. É porque os dois estão dizendo que é grande a audiência da TV Senado, essa é a diferença, mas que viram, viram.

Mas então, Dr. Gebrim, eu gostaria de dizer algumas coisas. Eu estava ouvindo quando o Deputado José Eduardo falava daquela coisa bastante óbvia, que, ao meu ver, deveria ser uma praxe da Administração Pública, de se dizer qual o motivo da audiência, explicar basicamente, até para a autoridade se preparar para dar as respostas com os diretores que eu vi passarem por esta CPMI. Não sei se eles teriam a sinceridade de dizer o objetivo: roubo, tratar de negociatas. Foi o que eu vi, foram escolhas muito infelizes, muito ruins. O senhor também – já soube pela assessoria do PSDB – que o senhor já tinha se referido ao seu episódio com o Sr. Marinho, que, certamente, referiu-se ao senhor na delegacia sem nenhuma consistência, talvez aproveitando – perdido, perdido e meio – para se livrar de V. Exª, porque V. Exª demitiu aquela turma dele quando estava-se montando o que depois se consolidou como uma quadrilha atuando nos Correios e Telégrafos.

Mas eu vejo que se nós formos bastante honestos, imagino que uma administração pública, se é feita com rigor e com seriedade, comporta o objetivo da perfeição, mas não sei se nas estruturas brasileiras aí postas cabe a idéia de se atingir a perfeição. Acredito na sua boa-fé, vim aqui para dizer isso. Acho que o senhor não deveria estar aqui, estamos perdendo tempo e gastando o talento do Deputado José Eduardo Cardozo, que é uma pessoa séria, que demonstrou independência até quando investigou casos duros dentro do PT, antes de o PT chegar ao Governo, já no que seria o prenúncio do que o PT faria quando chegasse ao poder. Citarei apenas um caso, aquele caso do

Paulo de Tarso Venceslau, que foi em cima do Presidente Lula, já àquela altura e, àquela altura, eu dizia que para esse Paulo Tarso estar falando mal do meu amigo Lula, ele deve ser um tremendo de um leviano. Hoje, estou achando que um tremendo de um leviano é o Presidente Lula e que o Paulo de Tarso estava certo, dando um grande aviso à Nação.

Percebo que o senhor não deveria estar aqui, porque não tem muito a falar. O senhor cometeu aqui um pecado gravíssimo, explicou suas viagens a São Paulo. Seria difícil o senhor ser o principal executivo de uma empresa, que tinha que brigar por clientes importantes, sem ir a São Paulo. Mas, pecado gravíssimo foi o senhor me dizer que não saía à noite em São Paulo. Isso é imperdoável, não faça mais isso, quando o senhor for a São Paulo saia bastante, porque a noite de lá vale à pena.

Se só gente como o senhor tivesse feito parte dessa administração, nós teríamos feito muito mais o funcionamento – às vezes ativo, às vezes menos ativo – de uma Comissão de Fiscalização e Controle, do que propriamente de uma Comissão Parlamentar de Inquérito. Ou seja, irregularidade estar falando do caso da empresa de aviação Skymaster. O Tribunal de Contas da União estuda, deve ser levado muito em conta, é possível que tenha havido a irregularidade, é possível que tenha havido alguma lacuna, V. Exª terá todo direito de apresentar sua defesa no momento próprio.

Então, parece-me, caro Deputado José Eduardo, que o padrão do Sr. Gebrim caberia muito mais numa Comissão de Fiscalização e Controle do que numa Comissão Parlamentar de Inquérito, motivada por essas razões que eu vi, aquela coisa escandalosa do Roberto Jefferson dizer o que disse e o Sr. Marinho, com aquele gesto que nunca vou esquecer, porque não é só o fato da corrupção – que é uma coisa chocante, é o essencial, é o substantivo – mas quero me referir ao adjetivo, de fazer aquele trejeito, pega o dinheiro assim, dá aquela embolsada no dinheiro e bota no bolso com uma prática enorme, aquela prática. Nem olhou. Então, vi que é outro padrão. Quero, primeiro, felicitá-lo por isso e lhe dizer que tenho algumas perguntas a lhe fazer sobre a própria CPMI. V. Sª pode dar uma grande contribuição para a CPMI.

Discutimos aqui e eu estava ouvindo muito o Deputado José Eduardo, e o Deputado José Eduardo é uma das figuras que mais respeito, que mais estimo, não só no PT, no Congresso. Não é uma amizade tão antiga, é uma admiração antiga, mas é uma amizade recente muito forte, muito querida, muito prezada.

Eu estava aqui vendo, por exemplo, aquele caso da quarenta do Sr. Mauro, não é? O senhor disse: eu não precisava, e, se precisasse, não faria. Aquela história de trabalhar dali, da empresa tal para aquela que servia. E o Deputado Eduardo Paes me dizia aqui do lado: mas em algum momento da vida será que restava alguma alternativa para essa pessoa? A gente encara como natural que, após uma certa quarentena, alguém saia do Banco Central para ir para um banco, banco de investimento. Não quero dizer que haja alguma desonestidade. Tenho visto, de modo geral, diretores de Banco Central honestos no País. Alguém pode discordar da orientação, achar que a sua opinião sobre juros é certa ou é errada ou é mais ou menos certa ou mais ou menos errada, um pouco para cá, um pouco para lá, mas, de modo geral, são pessoas honestas. O *metier* deles é aquele. Ou seja, eu não faria uma condenação do Sr. Mauro tão brutal, tão terrível, e nem vi que o Deputado José Eduardo fez. A questão da quarentena é que não está bem definida, enfim.

Eu queria, portanto, lhe dizer algumas coisas. Presenciei a segurança com que o senhor se explicou. Insisto mesmo que, se a gente ficar ouvindo muito o senhor, ouvindo muito, e essa é uma opinião que já externei para o Deputado José Eduardo Cardozo, já externei para o PT, mas, ao ficarmos muito nos preocupando com o governo passado, corremos dois riscos: um é o de perder tempo, porque não estaria ali o cerne desses escândalos, e não estava mesmo ali o cerne dos escândalos que nós vimos, o outro é de, se eu estiver errado, derrubarmos o Presidente Fernando Henrique, fazermos o *impeachment* do Presidente Fernando Henrique. Aí a coisa fica muito surrealista até para Gabriel Garcia Marques, quanto mais para mim que sou puramente uma pessoa que o leio e não formulo para ele.

Pergunto-lhe duas coisas... É um quadro surrealista a partir do momento em que a gente tem uma CPI que, se bobear, vai derrubar o Fernando Henrique e a situação de se estar diante de um Lula que faz tudo para cair e uma oposição que faz tudo para que ele não caia. Uma coisa impressionante. Ele diz assim: "Hoje eu caio!" Eu digo: "Você não cai, Lula!" Ele fala: "Hoje eu caio!" Eu digo: "Não cai, Lula!" Está sendo assim há cinco meses. Há cinco meses que a gente vai carregando o bebê no colo, e agente tropeça, mas não cai. É como aquele filme *They shoot horses, don´t they?*, no qual Jane Fonda atuou. Na recessão nos Estados Unidos, não tinha emprego. Então, os casais tinham que dançar 36 horas, 40 horas seguidas, até o último ficar. Era para comer um pouquinho, para ter um pouco de... É o filme "Noite dos desesperados". Na verdade, a tradução literal seria: "Eles atiram nos cavalos, não atiram?" Transformaram a condição humana naquela potência que já emergia e que foi vitimada por aquela crise do sistema capitalista. Reduziu pessoas que ti-

nham toda uma perspectiva de mobilidade social àquela condição animalesca, àquela condição animal.

Portanto, faço-lhe duas perguntas, já que o senhor está aqui: que comparação o senhor faria, depois do trabalho que sei que o senhor fez de reestruturação dos Correios, e o quadro administrativo hoje? Essa é uma. A segunda pergunta: qual a proposta que o senhor faz, do ponto de vista da CPMI, para se examinar as entranhas dos Correios e Telégrafos? Ou seja, se o senhor fosse hoje não o depoente de uma situação meio bissexta, mas se o senhor fosse, digamos, o assessor desta CPMI, o assessor do Deputado Asdrubal ou do Deputado José Eduardo ou do meu Partido, o que o senhor faria para que esta CPMI liquidasse muito bem essa fatura dos Correios, vendo as culpas, separando bem o que é irregularidade que deve ser trabalhada numa Comissão de Fiscalização e Controle do que é rapina, aquilo que a gente, por muita educação, chama de rapina, mas que a gente podia ser mais grosseiro e chamar de roubo de dinheiro público, essas coisas todas? É basicamente isso. Quer dizer, administrativamente, a coisa foi para frente? Foi para trás? Como está a sua reestruturação? Como o senhor analisa hoje, como o senhor critica o seu projeto de reestruturação? O senhor pode ter dito assim: "errei naquilo" ou "acertei naquilo" ou "o meu projeto foi uma droga" ou "o meu projeto foi muito bom, não tem jaça, não tem imperfeição". Eu acho difícil até que não tenha.

E, se pondo no lugar de um assessor da Comissão, alguém que viesse: "olha, eu trabalhei ali, dei algum tempo da minha vida para os Correios, eu quero que aquilo entre nos eixos". E esta CPMI precisa ter êxito. Ela não pode, de jeito algum, perder-se em descaminhos, em desvãos. O que o senhor aconselharia à CPMI fazer? Eu vim aqui também para dizer que, enfim, eu estava vendo o senhor indo muito bem, e acho que o senhor foi muito bem. Não tem Deputado melhor do que o Deputado José Eduardo Cardozo para fazer perguntas. Essas perguntas, aquela turma que veio aqui depor, se ela não vem com aquele esparadrapo na boca, com aqueles **habeas corpus**, essas perguntas matavam aquela turma todinha. A turma vem com esparadrapo na boca e **habeas corpus** para não ser preso, então fica um negócio quase que impossível. O senhor vem sem esparadrapo, conversou com naturalidade, enfim. Meus parabéns por isso. E me dê essas duas respostas: ajude a CPMI e me faça a comparação de uma situação para a outra.

O SR. HASSAN GEBRIM – Bom, primeiro, caro Senador, a administração que está hoje nos Correios, essa atual, ela é formada basicamente por pessoas que me assessoraram quando eu era Presidente. E acho que os Correios estão bem entregues a essa direção de agora. Não sei se o Governo vai querer mudar, aproveitar mais um ano para mudar a diretoria, mas as pessoas que estão lá são pessoas sérias, competentes e defendem os interesses dos Correios. Essa que está lá agora. Da que passou, depois que eu saí até agora, eu não posso falar muito, na verdade, mas me parece, pela informação que eu tenho também – eu não posso ser cobrado pelo que vou falar aqui agora –, me informaram que aquelas diretorias cada uma estava cuidando de si. Não havia uma diretoria colegiada. O que eu posso dizer é o seguinte: isso é péssimo para os Correios.

No Governo Fernando Henrique Cardoso contando até hoje, já se passaram cinco, seis ou sete Presidentes numa empresa como aquela. Isso não pode acontecer. Então, acho que a primeira mudança séria que tem que haver na Administração Pública é uma constância maior dos dirigentes, para que haja continuidade. É muito ruim isso. A pessoa começa e não termina. Se quiserem ajudar os Correios a serem uma empresa mais eficiente, acho que tem que mudar aquela estrutura de 24 diretorias. Não dá para você administrar uma empresa daquele tamanho com 24 diretorias. Tem que haver uma mudança naquilo. Tinha um projeto aprovado, que não foi para frente. Então, essa descontinuidade administrativa complica muito as soluções.

Agora, ajudar a CPMI... Quer dizer, a CPMI, hoje, na verdade, está partindo de uma denúncia de corrupção em que foi flagrado o Marinho e está se fazendo uma varredura em todos os processos, procurando todos os Presidentes, todos os diretores. Fica difícil defender aqui, como o Deputado ficou pegando naquela questão da dispensa de licitação de um dia. Fica difícil. O administrador, na hora, tem que tomar decisões. Eu não sei se isso é o ponto central da questão toda, que tem que ser vista aí. Eu acho que, realmente, na minha opinião, tem que procurar quem eram os amigos do Marinho, quem é que... Mas eu acho que a Comissão está indo bem nesse... Acho que está indo bem.

Eu digo o seguinte: havia corrupção nos Correios? Havia. O número de sindicâncias que eu abri comprova isso. O número de punições, de demissões que houve comprova isso. A Casa não é uma Casa santa, em hipótese nenhuma...

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – O senhor tem idéia de quantas sindicâncias o senhor propôs e quantas punições resultaram disso?

O SR. HASSAN GEBRIM – Eu abri quase 40 sindicâncias.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Quantas pessoas foram punidas em diversos níveis?

O SR. HASSAN GEBRIM – Olha, no nível de diretor-adjunto, eu demiti dois da empresa. Demiti da empresa dois diretores regionais, perdão, coisa que não é habitual na empresa, não é? Foi o do Pará e o da Bahia. Demiti os dois.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Retorno a palavra ao ilustre Relator.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Estou satisfeito, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Muito obrigado.

Retorno a palavra ao ilustre Relator para as considerações finais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, é apenas um agradecimento sincero e fraterno ao meu amigo e, porque não, companheiro Arthur Virgílio, porque, vindos de S. Exª, os elogios só me enobrecem, porque, sem sombra de dúvidas, é um dos maiores Parlamentares que já vi em atuação no Parlamento brasileiro.

O SR. ARTHUR VIRGÍLIO (PSDB – AM) – Muito obrigado, de coração.

O SR. EDUARDO PAES (PSDB – RJ) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, eu gostaria também, Sr. Presidente – não tenho mais perguntas a fazer ao depoente –, apenas de oferecer alguns requerimentos. Peço que a assessoria, por gentileza, anote os requerimentos que eu gostaria, em nome dessa sub-relatoria, de apresentar para a aprovação na próxima reunião administrativa, para que possa, obviamente, esta sub-relatoria desempenhar naturalmente seus trabalhos.

A sub-relatoria vai requerer a convocação, para prestar depoimento, do Sr. Mauro Castro, do Sr. Gilson Carvalho, do Sr. Carlos Alberto Sena, dos sócios da empresa Giacometti – peço que a assessoria levante os nomes desses empresários –, do Sr. Valdemir Freire Cardoso, que não tem nenhum parentesco comigo nem com o ex-Presidente, e que seja oficiado à Presidência dos Correios para que informe a pauta de audiências que foram realizadas durante o período da gestão do Sr. Presidente Hassan Gebrim, para que tenhamos, então, a relação das pessoas que foram pelo Presidente recebidas, conforme ele próprio havia solicitado e sugerido, bem como se diligencie ao Tribunal de Contas da União, em caráter de emergência, pedindo a conclusão da auditoria, se é que já se iniciou, tenho dúvidas, mas que, se não se iniciou, que se inicie, da auditoria realizada na licitação e na contratação da empresa Politec, para que essa sub-relatoria possa fazer o exame adequado dessa contratação.

São esses os requerimentos, Sr. Presidente, que proporei sejam decididos na próxima reunião administrativa desta Comissão Parlamentar de Inquérito.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Esta Presidência, nada mais tendo a tratar, agradece ao Sr. Gebrim pela presença, pelos esclarecimentos, pelas informações e pela colaboração à CPMI, deixando claro que, se houver necessidade, nós poderemos chamá-lo.

O SR. HASSAN GEBRIM – Claro. E eu me coloco à inteira disposição de V. Exªs.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Uma boa-noite e um bom final de semana a todos.

(Levanta-se a reunião às 20 horas e 35 minutos.)

Ata da 9ª Reunião da Sub -relatoria de Contratos, realizada em 25 /10/2005.

Aos vinte e cinco dias do mês de outubro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas e cinquenta e sete minutos, na sala 09, da Ala Senador Alexandre Costa, sob a Presidência da Sub-Relatoria de contratos o Deputado José Eduardo Cardozo, ainda com as presenças dos Senhores SENADORES: Heráclito Fortes, Ideli Salvatti, Aelton Freitas, Valdir Raupp, Íris de Araújo e Romeu Tuma. DEPUTADOS: Carlos Abicalil, Jorge Bittar, Asdrúbal Bentes, Osmar Serraglio, Onyx Lorenzoni, Eduardo Paes, Nelson Meurer, Arnaldo Faria de Sá, Juíza Denise Frossard, Pompeo de Mattos, José Eduardo Cardozo, Jamil Murar e Sílvio Torres. NÃO MEMBROS: Deputados Alberto Goldmann e Antônio Carlos Mendes Thame.. Reúne-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, A Presidência declara abertos os trabalhos e informa que a presente reunião destina-se as oitivas dos Senhores Egydio Bianchi (Ex-Presidente da ECT), Marcos Vinícius Di Flora (Ex-assessor da SECOM) e Paulo Roberto Kress Moreira (Sócio da Agência de Correio Franqueada Anchieta). A Deputada Juíza Denise Frossard, solicita inversão dos Pares o qual foi aprovado pela Comissão colocando o Senhor Kress como o segundo depoente. Com a palavra o Deputado Sílvio Torres. Pela ordem fala o Deputado Onyx Lorenzoni. A reunião é suspensa às dezenove horas e cinco minutos e reaberta às dezenove horas e trinta e dois minutos. A Juíza Denise Frossard que requer a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos a

cópia de toda a documentação da ACF Anchieta; cópia de todos os contratos de franquia empresarial que o Senhor Airton José Barreto e a Senhora Irene Kress Barreto assinaram; esclarecimentos se foi instaurada ação judicial contra ACF Anchieta por crime de suborno de agente público; cópia das procurações concedidas ao Senhor Paulo Roberto Kress Moreira para gerir a ACF Anchiete; e esclarecimento sobre a viabilidade da ACF Anchieta ser gerida através de procuração; cópia do contrato social da Agência dos Correios Franqueada – ACF Anchieta (JK Comercial e Serviços Ltda, como também cópia de todas as respectivas alterações contratuais; cópia da íntegra do depoimento do Senhor Paulo Roberto Kress Moreira; encaminhe à Polícia Federal, cópia do processo de apuração de fraude; encaminhe à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, cópia da íntegra do depoimento do Senhor Paulo Roberto Kress Moreira e transferência dos sigilos telemático, telefônico, bancário e fiscal, do Senhor Paulo Roberto Kress Moreira. Continua a palavra com os Deputados Pompeo de Mattos, Onyx Lorenzoni, após inquirição do Relator, o Presidente suspende à reunião às dez horas e vinte e sete minutos, marcando o reinício amanhã, dia vinte e seis para as dez horas.

CONTINUAÇÃO
DA ATA DA 9ª REUNIÃO DO DIA 25.10.05

Às dez horas e cinqüenta e três minutos do dia vinte e seis de outubro do ano de dois mil e cinco, quarta-feira, é reiniciada a nona reunião, dando continuidade aos trabalhos com os depoimentos. A Presidência suspende por três minutos a sessão, às doze horas e quarenta e um minutos. Reabre às doze horas e quarenta e seis minutos. Às treze horas e quarenta e dois minutos é suspensa a reunião pela Presidência sendo reaberta às treze horas e quarenta e nove minutos, é feita novamente uma pausa para que os membros possam fazer um lanche, às quatorze horas e quatro minutos. Após o intervalo, é reaberta a sessão às quatorze horas e vinte e dois minutos. Voltar a argüir o Sub-relator que após, não tendo nada mais a declarar, é encerrada a presente reunião às vinte e duas horas e vinte e sete minutos. E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Declaro aberta a 9ª Reunião da Sub-Relatoria de Contratos da CPMI, criada através do Requerimento nº 3, de 2005, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Sobre a mesa, ata da reunião anterior, a qual coloco em votação, propondo a dispensa da leitura.

As Srªs e os Srs. Senadores que a aprovam permaneçam sentados. (Pausa.)

Aprovada.

A pauta desta reunião destina-se à oitiva dos Srs. Egydio Bianchi, ex-Presidente da ECT; Marcus Vinícius di Flora, ex-assessor da Secom; e Paulo Roberto Kress Moreira, sócio da agência dos Correios franqueada: Anchieta.

Solicito à assessoria que faça adentrar ao recinto o Sr. Egydio Bianchi, que vai depor na condição de testemunha e, como tal, já firmou termo de compromisso. (Pausa.)

Por obséquio, convido o Sr. Egydio Bianchi para prestar os seus esclarecimentos. (Pausa.)

Sr. Egydio Bianchi, V. Sª foi convidado a prestar esclarecimentos a esta Comissão como testemunha e, como tal já prestou, o seu compromisso. Quero alertá-lo para as disposições legais a respeito, porque V. Sª se comprometeu a dizer a verdade, de maneira que, quando falar, tudo o que disser será considerado verdadeiro. Se não o for, V. Sª está sujeito às sanções da lei. Se o desejar, poderá até deixar de responder, mas não poderá deixar de falar a verdade.

Inicialmente, passo a palavra a V. Sª, indagando se se faz acompanhar de advogado.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Não. Então gostaria que V. Sª fizesse a sua qualificação e prestasse os esclarecimentos iniciais que julgar convenientes.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Sr. Presidente, Sr. Relator, Srªs e Srs. Parlamentares, meu nome é Egydio Bianchi, tenho 64 anos, sou formado em Engenharia Industrial pela Pontifícia Universidade Católica do Estado de São Paulo, fiz extensão em Economia do Desenvolvimento e em Economia Política com o Professor Celso Furtado. A minha participação na vida política brasileira, modestamente, se deu a partir do ano de 1962, ano que ingressei na universidade e me aproximei do movimento político, denominado Ação Popular, do qual faziam parte ilustres companheiros, movimento formado por Betinho, Aldo Arantes, Padre Vaz e outros que seguiram posteriormente. Em São Paulo: Sérgio Mota, José Serra e outros companheiros.

Tivemos uma ação durante os anos do golpe de Estado de 1964, até aí uma ação legal, não clandesti-

na e a partir daí uma ação clandestina, na medida que não era possível ter um espaço de participação.

Em 1965 abrimos a galeria dos estudantes presos pela ditadura e tivemos uma experiência de responder processo perante a Justiça Militar, no Estado de São Paulo, durante dois anos, mas continuamos na vida universitária. Formei-me engenheiro no ano de 1965, iniciando a vida profissional, como engenheiro, em 1966.

Sou casado, tenho três filhos, minha vida profissional remonta a uma época que muitos dos senhores não tiveram oportunidade de participar. Trabalho com carteira assinada desde três de setembro de 1954, portanto já estou meio século aí na estrada.

Em especial, na vida pública, depois de uma série de experiência de vida privada, que é essencialmente a minha experiência profissional. Tive o primeiro contato com o setor público em São Paulo, onde fui gerente da Companhia Metropolitana, Metrô de São Paulo, e posteriormente me tornei membro do conselho de administração dessa empresa.

A partir daí retornei à área privada e voltei à área pública no Governo Franco Montoro, quando fui Diretor Administrativo Financeiro da Companhia de Processamentos de Dados do Estado de Sã Paulo – Prodesp. Posteriormente fui presidente dessa mesma companhia. Retornei, ao final desse Governo, novamente à minha atividade privada. Nos idos de 1994, retornei a Brasília e, em 1995, por convite do Ministro Sérgio Motta, assumi a Secretaria de Fiscalização e Outorgas do Ministério das Comunicações. Prestei um serviço inicial nessa instituição da administração direta alguns meses, tão-somente, ajudando a identificar os problemas e a preparar as reformas que se seguiram.

Logo depois fui assumi a vice-presidência da Empresa Brasileira Correios e Telégrafos, conhecida pela sigla ECT. A minha missão era executiva, mais voltada à gestão da empresa internamente, enquanto o Sr. Presidente se ocupava das obrigações externas e institucionais e das relações externas não só com o público, mas também com o Governo.

Encontramos essa empresa em 1995 numa situação bastante crítica, com o seu nível geral de serviços absolutamente deteriorado, havendo um sintoma fundamental na área de tecnologia, em que a empresa se apresentava totalmente desatualizada. As suas tentativas de mecanização e automação estavam obsoletas, quase à nível de ferro velho. Havia baixos investimentos realizados, que mal supriam a própria depreciação dos ativos da empresa. Faltavam planos, planejamentos e rumos para a empresa.

Ela tinha realmente uma grande indefinição e, sobretudo, uma desmotivação enorme nos seus recursos humanos, sabidamente o maior patrimônio que esta empresa brasileira tem – seus recursos humanos altamente profissionalizados e, de quando em vez, agredidos por esses acontecimentos recentes que todo o País conhece.

Assumimos essa gestão com plano de ações emergenciais, partindo para uma revisão geral de contratos e licitações em andamento, o cancelamento de uma licitação da chamada Rede Postal Noturna, conhecida como RPN, e, logo em seguida, uma revisão imediata da sua estrutura de funcionamento. Partimos para um programa das condições operacionais básicas de uma empresa que se apóia drasticamente em meios de transportes e que estava inteiramente sucateada nessa matéria, em se tratando de veículos e de todos os meios de locomoção, a começar pelo coração central desse sistema, que era a Rede Postal Noturna.

Partimos para o restabelecimento dos processos de fiscalização e controle, uma vez que uma companhia haveria de ter essas ferramentas nas mãos da direção central, que acompanhasse as ocorrências no Brasil todo, pois se trata de uma empresa presente em todos os municípios do Brasil – são 5.500 e alguma coisa, senão me falha a memória.

O Departamento de Inspeção, em particular, foi reeditado e recuperado, nos moldes ocorridos nos correios franceses, com quem os correios brasileiros mantêm um grande intercâmbio. Implementação de um programa de despesas operacionais e implementação do programa de recuperação das receitas da empresa.

Os resultados desse trabalho foram muito interessantes. A empresa aderiu rapidamente a essas proposições. Mobilizamos um conjunto apreciável de gerentes e assessores, que realmente se imbuiu desses novos propósitos, e realizamos uma gestão – perdoem-me a modéstia -, considerada por muitos e por mim mesmo exemplar, do ponto de vista da condução dos negócios de uma empresa pública dessa envergadura.

Acho que é digno notar, nessa fase inicial, uma reestruturação da RPN, um tema que preocupa a todos do setor público e a todos que se interessam por essa matéria. Levamos à efeito uma revisão de uma malha, de uma rede de vôos, de tramos, de pedaços que compunham a rede postal noturna, até então em vigor, que tinha da ordem de 50 linhas operadas por inúmeras companhias regulares e auxiliares.

Essas 50 linhas foram reduzidas a 28 linhas, num trabalho de racionalização e de otimização dos recursos da empresa de um modo geral. Tivemos sucesso na racionalização e na obtenção de resultados e logramos uma redução de custos da bagatela de US$50 milhões, evidentemente à cotação da época. Esse foi

um legado que a rede postal noturna carregou consigo, uma vez que deixou de carregar esse peso, esse fardo de US$50 milhões, mercê do esforço profundo que se realizou de racionalização desse trabalho.

Logo em seguida, a Empresa fez parte de um programa majestoso, amplo, que ficou conhecido pela sigla amistosa de Past (Programa de Recuperação e Ampliação do Sistema de Telecomunicações e do Sistema Postal), formulado e conduzido pelo ex-Ministro Sérgio Motta, que fez questão de incluir a área postal, dando-lhe um relevo e um destaque, pois, até então, os Governos brasileiros não haviam se dado conta da importância desse setor. Especialmente notamos que a média de investimento no setor nos últimos cinco anos que nos precederam era da ordem de 40 ou 45 milhões, alguma coisa assim, não atingia 50 milhões. Então nos lançamos a um programa que, em oito anos, acenou especificamente para a área postal com quase R$4 bilhões, R$3,9 bilhões nos anos de 1996 até 2003. Esse programa estruturado dizia respeito a uma reformulação do parque industrial, mecanização de todo o sistema de triagem, rastreamento de objetos, mecanização dos terminais de carga, instalações industriais.

Na rede de atendimento, automação das agências, mecanismos de auto-atendimento, as caixas postais comunitárias, um sistema de transporte, reformulação da RPN, atualização da frota de veículos da empresa, inteiramente sucateada.

Na área de correio avançado, houve a instalação de uma rede corporativa. Hoje, os Correios têm uma ligação generalizada de mais de cinco mil agências com todos os seus pontos, mais de 20 mil postos de trabalho, todos fazendo parte de uma rede integrada corporativa, os correios híbridos, nas suas diferentes expressões, o programa de modernização empresarial começando pela capacitação de recursos humanos. Dentro disso, pode-se ressaltar o esforço para adquirir essa instalação, outrora, a instalação de treinamento da antiga Telebrás, onde, hoje, funciona a Universidade dos Correios. Era imperioso desenvolver um programa de capacitação tecnológica e não haveríamos de mudar a empresa de nível tecnológico sem proporcionar ao seu corpo de recursos humanos essa mesma atualização exatamente para manipular e fazer a gestão desses novos recursos que, até então, foram projetados.

Houve investimentos, como já mencionei, de um total de 3,9 bilhões, dando, portanto, uma média anual em torno de R$500 milhões, que eram simplesmente 10 vezes mais o esforço, se chamarmos isso de esforço, ou a falta de esforço que existia nesse setor. A Empresa, é evidente, teve de se aparelhar e realmente se instrumentar, para aprender a fazer investimentos desse porte, 500 milhões, uma vez que vinha, como já disse, realizando investimentos da ordem de 50 milhões anuais.

Principais projetos implantados e investimentos realizados.

Posso depois citá-los, se for de interesse dos Srs. Deputados e Senadores.

De fato, o nível de cumprimento dessas metas, do ponto de vista dos orçamentos de então, foi da ordem de 70%. Foram realizados nesse período investimentos de R$2,6 bilhões, quantia muito expressiva não só pela tradição dos Correios, em matéria de investimentos que era praticamente zero, mas também pela resposta que o corpo gerencial deu, saindo atrás do seu adestramento, do seu aperfeiçoamento e aprendendo realmente a empregar bem os recursos.

Eu queria me referir aos resultados operacionais da Empresa nesse período em que estivemos à frente dela. Não me referi totalmente a minha participação no setor postal brasileiro, quando disse que fui convidado em 1995 para o cargo de vice-Presidente, função que exerci até 1997, deixei essa diretoria da Empresa na condição de vice-Presidente Executivo, assumi a Secretaria de Serviços Postais, criada naquele mesmo ano – 1998 –, e estruturei essa Companhia nos moldes de uma incipiente agência regulamentar para o setor, e, ali, tive oportunidade de coordenar também o chamado projeto de reestruturação do Setor Postal Brasileiro, já como membro, como Secretário de Serviços Postais, tarefa que dei continuidade em 1999 e parte de 2000, período em que fui Presidente dessa mesma Companhia, missão que muito me honra.

Houve no período uma evolução. Tal era o acerto da percepção da equipe que realizou o diagnóstico, que nós saímos de um tráfego de 4,7 bilhões de objetos processados e entregues e atingimos, em 1999, a cifra de 7,4 bilhões, o que significa, nesse período, um incremento do movimento dos Correios da ordem de 60%. Isso demonstra que o diagnóstico era correto. Havia uma demanda não atendida, mercê do estado de abandono em que a instituição nesse momento se encontrava.

A qualidade operacional, que mede exatamente a pontualidade com que os Correios entregam os objetos, cresceu de 91,9%, em cartas comuns, para 95% em 1999; e o Sedex, que os senhores talvez prefiram e é um serviço diferenciado, pulou de 97,9% para 99,6% em 1999.

A produtividade, que é uma medida internacional da ação dos Correios no mundo todo, é avaliada pelo número de objetos processados dividido pelo corpo funcional, pelo número de funcionários.

Os Correios, à época em que eu deixei a companhia, tinham 84 mil funcionários, pelo regime celetista, portanto empregados de carteira profissional, e 21 mil outros agregados, contratados pelos mais variados regimes e convênios, envolvendo-se aí os apenados, os deficientes físicos, os terceirizados, realmente uma massa, um segmento de mais de 20 mil pessoas, o que fazia com que nós lidássemos – os Correios – com mais de cem mil famílias no Brasil ou, pelos números estatísticos, pelo menos com 500 mil pessoas que acabavam, considerando as famílias, girando em torno desses cem mil agentes do processo postal brasileiro.

Na parte de resultados financeiros é bom que se ressalte que a empresa, desde 1984, já não dependia do Tesouro Nacional, não tinha aporte do Tesouro Nacional e, digamos assim, sobrevivia com os seus próprios recursos, com as suas próprias possibilidades. Tinha uma performance econômica e financeira modesta, muito discreta, ruim em alguns momentos, mas, de qualquer forma, ela não dependia do Tesouro.

E de lá para cá, também até o ano em que a deixei, com muita felicidade constato que ela continua a não depender do Tesouro Nacional, com uma singularidade: ela passou a dar lucros a partir do primeiro ano de 1995. Apesar de alguns esqueletos, que, na linguagem de contabilidade, tivemos que baixar a lucros e perdas, ela teve um lucro operacional. A partir de 1996, ela tem tido lucros sucessivos, a ponto de, no período de 1994 a 2003, dado que eu obtive pela publicação de balanços, ela gerou um lucro líquido acumulado de 2,1 bilhões de reais. Pagou dividendos ao Tesouro Nacional, procedimento do qual também me orgulho, pois insistimos para que destinássemos recursos do lucro auferido ao nosso acionista, ao dono das ações, ao dono de capital. Isso não parou de ser feito de lá para cá até os nossos dias.

Foram pagos ao Tesouro Nacional dividendos, no período de 1997 a 2003, da ordem de 455 milhões. Os tributos pagos nas diferentes modalidades, nesse mesmo período, alcançaram a cifra de 2,3 bilhões de reais. Portanto, uma performance operacional muito satisfatória e seguramente uma performance econômica e financeira igualmente satisfatória.

Tenho as demonstrações financeiras, mas são documentos públicos, penso que estão disponíveis a qualquer...

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Mas, se V. Sª quiser, poderá encaminhá-las ao Relator.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Pois não, pois não.

Queria me referir aos balanços da empresa. No final de nossa gestão procuramos dar publicidade a esses balanços, dar satisfação à sociedade, uma vez que é do conhecimento dos que militam no setor postal brasileiro a minha posição favorável à transformação de uma empresa pública em uma empresa pelo regime da sociedade anônima, de economia mista, atuante, competitiva. Para que isso acontecesse, cada vez mais, ela deveria dar satisfações à sociedade, dar satisfações ao mercado, dar satisfações a fornecedores, a todos os agentes desse processo. Essas demonstrações financeiras, portanto, foram, em sua maioria, publicadas em veículos de grande circulação, além, é óbvio, das publicações oficiais em **Diários Oficiais.**

Para nossa felicidade, no período 1995 a 1999, todas nossas contas foram aprovadas pelo Tribunal de Contas da União com ressalvas, com recomendações, como esses acórdãos demonstram. Há uma exceção: o ano de 1997, quando ouve um recrudescimento da análise em razão de um processo de recursos humanos e concursos públicos. Nós, portanto, não tivemos a felicidade de ver a aprovação também nesse ano. Ao que consta, pelo que me informou a secretaria... Nós temos uma secretaria nos Correios que só existe para dar satisfação aos organismos de controle, a todos os organismos de controle. Ela existe ali exatamente para informar.

Desculpe-me, Sr. Presidente, Sr. Relator. Meu aparelho telefônico estava extraviado e acabei de recebê-lo. Ele nos deu esse pequeno trabalho.

Eu dizia que a empresa, consciente das suas responsabilidades para com a União e para com a sociedade, mantém, permanentemente, um órgão que dá ciência e mantém todo o fluxo de comunicação, especialmente com a União, com o Tribunal de Contas e com outros organismos de controle, Ciset, CGU.

Nós introduzimos também nos Correios a figura do Conselho Fiscal, embora isso não fosse uma obrigação legal. Era facultativo, como é facultativa de certa maneira a existência dele nas próprias sociedades anônimas, que não é a condição dos Correios. Portanto, mais um organismo a se manifestar especialmente pela movimentação financeira da empresa.

Conscientes de que os esforços até então desenvolvidos eram localizados, necessários, porém localizados e mostraram seus resultados, como acabei de expor agora, nós nos lançamos a uma tarefa realmente importante de reforma do sistema nacional dos Correios como um todo. Não se tratava tão-somente de alterar a Lei Postal atual, ainda hoje em vigor, que disciplina fundamentalmente a ação da Empresa Brasileira de Correios, quando o setor, no Brasil e em todo o mundo, realmente não é composto apenas pelo operador público de Correios. Queiramos ou não, com ou sem lei, com ou sem disposições legais, as atividades dos

Correios no mundo são compostas realmente por vários agentes desse processo. Aquilo que propúnhamos e aquilo que a lei proposta perseguiu foi uma disciplina geral do sistema nacional de Correios.

O cenário mundial que encontramos, uma vez que, a exemplo do que foi feito na área de telecomunicações, fomos ao mundo saber o estado da arte... Embora os Correios tenham uma cultura internacional muito intensa, até mesmo pelo tipo de atividade, fomos a outros países ver o que se fazia em matéria de Correios mais avançados, Correios que já tinham vencido aquele limite tecnológico no qual ainda não tínhamos ingressado. Percebemos mutações muito importantes. A União Postal Universal é a ONU, vamos dizer assim, dessas atividades postais, proporcionava essa experiência em seminários, em encontros, em congressos nacionais. Vimos, no mundo todo, clientes mais exigentes, clientes mais conscientes do atendimento das suas demandas. Havia novas tecnologias em comunicação acossando todos os dirigentes postais, no sentido de que procurassem novas formas de atendimento, aumento da competitividade, grande concorrência entre os agentes desse sistema, uma redução total ou progressiva dos monopólios, das empresas estatais – a exemplo do que acontecia com os Correios, tinham, na maioria dos países, as suas posições reduzidas, os monopólios reduzidos -, e um outro movimento, que acompanha, digamos assim, o fenômeno da globalização, que era um movimento de internacionalização dos Correios. Então, havia de se fazer uma reforma que contemplasse, digamos assim, toda essa efervescência no plano internacional. Não se tratava apenas de fazer um ajuste racional na atuação da empresa, mas de reconhecer e tentar colocá-la *up to date* com tudo que se fazia no mundo, colocar os Correios brasileiros, já tradicionalmente muito bem vistos na comunidade internacional, realmente numa posição de destaque, recuperando o tempo perdido, recuperando os patamares perdidos. Essa reforma ficou, digamos assim, enxergada, olhada, sob cinco prismas fundamentais: uma reforma regulamentar, ou seja, a regra do jogo haveria de ser criada para todos os agentes; uma reforma mercadológica, uma vez que era importante que se alterasse as práticas específicas da ECT no campo, no mercado; uma reforma financeira, tecnológica e organizacional. Isso resultou na Lei Geral do Sistema Nacional de Correios, um projeto de lei encaminhado pelo Executivo no ano de 1999 ao Congresso Nacional, que, por diferentes injunções e muitos motivos, permanece nos Anais do Congresso Nacional até os dias de hoje. Essa lei, fundamentalmente, tem um destaque: ela concebia um sistema nacional de Correios. Ela não tratava única e exclusivamente da ECT; ela conceituava o serviço, definia claramente o que eram os serviços postais, definia essencialmente o regime de exploração em que poderiam ser operados os serviços postais, notadamente no que diz respeito à atividade privada. Aí eram instituídos, eram trazidos também para o campo da atividade postal os regimes de autorização, de permissão e, especialmente, o regime da concessão, dado que a natureza dos serviços postais é pública. Portanto, a atribuição da operação desse serviço à atividade privada há que ser feita especialmente pelo regime das concessões ou, em algumas circunstâncias, pelas autorizações ou permissões. Propunha a criação da Agência Nacional dos Correios, separando as funções que hoje ainda são muito confusas. Elas estão interpenetradas. Os Correios acabam tendo, em relação ao mercado, funções de agência reguladora. Ele terá de exercer, ainda hoje, a sua missão, de certa forma trabalhando contra os seus próprios concorrentes, o que cria, realmente, antagonismos muito críticos. Por quê? Porque ele ainda tem missões de funções reguladoras. Então, a Agência Nacional dos Correios viria para regulamentar a ação de todos os agentes do setor postal, inclusive os próprios Correios, que estariam, no que diz respeito à regulação, subordinados a essa Agência Nacional. A transformação da ECT, esse é talvez o ponto mais importante, dando a ela uma característica realmente empresarial, de empresa de economia mista, com condições de operar competitivamente no mercado e, ao mesmo tempo, aceitando os compromissos, a universalização dos serviços postais, vale dizer, fazer com que eles pudessem chegar, ainda que fosse na sua porção de cesta básica, digamos assim, a todo cidadão morador do nosso país. Esse projeto reconhecia essa obrigação e, sobretudo, colocava essa obrigação no ente operador, que eram os Correios, e liberava a competição. Criava prazos para que as áreas ainda monopolizadas – leia-se que os Correios no Brasil têm uma ação proveniente de serviços monopolizados, ou pelo menos isso ocorria na época em que eu era presidente –, da ordem de 40%, 45%, restando a maior parte da sua receita para as atividades ditas privadas e, portanto, competitivas. Então, essa curiosidade de trabalhar numa faixa de serviços exclusivos, portanto, digamos estatizados, monopolizados, mas ter o grosso das suas receitas em campos competitivos, em áreas competitivas...

Esse regime, como disse aos senhores, foi realmente encaminhado ao Congresso Nacional e, por força de interesses divergentes na própria sociedade, dos agentes desse processo, não teve sucesso no seu andamento, não foi aprovado, mas essas idéias ainda estão permanentes e poderão, quando houver interesse realmente do País, quando houver interesse e reco-

nhecimento da importância do setor postal, poderá ser bastante útil para a retomada dessas bandeiras.

A empresa nesse período de 1999 cedeu, evidentemente, quadros muito importantes para a elaboração desse projeto. Contamos com uma assessoria internacional de empresas privadas de consultoria internacional. Mas contamos, sobretudo, com a consultoria da União Postal Universal, que acompanhou todo esse esforço. Viemos até, na época, em seminários e para cá vieram todos esses dirigentes, de certa maneira, examinando o nosso esforço e participando com sugestões, para que tivéssemos uma reforma postal adaptada, de fato, às necessidades do novo século.

Mas queria dizer aos senhores que a empresa, a par de sua performance, na qualidade dos seus serviços, no volume dos seus serviços e na própria produtividade, fez com que a sua atuação fosse, efetivamente, reconhecida pela sociedade. Ela foi considerada pela revista **Exame**, dentre 40 empresas concorrentes, a melhor empresa prestadora de serviços públicos do País em 1999.

Ela, no mesmo ano, foi agraciada com o *top* de recursos humanos, com o projeto de gestão de produtividade aplicada aos Correios, com o *top* de *marketing* no ano 2000, com o projeto Correios Online e o *top* social, no ano 2000 também, com o projeto Carteiro Amigo ou Aleitamento Materno.

Há uma pesquisa encomendada pela Confederação Nacional da Indústria no ano 2000 – quem realizou, tecnicamente, foi o Ibope –, que colocou os Correios, num universo de cinco empresas públicas importantes do País, como a melhor empresa pública do País no reconhecimento do público.

E, no período da minha gestão, tive a felicidade de ver a empresa sendo reconhecida como uma instituição de maior credibilidade no País, exceto por um ano em que ela tirou o segundo lugar e foi superada pela instituição dos Bombeiros, o que não chega a ser uma derrota e nós, naturalmente, nos orgulhamos muito também desse resultado.

A empresa, portanto, à mercê desse esforço realizado e seguido, pôde, realmente, reunir esses resultados, apresentar esses resultados à sociedade num período em que eu tive um grande comprometimento, um período de gestão em que tive uma grande responsabilidade nesse setor.

Sr. Presidente, Sr. Relator, pergunto se há tempo ainda, porque eu teria interesse de declinar algumas informações a respeito de Rede Postal Noturna e a respeito de franquias.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Sinta-se à vontade.

O SR. EGYDIO BIANCHI – A respeito de Rede Postal Noturna que tem sido, historicamente, um assunto tumultuado mesmo, eu diria que, do ponto de vista dos Correios e a Rede Postal Noturna, a relação que existe é de certa forma a mesma relação que existe entre o setor de aviação civil e as companhias, o tipo de conflito. Porque a maioria dos problemas que se enfrentou, eles têm origem no modelo que o País adotou para fazer a gestão do transporte público, da aviação civil. As virtudes eventuais e os vícios, os entraves são muito parecidos.

Foi feito, como disse já aos senhores, uma primeira revisão, e até para o nosso espanto reduzimos de 50 para 29 linhas; uma redução, uma economia que se proporcionou, permanentemente, de US$50 milhões, à cotação da época.

Continuamos com esse trabalho, e o Tribunal de Contas da União, em 1996, passou a exigir que se fizesse concorrência no setor; e, de certa maneira, mais ou menos em contradição com o regime do órgão regulador daquele momento – o regime, as posturas, os procedimentos, as normas, as portarias –, que era o Departamento de Aviação Civil, o famoso DAC, que os senhores conhecem, que se subordinava ao Ministério da Aeronáutica.

A empresa ficou diante de uma situação bastante difícil, uma vez que ela é obrigada a fazer licitação num segmento que não tinha *players*, não havia concorrentes, ou melhor, os concorrentes que existiam quase nunca satisfaziam as condições das linhas existentes, das cargas transportadas; necessidade de equipamentos de vôo, de aviões, de aeronaves. Havia grandes dificuldades, mas, mesmo assim, encontramos uma licitação em andamento, que foi sustada, e levamos, em 1995, uma grande licitação para renovar os contratos da RPN. E ela não foi bem-sucedida; naturalmente, ela não foi bem-sucedida. A maioria das linhas não conseguiu resposta, não havia concorrentes interessados e tal. E, mediante um trabalho do jurídico do Ministério das Comunicações de então, em conjunto com, de certa maneira, o próprio DAC, foi gerado um procedimento especial de negociação. E carregava com ele muitos dos mecanismos da Lei nº 8.666, mas, de certa maneira, desprezava algumas questões, porque era sabidamente um setor onde não havia *player*, não havia gente disputando. Então, dever-se-ia fazer um trabalho, realmente, em que o interesse da empresa fosse preservado, em matéria de custo, de eficiência, mas, de qualquer forma, sacrificar algumas das exigências da 966.

Isso foi realizado. Esse procedimento foi realizado, a rede postal noturna foi reeditada, foi atualizada com novas linhas. E, nessa época, grande dificuldade

existia porque quem participava ou quem não participava, os preços que eram adotados eram variáveis que nunca estiveram nas mãos do contratante. O contratante era a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, mas quem podia voar no trecho "ab", no trecho "xy", no trecho "mn" não éramos nós que definíamos, não tínhamos condições técnicas de distinguir – isso é verdade –, não tínhamos condições técnicas de distinguir quem eram os habilitados a realizar esse ou aquele. E havia mais uma singularidade: só podiam trabalhar na nossa rede mediante uma interpretação do DAC da época; só podiam trabalhar, digamos assim, na rede postal noturna, as empresas, ditas, regulares. Isso, então, estreitava o universo de proponentes para nós de uma maneira muito rigorosa.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem estabelecia essas linhas ditas regulares?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Era o DAC. A função de linhas regulares ou não-regulares, companhias regulares ou não-regulares é um regulamento do DAC, e havia um suporte, numa interpretação, numa lei, alguma coisa desse gênero, do qual, no momento, não me lembro. Mas, se for de interesse do Deputado, posso pesquisar e ressuscitar.

Então, era curioso como a companhia deveria se lançar em licitações, se ela não tinha credenciais e não tinha condições; de um lado, não tinha condições técnicas mesmo, porque ela não tinha condição de examinar o perfil técnico dessas companhias, mas, de outro lado, ela teria condições perfeitamente de fazer crescer o número de proponentes. Mas quem determinava quem podia e quem não podia operar realmente era o DAC. Isso deixava a companhia... deixava e, penso eu, até 1999, continua deixando a companhia... até que uma salvadora portaria do DAC veio a liberar totalmente empresas regulares e não-regulares, para que entrassem nos regimes realmente competitivos.

Houve um fenômeno crítico, que está sempre na agenda das pessoas preocupadas com o setor. Antes de relatar isso, eu queria dizer que, portanto, sempre houve da parte da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos e, em particular, do Vice-Presidente, durante três anos, e Presidente nos anos de 1999 e parte de 2000, que é a criatura que vos fala aqui agora, um empenho muito grande para fazer crescer esse universo de proponentes. Então, evidentemente que nós nos insurgimos administrativamente, pois não tínhamos outros recursos, contra a autoridade que, de certa maneira, jurisdicionava o setor, pleiteando que ela fosse realmente mais generosa na liberação das empresas, coisa que acabou ocorrendo. E foi exatamente nessa época que surgiram, no cenário postal brasileiro, um conjunto grande de empresas por força desse esforço que nós fizemos. Que a nós interessava fundamentalmente praticar, senão concorrência, certames que pudessem comparar a capacidade de um, a capacidade de outro.

Vejam que nós fomos alarmados: entramos e, no primeiro exercício que fizemos, ganhamos US$50 milhões. Uma redução de US$50 milhões. Então, era sinal de que o setor apresentava realmente gorduras, como se costuma dizer. Então, era um setor ao qual a gente tinha que se dedicar permanentemente. Insistimos muito para que realmente viessem para o setor novas companhias. Aí, surgiram inúmeras companhias. Tenho essa relação, mas não me lembro de todas elas.

Entre as chamadas companhias regulares, inseria-se a Vasp. A Vasp, a par de ser um fornecedor, era um forte concorrente nosso, uma vez que ela tinha a Vaspex, que era exatamente uma empresa subsidiária concorrente num setor do futuro, vamos dizer assim. Uma vez que os Correios antigos vão se superando, vão surgindo novas modalidades importantes para a sobrevivência das atividades dos Correios. Uma delas é o setor das encomendas. Então, de fato, a Vaspex era um concorrente nosso, um concorrente final, e, curiosamente, ela também era um fornecedor de serviços – digamos assim – que determinava a nossa eficiência. Então, é uma coisa realmente muito ambígua, não é? Para que se tenha uma idéia, ela detinha 44% da operação da RPN na época, com diversas linhas. Mas também, a partir do momento em que se iniciou o controle das chegadas dos vôos, dos atrasos e dos cancelamentos, ela respondia por 23% das irregularidades de toda a rede. No período de 1996 a 1999, a Vasp foi responsabilizada por 16% no atraso de toda a carga nacional. É uma carga realmente brutal, e ela teve, então, no seu currículo, esse índice de ter atrapalhado os Correios em 16% de toda a sua carga. Mas eu acho que o controle operacional se fazia, e não foi aí que os interesses e as ocorrências se deram.

O problema foi que a Vasp foi caminhando para um estado de precariedade na manutenção dos serviços, até o momento em que tínhamos elementos claros de cancelamento do contrato ou não prorrogação - não estou muito seguro se era não prorrogação ou cancelamento do contrato. E aí se deu um pleito, considerado correto, que, independentemente de não estar em dia com suas obrigações com o Fisco brasileiro e tal, ela havia trabalhado num determinado período. Portanto, havia uma receita a ser paga a ela. Mas o INSS, na época, por meio de uma representação, pleiteava que os recursos que nós devêssemos pagar à Vasp deveriam ser pagos a ele, INSS, que era credor de uma grande quantia. Foi aí que a Vasp resolveu essas dificuldades, chamadas burocráticas,

com a utilização de CNDs – Certidões Negativas de Débitos falsas.

Então, de um lado, nós tínhamos as certidões nas mãos, que liberavam os pagamentos e os contratos. Consultávamos o INSS, ele não reconhecia a legalidade dessas certidões, e, ao fim e ao cabo, acabamos descobrindo que se tratava de CNDs emitidas por uma padaria no Rio de Janeiro, que eram adequadas aos interesses da Vasp de então. Foi uma coisa realmente escandalosa, e não era mais possível.

Tivemos um grande desgaste com... Nós não tínhamos nenhum prazer de ficar desatualizando ou desativando uma empresa nacional. Nós queríamos é que mais empresas entrassem no circuito, mas realmente a atuação deteriorada da qualidade dos serviços dos correios da Vasp era quase que insuportável. Foi nesse momento que houve a exclusão da Vasp do nosso trabalho – e ela respondia pela bagatela de 44% em todo o movimento da rede postal noturna. Nós tivemos de fazer contratações emergenciais. Naquele momento, várias companhias detinham condições para arcar com as cargas dos diferentes tramos que, até então, eram atendidos pela Vasp. Nós contratamos essas companhias em caráter realmente emergencial. E, como era nosso propósito, desde o início, seguiu-se um estudo de reformulação geral da RPN. Contratamos a consultoria de uma empresa francesa – a Aeropostal –, que é controlada pelos correios franceses e que, naturalmente, é controlada pelo Tesouro com uma larga experiência em transporte aéreo de carga postal. Eu tenho um relatório que, se houver interesse da Comissão, posso fazer chegar a ela. Ela tem a recomendação de um tratamento importante para o futuro. Além de todos os trabalhos da atuação cabocla, nós estivemos melhorando a organização, melhorando a racionalização, acabando com os abusos existentes por parte de fornecedores. E eles, realmente, propuseram uma reforma mais radical e apontaram para nós três caminhos alternativos. Um deles seria uma tentativa de conviver com o modelo atual que eles chamam de alugar as cargas disponíveis nas diferentes companhias. Vejam os senhores que, se não me engano, em 1974 – e está na história dos Correios – nós, brasileiros, dependíamos do transporte de cargas no reservatório de malas, de bagagens, no transporte de passageiros. Isso evoluiu como a RPM, que tinha vôos dedicados e só transportavam, portanto, a mala postal. Em alguns exemplos em todo o mundo, a especialização foi a tal ponto que as frotas só levavam a mala postal e, portanto, não ficavam dependendo desses vazios isolados que as companhias têm. Nenhuma delas, sobretudo, não costuma dar a sua carga postal aos concorrentes que, realmente, não é uma medida inteligente no mundo capitalista e concorrencial.

Há um outro caminho que essa empresa francesa apontava, que nós tivéssemos alguns parceiros preferenciais, mas ela previa, aí, dificuldades, uma vez que nós tínhamos a Lei nº 8.666. Qual seria o critério para você escolher, seria a companhia X ou a Y? E, aí, vinha todo um modelo a partir disso. E uma terceira opção, mais radical, dividia muito as autoridades do setor, inclusive no setor postal, no Ministério das Comunicações, sobretudo no DAC, que era a constituição de uma empresa especial só para transportar a carga postal brasileira. Tinha a nossa crítica, tinha condições econômicas. Era um estudo belíssimo nesse setor. Evidentemente, há prós e contra mas o que eu estou querendo registrar é que houve alguns incidentes de percurso, algumas dificuldades de percurso, mas foi feito um estudo de fôlego, acenando com a possibilidade de tirar essa questão da RPM de tantos atritos, de tantas improvisações, de tantas ilegalidades e – por que não dizer? em alguma circunstâncias –, de tantos abusos?

Sr. Presidente e Sr. Relator, outro tema: franquias – as franquias brasileiras, na época em que foram atribuídas, não existia a Lei das Franquias no Brasil e tampouco existia no Brasil a Lei das Concessões.

Ela, então, foi instituída em cima de um contrato comercial que, de alguma maneira, obrigava as partes – um contrato extremamente frágil não só do ponto de vista da autoridade concedente – que são os Correios ou o Governo, o Poder público através dos Correios, como, também, até para os próprios empresários porque ali não existem mecanismos claros que garantam seus direitos e, sobretudo, não garantem também as suas obrigações. Então, era uma formulação de uma tarefa, de uma empreitada vaga, complicada, sem precisão, mas tem o mérito de ter começado, de ter aberto as portas para essa colaboração da área privada. E, a meu ver, tem um vício crucial, que foram os mecanismos de atribuições dessas instituições, dessas agências, dessas franquias. Esse Contrato, evidentemente, tão precário, existe até hoje, mercê de uma série de articulações que o setor e esses empresários fizeram junto ao setor público, junto ao Congresso. Ao longo do tempo, têm-se conseguido dar uma sobrevida a esses contratos, e são contratos, do ponto de vista dos Correios e do ponto de vista do seu dirigente nesse período, inservíveis, contratos realmente muito precários.

Eu, particularmente, tinha uma posição muito severa em relação a essa questão. Como dirigente, como engenheiro, como administrador, eu tinha uma posição muito severa, e alguém me perguntou outro dia como é que era a minha relação com o setor. Eu

falei: "Olha, eu não respondo isso com muita satisfação, mas eu sou considerado inimigo público número um das franquias" - embora entenda claramente que a terceirização do atendimento nos Correios é uma necessidade, mas não com base num aparato jurídico tão precário quanto este, mormente agora, quando não só temos lei de franquia no Brasil, como temos uma lei que regula as concessões e que diz que o serviço público, para ser atribuído à atividade privada, tem que ser feito mediante esse regime.

Esses contratos que foram firmados no começo da década de 90 provavelmente, todos eles completavam dez anos em 1999, 2000, 2001; portanto, no meio da nossa gestão, estourava esse tipo, digamos assim, de ocaso, e nós procuramos acelerar esse mecanismo. E tivemos até uma iniciativa, tendo em vista que havia uma transição muito complexa, e era um número de 1.500 casas funcionando dentro da nossa rede; mas não tínhamos interesse de ter uma ação predatória. Nós procuramos nos aproximar do Governo, entrar com uma medida que criava um período de transição para que os empresários se adaptassem e passassem a entrar nas novas concorrências, que seriam concorrências complexas; não seriam coisas muito simples, levando-se em conta que iam lidar com pessoas que já exerciam as atividades, que já tinham ativos no setor. Não eram coisas certamente ordinárias; era um mecanismo bastante complexo.

Então, precisávamos de um tempo, e esse tempo é o que era pleiteado numa medida provisória – se não me engano, uma medida provisória do setor elétrico; lamentavelmente, pegando carona, digamos assim, nessa medida do setor elétrico. E, para nossa surpresa, nós pegamos carona nessa medida provisória, mas pegaram carona também na nossa iniciativa. Assim, nossa proposição saiu totalmente deformada, e o setor conquistou, nessa oportunidade, uma prorrogação em torno de dois anos. Posteriormente, ele conseguiu uma nova prorrogação de mais cinco anos, contestada por alguns Ministérios Públicos regionais, a exemplo do que ocorreu com o Ministério Público de Minas Gerais, que se insurgia contra a constitucionalidade desse tipo de prorrogação.

Enfim, as coisas não foram pacificadas, sequer resolvidas, mas foram prorrogadas. Ao que me consta, esses contratos seguirão até o ano de 2007, momento em que o setor público, o Governo terá que se haver novamente com essa questão, mormente porque, se não tratar dela e deixar para a antevéspera, terá dificuldades também de pacificar esse setor.

A exemplo do que fizemos na RPN, trabalhamos também com uma consultoria internacional muito importante, que nos foi proporcionada pelo Correio do Canadá, um dos melhores correios do mundo e que administra a maior rede de franquias do mundo, algo em torno de 15 mil franquias – franquias ou lojas terceirizadas –, portanto, uma experiência única no mundo de organização do mercado de varejo.

Essa consultoria esteve aqui no Brasil, especialmente em Brasília, com um grande número de técnicos; realizou um trabalho demorado, de um ou dois anos, e foram propostas linhas de atuação muito interessantes, muito importantes. E, mais uma vez, como não poderia deixar de ser, voltava-se a falar nas concessões como o suporte jurídico ideal. Eles analisaram todas as nossas formulações jurídicas e chegaram à conclusão de que realmente teria que ser por esse caminho.

Esse estudo está disponível na Empresa, e ela não conseguiu avançar muito, mas a cultura nossa hoje de correios, no Brasil, foi muito melhorada pela percepção de negócios de varejo, de relação com o público, a partir dessa convivência com os técnicos do Canadá, que estiveram conosco por mais de um ano aqui, por intermédio desse convênio.

Finalmente, eu falaria de um assunto importante, mais para citar que temos aqui um documento que pode ser de interesse da Comissão. Falo da chamada instituição do Banco Postal no Brasil. Eu fui um dos dirigentes que se interessou por essa matéria, que retirou essa matéria do fundo do baú. Localizamos nos Correios as pessoas que já haviam estudado esse assunto no mundo todo, especialmente no Japão, fizemos um trabalho extremamente interessante e aplicamos realmente nos Correios. Chegamos a montar a primeira fase preliminar, uma fase piloto, por assim dizer, dos Correios Postais, em parceria com o Banco do Brasil.

Todas as recomendações apontavam nesta direção: vocês não podem, depois de trinta, quarenta anos de vida postal, tentar fazer uma coisa que não é a vocação de vocês. Vocês têm um grande aparelho, uma grande rede e, para otimizar e se valer deste patrimônio, precisam fazer parcerias com quem tem essa vocação da operação financeira, que vocês não têm.

Fomos buscar essa parceria no Banco do Brasil, porque era mais fácil, era mais razoável e não dependia de mecanismos de escolha, de seleção no mercado. Lembro-me que a primeira loja foi implantada em Soretama, que é um Município do Espírito Santo, e sucederam-se algumas dezenas de lojas.

Finalmente, depois da minha saída dos Correios, o modelo foi reelaborado e estudado na sua profundidade e, mediante um mecanismo de consulta pública muito ampla, foi realmente idealizado o modelo que está em vigor. Diga-se de passagem, um grande sucesso para fins de atendimento e para fins comerciais, pelos nú-

meros, pelos relatórios que são divulgados. Tenho aqui um sumário executivo do projeto que foi desenvolvido pela empresa de consultoria dos correios holandeses, a PostBank International Consultancy, importante para que os senhores Parlamentares possam ter oportunidade de buscar onde surgiram as raízes dessas idéias, das formulações que nortearam, até certo momento, as ações dos Correios brasileiros.

Peço desculpas pelo gasto excessivo de tempo e agradeço a atenção dos senhores.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Esta Presidência agradece a V. Sª e, de pronto, passa a palavra ao Relator para as indagações.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, cumprimento, inicialmente, o depoente agradecendo pela exposição original.

Apenas para precisar, eu gostaria que o depoente indicasse datas da sua vida funcional nos Correios. O seu ingresso nos Correios se deu há quantos anos?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Em 1995, na primeira gestão do Presidente Fernando Henrique, na condição de Vice-Presidente, como pude expor, com a missão, digamos assim, de administrar a empresa olhando para dentro do sistema. O Presidente de então era Henrique Hargreaves, que ficou com a missão, como Presidente, de se relacionar externamente, de olhar a empresa para fora, com as missões que normalmente são atribuídas ao Presidente. Mas o relacionamento com o Governo, o relacionamento com a sociedade, eu tinha, então, essa incumbência...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era só uma Vice-Presidência?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Era só uma. Foi criada exatamente nesta ocasião para que esse modelo de um profissional, eventualmente com maior experiência de gestão empresarial, olhasse a empresa para dentro e o outro, que não detinha, necessariamente, essa experiência, ficasse com outras missões. Foi um modelo criado exatamente para essa circunstância.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo. Então, o senhor entrou em 1995, como Vice-Presidente, durante a Presidência do Sr. Henrique Hargreaves. Quem era o Ministro à época?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Sérgio Motta.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Até quando o senhor ficou na Vice-Presidência nesse período?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Essa minha função se estendeu – o mês, eu confesso, não me lembraria – até o final de 1997, quando, por dificuldades, creio eu, de articulação política e de *performance* de alguns dos dirigentes, o Ministro de então exonerou a diretoria como um todo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o Ministro? Ainda era o Ministro Sérgio Motta?

O SR. EGYDIO BIANCHI – O Ministro Sérgio Motta. Ele exonerou a diretoria como um todo e colocou, no lugar da diretoria antiga, uma nova diretoria, especialmente montada, em sua maioria, com funcionários de carreira. Os demais...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor saiu dos Correios no final de 1997?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu saí. Em 1997 deixei de ser Vice-Presidente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi para qual atividade?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu assumi a Secretaria de Serviços Postais, no Ministério das Comunicações, com a incumbência de montar essa Secretaria, de dar estrutura, de dar substância para ela. Como eu lhe disse...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela já existia antes ou não?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, existia um departamento, uma unidade administrativa bastante modesta, que não estava, digamos assim, à altura da importância que o Governo, em especial o Ministro Executivo do setor, que era o Ministro Motta, atribuía ao setor postal.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o indicou para o cargo da Vice-Presidência em 1995?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Foi o engenheiro Sérgio Roberto Vieira da Motta, o Ministro de então.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Então, no final de 1997 o senhor assumiu a Secretaria de Serviços Postais, no Ministério das Comunicações, que, à época, era titularizado pelo Ministro Sérgio Motta.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Exatamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ficou até quando na Secretaria?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu fiquei até... Não posso lhe precisar a data, mas posso lhe precisar as circunstâncias em que eu me afastei. Eu me afastei para fazer parte da equipe que conduziu a campanha da reeleição do Presidente Fernando Henrique.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, então, trabalhou na campanha à reeleição do Presidente Fernando Henrique Cardozo?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Trabalhei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a função que V. Sª exercia na campanha?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Minha função na campanha era... Eu era ordenador de gastos de campanha nas áreas de TI, de tratamento da informação, informática, *telemarketing*, tudo o que dissesse respeito ao tratamento da informação. Eu era um executivo desse setor. Adicionalmente, eu era Vice-Presidente do Comitê de Finanças e me ocupava exatamente de uma mesa controladora de recursos que existia em Brasília e que, de certa maneira, regulava o trabalho entre os gastadores de dinheiro e os captadores de recursos no mercado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor era o Vice-Presidente. Quem era o Presidente?

O SR. EGYDIO BIANCHI – O Presidente... Na verdade, esse era um modelo que o PSDB e a campanha adotaram. O Presidente era o Presidente formal do Comitê Nacional de Campanha, que era o Ministro Bresser. Havia um tesoureiro, que era o engenheiro Adroaldo Wolf, de São Paulo. Minha missão de Vice-Presidente não era prevista na legislação. Era uma acomodação interna que nossa campanha tinha, até mesmo porque o Ministro Bresser não tinha disponibilidade de estar permanentemente em Brasília, exercendo exatamente a missão que eu exercia, subordinado a ele, de controle da mesa de recursos, digamos assim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época, o senhor chegou a trabalhar como arrecadador de recurso eleitorais para a campanha?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não era a minha missão. Minha missão não era trabalho de captação. Eu acompanhava esse trabalho dos vários segmentos que faziam. De certa maneira, eu era um cliente desses recursos porque, de outro lado, eu haveria de abastecer os operadores, os gastadores de dinheiro. De forma que eu acompanhava esse trabalho por obrigação e por necessidade de manter os orçamentos atualizados, as nossas receitas e despesas equilibradas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem filiação partidária?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu tenho. Como eu lhe disse, comecei na vida política militando na Ação Popular. Posteriormente, quando voltamos às forças que lutavam contra o Estado autoritário, resolveram adotar a via legal, e eu ingressei no MDB. Posteriormente, eu me transferi para o PMDB. Faço parte daquela facção que deixou o PMDB e criou, em 1988, o PSDB, ao qual sou filiado, embora minha militância não seja ativa hoje.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor é filiado ao PSDB de que Estado?

O SR. EGYDIO BIANCHI – De São Paulo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São Paulo.

Quando terminou a campanha eleitoral, o senhor, obviamente, deixou de atuar nas funções que tinha. O senhor foi para que cargo?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu assumi a Presidência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso foi exatamente em que data? O senhor se lembra?

O SR. EGYDIO BIANCHI – No início de 1999, no início da gestão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Logo no início do Governo?

O SR. EGYDIO BIANCHI – No início do Governo, na montagem da...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem o indicou para esse cargo?

O SR. EGYDIO BIANCHI – O Presidente da República.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Diretamente o Presidente da República?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não creio. Tinha vários companheiros que devem ter feito chegar a ele esta gestão, mas o convite partiu dele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o Ministro à época?

O SR. EGYDIO BIANCHI – O Ministro, à época, eu creio que era Luiz Carlos Mendonça de Barros. Perdão, não era. Era o Ministro Pimenta da Veiga.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pimenta da Veiga.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Que entrou exatamente... Cuja gestão iniciou-se exatamente em 1999.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor fica na Presidência dos Correios até que ano?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu fico até o ano de 2000, até julho de 2000, uma data muito simbólica, que é 14 de julho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Saindo da Presidência dos Correios, foi para que função?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu fui para a atividade privada, onde eu me encontro até hoje. Deixei de...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor trabalha em alguma empresa ou tem alguma empresa?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu sou titular de uma pequena empresa, Valbec, em São Paulo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como chama?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Valbec.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Valbec.

O SR. EGYDIO BIANCHI – É. A Valbec, em sucessivas alterações do objeto social, ela é uma empresa de consultoria, engenharia e sistemas, que é um pouco, digamos assim, a área de atuação com a qual...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa empresa foi fundada quando? Foi criada quando?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Ela foi criada em 1979.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ela permaneceu em atividade mesmo durante o período em que V. Sª estava exercendo as funções públicas que declinou?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, uma atividade... Ela foi desativada, na verdade. Ela não desapareceu do cenário. Mantinham-se as obrigações fiscais, mas a atividade dela foi decrescente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela chegou a ter algum tipo de contrato com órgãos públicos?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, absolutamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não? Não tem. Sempre com a iniciativa privada?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, nenhum contrato.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, feita essa introdução preliminar, eu começo, então, algumas questões a V. Sª.

Durante o período em que V. Sª presidiu os Correios, quais eram as empresas contratadas na parte de publicidade?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu me lembro perfeitamente da DM9, que era uma empresa com que se trabalhava, da Standard, e uma terceira, que eu, de fato, não lembro. Eram três empresas que foram...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A empresa Giacometti já trabalhava à época?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não trabalhava?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não trabalhava conosco. Eram essas três empresas, que, ao que consta, teriam saído na posterior licitação que ocorreu nos Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a empresa Giacometti não prestava serviços à época...?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não prestava serviços. Não tinha nenhuma relação conosco.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve algum contato com a empresa SMP&B ou DNA?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, em nenhum momento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Em nenhum momento.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chegou a ter algum contato com o Sr. Marcos Valério?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não. Absolutamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com o Sr. Cristiano Paz?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Também não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Também não.

Havia alguma interferência do Ministério no gasto de verbas publicitárias do Correio?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Essa... Se disser afirmativamente, talvez cometa alguma injustiça, e negativamente, eu estou fugindo um pouco à verdade. Evidentemente, há um mecanismo, aliás, ele é mantido pelos Governos todos – eu quero crer que o próprio Governo atual se utiliza desse mecanismo –, que é uma certa centralização, na Secom, do direcionamento das verbas publicitárias, especialmente das empresas. E eu acho que faz sentido. São empresas de que o setor público detém o seu capital. É natural que ele tente dar uma certa unicidade no discurso, digamos assim, no discurso de comunicação. Os limites desse tipo de coisa esbarram quando a empresa é uma empresa concorrencial, que vai ao mercado, que precisa se expor ao mercado, que precisa gastar sua verba, primordialmente na questão comercial, na questão do seu *marketing*. E aí eu acho que é um pouco, então, o limite.

Então, o senhor me pergunta se havia interferência. Interferências havia exatamente nessa medida em que algumas questões eram de fato centralizadas pela Secom, como continuaram a ser, de certa forma, centralizadas, homogeneizadas, do ponto de vista da linha de conduta. E os Correios são uma instituição que, ao longo dos anos, se irmanaram com a sociedade e freqüentemente patrocinaram, e continuam patrocinando, manifestações culturais, esporte. Não é preciso dizer o grande número de pressões de todos os setores da sociedade brasileira que despencam sobre os Correios para obterem essa ajuda, essa participação dos Correios nesses empreendimentos, nesses projetos, nessas idéias.

Nesse particular, o Ministério das Comunicações acaba sendo uma antena que chama todas essas demandas, essas solicitações. E é evidente que havia um fluxo muito grande de demandas, de solicitações, de recomendações partidas dos órgãos de comunicação, de assessorias, de publicidade do próprio Ministério.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Ministro Pimenta da Veiga de alguma maneira tentava interferir na destinação de verbas de publicidade?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu acho que, na medida em que eu lhe disse de recomendações, especialmente na área de patrocínio, de projetos patrocinados, havia um interesse grande nessa direção. E do lado da empresa havia, falo isso com bastante segurança, toda uma postura de guardiã, digamos assim, dos recursos da empresa e a defesa para que o seu direcionamento prioritário se desse em direção à iniciativa de comunicação mercadológica, iniciativa de comunicação com a sociedade, mesmo porque esta tendência ficou exacerbada na figura dos dirigentes, porque nós estávamos defendendo uma lei para a reforma do setor postal, e ela haveria de ser muito bem conhecida da sociedade. Então nós achávamos que a empresa tinha que se expor muito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa é uma das questões que vou-lhe perguntar.

Logo após a sua saída da presidência dos Correios o senhor declarou para a imprensa – eu tenho aqui em mãos a matéria – o seguinte: O ex-Presidente dos Correios, Egydio Bianchi, acusou ontem o Ministro Pimenta da Veiga, das Comunicações, de ter "interesse em controlar a verba de publicidade da empresa para favorecer o município X de Minas Gerais". Qual era a razão dessa declaração que V. Sª fez, referente ao Ministro Pimenta da Veiga? Ele queria favorecer um município ou queria favorecer a destinação da verba para uma agência, o que efetivamente era?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Cumpre-me fazer algumas considerações. Primeiro, que eu não me apressei em fazer a correção. O jornalista que captou esta minha frase não foi feliz ao expressar isso. Na verdade, eu dizia exatamente para não enumerar: o município X ou Y, que é uma maneira de fazer política, uma maneira, no meu entendimento, antiga, atrasada de fazer política, mas é que se confronta com as maneiras, especialmente no que diz respeito à empresa pública, profissionais, com a postura.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o Ministro queria interferir de que maneira nessa destinação de verbas para favorecer o Ministro X ou o Y?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu queria fazer um comentário inicial que vai ajudar a compreender essa questão.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Esse município X então é genérico, não é um município qualquer que ficou colocado como X?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, eu me referi ao jornalista e dizia que era uma maneira de fazer política. Que você tem instrumentos do Estado, instrumentos do poder público que às vezes são confundidos na vida pública como uma maneira de fazer política.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor pudesse ser um pouquinho mais concreto. Como o Ministro fazia? Ele queria que direcionasse a verba para quem? De que maneira? De que forma?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Essa relação é uma relação complexa. Não é o Ministro que chega para o Presidente dos Correios e diz isso. Ele tem equipes, assessores, chefia de gabinete. O número excessivo de pleitos que chegavam...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem comandava nos Correios a Secretaria de Comunicação que cuidava dessa área?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Era um profissional do quadro dos Correios, mas eu não me lembro. Era um profissional que atendia a orientação da Presidência. Os setores de marketing, não era essa a denominação na época, os setores de comunicação respondem ao Presidente, então o titular dessa área respondia ao presidente literalmente, sofria naturalmente as suas pressões, mas ele respondia ao presidente, não era um outro tipo de profissional. Profissional de carreira dos Correios, envolvidos com essa coisa, respondiam ao presidente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na mesma oportunidade, o senhor declarou o seguinte: Bianchi afirmou ainda que Pimenta nomeou por contra própria o representante dos Correios na comissão da secretaria de comunicação que define as verbas de patrocínio. Então, era essa a interferência que ele tinha?

O SR. EGYDIO BIANCHI – De alguma forma, sim. Havia na Secom, não sei se esse é o método ainda de trabalho de hoje, mas as empresas escalavam, designavam um representante seu para, num comitê existente na Secom, discutir e otimizar eventuais linhas de crédito para apoio dos projetos, para que não existisse redundância e, de certa maneira, houvesse algum entendimento quanto ao acolhimento de projetos e de iniciativas de interesse do Governo.

Lembro-me perfeitamente de que, ao tomarmos a iniciativa de indicar, já tinha sido tomada. Já tinha sido indicado um elemento...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É visível que o senhor tinha uma divergência com esse tipo de interferência.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Sem dúvida!

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente, qual era o direcionamento que o Ministro Pimenta da Veiga, por meio do seu homem, na parte de Comunicações, dava e com o qual o senhor não concordava? O que exatamente era?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Essa reportagem, essa matéria surgiu num momento de certa exaustão das minhas relações com o Ministro Pimenta da Veiga, num momento de estresse, de cansaço completo e, sobretudo, de um posicionamento que considerei inadequado do Ministro, ao atribuir a minha demissão, à época, a divergências de estilo administrativo. Eu achei que era tão pobre essa explicação e fiquei, de certa maneira, estressado e revoltado com esse diagnóstico que ele fazia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, nesse estresse, o senhor acusou de haver um direcionamento do Ministro na parte de publicidade. O que era isso exatamente?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Deixe-me completar. Talvez, o senhor compreenda melhor.

Eu dizia ao jornalista: "Não é só essa questão. Há questões". E enumerei uma série de questões que montavam exatamente o estresse daquele momento. A publicação era uma das intervenções.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que era exatamente, concretamente?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Concretamente, o que eu posso... o tal Município "X" ou "Y", não posso dizer que não existe; o "X" determinado ou o "Y" determinado não são incógnitas de uma dilação do antigo Presidente. Foi uma maneira de eu expressar como se faz política, que é algo com o qual eu não concordava.

Por exemplo, quanto aos patrocínios, se formos avaliá-los, veremos que o Brasil tem uma geografia cultural fantástica, que todos nós conhecemos e apreciamos. Nada impede que Minas Gerais, São Paulo ou qualquer Estado pleiteie as suas iniciativas, os seus projetos culturais ou patrocínio dos Correios, do Banco do Brasil, da Caixa Econômica. Mas, naquele ano, em especial, a maioria dos nossos apoios foram direcionados, realmente, para Minas Gerais, que tem uma cultura riquíssima.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apoios de patrocínio?

O SR. EGYDIO BIANCHI – De patrocínio de projetos, projetos culturais, quase todos eles com substância e valor cultural. Isso não se discute. Mas recebemos milhares de solicitações do Brasil todo. Não estou dizendo nem centenas, nem, muito menos, dezenas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o Ministro, por meio das suas pessoas nos Correios, buscava direcionar as verbas publicitárias para patrocínios em Minas Gerais?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Exatamente. No seu Estado, no Estado das suas relações, da sua origem política. É isso o que eu posso lhe dizer com bastante segurança. Não há nenhum indício concreto de direcionamento dos nossos recursos que não sejam esses.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, na oportunidade, inclusive, usa uma expressão de certa forma forte. O senhor disse que "Pimenta tem visão generosa e sem fronteira sobre o uso de verba publicitária". O que o senhor quer dizer com "visão generosa e sem fronteira"?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Exatamente. É confundir um pouco os instrumentos que o Poder Público lhe proporciona e, em vez de direcioná-los para a atividade precípua... Eu argumentei, de certa maneira,... Sobre essa questão, manifestei-me, de certa maneira, em determinado momento, e o jornalista captou a seguinte expressão: "esse dinheiro não é do Governo, é da empresa". Não foi exatamente isso que eu dizia, mas eu falava que os recursos que a empresa tinha em seu orçamento estavam consignados para a sua atividade comercial, mormente no momento em que ela se lançava a um projeto atrevido, a um projeto complexo, em que ela sofreria enorme concorrência, maior do que a que vinha sofrendo até aquele momento. Então, haveria de realmente dar uma prioridade para esse tipo de aplicação.

Eu digo "visão generosa" quando se ignora ou se minimiza essa interpretação e passa-se a dar mais importância a um projeto do Município "X" ou do Município "Y". Essa foi uma maneira de...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja – o senhor me corrija se eu estiver errado: do que depreendo da sua fala, o senhor discordava de um uso político das verbas eleitorais em relação ao Estado de Minas, quando o senhor queria que essas verbas fossem utilizadas em favor dos Correios, e não com o uso focado, talvez, equivocado, da máquina administrativa. Seria isso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Exatamente. Acho que, em tese, posso concordar com a sua interpretação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Por que o senhor saiu dos Correios? Por que o senhor foi demitido dos Correios? Qual foi exatamente a razão?

O SR. EGYDIO BIANCHI – A versão oficial?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A real.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Veja, eu não posso discorrer sobre esta matéria, sem voltar um pouquinho atrás na história.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Todos nós acabamos, direta ou indiretamente, tomando conhecimento do estilo vigoroso do tal Ministro falecido Sérgio Motta, que era meu companheiro, meu amigo, meu irmão, por assim dizer, não é? Ele quase sempre me agraciava com esse título de dizer que eu era o irmão que ele não tinha tido, o irmão masculino que ele não tinha tido.

Na primeira campanha do Presidente Fernando Henrique, o ex-Ministro Motta teve uma altercação, uma divergência muito séria em nível partidário com o Pimenta da Veiga. E isso – não conheço o teor dessa divergência, mas houve essa divergência, uma divergência de que todo o Brasil político tomou conhecimento naquele momento. E, em decorrência dessa altercação, dessa divergência, o Pimenta da Veiga afastou-se da campanha de então, não é? Afastou-se com suas equipes, com seus assessores e tal. E essa divergência ficou presente em toda a história do nosso Partido, em todos os momentos em que ambos, por alguma razão, estavam presentes nas atividades e tal.

Eu acho, particularmente, que, embora oficialmente o Ministro Pimenta da Veiga declinasse, afirmasse ser uma questão superada e que ele havia pacificado essa questão e o relacionamento com o Ministro, eu, pessoalmente, acho que isso nunca ocorreu, não é? Eu acho que é uma interpretação, para um engenheiro industrial, um pouco ousada, mas eu acho que havia realmente ressentimentos e esses ressentimentos acabavam influenciando as atividades, o julgamento, a avaliação e o relacionamento do Ministro Pimenta da Veiga.

A imprensa também acabou enveredando por um outro caminho. Quer dizer, não foi o Ministro... Só formalmente foi que o Ministro Pimenta da Veiga me convidou para o cargo. Não foi dele a iniciativa de me convidar. Talvez ele também tivesse uma certa indisposição, um certo mal-estar em função desta designação, por assim dizer, não é? Eu não era um quadro dele certamente. Eu era um quadro identificado totalmente com o Ministro Motta, não é? Então, eu acho que isso pesou um pouco na atitude dele, na maneira com que nós nos relacionávamos. Além do que – e essa era a avaliação geral –, ele tem um perfil de pessoa educada, gentil, realmente extremamente polida.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele, Pimenta da Veiga?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Ele, Pimenta da Veiga. Mas ele é um político antigo. Eu acho que ele é um político antigo, pelas práticas, pela visão que tem da gestão pública, pela interpretação que faz dos instrumentos que a gestão pública proporciona ao gestor, por um tipo de confusão. É um político realmente à antiga, não é? Eu acho que isso sempre esteve permeando as nossas relações. Eu, ao contrário, embora tivesse uma aproximação com a vida política, não sou propriamente um político de vida parlamentar e tal. E mais ainda, a minha contribuição da qual me orgulho bastante é uma contribuição do tipo empresarial. Eu sou um gestor de empresas na área privada, fui diretor de inúmeras companhias privadas e também públicas. Esse é o tipo de contribuição que poderia dar.

E esse perfil se choca muito com a pessoa que tem um outro tipo de formação, um outro tipo de interpretação de como fazer as coisas e que não tem tanta clareza. Eu não creio que as pessoas ajam deliberadamente contra um modelo importante, interessante. É porque eles realmente acham que fazer política é isso, e nós achamos que não é. *(Risos.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, teria sido uma verdadeira incompatibilidade de gênios políticos?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Vamos dizer: também. *(Risos.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu tenho aqui em mãos uma nota publicada pelo Jornalista Cláudio Humberto... *(Risos.)*

O SR. EGYDIO BIANCHI – Hummm... O senhor, naturalmente, vai dar credibilidade... *(Risos.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, eu vou perguntar sobre a nota ao senhor. *(Risos.)*

A nota diz o seguinte: "Bianchi, como Otero. Se Egydio Bianchi, ex-Presidente dos Correios, continuar batendo no governo a que serviu, corre o risco de tomar uma bordoada. Está pronto um alentado dossiê revelando os negócios criados à sua volta na ECT, como os milionários contratos com a FIA/FDTE, a Fundação para o Desenvolvimento Tecnológico da Engenharia, dirigida por sua mulher, Ana Maria Afonso Ferreira Bianchi, em um caso que o Governo considera muito parecido com o do ex-Presidente do Serpro, Sérgio Otero, cuja esposa se locupletou de contratos com o órgão dirigido pelo marido."

O senhor poderia explicar exatamente se existe algum fundamento nessa nota, do que se trata, quais

eram as relações dos Correios no seu período com uma fundação dirigida por sua esposa?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Claro, posso. Não sem antes registrar um protesto de darmos credibilidade a esse articulista, a esse jornalista, porque ele é sabidamente um elemento que acomoda e acolhe as mais torpes notícias fabricadas e os mais torpes interesses. Todo mundo conhece isso em Brasília e no País.

Não tem qualquer tipo de modelo, de dossiê sobre um modelo inexistente. A FDTE é uma fundação, renomada fundação, muito importante no Estado de São Paulo, que nos apoiou de maneira extremamente importante quando passamos a enfrentar a gestão de inúmeros projetos de alta tecnologia sem ter time para fazer isso. Então, tínhamos que nos apoiar em um parceiro, e esse parceiro quase público, pelo menos...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A FDTE manteve contratos com os Correios?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Manteve. Tivemos vários convênios com a FDTE para que...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe precisar quantos convênios foram firmados?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não sei, não sei lhe dizer.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eles foram firmados na época em que o senhor era Presidente dos Correios?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Exatamente. Quanto à minha esposa, o nome dela é Ana Maria Afonso Ferreira Bianchi. Ela é titular de uma cadeira de Sociologia na Economia, na Faculdade de Economia na USP, tem o mais alto grau na sua carreira acadêmica. Ela só fez isso na vida, é uma pessoa que tem um grande apego a sua carreira, ao seu currículo, aos títulos que ela tem, e jamais se envolveu, por falta de vocação, por falta de interesse, a qualquer tipo de atividade..., mormente em FDTE.

Esse cidadão, além de não honrar muito a profissão de jornalista, também é mal informado, porque o que existe em São Paulo, no âmbito da Faculdade de Economia, é uma fundação chamada Fipe, em que minha esposa já trabalhou. Ela é tempo integral na Universidade de São Paulo e freqüentemente trabalha na...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas a contratação foi da Fipe ou da...

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não foi da Fipe. Estou dizendo: a maledicência vai a um ponto tão grande que ele confunde FDTE com Fipe.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A sua esposa não trabalhava na FDTE?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não tenho nem idéia do que venha a ser isso. Nunca tive nenhuma idéia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A sua esposa nunca dirigiu a FDTE?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Nada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, essa informação seria equivocada?

O SR. EGYDIO BIANCHI – E tão pouco dirigiu a Fipe, que seria o mais aproximado para dar credibilidade a essa notícia. Na Fipe, ela participou como profissional, como economista.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ela chegou a trabalhar na FDTE?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, absolutamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nesses contratos também não?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, de jeito nenhum, de jeito nenhum.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, essa notícia é rigorosamente inverdadeira?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Rigorosamente inverídica.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas voltemos à sua demissão. Aqui, a nota do Luiz Carlos Humberto parece que é aquela troca de disparos, de mal-estar político, e é característica não só dos governos anteriores, mas de alguns atuais.

Deputado Goldman, por favor.

O SR. ALBERTO GOLDMAN (PSDB – SP) – Eu só tirá-lo da relação de todos que resolve.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como?

O SR. ALBERTO GOLDMAN (PSDB – SP) – É só tirar da relação de todos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, uma das versões talvez oficiais ou – não sei – extra-oficiais da sua demissão decorria do fato de que o senhor discordaria do relatório da Lei Postal, que, à época, segundo a imprensa noticiava, favorecia as empresas de franquia. Isso é verdade?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Deputado, por favor, a interpretação colocada dessa maneira é incompleta e incorreta.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor poderia fazer uma abordagem sobre essa lei? Do que tratava inicialmente a Lei Postal?

O SR. EGYDIO BIANCHI – A Lei Postal, enfim, é um projeto de lei que ainda tramita ou está no âmbito, nos arquivos do Congresso Nacional, de forma

que os Srs. Parlamentares poderão recorrer a minúcias e tal.

Mas, em resumo, fiz alguns destaques: ela se propunha a disciplinar, a regulamentar o Sistema Nacional de Correios, e, portanto, não mais exclusivamente a ECT, que é tratada pela lei atual. A lei postal atual, a chamada Lei Postal, só cuida dos Correios. Essencialmente, fala nos Correios, com uma ou outra medida. Portanto, essa lei começa pela abrangência. Ela olhou para o teatro de operações e procurou enxergar todos os agentes desse processo, aí agentes públicos, agentes privados e tudo o mais.

Em segundo lugar, ela se propôs a criar uma agência reguladora do setor. Ela fixou os regimes de atribuição da atividade postal à área privada. Como já expus agora há pouco, ela consagrou, e nem poderia deixar de ser, o regime da concessão, o regime da autorização e da permissão em determinadas circunstâncias. Isso, naturalmente, diz respeito à questão das franquias, as franquias que produzem os seus serviços, que desenvolvem os seus serviços no País, em cima de um contrato limitado, um contrato deficiente juridicamente, porque é um suporte muito precário, contrato esse que foi, sucessivamente, ampliado por força das reivindicações, das demandas que o setor apresentou, em especial o próprio setor legislativo.

Então, é evidente que essa lei propunha que, doravante, a atividade das chamada franquias, digamos assim, a terceirização dos serviços de correio passasse a ser feita sob a proteção jurídica do regime das concessões, o que não era o caso, evidentemente. E nós, então, aproveitando, tentando aproveitar o final desse contrato, uma vez que já se haviam passado dez anos, tentávamos criar uma transição entre uma coisa e outra. Mas quando fossem esses contratos renovados, nós entendíamos que teriam que ser de uma forma onerosa, em regime concorrencial, e pelo regime das...

Então, se, de fato, não que prejudicasse apenas... O segmento das franquias não foi o único a se insurgir contra a lei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que, na verdade, nós tivemos o projeto original, que foi encaminhado, e tivemos depois um substitutivo apresentado pelo Relator do projeto à época, Deputado Marcelo Barbieri.

O senhor era favorável ao projeto original na forma que ele foi mandado?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Era absolutamente favorável, claro.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E depois o senhor se manifesta contrariamente ao substitutivo do Relator Marcelo Barbieri?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Exatamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Ministro Pimenta da Veiga concordava com o substitutivo do Deputado Marcelo Barbieri?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu, particularmente, não estou muito seguro, não, mas eu acho que mais concordava do que discordava. Na verdade, em relação... Veja bem, quem acompanhou a batalha parlamentar da Lei Geral das Telecomunicações no País haverá de ter percebido o empenho das autoridades, da autoridade maior do País, o Presidente da República, e, em especial, do Ministro condutor, do Ministro executivo condutor desse assunto no Congresso. O Sérgio Motta era um verdadeiro leão na discussão com todas as bancadas, na argumentação, com o estilo dele assim muito, digamos, muito agressivo e tudo o mais.

Ao contrário, esse projeto da Lei Geral do Sistema Postal foi para o Congresso, de certa maneira, desprotegido um pouco. O Ministro não tinha tanto empenho, não tinha tanto interesse, talvez porque desconhecesse o próprio histórico de formulação, o diagnóstico que se fazia e tal. Então ele foi, de certa maneira, fragilizado. O Ministro deveria ter responsabilidade, pelo Governo, sem contar com o fato de que foi ele mesmo que subscreveu a entrega ao próprio Governo.

Mas ele tomou conhecimento, ao longo do processo, de ponderações de vários setores. Nós também tomamos, mas é evidente que uma lei tão rigorosa como essa, tão complexa, poderia causar problemas, enfim, na regulamentação de certos interesses, confrontar com certas situações já estabelecidas e tudo o mais.

Mas, ao longo do processo de discussão do projeto, ele provavelmente tenha acolhido algumas idéias. Imagino que ele tenha mudado de opinião, porque, se não tivesse mudado de opinião, ele teria apoiado o outro projeto.

Agora, especificamente, a condição técnica do projeto do Deputado Barbieri é muito ruim. É muito ruim, realmente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na época, o senhor foi mais duro. O senhor disse o seguinte: "Barbieri elaborou o relatório inconseqüente – o senhor o qualificava de inconseqüente – sobre o projeto de lei em comum acordo com o Ministro".

O SR. EGYDIO BIANCHI – Uma dedução minha, Deputado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor achava que era inconseqüente o projeto. E o que chama a atenção é que a **Folha de S.Paulo**, à época, noticia que esse projeto atenderia a vários *lobbies* empresariais. Isso é verdade?

O SR. EGYDIO BIANCHI – A minha interpretação vai nesse sentido. Todos os *lobbies* empresariais

realmente se manifestaram. Em alguma medida, conseguiram coisas assim...Umas confrarias...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais eram os *lobbies* empresariais? Vamos sintonizar, para podermos localizar.

O SR. EGYDIO BIANCHI – As empresas de encomendas expressas internacionais, as multinacionais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As empresas de encomendas expressas internacionais. Qual era o favorecimento a elas?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Elas têm uma associação nacional. Elas se insurgiam...Eu não me lembro de todos os...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o que o senhor puder lembrar.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Elas se insurgiam contra o fato de haver uma regulação.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É a mesma entidade que recorreu ao Supremo contra o monopólio?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu não saberia lhe dizer, Senadora. Eu não saberia lhe dizer. Mas ela é muito ativa. Aliás, ela não fazia segredo nenhum. Ela fazia um proselitismo aberto das posições dela, divulgava os seus boletins, divulgava os seus... Essa era a empresa que e tal...

A outra coisa – para nós, um paradoxo na época – eram os chamados motoboys. Víamos com grande preocupação essa pletora, essa frota imensa que, em São Paulo especificamente, na capital, atinge alguma coisa próxima de 200 mil unidades, correndo e distribuindo correspondências, objetos, isso e aquilo. O escopo da lei criava regras de regulação. As pessoas tinham que se organizar sob a forma de empresa, tinham que pedir a sua autorização, enfim, tinham que mostrar o seu jogo e se habilitar formalmente. Então, eram setores que eram avessos à idéia da regulação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época, registra-se que uma das principais divergências era a manutenção do monopólio do transporte de cargas pequenas pelos Correios. O que vem a ser isso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – De fato, não, a...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que teria sido quebrado esse monopólio, nessa época, com favorecimento a *lobbies* empresariais.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não sei. Acho que está mal expressa essa matéria...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa colocação não é sua. Ela foi publicada nos jornais da época, dizendo que a principal controvérsia seria essa. O senhor sabe precisar isso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Acho que uma controvérsia grande era o seguinte. O monopólio que ainda existe hoje, que sobrevive, é com relação às cartas. Mas, na época em que a lei foi criada, havia uma definição que eu não diria genérica mas abrangente do que é serviço postal, do que são os objetos ou não são os objetos. Na vida prática, na economia concreta, são inúmeros hoje os objetos que são transacionados. Até hoje, tecnicamente, usa-se a expressão de objeto postal. Não se fala mais em carta, é objeto postal. Agora, o monopólio que a empresa tinha e a lei se propunha a rompê-lo, até estabelecer prazo para ela ir saindo do monopólio e enfrentar a guerra total ali na frente. A própria proposição da empresa era nesse sentido. Ela reconhecia que tinha que ter concorrência, apenas que a estabilidade econômico-financeira dela, em grande parte, estava ancorada por 40% a 45% da sua receita que era proveniente desse setor de monopolizado. Não havia monopólio de encomenda. Nunca houve.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não há na lei atual e...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sinteticamente, pelo que o senhor se recorda, quais eram os principais *lobbies* empresariais beneficiados por esse projeto, por esse substitutivo ao projeto original?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Olha, beneficiados por esse projeto substitutivo, eu não posso lhe pontuar e fazer uma relação precisa. O que eu posso lhe dizer é quantos segmentos se insurgiram contra as proposições...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor, por favor.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Então, manifestei esse segmento fortíssimo que envolve empresas de expressão internacional, enormes empresas, FedEx, DHL e outras instituições...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essas empresas estavam atendidas por esse substitutivo?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu penso que sim, eu penso que sim, não posso jurar de pé junto.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Mas elas se insurgiram. Evidentemente, quando elas perceberam que havia um nicho para dialogar, elas foram fazer as suas... Elas deixaram de dialogar com os Correios...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O diálogo foi diretamente com o Ministro Pimenta da Veiga?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não estou seguro. Acho que quem realmente coordenou essa... Era relator do projeto, evidentemente a missão dele era essa, não é? Agora, não precisava ter exagerado tanto.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo.

Além desse setor, qual era outro?

O SR. EGYDIO BIANCHI – As franquias, certamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As franquias eram beneficiadas por esse projeto?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não. Pelo contrário...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, pelo original.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu não sei... Na...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo original, eram prejudicadas?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Na caneta do Deputado Marcelo Barbieri, devem ter passado várias fórmulas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Várias?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Várias fórmulas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De beneficiamento?

O SR. EGYDIO BIANCHI – De beneficiamento. O que esse povo vai querer? Ele vai querer que a lei desse mais dez anos. Os setores mais...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A prorrogação?

O SR. EGYDIO BIANCHI – É, a prorrogação. Dez anos, pronto. Os setores mais...

O SR. EGYDIO BIANCHI – A prorrogação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, a prorrogação, 10 anos.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Outros deixavam por 5. Mas eles queriam, essencialmente, a prorrogação. Eles nem se estavam insurgindo tanto quanto ao fato de terem sido realmente legislados na direção da concessão. Não era essa a objeção central. A objeção era que precisavam realmente de mais tempo, mais tempo, 5 anos, 10 anos. Não sei exatamente o que prevaleceu no substitutivo. Não me lembro mais do que prevaleceu, mas ele estava sensível a esse tipo de coisas. Não sei por que ele realmente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor era contra essa prorrogação.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Era contra essa prorrogação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Porque achava, achava, primeiro, que o procedimento, o desdobramento, do sistema de distribuição brasileiro depende realmente do capital privado, ele depende da parceria com o setor privado. Nós não temos, seguramente, recursos para multiplicar o setor de atendimento de 1.500 agências, criar mais 1.500 agências. Isso já foi um movimento que, no passado, ocorreu. Só como eu já disse, ocorreu de uma maneira muito precária, em cima de um instrumento jurídico frágil, que é este contrato que vigorou por 10 anos, não é.

Então nós precisamos de uma coisa sólida, de uma coisa sólida, com embasamento jurídico correto, adequado. E esse embasamento jurídico correto adequado está no projeto de lei, evidentemente, ele está com todas as palavras, de uma maneira muito original.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois de ler o original, prevê licitação.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Prevê a licitação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Prevê licitação.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Quer dizer, a concessão é concessão onerosa, feita a nível público, disputando essas posições.

Há que se dizer: mas isso é realista? Eventualmente, você tendo uma capacidade instalada, 1.500 casas funcionando, com uma certa experiência, muitos empresários interessados, produtivos e muitos, realmente, sem nenhuma vocação empresarial, com outras motivações e tal. Mas, de qualquer forma, você tinha uma capacidade instalada funcionando e tal, não podia ser ignorado esse tipo de coisa, certamente. Alguma, digamos assim, providência deveria ser tomada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor falou em motivações. Que motivações seriam essas?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Desculpe, mas em que momento eu falei em motivações?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, outras motivações, o senhor falou....

O SR. EGYDIO BIANCHI – Espera, perdi o fio da meada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não! Então vamos resgatar um pouquinho a questão dos franqueados. Como o senhor citou na sua exposição a preliminar, inicialmente essas franquias foram outorgadas sem licitação. À época em que você estava nos Correios, o senhor teve alguma informação ou constatação de fato de que políticos ou pessoas com influência política estariam por trás dessas franquias?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Isso é voz corrente no setor, que a distribuição dessas "cartas patentes", vamos dizer assim, entre aspas, foi feita realmente de uma maneira muito generosa e teria contemplado, assim, prioritariamente, os setores ligados ao Parlamento brasileiro. Mas eu não tenho, confesso, nenhum registro, a empresa não tem qualquer registro, e eu não tive nenhuma constatação concreta de que tivesse isso ocorrido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve, ou chegou a ter, notícias, ou constatou fatos de que essas franquias, algumas delas, têm laranjas como proprietários, de maneira que o verdadeiro proprietário está oculto?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Há muitos indícios, Deputado, de que isso, de fato, ocorre. Dava até, outro dia me dirigia pelos trajetos em São Paulo de automóveis, quase que dá para cobrir uma sessão toda da Comissão de Inquérito. Então eu via...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor podia precisar os indícios?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Enfim, um dos indícios, uma senhora, detentora de uma franquia dessa, que foi interrogada aqui.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não é. E realmente não tem como se admitir que aquela pessoa tenha, minimamente, uma vocação empresarial ou que tenha chegado a esse... É impossível. Então é uma dedução, evidente, porque eu não conheço o caso específico dela.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Mas casos como esse de imaturidade empresarial, de irresponsabilidade, são freqüentes. Falta de preparo, eram freqüentes. Eu não me lembro mais, não estou convivendo com esse setor agora, mas eram muito freqüentes. De sorte que tanto o senhor pode ter laranjas, digamos assim, bem formados, como laranjas absolutamente despreparados!

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Laranjas maduras e laranjas verdes.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Isso pode ocorrer.

A minha percepção é que existe. Eu não saberia lhe dizer, não tenho indícios, mas existe.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Deixe-me só complementar um pouquinho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor, Senadora!

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Quando foram concedidas essas franquias? Qual foi a época? Porque houve, depois, uma prorrogação. Mas a época foi qual?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Bom, a época nós não estávamos realmente no governo, e eu quero crer que isso tenha sido feito no Governo Collor. Foi em 1990. E foi da ordem de grandeza acho que de umas 1.700, 1.800.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) –1.700.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu digo isso porque algumas caíram durante o tempo. Foram cassadas, foram eliminadas e tal. O número que eu tinha na cabeça agora – eu ainda tenho alguma lembrança de ter mexido nesse número – é mil e quinhentas, mas o número atribuído originalmente foi um pouco maior.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E isso teve prorrogação na Lei Postal. É isso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, a Lei Postal não foi aprovada.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não mexeu?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Isso foi objeto de uma iniciativa legislativa diferente.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Diferenciada?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Só para tratar desse assunto.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Só deste?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, então, à época, o senhor era contrário a essa prorrogação, pelas razões obviamente expostas, e o Ministro Pimenta da Veiga era favorável à prorrogação por lei. Quais as razões?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu não diria isso, Deputado. De fato, eu não tenho uma história de relacionamento com o Ministro que me dê muitos elementos, nenhuma procuração para defendê-lo. Antes, pelo contrário. Mas eu não gostaria de cometer uma injustiça e dizer que ele era efetivamente contra. Ele, de certa maneira, era sensível a essas pressões.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, ele era sensível a essas postulações. Tinha um temperamento político e uma maneira de se relacionar com a sociedade e com os interesses diferente da gente.

Nós vínhamos trabalhando, eu vinha nos Correios, há quatro ou cinco anos. Conhecia a história da proposição, tinha uma intimidade com ela, com os técnicos e tudo mais. É evidente que para nós tinha chegado ao ponto final e não ao ponto inicial, e as pessoas retomaram as questões. Acho que é uma questão de temperamento, de formação política, embora, mesmo

atribuindo isso à formação política, ao estilo político, eu, de fato, não concorde. Não acho que isso é fazer política no século XXI, não é uma maneira correta, adequada, de fazer política. De qualquer forma, era um pouco esse o temperamento dele. Agora, dizer que ele era a favor da prorrogação ou não era a favor da prorrogação, nunca ele me disse isso especificamente. Mas ele tinha prepostos, tinha uma equipe, tinha pessoas que trabalhavam nessa direção. Tinha o Secretário de Serviços Postais, que era quem dialogava com esse setor, de certa maneira quem dialogava também com o Marcelo Barbieri.

Agora, o trabalho do Barbieri...

O SR. (Orador não identificado) – Posso esclarecer, só porque eu estava nesse período? Eu assisti e votei nessa época. Foi *lobby* interno aqui no Congresso. Não tinha nada a ver com o Executivo. Foi um *lobby* interno no Congresso para a prorrogação do prazo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Mas voltando a V. Sª, relativamente, então, a essa questão dos franqueados, o senhor, como Presidente dos Correios, recebeu gestão de pessoas, da área político-parlamentar ou do Executivo para beneficiar essa ou aquela franquia especificamente?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, em geral, pelo meu perfil de atuação, que rapidamente se difundiu, especialmente no Planalto, as pessoas não tinham muita, digamos assim, disposição, muita coragem de fazer chegar a mim proposições dessa natureza, de forma...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, vou fazer uma sugestão porque acabo de ser informado que a Câmara dos Deputados está em votação nominal. Como a Senadora Ideli Salvatti não está sendo convocada para essa votação por ser Senadora e está inscrita para argüição, eu proporia, Sr. Presidente, que eu me ausentasse para votar e a Senadora faria a sua argüição. V. Sª também iria votar e não precisaríamos, necessariamente, fazer essa interrupção neste momento.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, nós permaneceríamos revezando, eu e o Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Exato. Então, V. Exª pode ir. Eu aguardo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu vou. Depois eu retomarei a minha argüição.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Com a palavra a Senadora Ideli Salvatti.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Deixa só eu me organizar aqui um pouquinho, Sr. Presidente, porque eu não estava preparada para falar em seguida.

Eu queria continuar um pouco nessa linha da questão da... Nós tivemos o depoimento, na semana que passou, da pessoa que o substituiu lá nos Correios, depois que o senhor foi demitido. Na explanação, ele foi muito contundente no sentido de que, durante o período em que ele administrou, esteve à frente da Presidência dos Correios, os Correios sofreram uma profunda remodelação, inúmeros processos de aperfeiçoamento tecnológico... Até porque o Marinho, na segunda presença dele nesta CPMI, declarou, no seu depoimento – ele fala muito contundentemente –, que as principais irregularidades, o volume maior dos contratos que envolviam recursos mais vultosos foram exatamente no período do Hassan Gebrin. Então, eu queria ir um pouco nessa lógica ainda.

Há uma reportagem da **ISTOÉ** que trata de um embate político entre o Pimenta da Veiga e o Mendonça de Barros a respeito da história de como seria montada a empresa reguladora do setor de comunicação. Pelo que eu entendi da reportagem, a proposta do Sérgio Motta era de trabalhar na lógica de uma Agência Nacional de Comunicação, a Anacom, e isso acabou sendo um grande embate.

Nesse processo, a reportagem coloca que o Pimenta da Veiga estaria abandonando o projeto do ex-Ministro Sérgio Motta e que o Sérgio Motta havia mudado de idéia a respeito da Anacom, que teria dito isso a amigos, e que essa afirmação enfureceu o Mendonça de Barros, o Deputado Federal – é pena que S. Exª saiu – Alberto Goldman e o ex-Presidente dos Correios Egydio Bianchi.

O senhor confirma essa disputa a respeito da maneira como seria regulamentado, ou seja, como funcionaria a agência reguladora do setor de comunicações?

Inclusive, há aqui uma afirmação: "... 'Eu era amigo confidente, uma pessoa para quem o Sérgio abria suas idéias. Se alguém pudesse ser depositário dessas preocupações, seria eu, não o Ministro, que era inimigo dele', disse Mendonça. Em coro, os tucanos disseram desconhecer a suposta mudança dos planos de Serjão. Bianchi, demitido quando Pimenta assumiu a Pasta, chamou o novo projeto de mesquinho e eleitoreiro".

Então, eu queria que o senhor pudesse nos explicar se efetivamente houve essa disputa...

O SR. EGYDIO BIANCHI – Pois não.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – ...por que, o que estava por trás dessa disputa, por que acabou

não saindo a Agência Nacional de Comunicação, Anacom.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Pontualmente.

A idéia do Ministro Sérgio ia um pouquinho mais adiante. Ele propunha que, dentro da tese de acabar com o Estado empreendedor, com o Estado patrão, com o Estado executor da atividade econômica, que, em determinado momento... Ele dizia: "Vou perder o emprego porque proponho que o Ministério das Comunicações deixe de existir". Ele tinha um sonho de ter um grande Ministério de infra-estrutura, que também não seria um Ministério operador, executivo, empresário, mas seria o gerador das políticas e tal, e uma agência reguladora totalmente independente, que ele raciocinava, naquele momento, como uma agência única, uma agência única para a área de comunicações.

Como ele trabalhou só a primeira parte do projeto – não teve fôlego, não teve vida para dar seguimento ao projeto dele de reforma de todas as comunicações –, a Anatel passou a se dedicar única e exclusivamente ao setor de telecomunicações, que era o que havia sido objeto da reforma, uma reforma teoricamente bem-sucedida.

Ele também pretendia... O Ministro Sérgio, a bem da verdade, pretendia que, quando tivéssemos terminado a questão da reforma dos Correios, que ela viesse a ser incorporada.

Agora, Senadora e demais Parlamentares, vou confidenciar, revelar uma coisa do nosso engenheiro Motta. O engenheiro Motta era contra a privatização do sistema, sempre foi. Ele era contra. Mas ele teve a sabedoria de estudar, aprender e tal, e se convenceu, convenceram-no de que o Brasil não faria a reforma das comunicações se não fosse por essa via. Pode-se discutir a forma como foi feita ou não foi feita, mas ele mudou de opinião a esse respeito. Portanto, ele era passível de mudar também. Mas, nessa questão de Anatel e Anacom, jamais ele mudou, jamais teria mudado, e endosso inteiramente as palavras do ex-Ministro Luiz Carlos Mendonça de Barros: se tivesse mudado, teria dito a ele, pois eram amigos realmente muito íntimos e conviviam aqui no Planalto, cada um em seu setor de atividades; conviviam socialmente, tinham amizade profunda e eram confidentes. De forma que não mudou não.

Se a Srª me permitir, vou um pouco além, e gostaria de fazer um comentário que ajuda a compreender um pouco as coisas. O Ministro Pimenta da Veiga não ajudou as coisas da comunicação. Ele não teve a compreensão exata, a percepção, a grandeza técnica e política de compreender realmente as necessidades do setor. Ele não estava identificado efetivamente com as proposições que eram feitas.

Didaticamente, dá para enxergar o setor no Brasil em torno de três grandes segmentos: telecomunicações, a radiodifusão e o setor postal. Na questão da radiodifusão, perdoe-me o jogo de palavras, ele foi um pouco precursor das pessoas que, no atual Governo, insurgiram-se contra as agências reguladoras. O Governo a que ele pertencia havia instituído praticamente a primeira agência reguladora operando com funções, mas ele trabalhou de maneira muito prática e concreta para esvaziar as agências. Acho que não tanto por conceito, mas porque ele achava que os ministérios tinham que ser fortes, e o Ministro que acabava de sair dizia que o Ministério ia ser extinto – era essa a visão que ele tinha. Pois bem, com esse objetivo de fortalecer o Ministério, ele teve que olhar para as atribuições da Anatel, e começou todo um embate muito forte nessa questão com a Anatel. E acho que o Ministro Pimenta da Veiga teve um desgaste muito forte –porque é um setor muito técnico, com muita tradição e experiência - ao esvaziar um pouco a Anatel. Um esvaziamento concreto que ele conseguiu foi relacionado ao tal fundo, o Fust, que acabou saindo do âmbito da Anatel. De fato, ele se insurgiu um pouco contra a Anatel, achando que as agências reguladoras não poderiam ter essas funções, que precisavam ser uma coisa mais leve. Ele não gostou do modelo. Portanto, no que já estava feito, ele tentou desestabilizar um pouco o modelo, voltando um pouco atrás e fortalecendo o Ministério, porque ele achava que o Ministério não tinha prerrogativas.

Na parte da lei postal, o mínimo que posso dizer é que ele não foi feliz na condução política, foi um pouco alheio à maneira como tecnicamente esse projeto foi formulado, e realmente se perdeu um pouco no estilo dele de ouvir, de conduzir. Não gostaria de usar uma expressão, pois acho que falamos politicamente e se pensa que se está fazendo um achincalhe; não é isso, mas foi uma coisa de fazer política com "p" minúsculo. Acho que ele não foi bem. Acho que ele não soube conduzir, e a reforma do setor postal foi realmente para o brejo.

Quanto à radiodifusão, que era outra função que se esperava dele, ele fez realmente um projeto absolutamente sem precedente na história do País: nenhum setor conseguiu se interessar pelo projeto.

Então, creio que ele não deu uma contribuição adequada para o País na área de comunicações. Ele quase que estragou o que já estava feito: a proposição do setor postal, que foi um projeto elaborado durante um ano, com grandes talentos da área internacional, ele praticamente jogou fora; e a iniciativa dele na área de radiodifusão foi uma coisa desastrada. Então, essa é a visão que tenho da participação dele na área de comunicações.

No tocante a se dizer que ele mudou de idéia quanto à Anacom, não mudou nada – embora não fosse um homem com capacidade de mudar de idéia quando ele realmente era convencido do contrário. Mas, nesse particular, nenhum esboço jamais eu vi nessa direção. Portanto, dou razão ao Luiz Carlos Mendonça de Barros.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Inclusive, segundo outros trechos da reportagem que saiu na **ISTOÉ** em 2001, o Sérgio Motta sonhava com uma única agência, autônoma e impermeável às questões políticas, responsável pela regulação de todos os setores da comunicação no País. No futuro, o plano era eliminar a própria Pasta que ocupava, para afastar da esfera política todas as decisões referentes à área, acabando com um dos esquemas mais arcaicos de barganha e favorecimento, que é exatamente a aprovação das concessões, que foram um grande balcão de negócios e há um histórico de influência política no Ministério das Comunicações, principalmente – a palavra do Mendonça – na gestão do Antonio Carlos Magalhães, que ocupou a pasta entre 85 e 90 e que entrou na briga dos Tucanos para se defender.

Há, ainda, em outro trecho que coloca que o Pimenta cria mecanismos facilitadores para o empresariado e o Ministério continuarem sendo um balcão de negócios das grandes empresas de comunicação eletrônica. Palavras do professor da UnB, Murilo Ramos. Parece-me que essa questão ainda da agência reguladora e da forma como foi conduzida, tinha a ver com esta utilização política, principalmente das concessões.

Mas o senhor entrou numa outra questão, ao me responder, que eu quero também tratar. Quanto o senhor falou dos grandes interesses internacionais envolvidos na questão da lei postal, etc. Eu gostaria de saber se as empresas interessadas o senhor pode confirmar: TNT Logística.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Senadora, é simples. Essas empresas agiram durante toda a lei – e agem na defesa dos seus interesses – de uma maneira organizada. Existe uma associação nacional dessas empresas e elas têm, seguramente, um número de associados muito maior do que aquelas que eu citei. Eu não saberia lhe dizer se a TNT Logística tem ou está ou não associada. Eu falei algumas, até mesmo porque os dirigentes dessas empresas também eram dirigentes da associação. Então, isso confundia um pouco.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Acaba se confundindo um pouco.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Mas há muitas. Acho que todas que são internacionais ou operam são dessa associação. Então, não é difícil saber a qualquer instante quem são os associados.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – UPF, FedEx, DHL?

O SR. EGYDIO BIANCHI – DHL é uma empresa internacional importantíssima. FedEx, igualmente.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – A representação. Como são empresas ligadas à questão do transporte, qual é o papel da Confederação Nacional dos Transportes nesse processo do *lobby* dos interesses na modificação da legislação?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não consegui identificar claramente quais eram as objeções e nem quais eram as intenções. Apenas, notar que houve um certo desconforto no setor, que achava que nós do setor postal estávamos extrapolando as nossas competências e, de certa maneira, invadindo a área privativa dos transportes. Se formos buscar as memórias desses debates, talvez eu até conseguisse localizar exatamente. Essa era a objeção geral.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Eu estou fazendo até para poder explicitar por que eu estou fazendo essa pergunta e tentando ver se há algum vínculo ou não. Por quê? Se há alguma interferência ou se houve alguma interferência da Confederação Nacional dos Transportes, há um elo – como o que estamos tratando aqui também na CPMI dos Correios – que é a presença do Sr. Clésio Andrade, como tendo sido sócio inicial do Marcos Valério nas empresas da SMP&B e DNA. É por isso que estou querendo saber se é do conhecimento do senhor alguma interferência da Confederação Nacional dos Transportes no interesse dessas empresas multinacionais.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não vejo nenhum nexo. Que eu saiba, não há nenhum registro, nenhum nexo causal. Posso lhe dizer que o que sei desse conflito captado na época é que eles entendiam que, como nós estávamos... É claro que o transporte é uma coisa vital na atividade postal, não há atividade postal sem transporte aéreo, ferroviário, rodoviário ou por bicicletas. É claro que o transporte está presente. Eles entendiam que algumas formulações do nosso transporte excediam a nossa área de competência e estavam se imiscuindo na área do transporte. Isso que eu sei que era a objeção central. Mas não há nenhum nexo causal direto entre o Sr. Clésio. Não tenho registro de fato.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Durante o seu período e na seqüência, no período do Hassan Gebrin, nós tivemos essas questões que envolveram recursos vultosos. Por exemplo, essa questão das empresas de entrega expressa, tenho aqui uma reportagem do ano de 2000, da Mônica Bergamo, que diz

que o que estava em jogo era algo em torno de US$20 bilhões nos próximos dez anos. Numa década, uma movimentação da ordem de US$20 bilhões. Portanto, o jogo que esteve colocado nessa guerra das empresas e tal não foi muito simples.

Na reportagem da Mônica Bergamo, há uma colocação de que o senhor estava preocupado em garantir o monopólio para a estatal e usavam termos como "retrógrado" para se referir ao senhor. De toda forma, o que as empresas queriam era todo tipo de desculpa para tentar se livrar da fiscalização da futura agência postal. Aqui na reportagem diz que também o *lobby* das franquias atuaram nessa tramitação, fartamente distribuídas no ano passado para apadrinhados de políticos. A reportagem diz, inclusive, que o genro do Inocêncio Oliveira era dono de uma. Então, eu queria que o senhor me explicitasse este tipo de movimentação que houve e essa disputa efetiva por esse bilionário mercado que esteve em disputa durante o seu período e, na seqüência, do Sr. Hassan Gebrin.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Veja bem, a nossa percepção, dos profissionais dos Correios que estudaram a área postal, a atividade postal, ao longo dos anos, vai se metamorfoseando e vai se adaptando às novas demandas, às novas tecnologias, e nós percebemos, nitidamente, que estamos vivendo a era das encomendas. As encomendas tinham uma função assim um pouco subsidiária, era uma coisa não predominante, mas, quando os Correios vão perdendo substância nas cartas, que é uma coisa mais tradicional, ele vai substituindo por novas tecnologias, ele adota o Correio Híbrido. Os correios no mundo todo – não é questão que os brasileiros queriam fazer isso não. Todos os correios oficiais do mundo são grandes transportadores de encomendas. E, especialmente na era do *e-commerce*, na era das compras, é claro que eles ganharam um papel muito relevante. Então, nós aqui no Brasil estávamos de olho em habilitar os Correios, e ele está habilitado em grande parte hoje. As encomendas geradas pelo sistema do *e-commerce*, em grande parte, são transportadas pelos correios brasileiros, habilitado para poder fazer isso. É um novo papel, uma nova forma de prestar serviços à sociedade. Portanto, uma fatia de mercado muito ampla.

Não há, objetivamente, no projeto nada que proíba qualquer empresa nacional ou multinacional de exercer a sua função, absolutamente não há nenhuma razão para que as multinacionais, exceto o controle da agência reguladora. A agência reguladora queria que esses *players*, que esses agentes do processo se inscrevessem, registrassem-se. Insurgiram-se contra isso. O projeto, pelo contrário, se tinha algo a ver com a questão de privatização ou não, acabava com o monopólio da ECT, ele marcava data para acabar o monopólio, marcava duas datas: ou cinco anos ou dez anos no que há de monopólio. E o que há de monopólio hoje são as cartas. O que é importante para os Correios no atual são as cartas e as correspondências bancárias, que é um volume imenso.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Quer dizer, o filé *mignon* mesmo, aquele dos bilhões, este foi flexibilizado.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Perdão. Não entendi, Senadora, o raciocínio.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É porque o senhor está dizendo que o que acabou ficando no resultado foi apenas o monopólio das cartas.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não. Isso sempre existiu. O que chama o correio de monopolista sempre existiu em torno das cartas, nunca nas encomendas. Nunca houve monopólio nenhum. Então, não há razão de as multinacionais, ou quem quer que seja, se insurgirem contra a posição dos Correios. Pelo contrário, os Correios estão defendendo o aparecimento de mais *players*. A lei está abrindo as portas só que de uma maneira regulada. Essa era a única exigência.

Nós tínhamos exemplo do que a Argentina fez na área de correios e o que fez na área de telecomunicações, de tentar regular depois que todo mundo já estava no mercado. Então, você não consegue fazer mais isso. Então, a idéia era criar uma plataforma reguladora...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Mas havia divergências entre a posição que o senhor estava defendendo e a que o Pimenta da Veiga estava defendendo nesses assuntos de grande vulto.

O SR. EGYDIO BIANCHI – É bem possível, mas eu não me lembro assim precisamente. Não, não. Realmente, a nossa convergência não era muito freqüente. Então, aposto que pudesse estar havendo realmente alguma divergência nessa matéria. Mas o que eu queria precisar é que esse negócio fabuloso de bilhões e bilhões, ele está colocado aí. Ninguém ou a lei nunca criou qualquer empecilho para que ele acontecesse, não criou nenhuma restrição, e tampouco protegeu a ação brasileira da ECT. O que a lei colocava, em matéria de monopólio, é que ela quebrava o monopólio da ECT, o que é uma coisa que já existe. E não em encomendas, nunca foi em encomendas, porque nunca existiu "encomendas", e não haveria o que quebrar.

Ao que a ECT se propunha, nessa discussão toda, era abrir mão do seu monopólio. Pedia cinco anos para se reaparelhar, para se rediscutir, mas nada a ver com a área de encomendas, que nunca foi objeto de monopólio.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É porque a sua demissão foi extremamente ruidosa. Não foi uma demissão tranqüila; foi extremamente ruidosa, e inclusive propiciou uma ida do senhor ao Presidente, à época, em uma longa conversa registrada pela imprensa.

O senhor saiu falando de inúmeras irregularidades que vinham sendo cometidas, que estariam sendo cometidas ilegalidades nos Correios, e que o senhor estava assim se insurgindo contra isso. E me parece que, se há disputas tão significativas, como disputas de mercado de bilhões – vinte bilhões em dez anos, não é em qualquer nicho de mercado uma disputa dessas – parece-me que essas deveriam ser, do meu ponto de vista, questões centrais que estavam na disputa entre as posições que o senhor exercia como Presidente dos Correios e o Sr. Ministro Pimenta da Veiga.

O SR. EGYDIO BIANCHI – É uma interpretação. Mas posso com muita segurança lhe dizer que, embora essa questão do mercado milionário exista, e ele continua existindo para todo mundo, o que as empresas multinacionais especialmente queriam era trabalhar sem a ação de uma empresa reguladora. Elas não reivindicavam nada, absolutamente nada. Agora, é claro, o negócio continua sendo milionário, e evidentemente que os interesses se jogam em torno deles. Mas eu posso lhe garantir que ninguém ficou com essa ou aquela vantagem. A vantagem é que o projeto não foi adiante e não teve uma agência reguladora. Essa a vantagem que elas ganharam.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Então, deixe-me fazer as perguntas pontuais, pois já tocou o sinal do meu tempo, se o Deputado José Eduardo Cardozo me permitir; mas a reportagem que tenho nas mãos é "Barraco tucano. Demitido dos Correios, Bianchi alia-se à viúva de Serjão para torpedear Ministro." E lista as peripécias. "Eis as peripécias que Bianchi denuncia." Vou ler uma a uma e quero que o senhor confirme-as ou não.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Perdão, Senadora, interrompê-la um segundinho. V. Exª se refere a irregularidades, que eu teria restrições a essa expressão. Agora, as peripécias...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não, mas a palavra "peripécias" é como consta na revista. Não são minhas palavras, não. As irregularidades é depois, na minha pergunta, mas estou lendo aqui o que está escrito. Vou até ler o que está escrito:

"Eis as peripécias que Bianchi denuncia. Diz que quando cancelou o contrato da Empresa de Correios e Telégrafos com a Vasp, porque a empresa apresentara documentos falsos, Pimenta não gostou. Ele me chamou no gabinete dele e lá encontrei os Senadores José Roberto Arruda e Romero Jucá, que fazem lobby para a Vasp. Pimenta me constrangeu de forma acintosa. Queria que eu revisse a decisão de cancelar o contrato com a Vasp." – isso tudo está entre aspas – "Jucá confirma o encontro, mas diz que o assunto era um plano de reformulação do setor aéreo, estudado pelo Senado, no qual a Vasp se sentia prejudicada. Ele disse que foi ao gabinete do Ministro pedir apenas a sua compreensão para a Vasp."

O SR. EGYDIO BIANCHI – A questão Vasp. Nós vivemos a questão Vasp. Eu tenho aqui os gráficos de performance da Vasp como operadora a serviço dos Correios, quer dizer, a quantidade de atraso, a carga que ela prejudicou, o número de cancelamento de vôos, enfim, a deterioração dos serviços de correios, proporcionado pela Vasp, que, aliás, era decadente também na aviação comercial comum, de passageiros. Tanto que o que aconteceu o Brasil todo conhece e sabe das deficiências e das limitações da Vasp. Nós não tínhamos nenhuma outra saída que não a de cancelar efetivamente o contrato da Vasp. Ela era inadimplente em relação à companhia, inadimplente em relação ao Governo Federal, e, mais ainda, ela falsificava os CNDs para se candidatar ao recebimento dos recursos. E nós não podíamos. Recebíamos representação de Procuradorias chamando a atenção de que não podíamos pagar uma empresa que não apresentasse os documentos normalmente exigidos pelo Poder Federal. Eu disse – acho que a senhora não estava presente ainda – que descobrimos posteriormente que essa CND é de uma padaria no Rio de Janeiro. Então, não havia como, nem se quiséssemos, voltar atrás. Era absolutamente ilegal.

Usamos uma saída muito engenhosa que foi a seguinte: o INSS está disputando um dinheiro que devemos à Vasp. Nós queremos pagar, só que não podemos pagar. Então, fomos ao juízo, recolhemos em juízo essa quantia e deixamos a Vasp brigar com o INSS para ver quem tinha direito a esses recursos.

Agora, quanto a essa entrevista que a senhora menciona...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Por que aqui na reportagem diz que o Pimenta não gostou e o chamou ao gabinete. Então, essa é a pergunta...

O SR. EGYDIO BIANCHI **– Ele deve ter sido... veja bem, uma autoridade maior, no setor de comunicações, como era o Ministro, e com o temperamento sensível, ao ouvir os segmentos da sociedade, os que se sentiam prejudicados, em particular, com essa medida, era natural que a Vasp, em grau de recurso, fosse recorrer a ele, porque havia terminado o nosso diálogo, não tinha mais como dialogar, não tinha mais espaço, nem legal, nem operacional.**

Então, quanto ao fato de ele ter sido visitado pela Vasp, isso é uma coisa perfeitamente compreensível. E ele não estava, de fato, quando nos chamou, consciente do nível de inflação e do nível de irregularidades na ação da Vasp. Ficou sabendo nessa reunião exatamente.

Para meu espanto, para minha surpresa, os Senadores então presentes também se surpreenderam com essas irregularidades todas e, naturalmente, deixaram de fazer seus pleitos. O importante que gostaria de frisar é que, a despeito dessas questões, não se consumou a principal saída, não se consumou a saída de favorecimento ou a volta atrás. O que aconteceu foi um temperamento político que, de certa maneira, se antepunha um pouco ao rigor das decisões técnicas. E era o nosso caso. E falaram: mas, porque você falou isso para o jornal? Eu estava muito cansado, estava exausto...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Isso foi bem próximo da sua demissão, mais longe, o senhor distancia ou não?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Bom, nas proximidades, corretamente ou não – assumo naturalmente a responsabilidade pelo que falei – na minha saída achei uma hipocrisia dizer que era problema de razões de procedimento administrativo. Tem muito mais do que procedimento administrativo. Então, veio, de fato, uma matéria.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Mas, qual é a distância dessa reunião que o Pimenta chama ao gabinete dele para tratar dessa questão da Vasp e a sua demissão?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não sei lhe dizer. Questão de meses talvez. Cinco meses, seis meses – imagino, não tenho muita segurança.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Não sei se o Deputado Eduardo me permite. Teria ainda outras coisas e sei que tem outros inscritos.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Há poucos inscritos, Senadora.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Posso me reinscrever.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Em especial referência a V. Exª e não havendo tantos inscritos assim, prossigamos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Continuando aqui na lista das peripécias. Bianchi conta que foi pressionado a aceitar que a Mercedes-Benz entregasse quinhentos veículos de 98 à ECT e não do ano de 99, como definia o edital de licitação da compra. A pressão vinha de dois diretores, ambos nomeados por Pimenta da Veiga. Um era o Diretor de Tecnologia da ECT, Éder Pinheiro, cuja família tem uma revendedora da Mercedes-Benz em Brasília. O outro era o Diretor de Administração, Afrânio Rodrigues, amigo de Pimenta da Veiga há quatro décadas. A licitação foi anulada, fez-se nova concorrência e quem venceu foi a mesma Mercedes-Benz que entregou os carros do ano.

O SR. EGYDIO BIANCHI – É, seguramente isso existiu e havia pressões de várias naturezas no sentido de que acolhêssemos o resultado da primeira licitação. Mas não acolhemos esse resultado. Finalmente ganhou uma empresa que era a representante. Uma preliminar que acho muito importante: nós quebramos, nessa oportunidade, o chamado monopólio do motor a gasolina. Toda a frota dos Correios estava construída em torno das Kombis. Não tivemos nada contra, mas era realmente um combustível oneroso, era uma manutenção cara, e não era o carro mais eficiente.

Os Correios sempre perseguiram essa questão de buscar os carros a diesel, e não eram tantas montadoras que trabalhavam com esse carro. Evidentemente, a Mercedes-Benz tinha e tem um dos melhores utilitários e havia um grande interesse de que os fabricantes de diesel se apresentassem e ganhassem. Nunca se conseguiu colocar nas licitações esse tipo de coisa na história dos Correios. Nós conseguimos, de fato.

Agora, quem ganhou – a primeira foi cancelada; a segunda realizada – quem ganhou foi uma licitação resolvida no final do ano e a entrega dar-se-ia no começo do ano seguinte, em decorrência normal de um processo de licitação. Acontece que a empresa interpretou que, como a licitação começou no ano "n" que ela poderia entregar os carros, porque ela já estaria comprometida. Provavelmente, já tinha algum negócio, alguma negociação com a montadora. E nós não aceitamos. Nós queríamos para o ano da entrega. Só que, se ganhássemos uma licitação no ano, sei lá, de 95, e demorasse três anos para entregar o veículo, receberíamos um veículo de 95 e de 98? Não era possível. Então, fizemos o *(Inaudível.)* e fizemos um altíssimo negócio, porque elas tiveram que se render à evidência da nossa posição, da legalidade da nossa posição, e nós não nos vergamos às pressões. As pressões existiram exatamente nas companhias vencedoras do pleito. Que, ocasionalmente...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – E a pressão dos dois diretores é correta? Existiu? Do Éder Pinheiro e do Afrânio Rodrigues?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Veja bem, eu era Presidente e sempre tive um temperamento muito forte de gestão, de relacionamento. Essas pressões eram muito sutis. Não havia coragem de abordar com pressões e tal, mas havia; havia realmente pressões. E uma, em particular, tinha uma relação de parentesco com a...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Com o Ministro...

O SR. EGYDIO BIANCHI – Tanto que ele foi afastado de qualquer tipo de processo interno. Não opinava, não votava. Ele mesmo percebeu, digamos, a contradição e afastou-se. Mas, na hora das pressões, havia pressões; evidentemente que havia pressões.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Aí, continua a questão do Sr. Afrânio Rodrigues, continua a reportagem dizendo que o senhor, Bianchi, acusa o Sr. Afrânio Rodrigues, o Diretor de Administração, de recorrer a amigos, corretores, para comprar e vender imóveis dos Correios em todo o País.

"É um absurdo. Os Correios têm toda uma estrutura para comprar os imóveis diretamente. O amigo de Pimenta inventou a figura do corretor. Quem é inteligente deve saber o porquê". O senhor até informa que jamais recorreu à corretagem em seus negócios imobiliários.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Então, exatamente. Os Correios têm uma capacidade instalada, têm um capital, digamos, intelectual suficiente para comprar terreno. É uma das maiores organizações imobiliárias; têm dependências operacionais, têm cadeia de agências monstruosas e, de fato, têm mecanismos muito claros. E houve uma iniciativa desse diretor de trazer a figura dos corretores, que, evidentemente, foi absolutamente rechaçada. Agora, na hora da prestação de contas, eu realmente me lembrei de todas essas pressões, essas distorções e relatei. Mas não foi acolhido e eu quase que desafiaria qualquer um a localizar uma transação imobiliária dos Correios que tivesse tido a participação dos Correios. Não foi aceita a forma. Agora, foi uma novidade.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Mas foi tentado. Afrânio Rodrigues tentou fazer essa corretagem...

O SR. EGYDIO BIANCHI – Sem grande convicção, mas foi, porque, veja bem, eu disse, no começo, que levantamos um processo de investimento da ordem de 500 milhões anuais. Apenas 10 vezes mais do que os Correios haviam feito até aquela data, em termos de médias anuais. Não houve a concretização desses 500 milhões anuais, dos quatro bilhões. Mas citei, no começo, Senadora, que foi atendido em 67%. Isso dá dois bilhões e setecentos bilhões. Realmente, recursos que a empresa, teoricamente, nunca havia visto. Foi, realmente, uma quantidade imensa de investimentos de alta tecnologia, e isso – eu não vou nem dizer nem desdizer ao Hassan Gebrin – isso começou com um plano chamado Paste, que era um Programa de Recuperação e Ampliação do Sistema de Telecomunicação e do Sistema Postal brasileiro.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – O Afrânio Rodrigues continuou quando o senhor saiu?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Ele não foi solidário, realmente!

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Ele continuou, porque temos, no depoimento do Hassan Gebrin... Inclusive, estamos apresentando um requerimento para fazer um levantamento cartorial, porque há fortes suspeitas de ter havido questões ligadas à compra e venda de imóveis.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu, francamente, afirmaria, no que me é dado a conhecer e perceber, que nenhuma operação imobiliária se deu. Agora, que a licitação no mercado era enorme, era. Tem-se de fazer investimentos vultosos em Minas, em São Paulo, Rio de Janeiro. Todas as capitais seriam alvo de instalação, de dependências operacionais, de verdadeiras indústrias.

Então, havia, realmente, uma movimentação. E, naturalmente, a licitação do mercado imobiliário é muito grande. Não é que ele inventou ou deixou de inventar. Nós éramos procurados também por corretores em Minas e em São Paulo, uma quantidade imensa de pessoas oferecendo coisas, oferecendo via Deputados da sua confiança, da sua amizade, enviando propostas por escrito. Acho até natural essa excitação toda. Tem dinheiro, tem recursos. Os Correios sempre foram uma empresa muito correta nas suas obrigações financeiras. Então, acho que essas pessoas naturalmente viam oportunidade de fazer negócio. Agora, no que isso constou das iniciativas de um diretor foi absolutamente rechaçado, não houve nenhum acolhimento desse tipo de conduta, e as coisas foram feitas como nós sempre fizemos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – A última questão que está na lista, para já poder passar a palavra ao Deputado Sílvio, é que há uma referência à questão da dívida de gastos postais em campanhas eleitorais do PSDB mineiro. Houve uma solicitação de parcelamento, e há inclusive a confirmação de uma negociação, e o PSDB pagará a dívida em dezoito parcelas. Então, queria que o senhor pudesse confirmar se isso ocorreu ou não.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Francamente, ocorreu, sim. Ocorreu. A nossa gestão...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – É uma dívida e R$1,2 milhão.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não lembro mais os valores, francamente. Mas, por consciência pessoal, profissional e de cidadão, todas as eleições intermediárias, nós criamos mecanismos de abrir as portas dos Correios para todas as agremiações, indiscutivelmente todas as agremiações. Fazíamos chegar aos partidos

os serviços que estavam disponíveis realmente, até criamos gerências especiais para nessas ocasiões estarem disponíveis, realmente, por uma crença pessoal e profissional de que os Correios deviam estar a serviço de qualquer exercício democrático dessa natureza. Agora, uma certa frustração porque, depois de usufruir esse serviço, várias agremiações – eu diria, no mínimo, três – deixaram de nos pagar. E aquilo eram coisas controladas, nós tínhamos reuniões para...

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Quais as três? O senhor pode citar?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não estou muito seguro, mas uma, seguramente, era o PSDB.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Que não pagou? Negociou e não pagou?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não pagava até um certo momento, e nós naturalmente nos insurgimos, até por uma questão de proximidade com a própria agremiação. Não será o PSDB que deixará de pagar um serviço dessa natureza. Houve, de fato, algum tipo de dificuldade, mas isso, pelo que eu soube posteriormente, foi equacionado e foi pago, assim como das outras legendas, se não me engano, uma delas era o PTB, que até fazia um jogo assim: "Puxa vida! Dos tucanos vocês não cobram, mas cobram da gente". "Não, nós cobramos de todo mundo", e foi assim que fizemos.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Por conta dessas irregularidades que o senhor denunciou, o Ministro Pimenta da Veiga chegou a processar o senhor? Porque ele ameaçou. Chegou a processar?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não. Eu acho que ele não teria nem fundamento nem coragem para fazer isso. Não faz sentido.

A SRA. IDELI SALVATTI (PT – SC) – Eu tenho mais questões, mas vou-me reinscrever.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Exª se reinscreve.

Deputada Denise Frossard.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, há uma questão aqui. Eu gostaria de submeter um requerimento a V. Exª, naturalmente com a oitiva dos Pares que aqui se encontram. Nós temos aqui um último depoente, que é o Sr. Kress, que é a questão das franquias. Então, obedecendo a essa seqüência, talvez fosse bom a inversão. É o que requeiro, se não houver oposição dos Pares.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Consulto as Srªs e os Srs. Deputados e as Srªs e os Srs. Senadores. (Pausa.)

De acordo.

Então fica determinada a inversão. Nós ouviremos primeiro então o depoente citado pela nobre Deputada Denise Frossard.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Muito obrigada, Sr. Presidente; obrigada, colegas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, eu retomo um pouquinho a argüição, posteriormente o Deputado Silvio Torres e a reinscrição da nobre Senadora Ideli Salvatti.

Eu acompanhava a argüição da nobre Senadora Ideli Salvatti, inclusive com alguns pontos concretos, e eu gostaria da fazer uma pergunta ao senhor, porque o senhor disse claramente que o ex-Ministro Pimenta da Veiga tinha uma forma antiga de fazer política e que talvez nisso estivesse a sua divergência. Mas, pelo depreendi de algumas respostas que V. Sª deu às minhas inquirições e também às da Senadora Ideli Salvatti, me parece que talvez a divergência é mais do que forma, mas uma questão ética mesmo, uma compreensão ética diferente da coisa pública. Seria isso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não saberia, quer dizer, minha formação inclusive é na área industrial e talvez não permitisse classificar essa coisa no campo da ética, mas seguramente de convicções e posturas absolutamente diferenciadas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, porque quando se fala de corretagem, quando não precisa, temos aí toda uma série de colocações que foram feitas V. Sª fala que a máquina administrativa estaria sendo utilizada para favorecimento naquela questão dos patrocínios, ou seja, essa é uma questão que já transcende a compreensão política e vai para o plano ético.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Veja, as corretagens, acho que esclareci o suficiente, o que quis dizer é que realmente os Correios apareceram no mercado como compradores de imóveis, e precisavam fazer isso porque tinha fornecimentos internacionais com datas previstas, que era uma coisa líquida e certa que aconteceria. Era natural que houvesse essa excitação mercadológica que houve de fato. E por meio de um diretor indicado pelo Sr. Ministro, das relações dele, surgiu essa idéia. Não quero dizer que a idéia seja do Ministro, o Ministro nunca ligou para mim e disse: olha, vai um corretor aí tratar desse assunto. Agora, dizer da iniciativa de um diretor dele transferir para ele a responsabilidade de estabelecer corretagem na compra de imóvel, eu não faria isso, seria temerário da minha parte.

Ao fim e ao cabo, nenhuma transação imobiliária se efetivou sob a nossa gestão, sob a nossa responsabilidade, que tivesse corretagem de corretores indicados ou não indicados. De forma que não há o

principal. Agora, que há um estilo diferente, há. Se ele estava recomendando isso, claro, eu até daria razão a V. Exª. Mas de qualquer maneira não tenho; tenho uma dedução de que provavelmente essas pessoas, falando ou não em nome dele, tinham de fato esse hábito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem ciência se o ex-Ministro Pimenta da Veiga funcionava na arrecadação de recursos eleitorais, nas campanhas?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não me consta... V. Exª está falando de que campanha?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qualquer uma.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não conheço essa habilidade dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe de eventuais relações do Sr. Pimenta da Veiga com o Sr. Marcos Valério ou tinha ciência dessas relações?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não. Eu me dei conta dessa questão a partir do noticiário, do acompanhamento dos trabalhos das comissões, em especial da ala mineira responsável pelo epicentro do fenômeno. Mas não tinha qualquer vestígio anteriormente; não sei dessa relação; não tenho a menor percepção desse caso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em algum momento ele insistiu para que o senhor contratasse, ou alguma agência de publicidade terceirizasse alguma coisa? Houve alguma situação de gestão nessa situação?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, absolutamente. Primeiro porque estava em pleno vigor um trabalho com três agências, a terceira das quais eu me esqueci, mas uma delas era de fato a DM-9, a outra era a Stander. Elas tinham planos, programa de trabalho e tinham um contrato, sobretudo. Contrato esse que terminou, que foi concluído após o meu... Eu sai dos Correios e eles continuaram.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, é que depois entra a empresa chamada Jacomet.

V. Sª não conheceu nem os proprietários dessa empresa?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não tenho a menor idéia. Qualquer fenômeno que possa ter ocorrido, seguramente ocorreu depois da conclusão desses contratos das entidades que trabalhavam conosco. Não houve e nem poderia haver espaço legal para falar: contrate esse ou contrate aquele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Voltando, queria adentrar um pouquinho à questão relativa ao correio noturno, ao transporte aéreo. Na sua exposição preliminar, me chamou atenção uma ponderação que V. Sª fez sobre a rede postal noturna. O senhor falou que havia algumas exigências da Lei 8.666, de 1993, que teriam sido sacrificadas – essa expressão é de V. Sª. Que exigências foram essas que tiveram que ser sacrificadas na montagem da rede postal noturna?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Sr. Deputado, eu tenho o documento que deu embasamento jurídico para isso que foi chamado de procedimento especial – tenho esse documento – e ali são feitas essas considerações. Mas especialmente o que eu me lembro assim é você não ter *players*, é você não ter agentes participando da concorrência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como assim?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Vou lhe dar um exemplo. A Vasp, durante muito tempo, operava uma linha, só ela tinha um avião com essa capacidade, não é? Então, se se tirasse a Vasp, não tinha correio. É evidente que, aos poucos, fomos mudando essa Lei, essa malha, diminuindo as capacidades e chegando mais próximos da frota nacional, não criando linhas que só dependessem de uma pessoa.

Então, em grande parte, ocorria isto: nós fizemos a concorrência com 29 linhas, é só conseguimos preencher sete. Faltaram 22 linhas, porque, realmente, não tinha ...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi depois disso que esse estudo jurídico foi feito, ou foi antes da concorrência.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Foi depois da concorrência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem esse estudo jurídico?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Tenho esse estudo, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor poderia encaminhar-nos?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Com grande prazer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque é de grande valia.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Mais ainda. A ordem, a seqüência é esta: uma concorrência foi abortada pelo Governo, quando entramos. Fizemos uma reformulação da rede postal. Saímos de 50 linhas e caímos em 29 linhas. Em cima dessa nova malha, foi feita uma licitação. Esta não foi concluída, porque, das 20 e tantas, só sete realmente foram atendidas, e não tínhamos saída. Não sabíamos. Não podíamos parar o serviço. Não podíamos fazer uma contratação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E qual o caminho que foi feito?

O SR. EGYDIO BIANCHI – O chamado procedimento especial de licitação ou de negociação. Não estou muito claro. Existe esse procedimento. Ele foi manualizado, enviado à Aeronáutica, porque, de certa maneira, o DAC era a entidade reguladora daquele momento, e o embasamento jurídico para que se fizesse isso foi desenvolvido pelo Conjur do Ministério das Comunicações. Há uma fundamentação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi um regulamento específico de licitação?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Foi um regulamento específico para atender a essa circunstância específica – não ter *players*, não ter fornecedores concorrentes para atender a uma determinada demanda da empresa que faz a licitação. Então, teríamos de procurar uma outra forma. Para não ser uma forma arbitrária de distinguir a, b ou c, foi feito um procedimento aberto de negociação. E tem as regras, não me lembro precisamente, mas por isso se chamou um procedimento especial de licitação. E o sacrifício foi que realmente algumas questões foram de fato sacrificadas. Eu não saberia fazer uma comparação entre esse procedimento...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. Mas, se V. Sª pudesse encaminhar, porque seria de grande valia para nós verificarmos qual foi esse procedimento jurídico, que mudanças e que aspectos da Lei 8.666 acabaram não sendo atendidos nesse respectivo procedimento.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, o senhor conhece o Sr. Antônio Augusto Conceição Morato Leite Filho, representante da Beta?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não conheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não?

Luiz Otávio Gonçalves, representante da Skymaster?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não conheço, só de notícias dos jornais, da imprensa, com relação aos trabalhos da CPMI.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois dessa reformulação e desse procedimento, que linhas aéreas operaram o correio noturno? O senhor lembra?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Foram muito mais, posso lhe dizer, do que aquelas que operavam inicialmente, que, virtualmente, e monopolizavam. Acho que adentraram o cenário a TAM, uma empresa de porte grande e regular que até então não produzia. O entusiasmo dos Correios em relação à TAM só diminuiu quando também passou a ser concorrente dos Correios; a própria Vasp, que permaneceu até ter o seu contrato extinto; a Rio Sul; a Skymaster; a Beta; a Atlântica; e o conjunto. Precisaríamos pegar agora se eram 29 linhas, e nem todas estavam reunidas sob a responsabilidade de uma só, eram várias companhias.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tomou ciência de pedidos de reequilíbrio econômico-financeiro dos contratos das empresas que trabalhavam nessa área?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Embora essa seja até uma obrigação do órgão público de estar atento para essa circunstância, francamente, não me lembro de termos inaugurado qualquer temporada de...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não lembra de qualquer reequilíbrio econômico-financeiro?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não me lembro, pode ter ocorrido, mas não me lembro. O curioso, Deputado, e acho que é importante que os Parlamentares e a sociedade tomem conhecimento disso, os preços, até a liberação da parte do DAC, eram formulados pelo DAC, que publicava um referencial de preços e estabelecia que não se podia contratar preços inferiores a 80% desse referencial. Então, de certa maneira, a experiência de administração de preços por parte dos Correios sempre foi muito pequena, porque, embora paradoxalmente quisesse fazê-lo, na verdade, não precisava se preocupar muito não. Isso dizia respeito à atualização dos custos, essas companhias mostravam as suas planilhas e tal, e, de quando em vez, não sei dizer a periodicidade, o DAC entrava com esses preços referenciais reformulados.

Para que essa etapa cedesse lugar a um trabalho mais autônomo do contratante, foi feito, não me lembro agora, por uma consultoria francesa também, exatamente um estudo dando ferramentas para os Correios trabalharem as estruturas de custo, o tipo de aeronave, a quilometragem, o tipo de carga, enfim, a freqüência com que isso é realizado, de instrumentos para administrar a questão dos custos, porque sempre foi uma coisa bastante, digamos, polêmica. Só não era mais porque se assentava exatamente nos preços referenciais fornecidos pelo DAC.

Fiz essa observação porque a questão de preços na aviação não era realmente uma cultura que a empresa tivesse como tem de outros insumos

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor chegou a fazer um estudo, e mencionou isso na sua exposição inicial, acerca da rede postal noturna atuar com aviões próprios. Isso foi um estudo que o senhor disse que era bastante polêmico. Por que isso não foi viabilizado? Houve pressão

de políticos ou do Executivo, do Ministério, para que isso não ocorresse?

O SR. EGYDIO BIANCHI – A cultura, digamos assim, da aviação civil de passageiros no Brasil, o modelo que ela defendeu e trouxe em alguma medida até os dias de hoje, de certa maneira foi responsável, tem sido responsável pelo insucesso econômico e financeiro do setor. As companhias que são filhotes dessa temporada toda, dessa época toda, quase todas elas, salvo as que entraram com outro vigor, com uma outra proposição, elas foram aos poucos caindo: a Transbrasil caiu, a Vasp, com problemas terríveis, a Varig... Enfim, as companhias dessa era estão realmente sucumbindo, porque as linhas eram garantidas, não tinham concorrência, as atribuições tal... Pode ou não haver concorrência nesse setor? Há correntes na área do DAC que advogam que não, que o mercado é pequeno, que se não se fizer essa atribuição a concorrência é predatória, é isso, é aquilo, aquilo outro. Sempre houve esse embate de quem achava que o mercado poderia ser aberto para a concorrência, com maior liberdade e outras proposições, e aqueles que achavam que não, que realmente as linhas têm que ser autorizadas uma por uma, as empresas são as regulares ou não regulares. A regular pode fazer isso, isso e aquilo; as não regulares não podem fazer isso... Enfim, essa disciplina e essa gestão que esse setor realmente fazia.

O senhor me perdoe, mas eu acabei divagando e perdi o fulcro da sua formulação inicial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não, está perfeito. Na verdade, queria saber quem foi contrário a que os Correios tivessem aviões próprios?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Então, dentro dessa cultura não havia a menor simpatia para com a idéia de os Correios terem um transporte próprio, em nenhum setor, nem no DAC, nem no Ministério das Comunicações e muito menos na área privada das empresas já existentes, não é? Não havia, realmente, nenhuma simpatia e tal.

Deixe-me dizer uma coisa, a FedEx, que é uma grande companhia internacional, já chegou a ter em sua frota própria quase duas mil aeronaves no mundo todo. A DHL, que é uma empresa privada americana, tem pelo menos 260 aviões próprios, não é? A Aeropostal, que é uma empresa controlada pelo Correio francês, tem toda a frota própria, ela vai até um pouco ao contrário, ela otimiza, em função do transporte postal, e o que sobra de carga ela transporta passageiros. Quer dizer, ela otimiza de uma outra maneira.

É muito difícil isso que os franceses nos disseram. Então, o estudo a que eu me referi é um estudo desenvolvido pela consultoria de uma empresa chamada Aeropostal. Todos os técnicos que conduziam esse assunto lá na França estiveram aqui e examinaram a nossa situação, um diagnóstico muito minucioso. Esse estudo existe, é disponível na empresa. Eles apontaram três caminhos para que refletíssemos. Falaram: "Olha, vocês precisam pensar seriamente nesse assunto. Um modelo é continuar fazendo o que vocês estão fazendo. Como vocês podem resolver esse modelo? Podem resolver fazendo isso, maior controle aqui, melhor nisso, tal e tal. O outro modelo seria eleger parceiros prioritários, uma ou duas parceiras privadas prioritárias. E um terceiro modelo seria fazer uma frota própria".

Eles, modestamente, advogavam que lhes parecia que esse seria o caminho mais indicado, embora os outros não fossem inviáveis. O próprio modelo hoje não é inviável, ele funciona, mas funciona com grandes limitações, funciona com distorções, com custos provavelmente maiores e, sobretudo, com eficiência baixa no sistema.

Devo adiantar uma coisa que parece curiosa. Uma vez eu tive uma altercação grande, porque nós tínhamos um controle das companhias, do número de atrasos, do tempo que elas deixavam e, sobretudo, das cargas que ela prejudicavam. E um dia tomamos conhecimento de que num *hub*, num ponto de ligação, a Vasp teve a coragem de descarregar toda a mala postal para atender a um outro cliente privilegiado.

Então, como se pode aceitar que um fornecedor seu, num contrato rigoroso, e ainda mais, concorrente também, chega no meio do caminho alguém pede alguma coisa e ele descarrega a mala postal do Brasil todo, em função de atender uma... Então, você ficar na mão da concorrência, os franceses achavam realmente uma coisa impossível de... Portanto, eles eram a favor de um modelo em que se tivesse o domínio disso, domínio das partidas, domínio dos atrasos, que se tivesse uma gestão. Tanto é que, independentemente do modelo, eles sugeriram a montagem de um centro de operações, de um comando central de operações que hoje existe. Hoje nós temos um comando central de operações que mesmo nesse sistema de contratação picadinho das linhas sabe o que está acontecendo, onde estão os atrasos, mas não tem o pleno domínio. Se um deles cismar de, no meio do caminho, destrambelhar para carregar a carga de um concorrente, isso vai acontecer, porque não se tem esse domínio. Mas não havia realmente simpatia e eles não deram um único caminho. Eles deram vários caminhos. Esse trabalho está disponível, e as administrações, os técnicos, sobretudo os profissionais, aplicaram o que era possível, mas as decisões mais complexas, mais radicais ficaram realmente...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou variar um pouquinho, porque há uma grande quantidade de perguntas.

A imprensa noticiou, à época, que em sua conversa com o Presidente Fernando Henrique Cardozo, logo após sua demissão, V.Sª levou um dossiê com várias denúncias sobre os Correios. Na imprensa, V.Sª fala o seguinte: "Se o Presidente falar sobre nossa conversa e as denúncias que fiz, ele se obriga a se manifestar, o que provavelmente não quer".

V.Sª realmente falou isso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não. Isso foi uma dedução da...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso está entre aspas, uma frase atribuída a V. Sª, entre aspas.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, a intenção, em nenhum momento, foi essa. Foi um tratamento inadequado dessa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas V. Sª levou um dossiê para ele?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não levei um dossiê, porque dossiê pressupõe uma formatação física, documentos... Houve um relato realmente das minhas preocupações.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um relato com denúncias?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, denúncias...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou indicações de irregularidades?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não de irregularidades, mas de formas inadequadas de condução da gestão de uma empresa pública.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª se lembra quais? Pontualmente, são todas essas? Quais foram, pontualmente, aquelas que falou com o Presidente da República?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Questões de um modo geral, em especial, a lei. Eu acho que trabalhamos durante um ano... "Nós", o Governo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, V. Sª fala em denúncias, pelo menos a imprensa registra isso. V. Sª fala: Se o Presidente falar a nossa conversa, as denúncias que fiz... Não me parece que foi só uma análise política que fez. V. Sª pontuou situações para o Presidente da República. Quais foram?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Há um projeto do Governo subscrito pelo Presidente da República e por um ministro. Ao longo do tempo, o ministro efetivamente conduziu o processo legislativo desse...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Projeto de lei.

O SR. EGYDIO BIANCHI – ...projeto de lei com muita impropriedade, sem dúvida com muita impropriedade, e que advém essencialmente de alterar uma proposição, de certa forma madura, do próprio Poder Executivo e subscrita pelo Presidente da República. Quer dizer, essas condutas, digamos assim, de amparar, de acolher pleitos, de discutir com os setores que se sentiam prejudicados, de certa maneira de apoiar um projeto de lei alternativo, eram, ao meu ver, coisas graves. Eu considero isso coisas graves. Considero isso condutas graves em que se está destoando de uma linha do próprio Governo, do próprio Executivo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o que V. Sª falou com o Presidente da República tem a ver exclusivamente com esse projeto ou tem...?

O SR. EGYDIO BIANCHI – A maioria dos comentários meus diziam respeito...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a minoria?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu não me lembro mais de uma conversa em um momento tão acidentado. Mas essas questões, por exemplo, de Vasp, de problemas que apareceram, de certa maneira fizeram parte desse relato meu.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O problema relativo à Vasp sobre o qual V. Sª falou com o Presidente, qual foi exatamente?

O SR. EGYDIO BIANCHI – O Presidente sempre nos apoiou na Vasp...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na Vasp.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Especificamente as restrições...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A rescisão do contrato com a Vasp.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não era só o Ministro. Realmente os Parlamentares que se sentiam, de certa forma, sensibilizados com o discurso da Vasp e – teoricamente em defesa da companhia brasileira – pressionavam provavelmente até mais que o próprio Ministro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. V. Sª retratou quem eram os Parlamentares, as pessoas que o pressionavam em relação à Vasp?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Provavelmente, Deputado, mas eu não me lembro precisamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Além da Vasp, que outros fatos V. Sª mencionou? Foi o projeto de lei, a Vasp e...?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não posso... Não me recordo exatamente. Não fugiria daquilo que estamos

conversando aqui, de modo geral, mas não me lembro especificamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª cobrou providências do Presidente da República em relação a isso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não. Primeiro, sou um subordinado...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí V. Sª não era mais subordinado.

O SR. EGYDIO BIANCHI – ...subordinado, amigo, um soldado de todas as batalhas eleitorais que o Presidente Fernando Henrique teve, desde a primeira candidatura dele. Não compete a mim, com esse tipo de relação, fazer qualquer tipo de cobrança. Um tipo de relato para que ele tomasse conhecimento de que o meu desligamento não se dava apenas por estilo administrativo, por divergência de estilo administrativo, isso era importante, para que ele não dormisse com um barulho desses, imaginando que a coisa tivesse ocorrido em razão de uma divergência meramente administrativa. Mas não tem nenhum cabimento não só pela "deshierarquia", como por toda a minha relação de amizade, de dedicação à vida política dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª entregou um papel por escrito ao Presidente?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nada escrito?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu tinha um roteiro meu, um pró-memória, até para não tomar muito tempo do Presidente. Em geral, sou prolixo, falo em demasia, talvez. Então, corria esse risco de não usar bem o tempo que eu tinha disponível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª tem esse pró-memória ainda hoje?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não tenho. Não existe dossiê. Eu tinha um pró-memória.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª não tem mais a cópia desse pró-memória?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Fui convidado aqui para fazer essa exposição e fiz um roteiro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aquele pró-memória V. Sª não tem mais?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não tenho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É uma pena, porque isso poderia pontuar os nossos trabalhos.

À época, V. Sª era Vice-Presidente dos Correios, saiu e foi trabalhar no comitê financeiro da campanha à reeleição do Presidente Fernando Henrique Cardozo, voltando depois a ser Presidente. Nesse período da campanha para a reeleição, no comitê financeiro, V. Sª presenciou doações, vou utilizar o eufemismo da moda, não contabilizadas para a campanha de Fernando Henrique Cardozo, feitas por doadores ou de empresas vinculadas aos Correios?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não. Eu diria que nem vinculadas aos Correios nem a qualquer outro tipo de empresa. Fui encarregado de montar todo o sistema de registro das contribuições com a correspondente emissão de bônus ou recibos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As contribuições contabilizadas ou não contabilizadas?

O SR. EGYDIO BIANCHI – As contabilizadas, porque as não contabilizadas eu desconheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que houve uma planilha, à época, que foi noticiada pela imprensa. Inclusive, uma planilha, à época, que registrava doações não contabilizadas para a campanha do então candidato Fernando Henrique Cardozo. V. Sª foi citado na imprensa como o talvez autor daquele vazamento e, na época, reagiu com muita veemência, dizendo que não. Mas havia, foi divulgado pela imprensa, uma planilha de doações não contabilizadas. O que V. Sª teria a comentar sobre isso? Eventuais contratados dos Correios tinham presença nessas planilhas de situações não contabilizadas?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Seguramente, os contratados dos Correios não faziam parte desse universo em hipótese alguma. De outro lado, essa planilha a que V. Exª se refere já recebeu um tratamento em nível de setor público, a que me referirei posteriormente. Esse trabalho foi alvo das preocupações da Procuradoria-Geral da República. Fui convidado, fui, de certa maneira, intimado a prestar esclarecimentos. Fiz um depoimento minucioso a respeito desse tema, dessa reportagem, dessa matéria da jornalista Andréa Michael e o Gramacho, o seu colega. Esse depoimento existe, é um documento público, e essa matéria de impropriedade ou irregularidade na questão da obtenção dos recursos da campanha do Fernando Henrique foi alvo de uma representação, à época, do Partido dos Trabalhadores, em parceria com o PDT, em parceria com o PCdoB. Essa representação foi ao TSE. Havia uma outra representação do mesmo teor do PSC, que não quis se associar à iniciativa dos primeiros, e essas duas representações foram arquivadas por tecnicalidades do mecanismo. Não sei lhe dizer se foi pelo mérito ou se foi nas preliminares, mas o fato é que esse assunto foi alvo. No que diz respeito à minha participação e à maneira como eu expliquei – posso reproduzir aqui simplificadamente –, existe um termo de depoimento

dado à Procuradoria. Isso, de certa maneira, rendeu-me, no plano pessoal, uma auditoria contábil, feita pela Receita Federal, auditoria essa que foi solicitada pelo Ministério Público.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Auditoria onde?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Na minha vida financeira pessoal, nas minhas contas, nas minhas demonstrações financeiras nos anos de 1998 e 1999.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que foi feita essa auditoria? Não entendi. Qual a razão de ter sido determinada a auditoria?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não há razão, por que se supunha – imagino que o senhor deveria perguntar realmente aos procuradores que fizeram esse requerimento –, mas acho que havia a presunção, enfim, de que eu pudesse estar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor chegou a fazer alguma doação pessoal para a campanha ou sua empresa?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu, pessoalmente? Não, absolutamente. Eu doei a minha energia, a minha disposição e o meu entusiasmo. Claro que até tem algum valor, mas, de qualquer maneira, não fiz nenhuma doação pela minha empresa. Porque era uma empresa que era modesta e continua sendo modesta até hoje.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, talvez seja essa razão. Á época o ex-Ministro Bresser Pereira, que V. Sª mesmo declina que era o coordenador do comitê financeiro, em entrevista à **Folha de S.Paulo**, do dia 12 de novembro de 2000, admitiu a existência daquelas planilhas. E disse que havia jogado fora todas as planilhas dessas doações não contabilizadas, utilizadas, e que não se lembrava dos detalhes de cada doação. E, à época, o ex-Ministro Bresser disse também que as doações foram registradas no TSE, mas aquelas planilhas... Ele disse o seguinte: "Quem fez isso foi o Egydio. Tudo que passou por mim foi entregue ao Egydio".

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, quero só fazer um registro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com o máximo prazer.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Evidentemente, sem querer de forma alguma fazer qualquer sentido de limitar o âmbito que V. Exª pretende investigar como Presidente e Sub-Relator, mas me parece muito claro, com a devida vênia, que o V. Exª está entrando no campo da investigação na campanha de 1998, se não em engano.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com certeza.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Isso faz parte dos objetivos e qual é a ligação que V. Exª estabelece? Apenas para eu entender.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro, se V. Exª me permite, faço a ligação.

Nós estamos investigando irregularidades nos Correios. Há uma série de contratos, dentre os quais o da Rede Postal Aeronoturna, que têm claro superfaturamento no período que vai do atual Governo ao Governo anterior. Há outros contratos também que têm essas características.

O ex-Ministro das Comunicações do Governo Fernando Henrique, o Sr. Pimenta da Veiga, que foi aqui mencionado, tem um depósito em conta do Sr. Marcos Valério, que estamos investigando nessas relações. Há notícias, portanto, de fraudes...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas isso não em 1998, quando ele era Ministro? Foi quando, em que ano ele tomou posse?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Acho que foi em 2002.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foi em 2003 ou em 2004.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. Agora, a empresa contratada pelos Correios, de publicidade, a empresa Jacomet, tinha sua sede no mesmo local em que a SMP&B tinha sede em Brasília, quando tinha a contratação efetiva dos Correios, à época em que o Pimenta da Veiga era Ministro. Exatamente por isso, sendo objeto desta Comissão Parlamentar de Inquérito investigar irregularidades nos Correios e, evidentemente, desvios de recursos públicos para o mundo público, tanto atual como o antigo, o que eu perguntei a ele é se, nas doações não contabilizadas, havia empresas doadoras dos Correios à época em que ele era Presidente dos Correios, uma vez que ele foi também Vice-Presidente, Presidente e foi Membro Gestor Financeiro.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – O que ele já negou na primeira pergunta de V. Exª.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas eu não vejo por que V. Exª esteja incomodado com as perguntas que estou fazendo, porque estão estritamente dentro do objeto de investigação. Aliás, tenho sido muito criterioso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Estritamente, é uma palavra um pouco...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Até para que possa me policiar, V. Exª acha que extrapolei onde, no objeto da CPMI?

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. Exª está trazendo agora para debate uma denúncia que foi publicada pelo jornal **Folha de S.Paulo**, no ano 2000,

relativa à campanha de 1998 do Presidente Fernando Henrique. E nessa denúncia surge a história de uma planilha que, aparentemente, seria uma planilha que não bateria com...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De doações não contabilizadas.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Que não bateria com aquela...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente,

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, o que eu quero dizer é que estamos entrando num campo, V. Exª está entrando num campo que remete a fazer investigações de caixa dois em outras campanhas. É disso que estamos tratando? Porque não me parece que os Correios tiveram alguma coisa, a não ser pela presença do ex-presidente dos Correios, não se estabelece uma relação de causa e efeito, pelo menos até agora. É isso que V. Exª está procurando? A relação de causa e efeito?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não estou procurando. Eu estou procurando irregularidades e verificando se houve desvio de dinheiro público nos Correios para campanhas eleitorais, sejam elas quais forem. Se é do Partido dos Trabalhadores, do meu Partido, se é do PSDB, o Partido de V. Exª, não me interessa. O que estou querendo saber efetivamente é se há dinheiro público em campanha eleitoral – porque esse é o nosso objetivo – e dinheiro desviado dos Correios. Não é outra coisa.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Essa questão V. Exª colocou de antemão. E, a partir daí, direcionou as perguntas para outra vertente das investigações.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, é a mesma vertente. E se V. Exª me permite, na medida em que tenho contratos com agência de publicidade nos anos de 2000 e 2001, e são de uma empresa de publicidade que tem a mesma sede em Brasília que tem a empresa do Sr. Marcos Valério, contrato com os Correios, cujo Ministro é Pimenta da Veiga, que tem todo um conjunto de colocações que foram feitas aqui pelo depoente, obviamente, na medida em que há superfaturamento de contratos, da mesma maneira que perguntei aqui ao presidente dos Correios da atual administração, tentando estabelecer eventual nexo de drenagem de recursos dos Correios para o caixa não contabilizado do Partido dos Trabalhadores, não vejo nenhum problema que a mesma pergunta seja feita em relação à campanha anterior. Afinal de contas dinheiro público, Deputado, é dinheiro público, não importa se é do atual Governo ou do antigo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sabemos que não se trata de ser ou não ser problema, nobre Relator, sabemos que se trata de começarmos a tirar o foco das investigações, que deveriam estar se circunscrevendo mais...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, ele foi presidente dos Correios. Estou querendo saber se, na época em que ele foi vice-presidente, veja: ele foi vice-presidente dos Correios, saiu para uma campanha eleitoral e foi presidente depois. O que estou querendo saber é exatamente se ele tem notícia que à época...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E o vínculo é o Marcos Valério daquela época do Sr. Pimenta da Veiga com agora? É isso que V. Exª está estabelecendo?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. O vinculo é o superfaturamento, não sei nem se tem vínculo. Mas é que há, da mesma forma que há vínculo, que há situações irregulares nos contratos atuais, há no da época. E sei que V. Exª, também como eu, e conheço o papel de V. Exª, nosso desejo é colocar tudo em pratos limpos, doa a quem doer. É isso. Ou seja, não interessa... Não se trata nem de uma politização. Eu gostaria imensamente que não houvesse nada disso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Causa-me estranheza, até porque V. Exª realmente tem-se pautado por essa isenção até agora, é que, de repente, comece a se estabelecer uma rede de tentativa de investigações de campanhas do passado. Penso que isso seria muito ruim para o desenvolvimento dos nossos trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Até concordaria que V. Exª estivesse me argüindo se fosse uma campanha estadual, mas estou falando de campanha federal, com relações com órgãos federais. Não estou falando da campanha de Minas e São Paulo, estou falando da campanha federal em que um Ministro de Estado foi citado aqui. E preciso saber das eventuais relações.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – V. Exª tem toda a liberdade. Não quero estabelecer nenhum limite. Estou fazendo apenas essa observação, mas da minha parte...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço. Tenho a convicção de que V. Exª sabe que estou estritamente dentro do objeto da CPI. Aliás, se há uma coisa que me repugna são as Comissões Parlamentares de Inquérito que passam notícias no jornal e saem fazendo investigações a torto e a direito como se não tivessem nexo. Essa argüição, como outras que fiz, como outras que V. Exª faz, têm

estrito nexo e objeto. Há irregularidades nos Correios? Houve drenagem desses recursos para campanhas eleitorais? De quais partidos? É isso.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então, só vou fazer o registro, que já foi até informado pelo depoente, de que o PT, o PC do B, o PSB e outros Partidos, quando surgiu a notícia no jornal **Folha de S. Paulo**, entraram com uma representação buscando cassar a diplomação do ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso. O Supremo Tribunal Federal arquivou porque não encontrou nenhum indício de recursos não contabilizados na campanha. Por essa razão, foi arquivado. Só para deixar o assunto democratizado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeitamente democratizado. Isso é rigorosamente verdadeiro, o que não quer dizer que uma Comissão Parlamentar de Inquérito, diante das realidades novas, não deva...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não possa retomar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não diria nem retomar, é tomar, porque, na dimensão que foi colocada aqui, isso nunca havia sido investigado outrora. Agradeço a intervenção de V. Exª. Penso que ela permite esclarecer que os propósitos deste Relator não tem a ver com um duelo político-partidário, em hipótese nenhuma! Tenho repugnado, juntamente com outros Membros desta Comissão Parlamentar de Inquérito, inclusive a nobre Deputada Juíza Denise Frossard, que, desde o início, o meu intuito estritamente objetivo, que eu sei que é também o de V. Sª, é o de botar as coisas às claras, não importa as fronteiras político-partidárias que tenhamos que ultrapassar neste momento. (Pausa.)

Então, se V. Sª me permite, eu tinha feito a pergunta exatamente nessa linha: o Ministro Bresser, ao comentar aquilo da planilha não contabilizada, disse: "Quem fez isso foi o Egydio. Tudo que passou por mim foi entregue ao Egydio". Ele faltou com a verdade nessa afirmação?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não. Permita-me comentar.

O temperamento administrativo do Ministro Bresser – sei por quem teve a oportunidade de conviver com ele – não é propriamente o de um executivo que tenha esse tipo de experiência. Tudo o que passou por ele em matéria de recursos realmente foi encaminhado ao controle central da campanha, foi devidamente tratado, identificada a origem, foram emitidos os correspondentes recibos ou bônus – não me lembro mais qual é o nome dessa documentação – e naturalmente registrados, contabilizados na nossa conta, na conta nacional, e distribuídos para o pagamento das nossas despesas. Eu fazia claramente essa intermediação, essa interface entre a estrutura de captação e a estrutura de "gastação", do pessoal que consumia esse tipo de recurso.

A planilha foi elaborada pelo Sérgio Pereira, irmão do Ministro Bresser, que tinha habilidades ali, e logo entrou nos computadores e organizou as planilhas para ele.

Eu gostaria de voltar um pouquinho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi exatamente. Se V. Exª puder explicar menor...

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu vou esclarecer. Eu creio que, depois de eu expor, o senhor deverá ter o quadro mais claro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu queria voltar um pouquinho atrás, senão vou acabar me esquecendo deste ponto: eu não saí da ECT para ir para a campanha. Eu fui demitido da ECT no momento de uma crise político-administrativa, fiquei um pouco desempregado, digamos assim, e assumi a Secretaria de Serviços Postais, onde eu tinha uma função muito bem delineada, muito bem definida, no começo de 1998.

Eu queria dizer aos senhores que, em abril de 1998, nós perdemos o nosso companheiro Sérgio Motta. De sorte que continuamos a trabalhar iluminados um pouco pelas idéias e pela força dele, mas sem a presença dele.

A outra coisa é a questão dessa planilha. Eu tenho um termo de depoimento que dei à Procuradoria. Tenho esse documento e posso colocá-lo à disposição, devo colocá-lo à disposição dos senhores e da Comissão, sem dúvida nenhuma, pois nele dou uma explicação cabal sobre essas questões. Mas eu queria desmanchar um mal-entendido em torno dessa questão das planilhas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. EGYDIO BIANCHI – As planilhas eram um instrumento de trabalho e, de fato, existiram. O Procurador me perguntava: "O senhor conhece esta planilha?" Eu dizia: "Esta em particular que o senhor está me apresentando eu nunca vi. Inclusive porque eu acho que ela apresenta algumas distorções". Mas essa planilha sendo um instrumento de trabalho de quem a trabalhava no comitê financeiro...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essas planilhas registravam o quê?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Elas registravam... Elas estavam organizadas por setor da economia.

Pega o setor de siderurgia e tal, tem a empresa A, B, C e D.

O Ministro Bresser foi Ministro da Fazenda, um homem da área empresarial, conhecia os Presidentes, os Diretores, enfim, tinha o mapeamento por setor da economia, e empresa por empresa. E tinha ali um palpite dele, uma estimativa dele ou dos empresários das relações dele do que poderia ser encaminhado para a campanha.

A planilha não era absolutamente de registros não contabilizados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Elas não registravam doações não?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Absolutamente. O senhor tem freqüentemente usado essa expressão: planilha de recursos não contabilizados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, não fui bem eu que usei. A autoria da expressão é de outra pessoa.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não. A planilha era de recursos captados. Absolutamente de recursos captados. E o que havia? Existiam reuniões – eu quero crer semanais, muitas das quais eu participei – em que se avaliava a *performance* – o Ministro é quem fazia esse serviço – dos representantes que ele legitimava e formalizava diante desses setores. E eles diziam se haviam ou não haviam cumprido as suas metas, as suas missões. Essas planilhas eram refeitas. Em todas as reuniões, refaziam-se. Não era eu que operava isso não. Tomava conhecimento, até tinha as planilhas nas mãos, a versão 1, a versão 2, a versão 3. Sempre que havia uma reunião de avaliação do esforço, havia uma planilha nova, dizendo se a coisa superou a expectativa ou não atingiu a expectativa.

Portanto, era um instrumento de trabalho, não era de recursos não contabilizados, e, ali em cima, realmente ele fazia o controle dele, do trabalho de captação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nessas planilhas, V. Sª sabe se constavam as empresas da rede postal noturna dos Correios?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Nada. Nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não constava?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Absolutamente. Agora, deixe eu lhe dizer: primeiro, esse não é um documento de guerra, era um documento reservado e, naturalmente, não vejo um comitê financeiro de campanha nem do Presidente Lula nem do Presidente Fernando Henrique que esteja disponível em todo lugar para dizer que são as pessoas e tal. Não há. Mas era um documento reservado mas não clandestino. Era um documento de trabalho. Alguém lançou mão dessa planilha. Lamentavelmente, algumas pessoas achavam que teria sido o depoente o autor dessa proeza. E a jornalista fez um trabalho... Diga-se de passagem que a jornalista cumpriu um ritual que era muito freqüente à época. A jornalista municiava a Procuradoria, que abria um requerimento, e eles se auto-alimentavam. Em particular, essa jornalista e o Procurador que orientou o meu depoimento tinham uma relação pessoal de amizade. Talvez essa intimidade permitisse que eles se abastecessem com esse tipo de informação. Mas ela foi muito engenhosa, muito ardilosa. Ela me pediu uma entrevista, com o colega dela, o Gramacho. Queriam saber sobre a função do ex-Ministro Eduardo Jorge: "Qual é a função dele?" Eu estou lhe contanto como é que a coisa transcorreu. Perguntaram se ele captava ou não captava, e eu mostrei a ela toda a estrutura da campanha e como funcionava – a estrutura financeira, a coordenação geral financeira, a coordenação política e a coordenação de operações. Eu mostrei a ela, claramente, que estava todo um conjunto de pressões muito forte em torno do Ministro Eduardo Jorge e falei que não tinha absolutamente nada a ver com as campanhas de captação. Pelo contrário, ele era um homem gastador de recursos porque era o coordenador de operações. Freqüentemente, nós, da área, vamos dizer controladores financeiros, nos opúnhamos a ele por uma questão de papéis diferentes: um quer colocar o pé no freio e outro quer realmente colocar no acelerador. Mas esse foi o teor. Lá pelas tantas, a jornalista me perguntou: "O senhor acredita que não exista caixa 2 nas campanhas?" Eu falei: Olhe, minha filha, eu, particularmente, acho muito difícil que um comitê nacional de campanha possa consignar, num Brasil complexo, com tantas regiões, todos os recursos que foram efetivamente mobilizados para a campanha. Inclusive, dei exemplos e mostrei qual era a nossa política. Os exemplos eram assim: você tem seis, sete ou oito comitês regionais, e é complicadíssimo para uma campanha nacional captar todas essas contribuições. E de que forma? Um foguetório que se coloca quando vai a comitiva da campanha, um aluguel de sede, um aluguel de automóveis. Nós tínhamos uma política para registrar essas coisas, até converter em valores os imóveis que eram colocados à disposição, os automóveis, nos valores da praça, realizar contratos e transformar aquilo em doações. É humanamente impossível que uma campanha nacional conseguisse captar, ter sensores. Foi essa afirmação que eu fiz a ela. Portanto, dizia claramente que as demonstrações financeiras... Isso era genérico e, claro, se era genérico, também envolvia o nosso caso. E muitos recursos não estavam ali presentes. Ela, então, concordou que há caixa 2. Esta foi a conclusão que ela deu. E mais

ainda, a jornalista já dispunha dessa planilha – que eu não sabia naquela altura dos acontecimentos – e explorou isso na mesma matéria, habilmente, eu diria que com uma certa habilidade. E o que ela fez? Ela pegou a planilha – uma folha, porque a planilha tinha várias folhas; ela pegou uma folha que ela conseguiu não sei como – e viu as empresas A, B, C, D, algumas empresas, verificou os valores que estavam ali, foi ao TSE e confrontou com as aplicações formais. Evidentemente, havia uma diferença. Pela conta dela, era uma diferença de 10 milhões. Então, ela sentenciou: a campanha tem caixa 2, e o caixa 2 são R$20 milhões. É a diferença da soma que ela fez com o que de fato essas pessoas tinham aplicado.

A partir daí, a **Folha** assumiu isso como uma verdade histórica. Vários setores do mundo político assumiram. E desfazer todo esse enredo a mim me custou tempo, me custou depoimento, e tenho isso registrado, levado a termo.

Coloco-me, naturalmente, à disposição, sem qualquer restrição. Nem precisaria fazê-lo porque isso é um documento oficial. Mas, de qualquer maneira, está à disposição dos Srs. Parlamentares.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Então, apenas para concluir essa etapa do depoimento, V. Sª não lembra efetivamente, ou não sabe, ou nega que quaisquer empresas que tinham à época contrato com os Correios estivessem constando dessas planilhas?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Veja bem, se o senhor tiver um retrato da estrutura de todos os setores da economia, ela já é supercomplexa; se o senhor tiver ali todos os agentes econômicos de cada um desses setores, fica uma coisa imensa.

A planilha a que se refere a jornalista – ela conseguiu obter não sei exatamente de que maneira – é uma folha, mas é um conjunto de planilhas: talvez oito, dez – eu não me lembro efetivamente; acho que não e tenho a impressão de que não. Nunca ouvi falar. Nunca partiu da minha iniciativa sugerir qualquer empresa dessa natureza, e não travamos nenhuma relação com empresas que pudessem ser fornecedoras da nossa campanha. É isso o que eu posso lhe afirmar. Agora, se tem naquela lista, se tinha ou não tinha, provavelmente, com todos os setores da economia ali estratificados, eventualmente poderia até ter, mas eu, conscientemente, posso lhe afirmar que não havia nenhuma coincidência com fornecedores dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Vamos, então, voltar um pouquinho aos franqueados.

V. Sª, quando presidente dos Correios, recebeu visitas de políticos vinculados ao Distrito Federal para tratar de assuntos relativos às franquias?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Veja... Bom, em primeiro lugar, vou afirmar: não. Agora... Até lamentavelmente, pelo meu temperamento, você tem que estar à disposição, naturalmente, das associações, dos presidentes. Pode ter ocorrido, mas, de fato, não me lembro. Eu acho que não. Eu acho que não. Tenho quase certeza de que não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não se lembra de nenhum parlamentar, de nenhum agente político ligado ao Distrito Federal que tenha procurando V. Sª?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não me lembro. Não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, quando o senhor falou, então, que as franquias distribuídas em 1990 – V. Sª afirma isso na imprensa – foram uma verdadeira ação entre amigos, o senhor tinha algum norte nisso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não. Essa é minha opinião pessoal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi uma ação entre amigos a distribuição das franquias?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu acho. Eu acho que foi uma ação entre amigos, por quê? Ela não foi presidida por qualquer critério. O critério não era técnico, o critério não era vencedores de uma licitação, o critério foi qualquer um. Alguns, por sorte dos Correios e da população, tinham um jeitinho assim para serem empresários, deram certo, acabaram fazendo um trabalho razoável; outros eram realmente pessoas totalmente equivocadas, que não tinham a menor competência pra gerir uma banca de jornais, que dirá realmente uma franquia como tal!

Então, eu tenho essa convicção e essa impressão: foi, de fato, uma ação entre amigos. Agora, quem são os amigos eu de fato não tenho idéia. Mas foi uma distribuição aleatória que não foi presidida por nenhum critério profissional, empresarial, do interesse público e, sobretudo, do interesse da empresa.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – V. Exª me permite, Sr. Presidente? (Pausa.)

O senhor classificaria, então, a distribuição das franquias como as antigas distribuições dos cartórios?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não conheço perfeitamente como é que teria ocorrido a distribuição dos cartórios.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas o senhor conhece a história.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Mas, se foi uma distribuição cartorial, assim...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – É, distribuição cartorial. Porque os cartórios eram distribuídos entre políticos. O meu escrivão, na pequenina Porciúncula, quando eu era juíza, ganhou porque atendeu a um favor do ditador de plantão. A verdade é esta: havia um ditador. Era Getúlio. E ele concedeu, então, o cartório do ofício único ao meu escrivão (risos), e lá ele ficou. E era um excelente escrivão, digase de passagem. Mas eram concedidos assim. Isso é a história que registra.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu queria esclarecer...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu estou mal comparando, falei no Getúlio Vargas, mas isso foi assim até depois.

O SR. EGYDIO BIANCHI – A senhora vai ver que o meu testemunho a respeito desse assunto tem algumas restrições. Primeiro que eu não sou contemporâneo dessa fase em que elas foram de fato distribuídas. Elas foram distribuídas possivelmente nos anos de 1990, 1991, e, ao que consta, sem qualquer critério, ou seja, sem qualquer critério empresarial.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E depois, essa alteração, como é que se dava isso? Essa passagem de um para o outro, como é que...

O SR. EGYDIO BIANCHI – Essas alterações...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Quais os critérios, como é que se escolhia: "Vem cá, fulano"...?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Essas alterações são regidas por manuais bem rigorosos. Outro dia eu ouvi de um amigo dos Correios o seguinte: "Mas os Correios não inventaram nenhuma máquina de detectar laranjas, não tinham essa obrigação". Se o cidadão se apresenta, é capacitado, não tem nenhum registro de ocorrência realmente, nenhuma infração, tem que aceitar, tem que atender. Então, se é um pleito regulamentar atendido pelos manuais, que são absolutamente rigorosos nessa matéria, faz-se a transferência. Caso contrário, não se faz a transferência. Então, é assim que se dá. As transferências são realmente... Quanto à implantação de novas... isso está proibido há muito tempo. Pelo TCU criamos um caminho que fosse reaberto através da lei que já mencionei aqui e que foi apresentada ao Congresso, só que amparados pelo regime da concessão, que é onerosa e ganha em disputas abertas e em processos licitatórios, mas isso não foi acolhido, de forma que o crescimento do sistema está absolutamente prejudicado. O Brasil precisa disso. Tínhamos metas de atendimento, que é uma relação em que se mede o número de agências por habitantes. Ocupávamos um lugar muito incômodo, digamos assim, porque tínhamos muitos habitantes por agência, o que significa um grau de desconforto, e não se consegue mexer nesse número se não aumentar o número de pontos.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas, Dr. Egydio, quando o senhor era Presidente, mantinha os clientes corporativos nos Correios ou a sua diretoria comercial permitia isso? Como é que era?

O SR. EGYDIO BIANCHI – A figura dos clientes corporativos é uma deformação da visão mais genuína da questão da franquia, tanto que os canadenses que têm o maior sistema de franquias com o setor público do mundo – têm 15 mil lojas – mostraram que o sistema que queriam implantar é um sistema de varejo, e toda a filosofia que trouxeram para nós é o sistema de varejo e não um sistema de atacadista. Agora, essas coisas foram se dando durante o tempo, com vantagens que foram se acumulando, clientes que essas pessoas foram chamando para si – a Deputada me pergunta de que maneira, mas eu não saberia explicar –, sobretudo sem nenhuma regulação no contrato que se escreveu. Os Correios não podem se insurgir dizendo "o senhor não pode fazer isso porque lhe dei uma loja de varejo". O contrato é precaríssimo. A Deputada evidentemente pode ter acesso a eles e vai, de certa maneira, me acompanhar nessa conclusão. Ele não proíbe, não inibe, não contribui e vem sendo postergado pelos pleitos que a área tem apresentado e tem uma sobrevida que já vai para sete anos. Portanto, dez mais dois mais cinco, dezessete anos.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Por exemplo, temos aqui a maior franqueada, que é Tamboré. A proprietária dessa franqueada não tem a menor condição. Ela veio aqui e declarou que ganhava menos de R$10 mil, e a empresa dela fatura R$144 milhões. Nitidamente é uma "laranja".

O SR. EGYDIO BIANCHI – Tive a oportunidade de acompanhar esse depoimento pelo rádio do meu carro e, naturalmente, não fiquei tão surpreendido porque não seria o primeiro caso de pessoas totalmente desqualificados que se apresentam como titulares. Mas realmente é um caso dramático. É um caso realmente de uma pessoa totalmente desqualificada. E ela...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E o pai dela também não tem vigor para enfrentar uma empresa daquela. A única pessoa que tem é a outra sócia, que parece que é mulher de um ex-deputado.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não tenho elementos formais para lhe afirmar isso, mas os indícios são todos no sentido de que, de fato, é uma testa-de-ferro, uma laranja. E provavelmente existam outros casos nos

Correios. Não tenho consciência deles nem o registro, mas provavelmente existem.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Voltando um pouco à questão da publicidade, obviamente estamos aqui fazendo a investigação, e eu havia pedido um levantamento. Uma das empresas contratadas pelos Correios a sua época era a Ogilvy, não é isso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Acho que ela não tinha essa denominação. Era Standard, depois ela caminhou, mas não conheço bem as fusões do setor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A relação da Ogilvy com a DNA é muito estreita. A Ogilvy, em fevereiro de 2002, quando em tese contratada pelos Correios, faz um pagamento para a DNA da ordem de R$38.615,00, ou seja, a empresa contrata pelos Correios à época, a Ogilvy, em fevereiro de 2000, faz um pagamento à DNA. A DNA recebe da Ogilby R$38.615,00 em fevereiro de 2000, que era a época em que V. Sª era Presidente. O senhor sabe se há alguma relação entre a contratada dos Correios, à época, e um pagamento que ela faz à empresa de publicidade do Sr. Marcos Valério?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não sei. Não sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque isso se repete depois. Em abril de 2001 a novembro, a DNA recebe da Ogilvy R$163 mil.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Desconheço qualquer...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois, de janeiro a março, a DNA recebe da Ogilvy R$38.374,00. Depois, já em 2004, a DNA recebe da Ogilvy R$51.591,00. Depois, de janeiro a junho de 2005, R$41 mil. Ou seja, a DNA recebeu da Ogilvy, ao longo desse período, R$333 mil. Também há pagamentos inversos. A DNA, agora já em fevereiro a dezembro de 2004, paga à Ogilvy R$899 mil. De janeiro a junho de 2005, paga R$665 mil. Temos verificado certa coincidência entre empresas contratadas pelos Correios e a DNA. Por exemplo, a própria Jacometti, empresa que tinha, depois da Presidência de V. Sª, sua sede no mesmo lugar da DNA, faz depósitos a DNA. Ou seja, curiosamente, as empresas que têm contrato com os Correios fazem pagamentos à DNA nesse período. Posteriormente, há uma inversão: a DNA faz pagamentos a essas empresas.

V. Sª não lembra se existe algum tipo de subcontratação para serviço dos Correios ou algo que justificasse, na época em que V. Sª presidia, pagamentos da Ogilvy para a DNA?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Naturalmente, eu não posso me atrever a opinar sobre as transações privadas entre companhias dessa natureza, mas posso lhe dizer que, dentro da funcionalidade dos Correios, nenhuma razão existiria para que houvesse esse tipo de tratamento. Seguramente, no meu entendimento, se deve a outro tipo de transação. Dos Correios, seguramente não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, os Correios nunca autorizaram nenhum tipo de subcontratação de agência de publicidade?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Absolutamente. Tomei conhecimento de DNA pelo trabalho dos ilustres Parlamentares. Nunca ouvi falar de DNA nos nossos negócios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Concedo a palavra ao Deputado Silvio Torres para argüição.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Egydio, o senhor fez menção ao DAC. O senhor disse que quem ditava os preços era o DAC. Ou seja, ele estabelecia os preços de referência, que poderiam oscilar 20% a mais ou a menos. Foi isso mesmo o que o senhor falou ou entendi errado?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Foi exatamente. Da mesma forma que ele, de certa forma, jurisdicionava os preços das passagens, dos bilhetes aéreos, na área de transporte de passageiros, ele igualmente jurisdicionava a partir de um procedimento que era atualizar uma relação de...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por gentileza, peço silêncio às pessoas que compõem a CPMI para que possamos ouvir o depoente.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não me lembro se se chamavam preços referenciais. De qualquer maneira, era uma tabela de preços que, periodicamente, ajustava ou reajustava os contratos em andamento. Havia uma regra que tínhamos que obedecer: os preços de contratação não poderiam ser inferiores a 80% daqueles valores referenciais. É uma regra que eles acharam que... Enfim, o valor referencial era 100, você não podia contratar por 79. O máximo pelo que você podia contratar era 80. Talvez foi o instinto de proteção da indústria da aviação civil, que sempre presidiu a ação do DAC, a vida toda, como as linhas. Não deixavam as pessoas terem várias companhias numa linha só. Eles atribuíam qual linha podia ter uma companhia, qual linha não podia ter e também mexiam nos preços. Então, quem pode fazer, quando pode fazer e por que preço, sempre foi, na época, uma prerrogativa do DAC.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Até quando aconteceu isso?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Em matéria de... Eu penso que até o final de 1999, quando eles deram uma carta de alforria para os Correios, permitindo

que realmente todas as empresas, desde que devidamente registradas no DAC, pudessem participar. O preço especificamente não sei lhe dizer, mas acho que a autonomia...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Foi quando o senhor estava no cargo?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu estava no cargo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Já estava no cargo?

O SR. EGYÍDIO BIANCHI – Eu estava no cargo, no final de 1999, se não me engano.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Além de dar referência dos preços, o DAC também participava do julgamento quando havia alguma licitação na área de rede postal aérea?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Francamente, a questão da licitação é um advento da nossa gestão, porque jamais os itens da RPN foram contratados por licitação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E eram contratados de que maneira então?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eram contratados pelos mais diferentes regimes.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas baseado nessas referências do DAC?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Baseado nessas referências. Por exemplo, como o DAC procedia? Ele fazia uma análise técnica para saber se a companhia tinha condições técnicas – comandantes, manutenção, enfim, fazia um exame para ver se ela tinha condições de realmente operar; segundo, que aeronaves ela tinha, a vida dessa aeronave e a capacidade. Ele designava: Para essa linha de vocês tem a companhia A e B.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Isso valia para todas as linhas?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Certamente para todas as linhas.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Então podemos dizer que a partir do momento em que começaram as licitações os preços de referência eram aqueles que estavam em vigência?

O SR. EGYDIO BIANCHI – De certa maneira sim, porque como expliquei há pouco, a uma pergunta que me foi dirigida pelo Sr. Relator, a cultura de preços, em larga medida, não foi desenvolvida nos Correios, que não mexiam com preços. Eles começaram a mexer com preços depois que caiu essa regra, depois da carta de alforria, e não tinha mecanismos, elementos, instrumentos, para fazer avaliações corretas. Surgiu um trabalho técnico, de uma empresa francesa que, vamos dizer assim, ensinou os Correios a fazer a avaliação da planilha de custo da aviação de transporte de carga. Eu me esqueci do nome da empresa, mas posso recuperar e fornecer. Ela ensinou uma metodologia de como se faz esse tipo de coisa.

A partir de então, foi criada uma cultura própria, trabalhando em cima dessas questões. Mas, até então, ela não tinha preocupação com os preços...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Os preços ficaram muito diferentes?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não sei lhe dizer, não sei lhe informar. O que posso lhe afirmar com segurança é que ao longo da nossa gestão sempre contratamos por preços melhores. Os custos...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – E a referência eram os preços praticados em algumas companhias aéreas no exterior ou era pelo levantamento de planilha de custo...

O SR. EGYDIO BIANCHI – Contratamos por preços melhores e por negociação e reduzimos os custos do sistema geral da RPN por extinção, por racionalização do modelo. Citei no início – talvez o Deputado não estivesse presente – que recebemos uma RPN com 50 linhas e, logo no primeiro semestre do nosso mandato, nós definimos uma RPN com 29 linhas, e ganhamos para o poder público, para a empresa, a bagatela de US$50 milhões, que desincorporamos dos custos da operação para sempre, porque sempre temos esses custos.

Na verdade, batalhamos muito para que houvesse concorrência, licitação e uma certa liberdade. O DAC não agia por inspiração de um ou outro oficial. Existia todo um regulamento e eles acreditavam que esses dispositivos levavam, conduziam a essa ação normativa, à definição de preços, à caracterização de empresas regulares e não-regulares, porque eles não deixavam que as empresas não-regulares participassem das licitações daquelas regulares que tinham sido classificadas como regulares por eles próprios. Então, havia uma certa ingerência e não era um setor que trabalhava com plena autonomia. Mesmo assim, acho que reduzimos drasticamente os custos dessa operação para os Correios. Não é à toa que a empresa passa, a partir de certo instante, a dar lucros, porque deixou de gastar desnecessariamente em uma porção de setores.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu queria também fazer uma referência à questão das franquias, que já foi abordada aqui pelo Sub-Relator, pela Deputada Denise. Um dos argumentos que foi utilizado aqui numa das reuniões, quando tentava justificar o fato de algumas franquias terem sido contempladas novamente com grandes clientes, tipo bancos, que isso se deveu a uma indenização, porque elas teriam sido prejudicadas quando perderam esses clientes,

quando os Correios resolveram absorver, trazer para dentro dos Correios o atendimento desses clientes, não sei se o senhor já teve oportunidade de falar sobre isso, mas eu queria retomar um pouco essa linha para tentar entender. O senhor mesmo disse que era uma ação entre amigos, quando se iniciou, provavelmente foi no Governo Collor, quando houve os primeiros movimentos nesse sentido, na década de 90. Agora, o que estamos tentando deixar bastante claro para a Comissão é que tipo de indenização poderia caber a essas agências franqueadas, de que forma eles poderiam ter sido prejudicados por investimentos que fizeram ou se o senhor acha que os Correios tomaram a atitude correta de reaver esses grandes clientes e imagina que, quando houve esse retorno dessas contas, foi muito mais uma decisão de amigos, digamos assim, para ficar no seu conceito.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Sr. Deputado, não sou contemporâneo dessa incorporação e desincorporação de clientelas. Eu posso, entretanto, assegurar-lhe que esse modelo está em desacordo com a visão de rede de varejo. Em nenhum lugar do mundo, a rede varejista de correios, em geral, em parceria com o setor público, agrega clientes corporativos, muito menos se são clientes corporativos do Estado, do Poder Público, grandes empresas. Elas são varejo. A filosofia toda existe de cobertura dos territórios de atendimento, a menos que o senhor tenha, no território de atendimento da Barra Funda, um cliente de grande porte, então, está atendendo por território, mas isso não faz parte, realmente, da filosofia adequada, da rede de atendimento se espraiando no território todo. Não faz. Porém, à época em que foi criado isso que foi apelidado de franquia empresarial, que não era nem franquia e muito menos uma concessão, o contrato que regeu esse relacionamento sempre foi muito precário. Ele nunca disse onde podia atuar e onde deixar de atuar. Ele não restringe. O senhor pode atender pessoa física no seu território. Por exemplo, outra coisa que nós aprendemos: não tínhamos intuitivamente esse conhecimento, mas aprendemos com os correios do Canadá, existem territórios. A pessoa tem uma loja para trabalhar num território. O Brasil não tem essa jurisdição montada. Então, o cidadão sai do centro daqui de Brasília e vai operar no outro canto. Em São Paulo, isso é muito freqüente nas companhias. Ninguém se dedica a território. Não existe esse conceito. E também não tem nada que iniba ou que proponha ou que garanta, de forma que como eles vieram a ter essa carteira de clientes preferenciais? Francamente, não sei, mas isso é dado como um patrimônio, e eles não querem abrir mão, porque anos operaram aquele tipo de coisa. Então, vão perder agora por uma decisão... A choradeira é um pouco nessa direção. Não sei julgar essa apreensão dessa carteira de clientes e essa devolução. Eu ouvi, por acaso, ouvi a devolução num depoimento de um diretor dos Correios de São Paulo, que não conheço, e colocou como uma medida até inteligente do ponto de vista comercial, que não pode matar o seu colaborador. Eu francamente não sei julgar. Eu não gosto do modelo. Acho que o modelo está totalmente equivocado. Essas carteiras foram formadas ao longo dos anos, possivelmente também por influência de relações sociais ou políticas, não sei lhe dizer, mas, seguramente, desamparadas por qualquer disposição contratual, seguramente. São situações que foram... Evidentemente que o cidadão: ah, mas eu fiz investimentos, há dez anos faço isso, eu faturo tanto. Agora, você está cassando essa minha clientela, seja porque está no manual, seja porque não está no manual, ele se sente prejudicado e vai à luta. Quer dizer, vai à luta ou negociando ou chegando a qualquer entendimento e, eventualmente, até entrando com ações judiciais para recuperação daquilo que teriam sido as perdas dele, porque historicamente já vinham fazendo, e coisas assim. Esses argumentos de ter investido no setor e que agora... Eles mapearam todo o trabalho das associações dos franqueados na época da lei. “Bom, nós já investimos no setor, agora vem essa história de concessão? Como é que fica? Vamos deixar desamparados os clientes? Nós também temos um patrimônio”. Claro, são meias verdades; são coisas que precisam ser consideradas. Mas, o fato é que o contrato é ilegal, a maneira de ele chegar às mãos dos atuais representantes não foi correta, os órgãos de controle se insurgiram contra e não permitem mais... O TCU exigiu que se fizessem licitações a partir de certo momento, e eles vão ganhando uma sobrevida dialogando com diferentes setores, com as pressões, enfim, com as reivindicações. Mas, o contrato é o mesmo e ele é literalmente ruim. Ele é ruim e não disciplina nada. Às vezes está em desacordo, então, ele foi ferido num direito, porque direitos e obrigações estão nesse contrato. Ele não tem muito claras essas questões todas de forma que se possa acionar isso para corrigir uma distorção. É muito complicado.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Peço a palavra, pela ordem, por trinta segundos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela ordem, tem a palavra o Deputado Onyx Lorenzoni.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sr. Presidente, trago à consideração de V. Exª o seguinte: como ainda há mais dois depoentes a serem argüidos, conversei com Parlamentares presentes e apresentei-lhes uma sugestão, que foi acatada por todos, para que a

oitiva do Sr. Paulo Roberto Kress Moreira seja hoje, e a do Sr. Marcos Flora seja transferida para amanhã, às 10 horas.

O SR. (Orador não identificado) – Pode ser às 11 horas?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Ou às 11 horas, por causa das Comissões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se for possível, solicito que seja às 10 horas e vou expor a V. Exª o porquê. Sou o Presidente da Comissão Especial de Reforma do Poder Judiciário, que realizará uma audiência pública em Recife.

O SR. (Orador não identificado) – Amanhã?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, será na quinta-feira, pela manhã. Se a reunião se estender até muito tarde, eu não poderei acompanhar o depoimento. Se V. Exªs permitirem, considerando o atraso normal e habitual do início dos nossos trabalhos, peço para marcar a oitiva às 10 horas, a fim de que, à tarde, já esteja concluída. Se começarmos tarde,...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem marca é V. Exª.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Consulto V. Exªs, porque esta Relatoria é democrática, Deputado Arnaldo Faria de Sá. Há acordo quanto a isso?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Essa parte democrática do PT me agrada muito.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – PT saudações.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sendo assim, vamos fazer o seguinte: não vou encerrar a reunião hoje. Vou suspendê-la para evitar problemas quanto ao prazo de cientificação do depoente e, quando terminar a argüição do segundo depoente, suspenderemos a reunião e a reabriremos amanhã, às 10 horas. Evidentemente, informamos ao terceiro depoente, Sr. Marcos Flora, e aos seus nobres advogados, que já estão intimados para a reunião de hoje, que terá continuidade amanhã, com o depoimento dele, às 10 horas, para evitar qualquer problema regimental nessa situação.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É importante pedir à Secretaria que o informe.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Peço, então, à Secretaria que informe ao depoente Marcos Flora essa decisão,...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Dispensando-o.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ... dispensando-o não da reunião, mas da presença física ao longo dos presentes trabalhos, haja vista que se designou a continuidade desta reunião amanhã, às 10 horas. Solicito, portanto, que sejam informados os seus advogados e também o próprio depoente.

Agradeço ao Deputado Onyx Lorenzoni, que se manifestou em nome dos demais Deputados presentes.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Concedo a palavra ao Deputado Silvio Torres, por gentileza, para proceder à sua argüição.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu não queria reacender um debate que já ocorreu, mas foram muito comentadas e muito exploradas as suas relações com o ex-Ministro Pimenta da Veiga e as suas divergências. Como disse o Deputado José Eduardo Cardozo, não sabemos se eram divergências no plano ético ou apenas na área administrativa. Enfim, acabaram transbordando, digamos assim, para os *sites* de notícias, algumas declarações que o senhor teria dado aqui anteriormente.

Pontualmente, eu queria fazer duas perguntas. O senhor conviveu algum tempo com o Ministro Pimenta da Veiga, como seu superior, apesar das divergências. Durante quanto tempo essa convivência ocorreu?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Minha convivência pessoal e política com o...

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Não política. Refiro-me à convivência no cargo.

O SR. EGYDIO BIANCHI – É importante registrar, Deputado, porque acho que isso é esclarecedor. Ela vem das priscas eras do MDB, em que era uma figura parlamentar respeitadíssima no Brasil todo. E eu, francamente, torcia muito pelo acerto do Deputado, de uma nova geração, muito combativo e tudo o mais. Tinha a melhor das impressões dele.

Lamentavelmente, a convivência nossa, especialmente nesses 20 meses que eu convivi com ele, derrubou efetivamente toda a boa impressão que eu tinha do político, do homem público e tal, dadas as divergências que já mencionei, as diferenças de postura e – acredito – o envelhecimento precoce de um político cronologicamente jovem, relativamente jovem, mas que envelheceu sem ter uma dimensão em matéria de interpretação política, de ação política. Envelheceu nos modelos antigos de fazer política que eu chamo de política com "p" minúsculo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Mas o senhor chegou ao ponto da divergência ao achar que ele fosse um Ministro desonesto, que cometesse algum tipo...

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, seguramente. As divergências eram na condução. Bom, para começar, nós éramos de uma equipe que tínhamos acabado de implantar uma reforma drástica no sistema de telecomunicações. O que ele fez foi querer voltar atrás nessas matérias. Não era fácil conviver com uma liderança que tinha esse tipo de divergência.

Segundo, no que tange ao setor postal especificamente, ele, de fato, não tinha a percepção das bases conceituais, factuais e da experiência internacional que estava incorporada. Ele não valorizou essas coisas. Ele saiu para um outro tipo de conduta na condução desse processo.

Então, realmente, a impressão não era, não podia ser boa de fazer um trabalho de equipes que ficavam anos em cima dessa matéria, com argumentos em geral fúteis e descabidos no que diz respeito a essas formulações técnicas, não é?

Então, eventualmente, valorizando mais um contato com Municípios XY do que de uma idéia forte que demorou um ano para florescer, para se fortalecer e tal. Era um pouco essa... Era difícil de fato. E o cotidiano...

Naturalmente, eu cito um fato que eu acho que tem muito a ver com aquele diagnóstico, com essa psicologia de orelha de almanaque que eu fiz no começo, não é? Mas, por exemplo, nós tínhamos um... Os Correios em São Paulo têm um, como de resto no Brasil todinho – e fazia parte de uma ação importante que nós fazíamos de preservação, de valorização dos prédios antigos e tudo o mais, sempre transformando essas unidades em unidades culturais e manutenção dessas arquiteturas, da história dessas localidades e tal –, mas em São Paulo, nós temos o famoso Correios da Praça dos Correios, que é de propriedade dos Correios, é um prédio tombado e ali houve uma decisão da nossa gestão, com o amparo dos Ministros de então, de transformarmos aquele centro num centro cultural. Há um projeto fantástico, projeto que ganhou um prêmio de arquitetura internacional, um projeto de jovens, foi um concurso nacional que se montou, e os jovens arquitetos ganharam uma formulação muito importante.

Certa vez, nós fomos levados a fazer uma espécie de uma pré-inauguração, porque o projeto era supercomplexo, e essa pré-inauguração foi cancelada na última hora, deixando todos os dirigentes num desconforto muito grande em relação ao mercado. Ela foi cancelada por interferência do Ministro, que não queria realmente que se realizasse aquilo que seria um ato em homenagem ao falecido Ministro Sérgio Motta, seu desafeto. Então, é o tipo da coisa que fica claramente... Vai pontuando e vai atormentando as relações do dia-a-dia. Era uma coisa absolutamente legal, com todo o amparo e você, sem nenhum fundamento, cancela uma coisa que toda a sociedade paulistana estava realmente convidada para isso. Então, isso não favorece uma boa relação realmente.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Apesar dessas dificuldades, como o senhor mesmo disse, de relação, o senhor permaneceria no cargo se não fosse demitido?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Permaneceria.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Permaneceria?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu permaneceria, claro, lutando, defendendo as nossas idéias, tentando preservar o que era um projeto importante, lutando por essas idéias. Eu entendi perfeitamente que chegamos a um ponto em que ele efetivamente não queria mais conviver – talvez fosse uma certa referência, lembrando a ele sucessivos sucessos do seu... uma análise meio psicológica, mas acho que é mais ou menos por aí mesmo.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Eu perguntaria se o senhor, desagradado por ter sido demitido, nas circunstâncias em que o senhor acreditava muito no trabalho, o senhor consideraria as suas declarações, quando foi passar o cargo e outras, como um desabafo e resultado dessa decepção.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu considero que, em alguma medida, essa atmosfera de rompimento de uma relação importante profissional, política, com um projeto, com um ideário – eu me dediquei sete anos ao trabalho de reforma das comunicações –, é claro que ela estava presente e, de uma maneira mais serena, talvez o meu depoimento estivesse despojado de considerações assim mais hepáticas. É claro, isso esteve presente nessa minha avaliação certamente. Se tivesse um pouco mais de serenidade, se o momento fosse outro, talvez esses depoimentos pudessem ter ganho uma outra conotação, e, longe de querer colocar culpa na imprensa, há momentos em que a notícia é aquela: a divergência do cidadão, da equipe do Serjão contra o outro ministro, então há também aquela capacidade de buscar, como você falou, aquela quinta-essência e chegar, pegar realmente aquele ângulo mais agressivo.

Acho que houve um pouco de exagero também, mas eu dei matéria-prima, digamos assim, para que assim fosse. Respondo positivamente. Se fosse um momento mais sereno, talvez os depoimentos pudessem ter uma outra conotação.

O SR. SILVIO TORRES (PSDB – SP) – Sr. Presidente, estou satisfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço ao Deputado Silvio Torres.

Com a palavra o Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A AP tinha guerrilheiro?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Perdão?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A AP tinha guerrilheiro?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Em homenagem à amizade que tenho com o Deputado, ela teve guerrilheiros, não na época em que militei, mas a partir de 1968, ela passou a ter uma facção que achava que os caminhos da liberdade no Brasil passavam pela tomada das armas e expropriações. Enfim, um trabalho guerrilheiro.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Como você votou no referendo de domingo?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Sim.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que tanta pimenta na relação Pimenta/Egydio?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Bem, quem introduziu esse condimento da cultura baiana foi realmente o Sr. Relator. Eu, de fato, embora goste profundamente da culinária baiana, não teria essa iniciativa, mas fui levado a dar minhas opiniões e acho que por isso é que...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Foi da sua época de AP que o senhor achou que tinha que guerrear com o Pimenta aqui na Comissão?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, já mencionei, a minha época de AP coincidiu. O final dessa época coincide um pouquinho com o advento da normalização das relações políticas no Brasil, normalização, começo de MDB para cá, não sei o quê, e conheci Pimenta da Veiga exatamente nessa época.

Eu tinha uma excelente impressão dele, para não dizer que era do fã clube dele, mas de fato era um Deputado combativo e gostava muito da atuação dele. Depois, passaram-se alguns anos e eu, de fato, tive uma decepção muito grande e não foi uma decepção puramente pessoal, de relações pessoais. Acho que foi de conduta, de interpretação política, de ação política e tudo o mais.

Não acho também que ele tenha ajudado o nosso Governo. Pelo contrário, acho que até atrapalhou.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual era o seu codinome na AP?

O SR. EGYDIO BIANCHI – O meu codinome?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Acho que era Adílson. Acho. Existiam alguns codinomes, e tenho a impressão de que o meu era realmente Adilson.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor foi Presidente dos Correios por quanto tempo?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Fui Presidente dos Correios no final de 95. Na saída do Presidente Hargreaves, eu respondi pela presidência durante uns quatro, cinco meses, e fui Presidente em 99, o período inteiro, fui Presidente no ano de 2000, até julho de 2000.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que não conseguiu acabar com as franquias no seu tempo?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Acabar com as franquias?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor tem uma posição contrária a franquia. O senhor foi Presidente. Por que não acabou com as franquias?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, não senhor. A nossa intenção nunca foi acabar com as franquias. O que nós queríamos é que as franquias e a expansão da rede de serviços terceirizados no atendimento, preferimos usar essa expressão, se desse em bases jurídicas, com suporte jurídico saudável e adequado ao ordenamento jurídico que existe no Brasil, que obriga o setor público a oferecer oportunidades econômicas mediante a concessão.

O contrato estava terminado, não havia por que você não migrasse para o regime da concessão. Essa era a nossa opinião. Não éramos contra não. Éramos contra aquele ordenamento jurídico, éramos contra prorrogar um contrato condenado pelo TCU. Era e sou. Continuo contra até hoje, embora eu ser contra não tenha nenhuma eficiência prática.

Mas, de qualquer forma, acho que esse ordenamento jurídico estava totalmente equivocado. E não se conseguiu conduzir essa questão para uma migração adequada para as concessões.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Há uma certa incoerência, essa sua posição crítica às franquias e o Governo ao qual o senhor serviu queria privatizar os Correios.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Deputado, eu francamente ignoro e discordo, porque o Governo sabia... As opções de privatização ou não dos Correios foram profundamente estudadas e, por exemplo,...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas o Governo FHC chegou a mandar para o Congresso uma proposta que era...

O SR. EGYDIO BIANCHI – Não, nada de privatização. Pelo contrário, criação de uma empresa mais moderna, mais instrumentada para enfrentar a competição de um mercado, que ocorrerá de qualquer maneira, uma sociedade de economia mista cuja proposta

era Correios do Brasil Sociedade Anônima, permitindo que ela, eventualmente, assumisse parcerias com a área privada. Quer dizer, no fundo, no fundo, era o fortalecimento...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas com a área privada? Você falou agora?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Permitindo que ela se emparceirasse com a área privada, mas mantendo esse instrumento com controle do Poder Público. É claramente isso. Isso é o que acontecia.

Em compensação, a lei promovia... Pelo contrário, ela promovia a quebra do monopólio que a ECT ainda tem hoje. Ela propunha 5 anos para esse monopólio zerar. Mas fortalecia, de outro lado, a empresa para poder enfrentar a concorrência.

Era um fortalecimento da empresa, uma instrumentalização adequada para uma fase capitalista competitiva, para enfrentar, de certa maneira, os grandes *players* da área de encomenda, que são *players* internacionais.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O seu segundo período nos Correios não foi pouco tempo, foi um ano e meio.

O SR. EGYDIO BIANCHI – Um ano e meio.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E nesse ano e meio não teria dado para consertar um pouco desse estrago da Rede Postal Noturna?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Olha, teria dado, mas nós consertamos muita coisa. Muita coisa, Deputado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você consertou muito e ainda ficou assim?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Veja, nós encontramos a seguinte realidade: uma RPN – eu fiz esse relato, não quero cansar os demais ouvintes desta audiência –, nós pegamos uma rede com 50 linhas. Muitas delas não se sabia nem para quê existiam, de onde elas partiam e para onde elas iam. Nós tínhamos linhas funcionando no final de semana, também não sabíamos para quê, sábado e domingo.

Nós enxugamos, logo de cara, essa questão para 29 linhas, proporcionamos uma economia drástica nessa questão, isso num primeiro momento. A rede ficou absolutamente racionalizada.

Fomos para as concorrências, como queria o TCU. Não foi possível completar as linhas todas pela concorrência. De 20 e tantas só 7 foram atendidas.

Idealizamos um procedimento licitatório especial, com a concordância jurídica das várias áreas envolvidas, para poder prover essas linhas de operadores. Isso funcionou.

Paralelamente, contratamos estudo de uma empresa francesa, dos correios franceses, chamado Aeropostal, que fez um diagnóstico completo das cargas das aeronaves no Brasil, das leis, das regras, e mostrou que havia caminhos, e criticou fortemente que uma empresa como a nossa, com o volume de cargas, com o volume de tráfego aéreo, dependesse de empresas que fortuitamente faziam esse tipo de serviço, e algumas delas até concorrentes. Mostrou alguns caminhos.

Agora, as administrações que nos sucederam não se sensibilizaram com essas, digamos, com essas propostas, com essas idéias. Os projetos existem. Agora, eu acho que houve uma melhoria muito grande.

No plano interno, assentos de controles hoje, todas as empresas são controladas, horário de partida, os atrasos são chamados à responsabilidade. Quer dizer, o gerenciamento disso que está aí melhorou. Melhorou muito. Tomar consciência desse tipo de coisa.

As próprias concorrências. Acabou-se com aquela reserva de domínio das empresas regulares. Hoje você tem muito mais... Podem ter outros defeitos, mas têm outras empresas participando desse cenário. Então, há uma melhoria. Eu acho que não piorou, não. Melhorou.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na época do Governo passado, também tinha indicação política nos Correios?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Perdão?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na época do Governo passado, também tinha indicação política para os Correios? Diretorias, diretoria regional, indicações políticas?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Olha, nós lutamos muito pela profissionalização, especialmente das diretorias regionais, porque são diretorias operadoras. Então, resistimos muito às interferências políticas. Não saberia dizer se ganhamos a guerra de dez a zero, mas, realmente, resistimos muito e relutamos em aceitar ingerência política nas regionais.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas, apesar da resistência e da relutância, tinha indicação política?

O SR. EGYDIO BIANCHI – Eu não vou descartar, não, mas foi uma coisa muito reduzida. Se houve... Especialmente no Nordeste. As vitais para o funcionamento do sistema, não se admitia... Foi altamente profissionalizada. Aliás, por lei interna, por disposições internas nos Correios, a titularidade dessas diretorias regionais tem de ser funcionário de carreira, concursado e com as qualificações profissionais adequadas.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muito bem. Não havendo mais inscrições para

a presente reunião, eu, em nome do Presidente desta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, agradeço imensamente o Sr. Depoente e o cumprimento pelo depoimento prestado.

A seguir, vou suspender a presente reunião por... Cinco minutos?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sete minutos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por sete minutos. Então, está bem. *(Risos.)*

Há uma solicitação por uma rápida suspensão. O Deputado Sílvio Torres utilizou argumentos fortes e, então, esta Presidência suspende a reunião por cinco minutos.

(A reunião é suspensa às 19h05min e reaberta às 19h32min.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está reaberta a reunião.

Convido para tomar assento à mesa o depoente Paulo Roberto Kress Moreira, bem como, se estiver acompanhado de advogado, o seu advogado. (Pausa.)

Esclareço que o nobre Depoente está desacompanhado de advogado e vem prestar seu depoimento na condição de testemunha. Para tanto, já assinou o termo de compromisso na forma legal e regimental.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela ordem, a nobre Deputada Juíza Denise Frossard.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O depoente é advogado?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª é advogado?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não sou advogado.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Então, seria bom ler o artigo para ele. Se V. Exª me permite, eu o tenho na cabeça.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como V. Exª tem o Código Penal inteiramente registrado, poderá ajudar esta relatoria.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – É o falso testemunho. É crime fazer afirmação falsa ou negar ou calar a verdade como testemunha, perito, tradutor ou intérprete em processo judicial, policial ou administrativo ou em juízo arbitral. Pena: de um a três anos de reclusão e multa. Há formas agravadas e atenuadas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está feita a lembrança da legislação penal aplicável aos depoimentos das testemunhas.

Indago se V. Sª gostaria de fazer uso, preliminarmente, da palavra, de forma livre, para enfocar alguns aspectos relativos às franquias dos Correios ou se já gostaria de passar, de imediato, à argüição?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu gostaria de agradecer o convite para vir dar meu testemunho. Espero, no decorrer do depoimento, poder esclarecer as dúvidas que, eventualmente, existam. Trago, obviamente, comigo o grande desafio, em detrimento de ter acompanhado os depoimentos de alguns colegas da empresa ECT, de tentar quebrar alguns paradigmas ou de tentar melhorar, se possível, a imagem que eventualmente o Parlamento hoje faz, por conta desta CPMI, dos franqueados. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, começo, fazendo uma rápida introdução do depoimento de V. Sª.

Quando foi que V. Sª teve a sua primeira relação com os Correios, do ponto de vista de relações comerciais ou de outra natureza?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A minha família adquiriu a JK Comercial, que é uma franqueada dos Correios, cujo nome os Correios denominam agência....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – JK Comercial é uma empresa...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – É uma empresa que tem a titularidade de franqueada dos Correios...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Adquiriu quando?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – ...e que é denominada ACF Anchieta.

Nós adquirimos, se não me falha a memória, em agosto de 1996.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agosto de 1996.

Quem são os proprietários da JK Comercial, é isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. 80% de minha propriedade e 20% de propriedade do meu irmão, cujo nome é o mesmo, Paulo, só que Ricardo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época, quanto V. Sª ou a empresa pagou pela transação?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – À época, a transação foi feita da seguinte forma: essa franqueada se encontrava em débito, o antigo proprietário, Douglas Jovanete Bachi, então....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era uma pessoa física o proprietário ou era uma empresa?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não, era a mesma empresa, a JK Comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A JK Comercial.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, eu adquiri as cotas dessa empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito! Então quem era o proprietário da JK Comercial?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O proprietário era o Douglas Jovanete Bachi.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Douglas...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Jovanete Bachi, se não me falha a memória.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bachi?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Bachi. B-A-C-H-I.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ok.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – E a sua esposa, na época, a sua senhora, que eu realmente não vou conseguir me lembrar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esposa?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

Eles tinham contraído um débito junto aos Correios, por má administração e tinham essa dívida que, na época, perfazia algo em torno de R$120.000,00 (cento e vinte mil reais), alguma coisa em torno disso. Posso estar equivocado em relação à moeda, por se tratar de 1996, mas eu imagino que era real.

A SRA. (Oradora não identificada) – Real.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Teve URV e depois isso, o Real. E, naquela oportunidade, essa pessoa procurava um terceiro que pudesse assumir a gestão do seu negócio e assumir também o seu débito. Nós, então, fomos à diretoria dos Correios, à diretoria regional de São Paulo, à época, que, se não me falha a memória, o Diretor era o Edson Comin, isso, Edson Comin, que permaneceu na diretoria regional de São Paulo, se não me engano, por 20 e poucos anos, e propusemos o pagamento desses débitos para que, então, iniciássemos uma nova história junto a essa franqueada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O senhor tem idéia do histórico dessa franquia? Quer dizer, antes do Sr. Douglas, como é que foi?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Essa franquia foi concedida, em 1992, Deputado, eu posso, obviamente, estou aqui dando uma informação da qual eu não era o proprietário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De memória.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso! Mas, em 1992, para essas pessoas que trabalharam até 96, quando me venderam as cotas da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então os proprietários originais já eram o Seu Douglas Jovanete Bachi e sua esposa.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foram eles que montaram a JK Comercial?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. E era uma empresa, era um escritório de contabilidade. Esse escritório, o contrato social, cujo CNPJ posso-lhe fornecer, tenho de cabeça.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era um escritório de contabilidade?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Era um escritório de contabilidade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para citar o CNPJ.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – 56349236/0001-92, mil de português, como a gente diz, ou de japonês, dígito 92.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ok.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – CNPJ que, até hoje, é o CNPJ da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas então era um escritório de contabilidade na origem.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, inaugurado em 1986, em contrato lavrado na Junta Comercial de São Paulo, em 1986. À época, era o Jorge Koga e o Douglas Jovanete Bachi, que tinha....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Jorge Kogan.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Jorge Koga. Por isso JK. O JK não é, até gostaria que fosse....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era a minha pergunta que eu iria fazer.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não é do nobre Juscelino Kubitscheck, é de Jorge Koga, também proprietário à época. Eles tinham um escritório de contabilidade e se cadastraram. Quando ocorreu o início, quer dizer, das concessões de franquia, eles, então, se cadastraram naquela região, a franquia se localizava na Via Anchieta, rente ali à Favela de He-

liópolis, quer dizer, uma região extremamente carente e que precisava ter um posto de serviço de correio. E eles foram então contemplados com essa franquia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem uma relação de amizade com o Sr. Douglas ou com o Sr. Jorge Koga?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não tenho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que o senhor se aproximou deles para a transação? Como é que o senhor soube da intenção deles de negociar?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Na época, nós aventamos um interesse de entrar nesse segmento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De que maneira?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Aí é que está. De que maneira se davam as negociações de venda, de transferência de quotas ou negociação de quotas das agências? Por meio da associação. Então, existe uma associação de franqueados que tem, por conta da proximidade dos franqueados junto à associação, um histórico profissional e empresarial, e também um histórico de como é que essa franqueada está procedendo junto à ECT.

Eu não me lembro, à época, quem era o Presidente ou o Diretor da Associação porque existe uma troca, se não me falha a memória, anual. Então, existe uma substituição constante. Esse senhor tinha uma idéia...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse senhor seria quem?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Esse Diretor da Associação...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Diretor da Associação.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – ...dos Franqueados... Ele tinha uma idéia das franqueadas que não estavam em boas condições financeiras à época e que tinham interesse em transferir. Foi então que se abriu a possibilidade...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhecia esse Diretor? Como o senhor teve essa informação? O senhor já lidava com os Correios? Como surgiu essa idéia de o senhor ter uma franquia?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, eu não mexia com os Correios. Na verdade, eu venho do segmento de logística de peças e implementos agrícolas, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois é. Não tem nada grande.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Residi em Ribeirão Preto. Prestei assistência técnica em manutenção às usinas de cana-de-açúcar em Ribeirão Preto e, se os senhores se recordarem, em 1992, quando nós tivemos a "Era Collor", se me permitem dizer assim, foi um período muito duro, não fazendo apologia ao Governo, mas foi um período muito duro para o setor canavieiro, para o Pró-Álcool, que foi extinto àquela época. Começou a existir uma inadimplência muito grande no segmento agrícola. Eu, na época, trabalhava em uma empresa familiar e por conta, de 92 a 96, da existência dessa crise no setor agrícola especificamente dito, meu pai, então, que à época era meu patrão, meu gestor, me propôs, me disse: "Filho, está na hora de você cuidar da sua vida, porque os negócios não suportam mais. Você e teu irmão, enfim, trabalharem". E foi então que nós começamos a procurar algo em que existisse possibilidade. Primeiro, tinha que ser um negócio que financeiramente fosse possível abordarmos. Quer dizer, nós tínhamos que ter condições financeiras para adquirir. O segundo aspecto tinha que ser um negócio que de fato fosse promissor. Em 96, se o Deputado me permitir divagar um pouco mais sobre esse histórico...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – ...meu padrinho, à época Diretor de um banco em São Paulo, 35 anos de banco, procurou, nas conversas de família, me orientar de alguma maneira, de modo a dizer: "Olha, existem oportunidades no negócio...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem foi a pessoa que lhe orientou?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Esse meu padrinho?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O senhor diz o nome da pessoa?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O nome da pessoa.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Valdemar Tafla.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Valdemar...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Valdemar Tafla.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi o sobrenome, perdão.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Tafla.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tafla?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Valdemar Tafla.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ele trabalha em que área?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, hoje ele é um senhor, tem setenta e poucos anos, mas à época foi Diretor do Banco da Lavoura, foi Diretor do Banco Real, enfim, sucedeu por muito tempo o mercado financeiro e, numa situação normal de família, numa conversa de família, eu então perguntei a ele: "Tio, o que o senhor acha? Eu quero mudar de ramo, tenho um histórico de dez anos na área de logística de implementos e peças agrícolas", que era um negócio absurdamente complicado, muito mais complexo do ponto de vista de você ter que administrar, visitar dois mil clientes pelo Brasil afora, enfim... Então ele me disse: "Olha, Paulo, os bancos estão iniciando um processo de *outsource* muito pesado por conta das fusões, das aquisições, quer dizer, bancos comprando bancos menores, o problema do Econômico, o problema do Nacional, depois o Bamerindus". Então, foi exatamente nessa época que os bancos começaram a colocar para fora os serviços que não eram *expertise* do banco, que começaram a terceirizar esses serviços, que eu entrei no mercado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que mercado?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – De franqueado dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Entendi. Esse seu parente, o Sr. Valdemar, sugeriu-lhe que entrasse nos franqueados dos Correios.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Por quê? Porque os bancos, àquela época, faziam todo o processo de acabamento e emissão de correspondências internamente. Ele, logicamente, que ao longo dos seus anos de setor financeiro, cabelo branco e tudo mais, e eu, à época, com 26 anos de idade, como meu padrinho, ele disse: "Paulinho," – desculpem, mas era como ele se referia e se refere a mim – "filho, olha, é uma oportunidade. Se você tiver condições de adquirir uma franquia dos Correios, esse mercado é um mercado que é promissor, vai crescer muito". Por quê? Os bancos estão adquirindo os bancos menores, inicia-se uma centralização de volumes em São Paulo, porque quando se iniciou a compra, as seguradoras, que, na sua grande maioria, eram localizadas no Rio de Janeiro, transferiram suas sedes, sua maioria, para São Paulo, os bancos que também tinham operações na área de cartões, em diversas áreas também distribuídas em diversos Estados, também começaram a trazer, no sentido de reduzir custo, a operação para São Paulo.

Então ele me disse: "É um segmento promissor. Os bancos têm interesse em terceirizar essa área, e eu acredito, pelo teu potencial profissional de dez anos na área de logística do segmento agrícola, que você tenha facilidade em lidar com esse tipo de documento". Foi então que eu iniciei meu trabalho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas como o senhor se aproximou dessa associação? Aí que não ficou claro para mim a relação. Quer dizer, o senhor foi aconselhado e aí como é que o senhor fez, como o senhor procurou a franquia? Como foi?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – À época, eu me lembro que meu pai, se não me falha a memória, tinha esse conhecido que era da Associação Comercial – meu pai foi freqüentador assíduo da Associação Comercial, sede da Lapa, onde nós tínhamos a empresa –, e a Associação Comercial tinha também...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A empresa não era em Ribeirão Preto?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não. Eu morei em Ribeirão Preto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, morou em Ribeirão Preto.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Mas depois, durante um ano só, dando assistência. Foi um período de vivência em campo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo. Mas sua empresa era na Lapa, em São Paulo?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, a empresa familiar do meu pai era na Lapa, em São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Então, meu pai tinha contatos na Associação Comercial, e ele tinha essa pessoa, que não me lembro realmente o nome, que era um Diretor da Associação dos Franqueados, e que também se representava, em outros negócios, na Associação Comercial. E, em contatos entre eles, quando eu aventei a possibilidade de, meu pai disse: "Pôxa, filho, acho que tem um conhecido meu que, se não me falha a memória, é ligado à Associação. Vou fazer esse contato, ver como funciona isso, tentar entender como é esse processo de franquia e tal". E foi, ele fez essa apresentação, a pessoa

conversou conosco, e aí nos apresentou... À época, existiam duas ou três franqueadas numa situação de inadimplência, com possibilidade de venda das quotas, porque existiam outras que já estavam em processo de fechamento e aí não tinham condições.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí o senhor iniciou a negociação com o Sr. Douglas?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – E aí iniciamos a negociação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí o senhor adquiriu?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Adquiri, pagamos o débito...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pagou em que condição? Qual foi o valor da transação? Como foi a negociação?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Como é que os Correios procediam à época? Os Correios não lhe davam crédito sem que houvesse a quitação. Então, nós efetuamos o parcelamento junto aos Correios, se não me falha a memória, em duas vezes...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dos R$120 mil.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. E, durante esses 60 dias, todo e qualquer produto que eu precisei nos Correios eu pagava à vista, selos, Carnê do Baú, Telesenas, Papatudo, que à época existia, depois deixou de existir, e aí tinha produto para trabalhar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí, então, o senhor adquiriu apenas pelo preço da dívida. Foi exatamente esse o valor?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve nenhum *plus* aos proprietários.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, houve. Houve um *plus* pequeno.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aproximadamente?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Aproximadamente, à época, algo em torno de R$20 mil, R$30 mil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vinte mil, trinta mil reais?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ao fazer essa transação...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – É importante lembrar... Perdão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não, por favor.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – ...que a franqueada à época tinha uma estrutura de sete funcionários...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – ...e um faturamento que eu não me lembro, os Correios podem informar isso com mais propriedade, mas também bastante pequeno.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esses valores da transação e dos pagamentos foram devidamente registrados no Imposto de Renda?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Foram, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aquisição devidamente registrada?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, sem problema.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, tudo rigorosamente normal. O senhor sabe se o Sr. Douglas e sua esposa obtiveram essa franquia por meio de alguma interferência política?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Olha, é uma resposta que eu não saberia lhe dar. O que eu poderia divagar sobre a pergunta é que o pouco contato que eu tive com eles, que foi durante uma semana, da passagem do negócio, que eram pessoas muito simples, realmente pessoas muito simples, simples no trato, muito simples na forma de...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Simples como?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Pessoas simples. Não eram pessoas de posse, não eram pessoas que tinham qualquer... O ambiente não se mostrava um ambiente de favorecimento político, de grandes relacionamentos políticos, mas posso estar fazendo um julgamento errado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. Mas se trata de uma grande franquia. Quer dizer, o senhor acha possível que uma pessoa, assim, sem posses, humilde, pudesse ter uma franquia como essa?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Vou lhe explicar. À época era uma franquia de sete funcionários. Depois, ela se tornou, na minha gestão, uma grande franquia. Chegou a ter 400 funcionários. Eu cheguei a ter 400 funcionários, dos quais 66 deficientes auditivos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Que era um trabalho que nós fazíamos junto à favela de Heliópolis, porque quem é de São Paulo, o senhor conhece, que a região ali tem que se fazer até hoje.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu conheço bem a região. Mas, objetivamente, para uma pessoa simples montar uma franquia, eu não consigo vislumbrar, porque o custo para a implantação de uma franquia, mesmo com sete funcionários, é alto, não é?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. Com sete funcionários, não, o custo para se montar não é alto, ele é barato. Eu posso até estimar esse custo mais precisamente para os senhores, o custo do balcão de atendimento, que é um balcão padrão, o Correio tem isso...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para os Correios se pagava alguma coisa, para obter a franquia? Não?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Existe uma taxa anual, uma taxa anual de franquia...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No ato de obtenção da franquia se pagava alguma coisa?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, é anual, no início do ano.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas na obtenção da franquia não se pagava nada?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, na obtenção da franquia, nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí era apenas alugar o local e pagar as instalações, só isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. As instalações, os encargos trabalhistas, os impostos devidos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. E o senhor não teve ciência, então, se o Sr. Douglas Jovanete Bachi e sua esposa, ou o Sr. Jorge Koga, se eles efetivamente tinham contatos com pessoas da área política?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Jorge Colga o senhor não conheceu?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu não conheci. O Jorge Colga eu não conheci.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – E é como eu ele disse: "Eu não posso lhe garantir, seria uma inverdade se eu lhe dissesse que sim ou que não". Eu não tive realmente condições de ter esse...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...essa apreciação.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Esse *feeling* das pessoas, foi muito rápido.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem alguma filiação partidária?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não? Mas não tem contatos com Parlamentares ou políticos em geral?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Também não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca teve por amigo ou manteve relação mais próxima com nenhum Parlamentar ou político?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, também não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca fez nenhuma contribuição eleitoral?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Também não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Também não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca, perfeito.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O que... Acho até importante dar esse testemunho, porque uma vez aqui e tendo que dizer a verdade e toda a verdade, em algumas circunstâncias, uma vez atendendo uma gama de 300 clientes, pode ter havido, um comerciante, por exemplo, do Ipiranga, que é o bairro em que estou, que tenha um lojista, que tenha me mandado, por exemplo, ou comprado dois mil selos para auxiliar um político do bairro ou um Vereador, ou um candidato, situações normais, isso em qualquer franqueada do Brasil. Então, só para...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor nunca doou...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, nunca. De maneira alguma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...ou prestou serviços a nenhum Parlamentar ou político?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – De maneira alguma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Eu não vou monopolizar. Eu sei que tem Deputados que têm outras atividades Parla-

mentares ainda no dia de hoje, então eu vou, após a introdução, passar de imediato a palavra ao primeiro inscrito, que é o nobre Deputado Arnaldo Faria de Sá. Tem V. Exª a palavra por 15 minutos. Peço, então, que se registrem 15 minutos para o Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Paulo Ricardo ou Paulo Roberto?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Paulo Roberto.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Paulo Ricardo é o seu irmão?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – É o meu irmão.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você, na época, tinha 7 funcionários, chegou a ter 400. Quantos funcionários tem hoje?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Hoje, nós estamos com 160 e poucos.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que caiu tanto?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – No ano de 2000/2001 iniciou-se o que nós chamamos – quer dizer, a visão do franqueado – uma concorrência desleal dos Correios empresa com a rede franqueada. Eu digo concorrência desleal e posso, se o senhor permitir, explanar o porquê dessa conclusão.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – À vontade. Qual é a deslealdade?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 1996, como eu estava dizendo, quando adquiri a franquia, nós pegamos um mercado crescente dos bancos terceirizando. O que nós fizemos? Fomos aos bancos oferecendo serviços e os bancos, de prontidão, fizeram as RFPs para fazer levantamento de preços e terceirizaram os equipamentos. Toda área gráfica do banco foi vendida e boa parte desses equipamentos e dos serviços foi adquirida, por meio de *leasing*, por franqueados, que foi o meu caso. Então, conjuntamente com o contrato que o banco cedia você tinha um ônus, que eram todos os equipamentos de acabamento de dados.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quais clientes o senhor perdeu para os Correios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Quais clientes que eu perdi para os Correios?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Grandes clientes.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Grandes clientes: Unibanco, Banco Real, Itaú, Editora Globo, AIG, Real Seguros, NET.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O Diretor Regional dos Correios esteve aqui e disse que está devolvendo os clientes para os franqueados. Desses que você perdeu, quais voltaram para você?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Na verdade, o que foi feito foi um contexto de tentar solucionar esse problema que foi causado de concorrência desleal que nós tínhamos em mente. Então, esses clientes, depois de dois anos, se não me falha a memória, o Correio começou a devolver paulatinamente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Desses que eles devolveram, quais voltaram para você?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O Unibanco, todos eles.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Voltaram todos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Todos eles. Eu consegui oportunamente a carta de todos os clientes demonstrando interesse.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E qual foi o ano mais crítico dessa deslealdade que você fala do próprio Correio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Final de 2001.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quando estavam sendo criados os Correios do Brasil S/A? Naquela época?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Foi quando o Correio criou uma tarifa FAC. Historicamente, desde 1996, que é a minha história junto à empresa, o FAC sempre esteve 10% abaixo do valor da carta comercial. Na época, o Correio criou um novo FAC, quer dizer, o FAC do FAC, 30% abaixo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na época em que você entrou para a franquia, qual era o endereço da franquia?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O endereço da franquia era Via Anchieta, 1.273.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E hoje?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Hoje é rua Belgrado, 65.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ela mudou de local?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mudou para o quarteirão em frente, porque as instalações em que eu me encontrava não comportavam mais.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas essa rua fica próxima de onde era a...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – É uma travessa da Anchieta, exatamente em frente onde eu estava antes, na mesma microrregião.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Subindo a Anchieta, é à direita ou à esquerda?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O senhor, subindo a Anchieta, à direita. Passando o Bradesco e o Banco Itaú, a sua direita.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se é à direita, ela está longe da favela de Heliópolis. Por que você falou que foca na Heliópolis?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque é a mesma microrregião. Na verdade, à esquerda da Via Anchieta. Não estou...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na verdade, seu foco comercial não era Heliópolis, teu foco comercial.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Foco comercial, não. Eu disse o foco trabalhista. Na verdade, nós empregamos boa parte da nossa equipe, do nosso quadro de funcionários.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Heliópolis era foco de emprego, não de geração de...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não de geração de receita, de forma alguma.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quando você respondeu ao Deputado José Eduardo, falou que alguém poderia ter comprado 2 mil selos para um político? Qual seria esse político?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Qualquer um. Eu quis exemplificar que, uma vez havendo uma loja dos Correios vendendo produtos dos Correios, qualquer comerciante ou qualquer empresa da região, até o próprio candidato, que tenha interesse em adquirir selos para postar as suas correspondências, em campanha ou em qualquer época, pode fazê-lo em nossa agência, deve fazê-lo em nossa agência ou em qualquer outra agência de São Paulo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Agora que os Correios está tomando essa postura de recuperar esse terreno perdido com a chamada concorrência desleal, você pode retomar o seu nível de emprego anterior, caminhar para isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – É difícil, porque as margens, quando os Correios criou o processo de vinculação do FAC, dando-nos 5%, existe uma conta muito simples, Sr. Deputado: o que era dez passou para cinco. Era dez sobre R$1,00, passou para cinco sobre R$0,70. Então, os senhores imaginem a perda financeira que foi para franquia essa operação. E por que, se o senhor me permitir, eu digo concorrência desleal? Porque, em 1996, 1997, quando se iniciou esse processo de desestatização de bancos, existiam diversas empresas de logística, diversas *couriers*, diversas empresas que faziam entrega. A exemplo do Bradesco que, historicamente, sempre fez a entrega de seus boletos de cobrança bancária pela Epatil, empresa sediada em Pinheiros. O Unibanco utilizava a Transpev, empresa sediada na Lapa; e assim sucessivamente. Existia a Hot Service, existia a Intercourier.

O senhor se lembra que, no final de 2000, 2001, o Sr. Eike Batista, conhecido acho que por todos, por ser empresário e procurar desenvolver sempre novos projetos, criou a EBX. Não sei se os senhores se lembram, foi feita a mídia na imprensa televisiva da EBX. Qual era a idéia? Ele comprou diversas dessas *couriers* e chegou, inclusive, a pegar contratos do próprio Bradesco para entrega de extratos. Houve, naquele período, uma concorrência. De 96, quando se iniciou a terceirização e a grande demanda dos bancos, até os dias de hoje, quer dizer, existiu e existe uma concorrência muito acirrada em relação a essa questão de entrega de correspondências. Então, naquela época, não foi fácil, porque, o que fizeram os franqueados? Agregaram uma porção de serviços, um pacote de serviços relacionados à correspondência: impressão de dados variáveis, estocagem de documentos, tratamento de devolução de correspondência. O Bradesco, o Itaú, quando posta 20 milhões de correspondência/mês, pelo menos, 200 mil retornam...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Apesar dessa chamada correspondência desleal, a ACF ainda é um bom negócio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A ACF? É uma pergunta difícil. Eu poderia lhe responder a minha ACF, se o senhor me permitir.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A sua, a sua.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A minha ACF ainda é um bom negócio, porque nós temos uma gestão e uma estrutura única num prédio próprio – não pagamos aluguel. Então, quer dizer, enxugamos o necessário para que estivesse sempre em condições de pagar a sua conta.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E esse prédio próprio, você construiu com recursos da própria ACF, que estava antigamente na Via Anchieta?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Esse prédio foi adquirido, mais ou menos, cinco anos depois, porque a Via Anchieta, o senhor estava comentando, se o senhor me permite, o senhor conhece bem ali a região...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Conheço.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – E a Via Anchieta, exatamente nesse período, e até hoje, quer dizer, aquele início, teve a obra do lago de Sacomã, aquele trecho que o Maluf ficou um período

grande ali para entregar, e aquele pedaço ficou, praticamente, deteriorado. Os imóveis ali se encontravam em condições terríveis, e o custo, realmente, foi extremamente vantajoso, à época, porque a região proporcionou adquirir terreno a um preço que hoje não conseguiríamos. Mas, naquela época, ninguém queria ter imóveis naquela região.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você tem alguma irregularidade na relação com os Correios, alguma auditoria, algum problema?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nenhuma.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E por que você está aqui?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não sei. Eu fui convocado. Isso eu posso lhe dizer com orgulho: a minha franqueada não só não tem irregularidades, não tem débitos, não tem dívidas, não tem nenhum processo administrativo interno, não tem nenhuma notificação...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você tem algum problema?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. Meu problema é voar de avião. Então, o senhor imagina vir a Brasília. Só voar de avião. Este é o único problema: medo de voar de avião.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Além de você, quem gerencia a sua ACF (Agência dos Correios Franqueada)?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O meu irmão, o Paulo Ricardo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você e seu irmão têm algum gerente? Quem faz contato com a Direção Regional dos Correios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Os contatos com a Diretoria Regional dos Correios são feitos ou pela minha pessoa ou pela pessoa do meu irmão Paulo Ricardo. Não existe nenhum... Temos três gerentes que operam nas áreas de atendimento a clientes, na área de transportes e de distribuição interna, que é a triagem que chamamos, e temos uma gerente de manuseio e acabamento. Mas a Diretoria Regional de São Paulo, quando necessário falar ou contatar, nós falamos; e os gerentes falam com os coordenadores.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – As ACFs possuem uma entidade, uma associação?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A Abrapost.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você participa dessa entidade?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Participo.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual é o seu cargo lá?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não tenho cargo. Eu pago a mensalidade e cobro o resultado de que eles nos defendam quando necessário. Não tenho participação direta na Associação.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Em que a Abrapost tem de defender vocês?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eventualmente, a Abrapost faz algum trabalho que possa ser necessário, por exemplo, como nesse caso, no ano de 2000, 2001. Nós tivemos diversas reuniões para se discutir a legalidade desse FAC que foi criado, se ele...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Na última prorrogação do período...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Dos cinco anos?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É. Quanto você pagou?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu, particularmente, a minha agência, não pagou nada.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A Abrapost não cobrou nada de vocês?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Houve um zum-zum-zum por aí que tiveram de acertar alguma coisa, para essa prorrogação.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, de maneira alguma. Existe, se V. Exª me permitir...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Fique à vontade.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Existe uma divergência de informações, no que diz respeito a isso, por conta de que eu nunca participei da Diretoria da Abrapost, nunca tive uma relação direta com a Abrapost nesse sentido. Posso falar pela minha ACF. As contas e as mensalidades que a Abrapost sempre nos apresentou sempre tiveram, no seu relatório, assim como um condomínio, as despesas gastas por ela, de modo que muitas vezes poderiam vir despesas jurídicas de advogados ou de pareceres de advogados, como à época fizemos um com o Celso Bastos, verificando a legalidade das nossas operações, enfim, os direitos que eventualmente os franqueados teriam. Nos períodos que se aproximam do vencimento dos contratos, Deputado, é muito comum que a Abrapost fique mais em ênfase, por conta da necessidade de se renovar. Então, nessa época, é que existem alguns custos de pareceres, pareceres com advogados.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você chegou a ouvir essa história de que teve algum envolvimento de que alguém teria falado que precisava de dinheiro para prorrogar esse negócio ou você nem chegou a tomar conhecimento?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Particularmente, eu não ouvi. Se eu dissesse que tivesse ouvido, eu estaria mentindo. Então, realmente eu não ouvi.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Essa discussão toda envolvendo os Correios nesse período todo afetou a atividade comercial das ACFs?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sem dúvida. Por conta inclusive desta Comissão, todo e qualquer contrato novo, todo e qualquer cliente novo que queira, por meio de uma CFC, ser atendido, ou ter os seus serviços junto aos Correios, hoje é impossibilitado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por quê?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque hoje não se faz... Quer dizer, os Correios, nas pessoas da Diretoria que se encontra no momento, e por conta da Comissão, eles estancaram todo e qualquer novo contrato. Então, não se transferem contratos, não se faz novos contratos e não se criam novas vinculações. Então, o processo se encontra parado desde o início da Comissão.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Aumentou a comissão?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – V. Exª diz...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por causa desta Comissão?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não aumentou. Pelo contrário, o processo encontra-se estagnado. Nós nos encontramos, comercialmente falando, hibernados. Os franqueados hoje se encontram hibernados.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Há quanto tempo ocorre isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Desde, vamos dizer, um mês após a Comissão, quando houve a troca da Diretoria dos Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas, isso tem prejudicado a atividade de vocês?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MORERIA – Sim, temos uma atividade hoje estagnada. Não existe nova geração de empregos, não existem novos contratos, não existem, enfim...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E, na sua opinião, a imagem dos Correios está prejudicada?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência, é difícil fazer essa análise. Imagino que sim.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não precisa nem analisar. O senhor já respondeu.

Obrigado.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu imagino que sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Antes de passar a palavra ao próximo e de passar a Presidência ao ilustre vice-Presidente, gostaria apenas de falar sobre dois aspectos perguntados pelo Deputado Arnaldo Faria de Sá. Temos notícia de que as franqueadas cometem muitas irregularidades. E a empresa de V. Sª nunca teve nenhuma irregularidade punida pelos Correios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Teve. As irregularidades que acontecem nos Correios...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª disse que não havia irregularidades.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, vou lhe explicar. Não existem processos. As irregularidades são muito comuns. Existe um manual extremamente complexo que prevê como uma franqueada deve se portar, ele é muito severo, mas ele é severo em vários aspectos. Não devemos ter uma correspondência debaixo do armário, que por engano possa ter caído naquele movimento e entrado debaixo do armário; não podemos ter uma máquina de chancela com estampa, por exemplo, com a data do ano impressa com falha. Então, existem diversas irregularidades pequenas, de ordem administrativa, que são corrigidas a tempo, e no dia a dia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor foi punido alguma vez?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca foi?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. Punido... Digo o seguinte: punição, não sei...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Advertência...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Ah, não. Isso sim...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já foi advertido?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, sem dúvida.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo que o senhor foi advertido?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não saberia...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca pagou propina a funcionários dos Correios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência, não, jamais. Agora, a questão da...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quero lembrar a V. Sª que V. Sª está sob as penas da Lei.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. Jamais. Nunca paguei propina...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nunca foi punido por pagar nada para funcionários dos Correios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Pagar dinheiro a funcionários dos Correios?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dinheiro. Isso.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, de maneira alguma. Nunca pagamos propina a funcionários dos Correios. Isso posso lhe garantir. Nós nunca pagamos propina a funcionários dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Peço que V. Sª pense bem.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu até tenho em mente... Excelência, eu até tenho em mente o processo a que o senhor está se referindo. Mas não é, volto a dizer...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que o senhor tem em mente? Diga-me o que o senhor tem em mente.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, se o senhor está se referindo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, estou fazendo uma pergunta. Se o senhor se lembrou de um processo, de qual processo V. Sª se lembra?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não foi nenhum processo. Houve uma notificação, certa época, de que um gerente nosso, que cuidava da área de triagem de transporte, uma área extremamente delicada, por conta de prazos, de ter que cumprir uma série de normas, e um ex-funcionário dos Correios – esse senhor trabalhou 18 anos nos Correios e veio trabalhar em nossa franqueada –, por conta dos 18 ou 20 anos na ECT, tem relacionamento e muito amizade com funcionários da ECT. Parece que na época, eu me lembro de ter tido uma notificação por conta de algum relacionamento desse gerente nosso com um funcionário dos Correios. À época, alguma coisa nesse sentido. Como muitas vezes também foi chamada a atenção de funcionários nossos que têm relacionamento pessoal com funcionários dos Correios, são casados ou namoram ou assediam de alguma maneira. Então, existe essa circunstancia. Mas, basicamente é isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Peço, mais uma vez,... Quero lembrar a V. Sª que sempre que uma testemunha transgride a Lei Penal, uma CPI, ou em geral, pode se configurar o crime de falso testemunho e, portanto, com prisão em flagrante. Peço que V. Sª, antes de responder, medite.

Eu vou lhe fazer uma pergunta bem objetiva: a franquia de V. Sª, em alguma vez, pagou para um funcionário para receber informações privilegiadas ou não?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não sei que informações privilegiadas. Por isso, Deputado, estou lhe dizendo, eu...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PSDB – RJ) – V. Exª me permite complementar?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por gentileza.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Seria sobre a conferência de cargas de ACFs.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que é perfeito, por favor? Vamos lá.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Um gerente nosso... Como funciona a gerência de carga?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, a pergunta objetiva. A pergunta é: se, eventualmente, a sua franquia pagou um funcionário dos Correios para isso, e o senhor foi punido por isso.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – É isso que eu estou lhe dizendo, Excelência: eu não fui punido por isto!

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não foi advertido pelos Correios, por isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto; fui advertido.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Advertência é uma punição!

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência, em momento algum os Correios comprovaram que eu tivesse pago, ou eu disse aos Correios que tinha pago. Eu gostaria que o senhor verificasse no processo. Nós encaminhamos a defesa aos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu tenho o processo aqui.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – E a explicação aos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu tenho o processo.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A ACF que o senhor tinha recebeu as informações privilegiadas desse funcionário?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu não sei quais informações são essas. Por isso eu estou lhe dizendo. E se elas, de fato, geraram algum benefício para a minha ACF.

Por isso eu estou querendo lhe explicar o que acontece. Nós temos um gerente, que é este funcionário dos Correios que cuida da área de transporte, da área de triagem e da área de entrega, que é uma área de extremamente delicada. Por quê? Porque uma vez tendo data nos objetos, uma vez colocando DH nos objetos, que é depois do horário, nós temos, dentro do manual, uma série de normas a serem cumpridas. Então, o que existe aí? Este gerente, que é subordinado à minha pessoa, é cobrado por mim, sistematicamente, para cumprir os horários de coleta. O que muitas vezes acontecia, e passou a acontecer, insistentemente, era o não cumprimento desse horário. Eu, na época, chamei esse gerente e disse: "olha, você tem que se adequar. Nós reduzimos a equipe, por conta da redução de custo que eu expliquei, e você tem que se adequar. O senhor tem que começar a colocar os objetos no controle de qualidade que a ECT exige".

À oportunidade, e eu lembro que ele – e aí foi por isso eu digo que eu conheço – qual foi o puxão de orelha? Eu não consigo, quer dizer, gerenciar o relacionamento dos 300 funcionários que me atendem ou que me atendiam na época. Este camarada tinha e tem relacionamento e amizade com ex-funcionários e ex-colegas de trabalho dele dos Correios.

Veja, Excelência: se ele, à época, e ele mesmo, quando questionado por mim...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele quem?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O José Josias dos Santos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é José Josias dos Santos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Esse gerente meu de transporte.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Que na época deu uma declaração e assumiu que, de alguma maneira, beneficiava um colega dele da ECT.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um momento. Ou seja, seu gerente assumiu que beneficiava alguém.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Mas, o que eu quero deixar claro é que beneficiava para suprir uma deficiência profissional dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A questão é: seu gerente pagava, por informações privilegiadas, R$500 por mês a um funcionário dos Correios. E a sua franquia recebeu essas informações? Ou não?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A minha franquia, não. Na minha pessoa, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seu gerente; a franquia é a empresa.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O meu gerente recebia, à época, inclusive isso gerou uma notificação...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Recebia o quê?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Recebia a informação e, à época, Excelência, quando nós tomamos conhecimento...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora nós estamos nos aproximando da verdade.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Não, mas é por isso que eu estou dizendo. O senhor tinha perguntado se eu...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que o seu gerente faz parte da empresa. Perguntei a franquia. O gerente é preposto numa empresa; portanto, responde por ela.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, Excelência. Mas, quando o senhor diz a franquia, eu jamais – e gostaria de deixar isso claro – eu jamais, por R$500 a um funcionário dos Correios iria me privilegiar de alguma maneira. Agora, não sei à época se foram R$500 ou se foi a cerveja de fim de semana do colega dele nos Correios. Agora, ele trabalhou quase 30 anos nos Correios, foi carteiro e saiu como Coordenador e, depois, veio trabalhar numa franqueada, o que muitas vezes acontece. Entrou num plano de demissão voluntário e veio trabalhar com a franqueada. Então, se ele, obviamente, faz jus desse relacionamento por conta dos 30 anos de empresa, de modo a operação do dia-a-dia ter alguma informação ou objetivar o dia-a-dia dele...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas a quem interessava a informação que ele obtinha?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A ele, especificamente.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Ele fazia o que na sua empresa?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Gerente de triagem e transporte.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Então interessava a ele só? O que ele fazia com a informação?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Exª, é evidente, eu entrei na colocação da senhora, quer dizer, passa a interessar correlatamente à empresa. Evidentemente, que o resultado não só. lógico.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu leio, uma vez que V. Sª se aproximou da situação, a síntese do processo. "Em 27 de julho, ex-empregado da CTC Santo Amaro foi flagrado passando informações à ACF Anchieta sobre a conferência de cargas das ACFs. O empregado confessou."

O SR. (Orador não identificado) – Em que ano?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não tenho o ano aqui. Você tem o ano? (Pausa.)

"O empregado confessou que fazia isso há cerca de um ano e em troca recebia de um dos gerentes da ACF o valor de R$500,00 por quinzena. O empregado foi demitido por justa causa. A ACF foi questionada do uso dessas informações privilegiadas. Empregado da ACF negou o pagamento, mas assumiu o recebimento das informações. A ACF foi advertida em 25 de maio."

De acordo?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – De acordo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. (Orador não identificado) – Em 2004.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Agora é importante lembrar, como a ECTN informou, que o funcionário não assumiu o pagamento. Isso eu acho importante.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas assumiu o recebimento das informações.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não estou aqui dizendo. Agora...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o funcionário confessou que recebia.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, por isso que estou lhe dizendo, da mesma maneira que na área comercial nós temos contato com a área comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi aberto inquérito para apuração desse caso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não foi necessário, até por que não existia divergências para que houvesse um...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A questão não é de divergência, a questão é de crime.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mas é isso que eu estou lhe dizendo, não ficou comprovado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O inquérito é para apurar o crime. Espanta-me a penalidade branda, a advertência, para um caso grave desse, e a inexistência de inquérito policial para apurar eventual suborno de funcionário público.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Veja, Exª, mas só que, por outro lado, nós também não podemos constatar ou meramente escutar o funcionário da ECT, que foi pego falando no celular e, simplesmente dizer, olha...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele confessa que recebeu.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Ele confessa. Perfeito, ele confessa. Mas nós, em momento algum...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Presidente, mas tem teria que requerer o inquérito seria a ECT e comunicar ao distrito policial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro, é isso que eu estou... Não, não, mas me espanta por que não foi aberto?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A ECT teria que comunicar o distrito policial... seria a função dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São duas coisas que me espantam, a pena branda, a advertência. Seria caso de cancelamento da franquia. E a segunda, o desconhecimento de um eventual inquérito.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mas eu volto a dizer, Deputado, ele precisaria especificar exatamente qual informação. Quer dizer, se fosse feito...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas a cobrança de inquérito não é de você. Ele está estranhando que não tenha tido o inquérito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É só isso.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu até gostaria que tivesse tido, porque hoje eu teria condições, se o processo andasse, dizer: olha, foi cons-

tatado isso, isso. E chance à defesa, porque também na época eu não tive. Nós, simplesmente, explicamos o fato à ECT e não houve um...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu solicito, de imediato, à Suely que elabore ofício à Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, indagando da eventual abertura de inquérito policial nesse caso. E também ofício encaminhando à diretoria dos Correios para que nos informe se alguma providência foi tomada em relação ao inquérito policial. E, efetivamente, nos informe que providências foram tomadas, porque, obviamente, as autoridades que se omitiram terão que talvez responder por prevaricação, no caso.

Prossigo antes de passar a palavra, também a partir da argüição feita pelo Deputado Arnaldo Faria de Sá, a uma outra pergunta que eu teria a lhe fazer: quem são os senhores Airton José Barreto e Irene Kress Barreto?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Meus tios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seus tios. Os seus tios adquiriram essa franquia antes do senhor?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, nós à época...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que isso não havia sido dito na sua exposição inicial.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, eu lhe disse que a minha família adquiriu...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim. Eu entendi que a família era o senhor...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Minha família sou eu, meu irmão e meus tios. Na época meus tios adquiriram e posteriormente eles saíram do negócio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, o que o senhor me narrou no início é que um padrinho seu havia lhe aconselhado a comprar uma franquia e que aí, então, o senhor procurou o presidente da associação e, a partir daí, entrou em contato com o antigo proprietário e fez o negócio. No entanto, eu vendo a ficha, constato que quem comprou primeiro que o senhor foram os seus tios: Airton José Barreto, Irene Kress Barreto. E só depois, posteriormente, é que houve a negociação para o senhor e para o seu irmão.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto, mas é muito simples a explicação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor, me explique.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – À época, os contratos de franquia, as cotas das empresas, quando eram negociadas, os Correios, inicialmente, não autorizavam que as cotas fossem vendidas. Perfeito?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Depois iniciou-se a autorização da transferência dessas cotas. O critério era extremamente rígido de seleção para que se transferisse. À época, eu com 26 anos de idade, meu irmão com 24 anos de idade, não tínhamos ainda um cadastro ou um histórico para sermos franqueados. Então, àquela época, os meus tios não só nos ajudaram financeiramente, como também nos ajudaram na presença. Inclusive, a Irene, essa minha tia, trabalhou comigo por quatro anos na empresa, consta inclusive em histórico, documentos assinados...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, na verdade, os verdadeiros proprietários eram os senhores e os seus tios, , digamos assim...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não. Eles eram os nossos sócios inicialmente. Quando eles se desligaram ...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, eles não eram sócios, os senhores não tinham sociedade. O registro que temos – temos aqui o termo aditivo...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito. Vou lhe explicar. Nós tínhamos um compromisso familiar de sociedade, tanto que, se V. Exª verificar, quando eles saíram ACF Anchieta, qual era o compromisso?

Vamos iniciar o trabalho em uma ACF e, futuramente, se tivermos sucesso nesse segmento, vamos adquirir uma segunda franquia que nos permite, que a regulamentação dos Correios nos permite, e aí podemos ficar uma família em uma e uma família em outra. Foi exatamente o que foi feito. Posteriormente, os meus tios adquiriram a ACF Faria Lima ...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah! Seus tios adquiriram também a ACF Faria Lima?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Depois eles venderam e saíram do ramo.

Mas, naquela oportunidade, Exª, foi feita essa divisão familiar, porque eu e meu irmão queríamos ter o nosso negócio e os meus tios o negócio deles. Exatamente como se deu.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Afinal de contas, quem comprou de imediato esta franquia que estamos falando, a sua hoje? Foi o senhor quem comprou através dos seus tios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto!

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, na verdade, os seus tios não eram os verdadeiros proprietários. Eram laranjas?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, laranjas não, de maneira alguma. Minha tia trabalhou e gerenciava a área financeira; eu fazia a área comercial e minha tia fazia a área financeira.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor não figurou então como sócio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA –À época?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Pelo que estou lhe explicando.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não entendi?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Vamos lá. Os Correios exigiam à época um cadastro. Minha tio e meu tio...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores não tinham um cadastro?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nós não éramos formados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não precisava ser formado. Tinha que ter curso superior?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Vou lhe explicar porquê.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então seus tios eram laranjas? Ou seja, emprestaram os nomes para os senhores serem proprietários, quando não podia. Houve uma fraude.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não. Isso o senhor é quem está dizendo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estou perguntando.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto. Eles tinham interesse na mesma atividade; nós não tínhamos todo o recurso, na época. Tínhamos esse casal de tios, ela é irmã da minha mãe, que tinha interesse em atuar nesse segmento.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, só para completar isso que V. Exª está dizendo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deputado Juíza Denise Frossard.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Que exigências de cadastros que eram essas?

O senhor enumere para entendermos. O senhor disse que tinha um cadastro, que os senhores não preenchiam as condições para o cadastro. Que exigências eram essas, enumeradamente? Um, dois, três, quatro, cinco, dez, vinte...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Vou lhe explicar. Historicamente, àquela época, Exª, não era permitido a venda da franquia.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Estou falando do cadastro. Só do cadastro.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, vou chegar lá. Nós dois tínhamos o receio de que na hora em que se autorizasse a transferência, o cadastro para se transferir deveria ser um cadastro parrudo, um cadastro de pessoas.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Que exigências de cadastro?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – À época não existia, porque não se autorizava transferir.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se não existia, como o senhor não podia comprar diretamente?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Deputado, naquela época nós não tínhamos cadastros em bancos para conseguir crédito bancário para operar, para conseguir crédito para fazer *leasing* de equipamentos. Nós precisávamos de familiares que tivessem. Quem que nunca passou por isso? Entendeu? É isso que eu estou dizendo. Eu tinha 26 anos de idade, eu não estou mentindo.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não era um cadastro junto ao Correio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, tinham que ser pessoas que tivessem casa própria. Senão, como os Correios iam receber o Paulo? "Paulo, você mora com quem?" Eu moro com meu pai. Eu vim aqui porque eu queria crédito para comprar selo. Eu preciso de R$50 mil em selo. "O que o senhor tem de propriedade?" É isso, foi esse o contexto, foi o início da minha vida profissional. Por isso eu pergunto quem nunca passou por isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, na verdade, os seus tios emprestaram os seus nomes para que o senhor pudesse ser proprietário de uma franquia? É isso?

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – "Laranja" ao contrário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é nem "laranja" ao contrário. É "laranja" direto.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência, só que, se o senhor me permitir, há uma diferença muito grande.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Laranja-lima.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Só que há uma diferença muito grande. Quanto a minha tia, Irene Kress Barreto, consta que ela fez curso de atendimento na ECT, trabalhou na fraqueada durante 5 anos, assinava todo e qualquer documento e estava presente 8 horas, 9 horas ou 10 horas por dia durante esses 5 anos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ela era sua empregada?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. No período em que ela esteve constando como sócia da empresa, trabalhava conosco, nós trabalhávamos juntos. Ela fez questão de acompanhar todo o processo, até dizer: "Olha, meninos, vocês agora têm condições de andar com as próprias pernas."

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, posso interferir, porque até economiza nosso tempo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por gentileza, Deputada. Pois não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Vamos ao objetivo e colocar ordem no pensamento, porque estou ficando...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Desculpe.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu estou ficando completamente enlouquecida, como não fique nos 15 anos de Juíza Presidente de júri com os meus bandidos do Rio de Janeiro. Vamos com calma.

O senhor entrou nas franquias. Quando é que o senhor entrou efetivamente? Eu estou falando formalmente aqui. Pelo amor de Deus, não me venha com essa história de informalidade aqui não. Formalmente, o senhor entrou quando nas franquias?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Agosto de 1996.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor tem o termo aditivo? Não é esse que eu tenho aqui.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A senhora perguntou. Eu, em agosto de 1996 já estava operando na franqueada.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor já tinha o termo aditivo? Eu não tenho esse termo aditivo.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não tinha o termo, não era o proprietário. Os proprietários eram os meus tios.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Paulo, eu não estou aqui querendo saber de "laranjas". O senhor me diz o nome. Vamos falar com toda honestidade aqui. O senhor está sob o compromisso de dizer a verdade sob pena de falso testemunho. Não é preciso sequer o Presidente dar voz de prisão ao senhor, porque, de acordo com o art. 301 do Código de Processo Penal, qualquer do povo pode e a polícia deve prender em flagrante quem estiver cometendo crime.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mas eu não estou faltando a verdade.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Vamos com calma. Pelos documentos que eu tenho aqui, não estou perguntando sua vida paralela. Estou perguntando sua vida formal, se é que tem. Eu estou numa empresa que é um monopólio público. Ou isso aqui é uma empresa séria ou fecha essa desgraça, porque é uma loucura. Nada disso é sério, pelo amor de Deus, é tudo na gaveta, é debaixo dos panos? É assim que é? Muito bem, o senhor entrou por termo aditivo quando nas franquias?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 2001, se não me falha a memória.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Em 2001?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 2001.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Está bom , o senhor entrou neste momento. Mas, de fato, o senhor disse que entrou antes.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu já atuava comercialmente na franqueada desde agosto de 1996.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Em 1996 ela era de quem?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 1996, e Irene Kress Barreto e Airton Barreto.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, nada bate. Porque, 1994, segundo o termo aditivo.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 96 ou 97...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Veja, o senhor diz que vê...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não estou...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Vamos com calma. Preciso entender, porque não entendo, o mercado paralelo não consigo entender.

O senhor vai ter de me explicar, porque aí se trata de dois mercados, o mercado oficial...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto, então, vou-lhe explicar: o que acontecia à época? Não, mas eu já disse aqui, veja Exª, não se permitia a transferência das quotas da Empresa Eco, os Correios não permitiam.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Por quê?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Os Correios não permitiam.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor tem algum documento em que o senhor tenha escrito pedindo...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, isso não era permitido, não era permitido, não eram permitidos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não permitia a transferência da empresa.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, isso, não se permitia a transferência da empresa. Então, era muito comum se fazer um contrato de gaveta, à época...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Era isso que eu queria ouvir.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Desculpe-me, se tardei a lhe dar essa informação, isso não é segredo, isso é verdadeiro e notório, isso não aconteceu só com a ACF Anchieta, era uma prática àquela época de transferir, fazer um contrato de gaveta das franqueadas com dificuldades financeiras junto aos Correios, de modo que estes conseguissem receber os débitos, porque se não eles perdiam tudo, ficavam no prejuízo. Então, tínhamos o contrato de gaveta por um período até que, depois – parece-me que de dois a três anos – os Correios começaram a autorizar essa transferência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi a primeira renovação legal.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, isso. Agora, é importante, e eu gostaria de deixar bastante claro aqui, em momento algum, nobre Relator, deixamos de transferir o contrato na Junta Comercial como...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E o senhor transferiu o seu contrato? Quantas quotas o senhor tinha da JK?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não lembro.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor disse alguma coisa sobre 900?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Oitenta por cento.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não lembro. Hoje, eu tenho...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Oitenta por cento?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Hoje, eu tenho 80%, meu irmão, 20.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas o senhor chegou a transferir em algum momento...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, na época, foram feitas várias transferências, porque...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Suas quotas ou parte delas para alguém?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, isso.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Para quem? Quando?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nossa! Foram feitas...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor transferiu quotas suas da JK...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Transferi, à época, foram feitas...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Para quem?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não lembro para quem. Na época, eu, meu irmão, meus tios, enfim, tinham pessoas. Porque foram vários contratos, e os contratos sociais eram alterados...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Agora, tudo isso que o senhor está dizendo são gavetas.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Veja, é importante... Não é verdade, eu só queria deixar claro o seguinte: existia, embora, o contrato de gaveta que falamos, mas não era um contrato de gaveta na gaveta, era um contrato, no meu caso, registrado na Junta Comercial, então, tem uma diferença grande, ou seja, os órgãos...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor, por exemplo, lançava no seu imposto de renda eventuais transações disso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – À época, imagino que sim.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Lembra-se de algum lançamento, se é que fez?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Foi um período, inclusive, que eu deixei, logo depois, o meu pai declarava como dependente e, depois, passei a declarar...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Seu pai era dependente do senhor?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não, eu era dependente do meu pai. Então, eu não saberia lhe dizer; são 10 anos atrás, como é que estava à época, mas foi um período de sair de casa, de ter vida própria. Então, à época, meu pai me orientava: filho, fazemos assim, fazemos assado. Então, existia essa preocupação.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Então, o senhor não se recorda se o senhor, em algum momento, em algum tempo, lançou no seu imposto de renda a cessão de quotas que o senhor teria?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, lancei. Não trouxe a minha declaração atual, mas lá constam os 80% da JK.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da época, da época.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Da época, não me recordo...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não se recorda?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Realmente não me recordo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Permaneço um pouco confuso...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Também estou completamente confusa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já que sabemos que existem contratos de gaveta que foram firmados...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – A informalidade, Sr. Presidente, deixa-me enlouquecida.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos votar ao seu depoimento. Os primeiros proprietários, que era lá o Sr. JK...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, Douglas Jovanete...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que era o JK, depois, saiu, entrou o Douglas e a esposa etc...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Acho que eles eram cunhados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eram parentes também?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eram parentes também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi a primeira transação que foi feita, não digo nem formalmente, de gaveta? Quando foi, qual foi e com quem foi?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A primeira foi com o Douglas e a esposa dele...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E do outro lado?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Do outro lado, eu e, se não me falha a memória, o Júlio Eduardo Reis.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Júlio Eduardo Reis?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Um primo meu.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Júlio Eduardo Reis, um primo seu, e o senhor. Isso foi um contrato de gaveta?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu acho que nós chegamos a registrar na Junta esse contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não consta.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não consta? Então, pode ser que esse não tenha sido e nós tenhamos registrado...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Até porque, à época, o senhor me disse que estava proibida essa transação.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não, vamos lá, estava proibido dentro dos Correios, mas nós poderíamos transferir na Junta Comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora não entendi. Quer dizer...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, a Junta Comercial é um órgão; os Correios não autorizavam...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas é uma operação ilícita se os Correios não permitiam.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu sou contabilista, ele pode registrar na Junta Comercial, mas não averbar nos Correios, se averbar nos Correios... Os Correios não permitem.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, é ilícito.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É de gaveta, como a Deputada Denise falou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, é um contrato de gaveta registrado na Junta sem a ciência dos Correios.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso é rigorosamente ilegal.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Exª, por isso...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E é uma empresa pública, monopólio estatal.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – É que essa primeira renovação das franquias não podia ter exceção. Depois da renovação é que permitiu...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, não se informava aos Correios que essa transação era feita.

Bem, depois desse contrato...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Concordo com V. Exª e gostaria de deixar claro que essa circunstância era algo de constrangimento nosso na época, de preocupação. Nós nos preocupávamos pelo fato de não poder ir adiante junto aos Correios. Demorou um período e depois os Correios, foi verificado que era necessário que se autorizasse, porque começou a ter um número vasto de franqueadas ou com dificuldades financeiras ou com dificuldades técnicas de operar, de modo a que houvesse uma continuidade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, depois do contrato de gaveta feito entre o Sr. Júlio Eduardo Reis e o senhor, qual foi o outro contrato feito?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sinceramente, não me lembro, porque não estou de posse deles aqui.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que tantas transações entre parentes seus? Porque depois saiu o Júlio Eduardo, entra o seu tio e a sua tia; depois saiu o seu tio e a sua tia e entra o seu irmão, não tem lógica com a versão original que o senhor deu.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, tem lógica pela seguinte maneira: os meus tios, na questão de cadastro, o senhor pode verificar que é fato...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas esse...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Esse meu primo, à época,...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele é filho desses seus tios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, ele é primo do meu pai, ele tinha interesse...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do outro lado da família?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, vou-lhe explicar, parece aqui que é uma situação de pessoas não normais ou de atos normais, mas empresas familiares são absolutamente normais. Quer dizer, eu tenho um primo meu que, à época, aventou interesse de ser sócio, então nos reunimos. Poxa! Vamos ser sócios nesse negócio? Vamos ser sócios nesse negócio! Poxa, vamos ser sócios!

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Espera aí, deixa-me lembrar, quando o senhor fala....

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Depois que passam seis meses a pessoa desiste, deixa de ser sócio, não é uma situação absurda.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Paulo, Presidente, deixe-me só voltar aqui para tentar entender. Estou vendo que estamos navegando na mesma faixa dupla. Vou voltar ao início do seu depoimento, exatamente quando o senhor disse como chegou aos antigos franqueados e deles comprou o negócio, se lembra? O senhor disse que esteve com o Diretor Regional dos Correios, eu anotei aqui, um tal de Sr. Edison, que, segundo o senhor...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – ...estava há vinte anos no cargo, é isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, vamos lá, eu não estive com o Edson Comin, eu disse que o Edson Comin era o Diretor Regional à época, perfeito? Só consegui, àquela época, me reportar a Reop, ao Chefe da Regional Operacional, que é a 04 Sul, que atende o bairro.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sim, mas o senhor esteve, de alguma forma, com o Sr. Edson?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, com o senhor Edson não, não estive à época. Este chefe, que na época era o Cláudio Medeiros, um funcionário também já de 50 anos de Correios, na época em que não era nem Correio, ele é que tratou dessa documentação...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Quem? O Edison?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O Cláudio Medeiros, que era o Chefe da Reop. Até então eu não conhecia o Edson Comin. O Edson Comin...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E o senhor veio a conhecer o Edson quando?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Ah! Anos depois, muitos anos depois.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas o senhor que esteve com ele, aqui no início.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não, com ele não. Eu disse que ele era o Diretor à época em que eu adquiri a franqueada...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E qual foi a passagem dele nessa sua...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, nenhuma. Eu não tive contato.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Por que o senhor citou o Edson aqui?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Só citei porque foi perguntado, à época, quem era o Diretor Regional. E eu disse: à época...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não, sinceramente não perguntei, não me lembro de ter perguntado.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, ele disse espontaneamente.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Enfim, o que é verdade, o Edson Comin era o Diretor Regional.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E o senhor ainda disse que ele estava lá há vinte anos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, o Edison Comin fez uma história longa nos Correios, do tempo dos militares era uma pessoa extremamente conhecida por conta de ter permanecido diversos governos. Brincávamos que se trocavam governos e ele, por competência...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o senhor conheceu o Sr. Edson?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O Edson Comin eu o conheci muitos anos depois, um pouco antes de ele deixar a Diretoria Regional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como V. Sª sabia de todo esse histórico dele, sabendo, inclusive, que ele era uma pessoa muito conhecida?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu sou um franqueado e me reporto a uma Diretoria Regional. É a mesma coisa, permita-me a comparação, é ser Parlamentar e não saber a história do nosso Presidente da República. É exatamente isso, ou seja, uma vez franqueado, você começa a conhecer as pessoas...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Mas o que V. Sª disse aqui não foi isso. V.Sª disse aqui que chegou aos antigos franqueados através do Sr. Edson.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, eu não disse isso. Eu disse que cheguei aos antigos franqueados por um conhecido do meu pai e da Associação Comercial da Lapa, e que, por coincidência, era diretor da Abrapost, que á época não se chamava Abrapost, é importante salientar isto, a Abrapost foi criada posteriormente. Era uma outra associação. Na época não existia uma associação nacional. As associações eram estaduais e esse diretor tinha o conhecimento das franqueadas que estavam com dificuldades. Foi isso que eu disse. Exatamente isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bom, primeiro, a sociedade foi de V. Sª com o Sr. Júlio Eduardo Reis?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu não lembro cronologicamente, mas houve um período em que o Julinho era...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem negociou com o Sr. Douglas?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Quem negociou com o Sr. Douglas foi meu pai.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi seu pai?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Agora é que vai dar um rumo aqui...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Realmente, é um coisa impressionante.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Permita-me perguntar: que idade têm seus filhos?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Minha filha tem treze anos.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Imagine, sua filha, em determinado momento, pela sua vasta experiência, quando estiver vinte e seis anos de idade e quiser entrar num negócio...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Paulo, é bom V. Sª se lembrar, mais uma vez, que a mentira aqui é crime.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mas eu não estou mentindo!

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Olhe que eu já me contive aqui duas vezes! A terceira...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Desculpe-me. Mas em que estou mentindo?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, V.Sª disse, de início, que quem tinha negociado era V. Sª com o Sr. Douglas. Eu fiz essa pergunta. Agora nós já mudamos. Estamos com seu pai negociando. Então quem foi que negociou foi o seu pai?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Desculpe-me. V. Sª me perguntou....Eu estou tentando obviamente, nas minúcias, explicar...Á época eu tinha vinte e seis anos de idade, o meu pai, na primeira reunião com o Sr. Douglas, para efetuar o negócio, estava comigo. Eu tinha vinte e seis anos de idade! Meu pai me levou...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, V. Sª só tinha vinte e seis anos de idade e eu, com vinte e seis anos de idade, era chefe da Assessoria Jurídica da Prefeitura de São Paulo.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa é uma idade em que uma pessoa tem total condições de discernimento, é um adulto...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – No princípio, V. Sª disse que comprava selos a prazo. Agora é á vista?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Seus tios não tinham crédito? Agora têm?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, em momento algum. Eu disse que, inicialmente, nós parcelamos o débito junto aos Correios por sessenta dias e que, enquanto não quitamos esse débito em sessenta dias, nesse período de sessenta dias, nós compramos produto à vista. Isso está documentado nos Correios, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, quem negociou com o Sr. Douglas foi seu pai. É isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu estava ao lado dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para quem ser sócio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Na época?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E...?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – ...o Júlio, na época, que era o primo do meu pai e que tinha interesse....Meu pai tinha interesse em que um primo mais velho participasse junto...A princípio, foi isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi o valor negociado?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu já lhe disse.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, V. Sª disse de uma outra transação.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Aproximadamente R$120 mil, á época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem pagou isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Alguma coisa em torno disso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem pagou?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nós pagamos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – "Nós" quem?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A minha família.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi o seu pai, foi o seu primo, foi o senhor, foi uma cotização entre três? Quem pagou?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, foi uma cotização à época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem entrou com esse pagamento?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu entrei com uma parte, o meu pai entrou com uma parte...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tinha dinheiro, pessoal?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Na época, eu vendi o meu carro, eu tinha um carro, um monza, eu me lembro como se fosse hoje, fui à feira no Anhembi, num sábado, e vendi o meu carro para conseguir dar a minha parte a ela.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Senhor deu a sua parte a ela. E o seu pai deu quanto?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não lembro especificamente quanto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o seu primo?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Também não lembro. Mas lembro que, à época, sentamos, montamos uma maneira de angariar os fundos e pagamos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O pagamento foi em cheque? O senhor não lembra se foi em cheque? O senhor vendeu o seu carro?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Deputado, foi em 1996.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi em cheque ou em dinheiro? Pegou um pacote de dinheiro e pagou ou foi em cheque?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pode ter sido em dinheiro, um pacote, 120 mil reais?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, de jeito nenhum. Deve ter sido em cheque. Nos Correios, em cheque.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que o senhor não estava com certeza. O senhor pagou com um cheque? Foi um cheque seu, do

seu pai? Como foi feito o pagamento, o Senhor lembra, aos Correios da dívida, do **plus**?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não lembro, não vou nem arriscar falar, porque não lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o seu primo pagou uma parte disso, o Júlio Eduardo Reis?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – À época, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época, sim. A segunda transação, qual foi?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A segunda transação, logo depois, algum tempo depois, não tenho na memória as datas...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Foi quando, em que ano, mais ou menos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em agosto de 96. Logo depois, os meus tios entraram...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Depois o quê? Meses, anos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não estou de posse dos contratos. Se os senhores puderem...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que esse contrato do Júlio Eduardo Reis não existe, é contrato de gaveta.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Esse contrato não existe.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, foi exatamente o que disse aqui. Foi um contrato de gaveta feito inicialmente.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor tem esse contrato? Poderia trazê-lo? Apresentar a nós?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Acho que esse contrato foi rasgado, porque ele não tinha valor. Ele não foi um contrato enviado para a Junta Comercial, mas posso...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois que o Sr. Júlio Eduardo Reis e o senhor compraram, o senhor continuou mantendo contato com o Douglas?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. Conversei com o Douglas algumas vezes e voltei a ter contato com ele quando os Correios autorizaram a transferência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí os Correios autorizaram a transferência. Quando foi isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – As transferências, se não me falha a memória, foram em 98, ou 99, não me recordo, não me recordo, mas tem a data em que foi...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2001.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 2001 que se autorizou para toda a rede franqueada? Acho que não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão. 1997.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. 1997.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 1997.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor já tinha 27 anos.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Entraram os seus tios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – 25.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vinte e cinco anos, ou seja, o senhor já estava trabalhando há praticamente um ano na empresa quando os seus tios entraram?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que os seus tios entraram, se o senhor já tinha uma vida negocial, já estava operando com a franquia, com o contrato de gaveta?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A minha tia, efetivamente, trabalhou e veio me ajudar na parte financeira. E, por questões de cadastro, para que pudéssemos adquirir os equipamentos dos bancos, fazer os *leasing*, existia a necessidade de...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o Sr. Júlio Eduardo Reis? Ele saiu da sociedade nessa época?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O meu primo saiu logo no início, porque não teve empatia com o negócio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores compraram a parte dele?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, ele saiu logo no início.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que os senhores pagaram a parte dele?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto que os senhores pagaram para o seu primo sair?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O meu pai que acertou com ele, deu um carro a ele na época. Se não me falha a memória, foi isso. São primos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí, praticamente, o senhor ficou de dono?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Fiquei, juntamente com o meu irmão e a minha tia, nos auxiliando na parte financeira.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Airton é o seu tio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – É meu tio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que não entraram como sócios o senhor, o seu tio e a sua tia, uma vez que, se a questão era de cadastro, o senhor teria dois sócios, que teriam...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, existiu esse cadastro. Eu tenho, esse existiu, e foi até dado entrado na junta comercial.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual o contrato?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O primeiro contrato social eu era sócios dos dois.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, agora...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não, agora o senhor deu um nó.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, é que o Correio talvez não... É porque esse não foi...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, há um contrato entre o Júlio Eduardo Reis e o senhor. E o senhor me informa agora que o outro contrato já era de 2001. Agora, o senhor informa que há um outro contrato que é o seu tio, a sua tia e o senhor...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, quando eles entraram...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que é antes da transferência formal para o Correio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, antes da transferência formal para o Correio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que o senhor não havia falado isso. Então, é um outro contrato de gaveta? É o senhor...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso de gaveta em relação ao Correio, mas esse foi dado entrada na junta comercial, bonitinho. Aí, depois, eu saí porque, quando se começou aventar a possibilidade da transferência, de o Correio autorizar, aí iniciou-se uma discussão e só seria autorizado para duas pessoas e não três... Enfim, começou-se a discutir internamente quais seriam os moldes...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Internamente onde?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Internamente na empresa, nos Correios, junto com os franqueados. Quer dizer, se conversava com o chefe da REOP. E aí, é uma empresa estatal, nós tínhamos contato constante e perguntávamos: "Puxa, como está o processo de autorização para transferência?" "Olha, está caminhando.", a informação que davam.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E não podia ser três sócios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Àquela época, existia a possibilidade de não se autorizar. Tudo era... "Não, eu autorizei." Não existia uma cartilha, Excelência. Então, tudo era possível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas na hora em que se autorizou... veja... Quando autorizou dois...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nós migramos de um contrato, Júlio e o senhor, para um contrato de gaveta: o senhor, sua tia e seu tio. Posteriormente, os Correios autorizam a transferência. Se o senhor era sócio, por que não ficou nessa sociedade com o seu tio e a sua tia, já que os Correios permitiam três sócios? Temos várias franquias com três sócios.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Acontece o seguinte: o Correio, depois, passou a permitir três, quatro, não sei qual o limite.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No momento em que autorizou a transferência já autorizava, já permitia...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, só que o contrato, se o senhor verificar a data, foi feito um pouco antes. Nós nos antecipamos e decidimos estrategicamente, foi uma estratégia adotada por nós na sociedade. Vamos deixar dois sócios. A minha tia, àquela época, era concursada de atendimento dos Correios. Então, ela tinha um cadastro... Não, não, concursada de atendimento... Perdão, não é concursada. Ela fez o curso...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Então, não é concursada?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, ela fez o curso. Ela era diplomada pelos Correios para a gestão de atendimento à agência. Então, ela tinha...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Paulo Roberto, quando a sua tia comprou a outra agência franqueada? Em que ano foi?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Foi depois, foi em dois mil e pouco.

O SR ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Então, é por isso, não podia ter duas franqueadas...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, depois podia ter duas. Aí, o que nós fizemos? Eles tinham interesse em continuar, compraram a CF Faria Lima, depois venderam, porque não tiveram sucesso. Mas, àquela época, foi quando então falamos: "Olha, eu e meu irmão vamos ficar aqui..."

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, na verdade, como não podia ter duas franqueadas, os senhores fizeram então, digamos assim, mais uma burla à legislação, ou seja, os seus tios que eram proprietários da agência...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não teve burla na segunda franquia. Desculpe, não entendi...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, estou trilhando o caminho que o Deputado Arnaldo Faria de Sá falou: na medida em que o seu tio e a sua tia compraram a franquia da Faria Lima e não era permitido ter duas franquias...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não, era. Quando eles compraram era permitido.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, a tese da explicação cai por terra. Então, veja, não há lógica nenhuma. Se o senhor é dono, não estava figurando como dono no momento em que se oficializa e admite a transferência, lógica nenhuma. O Correio permitia os três. No entanto, aparece só o seu tio e a sua tia, e o senhor fica como sócio oculto, por quê?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – À época, eu não sei se era permitido ter duas. Eles passaram a agência Anchieta para mim e adquiriram a Faria Lima. Não sei se...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, se à época não devia ser permitido ter duas, aí a tese do Deputado Arnaldo Faria de Sá, ou seja, houve uma burla. Eles ficaram como proprietários da sua agência, de fato, e adquiriram a da Faria Lima, justamente para burlar a regra dos Correios, que não permitia duas franquias.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Presidente, em que ano aconteceu isso? Porque, no começo, podiam seis, sete, oito...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 2001.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, nunca pôde. Seis, sete, oito franqueadas?

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Pôde e tem. No Rio Grande do Sul, tem uma empresa que tem seis franquias, tem hoje, inclusive, seis franquias, e é legal porque já tinha antes, era direito adquirido, e continua tendo.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito, mas eu não sabia. E àquela época não tínhamos realmente a... Até porque, quando eles adquiriram a Faria Lima, foi no sentido de eles terem um negócio deles...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que época eles adquiriram a Faria Lima?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em que ano foi? Não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mais próximo, ano 2000, 1999?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Acho que foi em 1999, por aí.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, não foi em 2001 que eles adquiriram? Foi quando o senhor assumiu com o seu irmão essa franquia?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Pode ser 2000 ou 2001. Foi próximo dessa época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, em 2001, o seu tio e a sua tia, para poderem adquirir a franquia da Faria Lima, o que fizeram? Passaram para o senhor e para o seu irmão essa franquia Anchieta. Ou seja, para burlar a regra interna dos Correios, porque não era possível ter duas franquias, colocaram o senhor e o seu primo como proprietários únicos. Foi isso? Irmão, perdão. Foi isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Para burlar a regra dos Correios?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para burlar... Talvez eu não tenha sido bem claro. Vou tentar ser bem claro. Os Correios, segundo o senhor mesmo disse, não permitiam ter duas franquias. Havia uma franquia, que é a franquia Anchieta, de propriedade dos seus tios...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perdão, o nobre Deputado já deu a informação de que era permitido seis, sete no Rio Grande do Sul...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que o senhor acabou de informar que não era permitido. Foi por isso. E ele falou também. O senhor falou isso, que não era permitido. Então a questão era o seguinte: Em 2001, não era permitido. É a informação que vem. Antes talvez fosse permitido, em 2001 não era.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência, não houve nenhuma correlação em adquirir a ACF Faria Lima com poder ou não poder ter uma ou duas, foi simplesmente uma...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então por que é que o senhor não figurou como sócio se era sócio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mas passei a figurar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, quem figura como sócio são o Sr. Airton José Barreto e Dona Irene Barreto, seus tios. O senhor não é sócio, o senhor era sócio num contrato de gaveta.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, nenhum contrato de gaveta; eles eram os proprietários.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas como não num contrato de gaveta se quem firmou o contrato foi o Sr. Júlio Eduardo Reis e o senhor? O senhor disse que o seu pai fez uma transação inicial, havia um contrato de gaveta em que era o senhor e o Sr. Júlio Eduardo Reis. E, posteriormente, há uma transmissão para, efetivamente, os seus tios. E o senhor disse, aqui, de viva voz: "Eu permaneci como sócio". Eu perguntei: "Por que então o senhor não entrou como sócio, ficando três sócios?" É aqui que paramos. Por que se o senhor era sócio, por que o senhor não ficou sócio junto com os seus tios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Quando os meus tios estavam como sócios no negócio, eu constava como administrador do negócio no contrato social, com poderes para assinar, com poderes...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas por que o senhor não ficou como sócio, se o senhor era?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu já relatei, por questões de cadastro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, mas se os outros dois sócios tinham cadastro, o senhor não precisava ter.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Os outros dois tinham crédito...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tinham crédito. Por que é que o senhor fica como sócio oculto se os outros dois sócios tinham crédito?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não me lembro à época, mas foi a decisão que tomamos àquela época.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, só uma pergunta aqui: Vou fazer uma pergunta muito objetiva ao senhor, lembrando que o senhor está sob o compromisso de dizer a verdade.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não posso mentir.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Hoje, o senhor consta como... o senhor figura nesse aditivo, o senhor está à frente da franquia, dessa franquia Anchieta. O senhor pode afirmar aqui que não vendeu essa franquia?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A franquia é minha, como é que eu vendi?

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – O senhor afirma isso? O senhor não vendeu para ninguém, nem para os seus tios, nem para ninguém?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor vendeu para os seus tios essa franquia?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Se eu vendi para os meus tios essa franquia?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É. No momento em que os seus tios entraram como sócios, o senhor vendeu para eles ou adquiriu formalmente deles?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, requeiro – vou formalizar – a quebra do sigilo bancário e fiscal do depoente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Solicito à Assessoria que prepare, para submeter na próxima reunião administrativa, a quebra dos sigilos financeiro, fiscal, telefônico e telemático do depoente.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, estou vislumbrando aqui que o Paulo... penso que ele está com um pouco de amnésia. Ele fica estupefato com a pergunta e assustado com a resposta que ele tem que dar. Ele se assusta. Quem sabe ele, assim, com calma? Se pudesse responder o que a Juíza Denise Frossard formulou é algo extremamente importante, é crucial. Eu diria assim, extremamente relevante. O senhor poderia refletir sobre isso: o senhor vendeu ou não vendeu?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu volto a dizer: à época, o Correio não autorizava transferência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas o senhor vendeu ou não vendeu?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A minha franqueada?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sobre o que nós estamos falando? É sobre isso. Nós não estamos falando sobre... Não é sobre mim.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu volto a dizer: eu transferi as cotas da franqueada para os meus tios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – E posteriormente readquiri as cotas para mim e para o meu irmão.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Sr. Presidente, gaveta é crime tributário.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. Mas...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Eu não estou entendendo mais nada. O senhor está entendendo? Eu vou embora, porque não se pode mais falar.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – É caixa dois, é crime tributário, pelo amor de Deus!

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Quer dizer, são crimes... Vocês vêm aqui com um desplante deste e acham muito natural. Pelo amor de Deus, que mundo é este!? Que exemplo vocês estão dando aí para...? O que é isto? Rapaz, quantos anos você tem? Me perdoe, quantos anos você tem? Tem idade para ser meu filho.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Trinta e três.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Rapaz, tem uma coisa que se chama ética. Tem crime, sim, neste País. Há juízes em Berlim, sim. E um dia cai sobre sua cabeça, rapaz. Você é jovem.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência...

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Não sou sua mãe, não sou sua tia, mas olha o desplante com que vocês vêm aqui confessar crimes, carregam dinheiro como se fosse brincadeira. O que é isto!? Isso é crime, gente! Essas transações todas.

Sr. Presidente, eu requeiro a extração de peças para o devido processo criminal.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deferido de plano, providencie a Assessoria.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – E já não tenho mais perguntas, Sr. Presidente. Já não tenho mais idade para manter o meu coração aqui nesta...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deferido de plano por ser notícia-crime, independente de decisão do Plenário; qualquer Parlamentar pode agir na forma da lei.

A SRA. JUÍZA DENISE FROSSARD (PPS – RJ) – Ver um jovem tão promissor nesta situação. Eu lamento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos prosseguir com a argüição?

Passo a palavra ... Passo a palavra, não... Passo o posto para o nosso Vice-Presidente, para que eu possa funcionar como Relator e prosseguir depois na argüição, dando seqüência aos Srs. Deputados às perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Pompeo de Mattos. PDT – RS) – Indago ao Sr. Relator se pretende continuar?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mais tarde.

O SR. PRESIDENTE (Pompeo de Mattos. PDT – RS) – Pela ordem de inscrição, Deputado Onyx Lorenzoni.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Há quanto tempo, Sr. Paulo, o senhor responde de maneira límpida como sócio proprietário da franqueada Anchieta?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A partir de 2001, de acordo com o contrato e a transferência depois.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Então, desde quando a sua família adquire.... Eu quero entender, não é?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Quando é que ela é adquirida pela sua família, independente se é contrato de gaveta, não é contrato de gaveta? Porque tem uma coisa que eu acho que também tem que ficar clara aqui que é o seguinte: eu me lembro, por exemplo, das regras do Sistema Financeiro da Habitação pós quebra do BNH. A Caixa Econômica Federal passou os últimos três anos oficializando milhões de contratos de gaveta no Brasil, e que foi o jeito das pessoas adquirirem sua casa própria. Portanto, quando a regra é além da capacidade de a sociedade executar, a sociedade procura se defender. E aí tem um pedacinho do Direito que reconhece nisso uma legitimidade. Eu quero entender. Eu não estou partindo do pressuposto que o senhor tenha feito um conjunto imenso de ilegalidades.

Eu quero entender até onde o senhor buscava ter uma atividade comercial, até onde o senhor jogou um jogo que lhe era imposto e se houve, ao longo des-

se processo, momentos onde o senhor escorregou e, quem sabe, tenha até cometido algum crime.

Eu não estou retirando dessa discussão nem uma coisa nem outra coisa, mas não há em mim nenhum preconceito, de início, em relação à historia que o senhor está contando, até porque eu tenho filhos na idade em que o senhor começou e eles estão começando e eu sei como é. Então, eu posso compreender mas eu só quero entender a cronologia para que nós possamos saber se, efetivamente, tem ou não alguma ilegalidade.

Então, o senhor tome esse momento que eu vou lhe argüir por esses 15 minutos como alguém que quer ajudar a compreender para que o senhor responda pelo que o senhor fez e não pelo que as pessoas queiram que o senhor tenha feito. É diferente.

Então, vamos lá: o senhor comprou quando – na primeira vez? Não interesse se é ou não de gaveta.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em agosto de 1997.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Quando é que o senhor, oficialmente, vira dono dela – o senhor?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 2001.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Em agosto, setembro ou junho, março, abril?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu não tenho a data.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Vou só lhe fazer uma pergunta: o senhor não acharia razoável – já que o senhor vinha numa Comissão Parlamentar de Inquérito, na característica de testemunha, o senhor vir munido pelo menos dos contratos da sua empresa para que todos esses questionamentos fossem facilmente elucidados? "Bom. Está aqui o contrato que eu..." Acho que seria muito útil ao nosso trabalho e acho que o senhor teria menor risco de ter dificuldades.

Nós estamos no ano de 2005. Então, a propriedade dessa empresa nas mãos da sua família – nós temos oito anos. Correto?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Desses oito anos, nos últimos quatro anos, o senhor era o responsável junto com o seu irmão – não é isto?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Os seus tios entram quando?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Meus tios entraram em 1996.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Opa. Os seus tios não são os primeiros compradores?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não – entrou em agosto de 1997.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Em agosto de 1997 não é o senhor com o seu primo?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto – em agosto de 1996...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O tal do contrato – aquele de gaveta – que o seu pai negociou, isto em agosto de 1997?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Quando é que os seus tios entram para permitir o tal cadastro e a tal operação legítima?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eles entram logo no final de 1997.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Estão batendo os dados?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vejam: nada bate. Não está fechando.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu não estou com os contratos sociais aqui.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu vou dizer, formalmente, o que nós temos na prancheta.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu entendi a pergunta. Os meus tios entraram, oficialmente, no ano em que os Correios autorizaram a transferência de titularidade.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E quando foi isto?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Se não me falha a memória, foi em 1998, Deputado. Eu não tenho...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, Foi em 2001.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não... Em 2001....

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi em 1997.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto, foi em 1997.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Em 1997, os tios entram?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Mas só os seus tios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Só os meus tios.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Porque antes, até então, o proprietário era lá...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O Douglas...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – É que havia duas situações. Tem uma situação na Junta Comercial ou uma situação familiar e havia uma situação dentro dos Correios.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Se o senhor me permitir, eu gostaria de dizer que, em relação a este contrato com o meu primo, com o qual a nobre Deputada Denise Frossard levantou a ilegalidade... mas eu, aqui, deixei a dúvida por não tê-lo mas me prontifico a enviá-los. Eu imagino – e não é perda de memória, nobre Deputado – que eu dei entrada na Junta Comercial, inclusive deste com o meu primo, ou seja, não existe contrato de gaveta efetivamente dito. Todos eles foram lavrados em junta comercial, como manda a lei. Eles estavam irregulares no que diz respeito à transferência das cotas ou à autorização dos Correios para que se transferissem as mesmas, mas no quesito empresa – CNPJ, responsabilidade pela empresa –, eu asseguro que esses contratos foram lavrados em junta comercial. É que a nobre Deputada se ausentou, e eu não tive a oportunidade de explicar.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Os seus tios vão entrar no final de 1997?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Quando eles entram, eles adquirem, vamos dizer assim, plenamente dentro da legalidade?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Há um contrato na Junta Comercial e há um registro, o averbamento deste contrato nos Correios, e eles são os legítimos detentores da concessão e da propriedade da empresa. É isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Então, do ponto de vista legal, a partir de final de 97, pode-se questionar por que o senhor não é sócio ou era sócio? Isso dá para questionar. do ponto de vista legal, a partir do final de 97, há simetria entre o que tem na Junta e o que está registrado nos Correios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim. Perfeito.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E quando é que os seus tios... por quanto tempo os seus tios permanecem como proprietários únicos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Até 2001. E, se o nobre Deputado me permitir,...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – São quatro anos.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isto. Se o nobre Deputado permitir um esclarecimento importante... eu jamais faltaria com a verdade, não só pelo testemunho, até porque, quando eu assumi e não se autorizava a transferência junto aos Correios, de que maneira ocorria a gestão diária? Com uma procuração do antigo proprietário para minha pessoa para poder gerir o negócio junto aos Correios. Então, essa procuração era entregue aos Correios. Os Correios têm isso arquivado, documentado.

Então, só pra dizer que não existe, embora possa ter parecido para a nobre Deputada, mas não existiu... Pode ter existido uma operação equivocada ou questionável do ponto de vista familiar, mas não existiu operação ilícita. O que existia, à época, é que, uma vez que o Correios não autorizava a transferência até 98, nós procurávamos, dentro da legalidade, criar um contexto, o mais sólido possível para poder gerir o negócio: ter conta bancária, CNPJ em nome das pessoas responsáveis, enfim...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E qual era o papel que o senhor desempenhava, então, na empresa dos seus tios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu fazia a área comercial, e a minha tia, Irene Barreto, cuidava da área financeira.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Então, o senhor tinha um contrato de trabalho?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor era funcionário?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Eu constava, inclusive, no contrato social, como administrador da parte comercial.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – No contrato...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – No contrato em que eles eram proprietários...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Da empresa?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. No contrato em que eles eram proprietários.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor aparecia como responsável pela gestão da empresa, é isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Como um dos responsáveis autorizado a, eventualmente,...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Os dois sócios o autorizam, no contrato social, a participar da gestão?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, participar do que é normal. Se você tem uma diretoria, então, no caso, eu ou meu irmão, tínhamos autorização para, eventualmente...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Tá, mas a pergunta é: isso está no contrato social ou isso estava num documento...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Num documento, numa procuração.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Ah, numa procuração?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – No contrato social eram só os tios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Só os tios.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Então, só para nós entendermos: o senhor, através do expediente de procuração do legítimo proprietário – não estou dizendo que tem nada errado nisso –, o senhor administrou, de 1997 até 2001. É isso? Sempre nessa condição, de procurador da JK...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – ...Comercial e Serviços Ltda.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor é procurador desde 97?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E o senhor fazia gestão da empresa nessa área e assinava por ela?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – (...)

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E os seus tios saem em 2001, e o senhor entra na empresa em 2001 como sócio...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Hum, hum.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Bom, e aí há um negócio "X" mil reais para um, um carro para outro... Como é que foi?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso daí, fizemos um negócio... O negócio tinha, no seu capital social, um valor, e foi feito um negócio em cima do valor...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Foi a transferência sobre capital?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E desde que a empresa foi constituída, em 97, anualmente, houve alterações desse capital social, ou ele se manteve...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu imagino que houve alterações posteriores, Deputado...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Tem apropriações de resultados?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu imagino que sim...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E o senhor e o seu irmão entram, então, oficialmente, em 2001?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E os seus tios lhes entregam a empresa antes de adquirir a Faria Lima ou depois de a aquisição ter sido feita?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eles entregam depois.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Eles são proprietários então...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – ...da Anchieta...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – ...compram a Faria Lima.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – ...e aí faz a transferência, passa para o senhor...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Exatamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os seus tios ainda têm alguma forma de participação nas atividades da sua empresa?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não mais. Na Faria Lima, eles permaneceram por um período pequeno.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Em tempo aproximado.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Permaneceram por um ano, no máximo. Imagino que não tenha chegado a um ano. Eles venderam a agência para outros proprietários que têm a empresa hoje.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – De 2002 para frente, eles estão fora dessa atividade?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Se desligaram.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Quando a sua franqueada tem uma alavancagem importante do ponto de vista do atendimento dos clientes? O senhor fez uma aposta no futuro, e a aposta deu certo.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A partir de 1999. Mais ou menos no ano de 1999. De 1999 a 2000 foi quando houve o maior crescimento.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Qual é a atividade que seus tios têm hoje?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Meu tio foi funcionário da Volkswagen muitos anos. Hoje está aposentado. E a minha tia é aposentada também. Ela tem formação, se não me falha a memória, em Comunicação ou alguma coisa nessa área.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor se lembra, mais ou menos, de quanto era o faturamento anual em 1999, 2000 e 2001?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não lembro.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Nem aproximadamente?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não lembro, não lembro, mas... Aproximadamente, em 1999...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Em 2000, 2001. Não faz muito tempo, só quatro anos. Ou média mensal.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – De comissionamento anual, posso estar falando uma bobagem imensa, mas algo em torno de R$1 milhão de comissionamento anual. Isso quer dizer que seria um faturamento de R$10 milhões/ano, algo em torno disso. É que houve um crescimento muito grande e elástico por conta da terceirização dos bancos. Então, houve um período de *boom*, digamos assim, que foi efetivamente quando o mercado demandou um volume muito grande.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que lhe dá esse faturamento é a operação dos Correios propriamente dito ou o senhor agrega um *mix* de serviços?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, existe um *mix* de serviços. Além dos serviços dos Correios propriamente dito, há os serviços adicionais de manuseio, de coleta, de acabamento, de impressão que fazemos hoje. Tem todos os serviços...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O senhor imprime?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Imprimem-se também extratos bancários, correspondências de empresas, de editoras, malas diretas, personalização de peças publicitárias.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – No período em que o senhor funcionou como procurador, o senhor tinha um pró-labore proporcionalmente igual ao de hoje?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Maior ou menor?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Menor.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Até 2001?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Menor.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Muito menor?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Bem menor.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O.k., Presidente. Estou satisfeito com as repostas.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Obrigado, Deputado Onyx Lorenzoni.

Concedo a palavra ao Deputado Pompeo de Mattos, pelo prazo de quinze minutos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, Srs. Parlamentares e nosso depoente, se o Presidente Asdrubal Bentes me permitir e também o Deputado Cardozo – que poderia ser Senador, e haverá de um dia sê-lo... quem sabe e por que não? Que Deus nos dê um palmo de boca para gritar bem alto isso é fazer eco, não é? –, quero trazer aqui, antes de fazer alguns questionamentos, muito rapidamente, um documento que recebi das franqueadas do Rio Grande do Sul que estão extremamente preocupadas com este debate. O povo brasileiro está assistindo ao debate, acompanhando-o e vendo-o. Eles estão preocupados e nos procuraram no Rio Grande do Sul, trazendo-nos dados e elementos.

Obviamente, chegam à CPMI casos que chamam a atenção, que despertam, sobre os quais há denúncias e desconfianças. Enfim, chega aqui o lado negativo, o que é perfeitamente compreensível. Não vamos trazer aqui alguém que tenha uma franquia que está funcionando a pleno vapor, bem e cumprindo todos os ditames e regras dos Correios, das leis e do mercado. Obviamente, aqui chegam os fatos que suscitam controvérsia.

Por conta dessa preocupação, eles nos trouxeram alguns dados que depois quero disponibilizar à CPMI e que gostaria que chegasse às mãos do Relator para que esses dados do Rio Grande do Sul possam fazer parte do relatório da CPMI no que diz respeito às franquias.

Trata-se de um relatório extenso, que conta a história das franquias, desde os anos de 1989, 1990, quando os Correios viviam o drama da expansão. Expande ou não expande! O Governo fez a opção pelas franquias. Depreende-se de tudo isso, tirados os desvios de conduta e os defeitos... Afinal de contas, somos humanos e, como tal, imperfeitos, não é? Sempre digo que uma laranja podre apodrece um cento e apodrece um cesto. Agora, não é porque há uma ou algumas laranjas podres no cesto que vamos jogar o cesto de laranja fora. Não é porque há um ou alguns franqueados com problemas que vamos dizer que as franquias não prestam e vamos jogar o cesto de laranja fora. Não! Vamos separar as laranjas boas das laranjas ruins. Vamos separar o joio do trigo. Essa é a preocupação que depreendi da angústia que vive os franqueados do Rio Grande do Sul.

Vamos apresentar uma série de dados, como o de que a maioria das franquias contribuem para os Correios, suprindo o atendimento de déficit de agências do Correios; desobstruindo guichês de atendimento, já que estavam saturados desde a época; processamento de cargas postais de grandes clientes, com a agilidade necessária. Enfim, as franquias têm outra dinâmica. E as remunerações das ACFs não são tão expressivas, pelo menos no Rio Grande do Sul, e dão aos Correios a agilidade necessária.

Nesse relatório que recebi, consta que 35 Municípios do Rio Grande do Sul têm franquias: Alegrete, 1; Bagé, 2; Bento Gonçalves, 1; Cachoeira do Sul, 1; Cachoeirinha, 1; Campo Bom, 1; Canoas, 2; Carazinho, 1; Caxias do Sul, 5; Cruz Alta, 2; Erechim, 3; Farroupilha, 1; Gravataí, Guaíba e Ijuí, 1; Lajeado, 2; Nova Hamburgo, 3; Panambi, 1; Passo Fundo, 3; Pelotas, 4; Porto Alegre, 38; Rio Grande, 1; Santa Cruz do Sul, 2; Santa Maria, 4; Santa Rosa, 1; Santana do Livramento, 1; Santo Ângelo, 1; São Borja, 1; São Leopoldo, 2; Sapiranga, 1; Sapucaia do Sul, 1; Torres, 1; Uruguaiana, 1; Vacaria e Venâncio Aires, cada uma com 1 franquia.

Sr. Presidente e Sr. Relator, há aqui um caso curioso. No Rio Grande do Sul, há as Lojas Colombo, que tem seis franquias: Caxias do Sul, Lajeado, Farroupilha, Alegrete, Uruguaiana e Santa Maria, que, na verdade, operam para a própria Lojas Colombo. Essa já era uma conquista anterior e que foi mantida como direito adquirido. Aí aquilo que foi debatido em outra reunião, quando esteve aqui o representante dos Correios de São Paulo, sobre as máquinas digitais.

No Rio Grande do Sul, há 51 franquias com máquina e 44 ACFs que não têm máquina. E eles querem a máquina, ou seja, querem a transparência para, enfim, fazerem as coisas da forma adequada. Pelo menos, foi o que nos informou o Dr. Luciano Vaz.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Para efeito de informação, a minha ACF tem a máquina.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O que é importante para fins de controle. Já constatamos isso aqui.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Além da máquina, é importante ressaltar também que as 20 maiores franqueadas de São Paulo, além da máquina, têm fiscalização permanente já há 2 anos, ou seja, 2 profissionais dos Correios acompanhando toda a operação e fazendo a conferência exata e diária, diurna, em qualquer momento...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Como manda a regra.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Exatamente.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Como manda a regra, e esse é o dever que o Correio tem que cumprir com prazer.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Exatamente.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Até porque aí as franquias viabilizam...

O SR. (Orador não identificado) – Quinzenais?

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – É, quinzenais. As franquias viabilizam os Correios. É um negócio que tem que ser bom para todos: bom para os Correios, para os franqueados e para a população, que recebem um serviço de qualidade oferecido pelas franquias, especialmente quando conseguem fidelizar o cliente, e aí, dá um trabalho e presta um serviço mais em casa, digamos assim.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Deputado, V. Exª me permite?

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Pois não, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Da mesma forma que V. Exª foi procurado no Rio Grande do Sul, eu também fui procurado no Pará pelos franqueados, preocupados com essa situação que os aflige, dado que é aquela história da laranja podre, não é? E eles temem que essa contaminação venha a prejudicá-los e chegaram a me dar um dado interessante, que merece, Sr. Relator, um acurado exame. Segundo a informação que me repassaram lá no Pará, se hoje os franqueados deixarem de operar, fatalmente, segundo eles, os Correios ficarão inviabilizados.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Vão patinar.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Esse é um dado que precisa ser analisado em profundidade, para que nós possamos, desta Comissão, tirar conclusões através das quais possamos também, digamos assim, tirar do convívio os maus e deixar os bons, para que haja um trabalho realmente eficiente, como é o trabalho dos Correios até hoje.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – É, eu vejo que a preocupação não é só dos gaúchos, dos franqueados gaúchos. Acredito que é de todo o País, até porque o pessoal acompanha muito de perto e vê as distorções, dizendo assim: "Mas e o outro lado? O lado bom? Não vão mostrar?" Então, acho que é importante a CPMI ter esse equilíbrio, e eu tinha informações muito claras da importância das franquias nos Correios, mas, hoje, mais do que informação, eu tenho convicção, por conta daquilo que...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A exemplo da greve que ocorreu agora há 15 dias, uma semana, e a rede franqueada...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – ... segurou as pontas.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – ... prontamente manteve o atendimento.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – É verdade. Estivemos reunidos com o Dr. Luciano Vaz, que é o presidente da Brapost, lá do Rio Grande do Sul, também com o Dr. Gilberto Mantovani, que é membro também da diretoria, e com a Elis Regina Heger, que também compõe a diretoria, enfim, com vários franqueados do Rio Grande do Sul. E quero aproveitar, Sr. Presidente para franquear esta documentação para a CPMI, para que depois ela seja integrada ao relatório. E permito-me aqui fazer alguns questionamentos para poder entender essa questão da franquia. O senhor tem uma franquia?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Uma só.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – A Anchieta?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor falou que o faturamento é de R$ 1 milhão, mas há quantos anos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 99, que o Deputado me perguntou.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sim, mas eu quero saber o faturamento, vamos dizer assim, nos últimos dois anos.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Ah, nos últimos dois anos...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Era R$ 1 milhão mensal...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, isso de comissionamento, não faturamento bruto.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sim.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – De comissionamento, que é a receita que...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – É, mas eu estou falando de faturamento bruto.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Ah, faturamento bruto? Nos últimos dois anos, nós podemos falar algo em torno de... R$ 90 milhões/ano.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Vemos que é um faturamento extremamente alto.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sem dúvida.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Extremamente importante.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Um faturamento de R$ 90 milhões/ano, uma geração de emprego, entre ACF e parte gráfica, hoje em torno de 400 funcionários.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor tem 400 funcionários?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mais ou menos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Essa, aliás, seria a minha pergunta seguinte. Quatrocentos funcionários. E quantos só na ACF?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Na ACF, 168, 166.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E as demais?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nos serviços correlatos, que é a parte gráfica...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor montou um parque gráfico...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – ... e a parte de transporte, que é terceirizada.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O parque gráfico, o senhor já tinha ou o senhor montou em função da ACF?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, foi montado em função da demanda dos clientes. Por questão de sigilo bancário, os clientes solicitaram que as emissões dos extratos e dos extratos de cartões de crédito e tudo o mais passassem a ser feitos, se possível, dentro das dependências, para que os

documentos não tivessem que transitar, que é sabido a questão de segurança...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Qual é o espaço físico da ACF?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Hoje nós devemos ter algo em torno de 2.500 metros.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E no parque gráfico?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mais 1.000 metros.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E um complexo de quase 4.000 metros. A questão da clientela. Quantos clientes o senhor tem na carteira?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Aproximadamente 300 clientes.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Só 300 clientes?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Aproximadamente.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor praticamente tem um cliente para cada funcionário?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Aproximadamente.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Aliás, menos de um cliente.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso é o perfil da região.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor não precisa explicar. Eu quero dizer a sorte que o senhor tem. É uma competência. Agora, o que nos faz ficar ao mesmo tempo...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perdão, com exceção da clientela que é atendida no balcão, que seriam os comerciantes da região.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Eu digo aquele que é o...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, faturado, aquele cliente que a gente efetivamente emite uma fatura quinzenal.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Esses 300 clientes respondem por qual percentual do faturamento?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Por 99,9%.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – É uma mina.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Estou vendendo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não estou comprando. O preço que o senhor vai pedir, pelo tanto que fatura, posso até imaginar. A não ser que tenha um outro sobrinho para passar para frente. E não duvido que daqui a pouco vai ficar que nem o conhaque Dreher, de pai para filho desde mil novecentos e não sei quando.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Deputado, essa situação de tios, embora pareça estranha, mas eu efetivamente disse que aqui vim para dizer a verdade e nada mais que a verdade...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Somente a verdade?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Somente a verdade. Ainda que com a concepção...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor não entendeu a palavra. Veio aqui para dizer a verdade, somente a verdade.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, somente a verdade, e nada mais que a verdade.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Então, uma carteira de 300 clientes, com um faturamento de 300 clientes/ano de quantos milhões?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Aproximadamente 90 milhões de reais.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Aproximadamente 90 milhões de reais.

Não sei se o senhor disponibilizou para a CPMI esses documentos de todas essas transações em que o senhor se embaralhou. No Rio Grande do Sul, havia um jogador que jogava no Grêmio há muitos anos na ponta direita; o Onyx, que é Colorado como eu, não esquece porque ele fazia os "gols" contra nós. Eu sou Colorado também, mas o nome dele era Volmir Maçaroca. Ele se enrolava, se enrolava, se enrolava e às vezes ele fazia um gol. E vi que o senhor falou que se enrolou, se enrolou, se enrolou; depois que a juíza disse, aí o senhor até que...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Deputado, perdão, por não ter os contratos em mãos. Eu me desculpo. O nobre Deputado Anderson até me deu o conselho na época, mas eu realmente deveria ter trazido. O que ocorreu na época é que existia... É muito simples, o Correio não autorizava, então nós tínhamos contato com as pessoas do Correio no dia-a-dia. Num determinado momento, vinha a informação de cima de que vai ser autorizado... Aí a gente: "Qual vai ser o padrão para essa autorização?" Vão ser duas pessoas. Aí posteriormente vai poder ser três, vai poder ter duas. Então, até que existisse uma formatação dos Correios, o franqueado...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Isso aí o senhor já enrolou, desenrolou, se enrolou, e, se o senhor explicar de novo, o senhor vai se perder na explicação. Eu já entendi, e talvez o senhor explicando

eu descompreenda, e aí vai ficar complicado. Então, para simplificarmos, aqui é uma expressão – o nosso Relator Eduardo Cardozo está impressionado, e eu também estou impressionado – que diz assim: ajoelhou tem que rezar. Quer dizer, pegou o microfone tem que falar. O senhor vem para a CPI, tem que trazer um documento. O senhor sabia o que vinha fazer aqui, não é?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sabia que seria perguntado sobre essas transações, porque o senhor já ouviu outros vindo depor aqui em alguns quesitos sobre algumas más franquias ou algumas franquias que estão distorcidas, e que queremos clarear, para que as boas franquias possam, digamos assim, sobressair. Precisamos tirar essas laranjas podres. Esse é o nosso propósito. Então, o senhor sabia. O mínimo que o senhor tinha de fazer era vir a esta Comissão e dizer: "Está aqui o meu contrato; está aqui o outro contrato; está aqui outro documento; está aqui outro..." Vai matando a cobra, mostrando o porrete e o couro do bicho estaqueado. Está aqui. O senhor não matou a cobra, não mostrou o porrete, nem trouxe o couro do bicho. Então, o senhor fica no ar, perdido e ainda explicando mal.

Vou pedir ao senhor que traga – não adianta o senhor explicar muito, porque está meio confuso mesmo –, primeiro, vamos nominar, o contrato original da franquia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós temos esse contrato.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Esse nós já temos. O contrato original da transferência. Foi transferido aos seus tios, não é?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Temos todos os formais, mas não os de gaveta.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Por exemplo, os contratos de gaveta. O senhor tem a procuração?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu não tenho porque as procurações são entregues aos Correios, mas, se solicitado, os Correios as entregam. Eles devem ter isso.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Mas o senhor pode solicitar aos Correios.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. São documentos muito antigos, Deputado. Eu não consigo... Eu não sei nem se os Correios mantêm isso em arquivo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Mas essa procuração era pública ou particular?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. Ela é uma procuração particular. Os Correios não solicitavam procuração pública. Os Correios...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Uma procuração particular para transacionar com os Correios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Deixe-me explicar-lhe como funcionava.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – É complicado.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Vou dizer ao senhor que é difícil acreditar.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Deputado, não era uma escolha nossa. Os Correios formulavam um modelo de procuração-padrão deles, em que vinham detalhados todos os produtos. Nós simplesmente assinávamos e reconhecíamos firma no padrão que os Correios exigiam.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não era um procuração pública?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não era uma procuração elaborada por nós.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, requeiro cópia dessas procurações, pedindo aos Correios que o senhor disponibilize... Quais são os anos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou pedir toda a documentação dessa época.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Mas, especificamente, essa procuração. Acredito – e nós usamos um pouco da desconfiança nessas horas, por conta da confusão, do imbróglio aqui – que essa procuração não existe. Uma procuração particular para gerir negócio público, numa relação pública, com uma empresa pública... isso é extremamente complicado. Creio que os Correios já estão errados, mas, como não acredito que os Correios estejam errados, estou achando que essa procuração não existe.

Portanto, vamos pedir cópia da procuração; se não existir essa cópia por conta do tempo – talvez os Correios a tenham descartado e não a tenham em arquivo –, verificaremos se era procedimento dos Correios aceitar alguém como procurador numa ACF por meio de procuração particular. É importante isso.

Quanto aos contratos de gaveta, o senhor os tem?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu tenho todo os contratos; por isso, estou-lhe dizendo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor vai trazer esses contratos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, não há problema algum. Encaminho-os.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – São quantos contratos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Até porque os contratos – volto a dizer, nobre Deputado –, embora a visão seja de gaveta, foram devidamente protocolados em uma junta comercial.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Já devem ser de armário a essa altura.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Então, eles não são...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Eram tantos que seria necessário colocá-los em armário.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, Deputado, mas, entenda, juridicamente, eles não são de gaveta. Eles têm...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Eles estão na gaveta.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, eles têm valor jurídico. Foram...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Tudo bem. Sabemos o que são.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Foram protocolados na junta comercial.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Contrato de gaveta tem valor jurídico. Claro que tem, sabemos que tem valor jurídico. Porém, essa não é a forma legal de transacionar a ACF. É outra questão. Quer dizer, o contrato de gaveta entre as partes tem valor jurídico, é um negócio. O negócio faz regras entre as partes. O contrato de gaveta faz regra entre as partes, entre quem vende e quem compra. No entanto, os Correios, nessa negociação, não são parte; eles não tomam parte.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Exª me permite um aparte? Concordo com V. Exª que todo o contrato tem certo valor jurídico.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Claro que tem.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porém, a transação feita com desrespeito à lei...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não é legal.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ... é nula de pleno direito. Portanto, isso implicará o reconhecimento da nulidade da transação, o que obviamente precisamos estudar como resolver.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perdão, Deputado. Eu não escutei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A transação feita contra as regras dos Correios, sem anuência dos Correios, é nula de pleno direito. Portanto, haverá uma situação de criminalidade.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Embora o contrato tenha efeito jurídico para as partes, vamos dizer assim, para uma parte indenizar a outra. Enfim, para se entenderem na negociação que fizeram, tudo bem. Agora, em relação aos Correios, não tem efeito. Em relação aos Correios, absolutamente não tem efeito e já viu por conta disso? Pega o fio da meada e vai desenrolando o novelo que o senhor enrolou que nem a maçaroca: vai desenrolando, desenrolando, chega no fim e diz: "Olha, não dá mais essa franquia. Desse jeito não pode continuar". Imaginou que tombo 99 milhões por ano escapar pelo vão dos dedos!? É ruim, né? É brabo nadar de poncho e mergulhar de guarda-sol.

Bom, para concluir, Sr. Presidente, só quero reforçar essa questão da procuração que considero importante. Acredito que essa procuração não existe. Queria só dizer algo para o senhor. Talvez seja a primeira vez que o senhor vem a uma CPI, mas o senhor deve ter visto e ouvido outros virem à CPMI e, obviamente, devia estar munido dessa documentação. Isso lhe facilitaria a vida, facilitaria a vida da CPMI e esclareceria mais coisas e nós poderíamos avançar. Daqui a pouco, se esses documentos que vierem para cá não forem satisfatórios, o senhor vai ter que ser convocado de novo para vir à CPI dar explicações, por conta dos documentos que não fecham aquilo que foi dito.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Até porque o peixe morre pela boca e o homem pela palavra, né? Aqui, por enquanto, nós só pegamos sua palavra. Depois nós precisamos comprovar por meio da documentação. E ela vem descasada. A palavra numa hora e a documentação na outra. Se os documentos não comprovam a palavra, nós temos que juntar um ao outro para ver quais são as diferenças e esclarecer isso.

Portanto, se uma outra vez for chamado, o senhor já venha com os documentos, para que nós possamos evoluir e esclarecer isso que não está esclarecido, o que absolutamente não depõe contra as ACFs como um todo e contra as franquias como um todo. Não, nós estamos pegando um problema de uma franquia. São quantas mil franquias no País? (Pausa.) São 1.500 franquias. Eu acredito que haja lá 20, 30, talvez 50 franquias no País. Não por acaso as grandes franquias, aquelas que saltam os olhos, aquelas que brilham os olhos... Essas franquias brilham tanto que impressio-

nam, embora nem tudo que reluz é ouro. Mas é o que tem acontecido. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Obrigado, Deputado.

Devolvo a palavra ao Sr. Relator.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A ACF Anchieta conseguiu a migração de alguns grandes clientes, de bancos. Quais foram os bancos que a ACF conseguiu a migração por decisão tomada pelos Correios?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A migração...?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Havia alguns clientes bancos que prestavam serviços para a rede centralizada. Por uma decisão tomada pelos Correios, autorizou-se que os bancos que antes eram atendidos pela rede centralizada, em 2005, passassem a ser atendidos pela sua franquia. Quais foram os bancos em que houve essa autorização?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Posso só...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Na verdade, os bancos, anteriormente, eram atendidos pela franqueada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso, até 2002.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois de 2002, passou para os Correios.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Aí, posteriormente, passou para os Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2005, algumas franqueadas conseguiram. O senhor foi um dos franqueados que conseguiu esse benefício.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais foram os bancos que passaram para o seu atendimento?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Unibanco...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Unibanco...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Banco Real e Itaú.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Banco Itaú, Unibanco e Banco Real.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, um percentual dos mesmos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque os bancos dividem os...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso implicou num aumento de ganho substantivo para a sua franquia?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, houve o comissionamento de um serviço que, na verdade, nós perdemos...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nós ganhávamos 10% quando o serviço era feito conosco diretamente na franquia. Quando foi criado o novo contrato, a nova modalidade de FAC com uma tarifa 30% abaixo do que era praticado anteriormente, os Correios tiraram os clientes que eram nossos historicamente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Verifique se meus números se aproximam ou são exatos. Ou o senhor tem alguma contestação a esses números? Com a migração do Banco Itaú, o senhor teve uma elevação de faturamento de R$124.797.513,00.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não. O Itaú?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Itaú.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, a minha franquia...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O total do serviço, o total de serviço para o Itaú: R$124 milhões. Faturamento da ACF relativo a serviço migrado: R$7.195.639,00. O senhor recebeu um comissionamento para isso de 219 mil, só pelo Banco Itaú.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, só pelo Banco Itaú, não. O total de todos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, o total de todos é de R$841.018...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em que período? O senhor está somando períodos?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estamos somando períodos...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – É isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...desde a migração.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Ah, não, foi feito. Foi feito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, é desde 2005 até agora. Desde a data da migração até hoje...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Desculpe, é que eu estava interpretando mês a mês...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É julho. Quando foi a migração? Você tem as... (Pausa.) A migração foi no início do ano e isso aqui é só até julho?

O SR. (Orador não identificado) – Seis meses.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, em seis meses, o senhor ganhou de comissão pela migração do Banco Itaú, R$219 mil; do Unibanco, R$574 mil; e, do Banco Real, R$47 mil. Total nesses seis meses de ganho para o seu funcionamento é R$841 mil. Confere?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito. Os números não são equivocados.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor conseguiu essa migração e outras franqueadas não tiveram essa migração?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foram só algumas franqueadas que tiveram.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – As franqueadas que tiveram foram as franqueadas que atendiam os mesmos bancos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Efetivamente, temos algumas franqueadas, por exemplo, que obtiveram o Santander. E o Santander não migrou para todas as franqueadas.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque o Santander, por opção dele, vinculou ou tem seus serviços feitos ou executados em uma única franqueada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo. Perfeito.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Se o Unibanco, por exemplo, divide o seu volume.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que o senhor conseguiu a obtenção dessa franquia ou dessa migração, perdão?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Como que consegui...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A obtenção dessa migração. Que gestões o senhor fez para conseguir essa migração?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A gestão, na verdade, foi feita por todos durante muito tempo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todos quem?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, todos os franqueados por descontentamento. Nós, incessantemente, explanamos...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que nem todos conseguiram?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Todos conseguiram. É isto que estou dizendo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, há casos de indeferimento de migração. No Rio de Janeiro, por exemplo, há casos de indeferimento de migração.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Pode ser porque a diretoria do Rio de Janeiro eu desconheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais foram as gestões que foram feitas para que isso ocorresse?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Posso falar especificamente da ACF Anchieta, não sei das demais ACFs, mas o que fizemos, quer dizer, foi demonstrar o descontentamento por conta de o Correio ter tirado uma clientela que cativamente era nossa, nós trabalhamos anos para adquirir junto não só ao cliente, mas também junto à concorrência que existia...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual era a concorrência que os bancos tinham?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A concorrência que os Correios tinham.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E qual a concorrência que os Correios tinham em relação aos bancos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu citei no início do depoimento, Deputado, mas a partir, por exemplo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com quem que os bancos trabalhavam e que os senhores conseguiram tirar e pegar pelas franqueadas?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Então, vamos lá. Boletos bancários, boletos de cobrança bancária.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A Epatil, empresa sediada em São Paulo, que não existe mais. A EBX que o Eike Batista comprou...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Epatil?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. A Epatil.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deixou de existir quando?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A Epatil deixou de existir... Difícil ter esse número.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dez anos atrás... cinco anos atrás?...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não. Podemos falar... A EBX, quer dizer, em quatro anos atrás, três anos...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deixou de existir há quatro anos atrás.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Essa informação, realmente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que outras empresas?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Epatil, Intercourier, Hot Service.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Intercourier fazia o quê?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A mesma coisa. Todas elas atuavam...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Trabalhavam para bancos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Para bancos. Todas elas atuavam no segmento de entrega de cobrança, de boletos bancários, talões de cheque, cartões de crédito e mala direta. Todas faziam essa distribuição.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando elas perderam esse mercado?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Um outro cliente interessante que...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando que elas perderam esse mercado?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Elas foram perdendo paulatinamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque os franqueados foram oferecendo serviços juntamente com os Correios para contemplar...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Até quando, por exemplo, essas empresas trabalhavam para os bancos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não saberia dizer porque os contratos entre essas empresas, Deputado, e os bancos não eram gerenciados ou monitorados pela rede franqueada. Os bancos nunca nos informavam ou falavam "Olha, o mês que vem estou encerrando o contrato com um terceiro". Nós não tínhamos esse nível de liberdade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2002, que agências desse tipo trabalhavam para os bancos que migraram?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 2002?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De 2002 em diante. Que empresas desse tipo prestavam o serviço para os bancos para os quais foi autorizada a migração?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nós tínhamos a própria EBX que...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Trabalhava para que banco?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O Bradesco pesadamente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o Bradesco não foi autorizada a migração.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não foi autorizado, mas, se o V. Exª me permitir, além do Bradesco, tinha volumes também do Unibanco, tinha volumes do Banco Real. A EBX estava no mercado ofertando serviços.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Foi em janeiro de 2005.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Deputado Onyx me pergunta: e quando foi que esses clientes foram conquistados para a sua franquia? Esses bancos?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Houve um processo paulatino de conquista, Deputado, até porque os contratos dos bancos, com vencimento, não, mas iniciou-se em 99, 2000, 2001...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando os Correios...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O primeiro grande cliente meu foi o Banco Real.

O SR. (Orador não identificado) – *(Fora do microfone. Inaudível.)*

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em 1998, mais ou menos, quando começamos a processar extratos do Banco Real.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o Banco Real, depois de 2002, trabalhava com quem?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Depois de 2002?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, quando o senhor perdeu o cliente.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Foi trabalhar no contrato de FAC, na nova modalidade de FAC.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, não optou pela concorrência.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não optou pela concorrência.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque a concorrência deixou de existir.

Vamos lá, Deputado, se o senhor me permitir...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora eu voltei a ficar novamente atrapalhado.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, mas isso é muito simples de explicar. É muito simples de explicar, porque...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu posso ter me complicado por não ter os contratos aqui em mãos, mas essa informação de mercado eu tenho com bastante exatidão.

O que acontece? Nos anos 90... Os Correios têm mais de 2 mil ações no sentido de fechar essas *couriers* diversas que existem pelo País. Algumas persistem até hoje.

As grandes foram compradas pelo Eike Batista no final dos anos 90, com a estratégia de que o Governo anterior criasse os Correios SA, abrisse o capital na Bolsa. Ia-se criar agência regulatória, como existem a Anatel, a Aneel, e passaria a existir uma agência para regulamentar o setor de entrega. E o que o Eike imaginou ao montar a EBX e comprar essas *couriers*? Ter já grandes volumes, quando se cria a agência, ele passasse a ser automaticamente um grande concorrente dos Correios. O que aconteceu? Quando ele começou a operar e tirar clientes dos Correios, os boletos bancários...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando foi isso?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – No final dos anos 90. Em 1999, 2000, aproximadamente. Os franqueados, agressivamente, foram até os mesmos bancos, e foi quando iniciou-se o processo e os investimentos na área de impressão. Por quê? Porque verificou-se que se nós, franqueados, não ofertássemos o serviço de impressão, a segurança para o sigilo bancário do processamento do documento ser feito no mesmo local, com a garantia da entrega pelos Correios, haveria, sim, como a EBX trabalhou durante um ano e meio e, depois, fechou.

Ela quebrou por quê? Porque houve uma ação conjunta dos Correios e dos franqueados no sentido de abranger e tomar esse mercado. Inclusive e principalmente o segmento de mala direta, que era um segmento porta a porta muito forte. Existiam várias empresas de bairro, agentes de bairro que faziam entrega para supermercados, na época existia o *(Inaudível.)*, em São Paulo, e faziam entregas porta a porta de jornaizinhos e tudo o mais.

Naquela época, o que os Correios fizeram? Os Correios criaram inclusive o produto mala direta postal, também vinculado, com comissionamento de 10% na tabela "A", para que os franqueados vendessem esse serviço a esses grandes clientes no sentido de fechar a porta dessas *couriers*.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Eu vou querer argüi-lo sobre isso.

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Vou suspender a reunião por apenas 3 minutos, se V. Exª permite, apenas para uma pausa, Deputado Onyx Lorenzoni. Em 3 minutos voltamos.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Perfeito.

(A reunião é suspensa às 21h56min e reaberta às 21h59min.)

O SR. PRESIDENTE (Asdrubal Bentes. PMDB – PA) – Reaberta a reunião.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu até pude esclarecer algumas dúvidas importantes. No caso, no plano do envio de cartas, que empresas atuavam no período a que V. Sª se referiu e qualificavam concorrência aos Correios e às franqueadas?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Existiam diversas empresas, como eu lhe relatei.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais eram as empresas?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Existia a Intercourier, existia a Hot Service, a Epatil.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E operavam para os bancos com o envio de cartas?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, no envio de cartas, não, porque o envio de cartas é monopólio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por isso, quando o senhor falou que era no envio de cartas, isso me chamou a atenção, fui até verificar. Isso qualificava crime dessas empresas, porque, na verdade, os Correios têm monopólio.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Exª, veja só. Perdão, se eu disse cartas, eu me equivoquei. Eu sempre trato de "o documento", a gente sempre trata "documento", no âmbito geral.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor deu vários exemplos. Envio de...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso. Malas diretas eram entregues, boletos bancários. Mas de que maneira essas empresas funcionavam? A Epatil trabalhou por trinta anos, é uma empresa muito antiga. Ela entregava boleto bancário do Bradesco e do Unibanco...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, aí, não estaria no campo do monopólio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, mas eles trabalhavam com liminar...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não estava no campo do monopólio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Estava no campo do monopólio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim. Então, trabalhavam com liminar.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Trabalhavam com liminar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, depois, perderam.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Depois, na verdade, não perderam, porque as liminares... No caso da Epatil, ela era uma empresa de trinta, quarenta anos. Ela era antes ainda de existir o...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que não me parece claro, Deputado Onyx Lorenzoni, é por que, para não perder um cliente, os Correios cedem para as franqueadas, se ele jamais poderia perder o cliente nessa parte de cartas, uma vez que é monopólio?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, perde. O monopólio...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perde como? Pelo crime?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Vou explicar. Por exemplo, dois anos atrás, a Brasil Telecom desenvolveu um trabalho de fazer a sua própria entrega. O monopólio não pode proibir o usuário de entregar as suas próprias correspondências.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Então, começou a existir... Por exemplo, a Brasil Telecom foi uma que fez essa análise de contratação de pessoal e de entregar nos principais centros, nos centros verticais...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas vamos falar realisticamente.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A Telemar foi outra também.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Imagine um banco tendo o seu próprio serviço de entrega aos clientes. Não é real isso, me perdoe. Falando realisticamente, objetivamente, um cliente pode perfeitamente tomar a decisão de distribuir suas próprias correspondências.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, perder para a concorrência aquilo que é monopólio, não se perde, a menos que o concorrente cometa crime. E crime é crime. Eu não consigo entender, sinceramente, a vantagem de eu passar grandes clientes para os franqueados. O argumento é: "Não, isso é uma questão de concorrência". Mas concorrência de quem, se isso efetivamente seria crime?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Veja, Deputado, o crime, se ocorreu ou se ocorre, é de um segmento que não se atém ao nosso de franqueados. Perfeito? É um segmento que faz entrega domiciliar. Ela, de fato, existe...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E é crime.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Veja...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pode nos auxiliar, dizendo qual... É isto que não fica claro: por que, para se evitar essa situação, passa-se para os Correios e não se combate o crime? É muito mais simples se combater o crime.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, os Correios tentam fazer isso. O problema todo é que os agentes, as empresas que fazem essas entregas estão localizadas em diversos pontos nas capitais, entregas verticalizadas. Eles querem grandes volumes com facilidade de entrega. Eles não vão entregar lá no fundo, evidentemente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Lógico.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Por isso, eles conseguem oferecer um custo bem reduzido...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por isso, não há lógica nenhuma na migração desses clientes para os franqueados.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Só que, antes disso, o senhor tem de imaginar que houve um trabalho incessante dos franqueados na conquista desses volumes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí, voltamos a uma polêmica que tivemos aqui, na CPMI. O Superintendente de São Paulo falou que a devolução desses clientes se prendeu a razões éticas.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque eram nossos os clientes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso ficou pouco claro. Era o mesmo argumento que você está usando. Porém, o Presidente dos Correios que veio aqui disse que não era uma questão ética, era uma questão de ganho concorrencial para os Correios, o que nós não conseguimos vislumbrar.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Também.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Posso lhe dar um exemplo, Deputado?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu gostaria.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em novembro de 2004, os Correios, na pessoa Correios, matriz, chamaram os franqueados, por meio de...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso em 1994?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em novembro de 2004. Só estou lhe mostrando o exemplo de uma concorrência ou de uma competência da rede quando unida.

Chamaram os franqueados e explanaram a respeito de um produto novo, que seria uma nova modalidade de mala direta postal que eles estariam autorizando a vinculação, inclusive com comissionamento crescente ou decrescente, de acordo com os volumes, para que os franqueados fossem atrás de produtos que, até então, estavam na concorrência. Por exemplo, revistas, malas diretas de um determinado volume... E os franqueados foram a campo, tiveram sucesso, elevaram o faturamento e trouxeram...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor concorda comigo que são hipóteses completamente diferentes? Eu estou falando de atividade monopolizada, de atividade que não poderia ter concorrência com os Correios. E o argumento que o Presidente utilizou aqui é de que, ao se admitir a migração, não era só uma questão ética, como disse o superintendente de São Paulo, mas era um combate à concorrência. Mas que concorrência é essa que não podia ser feita?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Poderia ser feita. Não pode ser feita no âmbito legal. Eu não concordo com o senhor, mas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas, claro, eu posso matar alguém, mas é crime. Eu posso matar, eu posso roubar. É crime.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito, perfeito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, o que me parece estranho é os Correios deferirem a migração para pessoas que não lhe podiam legalmente fazer a concorrência, ao invés de atuar no plano criminal.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, mas eu quero deixar claro é que o Correio, na verdade, autorizou a vinculação, no âmbito de justiça, por conta de que os clientes....

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É a razão ética sobre a qual eu, pessoalmente, tenho uma avaliação diferenciada do senhor e do superintendente de São Paulo.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, até porque, Deputado, eu, aqui, me recolho à minha insignificância de não participar das decisões da empresa na sua magnitude. O que nós sabemos e o que nós reivindicamos junto aos Correios é que, utilizando um senso de justiça, o Correio utilizou a rede franqueada para a captação de novos clientes, para a geração de serviços complementares que ele, Correio, não tem condições de fazer, os franqueados foram a esses grandes clientes, adquiriram os equipamentos, adquiriram máquinas, fizeram *leasing*, se endividaram para poder suplantar esses grandes volumes, quer dizer, criou uma rede de coleta, frota de veículos, enfim, criou toda uma estrutura de atendimento de modo que esses grandes clientes, e não me refiro aqui especificamente a bancos, acho que existe um mercado muito grande aí publicitário, de *marketing* indireto, de editoras, e todo esse mercado, hoje, seguradoras, quer dizer, ele, há um tempo, passou a ser atendido, pelos Correios, por conta da rede franqueada, e, de repente, na virada do último governo, se cria uma tarifa 30% abaixo da tarifa FAC, que, até então, existia há anos, e tira o franqueado de lá. Aí, logicamente que as explanações, cada diretor divagou sobre um contexto, é por conta da privatização, outros, é por conta de que os contratos de franquia irão vencer, que também não tenho a informação. Mas o que aconteceu foi isso. Naquela circunstância, nós estávamos habituados a trabalhar com uma receita, gerar um X de emprego e atender a um volume e, da noite para o dia, deixamos de atender. Então isso gerou, obviamente, uma insatisfação e um questionamento jurídico, na época, se isso é justo, não é justo, pode, não pode, é concorrência desleal, não é. Agora, o franqueado, o que nós fizemos na época, vamos....

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Voltou a nossa linha....

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – É a CPMúsica...

Então nós, à época, ficamos na insistência de conseguirmos alguma negociação ou alguma possibilidade.

Existe também, Deputado, e vale a pena ressaltar um dado bastante interessante, contrário ao que o senhor, ao exemplo que o senhor utilizou agora há pouco, de que alguns clientes não obtiveram essa condição de vinculação. Por outro lado, excelência, houveram casos opostos. Por exemplo: quando se tirou, quando se criou essa tarifa FAC mais em conta com a inexistência da presença do franqueado, automaticamente, houve essa migração. Porém, houveram clientes, como a C&A e o Carrefour, que são clientes de grandes volumes e que permaneceram vinculados. E aí cria-se uma outra situação, que foi o que gerou a insatisfação nos grandes clientes. Por que um Banco Itaú pergunta? Por que eu, Banco Itaú, que posto 20 milhões de documentos, não posso ter direito a vincular, numa CF que me atende, que me agrega serviços, que me coleta, que me armazena, que me faz todo o meu *(Inaudível.)*, e a C&A, que posta 10 milhões de documentos, tem essa vinculação? Compreende?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ao invés de se fazer isonomia, passando esses clientes todos para a rede centralizada, fez-se o oposto.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Volto a dizer, não é que se fez o oposto. Estamos aqui numa defesa...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O senhor defendendo, obviamente, a estatal e obviamente defendendo....

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para sabermos o que acontece. O que não consegui entender até agora....

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Essa clientela era nossa!

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, na verdade, a clientela é dos Correios. Os Correios resolveram criar a franquia, está certo! E, num dado momento, avaliou que era incorreto, pela própria crise operacional, sei lá para que diabos for, e resolveu chamar esses clientes de volta. O que fica, para mim, difícil de justificar é que, três anos depois, sem um estudo técnico, sem absolutamente nada, sob o pretexto de evitar uma concorrência, que agora pela sua fala descarta-se mais ainda, fazer uma migração desses grandes clientes, beneficiando algumas ACFs. Isso não é uma política para o Brasil, é uma política localizada para São Paulo.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mas foi criada uma média histórica. Nós só ganhamos...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse é o segundo problema sobre o qual eu vou argüir o senhor, porque essa média histórica realmente é um negócio difícil de captar.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nós só ganhamos sobre o volume de uma... Existiu, foi estabelecida uma data...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro! Aliás, por que 2002?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque foi em 2002 que nós perdemos a clientela.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, pelo manual dos Correios, seriam os seis meses anteriores. E, na verdade, ao se estabelecer 2002, dobrou-se o comissionamento daquelas ACFs que efetivamente receberam os clientes.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Essa questão do Mancat, ou a questão interna, eu realmente não posso me ater, até porque eu desconheço a origem interna da empresa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, pelas regras internas em vigor na empresa, seriam os seis meses anteriores. Porém, sem amparo nas regras, deferiu-se essa migração, com uma média de 2002. O Tribunal de Contas da União fez o cálculo e essa média artificial de 2002 dobrou as comissões efetivamente pagas pelos Correios às ACFs, portanto, houve perda. Além de perder o cliente, pagou o dobro. É isso que não consigo entender dentro dessa lógica da ética.

O senhor sabe me explicar por que se colocou 2002?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não sei explicar. A explicação que eu tenho é que foi exatamente a data em que os Correios tirou os nossos clientes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Entendi. Agora, por que fazer a média de remuneração naquele momento, pegando a data em que tirou os clientes? Qual é a lógica?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Foi quando ele tirou a nossa receita.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, tirou a receita. Mas por que pegar a média de 2002? Por quê? E por que não pegar o movimento atual, de 2006? Ou não pegar a situação atual dos últimos seis meses?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim. E todo o trabalho feito na última década dos franqueados morreu?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, então foi uma indenização!

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Indenização, não. A pergunta que eu estou lhe fazendo é: todo o trabalho que a rede utilizou ...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores receberam por isso naquele período.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja: receberam e aí houve uma decisão de migração. Ou seja, aqueles clientes eram dos senhores, os senhores trabalharam, produziram e ficaram prontos. O.k., receberam. Os Correios decidiram, certo ou erradamente, fazer o atendimento de alguns clientes ou dos clientes, no caso, pela estrutura central. O que eu não consigo entender é, primeiro, por que, sem nenhum estudo técnico, nada, se fez uma decisão individualizada só para alguns casos em São Paulo, não havendo uma política nacional sobre isso? Por que, no Rio de Janeiro, é indeferida a migração e, em São Paulo, é aceita? Por que se adota uma média contrária às regras em vigor de maneira a que se pegue a média de 2002 que implica o dobro do pagamento do comissionamento?

Eu não consegui, sinceramente, entender a lógica disso. Não entendi essa lógica quando veio o Superintendente de São Paulo; não entendi essa lógica quando veio o Presidente dos Correios e continuo a não entendê-la ouvindo agora um franqueado. Se o senhor pudesse me ajudar a entender, eu gostaria.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Deputado, a visão do franqueado é uma só...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ganhar dinheiro; é óbvio. Quanto a isso, eu acho que a sua visão é perfeita. O que eu não consigo entender é por que perder dinheiro.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Ganhar dinheiro da seguinte maneira: prestando serviço.

Então, o que acontece? A nossa visão é uma só. Essa clientela, nós fomos conquistando, angariando e atendendo ao longo de muitos anos, gerando emprego inclusive e, num determinado momento, a empresa chega e diz: "Olha, está aqui, criamos uma tarifa nova; nós cobrávamos um, repassávamos dez centavos e ficávamos com noventa. A partir de agora, vamos cobrar setenta centavos, o cliente ...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto caiu o seu faturamento quando isso aconteceu, em 2002?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu teria que olhar esse índice...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aproximadamente?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Os Correios têm esse relatório.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chegou a cair o seu faturamento?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu não sei se caiu porque nós, de prontidão, iniciamos um trabalho de prospectar novos clientes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. Ou seja, o senhor tinha condições de prospectar novos clientes. É esse o dado que nós temos.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, isso nós nunca deixamos de prospectar. Se o senhor pegar, se o senhor verificar o crescimento das agências de modo geral, ele continuou como ele vinha.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A informação que nós temos é a de que a rede franqueada não teve grandes prejuízos, em média, em relação a isso.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não; isso teve.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor teve?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Teve. Veja, prejuízo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor acabou de dizer que o seu faturamento não caiu.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, aí o senhor está dizendo outra coisa. Uma coisa é: nós temos um negócio, você tem um contrato, esse contrato gera receita mensal, você perdeu esse contrato, perdeu esse contrato. E outra coisa é você ter a sua receita mensal e ter uma operação...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então veja o seguinte: tenho uma estrutura estatal que tem um monopólio, que está numa situação financeira que exige um reequacionamento, porque os grandes clientes estão na rede privada. Eu tomo a decisão de saneamento das contas públicas e de gestão sem viabilizar a rede franqueada, forçando a rede franqueada à prospecção de negócios, de maneira a que, buscando novos negócios, ela consiga manter seu faturamento. Ou seja, equilibrei o Poder Público e a rede franqueada não sofreu.

Por que eu faço uma migração de volta, fazendo com que o Poder Público perca e, claro, com que o franqueado ganhe mais? Evidentemente que, se sou franqueado, estou achando ótimo. Recebi de graça um monte de clientes; não preciso nem trabalhar numa prospecção, inclusive com uma média que me dá o dobro do que eu teria pelos regulamentos. Perfeito! Fantástico! Mas do ponto de vista do Poder Público, de dinheiro público, eu não consigo entender.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Mas a rede franqueada perdeu, sim. O que acontece é que muitas vezes o senhor vê só a conta do comissionamento, mas tem de se enxergar a conta de que esses novos serviços, muitas vezes o incremento dessa receita com outros clientes, o que teve de ser gerado de serviço para angariar esses novos clientes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que bom que geraram novos serviços, foi bom para os Correios. O que eu não consigo entender é a volta. A ida eu entendo, pode até ser polêmica, mas o porquê de voltar, depois que se conseguiu novos mercados, que a rede está estabilizada... É para dar um ganho com uma perda ao Poder Público? Aliás, os Correios têm déficit operacional, os Correios só não têm prejuízo por causa da receita financeira, das aplicações, é uma entidade monopolizada que trabalha com déficit operacional e, portanto, perde dinheiro na operação.

Ora, se consigo medidas que façam com que se reduza o déficit operacional, consigo fazer com que a rede franqueada vá a campo, conseguindo novos mercados, e depois eu volto para aumentar meu déficit operacional? Não consigo entender.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência, o senhor acha que os Correios aumentaram sua receita operacional, deixando de cobrar um e passando a cobrar setenta centavos, quando ele cobrava um, e ficava com noventa?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não acha que os Correios perderam agora? Não estou discutindo a origem...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, não, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os Correios perderam agora, e nós temos os dados que mostram que perdeu.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, os Correios perderam mais...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, o senhor está dizendo na origem. Não estou discutindo na origem, estou discutindo a volta agora. O senhor acha que os Correios ganharam ao permitir a migração desses clientes e pagar comissão para os senhores, da forma que está pagando? Ganhou alguma coisa?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Ganhou.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ganhou o quê?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Ele pagava 10% sobre esse volume todo. Ele passou a pagar 5%, e os franqueados aceitaram.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o dinheiro que entrava diretamente...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque qual outra opção nós teríamos?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, veja: é evidente que os Correios perderam porque perderam clientes que operavam diretamente com eles; eles passaram a ter de pagar uma comissão por isso, e uma comissão que não era das regras. É óbvio que eles perderam. O que eu não consigo entender é por quê. A lógica da ética, depois de três anos, de voltar clientes etc., sinceramente não me convence. Não consigo sair convencido ainda disso. Espero ouvir outras pessoas. E gostaria imensamente de ser convencido.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Deixe-me só colocar um elemento: lembro-me do depoimento do Diretor, e ele trouxe um conteúdo que era o de que ele só está pagando para os franqueados aquilo que exceda o que os Correios recebiam.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A média histórica.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, só que pegaram a média de 2002, Deputado Onyx Lorenzoni. As normas dos Correios diziam que tinha de pegar os últimos seis meses do momento da transação, isso é o que diz a regra dos Correios. Pegaram a média de 2002, o que implicou o dobro – o dobro – do pagamento.

Temos aqui os estudos, que são impressionantes. Veja: se fosse pelas regras dos Correios, por exemplo, para franquia...

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Sim, mas só quero recuperar o seguinte: o que ele disse é que os Correios só pagam aquilo que excede...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Isso, excede.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – ...aquilo que os Correios estavam fazendo, então não pode ser de 2002.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só que pegaram... Não, é de 2002. Em vez de pegar os últimos seis meses para fazer essa média, pegaram a média de 2002.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque foi o ano...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só que, ao se pegar a média de 2002, com transgressão às regras dos Correios... Por exemplo, Itaú, que foi de 7 milhões, 988 mil e 40. O excedente artificial criado pela média é 4 milhões.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Isso é dinheiro ou isso é volume?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dinheiro. Quatro milhões a mais. Só do Itaú, quatro milhões a mais; do Unibanco, três milhões a mais; do Real, dois milhões a mais; do Santander, quatro milhões a mais. Aliás – estou-me lembrando de cabeça – a média do Santander era zero. Em 2002 era zero a média do Santander. E aí efetivamente, então, temos um excedente criado por essa média.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque o Santander... Não é meu cliente, é cliente de outra franqueada, mas muito provavelmente em 2002 o Santander, até então, nunca utilizou o contrato FAC, nunca utilizou serviços diretos dos Correios.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. E eu pego uma média que não tinha contrato FAC para fazer isso agora. Quer dizer... Percebe, Deputado Onyx Lorenzoni?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Não, mas vamos lá. Mas por que o Santander foi do zero? Porque até então o Santander era um cliente 100% do franqueado.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não era. A informação que temos... era o Banespa.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, Banespa que foi comprado e se tornou Santander.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas que era um banco público, ou seja, essa média de 2002...

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Nós estamos falando da mesma coisa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, são duas pessoas jurídicas completamente distintas do ponto de vista da essência. Um é um banco público e o outro é privado.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Como não é meu cliente, eu vou me abster de responder para não...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que não é possível entender é por que os Correios, com transgressão das suas regras internas, adota uma média, sem nenhuma justificativa racional e, segundo aqui foi dito, por razões éticas, que não consigo vislumbrar. Mas ainda vou tentar entender isso.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Excelência, até 2002, essa clientela era atendida por nós.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu entendi perfeitamente.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Então lhe pergunto que senso de justiça? Por que não retroagir?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não vamos discutir justiça nesse caso, porque não sei se teremos os mesmos valores em relação à ética pública e ética privada. A meu ver, dinheiro público é dinheiro público.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Eu digo justiça comercial, mas entendo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os Correios são uma empresa pública, feita com dinheiro público. Não estamos falando de uma empresa privada, de disputa de mercado. Estamos falando com alguém que tem monopólio e que é uma empresa pública, dinheiro do povo e que não se pode dispor dessa maneira.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O senhor acha jus... Posso colocar dessa maneira?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Embora não seja eu o depoente, V. Sª pode me perguntar, com especial deferência.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – O senhor acha justo ter um sistema de franqueamento onde nós somos proibidos de vender o produto X ou Y ...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na medida em que é um monopólio do Estado, é justíssimo. O Estado dá a concessão e aceita quem quer. Se não for um bom negócio, o senhor não abre e vai embora.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perfeito, mas é isso que estou colocando. Mas, no início, quando foi dada a concessão, existe o questionamento se o contrato foi ou não foi bem feito.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) –- Foi dado sem licitação, de forma não-isonômica. Dizer que há um senso de justiça por trás disso me lembra Platão, que dizia: é impossível ser justo numa cidade injusta. Eu digo que é impossível ser justo num processo que começou na origem indevidamente. Aí vamos entrar numa discussão filosófica que não vem ao caso.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Se V. Exª me permitir...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí vamos debater depois na Comissão Parlamentar de Inquérito. Parece-me inaceitável o que foi feito, a menos que alguém me explique racionalmente por que isso foi feito, ou seja, por que os Correios optam em pagar mais quando podem pagar menos para a rede franqueada, sem que estivesse ocorrendo nenhum abalo sistêmico na rede franqueada?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Parece-me que em 1991, quando foram concedidas as franquias, ainda não existia a lei de franquias ainda. Posso estar equivocado...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui há muita coisa antes da lei de franquias. A Constituição entrou em vigor em 1988, o art. 3.721 da Constituição é claro quando obriga o dever de licitar. O senhor pode dizer que a Lei nº 8.666 veio em 1993, mas a Constituição é de 5 de outubro de 1988. O art. 21 é claro, obriga a licitação.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – E por duas vezes esta Casa renovou os contratos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois, então, eu pessoalmente acho que, do ponto de vista jurídico, é extremamente questionável. Aliás, a opinião do Tribunal de Contas da União é esta: a prorrogação não poderia ter sido feita por força do princípio da licitação. E quando foram feitas, já estava em vigor a Lei nº 8.666, de 1993. Aliás, a lei de serviços públicos, embora no caso vá se discutir isso, a Lei nº 8.987 já estava em vigor. Então, há uma série de questões que poderíamos discutir isso juridicamente e vamos apreciar isso no relatório, mas, realmente, do ponto de vista da inteligência racional justificadora, como se faz uma migração dessa, sem estudo técnico, sem estudo jurídico, sem nada que ampare, casuística, só em São Paulo e se indefere em outros cantos do Brasil, sem ser uma política nacional, sendo uma empresa nacional, é que não fica claro.

A ética é só paulista? É só do Estado de São Paulo? Por quê? Se era uma questão ética que foi nacional quando foi tomada, por que só em São Paulo essa questão ética foi suscitada. Não consigo entender isso, não consigo entender. E esta é uma pergunta que eu não deveria dirigir ao superintendente de São Paulo, mas ao Presidente dos Correios: por que não foi feito em âmbito nacional? Não consegui entender a resposta até agora, mas vamos continuar investigando para vermos se entendemos essa situação.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Perdão, V. Exª compreende que eu não tenho essa resposta?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estou ouvindo. Queria ver se o senhor tinha, mas o senhor não me permitiu que eu pudesse ter outros elementos.

Qual o ganho líquido que o senhor passou a ter na sua franquia, com essa migração? Quanto o senhor ganhou líquido a mais pela emigração, só na sua franquia?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – A comissão que é dada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Oitocentos e quarenta e um mil reais em seis meses?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em seis meses, o que não significou efetivamente que esse dinheiro tenha resultado em lucro líquido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É isso que estou perguntando: lucro líquido.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Porque ele entra no comissionamento no balancete junto com os demais produtos. Então, ele advém de receita integral.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Quanto isso representou de acréscimo na sua receita? Essa migração representou quanto na sua receita?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Essa emigração representou um acréscimo aproximado de 25%.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vinte e cinco por cento, ou seja, o senhor ampliou um quarto da sua receita com esse acréscimo aproximadamente.

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Sim, pode ser quinze, pode vinte e cinco, algo em torno disso. Vou dizer a V. Exª por que, Deputado: existe uma variação quinzenal de receita, ou seja, é o mercado que demanda os produtos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em média, são 25%?

O SR. PAULO ROBERTO KRESS MOREIRA – Em média, 20%.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vinte por cento. Bem, estou satisfeito. Indago dos Srs. Deputados... Passo ao Sr. Presidente, apenas lembrando que não iremos encerrar a sessão hoje. Vamos suspendê-la, para que possamos, amanhã, às 10h da manhã, retomá-la.

O SR. PRESIDENTE – Agradecendo a presença do depoente, dos Srs. Deputados, da imprensa e assessorias, declaro suspensa a presente reunião, para reabri-la amanhã às 10h, com a oitiva do Sr. Marcus Vinícius di Flora, ex-assessor da Secom.

Uma boa noite a todos.

Muito obrigado.

(Suspende-se a reunião às 22h27min.)

Ata da 10ª Reunião da Sub -relatoria de Contratos, realizada em 08 /11/2005.

Aos oito dias do mês de novembro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas e cinqüenta e sete minutos, na sala 19, da Ala Senador Alexandre Costa, sob a Presidência da Sub-Relatoria de contratos o Deputado José Eduardo Cardozo, ainda com as presenças da Senadora Ideli Salvatti e dos Deputados Pompeo de Mattos, Eduardo Paes, Nelson Meurer, Arnaldo Faria de Sá. Reúne-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, A Presidência declara abertos os trabalhos às quinze horas e dois minutos e informa que a presente reunião destina-se às oitivas dos Senhores Roberto Kfouri (Ex-diretor da Empresa Beta) acompanhado dos seus advogados Sr. Mário Menezes e Sr. Cleber Rangel de Sá e Américo Proietti (Skymaster). Inicialmente, foi dada a palavra ao Senhor Roberto Kfouri como primeiro depoente, que faz sua apresentação e logo em seguida o Sub-relator faz inquirição, a sessão é suspensa às dezesseis horas e treze minutos e retorna às dezesseis e quatorze, pela ordem de inscrição o Deputado Pompeo de Mattos. É suspensa a sessão às dezessete horas e dezesseis minutos. A sessão reinicia às dezoito horas e trinta e cinco minutos e o Deputado José Eduardo Cardozo finaliza a oitiva do primeiro depoente solicitando que o próprio envie o mais rápido possível a documentação pendente. É convidado a comparecer à mesa o segundo depoente o Senhor Américo Proietti. Fica suspensa a sessão às dezoito horas e quarenta e dois minutos por conta da Ordem do Dia e o Presidente do Congresso Nacional manda encerrar todas Comissões que estiverem funcionando, às dezenove horas e trinta minutos foram reabertos os trabalhos. A Presidência lê uma petição da Advogada, Drª Rita de Cássia M. Consentino, se prontificando a comparecer a esta Comissão em data a ser confirmada. Ficou marcada a agenda do senhor Américo Proietti para quinta-feira às quatorze horas, e não tendo nada mais a declarar, é encerrada a presente reunião às dezenove horas e quarenta minutos E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Declaro aberta a 10ª reunião da Sub-Relatoria de Contratos, da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada pelo Requerimento nº 3/2005, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Sobre a mesa, encontra-se a Ata da reunião anterior, a qual, de imediato, coloco em votação propondo a dispensa da leitura.

Os Srs. Parlamentares que concordam com a aprovação, permaneçam como se encontram. (Pausa.)

Unânime.

Aprovada.

Esclareço que a pauta da presente reunião destina-se à oitiva dos Srs. Roberto Kfouri e Américo Proietti.

Para dar seqüência à pauta, convido de imediato para tomar assento à Mesa o Sr. Roberto Kfouri, para que possa prestar os seus esclarecimentos. Se estiver acompanhado de advogado, este poderá também tomar assento à Mesa.

Acompanha o depoente Roberto Kfouri o Advogado Dr. Mário Menezes, a quem saúdo e agradeço a presença nesta reunião. Também agradeço a presença do depoente, Dr. Roberto Kfouri, a quem, de imediato, faculto a possibilidade de, querendo, fazer uso da palavra para uma exposição preliminar, facultativa, se assim o quiser, acerca, claro, dos fatos que ensejam a sua convocação a esta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito.

Tem V. Sª a palavra, se quiser dela fazer uso.

O SR. ROBERTO KFOURI – Boa tarde a V. Exªs.

Meu nome é Roberto Kfouri, sou brasileiro, Engenheiro, separado judicialmente, tenho uma vida pregressa, pelo menos nos últimos 20 anos, dentro da área de transporte e logística, e encontro-me aqui para prestar o depoimento que for necessário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª, já iniciando a argüição, poderia descrever sinteticamente a sua vida profissional. V. Sª é Engenheiro, já disse. Mas quais foram os primeiros empregos, trabalhos, ramo de atividade?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sou Engenheiro Eletrônico, trabalhei muitos anos numa multinacional, na Philips, na área de suprimentos, e logística e transportes no final.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De que ano a que ano, V. Sª trabalhou na Philips?

O SR. ROBERTO KFOURI – Trabalhei durante 15 anos, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Iniciou em que ano? Lembra-se?

O SR. ROBERTO KFOURI – Em 78, mais ou menos, e foi até 92.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 92?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. ROBERTO KFOURI – Em seguida, conhecendo a atividade de logística e transporte, achei por bem que poderíamos enveredar nessa área de transporte, então, a aquisição de uma empresa área foi...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que ano foi isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi mais ou menos em 1993. 93, 94.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a função que V. Sª exercia na Philips?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu era gerente de suprimentos e logística.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, quando saiu da Philips, optou por comprar uma empresa aérea?

O SR. ROBERTO KFOURI – É, na verdade, o que fizemos foi o seguinte: como não tínhamos condições, adquirimos uma empresa rodoviária, e fazíamos, para não perder a sinergia de mercado, porque conhecíamos muitas empresas, fazíamos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Empresa rodoviária?

O SR. ROBERTO KFOURI – Rodoviária, chamada Transpak, com a qual fazíamos exatamente o transporte do aeroporto para a indústria e vice-versa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Transpak?

O SR. ROBERTO KFOURI – ...tanto em São Paulo quanto em Manaus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nessa Empresa Transpak, V. Sª foi sócio de quem?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu era sócio, um dos donos da empresa, que...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem eram os outros sócios?

O SR. ROBERTO KFOURI – Acho que tenho alguma coisa aqui, mas acho que era minha esposa, minha ex-esposa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Praticamente, uma empresa familiar.

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, empresa familiar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. ROBERTO KFOURI – E era só para não perder essa sinergia de mercado, só para que continuássemos atuando com os contatos, com as pessoas dentro desse mercado, que era industrial, mercado da indústria São Paulo/Manaus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Transportes de cargas...

O SR. ROBERTO KFOURI – Transporte de cargas do aeroporto para a indústria e vice-versa. Até um ano e meio depois, quando conseguimos a concessão de uma empresa aérea, que se chamava Brasair...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – Brasair. Se o senhor me permitir, tenho alguma...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor. Pode mostrar à vontade. Aliás, esclareço que V. Sª está aqui na condição de testemunha. Assinou o termo?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, assinei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Então esclareço que V. Sª está aqui não como investigado, mas como testemunha. Brasair.

O SR. ROBERTO KFOURI – Isto. Nós entramos no dia 18/12/92 e permanecemos – eu permaneci na empresa – até 10/09/95.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso na Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – Brasair e Transpak, elas vieram juntas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eram juntas.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eram juntas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então foi em 92?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi em 92. A Transpak tinha participação dentro da Brasair. A Brasair já existia, era uma empresa já existente. Ela estava...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que fazia a Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – A situação da Brasair, no passado, era exatamente como a situação da Aeropostal hoje: ela tinha concessão e estava lutando para ter o Certificado de Homologação de Aeronave.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, era uma empresa de transportes aéreos.

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela tinha a concessão do DAC...

O SR. ROBERTO KFOURI – Tinha a concessão do DAC.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...mas não tinha os aviões. Não tinha os aviões. É possível obter-se uma concessão sem os aviões? Como funciona isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim. Excelência, é muita oportuna a sua pergunta. Tenho acompanhado e acho que seria bastante esclarecedor se nós conseguíssemos dizer mais ou menos como é que funciona. Quando se tem a intenção de montar uma empresa aérea, a primeira coisa a fazer é uma concessão junto ao DAC. Essa concessão é expedida pelo Diretor-Geral, pelo Brigadeiro-Geral do DAC, e existem... Normalmente se fica, no mínimo, dois anos preparando a papelada dessa empresa. São manuais, vários manuais. Para o senhor ter uma idéia, nós estamos hoje mais ou menos a um metro e cinqüenta de manuais. Então são manuais de carga perigosa, manuais de operação, e esses manuais eles contam – são manuais muito grossos, muito volumosos –, eles dizem a cada problema, um manual de operações, por exemplo, a cada problema do avião qual é que tem que ser a decisão do comandante ou alguma coisa assim. Então esses manuais são muito difíceis de serem aprovados, e, enquanto se faz uma homologação, nós temos que manter toda uma estrutura de engenheiros, de diretor de operação, controle de qualidade e um contato freqüente e direto com o DAC. E esse processo ele culmina – acho que isso é muito importante dizer – com o último manual, chamado Manual Geral de Manutenção – o MGM –, porque, até esse instante, até esses dois anos ou três anos de montagem de uma empresa aérea, essa empresa aérea trabalha com avião mais ou menos virtual – ela pode trabalhar com um DC-8 –, ela trabalha com avião que não existe na realidade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sinceramente, não entendi. Como assim? Um avião virtual...

O SR. ROBERTO KFOURI – Ela se propõe a fazer um transporte com avião, por exemplo, um avião DC-8.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. ROBERTO KFOURI – O avião DC-8, a fabricação dele começou por volta de 1960 e foi até...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ela não tem o avião?

O SR. ROBERTO KFOURI – Ela não tem o avião. Então esses manuais, todos esses manuais têm um roteiro, e o último manual a ser aprovado, o último chamado MGM – Manual Geral de Manutenção –, simplesmente se linca com o avião. Ou seja, como esse avião tem várias séries como um carro, por exemplo, quer dizer, muda um botão, muda um sistema, e você está fazendo um manual genérico, e o famoso Certificado de Homologação de Empresas de Transporte Aéreo – o Cheta – culmina, no final, com o manual praticamente aprovado, mas não aprovado ainda, e a aeronave. Nesse instante, faz os últimos ajustes e, neste instante, você tem então o famoso Cheta. É assim que funciona.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para ter o Cheta, precisaria ter o avião ou pelo menos está alugado ou não?

O SR. ROBERTO KFOURI – É absolutamente necessário, para ter o Cheta, ter o avião; isso é absolutamente necessário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, então, a partir do momento que o senhor obtém a concessão, o senhor tem de passar por uma situação de adaptação de manuais, e isso é regulado pelo DAC.

O SR. ROBERTO KFOURI – O DAC.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aí, para ter, digamos assim, a liberação para levantar vôo, precisa do Cheta.

O SR. ROBERTO KFOURI – Precisa do Cheta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E para ter o Cheta, precisa do avião. Pode ser avião alugado?

O SR. ROBERTO KFOURI – Pode.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pode.

O SR. ROBERTO KFOURI – Pode. Precisa ter o bem físico, o avião. Esse avião pode ser leasado, pode ser das várias modalidades de leasing, esse avião pode ser comprado, pode ser financiado, mas o avião precisa existir.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o tempo para se conseguir o Cheta é de dois anos, aproximadamente.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, é um prazo razoável de dois anos para conseguir o Cheta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, só quando cumpridos todos os manuais, nesse **iter**, se obtém o Cheta.

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Brasair era propriedade de quem, do senhor?

O SR. ROBERTO KFOURI – A Brasair era minha e tinha uma participação da empresa rodoviária, que nós havíamos começado antes, que era a Transpak.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Transpak era do senhor e da sua esposa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, quer dizer, a Brasair era o senhor com Transpak?

O SR. ROBERTO KFOURI – A Brasair era eu e a Transpack.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor era o único proprietário?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. A sua intenção era adquirir aviões, qual era a sua intenção na Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, sim, tanto é que adquirimos aviões...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Após 2 anos o sr. conseguiu adquirir aviões?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor fez aquisição? Foi *leasing*?

O SR. ROBERTO KFOURI – Esse avião foi um *leasing*, com opção de compra. Foi um financiamento internacional. Foi o primeiro avião nosso. Foi uma negociação de mais ou menos 12 meses. Eu, como *expert* nessa área de compras e suprimentos... Chegou um determinado instante que achei que não fôssemos conseguir adquirir a aeronave, porque foi uma negociação muito difícil. A empresa iniciando no Brasil, buscando alguém no mercado americano que pudesse fazer um financiamento... Nós passamos por todas as agruras possíveis para conseguir o primeiro avião.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi o primeiro avião?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi um avião, a aeronave 707, cujo prefixo é PRI.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor adquiriu essa aeronave de quem, o senhor lembra?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, lembro sim. Foi da International Air Leasing, uma empresa de Miami, uma empresa média de Miami, com 50 aviões, alguma coisa assim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Lembra o preço, mais ou menos?

O SR. ROBERTO KFOURI – Lembro, lembro sim. Foi alguma coisa, acho que 1 milhão e 800, 2 milhões de dólares, naquela época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso foi financiado?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso foi financiado. Foi carta de crédito. Foi sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era, o senhor recorda, o fiador? Porque é uma quantia muito grande de valor. Veja, apenas não me cabe entrar em outros aspectos, mas o senhor era gerente de suprimentos da Philips, e essa é uma empresa que exige um aporte, pelo menos de capital, muito forte para se comprar um aparelho de 1 milhão e 800 mil dólares.

O SR. ROBERTO KFOURI – Exª, veja, eu era funcionário da Philips – eu saí da Philips para montar a Brasair – e nós conseguimos, através do Banco Econômico, se não me engano, esse financiamento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem era o fiador, avalista?

O SR. ROBERTO KFOURI – Exª, estou falando em 1992, 1993.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Normalmente, Bancos... Há casos na CPMI em que estamos descobrindo que não é bem assim. Normalmente, bancos, quando emprestam, exigem uma garantia e uma solidez. No caso, como o senhor tinha um perfil, talvez, não da área, do setor, imagino que alguém deve ter bancado.

O SR. ROBERTO KFOURI – Gostaria, se o senhor me permitisse, eu poderia passar esse documento depois ou...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se V. Sª pudesse entregar, eu gostaria muito. Se pudesse entregar o contrato, o estatuto constitutivo da Brasair, da Transpak e também esse contrato de *leasing*, que foi feito, e a maneira como foram obtidos recursos com o Banco Econômico, seria interessante para a nossa Comissão Parlamentar de Inquérito.

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito. Exª, eu tenho visto que as pessoas que comparecem, eles têm a direção da empresa. Eu não tenho mais, essa empresa foi vendida em 1995. Eu vou tentar. Eu não tenho esses documentos. Eu vou tentar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem lhe assessorou? Porque o senhor não era um homem do mundo, especializado na área. Vimos aqui que, normalmente, quando se vai criar uma empresa desse tipo, se contratam consultores ou pessoas que orientam. Quem foi a pessoa que o senhor contratou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Havia um Coronel que estava aposentado do DAC, porque normalmente essa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor lembra o nome dele?

O SR. ROBERTO KFOURI – Lembro sim. Era Coronel Siqueira. Talvez não me lembre do primeiro nome. E são pessoas que conhecem o procedimento, conhecem o metiê, conhecem a sistemática do DAC, porque é uma sistemática bastante complicada. Nós pedimos a consultoria para ele, e ele nos orientou durante um bom tempo. Quando...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor resolveu entrar nessa área? Porque o senhor não atuava nessa área. Isso me surpreende um pouco. Eu, por exemplo, se eu fosse montar uma empresa de transporte aéreo, eu, que, de avião, só conheço o *check-in*, ficaria muito assustado. Por que o senhor resolveu de repente montar uma empresa aérea subitamente, um investimento alto? Como foi isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Exª, eu tinha, sim, a experiência. Eu tinha o lado da mesa. Eu trabalhava com empresas aéreas há 6, 7 anos. Eu tinha a experiência do mercado. Conhecia o mercado, conhecia...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Antes o senhor lidava com esse mercado?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Fazia o transporte?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso. Exatamente. Era responsável por todo o transporte nacional, inclusive o transporte aéreo. A Philips tem a sua maior empresa no Estado do Amazonas, em Manaus. Nós fazíamos o transporte direto de Manaus para São Paulo. Para o senhor ter uma idéia, era alguma coisa como dois ou três aviões naquela época. Seria equivalente hoje a dois ou três aviões por dia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. No caso, a Brasair o senhor começou em 1992. O senhor ficou proprietário da Brasair até quando?

O SR. ROBERTO KFOURI – Até 19 de setembro de 1995.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foram três anos?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nesse período, houve alguma alteração societária na Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – Houve, sim. Houve, houve, sim. Houve a abertura de filial em Manaus, mudança de endereço...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Novos sócios?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Até então, não, até a venda da empresa em setembro de 1995.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor vendeu para quem?

O SR. ROBERTO KFOURI – Quem vendeu a empresa foram os atuais donos da Beta. Então, essa é minha, é minha...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na época, quem eram os donos da Beta? O senhor lembra?

O SR. ROBERTO KFOURI – Era o Sr. Johannes e a esposa dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor Johannes?

O SR. ROBERTO KFOURI – É. Na época, não. Atualmente, não é? Hoje, hoje eu não sei mais a composição societária da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época, o senhor tinha quantos aviões?

O SR. ROBERTO KFOURI – Na época, estávamos com um avião...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse 707?

O SR. ROBERTO KFOURI – Esse 707 e tinha outros aviões. Acho que tinha mais um ou dois aviões, não me recordo, de *leasing*. Acho que eram dois aviões de *leasing*.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor lembra qual aparelho?

O SR. ROBERTO KFOURI – Era sempre 707.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sempre 007?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sempre os nossos ligeiramente geriátricos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na época, de 1992 a 1995, quem eram seus principais clientes?

O SR. ROBERTO KFOURI – De 1992 a 1995, todo o mercado, toda a indústria de Manaus. Aliás, a especialidade, a grande especialidade da Brasair era essa. Nós tínhamos, então, esse relacionamento. Sempre foi com a indústria de Manaus, a própria Philips ou as outras empresas de Manaus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Brasair, de 1992 a 1995, teve contratos com o Poder Público?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não teve?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Participou de licitações?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, nunca.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca participou de licitações?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era subcontratária de alguma empresa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim. Muito boa pergunta. Nós tínhamos, em 1994, nós tínhamos aviões, um avião subcontratado pela Vasp.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela Vasp.

O SR. ROBERTO KFOURI – Depois me parece que quem subcontratou foi a Transbrasil. Até o meu retorno não mais para a Brasair e para Beta, isso foi em 1998, nós tínhamos um avião, pelo menos, cedido à Varig para trabalho dentro dos Correios, subcontratado pela Varig.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na época, o senhor foi subcontratado pela Vasp e pela a Transbrasil para prestar serviços aos Correios?

O SR. ROBERTO KFOURI – Exatamente. Tínhamos duas atividades principais. Tínhamos um mercado de carga a Manaus, esse era o nosso mercado principal, e um avião em sistema de *leasing* com a Vasp. Quer dizer, toda a carga... Não tínhamos nada a ver com os Correios. Simplesmente, nós "leasávamos" um avião para a Vasp a Vasp trabalhava normalmente para os Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No caso, a Beta também atuava como subcontratada na época?

O SR. ROBERTO KFOURI – A Beta também...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem eram as empresas que atuavam nesse mercado na época?

O SR. ROBERTO KFOURI – O senhor está falando na época...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De 1992 a 1995, quem eram seus principais concorrentes?

O SR. ROBERTO KFOURI – De 1992 a 1995, Excelência, nós tínhamos, já tinha... Na verdade, era até a própria Transbrasil, a Varig... Acho que nós não tínhamos, no mercado Manaus, nós não tínhamos uma outra empresa, não. Não me recordo. Acho que não tínhamos outra empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em relação aos Correios, quem eram as empresas subcontratadas? O senhor lembra?

O SR. ROBERTO KFOURI – Veja, a Vasp havia contratado também uma empresa chamada Race.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Race?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso. É uma empresa americana. Essa Race era uma empresa americana atuando no Brasil. Desconheço quais eram os documentos que ela tinha, mas era uma empresa internacional atuando no Brasil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Beta era subcontratada?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Nessa época, não havia Beta. Nessa época, nós estamos falando da Brasair, até 1995.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não existia a Beta?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não existia a Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, quando surge a Beta?

O SR. ROBERTO KFOURI – Então, em setembro de 1995, eu deixei a Brasair e a modificação para o nome Beta aconteceu em 1997, em 5 de setembro...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, na verdade, o Johannes comprou a Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor saiu do quadro societário?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu saí completamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Saiu totalmente do quadro societário?

O SR. ROBERTO KFOURI – Completamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi trabalhar onde?

O SR. ROBERTO KFOURI – Na época, Excelência, eu tinha uma *factoring*. Eu tentei uma *factoring* registrada, regulada pelo Banco do Brasil, certinho, tudo certinho...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Puxa, mas é uma mudança brusca de empresa para *factoring*.

O SR. ROBERTO KFOURI – Aí eu teria que falar uma particularidade. Eu estava com problemas no meu casamento e tentei ficar mais dentro de casa e, por isso, optei pela *factoring*.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor vendeu a Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – É exatamente por causa disso. Eu achei que meus filhos não estavam sendo bem acompanhados. Empresa aérea no Brasil é uma coisa muito séria, trabalhava sábado, domingo e feriado, não tinha hora. Preferi dedicar um pouco mais à família.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor lembra qual foi o valor da transação, da venda da Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – Exª, eu também gostaria de poder ter contrato registrado, poderia passá-lo... Não os trouxe aqui. Não vim preparado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aproximadamente o valor?

O SR. ROBERTO KFOURI – É que, na época, acho que foi alguma coisa como 100 mil reais, alguma coisa assim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não eram 3 aviões?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, tinha 1 avião só, tinha 1 avião só.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor falou que havia um avião 707 e, depois, mais 2 aviões. Então, eram 3 aviões.

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso, só que 1 deles nessa época já estava pago e os outros 2 estavam em *leasing*. Então, era um aluguel.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas 1 deles pago é 1 milhão e 800 mil dólares.

O SR. ROBERTO KFOURI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o sr. vendeu por 100 mil?

O SR. ROBERTO KFOURI – É. Eu poderia trazer o contrato que foi feito. Eu traria para o senhor. Eu me proporia...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor perdeu muito dinheiro, então?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu perdi, sim. Mais uma vez, optei pela minha felicidade. Saí, e saí rapidamente da empresa. Foi uma coisa que ninguém esperava, nem eu esperava mesmo. Eu deixei a empresa porque eu...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo menos, à primeira vista, vejo um prejuízo de 1 milhão e 700 mil dólares.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Eu não era sócio sozinho. Eu já tinha empresa. Tinha a Transpak. Mas, realmente, optei por sair da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mesmo tendo esse prejuízo astronômico?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu optei por isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pediria que V. Sª mandasse para nós.

Esses 100 mil dólares, ou aproximadamente, em torno disso...

O SR. ROBERTO KFOURI – Acho que eram 100 mil reais, não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso depois nós verificaremos.

O senhor lembra como foi a forma de pagamento? Foi cheque? Dinheiro?

O SR. ROBERTO KFOURI – Exª, não me lembro, me proporia a enviar para V. Exª aquilo que tenho. Mais uma vez, não tenho mais o controle da empresa há muito tempo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Então, se V. Sª pudesse mandar...

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí o senhor montou uma *factoring*. Como chamava a *factoring*?

O SR. ROBERTO KFOURI – Chamava Exxel – E x x e l.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exxel.

O SR. ROBERTO KFOURI – Exxel.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ok. O senhor operou com a Exxel por quanto tempo?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foram 2 anos e...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nesse período, o sr. mantinha relações com o dono da Beta?

O SR. ROBERTO KFOURI – Olha, nós mantíamos, sim. Nunca fomos inimigos. Nós sempre tivemos um relacionamento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor o conheceu?

O SR. ROBERTO KFOURI – Olha, foi no próprio mercado porque o Johannes é uma pessoa de mercado, é uma pessoa de transporte, e eu também era, e a gente... Esse mundo de transporte é um mundo pequeno, Exª.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se conheciam antes?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, conhecia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele atuava onde antes?

O SR. ROBERTO KFOURI – Ele era um chefe, um gerente da Vasp.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele era um gerente da Vasp. Então, quando ele sai para comprar sua empresa, ele sai da Vasp?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nessa época em que ele sai da Vasp é justamente a época em que a Vasp talvez não pudesse mais prestar serviços ao poder público? Seria isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, Exª.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem um momento em as empresas eram contratadas e elas saem fora.

O SR. ROBERTO KFOURI – Esse momento aconteceu por volta de 99, 2000.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mais tarde, então.

O SR. ROBERTO KFOURI – Bem mais tarde.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Então, até aí o Sr. Iones sai da Vasp e compra a Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor, nesse período, não tinha nenhum contato com a Beta?

O SR. ROBERTO KFOURI – A Beta não existia ainda.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, eu...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O sr. saiu do quadro societário não prestou serviços, não trabalhava mais para a Brasair?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não trabalhava mas veja: quando você sai de uma empresa, não sai brigado com ninguém, quer dizer, quando você sai de uma empresa, é normal você continuar prestando alguma assessoria, alguma informação, isso é normal. Não houve briga, não houve nada, e nós continuamos ele com a vida dele e eu com a minha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o sr. não recebeu nenhuma remuneração nesse período fazendo trabalho extra?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 95, até 95 o sr. cuidou da *factoring*?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois de 95?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi de 95 a mais ou menos 98.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A *factoring*?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi do final de 95 ao começo de 98 exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nesse período estava totalmente fora...

O SR. ROBERTO KFOURI – Completamente fora da aviação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...do mercado...

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, aí, em 98, o que acontece?

O SR. ROBERTO KFOURI – E, aí, um dos sócios, o Presidente da Beta, que, na época, era o Sr. Antônio Augusto, me convida para fazer uma assessoria...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já havia sido transformada, então, a Brasair em Beta, que foi em 95?

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeitamente, a Brasair em Beta foi transformada em 97, perdão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 97.

O SR. ROBERTO KFOURI – Brasair em Beta foi em 97.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o Sr. Johannes já não era o sócio sozinho, o Sr. Antônio Augusto teria entrado como sócio também?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, quem era sócio em 97 era o Sr. Ioannis e me parece que esposa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o Antônio Augusto entra?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu acho que o Augusto nunca foi sócio da Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Antônio Augusto nunca foi sócio?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, nunca foi. Ele era Presidente do Grupo, mas nunca foi sócio da Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo.

Ele tinha uma outra empresa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Tinha, tinha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual era, o senhor lembra?

O SR. ROBERTO KFOURI – Era a Promodal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Promodal.

O SR. ROBERTO KFOURI – Ou GPT, alguma coisa assim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, eles tinham uma sociedade de fato.

O SR. ROBERTO KFOURI – É, veja, o Sr. Antônio Augusto era o Presidente da Empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da Beta?

O SR. ROBERTO KFOURI – É. Quando voltei, Excelência, o Sr. Ioannis não estava à testa da Beta, não sei por que ele estava afastado, o Sr. Antônio Augusto conhece muito o mercado, mas não é um técnico de aviação e...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ele trabalhava com carga também, não era?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, sim, mas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor o conhecia da época de transporte de carga?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, sim, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tinha relação anterior com o Antônio Augusto?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, sim, perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que ele entra no mercado aéreo também?

O SR. ROBERTO KFOURI – Olha, quando saí da empresa... Quando ele me chamou para voltar, ele era o presidente da Beta e falou: olha, não conheço a aviação, os problemas do avião. Pediu para que eu o ajudasse e assim o fiz.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor volta, então, em 98?

O SR. ROBERTO KFOURI – Em 98.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ele o contrata?

O SR. ROBERTO KFOURI – É. Não foi um contrato formal, não temos, isso não foi, foi um contrato, um acordo do tipo me ajuda, presta assessoria, consultoria e fica. Só que a aviação é uma coisa muito forte, o sangue bate e, quando vi, eu já estava dentro da empresa como diretor executivo, como diretor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É uma paixão?

O SR. ROBERTO KFOURI – É uma paixão. É o *(Incomprensível.)* do avião no sangue.

O SR.PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor acabou com a empresa em *factoring* quando, a Excel?

O SR. ROBERTO KFOURI – A Exxel terminou nessa fase, em 98 mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 98. E o senhor começa, então, a trabalhar...

O SR. ROBERTO KFOURI – Voltei para a aviação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Voltou para a aviação, mas junto à Beta.

O SR. ROBERTO KFOURI – Junto à Beta. Já era Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não sócio?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era empregado?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu era empregado, eu era um assessor, quer dizer, era empregado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor recebia por isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Recebia por isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem idéia mais ou menos de quanto era o seu...

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, por volta de R$10 mil, R$12 mil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

E o senhor, então, auxiliava a gestão da empresa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu auxiliava a gestão da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca...

O SR. ROBERTO KFOURI – Perdão, excelência, na parte operacional, quer dizer...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na parte operacional.

O SR. ROBERTO KFOURI – ...toda a parte operacional era minha, nunca assinei um cheque, nunca fiz nenhuma ingerência financeira na empresa, sempre foi na parte operacional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi nessa época que a Beta começa a operar diretamente para os Correios, não?

O SR. ROBERTO KFOURI – A Beta começa operar para os Correios em 99, 2000. Exatamente, 2000, isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, mais ou menos quando o senhor volta...

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...há essa operação direta?

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bem, aí o senhor trabalha como assessor ou consultor?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu era um diretor executivo da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um diretor executivo da empresa. Isso foi até quando?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso foi até o dia 5 de julho de 2001.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 2001. O que aconteceu nesse dia?

O SR. ROBERTO KFOURI – 5 de julho de 2001. Excelência, o...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Exxel tinha sido fechada?

O SR. ROBERTO KFOURI – Nossa! Foi fechada. Não é o negócio, o negócio é a aviação.

Desculpa, a sua pergunta?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dia 5 de julho de 2001...

O SR. ROBERTO KFOURI – É, 5 de julho de 2001, o Sr. Ioannis, que estava afastado durante alguns anos, resolveu dar uma roupagem nova para a viagem, voltar para a empresa, e uma das primeiras coisas, acho que é normal isso, ele basicamente me destituiu da direção da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nesse período em que o senhor volta para a Beta, de 98 a 2001, o Sr. Antônio Augusto continuava com a Promodal ou não?

O SR. ROBERTO KFOURI – Continuava, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E era ele que dirigia também a Promodal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele que dirigia a Promodal também.

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está certo.

Parece que houve, na época, um atrito entre o Sr. Ioannis e o Sr. Augusto. É verdade?

O SR. ROBERTO KFOURI – Olha, isso, a minha saída, como disse, foi abrupta, e depois disso, Excelência, o que a gente sabe de mercado...Quer dizer, eu não presenciei, eu não vi nada e não gostaria...Houve qualquer ruptura entre eles. Isso a gente sabe.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Augusto tinha relações, à época, com a Skymaster?

O SR. ROBERTO KFOURI – V. Exª está falando de que época? Nessa fase de 2000, 2001, na volta do Sr. Ioannis? Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando ele começou a ter relações com a Skymaster?

O SR. ROBERTO KFOURI – Veja, esse mundo de empresas aéreas, principalmente de transporte de cargas, é um mundo pequeno. Nós estamos falando... Com esse porte de aviões existem poucas empresas. Quer dizer, as empresas se conhecem, os presidentes se conhecem, os diretores se conhecem. Eu mesmo acho que conheço quase que todos os sócios da Skymaster. Conheço também das outras empresas, da Total, da Gol, da Vasp eu conhecia, da TAM eu conheci o Sr. Rolim. Quer dizer, é um mundo muito pequeno. As pessoas se conhecem muito facilmente...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o Sr. Augusto tinha alguma relação, digamos, profissional com a Skymaster? Tinha algum tipo de relação negocial?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, profissional não. Por exemplo, quando surgiu o contrato dos Correios, era normal, sempre foi normal, isso é uma prática normal de mercado, fazer uma parceria para *backup* de avião. É normal fazer isso. Isso acontece no mundo inteiro. Nós tínhamos poucos aviões. Quando a Vasp saiu dos Correios deixou cinco linhas, e o mercado nacional não tinha mais aviões que isso. Isso era normal. Esse acordo é normal. Isso é bom para ambas as empresas e era bom para os Correios também porque havia toda a garantia de um bom trabalho a ser executado. Isso é absolutamente normal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, havia um acordo operacional entre a BETA e a Skymaster na linha de um fornecer o aparelho na falta...

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim. Inclusive, Excelência, parece-me que até isso consta na Lei de Licitações. Essa é uma prática normal. Os Correios mesmo pediam isso. Isso é uma prática aparentemente normal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na época em que V. Sª esteve, nessa segunda vez, na Beta, em 98, 2001, os aviões da Beta pertenciam à Beta ou eram *leasing* de alguma outra empresa, alocados?

O SR. ROBERTO KFOURI – Parece que esse primeiro avião já era da Promodal. Um dos aviões era da Promodal. Os outros dois aviões eram da própria Beta, também com contrato de *leasing*, opção de compra.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Havia alguma empresa no exterior e que fornecesse aviões, alugasse?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, existem muitas empresas disposta a, no momento da garantia...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– A Beta alugava aviões de empresas do exterior?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, havia empresas de aviação com as quais nós fazíamos o normal, o contrato de leasing, com o Cotac, o DAC. O DAC aprova isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais eram as empresas do exterior? V. Sª se lembra disso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Uma delas foi a International Leasing. A outra empresa era uma empresa chamada Omega Air, uma empresa de Dublin, na Irlanda. Um dos ramos de atividade dessa empre-

sa é fazer *leasing* de aeronaves desse mesmo tipo, sempre 707.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Alguma empresa na região do Caribe?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No caso, os donos da Beta, o Sr.Ioannis, o Sr. Augusto, que não é dono da Beta, mas era dono da Promodal, tinham alguma empresa no exterior?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, que eu saiba não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No dia 5 de julho de 2001 V. Sª saiu.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu saí.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª vai para onde?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu precisei sobreviver, Excelência. Fui procurar no mercado alguma empresa. Na verdade, eu quis dar uma resposta à altura, uma resposta do mercado. Eu fui procurar uma empresa que tivesse uma boa filosofia de vida e encontrei a Aeropostal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Aeropostal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, a Aeropostal. Ela já existia desde o ano 2000.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem eram os donos da Aeropostal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eram o Sr. Hélio Ribeiro e o Sr. Sérgio Vignoli.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O objeto da Aeropostal também era o transporte de cargas e aéreo?

O SR. ROBERTO KFOURI – Era uma empresa que a sua filosofia era bem interessante, como o próprio nome. Era uma empresa criada para os Correios. Ela foi criada para os Correios, para que pudéssemos prestar um serviço para os Correios mais especializado. Por quê? Porque quase todas as empresas que trabalham para os Correios têm uma atividade paralela similar, como no caso da Vaspex, da Varilog, e queríamos nos especializar nos Correios e sermos uma empresa exclusiva dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor entrou como sócio da Aeropostal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Entrei como sócio, 50%, em 1º de setembro de 2001.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor é o sócio majoritário, porque o senhor tinha 50% e o Sr. Hélio e o Sr. Sérgio tinham 25% cada um. A Aeropostal já tinha sido montada por eles?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto o senhor pagou à época para entrar como sócio na Aeropostal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, o que aconteceu foi o seguinte: essas duas pessoas, esses dois sócios da Aeropostal... Veja, era uma empresa iniciando, uma empresa que não tinha ativo, tinha uma concessão e uma filosofia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já tinha concessão?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, concessão. Inclusive, já tinha até manuais aprovados. Gostaria até de encaminhar à Comissão os manuais aprovados. Isso foi o que me levou, pois sabíamos que era só uma questão de tempo, porque ela já estava adiantada em termos de manuais, já tínhamos informado vários manuais ao DAC e já tinha, inclusive, alguns manuais aprovados. Se o senhor me permitir...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, em 21 de março de 2001, temos aqui o manual geral de operações aprovado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse manual de operações é o último?

O SR. ROBERTO KFOURI – É um dos manuais aprovados, inclusive um dos manuais muito difíceis. Tenho aqui, se o senhor me permitir também, os outros manuais. Tenho, em 2002, o programa de treinamento de tripulação, que gostaria de passar também, o programa de prevenção de acidentes aeronáuticos, o manual de cargas perigosas e a aprovação final dos motores.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor foi trabalhar na Aeropostal por que o Sr. Hélio e o Sr. Sérgio chamaram o senhor?

O SR. ROBERTO KFOURI – Na verdade, o grande conhecimento deles era comercial, eles não tinham nenhum conhecimento do avião, do dia a dia da aviação. Eram muito importantes comercialmente, mas precisava de alguém que pudesse operacionalizar isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor entrou com o capital?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não entrei com o capital, entrei exatamente com o meu conhecimento de mercado e todo esse conhecimento de Manaus, das empresas de Manaus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A empresa tinha aviões à época?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, ela não tinha avião até aquele momento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. O senhor entra no ano 2000, fica com 50% da sociedade...

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso. Em 2001, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 2001? Perdão, anotei errado. E, a partir daí, o que aconteceu com a Aeropostal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Ela seguiu o caminho dela tentando aprovar os manuais. Nós, inclusive, buscamos algumas áreas dentro dos aeroportos. Tenho algumas comunicações. Se o senhor me permitir, gostaria de mostrar que nós conseguimos área dentro do aeroporto de Manaus, conseguimos uma área para passagem de carga dentro do terminal de Guarulhos e agora, mais recentemente, conseguimos inclusive, a concessão de construção na área primária do Aeroporto de Guarulhos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas do ponto de vista da aviação mesmo?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, sempre aviação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando que os senhores compraram o primeiro avião?

O SR. ROBERTO KFOURI – A Aeropostal não possui avião, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Aeropostal não tem aviões?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não tem aviões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não tem avião porque na verdade o que ... nós precisávamos do contrato, nós precisávamos de alguma coisa para mostrar para um investidor estrangeiro que teríamos condições de atuar no Brasil. Nós precisávamos dar alguma garantia para ele já que é muito difícil dar um financiamento. Seria muito difícil hoje conseguir um financiamento. Então, se nós tivéssemos um contrato seria um canal muito fácil para que tivéssemos aí algumas empresas internacionais expostas a nos ceder avião.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Mas na época da Brasair o senhor conseguiu, mas na mesma situação conseguiu um leasing para um 707, por um US$ 1.800 milhão (um milhão e oitocentos mil dólares).

O SR. ROBERTO KFOURI – É verdade, foi em 1995.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Por que agora com o Aeropostal não foi?

O SR. ROBERTO KFOURI – É em 1995 os momentos eram outros e nesse instante eu acho que toda a aviação mundial sofreu um colapso e hoje é muito difícil ter um financiamento e hoje eu não estou preparado para ter esse financiamento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Ou seja, Aropostal não é nem aero nem postal, objetivamente, porque não tem aviões e não trabalha para os Correios.

O SR. ROBERTO KFOURI – Mas tenho muita esperança em sê-lo, Exª. Nós ainda continuamos buscando algum parceiro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Nesse período de 2001 o senhor entrou em alguma licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Nós entramos, em 2001 nós entramos sim, a Aeropostal teve uma licitação a 045, nós entramos na licitação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Com que objetivo o senhor entrou nessa licitação se o senhor não tinha .... com que objetivo o senhor na licitação se o senhor não tinha nem a licença para operar e nem aviões?

O SR. ROBERTO KFOURI – Bom, Exª, eu só quero vou tentar aqui mostrar ao senhor...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Qual foi a licitação em que o senhor entrou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi a 045, essa licitação aconteceu no dia 17 de dezembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Qual era a modalidade, era concorrência, não é?

O SR. ROBERTO KFOURI – Era pregão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Ótimo.

O SR. ROBERTO KFOURI – Era um pregão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Pregão. E aí o senhor entrou no pregão. Que linhas estavam sendo disputadas nos Correios, o senhor lembra?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu lembro sim, era uma linha, para o senhor ter uma idéia, que fazia Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro, Guarulhos, Brasília e Manaus, ida e volta. Era uma linha de mais ou menos 11 mil quilômetros, equivale essa linha hoje a São Paulo Frankfurt, basicamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Aí o senhor entrou num pregão?

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Para conseguir uma linha aérea, sem ter o avião e nem a licença para operar. Por quê?

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito. Exª, era normal, até antes dessa licitação, na última licitação válida, Exª, não havia necessidade de certificado e não havia necessidade do avião. Bastava, para isso, um contrato de uma aeronave, um contrato de uma aquisição futura, e esse contrato dessa aquisição futura dessa aeronave teria que ser no momento do início dos serviços. Eu gostaria, se o senhor me permitir, eu gostaria de apresentar esse documento ao senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Por favor. O edital não exigia que o senhor tivesse nem avião nem a licença para operar.

O SR. ROBERTO KFOURI – O edital imediatamente anterior, válido imediatamente anterior não exigia, Exª.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Como imediatamente válido? O do pregão 045?

O SR. ROBERTO KFOURI – O edital anterior foi o Edital 002. Tenho aqui, gostaria de mostrar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– O anterior não exigia?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não exigia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Mas e o do 045 que o senhor entrou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpa, nem o anterior nem todos os outros editais, Exª.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Mas e o 045?

O SR. ROBERTO KFOURI – Esse exigia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Esse exigia. Nos anteriores o senhor entrou na licitação? Essa foi a sua primeira licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, foi a primeira licitação da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Quer dizer, o senhor entrou justamente na licitação quando começaram a exigir?

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito. Se o senhor me permitir, eu tenho aqui o Pregão 011/2000, esse pregão aconteceu no dia 10 de janeiro de 2001.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Se a assessoria tivesse produzido o Edital do Pregão nº 045 e pudesse localizar as exigências relativas a essa matéria, por gentileza.

O SR. ROBERTO KFOURI – Então, tem aqui o Item nº 324, documentos relativos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Deixa eu só...

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu vou deixar essa documento com o senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Eu acompanho aqui, o senhor vai ler, eu estou com o edital aqui, nós já acompanhamos tudo. Quer dizer, até então não era exigido, até então o senhor não participou de licitações?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Perfeito.

O SR. ROBERTO KFOURI – É o item?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Três dois quatro.

O SR. ROBERTO KFOURI – Três dois quatro?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP)– Isso.

O SR. ROBERTO KFOURI – São documentos relativos à qualificação técnica.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Três dois quatro.

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está aqui.

O SR. ROBERTO KFOURI – O Item "a" fala que o certificado de propriedade, contrato de *leasing* ou outro tipo de contrato de aquisição ou locação que garanta a posse ou disponibilidade das aeronaves, no prazo definido para o início de operação, com capacidade e especificações que atendam às exigências da ECT durante toda a vigência contratual, ou seja, ele só precisava de um contrato futuro para o começo de...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão, é outro tipo de contrato de aquisição, o senhor só adquiriu o contrato. Uma coisa é eu adquirir para pagar em parcelas, outra, é um contrato que vou adquirir no futuro. Não, é um contrato de aquisição, o senhor adquiriu o aparelho.

O SR. ROBERTO KFOURI – Ou locação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou locação.

O SR. ROBERTO KFOURI – É *(Incompreensível.)* de propriedade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não. E o senhor tinha, na época, um contrato de aquisição ou locação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso, isso. Se o senhor me permitir...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eles falavam também que o único contrato de *leasing* e locação ou qualquer outro tipo de contrato que não poderia ser feito era de

uma empresa com problemas de documentação, fundo de garantia, CNPJ, coisa desse tipo. É o Item a1.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exato. Não se admitirá nenhuma modalidade de contrato de *leasing*, locação ou qualquer outro tipo de contrato que garanta a posse ou disponibilidade de aeronave, ou parte, da licitante, celebrado com empresas enquadradas em quaisquer das hipóteses previstas no Subitem 2.2 ou que não atenda às exigências estabelecidas no Subitem 3.2.3 desse edital.

O SR. ROBERTO KFOURI – É, o senhor veja, eu não gostaria de fazer nenhuma acusação, mas sabemos aqui, por exemplo, que a Variglog que não tem ativos utilizava aviões da Varig e não estava muito de acordo com esse contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. ROBERTO KFOURI – Então, veja, era uso e costume entrarmos na licitação simplesmente com uma promessa, com um contrato, vi alguns desses contratos, Excelência...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor nunca havia entrado em nenhuma licitação até então?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa foi a primeira?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, da Aeropostal, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Apenas pela oportunidade. Ele está fazendo uma acusação grave aqui, disse que não quer fazer, mas fez, quando disse que a Variglog não tinha aviões e participou da licitação porque usava os aviões da Varig.

O SR. ROBERTO KFOURI – Agora, era um pregão...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que utilizava a VarigLog? Porque tinha...

O SR. ROBERTO KFOURI – CNPJ.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – CNPJ, não. Certidão negativa de débito do INSS, e a Varig, não. Então, quer dizer, ele está fazendo uma acusação grave.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que, na verdade, no pregão, Deputado Arnaldo Faria de Sá, há uma inversão de fases, primeiro, você faz a classificação, depois, a habilitação, então, você vai examinar a qualificação só depois. E, aí...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sim, mas ele quer dizer que a VarigLog não tinha aviões, ganhou a concorrência e usava os aviões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, ela não ganhou.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, ela ganhou muitas concorrências.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ganhou, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, antes disso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ganhou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa 45, não.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas ganhou outra.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não, essa não, mas...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ganhou outra concorrência, utilizando-se da VarigLog, com os aviões da Varig, porque esta não podia participar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Entendi.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – A VarigLog participava, mas usava os aviões da Varig. É essa acusação grave que ele está fazendo aqui.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, só podemos examinar, mas é que essa que passou a exigir esse tipo de coisa foi a 045, antes disso não era exigido. De acordo?

O SR. ROBERTO KFOURI – De acordo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. ROBERTO KFOURI – Então, achávamos que, no item qualificação técnica, estávamos bastante qualificados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, mas se o edital pedia que o senhor tivesse um contrato de aquisição ou locação, e o senhor não tinha nenhum dos dois, como é que o senhor poderia ser qualificado?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, tínhamos uma empresa, sou obrigado, agora, a falar de uma outra empresa, cujo nome é Evergreen, que fica nos Estados Unidos, que tinha sérias intenções de fazer algum investimento na América Latina.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor tinha o contrato com ela?

O SR. ROBERTO KFOURI – Se o senhor me permitir...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não, por favor.

O SR. ROBERTO KFOURI – Era uma empresa americana de médio porte, com mais de 20 aerona-

ves Jumbo, 747, e o projeto da Aeropostal envolvia essa empresa. E o grande problema de uma empresa nacional é a famosa lei dos 4/5, é convencer uma empresa estrangeira de que tem de participar do mercado brasileiro apenas com 20%. E estávamos assim a caminho, bastante interessante, de convencê-los e precisávamos de alguma garantia. Fomos mostrar a nossa capacidade, a nossa força, e esse pregão foi uma excelente oportunidade para podermos também mostrar para essa empresa a necessidade de investir no Brasil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, o senhor considera que estava habilitado para essa licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Veja, não tínhamos o certificado de homologação. Não tínhamos o certificado. Agora...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E aqui eu vejo, um dos itens é, o senhor teria, para ser habilitado, ter certificado de homologação de empresa e transporte aéreo, Cheta, expedido pelo DAC. O senhor não tinha o Cheta. O senhor não tinha nem o avião, nem o Cheta.

O SR. ROBERTO KFOURI – O avião, poderíamos ter esse avião. Esse avião poderia vir muito rápido para cá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o Cheta o senhor não tinha, na época. Ou seja, o senhor entrou numa licitação, que normalmente envolve despesa, claro, para não ganhar, sabendo disso. Essa é que é uma surpresa que esta comissão tem. Por que entrar numa licitação que sei que sou inabilitado?

O SR. ROBERTO KFOURI – Olha, excelência, tínhamos todos os documentos. Como falei para o senhor, tínhamos já manuais aprovados, tínhamos outros manuais já junto ao DAC...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tinha o Cheta?

O SR. ROBERTO KFOURI – O Cheta era só uma questão de tempo, excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor apresentou o Cheta na documentação, na licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, porque não tínhamos o Cheta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estava inabilitado. Se o senhor não tinha o Cheta, o senhor estava inabilitado. Sabia que estava inabilitado, entrou na licitação por quê?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, quando falamos que a última licitação válida foi a 02, preciso me referir a uma licitação que aconteceu no mês de maio, que ela não foi válida. E essa licitação também falava alguma coisa de Cheta...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – É uma licitação anterior a essa aqui, é uma licitação de maio. E ela também falava de Cheta. E houve várias impugnações. E eu as tenho aqui.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor participou dessa licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Dessa licitação eu participei pela Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi? Que ano foi?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi maio de 2001. Tenho aqui os recursos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o edital era diferente.

O SR. ROBERTO KFOURI – O edital. Foi a primeira modificação que os Correios, que eles fizeram na licitação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi essa de 45?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi a primeira modificação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, essa licitação não serve para justificar nada.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, a única coisa que ela serve, excelência, é para mostrar que essa empresas, a Interbrasil, a Taf, a Trip, a Nacional, a Rico, a Perfil, Aero Express, todas essas empresas tiveram também problemas com o Cheta, eles tentaram impugnar essa licitação e conseguiram. Achávamos, na época, não foi nenhuma má-fé.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, na época, não exigia o Cheta. Então, se não exigia o Cheta, por que entrar? O que me parece estranho é o que leva uma empresa a ter gastos com uma licitação sabendo que não tem mínimas condições de ser habilitada.

O SR. ROBERTO KFOURI – Veja, Excelência, as mínimas condições, permito-me fazer qualquer comentário a respeito disso. Tínhamos todas as condições. Não tínhamos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor impugnou o edital? O senhor impetrou mandado de segurança? Era ilegal exigir o Cheta?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não tinha o Cheta, entra numa licitação. Quais foram as empresas que entraram nessa licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Na 045? Foram dezesseis empresas. Eu as tenho aqui. Não sei quem são essas dezesseis empresas, mas dezesseis empresas compraram o edital.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, comprar o edital é uma coisa, apresentar proposta é outra. Quantas empresas apresentaram proposta?

O SR. ROBERTO KFOURI – Então, mais uma vez, dezesseis empresas compraram o edital e quatro empresas apresentaram proposta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quatro empresas. Quais são as quatro empresas?

O SR. ROBERTO KFOURI – A nossa foi uma delas, a Aeropostal, a Total, a Skymaster e a Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster e a Beta.

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso. Foram quatro empresas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quatro empresas. Essa Total pertencia a quem?

O SR. ROBERTO KFOURI – Essa Total é uma empresa, parece-me, de Curitiba, o dono dela me parece que é o Sr. Alfredo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não conhecia?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, conheço sim, mas não sei a composição acionária dela.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem foi que ganhou essa licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Essa licitação foi ganha pela Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A diferença de preço foi grande, no pregão. Como é que funcionou o pregão aqui?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, demos um preço para ganhar essa licitação. E se tivéssemos ganhado essa licitação, que era nossa intenção...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor jamais teria levado, porque não estava habilitado.

O SR. ROBERTO KFOURI – Veja, Excelência, acho que íamos tentar mostrar a nossa habilitação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos falar com franqueza, o senhor sabe que não tinha a documentação, é um homem experiente, sabe que não poderia jamais ganhar essa licitação. Sabemos, o senhor sabe, então podemos eliminar essa parte. Claro? Porque se o senhor achasse que a especificação é ilegal, o senhor teria impetrado mandado de segurança, teria impugnado o edital. Não fez nada disso, entrou na licitação. Isso não estava evidente no momento em que entrou porque a habilitação vem depois da classificação no pregão. Então, é evidente, estava aos olhos públicos que o senhor poderia ter habilitação, é que ninguém sabia. E só seria conhecido no momento que abrisse o envelope da sua documentação. Só que, evidentemente, houve uma disputa e ganhou a Skymaster.

O SR. ROBERTO KFOURI – Exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, qual a diferença do seu preço para a Skymaster

O SR. ROBERTO KFOURI – Olha, eu tenho aqui. Essa linha é aquela linha que eu falei para o senhor de quase onze horas. Nós demos um preço de.... São duas linhas, "a" e "c". O total foram 424 mil reais. A Total deu 433, a Beta 396 e a Skymaster 390. Essa licitação aconteceu...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve novos lances para reduzir?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim. Nós, nós...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor deu novos lances para reduzir?

O SR. ROBERTO KFOURI – Deixe eu.... Como nós tivemos o preço, uma das empresas foi desabilitada em função...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual foi?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi a Total. Foi desabilitada em função...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. ROBERTO KFOURI – Me parece que o preço dela era 10% acima...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, foi desclassificada, não?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi desclassificada.

O SR. PRESIDENTE **(José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desclassificada.**

O SR. ROBERTO KFOURI **– Perdão. Perdão. Eu não tenho conhecimento jurídico. Então,...**

O SR PRESIDENTE **(José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. É tão importante, porque se fosse na habilitação seria posteriormente à classificação.**

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, foi desclassificada.

O SR. ROBERTO KFOURI – Então, essa empresa, ela foi desclassificada por dar um preço 10% acima das outras e nós fizemos uma correção que nós pudemos fazer. Nós demos o primeiro preço em função de

que era o preço mais alto. E nós abaixamos esse preço para 389 mil e 500, ou seja, mais ou menos...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Sr. Relator, a Total foi desclassificada porque deu 10% a mais do que as outras e a...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do que o valor admitido como preço...

O SR. ROBERTO KFOURI – É. Me parece...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E o seu preço é maior do que a Total, por que a sua não foi desclassificada?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, Execelência. Não. Me parece que é desclassificado no pregão a empresa que tem 10% acima do menor preço. O da Total era 433 e o nosso era 424.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está dentro da faixa de variação em que se permite novos lances. Porque no pregão você tem uma faixa de valor acima do qual a empresa já está fora. Se há uma diferença de até 10% entre a primeira proposta e as outras, você tem o leilão ao inverso. Não. É que o leilão é o menor preço. Perdão, o pregão é o menor preço, não é o maior.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Alguém também está 10% acima do preço dele *(Fora do microfone. Inaudível.)*.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Ele está na faixa dos 10%. Não é isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Estamos na faixa dos 10%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A outra não. Está um pouquinho acima dos 10%.

O SR. ROBERTO KFOURI – Estamos próximo, na faixa dos 10%.

E de 424, nós abaixamos o que nós podíamos abaixa, que era alguma coisa próxima a 8% e paramos no primeiro lance. Então, acho que isso é muito importante, Excelência, porque esse certame, ele foi até o décimo-sexto lance. E nós paramos no primeiro porque era a nossa, era a nossa margem, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, vou lhe dizer um expediente que é comum na disputa de licitações do pregão, porque a fase de habilitação, ela sempre fica **a posteriori** que é justamente para empresas que às vezes podem até não serem inabilitadas forçarem a descer o preço.

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Às vezes, certos concorrentes usam braços ocultos para forçar descer o preço e afastar um outro concorrente virtual. Então, vamos imaginar, por exemplo, que o senhor estivesse – não estou afirmando isso, estou falando em tese – o senhor estivesse atuando em conluio com a Skymaster, por exemplo. Se o senhor estivesse atuando em conluio com a Skymaster para tirar a Beta do mercado, se eventualmente, num certo momento, a Skymaster chegasse ao seu piso e a Beta estivesse abaixo do piso, o senhor poderia entrar e tentar forçar o preço mais para baixo, de uma maneira a jogar a Beta para fora do mercado.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eu não sou especialista em licitação. Foi o nosso primeiro pregão. Eu digo para o senhor o seguinte: nós...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque o que me causa espécie é o senhor participar, dar novo lance sabendo que jamais ganharia. O senhor estava inabilidade. O senhor sabia disso. E todos não sabiam, porque o seu envelopinho com a documentação estava fechado, mas era óbvio que estava inabilitado.

O SR. ROBERTO KFOURI – Bom, Excelência, se eu conseguir demovê-lo dessa opinião eu me sentiria, hoje, realizado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu adoraria ser demovido. Eu só não sei como o senhor seria habilitado se o senhor não tinha o documento básico indispensável para ganhar a licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Digo ao senhor, o senhor fez uma certa simulação. Só digo o seguinte...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Não. Não. Eu levantei uma tese. Uma tese. Porque o senhor há de concordar comigo. O senhor é amigo do Sr. Antônio Augusto...

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, veja, vamos construir a situação.

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor saiu da sua empresa original, montou, saiu da Philips e montou a Brasair. Teve investimento de 1 milhão e 800 mil dólares, vende essa empresa – estou falando por baixo – tem um avião de 1 milhão e 800 mil dólares, vende esta empresa para o dono da Beta por 100 mil dólares alegando razões pessoais. Respeito.

O SR. ROBERTO KFOURI – É, eu fiquei....

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor há de concordar que é raro no mercado uma pessoa abrir mão de 1 milhão e 700 mil dólares, no mínimo, numa negociação, tendo um prejuízo tão grande. E depois volta para a própria empresa que vendeu com prejuízo para trabalhar como empregado ganhando 10 mil reais por mês. A sua história pode ser rigorosamente verdadeira.

O SR. ROBERTO KFOURI – E é...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estamos investigando. Mas o senhor há de concordar que no nosso espírito isso soa como bastante atípico e poderia dar margem a que se entender que o tempo inteiro o senhor gravita nesse mercado como um satélite, ou seja, como alguém que opera para outras pessoas e, evidentemente, quando, depois, tem a briga do Sr. Augusto – que é o seu amigo – com o Sr. Johannes, o senhor entra numa licitação com uma empresa que não tinha, minimamente, condições de ganhar, justamente em uma licitação que sabia que não tinha condições de ganhar, talvez, para estar servindo com o braço da Skymaster. Esta é uma suposição que eu não posso dizer que é verdadeira. Nós estamos investigando. Porém, o senhor há de concordar que o nosso espírito fica um pouco tentado a pensar assim.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, foram retirados 16 editais. Eram 16 empresas. Como é que nós poderíamos tentar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Olhe, retirada de edital – vamos falar francamente – todas as empresas retiram. Quando vêm as especificações técnicas e eles sabem que não tem condições de atender, não entram. O que é importante numa licitação é quem apresenta proposta, e foram quatro empresas que apresentaram. Logo, 16 não diz nada. As quatro que entraram são as duas que brigam, uma que não tinha condições de ganhar e uma que colocou um preço acima.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, as duas brigam mesmo. As duas brigam, ferrenhamente, por esse mercado.

O SR. PRESIDENTE **(José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Passaram a brigar porque antes tinham um acordo operacional, porque os sócios eram os mesmos. A partir de um certo momento, o Sr. Augusto tem um rompimento com a Beta e, aí, entra a briga. É o momento em que o senhor sai da Beta e, obviamente, alinhado com o Sr. Augusto, monta a Aeropostal e, aí, entra nessa licitação.**

O SR. ROBERTO KFOURI – E já havia, esperança, de eu conseguir mostrar para o senhor que....

O SR. PRESIDENTE **(José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu estou aberto à demonstração.**

O SR. ROBERTO KFOURI – ...foram 16 empresas comprando edital. No dia, apareceram quatro, como poderiam ter aparecido 5, 8, 10 ou as 16 empresas. Nós não poderíamos ter nenhum controle das empresas que apareceram na licitação. Houve quatro empresas e nós fomos uma delas. Foi a nossa primeira licitação. Para nós era muito importante, Excelência, mostrarmos... ganhar essa licitação, porque nós poderíamos provar para o nosso parceiro internacional que nós tínhamos um contrato, que nós tínhamos condições. Era importante nós sabermos quem eram os nossos adversários. Era importante nós sabermos disso. Eu estava já há alguns meses fora e quem participou dessa licitação – eu, pessoalmente, não participei – foi o meu sócio que participou da mesma. Era importante eles saberem e era importante nós conhecermos tudo o que acontecia com os meus concorrentes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja uma coisa curiosa. Eu tenho, aqui, uma Declaração da Aeropostal, assinada pelo Sr. Sérgio Perrenoud Vignoli, dizendo que atende a todas exigências técnicas, mínimas, constantes do Edital. Então, vejam: sabidamente, não atendia e assina uma declaração de que atende. Obviamente, isso pode ser até analisado sob o ponto de vista de um delito, outro, de natureza até criminal, eventualmente, porque é uma coisa obvia que não atende. No entanto, esses indícios mostram uma razão estranha: por que alguém declara que atende quando não atende e entra numa licitação que não pode ganhar e no meio de uma disputa como essa? Qual foi, exatamente, a data em que o senhor saiu da Beta?

O SR. ROBERTO KFOURI **– Foi no dia 5 de julho de 2001.**

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois disto, não assinou mais nada da Beta?

O SR. ROBERTO KFOURI **– No mês de setembro, Excelência, houve um termo aditivo. Esse termo aditivo era uma antiga luta da Beta, junto aos Correios, de uma linha que era a Linha F. Essa Linha havia sido ganha em outubro de 2000 e houve a necessidade de recomposição econômica dessa linha, em função do aumento de combustível, na época, que aumentou 44% – houve um aumento de variação cambial na ordem de 29% –, e nós pedimos uma equiparação, um reajuste da ordem de 29% aos Correios. Eu tenho, se o senhor, também, me permitir...**

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu tenho, aqui, o termo aditivo.

O que me chama a atenção é que o senhor assinou, no dia 13 de setembro de 2001, um termo aditivo com os Correios, sendo que o senhor tinha saído da empresa em julho.

O SR. ROBERTO KFOURI **– Perfeito.**

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor saiu em julho da empresa, como é que o senhor assina um termo aditivo com o Diretor Executivo da Beta em setembro?

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito. Eu tenho, aqui, uma carta endereçada aos Correios – dia 5 de julho de 2001 – solicitando essa recomposição econômica na ordem de 29%. A resposta dessa carta, Excelência, veio num termo aditivo que chegou às mãos do Presidente da Beta por volta de setembro de 2001. Esse documento gera um documento assinado. Os nomes já estavam aqui. O meu nome constava como Diretor Executivo da Beta.

Eu acho muito importante nós falarmos o seguinte: foi a resposta dessa carta solicitando 29 e essa recomposição, ela atingiu 10% e, principalmente, ela já estava em vigor desde 1 de julho de 2001... Acho que o senhor não desconhece isso. Ela estava em vigor desde 1º de julho de 2001. Foi nesse 13 de setembro, por volta de setembro, que esse termo aditivo chegou e o Sr. Antonio Augusto me pediu pra assinar porque estava no meu nome. Era simplesmente...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pediu para assinar um contrato...

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, Sr. Presidente,...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...quem já saiu da empresa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Veja, não foi um contrato; foi um termo aditivo de um trabalho...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um termo de aditamento é a mesma coisa. Não muda nada.

O SR. ROBERTO KFOURI – Um termo aditivo, Excelência, de um trabalho que já vinha...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...de um equilíbrio econômico-financeiro. O senhor assina em nome da empresa um termo aditivo sem pertencer à empresa?!

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, já era uma realidade há noventa dias, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que fosse a realidade. Eu não posso assinar um documento como empresa da qual eu não sou mais sócio ou não sou empregado. Inclusive o senhor é nominado aqui como Diretor Executivo.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não houve nenhuma má-fé. Foi assinado... Foi só consolidação de uma situação. Foi só oficialização de uma situação que já vinha há noventa dias acontecendo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando que houve o verdadeiro atrito entre o Sr. Augusto e o Sr. Johannes?

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpe, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi antes de o senhor sair da empresa ou depois de o senhor sair da empresa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, imagino que tenha sido depois. Eu nunca vi nenhum atrito entre eles.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo. Então, eu vou reformular minha hipótese.

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos imaginar, então, que não tinha nenhum atrito entre o Sr. Johannes e o Sr. Augusto quando o senhor saiu. O senhor sai e monta a Aeropostal. Eles estão bem. Tão bem que o senhor assina, mesmo depois de ter saído da empresa, um aditamento, fazendo-se passar por Diretor Executivo da Beta, quando, na verdade, não era. Claro? Bem, posteriormente a isso, o senhor monta a Aeropostal. Então entram três empresas amigas. Sim? Skymaster, Beta e Aeropostal. Para quê? Sabemos que dezesseis tinham comprado o edital. Havia uma empresa que ia forçar descer o preço justamente para fazer a reserva de mercado para que não se corresse risco. Essa empresa era o senhor.

O SR. ROBERTO KFOURI – Mas a primeira empresa a baixar o preço fomos nós e nós saímos desse pregão...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro, porque a Skymaster ganhou, o senhor não precisava baixar. Na medida em que a outra efetivamente saiu, houve lá o evidente conluio e o senhor participou para fazer aquilo que nós chamamos em licitação de figuração de que há uma verdadeira competição.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eles foram até o décimo sexto lance brigando.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não estou afastando a briga.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eles foram até o décimo-sexto...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se houvesse um estrangeiro...

O SR. ROBERTO KFOURI – Não sei. Não sei. Desculpa. Eu só digo o seguinte: essa licitação veio do primeiro lance ao décimo sexto. Nós saímos no primeiro. Quer dizer, é... Que cobertura? Que tipo de cobertura foi dado, Excelência? Esse documento... Eu tenho impressão...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos lá. O senhor ingressou na Aeropostal com 50% do capital no dia 1 de setembro de 2001. De acordo?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Assina, no dia 13 de setembro de 2001, um aditamento. Ou seja, o senhor assina como Diretor Executivo do seu concorrente. De acordo?

O SR. ROBERTO KFOURI – Veja...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí depois entra, exatamente em dezembro de 2001, para disputar pela Aeropostal com sua antiga empresa, da qual o senhor já tinha saído, mas assinava também, de uma forma cortês e interessante, atos legais sem pertencer à empresa. Em tese, pode-se até dizer que seria nulo esse aditamento, na medida em que não pertencia mais aos quadros da empresa. Como se explica que alguém que vai montar uma empresa concorrente, que já montou a empresa concorrente, assina, depois que saiu, como Diretor da outra empresa, diz que não tem nenhuma relação com nada e entra numa licitação para ganhar quando não estava sequer habilitado?

O SR. ROBERTO KFOURI – Bom, Excelência, eu... é... prestei serviço a uma pessoa, ao presidente da Beta, e não houve nenhuma má-fé. Era uma coisa que foi só formalização de uma situação que já ocorria. Quer dizer, não houve um contrato, um novo contrato. Não! Há noventa dias esse reajuste já ocorria. Quer dizer, foi só... Foi absolutamente sem nenhuma má-fé.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, eu acho, inclusive, do ponto de vista criminal, a assessoria tem que estudar. Se o senhor não pertencia à empresa, nunca poderia ter assinado esse documento. Do ponto de vista criminal, há que se analisar se não há um crime aqui até de falsidade ideológica, eventualmente. O senhor percebe?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eu só digo paro senhor o seguinte: foi na melhor das intenções, não houve nenhuma outra...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não havia outra pessoa que pudesse assinar pela empresa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É difícil alguém assinar um termo de...

O SR. ROBERTO KFOURI – Tanto é que ele está assinado, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pelo senhor.

O SR. ROBERTO KFOURI – Ele está assinado pelo Presidente da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso, por que o senhor precisava assinar?

O SR. ROBERTO KFOURI – E faltava um... Era só questão burocrática. Quer dizer, esse documento, como ele era retroativo a 1º de julho...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não precisava o senhor assinar. O senhor é diretor executivo. O que é estranho é que bastava o Presidente Hassan Gebrin, o Sr. Carlos Augusto de Lima Sena assinar e o Antônio Augusto assinarem, o senhor não precisava assinar. Então, o senhor figura assinando.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu não tenho esse conhecimento, me perdoe, eu não tenho esse conhecimento jurídico que o senhor tem.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí não é nem jurídico, é negocial. O senhor é um homem experiente. Eu não assino por uma empresa da qual não sou mais diretor.

O SR. ROBERTO KFOURI – Era a formalização de uma situação, só isso, Excelência. A única coisa que eu posso dizer é...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não eram. Os pagamentos desse equilíbrio econômico-financeiro só poderiam ser feitos depois da assinatura disso.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, ele já estava vigorando, Excelência. Ele já estava sendo pago. Ele já estava sendo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Antes do aditamento?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu tenho a impressão que sim, Excelência. Eu não tenho essa informação, mas eu tenho a impressão que sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, antes do aditamento ser formalizado, já havia pagamento do equilíbrio econômico-financeiro?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eu imagino que sim. Eu não tenho essa formação jurídica. Infelizmente eu não tenho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu solicito que se cheque isso, porque pagar equilíbrio econômico-financeiro antes do aditamento...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Eu acho que foi assinado em setembro, retroativo a julho. Acho que é isso. Ele não está sabendo dizer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não consta aqui.

Eu estou com termo de aditamento nas mãos.

Suspensa a reunião por dois minutos.

O SR. ROBERTO KFOURI – Obrigado.

(Suspende-se a reunião às 16 horas e 14 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 16 horas e 15 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas para esclarecer ao depoente: de fato, o termo foi assinado em 13 de setembro para que entrasse em vigor dia 1º julho, porque é assim que funciona. Quando eu tenho desequilíbrio econômico-financeiro, a partir do momento em que constato o desequilíbrio econômico-financeiro, a partir dessa data eu tenho que ter o reequilíbrio e aí, então, pagar-se-á as diferenças desde a data em que houve essa retroação, porém nenhum pagamento pode ser liberado antes da assinatura. Logo, este é um documento constitutivo de direitos, razão pela qual o senhor não sendo diretor jamais poderia ter assinado ou mesmo que o desequilíbrio econômico-financeiro tivesse ocorrido três anos antes, quatro anos antes, cinco anos antes. Não quer dizer absolutamente nada.

Claro, é aí que me causa surpresa em relação a isso. Mas vamos passar ao Deputado Arnaldo Faria de Sá, para que eu possa, depois, retomar a minha argüição.

Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quem é seu advogado?

O SR. ROBERTO KFOURI – É o Dr. Mário.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Atualmente você está ligado a que empresa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu estou, Excelência, na Aeropostal hoje, desde 5 de julho de de 2001.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E até hoje sem aviões?

O SR. ROBERTO KFOURI – Até hoje, Excelência. Quando nós perdemos o parceiro internacional, que nós tínhamos uma boa possibilidade de tê-lo aqui, aconteceu, o ano de 2002, 2003 foi um ano muito difícil para a aviação...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – E como está se sustentando?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu tenho alguns aluguéis. Eu faço algumas consultorias. É basicamente isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você teve recentemente algum problema de saúde?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não assim... Não, nada muito sério.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas não foi sério, o que foi então?

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpa.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não foi sério, mas o que foi?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, é problemas acho que de estresse, que é normal nessa nossa vida.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que você acha que você teve estresse?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu acho que toda essa situação, Excelência, a situação... Dificuldade em nós partimos... Nós temos uma empresa, nós investimos bastante nessa empresa e não conseguimos... Hoje o mercado mudou, o avião que nós falávamos na época, em 2001, hoje é outro avião. Nós falamos num avião 707, hoje se fala de uma série muito mais moderna. Um 707 hoje, o custo de um avião desse é US$ 600 mil. O avião que se fala hoje é de US$ 5 milhões, quer dizer, nós não temos... Não tive condição de acompanhar esse mercado.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quando você investiu nessa empresa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu acho que basicamente o pagamento de alguns funcionários como engenheiro, como diretor de operação e os emolumentos do DAC. Não foi nada assim muito exorbitante, mas pesa para qualquer bolso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Mas desde 2001 até agora se passaram quase cinco anos.

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim. O senhor vê como é difícil essa luta, Excelência. É uma luta insana. É uma luta insana.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você está vivendo da Aeropostal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Ela está há cinco anos sem atividade, a Aeropostal não tem avião, não tem contrato postal. Você está servindo a alguém nesse jogo?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Eu estou, na verdade, para que o senhor tenha uma idéia, fazendo faculdade de novo. Optei por um outro ramo que é de comunicações. Estou no terceiro semestre e pretendo encontra alguma atividade que eu possa exercer e que, talvez, seja até um pouco diferente porque estou muito decepcionado com a aviação. Hoje, sinto-me decepcionado com a aviação.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ **(PTB – SP) – Por que você está decepcionado?**

O SR. ROBERTO KFOURI – Pela dificuldade, Excelência. Pela dificuldade de arrumar parceiro e pela dificuldade que o próprio mercado nos dá. Para que V. Exª tenha uma idéia, o combustível aumenta a cada quinze dias. O combustível de aviação não está sendo regulamentado e, a cada quinze dias, ele aumenta.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nesse tempo em que você esteve envolvido com essa situação, acabou percebendo que a questão da rede postal noturna está sujeita a muitas falhas e

a muitos riscos. Você de certa maneira, já está meio contrariado com tudo isso. De que forma você pode colaborar para que encontremos uma alternativa para consertar essa RPN?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, dentro dos planos que havíamos traçado para a Aeropostal, o que o Correio americano fez, ao terceirizar toda a administração das aeronaves para um outra empresa. Esse é um plano antigo que tínhamos porque os Correios têm várias especialidades, e a especialidade do avião não é a grande especialidade dos Correios. Uma de nossas propostas era poder exatamente fazer esse trabalho de terceirização com as empresas nacionais. Pela nossa experiência, pelo nosso conhecimento de aviação e mercado, tenho certeza de que poderíamos de maneira muito rápida, pelo menos, reduzir o custo desses contratos.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você conhece o setor profundamente.

O SR. ROBERTO KFOURI – Conheço o setor razoavelmente bem.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Percebi que você conhece. Por que a Vasp, a Transbrasil e Varig deixaram de trabalhar com a Rede Postal Noturna?

O SR. ROBERTO KFOURI – Tenho a impressão de que a grande vantagem dos Correios é a não-sazonalidade. Essa é a grande vantagem dos Correios. Trabalha-se de janeiro a janeiro, sem grandes variações de mercado. Tenho acompanhado que os Correios têm apertado cada vez mais seus preços e, principalmente, acho que é muito difícil entrar em uma licitação hoje e ter que dar um preço para doze meses ou mais, com o combustível aumentando a cada quinze dias. Como se faz? Como uma empresa entra? Ela tem que supor que esse combustível nos próximos doze meses...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Foi isso que excluiu a Vasp, a Varig e a Transbrasil dos Correios?

O SR. ROBERTO KFOURI – Tenho a impressão de que sim. Não posso responder por elas, mas tenho a impressão de que sim. Como se dá um preço para doze meses com o combustível aumentando desse jeito? Temos a impressão, uma das nossas suposições era a seguinte: se, por acaso, os Correios pudessem, por exemplo, pagar o combustível dessas empresas, seria muito mais simples. Seria muito mais simples fazer uma avaliação dessas empresas sem o impacto desse reajuste a cada quinze dias.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Se fosse para bancar o combustível, era melhor fazer um acordo com a FAB e voar direto. Não precisava haver licitação.

O SR. ROBERTO KFOURI – Se for para essa alternativa, a minha empresa se proporia a colaborar com os Correios, terceirizando essa parte de contração de aeronaves ou algo assim. Um dos princípios da Aeropostal foi esse.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Quando você falava das dificuldades da Vasp e da Varig junto aos Correios, você colocou uma variante. Quero colocar outra: por que chegaram à insolvência, primeiro a Transbrasil, depois a Vasp e agora praticamente a Varig, depois que perderam o contrato com os Correios?

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpe-me. Não conheço essas empresas profundamente e não saberia dizer para o senhor.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Não seria a grande fonte de renda delas?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não sei. Acho que uma das fontes, uma fonte confiável, uma fonte que paga no dia.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Até pela não-sazonalidade de que você falou.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não-sazonalidade é um fator muito importante para que se possa planejar. O combustível é um fator muito difícil de se planejar atualmente.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O que é a Lei dos Quatro Quintos, de que o senhor falou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Pela lei da aviação brasileira, um estrangeiro só pode entrar com 20% da composição acionária da empresa. Ele não pode ter mais que isso.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por isso, você estava tendo um parceiro oculto?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não era oculto. O parceiro estava aí. Só precisávamos provar para ele nossa capacidade de voar. Não era oculto, não. Para o senhor ter uma idéia, eu estive duas vezes em órgão. Em uma das vezes, inclusive, estive com a alta diretoria da Varig, com o atual Presidente da Varig Log na época, com o atual Presidente da Varig e mais um Diretor da Varig de Miami. Estivemos lá para tentar fazer uma composição e criar essa empresa.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Varig de Miami?

O SR. ROBERTO KFOURI – Estivemos no órgão com o Diretor da Varig de Miami, o atual Presidente, o antigo Presidente da Varig Log, tentando chamar essa empresa para o Brasil. Talvez estivéssemos até conseguindo se não houvesse essas agruras, se tivéssemos esse contrato que seria muito importante para nós.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você é piloto?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não sou. Sou engenheiro.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – O senhor é engenheiro?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sou.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Qual a sua especialidade?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sou engenheiro eletrônico.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Por que essa incursão na aviação?

O SR. ROBERTO KFOURI – O destino me empurrou para isso. Daqueles 15 anos de empresa multinacional, trabalhei sete anos na área de logística e transporte. Gostei e me aficionei pelo trabalho.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Nesses cinco anos em que a Aeropostal não está transportando nada, você está transportando o quê?

O SR. ROBERTO KFOURI – Nós estamos em *stand by*. A empresa entrou em *stand by* já há algum tempo. Mais uma vez, Excelência, eu me decepcionei muito. Já estamos fazendo todos os trâmites depois de muito tempo, depois de muito investimento, para fecharmos a empresa. Foram muitos anos de tentativa.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Você vai fechar a empresa, então?

O SR. ROBERTO KFOURI – Provavelmente. Provavelmente. Se não conseguirmos um investidor, algo assim, será muito difícil continuarmos.

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ (PTB – SP) – Obrigado, Sr. Relator.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço, Deputado Arnaldo Faria de Sá.

Inicialmente, ainda tenho muitas perguntas a fazer ao senhor, mas estou muito curioso com esse Pregão 45.

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque realmente... (Pausa.)

Vamos voltar ao Pregão 45. Quando tenho dificuldade de explicar algo, eu tento encontrar as hipóteses mais certas. Vamos continuar tentando explicar isso tudo. O senhor tinha conhecimento de que a Beta e a Skymaster tinham contrato operacional?

O SR. ROBERTO KFOURI – Tinha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tinha. Na época do Pregão 45, esse contrato estava em vigor?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eu...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu lhe afirmo que estava.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu não me lembro. Eu não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estava. Estava em vigor.

O SR. ROBERTO KFOURI – No Pregão 45, eu já tinha saído da empresa. Perdoe-me.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. O senhor já tinha saído, mas assinou, como Diretor Executivo, inclusive o termo de aditamento. Não estava tão desinformado assim. Veja: eu levantei uma primeira hipótese que o senhor refutou. A primeira hipótese era a seguinte: teria havido uma briga entre a Beta e a Skymaster, o senhor sairia, rompido, criou a Aeropostal, uma terceira empresa, e atuava como braço da Skymaster.

O SR. ROBERTO KFOURI – A Aeropostal já existia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor disse que não é isso. Aí levantei outra hipótese: não teria havido briga nenhuma, o senhor teria entrado para tentar eliminar algum outro concorrente. O senhor falou: "Em hipótese nenhuma". Agora, vou lhe dar a hipótese que, para mim, parece um pouco mais plausível – veja se estou errado: tenho duas empresas, Beta e Skymaster, cujos sócios – embora formalmente não fossem os mesmos, os dois eram donos das duas empresas, ou seja, o Sr. Augusto comandava a Beta e o Sr. Johannes também tinha participação... Já há, inclusive, na CPI, um acordo em que eles mostram que informalmente um era dono das coisas do outro, etc. Eram sócios, mas não se assumiam como sócios e não conseguiram explicar por que é que duas pessoas que não eram sócias não botavam no papel a sociedade. Então, tinham as duas empresas; fazem um acordo operacional entre as duas, ou seja, aquela que ganha usa outra, a outra que ganha usa a outra, quer dizer, donos da mesma empresa usam as duas empresas. Agora, realmente, entrar com uma licitação nessa condição e ter essas duas empresas sempre ganhando e disputando é um negócio que podia pegar mal, alguém poderia suspeitar. Então imaginemos, por exemplo, que houvesse um conluio para ter um preço superfaturado no Pregão 45. Ora, o preço era superfaturado, entram as duas empresas com clara situação de conluio, poderia dar suspeita. O que eu faço? Crio uma terceira empresa, pego um amigo meu, que forma a terceira empresa e, mesmo sem estar habilitado, ele entra no leilão para dar aparência de disputa. Só que já se sabe o preço a que vai chegar, se partem de lances muito superfaturados, e aí tem uma disputa descendo, descendo, descendo, para chegar num superfaturamento com uma aparência de resultado. Veja só, esse Pregão

45, em que houve 16 lances, como se diz, o Tribunal de Contas da União faz um estudo, o preço dado pela Skymaster é de 369.500 – o preço real era de 272 mil pelos estudos técnicos feitos –, ou seja, o senhor, que não podia ganhar, a Skymaster e a Beta entram dando lances e param no superfaturamento desejado, criando formalmente a impressão de que estava tudo em ordem e houve uma disputa acirradíssima, quando, na verdade, as duas empresas pertenciam praticamente ao mesmo dono, tinham um contrato operacional para que não houvesse nenhum problema, o senhor trabalhava para uma das empresas e montou uma outra e jamais poderia ganhar. A tese de que os senhores entraram para simular uma licitação para garantir um superfaturamento, essa razão pela qual o senhor entra, se é errada, me diga por quê.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, é completamente errada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, nós éramos, nós representávamos uma nova empresa, nós representávamos um risco para essas empresas. Em momento nenhum...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não tinha condições de voar, não tinha avião nem autorização para operar.

O SR. ROBERTO KFOURI – O avião não era... era uma coisa exeqüível a um curtíssimo espaço de tempo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Era, porque o edital... O senhor não tinha... dá licença, o senhor não podia ganhar. Pelo edital, o senhor não tinha como ganhar, não tinha avião nem a decisão que permitia. O senhor sabia que não podia, assinaram uma declaração dizendo que podia, quando não podia, aliás, me parece estranho até que o correio não tenha tomado providências à época, porque configura possivelmente crime, o senhor, depois que saiu, continuava assinando pela Beta. Como é que o senhor consegue desconstituir – eu gostaria muito, porque eu prefiro a presunção de inocência até provem em contrário, mas eu tenho que fazer um relatório sobre isso e tenho que fazer as minhas tipificações: como é que o senhor pode desconstituir uma idéia de conluio se o senhor me diz que vendeu a Beta por 1.700.000... a Beta não; perdão, a empresa que me foge o nome...

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eu fiquei de passar para o senhor os dados... os dados de cabeça...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor vendeu a Brasair tendo um prejuízo de 1.700.000 dólares, ou seja, o senhor tinha um avião de 1.800.000, eu não estou falando de outras coisas, tinha um avião de 1.800.000 e vendeu por em torno de 100 mil. Então, calculando, mais ou menos, foram os dados que o senhor deu. Depois volta a trabalhar para a mesma empresa que o senhor praticamente deu de graça, porque quem vende por menos de 10% dá de graça uma empresa, para ser remunerada por ela, claro, pelo Sr. Ioannis. Aí o senhor amigo do Sr. Augusto, antes dos dois brigarem, porque o senhor disse que eles brigam depois do Pregão 45, fazem uma situação em que o senhor monta a Aeropostal, entra com 50% sem entrar com nenhum capital, numa empresa que não tinha avião, não tinha licença para voar, entra numa licitação, dizendo que tinha condições de atender, quando não atendia, a um simulacro de disputa – por que simulacro? Porque há um superfaturamento evidente –, e temos, então, um resultado final, onde formalmente três empresas se engalfinharam, sendo que duas pertenciam às mesmas pessoas, tinham um acordo operacional e o senhor não podia voar. Em síntese, isso no jargão comum, chama-se simulação de competição.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, o senhor parece que o senhor já tem tudo em sua cabeça.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não...

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, me perdoe.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu gostaria muito que o senhor retirasse da minha cabeça, mas, por favor, aja com vigor intelectual, para que saia essa idéia horrível da minha cabeça.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu estou tentando, eu estou tentando, acho que os argumentos, os grandes argumentos que contradizem um pouco o seu raciocínio, o senhor me permite dizer isso, é o seguinte...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. ROBERTO KFOURI – Foram 16 empresas a comprar o edital, foram 16 empresas. Nós não poderíamos nunca...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esqueça esse negócio de comprar. Esse negócio de comprar edital eu posso comprar, o Arnaldo pode comprar. Por favor, vamos trabalhar dentro de um campo de razoabilidade, senão vou dar como sacramentada minha opinião. Ajude-me a desconstituir minha opinião. Mas não é acusando que 16 compraram que você vai desconstituir.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu acho que os Correios têm o controle de quem comprou os editais. Eu acho que não foi nem o senhor. Acho que...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando alguém compra o edital, é para ver se atende, para estudar, para verificar se pode. Como há indícios...

O SR. ROBERTO KFOURI – Nós mesmos compramos muitos outros editais e nunca mais entramos, Excelência. Quer dizer, nós fizemos uma licitação, a empresa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto custou o edital, o senhor lembra?

O SR. ROBERTO KFOURI – O edital é coisa de R$20,00.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qualquer um pode comprar o edital até para ver como estão as coisas. Perdoe-me, mas isso é uma coisa banal. Quem mexe com licitação, e o senhor é um homem experiente, até trabalhou numa empresa que trabalhava com os Correios, sabe que comprar edital não quer dizer nada. Pode ter um milhão, não muda nada. Importa quem... O edital, efetivamente, tem uma situação em que se ele favorece uma empresa, se ele coloca especificações de um certo avião – que é o que estamos investigando aqui, porque havia em certos casos – as empresas que não têm aquelas especificações dos aviões nem entram. Aí, tenho quatro empresas entrando, sendo que três estão intimamente ligadas, eu não sei essa quarta, para mim ela é nova. E mais, o resultado é superfaturado, com 16 lances. Use os argumentos, por gentileza, mas esqueça esse negócio de comprar o edital, porque isso, sinceramente, como já lhe disse, não é argumento para nada.

Como o senhor infirma a tese de que: 1. Entrou nessa licitação em conluio com os outros dois, uma vez que não poderia ganhá-la, sabia disso, assinou a sua empresa um atestado de que poderia atender, quando não entendia, sabia disso. Quer dizer, como o senhor desconstitui esta tese de que, tendo um resultado superfaturado, o senhor não entrou nessa licitação para fazer uma simulação de competição e legitimar um resultado altamente lesivo aos Correios?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, nós entramos numa licitação, na primeira licitação da Aeropostal, nós tínhamos necessidade de conhecer nossos competidores, nossos concorrentes. Nós precisávamos aparecer junto ao mercado como empresa consistente, como empresa séria, fazendo bom trabalho e nós entramos numa licitação com o preço que achamos justo e paramos no primeiro lance. É isso que tenho para falar para o senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor queria formar sua imagem de empresa séria, não tendo avião nem o documento que lhe permitisse voar. É uma estratégia em *marketing*, perdoe-me, inovadora.

O SR. ROBERTO KFOURI – Nós tínhamos a possibilidade do avião e os manuais, e o Cheta estava quase acontecendo. Então, veja, não houve nenhuma tentativa, a não ser participar, mostrar e falar: "Olha, estamos aqui". Caso nós houvéssemos ganhado, nós poderíamos mostrar para o nosso parceiro internacional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor me permite uma brincadeira para descontrair, eu quase ganhei na loteria nesse final de semana. Comprei o bilhete. Faltou só ser sorteado, mas eu tinha quase a possibilidade de ganhar. (Risos.)

Vamos prosseguir a argüição.

O senhor lembra da concorrência 10 de 2000 da Linha F?

O SR. ROBERTO KFOURI – Dois mil?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. O senhor estava na época...

O SR. ROBERTO KFOURI – Estava sim. Eu não lembro. Deixe-me ver se eu tenho alguma coisa aqui, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois não.

O SR. ROBERTO KFOURI – A Linha F era uma linha Recife/Porto Alegre e o que eu me lembro dela é isso. Eu não peguei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa Concorrência 10 de 2000, quatro dias antes foi assinado o termo de compromisso de subcontratação entre a Beta e a Skymaster. Quer dizer, foi assinado termo de compromisso quatro dias antes da abertura da Concorrência 10 de 2000. Concorreram duas empresas conhecidas nossas, a empresa Beta e a Skymaster. Venceu a Beta, com o preço de operação 193 mil e Skymaster com 206 mil. Essas empresas tinham aquele contrato que as obrigava a dividir 50% para lá e 50% para cá.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, pelo que me consta nós tínhamos um acordo operacional de *backup* de aeronave. Isso é o que me consta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A empresa Beta, nesse caso, não era tida pela Skymaster como uma empresa que teria alguma preferência para ganhar essa licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não me consta isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor garante?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não me consta nada disso, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que a Beta tinha preferência para ganhar essa licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpe, nunca soube disso, nunca percebi isso. Isso não é a realidade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor trabalhava na Beta na época?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim. O senhor está falando de 2000?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dessa concorrência. Sabe quem disse isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Quem?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Augusto, aqui na CPI. Tenho aqui termos do depoimento prestado pelo Sr. Augusto. Ele chega a falar: "Sr. Presidente, não quero afirmar que houve, mas quem tinha condições de atender e já estava atendendo a um órgão público era a Beta" Pergunto eu: "Era a Beta?" "Era a Beta. Então, a preferência poderia ser a Beta". Aí eu digo: "Então, houve uma combinação prévia?" Ele dá uma risada e diz: "Não. Não digo combinação. Combinação é uma palavra forte".

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu desconheço o que ele falou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a própria pessoa que atuava para a Skymaster diz que a sua empresa, onde o senhor trabalhava, a Beta, tinha uma combinação com ela para ganhar essa licitação.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eu era um diretor executivo. Nunca fui uma empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas era o senhor que operava essa parte.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu era...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor mesmo disse que o Sr. Augusto não mexia com isso, com detalhes.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eu mexia com a aviação, eu mexia com o horário do avião. Essa era a minha função na empresa. Minha função era fazer a coordenação das aeronaves. Isso eu fazia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o Sr. Luiz Otávio Gonçalves?

O SR. ROBERTO KFOURI – É o dono da Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dono da Skymaster.

O SR. ROBERTO KFOURI – Um dos donos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor mantinha contato freqüente com ele?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, freqüente, não, mas nós tínhamos contato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para quê?

O SR. ROBERTO KFOURI – Como falei para o senhor, as empresas todas se conheciam, e, em algum evento ou algo assim, nós nos encontrávamos. Todas as empresas, não só com ele, mas com outras empresas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conversava periodicamente com ele?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, periodicamente, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Trocava correspondência?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Claro que deve ter sido trocada alguma correspondência, mas eu não saberia informar se foi por e-mail ou que tipo de correspondência foi.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas que tipo de correspondência poderia ser, se o senhor não mantém contato com ele?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não falei que não mantenho contato. Falei que eu tinha conhecimento e, eventualmente, como eu falei...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele era um concorrente seu?

O SR. ROBERTO KFOURI – Ele era concorrente, mas nós tínhamos um acordo de *backup*. Quer dizer, se o nosso avião falhasse, usaríamos o avião da Skymaster e depois passaríamos o relatório de horas voadas ao Departamento Financeiro para fazer a referida cobrança.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor falava freqüentemente ao telefone com ele?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não se lembra?

O SR. ROBERTO KFOURI – Lembro-me. Eu não falava freqüentemente com ele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Diariamente não falava com ele várias vezes?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não, a não ser para resolver problemas do dia-a-dia, problemas... Não me recordo. Em determinado instante, parece que o nosso avião deu problema, e nós usamos o avião dele. Então, esse avião tinha de estar, não tinha de estar. Ele estava fazendo o trabalho dele de Manaus. Esse avião tinha de chegar para os Correios. Eram telefonemas normais de negociação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor se lembra da Dispensa de Licitação nº 2, de 2001, para as linhas A e C? Que houve uma dispensa de licitação que a Skymaster ganhou? O senhor se lembra disso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Nº 2, de 2001?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi uma contratação rapidíssima, feita em 24 horas. Abriu, todos apresentaram suas propostas, mas a proposta da Skymaster ganhou. Foi algo bem ágil.

O SR. ROBERTO KFOURI – A nº 2, de 2001?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente. Bem ágil. A nº 2, de 2001.

O SR. ROBERTO KFOURI – A nº 2, de 2001...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Dispensa de Licitação nº 2, de 2001, operação das linhas A e C. Trata-se daquela que foi padrão de eficiência. Espantou-me esse fato, quando argüi o Presidente dos Correios, porque a proposta chegou no horário e poucas empresas responderam. À noite, já estava contratada a empresa, e o avião já estava voando para Fortaleza. Um fato inédito no mundo administrativo.

O SR. ROBERTO KFOURI – Essa concorrência foi aquela...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, é dispensa de licitação; não é concorrência.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não tenho conhecimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não se lembra dela?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não tenho conhecimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Beta entrou.

O SR. ROBERTO KFOURI – Quem?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É uma dispensa de licitação para as linhas A e C, contratação realizada em 24 horas – todo o processo.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eu era um Diretor Executivo. Quer dizer, se era preciso um avião realizar determinado trabalho, nós fazíamos isso. Era isso que nos competia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não se lembra de ter conversado com a Skymaster sobre essa licitação?

O SR. ROBERTO KFOURI – Conversei... Conversamos, como falei ao senhor, conversamos sobre a troca de informação... Não, na licitação, não...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto a essa dispensa de licitação, o senhor não conversou nada com a Skymaster?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem certeza?

O SR. ROBERTO KFOURI – Absoluta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nesse dia, o senhor recebeu quatro telefônicas do Sr. Luiz Otávio Gonçalves. O Sr. Luiz Otávio Gonçalves liga quatro vezes para o senhor no dia dessa contratação, dessa dispensa de licitação.

O SR. ROBERTO KFOURI – Era um serviço a ser executado. Não era um serviço? Nós estávamos participando...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A dispensa de licitação? Era seu concorrente?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, veja. O senhor está dizendo que eu liguei no dia da dispensa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não. Ele ligou para o senhor.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não tenho conhecimento disso, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas as companhias telefônicas têm, pois contam do sigilo telefônico as ligações.

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito. Vamos lá. O senhor está falando que houve quatro ligações telefônicas. As duas empresas operavam no mercado de Manaus. São ligações normais. O senhor deve ter visto que, em outros dias, houve outras ligações.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Nesse dia é muito simbólico. Os senhores falavam várias vezes, estava havendo uma disputa entre os senhores. Como há uma suspeita de conluio da atuação entre a Skymaster e a Beta – aliás, de certa forma, confirmada pelo Sr. Augusto, quando fala que a Beta tinha uma preferência, não sendo uma concorrência normal –, supondo que os dois, inclusive, dividiam a sociedade da empresa e considerando que o senhor trabalhava em uma, saiu e assinava também como executor de outra, no dia da dispensa da licitação, os senhores falaram várias vezes por telefone. O senhor há de concordar que essa atitude causa um pouco de espécie.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não consigo. Não vejo assim. Desculpe-me.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A assessoria até me lembra que o acordo firmado entre a Skymaster e a Beta não era para caso a aeronave falhasse. Se a linha só exigisse uma aeronave, o acordo previa a utilização de outra aeronave da

Skymaster numa semana e, na outra, uma aeronave da Beta. Era uma divisão de mercado.

O SR. ROBERTO KFOURI – Desconheço, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor disse que conhecia esse acordo.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu conhecia o seguinte: nós tínhamos que fazer um acordo de *backup* de aeronave. Isso eu conhecia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja se esse era o acordo que o senhor conhece. Isso não é *backup* de aeronave. Isso é partilha de mercado.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não conheço esse documento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não conhece? O senhor não era o Diretor Executivo?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, eu era Diretor. Eu era consultado no caso de *backup.*

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor falou que conhecia um acordo e que até era normal. Qual é esse acordo que o senhor conhece?

O SR. ROBERTO KFOURI – É um acordo de fornecer aeronaves e *backup* caso uma das aeronaves falhe.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse acordo o senhor não conhecia?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor entende que é normal esse acordo? Por favor, leia com atenção. O senhor é do mercado.

O SR. ROBERTO KFOURI – Posso dar uma olhada?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja se é normal esse acordo. (Pausa)

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, dei uma olhada por alto e estou verificando que esse contrato foi registrado, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. ROBERTO KFOURI – Tenho a impressão de que...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor crê que é normal? Pode ler com atenção as cláusulas. O senhor é do mercado e quero valer-me da sua consultoria.

O SR. ROBERTO KFOURI – Se o senhor der um tratado sobre corrente ripo em capacitor eletrolítico, provavelmente, eu teria a minha opinião. Mas eu não sou jurista, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é questão de ser jurista. Digo operacional mesmo. O senhor entende que é normal um contrato operacional nesse sentido entre dois concorrentes?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu não sei, Excelência. Não conheço o termo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pode ler.

O SR. ROBERTO KFOURI – Mas não adianta. Eu precisaria consultar um advogado para dizer exatamente...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pode dizer que o aspecto jurídico nós analisamos. Eu quero saber o aspecto operacional. Eram duas empresas concorrentes, e uma dividia o avião com a outra. Esse procedimento é normal no mercado?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu creio que dividir avião para *backup* é normal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Leia para mim e veja se considera normal. Eram dois concorrentes disputando licitação de forma tão acirrada.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu não tenho conhecimento jurídico, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não é jurídico. Estou dizendo mercado de aviação. A legalidade nós examinamos. O que eu quero saber é se é normal no mercado as duas empresas que estão concorrendo fazerem uma divisão: numa semana, é uma; na semana seguinte, é outra.

O SR. ROBERTO KFOURI – Fala-se aqui de subcontratação, que deverá ser feita de forma que a meta... Se a linha exigir tantas aeronaves...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É normal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Apenas uma aeronave, o que vai acontecer... Eu tenho impressão de que é um documento normal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Normal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu creio que é um documento normal. Eu não tenho...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, como Diretor de Operações, não sabia desse contrato?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Não sabia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca se valeu dele?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Não sabia. Nunca me vali. Não sei que contrato é esse. Esse é um contrato é de sublocação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve sublocações depois?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não sei, Excelência. Quando eu saí da empresa, não sei se o...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, quando o senhor estava na empresa...

O SR. ROBERTO KFOURI – Houve utilização de aeronaves de um do outro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve sublocações. Se houve sublocações, foi com base nesse contrato?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não sei, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Coordenadas e recomendadas pelo senhor.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não sei. Veja...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não sabia do contrato.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu fui consultado por algumas coisas e, inclusive, pelo acordo operacional que considerei bom para ambas as empresas e inclusive para os Correios. É o que eu tenho a dizer ao senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso é bom para os Correios?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, eu não tenho conhecimento técnico e jurídico para poder analisar um contrato. Perdoe-me.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas eu estou falando operacional.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu estou dizendo operacional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor é um homem de mercado e sempre comandou.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, operacional é o seguinte: "Eu não tenho aeronave suficiente e vou usar a sua aeronave. Você usa a minha quando eu tiver". Todos saem beneficiados com isso, inclusive os Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos voltar a falar dessa Dispensa de Licitação nº 2, de 2001, aquela do dia em que o senhor recebeu várias ligações.

A Beta entrou nessa tentativa de ser contratada. Essa especialização foi realizada do dia 25 para o dia 26, quer dizer, um dia, 24 horas, 25 para 26. Foram consultadas companhias aéreas com vistas a prestação de propostas de preço para as operações das linhas A e C. A Empresa Beta apresentou o preço de 236 mil – o senhor era o diretor de operações, então, obviamente, tem ciência disso – pela operação de cada linha. E nessa oportunidade, a Beta pediu 10 dias para início das operações, por quê? Por que 10 dias para começar a operar?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não me recordo. Não me recordo se tinha algum avião em manutenção. Eventualmente, algum avião em manutenção, alguma turbina com algum problema. Não me recordo por que pedimos 10 dias no ano 2000, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seria só na hipótese de haver um problema de manutenção que justificaria os 10 dias?

O SR. ROBERTO KFOURI – Provavelmente. Isso justificaria.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se não tivesse, não?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso justificaria.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas que outras razões poderiam justificar pedir 10 dias?

O SR. ROBERTO KFOURI – De repente, para não largar o mercado de Manaus na mão, que era um dos mercados principais que tínhamos, para que essas empresas de Manaus que se serviam do nosso transporte pudessem se estruturar, por exemplo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o senhor pediu 10 dias justamente para poder se estruturar ou para consertar avião. Alguma coisa havia, não é?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, não lembro o que aconteceu no ano 2000.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Falemos em tese.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não lembro o que aconteceu no ano 2000, porque...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor era o diretor de operações, conhece tudo do assunto.

O SR. ROBERTO KFOURI – Conheço da aviação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que leva o senhor a pedir 10 dias? O senhor falou um motivo: o avião estava quebrado.

O SR. ROBERTO KFOURI – O avião em pane, por exemplo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em pane.

O SR. ROBERTO KFOURI – Segunda possibilidade era que houvesse uma preparação para o mercado de Manaus, para que os nossos clientes de lá encontrassem uma outra alternativa de transporte.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dar tempo, então, para remanejar as coisas?

O SR. ROBERTO KFOURI – Por exemplo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mais alguma razão?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não vejo, não lembro, neste momento, não me ocorre.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, veja que coisa curiosa: olha, houve a Dispensa de Licitação 2/2001, que foi realizada do dia 25 para o dia 26. A Beta pediu 236 mil por operação de cada linha e pediu o prazo de 10 dias. Ocorre que a Skymaster, não. Entrou, venceu com o preço de 157 mil, bem abaixo do de vocês, e começou a operar no mesmo dia. De acordo? Só que a Beta que tinha oferecido o preço de 236 mil firmou uma subcontratação por 157 para operar na mesma data. Veja que curioso: olha, o senhor entrou com uma dispensa de licitação por 236 mil e pediu 10 dias. Por que? Porque o avião estava quebrado ou por outros motivos. No entanto, a Skymaster ganha com um preço de 157. E o senhor faz uma subcontratação, para, já a partir daquele dia, operar por 157. Se o senhor não tinha avião, tinha de remanejar, por que o senhor topou ser subcontratado para ganhar menos, para operar no mesmo dia?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, não falei que não tínhamos aviões. O senhor perguntou...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não podia operar, estava quebrado o avião.

O SR. ROBERTO KFOURI – ...quais as hipóteses para que uma empresa fictícia, virtual, pudesse adiar por 10 dias.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não é virtual, a empresa é a Beta.

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, mas o senhor falou assim: quais as possibilidades...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. Em tese.

O SR. ROBERTO KFOURI – ...para que a empresa pudesse adiar por 10 dias? Em tese. Lembrei de duas, posso lembrar de mais, não posso afirmar que a empresa deixou de voar porque não tinha avião ou estava em manutenção.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, explique-me, porque quero entender. O senhor fez a proposta de 236 mil, perdeu, para funcionar em 10 dias. Ganha a Skymaster com 157 mil. No dia em que ela ganha, o senhor assina um contrato de sublocação de aeronave com a Skymaster para ganhar 157 mil pelo mesmo dia.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor pediu 10 dias, se podia operar no mesmo dia? Por que não jogou um preço mais baixo, se podia operar por 157?

O SR. ROBERTO KFOURI – Veja, o que falei para o V. Exª foi o seguinte: quando se faz um contrato, temos de imaginar o que vai acontecer nos próximos 12 meses. Combustível aumentando nessa velocidade, então, naquele instante, se o preço...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí tem *(Incompreensível.)* problema financeiro, sabemos.

O SR. ROBERTO KFOURI – O senhor fez uma pergunta, e estou tentando responder.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Responda, por favor.

O SR. ROBERTO KFOURI – Se, naquele dia, o preço da aeronave era de 157 mil, por que vender por 250 mil? Eram 157 mil, quer dizer, não vejo onde tem irregularidade nisso. Quando há um contrato de 12 meses com os Correios, temos de prever todo esse aumento de combustível. Não vejo irregularidade ou motivo de espanto para isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Penso que não fui bem claro. Veja o seguinte: há uma dispensa de licitação. As empresas são consultadas. A Beta apresenta o preço de 236 mil, pede o prazo de 10 dias para vencer.

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster fala: não, meu preço é 157, começo agora. Então, a Skymaster vem, firma o contrato com os Correios, na mesma noite, já começa a voar, e, naquele dia, o senhor faz um contrato para ser subcontratado da Skymaster nessa mesma linha por 157, começando a voar naquele dia.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, era um contrato...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor aceita? Para os Correios, para ganhar 236, o senhor pede 10 dias. Para a Skymaster, o senhor concorda em levantar vôo no ato.

Pois foi isso que eu lhe perguntei. O que leva? Eu queria entender.

O senhor fala que é um avião que tinha ter manutenção, que tinha que remanejar. Agora, se o senhor foi sub-contratado no mesmo dia, significa que o avião podia levantar, que o senhor não precisava remanejar. Por que o senhor queria 10 dias para os Correios?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, é um contrato... Não sei que contrato é esse, mas era um contrato que devia vigorar durante 6 meses, 12 meses. O preço precisava ser interessante durante todo esse período.

Agora, se naquele dia o avião estava disponível, se naquele dia eu poderia ceder o avião por um determinado valor, por que não fazê-lo, Exª? Eu não vejo onde tem qualquer tipo de problema aí.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, todos nós sabemos, inclusive o senhor,

até porque o senhor assinou um aditamento, que uma das características do contrato é que quando ocorre um fato que desequilibra a equação econômico-financeira, o senhor faz o aditamento, que nem aquele que o senhor assinou.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então o senhor dá o precinho de 157 hoje e acontece o aumento de gasolina, o senhor tem direito a receber mais. Nós sabemos disso e o senhor sabe disso até porque assinou...

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso não ocorre mesmo, Exª, desculpe. Isso não ocorre mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor assinou um.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, foi um trabalho de meses para que nós conseguíssemos uma equiparação econômica. Foi um trabalho de meses.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja só, o seu preço é 157, mas supondo que o combustível pode aumentar, o senhor joga 236?

O SR. ROBERTO KFOURI – Veja uma coisa, eu não sei...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster então opera com custo menor do que o senhor, porque ela arriscou o valor do combustível e jogou lá os 157. Ela subfaturou, a Skymaster?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, a aeronave, para um determinado serviço, por exemplo, para os Correios, tem que considerar uma série de custos, por exemplo, Infraero, por exemplo, carregamento e descarregamento. De repente, uma aeronave fornecida por um concorrente, o concorrente poderia arcar com esses custos.

Eu não sei, não conheço os termos do contrato, não assinei esse contrato. Eu estou... Como o senhor fez algumas suposições, eu estou fazendo outras suposições. Pode ser que nesse contrato, por exemplo, a Skymaster pagasse o preço da Infraero, o valor da Infraero, que é um valor alto.

Eu não sei quais são os termos e os níveis do contrato, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os termos e os níveis do contrato para a Skymaster são os mesmos que foram ofertados para o senhor.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu não vejo isso, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas eu vejo e todo mundo vê, porque houve uma dispensa de licitação.

Eu falo: quem dá o seu preço? Se cota. Todo mundo cota o preço no mesmo custo. Aliás, empresas que tinham tão bom entendimento, não é? É óbvio que a planilha de custos é a mesma. Ninguém, ninguém... Vocês operam na área. Só que, tudo bem, a Skymaster resolveu jogar um precinho lá embaixo, 157.

O senhor pede 10 dias e pede 236. Aí a Skymaster ganha, no mesmo dia o senhor começa a operar, subcontratado pela Skymaster por um preço de 157.

Veja, outra vez vem à minha cabeça aquela tese: será que o senhor não fez isso apenas para legitimar e dizer que havia uma disputa onde não havia?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, se o valor que a Beta deu foi R$80 mil acima da Skymaster, o senhor vê que não tinha nenhum tipo de acordo, porque, senão, seria 236 e 235.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor passou a operar no mesmo dia, subcontratado por ele, pelo preço dele.

O SR. ROBERTO KFOURI – Em outras condições, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como outras condições?

O SR. ROBERTO KFOURI – Outras condições. O avião... Como eu falei, a taxa da Infraero podia ser paga pela Skymaster. Eu não conheço os termos do acordo. Eu não tenho condição de avaliar isso, uma coisa que aconteceu há 5 anos atrás.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os termos do acordo são estes. Está aqui a subcontratação, está aqui o termo. É pelas mesmas condições. Está aqui o contrato, eu apresentei ao senhor, o senhor leu agora há pouco. Este é o contrato que permitiu essa subcontratação. É com as mesmas condições.

O SR. ROBERTO KFOURI – Mais uma vez, não sei quais os termos que regeram esse contrato. Eu desconheço esse contrato. Já falei para o senhor que fui consultado para saber se seria uma boa idéia a subcontratação de uma empresa por outra. Eu achei que sim. Eu não conheço os termos do contrato, eu não sei do que o senhor está falando.

Eu fico numa situação muito... O senhor fala assim: Suponha que aconteça isso. E eu falo: Se acontecer isso, pode ser por causa disso e disso. Aí o se nhor fala assim: Não, mas o senhor afirmou isso.

Eu não afirmei isso. Eu fiz uma suposição. O senhor pediu para eu colocar as razões por que um avião não pode trabalhar. Eu lembrei de duas, mas posso lembrar de 20 razões. E um contrato dos Correios num valor é diferente da subcontratação de um dia de uma outra aeronave. São coisas diferentes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a Skymaster fez um preço fictício então para ganhar a dispensa de licitação, abaixo, subfatura-

do, e o senhor concorda em trabalhar então por aquele dia por um preço subfaturado. É difícil! O senhor deve concordar comigo que a minha situação...

O SR. ROBERTO KFOURI – Fica difícil porque uma hora o senhor fala que existe um acordo e, depois, o senhor fala assim: não, não existe o acordo porque os preços foram diferentes. Não sei se tem ou se não tem.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não, perdão. É que estou tentando raciocinar com a sua premissa. Quando eu raciocino com a sua premissa de que não há acordo, não chego à conclusão nenhuma. Explico-me: quando eu raciocino com a minha, chego ao resultado e à explicação. Com a sua, tento o mais possível construir, até para poder entender. Não quero... Sinceramente, toda vez que vejo situações irregulares em um órgão público, não é uma coisa que me traz prazer. Então, prefiro tratar com a sua premissa para ver se chego a alguma conclusão, mas não chego.

O SR. ROBERTO KFOURI – A minha premissa é a seguinte: um contrato de prestação de serviço por 12 meses é diferente do valor desse mesmo veículo naquele dia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E os dez dias?

O SR. ROBERTO KFOURI – É o que eu posso dizer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E os dez dias? São diferentes em quê?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, um contrato de backup é diferente de um contrato de prestação de serviço por 12 meses. É completamente diferente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor pediu dez dias para iniciar a operação e, subcontratado, começou no mesmo dia?

O SR. ROBERTO KFOURI – O senhor já perguntou, já falou várias vezes para eu raciocinar com o senhor e vou pedir, por favor, para o senhor raciocinar comigo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor.

O SR. ROBERTO KFOURI – Vamos imaginar que no quarto dia eu tivesse um problema sério de manutenção. Naquele dia... Eu não podia começar o trabalho e parar na metade. Eu não poderia começar um trabalho e parar no quinto dia. Então, meu avião vai ficar pronto daqui dez dias, mas, hoje, ele está disponível. Essa seria uma alternativa. Ou não? Seria uma alternativa, dessas premissas que o senhor pediu para eu supor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que seria a alternativa?

O SR. ROBERTO KFOURI – É o seguinte: tenho uma manutenção para fazer nesse avião daqui a cinco dias e vai demorar quatro dias. Então, daqui a cinco dias, vou ficar com o avião indisponível. Então, não posso começar um contrato com os Correios hoje se sei que, daqui a cinco dias, o avião vai estar indisponível. Mas, posso, sim, alugar esse avião hoje.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor continuou operando depois, não mudou nada. Não parou com o seu avião.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não. As multas dos Correios são pesadíssimas, Excelência. São pesadíssimas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Subcontratado pela Skymaster, o senhor continuou operando. Não teve esse interregno.

O SR. ROBERTO KFOURI – Mas eu tinha um avião para ser subcontratado. Não sei se, naquela época, há cinco anos, a Skymaster tinha um avião para nos fornecer, não sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou ler agora o trecho do depoimento do Sr. Antonio Augusto, ao falar da dispensa de licitação nº 2 – aqui eu estou argüindo, eu era o Presidente da reunião que nem hoje, fazendo um duplo papel aqui.

Falo eu: Vamos falar da dispensa de licitação nº 2, de 2001, que foi uma dispensa de licitação realizada em 26 de junho de 2001, em que foram consultadas duas companhias aéreas para operação das linhas a e c. A Beta apresentou o preço de R$236 mil por operação de cada linha e pediu um prazo de dez dias para o início das operações. Ganhou a Skymaster.

Antonio Augusto: Ok.

Eu: no entanto, a Skymaster ganhou e subcontratou a Beta por R$157 mil.

Antonio Augusto: Subcontratou?

Eu respondi: Subcontratou.

Antonio Augusto: Quer dizer, os 50% da linha.

Eu: Se o preço de R$157 mil atendia aos interesses operacionais e empresariais dos senhores – senão os senhores não teriam feito a subcontratação –, por que ofertaram no valor de R$236 mil, perdendo com isso o contrato?

Antonio Augusto: A Beta ofertou? A Beta ofertou?

Sr. Presidente: Ofertou R$236 mil.

Antonio Augusto: É, acredito que era o valor pelo o qual ela tinha interesse em fazer o transporte.

Eu: Mas fechou o contrato por R$157 mil depois.

Antonio Augusto: É, ok. Então, veja bem. Há o contrato da linha a e c, e o contrato da linha d e f são...

Digo eu: Não, esse é o contrato da linha a e c.

Diz ele: São quatro linhas: a, c, d e f. Então, a e c, que o senhor está falando; d e f, que é litorânea, que desce de Recife.

Sr. Presidente: Não, essa é a linha a e c.

Antonio Augusto: Sim. Mas vamos dizer assim: o acordo operacional feito entre a Skymaster e a Beta previa todas as linhas, então numa ganhava mais e noutra ganhava menos. Imagino... Posso lhe responder com a maior clareza, Sr. Presidente, detalhadamente, porque R$157 mil e não R$236 mil. Não é?

Digo eu: Porque me chamou muito a atenção a diferença. Alguém perdeu uma, não foi uma licitação, cotação. Foi feita para fazer dispensa.

Antonio Augusto: O senhor está dizendo em 2001, Sr. Presidente.

– Sim, 2001.

AA: Em 2001, foi quando houve uma emergência mesmo, que foi a emergência da parada da Transbrasil. E aí houve um contrato emergencial, não é?

Sr. Presidente: Perdão, não ouvi a última frase.

– Não, não. Vou dizer ao senhor, vou repetir para o senhor. Em 2001, pelo o que a minha memória traz, foi quando a Transbrasil parou, Sr. Presidente. Ela parou. Foi o problema da Vasp também. Não estou falando mal de empresa nenhuma, mas parou. Então, aí, veio a emergência. A Varig atendeu e depois houve o pregão, tudo meio emergencial.

Eu: Mas aqui foi uma dispensa de licitação.

Ele: Ok.

– Vocês passaram o preço – digo eu – de R$236 mil e depois os senhores foram subcontratados por R$157 mil.

Ele: Mas depois houve uma licitação, porque foi emergencial.

Eu: Depois houve, vamos falar nela aqui, agora, havia aquele contrato de partida de 50% das operações.

Ele: Ok.

Eu: O que nos leva a crer que os custos operacionais da Beta eram muito próximos da Skymaster, porque os senhores faziam uma partilha.

Diz ele: Inclusive eram aviões semelhantes.

Ele próprio fala: Eram aviões semelhantes.

Eu: é exato isso, os custos operacionais são semelhantes.

Ele: Em relação aos custos operacionais do 707, as diferenças são pequenas entre a Beta, a Total e a Skymaster, ou seja, quem for... porque tem a tripulação, o *leasing* do avião e há o consumo de combustível, que é a mesma turbina. Então não tem muita variação dos custos operacionais, a não ser o custo fixo, que pode ter mais uma que a outra e menos que a outra.

Ou seja, é o Sr. Antonio Augusto que fala que os senhores operavam na mesma faixa de custo.

O SR. ROBERTO KFOURI – A faixa de custo é normal, porque o avião é o mesmo, as turbinas são as mesmas, o combustível é o mesmo, a faixa de custo é normal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é que o senhor acabou de falar para explicar a diferença de valor que poderiam ser situações diferenciadas, e é a mesma.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não, Excelência, situação diferenciada é um contrato por 12 meses e uma situação, hoje, o que eu posso fazer com o avião. V. Exª há de convir também, eu acho que isso seria interessante...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se o custo é o mesmo porque um propõe 157, outro 236?

O SR. ROBERTO KFOURI – Posso tentar esclarecer isso?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por favor. Claro.

O SR. ROBERTO KFOURI – Esse avião opera numa determinada rota, esse avião opera numa determinada rota e existe todo um mercado que poderia usar a ociosidade dessa aeronave, então não sei qual é a composição que se possa fazer que, no preço de 157, pode-se chegar a 236 ou pode-se chegar a mais, porque hoje os Correios proíbem que se utilize a aeronave dos Correios para outro tipo de mercado, na época era possível fazer isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o Sr. Augusto fala que o custo dos senhores era imensamente semelhante, tanto que faziam a sub-contratação pelo mesmo valor. Ele fala isso.

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, os custos, a mesma aeronave, o mesmo combustível, mesma tripulação – quer dizer, tripulação é regida pelo sindicado –, quer dizer, os custos são os mesmos. Agora, administrativamente, não sei. Cada um tem a sua, cada empresa tem o seu módulo de custo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muito bem. O senhor conhece a empresa Force Field LTD, em Quintessência, o grupo LTD, com sede nas Ilhas Virgens britânicas.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não tenho idéia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca ouviu falar sobre isso?

O SR. ROBERTO KFOURI – Nunca ouvi falar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece o Sr. José Tomás Simioli?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, senhor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca ouviu falar?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem certeza?

O SR. ROBERTO KFOURI – Tomás?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – José Tomás Simioli.

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu, eu... Existe uma pessoa no mercado com o nome de Tomás, que ele é um agente de carga. Eu não sei se é o mesmo, Excelência. Não conheço o sobrenome.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. José Tomás Simioli é sócio da empresa Skycargas Ltda.

O SR. ROBERTO KFOURI – Ah, sim, sim, conheço o Sr. Tomás, é o Tomás. Não conhecia o primeiro e o último nome dele. Conheço por Tomás, é um agente de cargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Onde é que tem sede a empresa Skycargas?

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpe, eu não conheço, eu sei que ele é um agente de carga e trabalha para o mercado, pega produto na indústria e transporta com vários tipos de aeronave, inclusive pela Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que tem a ver a Skycargas com a Skymaster?

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpe, não tenho a mínima idéia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que o Sr. Hugo César, o Sr. Luiz Otávio, o Sr. João Marcos Pozetti, que são sócios da Skymaster, também são sócios da Skycargas.

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpe não tenho essa informação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o Sr. João Marcos Pozetti? O senhor conhece?

O SR. ROBERTO KFOURI – Conheço sim, é um dos sócios da Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a Sr. Késia Maria do Nascimento Costa?

O SR. ROBERTO KFOURI – Como ?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Késia Maria do Nascimento Costa.

O SR. ROBERTO KFOURI – Nunca ouvi falar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não? O Sr. João Marcos Pozetti é um dos sócios da Skymaster?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele tem alguma empresa no exterior?

O SR. ROBERTO KFOURI – Que eu saiba não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe se o Sr. Pozeti e a Dª Késia assinavam contratos de arrendamento de aeronaves DC-8 para a Skymaster?

O SR. ROBERTO KFOURI – Excelência, não conheço Dª Késia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o Sr. Pozeti?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, o Pozeti eu conheço, inclusive se encontra aqui na sala ao lado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eles assinavam algum contrato de arrendamento?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não tenho idéia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é o preço médio de mercado para aquisição de aeronave 707-300, fabricada em 67, 68? Mais ou menos.

O SR. ROBERTO KFOURI – Um 707-300? Tenho impressão, hoje... Isso depende muito do estado da aeronave, das turbinas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em dólares, mais ou menos. Mais ou menos. Preço médio.

O SR. ROBERTO KFOURI – Pode variar de 500 a um milhão, dois milhões. Não sei. Depende muito do estado. Sei que existem aeronaves... Existe pelo menos uma aeronave na China que está excepcional, tem excelente condição. Provavelmente o preço dela é muito maior.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O DAC dá um preço médio de US$720 mil para o 707 fabricado em 1963. E para o DC-8, fabricado em 1970, 1971, o senhor tem mais ou menos uma idéia?

O SR. ROBERTO KFOURI – É, que tipo de DC-8? Porque o DC-8 tem desde o 54, que é um avião que usa turbina...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 63F.

O SR. ROBERTO KFOURI – Meia, três, f. Olha, nesse instante, estou bem longe do preço de mercado, e esse preço aumenta, diminui com a política internacional. Eu não saberia precisar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O DAC dá em torno de US$2,910 milhões para um DC-8 fabricado em 1967. Qual o preço de arrendamento, o senhor tem idéia?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não tenho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mais ou menos, em percentual.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não tenho idéia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor fosse arrendar por sua empresa...

O SR. ROBERTO KFOURI – Não tenho idéia. Eu precisaria ver, precisaria estar comprando avião, precisaria estar, de novo, por dentro dos preços de mercado, e eu estou longe há bastante tempo. (Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos falar um pouquinho da Aeropostal.

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, senhor. Excelência...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não há problema. Imagine, o que é isso? Fique à vontade.

O SR. ROBERTO KFOURI – Não tenho essa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não. Fique tranqüilo. Isso é de menos.

A Aeropostal não opera nem com os Correios, eu até brinquei, não é nem postal nem aero, porque não tem aviões. Exatamente, o que ela tem feito desde então?

O SR. ROBERTO KFOURI – É, nós temos tentado, como falei para o senhor, temos tentado buscar um parceiro internacional, um parceiro local-internacional, e tentar utilizar nosso conhecimento de mercado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E quais são as atividades que ela faz?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, ela não operou, Excelência. O senhor sabe que ela não operou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não faz. Não operou, nada. Falou que tinha alguma coisa no aeroporto...

O SR. ROBERTO KFOURI – É, nós estávamos montando uma estrutura, a estrutura de carga, estávamos montando uma estrutura para poder operar e para ficar mais palatável.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Cheta, então, não existe? Não há Cheta. Foi pedido o Cheta, ou também não?

O SR. ROBERTO KFOURI – Houve uma solicitação de Cheta antes de eu entrar na empresa, mas tem uma solicitação de Cheta junto ao DSE. Como falei para o senhor, depende muito do manual.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que me parece interessante é o seguinte: no CNPJ da receita Federal, a Aeropostal tem situação cadastral nos seguintes termos: "ativa não regular, com pendência fiscal". Se ela não funcionou, qual é a pendência fiscal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Fizemos algumas... Tentamos utilizar alguns vôos do mercado local. Fizemos algumas tentativas de embarcar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com que aviões?

O SR. ROBERTO KFOURI – Com avião de mercado, Excelência, com avião de mercado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como assim?

O SR. ROBERTO KFOURI – Nós tentamos pegar... pegamos um avião de um concorrente, e fizemos algumas operações

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor não tinha Cheta...

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, não, não. Mas o concorrente tem. O Cheta é da outra empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então o senhor captou o cliente...

O SR. ROBERTO KFOURI – É como se fosse uma sublocação, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor captou o cliente, mas o contrato tinha que ser... O senhor foi uma espécie de corretor.

O SR. ROBERTO KFOURI – É, um agente, um agente de carga, que é normal. O agente de carga, você tem a carga, faz uma composição de avião de terceiros, e você faz um... Mas isso foi feito acho que uma ou duas vezes, e também não deu certo, porque o valor...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E que imposto o senhor não pagou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Ah, Excelência. Todos os impostos foram pagos. Está contabilizado. Está nos livros da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na Receita consta pendência fiscal.

O SR. ROBERTO KFOURI – É verdade, mas já foi regularizado. Parece que a Receita está em greve há algum tempo. Isso já foi regularizado, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, consta que no CNPJ não houve entrega da declaração de débitos e créditos de tributos federais do segundo trimestre de 2003.

O SR. ROBERTO KFOURI – Posso verificar porque temos lá o pessoal da contabilidade. Sempre procurei estar absolutamente de acordo com a legislação, com os impostos todos. Então, preciso ver o que está acontecendo, mas posso falar para o senhor que não temos nenhuma pendência atual. (Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Passo a palavra ao nobre Deputado Pompeo de Mattos para a sua argüição.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Quero cumprimentar o Sr. Presidente, os colegas Deputados e o Sr. Roberto Kfuri.

Na verdade, eu estava acompanhando o depoimento de V. Sª e naturalmente, causa uma impressão o fato dessa relação da Beta com a Sky. Quer dizer, as duas são concorrentes no mercado?

O SR. ROBERTO KFOURI – Sim, sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – São concorrentes?

O SR. ROBERTO KFOURI – São concorrentes.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor disputou uma concorrência dos Correios com a Beta e a Beta ganhou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpe, não entendi sua pergunta, Excelência.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Houve uma licitação nos Correios. O senhor participou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Nós participamos de uma licitação em dezembro de 2001.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Quem ganhou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Mais uma vez, houve dezesseis compras de editais. Eram quatro empresas a participar. Foi nossa primeira licitação. Saímos no primeiro lance, porque não tínhamos condições de acompanhar o preço. Isso foi até o 16º lance. Nessa licitação, quem ganhou foi a Skymaster. Estamos falando de dezembro de 2001.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Quem ganhou foi a Skymaster?

O SR. ROBERTO KFOURI – Foi.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor representava qual companhia?

O SR. ROBERTO KFOURI – Desculpa?

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor representava...?

O SR. ROBERTO KFOURI – Eu era dono da Aeropostal nessa época.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Da Aeropostal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Isso.

Foi meu sócio quem participou desse pregão, mas eu era da Aeropostal. Desde 5 de julho de 2001.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Até quando?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Eu adquiri uma parte da empresa no dia 5 de julho de 2001.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E ficou na Aeropostal até quando?

O SR. ROBERTO KFOURI – Até neste instante. Ela existe ainda, embora, mais uma vez, estamos seriamente propensos a desativá-la.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Quais são suas concorrentes mais fortes no mercado ali? Era a Beta...?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. A Aeropostal vende um projeto, tem alguns manuais aprovados, mas nunca efetivamente trabalhou, nunca trabalhou para os Correios, nunca trabalhou, nunca voou por ela mesma.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Ela nunca funcionou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não... É...Ela nunca voou. Funcionar, ela está funcionando desde 2000, no momento da Junta Comercial...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Com quem ela tem contrato no Governo?

O SR. ROBERTO KFOURI – Ela não tem com ninguém, Excelência.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Com ninguém?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Ela nunca voou, ela não tem faturamento, ela não tem nada.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Eu sei, mas nunca teve?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, nunca teve.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Nem nunca teve subcontratação de serviço, nada?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não. Ela não tem avião, não é?

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Ela nunca operou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Nunca operou?

O SR. ROBERTO KFOURI – Não, nunca operou.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E a relação dela no mercado era com quem?

O SR. ROBERTO KFOURI – A relação da Aeropostal? A Aeropostal era basicamente baseada...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Era uma empresa para participar de concorrência?

O SR. ROBERTO KFOURI – Era uma empresa que fizemos com um projeto grande para trabalhar dentro dos Correios e no mercado nacional. Fizemos uma concorrência só, em 2001. Não ganhamos a concorrência, chegamos ao nosso limite, foi um lance só e saímos. Foi numa licitação em que participaram quatro empresas e foram dezesseis empresas a comprar edital. Isso, eu vou...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – A Aeropostal chegou, alguma vez, a representar interesses de algumas outras empresas?

O SR. ROBERTO KFOURI – De jeito nenhum, Excelência.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Nenhuma?

O SR. ROBERTO KFOURI – De jeito nenhum, não.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O senhor concorria na perspectiva de, em ganhando, ir ao mercado subcontratar?

O SR. ROBERTO KFOURI – Perfeitamente. Essa era uma das intenções que tínhamos. Em se ganhando essa licitação, iríamos buscar... Tínhamos duas coisas. Veja: poderíamos acelerar o processo junto ao DAC com os nossos manuais - já tínhamos os manuais aprovados, podíamos acelerar esse processo – e tínhamos um parceiro internacional que estava tentando investir no Brasil, que teria as aeronaves. Seria uma mostra, Excelência, de nós nos mostrarmos no mercado, falando assim: "Olha, estamos aqui, estamos seriamente propensos a entrar nesse negócio". Éramos um risco para a Beta e para a Skymaster, porque conhecíamos esse mercado, conhecíamos aviação. Sempre fui muito técnico. Sou engenheiro. Minha formação é – o senhor não estava no começo – técnica.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sim. Eu sei.

O SR. ROBERTO KFOURI – Estávamos dispostos a nos mostrar e falar: "Estamos aqui, vamos participar, somos uma alternativa consistente".

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Como se formou o contrato social da Aeropostal?

O SR. ROBERTO KFOURI – Ela já havia sido aberta no ano 2000. Eu adquiri uma parte da empresa no dia 5 de julho de 2001.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou suspender a reunião por cinco minutos, porque há processo de votação nominal na Câmara dos Deputados e os Deputados aqui presentes – inclusive este que, neste momento, preside...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E eu também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E também o Deputado Pompeo de Mattos que argúi, temos de estar presentes no plenário.

Está suspensa a reunião por cinco minutos.

(Suspende-se a reunião às 17 horas e 17 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 18 horas e 35 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está reaberta a reunião.

Não havendo mais Srs. Deputados e Srs. Senadores inscritos e estando esta sub-relatoria satisfeita com a argüição, vou declarar encerrado o depoimento, agradecendo a presença do depoente e do advogado que o acompanha.

Solicito que o mais brevemente possível, por gentileza, V. Sª encaminhe a documentação que lhe foi solicitada. Creio que o advogado está ciente da documentação que foi pedida, para que a CPMI, que pretende ultimar rapidamente os trabalhos na parte de Correio Aéreo, possa apreciar a documentação e fazer, então, as considerações opinativas que esta investigação parlamentar exige.

Agradeço a V. Sª e ao seu advogado.

Declaro, então, encerrado o depoimento.

Peço, então, à Assessoria que traga o próximo depoente. (Pausa.)

Informo aos Srs. Parlamentares que, por decisão do Presidente do Senado Federal, temos que suspender os nossos trabalhos porque está em funcionamento a Ordem do Dia do Senado Federal. Só poderemos prosseguir após o término da Ordem do Dia, o que faremos assim que terminar.

(Suspende-se a reunião às 18 horas e 42 minutos.)

(Reabre-se a reunião às 19 horas e 31 minutos.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está reaberta a reunião.

Há, sobre a mesa, já assinado, o termo de compromisso do senhor Américo Proietti, que se faz acompanhar da sua advogada, Drª Rita de Cássia Miranda Consentino, OAB – SP, nº 95.175.

A nobre advogada encaminha a esta subrelatoria uma petição vazada nos seguintes termos:

"À Comissão Parlamentar Mista de Inquérito – CPMI dos Correios.

Américo Proietti, já qualificado perante esta CPMI, vem, respeitosamente, por meio de sua advogada, informar que, convocado para prestar depoimento na presente data, compareceu à Subrelatoria de contrato às 14h, tendo permanecido até às 19h20min.

Tendo em vista a necessidade de suspensão da sessão, por volta das 19h, por motivos alheios à subrelatoria, e considerando o estado de saúde do requerente, já exposto a esta CPMI e comprovado por laudos profissionais da área médica, vem requerer a dispensa da oitiva do convocado.

Considerando que o requerente, em razão de acidente vascular cerebral, está afastado de suas atividades profissionais, bem como da Empresa Skymaster Airlines Ltda., desde 1999, e que nessa conformidade em nada poderá colaborar com a investigação em tela, a empresa Skymaster dispõe-se, por meio de seu Diretor Financeiro, a comparecer espontaneamente e

independentemente de intimação, em dia a e hora a serem designados, para complementar os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Termos em que, aguardando designação de data e acolhimento de dispensa definitiva do Sr. Américo Proietti, pede deferimento.

Brasília, 8 de novembro de 2005."

Assina a Dr. Rita de Carvalho Miranda Consentino.

De fato, já na designação anterior de oitiva do depoente, havia sido apresentado um atestado médico relatando as condições de saúde do nobre depoente.

Esta relatoria insiste no depoimento no seguinte sentido: há esclarecimentos indispensáveis que devem ser prestados pela Skymaster. Mas, tendo a sua advogada assumido o compromisso de que o Diretor Financeiro, que já depôs nesta CPMI, voltará para prestar novo depoimento na data que designarmos e havendo dito que esse compromisso será prestado de próprio punho pelo Diretor Financeiro, esta relatoria, então, faz o seguinte despacho à petição, comunicando-o, oficialmente, na forma cabível, ao depoente e à nobre advogada: 1) dispenso, provisoriamente, o presente depoimento tendo em vista as razões ora apresentadas; 2) designo a oitiva do Sr. João Marcos Pozetti, Diretor Financeiro, para o dia 10, às 14h, ou seja, na próxima quinta-feira; 3) caso necessário, serão endereçados questionamentos adicionais ao ora depoente a serem respondidos por escrito; 4) oportunamente, esta relatoria avaliará a necessidade de ser mantido o presente depoimento.

Evidentemente, uma vez comparecendo os Sr. Pozetti e prestados os esclarecimentos, por escrito, que se fizerem necessários, não haverá por que V. Sª aqui comparecer. Se, eventualmente, houver alguma insuficiência de respostas, esta Subrelatoria ver-se-á na contingência de pedir novamente o seu comparecimento, em data a ser designada. Só por isso, não fiz a determinação de que desistiríamos da oitiva definitivamente.

Sai, então, a nobre advogada ciente desse despacho, bem como o depoente.

Concedo a palavra ao nobre Deputado Pompeo de Mattos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, Srªs e Srs. Deputados, nobre depoente, tantos quantos acompanham esta CPMI, primeiramente, quero expressar minha concordância com a determinação de V. Exª, sábia, inteligente e jurídica, de conhecimento profundo, até porque, na medida em que não vai ouvir, também não libera. E, se a CPMI se sentir suficientemente esclarecida, ficará a dispensa consumada em definitivo.

Mas, Sr. Presidente, antes de encerrar a reunião, gostaria de registrar dois fatos: primeiro, nós, na Casa, temos 1.001 atividades. Estávamos ouvindo o depoimento do Sr. Roberto Kfouri, e, por conta da votação nominal, foi suspensa a reunião, e fomos requisitados para outras atividades e não pudemos, enfim, finalizar os questionamentos que pretendíamos fazer ao Sr. Roberto Kfouri. De qualquer sorte, gostaria de deixar registrado aqui, Sr. Presidente, que não ficou esclarecido, pelo menos para nós e acredito que para CPMI, o fato de o Sr. Roberto Kfouri pertencer a uma empresa que buscava atuar no mercado, embora não tenha conseguido, por inaptidão legal, com o fisco, enfim, a Aeropostal, ainda assim, ele representou a empresa Beta, ou seja, assinou como diretor da Beta, que, por via de conseqüência, fez um acordo com a Sky. Quer dizer, criou uma situação, no mínimo, inusitada. Ou seja, alguém que é diretor de uma empresa que tem a Beta e a Sky de concorrente. Essa empresa fica inoperante no mercado, e ele, sem deixar de ser o diretor da empresa, passa a dirigir a outra empresa concorrente e ali assina vários documentos, enfim, processos, procedimentos, contratos e licitações. E, além desse aspecto, ele faz, como diretor de uma empresa, assinando pela diretoria da outra empresa, um acordo com a terceira empresa. É claro que isso é um *pool*, um *pool* de empresa. Isso não é concorrência, é um *dumping*. Esse é um entendimento.

Quero dizer que isso ficou claro para nós, na CPMI, e que, com certeza, depois, o Relator, no seu relatório final, fará a consolidação desses dados e desses fatos, para dar, enfim, a sua interpretação e o encaminhamento dessa questão.

Por último, Sr. Presidente, gostaria de dizer que, amanhã, esta CPMI vai ouvir a Drª Emily Sônia Yamashita, é isso?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente!

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Que é a Presidente do Conselho de Franqueados do Brasil. Há poucos dias, apresentávamos à Mesa um documento em que revelávamos a preocupação dos franqueados gaúchos em relação aos questionamentos que estava-se fazendo às franquias, por conta de alguns maus franqueados que aqui vieram depor. Trouxemos esse documento exatamente mostrando que não é o coletivo. Ali, digamos, estava a exceção daqueles que fazem mal-uso das franquias dos Correios.

Por conta disso, está, em Brasília, um grupo de franqueados gaúchos, liderados pelo Sr. Sérgio Filereno, da franquia da 7 de setembro, de Novo Hamburgo, a Dª Elis Regina, da Rua Grande, em São Leopoldo, a Dª Eva Barreto, da franquia Cristal, Bento Gonçalves, também no Rio Grande do Sul, e o Sr. Gilberto Mantovani, da franquia Pio X, de Caxias do Sul, que vão acompanhar de perto. Espero que possamos avançar, Sr. Presidente, com o depoimento da Drª Emily Sônia Yamashita, no sentido de compreender mais e melhor a franquia para poder separar o joio do trigo. É aquilo que digo: uma laranja podre apodrece um cento e apodrece um cesto. Agora, não é porque há uma ou algumas laranjas podres no cesto que vamos jogar o cesto de laranja fora. Temos de separar o que é bom do que é ruim e fazer essas leituras. Esperamos evoluir nessa questão!

É essa a nossa comunicação. Obrigado!

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço ao nobre Deputado Pompeo de Mattos. Realmente a avaliação de V. Exª quanto ao depoimento anterior realmente, e de certa forma, é compartilhada por esta sub-relatoria. Essa é a razão pela qual julgamos de imprescindível importância o depoimento, mais uma vez, de um representante da empresa Skymaster, e, por isso, o designaremos em carta de urgência, uma vez que é intenção desta sub-relatoria, com o apoio sempre prestimoso das assessorias que aqui colaboram conosco, apresentar, no dia 17, o relatório parcial relativo à Skymaster, claro desde que todos os dados seja, evidentemente, compilados, para que possamos fazê-lo.

Agradeço ao Deputado Pompeo de Mattos, às senhoras e aos senhores, ficando, então, encerrada a reunião.

Designo nova reunião para amanhã, às quatorze horas, quando serão ouvidos por esta Comissão dois depoentes vinculados aos franqueados ouvidos por esta subrelatoria, bem como ainda designado o depoimento, independentemente de intimação e espontâneo, do Diretor Financeiro da Skymaster, Sr. João Marcos Pozetti, para ser prestado na próxima quinta-feira, às 14h.

Peço à assessoria desta Comissão Parlamentar de Inquérito que faça, uma vez que acabamos de convocar a reunião de quinta-feira, a devida reserva e que providencie a infra-estrutura para esse depoimento na quinta-feira.

Declaro, então, encerrada, na forma regimental, a presente reunião.

(Levanta-se a reunião às 19 horas e 40 minutos.)

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

SUB-RELATORIA DE CONTRATOS

Ata da 11ª Reunião da Sub -relatoria de Contratos, realizada em 09 /11/2005.

Aos nove dias do mês de novembro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas e cinqüenta minutos, na sala 06, da Ala Senador Alexandre Costa, sob a Presidência da Sub-Relatoria de contratos o Deputado José Eduardo Cardozo, ainda com as presenças dos Senhores PARLAMENTARES: Senadores Álvaro Dias, Romeu Tuma e Aelton Freitas e os Deputados Pompeo de Mattos, Onyx Lorenzoni, Murilo Zaiuth, Arnaldo Faria de Sá e Feu Rosa e Jamil Murad. Reúne-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, A Presidência declara abertos os trabalhos às quatorze horas e cinqüenta minutos, e informa que a presente reunião destina-se as oitivas do Senhor Ernesto Duarte que não pode comparecer, pois está internado e da Senhora Emily Sonia Fukuda Yamashita acompanhada por seu advogado, Dr. Dagoberto José Steinmeyer. Não tendo nada mais a declarar, é encerrada a presente reunião às dezessete horas e cinqüenta e oito minutos E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Declaro aberta a 11ª Reunião da Sub-relatoria de Contratos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada através do Requerimento nº 03, de 2005, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos dos Correios – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Sobre a mesa, encontra-se a Ata da reunião anterior, a qual coloco em votação, propondo aos Srs. Parlamentares presentes a dispensa da leitura.

Os Srs. Parlamentares que concordam permaneçam como se encontram. (Pausa.)

Aprovada por unanimidade.

A pauta da presente reunião é destinada à oitiva de dois depoentes: Emily Sonia Fukuda Yamashita e Ernesto Duarte.

No que se refere ao Sr. Ernesto Duarte, esta sub-relatoria recebe, em mãos, informação de que o depoente está internado no Hospital e Maternidade Voluntários – hospital e maternidade, é melhor esclarecer, para evitar qualquer mal-entendido –, havendo, aqui, uma série de documentos que foram devidamente encaminhados a esta sub-relatoria, razão pela qual, então, não poderemos, hoje, coletar o depoimento deste depoente designado.

Porém, quero observar que, relativamente a essa mesma unidade franqueada, já estamos designando o depoimento, para a próxima terça-feira à tarde, do Sr. João Leite Neto. Portanto, já fica designada, relativamente a essa mesma unidade, a oitiva do Sr. João Leite Neto, atendendo o requerimento de S. Exª a Juíza Denise Frossard. O depoimento está relacionado, portanto, a essa mesma unidade.

Podemos então, de imediato, passar para o primeiro. Aliás, o único depoimento da sub-relatoria, nesta tarde, da Dona Emily Sonia Fukuda Yamashita.

Peço que ela seja conduzida até a mesa, para que possamos iniciar os trabalhos.

O SR. ALVARO DIAS (PSDB – PR) – Questão de ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para uma questão de ordem, Senador Alvaro Dias.

O SR. ALVARO DIAS (PSDB – PR) – Apenas para registrar que V. Exª, em que pese a ausência de Parlamentares para este depoimento, vai cumprir o seu dever com a competência de sempre. V. Exª, certamente, vale por muitos e representa todos neste momento.

Menos sorte tem o outro sub-relator, que não poderá colher o depoimento, hoje, da Srª Soraya, que, embora ela estivesse presente, foi adiado **sine die**, em razão, segundo se informa, de um pedido do Presidente da República. O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva solicitou ao Presidente da CPMI, Delcídio Amaral, que adiasse **sine die** o depoimento da Srª Soraya.

Eu confesso, Deputado José Eduardo, que não tive oportunidade, ainda, de conversar com o Presidente Delcídio, mas, de qualquer maneira, se esse fato se confirmar e se isso for verdadeiro, é muito grave. O Presidente da República, em que pese o fato de ser a maior autoridade do País, não tem essa prerrogativa. É uma interferência indevida, mas pior do que a interferência do Presidente é a aceitação dela.

Portanto, não quero me precipitar. É uma informação que me chegou agora, nos corredores, mas, de qualquer maneira, faço questão do registro. Se for necessário, obviamente, posteriormente, retirarei esse registro, mas eu não poderia ficar calado e, na primeira oportunidade, me manifestar a respeito disso.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço, Senador Alvaro Dias. Eu, sinceramente, desconheço o assunto e nem sabia que havia sido desmarcado, mas, com certeza, o Presidente Delcídio Amaral dará as devidas explicações do caso.

Apenas uma retificação, Senador Alvaro Dias: eu disse terça-feira, mas é na próxima quinta-feira. Terça é feriado.

Bem, inicialmente, agradeço à Dona Emily a presença.

V. Sª está acompanhada por advogado? Não? Está sem advogado? Está com advogado? (Pausa.)

Então, se V. Sª pudesse declinar o seu nome, por gentileza, e quisesse sentar-se à mesa...

Presente o Dr. Dagoberto José Steinmeyer, OAB, São Paulo. Infelizmente, como eu não trouxe meus óculos, o senhor vai ter que dizer... 17.513.

Então, feito o registro do advogado, esclareço que a nobre depoente, Srª Emily Sonia, aqui comparece na condição de testemunha, tendo, regularmente, firmado seu termo de compromisso, na forma da legislação em vigor.

Portanto, fica advertida a testemunha das penalidades legais e do compromisso que tem relativamente ao presente depoimento.

De imediato, passo a palavra à depoente, indagando se gostaria de fazer uso dela para uma exposição preliminar sobre os motivos e fatos que ensejam a sua convocação neste momento.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Boa-tarde, Sr. Presidente; boa-tarde, Sr. Relator.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu queria que aumentassem um pouco o volume do som, por favor, do microfone da depoente.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Nós gostaríamos de fazer uma breve apresentação e pediríamos permissão a V. Exªs para apresentar alguns números do segmento que representamos. Poderíamos fazê-lo na forma do *datashow,* do Power Point, porque acho que agilizaria, inclusive, a apresentação?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De acordo, nenhum problema. V. Sª pode, então, conduzir a exposição como achar interessante.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Pois não, muito obrigada.

Eu gostaria, também, de ressaltar, que, na seqüência da apresentação, deixaremos, também, uma cópia física e, se necessário, em via magnética, para ser anexada junto aos autos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. A documentação será devidamente juntada aos autos desta Comissão Parlamentar Mista de Inquérito.

Tem V. Sª a palavra para a exposição.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Estamos vindo aqui na qualidade de Presidente do Conselho Deliberativo da Abrapost – Associação Brasileira de Empresas Prestadoras de Serviços Postais. É uma entidade que reúne 23 associações estaduais ou regionais, que congregam empresas, que mantêm contratos de franquia empresarial com a ECT.

A rede franqueada dos Correios é composta, atualmente, por 1.466 agências ACFs, em todo o território nacional.

Nesse *slide*, temos aqui o mapeamento de todas as 23 entidades, no Brasil inteiro, e o número de ACFs das quais se compõem as redes estaduais.

Ao final da década de 80, houve, inclusive, várias publicações, entre elas a da revista **Veja**, que falavam exatamente do problema do endividamento das estatais. Na década de 70, como todos se lembram, houve grandes investimentos e grandes projetos nos setores de petroquímica, eletricidade e energia, siderurgia, telecomunicações. Entretanto, na década de 80, as estatais estavam totalmente endividadas, sem recursos, com impossibilidade de expansão e melhoria dos serviços públicos.

Em termos das empresas privadas, foi o período, no final da década de 80 e início dos anos 90, em que houve todos aquelas reengenharias, *downsizes*, *outsourcing*, etc, etc, que levaram à redução dos níveis hierárquicos, ao enxugamento das estruturas, tanto nas estatais quanto nas empresas privadas. Houve grandes planos PDVs, de demissões voluntárias, planos dos quais se originaram muitos dos nossos atuais franqueados.

Qual era a situação da ECT naquele período, no final da década de 80? Então, em 89, a estatal não tinha recursos para investimento.

Nós temos, inclusive, matérias da época em que diretores da empresa diziam que, desde 1979, a empresa não havia instalado uma única agência.

O fluxo de caixa, testemunhado, inclusive, pelos funcionários e diretores da época, era totalmente deficiente. Não havia dinheiro, inclusive, para pagar a folha de pagamento. A empresa se socorria, inclusive, dos bancos, especialmente do Banco do Brasil, para poder honrar a folha de pagamento em dia.

O atendimento era precário e deficiente, com muita insatisfação da população e das empresas que se utilizavam dos serviços. Pecava pela falta de funcionários e proibição do Governo de novas contratações.

Todos devem-se lembrar que, nesse período, realmente vigorava uma legislação que proibia as estatais de fazerem, inclusive, concursos para contratação de novos funcionários. Falta de equipamentos e a previsão, inclusive, segundo publicado naquela revista **Veja**, da ECT para 90 era de colapso no sistema postal.

Bom, em termos da solução de atendimento, em face de todos esses desafios, dificuldades e pontos fracos da empresa na época, uma solução interna foi concebida, foi desenvolvida para enfrentar e ultrapassar essas dificuldades.

A solução era de *franchising*, para arrecadar receita e não gerar despesa. Era uma solução em que a ECT não necessitava investir nem em pontos comerciais, nem em prédios e instalações, nem em manutenção, com a vantagem de disseminar, rapidamente, os pontos de atendimento, e com uma vantagem: a de o Estado continuar no controle da atividade da empresa, preservando, inclusive, as atividades que ela considera, até hoje, de monopólio e de exclusividade de mercado.

Uma outra vantagem é que a ECT, até hoje, se abastece duas vezes ao mês, em seu fluxo de caixa, com dinheiro à vista depositado por nossas empresas, sem risco de inadimplência por parte dos clientes, ou seja, dos clientes que nós atendemos em nossas lojas, em nossas agências. Nós somos responsáveis por esse pagamento frente à ECT. Se o cliente ficar inadimplente, ele está inadimplente conosco, nessas operações que nós praticamos à vista e que recolhemos aos cofres da empresa. Com isso, ela reduz os riscos financeiros.

Em termos formais, de autorização governamental, a Lei nº 6.538, de 22 de junho de 1978, em seu artigo 2º, § 3º, prevê o seguinte:

A empresa exploradora dos serviços, atendendo a conveniências técnicas e econômicas e sem prejuízo de suas atribuições e responsabilidades, pode celebrar contratos e convênios, objetivando assegurar a prestação dos serviços, mediante autorização do Ministério das Comunicações.

Nós temos cópias, já juntamos, inclusive, aos autos do processo desta Comissão uma cópia do Ofício

P-0558/90, de 25 de janeiro do mesmo ano, em que o Presidente da ECT, naquela oportunidade, solicitava ao Ministério da Infra-estrutura autorização para implantação do sistema de *franchising,* detalhando o modelo a ser implantado. Através do Ofício 064/90, do próprio Ministério da Infra-estrutura, de 15/09, há uma autorização para implantação.

Passamos por processos seletivos que tinham sido formatados naquela ocasião, e, na ocasião, eram pré-requisitos definidos e contidos no Manual de Organização da Empresa, no Módulo 21, Capítulo 3, Anexo I. Então, quais eram os critérios para que nós pudéssemos nos habilitar – nós e qualquer outro empresário – à operação de uma agência franqueada? Deveria haver uma empresa há mais de dois anos em atividade econômica não concorrente com os Correios; comprovação da idoneidade da pessoa jurídica e das pessoas físicas sócias, através de certidões negativas; análise do perfil dos proponentes e da disponibilidade de tempo para o gerenciamento das atividades postais; uma disponibilização de estabelecimento comercial em região alvo, definida previamente em plano da ECT, com área útil mínima de doze metros quadrados. Inclusive sobre esse item de área, é importante ressaltar que existiam vários critérios para julgar e pontuar a avaliação dessas áreas oferecidas. Se fosse em prédios de mais de dois andares, seriam lojas que, preferencialmente, deveriam ficar no piso térreo, próxima à rua, de preferência ter local fácil para o estacionamento, inclusive das viaturas dos Correios. Existia, assim, algumas especificações de pontuação a respeito dos locais.

Apresentação e aprovação do *layout* das instalações e dos equipamentos em conformidade com as especificações técnicas predeterminadas.

O que nós sabemos – e isso está retratado inclusive em notícias de jornal –, por exemplo, em São Paulo, o jornal **O Estado de S.Paulo**, no início da década de noventa, publicava um chamamento aos empresários que se dispusessem a compartilhar seus balcões com o atendimento postal. Então, houve uma busca intensiva, desencadeada por diretores e gerentes da empresa, atrás de empresários, de lojistas, com reuniões nas associações comerciais locais, nas federações de comércios, nos bairros. Vários colegas nossos que tinham papelarias e outros negócios foram procurados por diretores da época, digamos, vendendo, no bom sentido, a idéia da iniciativa. Entretanto, nesse período inicial, muitas dúvidas estiveram presentes entre os franqueados procurados. A franquia era um formato novo de negócio, sem legislação específica. A legislação veio a se firmar... a Lei de *Franchising*, é de 94. Então, em 89, 90, 91, nem lei havia regularizando essa atividade que estava em franca expansão no País. A relação contratual era uma relação inédita, por se tratar de um contrato administrativo, através de credenciamento e seleção técnica, conforme manual de organização e normas complementares.

Mais ainda: as dúvidas eram sobre a própria capacidade da estatal em honrar os compromissos, compromissos operacionais de escoamento das cargas captadas, compromissos financeiros de nos pagar a comissão contratual comprometida, compromissos de suprimento de produtos de materiais que nós venderíamos nas agências. E esse é um problema crônico, que até hoje, não foi só em 1990, até hoje, 2005, nós temos uma história de falta de produtos, por uma série de problemas administrativos e de modalidades mesmo, que envolvem a aquisição de produtos. Então, essas eram dúvidas que permeavam todos os empresários na época procurados e se configuravam como riscos à aplicação de recursos, ao investimento a ser feito nessa nova atividade.

Começou-se gradativamente. Em 89, teve uma unidade piloto, em 90, em 91, e até 94 foram implantadas 1.737 agências. Esse foi o total máximo em termos de quantidade de ACFs que foram autorizadas a funcionar pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Significaram, na época, 5.100 guichês de atendimento. E os pontos, as regiões alvos previamente definidas pelas empresas contemplavam, prioritariamente, a localização na periferia dos grandes centros urbanos. Inclusive, era bom lembrarmos, em São Paulo, em Belo Horizonte e em outras capitais, até hoje, nas periferias urbanas, não existe uma agência própria dos Correios atendendo. Somos nós que estamos lá. A empresa, inclusive, em 90 ou 91, decidiu substituir alguns desses pontos onde ela já tinha agência própria, mas que envolviam riscos imensos devido ao problema de insegurança gerada pela violência urbana e ao baixo potencial de exploração econômica local. Então, eram agências completamente deficitárias e com um alto grau de periculosidade, inclusive para os seus próprios funcionários. Então, até hoje temos aí a nossa rede, é a rede que se encontra nas periferias dos grandes centros urbanos.

Eu gostaria de fazer um parênteses aqui. Eu não tenho, infelizmente, formação jurídica. Eu falo infelizmente porque hoje, para ser empresário no País e enfrentar todo um cipoal tributário e outras coisas, eu acho que a formação jurídica é alguma coisa fundamental até para a boa gestão das empresas e de tudo. Mas, infelizmente, a minha formação é em outra área. Eu vou falar alguma coisa que é um consenso que temos, através de pareceres de juristas que nós tivemos ao longo do tempo.

Então, o TCU já definiu que a ECT é uma concessionária de serviços públicos, sendo a União Federal o Poder concedente. Em conseqüência, à ECT se aplica a Lei nº 8.987/95, que, em seu art. 25, faculta à concessionária contratar terceiros para o desenvolvimento de suas atividades (§1º), sendo os contratos firmados, no caso os contratos de franquia empresarial, de direito privado, não se estabelecendo qualquer relação jurídica entre os terceiros e o Poder concedente, ou seja, com a União Federal (§2º).

Os contratos de franquia foram celebrados anteriormente à Lei nº 8.987/95. No entanto, se encontram hoje sob seu amparo legal.

Outro fator a considerar é que precederam também a Lei nº 8.666/93, que regula as contratações do Poder Público. Por isso, as decisões do Plenário do TCU de nºs 601 e 721, de 1994, convalidaram os contratos com as ACFs já implantadas ou em processo de autorização em andamento na época, recomendando licitações apenas para a concessão de novas franquias. Em 94, a ECT, inclusive, paralisou e o total máximo de franquias que nós tivemos foram as 1.737, anteriores, então, àquelas duas decisões.

Por outro lado, o mesmo TCU, mediante voto do Ministro-Relator Adhemar Paladini Ghisi, aprovado pelo seu Plenário através do Acórdão nº 59/98, ratificou o entendimento de que os contratos de franquia empresarial são de natureza privada e não pública. No referido julgado do TCU, é referendado o mesmo entendimento já aprovado no Processo nº 013.899/94, sobre a natureza dos contratos de franquia dos Correios.

A Lei nº 9.648, de 27 de maio de 1998, aprovada pela Câmara dos Deputados e Senado Federal, sancionada pelo Presidente de então, prorroga até 2002 os contratos iniciais que venciam em 98. E a Lei nº 10.577, sancionada pelo Presidente da República em 27 de novembro de 2002, tramitou por todas as Comissões e foi aprovada pelos Plenários da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. Prorroga legalmente o prazo dos contratos de franquia vigentes até novembro de 2007.

Tais leis (9.648/98 e 10.577, de 2002) têm como respaldo o inciso IV do parágrafo único do art. 175 da Constituição Federal, que dispõe que competirá à lei dispor sobre a obrigação de manter serviço adequado na prestação dos serviços públicos.

Nós gostaríamos também de ressaltar que, em 93, foi colocada como condição de permanência no sistema de franquia a exigência da extinção dos negócios originais das empresas parceiras para dedicação exclusiva às atividades postais, tendo a ECT encaminhado, naquela ocasião, às nossas ACFs um modelo de minuta até de contrato social com as especificações exigidas.

Eu gostaria aqui de apresentar apenas alguns dados do perfil estrutural das nossas ACFs. Somos, como já disse, 1.466 ACFs, operadas em sua quase totalidade por micro e pequenas empresas nacionais. Vinte mil empregos diretos é o que nós proporcionamos, dez mil empregos indiretos, 2.500 veículos de carga, 2.500 motocicletas e em torno de 7.500 estações de trabalho completas, com microcomputadores, impressoras, leitores de códigos de barras, autenticadoras, entre outros.

Temos aqui, inclusive, a fotografia do parque de máquinas de algumas das nossas ACFs.

Essa aqui é uma impressora usada pelos *print centers* e birôs. Algumas das nossas ACFs trabalham com isso. Os senhores vêem que há bobinas aqui, não é nem em papel cortado, sulfite. Temos ali autoenvelopadoras, aqui insersoras automáticas de correspondência. V. Exªs devem receber aquelas correspondências de bancos e outros grande remetentes em que, além da carta, pode vir algum encarte junto. Elas são máquinas que fazem esse tipo de operação. Nós recebemos em bruto, imprimimos ou recebemos das gráficas. E aquelas são máquinas em que entram os vários modelos de objetos a serem inseridos em um mesmo envelope. Na ponta do processo, elas já saem totalmente envelopadas e, se for o caso de franqueamento em máquina, saem franqueadas.

Temos uma frota de kombis, fiorinos, caminhões, motocicletas. O nosso trabalho, como em qualquer ciclo de produção de serviço, envolve pessoas. E o ciclo de produção de serviços, no nosso caso, é diário – tudo que entra tem de sair no dia – e é feito por pessoas e por equipes, que têm de estar treinadas, motivadas.

Não devemos esquecer que a ECT, em 1969, foi reformulada: era o DCT e virou ECT. Em 1969, ainda no regime militar, para fazer frente ao desafio dessa distribuição em um país continental como o nosso e cumprindo esses prazos de entrega de cartas que até hoje são referência mundial – poucos países conseguem cumpri-lo, mesmo naqueles de dimensões territoriais muito menores –, o ciclo de produção é extremamente minucioso, complexo, de uma logística altamente precisa e ditada pelo relógio. É uma corrida contra o tempo em qualquer dia do ano.

Se não tivermos equipes treinadas, motivadas e comprometidas com o trabalho, não conseguiremos manter esses prazos de entrega. Qualquer carta postada, para qualquer capital, é entregue em um dia útil, e para o interior dos outros Estados, não sendo no próprio Estado, em dois dias úteis. Para conseguir fazer isso, são 3,2 milhões de objetos transportados e

tratados diariamente. Esse ciclo de produção tem de ser extremamente preciso, extremamente regulado e controlado.

Nós temos o maior orgulho e a satisfação de dizer que participamos dessa guerra diária. É uma operação de guerra que é montada todos os dias e as nossas equipes estão treinadas e motivadas por nós para comparecer. São equipes estáveis.

Desculpem-me, deixem-me voltar ao ponto, porque começamos a viajar, a nos emocionar, porque temos muito orgulho de ostentar a bandeira e a marca Correios e de vender o trabalho para os nossos clientes com esse padrão de qualidade. Então, somos os primeiros a querer cumprir todos esses padrões.

Eu gostaria de trazer alguns dados a respeito da composição da receita da empresa ao longo dos anos, desde 1999, que são dados de que dispomos, até 2004, os últimos dados que temos em mãos.

Temos, em azul, a receita carreada pela rede franqueada ao longo dos anos para a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Então, em 2004, como V. Exªs podem ver, foi de pouco acima de R$2 bilhões. Em vermelho, temos a receita auferida diretamente pela empresa. Com isso, queremos deixar muito claro que não estamos tirando mercado da estatal. Como V. Exªs podem verificar, a receita carreada diretamente pela estatal...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Qual é a fonte?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – São os relatórios de avaliação empresarial. São relatórios internos da empresa.

Temos, em 2004, a receita total, somando a nossa e a que a empresa carreou diretamente, totalizando R$7 bilhões. Essa é a receita operacional da empresa.

Gostaríamos também de mostrar uma comparação da receita que trazemos para a ECT e a comissão que nos é paga.

Esta é a receita, são os mesmos valores que V. Exªs viram no gráfico anterior, e agora a comissão, em vermelho, daquilo que auferimos sobre o que deixamos no cofre da estatal. Como podem perceber, a diferença é o saldo que deixamos dentro da estatal. Em 2004, foi da ordem de R$1,5 bilhão o resultado das nossas operações para a estatal fazer face ao seu desafio de auto-sustentação ao longo de todos esses anos.

No ano passado, recebemos ao redor de R$588 milhões de comissão. Temos ali o primeiro quadro, que é levemente lilás. Das 1.468 agências de 2004, 31,9% eram agências que tiveram uma comissão média mensal de R$7.300,00 e 34% tiveram uma comissão média de R$20 mil. Quando me refiro à comissão, significa o faturamento total da empresa franqueada para fazer frente às suas despesas. Num *slide* seguinte, estaremos mostrando o planilhamento de custos que representa a operação de uma agência. Temos ali 28% que têm uma comissão de R$41 mil; 28% têm uma comissão de R$65 mil; 6,8% com uma comissão de R$88 mil; 3,4% têm uma comissão de... As em roxo, que são 6,8%, têm uma comissão de R$65 mil por mês em média. As em verde têm comissão de R$88 mil; 1,4% da nossa rede tem uma comissão de R$115 mil; 1,4%, de R$141 mil; e apenas 0,7% da nossa rede tem comissão de R$409 mil.

Acho que tem um outro *slide* com as quantidades de agências. Passe para mim. Ali, temos 468 empresas franqueadas no Brasil, que tiveram, em 2004, uma comissão média mensal de R$7.300,00. São 468 empresas no Brasil. Quinhentas empresas tiveram uma comissão média mensal de R$20 mil; 300 agências tiveram uma comissão de R$41 mil; 100 agências tiveram uma comissão de R$65 mil; 50 agências, de R$88 mil; 20 empresas franqueadas tiveram uma comissão de R$115 mil; 20 empresas, de R$148 mil; e apenas 10 empresas tiveram uma comissão média mensal de R$409 mil.

Se pensarmos que o limite hoje, ainda em 2005, para as empresas estarem no regime tributário do Simples, é de R$1,2 milhão por ano, veremos que a quase totalidade, mais de 95% de nossas agências e de nossas empresas franqueadas, enquadra-se no modelo tributário do Simples.

Eu gostaria também de apresentar um planilhamento de nossos custos. Peço desculpas, pois ficou um pouco pequeno ali, mas deixaremos esse material protocolado à disposição de todos os membros desta CPMI.

Mas o que posso dizer para os senhores é que, da comissão total, temos aqui as despesas fixas e as despesas variáveis.

As despesas fixas, que envolvem pessoal, encargos e benefícios, provisão de férias, décimo terceiro, rescisões, aluguel, impostos e contribuições, IPTU, IPVA, Tilif, que é a taxa de licença de funcionamento, TFA, taxa de anúncios etc, manutenção e consumo dos veículos, telecomunicações, serviços de terceiros, assistência técnica, contabilidade etc, energia elétrica, água, material de consumo, papelaria, higiene etc, pró-labore, treinamentos, despesas financeiras, depreciação, consomem, para aquelas empresas classificadas no regime tributário do Simples, 72,3%, em média, do que auferimos como comissão mensal.

As despesas variáveis, recolhimento do tributário do Simples, ISSQN, CPMF, taxas de cobrança, despesas comerciais, consomem 12,9%, em média.

Temos, então, um total de despesas na faixa de 85,2%, restando 14,8%, em média, para as nossas agências.

Para as nossas agências se manterem competitivas no mercado, elas precisam agregar valor ao processo produtivo do cliente por meio de serviços complementares que todas as concorrentes oferecem hoje de forma rotineira. As nossas ACFs fazem manuseio de objetos, que significa envelopamento, colagem, ensacamento, plastificação, fazemos coleta de documentos e encomendas junto aos nossos clientes...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Com licença, apenas para nos orientarmos, quanto tempo ainda há de exposição?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Mais uns dez minutos.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Cinco minutos.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Vou tentar correr.

Fazemos impressão a lazer...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – É porque daqui a pouco começará a Ordem do Dia e teremos de interromper a sua exposição, o que eu gostaria de evitar.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Desculpem-me pelo entusiasmo. Acabei me estendendo.

Fazemos também gerenciamento de base de dados.

Aqui, tem umas fotos dos serviços que oferecemos, pessoas e máquinas fazendo o trabalho, oferecendo soluções completas para os nossos clientes.

A qualidade de nossos serviços é avaliada sempre pela empresa. Somos auditados, recebemos mensalmente, sem sabermos, a visita de clientes ocultos. Anualmente, a ECT contrata pesquisa, junto a vários institutos de opinião, para avaliar os seus serviços. No ano passado, foi contratada a Vox Populi.

Então, em setembro de 2004, temos os itens pesquisados e o resultado alcançado pela rede franqueada. Numa escala de zero a 100, a competência dos nossos funcionários foi avaliada em 89,7; rapidez no atendimento, 90,7; comunicação visual, 87,7; acessibilidade, 91,2; e o índice de satisfação com a qualidade de atendimento, 89,8.

Para ter uma comparação, em azul a receita total da empresa e em vermelho a despesa total da empresa. Esse azul quadriculado é o faturamento das ACFs e em vermelho quadriculado é a comissão das ACFs. Apenas para se ter uma comparação de que a empresa continua crescendo muito mais do que nós crescemos e as despesas, muito mais do que a evolução da nossa comissão.

Queríamos também aqui fazer uma comparação entre itens de despesa, os mais representativos da Empresa. Em vermelho, temos lá a despesa total da ECT. Nessa cor lilás aqui, temos o que ela gasta com pessoal, é a despesa de pessoal; em azul, o que gasta com transporte; em amarelo, o que gasta com a comissão das ACFs. É apenas para completar e comparar qual é o faturamento que a gente está deixando para a Empresa lá.

Temos preocupação com a evolução do fluxo de objetos no tráfego postal. Percebemos lá que houve crescimento até 2001 e que a partir de 2001 ela vem decrescendo em termos de quantidade de objetos físicos transportados dentro do fluxo total.

Gostaríamos aqui só de fazer um breve apanhado sobre a questão do monopólio e do segmento concorrencial.

A Empresa tem-se pautado pela Lei nº 6.538, que dispõe sobre serviços postais, que, em seu art. 9º, regula o que seria o regime de monopólio a ser explorado pela União e pela concessionária ECT: recebimento, transporte e entrega no território nacional da expedição para o exterior de carta e cartão postal; recebimento, transporte e entrega no território nacional de correspondência agrupada e fabricação e emissão de selos e de outras fórmulas de franqueamento postal.

Num artigo seguinte, no art. 47 temos a definição do que é carta, cartão postal e correspondência agrupada. Então, o conceito que a Empresa usa é o conceito que está lá: objeto de correspondência, com ou sem envoltório, sob a forma de comunicação escrita de natureza administrativa, social, comercial ou qualquer outra que contenha informação de interesse específico do destinatário. Esse é um conceito que tem dado margem ao questionamento pela concorrência. É uma concorrência que existe desde 1950, que coloca que a situação de entrega de talão de cheque, cartão de crédito, boletos bancários de cobrança e extratos bancários não se aplicaria nessa conceituação de carta. E a Empresa tem brigado, com ações da Polícia Federal, com ações na Justiça, contra a concorrência, que existe desde 1950 e que vem fazendo a entrega.

Eu gostaria aqui de colocar a classificação, dentro do portfólio da Empresa, que a Empresa usa para classificar para ela o que é a reserva de mercado, o monopólio, e o que é o concorrencial. Então, dentro da reserva de mercado cabem carta, SEED, FAC e malote Serca. No concorrencial, temos lá encomenda Sedex, encomenda normal, PAC, impresso simples, impresso especial, mala direta postal, porte pago e outros.

Eu gostaria de mostrar, rapidamente, o seguinte. Em 1999, por ocasião da tramitação do Projeto nº 1.491, conhecido como Projeto da Lei Postal, que se encontra, inclusive, ainda hoje, na Câmara dos Deputados, as próprias entidades que congregam as concorrentes do Correio apontaram a existência de 17 mil empresas de entrega em todo o País, com 1,2 milhões de postos de trabalho.

Estão tramitando no Supremo duas ações, as DPFs nºs 46 e 70, interpostas pela concorrência, por meio da Abraed, Abraec, Sineex, com vista à descaracterização do monopólio postal, tendo em vista as interpretações diversas daqueles textos legais em que a empresa se baseia.

Estou tentando correr, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Fique à vontade.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Em termos da evolução do fluxo dos objetos por segmento, eu gostaria de trazer aqui alguns dados. Em vermelho, na linha superior, temos ali o total de objetos, ano a ano, que a Empresa transporta. É aquele gráfico em que mostramos a tendência de queda. Na linha lilás, temos lá o que são os objetos no monopólio, e, na linha azul, está o que são os objetos. Aqui estamos falando de objeto físico transportado pela Empresa. Essa é a situação em termos de objetos.

Entretanto, em termos de receita, temos a seguinte configuração. Na receita operacional da ECT, ao longo dos anos, podemos perceber na linha lilás que é a receita trazida por meio dos produtos que a Empresa considera de monopólio estatal. Em azul, é a receita trazida pelos segmentos concorrenciais. Podemos perceber que existe, ao longo dos anos, um equilíbrio muito grande na composição da receita: o que vem do segmento concorrencial e o que vem do segmento de monopólio.

Temos aqui alguns dados da Diretoria Regional São Paulo Metropolitana.

A Diretoria Regional São Paulo Metropolitana é, pelo próprio mercado em que atua, a Diretoria em que o maior volume de negócios é feito, em que o maior número de contratos é feito, em que a maior receita da Empresa é carreada. Então, achamos por bem trazer o que representam as quantidades de contratos. Em outubro de 2005, temos o que eram contratos operados diretamente pela estatal nas suas agências próprias e o que eram contratos trazidos pela rede franqueada. Em azul, temos lá os contratos operados diretamente pelas agências próprias. E, em vermelho, temos lá os contratos operados pela rede franqueada.

Gostaria de ressaltar que as quatro primeiras colunas se referem a contratos do segmento concorrencial. Do segmento de monopólio, existem apenas 81 contratos FAC, dos quais 37 são operados pela rede franqueada.

Se somarmos todos os vermelhos ali, certamente o maior volume de contratos, especialmente do segmento concorrencial, é trazido pela rede franqueada.

Ali temos um dado comparativo de dois períodos, janeiro a junho de 2004 e janeiro a junho de 2005, em um segmento concorrencial, que é o segmento de *marketing* direto. Então, no período de 2004, em valores – *marketing* direto envolve serviço de impresso, mala direta etc –, a Empresa teve R$193 milhões. Em 2005, no mesmo período, ela teve uma receita de R$239 milhões. Entretanto, em termos do número de objetos, que é a linha que está acima, tivemos um aumento de 336 mil para 435 mil objetos.

(O Sr. Presidente faz soar a campainha.)

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Desculpe-me.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Pode completar.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Há alguns dados aqui. Pode passar esse aí, que é do segmento concorrencial de Sedex.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Drª Emily…

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Pois não, Deputado.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Eu só queria, pedindo licença...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Está concedida a palavra a V. Exª, Deputado Onyx Lorenzoni.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – São só dez segundos, Sr. Presidente. Só queria pedir para passar o anterior, em que se demonstra o perfil das ACFs e da arrecadação do próprio Correio. Acho que ele é muito elucidativo sobre a ação das franquias. É um pouco mais para trás, por favor. É o anterior. É esse.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Esse mostra a quantidade de contratos. Então, somando os azuis, são 2,6 mil mais 1,8 mil, ou seja, vamos ter em torno de cinco mil contratos contra algo em torno de pouco mais de oito mil contratos operados pela rede franqueada.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Ali fica, com clareza, especificada essa participação relevante das ACFs, exatamente na captação desses contratos, o que se vai manifestar depois.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – PA) – Vamos ficar com isso à disposição da Comissão.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Acho que isso é muito importante, porque não dá para esquecer que há uma briga ideológica aí.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – É importante ficar claro o que o mundo real mostra. É só por isso.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. É importante também ficar claro que, no segmento concorrencial, numa rápida amostragem que fizemos – podemos deixar isto aqui também –, conseguimos listar os seiscentos concorrentes, daqueles dezessete mil anunciados pelas próprias entidades, que têm batido de frente com a nossa rede nos últimos meses em todo o Brasil.

Temos esse dado não no quadro, mas o temos fisicamente. Podemos deixá-lo aqui.

Gostaríamos de falar o seguinte...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – É o encerramento agora?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Passa o último lá, na conclusão.

Por toda a experiência ao longo desses últimos dezesseis anos, temos plena convicção de que a parceria público-privada existente entre a ECT e suas ACFs somente tem trazido benefícios para se cumprir o mandamento constitucional da cobertura postal acessível universalmente – vejam bem! – com qualidade e eficiência, permitindo que os Correios possam competir com a concorrência privada num mercado não protegido pelo monopólio estatal.

Acreditamos nesse modelo de franquia que movimenta pequenas e microempresas, todas de controle nacional. Acreditamos, pela instalação delas em todo o Brasil, que elas geram e fazem movimentar a economia local, oferecem serviços de qualidade, oferecem qualidade para os serviços postais, hoje tão carentes e deficientes em outras áreas.

Sabemos que o Ministério da Indústria e Comércio vem desenvolvendo também estudos para que haja uma melhor caracterização do uso da franquia pública, abarcando as experiências da Petrobras com a BR Mania, da Caixa Econômica Federal com as Lotéricas, da Embrapa, cedendo suas sementes desenvolvidas. Temos várias experiências no setor e sabemos que o Ministério da Indústria e Comércio vem trabalhando na regulamentação dessa nova modalidade, que – temos absoluta certeza – faria um bem enorme para os serviços públicos no País.

Muito obrigada. Desculpe-me, Sr. Presidente, pela...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – A senhora tem alguma ACF para vender? (Risos.)

Concedo a palavra ao nosso Relator, Deputado José Eduardo Cardozo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço à nobre Depoente a exposição.

Eu começaria, então, a fazer a primeira pergunta. Indago: quando foi criada a Associação Brasileira de Empresas Prestadoras de Serviços Postais –Abrapost?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sucedemos a Febrafranco, que foi fundada em 1993. Em 2003, tivemos a fusão de duas entidades nacionais que existiam, que eram a Febrafranco e a Anaserco, e, a partir de 2003, a nossa denominação...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Espere só um pouquinho. Vá um pouco mais devagar, porque, agora, eu me perdi.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A primeira que surgiu foi a Febrafranco?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim, foi a Febrafranco.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Surgiu quando?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Em 1993.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a Abrapost surgiu quando?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – A Abrapost surgiu em 2003.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando surgiu a Abrapost, deixou de existir a Febrafranco?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela sucedeu a Febrafranco?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sucedeu a Febrafranco.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora disse que depois houve a fusão de duas entidades. Quais foram?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Perdão. Eu não entendi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve a fusão de duas entidades. Quais foram?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Tínhamos uma outra entidade, que era a Anaserco...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Anaserco?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Anaserco.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a diferença dela e da Febrafranco?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Olha, as duas defendiam nossos interesses. E, em qualquer movimento, pode haver...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Divisões.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Divisões.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Febrafranco foi sucedida pela Abrapost. E a Anaserco deixou de existir quando?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Também por volta disso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi incorporada à Abrapost?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Todas as entidades passaram a ser congregadas pela Abrapost nacional.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Hosando Pereira de Souza, a senhora o conhece?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Ele foi Presidente, por uma gestão, dentro da Febrafranco.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2002? É isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Acho que em 2001, em 2002.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Evidentemente, desde o início, a Abrapost vem acompanhando essas questões que resultaram na Lei nº 9.648 e na Lei nº 10.577. Quer dizer, a Lei nº 9.648 ainda não era a Abrapost.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas já na Lei nº 10.577 era a Abrapost.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, a Abrapost passou a existir em 2003 e a lei é de 2001. O projeto de lei, se não me engano, era de 2001 e foi aprovado em 2002.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É verdade. Tem razão a senhora.

A senhora acompanhou a tramitação desses projetos de lei?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, na época eu não fazia parte da gestão das entidades, mas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou dizer o porquê. Desde a origem, isso tem uma discussão jurídica, que a senhora bem sabe até, e não vamos discutir aqui e nem é o caso de a CPMI entrar nessa tertúlia jurídica. Embora a Lei de Licitações tenha surgido em 1993, portanto depois das franquias, a Lei nº 8.666, e a Lei nº 8.987 tenha surgido em 1995, no momento da outorga das franquias já estava em vigor a Constituição Federal de 1988, cujo artigo 37, em seu inciso XXI, proclama o princípio da licitação. Então, há quem diga – se eu tivesse que opinar, opinaria dessa forma – que teria sido necessário fazer essa licitação na origem. No entanto, optou-se por essa outra situação, discutível – e, claro, coloque-se também no plano da discussão se essas prorrogações foram constitucionais ou não –, uma discussão que, evidentemente, não cabe a nós nem ao seu depoimento. No entanto, houve, à época, algumas matérias que foram publicadas na imprensa que quero verificar se a senhora conhece algum fato relacionado a isso ou não.

A revista **Carta Capital**, em setembro de 2005, fazendo referência a uma matéria que saiu em maio de 2002 no **Jornal do Brasil**, fala que havia uma notícia de que donos de agências dos Correios franqueadas em todo o País estavam arrecadando dinheiro para corromper Deputados com o objetivo de aprovar o projeto de lei. A senhora teve alguma notícia desse tipo, se houve alguma arrecadação, algum tipo de situação para convencer, digamos assim, Deputados a aprovarem esse projeto de lei?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, não é do meu conhecimento essa situação. As informações de que eu disponho são de que se tratou de uma situação muito individual, isolada, e que na época teria sido, inclusive, apurada pelos órgãos competentes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que seria individual e isolada?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – De iniciativa individual. Mas eu não poderia lhe fornecer...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De alguns franqueados tentando arrecadar dinheiro? É isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. Talvez de alguma pessoa mencionada. Mas eu não teria, assim, elementos objetivos para trazer à CPMI.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve algum inquérito ou a senhora não sabe?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – As informações que nós temos são de que tinha passado alguma coisa pela própria...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Corregedoria da Câmara.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – ... pela Corregedoria da Câmara. Mas eu não acompanhei e não tenho acesso à informação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

A senhora conhece ou saberia me dizer qual é a maior das franquias dos Correios hoje? A mais rentável e por isso, costuma-se dizer, a maior.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Olha, a gente não tem acesso aos dados individuais de cada uma das franquias. Isso não é passado. Inclusive, aqueles dados que eu não forneci com aquelas "pizzas"...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – "Pizza" não é uma boa referência em comissões parlamentares de inquérito. (Risos.)

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Desculpe-me. (Risos.)

Desculpe-me, é gráfico, Excelência. Não houve nenhuma intenção. Tecnicamente, a gente usa estatisticamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu estou brincando. Apenas para descontrair.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Mas nós... Aqueles dados mesmo foram fornecidos não individualmente, mas foram fornecidos "agências que receberam na faixa de tanto a tanto". Recebemos, inclusive, há pouco tempo diretamente da empresa. Mas nós não temos a relação nominal com os seus devidos faturamentos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A nossa informação é de que essa maior é a ACF Shopping Tamboré, que fica no Estado de São Paulo. E o que chamou a atenção a esta Comissão Parlamentar de Inquérito – eu gostaria que a senhora comentasse isso – é que, no depoimento de uma das titulares do Shopping Tamboré – aliás, o outro titular viria hoje, mas, como já informei, ele está internado –, ela afirmou que nunca havia entrado na franquia, embora seja sócia, e que a renda mensal dos dois titulares seria menor que R$10 mil, o que nos chamou muito a atenção, o que nos levou à suspeita de que pudessem ser, digamos assim, os que constam como proprietários, não os verdadeiros proprietários, mas dentro daquilo que nós chamamos habitualmente de "laranjas".

A senhora tem ciência se existem "laranjas" comandando franquias?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Olha, essa situação que o senhor acaba de nos apresentar é uma situação assim totalmente, eu diria, excepcional na nossa rede. Na nossa rede franqueada, os proprietários, os empresários titulares das empresas são, normalmente, titulares que "encostam a barriga no balcão", que estão lá dialogando e fazendo a captação de clientes. Então, essa questão de ter titulares que passam – não sei como o senhor disse – que passam...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – "Laranjas".

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – ... passam na frente da agência mas não conhecem a operação é uma situação extremamente irregular. Apenas para constar, essa agência, inclusive, não é nossa associada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No Shopping Tamboré?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, ela nunca foi e ela não é... Não temos acesso a dados a respeito dessa agência.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há muitas agências que não são associadas à Abrapost?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. As agências são associadas a cada entidade estadual e as entidades estaduais é que são associadas à nacional. Eu poderia dizer, por exemplo, da associação de São Paulo, que eu atualmente presido. No Estado de São Paulo temos 355 ACFs, somando interior e capital. Das 355, hoje temos ao redor de 310 a 312 que são nossas associadas regulares.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essas que não pertencem à Abrapost são justamente as maiores franquias?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Algumas sim. Normalmente são... A gente não pode dizer se a primeira, a segunda ou a décima, mas muitas delas são agências de grande porte. Mas temos, também, agências menores que não fazem parte.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu poderia dizer ou estaria mentindo se dissesse que as maiores franquias do Estado de São Paulo, que são as maiores franquias do País, não pertencem à Abrapost?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, algumas delas pertencem.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Algumas delas pertencem.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Algumas pertencem, são associadas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que levaria essas agências a não pertencerem à Abrapost? Há alguma razão?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Olha, Sr. Relator e Professor Eduardo Cardozo, o que pode acontecer? Quando o nosso grupo se aproximou mais da gestão das entidades – nós assumimos a entidade com 140 a 150 daquelas 350, e na época eram umas 360 –, menos da metade eram associadas. É todo um trabalho. Essa questão do coletivo no País, do associativismo, é uma questão, muitas vezes, de necessidade e de conscientização também. Então existem razões as mais variadas. Mas estamos tentando conseguir uma adesão maior para sermos mais representativos também. Entretanto, ainda não chegamos a cem por cento da rede.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Voltando a essa questão dos "laranjas", a senhora descarta totalmente a possibilidade de existirem "laranjas" comandando franquias ou acha que podem existir, mas em situação excepcional?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Olha, a associação nossa não faz, não tem acesso, inclusive, ao controle das titularidades das agências. Quem tem esse tipo de controle é a própria franqueadora nossa. Agora, os titulares que costumam freqüentar nossas reuniões, nossas entidades, são titulares que estão à frente do negócio, batalhando e tal. Então, se existir, deve ser alguma coisa muito excepcional.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Nós tivemos aqui o depoimento de um titular da ACF Anchieta. E após algum trabalho, em alguma confusão na argüição, ele deixou, digamos assim, confessou que na ACF dele existiam "contratos de gaveta", ou seja, aqueles contratos firmados entre pessoas sem que se pudesse, inclusive, se registrar nos Correios. Ele chega até a falar: "Olha, os contratos são registrados, mas não nos Correios". É comum na rede franqueada haver "contratos de gaveta"?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, ao que nos consta, não é. Eu trouxe até uma publicação de 94. Nós temos, inclusive, até hoje muitos dos citados aqui... A publicação chama-se **Franchising**, é da revista **Pequenas Empresas Grandes Negócios**, é de 94. E nós temos aqui... Eu não gostaria de deixar a revista porque é a única que sobrou do meu acervo, mas se quiserem copiar, está à disposição.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA –Então, nós temos aqui, inclusive temos vários franqueados falando... Até guardei até porque eu estou aqui. O dia da inauguração, por exemplo, da minha agência foi noticiado lá no jornal de Perdizes, em São Paulo, falando e tal. Aqui está falando exatamente da questão de... Temos várias publicações, principalmente de egressos, de PDV, de Banco do Brasil e de empresas privadas que se candidataram a ter a sua franquia e até hoje estão...

Lembrei de uma coisa. No início, o próprio Correio tinha um PDV em vigência no período de oferta de franquias. E foi oferecido primeiro para aqueles que estavam saindo do PDV dos Correios. Poucos se habilitaram a enfrentar os riscos da atividade empresarial. Mas nós temos, ainda hoje, desde 1992 ou 1993, vários desses colegas que foram funcionários do Correio e saíram no PDV.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, houve também muitas mudanças de titularidade, e aí é que surge a suspeita de que existam muitos "contratos de gaveta". Há informações, boatos – isso foi até comentado por alguns dirigentes dos Correios –, não como provas, mas como boatos, de que existem políticos por trás de várias das franqueadas, e essa seria a razão pela qual se teria certos "contratos de gaveta" e alguns "laranjas". A senhora tem ciência se existem políticos por trás de algumas agências franqueadas?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. Essa é uma situação com que a gente não se defrontou. Eventualmente, pode ter algum familiar de alguém que pode nem ter sido político na época, quinze anos atrás, mas são pessoas que estão lá, com a "barriga no balcão", tocando agências, e eu não acredito que sejam "laranjas" de político nenhum. São pessoas que estão trabalhando.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E os "contratos de gaveta"? A senhora não tem ciência de "contratos de gaveta"?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, eu não tenho... Em termos de identidade, a gente não tem acesso a esse tipo de documentação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Mas não somos favoráveis à existência desse tipo de situação. Nós queremos que se preserve a própria saúde da empresa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora chegou a falar de parentes de políticos. A senhora lembra de algum?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, de cabeça, não. Mas assim como o parente de político pode ter um posto de gasolina, pode ter uma lotérica, poderia ter também uma agência de correio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não teria nenhum problema, desde que não tivesse usado a influência política para passar para o parente a franquia. No caso do posto de gasolina, não é uma concessão, não é um serviço público do ponto de vista de uma delegação do Poder Público para realizá-la; no caso da franquia, sim. Então, se um Parlamentar utiliza sua ação política para obter uma vantagem para os seus parentes, isso já qualificaria uma situação, eu diria, bastante complicada em face da lei. Esta é a razão pela qual nós estamos investigando isso.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Está certo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O atual Presidente dos Correios suspendeu a mudança de titularidade, exatamente por força, talvez, de alguma suspeição nesses procedimentos. A senhora tem alguma informação sobre isso? Acha que foi razoável ter tomado essa medida? Como a senhora comentaria essa decisão do atual Presidente dos Correios?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Bom, nós recebemos, em setembro, uma comunicação de que haveria uma suspensão, por cento e vinte dias, para que fossem estudados novos procedimentos, novos critérios para efetuar. Agora, é uma situação... Não sei até que ponto se encontra um amparo legal porque transferências de titularidade são de empresas. Então, se um sócio morre, como fica a situação em relação aos seus sucessores? Existem ene situações que envolvem a questão da mudança de titularidade. Como em qualquer empresa, acho que temos o direito, desde que a franqueadora concorde e aprove, eu acho que é direito nosso poder solicitar essa questão de transferência de titularidade. Muitas vezes há uma desinteligência entre os próprios sócios em que não é possível permanecer ambos à frente. Então, como é que faz?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que é exatamente o problema, porque na ACF Anchieta se revelam contratos de gaveta não colocados frente aos Correios. E, na oportunidade, o depoente diz que é muito comum ter contratos de gaveta na rede franqueada.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, ao que nos consta não é comum este tipo de situação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, se algum dos Deputados quiser fazer suas perguntas agora, já que tenho, até por função natural, uma série de perguntas a fazer, colocaria a disponibilidade aos Srs. Deputados e iria alternando as perguntas.

O SR. PRESIDENTE (Onyx Lorenzoni. PFL – RS) – Próximo orador inscrito, pela ordem, Deputado Murilo Zauith, a quem concedo a palavra por dez minutos.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Obrigado, Sr. Presidente. Srª Emily Yamashita, que é presidente do Conselho da Abrapost, que detém as franquias dos Correios do nosso País, qual é a maior preocupação, hoje, dos franqueados?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Já posso ir respondendo? A maior preocupação nossa é com a incerteza em relação ao futuro das nossas empresas em 2007. Em 2007, conforme apresentamos, é o prazo para a vigência dos nossos contratos que foram prorrogados.

Para qualquer empresário, acho que é ruim inclusive para a própria empresa, essa incerteza em relação às perspectivas de desenvolvimento da atividade. Isso cerceia investimentos, melhorias, cerceia... Acho que essa é a preocupação maior.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Na lei que administra as franquias no País, as senhoras têm a franquia dos Correios. Mas existem vários tipos de franquias em empresas privadas. O mesmo tipo de franquia de empresa privada é a que existe hoje com a ECT? Existe essa insegurança no mercado para qualquer franqueado em qualquer tipo de serviço?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. Isso não é verdade. Inclusive, existem contratos extensos. Outros nem fixam o prazo para encerramento da loja franqueada. E a rede franqueada dos Correios, em quantidade, é a terceira maior rede de franquias do País, atrás apenas do Boticário e da Kumon. Mas é a maior receita de todas elas.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Gostaria da participação do José Eduardo como jurista. Estou dizendo a ela, Deputado José Eduardo, que esse contrato que os Correios têm com os franqueados é baseado na Lei de Franquia. Gostaria de saber se é igual ao da iniciativa privada ou deveria ser, porque ela é uma empresa privada que não vai respeitar uma lei nacional de franqueados. Então, gostaria que V. Exª participasse nesse sentido.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Poder Público, às vezes, tem algumas es-

pecificidades, Deputado Murilo Zauith, que devem ser consideradas. Uma delas é essa necessidade de licitação que o mundo privado não tem. Ou seja, há algumas características. Essa é uma questão que vamos ter que refletir bastante, nesta Comissão, quando chegarmos à parte propositiva, isto é, quando formos propor mudanças para o futuro. Há notícias que temos, inclusive, projetos de lei tentando mudar essa relação. Portanto, temos que nos debruçar sobre essa questão, captar as informações que nos dão aqueles que têm experiência e verificarmos até que ponto essa legislação tem que ser estritamente adequada àquilo que acontece no mundo privado ou se temos que fazer algumas inovações que assegurem mais o interesse público.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – A preocupação maior dos senhores é investimento e vencer o contrato que detém com os Correios. Então, se vencer esse contrato e não houver uma discussão maior no Congresso Nacional, encerra-se esse serviço?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Gostaríamos muito de contar com o conhecimento, a *expertise* de V. Exªs para que... Inclusive, colocamo-nos à disposição para fornecer subsídios para estudar a questão. Seria fundamental esse tipo de busca de uma solução. Para nós também é totalmente desconfortável essa incerteza.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – A senhora tem desconforto, hoje, como presidente da Associação, com alguns franqueados que não fazem parte da Associação e têm um comportamento adverso dos princípios que a Associação procura ter?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Certamente. A Associação não aprova irregularidades. O maior bem que temos...

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Existem franqueados que não fazem parte da Associação e que trazem incômodos?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Gostaríamos de bater por regras gerais, claras e que todos cumprissem, porque isso ajuda a preservar a própria marca. O maior bem que uma empresa franqueada pode ter é uma marca forte, saudável. E nós, que representamos a quase totalidade das agências, queremos cumprimento de regras claras. Somos a favor de que se houver irregularidades, sejam apuradas e sejam aplicadas as sanções contratuais.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – O franqueado dos Correios, na sua loja, só pode ter serviços dos Correios ou pode ter outros tipos de serviços?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. Como pré-requisito, na década de 90, foi exigido que tivéssemos um outro comércio para poder instalar. Mas em 1993 já foi exigido que extinguíssemos aquele negócio original.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Hoje é exclusivo?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Hoje praticamente é exclusivo. Mas os Correios vêm permitindo alguma atividade complementar, desde que não ocupe a mesma área do serviço postal, tipo papelaria, por exemplo.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Os Correios, hoje, detêm o monopólio, no País, da postagem e do telegrama. Isso é monopólio dos Correios?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Mas isso vem sendo sistematicamente quebrado pela concorrência, até em função daqueles conceitos...

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Mas quando a senhora fala em concorrência é só serviço de carga...

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. De correspondência, porque...

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – ... que concorre hoje. Quem concorre hoje com os Correios na postagem, na venda de selos e telegramas?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Excelência, venda de selos e telegramas é exclusivo dos Correios, mas a maior parte dos serviços...

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Os senhores não podem fazer telegramas?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Podemos captar o telegrama...

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Essa exclusividade dos Correios também é transferida aos senhores?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Também é transferida. Nós captamos o telegrama, transmitimos para as centrais dos Correios, que se encarregam de fazer a distribuição.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – E a senhora pode ter esse serviço de postagem, quer dizer, usar uma parte dos Correios e se quiser fazer serviço de carga também pode?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Mas sem transportar pelo Correio?

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Sim.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Isso seria uma prática desleal de concorrência e é punida, inclusive, contratualmente, com o descredenciamento.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – A senhora é exclusiva dos Correios? Então não pode fazer os serviços que eles têm em paralelo?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. De forma nenhuma.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Para fazer os serviços que os Correios oferecem, tem que fazer conjuntamente?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Temos que ser exclusivos e é passível de descredenciamento qualquer um que venha a praticar uma concorrência... Seria uma concorrência com os próprios Correios.

O SR. MURILO ZAUITH (PFL – MS) – Já estou satisfeito, Sr. Presidente. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – O próximo orador inscrito é o Deputado Pompeo de Mattos, a quem concedo a palavra.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Damos tempo ao tempo para que com tempo tenha tempo e eles não percam tempo. Chegou meu tempo.

Quero cumprimentar nosso Presidente, Deputado Arnaldo Faria de Sá; nosso Relator, Deputado José Eduardo Cardozo; e cumprimentar também a Srª Emily Sonia Fukuda Yamashita, japonesa, e todos os colegas Parlamentares. Em primeiro lugar, gostaria de dizer que essa questão das franquias – razão pela qual V. Sª está aqui presente. Aliás, quem lhe acompanha é um advogado. Não sei se o Deputado Arnaldo Faria de Sá perguntou o nome do advogado.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – O Relator já havia perguntado.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Essa é a primeira pergunta do Deputado Arnaldo Faria de Sá.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Estou presidindo e não...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Estou secundando... Ele está *light*; quando preside está *light*. Então é colega, é um advogado que está em sua companhia.

Veja bem, Srª Emily, a senhora está aqui exatamente por todo esse questionamento que se faz em função das franquias. Absolutamente não há uma acusação grave, não há um fato relevante, não há possibilidade de um indiciamento. Muito pelo contrário, queremos compreender toda essa situação que ocorre, até para que fique claro, porque algumas pessoas que sentaram nessa mesma cadeira não falavam a verdade, distorciam, escapavam, não sabiam, silenciavam-se, negavam-se a responder, etc. Então, o que queremos da senhora é exatamente as informações de quem é do setor, vive o setor e, naturalmente, defende os interesses do setor, porque é uma entidade representativa, mas para que possamos fazer uma leitura clara e completa do setor. E isso porque aí já se sentaram pessoas ligadas às ACFs que não tinham a altura que a senhora tem, de representatividade, e que estavam dirigindo ACFs como laranjas, enfim, sendo usados como laranjas, às vezes sendo a própria laranja, enfim, pessoas que não tinham a ACF em seu nome, que tinham contratos de gaveta, e as ACFs, não por acaso, milionárias, as mais ricas.

Então, tudo isso criou uma imagem negativa em relação às franquias, que passaram a ser consideradas como grandes esquemas que estavam sendo montados. Passavam a impressão de serem caixa dois dos Correios, quando sabemos – e tenho essa leitura bem clara – que não é isso.

Obviamente que em toda atividade há descaminhos, há pessoas que não estão com as melhores intenções, com as melhores práticas, as melhores ações. Por isso, queremos estabelecer o equilíbrio para ter uma leitura bem clara do que é uma ACF, do que é uma franquia, como funciona, a sua capilaridade, a sua atuação, o seu atendimento, as suas qualidades, enfim, a sua amplitude, até porque temos algumas questões que deverão ser decididas pelo Congresso Nacional no futuro, e uma delas é exatamente a continuidade ou não das franquias. E se continuarem, qual será a modelagem das franquias a partir de então. Temos, portanto, que aprofundar bem essas questões.

Sobre isso gostaria de fazer algumas perguntas preliminares. A senhora preside também a associação das franquias de São Paulo, além de ser presidente da associação nacional.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Sou presidente da Diretoria Executiva da Abrapost de São Paulo e do Conselho Deliberativo da Abrapost nacional, composto pelos presidentes de todas as entidades estaduais.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Perfeito. Não sei se a senhora percebeu, pelo menos eu tenho esta leitura, que os maiores problemas de ACFs estão em São Paulo.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Será que as melhores soluções também não?

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – O que a senhora falou?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Desculpe, Deputado.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Não. Os problemas que se constataram aqui foram exatamente em... batem sempre em São Paulo. Outros colegas, de outros Estados, dizem que nos seus respectivos Estados funcionam bem. Tive, por conta disso, um encontro com as franquias do Rio Grande do Sul, até para ter uma leitura...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – É que mais da metade está em São Paulo, então os problemas também estão na mesma proporção.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Mas vemos que há algumas coisas que causaram impressão, por exemplo, de migração, de transferência, as mais ricas estão lá, as de maior volume estão em São Paulo, e exatamente na sua área. Então, pergunto: das vinte maiores franqueadas, a senhora tem uma noção... A senhora tem uma franquia, não é? Além de ter uma franquia, é presidente...

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – ...das franqueadas de São Paulo e nacional, então a senhora tem uma leitura... ainda que a senhora não tenha... a senhora diz: não sei bem...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Deputado, ela não é presidente da Associação Nacional, só da Associação Regional.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Da Nacional também.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Da Nacional também.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Do Conselho Deliberativo...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Das duas. Aliás, ela está aqui em função...

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Do Conselho Deliberativo da nacional...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – ... de ser presidente da nacional.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Do Conselho Deliberativo...

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Do Conselho Deliberativo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Mas é o que representa... É a autoridade nacional das franquias. A senhora já não tem o balanço aqui... Enfim, não sei qual é o melhor, mas, pelo seu conhecimento, pela sua vivência, a senhora tem noção de quais as maiores franquias – a senhora pode não saber os números exatos, mas tem visibilidade –, então, das vinte maiores franquias de São Paulo, quantas são filiadas à Associação dos Franqueados de São Paulo?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Excelência, até por eu não ter a relação do "rankiamento", fica complicado eu discriminar. Não sabendo exatamente quais são as vinte, acho que eu cometeria uma imprecisão. Mas, certamente, talvez a metade seja. Eu precisaria ter um "rankiamento" para dizer que está é associada, está não é.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Eu vou dizer por que faço esse questionamento. Pelo que eu senti, pelo que depreendi de sua manifestação anterior e pelo que eu tenho aprendido em relação a franquias – não é uma máxima, mas é um entendimento, talvez empírico –, quem está na Associação está no batente, está na luta, no dia-a-dia, está no balcão, é interessado, vai à luta, enfim, está preocupado; e aqueles que não estão na Associação estão em um outro jogo, o que, inclusive, lhe dá mais autoridade. Alguns não estão na Associação e já nem vão lá, são outra coisa, o que dá mais respeito a sua entidade, a Abrapost, em São Paulo. Então, o pessoal sequer se mistura, porque o negócio deles é outro. Fico imaginando como alguém que é laranja vai à Associação!

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, não vai. Nem é permitido entrar. A não ser que comprove.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Pode entrar, sem que saibam, mas daqui a pouco acabam descobrindo. Então, a CPMI tem que colocar os olhos nesses que não estão na Associação para vermos o porquê de eles não estarem associados, especialmente esses grandes. Por que não estão associados? Não estão na sua entidade de classe lutando, lá, pela sua própria classe para moralizar, para colocar ordem, para reivindicar, para bem encaminhar as questões, para ter algo organizado, representativo? Essa é a minha primeira preocupação. Inclusive acho que a senhora também deveria ter essa preocupação para não deixar que alguns, que nem são, digamos assim, seus aliados, mas que estão no setor, acabem por manchar a imagem da entidade sem a ela pertencerem, acabem manchando o nome do setor, dele participando e não colaborando com a entidade.

(O Presidente faz soar a campainha)

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Que coisa violenta, tchê!

Quando vencem as franquias?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Em novembro de 2007.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Pela sua experiência, o que a senhora poderia sugerir para esta CPMI, diante do fato de a senhora ser uma dirigente nacional, ser uma franqueada, e sabendo que esse modelo de franquia de "dar para quem quer" está vencido, ultrapassado – a Lei nº 8.666 não vai mais permitir essa questão das trocas de franquias com contratos de gavetas –, não dá mais para "tapar o sol com o peneira"? Qual é a sua sugestão?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Nós acreditamos muito na viabilidade. Está provado que é viável e que viabilizou a própria auto-sustentação da nossa franqueadora, a ECT, o modelo de franquia. O franqueador preserva o controle da atividade, preserva a marca, não investe, os riscos são todos do franqueado. Então, nós achamos que o modelo de franquia

poderia merecer uma atenção, especialmente a de V. Exªs, aqui no Congresso, para verificarem se não seria o caso de se pensar na franquia não só para nós, mas como modelo até para movimentar as economias locais, nos Estados e nos Municípios. Acreditamos, e até ofereceríamos subsídios, se necessários, e nos enquadraríamos nesse modelo futuro a ser definido.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Em primeiro lugar, quero sou a favor da franquia. Não tenho por que "ficar tapando o sol com a peneira". Sou a favor por achar que é uma modelagem boa para que uma empresa pública tenha capilaridade e agilidade, que tenha o braço longo da companhia estendido nos mais diferentes espaços, com um trabalho de qualidade, com clientes fidelizados, enfim, estou de acordo com tudo isso que a senhora disse. Inclusive vou brigar, aqui na CPMI, para que nós construamos um relatório no sentido de apontar um caminho para as franquias. Mas quero que possamos sinalizar esse caminho desde já. Partindo do princípio que as franquias vão continuar – na minha concepção, eu quero que elas continuem –, mas, do jeito que está, não podem ficar. Contrato de gaveta nunca foi permitido e agora vai ser desmascarado, vamos dizer assim. Quanto à questão das franquias por QI – quem indica –, também não dá, portanto, vai ter de haver licitação. A senhora concorda que haja uma licitação? A senhora acha que há mecanismos? Teria como dar uma contribuição para a formatação do sistema licitatório para uma franquia? Vocês teriam como contribuir para isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Nós nos colocamos à disposição para cooperarmos, para estudarmos e para colocarmos à disposição estudos e pareceres que já tenhamos feito. Gostaríamos de cooperar não só para o nosso segmento, mas porque acreditamos no modelo.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, para concluir, porque o meu tempo já se esgotou.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Faz tempo, mas eu fui complacente com V. Exª.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Paciência de Jó. Depois V. Exª me dá um mate. Enquanto falar, eu tomo um "amargo-doce que sorvo, não beijo em lábios de prata que tem o perfume da mata molhado pelo sereno". Para nós, gaúchos, "a cuia é como um seio moreno que passa de mão em mão e que traduz, no chimarrão, em nossa simplicidade, a velha hospitalidade da gente do meu rincão, lá do meu Rio Grande do Sul".

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – EmprestE o chimarrão para S. Exª.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, parabenizo a Srª Emily pela sua participação. Acho que é uma contribuição importante esses documentos ficarem aqui, porque vão corroborar com os trabalhos desta CPMI. Quero fazer um pedido à senhora – imagino que a senhora tenha uma assessoria jurídica –: que essa assessoria possa trazer ainda, eu me disponho a receber, assim como outros colegas também, um documento no sentido de criar uma alternativa das possibilidades de como seriam as franquias daqui para frente, observando o ponto de vista do franqueado – eu sei que vocês vão olhar do ponto de vista do franqueado –, sob o ponto de vista da transparência pública, do preenchimento da Lei nº 8.666, da questão da licitação, da juridicidade, enfim, todos aqueles requisitos que a lei exige, para termos uma noção de encaminhamento, porque é importante que eu tenha essa leitura no relatório da CPMI. "Quem madruga, Deus ajuda"; "boi lerdo bebe água suja, e quem chega primeiro à fonte bebe da melhor água". Não dá para esperar o dia da renovação para ver o que se vai fazer. As coisas têm de ser encaminhadas a tempo. Então, penso que esse trabalho cabe a vocês também, e eu estou disposto a recebê-lo e a contribuir com a CPMI no sentido de oferecer uma sugestão prática e objetiva para darmos segmento a esse trabalho.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Peço a liberação da antepenúltima fileira, para que as pessoas que estão em pé possam ocupá-la.

Tem a palavra a Srª Emily Sonia Fukuda Yamashita.

A SRª EMYLI SONIA FUKUDA YAMASHITA – Meus respeitos pela visão e pela preocupação de V. Exª.

Para esclarecer, no Ministério da Indústria e Comércio há um projeto formulado por várias entidades, pela Associação Brasileira de Franchising, além de várias redes de franquias e vários Ministérios que têm experiências similares, e que participaram da elaboração de um anteprojeto de lei de franquia, alterando a lei existente. Nesse anteprojeto, que ainda não veio para cá, mas está sendo proposto, inclusive em um dos artigos se contempla a implantação ou a adoção do modelo de franquia pelas entidades da Administração Pública, respeitando os preceitos constitucionais de moralidade, publicidade, enfim, todas essas preocupações demonstradas por V. Exª. Então, talvez fosse interessante que o próprio Ministério da Indústria e do Comércio também pudesse...

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Se a senhora tiver cópia desse anteprojeto, por favor, faça com que ele chegue a minha mão.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Nós o encaminharemos, com certeza.

Muito obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Concedo a palavra ao Deputado Onyx Lorenzoni.

V. Exª dispõe de 10 minutos.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – A senhora apresentou um *slide* que me chamou a atenção. Acompanho a luta dos franqueados desde 2000. À época, eu era Deputado Estadual, e o Deputado Pompeu de Mattos também, e desde então acompanhamos a luta dos franqueados, porque, em um dado momento – isso é importante ficar registrado nos Anais –, se estabelece uma luta que é completamente ideológica e ultrapassada. A participação da sociedade nas atividades públicas é algo que não se discute mais em lugar nenhum do mundo democrático, inclusive em países de corte socialista, ou com partidos que estejam no poder e tenham esse corte. Por quê? Porque, mesmo no monopólio público, a participação em determinadas áreas da ação da sociedade é absolutamente dispensável, até no balizamento, no regramento e na limpeza do monopólio quando público. Portanto, quero deixar claro que nós não vamos permitir que se reabra aqui a discussão para acabar com o sistema de franqueamento nos Correios, por mais que algumas pessoas pensem que isso seja possível. Se há problemas, nós vamos trabalhar para resolvê-los, agora, retroceder é impensável por conta de que há, hoje, uma rede que não é a da franquia de que eu vou falar. Que País é este e que sistema maravilhoso e perfeito é este de monopólio, que tem 17 mil empresas concorrendo com 1,2 milhões de postos de trabalhos criados? Quem está certo? É a ECT e seus problemas ou é a sociedade que se organiza para superar aquilo que o ente estatal não é capaz de atender? Portanto, acho que não há uma coisa nem outra.

Sr. Presidente, faço essa preliminar por entender fundamental o trabalho coordenado pelo Deputado José Eduardo Cardozo no sentido de se buscar a higidez do sistema, a correção. Brevemente teremos que discutir como o sistema vai se reorganizar, como se garantirá o direito que está adquirido, na minha visão, de milhares de empresas no Brasil, como se agregarão as novas. Agora, quero dizer aqui, em alto e bom som, que muitas vozes vão se erguer na preservação de uma participação da sociedade, que, a meu ver, é imprescindível no setor público.

Dito isso, gostaria de fazer alguns questionamentos que me intrigam desde que o Sr. Maurício Marinho começou todo esse imbróglio lá nos Correios. Há algumas declarações dele que V. Sª poderia nos ajudar a elucidar, do ponto de vista conceitual, de operação, e algumas leituras técnicas que ele fez com um interesse. Eu gostaria de conhecer a sua opinião.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Pois não.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Nas várias declarações dadas pelo Sr. Maurício Marinho, e ele é a base por onde se iniciam as nossas investigações, lá pelas tantas, ele diz que estima em R$4,5 milhões a R$5 milhões mensais a sonegação de receitas dos Correios, consoante informações oficiais da própria ECT. Mais adiante ele diz: "As estimativas de sonegação seriam de aproximadamente R$1 milhão/ano". E afirma, ainda, que o faturamento oficial de todas as agências franqueadas gira em torno de R$2 bilhões, dos quais R$600 milhões pertencem às franqueadas a título de comissão.

A senhora acha que o Sr. Maurício Marinho fala a verdade? Se a senhora acha que sim, por quê? Se a senhora acha que não, por quê?

A senhora poderia explicar como se dá o repasse da comissão devida às franqueadas? Esse número de R$2 bilhões de faturamento é mais ou menos o que é mesmo? E esses R$600 milhões é o valor que vai para as franqueadas? Esse recurso recebido é limpo ou é o bruto e tem que atender a toda a demanda da infra-estrutura dos franqueados?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Em relação aos números, em 2004 – o senhor pode encontrar em um dos gráficos –, o faturamento que trouxemos para a empresa, especialmente carreado no segmento concorrencial, foi de R$2 bilhões, e a comissão que as nossas empresas auferiram totalizou R$588 milhões. O resultado, o saldo credor da nossa operação para a empresa foi em torno de R$1,5 bilhão.

Em relação ao que o senhor está dizendo, não conhecemos pessoalmente Maurício Marinho, até porque as nossas interlocuções são feitas muito mais numa diretoria diferente. Não temos participação alguma em diretorias de administração, de recursos humanos ou financeira. Nossas tratativas são sempre com a diretoria comercial. Em momento algum tivemos interlocução com ele. Não sei se ele tem algum tipo de acesso, se a área dele lhe permite falar com propriedade sobre as questões que afetam a relação nossa com a empresa. Agora, muito nos assustou a todos, porque o diálogo e o trabalho cotidiano que temos com o quadro de funcionários da ECT não são com funcionários com esse perfil; são funcionários que estão lá labutando, juntamente com os nossos 20 mil funcionários. Os 108 mil funcionários ecetistas com quem trabalhamos todos os dias do ano são funcionários que realmente estão lá batalhando, trabalhando para fazer cumprir os pa-

drões de qualidade e de eficiência. E nunca tivemos esse tipo de interlocução com quem quer que seja dentro da empresa.

A avaliação nossa foi um pouco de espanto e de dor, de muita dor, de saber que a empresa pela qual lutamos todos os dias, cuja bandeira abraçamos com muito orgulho, pudesse ter situações como essa. Mas é uma situação que de forma nenhuma é o perfil dos funcionários da ECT. Aliás, é uma organização que foi remodelada pelo regime militar e, culturalmente, é uma empresa em que se preserva muito a hierarquia, a obediência, o cumprimento de prazos, o controle e a supervisão das atividades, para fazer girar a máquina diária de produção de serviços. A nós nos causou muito espanto.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Mais adiante, mesmo sabendo que isso agride muitas vezes aqueles que estão dentro da empresa, quer como franqueados, quer como funcionários, essas declarações são muito importantes no nosso processo investigativo. Então, vou continuar me reportando ao que ele diz, e a senhora apresentando a sua leitura.

O Maurício Marinho disse que as máquinas digitais têm por escopo registrar todas as entradas e saídas de objetos postais nas agências, e que certamente há fraudes verificadas no não-controle dos objetos postados nas agências franqueadas – isso é textual dele.

Declara, ainda, que o controle está a cargo das áreas operacional e comercial; que o não franqueamento de objetos é uma das fraudes, e que a franqueada informa somente o número de contrato, a quantidade de objetos postados; que não é comum checar a declaração da franqueada com a quantidade de objetos que foram lançados por ela no tráfico postal e que há o problema do cabeçote clonado – palavras do Marinho –; que o cabeçote possui uma bobina por onde o objeto postal passa, ficando impresso nele o nome da agência, a data e o valor, e que as franqueadas usam cabeçotes clonados no que se refere aos franqueamentos à vista.

Pergunto para a senhora: como é feito o controle dos objetos postados nas agências? Existem vistorias nessas máquinas digitais? Quem é responsável pelas vistorias?

V. Sª já teve notícia de algum tipo de favorecimento a alguma franqueada, por parte da área operacional da ECT?

Hoje, as máquinas digitais atingem que percentual das agências franqueadas? É que havia uma discussão de que, antes do advento das digitais, era muito mais fácil haver as irregularidades, e que, depois do advento, ficaria mais difícil. Foi o que passou por aqui.

Gostaria que a senhora explicasse um pouco em cima do que ele disse e em cima da sua experiência pessoal como compreende esse mecanismo.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Causa-nos, de momento, uma revolta muito grande quando temos declarações que generalizam esse tipo de irregularidade que, se tiver sido cometida, não é irregularidade que o sistema comete.

V. Exª me pergunta sobre a questão de quais controles. Diariamente, somos obrigados a transmitir os arquivos, por meio eletrônico, de todas as operações que realizamos. Cada um dos sedex, tudo que passou pelas máquinas de franquia. Essa carga é retirada das nossas agências por caminhões ou peruas da própria empresa que levam para centros de tratamento de carga.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – O controle é diário, então?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – O controle é diário. Sabemos que é por amostragem, todos os dias tem, e que a qualquer dia essa carga que estamos enviando fisicamente, as cartas, pode ser confrontada com os dados eletrônicos que passamos diariamente.

Além disso, nas agências onde ocorrem volumes maiores de processamento de carga em máquinas de franquia existe um controle, uma auditoria presencial. Os Correios têm nas maiores franquias – eu não saberia lhe dizer exatamente todas ou quais, o que certamente a empresa pode fornecer – controles presenciais de fiscais que auditam a carga e o processo de franqueamento. E, nas demais, que não são, existe uma amostragem, e estamos sujeitos, durante a semana, a receber um fiscal que fica lá o dia inteiro. E não sabemos em que dia ele estará na nossa agência fazendo também essa verificação presencial.

Agora, uma empresa com 108 mil funcionários, em que grande parte deles está nas áreas operacionais, acho muito difícil haver qualquer tipo de mecanismo de favorecimento. Existem turnos, a empresa funciona, em muitos setores, em três turnos. As nossas cargas são retiradas de manhã, no horário de almoço e à tarde, no final do dia, com turnos diferentes de funcionários, centenas de funcionários trabalhando. Acho que seria uma operação impossível de se fazer.

Outra coisa: grande parte das nossas agências processa um volume relativamente pequeno a médio de objetos. Se houver uma divergência, uma agência que todo dia manda 20 caixetas processadas e num determinado dia chega a 100 e não está no movimento, quer dizer, os funcionários que estão lá têm uma percepção do perfil das agências. Acho muito arriscado.

O senhor me perguntou também das máquinas de franquia digital. Os dados que temos são de que estão implantadas nas agências. Acordamos, sempre fomos a favor de ter controles rigorosos. Chegamos a propor, em 2001, inclusive, serviços que não necessitavam de franqueamento, mas a modalidade de contrato de impresso especial foi uma iniciativa nossa, para que se processasse a carga sem o franqueamento.

Então, as máquinas de franquias digitais, pelos relatórios que nos têm chegado às mãos, estão implantadas nas agências que geram 70% do volume de receita nessa modalidade. Todas que não têm estão aguardando da empresa a instalação dessas máquinas.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Desde quando essas máquinas estão implantadas?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Desde 2004.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – E quanto à possibilidade daquela história... Porque ele insistiu muito no fato dos cabeçotes clonados, que os objetos franqueados por contrato não são obrigados a passar pelas máquinas mecânicas de franqueamento vendidas pela Pitney Bowes dos Estados Unidos; que há situações de franqueamento por contrato envolvendo grandes clientes, onde os objetos postais saem da gráfica direto para o tráfico postal, sem passar pela franqueada.

Essa é uma sistemática ainda existente ou existia antes do advento das máquinas digitais?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – A sistemática de postagem de cargas sem franqueamento, mas na modalidade de contratos com a empresa?

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – É.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – São modalidades que já existem. O cliente precisa fazer um contrato diretamente com a ECT. A carga, no caso em que o franqueado está operando, é levada ao centro de tratamento, é pesada pelas equipes da empresa; é feito todo um comprovante daquela postagem, e, pelo peso da carga e para o destino da carga, é feita a precificação e a fatura vai diretamente para o cliente.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Então, o controle é de uma outra forma que não pela marcação unitária?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – No ato, é pesado pelos próprios funcionários dos Correios, que fazem a tarifação.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Os Correios é que fazem, não é a agência franqueada?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – É, os Correios.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – A agência só captou o contrato.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Isso, e descarregou a carga lá. Nos grandes contratos, nós somos obrigados a levar a carga no centro de tratamento.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Nobre Deputado Onyx Lorenzoni, o tempo de V. Exª já se esgotou.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Então, eu me reinscrevo, porque tenho mais duas ou três perguntas. Nós, que não somos especialistas nessa área, estamos aprendendo muito hoje e desmistificando muitas coisas com o depoimento da Srª Emily.

Peço minha reinscrição.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – V. Exª já está reinscrito.

Com a palavra o Senador Aelton Freitas.

O SR. AELTON FREITAS (PL – MG) – Sr. Presidente, Deputado Arnaldo Faria de Sá, Sr. Relator, Deputado José Eduardo Cardozo, Srª Emily – é um prazer conhecê-la. Como Prefeito de uma cidade pequena no interior de Minas Gerais, tive a oportunidade de ter, em meu mandato, a abertura de uma agência franqueada em minha cidade e ver o quanto beneficiou o trabalho, principalmente das pessoas mais carentes. Agora, como Senador – cheguei pela suplência do vice-Presidente José Alencar – tive o dissabor de ver este momento pelo qual os Correios passam, atingindo tantos segmentos e tantas pessoas que estão direta ou indiretamente ligados aos Correios.

Entendo que o momento é propício para separarmos o joio do trigo, porque a partir da dor é que conseguimos fazer isso, e para mostrar o quanto o trabalho terceirizado, hoje, é uma das principais saídas para o País, o quanto o sistema de franquia funciona, a partir desses 16 anos de experiência que a sua empresa já tem com os Correios, com mais de 20 mil empregos, para ver o que é bom e o que é ruim. Ou seja, vai servir de cobaia. Sabemos que o momento por que vocês passam é desgastante, assim como o momento por que o País passa, e muito mais nós aqui, como Parlamentares, queríamos que tudo estivesse dando muito certo, que o nosso Governo Lula estivesse caminhando da maneira que desejamos; mas existem essas pedras no caminho.

Quero parabenizar o sistema de parceria com o qual vocês estão servindo de exemplo para o País e, a partir desse momento, possam muito mais aprimorar essa parceria, servindo de exemplo para outras empresas, outros segmentos, outras estatais.

Não vejo crítica a fazer. Pelo contrário, tenho que parabenizar o trabalho que vocês fazem. A parceria sempre fica com o osso do negócio. O que é bom, muitas vezes, ou na maioria dos casos, não é terceirizado. E percebemos que hoje as agências franqueadas estão em periferia, em segundo plano, e vocês fazem tudo para sobreviver. Há problema aqui? Não sabemos. A CPMI existe para isso.

Quero cumprimentar a sua empresa pelo trabalho que desenvolve, pelo benefício que faz aos brasileiros, em especial ao interior do meu Estado. Se não fossem as agências terceirizadas, a maioria das cidades pequenas de Minas Gerais tinham de ir às cidades maiores, como é o caso da dificuldade da Previdência Social quanto aos caixas eletrônicos, em relação aos quais temos trabalhado junto às instituições financeiras, principalmente a Caixa Econômica e o Banco do Brasil. Mas temos de cumprimentar os Correios pela iniciativa e sua agência pelo trabalho prestado nesses 16 anos.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Muito obrigada, Senador.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Farias de Sá. PTB – SP) – Agradeço a participação do Senador Aelton Freitas.

Concedo a palavra, por cinco minutos, ao Deputado Feu Rosa.

O SR. FEU ROSA (PP – ES) – Sr. Presidente, Sr. Relator, Srs. depoentes, Srªs e Srs. Deputados, nobre assistência, gostaria de saudar a senhora, Drª Emily, pelo trabalho que vem desenvolvendo e por acreditar no bem que está fazendo para o Brasil.

Enquanto estamos aqui discutindo estas questões, todas relevantes e justas, faço um adendo ao que o Senador acabou de dizer. Devemos muito aos franqueados. Estamos devendo demais. Só citarei um exemplo: no Município onde nasci, Município da Serra, ao norte da capital, Vitória, no Estado do Espírito Santo, temos bairros de 20 a 30 mil habitantes, bairros de 5 a 15 mil habitantes, com um comércio intenso, mas que não possuem sequer uma franqueada dos Correios.

O bairro de Novo Horizonte, bairro que antecede a Companhia Siderúrgica Tubarão, a maior siderúrgica do Brasil, não tem agência dos Correios. O bairro Pedro Feu Rosa, com mais de 40 mil habitantes e um comércio forte, não tem uma agência sequer dos Correios.

O SR. PRESIDENTE **(Arnaldo Farias de Sá. PTB – SP) – Qual o nome do bairro?**

O SR. FEU ROSA (PP – ES) – Bairro Pedro Feu Rosa. É de um ascendente meu.

O bairro José de Anchieta...

Bem, seria muita pretensão minha, não é? (Risos.) É porque a nossa família tem centenas de anos no Município.

O bairro José de Anchieta, com mais de 15 mil habitantes, não tem uma agência sequer dos Correios.

O bairro Planalto Serrano, com 20 mil habitantes, não tem uma agência dos Correios.

Quero parabenizá-la pelo que já foi feito e solicitar a todos os envolvidos nesse processo de franquias, principalmente dos Correios – é ocioso repetir –, uma agência dos Correios, especialmente aliada a um banco de pequenos negócios, como o Bradesco.

Eu queria parabenizá-la pelo que a senhora representa, esperando que o tempo passe, as coisas fiquem mais claras e dê tudo certo.

Agora tenho umas perguntas a fazer, Srª Emily, que são as seguintes: as franquias foram criadas pelos Correios para expandir sua rede. É isso correto? Tenho cinco perguntas aqui. Eu as farei e a senhora, pouco a pouco, pode respondê-las.

Como a senhora acredita que ocorrerá a continuidade dessa rede em sua expansão, pela situação em que ela se encontra hoje?

Existem experiências semelhantes a essa franquia dos Correios no setor público brasileiro?

Finalmente, como se encontra a proposta de renovação da Lei de Franquias no Ministério de Desenvolvimento?

São, de fato, quatro perguntas, às quais eu solicitaria a senhora a gentileza de responder.

Obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Farias de Sá. PTB – SP) – Agradeço a V. Exª.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Posso responder?

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Farias de Sá. PTB – SP) – Pode responder.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Muito obrigada.

Em relação à questão da expansão do atendimento e da continuidade da rede franqueada nessa expansão, reconhecemos que a empresa, assim como em 1989, ficou 10 anos sem recursos e não implantou agência alguma, de 1979 a 1989, por não ter recursos de investimento e de manutenção e estar proibida de contratar e fazer concurso para novos servidores. Havia um déficit imenso naquela época, e nós, em 3 anos, conseguimos implantar 5.100 guichês no País.

A situação da empresa hoje é muito semelhante. Os resultados que a empresa tem são pequenos: no ano passado, algo em torno de R$300 milhões a R$400 milhões, que não seriam suficientes para o investimento e a manutenção. Sabemos, como V. Exª

estava dizendo, dos vários bairros no Espírito Santo, mas no resto do País também existe uma demanda e uma carência de serviços. Não somos contra; achamos que a empresa é, constitucionalmente, responsável pela universalização, pela entrega dos serviços postais em todos os domicílios. Acreditamos que o modelo que adotamos é um modelo vencedor, que poderia ser expandido.

No caso de redes, quando V. Exª pergunta se existem outras redes, nas redes privadas de franquia, há até mesmo o incentivo, para aqueles franqueados que tiveram um excelente desempenho, de assumirem novos postos, antes de serem oferecidos para novos empresários. Não estou querendo dizer, com isso, que queremos ou que vamos assumir. Estamos dispostos a colaborar, a cooperar com aquilo que estiver a nosso alcance para fazer com que a empresa expanda o atendimento e garanta o seu dever constitucional.

Quanto à indústria e comércio, existe um anteprojeto de lei no Ministério da Indústria e Comércio, que vem sendo desenvolvido pelo Ministério da Indústria e Comércio e pela ABF – Associação Brasileira de Franchising, que congrega as redes de franquia e os franqueados.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Por que o Ministério da Indústria e Comércio, se as franquias estão ligados ao Ministério das Comunicações?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, porque é um projeto mais amplo de franquias, para revisão da Lei de *Franchising*, que existe hoje e que já está defasada.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Já entendi, já entendi.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – O Ministro Furlan tem muito empenho e a meta de internacionalizar as redes de franquia vencedoras no País, uma forma de trazer novos recursos, novas divisas para o País.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Para encerrar os inscritos...

O SR. FEU ROSA (PP – ES) – Sr. Presidente, fiz as perguntas todas e há uma aqui por que tenho especial interesse.

Existe experiência semelhante no setor público brasileiro?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. A Petrobras tem as BR Mania, as lojas de conveniência instaladas nos postos Petrobras. Há também as lotéricas da Caixa Econômica Federal. A Embrapa faz o licenciamento de suas sementes desenvolvidas geneticamente. Temos experiências estaduais, como serviços aos cidadãos. Na área de águas, também temos experiências, se não me engano, no Paraná.

Temos várias experiências do Poder Público na modalidade de *franchising*.

O SR. FEU ROSA (PP – ES) – Muito bem, muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Declaro encerradas as inscrições.

Concedo a palavra, como reinscrito, ao Deputado Onyx Lorenzoni, por três minutos.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Espero que sejam três minutos com alguma tolerância.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – É só olhar no relógio.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – V. Exª está muito rígido, Sr. Presidente.

Tenho duas questões importantes. Vou parar de conversar e vou direto ao ponto. O Presidente é paulista e está correto no que está fazendo.

Vou explorar mais uma parte do depoimento do Marinho, porque acho que isso lhe dá a oportunidade de trazer esclarecimentos.

O Maurício diz que havia denúncias de fraudes envolvendo objetos postais na época da campanha eleitoral, objetos que seriam postados durante a campanha por meio de contratos com os partidos ou por contratos de terceiros, com encaminhamento direto de objetos para tráfico postal, e que, nesse caso, poderia ter havido subfaturamento ou nenhum faturamento. Diz ele que o empregado da ECT, lotado no Centro de Tratamento de Guarulhos, ligou para ele, de forma anônima, para dizer que estavam postando objetos destinados à campanha de candidatos a vereador, sem o devido franqueamento; que o depoente avisou a área operacional, não se lembrando com quem falou – diz que foi um tal de Júlio Imoto ou outra pessoa –; que correm vários processos na Gerência de Inspetorias das Diretorias Regionais e também no Departamento de Inspetoria, versando sobre irregularidades cometidas por franqueadas.

A pergunta é: durante o período eleitoral – porque isso também é algo relevante nessa investigação –, a senhora teve conhecimento de políticos ou partidos que se valeram de franqueadas para obter a remessa – normalmente são malas diretas, não é? –, nesse período, a senhora tem informação disso? A senhora tem conhecimento ou não?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, não tenho conhecimento. O que eu poderia esclarecer é que existem duas modalidades de prestação de serviços, por ocasião das campanhas de eleição. Uma, é passar, normalmente, nas máquinas de franquia, que me parece é o caso aqui, a que a

pessoa está se reportando, porque chegou num centro de tratamento sem franqueamento, etc.; e a outra modalidade é por contrato, em que o candidato faz um contrato. Somente nessa situação excepcional é que o Correio permite que se faça contrato com pessoa física, porque todos os demais contratos só podem ser feitos por pessoa jurídica. Mas, na época da eleição, num determinado período, os Correios permitem que se faça esses contratos. E esses contratos, como os outros, têm que ser levados para pesagem, para que seja feito todo um controle e seja verificada a exatidão da cobrança. Então, acho meio complicado. Porque, no caso em que os objetos passam pela máquina de franquia e ficam estampados, se passar esse tipo de objeto num centro de tratamento qualquer, no primeiro centro onde nós deixamos a carga, ou foi descarregada, até chegar ao eleitor, ao destinatário, essa mesma carta passa por vários centros de triagem e de distribuição domiciliária. Nesse fluxo todo, existem vários centros, várias equipes de funcionários, até chegar no carteiro. Em todo esse fluxo, se houver qualquer irregularidade como essa, de uma carta que foi sem fraqueamento, qualquer funcionário do Correio poderá lavrar um auto de irregularidade – e ele deve fazê-lo, porque objetos estão passando pelo fluxo sem que tenham sido devidamente precificados. Então, esse é um dever, e até o carteiro final tem de detectar isso. E, normalmente, quando um candidato, numa eleição, posta, ele não posta dez, vinte cartas. No mínimo, são mil, duas mil, cinqüenta mil peças. Imagine descarregar, lá, vinte mil peças sem franqueamento – que vão para vários lugares, normalmente no mesmo Estado ou no mesmo Município –; alguém vai detectar que está sem franqueamento. E, por isso, é lavrado um auto de irregularidade. O carteiro da zona "a", do bairro "b", do Município tal, chega para a agência fazer o recolhimento. Então, acho muito difícil esse tipo de situação ocorrer.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Para concluir, nobre Deputado.

O SR. ONYX LORENZONI (PFL – RS) – Até vou parar com as perguntas em cima do depoimento do Marinho, porque, se não, teria mais algumas. Mas acho que foi muito útil, porque vai esclarecendo, desmistificando muita coisa que foi criada e que tinha o objetivo, na minha opinião, claro, de atingir o sistema.

Eu queria lhe fazer uma outra pergunta, que é a seguinte – e, com esta, encerro, Sr. Presidente, com a tolerância de V. Exª –: existe, já manifestei isso em outro depoimento, algo que me incomoda pessoalmente, o fato de que houve um período em que, para haver uma transferência ou assunção de uma empresa, uma franquia, os Correios não faziam transferência. Tomei conhecimento, e ouvi um depoimento recente aqui, de que uma pessoa teve que transferir, porque o volume de dívidas por operação era tão grande que ela não tinha condição financeira de suportar. Como a regra era a de que os Correios não transferem ao proprietário, que alternativa tinha a pessoa que queria vender e a que queria comprar que não fazer um contrato chamado "contrato de gaveta", para que, quando reabrisse a possibilidade dentro da companhia, a transferência fosse feita?

Eu já usei, naquele dia – e chamo a atenção do Presidente para isto –, o exemplo de milhares de pessoas no Brasil que adquiriram, nos últimos 15 anos, o seu imóvel, a sua casa própria dessa forma. A Caixa não aceitava as revisionais, as dívidas eram astronômicas e as pessoas transferiam a posse, via contratos particulares, que foram todos validados, nos últimos três anos, pela própria Caixa Econômica Federal, que fez a transferência e até criou uma empresa específica para administrar isso.

Então, gostaria que a senhora fizesse um comentário sobre isso, para que ficasse registrado no seu depoimento – a senhora que representa as franquias –, porque eu tenho a impressão de que centenas de franqueados no Brasil passaram por essa situação. E, em alguns momentos, tenta-se dar uma capa de ilegalidade ou irregularidade que, na verdade, na minha leitura, é um mecanismo de defesa das pessoas, para poderem acessar uma prestação de serviço e ter um documento dizendo que ela não jogou fora aquele dinheiro que transferiu para alguém e que, verdadeiramente, ela detém a posse, para, depois, poder colocar na Justiça, se fosse o caso, para conseguir manter a franquia no nome do adquirente. Eu queria que a senhora comentasse isso, porque a preocupação do Relator de ir atrás dos laranjas é compartilhada por todos nós. E nós queremos isso a fim de sanear o sistema.

Gostaria de ouvir o seu comentário, porque houve um período – e eu queria que a senhora explicitasse, para ficar gravado – em que os Correios não aceitavam transferência. E compreendo que, nesse período, essa era a única arma que as pessoas tinham para poder transferir algo que já não lhe era mais conveniente para alguém que achava que era um bom negócio, como ocorre no mundo real, no cotidiano.

Obrigado, Sr. Presidente, pela paciência que teve comigo.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Muita paciência.

Srª Emily.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Excelência, eu não tenho as datas precisas, mas, se não me falha a memória, durante o período que foi de 94 – inclusive, na época em que o próprio TCU

questionou e soltou as Decisões 601 e 721 – até por volta de 96 ou 97, não se permitiam transferências. Mas, nos períodos mais recentes, essa transferência é feita de acordo com uma série de critérios técnicos e os possíveis, digamos, futuros franqueados que substituiriam o anterior passam por comissões e há todo um ritual de procedimentos normatizados pelos quais eles têm que passar.

O senhor levantou uma questão de agências que ficavam devendo – é isso? – e que precisariam ser fechadas. Houve momentos em que – de 1737, hoje nós somos 1466 – houve uma depuração no sistema. Isso representou algo em torno de 15,5% de fechamento de agências. Muitas dessas agências foram fechadas em conseqüência de alguns planos econômicos no País. Tivemos muitas dificuldades geradas, inclusive, pelo congelamento de tarifas, mas os nossos custos não ficaram congelados. Muitos naufragaram desses 15%. Além de nós termos situações de inadimplência dos clientes, o que derrubou muito os nossos franqueados, que tiveram suas agências fechadas por não poder honrar o pagamento. Agora, uma posição que a entidade tem tomado é pedir para que a empresa aplique as punições devidas a quem cometeu algum tipo de ilícito, mas sem que se perca o ponto. Então, que se responsabilizasse e continuasse o processo de responsabilização por aqueles titulares que tenham cometido algum tipo de irregularidade, mas que se permitisse a transferência para que não se fechasse o ponto. Essa tem sido a nossa posição a respeito.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Agradeço a Srª Emily e concedo a palavra, para completar a sua tarefa, ao Sub-Relator, Deputado José Eduardo Cardozo.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. Presidente, gostaria de indagar a depoente, porque uma das questões que vêm sendo colocadas reiteradamente é quanto ao problema de, num eventual novo sistema, ao final desses contratos, exigir-se a licitação. Qual a posição da Abrapost relativamente a que, ao final de 2007 – não é isso? –, seja aberta a licitação para as franquias? Há uma posição da Abrapost a esse respeito?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Nós não fizemos nenhuma discussão, em âmbito nacional, a respeito disso. Agora, como disse um dos parlamentares aqui, nós achamos que nós investimos 15, 16 anos nessa atividade e nós gostaríamos de permanecer nessa atividade. Mas gostaríamos também de cumprir os rituais que forem necessários e adequados para essa situação e que nos dêem uma estabilidade. Acho que isso seria bom, inclusive para a própria empresa poder contar ou não com o seu braço comercial hoje mais atuante.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí haveria uma posição favorável à licitação ou não?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Eu acho que teríamos que fazer um plebiscito na rede. Acredito que grande parte dos nossos colegas gostaria que houvesse uma regulamentação mais clara e com critérios lícitos etc. numa modelagem de franquia, não numa modelagem de permissão, de permissionários, como aconteceu com uma experiência recente da empresa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, depreendo que a entidade não tem posição. É isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não estou discutindo modelo; estou discutindo a licitação. Então, a entidade não tem posição sobre isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – É isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Rogério Buratti afirmou, num depoimento prestado a uma das Comissões Parlamentares de Inquérito instauradas atualmente, que a empresa GTech tem franquias dos Correios. Isso é verdade?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Ao que nos consta, não. Inclusive, uma multinacional de um porte assim...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora desconhece essa questão?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Desconhecemos. Não. Não conhecemos não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há grandes empresas que têm franquias?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Olha, não é do nosso conhecimento que tenhamos grandes empresas, não.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora desconhece qualquer grande empresa, megaempresa na rede franqueada?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Que seja uma megaempresa e que tenha também uma agência dos Correios como uma unidade de negócio?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Desconheço. Completamente.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas se pode dizer, então, que há uma megaempresa na rede franqueada? Ou seja, não proprietário de uma franquia, mas que uma franquia seja uma megaempresa?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Como o senhor viu, nós temos ali em torno de 0,4% da rede que tem um comissionamento médio acima de R$ 400 mil. Se o critério for o de faturamento, eu não sei exatamente a partir de quanto seria considerada uma megaempresa. Nós temos algumas agências, dez agências, que faturam acima de R$ 400 mil/mês.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós temos um dado de que as 36 maiores franquias, em 2003, receberam 14,18% de tudo aquilo que receberam os franqueados. O que mostra uma grande concentração dos pagamentos de comissões nas mãos de poucos.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Trinta e seis?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – As 36 maiores franquias recebem 14,18%, o que mostra uma grande concentração dos pagamentos de comissões nas mãos de poucos.

A senhora conhece situações em que um franqueado tem mais de uma franquia?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim, porque a empresa permite. Desde de 97 – acho que desde o início, mas em 97 –, e nós até temos aqui divulgação que foi feita quando se permitiram transferências, em que está muito claro que, no máximo, uma empresa pode deter a operação de duas ACFs. Mas essa não é a prática comum; a maioria tem uma agência só. Devem ser poucos os casos de...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós detectamos 18 casos.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Oito?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dezoito.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Dezoito casos? Ah! Nós vimos na revista **Carta Capital** essa notícia.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora acha, independente do aspecto da legalidade ou não – não a senhora, mas a Abrapost –, razoável que uma pessoa tenha duas franquias, tendo em vista as próprias razões que a senhora ponderou, da dimensão social, ou seja, da geração de empregos? É razoável dar esse tipo de benefício, mais de uma vez, para uma pessoa só?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sr. Relator, eu não consideraria um benefício. Nas redes privadas de *franchising*, é incentivado o franqueado que demonstrou um desempenho empresarial excelente, que tem desenvolvido aquela loja com competência a assumir novas unidades a serem abertas.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas há um critério objetivo de avaliação desse desempenho? Porque nós desconhecemos isso.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Há, porque tem a questão de crescimento de receita...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Existe?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA –...do bom atendimento, da qualidade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não estou discordando de que existam critérios objetivos, mas desconhecemos que eles tenham sido aplicados para dar mais de uma franquia. Ao que nos consta, foram critérios totalmente discricionários e políticos; não passou por um critério objetivo.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não sei... talvez não fossem políticos. Há alguns casos em que detectamos aí que são empresários, muitas vezes, que têm clientes em bairros diferentes que... É importante você ter a base de operação próxima, estrategicamente...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas houve alguma coisa objetiva, transparente, dizendo que os melhores franqueados teriam direito a ter mais uma?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. Desconheço.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, é nessa linha que eu falo de um beneficiamento indevido.

Houve um momento em que o Tribunal de Contas da União – e a senhora mesmo relatou isso na sua exposição original – entendeu que não seria mais admissível concessão de novas franquias sem licitação, ou seja, as antigas franquias ficariam mantidas, mas, dali para frente, só com licitação. Nesse período, foi aberta uma licitação em que o objetivo era a outorga de permissões.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Correto.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós constatamos que somente quatro franqueados participaram desse processo licitatório e nenhum venceu o certame. Considerando-se que, naquele momento, existiam 1,5 mil franqueados, sendo que cerca de 20% desses 1,5 mil franqueados tinham o perfil de faturamento das agências licitadas, como a senhora poderia explicar que houve tão pouco interesse, ou

verdadeiro desinteresse dos franqueados de participar dessa licitação?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – É o seguinte: esse foi um modelo que formatado pela ECT como a consultoria canadense em termos de uma loja compartilhada de negócios; era um pré-requisito novamente que houvesse um negócio, uma loja, um estabelecimento comercial de outro negócio para poder instalar nela essa unidade dos Correios, que é conhecida como ACC1. Ora, nós tínhamos sido obrigados a fechar aquele nosso negócio original em 93; para podermos competir, nós teríamos que abrir um outro negócio – para cumprir o pré-requisito – num momento extremamente delicado, quer dizer, abrir que negócio daqueles ramos permitidos para uma modelagem que não permitia operação dos serviços que nós já praticávamos e de clientes fidelizados ao longo de todos esses anos. E essas agências não podem ter máquina de franquia, pelo próprio edital de licitação, não podem ter operação sob contrato serviços de impresso pessoal, mala direta, fac, e o comissionamento foi fixado em 16%. Nós fizemos, foi motivo de inúmeras reuniões da Comissão de negociação, criada pelo Presidente da ECT na época, para que debatêssemos o tema, e nós apresentamos estudos demonstrando a inviabilidade econômico-financeira daquela operação, daquele portfólio a 16%. Era inviável. E no nosso caso ainda obrigar-nos a abrir mão dos clientes, instalarmos um novo negócio... Que novo negócio? Uma farmácia, posto de gasolina, uma papelaria? O que vamos fazer para poder fazer jus a uma ACC1 com uma limitação total de portfólio.

Nós demonstramos a inviabilidade sobre a questão e a maioria realmente não entrou por essas razões. E não fomos só nós que não entramos, os empresários do Brasil inteiro não se interessaram. Das 3.999, se não me falha a memória, mais de 3 mil foram licitações desertas, não teve um. E não foi porque nós fizéssemos propaganda, uma contrapropaganda, nem nada. Não havia viabilidade. Isso foi reconhecido pela própria empresa que conseguiu ter sucesso em torno de 300, hoje já são em torno de 200...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 282.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – ...uma boa parte com ações na Justiça, até por propaganda enganosa contra o Correio, muitas em situação pré-falimentar, algumas tiveram que fechar. A empresa, reconhecendo isso, não sei nem se é correto ou não: na licitação, a remuneração era 16%, ela fixou unilateralmente no decorrer do ano passado 25,65%. O que nós fomos inclusive questionados por alguns franqueados que não entraram naquela ocasião dizendo o seguinte: mas como, então não era 16, era 25? Porque dá uma senhora diferença, 10% de comissionamento é alguma coisa que faz diferença nos cálculos de uma empresa. Então...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora considera que 25,65% é uma taxa de congelamento razoável?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Essa é a taxa, digamos, média, que tem se mantido nos últimos anos, ao redor de vinte e cinco... assim a média das comissões no global dividida pelo número de ACF's.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, pelo que temos de dado aqui, os franqueados que têm as mesmas características de faturamento dos permissionários têm uma faixa média que varia de 40 a 35%. Se considerarmos que 25,65% é uma faixa adequada, haveria então uma situação de pagamento a maior quando se fala de 40 a 35% para os franqueados?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sr. Relator, defendemos muito a aplicação daquilo que se convencionou chamar como a tabela A. Foi uma tabela que mostrou uma inteligência até para a sobrevivência das empresas, porque, conforme até um gráfico que já protocolamos junto a V. Exª...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós temos o gráfico.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – ...quanto maior o faturamento, a curva de progressão do faturamento é muito maior do que a da comissão. Então, ao mesmo tempo em que a curva de faturamento sobe bastante, a de comissão se mantém mais ou menos estável. E para empresa é uma construção inteligente, porque quanto mais serviço nós captarmos, nós nem vamos ficar em 25, hoje o grande objeto, a grande meta, o objetivo para todos nós, é ganharmos 10% porque, na concepção atual, ganhar 10% significa que estamos processando um volume de carga e de receita equivalente maior. Em escala a gente consegue chegar numa equação boa entre o custo e a nossa comissão.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos abdicar um pouco da economia de escala. O estudo que temos aqui, o Tribunal de Contas nos revela, nos mostra que franqueados com o mesmo perfil dos permissionários recebem de 40 a 35% de comissão e que os permissionários recebem 25,65%. Considerando, pelo seu próprio depoimento, que na origem da licitação era 16% e, unilateralmente, subiu para 25,65%, não haverá no caso da rede franqueada um pagamento maior do que o necessário, uma vez que com 25,65% se consegue operar normalmente?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Eu acho que com 25,65% não se consegue operar normalmente, porque continuamos e sabemos da situação bastante crítica, ainda decorrido acho que um ano ou mais...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não era por causa dos 16% que era crítica?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Mas, mesmo com 25,65%, dependendo do tipo de movimento que essa agência tenha, ela não consegue sobreviver com isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas estão sobrevivendo, têm 282 permissionários.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Seria interessante que a própria empresa pudesse fornecer inclusive a lista daquelas agências que estão em dificuldade financeira para honrar os seus compromissos, apesar de estar em vigência, se não me engano, há mais de um ano esse percentual.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, veja, a questão de dificuldade financeira pode ter outros fatores. Há franqueados que, mesmo recebendo 35%, 40%, também estão em dificuldades financeiras por má-gestão, ou seja, não é necessariamente esse comissionamento. O que nós precisamos aprofundar é verificar por que empresas de perfil equivalente têm uma diferença de remuneração tão acentuada, de maneira a que ou um está subfaturado ou outro está superfaturado. Isso interessa a nós verificarmos, se realmente a margem de remuneração das franqueadas é correta ou não. Nesse sentido, se V. Sª tiver dados que possam nos permitir formar uma convicção, por favor, envie-nos, porque nos causa espécie que empresas do mesmo perfil atuem na mesma rede com margens diferentes, o que nos leva a crer que ou alguém está ganhando muito menos ou alguém está ganhando muito mais.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Colocaremos à disposição os estudos que, eventualmente, tivermos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Só completando, Sr. Relator, a ACC1...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A ACC1 é a permissionária, não é isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – É a permissionária. Então, como foi pré-condição de participação na licitação, ela tem um outro negócio principal e a agência é um suplemento dessa operação. Então, ela tem custos compartilhados com outra atividade econômica.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, pelo que a senhora disse, esse negócio adicional poderia ser um ônus e não uma vantagem. Essa teria sido a razão pela qual...

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. No nosso caso, que não tínhamos nenhum negócio mais e teríamos que investir para montar um negócio desconhecido, para poder entrar numa licitação, para nós era um risco desconhecido e muito grande. Ninguém hoje sai no País montando qualquer negócio, qualquer empresa.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em relação a esses permissionários, qual o peso desse outro negócio na arrecadação? A senhora tem algum estudo sobre isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não tenho. Infelizmente, não poderia...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Existem muitas ACFs deficitárias atualmente?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Nós temos situações de ACFs com problemas, sim, certamente, como tem acho que em qualquer ramo. O senhor mesmo estava dizendo: são vários os fatores que levam a uma boa gestão do negócio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muitas têm fechado, ao longo do tempo, por causa disso ou não?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. Acho que, recentemente, acredito que não, mas tivemos momentos de muita dificuldade, de pegar dinheiro em banco para poder honrar compromissos com os Correios...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Naqueles momentos mais agudos da conjuntura brasileira.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Da conjuntura brasileira ou em situações pontuais. Por exemplo, quando há uma falência de um grande grupo empresarial, em cadeia, aquilo bate, vem como um dominó. Ele cai e pode atingir agências nossas que prestavam serviços para empresas daquele grupo e que se vêem, de repente, sem condições de estar honrando e tendo que arcar com o ônus e buscar recursos para honrar junto aos Correios. Aí temos alguns casos nessas situações, sim,...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – ...de inadimplência de clientes que causaram problemas na franqueada.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Abrapost chega a afirmar que o faturamento que provém dos clientes estratégicos representa mais de 40% de toda a receita operacional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Também afirma a Abrapost que a receita dos vinte maiores clientes do exercício de 2004 representou 22,1% da receita operacional de toda a ECT. Bom, nos vinte maiores clientes do exercício de 2004, estão incluídos os Bancos Itaú, Unibanco, Real e Santander. Porém, no Estado de São Paulo, foi autorizado, excepcionalmente, a migração desses clientes dos Correios para algumas poucas ACFs, em 2005, ou seja, isso não foi uma política geral. Foi uma decisão que favoreceu algumas ACFs. Essa situação de migração desses clientes foi uma reivindicação da Abrapost?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. A Abrapost não entra na gestão de contratos específicos, que são contratos, digamos, não sei se seria um termo adequado, trilaterais. Os contratos de prestação de serviço se dão entre o cliente, os Correios e a agência franqueada, seja do Banco Itaú, Real, Santander ou Unibanco, que o senhor citou, ou seja de uma pequena empresa que faz pequenas postagens, a entidade não participa da negociação, não interfere nessa administração entre as partes...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a Abrapost não reivindicou essas migrações que foram feitas?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. O que nós reivindicamos é que houvesse uma liberação de todos os serviços, porque a empresa vem caindo. Nós temos sentido os nossos clientes saindo assim pelo meio das mãos, dos dedos, e nós reivindicamos. Mas no acordo que foi firmado em novembro de 2004, o acordo se restringiu a formatar algumas modificações nos serviços concorrenciais. E pelo que eu... Eu não sei se o senhor teria, assim, um dado maior. Seriam esses contratos de FAC?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. De FAC.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Porque os contratos de FAC nem foram objeto, a empresa não colocou isso no nosso acordo. Nós negociamos contratos de Sedex, de mala direta, empréstimo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas havia nesse acordo um entendimento de que não haveria disputa entre os Correios e os franqueados por novos clientes. Ou seja, não haveria uma briga; cada um respeitaria os clientes do outro. Não seria isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim. Isso foi uma condição.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora vendo isso... Quer dizer, pelo que eu entendi a Abrapost não reivindicou essas migrações?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Específicas?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É. Não.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. Nós...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não reivindicou?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – ...aceitamos a regra de que não haveria...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aceitou a regra geral?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – É.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No caso, inclusive, nós tivemos uma situação um pouco curiosa. Porque no Rio de Janeiro foram indeferidas migrações. No entanto, em São Paulo, esses quatro bancos tiveram migrações deferidas, com favorecimento direto de algumas ACFs.

Ao invés de uma política geral relativamente a isso, parece-me, talvez até como ofensa ao acordo que foi feito com os senhores, porque o Correio cedeu clientes para a rede franqueada, ou para alguns franqueados... Isso me pareceu, e nos parece até agora, na CPMI, estranho.

A senhora entende que esse mecanismo que foi utilizado de deferimento das migrações, de certa forma, é um mecanismo que foi feito em benefício dos Correios?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Eu... O que eu poderia dizer é de algumas regras...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora pode falar no microfone, por favor?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Ah, desculpe! O que eu poderia... Eu não tenho dados específicos para falar desses clientes ou desses contratos, mas o que eu poderia testemunhar, até por estar na rede franqueada desde 1992, é que aconteceram momentos em que a empresa criou serviços. O FAC original foi criado apenas para objetos. Esses auto-envelopados. Não sei se V. Exª... Aqueles que são dobrados e serrilhados.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu sei. Aqueles que você não coloca em envelope. Já tem envelope à parte.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Apenas para esses objetos que pesassem até dez gramas o cliente poderia usar a modalidade FAC. E nesse

caso, não poderia ser vinculada na rede franqueada. Isso foi por volta, talvez, de 1990 e alguma coisa. O que aconteceu? O Banco, por exemplo, qualquer um deles ou um outro, tem correspondências dessas pequeninhas, como tem correspondências envelopadas, em que dentro do envelope tem o extrato bancário, uma eventual propaganda de um plano de seguro, etc. O que acontece? Esses objetos que não são data maily, ou auto-envelopado, eram ...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – FAC.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, não. O FAC era só desse pequenininho auto-envelopado. Os demais, o mesmo Banco que utilizava o FAC para esses objetos, utilizava-se da rede franqueada para ser postado na máquina de franquia. E aí, na máquina de franquia, vigora a tabela A, de 10% a 40%.

Num determinado momento, a empresa estendeu o FAC para objetos de peso... abrangeu outras faixas de peso e de tarifas também.

E poderia dizer, também, que em 2001... Eu estou tentando até achar, porque eu gostaria que ficasse protocolado aqui. Em 2001, a empresa cometeu um grande equívoco na mudança das tabelas de preços e tarifas. Especialmente em relação ao segmento de marketing direto, a própria Abemd, a associação que congrega as empresas de marketing direto, na época, em 2001, entrou com um processo contra os Correios, porque o Correio andou formatando alguns serviços com... por exemplo, impressos eram tarifados da seguinte forma: até vinte gramas; de vinte a cinqüenta; cinqüenta a cem; cem a duzentos e cinqüenta; duzentos e cinqüenta a quinhentos gramas. O que aconteceu em 2001? A partir de cem gramas, a empresa desmembrou de cinqüenta em cinqüenta gramas. Então, nós perdemos, por exemplo, praticamente... Se os senhores perceberem nas correspondências e revistas que são entregues em seus domicílios, em seus escritórios, muito pouca coisa, hoje, é a ECT quem entrega. Naquela ocasião, nós tínhamos muitos periódicos – como são chamados – são revistas de entidades, editoras especializadas, em que o assinante paga pela assinatura, para ter direito a um ano de exemplares. O que aconteceu? Aquilo que a editora tinha imaginado e pagava 99 centavos, passou a pagar, por exemplo, R$3,99.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) **–** Essa realidade, eu até entendo que é uma disputa de mercado. Mas, em relação a bancos? Por que bancos?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Pois é. Agora, Bancos, existem – até por aquele conceito de monopólio –; existem, desde 1950, concorrentes que fazem a entrega de talão de cheque...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Mas ilegalmente, não?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não... Existe toda uma demanda até judicial, se questionando. Acho que careceria de uma precisão maior e de regulamentar...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Veja, até onde eu sei, o Correio entende que isso não é permitido.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – E vai com ações da Polícia Federal, mas existe esse tipo. Tanto que o Correio entende, é sempre...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Eu não posso dizer que há uma concorrência dentro da lei. Aí é a mesma coisa que o contrabando ter uma atividade concorrencial com o comércio lícito. O contrabando é ilícito. Então, isso não me autoriza a, por exemplo, permitir a importação, sem imposto, claro, para não ter concorrência comigo. Acho que aí é que é o problema. No caso, a grande dúvida que nós temos...

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Dezessete mil concorrentes no mercado...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Não, mas, especificamente, por que essa migração foi dada para Bancos? Não se deu para outros setores. Não se deu... Por que para Bancos?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Eu poderia só acrescentar em termos dessa evolução, o que aconteceu? No caso...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Não, isso nós temos. O que eu quero entender...

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Pois é. O FAC passou a ser mais abrangente em termos das várias modalidades.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – A senhora pode ficar tranqüila que esses atos, nós temos.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Tá.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – O que eu quero entender é, localizadamente, esta questão. Se a senhora tem alguma explicação para nós do porquê que, ao invés de uma política geral, foi feito em relação a Bancos e, especificamente, por que em relação a certos franqueados? A senhora teria alguma explicação para isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. Acho que a entidade... Não participamos dessa negociação... Acho que precisaria...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Claro. Entender as razões. A senhora não tem, não conheceria as razões pelas quais isso foi feito?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Agora, em um determinado momento, eu gostaria até de anexar aqui, em 2001, como eu estava dizendo, existiu uma questão de discussão sobre a precificação. E, na ocasião, que foi no dia 19 de julho de 2001, foi assinado um acordo entre a Diretoria Comercial... Assinaram um acordo sete diretores da empresa e oito franqueados dizendo o seguinte. Um dos itens era: Os clientes, habitualmente atendidos por ACFs, que tenham migrado após o reajuste para contrato de mala direta postal e FAC, se desejarem, retornarão para o atendimento nas respectivas ACFs. Isso foi assinado em julho de 2001. Então, nessa ocasião se permitiu...

O SR. ARNALDO FARIA DE SÁ – Só houve a migração de quem já era cliente daquela ACF?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Já era conhecido que já em 2001 existia essa situação. E aí em 2002 com aquela possibilidade de extinção dos nossos contratos, então, houve...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Isso está claro. A nossa dúvida, a questão, a decisão de quem vai fazer ou não é uma decisão de política administrativa, que vai implicar em discussões de mérito. O que nos chamou a atenção é que, ao invés de uma medida geral, foi feita uma específica e com o favorecimento para algumas franqueadas, enquanto, em alguns outros casos, como no Rio de Janeiro, houve indeferimentos. Foi isso o que nos chamou a atenção.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Talvez a entidade... Nós não participamos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Não participou. É essa a minha indagação.

O ex-Presidente Carlos Hassan Gebrim, dos Correios, em um depoimento prestado à CPMI, falou o seguinte. Eu quero ler para a senhora o que ele disse e vou pedir para a senhora comentar. Ele disse o seguinte: "Colocar franqueado para cliente coorporativo é tirar dinheiro dos Correios. Quem tem investimento são os Correios, quem investe em tecnologia são os Correios. Eles que têm um grande investimento e eles que têm que ter o retorno desse investimento. Não tem sentido repassar, todos os anos, 400, 500 milhões. Não tem sentido. Pode se passar 100 para os pequenos, para o varejo, para aquele que está em um supermercado ou num shopping, onde o cidadão vai e coloca a carta dele. Agora, ir no Itaú, ir no Bradesco ou ir nesses Bancos pegar aquele pacote de coisa, carregar e entregar para os Correios fazerem o resto do trabalho e ganharem não sei quanto? Sou absolutamente contra isso. Estou sendo absolutamente franco. Trabalhei muito para isso. Trabalhei muito. Foi um desgaste grande."

Quero dizer o seguinte: é injusto para os Correios, quando se autorizam bancos, por exemplo, porque basta ir lá, pegar o pacote e levar. E são os Correios que têm de fazer tudo; eles que vão investir em tecnologia. E, da parte do franqueado, não há nenhum investimento efetivo para esse tipo de trabalho.

O SR. ONYX LORENZONI **(PFL – RS) – Não é verdade, não é verdade.**

O SR. RELATOR **(José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Quem falou não fui eu, foi o Hassan Gebrin.**

O SR. ONYX LORENZONI **(PFL – RS) – O Presidente conhecia muito pouco os Correios.**

O SR. RELATOR **(José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Talvez conheça.**

Estou argüindo a depoente. Não nos cabe aqui... Teceremos o nosso juízo de valor no relatório. No momento, tenho de fazer referência.

Isso é o que fala o relatório do Hassan Gebrin. Não estou dando nenhum juízo de valor. Vou pedir para que ela me comente.

O SR. ONYX LORENZONI **(PFL – RS) – Use a inteligência de V. Exª.**

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardoso. PT – SP) – Veja, foi dado um depoimento à CPMI que tem de ser comentado. E é um argumento que, digamos assim, não merece comentários.

Ele está dizendo o seguinte: os franqueados não investem e que, portanto, basta pegar o material e levar, que isso é injusto para os Correios.

Gostaria que a senhora me comentasse isso, sem prejuízo dos comentários adicionais, esclarecedores do Deputado Onyx Lorenzoni.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Pois não.

Não concordamos. Trouxemos, inclusive, fotografias dos equipamentos que utilizamos e que agências que atendem grandes clientes efetuaram ao longo desses anos.

Não são só bancos, mas clientes de grande porte e até pequenas empresas – nossas clientes; hoje, do que elas precisam? Elas precisam de fornecedores, de prestadores de serviços que assumam, cada vez mais, soluções completas, eliminando a cadeia de negociação com muitas empresas. Então, quanto mais quaisquer fornecedores, prestadores de serviços se prepararem para oferecer uma solução mais global, melhor, que vá desde a geração de arquivos, impressão, auto-envelopamento etc. São as empresas que têm sucesso na obtenção desse tipo de cliente de carga.

Temos as CFs, que investiram, algumas mais, com equipamentos de maior porte; outras, com equipa-

mentos de menor porte. E, cada vez mais, o mercado exige que ofereçamos soluções completas.

Inclusive, em relação a esses clientes, que V. Exª menciona, de bancos, sabemos de casos em que os franqueados permaneceram imprimindo, auto-envelopando e fazendo a entrega, pelo cliente, apesar de não receber, mas cobrando por esse tipo de prestação de serviço.

Então, acreditamos; e é tendência do mercado isso, poder oferecer a solução cada vez mais completa.

Acho que há um certo desconhecimento nesse depoimento de enxergar a realidade das nossas agências. Não somos simplesmente, hoje, agências com funcionários que ficam atrás do balcão esperando que o cliente traga tudo pronto. Vamos muito mais no início da cadeia produtiva do cliente de comunicação para poder oferecer esse tipo de solução.

Então, não concordo. Viemos fazendo investimento, sim; posso, inclusive, testemunhar que, em 1993, fomos os pioneiros em informatizar as agências de Correios, a contragosto das franqueadoras, porque achávamos que haveria uma possibilidade muito maior do serviço sair preciso, ágil.

E, pasmem V. Exªs! Quantas vezes tivemos de convencer os Correios de que apresentar uma lista informatizada, de um conjunto de sedex, era muito mais preciso e sujeito a menos trabalho, a erros, oferecendo um alista informatizada do que aquela carbonada, escrita à mão, que o cliente tinha de preencher manualmente. E, pasmem: tivemos, por muitos meses, de passar a limpo, à mão, os balancetes que eram gerados no computador para que os Correios aceitassem, naquele formulário tradicional e com carbono.

Vínhamos investindo. Acho que existe certo desconhecimento do ex-Presidente ao fazer esse tipo de afirmação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele prossegue dizendo o seguinte – eu o estava argüindo naquele momento. Eu disse a ele: "Houve um momento em que a rede franqueada atendia os grandes clientes, mas, depois disso, passou para a alçada dos Correios. Parece que essa data foi em 2002, portanto, talvez durante a gestão de V. Sª". Ele disse: "Foi na minha gestão". Perguntei eu: "Como foi esse processo?" Respondeu-me ele: "Foi uma decisão interna nossa". Perguntei eu: "Por quê?" Disse-me ele: "Porque os custos repassados aos franqueados eram muito altos, muito significativos, e tínhamos condições de realizar aquela tarefa. Tão simples quanto isto". Perguntei eu: "Houve algum estudo escrito para isso?" Respondeu-me ele: "Ah, deve ter estudo, sim, mas lhe digo o seguinte: eu dispensaria estudos. Houve estudos no seguinte sentido – isso posso lhe afirmar: o que precisamos dispor para prestar o serviço, isso houve".

Nesse sentido, Sr. Relator, houve. De que forma deveríamos adequar aquilo que não estava sendo feito para que pudéssemos fazê-lo? Então, por exemplo, alocar um ou dois carros? Isso, com certeza, foi feito. Perguntei eu: "Portanto, quando houve a absorção desse cliente pela estrutura central dos Correios, o senhor considera que essa operação foi um êxito?" Disse-me ele: "Com certeza e será a qualquer momento que os Correios resolvam fazê-lo". Perguntei eu: "Houve redução de demanda? Permaneceu no mesmo nível?" Ele me respondeu: "Não. A mesma coisa". Eu perguntei: "No depoimento de ontem, do Diretor Comercial dos Correios, que decidiu, em maio de 2005, pelo retorno de quatro bancos para a rede franqueada, foi argumentado que esse retorno implicou uma substantiva elevação de demanda e, portanto, em ganhos para os Correios. O senhor vê alguma razão para que tenha havido essa elevação de demanda?" Respondeu-me ele: "Eu não posso responder em cima de coisas que eu não conheço, não é? Mas, se eu fosse responder, seria uma informação"... Indaguei: "Pela sua experiência?" Ele respondeu: "Eu diria que ao contrário. Se fosse aumentar a demanda, seria no sentido contrário, ou seja, quando os Correios assumiram, porque, com certeza, não há dúvida quanto a isso, o relatório dos Correios mostra que havia fraudes na postagem, no franqueamento de objetos. Então, a lógica seria que fosse o contrário, não é? Mas eu não estou fazendo uma afirmação, estou fazendo uma avaliação, uma ilação".

Ou seja, ele diz que existiam fraudes, à época, na postagem e que, portanto, o fato de os Correios terem absorvido, ao ver dele, como uma ilação, como uma dedução, isso implicaria uma elevação de ganhos, em vez de perda para os Correios.

A senhora tem ciência desse fato ou não? Ele mais uma vez desconhece a realidade?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Eu não sei. A questão central é que ele está achando que tem...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que havia fraudes na época e que, quando, na postagem, fazia uma série de questões, quando os Correios absorveram, obviamente, deixou de haver uma perda.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Olha, acho que, em termos da rede do nosso sistema, da rede como um todo, isso não é a prática habitual. Estamos sujeitos a tantos controles! E somos a favor, havendo situações pontuais de irregularidade, de que se apure, que as regras sejam justas, claras, transpa-

rentes. Queremos preservar, inclusive, a boa imagem que temos junto aos clientes.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Um outro dado que nos chamou a atenção nessa migração é que o Manual dos Correios foi, a nosso ver, desrespeitado. Lá se previa que seria necessário fazer uma média histórica dos últimos seis meses. No entanto, como detecta o Tribunal de Contas da União, foi utilizada uma média histórica de 2002, que elevou, sem aparente justificativa, aquilo que aquelas franqueadas receberiam – digo isso apenas para que V. Sª tenha ciência.

No caso do cliente Itaú, a média determinada pelos seis meses, se fossem seguir o manual, seria de R$7.988 milhões. Aplicando-se a média de 2002, passou a ser R$12.285 milhões. Portanto, houve um excedente artificial, só no Itaú, de R$4.297 milhões.

No Unibanco, a média dos seis meses era de R$3.721 milhões. Passou a ser de R$7 milhões. Aqui, houve um excedente de R$3.279 milhões. No Real, eram R$2 milhões, se fossem seguir a regra do manual; passou a ser R$4.270 milhões, excedente de R$2.178 milhões. Santander seria zero, mas passou a ser R$4.362 milhões, portanto R$4 milhões.

Só nessas quatro migrações, houve mais de R$10 milhões de excedente, segundo o Tribunal de Contas da União, definidos artificialmente como forma de remuneração a maior para aqueles franqueados que foram beneficiados nesse caso.

A senhora tinha ciência da utilização dessa média de 2002 para atender esses franqueados?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. O que nós conhecemos e a regra que é aplicada, realmente, é a do manual de comercialização.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que é a de seis meses, que diz: seis meses anteriores.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora consegue vislumbrar alguma explicação para essa média de 2002?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, primeiro que nós desconhecemos os contratos e esses valores aí. Eu acho que seria assim um pouco... Não me sinto, assim, segura de tecer nenhuma análise a respeito desses dados porque a gente desconhece, inclusive, o histórico de relacionamento anterior a 2002, o que foi que aconteceu. Não temos elementos, objetivos para fundamentar uma avaliação sobre isso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se a senhora, como uma franqueada, fosse receber uma migração de um desses clientes e fosse adotada a média dos seis meses, a senhora estaria bem remunerada?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Se o cliente tiver uma perspectiva de crescimento, a gente precisaria avaliar...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um banco. Se, por exemplo, na sua franquia, eu fosse o diretor dos Correios e dissesse o seguinte: "Eu vou-lhe deferir a migração do Banco Itaú; a regra é a do manual"." A senhora aceitaria?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Precisaríamos avaliar qual seria. Especialmente no segmento financeiro, tem havido muitas fusões, aquisições, etc.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas isso não modifica.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, modifica.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Modifica. Modifica, porque hoje, por exemplo, há uma grande concentração das decisões desses bancos em São Paulo. Alguns anos atrás, a matriz de muitos bancos que hoje estão absorvidos por outros até ficava na Bahia, no Paraná, em outros Estados.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, mas isso não altera.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, altera pelo seguinte: se houver uma perspectiva de aumento de postagem, suponha que qualquer um desses vá comprar...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, considere-se o Banco Itaú.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – O Banco Itaú é sempre um candidato a estar adquirindo novos bancos. Se houver uma perspectiva de crescimento...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não só novos bancos. Obviamente, ele tem uma rede de clientela permanentemente sendo acrescida, ou seja, não é um banco paralisado. Se eu passar o Banco Itaú para a senhora – olha que a senhora vai ter um volume grande -, a senhora, com seis meses, não aceita?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Se houver uma perspectiva de crescimento...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Senão, não aceita?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – É, senão....

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, então, podemos fixar como regra, para nossas orientações futuras, que qualquer migração não necessariamente tem que estar dentro dessas regras? Temos que mudar as regras para admitir a migração? Ou seja, se não houver perspectiva de crescimento, eu posso descartar, então, qualquer política de migração daqui para frente?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não. Eu acho o seguinte: os Correios não têm condições de fazer o atendimento em termos dessas soluções mais completas que os clientes precisam. Existe muita insatisfação, inclusive dos clientes, em relação...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, a minha pergunta... Vamos abstrair a satisfação do cliente. Estou perguntando da sua remuneração.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora ou os franqueados, se a CPMI, por exemplo, tivesse uma orientação e dissesse o seguinte para a senhora: "Olha, queremos passar os bancos para a senhora, sem nenhuma garantia de que vai haver crescimento, fusão, etc., etc., mas a regra do manual. Os senhores aceitam?

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Só uma pergunta para ajudar. Essa migração se deu para quem tinha captado o cliente antes ou não? Porque isso muda o jogo. Se o cliente era da ACF dela e ela investiu e captou esse cliente, é uma realidade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi só para alguns, Ônix.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Se esse cliente vai para o Arnaldo Faria de Sá, que nunca teve o cliente, é importante essa diferença.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não. O que eu quero saber é a quantificação da remuneração da média de 2002.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Sim, mas eu vou-te explicar porque eu tive distribuição, e eu paguei representante. Eu vivi isso 15 anos da minha vida. E há uma regra para o cálculo, que não é regra de nenhum manual. Está na lei. O que ocorre? Tu tens que retroagir até a circunstância em que operava o mercado, de todos os fatores que incidem. Então, se esse cliente foi captado por ela, tem que ver qual era a realidade dele lá, o que aconteceu no curso dentro...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na verdade, o recurso foi captado quatro anos depois.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Espera aí. Espera aí. Não, espera aí. O que quero entender é o seguinte, e quero ajudar no raciocínio: se o cliente foi captado originalmente pela ACF, ela operou, investiu, fez uma série de coisas. Ao que eu sei da história, a ECT, unilateralmente, a empresa, retirou os clientes porque ela criou uma outra modalidade.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2002?

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) - Isso. Mas eles operavam antes. E, depois, houve exigência dos clientes originais, exatamente porque agregava uma série de novos serviços - é por isso que eu disse que esse Vice-Presidente tinha de conhecer um pouco mais a operação, e eu tive o cuidado de conhecer algumas -, ou seja, eles prestavam uma série de outros serviços, por isso o cliente original forçou os Correios a voltarem. Então, tem de calcular exatamente o que eles tinham de investimento, o que agregou e ampliou enquanto esteve nas mãos dos Correios, para fazer uma equalização.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas isso não foi calculado?

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Não, mas eu estou só perguntando. Não estou respondendo. Eu só estou ajudando a pensar.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que, objetivamente, não houve cálculo nenhum. Aliás, uma das perguntas que foram feitas é com base em que estudo financeiro foi calculada essa fórmula.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) - Quando veio o diretor de São Paulo, ele deu uma explicação.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, ele falou que era uma questão ética.

O SR. ONIX LORENZONI (PFL – RS) – Ah, bom. Isso é negócio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma questão ética. Posteriormente, quando veio o diretor comercial, ele falou que era exatamente uma tentativa de se resgatar essa explicação que V. Exª está dando. Aí, foi perguntado: "O senhor fez um estudo financeiro caso a caso?" A resposta foi "não". E o próprio Tribunal de Contas da União aponta que é uma média arbitrária, sem nenhum fundamento. E é aí que eu pergunto, exatamente para tentar subsidiar a nossa reflexão. No caso, essa média que consta do manual, que diz o seguinte: "Olha, Manual de Comercialização e de Atendimento – assim, nesses casos, a remuneração da agência franqueada é de 5% sobre o valor que eventualmente exceder a média mensal dos serviços que a ECT vinha executando diretamente nos últimos seis meses anteriores." Ou seja, essa é a

regra. Foi desrespeitada essa regra, especificamente para esse caso, dessas quatro migrações.

A minha pergunta é: se houvesse uma diretriz, hoje, dos Correios, encomendada pela CPMI, de que haveria migração, retornando ao estado anterior de 2002, por essa média a senhora diria que todos seriam bem remunerados ou teríamos que descartar essa política?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Olha, eu não conheço a situação de dados de cada um desses casos que foram apontados. Agora, o que é muito difícil para qualquer empresário, que nós somos, é trabalhar exatamente com essa mutação de regras. Trabalhar, inclusive com empresa pública no País – não sei em outro país, nunca vivi – é muito difícil. Cada nova diretoria que assume tem novas idéias, novas iniciativas, regras. É difícil para a gente administrar uma empresa, fazer uma empresa sobreviver nessa conjuntura econômica que nós atravessamos ao longo desses 16 anos.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu entendo o seu argumento.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – E a regra fica mudando, uma hora é uma coisa, daí a seis meses não é, daí a seis meses não é mais.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu entendo o seu argumento, mas perceba...

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Acho que essas situações todas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São ruins.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – São situações decorrentes até dessas mudanças de regras.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, então, para não haver mutação de regra, seria melhor não retornarem esses clientes, porque aí ficaria com o de 2002 estabilizado.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Agora, acho que nem a ECT, nem ninguém, é dono do cliente. Os clientes são empresas...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, estou usando a sua premissa. Ou seja, se a idéia é a estabilização, então o ideal seria não retornar mais.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Não, não entendi.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, houve uma mudança em 2002. A senhora falou que o grande problema é a mutação; então, o ideal é que, daqui para frente, fique tudo como está.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Relator, deixe-me intrometer e falar aqui em nome de um outro; e colocar mais uma figura no meio, que não são nem os Correios nem a franqueada. É o cidadão, quer dizer, o cliente, o interessado, pois daqui a pouco tem um trabalho capacitado no meio e ele até prefere um trabalho diferenciado, prefere um trabalho com mais especificação, com mais apoio, com melhor logística, com maior estrutura, digamos assim, um trabalho que vai buscar em casa, levar em casa, transportar. É o que eu chamo de fidelização. Então, não adianta também só os Correios franqueados ficarem aqui Tem de olhar também o interesse do cliente. O cliente vai querer também fazer a opção pelo melhor para ele.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só que o interesse do cliente, em última instância, nesse caso, também é a população que paga imposto e isso é dinheiro público. Ou seja, temos de verificar se a remuneração é justa. Ninguém quer que ganhe mais ou menos.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Então, tem mais uma parte no meio.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ninguém quer quebrar ninguém. O que não pode é haver ganhos e favorecimentos indevidos para alguns, essa é a questão. E, no caso, o que estamos tentando investigar é se a afirmação que foi feita pelos auditores é correta.

O Tribunal de Contas da União nos dá uma auditoria dizendo que essa meta de 2002 foi inflada, injustificada, e inaceitável, por isso eu estava tentando extrair da depoente uma avaliação em relação a essa fórmula, para que nós pudéssemos ter um paradigma da experiência dela, no que se refere a ser uma boa ou má remuneração, se é justa ou injusta. Essa é a intenção do questionamento.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Somos a favor de que não há como engessar a vontade do cliente no mercado. Cada vez mais, não há como. Então, acho que os casos deveriam ser analisados. É caso a caso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a senhora seria contrária a uma fórmula uniforme de remuneração. Seria isso? A senhora seria contrária a uma fórmula uniforme, como existe no manual? A senhora acha que cada caso teria de ser analisado?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – A captação de novos clientes é uma coisa. Agora, esses clientes que ficaram indo e vindo...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, estou falando da migração, bem objetivamente. Da migração. A senhora seria contra uma fórmula uniforme para todos se eu fosse decidir uma migração?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Até porque acho que cada uma das situações retratadas deve ter tido uma evolução diferente na evolução do relacionamento. Tenho certeza, porque quando o senhor me fala que Santander era zero, quer dizer que ele nem tinha contrato, então, em 2002, suponho.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exato. Era isso, não era?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Nem tinha contrato. Então, acho que precisaria, nos casos...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não tinha contrato e voltou com ganhos. É isso o que está nos espantando.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – A nossa posição seria analisar caso a caso.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que, na verdade, o Santander, na época, era Banespa, e foi privatizado. Por isso que o coeficiente é zero. Era um novo banco.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – A minha posição seria de analisar caso a caso, cada um deles.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, a minha pergunta é: a senhora acha que teria de ter, ao invés da fórmula uniforme do manual, teria de ser estudado caso a caso, para ver qual é a remuneração de cada situação específica?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque, nesse caso, alguém pode estar ganhando mais e alguém pode estar ganhando menos. Seria isso?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Eventualmente, sim.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa é a pergunta para a qual eu estava tentando obter uma resposta.

Relativamente ao monopólio dos Correios, qual é a posição da Abrapost?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – A privatização?

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, o monopólio, o contrário. Bom, se quiser responder sobre a privatização...

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Achamos o seguinte: a empresa... Essa questão do monopólio, o conceito, hoje, está bastante polêmico e tem-se valido disso a concorrência para poder... Apesar de o senhor discordar, de fato, existe a concorrência. Agora, se a empresa prescindir da reserva de mercado que ela tem hoje, ela não se tornará sustentável e não sobrevive, porque a estrutura de custos, a despesa alta que ela tem é uma despesa que garante a entrega universal dos objetos. Sem o monopólio, ela não tem condição de manter essa estrutura, assim como sem o segmento concorrencial também não. Se tirar o monopólio, vamos ter situações como as que acontecem em outros países. Já acontece hoje. A concorrência só atua nos grandes centros, que são rentáveis. As populações dos rincões, dos Municípios não tão rentáveis não serão atendidas. Acho que perderemos em termos de qualidade.

Agora, o mercado carece de uma regulamentação. É um mercado totalmente desregulado. Qualquer um pode abrir ou não uma empresa e sair entregando objeto e captando objeto. Acho que carece de regras claras, até para o empresário que vá...

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A senhora, então, é favorável ao monopólio?

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – Sou favorável ao monopólio, sim. Hoje, sem o monopólio, a nossa empresa vai fenecer e a qualidade dos serviços vai ser prejudicada para o cidadão comum.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – Sr. Presidente, deixa eu fazer uma colocação final, em cima dessa questão. Acho que é importante deixar, pelo menos é a minha convicção e combina com a da nossa depoente, que há, na questão dos Correios, o fato de eles terem o monopólio, o que permite a possibilidade do subsídio cruzado. Ou seja, tem lugares que são um filé mignon para os Correios atuarem e tem lugar que é carne de pescoço. Havendo o monopólio, os Correios dão o mesmo tratamento para todos, tendo prejuízo num, mas em outro tendo lucro, que cobre. Dou como exemplo o Banco do Brasil. Sou funcionário do Banco do Brasil, que é um pouco parecido com isso. Tem agência do Banco do Brasil que dá prejuízo, mas ele tem de estar lá como um banco público, como um banco estatal, como um banco do Governo para prestar um serviço social. Os Correios também têm de estar lá, é um preço que têm de pagar. Aí, eles têm de ter uma compensação. A compensação é o monopólio.

Agora, para avançar sem perder o monopólio, na minha concepção, o jeito mais moderno é a franquia. Aí, os Correios atuam de duas formas: uma, sem abrir mão do monopólio, mas abrindo espaços para qualificar o serviço dos Correios. Aliás, dou como exemplo, e concluo, a questão da Caixa Econômica Federal com as loterias. A Caixa Federal não teria como atuar nas loterias se tivesse – ela, Caixa Econômica Federal – que ser a dona das lotéricas. Na verdade, ela cede

o direito de as lotéricas explorarem o seu serviço, e funciona bem. E a Caixa ganha, os lotéricos ganham também, gera-se emprego, enfim, funciona muito bem. Uma coisa mais ou menos parecida tem que funcionar nos Correios, sem abrir mão do monopólio, mas possibilitando que as franquias se ampliem, inclusive, e dêem a capilaridade de que os Correios precisam, e a lucratividade. Os Correios não têm que ter lucro, mas não é demais ter lucro.

A SRª EMILY SONIA FUKUDA YAMASHITA – No caso das lotéricas, especialmente, eles prorrogaram por 20 anos os contratos dos lotéricos que já estavam *(Incompreensível.)*, sem licitação.

O SR. POMPEO DE MATTOS (PDT – RS) – E a Caixa está bem das pernas.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Aproveitando o Deputado Pompeu de Mattos, nossa carne de pescoço é o horário. Temos o plenário da Câmara e temos a audiência com a coletiva da CPMI dos Correios.

Eu queria agradecer a Srª Emily Sonia Fukuda Yamashita.

Foi dispensado o outro depoente, Ernesto Duarte.

Antes de encerrar, devolvo a palavra ao Sr. Relator.

O SR. RELATOR (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Apenas uma correção para orientação da assessoria: vamos alterar a data do depoimento do Sr. João Leite Neto, que irá depor em torno de uma ACF franqueada específica, justamente aquela que foi, hoje, liberada do depoimento, em face de o depoente estar internado em hospital. Será na próxima quarta-feira, às 14 horas. Então, vamos retificar, não quinta-feira, mas quarta-feira, às 14 horas. Amanhã, a Sub-Relatoria volta a ter depoimentos, quando será ouvido um dos diretores da empresa Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (Arnaldo Faria de Sá. PTB – SP) – Na quinta-feira que vem o Sub-Relator, José Eduardo Cardozo, apresentará um relatório às 10 horas, na CPMI dos Correios.

Lembro apenas um detalhe: a Drª Emily somente recebeu intimação por parte da Polícia Federal porque a Comissão não tem pessoal de campo. Na verdade, a intimação era da Comissão e foi apenas entregue pela Polícia Federal. Não havia nenhuma necessidade de ser intimação da Polícia Federal. A intimação é da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito dos Correios.

Está encerra a reunião.

(Levanta-se a reunião às 17 horas e 58 minutos.)

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS

SUB-RELATORIA DE CONTRATOS

Ata da 12ª Reunião da Sub -relatoria de Contratos, realizada em 10 /11/2005.

Aos dez dias do mês de novembro do ano de dois mil e cinco, às quatorze horas e cinqüenta minutos, na sala 15, da Ala Senador Alexandre Costa, sob a Presidência da Sub-Relatoria de contratos o Deputado José Eduardo Cardozo. Reúne-se a Sub-Relatoria de Contratos da COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO, CRIADA ATRAVÉS DO REQUERIMENTO Nº 3, DE 2005 – CN, PARA INVESTIGAR AS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DE DENÚNCIAS E ATOS DELITUOSOS PRATICADOS POR AGENTES PÚBLICOS NOS CORREIOS – EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS. A Presidência informa que a presente reunião destina à oitiva de João Marcos Pozzetti, diretor-financeiro da empresa Skymaster, que se apresenta juntamente com o seu advogado o Dr. Carlos Vinícius de Araújo e, na seqüência, a Presidência passa a interrogar o depoente, que descreveu como funcionavam as operações na sua empresa, bem como em outras empresas ligadas a ela, após a explanação do depoente, e não tendo nada mais a declarar, é encerrada a presente reunião às vinte horas e vinte e sete minutos. E, para constar, eu, *Wanderley Rabelo da Silva*, Secretário da Comissão, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e irá à publicação juntamente com as notas taquigráficas que fazem parte integrante da presente ata.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – *(Fora do microfone. Inaudível.) R*eunião da Sub-Relatoria de Contratos da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, criada por meio do Requerimento nº 3, de 2005, para investigar as causas e conseqüências de denúncias e atos delituosos praticados por agentes públicos nos Correios – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Sobre a mesa, encontra-se a Ata da reunião anterior, a qual coloco em votação, propondo seja dispensada a leitura.

Os Srs. Parlamentares que aprovam a Ata queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Não havendo manifestações em contrário, a Ata está aprovada por unanimidade.

Esclareço que a pauta da presente reunião se destina à oitiva do Sr. João Marcos Pozzetti, sócio da empresa Skymaster Ltda.

Convido a tomar assento à Mesa, acompanhado da assessoria desta Casa, o Sr. João Marcos Pozzetti, para que possamos, então, iniciar os esclarecimentos. (Pausa.)

Agradeço a presença do depoente, que, pela segunda vez, comparece a esta Comissão Parlamentar de Inquérito.

Informo que V. Sª prestará depoimento na condição de investigado por esta Comissão Parlamentar de Inquérito.

Nesta oportunidade, o depoente se faz acompanhar do advogado, a quem peço que, por gentileza, decline o nome e inscrição na Ordem dos Advogados do Brasil.

Está presente, acompanhando o depoente, o Sr. Carlos Vinícius de Araújo, que é inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil sob o nº 169.887, seção do Paraná. É isso?

O SR. CARLOS VINÍCIUS DE ARAÚJO – de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seção São Paulo.

Agradeço a V. Sª a colaboração com a Comissão. Este é o segundo depoimento que V. Sª presta. Isso se deve ao fato de que, com o aprofundamento das investigações e o detalhamento de tudo, outras informações se fizeram necessárias serem obtidas. Então, diante da impossibilidade de o outro sócio prestar depoimento, por razões de saúde, nós contamos com a sua colaboração para que pudesse estar aqui presente.

Apenas hoje lhe vou pedir grande paciência. Teremos um depoimento, embora com poucos argüidores, talvez longo. Isso se prende ao fato de que nós já estamos praticamente ultimando o relatório final dessa área, e, evidentemente, as minúcias, os detalhes, começam a ser agora indispensáveis para que possamos fazer um juízo final em relação a todos os acontecimentos. Então, peço ao Dr. Advogado e a V. Sª escusas se eventualmente esse depoimento se alongar, mas será estritamente necessário.

Embora V. Sª já tenha feito um depoimento, vamos apenas resgatar rapidamente, para que possamos ter registros da situação de V. Sª.

Qual foi a sua atividade profissional ao longo da vida? Como começou a atuar profissionalmente?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Inicialmente, quando eu estava ainda atuando em São Paulo, a minha formação era de contador. Sou bacharel em Ciências Contábeis, atuei alguns anos na área de auditoria externa, mudei-me para Manaus, onde estou já há 24 anos, também trabalhando na área de contabilidade em algumas empresas. Em 1995, reunimos um grupo de amigos e fundamos a empresa Skymaster. De lá para cá, tenho me dedicado...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Skymaster Airlines?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Skymaster Airlines. De lá para cá, eu tenho me dedicado a cuidar da área administrativa e financeira da empresa. Cada sócio atua num segmento, naquilo que tem um pouco mais de competência do que o outro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª é sócio de outras empresas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quais?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De uma empresa chamada Skycargas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Skycargas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ...uma empresa de logística e transporte rodoviário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com sede onde?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A sede, agora, é em Manaus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em Manaus. Antes era onde?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Antes era em São Paulo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ok.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – E skyavionics.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sky...?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Skyavionics

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Skyavionics.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É uma empresa que presta serviços de reparos aeronáuticos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Reparos aeronáuticos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tanto voltada para a Skymaster quanto para outras empresas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São só essas duas empresas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – São. A Skycargas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem são os sócios dela? São os mesmos sócios da Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – São os mesmos sócios da Skymaster, mais dois sócios, que são do ramo de logística e transporte rodoviário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos aos nomes, então. Os sócios da Skymaster quem são, além do senhor? Qual a sua participação na empresa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – 20%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 20%.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Luís Otávio Gonçalves, também com 20%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ok.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hugo César Gonçalves, também com 20%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 20%.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Euzer de Ávila Nascimento, com 10%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Euzer de Ávila Nascimento, com 10%.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Expresso Lucat, com 30%, que é uma empresa pessoa jurídica.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Empresa... Como é que chama?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Expresso Lucat.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Expresso Lucat.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Euzer tem 10%? No nosso registro não constava que ele tinha 10%.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É que ele entrou na sociedade agora, em...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Constava Expresso Lucat com 30%.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, e o Sr. Luís Otávio com 30%. Só que, agora, em fevereiro, março, não me lembro exatamente a data...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve uma alteração recente.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Houve uma alteração recente, e ele adquiriu 10% do Sr. Luís Otávio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Adquiriu 10% do Sr. Luís Otávio.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, da Skycargas, quem são os proprietários?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pozzetti, Luís Otávio...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pozzetti é o senhor?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem quanto?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tenho 14,57%. São sete sócios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é 29%?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 14,57%?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não. São sete sócios, e todos têm participações iguais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, vamos lá. Todos com 14,57%?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Todos com 14,57%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, Pozzetti, quem mais?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Luís Otávio...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Luís Otávio.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hugo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Hugo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Euzer...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Euzer.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Américo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Américo Proietti.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, que esteve aqui anteontem. Jaime...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Jaime.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ... e José Tomaz.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – José Tomaz.

A Skyavionics...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pozzetti, Luís Otávio...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Espere um pouquinho só: Pozzetti... Quantos por cento?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Também 14, 57%.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São os mesmos sete?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, sai Jaime e sai Tomaz e entra Ricardo e Wagner.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Espere um pouquinho: saem Jaime e José Tomaz...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – E entra...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...e entram Ricardo... Ricardo o quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ricardo Gonçalves.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ricardo Gonçalves...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – E Wagner Main.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Wagner...?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Main. "M" "a" "i" "n".

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Ricardo Gonçalves é parente do Luís Otávio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É filho do Hugo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Filho do Hugo. E o Wagner Main é parente de alguém?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Parente de alguém que seja sócio, evidentemente.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ele é independente, ele é um técnico da área.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa Expresso Lucat... Lucat é com "t" mudo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem são os sócios?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Américo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Américo Proietti.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ... e Maria de Lourdes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esposa dele?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esposa dele, Barros Proietti.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bom, eles têm 30% da Skymaster.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Da Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Bem, então, o senhor formou essa empresa e o senhor exerce função administrativa nas três ou só na Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI **– Só na Skymaster. Não, na Skycargas também. Agora exerço administração; eu, Jaime e Tomaz.**

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, o Jaime e o Tomaz.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E na Skyavionics?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Na Skyavioniscs, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem faz administração lá?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O Ricardo e o Wagner.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Ricardo e o Wagner.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está certo. Dessas três empresas, quais são aquelas que mantêm contatos com o poder público?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Somente a Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só a Skymaster. A Skycargas trabalha para quem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A Skycargas trabalha para a Skymaster, exclusivamente para a Skymaster, e fretamentos esporádicos com outras empresas de aviação, mas o foco dela é a Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sob o ponto de vista do percentual de faturamento dela, quantos por cento são da Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Noventa e nove.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Noventa e nove, quer dizer, é bem esporádico e pequeno.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Muito pouco o faturamento com outras empresas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. E a Skyavionics?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A Skyavionics fatura... presta serviços para a Skymaster, digamos de 80%, presta serviços para a TAM, prestou para a Vasp, para a Beta, para a TAF, para as empresas de aviação de um modo geral.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sob o ponto de vista do faturamento dela, o senhor tem idéia de quanto representa a Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Oitenta por cento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Oitenta por cento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso. É uma empresa nova, tem dois anos de atividade e está tentando, ainda, conseguir espaço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dois anos de atividade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela tinha algum nome anterior?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já era Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Já.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todas elas, na origem, chamavam...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esses mesmos nomes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esses mesmos nomes?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Bom, feita essa introdução preliminar do depoimento, eu gostaria de começar falando com o senhor sobre a questão do superfaturamento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dos contratos da Skymaster com os Correios, com o correio aéreo noturno.

A auditoria feita pelo Tribunal de Contas da União nos mostra um elevado superfaturamento. Isso já foi objeto de argüição anterior, mas, até agora, a nossa convicção vai na linha de que, realmente, esses contratos estariam superfaturados, por isso gostaríamos de ouvir o senhor, exatamente para que pudéssemos ter certeza, efetivamente, do que falamos.

Então, apenas para registrar: a auditoria do TCU identifica um superfaturamento da ordem de R$64.018.664,5.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso relativamente à operação das linhas A e C junto aos Correios. Isso tudo, também, no período de junho de 2001 a abril de 2005.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse cálculo foi realizado da seguinte maneira: partiu-se do preço inicial, que foi verificado no Pregão 106, de 2003, que era da ordem de R$300.154,79. Levou-se em consideração, para se fazer esse cálculo de superfaturamento, a variação dos indicadores utilizados no setor de transporte aéreo, isso é, variação do preço de combustível, IGPM e dólar americano. Então, fez-se todo esse cálculo pegando-se o preço atual, voltando-se no tempo, fazendo essa variação e chegando-se a esse superfaturamento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que V. Sª teria a dizer sobre isso, ou acerca disso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, primeiro, é necessário que a gente identifique o que é superfaturamento, porque, na concepção de mercado, um preço que está cotado no mercado nunca pode ser considerado superfaturamento, porque ele é praticado por todas as empresas do setor.

Essa conclusão dos técnicos do TCU e, primeiro ainda, dos técnicos do CGU é totalmente equivocada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque ele parte de uma premissa, de um preço dado no pregão ocorrido no final de 2003, promovido pelos Correios, onde a Skymaster teve que mergulhar o preço muito abaixo dos seus próprios custos para manter o contrato que ela tinha junto aos Correios. Isso foi amplamente explicado pelo Luiz Otávio, que apresentou uma série de documentos, foi objeto de representação da Skymaster junto ao Ministério Público Federal, foi objeto de representação da Skymaster junto à Pregoeira e junto a vários órgãos, e nós deixamos bastante claro que esse preço é um preço predatório, muito abaixo dos preços de mercado. E a Skymaster só chegou nesses preços em função de um conluio que houve entre algumas empresas participantes desse pregão com o objetivo único e exclusivo de tirar a Skymaster da prestação de serviços dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Particularmente aí, nesse caso, o conluio teria sido comandado pela Beta?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, pela Promodal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela Promodal?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pela Promodal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que pertence ao Sr. Augusto?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Antonio Augusto Morato Leite Filho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que chegou a trabalhar também na Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Antonio Augusto nunca chegou a trabalhar na Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas tinha um contrato com a Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tinha um contrato de parceria de negócios. Isso é comum entre as companhias aéreas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o que aconteceu para se dar esse rompimento com o Sr. Augusto, para que ele comandasse um *lobby,* mais que um *lobby*, um conluio de empresas para afastar a Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ele queria o contrato que era da Skymater. Ele queria ele prestar serviço para os Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores quando mergulharam com esse preço, obviamente, colocaram o preço subfaturado.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sabiam que ganhariam a licitação com o preço subfaturado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, portanto, um preço inexeqüível. Os senhores pretendiam manter esse contrato com preços inexeqüíveis de que maneira?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Quando mergulhamos nesse preço, fomos instruídos pelos advogados de que o processo licitatório estava tão eivado de vícios, com evidências claras de toda a manobra que havia ocorrido, que os advogados, na época, nos garantiram que esse certame ia ser anulado e promovido outro certame, porque a seqüência de erros e as arbitrariedades praticadas no processo eram tão grandes que ele não tinha condição de continuar.

Nós, inicialmente, acreditamos nisso e ganhamos a licitação, certos de que todas as irregularidades seriam apontadas, inclusive foi objeto nosso do recurso junto aos Correios; apresentamos para a apregoeira, no dia do pregão, todas as irregularidades sobre as outras empresas: Varig Log, Beta, Promodal, TCB; ninguém nos deu ouvidos, sequer abriram a documentação dos outros licitantes. E tínhamos convicção de que ia prevalecer a parte legal do processo, de que o processo seria anulado pelos vícios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Anulado por quem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pelo Poder Público. Nós nos socorremos do Poder Público.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Poder Público seria os Correios?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O Ministério Público Federal.

Fizemos os nossos recursos junto aos Correios e acreditávamos que as evidências que estávamos apresentando...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores chegaram a representar ao Ministério Público?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Chegamos. No dia 19 de dezembro de 2003, fizemos uma representação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que não foram à Justiça?

Veja: os senhores são uma empresa que atua há tempos em licitação e são pessoas experientes. É evidente que se eu tenho uma licitação que é viciada, não uso como estratégia subfaturar preços para inviabilizá-la; eu impetro um mandado de segurança contra os vícios do edital e consigo uma liminar, o que, aliás, é uma prática comum no meio de quem atua em procedimentos licitatórios.

Por que os senhores não fizeram isto?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nós fizemos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Impetraram mandado de segurança?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Impetramos mandado de segurança; o processo licitatório foi suspenso, mas dois ou três dias depois a liminar foi cassada e o processo aconteceu normalmente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, os senhores não tinham, então, tanta certeza de que daria resultado.

É sabido que, numa licitação, quando alguém oferece um preço está obrigado a assinar o contrato, até porque a Lei nº 8.666 diz que aquele que se recusa a aperfeiçoar o contrato fica numa situação equivalente

àquele que descumpre totalmente as obrigações assumidas. Os senhores estariam submetidos a sanções administrativas, dentre as quais, inclusive, a possibilidade de serem declarados inidôneos em licitação e se submeteriam a perdas e danos.

Como os senhores se arriscam dessa forma num caso desse tipo? Isso poderia aniquilar a empresa, porque fundamentalmente o grosso do trabalho da Skymaster é com os Correios. Ou seja, me parece estranho que uma empresa que não tenha conseguido liminar na Justiça se arrisque a um subfaturamento de tal natureza em que fosse obrigado a aceitar um contrato sem que tivesse algum tipo de garantia de que esse preço seria elevado no futuro.

O senhor entendeu o meu raciocínio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Entendi.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, me parece estranho, e essa é uma das coisas que têm chamado muito a atenção desta Comissão, como alguém pode correr um risco de subfaturar um preço, quando não teve liminar, quando não tinha garantia judicial, quando, ao vencer a licitação, estaria numa condição de ter que assinar o contrato, contrato que não poderia cumprir, que era inexeqüível e que se não cumprisse seria penalizado a ponto de inviabilizar a própria empresa. O senhor conseguiria me explicar essa estratégia? Porque, sinceramente, não conseguimos entendê-la.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Inicialmente, foi uma estratégia traçada pelos advogados que tinham convicção e nenhum sócio da empresa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª podia dizer quais foram os advogados que o orientaram nesse caso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Dr. Luiz Shimonovski, cujo escritório é em São Paulo, na época. Eles nos garantiram reverter, juridicamente, essa situação. Inicialmente, eles achavam que íamos conseguir reverter isso dentro dos Correios, administrativamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Permita-me. Se havia tanta segurança que iam reverter juridicamente, V. Sª não precisaria ter entrado com o preço subfaturado, porque a Justiça não daria a licitação.

Por que entrar com o preço subfaturado, se tenho certeza de que vai reverter na Justiça? Se não reverter na Justiça, a licitação é nula.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas o problema maior era esse. Se deixássemos que atravessasse uma nova empresa na relação entre a Skymaster e os Correios, aí sim, não haveria chance nenhuma de reverter, porque o poder público iria ter de indenizar essa empresa de outra maneira. Então, a instrução do advogado era para não deixar atravessar nenhuma outra empresa entre Correios e Skymaster. Só assim a gente conseguiria reverter esse assunto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para quem tinha segurança de reverter na Justiça, é uma estratégia, no mínimo, estranha, porque os senhores estavam correndo um grande risco, que era o risco de destruir a própria empresa, e os senhores sabiam disso porque não são inexperientes no mercado.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, de destruir a própria empresa não havia, nem houve nunca esse risco, porque...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Imagine se o senhor tomasse uma sanção de declaração de inidoneidade para licitar. O que aconteceria com a Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, isso não iria acontecer, porque nós traçamos... O nosso planejamento é muito bem focado, e nós sabíamos exatamente até onde podíamos chegar sem comprometer a...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quantos por cento da receita da Skymaster são oriundos dos Correios?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – À época.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em 2004, 40% foi relativa aos Correios e 60% de outros clientes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quantos outros clientes da área pública?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em 2004, fizemos alguns vôos para o Banco Central, dois ou três, não me lembro a quantidade. Tirando isso, não tínhamos nenhum outro cliente da área pública além dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, nessa estratégia, o senhor perderia, no mínimo, 40% do seu faturamento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Quarenta por cento do meu faturamento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que poderia, evidentemente, inviabilizá-lo para quaisquer outras disputas com quaisquer outros entes públicos, inclusive com os Correios e, reconhecidamente, do ponto de vista jurídico, os senhores estariam aniquilados, digamos assim, no mercado. É isso que nos causa surpresa.

E por que causa surpresa? Porque há denúncias, informações e até afirmações feitas em depoimentos

de que os senhores teriam algum tipo de relação privilegiada com os Correios que lhes permitiria recompor mais tarde os preços.

O que nos chama a atenção? Se era subfaturado, por que os Correios não desclassificaram a proposta – a lei permite isso – por ser manifestamente inexeqüível?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, não houve a desclassificação por parte dos Correios, os senhores assinam os contratos e, depois, sob o pretexto de restabelecer o equilíbrio econômico-financeiro, o preço foi recomposto no patamar de origem, em clara ofensa ao equilíbrio econômico-financeiro, que é definido no momento da proposta.

Ou seja, na medida em que o senhor – e aí pediria que o senhor comentasse isso... Se o preço realmente estava subfaturado, todos os reequilíbrios econômicos posteriores teriam mantido o preço subfaturado, porque o reequilíbrio econômico-financeiro não eleva preço, ele apenas ajusta a equação original.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na medida em que foram dados reequilíbrios econômico-financeiros posteriores e o preço ficou satisfatório, sou obrigado a concluir que houve aditamentos rigorosamente irregulares na medida em que não mantiveram o equilíbrio econômico-financeiro, mas elevaram o preço. Estou enganado no raciocínio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Completamente enganado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O nosso contrato começou de um preço, digamos, de cem; nunca teve reajuste de preço nenhum. Nós cumprimos um ano de contrato – o contrato é por um ano –, rigorosamente no preço...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve reequilíbrio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não houve reajuste. Houve reequilíbrio em função do aumento do combustível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve revisão de preços.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Como?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve revisão de preços.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não. Revisão de preço, não. Houve reequilíbrio financeiro em função das variáveis dos custos das empresas aéreas e não foi a única...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor me permite: sempre que ocorre o reequilíbrio econômico-financeiro, o senhor tem a revisão de preços.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas esse é que é o engano total, porque não foi só a Skymaster que teve reequilíbrio econômico-financeiro, foram todas as empresas do setor aéreo que o tiveram em função do aumento do combustível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja o meu raciocínio.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para tentar ser bem preciso: o que é a equação econômico-financeira de um contrato? É a relação econômica e financeira entre as obrigações das partes no momento em que se apresenta a proposta.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A garantia que a lei dá é que, ocorrendo qualquer fato futuro que implique o desequilíbrio, a equação seja reajustada, e é para isso que se faz a revisão de valores.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A partir daí só.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, por exemplo, vamos imaginar que o preço fosse cem e que a gasolina subisse 10%. O senhor calcula o componente na gasolina e revê o preço só para isso.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Cento e seis.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ora, se o contrato estava subfaturado na origem, ele permanecerá subfaturado durante o ano inteiro.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor está, então, me afirmando que, durante o ano inteiro, apesar do reequilíbrio econômico-financeiro do contrato, os senhores operaram em prejuízo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De quanto o prejuízo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Por volta de vinte, vinte e um milhões, no ano de 2004, com esse contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vinte a vinte e um milhões. Qual o faturamento que do senhor naquele ano?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Naquele ano?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, aproximadamente.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Deixa eu me lembrar. Aproximadamente cem milhões de reais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o senhor teve um faturamento de cem milhões?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito. Não com os Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Geral. Um faturamento de cem milhões de reais, está certo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O custo da empresa nesses cem milhões é de quanto?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em torno de noventa, noventa e dois.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o senhor tem também um lucro de dez milhões?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, o lucro, hoje, da operação está em torno de 8%. Exclusivamente nesse ano, não. Nesse ano de 2004, eu tive prejuízo. O meu custo superou cem milhões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O seu custo, claro, pelo que o senhor está dizendo superou cem milhões. Ou seja: o senhor atuou propositadamente de forma deficitária...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – No Correio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...no Correio para impedir que outra empresa tivesse presença nesse período.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não para impedir, mas para manter a minha posição dentro do Correio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para impedir que outra ocupasse o contrato.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pode ser analisado dessa forma, mas basicamente era para manter a minha posição dentro do Correio, porque montar uma estrutura de uma empresa aérea nas principais capitais do Brasil, ninguém se desfaz dessa estrutura do dia para a noite. O prejuízo seria tão grande quanto o de manter o contrato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual a margem de remuneração considerada adequada, justa, já descontado o imposto, para a Skymaster operar uma linha de rede postal noturna?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É aquilo que coloquei, em torno de 8%. Como o contrato, às vezes, é inelástico, é leonino...Por exemplo, tenho reajuste de combustível no mês de janeiro e só vou conseguir repor esse reajuste em março, abril, maio. Então, tenho uma defasagem muito grande entre a data do início do contrato e o término dele. Começo com dez, doze por cento e termino com zero, às vezes até com prejuízo no contrato em função das variáveis de custo que afetam essa operação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, em média, oito por cento?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em média, oito por cento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. A Skymaster vinha praticando preço por operação de ar nas linhas A e C no valor de R$429.987, 00 no ano de 2003. Confere?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Confere.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Contrato esse que foi firmado com base no Pregão 45, de 2001. De acordo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desse pregão, participaram a Skymaster, a Beta e a Aeropostal. O senhor se recorda disso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Se não me engano, ainda tinha a Total.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. E foi desclassificada.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Acho que a Total.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi desclassificada acima. A Varilog não pôde participar porque havia cláusula restritiva à participação de empresa que exerciam ramo de atividades concorrentes e/ou empresas que utilizassem aeronaves dessas empresas concorrentes aos Correios. A Varilog foi afastada. Essa cláusula, posteriormente, o TCU julgou ilegal por meio do Acórdão nº 1577, de 2004, da Segunda Câmara, uma vez que evidentemente estava em desacordo com a legislação em vigor. Esse pregão nos chamou muito a atenção, porque há uma cláusula impeditiva da Varilog participar. Entram nesse pregão a Skymaster, Beta, Aeropostal e...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Total.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ..e Total. A Total, de cara, já apresentou um preço muito alto.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Muito alto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ficou fora.A Sky e a Beta pertencem a pessoas que, na verdade, têm um contrato entre si de operação recíproca. E se não bastasse isso, confessam-se informalmente donos recíprocos das suas

respectivas empresas, porque são sócios de fato, não de direito. Essa empresa outra, a Aeropostal, é de propriedade de uma pessoa que tem uma trajetória que me pareceu um tanto interessante. Ele era um gerente de suprimento da Philips, sai e monta uma empresa para a qual consegue, depois, um crédito num avião, de um milhão e oitocentos mil dólares. Mais tarde, faz um *leasing* de dois aviões. Resolve, depois, vender essa empresa para uma pessoa, segundo declaração dele à CPI, por R$100 mil. Ou seja, tinha um patrimônio de US$1,8 milhão na empresa e a vende por R$100 mil. Indagado pela razão da venda, ele disse: "Eu tinha um problema conjugal, eu estava muito ausente de casa e queria atender aos meus filhos". Assim, ele perdeu quase US$2 milhões por essa situação. Foi trabalhar numa *factoring* e, posteriormente, voltou a trabalhar na empresa que ele vendeu, que já tinha o nome de Beta. Essa pessoa trabalha na Beta durante algum tempo, sai e monta a Aeropostal, que participa dessa licitação, curiosamente, não tendo aviões nem autorização para operar.

A nossa suposição – eu queria ouvi-lo – é que, evidentemente, Skymaster, Beta e Aeropostal atuaram em conluio nesse pregão visivelmente, tratando-se a Aeropostal de uma empresa braço de operação desse sistema que, obviamente, envolve relações entre a Skymaster, Beta e Aeropostal.

Gostaria de ouvi-lo a respeito.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O que me chama atenção, Excelência, é que essa dedução feita pela CGU e pelo TCU foi...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa é nossa. Essa é uma afirmação prévia. Eu gostaria de ouvi-lo para verificar os seus argumentos para ver se conseguimos descaracterizar essa situação.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Acho que essas situações têm de ser analisadas em um conjunto. Nesse pregão, doze empresas retiraram o edital, entre elas a TAM, a Varig, todas as empresas de transporte aéreo no Brasil retiraram o pregão. Compareceram ao pregão apenas as quatro, que tinham aeronaves ou que tinham supostamente condições de participar.

Foi constatado que a Aeropostal não tinha Cheta. Porém, no pregão de 2003, onde a Skymaster diminuiu o preço, participaram também a empresa Promodal, que não tinha Cheta, não tinha a mínima condição de ter Cheta, participou a TCB...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Promodal é a empresa que pertenceu ao Sr. Augusto, que também tinha relações operacionais com a Skymaster...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, nessa época, não tínhamos operação comercial nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas eram amigos. Ele mesmo fala isso em depoimento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Fomos amigos. Depois, não fomos mais amigos. Nessa área de companhia aérea ninguém é amigo. Nós somos profissionais, somos empresas que temos de sobreviver.

Então, participou a TCB, que tinha o próprio Cheta cancelado, participou a Varig Log, que não paga seus impostos em dia, que não tem certidões negativas, que não tem a mínima condição de atender a prestação de serviço público, porque não devolve para a comunidade aquilo que ela embolsa.

Participou a própria Beta, que não tinha condição, o avião dela era alugado da Promodal, que também não tinha certidões.

Isso é que estranha, porque, num edital, numa concorrência, todos apresentam claramente condições de não participação no certame. E nós provamos isso, porque apresentamos documentação para a pregoeira, apresentamos documentação no recurso aos Correios, e não deram qualquer atenção para esse problema. Quer dizer, empresas que não têm condições entram com preços predatórios, obrigam a Skymaster a diminuir o preço.

No outro certame, é questionado que a Aeropostal não tem o Cheta. Quer dizer, o pregão já é uma modalidade de licitação pública que não exige a apresentação da documentação prévia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão. Exige a apresentação da documentação, apenas a documentação é aberta numa fase posterior.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Só da empresa que vence. Da empresa que não vence não é aberta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro, exatamente. Mas é apresentada. Todos apresentam a documentação, que fica em envelopes lacrados. Os que são classificados são abertos posteriormente. É isso que permite entrarem empresas que não podem ter a habilitação e que não pretendem ganhar a disputa.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Exatamente o que estamos afirmando aqui. Embora em leilões anteriores os editais não exigissem a Cheta, esse exigiu. Querer discutir se é necessária a Cheta ou não em outros seria discutível. Acho que seria impossível, logicamente, alguém que não pode

voar participar, mas o edital não era explícito. Nesse pregão, foi explícito. Portanto...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em todos os outros foi explícito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Portanto, a entrada dessa empresa Aeropostal era uma entrada em que seu participante sabia de antemão que não ganharia. O fato de doze empresas terem comprado o edital, o senhor sabe tanto quanto eu, não quer dizer absolutamente nada. Qualquer pessoa pode comprar um edital.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que importa, em uma licitação, para configurar um eventual conluio ou não, é a entrada, o número de participantes. E são quatro. Um que apresenta uma proposta claramente inexeqüível, não do ponto de vista do superfaturamento, mas muito elevada. E os outros três, atuando visivelmente em uma profunda relação. O que nos traz a convicção de que a presença da própria Aeropostal era para dar uma aparente disputa. Objetivamente, a Aeropostal... Há sucessivos lances, em uma disputa entre os senhores e a Beta. A Aeropostal pára no primeiro, mas há uma disputa sucessiva de lances, dando uma aparência realmente de disputa, mas que o preço pára em um valor, segundo o Tribunal de Contas da União, visivelmente superfaturado pelas bases de mercado. Ou seja, nossa conclusão é: havia um conluio entre os senhores. É uma pré-conclusão. Quero ouvi-lo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Havia um conluio entre os senhores. Nada explicaria a presença de um ex-funcionário da Beta montando uma empresa que não tinha aviões, que não tinha Cheta *(Certificado de Homologação de Empresa de Transporte Aéreo)*, que era exigido pelo edital, inclusive fazendo um atestado, dizendo que atendia a todas as condições do edital, quando não atendia. Ou seja, era, na verdade, a utilização do pregão. Como a habilitação é **a posteriori** da classificação, apenas para os vencedores, na perspectiva de se dizer aquilo que nós chamamos de uma competição simulada, com a conivência possível dos que fizeram o edital, porque colocaram uma cláusula restritiva, que barrava, por exemplo, empresas como a VarigLog, tão restritiva que, posteriormente, o Tribunal de Contas da União considerou lesiva, ou nula. Em outras palavras, em síntese, o edital direcionava para algumas empresas. Por isso, possivelmente, muitas empresas que compravam o edital não entraram. Entraram aquelas que atendiam. E aquelas que atendiam, evidentemente, participavam de um clube que definia previamente os preços e simulavam a competição.

Eu gostaria que o senhor apresentasse algum tipo de afirmação que pudesse nos infirmar nessa conclusão.

O SR. JÕAO MARCOS POZZETTI – Primeiro, para ter ocorrido um conluio, deveria ter sido combinado com as outras doze que retiraram o edital. Segundo, se houvesse...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, a cláusula já restringia. Não precisava combinar. A cláusula que foi julgada pelo Tribunal de Contas ilegal, por exemplo, restringia a VarigLog...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Somente em relação à Varig, não é? Somente em relação à VarigLog, mas não à Varig. A Varig S.A. não era empresa do ramo, não era concorrente dos Correios. Quem era concorrente dos Correios era a VarigLog.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja: a VarigLog... Essa cláusula restringia a VarigLog e talvez outras. Talvez existissem outras cláusulas que restringissem outras. E quem operava naquele momento era a Varig Logística, a Varig e outra não teriam por que entrar.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, o...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a coisa é bem feita. Quem mexe com licitação sabe que as pessoas que orientam o edital não são amadoras. Elas procuram no mercado exatamente o caminho que conduza a uma situação. E é claro que você sempre conduz uma licitação, o hábil condutor de uma licitação não conduz para um só. Ele conduz para alguns que estão em acordo. O que eu estou querendo verificar nesse caso é se realmente houve isto: um edital programado para que vocês ganhassem uma licitação com preços superfaturados, fundamentalmente visando três empresas em conluio. Nós já vimos que os editais contêm certas especificações dos aviões que, pelos técnicos da área inclusive, não se justificam, e que marcavam as cartas para algumas empresas, particularmente para a Skymaster e a Beta. Quando se especifica: aviões DC-8, avião tal, etc., etc., e muitas das vezes não há nenhuma justificativa técnica para isso, a não ser a condução da licitação. É com base nisso que estamos querendo ouvi-lo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ok. Primeiro, se nós tivéssemos algum conluio para superfaturar o preço, ninguém ia ficar disputando dezesseis rodadas de lance com a Beta para jogar o preço lá em baixo, para tentarmos, cada um por si, ganhar o seu contrato. Pararia logo no primeiro lance: "Não deu, não deu, só estamos nós dois aqui, acabou o problema, vamos

sair". Isso sim é conluio. Mas um certame disputado com dezesseis lances, jogando o preço lá em baixo, e ainda discutindo com o pregoeiro ou a pregoeira, na época, realmente é de estranhar que haja conluio.

Segundo, ninguém restringiu a participação da Varig. Nem os Correios nem ninguém. Foi a própria Varig que criou a situação de restrição dela mesma em todas as participações de concorrência junto aos Correios. Por quê? Ele teve a oportunidade, operou a linha dos Correios durante 45 dias, e isso nunca é colocado. Até parece que, no final das contas, estamos discutindo um direito da VarigLog, e não do Poder Público. Por quê? Porque a VarigLog fez a operação da linha por 45 dias, todo dia deixava a carga dos Correios no chão para transportar a própria carga dela, entendeu? Fazia o que queria dentro do processo licitatório, a tal ponto que não houve outra alternativa para o Correio senão rescindir, por inadimplência, o contrato da Varig.

E aí vem outra ressalva: quanto à Skymaster, de não querer assinar o contrato, de não querer cumprir, o Correio nos ameaçou de imputar uma multa de cinco anos sem licitar e 20% do contrato, um dos motivos que nos levaram a cumprir o contrato também até o final. Mas, quando a Varig transgrediu todas as condições do contrato, simplesmente rescindiram o contrato; não aplicaram sequer uma penalidade em cima da Varig Log. Nenhuma penalidade! Então, qual foi a restrição? O Correio tem que prestar um serviço público, e não é só o preço do serviço público, é a eficiência do serviço público. O Correio hoje é reconhecido internacionalmente pela eficiência dele e não pelo preço barato da correspondência que ele cobra. Então, é uma empresa que tem que apresentar resultado, não só no preço, mas na qualidade, porque isso vai refletir, logicamente, no serviço final que ela está prestando.

Se existe uma empresa que é concorrente clara do Correio, que deixa a carga dele todo dia no chão para transportar a própria carga, dentro de um contrato que deveria estar sendo exclusivo para o Correio, então, essa empresa não pode prestar serviço para o Correio. Agora, não nos cabe, à Skymaster, analisar essa situação. Quem analisou a situação foi o próprio Correio, em função do departamento jurídico dele, que se reuniu... e operacional, que chegaram à conclusão de que empresas que fossem concorrentes e não reunissem também – era uma outra situação desse edital – condições de certidões negativas, de estar em dia com as suas obrigações com o Poder Público, não poderiam participar da licitação. E foi o caso da Varig Log. Ela se excluiu do certamente, e não o Correio que excluiu ela.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posso dizer-lhe que o Tribunal de Contas da União – com o qual pessoalmente concordo, nesse caso – disse que essa cláusula é claramente ofensiva ao princípio da igualdade, da isonomia, e evidentemente ilegal. Logo, nesse edital, houve uma restrição indevida, do ponto de vista jurídico, à participação de empresas. É aquilo que nós falamos, de redução da competitividade natural do certame, que obviamente conduziu o seu resultado. Considerando que, depois disso, já com essa condução, com essa restrição, três empresas que obviamente mantêm um vínculo evidente de relação participaram, só se eleva a suspeita que eu afirmo.

Agora, em relação à Aeropostal, os senhores sabiam que eles não tinham a Cheta. Por que não impugnaram a participação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque ela perdeu. Ela saiu logo no começo do edital...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Ela fez um lance!

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, mas ela desistiu logo no começo. Só ficou a Beta e a Skymaster no certame. Então, nós vamos impugnar uma empresa que perdeu, que não trouxe prejuízo para a gente no certame? Não faz sentido.

Nós impugnamos, sim, na licitação de 2003, TCB, Promodal, Beta e Varig, porque elas, sim, fizeram um conluio para jogar a condição de preço da Skymaster lá embaixo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A impressão que nos dá é que – usando a linguagem da aviação – os senhores tinham um céu de brigadeiro nos Correios. A partir de um certo momento, ocorre uma turbulência. Essa turbulência leva a essa disputa terrível desse pregão, e depois passa a tormenta e o céu volta a ser de brigadeiro.

Vamos prosseguir. Vamos falar um pouco dessa licitação que o senhor falou, de 2003. Os senhores não tinham aceitado uma negociação que foi colocada aos senhores, naquele período, como redução do preço, não é? Os Correios tentaram forçar os senhores a reduzir; todos os outros concordaram em reduzir; os senhores não concordaram em fazer a redução do preço. Isso é verdade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não procede, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve uma negociação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nós sempre quisemos fazer negociação de preço. O Correio que, através do presidente, Airton Dipp, nunca aceitou nenhuma proposta nossa, nunca se dignou a fazer uma negociação de preço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve acordo. Ele diz que os senhores não aceitavam a dele, e os senhores dizem que ele não aceitava.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, ele nunca apresentou proposta para a gente. Nós apresentamos três propostas para o Correio...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De redução de valores?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De redução de valores, e ele sequer abriu o custo que ele tinha em mãos para poder negociar com a gente. E isso justifica, porque havia uma proposta da Varig, mesmo com o nosso contrato em vigor, havia uma proposta da Varig Log oferecendo um preço menor do que o preço da Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas, se os senhores concordavam, então, em reduzir o preço... Vocês chegaram a formalizar isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Formalizamos! Inclusive, toda essa documentação está aqui na CPMI, no primeiro depoimento do Sr. Luiz Otávio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na medida em que formalizaram a redução do preço, não há nisso uma confissão implícita de que o preço era passível de redução e, portanto, estava um pouco mais elevado do que devia?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, isso...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como ninguém trabalha por benemerência, imagino que, ao concordarem com a redução, os senhores estavam praticando ainda preços em condições de mercado, que estariam mais elevados do que se imaginava deveriam estar.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Veja bem: os preços foram, através de um grupo de trabalho criado dentro do Correio, que foi presidido pelo Sr. Lelington, um funcionário lá de dentro do Correio, eles foram todos negociados com todas as empresas. Inclusive a Skymaster quis negociar. Ela não fugiu em nenhum momento à negociação junto aos Correios. Só que o Correio, por um impedimento inexplicável, não quis fazer a negociação com a Skymaster. A Skymaster detinha o maior contrato do Correio. Todas as outras empresas foram chamadas com antecedência de três, quatro meses, foram feitas três, quatro rodadas de negociação. A Skymaster foi chamada às vésperas da conclusão do relatório, e não foi dado oportunidade de negociação, em nenhum momento, para a empresa. Apesar de que, por três vezes seguidas, nós apresentamos propostas de negociação e não fomos ouvidos pelo Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi nessa proposta, então, que os senhores subfaturaram? Nessa licitação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não foi nessa proposta que nós subfaturamos. O subfaturamento veio em função de que o Correio se negou a negociar o contrato com a gente, rescindiu o nosso contrato e abriu uma nova licitação para poder contratar a linha de novo. E foi nessa licitação que nós abaixamos o preço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Informa aqui a nossa Assessoria de que, de fato, a Skymaster ofertou uma redução de preços – confirma o que o senhor disse – mas o que os senhores não aceitavam era a abertura de custos. O desconto da Skymaster seria sobre o preço final. Os senhores se recusavam a abrir a planilha dos seus custos operacionais. Confere?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Na primeira e única reunião de algumas horas que nós tivemos com o grupo de trabalho, nós iniciamos a reunião apresentando a nossa planilha de custos e solicitamos que eles apresentassem a deles para a gente poder conversar. Eles se negaram a apresentar qualquer planilha de custos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, os senhores abriram a planilha de custos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Abrimos a planilha de custos e apresentamos para a comissão, para o grupo de trabalho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas vamos falar então dessa licitação que nós estamos falando, de 2003. Foi no final do ano de 2003, não é isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Foi.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores não aceitaram o preço, foi realizado o Pregão 106, de 2003.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Foram 26 rodadas de lances, quer dizer, aquele leilão pesado, não é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – TCB foi desclassificada, tinha feito um lance original de 289 mil; Variglog começou com R$289 mil, chegou a R$219 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Agora, percebam os preços que foram dados aí pelas quatro, para ver onde é que está o conluio da licitação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Promodal, R$289 mil, foi desclassificada; Beta,

R$290 mil, chegou a R$214 mil; Skymaster, R$300 mil, chegou a R$213.990,00. Baixou bastante.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse de 213 mil estava subfaturado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Completamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Trouxe-lhe lhe prejuízo efetivo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Prejuízo efetivo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja uma coisa que nos chama a atenção. Evidentemente, no pregão, quando o senhor apresenta um preço, tem que depois ajustar a planilha de custos, para justificar o preço. O senhor apresenta a planilha de custos idêntica ao da sua proposta original. Só um item foi reduzido. O item que foi reduzido era o lucro da empresa. Veja: quando a Skymaster apresentou a nova planilha, ajustando-a ao preço vencedor de R$213.990,00, foram mantidos inalterados todos os itens de custos que integravam a proposta original ofertada de R$300.154,79, alterando-se apenas o campo referente à remuneração da empresa, que discriminava um lucro de R$2 mil ao dia, para que fosse inserido o prejuízo diário de cerca de R$75 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Inclusive, a respeito dessa proposta, relata a nossa Consultoria, o senhor chegou a prestar um depoimento na CPMI em que diz o seguinte – o Deputado Jorge Bittar argüiu o senhor: "Mas como ninguém rasga de cem, como dizemos no popular, é evidente que os senhores fizeram uma proposta que fosse uma proposta sustentável, do ponto de vista operacional, do ponto de vista da margem que os senhores devem ter na operação da sua empresa."

João Marcos Pozzetti: "Com prejuízo, Excelência. Isso foi claro em todos os prejuízos que nós tivemos *(Inaudível.)* nessa licitação."

"A proposta inicial dos senhores foi uma proposta com prejuízo? A proposta de R$300 mil é uma proposta com prejuízo?"

"A proposta inicial já com prejuízo."

Ou seja, o senhor disse que na proposta de R$300 mil já havia prejuízo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já havia prejuízo na proposta inicial?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, eu não me lembro do número não, mas se não havia prejuízo estava praticamente empatado, não havia lucratividade nenhuma. Agora eu não me lembro exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como se explica que na primeira proposta o senhor já apresenta com prejuízo. Qual era a lógica disso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A lógica era a seguinte: no procedimento anterior, havia uma contratação de uma determinada quantidade de carga. Nessa nova licitação, foi diminuída a quantidade de carga. E tínhamos já conhecimento que a Varig Log havia apresentado uma proposta de reduzir o preço da nossa linha em 21%. Então, simplesmente reduzimos, pegamos a nossa linha, tiramos 21% a menos da Varig Log e tiramos a quantidade a menor de carga contratada e chegamos no preço de 300 mil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas isso não consigo entender, porque, na planilha posterior, o senhor registra o prejuízo. Mas, na inicial, o senhor realiza o lucro de R$2 mil, ou seja, se havia lucro – R$2 mil/dia?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor afirmou a essa CPI que havia prejuízo se a sua planilha de custos falava que tinha lucro? Ou o senhor faltou com a verdade com a CPI ou faltou com a verdade na sua planilha de custos da proposta original. O senhor concorda com isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, simplesmente não tinha a planilha de custos em mãos, eu só presumi. Não tinha os dados em mãos para poder comparar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é que o senhor voltou a afirmar aqui agora que a proposta de 300 mil já era com prejuízo, lhe perguntei inicialmente. Falei: os 300 mil eram com prejuízo? Você falou que sim. Então, é a mesma afirmação que o senhor fez na CPI e, no entanto, as planilhas estão aqui, que o senhor apresentou, e revelam rigorosamente que o senhor apontava um lucro de R$2 mil/dia. O senhor pode até achar um lucro pequeno, mas prejuízo não havia. Das duas, uma: ou o senhor faltou com a verdade naquele primeiro depoimento – permita-me dizer assim – e agora novamente, ou infelizmente essa planilha não expressava a verdade.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, Excelência. O que acontece é o seguinte: já disse logo no começo do meu depoimento: eu começo um contrato, tenho que começar um contrato com os Correios de 12% ao mês para chegar ao final e praticamente ficar com zero, porque os aumentos de combustíveis e de outros custos são feitos a cada 15 dias.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão. Isso implica no equilíbrio econômico-financeiro que, evidentemente...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Daí a 4 meses.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ele sempre é considerado daí a 4 meses, mas retroativamente com a compensação.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nunca. Nunca volta ao preço lá de trás. O reequilíbrio é feito daí pra frente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perdão. O reequilíbrio econômico-financeiro – inclusive houve casos em que você registra o momento da ocorrência. É sempre assim no mundo público, ou seja, não dou dali pra frente. Se o aumento da gasolina se deu na data "x", é a partir dessa data que se dá o reequilíbrio. E os senhores tiveram reequilíbrios assim.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não tivemos. Pode ser que tenhamos tido, não acompanhei exatamente essa questão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se não tiveram, o jurídico dos senhores cometeu uma grande falha, porque é da data em que ocorre o desequilíbrio econômico-financeiro que tem que haver o reajuste. Se se der a partir do momento em que o senhor teve defasagem, o senhor irá à Justiça e ganhará tranqüilamente.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É até uma boa idéia para o meu advogado anotar, porque não é esse o procedimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Dr. Advogado já terá tarefa, então, no futuro, porque...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Você presta serviço, subiu hoje o combustível, não chego aos Correios, e os Correios me aumenta o preço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os senhores têm requerido os dados dessa maneira.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pode até ser, não digo que não tenhamos, mas o procedimento não é esse.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É este. É assim que funciona, é na data em que ocorre o desequilíbrio econômico-financeiro, que se faz a situação, se verifica e temos requerido para compensar, senão não estaria assegurado o equilíbrio econômico-financeiro de uma proposta.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Os aumentos de preços de combustíveis, no ano de 2004, ocorreram dia 15 de janeiro, 31 de janeiro, 1º de fevereiro, 15 de fevereiro e fomos ter recomposição desses preços em abril. Portanto, ficamos janeiro, fevereiro, março e abril sem recompor o preço do combustível que representava no custo final da nossa prestação de serviços.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos voltar a raciocinar, então, naquele preço original – e sua planilha está aqui se o senhor quiser olhar. O preço era R$300.154,79 mil; continha uma remuneração de R$2 mil ao dia. Confere?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aqui só estou com a planilha dos prejuízos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está? Uma só?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, a outra não está aqui. Mas é isso, R$2 mil o dia. O preço que o senhor praticava antes dos 300 mil era R$429.987,00 mil, ou seja, houve uma redução aqui de 129 mil no preço anterior. De acordo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De acordo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se esse era o preço anterior, se preço de 300 mil continha uma remuneração de R$2 mil/dia, o preço anteriormente que vinha sendo praticado de 429 mil deveria conter cerca de 131 mil de diferença a mais. Correto?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deduzindo-se a parcela relativa ao imposto que seria acrescido com a elevação do valor faturado, encontraríamos uma lucratividade em torno de R$120 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse valor de R$120 mil ao dia representaria, então, uma lucratividade de 28% sobre o preço de R$429.987,00 mil, já descontado o imposto. No entanto, em planilha de custos apresentada pela empresa de V. Sª, quando da solicitação de reequilíbrio para as linhas contratadas a remuneração declarada era de 20,73% para a linha A, e 21,71% para a linha C. Ou seja, estava escondido no que os senhores apresentaram 8% de diferença em relação aos seus próprios números. Como é que o senhor explicaria isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, eu teria que pegar toda a composição de custo dessa época. De cabeça, aqui, eu não tenho condição de fazer uma análise em cima dos números apresentados naquela época.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas vamos analisar o que o senhor próprio falou. O senhor falou que a remuneração média é em torno de 8% de lucratividade. Esse valor, 8%, foi inclusive confirmado pelo Sr. Augusto Conceição Morato,

que nesta CPI informou que o percentual razoável de lucratividade do setor de transporte seria de 8%. Como é que o senhor explica então essa brutal diferença, sem dizer que não havia um superfaturamento?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, agora, de momento, eu não sei como explicar isso. Realmente, é... Esses dados de evolução, só pegando os números mesmo e confirmando.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não, eu estou pegando... Veja, os números são exatos, e são os números que confirmei com o senhor. Por isso que vim construindo o raciocínio passo a passo para nós chegarmos ao resultado. O senhor diz: "Não havia superfaturamento, não havia superfaturamento. Subfaturamos a proposta naquela licitação para chegarmos ao valor de R$300 mil". Perdão, ao valor de R$203. Só que a proposta inicial do senhor era de R$300 mil. A proposta de R$300 mil do senhor tinha uma remuneração de R$2 mil ao dia, está certo? O preço que o senhor praticava anteriormente era R$429 mil. A diferença entre R$429 mil e R$300 mil vai chegar aqui à casa de R$131 mil. Nós encontramos então um lucro de R$120 mil. Esse lucro de R$120 mil está muito acima dos 8% que o senhor afirmou que era o valor médio – isso, pelos números do senhor.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, mas o senhor esquece de computar aí que nessa licitação houve uma redução da quantidade contratada de carga.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, eu estou partindo da proposta original do senhor.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Então, na proposta original houve... O transporte que nós fazíamos no contrato anterior contemplava uma x quantidade de carga contratada. Na nova licitação...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, no que muda isso a faixa de ganho? Isso não muda a faixa de ganho.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Claro que muda.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, nós estamos falando em percentual. O percentual médio é de 8%, que é uma remuneração justa, pelo que o senhor mesmo fala. O Sr. Augusto Conceição Morato fala também nos 8%. Independentemente do universo de carga transportada, o senhor deu um pulo para 20%! O senhor tinha 20% embutido anterior. Ou seja, muito mais que o dobro do que o senhor acha que era uma remuneração razoável. Quando alguém ganha muito mais que o dobro de uma remuneração razoável, tratando-se de dinheiro público, nós costumamos chamar isso de superfaturamento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, eu volto a dizer: o senhor está comparando dois pesos e duas medidas. O contrato que nós operávamos era um contrato que englobava uma quantidade de carga muito maior do que a nova licitação que foi feita. Foram reduzidas as quantidades de cargas nos diversos trechos da linha postal noturna.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas eu lhe perguntei o seguinte: quando eu lhe perguntei, eu não perguntei o tipo de contrato, lembra? Eu falei: qual é a remuneração ideal? O senhor falou: 8%.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É 8%. Oito por cento cá, 8% lá. Só que, na sua situação anterior, não era 8%, era 28%. O senhor percebe? Ou seja, reduziu carga, não reduziu carga... Nós estamos falando de percentual. A sua margem de ganho era de 28% no contrato anterior. Isso nos leva à convicção plena de que, pelas suas próprias palavras e do Sr. Antonio Augusto, esse contrato era superfaturado. Que o senhor quando diz que mergulhou naquela licitação, o senhor mergulhou comendo o seu superfaturamento e não subfaturando, porque a sua taxa de lucro estava infinitamente maior do que aquela que o senhor mesmo diz que é razoável.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, volto a dizer: o meu contrato anterior, que o senhor argumenta que é superfaturado, previa 119 mil quilos de carga transportada na linha. A nova licitação, onde eu apresentei o preço de R$300 mil, previa só 93 mil quilos de transporte na linha. Então, não é possível chegar a essa conclusão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, mas eu estou falando de margem de lucro percentual. Não estou falando de preço absoluto.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas a margem de lucro percentual é proporcional à quantidade transportada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o preço médio, o senhor falou que é de 8%, e nós estamos falando de 28%!

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas o senhor está pegando do preço final de faturamento...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, do lucro que o senhor tinha.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ...de quantidades diferentes. Eu não posso...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do lucro que o senhor tinha.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas eu não posso transportar 100 toneladas e cobrar R$400 mil e depois pegar 80 toneladas e querer apresentar o mes-

mo R$400 mil. É claro que eu abaixei o preço porque abaixou a quantidade contratada. Não tem outra...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah! Então, espera um pouquinho! O senhor baixou o preço para 300, porque abaixou a quantidade contratada.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Também. Em função da quantidade contratada e em função...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor não tinha prejuízo, como o senhor disse. O senhor disse que, na proposta original, tinha prejuízo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Veja bem, Excelência...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estou-me valendo das suas palavras exclusivamente. Estou raciocinando de acordo com seus argumentos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Um prejuízo de R$2 mil, em R$200 mil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Lucro de R$2 mil por dia e não prejuízo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Então, lucro de R$2 mil em R$300 mil de faturamento por dia é praticamente a mesma coisa que prejuízo, porque começo com R$300 mil, no dia 15 já tem aumento de 10% de combustível, e já estou tendo prejuízo de novo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, esse seu argumento infirma o anterior, porque das duas uma: ou reduziu as cargas, e o senhor estava com um preço razoável – e aí o senhor justifica a sua proposta original –, ou o senhor estava com prejuízo e não justifica a margem de ganho que o senhor tinha anteriormente. Não dá para bater esse raciocínio. Perdoe-me. Não consigo entender. Talvez seja deficiência minha, por ser mal de números. Mas não consigo visualizar como esses dois argumentos se compatibilizam.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, então, realmente, fica...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor estava com uma margem de 28% no contrato anterior.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Que prevê uma quantidade maior de carga.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Prevê uma quantidade maior de carga, mas com 28%. O senhor mesmo diz que, em geral... Quando lhe perguntei qual a taxa de remuneração média, o senhor falou que era de 8%, não disse que dependia da quantidade de carga. Era 8% em geral, em média. Ou seja, em geral, é bem remunerado aquele que ganha 8%. Não importa quanto o senhor transporta, se é A, B ou C. Ganha 8%, desde que cubra os custos, esteja com os custos operacionais etc. Os seus custos eram os mesmos, rigorosamente os mesmos, tanto que o senhor mantém a planilha.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hum, hum.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, não estamos falando de custos diferentes. O senhor manteve a planilha. Estamos falando de taxa de lucro. Na taxa de lucro que o senhor faz, na primeira proposta, o senhor ganhava R$2 mil; na anterior, o senhor ganhava R$128 mil na planilha. Não estou falando de quantidade objetiva. Estou falando da planilha.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas a gente tem de falar em quantidade, porque eu estava dentro de um contrato diferente que previa determinadas condições e passei para um outro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto reduziu a quantidade do primeiro para o segundo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro de cabeça agora, mas deve ter sido em torno de 10% mais ou menos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dez por cento de quantidade implicaram um ganho de 8%?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja: reduziram-se 10% da carga, e o senhor passou de 28% de lucro para 8%?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não fecha por quê?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não fecha.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque a VarigLog apresentou um preço 21% mais baixo que o nosso, e a quantidade de carga do contrato foi reduzida.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor veja o seguinte. Olha como o senhor tem razão quando o senhor fala da taxa de valor. Na última concorrência realizada pelos Correios, em novembro do ano passado, para a operação das novas vias da RPN, a Skymaster venceu duas linhas com proposta de preço contendo uma remuneração de 9%. Historicamente, é essa a faixa. No entanto, em alguns momentos, o senhor tem um lucro de 28%, quase 30%, do contrato. É isso – pela ausência de uma explicação – que nos mostra que esse contrato estava superfaturado. Essa é a conclusão de todos os auditores que examinaram.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Essa conclusão é...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor não consegue, neste momento, refutar essa tese. Eu gostaria muito de vê-la refutada, porque, é claro, não gostaria de ver dinheiro público sendo colocado dessa forma. Mas, se o senhor não me consegue explicar e se os números não fecham, não há outra conclusão possível.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É até estranho isso, Excelência, porque esse foco de superfaturamento se restringe à Skymaster, principalmente aqui neste fórum. Ninguém nunca disse aqui que a Skymaster – aliás, já disse; meu sócio Luiz Otávio apresentou a planilha para vocês – tinha o quinto menor preço da RPN. Então, o superfaturamento tem de ser analisado em função do mercado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah! Mas será de todos. Fique tranqüilo. Todos serão analisados. Nesse ponto, seremos rigorosamente isonômicos. Pode ficar tranqüilo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito. Eu espero.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Havendo superfaturamento, todos arcarão com as devidas conseqüências criminais no caso. Nesse ponto, eu lhe garanto. Fique tranqüilo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito. E provamos. Apresentamos o comparativo de preço. Acima da Skymaster, tem Varig, tem Beta, tem Total, tem Trip, tem uma série de outras empresas com preço muito maior do que o nosso. E o foco está em cima da Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos, agora, prosseguir com o nosso raciocínio. Quem sabe o senhor possa nos ajudar!

Na nova planilha, aquela que teve o resultado final do pregão – aquela que o senhor disse que o preço estava subfaturado –, no valor de R$213 mil, o senhor readequou e constatou um prejuízo de R$75 mil ao dia. Está de acordo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor ratificou. Essa informação está correta.

Considerando a operação das linhas por 22 dias úteis em 12 meses, teríamos um prejuízo total no ano de 2004 de aproximadamente R$22 milhões, o que o senhor disse que perdeu aqui. Perfeito. No entanto, no seu balanço, a Skymaster acusou, no final do exercício de 2004, um prejuízo de apenas R$532 mil. Como é que o senhor explicaria isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – No ano de 2004, o Correio representou somente 40% do meu faturamento. Os outros 60% foram voltados para clientes particulares que me deram uma lucratividade, na qual pude bancar a operação dos Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Então, vamos prosseguir. Já, no ano de 2003, operando as mesmas linhas A e C, ao preço diário da operação de R$429.987,00, aquele preço antigo, a Skymaster acusou um lucro só de R$1.908.932,00. De acordo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De acordo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, o senhor teve, naquele ano em que o senhor mergulhou, um prejuízo de 539 e, naquele ano em que o senhor estava bem, com preço bom, um lucro de 908. Restaria, então, uma análise sobre um comportamento das demais receitas, além dos Correios, que é o argumento que o senhor utilizou. Vamos a elas.

No ano de 2003, a receita gerada por outros clientes alcançou um total de R$33.870.828,19, enquanto que, em 2004, saltou para R$55.974.380,00. Ou seja, toda a nova receita gerada pela Skymaster, num total de R$22.103.551,00, seria canalizada para cobrir eventual prejuízo pela operação das linhas A e C da RPM.

Quer dizer, tudo o que o senhor ganhou teria sido canalizado para cobrir o prejuízo. Todavia, não seria razoável que 22.1 milhões de receita adicional pudesse produzir um lucro de aproximadamente 21.5 milhões, de modo a cobrir quase totalmente a operação deficitária dos Correios, haja vista que as novas receitas haveriam de gerar, em contrapartida, novas despesas também.

Ou seja, quando o senhor obtém todo aquele volume de receitas de outras empresas, o senhor tem despesas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor tivesse utilizado tudo aquilo o que ganhou para cobrir, teria as despesas de todas as outras operações.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sem dúvida.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como foi possível, então, tornar quase todo o faturamento extra de R$22.103.551,00 em lucro que pudesse reduzir drasticamente o prejuízo inicialmente sinalizado em R$22 milhões? Ou seja, as contas não batem com o seu balanço.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – São as condições de mercado, Deputado. E outra, eu expliquei, logo no começo para o senhor, que eu começo um contrato com 8% e o termino com zero, ou até com prejuízo. Isso não quer dizer que vou ter 8% de lucratividade do primeiro ao último dia do contrato. As situações mudam, principalmente no Brasil, em que o aumento de combustível é de quinze em quinze dias; e o combustível representa 70% do meu custo, numa operação normal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estamos aqui fazendo uma análise da sua contabilidade, e os números não batem. Esse é o problema.

Tudo aquilo que o senhor ganhou com as outras empresas, o argumento utilizado pelo senhor agora, não seria suficiente para cobrir o que o senhor teve e ter o resultado contábil obtido. Percebe? Não bate.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas a condições de um ano para o outro mudam. Isso não tem nada de fixo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não se trata de condições de ano. Pegamos tudo aquilo que o senhor declara receber de outras empresas, verificamos o rombo, e não bate com o resultado. Não fecha. Ou o seu balanço está totalmente errado, houve um problema contábil; ou, infelizmente, a explicação que o senhor está dando-nos, neste momento, não fecha em relação ao prejuízo que teve, porque o senhor respondeu bem. Foram pegas as receitas das outras empresas e bateram, só que estas outras receitas implicavam custos, só pegando as outras receitas brutas, para cobrir o buraco. Não há lógica , pois isso não bate contabilmente.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aí teríamos que pegar operação por operação, todos os contratos que tive durante esses dois anos que vocês estão comparando, para poder evidenciar o que é que aconteceu efetivamente de lucratividade. Por que em um ano tive prejuízo e,em outro,tive lucro?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Tenho aqui todas as receitas da Skymaster. Não queremos ser injustos com ninguém.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estamos fazendo um estudo meticuloso da contabilidade. Então, temos todas as receitas de 2000, 2001, 2002, 2003, 2004. Estamos comparando com as outras receitas. Aqui está o total.

Então, olhe: Skymaster (Correios) – no ano de 2000, R$34 milhões; 2001, R$25 milhões; 2002, R$92 milhões; 2003, R$106 milhões; cai em 2004 para R$57 milhões. Aqui está a proporção. Pelo estudo, não fecha. Não haveria como suportar, com aquele resultado contábil que o senhor teve, o dano que o senhor disse ter tido.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas condições do contrato dos Correios não são as mesmas da minha carga própria, dos meus clientes diretos, completamente diferente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com certeza, mas o senhor tem custos, não é? O senhor tem de pagar a gasolina...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tenho custos, mas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não pega a receita bruta e cobre tudo, o senhor tem de pagar o avião, tem de pagar tudo. O avião não decola de graça, tem de colocar combustível, tem de pagar um monte de coisas. Então, o senhor pegou toda a receita bruta que recebeu das outras empresas, cobriu o buraco e não constou nada no seu balanço. O senhor percebe?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. O meu balanço, inclusive, é auditado por auditoria independente e pelo próprio DAC. Não tem...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que nos leva a crer que o senhor não teve o prejuízo de 22 milhões que o senhor alega. Percebe onde está o problema? Também confio que o seu balanço está bom, mas não estou confiando na informação de que o senhor teve esse prejuízo, porque está me parecendo que, ao invés do que o senhor disse, o senhor não subfaturou, o senhor chegou ao preço real. O senhor super faturava antes. Todos os dados caminham nessa linha. Por isso que estou ouvindo o senhor, para que o senhor nos forneça uma indicação que nos permita mudar isso. Mas, vamos lá. No ano de 2004, a Skymaster acusou um prejuízo de R$: 532.915,00, sendo que nesse período ela transferiu aos seus sócios, ao longo daquele exercício, o montante, até agora identificado, pode variar, de 4 milhões, 732 mil, 598 reais. A que título esse dinheiro foi transferido para o sócio das Skymaster no ano de 2004?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – No ano de 2004 não foi transferido esse valor da Skymaster. Foi transferido de outra empresa, da Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi da Skycargas? Peço que a consultoria analise isso. A que título foram efetivados esses pagamentos, então, da Skycargas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De lucro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da Skycargas. Foram recolhidos os pagamentos de 27,5% em razão do imposto de renda?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Na Skymaster ou na Skycargas?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem pagou. Se a Skymaster não pagou, não é a Skymaster, é a Skycargas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não tenho esse número na cabeça agora.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve recolhimento de imposto de renda?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Claro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual o consumo médio das aeronaves Boing 707 e DC 8, 63 F, como a Skymaster utiliza? O Senhor tem esse dado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu teria de pegar na área operacional, não me lembro de cabeça. Cuido mais da administrativo-financeira e não cuido desses aspectos operacionais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou lhe informar o porquê. Aqui, no depoimento prestado à CPI, o Sr. Luiz Otávio Gonçalves informou ser de 8 mil, 250 litros por hora voada esse gasto. No entanto, verificando-se no *site* da Skymaster, disponibilizado na Internet, a informação é de que o consumo do DC 8, 63 F seria de 8 mil litros. Portanto, há uma diferença entre o informado à CPI e aquilo que consta na divulgação do *site* da empresa do senhor.

Eu até relato o trecho da oitiva:

Sr. Onxy Lorenzoni, Deputado: "Sobre as aeronaves que o Senhor tem, esses DC 8, só para ter uma referência, consomem 8 mil litros por hora/vôo. Está correto o que estou dizendo?"

Sr. Luiz Otávio Gonçalves: "Não, Senhor. A média é de 8.250 litros."

Onxy Lorenzoni: "Ótimo. E quanto é que consome, por exemplo, um Boing 737? Três mil?"

Luiz Otávio Gonçalves: "Três mil e cem? Três mil, quatrocentos e cinqüenta."

Onxy Lorenzoni: "E o seu 707, gasta quanto?"

Luiz Otávio Gonçalves: "É o mesmo consumo do DC 8, 8.250."

Por outro lado, na última concorrência realizada pelos senhores nos Correios, em novembro de 2004, para a contratação das novas linhas da rede postal noturna, que foi reformulada, consta a documentação apresentada pela Skymaster informando que o consumo tanto do Boing 707 como do DC 8 seria de 8.600 litros. Então, veja que há uma diferença entre o que informa o *site* dos Senhores, o que informa o seu sócio na CPI e a planilha de custos da última licitação dos Correios. Isso está sendo visto por nós como uma forma, tendo em vista terem colocado esse custo acima do informado pelos senhores no *site* e pelo seu próprio sócio, de, evidentemente, inflar os custos e, portanto, elevar os preços, artificialmente, da proposta da última licitação.

Como é que o senhor veria isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O problema, Excelência, é que pessoas não ligadas à aviação fazem a análise dos custos de uma aeronave sem ter conhecimento exatamente do que ocorre na operação. Eu carrego um avião em Manaus e venho para Brasília. São 2h40min de vôo. O tempo de vôo é marcado a partir da partida na aeronave e interrompido quando eu desligo a aeronave na hora em que ela estaciona aqui. Então, o senhor pode ver que são duas horas e quarenta minutos de vôo. Nesse período, tenho quinze minutos antes que é o tempo de taxiamento para decolar e quinze minutos depois que é o tempo que eu tenho para sair da pista e estacionar o avião no local que eu preciso. Se eu voei duas horas e quarenta mais trinta minutos de taxiamento, eu não gasto a mesma quantidade de combustível para fazer táxi e para voar. Quando eu estou com o avião em vôo, eu consumo uma quantidade muito maior. Então, se eu considerar no trecho de Manaus-Brasília, vou ter uma média de consumo maior que no trecho de Brasília-São Paulo, que é só de uma hora e trinta. Então, pego uma hora e trinta mais trinta minutos de táxi e estacionamento, somo esse horário, pego o consumo total e ele vai dar realmente um consumo menor nesse trecho específico. Agora, no trecho de Manaus, ele vai dar muito maior. Ele chega a realmente a quase nove mil o consumo de combustível por hora de vôo. É tudo questão do trecho percorrido e da quantidade de carga. Se também coloco, num trecho, mil quilos e, no outro trecho, quarenta mil quilos, com certeza, essa variação vai ser brutal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro. Mas o senhor vai me permitir que, quando falamos em média, significa o máximo, o mínimo e o valor médio. No *site* dos senhores, os senhores falam em valor médio. Pegam o máximo, o mínimo e chegam à media, pegando toda essa variação.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando o seu sócio chegou aqui e falou "média", pegou o máximo, o mínimo e isto. Os senhores, quando fizeram o preço na licitação, pegaram a média. O que não bate são números...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Média do trecho que vai ser voado na licitação, não é média de um preço normal que eu vou dar para outro cliente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor explica essa diferença entre o seu próprio sócio e o site? É dinheiro bastante. O seu

site fala em oito mil litros, o seu sócio fala em 8.250, ou seja, uma variação considerável.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tem que ver como ele chegou a esse número.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele fala com segurança. No caso, é uma pessoa que entende de aviação, não é um jejuno que nem eu.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em percentual, quanto dá essa variação?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dá 5%, não é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – 250 sobre 8.250.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 5% de variação.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, dá menos que 5%. Isso, daí, é normal na aviação. Isso é normal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 5% é normal?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De consumo? Dependendo da rota, do trecho...?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não. Não de consumo, é de valor médio. Não estamos falando de variação de consumo, estamos falando de valor médio.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas o valor médio da rota dos Correios é diferente do valor médio dos meus outros clientes, das minhas outras companhias. Eu não vôo só para os Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tenho aqui as planilhas todas dos senhores, na última licitação. Concorrência 006/2004. Os senhores estão calculando tudo e estão colocando: consumo médio 8.600. Com tudo: preço máximo de rampa, preço máximo de decolagem, preço máximo de pouso. Vocês estão fazendo uma avaliação estritamente localizada...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, mas que licitação foi essa, Excelência?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa é 25/11/2004, trecho Fortaleza-Salvador, Salvador-Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-São Paulo, São Paulo-Porto Alegre.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pois é. O senhor vê o trecho. É de Fortaleza a Salvador e de Salvador a Rio de Janeiro, que é um trecho longo. Também tem de ver a quantidade de carga que está sendo transportada aí.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O fato de ser um trecho longo muda o quê? Estou falando de valor de combustível.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Muda o consumo do combustível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muda o consumo do combustível e, por isso, é que ele é médio, não?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não. Não é médio em função de todas as minhas operações. É médio em função da rota que eu vou voar. Se eu vou voar só de São Paulo a Porto Alegre, é um consumo médio; se eu vou voar de São Paulo a Fortaleza, é outro consumo médio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Reduz o custo médio.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De São Paulo a Fortaleza?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Reduz.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aumenta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque estou com mais tempo voando, gastando mais combustível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Espera. Agora, não. O senhor estava me dizendo que gastava mais combustível, porque ficava taxiando, parado etc...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não, pelo contrário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quanto maior o vôo, o tempo médio de combustível, deve gastar menos, não é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, pelo contrário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o contrário?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É o contrário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu não sei. Eu não entendo nada de avião.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – No tempo em que fico de táxi, eu não gasto quase combustível, gasto muito pouco. O que eu gasto é quando estou em vôo, com o avião com as quatro turbinas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor fica com o motor ligado, parado, o senhor gasta o combustível sem cumprir a rota.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, mas é pouco combustível em função da quantidade de horas que eu vôo. Em vôo, o avião consome muito mais combustível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está claro. É óbvio que, quando o senhor voa mais, o senhor gasta mais.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É claro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas não é isso que eu estou dizendo. Estou dizendo do custo médio...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Custo médio...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Estou dizendo de custo médio por hora voada. A impressão que tenho... Desculpe-me, mas, se o senhor pega um trecho menor em que o senhor fica menos tempo voando, mais subindo, porque parece que o avião gasta muito para subir; agora, se o senhor fica num vôo longo, parece-me, como o senhor sobe proporcionalmente numa situação como está subindo para ir para o Rio de Janeiro, gasta a mesma coisa; Rio de Janeiro ele gasta mais tempo em cima, gasta menos médio. Não entendo nada de aviação, mas a lógica me diz isso: se o senhor gasta mais para subir, como o senhor sobe para ir para o Rio de Janeiro e para Salvador, isso é o mesmo. Agora, quanto mais tempo o senhor fica voando, vai reduzir o seu custo médio de combustível, não o contrário. Estou enganado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Olha, se eu tenho três horas de vôo e meia hora de táxi, o táxi eu gasto menos combustível, para fazer o taxiamento. Estou no chão, no solo, estou só movimentando a aeronave. Ao passo que, quando estou voando, consumo muito mais, claro. Agora, se eu gasto meia hora de vôo e meia hora de táxi, é claro que o consumo médio vai cair.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É que, quando o senhor faz o táxi, o senhor vai gastar uma coisa que o senhor não está voando; o senhor vai ter que voar de todo jeito. Veja: na minha cabeça é o seguinte: quando o senhor tem distâncias maiores, deve cair o custo, ou seja, o senhor vai gastar mais combustível, mas o custo cai porque proporcionalmente é o que o senhor gasta para subir.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, a equação não é essa. Eu não tenho propriedade aqui para dizer, porque isso aí é uma questão da área operacional, e eu realmente não posso dar informação; só estou deduzindo aqui.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que só registro – veja que curioso –: nesses trechos da solicitação, o senhor tem trechos longos e curtos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tenho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Olha aqui: Fortaleza – Salvador, Salvador – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – São Paulo, São Paulo – Porto Alegre, isso dá um custo médio de 8.600 – isso é que é estranho –, enquanto que o seu custo médio revelado na CPI é 8.250 e, no seu *site*, é 8.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Teria que ver com a área operacional como eles chegaram nesses cálculos. Isso aí é calculado exatamente pegando as horas de vôo e as horas de táxi para se chegar num número.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós temos aqui uma tabela de sócios ano da Skymaster, e, no ano de 2004, a Skymaster transferiu 4 milhões.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É errada, completamente errada; essa informação aí deve estar totalmente equivocada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem algum documento oficial que possamos checar?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pode pegar a minha declaração de Imposto de Renda, pode pegar tudo que for aí. Completamente equivocada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor nega essa informação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nego. Precisa pegar um contador que realmente...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então está bom, então isso não existe.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não foi distribuído esse lucro da Skymaster em 2004.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito, não foi distribuído. Como o senhor vê, vai ser uma argüição longa. Eu acabei o primeiro bloco, são quatro. Está certo? Então nós vamos parar por uns dez ou quinze minutos para o senhor também respirar, senão daqui a pouco o doutor advogado, legitimamente, vai-me acusar de violação aos direitos internacionais humanos por tortura psicológica. Então, para evitar isso e para o senhor poder descansar um pouquinho – e o doutor advogado também –, nós vamos suspender por quinze minutos.

(A reunião é suspensa às 16h13min e reaberta às 17h27min.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está reaberta a reunião.

Voltaremos então a dar continuidade à argüição que vínhamos fazendo na primeira parte ao Sr. João Marcos Pozzetti, que neste momento está depondo como sócio da empresa Skymaster Airlines Ltda.

Vamos fazer um pouquinho agora da empresa Skycargas, da qual o senhor é sócio. Antes de entrar na Skycargas, o senhor falou que é sócio também da Sky Aviões.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. O senhor é sócio da empresa Confete Indústria e Comércio de Roupas Ltda.?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não mais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não mais. Foi sócio até quando?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Até final de 2004. Entrei no começo de 2004 e saí no final de 2004, se não me engano. É uma empresa que não movimentava quase nada e agora não me lembro exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem eram os sócios na oportunidade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Na oportunidade, eram duas moças: uma era minha irmã e a outra...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sua irmã?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, Cláudia, o nome dela.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Cláudia?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a outra?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, a minha irmã Leda e uma outra moça chamada Cláudia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Leda e Cláudia.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eram as duas sócias.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor entrou, depois...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Depois saí.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E deixou sua parte com as duas mesmo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Só transferi, porque a empresa é uma empresa de confecção, uma empresa pequena, e não tinha movimento nem justificava meu trabalho dentro da empresa; é muito pequena a empresa e não tinha condição, tinha que cuidar da Skymaster que é exatamente o ganha-pão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ela continua ativa ainda?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Continua.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Tecnelétrica da Amazônia Ltda., o senhor foi ou é sócio? É que o senhor não tinha mencionado no início aqui.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Eu não mencionei porque eu pensei que era só as empresas correlatas aqui e, como nós nunca tivemos distribuição de *(Inaudível.)*, ela está desativada há muitos anos, não achei conveniente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está desativada?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela fazia o quê, a Tecnelétrica?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Era uma empresa de construção.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Fundação Poceti GT da Amazônia Ltda.?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – GT nunca funcionou. Foi aberta e encerrada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual seria a finalidade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Era de imóveis, incorporação de imóveis.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nunca funcionou?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nunca funcionou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Siema Eco Essências da Amazônia Ltda.?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Nunca fui sócio não. Fui representante dela como contador uma época...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só contador?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Nunca fui sócio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Siema Eco já falei. Energiza Látex?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Também abriu e fechou, nunca funcionou. Era um projeto de preservativo que a gente ia implantar na Zona Franca de Manaus, aproveitando a borracha da região, mas não tivemos sucesso e nunca funcionou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Alto Posto Raio Sol Ltda.?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Também abriu e fechou, sem funcionar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Amazônia Shows?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Amazônia Shows era uma empresa individual minha que eu, na época do grupo Carrapixo, lá da região...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor é diversificado na atividade. Até show.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, mas já faz tempo. Eu agenciei uma parte do grupo. Depois, o grupo se desfez e eu resolvi encerrar a empresa também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dona Dinha Casa de Massas Ltda.?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ah, sim, desculpa, essa daí tem. É um restaurantezinho pequenininho, uma cantinazinha italiana que eu e meu irmão, ele que toca lá e eu não me envolvo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o senhor e o seu irmão?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Eu e meu irmão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bom, a Sky Avião o senhor já falou e a Skycargas também. Nessas empresas que eu citei, Confete, Tecnelétrica, Fundação Poceti, Siema Eco, Energiza, Alto Posto Raio Sol, Amazônia Shows, Dona Dinha, no quadro societário, existe algumas das pessoas que são ou foram sócios da Skymaster, Skycargas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Não tem nada a ver com Skymaster...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não tem nenhuma vinculação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nada.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A Fundação, inclusive, eu mantenho ainda até hoje. Eu sou fundador dela e só desenvolvo atividades lá assistenciais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece a Dona Késia Maria do Nascimento Costa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Conheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é ela?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Dona Késia foi representante de uma empresa e assinou um contrato de leasing com a Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual empresa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Quintessential.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quintessential?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Foi procuradora só da empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela não tem nenhuma vinculação com a Confete Indústria e Comércio de Roupas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ela já foi sócia também da Confete.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, espera um pouquinho só. A Dona Késia foi sócia da Confete em que ano? O senhor lembra?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não lembro, Excelência. Não me lembro do período não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela é sua amiga?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, aí já é um assunto pessoal que eu me reservo o direito de não... me abstenho de falar. Realmente, é um assunto pessoal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está certo. Vamos ver como... Eu vou ter que fazer algumas perguntas. O senhor vai me parametrando aí para não termos outras confusões além daquelas que já temos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente. Vai me causar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu entendo. Então, Dona Késia foi sócia da Confete Indústria e Comércio de Roupas Ltda.?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo. E também ela tinha relação com essa Quintessential?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Ela recebeu procuração para assinar um contrato de leasing com a Quintessential.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Recebeu procuração para assinar um contrato de leasing na Quintessential.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Onde é a sede da Quintessential?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro direito onde é a sede. Sei que os contratos, todas as negociações são feitas em Miami, Estados Unidos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em Miami, Estados Unidos. *(Inaudível.)* Nas ilhas virgens?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro. Realmente, não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é no exterior?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É no exterior.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem são os proprietários da Quintessential?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Desconheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor desconheço. Por que houve outorga de uma procuração para a Dona Késia para atuar em nome da Quintessential?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque precisava assinar o contrato para o DEC e tinha que ser dada entrada e eles a nomearam para ser procuradora.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que contrato?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Contrato de leasing.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Contrato de leasing...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De aeronave.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, ela assinou um contrato de leasing de aeronave em nome da Quintessential com que empresa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Com a Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com a Skymaster. Mas ela não tinha relações anteriores com a Quintessential?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Nunca teve.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é estranho outorgar-se uma procuração para assinar um contrato de leasing em nome de uma empresa com quem nunca teve essa relação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O advogado que indicou. Então, a empresa...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Advogado de quem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Da Quintessential.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o advogado? O senhor sabe?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É um advogado do exterior, de Miami.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Advogado do exterior? De Miami?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De Miami.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ele indicou a D. Késia?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ele conhecia a D. Késia?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Conhecia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De onde?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Do relacionamento. Agora não sei precisar exatamente de onde que ele conhecia, mas ele conhecia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Espere um pouquinho só. O Advogado do exterior, da Quintessential, conhecia D. Késia, que é uma pessoa com quem o senhor tem contatos e era dona ou foi sócia da Confete Indústria e Comércio de Roupas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Lá no Amazonas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ele conhecia a D. Késia de onde?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, aí eu não sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi por seu intermédio que ele conheceu?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não foi por meu intermédio. Foi por outros contatos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que tipo de atividade a D. Késia exerce profissionalmente?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ela é fonoaudióloga, é médica.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, ela não mantém contatos na área da aviação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, na Quintessential, o advogado a conhecia a ponto de outorgar uma procuração para assinar um contrato de *leasing*?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso é uma questão comercial deles.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não sabe precisar como ele conhecia a D. Késia?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu vou ter que entrar em... O senhor me desculpe. Mas o endereço dela é o mesmo que o seu. Confere?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Confere.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, os senhores coabitam? Não estou entrando em aspectos pessoais, mas vocês moram na mesma residência?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aí, eu me reservo ao direito de não responder.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Entendo e respeito, mas o senhor confirma, então, que o endereço dela é o mesmo que o seu?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É o mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o mesmo endereço.

Qual a função que o senhor desempenha na Skycargas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Na Skycargas, eu cuido também da parte administrativa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o senhor que assina os balanços da Skycargas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, o balanço não, é um contador. Só cuido da administração.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é o contador?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Acho que é Ricardo o nome dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ricardo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Dê uma precisada para nós quais são as atividades envolvidas pela Skycargas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A Skycargas faz toda a parte logística e transporte rodoviário, coleta e entrega de produtos da Skymaster, de clientes próprios. Ela não tem nenhuma vinculação, nenhum relacionamento com os Correios. Os Correios é independente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é um transporte aéreo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, ela faz o trecho rodoviário. Ela vai ao cliente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skycargas vai ao cliente e faz o rodoviário.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, coleta a cara no cliente, prepara e embala a carga toda, paletiza e me entrega dentro do aeroporto. Eu, Skymaster, transporto para o outro destino aéreo. Lá ela coleta, pega e entrega no cliente final. Ela faz a logística.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De fato, o contrato social diz: "Prestação de serviços de logística integrada, distribuição, paletização, coordenação, agenciamento de cargas aéreas, agenciamento e transporte de cargas rodoviárias, marítimas e fluviais, nacionais e internacionais".

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O grosso da atividade dela é para a Skymaster. É isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E, em relação a outras empresas, o senhor falou que é muito pouco que ela trabalha.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pequeno movimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Como é a forma de remuneração da Skycargas para a Skymaster? É paga uma comissão sobre o valor dos serviços obtidos? Como se remunera?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em função do serviço executado. Quando tem muita coleta e muita entrega, o volume aumenta de pagamentos. Quando tem pouca, diminui. É uma questão, basicamente, em função do trabalho executado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos pegar o seguinte: eu tenho um cliente que vai se valer dos serviços da Skycargas. Ele paga a Skycargas ou para a Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ele paga tudo para a Skymaster. Depois, a Skymaster paga.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer, é como se, na verdade, a Skycargas fosse contratada da Skymaster para fazer um serviço.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o cliente mantém relação direta com a Skymaster.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a Skymaster, então, na proposta que faz para o cliente, embute o custo daquilo que vai pagar para a Skycargas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skycargas também realiza transporte de cargas rodoviárias e fluviais, marítimas internacionais?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, ainda não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem veículos próprios? Caminhões?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tem.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quantos. Sabe precisar mais ou menos a frota?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro, mas deve ter, em São Paulo, umas 10 unidades, em Manaus, umas 6 ou 7.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Na realidade, seriam 10 caminhões?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Entre caminhões, veículos pequenos e carretas. Não sei precisar exatamente quantas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posso, então, concluir que a maior parte das receitas da Skycargas vem do agenciamento de cargas operadas diretamente pela Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, nós constatamos aqui, analisando, investigando as duas empresas, que há diversos pagamentos realizados pela Skymaster e Skycargas. Então, é fruto desses serviços prestados por ela?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Desse serviço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todos os pagamentos da Skymaster e da Skycargas têm como objetivo o agenciamento de cargas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Todos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todos? Sem exceção de nenhum?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Todos, sem exceção nenhuma. O serviço de maneira geral, né?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, o serviço.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não é só agenciamento de carga; é paletização da carga, despaletização, separação, e tudo o mais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É a logística em si, não é só...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É essa operação toda que o senhor descreveu?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós constatamos nos nossos estudos, auditorias feitas por uma equipe – nós temos uma equipe grande trabalhando no caso.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ... que os pagamentos, eles não são realizados por meio de cheque nominal à Skycargas, mas sim por cheque emitido em nome da própria Skymaster, que, uma vez endossados, são sacados no caixa. A quase totalidade dos endossos são efetuados pelo Sr. João Marcos Pozzetti. Qual a razão de se utilizar esse tal expediente inclusive para quantias bem elevadas que ultrapassam um milhão de reais?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, basicamente é para não bitributar. Se eu depositar para a Skycargas e ela pagar os compromissos dela, vai ter uma bitributação de CPMF, por exemplo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É para evitar a CPMF?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É para evitar a bitributação, é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, na verdade, o senhor saca em dinheiro...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nem sempre em dinheiro. Vai na boca do caixa, os pagamentos que têm que ser feitos, ele na realidade sai como se fosse dinheiro, mas em função disso é feito o pagamento, o depósito ou o pagamento das duplicatas deles.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos, só para eu entender a operação, porque eu sou um pouco lerdo nessas coisas: o senhor tem aqui o pagamento, então, feito... A empresa paga à Skymaster – certo? – pelo serviço todo prestado.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que funciona a operação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Emito um cheque nominal à Skymaster e endosso o cheque. Chega na boca do caixa, é feito o saque e o depósito na conta que a Skycargas indicava.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor saca em dinheiro e deposita em dinheiro?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, na realidade não é movimentação em dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, mas tecnicamente é como se fosse em dinheiro.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tecnicamente é como se fosse.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Você tira daqui e põe aqui no balcão, vamos dizer assim...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ... sem a transferência de numerário?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso é feito para não haver a tributação da CPMF?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bitributação, é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster, ela basicamente emite cheques nominais apenas à Shell do Brasil S/A pelo pagamento de combustível; à Infraero, pelo pagamento de tarifas aeroportuárias; à Swiss ports e à Sata, pelo pagamento de operação terrestre em aeroportos; ao Fisco e aos bancos onde tem conta, Banco do Brasil, Bradesco, Real, para pagamento de títulos diversos. A quantidade de cheques emitidos pela Skymaster em favor dela própria impressiona – isso foi uma das coisas que nos impressionou, ela emitir para ela própria.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Certo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chegou a um total de 38,8 milhões emitidos de 2000 até junho de 2005.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que tanta coisa emitida da Skymaster para a Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, isso é um procedimento bancário. Eu tenho 40 títulos para pagar hoje e eu não quero emitir 40 cheques. É humanamente impossível e um dispêndio de trabalho inútil. Então, o que é que eu faço? Emito o cheque nominal à Skymaster, vou na boca do caixa, é como se sacasse isso e em seguida pagasse todas as duplicatas que tem daquela relação de 40 duplicatas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que não pagar com cheque normalmente, como as empresas fazem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas é feito. Quando o volume é considerável, nós pagamos: Shell, Infraero, nós pagamos. Agora, quando tem uma quantidade muito grande de duplicatas, eu não vou fazer 40 cheques nominais a 40 pessoas diferentes. Eu faço um cheque só para pagar àqueles 40.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas as empresas não fazem assim habitualmente?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, eu não sei o procedimento das outras empresas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não é muito mais trabalhoso o senhor ter que ir ao banco, sacar, tirar, depositar na conta de cada um, ao invés de o senhor simplesmente emitir um cheque?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não. Não é feito o depósito. É feito o pagamento direto no banco, dos valores das duplicatas que estão lá, apensadas àquele movimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas aí não é muito mais trabalhoso? O senhor só um cheque, aliás, hoje as coisas são tão rápidas, esse tipo de... o senhor faz o cheque, vai lá o *office-boy* vai e paga, alguém tem que ir e sacar para daí preencher para daí preencher a guia, depositar?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não é ir e sacar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O cheque é enviado junto com o movimento de pagamentos. Só que é feito um cheque só para pagar 40 títulos, entendeu? Eu não vou fazer 40 cheques para pagar os 40 títulos. Eu faço um só, do movimento do dia...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas tem de fazer quarenta guias de depósito em contas diferentes?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, são duplicatas. Normalmente, são duplicatas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor paga as duplicatas. O senhor pega em dinheiro...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – E quito as duplicatas na boca do caixa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, nesses dias, então, em que o senhor faz saques, na exata proporção dos saques, o senhor tem pagamento em duplicatas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Provavelmente sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que provavelmente?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque pode ser que não. Pode ser que haja alguma outra diferença.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E essa diferença serviria para pagamento de quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu não sei, eu não sei. Teria de avaliar cada um dos pagamentos para saber se foi exatamente isso ou se houve... Por exemplo, eu posso fazer um cheque de R$10 mil, pagar R$7 mil de duplicata e trazer R$3 mil para o meu caixa para fazer pagamentos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em dinheiro?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em dinheiro, para fazer os meus pagamentos em dinheiro, porque eu tenho pagamentos em dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Certo. Ou seja, se tentarmos, então, fazer uma conciliação dessas coisas, chegaremos a uma

pequena quantia, só para pagamento de despesas cotidianas do senhor? Não chegaremos a grandes valores que eventualmente não tenham implicado o pagamento de fornecedores?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Com certeza.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No total de 175 pagamentos declarados pelos senhores como realizados a Skycargas, totalizando R$28.558.301,11, apenas em dois pagamentos – R$120.459,94 no total – verificou-se a emissão da nota fiscal por parte da Skycargas, ou seja, no total de R$28,558 milhões, apenas R$120 mil ensejaram a emissão da respectiva nota fiscal.

Por que não foi emitida nota fiscal nesse caso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Para todos os pagamentos foram emitidas notas fiscais, todos, incondicionalmente. Todos os pagamentos feitos à Skycargas têm a respectiva nota fiscal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não foi o apurado pela auditora feita.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Então, a auditoria apurou erroneamente, com certeza absoluta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se necessário, talvez fosse interessante consultar as outras pessoas que trabalharam, porque eu sei que vocês não trabalharam diretamente nisso, consultar o grupo lá em baixo para verificar essa informação, porque, realmente, a informação que temos do grupo de auditoria é que não há nota fiscal. Haveria, sim, recibos e não nota fiscal, que, obviamente, é o documento hábil e idôneo que comprova essa prestação de serviços.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. O que me foi pedido foi o recibo correspondente ao pagamento que está lançado no diário, e isso foi anexado. Eu faço pagamentos para a Skycargas, mas não é a cada pagamento que a empresa me emite uma nota fiscal. No final do mês, ela faz a apuração de tudo que lhe foi pago e de todos os serviços prestados e emite-me uma nota no final do mês.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essa nota é emitida regularmente?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Essa nota é emitida regularmente. Pode pegar pela declaração de Imposto de Renda da empresa, pois está tudo declarado lá, o movimento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Caso não haja nota, há um problema de sonegação fiscal. De acordo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Claro, perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, vamos ter de apurar com mais detalhes.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Podem apurar. Está tudo declarado, tudo integralmente contabilizado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Pelas informações que levantamos, verificamos que o crescimento da receita da Skycargas coincide exatamente com o período em que a Skymaster teve um salto expressivo em suas receitas, que foi do ano de 2001 para 2002.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A receita da Skymaster junto aos Correios saltou de R$25 milhões para R$92,5 milhões. Isso foi obtido nos correios, certo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Certo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já a receita da Skycargas saltou de R$1,8 milhão para R$10,7 milhões. Embora a Skycargas não tivesse nenhum tipo de relação com os Correios – como o senhor mesmo disse –, há uma proporção exata de crescimento de relação de ganhos da Skymaster com os Correios com o crescimento de faturamento da Skycargas. Como o senhor explicaria essa situação? Ou seja, a Skycargas tem poucos clientes fora, não trabalha em questões ligadas aos Correios, mas, no período em que cresce brutalmente a receita da Skymaster para os Correios, cresce a receita da Skycargas. Como o senhor explicaria isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A receita da Skycargas cresce proporcionalmente às vendas da Skymaster, independentemente dos Correios. Com as vendas de clientes próprios da Skymaster, a receita da Skycargas cresce também proporcionalmente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A receita justamente cresce na proporção em que cresce a dos Correios. Veja só esses dados. A participação dos Correios na receita da Skymaster, no ano 2000, foi de 53,86%.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Certo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2001, caiu para 29,80%, ou seja, significa que a Skymaster encontrou outras coisas fora; em 2002, 69,63%; em 2003, 75,90%; 2004, 50,51%.

Receitas da Skymaster, dos Correios e outras. Temos aqui a evolução: as outras: em 2000, era proporção de 34 para 29; 34, Correios e 29 para outras. Em 2001, 25 para 58; foi quando caiu a dos Correios e cresceu a outra. Em 2002, caiu a outra, 40 milhões para 92; em 2003, caiu a externa, 33 para 106; em 2004, subiu a

externa e caiu a dos Correios. Quer dizer, o seu pico foi 2002/ 2003: os Correios, em um período que caiu bastante às outras. No entanto, o senhor verifica que nesse período a Skycargas cresceu, ou seja, no período em que o senhor cresce com os Correios, cresce a Skycargas. Pelo que o senhor me fala não há vinculação. Não conseguimos entender. Quer dizer, cresce a Skycargas quando cai...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas o senhor pode perceber que, em 2004, caiu os Correios estupendamente, e cresceu a Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Imagina os anos anteriores.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Cresceu 50%, e os Correios desabou.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja nos anos anteriores, veja só: 2001/2002. O grande salto é 2001/2002 e 2002/2003; 2001 só tinha 25 e pulou para 92 para os Correios; em 2002, foi para 106 e os outros caíram: caiu de 58 para 40, de 40 para 33. Quer dizer, nesses anos só tinha uma situação, Correios crescendo e outros caindo. Está certo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E nós temos o movimento inverso na Skycargas, por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, inverso não; ele vai e volta, porque tem anos que cresce a receita da Skycargas e diminui a dos Correios, e a receita da Skycargas cresce também. É atípico; isso é em função do tipo de atividade que desenvolvemos. A Skycargas agencia o cliente direto, ela agencia os fretamentos de carga.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que a Skycargas cresceu brutalmente justamente quando a Skymaster cresceu com os Correios? E não há uma correspondência desses trabalhos, pelo que o senhor descreve.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, há sim. Tenho que pegar contrato por contrato para dizer exatamente qual foi o cliente que cresceu e o que não cresceu e qual a rentabilidade que isso proporcionou para Skycargas. Porque tenho situações diversas, uma é coletar e entregar carga. Nesse período aí, eu fazia um trecho rodoviário. Então eu pegava carga em São Paulo, trazia até Brasília, de Brasília eu levava até Manaus via aérea. Então o volume de trabalho da Skycargas nesse período cresceu substancialmente. Por quê? Principalmente o cliente chamado Avon, que era um grosso do meu embarque, era Skycargas que fazia esse transporte todo de São Paulo para Brasília, todo dia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Outro dado que também nos surpreendeu também na Skycargas é que a Skymaster praticamente não distribui lucro para os seus sócios. A Skycargas distribui e distribui pesado.

Olha: a Skycargas distribui lucros aos seus sócios bem superiores a Skymaster.

Por que se distribui tanto lucro na Skycargas e não se distribui na Skymaster?

Tem aqui: ano de 2000, receita da Skycargas, R$410 mil; pagou de imposto de renda R$26 mil; distribuiu para os sócios R$315 mil.

Faturamento da Skycargas, em 2001: R$1.834.960,00. Veja como ela cresceu de 2000 para 2001; imposto de renda, R$30 mil; valores distribuídos para os sócios: R$1. 623.000,00; quase sempre tudo aquilo que ela ganha.

Ano de 2002 – veja só subindo –: em 2002, a receita da Skycargas, que foi quando subiu também a dos Correios, foi para R$10 milhões, subiu de R$1,8 milhões para R$10 milhões, que foi o período em que a Skymaster subiu de 25 para 92. Imposto de Renda, R$189 mil. Dos R$10 milhões que Skycargas recebeu ela distribuiu para os sócios R$9,465 milhões.

No ano de 2002 para 2003, que a Skymaster subiu de 92 para 106, a Skycargas subiu de R$10 para R$15 milhões; e aí temos valor distribuído para os sócios R$12,953 milhões. Em 2004, cai os Correios; cai a Skycargas, de 15 caiu para 12; distribui-se R$8 milhões.

Praticamente tudo ao longo desses anos o que a Skycargas arrecada é distribuído como lucro para os sócios, enquanto que na Skymaster isso não acontece. Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque a atividade da Skycargas é mais rentável do que a da Skymaster. A Skycargas faz logística, faz transporte rodoviário e a Skymaster só faz exclusivamente transporte aéreo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skycargas é mais rentável do que a Skymaster.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mais rentável do que a Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque, olha, chama atenção. O senhor veja aqui: a Skymaster, olhe: ano 200, faturou receita da Skymaster, R$64.095.000,00. Distribuiu R$ 189 mil só para os sócios de R$64 milhões arrecadados.

Em 2001, A Skymaster arrecadou R$ 84 milhões. Distribuiu R$911 mil.

Em 2002, receita, R$132 milhões. Distribuiu R$1.000.884,00.

Em 2003, arrecadou R$140 milhões. Não distribuiu nada.

Em 2004, R$ 103 milhões. Não distribuiu nada. Enquanto que quase toda receita da Skycargas, tudo, tudo, tudo que ela ganha vai para os sócios. Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Primeiro pelo regime de tributação e, segundo, porque nós adotamos uma política de, na Skymaster, todo lucro ser revertido para patrimônio líquido, capitalizar a partir desse ano que o senhor menciona.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esclarece essa questão do regime de tributação? Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Regime de tributação é um regime diferenciado.Você tem a empresa que tributa pelo lucro real e tem a empresa que tributa pelo lucro presumido. É uma prerrogativa legal que a ...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skycargas tributa como?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Lucro presumido.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Lucro presumido. Então, é mais vantajoso distribuir os lucros pela Skycargas do que pela Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, é mais...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Posso presumir isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pode presumir isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, ao invés de... Eu prefiro distribuir lucro pela Skycargas que pela Skymaster. Isso não permitiria algum tipo de passagem operacional de receita de uma para outra para favorecer essa remessa ou da simulação de negócios para que, justamente, se pudesse então ter a passagem de dinheiro de uma para outra com uma distribuição menos onerosa para os sócios?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, isso é uma questão que a legislação do Imposto de Renda proporciona às empresas, e nós declaramos tudo. Todas as nossas atividades são suportadas por emissão de documentos fiscais hábeis e declaramos o Imposto de Renda de acordo com que a legislação nos permite declarar. Não existe nenhuma ilegalidade nisso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pode assumir então que houve uma estratégia deliberada nessa linha.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não digo que houve uma estratégia, eu digo que o lucro da Skycargas foi maior nesse período e a tributação recaiu em cima dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas simular negócios, se é que...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não houve simulação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não houve simulação nenhuma. Todos negócios foram efetivamente realizados?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Todos negócios efetivamente realizados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós temos aqui todos os valores declarados pela Skymaster como pagamentos realizados a Skycargas e demais pagamentos já identificados. Os valores: valores pagos pela Skymaster a Skycargas: ano 2000, R$ 216 mil. Receita total da Skycargas: R$ 410 mil. No ano 2001, praticamente tudo que a Skycargas fez foi pago pela Skymaster. Agora 2001, valores pagos pela Skymaster a Skycargas: R$ 1.841.000,00. Receita total da Skycargas: R$ 1.834.000,00.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esse número aí está errado.De onde tiraram esses números aí de faturamento da Skycargas?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com certeza de toda documentação que foi entregue.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Do meu Imposto de Renda, não. Você pega o meu Imposto de... Desculpa, Excelência. O senhor pega o meu Imposto de Renda, o senhor vai verificar que esse número está totalmente errado. O faturamento da Skycargas foi muito maior do que esse que está declarado aí.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2001?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Claro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi maior do que R$1.834.000,00?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu acredito que sim. Esses números aí não checam, não. Ninguém faturou R$1.800.000,00 e distribuiu R$1.800.000,00. Como é que eu vou pagar as despesas da empresa?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Peço que se verifique, se for necessário consultar outra equipe, chame os outros assessores, por favor.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 2002: pagou R$8 milhões. Receita total da Skycargas: R$10 milhões.

2003: R$10 milhões; R$15 milhões.

2004: 15; 12.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, então, como é que eu ia faturar R$10 milhões em 2003 e distribuir 15. Isso aí está errado. Essas informações aí não procedem, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O percentual é 52% de participação da Skymaster na Skycargas em 2000; 100% em 2001...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pois é, tem algo errado aí.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – 78% em 2002; 68 em 2003, 46 em 2004.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esses números estão errados, Excelência. Pode mandar conferir que está errado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos checar então e veremos. A assessoria checará enquanto isso.

Quanto a Skymaster paga de para a Skycargas de comissão pelos serviços? Como é essa remuneração?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não é comissão. É o trabalho realizado. Eles vão, coletam, colocam em... Embalam toda a carga, que a gente de "paletizar". Colocam rede, fazem todo esse processo, colocam lá, dentro do aeroporto, a Skymaster pega, transporta até o destino final, no aeroporto final. Lá no aeroporto, ele pega e distribui para os clientes.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja, o raciocínio que é feito aqui pelos auditores. No ano de 2003... Aqui estão os valores trimestrais que foram somados. O Senhor pode verificar que batem.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Que período é esse?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O ano de 2001, quando dão os 100%.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aqui não está a distribuição. Eu teria que conferir isso, somar tudo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi somado e dá isso.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Teria que checar esses números junto com o contador para ver de onde veio isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São os números que foram registrados aqui.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu teria que checar, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da nossa parte está checado. Eu pediria que V. Sª checasse e nos mostrasse onde está o equívoco porque os números são esses.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Depois o senhor me disponibiliza o relatório?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por gentileza, disponibilizo o relatório. É sua declaração mesmo de renda.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Minha declaração de renda?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É. É a da sua empresa.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tudo bem, mas eu preciso confirmar isso lá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito, mas o senhor tem. É a cópia que nos foi encaminhada. O senhor tem esse dado. Só peço porque os números são esses: a participação da Skymaster na Skycargas nesse ano foi 100%. Está nos surpreendendo bastante como a Skymaster...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pega 2003, por exemplo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em 2003, dão 68%, 78%.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Está dizendo que eu faturei 10 milhões...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Valores pagos pela Skymaster a Skycargas, 10 milhões. Receita total da Skycargas, 15 milhões. Foi distribuído neste ano para os sócios 12 milhões. Eram 15 milhões, está claro?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Certo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que está nos chamando a atenção é uma série de coincidências, ou seja, embora não haja nenhuma relação entre a Skycargas e os Correios, como o senhor disse, aumenta os Correios, aumenta a Skycargas. Claro? Aumenta os Correios, aumenta a Skycargas. Cai os Correios, cai a Skycargas, embora não haja nenhuma relação. A totalidade praticamente, ou a grande parte daquilo que a Skymaster paga para a Skycargas é passada para os sócios, claro? Isso nos traz alguma surpresa até do ponto de vista – verificamos aqui – de como se explica isso.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há anos, pelo que consta na declaração do Imposto de Renda da sua empresa, são 100%, ou seja, não tem outro cliente, está certo? Então, tudo isso nos chama muito a atenção, seja do ponto de vista da análise da questão fiscal – isso tem que ser mandado para a Receita – como também do ponto de vista da própria atuação dessas duas empresas do ponto de vista das relações indiretas que poderiam advir dos recursos vindos dos Correios, sobre os quais o senhor disse não haver nenhuma conexão. Está claro?

Vamos falar um pouco agora sobre outra questão: quantos aviões a Skymaster possui?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nenhum.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nenhum avião?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nenhum.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como é que opera, então?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – São todos aviões alugados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São todos aviões alugados?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que empresas ele arrenda as aeronaves?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje, de duas empresas: Force Field e Quintessential.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Force Field e Quintessential.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Essas empresas possuem sede nas Ilhas Virgens, uma paraíso fiscal britânico, como sabemos, não é verdade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não sei, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E essa Quintessential é aquela que a Dona Késia recebeu...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Assinou um contrato de *leasing*.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E que tem uma relação com o advogado que o senhor não sabe dizer que como ela conheceu o advogado de *leasing*...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...e ela tem o mesmo endereço que o senhor?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O endereço da *(Inaudível..)* Portanto, essa é a sede das duas empresas nas ilhas virgens britânicas.

O senhor sempre arrendou as aeronaves dessas empresas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não? E de quem eram arrendadas antes?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Inicialmente, foi de uma empresa localizada na Ilha de *(Inaudível.)*, que é um paraíso fiscal também, chamada Omega Hair Limitation. Depois arrendamos de uma empresa colombiana chamada Tampa Airlines...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tampa Airlines?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ...Tampa Airlines, depois de uma empresa também colombiana chamada Daedalus. Outra empresa no Panamá, se não me engano, chamada Citzen Holds. E, por fim, dessas duas últimas empresas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu tenho aqui, não tinha da Tampa, a Tampa é boliviana?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Colombiana.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Colombiana, perdão?

Então, tínhamos que, no início de 2000, o senhor arrendava Boing 707 da Omega Airline Limits...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E da Citzens Holding Limited e da Daedalus Aviación Financiatión Incorporation.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Desculpe-me, acho que me confundi aqui. Tampa é a mesma Daedalus...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah! Daedalus? Então, a Daedalus é a mesma Tampa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É Tampa, exato.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que é a colombiana?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A colombiana.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – OK!

A partir de 2001, os arrendamentos das aeronaves Boing 707, passaram a ser feitos junto à empresa Force Field e os DC-8 são arrendados da empresa Quintessential Group, a partir de meados de 2002?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, em 2001, Force Field? Em meados de 2002, para Quintessential ou Group? É isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quantas aeronaves a Skymaster arrenda a Force Field?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje, quatro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quatro 707?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Quatro 707.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – OK! E quantas aeronaves DC-8 da Quintessential ou Group?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Três aeronaves.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Três aeronaves? Quanto paga esse arrendamento que a Skymaster faz?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O contrato de arrendamento possui variáveis, tem uma parcela fixa e uma parcela variável, que é em função das horas de vôo do avião.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A parcela fixa gira em torno de 60 a 80, depende da condição do avião e tudo. E a parcela variável, se não me engano, é U$250 a hora voada, se não me engano.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eu tenho aqui o valor de quanto o senhor pagou pela alocação: U$80 mil pelas aeronaves 707-351, ano 168, e 707,324, ano 67; U$88 mil para as aeronaves 707338-C; 70739C,168 e U$95 mil DC-8,2.

O senhor tem esses contratos de arrendamento?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tenho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem? Qual o valor de mercado dessas aeronaves hoje arrendadas pela Skymaster?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O valor de mercado varia muito, porque depende do estado de conservação e de quantas horas voadas tem a aeronave...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Boing 707-1340-C, ano 68, com 57 mil horas de vôo, quanto mais ou menos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não faço idéia, Exª. Eu realmente não sei a cotação dessas aeronaves.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós fomos checar e nós encontramos uma aeronave dessa no Paquistão. O preço para a venda no Paquistão, vamos comercializar, consultamos, U$500, U$600 mil dólares americanos a negociar. A empresa consultada foi a FK Association, sediada no Paquistão.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um Boing 707-35C, ano 68, com 54 mil horas de vôo, baseado em Santo Antônio, Texas, nós encontramos lá para vender, Estados Unidos, preço 850 mil dólares americanos. Empresa consultada: a Omega Air Limited, sediada nos Estados Unidos.

Para o DC-8 não encontramos oferta de venda.

Então, está nessa base de preço.

O valor de mercado do arrendamento mensal dessas aeronaves gira em torno de quantos por cento do seu valor de mercado? O senhor tem idéia?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não tenho idéia.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não tem idéia disso?

Quem faz negociações de arrendamento de aeronaves?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É o meu sócio, o Luiz Otávio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É ele quem faz?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque, segundo o DAC, o Departamento de Aviação Civil, o arrendamento mensal das aeronaves varia de 0,5 a 2,0% do valor de mercado da aeronave, podendo sofrer variações em razão do maior ou menor prazo de arrendamento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – E se é aeronave nova ou não, não é? Nossas aeronaves são antigas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas é o DAC que está nos informando, certo? Acredito que eles devem ter ciência mais ou menos disso.

Pelos seus contratos de arrendamento, a Skymaster paga 22,56% pelos aviões 007, e 5,31% aos aviões DC8, que são os números de mercado. Então, veja só, o 707, cujo preço máximo dado pelo DAC estaria em torno de 2%, os senhores pagam 22,56% de arrendamento, ou seja, um péssimo negócio. Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, Excelência, todos os contratos de *leasing* de aeronave, no Brasil, são submetidos à previa autorização do DAC. Nenhum contrato é firmado ou nenhuma aeronave entra no Brasil se o DAC não aprovar o contrato. E o DAC possui um departamento chamado Cotac, que analisa as condições gerais do contrato, da aeronave, e tudo. Se ele passou essa informação, acredito que deve ser perguntado especificamente das aeronaves da *Skymaster*.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Mas ele não vai entrar no valor que o senhor paga. Se o senhor quiser fazer um mal negócio... entra?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Entra. É ele que fiscaliza. É o órgão fiscalizador.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Por que vocês fizeram um negócio tão ruim assim? Porque veja, o senhor podia pagar 2%, e pagam 22% de arrendamento?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu volto a dizer para o senhor. Uma aeronave dessa, nova, custa US$30 milhões, US$40 milhões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Mas essa não é nova.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pois é. Não é nova. Então ele pegou o pressuposto de um aluguel de uma aeronave nova. Vai ser um valor de *leasing* muito menor.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Não, não. Mas, quando o DAC informa, ele fala não é de aeronave nova, não. É o valor de mercado mesmo. O que me parece estranho é alguém poder pagar até 2%, e pagar 22% do valor comercializado. É um péssimo negócio, não é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Essa é uma prerrogativa da empresa. Acho que fizemos um negócio bem feito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Todo mundo tem direito de fazer péssimos negócios.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Porém, quando o custo entra com dinheiro público, que está por trás ou está embutido, nós precisamos analisar por que a pessoas fazem péssimos negócios, não?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – O próprio, o outro avião, o senhor veja, o preço de mercado também era esse, e 5,31% para algo que poderia ser pago 2%. Segundo o Departamento de Aviação Civil, o preço médio das aeronaves dessas idades seria em torno de US$390 mil, para os Boeings 707; e US$1 milhão 790 mil, para o DC8.

Bem, diligenciamos junto ao DAC, solicitando informações a respeito dos preços médios de mercado para aquisição e arrendamento mensal de diversas aeronaves existentes no País, dentre elas a usada para a Skymaster. Quer dizer, objetivamente, a usada pelos senhores.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Veja, informa-me a consultoria, bem como o DAC, de que o DAC verifica as características técnicas; preço é questão de mercado, ou seja, ele não examina preço. É a informação oficial do DAC.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A informação não procede, porque o DAC fiscaliza preço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Então, o DAC está nos informando errado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – E não existem, no mercado, aeronaves novas. São sempre as velhas. Dessas aeronaves que estamos cogitando, não há novas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não tem aeronave nova.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Logo, a faixa de preço dada pelo DAC vale não para aeronaves novas; ela vale para aeronaves velhas. Daí, um péssimo negócio feito pelos senhores.

Mas vamos prosseguir. A CPMI realizou diligências junto ao DAC, solicitando informações a respeito do preço médio de mercado, para a aquisição e arrendamento mensal de diversas aeronaves existentes no País, dentre elas as utilizadas pela Skymaster. Para tanto, foram disponibilizados o ano de fabricação das aeronaves e o pedido diligência dos contratos de arrendamento, firmado pela Skymaster. De acordo com informações encaminhadas pelo DAC, na última terça-feira, a esta CPMI, o valor mensal do arrendamento das aeronaves seriam os seguintes: Boeing 707, o valor mínimo, em dólares, US$1milhão 950 mil. Ah, perfeito, é o valor do arrendamento, dependendo do valor. OK. O valor do arrendamento em um Boeing 707. O valor mínimo é US$1,950 milhão; o valor máximo é sete mil e oitocentos mil. Exatamente, com as especificações da sua aeronave. O valor mínimo, 1 milhão 950 mil; o valor máximo, sete mil, oitocentos mil dólares.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É mais barato que o aluguel de um carro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – O senhor vê? Não, US$700 mil, US$800 mil, não é o aluguel de um carro, não é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, mas depende do carro

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – O senhor vê como o Boeing 707 está baratinho no mercado. Sabe quanto o senhor paga?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hum?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – US$80 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pois é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) –...pelo arrendamento. Isso é o menos que o senhor pagou; e o máximo US$88 mil, que o senhor paga para arrendar essa aeronave, cujo valor máximo era sete mil e oitocentos mil. E o mesmo se reproduz com o DC863F, cujo valor mínimo que se encontra é

US$8,950 milhões; o valor máximo é US$35,800 mil. Sabe quanto a Skymaster paga? US$95 mil.

Como o senhor explica pagar tanto dinheiro para uma empresa do exterior para esse arrendamento, quando poderia ter pago muito menos e, talvez, ter mais lucros. Por que essa opção por grandes pagamentos para empresa no exterior?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, acho que, de agora em diante, vou pedir para o DAC negociar meus contratos. Se ele está dizendo que os valores são dessa monta, acho que ele que vai ter de negociar os meus contratos, porque isso aí é improvável, é impossível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Talvez.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É o que estou dizendo. O preço de aluguel de um veículo ele está dizendo que é o preço do aluguel de uma aeronave que transporta 40 toneladas?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um veículo não custa US$35 mil dólares.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Custa R$1.950.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, o valor mínimo é de US$ 1.950, o aluguel mínimo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Dólares.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O máximo são US$7,8 mil. Então, vamos trabalhar entre o mínimo e o máximo. O problema é que o seu mínimo e o máximo são de US$80 mil e US$88 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Todos contratos aprovados pelo DAC e fiscalizados pelo Cotac.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que disse que não analisa o preço.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Analisa, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Bom, o órgão competente diz que não analisa.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Então, vou precisar que ele me dê uma declaração dizendo que não, porque para o meu último contrato de *leasing* foi uma dificuldade conseguir a aprovação. Ele não queria aprovar pelo preço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja só, podemos fazer uma análise. Para se ter uma idéia, cinco meses de arrendamento que o senhor paga por um Boeing-707, US$88 mil, daria para comprar o avião pelo preço de mercado que consultamos. Se o senhor quiser comprar, há uma aeronave no Paquistão. O senhor pode rescindir esse *leasing*. Em cinco meses fecha o negócio, baixa seus custos, o senhor ganha dinheiro.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Provavelmente é uma aeronave que não tem motores e não tem condições de aeronavegabilidade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeitas condições, pelo que fui informado. O senhor percebe que alguma coisa está errada do ponto de vista negocial? Quer dizer, o senhor paga um valor de locação muito acima do de mercado. Com o preço que paga esse arrendamento, o senhor compraria um avião em cinco meses. Veja só, quanto menor o prazo de arrendamento, teria de ser maior o custo, não é verdade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O prazo de arrendamento dos contratos para a Skymaster são bem extensos, já que é de dez anos, 120 meses para aeronaves DC-8 e 118 meses para uma aeronave 707 e de 48 meses para as outras três, sendo que uma delas teve a vigência prorrogada por mais 73 meses. São contratos de locação em que daria para reduzir bastante o custo, que é enorme. A média de prazo de arrendamento de aeronaves desse porte é de 48 a 60 meses, mas não, o senhor arrendou por 120 meses. Inclusive, numa situação diferenciada daquelas que as empresas normalmente fazem os arrendamentos de mercado, portanto, o prazo de arrendamento não é curto para justificar um preço elevado, ele é enorme. Deveria ser o oposto, deveria ter preços menores. Como o senhor explica isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, o senhor pode pegar pela própria Varig. A Varig tem uma aeronave que transporta 15 toneladas e eu tenho uma aeronave que transporta 40 toneladas. A Varig não paga o *leasing* dela há anos. Eu duvido que a Varig pague US$1.950 por mês de *leasing* de uma aeronave dela, qualquer que seja a aeronave.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse é o mínimo e o máximo. São US$7,8 mil o mínimo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mesmo que sejam US$7 mil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Olhe, não são US$7,8. Coloquem US$15 mil. Coloquem US$30 mil. Vocês pagam US$80 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Jogue US$30 mil. Duvido que a Varig pague US$30 mil de aluguel pelas aeronaves dela.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Coloque US$40 mil. O Senhor pagou US$80 mil. Vamos lá. O problema é que a diferença é brutal. Digamos que o DAC esteja errado, esteja defasado.

Errou em dez vezes, no mínimo ou errou em cinco vezes. São US$80 mil para US$7,8 mil. Se fossem US$40 mil também seria bastante. Ou seja, são valores muito altos, realmente, os que o senhor paga para essas empresas que estão nas Ilhas Virgens, naquele paraíso fiscal. Como o senhor efetua os pagamentos a essas empresas? Como é feito? As remessas de dinheiros são efetuadas por meio de contratos de câmbio via Banco Central ou há outra forma de pagamento?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A maioria dos pagamentos é feita via Banco Central.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E a minoria?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Alguns pagamentos eu pago para o representante deles.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em dinheiro, aqui no Brasil mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor paga ao representante deles, no Brasil, em dinheiro?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em dinheiro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não com cheque?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Com cheque. Eu dou o cheque para ele, ele saca e faz o pagamento que ele quiser fazer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele saca e faz o pagamento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em dólar?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, em reais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em reais. Quem é o representante dele no Brasil?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É um advogado localizado em Manaus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O nome?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Vou ter de me abster de dar o nome dele, porque eu não estou autorizado a dar o nome dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não está autorizado por quem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque eu não conversei isso com ele. Eu preciso pegar a informação dele para ele passar para vocês.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um advogado de Manaus?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Manaus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós tomaremos as providências legais para a obtenção desse nome.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De que contas o senhor paga esse advogado? O senhor faz saques? O senhor dá em cheque para ele?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Dou em cheque?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Emite nota fiscal?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, emite os documentos normais que a legislação prevê.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quais são os documentos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu preciso checar quais são os documentos que ele me passa para efeito desses *leasings* aqui.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor, como contador, sabe quais são os documentos. Quais são os documentos que o senhor emite nesse caso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Normalmente um recibo. Inclusive está da documentação que eu acostei para a Comissão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há recibo para esse advogado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Há...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Onde se declina o nome dele?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, em nome dele, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então o senhor faz um recibo sem ter declinado em nome. Recibo para quem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Para pagamento das parcelas de *leasing* dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor paga em cheque... Imagino que da sua conta, na data desses recibos, há uma emissão de cheque nominal?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Cheque nominal?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então peço à Consultoria, por gentileza, que verifique esses cheque que são emitidos contra esses recibos. Aqui está o recibo. *(Inaudível.)* Recibo. "Recebemos da Skymaster..." É uma pessoa que as-

sina aqui, esse é o advogado? E o senhor não pode declinar o nome neste momento?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso aqui foi pago em cheque.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em cheque; está declarado no meu razão, que apresentei e na relação de cheques que a CPMI me passou. Está correto?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós sabemos, e o advogado também, que o senhor está depondo como investigado, então essa é a razão pela qual o senhor pode se omitir. Normalmente as pessoas se omitem na sua própria defesa. É nessa condição que V. Sª se omite.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, estou usando a prerrogativa que a Constituição me proporciona.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O senhor sabe se as empresas Force Field e Quintessential? A renda eram *(Inaudível.)* para outras empresas além da Skymaster?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desconhece?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Desconheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sabe se ela tem outras aeronaves?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Também desconheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor também não conhece os proprietários dessas empresas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A pessoa que outorgou a procuração pra Dª Késia? É esse advogado? Foi por indicação dele que a Dª Késia...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não sei dizer. Não me lembro quem foi que outorgou essa procuração para ela.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skymaster tem contas no exterior?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor possui contas no exterior?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Os sócios da Skymaster ?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não posso falar por eles, não sei se eles possuem ou não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor participa de alguma empresa no exterior?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece o Sr. José Tomaz Simioli?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Conheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É uma pessoa que participa do contrato social da Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É um dos sócios da Skycargas Ltda?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É um dos sócios da Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem ciência se o Sr. José Tomaz Simioli tem alguma empresa no exterior?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não tenho ciência, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Algum dos sócios da Skymaster ou da Skycargas tem relação com a empresa Force que arrenda os *Boeings* 007?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem faz os contatos com essa empresa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Quem faz os contatos, nós fazemos todos os contatos através de advogados.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse advogado de Manaus?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, as tratativas de negociação são todas feitas em Miami, com advogado de Miami.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É o mesmo advogado?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, é outro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem o nome do advogado de Miami?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É o escritório chamado *(Inaudível.)* Não me lembro do nome completo deles.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor poderia passar o nome e endereço desse escritório em Miami, posteriormente?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Posso sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. José Tomaz Simioli já assinou um aditivo, em novembro de 2004, ao contrato de arrendamento da aeronave *Boeing* 707-34C, prefixo PTWS, prorrogando sua vigência por mais 73 meses a contar de 29 de novembro de 2004, representando a empresa Force Field Ltda enquanto o depoente, V. Sª, assinou representando a Skymaster. Por que o seu sócio representou a Force?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ele teve uma procuração da Force para representá-la na assinatura desse aditivo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então vamos meditar o seguinte: a Quitessential outorgou uma procuração para a Dª Késia, pessoa que tem o endereço residencial mesmo que o seu. A outra empresa, a Force outorga uma procuração para o seu sócio para representá-la na assinatura dessas aeronaves.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor acha isso uma operação normal, que as duas empresas, pelas quais o senhor paga um valor muito acima de mercado no arrendamento, tenha os contratos assinados por procuração pelos seus sócios. Perdão, por um dos seus sócios e por uma pessoa com quem o senhor tenha uma relação de proximidade?

E não é estranho que essas empresas situadas no paraíso das Ilhas Virgens tenham como pessoa de confiança exatamente o seu sócio, que negocia, portanto, em nome da empresa e uma pessoa com quem o senhor também mantém uma relação de proximidade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, estranho não, são pessoas que estão no mercado, não é?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Normal, não é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, normal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É, a D. Késia também assinou o contrato de arrendamento da aeronave, modelo DC-8, com a Skymaster, representando a Quintessencial Group. O senhor assinou também com ela esse contrato. Correto?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Segundo o Anuário do Transporte Aéreo, de 2004, publicado pelo Departamento de Aviação Civil, o DAC, a Skymaster, nesse ano de 2004, somou um total de horas voadas de cinco mil, setecentos e dezoito. Nesse ano a Skymaster operava as linhas "a" e "c" da RPN, sendo que diariamente voava um total de dezoito e quinze horas em ambas as linhas.

Considerando que essas linhas só eram operadas em dias úteis, obtemos um somatório aproximado de horas voadas no ano, por conta somente da operação dessas duas linhas, de quatro mil, oitocentos e dezoito, que representa 84,26% do total de horas voadas pela Skymaster.

Considerando que, nesse ano de 2004, a Skymaster dispunha de sete aeronaves, quatro do modelo 707 e três do modelo DC-8, sendo que para a operação das linhas "a" e "c" da RPN eram utilizadas apenas duas, as outras cinco aeronaves da empresa teriam sido responsáveis por apenas 15, 74% das horas voadas. Por que uma empresa que tem tantas aeronaves voa tão pouco, pagando arrendamento tão caro por aeronave?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Teria que levantar isso daí. Por que essas aeronaves voaram tão pouco tempo nesse período? O que ocorre é que o contrato dos Correios, apesar de necessitar de apenas duas aeronaves, no final preciso ter três aeronaves, porque é um contrato oneroso demais, prevê multas por atraso superiores a quinze minutos. E tenho que ter pelo menos uma aeronave em cada ponta, para cobrir uma eventual parada de alguma delas. Então, de duas, preciso ter pelo menos quatro disponíveis para os Correios.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Veja só: Essas cinco outras aeronaves geram uma despesa mensal da ordem de US$445 mil, equivalente a R$1.228.000,00, câmbio do ano de 2004. Já no ano, por conta dessas cinco aeronaves, teriam sido remetidos ao exterior, a título de pagamento de arrendamento, R$15 milhões, ou seja, o senhor paga um arrendamento de R$15 milhões para deixar aviões no solo aqui?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, eu uso os aviões para outras atividades.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas de uma forma totalmente... O senhor não tem horas de vôo para justificar isso, ou seja, o senhor deixa aviões parados e paga esse arrendamento. Não é uma despesa muito elevada para voar tão pouco? Será que essas outras cinco aeronaves gerariam receitas tão expressivas para a empresa, suficientes para cobrir suas despesas de pagamento com arrendamento?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, isso é uma estratégia da empresa, de ter aeronave de *backup* para os eventuais negócios que possam surgir. Não adianta eu não ter avião e me surgir um negócio hoje e eu não ter avião.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor tem um contrato operacional com a Beta para fornecer, nesse período, a aeronave de *backup*. O argumento que o seu sócio utilizou aqui era que tinha um contrato com a Beta, dividindo partilha dos Correios, era exatamente para essa aeronave de *backup*. E, no entanto, o senhor tem aeronave suficiente para fazer o *backup* pagando milhões. Não há justificativa.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Na época, eu não tinha essas aeronaves de *backup,* me valia da aeronave da Beta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor não tem aeronaves aqui no solo, paradas, pagando...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Hoje sim. Na época, eu não tinha.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas como? A época bate aqui, está tudo batendo. O senhor tem um contrato operacional com a Beta nesse mesmo período que o senhor tinha aqui. Não tem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. São períodos diferentes. Os aviões DC-8 entraram no Brasil em 2002 e 2003. Nessa época, eu não tinha nenhum acordo com Beta, nenhum acordo operacional para utilizar aeronave na linha...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui está o quadro evolutivo da disponibilidade da aeronave da Skymaster. Como o senhor vê, estamos trabalhando com uma equipe bastante minuciosa em todos os detalhes, exatamente para não cometermos injustiças.

Olha aqui, olha, o quanto elas não são utilizadas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Veja que os DC-8 entraram aqui em 2002.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está, mas veja quando fica parado tudo, nesse período mesmo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas tem aeronaves nesse período que não eram navegáveis. A aeronave para entrar no Brasil precisa passar por um trabalho muito grande, muito minucioso e o DAC fiscaliza isso muito à risca. Tem uma aeronave que importei, trouxe ela para cá em regime de *leasing* e até hoje não voa. São 3 anos que está parada porque o DAC não a liberou ainda e nem por isso estou pagando *leasing* sobre ela, o *leasing* está suspenso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O *leasing* está suspenso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Está. A aeronave não está aeronavegável até hoje porque o DAC não liberou, são 3 anos no chão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Realmente, é muito estranho o senhor pagar essa quantia enorme de arrendamento tendo possibilidade de utilizar outros aparelhos. É difícil imaginar como isso possa acontecer do ponto de vista gerencial, uma empresa tão... Sinceramente, não consigo entender. Aliás, não consigo entender dentro de padrões normais de gerenciamento de uma empresa. É claro que esse tipo de situação nos gerará uma outra suspeita que vamos chegar, já, já, para ver como o senhor avalia isso, como é que o senhor está pagando. Para empresas que o seu sócio assina como representante, uma pessoa do seu conhecimento assina um valor, me permita dizer, superfaturado de arrendamento, para ter a aeronaves disponíveis aqui pouco voadas, isso vai nos conduzindo a algumas conclusões que já, já, chegaremos a elas.

Por que diante desse quadro os Srs. não cancelaram os arrendamentos e devolveram as aeronaves?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Alguns arrendamentos estão suspensos como informei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esses não, esses caríssimos das empresas o senhor continua pagando e pagando bem.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Todos os aviões são das mesmas empresas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o senhor não devolveu alguns? O senhor fica com esse número de aeronaves com horas ociosas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque quero ter disponibilidade para novos negócios. Estou tentando.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Enquanto os negócios não vêm, o senhor paga?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É uma escolha que faço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro, sem dúvida.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É o ovo e a galinha. Apareço com o serviço e não tenho avião, não tenho serviço. Se tenho avião, se aparecer serviço, eu posso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se o senhor está pagando, sabidamente, o senhor consegue, com grande rapidez, alugar aviões quando aparecem serviços, não é verdade? Então, o senhor prefere pagar para não ter o trabalho de fazer um novo negócio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, não é isso. É que para você trazer uma aeronave do exterior para o Brasil demanda um tempo muito grande, em média 6 meses. Eu não consigo trazer, eu resolvi trazer a aeronave hoje, amanhã a aeronave está aqui. Aeronave é um veículo que exige um dispêndio muito grande de trabalho, o DAC tem que ir ao exterior fiscalizar a aeronave, aprovar, se ela estiver vinculada ao FA americano, ele tem que liberar,é uma série de procedimentos que têm que ser adotados em cima de uma aeronave.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor sabe qual a suspeita que isso tudo nos traz?

Em primeiro lugar, que essas duas empresas das Ilhas Virgens Britânicas têm uma grande possibilidade com os senhores porque, senão, não outorgariam procurações para pessoas tão próximas aos senhores.

Em segundo lugar, que esses preços superfaturados, sem explicação, levam a uma planilha de custos que permitem, obviamente, a custos superfaturados nos Correios. Quando o senhor demonstra os seus custos de operação da aeronave, o senhor embute no custo que vai cobrar dos Correios isso. Em últimas palavras, quem faz um mau negócio não é o senhor, quem faz um mau negócio são os Correios.

Em terceiro lugar, na medida em que se existia uma vinculação dos seus sócios com essas empresas, o senhor está pagando a mais, como apropriação no exterior de uma remessa de dinheiro para os seus próprios sócios, ou seja, isto, nós suspeitamos, é uma forma simulada dos senhores superfaturarem preços junto aos Correios e remeterem os lucros para o exterior, sem outro tipo de consideração justificativa.

O senhor nega isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nego.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Com que fatos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bom, nego porque a realidade dos fatos é outra. Temos contratos de *leasing* aprovados pelo DAC, pelos setores envolvidos no DAC, registrados no Banco Central.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor acha crível que uma empresa que já montou sua sede nas Ilhas Virgens, ou seja, um paraíso fiscal, tenha um tal nível de relação com uma pessoa que tem proximidade com o senhor, como Dona Késia, a ponto de outorgar procuração para firmar e estabelecer negócio no Brasil contra o seu outro sócio, que o senhor pague preços astronômicos por esse arrendamento, que embuta esse custo nos Correios. O senhor acha crível da nossa parte, que nós podemos ter algum tipo de afirmação que esse negócio é normal? Que não há aqui um superfaturamento embutido que implique em remessa de dinheiro para o exterior de grandes quantias, porque são valores muito altos, e que tudo isso se coloca num momento em que o senhor tenha aeronaves disponíveis, não poderia pagar esses arrendamentos? (Pausa.)

Seu silêncio é expressivo.

Prossigo. Nós temos aqui em mãos dois contratos de arrendamento firmados pela Skymaster junto à empresa Force Field para a mesma aeronave, um 707-369C prefixo PT-MTR. O estranho é que ambos foram celebrados no dia 6 de junho de 2001, mas valores e prazos de arrendamento são distintos. Portanto, temos dois contratos de arrendamento para a mesma aeronave firmados no mesmo dia, com valores diferentes.

E um contrato entregue pelos Correios por ocasião do pregão 106 de 2003, em dezembro de 2003, o valor mensal de arrendamento está pactuado em 80 mil dólares para um prazo de 59 meses. Já no outro contrato por ocasião da concorrência 006, de 2004, o valor é de US$88 mil e o prazo 118 meses. Ambos os contratos foram assinados pela mesma pessoa representando a arrendadora, Srª Nadesda Gaisina, além do senhor depoente representando a Skymaster. Qual a razão de celebrar dois contratos de arrendamento no mesmo dia, para a mesma aeronave, com valores e prazos distintos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro desse detalhe. Teremos que investigar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor assinou os dois contratos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, mas eu não lembro dessa, dessa, desse problema de datas aí, por que um contrato tinha um prazo e o outro tinha outro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. E da mesma data, com a mesma aeronave e com valores diferentes.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aí eu não sei. Teria que verificar. Pegar o contrato, os dois, e fazer uma análise em cima e saber por que...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Traga o contrato, por gentileza. Está aqui? Eu vou localizar, o senhor pode olhar os contratos e verificar. Porque nos causa realmente espécie a mesma aeronave, alugada no mesmo dia, com o senhor assinando os dois contratos, não é verdade? Por valores diferentes. (Pausa.)

Estão aqui os dois. (Pausa.)

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Um desses contratos aqui, ele foi cancelado. Eu não sei dizer, dizer aqui, agora, qual é que foi cancelado. Teria que

verificar junto ao registro do Banco Central qual é o contrato que está valendo daqueles dois.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, é curioso que tenhamos dois contratos firmados pela sua empresa em relação a mesma aeronave, em condições diferentes.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim. Eu teria que verificar, um dos dois não vale. Só vale um e é o que está registrado no Banco Central.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A mudança das condições, o senhor sabe explicar por que foi?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não sei. Provavelmente, pelo que eu vejo, tenha tido erro na hora do preenchimento dos contratos, por isso um deles foi cancelado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só que foram devidamente assinados, registrados. Olha aqui, ó! Aliás, pelo notário público do Estado da Flórida, ambos. Como diria um amigo meu, "ambos os dois". Ou seja, ambos. Ou devidamente dois contratos aqui no Cartório de Ofício, nosso, brasileiro, e assinado pelo notário público do Estado da Florida, na mesma data registrados no Cartório de Manaus.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito. Temos que investigar aí qual é o contrato que está valendo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o senhor não sabe explicar o porquê disto acontecer?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Agora, de momento eu não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Se nossa suposição estiver certa, evidentemente os senhores têm uma vinculação muito próxima com as empresas do exterior, pode-se imaginar que até possam ser da propriedade dos seus próprios sócios ou dos senhores mesmos ou de pessoas muito próximas. Os senhores fazem esses arrendamentos para remeter para o exterior esse dinheiro, de uma forma aparentemente legal, ou seja, não precisam nem usar doleiros para isso, ao mesmo tempo em que inflam os custos que cobram dos Correios, aumentam as despesas da sua empresa no Brasil e deixam de pagar imposto de renda por isso, ou seja, é uma operação que lhes traz a possibilidade de superfaturar o valor dos Correios, não pagar imposto de renda, que deveriam pagar, pelos custos reais que ganham, remeter dinheiro para o exterior de uma forma aparentemente legal, sem nenhum tipo de, obviamente, ônus do ponto de vista dos riscos que uma transferência por meio de contas, como existem, implicaria aos senhores.

Evidente, esse dinheiro, ao ser remetido para as Ilhas Virgens, onde a tributação praticamente não existe, deixa os senhores ao abrigo de qualquer tributação de dinheiro no exterior.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, já teve a curiosidade de pegar as planilhas de custo das outras empresas aéreas para verificar qual é o valor do arrendamento que eles declaram na planilha deles?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor fique tranqüilo porque nós vamos ver tudo. É que hoje nós estamos pegando o senhor, mas todos passarão pelo mesmo estudo minucioso enquanto aqui nós estivermos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Inclusive a Varig.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todos, todos os contratados pelos Correios que estamos investigando, todos passarão por tudo, e se todos fizerem o mesmo tipo de coisa, nossa conclusão será a mesma para todos e nossa proposta punitiva idêntica para todos. Pode ficar tranqüilo, vamos agir com a maior lisura e com a maior isonomia nesse caso.

É que, como a Skymaster foi citada originalmente na denúncia, então saímos na frente com a Skymaster, mas já percebemos que é uma coisa talvez uniforme no setor.

Mas vamos prosseguir.

Não temos ainda a totalidade das informações disponibilizadas sobre a movimentação bancária da Skymaster, teremos em breve. É uma das coisas que está-nos atrasando um pouquinho, eu gostaria de tê-la toda em mãos para poder argüir V. Exª hoje. Infelizmente não tenho, mas teremos nas próximas horas, assim espero, porque quero concluir esse relatório até a semana que vem, se isso permitir, senão, o mais tardar com algum adiamento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas todas as informações que nos foram solicitadas nós apresentamos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, os senhores apresentaram, sem sombra de dúvida. O problema é a nossa obtenção de dados bancários, porque há atraso na remessa e está-nos dificultando bastante. Mas os dados que temos dizem o seguinte: em relação às duas empresas, Force Field e a Quintessential, no ano 2000 o senhor mandou para a Force Field, em reais, em contratos de câmbio registrados, R$2.525.763 milhões,. Em 2001, para a Force Field, 5 milhões, 161 mil e 607, ou seja, nos anos de 2000 e 2001, o senhor só mandou para a Force Field, não mandou para a Quintessential.

Em 2002, mandou R$14.698.847 milhões para a Force Field e para a Quintessential R$1.226.978 milhão. Total: R$15.925.825 milhões. Em 2003, o senhor mandou para a Force Field R$16.456.864,31 e para a Quintessential, R$9.117.977 milhões. Total: R$25.575.841. Em 2004, o senhor mandou para a Force Field R$7.011 milhões, enquanto que para a Quintessential, R$1.097 milhão. Para a Force Field, em 2005, até agora, sabemos, foram mandados R$4.325 milhões, e para a Quintessential, R$8.138.137 milhões.

Se somarmos tudo que foi mandado para essas duas empresas, de 2000 a 2005, o senhor encaminhou para o exterior R$69.761.365 milhões, praticamente R$70 milhões encaminhados em cinco anos para essas duas empresas que estamos mencionando.

Esse valor pode-se elevar ainda mais, tendo em vista que faltam ser remetidas, pelos bancos, cópias de vários documentos, inclusive contratos de câmbio. Ou seja, é possível.

É maior essa remessa? O senhor pode avaliar?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Considerando os dados fornecidos na última terça-feira pelo DAC (Departamento de Aviação Civil), nós teríamos uma remessa mensal para o exterior de US$466.400 mil, que no câmbio atual equivale a uma evasão de divisas da ordem de R$12,3 bilhões ao ano, ou seja, a considerar-se a nossa tese, os senhores estão praticando uma evasão de divisas de R$12 milhões/ano.

Para nós, aparentemente, isso pode qualificar a justificativa para os valores de superfaturamento identificados pelo TCU, pela Corregedoria-Geral da União e pela CPMI junto aos Correios, ou seja, os valores superfaturados, em larga medida, são encaminhados para o exterior.

Algum comentário sobre isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, nenhum.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A quem pertence a empresa Skytrade Enterprise, sediada em Miami. Estados Unidos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso já foi respondido, mas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Já.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ... pertence ao filho do Luiz Otávio, Rodrigo Otávio...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Rodrigo Otávio.

Pelo que apuramos, já foi declarado à CPMI, essa empresa é responsável pela compra e envio de todas as peças utilizadas pela Skymaster. Confere?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, sempre que os senhores compram peças de reposição para *(Inaudível.)* nos aparelhos é através dessa empresa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nos anos de 2002, 2003, o senhor tem ciência se as suas aeronaves tiveram problemas ou panes acima da média, nesse período, que implicasse troca de peças?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro não. Essas partes operacionais, não sou eu que cuido. Não tenho noção do que é que foi consumido e comprado de peças nesse período.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Recebemos uma denúncia de que essas peças que seriam importadas e compradas pelo senhor da Skytrade também seriam vendidas pelos senhores com valores superfaturados o que levaria os senhores, quando fazem compras da Skytrade, em Miami, a também utilizarem esse mecanismo para remeter dinheiro para o exterior, com isso, evidentemente, diminuem a tributação incidente e remetem dinheiro para o exterior.

O que o senhor teria a falar sobre isso? Há compra superfaturada relativamente às peças da Skytrade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Em hipótese nenhuma. A Skytrade compra as peças que precisamos nos Estados Unidos e agrega em torno de 8% para poder faturar as peças.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E essas peças são vendidas por valor de mercado? Não há superfaturamento?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Valor de mercado. Completamente valor de mercado. Inclusive nós solicitamos que o Rodrigo se deslocasse para os Estados Unidos justamente para diminuir o custo dessas peças aqui no Brasil, não só diminuir o custo delas com ter procedência das peças.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então o senhor vai ver uma coincidência que temos. Olha. Em 2000, o senhor pagou pela Skytrade R$3.293.598,00; em 2001, R$4.096.159,00; em 2002, R$6.812.497,00; em 2003, R$8.263.034,00; em 2004, R$2.665.000,00, caiu; e 2005, até agora pouquinho, R$764.000,00.

Curiosamente, o período em que o senhor paga mais peças de reposição são nos anos de 2002, 2003, que é o período em que se apura, pela nossa auditoria,

o superfaturamento mais acentuado dos seus contratos com os Correios, ou seja, nos anos de 2002 e de 2003, em que temos um forte superfaturamento, é o período em que o senhor compra mais peças de reposição, ou seja, o senhor gasta mais. Por isso que lhe perguntei se existiram nos anos de 2002 e 2003 muitas panes nos seus aviões que implicasse mais peças porque há uma coincidência: ou seus aviões quebraram mais nos anos de 2002 e 2003 ou há uma estranha coincidência entre o senhor ganhar mais dos Correios e comprar mais peças de aeronaves.

O senhor saberia explicar alguma coisa sobre isso? Por que tem essa elevação de compra de peças em 2002 e 2003?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, eu não sei o porquê exatamente agora. Só sei dizer que um avião que voa para os Correios e que faz em média oito pousos e oito decolagens por dia consome uma quantidade muito grande de freios, de outras peças que envolve. Um conjunto de freios custa de US$15 mil a US$20 mil, um conjunto de freios de uma aeronave, depois tem pneus.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Existe alguma razão para os seus aviões terem freado mais nos anos de 2002 e 2003?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, anos de 2002 e 2003...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então não consigo entender a razão pela qual o consumo de peças aumenta.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O consumo de peças não está vinculado ao desgaste em si. Houve uma época em que praticamente a Skystrade financiou peças para a Skymaster. Ela faturava entre 180 e 360 dias. É muito usual, nos Estados Unidos, ocorrer esse tipo de faturamento e esse prazo na compra de peças de aeronave, principalmente quando vai comprar um motor, o que é muito usual. Um motor custa US$200 mil a US$300 mil, depende do estágio dele. Você compra com um ano para pagar. Então, o desembolso não quer dizer que foram consumidas essas peças nesse período.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Chama a atenção que seja justamente no período de superfaturamentos dos contratos, o que – é claro – reforça nossa suspeita de que, quando o senhor superfatura, o senhor manda mais dinheiro para o exterior. Percebe? Quer dizer, por que só nos anos em que o senhor está ganhando muito dinheiro nos Correios? Por que, em 2005, caiu tanto? Seus aviões estão melhores agora? Veja: em 2003, o senhor comprou R$8 milhões. Em 2005, R$764 mil. Para nós, essa sazonalidade de valores só tem uma relação: o seu ganho com os Correios. Não conseguimos ver, nas outras análises que fizemos, uma justificativa para o senhor gastar tanto em peças em alguns anos e gastar tão pouquinho em outros.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Volto a falar: o pagamento das peças não quer dizer o desgaste delas naquele período. Pode ter acontecido no período anterior e o desembolso pelo pagamento delas ocorrer só nesses dois anos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor acredita ser mera coincidência essa situação?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não mera coincidência, mas, quando eu posso pagar, quando eu tenho dinheiro para pagar, eu pago a peça. Quando eu não posso, eu negocio um prazo maior para pagar lá na frente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Negocia com a empresa do filho do seu sócio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Ele negocia com as empresas de Miami que são as fornecedoras dele. Se ele consegue um prazo de um ano para pagar, ele repassa esse prazo para nós no Brasil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele é comprador de peças lá?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É só um comprador de peças? Ele é intermediário?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Basicamente isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que lhe interessa manter um intermediário no exterior se o senhor pode comprar as peças diretamente no exterior? Não entendi qual é a vantagem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aí, sim, vou pagar três vezes mais caro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque as peças principalmente das nossas aeronaves – V. Exª pode verificar que são aeronaves antigas – não estão disponíveis no mercado. Você não chega na prateleira e diz: "Me dá essa peça e me dá aquela".

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não precisaria montar uma empresa para isso.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Precisa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Basta mandar um comprador para os Estados Unidos. Por que uma empresa precisa comprar para

vender para o senhor? Um comprador vai lá e compra, como as outras empresas fazem.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas eu preciso de estoque das peças lá também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pode estocar lá com a sua própria empresa.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não precisa ter uma empresa para estocar com transação financeira. O senhor compra e estoca lá.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Foi uma opção que eu fiz.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como as outras empresas aéreas funcionam? Não é assim.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Todas funcionam assim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Todas têm empresa no exterior que compra peças?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A maioria tem. Se não é do próprio grupo, a empresa é vinculadas a elas. Ficar na mão de um comprador que não tem estoque... Se eu for comprar hoje um radar para o meu avião e sair no mercado para comprar o radar, vou pagar US$200 mil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor a compra com antecedência e a mantém no estoque.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Compro com antecedência e vou mantendo determinado tipo de peça.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pode fazer isso, comprar, deixar estocado lá e não precisa abrir uma empresa operacional para isso.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas eu não vou ter crédito. Uma empresa brasileira não terá crédito em todas as empresas de Miami. É difícil isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como o senhor fazia antes de abrir essa empresa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu comprava peças aqui, no mercado nacional.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E pagava mais por isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Muito mais.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor reduziu bastante seus custos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Reduzi bastante.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que o preço do correio não reduziu.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O preço do correio é o preço justo. Como vai ser reduzido se é o preço justo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Parece-me estranho que o senhor não tenha operado, a vida inteira, com os Correios tendo essa empresa no exterior. Aí o senhor fala que comprou para reduzir custos. Mas o custo não reduz quando o senhor fala de cobrar dos Correios.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Essa empresa está estabelecida em Miami desde 1999, se não me engano, antes até de a gente começar a operar para os Correios. Antes!

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – De fato, desde 2000, o senhor opera com essa empresa lá.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Não foi pelos Correios que eu implantei a empresa lá. A empresa foi uma estratégia para poder suprir peças confiáveis para nossos aviões.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que causa espécie realmente é a coincidência. Ganha mais nos Correios, mais peças; ganha menos, menos peças. Isso realmente não consigo entender, a não ser dentro da lógica que, infelizmente, estamos verificando.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas é uma lógica empresarial, Excelência. Você só gasta se você ganha para gastar; se não, você não gasta.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o avião fica sem peça?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O avião não voa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas precisa voar o tempo inteiro. O senhor não voou mais ou menos. O período em que o senhor superfaturou mais – perdoe-me a expressão –, no período em que o senhor ganhou mais dos Correios, o senhor paga mais peça. No que o senhor paga menos, paga menos peça, e as peças são as mesmas. Perdoe-me dizer que eu não posso acreditar que o senhor faz estoque só em 2002 e 2003 e que depois vai caindo seu estoque. Essas peças são de reposição permanente. A coincidência revela que...

A denúncia que foi feita para nós... Recebemos uma pessoa... Temos conhecimento de pessoa próxima aos senhores de que isso é feito com superfaturamento. E a denúncia, quando fomos investigar, parece que está casando.

Continuando, verificamos que a Skymaster pagou US$1,1 milhão para a empresa Omega Air no período de menos de um mês. Em um ano, a Skymaster pagou US$1,2 milhão à empresa Citzen. Da mesma forma, em cerca de nove meses, a empresa pagou US$2,3 milhões para empresa Daedalus. Tais valores estão registrados como pagamentos de parcelas de arrendamento.

Ocorre, porém, que as aeronaves que essas empresas arrendavam passaram a ser arrendadas pelas empresas Force Field e Quintessential, cujos representantes, Sr. José Tomaz Simioli e Késia Maria do Nascimento Costa, mantêm vínculos com a Skymaster.

Eram as mesmas aeronaves?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eram as mesmas aeronaves.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor arrendava as aeronaves da Omega Air, da empresa Citzen e da Daedalus. Pertenciam as aeronaves a essas empresas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, essas aeronaves passaram para a propriedade da Quintessential e da Force Field. Elas compraram essas aeronaves?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Compraram.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E os senhores, então, passaram a arrendar deles?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Simplesmente, passamos o leasing de uma para a outra. É como se estivesse num prédio alugado, chegasse alguém e o comprasse. O contrato de locação continua.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E informa a assessoria que a Omega Air, essa empresa que os senhores alugaram, é a mesma que forneceu aquele preço de 707, 805. Veja como é curioso. Essa empresa nos deu o preço em que estamos baseando o nosso estudo e que prova o superfaturamento. É a mesma que o senhor alugava. Depois, essa empresa passou para essas outras, o que nos leva a crer que, talvez, os senhores sejam os donos dessas empresas que compraram esses aparelhos no exterior.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Da Omega Air?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não da Omega Air. Da Force Field e da Quintessential, ou seja, por que eu não posso supor que os senhores são os donos dessas duas empresas, que compraram esses aparelhos e passaram a locar para os senhores mesmos por um valor superfaturado como forma de remeter para o exterior? Em cinco meses, o senhor pagaria esse aparelho.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas se V. Exªs forem analisar, o mesmo valor de leasing que eu pagava para a Omega Air é o que eu pago hoje.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O que eu quero ponderar é que tudo isso é muito estranho. Talvez o senhor já superfaturasse lá ou houvesse outra situação. Os senhores estavam comprando esses aparelhos nesse leasing. O que não me diz que, nesses *leasings*, os senhores já não estavam comprando os aparelhos e posteriormente, quando foram pagos esses aparelhos, eles foram passados para a sua empresa, a Quintessential, ou seja, o senhor embutia no custo que cobrava dos Correios a compra efetiva desse avião? Não era um simples arrendamento.

Quando foram pagos esses aviões, o senhor não confessa que eles passaram à sua propriedade e montaram, então, duas empresas num paraíso fiscal para operarem com elas, quando são suas, e usam isso para remessa no exterior? Só esse fato explicaria tanta confiança com outorga de procuração para sócios e pessoas próximas dos senhores? Temos uma forte suspeita de que essas empresas da Ilha Virgem pertencem aos senhores, que, com os arrendamentos anteriores da Omega, adquiriram esses aparelhos e, quando o fizeram, passaram para essas empresas.

A suposição é feita pelos nossos consultores, que dizem o seguinte: "Supomos que as supostas operações – porque são várias suposições, é isso mesmo – de arrendamento com as empresas Citzen, Daedalus e Omega Air eram, na verdade, operações de venda." Então, a Skymaster comprou as aeronaves, simulou um arrendamento e quem ficou com os bens foram as empresas no exterior, que arrendam as aeronaves em valores superfaturados para a Skymaster.

A nossa suspeita é que, quando os senhores diziam que arrendavam, estavam comprando os aparelhos. Quando terminaram de pagar, passaram para empresas que os senhores montaram e constituíram, como Procuradores, pessoas da sua proximidade. Os senhores, a partir desse momento, simularam arrendamentos com essas empresas para remeter dinheiro para o exterior, pagar menos imposto no Brasil e superfaturar os valores e contratos com os Correios.

Aqui estão as aeronaves. Somente esse fato explicaria serem as mesmas, com toda essa situação colocada. Mantiveram-se os preços de arrendamento, que, na verdade, eram valores de compra e não de efetivo arrendamento. Está aqui a situação de todas as aeronaves. Situação: arrendamento *(Inaudível.)*, aqueles arrendadores anteriores. Depois, passaram

para a Quintessential. Temos todo o levantamento das aeronaves rigorosamente com as operações de câmbio, pagando o que reforça a nossa suspeita.

Analisando a certidão emitida pelo Departamento de Aviação Civil – DAC, da aeronave DC863F, de prefixo PT-SKI, arrendada pela Skymaster junto à Quintessential percebe que foi a empresa Skytrade quem a vendeu, em 17 de março àquela empresa Quintessential, ou seja, a Skytrade vendeu uma aeronave para a Quintessential. Como o Sr. explica isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não sei explicar excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Qual é a empresa Skytrade?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Que compra peças.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Que pertence ao filho do seu sócio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – A Skytrade adquiriu o avião. Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Desconheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. desconhece a operação mas está registrada pelo DAC. Ou seja, a empresa do filho do seu sócio compra o avião que o Sr. arrendava e venda para Quintessential. Isso só se explica dentro dessa lógica: os Srs. tinham comprado esses aviões, esse avião passou para a Skytrade e aí compraram duas empresas, em paraíso fiscal, que passaram esses aviões para ela e forjam os arrendamentos. Aqui está, passo às suas mãos, a certidão do DAC que prova que esse avião foi comprado pela Skytrade, empresa que pertence ao filho do seu sócio.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu desconheço essa operação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Se sente espantado com ela?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Simplesmente desconheço. Não tenho espanto porque ele compra peças e compra tudo e não sei a operação que foi feita em cima disso daí.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Comprou um avião e vendeu para a empresa que o Sr. arrenda, o mesmo avião que o Sr. usava antes.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não tenho conhecimento dessa operação.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ou seja, a empresa do filho do sócio da Skymaster, que vive da comercialização de peças e aeronaves da Skymaster, acumulou recursos suficientes para adquirir um DC-8 e depois vender para a empresa Quintessential, empresa que arrenda suas aeronaves para a Skymaster, sendo os contratos assinados pela Srª Késia, representando a arrendadora. A Srª Késia, juntamente com o Sr. Marcos Pozzetti, foi sócia da empresa Confete, que tem o mesmo endereço que o seu.

Somente essa operação justificaria o por que essa empresa, a Skytrade não vendeu para a Skymaster o aparelho, ou seja, é toda uma simulação de situações justamente para facilitar menos pagamento, superfaturamento e remessa indevida e ilícita de recursos para o exterior, configurando possivelmente uma situação indevida de evasão de receitas.

No período de 2000 a 2005, a Skymaster pagou à Skytrade o valor total de R$25.894.788,00. Considerando que o depoente diz que a Skytrade fica com 8% sobre o valor das peças, significa dizer que a Skymaster teria pago, a título de comissão, o total de 8% de R$25.894.788,00, que gerou a receita de R$2.070.533,00 para a Skytrade. Esse valor corresponderia a US$800mil. Se ela arrecadou US$800mil de 2000 a 2005, como ela poderia adquirir uma avião DC-8? Não há como. O seja, se essa empresa só fornece para a Skymaster, com aquilo que temos foram pagas peças, ela não teria dinheiro para comprar este aparelho.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – A Skytrade não fornece só para Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela fornece para quem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Para a Tam, Beta, Varig...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas lembro que o Sr. disse que o fundamental, o grosso, quase tudo, era para a Skymaster, ou seja, era impossível ela ter dinheiro para comprar este avião, o que reforça a convicção de que este aparelho foi comprado pelos Sr. anteriormente, e a operação de passagem por empresas das ilhas virgens é uma operação de empresas que os Srs. montaram no exterior.

Vamos parar por 10 minutos para o Sr. respirar e depois voltaremos ao último bloco.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Reaberta a sessão.

Num seguimento da nossa argüição, nós estávamos exatamente vendo essa questão de como eram feitos os pagamentos pela Skymaster, ou seja, o Sr. declarou que vários dos seus compromissos, praticamente com duplicatas, eram pagos com cheques, emitidos em favor da própria Skymaster, que sacava

respectivamente esse cheque e fazia, então, o pagamento das duplicatas em banco. Era isso, não era?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Perfeito.

Embora a Skymaster realmente utilizasse essa operação, tendo emitido vários cheques nominais, sempre que havia esse desconto em banco o caixa escrevia no verso o beneficiário dessas emissões. De acordo? Razão pela qual pudemos, ao verificar o verso desses cheques, quem eram os respectivos beneficiários desses pagamentos. Está claro?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor conhece o senhor Francisco Marques Carioca?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Não conhece?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não conheço.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – De fato, a Skymaster, em correspondência enviada a esta Comissão Parlamentar de Inquérito, disse que não o conhece e que não é funcionário da sua empresa.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exato.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor conhece a Agências Cortês Turismo e Câmbio, em Manaus?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Conheço.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Que empresa é essa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É uma empresa que cuida de passagens aéreas e que faz troca de moeda estrangeira para as pessoas que circulam por Manaus.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Mexe com dólar.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não tenho bem certeza de que mexem com dólar, exatamente. Mas...

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Mas faz câmbio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Faz câmbio.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Perfeito. Esse senhor Francisco Marques Carioca é funcionário da empresa Turismo e Câmbio. Há diversos cheques emitidos pelos Skymaster e sacados por ele nos anos de 2000 e 2001, em Manaus. O senhor saberia explicar por que isso acontece?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não tenho idéia de por que ele está aparecendo como beneficiário.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor não se lembra desses pagamentos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – São muitos cheques entre 2000 e 2001 sacados por ele.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não o conheço. Nunca tive qualquer relacionamento. Não sei quem é essa pessoa.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Para o senhor ter uma idéia os valores são de R$223 mil em um e R$813 mil, ou seja, esse senhor sacou R$1.036,828. O senhor não sabe do que se trata?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não sei.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – É uma quantia elevada. Aqui estão os cheques. Todos os cheques que totalizam R$1.036 mil. É estranho o senhor não se lembrar. É uma quantia elevada.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas são valores pequenos. Realmente não sei.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor considera R$64 mil um valor pequeno. Para mim é grande.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Para o nosso movimento é um valor que não é grande.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – A maior parte desses cheques foi endossada pelo senhor.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Provavelmente alguma atividade que exigia o endosso. Alguém passou para ele fazer o saque no caixa. Eu, realmente, não o conheço.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Que negócios a Skymaster mantinha com a agência de turismo e câmbio nos anos 2000 e 2001?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nenhum tipo de negócio.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Nenhum tipo de negócio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Será que eram cheques que se destinava à compra de moeda estrangeira?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Com certeza não.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Não? A que título o senhor paga R$1 milhão a uma pessoa? Os valores dos cheques são de R$34 mil, R$57 mil, R$41 mil, R$16 mil. Há cheques de R$46 mil, de R$56 mil, de R$64 mil. Creio que é difícil o senhor

endossar um cheque de R$64 mil e não se lembrar, exatamente, por que o endossou.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É o que digo. Realmente não sei ao que se destinam esses cheques. Teria que levantar na minha contabilidade, um por um, para saber exatamente a que se destinavam, por que foram sacados por ele.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – O senhor conhece o senhor Eder Jober Ribeiro Cabo Verde?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Éder é meu funcionário.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – Seu funcionário?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. JOSÉ EDUARDO CARDOZO (PT – SP) – De fato, é funcionário da Skymaster. Fez vários saques na boca do caixa de cheques emitidos pela Skymaster, nominais a ela mesma. Em 2002, o senhor Éder sacou R$186 mil. Em 2003, R$1. 707 milhão. Em 2004, R$887 mil. Em 2005, R$300 mil. Ou seja, em quatro anos o Sr. Éder sacou R$3 milhões. Por que um funcionário seu sacava tanto dinheiro?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, é o que expliquei aqui. O cheque era feito para pagar diversas duplicatas. Ele é a pessoa do financeiro que efetua os pagamentos dos compromissos da Skymaster. Com certeza, chegou no banco, sacou, mas fez o pagamento das duplicatas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – É que o senhor tinha dito que eram valores pequeninos. Lembra-se de que eu perguntei? E o senhor respondeu: "Ah, eram valores pequenos".

Sinceramente, R$3 milhões, num total de quatro anos, o senhor vai fazer aí uma média de milhares de reais mensais, não é mesmo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, eu acho que houve... Pelo menos eu posso ter não dito da maneira correta. Eu disse que eram valores pequenos para o caixa. Eu ia com um cheque de R$10 mil – um exemplo que eu dei -, pagava R$7 mil de duplicatas e voltava com R$3 mil para o caixa; mas não sei exatamente quais foram esse valores que ele utilizou para fazer esses pagamentos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – O senhor sabe quanto houve de saques na boca do caixa nesses anos de 2000/2005?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Trinta e um milhões de reais! Trinta e um milhões de reais sacados na boca do caixa, ou seja, não eram despesas tão pequenas assim.

Considerando que o senhor pagava para a Swiss Ports e Sata em cheque, para a Infraero em cheque e outras em cheque, é muito estranho que o senhor faça pagamentos dessa monta todos dessa maneira pouco ortodoxa, como habitualmente as empresas não fazem. Esse procedimento nos leva a crer que a única razão é que o senhor não queria identificar o destinatário, o que nos traz suspeitas relativamente a esse destino. Considerando que um dos sacadores na boca do caixa era uma empresa que mexe com câmbio, considerando que o outro era um funcionário seu, isso pode nos dar indícios de que o senhor fazia algum tipo de pagamento que não gostaria de revelar, e pode ser inclusive para autoridades administrativas, em contraprestação a eventuais superfaturamentos havidos em seus contratos. É essa a suspeita com a qual nós trabalhamos.

O senhor teria como demonstrar que esse pagamento foi para fornecedores?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tenho, e, quanto à relação de todos os pagamentos que me foi solicitada, eu apresentei o Livro Diário na minha contabilidade registrada e a natureza do pagamento efetuado. Está tudo evidenciado no relatório.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Estes aqui não estão evidenciados, ou seja, quanto a esses saques em caixa e a relação, o nexo com o fornecedor a quem o senhor paga, não temos nenhuma demonstração.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Então, eu precisava dessa relação para poder justificar, porque toda a relação que me foi passada foi justificada com o Livro Diário da empresa, tudo contabilizado.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Veja só aqui: o Sr. Éder Joubert Ribeiro Cabo Verde: no dia 24/09/2002, saca ele, com endosso seu ou de alguém, R$17 mil; no dia 27, R$14 mil; no dia 1º, R$15 mil; no dia 14/10, R$10mil; no dia 15/10, R$30mil; no dia 16/10, R$10 mil; no dia 28/11, R$55 mil; R$20 mil; e assim vai, por aí afora. Num dia, R$62 mil; no outro dia, 08/08/2003, R$111 mil. Aliás, os saques crescem bastante em 2003, período em que efetivamente o senhor teve os contratos mais elevados dos Correios: R$11mil, R$25 mil, veja só. No dia 27/10, R$101 mil. É muito dinheiro. No dia 20/10/2004, R$107 mil. O senhor pode dar uma olhada. (Pausa.)

O senhor tem como demonstrar os fornecedores pagos em cada um desses saques?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tenho. Eu preciso acessar a Contabilidade, meus livros, registros...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Em quanto tempo o senhor conseguiria

demonstrar isso a esta Comissão Parlamentar de Inquérito?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – São quantos pagamentos? (Pausa.)

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Aliás, o que eu vou precisar não é só do Jader: é de todos. Trinta e um milhões de reais sacados em cinco anos!

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aí eu vou precisar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Aliás, se o senhor me permite a analogia, não posso fazer nenhuma associação, até porque não existe efetivamente nenhuma intenção nossa em prejulgar nada, mas é um sistema muito parecido com aquele sobre o qual argüimos o Sr. Marcos Valério aqui, ou seja, saques na boca do caixa. A primeira resposta que o Sr. Marcos Valério nos deu foi exatamente esta: era para pagar duplicatas a fornecedores. À época, na CPI, estranhamos isso. Ele disse que era isso que demonstraria. Posteriormente, fica claro que eram sacadores de dinheiro cuja destinação era outra, e que isso era uma forma de não identificar os efetivos beneficiários.

Quanto tempo o senhor precisa para justificar todos os pagamentos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Se for só essa relação aqui...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT - SP) – Não é só esta. É esta prioritariamente, mas eu preciso dos R$31 milhões.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI **– Acredito que, em uns 20 dias, eu consiga disponibilizar tudo isso, com livro-diário, tudo, da forma como foram evidenciados os outros...**

O SR. PRESIDENTE **(José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. Então, solicitamos que V. Sª encaminhe a esta Comissão...**

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI **– Está, vamos...**

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – ...porque, embora seja apresentada posteriormente, esta investigação continuará efetivamente. Como há suspeitas de superfaturamento, nós queremos saber o destino desse dinheiro.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – OK. E eles vão me disponibilizar essa relação toda? Ou só isso aqui?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, não. Passaremos tudo. E vamos encaminhar todo o pedido que nós avaliarmos que é necessário ao senhor...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vejo aqui alguns pagamentos. Nas relações de pagamentos enviadas ao senhor para explicar a razão dos pagamentos, verificamos algumas discrepâncias.

Alguns exemplos, apenas:

• Bradesco, Documento 13425, data 05 de junho, Valor R$41 mil, Beneficiário: Recreio BH Veículos Ltda. Favorecido: Skycargas, Serviço de Logística e de Transportes;

• Bradesco, R$62 mil, Neuza Maria Martins dos Santos, Skycargas, Serviço de Logística e de Transportes, a razão do pagamento;

• Euzer de Ávila Nascimento, Skycargas, Serviço de Logística e de Transportes;

• Prefeitura do Município de Santana do Parnaíba, R$78 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – São os pagamentos dos impostos, de ISS.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esse é pagamento...

• Condomínio Mucuripe Plaza, o que é isso? R$12mil. O senhor sabe dizer?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – R$12 mil? Isso aí deve ser...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Depois um outro Condomínio Mucuripe Plaza...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso aí deve ser algum pagamento feito para a Skycargas, que ela efetuou os pagamentos dela por lá, entendeu? Diretamente, com o mesmo cheque. Em vez de ela depositar na conta dela e emitir um outro cheque, ela já fez o pagamento direto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então foram pagamentos mesmo que o senhor fez, não é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, Recreio BH Veículos?...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Deve ter sido a compra de algum veículo da Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Da Skycargas?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Da Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Neuza Maria Martins dos Santos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não sei quem é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – R$62mil...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não sei.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Euzer de Ávila Nascimento.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Um dos sócios da Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois é. Serviço de Logística, vinte mil. Como assim?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É que, provavelmente, esse cheque foi depositado na conta dele... foi a distribuição de algum lucro, alguma coisa lá da Skycargas e, em vez de depositar na conta da Skycargas e depois transferir para a dele, foi depositado...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E quem é essa Dona Neuza Maria Martins dos Santos? O senhor a conhece?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não sei quem é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Engraçado, porque ela foi sócia da Skycargas até o ano 2000.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Neuza?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É. Neuza Maria Martins dos Santos, sócia da Skycargas até 2000. O senhor não lembra dela?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Nunca foi não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tem... *(Inaudível.)* Vou pedir para o pessoal que trabalhou lá embaixo que pudesse providenciar... Vamos verificar se há algum equívoco, mas não...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu posso estar enganado, mas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Euzer?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Euzer é sócio da Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito. E da Skymaster também?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – E da Skymaster também.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Santana do Parnaíba?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É a Prefeitura. Isso aí é pagamento de ISS.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É ISS?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E esse Condomínio Mucuripe Plaza, hem? O senhor sabe o que é isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso aí, com certeza, deve ser algum pagamento da Skycargas,...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor conhece o Condomínio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ...cujo cheque... O Condomínio Mucuripe, eu conheço. É um prédio de condomínio em Fortaleza.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Algum dos senhores tem apartamento lá?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tem.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quem tem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Um dos sócios, Luiz Otávio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só o Luiz Otávio?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Só o Luiz Otávio... Eu tinha uma participação com ele em um outro apartamento que...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não, o senhor está mentindo, o apartamento é do senhor...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ...eu tinha também...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Hã... É... Certo.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas eu já vendi a minha participação lá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quer dizer que o Sr. Pozzetti, que é o senhor, e o Sr. Luiz Otávio tinham apartamentos lá. Quantos apartamentos os senhores tinham?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tínhamos dois apartamentos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São esses...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Um no Condomínio Catamarã...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Hã, hã...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ...e outro... acho que é isso aí mesmo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – São esses dois, não é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Condomínio Dom Diogo De Lepe.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso. Por que existem esses pagamentos aos condomínios em que os senhores eram proprietários de imóveis?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Com certeza, isso daí... Agora não estou lembrado exatamente dessa movimentação, mas devem ser pagamentos referentes à compra do apartamento e que...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pela empresa?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pela Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ué, mas o senhor...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas é a distribuição do lucro da empresa Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, então saía direto o pagamento do senhor?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não chegava para o senhor, mas integrava a sua renda?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Integra a minha renda, sim. Com certeza, está declarado no imposto de renda tudo isso...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas esse cheque, se ia direto da sua empresa para o condomínio, isso não entrava como renda sua na sua declaração?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Entra.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Como?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Como distribuição de lucros da Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E isso está devidamente declarado na distribuição de lucros?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Completamente. Podem até ter acesso ao meu Imposto de Renda, que deve estar disponível aí.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

Nós verificamos aqui um caso curioso. Há dois pagamentos da Skymaster para a Srª Mônica Silveira Edwards, que são classificados como devolução de empréstimo. Houve um empréstimo da empresa? Quem é essa senhora?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Essa senhora é ligada ao Sr. Euzer. Na realidade, foi o Euzer quem emprestou o dinheiro para a Skymaster, para pagar alguns compromissos, porque não havia caixa suficiente, e depois devolvemos o dinheiro a ele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Euzer emprestou... Agora eu flutuei. O Euzer emprestou dinheiro para a Skymaster? Quanto ele emprestou?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Houve uma época em que foram R$388 mil, outra em que foram R$440 mil, depois R$150 mil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E quem é essa Mônica? Por que ela recebe a devolução do empréstimo do Sr. Euzer?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É uma pessoa ligada a ele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Em que termos?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eles vivem juntos.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, eles vivem juntos. É a companheira dele.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Houve contrato desse empréstimo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Houve. Está registrado na contabilidade.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi devidamente registrado na contabilidade das declarações respectivas como débito?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tudo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Tudo em ordem?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tudo em ordem.

Inclusive, o lançamento contábil está disponibilizado nesses lançamentos que apresentamos aí. Há a documentação toda.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora, há outra coisa curiosa. Além desses empréstimos, há outro pagamento feito também para a Srª Mônica Silveira Edwards, conforme temos aqui as devidas informações. Esse pagamento foi informado pela Skymaster como destinado à Skycargas. Veja que curioso! Os senhores informaram que o pagamento era para a Skycargas, e quem pega é a D. Mônica. Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque isso aí, com certeza, a Skycargas...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Seiscentos mil reais.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ...Com certeza a Skycargas distribuiu o lucro para o Euzer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que os senhores informaram que era para a Skycargas quando não era, foi direto da Skymaster para a D. Mônica?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque o correto seria – correto, não, uma opção – depositar na conta da Skycargas, depois ela fazer um cheque e depositar na conta da D. Mônica e do Sr. Euzer, que são a mesma coisa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Isso seria rigorosamente o que deveria ser

feito, se fosse uma distribuição de lucros. Aliás, como a D. Mônica não é sócia, parece estranho ser uma distribuição de lucros para quem não é sócio.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas está declarado no Imposto de Renda como distribuição de lucro para o Sr. Euzer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas o pagamento foi feito para a D. Mônica.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Foi depositado na conta dela. Mas ela vive com ele, então...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – V. Sª não vê nenhuma irregularidade contábil nisso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nenhuma.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Está rigorosamente certo não dar entrada na empresa, pagar uma distribuição de sócios diretamente para a esposa ou companheira de um dos sócios?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nenhuma irregularidade nem contábil nem fiscal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Perfeito.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tudo declarado no diário, no Imposto de Renda.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Há vários pagamentos que foram informados por registros, além desses, com clara discrepância entre o informado pela Skymaster e o que os dados do sigilo da Skymaster, que quebramos, apontam. Ou seja, aquilo que os senhores informam não corresponde aos dados da quebra de sigilo. A lista que farei para V. Sª não é exaustiva, é meramente exemplificativa. A seleção não foi feita por valores; são meros exemplos. Vamos ver essa situação.

Aliás, o valor declarado por V. Sª como sendo oriundo da distribuição dos lucros da Skymaster não é congruente com os valores distribuídos pela empresa. V. Sª declara uma coisa, e a empresa distribui outra para V. Sª. Vamos lá.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Na Skymaster ou na Skycargas?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Deixe-me verificar aqui. Veremos já.

Favorecido, segundo a Skymaster: empresa Force Field. É aquela empresa que suspeito ser dos senhores, nas Ilhas Virgens. Esta consta como favorecido.

Sabe quem é o beneficiário, segundo o sigilo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Américo Proietti, sócio; Eder Jober Ribeiro Caboverde, funcionário da Skymaster; Hugo César Gonçalves, sócio; Jaime Louzada Bacelar, sócio da Skycargas; João Marcos Pozzetti, sócio; Luiz Wagner Main, sócio da Skyavionics; Maria de Lurdes Barros Proietti, sócio. Quota Empreendimentos Imobiliários. Os valores são respectivamente.

Então, os senhores informam que isso seria pago à Force Field a título de pagamentos para a Force Field só que quem saca é o Sr. Américo Proietti, R$663 mil; o Sr. Éder Juber, um milhão; Hugo César Gonçalves, oitocentos mil; Jaimes Louzada Bacelar, duzentos e três mil; João Marcos Pozzetti, o senhor, um milhão quinhentos e trinta e sete mil; Luiz Wagner, sócio da Scavone, cento e noventa mil; Maria de Lourdes Barros Proietti, cento e cinqüenta mil; Quota Empreendimentos Imobiliários, trezentos e noventa mil.

Como é que o senhor explica que o senhor informa que foram pagamentos à Force Field, e o sigilo revela que não foi a Force Field a beneficiada, mas os senhores ou essas pessoas que relacionei em valores expressivos, inclusive o senhor com um milhão, quinhentos e trinta e sete mil reais?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Alguns pagamentos eu mesmo estive com o representante da Force Field no banco e saquei junto com ele e entreguei o dinheiro para ele e os outros devem ter abatido a mesma coisa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ah, então a sócia do Sr. Proieti foi lá sacar para pagar a Force Field, é isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Exatamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Américo Proietti, aquele que teve o AVC e que não podia depor, foi lá pegar o dinheiro e pagar a Force Field.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeito.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pagar como? O senhor falou que o pagamento era feito todo regularmente em câmbio.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, eu disse que tinha pagamentos em câmbios e que tinha pagamento em Reais aqui no Brasil.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Para o advogado lá de Manaus?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O advogado da Force Field.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tirou esse dinheiro e deu em dinheiro, foi?

Como é que foi feito?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Normalmente, sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor tirava um R$1.537 milhão

em dinheiro e deu para o advogado botar embaixo do braço?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, eu nunca saquei R$1.537 milhão para isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ao longo do tempo foi isso.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aí sim, é possível.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E por que todos... O que é essa Quota Empreendimentos Imobiliários, trezentos e noventa mil?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Quota Empreendimentos Imobiliários?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, o que é isso? R$397 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ela também apareceu para pagar a Force Field?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro. Pode ser que o representante da Force Field tenha feito o depósito direto nessa empresa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não foram o apartamento que vocês compraram?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não? Quer dizer, o representante da Force Field apareceu e depositou na conta da Quota? Como é que é isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É, pode ter sido isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor acha verossímil essa hipótese de todos os seus sócios fazerem rodízio para irem ao banco pegar dinheiro e pagar alguém?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Com a disponibilidade que cada um tinha. Se estava por ali, iria junto com o representante.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vamos prosseguir agora.

Pagamentos feitos à Skycargas. O senhor declara que é a Skycargas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Correto.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O Sr. Américo Proietti, quatro milhões e noventa e cinco mil que o senhor declara que foi para a Skycargas e que ele sacou. Catamarã Condomínio, duzentos e trinta e quatro mil e vinte e sete.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É o meu apartamento.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas está destinado à Skycargas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, mas era a distribuição de lucro da Skycargas. Ao invés de depositar na conta dela...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Condomínio Mucuripe Plaza, cento e oitenta e quatro mil Reais.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esse é o apartamento meu e do Luiz Otávio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Eder Joubert Ribeiro Arcoverde, trezentos e sessenta e dois mil Reais.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Meu funcionário.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Elizabeth Maria Dantas Barros Nascimento, quem é?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esposa do Euzer.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Filha do Euzer?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esposa.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esposa? R$210 mil. Euzer, quinhentos e trinta e sete mil. Hugo César Gonçalves, três milhões, trezentos e vinte e dois mil. Jaime Louzada Bacelar, um milhão, cento e trinta mil setecentos e dois. Quem é o Jaime Louzada?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É o sócio da Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sr. João Marcos Pozzetti, dois milhões, quatrocentos e sete mil. Também era...?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Distribuição de lucros.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E agora tem uma estranha distribuição de lucros aqui. José Carlos Rocha Lima. Quem é José Carlos Rocha Lima?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – José Carlos Rocha Lima?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ex-presidente dos Correios, R$50 mil. Foi distribuição de lucros também?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Prestou serviços para a Skycargas de logística. Ele fez um planejamento para a Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele fez um planejamento para a Skycargas...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – De logística, mas agora recente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que então foi feito dessa maneira? O senhor coloca um beneficiário da Skycargas e ele levanta o dinheiro?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque ao invés de passar pela conta da Skycargas e, depois, ela depositar na conta dele foi feito o depósito para a conta dele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor tem o contrato dessa prestação de serviços?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tenho.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ele prestou que tipo de serviços?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Ele era uma pessoa muito ligada na logística e implantou diversos sistemas de logística na Vasp, na Varig...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Quando ele foi Presidente dos Correios, o senhor lembra?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não faço a mínima idéia. Faz muito tempo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Uma coisa que o senhor me alertou. E eu achei que o senhor, do ponto de vista tributário, mostrava uma habilidade. É que o senhor disse o seguinte: "Eu não queria pagar duas vezes CPMF". Lembra?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Só que, curiosamente, aqui o senhor pagava duas vezes, porque eram depositadas nas contas das pessoas.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim. Ao invés de depositar na conta da Skycargas; e ela depositando na conta das pessoas, ia o depósito direto para a conta das pessoas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Ia direto para a conta das pessoas...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Inclusive para o ex-presidente dos Correios...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não... Inclusive para um assessor que prestou serviços de logísticos para nós... Não tem nada a ver com ele.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Mas ele era ex-presidente dos Correios, o que nos leva a crer, e nós suspeitamos, que era pagamento de propinas, tendo em vista...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas em que ano ele foi Presidente dos Correios?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós podemos apurar...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Muitos anos...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Muito antes...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Dez anos atrás...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E ele não tinha influência nenhuma lá?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nenhuma... Nenhuma... Isso aí, esse pagamento foi recente...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Foi recente? Então o senhor lembra bem...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não, recente... Eu acho que foi em 2003, 2002... Uma coisa assim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – José Tomaz Simioli, sócio...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sócio.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Luís Henrique Silva Gonçalves...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Filho do Hugo.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Do Hugo.

Luís Otávio, R$3.893 milhões...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Distribuição de lucro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Maria de Lurdes Barros Proietti...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Esposa do Sr. Américo Proietti.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por que ora se distribui para a esposa, ora se distribuiu para o sócio, ora para o filho... Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Aí é conveniência de cada um. Às vezes, as pessoas preferem que se deposite na conta conjunta, onde a titularidade é da esposa, o titular principal é a esposa. Aí, fica a critério de cada um.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sabe que nós temos um grave problema... Por que a declaração do Imposto de Renda do sócio da Skymaster, por receber dinheiro em mão, não acusa esses recebimentos. Eu tenho aqui as declarações de Imposto de Renda... Olha só... Inclusive a sua... Luiz Otávio Gonçalves... Recebeu bastante. Olha: 2002, R$402 mil; 2003, R$425 mil; 2004, R$800 mil. Só Américo Proietti... Oh, pouquinho, praticamente, ele recebeu: R$25 mil; R$30 mil; R$450,00... Agora, o senhor, menos que todos: duas de R$60 mil.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – O quê? Na Skymaster?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Geral... Valores constantes do Imposto de Renda pelo pessoal da Skymaster, com dinheiro em mãos. Aqui...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim. Mas tem a distribuição de lucros da Skycargas, que não está aqui. Se pegar a distribuição de lucros da Skycargas, vai verificar que o montante é muito maior.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui a planilha dos cheques... Todos mostrando... Ou seja não está batendo nada nessa estória, senhor...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Bate tudo. Pega o Imposto de Renda da Skycargas e verifica, na distribuição de lucro, faz esse mesmo mapa da Skymaster.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E esses valores aqui, também, todos estão computados aqui.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Todos refletidos... Todos no Imposto de Renda.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Somando os filhos, somando todo o mundo?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Somando os filhos, esposa, companheira, tudo...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É... Realmente estranho, muito estranho...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas é fácil verificar...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Porque isso aqui é dinheiro em mãos...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Pegue qualquer Imposto de Renda da Skycargas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor levantou esse dinheiro em mãos... Aqui só tem isso, no imposto de renda.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não... Imposto de Renda tem uma declaração muito maior. Pegue qualquer minha declaração de Imposto de Renda aí, de qualquer um ano, o senhor vai perceber que o volume é muito maior do que isso aqui.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – É isso o que eu não consegui entender... Porque, por exemplo, quando o senhor declara a *Force* Field. Então, o senhor recebeu... Oh, a Skymaster pagou para a *Force* Field R$1.537 milhão. Só que esses foram depositados na sua conta.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Depositados na minha conta?

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, senhor. Nós temos o cheque aqui, ou seja, o senhor acusa o pagamento da *Force* Field – sei lá – e nós temos um total de cheques de R$1.537 milhão, tendo como favorecida a Force Field e o destinatário, com cheque depositado em conta, é o Sr. João Marcos Pozzetti.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Depositado na minha conta? Desconheço isso.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Nós temos os cheques aqui.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas eu desconheço.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Um milhão quinhentos e trinta e sete mil?!

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Pois é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Vou mostrar os cheques ao senhor.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Tá.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aqui estão os cheques, olha, emitidos a João Marcos Pozzetti, ao senhor. Estão todos os cheques aqui. Todos esses pagamentos constam como feitos a Force Field. Olha aqui o verso. Quanto à Skycargas é a mesma coisa. A Skycargas, o senhor está alegando que é distribuição de lucros.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Distribuição de lucros, é.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agora o que consta para a Force Field sendo pago para a Skymaster sendo distribuição de lucros?! É um pouco estranho. No entanto, são todos cheques emitidos para o senhor.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – É. Eu teria que verificar, porque eu não me lembro disso não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor pode verificar. Fique à vontade. São todos cheques para o senhor. Fique à vontade.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, mas eu tenho que acessar meus registros contábeis para esclarecer...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Sim, mas o problema é o seguinte: consta para a Force Field o pagamento, aquela empresa nas Ilhas Virgens, que nós temos suspeição que a empresa pertence aos senhores. Os senhores registram como indo para a Force Field, mas o cheque vai para o senhor. Olha! Dessa situação da Force Field... Olha aqui, ó. O senhor lembra aquele advogado cujo nome o senhor não quis identificar, porque não tinha consultado ele.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Pois, então, esse recibo aqui consta para esses cheques depositados em conta. Olha. Talvez por isso o senhor não tenha querido dizer quem é esse advogado que assinava esse recibo. Não é o nome

do advogado...O senhor não quis declarar quem é o advogado. No entanto, o recibo está aqui e, quando se vai ver, para quem vai o cheque, é para algum dos senhores. E o pagamento é para a Force Field. Então, olha...Já que o senhor está alegando que a Skycargas é distribuição de lucros e eu sinceramente não acho que é, vamos pegar a Force Field, que não tem como dizer que é lucros. Olha, o Américo Proietti, com esses recibinhos aqui assim do advogado cujo nome o senhor não disse, recebeu seiscentos e sessenta e três mil; o Eder, seu funcionário, também com recibinhos, um milhão e sessenta e seis mil; o Hugo César Gonçalves, oitocentos mil; o Jaime Louzada, duzentos e três mil; João Marcos Pozzetti, um milhão quinhentos e oitenta e sete mil; Luís Wagner, da Sky Avionics, cento e noventa mil; Maria de Lurdes, cento e cinqüenta e seis mi; e a Quota Empreendimentos Imobiliários, que também teria sido paga por esse advogado cujo nome não sabemos, trezentos e noventa mil. É evidente que o senhor tem que olhar seus registros etc, agora está comprovado que o senhor recebeu esse dinheiro, está comprovado que foi emitido para a Force Field e eu gostaria de ter uma explicação do senhor, se for possível.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Eu não vou poder dar essa explicação agora, porque realmente, eu não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – O senhor não se lembra de um milhão, quinhentos e trinta e sete mil na sua conta?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – No ano de 2002 e no ano de 2003, eu não me lembro.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – No entanto, lembrou agora há pouco de cinqüenta mil reais, justificando José Carlos Rocha, dizendo que ele era um assessor, sabia a data mais ou menos. Na sua conta um milhão o senhor não lembra, mas cinqüenta mil do outro o senhor lembra.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Dele eu lembro, porque ele prestou um serviço efetivo

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o senhor? O senhor não lembra a sua venda patrimonial?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Dessa movimentação aqui, eu não me lembro não. Nesse período todo, eu movimentei oito milhões de reais na minha conta. Então, é difícil eu pegar um lançamento de cento e noventa mil

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não. Mas o que chama a atenção é que o senhor é Diretor Administrativo e Financeiro, emite os cheques – não é verdade? – para a Force Field e o cheque vai na sua conta e o senhor não se lembra?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não me lembro, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Aí fica difícil para nós termos outra conclusão que não seja a que me parece que é óbvia. Qual foi a sua evolução patrimonial pessoal nesse período? Particularmente nos anos de 2002 e 2003, cresceu bastante seu patrimônio pessoal?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Sim, foi quando cresceu meu patrimônio pessoal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Por quê?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Porque eu ganhei dinheiro com as empresas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E foi o período em que houve...em que nós estamos detectando o superfaturamento dos Correios.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Não. Foi o período em que nós prestamos serviços para os Correios e para outras empresas e nós ganhamos dinheiro com isso, porque o nosso objetivo é ganhar dinheiro com a empresa. Não é outro, não.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – E o nosso objetivo é evitar que o dinheiro público seja desviado.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Perfeitamente.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Então, o senhor veja aqui, olha, a sua evolução patrimonial nos anos de 2002 e 2003. Veja o gráfico, olha. Nos anos específicos em que nós acusamos o grande superfaturamento dos Correios, a sua elevação patrimonial e de todos os sócios é muito grande exatamente nesses anos. O seu, particularmente, vem crescendo. É um pouco diferente da totalidade dos sócios.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Mas eu considero que é lógico. Estou trabalhando, ganhando dinheiro, meu patrimônio tem que crescer. Senão...

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Claro...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – ... não tem sentido trabalhar.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Desde que seja um dinheiro lícito, o senhor merece o nosso aplauso. Mas se não for um dinheiro lícito, como, infelizmente, parece, já que as suas respostas, neste instante, qualificam evasivas. O senhor não se lembrar de 1,5 milhão na sua conta, dados para pagar uma empresa nas Ilhas Virgens, que o senhor não consegue justificar. Evidentemente que parece claro que há algo errado aqui.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Excelência, toda a minha evolução patrimonial, todos as minhas movimentações estão devidamente registradas.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Devidamente...

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – E declaradas para a Receita Federal.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Não estou discutindo o registro, estou discutindo o fato de que o senhor tem uma empresa nas Ilhas Virgens, que o senhor remete pagando de forma superfaturada, cujas procurações são firmadas, uma por uma pessoa com a qual o senhor tem o mesmo endereço residencial, a outra por uma pessoa ligada ao seu sócio que faz as transações em nome dessas empresas, que o senhor paga arrendamentos superfaturados, que ajuda a inflar o valor dos Correios, que não paga Imposto de Renda, que remete dinheiro para o exterior, que existe uma empresa em Miami que, efetivamente, vende peças para o senhor, que comprou um avião, que foi deslocado depois para essa empresa, mostrando que, evidentemente, os senhores pagaram esses aviões antes, e construíram duas empresas nas Ilhas Virgens. E a partir do momento em que constroem essas duas empresas nas Ilhas Virgens, começam a superfaturar, lesando os cofres públicos. E esse dinheiro que é pago para essas empresas nas Ilhas Virgens vai para a sua conta. Está fechado. Eu diria: bingo!

O senhor tem alguma coisa a dizer sobre isso?

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Nada, Excelência.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Esta sub-Relatoria está satisfeita com o depoimento e agradece imensamente a presença de V. Sª e dos advogados. Se necessário for, V. Sª será convocado novamente para prestar os depoimentos.

O SR. JOÃO MARCOS POZZETTI – Estarei sempre à disposição desta Comissão.

O SR. PRESIDENTE (José Eduardo Cardozo. PT – SP) – Agradeço.

(Levanta-se a reunião às 20h27min.)



EDIÇÃO DE HOJE: 1006 PÁGINAS

(OS: 14417/2006)